de Galeras, tem provisão d'elles, destinados a fazer voar o forte; assim o jurou.

Continua o estabelecimento de novas baterias, na segunda parallela. O general Lopez teve uma conferencia em Portman com o almirante Chicarro; este fez desembarcar artilheiros de marinha e marinheiros para auxiliar o serviço das baterias de terra.

Confirma-se o boato a que nos referimos da catastrophe succedida na bateria n.º 3.

Estava um cabo artilheiro extrahindo a espoleta a um projectil Armstrong, que fora arrojado da praça com alguns outros, sem que as espoletas se inflamassem.

O projectil rebentou com mais alguns da mesma natureza que estavam proximos, causando a morte a 13 soldados e 3 paisanos, ficando feridos o tenente d'artilheria Vidal e mais 12 soldados e tres paisanos.

É isto o que diz uma carta publicada pelo *Gobierno*, atenuando a noticia dada pelo correspondente do *Imparcial*, que traz augmentada a cifra das victimas, e morto aquelle official, que, diz elle, fazia n'aquelle dia 23 annos, e estava no acampamento como voluntario.

O general em chefe do exercito do Norte embarcou as suas forças em todos os vapores que encontrou em Santander, e parece que as foi desembarcar em Castro-Urdiales, onde o dão as ultimas noticias. A sua primeira intenção era desembarcar em Portugalete. Na sua marcha tomará a direcção de Miranda ou de Victoria, voltando ao Valle do Ebro.

Corria o boato em Madrid, diz a *Epoca*, de que um ajudante do capitão general de Cuba trouxera o pedido de demissão deste general, de outras auctoridades de Cuba, e até a do proprio ministro do ultramar que se acha naquella ilha.

Assumptos do dia. — No *Diario de Noticias* lê-se o seguinte:

«O estado da fazenda publica é minuciosamente exposto no relatorio que o sr. ministro da fazenda vae apresentar ás côrtes. O *deficit* ahi é calculado, segundo ouvimos, em 743 contos, a que acrescem 528 contos das deducções, que vão ser eliminadas nos vencimentos dos empregados do estado, o que prefaz 1:271 contos, resultando de outras differenças procedentes da combinação de varias verbas da receita e despeza o *deficit* real de 1:364 a 1:365 contos de reis, como já anteriormente indicámos.»

Assassinio.—Dizem de Beja ao *Diario de Noticias*, que em a noite de segunda feira, 22, no sitio do Valle das Cabeceiras, cinco homens obrigaram o caseiro d'aquella propriedade a abrir-lhes a porta. Quando iam para entrar, o caseiro recebeu uma punhalada, e logo mais outra, sem que tivesse tempo para defender-se. Sendo em seguida arrastado para o campo, recebeu mais dez punhaladas. A mulher do caseiro gritou, acudiram uns visinhos do Valle, mas os assassinos fugiram, deixando no solo um cajado e um lenço. As auctoridades tratam de descobrir os criminosos.

Errata.—No artigo de fundo do numero passado, primeira pagina, segunda columna, no periodo que começa — *Desautoraram-se* as opposições; deve ler-se — *Desautoraram-se*, etc.

ANNUNCIOS

1 O BAZAR DOS POBRES, por quem a direcção da Sociedade Consoladora dos Afflictos reparte as esmolas que lhe são confiadas, annunciado para o 2.º ou 3.º domingo de Janeiro, fica transferido para mais adiante.

DOCTOR IN ABSENTIA

2 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

3 PELO PRESENTE são convidados todos os membros da illustre classe commercial desta praça, a reunirem-se no dia 3 do proximo Janeiro de 1874, por 10 horas da manhã, na sala do tribunal judicial desta cidade, afim de se proceder á eleição dos oito jurados e quatro substitutos, que tem de funccionar durante o dito anno de 1874.

Espera o abaixo assignado que todos os srs. commerciantes, matriculados e não matriculados, compareçam no dia, hora, local, e para o fim indicado, demovidos mais pela importancia e mutuo interesse do acto a que vae proceder-se, do que pela comminação estatuida nos artigos 1:048, 1:049 e 1:050 do Cod. Com., e applicavel aos que faltarem sem motivo justificado.

Coimbra, 29 de Dezembro de 1873.
O secretario do tribunal,
Acacio de Carvalho Fontes.

4 PRECISA-SE d'um marçano, com pratica bastante de tabacos, a quem se dará ordenado muito breve. Nesta redacção se diz quem pretende.

5 PRECISA-SE de um substituto militar. Nesta redacção se dirá quem é o pretendente.

6 QUEM QUIZER comprar o foro de vinte alqueires de trigo, imposto em uma terra no sitio das Bucêtas, freguezia de Sernache, de que é emphiteuta Joaquim dos Santos, do logar da Telhadella, dirija-se a Francisco José Gonçalves de Lemos, desta cidade, ou a João José de Lemos, do sitio da Cêrca, que estão auctorisados para a sua venda.

AGRADECIMENTO

7 D. MARIA EMILIA DE AMORIM E BRITO, agradece com o mais profundo reconhecimento as diversas manifestações e innumeros favores que, durante a doença, e após o fallecimento, de seu muito prezado marido, o Dr. Joaquim Maria Rodrigues de Brito, recebera das pessoas de sua estima, e da mocidade academica.

8 EDICÇÃO 2.ª de fogões de fogo circular e do rewolver hydraulico, mais correcta e augmentada, por Antonio Bernardes Gallinha. Officina de serralheria —23, rua de Quebra-Costas, 28.

Aviso aos srs. Ecclesiasticos

9 NA ANTIGA LOJA da viuva do Bento da Esquina, já estão á venda os Almanaks Ecclesiasticos, para o anno de 1874.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navios a sahir

Para o **Rio de Janeiro:**

Galera EUROPA, em 3 de Janeiro de 1874.

Recebem passageiros e carga. Trata-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

Arrematação

11 NO DIA 6 do proximo mez de Janeiro de 1874, ás 10 horas da manhã, á porta do tribunal de justiça desta comarca de Coimbra, perante o exm.º juiz de direito da mesma comarca, se hão de vender e arrematar em hasta publica, a quem maior lanço offerecer sobre a sua avaliação, diversos objectos d'ouro, pertencentes á massa da herança de Maria Candida, fallecida no hospital desta cidade, e moradora que foi na rua da Esperança— isto pelo inventario a que se procede por fallecimento da mesma; de que é escrivão Herculano. Coimbra, 30 de Dezembro de 1873.

BANHOS DE LUSO

12 A DIRECÇÃO da sociedade para o melhoramento dos Banhos de Luso, convida os srs. accionistas a comparecerem no dia 1.º de Janeiro proximo, pelas 11 horas da manhã, no paço episcopal desta cidade, para a prestação de contas, e eleição da nova direcção.

Mealhada, 22 de Dezembro de 1873.
Manoel Correa Mello.

GRANDE LIQUIDAÇÃO

157—Rua da Calçada—159

De um grande e bonito sortimento de

ELECTRO SILVER PLATE

Consta de talheres, serviços para chá e café, bandejas, castiçaes, palmatorias, serpentinas, centros de mesa, tinteiros e muitos outros objectos de gosto e elegancia.

Espero que o digno publico conimbricense não deixará de aproveitar esta liquidação.

O estabelecimento fechar-se-ha no sabbado, 3 de Janeiro de 1874.

CHEGOU
Queijo Suisso
Queijo Londrino

QUEIJO FLAMENGO, CASCA VERMELHA, SUPERIOR

Estabelecimento de

JOSE' TAVARES DA COSTA

Á PORTAGEM

JORNADAS

Por Thomaz Ribeiro

DO TEJO AO MANDOVY

Um lindo volume de mais de 400 paginas: preço 600 rs.

A' venda na livraria Central de J. D. Pires, editor.

Remette-se pelo correio a quem enviar 650 reis em estampilhas.

16 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. ara as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière**, aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE
DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alcuto, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os muscuos e consolidando as carnes.

Economias 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place e Vendom 26, Paris: Regent-Street, Londres; Cae de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 6$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em po, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2655 | SABBADO 4 DE JANEIRO DE 1873 | ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE



RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis.
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

As leis de desamortisação promulgadas em 1869 e as que extinguiram os morgados em 1863, vieram abrir uma nova epocha de progresso industrial

Neste seculo de civilisação, em que o desenvolvimento intellectual tende a aperfeiçoar-se em todas as suas differentes manifestações, a liberdade da terra, que é o grande motor do progresso agricola, não póde deixar de produzir um grande resultado economico, se os governos se forem resolvendo a corrigir pensadamente alguns obstaculos que na pratica tem encontrado a execução daquellas leis.

A liberdade da terra, como a liberdade do commercio e da industria, principios adoptados pelas escolas progressistas e proclamados pelos mais abalisados economistas, é uma condição indispensavel ao progresso social e á riqueza das nações.

Em o numero 2:593 e seguintes deste periodico, escrevemos nós varios artigos, nos quaes tentámos esclarecer a legislação em vigor, pelo que respeita á sua applicação, e o processo a intentar, nas differentes hypotheses da lei, em relação aos terrenos incultos e baldios, pertencentes ás corporações sujeitas á desamortisação.

O *Diario do Governo* de 14 de Dezembro ultimo trouxe-nos algumas providencias, nas quaes o governo pretende esclarecer as leis em vigor, promovendo a desamortisação dos terrenos pertencentes ás corporações.

A lei de 28 de Agosto de 1869 determina que o governo, sendo ouvidas as corporações interessadas, proceda á demarcação e designação dos terrenos que devem ser exceptuados da desamortisação. E o decreto regulamentar da mesma lei, declara que, para se levar a effeito essa demarcação, as administrações interessadas, devem dirigir as suas representações á direcção geral dos proprios nacionaes, resolvendo depois o governo como entender de justiça.

A's camaras municipaes e juntas de parochia compete, segundo a legislação em vigor, requerer ao governo que sejam exceptuados da desamortisação os terrenos ou edificios que, por utilidade dos moradores do municipio ou da parochia, convenha conservar: expondo conjuntamente quaes deverão entrar no principio geral estabelecido na lei e resolvendo estas corporações com approvação do conselho de districto, qual das formas de alienação deve preferir-se em quanto aos terrenos ou edificios que lhes pertencem.

O decreto regulamentar de 25 de Novembro de 1869, concede o prazo de tres annos para se proceder aos aforamentos daquelles terrenos. Este prazo, porem, deve contar-se só depois de serem legalmente designados e demarcados os mesmas baldios, e estabelecida a forma de alienação adoptada, pelo modo que mais convier aos povos.

Estas uteis providencias têem sido esquecidas pela maior parte das camaras municipaes, e o actual ministro da fazenda, no intuito de dar execução ás mencionadas leis, por isso que as suas salutares providencias, são realmente de incontestavel utilidade publica, fez baixar a portaria de 19 de Dezembro recommendando ás camaras municipaes, juntas de parochia e mais corporações interessadas, a necessidade de cumprirem, com a possivel brevidade, as disposições legaes; devendo quanto antes dirigir ao governo, pela direcção geral dos proprios nacionaes, as representações a que se refere o § 1.º do artigo 42 do decreto regulamentar de 25 de Novembro de 1869, cumprindo immediatamente a disposição mencionada no artigo 10 da lei de 28 de Agosto deste mesmo anno.

A citada portaria, incerta no *Diario do Governo* n.º 284, diz que as camaras municipaes e juntas de parochia que deliberarem aforar, em conformidade com as leis, os baldios que pertencem ao concelho ou á parochia, renunciam por essa forma ao direito de requererem que sejam exceptuados da desamortisação os terrenos comprehendidos nos mesmos aforamentos, devendo por tanto os processos ser approvados pelo conselho de districto, embora não fosse feita a designação e demarcação ordenada em o § unico do artigo 2.º da lei de 28 d'Agosto de 1869.

O prazo de tres annos para as camaras municipaes procederem ao aforamento dos baldios, deve contar-se desde a approvação das respectivas deliberações das camaras ou juntas de parochia.

E' indispensavel que as camaras municipaes e as juntas de parochia não esqueçam estas determinações, e que quanto antes procedam em harmonia com estas disposições, porque na execução dellas está um principio salutar de administração, e um grande beneficio para os concelhos e parochias, e, em geral, para a agricultura e para os interesses do paiz.

Folgamos de ver que o esclarecido ministro da fazenda, o sr. Antonio de Serpa, deseja fazer cumprir as importantes disposições exaradas nas leis de desamortisação, a fim de entregar á cultura e á producção os grandes tractos de terreno inteiramente incultos, que em um grande numero de municipios existem completamente desaproveitados.

Publicamos em seguida uma carta que nos dirigiu o sr. Francisco Wanzeller, digno deputado pelo circulo de Arganil. Vemos com muita satisfação as diligencias empregadas por s. ex.ª a fim de se obterem as estradas que tão ne-

---

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXXIII

D. PEDRO, DUQUE DE BRAGANÇA

1.º testamento, feito em Paris

Eu D. Pedro de Alcantara de Bragança e Bourbon, duque de Bragança, estando em meu perfeito juizo e boa saude, declaro n'este meu testamento cerrado ser minha livre e ultima vontade o seguinte:

Artigo 1.º Nomeio tutora e curadora de minha muito amada e prezada filha a senhora D. Maria II, rainha de Portugal e dos Algarves, a senhora D. Amelia Augusta Eugenia de Leutchtenberg, duqueza de Bragança, minha muito amada e prezada mulher.

Art. 2.º Podendo acontecer que por qualquer incidente, meu muito amado e prezado filho o senhor D. Pedro II, imperador constitucional do imperio do Brazil e suas augustas irmãs saiam do dito imperio, declaro desde já, que fando em tal caso por nulla e de nenhum effeito a nomeação que, por meu imperial decreto de 6 de Abril do anno passado, fiz do cidadão brasileiro José Bonifacio de Andrada e Silva, para tutor de meus amados e prezados filhos que deixei no Brasil; faço a sua magestade imperial a senhora D. Amelia Augusta Eugenia de Leuchtenberg, duqueza de Bragança, minha muito amada e prezada esposa, tutora e curadora de todos os meus augustos filhos, e administradora do estado e serenissima casa de Bragança, até á maior edade de meu muito amado e prezado filho o senhor D. Pedro II; para que a mesma augusta senhora duqueza de Bragança, administre com a mesma plena e inteira liberdade com que o senhor rei D. João VI, meu augusto pae, de gloriosa memoria, administrou durante a minha menor edade.

Art. 3.º Nomeio minha testamenteira a sua magestade imperial a senhora D. Amelia Augusta Eugenia de Leuchtenberg, duqueza de Bragança, minha muito amada e prezada esposa.

Art. 4.º Deixo a sua magestade imperial a senhora D. Amelia Augusta Eugenia de Leuchtenberg, duqueza de Bragança, minha adorada esposa, todos os bens moveis e immoveis que de direito não pertencerem a meu muito amado e prezado filho o senhor D. Pedro II, imperador constitucional do imperio do Brasil, e a minhas muito amadas, prezadas e augustas filhas, com excepção da terça, da qual segundo o direito que as leis me concedem, disponho da maneira seguinte:

Deixo metade da dita terça a minha querida filha a senhora D. Isabel Maria d'Alcantara, brasileira, duqueza de Goiaz; deixo a outra metade, dividida em tres partes eguaes, sendo d'estas uma para Rodrigo Delfim Pereira, outra para Pedro d'Alcantara, brasileiros; outra para sua magestade imperial a senhora D. Amelia Augusta Eugenia de Leuchtenberg, minha querida e amada esposa, duqueza de Bragança, lhe dar aquella applicação que verbalmente lhe fiz constar.

Art. 5.º Recommendo a sua magestade imperial a senhora D. Amelia Augusta Eugenia de Leuchtenberg, duqueza de Bragança, minha querida e amada esposa, chame para o pé de si a minha querida filha D. Isabel Maria d'Alcantara, brasileira, duqueza de Goiaz, logo que ella tiver completado a sua educação, e que durante ella lhe assista com a sua imperial protecção e amparo, bem como a Rodrigo Delfim Pereira, e a Pedro d'Alcantara, brasileiros, e aquella menina de que lhe fallei, e que nasceu na cidade de S. Paulo, no imperio do Brasil, no dia 28 de Fevereiro de 1830; e desejo que esta menina seja chamada á Europa para receber egual educação á que se está dando á minha sobredita filha, a duqueza de Goiaz, e que depois de educada, a mesma senhora D. Amelia Augusta Eugenia de Leuchtenberg, duqueza de Bragança, minha adorada esposa, a chame similhantemente para ao pé de si.

Art. 6.º Recommendo á mesma augusta senhora todos aquelles de meus criados que me tem sido sempre fieis.

Feito em a cidade de Paris aos 21 de Janeiro de 1832—D. Pedro d'Alcantara de Bragança e Bourbon, duque de Bragança.—Seguem-se as legalisações, etc.

2.º testamento, feito em Lisboa

Jesus, Maria, José. Em nome da Santissima Trindade, Padre, Filho e Espirito Santo, tres pessoas distinctas e um só Deus verdadeito, em que firmemente creio eu, D. Pedro, duque de Bragança, regente dos reinos de Portugal e Algarves e seus dominios, em nome da rainha.

Achando-me enfermo, mas em meu perfeito juizo, e livre de toda e qualquer coacção ou induzimento, faço este meu testamento pela forma e maneira seguinte.

Em primeiro logar declaro que tenho vivido e hei de morrer na mesma fé, a catholica apostolica romana, crendo tudo quanto ensina e manda crer a santa madre egreja.

Encommendo minha alma a Deus e Virgem Maria, debaixo do seu sacratissimo titulo da Conceição, e a todos os santos e s[illegible]

cessarias estão sendo nos concelhos que formam aquelle circulo. Não era outra cousa de esperar do reconhecido zelo de s. ex.ª, e por isso confiamos que continuará a empregar eguaes esforços até se obterem os resultados que todos desejam.

Sr. Redactor.

Permitta-me uma breve resposta a um artigo do seu illustrado jornal o *Conimbricense*, n.º 2652, que precede a publicação de uma correspondencia, onde se descrevem os justos clamores dos povos dos concelhos de Goes e da Pampilhosa, contra a ausencia absoluta de estradas, que tanto prejudica o desenvolvimento agricola, fabril e commercial daquelles concelhos.

Conheço o mal por experiencia e pelos esforços que tenho feito para o remover, por ser obrigação, que me é imposta no mandato eleitoral, em que os povos daquelles concelhos me têem investido para diversas legislaturas, sempre com a tenacidade de vontade e firmeza de caracter, que muito honra a independencia do circulo eleitoral de Arganil, não pela pessoa que o representa, mas pela manifestação, que tem querido e sabido dar á liberdade do suffragio e ao principio liberal de não intervenção do governo no acto eleitoral.

Não podia eu, pois, esquecer, como procurador dos concelhos que tenho a honra de representar, o dever de instar pelo desenvolvimento da viação publica. Seria injusto se occultasse o acolhimento e a boa vontade, que tenho encontrado no actual ministro das obras publicas, e se não désse testemunho do zelo do illustrado director das obras publicas do districto de Coimbra, que em cumprimento das ordens do governo, concluiu com a possivel brevidade os estudos da estrada real de Coimbra a Castello Branco, entre a Louzã e Pampilhosa. A reconhecida aptidão e actividade deste honrado funccionario dá todo o direito a suppôr, que não será demorada a remessa das plantas e traçados, assim desta estrada, para ser superiormente approvada, como da outra, que deve ligar a villa de Arganil com a Moita, no entroncamento da estrada real de Coimbra a Celorico, de que falta apenas uma rectificação do traçado entre o Sarzedo e a Moita, achando-se a outra parte em construcção.

A' natural e legitima impaciencia do auctor da correspondencia publicada, offereço, como attenuante, a exposição destes factos, que revelam, não só, a certeza dos meus esforços, como a manifesta attenção, que o actual ministro das obras publicas quer prestar ao incremento da viação publica na provincia da Beira.

Agradecendo-lhe, sr. redactor, a publicação destas linhas, assigno-me

De v., cr.º, att.º e vr.º

Lisboa, 30 de Dezembro de 1872.

Francisco Wanzeller.

DISCURSO DA COROA

DIGNOS PARES DO REINO E SENHORES DEPUTADOS DA NAÇÃO PORTUGUEZA:

Cumprindo gostosamente o preceito constitucional, venho nesta occasião solemne, rodeado pelos representantes da nação, abrir a presente sessão legislativa.

Continuam felizmente, sem alteração alguma, as nossas relações de amisade e boa harmonia com as potencias estrangeiras.

Na digressão que fiz ás provincias do norte, foram tão espontaneas e inequivocas as demonstrações de adhesão e sympathia que os povos me deram, e á rainha, minha muito prezada esposa, bem como aos principes, meus queridos filhos, e augusto irmão, que me deixaram profundamente satisfeito e agradecido. As manifestações de que eu, e a familia real fomos objecto, tenho-as gravadas na memoria, e serão novo estimulo que me hade avigorar, cada vez mais, com o favor de Deus, no amor da patria e da liberdade, e no desempenho dos meus deveres de soberano constitucional.

O meu governo, tendo tido conhecimento de que alguns individuos de diversas classes conspiravam contra a ordem estabelecida, tomou, dentro das faculdades legaes, providencias que mantiveram a segurança publica, e entregou aos tribunaes competentes o processo dos reus, para serem julgados como fosse de justiça.

Alguns tumultos agitaram diversos pontos do reino, porem, a ordem foi immediata e completamente restabelecida, e o poder judicial occupa-se do processo dos delinquentes. No resto do paiz tem havido geralmente a mais perfeita tranquillidade.

Usando da auctorisação concedida pela carta de lei de 5 de Março de 1858, contractou o governo um emprestimo, que se realisou em parte, com o producto do qual ficou o thesouro habilitado a pagar quasi toda a divida fluctuante, contrahida nas praças estrangeiras. Egualmente usou o governo da auctorisação que lhe confere a carta de lei de 2 de Julho de 1867, para a construcção do caminho de ferro do Minho, cujos trabalhos foram começados, e progridem com sensivel adiantamento. Sobre estes importantes assumptos o governo apresentará ás côrtes os necessarios esclarecimentos, dando conta do uso que fez das auctorisações referidas.

No intervallo das sessões, usando das faculdades concedidas no artigo 15.º do acto addicional á Carta, decretou o meu governo varias providencias de caracter legislativo, que todas vos serão opportunamente apresentadas.

Alem das propostas de lei, que ficaram pendentes do vosso exame na ultima sessão, para as quaes eu chamo a elevada attenção dos corpos legisladores, varias outras vos serão presentes, tanto em relação ao commercio de cereaes, como ás provincias ultramarinas, tendentes a melhorar os diversos ramos da publica administração. Espero porem que vos occupareis com especial solicitude dos assumptos que respeitam á fazenda nacional.

Perseverando nos principios da justa economia nos serviços do estado, e sem propor impostos novos, o meu ministro da fazenda, apresentando-vos o orçamento para o anno economico de 1873-1874, submetterá á vossa illustrada apreciação varias propostas de lei, que alteram em parte a legislação tributaria existente, alliviando da contribuição alguns productos de geral consumo, elevando, e dando nova forma, a outras imposições para se tornar mais productivas, de modo que se possa conseguir o nivelamento da receita com a despeza. Esta importante questão, á qual se acham vinculados os mais altos interesses, estou certo que vos hade merecer a mais desvelada attenção.

Dignos pares do reino e senhores deputados da nação portugueza:

O illustrado zelo e dedicação de que tendes dado tantas provas no exercicio das vossas elevadas funcções legislativas, dão-me a certeza de que não descançareis em tão honrosa tarefa, correspondendo sempre á confiança e ás necessidades do paiz. Unido comvosco no mesmo proposito, confio inteiramente na vossa sabedoria e patriotismo, e espero que, com o divino auxilio, continuaremos todos no decidido empenho de contribuir para a felicidade publica.

Está aberta a sessão.

NOTICIARIO

Novo anno—Principiamos por comprimentar os nossos leitores, pelas boas saidas do anno velho e melhores entradas do novo.

O uso das boas festas e boas estreas data dos tempos dos romanos, que no primeiro dia do anno se vestiam com suas galas mais alegres, para irem ao Capitolio dar graças pelo anno findo, e implorar venturas para o novo, completando o dia com visitarem-se uns aos outros, e presentearem-se com tamaras, figos e mel branco em vasilhas brancas.

Ainda hoje, todos os povos cultos seguem esta pratica tradicional, visitando-se e presenteando-se os amigos e parentes, e estreitando as relações de boa convivencia entre as familias.

A occasião é propicia para estes comprimentos; e os nossos avós ainda conservaram por muito tempo alguns folguedos populares, herdados dos romanos, com o titulo de *janeirinhas*. O deus Jano, que os romanos tanto festejavam, ainda está encarnado em todos os bancos, porque todos olham para o passado com saudades e pezares, e para o futuro com risonhas esperanças, alegres sonhos e doirados projectos.

O pensamento e o coração do homem, reflectindo no tempo que já lá vae, e não volta, só descobre na estrada percorrida a penosa recordação de mil acontecimentos, que revelam a brevidade e a inconstancia da vida, e o conjuncto inevitavel do bem e do mal, do prazer e do infortunio. E no futuro, que luz e que sombras insondaveis todos devem antever! Que mysteriosa anciedade dos nossos destinos!

Oxalá que o novo anno nos traga mais ventura do que o de 1872, que por toda a parte deixa tristes vestigios da sua passagem, com desastres terriveis, tanto de ordem physica como moral. Graças á Providencia, Portugal não foi das nações mais infelizes no anno que findou.

O mez de Janeiro—Os romanos consagravam Jano como a divindade tutelar do mez de Janeiro, pintando-o com duas caras, para significar, que com uma dellas olha para o anno que acabou, e com a outra para o anno novo. O signo d'este mez chama-se *aquario*, por ser considerado o mez mais chuvoso do anno.

Os gregos celebravam n'este mez as festas em honra de Bacho, e os romanos quasi que na data dia tinham uma festa popular, sendo as mais notaveis a de Jano no dia do anno bom, as *compitalias* e *agonalias*, os das deusas Carmenta e Concordia, os jogos palatinos as *juganalias*, a de Castor e Polux, e finalmente a da paz no dia 30.

[illegible] seculo 16.º celebrava-se desde o Natal até ao dia de Reis uma festa extravagante, verdadeiramente impia e sacrilega. Muitos mascarados, abominavelmente vestidos, entravam nas egrejas dansando e cantando obscenamente, comiam, jogavam os dados, e praticavam outros muitos disparates. Chamava-se a festa dos *loucos*, e custou muito a abolir, depois de perseguida e fulminada pelos papas e bispos.

Festa dos Reis. — Em quasi todas as terras de Portugal se passa a noite dos Reis entre alegres descantes e folguedos. Em muitas partes, andam ranchos de rapazes percorrendo as ruas, tangendo as violas, e parando ás portas dos amigos, visinhos e conhecidos, onde cantam muitas trovas em louvor dos santos Reis Magos. Muitas portas se abrem a tão alegres hospedes, e se lhes dá opipera e regalada ceia.

Nos conventos de freiras, as meninas educandas tambem festejam esta noite, entoando canções religiosas, e percorrendo as cellas das madres, que presenteam as suas pupillas com muitos doces e mimos.

Carlos Relvas. — Chegou no domingo ultimo a Condeixa, o sr. Carlos Relvas, sua exm.ª esposa e filhas, que vêem gozar alguns dias em casa de seu sogro o sr. conde de Podentes.

Na quarta feira deu o sr. conde de Podentes um magnifico jantar aos seus amigos, em demonstração de verdadeira satisfação por se achar seu genro o sr. Carlos Relvas, em sua casa, onde estava tambem o deputado por Fondella, o sr. Francisco Antonio da Silva Mendes.

O sr. Carlos Relvas, teve em todo o mez de Dezembro, um assiduo trabalho para concluir os quadros que pretende enviar á exposição universal de Vienna d'Austria, e quiz antes de fazer a remessa, que a familia do sr. conde de Podentes, em Condeixa, gosasse a vista das suas photographias.

Tivemos occasião de examinar detidamente as photographias agora feitas pelo sr. Carlos Relvas, e que são todas differentes das que mandou á exposição photographica de Paris em 1870, onde o jury da sociedade franceza de photographia, equiparou os trabalhos do sr. Carlos Relvas com os dos mais insignes photographos estrangeiros, premiando-os com uma medalha.

São 18 primorosissimos quadros photographicos, encaixilhados em ricas molduras douradas, algumas com 0m,97 de largo, que o sr. Carlos Relvas preparou para a exposição de Vienna d'Austria, e que mostram até onde pode chegar a aptidão de um distincto amador da photographia. Comprehendem:

Vistas em grandes dimensões, do castello da Pena, Cintra;—mosteiro de Santa Maria de Belem, Lisboa;—penedias á beira do mar junto á Foz do Douro;—parque da Pena;— residencia do visconde de Monserrate, Cintra;—marinhas;—ruinas do castello d'Almourol, etc.

Um quadro com retratos, nos quaes se encontram diversos effeitos de luz.

Outro quadro com photographias instantaneas d'animaes, genero difficil, attendendo que as dimensões empregadas, são as de Carte-album.

Outro com retratos de camponezas, e de pobres, tendo alguns, fundos de paizagem, que imitam bem o natural, apezar de serem feitas em galeria.

Vistas transparentes sobre vidro, de varios tons; a do castello d'Almourol imita a luz amarella do pôr do sol.

Um quadro com 6 provas pelo processo do carvão de Marion, retratos, reproducções de gravuras e monumentos: nestas provas, alem da doçura e variedades de tons, vêem-se todos os detalhes marcados como se fossem chapas abertas a buril.

Alem destas provas, a carvão, uma de um navio no Douro e outra d'Almourol.

Todas as outras provas, que são muito vigorosas, sem que lhes faltem as meias tintas, foram obtidas pelo processo de collodio e nitrato de prata.

Chama a attenção pelo grande angulo e sem deformações, uma vista do claustro dos Jeronymos (no mosteiro de Santa Maria de Belem) que apresenta duas faces do claustro, com uma prespectiva que illude.

Em todas as vistas de monumentos, as linhas não apresentam aberração alguma: vê-se que foram convenientemente empregadas as objectivas, e sabemos que são dos primeiros opticos, inglezes, allemães, francezes, etc.

Nos retratos, os diversos effeitos de luz, tambem foram convenientemente estudados, assim como as linhas de composição.

Alem das photographias mencionadas, manda o sr. Carlos Relvas uma collecção de vistas stereoscopicas, entre as quaes sobresaem as dos interiores de Monserrate e do castello da Pena.

E uma planchette universelle, de sua invenção, melhoramento importante para as camaras escuras de photographia.

Estes primores d'arte vão ser presentes primeiro ao publico em Lisboa, e á sociedade franceza de photographia, em Paris, da qual o sr. Carlos Relvas é dignissimo membro, e depois enviados a Vienna d'Austria á sua custa.

É assim que o distincto amador da arte photographica o sr. Carlos Relvas, vai honrar o nosso Portugal na exposição universal de Vienna d'Austria, onde será tambem um dos distinctos visitantes.

Manifestação. — Continua a ser assinada por grande numero de habitantes desta cidade, a representação dirigida á camara municipal, protestando contra o fraccionamento e aniquilação do actual mercado, requerido pela maioria da associação commercial. Os habitantes de Coimbra, honra lhes seja, têem mostrado que não são indifferentes ao acto de vandalismo que se premedita.

O que mais tem irritado os habitantes, é a noticia que algumas pessoas fizeram espalhar, de que o procedimento da associação commercial era o resultado de conferencias previas, effectuadas entre varios interessados e alguns membros da camara municipal; tendo a mesma associação a certeza do bom resultado da sua pretensão, em razão de alguns votos de que dispõe; os quaes, comtudo, em logar de darem um resultado favoravel á actual situação politica, lhe viriam a ser fataes, como a experiencia infallivelmente demonstraria.

A julgarmos pela illustração dos membros da camara, não podemos acreditar que elles se compromettessem a praticar um acto, que além de provar uma manifesta inepcia, demonstraria que os interesses do municipio eram desprezados, para serem preferidas as influencias de corrilho.

Por em quanto continuamos em a nossa crença, que é favoravel ao caracter dos membros da camara; e muito sentiriamos que houvessemos de passar por uma grande decepção.

Teremos, por acaso, de presencear o facto insolito, de votarem alguns dos vereadores, nesta questão, contra a sua consciencia, e contra a sua opinião, demonstrada até em documentos publicos, só para satisfazer a certas preponderancias?! Prestar-se-hão a passar pelas forcas caudinas, pondo de parte toda a dignidade de que se devem prezar os homens de bem?!

Por honra dos cavalheiros que compõem a camara municipal, esperamos que o não farão. A sua probidade sem duvida está acima das intrigas e manejos eleitoraes, que gravemente prejudicariam os seus administrados.

Permanecemos, por ora, nesta crença. A' camara pertence provar, se sim, ou não nos enganamos.

Ponte da Portella.—Como se sabe, o navio que traz o ferro para os dois vãos que faltam na ponte da Portella sobre o Mondego, depois de muitas vicissitudes, arribou a Lisboa. Para evitar mais demoras, e o risco que podia correr outra vez o navio ao entrar a barra da Figueira, resolveu o sr. director das obras publicas deste districto, que aquelle material viesse pelo caminho de ferro.

Fica assim a despeza maior do que se viesse o ferro por mar, mas ha a certeza de que chegará em pouco tempo a esta cidade, e que poderá assim concluir-se com brevidade a ponte, que tão reclamada está sendo.

Azeite.—No principio da actual colheita da azeitona, a funda do azeite era em geral muito diminuta.

Ultimamente, porem, tem havido uma differença notavel na producção do azeite.

Disse-nos um proprietario, que tendo principiado a apanha da azeitona em um seu olival, não continuara com esse serviço, por estar a azeitona quasi verde. Agora mandou apanhar o resto, e lhe resultou uma funda, exactamente o dobro da que era no principio.

Jardim Botanico.— Sahiram ultimamente deste estabelecimento, nascidos e creados nas suas estufas, 160 exemplares da bella arvore, *pau setim*, que foram expedidos para as nossas colonias africanas, onde devem prosperar.

Enterro.— Teve logar no dia 31 de Dezembro ultimo o enterro do muito intelligente professor d'instrucção primaria desta cidade, o sr. José da Cunha Mello e Silva.

O cortejo funebre foi aparatoso, porque a elle concorreram, quasi sem excepção, os convidados para tal fim; comparecendo alem disso, sem convite, muitas das pessoas mais gradas desta terra. Tal era a bem merecida sympathia, que elle tinha sabido despertar.

Foi levado o corpo pelos seus dignos collegas no professorado, e depois pelos mesmos recebido no cemiterio da Conchada, onde então teve logar, á beira do sepulcro, a recitação d'um bem elaborado discurso pelo seu particular amigo e collega o sr. Luiz Adelino Lopes da Cruz.

Marmores nacionaes. — Portugal possue abundancia de marmores, muito variados, e alguns tão bellos, que podem rivalisar com os melhores da Europa. Depois da Grecia e Italia, o nosso paiz é o que offerece maiores riquezas deste genero.

O Brasil é o principal consumidor dos marmores portuguezes; mas a Inglaterra, França, Allemanha, e até os Estados-Unidos são mercados vantajosos, para onde devemos dirigir a nossa exportação. A' nossa visinha Hespanha podémos vender este producto mineral por preços muito inferiores aos da Italia e outros paizes.

A cortiça.—Este producto está sendo actualmente um manancial de grande riqueza para Portugal. Em alguns annos já exportamos centenares de contos de reis deste genero.

São variadissimos os usos da cortiça, e todos os dias se multiplica o seu emprego. Na Inglaterra tem-se feito experiencias curiosas sobre as qualidades da cortiça reduzida a pó, verificando-se que os colchões, travesseiros e almofadas, feitos com esta substancia, são tão elasticos e tão brandos como os que se fazem da clina mais escolhida, e têem a vantagem de não endurecerem nunca. Reconheceu-se egualmente, que um colchão cheio de pó de cortiça, e que pese só 25 arrateis, não póde ser submergido pelo peso de 7 homens, o que é de utilissima applicação nos casos de naufragios.

Consumo de tabaco—A Inglaterra consome annualmente mais de 15 milhões de kilogrammas de tabaco, contando-se em todo o paiz mais de 250 mil estancos. Na França ainda é maior o consumo. Em Hamburgo fabricam-se annualmente 150 milhões de cigarros, empregando-se n'esta industria mais de 10:000 pessoas, pela maior parte mulheres e rapazes.

Na Dinamarca calcula-se o consumo annual em 2 kilogrammas por cada habitante. Na Belgica ainda é maior, e na America consomem-se e fabricam-se annualmente mais de 20 milhões de tonelladas de tabaco!

Cartas de jogar—A invenção das cartas de jogar é uma questão de archeologia difficil de resolver. Ha quem a attribua aos Lidios, aos Athenienses, aos Egypcios, etc.; mas o que parece certo, é que veiu do oriente. Na China eram conhecidas 1:120 annos antes de Jesus Christo. Na Europa já se usavam no tempo de S. Luiz. Em 1300 na Allemanha, e em 1331 já se prohibia o seu uso na Hespanha.

Em França, os antigos baralhos constavam apenas de 17 cartas, e as figuras representavam a força, a morte, a temperança, etc. No tempo da republica franceza os reis foram substituidos por Solon (copas), Rousseau (paus), Catão de Uttica (oiros), e Bruto (espadas). Os valetes representavam Annibal, Decio, Mucio-Scevola e Horacio, e as damas as quatro virtudes republicanas.

O chá.—O uso do chá foi no principio muito reprovado pela medicina, mas a final triumphou e propagou-se por toda a parte, desde o palacio dos reis até á casa dos pobres. A China exporta annualmente neste genero o valor de mais de 30 milhões de cruzados.

Parece averiguado, que o uso do chá foi introduzido na Europa pelos fins do seculo 17. Waller, escriptor inglez, fallando do rei Carlos 2.º, casado com uma filha de D. João 4.º, diz, que de Portugal fora para Inglaterra—a melhor das rainhas e a melhor das plantas—, referindo-se ao chá.

A primeira importação de chá na Inglaterra, feita pela Companhia das Indias, data de 1669; mas este commercio não principiou realmente a fazer-se senão de 1725 por diante. Depois da China, a nação que consome mais chá é a Grã-Bretanha. Em 1786 os inglezes consumiram 360:377 libras de chá, e em 1841 o consumo foi de 36.681:877 libras!

Horas de comer.—No seculo 16 o rei de França jantava ás 8 horas da manhã, e retirava-se para o quarto de dormir ás 8 horas da noite. As lojas de Paris abriam-se n'essa epocha ás 4 da manhã.

No reinado de Henrique 3.º os inglezes de bom tom almoçavam ás 7 da manhã e jantavam ás 10. No tempo da rainha Isabel a nobreza e gente rica jantavam ás 11 da manhã e ceiavam ás 6 da tarde. Na epocha de Carlos 2.º os espectaculos começavam ás 4 da tarde. Antigamente na Hespanha o rei jantava ao meio dia e ceiava ás 9 da noite. Comparem-se estes costumes com os que hoje se seguem nos diversos paizes da Europa. Que contraste extraordinario nos factos mais ordinarios da vida dos povos!

Camara municipal.— Na sessão de 21 de Dezembro, sob a presidencia do sr. Dr. Lourenço d'Almeida Azevedo, estiveram presentes os vereadores Reis, Cabral e Ferraz.

Foi aberta a sessão ao meio dia, e foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Foram lidos entre outros um officio do governo civil, approvando a deliberação tomada em sessão de 24 d'Outubro, relativa á expropriação d'uma porção de terreno no olival de Montarroio, junto ao matadouro, para alargamento do mesmo; outro acompanhando devidamente approvada um exemplar da postura relativa á limpeza da cidade: outro acompanhando o mappa provisorio das estradas de 2.ª classe de Coimbra á ponte Cadreira, e de Coimbra ao Dianteiro, a fim de se abrir o inquerito de 30 dias, ordenado pelo § 3.º do artigo 2 da lei de 6 de Junho de 1864.

Despachados os requerimentos das partes, deliberou-se rescindir o contracto da arrematação do lanço de S. Francisco ao Almegue.

A's 2 horas e meia da tarde foi levantada a sessão.

Caminho de ferro da Beira.— A gazeta official chegada hoje traz a seguinte portaria:

«Foram presentes a sua magestade el-rei as representações que lhe dirigiram a associação commercial de Coimbra e algumas camaras municipaes e muitos cidadãos dos districtos de Aveiro, Guarda, Coimbra e Vizeu sobre a construcção do caminho de ferro da Beira, pedindo uns que se adopte o traçado do sul, outros o do norte do rio Mondego; e

Attendendo a que, em execução da lei de 2 de Julho de 1867, artigo 1.º, § unico, o governo resolveu submetter ao corpo legislativo, na proxima sessão, as propostas de lei indispensaveis para a construcção do mesmo caminho;

Attendendo a que na escolha do traçado de um caminho de ferro deve ponderar-se não só o custo da sua construcção, mas os interesses economicos, agricolas, industriaes e commerciaes que esse caminho hade servir e desenvolver:

Manda o mesmo augusto senhor, que ao engenheiro Francisco Maria de Sousa Brandão sejam enviadas a consulta da junta consultiva de obras publicas e minas e as alludidas representações, ordenando-se lhe que, sem perda de tempo, proceda aos estudos e averiguações indispensaveis; a fim de que o governo possa, com perfeito conhecimento de causa, adoptar o traçado que reunir mais vantagens e satisfazer a mais valiosos interesses.

Paço, em 31 de Dezembro de 1872.— *Antonio Cardoso Avelino.*»

Mercado de Condeixa a Nova. —No mercado de sexta feira, 3, regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 520—Dito mourisco 480—Milho branco 360—Dito amarello 340—Feijão vermelho 500—Dito branco 480—Dito rajado 440—Dito frade 440—Cevada 280 Favas 400—Tremoços 300—Grão de bico 500—Chicharos 280—Batatas 240—Vinho 700—Azeite 1$070—Vacca 20—Carneiro 90.

---

com especialidade ao de meu nome. Não quero que o meu enterro seja feito com outra pompa alem das honras que se costumam praticar nos enterros dos generaes. Declaro que sou pela segunda vez casado com sua magestade imperial a senhora D. Amelia Augusta de Leuchtenberg, duqueza de Bragança, de quem tenho uma filha ainda na infancia, a princeza D. Maria Amelia, e de meu primeiro matrimonio com a archiduqueza Leopoldina, imperatriz do Brasil, me ficaram tres filhos, a saber: a rainha fidelissima, D. Pedro imperador do Brasil, a princeza D. Januaria, e a princeza D. Francisca.

Nomeio a todos os referidos meus filhos meus universaes herdeiros, como se acha disposto no testamento que fiz em Paris no anno de 1832, e está depositado no cartorio de Mr. Noel, notario publico assistente na rua de la Paix, testamento que quero valha como supplemento e codicillo d'este, como se de cada um de seus artigos e clausulas aqui fizesse expressa e declarada menção. Nomeio na fórma da Carta Constitucional da monarchia portugueza, para tutora e curadora da rainha fidelissima a senhora D. Maria II, minha sobre todas muito amada e prezada filha, e de todos os meus outros muito amados e prezados filhos, a minha muito amada e prezada esposa D. Amelia Augusta de Leuchtenberg, duqueza de Bragança. Deixo á mesma augusta senhora duqueza de Bragança a administração de todos os fundos que tenho nas differentes partes da Europa, e das pratas e joias que tenho em Londres, e bem assim de tudo o mais que me pertencer até que estes bens sejam entregues ás pessoas a quem os deixo no meu referido testamento.

Desejo que minha esposa conserve em quanto poder no seu serviço o meu amigo e fiel criado José Maria, não esquecendo todos os mais que com tanta fidelidade e amor me tem servido. Deixo a minha espada ao meu cunhado e futuro genro, sua alteza real o principe augusto, duque de Leuchtenberg e de Santa Cruz, como prova não equivoca da grande conta em que tenho suas relevantes qualidades.

Declaro que mandei reduzir a moeda a prata da egreja de Villa Viçosa, a fim de supprir quaesquer despezas a que as circumstancias me obrigassem, sendo minha vontade que minha esposa satisfaça pelos meus bens a quem de direito pertencer o valor da referida prata.

Declaro que sou devedor ao conselheiro Manoel José Sarmento de uma quantia assás avultada, de que me não lembro agora, mas que o meu criado João Carlota Ferreira, intendente das reaes cavallariças, fica auctorisado a declarar.

Peço a minha esposa queira dar um presente a cada um dos medicos que me assistem, como lhe tenho recommendado, e com especialidade ao conselheiro physico mór João Fernandes Tavares.

Recommendo á generosidade nacional portugueza, minha esposa e todos os meus filhos. E por esta forma dou por findo este meu testamento, que vae escripto por Bento Pereira do Carmo do meu conselho, ministro e secretario de estado dos negocios do reino.

Palacio de Queluz, 17 de Setembro de 1834.

Declaro que aonde se diz tres filhos deve ler-se quatro filhos, e aonde se diz intendente das reaes cavallariças, deve ler-se intendente da real ucharia e mantearia. Era ut-supra. E eu por ordem de sua magestade imperial o subscrevi.—Bento Pereira do Carmo—D. Pedro, regente.

Segue-se o termo de approvação pelo tabellião Pedro Alexandrino Gaspar, sendo testemunhas Thomaz de Mello Breyner—Francisco Simões Margiochi—Agostinho José Freire—D. Marcos, arcebispo eleito de Lacedemonia—José da Silva Carvalho—Paulo Martins de Almeida—Joaquim Antonio de Aguiar.

Valores dos bens que deixou D. Pedro em Lisboa e Londres

Joias e prata em Lisboa	3:852$400
Espada	38$000
Moveis	5:521$640
Sellas e arreios	731$330
Carruagens	1:917$240
Papel moeda	13:739$200
Escriptos do extincto erario	11:161$814
Prata em Londres	46:616$049
Joias em Londres	52:346$917
Emprestimo belga	103:000$000
Dito russo-grego	20:600$000
Dito russo	20:579$400
Dito hollandez	103:000$000
Dividas activas	23:935$285
Divida da rainha pela licitação	10:485$145
Dita da imperatriz pela licitação	3:171$436
Dinheiro metal liquidado de dividas e arrematações	2:117$480
Somma total a dividir	422:776$288
Meação da imperatriz	211:388$144
Dita de D. Pedro	211:388$144
Terça de que dispoz a favor de Rodrigo Delfim Pereira, Pedro d'Alcantara, duqueza de Goyaz, e para destino particular	70:462$804
Dois terços para dividir pelos cinco filhos	140:925$609

Valores dos bens que deixou no Brasil

Joias	20:353$000
Prata	1:473$400
Moveis	20:660$300
Bens de raiz liquidos de reis 12:000$000 de divida	343:779$580
Dividas activas	16:614$410
Em divida fundada 39:000$	
Juros d'esta 12:870$	
N. B. Estas addições ficaram para pagamento das dividas.	
Somma total a dividir	402:882$690
Total da herança de D. Pedro	825:659$897

Camara dos deputados — Procedeu-se hontem á eleição da lista quintupla para a escolha do presidente e vice-presidente.

Ficaram eleitos os srs.: Sá Vargas com 44 votos, Correia Caldeira 45, Barros e Sá 46, Visconde de Montariol 46, e Visconde dos Olivaes 46.

Passou-se á eleição dos secretarios.

Foram eleitos os srs :Francisco Costa com 43 votos e Ricardo de Mello com 45.

Para vice-secretarios, ficaram eleitos os srs.: Agostinho da Rocha com 48 votos e Alfredo Peixoto com 47.

Nomeou-se a deputação que hade apresentar a sua magestade a lista quintupla.

A commissão é composta dos srs. Barros e Cunha, Saraiva de Carvalho, Santos e Silva, Falcão, Barão do Zezere, Visconde d'Arriaga e Visconde de Villa Nova da Rainha.

Exportação de vinhos em 1872. — Diz o *Commercio do Porto*, que a exportação dos vinhos pela barra do Porto, foi nos dez ultimos annos como se segue:

Anno de 1863	34:905	pipas
» 1864	35:619	»
» 1865	39:208	»
» 1866	40:507	»
» 1867	34:679	»
» 1868	35:725	»
» 1869	40:850	»
» 1870	42:696	»
» 1871	43:471	»
» 1872	50:182	»

Ainda um novo progresso na exportação e desta vez muito mais notavel do que no fim do anno de 1871. Como se vê pela comparação entre a quantidade exportada em 1871 e 1872, o augmento foi de 6:711 pipas, isto é, cerca da setima parte da exportação de 1871. E' verdadeiramente um progresso que assignala o anno commercial de 1872, que na historia economica não figurará de certo entre os menos fecundos de beneficios.

Confrontando a exportação de vinhos nos dous ultimos annos para a Grã-Bretanha, Brasil e outros paizes reunidos, vemos o seguinte:

	1871	1872
Grã-Bretanha	31:956	38:489
Brasil	8:177	7:931
Outros paizes	3:338	3:761
	43:471	50:182

Assim, vemos que a exportação para o Brasil diminuiu 246 pipas; que augmentou 433 para outros paizes, excluindo a Grã-Bretanha, e que avultou para esta nação em mais 6:533 pipas.

Phenomeno. — De Agueda communicam ao *Jornal do Commercio* o seguinte:

«No logar da Mourisca, concelho d'Agueda, acaba de se dar, pelo que nos dizem, um verdadeiro phenomeno da natureza.

Uma pobre mulher d'aquella localidade deu ha dias á luz quatro filhos, que nasceram pela seguinte forma: primeiro um, depois dois pegados, com duas cabeças, quatro braços, tres pernas e outros defeitos; em seguida nasceu o quarto. Todos morreram, e a mãe tem estado em perigo de vida.»

Estabelecimento agricola. — De Campos, no Brasil, recebemos uma noticia relativa á emigração. Trata-se de uma fazenda no modelo da Nova Louzã, pertencente ao nosso amigo o sr. commendador Monte Negro. Diz assim a «Gazeta de Campinas»:

«Dous intelligentes e esforçados lavradores, nossos amigos, commendador João Elisiario de Carvalho Monte-Negro e João Manoel de Almeida Barbosa, formaram entre si uma sociedade para cultura de parte da fazenda Bom Fim, pertencente ao segundo, por meio de colonos, a serem trazidos da Europa por intervenção do primeiro. O systema dos contractos vae ser exactamente o mesmo seguido em a Nova-Louzã, que já sob tão brilhantes auspicios sorri-se a uma carreira ampla pelos resultados e fecundissima pelo exemplo. Entram como capital 182 mil pes de café, computados no valor de 91:000$000 rs.

«As casas e bemfeitorias para o estabelecimento devem preparar-se pelo modo mais adequado, e em tempo ajustado pelas partes, segundo entre outras condições se acha na escriptura por ellas firmada. Já se vê, pois: um novo modelo que vem dar notavel impulso á modificação dos velhos habitos e das praticas rotineiras. Pela garantia do successo fica o nome do sr. Monte-Negro, experimentadissimo na materia, e pelo mais, egualmente, o do sr. Barbosa. Felicitamos a ambos, desejando-lhes vejam coroados os seus esforços e aspirações.

«Não fecharemos esta rapida noticia sem mencionarmos uma outra circumstancia, e é que nos consta virá dirigir a «Nova Columbia» (é o titulo da colonia) o digno irmão do sr. Monte-Negro, o sr. dr. José Daniel de Carvalho Monte-Negro, o qual sobre elevadas aptidões, reune já uma pratica saliente pela morada na Nova-Louzã.»

Grande catastrophe — O *Times* publica o seguinte telegramma expedido de Philadelphia em data de 25 do corrente:

Um trem de viajantes que partira de Buffalo para Pittsbourg, ao passar pela ponte de Corry, esta abateu, cahindo em um precipicio da altura de 30 pés, todas as carruagens, que na queda se incendiaram. Morreu um grande numero de viajantes. Dezenove cadaveres, alguns calcinados a ponto de não se conhecerem, foram já tirados do precipicio, havendo tambem uns trinta e cinco feridos.

ANNUNCIOS

EXPEDIENTE

Em razão de ser dia santo de guarda na segunda feira, publicar-se-ha o numero immediato do *Conimbricense*, na *quarta feira*.

BANHOS DE LUSO

2 ÁNNUNCIA-SE aos srs. accionistas da sociedade para o melhoramento dos banhos de Luso, que no domingo 5 do proximo Janeiro, h. de reunir-se a assemblea geral no paço episcopal desta cidade, para lhe serem presentes o relatorio e contas do corrente anno.

3 DO DIA 5 do corrente mez de Janeiro em diante, vender-se-ha cada carrada d'estrume das varreduras da cidade, pelo preço de 800 rs.

Secretaria da camara municipal de Coimbra, 4 de Janeiro de 1873.

O escrivão da camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

AGRADECIMENTO

4 D. SOPHIA CHRISTINA LIBERATA DOS SANTOS E SILVA, e Francisco da Cunha Mello e Silva, summamente penhorados com todas as pessoas que lhes deram as maiores provas d'amisade, durante o doloroso soffrimento de seu muito prezado marido e filho, lhes agradecem por esta forma, por o não poderem fazer pessoalmente, tantas demonstrações d'estima, a que serão eternamente gratos e reconhecidos, não mencionando aqui seus nomes, por temerem offender o melindre e delicadeza de tão benemeritos cavalheiros; não podendo comtudo deixar de mencionar os dignos facultativos os exm.os srs. José Maria Coutinho e Luiz José Candido, que com a melhor vontade e dedicação, sempre assistiram, e lhes ministraram os soccorros da medicina até aos seus ultimos momentos.

Egualmente agradecem a todas as pessoas que se dignaram acompanhar os seus restos mortaes até á sepultura, e pedem desculpa d'alguma falta involuntaria.

Coimbra 4 de Janeiro de 1873

Dentifricios de Furtado

Conservação — Brilhante — Anti-odontalgico

Estes preparados, feitos com as melhores, mais puras e proprias substancias, formam um elixir que mais poderiamos denominar de

THESOURO DA BOCCA

CONSERVAÇÃO — é um excellente preservativo para a **dor, carie, inflammação, ulceração das gengivas** e **anti-escorbutico:** — refresca a bocca e torna o halito agradavel.

BRILHANTE — Branqueia com muita facilidade os dentes, tornando-os alvos de neve, sem o mais leve incommodo e sem causar a mais pequena alteração do esmalte — frasquinho, 500 rs.

ANTI-ODONTALGICO — é o magnifico calmante para as **dores e ravas dos dentes.**

Todo o frasco é acompanhado de instrucções.

Ha tambem pós muito superiores em caixinhas e vasos de 80, 120, 200 e 240 reis.

Vendem-se na loja de

J. A. VIEIRA DA FONSECA

Coimbra, Calçada, n.os 72—76.

INSCRIPÇÕES

6 ABILIO AUGUSTO MARTINS, ourives em Coimbra, rua da Calçada, n.º 8, encarrega-se da compra de inscripções em Lisboa, pelo preço da cotação official do *Diario do Governo*, apresentando-as averbadas em nome do comprador, poucos dias depois da encommenda.

VENDA DE CASAS

7 VENDEM-SE as duas moradas de casas da rua da Calçada de Coimbra, com os numeros 157 a 167; trata-se nas mesmas.

Pipas de lata em caixas de madeira para azeite, e levam 100 alqueires.

8 VENDE-AS Francisco Lopes do Valle, na rua da Sophia, n.º 171, em praça particular, se o preço convier, no dia 5 de Janeiro, ás 11 horas da manhã.

PROTECTORA

COMPANHIA DE SEGUROS DE REMISSÃO DO RECRUTAMENTO MILITAR

Sociedade anonyma, responsabilidade limitada.

Capital 640:000$000

Agentes em Coimbra

GAVICHO & C.ª

Largo das Olarias n.º 11

AVISO

10 A ANTIGA e acreditada confeitaria á Sé Velha, em Coimbra, continua como sempre a fazer todas as qualidades de doce. Faz este aviso, por se terem espalhado boatos em contrario: tendo sido por este motivo alguns freguezes enganados.

11 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchaqueca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diatheticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

4 Place Vendome, 26, Paris; Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid. — Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de lata de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 1$540 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$340 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 reis; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$500 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Bahü, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2656 — QUARTA FEIRA 8 DE JANEIRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Em o numero passado publicamos a portaria do sr. ministro das obras publicas, mandando enviar ao sr. engenheiro Francisco Maria de Sousa Brandão, a consulta da junta consultiva das obras publicas e minas, ácerca do traçado do caminho de ferro da Beira, e as representações que tem sido presentes ao governo ácerca deste assumpto; para que o referido engenheiro, sem perda de tempo, proceda aos estudos e averiguações indispensaveis, a fim de que o mesmo governo possa, com perfeito conhecimento de causa, adoptar o traçado que reunir mais vantagens e satisfazer a mais valiosos interesses.

Alguns jornaes tinham aventado, que a resposta dada pelo digno ministro das obras publicas á commissão que de Coimbra foi á capital, para pedir que o traçado escolhido fosse o do sul, tinha só por fim illudir a mesma commissão e os habitantes de Coimbra; acrescentando que da parte do governo não havia nenhuma tenção de levar a effeito esta importante obra.

O sr. Cardoso Avelino principia a mostrar, que tem a peito o effectuar o caminho de ferro da Beira, que é incontestavelmente um grande melhoramento para este reino.

O sr. Sousa Brandão já em tempo foi encarregado de proceder a identicos estudos, e por isso está muito habilitado a dar um parecer com perfeito conhecimento da missão que lhe foi incumbida.

Em 1859 foi o sr. Sousa Brandão encarregado de estudar o terreno para se construir um caminho de ferro atravez da Beira, a fim de ligar Lisboa com o interior desta provincia e com o visinho reino de Hespanha em direcção á fronteira de França.

O sr. Sousa Brandão preferia a todos os traçados, o que partisse de Thomar aos Cabaços, Espinhal e Miranda do Corvo. Este engenheiro, em o relatorio dos seus trabalhos, que apresentou em 14 de Julho do referido anno de 1859, fundamentava largamente o seu parecer.

Como curiosidade, e pela importancia que tem nesta occasião, publicamos em seguida as considerações economicas do mencionado relatorio do sr. Sousa Brandão.

«Em qualquer direcção que se estabelecesse um caminho de ferro justificar-se-hia pelo paiz que corta, pelas povoações que serve, pelos productos que transporta, pela animação que dá a todo o genero de industria, pelas riquezas naturaes que desencanta, pela egualdade em que colloca todos os povos em relação ao commercio. O caminho é indispensavel quando estes artigos se apresentam em grande escala, offerecendo zonas apinhadas de população, communicando com cidades ou provincias importantes. Se isto se podia dizer de muitas provincias de Portugal, não será por certo a Beira a que reuna em menor grau todas estas qualidades.

Coimbra ficará ligada com Lisboa pelo caminho mais curto; o Porto e o N. achar-se-hão na mesma direcção; o centro da Beira não poderia encontrar através das suas montanhas um caminho tão directo e facil com a capital; as povoações de áquem e de além da fronteira possuirão o melhor caminho para se communicarem com todo o nosso littoral.

O terreno desde Thomar até Miranda do Corvo, seguindo a antiga estrada de Coimbra, compõe-se de valles, seguidos umas vezes, cortados outras, em que a cultura se estende até mais de meio das encostas e onde prepondera a producção do vinho, azeite, milho e fructas.

Além de Miranda encontra-se a villa da Louzã, em que começa a nascer a industria, havendo alli e em povoações proximas tres fabricas de papel. Seguindo o Ceira e passando proximo de Goes satisfará ao commercio importante que esta villa faz com os povos da serra. Chegando a Arganil achar-se-ha no valle do Alva, em um dos pontos importantes e o mais proprio para traçar uma estrada atravez da serra da Estrella e communicar as povoações da encosta meridional com o caminho de ferro. Não deverá esquecer que todo o terreno desde Thomar é acompanhado de grandes quédas de agua, alimentadas pela serra da Louzã e da Estrella, que empregadas como motores satisfariam as necessidades mais geraes da nossa industria. O caminho de ferro seria no futuro um elemento eminentemente industrial.

Ao atravessar o Alva, segue por um terreno medianamente productivo; mas depois de passar além de Candosa encontra-se nos valles que correm para o Mondego, de Bobadella, Oliveira do Hospital, Lageosa, Oliveirinha, Terrozelo e uma infinidade de povoações onde ha muita cultura, gados, lãs e abundante população. Neste ponto ou em outro mais adiante, entroncará a estrada de 5 a 6 leguas, que deve communicar com Vizeu, a melhor cidade da Beira.

Passando defronte de Ceia, de Gouveia e Celorico, o caminho assentará na aba da serra da Estrella, onde ha muito gado, bastante producção de cereaes e vinho, e a par disso a fabricação de lãs, em saragoças e outros tecidos, que se vae desenvolvendo. De qualquer destes pontos poderá entroncar de um lado com o interior da serra da Estrella, com a Guarda e talvez com a Covilhã, e do outro com Villa Cova, Fornos de Algodres e Trancoso. Além de Celorico o caminho passará ainda em um terreno cultivado até encontrar o valle de Macoima, em um ponto que dista ao maximo 8 leguas do Douro e por consequencia da provincia de Traz os Montes, com a qual Lisboa creará relações commerciaes e dará vasão a muitos dos seus productos.

Seguindo por diante o caminho irá animar as Freixedas, Pinhel e as povoações proximas de Almeida. Esta parte do paiz soffre muito em se achar isolada no interior, por falta de communicações, e da Hespanha pela linha das alfandegas que amortece todo o seu commercio. Tanto em Portugal como em Hespanha nas provincias da fronteira se nota o desalento commercial; pouco transito, poucas cargas, nem cavalgaduras, nem carros; raro se encontra um almocreve ou um carreteiro.

Os direitos fiscaes e quasi prohibitivos das alfandegas, junto á fragosidade dos caminhos, são a causa principal desta isolação.

Logo que na maior parte dos artigos se ponha um direito rasoavel ou apenas fiscal, o que era summamente vantajoso em gados e cavalgaduras, a circulação cresceria muito e

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXXIV

D. FRANCISCO DE LEMOS E A DEPUTAÇÃO PORTUGUEZA

Serão sempre muito apreciadas todas as noticias, que tenderem a esclarecer o procedimento dos membros da deputação portugueza, que em Março de 1808 partiu de Portugal para França, por iniciativa do general Junot. Vamos, por isso, com esse fim publicar um interessante documento, até hoje completamente desconhecido.

O bispo de Coimbra, D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, foi um dos membros da referida deputação; e por esse facto ficou sendo suspeito de *jacobino*, ou partidario dos francezes, o que era considerado durante a guerra peninsular como o maior dos crimes.

Em Setembro de 1810, epocha em que Portugal tinha sido invadido pelo marechal Massena, saiu de França, D. Francisco de Lemos, para regressar a este reino.

Havendo chegado á Mealhada, no principio de Dezembro do mesmo anno, para se dirigir a Coimbra, foi impedido na sua marcha, recebendo ordem para ir para a cidade do Porto, onde se conservou por muito tempo, sem lhe ser permittido vir tomar conta da sua diocese, senão passados tres annos.

Depois de chegar ao Porto, soffreu um interrogatorio feito pelo chanceller da relação. Temos presente a copia das perguntas e competentes respostas, tudo escripto pela propria letra original de D. Francisco de Lemos. No fim está addiccionado o roteiro da sua viagem, tanto na ida para França, como na volta para Portugal.

Nas respostas de D. Francisco de Lemos faz-se referencia a algumas cartas, e outros documentos, para provar as suas declarações. Não temos esses documentos, os quaes sem duvida ficaram na relação do Porto. Em todo o caso a narrativa de D. Francisco de Lemos é sufficientemente clara, para dispensar mais esclarecimentos.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

RESPOSTA ÁS PERGUNTAS FEITAS PELO ILLM.º SR. CHANCELLER DA RELAÇÃO E CASA DO PORTO

O illm.º sr. chanceller da relação e casa do Porto e governador das justiças fez ao bispo de Coimbra as perguntas seguintes por escripto, as quaes elle passa a responder *salvo suo ordine.*

—*Pergunta.* O logar da França de que saiu?

—*Resposta.* Da cidade de Bordeus, para onde foi com os mais membros da deputação, e onde esteve sempre até que saiu.

—*P.* Em que tempo?

—*R.* A 15 de Setembro do anno proximo passado.

—*P.* As terras por onde veiu?

—*R.* As que constam do roteiro junto da sua viagem n.º 1. E para maior informação de tudo ajunta tambem o relatorio n.º 2, das terras por onde foi de Portugal para França.

—*P.* As paradas que fez?

—*R.* Constam do mesmo roteiro junto n.º 1.

—*P.* A familia e mais pessoas que o acompanharam?

—*R.* Quanto a familia consta do passaporte do perfeito de Bordeus, n.º 11. Só com ella e sem acompanhamento algum, ou aggregação de outra alguma pessoa de qualquer qualidade ou condição saiu d'esta cidade e veiu por todo o paiz da França ate Irun, primeira villa de Hespanha. Como lhe foi necessario dahi por diante vir unido ás tropas, e comboios francezes pelo decurso da viagem, soube que a elles vinham incorporados alguns negociantes estabelecidos em Portugal com casa e familia, antes da expulsão dos francezes, o medico Manoel Joaquim de Oliveira, que tornava para Portugal, e mais algumas pessoas de pouca consideração; mas com elles não teve communicação, e nem trato algum, excepto com o dito medico, de quem se valeu nas paradas que fazia por causa da sua molestia para assistir-lhe.

—*P.* O motivo da sua vinda nas actuaes circumstancias?

—*R.* Um portuguez que achando-se em França depois da expulsão dos francezes de Portugal, e sabendo que nelle entrou um exercito francez a novamente invadil-o e conquistal-o, vem a este reino em taes circumstancias, não se pode julgar que tenha outro motivo, que não seja de ajuntar-se aos seus nacionaes para cooperar com elles para a defeza, e conservação do seu principe e da sua nação.

Isto inculca a sua união social, a qual estabelece deveres e direitos para a segurança reciproca da nação e de seus nacionaes.

Deveres da nação, para com os seus nacionaes para os defender, e mantel-os na posse tranquilla dos seus direitos: dos nacionaes para com a sua nação para cooperarem para a sua conservação e augmento: direitos da nação para punir, e excluir do seu seio quer dos nacionaes, que lhe for infiel [...] pirar para a sua destruição e ruina [...] cionaes para serem reputados fieis [...]

viria confirmar a necessidade de um caminho de ferro, que atravessasse a fronteira e nos communicasse com os abundantes terrenos de Castella a Velha.»

O nosso estimavel collega desta cidade, o *Progressista*, commenta no seu ultimo numero algumas das expressões que temos empregado ácerca da pretendida aniquilação do mercado de D. Pedro V.

O collega diverge da nossa apreciação, em quanto acredita que houvesse combinação occulta entre os interessados na destruição do mercado e alguns dos membros da camara municipal; ao mesmo tempo que nós temos julgado falso o boato que nesse sentido se tem espalhado.

Os motivos da nossa opinião são claros. Se da transacção eleitoral que se apregoa, resultasse alguma utilidade á actual situação politica, ainda podiamos acreditar que os membros da camara, levados por um cego ministerialismo, pozessem de parte a sua dignidade e todo o zelo pelos interesses municipaes, para conseguirem um resultado que se lhes antolhava vantajoso. Gemia, é certo, a moralidade; mas em fim perante a escola utilitaria tinha explicação esse facto. Porem se o tão fallado manejo eleitoral dava, como é evidente, em resultado, o fazer afastar da camara municipal, e até mesmo o declararem-se seus decididos inimigos, a grande maioria dos ...cados neste concelho á situação politica existente; como é que havemos de suppor que os vereadores, a não terem perdido completamente o juizo, hajam annuido a uma transacção tão miseravel ?!

Só ineptos manifestos é que cairiam em praticar semelhante acto, e esse conceito não nos merecem os vereadores da camara desta cidade.

Reconhecemos ainda assim, que é de bastante peso o argumento apresentado pelo collega, de que a associação commercial não se arriscaria a dar um passo destes, sem ter a certeza de tirar um bom resultado; e por isso não nos resta senão esperar o procedimento da camara, para sabermos se estamos, ou não illudidos.

Dará a vereação municipal, pelo seu procedimento futuro, razão ao *Progressista*?

O tempo o dirá.

Acabamos de saber que fôra nomeado provisor e vigario geral do patriarchado, o nosso respeitavel amigo o sr. Dr. Antonio José de Freitas Honorato, lente cathedratico da Faculdade de Theologia e conego honorario da sé de Coimbra.

Consta-nos egualmente, que s. ex.ª será nomeado arcebispo *in partibus*, honra e regalia inherente ao elevado cargo que vae exercer.

Ao mesmo tempo que todos vivamente sentem a ausencia do nosso excellente amigo o sr. Dr. Freitas Honorato, tambem folgam por verem a acertada escolha que se acaba de fazer na pessoa de s. ex.ª para um emprego, que de certo exercerá com a dignidade que ha a esperar dos seus sentimentos religiosos e da sua muita illustração; qualidades que foram reconhecidas pelo digno ministro dos negocios ecclesiasticos e de justiça, fundamentando a nomeação, *nas virtudes e lettras* do sr. Dr. Freitas.

E' sempre com muito prazer que vemos fazer justiça aos bons filhos de Coimbra.

Da melhor vontade publicamos mais o seguinte communicado, ácerca da viação publica dos concelho de Goes e Pampilhosa.

Ao exm.º sr. Francisco Wanzeller, deputado pelo circulo de Arganil.

Quando ha poucos dias faziamos sentir no illustrado jornal o *Conimbricense*, a absoluta necessidade que havia da construcção da estrada, que entroncando na de Foz de Arouce, na que ahi passa, ia atravessar os importantes concelhos de Goes e Pampilhosa, não fomos por certo levados a isso pela falta de confiança, que a pessoa de v. ex.ª nos podia merecer, mas tão sómente pela incuria e desleixo, a que todos os nossos governos tem até hoje votado aquelles infelizes povos, que tinham e tem egual direito a serem beneficiados como outros, que de certo se tão encontram em tão lamentavel estado, a respeito de viação publica, tendo aliás todo o direito a serem melhorados pela sua reconhecida importancia commercial.

Temos nos perfeito conhecimento dos esforços, que tanto v. ex.ª, como o esclarecido estadista, o exm.º conselheiro José Dias Ferreira, têem empregado perante o actual ministro das obras publicas, o exm.º sr. Cardoso Avelino; assim como estamos convencidos, que o nobre ministro hade fazer justiça aos clamores daquelles povos, que são, com v. ex.ª sabe, muitissimo attendiveis; mas o que não deixaremos de continuar a pedir, é que não cesse v. ex.ª de envidar todos os seus esforços para a realisação de tão indispensavel melhoramento; bem como não podemos deixar de rogar ao digno director das obras publicas deste districto, que remetta com a maior brevidade a planta da supradita estrada, a fim de que cesse todo e qualquer obstaculo a tão indispensavel melhoramento.

E' v. ex.ª um cavalheiro honesto e honradissimo, e em quem os habitantes do circulo eleitoral de Arganil, na sua maior parte tem a maxima confiança; e por isso estamos certos, que v. ex.ª continuará como até hoje a empregar todos os seus esforços para a realisação dos indispensaveis melhoramentos daquelle circulo, correspondendo assim á alta confiança que lhe merece.

Resta-nos, por hoje, agradecer á illustre redacção do *Conimbricense*, as benevolas expressões de que precedeu a nossa primeira carta, esperando ao mesmo tempo a publicação desta n'um dos proximos numeros do seu jornal, com o que lhe ficaremos summamente agradecidos.

Coimbra 7 de Janeiro de 1873.

NOTICIARIO

Banhos de Luso. — No domingo ultimo teve logar no paço episcopal, ao meio dia, a reunião da assembleia geral da *Sociedade para o melhoramento dos banhos de Luso.*

Foi eleito presidente da assembleia o sr. Dr. Antonio Augusto da Costa Simões; e secretario Joaquim Martins de Carvalho.

Aberta a sessão, deu o sr. presidente a palavra ao sr. bacharel Manoel Correa de Mello, presidente da direcção, que naquelle dia terminava as suas funcções, o qual leu o relatorio da gerencia da mesma direcção no anno findo, apresentou as contas respectivas, bem como a estatistica medica do estabelecimento.

Foi em seguida nomeada a commissão, que deve examinar aquellas contas, e dar sobre ellas o seu parecer. Ficou ella composta dos srs. Francisco de Sousa Araujo, Manoel José Ferreira Leitão e Joaquim Martins de Carvalho.

Passou-se depois á eleição da nova direcção que deu o seguinte resultado:
Presidente, Bacharel Manoel Correa de Mello.
Vice-presidente, Bacharel Alexandre de Assis e Leão.
Secretario, Antonio Alves Cerveira.
Thesoureiro, Manoel José Ferreira Leitão.
Vogaes, Alberto Ferreira Pinto Basto, Francisco Pinto Henrique, e padre Mauricio José Pimenta.

Ficou pois reeleita todo a direcção do anno findo.

Quando fôr de novo convocada a assemblea geral para a discussão do parecer que apresentar a commissão de contas, diremos o que se passar, para conhecimento dos interessados e do publico.

Mas podemos dizer desde já, pelo que ouvimos nesta sessão, que a sociedade tem em cofre a quantia de 1:387$525 rs., saldo do anno findo e do antecedente.

Não quizera a assemblea geral dispor no anno passado do saldo do anno antecedente, por lhe ser representada a necessidade da acquisição de uma nova caldeira a vapor, em consequencia de se achar a existente bastante deteriorada. Era pois preciso deixar em reserva, como com effeito se deixou, um saldo para reunil-o com o do anno seguinte, a fim de poder fazer-se a compra da nova caldeira.

Habilitada assim a direcção com os dois saldos, poude fazer com o sr. Guilherme Henrique Hibbard o contracto provisorio para a acquisição da caldeira, o qual agora foi submettido ao exame da assemblea geral, e por ella approvado. Fornecerá o sr. Hibbard a caldeira, e assental-a-ha mediante a quantia de reis 53$000. Fica a cargo do sr. Hibbard toda a mão de obra necessaria para o assento della; e a sociedade prestar-lhe-ha toda a madeira, cal e pedra de que elle carecer.

Ficará assim satisfeita a mais instante necessidade do estabelecimento; e poderão ainda os accionistas receber por conta dos juros em divida uma somma que será pelo menos equivalente ao juro de dois annos.

A direcção fará dentro em breve annuncios nos jornaes, convidando os accionistas a receber a alludida quantia.

Eis a summa do que se passou nesta sessão; restando-nos sómente accrescentar que a assemblea geral, por proposta do sr. Dr. Di...

---

se não provar o contrario por provas claras e manifestas.

Que grandes não apparecem estes deveres, e estes direitos quando são contemplados na sua origem! Quando se vêem nascer na formação das nações por conspiração geral das vontades, fundarem-se nos principios eternos da razão e da justiça e serem a base de todas as leis possiveis, que mantem a conservação dos direitos publicos e particulares: direitos tão grandes convem que se attendam e se protejam. Todo o corpo soffre com a perda de um membro. Isto é em geral pela simples razão de considerar-se aqui o portuguez como nacional.

Mas se a esta consideração se ajuntam outras como são: 1.º de ter o mesmo portuguez dado provas de fidelidade em todo o tempo e longo espaço de sua vida, servindo sempre com zelo ao seu principe, e á sua nação; 2.º de ter merecido a confiança do seu principe, e recebido delle muitas honras, e graças: de se achar elevado aos graus superiores da jerarchia assim politica, como ecclesiastica, sendo bispo conde: 4.º de ser encarregado de empregos de muita importancia ...são os de reitor reformador da Universidade: mais 5.º de ser membro de uma de... nacional, mandada ao imperador dos ... a tratar de negocios politicos do seu ... sua nação: 6.º de os haver tra... ...lidade, com adhesão, e amor ao ... sendo retido em França sem esperança proxima de tornar a este reino: então o direito que tem para ser reputado fiel, se faz tão forte, e tão exclusivo de toda a suspeita em contrario, que se não pode attribuir outro motivo á sua vinda a este reino em taes circumstancias, que não seja o sobredito para a cooperação da defeza, e conservação de seu principe, e da sua nação. Ora o bispo conde se acha n'esta situação. Todas as considerações acima feitas concorrem nelle; vindo pois de França nas actuaes circumstancias nada se pode presumir e julgar contra a sua fidelidade: nenhum motivo attribuir-se á sua vinda, que não seja dirigido ao dito fim, e todo conforme aos seus grandes, e sagrados deveres.

Mas como pode a razão tirada das actuaes circumstancias, elevar-se a um tal grau de força, que podesse annullar ou fazer duvidoso um direito tão bem estabelecido e fundado? Em que se estriba esta razão? Em achar-se, diz-se, o reino invadido pelos francezes, e ter-se como certa em França a conquista d'elle. O bispo conde vem de França, e não lhe parece que ahi se tenha por certa a conquista de Portugal. Mas conceda-se tudo: não é isso bastante para a nação por-se em guerra contra os seus nacionaes, e havel-os por inimigos, e parciaes dos francezes: isto por fazer entender, que tudo aqui ameaça ruina, e que não ha confiança, nem segurança nas forças que defendem o reino.

Convem pois dar-se tanto valor ás actuaes circumstancias? Por onde se regula a força de um exercito? Pela disciplina, coragem, e numero dos seus soldados e pela pericia e valor dos seus generaes. Supponhamos que tudo isto concorre no exercito francez: devemos por isso desconfiar da nossa causa? Quando teve Portugal tanta força junta como tem nas actuaes circumstancias? Quando tantas tropas tão bem disciplinadas, e corajosas? Quando generaes tão peritos na arte da guerra, e tão valerosos? Que progressos tem feito os francezes na sua invasão e pretendida conquista? Querem passar por Bussaco; a nossa força os impede, os vence, e os faz retirar. Querem passar de Villa Franca; ella os detem, e os obriga a respeitar suas linhas, e os faz retroceder. Que confiança pois não devemos ter na nossa força para não recear, e nem temer a dos francezes?

Eis aqui as nossas actuaes circumstancias. Circumstancias que revelam superiormente o valor dos inglezes e portuguezes, e que são de segurança para nós, e de ruina para os francezes. Circumstancias que devem mover a todo o portuguez, que esteja em França a vir unir-se á sua nação, para com ella defender a causa do seu principe, e a sua existencia politica. É o que deve em taes circumstancias a seu soberano, á sua patria, e a si.

Tal foi o motivo que teve o bispo conde para vir de França a este reino nas actuaes circumstancias.

Mas o bispo conde não para aqui; e para mais abundantemente satisfazer á pergunta passa a dizer, que elle veiu da França: 1.º porque considerava não ser proprio da sua honra, e da sua fidelidade presistir em um paiz inimigo em taes circumstancias: 2.º porque se achava retido nelle por se ter mostrado fiel ao seu principe, e á sua nação; e julgar por isso mesmo o não deixavam tornar para Portugal: 3.º porque elle era posto pelo Espirito Santo a governar a egreja de Deus em Coimbra; e achando-se apartado, e ausente da sua egreja por tres annos, todos os seus desejos e esforços deviam ser e eram de tornar a ella, para satisfazer ás altas obrigações do episcopado, motivo tão grande, e tão urgente que só elle bastaria para justificar a sua vinda: 4.º porque S. A. R. o havia encarregado do governo da Universidade em quanto não mandasse o contrario, e não havendo reformado reitor nomeado até aqui, sua real vontade era, que viesse elle continuar a cumprir as obrigações desse importante logar, fazendo para isso todo o esforço que lhe fosse possivel: 5.º porque tinha em Coimbra sua casa, seus bens, seus domesticos, e nada era mais natural que desejar voltar a ella: 6.º porque achando-se encarregado por S. A. R. da administração da casa do Rio de Janeiro, pertencente a seu sobrinho Francisco de Lemos, que para lá tinha ido, e da satisfação dos encargos della que diziam respeito ao allivio da alma de seu irmão João Pereira Ramos, e não tendo noticias algumas do Brasil,

niz, deu por unanimidade, um voto de louvor á direcção, e em especial ao seu digno presidente, pelo zelo com que se houve na gerencia dos negocios da sociedade em geral, e principalmente pelas acertadas medidas que tomou para a manutenção da boa ordem e policia do estabelecimento dos banhos.

O relatorio, contas, etc, vão ser brevemente impressos e distribuidos aos accionistas da sociedade.

Jury commercial. — O jury commercial, desta cidade, eleito em 6 do corrente, ficou composto dos seguintes srs:
José Antonio da Costa Braga Junior
Antonio Rodrigues Pinto
Paulo José da Silva Neves
José Francisco d'Oliveira Reis
João Matheus dos Santos
Antonio Henriques de Carvalho
Antonio Vicente do Amaral Monteiro
Manoel d'Almeida Cabral.

Substitutos

José Antonio Vieira da Fonseca
Innocencio Peixoto Quaresma
Antonio Ferreira Mattos
Bazilio Augusto Xavier d'Andrade.

Nova industria. — Ha dias foi desta cidade para o Porto, Cesar Augusto Galhardo, com outros presos, para irem cumprir as suas sentenças de degredo.

O dito Galhardo tinha contratado casar com Rosaria da Encarnação; e para o casamento desta, havia pedido a mãe do Galhardo, moradora na freguezia de Santo Antonio dos Olivaes, a Theresa Maria, do Valle de Linhares, da mesma freguezia, um capote e outros objectos.

O Galhardo não só não effectuou o casamento, mas levou para o Porto o capote e tudo o mais que tinha já em seu poder.

Abandonos. — No dia 28 do mez findo, pelas 8 horas da noite, foi encontrado ao cimo das escadas da casa da exm.ª sr.ª D. Antonia Carolina Correa Vidal, na rua dos Coutinhos, um recemnascido, dentro de um cesto velho.

No dia 3 do corrente appareceu pelas 2 horas da tarde, ao cimo do ultimo lanço de escadas do hospicio, desta cidade, um menino.

Pelas 11 horas da noite de 4 do corrente, foi abandonada á porta de Carolina da Natividade, do logar da Cegonheira, freguezia de Antanhol, deste concelho, uma menina.

De todos os tres recemnascidos tomou conta a auctoridade.

Cemiterio da Conchada — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Padre Berardo Pinto Contente Caldeira, filho de Luiz Contente Caldeira e de Theresa Ignacia, de Verride, de 69 annos, fallecido no dia 29 de Dezembro.

José da Cunha Mello e Silva, filho de Francisco da Cunha Mello Silva e de Bernarda da Silva Mello, de Coimbra, de 37 annos, fallecido no dia 31.

Joanna de Jesus, filha de Antonio Carvalho e de Escolastica de Jesus, de 47 annos, fallecida no dia 1 de Janeiro.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada — 4825.

Mercado de Coimbra no dia 8 — Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 500 — Dito branco 480 — Dito Celorico miudo 600 — Dito graudo 550 — Milho branco 340 — Dito amarello 330 — Feijão vermelho 500 — Dito branco da marinha 480 — Dito da terra 440 — Dito rajado 420 — Dito frade 380 — Centeio 550 — Cevada 320 — Favas 400 — Grão de bico 500 — Chicharos 290 — Tremoços 280 — Batatas 240 — Vinho da Beira 800 — Dito do Bairro 650 — Dito da Bairrada 900.

Azeite. — Tendo estado estacionario por muitos dias o preço do azeite a 1$060 reis, subiu ultimamente, vendendo-se hontem e hoje nesta cidade a 1$100.

Missa funebre. — Sabemos que na proxima sexta feira, por 7 horas da manhã, manda dizer na egreja de Santa Cruz, uma missa funebre pelo eterno descanço de sua sempre chorada e saudosa madrinha, a exm.ª sr.ª D. Maria Magdalena Soares da Cunha, fallecida em 27 do passado no logar do Sebal, concelho de Condeixa, um seu afilhado, residente nesta cidade; para o que convida a sua numerosa familia.

Este procedimento é evangelico, e verdadeiramente christão.

Riquezas antigas de Portugal. — A embaixada e riquissimos presentes, que el-rei D. Manoel mandou ao papa Leão X, é um dos factos mais admiraveis da historia portugueza, e que produziu verdadeiro assombro na Europa.

O pontifice destinou o dia 12 de Março de 1514 para a cerimonia da recepção. A's 2 horas da tarde sahiu com a maior magnificencia a comitiva portugueza do palacio do cardeal Adriano, onde estava alojada. Via-se na frente grande numero de musicos, trombetas, charamelas, pifanos, e atabales, todos montados em soberbos cavallos. Seguiam-se 300 azemolas, cobertas de ricos pannos de seda de varias côres, conduzidas á redea por outros tantos homens com vistosas librés. Depois o rei de armas *Portugal*, vestido de panno de ouro, com as armas do reino, coroadas e cercadas de perolas e rubins.

Seguiam-se para cima de 50 nobres, vestidos de ricas telas e brocados, com chapeus ornados de aljofares e perolas, levando a tiracolo preciosos colares de ouro e pedrarias, e montados em briosos ginetes, com os collos, peitoraes e arreios de ouro macisso, esmaltados de pedras de grande valor.

Entre tanta grandeza notava-se um elefante indio, sobre o qual ia um panno tecido de ouro com as armas reaes de Portugal, que não só cobria o cofre, mas tambem o elefante, até arrastar pelo chão. Via-se mais um cavallo persa, que o rei de Ormuz mandara a D. Manoel, e uma formosa onça dirigida por um caçador persa.

Sahiram a receber e a acompanhar a embaixada portugueza os embaixadores de Austria, França, Castella, Polonia, Veneza, Lucca e Bolonha, grande numero de cavalleiros, prelados e mais nobres de Roma com as suas familias, o que tornou o acompanhamento extremamente luzido. A multidão do povo que concorreu a ver esta cerimonia era tanta, que não só cobria as ruas, praças e janellas, mas até os telhados das casas.

Assim que o cortejo chegou ao castello de Santo Angelo, onde estava Leão X para receber a embaixada, acompanhado de todos os cardeaes, deu tres salvas a artilheria do castello, cujo estrondo junto com o som bellico das trombetas, charamelas e atabales, e os vivas estrepitosos que geralmente se davam a Portugal, tudo fazia um effeito maravilhoso.

Logo que o elefante avistou o papa, obedecendo ao nayre que o dirigia, ajoelhou tres vezes, e tomando na tromba uma porção de agua de cheiro, que para este effeito já ia de prevenção, rociou com ella o pontifice, cardeaes e mais pessoas que o acompanhavam. A onça domesticada tambem causou geral admiração por suas habilidades.

Constava o presente offerecido pelo rei de Portugal ao papa, de um pontifical inteiro de brocado de peso, todo bordado e guarnecido de riquissimas pedrarias, de rosas de ouro macisso, cujos botões eram rubins, de grande numero de flores, todas formadas de diamantes, ametistas, saphiras, esmeraldas, rubins, perolas, etc. Havia tambem mitras, baculo, anneis, cruzes, calices e thuribulos, tudo de ouro, ornado de pedras preciosas de grande valor, e juntamente grande numero de moedas de ouro de 500 cruzados cada uma.

Leão X recebeu a embaixada portugueza com as maiores honras, e ouviu uma larga oração que Diogo Pacheco lhe fez em latim, á qual respondeu na mesma lingua, prodigalisando muitos louvores a D. Manoel e á nação portugueza. Finda a cerimonia, o pontifice dirigiu-se para o seu gabinete, sendo acompanhado pelo embaixador extraordinario de Portugal, Tristão da Cunha, e pelos mais cavalleiros portuguezes.

Por muitos annos durou no mundo a memoria e admiração desta solemne embaixada. O ministro de Austria na côrte de Roma, escrevendo ao imperador Maximiliano dizia: — que poucas vezes, ou nenhuma, aconteceu mandarem os principes christãos os seus embaixadores a Roma com tão magnifico apparato, e que a nenhum papa foram apresentados tão ricos e tão famosos ornamentos.

As batatas. — Parmentier foi um bemfeitor da humanidade, porque foi elle, que nos fins do seculo passado soube vencer a repugnancia do povo francez, que não queria por forma alguma adoptar a cultura da batata. A França foi grata a este grande homem, porque lhe erigiu uma estatua.

São curiosos dois estratagemas, de que se serviu este agronomo, para popularisar o uso alimentar desta preciosa planta. Depois de muitas tentativas infructuosas, lembrou-se do seguinte artificio. Convencido de que as cousas prohibidas são as mais desejadas, obteve licença do governo para fazer uma grande plantação de batatas na planicie de Grenelle, e logo que os tuberculos amadureceram, conseguiu que uma guarda vigiasse a plantação durante o dia. O povo, durante a noite, não podia resistir á tentação de Eva, e ia roubar o fructo prohibido. Por esta forma foi muita gente reconhecendo praticamente, que os tuberculos, até ahi considerados como venenosos, eram excellente e sadio alimento.

Outro meio de que se serviu Parmentier, para destruir os preconceitos do vulgo, e convencer os adversarios e detractores, foi um jantar, feito exclusivamente de batatas, preparadas de todos os modos, que a arte culinaria podia ensinar. Para este banquete foram convidadas as pessoas mais notaveis, e todas verificaram os bons dotes deste saboroso alimento. Pouco tempo depois, o precioso tuberculo entrava na refeição dos ricos e pobres, e o povo possuia um meio poderoso para combater a fome e a miseria. Luiz XVI deu tambem o exemplo, apparecendo com flores de batateira ao peito, e admittindo a batata á sua mesa. As fomes, que precederam e seguiram as primeiras guerras da revolução franceza, foram tambem poderoso argumento para demonstrar a importancia desta cultura.

Navegação a vapor. — O americano Fulton foi o primeiro que applicou o vapor á navegação. Vindo a Paris, offereceu os seus serviços a Bonaparte, que não acreditou na possibilidade de tão maravilhoso invento. Fulton foi depois para os Estados-Unidos, onde em 1807 se construiu e lançou ao mar o primeiro barco de vapor.

---

nem do estado da mesma casa e do cumprimento de seus encargos, desejava vir para o reino para ahi ser informado de tudo quanto pertencente a estes objectos: 7.º porque achando-se já em uma edade muito avançada, desejava recolher-se á sua egreja e a este reino, para não morrer fora delle, e dos seus. Que mais? 8.º porque havendo duas occasiões para se obter a liberdade dos deputados, por algum embaraço que houvesse da parte da França, era da vontade do governo de Portugal, que cada um dos deputados se aproveitasse das occasiões que se lhe offerecessem para poderem vir para este reino: 9.º por fim, porque não vindo nas actuaes circumstancias, não teria outra occasião para vir e lá talvez morreria.

Tendo o bispo conde declarado os motivos que teve para vir da França a Portugal nas actuaes circumstancias, agora passa a dizer a occasião que teve para isso, a qual necessita ser illustrada para não haver confusões nos motivos, attribuindo-se a elle algum que verdadeiramente não influisse para a sua vinda. É o caso. O bispo conde, estando em França, desejava muito recolher-se a este reino e á sua egreja; mas não via possibilidade alguma para o fazer. Em Bordeus a deputação pediu permissão ao imperador para voltar a Portugal: não foi ouvida. Em Paris alguns deputados renovaram a mesma supplica: não teve effeito. Era pois necessario presistir na França até concluir-se ou a paz geral, ou alguma composição sobre as cousas de Portugal: mas este futuro não se julgava estar proximo.

N'estes desejos e esperanças ia o tempo correndo, e passando-se os annos. Entretanto o bispo conde sentia ir-se arruinando a sua saude, e pedindo permissão ao imperador pelo ministro das relações exteriores, para ir por um mez a Teste de Buel tomar banhos de mar. Antes da resposta n.º 8 recebeu do ministro da guerra a carta n.º 9, na qual lhe dizia, que o imperador julgava necessaria a presença delle bispo em Portugal para negocios do seu interesse, e desejava que por posta se dirigisse ao quartel general do principe d'Essling; o qual lhe diria mais particularmente as intenções do imperador.

Esta carta fez grande impressão no bispo conde: elle não tinha procurado insinuar-se no animo do imperador: não tinha mostrado adhesão alguma aos seus principios, aos seus systemas, e aos seus planos: no que respeita a Portugal seus sentimentos eram contrarios aos projectos que elle tinha de invasão e conquista; o que não era occulto ao mesmo imperador, e nem aos seus ministros.

Como pois não sendo destes sentimentos e não estando preparado para este genero de cousas, julgou o imperador necessario, que elle viesse a Portugal para negocios do seu interesse? Que negocios eram estes? Que objectos tinham? O bispo conde não foi ao quartel general: não fallou com o principe d'Essling. São pois ainda hoje para elle um mysterio: só diz que se fossem contrarios aos interesses do principe regente nosso senhor e da nação, pela misericordia divina, não achariam nelle disposição para os tratar: não agradaria isso ao imperador; mas teria elle bispo conde a satisfação de obrar rectamente.

Sahindo pois o bispo conde do estupor que lhe causou a carta do ministro da guerra, vendo: 1.º que ella lhe offerecia opportuna occasião de vir a Portugal como tanto desejava: 2.º que ella o conduziria a este reino com segurança, não sendo impedido, antes ajudado pelos francezes: 3.º que lhe facilitaria a entrada nelle por logares aonde não dominasse a força franceza, mas sim a portugueza: 4.º que entrando nelle ficaria já fóra do poder do imperador, e debaixo das vistas e sujeição do seu principe: pareceu-lhe, que devia aproveitar-se da occasião que a Providencia Divina, (que tudo dispoem *fortiter et suaviter* a seus fins) lhe dava por meio da carta do ministro da guerra para sair de França, e recolher-se a este reino.

N'esta consideração, não olhando para os perigos a que se expunha, para os incommodos que tinha de soffrer, e para as despezas que tinha de fazer em tão longa viagem, respondeu ao dito ministro da guerra, que ficava prompto para executar as insinuações que lhe fazia da parte do imperador (carta n.º 10.)

Eis aqui a chave da intelligencia da carta do ministro da guerra: dois motivos; um expresso nella que indica a vontade do imperador; outro encerrado no coração do bispo conde que era, e foi sempre a expressão da sua vontade, manifesto a Deus e communicado a pessoa da sua maior confidencia o visconde de Barbacena, que ficou em Bordeus, e aos seus dois secretarios Vicente Pereira de Mello e Antonio Barbosa de Almeida, que o acompanharam em toda a jornada, e estão agora no Porto. *In ore duorum vel trium stat omne verbum.*

Para confirmação d'esta verdade servem todas as considerações feitas n'esta resposta, ou neste discurso; serve o modo com que elle bispo dirigiu a sua viagem, que com esta luz fica clarissimo não ser elle de quem vinha animado do espirito de rebellião machinar conspirações contra o seu principe, e a sua patria; mas sim de quem vinha unir-se aos seus nacionaes; a cooperar com elles para a sua defeza, e conservação; de quem vinha viver debaixo do seu imperio, e protecção; de quem vinha continuar o exercicio das suas obrigações religiosas, politicas, civis e domesticas: obrigações que continuariam a ser todas perturbadas, e impedidas, se o que diz o ministro da guerra na carta fosse o verdadeiro motivo da vinda do bispo conde a este reino.

Espera por tanto o bispo conde, que longe de se fundarem na dita carta presumpções suspeitas, e juizos contra a sua fidelidade ao principe regente nosso senhor, e da nação, fidelidade constante por tão grande numero de razões, e de provas; admire-se antes a Providencia Divina, como ella se serviu para o conduzir a este reino, fazendo concorrer para este fim, sem o imaginarem, e nem pensarem o mesmo imperador, os mesmos ministros, e generaes francezes.

(Continuar-se-ha.)

Pulsações e respiração.—O numero das pulsações do coração e das arterias vae diminuindo com a edade. Na primeira infancia o coração pulsa de 110 a 140 vezes por minuto, descendo depois gradualmente até á epocha da puberdade, em que fica extacionario entre 70 e 75 pulsações por minuto. Durante o somno diminue a frequencia da circulação, e na posição horisontal tambem é menos viva que no vertical.

A respiração segue a mesma lei. As creanças na primeira edade respiram 30 a 40 vezes por minuto, e o adulto apenas 15 a 18. Está calculado, que o homem precisa em cada hora de 500 litros de ar para as necessidades da respiração.

Correio na Inglaterra.— O numero de cartas, que circularam em 1871 na Grã-Bretanha, foi de 917 milhões, termo medio 29 cartas por cada pessoa. Circularam tambem no mesmo periodo 99 milhões de jornaes, e 10 milhões de livros.

Casca das arvores.— Mr. Robert, habil agronomo francez, reconheceu depois de muitas experiencias, que um dos melhores meios de restituir o vigor ás arvores rachiticas, tanto fructiferas como florestaes, é tirar-lhes a casca velha; e affirma que esta operação augmenta o crescimento em diametro das arvores, tornando a sua vegetação mais prospera.

Hydrophobia.— Refere um jornal francez, que uma gallinha dos arredores de Paris fôra mordida por um cão damnado. Alguns dias depois, andando uma creança a brincar com ella, a pacifica ave deu-lhe tres bicadas no braço Os paes não fizeram caso, mas horas depois o pobre menino começou a sentir os primeiros symptomas da hydrophobia, e morreu no meio das mais atrozes convulsões.

A cicuta.—E' facil confundir esta planta venenosa com a salsa, tão empregada nos usos culinarios, e desta confusão tem resultado numerosos e gravissimos accidentes. Recommendamos toda a cautela na colheita e uso da salsa, e ninguem deve empregar esta planta, se não a souber distinguir perfeitamente da cicuta.

Um velho de 20 annos.— Um sujeito examinando um quadro de Moysés, pintado com uma formidavel barba branca, como se costuma representar, tendo na mão o Decalogo com estas palavras: —*Exodo*, 20— julgou que Exodo era o nome do individuo retratado, e 20 a sua edade. Ora esta, exclamou elle, eis aqui um velho com 20 annos.

Camara dos deputados.—A mesa da camara dos deputados ficou composta dos srs. Sá Vargas, presidente; Correia Caldeira, vice-presidente; e Francisco da Costa e Ricardo de Mello, secretarios.

Na sessão de hontem o sr. ministro da fazenda apresentou as seguintes propostas:

1.ª Alterando os impostos do real d'agua e reduzindo a 7 reis por litro de vinho, vendido a meudo nas terras de 2.ª ordem, a 6 nas de terceira e quarta, a 5 nas de quinta, e a 4 nas de sexta, e a 47 reis o imposto nas bebidas alcoolicas ao miudo. O vinagre será equiparado com o vinho, sendo o systema de verificação por meio de guias. As vendas por grosso pagarão tres reis em litro.

2.ª Accordo com o Banco.

3.ª Modifica a lei do sello, auctorisando o governo a substituir a pena de nullidade por falta de sello, por multas, revogando as isenções de sêllo.

4.ª Regulando a contribuição do registo no caso de transmissão de titulo oneroso.

5.ª Regulando os direitos de mercê.

6.ª Reduzindo a 10 classes as pautas da alfandega.

7.ª Creação de uma taxa complementar de 1 por cento sobre as mercadorias importadas, e ½ por cento sobre as mercadorias exportadas, que não pagam direito fixo.

8.ª Distribuição dos contingentes da contribuição predial, egual á do anno anterior.

9.ª Organização das repartições de fazenda dos concelhos.

Foram eleitos para a commissão de resposta ao discurso da corôa os srs. Carlos Bento da Silva, Dias Ferreira, Mello Gouveia, Teixeira de Vasconcellos, Barros e Sá e Correia Caldeira.

Communicado.—O sr. barão de Lourêdo pede-nos a publicação do seguinte:

«Quando um povo só procura disfructar o que seus antepassados ganharam, este povo vae em decadencia, e fica reduzido a zero perante os mais povos. E' o que aconteceu ao povo portuguez.

Nesses tempos que vão longe, a nação portugueza foi grande, obteve muitas conquistas, deu leis ao mundo; mas depois cahiu na miseria, e foi decaindo e perdendo terrenos; e hoje pouco mais lhe resta do que a Africa, e esta mesma, os governos, ou porque as dissenções politicas do continente lhes não tem dado tempo para cuidar como convem da administração daquella parte da monarchia, ou porque aquella região não lhes dá rendimento, que animem, ou seja pelo que fôr, o certo é que a administração publica alli é pessima, e só se cuida em povoar aquelle paiz com criminosos e assassinos; e se continuarem com semelhante systema, as consequencias devem ser más.

Oxalá que haja uma nova direcção, que a metropole possa aproveitar as riquezas que consta existem naquella região.

Bellas madeiras, marfim e ouro; produz café, algodão, cana de assucar, etc., etc. Mas para o governo poder fazer serviços naquelle sentido, precisa que seja apoiado por homens competentes, que desejem a prosperidade da patria. Os governos sem força moral nada podem.

Se houvesse mais abnegação e menos egoismo, a sorte da nação seria outra.

Barbacena, 30 de Novembro de 1872.— *Barão de Louredo.*»

Demonstração.— Hontem á noite foi a philarmonica *Conimbricense* tocar á porta do sr. Dr. Antonio José de Freitas Honorato, para festejar a sua nomeação para o cargo de provisor e vigario geral do patriarchado.

Por essa occasião subiram ao ar muitos foguetes.

Memorias do centenario.—Começaram já a distribuir-se as memorias, da Faculdade de Mathematica, pelo sr. conselheiro Francisco de Castro Freire, e da Faculdade de Philosophia, pelo sr. Dr. Joaquim Augusto Simões de Carvalho.

Dentro em poucos dias se distribuirá tambem a memoria da Faculdade de Theologia, pelo sr. Dr. Manoel Eduardo da Motta Veiga.

ANNUNCIOS

SEGUROS CONTRA FOGO

1 A COMPANHIA TRANQUILIDADE PORTUENSE, segura contra o risco de fogo, predios, estabelecimentos commerciaes ou industriaes, moveis, joias, roupas etc., por premios razoaveis.

Correspondente nesta cidade, Basilio Augusto Xavier d'Andrade. — Calçada, n.º 85 a 91.

Aula d'instrucção primaria e secundaria

2 JULIO DA CUNHA MELLO E SILVA, professor legalmente habilitado, abriu o curso das disciplinas d'instrucção primaria e secundaria no mesmo local onde seu fallecido irmão regia, com muito louvor (e como em collegio) as de instrucção primaria e francez, e tinha para o ensino das outras, professores muito competentes e acreditados, que continuam a ir alli reger suas respectivas cadeiras. O que se leva ao conhecimento dos chefes de familia, que queiram confiar-lhe a instrucção de seus filhos.

O mesmo professor habilitará de futuro todos e quaesquer individuos que se proponham ao professorado d'instrucção primaria, tendo para estes, no ramo do ensino theorico e pratico da calligraphia, um muito acreditado e conhecido professor.

Coimbra, rua das Fangas, n.º 55.

Attenção

3 QUEM PRECISAR uma ama com o primeiro leite, para crear em casa particular, falle na rua da Galla, n.º 8, com Maria da Luz.

INSCRIPÇÕES

4 ABILIO AUGUSTO MARTINS, ourives em Coimbra, rua da Calçada, n.º 8, encarrega-se da compra de inscripções em Lisboa, pelo preço da cotação official do *Diario do Governo*, apresentando-as averbadas em nome do comprador, poucos dias depois da encommenda.

Venda de leite de burra

5 NA RUA do Visconde da Luz, n.os 11 a 13.

PROTECTORA

COMPANHIA DE SEGUROS DE REMISSÃO DO RECRUTAMENTO MILITAR

Sociedade anonyma, responsabilidade limitada.

Capital 640:000$000

Agentes em Coimbra

GAVICHO & C.ª

Largo das Olarias n.º 11

DICCIONARIO UNIVERSAL DE EDUCAÇÃO E ENSINO

Util á mocidade de ambos os sexos, ás mães de familia, aos professores, aos directores e directoras de collegios, aos alumnos que se preparam para exames.

CONTENDO

O MAIS ESSENCIAL DA SABEDORIA HUMANA

E

Toda a sciencia quotidianamente applicavel em assumpto

1.º De educação

Conhecimento e direcção dos caracteres, faculdades, defeitos, meritos e aptidões.—Religião, moral, philosophia—Logica, rhetorica, poetica.—Literatura, pedagogia, civilidade, escriptores antigos e modernos.— Agudesas, proverbios, maximas, epigrammas, etc.

2.º—De instrucção primaria

Leitura, escripta, calculos, problemas, formulas, systema metrico, moral religiosa.— Lingua portugueza, ortographia usual e grammatical, redacção, estylo epistolar, homonymos, synonymos, raizes, etymologias.—Methodos, disciplina, meios praticos de execução.—Historia universal de cada seculo, varões insignes, descobrimentos e factos assignalaveis.—Geographia descriptiva, cidades principaes, indole e costumes e productos de todos os paizes, monumentos celebres, panoramas, curiosidades de toda a especie.— Noticia das sciencias usuaes, artes, mesteres e profissões, etc.

3.º—Instrucção secundaria

Linguas:—portugueza, franceza, latina, hespanhola e ingleza.—Geologia, mineralogia, botanica, zoologia.—Physica, chimica, astronomia, mechanica.—Arithmetica, algebra, geometria.—Industria, hygienne, desenho, carpintaria, commercio, agricultura, etc.

SEGUE

Diccionario etymologico de todas as palavras technicas

PROVENIENTES DAS LINGUAS GREGAS E LATINA

Tudo simplificado ao alcance dos alumnos e pessoas meramente desejosas de instrucção, com elucidações tão proficuas aos mestres quanto proveitosas no trato das familias

REDIGIDO

COM A COLLABORAÇÃO DE ESCRIPTORES PECULIARES

POR

E. M. CAMPAGNE

DIRECTOR DE COLLEGIO

Trasladado a portuguez

POR

Camillo Castello Branco

E

Ampliado pelo traductor nos artigos deficientes em assumptos relativos a Portugal

S. ex.ª o sr. dr. Adriano de Abreu Cardoso Machado dignou-se lêr parte dos artigos essenciaes d'este **Diccionario**, e reputou o livro de maxima utilidade e grande valia, asseguranrdo-nos assim que elle merecerá a approvação da junta consultiva de instrucção publica. Alem d'isto o mesmo senhor promette collaborar n'esta excellente publicação, redigindo um *Tratado de Pedagogia*, que nós teremos a honra de ajuntar ao **Diccionario.**

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

O **Diccionario** formará dois grosses volumes, cada um de 800 paginas a duas columnas, divididos em 50 cadernetas.

A entrega será feita *semanalmente* aos srs. assignantes, em cadernetas de 32 paginas.

O preço de cada caderneta é de 100 reis pagos no acto da entrega.

A publicação principiará em Janeiro e acabará em Dezembro de 1873.

Quem agenciar dez assignaturas receberá uma gratis.

Assigna-se na livraria Internacional de ERNESTO CHARDRON, editor, no Porto, bem como em todas as livrarias do reino.

Dentifricios de Furtado

Conservação—Brilhante—Anti-odontalgico

Estes preparados, feitos com as melhores, mais puras e proprias substancias, formam um elixir que mais poderiamos denominar de

THESOURO DA BOCCA

CONSERVAÇÃO—é um excellente preservativo para a **dor, carie, inflammação, ulceração das gengivas e anti-escorbutico:**—refresca a bocca e torna o halito agradavel.

BRILHANTE—Branqueia com muita facilidade os dentes, tornando-os alvos de neve, sem o mais leve incommodo e sem causar a mais pequena alteração do esmalte —frasquinho, 500 rs.

ANTI-ODONTALGICO — é um magnifico calmante para as **dores e ralvas dos dentes**.

Todo o frasco é acompanhado de instrucções.

Ha tambem pós muito superiores em caixinhas e vasos de 80, 120, 200 e 240 reis. Vendem-se na loja de

J. A. VIEIRA DA FONSECA

Coimbra, Calçada, n.os 72—76.

NUMERO 2657 | SABBADO 11 DE JANEIRO DE 1873 | ANNO XXVI



O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O illustrado ministro da fazenda, no cumprimento dos deveres do seu cargo, apresentou já na camara dos deputados o relatorio de estado da fazenda publica, e as propostas que julgou convenientes para equilibrar a receita com a despeza.

Os sacrificios tem sido grandes, não ha duvida; mas o que se vê da exposição do sr. Antonio de Serpa, é que lutando esta nação ainda ha poucos annos com as difficuldades de um *deficit* annual de cerca de 7.000:000$000 rs., o que nos levava directamente á bancarota, tem ido nestes ultimos tempos gradualmente em diminuição este *deficit*, até que, segundo as propostas agora apresentadas na camara dos deputados, deverá ficar egualada a receita com a despeza no proximo anno economico.

Com razão diz o esclarecido ministro, que ha poucos exemplos em nações estranhas, de um tão rapido melhoramento, como tem experimentado a nossa situação financeira, á custa de sacrificios tão voluntariamente supportados.

E nota ainda o mesmo ministro, que temos melhorado consideravelmente, quasi podemos dizer restaurado a nossa situação financeira, que tinha chegado á beira de uma completa ruina, á custa de sacrificios sim, mas sem que por um momento faltassemos ao religioso cumprimento dos contratos e obrigações do thesouro, sem nenhum dos meios desesperados e violentos, a que nações mais poderosas e adiantadas não têem duvidado recorrer em momentos angustiosos.

Estes meios, a suspensão dos pagamentos, a cobrança antecipada dos impostos, o curso forçado de quaesquer titulos e outros semelhantes, não seriam mais que a bancarota disfarçada. E não só os não empregamos, mas na extensa lista dos recursos legaes, do tributo votado, que é o sacrificio livremente consentido, não lançámos mão dos impostos mais duros e vexatorios, mas largamente productivos, que figuram hoje, ou têem figurado ha muitos annos, nos orçamentos de nações mais poderosas e abastadas.

Como exemplo destes tributos vexatorios, aponta o sr. Antonio de Serpa o monopolio do sal na Suissa, paiz a outros respeitos modello de boa organisação financeira. Em muitos outros paizes o monopolio da venda deste genero engrossa as receitas do thesouro. Na Italia o imposto sobre a moagem, que é uma pesada capitação, faz entrar cada anno mais importantes sommas nos cofres publicos, e é supportada com patriotica resignação. Têem monopolios importantes a França, a Italia e outras nações. E em muitas dellas o cruel imposto de registo sobre as transmissões de paes a filhos, vem affligir as familias no momento mais doloroso da sua existencia.

Felizmente de impostos tão violentos não tem sido preciso lançar mão em Portugal.

Nas propostas agora apresentadas pelo sr. ministro da fazenda, o imposto do real d'agua é reduzido de 10 a 7 reis por cada litro de vinho, vendido por meudo nas terras de 2.ª ordem, 6 reis nas terras de 3.ª e 4.ª ordem, 5 reis nas de 5.ª e a 4 reis nas de 6.ª ordem.

E' reduzido de 50 a 47 reis o imposto de cada litro de bebidas alcoolicas vendidas por meudo.

E' abolido o imposto sobre o azeite, e creado o imposto de 7 reis por litro no vinagre vendido por meudo nas terras de 2.ª ordem, de 6 reis nas terras de 3.ª e 4.ª ordem, de 5 reis nas de 5.ª, e de 4 reis nas terras de 6.ª ordem.

Alem dos mencionados impostos pagarão os mesmos generos o de 3 reis por litro pela venda em grosso.

O imposto sobre o arroz é diminuido de 10 a 8 reis. A venda por miudo fica isenta de fiscalisação. E o arroz em casca pagará metade da taxa.

A proposta do sr. ministro da fazenda reforma o systema da fiscalisação.

E' modificado o imposto de sello, sendo as actuaes penalidades substituidas por multas. O papel sellado será exclusivamente empregado nos papeis judiciaes e letras de cambio.

Os bens dotaes, os pertencentes a menores, e os que constituem patrimonio dos clerigos, ficam sujeitos ao imposto annual de meio por cento *ad valorem*, emquanto não forem legalmente alienados. São exceptuados os titulos de divida consolidada.

Ninguem poderá usar da mercê com que fôr agraciado, nem será esta publicada no *Diario do Governo*, sem que se tenham pago os respectivos direitos.

A contribuição predial no corrente anno é fixada em 1.649:211$000 rs. no continente do reino.

Para extinguir completamente o *deficit* propõe o sr. ministro da fazenda uma taxa complementar de 2 por cento *ad valorem*, sobre as mercadorias despachadas para consumo nas alfandegas, e de meio por cento sobre as que forem para exportação. Na importação o tabaco, o ouro e prata em barra, e na exportação os generos e mercadorias que pagam direito fixo, ficam isentos da taxa complementar.

Em breves dias terá occasião a camara dos deputados de examinar e discutir as propostas do sr. ministro da fazenda. E' de esperar que pondo de parte as questões exclusivamente politicas e pessoaes, tratem todos os membros da camara electiva de empregar os recursos da sua intelligencia na organisação da fazenda publica.

As epocas das agitações politicas já passaram. O que se precisa é que se mantenha o socego publico, e que todos concorram para o melhoramento das nossas finanças.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXXIV

D. FRANCISCO DE LEMOS E A DEPUTAÇÃO PORTUGUEZA

(CONCLUSÃO)

—*Pergunta.* O por que se dirigia a Coimbra sem as devidas participações?

—*Resposta.* O bispo conde estando no actual exercicio do governo do seu bispado e da Universidade, por insinuação que lhe fez o general Junot, foi a Bayona como membro de uma deputação, que n'aquelle tempo se julgou necessario mandar ao imperador dos francezes (officio e passaporte n.º 1 e 2). Vindo pois de França, e entrando n'este reino, que devia fazer? Não parar como succederia, se fosse obrigado a fazer participações á corte da sua entrada; mas ir continuando a sua viagem directamente para ella, a fim de dar conta ao supremo conselho da regencia dos negocios que tratou como deputado nacional, perante o imperador, e seus ministros. Isto é o que parece pedir a natureza de toda a missão, que se faça, a ordem das cousas, e as razões do governo. E isto é o que praticam os embaixadores, e ministros mandados ás cortes estrangeiras a tratar de negocios politicos, quando delles tornam para o reino.

Mas como por outra parte convem, que o governo seja informado do que se passa no reino, em ordem á segurança, e socego publico delle; foi um effeito admiravel da sabedoria dos srs. governadores das provincias, pelos quaes distribuiram nas suas leis a policia geral do reino: conseguindo-se assim saber-se logo na corte a entrada de qualquer ministro nelle, ou seja nacional, ou estrangeiro.

Devendo pois o bispo conde, entrando no reino, não demorar-se, mas sim directamente vir á corte a dar conta da sua missão: para maior clareza da resposta á pergunta, se divide esta em duas: 1.ª Porque se não dirigiu logo que entrou no reino á corte como devia? 2.ª Porque mostrou empenho de dirigir-se a Coimbra?

Quanto á primeira, responde: que todo o seu desejo era cumprir exactamente o dever a que era obrigado de vir directamente á corte. Isto tinha dito ao supremo conselho da regencia na exposição, antes de lhe ser feita a referida pergunta. Isto mesmo disse logo que entrou no reino aos generaes Silveira, e Bacellar, como se vê das cartas n.os 12, 13 e 14. Se não o fez, continuando logo a sua viagem sem interrupção para Lisboa, foi por estar doente, e necessitado de reparar a saude, como era constante n'aquella provincia, e podem attestar os ajudantes d'ordens dos mesmos generaes que sempre o acompanharam; os medicos, que lhe assistiram, e os donos das casas onde se hospedava.

Quanto á segunda responde: 1.º Que Coimbra ficava no caminho por onde devia dirigir-se a Lisboa: 2.º Que em Coimbra tinha a sua casa, os seus bens, e parte da sua familia; e por isso nada era mais natural, e mais conforme á razão, do que desejar elle dirigir-se a Coimbra, não para ahi ficar, ou demorar-se, mas para dispor-se a continuar a viagem, sendo tambem informado das estradas que mais seguras fossem: 3.º Que sendo Coimbra o assento do seu governo ecclesiastico, e tendo elle bispo conde já tido certeza dos estragos, que o seu bispado tinha padecido com a invasão dos francezes, muito devia desejar ir a esta cidade para ahi dar as providencias, que fossem necessarias ao governo da sua egreja e ao bem das almas dos seus diocesanos: para supprir a falta dos seus ministros, que se haviam ausentado para Lisboa na mesma occasião da invasão dos francezes; para evitar as nullidades que estava commettendo no governo della o doutor, que foi nomeado pelo arcebispo primaz, na ausencia dos mesmos ministros; e para ver os modos de reunir os membros da egreja, que se achavam dispersos pelo mesmo motivo da invasão dos francezes.

Devendo, pois, por tantas, e tão grandes razões dirigir-se a Coimbra, foi muito sensivel para elle, que depois de estar dentro do seu bispado e proximo a esta cidade, recebesse insinuações do general Bacellar de vir para a cidade do Porto, por aviso que teve da secretaria da guerra: insinuações que elle bispo respeitou muito, pela auctoridade donde emanavam; mas que por isso mesmo o deixaram mais consternado: porque não eram já cautellas que haviam tido com elle os generaes das provincias, fazendo-o acompanhar em todo o tempo pelos seus ajudantes d'ordens; não eram já meras suspeitas, que esta guarda continua fazia nascer, e espalhar pelos povos: era uma ordem da secretaria d'estado: era uma providencia do governo, que parecia auctorisar aquellas cautellas, e fortificar estas suspeitas. Mas o bispo conde confia na rectidão de tão illuminado governo, que informado da verdade de tudo, lhe f[illegible] que convem.

Porto, 2 de Fevereiro de 1811.

Publicamos a carta que abaixo vae inserida, para satisfazermos ao pedido de um velho amigo.

A nossa opinião a respeito do que nella se trata, já está formulada por varias vezes. Só teriamos de mudar de opinião se os factos nos viessem completamente desenganar. Por emquanto não suppomos os cavalheiros, que compõem a actual camara municipal desta cidade, capazes de praticar o que se aventa.

E' certo que nestes ultimos dias se tem espalhado com insistencia o boato de que a camara rejeitará toda e qualquer representação que se lhe apresentar, a reclamar contra a representação da maioria da associação commercial. Suppomos, porem, que isso é propalado para fazer que não tome maior incremento a representação popular, que se tem andado a assignar pelos habitantes da cidade.

Parece-nos que a carta do nosso amigo foi escripta debaixo dessa impressão.

Seja como fôr, entendemos, que a camara só póde ser julgada pelos seus actos, e não por boatos, mais, ou menos fundados. E' essa a norma que temos seguido, e que nos parece mais racional e prudente.

Eis ahi a carta que nos foi dirigida.

Sr. redactor do *Conimbricense*.

Tenho lido com toda a attenção o que v. tem escripto ácerca da projectada destruição do mercado de D. Pedro V; e confesso-lhe que admiro a sua boa fé em não acreditar que o vandalismo que se premedita seja o resultado de uma transacção eleitoral!

Pois que explicação se havia de dar ao procedimento, que geralmente se diz que vae ter a actual camara municipal, indo abertamente de encontro á representação que quatro dos seus membros fizeram em 1866, pedindo para que o mercado fosse feito onde hoje está?

Desengane-se, sr. redactor, é a politica, mas a politica pessoal, pequena e baixa, aquella que faz pôr de parte a dignidade propria e os interesses do municipio, para satisfazer fatuas vaidades. E' a politica de corrilho, a politica de *penacho*, que despreza e desconsidera os verdadeiros amigos da actual situação, para crear uma clientella de servos e amoucos. E' a politica sem alcance nenhum, que faz transformar os amigos em adversarios.

Para saber dirigir um partido é necessario ter muito bom senso, e é o que se não vê. O que ahi se está presenceando só pode ser agradavel á opposição. Nada mais, e nada menos.

O proposito de acabar com o mercado de D. Pedro V, que ao municipio tem custado muitos contos de reis, ahi está bem patente a todos.

Não vê, o sr. redactor, o abandono em que a camara deixa estar o mercado, correndo até o risco de desabarem os alpendres? Não vê o nauseabundo deposito de estrume junto ao mesmo mercado?

Que significa tudo isto? Só cegos é que o não vêem.

Como amigo que sou de todos os melhoramentos municipaes, estimaria, neste caso, antes enganar-me do que acertar; mas os factos vão-me fazendo perder de todo a confiança na gerencia municipal. Para motivo disso bastaria a celebre e immortal postura, que a camara ha poucos dias publicou, e que merecia ser cantada em prosa e em verso.

Estou quasi sceptico, sr. redactor. E' o resultado que tenho obtido das cousas publicas, no decurso dos meus 70 annos de edade.

Sou sr. redactor,

Um da velha guarda.

COMMUNICADO

Festa em Mouronho

Mais um dia de verdadeiro regosijo, mais uma demonstração de moralisação para os povos da freguezia de Mouronho!

Foi o dia primeiro deste mez, que o exm.º commendador Luiz Candido de Figueiredo Oudinot escolheu para dar mais um exemplo de virtude e religião aos habitantes da sua freguezia!

Tendo previamente mandado reformar a brilhante capella, que tem no seu elegante palacio, conseguiu por isso, com o auxilio do nosso muito digno prelado, *um breve apostolico*, para ter permanentemente o Santissimo Sacramento na referida capella.

No dia 31 de Dezembro findo, foi a mencionada capella benta pelo zeloso e respeitavel arcypreste e prior de Mouronho. E no dia da Circumcisão de Nosso Senhor Jesus Christo teve logar na egreja matriz a costumada festividade da irmandade das Almas, com a devida decencia e apparato.

Finda ella sahiu da egreja uma numerosa procissão, a acompanhar o Santissimo á capella do nosso exm.º amigo, que se achava na maior decencia possivel, gosto e primor d'arte; subindo ao ar no decurso da mesma numerosos foguetes, e tocando na frente a philarmonica Santacombense, dirigida pelo sr. Macedo.

Chegando alli, foi o Senhor exposto no throno, e se conservou a exposição até ás 4 horas da tarde, com a maior decencia.

A esta hora houve *Te-Deum*, a musica vocal e instrumental; e em seguida subiu ao pulpito o reverendo vigario de Coja, fazendo ver ao auditorio como o nosso exm.º amigo dá exemplos de verdadeiro catholico, e como a sua grande fortuna se não emprega nas chimericas vaidades da opulencia, mas sim em actos e obras religiosas e de caridade.

Findo o sermão foi o Santissimo encerrado no sacrario de uma capellinha, especialmente feita com o maior gosto, e em que o sr. Manoel Augusto da Praça, de Taboa, deu uma demonstração de seus conhecimentos artisticos, tanto na pintura como no dourado, seguindo a direcção do nosso exm.º amigo.

Ao escurecer houve grande illuminação no palacio, tocando constantemente a philarmonica até alta noite no terreiro, onde se via immenso povo, cantando e dançando em signal de verdadeiro contentamento.

Em casa do nosso exm.º amigo estavam muitas senhoras e cavalheiros, que alli costumam ir visitar s. ex.ª e sua exm.ª familia por estas occasiões, e todos, sem o esperarem, ficaram maravilhados com uma festividade tão explendida a todos os respeitos.

Sr. redactor, se em todas as terras do nosso paiz houvesse homens como aquelle, que dessem exemplos de religião e caridade, o povo estaria mais crente e submisso, e não acreditaria doutrinas falsas, que tanto mal estão fazendo á religião e causa publica.

D'aqui felicitamos s. ex.ª, e fazendo votos ao Todo Poderoso, para que, com sua exm.ª esposa, thia e filha, tenha prosperos e longos dias de vida, para bem da sociedade, e dos povos daquella freguezia, que tanto lucram com a existencia de tão distincta e virtuosa familia.

Pela publicação destas linhas, lhe ficará muito agradecido o seu antigo

Assignante e amigo obrigado
Taboa, 3 de Janeiro de 1873.

* * *

NOTICIARIO

Chrisma. — Na quinta feira, 16 do corrente, ás 8 horas e meia da manhã, virá o exm.º sr. bispo conde á capella da Misericordia, celebrar missa, ministrar a communhão, chrismar os alumnos e alumnas dos dois collegios dos orphãos, e os mais fieis que o pretenderem.

Concurso. — Está aberto pelo espaço de 30 dias, a contar de 9 do corrente, o concurso para o logar de porteiro da bibliotheca da Universidade, com o ordenado de 240$000.

Azeite. — Regulou hoje o azeite nesta cidade a 1$080 reis.

Recrutamento. — O conselho de estado julgou favoravelmente os seguintes recursos, a fim de que os respectivos mancebos fiquem isentos do serviço do exercito.

CONCELHO DE COIMBRA

Freguezia de Almalaguez — José da Fonseca Novo, por seu filho Manoel.

Freguezia de Sernache — Miguel da Costa Mexilhão, por seu filho Augusto.

CONCELHO DE TABOA

Freguezia de Sampaio — Joaquim Baptista Lourenço, por seu filho Antonio.

CONCELHO DE MONTE MÓR

Freguezia de Liceia — João de Oliveira Rapozeira, por seu filho Manoel.

CONCELHO DE ARGANIL

Freguezia de Arganil — Francisco Travasso, por seu filho Antonio.

Camara dos deputados. — Na sessão do dia 8 o sr. Luiz de Campos apresentou um projecto de lei, assignado por mais alguns deputados, para a construcção do caminho de ferro da Beira pelo traçado do norte do Mondego, segundo a directriz já estudada, comprehendendo uma linha directa da Figueira pela Mealhada até á alta Chã d'Almeida, e ramaes, de Nellas a Vizeu e de Mangualde a Gouvea, aquella na extensão aproximada de 240 kilometros, estes na extensão tambem aproximada de 40 kilometros.

Foi eleita a commissão de fazenda, que ficou composta dos srs. Braamcamp, Carlos Bento, Dias Ferreira, Mamede, Arrobas, Barros e Sá, José de Mello Gouvea, Mattos Correa, Antonio José Teixeira, Placido, e Jayme Moniz.

—Na sessão do dia 9 foi eleita a commissão de administração publica, que ficou composta dos srs. Wanzeller, Rodrigues de Freitas, Eduardo Tavares, Telles de Vasconcellos, Perdigão, visconde de Moreira de Rey, Rocha e Castro, Godinho, e José Pedro Nogueira.

A commissão de legislação ficou composta dos srs. José Luciano, Costa e Silva, Barros e Sá, Silveira da Motta, Ribeiro dos Santos, Ferreira Leão, Mexia, Saraiva, Dias Ferreira, visconde de Moreira de Rey, e Frazão.

—Na sessão de hontem foram eleitos para a commissão de instrucção publica os srs. Lourenço de Carvalho, Geraldes, Mamede, Teixeira de Vasconcellos, Adriano Machado, Antonio José Teixeira, Pinheiro Chagas, Jayme Moniz, e Alves Passos.

E para a commissão de obras publicas os srs. Lourenço de Carvalho, Palma, Pedro Roberto, Falcão da Fonseca, Carlos Ribeiro, Joaquim Lobo d'Avila, e Placido.

Fallecimento. — Por noticia telegraphica de Inglaterra, consta que fallecera o ex-imperador dos francezes, Napoleão III.

O café. — O uso desta bebida é hoje popularissimo. Houve porém porfiadas luctas, primeiro que se generalisasse, e moveu-se-lhe guerra encarniçada, como ao tabaco, ao chá, e a outras plantas. A chimica descobriu na composição deste fructo, além de um principio immediato, a cafeina, uma substancia balsamica muito aromatica, oleos empyreumaticos e diversos saes. Todos estes principios explicam as qualidades do café, e a conveniencia de o torrar, para lhe destruir pelo fogo os compostos nocivos, e desenvolver-lhe o aroma balsamico.

Em todos os povos cultos é hoje extremamente apreciada esta saborosa bebida, e as suas virtudes são geralmente reconhecidas por todas as classes da sociedade. O café é um alimento sadio, um excitante do systema nervoso, um auxiliar da digestão, o licor dos sabios, e a alegria do povo. De dia para dia cresce o culto que se presta a este liquido delicioso e perfumado, erigindo-se-lhe sumptuosos estabelecimentos, onde os consumidores sorvem pela boca e pelo olfacto delicias inefaveis, afugentam cuidados e tristezas, e disfrutam uma suavissima bemaventurança moral e intellectual.

Infelizmente o verdadeiro café da Arabia e da America vae sendo substituido por falsos e insipidos competidores, taes são o grão de bico, a cevada, os tremoços, o trigo e outras plantas. Esta fraude é hoje vulgarissima, e muita gente consome estes e outros fructos, depois de torrados, com o titulo de café.

Ha um fructo, a lande ou bolota doce, que depois de torrada e moida póde substituir com vantagem o café. Muita gente tem feito a experiencia, e affirma, que este fingido café é mais innocente, menos irritante, não menos nutritivo e fortificante, e da mesma fórma suave e agradavel ao paladar e ao olfacto. A estas razões accresce ainda ser muito mais economico, e essencialmente portuguez. O que é certo, é que muitos medicos aconselham o uso desta especie de café, principalmente misturado com uma pequena porção de verdadeiro café, para os almoços das creanças, e para as pessoas que soffrem dores do estomago e de cabeça e certas irritações nervosas. Em França é muito usado o café de bolotas torradas.

Luz artificial. — Durante as longas noites de inverno somos obrigados a usar por muitas horas desta especie de illuminação. A luz do azeite, sendo puro, é a preferivel a todas, porque é a menos vacilante e desegual, e como tal menos fatiga a vista, fazendo além d'isto pouco fumo e exhalando pouco cheiro. A luz do petroleo é muito menos innocente, e mais perigosa para a saude, attendendo a todas estas circumstancias, embora seja mais clara e brilhante.

A luz do gaz hydrogenio carbonado é a mais bella e pura de todas, quando o gaz é bem purificado, mas a sua grande intensidade e continua oscillação cança e deteriora a vista; por isso se emprega de preferencia para illuminar espaços amplos, como ruas, praças publicas, grandes salas, etc. Depois da luz do azeite, seguem-se pela ordem da sua utilidade as da cera, espermacete e stearina, sendo a peor de todas a do cebo, porque é a que produz mais fumo e mau cheiro, o que muito irrita, inflamma os olhos e produz dores de cabeça.

Trovoadas. — Durante as trovoadas devemos fugir da visinhança das arvores e de edificios elevados, e não convém correr contra os ventos. Dentro da casa cumpre evitar a proximidade de metaes, de corpos humidos, de paredes, e de todas as substancias conductoras da electricidade. O logar preferivel é no centro de uma sala, sobre tapetes de lã, e com o corpo envolvido em cobertores, ou com tecidos de seda. E' mau systema abrir as portas e janellas, por onde entrem correntes de ar; e é um erro tocar os sinos, não obstante a crença do povo em contrario.

As tartarugas. — São bem conhecidos estes animaes pelos escudos osseos, que lhes servem de armadura defensiva. Não obstante o seu aspecto extravagante, e pertencerem á mais nojenta e repugnante classe zoologica, os reptis, os povos antigos consideravam as tartarugas como o symbolo do recato e compostura, qualidades que devem andar sempre inseparaveis da belleza.

Phidias representou no marmore uma figura da tartaruga, collocando-a aos pés da formosa estatua de Venus. Os japonezes ainda adornam com figuras similhantes os palacios dos reis e até os templos dos deuses. Escavações archeologicas tem descoberto medalhas antigas e objectos de barro com a imagem destes animaes.

Os mares mais povoados de tartarugas são os dos tropicos, e a sua pesca póde fazer-se por varios modos, e em geral é facil, curiosa e sem perigo. A carne destes animaes é saborosa e saudavel. Muitos povos dão grande apreço á sopa de tartaruga, e os inglezes são os maiores amadores. As laminas que se extraem das conchas prestam-se a muitos e variados usos, não só em objectos de luxo, mas de commodidade. Os romanos adornavam com ellas os moveis de maior valor, e até as portas e columnas dos palacios. Hoje ainda se emprega a concha da tartaruga para fazer pentes, cobrir cofres, caixas, leitos, mesas e muitos outros objectos.

Sociedades de temperança. — Tem sido altamente benefica a influencia destas associações nos Estados-Unidos da America. Foi em Boston que se fundou em 1813 o primeiro instituto desta ordem, seguindo-se logo muitos outros, em que se alistaram pessoas de todas as classes.

O primeiro meio de que lançaram mão estas sociedades, foi a publicação de brochuras, em que se demonstravam com toda a evidencia os funestos effeitos da intemperança e de embriaguez. Dentro em poucos annos, organisaram-se 8:000 sociedades, compostas de perto de 2 milhões de individuos, que renunciaram ao uso das bebidas alcoolicas. Com esta reforma coincidiram os seguintes resultados: a mortalidade diminuiu; os asylos de mendicidade foram-se despovoando; os crimes tornaram-se menos frequentes; a ruina de muitas casas cujos chefes se embriagavam, tornou-se mais rara; melhorou o regimen e socego das familias; e muitas molestias diminuiram consideravelmente, com especialidade as affecções chronicas do estomago, a gotta e outras enfermidades.

Pauperismo. — Sobe a muitos milhões o numero de mendigos, que vivem á custa da caridade publica em todos os povos cultos, e infelizmente esta enfermidade social augmenta todos os dias com os progressos da civilisação. A Inglaterra é exemplo frisante nesta questão.

Parece averiguado que o numero de pobres em relação ao da população de cada paiz é o seguinte: Na Inglaterra 1 pobre para 6 habitantes; França 1 para 18; Allemanha 1 para 20; Italia 1 para 20; Hespanha 1 para 25; e Portugal 1 para 25.

Não pode comtudo affiançar-se a exactidão destes numeros, porque o pauperismo varia consideravelmente de anno para anno por effeito de mil causas. Em todo o caso, o nosso paiz é um dos mais poupados nesta calamidade.

A festa do burro. — Celebrava-se antigamente na Italia uma festa assim chamada, em memoria da viagem da Santa Virgem e Menino Jesus para o Egypto. Tambem se fazia em França, escolhendo-se a rapariga mais bonita da terra, que montada em um burro primorosamente arreado, com um menino nos braços, entrava a cavallo pela egreja dentro, seguida de muitos padres, cantando-se em seguida uma missa solemne.

Camara municipal. — Na sessão ordinaria de 2 do corrente, sob a presidencia do sr. Dr Lourenço de Almeida Azevedo, estiveram presentes os vereadores Reis, Ferraz e Cabral. Foi aberta a sessão ao meio dia.

Foi lido um officio do chefe da 2.ª secção do caminho de ferro, participando que a camara deve tratar sobre a acquisição do terreno do kilometro 210,046, com o representante do marquez de Salamanca, o sr. Alexandre Fillol, residente na Barquinha, e que em quanto á do kilometro 210,300, a companhia espera auctorisação do governo. — Que se officiasse ao referido Fillol, convidando-o a assignar o contracto d'expropriação e receber o preço convencionado.

Despachados os requerimentos das partes, foram tomadas as seguintes deliberações.

Foi encarregado o vereador Ferraz da compra dos paramentos necessarios para a capella do cemiterio.

Informaram-se favoravelmente dois requerimentos, pedindo subsidios para alimentação de menores.

Na conformidade da lei de 9 de Maio de 1872 e regulamento de 30 de Agosto do mesmo anno, foi dentre os 10 maiores contribuintes sorteado o cidadão Antonio Rodrigues Pinto para assistir com a junta dos repartidores á resolução das reclamações sobre a contribuição sumptuaria.

Foi levantada a sessão ás 2 horas da tarde.

Transferencia. — O nosso prezado amigo o sr. bacharel Antonio Alberto Torres Carneiro, delegado do procurador regio na comarca da Louzã, foi transferido para identico logar n'uma das varas do Porto.

ROTEIRO DA JORNADA DE BORDEUS ATÉ ESTA CIDADE DO PORTO, COM A NOTICIA DE TUDO O QUE ME ACONTECEU NELLA

Setembro de 1810

A 15 sahi de Bordeus, ás 11 horas da manhã, e vim dormir a Bazaz, e d'aqui a Tartaz. Daqui a Bayona, onde me demorei até o dia 26 inclusivé, para poder achar cocheiros e arrieiros hespanhoes, e não francezes. A 27 sahi de Bayona, e vim dormir a S. João da Luz, e a 28 vim dormir a Irun primeira villa de Hespanha; e tendo sido até aqui acompanhado só pela minha familia para poder continuar a jornada com segurança, foi necessario unir-me ao regimento de cavallaria do barão do imperio, Mr. de Montesquieu, coronel do mesmo regimento. A 29 sahi d'Irun e vim dormir a Arnany, onde fui visitado pelo mesmo coronel Mr. Montesquieu; d'aqui vim a Tolosa, onde paguei a visita ao dito coronel que ahi ficou.

Outubro do mesmo anno

No primeiro dia sahi de Tolosa, junto a uma escolta de conducções, que vinha para Victoria, commandada por um tenente coronel; vim dormir a Villa Franca; e d'ahi a Villa Real; daqui a Mondragão, e de Mondragão á Victoria, aonde cheguei doente; sendo por isso necessario demorar-me até o dia 6 inclusivé. Achava-se aqui governando o general Drouet, que no dia seguinte á minha chegada foi visitar-me com o seu estado maior; mas então ainda se não sabia que elle vinha commandar o reforço contra Portugal: paguei-lhe a visita.

Sahi de Victoria a 7, junto a um regimento de infanteria, que ia para Madrid, passando por Burgos. Fui visitado pelo coronel, e paguei-lhe a visita em Burgos. Vim dormir a Miranda do Ebro, e d'ahi a Barbiesca: e d'esta a Burgos, donde não poude sahir senão no dia 15, para não expor-me a ser assaltado por guerrilhas de soldados desertores, que infestavam a estrada.

Fui aqui visitado pelo general conde d'Orsene, a quem paguei a visita.

Fui tambem visitado pelo cabido d'aquella metropole, ao qual correspondi, e visitei o arcebispo, que se achava doente, e me tinha visitado quando passei para França.

No dia 15 sahi de Burgos, unido á escolta que acompanha o thesouro, pertencente ao exercito de Massena, commandada por um tenente coronel, ajudante d'ordens do general Quesnel, e vim dormir a Sellada del Campo. D'aqui vim dormir a Vilrodrigo; e d'aqui a Torquemada.

No dia 18 sahi de Torquemada e vim dormir a Valladolid, onde me demorei até o dia 23 inclusivé, pela mesma razão de não expor-me aos perigos da estrada. Aqui fui visitado pelo bispo d'aquella cathedral, a quem correspondi.

Achavam-se n'esta cidade os marquezes de Valença e de Loulé, e os condes de Sabugal, e S. Miguel, que me visitaram, e paguei-lhes a visita no dia seguinte.

Todos estes sahiram de Valladolid para Salamanca, dois dias deante de mim.

No dia 24 sahi de Valladolid, com a mesma escolta do thesouro, e vim dormir a Tordesilhas; d'aqui a Toro, e de Toro a Fonte Sânco.

A 27 vim dormir a Salamanca, onde cheguei malestado, sendo necessario demorar-me até ao dia 5 de Novembro inclusivé, para restabelecer-me. Fui visitado pelo general que alli governava, e tambem pelo cabido d'aquella cathedral, aos quaes correspondi. Egualmente me visitaram os sobreditos marquezes e condes, a quem não paguei a visita, porque no dia seguinte partiram para Ciudad Rodrigo.

Novembro do mesmo anno

A 6 sahi de Salamanca, só com a minha familia, pela estrada não militar, e sem vir junto a escolta alguma, até Ciudad Rodrigo, e vim dormir a Aldiguella de Lahobeda; e daqui a Ciudad Rodrigo, onde cheguei pelas 10 horas da noute, e para recolher-me foi necessario bater á porta da praça, a qual o commandante veiu abrir, depois dos devidos reconhecimentos. Fiquei dentro da cidade aquella noute.

Fui visitado pelo governador, a quem paguei a visita, e tambem pelos marquezes de Valença, e Ponte de Lima, e pelos sobreditos condes, aos quaes não pude pagar a visita, porque nessa tarde sahi da praça para o arrabalde onde dormi.

Demorei-me um dia para informar-me de algum caminho, que me conduzisse a Portugal, sem ser por Almeida, ou outro logar, onde estivesse tropa franceza, descobrindo para esse fim um sapateiro portuguez, chamado Antonio José, natural de Nave d'Aver, o qual me serviu de guia. Aqui despedi um cozinheiro francez, que me foi necessario trazer de Bordeus.

Devo advertir, que supposto por motivos de segurança vim pela maior parte unido a tropas e comboios francezes, e recebi, e paguei actos de civilidade, nunca me vali dos generaes e commandantes para alojamento ou outra qualquer cousa; antes quando elles me offereciam alojamento, nunca lho acceitava.

No dia 9 sahi de Ciudad Rodrigo, e vim dormir a Nave de Aver (distante tres leguas d'Almeida) onde entrei de tarde, conduzido pelos mesmos cocheiros e arrieiros hespanhoes, com que tinha sahido de Bayona, e com a minha familia, toda portugueza, á face do parocho d'aquella freguezia, em casa de quem me alojei, e de toda a povoação d'aquelle logar.

Cheguei aqui muito doente: demorando-me por esse motivo os dias 10 e 11, durante os quaes fui reconhecido por duas companhias d'ordenanças, a de Villar Maior, e outra; e como pela proximidade das fronteiras de Hespanha não me julgava em plena segurança, logo que senti um pequeno allivio, continuei a minha jornada, com tenção de dirigir-me a Celorico, para alli restabelecer-me, e depois cumprir os meus deveres para com o supremo conselho de regencia, e para com os generaes que governavam, e commandavam aquella provincia.

Sahi a 12 de Nave d'Aver, sómente com a minha familia, e vim dormir a Vismulla, e d'aqui a Rixoso. A 14 sahi de Rixoso, e por ter encontrado no dia antecedente á Ponte do Côa, o ajudante d'ordens do general Silveira, Antonio José Claudino d'Oliveira Pimentel, por conselho, e insinuação d'elle vim dormir a Alverca, e d'aqui á Povoa do Conselho, donde sahi a 16 e vim dormir á Quinta do Ferro, e d'aqui ao Granjal; e a 18 vim dormir a Moimenta da Beira, sendo eu aqui acompanhado pelo sobredicto ajudante d'ordens, e chegando muito doente, por ter sahido de Nave d'Aver mal convalescido, e ter assim continuado a minha marcha no meio de grandes trabalhos e incommodos; foi preciso demorar-me até o dia 2 de Dezembro inclusivé.

Nesta villa escrevi ao tenente general Manoel Pinto Bacellar, e respondi, que me tinha escripto o general Silveira; e chegando o ajudante d'ordens do mesmo tenente general Bacellar, Francisco d'Assis de Lemos Alvellos, com o fim de acompanhar-me, continuei a minha jornada.

Dezembro do mesmo anno

A 3 sahi de Moimenta, e vim dormir a Castello de Ferreira d'Aves, e d'aqui a Vizeu, e d'esta cidade a Tondella; d'aqui a Mortagua, e d'aqui á Mealhada, dirigindo-me assim a Coimbra, onde se achava o tenente general Bacellar, e Trant com a sua divisão, a fim de refazer-me dos meios necessarios para continuar a minha jornada para Obidos e Lisboa, como me tinha insinuado o dito general, e tambem para dar algumas providencias sobre o governo do meu bispado.

Tendo porem chegado ordem da secretaria de estado dos negocios da guerra, para o dito general me insinuar, que viesse para o Porto, tomei logo esta direcção, acompanhado do mesmo ajudante d'ordens do general Bacellar e aqui me acho.

SEGUE-SE O ROTEIRO DA JORNADA DE LISBOA PARA BAYONA, DO QUAL SÓ SE COPIA O MAIS INTERESSANTE

A 17 de Março de 1808, embarquei para Aldea Gallega, com a minha familia, e continuei a minha viagem por Vendas Novas, Arraiolos, Estremoz a Badajoz; d'aqui a Merida, Miaja e Truxillo, aonde me encontrei com o visconde de Barbacena, e ambos continuamos a jornada até Bayona.

De Truxillo fui á Ponte d'Almarás, á Calçada de Oropeza, Talavera de la Reyna, Santa Cruz, e Madrid; aqui me demorei a visitar o embaixador de França, e o principe Murat, assim como tinham feito outros deputados.

No dia 30 sahi de Madrid e fui dormir a Alcovendas, e d'aqui a Butrago. No 1.º de Abril continuei a minha jornada até Bayona, aonde não me aproveitando da aposentaria que se havia preparado para todos os deputados, aluguei uma casa em que me alojei com a minha familia, e principiei a occupar-me no officio e nota n.ºs 3 e 4, e em tres dias os remetti a D. Lourenço de Lima, presidente da deputação.

A 14 chegou o imperador; e a 16 deu audiencia á deputação portugueza. A 29 fui no corpo da deputação a um jantar, para o qual a convidou Mr. Champagny, e a outro a que convidou Mr. Castellani, prefeito d'aquelle departamento.

A 30 passei com a deputação a Bordeus, na forma das insinuações do imperador, e ahi me alojei só com a minha familia, no hotel de Etoile, e me occupei a fazer o discurso n.º 7, e preparando-me para quando voltasse o imperador e quizesse tratar dos negocios de Portugal, succedeu que passando elle em Agosto, e admittindo a deputação á sua presença, nada mais lhe disse, que estivesse socegada, que por ora não podia retirar-se para este reino, por causa dos movimentos da Hespanha. Não entrei n'esta audiencia por ter chegado tarde.

N'esta mesma occasião, os mais membros da deputação representaram ao ministro das relações exteriores, que visto não poderem voltar para Portugal, e achar-se a communicação interrompida, fosse S. M. I. servido mandar-lhes contribuir com os meios necessarios para a sua subsistencia em França.

Nisto não entrei eu, nem sube de nada senão depois; e sendo de differente opinião, não quiz aceitar os soccorros que se me offereceram, e dei a este respeito providencias como consta da carta que a este respeito escrevi a D. Lourenço de Lima, datada de 14 de Outubro.

Nota que serve de illustração ao § 3.º da exposição

O principal objecto da deputação, não foi pedir ao imperador que fosse rei de Portugal, como tem dito algumas pessoas mal informadas: mas sim de tratar perante elle da conservação da inteireza do reino; da reintegração da amisade e harmonia entre o imperador e o principe regente; da vinda do mesmo senhor e sua real familia para Portugal; e não podendo isso verificar-se, da vinda do principe da Beira, seu filho, e do casamento com uma princeza da familia imperial. Taes foram os principaes objectos da negociação que tratou perante o imperador.

A deputação esperava que prestando-se o imperador ao que ella propunha, não deixaria o principe regente de tornar para Portugal, ou de mandar o principe da Beira, seu filho, porque assim se reintegrava a monarchia portugueza, e cessavam as discordias entre os dois soberanos. Mas porque podia succeder que S. A. R. não viesse, e nem mandasse seu filho, e por isso o imperador, ou unisse o reino a França, ou á Hespanha, ou o dividisse em pequenos estados, para serem regidos por differentes dynastias; a deputação, considerando que em qualquer d'estes estados a nação perdia a sua existencia politica, e ficaria sujeita a grandes males, julgou melhor acautelal-os, propondo ao imperador, que não vindo S. A. R., sendo convidado por elle, e nem mandando seu filho a continuar a successão do throno, fosse elle rei de Portugal, assim, e da maneira que tinha sido Filippe II rei, de Castella, isto é, conservando sua constituição, suas ordens, suas leis, seus costumes, liberdades, etc.

Vê-se pois, que a deputação não procurava por meio desta preposição feita ao imperador, eximir a nação da obediencia do seu principe natural e senhor, mas sim salval-a da ruina que lhe estava imminente, julgando a sujeição ao imperador preferivel a todo outro destino que elle pretendesse dar-lhe, para assim ficar conservando a sua inteireza, e no mesmo estado em que ficou pela occupação de Philippe II.

Do que se vê que a deputação, longe de offender os direitos de S. A. R., não procurava senão pôr-se em estado de poder em conjunctura favoravel restabelecel-os, assim como se fez no tempo da acclamação do sr. rei D. João IV.

Empregado honesto e honradissimo, de um comportamento irreprehensivel, integerrimo no cumprimento dos seus deveres, eis os predicados, que até hoje o tem distinguido no espinhoso logar que occupa, e lhe tem feito captivar a amisade de todos os seus conterraneos, por quem este cavalheiro tem sido sempre com razão estimado.

Felicitando pois o illustre ministro da justiça, e bem assim os habitantes da cidade invicta, por tão acertada escolha, permitta-se-nos tambem que d'aqui enviemos um aperto de mão ao nosso estimavel amigo, folgando que no Porto, para onde acaba de ser transferido, continue a gozar do alto conceito que nos merece, e que só tem por fundamento o seu incontestavel merecimento.—Coimbra, 10 de Janeiro de 1873.—*N. V.*

Despachos.— Foi promovido a lente proprietario da cadeira de Philosophia da Universidade o sr. dr. Julio Augusto Henriques, e nomeados preparadores de anatomia pathologica da mesma Universidade, o sr. Ignacio Rodrigues da Costa Duarte, e de anatomia normal o sr. Manoel Justino Azevedo.

Mais despachos.— Foi nomeado alferes mór do reino o sr. marquez de Sabugosa.

Foram nomeados cavalleiros da ordem de Christo os srs. José Pereira Pinto Botelho Cerveira, D. José Corona, e Dias Martinez: da ordem da Conceição o sr. Augusto Olmet: de Aviz o sr. Antonio Maria Ribeiro da Costa Holtreman: agraciado com a commenda da Conceição o sr. Manoel José Magalhães, subdito brasileiro: nomeado secretario geral do governo civil de Leiria o sr. Custodio Joaquim Freire.

Foi reconduzido o juiz do tribunal de commercio do Porto, o sr. José Pereira.

Foram nomeados juizes: de Idanha a Nova o sr. Fonseca Pinto, e da ilha das Flores o sr. Asevedo Coutinho.

Foram transferidos: o delegado da 6.ª vara da comarca de Lisboa para a 4.ª, o da 1.ª vara do Porto para a 6.ª de Lisboa, o de Macedo de Cavalleiros para a Louzã, o de Figueiró dos Vinhos para Cavalleiros, o de Moimenta da Beira para o da Guarda e o da ilha de Santa Maria para Moimenta da Beira.

Foram nomeados delegados: para Figueiró dos Vinhos o sr. Augusto Maria da Costa e para a ilha de Santa Maria o sr. Joaquim de Mello Ribeiro Pinto.

Reparação.— Foi perdoada a pena e reintegrado nos direitos civis e politicos o reu João Silverio, injustamente condemnado a degredo perpetuo.

Concursos. — Está aberto concurso para o provimento das egrejas parochiaes de Fontoura, na diocese de Lamego; da Marinha Grande, diocese de Leiria, e de Trancoso, na diocese de Pinhel.

Tambem estão abertos concursos para officiaes de justiça em todas as relações.

Noticias da India. — As noticias da India dão conta de atrocidades commettidas por alguns salteadores, notando-se entre outras as seguintes:

Na noite de 20 de Novembro, uma quadrilha de bandidos assaltou as aldeias Anvalem e Anvém e arrebataram de algumas casas sete locatarios, assassinando-os depois barbara e atrozmente. Depois daquella quadrilha haver commettido estes crimes, introduziu-se nos mattos e não deixou vestigios por onde podesse ser procurada; comtudo as auctoridades, sabendo de taes atrocidades, mandaram forças em sua perseguição, mas foram completamente baldados os esforços. Dias depois a mesma quadrilha de bandidos esteve no pagode Zambaulim, onde adoraram o seu deus, pedindo-lhe perdão dos crimes e offerecendo-lhe oblatas, e quando se retiraram dispararam um tiro. E' singular.

Interpellação.—O sr. deputado Saraiva de Carvalho mandou para a mesa um requerimento, pedindo pelo ministerio do reino os seguintes documentos:

1.º Copia do auto de investigação a que se procedeu por parte da policia na busca dada em casa do cidadão Pedro Rocha.

2.º Copia da exposição entregue pelo mesmo cidadão em 9 de Novembro de 1872 ao governador civil de Lisboa.

3.º Copia da informação dada pelo commissario de policia Vieira Caldas a proposito daquella exposição.

4.º Copia da informação do governador civil de Lisboa, que deve ter acompanhado aquelles documentos, quando remettidos para o ministerio do reino.

5.º Copia do requerimento ou memoria que o cidadão Rocha apresentou no ministerio do reino ácerca dos vexames que diz terem-lhe sido feitos na busca dada em sua casa pela policia.

6.º Copia das instrucções sobre buscas, expedidas em Dezembro de 1872 aos commissarios de policia pelo governador civil de Lisboa.

7.º Copia dos depoimentos escriptos que existam no commissario da 2.ª divisão policial, que indiquem ser o cidadão Pedro Rocha auctor do roubo, em virtude do qual foi dada busca em sua casa pela policia.

ANNUNCIOS

1 JOSÉ MARIA SIMÕES LEITE, negociante desta cidade, faz publico, que não empresta dinheiro sobre penhores.

Coimbra 10 de Janeiro de 1873.

Sem competidor

2 ANTONIO DOS SANTOS, com loja de esparteiro no fundo da rua dos Gatos, em Coimbra, faz publico, que tem um grande sortimento de capachos, tanto para pés, como para guarnecimento de salas, brancos e pintados a côres finas; tambem os faz abertos para entradas de casas, muito proprios para as lamas, assim como de malha, redondos e compridos, proprios para os altares das egrejas. Tambem se incumbe de forrar salas ou quartos a esteira fina, tanto a branco como a côres, tudo por preços commodos.

PROTECTORA

COMPANHIA DE SEGUROS DE REMISSÃO DO RECRUTAMENTO MILITAR

Sociedade anonyma, responsabilidade limitada.

Capital 640:000$000

Agentes em Coimbra

GAVICHO & C.ª

Largo das Olarias n.º 11

Rifa importante

4 VÃO RIFAR-SE 20 objectos de valor, sendo um dos premios 24 fardamentos para uma philarmonica, o qual está quasi novo, e é composto de calça de panno fino escarlate; de casaco de panno azul com alamares de retroz amarello—cinto de seda com feixos dourados—charlateiras de metal dourado—barretina guarnecida e com pluma de pita encarnada e chapa dourada.

E' um dos mais ricos fardamentos que se tem feito para philarmonicas, tendo sido o seu custo superior a 1:000$000 reis. Os outros premios são: um excellente bilhar de pau preto, marchetado, e com os seus pertences; um rico relogio de ouro que trabalha em diamantes; objectos de ouro e prata, colchas de damasco, etc.

O valor dos 20 premios, é de 750$000 reis, em 5:000 bilhetes a 150 reis. Quem quizer bilhetes desta rifa, pode dirigir-se pelo correio em carta ao sr. Ambrosio dos Santos Victor—Aveiro—largo da Vera-Cruz, enviando-lhe o importe dos bilhetes que pretender, em estampilhas ou sellos.

Quem, porem, quizer fazer a acquisição de bilhetes, não deve demorar o pedido, porque a rifa effectuar-se-ha logo que estejam distribuidos, o que não levará muitos dias. Os 20 premios pertencerão aos 20 numeros mais premiados d'uma loteria proxima da Santa Casa da Misericordia de Lisboa; cuja extracção será previamente annunciada neste jornal.

AGRADECIMENTO

5 O CONSELHEIRO JOSE' ERNESTO DE CARVALHO E REGO e sua sobrinha D. Maria Rachel Ernesto de Carvalho, extremamente penhorados para com as pessoas da sua amisade, pelas demonstrações de consideração e estima que lhes deram durante a grave enfermidade de sua cunhada e mãe D. Maria Jose Ferreira Cardoso, vêem por este modo agradecer, em quanto o não podem fazer pessoalmente, protestando a todos eterna gratidão.

6 VENDEM-SE tres mesas com o tampo de marmore. Rua do Visconde da Luz, n.º 104-106.

7 ACABA de sair á luz a 8.ª edição, mais correcta e augmentada, do **Compendio da historia para uso das escolas,** pelo sr. dr. João Antonio de Sousa Doria. 2 volumes, 1$200.

Vende-se em casa de José Augusto Orcel, editor, na rua das Fangas.

AGRADECIMENTO

8 ALEXANDRINA ROSA, summamente penhorada para com todas as pessoas que se dignaram obsequial-a durante o longo padecimento de seu fallecido marido, e mesmo na occasião do seu fallecimento, vem por este meio a todos protestar a sua eterna gratidão, e com especialidade aos dignos facultativos os illm.os srs. Dr. João Augusto de Almeida Araujo Pinto e Dr. Ignacio da Costa Duarte, e bem assim a todas as pessoas que se tem dignado obsequial-a com alguns soccorros, para minorar a sua infeliz sorte.

DANTAS GUIMARÃES

26—Rua do Visconde da Luz—30

Grande abatimento

9 EXCELLENTES ESGUIÕES e panno familia, para camisa, de 120, 130 e 140 rs. o metro, lãs para vestido de 180, 200 e 240 rs. o metro; capas modernas para senhora, etc., etc.

Muita attenção

10 NA RUA DE QUEBRA-COSTAS, n.º 49, mora uma familia, que trabalha em obras de roupas brancas, de pessoas d'ambos os sexos, fazendo-as de novo, e concertando-as, e tudo por preços rasoaveis. Quem quizer ter a bondade de se utilisar do seu prestimo, póde alli dirigir-se para o dito fim. Janeiro de 1873.

11 A CAMARA MUNICIPAL DE COIMBRA tendo de mandar proceder á renovação dos covatos no primeiro leirão á direita da entrada do cemiterio da Conchada, na forma do artigo 16 do respectivo regulamento, avisa todos os que queiram remover para sepultura propria os restos mortaes alli depositados ha mais de 5 annos, a fim de apresentarem nesta secretaria seus requerimentos, dentro do prazo de 15 dias, a contar da data do presente, findos os quaes não serão admittidas reclamações algumas, e se dará cumprimento ao artigo 17 do dito regulamento.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 11 de Janeiro de 1873.

O secretario,

Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

12 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchaqueca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alcuto, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

E ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid, —Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de lata de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kilo 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kilo 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força nos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28: Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Farnco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2658 | TERÇA FEIRA 14 DE JANEIRO DE 1873 | ANNO XXVI



O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Um dos estabelecimentos de caridade mais importantes desta cidade é sem duvida o hospital. Os serviços que alli se prestam á humanidade enferma, são valiosissimos. Sem os soccorros daquella casa, um numero extraordinario de desvalidos falleceriam ao desamparo.

As reformas e melhoramentos que tem sido adoptados nestes ultimos annos, sob a esclarecida direcção do sr. Dr. Antonio Augusto da Costa Simões, são da maior importancia, e tem feito com que o hospital da Universidade, apesar do muito que ainda falta a effectuar, seja já hoje considerado como um dos melhores do reino.

As difficuldades a vencer tem sido grandes; porque os rendimentos não chegam para a avultada despeza que ha a fazer com este grandioso estabelecimento.

O augmento sempre crescente do preço das subsistencias, é uma das causas da maior despeza; e o mesmo acontece com o pessoal empregado no hospital, que é agora mais numeroso do que antigamente.

Houve tempo em que na enfermaria das mulheres havia apenas uma enfermeira e tres criadas, para tratarem de 92 doentes! E' claro que o serviço havia de ser incompleto, á custa dos enfermos.

Presentemente já não ha a antiga repugnancia em ir para o hospital, porque alli são tratados os doentes com todo o carinho, tanto pelos dignos clinicos, como pelos zelosos empregados subalternos.

No edificio tem-se feito obras importantes, e muitas outras estão em projecto para se levarem a effeito, á proporção que houver meios para ellas.

Têem contribuido generosamente para estas obras alguns dos nossos patricios residentes no Brasil; e espera-se um avultado donativo para se poderem continuar as obras já começadas.

O hospital de Coimbra póde vir a ser um hospital modello, se para esse fim concorrerem os poderes publicos, e as pessoas dotadas de amor da patria e da humanidade.

O hospital tem capacidade para se desenvolver. O que falta são meios para se poder adaptar em todas as suas partes aquelle grandioso edificio ao destino para que é applicado.

A lavandaria está já sendo um auxiliar muito valioso do hospital; tanto na promptidão como na perfeição com que se lavam as roupas.

Em fim havendo boa vontade e perseverança muito se póde conseguir.

Entre outras reformas adoptadas, é a ultima a organisação de um regulamento dos quartos particulares.

Esse regulamento é o seguinte:

Tomando em consideração a proposta do administrador geral dos hospitaes e estabelecimentos annexos da Universidade de Coimbra;

Tendo em vista o disposto no artigo 4.º, n.º 4.º, artigo 7.º, n.º 3.º, e artigo 21.º do decreto de 22 de Junho de 1870;

Conformando-me com o parecer da junta consultiva de instrucção publica;

Hei por bem approvar o regulamento dos quartos particulares dos referidos hospitaes da Universidade, que faz parte deste decreto, e baixa assignado pelo ministro e secretario de estado dos negocios do reino, que assim o tera entendido e fará executar.

Paço, em 7 de Janeiro de 1873.—REI—*Antonio Rodrigues Sampaio.*

Hospitaes da Universidade de Coimbra

REGULAMENTO DOS QUARTOS PARTICULARES

Artigo 1.º Dividem-se em tres classes os doentes admittidos nos hospitaes da Universidade, mediante pagamento. Os de 1.ª classe pagam 1$200 réis diarios, os de 2.ª class 700 reis, e os de 3.ª classe 240 reis diarios.

Art. 2.º Os doentes de 1.ª e 2.ª classe são tratados em quartos particulares, e os de 3.ª classe nas enfermarias (portaria do ministerio do reino de 11 de Dezembro de 1871).

Art. 3.º Para os quartos particulares ha roupas e louças especiaes, as mesmas para os de 1.ª e 2.ª classe, que nunca servem para outros doentes; e a mobilia destes quartos, que tambem lhes é privativa, tem a seguinte differença: para os de 1.ª classe, moveis de murta ou mogno, que se compõem de uma cama ingleza, mesinha de cama, caixa de retrete, lavatorio, commoda secretaria, toucador, mesa de jantar, cadeira-leito, longue-chaise, e as cadeiras correspondentes á capacidade do quarto; e para os quartos de 2.ª classe, as mesmas peças de mobilia, menos cadeira-leito. Nestes quartos de 2.ª classe o leito é de ferro; os outros moveis são de nogueira ou cerejeira, e em logar da commoda-secretaria tem uma commoda mais pequena ou meia commoda.

Art. 4.º As dietas para os quartos particulares são cozinhadas em marmita especial mas sujeita á tabella geral do estabelecimento, sem prejuizo do arbitrio que sempre fica ao clinico de lhe fazer as alterações que julgar convenientes, segundo as exigencias da molestia e dos habitos do doente.

Art.º 5.º É permittida aos doentes a escolha do clinico que os hade tratar dentre os ordinarios ou extraordinarios que se acharem nessa epocha em serviço effectivo; mas depois de começado o tratamento com um certo facultativo não lhes é permittida a escolha de

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXXV

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS

O celebre padre José Agostinho de Macedo foi primitivamente frade graciano, e nessa ordem tinha o nome de Fr. José de Santo Agostinho. Pelo seu comportamento indigno e incorregivel, foi expulso do seu convento.

Vamos publicar a sentença de 7 de Dezembro de 1791, que o condemnou á pena infamante da expulsão; e outros interessantes documentos, que servem para avaliar quem era o tal frade.

E' conveniente que se saiba qual era a moral do façanhudo e sanguinario defensor do partido miguelista. Quem na qualidade de religioso tinha sido a vergonha da sua classe, não admira que posteriormente se tornasse o advogado do mais nefasto dos governos.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

AUTOS DE LIBELLO CRIME

Auctor o procurador geral dos eremitas calçados de Santo Agostinho, e reu o padre Fr. José de Santo Agostinho, preso intra claustra. Procurador do auctor o mesmo, e do reu o padre Fr. Emygdio da Costa. Escrivão do processo o padre Fr. Jacintho Cardoso.

Christi nomine invocato; vistos estes autos, ponderados os ditos das testemunhas dos dois summarios, lidos e examinados os documentos juntos, a carta do exm.º sr. nuncio apostolico, outra do intendente geral da policia, a attestação do escrivão do corregedor do bairro de Santa Catharina, o auto da recepção do reu no carcere d'este convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, os depoimentos do mesmo reu e os tres processos appensos; se mostra pelos mais claros testemunhos, que o padre Fr. Jose de Santo Agostinho é um prepetrador de horrorosos e gravissimos crimes, e recidivo nos mesmos.

Por quanto, depois de ser convencido por uma sentença a folhas 5 verso do primeiro appenso, no anno de 1782, das apostasias que commetteu no collegio de Nossa Senhora do Populo de Braga, da fuga com arrombamento de carcere, e de tirar furtivamente livros da livraria do mesmo collegio, e de outros crimes que constam da dita sentença (1); e sendo esta confirmada pelo muito reverendo definitorio, usaram com o reu de tanta misericordia que lhe minoraram parte das penas comminadas, e lhe perdoaram outras, como consta do accordão a folhas 10 do primeiro appenso.

Depois de se proferir contra o reu segunda sentença no convento de Nossa Senhora da Graça de Evora, em Março de 1785, em que tambem foi convencido do crime de apostasia, e de outros muitos e enormes delictos, a folhas 20 verso do segundo appenso (2); e se ter egualmente usado com o reu de misericordia, e tanta benignidade, como consta do accordão a folhas 40 verso do mesmo segundo appenso.

Depois de se proferir ainda contra o reu terceira sentença n'este convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, em Julho de 1788, pela qual foi punido de terceira apostasia, segunda fuga do carcere, e segundo roubo de livraria, e de outros gravissimos crimes (3); e sendo esta sentença confirmada pelo muito reverendo definitorio, e remettidos os autos para os muito reverendos padres mestres, juizes dos expellendos; ser o reu julgado por elles incorrigivel, e digno de ser expulso da religião, como consta do terceiro appenso, desde folhas 26 até folhas 30; e o exm.º sr. nuncio apostolico mandar suspender a sentença de expulsão, e que fosse castigado com as penas da constituição, como se vê do despacho, a folhas 84 do terceiro appenso (4), e se lhe minorarem ainda estas por um puro effeito de misericordia, accordão a folhas 72 do mesmo appenso.

Depois, digo, de toda esta grande multidão de crimes que foram succedendo uns aos outros por espaço de sete annos, e de toda esta alternativa de castigos e commiserações; nenhum d'estes meios de que usou a prudencia dos prelados poude fazer o menor effeito na emenda do reu, pois que o vemos apparecer n'este novo processo, fazendo uma figura cada vez mais *criminal, facinorosa, e incorrigivel.*

Delle nos consta, e se mostra claramente,

(1) Esta sentença foi dada no Porto, convento de S. João Novo, aos 17 de Agosto de 1782, sendo prior Fr. Joaquim Ribeiro, lente jubilado: foi dada com a devassa que foi de Braga, onde estava o reu, o qual d'alli passou para o Porto.

(2) Esta 2.ª sentença foi dada no convento de Evora, sendo prior o lente Fr. José de Brito, aos 21 de Março de 1785.

(3) Esta 3.ª sentença foi dada no convento da Graça de Lisboa, aos 22 de Julho de 1788, sendo prior Fr. Antonio de S. Luiz.

(4) O despacho foi do theor seguinte: «Attendendo ao que o supplicante nos expõe, e persuadindo-nos de que o seu arrependimento é verdadeiro, o reverendissimo padre provincial o receba benignamente, remettendo-o para o convento de Torres Vedras, ou para o da Penha de França, aonde será absolvido da apostasia, e punido na forma da constituição. Lisboa, 9 de Fevereiro de 1789. Cardeal arcebispo de Tyana, nuncio—Caetano Vitorio, secretario.»

O despacho supra foi a requerimento do reu quando fugiu do carcere, sabendo da 3.ª sentença, a qual, em virtude do mesmo despacho, foi mandada cumprir para o mencionado convento de Torres Vedras

outro, excepto quando o primeiro tiver dado para essa mudança o seu espontaneo consentimento.

Os competentes avisos a este respeito serão passados pela administração dos hospitaes.

Art. 6.º Se algum doente depois de ter pedido alta voltar de novo com a mesma molestia, dando logar a suspeitas de ter recorrido a este meio para mudar de facultativo, tal mudança ou nova escolha não será permittida senão nos termos do artigo antecedente, como se não tivesse saido do hospital.

Art. 7.º Da receita dos hospitaes proveniente das taxas dos doentes de 1.ª e 2.ª classe de que trata o artigo 1.º, serão deduzidos 20 por cento para os clinicos que tiverem feito este serviço especial.

Art. 8.º Os doentes de 1.ª e 2.ª classe, alem da taxa diaria de que trata o artigo 1.º, pagarão em separado aos respectivos operadores as operações de grande cirurgia, por arbitragem de um jury de dois clinicos destes hospitaes, presidido pelo administrador e nomeado por elle, em quanto não se organisar uma tabella que regule essas taxas. O resultado desta arbitragem será communicado ao doente antes da operação.

§ unico. Exceptuam-se deste pagamento, pelas operações de grande cirurgia, os officiaes do exercito, qualquer que seja a classe do quarto que occuparem.

Art. 9.º Serão gratuitas as conferencias a todos os doentes de 1.ª 2.ª e 3.ª classe, quando requeridas pelo seu facultativo, mas quando forem exigidas pelo proprio doente, o numero e escolha dos conferentes ficará a seu arbitrio d'entre os facultativos do hospital, e serão pagas por elle a estes facultativos, como se tivessem logar em domicilio, ainda mesmo que o caso se dê com algum doente militar. Fora deste caso, e do que se acha prevenido no artigo antecedente, não é permittido aos facultativos receber remuneração da parte dos doentes.

Art. 10.º Os officiaes do exercito serão tratados em quartos particulares, e o hospital recebe pelo seu tratamento metade do soldo da patente. Os sargentos e mais praças de pret são tratados na enfermaria pela antiga taxa de 240 reis diarios (portaria do ministerio do reino de 11 de Dezembro de 1871)

Art. 11.º Os officiaes do exercito occuparão quartos de 1.ª classe, quando a quota que o hospital tiver de receber pelo seu tratamento, segundo o disposto no artigo antecedente, exceder a taxa de 700 reis diarios, que se acha fixada para os doentes civis, em quartos de 2.ª classe. Fora deste caso serão recebidos em quartos de 2.ª classe.

§ 1.º Quando se dê a casualidade de não se achar desoccupado nenhum quarto da classe a que tiver direito o official do exercito, a administração providenciará como julgar conveniente, ficando desde já declarado que o official não póde exigir nenhum dos quartos occupados por outros doentes.

§ 2.º Se os sargentos e mais praças de pret preferirem para o seu tratamento os quartos particulares ás enfermarias que lhes competem pelas disposições do artigo 10.º, pagarão como doentes civis a quota correspondente ao quarto escolhido, menos os 240 reis que o hospital tem a receber do cofre militar, ficando obrigados á fiança ou deposito de que trata o artigo 16.º Por similhante modo podem os officiaes do exercito optar por quartos de 1.ª classe, quando pelas disposições do artigo 11.º lhes pertençam quartos de 2.ª classe.

Art. 12.º Em casos excepcionaes poderá ser permittido ao doente, por accordo entre o clinico e o administrador, que no seu quarto seja tratado outro doente que elle deseje para sua companhia; mas essa escolha só poderá recair em doente gratuito ou em doente de classe não inferior á desse quarto, recebendo o hospital, n'esse ultimo caso, as duas taxas, como se os dois doentes fossem tratados em quartos separados.

Art. 13.º A permissão para os doentes passearem nos corredores e claustros correspondentes ás suas enfermarias ou quartos, é concedida somente pelo seu clinico; mas para que o passeio possa estender-se aos claustros ou corredores de outras enfermarias, bem como aos jardins e cercas do hospital e ainda fora do estabelecimento, é preciso que a permissão ou indicação do clinico seja confirmada pelo administrador.

Art. 14.º As licenças para os doentes sairem fora do estabelecimento, nos termos do artigo antecedente, são permittidas sómente como meio hygienico aconselhado, para o seu tratamento, e uma ou outra vez em caso de urgencia, mas nunca para desempenho quasi diario de serviços fora do estabelecimento, como a frequencia de aulas ou de outros serviços academicos, a regencia de cadeiras ou o exercicio de empregos ou funcções que exijam a frequente sahida dos doentes.

Art. 15.º As licenças para visitantes dos doentes são concedidas vocalmente pelos clinicos respectivos a qualquer hora que estes se encontrem no hospital com os mesmos visitantes. Fora destes casos não terão logar essas entradas sem a previa licença vocal ou por escripto do administrador, ou de quem o represente neste serviço, licença que em todo o caso fica subordinada a quaesquer prescripções que o clinico porventura tenha ordenado sobre a conveniencia ou inconveniencia de taes visitas.

Art. 16.º Para a entrada dos doentes civis exige-se fiança idonea ou deposito em dinheiro, e para os doentes militares serve de documento de admissão a baixa ao hospital que trazem do corpo. Os doentes civis pagarão no principio de cada mez a importancia dos dias de tratamento que tiverem tido no mez antecedente.

Art. 17.º Os doentes, tanto civis como militares, ficam sujeitos aos regulamentos e medidas policiaes do estabelecimento, e no caso de resistencia da parte dos militares aos meios ordinarios de correcção; o administrador reclamará providencias do governo militar de Coimbra, e em todo o caso fará constar a esta auctoridade, na alta do doente ou por officio, as irregularidades de comportamento que se tiverem dado.

Art. 18.º Nas particularidades não previstas n'este regulamento, e nos casos inteiramente omissos, providenciará o administrador como julgar mais conveniente, segundo as indicações do artigo que mais analogia tiver com o caso imprevisto.

Paço, em 7 de Janeiro de 1873. —*Antonio Rodrigues Sampaio.*

CORRESPONDENCIA POLITICA

Lisboa, 12 de Janeiro de 1873.

Se m'o permitte, recomeço o meu officio de correspondente do seu jornal. É tarefa superior ás minhas forças, sei-o assás. Mas emfim, quero empregar alguns momentos de ocio de que disponho, não prevendo futuros, que ninguem pode ser propheta na sua terra, mas fallando-lhe do presente... o que é mais difficil ainda.

O parlamento abriu-se ha onze dias. Essencial novidade! E nem admira que por emquanto se conserve aberto. O que de certo causará estranheza a alguns espiritos menos perspicazes, que não fazem prophecias, é a camara dissolver-se. depois de mais alguns dias de existencia. Vaticinio provavel é este, que muitos não admittem. A politica vae percorrer novo estadio. Morna e silenciosa até hoje—á parte algumas aggressões na imprensa, sem razão de ser, da opposição—de hoje ávante deve dar signaes de vida, ser fecunda e util, sem ser facciosa e improductiva. Depende do bom senso dos representantes do povo a realisação das duas primeiras hypotheses, como tambem dos mesmos depende as duas ultimas... o que seria de lastimar se tal se désse.

A politica leal e franca é a que convem a um partido qualquer, e mais ainda, ao governo de um paiz. Politica de encruzilhada, politica de systema, *mas sem systema*, é a peior das politicas, que tudo enreda, que tudo embaraça, sem que os homens, aos quaes está commettida a ardua tarefa de governar, o possam fazer, não direi a contento de todos os partidos—que é impossivel—mas a contento da maioria sensata da nação.

Como lhe disse acima, ha comtudo nas regiões politicas augures que vaticinam que esta camara não completa o periodo ordinario dos seus trabalhos. Se assim acontecer, aqui tem o meu amigo a tal politica facciosa e improductiva de que lhe fallo. Não compete, porem, ao governo, cahir em face d'esta camara, curvando-se ás suas exigencias desarrasoadas quando as haja. Dissolvel-a, portanto, é um acto curial, que o bom senso da nação applaudirá. Ninguem deve estranhar ao governo que aplane as difficuldades que se lhe oppõe, que derribe os tropeços que lhe pretendem pôr diante. Foi chamado ao poder para governar pelos meios constitucionaes e legaes, e não para ceder ás intimações de uma opposição facciosa, que lhe desvirtua os actos mais intencionalmente justos.

Por consequencia, se a camara denunciar um espirito faccioso e pouco sincero a respeito das medidas que o governo vae apresentar ao parlamento, a consequencia inevitavel, a logica consequencia de tal procedimento, será irremediavelmente a dissolução.

Não o creio, porem. A opposição, que se tem debilitado em bradar ao governo: *«Esse caminho que segues é errado»*, julgo não hade abandonal-o na camara, e deixar do, com as suas luzes, e com a sua illustração, auxilial-o a levar por deante a realisação das medidas que intenta levar á pratica.

Deixemos, porem, ao tempo os vaticinios que se fazem á respeito de politica.

—Nada de importante se passou hontem na camara electiva. Foi presente a resposta ao discurso da corôa, que deve entrar breve em discussão.

—O temporal que ha 3 dias tem reinado em Lisboa, continua. Tem feito grandes estragos, e fora da cidade tem havido grandes inundações. O dia hoje está melhor, mas carrancudo.

—O sr. Theophilo Braga acaba de publicar uma brochura intitulada—*Os novos criticos de Camões.*

—Completa ámanhã 39 annos de edade, o sr. conselheiro Barjona de Freitas, actual ministro da justiça.

—De certo, e para concluir esta carta, escripta á pressa, deixe-me dar-lhe as boas

---

que o reu roubara a livraria do convento de S. Paulo d'esta corte, em muita quantidade de livros, por duas vezes, em Março e Junho d'este presente anno, o que se mostra pelos depoimentos das testemunhas a folhas 19 verso, a folhas 22, e a folhas 22 verso, e das mais desde folhas 19 verso até folhas 25: da carta do intendente geral da policia a folhas 14, da attestação do escrivão do corregedor do bairro de Santa Catharina, a folhas 46 verso, e das circumstancias tão dignas de attenção de fugir o reu do convento de S. Paulo logo que se deu na falta dos livros, testemunhas a folhas 20 e a folhas 22, e ser já o reu convencido e sentenciado por furto similhante nas livrarias dos conventos da sua ordem, como consta da sentença a folhas 5 verso do primeiro appenso.

Nem é digno de attenção o que o reu allega nas suas rasões a folhas 50, pois o juiz pode proceder a inquirição de testemunhas, ainda so por infamia ou notoridade de crime *ex-officio*; quando mais que o muito reverendo prior reitor do convento de S. Paulo denunciou ao intendente geral o reu: que então se achava preso á sua ordem no castello, como roubador da sua livraria, e o dito intendente ao prelado do reu: consta da carta a folhas 14.

É egualmente digno de desprezo o argumento sophistico de que usa o reu nos §§ 3, 4, e 5 de suas razões, pois os livros apprehendidos nos livreiros foram entregues aos religiosos de S. Paulo, como a seus legitimos donos, pela auctoridade publica da justiça, por um ministro mandado de proposito pelo intendente geral para fazer as devidas diligencias, e exames sobre a identidade dos ditos livros apprehendidos com os que faltaram, e se furtaram na livraria do convento de S. Paulo; não deve pois haver a menor duvida a respeito d'esta identidade; consta isto a folhas 14, da attestação, folhas 46, do depoimento do official da intendencia, folhas 25 verso, e o reu nada prova.

Nem tambem obsta o que diz o reu no § 5 de suas razões, a folhas 50 verso, porque tudo o que aqui diz é *libere dictum*; nada prova; nem da possibilidade de uma cousa se pode inferir legitimamente o acto e existencia da mesma: alem de que não podiam os livros ser d'elle reu, nem de pessoa que lhos désse para os vender, pelo que fica acima mostrado ácerca da identidade dos ditos livros apprehendidos, com os que se furtaram na livraria de S. Paulo; não eram de outrem que os furtasse, e entregasse ao reu para os passar, porque esse não devia ser outro que um Francisco Alves Martins, como claramente confessa o reu em seu depoimento ás perguntas a folhas 27, e d'este certamente não eram, como consta dos depoimentos dos livreiros, a quem o reu os vendeu como seus proprios, a folhas 19 verso, a folhas 22 verso, e a folhas 29, vindo a ser o dito Francisco Alves Martins um sujeito supposto, que o reu finge para de alguma sorte ver se pode encobrir este feio delicto, o que se conheceu claramente conferindo os depoimentos dos ditos livreiros com o depoimento do reu ás perguntas folhas 27, e porque o reu diz tantas cousas e nada prova.

Mostra-se em segundo logar do mesmo processo, que o reu apostatára do convento de S. Paulo d'esta corte, aonde estava por ordem do exm.º sr. nuncio, assim pelos depoimentos das testemunhas desde folhas 19 verso até folhas 25 verso, e principalmente dos officiaes da intendencia, que prenderam o reu em habitos de secular, e sem signal algum de religioso, desde folhas 24 até folhas 25 verso, como tambem da carta do exm.º sr. nuncio a folhas 12 do auto da recepção do reu no carcere deste convento, a folhas 16 e da confissão do mesmo reu, nos §§ 8 e 9 das suas razões, a folhas 19, e ultimamente do seu proprio depoimento a folhas 28 verso, inattendiveis as frivolas desculpas que aqui accumula o reu.

Mostra-se em terceiro logar que o reu fugira do carcere d'este convento de Nossa Senhora da Graça, aonde se achava preso, fazendo a maior violencia ao irmão leigo Fr. Leandro, seu carcereiro, e ao moço que o acompanhava a levar-lhe a ceia, descarregando sobre o hombro do dito Fr. Leandro uma pancada com um pau, e fazendo-lhe grave contusão, pelo que incorreu na censura de excommunhão maior; e outra no moço, commettendo nisto dois crimes, um de fuga da prisão, e outro de pôr mãos violentas no dito moço. Consta das testemunhas desde folhas 31 até folhas 40, e principalmente do cirurgião que curou, e mandou sangrar o dito religioso percutido.

Mostra-se em fim destes autos, e por conclusão, que o reu é recidivo no crime de apostasia, como se vê claramente da sentença a folhas 5 verso e accordão a folha 10 do primeiro appenso, e da sentença a folhas 20 verso e accordão a folhas 40 verso, do segundo appenso; e pôr se fazer por isso mesmo o reu digno do mais grave castigo, não para vingar as culpas passadas, como quer o reu, queixando-se, e as suas razões, porque estas já foram punidas; mas, porque a circumstancia da reincidencia augmenta e aggrava a malicia, e a deformidade dos crimes, e aggravados estes se devem tambem augmentar as penas, principalmente sendo o reu acostumado ha tantos annos a commetter outras muitas gravissimas culpas, que constam dos appensos; e estas que ultimamente commetteu, e que consta do processo serem revestidas de circumstancias tão injuriosas á religião, como o roubar a livraria de uma communidade estranha, aonde o tratavam com tanta attenção e affecto, mostrando nisto a maior ingratidão, o fazer-se este roubo publico em toda esta corte com um geral escandalo. Fugir, e apostatar do dito convento, andando vestido de secular, e de noute, expondo-se a ser preso pelas justiças, e a ser conduzido a prisões seculares, o que de facto succedeu ao reu, sendo-o por duas vezes pela justiça, e de uma mettido no segredo do castello, e de outra no Limoeiro, e fugir ultimamente do carcere deste convento, para onde tinha sido removido do castello com tanto estrondo que fez amotinar todo este bairro, e o visinho, alem das mais circumstancias que constam do processo.

(*Continuar-se-ha.*)

festas, apesar de irem um pouco tarde. Desejo-lhe que veja a pendula do tempo marcar muitos annos na eterna ampulheta dos seculos. Saudemos, já que é de antigo uso, o abysmo, quanto mais e mais elle de nós se aproxima. Somos pagãos em tudo, meu amigo, apesar de uma tintura de civilisação... de que nos prezamos. Se nos dá na cabeça fazer sacrificios a Anna Pereira, volvemos aos tempos da Roma antiga, e... as boas festas são completas.

Adeus.

P. J. Conceição.

NOTICIARIO

Fallecimento.— Falleceu hontem o sr. Dr. Francisco Antonio Alves, lente cathedratico da Faculdade de Medicina.

O sr. Alves tinha nascido em 29 de Novembro de 1832, na cidade do Porto; e tomou o grau de doutor na Faculdade de Medicina em 31 de Janeiro de 1858.

Era professor muito distincto na sua Faculdade, em que regia a cadeira de anatomia pathologica.

A' sua iniciativa se deve a creação e progressivo augmento do gabinete de anatomia pathologica, annexo á Faculdade de Medicina. Nesse gabinete fez o sr. Alves numerosissimos e importantes exames toxicologicos, prestando assim grande serviço á sciencia medica e á jurisprudencia.

Publicou o sr. Alves o seu compendio de *Anatomia pathologica*, livro que tem merecido geral approvação, tanto dos sabios portuguezes, como estrangeiros, e que se acha adoptado em todas as escolas de medicina de Portugal e do Brazil.

Por esta mui valiosa publicação, houve por bem sua magestade agracial-o com a commenda da antiga, nobilissima e esclarecida ordem de S. Thiago, do merito scientifico, litterario e artistico.

Merecem egualmente muito apreço os seus artigos, publicados no jornal o *Instituto*, e sobre tudo o livro—*As aguas mineraes de Moledo*, por elle analysadas.

Como resultado de uma vida tão laboriosa, deixa o nosso amigo o sr. Dr. Alves, viuva e quatro filhos em tristissimas circumstancias. E' o resultado que obtem em Portugal quem se dedica ás letras!

Associação commercial.—No domingo procedeu-se ás eleições na associação commercial desta cidade. Ficaram eleitos os seguintes srs.:

Mesa da assemblea geral

Presidente, José Francisco de Oliveira Reis.
1.º Secretario, Bazilio Augusto Xavier de Andrade.
2.º Secretario, Innocencio Peixoto Quaresma.

Direcção

Presidente, Manoel dos Santos Junior.
Secretario, José Melchiades Ferreira dos Santos.
Thesoureiro, João Antonio Cardoso.
Director, Joaquim Eduardo Ferreira Barbosa Junior.
Dito, Joaquim José de Sousa.

Ponte da Portella.—Chegou á estação desta cidade o ferro para os dois vãos que faltam na ponte da Portella. A conducção começou já a fazer-se em carros. Calcula-se que o peso do material, excederá a 130 carradas.

Chegada.—No sabbado chegou a esta cidade o sr. bispo de Vizeu. Hontem partiu para Lisboa, a fim de tomar assento na camara dos pares.

Cemiterio da Conchada.— Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Luiz da Costa Pereira, filho de Francisco da Costa Pereira e Mauricia Candida da Costa, natural de Lavos, de 20 annos, fallecido no dia 4 de Janeiro.

Maria da Conceição, filha de Jeronymo José Pereira e Engracia Marques, natural de Coimbra, de 6 annos e meio, fallecida no dia 4.

Carlota Augusta de Sá Coutinho, filha de pais incognitos, natural d'Oliveira do Hospital, de 7 annos, fallecida no dia 8.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—1831.

Recrutamento.—O conselho de estado julgou favoravelmente os seguintes recursos, a fim de que os respectivos mancebos fiquem isentos do serviço do exercito.

Concelho de Cantanhede

Freguezia da Porcariça—João Correia Martins, por seu filho Antonio.

Concelho da Figueira

Freguezia da Figueira—Maria Ricardina Pestana e Silva, viuva, por seu filho Joaquim.

Concelho de Taboa

Freguezia de Taboa—José de Amaral, por seu filho Antonio.

Concelho de Monte Mór

Freguezia de Arazede—Antonio da Costa Ramalho, por seu filho José.

Freguezia dos Means—José Rama Breda, por seu filho José.

Concelho de Soure

Freguezia de Alfarellos—Maria Bernardes, viuva de Francisco Ribeiro dos Santos, por seu filho Joaquim

Barbaridade. — Os maus tractos e sevicias crueis, que os pobres bois soffrem todos os dias por essas ruas e estradas, são espectaculos barbaros e atrozes, que compungem o coração mais frio e indifferente. O homem com este procedimento converte-se em animal verdadeiramente irracional, selvagem e feroz. Isto não póde continuar assim. A moral, o bom senso, a suavidade dos nossos costumes, e o interesse de todos condemnam estas scenas repugnantes e brutaes. O boi é o animal mais util ao homem, e merece ser tratado com brandura. As posturas municipaes são expressas, para condemnar e coibir estes abusos. Pedimos a execução da lei.

Ha muitos annos, que alguns academicos deram a um carreiro e ao publico de Coimbra uma lição memoravel. Desciam pela Couraça de Lisboa e encontraram um carreiro a flagellar horrivelmente uma junta de bois pretendendo obrigal-a a transportar um carro pesadissimo por aquella rua tão ingreme. Era um serviço impossivel. Os academicos aconselharam o homem a tomar na mão a soga dos bois, e pediram-lhe a vara para picar os animaes. O homem cahiu no laço, e o aguilhão foi empregado em o fustigar sem commiseração.

A escripta e os livros na antiguidade. — Os antigos escreviam no marmore, cobre, chumbo, marfim e linho.

No marmore escreveram-se leis e ceremonias dos sacrificios; no cobre, leis, tractados e allianças, sendo em laminas deste metal que os romanos gravaram as leis das doze taboas; no chumbo, varios documentes publicos, escrevendo-se neste os poemas de Hesiodo, que estavam depositadas no templo das Musas na Beocia; em marfim, algumas das decisões do senado romano; e no linho, as predicções das Sybillas e outros monumentos.

Escreviam tambem no entrecasco das arvores (*liber*—d'onde vem a palavra—livro), ou em camadas corticaes, as mais finas d'entre o tronco da arvore e a casca exterior; e em pranchas delgadas cobertas de cera, tiradas dos troncos das arvores (*codex* ou *caudex*, d'onde se deriva o termo—codigo); em taboas ou pranchas de madeira, extrahidas da arvore —tilia—; em folhas d'arvore, mormente da palmeira; em cascas delgadas, tiradas d'entre a casca de fora e o lenho d'arvore—phylira— que alguns entendem que é a tilia; no papyro, especie de junco, que se criava nos brejos do Nilo no Egypto; no *pergamınum* (pergaminho) que era uma pelle de carneiro ou de cabra, que depois de cortida era polida com a pedra pomes e pintada d'amarello ou vermelho, mas na maxima parte branca; e finalmente na vitellina, pelle de bezerro que morria de aborto, ou bezerro de leite, pelle a mais fina, lisa e polida.

Foi, porem, o entrecasco das arvores a materia mais usada na escriptura: reduzia-se a folhas, a que se dava uma camada de cera, sobre que se gravava a letra com um ponteiro (*stillus*) de ferro, marfim, ou osso, que tinha a extremidade exterior chata em forma de palmeta, ou canha, para apagar o que se tinha escripto, quando fosse necessario.

O pergaminho era uma só folha inteira, formada de pedaços pegados uns aos outros, escrevendo-se nesta com um canniço aparado (*calamus*), em logar de penna, com tinta preta; mas tamanha importancia se dava aos livros, que alguns foram escriptos em caracteres prateados e dourados.

O rei Eumenes fez escrever os livros em folhas separadas, como se usa hoje; mas prevaleceu o antigo costume de se escrever em folhas pegadas umas ás outras, assim que no tempo de Cicero as bibliothecas continham muitos livros enrolados ou formados de uma só folha, escripta apenas do lado superior.

Do papyro extrahiam-se fitas ou tiras delgadas, que se sobrepunham umas ás outras, e collavam-se com a agua turva do Nilo, que tinha a propriedade glutinosa, ou com uma gomma da flor da farinha: punham-se a seccar ao sol, e depois passavam-se por uma prensa para lhes tirar as escabrosidades, e ultimamente eram brunidas com um buzio e lustradas com o oleo de cedro.

O comprimento da folha era indeterminado; mas a largura regulava por dois pés.

O papyro fabricava-se em Alexandria, de onde era exportado para differentes paizes como objecto commercial; mas prohibindo o rei Ptolomeu a sua exportação, pela rivalidade que tinha com o rei Eumenes, occasionada pela competencia das bibliothecas, para se supprir esta falta foi inventado o pergaminho na cidade de Pergamo, d'onde lhe proveiu o nome.

Ha quem attribua esta descoberta ao rei Eumenes, mas outros entendem que já antes deste rei alguns povos, como os Jonios e Persas tinham feito uso do pergaminho.

Os rolos, quer do pergaminho, quer do papyro, faziam-se do modo seguinte: as folhas unidas umas ás outras pelas extremidades, formavam uma grande tira, e enrolavam-se sobre um pau, cujas extremidades, niveladas com o aparo do livro, tinham o nome de—*umbilicus*—ficando o rolo (*volumen*) do feitio de um cylindro ou columna.

A's duas extremidades do *umbilicus* juntavam-se umas maçanetas torneadas de buxo, marfim, ou ebano, e tambem de prata, que eram como as pontas ou manivelas que faziam girar o pau, sobre que estava enrolada a folha.

Chamava-se o exterior do volume frontespicio (*frons*), e de uma das pontas ficava pendente o titulo escripto n'um pequeno pedaço de pergaminho.

O codice, que substituiu o volume, ou rolo, era formado como os livros de hoje, de muitas folhas cosidas pela parte interior com a sua capa, rotulo e uma especie de gastalho de pau para fechar.

O codice assim feito marcou a transição para os livros modernos, apresentando bastante nitidez e luxo para aquelles tempos, tendo o frontespicio pintado, o retrato do auctor, e as paginas douradas de cercaduras á penna ou pincel, e pautadas a traços seccos para a boa direcção das linhas, feitos com chumbo, como hoje se faz com o lapis, com uma lua no principio do livro, e uma corôa no fim, donde vem o adagio—*finis coronet opus*.

A carestia do pergaminho na edade media fez com que muitas vezes se raspassem antigas e importantes escripturas, para se escreverem coisas novas e de menos importancia; o que causou grande prejuizo á litteratura, porque se perderam preciosos monumentos: e até nos proprios manuscriptos se escrevia pelas margens em branco, o que deu logar a bastantes interpolações nos codices, que se imprimiram depois de descoberta a typographia.

As obras publicavam-se do seguinte modo: logo que o auctor tinha escripto o livro, reunia o maior numero de copistas (*librarii*) que vinham munidos de pergaminho (*charta* ou *membrana*), canniços, que serviam de pennas, aparados dentro de uma caixinha, canivetes para aparar e raspar, tinteiro com tinta preta, vazos com tinta de outras côres, e chumbo para os traços seccos. Um lia o original, e os demais escreviam.

Conferidas as copias, conferidas e emendadas, passavam para a mão dos livreiros, que as punham á venda.

De tão custoso meio de se publicarem as obras inferimos a maxima importancia da invenção de Guttemberg.

Insectos nocivos.—A classe dos insectos é uma das mais numerosas do reino animal. Não se conhecem menos de 100:000 especies, que na sua grande maioria vivem á custa de outros animaes e das plantas. E' immensa a destruição por elles operada no reino vegetal, tanto no estado de larva como de insecto proprio: as folhas, as raizes, o tronco das arvores, os succos nutritivos, o nectar das flores, e a polpa e summo dos fructos, nada escapa á sua verocidade.

E' admiravel o instincto com que os mais pequenos insectos construem commoda habitação e galerias magnificas no interior dos troncos, roendo a madeira mais dura e reduzindo-a a pó finissimo. Em muitas especies, a boca munida de mandibulas muito fortes, divide e tritura as substancias mais resistentes. Outros possuem uma força de sucção extraordinaria, operada por tubos e filamentos delicados e resistentes, que exercem as funcções de pequenas lancetas.

Com tão poderosas armas de destruição, dirigidas por um instincto prodigioso, e funccionando com uma perseverança inabalavel, explicam-se facilmente as devastações enormes produzidas por estes animaes. São raras as especies vegetaes, que não sirvam de asylo e alimento a uma e ás vezes a muitas especies de insectos.

São bem conhecidos os estragos causados pelos besouros, pulgões, ollusas, ralos, gafanhotos, etc. Mencionaremos hoje apenas a devastação destes ultimos. Estes insectos reunem-se em legiões innumeraveis, ás vezes tão espessas que chegam a encobrir a luz do sol. Com um vôo pesado, produzem um zumbido monotono e lugubre, que faz lembrar a tempestade quando rebenta ao longe. De repente milhões destes animaes precipitam-se sobre os campos, e devoram tudo com velocidade implacavel. As cearas, as arvores, os arbustos, os gommos, as folhas, os fructos, tudo desapparece, e a terra fica despida da verdura. A esta destruição enorme, succede a fome da população, e muitas vezes a peste, se milhões de cadaveres dos insectos invasores permanecem nos campos assolados, e pela putrefacção infeccionam a atmosphera.

Insectos uteis. — Em compensação dos prejuizos, de que acabamos de dar noticia, ha outros insectos que concorrem de um modo admiravel para nos dar productos uteis. Sem fallarmos dos bichos da seda e das abelhas, e das riquezas que produzem, citaremos outros factos.

A noz da galha é devida a um pequeno insecto, o *cynips*, que produz esta excrecencia, furando o tecido da planta com uma especie de verruma, que tem na parte posterior do corpo. Esta verruma que é oeca, dá passagem ao ovo do insecto, que vai implantar-se na ferida da arvore, e a seiva affluindo ahi com abundancia, forma o bogalho, onde depois a larva encontra um asylo seguro e abundantes provisões.

Muitos insectos concorrem tambem de modo efficaz para a maturação de certos fructos. Observa-se este curioso phenomeno nos peros, maçãs e figos. No Algarve é muito vulgar a pratica da caprificação.

Nos mezes de Maio e Junho costumam os lavradores colher os figos bravos, e suspendel-os nos ramos da figueira domestica. Nesta epocha o fructo silvestre está cheio de larvas proximas a passar ao estado de mosquitos, que vão picar o figo domestico, deixando ahi os ovos. Esta picada contribue para facilitar e apressar a maturação. Tem-se verificado, que uma figueira depois desta operação póde produzir 7 e 8 vezes mais fructos e de melhor qualidade. A caprificação póde tambem fazer-se artificialmente, picando os figos com uma agulha untada na ponta com uma gota de azeite.

Concorrem ainda muitos insectos para a fecundação artificial das plantas, produzindo variedades e cruzamentos, pelo transporte do pollen de umas flores para as outras.

Graça.—O sr. conselheiro Augusto Cesar Barjona de Freitas, ministro das justiças, acaba de ser agraciado pelo imperador do Brasil, com a grã-cruz da ordem da Rosa.

Caminho de ferro. —Na semana finda em 16 de Novembro ultimo, rendeu o caminho de ferro do sul e sueste a quantia de 6:303$605 reis, isto é mais 1:162$653 reis do que em egual periodo no anno anterior.

Gado suino.—Na ultima feira annual que houve em Castello Branco fizeram-se importantes transacções sobre carne de porco, concorrendo ao mercado para cima de 3:00/ cabeças de gado suino. O preço regu-

2$250 a 2$500 reis, cada kilogramma de peso vivo.

Doença.—Sua magestade a imperatriz viuva tem tido aggravamento na sua doença. Está dando serios cuidados o seu estado.

Outra.—O sr. conde de Casal Ribeiro tambem tem passado mal.

Outra.—O sr. Dr. Vieira de Meirelles, lente de Medicina, está gravissimamente doente. Todos os apreciadores das excellentes qualidades deste professor, lamentam as circumstancias quasi desesperadas em que elle se acha.

Nova cadeira.—Foi creada uma cadeira de ensino primario para o sexo masculino na freguezia de Casal de Ermio, concelho da Louzã, com o subsidio de casa e mobilia, offerecido pela respectiva junta de parochia.

Despacho.—Foi nomeado para dirigir as obras do Mondego e barra da Figueira, o sr. José Cecilio da Costa, tenente de infanteria, habilitado com os cursos de engenheria civil e do estado maior do exercito.

Diccionario de educação. — N'outro logar deste jornal vai o annuncio do primeiro fasciculo do *Diccionario de educação*, de que é editor o sr. Ernesto Chardron. Este illustrado editor presta um grande serviço com a publicação deste interessante *Diccionario*.

Nova guerra dos Dembos.—No *Diario de Noticias*, lê-se o seguinte:

«Pelo paquete inglez *Neva*, que tocou em S. Vicente, onde estava o *Zaire*, recebemos noticias particulares de Loanda, datadas do dia 7 de Dezembro. A guerra dos Dembos continuava, ou póde dizer-se que reappareceu com maior audacia dos negros. Queimaram a residencia do chefe e tinham praticado diversos roubos. Em Golungo Alto tambem havia agitação, assim como em Dande. As apparencias não podiam ser peiores, e não havia meios para atalhar tão grande mal. A epidemia das bexigas, que reinava em todas os portos da Africa, tornava mais horrivel este quadro. O vapor *Zaire*, cujo carregamento, ainda que pequeno, é importante em marfim e café, não poude tomar carvão em S. Vicente e teve desarranjo na machina. O vapor *Bengo* devia sair de Loanda a 18 de Dezembro.»

Commissão do recenseamento.—Procedeu-se hoje á eleição da commissão de recenseamento deste concelho de Coimbra, e ficou composta dos seguintes srs.:

Proprietarios

Dr. Miguel Leite Ferreira Leão
Joaquim José Rodrigues de Sousa
Bacharel Adelino Antonio das Neves e Mello
Bacharel Manoel Jose da Cunha Novaes
Ruben Augusto d'Almeida Araujo Pinto
Dr. João de Pina Madeira Abranches
Antonio José Alves Borges.

Supplentes

Dr. João José d'Antas do Sotto Rodrigues
Bacharel Joaquim José de Sousa
Bacharel Ignacio Rodrigues da Costa Duarte Junior
Francisco de Sousa Araujo
João Francisco da Silva
Basilio Augusto Xavier d'Andrade
Antonio Correia de Lemos.

ANNUNCIOS

1 VENDE-SE uma pia de folha de Flandres, que leva 140 alqueires. Quem a pretender pode dirigir-se ao sr. Antonio Duarte Ariosa, em Samsão, que está incumbido de a vender.

2 NO DIA 4 de Fevereiro proximo, por 10 horas da manhã, ás portas do tribunal, no extincto convento de Santa Cruz, perante o exm.° sr. dr. juiz de direito desta comarca, se hãode vender em hasta publica os bens penhorados a José Mathias Pedroso de Luna, do logar de Risca Silva, por execução que lhe move Manoel Gonçalves de Azevedo, desta cidade, pelo cartorio do escrivão interino o sr. Almeida.

3 NO DIA 21 do corrente mez de Janeiro, pelas 10 horas da manhã, ás portas do tribunal, no extincto convento de Santa Cruz, e perante o exm.° sr. juiz de direito desta comarca, se hãode vender em hasta publica, com abatimento da 5.ª parte, os bens penhorados a José Antonio Alfaiate, e sua mulher, do logar do Loureiro, por execução que lhes move o exm.° sr. Dr. Antonio Egypcio Quaresma Lopes de Vasconcellos, pelo cartorio do escrivão o sr. Santos.

Diccionario de educação

4 PUBLICOU-SE o 1.° fasciculo, contendo 32 paginas, formato de 4.° port. a 2 columnas, do «Diccionario de educação e ensino», trasladado a portuguez pelos srs. Camillo Castello Branco e Joaquim de Azevedo e Albuquerque. Este livro de ensino, ou encyclopedia para uso das escholas e familias, foi publicado em França, no meado do anno de 1872.

De tão recente publicação devemos depreender que ahi se acha compendiado tudo que importa á instrucção da mocidade, no mais apurado gosto e acrisolada experiencia. Basta ler o prefacio desta momentosa obra para se formar cabal ideia do seu valor, dignamente justificado pelo conceito que o «Diccionario» mereceu a um dos litteratos mais competentes em materia de instrucção publica, com cuja opinião se honrou o nosso prospecto.

Continuaremos a publicar com a mais restricta regularidade os fasciculos do «Diccionario», contando com a concorrencia de assignantes para não desanimarmos em empreza tão dispendiosa.

Porto, 11 de Janeiro de 1873.

Ernesto Chardron.

INSCRIPÇÕES

5 ABILIO AUGUSTO MARTINS, ourives em Coimbra, rua da Calçada, n.° 8, encarrega-se da compra de inscripções em Lisboa, pelo preço da cotação official do *Diario do Governo*, apresentando-as averbadas em nome do comprador, poucos dias depois da encommenda.

6 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia de Santa Eufemia, da villa e concelho de Penella, diocese de Coimbra, faz publico, que no dia 26 de Janeiro corrente, pelas 11 horas da manhã, na sachristia da egreja parochial, ha de arrematar-se em hasta publica, convindo, a obra de carpintaria e pedreiro, que tem a fazer-se na egreja parochial, cujos apontamentos e condições serão presentes no acto da arrematação; e para que chegue ao conhecimento de todos se fez o presente annuncio.

Penella, 9 de Janeiro do 1873.

O presidente da junta,
João Albino de Sousa Peres.

7 JOSÉ MARIA SIMÕES LEITE, negociante desta cidade, faz publico, que não empresta dinheiro sobre penhores.

Coimbra 10 de Janeiro de 1873.

PROTECTORA

COMPANHIA DE SEGUROS DE REMISSÃO DO RECRUTAMENTO MILITAR

Sociedade anonyma, responsabilidade limitada.

Capital 640:000$000

Agentes em Coimbra

GAVICHO & C.ª

Largo das Olarias n.° 11

9 NO DIA 4 do proximo mez de Fevereiro, pelas 10 horas da manhã, ás portas do tribunal desta comarca, no extincto convento de Santa Cruz, e perante o exm.° sr. dr. juiz de direito, se hãode vender os bens penhorados a Antonio de Oliveira e Sá, por execução que lhe move Joaquim Antonio Teixeira Barbosa, residente em Lisboa, pelo cartorio do escrivão interino o sr. Almeida.

HOSPITAES DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

10 PELA secretaria dos hospitaes da Universidade, se annuncia, que do 1.° de Fevereiro proximo, em diante, começa a ter execução o decreto de 7 de Janeiro de 1873, que approvou o regulamento dos quartos particulares dos mesmos hospitaes, e que se acha publicado no *Diario do Governo*, n.° 8, de 11 do corrente.

Secretaria da administração dos hospitaes da Universidade de Coimbra, em 13 de Janeiro de 1873.

O secretario,
Herculano Santa Barbara.

11 PELA administração dos hospitaes da Universidade, se faz publico, que na rouparia dos mesmos hospitaes, se compram pannos de linho e estopa, todas as manhãs, desde o dia 14 do corrente em diante.

Hospital da Universidade, em 13 de Janeiro de 1873.

O secretario,
Herculano Santa Barbara.

VENDA DE CASAS

12 VENDEM-SE umas com quintal, na rua da Trindade. Nesta redacção se diz com quem se trata.

DANTAS GUIMARÃES

26—Rua do Visconde da Luz—30

Grande abatimento

13 EXCELLENTES ESGUIÕES e panno familia, para camisa, de 120, 130 e 140 rs. o metro, lãs para vestido de 180, 200 e 240 rs. o metro; capas modernas para senhora, etc., etc.

14 A DIRECÇÃO das obras publicas deste districto de Coimbra, faz publico, que no dia 23 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na secretaria da mesma direcção, se hade proceder á arrematação do fornecimento, para a ponte da Portella, de 990 pranchões de pinho da terra, serrados em arestas vivas, e tendo cada pranchão 4,m60 de comprimento, 0,m20 de largura e 0,m06 d'altura.

Este fornecimento deve estar terminado no fim de Março do corrente anno.

Coimbra, secretaria da direcção das obras publicas, 13 de Janeiro de 1873.

Heitor de Macedo, director.

15 VENDEM-SE duas moradas de casas novas, com communicação interior, na rua do Corpo de Deus, com os n.ºs 98 a 108. Na rua de Quebra Costas, n.° 34, se diz com quem se trata.

VENDA

16 NO DIA 25 do corrente, pelas 11 horas da manhã, na hospedaria do Paço do Conde desta cidade, hão de ser vendidos os seguintes foros, que pertencem a Francisco Pedro Salema de Figueiredo.

Um foro imposto na vigia de Maiorca, de que são foreiros João de Freitas Abelhão, e outros, do mesmo logar, que rende 30 alqueires.

Outro, sito no monte do Monte Mór o Velho, do qual paga João Camarneiro, da mesma villa, 2 alqueires e 2 gallinhas.

Outro, sito nas Means, de que paga Antonio dos Reis Laranjeiro, 7 alqueires e uma gallinha.

Foros em Alfarellos

Um, de que paga Manoel Marques Travassos, do mesmo logar, 9 e meio alqueires e 2 gallinhas.

Outro, de que paga Antonio S. Thiago, do mesmo logar, 8 alqueires, uma gallinha e um frango.

Outro, de que paga José Pereira Rosa, do mesmo logar, 11 alqueires e uma gallinha.

Outro, de que paga Francisco Marques da Serra, do mesmo logar, 4 alqueires e meio e uma gallinha.

Outro, de que paga Francisco Roque, do mesmo logar, 7 alqueires e uma gallinha.

Outro, de que paga Manoel Marques Travassos, do mesmo logar, 12 alqueires e 2 gallinhas.

Outro, de que paga Francisco Fernandes, do mesmo logar, 4 alqueires e meio e 2 frangos.

Outro, de que paga Manoel Cardoso Vicente, do mesmo logar, 3 alqueires.

Um foro na Granja, de que paga José Amaro, um alqueire e um frango.

17 NO DIA 16 do corrente mez, pelo meio dia, nos paços deste concelho, ha de arrematar-se a lenha resultante do decote das arvores da alameda do Jardim Botanico.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 13 de Janeiro de 1873.

O escrivão da camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

Dentifricios de Furtado

Conservação—Brilhante—Anti-odontalgico

Estes preparados, feitos com as melhores, mais puras e proprias substancias, formam um elixir que mais poderiamos denominar de

THESOURO DA BOCCA

CONSERVAÇÃO—é um excellente preservativo para a **dor, carie, inflammação, ulceração das gengivas** e **anti-escorbutico:**—refresca a bocca e torna o halito agradavel.

BRILHANTE—Branqueia com muita facilidade os dentes, tornando-os alvos de neve, sem o mais leve incommodo e sem causar a mais pequena alteração do esmalte—frasquinho, 500 rs.

ANTI-ODONTALGICO — é um magnifico calmante para as **dores** e **raivas dos dentes**.

Todo o frasco é acompanhado de instrucções.

Ha tambem pós muito superiores em caixinhas e vasos de 80, 120, 200 e 240 reis.

Vendem-se na loja de

J. A. VIEIRA DA FONSECA

Coimbra, Calçada, n.ºs 72—76.

NUMERO 2659 SABBADO 18 DE JANEIRO DE 1873 ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Na quinta feira foi entregue por uma commissão, em sessão da camara municipal, a representação assignada por 950 habitantes desta cidade, reclamando contra a pretensão da maioria da associação commercial, para se mudar o mercado de peixe.

A commissão que apresentou a representação, era composta dos srs. Antonio Clemente Pinto, negociante; Antonio Maria Seabra de Albuquerque, fiel thesoureiro da imprensa da Universidade; Domingos Alves Pereira Guimarães, negociante; Francisco Pedro da Silva, negociante e proprietario; João Lopes de Sousa, negociante e proprietario; João Marques de Almeida Araujo Pinto, proprietario; Joaquim Augusto de Carvalho e Santos, negociante; Joaquim Martins de Carvalho, redactor do *Conimbricense*; José de Figueiredo Pinto, alfaiate e presidente da associação dos artistas; Dr. José Joaquim Fernandes Vaz, lente cathedratico da faculdade de Direito; Leovigildo Antonio da Cunha, negociante e proprietario; Manoel José Ferreira Leitão, proprietario; Manoel da Silva Gonzaga, negociante; e commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes, administrador da imprensa da Universidade.

O sr. Dr. Fernandes Vaz, como presidente da commissão, no acto de entregar a representação disse, que todos os que conhecem a illustração, nobre caracter e elevados sentimentos dos cavalheiros que constituem a vereação desta cidade, e em especial os membros da commissão que alli se achavam presentes, tinham o convencimento profundo de que os negocios e questões do municipio são decididos sem attenção a mesquinhas considerações pessoaes, com severa imparcialidade e em harmonia com a justiça e com os legitimos interesses do municipio.

Que este convencimento determinara os membros da commissão e os signatarios da representação, que iam entregar, a expor tão respeitosa como confiadamente, perante a illustrada vereação, a manifestação sincera dos seus sentimentos contra a pretensão de alguns habitantes desta cidade, principalmente pertencentes á respeitavel classe commercial: que requerem a deslocação da venda do peixe do mercado de D. Pedro V, e a construcção de um mercado especial para o peixe no caes das Ameias.

Que a representação que a commissão ia apresentar, não era de individuos habitantes de um determinado ponto da cidade, nem de uma só classe especial. Esta representação continha 950 assignaturas de proprietarios, professores, commerciantes, individuos de todas as classes e profissões, e não desta ou daquella parte da cidade, mas de ambos os bairros e de todos os pontos della.

Que só esta consideração bastaria para se avaliar quão justa e adequada ao sentimento e interesse geral, é a ideia que na representação se advoga, quando não existissem, como existem, ponderosos fundamentos que a justificam.

Continuou o sr. Dr. Fernandes Vaz dizendo, que um só mercado central, em que os consumidores facilmente e sem perda de tempo se provejam da maior parte dos objectos necessarios ao consumo diario, é evidentemente mais commodo e vantajoso para o publico, do que a existencia de mercados especiaes e dispersos; e quando a experiencia de muitos annos tem mostrado que o mercado de D. Pedro V, apesar de não estar ainda completado, satisfaz ás exigencias e necessidades publicas, pretender estabelecer mercados especiaes, é por um lado dispender inutilmente o dinheiro do municipio, tão preciso para obras necessarias e urgentes, e por outro augmentar o incommodo dos povos, sem vantagem conhecida.

Que, porem, em particular, a creação de um mercado especial de peixe, n'uma terra em que tão geralmente é sentida a falta e escassez delle, parece uma pungente ironia á penuria e um ataque ao bom senso. E ainda quando se julgasse necessario um tal mercado, ir estabelecel-o n'uma extremidade da cidade, enormemente afastada da maioria dos habitantes, e collocal-o á beira do rio, parece revelar, permitta-se dizel-o, antes o proposito de fazer um mercado *para os peixes*, do que um mercado de peixe para uso dos conimbricenses.

Por estes fundamentos, disse o sr. Dr. Fernandes Vaz, e pelos que constavam da representação, que os membros da commissão tinham a honra de apresentar, e sobre tudo pelos que a perspicacia, zelo e cordura da illustrada camara de certo descobriria, nutriam os apresentantes a convicção de que não seria attendida a pretensão dos que pediam a creação do mercado de peixe no caes das Ameias.

Que, porem, antes de depositar nas mãos dos illustres vereadores a representação, não deixaria de declarar terminantemente, em seu nome e em nome da commissão e de todos os signatarios, que não havia o proposito de hostilisar pessoas, que aliás todos respeitavam, nem combater interesses pessoaes legitimos de quem quer que seja. Combatiam uma ideia, que haviam por prejudicial aos interesses do municipio e á commodidade da maioria dos habitantes de Coimbra.

E tambem cathegoricamente declarava, que não eram movidos por intuitos politicos, de nenhuma ordem, nem por odios ou paixões pessoaes; mas unica e exclusivamente pela consideração do interesse publico; e em taes condições, e confiados na rectidão, cordura e illustração dos dignos vereadores, esperavam os signatarios da representação favoravel deferimento.

Em seguida o sr. Dr. Fernandes Vaz leu e entregou a representação.

Depois de a ter recebido, respondeu o sr. presidente da camara, que quando ha tempo fora presente á camara a repre-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXXVI

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS

(CONTINUAÇÃO)

Por tanto e o mais dos autos, tendo sempre á nossa vista a sagrada constituição na 6.ª parte, capitulo 32, § 1.°, condemnamos o reu pelo roubo da livraria do convento de S. Paulo, em tres mezes de pena gravissima, qualificada com os jejuns, disciplinas, e com o mais que determinam as constituições. Mesmas constituições 6.ª parte, capitulo 8, §§ 1 e 2, capitulo 23, § 1: ficando privado de voz *in perpetuum*, e infame. Condemnamos mais o reu pela fuga do carcere em outros tres mezes de pena gravissima egualmente qualificada, constituição, 6.ª parte, capitulo 18, e capitulo 23, § 1.

Pelo crime de pôr mãos violentas no irmão leigo, Fr. Leandro da Conceição, e no moço, condemnamos o reu em um mez da mesma pena gravissima, da mesma sorte qualificada, visto não se mostrar n'estes autos reincidencia n'este crime, constituição, 6.ª parte, capitulo 4, § 1.

E pela culpa de apostasia, como esta é a quarta que o reu commette, e conforme as nossas sagradas constituições n'estas circumstancias deve ser expulso da religião, e não caber em nossa alçada a execução de semelhante pena, nem conhecer da incorregibilidade do reu, e pertencer isto privativamente ao nosso reverendissimo padre provincial, e seu definitorio; para este appellamos esta sentença *ex-officio*, e lhe requeremos queiram fazer aquella justiça que merecem esta culpa, as mais que tem commettido o reu e a sua mesma incorregibilidade, separando por uma vez d'esta corporação este membro podre, para que não venha a inficionar os mais; sendo que só assim ficará vindicada a honra d'esta nossa provincia, que o reu ha tantos annos não tem cessado de enxovalhar, desacreditar, e deshonrar, com os seus desordenadissimos procedimentos. Dada n'este convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa aos 7 dias do mez de Dezembro de 1791. O lente Fr. Manoel de Andrade, prior; Fr. João de Deus, visitador; o mestre Fr. Mauricio da Conceição; o mestre Fr. José do Desterro; Fr. Manoel de S. Ilidio, provincial absoluto; o procurador geral Fr. José Brochado; Fr. Nicolau de Nossa Senhora, subprior; Fr. Antonio de Quadros, deputado; Fr. Antonio de Vasconcellos, deputado.

Segue-se a folhas 66 verso a petição do reu para appellar, e seu despacho, etc. etc.

Accordão em definitorio, etc. Bem julgado foi pelo muito reverendo padre lente prior d'este convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, em condemnar ao reu o padre Fr. José de Santo Agostinho, e confirmamos a sua sentença pela maior parte dos seus fundamentos, desprezando a appellação pela parte do reu, por serem os seus fundamentos inattendiveis, falsos, e illusorios, como se mostra dos mesmos autos; e como o reu pela sua incorregibilidade nos não dá esperança nenhuma de sua emenda, e segundo as nossas sagradas constituições está nos termos de ser expulso, mandamos que estes autos sejam remettidos aos muito reverendos padres mestres juizes dos expellendos, para julgarem como lhes parecer justiça.

Convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa, em definitorio em 23 de Dezembro de 1791. Fr. Manoel de Santo Antonio, definidor; o Dr. Fr. Felisberto de Seixas, provincial; o mestre Fr. Francisco de Santa Rita, definidor; Fr. Antonio da Luz, definidor; Fr. José de Brito, definidor.

Seguem-se os pareceres dos juizes dos expellendos, sendo o ultimo a folhas 74 verso do theor seguinte:

Vistas as razões sabias, justas, e incontestaveis que os muito reverendos padres mestres, juizes dos expellendos, tem proferido sobre a numerosidade dos crimes, que o padre Fr. José de Santo Agostinho tem commettido sem temor de Deus, e dos homens: eu me conformo com ellas, e persuadido da sua incorregibilidade, em que actualmente permanece, sou de parecer que esta em os termos de ser expulso da nossa sagrada religião, de que é indigno filho, e membro podre.

Lisboa, convento de Nossa Senhora da Graça 27 de Janeiro de 1792. O lente Fr. Francisco da Conceição, como juiz dos expellendos.

sentação da associação commercial, respondera em seu nome e em nome de toda a camara, que o assumpto de que se tratava era muito melindroso, e não podia ser immediatamente resolvido, por isso que não dizia respeito só á classe commercial, mas sim ao interesse e commodidade de toda a cidade; e que por esta circumstancia, e porque já constava que se promovia na cidade uma representação em sentido contrario á da associação commercial, declarara á commissão, que a camara teria em toda a consideração o pedido dos dignos signatarios, e que procuraria ouvir as manifestações do publico interessado, e habilitar-se com todos os dados e esclarecimentos precisos, para resolver a questão do modo mais conforme aos interesses e votos do municipio.

Que agora, recebendo esta representação, acompanhada de numerosas assignaturas de habitantes desta cidade, declarava egualmente em seu nome, e tambem em nome de toda a camara, cujos nobres sentimentos conhecia, que a camara terá na devida consideração esta representação, e que a questão de que se trata hade ser decidida não em harmonia com os votos ou desejos desta ou daquella classe, desta ou daquella parte da cidade; *mas sim em harmonia com os interesses geraes do municipio e com os interesses, commodidades, votos e aspirações da maioria dos habitantes*, visto que se trata de um assumpto, que a todos directa e immediatamente interessa.

A commissão, havendo satisfeito a sua incumbencia, saiu dos paços do concelho, e como testemunho de consideração, desejava ir acompanhar o sr. Dr. Fernandes Vaz a sua casa. S. ex.ª, porem, pediu com instancia para que não tivessem esse incommodo; e indo todos até á rua da Calçada, ahi se separaram.

Tanto pela manifesta justiça que assiste aos numerosos signatarios da representação que foi entregue á camara, como pela declaração explicita do sr. presidente, resulta que a pretensão da maioria da associação commercial será desattendida, e assim satisfeitos os votos da grande maioria dos habitantes de Coimbra.

Por esta forma se vê a razão com que duvidavamos do boato espalhado, de que a representação da maioria da associação commercial tinha sido precedida de uma transacção com a camara municipal, para fins eleitoraes.

Está novamente de luto a Universidade. São já tres os professores fallecidos neste mez. O ultimo foi o sr. Dr. Antonio da Cunha Vieira de Meirelles, que se sepultou no dia 16.

Este distincto membro da Faculdade de Medicina era natural de Penafiel, onde nasceu a 22 de Maio de 1836. Filho de um medico muito acreditado, quiz seguir a nobre profissão de seu pae. Frequentou com grande aproveitamento a Universidade, formando-se na faculdade de Philosophia, e doutorando-se na de Medicina.

Defendeu theses em 21 de Maio de 1863; fez exame de licenciado em 6 de Junho, e recebeu o capello a 29 do mesmo mez e anno. Obteve o primeiro despacho do magisterio em 29 de Janeiro de 1867, e era lente cathedratico da 4.ª cadeira, *anatomia topographica, medicina operatoria e pathologia geral*.

Foi sempre alumno distincto, e por muitas vezes premiado durante o seu curso universitario. A esta superioridade litteraria, que revelou o seu muito merito e decidida vocação para o magisterio, accrescia uma educação esmerada, um tracto affavel e ameno, e um procedimento exemplar na epocha mais perigosa da vida.

Os seus prazeres, as suas distracções, a sua paixão predilecta eram o amor do estudo, a que se dedicava com uma tenacidade constante e inabalavel. Nada era capaz de o desviar de suas occupações estudiosas de todos os dias. Foram muitos e valiosos os serviços que prestou ás sciencias e ás lettras, deixando duas obras de vulto, e importantes artigos nos jornaes.

Os dois livros que publicou são: — *Organogenia* e *Memorias da epidemologia portugueza*. No primeiro tratou o auctor com grande erudição de um dos mais difficeis assumptos de histologia e physiologia, e no segundo fez a historia scientifica das principaes epidemias que tem assolado Portugal.

O seu estylo florido, elegante e sempre elevado, era verdadeiramente admiravel. Profundamente versado na litteratura classica portugueza, a sua phrase graciosa e colorida moldava-se nos typos mais correctos dos escriptores nacionaes. Transportar ao campo arido e positivo das sciencias as bellezas, as pompas e amenidades das formas e estylo da litteratura é um privilegio, que a poucos é permittido possuir. O dr. Meirelles era dotado em grau eminente desta feição caracteristica, apurada por uma critica finissima; por um ingenho vigoroso, e por um estudo incessante.

Alem destas obras, o que tornará para sempre memoravel o nome deste professor, é a sua activa e laboriosa collaboração do *Instituto*. Este jornal, que já vai no 15.º anno de sua publicação, deve assignalados serviços ao Dr. Vieira de Meirelles. Numerosos e interessantes artigos deste escriptor, e os que elle solicitava sem descanço dos seus collegas e amigos, povoam as paginas desta folha mensal.

O amor e dedicação que consagrava a estes trabalhos jornalisticos eram de tal quilate, que este professor, já prostrado no leito da dor, devorado pela febre, pela insomnia, e pelos mais atrozes padecimentos, ainda trabalhava para o seu *Instituto!*.. Na vespera da morte, já a luctar com os transes da agonia, recommendava com solicito empenho a prompta revisão e publicação do jornal. Quando recebia algum artigo de penna auctorisada, sorria de jubilo e contentamento, e sentia allivios na sua doença. Isto é admiravel e digno de eterna commemoração.

Respeitado por seus collegas, discipulos e amigos, o Dr. Meirelles deixa um nome honrosissimo no magisterio, nas lettras, e na imprensa. A sua memoria será sempre respeitada com gratidão pelos amigos da Universidade e por todos os homens que amam deveras o esplendor desta corporação. Os fructos da sua intelligencia e de seu trabalho ahi ficam para testemunhar eternamente aos vindoiros uma vida tão preciosa. Devia deixar importantes manuscriptos. Não possuia condecoração alguma; e os seus diplomas universitarios eram para elle o titulo mais honroso, que o homem póde ambicionar.

O seu funeral foi muito concorrido, apesar da hora incommoda e dia tempestuoso. Todos quizeram prestar a derradeira homenagem ao insigne professor e homem distincto, que tanto honrou o seu paiz. A commissão redactora do *Instituto* compareceu em todos os actos, acompanhando o cadaver até ao cemiterio. A dor e consternação eram visiveis em todos os rostos.

Foi uma perda irreparavel para a Universidade.

NOTICIARIO

Misericordia de Coimbra.—Na quinta feira, pelas 9 horas da manhã, depois de entrar o exm.º sr. bispo conde na capella da Misericordia, foi cantada a antiphona — *Ecce sacerdos*, e em seguida o *Te-Deum*.

Depois celebrou a missa o exm.º sr. bispo conde, servindo de assistentes os srs. conegos Dr. Francisco da Fonseca Correa Torres e José Ferreira Fresco; e de arcediagos á mitra o sr. conego José Tavares de Moura, e ao baculo o sr. conego Manoel Marques Pereira Ribeiro.

No fim da missa pregou o sermão sr. bacharel José Maria dos Santos.

Em seguida o exm.º sr. bispo conde chrismou os alumnos dos collegios dos orphãos e orphãs, e grande numero de pessoas que para esse fim se apresentaram.

Terminado este acto religioso, foi o exm.º sr. bispo conde visitar os collegios, mostrando interessar-se muito por este importante estabelecimento de caridade.

Fallecimento.—Falleceu a exm.ª sr.ª D. Maria do Carmo, filha do sr. conselheiro João de Sande Magalhães Mexia Salema, decano e director da faculdade de Direito. Era uma senhora extremamente prendada e instruida, e o enlevo de seus paes e familia. Ao seu funeral, que teve logar na tarde de quinta feira, concorreu a sociedade mais escolhida de Coimbra.

Associação conimbricense do sexo feminino.— Recebemos o relatorio e contas do 5.º anno da *Associação conimbricense do sexo feminino*.

O estado desta sociedade continua a ser prospero. Depois de satisfeitas todas as despezas no anno findo, houve um saldo a favor da quantia de 457$328 rs.

Receberam soccorros 114 socias. Os soccorros diarios importaram em 199$860 reis. O receituario 338$240 rs. Os facultativos venceram 162$000 rs.

Compraram-se duas inscripções de 100$ reis cada uma, e quatro acções do banco União do Porto, do mesmo preço.

Sua magestade o imperador do Brasil houve por bem declarar-se protector desta sociedade, fazendo-lhe o donativo de 90$000 rs.

O pharmaceutico o sr. Domingos Barata Diniz, cedeu generosamente de metade da importancia do seu receituario. Essa cedencia foi da quantia de 150$215.

No 1.º de Janeiro de 1872 havia 356 socias. Entraram durante o anno 51. Deixaram de ser socias por se despedirem, 5, e por fallecimento, 3. Ficaram existindo para o corrente anno, 399.

Os fundos que ficou possuindo a sociedade no fim do anno passado são os seguintes:

11	Inscripções de diversos valores	4:200$000
4	Acções do banco União do Porto	400$000
5	Letras de cambio, devidamente abonadas............	231$500
3	Penhores de ouro e prata....	21$640
1	Escriptura com hypotheca...	120$760
	Dinheiro em cofre.............	82$165
	Total..............	5:059$065

Historia da guerra civil. — Segundo informações que tivemos de pessoa auctorisada, parece que o sr. ministro da guerra, Fontes Pereira de Mello, acaba finalmente de resolver as duvidas que ha mais de um anno tinham paralisado a grandiosa obra do sr. conselheiro Simão José da Luz Soriano—*Historia da guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal, comprehendendo a historia diplomatica, militar e politica deste reino, desde* 1777 *até* 1834 — de que já estão publicados quatro grossos volumes.

Essas duvidas haviam sido levantadas sem plausivel fundamento, á vista das expressas determinações dos contractos solemnes, com s. ex.ª feitos; e assim foram julgadas inadmissiveis no parecer que a tal respeito foi dado por um official general dos de maior honra e reputação no exercito portuguez, a quem o mesmo sr. Fontes constituira em juiz arbitro para resolver esta questão.

Por essa decisão manteve-se a fé dos contractos e por um modo, que deve lisonjear o sr. conselheiro Simão José da Luz Soriano, e deixar desgostosos os seus adversarios, se é que n'isto alguns teve contra si.

Apressamo-nos, pois, em fazer isto publico, por sabermos que havia muitas pessoas que lastimavam ver ficar incompleta uma obra, que é de tanto interesse e gloria nacional.

Consta-nos que para o acabamento da guerra da peninsula, são necessarios mais dois volumes, aos quaes se devem seguir dois de documentos, sendo um relativo á primeira epocha, e outro á segunda.

Panorama Photographico de Portugal. — Recebemos o n.º 12 do 2.º volume deste interessante periodico, que se publica nesta cidade sob a direcção do sr. bacharel Augusto Mendes Simões de Castro. Traz os seguintes artigos:

—*Novo lado occidental do mosteiro de Belem* (com uma photographia), por J. Alves de Mariz.

—*Estudo de numismatica*, por F. I. de Mira.

—*A uma gota d'orvalho*, poesia por F. A. Nunes Pousão.

Com este numero, que vem acompanhado do respectivo indice e frontespicio, fica completo o volume segundo do *Panorama Photographico de Portugal*, formando um luxuoso livro, tanto na parte typographica como nas photographias, cuja maior parte é tirada de *clichés* do distincto photographo-amador o sr. Carlos Relvas.

Pela lista dos collaboradores, impressa na frente do livro, vê-se que este volume traz artigos dos seguintes senhores: A. A. da Fonseca Pinto — D. Amelia Janny — A. Cardoso Junior—A. F. Barata—Dr. A. Filippe Simões —A. M. Simões de Castro — Candido de Figueiredo—F. A. Rodrigues de Gusmão — F. A. Nunes Pousão—F. I. de Mira— I. de Vilhena Barbosa— Innocencio Francisco da Silva—J. de Sousa Araujo — Dr. J. A. Simões de Carvalho—J. E. Xavier Machado — J. Alves de Mariz—J. J. da Silva Ramos—J. Silvestre Ribeiro — Luiz Carlos Simões Ferreira —M. A. da Silva Rocha — S. de Magalhães Lima.

Para darmos noticia completa do livro, apresentamos tambem a relação das photographias que o adornam:

1.ª—Palacio acastellado da Pena em Cintra.
2.ª—Museu da Universidade de Coimbra.
3.ª—Cidade do Porto.
4.ª—Templo de Belem.
5.ª—Ponte de ferro sobre o Mondego, comprehendendo grande parte da cidade de Coimbra.
6.ª—Mosteiro da Batalha.
7.ª—Convento de Thomar.
8.ª—Portico da casa impropriamente chamada de D. Maria Telles em Coimbra.
9.ª—Ruinas do antigo mosteiro de Santa Clara, em frente de Coimbra.
10.ª—Tumulo de D. Sancho 1.º na egreja de Santa Cruz de Coimbra.
11.ª—Porta da egreja da Batalha.
12.ª—Topo, modernamente construido, do mosteiro de Belem.

O *Panorama* publica-se mensalmente, e custa cada numero 120 reis, preço em verdade diminutissimo se attendermos ás suas lindas photographias, á nitidez da impressão, e ao valor e curiosidade dos artigos.

Consta-nos que por todo este mez deve ser distribuido o primeiro numero do volume 3.º, e que para este volume concorre o sr. Carlos Relvas com formosissimos *clichés*, de muitos dos quaes, em ponto maior, s. ex.ª manda photographias á proxima exposição de Vienna d'Austria.

Appareceráo tambem no novo volume algumas photographias dos monumentos de Coimbra, reproduzidas das que o habilissimo photographo Thurston Thompson executou para o museu South Kensington, proximo de Londres, de cuja directoria o sr. Simões de Castro solicitou e obteve consentimento para a reproducção.

Influencia da lua—É crença muito geral e antiquissima, que a lua exerce grande influencia nas mudanças do tempo, na saude do homem, e na vida dos animaes e das plantas. Parece-nos, que se tem exaggerado muito a acção do astro da noute sobre a superficie da terra.

Se as phases da lua, e especialmente a lua nova influissem tanto nas alterações atmosphericas, como explicar a constancia do tempo durante muitos mezes, e a regularidade periodica de certos phenomenos meteorologicos? O estado de saude ou de doença depende de muitas causas que influem na constituição atmospherica, como são o calor, humidade, pressão, ventos, e puresa do ar; e a lua não exerce influencia conhecida sobre estas condições aerias.

A acção d'este astro pode attribuir-se a tres causas: attracção, calor e luz. A primeira combinada com a attracção solar produz as marés; e é plausivel que as camadas atmosphericas experimentem oscillações similhantes ás do oceano. Cumpre porem advertir, que o barometro é quasi insensivel a estas variações diarias; tão pequenas são. A luz e calor da luz tambem são insignificantes, porque experiencias rigorosas demonstram, que a luz lunar é 300 mil vezes menor do que a do sol, e que os raios luminosos da lua cheia concentrados em um forte espelho concavo, de um metro de diametro, não são accusados por um thermometro muito sensivel collocado no foco.

Não obstante o que a sciencia ensina, é certo, que os lavradores acreditam, que não se devem cortar as arvores senão no quarto minguante, e que no quarto crescente é que convem plantar, podar e enxertar as arvores, ceifar os trigos, matar os porcos, etc., e confiam plenamente n'estes e em muitos outros preceitos. Muitas pessoas esclarecidas seguem ainda as mesmas opiniões, transmittidas de geração em geração desde tempos immemoriaes.

Superstições—Podia escrever-se um livro curioso a respeito de superstições populares. Principalmente nos campos reinam ainda as crenças mais absurdas.

Ha muita gente, que acredita em bruxas, em almas do outro mundo, em espiritos malignos, em maus olhares, em quebrantos, em figas, e muitas outras cousas. As mulheres são as mais sujeitas á influencia d'estes desvarios e preconceitos sobrenaturaes.

Em certas casas consideram-se as pombas como bom presagio, e não se consente que se matem, porque a desgraça seria inevitavel. Ha pessoas que ficam alegres vendo uma borboleta branca, e pelo contrario tristes, se vêem uma mariposa negra. Estes prejuizos são muito vulgares mesmo nas cidades em pessoas civilisadas e instruidas.

Muita gente attribue a causa das molestias e desastres a um simples olhar de inveja. Os lavradores receiam até que os seus gados sejam victimas d'estes maleficios, e procedem a fumigações, para purificar os animaes e afugentar o mal. Muitos outros exemplos curiosos podiamos citar d'estas crenças populares.

Camara de Coimbra—Na sessão ordinaria de 9 do corrente, sob a presidencia do sr. Dr. Lourenço d'Almeida e Azevedo, estiveram presentes os vereadores srs. Reis, Cabral, Ferraz e Hypolito.

Abriu-se a sessão pela 1 hora da tarde.

Foi approvada a acta da sessão antecedente.

Lida a correspondencia e despachados os requerimentos das partes tomaram-se as seguintes deliberações:

Que fosse annunciada para ser arrematada no dia 16 do corrente a lenha tirada do decote das arvores da alameda do jardim botanico.

Que em resultado da vistoria feita ao saguão existente entre a rua do Corvo e largo da Freiria, fosse elle considerado commum aos tres confinantes Dr. Nuno, Luiz José Maria e Bizarro, ficando a estes a obrigação de o limparem por turno na conformidade das posturas.

Que se fizesse publico que os conductores dos carros de limpeza são obrigados a recolher nos ditos carros os lixos e varreduras que pelos moradores lhes forem apresentados na occasião da sua passagem.

Ás duas horas da tarde foi levantada a sessão.

Commissão do recenseamento.—A commissão do recenseamento do concelho da Pampilhosa ficou assim composta:

Proprietarios

Antonio dos Reis e Campos
Daniel Baeta Pires de Almeida
José Joaquim Antunes da Veiga
Manoel Martins das Neves
Antonio Francisco Mendes
José Nunes d'Almeida
Francisco Nunes d'Almeida
Isidoro da Silva Ribeiro.

Supplentes

Antonio d'Almeida
Francisco Rebello da Motta
José Barata das Neves
Francisco Carlos Nunes
José Baptista
Manoel Baptista Junior.

Mercado de Condeixa a Nova—No mercado de sexta feira, 17, regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 540—Dito mourisco 520—Milho branco 360—Dito amarello 350—Feijão vermelho 500—Dito branco 500—Dito rajado 400—Dito frade 400—Cevada 300—Favas 360—Tremoços 300—Chicharos 300—Grão de bico 480—Batatas 240—Vinho 650—Azeite 1$100—Vacca 200—Carneiro 90 reis.

Camara dos deputados—Na sessão da camara dos deputados de 15 do corrente começou a discussão da resposta ao discurso da corôa.

Fallou contra o governo o sr. Luiz de Campos, e a favor o sr. Pinheiro Chagas.

No dia 16 continuou a mesma discussão, concluindo o seu discurso o sr. Pinheiro Chagas.

Seguiu-se por parte da opposição o sr. Candido de Moraes, e a favor do governo o sr. Affonseca.

Fabrica de Xabregas. — Os operarios da fabrica de Xabregas constituiram-se em gréve, e quizeram obstar á expedição do tabaco que era enviado pelo caminho de ferro para a fabrica do Porto, a fim de alli ser manipulado em cigarros.

A presença da cavallaria da guarda municipal e da policia civil conteve-os. O tabaco foi conduzido para o caminho de ferro.

Morte de Napoleão. — Diz o *Jornal do Commercio* que o funeral e as exequias do ex-imperador Luiz Napoleão, deviam ter tido logar na quarta feira.

O cadaver do finado foi depositado no santuario da egreja catholica de Chislehurst, no centro do côro.

Tinham chegado a Chislehurst a princeza Clotilde, o barão Jerome David, o marquez Lagrange e o doutor Evans.

Em um supplemento á folha official fôra declarado tomar a côrte lucto por doze dias.

O cadaver de Napoleão foi vestido com o pequeno uniforme de general de divisão; depois de se ter procedido ao embalsamamento.

Um despacho de Milão, em 11, conta que fôra aberta uma subscripção para erigir um monumento a Napoleão, n'aquella cidade, como lembrança de ter sido ella a primeira cidade da Italia libertada pelas tropas francezas. Far-se-hão tambem alli as exequias solemnes.

O imperador da Austria e o rei da Italia tambem tomaram lucto por doze dias.

Um fabricante de Paris recebeu de Londres a encommenda de 150 mil coroas de perpetuas. A importancia desta encommenda sobe a duzentos e cincoenta contos, se por ventura o telegramma que isto refere se não enganou em cifra de mais. Parece-nos muito dinheiro junto.

O morador de um predio na rua do «Elysée» em Paris poz luminarias, no dia em que constou a morte de Napoleão. O commissario de policia dirigiu-se a essa casa e intimou o habitante para retirar as lanternas, porem elle não quiz obedecer.

O rei Victor Manuel expediu um despacho significando os seus pezames á ex-imperatriz Eugenia.

Varios jornaes italianos, dando noticia do passamento de Napoleão, expressam-se favoravelmente á sua memoria, pelos serviços que elle prestou á Italia.

Varios photographos de New-Castle foram a Chislehurst tirar o retrato do defunto. Depois disto é que se procedeu á autopsia. Os estragos que se encontraram eram grandes. A morte foi produzida por subita paralisação do systema circulatorio.

Alem das pessoas que já mencionámos, egualmente foram a Chislehurst a princeza de Saxe-Weimar, o ministro da Suecia e Noruega, lord e lady Cowley, o marquez de Aguado, o marquez de La Valette, o principe Carlos Bonaparte e o duque de Bassano.

As ultimas noticias dos jornaes dizem que não estava ainda assentado aonde ficaria o feretro.

O governo da republica franceza não gostou do modo por que escreveram os periodicos radicaes.

A policia tambem embirrou com os vendedores, pelo modo com que elles annunciavam o obito de Luiz Napoleão.

Resultado da autopsia de Napoleão—O resulado mais importante da autopsia é o estado inflamatorio dos rins, effeito produzido pela irritação dos calculos vesicaes (que devem ter permanecido na bexiga ha muitos annos); este estado de inflamação era tal que nunca se poderia julgar; admittindo mesmo que se podesse suppor isto, nada poderia dar a esta opinião um caracter de certeza.

As alterações verificadas nos rins eram de duas especies; de um lado dilatação das duas uretras e do involucro dos rins; da parte esquerda esta dilatação era excessiva e tinha dado logar a uma atrophia da substancia glandular d'este orgão; por outro lado, notava-se uma inflamação aguda dos canaes urinarios de origem mais recente.

Todas as partes proximas da bexiga achavam-se em bom estado; a membrana mucosa da bexiga e a prostata apresentavam alguns signaes de inflamação, mas nenhum vestigio de ulceração nem de escoriação.

No interior da bexiga encontrou-se uma pedra, cuja forma indicava ter sido quebrada por metade, bem como dois ou tres fragmentos da grossura de um grão de linhaça. Esta metade do calculo pesava tres quartos de onça (22 grammas) e media uma pollegada e um quarto ou uma pollegada e meia.

Não havia alteração alguma no pericardio, e todos os orgãos, excepto os rins, estavam sãos. O sangue estava geralmente liquido e não continha senão alguns poucos grumos.

Não foi descoberto vestigio algum de obstrucção pela coagulação, nem no systema venoso, nem no coração, nem nos pulmões. A morte foi provocada por um momento em que cessou a circulação, devendo ser isso attribuido ao estado constitucional do doente.

Os desarranjos notados nos rins eram de tal natureza e tão adiantados, que em um espaço de tempo relativamente certo, o resultado fatal deveria ter sido o mesmo. Assignado por todos os medicos presentes: J. Burdon Saunderson, Conneau, Corvisart, H. Thompson, J. T Clover, John Foster.

Assumptos do dia—Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

«Adquirem interesse de dia para dia as sessões da camara electiva. Hontem, antes da ordem do dia, levantaram-se alguns incidentes politicos, que são indicados no respectivo boletim.

O sr. Barros e Cunha annunciou que se estão fazendo representações contra a proposta do real d'agua. O sr. Candido de Moraes queixou-se de arbitrariedade na escola do exercito. O sr. José Maria Lobo de Avila referiu-se desfavoravelmente á paz feita com os Dembos, alludindo ás noticias particulares vindas ultimamente, e que dizem ter proseguido a insurreição de alguns regulos, ao que o sr. ministro da marinha contestou não haver a tal respeito informações officiaes.

Na ordem do dia concluiu o seu discurso o sr. Pinheiro Chagas, refutando com vehemencia os argumentos do sr. Luiz de Campos. O orador foi comprimentado por deputados de todos os lados da camara. O sr. Candido de Moraes fez a sua profissão de fé po-

---

ACCORDÃO, A FOLHAS 75 VERSO

Accordão em definitorio, que vistos estes autos, sentenças uniformes dos muito reverendos padres mestres, juizes dos expellendos, notoria e consummada incorregibilidade do reu o padre Fr. José de Santo Agostinho, como consta de todo este processo, e seus appensos:

Christi nomine invocato: julgamos o reu indigno da nossa sociedade, e mandamos que se lhe tire publicamente o nosso santo habito, e seja expulso das nossas sagradas constituições, e disposições de direito: e mandamos ao padre prior d'este convento que assim o execute. Dada em definitorio n'este convento de Nossa Senhora da Graça de Lisboa 4 de Fevereiro de 1792. O Dr. Fr. Felisberto de Seixas, provincial; o mestre Fr. Francisco de Santa Rita, definidor; Fr. Antonio da Luz, definidor; o mestre Fr. Jose do Desterro, juiz dos expellendos; o Dr. Fr. Joaquim Rodrigues, juiz dos expellendos; o lente Fr. Francisco da Conceição, juiz dos expellendos; o lente Fr. Miguel da França, juiz dos expellendos; o Dr. Fr. Patricio da Silva, juiz dos expellendos.

Segue-se a folhas 81 a petição do procurador geral da provincia, como promotor fiscal da justiça, para se cumprir a sentença intimada ao reu, com o despacho do provincial para que se execute, e depois, na forma seguinte a

CERTIDÃO DA EXPULSÃO

Em observancia do despacho do nosso reverendissimo padre mestre dr. provincial, dei á execução a sentença de expulsão, e a pena nella comminada contra o reu o padre Fr. José de Santo Agostinho, despindo-lhe o santo habito publicamente, em acto de communidade, mandando ler a sentença deante da mesma communidade, e mandando pôr o dito reu fóra do convento; tudo na conformidade do que determinam as nossas sagradas constituições: e para que em todo o tempo conste, passei a presente que assigno.

Lisboa, convento de Nossa Senhora da Graça, 18 de Fevereiro de 1792. O lente Fr. Manoel de Andrade, prior.

Publicamos em seguida como *primeiro documento*, uma certidão de que não reza a sentença, talvez por decoro claustral, mas que vem a folhas 15 dos autos, passada pelo escrivão do crime do bairro do Castello, para provar que Fr. José de Santo Agostinho andava amancebado com uma meretriz, moradora no becco dos Beguinas, freguezia de S. Vicente de fóra.

João José da Fonseca Barreto, cidadão n'esta corte e cidade de Lisboa, e nella escrivão do crime do bairro do Castello e seu termo, por S. M. fidelissima que Deus guarde: certifico aos que a presente certidão virem, em como em meu poder e cartorio se acha um termo do theor e forma seguinte:

Termo que assigna Claudia Maria Benigna, na forma abaixo.

Aos 12 dias do mez de Junho de 1788 annos, n'esta corte e cidade de Lisboa, casas da morada do Dr. Manoel Antonio Pessoa Osorio, juiz do crime do bairro do Castello, aonde eu o escrivão do seu cargo vim, e ahi sendo informado o dito ministro de que Claudia Maria Benigna se achava vivendo em concubinato com Fr. José de Santo Agostinho, religioso do convento da Graça, a mandou vir á sua presença e lhe fez perguntas, se era ou não verdade o referido; e confessando que sim, e que com elle tratava ha seis para sete mezes illicitamente, e lhe pagava as casas e a sustentava: admoestou-a a que se abstivesse de semelhantes procedimentos, e vivesse d'aqui em diante com toda a honestidade, cominando-lhe que tornando ao mesmo concubinato com o sobredito padre Fr. José, ou com algum outro homem; ou a viver com deshonestidade e escandalo, ficaria sujeita á pena de ir por tres annos para a casa de Santa Margarida de Cortona: o que sendo por ella ouvido, assim o prometteu cumprir, e se sujeitava á pena cominada; e de como assim o disse o dito ministro me mandou fazer este termo, que por dizer não sabia escrever a declarante assignou José Carlos de Sousa e Silva a seu rogo, e comigo; e eu José da Fonseca Barreto o escrevi e assignei. João José da Fonseca Barreto=a rogo da sobredicta= José Carlos de Sousa e Silva=E não se continha mais em o dito termo, que se acha em meu poder e cartorio, ao qual me reporto, em fé do que passei a presente a pedimento, digo, em Lisboa aos 12 de Junho de 1788 annos. E eu João José da Fonseca Barreto a subscrevi e assignei. João José da Fonseca Barreto.»

(*Concluir-se-ha.*)

litica e accusou de inconstitucionaes os meios por que o gabinete houve o poder, censurando diversos actos dos srs. ministros, e especialmente as providencias do sr. ministro da guerra com relação á tentativa de revolta. Concluiu chamando nefasto ao gabinete.

Occupou o final da sessão o sr. Affonseca, o qual louvou o governo pelas providencias que adoptou para reprimir a conspiração e disse que a sua administração é boa, o que se prova pela subida dos fundos. Estão ainda muitos oradores inscriptos e annunciam-se discursos calorosos de alguns homens eminentes das diversas parcialidades.

—A empreza da exposição portugueza do Rio de Janeiro constituiu-se com o capital de 100:000$000 rs. O conselho director da exposição tem por presidente o sr. Mathias de Carvalho, nosso ministro no Rio de Janeiro. Os iniciadores, srs. Marcelino Ribeiro Barbosa e José Joaquim Pessanha Povoa, têem visto coroados do melhor exito os seus esforços.»

Prevenção. — O sr. escrivão de fazenda deste concelho pede-nos para prevenirmos o publico, de que por ordem superior foi prorogado até 31 de Janeiro corrente, o prazo para a recepção das declarações que os proprietarios e mais pessoas deste concelho são obrigados a apresentar-lhe.

Sociedade Terpsichore Conimbricense.—Procedeu-se nesta sociedade á eleição para os novos cargos, e ficaram eleitos os seguintes srs.:

Direcção

Presidente, Bacharel Augusto Cesar da Cruz Ferreira.
Vice presidente, Abilio Maria Martins.
Secretario, José Antonio Vieira da Fonseca.
Vice secretario, Manoel da Silva Gonzaga.
Thesoureiro, Manoel Teixeira da Cunha.
Director, José Maria Mendes de Abreu.
Dito, Joaquim Baptista.
Dito, Joaquim Duarte Ariosa.

Commissão de contas

Valentim José Rodrigues
Mathias da Costa Pereira
José Gomes Paes.

Os novos eleitos tomam posse ámanhã, domingo, pelas 4 horas da tarde.

CHARADAS

1.ª

E' premio—3
ahi está —1
Lucra com perdas
e prantos que dá.

2.ª

A outra em cima era alegre animal—1 e 2 e 2

3.ª

Val X o captivo neste cruel abandono—1 e 2.

4.ª

Pede ao que não soffre o descanço eterno—2 e 1.

5.ª

No espirito—1
e no coração—1
imperas,
o ancião:
a parcella não val
com tal palmuro;
quem delle se confia,
profia seguro.

6.ª

Com *m* é da gente,—2
mais *no* fabuloso,—1
com *al* é mordente, *(letra)*
é um geito com dó,—1
e o termo fatal
do mais enganoso
progresso...do mal.

7.ª

Sua telha é perigosa—1
representando os actores—2
que lhe fizeram as linhas
experimentar amargores;
e corrido safou-se
e a fama golou-se.

8.ª

On boit, non pas le mot—1
Un homme, un héros,— 2
general, qui est né
d'un throne sur les degrès.

K.

ANNUNCIOS

Alviçaras 1:000$000 !!!

1 JOÃO CASTANHEIRA DE CARVALHO, tendo ido a Lisboa levantar do banco de Portugal 25:000$000, com procuração da exm.ª sr.ª D. Joanna de Sousa Cardoso, perdeu desde o largo de Samsão até á sua casa na Couraça de Lisboa, quatro contos de reis em notas de 20$000 reis. Estavam dentro de uma carteira, onde se encontravam mais duas cartas importantes. A pessoa consciencioza receberá um conto de reis.

---

2 VENDEM-SE duas moradas de casas novas, com communicação interior, na rua do Corpo de Deus, com os n.os 98 a 108. Na rua de Quebra Costas n.º 34, se diz com quem se trata.

---

3 A DIRECÇÃO das obras publicas deste districto de Coimbra, faz publico, que no dia 23 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na secretaria da mesma direcção, se ha de proceder a arrematação do fornecimento, para a ponte da Portella, de 990 pranchões de pinho da terra, serrados em arestas vivas, e tendo cada pranchão 4,m60 de comprimento, 0,m20 de largura e 0,m06 de altura.

Este fornecimento deve estar terminado no fim de Março do corrente anno.

Coimbra, secretaria da direcção das obras publicas, 13 de Janeiro de 1873.

Heitor de Macedo, director.

---

4 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia de Santa Eufemia, da villa e concelho de Penella, diocese de Coimbra, faz publico, que no dia 26 de Janeiro corrente, pelas 11 horas da manhã, na sachristia da egreja parochial, ha de arrematar-se em hasta publica, convindo, a obra de carpintaria e pedreiro, que tem a fazer-se na egreja parochial, cujos apontamentos e condições serão presentes no acto da arrematação; e para que chegue ao conhecimento de todos se fez o presente annuncio.

Penella, 9 de Janeiro do 1873.

O presidente da junta,

João Albino de Sousa Peres.

PROTECTORA

COMPANHIA DE SEGUROS DE REMISSÃO DO RECRUTAMENTO MILITAR

Sociedade anonyma, responsabilidade limitada.

Capital 640:000$000

Agentes em Coimbra

GAVICHO & C.ª

Largo das Olarias n.º 11

---

5 A CAMARA MUNICIPAL DE COIMBRA, manda annunciar, que os conductores dos carros da limpeza, são obrigados a receber na sua passagem pelas ruas, o lixo que os habitantes da cidade queiram fazer remover para os mesmos carros.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 16 de Janeiro de 1873.

O escrivão da camara,

Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

ALTA NOVIDADE EM COIMBRA

No estabelecimento de José Tavares da Costa, rua da Calçada, proximo á Portagem.

6 CHEGARAM a este estabelecimento os superiores queijos Londrino, Pinha e Suisso; o verdadeiro macarrão de Italia, as mimosas pastilhas de chocolate, com baunilha, suissas, e de hortelã-pimenta, inglezas.

No mesmo se encontram as mais modernas bolaxinhas inglezas; a excellente passa de Malaga e de Corintho, doce de cidrão; os mais acreditados vinhos finos, de 240 a reis 1$200 a garrafa; licores de christal, kummel, e do Perekerman; aguardente de cana e de Paraty; cognac, genebra superior, cerveja Bass, e todos os mais artigos relativos a mercearia.

---

7 JOSÉ MARIA SIMÕES LEITE, negociante desta cidade, faz publico, que não empresta dinheiro sobre penhores.

Coimbra 10 de Janeiro de 1873.

---

8 O AUCTOR de um pequeno artigo publicado em a secção noticiosa, do n.º 1:769 do *Tribuno Popular*, sob a epigraphe—*Tem razão*— exaggera aquella noticia de modo a comprometter o credito de um individuo aliás bem comportado.

Deu-se, é certo, o conflicto, mas, com causas e circumstancias muito differentes.

Foi o caso que o accusado encontrou-se com uma mulher, que suppunha andava tratando de o indispor com a familia; tentou aggredir a mulher, esta gritou, acudiu povo, mas diz-nos pessoa digna de credito, que o accusado não praticou o menor desacato contra sua familia.

ALVIÇARAS

9 DÃO-SE a quem achasse um cãosinho pequeno, todo branco, com o pello annellado, que se perdeu na quinta feira desta semana.

Querendo, podem entregal-o na rua do Infante D. Augusto, n.º 12 a 20.

HOSPITAES DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

10 PELA ADMINISTRAÇÃO dos hospitaes da Universidade, se faz publico, que em todas as terças feiras, desde as 10 horas da manhã ate ás 2 da tarde, na rouparia dos mesmos hospitaes, se compram pannos de linho e estoupa.

Secretaria dos hospitaes, 15 de Janeiro de 1873.

O secretario,

Herculano Santa Barbara.

DANTAS GUIMARÃES

26—Rua do Visconde da Luz—30

Grande abatimento

11 EXCELLENTES ESGUIÕES e panno familia, para camisa, de 120, 130 e 140 rs. o metro, lãs para vestido de 180, 200 e 240 rs. o metro; capas modernas para senhora, etc., etc.

---

12 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalesciere,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchaqueca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid, —Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de lata de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kilo 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kilo 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de lata de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes. — ELVAS, Sant'Anna. — COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho. —FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca. — SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugla.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

REPRESENTAÇÃO

Ex.mo Sr. Presidente e mais Vereadores da Camara Municipal de Coimbra

Os abaixo assignados, habitantes d'esta cidade, vêem manifestar cathegoricamente o seu voto de reprovação contra o que a maioria da associação commercial resolveu em uma das suas ultimas sessões, a respeito da transferencia do actual mercado do peixe, para o caes das Ameias.

Deliberando a dicta associação commercial representar á camara municipal, sobre a conveniencia d'esta mudança, os abaixo assignados protestam energicamente contra esta pretensão, fundando-se nos seguintes considerandos:

1.º — Só por uma lei expressa póde ser mudado ou alterado o actual mercado de D. Pedro V, porque foi creado pela lei de 26 de junho de 1866, procedendo-se em tudo pelos tramites legaes, consignados no codigo administrativo.

2.º — Pela mesma lei está hypothecado o rendimento do actual mercado aos juros e amortisação do emprestimo contrahido para esta obra municipal.

3.º — Não ha razões de verdadeira utilidade publica que justifiquem a collocação do mercado do peixe no caes das Ameias; pelo contrario, este local é evidentemente improprio para similhante destino, porque nem a hygiene, nem a commodidade do povo, nem a boa policia e rigorosa economia e fiscalisação municipal justificam tal pretensão.

4.º — Pelo accordo recentemente feito entre a direcção das obras do Mondego e a camara municipal, accordo approvado pelo governo, o caes das Ameias vai ser continuado até ao porto da Pedra, como obra de defeza da cidade contra as inundações do Mondego, e como passeio publico á beira do rio. A construcção de um mercado de peixe n'este local, vai tornar incommodo, insalubre, repugnante e até asqueroso um dos mais bellos e aprazíveis passeios da cidade.

5.º — Este novo mercado será de difficil accesso na épocha de inverno, e principalmente durante as inundações; e prejudica directamente os interesses e commodidades de grande parte da população, especialmente dos habitantes do bairro alto, de Cellas, Sant'Anna e S. José.

6.º — É sempre desvantajoso para o publico e para o bom regimen municipal dispersar e disseminar os mercados, onde os habitantes têem de prover-se todos os dias dos generos de primeira necessidade e do mais indispensavel consumo.

7.º — O caminho de ferro da Beira, pelo traçado do sul, uma das obras mais grandiosas para os interesses do paiz, e em especial para esta cidade, melhoramento em que tanto se empenha toda a população do districto de Coimbra, necessariamente deve inutilisar o mercado das Ameias; porque a directriz d'esta via ferrea, a partir da estação, não póde ser outra senão ao longo do caes do Mondego. A associação commercial, que ainda ha poucos dias representou tão energicamente ao governo, e enviou a Lisboa uma commissão, a solicitar aquelle traçado, parece, agora, esquecer-se d'esta legitima pretensão, requerendo uma obra evidentemente incompativel com o melhor traçado do caminho de ferro da Beira. Este singular e contradictorio procedimento é incomprehensivel e inexplicavel.

Por todas estas razões, e por muitas outras que já foram allegadas em representações e documentos do dominio publico, os abaixo assignados vêem usar de um direito sagrado e liberrimo, manifestando energicamente a sua opinião contra o voto da associação commercial de Coimbra.

Visconde de S. Jeronymo
Visconde de Monte-São
Miguel Osorio Cabral de Castro
Diogo Barata de Lima Tovar
Conselheiro Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto, lente de prima jubilado da faculdade de mathematica
Antonio José Alves Borges, negociante e proprietario
Francisco Pedro da Silva, negociante e proprietario
Joaquim Augusto de Carvalho e Santos, negociante
Conselheiro Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, lente de prima jubilado da faculdade de direito
Francisco de Sousa Araujo, negociante e proprietario
Antonio d'Almeida e Silva, negociante e membro da associação commercial
Dr. Francisco dos Santos Donato, lente cathedratico da faculdade de theologia
Paulino Augusto Pereira de Figueiredo, empregado publico
Ignacio Simões, artista
Antonio Leitão, encadernador
Manoel Antonio da Costa, escrevente
Antonio da Cruz, official de diligencias
Fernando Pereira da Cruz
Luiz Adelino Lopes da Cruz, empregado publico
José Maria d'Oliveira e Sá, proprietario
José de Mesquita, negociante
Virgilio de Sousa Araujo
João de Sousa Araujo, empregado publico
Bernardo José da Silva, negociante
José de Figueiredo Pinto, presidente da associação dos artistas
José Galvão Peixoto Lobato, empregado publico
Augusto Pinto da Costa Salema, pharmaceutico
Fortunato Dias Pereira, relojoeiro
José Brandão, alfaiate
P.e Antonio Rodrigues de Paiva, thesoureiro da freguezia de S. Bartholomeu
Antonio Augusto d'Andrade Barbosa
Joaquim Antunes dos Santos Cardoso
Berardo José Bello da Silva Brasão, aspirante na botica do hospital
José Augusto da Costa Duarte
Alfredo Victor Baptista Alves
José Gomes Freire Duque, praticante na botica do hospital
Manoel de Jesus Lino, bacharel formado em theologia
José Nunes Mousaco
Manoel Mousaco
Francisco Ramas Castanhinha
Eduardo da Silva Vieira
Frederico Augusto Madeira
Joaquim Francisco da Silva, negociante
Francisco José Vieira Braga, negociante
Antonio Maria de Sousa Bastos, proprietario e thesoureiro da Universidade
José Jacintho d'Oliveira
José Diniz Simões
José Luiz Fernandes, negociante e proprietario
Francisco Antonio de Nazareth
Francisco Ferreira da Encarnação
Augusto Cesar de Sousa, proprietario e administrador do correio
Adelino Simões de Carvalho, negociante e proprietario
Antonio Luiz de Figueiredo, negociante e proprietario
Dr. Abilio Affonso da Silva Monteiro, lente de prima jubilado da faculdade de mathematica.
Ricardo Antunes de Macedo, negociante e proprietario
João Simões de Carvalho
João Lopes de Sousa, negociante e proprietario.
Conselheiro Francisco de Castro Freire, lente de prima jubilado da faculdade de mathematica
Joaquim José da Cunha Novaes, negociante
Manoel Ignacio da Conceição, artista
Antonio Fernandes da Piedade, negociante
Manoel Faria de Carvalho, artista
Eliodoro de Brito
Antonio Ruivo Junior
Antonio dos Santos Couceiro
Joaquim dos Santos Couceiro
José Maria de Sequeira, bacharel formado e advogado
Antonio José Maria de Mello
José Antonio de Pina
Joaquim Machado, artista
Manoel José Pereira, negociante
Manoel da Silva Baptista, proprietario
José dos Reis, artista
José Joaquim da Silva
José Antunes Leitão
José Paes de Moura
Ricardo Gaioro, empregado da linha ferrea
Antonio Diniz Carvalho, artista, negociante e proprietario
Miguel dos Santos e Silva, negociante e socio da associação commercial
Antonio de Sousa, negociante e proprietario
Augusto de Carvalho Saraiva, empregado nas obras publicas.
Manuel Antonio Pimentel, proprietario
Francisco Mendes Pinheiro, director do collegio de Nossa Senhora da Conceição
Manoel Marques de Lima e Figueiredo, bacharel formado e proprietario
Joaquim Carlos d'Oliveira Nazareth
Dr. João de Pina Madeira Abranches, lente da faculdade de direito
José Ribeiro Rosado, bacharel formado, advogado e proprietario
Dr. Jacintho Alberto Pereira de Carvalho, clinico dos hospitaes da Universidade
João Pedro de Jesus, tanoeiro
Francisco José Gonçalves de Lemos, proprietario
Antonio Teixeira Pereira de Figueiredo
Basilio José Ferreira, guarda mór da Universidade, aposentado
Antonio Julio Miranda de Campos
José Lucas Caleiras
Manuel Nunes dos Reis Pereira e Silva
João Marques Perdigão, negociante e proprietario
Henrique Marques Perdigão, negociante
Dr. Francisco Antonio Diniz, commissario dos estudos do districto
José Clemente Pinto, negociante, proprietario e membro da associação commercial
Antonio Machado Faria Junior
Augusto Simões da Silva
Dr. Francisco Fernandes da Costa, lente de prima jubilado da faculdade de medicina.
Augusto Cesar de Sousa Basto, empregado publico.
Dr. Francisco Pereira de Torres Coelho, lente cathedratico da faculdade de mathematica
Manoel Gonçalves d'Azevedo, proprietario
Francisco Eduardo Fernandes de Meira, bacharel formado em Medicina
Bernardo Alves Affonso
João Miranda, proprietario
João Pedro Ferreira
Joaquim d'Almeida Reo, negociante e proprietario
Joaquim Alfredo Pessoa, fabricante de louça e proprietario
João de Menezes Parreira
Olympio Nicolau Ruy Fernandes, administrador da imprensa da Universidade
Abilio Augusto da Fonseca Pinto, bacharel formado em direito e revisor da imprensa da Universidade
Antonio Maria Seabra de Albuquerque, fiel thesoureiro da imprensa da Universidade
Francisco Simões da Costa, typographo
Adrião Marques, idem
João Correia dos Santos, idem
Joaquim Maria Ferreira, idem
Irio Simões de Carvalho, idem
Antonio Maria Simões, idem
Joaquim Gomes da Fonseca, idem
Joaquim Correia d'Almeida, idem
Adriano Marques, idem
Antonio Carlos Galvão, idem
Manoel Teixeira, impressor
Manoel Baptista, idem
João Rodrigues de Deus, idem
Francisco Antonio Ribeiro, idem
Adrião da Costa, idem
Miguel Dias Pereira, empregado na imprensa da Universidade
Rodrigo da Costa, mestre impressor

Bernardo Maria da Silva
José Maria Mendes Fragoso, contador da imprensa da Universidade
Manoel Messias Mendes Fragoso, bacharel formado em theologia.
Antonio do Espirito Santo, typographo
José Maria Severo, encadernador
Manoel Simões da Rocha, proprietario
Marciano Ramos Vasconcellos, alfaiate
Joaquim do Carmo Pereira, negociante
Aprigio José Ferreira de Sousa, guarda livros
Venancio Leite de Moraes, boticario
José Adriano Sancibrão, botequineiro
Abel Augusto de Campos Paiva
Antonio Duarte de Carvalho
Bernardino Henrique Coelho Pinto
Dr. Francisco da Fonseca Correia Torres, thesoureiro mór da sé cathedral
Joaquim da Fonseca, proprietario
Antonio Luiz, empregado no hospital
Adelino Botto, empregado no lyceu
Serafim Luiz Augusto, empregado no hospital
Antonio da Cunha, porteiro no hospital
Manoel Domingues Ribeiro, capitalista
Antonio Manoel Baptista
Antonio Maria do Carmo Rodrigues
Francisco Julio Pereira Aguiar da Silva Coutinho Aragão
Antonio Teixeira do Pinho
Manoel Luiz, empregado no hospital
José Lopes, idem
Manoel Francisco, idem
Sebastião Augusto Pereira, idem
Ventura dos Santos, idem
José Fortunato, idem
Manoel Maria, idem
Francisco Rodrigues Pereira, idem
Jacintho João
Albino dos Santos Cordeiro, encadernador
Adelino Paes Pinto, cocheiro
Albano Martins da Gama, empregado no hospital
José Joaquim Alves Sequeira, idem
José do Amparo
José Maria Antunes da Silva
Joaquim Luiz, empregado no hospital
Antonio Pereira
Fernando da Motta
Joaquim Simões, empregado no hospital
José Joaquim de Campos, vendeiro
Antonio Rodrigues Tocha Donato, artista
Antonio Verissimo da Costa, proprietorio
Virgilio Moraes Pessoa, artista
José dos Santos Donato, idem
Caetano da Costa Pinto, empregado
Antonio Ribeiro, artista
João Francisco da Silva, negociante e proprietario
Joaquim José Duarte, idem
Adriano da Silva Espingarda, artista
Manoel Duarte, empregado
Manoel Gentil do Nascimento
José de Campos Valle, artista
Francisco de Campos, idem
José Miguel Cabral, idem
Joaquim Fernandes, idem
Joaquim Fernandes Claro, idem
José Carrito Villela, idem
Antonio Moreira, idem
José Gonçalves Carvalho
Abel da Silva Espingarda, artista
José Antonio d'Amil, mestre tanoeiro
Adelino Dias dos Réis, artista
João Antonio da Cunha, fabricante de louça
Francisco da Cunha Mello e Silva, professor de instrucção primaria
José Miguel Ramos, artista
José Ricardo Mesquita, carpinteiro
José Telles Baptista
Antonio Antunes da Silva
José Maria Fonseca
Simão Francisco
Francisco Rodrigues de Carvalho, proprietario
João Balthazar Pereira, negociante
Manoel da Fonseca Calisto, carpinteiro
José Ferreiro, sapateiro
Antonio Mendes, vendeiro
José Narciso, alfaiate
Antonio Correia da Silva Carvalho
Antonio da Costa Pessoa
Fortunato Ventura
Joaquim Paulino Varellos
José Diniz de Carvalho Junior, bedel em theologia
Antonio Diniz de Carvalho Junior, artista
José Diniz de Carvalho, artista e proprietario

José Maria Branco, idem
João Ferreira de Carvalho, proprietario
Adriano Correia, confeiteiro
José Marques do Rozario
Joaquim Ferraz, carpinteiro
Adriano Ferraz
José Rodrigues Perola
Antonio d'Almeida Ribeiro, proprietario
José Ventura, carpinteiro
José Albino da Conceição Alves, empregado da Universidade
Joaquim Diniz de Carvalho, artista
Gil Augusto Vieira
José Diogo Pires, negociante de livros
Joaquim d'Almeida da Cunha, bacharel formado em direito e empregado na secretaria do governo civil
Abel de Carvalho Freitas
Joaquim Antunes
Antonio de Sousa
Antonio Adolpho Sanches Bolão
Candido Antonio Leite
Antonio Franco da Silva
Anastacio Franco da Silva
Antonio de Campos, bacharel em direito
Antonio Borges Galvão
Luiz Kempe Serrão
Antonio Marcelino Junior
Alberto Gomes Tinoco, artista
Nicolau Pinto
Abilio Cesar Lopes Ramires
Manoel Rodrigues do Nascimento, empregado no lyceu
José d'Almeida
Ismael Teixeira
Jorge Fernandes de Castro
José da Fonseca Pignatelly
José Pinto de Magalhães
Joaquim Antonio Marques da Silva
João Alves Cardoso
José Luiz
Victorino Ferraz Fortes
Joaquim Augusto de Sousa Rufino
Antonio José da Costa Florido
Leonardo de Costa Freire
Adelino Augusto de Figueiredo Fontes
Bernardino do Quental Freire Calheiros
Abel da Silva Menezes Torres
João Cavalleiro
A. G. Tavares de Gamboa
Manoel Antonio d'Oliveira Mattos
Antonio Maria de Sant'Anna
Francisco Augusto de Brito
Annibal Abilio Cesar Calisto
Joaquim Augusto d'Oliveira Leitão
José Alexandre David Pinto Serrão
Manoel Rodrigues d'Oliveira
José Vaz da Silva e Almeida
Raphael Gonçalves Neves
Antonio da Silva
Dr. José Joaquim Fernandes Vaz, lente cathedratico da faculdade de direito
Caetano Pereira
José Matheus de Campos
José Manuel dos Santos
José Antonio Curto
Antonio José Martins
Antonio Gomes Camello, mestre alfaiate
José Maria Lila
Augusto Maria Lila
Manoel Dias Pereira
Jacob Lopes Villela, archeiro
Bernardo Diniz
José Maria da Conceição
João d'Oliveira Lima
Antonio Maria Jacob
José Maria Jacob
Dr. Jacome Luiz Sarmento, lente cathedratico da faculdade de mathematica
Sebastião da Piedade Simões
Domingos Moraes Mesquita
José Duarte d'Almeida
Diogo Ferraz
Henrique de Mello
Joaquim Arinto
José Gomes Arinto
João de Moura
Joaquim Antonio d'Almeida
Fabricio Maria
Sebastião Dias
José da Silva
José Maria Lopes Jacob
Antonio Correia
Abel Maria Teixeira
José dos Santos Cardoso
Roque José dos Reis
Manoel Custodio de Carvalho
Manoel Roque dos Reis
Antonio Ignacio
José Maria da Queda

Manuel Joaquim Baptista
Dr. João Jacintho da Silva Correia, lente da faculdade de medicina
José de Moraes Pinto d'Almeida, bacharel formado em direito e proprietario
P.e Gaspar Alves de Frias Ribeiro, professor no lyceu
Francisco dos Santos e Silva
Alberto Murta
José Augusto da Costa
Alfredo da Conceição Pessoa
Francisco Cabral Metello Pacheco de Napoles, proprietario
Dr. Albino Giraldes, lente cathedratico da faculdade de philosophia
José d'Oliveira Nunes
Bento Luiz da Motta
Manoel da Silva
Carlos Brito Pereira
Dr. Bernardo Antonio Serra de Mirabeau, lente cathedratico da faculdade de medicina
Manoel Simões Dias Cardoso, professor do lyceu e proprietario
João da Silva Tavares
Frederico Diniz Rollo
Rodrigo Antonio Simões
Luiz José Pinto Ferreira
Francisco Homem da Nave Valente
Dr. Manuel da Costa Allemão, lente da faculdade de medicina e proprietario
Fernando Mattoso dos Santos, bacharel formado em Philosophia
Honorio da Costa, com estabelecimento de calçado
Antonio da Costa
José Augusto Abranches Diniz
Eduardo Marques
José Gomes Pereira, cabelleireiro
Gonçallo Maria Moreira, idem
Joaquim dos Santos Porto, carpinteiro
Francisco Machado
Thomaz Augusto Cunha Machado
Hypolito Paes de Moura, pharmaceutico
João Francisco Ramos
Francisco Augusto Ferreira, pharmaceutico
João Francisco Alves da Costa
Antonio Maria Pereira, artista
João Augusto Relvas
Antonio Maria
Elisio Gomes Diniz
José Custodio
Joaquim d'Almeida dos Santos Barata
Viriato Augusto, sapateiro
Arthur d'Oliveira Nunes
José Antonio da Silva, sapateiro
Albano Maria
Adriano de Jesus Lopes, empregado publico
Antonio Castanheira de Frias, idem
José Maria da Costa, proprietario
Manoel José Martins, artista
José Pinto de Magalhães, artista
Francisco Joaquim Fernandes
Lucindo Marques Pinto, artista
Adelino do Nascimento
Abilio Alves Barata
Joaquim Serra, com casa de hospedaria
Joaquim Vieira
Eusebio de Paula e Silva, typographo
José Diogo Frederico Crispin
Carlos Alberto Frederico d'Albuquerque
Raphael de Sousa Tavares
Joaquim da Silva
José Pedro
José Rodrigues Pereira, encadernador
Domingos Fernandes, artista
Joaquim José Ribeiro, alfaiate
Adriano da Silva e Sousa, pintor
José Maria da Conceição
Francisco Benedicto
Joaquim Miranda
Bernardo Secco
Manoel José Ferreira Leitão, negociante e proprietario
José Antonio Ferreira Manço, negociante e proprietario
Joaquim Maria Ferreira, bacharel formado e empregado publico
Antonio José Ferreira Leitão, negociante e proprietario
Adelino Augusto da Costa, proprietario
Eugenio Antonio Galião, official maior da secretaria da Universidade
Manuel Tavares Cardoso Rodrigues de Carvalho
Joaquim Pedro Nogueira, com casa de hospedaria
José Alves de Mariz, bacharel formado em theologia

Ruben Augusto d'Almeida Araujo Pinto, bacharel formado
João Augusto d'Almeida Araujo Pinto, bacharel formado
Herculano Santa Barbara, bacharel formado, e empregado no hospital
Joaquim Baptista, relojoeiro
José Fortunato de Castro
José Antonio Bizarro, negociante
Luiz Theotonio de Figueiredo, negociante
Joaquim Maria d'Almeida
Joaquim Ferreira da Silva, proprietario
Antonio da Cunha Leitão
Lino Alberto Barbosa do Valle
José Ferreira Rocha
Joaquim Pereira Machado
Antonio Fidalgo
José Soares Nobre
Manoel da Silva Gonzaga, negociante e socio da associação commercial
Francisco José Erse
Abilio Maria Ladeiro
José Fernandes Junior
Abilio Augusto Severo, encadernador
João da Silva
Julio Cesar Perdigão
Francisco Pedro d'Oliveira
Miguel de Deus Faria
Antonio d'Andrade
Luiz Antonio Marques do Amaral, empregado na repartição de fazenda
Joaquim Ignacio da Silva, idem
João Ventura Castro
Joaquim Correia Botelho
Antonio Sarmento
Augusto Pinto Cabral
João Miranda Castella, com hospedaria
José Joaquim da Silva, despachante de mercadorias
Francisco da Graça Migueis
José Julio d'Oliveira
José Martins da Rocha Calado
Albano Diniz Vieira
Joaquim Augusto d'Abreu
Francisco Lopes do Valle, negociante matriculado
Alexandre Cerqueira
Theophilo d'Andrade
Miguel Pereira da Silva
Augusto Maria Torres
Abilio dos Santos
Albano Augusto
Antonio Joaquim Figueiredo Serra, proprietario
Francisco d'Oliveira Canastra, fogueteiro e proprietario
Domingos Ribeiro, fogueteiro
José Maria da Fonseca, surrador e proprietario
Thomaz Augusto da Cruz
José Teixeira
Frederico Tavares Gaio
Antonio Joaquim de Figueiredo Serra Junior
Antonio Marques Ribeiro Lobo
José Maria Ferreira Trindade
Ernesto Augusto Simões de Carvalho
José d'Andrade Corvo
Vicente Augusto Ferreira Rocha
João Marques d'Almeida Araujo Pinto, proprietario
Elizio Augusto d'Almeida, bacharel formado
Apollino Augusto d'Almeida Araujo Pinto, bacharel formado em direito
Anthero Augusto d'Almeida Araujo Pinto, bacharel formado em direito
Augusto de Mello Soares, pharmaceutico
Manoel Videira
Francisco Ferreira Rocha
Joaquim de Figueiredo
Antonio Paes
Luiz Antonio Leite
Manoel Mauricio de Carvalho
Bento Pereira
José Simões de Carvalho, bacharel formado em medicina e delegado de saude
João Antonio da Fonseca
Guilherme H. Hibbard, empregado na fabrica do gaz
Antonio Julio de Sousa
Caetano Affonso Vellado, fabricante
José Dias Correia
Luiz Ruivo de Figueiredo, pharmaceutico e proprietario
José Maria da Costa Simões
Manoel Gonçalves Castanheira
José Pereira de Carvalho, relojoeiro
Manoel Augusto
Pedro d'Alcantara Paes Gago

Joaquim Adelino Simões de Carvalho e Castro
Luiz de Sousa Gonzaga Junior, negociante
Augusto Nunes
Constantino Monteiro
João de Sousa Rebello, proprietario
José Velasco, proprietario e negociante
Antonio José de Sousa, proprietario
Augusto Pinto Tavares, latoeiro
Daniel Guedes Coelho, sapateiro
Seraphim Martins Ferreira, correeiro
Antonio Joaquim Valente, negociante
Manoel Mendes da Eira, correeiro
Antonio José Alves
Antonio d'Oliveira
Francisco Ferreira Duarte, negociante
João Torres Neves Carneiro, pharmaceutico aspirante
Antonio de Paula e Silva, typographo
João Ferreira Rodrigues Pinho, proprietario e escrivão de paz
B.el Aloysio Augusto de Pinho
Francisco José Pereira
Antonio Gonçalves Barreira
José Correia dos Santos, proprietario
José Monteiro Pinto Ramos
José Correia d'Almeida Junior, negociante
Adriano Francisco Dias, correeiro
José Frederico dos Reis Costa, idem
Marcelino de Mattos, solicitador de fazenda
Antonio Maria Pereira, compositor
José da Costa Condeixa, proprietario
Luiz Soares de Campos, negociante
José Augusto da Silva Linhaça, idem
Marino Jorge dos Santos
Antonio de Sousa, artista
Martinho Augusto Esteves, correeiro
Francisco Maria dos Santos, ourives
Manoel José Lino
Antonio José Gomes, correeiro
Antonio Mendes Simões de Castro, negociante
Manoel Abilio Simões de Carvalho, bacharel formado em philosophia, pharmaceutico e proprietario
Joaquim d'Andrade, proprietario
Joaquim Martins de Carvalho, redactor do *Conimbricense*
Augusto Mendes Simões de Castro, bacharel formado em direito e redactor do *panorama photographico de Portugal*
Joaquim Mendes de Castro, negociante e proprietario
Manoel dos Santos Papafina, artista
Cereghetti Dominique, dentista
Joaquim de Salles, official addido ao correio
Jeronymo José Pereira, negociante
José Maria Martins, ourives
Joaquim de Mariz, idem
Francisco Maria Martins, idem
José de Sousa, carpinteiro
Bernardo José da Silva Cardoso, proprietario
Joaquim Dias da Conceição, typographo
Eduardo Mendes Simões de Castro
José Gomes Duque, proprietario
José d'Azevedo, alfaiate
Fructuoso Ferreira da Silva, feitor
Vicente Varandas Pereira, padeiro
José Maria dos Santos, oleiro
Antonio da Costa, pedreiro
José Fernandes Ferreira
Antonio Francisco do Valle, negociante
Daniel Duarte Ariosa, idem
Francisco Antonio Ferreira, carpinteiro
Manoel Gonçalves Pereira Guimarães
João Maria Cerveira, serralheiro
Augusto Ferreira dos Santos, latoeiro
Elisiario Vaz Preto Casal, bacharel formado em direito
Cypriano Dias da Conceição, carteiro
Joaquim Augusto Pinto Tavares, latoeiro
Manoel Antonio Bizarro, negociante
João da Silva Espingarda, serralheiro
Roberto da Fonseca Pessoa, empregado publico
Abel Pinto Tavares, funileiro
Joaquim José Affonso, alfaiate
Domingos Antonio da Costa, chapeleiro
Antonio Lourenço da Silva, negociante
Antonio Joaquim Gomes, correeiro
José Dias de Paiva, despachante
Manoel Maria Torres, escrivão do juizo eleito
Francisco Xavier Pereira, artista
Manoel Marques Ribeiro, impressor
Jacintho Nunes Soares, typographo
Alexandre de Campos, proprietario
José Rodrigues, impressor

Manoel Maria de Sá, idem
Pedro Augusto Cardoso Figueiredo, typographo
José Maria da Costa, idem
José Maria Fernandes, impressor
João José da Silva, negociante
Manoel Teixeira da Cunha, funileiro
José Simões Lebre, proprietario
Manuel Duarte Ariosa, negociante
Antonio Augusto d'Oliveira Valle, bacharel e proprietario
José Augusto da Fonseca, pintor
João José Dias, mestre d'obras
Francisco Joaquim Arede, correeiro
Antonio Maria Martins, proprietario
José Ferreira Nicolau, alfaiate
Daniel José d'Oliveira, pintor
João Antonio de Jesus Pereira, proprietario
Guilherme Augusto de Lima Nunes, proprietario
José Gomes Ribeiro, estalajadeiro
Manoel Almeida dos Santos
Francisco Ferreira Camões, bacharel em direito e advogado
José Maria Bogalho, alfaiate
Arthur de Sousa, barbeiro
Antonio Esteves
Felix Antunes de Macedo, negociante
Francisco dos Santos Azevedo
Quirino Julio Forte Cunha Sampaio, negociante
Antonio José de Figueiredo Campos Mallo, artista
Antonio Francisco dos Santos, idem
Antonio Fonseca e Costa
Francisco José Vieira de Carvalho, proprietario
Domingos Antonio Simões da Silva, empregado publico
Antonio Zeferino Candido da Piedade, bacharel em mathematica e philosophia
Joaquim Theotonio d'Andrade Pacheco, empregado publico
João Arrunho da Costa
Luiz Monteiro
Carlos Brum da Silveira
José Martins
Daniel Fernandes
José Lucas de Sá
Augusto Adelino Ferraz, artista
José Bento
Julio Marques de Carvalho
Dr. Manuel Marques de Figueiredo, lente jubilado da faculdade de philosophia
Sebastião Rodrigues, pedreiro
Joaquim Rodrigues Ferreira da Silva
Antonio Maria da Silva
Francisco Martins Ramos
Joaquim José da Guerra Carneiro
Antonio Pedro da Silva
João Pereira de Miranda, empregado na bibliotheca da Universidade
Fernando Pereira Saraiva, empregado na bibliotheca
Joaquim Maria Nunes
José Antunes de Carvalho
Joaquim d'Almeida Moraes
José Ignacio Delgado de Carvalho
Antonio d'Oliveira Figueiredo
Theophilo José Trindade
Joaquim Bernardo dos Santos
Cesar Augusto
Joaquim Bernardo Cochado Freire
Joaquim Gonçalves Pereira
José Julio d'Oliveira
Antonio José d'Oliveira, negociante
João das Neves Carvalho, solicitador
José Coelho das Neves Oliveira, marceneiro
Antonio Maria Pereira da Motta, alfaiate
Joaquim Antonio d'Almeida, carpinteiro
Antonio Augusto da Paixão Junior, proprietario
Antonio Pereira Tavares, proprietario
Francisco Marques de Jesus
Joaquim Rodrigues Dias, serralheiro
P.e José Maria dos Santos
P.e Eduardo Augusto Gomes Freire
Alexandre d'Azevedo Araujo Gama, empregado da extincta repartição do conselho superior e proprietario
Leovegildo Antonio da Cunha, negociante e proprietario
José Guilherme dos Santos
P.e José Antonio Machado d'Abreu Peixoto
Antonio Correia d'Araujo, negociante
Joaquim dos Santos
P.e Manoel Miranda
José Miranda

José Francisco da Cruz, negociante e proprietario
José Ferreira, negociante
Antonio Simões Peixeiro
Dr. José Joaquim Manso Preto, professor no lyceu nacional
Francisco Adolpho Manso Preto, licenciado em mathematica
B.el Arthur Eduardo Manso Preto
Manoel dos Santos Heleno
Fructuoso dos Santos Heleno
Antonio Rodrigues
Antonio Joaquim Soares
Sergio Augusto Pessoa
José Pessoa da Silva Pinheiro, bacharel e proprietario
José Mendes Diniz, official sub-bibliothecario
Manuel Pinheiro Brandão, proprietario
Antonio Joaquim Gomes da Silva
João Ferreira Branco
José Caetano
José d'Almeida Pinto
Augusto Pereira de Moura, professor de instrucção primaria
Joaquim de Moura
João Maria dos Reis
Simão Maria Vieira
Manoel Fernandes Ferruge
Bernabé de Mattos
José Maria Futura
Antonio da Silva
Francisco da Silva Rocha
José Teixeira Guimarães, negociante
Joaquim Carlos Gavino, idem
Jorge Guilherme, telegraphista
Joaquim do Valle, boletineiro
Manoel Ignacio Pereira
Augusto Cesar Machado d'Abreu Peixoto, telegraphista
Alypio José Martins, idem
Lopo Cesar d'Oliveira Guerreiro, empregado nas obras publicas
Henrique Luiz Pimentel, idem
Antonio Guilherme Todi, idem
João Lopes Xavier, idem
Viriato Pompilio de Albuquerque Braga, idem
Candido Victor Azevedo Coutinho, idem
Joaquim David Reis, idem
Daniel Augusto da Fonseca, idem
Manoel José da Costa, idem
Adelino José Coelho, empregado no correio
João Gregorio de Freire Correia, idem
José Cypriano da Silva idem,
A. A. Sousa Moura
Francisco Correia Marques
João Guedes Coelho da Silva
Bento Diniz
Antonio Felizardo de Sousa, presbytero, bacharel em theologia e direito, advogado e proprietario
José Lourenço da Costa, solicitador
Daniel Ferreira de Campos, bacharel formado
Domingos Alves Pereira Guimarães, negociante
Leonardo Ferreira da Cunha, proprietario
Francisco Antonio Leite, idem
Ismael de Jesus Cardoso, pintor
José da Silva Branco, idem
Simão Francisco, carpinteiro
Anselmo Simões, oleiro
Martiniano Augusto da Costa, pintor
Francisco de Carvalho Saraiva, proprietario
Francisco Cardoso, artista
Joaquim Ferreira Pessoa, proprietario
Manoel Ferreira Pessoa, idem
Sebastião Fernandes de Carvalho, negociante
Antonio dos Santos, proprietario
Joaquim Miguel dos Reis, alfaiate
Joaquim Maria dos Reis, idem
José Marques Ladeira, latoeiro
João Marques
Antonio José Fernandes
Manoel Antonio d'Amil Beato, carpinteiro e proprietario
Domingos Fernandes, pedreiro
José dos Santos, carpinteiro
José Joaquim Pereira, negociante
Albano Augusto, carpinteiro
João Branco, idem
Antonio Joaquim Branco, idem
Antonio Diniz dos Santos, pedreiro
Joaquim de Campos Lobo, serralheiro
Joaquim de Ferreira, idem
Justiniano Gomes Ferreira, idem

José de Jesus, oleiro
José de Jesus Simões, pintor de louça
Bento José da Fonseca, oleiro
José da Silva Rocha, idem
Antonio da Cunha Mello, idem
Francisco Pereira Bello, artista
Antonio da Silva Neto
José Joaquim Pessoa, proprietario
José Maria Pinheiro, pintor
José d'Oliveira, artista
Bento José d'Oliveira, professor publico
José d'Oliveira Guimarães, negociante e proprietario
Manoel José da Cunha Novaes Junior, bacharel formado
Augusto Cesar da Cruz Ferreira, bacharel formado em theologia e empregado no governo civil
Antonio José Lopes Guimarães, negociante e socio da associação commercial
Agostinho Rodrigues d'Andrade, bacharel formado em theologia
Joaquim Augusto Simões de Carvalho, lente cathedratico da faculdade de philosophia
Joaquim dos Santos Pereira Jardim, recebedor da comarca
P.e Manoel Joaquim dos Santos Neves
Bento Pereira Delgado
Manoel Simões Quadros
José Antonio Ribeiro Paulo, negociante
Gaudencio José Dias, proprietario
Augusto José Gonçalves Fino, empregado no correio
Joaquim Ignacio Roxanes, bacharel formado em direito e proprietario
Francisco Rodrigues dos Santos Nazareth, bacharel em theologia
Manoel Augusto Rodrigues da Silva
Augusto Ferreira Lima
Firmo Ferreira Lima
Redolpho Ferreira Lima
Joaquim Augusto dos Santos Natividade
Antonio Aveleiro
Antonio Roxanes
Augusto d'Almeida Chuva
Platão do Amaral Guerra, bacharel formado em direito e proprietario
Fortunato Augusto de Sá
Dr. Filippe do Quental, lente cathedratico da faculdade de medicina
Bento Alberto Pereira de Carvalho, pharmaceutico
Francisco Antonio da Silva
Dr. Julio de Sande Sacadura Botte, lente da faculdade de medicina
José Maria da Fonseca
Sebastião Monteiro Lopes Quaresma, empregado publico
João Gomes do Amaral, artista
Joaquim Fernandes Claro, idem
Albino da Conceição Alves, idem
Antonio Gonçalves, idem
Joaquim Maria Ferreira, idem
Joaquim da Silva Duarte, idem
João Joaquim de Feritas, idem
Abilio dos Santos
Raphael Rodrigues d'Oliveira, negociante
Anastacio Simões, cabelleireiro
Antonio Fernandes Ervideira, artista
Domingos da Silva
Adelino Augusto da Silva, negociante
José Pereira da Cunha, boticario
Francisco Rodrigues Diniz, idem
José Maria Fernandes Costa, artista
Manoel dos Santos, idem
José Maria do Carmo, idem
José Maria Moreira
Antonio Joaquim d'Oliveira, artista
Adriano Pereira Forjaz, idem
Thomaz Francisco, idem
Marcos Jorge Margarido, idem
Izaác Torres Veiga, idem
José de Mattos, idem
Manoel Rodrigues da Silva, idem
Manoel Francisco Roque Reis, idem
Antonio dos Santos Ferreira, idem
Adelino Dias Correia da Silva, idem
José da Rocha Moita, idem
Joaquim Fernandes
José Maria da Boa-Morte
Manoel Paulo, artista
João da Silva Menezes, idem
Manoel dos Santos, empregado no caminho de ferro
Sebastião Francisco Guimarães, idem
Marianno Cazuana, idem
Antonio Guedes d'Azevedo Coutinho, chefe da estação
Augusto Lopes Mimoso, empregado na estação

Benjamim Matoso, empregado na estação
Fernando José Maria da Paixão, idem
Francisco Simões, idem
José Dias da Costa, idem
José Joaquim Lobo, fiscal do governo
Leonel Joaquim d'Almeida, continuo da Universidade
Luiz Monteiro Soares d'Albergaria, thesoureiro pagador e proprietario
José Maria de Pina, general reformado
Miguel Archanjo Marques Lobo, bacharel formado nas tres faculdades de mathematica, philosophia e medicina
P.^e Antonio Garcia dos Santos, reitor da Sé.
Conselheiro Francisco Antonio Rodrigues d'Azevedo, lente de prima jubilado na faculdade de Theologia
João de Sacadura Botte Corte Real, proprietario
P.^e José Maria de Castro Pereira
Joaquim Augusto Pereira, empregado publico
Alvaro Martins de Lima Avelar, idem
Manoel Travassos Martins Carneiro, idem
Francisco de Macedo, idem
Antonio Augusto de Mattos, idem
Paulino José de Barros, idem
João Cardoso Guimarães, proprietario
Estevão Eduardo Augusto de Parada e S.^a Leitão, conductor d'obras publicas
Thiago Duarte dos Reis, proprietario
Ernesto Lopes de Moraes, negociante
Dr. Manuel d'Oliveira Chaves e Castro, lente da faculdade de direito
Candido Joaquim Xavier Cordeiro, administrador da Botica do Hospital
José Maria Teixeira Alves Martins
Leopoldo Teixeira Alves Martins
Joaquim Alves de Sousa, professor do lyceu nacional
Antonio Maria d'Oliveira, proprietario
Antonio Duarte Ariosa, negociante
José Maria Galião, bedel da faculdade de theologia
Alberto Mendes Simões de Castro
Antonio Joaquim Marques Perdigão
Zacharias Monteiro Guimarães, empregado no correio
José Narciso Simões
José da Conceição Netto
Antonio dos Santos Azevedo, artista
João dos Santos d'Azevedo, idem
José Joaquim d'Azevedo, idem
Joaquim Correia d'Almeida
Luiz de Sousa Gonzaga Junior, negociante
Francisco d'Assis e Costa
Manuel Pessoa Leitão
Antonio Paulo Cardozo
José Maria Baptista
José Gomes de Carvalho
Jacintho de Moura Tavares, artista
Joaquim Duarte Ariosa, negociante
Joaquim Nobre Soares
Domingos dos Reis, alfaiate
Antonio da Cruz Pessoa, carteiro
Eleutherio dos Santos
Thomaz Monteiro da Rocha, artista
Augusto dos Santos Azevedo
Adelino das Neves
José d'Araujo Cerveira e Serra
Luiz Gago
José Barata Gomes Feijó
Joaquim Lucio de Figueiredo Lima
José dos Reis dos Santos
Antonio Ramas
Antonio Augusto Sá, dourador
Antonio Ignacio de Carvalho, alfaiate
Eduardo Oliveira Lopo Macedo
Adrião Maria de Miranda e Oliveira
Antonio Tavares da Costa e Moura
Isidoro Freitas dos Santos
José dos Reis
José Maria dos Santos
Luiz José Candido, cirurgião
José Maria da Silva Torres, telegraphista
Antonio Maria Borralho, idem
Diogo Carlos Caldeira
José Pereira d'Oliveira, telegraphista
Francisco Maria Gonçalves
Manoel Rodrigues Pratas, artista
Manoel Duarte Ariosa Junior
P.^e Alexandre José da Fonseca
Augusto Gomes Pimentel, escrivão de direito
Justino da Cunha Novaes, empregado publico
João Coelho de Sampaio, idem
Alfredo Henrique Eugenio Galião
Abel Duarte de Carvalho
Joaquim Guedes Coelho
P.^e Manoel Cardozo de Figueiredo Nogueira parocho da freguezia de Santa Cruz
P.^e Manoel Luiz Marques, proprietario
Antonio Neves Ferreira e Moura
Bernabé de Miranda Esteves
Gualberto Carlos Faria
Cesar Augusto Gomes Ribeiro, empregado publico
Antonio de Barros e Alberto, proprietario
Manoel de Figueiredo
Joaquim Luiz Olaio
Pedro Celestino de Carvalho
Antonio da Costa Esteves
José Pedro
Ricardo da Silva
Antonio Joaquim Figueiredo Serra Junior
José Vieira da Conceição e Cunha
Joaquim Augusto Machado
Francisco Baptista
Francisco d'Almeida
Antonio da Conceição Mattos, continuo do lyceu
José da Silva Vieira, barbeiro
Luiz Marques Perdigão Donato
Antonio Maria Lopes
Manoel da Silva Rocha Ferreira
Francisco de Paula Pereira Saraiva
José d'Oliveira e Silva, negociante
Francisco de Paola e Silva, administrador da imprensa litteraria
B.^el Antonio Augusto Coelho
José Joaquim Coelho Porto, proprietario
Joaquim Antonio Pedro, artista
João Pedro, idem
Antonio Pedro, idem
Albano da Costa Monte Negro
Abilio Maria Martins, ourives
Francisco de Sousa, caldeireiro
Barbosa & C.^a, negociantes
Dr Pedro Augusto Monteiro Castello Branco lente cathedratico da faculdade de direito
José Maria Rosa de Carvalho, proprietario
B.^el Simao Maria d'Almeida, advogado e tabellião de notas
Arnaldo Augusto de Sousa Doria, empregado publico
João Rodrigues de Paula, idem
Francisco Pereira de Carvalho, idem
João Pedro da Silva e Costa, idem
Antonio Clemente Pinto, negociante
Caetano Pinto de Carvalho, proprietario
Francisco Nunes Correia
Francisco Gomes Ferreira
B.^el Constantino Alexandre Moraes da Silva, advogado
B.^el Francisco Baptista d'Azevedo, idem
João Herculano Sarmento, escrivão de direito
Antonio d'Almeida e Silva, bedel de medicina
José Maria d'Almeida, proprietario
Dr. José Joaquim Pereira Falcão, lente de mathematica
Albino Ignacio Rosa

IMPRENSA LITTERARIA

NUMERO 2660 — TERÇA FEIRA 21 DE JANEIRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Em nome da soberania nacional está reunida a assembleia dos eleitos do povo.

Chamados a tomar parte na administração dos negocios publicos e a velar pela ordem, pela segurança dos cidadãos e pelos seus direitos e garantias, é indispensavel que os mandatarios do povo, na occasião solemne em que são chamados a desempenhar um dever da mais alta importancia, se compenetrem da sua missão e se tornem dignos da confiança que o suffragio popular nelles depositou.

Segundo as praxes constitucionaes, é preciso que todos cooperem com as suas luzes e experiencia na solução dos problemas mais importantes do regimen publico.

A nação pede agora, com a reunião do parlamento, o concurso de todas as forças. Evoca o patriotismo dos seus representantes, e, em nome da dignidade nacional e do credito das instituições, deseja ver substituir o tumulto, o despeito, e a ambição, pela seriedade na discussão das propostas, pela abnegação no interesse dos partidos e pela justiça na decisão dos negocios.

O bom senso publico pronuncia-se abertamente contra os desordeiros e perturbadores da ordem. No parlamento são elles duplicadamente prejudiciaes.

E' preciso que alguns srs. deputados, já muito conhecidos no paiz pelo seu facciosismo politico, origem unica de todas as tempestades parlamentares, se convençam que a moralisação dos povos e o bom exemplo, deve sempre partir dos que mais elevadas funcções exercem na monarchia social.

E' indispensavel, repetimos, que esses disculos, já muito conhecidos pelos seus excessos em questões politicas, a quem a paixão partidaria domina e obseca, conheçam a gravidade que o dever lhes impõe, e que saibam que a nação não remunera serviços partidarios feitos ao corrilho politico.

No systema constitucional a opposição parlamentar é um meio de corrigir as demasias do poder, é a salvaguarda dos direitos do povo e das regalias sociaes; mas para isso é indispensavel que ella advogue os principios da justiça, proclame a ordem e pugne sempre no campo da verdade, pelo dever, pela moralidade e pelo direito.

Diz-se que a actual opposição, ambiciosa e interesseira, vai assestar no parlamento as suas baterias, e que a sessão promette ser tumultuoso.

E' certo que as ambições trasbordam, e o despeito solta já os seus clamores insoffridos.

A impaciencia com que a actual opposição provoca as questões, a maneira como deturpa os factos, revela um intoleravel egoismo politico, que na actualidade e perante as conveniencias publicas chega a ser um crime.

O paiz conhece de sobra semelhante politica, detesta-a, e com ella os seus sectarios.

CORRESPONDENCIA POLITICA

Lisboa, 19 de Janeiro de 1873.

Antes de lhe fallar em politica, deixe-me rectificar dois erros, um dos quaes importante, que os meus collegas typographos commetteram, e que a revisão sanccionou desappercebidamente

É no ultimo perido da minha carta ultima. Diz o periodo impresso:

«*De certo*,» e para concluir, etc.,— deve lêr-se: «*de resto*», e para concluir, etc.» Este não é nada. O mais importante, e historico, é que me baptisaram o nome de Anna Perenna, em Anna Pereira. Não sei se a actriz deste nome em Lisboa, soube que a haviam alcunhado de pagã, o que ella de certo não queria, porque, segundo me consta, preza-se de ser christã da gemma, e não deseja que lhe façam. . .sacrificios.

E a proposito disto, o meu amigo deve saber que Anna Perenna era uma deusa que presidia aos annos, e á qual se faziam grandes sacrificios em Roma no mez de Março. Julgaram uns que a dita deusa era a mesma que a lua, outros foram de parecer que era Themis, ou Io, ou aquella das Atlantidas, que creára Jupiter, ou finalmente uma nympha do rio Numicio, a mesma que Anna, irmã de Dido.

Não me alongo mais a este respeito. O meu amigo, que se encarregou da parte historica do seu jornal, não hade querer que lhe invadam as suas attribuições.... muito principalmente se lhe impetrarem licença previa.

—Começou a discussão da resposta á falla do throno na camara dos deputados. O fogo é de guerrilhas, e mal sustentado. A camara conserva-se fria, e ouve os oradores da opposição com uma impassibilidade, que nem mesmo os seus confrades podem dissimular. O sr. Luiz de Campos foi o primeiro a romper o fogo. Fraco na palavra, nos argumentos, e frio na exposição, entrincheirou-se por detraz do manto real, e espingardeou o governo a medo. Fallou no imperador Claudio, no baixo imperio, e em outras cousas mais, a fim de mostrar a sua erudição; mas foi pouco depois corrigido polo sr. Pinheiro Chagas, porque a sua erudição era falsificada, e nada a proposito do objecto de que se tratava. Os debates, pois, correm desanimados, e a opposição, que julgava abrir brecha na resposta ao discurso da corôa, vê os seus planos lançados por terra. Hontem concluiu o seu discurso o sr. Affonseca, seguindo-lhe o sr. Barros e Sá.

Teve depois a palavra, o sr. Teixeira de Vasconcellos, como relator da commissão, que explicou o pensamento d'ella na resposta ao discurso da corôa, e alargando-se em outras considerações. O orador foi muito apoiado.

Hontem, na ordem do dia fallou a sr. Osorio de Vasconcellos, que aggrediu o governo, como era de esperar. Não conseguiu porem apaixonar o debate, o que procurou fazer habilmente. A camara estava, e ficou fria. Ao sr. Osorio de Vasconcellos, devia seguir-se o sr. Jayme Moniz, orador fluente, e cujos dotes oratorios são conhecidos de todos.

—Partiu hontem para Madrid o sr. Lessa, director geral dos correios.

—Existe em Cabo Frio, provincia do Rio de Janeiro, um novo Mathusalem. Chama-se José Coutinho, e nasceu em 1694, contando actualmente 178 annos de edade. Combateu em Pernambuco contra os hollandezes, e recorda-se perfeitamente dos reinados de D. João V, D. José e D. Maria. Casou seis vezes

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXXVII

JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO

APONTAMENTOS BIOGRAPHICOS

(CONCLUSÃO)

DOCUMENTO 2.º

Illm.º e exm.º sr.

Manda-me v. ex.ª informar o requerimento incluso de Fr. José de Santo Agostinho, religioso dos eremitas do mesmo santo, o qual se queixa dos excessos com que foi maltratado pelo seu provincial na prisão, que lhe mandou fazer, e o mais que relata o requerimento.

Da informação que mandei tirar pelo corregedor da comarca de Torres Vedras, que passo ás mãos de v. ex.ª, se vê por sua parte, que o queixoso Fr. José de Santo Agostinho é de mau procedimento, e usa de faca, a qual lhe foi achada no acto da prisão; e por outra parte se faz ver o excesso com que o provincial mandou executar a diligencia, e que os motivos, que actualmente deram causa a este procedimento, não eram taes, que merecessem o rigor com que foi maltratado o dito religioso, e delle se mostra haver intriga particular, que obriga a este prelado a esquecer-se das obrigações com que deve tratar os seus subditos.

Mandei o corregedor do crime do bairro alto ao convento de Nossa Senhora da Graça a visitar os carceres do mesmo convento, e particularmente aquelle em que se achava o dito Fr. José de Santo Agostinho, e pergunta-lo sobre os mesmos pontos; e das respostas que deu verá v. ex.ª o que elle refere, e conclue ao mesmo que declarou na sua supplica; e ouvindo o mesmo ministro ao provincial, este deu uma larga resposta, juntando a copia de *quatro sentenças* que tem sido proferidas contra o dito Fr. José de Santo Agostinho, e confirmadas no definitorio geral em diversos governos da sua religião; e juntamente o auto da achada da faca, e cartas que lhe escreveu, que elle suppõe que atacam a sua auctoridade, como v. ex.ª verá tudo o que acabo de referir na conta do corregedor do Rocio, com as respostas a ella juntas.

Recorrendo o queixoso Fr. José de Santo Agostinho á nunciatura, esta tomou a deliberação de mandar pôr em homenagem no mesmo convento ao dito religioso, a que não quiz obedecer o provincial, e dizem os officiaes da nunciatura, que foram executar esta diligencia, que o provincial e prior se houveram com alguns excessos contra elles, e que por temor de praticarem alguma violencia, se retiraram, e dando parte á nunciatura, me vieram pedir auxilio para poderem executar esta diligencia, o qual lhe mandei prestar pelo corregedor do Rocio; e com effeito indo achou a este tempo lá munidos o provincial e prior com certidão de terem posto um recurso na mesa da corôa, e dando-me parte o mandei retirar.

É certo que este caso tem dado escandalo ao povo, pois tem sido bloqueado em todas estas occasiões o convento de inumeravel populaça, e proferindo alguns dicterios, influidos talvez por aquelles espiritos de parcialidade, que é o que tem chegado a este ponto os excessos, que se tem praticado n'este caso de uma e outra parte; e os da parcialidade contraria aproveitaram esta occasião para malquistar com seus fins ao prior e provincial, e me informam, que são os que subministram os dinheiros para as despezas.

Fiz recolher á cadeia o alcaide, que foi executar a diligencia da prisão de Fr. José de Santo Agostinho, ordenada pela seu provincial, sem estar auctorisado com ordem de ministro, que lho ordenasse, sendo sem duvida que o queixoso Fr. José de Santo Agostinho é de uma irregular conducta, relaxado, turbulento, e perverso; e que o provincial e prior são de um genio pouco proprios para prelados, e o demonstram bem os repetidos factos que têem praticado n'este caso.

V. ex.ª exporá tudo o que refiro a sua magestade, e a mesma senhora ordenará o que fôr mais justo.

Deus guarde a v. ex.ª Lisboa 23 de Janeiro de 1790.—Illm.º e exm.º sr. José de Seabra da Silva—O intendente geral da policia, *Diogo Ignacio de Pina Manique*.

DOCUMENTO 3.º

Para o reitor do convento de S. Paulo, primeiro eremita—Com este será apresentado a vossa reverendissima o padre Fr. José de Santo Agostinho, conventual que foi do convento de Nossa Senhora da Graça d'esta côrte, o qual anda vagando pelas ruas de Lisboa na mais triste e deploravel figura, que escandalisa a todos que o vêem; praticando acções taes, que offendem o santo habito que professou, e compromette o respeito devido á religião; chegando a sua desmoralisação a tal ponto, que ainda aos mesmos hereges escandalisa com o seu procedimento. N'estas circumstancias vossa

e tem 42 filhos e 120 netos. *Si non é vero é bene trovato.*

—Hontem foram ao ministerio das obras publicas alguns operarios pedir trabalho ao sr. ministro. Diz-se que s. ex.ª lhes repondera affectuosamente. Mas não basta, é preciso que s. ex.ª se não esqueça de empregar esses braços, para que o pauperismo não engrosse.

Não ha mais noticias de que fazer menção.

Adeus.

P. J. Conceição.

Falleceu a exm.ª sr.ª D. Anna Guiomar de Figueiredo Parente, esposa do sr. Jeronymo José Baptista Lopes Parente, de Souzellas.

Era uma senhora virtuosissima, de uma vida exemplar, e fina educação. Teve 9 filhos que viu morrer quasi todos, e só lhe restavam 3 filhas, que inconsolaveis lhe assistiram ao terrivel corte do debil fio da sua existencia.

Morreu em fim depois de ter passado mais de 15 annos de cama, em afflicções e padecimentos, e sempre encarando tudo com a maior resignação.

Tinha nascido na povoação da Costa de Vil de Mattos, do concelho de Coimbra, a 21 de Julho de 1788.

Recebeu os ultimos soccorros espirituaes, que lhe foram ministrados pelo digno parocho de Souzellas, na manhã do dia 16 de Janeiro, e pelas 2 horas da tarde já era cadaver...

Ao nosso amigo ancião o exm.º sr. Jeronymo José Baptista Lopes Parente e sua exm.ª familia, damos os nossos sentidos pezames.

No dia 17 na egreja de Souzellas teve logar o seu enterro, que foi muito concorrido e decente, como era de esperar á sua pessoa.

Souzellas 19 de Janeiro de 1873.

J. P. Silva Parente.

NOTICIARIO

Club Conimbricense.— No sabbado reuniu-se a assemblea geral do Club Conimbricense para lhe ser lido o relatorio e contas da ultima direcção, e proceder-se ás novas eleições.

A direcção finda, e em especial o seu digno presidente, o sr. Dr. Luiz Albano de Andrade Moraes, prestou relevantes serviços a este estabelecimento, pelo que mereceu os geraes louvores da assemblea.

Foi a receita no anno de 1872 a quantia de 1:688$350; e a despeza 1:651$755. Saldo 36$595.

As mensalidades ordinarias renderam reis 768$600, e as extraordinarias 44$000 — Joias 49$500 — Rendimento liquido do bilhar 256$250 — Rendimento das cartas 361$980 — Rendimento liquido do botequim 67$600.

A despeza com o pessoal importou em rs. 464$140 — Illuminação 364$875 — Mobilia e concertos 233$565. — Custeamento ordinario 49$960 — Assignaturas de jornaes 134$800. Despeza extraordinaria 59$415. — Tres semestres de renda da casa 345$000.

No seu relatorio declarou a direcção que os empregados da casa haviam satisfeito rigorosamente as suas determinações, e que especialmente o mordomo o sr. Antonio Gomes Severo, pelo seu zelo e bons serviços se tornava digno de elogio e recompensa.

Procedeu-se á eleição da nova direcção, e foram eleitos quasi por unanimidade os srs.:

Presidente, Dr. Luiz Albano de Andrade Moraes
Vice-presidente, Bacharel Pompeu Meirelles Garrido
Director, Dr. Francisco dos Santos Donato
Dito, Dr. Julio Sande Sacadura Botte
Dito, Bacharel José Maria Pereira Coutinho
Dito, Bacharel Adrião Forjaz
Secretario, Bacharel Ignacio Rodrigues da Costa Duarte Junior.
Dito, José Miguel de Abreu
Thesoureiro, Antonio José Alves Borges.

Sob proposta do sr. Dr. João José d'Antas do Souto Rodrigues, assignada por 52 socios, decidiu-se que se nomeasse uma commissão para a reforma dos estatutos.

Essa commissão ficou composta dos srs. Dr. Luiz Albano de Andrade, Dr. João José d'Antas do Souto Rodrigues, Dr. José Joaquim Fernandes Vaz, Manoel Joaquim Fernandes Thomaz, e Augusto Pinto da Costa Salema.

Voto de sentimento. — A Faculdade de Philosophia, na sua ultima congregação, commemorou em termos muito honrosos as virtudes do seu fallecido vogal o sr. Dr. Antonio de Carvalho, e decidiu unanimemente, que se lançasse no livro das actas um voto de sentimento pela perda deste professor. Resolveu egualmente, que o secretario dirigisse pezames em nome do conselho á virtuosa viuva e ao irmão do finado, o conselheiro Mathias de Carvalho, lente da mesma Faculdade, e actualmente ministro de Portugal na côrte do Brasil.

Manuscripto.— Sabemos, que o sr. Dr. Antonio de Carvalho, ha pouco fallecido, deixou um importante manuscripto sobre a Flora portugueza, em que trabalhava ha muitos annos. O objecto deste trabalho versa sobre a antiga Flora de Brotero, fazendo notaveis modificações e eruditas notas ao livro do celebre botanico portuguez, e apresentando a descripção de novas especies de plantas.

A Faculdade de Philosophia vae empenhar-se por obter este manuscripto e o precioso herbario da Flora nacional, colligido, classificado e catalogado por aquelle professor.

Jardim Botanico.—O conselho da Faculdade de Philosophia, escolheu por escrutinio secreto, em conformidade com a lei, o sr. Dr. Julio Augusto Henriques, para professor da cadeira de botanica e director do respectivo estabelecimento. Como é sabido o sr. Dr. Julio Henriques foi promovido a lente proprietario, de que já tomou posse, pela vaga que deixou o sr. Dr. Antonio de Carvalho. Muitos academicos com musica foram comprimentar e felicitar o novo cathedratico.

Concursos.—Vão brevemente ter logar na Universidade concursos nas Faculdades de Theologia, Medicina e Philosophia. Estão vagos 3 logares de lentes substitutos em cada uma das ditas Faculdades. Não ha doutores habilitados para preencher todas estas vacaturas. Na de Philosophia ha só um concorrente, o sr. Dr. Francisco Augusto Correa Barata. Habilitam-se actualmente, para fazer os seus actos grandes, os bachareis formados, os srs. Manoel Marques Lima de Figueiredo, Antonio Venancio de Oliveira David, e Affonso Maria de Almeida Leitão. As suas dissertações inauguraes versam, a do primeiro sobre zoologia, a do segundo sobre geologia, e a do terceiro sobre physica.

Exposição de Vienna d'Austria. — Em virtude do convite do governo, dirigido aos estabelecimentos de instrucção publica, vae a Universidade enviar á exposição austriaca uma collecção numerosa dos seus compendios e livros nacionaes e outras publicações, regulamentos, consultas e programmas de todos os cursos, que actualmente se professam nesta escola superior.

Flores. —O inverno continua chuvoso, mas o frio não é intenso, como devia ser nesta quadra do anno. Em alguns dias a temperatura é tão agradavel, que parece propria da primavera.

O resultado desta feição atmospherica é desabrocharem as flores tão temporãs e com tanta força. As amendoeiras já ha muitos dias que estão vestidas de flor, e tambem temos visto algumas rosas lindissimas, que em outros annos só costumavam apparecer em Março e Abril. Se continuar este estado prematuro da vegetação, teremos poucos fructos, porque o frio e geadas de Fevereiro e Março hão de inutilisar as flores e gommos das arvores fructiferas.

Pedimos providencias. — Affirmam-nos, que em resultado da estrada, que ultimamente se construiu, da ponte de Agua de Maias para o porto da Pedra, ficam estagnadas as aguas nas insuas superiores, sentindo-se ás vezes mau cheiro nas visinhanças. O mal será muito maior no estio; e teremos ás portas da cidade novos pantanos, que podem tornar-se muito perigosos para a saude publica. Para augmentar a gravidade do mal, cumpre advertir, que a valla do Arnado e Lazaros, que dá escoante ás aguas e immundicies de muitas ruas, vae desaguar nas insuas já mencionadas. As auctoridades devem inquerir com urgencia deste facto, e providenciar convenientemente.

O som, de dia e á noite. — Todos sabem que os phenomenos acusticos se manifestam com mais intensidade durante a noite. Nas horas mortas e silenciosas da noite ouve-se mais distinctamente o estrepito da tempestade, o sibillar do vento, o rugido do mar, o movimento das carruagens, o uivar do cão, e a voz estrondosa do leão e de outros animaes ferozes. Da mesma fórma se percebem com a maior perfeição os sons mais suaves, o ciciar da aragem, o murmurio das aguas, o bulir das folhas, os mais leves passos de homem, a queda da chuva, o zumbido dos insectos, o cantico das aves, etc.

A causa d'este interessante phenomeno tem sido objecto de profundas e curiosas investigações. Uma das explicações mais simples é a que attribue o facto á differença da densidade e temperatura do ar, e á sua maior hemogenidade. De noite, a atmosphera está mais densa, mais fria, e mais hemogenea, e a intensidade do som augmenta por esta causa. Nas regiões polares, por um frio de 30 graus abaixo de zero, assevera o celebre viajante Parry, dois homens collocados a uma distancia de meia legua, sustentam facilmente uma conversação seguida. As experiencias de physica demonstram que a força do som diminue com a rarefação do ar, a ponto de cessar completamente no vacuo da machina pneumatica.

O silencio e socego da noite, a que muitos recorrem, não póde ser a causa; porque na solidão dos desertos, nas camadas elevadas da atmosphera, e no meio das mais vastas florestas, onde reina sempre o silencio mais solemne e glacial, observa-se constantemente o mesmo phenomeno, como nos locaes mais povoados e de maior movimento.

As perolas—É geralmente sabido, que as perolas são segregadas nas conchas de certos molluscos. As de maior valor são produzidas por uma especie de mollusco acephalo, conhecido pelo nome vulgar de madre-perola. Muitos naturalistas consideram estes bellos productos, como concreções morbidas dos testaceos, como são no homem os calculos da bexiga e dos rins. O carbonato de cal é a substancia que constitue estes preciosos globulos. Hoje fabricam-se com muita perfeição perolas artificiaes ou falsas, para imitar as verdadeiras.

Pescam-se as perolas nas costas de Ceilão, golfos Persico e do Panamá, e costa oriental da California. Mergulhadores descem ao fundo do mar, onde se demoram alguns minutos a colher as conchas. É um trabalho muito arriscado, e muitas vezes os mergulhadores saem da agua lançando sangue pela bocca, ouvidos e nariz. Os lucros são grandes, porque ha perolas, que se vendem por sommas fabulosas.

O lobo.—Este animal carnivoro encontra-se frequentemente em Portugal. Por sua indole feroz e sanguinaria, o homem tem-lhe feito guerra de exterminio. Os inglezes conseguiram dar cabo d'elle na maior parte do seu territorio, e apenas nas montanhas da Escocia ainda apparecem alguns lobos.

Obrigados pela fome, estes animaes sahem dos seus escondrijos das serras, descem aos valles e planicies, e accommettem com furia os gados, os pastores, os viajantes, e até as povoações. Nestas circumstancias é indispensavel fazer-lhes montaria, caçal-os, perseguil-os e exterminal-os. Possuem o sentido do olfacto tão apurado, que farejam o cheiro da carne a muitos kilometros de distancia.

Affirmam alguns naturalistas, que grandes ranchos de lobos seguem os exercitos, e nos campos de batalha devoram insaciaveis a carne das victimas da guerra. Nas estradas da Russia os viajantes são frequentes vezes accommettidos por estes animaes furiosos e esfomeados.

A nossa antiga legislação concede premios a quem matar os lobos. Ha muita similhança physica entre estes animaes e os cães, mas as differenças moraes são immensas, e constituem duas especies diametralmente oppostas e essencialmente antipathicas.

Importancia do nariz—O orgão do olfacto teve sempre grande estimação entre os povos antigos e modernos. Os romanos tiravam da grandeza do nariz appellidos para algumas familias, *Nasones*. Ovidio mereceu o cognome de *Naso*, por possuir esta feição muito saliente. Xenofonte era de opinião, que a pequenez do nariz representava pouco talento. Os italianos ainda hoje consideram esta parte do rosto, como significativo de intelligencia e distincção. Na antiguidade um dos maiores castigos, que se podia infligir a um criminoso era arrancar-lhe o nariz. Ha quem acredite, que um nariz grosso é signal de ignorancia e estupidez; que um nariz comprido e delgado indica astucia; que um nariz aquilino mostra espirito atilado.

Santo Antonio dos Olivaes—Este antigo mosteiro, situado em um dos arrebaldes mais aprasiveis de Coimbra, deve o seu titulo a uma ermida de Santo Antão, ou Antonio, abbade, edificada no ponto culminante de um oiteiro, outrora povoado de viçosas oliveiras. Na cerca contigua ainda existem algumas d'estas arvores magestosas e de outras especies, que a tradição popular considera contemporaneas do thaumaturgo portuguez, que por algum tempo passou vida penitente n'aquelle retiro religioso.

Este convento foi a primeira casa, que a ordem franciscana teve em Portugal, e o segundo que teve Coimbra. O primeiro mosteiro d'esta cidade foi o de Santa Cruz. Foi a rainha D. Urraca, mulher de D. Affonso II, que erigiu em 1217 o primeiro edificio de Santo Antonio dos Olivaes. Sobre as ruinas d'este surgiu em 1540 um segundo convento, a expensas de D. João III e de D. Alvaro da Costa. N'esta reedificação foi convertida em capella a antiga cella da Santo Antonio, e a egreja tomou o nome d'este santo por seu orago.

Exportação.— Portugal exportou em 1847 perto de 7 mil contos de reis em productos agricolas e fabris. Em 1848, perto de 9 mil contos, e em 1866, perto de 20 mil contos! Estes valores são colhidos de documentos officiaes. Offerecemos estes singellos factos a quem duvida dos progressos do nosso paiz, e do augmento de suas riquezas agricolas e industriaes.

Bento de Moura Portugal—O celebre Bento de Moura Portugal, que morreu durante a administração do marquez de Pombal, preso nos carceres da Junqueira, nasceu em 21 de Março de 1702, em Moimenta da Serra, aldeia situada a dois kilometros e meio ao poente da villa de Gouveia.

Era filho de Manoel de Moura Castanheira, natural de Sinde, e parente por uma filha bastarda de uma nobre casa d'esta povoação, cuja familia descendia de D. Christovão de Moura, marquez de Castello Rodrigo, bem conhecido na historia d'este reino, quando ficou sujeito a Castella.

Bento de Moura Portugal frequentou a Universidade, formando-se em Leis no dia 11 de Maio de 1731. A sua inclinação, porem, não o levava para esta disciplina, mas para o calculo e para as sciencias exactas, ao estudo dos quaes se entregou depois de formado.

Sendo reconhecido o seu merecimento por el-rei D. João V, foi por este monarcha mandado viajar; e tal era a estimação que delle fazia, que por uma provisão mandou que estivessem paradas todas as demandas que Bento de Moura tivesse, em quanto elle andasse occupado nos estudos de que era incumbido.

Depois que voltou da Allemanha para o reino, fizeram-se muitas obras por sua direcção, que foram de muita utilidade para este paiz, como foi a abertura dos paúes de Villa Nova de Magos, do Juncal e Trejoito, a introducção da barca de Sacavem, etc.

O seu amor da patria era levado a tal grau, que mesmo depois de sepultado no carcere 7.º do forte da Junqueira, fez varios inventos e o plano de muitas obras de utilidade publica, escrevendo os seus pensamentos com penna feita de um ossinho de gallinha, e tinta de ferrugem.

O unico motivo da prisão d'este portuguez illustre, foi o ter fallado da innocencia dos Tavoras e dos padres da Companhia de Jesus; e sendo interrogado por esse facto, confessou que tinha mostrado essa opinião, pelo que lhe respondeu Sebastião José de Carvalho, entrando em furor, que era esse o maior crime que podia commetter.

Foi mettido na peor das casas escuras; e com o mau trato, falta de remedios, e a continuação do aperto, esquentou-se-lhe com isso a cabeça, e chegando a perturbar-se-lhe o cerebro, poz-se de joelhos, fez um acto de contricção, encommendou-se a Nossa Senhora, e entrou na diligencia de se degolar. O que lhe valeu foi o não ter senão uma faca muito velha, quasi incapaz de cortar pão; pelo que não lhe foi possivel cortar as goelas por mais que trabalhou.

Nesse tempo entrou por acaso um dos guardas na sua casa, e vendo-o alagado em sangue, lhe tirou a faca.

Foi por isso mandado para a sua companhia o padre João de Mattos, jesuita, que esteve com Bento de Moura até este fallecer.

Na prisão tinha Bento de Moura inventado um modo de abrir as portas dos carceres, (não obstante ter cada portal tres portas, uma de ferro e duas de madeira), e com esse soccorro saiam os presos todas as noutes das prisões, e se ajudavam e soccorriam uns aos outros, havendo muitos que com graves molestias, e a falta de outros meios, necessitavam summamente d'estes allivios.

Pelo modo já mencionado, de penna feita de um ossinho de gallinha, e tinta de ferrugem, escreveu Bento de Moura Portugal, nos carceres da Junqueira:—Um dialogo sobre as obras do Tejo—Outro dialogo sobre as obras do Mondego—Modo para que as asenhas ordinarias façam dobrada farinha com a mesma agua e queda que tem—Modo de augmentar a velocidade aos barcos de Riba-Tejo—Observação pertencente ao leme das embarcações—Nova ideia de remos para os navios—Motivo que teve o auctor para fazer uma experiencia sobre o Danubio—Dialogo curioso sobre varias cousas da America—Noticia particular sobre augmentar a força de artilheria com ametade da polvora—Modo de averiguar, se por baixo dos campos, que correm ao longo dos rios, ha, ou não ha, ouro, antes de abrir as catas.

Manoel Barata. — Em o n.º 2651 deste jornal, de 21 de Dezembro ultimo, fallando do celebre calligrapho Manoel Barata, que segundo o padre Thomaz José d'Aquino, foi natural da Pampilhosa, dissemos que o distincto bibliographo o sr. Innocencio Francisco da Silva, no seu interessante *Diccionario* dava noticia dos *Exemplares de diversas sortes de letras*, da edição de 1590, unicamente por informação do professor Pedro José da Fonseca, em razão de não ter ainda visto nenhum exemplar dessa publicação; acontecendo-lhe o mesmo com a posterior edição de 1592.

Por essa occasião dissemos, que o sr. Adelino Antonio das Neves e Mello, desta cidade, possue os tratados de *arismetica* e de *orthographia* de Pero Magalhães de Gandavo, da edição de 1592, os quaes costumavam andar annexos aos mencionados *Exemplares de diversas sortes de letras*.

Podemos hoje, graças ao nosso illustrado amigo o sr. Antonio Francisco Barata, dar noticia exacta da edição de 1590, de que felizmente existe um exemplar na bibliotheca de Evora. E' o seguinte:

Exemplares de diversas sortes de letras, tirados da polygraphia de Manoel Baratta, escriptor portegoes, acrecentados pello mesmo actor, pera comum proveito de todos.

Dirigidos ao excellentissimo Dom Theodosio Duque de Bragança, & de Barcellos, & Condestabre dos Reynos de Portugal.

Acostados a elles hum tratado de Arismetica, & outro de Ortographia Portuguesa.

(Seguem-se aqui as armas reaes portuguezas.)

Impressos em Lisboa, por Antonio Alvarez. A custa de João de Ocanha liureyro de Sua Excellencia onde se vendem.

Com licença do Santo Officio: Anno de 1590.

Tem 22 estampas calligraphicas, algumas das quaes manuscriptas. Segue o *Tratado de Arismetica* com 12, e continua com as *Regras qve ensinam a maneira de escrever a orthographia da lingva Portuguesa*, de Pero de Magalhães Gandauo, com 16 folhas.

Portanto fica provado, sem a menor duvida, a existencia desta publicação, das duas edições de 1590 e de 1592.

Resta saber, se anteriormente a ellas, já Manuel Barata tinha publicado em 1582 a sua *Arte de escripta*, a que allude Diogo Barbosa Machado.

O sr. Innocencio parece duvidar da existencia deste livro, attendendo a que Barbosa Machado falla delle como quem nunca o tinha visto; e a que, com quanto o padre Thomaz José de Aquino dissesse que o tinha visto, este escriptor não merece ao sr. Innocencio fé litteraria.

Apezar de tudo, não admitte para nós duvida alguma que Manoel Barata havia anteriormente feito uma publicação calligraphica, pois que os *Exemplares de diversas sortes de letras*, dizem expressamente que foram *tirados da polygraphia de Manoel Barata*. Ora, ou se chame *Arte de escripta*, ou *Polygraphia*, é indubitavel que d'ahi sairam os elementos para as publicações de 1590 e 1592.

E ainda mais se vê que a publicação dos *Exemplares de diversas sortes de letras* foi dirigida pelo proprio Manoel Barata, pois que ahi se diz que foram—*acrecentados pello mesmo actor, pera comum proveito de todos.*

E' verdade que se póde apresentar o argumento de não se conhecer hoje a existencia de nenhum exemplar da dita *Arte de escripta*, ou *Polygraphia* de 1582; mas que admira isso, se dos *Exemplares de diversas sortes de letras*, impressos em 1590, ainda o sr. Innocencio não viu nenhum exemplar; egualmente não ha nenhum em Coimbra; e apenas agora sabemos da existencia do exemplar da bibliotheca de Evora?

Domingos dos Santos de Moraes Sarmento.— Já que temos fallado do distincto calligrapho Manoel Barata, lembra-nos dar noticia de outro portuguez insigne na arte de escrever.

Domingos dos Santos de Moraes Sarmento, natural do Fundão, foi um dos mais admiraveis portuguezes do nosso seculo na arte de escrever e desenhar á penna.

Fazia toda a qualidade de letra com grande exacção, facilidade e belleza. Esta desgraçada habilidade empregou elle em sua ruina, fabricando de letra de mão, e desenhando á penna, apolices do erario regio, com seus miudos e variados ornamentos, pelo que foi preso, e seria sentenciado á morte na forma das leis, se a sua mesma prenda lhe não grangeasse a protecção de pessoas de grande respeito, que admiravam e prezavam a arte. Ficou na torre de S. Julião em prisão perpetua, e ahi mesmo trabalhava de continuo na sua arte até que a morte o levou.

Seria necessario ver as suas escriptas e desenhos, cheios dos mais delicados ornamentos, para avaliar o incomparavel talento deste artista.

D. Fr. Francisco de S. Luiz viu copiada por elle á penna, com a maior perfeição, a grande estampa da estatua equestre de el-rei D. José I, com a qual se enganavam os olhos mais prespicazes, confundindo-a com o original, aberta a buril.

Havia no mosteiro benedictino de S. Martinho de Tibães uma amostra deste extraordinario talento, em *quatro pensamentos allegoricos*, dedicados á gloria de Napoleão Bonaparte, imperador dos francezes, feitos á penna em 1807, os quaes D. Francisco de S. Luiz alli depositou, sendo-lhe para isso offerecidos pelo coronel de milicias reformado Francisco Pereira Peixoto Ferraz Sarmento. Estas pequenas estampas quasi se não differençavam das melhores abertas a buril.

Este artista já era fallecido em 1817.

Cemiterio da Conchada.— Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

D. Maria Violante de Sequeira, filha de Innocencio Sequeira Veiga e D. Antonia da Motta, natural de Coimbra, de 80 annos, fallecida no dia 12 de Janeiro.

Dr. Francisco Antonio Alves, filho de Francisco Antonio Alves e Maria Rosa de Jesus Alves, natural do Porto, de 40 annos, fallecido no dia 13.

Recemnascido, filho de Antonio da Costa e Rosa da Conceição, natural de Coimbra, fallecido no dia 15.

Emilia Augusta dos Santos, filha de Marcos Simões Janeiro e Maria do Carmo dos Santos, natural do Sobreiro, freguezia do Sebal, de 5 annos, fallecida no dia 15.

D. Maria do Carmo Mexia, filha do Dr. João de Sande Magalhães Mexia Salema, natural de Coimbra, de 25 annos, fallecida no dia 15.

Antonio da Cunha Vieira de Meirelles, filho de Joaquim Antonio Vieira de Meirelles, natural de Penafiel, de 35 annos, fallecido no dia 15.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—4840.

Noticias de Taboa.—De Taboa nos communicam o seguinte:

«Sr. Redactor. —Taboa, apesar de ser uma terra pequena, ainda offerece distracção, como poucas desta ordem.

Não ha divertimentos publicos, como acontece na maior parte das da provincia, mas encontra-se aqui uma affectuosa convivencia e cordeal amizade entre os habitantes desta villa, que faz com que se passem dias e noites de bastante animação.

Ainda hontem houve em casa do exm.º juiz de direito d'esta comarca uma *soirée* dançante, a que concorreram umas vinte e tantas senhoras e outros tantos cavalheiros, dançando-se com o maior enthusiasmo.

Nos intervallos, a exm.ª filha dos donos da casa, cantou ao piano alguns trechos do *Trovador*, *Fausto*, e algumas modinhas hespanholas, sendo sempre applaudida enthusiasticamente.

E sem querermos offender susceptibilidades, forçoso nos e confessar, que despertavam a attenção pela sua galhardia e bom gosto, alem da sympathica e elegante exm.ª D. M. C. Miranda, as não menos sympathicas e elegantes meninas Mascarenhas, de Azere, que se achavam ha dias hospedadas em casa da distincta e nobre familia de Gamboa, da quinta da Barrosa.

A's 11 horas da noite foram os convidados servidos com um explendido chá, retirando-se ás duas da manhã, todos penhoradissimos pela affabilidade e attenções que lhes foram prodigalisadas, tanto pelo exm.º dr. Miranda, como por suas exm.as esposa e filha.

Agora passamos de assumpto. Consta-nos que por iniciativa do exm.º presidente da camara d'este concelho, cavalheiro incançavel em promover os melhoramentos d'este municipio, se vae dar principio a um chafariz defronte do tribunal, desta villa; melhoramento ha muito reclamado.

Hoje, a convite da junta de parochia desta freguezia, reuniram nos paços do concelho quasi todos os proprietarios, a fim de se nomear uma commissão para promover uma subscripção para a construcção de um templo que sirva de egreja matriz.

Os cavalheiros nomeados em breve vão dar principio aos trabalhos de que foram encarregados.

Peço a v. queira dar publicidade a estas mal alinhavadas regras nas columnas do seu muito lido jornal, no que muito obsequiará um seu constante leitor.

Taboa, 19 de Janeiro de 1873.»

---

reverendissima o fará recolher ao carcere para ter com elle os procedimentos, que prescrevem as leis da religião, e cohibil-o e contel-o do que acabo de referir.

Deus guarde a vossa reverendissima—Lisboa 20 de Maio de 1791—*Diogo Ignacio de Pina Manique.*

DOCUMENTO 4.º

Para o juiz do crime do bairro de Santa Catharina—V. m. dará a mais exacta busca com os seus officiaes nas casas que a v. m. apontar o religioso portador d'este, para com effeito ver se nas mesmas casas se acham os livros, constantes da relação que lhe hade apresentar o sobredito religioso; dando-me parte do resultado d'esta diligencia.

Deus guarde a v. m.—Lisboa 8 de Julho de 1791.—*Diogo Ignacio de Pina Manique.*

DOCUMENTO 5.º

Reverendissimo sr. padre reitor do convento de S. Paulo—Por me constar que o padre Fr. José de Santo Agostinho fugiu desse convento, ordeno a vossa reverendissima que faça toda a diligencia para o apanhar, servindo-se tambem para esse effeito do braço secular: e de tudo o que se passar vossa reverendissima me informará. Deus guarde a vossa reverendissima muitos annos.—Nunciatura 9 de Julho de 1791—De vossa reverendissima muito seu venerador—Cardeal arcebispo de Tyana, nuncio apostolico.

DOCUMENTO 6.º

Para o juiz do crime do bairro de Santa Catharina.—V. m. tornará a ouvir ao padre mestre, e reitor do convento de S. Paulo, para praticar outras diligencias, a fim de descobrir outros livros, que lhe faltam da sua livraria, alem d'aquelles que foram apprehendidos ao padre José de Santo Agostinho; perguntando v. m. os presos, e o mesmo livreiro, para ver se conseguem alguns esclarecimentos a este respeito.

Deus guarde a v. m.—Lisboa 14 de Julho de 1791—*Diogo Ignacio de Pina Manique.*

DOCUMENTO 7.º

Para o padre mestre prior do convento da Graça, Fr. Manoel de Andrade.—Com este será apresentado a vossa reverendissima o padre Fr. José de Santo Agostinho, religioso professo d'essa ordem, o qual havia fugido do convento de S. Paulo, da calçada do Combro, onde perpetrou varios furtos nos livros da livraria daquelle convento, de que se queixou n'esta intendencia o reitor; e mandando fazer varias diligencias, se apprehenderam muitos dos ditos livros em poder do sobredito padre Fr. José de Santo Agostinho, que foram entregues ao mesmo reitor, tratando-o este com toda a caridade, tendo-o em liberdade em uma cella, que lhe deu no mesmo convento, aonde estava por ordem do nuncio; e começando a vagar por esta côrte em trage de secular, e na figura que o mando entregar a vossa reverendissima, sem signal algum de religioso, ou de ecclesiastico: rogo a vossa reverendissima queira proceder contra elle, conforme determinam as leis, e constituição da sua religião, visto a reincidencia que tem praticado, com que tem escandalisado essa communidade e aos seculares que o viram.

Deus guarde a vossa reverendissima.—Lisboa 8 de Outubro de 1791—*Diogo Ignacio de Pina Manique.*

DOCUMENTO 8.º

Bernardino Custodio da Silveira, cidadão d'esta cidade, e nella escrivão do crime do bairro de Santa Catharina, por S. M. fidelissima que Deus guarde, etc. Attesto e faço certo que ha tempos, de cujo dia não tenho cabal lembrança, fui eu em companhia do Dr. José Marcellino Pato de Mendonça Furtado, juiz corregedor do crime do bairro de Santa Catharina, ao sitio do Chiado, a uma loja de um livreiro francez, que segundo minha lembrança se chama João Baptista, aonde tambem foram dois religiosos paulistas, cujos nomes ignoro, e ahi elle ministro perguntou ao dito João Baptista se havia comprado alguns livros, declarando os titulos delles por uma relação que os ditos religiosos traziam: e logo declarou ser verdade haver comprado a um religioso do convento da Graça parte dos livros que se declaravam, os quaes tinha em ser e delles fez entrega ao dito ministro, declarando que o dito religioso a quem os havia comprado se chama Fr. José: e logo elle dr. juiz corregedor os entregou aos mencionados religiosos paulistas, que disseram haver-lhes furtado da sua livraria o referido Fr. José maior quantidade de livros do que aquelles que receberam n'aquella occasião; e não se fez acto judicial algum d'este facto.

E por ser verdade o referido passei a presente por mim assignada n'esta côrte de Lisboa aos 9 do mez de Novembro de 1791 annos=Bernardino Custodio da Silveira=E declaro que o dito religioso do convento da Graça, que fez o furto mencionado, tenho noticia se chama Fr. José de Santo Agostinho, e que nesta occasião se acha recolhido por ordem do exm.º sr. nuncio no convento dos paulistas: dito o declarei=Bernardino Candido da Silveira.

Recrutamento.—O conselho de estado julgou favoravelmente os seguintes recursos, a fim de que os respectivos mancebos fiquem isentos do serviço do exercito:

CONCELHO DA LOUZÃ

Freguezia da Louzã — Augusto, filho de Antonio Martins.

CONCELHO DE COIMBRA

Freguezia de Santo Antonio dos Olivaes —Abilio, filho de Antonio Francisco Roque.

Freguezia de S. Paulo de Frades—Bento, filho de Luiz Pereira da Veiga.

CONCELHO DE GOES

Freguezia de Goes — Francisco, filho de Francisco Fernandes e de Maria Bandeira.

Freguezia da Varzea—José, filho de João Carneiro e de Angelica Maria—João, filho de Manoel Filippe, viuvo.

CONCELHO DE MIRANDA DO CORVO

Freguezia de Rio de Vide—Sebastião, filho de João Francisco Bento.

CONCELHO DE POIARES

Freguezia de Santo André—Bernardo, filho de Escolastica de Jesus, solteira.

CONCELHO DE ARGANIL

Freguezia de Arganil—Antonio, filho de Fernando Jorge, viuvo.

Freguezia de Pombeiro—Antonio, filho de Manoel Ferreira e de Maria Rita—Manoel, filho de Francisco da Costa e de Luiza Soares.

CONCELHO DE MONTE MÓR

Freguezia de Arazede—Joaquim, filho de Maria de Jesus.

Freguezia da Carapinheira—Antonio, filho de José Gonçalves Cavalleiro.

CONCELHO DE SOURE

Freguezia de Soure —Luiz, filho de Luiz Marques e de Luiza Maria.

CONCELHO DA FIGUEIRA

Freguezia da Figueira—Paulo Emilio Jorge, filho de José Jorge e de Josepha Jorge.

Honra merecida.— O nosso patricio e amigo o sr. Nuno Machado, com estabelecimento de modas em Lisboa, na rua Nova do Almada, n.º 65 a 67, teve a honra de receber o diploma de *fornecedor de sua magestade a rainha.* Folgamos que os trabalhos deste nosso patricio no engrandecimento do seu estabelecimento de modas, assim tivessem uma tal remuneração.

Parabens ao sr. Nuno Machado pela honra que acaba de receber.

Transferencia de mercê — Ao nosso amigo o sr. José Daniel de Carvalho Montenegro, da Louzã, bacharel formado em Theologia, e parocho resignatario da egreja de S. Martinho de Tavarede, a quem tinha sido conferido o grau de cavalleiro da ordem de Christo, foi ultimamente transferida essa graça para a de cavalleiro de Nossa Senhora da Conceição.

Dissolução.—Foi dissolvida a camara municipal de Cuba, por impedir por todos os modos que se leve a effeito a syndicancia a que mandou proceder o governador civil de Beja, para se verificar por ella se tinham fundamento as suspeitas ácerca da má gerencia da camara e irregular applicação dos dinheiros municipaes, ordenando que se proceda á nova eleição no prazo de 30 dias.

Demissão.—Foi demittido o escrivão da mesma camara Antonio Jacintho Salgueiro, por deixar de escripturar as contas correntes do thesoureiro do concelho, desde Julho de 1851, ter em branco o livro da escripturação diaria da receita e despeza geral do concelho, desde 1841 a 1847, e o da receita e despeza geral do concelho até 1865, difficultando quanto lhe foi possivel o processo da syndicancia.

Outra.—Foi demittido o escrivão da camara municipal de Estarreja, João Antonio de Pina Rezende Abreu Freire, por se achar pronunciado sem fiança pelo crime de falsificação de documentos officiaes e furto.

Outra.—Foi demittido o administrador do concelho de Albergaria, Antonio Augusto Nogueira Souto, por haver injuriado verbal e corporalmente na sachristia da egreja de Angeja, o padre Manoel Julião Marques Ferreira.

Despacho—O sr. Dr. Julio Cesar de Sande Sacadura Botte, lente substituto da faculdade de Medicina, foi promovido a lente cathedratico.

Fallecimento—Dizem de Lisboa que falleceu madame Fabrica, uma das melhores amigas da sr.ª condessa d'Edla, a quem s. ex.ª e seu augusto esposo ha pouco visitaram, quando souberam que se achava gravemente enferma.

Madame Fabrica foi uma cantora distincta e teve grandes ovações no nosso theatro lyrico.

Na sua mocidade foi uma das mulheres mais formosas e mais elegantes do seu tempo.

Senhora de educação esmerada e de fino trato, possuia um coração generoso e bizarro.

Confirmação. — No tribunal da relação em Lisboa, foi confirmada a sentença que condemnou D. Rodrigo Souto d'El-Rei em 8 annos de degredo, e Manoel Esteves Rodrigues (o artilheiro) em 10, por causa do crime de ferimento de que resultou a morte perpetrada na pessoa de Cesar dos Santos. Os reus tinham sido condemnados em segundo julgamento, em Fevereiro de 1872.

Prisão.—Foi capturado em Lisboa o assassino José Nunes de Almeida, que em tempos fez parte da quadrilha do Joaquim Badana, mui conhecido em Aveiro pelos roubos que ahi praticou.

O criminoso e alguns outros ladrões querendo penetrar pelo telhado em casa de um abastado lavrador do concelho de Vagos, com o fim de praticar um roubo, cahiram sobre a cama da criada, que, acordando, ia de certo frustrar o plano dos roubadores, quando um d'estes, Almeida, degolou a criada e depois evadiram-se todos.

Medida louvavel.—O correio geral annuncia que a partir do primeiro do proximo Fevereiro, segundo o accordo temporario celebrado com a Hespanha, se podem transmittir livros pelo correio entre os dois paizes. Os livros podem ser brochados ou encadernados, e não se poderão enviar pacotes de peso superior a 1:000 gramma. Não se poderá escrever n'elles, e devem ser cintados de modo que sejam facilmente revistados.

CHARÁDAS

9.ª

De pernas para o ar
dobrada, não queiras cheirar —1
com má quiçá extremosa—1
com *l* defronte de cá—1
e na panella só ou com sá—1
Na linha do norte
e na tutelar,
descendo, subindo,
e sempre a fisgar.

10.ª

Sou canção que molesta o amante das musas —2 e 1.

11.ª

O mais sublime—1
em ti acharás—1
e hoje, amanhã
ahi chegarás.

12.ª

Diverso n'um livro apercebeu o soccorro.—1 e 1 e 2.

As charadas do n.º passado eram:—1.ª—AGIO-TA—2.ª—AL-IMA-RIA—3.ª — DESPREZO—4.ª—ORAÇÃO—5.ª—PIO—6.ª—COMMU-NI-S-MO—7.ª—MASSENA—8.ª—AUMALE.

ANNUNCIOS

Attenção

1 ALBANO AUGUSTO BRANCO, participa ao publico, que se encarrega de toda e qualquer armação de egreja, tanto nesta cidade como fóra, assim como caixões de chumbo e de madeira, para funeraes. Quem pretender dirija-se á rua da Sophia, n.º 31.

2 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia de S. Martinho do Bispo, concelho de Coimbra, faz publico, que no dia 2 de Fevereiro do corrente anno, pelas 10 horas da manhã, no adro da egreja parochial, hade arrematar-se em hasta publica, a obra de pintura de todo o tecto da mesma egreja; e bem como convindo, todos os andaimes precisos; cujos apontamentos e condições serão presentes no acto da arrematação. E para que chegue ao conhecimento de todos aquelles a quem possam convir estas obras, se faz o presente annuncio.

S. Martinho do Bispo, 20 de Janeiro, de 1873.

O presidente da junta,
Dionisio Garcia Ribeiro.

3 VENDEM-SE duas moradas de casas novas, com communicação interior, na rua do Corpo de Deus, com os n.os 98 a 108. Na rua de Quebra Costas n.º 34, se diz com quem se trata.

4 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia de Santa Eufemia, da villa e concelho de Penella, diocese de Coimbra, faz publico, que no dia 26 de Janeiro corrente, pelas 11 horas da manhã, na sachristia da egreja parochial, ha de arrematar-se em hasta publica, convindo, a obra de carpintaria e pedreiro, que tem a fazer-se na egreja parochial, cujos apontamentos e condições serão presentes no acto da arrematação; e para que chegue ao conhecimento de todos se fez o presente annuncio.

Penella, 9 de Janeiro do 1873.

O presidente da junta,
João Albino de Sousa Peres.

A TELA JUDICIAL

FOLHA SEMANAL

Proprietario—Joaquim Ribeiro Verdades de Faria

5 É UM PERIODICO destinado a servir de subsidio á historia da legislação, dos tribunaes e da justiça.

Não faz jactancias de diplomas e pergaminhos, porque se illustra nas lides honrosas do trabalho, e por ellas espera merecer o apoio dos que são grandes perante a sciencia do direito, dos que são recommendaveis no constante tyrocinio e praticas do foro e de quantos, a necessidade, a consciencia do direito, e a convicção da justiça envolvem na immensa teia judicial e a presumpção do crime conduz aos bancos do reus.

A iniciação d'esta folha não é uma tentativa de especulação, por tanto nem precisa de explorar com a opinião publica, illudindo-a ou falseando os seus interesses, nem assignala a sua existencia por nenhum grau de mercantilismo.

Ha de viver pela justiça e coherencia das suas opiniões, pela rectidão e cortezia dos seus escriptos, pela influencia digna e protectora da sua palavra honesta e imparcial, e pelo convencimento de que vae preencher nos annaes do jornalismo uma lacuna importante.

A *Tela Judicial* é do paiz, é da justiça, é da verdade, é da honra, e é só a estes sentimentos que obedece, sem faltar ao respeito e á educação que se devem aos grandes poderes do estado e a qualquer nome seja qual fôr a sua procedencia e matiz.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao proprietario, rua da Magdalena, 237, 2.º andar.

Preços:—trimestre, 600 rs.—semestre, 1$100 rs.—anno, 2$000 rs.—avulso, 100 reis.

Em Lisboa assigna-se unicamente nas livrarias do sr. Campos Junior, rua Augusta, 77 a 81 e 78 a 80.

6 A MESA ADMINISTRATIVA da Santa Casa da Misericordia da villa de Soure, faz publico, que se acha a concurso o logar de capellão da mesma Santa Casa, com o ordenado annual de reis 84$400. Os srs. ecclesiasticos que quizerem ser providos no dito logar, deverão apresentar os seus requerimentos, no referido prazo, instruidos com os documentos necessarios.

As obrigações do capellão constam do compromisso da mesma Santa Casa, das quaes o abaixo assignado fará sciente aos individuos que quizerem requerer o dito logar.

Soure, 10 de Janeiro de 1873.

O escrivão da mesa,
Lino Augusto Ramos de Faria.

INSCRIPÇÕES

7 ABILIO AUGUSTO MARTINS, ourives em Coimbra, rua da Calçada, n.º 8, encarrega-se da compra de inscripções em Lisboa, pelo preço da cotação official do *Diario do Governo*, apresentando-as averbadas em nome do comprador, poucos dias depois da encommenda.

ALTA NOVIDADE EM COIMBRA

No estabelecimento de José Tavares da Costa, rua da Calçada, proximo á Portagem.

8 CHEGARAM a este estabelecimento os superiores queijos Londrino, Pinha e Suisso; o verdadeiro macarrão de Italia, as mimosas pastilhas de chocolate, com baunilha, suissas, e de hortelã-pimenta, inglezas.

No mesmo se encontram as mais modernas bolaxinhas inglezas; a excellente passa de Malaga e de Corintho, doce de cidrão; os mais acreditados vinhos finos, de 240 a reis 1$200 a garrafa; licores de christal, kummel, e do Perekerman; aguardente de cana e do Paraty; cognac, genebra superior, cerveja Bass, e todos os mais artigos relativos a mercearia.

Dentifricios de Furtado

Conservação—Brilhante—Anti-odontalgico

Estes preparados, feitos com as melhores, mais puras e proprias substancias, formam um elixir que mais poderiamos denominar de

THESOURO DA BOCCA

CONSERVAÇÃO—é um excellente preservativo para a **dor, carie, inflammação, ulceração das gengivas e anti-escorbutico:**—refresca a bocca e torna o halito agradavel.

BRILHANTE—Branqueia com muita facilidade os dentes, tornando-os alvos de neve, sem o mais leve incommodo e sem causar a mais pequena alteração do esmalte—frasquinho, 500 rs.

ANTI-ODONTALGICO — é um magnifico calmante para as **dores e raivas dos dentes.**

Todo o frasco e acompanhado de instrucções.

Ha tambem pós muito superiores em caixinhas e vasos de 80, 120, 200 e 240 reis

Vendem-se na loja de

J. A. VIEIRA DA FONSECA

Coimbra, Calçada, n.os 72—76.

NUMERO 2661 SABBADO 25 DE JANEIRO DE 1873 ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Prosegue na camara dos deputados a discussão da resposta ao discurso da corôa, fallando largamente os deputados de todas as parcialidades politicas.

Um dos discursos, porem, que mais tem chamado a attenção publica, é o do sr. presidente do conselho de ministros, Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello.

Tendo fallado em seguida ao sr. Luciano de Castro, o nobre ministro passou em revista todas as accusações feitas pela opposição, e com a serenidade e cordura que o distingue, refutou-as, e defendeu brilhantemente os actos do actual gabinete.

Amigos e adversarios são conformes em elogiar os dotes oratorios do sr. Fontes, e em confessar a impressão que o seu ultimo discurso fez no animo das pessoas que o ouviram.

A discussão promette continuar ainda por muito tempo, porque se acham inscriptos numerosos oradores.

As noticias chegadas ultimamente de Angola tem causado alguma impressão. Parece, porem, que os factos occorridos tem sido exaggerados.

O sr. ministro da marinha Andrade Corvo, sendo interpellado na camara dos deputados a esse respeito disse, que o governador geral daquella provincia lhe havia communicado, que se insubordinara uma parte da força que estacionava nos Dembos, e que fóra mandada a Golugo buscar viveres. Era um destacamento de 30 homens.

O destacamento recolhera a Loanda, e o seu commandante, o alferes Oliveira, tinha já sido mettido em processo.

O governador mandara immediatamente uma força de 60 homens para pôr em ordem os agitadores, e alem disso mandara instaurar um inquerito sobre o estado do destacamento que se achava em Loanda.

Para tornar mais seguro o futuro daquella parte da provincia, onde se manifestara esta insubordinação, não só o governador tinha mandado o destacamento de 60 homens, mas fizera partir a força chegada do Golungo, entregando o commando ao tenente coronel Almeida, que fóra o mesmo que conseguira tranquillisar e levar ao estado de paz o concelho dos Dembos.

O sr. ministro da marinha prometteu mandar no proximo correio as determinações mais energicas, para que todos esses actos de insubordinação sejam severamente punidos; e alem disso para que se tomem todas as medidas, a fim de que se mantenha a paz que felizmente tem gozado aquella provincia, á excepção de uma pequena agitação que foi reprimida.

BIBLIOGRAPHIA

Museo espanol de antiguedades

Publica-se actualmente em Hespanha uma obra muito notavel de archeologia, que rivalisa com as mais perfeitas que têem sahido dos prelos das primeiras nações do mundo. E' o *Museo español de antigüedades.* Tem por director o sr. D. Juan de Dios de la Rada y Delgado e por editor o sr. D. José Gil Dorregaray.

Attestam este e outros valiosos documentos o muito que os nossos visinhos têem progredido nas sciencias e letras, apesar das graves desordens politicas que perturbam a Hespanha.

E' motivo de grande admiração que se torne compativel com taes desordens similhante progresso, e de maior magua que um povo que tão eminentes escriptores illustram, um povo que a natureza dotou de felizes disposições e de grandes recursos para altos commettimentos, não possa refrear os impetos dos politicos facciosos que o exploram e expurgar-se dos bandidos audazes que o infestam.

Se com taes obstaculos, tão oppostos á cultura pacifica das sciencias e das letras, ellas tanto medram, como não floresceriam com maximo esplendor e opulencia, se as favorecessem a boa ordem e harmonia politica e a perfeita tranquillidade moral?

Começou em 1871 a publicação do *Museo de antigüedades*, e está já completo o texto do primeiro tomo com mais de 600 paginas de folio e muito adiantado o segundo. Tem sahido com o texto mais de 50 estampas em folhas separadas e do mesmo formato, lithographias e cromo-lithographias, executadas pelos primeiros artistas hespanhoes, que em muitas de suas obras competem com os melhores de outras nações.

Os artigos descriptivos são dos escriptores mais distinctos de Hespanha, cuja erudição e aturado estudo claramente revelam. A maior parte são já conhecidos por valiosos escriptos concernentes á archeologia.

Do sr. D. Fancisco Maria Tubino appareceram no *Museo de antigüedades* notaveis memorias historicas da arte hespanhola e descripção de alguns monumentos de pintura.

O sr. D. José Amador de los Rios tem escripto ácerca de varios moveis e objectos antigos, pinturas muraes, tumulos, e, n'uma caderneta do segundo tomo, recentemente publicada, descreveu os sarcophagos romanos que se conservam em Lisboa e Porto. Deste ultimo artigo que mais particularmente nos interessa, fallou com louvor em dois folhetins do *Jornal da Noite* o sr. Teixeira de Vasconcellos.

Do sr. D. Fernando Fulgosio são algumas descripções de armas antigas offensivas e defensivas e de lampadas de bronze.

Da secção etnographica do museu archeologico de Madrid e de trajos chinezes que n'elle se guardam escreveu o sr. D. Juan Sala.

A'cerca de mascaras theatraes e vasos dos peruanos e das armas dos americanos primitivos dissertou o sr. D. Florencio Janer.

As antiguidades pre-historicas de Hespanha tem-as tractado o sr. D. Juan Vilsnova y Piera.

De illuminuras de antigos codices e per-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXXVIII

D. FRANCISCO DE LEMOS E A DEPUTAÇÃO PORTUGUEZA

Em os n.os 2656 e 2657 do *Conimbricense* de 8 e 11 do corrente mez, publicamos o interrogatorio que em Fevereiro de 1811 foi feito no Porto pelo chanceller da relação ao bispo de Coimbra, D. Francisco de Lemos de Faria Pegeira Coutinho, depois de ter regressado de França, onde tinha ido com os mais membros da deputação portugueza, mandada pelo general Junot a Napoleão.

Por essa occasião lamentamos não possuir os numerosos documentos citados no interrogatorio. Hoje, porem, não só possuimos já a copia de todos esses documentos, mas egualmente uma memoria dirigida por D. Francisco de Lemos ao principe regente, tratando de se justificar, e em que dá minuciosa noticia do procedimento e fins da deputação portugueza. São documentos interessantissimos para a historia da invasão franceza em Portugal.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

«Senhor—Expõe a vossa alteza real o bispo conde, reformador reitor da Universidade, que achando-se no governo do seu bispado de Coimbra, e no da mesma Universidade, com que vossa alteza real foi servido honral-o, recebeu do general Junot a carta n.º 1, do teor seguinte, com o passaporte n.º 2, folhas 14:

«Lisboa 23 de Fevereiro de 1808—Senhor. Tendo-me a regencia mostrado o desejo de enviar uma deputação a sua magestade o imperador e rei, meu senhor, foi-me depois este voto manifestado por todas as classes do reino. Em resultado da minha exposição, sua magestade consentiu e approvou a lista que lhe havia dirigido, e de que v. ex.ª faz parte.

Pelo que v. ex.ª se dignará tomar as suas medidas de modo a chegar a Bayona de 1 a 10 de Abril proximo; e n'esta cidade receberá do ministro das relações exteriores, instrucções que regularão a sua marcha ulterior.

Receba v. ex.ª a segurança da minha perfeita consideração.—Senhor bispo de Coimbra.—*Junot.*»

1.º Que supposto tivesse motivos attendiveis, para escusar-se de cumprir as insinuações que lhe fazia o general Junot, como era entre outros, o da edade em que se achava, a qual não soffria tão prolongada viagem, e nem os incommodos inseparaveis della; comtudo, reflectindo que indo a Bayona na qualidade de deputado nacional, podia ter occasião de fazer algum serviço a sua alteza real, resolveu-se a partir para aquella cidade por Badajoz, sem ter recebido instrucção alguma sobre os negocios que a deputação devia tratar perante o imperador, assim da parte do general Junot, como de qualquer outro ministro francez.

2.º Que achando-se junta toda a deputação em Bayona, e sendo necessario que cada um dos seus membros désse o seu parecer sobre a materia que convinha tratar-se perante o imperador, o qual estava proximo a chegar; assim o executou elle bispo conde na carta n.º 3, a folhas 14, acompanhada da nota n.º 4, a folhas 16, que dirigiu ao deputado D. Lourenço de Lima, por haver sido nomeado presidente da deputação em Lisboa.

3.º Que a materia dos artigos dessa nota reduzia-se:—1.º A conservação da inteireza do reino, á reintegração da boa harmonia, e amisade, que subsistia entre vossa alteza real, e o imperador, e a vinda de vossa alteza real, e de toda a sua augusta familia para este reino, persuadida pelo mesmo imperador em carta de convite, que escrevesse a vossa alteza real, e levada, se assim o permittisse, ao Brasil, ou por toda, ou por parte da deputação.—2.º A um novo tratado que fixasse todas as conexões de França com Portugal para o futuro.—3.º Não se dispondo vossa alteza real, por algum motivo, a tornar para Portugal; a mandar o principe da Beira, seu filho, para continuar nelle a successão do throno, casando-se com uma princeza da familia imperial.—4.º A ser o principe da Beira acclamado rei de Portugal, havendo-o assim por bem vossa alteza real; e em quanto não chegasse á edade competente de 14 annos, ser o reino governado por um conselho de regencia nacional, debaixo da protecção do imperador, o qual conselho teria o seu termo logo que o principe chegasse á dita edade.—5.º A so poder-se entender, que vossa alteza real cedia a coroa do reino por si e seus successores, no caso que não quizesse tornar, e nem enviar a elle o principe da Beira seu filho.—6.º N'este caso (não esperado) a pedir ao imperador que quizesse ser o seu rei, assim como era da Italia, com as mesmas condições com que aceitou, e jurou Filippe II, rei de Castella.

4.º Que sendo congregada a deputação para conferir sobre a importancia dos artigos propostos, considerando elle por uma parte o estado em que n'aquelle tempo as cousas se achavam, o reino occupado pelo imperador, e governado em seu nome: vossa alteza real privado do exercicio da sua soberania: sua augusta casa declarada extincta, e decaida do throno: projectos formados, ou de novas dynastias, ou de uniões: alterações já feitas no governo do reino: um grande exercito dentro

gaminhos têem escripto os srs. D. Claudio Boutelou e D. José Maria Escudero de la Peña.

São do sr. D. Manuel de Assas algumas descripções de monumentos da antiga esculptura hespanhola, entre os quaes se conta um crucifixo de marfim de D. Fernando Magno.

De outras peças de esculptura tractaram tambem os srs. D. Aureliano Fernandez Guerra y Orbe, D. Manuel de Cueto y Rivero, D. Claudio Boutelou, D. Angel de Gorostizaga, D. Pedro de Madrazo, D. Mariano Catalina, D. Aureliano Ibarra y Manzoni, etc.

Descreveram monumentos da architectura os srs. D. Paulino Saviron y Estevan, D. Juan de Dios de la Rada y Delgado e D. Manuel de Assas.

De mosaicos tractaram os srs. D. Juan de Dios de la Rada y Delgado e D. Demetrio de los Rios; de joias arabes com inscripções e de espadas arabes os srs. D. Eduardo Saavedra e D. Francisco Fernandez y Gonzales; de numismatica o sr. D. Carlos Castrobeza.

Por estas breves indicações farão os leitores ideia não somente da importancia, curiosidade e variedade da publicação hespanhola, mas tambem dos numerosos cultores que em Hespanha conta a archeologia. E não se pense que os artigos descriptivos de tantos e tão varios assumptos, são apenas breves noticias, como as que nos costumam dar os jornaes illustrados. Consistem quasi todos em extensas monographias, escriptas com muita erudição e com grande e apurada critica.

Em Portugal não sabemos de outros escriptos comparaveis aos do *Museo de antigüedades* senão os do sr. Mendes Leal nos *Monumentos nacionaes*.

Entre as estampas coloridas, que emparelham com as dos livros francezes de Lacroix (bibliophilo Jacob) e de outros congeneres, citaremos as seguintes cromo-lithographias: O *fac-simile* de um privilegio de D. Sancho IV, um mosaico de Lugo, os vasos italo-gregos, as espadas hispano-arabigas do seculo XV, a portada da casa de la moneda em Granada e as moedas dos Ptolomeus.

Das estampas não coloridas, mencionaremos as que representam duas bachantes, o sepulchro dos reis catholicos, o diptico consusar ovetense, o sepulchro de D. Pedro e D. Filippe Boil, o crucifixo de marfim de Fernando Magno, a porta de pantheon procedente de Castrourdiales e sepulchro de Husillos.

Interessa muitissimo á archeologia portugueza a publicação de que tractamos. Andaram sempre hermanadas, e mais em particular até ao fim da edade media, as artes nos varios povos da Peninsula. Começaram do mesmo modo, receberam as mesmas influencias, soffreram as mesmas revoluções.

Assim a falta de subsidios que em certos periodos tanto difficultam o estudo da archeologia portugueza poderá ser vantajosamente preenchida pelos que em Hespanha se encontram mais copiosos e mais completos.

E' o que se prova com o seguinte exemplo.

Quando escrevemos das egrejas antigas de Coimbra, impossivel nos foi determinar com certeza a epocha da construcção do velho templo de S. Salvador. Aventámos a hypothese de que seria reedificação posterior ao anno de 1064.

Agora achamos essa hypothese menos provavel, porque entre as estampas do *Museo de antigüedades* se nos deparou uma que representa os capiteis da egreja wisigothica de S. Juan de Baños, edificada no seculo VII. Ora, estes capiteis, que são corinthios degenerados, assemelham-se mais a alguns (os de folhagens) de S. Salvador de Coimbra, do que estes aos de outras egrejas de Portugal, edificadas nos seculos XI e XII.

Assim, não temos já hoje por improvavel que a mais antiga das egrejas de Coimbra seja anterior ao anno de 1064, com quanto, pelos lavores que restam da fachada, não a possamos fazer remontar ao seculo VII em que foi construida a egreja de S. Juan de Baños.

Fazemos sinceros votos pela continuação de uma obra tão interessante, como é o *Museo de antigüedades*, e para que o exemplo dos nossos visinhos, desperte em Portugal o gosto dos estudos archeologicos, até hoje tão pouco seguidos e cultivados.

Evora 19 de Janeiro de 1873.

A. Filippe Simões.

NOTICIARIO

Policia municipal.—A ultima postura publicada pela camara municipal está fazendo levantar um clamor immenso em toda a cidade.

Temos sido sempre advogados das providencias que tendam a promover a limpeza publica, e por isso não podemos ser taxados de suspeitos. E' mister, porem, que essas medidas sejam prudentes e racionaes, e não absurdas.

A postura está redigida de modo que póde dar motivo aos maiores arbitrios. Formulada como se acha, seria impossivel a sua absoluta execução. E ainda que se diga que a camara dá ordens para se modificar na pratica, não faz isso mais do que provar a justiça das queixas dos habitantes.

Para se estabelecer semelhante postura era necessario que previamente se tivesse regularisado a canalisação em toda a cidade. Antes d'isso, impor taes e tão inexequiveis obrigações, é violentar atrozmente o publico.

As multas devem ser applicadas com muita parcimonia, e só como ultimo recurso. Ha familias que não tem com que comprar um pão para comer, quanto mais para pagar multas, e algumas bem pesadas.

A circumstancia dos empregados de policia municipal receberem metade da importancia das multas, dá logar a que muitas pessoas acreditem que se procura por interesse motivo para esses vexames.

A acção da camara, e dos seus empregados, deve-se exercer mais com a benevolencia paternal, do que com a sobranceria dos antigos almotacés e capitães mores.

A cadeia de Santa Cruz.—A Carta Constitucional diz no § 20 do artigo 145, *que as cadeias serão seguras, limpas, e bem arejadas, havendo diversas casas para separação dos reus, conforme suas circumstancias, e natureza dos seus crimes.*

Isto é muito lindo no papel. Na pratica, porem, vamos a ver que applicação tem á cadeia de Coimbra.

Em quanto á *segurança* póde ver-se do facto de em a noute de quinta feira ultima fugir *pela grade (!)* para a rua, um preso que tinha sido recolhido na casa da detenção!

Relativamente á *limpeza* manifesta-se pelo aspecto asqueroso de toda a cadeia, e muito especialmente da mencionada casa da detenção. Só vendo-se é que se acredita, que em uma cidade como Coimbra, se mettam presos em semelhante jaula de feras! Basta dizer, que sendo o pavimento da casa mais baixo do que o terreno de fóra da prisão, a agua da chuva invade a casa, e estão sempre os presos que alli são mettidos atolados em lama!

O *arejamento* é tal, que em uma pequena casa de 8 metros de comprido e outros tantos de largo, já chegaram a estar 35 mulheres. Actualmente, para tornar a prisão mais aprasivel, lá está mettida com as presas uma doida, que as morde a todas, e as não deixa dormir com as suas constantes gritarias.

E finalmente, a disposição relativa *á separação dos reus, conforme as suas circumstancias, e natureza dos seus crimes*, é cumprida, reunindo-se as mais impudentes prostitutas e as criminosas mais preversas, com as mulheres honestas, presas por uma simples infracção de policia; pois que não ha mais do que uma casa para todas.

Por mais zelo que tenha o carcereiro, não é possivel evitar as consequencias resultantes de uma tão pessima casa.

Bem sabemos que isto são palavras deitadas ao vento; mas em fim vamos em todo o caso lavrando aqui este protesto.

Acordem os que devem estar acordados, e providenceiem como lhes cumpre!

Companhia edificadora figueirense. — Progridem as construcções d'esta companhia no *bairro novo de Santa Catharina*, da Figueira da Foz.

São cinco as casas que ella está edificando este anno, e que já hão de servir na proxima estação de banhos.

Uma, encommendada á companhia pelo sr. conselheiro Adrião Forjaz, foi arrematada por 1:600$000 reis. E' situada em seguida á casa *Ramos*, na rua do *Melhoramento*. Compõe-se de lojas para o lado do quintal, rez do chão, e sobrado dividido com grandes accommodações: tem duas trapeiras, em cada uma das quaes ha um quarto de pé direito; e tem mais quatro quartos de trainel. Tem deposito de agua, latrina, etc.

Os empreiteiros desta obra são os srs. Antonio Fernandes Mesquita e Joaquim José Pinheiro, artistas da Figueira.

Outra casa é situada na *Travessa de S. Braz*, no fundo do quintal da casa *Raymundo*. Foi arrematada por 798$000 rs. Tem 12 metros de frente por 9 de fundo. Compõe-se de sala de visitas com tres janellas, sala de jantar com janella e porta para o quintal, quatro quartos, todos com janella, cozinha e sobrado solto com gateira. Tem deposito para agua no quintal, latrina, etc. A serventia para o quintal é pela rua da *Boa Recordação*.

Os empreiteiros desta obra são os mesmos que arremataram a casa do sr. conselheiro Forjaz.

As outras tres casas são situadas na nova travessa entre a rua do *Bom Fim* e a rua da *Boa Recordação*. Foram arrematadas em globo por 1:649$000 rs., ou aproximadamente por 550$000 rs. cada uma.

Tem todas 10 metros de frente por 10 de fundo. Compõe-se de sala de visitas, sala de jantar, cozinha, dois quartos e sobrado solto. A divisão é por maneira, que nenhum dos aposentos tem menos de 4 metros e tem um corredor geral da frente ao fundo. Tem deposito de agua, e latrinas nos quintaes. Os quintaes destas casas, e os das que se fizeram no anno passado na rua da *Inauguração*, tem serventia por uma pequena viella, que se lhes deixou para este fim.

Os empreiteiros destas tres casas são os srs. Aldebrano Fernandes Mesquita e Antonio Ferreira Baptista, artistas da Figueira.

Todas as cinco casas deverão estar concluidas no dia 30 de Junho proximo, ficando por acabar unicamente a pintura exterior.

As construcções do anno passado, que foram admiradas por todos os entendidos debaixo do ponto de vista de sua barateza, e ao mesmo tempo da sua solidez e elegancia, servem de garantia ás do anno corrente.

Em nome dos accionistas da *Companhia edificadora figueirense* prestamos os devidos elogios aos dignissimos directores da mesma companhia, que com tanta intelligencia e zelo se esforçam pela sua presperidade.

Instituto de Coimbra. — No dia 23 do corrente reuniu-se a assembleia geral do Instituto de Coimbra.

O sr. Dr. Fernando de Mello propoz que se lançasse na acta um voto de saudade e sentimento pelo socio o sr. Dr. Vieira de Meirelles ha pouco fallecido, e que á sociedade prestara os mais relevantes serviços.

O mesmo sr. Dr. Fernando de Mello ficou encarregado de escrever o elogio do fallecido.

Foram propostos, e approvados, os seguintes cavalheiros, para socios correspondentes:

Dr. José Pereira de Paiva Pita, vigario geral de Elvas.

Dr. Caetano de Andrade e Albuquerque.

Bacharel José Mendes Northon.

Pessanha Povoas, brasileiro.

Para socios effectivos foram propostos, e approvados os seguintes cavalheiros:

Dr. Julio Marques de Vilhena.

Dr. Francisco Augusto Correa Barata.

Licenciado João Francisco Ramos.

Antonio de Assis Teixeira de Magalhães, estudante do 4.º anno de Direito.

Antonio Candido Ribeiro da Costa, estudante do 2.º anno de Direito.

Em seguida procedeu-se á eleição da direcção para o biennio de 1873 e 1874, a qual ficou composta da seguinte fórma:

Presidente, Dr. Joaquim José Paes da Silva Junior.

Vice-presidente, Dr. João José de Mendonça Cortez.

1.º Secretario, Dr. Julio de Sacadura Corte Real.

2.º Secretario, Dr. Augusto Filippe Simões.

1.º Vice-secretario, Augusto Mendes Simões de Castro.

2.º Vice-secretario, Luiz Guedes Coutinho Garrido.

Thesoureiro, Francisco de Paula Santa Clara.

Novena e festividade. — Na proxima terça feira, pelas 4 horas e meia da tarde, começa a novena das Chagas, no collegio Ursulino. No dia da festa, 6 de Fevereiro, haverá missa cantada com o Sacramento exposto ás 10 horas da manhã; e ás 4 da tarde sermão e *Te-Deum*, concluindo a funcção com a benção do Sacramento.

Doença grave.—Temos o sentimento de dizer, que o nosso estimavel amigo, o sr. bacharel Jeronymo José Baptista Lopes Parente, de Souzellas, acha-se finalmente proximo do termo da sua existencia. Este respeitavel ancião de 94 annos foi ungido no dia 20 do corrente, e poucas ou nenhumas esperanças dá de escapar.

Fallecimento. — No dia 18 do corrente falleceu com 90 annos de edade, na freguezia de Requião, concelho de Villa Nova de Famalicão, o sr. D. João de Assumpção Carneiro, ultimo D. Prior geral do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Pedido justo. — Muitos jornaes fazem-nos a honra de transcrever o nosso noticiario, com o que muito nos penhoram, por ser uma prova de que n'elle acham algum merecimento. Uns, porem, não mencionam nunca d'onde transcrevem essas noticias; e outros fazem essa menção umas vezes sim, e outras não.

Pedimos, por isso, como acto de justiça, que mandem aos seus compositores fazer a devida menção, quando transcreverem as nossas noticias.

Os sonhos.—A historia dos sonhos é um dos capitulos mais curiosos da physiologia psychologica. Na antiguidade attribuia-se grande importancia a estes phenomenos, considerando-os como de origem divina, e como visões de cousas futuras. Esta crença dominou no Egypto, na India, na Assyria, na Persia, na Grecia e Roma, e subsiste ainda hoje na China, no Indostão, e entre os povos musulmanos. Os indios da America e os negros da Africa, têem grande fé nas revelações dos sonhos, e muitas pessoas credulas e instruidas confiam na realidade destes phenomenos.

O charlatanismo aproveitou-se desta crença supersticiosa, e chegou até a crear uma sciencia chimerica, destinada a ensinar o modo de interpretar os sonhos. Em tempos antigos, os charlatães percorriam as ruas, promptos para explicar o segredo das visões nocturnas, e faziam bons interesses, especulando á custa da credulidade publica. Os christãos herdaram estas ideias supersticiosas dos gregos e hebreus, e foi preciso, que a egreja catholica e os canones dos concilios fulminassem esta arte, como uma curiosidade impia e diabolica.

E' certo porem, que durante o somno se realisam actos intellectuaes e moraes, verdadeiramente admiraveis. A sonhar, tem muitos mathematicos resolvido problemas difficeis. A sonhar, tem poetas e musicos composto versos e trechos magnificos. Condillac affirma, que durante os sonhos resolveu muitas questões de metaphysica, e em todos os homens dados á cultura das sciencias abundam os exemplos da lucidez e perfeição de muitos trabalhos intellectuaes, nos quaes a imaginação, a memoria, e o raciocinio exercem uma força de elaboração verdadeiramente prodigiosa. Quantas vezes estes actos intellectuaes e affectivos são acompanhados de phenomenos expressivos, como no estado de vigilia? Quando os sonhos tem certa energia, como nos pesadelos, movemo-nos, gememos, suspiramos, choramos, gesticulamos, e até fallamos; a respiração e a circulação acompanham esta excitação nervosa, e o homem parece antes accordado, do que mergulhado no somno.

Os animaes tambem sonham muito, especialmente o cão. Ainda é muito obscura a theoria physiologica dos sonhos.

As côres.— Todas as côres tem a sua belleza e estimação. Todos sabem, que a côr é um dos elementos que mais influe na valia das pedras preciosas e de muitos artefactos. A côr rubra é propria do rubim e da coralina; a amarella, dos topasios e alguns diamantes; a azul, da saphira; a verde, das esmeraldas e malachites, e a roxa das amethystas. Os marmores, os jaspes, as agathas, as opalas, e muitos oxydos e sulfuretos metallicos tambem offerecem as côres mais variadas e brilhantes. Em alguns marmores observam-se os quadros mais formosos e phantasticos e os desenhos mais caprichosos. Uns imitam o mais bello mosaico, outros magestosos edificios em ruinas, outros graciosas paisagens campestres, em quasi todos emfim, as côres se combinam de um modo admiravel, para os tornar preciosos na architectura.

Um fidalgo pobre. — Um antigo fidalgo, para quem a fortuna era pouco favoravel, descendo um dia a escada, encontrou no corrimão a farda do criado toda rota e com um bilhete que dizia assim: *tristis est anima mea, porque está rota a libré.* O amo, que bem percebeu o que o criado queria dizer, mas que não podia acudir á sua necessidade, pega do lapis e escreve o seguinte: *mas se eu não tenho vintem, quare conturbas me?*

Uma mulher feia.—Uma senhora espirituosa, vendo uma mulher horrenda com dois formosissimos brilhantes nas orelhas, disse para os que a cercavam—«aquella mulher é uma ratoeira, desconfiem d'ella, porque tem a isca pendurada nas orelhas».

Palacio de Monte-Christo. — A celebre vivenda de Alexandre Dumas, conhecida com este titulo, foi ha pouco annunciada para se vender em leilão em Paris. No palacio e jardins gastou o celebre romancista cerca de um milhão de francos. Só o estudo das plantas custou mais de seis mezes de trabalho.

Esta formosa residencia era uma perfeita hospedaria, e n'ella se davam frequentemente sumptuosos banquetes, a que assistiam os escriptores e artistas mais notaveis. Em uma d'estas festas fez Alexandre Dumas a aposta de escrever um romance de dous volumes em 72 horas. A aposta foi logo aceite, e o escriptor numerou as tiras de papel que julgou necessarias, e encerrou-se em um quarto provido de viveres para esse espaço de tempo. No fim do prazo, Julio Sandeau abriu a porta, e Dumas mostrou-lhe as tiras todas escriptas, lendo-se na primeira «*O cavalheiro da casa vermelha.*»

Camara municipal. — Na sessão ordinaria de 16 do corrente, sob a presidencia do sr. Dr. Lourenço d'Almeida e Azevedo, estiveram presentes os vereadores os srs. Dr. Albuquerque, Reis, Ferraz e Hypolito.

Foi aberta a sessão á uma hora da tarde, e depois approvada a acta da sessão antecedente.

Foi lido um officio do administrador da casa fiscal, informando o pedido feito por Francisco Gaio, Domingos Ignacio e outros, pescadores da Cova de Lavos, para se lhes consentir a venda de pescado nos barcos. Despachou-se o requerimento pela fórma seguinte:— Em face das posturas e da informação do administrador da casa fiscal, indeferido.

Outro de um vogal da junta de parochia de Botão, accusando varias arbitrariedades, praticadas pelo presidente da mesma junta. Accordou-se responder que a camara tomará na devida conta estas accusações, quando lhe forem apresentadas as contas da gerencia da parochia, a fim de cahir a responsabilidade sobre quem tiver commettido os abusos mencionados, e que deverá dirigir-se ás auctoridades administrativas para lhes dar conhecimento d'essas irregularidades.

Despachados os requerimentos das partes, participou o vereador Hypolito haver ajustado com José Bernardes Gallinha a fundição das columnas para sustentar os alpendres centraes do mercado pelo preço de 376$185 rs., sendo a collocação á custa da camara, o que por ella foi approvado.

Sob a proposta do vereador Ferraz foi deliberado ceder á direcção das obras do Mondego doze carradas de estrume para ser empregado na matta do Choupal.

O vereador fiscal requereu que lhe fosse presente a proposta apresentada á camara e conselho municipal para a creação do mercado—a planta e o orçamento do mercado—a lei que auctorisou o emprestimo para o dito mercado—e a conta da despeza alli feita até esta data, dividida com relação aos differentes annos.

Ás 2 horas da tarde foi levantada a sessão.

Doença. — Cada vez mais se tem aggravado o estado da senhora imperatriz viuva. Ultimamente sobreveiu-lhe uma anazarcha.

Mercado de Condeixa a Nova —No mercado de sexta feira, 24, regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 500—Dito mourisco 480—Milho branco 360—Dito amarello 360—Feijão vermelho 500—Dito branco 480—Dito rajado 440—Dito frade 400—Cevada 300—Tremoços 290—Chicharos 300—Grão de bico 500—Batatas 240—Vinho 700—Azeite 1$080—Vacca 200—Carneiro 90.

Publicações.—Recebemos e agradecemos as seguintes publicações:

Relatorio dos trabalhos da direcção da Associação Commercial de Coimbra no anno de 1872, lido em assembleia geral de 12 de Janeiro de 1873, por Joaquim Martins da Cunha, e approvado por unanimidade em reunião da mesma assembleia.

Bosquejo biographico de J. C. Mackonelt, por A. Florencio Ferreira.

Figueira da Foz—D'esta villa nos escrevem o seguinte, em data de 23:

«Esteril foi o ultimo anno para a infeliz classe dos pescadores d'estas costas. Nem um unico lanço, nem um unico barco de sardinha tiveram em toda a quadra, ou melhor nas poucas semanas da quadra de pesca, que o mau tempo lhes deixou aproveitar. Se não tivesse sido a fortuna dos barcos do alto, que trouxeram quasi sempre alguma pescada, toda esta gente estaria agora em pessimas circumstancias.

A unica sardinha que aqui appareceu foi a dos poveiros, que aportaram uma vez a Buarcos trazendo bastante. Infelizmente tambem lá introduziram as bexigas, que todavia se não têem desenvolvido muito.

Apezar da desgraçada posição de centenares de familias não se vêem pescadores a esmolar, e apenas algumas creanças andam implorando a caridade. N'isto se distingue a classe piscatoria d'estes sitios da do norte, que está constantemente chorando-se nos jornaes, e que, em se achando aqui d'arribada mais de cinco ou seis dias, começa logo a importunar toda a gente com os seus pedidos.

Realmente o mar ha uns poucos de mezes que se conserva fechado, não só aos pescadores como á navegação. A barra, com os temporaes, deslocou-se para o sul, e abrindo um canal parallelo á costa difficultava immenso a entrada e saida dos navios.

Em quanto, porem, durou este estado não permittia o alteroso das vagas que embarcação alguma investisse com a barra, e apenas o fizeram dois hiates corridos pelo tempo, um dos quaes (o que trazia falta de panno) foi á costa, fallecendo o mestre levado por uma volta de mar (como o *Conimbricense* disse em tempo).

A barra acha-se actualmente em boas circumstancias, mostrando quão chimericas foram as apprehensões que se originaram em menos veridicas informações enviadas d'aqui.

Ha dias transpozeram-a com meia maré dois navios estrangeiros, que aqui foram retidos durante proximamente tres mezes, não lhes permittindo sair o estado do mar.

N'essas aguas vivas (as ultimas) tinha a barra desoito palmos d'agua na preamar, e onze ou doze na baixa mar. Hoje conserva-se na mesma direcção, e provavelmente com o mesmo fundo. O mar, porem, está outra vez mau.

Tem sido tal o movimento das areias n'estas costas que, entre a Figueira e Buarcos, descobrem-se pedras que os mais anciaos nunca viram. As vagas têem assaltado a estrada que une as duas povoações, e n'algum ponto lhe causou algum prejuiso.

E' tambem inexacto o que se disse a respeito do damno causado pelos temporaes nas obras da barra, e apenas ao sul se tomaram precauções para não ser torneado o molhe que se acha em começo. Esta obra, na opinião de todos, é a de mais instante necessidade, e oxalá voltem para ella a attenção as pessoas a quem compete levar a effeito o melhoramento deste porto e barra.

Fallei na estrada de Buarcos, e accrescentarei que se sente n'ella a falta d'um cantoneiro. Acha-se em bem mau estado n'alguns sitios, especialmente devido isso á passagem e transito dos carros sobre as bermas. E pois que entrei neste assumpto, direi ainda que seria conveniente policiar a estrada do Monte Mór, em particular nos dias de mercado nesta villa. Como d'aqui vão alguns carros com passageiros, na volta divertem-se os coxeiros a experimentar a velocidade das respectivas alimarias, correndo ao desafio pela estrada fóra. Bom será prevenir alguma desgraça...

Pelas contas prestadas pela direcção da Assembleia Figueirense, vê-se que a receita no ultimo anno foi de 1:912$308, avultando mais as seguintes verbas: quotas ordinarias 577$600, extraordinarias 315$200, bilhar 338$235, jogo de vasa 255$295, juros de inscripções 171$000; a despeza foi a de reis 1:870$840, sendo custeio geral da casa, ordenados etc. 634$242, reuniões de familias 273$320, gabinete de leitura 165$225, fundo de reserva 300$750, etc. Saldo que passa para o corrente anno 41$468 rs.

Acha-se a carregar, e quasi prestes a sair para o Brasil, o novo palhabote «Zaida», ha ha pouco acabado de construir nos estaleiros d'esta villa. Pena é que as construcções vão aqui rareando, sendo os navios construidos na Figueira, realmente notaveis pela segurança e solidez.

No principio do mez reuniram-se pelos laços do matrimonio o sr. Elysio dos Santos Fera, negociante desta villa, com uma das interessantes filhas da respeitavel e abastada viuva Rocha, tambem d'aqui.

E ...nada mais por hoje, a não ser a lisonjeira noticia de que as classes artisticas

---

d'elle, e poderosas forças para manter o que se havia occupado, e se pretendesse ordenar: e não vendo por outra parte recursos promptos para a restauração do mesmo reino, antes fazendo-se esta cada vez mais difficil, pela união das armas francezas, e castelhanas; pareceu-lhe que em taes circumstancias, a proposição dos referidos artigos, era até necessaria, e mesmo conforme á vontade de sua alteza real, e da nação. Porque instando o perigo de realisar o imperador os projectos que havia formado a respeito de Portugal, convinha muito por isso entrar-se logo em negociação para assim se descubrirem os destinos, que pretendia dar a este reino; destruir-se o principio já posto da cessão de vossa alteza real, e introduzir-se um *interim*, que désse tempo a vossa alteza real para poder repellir a força que se lhe tinha feito, e continuava a fazer-se, por outra força capaz de restaurar o seu reino, sendo muito proprio e accommodado para qualquer fim o arbitrio que se tomava nos ditos artigos:—1.º De recorrer-se á magnanimidade do imperador para obrar com vossa alteza real as generosas acções, que em outras occasiões praticara com o imperador d'Austria, e o rei de Napoles; sendo ellas mais de esperar no caso de vossa alteza real, pela fiel e sincera amisade com que vossa alteza real o havia sempre tratado, e pela boa fé com que havia procedido em todas as negociações politicas, havidas com elle; particularmente nas que precederam ao seu embarque, ou transporte para o Brasil.—2.º De fazer-se nos artigos propostos uma combinação dos direitos de vossa alteza real, com os interesses do imperador, capaz de excital-o a accommodamentos racionaveis e justos, e a sentimentos nobres e generosos, ficando vossa alteza real conservado na posse dos seus reinos, e ligando-se ambas as augustas familias por allianças de casamentos e de tratados, que segurassem perpetuamente entre ambos a harmonia, e a paz, com interesse reciproco dos seus respectivos estados. Pelo que tendo a deputação approvado os referidos artigos, os fez passar pela mão do seu presidente, ás mãos dos ministros do imperador, para ser este informado dos negocios que ella pretendia tratar perante elle.

5.º Que tendo o imperador chegado a Bayona, e admittido a deputação á sua presença, depois de receber della as expressões de respeito devido á sua sagrada pessoa, tomou a palavra, e discorrendo sobre a posição de Portugal, suas necessidades, e interesses disse:—«Que elle se achava occupado em «unir este reino com as outras partes da Eu«ropa ao grande systema continental: que «tratava de subtrahil-o ás influencias estran«geiras, que o tinham dominado por muitos «annos: que não tinha sentimento algum de «odio, de vingança, e de rancor contra vossa «alteza real, e sua augusta familia; mas não «queria e nem podia deixal-o abordar em Por«tugal, por ter deixado este reino, e se ter «confiado á guarda das naus inglezes: que «elle não tinha entrado em Portugal, como «vencedor, nem a este titulo queria ahi ficar: «que este reino distava muito do seu imperio, «para poder ser governado por elle, seguindo«se muitos inconvenientes, de delegações de «grandes poderes, em distancias apartadas: «que em taes circumstancias, balançando as «differentes relações da nossa situação, decla«rava, que a sorte da nação estava nas mãos «d'ella: que pendia do espirito publico que «mostrasse, da força com que se unisse ao «systema geral do continente, do esforço com «que concorresse *aos successos preparados*, e «da vigilancia com que repulsasse as insinua«ções, e intrigas, que sem vantagem para os «que fossem os auctores, ou os objectos, não «poderiam ser senão infelicidades para ella: «que a estes signaes, julgaria se ella era di«gna de formar ainda uma nação, capaz de «sustentar um principe, de ter ainda logar «entre as nações, ou de ser absorvida por «aquella que por sua posição mais se aproxi«masse: concluindo por fim, que elle queria «que a deputação fizesse publico este seu dis«curso em Portugal; que a deputação teria «mais satisfação de estar em Bordeus, por ser «uma cidade mais agradavel: que elle ahi «tornaria em Agosto, que entre tanto haveria «grandes sucessos: que elle ouviria em par«ticular a cada um dos deputados, e se com«poriam as cousas de Portugal.»

6.º Que este discurso do imperador fez grande sensação no espirito da deputação; porque achando-se ella esperançada de obter o que pretendia, por ouvir dizer ao imperador que não tinha sentimento algum de odio, de vingança, e de rancor contra vossa alteza real e sua augusta familia, viu logo desvanecer-se toda esta sua esperança com a declaração que elle passou a fazer, de que não queria, e não podia deixar abordar a vossa alteza real em Portugal, pelas razões de haver vossa alteza real deixado este reino, e se ter confiado á guarda das naus inglezas.

7.º Que sendo as razões a que recorria o imperador para não deixar a vossa alteza real abordar em Portugal, inteiramente contrarias á verdade dos factos, viu a deputação que o imperador se valia d'ellas para com este pretexto encobrir os projectos que tinha de excluir a vossa alteza real do throno de Portugal, e continuar na occupação deste reino; que isso haviam mostrado os seus modos de obrar, antes do embarque de vossa alteza real para o Brasil. Porque como se houve o imperador quando pretendeu de vossa alteza real, que mandasse fechar os portos aos inglezes, e accedesse á causa do continente? No mesmo tempo que vossa alteza real se tinha disposto a condescender com a sua vontade, só exigia certas declarações conformes á razão, e á justiça, estava elle convencionando e concertando com o rei catholico um plano de divisão e conquista de Portugal. Perfidia, que coberta então do mais impenetravel segredo, se foi logo manifestando pelos factos que se seguiram: logo officios para a execução dos artigos convencionados: logo apprehensões de navios portuguezes, que se achavam nos portos da França: logo marchas rapidas do exercito francez para Lisboa: logo tropas de Hespanha, dirigidas ás provincias, que lhe cabiam na forma das convenções.

8.º Que vossa alteza real achou na sua alta sabedoria, e nas luzes do seu conselho de estado, que o mais proprio para desconcertar estes planos, e salvar a sua soberania e decoro, era transportar-se com a sua real familia para os seus estados da America. A promptidão, com que vossa alteza real executou o transporte, a ordem que nelle se seguiu, as providencias que deu, as declarações que fez, e as declarações que deixou, farão sempre admirar a grandeza e a força do seu espirito; a sua illuminada prudencia; e estas vistas tão extensas, e tão penetrantes com que vossa alteza real presagiou os successos futuros.

(Continuar-se-ha.)

não falta trabalho nas muitas obras que se acham em andamento, e que mais embellezarão esta formosa terra.»

Errata.—Em o numero anterior deste periodico, no artigo principal, columna 2.ª, linha 8.ª, onde se lê *monarchia social*, deve lêr-se *hierarchia social*.

CHARADAS

13.ª

Na entrada dest'advinha—1
penetra á porta fechada—1
e vem dos amplos desertos—2
com ingente nomeada:
mas eil-o abatido no chão,
por outro qu'um povo d'heroes
precipita na sujeição.

14.ª

De barbaros um capitão;—1
nada apenas juntando-se,
fez-se um nome d'um varão:—2
heroe, invicto, commanda
sobre terra moscovita;
mas desce e obedecendo
ahi mais se nobilita.

15.ª

Aceita para ti um pomo das hortas—2 e 1.

16.ª

Amarga na cadeia uma rica abbadia—1 e 1.

K.

17.ª

Cet animal est le trone-d'une maladie—1 e 2

18.ª

Este verbo levanta o trigo no Alemtejo—1 e 1.

19.ª

Este verbo come-se e cheira bem—1 e 1

20.ª

Somente nas aves e nas bochechas—1 e 2

21.ª

No grego este jogo anda em navios—1 e 2.

A. C. V.

22.ª

Este verbo no toucador é animal—1 e 2.

V. E. H.

ENYGMAS

1.º

Amor—a (não vê)

2.º

10 (tem juizo)

A. C. V.

As charadas do numero passado são—1.ª—*Ás avessas*—CA-MAN-A-SAL (SALAMANCA)—2.ª—TROVADOR—3.ª—MORTE—4.ª—ALLIVIO.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

1 D. FRANCISCA ADELAIDE ALVES e Joaquim d'Oliveira Guimarães, agradecem por este modo a todas as pessoas que tomaram parte na sua dor, pelo fallecimento de seu marido e irmão o Dr. Francisco Antonio Alves.

2 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia de S. Domingos da Castanheira, no concelho de Pedrogão Grande, diocese de Coimbra, faz publico, que no dia 2 do proximo mez de Fevereiro, pelas 10 horas da manhã, no adro da egreja matriz, hãode arrematar-se em hasta publica, convindo, as obras da ultimação da torre, côro e guardá-vento, e solho da referida egreja matriz, em globo ou separadas; cujos apontamentos e condições serão patentes no acto da arrematação.

E para que chegue ao conhecimento de todos se fez o presente edital.

Castanheira, 16 de Janeiro de 1873.

O presidente da junta,
Manoel Joaquim Rodrigues Correa.

3 NO DIA 28 do corrente mez de Janeiro, por 10 horas da manhã, perante o exm.º juiz de direito desta comarca, á porta do tribunal judicial desta cidade, hãode ser arrematadas a quem mais der sobre o valor de 700$000 rs., umas casas sitas na rua do Infante D. Augusto, antigamente denominada—rua Larga—descriptas no inventario por morte de Luiza Maria, viuva, moradora que foi aos arcos de S. Sebastião; de que é escrivão Servulo Maria de Carvalho.

4 VENDEM-SE duas moradas de casas novas, com communicação interior, na rua do Corpo de Deus, com os n.os 98 a 108. Na rua de Quebra Costas n.º 34, se diz com quem se trata.

AGRADECIMENTO

5 GERMANO VIEIRA DE MEIRELLES e Rodrigo Telles de Menezes, tendo-se retirado de Coimbra, sem agradecer pessoalmente a todos os cavalheiros que se dignaram comprimental-os e acompanharem o cadaver de seu infeliz irmão e cunhado o Dr. Antonio da Cunha Vieira de Meirelles, recorrem a este meio para significar-lhes os seus agradecimentos e profunda gratidão. E porque aos exm.os srs. Dr. Fernando Pimentel e Mello e commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes devem as maximas finezas pelos serviços prestados nesta dolorosa conjuntura, agradecem-lhes especialmente, publicando-que, sabendo-os amigos dedicados do finado durante a vida, encontraram-os maiores amigos ainda depois da morte.

6 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia de S. Martinho do Bispo, concelho de Coimbra, faz publico, que no dia 2 de Fevereiro do corrente anno, pelas 10 horas da manhã, no adro da egreja parochial, hade arrematar-se em hasta publica, a obra de pintura de todo o tecto da mesma egreja; e bem como convindo, todos os andaimes precisos; cujos apontamentos e condições serão presentes no acto da arrematação. E para que chegue ao conhecimento de todos aquelles a quem possam convir estas obras, se faz o presente annuncio.

S. Martinho do Bispo, 20 de Janeiro, de 1873.

O presidente da junta,
Dionisio Garcia Ribeiro.

AVISO

Monte-Pio Conimbricense

7 FAZ-SE publico a todos os socios deste Monte-Pio, que é convocada a assembleia geral para reunir na sala da Associação Commercial, pelas 10 horas da manhã de domingo 26 do corrente, afim de lhe serem apresentadas as contas respeitantes ao segundo semestre do anno proximo findo.

E' lembrada a disposição do § unico do artigo 26 dos estatutos.

Coimbra 22 de Janeiro de 1873.

O presidente d'assembleia geral,
Manoel d'Almeida Cabral.

8 NO DIA 30 do corrente, pelas 10 horas da manhã, ha de haver na capella da Misericordia, missa e *Libera-me*, por alma do fallecido sr. Dr. Antonio de Carvalho.

Para este se convidam todos os amigos do illustre finado.

9 A MESA ADMINISTRATIVA da Santa Casa da Misericordia da villa de Soure, faz publico, que se acha a concurso o logar de capellão da mesma Santa Casa, com o ordenado annual de reis 84$400. Os srs. ecclesiasticos que quizerem ser providos no dito logar, deverão apresentar os seus requerimentos, no referido prazo, instruidos com os documentos necessarios.

As obrigações do capellão constam do compromisso da mesma Santa Casa, das quaes o abaixo assignado fará sciente aos individuos que quizerem requerer o dito logar.

Soure, 10 de Janeiro de 1873.

O escrivão da mesa,
Lino Augusto Ramos de Faria.

10 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia de Nossa Senhora do O, de Revelles, concelho de Monte Mór o Velho, diocese de Coimbra, faz publico, que no dia 9 de Fevereiro, pelas 11 horas da manhã, na sacristia da egreja parochial, se hade arrematar em praça as obras de carpinteiro, pintor e entalhador, que tem a fazer-se na mesma egreja. Estarão patentes no acto da arremação os apontamentos e condições.

Revelles, 20 de Janeiro de 1873.

O presidente da junta,
Antonio Baeta da Costa.

LIVROS MODERNOS

11 ODIO DE BOURBONS, memorias escriptas com sangue, 3 volumes com muitas gravuras, 2$200. — Um namorado caloiro, 2 vol. com gravuras, 900.—Biographia do Visconde de Ouguella, 1 vol. com o retrato, 500.—Passeios na provincia, 1 vol., 400—Amigas e peccadoras, 1 vol., 500.—Que amor de creança?, com 79 gravuras, 600. Estas e muitas outras obras modernas, bem como um bonito e variado sortimento de livros de missa, estão á venda em Coimbra, na livraria Universal, rua do Visconde da Luz.

ANTONIO MARIA CARDOSO

CALÇADA

12 CONTINUA a ter bom sortimento de capas para senhoras, e para meninas, e gabões, que tudo vende muito barato; lãs, chitas e chales, lenços de seda, guarda-soes, bordados para senhora, e tapetes.

Para liquidar

Chitas largas a 105 rs. o metro, esguiões a 120, 130, 140 reis o metro, lãs a 180 rs. o metro, e outras fazendas.

13 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchaqueca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de oda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendôme, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kilo 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kilo 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes; e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rabir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal,

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2662 — TERÇA FEIRA 28 DE JANEIRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40



Noticiam os jornaes de Lisboa que ante-hontem, domingo, 26 do corrente, pelas 5 horas da manhã, fallecera sua magestade imperial, a senhora duqueza de Bragança. Esta noticia não perturba os espiritos, mas cala nos corações; não agita a sociedade, mas commove profundamente o reino inteiro. O nome da duqueza de Bragança, associado ás glorias de seu marido, excita o respeito de todos os liberaes; a memoria das suas virtudes desperta a veneração de todos os portuguezes.

Cobriram o berço desta princeza as purpuras da grandeza e os tropheus das victorias; a corôa imperial adornou-lhe o thalamo ephemero; e matisam-lhe o leito funebre as rosas da sua ardente caridade. Nestas poucas palavras se contem a synthese da sua vida e o seu maior elogio.

A imperatriz Josephina teve dois filhos de seu primeiro marido, Eugenio e Hortensia. O primeiro, casando na Baviera e n'uma familia opulenta e nobilissima, foi pae da senhora duqueza; a segunda, despozando Luiz Bonaparte, cingiu a corôa da Hollanda e foi mãe de Napoleão III. Morreu este ha poucos dias na Inglaterra; fallece agora sua excelsa prima em Portugal. As corôas que adornaram as frontes dos dois augustos parentes foram sem contestação corôas de espinhos, e apenas cerrada a sepultura de um, abre-se logo a sepultura da outra.

Todos conheceram a nobre imperatriz; todos sabem a sua vida, todos deploram a sua morte. Allemã de nascimento, brasileira pelo seu enlace com o primeiro imperador, foi portugueza pelo coração, porque todos os seus affectos se concentraram nesta nobre terra hospitaleira. Exhalando o ultimo suspiro, o duque de Bragança confiou-nos sua esposa, e a viuva do rei-soldado expirou tranquilla á sombra da nossa bandeira. A nação toda, que tanto a respeitou durante a vida, inclina-se saudosa ante o seu feretro, trajando pesado luto pela sua morte.

BIBLIOGRAPHIA

Archeologia artistica—1.º anno—volume I—fasciculo I.—Publicada por Joaquim de Vasconcellos.

I.

Recebemos do Porto um exemplar da mencionada publicação, com que nos brindou o sr. Joaquim de Vasconcellos, e a que damos o devido apreço.

O fasciculo agora publicado consta de 157 paginas em 4.º, alem de dois appensos. A impressão é primorosa, e honra a *imprensa portugueza* em que foi feita. A edição é apenas de 250 exemplares, todos numerados em manuscripto, de que nos coube o numero 36. Os amadores das cousas patrias devem apressar-se a assignar para esta publicação em casa do sr. Melchiades, na rua da Calçada, porque avulso será muito mais cara.

Recebemos o exemplar no domingo ultimo, e lemol-o logo todo, quasi sem interrupção, tal é o interesse que lhe achamos.

Neste primeiro fasciculo da *Archeologia artistica*, a que se vão desde já seguir outros, occupa-se o sr. Joaquim de Vasconcellos em extensas investigações biographicas e artisticas da celebre cantora, honra da nação portugueza, Luzia de Aguiar Todi.

O sr. Vasconcellos já em 1870, na sua grandiosa obra ácerca dos *Musicos portuguezes*, tinha publicado a biographia da celebre artista; e posteriormente, em 1872, publicou o sr. José Ribeiro Guimarães uma mais extensa *Biographia de Luiza de Aguiar Todi*. Havia, porem, ainda muito a investigar, muitos pontos obscuros a esclarecer; e por isso o sr. Vasconcellos, apaixonadissimo que é pela arte, não se poupou a diligencias para tornar mais exacto, quanto possivel, tudo o que dissesse respeito á insigne Todi. Investigações feitas pessoalmente na bibliotheca nacional de Paris, e outras localidades; subsidios obtidos em numerosissimas e valiosas publicações feitas em França, Belgica, Allemanha, Hespanha, e outros paizes, tudo serviu para este primoroso trabalho do sr. Vasconcellos.

Se alguns pontos ficam por decidir e ainda obscuros, não é á falta das mais perseverantes diligencias do distincto escriptor.

De todas as investigações resulta o seguinte.

Luiza de Aguiar Todi nasceu em Setubal, em 9 de Janeiro de 1753, sendo filha de Manoel José de Aguiar e Anna Joaquina de Almeida. Muito cedo revelou disposições naturaes para a scena; e tanto ella, como sua irmã Cecilia Rosa foram obrigadas por seu pae á carreira dramatica.

Tendo apenas 14 a 15 annos apparece Luiza de Aguiar, em 1767, no theatro do Bairro Alto de Lisboa, a representar o papel de Laurianna (Dorina), lacaia, no *Tartufo* de Molière, traduzido pelo capitão Manoel de Sousa; e em seguida entra em papeis de menor importancia, em varias operas.

Casa em 28 de Julho de 1769 com Francisco Xavier Todi, violinista na orchestra do mesmo theatro; completando até 1770 a sua educação artistica pelos conselhos e lições do celebre David Perez. Assim já no verão deste anno poude cantar com grande applauso no referido theatro do Bairro Alto o papel de *prima donna* (marqueza) na opera *Il viaggiatore ridicolo* de Scolari; figurando no outono com egual exito na opera *L'incognita perseguitata* de Piccini, papel de Gianetta. E finalmente pelo carnaval do anno immediato de 1771, canta no mesmo theatro no *Il Beiglierbei di Caramania* de Scolari, papel de Zoffira.

Em Abril de 1772 vae ao Porto. Nessa cidade tem o primeiro filho (João). E no verão desse anno faz a sua primeira viagem a Londres.

No anno seguinte de 1773 volta de Inglaterra para Portugal, e reside alternadamente no Porto e no Minho. No Porto dá á luz em Dezembro deste anno o seu segundo filho (Anna); e em Maio de 1775 tem em Guimarães o seu terceiro filho (Maria Clara).

Faz no anno de 1777 a sua segunda viagem a Londres, onde canta na opera buffa *Le Due Comtesse* de Paisiello, em que teve pouco exito; e por isso se decide a sua vocação para o genio serio. Volta a Portugal, passando á Hespanha, primeira viagem que faz aquelle paiz. Em Março teve em Aranjuez o seu quarto filho (Francisco); e no verão canta em Madrid, na *Olympiade* de Paisiello.

Em Outubro de 1778 faz a primeira viagem a Paris, estreando-se no dia 1 de Novembro no *Concert spirituel*. Nesse mez, no immediato de Dezembro, e até 29 de Março de 1779, canta não só no *Concert spirituel*, mas figura tambem no *Concert de la Reine* em Versailles. No mencionado mez de Novembro

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXXIX

D. FRANCISCO DE LEMOS E A DEPUTAÇÃO PORTUGUEZA

(CONTINUAÇÃO)

9.º Que era de esperar, que o imperador, considerando as consequencias que resultariam do transporte de vossa alteza real para o Brasil, e do estabelecimento da sua corte n'aquelle vastissimo continente, em perjuiso da França, e beneficio da Inglaterra, fizesse todo o esforço para que vossa alteza real tornasse para Portugal. Mas o imperador queria fazer descer dos thronos as duas casas reinantes, de Bragança e Bourbon, para dominar em toda a peninsula, e nas Indias da America hespanhola. N'estas vastas ideias, achando-se já de posse de Portugal, e no principio da execução d'ellas, tão somente tratou de dissolver os pactos divisorios de Portugal, e de conservar este reino na sua inteireza.

10.º Que tal foi o principio do resultado do transporte de vossa alteza real para o Brasil: o imperador mesmo, impedindo a divisão de Portugal, e mantendo-o na sua inteireza. Resultado grande, que mudou circumstancias, e desconcertou planos, introduziu desconfianças, excitou guerras, dividiu forças, facilitou a restauração de Portugal, e produziu outros muitos effeitos, todos favoraveis a vossa alteza real.

11.º Que reservando o imperador a declaração dos destinos da nação portugueza para depois da execução de seus planos relativos á Hespanha, e convindo-lhe na prespectiva dos successos que iam a desenvolver-se, mostrar-se benigno com a nação portugueza, assim o fez, dizendo á deputação, que elle se achava occupado em unir Portugal com os outros estados da Europa ao systema geral do continente; mas que devendo ser este o ultimo annel da cadeia, punha nas mãos da mesma nação portugueza a sua sorte, querendo que trabalhasse em merecel-a. Como? Não por uma decidida adhesão a vossa alteza real, como seu principe natural, e senhor: não pelo cuidado de o querer ter no seu seio, e a sua augusta familia: de manter a sua constituição, suas leis, seus costumes, e suas relações politicas com as nações suas antigas amigas, e alliadas: todos estes vinculos sociaes deveriam ser rotos, tudo devia acabar: não eram, dizia-se, *instituições liberaes*; mas sim mostrando-se animado do espirito publico; unindo-se com força ao systema continental: concorrendo do mesmo modo para os successos preparados; e repulsando as insinuações, e intrigas que se podessem fazer em contrario. De maneira que para a nação portugueza mostrar-se digna de ser considerada, como nação, de ter logar entre as outras, e não ser absorvida por alguma dellas, era necessario que por si mesmo se destituisse, e abjurasse a sujeição, e fidelidade que deve a vossa alteza real, para concorrer para systemas, e para successos, que tendiam a desorganisar os estados em ruina, e perturbação dos direitos, e do socego publico d'elles.

12.º Que a deputação, fazendo estas, e outras mais reflexões que lhe inspiravam o seu amor e fidelidade a vossa alteza real, e o seu zelo pelo bem da nação, e persuadida que sendo publicado o referido discurso em Portugal, como queria o imperador, produziria effeitos contrarios aos interesses delle, e vantajosos aos de vossa alteza real, pareceu-lhe que fazia serviço a vossa alteza real, remettendo-o logo para Lisboa, a fim de publicar-se por todo o reino, e ser toda a nação informada dos principios e sentimentos do imperador, o que com effeito executou pelo papel n.º 3.º, folhas 18, depois de segurar-se pelo officio n.º 6.º, folhas 21, do ministro das relações exteriores, que o mesmo papel continha o discurso do imperador: verificando-se assim por um modo mais auctorisado, não ter a deputação parte alguma nelle, e nem ter feito, officio perante o imperador, e seus ministros, que não fosse mesmo accommodado ás circumstancias, e muito conforme ao que devia a vossa alteza real, á nação e a si.

13.º Que recebendo poucos dias depois a deputação ordens positivas para ir para Bordeus, onde destinava vir o imperador, e ahi ouvir a cada um dos seus membros, e compor as cousas de Portugal: considerando elle bispo conde, que supposta a causa de vossa alteza real parecesse desesperada, comtudo como as razões produzidas pelo imperador para justificar a occupação d'este reino claramente mostravam, não só pelo pleno, e exacto conhecimento assim dos verdadeiros motivos, que

de 1778 tinha tido em Paris o seu quinto filho (Adelaide).

Tambem em 1779 faz uma viagem á Italia, e é contratada em Turim como *première Actrisse sérieuse*.

Em 1780 volta a Lisboa,e em 1781 reapparece em Paris no *Concert spirituel*,onde obtem novos triumphos. Parte para Berlim ; dá em Potsdam um concerto perante FredericoII, e não aceita a proposta do rei. Dá nesse mesmo anno concertos na Allemanha meridional, e no dia 28 de Dezembro faz a sua primeira viagem a Vienna de Austria, tendo uma magnifica recepção na côrte.

Em 18 de Janeiro do anno seguinte de 1782 faz a segunda viagem a Vienna. Volta a Berlim; aceita o contracto anterior de Frederico II; e obtem licença para residir em Potsdam.

No inverno desse mesmo anno aceita a escriptura para Turim; e a 24 de Novembro tem nesta cidade o seu sexto e ultimo filho (Leopoldo Rodrigo), a cujo baptismo assiste o embaixador de Portugal, D. Rodrigo de Sousa Coutinho, depois conde de Linhares. (a).

Em Dezembro immediato reapparece pela terceira vez em Vienna; e no dia 1 de Janeiro de 1783 canta nas festas do anno novo na côrte.

Faz na primavera desse anno a terceira viagem a Paris, onde se encontra com a celebre cantora Mara, no *Concert spirituel*. O facto de cantarem as duas famosas artistas no mesmo *Concert*, faz crear em Paris um renhido duelo artistico, dividindo-se os apaixonados em *Todistas* e *Maratistas*. Luiza d'Aguiar Todi canta ahi nos mezes de Abril, Maio e Junho.

Despedindo-se no ultimo concerto,dado no dia 19 de Junho, vae nesse verão dar novos concertos nas provincias do Rheno e Meno. Visita Carlsruhe ; e em Dezembro estreia-se em Berlim no *Alessandro e Poro* de Graun, e em Janeiro immediato no *Lucio Papirio* de Haffe, causando grande enthusiasmo no publico de Berlim.

(Continuar-se-ha.)

Joaquim Martins de Carvalho.

(a) O sr.Antonio Guilherme Todi, actualmente amanuense na repartição das obras publicas desta cidade de Coimbra, é filho do mencionado Leopoldo Rodrigo, nascido em Turim; e portanto neto da famosa cantora Luiza de Aguiar Todi.

Este Leopoldo teve 5 filhos: Maria Luiza Todi, que ainda vive em Lisboa; Francisco Xavier Todi, já fallecido; Leopoldo Rodrigo Todi, tambem fallecido; Antonio Guilherme Todi, residente agora em Coimbra; e Maria Maxima Todi, fallecida.

Destes 5 filhos casaram 3: Francisco, Leopoldo, e Antonio. Do primeiro existem duas filhas em Lisboa; do segundo existem tres filhos e uma filha, tambem em Lisboa ; e do terceiro nasceu e existe um filho em Coimbra.

Esta é a unica geração proveniente de Luiza de Aguiar Todi, por seu filho Leopoldo Rodrigo; porque os outros 5 filhos da celebre cantora foram solteiros.

Martins de Carvalho.

CORRESPONDENCIA POLITICA

Lisboa, 26 de Janeiro de 1872.

Temos uma opposição extremamente facciosa, que aspira unicamente ao poder. Não procura meios — por que todos lhe servem — para chegar aos fins a que viera. Os oradores da opposição que têem fallado na camara contra o governo, a proposito da discussão de resposta ao discurso da corôa, nem homens politicos se têem mostrado — o que é para lastimar — nem argumentadores logicos e sinceros se têem sabido manter, em face de uma discussão politica de uma importancia que todos lhe reconhecem.

Tem havido declamações , objurgatorias, accusações sem base, insinuações pequenas e mesquinhas, periodos arrogantes, e audazes, sem grammatica e mal arredondados, allusões pessoaes — o ridiculo de uma opposição ! — a facecia arvorada em argumento, as paixões atrabiliarias, occupando o logar sensato, que só ao raciocinio e á boa argumentação pertenciam !

E que denota isto ? A pouca sem-razão da opposição para aggredir um governo que tem caminhado na estrada da ordem, reprimindo e castigando os discolos, mantendo a segurança publica, levantando o credito dentro e fóra do paiz, e fazendo justiça recta e sem tergiversações a quem de direito compete.

O meu amigo, que não está em Lisboa, e que não póde, por isso, assistir aos debates do parlamento, não faz uma ideia aproximada do que se passa na camara dos deputados. Nem a póde fazer tambem pela leitura do *Diario de Côrtes*. Ha de ter comtudo lido o discurso do presidente do conselho. O representante do governo deixou que a opposição désse largas ao seu mau humor, e, n'um improviso de duas horas, respondeu a todos os gosos de regaço que haviam pretendido morder o ministerio. Nunca discurso mais brilhante, mais pautado pelas regras da delicadeza, mais elevado no estylo, mais caustico, sem ser insultante, nem ao menos offender de leve os seus adversarios, pronunciou o sr. Fontes.

O mais verberado, e com razão, foi o sr. Luciano de Castro. O illustre presidente do conselho disse-lhe, á face de toda a camara, verdades que ficaram sem replica, porque replica não tinham !! Porque é — disse-lhe o sr. Fontes, — que o illustre deputado, tendo collaborado na lei do imposto do consumo, tendo essa lei sido aqui discutida amplamente, o illustre deputado a deixou passar, não comparecendo á camara durante a sua discussão, e vem hoje accusar o governo, dizendo que tal lei foi votada tumultuariamente ?

A isto nada se póde responder, mas fica-se sabendo de quanto valem as accusações *leaes* e *sinceras* da opposição. O illustre ministro foi verboso, e de uma facilidade na argumentação, que inveja e espanta. Disse verdades, com as quaes a opposição ficou pequena e sumida, retrahindo-se ao nada d'onde sahiu.

Nada duvidamos. A paixão predomina nos discursos parlamentares. Não ha opposição cordata que trate de censurar os actos do governo, porque são maus. Ha opposição para fazer guerra de encruzilhada, guerra desleal, guerra que se explica pela ambição que as facções e os corrilhos têem de empolgar o poder.

O *Diario Illustrado* de hontem, no seu bom senso e tino politico com que sempre discorre a respeito dos negocios publicos, dizia o seguinte, referindo-se ás opposições de hoje :

«Temos notado que as tendencias das opposições de hoje são mais para lisonjearem o povo, do que para lhe dizerem as verdades, taes quaes ellas são

«Nos tempos que lá vão, os aduladores das monarchias velhas seguiram o mesmo caminho, e a falta de verdade produziu os seus devidos effeitos. A realeza popular que hoje se corteja, debaixo d'este ponto de vista, não é mais privilegiada do que a realeza do direito feudal, e não fazem grandes serviços ás liberdades os que se arvoram em regedores das turbas, adulando e cortejando o soberano das sociedades modernas.»

Ante-hontem começou a discursar o sr. Santos e Silva, e ficou com a palavra para hontem, concluindo o seu discurso apaixonadissimo. São as taes tendencias de que falla o *Diario Illustrado*, lisonjeando o povo, encubrindo-lhe as verdades.

O *Jornal da Noite*, dando noticia do discurso do illustre deputado, conclue, no seu laconismo, que diz muito :

«Foi vehemente, por vezes acre, COM FREQUENCIA INJUSTO, eloquente sempre.»

Hontem, antes da ordem do dia, o sr. Pinheiro Borges, fallou na necessidade da reconstrucção da ponte de Lavra, que liga Monte Mór o Novo á villa de Coruche. O sr. ministro respectivo respondeu-lhe satisfatoriamente, acrescentando que já tinha recebido uma representação dos habitantes da respectiva freguezia.

—Vi annunciada a biographia do sr. J. C. Mackonelt, typographo do *Jornal do Commercio*, nomeado ultimamente para o logar de director da imprensa do governo em Loanda. É escripta pelo sr. A. Florencio Ferreira, moço de intelligencia e de caracter independente e digno. Não a li ainda, mas deve ser bem escripta.

—Como já ahi deve saber falleceu hoje ás 5 horas da manhã S. M. a imperatriz. O seu enterro terá logar na quarta feira.

—Está hoje um dia de perfeitissimo inverno. Toda a noute passada choveu, e o dia apresentou-se carregado, chovendo a intervalos.

—Teve logar hoje a eleição para os cargos do montepio da imprensa nacional. Não sei o resultado, mas é de crer que a direcção passada fosse reeleita.

—Vae melhorando Caetano José Dias. Estimo-o.

Mais nada.

P. J. Conceição.

NOTICIARIO

O jogo. — O vicio do jogo tem-se desenvolvido em Coimbra de um modo verdadeiramente extraordinario, com grave prejuizo da honra e do credito dos jogadores, e do bem estar das familias. Não queremos fallar do jogo licito e honesto, que póde servir de distracção nas horas vagas; mas sim do jogo prohibido e d'aquelle que pelo seu elevado valor está superior ás posses regulares de cada individuo.

Como, porém, se ha de extranhar que a classe operaria se entregue ao jogo, se o exemplo vem desde os altos empregados e as classes mais elevadas da sociedade ?

Que se póde esperar de noutes totalmente gastas ao jogo, e da perda de grossas quantias ? E' necessariamente a falta de cumprimento de todos os deveres, e a ruina dos proprios individuos e das suas familias.

O que ahi se presenceia, daria larga margem aos commentarios do homem philosopho e pensador.

O jogo faz nivelar todas as condições, e muitas vezes faz perder a dignidade que deve caracterisar o homem de bem.

Mal sabem muitas familias, que pelas horas mortas da noute estão os seus chefes a malbaratar os seus haveres e a reduzil-as á miseria ! Mal pensa a mulher do operario que este perde em um momento o que ganhou durante a semana !

O fatal vicio do jogo acha-se em Coimbra inveterado em tão grande numero de pessoas, que não sabemos meio de o remedear. Pois se o exemplo vem de cima !!!

Excellente acção — Hontem foi admittida em um convento de religiosas, nos suburbios d'esta cidade, uma menina que tinha vindo ha poucos dias para Coimbra. Achando-se absolutamente sem meios, estava em imminente risco de cair na voragem em que tantas desgraçadas ahi se precipitam ; felizmente cinco mancebos, dotados de excellente coração, combinaram-se entre si, promoveram os meios necessarios, e depois de obtida a licença do prelado da diocese, fizeram com que entrasse no convento aquella que estava já á borda do abysmo. Alem da despeza com o

---

obrigavam a vossa alteza real a transportar-se para o Brasil, como da boa fé com que havia obrado em tudo : julgou necessario prevenir-se com o papel n.º 7, folhas 22, para melhor o informar, tendo para isso occasião, a qual se não poude verificar, porque os movimentos da Hespanha contra tudo que se havia obrado em Bayona, alteraram de modo tudo o que estava preparado, que o imperador passou tres vezes por Bordeus sem lembrar-se mais de compor as cousas de Portugal.

14.º Que seguindo-se pois, depois do discurso do imperador, em Portugal a restauração d'este reino do poder dos francezes pelo exercito inglez, que aportou na Figueira, occorreu então a elle bispo conde, que a publicidade dada em Portugal aos designios, e sentimentos do imperador, a respeito de vossa alteza real, e da nação, podia concorrer de algum modo para este grande successo tão glorioso ás armas inglezas.

O bispo conde não ousa dar este principio ás deliberações de um governo, como o de Inglaterra, tão providente, e de vistas tão longas ; mas quando a restauração de Portugal do poder dos francezes, não tivesse sido já resolvida, como era nos seus conselhos, como uma das espedições que tinha a fazer, nada impedia a elle bispo conde dizer, para mais e mais alegrar-se com o bom successo d'ella, que o annuncio publico a todos os individuos de Portugal da ruina imminente á soberania de vossa alteza real, e á qualidade de nacional da nação portugueza, cooperou de algum modo para a prompta execução das resoluções tomadas no gabinete de Londres, a favor d'este reino: tudo é aqui digno de observar-se : a penetração do imperador illudida : seus designios, seus planos, seus fins destruidos por elle mesmo : os francezes confundidos nos seus pensamentos : seu orgulho militar abatido : os inglezes não menos valerosos na terra, que no mar ; e o que deve agora occupar a attenção publica, Lord Wellington, que commandava então o exercito inglez, e que por uma tão brilhante victoria libertou Portugal do poder dos francezes, restituiu nelle o exercicio da soberania de vossa alteza real, e segurou a representação nacional, illustrando assim o seu nome, e enchendo de gloria a sua generosa nação, é o mesmo que na conjunctura presente commandava em chefe n'estes reinos os exercitos inglezes, e portuguezes, contra as novas invasões da força franceza. Que esperanças pois, e que confiança não se deve ter nelle ! O bispo conde, continuando a exposição que faz a vossa alteza real diz :

15.º Que chegando ao seu conhecimento, pelas noticias publicas, o estar Portugal restaurado, e vossa alteza real no exercicio pleno do seu poder soberano, entendeu que era acabada a deputação portugueza em França, não devendo , nem podendo cada um dos seus membros considerar-se, como deputado, sem expressa approvação de vossa alteza real. Assim todo o seu cuidado foi viver de modo em França, que não deslizasse jámais da sujeição, e fidelidade, que deve a vossa alteza real, não sahindo de Bordeus, aonde a sua conducta seguida era publica, e podia ser mais attestada ; não tendo relações, e nem communicações algumas com os ministros de estado, senão em casos de maior necessidade, como o de passaporte para domesticos seus, que mandou a este reino a buscar providencias para a sua sustentação (missão que vossa alteza real foi servido approvar, mandando-lhes passar, e dar passaportes para não serem impedidos de tornar a Bordeus) ; não formando amisades, nem tendo tracto algum particular com os francezes, senão aquelle que a politica, e a civilidade pediam ; não concorrendo a divertimentos e congressos publicos, por lhe parecer, que na situação em que se achava, devia concentrar-se em si mesmo, para não contemplar, e nem desejar se não as felicidades de vossa alteza real, de seus reinos, e senhorios, da egreja delles, e do seu proprio bispado.

16.º Que começando a sentir maiores incommodidades na sua saude, e sendo os medicos de parecer que tomasse banhos do mar, a que estava habituado em Portugal, não querendo sahir de Bordeus, sem permissão do imperador, escreveu para isso ao duque de Cadore, ministro das relações exteriores, e quando esperava obter a faculdade pedida, recebeu poucos dias antes da sua resposta n.º 8, folhas 27, a carta do duque de Feltre, ministro da guerra, n.º 9, folhas 27.

17.º Que este officio do ministro da guerra lhe fez muita especie, e muito sensivelmente o affectou, porque não tendo mostrado ate alli adhesão alguma aos interesses do imperador, e nem aos seus ministros d'estado (officio e nota n.º 3 e 4, folhas 4 e 16) não podia acabar de entender, como o mesmo imperador julgasse necessaria a presença d'elle bispo conde em Portugal, para negocios do seu interesse : isto no meio da força franceza, no quartel general, á vista de vossa alteza real, dos seus exercitos, e dos seus alliados, de toda a nação, da egreja della, dos teus diocesanos ! *Quæ pars fideli, cum infideli ?*

(Continuar-se-ha.)

enxoval, mobilia de quarto e piso, que importou em mais de 15 libras, garantem-lhe por meio de uma subscripção a despeza mensal, que tenha a fazer no convento.

É este um acto de tanta nobreza ; revela tão bons sentimentos, que com a maior satisfação o noticiamos ao publico.

Já que tantas vezes nos vemos obrigados a censurar os vicios, ainda bem que achamos uma occasião de mencionar uma excellente acção.

Partida — Hontem no comboio do meio dia, partiu para Lisboa o nosso prezado amigo o sr. Dr. Antonio José de Freitas Honorato, que vae tomar conta do logar de provisor e vigario geral do patriarchado. S. ex.ª foi acompanhado até á estação por muitos dos seus amigos, e ahi se despediu de todos com muita saudade. Acompanha-o o sr. padre Manoel Cardoso de Figueiredo Nogueira, prior de Santa Cruz.

Outra — Tambem no mesmo comboio fez viagem para Lisboa o nosso sympathico amigo o sr. Dr. Augusto Cesar da Cruz Ferreira, que vae passar algum tempo com sua esposa e filha.

Sociedade Philantropico-Academica — Recebemos o relatorio da sociedade Philantropico-Academica, de 1871 a 1872.

Existia de saldo em 3 de Dezembro de 1871 a quantia de 3:245$610 rs.

Foi a receita até 31 de Outubro de 1872 a quantia de 1:345$855 ; sendo de producto de mensalidades 128$220 — por occasião da matricula 71$640 — letras recebidas 35$375 — donativos 234$330 — bazares 488$690 — recita no theatro Academico 234$600 — juros de acções e inscripções 153$000 rs.

Foi a despeza 1:356$600 ; sendo com 85 prestações 498$000, com 19 matriculas 293$220 — ordenado ao cobrador 10$195 — tres emprestimos 85$000 — despezas com os bazares 69$450 — compra de inscripções 217$500 — subsidio extraordinario 9$000 — pago á imprensa 29$950 — da recita do theatro Academico 120$370 — despeza na secretaria 23$715 rs.

Ficou de saldo 3:234$865 rs.

A zelosa direcção d'esta sociedade compunha-se dos srs. João Augusto Teixeira, presidente ; José da Cunha Castello Branco Saraiva, fiscal ; Joaquim do Nascimento Trindade, procurador ; Adolpho da Cunha Pimentel Homem de Vasconcellos, secretario.

Associação conimbricense do sexo feminino — No domingo foram eleitas para o conselho director d'esta associação as seguintes senhoras :

D. Maria José de Campos Ferreira
D. Julia Ferreira de Sousa Fragoso
D. Maria Carolina Garrido
D. Quiteria F. de Sousa Duarte
D. Guilhermina de A. Bandeira
D. Virginia Candida da Conceição Cruz
D. Maria Joanna Gamboa.

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Virginia da Conceição Leitão, filha de Manoel Pessoa Leitão e de Ludovina Theresa, de Coimbra, de 15 mezes, fallecida no dia 22 de Janeiro.

Joaquina da Conceição Loba, filha de Francisco Marques Ribeiro e de Maria da Conceição Loba, natural da Crugeira, freguezia de S. Martinho do Bispo, de 24 annos, fallecida no dia 22.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada — 4:847.

Policia sanitaria. — O mappa geral das toleradas no concelho de Coimbra, durante o anno de 1872, é o seguinte:

Matricularam-se 342; sendo 333 solteiras, 6 casadas e 3 viuvas.

D'essas eram 209 criadas de servir, 66 costureiras, 4 gaspeadeiras, 2 vendeiras, 1 padeira, 1 chapelleira, 1 conserveira, e 58 sem profissão.

Pertenciam aos seguintes districtos: — Coimbra 142 — Vizeu 54 — Porto 52 — Aveiro 20 — Lisboa 16 — Guarda 12 — Braga 11 — Santarem 6 — Bragança 5 — Lamego 4 — Villa Real 4 — Leiria 2 — Horta 1 — e provincias de Hespanha 13.

Ausentaram-se 234. — Foram para servir 7. — Fugiram 24. — Foram riscadas da matricula pelo requererem 16. — Foram entregues a suas familias 9. — Casaram-se 2. — Morreram 3. — Foi uma entregue a seu marido. — Ficaram existindo no fim do anno para o effeito da matricula 42.

No hospital houve o seguinte movimento : — Existiam do anno anterior 12. — Entraram durante o anno 49. — Sahiram 37. — Ficaram existindo 24.

Charlatães. — A saude dos povos, que a lei confia á nobilissima profissão da medicina, soffre por toda a parte as maiores burlas e imposturas dos charlatães e curandeiros. Especulam estes impostores com a ignorancia e credulidade dos enfermos , e promettem curar de um modo infallivel as molestias mais perigosas e fataes. E' vulgar o annuncio de remedios mysteriosos, para curar o cancro, a phtysica, as escrophulas, a syphilis, e muitas outras molestias; e os males que resultam dessas applicações são desgraçadamente as mais das vezes irremediaveis.

E' indispensavel perseguir com o imperio da lei similhantes fraudes e abusos. As auctoridades administrativas e judiciaes, e os delegados de saude tem na legislação os meios precisos, para prohibir o exercicio da arte de curar os homens sem habilitações , e que só tem em vista enriquecer-se á custa dos seus clientes, inculcando-lhes com um cynismo vergonhoso e abominavel remedios secretos e maravilhosos, que a sciencia não descobriu nem sanccionou.

Usos mortuarios. — Os povos antigos souberam sempre conciliar o respeito pelos mortos com os preceitos hygienicos, empregando o embalsamamento, a incineração e o enterramento. Os egypcios eram insignes na arte de embalsamar os cadaveres. Ainda hoje causam verdadeira admiração as famosas construcções que este povo destinava para habitação dos mortos, essas galerias subterraneas, povoadas de milhares de mumias perfeitamente conservadas.

Os gregos e romanos incineravam ou sepultavam os cadaveres conforme a vontade das familias. O christianismo procurou acabar com a pratica da incineração ou cremação, por considerar as pyras mortuarias um systema pagão, involvendo a ideia da purificação pelo fogo. De todos os meios empregados na antiguidade para consumir os cadaveres , foi este o mais usado pelas nações civilisadas , e ainda hoje é muito empregado na India e America.

Este systema é de todos o mais hygienico, e não merecia o abandono, a que foi votado na Europa. Por este meio tira-se á morte o aspecto hediondo que lhe dá a podridão. Por este meio o corpo do homem não se torna pasto dos vermes do sepulchro, que é a ideia que mais atormenta os vivos. Por este meio guardam as familias as cinzas dos seus maiores , em urnas cinerarias , ou no lar domestico ou nos columnarios publicos.

Os cemiterios são insalubres , roubam terrenos ferteis á agricultura, e não dão jazigo de familias ás classes pobres, porque de 5 em 5 annos renovam-se as sepulturas, e confundem-se os restos mortaes dos desherdados da fortuna. A incineração não tem nenhum destes inconvenientes, e concede a todos , a pobres e ricos, um igual tributo de saudade e respeito, e evita as scenas horrorosas da impiedade que se tem commettido nas sepulturas , principalmente nas epochas tempestuosas de guerras civis. Alem disto, as familias que emigram para regiões remotas, podem levar comsigo em uma pequena urna de barro de porcelana, de vidro, de metal ou de marmore, os restos mortaes dos seus parentes e amigos.

João Vieira Caldas. — João Vieira Caldas, filho de João Vieira Caldas e de D. Joanna Rosa Caldas, nasceu em Lisboa a 23 de Setembro de 1781.

Destinado á vida commercial, para a qual não tinha a mais pequena vocação, recebeu a acanhadissima educação que naquelles tempos se considerava sufficiente para o commercio.

Entrando na maioridade , condescendeu com os seus em exercer por algum tempo o commercio, cedendo sempre a influencias de familia, e a outras causas completamente estranhas á sua vontade.

Com paixão decidida pelas lettras nunca se descuidou de as cultivar desde a mocidade, e assim adquiriu por si uma instrucção relativamente immensa, se attendermos á limitada esphera do seu tyrocinio litterario.

Mereceu-lhe a cultura da poesia especial predilecção, como provam algumas producções originaes, e as laboriosas traducções de differentes poetas, que emprehendeu e realisou, em verso solto hendecassyllabo.

Além dos trabalhos litterarios mencionados no *Diccionario Bibliographico Portuguez* (Tom. IV, pag. 53), deixou ineditos, em bellos manuscriptos do proprio punho do auctor e traductor, as seguintes producções:

Um pequeno volume de poesias de differentes metrificações.

Traducção do Telemaco (Fenelon).

Traducção do Orlando Furioso (Ariosto).

Traducção da Jerusalem Libertada (Tasso).

Todas em verso solto hendecassyllabo. As duas ultimas traducções foram sobremaneira trabalhadas: corrigiu-as e emendou-as muitas vezes, e mereceram a approvação e louvores de um juiz muito competente, o visconde de Almeida Garrett, que muito instou com o auctor, para que as publicasse.

Conhecia as linguas franceza e italiana, sendo notavel a maneira, como obtivera, não lhe ser inteiramente estranha a lingua latina, sem nunca a haver estudado grammaticalmente.

Falleceu em Lisboa a 24 de Setembro de 1853 com 72 annos de edade.

Epocha de D. João V — A capella de S. João Baptista, que existe na egreja de S. Roque em Lisboa, foi construida em Roma por ordem d'el-rei D. João V, que della fez presente aos jesuitas. Foi o proprio papa, quem a consagrou, e nella disse a primeira missa. Por esta missa deu Portugal de esmola um milhão em ouro. Separadas as differentes peças de que se compõe esta capella, foi trazida para Lisboa, vindo architectos romanos de proposito, para a collocar onde hoje se acha.

O seu preço passou de tres milhões de cruzados. É toda composta de marmore, porphyro, granito oriental, cornalina, amethysta, agatha, lapis-lazuli, etc. Tem tres riquissimos quadros de mosaico. As columnas e o altar são de lapis-lazuli. O frontal está encerrado em um quadro de prata macissa ; e nos angulos ha uns seraphins, tambem de prata. Tem oito columnas, de 15 palmos de altura, com os capiteis e bases de bronze dourado. É uma das maiores preciosidades de Portugal, e que revela a riqueza que ainda havia no meiado do seculo passado.

O tabaco — Luiz de Goes foi quem do Brasil trouxe pela primeira vez a Portugal esta planta. N'aquelle paiz era conhecida dos naturaes pelo nome de *betum*, e em Portugal chamaram-lhe *erva do fumo*. Mais tarde, pela sua virtude na cura de molestias, sendo em algumas como milagrosa, o povo lhe chamou *erva santa* ; hoje *tabaco*.

Luiz de Goes, o introductor do tabaco em Portugal, depois de viuvo, professou o instituto jesuitico na India, onde morreu.

Pensamentos. — Nunca é feia a mulher que sabe vestir-se. — As faltas de uma mulher aos 20 annos convertem-se em vicios aos 30, e em ridicularias aos 50. — O pesar de envelhecer mortifica muito as mulheres ; para ellas passar os 40 annos é dar salto mortal. — Mulher vaidosa não tarda em tornar-se ridicula; homem soberbo é aborrecido de todos — Perde menos a mulher, passando por ignorante, do que affectando de sabia. — Aceio, ordem e regularidade são bases de verdadeira economia. — A vida é um sacrificio continuo, sustentado pela esperança , e que só acaba com a morte. — O pão da vida é o amor; o sal da vida e o trabalho; a doçura da vida é a poesia; a agua da vida é a fé. — Ha sempre uma mulher na origem de todas as cousas grandes.

Livreiros francezes. — Contam-se em França 5:674 livreiros , 1:399 typographias, e 1:624 estabelecimentos lithographicos. Publicam-se actualmente no mesmo paiz 2:303 jornaes, pertencendo 346 a Paris.

Jornaes antigos. — O *Morning Post* conta mais de 100 annos de existencia, e celebrou ha pouco tempo em artigo pomposo as festas do seu centenario. O *Times* foi fundado 13 annos depois.

Prophecia. — O celebre astrologo Plantamour, que annunciou o choque de um cometa, prophetisa que no anno 2011 morrerá gelado todo o genero humano.

Antiguidades. — Tem-se encontrado no Castro Pretorio, em Roma, varias estatuas de marmore, entre as quaes figura uma mulher, que se suppõe ser uma Venus. Os archeologos qualificam-a como um primor d'arte. Encontrou-se tambem a cabeça de uma Juno, obra primorosa.

Curiosidades. — O imperador Caligula dava todos os annos, de boas festas, ao seu cocheiro o valor de 50 mil cruzados. — O sultão Osman, vendo plantar com graça uma couve a um dos seus hortelões, fel-o vice rei de Chypre — Henrique 8.º, de Inglaterra, concedeu uma grande dignidade a um seu cozinheiro, por lhe ter assado bem um javali. — O imperador Commodo deu uma pensão a um criado que lhe preparara bem uma torrada.

O testamento de sua magestade a imperatriz. — Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

«O testamento foi feito a 6 de Janeiro de 1863, em Lisboa, e o codicillo a 9 de Janeiro de 1873, fazendo-lhe algumas alterações. No testamento ha, entre outras muitas, as seguintes disposições:

A cargo da rainha, mãe, da Suecia e dos filhos de seu fallecido irmão o duque Maximiliano, e de sua irmã a condessa de Leuchtemberg, ficam as seguintes pensões annuaes:

Ao visconde de Almeida , 1:600$000 rs.; a mademoiselle Luiza Gersmerhein , 800 florins; a D. Carolina Stengel, 2:000 florins do imperio; a madame Maria de Dollhofen, 300 florins; a Anna Dreyler, 300 ; a Theodolinda Katt, 93; á viuva Janner, 800 ; ao professor Kunstemann, 600; a Solfranck, 100; a Cecilia Stahe, 300; a Henrique Jansen , 622 ; a Francisca Romana Schreye e sua filha, 93; a Francisca Augusturn, 700; a Clotilde de Baron, 700; a David Rawelt, 933 ; aos pobres da communa de Stein, Baviera , cujos nomes serão dados por Otto de Munich, por a testadora os ter esquecido, 48 florins ; a Carolina Lefeubure e sua filha, 500; á viuva Hanstetter, 72; a madame Theresa Spanberger, 160; a J. Schmid, 120; a Xavier Haeckl , 36 ; a madame Salomé Siller, 120; a Francisca Romana Zunner, 400; a Joanna Jansen, 600.

As pensões que pesavam sobre a herança do principe Eugenio e da imperatriz Josephina, e que sua magestade avocara a si, montavam em 1861 a 2:600 florins. Por estas disposições elevam-se a 17:318 florins.

A cargo dos filhos e netos do imperador D. Pedro I, deixa estas pensões annuaes : — á marqueza de Cantagallo , 900$000 rs.; a D. Maria A. Gomes da Silva, 300$000 rs. ; a mr. P. Sperling , 720$000 rs.; ao dr. F. A. Barral, 720$000 rs.; ao dr. Manuel C. Teixeira, 300$000 reis; a D. Maria do Carmo Xavier Leite, 270$000 rs.; a D. Henriqueta Loureiro Simas , 400$000 rs. Devem ser pagas pelo rendimento de 134 contos nominaes de divida interna brasileira.

Ao marquez de Resende fica a pensão annual de 1:200$000 rs. Nas pensões aos criados distingue os de 20, 15, 10, 5 e menos annos, deixando aos primeiros annualmente o ordenado por inteiro, aos segundos dois terços, aos terceiros meio, aos quartos um terço , e dois annos de ordenado aos de menos serviço. Em 1863 importava este encargo em 2:501$700 reis annuaes.

A' sr.ª condessa de Rio Maior deixa o seu *bouquet* de diamantes, ornado de 15 peras de perolas. Pede á rainha da Suecia que a qualquer pessoa da sua familia, não mencionada em testamento, ou codicillo posterior , lhe dê qualquer joia de valor ; menciona 33 pessoas para receberem cada uma, uma joia. Entre estas figuram suas magestades o imperador e imperatriz do Brasil, sua magestade a senhora D. Maria Pia, el rei D. Luiz, o sr. infante D. Augusto, el-rei D. Fernando, infanta D. Isabel Maria, visconde de Almeida , marqueza de Cantagallo, dr. Barral, e deão da cathedral do Funchal, etc., ficando a este ultimo 1:000$ reis para gastar em obras de madeira na cathedral, sem intervenção do governo.

Deixa ás sociedades das casas de asylo da infancia desvalida de Lisboa 3:000$000 reis; ao asylo dos orphãos da Ajuda 1:000$ reis; ás casas de asylo de infancia desvalida de Coimbra, Vianna do Castello, Evora, Elvas, Villa Real, Barreiro, e Campo Grande 500$ reis a cada uma; ao asylo da mendicidade de Lisboa 500$000 reis; ao da Villa da Praia 400$000 reis ; á associação consoladora dos afflictos 1:500$000 reis; á associação protectora das mulheres pobres 500$000 reis; ao hospital de Runa 2:000$000 reis; aos pobres

invalidos de Santos-o-Velho 1:000$000 reis; ao convento de Santa Theresa, em Carnide, Madre de Deus, Santo Alberto, Francezinhas, Sacramento e Flamengas de Alcantara 50$ reis a cada um; ao hospital da Misericordia do Funchal, aos asylos de infancia, e dos orphãos do cholera, da mesma cidade, 100$000 reis a cada um; ao convento das Mercês, recolhimento dos orphãos, do Bom Jesus, hospital dos Lazaros, da mesma cidade, 50$000 reis a cada um.

Ao hospital de S. Luiz dos francezes de Lisboa 450$000 rs. Á associação dos pobres allemães de Lisboa 225$000 rs. Á condessa da Ponte, D. Maria Theresa, para educação de dois orphãos 500$000 rs. Á marqueza de Ficalho, para esmolas que sua magestade dava por intervenção d'esta senhora, 500$ reis. Deixa grande numero de pequenas pensões e legados a pessoas pobres, que a falta de espaço e de tempo não nos permitte enumerar. O codicillo altera algumas, poucas, disposições das acima indicadas. Sua magestade mandou continuar até final complemento a educação dos orphãos que tutelava.

Ao sr. dr. Barral ficam, alem da pensão, por uma vez 500 libras, e ao sr. dr. Teixeira 100 libras. Ao sr. visconde de Almeida, alem da pensão, 1:000 libras por uma vez e uma quantia similhante a seu filho.

Deixa ao sachristão da sua capella 50$ reis annuaes; manda pagar a educação completa do sr. Pedro Berquó; de quatro filhos do sr. visconde de Charruada, por gratidão á memoria do conde de Farrobo, e ás filhas de um trintanario, e de um veterano. Manda comprar nos Prazeres um terreno para enterrar os padres lazaristas e irmãs da caridade.

Mais pensões annuaes a:—D. Anna Bandeira, deixa-lhe 108$000 rs.; madame Felicité Hanswirth, viuva, 115$200 rs.; madame Francisca Romana Sihoreyer (Bremen), 162$000 rs.; Joanna Maria, viuva Silvestre, 48$000 rs.; Maria Any Metzener, 57$600 reis; Francisca Romana Brée, 57$600 reis; Maria do Sacramento, 34$560 rs.; Theresa Jesus Maria, 28$800 rs.; Maria da Encarnação, 5$760 rs.; ao jardineiro José da Rocha, 115$200 rs.; Maria Gertrudes da Conceição, para seu sobrinho Alfredo José Cabreiro e sua sobrinha Carolina Rosa, 86$400 reis. Declara quites e manda restituir os recibos ás pessoas que lhe devem dinheiro. Manda entregar ás respectivas nações as medalhas das ordens de Santa Isabel, da Baviera; Cruz Estrellada, de Austria; e de Maria Luiza, de Hespanha.

CHARADAS

23.ª

Um appellido que nada ou vôa calçado—1 e 2.

24.ª

No exercito este pronome morde o que preside—1 e 1 e 2.

25.ª

Cette plante dans la chimie il se donne avec les doigts—1 e 2.

26.ª

Esta vogal, mais esta, tem compaixão, na chimica—1 e 1 e 1.

27.ª

Anda no grego e na garganta um fructo—1 e 1 e 1.

28.ª

Verbo—1.
No grego—1.
Mais tarde—2.
Nos romances.

A. C. V.

29.ª

Não prosigas audaz viajante
Por tal noute medonha e chuvosa,
Qual Judeu condemnado errante
Ashavero de fama odiosa. } 2.

Não trepidas ao ver o relampago
E de continuo o trovão ribombar,
Não vês que podes ser victima
Se só junto a ti elle chegar? } 2.

Já sei porque forte te mostras
E sem medo te vejo avançar;
Confias em mim desgraçado,
Na esperança que te posso salvar.

30.ª

Na musica é nota que se canta e toca—1 e 1.

31.ª

No campo da musica em casa se vê—2 e 1.

32.ª

No quarto e no deserto toma differentes côres—2 e 2.

J. G.

33.ª

Dentro de casa—1
Fóra de casa—2
Dentro de casa.

34.ª

Em todos—2
No alphabeto—uma letra
No bilhar—2
No bilhar.

35.ª

Nas saragoças, gira e illumina—1 e 2.

36.ª

Não andes, que mata e salva—2 e 2.

M. C.

As charadas do numero passado são:—13.ª—NAPOLEÃO—14.ª—CANROBERT—15.ª—TOMATE—16.ª—SALREU—17.ª—VERTIGE—18.ª—SERPA—19.ª—SERPÃO—20.ª—SOPAPO—21.ª—PILOTO—22.ª—SERPENTE.

Os enygmas são:—1.º—MORCEGO—2.º—DESTINO.

ANNUNCIOS

PERGUNTA INNOCENTE

1 Os BACHAREIS, (correspondentes de jornaes) FILHOS de PEDREIROS e VENDEIROS, estarão habilitados, para impunemente tentarem deprimir qualquer cidadão, pela sua humilde origem? *Dicant Paduani.*

2 AO sr. José Fernandes Junior, refinador de assucar, que no ultimo numero do *Tribuno Popular* declara que não é sua a assignatura que com o seu nome apparece na representação contra a mudança do mercado de peixe; pede-se que diga a quem lhe encommendou o sermão, *que ha mais Marias na terra.*

3 ALBANO AUGUSTO BRANCO, participa ao publico, que se encarrega de toda e qualquer armação de egreja, tanto nesta cidade como fóra, assim como caixões de chumbo e de madeira, para funeraes. Quem pretender dirija-se á rua da Sophia, n.º 31.

ALVIÇARAS

4 DÃO-SE a quem achasse um cãosinho pequeno, todo branco, com o pello annellado, que se perdeu na quinta feira 16 do corrente.

Querendo, podem entregal-o na rua do infante D. Augusto, n.º 12 a 20.

HOTEL DA BELLA ESTRELLA

Rua da Prata, n.º 199, 1.º

5 RECEBEM-SE hospedes. Garante-se boa comida, commodidade e aceio. Ha tambem quartos compativeis para familia. Lisboa.

6 ALGUNS AMIGOS do finado conselheiro Antonio de Carvalho Coutinho de Vasconcellos tencionam ir ouvir uma missa, que diz por alma delle o reverendissimo sr. conego Tavares, na sé cathedral, ás 11 horas da manhã do dia 30 do corrente, por ser o trigesimo depois do fallecimento.

A todos os que quizerem assistir a este acto avisa por esta forma o

Dr. *Fernando de Mello.*

INSCRIPÇÕES

7 ABILIO AUGUSTO MARTINS, ourives em Coimbra, rua da Calçada, n.º 8, encarrega-se da compra de inscripções em Lisboa, pelo preço da cotação official do *Diario do Governo*, apresentando-as averbadas em nome do comprador, poucos dias depois da encommenda.

ALTA NOVIDADE EM COIMBRA

No estabelecimento de José Tavares da Costa, rua da Calçada, proximo á Portagem.

8 CHEGARAM a este estabelecimento os superiores queijos Londrino, Pinha e Suisso; o verdadeiro macarrão de Italia, as mimosas pastilhas de chocolate, com baunilha, suissas, e de hortelã-pimenta, inglezas.

No mesmo se encontram as mais modernas bolaxinhas inglezas; a excellente passa de Malaga e de Corintho, doce de cidrão; os mais acreditados vinhos finos, de 240 a reis 1$200 a garrafa; licores de christal, kummel, e do Perekerman; aguardente de cana e de Paraty; cognac, genebra superior, cerveja Bass, e todos os mais artigos relativos a mercearia.

9 FUI SEMPRE EXTREMAMENTE CAPRICHOSO em pontos d'honra, e nunca consenti que impunemente se arrojasse uma nodoa infamante sobre o meu nome ou de minha familia. E' por isso que eu hoje venho dar uma satisfação ao publico, unico juiz que respeito, pois que desprezo os zoilos mordazes.

Ha dias apresentou-se ahi a ideia de salvar uma infeliz, que ahi appareceu sem meios, mettendo-a n'um recolhimento religioso. Asylei-a em minha casa até que as difficuldades se resolvessem; teve por companheira minha pobre mãe, e por mesa a minha mesa.

Fui calumniado, o meu nome coberto de doestos, e a reputação de minha familia posta em duvida. Hoje estou desaggravado, porque a infeliz menina deu já entrada n'um dos mosteiros d'esta cidade, onde é sustentada por uma subscripção. Parece-me que os factos me defenderão.

Coimbra 27 de Janeiro de 1873.

José Soares Nobre.

10 QUEM PERDESSE UMA CAPA de senhora, póde dirigir-se ao criado do Club Academico, que a tem em seu poder.

AVISO

Monte-Pio Conimbricense

11 A SESSÃO da assembleia geral, que havia de ter logar no dia 26 do corrente, fica transferida para domingo, 2 de Fevereiro proximo futuro, ás 10 horas da manhã, no local do costume.

Coimbra, 28 de Janeiro de 1873.

O presidente d'assemblea geral,
Manoel d'Almeida Cabral.

ANTONIO MARIA CARDOSO

CALÇADA

12 CONTINUA a ter bom sortimento de capas para senhoras, e para meninas, e gabões, que tudo vende muito barato; lãs, chitas e chales, lenços de seda, guarda-soes, bordados para senhora, e tapetes.

Para liquidar

Chitas largas a 105 rs. o metro; esguiões a 110, 120, 130, 140, 150, 160 reis, etc. o metro; lãs a 180 rs. o metro; lenços de 20, 30, 40, 50, 60, 70, 80 rs., etc.; e outras fazendas.

13 VENDEM-SE duas moradas de casas novas, com communicação interior, na rua do Corpo de Deus, com os n.os 98 a 108. Na rua de Quebra Costas n.º 34, se diz com quem se trata.

CONVITE

14 CONVIDAM-SE os numerosos amigos do fallecido José da Cunha Mello e Silva, para assistirem á missa e responsos que por alma do fallecido se hão-de celebrar na egreja de Santa Cruz, no dia 31 do corrente, pelas 9 horas da manhã.

15 A MESA ADMINISTRATIVA da Santa Casa da Misericordia da villa do Soure, faz publico, que se acha a concurso o logar de capellão da mesma Santa Casa, com o ordenado annual de reis 84$400. Os srs. ecclesiasticos que quizerem ser providos no dito logar, deverão apresentar os seus requerimentos, no referido prazo, instruidos com os documentos necessarios.

As obrigações do capellão constam do compromisso da mesma Santa Casa, das quaes o abaixo assignado fará sciente aos individuos que quizerem requerer o dito logar.

Soure, 10 de Janeiro de 1873.

O escrivão da mesa,
Lino Augusto Ramos de Faria.

16 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia de Nossa Senhora do O, de Revelles, concelho de Monte Mór o Velho, diocese de Coimbra, faz publico, que no dia 9 de Fevereiro, pelas 11 horas da manhã, na sacristia da egreja parochial, se hade arrematar em praça as obras de carpinteiro, pintor e entalhador, que tem a fazer-se na mesma egreja. Estarão patentes no acto da arremação os apontamentos e condições.

Revelles, 20 de Janeiro de 1873.

O presidente da junta,
Antonio Baeta da Costa.

NUMERO 2663 — SABBADO 1 DE FEVEREIRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Tem nesta semana havido ferias em ambas as camaras. Nas ultimas sessões iam proseguindo os trabalhos parlamentares na camara electiva, se não com a placidez e moderação que requer uma assembleia onde se debatem os mais altos interesses de um paiz, e onde têem de ser apreciadas as questões de maior vulto em administração geral, pelo menos com um immoderado arrojo, que ficamos em duvida, se as liberdades parlamentares, embora largas, do nosso systema politico, permittem similhantes expansões, verdadeiramente infructiferas, ou antes desmoralisadoras, e por isso prejudiciaes á causa publica.

Pois que ha de util, proveitoso e digno nos estafados e impertinentes discursos com que os est..'istas ambiciosos da opposição têem cançado a opinião publica durante muitas sessões, sem o minimo proveito para a nação?

Tem melhorado consideravelmente o estado da nossa fazenda durante estes ultimos annos, e ainda que neste ponto não póde o governo estar completamente socegado, não é já assustador o desequilibrio orçamental. Mas não são simplesmente os assumptos de fazenda que precisam de ser resolvidos.

A administração civil, fundada em uma justa e sensata descentralisação, não póde deixar de prender a attenção dos nossos mais eminentes homens de estado, porque é uma das urgentes reformas que a regularidade dos serviços reclama e exige. E' ella entre nós complicada, absurda e contraditoria na maior parte das suas disposições.

A administração no municipio ou no districto, é uma delegação do poder constituido, cujas funcções precisam de ser confiadas á iniciativa local, sem o que os povos jámais podem entrar no caminho do progresso moral e material, para onde a moderna civilisação e a tendencia natural os impelle.

A reforma no systema de instrucção, de modo a satisfazer ás exigencias do actual estado de civilisação, é tambem um dos pontos que muito carecem de ser resolvidos. A organisação da instrucção popular é reclamada por todas as indicações; sem ella não póde haver garantias de um futuro mais auspicioso, nem de aperfeiçoamento nas instituições sociaes.

Mas não são estes e muitos outros problemas de grande alcance que preoccupam o animo dos representantes do paiz.

Pouco fertil em beneficios publicos nos parece que será a presente épocha parlamentar. O desvairamento dos espiritos e a paixão partidaria vão tomando o logar da moderação e da sensatez, que o patriotismo costuma inspirar aos que desejam servir a patria com animo verdadeiramente purificado para trabalhar em proveito da causa commum.

Um dos maiores inconvenientes do systema politico que nos rege é o abuso na conquista do poder.

Que estamos vendo no alcaçar das leis? Uma continua serie de recriminações pessoaes, de ambições insoffridas, de despeitos mal reprimidos.

Um mez vai já proximo do seu termo sem que se possa contar ainda nem sequer uma providencia util ao estado!

Assim se consome o tempo e malbaratam os dinheiros publicos.

BIBLIOGRAPHIA

Archeologia artistica—1.º anno—volume I—fasciculo I.—Publicada por Joaquim de Vasconcellos.

II.

Em Fevereiro de 1784 partiu a celebre cantora Luiza de Aguiar Todi, de Berlim, para a Russia, a convite da czarina Catharina II. Em S. Petersburgo teve uma recepção enthusiastica na *Armida* de Sarti, na *Didone abbandonata*, etc. A czarina ficou tão enlevada com o talento musical da Todi, que lhe deu magnificos presentes, e ficou sendo sua intima amiga, nomeando-a até mestra das princezas.

No anno immediato de 1785, o compositor italiano Sarti, para contrabalançar a influencia da Todi, faz ir para S. Petersburgo o celebre castrado Marchesi. Estabelece-se a rivalidade entre Marchesi e a Todi, e d'ahi resulta a demissão dada ao compositor Sarti. Apezar, porem, das relações de particular amizade com Catharina II, deliberou-se a Todi a sair da Russia, em razão da influencia malefica do clima.

Em 1786 faz-lhe o rei da Prussia Frederico Guilherme II, por intervenção do violoncellista Duport, varias propostas. A Todi responde com outras propostas, que foram modificadas pelo rei. Em 13 de Dezembro faz-se o ajuste do contracto; mas demora-se a Todi mais 6 mezes na Russia, para concluir o contrato que alli tinha.

Nos fins de Setembro de 1787 chega a Berlim. Em 11 de Janeiro de 1788 é bem recebida na *Andromeda* de Reichardt; repetindo-se a mesma até 28 desse mez. A 16 de Outubro, dia dos annos do rei, representa na *Medea in Colchide* de Naumann.

Pelo carnaval de 1789 repete seis vezes a *Medea*. Representa tambem na opera *Protesilao*, com um acto de Reichardt e outro de Naumann. Faz o papel de *Erfile*.

Em Março dirige-se em terceira excursão ás provincias do Rheno e Meno. Dá concertos em Mayença deante do eleitor, causando grande enthusiasmo nos *dilettanti*.

Nos fins desse mez de Março, todo o Abril, até 21 de Maio, faz a quarta e ultima visita a Pariz. Obtem explendidos triumphos no *Concert spirituel* durante essa epocha, e nos *Concerts de la Loge Olympique*. E' então o apogeu da sua gloria, sendo classificada de *cantora da nação!* A 21 de Maio dá o ultimo

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXXX

D. FRANCISCO DE LEMOS E A DEPUTAÇÃO PORTUGUEZA

(CONTINUAÇÃO)

18.º Que tendo-se feito publico em Paris e Bordeus este officio do ministro da guerra, deu isto occasião a differentes discursos, sobre os objectos da missão delle bispo conde a Portugal; dizendo uns, que a intenção do imperador era unir o poder da palavra, ao poder do terror; outros que tendia a apartar a elle bispo conde das praias de Buch, continuamente expostas aos navios inglezes; outros a interesses promiscuos entre elle e vossa alteza real, no caso de ser necessario tractar-se de algum accommodamento, sobre a materia dos artigos propostos (nota n.º 4, folhas 16). Mas quaesquer que fossem as intenções do imperador, que elle bispo conde não soube, e nem procurou indagar: a verdade é—*Testis est mihi Deus*,—diz elle aqui, como dizia o apostolo—a verdade é que, constante nos seus principios, e na fidelidade que deve a vossa alteza real, não via n'esta ordem de cousas, senão um maravilhoso effeito da providencia divina, que quiz attender aos seus votos continuos, para restituir-se a este reino, facilitando-lhe o meio mais oportuno, quando tudo parecia conspirar a desvial-o d'elle, e a retel-o na França pela sua constante adhesão a vossa alteza real.

19.º Que neste espirito respondeu logo ao ministro da guerra, que elle bispo conde se apressava a partir para Portugal, na conformidade das insinuações feitas, não esperando para isso senão o passaporte, na forma do costume em taes casos, n.º 10, folhas 28. E por se terem passado quinze dias sem o passaporte lhe ser remettido, receando que entretanto occorresse alguma cousa, que fizesse suspender a sua marcha, munido do officio do ministro da guerra, e do passaporte que tirou do perfeito de Bordeus, n.º 11, folhas 28, se poz a caminho por posta para Bayona, onde se demorou nove dias, para dispor-se para a continuação da viagem, e tendo tudo arranjado veiu para Irun, primeira villa de Hespanha.

20.º Que annunciando todas as folhas publicas grandes perigos nas estradas de Hespanha, e não se podendo por isso viajar por ellas sem maior segurança, julgou elle bispo conde necessario vir sempre unido ás tropas, e comboios francezes, que passavam de umas cidades para outras; de Irun para Tolosa, de Tolosa para a Victoria, de Victoria para Burgos, de Burgos para Valladolid, de Valladolid para Salamanca, fazendo-lhe em todas estas passagens, os governadores, os generaes, e os commandantes a quem eram apresentados o officio do ministro da guerra, e o passaporte do perfeito, civilidades a que elle correspondia, sem valer-se jámais delles senão para segurança da sua pessoa e familia.

21.º Que chegando a Salamanca, e detendo-se alli por alguns dias para restabelecer-se das fadigas, e incommodos que havia soffrido até alli, passados elles continuou a viagem, acompanhado só da sua familia, sem vir junto a algum corpo de tropas francezas até Ciudad Rodrigo, donde no outro dia se dirigiu ás fronteiras de Portugal, não pelo caminho do Forte da Conceição, e de Almeida, occupado pelos francezes, mas por outros pouco frequentados, pelos quaes entrou n'este reino a 9 de Novembro passado, parando em Nave de Aver, primeira povoação portugueza, e distante de Almeida tres leguas.

22.º Que elle bispo conde não sabe exprimir a consolação, e alegria que teve, vendo-se em Portugal, debaixo do doce imperio e da alta protecção de vossa alteza real, e devendo ir logo á presença de vossa alteza real, render os tributos da sua sujeição e vassallagem, nada foi mais sensivel para elle do que ver-se impedido para o cumprimento d'estes indispensaveis officios pelo mau estado de saude, originado da longa viagem, que vinha de fazer, e dos incommodos e trabalhos que nella soffreu; mas se não poude cumprir o que d'elle exigia a submissão, e respeito, poude ao menos, e sem demora certificar aos governadores e generaes da provincia, Bacellar e Silveira, da sua chegada a este reino, dos seus fieis sentimentos, para com vossa alteza real, e dos desejos que tinha de restituir-se a Coimbra, sua egreja, para d'ahi passar a Lisboa e apresentar-se em pessoa a vossa alteza real, cartas n.º 12, 13 e 14, folhas 29, 30 e 32.

23.º Que havendo ido de Nave de Aver para Moimenta da Beira, para ahi convalescer, como sendo um logar mais seguro, e mais apartado dos movimentos dos francezes, partindo de Moimenta para Coimbra, acompanhado do ajudante das ordens do tenente general Bacellar, Francisco de Assiz de Lemos e Alvelos, e estando já dentro do seu bispado, lhe participou o mesmo general a ordem que teve, aviso n.º 15, para insinuar-lhe, que passasse á cidade do Porto, onde mais facilmente podia conservar-se, até que as circumstancias permittissem a sua vinda a Lisboa com mais commodidade. O que executou promptamente, retrocedendo da Mealhada para a cidade do Porto, onde actualmente se acha.

24.º Que elle bispo conde tem dado a vossa alteza real, uma exacta e fiel conta de tudo o que obrou em Bayona e Bordeus, em serviço de vossa alteza real, da conducta que alli teve, e do verdadeiro motivo que o obrigou a vir para este reino. Agora, estando na

adeus no *Concert spirituel*, a fim de ir terminar o seu contracto em Berlim.

Passa pela cidade de Hannover e dá ahi algumas representações dramaticas,ou concertos.Em Julho figura em Berlim nas festas dadas em honra da Erbstatthalterin de Hollanda. Em 16 de Outubro canta com grande exito na opera *Brenno* de Reichardt, papel de Ostilia. Terminando a sua escriptura em 13 de Dezembro, pede augmento de ordenado, a que se recusa o rei.

Em 1790 faz a Todi a sua quarta e ultima excursão pelas cidades de Allemanha. Reapparece no Hannover. Dá concertos em Bonn perante o eleitor de Colonia, tendo magnifica recepção. Dá tambem concertos em outras cidades da Allemanha.

No anno de 1791 brilha em Parma no carnaval, e em Veneza no outono; obtendo ovações enthusiasticas.

Nos principios de 1792 dá concertos em Napoles, e é chamada a Madrid para a opera do *Theatro de los Caños*. Chegando a Madrid estreia-se no dia 25 de Agosto,no theatro real, na *Didone abbandonata*. Fica em Madrid até a primavera de 1793; partindo nesta estação para Portugal.

Em Maio desse anno, canta duas vezes em Lisboa, nas festas pelo nascimento da princeza da Beira, D. Maria Theresa. Uma foi no palacio de Anselmo José da Cruz Sobral, e a outra na real casa pia, então estabelecida no castello de S. Jorge.

No mez de Junho faz a sua terceira viagem á Hespanha, tendo em Madrid, no dia 30 de Maio, um duelo artistico com a celebre artista Banti, que se havia estreado na *Zenobia in Palmira*.A Todi canta no *Alessandro nell' Indie*; e a sua rival na *Vendetta di Nino*. A duqueza de Ossuna declara-se protectora e chefe do partido da Todi, e a duqueza de Alba protectora e chefe do partido contrario. A ambas as artistas são dadas innumeras distincções, e presentes tão magnificos, que causaram a ruina de varias casas grandes em Hespanha. Estabelecem-se os dois partidos dos *Todistas* e dos *Bantistas*.

Até ao carnaval de 1794 canta a Todi nas operas *Elfrida*, *Hypermenestra*, ou *Ipermestra*, *Cleopatra* e *Cleonida*. Despede-se então de Madrid, com uma ovação geral e unanime saudade.

Volta de novo a Portugal; mas em 1795 faz a sua quarta e ultima viagem a Madrid, cantando novamente na *Didone* e depois na *Armida*.

Em 1796 regressa definitivamente a Portugal; vivendo tranquilla em Lisboa até Abril de 1803. Nesse mez faz a viagem ao Porto, onde lhe fallece o marido; e no dia 12 de Maio presta juramento como inventariante do casal.

No dia 29 de Março de 1809, em que o marechal Soult entrou no Porto, foge Luiza de Aguiar Todi da invasão do exercito francez,cae ao Douro,e é salva por uma sua criada.Intervem em seguida para com o marechal Soult a favor dos feridos portuguezes, e prepara-se para se mudar para Lisboa com suas filhas.

Em 1811 reapparece em Lisboa.Em 1813 cega de um olho, e em 1821, ou 1822 perde completamente a vista.

No mez de Junho de 1833, sendo já octogenaria, é accommettida de um ataque apopletico, e a 11 desse mez faz o seu testamento.

E finalmente no dia 1 de Outubro do mesmo anno de 1833 exhala o ultimo suspiro no 2.º andar da casa n.º 2 da travessa da Estrella. Tinha então 80 annos e 21 dias de edade. Foi sepultada no cemiterio da parochial egreja da Encarnação.

Não poderiamos fechar melhor este resumo biographico da celebre cantora portugueza,do que com as seguintes palavras do sr.Joaquim de Vasconcellos:

«Por ultimo, lembramos em nome da patria, em nome da justiça e em nome de uma gratidão que nos parece dever ser eterna e sagrada,uma memoria para quem levou em carreira triumphante e sempre gloriosa o nome portuguez atravez de toda a Europa. Para a cidade de Lisboa, tanto como para Setubal, deve ser obrigação sagrada perpetuar um nome immortal, mandando fixar na casa da travessa da Estrella, onde acabou essa existencia gloriosa, uma lapide commemorativa,para que não nos suba o rubor ás faces se algum artista ou homem de lettras estrangeiro perguntar: onde viveu figura tão illustre? e se responder com um: *não sei!*

«Quatro glorias artisticas proclama a voz da divina arte; quatro glorias dignas do mais alto apreço:

«D. João IV faz de Lisboa o deposito universal da arte durante mais de um seculo!..

«Vicente Lusitano revoluciona a Italia e o mundo artistico da Europa com uma discussão musical,que implica nada menos do que a defeza e a justificação da arte moderna. Vence perante o sacro collegio dos cardeaes, vence perante a intriga e a protecção dos poderosos, vence perante os sabios mais celebres e artistas mais insignes da christandade!

«Marcos Portugal honra a sua terra natal, representando a patria em Roma, em Vienna, em Dresden, em Breslau, em S. Petersburgo, em Londres, em Paris,e dentro mesmo do instituto de França!

«Luiza Todi emfim subjuga a Europa com o poder da sua voz e o magico encanto de uma natureza artistica,consubstanciada na maxima perfeição!..

«E a patria até hoje, esquece-os a todos.

«Quando saldaremos nós semelhantes vergonhas??»

Joaquim Martins de Carvalho.

COMMEMORAÇÕES HONROSAS

O sentimento pela recente morte dos lentes da Universidade, os srs. Drs. Antonio de Carvalho, e Vieira de Meirelles, achou ecco no visinho reino de Hespanha.

O nosso estimavel amigo o sr.D. Benigno Joaquim Martinez,que tanto se interessa sempre pelas cousas de Portugal; recitou na *Tertulia* de Madrid, no dia 25 de Janeiro, algumas palavras, em que fez a merecida justiça nos dois distinctos cathedraticos da Universidade de Coimbra. Damos hoje noticia do elogio que fez ao sr. Dr. Antonio de Carvalho, e no seguinte publicaremos o relativo ao sr.Dr. Meyrelles.

«Acaba de exhalar o seu ultimo suspiro em Ponte de Vagos, perto de Cantanhede (Portugal), o conselheiro Antonio de Carvalho Coutinho e Vasconcellos, cathedratico da faculdade de Philosophia, governador civil que havia sido de Coimbra, e que na actualidade exercia em a nação vizinha o importante cargo de director de instrucção publica.

Era um cavalheiro portuguez, credor das sympathias que inspirava a quantos tinham a fortuna de com elle tratar. Era distincto pelo seu nascimento, e ainda mais distincto por suas elevadas qualidades.

O sr. Antonio de Carvalho nasceu a 29 de Março de 1837, tomando o grau de doutor em Philosophia a 28 de Setembro de 1858. Tambem era licenciado em Direito, e foi director do novel jardim botanico da Universidade de Coimbra.

Nos seus varios escriptos demonstrou que tão profundo era nas sciencias como na litteratura. Foi deputado ás côrtes em varias legislaturas, e se fez sempre notavel por seu incançavel trabalho.

O estudo da geologia, da mineralogia e da botanica eram frequentemente a sua occupação predilecta; e possuia vastos conhecimentos nestes tres ramos das sciencias naturaes.

A sua morte, que deixa na viuvez uma senhora tão virtuosa como inconsolavel, poz em consternação a innumeros amigos, muitos dos quaes occupam hoje em Portugal os primeiros cargos politicos e sociaes.»

NOTICIARIO

Abuso de confiança. — Ha dias, um negociante desta cidade, enviou a outro negociante de Lisboa, pelo caminho de ferro, uma caixa contendo objectos de valor. A caixa era de madeira; ia pregada, e por fóra embrulhada em papel, seguro com lacre.

Suppondo, e com razão, que devia confiar nas pessoas a quem entregava a encommenda, enganou-se, porque o lacre foi quebrado, a caixa arrombada, e parte dos objectos furtados; e neste estado foi a caixa entregue ao destinatario. A isto acresce a circumstancia da companhia dizer que não era obrigada a pagar o que faltava!

Eis ahi a confiança que se póde depositar no transporte pelo caminho de ferro!

Assim, em logar de haver progresso, ha retrocesso. O caminho de ferro está muito peor do que os antigos almocreves e a malaposta.

O almocreve Magro fazia a sua jornada entre Coimbra e Lisboa, no espaço de 5 dias; e agora gastam as fazendas a chegar ao seu destino, 6, 7, 8 dias e mais. O mesmo almocreve era fidelissimo na entrega dos objectos que se confiavam á sua guarda; em quanto que agora são frequentes as queixas de furtos no caminho de ferro, e todos receiam de ficar sem aquillo que remettem.

E' ou não este um progresso de caranguejo?

Passagem.—Passou do Porto para Lisboa, indo hospedar-se no grande hotel central, com demora de algum tempo, o sr. Gustavo Justino Ferreira Pinto Basto, formado em Mathematica, e suas galantes e instruidas irmãs, filhas do fallecido sr. Justino Ferreira Pinto Basto, que na cidade do Porto desempenhou eminentes cargos na politica e no commercio. Aquellas viajantes regressaram recentemente d'uma viagem á Allemanha.

Exportação.—Só pela barra de Lisboa exportámos no anno de 1872 valores na importancia de mais de 8:000 contos de reis. Os artigos de maior consumo foram vinho, azeite, cera, cortiça, e mel. A importação no mesmo anno foi superior a 12:000 contos, sendo os generos de mais valor tecidos de algodão e de lã, carvão de pedra e tabaco. O rendimento dos direitos de alfandega de Lisboa foi em 1872 superior ao de 1871, em mais de 520 contos de reis.

Navegação.—Durante os ultimos dez annos entraram na barra de Lisboa 25:659 navios, sendo portuguezes 11:914.

Em um collegio de frades.—Em um dos antigos collegios de Coimbra, o padre-mestre tinha sempre mesa lauta, e obrigava os pobres noviços a frequentes jejuns. As victimas tiravam a desforra sempre que podiam, e os artificios que empregavam eram ás vezes curiosos e difficeis.

Um dia tinha o cozinheiro do collegio comprado 2 bellos saveis, que haviam de servir no dia seguinte para o jantar do chefe da corporação e de alguns seus amigos. Os peixes foram pendurados na chaminé, mas não permaneceram lá toda a noite, apesar de ficar bem guardada a chave da cozinha. Dois noviços, dos mais espertos e atrevidos, subiram ao telhado, e horas mortas da noite, introduziram pela chaminé duas varas compridas,uma com luz para allumiar o escondrijo, e outra com um gancho. Por esta fórma, os saveis foram pescados, e os noviços banquetearam-se com elles. No collegio houve no outro dia grande reboliço, fez-se um inquerito rigoroso, e tomaram-se muitas providencias, mas nada se descobriu.

A adega dos frades estava sempre bem sortida, e a cerca do collegio era famosa pelos vinhos que produzia. Os noviços, porém, só provavam o saboroso liquido em algum dia de festa, em quanto o padre-mestre e seus amigos bebiam á farta todos os dias. Os noviços souberam tomar a devida desforra. A adega foi assaltada pelo telhado, e nestas expedições nocturnas se fazia abundante provisão para toda a semana. Este estratagema durou por muito tempo, porque o rombo no telhado era feito com as maiores precauções, e sempre reparado convenientemente.

Estes e outros muitos factos eram praticados por collegiaes que frequentavam a Universidade. Um d'elles, que pelo seu genio temerario quasi sempre dirigia estes planos e emprezas, falleceu ainda ha poucos annos, e era um homem de grande instrucção.

O carnaval. — O carnaval, diz um moralista, é o naufragio dos innocentes, a hora favoravel para as entrevistas amorosas, a ruina da bolsa, o veneno da saude, a seducção da mocidade, e o tumulo dos velhos.

Bom dito.—Um escriptor, que tinha sido infeliz com os seus trabalhos, conseguiu um dia ser bom critico. Não admira, disse alguem; porque o vinho mais ordinario e insipido póde converter-se em bom vinagre.

Freio das paixões. — Um homem que tinha as suas pretensões a moralista, discorria muitas vezes a respeito do perigo das paixões, e proclamava o bom uso da razão como o melhor freio para as reprimir. Um dia embriagou-se, e foi levado em braços para casa. Alguem perguntou-lhe, porque se havia esquecido do preceito do *freio?* —A resposta foi:—Tive sede, e tirei-o para beber.

Cavallo sem orelhas.—Um cavalheiro mandou cortar as orelhas a um lindo cavallo. Perguntando-lhe um amigo a razão deste procedimento, o homem respondeu, que o seu cavallo era muito medroso, e que a mais leve causa de susto levantava as orelhas, e para o curar d'este defeito, entendeu que o meio mais seguro era cortar o mal pela raiz.

Mercado de Condeixa a Nova—No mercado de sexta feira, 31, regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 500—Dito mourisco 460—Milho branco 360—Dito amarello 350—Feijão vermelho 500—Dito branco 480—Dito rajado 440—Dito frade 400—Cevada 290—Favas 360—Tremoços 280—Grão de bico 500—Batatas de semente 240 a 280—Vinho 700—Azeite 1$050—Vacca 200—Carneiro 90.

Brinde.—A redacção do *Diario de Noticias* obsequiou-nos com um exemplar do brinde que ha pouco distribuiu aos seus assignantes.

Agradecemos aos nossos estimaveis collegas a sua attenção para comnosco.

Erratas.—O sr. conselheiro Francisco de Castro Freire pede-nos para publicar as seguintes erratas que se devem accrescentar á sua *Memoria da Faculdade de Mathematica*.

Pag.	Linh.	Erros	Emendas
13	31	geometria	geographia
87	11	cirurgica	inorganica
100	3	comparara	comprára
109	23	1799	1779
115	21	1788	1780

A grève dos caminhos de ferro.—Lê-se no *Jornal do Commercio* o seguinte:

«Os manejos da Fraternidade Operaria já ha muito se faziam sentir entre os empregados do movimento da companhia do caminho de ferro do norte e leste. Eram os promotores da desordem, não os empregados de pequeno vencimento, mas sim os que mais avultado provento auferem da sua profissão.

Pretendiam elles, para realisarem os seus intuitos, arrastar comsigo os operarios socegados, e exactos no cumprimento de seus deveres, e que não tinham ainda manifestado o menor desgosto pelo salario que lhes era pago, em retribuição do serviço prestado.

Foi uma machinista o promotor da *grève*. A companhia, sabendo que elle era o chefe da desordem, despediu-o,bem como a alguns outros operarios menos graduados, que, illudidos pretenderam acompanhar o machinista desordeiro nas suas exigencias.

Para evitar, porem,que os despedidos praticassem alguma violencia contra os empregados que continuassem no serviço da companhia, esta solicitou do governo auxilio e força, o qual lhe foi concedido, sendo mandado para as estações do Entroncamento e da Barquinha um destacamento de 50 a 60 homens, saindo d'Abrantes.

Recorreram os *grevistas* mallogrados para os seus incitadores da *Fraternidade Operaria*, e a direcção desta, apezar de não ter os estatutos approvados, e portanto de não ter existencia legal, officiou hontem ao sr. ministro das obras publicas, participando-lhe que, se não fossem admittidos os operarios e machinistas despedidos, amanhã, quinta-feira, *todos os operarios* abandonariam o serviço da companhia.

Em primeiro logar, os signatarios do tal officio e da declaração, no mesmo sentido que hoje appareceu,sem o mais pequeno commentario, nem correctivo, no *Diario Popular*,não tinham procuração de *todos* os operarios e empregados da companhia, para fazerem essa declaração, antes pelo contrario,informam-nos que a maior parte dos empregados, não querendo adherir ao pensamento da revolta, foram pedir ao engenheiro em chefe, que desse as providencias necessarias, para elles não serem incommodados pelos desordeiros e pelos da sua facção, pelo facto de não tomarem parte no pronunciamento.

Sendo isto assim, é evidente que o mal não tem tão fundas raizes como nos agentes da Internacional parece. E o governo deu immediatamente todas as providencias para evitar não só que fossem offendidos ou incommodados os operarios que continuassem no serviço da companhia, como os que de novo entrassem, em consequencia de providencias extraordinarias, que devessem ser adoptadas,para evitar os transtornos resultantes da saida de uma parte dos empregados do movimento.

Todos os agentes do governo, empregados na fiscalisação da linha ferrea,nas circumstancias de poderem exercer a profissão de machinistas,foram postos á disposição da companhia, bem como todos os operarios disponiveis das linhas do sul e sueste.

A'manhã, começa já uma força do batalhão de engenheiros na aprendizagem da profissão de machinista e fogueiros do caminho de ferro, de maneira a habilitar o governo a acudir á companhia, n'um caso extraordinario, e para que o publico não soffra; mas tambem para que o poder central tenha empregados sérios no movimento das linhas ferreas, dada a circumstancia de carecer d'ellas para uso publico de summa gravidade e importancia.

Estão tomadas as providencias policiaes, em todas as estações da linha, de maneira a evitar, não só que o transito seja interrompido, mas tambem que sejam maltratados os individuos que continuarem ou de novo entrarem no serviço da linha ferrea do norte e leste.

O pretexto que se toma para esta *grève* é o augmento de vencimento aos machinistas. Imaginar-se-ha que estes operarios morrem á fome—que têem o salario de qualquer amanuense, ou de algum misero caixeiro do commercio. Engana-se quem assim julgar.Os machinistas do caminho de ferro tiveram no ultimo anno (1872) o seguinte vencimento.

João Vieira	504$010
Antonio Joaquim Nunes	577$095
Manoel Veiga	531$135
Paitant	503$895
Antonio Martins	496$650
José Joaquim Pedrosa	513$965
Victorino	510$030
Antonio Joaquim Affonso	535$085
José Gonçalves	489$690
Celestino Antonio	504$210
José Maria Causin	442$175
José Romão	488$155
Damaso Rodrigues	493$050
José Rodrigues	362$000
Joaquim Faustino	342$715
Manoel Gonçalves	443$810
José Antonio	412$740
Manoel Nataria	337$605
José Albino	491$383
Manoel Antonio de Oliveira	355$365
Guilherme Quintino	313$325
Madeira	338$300
João da Silva	282$422
José Pinto	264$340

E note-se que, no anno actual estes vencimentos ainda serão muito mais elevados,porque foi augmentada aos machinistas a percentagem sobre as economias no carvão e de mais material, que realisassem. Os ultimos empregados, acima mencionados, foram nomeados ha pouco tempo.

Alem d'estes vencimentos, têem medico e soccorros, e uma grande parte delles vive com suas familias em habitações da companhia,—habitações que não pagam. Quanto representa em dinheiro o aluguer da casa da habitação?

Note-se mais, que o primeiro machinista, João Vieira, o cabeça da pretendida *grève*, e que foi despedido por ser o agente da internacional, mascarada com o nome de *Fraternidade Operaria*,—ainda hoje conserva a sua familia no Entroncamento, n'uma casa que a companhia lhe havia dado!

A actual direcção do sr. Espergueira tem empregado todos os meios para tornar mais commodo o viver dos empregados do movimento da linha; principalmente augmentando-lhes as percentagens sobre as economias de combustivel.

Nunca se têm recusado aos doentes os meios de subsistencia, e subsidios ás viuvas e filhos dos servidores da empreza, como não ha muitos dias aconteceu. Até á custa da companhia tem sido mandado fazer enterros a empregados fallecidos, como aconteceu com o revisor Santos e o empregado dos armazens Mafra, recebendo a familia d'este ultimo como subsidio 4 mezes de vencimento do fallecido, alem de se haver pago o mesmo vencimento ao empregado, em quanto esteve doente

Ora quando a direcção se mostra tão zelosa de melhorar, quanto possivel, a sorte dos empregados, á medida que o estado da companhia e permitte, e quando os mesmos empregados não se queixavam, esta *grève* que apparece á ultima hora da parte dos machinistas, não representa mais do que manejo de agitadores, que é necessario reprimir e castigar.

N'um paiz em que algumas das mais altas funcções do estado são retribuidas com 900$000 rs. liquidos e ainda menos:—quando a um primeiro official de secretaria se lhe da essa retribuição, sujeita ao desconto de 15 por cento; sem casa, nem medico, nem outro soccorro; mas com direitos de mercê, emolumentos, sello e mil outras alcavalas;—quando ainda os mais distinctos empregados de escriptorios commerciaes não chegam a auferir 400$000 rs., por anno, trabalhando sempre e a toda a hora,—podemos considerar como mal pagos os machinistas que têem a retribuição acima mencionada?

Todos estão no seu direito de avaliarem o seu trabalho pelo preço que quizerem: em virtude d'esse direito, não admittimos que nenhum especulador queira impedir, que haja quem queira trabalhar, pelo mesmo preço e com as condições que á especulação não convem.

Se não admittimos vexames do capital; tambem não podemos tolerar desatinos dos que se inculcam como unicos representantes do trabalho; e aos poderes publicos corre o dever de castigar severamente os que sairem da ordem.»

Ainda a grève dos caminhos de ferro.—Lê-se no mesmo jornal de hontem o seguinte:

«Na madrugada passada quasi todos os machinistas do caminho de ferro abandonaram o seu posto, e os que conduziam os comboios deixaram-n'os no Entroncamento.A companhia porem, teve meio de os fazer seguir para o seu destino.

Esta manhã parte dos operarios das officinas dos ferreiros tambem fugiu ao trabalho, e a outra parte com receio de ser maltratada, avisou que não compareceria se a auctoridade não os livrasse de algum insulto.

Foram tomadas as providencias, para evitar qualquer desordem.

A companhia, em quanto não recompõe o seu pessoal, só expede os comboios do correio.

Os que abandonaram o seu posto vão ser autoados e entregues aos tribunaes, nos termos das leis reguladoras do serviço dos caminhos de ferro.»

Annuncio curioso. — Um jornal americano terminava uma noticia biographica, dizendo—"a sociedade perdeu um cidadão benemerito, a egreja um sectario fiel, a esposa um marido exemplar, e *nós um assignante pontual nos seus pagamentos*.

O naufragio do North Fleet—Lê-se no *Diario Popular* o seguinte:

«O *Evening Standard* de 23 de Janeiro publica a seguinte noticia, a respeito do espantoso sinistro maritimo em que já fallamos, e no qual pereceram 321 pessoas.

«Um navio que levava emigrados a bordo foi abalroado e mettido a pique por um grande vapor, a noite passada, na Mancha, entre Folkestone e Dungeners. Pertencia a um armador de Londres, tinha saido d'este porto com destino a Hobart-Town, e levava a bordo, alem d'um carregamento completo, cerca de 400 emigrados. Estava ancorado, á vista de Dungeners, quando foi abalroado por um vapor desconhecido, que continuou a sua derrota sem acudir á gente do *North Fleet*. Salvaram-se n'um escaler trinta operarios que iam entre os passageiros d'este ultimo navio; estão actualmente em Douvres, na hospedaria dos Marinheiros. O rebocador *Cidade de Londres* conseguiu salvar umas trinta e quatro pessoas, mercê ao magnifico comportamento do patrão, que se chama Kingston. Salvaram-se tambem vinte e um passageiros, no barco d'um piloto que lhes acudiu. Infelizmente, o resto dos passageiros receia-se que tenha perecido».

Outra narrativa, publicada tambem pelo *Evening Standard*, diz que os marinheiros que iam de vigia no convez do *North Fleet* deram voz de alarma, mal avistaram o vapor; este ultimo quiz desviar-se do navio inglez, mas já não poude. O *North Fleet* ficou arrombado na parte superior até baixo da linha, de fluctuação. Entre os individuos que se salvaram, acha-se um que foi ferido na perna esquerda por um tiro disparado de bordo do vapor estrangeiro. Salvaram-se duas mulheres e tres creanças, incluindo a mulher do capitão. O *North Fleet*, escreve de Douvres o correspondente do *Evening Standard*, era um magnifico navio de 940 toneladas. Tinha saido das dockas terça feira passada; levava um carregamento de carris de caminho de ferro para a Australia; de modo que foi ao fundo minutos logo depois do choque.

O terror panico que se desenvolveu a bordo foi terrivel, segundo contam; ouviam-se a uma milha de distancia os gritos das mulheres e das creanças. Quanto ao vapor estrangeiro, não fez caso nenhum d'isto. Crê-se que é hespanhol porque duas horas antes do abalroamento tomara piloto em terra um navio daquella nacionalidade. A mulher do capitão, que é muito nova, fundou com o sr. Yate um hospicio destinado a recolher os naufragos, e no qual estão os que conseguiram salvar-se desta espantosa catastrophe. Calcula-se em 321 o numero das victimas.»

---

cidade do Porto, já perfeitamente restabelecida á sua antiga saude, e vendo o estado em que o seu bispado se acha pela invasão dos francezes; o clero e o povo disperso; o ministerio sem exercicio, as egrejas profanadas, e saqueadas, tanto da parte d'aquem, como d'alem do Mondego; á vista deste tristissimo espectaculo, não pode deixar de representar a vossa alteza real, a precisão de ser presente a tantas, e tão urgentes necessidades da sua egreja, para dar as providencias, que forem possiveis em taes circumstancias, o que não pode fazer, residindo na cidade do Porto. Espera por tanto, e muito roga a vossa alteza real, que assim o haja por bem.

DOCUMENTO N.º 1

Lisboa 23 de Fevereiro de 1808.—Senhor. Tendo-me a regencia mostrado o desejo de enviar uma deputação a sua magestade o imperador e rei, meu senhor, foi-me depois este voto manifestado por todas as classes do reino. Em resultado da minha exposição, sua magestade consentiu e approvou a lista que lhe havia dirigido, e de que v. ex.ª faz parte.

Pelo que v. ex.ª se dignará tomar as suas medidas de modo a chegar a Bayona de 1 a 10 de Abril proximo; e n'esta cidade receberá do ministro das relações exteriores, instrucções que regularão a sua marcha ulterior.

Receba v. ex.ª a segurança da minha perfeita consideração.—Senhor bispo de Coimbra.—*Junot*.

DOCUMENTO N.º 2

O general em chefe do exercito de Portugal, a todos os officiaes civis e militares, encarregados de manter a ordem e de fazer respeitar o nome francez no estrangeiro.

Deixae livremente passar s. ex.ª o senhor bispo de Coimbra, que se dirige a França, em consequencia das ordens de sua magestade o imperador dos francezes, rei de Italia; sem dar, nem consentir que lhe seja dado nenhum incommodo, assim como ás pessoas do seu sequito; e prestae-lhe ajuda e soccorro em caso de necessidade.

O presente passaporte é valido até Bayona.—Dado no quartel general em Lisboa, a 23 de Fevereiro de 1808.—*Junot*.

—Visto por mim commandante em Estremoz, a 20 de Março de 1808.

—O exm.º sr. bispo de Coimbra, mencionado no antecedente passaporte, apresentou-o n'esta commandancia geral a meu cargo, e continua para Bayona com a familia e criados do seu acompanhamento.—Torre del Fresno.

—Visto para poder ir a Bordeus.—Bayona a 26 de Abril de 1808.—O ministro das relações exteriores, *Champagny*.

DOCUMENTO N.º 3

Illm.º e exm.º sr. O imperador está a chegar, e a deputação a representar. Devo portanto declarar a v. ex.ª, como incumbido de a dirigir, o meu parecer, sobre o objecto della, e o modo de o cumprir. Parece-me que a deputação tem dois objectos: um que respeita á restituição do principe regente nosso senhor, com a familia real a Lisboa; e a conservação da monarchia, da sua constituição, das suas tres ordens, das suas leis, etc., que respeita á restituição das casas, e bens das pessoas que passaram ao Brasil, no serviço do principe regente nosso senhor, principalmente dos fidalgos.

Ambos estes objectos merecem a attenção e os cuidados da deputação; mas o primeiro é o principal, é de superior ordem, e como tal deve ser tratado em primeiro logar, sem misturar-se com o segundo; como a materia delle involve artigos de summa importancia, parece-me conveniente, que não se confiem somente á viva voz, mas que se reduzam a escripto; para que lendo-se se veja logo tudo quanto se pretende, e assim se facilite mais, e mais depressa se termine esta grande causa, para se poder passar á proposição do objecto secundario, segundo a occorrencia das circumstancias.

N'esta idéia passo ás mãos de v. ex.ª a nota junta, na qual se reduz toda a materia do primeiro, e principal objecto aos artigos que v. ex.ª nella verá.

Trata-se:—1.º De conservar-se a inteireza do reino; de reintegrar-se a boa harmonia entre o imperador e o principe regente nosso senhor, de restituir-se o mesmo senhor a Lisboa, com toda a familia real, e de se fixarem por um tratado todas as conexões de França com Portugal:—2.º Da ida da parte dos deputados, ou de todos, ao Brasil, para tratarem com vossa alteza real d'estes negocios, e o acompanharem a Lisboa com toda a familia real:—3.º Providenciar-se o caso em que o mesmo senhor não venha, propondo-se-lhe da parte do imperador, que mande o principe da Beira,seu filho, para o reino, querendo que a sua descendencia continue a occupar o throno de Portugal:—4.º Por constar que sua alteza real, antes da sua partida para o Brasil, tinha pedido ao imperador uma sobrinha sua, para com ella casar-se o principe da Beira, renova-se esta supplica,em nome do mesmo senhor, e da nação, por se intender que esta circumstancia é a que pode facilitar mais o bom exito d'este negocio:—5.º Propõe-se a forma do governo, que deve ter o reino, restituindo a elle o principe da Beira, e desposado:—6.º Diz-se que não vindo sua alteza real, nem querendo mandar seu filho, se poderia julgar, que tem renunciado a corôa por si, e seus successores; e neste caso convindo atalhar-se, que nem Portugal se una á França, e nem venha a Castella, offerece-se o mesmo reino ao imperador, *ad instar* do reino de Italia; procedendo-se em tudo assim, e da maneira que se praticou com o principe Filippe.

Já v. ex.ª vê, que se trata de *summa rei lusitanæ*, e que nada pode ser mais honroso para a deputação do que o bom exito de tão grande causa.

Da sorte deste negocio depende a felicidade dos outros, não podendo o imperador deixar de os attender, havendo assentido ao primeiro.

É o que me parece dizer a v. ex.ª, sobre tão importante materia, estimando que tudo seja da approvação de v. ex.ª, e dos mais senhores. Sou com o maior respeito.—Illm.º e exm.º sr. D. Lourenço de Lima.—De v. ex.ª mt.º venerador e obgd.º captivo, *Francisco Bispo Conde, Reformador Reitor.*

(Continuar-se-ha.)

Já não é do numero dos vivos o sr. bacharel Jeronymo José Baptista Lopes Parente.

Depois de peregrinar neste mundo 94 annos, entregou hontem a alma ao Creador este respeitavel ancião e perfeito homem de bem.

A hora em que recebemos esta infausta noticia, não nos permitte dizer já hoje o que desejavamos em seu merecido louvor.

Á ULTIMA HORA

Noticia telegraphica

Estação das Devezas, 1 de Fevereiro, ás 9 horas e 45 minutos da manhã.

A' redacção do *Conimbricense*.—Findou a grève dos machinistas do caminho de ferro. O serviço acha-se restabelecido em toda a linha.—O inspector da exploração, *Rebello Carneiro*.

CHARADAS

37.ª

Faz vibrar o sentimento no instrumento—2 e 1.

38.ª

Não passes indifferente ante os extremos de dolente sentimento—3 e 1.

39.ª

Pedra que fluctua é um pequeno elemento—1 e 2.

40.ª

Sê cortez c'os extremos de donaire d'esta flor—3 e 1.

41.ª

Mudando o *e* em *o* é triste e só—2
Terceira e quarta agradam—2
O todo tambem agrada
Se co'as ultimas é fadado.

S. S.

42.ª

Para os enfermos corre o homem—3 e 2.

43.ª

Esta mulher prende este homem.

M. S.

44.ª

Da musica o sentimento é linda musica—2 e 2.

D. M.

Offerecida á sociedade Charadicida Telegraphica

45.ª

Povoação portugueza—2
Adjectivo francez—1
Appellido.

M. C.

Offerecidas ao illm.º e revdm.º sr. J. M. da C. e Silva

46.ª

Fluide, pronom, et plante—1 e 2.

47.ª

Na perna ou no braço vae correndo uma ave—2 e 2.

48.ª

Vem da India e geme nas procissões—1 e 2.

A. C. V.

Offerecida á Sociedade dos Godos

49.ª

En musique cette note est une observation—1 e 2.

50.ª

Cette interjection est permise dans l'histoire naturelle—1 e 3.

A. C. V.

Offerecidas ao Illm.º sr. J. C. Dias d'Almeida

51.ª

Dans la gamme cette plante est un animal—1 e 1

52.ª

Esta letra é pouco commum no reino animal—1 e 2

53.ª

No Dianteiro este insecto é uma planta—1 e 3

A. C. V.

Explicação das charadas do numero antecedente:—23.ª—SAPATO—24.ª—PRESIDENTE—25.ª—PINCHÉMENT—26.ª—IODO—27.ª—PEPINO—28.ª—EPILOGO—29.ª—PARARAIO—30.ª—FADO—31.ª—EIRADO—32.ª—CAMALEÃO—33.ª—LAREIRA—34.ª—CARAMBOLA—35.ª—LAMPEÃO—36.ª—PARARAIO.

Todas foram decifradas pela sociedade *Charadicida Telegraphica*, menos a 25.ª.

ANNUNCIOS

RESPOSTA INNOCENTE

1 TENDO apparecido em o ultimo numero do *Conimbricense* um annuncio, com o titulo de PERGUNTA INNOCENTE, desejando o seu auctor saber, se os BACHAREIS (correspondentes de jornaes), FILHOS de PEDREIROS e VENDEIROS, estarão habilitados para impunemente tentarem deprimir qualquer cidadão, pela sua humilde origem; tenho a dar a essa pergunta a seguinte RESPOSTA, tambem INNOCENTE.

Estão para isso habilitados, se primeiro tiverem RENEGADO publicamente, e para todos os effeitos legaes, o nome PLEBEU de seus proprios PAES; porque por essa fórma, havendo passado o rio Lethes, ou do esquecimento, e lançado todas as suas impurezas democraticas ao—*mar*—ficam desde logo pertencendo a um ramo, ou—*galho*— tão aristocratico, que quando não seja egual ao dos filhos do SOL e netos da LUA, pelo menos não é inferior ao dos GRANDES DE HESPANHA DE PRIMEIRA CLASSE; e esses já se vê, que têem direito a tratar com o mais soberano desprezo os pequenos bixos da terra, que não são de sangue azul.

Se o auctor da pergunta quizer mais explicações, peça, que será promptamente servido.

Coimbra 31 de Janeiro de 1873.

Um plebeu, filho de plebeu, e neto de plebeu, que ainda usa, e muito se ufana de usar, o nome de seus honradissimos paes.

2 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia de S. Thiago d'Almalaguez, concelho de Coimbra, faz publico, que no dia 9 de Fevereiro, pelas 11 horas da manhã, no patim da egreja parochial, se hade arrematar em praça, convindo, a obra de carpinteiro e pedreiro, que tem a fazer-se na egreja matriz e capellas da Senhora d'Alegria e S. Sebastião. No acto da arrematação serão presentes todos os esclarecimentos e condições precisas.

E para que chegue ao conhecimento de todos a quem possam interessar estas obras, se faz o presente annuncio.

3 ANTONIO BENTO DA VEIGA e filhos, participam aos seus freguezes, que acaba de chegar-lhes um sortimento de bixas hespanholas. Rua das Solas, n.º 11 e 13.

Leccionista de Pharmacia

4 JOAQUIM ANTONIO J. PEREIRA, pharmaceutico de 1.ª classe pela Universidade, lecciona aspirantes de pharmacia. Travessa da rua dos Militares.

Na mesma casa tambem se lecciona rhetorica, historia, francez, geometria e introducção.

5 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Monte Mór o Velho, faz saber, que se acha a concurso por espaço de 30 dias, a contar da data deste aviso, o partido de medicina e cirurgia, com residencia na villa de Verride, deste concelho, com o ordenado annual de 250$000 reis, sendo deste pagos pela camara reis 150$000, e o restante por algumas familias da localidade.

Monte Mór o Velho, 27 de Janeiro de 1873.

O escrivão da camara,
Sebastião Pinto Garcez.

Rua do Visconde da Luz, n.º 1.

6 VENDEM-SE estalos, papelinhos, cartas de versos e outras miudezas, proprias do carnaval.

Jazigos de 20$000 para cima

7 JA' os ha feitos na officina de canteiro de Pedro Antunes dos Santos, rua do Crucifixo, n.º 69. Lisboa.

AGRADECIMENTO

8 ISAAC TORRES VEIGA, não podendo agradecer pessoalmente a todos os seus amigos, que se dignaram acompanhar á sua ultima morada, os restos mortaes de seu prezado pae Manoel Torres Veiga, agradece-lhes por este meio, protestando a todos eterno reconhecimento.

9 VENDEM-SE dois tornos de roda. Na rua da Calçada, n.º 85, se mostram e se trata do seu ajuste.

10 A DIRECÇÃO do asylo da infancia desvalida de Coimbra, em testemunho de profunda saude, e reconhecimento, resolveu suffragar a alma de S. M. a senhora Imperatriz, viuva, do Brasil, mandando dizer 7 missas, a que hajam de assistir os meninos asylados; a primeira na sé cathedral no dia 29, a segunda no dia 30, na egreja de Santa Cruz, e as outras na capella do estabelecimento.

11 ANASTACIO, com estabelecimento de cabelleireiro em Coimbra, rua do Rego d'Agua, n.º 4, encarrega-se de toda a qualidade de obra de cabellos; como *cuias* de *boucles*, de rolos, de tranças e de mais variedades de chinós, cabelleiras, marrafas, penteados novos, *boucles*, ganchos com *boucles* para a testa, frizados, etc. No mesmo estabelecimento se encontra um variado sortimento de cabelleiras para alugar, proprias para carnaval, crepes grizalho, preto, loiro e branco, bigodes, peras e suissas plantadas, para theatro e carnavsl.

Tem uma agua com que lava os cabellos da cabeça, tirando-lhes toda a parte gordurosa, e com a propriedade de limpar a cabeça sem que d'ahi resulte damno.

Promptifica-se a ir ás casas particulares onde fôr chamado.

12 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE
DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchaqueca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alerações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alcuto, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de oda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid.—Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kilo 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kilo 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2664 — TERÇA FEIRA 4 DE FEVEREIRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O facto que mais tem preoccupado a attenção publica, durante estes ultimos dias, foi a grève dos operarios do caminho de ferro, que pretenderam impôr á companhia exigencias e condições injustificaveis.

Não obstante ter já sido restabelelecida a ordem e a disciplina, sem que a direcção cedesse ás intimações desordenadas dos amotinados, é certo que o publico teve de soffrer as consequencias de um passo menos bem pensado, e que podia trazer a miseria e a desgraça a centenares de familias.

Reprovando completamente os excessos, a desordem e o arbitrio; não podemos deixar de lamentar este desgraçado successo, que tão serios resultados podia ter para os que assim se deixam arrastar por ideias e inspirações mal concebidas e desordenadas.

A liberdade individual permitte a todo o cidadão, reunir-se, e associar-se para discutir os seus interesses; mas é preciso que nas suas resoluções não haja offensas de direitos pessoaes, ou collectivos.

As leis facultam amplamente o direito de petição; porque, pois, não haviam os operarios da linha ferrea, expor as suas queixas, se realmente as tinham dignas de attenção?

O trabalho é um capital, que não póde deixar de produzir um certo rendimento; e este rendimento remunerador do trabalho, deve ser justo e proporcional. Se uns tem direito de avaliar o seu trabalho; outros tem o mesmo direito de aceitar ou rejeitar os serviços, producto desse trabalho.

Deve, portanto, ser puramente convencional a questão dos salarios; e como tal ninguem póde impor a sua vontade. E' simplesmente pela convenção amigavel de interesses, que deve tratar-se essa questão.

Reprovamos tanto a grève dos patrões contra os operarios, como a destes contra aquelles. A collusão dos operarios, ou dos patrões, não é, nem póde ser principio regulador; principalmente quando uns pretenderem impor aos outros a sua vontade, que nem sempre é rasoavel e justificada.

O capricho, e o arbitrio, não podem impor-se a ninguem. Quem pretender prevalecer-se da força, ou das circumstancias, para conseguir, por tal forma os seus intentos, ha de succumbir necessariamente aos dictames da justiça e do direito, que são os unicos motores de todas as acções humanas e de todos os movimentos e evoluções sociaes.

Outros principios regem os interesses economicos da sociedade e do individuo. A justiça nos contratos, a liberdade nas transacções commerciaes e industriaes, a livre concorrencia, as habilitações e a moralidade, são os verdadeiros reguladores de todas as conveniencias; isto assenta em bases mais solidas, assás demonstradas e geralmente reconhecidas.

Pretender com meras fantesias destruir os principios que regem as sociedades, é illusão fatal, incompativel com as conveniencias individuaes e da ordem publica.

JERONYMO JOSÉ BAPTISTA LOPES PARENTE

Vimos hoje prestar o devido tributo á memoria de um illustre cidadão, o nosso chorado amigo o sr. bacharel Jeronymo José Baptista Lopes Parente. Agora que já não existe este venerando ancião, é occasião de fazer justiça ás suas excellentes qualidades, porque não poderá ser attribuido a lisonja o que dissermos em seu louvor.

Nasceu o sr. Lopes Parente no dia 27 de Março de 1779, no logar do Barril, concelho de Mortagoa. Completaria, portanto, 94 annos, se chegasse ao dia 27 de Março proximo.

Na sua mocidade veiu para Coimbra frequentar os estudos, e tendo feito exame de latim e philosophia racional e moral, matriculou-se em 6 de Fevereiro de 1796 no primeiro anno da Faculdade de Leis, com a clausula de dar conta dos exames de rhetorica e geometria até á matricula do 3.º anno exclusivamente; e isto por aviso regio de 28 de Dezembro antecedente.

Depois do 3.º anno passou para a Faculdade de Canones, na qual se formou em 30 de Junho de 1801.

Passadas que foram as vicissitudes da revolução franceza, exerceu em Coimbra o cargo de juiz dos tombos; e resolvendo-se a seguir a carreira da magistratura, foi nomeado em 1823 para o logar de juiz de fóra de Villa Franca do Campo, na ilha de S. Miguel, o qual serviu muito a contento daquelles povos.

Regressando em 1828 ao continente, foi nomeado auditor da provincia da Beira Baixa.

Em 1832 foi despachado juiz de fóra para a villa da Figueira da Foz. O modo como o sr. Lopes Parente alli se desempenhou dos deveres do seu novo cargo, podem ainda hoje attestal-o os habitantes daquella villa.

Havendo sido despachado pelo governo de D. Miguel, e sendo os seus sentimentos politicos os do governo absoluto; procedeu com tal independencia e administrou justiça com tál imparcialidade, que fazia um completo contraste com quasi todas as outras auctoridades daquella epocha.

Quando tomou posse do logar de juiz de fóra, achava-se a villa da Figueira dominada por um bando de caceteiros e miguelistas intolerantes, que eram incitados pelos frades fanaticos. Os liberaes da villa, uns tinham sido presos, outros haviam fugido, e os que restavam, achavam-se escondidos, porque logo que se aventurassem a sair a publico, tinham a certeza de serem victimas dos sanguinarios satelites de D. Miguel.

O governador militar da villa tambem prendia arbitrariamente quem lhe parecia; de modo que naquella povoação reinava o mais desenfreado arbitrio.

No meio, porem, desta anarchia, eleva-se a vontade firme do sr. Lopes Parente, o qual resiste e cohibe os caceteiros, com quem teve lutas energicas, e faz restabelecer a tranquillidade e confiança na Figueira.

Os intolerantes, que se viam coagidos nos

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXXXI

D. FRANCISCO DE LEMOS E A DEPUTAÇÃO PORTUGUEZA

(CONTINUAÇÃO)

DOCUMENTO N.º 4

A deputação portugueza, que vossa magestade imperial e real, por um dos principaes effeitos da sua soberana protecção, consentiu, e approvou que tivesse a honra de ir á sua presença, com o mais profundo respeito, representa e roga a vossa magestade imperial e real:

1.º Que vossa magestade imperial e real, por sua heroica generosidade, seja servido conservar o reino de Portugal na sua inteiresa, restabelecendo o principe regente na sua boa graça e amisade, e havendo por bem, que elle se restitua ao mesmo reino, com toda a familia real, a continuar nelle a successão do throno e governo.

2.º Que sendo do agrado de vossa magestade imperial e real, a mesma deputação, ou em parte, passe ao Brasil, a acompanhar ao mesmo principe regente a Lisboa, com a familia real, levando para isso letras de convite de vossa magestade imperial e real, com as condições de um tratado, que definitivamente fixe todas as conexões de França com Portugal para o futuro.

3.º Que podendo occorrer embaraços, que impeçam ou difficultem a prompta restituição do principe regente a Portugal, pede a deputação a vossa magestade imperial e real, que para mais admirar-se a generosidade de vossa magestade imperial e real, seja servido auctorisal-a, para que em seu augusto nome, se proponha ao principe regente, que querendo elle, que a sua descendencia occupe o throno de Portugal, mande logo o principe da Beira, seu filho, para Lisboa acabar a sua educação; e a tomar estado.

4.º Que desejando muito o principe regente, seu pae, e toda a nação, ver ao dito principe da Beira desposado com uma princeza da augusta familia de vossa magestade imperial e real, em nome do mesmo principe regente, e de toda a nação, roga a deputação a vossa magestade imperial e real, queira annuir a estes votos, elegendo a princeza, que bem lhe parecer da sua augusta familia, para esta alliança, e consentindo que a mesma princeza venha logo para Portugal acabar a sua educação, se no tempo della estiver juntamente com o principe seu esposo.

5.º Que restituido o principe da Beira a Lisboa, e desposado na forma dita, seja logo acclamado rei, sendo isto do consentimento e agrado do principe regente seu pae, e como tal auctorisará todas as funcções da côrte, e do ceremonial, expedindo-se em seu nome todos os negocios do governo, e sendo este administrado por um conselho de regencia nacional, debaixo da protecção de vossa magestade imperial e real; o qual conselho acabará por si mesmo, no momento em que o dito rei chegar á edade, que exige a constituição do reino.

6.º Que não se prestando o principe regente a voltar a este reino, com toda a familia real, e nem a mandar seu filho, o principe da Beira, mostrando assim ter renunciado a corôa por si, e seus sucessores; n'este caso, a nação portugueza roga a vossa magestade imperial e real, queira governal-a como seu rei; dignando-se de conservar-lhe a constituição propria do reino, as differentes ordens delle, as suas leis, decretos, foros, e liberdades, assim, e da maneira que acceitou Filippe II de Castella, quando tomou posse do mesmo reino.

DOCUMENTO N.º 5

A deputação portugueza, enviada junto a sua magestade o imperador dos francezes, rei de Italia, e protector da confederação do Rheno, aos seus compatriotas.

A confiança, que tendes no grande principe, junto ao qual nós temos a honra de ser os interpetres dos vossos sentimentos, e dos vossos votos, foi inspirada menos pelo conhecimento dos interesses da patria, que pelo desejo de confiar a decisão da nossa sorte ao poderoso genio, que, tendo restaurado a sua, deu uma nova constituição á Europa.

O tempo, que nos demoramos nas fronteiras do imperio francez, e que precedeu á chegada de sua magestade imperial e real, nos mostrou em toda a sua extensão o imperio, que tem nos corações dos seus vassallos o grande monarcha. As continuas acclamações dos seus subditos nos annunciaram o momento, em que se devia completar a sua felicidade, e começar a nossa.

Sua magestade imperial e real concedeu o primeiro dia de sua chegada a Bayona aos seus vassallos (este é o tributo ordinario do seu desvelo para com elles), e dignou-se de nos conceder o segundo. Sua magestade imperial e real conhecia, ainda mesmo antes de nos lho expormos, a vossa posição, as vossas

seus excessos, não podiam levar a bem o procedimento justiceiro do juiz de fóra, e por isso tratavam de o intrigar para com o governo de D. Miguel, e empregavam todos os meios de o fazer sair do seu emprego. Pela sua parte, porem, o sr. Lopes Parente expunha com franqueza a verdade dos factos, em officios que successivamente dirigia ao ministro das justiças, Luiz de Paula Furtado de Castro e Rio Mendoça, e ao intendente geral da policia, Filippe de Sousa Belfort.

Assim foi passando até decorrer parte do anno de 1833. Desgostoso, porem, da marcha que via seguir na administração publica, pediu e instou pela sua demissão, que finalmente obteve quando em Agosto daquelle anno veiu a Coimbra apresentar-se a D. Miguel, que regressava de Braga, a fim de ir cercar Lisboa, onde havia entrado o exercito liberal.

Tendo assim abandonado a magistratura, recolheu-se á sua casa de Souzellas, para tratar da administração dos seus bens.

Durante o governo liberal tomou sempre parte nas lutas partidarias, alliando-se ao partido progressista.

Organisada a coalisão eleitoral entre os partidos progressista e miguelista, foi nas eleições de 1842 votado o sr. Lopes Parente, em Souzellas, para eleitor de provincia, como membro da coalisão opposicionista; sendo um dos que poderam vencer a pressão eleitoral do então governador civil de Coimbra, o sr. visconde, hoje conde da Graciosa.

Dirigiu-se em seguida para o Porto, e ahi, com os seus companheiros da opposição, teve a coragem de no collegio eleitoral, reunido no dia 21 de Junho, votar com louvavel independencia, não obstante o terror que então dominava na cidade, que se achava cheia de caceteiros cabralistas, protegidos pelo famoso José Bernardo da Silva Cabral, os quaes ameaçavam com a morte os eleitores da opposição.

Em quanto assim procedia o sr. Lopes Parente, com os mais eleitores da coalisão, viase forçado o sr. visconde da Graciosa, que tinha saido eleito como membro do partido cabralista, a votar em uma lista de chapa imposta por José Cabral, sem lhe ser permittido, como pretendia, fazer nella a menor alteração. Assim, soffreu no Porto a pena de talião; pelo que, despeitado, se retirou da politica, recolhendo-se á sua casa da Graciosa.

Em 1846 o sr. Lopes Parente associou-se de coração á causa da revolução popular; sendo, por isso, em 10 de Junho nomeado administrador do concelho de Coimbra.

Havia, porem, nessa epocha graves desconfianças de que o partido miguelista, que em Abril e Maio tomara parte na revolução nacional, queria conspirar para restabelecer em Portugal o governo de D. Miguel. Todos os dias havia denuncias mais ou menos fundadas; de que resultava o proceder-se á captura de alguns accusados de projectos de revolta.

O sr. Lopes Parente, que não podia approvar esses actos arbitrarios, e reconhecia a posição falsa em que se achava, por pertencer ao partido de D. Miguel; teve a abnegação de ir pedir pessoalmente a sua demissão ao então governador civil de Coimbra, o sr. marquez de Loulé.

Apesar das instancias que lhe fez o governador civil, o qual conhecia o caracter leal do sr. Lopes Parente; instou este pela sua demissão, que em fim lhe foi aceite.

Para se ver a inteireza de caracter e o amor da legalidade do sr. Lopes Parente, vamos aqui transcrever uma carta que a respeito da sua demissão dirigiu ao *Grito Nacional* desta cidade, a qual é um documento que honrará sempre a memoria deste illustre cidadão:

«Sr. Redactor.— Chamado em 10 de Junho proximo passado para exercer o cargo de administrador deste concelho, e vendo-me forçado por circumstancias extraordinarias a resignar este logar, rogo a v. o obsequio de dar logar a estas linhas nas columnas do seu jornal, para que o publico conheça os motivos de minha saida.

Costumado desde largo tempo como auctoridade publica a ser restricto observador da lei, não podia consentir em prisões arbitrarias, sem culpa formada, nem testemunhas com que proval-as; eram porem repetidas as instancias para deste modo perseguirem os realistas; alguns foram presos sem minha ordem, outros presos e soltos, e tudo se fazia em meu nome.

A'quelle meu costume e pratica, se me respondia ironicamente com as minhas opiniões passadas, esquecendo-se de que sendo juiz de fóra da Figueira em 1833, soltei immensos liberaes que foram presos pelo governador militar e pelos meus subalternos, sem culpa nem meios de formar-lha. Não consentindo então os Custodios ou Assas, preferi antes sahir e largar aquelle logar de juiz de fóra.

Isto fez-me crer, que os exaltados desta cidade são esquecidos dos serviços que prestei desde 1842 á opposição, e dos agora recentes ao movimento, e que instigados pelos cabralistas querem se supponha que como empregado publico sou capaz de trahir o meu juramento. Neste estado faltava-me a confiança activa e passiva, que para bem obrar me era precisa no desempenho de tal emprego.— Preferi pois retirar-me antes tranquillo com minha consciencia illibada, do que ser instrumento de arbitrarias perseguições.

Firme nestes principios combati o desgoverno de Costa Cabral, e combaterei todos os outros desgovernos, seja qual fôr sua bandeira politica com que pretendam disfarçar-se.

Pela inserção lhe ficará obrigado o seu venerador—Coimbra 9 de Setembro de 1846. —*Jeronymo José Baptista Lopes Parente.*»

O sr. marquez de Loulé ficou tão afeiçoado ao sr. Lopes Parente, que quando em Janeiro de 1847, depois do desastre de Torres Vedras, saiu desta cidade para o Porto, para onde se dirigiam todas as forças populares, não quiz passar sem o visitar pessoalmente em Souzellas.

Achando-se o sr. duque de Saldanha com o exercito cabralista em Oliveira de Azemeis, tratou o partido nacional de organisar occultamente uma columna, que de Coimbra e terras proximas, marchasse para a Beira, a fim de coadjuvar o movimento popular dirigido pela junta do Porto.

Nesta expedição, que teve logar em Maio de 1847, tomou parte o sr. Lopes Parente, na qualidade de secretario geral, servindo junto ao sr. Dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco, a quem a junta do Porto havia nomeado governador civil de Coimbra.

Chegando todas as forças populares á Guarda, ahi receberam a desanimadora noticia da intervenção das forças combinadas da Hespanha, França e Inglaterra, a favor do partido cabralista, que vendo-se impotente para subjugar o partido nacional, tinha pedido o auxilio dos estrangeiros.

Nestas circumstancias trataram as forças populares de ver se podiam chegar sem luta ao Porto. Para isso saiu da Guarda um dos filhos do sr. Lopes Parente, o sr. Luiz Manoel de Figueiredo Parente, official do 2.º batalhão movel de Coimbra, com um officio para o brigadeiro cabralista Sola, que se achava em Celorico, a propor-lhe uma transacção no sentido de evitar a contenda.

Em quanto o seu filho se dirigia a Celorico, partia o sr. Jeronymo José Baptista Lopes Parente, da Guarda para a Regua, com officios para o general Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Povoas, que alli estava com uma brigada do exercito nacional, para lhe participar a situação das forças populares, e com elle combinar na sua marcha.

Com effeito, as forças populares saindo da Guarda, foram atravessar o Douro, e dirigiram-se para o Porto, onde esperaram o desfecho dos acontecimentos.

Depois do convenio do Gramido, que teve logar no fim de Junho, saiu o sr. Lopes Parente do Porto, e voltou para a sua casa de Souzellas.

N'esse mesmo anno de 1847 continuou o sr. Lopes Parente a tomar parte activa na luta contra o nefasto partido cabralista. Nas eleições para deputados, que tiveram logar em 28 de Novembro desse anno, apresentou-se na assembleia de Souzellas, com os seus amigos eleitores da opposição; e ahi lavrou um energico protesto contra o presidente da mesa eleitoral, que por ver a eleição perdida para o partido cabralista, tinha por um futil pretexto deixado de proceder á eleição.

No anno de 1853, em que estava no poder o partido regenerador, foi o sr. Lopes Parente nomeado administrador do concelho de Monte Mór o Velho; cargo que serviu até 1854. Foi este o ultimo emprego publico que exerceu.

Recolhendo-se em seguida a Souzellas, ahi viveu no seio da sua familia; soffrendo, porem, o profundo desgosto de ver fallecer tres filhos e uma filha, e ultimamente a sua esposa, depois de ter estado entrevada 15 annos.

O sr. Lopes Parente era um cavalheiro afavel, e obsequiador até ao ultimo extremo. A sua casa estava sempre aberta para receber a todos os que a procuravam. Parecia que o seu maior prazer era ver ahi os seus amigos.

Do interesse que tomava no andamento dos negocios publicos, podem dar largo testemunho as paginas deste jornal. Os nossos leitores de certo têem bem presente as cartas, cheias de bom senso, que elle frequentemente nos dirigia.

O sr. Lopes Parente era religioso sem fanatismo; e sendo em theoria partidario do governo absoluto, era na pratica muito mais liberal, do que muitos que se dizem taes, mas que o são só em nome.

Não ha só a notar a edade avançada a que chegou; mas sobretudo a razão clara com que discorria sobre todos os assumptos, até poucos dias antes da sua morte.

Vamos terminar, deixando aqui registadas estas singelas palavras, á saudosa memoria do nosso respeitavel e sincero amigo.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

---

necessidades, e tudo quanto vos interessa: se alguma cousa pode egualar o seu genio, é a elevação da sua alma, e generosidade dos seus principios.

Ao mesmo passo que sua magestade imperial e real se dignava fallar-nos sobre as nossas circumstancias politicas, com afabilidade verdadeiramente paternal, fazia as reflexões as mais interessantes para a nossa felicidade, e manifestava os principios mais elevados a respeito do uso dos direitos, que as circumstancias lhe deram. Não foi como conquistador que sua magestade imperial e real entrou no vosso territorio, nem como tal quer que o seu exercito ahi permaneça. O imperador sabe que nunca tivemos guerra com sua magestade imperial e real. Pela grande distancia que separa a nossa patria do seu imperio, não pode sua magestade imperial e real vigiar sobre ella com a mesma attenção, com que vigia os outros seus estados; e que satisfazendo todas as suas necessidades, satisfaz tambem o amor, que sua magestade imperial e real tem áquelles, que logram a fortuna de ser seus vassallos: seguem-se muitos inconvenientes da delegação de uma grande auctoridade em paizes mui distantes. Sua magestade imperial e real não tem desejo algum de vingança, nenhum odio, nenhum rancor ao principe que nos governava, nem á sua real familia; sua magestade imperial occupa-se de objectos mais nobres, e não trata senão de vos ligar com as outras partes da Europa ao grande systema continental, do qual nos devemos fechar o ultimo annel; trata de nos livrar da influencia estrangeira, que nos dominou tantos annos: o imperador não pode consentir uma colonia ingleza no continente: o imperador não pode, nem quer deixar aportar em Portugal o principe que o deixou, confiando-se a guarda de navios inglezes.

Sua magestade imperial e real considerando a vossa situação, se dignou declarar-nos que a nossa sorte estava na nossa mão; que dependia do espirito publico, que nós mostrassemos, e com o qual nos unissemos ao systema geral do continente, e concorressemos para os acontecimentos já preparados; assim como da nossa vigilancia, e da firmeza com que repellissemos as insinuações, e as intrigas, que se podem recear, e que, sem proveito real para aquelles, que forem os auctores, ou os objectos, necessariamente causariam a nossa desgraça. Estes são os signaes, pelos quaes sua magestade imperial e real quer julgar se nós somos ainda dignos de formar uma nação capaz de sustentar no throno o principe que nos governar, e de occupar entre as nações o logar, que nos compete, ou ser confundidos com aquella, cuja posição se aproxima de nós, e da qual tão grandes motivos nos affastam.

Vereis com reconhecimento, e com admiração n'estas sabias disposições, os profundos conhecimentos de sua magestade imperial e real, que não quer decidir a sorte de uma nação, senão segundo os seus desejos manifestados pelas suas acções. Pertence aos magistrados, e ás pessoas mais auctorisadas, que existem entre nós, pertence a vós todos publicar com a maior clareza as beneficas intenções de sua magestade imperial e real.

Esperamos que não serão frustradas as protestações, que lhe fizemos em vosso nome; e quando um grito unanime, arrancado do fundo dos nossos corações, mostrou o desejo que tinhamos de ser uma nação, então mais que nunca nos julgamos dignos interpretes dos vossos sentimentos. Fazei ver a sua magestade imperial e real, que depois de tantas tempestades soube fazer da sua patria o primeiro paiz do mundo, que a nossa não merece ser a ultima.

Sua magestade o imperador conhece as privações, que a interrupção momentanea do commercio vos faz supportar: o vosso estado a este respeito é o mesmo que o do resto da Europa, e que o da America: é consequencia de uma luta, cujo resultado vos pode compensar os trabalhos do tempo actual: tambem não esqueceu a sua magestade imperial e real a coacção, em que vos poz a entrada de um exercito estrangeiro: sua magestade imperial e real deseja ardentemente prevenir que se renove esta desgraça.

Fez impressão no seu coração o peso da contribuição, que opprime Portugal: e a sua bondade lhe dictou a promessa de a reduzir a justos limites: áquelles que são compativeis com as nossas possibilidades.

Os nossos compatriotas, que estavam prisioneiros em França, graças á clemencia do imperador, gozam já da sua liberdade.

Sua magestade imperial e real nos auctorisa, para que vos participemos as suas intenções, ficando nos certos que ellas excitarão em vós a maior gratidão; e o mais sincero desejo de lhe corresponder. Continuaremos a preencher, junto a sua magestade imperial e real, e conforme as suas ordens, uma missão que não tem difficuldades; pois que a bondade do imperador se une á sua sabedoria para simplificar os nossos maiores interesses.

Bayona 27 de Abril de 1808.—*Marquez de Penalva—Marquez de Marialva—D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello—Marquez de Valença—Marquez de Abrantes—Marquez d'Abrantes, D. José—Conde de Sabugal—Francisco, Bispo de Coimbra, Conde d'Arganil—José, Bispo Inquisidor geral—Visconde de Barbacena—D. Lourenço de Lima—D. José, Prior Mór da Ordem Militar de S. Bento de Avis—Joaquim Alberto Jorge—Antonio Thomaz da Silva Leitão.*

DOCUMENTO N.º 6

Bayona 26 de Abril de 1808—Recebi o documento de que v. ex.ª me fez a honra de dar communicação, em nome da deputação portugueza.

A exposição que a deputação se propõe dirigir aos seus concidadãos, parece-me bem feita; e pode julgar por tudo o que sua magestade me fez a honra de dizer, que este documento dava conta fiel dos sentimentos e das disposições que sua magestade exprimiu á deputação.

Digne-se v. ex.ª dirigir-me uma traducção em portuguez, contendo todas as assignaturas.

O imperador permitte que a deputação a envie tambem a Lisboa, e que ahi se torne publica.

A deputação julgará sem duvida conveniente, ajuntar no fim da exposição que dirige aos seus concidadãos, um paragrapho, que lhes annuncie que sua magestade deu ordem de fazer pôr em liberdade todos os portuguezes, que estavam retidos prisioneiros em França.

Receba v. ex.ª a segurança da minha alta consideração—*Champagny*—Ao exm.º sr. conde de Lima, deputado de Portugal.

(*Continuar-se-ha.*)

COMMEMORAÇÕES HONROSAS

Vamos hoje publicar as palavras recitadas na *Tertulia*, de Madrid, pelo sr. D. Benigno Joaquim Martinez, em louvor do sr. Dr. Vieira de Meirelles, e a que nos referimos em o numero passado.

«No dia 15 do presente mez deixou de existir na immortal Lusa Athenas, em Coimbra, a pittoresca cidade banhada pelo Mondego, o estudioso doutor Antonio da Cunha Vieira de Meirelles, distincto professor da Faculdade de Medicina, applaudido auctor da *Epidemologia portugueza*, excellente trabalho historico-critico, que lhe conquistou muita fama entre os homens de sciencia, ainda que não a necessitava o illustrado secretario da academia intitulada o *Instituto*, de Coimbra, segunda sociedade scientifica e litteraria de Portugal, fundada entre os nossos vizinhos, ha 30 annos, com o louvavel fim de cultivar as sciencias, as artes e as bellas lettras.

Para conseguir este fim, organisou uma bibliotheca, um gabinete de leitura, e dá á luz a magnifica revista do seu proprio nome, celebrando importantes sessões, nas quaes se discutem diversos pontos scientificos, artisticos e litterarios.

Para formar uma ideia approximada da importancia e explendor desta academia, basta dizer, que mantem relações com as principaes sociedades scientificas e litterarias não só de Portugal, mas dos outros povos civilisados; contando em o numero dos seus socios as primeiras notabilidades da nação vizinha e da nossa, merecendo notar-se entre varios de nossos compatriotas, os escriptores D. Antonio Romero Ortiz, D. Angel Fernandez de los Rios, D. Eugenio Montero Rios, D. Manoel Maria José de Galdo e D. Benigno Joaquim Martinez.

Lamentavel é a prematura morte do doutor Meirelles, que, por mais de um motivo, podia ser considerado como um dos primeiros escriptores portuguezes.

O sr. Meirelles, distinctissimo escriptor lusitano, de summa intelligencia e de uma invejavel assiduidade no trabalho, era licenciado em Philosophia e doutor em Medicina, sendo filho de um medico-cirurgico notavel. Nasceu em Penafiel a 22 de Maio de 1836, e a sua paixão predilecta era um incançavel amor pelo estudo e pelo trabalho.

Prostrado no leito da dor e devorado pela febre, pela insomnia e as dores mais atrozes, ainda trabalhava para o *Instituto*, revista litteraria, que conta já vinte annos de existencia.»

NOTICIARIO

Um bom patricio.—Ha tempo partiu desta cidade para o Rio de Janeiro, a tentar fortuna, o nosso amigo e habilissimo artista violeiro, o sr. João dos Santos Couceiro.

Hoje, pelo folhetim do *Diario do Rio de Janeiro*, de 5 do mez findo, com o titulo de *Exposição nacional*, vemos que o nosso patricio honrou sobremaneira a patria com os trabalhos que apresentou na exposição nacional, que está tendo logar na capital do Brasil.

O sr. João dos Santos Couceiro já em 1869 tinha sido premiado com uma medalha de prata na exposição districtal de Coimbra, por uma viola portugueza, e uma viola franceza, que tinha feito.

Sabemos que este artista expoz agora no Rio de Janeiro duas violas francezas, sendo uma simples e outra bordada a madreperola, trabalho bem acabado. Expoz mais uma rabeca, construida pelo systema *Villaume*, que é difficilimo, e muito pouco cultivado em Portugal.

O modo como se houve na fabricação da rabeca, póde vêr-se do que se lê no mencionado folhetim do *Diario do Rio de Janeiro:*

«Vi tambem uma rabeca, instrumento de difficillimo fabrico pela exactidão que requer. Um amigo que estava em minha companhia, joven estimado pelos seus talentos e pela prenda de ser um violinista insigne, affirmou-me, que já havia experimentado o instrumento em questão, e que o achava de voz excellente e feito com todo o esmero artistico.»

O nosso patricio nunca tinha feito senão violas, violões, e guitarras; mas para mostrar até onde póde chegar a força de vontade, fez para a exposição do Rio de Janeiro, pela primeira vez, uma rabeca. Quem souber o que é uma rabeca é que póde avaliar o que custa a fazer este instrumento pela primeira vez e sem mestre, e sobretudo sendo como imitação de um dos melhores fabricantes francezes.

Tudo, porém, venceu o nosso estimavel patricio, com um trabalho incessante de dois mezes.

Por fim tinha a lutar com o extremo embaraço de não saber como se fabrica o verniz para a rabeca; porque este verniz é especialissimo, e a menor imperfeição no seu fabrico, póde inutilisar o instrumento. A sua vontade tudo venceu, podendo fazer um verniz em que foi tão bem succedido, que até com elle conseguiu que o som da rabeca ficasse mais egual.

E' o que alcança quem tem verdadeiro amor pela arte.

Com summo prazer damos aqui estas noticias, por vermos que o nosso patricio o sr. João dos Santos Couceiro, está a longa distancia honrando a patria que lhe deu o ser; e mostrando que Portugal não está morto em uma arte, que tão apurada se acha em França, Allemanha, e em todos os paizes cultos.

Casamento—No domingo, pelas 6 horas da manhã, celebrou-se na egreja da Sé Velha o casamento da exm.ª sr.ª D. Rachel Ernesto de Carvalho e Rego, com o sr. D. Antonio do Santissimo Sacramento Thomaz de Almeida Silva e Saldanha, sobrinho do sr. duque de Saldanha.

Celebrou a ceremonia religiosa o reverendo prior d'aquella freguezia, e disse a missa o sr. conego de Cabo Verde, Manoel Marques Pereira Ribeiro. Assistiu a este acto o exm.º conselheiro vice-reitor da Universidade José Ernesto de Carvalho e Rego, thio da noiva, o irmão e a cunhada da mesma, o sr. D. Francisco d'Almeida, irmão do noivo, o sr. bacharel João Francisco Ramos e sua esposa, o sr. Vasco Guedes de Carvalho e Menezes, governador militar, e o sr. Joaquim Gualberto Soares, assignando todos como testemunhas d'aquelle acto.

Ás 7 horas da tarde houve no acreditado *Hotel do Mondego* um explendido jantar, no qual assistiram, alem dos cavalheiros acima mencionados, a sr.ª D. Maria José, mãe da noiva, os srs. conde da Quinta das Canas, visconde de Villa Maior, reitor da Universidade, conselheiro Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo, Dr. Calisto, José d'Almeida Motta, e Luiz de Mello Tocho Soares de Albergaria, de Soure.

O sr. visconde de Villa Maior levantou o primeiro brinde aos illustres exposados, o qual foi enthusiasticamente repetido; seguindo-se outros.

O jantar foi profusadamente servido, notando-se em tudo riqueza, aceio e bom gosto, sustentando a nova proprietaria a sr.ª D. Maria Amalia Lopes Pereira, com as suas maneiras delicadas e attenciosas, o antigo credito d'aquella casa, interessante pela posição pittoresca, pela riqueza dos serviços, educação dos criados e até pela sua barateza.

O banquete foi em forma e com todas as etiquetas da côrte.

Suffragios. — Hoje, pelas 11 horas da manhã, assistiu o corpo docente na real capella da Universidade, a uma missa e responso, por alma de sua magestade a imperatriz, duqueza de Bragança.

Foi celebrante o sr. commendador Francisco dos Santos Donato.

Monte-Pio Conimbricense.—No domingo reuniu-se a assemblea geral do Monte Pio Conimbricense, para lhe serem apresentadas pela direcção, as contas relativas ao segundo semestre do anno passado. Foi nomeada a commissão que hade dar o respectivo parecer.

Os livros das contas estão patentes na loja do sr. José Antonio Vieira da Fonseca, secretario da direcção, para poderem ser vistas e examinadas por qualquer socio.

Os socios do mesmo Monte Pio deverão reunir-se em assemblea geral no dia 9 do corrente, pelas 10 horas da manhã, no local do costume, a fim de ouvirem ler o parecer da commissão, e votarem sobre o mesmo; e egualmente para em seguida procederem a eleição dos socios, que hãode exercer no presente anno os differentes cargos da sociedade.

Boa nova litteraria—Consta-nos que o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro prosegue activamente na sua interessantissima obra—*Historia dos estabelecimentos scientificos e litterarios*, da qual estão já publicados dois volumes. Do terceiro volume estão já impressas 19 folhas e faltam 11 para ficar de todo prompto.

Demonstração de sentimento—No domingo teve logar em Souzellas o enterro do nosso amigo o sr. bacharel Jeronymo José Baptista Lopes Parente.

Assistiu a este acto funebre um concurso numerosissimo de pessoas de todas as classes, que assim quizeram demonstrar o seu sentimento pela morte de tão benemerito cidadão.

Muitas pessoas da povoação e das visinhanças choravam pelo fallecimento d'este respeitavel ancião, e bastantes tomaram luto, como se fossem seus parentes.

A philarmonica *Boa-União* foi de Coimbra assistir ao enterro, e a chave do caixão foi levada pelo sr. bacharel Manoel Maria da Cunha, administrador d'este concelho.

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Maria da Gloria dos Santos, filha de Manoel dos Santos e de Joanna de Jesus, natural de Castello Viegas, de 17 annos, fallecida no dia 26 de Janeiro.

Manoel Torres Veiga, filho de Antonio Simões Veiga Torres, natural de Taveiro, de 62 annos, fallecido no dia 26.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—4:853.

O mez de Fevereiro—Deriva o seu nome de *februa*, sacrificios purificatorios, que os romanos faziam nos 12 primeiros dias d'este mez. O signo que lhe corresponde é *piscis*, por serem n'este mez abundantes as pescarias, e os peixes muito saborosos. Symbolisa-se o Fevereiro por varios modos, sendo o mais notavel, uma figura vestida com roupas azues, com uma ave aquatica na mão, e uma urna na cabeça, d'onde sae agua com abundancia, para indicar frequencia de chuvas. Tem ainda por attributos mascaras e instrumentos de musica, para alludir aos divertimentos do carnaval.

Crescem os dias em Fevereiro 53 minutos, 26 de manhã e 27 de tarde. O seu maior dia é o ultimo, que tem 11 horas e 5 minutos. No bello clima de Portugal, o fim d'este mez é ordinariamente o principio da primavera. O sol aquece e purifica a atmosphera, as arvores florescem, e até as aves já ensaiam os seus doces gorgeios. O triste manto do inverno desapparece, e a natureza principia a sorrir-nos esperanças, amor e vida.

Talvez fosse por este motivo, que os romanos celebravam em Fevereiro a festa da deusa da saude. Alem d'esta tinham elles muitas outras. Uma das mais solemnes tinha logar no dia 22, em que se juntavam os parentes e amigos, para passarem em familia um dia de jubilo e prazeres. Estas e outras praticas eram imitadas dos gregos, que tambem n'este mez celebravam uma festa fraternal, de muitos risos e folguedos, em que até os escravos comiam á mesa com seus senhores.

Velocidade do som.— E' de 333 metros por segundo no ar atmospherico. Tomando esta medida por unidade, propaga-se nos principaes metaes pela seguinte ordem ascendente; chumbo, ouro, estanho, prata, platina, zinco, cobre, ferro e aluminio.

São curiosos os seguintes exemplos da velocidade da propagação do som. O dr. Clarke ouviu no mar o estrepito de um combate naval, na distancia de 16 myriametros. Hearn ouviu a 20 myriametros de distancia tiros de artilheria, dados em Stockolmo, em 1685. Em 1672, foi ouvido no paiz de Galles o estampido de uma batalha naval entre inglezes e hollandezes, distante 22 myriametros. O som de uma flauta, transmittido por um tubo de mil metros de comprimento, ouve-se distinctamente na outra extremidade. O mais leve murmurio, proferido na extremidade de um tubo de ferro fundido, percebe-se perfeitamente na outra extremidade. No castello de Carisbrook ha uma cisterna, com 67 metros de profundidade e 4 de largura, onde se ouve claramente o som de um alfinete, quando cae na agua.

Sobre estes e muitos outros factos se funda a construcção e uso dos tubos acusticos, que se empregam para transmittir ordens nas casas particulares e estabelecimentos publicos.

Espectro solar. — A luz do sol, transmittida atravez de um prisma, produz uma imagem formada por sete cores simples. E' um phenomeno similhante ao que se observa no arco iris. Das experiencias de Brewster feitas com vidros corados, resulta que todas estas cores do espectro se reduzem a tres fundamentaes, vermelha, amarella e azul. Recompõe-se a luz branca por varios processos; e um dos mais faceis é um circulo de cartão, girando com grande velocidade em volta do seu centro, e contendo pintadas as sete cores do espectro, na ordem, direcção e dimensão convenientes.

Os encadernadores.—Affirma Pasquier, que antigamente certas corporações em França exigiam dos encadernadores de seus livros, especialmente de contabilidade, o juramento solemne, de que não sabiam ler nem escrever, para não divulgarem os segredos da companhia.

Hoje esta profissão tem-se nobilitado muito, e feito grandes progressos, a par dos livreiros e typographos. Alguns artistas tem adquirido grande reputação em todos os paizes, e são procurados com preferencia pelos bibliophilos.

Um avarento.—Aconselharam a um avarento estupido, que tinha a burra hermeticamente fechada e a bocca sempre aberta para dizer tolices, que era melhor guardar a lingua no cofre, e o dinheiro na bocca.

Uma velha. — Uma velha pretenciosa perguntava a uma pessoa da sua amisade, quantos annos lhe dava? — A resposta foi— A senhora já tem bastantes, e não precisa que lhe dêem mais.

A mesma vontade.—Uma senhora casada, nas suas questões conjugaes dizia sempre ao marido—Não sei por que havemos de viver em desintelligencias e guerras continuas, podendo viver na mais santa paz. Se nós temos sempre a mesma vontade: tu queres governar em tudo, e eu tambem!

Greves.—Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

Por noticias recebidas em Lisboa consta já ter terminado a *grève* em que se haviam constituido os machinistas da linha do norte de Hespanha, que por ser a que liga com a França o reino visinho, e a principal de Hespanha.

Como acaba de acontecer entre nós, a companhia não annuiu ás exigencias dos *grevistas*, que por fim voltaram ao trabalho sem condições, e demittiu todos os que tinham sido promotores da *grève*, substituindo-os com machinistas estrangeiros. E' o que por cá ia succedendo tambem, porque o sr. director das linhas ferreas de leste e norte havia telegraphado para França pedindo machinistas, e estes só esperavam a ordem de se porem a caminho para Lisboa.

O bom senso, porem, dos machinistas daquellas linhas, que ainda a tempo conheceram o seu erro, evitou o cumprimento d'aquella providencia, com a qual não poucas familias teriam depois de chorar na miseria o desvario dos seus chefes.

Ponham todos os olhos nestes exemplos, e convençam-se por uma vez que as *grèves* a ninguem podem aproveitar.

A repartição do movimento e trafego publicou a seguinte ordem do dia:

Serviço do movimento e trafego

«Tendo-se reconhecido nas ultimas circumstancias extraordinarias que se deram no serviço activo desta companhia, a boa disciplina, adhesão e dedicação ao bom serviço plenamente provado por todo o pessoal do serviço do movimento e trafego; tenho a testemunhar-lhe, por approvação do sr. director e do conselho de administração, os mais merecidos louvores, por não terem sido attendidas pelos empregados deste serviço as incitações á quebra dos seus deveres, e só terem tido em mira

o bom desempenho d'elles. Pela minha parte, como chefe do serviço, tenho a acrescentar o meu reconhecimento por tão decisiva e geral prova da confiança que se póde depositar em todo o pessoal do serviço a meu cargo, sem excepção de pessoa, nem distincção de cathegoria.

Lisboa, 2 de Fevereiro de 1873.—O chefe do serviço de movimento e trafego, *M. Queriol.*

Approvado. — O director da companhia, *Manoel Affonso d'Espergueira.*»

CHARADAS

54.ª
No latim não é directa esta planta—1 e 2.

55.ª
No grego—1
Nos peixes—2.
Nas pharmacias.

A. C. V.

Offerecidas a A. A. Botto Machado

56.ª
Cette plante est le foyer de plusieurs comédies—1 e 2.

57.ª
En Turquie ce peuple est un jeu-de-mots—2 e 1.

58.ª
Sou femea—2
Femea sou—2
Ostentação vã.

59.ª
Na tropa e na musica é artigo e recompensa—1 e 1 e 1.

60.ª
Não andes no bilhar e na geometria—2 e 2.

61.ª
Na musica é verbo grosseiro—1 e 1.

62.ª
Em navios este logar é descanso—1 e 2.

63.ª
Esta letra é betume e appellido—1 e 1.

64.ª
Eis aqui uma planta que estuda—1 e 2.

A. C. V.

Offerecidas a todas as sociedades charadistas

65.ª
Cette étoffe en optique se promène sur les flots—1 e 2.

66.ª
Ce papier a enfanté un monstre fabuleux—1 e 2.

67.ª
La visée de la fontaine est inepte—1 e 1.

A. C. V.

Offerecidas ao meu amigo J. A. M. de Andrade

68.ª
Busca no reino animal esta doença—2 e 2.

69.ª
Nos tanques cousa nenhuma refresca—2 e 2.

A. C. V.

70.ª
Na musica este fructo anda muito arriscado—1 e 2.

71.ª
Na fabula esta ave anda na agua—1 e 2.

72.ª
Na musica um adverbio foi sabio—1 e 1.

73.ª
Reparou aquelle homem n'este instrumento—2 e 2.

A. C. T. M.

74.ª
Numero de jogo, quasi sempre desagradavel—1 e 3.

J. G.

Offerecidas a Annibal Calisto

75.ª
Digo que não, mas silencio, que é commercio—2 e 1.

76.ª
Atraz é estupido o propagador das luzes—2 e 2

77.ª
Este engano isolado engana—2 e 1.

78.ª
Sustento na musica um parente—2 e 1.

79.ª
Não sendo negra ando ao cimo da agua e dou luz—2 e 2.

80.ª
Sendo canto afflijo o poeta—2 e 1.

C. S.

81.ª
Antes de *ra*—eu esta terei—1
Antes de *ra*—vulgar não direi—1
Antes de *ra*—um fructo serei—1
Antes de *ra*—uma falha verei—1.
Um brinco serei de creanças... eu sei.

82.ª
Ás avessas estou na musica—1
Ás direitas tambem o sou—1
E sendo eu invertida
Em toda a parte estou—1.
Na botanica o meu todo,
Mas procura com denodo.

83.ª
Andava este poeta tão tolo—1 e 2.

Pombal—*Oedipo.*

84.ª
Cultura penosa feita por elle—2 e 1.

85.ª
E' pasto no Brasil, de plantas seccas formado—2 e 2.

K.

Offerecidas á sociedade Charadicida Telegraphica

86.ª
Nota este astro que o vês vogar—1 e 2.

87.ª
E' um pronome francez que alumiando serve para o ladrão intelligente—1 e 1 e 2.

88.ª
Letra, nota, nota, nota, pobre—Uma letra e 1 e 1 e 1.

89.ª
E' rio e rio que corta—1 e 1.

90.ª
Verbo no Pio para limpar—1 e 2.

91.ª
E' ave e nota para a ave—2 e 1.

92.ª
E' para jogo e com a ultima deseja-se sel-o sempre—2 e uma letra.

93.ª
Não é boa em Aveiro, mas lá foi para ser christã esta illustre senhora—1 e 2 e 2.

94.ª
Flôr que não é má esta terra—1 e 2.

95.ª
Verbo inglez—2
Artigo francez—1
Semi-cego—1
Tremam paes de familia!

M. C.

Offerecidas ao illm.º sr. M. C.

96.ª
Verbo, cavidade, sou de seda—1 e 2.

97.ª
Suis cardinal, et sans moi ne peuvent pas marcher les insectes—2 e 2.

98.ª
Bebendo muito apanha-se um sentimento proprio de senhoras—2 e 1.

99.ª
Conduit l'article cet homme—1 e 1.

100.ª
Comparativo egreja, appellido—1 e 1.

S. C. T.

Explicação das charadas do numero antecedente:—37.ª—TECLADO—38.ª—SAUDADE—39.ª—MONADA—40.ª—SAUDADE—41.ª—ERMELINDA—42.ª—BOTICARIO—43.ª—LUCIANO—44.ª—TROVADOR—45.ª—MIRABEAU—46.ª—AIRELLE—47.ª—CANARIO—48.ª—CHAROLA—49.ª—REMARQUE—50.ª—FILICITE—51.ª—RENARD—52.ª—ARARA—53.ª—DIABELHA.

Todas foram decifradas pela sociedade *Charadicida Telegraphica*, menos a 50.ª. A charada 43.ª foi decifrada como sendo MARIANO, mas a verdade é que o sentido é inteiramente egual. E d'esse modo tambem a decifrou em Portalegre o filho do nosso amigo o sr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão, o qual egualmente decifrou as charadas 49.ª e 52.ª.

ANNUNCIOS

00 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia de S. Martinho do Bispo, concelho de Coimbra, faz publico, que, volta novamente á praça no dia 16 do corrente, pelas 10 horas da manhã, no adro parochial da mesma, a obra da pintura da egreja e competentes andaimes.

E para que chegue ao conhecimento de todos se faz o presente annuncio.

S. Martinho do Bispo, 3 de Fevereiro de 1873.

O presidente da junta,
Dionizio Garcia Ribeiro.

DEPOSITO DE BIXAS

3 ANTONIO BENTO DA VEIGA e filhos, participam aos seus freguezes, que acaba de chegar-lhes um sortimento de bixas hespanholas. Rua das Solas, n.º 11 e 13.

PANORAMA PHOTOGRAPHICO DE PORTUGAL

96 CADA numero deste periodico consta de uma photographia, representando um monumento, ou um edificio notavel, um logar celebre, uma paizagem pittoresca, uma curiosidade natural ou artistica, etc., e de um numero de paginas de impressão, nunca inferior a oito, em formato de oitavo maximo.

A parte typographica contem, alem do artigo concernente á vista photographica, outros de assumptos de epigraphia, bibliographia, heraldica, numismatica, historia litteraria, contos, poesias, etc., etc.

O volume que agora annunciamos é o 3.º, cujo primeiro numero corresponde ao mez de Janeiro de 1873.

O preço de cada numero, tanto para Coimbra, como para fóra estampilhado, será de 120 reis.

Só se admittem assignaturas para doze numeros (um volume), e pagando-se seis adiantadamente no principio de cada semestre. Aceita-se a importancia em estampilhas ou vales do correio

Para o Brasil e outros paizes estrangeiros custará cada numero, franco de porte, 200 reis fortes em moeda portugueza, mas só se admittem assignaturas para doze numeros (um volume), e pagando-se adiantadamente a totalidade da sua importancia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao redactor principal Augusto Mendes Simões de Castro— rua do Visconde da Luz, n.º 15, Coimbra.

INSCRIPÇÕES

7 ABILIO AUGUSTO MARTINS, ourives em Coimbra, rua da Calçada, n.º 8, encarrega-se da compra de inscripções em Lisboa, pelo preço da cotação official do *Diario do Governo*, apresentando-as averbadas em nome do comprador, poucos dias depois da encommenda.

SANTOS NAZARETH

00 PROBLEMAS E SOLUÇÕES sobre a importante questão social do *Homem-mulher*, de A. Dumas. A' venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra. Preço 200 rs.

Rua do Visconde da Luz, n.º 1.

6 VENDEM-SE estalos, papelinhos, cartas de versos e outras miudezas, proprias do carnaval.

Jazigos de 20$000 para cima

7 JA' os ha feitos na officina de canteiro de Pedro Antunes dos Santos, rua do Crucifixo, n.º 69. Lisboa.

ALTA NOVIDADE EM COIMBRA

No estabelecimento de José Tavares da Costa, rua da Calçada, proximo á Portagem.

8 CHEGARAM a este estabelecimento os superiores queijos Londrino, Pinha e Suisso; o verdadeiro macarrão de Italia, as mimosas pastilhas de chocolate, com baunilha, suissas, e de hortelã-pimenta, inglezas.

No mesmo se encontram as mais modernas bolaxinhas inglezas; a excellente passa de Malaga e de Corintho, doce de cidrão; os mais acreditados vinhos finos, de 240 a reis 1$200 a garrafa; licores de christal, kummel, e do Perekerman; aguardente de cana e de Paraty; cognac, genebra superior, cerveja Bass, e todos os mais artigos relativos a mercearia.

EDITAL

10 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Coimbra, faz saber que, em cumprimento das disposições da portaria do ministerio do reino, de 17 do corrente, hão de ter começo no dia 6 do proximo mez de Fevereiro, nos paços deste concelho, pelas 11 horas da manhã, as operações do recenseamento para o recrutamento do corrente anno, na conformidade das prescripções das leis de 27 de Julho de 1855, 4 de Junho de 1859, e 1 de Julho de 1862. E que as referidas operações terão continuação nos dias abaixo indicados:

6—Vil de Mattos, Brasfemes, Lamarosa, Almalaguez.

8—S. Martinho d'Arvore, S. Silvestre, Botão, Souzellas.

11—Ameal, Arzilla, Cioga do Campo, Sernache.

13—Antanhol, Antuzede, Assafarge, Castello Viegas.

15—Ceira, Eiras, S. Paulo de Frades, Taveiro.

17—Trouxemil, S. Martinho do Bispo, Ribeira de Frades.

19—Santo Antonio dos Olivaes, Santa Clara, Sé Nova, Sé Velha.

20—S. Bartholomeu, Santa Cruz.

E para conhecimento de todos se passou o presente e outros. Secretaria da Municipalidade, 27 de Janeiro de 1873.

O presidente,
Lourenço d'Almeida Azevedo.

NUMERO 2665 — SABBADO 8 DE FEVEREIRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A paixão partidaria é capaz de levar os homens aos ultimos extremos da injustiça e da ingratidão. Bastaria para o provar, o procedimento que ultimamente tem tido alguns individuos com o sr. ministro do reino, acerca da publicação do *Espectro*.

No dia 6 de Outubro de 1846 realisa-se a famosa emboscada, tramada no paço das Necessidades. E' violentamente demittido o ministerio presidido pelo sr. duque de Palmella, e que havia sido creado em resultado da manifestação popular de Maio d'aquelle anno; sendo substituido por outro, representante de uma facção, que havia sido expulsa do poder pela vontade quasi unanime do paiz. São suspensas as garantias individuaes; prendem-se os cidadãos independentes; e fica imperando outra vez aquelle mesmo cabralismo, que flagellara a nação durante quatro annos.

Era de mais! O partido progressista levanta a luva, que lhe havia sido lançada; e dentro em poucos dias estava todo o paiz em pé e armado.

Os auctores do trama reaccionario haviam-se enganado nos seus tenebrosos planos. Suppunham que não achariam resistencia; mas desde logo, tanto nas mais populosas cidades, como nas mais modestas aldeias, tudo se prepara para o combate.

Em Lisboa impera entretanto a força militar, unico sustentaculo da camarilha; está suffocada a opinião publica, pelo mais infrene despotismo, e particularmente pela suppressão da liberdade de imprensa.

Nestas circumstancias, o sr. Antonio Rodrigues Sampaio, o antigo e energico redactor da *Revolução de Setembro*, tendo podido escapar á sanha do governo cabralista, toma a briosa e patriotica resolução de redigir e fazer publicar na capital o jornal clandestino, o *Espectro*.

No futuro custará a acreditar: só quem o presenceou como nós é que póde bem avaliar o incalculavel serviço que o *Espectro* prestou á causa popular.

A avidez com que se procurava o jornal, e o enthusiasmo com que era lido não se descrevem: só se póde comparar com o effeito que causava nos liberaes em 1832, 1833 e 1834, a leitura da *Chronica Constitucional do Porto*. As doutrinas do *Espectro* eram recebidas com um applauso immenso; vindo a sua principal força de ser um orgão verdadeiro da opinião nacional.

A' sua voz se levantavam as povoações em massa; e todos os cidadãos cobravam novo vigor e redobravam de zelo e energia, na resistencia ao governo da emboscada.

Publica-se este jornal durante meio anno em Lisboa; imprimem-se e espalham-se de cada numero milhares de exemplares, entrando até em todas as prisões do Limoeiro; e não se encontra nem uma unica pessoa, em todo esse longo tempo, que denuncie o sitio da impressão, e onde se acha o seu redactor o sr. Antonio Rodrigues Sampaio!

Debalde os numerosos espiões do governo cabralista procuram incessantemente descobrir o local donde sae o celebre periodico: de tudo zomba o partido popular. O *Espectro* segue sempre como uma sombra os membros do governo, que havia sido creado com apoio das baionetas.

Grande manifestação da opinião publica!

Em vista de uma guerra tão implacavel, feita pelo *Espectro* ao governo e seus satelites, não admiraria que os cabralistas, então, e ainda hoje atacassem violentamente o sr. Sampaio, pelo mal profundo que lhes fizera com a sua publicação clandestina. Nada havia nisso que extranhar.

O que, porem, nunca se poderia suppor, é que houvesse progressistas, que viessem aggredir o sr. Sampaio pelas doutrinas que publicara no *Espectro!*

Pois vós que lieis com enthusiasmo quasi febril o jornal clandestino; que assim como nós julgaveis ainda moderada a linguagem do *Espectro*; vindes agora como que renegar as doutrinas do celebre jornal, e tornar por ellas responsavel o sr. Sampaio?!

Qué! Aquellas doutrinas eram só do audaz jornalista? Não: eram tambem nossas, eram de todos nós, eram de todo o partido progressista.

Não renegâmos, nem renegâmos as ideias do *Espectro*. Aceitámol-as então, e aceitámol-as agora em toda a sua extensão. Hoje como hontem!

Se os interesses de bando; se a ambição pessoal podem levar alguns parti-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXXXII

D. FRANCISCO DE LEMOS E A DEPUTAÇÃO PORTUGUEZA

(CONTINUAÇÃO)

DOCUMENTO N.º 7

Portugal, na presente guerra era potencia neutral; mas tendo sua magestade imperial e real destruido todas as coallisões armadas no continente, e obrigado as nações d'elle a fecharem os portos aos navios inglezes, não se podia esperar, que subsistisse a neutralidade de Portugal, continuando os seus portos a serem abertos aos navios de guerra e de commercio de Inglaterra.

Com effeito, logo que sua magestade imperial e real fez fechar os portos do norte aos inglezes, passou a insinuar ao principe regente, que mandasse fazer o mesmo em Portugal, apprehendendo-se tambem as pessoas e bens dos inglezes. O principe regente, convocou o conselho de estado, para nelle deliberar-se o que convinha fazer-se em uma tal situação; e tendo-se assentado, que se dirigissem successivamente a Paris varios officios:—1.º para a continuação da neutralidade:—2.º para a escusa da apprehensão das pessoas, e bens dos inglezes:—3.º para se não fecharem os portos, até recolher-se a armada, que se achava no estreito:—4.º para participar-se a resolução do transporte do principe da Beira para o Brasil: ultimamente accedeu á causa do continente; mandou fechar os portos aos inglezes, e proceder á apprehensão dos seus bens e pessoas; chamou as suas tropas ás costas do reino, para as defender de qualquer invasão, que se intentasse fazer; e particularmente applicou-se a fortificar o porto de Lisboa, examinando elle mesmo os fortes, e fazendo-os pôr em estado de defeza.

Tendo-se dado estas providencias, tranquillisou-se; e n'esta tranquillidade presistiu até ao dia 25 de Novembro, no qual teve a certeza de que o general em chefe Junot se achava com o seu exercito em Abrantes, marchando rapidamente para Lisboa. Com esta certeza tudo se alterou. No mesmo dia o principe regente convocou o conselho de estado; e resolvendo-se nelle, que devia retirar-se para o Brasil, assim o executou, embarcando-se a 28 do mesmo mez, em parte da sua armada, que se achava prompta no Tejo, sem aproveitar-se da ingleza, que já bloqueava o porto de Lisboa, e sahindo delle a 30, depois de deixar providencias para o governo do reino, e muito recommendada ao conselho da regencia a boa recepção do exercito francez e tudo que fosse necessario.

Pretende-se, que a retirada do principe para o Brasil, foi influida pelos inglezes. Não se duvida que elles procurassem persuadil-a; mas é certo, que as persuasões dos inglezes não determinaram o principe regente a transportar-se ao Brasil com toda a familia real; mas sim outros motivos mais ponderosos; quaes foram elles? É preciso descobril-os nos meios reputados necessarios para a conservação da casa de Bragança no throno.

Supposto que Hespanha, depois de 28 annos de guerra, desde o tempo da acclamação, fizesse paz com Portugal, reconhecendo a legitimidade do direito da casa de Bragança a este reino; ficou sempre esta casa com grandes desconfianças, de que Hespanha aproveitasse toda a occasião, que se lhe offerecesse, para restituir-se á posse do mesmo reino.

Estas desconfianças se augmentaram depois que a casa de Bourbon passou a reinar em Hespanha, e a estreitar-se mais a alliança destas duas potencias: resultando daqui procurar a casa de Bragança segurar-se no throno por dois modos que lhe pareceram necessarios, e mais aptos a este fim:—1.º de ligar-se mais estreitamente com Inglaterra, que pelo consideravel acrescentamento de suas forças maritimas, e grande influxo que tinha no continente, podia contribuir muito para a sua segurança, e conservação; sendo esta a razão por que trabalhando França e Hespanha para desligar Portugal de Inglaterra, presistiu Portugal sempre firme na sua alliança com Inglaterra. Como porem podia succeder que Portugal fosse repentinamente invadido, sem que pudesse defender-se, e ser soccorrido, era necessario prover a este caso; e o que pareceu mais prompto, e mais decoroso foi:—2.º transportar-se o rei com a familia real para o Brasil, a residir alli, em quanto se não compuzessem as cousas.

Não são novas estas ideias; mas sim concebidas no mesmo tempo da elevação da casa de Bragança ao throno de Portugal. Se então se não executaram, por se haver a mesma casa vigorosamente mantido no throno, foram comtudo passando de uns reis para outros, para serem realisadas, no caso de não poderem evitar a invasão, e conquista de Portugal.

O rei D. José I, vendo invadido o reino no anno de 1762 por dois exercitos de Hespanha e França, que se dirigiam a Lisboa, mandou aprompiar a sua armada, para passar com toda a familia real ao Brasil, no caso de não poder impedir a marcha dos ditos exercitos. Os esforços que fez para isso, e a paz que se seguiu d'ahi a seis mezes, fizeram evitar este transporte já resolvido.

Isto pois que era reservado para a ultima extremidade, que sempre se procurou evitar, e que nunca tinha sido executado, verificou-se na regencia do principe D. João; parecendo-lhe á vista da proximidade e da marcha rapida do exercito francez para Lisboa, não ter outro meio para a conservação da sua soberania, e do seu decoro, do que embarcar com toda a familia real, e passar-se para o Brasil. Taes foram as verdadeiras razões que o moveram a este repentino e inopinado successo.

Se no ajuntamento das duas armadas, portugueza e ingleza, houve signaes de alegria; se o almirante inglez destacou da sua armada algumas naus para acompanhar o principe regente, e a familia real até ao Brasil, são obsequios, e attenções que as nações mutuamente se devem. É necessario que em taes casos cessem as querellas e dissenções, para se dar logar a outra ordem de officios. Não se procura aqui defender os inglezes; mas quando se considera toda a familia real portugueza, de todo o sexo, e edade, precipitadamente embarcada, fluctuando sobre as ondas, e posta em perigo, que se deve esperar de uma nação civilisada, e polida como a ingleza, se não acções generosas? O principe regente ia acom-

darios da junta do Porto ao extremo de agora combaterem o que em 1846 e 1847 applaudiam; não se admirem que o povo, em vista deste e outros que taes procedimentos, esteja descrente em politica.

Pois peze a quem pezar, o jornal clandestino—o *Espectro*—hade sempre ficar servindo como de padrão, para attestar o que póde um povo, quando o querem opprimir com o jugo do despotismo.

Felizmente a causa da liberdade está muito acima destas miserias politicas.

Terminamos por expressamente declarar, que naquillo que dizemos, não temos unicamente em vista o sr. Rodrigues Sampaio, com quem por vezes nos temos achado divergentes em politica, e podemos ainda tornar a achar. O que sobretudo pretendemos, é defender o *Espectro*: isto é,a sua doutrina a favor da reacção nacional e popularissima contra a celebre emboscada de 6 de Outubro de 1846.

Nada mais, e nada menos.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

AS ORDENAÇÕES DE D. MANOEL

I

Muitos e distinctos bibliographos, tanto no seculo passado, como no actual, tem tido um trabalho insano para investigar que edições houve das ordenações de el-rei D. Manoel, no seculo XVI.

Apesar da competencia d'esses escriptores, é a materia tao espinhosa, que nenhum d'elles deixou de mais ou menos errar nesta investigação.

Diogo Barbosa Machado, João Pedro Ribeiro, José da Silva Costa, monsenhor Ferreira Gordo, Antonio Ribeiro dos Santos, José Anastacio de Figueiredo, o auctor do *Demetrio moderno; a junta da providencia litteraria*, creada por el-rei D. José, na sua *Memoria historica da Universidade;* o auctor da prefação das ordenações Manoelinas, impressas na typographia da Universidade em 1797; o sr. Innocencio Francisco da Silva, e outros, não se pouparam a diligencias para alcançar a completa verdade neste ponto bibliographico, mas nenhum o conseguiu.

Com quanto reconhecessemos a nossa insufficiencia, e o pouco que valiamos perante taes ornamentos das letras patrias, publicamos tambem em o n.º 2438 do *Conimbricense*, de 8 de Dezembro de 1870, um estudo por nós feito ácerca deste assumpto. Adiantamos sem duvida mais a questão; mas ainda assim, por investigações posteriores, vimos que havia dois pontos que careciam de rectificação.

No anno immediato de 1871, o sr. Tito de Noronha, incançavel e illustrado bibliographo, deu á luz no Porto, um opusculo ácerca das—*Ordenações do reino—edições do seculo XVI.*

Logo que recebemos esta publicação, lemol-a com o interesse que ella nos inspirava; e fazendo justiça ao merecimento do sr. Tito de Noronha, notamos comtudo que havia alli erros, que careciam de ser corrigidos, para que no futuro se não julgasse que o trabalho deste assiduo escriptor, era a ultima palavra sobre esta materia.

Foi por isso que em o n.º 2475 do *Conimbricense*, de 15 de Abril do referido anno de 1871, escrevemos uma extensa analyse acerca da publicação do sr. Tito de Noronha, mostrando os pontos em que concordavamos, e aquelles que nos pareciam errados.

Um dos objectos da discrepancia, era se tinha, ou não existido edição das ordenações do reino, anterior á de 1514, de que na bibliotheca da Universidade ha um exemplar. Lê-se n'esse exemplar que é *segunda ēpressam*, e isso levava-nos necessariamente á conclusão de que tinha havido outra edição antecedente, contra a opinião manifestada no seu opusculo pelo sr. Tito de Noronha.

Para proseguirmos nesta investigação com a possivel segurança, e constando-nos que o sr. marquez de Vallada possuia na sua rica livraria um exemplar das referidas ordenações, anterior á de 1514, escrevemos-lhe, pedindo-lhe o obsequio de nos illucidar a esse respeito. Este illustrado cavalheiro teve a bondade de nos responder com a seguinte carta:

«Sr. Joaquim Martins de Carvalho.— Tenho o gosto de enviar a v. um exemplar do *Jornal do Commercio* de hoje, 3 de Maio, no qual vem publicada uma carta minha, com relação ás pesquizas que alguns cultores das nossas patrias antiguidades tem feito sobre as ordenações de 1512, de que muitos negavam a existencia, ficando provado pela minha carta, que v. se dignará transcrever do *Jornal do Commercio* no *Conimbricense*, que as taes ordenações de 1512, existem na minha livraria, e tambem as de 1513, das quaes ninguem se havia occupado.

Com esta minha carta e com aquella que o *Jornal do Commercio* hoje publica, e que eu envio a v. para se dignar transcrever uma e outra no seu jornal, fica satisfeita a curiosidade muito louvavel de v., que bem mostra se occupa de assumptos serios, e comprehende o quanto é elevada a missão do jornalista, missão de gloria e de luz, maş de luz que se assemelha á do astro brilhante que alumia, e não á do brandão nefasto que incendeia.

Estimando muito ter uma occasião de poder ser util a v., folgarei que outros se apresentem, podendo d'esta arte demonstrar-lhe que me associo cordealmente a todos que amam as nossas glorias passadas, e que trabalham com ardor para reconquistar uma ventura perdida pela maldade de uns, pela perfidia de outros, e pela incuria de muitos.

A' imprensa cabe a missão de illustrar os povos. Já militei nella, e honro-me de ter entrado nas suas lides e de ter prestado culto n'ella ás grandes illustrações patrias, defendendo o meu paiz das injurias dos estranhos.

Foi este o meu procedimento quando respondi ao Dr. Livingstone e censurei varias passagens do seu livro com relação ás descobertas dos portuguezes.

Perdoe-me a digressão, e continue a dar occasiões em que o obsequeie quem é de v. collega e venerador—Junqueira, 3 de Maio de 1871—*Marquez de Vallada.*»

Esta carta, se por um lado servia para confirmar a nossa opinião, de que antes das ordenações impressas em 1514, já tinha havido outra edição; vinha por outro suscitar uma questão nova.

Dizia-nos o sr. marquez de Vallada, que não só possuia um exemplar das ordenações da edição de 1512, mas outro da edição de 1513. Ora na edição de 1514 lê-se—*segunda ēpressam;* e assim, como conciliar-se isso com o facto de terem havido já *duas impressões?* A ter-se feito uma edição em 1512 e outra em 1513, devia a edição de 1514 chamar-se *terceira* e não *segunda*.

Aqui apparecia portanto assumpto para novas investigações e necessidade de novos esclarecimentos.

Outro ponto intrincado para resolver,era a circumstancia notavel que se dá na edição de 1514, feita pelo impressor João Pedro de Bonhomini— de serem impressos os tres ultimos livros, primeiro do que os dois anteriores. Os livros foram impressos por esta ordem:

3.º em 11 de Março de 1514.
4.º em 14 de Março de 1514.
5.º em 18 de Maio de 1514.
1.º em 30 de Outubro de 1514.
2.º em 15 de Dezembro de 1514.

Como explicar isto?

---

panhado da sua armada, e não necessitava da guarda das naus inglezas. A companhia, pois, que teve dellas, não foi senão uma pura e officiosa attenção do almirante inglez, que no generoso coração de sua magestade imperial e real não póde deixar de ser louvada e estimada.

O principe regente, retirando-se para o Brasil, deixou declarado, que presistiria n'aquelle paiz, até á paz geral; mostrando assim não ter animo de fixar-se nelle, e abandonar Portugal; mas vendo a impossibilidade em que se acha, de restituir-se a este reino, pelas declarações feitas por sua magestade imperial e real, talvez tome a resolução de ficar no continente da America. Não se sabe quaes sejam as suas actuaes intenções; mas o pouco que têem dito os papeis publicos é bastante para conjecturar-se que elle tracta de estabelecer no Brasil a sua côrte, e o assento da sua monarchia.

Convem isto? Convem que a America se separe inteiramente da Europa, e se erijam n'aquelle vastissimo continente novos estados independentes? Convem que cessem os prinpios da riqueza, e da força das nações europeas? Que se alterem as suas relações politicas, commerciaes e maritimas? Que a Europa veja tranquillamente passar para a America sua civilisação, seus conhecimentos, sua industria, seu commercio, suas artes, e tudo que póde illustrar, e engrandecer as nações, recahindo ella no estado em que estava ha tres seculos?

Não se póde duvidar, que tudo isto virá a verificar-se progressivamente, desmembrando-se Portugal do Brasil; e estabelecendo-se alli um novo estado independente. Convindo pois evitar-se esta serie de resultados tão prejudiciaes á Europa; nenhum meio parece mais proprio, do que o da restituição do principe regente a Portugal com toda a familia real. Não terão as mais provincias da America meridional este exemplo, que as excite a imital-o.

Continuará a existir o systema continental, que ata as colonias com as suas respectivas metropoles, fazendo conspirar ambas á sua mutua felicidade. As nações maritimas, pelo augmento do seu commercio, terão mais forças navaes; e Portugal pela vantagem da sua localidade, de seus portos, de suas ilhas, e suas ricas possessões nos tres continentes da America, Africa, e Asia, será uma potencia de grande consideração na Europa, não sendo necessario para isso mais do que dar maior actividade á sua agricultura, á sua industria, e á sua navegação, e commercio.

Tão felizes effeitos nos devem fazer esperar,que sua magestade imperial e real não só permitta a restituição do principe regente a Lisboa, mas ainda a faça apressar.

A casa de Bragança, despojada por 60 annos dos seus direitos ao throno, obrigada a esforços e a guerra por 28 annos para nelle manter-se, e agitada sempre por eternas desconfianças; só agora, por beneficio de sua magestade imperial e real, poderá lisonjear-se de reinar tranquillamente. Cessarão inteiramente os motivos de suas agitações e cuidados. Uma perpetua alliança com França e Hespanha, firmará cada vez mais a união e amizade entre todas estas potencias,para bem e prosperidade dos seus estados, na Europa e na America.

DOCUMENTO N.º 8

Paris 25 de Abril de 1810—Sr. bispo—V. ex.ª fez-me a honra de participar a 14 deste mez, que desejava obter a auctorisação de se dirigir a Buch, para ahi tomar banhos de mar.

Antes da recepção da carta de v. ex.ª, tinha sido prevenido que v. ex.ª devia receber de s. ex.ª o ministro da guerra, o convite para se dirigir ao quartel general do sr. marechal o principe de Esling. Presumo que esta circumstancia terá mudado as disposições de v. ex.ª, e o terá determinado a não insistir no seu pedido.

Receba o sr. bispo a segurança da minha alta consideração—*Champagny*—Ao sr. bispo de Coimbra, em Bordeus.

DOCUMENTO N.º 9

Secretaria dos estados maiores—Paris 9 de Agosto de 1810—Sr. bispo—O imperador julgou que a presença de v. ex.ª era necessaria em Portugal, para interesse do seu serviço.

Sua magestade deseja que v. ex.ª se dirija pela posta ao quartel general do sr. marechal principe de Esling, que lhe fará conhecer mais particularmente as intenções do imperador.

Receba o sr. bispo a segurança da minha distincta consideração—O ministro da guerra, *duque de Feltre*—Ao sr. bispo de Coimbra.

DOCUMENTO N.º 10

A s. ex.ª o sr. duque de Feltre, ministro da guerra—Senhor—Apresso-me a participar a v. ex.ª, que recebi em 29 do corrente as ordens de sua magestade imperial e real, expedidas por v. ex.ª, para me dirigir ao quartel general do sr. marechal principe de Esling, o que executarei promptamente, não esperando para isso senão o passaporte necessario.

Receba v. ex.ª a segurança do profundo respeito e dedicamento com que tenho a honra de ser—De v. ex.ª muito humilde e obediente servo—*Francisco*, bispo de Coimbra, conde de Arganil—Bordeus, 30 de Agosto de 1810.

DOCUMENTO N.º 11

Policia geral do imperio—Em nome de Napoleão, imperador dos francezes—Nós Alexandre Gaspar Gary, prefeito da Gironda, barão do imperio; a todos os officiaes civis e militares, encarregados de manter a ordem nos differentes departamentos da França e de fazer respeitar o nome francez no extrangeiro.

Deixae passar livremente monsenhor Francisco, bispo de Coimbra, conde de Arganil, natural do Brasil (Rio de Janeiro), habitando em Bordeus, o qual vae á Hespanha e em seguida a Portugal, com seis pessoas do seu sequito; e dae-lhe ajuda e protecção em caso de necessidade.

O presente passaporte, concedido por um anno, é valido durante um mez para sair do territorio francez.

Passado conforme a sua reclamação, e segundo uma auctorisação de s. ex.ª o ministro da guerra.

Feito em Bordeus a 14 de Setembro de 1810—O prefeito *Gary*—Pelo perfeito, o secretario geral, *Pelauque*.

N.º 3857. Visto na secretaria do commissariado geral da policia em Bordeus, a 14 de Setembro de 1810, para seguir o seu destino—Pelo commissario geral de policia, o secretario geral—Uma rubrica.

Relação das pessoas que compõem o sequito do sr. bispo de Coimbra, conde de Arganil:—1.º O sr. Vicente, portuguez, padre, esmoler e secretario—2.º O sr. Barbosa, secretario—3.º Antonio, escudeiro—4.º Alexandre, criado de quarto—5.º José Bento, criado a pé—6.º Victor Rouget, francez, cozinheiro.

O secretario geral da perfeitura do departamento da Gironda certifico, que as seis pessoas inscriptas na relação acima, são aquellas cujos nomes ficam annexos ao registo dos passaportes, como sendo do sequito do sr. bispo de Coimbra—Em Bordeus, na secretaria da perfeitura, a 14 de Setembro de 1810—O secretario geral, *Pelauque*.

—Visto na secretaria do commissariado geral de policia—Bayona a 26 de Setembro de 1810—Pelo commissario geral—Uma rubrica.

—Commissararia geral de policia em Burgos. Os mencionados n'este passaporte apresentaram-se, e continuam a sua jornada para Portugal—Burgos, 10 de Outubro de 1810—O commissario geral de policia, *Francisco Garcia Romano*.

—Commissararia geral de policia de Valladolid. Os mencionados n'este passaporte apresentaram-se nesta commissararia geral de policia, e continuam a sua jornada para Portugal—Valladolid, 20 de Outubro de 1810—O commissario interino de policia, *Monasterio*.

—Visto na secretaria de Ciudad Rodrigo, a 8 de Novembro de 1810—O commandante da praça—Uma rubrica.

(*Continuar-se-ha.*)

Ainda outro ponto de questão, e esse daquelles que tem sido mais debatidos, era se o impressor Germão Galharde tinha feito alguma edição das ordenações de D. Manoel, e em que anno. Os que defendiam a existencia da edição de Germão Galharde, marcavam-lhe a data de 1526. O sr. Tito de Noronha, porém, negava formalmente a edição de Germão Galharde, e não admittia senão as seguintes:

Edição de 1514 por João Pedro de Bonhomini.
Edição de 1521 por Jacob Cronberger.
Edição de 1539 por João Cronberger.
Edição de 1565 por Manoel João.

Ora apesar dessa affirmativa, não existia para nós a menor duvida de que Germão Galharde tinha feito uma edição das ordenações de D. Manoel, porque em um dos gabinetes reservados da bibliotheca da Universidade, achamos um exemplar das ordenações com a declaração de ter sido impresso em Lisboa por Germão Galharde.

Só restava saber com certeza o anno da impressão; porque naquelle exemplar falta a primeira e a ultima folha, em qualquer das quaes era provavel estar a data; havendo mais a singularidade de que, costumando nas outras edições marcar-se a data no fim de cada um dos cinco livros das ordenações, nesta edição omittiu-se em todos a data, limitando-se a indicação ao nome do impressor e ao local da impressão.

Inclinavamo-nos, comtudo, a que seria de 1526, não só por lermos na primeira folha a seguinte nota:—*Lisboa: Germão Galharde, 27 de Julho de* 1526—escripta pela letra em manuscripto do sabio João Pedro Ribeiro; mas porque no fim do volume está addicionado um exemplar da *Ordenaçam da ordẽ do juizo*, por Germão Galharde, em egual typo, formato e papel das ordenações do reino por elle impressas, e com a mencionada data de 27 de Julho de 1526.

Posteriormente, porem, viemos a reconhecer que em quanto á data se enganara João Pedro Ribeiro, e os mais que foram da sua opinião.

Examinando os livros existentes no grande salão, por baixo do primeiro pavimento da bibliotheca da Universidade, achâmos um exemplar das ordenações,que muito nos veiu a esclarecer a este respeito.

Este exemplar constava só dos dois primeiros livros das ordenações, impressos por Germão Galharde em Lisboa; mas em compensação tinha o frontespicio,que falta ao que haviamos visto em um dos gabinetes reservados da bibliotheca.

Nesse frontespicio não se lia a data da impressão; porem tinha no verso delle um alvará regio,datado de Evora a 17 de Junho de 1533, permittindo ao livreiro Luiz Rodrigues, o poder fazer uma nova impressão das ordenações. Este livreiro, segundo se via, servindo-se deste privilegio, mandara imprimir as ordenações ao impressor Germão Galharde.

Assim, alem de não termos até ahi nenhuma duvida ácerca da existencia de uma edição por Germão Galharde; agora achavamos elementos para saber que a impressão tinha sido feita ou no anno de 1533, data do privilegio concedido ao livreiro Luiz Rodrigues, ou em anno posterior; mas em todo o caso não antes de 1533. Era essa uma descuberta, que nenhum dos bibliographos que tinham escripto ácerca das ordenações de D. Manoel, havia feito antes de nós.

(*Concluir-se-ha.*)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

EDITAL

Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, Visconde de Villa Maior, Par do Reino, lente jubilado da Escola Polytechnica de Lisboa, socio effectivo da Academia Real das Sciencias, commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, Official da Torre Espada, do valor, lealdade e merito e da Legião de honra, Reitor da Universidade de Coimbra.

Faço saber, que em cumprimento do artigo 10.º do decreto regulamentar de 22 de Agosto de 1865, o conselho da faculdade de Philosophia resolveu em sessão de 25 de Janeiro corrente, o seguinte:

1.º Que o jury nas provas do concurso para o provimento de duas substituições que se acham vagas na mesma faculdade, fosse constituido com os vogaes presentes na referida sessão, os drs. Visconde de Monte-são, Joaquim Augusto Simões de Carvalho, Jacinto Antonio de Sousa, Antonio dos Santos Viegas, Manoel Paulino de Oliveira e Julio Augusto Henriques, sendo os dois terços dos lentes que se achavam em effectivo serviço ao tempo da abertura do concurso; e que os supplentes exigidos no § 1.º do artigo 3.º do referido decreto, fossem os lentes jubilados da mesma faculdades os drs. Fortunato Rafael Pereira de Senna, Manoel Marques de Figueiredo e Antonino José Rodrigues Vidal, ficando este ultimo vogal effectivo do jury para execução do § 5.º do citado artigo.

2.º Que as provas designadas no artigo 11.º tivessem logar nos dias 21, 26 e 30 de Abril proximo futuro, sendo neste ultimo dia a da defeza da dissertação, e as provas praticas, se dessem no dia 1.º do mez de Maio.

3.º Que as interrogações determinadas no n.º 3.º do referido artigo 11.º, fossem feitas em *Chimica* pelos drs. Manoel Paulino d'Oliveira e Julio Augusto Henriques: em *Physica* pelos drs. Jacinto Antonio de Sousa e Antonio dos Santos Viegas: em *Botanica* pelos drs. Antonino José Rodrigues Vidal e Julio Augusto Henriques: em *Mineralogia* pelos drs. Visconde de Monte-são e Manoel Paulino d'Oliveira; e que sobre o objecto da dissertação argumentassem os drs. Visconde de Monte-são e Joaquim Augusto Simões de Carvalho.

4.º Que os pontos para as lições fossem tirados ao meio dia,e para as provas praticas ás 10 horas, assistindo á extracção d'elles tres vogaes do jury, seguindo-se por turno, guardada a ordem d'antiguidade: e que as lições e provas praticas começassem ás mesmas horas em que se tirarem os respectivos pontos.

E para que chegue ao conhecimento de todos se mandou afixar o presente. Paço das Escholas, em 27 de Janeiro de 1873. Eu Manoel Joaquim Fernandes Thomaz, secretario o subscrevi.—*Reitor.*

NOTICIARIO

Theatro de D. Luiz.— Houve na quarta feira a primeira recita da sociedade novamente constituida para neste theatro dar alguns saraus dramaticos.

Foi brilhante a inauguração da epocha theatral. O sr: Cesar de Sá, distincto academico da nossa Universidade, tinha escripto um drama em 5 actos, *Amores malditos*, para ser posto em scena pela primeira vez naquella occasião.

O drama agradou muito; e é em verdade uma composição de subido valor litterario. A uma linguagem castigada, elevação de conceitos, flores e bellezas oratorias, reune esta composição verdadeiro interesse dramatico, boa disposição das scenas e dos accidentes.

O sr. Cesar de Sá foi chamado muitas vezes ao proscenio pelos escolhidos espectadores que enchiam a casa, recebendo merecidos e enthusiasticos applausos pelo seu novo trabalho litterario.

O desempenho correu satisfatoriamente.

O theatro encheu-se todo, e observou-se a melhor ordem.

Suffragios.— A Associação dos Artistas desta cidade manda celebrar uma missa com *libera-me*, pelo eterno descanço de sua magestade a imperatriz, duqueza de Bragança.

Este acto religioso terá logar na egreja de Santa Cruz, na segunda feira, pelas 10 horas da manhã; e será feito com toda a solemnidade.

Socio benemerito.—Na terça feira ultima, o conselho da Associação dos Artistas desta cidade,sob proposta do presidente o sr. José de Figueiredo Pinto, nomeou por unanimidade seu socio *benemerito*, o sr. commendador Olympio Nicolau Roy Fernandes,em attenção aos relevantes serviços que s. ex.ª tem prestado á mesma associação.

Actualmente tem a Associação dos Artistas de Coimbra, tres socios *benemeritos*, que são:

Commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes.
Augusto Cesar de Sá.
Joaquim Martins de Carvalho.

Voto de agradecimento. — O mesmo conselho decidiu que se lançasse na acta um voto de agradecimento ao habil artista o sr. Possidonio da Silva Alves Brandão, pelo importante serviço que prestara á Associação dos Artistas, fazendo a estatua de sua magestade elrei D.Fernando, que orna a sala da associação.

Annuario.— Fomos obsequiados com um exemplar do *Annuario da Universidade de Coimbra*, para 1872-1873.

Continua a ser muito interessante esta publicação, para o que se não poupa a diligencias o secretario da Universidade, o sr. commendador Manoel Joaquim Fernandes Thomaz.

Alem do discurso recitado pelo reitor o sr. visconde de Villa Maior, por occasião das festas do centenario da Universidade, traz o retrato do marquez de Pombal,e a medalha commemorativa.

Agradecemos o exemplar que recebemos.

Lino de Macedo.—Este nosso antigo amigo acha-se em Borba, padecendo muito de rheumatismo articular e muscular, adquirido na India; bem como de uma meningite, de que esteve quasi a fallecer.

Ainda assim o sr. Lino de Macedo, com o seu amor pelo estudo,continua a escrever para o publico, tendo quasi concluido o seu relatorio medico, com respeito á sua viagem á Asia e á Africa; e egualmente outros trabalhos scientificos e litterarios, que vão ser dados á estampa.

Transferencia. — O sr. Bernardo Jacinto Henriques, professor vitalicio da cadeira de ensino primario da freguezia de Farinha Podre, concelho de Penacova, foi transferido, pelo requerer, para a cadeira de egual ensino da villa e concelho de Mortagua.

Exportação.—No anno de 1872 exportaram-se pela barra do Porto 50:180 pipas de vinho. Se attendermos, a que uma pipa de vinho de embarque leva 4 almudes de aguardente fina, e que cada almude de aguardente representa 7 almudes de vinho de lambicação, devemos concluir, que a exportação pela barra do Porto no referido anno não baixou de 107:528 pipas, cujo valor se pode calcular,pelo menos,em 6:500:000$000 de rs.

O pulso.—Póde apreciar-se a frequencia, rhytmo e energia do pulso, por meio de um instrumento muito simples.Consiste este instrumento em um tubo graduado, contendo uma columna de mercurio, e terminando em uma das extremidades por uma capsula muito compressivel. Applicando-se esta capsula sobre a arteria, o impulso do sangue faz estremecer o mercurio. Tem-se construido muitos destes instrumentos, dotados de grande sensibilidade.

Estatuaria.— E' antiquissima a origem desta arte. Eram frequentes as estatuas nos velhos templos da India, China e Persia. Os gregos e romanos eram eminentes na esculptura, estatuaria, e em todos os ramos da architectura. A primeira estatua votiva que se erigiu em Roma, foi em honra de Horacio Cocles, 506 annos antes de Christo.Modernamente tem progredido muito este ramo de bellas artes, e Portugal conta alguns artistas de muita reputação, a quem os estrangeiros tem feito justiça.

O gelo.— Os Estados Unidos da America consomem e exportam immensa quantidade de gelo. Nas principaes cidades, todas as manhãs os criados ao abrir as portas encontram ao pé de casa um grande pedaço de gelo transparente, destinado para consumo diario de cada familia.

Boston é o principal centro deste commercio, aproveitando todos os invernos o gelo que se forma nos grandes lagos dos seus arrabaldes e que se conserva involvido em serradura de madeira, e assim é exportado para todos os paizes. O primeiro negociante, que emprehendeu este ramo de negocio, em 1802, foi Frederico Tudor, de Boston, que nas suas primeiras especulações perdeu 4:500 dollars. Em 1815 principiou de novo o seu commercio,ganhando sommas consideraveis.Em 1847, já se empregavam 258 navios no transporte do gelo para diversos paizes, e só a cidade de Boston tem annos, em que ganha 6 milhões de francos.

Mercado de Condeixa a Nova—No mercado de sexta feira, 7, regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 510—Dito mourisco 490—Milho branco 360—Dito amarello 350—Feijão vermelho 500—Dito branco 480—Dito rajado 440—Dito frade 400—Cevada 280—Tremoços 280—Chicharos 300—Grão de bico 500—Batatas de semente 280—Vinho 700—Azeite 1$030—Vacca 200—Carneiro 90.

Camara dos deputados.—A sessão de quinta feira acabou tumultuosa, por se julgar offendido o sr. Luiz de Campos, em uma allusão do sr. ministro do reino.

Renovou-se hontem essa questão, a respeito do que diz o *Jornal da Noite* o seguinte:

«Logo que se abriu hoje a camara electiva o sr. deputado Luiz de Campos renovou a questão que lhe dizia respeito, e o sr. ministro do reino mandou para a mesa o papel a que se referira hontem.

O papel era um auto de investigação feito a 11 de Setembro do anno passado, na administração do concelho de Vizeu, ácerca da connivencia de alguns membros da opposição politica daquella cidade com os agitadores, segundo se deprehendia da polemica então aberta entre o *Viriato* e o *Jornal de Vizeu*.

N'esse auto foram testemunhas os srs. Alexandre de Sousa Figueiredo, agronomo, Eduardo Augusto David e Cunha, medico, João Ribeiro de Liz Teixeira, proprietario, Antonio Augusto da Costa Pereira, proprietario, Miguel Augusto de Sousa Figueiredo, capitão sub-chefe do estado maior da 2.ª divisão e Joaquim Carlos de Andrade e Silva, bacharel em Direito, os quaes mais ou menos imputavam ao sr. Luiz de Campos phrases que podiam indicar cumplicidade com as tentativas de revolta descobertas em Lisboa, e actos praticados para induzir os povos a reagirem contra o imposto do consumo.

O sr. Luiz de Campos confessou que tinha persuadido os povos a representarem, e narrou o que se passara em um jantar dado em certa hospedaria, ao qual alludiam os depoimentos.

O sr ministro do reino disse que o documento lido na mesa provava a rasão com que alludira ao sr. Luiz de Campos, e accrescentou que não mandara promover processo porque as palavras indicadas, só por si não constituiam crime.

Fallou depois o sr. Saraiva de Carvalho com certa vehemencia; mandando para a mesa uma moção, na qual se exprimia o sentimento de que sem haver processo intaurado se tivessem feito allusões a um deputado com offensa das prerogativas parlamentares.

Seguiu-se o sr. presidente do conselho, que em phrase mui cordata procurou acalmar as paixões excitadas por esta discussão, recommendando a todos a tolerancia indispensavel nos debates das assembleas deliberantes. Alludindo depois aos pontos a que não havia respondido,explicou os motivos pelos quaes não respondera, e declarou-se prompto a fazel-o.Quanto á questão actual notou que o sr. ministro do reino fizera uma allusão vaga a qual um sr. deputado tomou para si, e como instasse pelo documento comprovativo da asserção, foi necessario mandal-o para a mesa. Concluiu notando a conveniencia de terminar este incidente, e de concentrar a actividade da camara nos sérios assumptos para os quaes o paiz deseja solução.

Ao sr. presidente do conselho que a camara applaudiu muito, succedeu o sr. Osorio de Vasconcellos, examinando o alcance do auto de investigação, e analysando o discurso proferido pelo sr. ministro do reino.

O sr. Affonseca mandou para a mesa uma moção para se passar á ordem do dia, ouvidas as explicações do governo, e depois de alguma duvida ácerca do uso da palavra, coube ao sr. José Luciano de Castro fallar no proseguimento do debate.

O sr. José Luciano de Castro entendeu que este precedente era terrivel para a liberdade da tribuna, porque o governo podia mandar levantar autos similhantes a estes para accusar depois os deputados, e n'este sentido discorreu largamente, censurando o governo por não mandar processar o sr. Luiz de Campos, tendo mettido em processo os conspiradores de Lisboa.

São 4 horas. Continua fallando o mesmo orador.

Neste debate tomou tambem a palavra o sr. Francisco Mendes, defendendo o sr. Luiz de Campos das accusações constantes do auto de investigação.

A' ULTIMA HORA.—Por 54 votos contra 37 foi rejeitada a moção do sr. Saraiva de Carvalho. Em seguida foi approvada a moção do sr. Affonseca por 54 votos.

O sr. Saraiva de Carvalho requereu que fosse publicado na folha official o papel relativo ao sr. Luiz de Campos, e assim se resolveu.

Foi rejeitada por ultimo a proposta do sr. José Luciano de Castro por 51 votos.

São 5 horas e um quarto.

Despacho.—Consta-nos que fora despachado para o emprego vago de bullario, nesta cidade, o sr. bacharel José Maria dos Santos.

CHARADAS

Postas a premio para todas as sociedades, e dedicadas á sociedade *Charadicida Telegraphica*—Premio a quem as advinhar todas:—*O prodigio das salas*, por David de Castro.

101.ª
E' verbo—3.ª e 4.ª
E' verbo—1.ª e 2.ª
E' verbo—1.ª, 3.ª e 4.ª
E' verbo—3.ª
E' fructo—3.ª e 2.ª
Substantivo—1.ª e 2.ª
E' nome.

102.ª
E' verbo no infinito—1
E' pronome pessoal—1
Verbo no indicativo—1
Artigo em Portugal—1
Sociedade.

103.ª
E' um verbo cardinal esta terra—2 e 1.

104.ª
Verbo, nome, e appellido—1 e 2.

105.ª
Tem peso o que é nascido neste logar—1 e 2.

M. C.

Offerecidas ao illm.º sr. M. C.

106.ª
O nó da musica é um romance—2 e 1.

107.ª
Cria o verbo no throno—2 e 1.

108.ª
E' nome, outro, e ainda outro—2 e 2.

109.ª
No nariz, geme e refresca—2 e 2.

110.ª
Quarta e não é feia esta mulher—1 e 2.

111.ª
Na tropa e na eira se vae de passeio—2 e 2.

S. C. T.

112.ª
Nasço na Italia, vou morrer no mar,
Que o velho Doge desposar fingia,
Ao livre povo de Veneza dando
Alegre festa, que o divertia. } 1

Não posei sobre os hombros de Sisypho,
Nem fui por Deucalião atraz lançada;
Ando sem ter pernas, e assim mesmo
Presto a todos serviços apressada. } 1

Causa remota fui da grande guerra,
Que a muitos heroes matou famosos;
Levando Menelão a mão Argiva,
Aos Dardaneos muros bellicosos.

J. G.

113.ª
Calço, ando mal, e n'agua fria
Meu corpo, o fato meu, lá vou lavando; } 2
Em quanto que, de manso, assim caindo,
Hei de acabar, em fim, além passando. } 3

Miseravel ostentação, que a tantos chegas,
Cobrindo-os do ridiculo! Melhor fora
Que deixando este viver, tão pouco serio,
Procurasseis a franqueza, onde ella mora.

S. B.

Explicação das charadas do numero antecedente:—54—BISTORTA—55 PILULA—56—THÉATRE—57—CALEMBOURG—58—PATARATA—59—PREMIO—60—PARABOLA—61—LAPUZ—62—REPOUSO—63—ABREU—64—CALOIRO—65—CHALOUPE—66—CHIMERE—67—BUTEAU—68—CATARATA—69—LIMONADA—70—CAPINHA—71—PANGAIO—72—CATÃO—73—VIOLINO—74—DESPEDIDA—75—NEGOCIO—76—APOSTOLO—77—DOLOSO—78—CUNHADO—79—CLARABOIA—80—TROVADOR—81—CARAPETA—82—ALMIRA—83—PEDANTE—84—LAVRADOR—85—HERVARIO—86—FALUA—87—ILLUSTRADO—88—ASILADO—89—PODÃO—90—ESCOVA—91—GAIOLA—92—RAPAZ—93—MARIA PIA—94—LISBOA—95—LOVELACE—96—ESCOVA—97—MILLEPIEDS—98—TOUCADO—99—CHARLES—100—MORSE.

A sociedade *Quadrupla Alliança* decifrou 37 charadas, faltando-lhe só os n.os 63, 65, 67, 74, 82, 87, 92, 95 e 99.

A sociedade *Charadicida Telegraphica* decifrou 28, nas quaes se incluem 9 das 10 que lhes offerecera o sr. M. C.

O sr. M. C. decifrou 23, incluindo-se nestas todas as 5 que lhe foram offerecidas pela sociedade *Charadicida Telegraphica*.

O charadista *Raphael* decifrou 23; e outros muitos decifraram entre 10 a 20.

Iremos publicando as charadas que nos tem remettido, á proporção que o espaço o fôr permittindo.

ANNUNCIOS

1 OS CORPOS GERENTES da Associação dos Artistas da Coimbra, como testemunho de sentimento pelo fallecimento de Sua Magestade a Imperatriz, viuva, duqueza de Bragança; resolveram mandar celebrar uma missa, com *libera-me*, a expensas suas, na egreja de Santa Cruz, pelas 10 horas da manhã de 10 do corrente; pelo que convidam em geral a todos os cidadãos, e em especial os socios honorarios e effectivos desta Associação, a assistirem a este acto religioso.

O presidente,
José de Figueiredo Pinto.

ARREMATAÇÃO

2 NO DIA 4 de Março futuro, pelas 10 horas da manhã, á porta da sala do tribunal judicial desta comarca, e perante o meritissimo dr. juiz de direito, hão de ser postas em praça, para serem arrematadas e vendidas pelo maior preço que se offerecer, sobre os valores que lhe foram dados pelos louvados, cinco propriedades rusticas, penhoradas na execução que neste juizo corre a requerimento de Antonio Joaquim de Figueiredo Serra, residente em Fóra de Portas, contra Albano das Neves, ausente em parte incerta, e sua mulher Maria Joaquina, residente no logar de Souzellas. Da execução é escrivão Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

Rua do Visconde da Luz, n.º 1.

3 VENDEM-SE estalos, papelinhos, cartas de versos e outras miudezas, proprias do carnaval.

---

4 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia de S. Domingos da Castanheira, no concelho do Pedrogão Grande, diocese de Coimbra, faz publico, que no dia 16 do corrente, pelas 10 horas da manhã, no adro da egreja matriz, voltam novamente á praça, e hãode arrematar-se definitivamente, convindo, as obras da ultimação da torre, côro, guarda-vento e solho da referida egreja matriz, em globo ou separadas, sendo os apontamentos e condições patentes no mesmo acto.

E para que chegue ao conhecimento de todos se fez o presente edital.

Castanheira, 3 de Fevereiro de 1873.

O presidente da Junta,
Manoel Joaquim Rodrigues Correa

---

5 PELO JUIZO DE DIREITO da cidade e comarca de Coimbra, e cartorio do 3.º officio, corre acção de separação de pessoa e bens, requerida por Maria Marques dos Reis, contra seu marido José Mano, ambos do logar de Pé de Cão, freguezia de S. Martinho do Bispo; cuja petição foi distribuida em audiencia de 23 de Janeiro ultimo; o que se annuncia em cumprimento do artigo 1225 do Codigo Civil Portuguez. O escrivão interino Manoel Ferreira de Almeida.

VENDA DE UM PIANO

6 VENDE-SE um piano quasi novo, d'Erard. Quem o pretender comprar dirija-se ao Jardim Botanico, a Edmond Goeze.

MEDALHA DO CENTENARIO

7 NESTA REDACÇÃO se diz quem compra uma medalha do centenario da Universidade.

NOVA TINTURARIA

10—Rua do Paço do Conde—10

8 JOSE' MARIA DOS SANTOS participa ao publico, que estabeleceu a sua casa com officina de tintureiro, encarregando-se por isso de tingir de qualquer côr toda a qualidade de roupa. Responsabilisa-se pelo bom tinto e perfeição. Preços muito commodos.

ATTENÇÃO

Feira de Março em Aveiro

9 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Aveiro, faz publico, que todos os negociantes que quizerem concorrer á feira, que annualmente se faz nesta cidade no dia 25 de Março, farão ao arrematante Manoel Antonio Loureiro de Mesquita, até ao *dia 15 de Fevereiro*, a necessaria requisição da barraca, designando os lanços que pretendem, sob pena de que não cumprindo até ao indicado dia, não póde o arrematante ser obrigado a fazel-as.

Secretaria da Camara Municipal de Aveiro, 1.º de Fevereiro de 1873.

Por ordem da Camara,
Paulino Aprigio Pereira Mendes.

EDITAL

Dr. Lourenço d'Almeida Azevedo, lente cathedratico da faculdade de Medicina na Universidade de Coimbra, presidente da Camara Municipal da mesma cidade

Faço saber que na casa da camara se acha patente por espaço de 10 dias, a contar da data do presente edital, o segundo orçamento supplementar ao geral da receita e despeza deste concelho, para o anno economico de 1872 a 1873; pelo que convido todos os cidadãos interessados, a virem alli ver e examinar o mesmo orçamento, e apresentarem-me dentro do referido prazo, quaesquer reclamações que julgarem conveniente fazer, a fim de terem o destino competente.

E para constar se passou este e outros de egual theor.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 6 de Fevereiro de 1873.

Lourenço d'Almeida Azevedo.

---

11 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchaqueca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid.—Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kilo 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kilo 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; da appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desire Rahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2666 — TERÇA FEIRA 11 DE FEVEREIRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 réis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Estão os nossos leitores sobejamente informados das ultimas occurrencias na camara electiva; ocioso é, por isso, narrar neste logar os factos extraordinarios que alli se passaram; não occultaremos porem, o pessimo effeito ou antes indignação que elles excitaram no publico, sempre adverso ás pugnas estereis, as quaes infelizmente não é raro debaterem-se no logar onde sómente devera reinar a moderação, a ordem e o respeito devido á santidade das leis.

Que as liberdades publicas consintam no parlamento, ou na imprensa, a discussão ampla e livre da maneira por que o pensamento póde desafogadamente manifestar-se, para analisar os actos dos homens publicos, é conveniente e indispensavel; mas que no alcaçar das leis, no seio da representação nacional, os homens a quem a soberania nacional confiou a augusta prerogativa de guardar puras e intactas todas as immunidades publicas e individuaes, se debatam, em termos inconvenientes e indecorosos, questões puramente pessoaes; que em vez da discussão seria e grave, propria de homens illustrados, se vibre sómente a arma do doesto, da injuria, da recriminação e até do insulto, é o que não póde admittir-se e muito menos justificar-se.

Desde o principio da actual sessão legislativa, quando a opposição desnorteada começou a desencadear de um modo descomedido a tempestade das suas paixões, nós, em differentes artigos deste jornal, temos estygmatisado, com palavras bastante energicas, este inqualificavel abuso, que depondo contra o caracter e contra as intenções da opposição, desacredita o systema representativo.

Agora porem, que a provocação galgou os diques da decencia, é preciso que o jornalismo independente, voz da opinião sensata do paiz, proteste energicamente contra o procedimento dos que, para satisfazer unicamente ambições injustificaveis e caprichos pessoaes, não duvidam rebaixar a dignidade da representação nacional até onde se costumam debater as ruins paixões.

A opposição parlamentar é justa e conveniente, quando se contem nos limites da discussão elevada e grave, quando defende os principios, o direito e a justiça; a opposição assim merece a consideração do paiz, porque véla pelas immunidades publicas, pelas leis, pelos fóros e pelas regalias populares. Sómente assim adquire direitos á conquista do poder.

Diversamente, porem, se têem manifestado actualmente os factos no parlamento.

A minoria parlamentar, ambiciosa e audaz, serve-se de todos os meios que a paixão cega póde suggerir, para desconceituar os que não partilham das suas ideias. Aggride sem criterio nem justiça; provoca conflictos e perturba a ordem, esquecendo até os mais rudimentares preceitos de civilidade e cortezia.

A tempestade que ultimamente se levantou na camara electiva, dá uma prova evidente da insubordinação e facciosismo de alguns de seus membros, e da falta de decoro politico desses que, esquecendo a justiça e o dever, pretendem encontrar na desordem, dentro ou fóra do parlamento, o que não podem haver pelos meios dignos e nobres.

Não justificamos excessos de ordem nenhuma; partam elles d'onde partirem, têem sempre as mesmas consequencias.

Censurando os desvarios da opposição, não podemos deixar de sentir que o sr. ministro do reino esquecesse um pouco as conveniencias e a moderação que deve caracterisar os homens que exercem os altos cargos publicos, e que se respeitam.

As provocações violentas e desarrasoadas por parte da opposição, attenuam é certo, algum tanto, o desabrimento impensado do sr. Sampaio. A sizudesa e a compostura da phrase, sendo condições indispensaveis a todo o homem, não o póde ser menos a um ministro da corôa.

Que a lição aproveite de futuro a todos, para não vermos repetir scenas que envergonham e desconceituam.

AS ORDENAÇÕES DE D. MANOEL

II

O sr. Tito de Noronha vendo as rectificações feitas ao seu opusculo das ordenações de D. Manoel, reconheceu a absoluta necessidade de refundir o seu trabalho; e com effeito, no fasciculo segundo da *Archeologia artistica*, que acaba de sair á luz no Porto, trata outra vez esta espinhosa questão bibliographica, servindo-se para isso não só dos elementos fornecidos pelos escriptores que lhe contestaram parte do seu primeiro trabalho, mas de novas investigações a que ultimamente procedeu.

Esta recente publicação do sr. Tito de Noronha revela da parte do seu illustrado auctor uma vontade perseverante em descubrir a verdade, o que lhe faz muita honra.

Ainda restam pontos duvidosos; mas é certo, que este bibliographico chegou na actualidade até aonde se podia ir com os elementos que existem.

Resumiremos, portanto, o que até agora se sabe acerca das differentes edições das ordenações de D. Manoel.

Edição de 1512—1513

Dizia o sr. marquez de Vallada, que possuia não só as ordenações de D. Manoel, da edição contestada de 1512; mas outra edição de 1513.

Na subscripção do primeiro livro, se declara que fora impresso por Valentim Fernandes, allemão, em Lisboa, e terminado aos 17 dias de Dezembro de 1512; e na do segundo livro se diz que fora impresso pelo mesmo Valentim Fernandes, em Lisboa, e terminado a 19 de Novembro de 1513.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXXXIII

D. FRANCISCO DE LEMOS E A DEPUTAÇÃO PORTUGUEZA

(CONCLUSÃO)

DOCUMENTO N.º 12

Illm.º e exm.º sr.—Tenho a honra de dar parte a v. ex.ª, que tendo saido de Bordeus a 15 de Setembro, entrei n'este reino a 9 do corrente, pelo logar de Nave de Aver, donde apesar do mau estado da minha saude, sahi no dia 12, com tenção de dirigir-me a Celorico, e ahi parar alguns dias, para restabelecer-me, e satisfazer aos meus deveres, para com o supremo conselho da regencia, para com v. ex.ª, general da provincia, e para com o senhor general Silveira, que se acha no mesmo districto com a sua divisão; mas tendo este senhor a bondade de prevenir-me com os seus generosos officios, mandando-me acompanhar pelo seu dignissimo ajudante de ordens, tomei por conselho, e insinuação delle o caminho de Alverca do Trancoso, com direcção a Moimenta da Beira, onde cheguei hontem á noite, e me acho actualmente muito fatigado e doente, necessitando por isso demorar-me para recobrar a saude perdida, e roborar-me. E como muito desejo entrar no territorio do meu bispado, e aproximar-me a essa cidade, estando interinamente em algum dos logares mais livres de movimentos militares; lembra-me que Bussaco se acha n'esta situação, e receberei por muita graça, que v. ex.ª seja servido mandar passar as ordens necessarias, para não ser impedido pelo caminho.

O portador leva passaporte do sr. general Silveira, e vae principalmente entregar a v. ex.ª esta carta, a quem rogo o favor de facilitar-lhe os meios de poder voltar a encontrar-me. Deus guarde a v. ex.ª por muitos annos, para bem da defeza, e conservação d'este reino, e para eu ter a honra de empregar-me no seu serviço, e mostrar que sou—Illm.º e exm.º sr. tenente general Manoel Pinto Bacellar—De v. ex.ª mt.º venerador e obgd.º captivo—*Francisco*, bispo conde, reformador e reitor—Moimenta da Beira, 19 de Novembro de 1810.

DOCUMENTO N.º 13

Illm.º e exm.º sr.—Tendo entrado n'este reino, no dia 9 do corrente, e sabendo que v. ex.ª governava, e commandava uma divisão do exercito n'esta provincia, era minha intenção, dirigir-me logo a v. ex.ª para participar-lhe a minha chegada; o mau estado da minha saude fez que me demorasse até ao dia 12 em Nave de Aver, donde sahi ainda muito mal convalescido, dirigindo-me a Celorico, para aproximar-me assim ao quartel de v. ex.ª.

Passando a ponte do Coa tive a satisfação de encontrar o dignissimo, e muito estimavel ajudante de ordens de v. ex.ª, o sr. Antonio José Claudino, que por muito particular bondade de v. ex.ª, veiu significar-me a sua vontade para comigo, e facilitar-me os meios de chegar com segurança á minha egreja.

Em Alverca tive o gosto de receber a honrosa carta que v. ex.ª se dignou escrever-me; porem nem n'aquella villa, nem pelo caminho até esta, onde me acho, me foi possivel responder a v. ex.ª, sentindo cada vez mais alterada e indisposta a minha saude, pelos incommodos do mau tempo, e quasi invadiaveis estradas, como tudo presenciou o mesmo seu ajudante, que cheio de bondade e de paciencia, tratou-me com todo o genero de favor, e obsequios.

V. ex.ª me faz justiça, em não duvidar de que restituindo-me a este reino, não tenha outras intenções que não sejam as de concorrer, pelo meu officio pastoral, na contenda em que toda a nação se acha empenhada; e tenho toda a confiança, de que o governo, e todo este reino, sejam conformes ás ideias de v. ex.ª a meu respeito; porque em toda a minha vida, e nos diversos empregos, que tenho occupado, não procurei senão dar provas de fidelidade, e respeito que devo aos nossos soberanos, e de zelo, e interesse pelo bem publico, e geral da nação.

Constante n'estes sentimentos, por me sentir já melhor da minha saude, escrevi ao exm.º sr. general Bacellar, de quem tive a resposta que por copia passo ás mãos de v. ex.ª, para lhe ser patente a necessidade que tenho de recolher-me a Coimbra, para d'ahi passar a Lisboa, quando me for possivel, pelo inteiro restabelecimento da minha saude. Em toda, e qualquer parte, conservarei sempre viva a memoria dos favores que recebi de v. ex.ª, e os mais ardentes desejos de servir a v. ex.ª por muitos annos. Moimenta da Beira 23 de de Novembro de 1810—Illm.º e exm.º sr. general Francisco da Silveira Pinto—Mt.º venerador e obgd.º captivo—*Francisco*, bispo conde, reformador reitor.

DOCUMENTO N.º 14

Illm.º e exm.º sr.—Em Moimenta da Beira, tive a honra de receber duas cartas de v. ex.ª; uma datada de 22 do mez passado,

O sr. marquez de Vallada não possue senão estes dois livros, que classifica de duas edições; mas o sr. Tito de Noronha suppõe, e parece-nos que com bom fundamento, que pertencem não a duas edições, mas a uma só.

A difficuldade está em averiguar a causa por que na edição de 1514, feita por João Pedro de Bonhomini, tem o 3.º livro a data de 11 de Março, o 4.º a de 14 de Março, e o 5.º a de 18 de Maio: ao mesmo tempo que o 1.º tem a data de 30 de Outubro, e o 2.º a de 15 de Dezembro.

O sr. Tito de Noronha é de parecer que os livros 3.º, 4.º e 5.º, de João Pedro de Bonhomini, foram a continuação do 1.º e 2.º de Valentim Fernandes, por seguirem uma ordem natural e chronologica; e que o 1.º e 2.º do mesmo Bonhomini, seriam por este impressos cinco mezes depois, provavelmente para completar a sua edição, ou introduzir especies novas no codigo.

Ainda assim não passa isto de uma opinião, mais, ou menos provavel; mas que não deixa resolvido este ponto com plena certeza.

Edição de 1514

E' a edição de Lisboa, por João Pedro de Bonhomini, que acima mencionámos, e que tem no frontespicio do primeiro livro a declaração de ser —*Novamēte corregido na segūda ēpressam*. Nada mais precisamos de dizer acerca desta edição, porque já indicámos as datas que tem cada um dos cinco livros.

Edição de 1521

Foi feita pelo impressor Jacob Cronberguer. O primeiro livro foi impresso em Evora, o segundo e terceiro em Lisboa, o quarto em Evora, e o quinto em Lisboa.

No fim do quinto livro se declara que fora impresso na cidade de Lisboa, por Jacob Cronberguer, em 11 de Março de 1521. Os quatro primeiros livros não tem data.

Esta edição de 1521 não é contada, como parece que devia ser, por *terceira impressão;* porque é uma nova compilação das ordenações mandadas fazer por D. Manoel; e por isso vem a ser a *primeira impressão* da segunda compilação.

Edição de 1533 (?)

E' a edição feita por Germão Galharde em Lisboa, segundo o privilegio concedido em 17 de Junho de 1533 ao livreiro Luiz Rodrigues. Não tem data da impressão, e por isso póde ter sido feita em 1533, ou em algum dos annos posteriores; com quanto haja probabilidade de ser logo naquelle anno.

Germão Galharde, em logar de mencionar no fim a data em que fez a impressão, reproduziu a subscripção que Jacob Cronberguer poz á sua edição de 1521, o que se vê em um exemplar da edição de Germão Galharde, que o sr. Tito de Noronha descobriu ultimamente no Porto, o qual tem a ultima folha, mas lhe falta a do frontespicio, que aliás tem o exemplar que achamos na bibliotheca da Universidade, e a que já nos referimos.

Esta impressão de Germão Galharde, é na ordem chronologica a *segunda* da segunda compilação.

Edição de 1539

Foi impressa em Sevilha por João Cronberguer.

No fim do quinto livro foi tambem reproduzida a subscripção da edição feita em 1521 por Jacob Cronberguer; mas sabe-se a data desta nova edição, porque tem acrescentadas as palavras—*Terceira impressam de* 1539.

Edição de 1565

Esta edição é do impressor Manoel João. No fim do quinto livro tem a declaração de ter sido feita em Lisboa por este impressor, e acabada a 3 de Março de 1565; e termina com as palavras—*Quarta impressam*.

Edição de 1797

Foi feita na imprensa da Universidade. Ainda que já não pertence ás do seculo XVI, entendemos dever fazer aqui menção della, para ficar completa, quanto possivel, a relação das differentes edições, que tem tido as ordenações de D. Manoel.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

Conferencias no theatro Academico—A nova direcção do club e theatro Academico levava no seu programma organisar saraus scientificos e dar uma recita gratuita aos seus socios todas as vezes que fosse possivel. Abriram-se os saraus na noute de sabbado, fez o discurso de abertura o sr. bacharel Arriaga, e fallaram em seguida os srs. José Frederico Laranjo, Sebastião de Magalhães Lima, e Candido de Figueiredo.

O sr. Arriaga é bem conhecido pelos seus dotes oratorios; a presença agradavel, a voz doce e insinuante, a locução facil e opulenta de imagens, cheias de energia e virilidade, attrahem-lhe sempre as sympathias e a admiração dos que o ouvem, e attrahiram-lhas tambem por esta vez.

O sr. Arriaga fallou do passado, do presente e do futuro; disse que estava imminente uma revolução terrivel, mas feita pela justiça, e que se o homem dominava as tempestades com a sua sciencia, era necessario que estudasse tambem as tempestades politicas para que se aproveitassem os seus resultados, sem que se padecessem os seus furores. A imagem de um novo continente rebentando do mar, fazendo-o sair dos seus diques e obrigando os homens a subir para as alturas para virem d'alli tomar posse d'elle; imagem com que o sr. Arriaga exprimiu a vinda da revolução, foi arrojada e feliz, e agradou muito.

O sr. Jose Frederico Laranjo, fallou sobre historia da philosophia. Fez uma curta introducção, começou na historia da philosophia grega, percorreu rapidamente, mas com muita erudição e revelando profundos conhecimentos, o primeiro periodo da philosophia grega; demorando-se na reforma de Socrates, e terminando com elle.

O sr. Laranjo é um moço talentoso, e que cultiva a sciencia com afincado amor. Todos conhecem e estimam as suas obras, e os valiosos escriptos com que se tem adornado varios jornaes, entre elles o *Instituto*.

Se a conferencia do sr. Laranjo, pela especialidade do assumpto, não se prestava ás imagens e galas do estylo, que os seus companheiros ostentaram, pelo seu lado scientifico foi muito e muito apreciada, sendo considerada por todos de grande merito e valia.

O sr. Magalhães Lima, é um moço tambem de presença sympathica e exuberante da seiva da mocidade, levando-a ás concepções que são sempre impetuosas, e ás palavras que são sempre ardentes. Agrada este coração e esta palavra que se sabe apaixonar; mas a sciencia, que é tambem uma formosissima dama, e que é filha do norte, fria e impassivel por tanto, pede-lhe as vezes que não attenda só ao coração e que lhe dê tambem um aperto de mão.

O sr. Magalhães Lima fallou sobre a reacção e o seculo, e foi implacavel com aquella e amoroso com as ideias generosas e ao mesmo tempo terriveis deste. Agradou muito, mas podia deixar de descer a certas especialidades; certas accusações ficam bem n'um jornal de lucta de momento, e não na bocca de quem se pretende levantar a regiões mais elevadas.

Depois recitou a sua bella poesia *O Progresso* o sr. Candido de Figueiredo. E' escusado dizer que o sr. Candido de Figueiredo e o *Progresso* são duas cousas que agradam sempre, e que se alliam muito bem.

O sarau foi tambem musical. Tocaram n'um dos intervallos os srs. Ferreira Cardoso, Medeiros, e Simões. Todos estes nome são conhecidos como de musicos distinctos. Se houve poesia na palavra, não houve menos na musica.

Seria ingratidão não lembrar tambem aqui o nome do sr. Augusto Rocha, que foi o encarregado de promover os saraus; e que teremos occasião de apreciar nos seguintes.

As condições do palco pareciam não ser muito favoraveis aos oradores, que mostravam sentir frio do meio dos discursos para deante, e que visivelmente se incommodavam com isto.

E' conveniente que cada sarau seja ou só scientifico ou só litterario; o systema mixto que se empregou nesta vez, faz com que o ouvido embebecido pelo canto da sereia das imagens, não preste depois attenção á austeridade do que é scientifico.

Suffragios.—Como annunciaramos foi hontem celebrada a missa, com *libera-me*, no fim, na egreja de Santa Cruz, por alma de sua magestade a imperatriz, viuva, duqueza de Bragança.

A este acto religioso assistiram os srs. secretario geral, membros da camara municipal, governador militar, officiaes da guarnição, socios honorarios e effectivos da Associação dos Artistas, os alumnos das aulas da mesma Associação, e muitos outros habitantes da cidade.

No meio da capella mór tinha sido levantada uma apparatosa eça.

Fazia a guarda de honra uma força do destacamento de infanteria 9, aqui estacionado.

A Associação dos Artistas de Coimbra, com estes suffragios, veiu publicamente testemunhar quanto sentia o fallecimento da illustre viuva do immortal duque de Bragança, a qual se era nobre pelo nascimento, muito mais nobre se tornou pelas suas virtudes, entre as quaes sobresaia a da caridade.

Esta Associação nunca se esquece de tomar parte nas grandes dores e nas grandes alegrias nacionaes.

Quando em tempo terminou felizmente a guerra entre o Brasil e o Paraguay, mandou cantar um solemne *Te-Deum* na mesma egreja de Santa Cruz, para festejar um acontecimento, que se era grato para os brasileiros, não o era menos para os portuguezes, em razão dos estreitos laços de fraternidade que os ligam aos cidadãos do imperio do Brasil.

Agora que falleceu aquella senhora, que tendo sido imperatriz do Brasil, quiz fallecer neste abençoado solo portuguez, vem a Associação dos Artistas de Coimbra chorar a sua perda.

Com estes e outros actos, não sendo dos menores a instrucção que diffunde pelos filhos do povo, e que a Associação dos Artistas de Coimbra tem adquirido com justiça o credito, de uma das primeiras associações do paiz.

---

em resposta á que eu tinha escripto a v. ex.ª da mesma villa, e na qual v. ex.ª, depois das honrosas expressões, com que se dignou favorecer-me, sobre o estado de minha saude, e pessoa, me communicava que o bem do principe regente nosso senhor, exigia que eu me dirigisse a Lisboa, a apresentar-me ao supremo conselho da regencia, não devendo demorar-me mais tempo, do que aquelle que me fosse necessario para o restabelecimento da minha saude, e que para não encontrar obstaculo na minha marcha, v. ex.ª enviava um official que me acompanhasse.

Na segunda datada, em 26 do dito mez e que me foi entregue por mão do seu muito digno ajudante de ordens, o illm.º sr. Francisco de Assiz de Lemos e Alvelos, me diz v. ex.ª, que o enviara para acompanhar-me até Obidos, na conformidade das reaes ordens do principe regente nosso senhor. Depois de protestar a v. ex.ª o meu sincero reconhecimento, por tão distinctos favores, e o meu constante respeito, e obediencia ás ordens do nosso soberano, vou participar a v. ex.ª, que experimentando algum allivio na minha saude, sahi antehontem de Moimenta da Beira, e vim dormir a Ferreira, e hoje cheguei a esta cidade de Vizeu, fazendo tenção de continuar a minha marcha, indo ámanhã dormir a Tondella, e assim por diante em jornadas pequenas, por me não permittirem as minhas forças exercicios mais violentos; parecendo me que não pode ser contra as reaes intenções de sua alteza real, por me ser indispensavelmente necessario o passar por Coimbra, e demorar-me ahi alguns dias, para dar algumas providencias sobre o meu bispado, e outras para transportar-me a Lisboa: dou egualmente parte a v. ex.ª, que para o dito fim tenho mandado preparar a minha residencia no seminario, para o pouco tempo que ahi me demorar.

Deus guarde a v. ex.ª por muitos annos. —Vizeu, 5 de Dezembro de 1810—Illm.º e exm.º sr. tenente general Manoel Pinto Bacellar—De v. ex.ª mt.º venerador e obgd.º captivo—*Francisco*, bispo conde, reformador reitor.

DOCUMENTO N.º 15

Illm.º e exm.º sr.—Constando que o bispo de Coimbra, se acha incommodado na sua saude, e sendo-lhe por isso muito violenta a sua jornada para esta capital, v. ex.ª lhe insinuará, que passe á cidade de Porto, onde mais facilmente se pode conservar, até que as circumstancias permittam a sua vinda para Lisboa com mais commodidade.

Deus guarde a v. ex.ª—Palacio do governo em 20 de Dezembro de 1810—D. Miguel Pereira Forjaz—Sr. *Manoel Pinto Bacellar*.

DOCUMENTO N.º 16

Documento citado no interrogatorio feito pelo chanceller da relação do Porto ao bispo D. Francisco de Lemos.

Illm.º e exm.º sr.—Vi a copia do officio dirigido a v. ex.ª por Mr. Brisson, chefe da divisão dos fundos, e da contabilidade, pelo qual participa a v. ex.ª, que sua magestade imperial e real havia auctorisado ao exm.º conde ministro das relações exteriores, Mr. Champagny, para dar soccorros aos membros da deputação portugueza: como delle consta, que v. ex.ª se acha encarregado pelo mesmo exm.º conde ministro de lhe fazer conhecer a direcção de cada um dos membros da deputação, e das suas respectivas necessidades; vou dizer a v. ex.ª, pelo que me pertence, que prevenindo as demoras que poderia haver n'este paiz, dei as providencias que me puzeram em estado de poder passar com decencia, até que sua magestade imperial e real seja servido permittir, que possa restituir-me no meu bispado, e continuar as obrigações pastoraes. Queira v. ex.ª certificar ao exm.º conde ministro, desta minha situação actual, e ao mesmo tempo do reconhecimento em que fico nos cuidados paternaes de sua magestade imperial.

Deus guarde a v. ex.ª por muitos annos. Bordeus, 14 de Outubro de 1808—Illm.º e exm.º sr. D. Lourenço de Lima—De v. ex.ª mt.º venerador e obgd.º captivo—*Francisco*, bispo conde, reformador reitor.

DOCUMENTO N.º 17

Carta que o lente de hydraulica da Universidade de Coimbra, Manoel Pedro de Mello, escreveu de Paris para Bordeus, a D. Francisco de Lemos.

Illm.º e exm.º sr.—Recebi antes de hontem a carta de 28 do passado, com que v. ex.ª se dignou honrar-me: a inclusa nella, foi logo entregue, e recommendada de maneira, que a pessoa do Chiado possa responder pela mesma via; estou certo, que ha de partir na primeira occasião: Deus queira que ella chegue ao seu ultimo destino, e a tempo que v. ex.ª possa receber as noticias que deseja.

Muito estimo que a experiencia que v. ex.ª ja tem adquirido do paiz, em que desgraçadamente nos achamos, o tenham feito acautelado, e previdente: aqui, onde a antiga lealdade, e probidade, com que fomos creados, são, ou crimes, ou objectos de derisão, todas as cautelas são poucas; talvez nenhuma das pessoas, que aqui vieram, depois de certa epocha, suspeitaram ainda que a sua vinda era sem volta.........

Desejo a v. ex.ª a mais perfeita saude, e que queira dar-me muitas occasiões, em que eu possa mostrar quanto sou—De v. ex.ª o mais att.º venerador, e subdito mais obgd.º —Paris, 8 de Março de 1809—*Manoel Pedro de Mello*.

Exame de licenciado.— No dia 13 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na sala grande dos actos, faz exame de licenciado na faculdade de Theologia, o sr. Manoel de Jesus Lino. Os factos sobre que tem de versar a argumentação são os seguintes:

1.º Dissertação — *O primado do romano pontifice*—Arguente o sr. D. Victorino da Conceição Teixeira Neves Rebello.

2.º *Apreciação historica da origem, natureza e exercicio da soberania temporal dos papas.*—Arguente o sr. Dr. Antonio Bernardino de Menezes.

3.º *Sola catholicae ecclesiae regula fidei est vera*—Arguente o sr. Dr. Damazio Jacintho Fragoso.

4.º Pruny, tomo 2.º § 39— *Deus universum hoc creavit ex nihilo*—Arguente o sr. Dr. Manuel Eduardo da Motta Veiga.

5.º *Fontes da theologia moral christã e sua importancia relativa*—Arguente o sr. Dr. Francisco dos Santos Donato.

6.º Pruny, *de Sacrament.* § 36.— Arguente o sr. Dr. Manoel Bernardo de Sousa Ennes.

Baile de mascaras.— No domingo teve logar nas salas da sociedade Terpsichore Conimbricense, o primeiro baile de mascaras desta epocha.

Foi muito numerosa a concorrencia, tanto de socios, como de convidados. Houve grande animação, e correu tudo na melhor ordem.

Monte-Pio Conimbricense. — No domingo reuniu-se a assemblea geral do Monte-Pio Conimbricense. Foram approvadas as contas da direcção, e procedendo-se ás eleições foram eleitos os seguintes srs.:

Mesa da assembleia geral

Presidente, Manoel d'Almeida Cabral
Secretario, Antonio Ferraz.

Direcção

Presidente, Francisco de Paula e Silva
Secretario, José Antonio Vieira da Fonseca
Vogal, Antonio Lourenço da Silva
Dito, João Antonio da Cunha
Dito, Francisco Borja dos Santos
Fiscal, José das Neves e Oliveira
Dito, Annibal Augusto Pereira
Thesoureiro, João Lopes de Moraes Silvano.

Brutalidade.— Consta-nos um facto praticado nesta ultima noute, para o qual chamamos a attenção das auctoridades.

Um homem, tendo a mania de que sabia onde estava uma mina de dinheiro, convidou doze individuos para com enchadas irem cavar e desenterrar o dinheiro no sitio por elle indicado.

Foram, com effeito, e succedeu o que se devia esperar. Cavaram, e tornaram a cavar, e nada encontraram.

Voltando para esta cidade pelas 2 horas da noute, e chegando ao sitio da Fonte Nova, ahi bateram no homem que os tinha convidado, e ameaçaram de o matar, sendo preciso que elle se pozesse de joelhos para não mais o maltratarem.

Isto pratica-se em Coimbra!

A's almas caridosas.—Chamamos toda a attenção dos nossos leitores para o primeiro annuncio deste jornal.

Podemos attestar a verdade do que alli se diz. O desgraçado alfaiate Antonio Tovim, está entrevado; achando-se a sua mulher e uma filha tambem doentes, e tendo no todo 8 filhos para sustentar. E' uma grande infelicidade.

As pessoas bemfazejas lembrem-se que se acha uma familia inteira a morrer de fome.

A caridade é uma grande virtude!

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Quiteria Roselina d'Almeida, filha de Antonio Rodrigues d'Almeida e de Maria Luiza d'Almeida, natural de Coimbra, de 27 annos, fallecida no dia 3 de Fevereiro.

Antonio Fernandes Canas, filho de Domingos Fernandes Canas e de Rosa da Silva Coelha, natural de Caminha do Minho, de 47 annos, fallecido no dia 3.

Theresa de Jesus Costa, filha de Joaquim Costa Lopes e de Eulalia Ricardina do Carmo, natural de Coimbra, de 19 mezes, fallecida no dia 3.

Sophia Adelaide, filha de Virginio Constante Ribeiro Gomes de Abreu e de Eulalia Rosa da Silva Villela, natural de Guimarães, de 2 annos e meio, fallecida no dia 4.

Anna Rita, filha de Manoel Rodrigues e de Joanna Maria, natural de Coimbra, de 92 annos, fallecida no dia 6.

Padre Manoel Mendes, filho de Manoel Mendes e de Maria da Cruz, natural das Balças, de 34 annos, fallecido no dia 7.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—4:862.

Teima— Continuam alguns jornaes na teima de transcrever as nossas noticias, sem mencionarem donde as transcrevem.

Repetimos o que ja ha dias dissemos. Aceitamos como motivo de consideração o facto de transcreverem o que escrevemos; mas esperamos, e se tanto é preciso temos direito a exigir, que se faça menção do nosso jornal.

Memoria prodigiosa. — Esta faculdade nem sempre acompanha no seu desenvolvimento o grau da intelligencia. Podem porém citar-se alguns exemplos notaveis de talentos superiores; verdadeiramente privilegiados por uma memoria extraordinaria.

Metrodero, contemporaneo de Diogenes, decorava todos os discursos e conversações que ouvia. Themistocles conhecia pelo nome todos os habitantes de Athenas. Cyro, rei da Persia, sabia o nome de 30 mil dos seus soldados. Mithridates fallava 22 linguas. Julio Cesar dictava simultaneamente 10 cartas a seus secretarios. Simplicio, um dos amigos de Santo Agostinho, sabia de cór as obras de Cicero. Pico de Mirandola recitava immediatamente e com extrema facilidade tudo o que se lia diante d'elle. José Scaliger decorou em 21 dias as obras de Homero e as dos outros poetas gregos em 4 mezes.

Em Portugal tambem tivemos um verdadeiro prodigio de memoria. O celebre padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, chamado o *Voador*, e que foi entre nós o inventor dos balões aerostatos, tinha tal memoria, que abrindo-se um livro de folha que elle nunca tivesse lido, depois de ler duas ou quatro paginas uma só vez, as tornava a repetir fielmente; e o que mais admirava, era repeti-as tambem debaixo para cima!

Isto é attestado pelo padre João Baptista de Castro, que presenceou este facto em 1715, quando andava a aprender philosophia com o padre Filippe Neri, da congregação do Oratorio.

Um outro contemporaneo do padre Gusmão não só confirma o mesmo, de elle repetir uma pagina, depois de uma unica leitura; repetindo-a egualmente ás avessas; mas acrescenta, que sómente de ouvir um sermão, o repetia palavra por palavra.

Pedras preciosas— Imitam-se as pedras preciosas por meio do vidro e cristal, córados com oxidos metallicos e outras substancias; e esta industria tem chegado modernamente a grande grau de perfeição. Imita-se o diamante, com cristal incoloro, fabricado na Allemanha com o nome de *strass;* a saphira, com cristal, colorido com oxido de cobalto; a amethista, com cristal, colorido pelo oxido de manganez, purpura de Cassius, ou oxido de ouro; a esmeralda, com os oxidos verdes de cobre e de chromo; o topasio, com vidro de antimonio e oxido de ouro; e a granada, com oxido de manganez, purpura de Cassius e vidro de antimonio. Em Paris fabricam-se pedras preciosas falsas, com tanta perfeição como na Allemanha.

Automatos celebres. — Attribue-se a invenção dos automatos a Heron, de Syracusa, 210 annos antes de Christo. Um dos mais famosos foi construido por Nabis, tyranno de Sparta. Este automato tinha a figura de uma mulher, sentada em uma cadeira, vestida com magnificencia, e com o seio e braços armados de pontas de ferro, escondidas debaixo da roupa. Quando o tyranno queria sacrificar alguma victima, trazia-a junto d'esta machina infernal, e o automato abraçava o condemnado, apertava-o contra o peito, e só o largava depois de morto.

Clebius, de Alexandria, inventou um automato harmonico, tendo a agua por motor. Archytas construiu uma pomba que voava. Alberto Grande inventou em 1223 uma cabeça fallante. Em 1769, o abbade Mical apresentou á academia das sciencias de Paris 2 cabeças que articulavam syllabas. Em 1822 construiram-se em Paris automatos dançarinos. São tambem celebres as figuras automaticas, que se observam no relogio de Strasburgo e de outras cidades.

Espelho ardente. — Attribue-se a invenção do espelho ustorio a Archimedes, que se serviu d'elle para incendiar a armada romana que assediava Syracusa. Tambem refere a historia, que pela mesma fórma foi incendiada por Proclus em 515 a esquadra dos scythas, que cercava Constantinopla. Em tempos modernos tem-se feito experiencias curiosas com estes espelhos, conseguindo-se inflammar muitos objectos a uma distancia de 60 metros e mais.

O jogo do xadrez.—Este jogo é o divertimento predilecto das pessoas instruidas, porque exige grande contenção de espirito, muitos calculos complicados, e muitas combinações intellectuaes. Attribue-se a sua invenção, segundo uns a Palamède, 1240 annos antes de Christo; segundo outros a Sissa, que vivia no 4.º ou 5.º seculo. O que parece fora de toda a duvida, é que nos annaes da China, 154 annos antes da nossa era, já se fazia menção do jogo do xadrez.

Muitos jogadores tem adquirido um nome verdadeiramente celebre. O nome do portuguez Damião, em 1512, é citado com grande louvor. Tem sido publicadas varias obras, que ensinam este jogo, e a mais methodica e completa é a de Bilguer, impressa em Berlim, em 1843.

Manoel Borges Carneiro—Um nosso amigo e assignante nos communica de Cascaes o seguinte:

«Sr. redactor.—Apresso-me em dar-lhe uma noticia agradavel a si e aos seus leitores. As cinzas do desembargador Manoel Borges Carneiro, do liberal entre os liberaes, do deputado de 1821, do homem cujo nome 40 annos depois da sua morte ainda é proferido com respeitosa sympathia n'uma terra que lhe fora sepultura, sem que lhe tivesse sido berço, acabam de ser encontradas e vão ter em breve honrosa sepultura.

Portugal vae assim pagando pouco e pouco as suas dividas para com os homens a quem deve o nome e a liberdade que ora frue.

Borges Carneiro fora removido da torre de S. Julião da Barra para a fortaleza de Cascaes, onde em Junho de 1833 o colera o roubou ao martyrio que nessa epocha era patrimonio dos homens dedicados a liberdade que começava a despontar n'este abençoado solo de Portugal.

Eram decorridos 40 annos, e ainda esta villa não tinha esquecido que no largo da Parada, fora enterrado um homem grande e tão grande, que lhe lançaram em cima como vilipendio o cadaver d'um soldado!

Mas a Providencia não dorme, e é certo que Deus escreve direito por linhas tortas! Esse acto de desprezo teve então a significação propria das paixões dessa epocha, e tem hoje a sua conveniencia. Quem nos diria, sem esta circumstancia, onde estavam hoje os restos de tão grande vulto! Ninguem, embora mão amiga tivesse, com perigo de vida, assignalado com uma cruz o logar do seu repouso em um muro proximo.

A iniciativa d'este acto pertence ao digno administrador deste concelho, Lourenço Barruncho, cujo pensamento foi enthusiasticamente secundado por todos os habitantes desta nobre terra.

Acabo de ver um retrato do desembargador Borges Carneiro, tirado em 1821; e a figura simpathica e insinuante daquelle que, nos seus então verdes annos, e no meio de uma pleiada de talentos tão robustos como os que constituiram as côrtes de 1821, soube conquistar um nome tal que foi concisamente definido nos dois seguintes versos, que encontro por baixo do retrato:

Que mais alto elogio, mais inteiro,
Que o nome de Manoel Borges Carneiro!

Foram elaborados os autos d'investigação e exhumação, e trabalha-se com actividade para em breve se effectuar a trasladação para um jazigo adequado, cuja execução está a cargo do sr. Dr. Rodrigo Berquo, a quem Cascaes tanto deve já.—Cascaes, 8 de Fevereiro de 1873.»

Communicado—O nosso estimavel amigo o sr. Guilherme Augusto Pereira de Miranda pede-nos a publicação do seguinte:

«Sr. redactor e meu bom amigo—Um correspondente de Coimbra escreveu para um jornal de Lisboa o seguinte:

«Já ahi devem saber que o Miranda e Taveira foram derrotados nas ultimas eleições da sociedade *Terpsichore*.

«Não gostamos ordinariamente de fazer distincções; mas é realmente pena, depois de tantos esforços, zelo e actividade com que estes dois cavalheiros promoveram o engrandecimento da sociedade, fossem victimas das injustiças que a maledicencia e o despeito produzem nos espiritos pouco esclarecidos e menos rectos.

«Esperamos que a nova direcção siga, como é de esperar, os passos da anterior, que bem mereceram e foi digna dos maiores elogios.»

Primeiramente agradeço ao illustrado correspondente a favoravel apreciação, que se dignou fazer, dos serviços que eu e o sr. Taveira prestámos á *Terpsichore*, durante os seis annos, que a ella pertencemos: e em seguida peço licença para dizer e provar que eu não fui derrotado.

Em tempo, alguns collegas e amigos meus manifestaram-me o desejo que tinham de promoverem a minha reeleição para o cargo de presidente; logo, porem, tiveram de desistir do seu generoso intento, em vista das razões que apresentei, pelas quaes eu não podia continuar a fazer parte do corpo director d'aquella sociedade. E foi por isso que o meu nome não figurou em lista alguma.

Quanto a ter o sr. Taveira sido derrotado por um insignificante numero de votos, devo notar duas cousas: a primeira, é que aquelle sr. já em 1871 e em 1872 não queria fazer parte da administração da sociedade, cedendo a final a instancias minhas e de outras pessoas, sendo até uma d'estas um dos actuaes funccionarios; a segunda, é que o sr. Taveira, antes de se proceder ao acto das ultimas eleições, sabendo que eu, porque me prezo de ser cavalheiro, tinha tomado a inabalavel resolução de sair da *Terpsichore*, por isso havia-me prevenido de que tambem se retirava da sociedade, para d'est'arte testemunhar o seu sentimento, pelas injustiças com que a maledicencia d'alguns socios me feriu.

E porque o procedimento do sr. Taveira teve imitadores, aproveito o ensejo para d'aqui enviar um aperto de mão a cada um dos cavalheiros que me deram uma tão honrosa homenagem, propria de grandes almas.

Pela publicação d'estas duas palavras no seu esclarecido periodico se confessa grato o que é:

Coimbra, 10 de Fevereiro de 1872.—De v. amg.º e crd.º obgm.º—*Guilherme A. P. de Miranda*.»

Caminho de ferro da Beira. —A camara municipal de Taboa fez ha dias a seguinte representação ácerca da directriz do caminho de ferro da Beira:

«Senhor!—A camara municipal do concelho de Taboa, plenamente confiada na constante vontade com que Vossa Magestade promove a realisação de todos os meios tendentes a conseguir o bem estar material e moral de todos os portuguezes, resolveu em sessão de vinte e tres do corrente, levar respeitosamente ao conhecimento de Vossa Magestade que, com a mais profunda convicção, abraça, como se fôra sua, a representação da camara municipal do concelho de Coimbra com data de dezesete de Outubro ultimo, sobre a vantagem da directriz do caminho de ferro da Beira por Coimbra, Miranda do Corvo, Louzã, Goes, Arganil, Taboa, e Oliveira do Hospital.

Ponderosos e altamente plausiveis são com effeito os motivos, que justificam, e demandam a adopção daquella directriz; abstem-se porém a camara deste concelho de mais uma vez os reproduzir, por se acharem amplamente consignados e desenvolvidos n'aquella, e n'outras representações que sobre o assumpto tem subido ao throno de Vossa Magestade.—Assim que

Pede a Vossa Magestade se digne acceder aos seus rogos, no que mais uma vez Vossa Magestade fará a costumada justiça.
E R. M.

Paços do concelho de Taboa, 25 de Janeiro de 1873.

(Seguem-se as assignaturas.)

A agulha de Cleopatra—Diz o *Progresso Commercial*, que se tem suscitado ultimamente novas questões ácerca da trasladação do bello obelisco da Alexandria, conhecido pelo titulo que vae, na epigraphe, para o novo caes do Tamisa, em Londres. Esta questão data dos principios do seculo actual, e de-

veria ter sido resolvida quasi depois da mudança do famoso obelisco de Luxor, que hoje é o ornamento da praça da Concordia em Paris.

O sr. John Dixon, que acaba de construir uma ponte de ferro atravez do Nilo, diz que, tendo examinado attenta e minuciosamente a posição d'este monolitho e a costa mais proxima do mar, poude ver que o terreno não offerecia o menor obstaculo á trasladação, e que o obelisco podia ser facilmente transportado para a Inglaterra e assentado no dito caes, mediante a despeza de 15:000 libras sterlinas, somma assás modica, no parecer do sr. Dixon, para a acquisição de tão bello e antigo monumento.

Noticias de Angola.— São graves as noticias de Angola.

Os negros estavam de posse de uma grande parte do Golungo Alto, e receava-se pela segurança do Casanga e Quanza.

O governador geral Horta, e o seu companheiro Wandsenem, foram encontrados insensiveis e banhados em sangue na rua, á meia noute de 24 de Dezembro.

Logo que constaram estas noticias em Lisboa, foi convocado o conselho de ministros, e resolveu o governo mandar sair para aquella possessão, a *Sagres*, na quarta feira, com uma força conveniente, e levando a seu bordo o novo governador José Baptista de Andrade.

Na sessão da camara dos deputados de hontem foi approvada a proposta do governo, auctorisando um credito de cem contos, para as despezas com a expedição de Angola.

Noticias de Madrid. — São da maior importancia as noticias de Madrid.

Consta que o rei Amadeu quer abdicar, e que as côrtes iam mandar uma mensagem, pedindo-lhe para que cedesse d'esse seu proposito.

Os socios benemeritos da Associação dos Artistas—O sr. Augusto Pinto Travares pede-nos a publicação do seguinte:

«Sr. redactor. — Para esclarecimento e rectificação da noticia que v. publicou no ultimo numero do seu jornal, tenho a dizer o seguinte.

Na sessão de 3 de Fevereiro, o sr. presidente José de Figueiredo Pinto disse, que em presença dos grandes serviços prestados á Associação dos Artistas pelo socio effectivo o sr. Possidonio da Silva Alves Brandão, tendo feito a estatua de el-rei D. Fernando e as figuras que adornam o pedestal, sem que recebesse paga, ou gratificação alguma, propunha que este sr. fosse nomeado socio effectivo benemerito; o que foi approvado pelo conselho por unanimidade.

Disse mais o sr. presidente, que os serviços prestados á Associação pelo sr. commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes, eram dignos de grande consideração; e por isso propunha que tambem fosse nomeado benemerito; o que foi unanimemente approvado.

Eis a verdade do que se passou a este respeito.

Devo mais acrescentar, que os socios *benemeritos*, que hoje tem a Associação dos Artistas de Coimbra, são os seguintes, os quaes tem sido nomeados pela ordem em que vão collocados.

1.º Joaquim Martins de Carvalho.
2.º Augusto Cesar de Sá.
3.º José Galvão Peixoto Lobato.
4.º Possidonio da Silva Alves Brandão.
5.º Commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

Desde já agradeço a publicação d'esta carta.—Coimbra, 11 de Fevereiro de 1873.—*Augusto Pinto Tavares.*»

Additamento.—Por lapso de composição, deixou de apparecer na noticia em que fallamos do sarau litterario o nome do sr. Gonçalves Guimarães, que deve ser additado aos dos srs. que executaram a parte musical.

Theatro Academico—Depois de grandes difficuldades, com que tem luctado o actual conselho da academia dramatica, para conseguir proporcionar aos seus socios e accionistas, e emfim aos habitantes desta terra, horas de recreio dramatico e musical no seu theatro, começa-lhe agora a vida cheia de vigor e enthusiasmo. Sabbado vae á scena n'aquelle theatro o magnifico drama do sr. Mendes Leal—*A pobreza envergonhada*, em que teremos mais uma vez occasião de admirar no papel de José Silvestre o nosso mestre de scena portugueza o sr. João Anastacio Rosa (pae).

Os papeis das damas são desempenhados por sympaticas actrizes, que o conselho convidou a virem aqui dos theatros de primeira ordem, onde estão escripturadas.

Se a tudo isto juntarmos a bella orchestra que hoje está n'aquelle theatro, dirigida pelo talentoso academico José Lopes Guimarães Pedroza; e o titulo de segurança, dada á parte dramatica pelo saber do habil ensaiador, o sr. Rosa, que aqui se acha ha 15 dias com esse unico fim, a convite do conselho da academia; ficaremos com a certeza que iremos ter uma noite de enthusiasmo e admiração.

CHARADAS

Offerecidas á sociedade charadicida Telegraphica

114.ª
E' do reino vegetal—2.
E' do reino vegetal—2.
E' do reino vegetal.

115.ª
Palavra portugueza e latina—1
Palavra portugueza e latina—1
Palavra portugueza e latina

116.ª
Este verbo mais este está nas plantas—1 e 1.

117.ª
Nos baralhos este verbo é de cana—1 e 2.

Da sociedade *Quadrupla Alliança*

Offerecidas ao meu amigo Francisco Maria Simões

118.ª
Nas preces, na musica e no campo é uma arvore—2 e 1 e 2.

119.ª
O diabo nas aulas deita tudo abaixo—2 e 2.

120.ª
Com um *a* na geometria—1
Tambem na geometria—3
Ainda na geometria.

Raphael.

Offerecidas á sociedade charadicida Telegraphica

121.ª
Emilia, a senhora
Mandava Maria; } 1
Mas esta escarninha
Nenhum caso fazia. } 1

Zangou-se a senhora,
(Que co'o caso não rira;)
Uma vela tomando
A' cara lh'atira
(A vela por fragil
Em dois se partira:) } 1

Pouco depois a criada,
Diligente obedecia;
E a ama socegada,
Já barulho não fazia.

Pombal—*Oedipo.*

122.ª
Os poetas têem a virtude no poema—2 e 1.

123.ª
Outra cousa amarella é uma estrella—1 e 1.

124.ª
Na Asia Menor donde vem os mineraes uma planta que esmaga esta discussão—1 e 2 e 1 e 1

V. M. P.

Offerecida á sociedade charadicida Telegraphica

125.ª
E' nota na musica e nota este appellido—1 e 1 e 1.

M. C.

Explicação das charadas do numero antecedente:—101—AMALIA—102—TERTULIA—103—TROUXEMIL—104—VIEGAS—105—ARNADO—106—ATALA—107—AMADEU—108—ROSALINA—109—VENTAROLA—110—OLINDA—111—ALAMEDA—112—POMO—113—PATACOADA.

Differentes sociedades e individuos decifraram quasi todas as 5 charadas postas a premio. Só porem, a sociedade *Charadicida Telegraphica* as decifrou todas; e por isso lhe pertence o premio—*O prodigio das salas*, por David de Castro.

ANNUNCIOS

Uma esmola, pelo amor de Deus

1 PEDE-SE a todas as pessoas caridosas que acudam ao infeliz Antonio Tovim, que se acha entrevado, com a mulher doente, uma das filhas tambem doente, e tendo para sustentar 8 filhos, sem possuir nem um real com que lhes possa acudir!

Este infeliz, bem conhecido em Coimbra, já ha 4 annos não póde trabalhar pelo seu officio de alfaiate.

Mora na rua da Moeda, n.º 69, onde as almas bemfazejas podem mandar as suas esmolas.

NOVA TINTURARIA

10—Rua do Paço do Conde—10

2 JOSE' MARIA DOS SANTOS participa ao publico, que estabeleceu a sua casa com officina de tintureiro, encarregando-se por isso de tingir de qualquer côr toda a qualidade de roupa. Responsabilisa-se pelo bom tinto e perfeição. Preços muito commodos.

AGRADECIMENTO

3 EM NOME DOS CORPOS GERENTES da Associação dos Artistas de Coimbra, venho agradecer ás auctoridades, officiaes da guarnição, e mais cavalheiros que se dignaram assistir á missa funebre, mandada celebrar por esta Associação, na egreja de Santa Cruz, para suffragar a alma de sua magestade a imperatriz, viuva, duqueza de Bragança.

Em especial agradeço não só ao exm.º sr. governador militar, pela boa vontade com que permittiu que viesse uma força do destacamento de infanteria 9, fazer a guarda de honra; mas egualmente a todas as pessoas, que briosamente se prestaram a ir tocar a este acto religioso.

Coimbra 11 de Fevereiro de 1873.

O presidente,
José de Figueiredo Pinto.

DEPOSITO DE BIXAS

4 ANTONIO BENTO DA VEIGA e filhos, participam aos seus freguezes, que acaba de chegar-lhes um sortimento de bixas hespanholas. Rua das Solas, n.º 11 e 13.

Jazigos de 20$000 para cima

5 JA' os ha feitos na officina de canteiro de Pedro Antunes dos Santos, rua do Crucifixo, n.º 69. Lisboa.

INSCRIPÇÕES

6 ABILIO AUGUSTO MARTINS, ourives em Coimbra, rua da Calçada, n.º 8, encarrega-se da compra de inscripções em Lisboa, pelo preço da cotação official do *Diario do Governo*, apresentando-as averbadas em nome do comprador, poucos dias depois da encommenda.

7 JOSE' TEIXEIRA DA CUNHA precisa d'um rapaz que tenha pratica de negocio de fazendas brancas.

8 DECLARO que desde o dia 28 do mez findo, deixou de ser meu caixeiro José Augusto Borges Gonçalves.

Coimbra 11 de Fevereiro de 1872.
Francisco B. Gonçalves.

Asylo de Mendicidade

9 NÃO sendo possivel levar a effeito a rifa annunciada em favor do Asylo da Mendicidade, são convidadas as pessoas que tinham comprado bilhetes, a receberem, querendo, o importe dos mesmos a casa do sr. João Lopes de Sousa.

10 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia de S. Martinho do Bispo, concelho de Coimbra, faz publico, que, volta novamente á praça no dia 16 do corrente, pelas 10 horas da manhã, no adro parochial da mesma, a obra da pintura da egreja e competentes andaimes.

E para que chegue ao conhecimento de todos se faz o presente annuncio.

S. Martinho do Bispo, 3 de Fevereiro de 1873.

O presidente da junta,
Dionizio Garcia Ribeiro.

VINHO DA BAIRRADA

11 PEREIRA, na rua da Sophia, n.º 66, vende vinho almudado a 350 rs, o quartão, e ao quartilho a 30 rs. Tem-no guardado desde Novembro para a occasião do proximo entrudo. Desde sabbado, 15 do corrente, em deante, podem os amadores consolar-se com a boa pinga.

12 COLARINHOS E PUNHOS de bretanha de linho, de feitio modernos. Na loja do Fonseca, rua da Calçada, 72 a 76.

13 BOLÇAS DE REDE PRATEADA, para dinheiro, perfeita imitação das de prata. Na loja do Fonseca, rua da Calçada, 72 a 76.

14 TINTA D'OURO para escrever. Na loja do Fonseca, rua da Calçada, 72 a 76.

15 JOGOS DE XADREZ, dominó, gloria, loto e cavallo branco. Na loja do Fonsesa, rua da Calçada, 72 a 76.

16 BIQUEIRAS DE METAL AMARELLO para calçado de creança. Loja do Fonseca, rua da Calçada, 72 a 76.

17 NA loja de cabelleireiro e barbeiro de Thomaz Monteiro, ficou por esquecimento um guarda-chuva, que se entregará a seu dono, pagando a importancia deste annuncio.

THEATRO ACADEMICO

Sabbado 15 de Fevereiro

Vae á scena o drama do sr. Mendes Leal—*Pobreza envergonhada*, debaixo da direcção do honrado mestre da scena portugueza, o sr. João Anastacio Rosa

Tomam parte no drama, o sr Rosa e actrizes mandadas vir para esse fim.

NUMERO 2667 — SABBADO 15 DE FEVEREIRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

E' de bastante gravidade a situação do paiz vizinho. Os factos ultimamente succedidos em Hespanha, que já são do dominio publico, preoccupam vivamente todos os espiritos, e estão sendo o objecto de todas as conversações.

Precipitaram-se os acontecimentos de um modo inesperado nesta occasião; se bem que previstos em uma epocha mais ou menos proxima.

A renuncia do rei Amadeu ao throno de Hespanha, tem alli impressionado o animo dos homens mais sinceramente patriotas; porque vêem a critica situação em que a saida do soberano veiu collocar todos os partidos.

As nebulosas e incomprehensiveis situações, por que a nação vizinha tem passado, depois da revolução de Cadiz de 1868; os numerosos partidos em que ella está dividida; e a indole natural daquelle povo, sempre inquieto e descontente; tem complicado por tal forma a politica hespanhola, que o rei renunciando á corôa que lhe haviam collocado na fronte, declara-se impotente para reger os destinos de uma nação, minada pelas ambições, e pela insoffrida intolerancia dos partidos militantes.

O monarcha hespanhol deu as mais exuberantes provas de lealdade ao povo, e de respeito ás leis.

Gratissima memoria deixa por certo D. Amadeu em Hespanha. Reconhecendo a necessidade de transigir com as ideias democraticas, implantadas no espirito do povo hespanhol; não hesitou um momento. Reconheceu a sua verdadeira posição, e mostrou os seus nobres sentimentos.

Assás significativas são as frases do rei na mensagem ao parlamento—«Não posso ser rei de um partido, nem proceder illegalmente; são estereis os meus esforços.»—Estas palavras são uma acerba censura aos partidos militantes.

A lealdade com que o soberano hespanhol sempre procedeu em todos os actos do seu curto reinado, grangeou-lhe as sympathias geraes e um nome verdadeiramente illustre na historia das monarchias.

O rei Amadeu está sendo objecto dos mais elevados elogios, pela sabia e prudente reflexão com que dirigiu os negocios publicos da Hespanha, e pela maneira verdadeiramente nobre e desambiciosa como deixou o throno, sem sacrificar uma só vida, nem impor qualquer resistencia á vontade dos povos.

Não é facil antever a solução que hãode ter os ultimos acontecimentos, e quaes serão as consequencias de tão difficil situação.

A republica proclamada no congresso, julgou-se, e cremos que era, o meio mais prompto para sair da presente conjuntura. E é já resolvido que tal seja a forma do governo hespanhol. O socego publico denunciou a annuencia a esta resolução.

Mas calar-se-ha a voz dos differentes partidos, á resolução tomada pelo congresso? Estará imminente uma grande tempestade naquelle paiz? Ou acceitará o povo hespanhol, satisfeito e resignado, todas as deliberações tomadas pelas duas camaras reunidas?

Os precedentes historicos, e as tendencias daquelle povo, não nos permittem antever resultado pacifico.

Neste ponto está principalmente presa a curiosidade publica em Portugal, porque é facil de ver a importancia que estes factos podem ter em o nosso paiz.

Não indicaremos os perigos que nos ameaçam; o bom juizo publico sabe quanto póde ser grave para nós a complicação dos negocios politicos da vizinha Hespanha.

Em nome da paz, e da independencia nacional, carecemos hoje, mais do que nunca, de muita prudencia e acção da parte dos poderes publicos e de todos os portuguezes. Precisamos de reparar attentamente em nós, para que qualquer eventualidade, que possa dar-se em tão melindrosa crise, nos não venha tomar de assalto.

A REPUBLICA EM HESPANHA

Publicamos em seguida todos os telegrammas que nestes dias tem vindo de Madrid, noticiando os importantes acontecimentos que tem tido logar no vizinho paiz.

Madrid, 12, de Fevereiro, ás 5 horas e 30 minutos da manhã.—Ministerio eleito pelas cortes: presidente sem pasta, Figueras; Castelar, estrangeiros; Pi y Margall, interior; Echegaray, finanças; Cordova, guerra; Beranger, marinha; Nicolau Salmeron, justiça; Francisco Salmeron, ultramar; Becerra, obras publicas.

Madrid, 12 de Fevereiro, ás 5 horas e 30 minutos da manhã. Despacho official.—Reunidas esta tarde ambas as camaras, sob a presidencia do sr. Rivero, fez-se a leitura da

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXXXIV

GRAVE QUESTÃO MAÇONICA

Vamos principiar a dar á luz uma serie de documentos, ácerca de uma questão até hoje ignorada do publico, e que versa sobre um assumpto da maior gravidade; nada menos do que a creação de um meio occulto de propaganda iberica em Portugal, assim classificado pela maçonaria dissidente.

Depois da leitura das accusações e das defezas, cada um formará a sua opinião a respeito de factos, que a recente proclamação da republica em Hespanha, em que pela *federação* pode ser envolvida a nossa patria, nos leva desde já a patentear ao publico. Para nós o amor desta abençoada e querida terra portugueza está a cima de tudo.

E de passagem diremos, que a *federação* seria o primeiro passo para a perda total, mais ou menos proxima, da nossa independencia. É uma palavra sonora, que serve apenas para encobrir os verdadeiros fins que se tem em vista.

Comecemos, porem, a narração dos factos.

Ha muitos annos se empregavam incessantes diligencias para reunir em um só os differentes *Orientes* maçonicos portuguezes. Finalmente depois de esforços, até ahi infructuosos, se conseguiu em 7 de Novembro de 1867 a juncção dos *Orientes* de *Portugal* e *Confederação Maçonica*, ficando com o titulo commum de *Oriente Portuguez*; e finalmente pelos actos praticados em 19 e 30 de Outubro de 1869, fundiu-se este corpo e o *Oriente Lusitano*, no *Grande Oriente Lusitano Unido, Supremo Conselho da Maçonaria Portugueza*, que ficou sendo o unico legalmente reconhecido e constituido neste paiz.

Em 21 de Setembro de 1871 foi feita a *Constituição* d'este *Grande Oriente*; porem contra ella protestaram logo as *Lojas* do Porto, *Harmonia* n.º 7—*Legalidade* n.º 8—*Progredior* n.º 10—e *Filha da Harmonia* n.º 30; e com tal energia foi o protesto, que terminaram declarando, que não podendo acceitar a nova *Constituição*, se punham a *coberto* do *Grande Oriente*.

O motivo do protesto era por varias disposições que as *Lojas* do Porto tinham como usurpadoras das suas regalias. A essa circumstancia juntava-se uma outra.

As *Lojas* do Porto tinham feito um projecto de *Constituição*. Em o n.º 3 do artigo 2.º desse projecto, dispunham que um dos *deveres* da maçonaria era—«O aperfeiçoamento de todas as instituições sociaes da nação, vigiando sempre pelas liberdades patrias e pela independencia nacional»

O *Grande Oriente*, porem, supprimira no respectivo artigo 2.º da *Constituição*, o dever do *aperfeiçoamento das instituições sociaes*, e a obrigação de *vigiar pela independencia nacional*, e pelas *liberdades patrias*; substituindo tudo pela crença religiosa, amor da familia, da patria e da humanidade.

Contra esta suppressão e alteração se insurgiram as *Lojas* do Porto, por tomarem esse facto como uma calculada atenuação dos grandes principios e obrigações propostos pelas ditas *Lojas*.

Pela sua parte o *Grande Oriente*, em vista deste protesto, tratou de defender e explicar largamente o seu procedimento.

Teremos occasião de publicar um e outro documento.

As *Lojas* maçonicas de Coimbra, vendo o mal que podia causar á maçonaria o conflicto entre as *Lojas* do Porto e o *Grande Oriente*, esforçaram-se por ver se o faziam terminar.

Assim estavam as cousas no fim do anno de 1871, quando em Janeiro de 1872, surgiu um outro conflicto, e esse entre as *Lojas* maçonicas de Coimbra e o *Grande Oriente Lusitano Unido*.

Por muito tempo não houvera em Hespanha *Grande Oriente*; resultando d'ahi que algumas *Lojas* estabelecidas naquelle paiz, reconheciam o *Grande Oriente Lusitano Unido*. Ultimamente, porem, organisou-se um *Grande Oriente*, sendo o grão mestre, D. Manoel Ruiz Zorrilla.

Tratou-se em seguida de formar entre os *Grandes Orientes*, portuguez e hespanhol, um tratado de alliança e mutuo auxilio. Esse tratado foi assignado em 12 de Janeiro de 1872.

Pelo artigo 3.º ficou estatuido, que cada uma das potencias contratantes reconhecia na outra o direito de estabelecer officinas sujeitas á sua jurisdicção em ambos os paizes, Hespanha e Portugal; não consentindo nada em seu prejuizo, antes tratando-as todas tão fraternalmente como se fossem suas irmãs.

Logo que esta disposição constou nas *Lojas* maçonicas de Coimbra, produziu nellas a maior indignação, por tomarem a faculdade concedida ao *Grande Oriente* de Hespanha, de estabelecer *Lojas* maçonicas em Portugal, como um perigosissimo meio de propaganda iberica.

Resolveram, por isso, quasi todas as *Lojas* maçonicas desta cidade, lavrar contra semelhante tratado energicos e fundamentados protestos.

No mez de Fevereiro de 1872, em que tiveram logar esses protestos, havia em Coimbra 5 *Lojas* maçonicas.

1.ª *Federação: Loja capitular*, que não só estava approvada pelo *Grande Oriente*, mas tinha carta patente de regularisação. Vener.˙. *Gomes Freire de Andrade.*

2.ª *Estrella d'Alva*, que estava approvada, mas ainda não tinha carta patente de regularisação. Vener.˙. *Themistocles 2.º.*

3.ª *Fidelidade*, que se achava em instancia. Vener.˙. *D. Egas Fafes.*

4.ª *Academia liberal*, que tambem se achava em instancia. Vener.˙. *Monge.*

5.ª *Perseverança*, que estava a organisar-se. Vener.˙. *Lafayete.*

Principiamos agora por dar conhecimento ao publico do protesto feito em 7 de Fevereiro de 1872 pela *Loja—Estrella d'Alva*, a qual em seguida se poz a *coberto* do *Grande Oriente Lusitano Unido.*

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

mensagem de sua magestade o rei renunciando a corôa. Aceite por unanimidade esta renuncia, tambem o foi da mesma maneira a sentida resposta que á dita mensagem se concordou; nomeando-se para a entregar a sua magestade, assim como para o acompanhar na sua viagem, as correspondentes commissões.

O governo resignou o seu poder perante a assembleia, a qual concordou depois assumir todos os poderes da nação, e nomear um poder executivo amovivel e responsavel ante a assembleia sob a forma republicana, cujo caracter e condições sanccionará uma camara constituinte convocada para esse fim. Este accordo foi votado por partes, obtendo a que dizia respeito á forma de governo de proclamação de republica 259 votos contra 32. Em seguida procedeu-se por eleição directa de ambas as camaras reunidas á nomeação do ministerio, o qual ficou organisado da maneira seguinte:

Presidente sem pasta, Figueras; estado, Castelar; governação, Pi y Margall; fazenda, Echegaray; guerra, Cordova; marinha, Beranger; gracia e justiça, D. Nicolau Salmeron; ultramar, D. Francisco Salmeron; Becerra, fomento.

Reina tranquillidade completa. Sua magestade parte ámanhã.

Madrid, 12 de Fevereiro, ás 8 horas.—As cortes elegeram o governo, que ficou composto de Figueras, presidente do conselho, por 224 votos; Pi y Margall, interior, 243; Cordova, guerra, 239; Nicolau Salmeron, justiça, 242; Francisco Salmeron, ultramar, 238; Beranger, marinha, 245; Castelar, estrangeiros, 245; Becerra, obras publicas, 233; Echegaray, finanças, 242.

Nas cortes o governo occupa o banco ministerial. Figueras disse que devia sua nomeação ás consequencias politicas; se Orense estivesse presente teria sido nomeado. Disse que é necessario que as eleições sejam livres. Leu telegrammas mostrando que ha ordem por toda a parte. Espera que a republica, estabelecida para sempre em Hespanha, exercerá justa influencia no occidente da Europa. Julga que as demais nações da raça latina não tardarão a imitar a Hespanha. O governo assegura a integridade nacional.

Levantou-se a sessão. Amanhã terá logar a eleição de presidente das cortes. Ha tranquillidade, e illuminações.

Madrid, 12 de Fevereiro, ás 11 horas e 45 minutos da noute. Despacho official.—O senado e o congresso constituido em assembleia soberana, depois de admittir a renuncia de D. Amadeu de Saboya por unanimidade de votos, proclamou a republica por 259 votos contra 32.

Madrid, 12 de Fevereiro ás 12 horas da tarde.—A *Gaceta* traz a mensagem do rei, a resposta da assembleia nacional, e a eleição do governo provisorio, como se telegraphou esta manhã.

Reina a ordem em Madrid e provincias. Crê-se que Martos será eleito presidente da assemblea.

Houve conselho de ministros depois da sessão.

Um dos primeiros actos do novo governo foi perdoar aos condemnados á morte que deviam ser executados esta manhã em Barcelona.

Castelar dirigiu um *memorandum* ás nações estrangeiras, indicando a politica externa da republica hespanhola.

Diz-se que se vae dar armamento ao povo.

O rei e a rainha devem partir esta manhã para Portugal, acompanhados até á fronteira de uma commissão composta de sete deputados e sete senadores. Uma companhia de infanteria faz a guarda de honra.

Madrid, 12 de Fevereiro ás 8 horas e 15 minutos da tarde.—A assemblea decidiu por 132 votos contra 85, proceder immediatamente a eleição do seu presidente.

A eleição de Martos parece certa.

Figueras declarou que o governo não apresenta candidato. (Approvação).

O sr. Nouvillas foi nomeado capitão general de Madrid.

O rei partiu esta manhã, acompanhado da commissão da assemblea.

A republica foi proclamada em Barcelona, com ordem completa; as tropas fraternisaram com o povo.

A republica foi proclamada tranquillamente nas principaes cidades.

O sr. Pi y Margall está doente de cama.

O sr. Christiano Martos foi eleito presidente da assemblea por 292 votos contra 20, que obteve Rivero. Houve 16 listas brancas. Procedeu-se á eleição dos vice-presidentes.

Madrid, 12 de Fevereiros, as 12 horas da noite.—A mensagem da assemblea em resposta a Amadeu termina dizendo, quando os perigos estiverem conjurados, e os obstaculos vencidos, o povo hespanhol não lhe poderá offerecer a corôa, mas offerecer-lhe-ha outra dignidade: a de cidadão de um povo independente e livre.

O *Imparcial* assegura que a renuncia de Amadeu foi um acto da sua vontade pessoal; seu pae oppunha-se.

Ha tranquillidade completa. As janellas estavam cheias de bandeiras.

A assembleia elegeu para vice-presidentes Peraies, Sorni, Gomez, e Chao; para secretarios Lopez, Moreno, Belar, e Benot.

Martos occupou a presidencia, pronunciou um notavel discurso republicano, no qual insistiu na necessidade de manter a ordem. Concluiu dizendo, que não esperava a anarchia, porque a assemblea soberana conferirá ao governo amplos poderes para salvar o povo. A sessão foi levantada. A proxima sessão está fixada para sexta-feira.

Em Madrid a illuminação é geral Ha tranquillidade.

A *Correspondencia* julga que a bandeira republicana será de violeta, branca e vermelha.

Annuncia-se que Moriones telegraphou de Victoria, adherindo á republica.

As noticias das provincias são satisfatorias.

Madrid, 13 de Fevereiro, ás 2 horas da tarde.—Diz a *Gazeta* que os bandos de carlistas Valls, Quico, Miret, Cadiraire foram batidos na Catalunha.

Nouvillas foi nomeado capitão general de Madrid. Contreras foi restabelecido no seu posto. Todas as auctoridades civis adherem ás decisões da assemblea sobre o estabelecimento da republica.

A tranquillidade não tem sido alterada em parte nenhuma.

Na reunião de hontem á noite da *Tertulia Progressista* foi felicitado Salmeron pela sua elevação a ministro; approva-se o procedimento dos deputados radicaes da assemblea.

Madrid, 13 de Fevereiro, ás 5 horas e 30 minutos da tarde.—Annuncia-se um decreto supprimindo os titulos nobilitares e condecorações civis. A commissão das cortes regressou de Badajoz, depois de ter deixado Amadeu em Portugal. Despediu-se fazendo votos pela prosperidade da Hespanha.

As juntas revolucionarias que se tinham formado em diversas provincias, dissolveram-se, obedecendo ás ordens do governo. Continuam a receber-se felicitações de todas as provincias.

Os Estados-Unidos reconheceram immediatamente a republica. Julga-se que as outras potencias imitarão.

É provavel que Orense seja nomeado embaixador em Paris; Abarzuga em Londres; e Fiel em Bruxellas.

O ministro de Hespanha teve uma conferencia de duas horas com Bismark. Julga-se que a Allemanha reconhecerá immediatamente a republica hespanhola. Assegura-se que o reconhecimento da França e America está decidido.

O governo está disposto a desenvolver grande energia; quer provar que a republica é a ordem.

Madrid, 13 de Fevereiro, ás 11 horas e 50 minutos da tarde.—Os Estados-Unidos reconheceram officialmente a republica em Hespanha. Espartero enviou a adhesão ao novo governo.

Está completamente restabelecida a ordem em Malaga.

As auctoridades das provincias reconheceram o novo governo.

As grandes neves nas montanhas proximo de Madrid impedem a passagem dos trens.

Pavia foi nomeado general em chefe das tropas que estão em Catalunha.

O banco de Paris reuniu na segunda feira ultima quatorze milhões da commissão financeira hespanhola.

Assegura-se que o palacio real será transformado em museu e academia artistica.

Á GL.·. DO SUP.·. ARCH.·. DO U.·.

A TODOS OS MM.·. PORTUGUEZES EM GERAL E EM PARTICULAR AO GR.·. OR.·. LUS.·. U.·. E A TODOS OS SSOB.·. CCAP.·. E RR.·. LL.·. DO SOLO PORTUGUEZ

A R.·. L.·. ESTRELLA D'ALVA AO VAL.·. DE COIMBRA

ENVIA

S.·. F.·. U.·.

H.·.

Não vos é de certo desconhecida a má vontade com que sempre pelos reis absolutos foram olhados os oobr.·. da A.·. R.·. Não é necessario sahir fóra do nosso paiz para saber que em epochas, que felizmente já lá vão, a Maç.·. foi não só mal considerada, mas até perseguida; e isto de certo pelos importantissimos serviços, que sempre prestou á causa da liberdade. Poucas vezes o bem é pago com o bem.

O que se deu em Portugal, deu-se tambem em Hespanha. Até o fim do nefasto reinado de Isabel II, poucos progressos fez naquelle reino a M.·. Poucas LL.·. havia, que conservassem a doutrina maç.·., e essas mesmas tinham de ir fóra buscar a regularisação, porque não tinham Gr.·. Or.·. proprio.

Expulsa, porem, a monarchia dos Bourbons, um novo dia raiou para a Hespanha; e o sol d'esse dia, que levou em seus raios a liberdade a todos os pontos da terra dos reis catholicos, não podia deixar de ser tambem consolador e benefico para todos os MM.·. d'ella. A A.·. R.·. progrediu e progrediu muito. Os velhos MM.·. reuniram-se, novos receberam a luz pela iniciação, e em todos os pontos principaes de Hespanha se levantaram columnas. Em fim todos estes progressos foram coroados com a fundação d'um G.·. Or.·. sob o malhete de D. Manoel Zorrilla.

Um facto faltava inda, porem, para o completo explendor da Maç.·. hespanhola; e este facto era o reconhecimento do seu Gr.·. Or.·. pelo G.·. Or.·. L.·. Un.·. Principiaram-se as negociações, e esta R.·. L.·. com anciedade esperava a sua conclusão, para a festejar e applaudir, pois lhe parecia que nisto estava em grande parte o engrandecimento e prosperidade da nossa Ord.·. Concluiram-se ellas, porem, e não nos é licito a nós, os portuguezes, festejar esse facto; pelo contrario grandes alegrias hãode ir pelas LL.·. de Hespanha.

O tractado celebrado em 12 de Janeiro ultimo (E.·. P.·.) entre os GG.·. OOr.·. de Portugal e Hespanha, diz assim no seu artigo 3.º—«Cada uma d'ellas (potencias contractantes) reconhece na outra o direito de estabelecer officinas sujeitas á sua jurisdicção em ambos os paizes, Hespanha e Portugal; não consentindo nada em seu prejuizo, antes tratando-as todas tão fraternalmente como se fossem suas irmãs.»

Quem souber as vistas que a Hespanha sempre teve sobre Portugal; quem souber que todos os partidos politicos de Hespanha, tão divididos em interesses e ideias, se unem e dão as mãos tanto que se falla na união de Portugal á Hespanha, não póde deixar de reconhecer que o espirito d'aquelle artigo é completamente iberico.

Com que fim quer o G.·. O.·. Hesp.·. ter LL.·. da sua obediencia entre nós, senão com o unico de por ellas espalhar as doutrinas ibericas?! E o Gr.·. Or.·. Lus.·., adherindo a este desejo do Gr.·. Or.·. Hesp.·., da-nos uma prova cabal e irrecusavel de que tambem deseja que Portugal seja um dia absorvido pela Hespanha: e comtudo no n.º 5.º do § 2.º do artigo 8.º da sua constituição, exige como um dos requisitos para qualquer individuo ser recebido maç.·.— decidido amor da patria— Notavel contradicção!!!

E' verdade que tambem se permitte ao G.·. Or.·. L.·. fundar LL.·. em territorio hespanhol; mas o amor da patria, a honra, o pundonor, tudo exigia que o Gr.·. Or.·. Lus.·. não acceitasse este favor, para se não ver obrigado a conceder egual garantia ao Gr.·. Or.·. Hesp.·.

Ainda ha pouco era esta R.·. L.·. a primeira, que, em prancha dirigida ao Sob.·. Cap.·. do Porto, chamava todos os MM.·. d'aquelle val.·. a conciliação, e lhes pedia, rogava e exorava que, longe de espalharem o scisma, se viessem collocar debaixo das bandeiras do G.·. Or.·. Lus.·. Un.·. Hoje, porem, mau grado seu, não póde recusar-se a confessar que os H.·. do norte viram mais ao longe, e por tanto é tambem agora a primeira a levantar a voz energica e forte, porque a verdade lhe dá energia e força, contra o proceder inqualificavel do Gr.·. Or.·. Lus.·. dizendo assim a todos os seus H.·. portuguezes:

Fomos trahidos, VVerd.·. H.·., mas trahidos infamemente; e por isso o nosso brio de leaes portuguezes exige, mas exige de uma maneira cathegorica e necessaria, que alto e bem alto, com todas as nossas forças, protestemos perante Deus e perante todos os homens de bem do universo contra tal tratado.

E preciso que nos imponhamos ao Gr.·. Or.·. Lus.·. e o emprazemos para elle alterar sem demora o tratado de 12 de Janeiro, sob pena de deixarmos de reconhecel-o como Supremo Conselho da Maçonaria Portugueza.

E a R.·. L.·. *Estrella d'Alva*, firme nestes principios declara terminantemente, que mais facil lhe é rasgar e calcar aos pés a carta patente de regularisação, que pelo G.·. Or.·. L.·. está para ser-lhe enviada, do que acceitar as condições do tratado com o G.·. Or.·. Hesp.·. *In extremis extrema.*

E portanto a R.·. L.·. *Estrella d'Alva* ao val.·. de Coimbra declara, que protesta solemnemente perante o S.·. A.·. do Univ.·. e perante todo o Verd.·. Mundo Maç.·., contra as disposições do artigo 3.º e seu paragrapho do tratado celebrado em 12 de Janeiro de 1872 (E.·. P.·.) entre o Gr.·. Or.·. Lus.·. Un.·. e o Gr.·. Or.·. Hesp.·.

Em vista do que a mesma R.·. L.·. desde já mais declara: —1.º que emquanto as suas palavras não forem ouvidas, mas sim desprezadas pelo Gr.·. Or.·. Lus.·., ella se considera como não sujeita á sua jurisdicção. —2.º que não consente nem consentirá nunca que no seu val.·., ou n'aquelles, em que em virtude dos seus esforços se tenham levantado ou venham a levantar OOffic.·. suas filiaes, se ergam templos de MMaç.·. portuguezes, sujeitos á jurisdicção de Hespanha.— 3.º que não reconhecerá como MMaç.·. verdadeiros e regulares nenhum dos oobr.·. das OOffic.·. do Gr.·. Or.·. Hesp.·., fundadas em territorio portuguez.

Hr.·. Ahi ficam bem patentes os sentimentos, que animam os oobr.·. da R.·. L.·. *Estrella d'Alva.* Ahi fica demonstrado evidentemente que elles se prezam de ser portuguezes, e que só portuguezes querem morrer; e por isso que não consentirão nunca, em quanto nas veias lhes reste uma gota de sangue, que Portugal seja unido á Hespanha.

Nasceram livres e querem morrer livres. Lembrar-se-hão sempre dos 60 annos de opprobrios e affrontas, que a sua querida patria soffreu debaixo do jugo hespanhol.

Sabem muito bem que Portugal unido á Hespanha, ficará sem representação e sem nome.

Não se esquecerão nunca dos gloriosos feitos de seus avós; serão sempre seus dignos successores em honra e amor patrio; e empregarão todos os esforços para que nunca Portugal seja riscado do numero das nações: e entrando n'esta tão gloriosa como santa e augusta cruzada, terão só por grito—PATRIA e LIBERDADE!

Traç.·. em L.·. aos 7 de Fevereiro de 1872. (E.·. P.·.)

O Ven.·. *Themistocles* 2.º C.·. R.·. ✠.·.

Pelo 1.º Vig.·. *Justo Lipsio*, M.·. M.·. 2.º Vig.·.

Pelo 2.º Vig.·. *Bismark*, M.·. M.·., 1.º Esp.·.

O Orad.·. *Alexandre Herculano*, C.·. R.·. ✠.·.

O Secret.·. *Massillon*, M.·. M.·.

(*Continuar-se-ha.*)

NOTICIARIO

Manifestação republicana. — Na quarta feira de noute percorreu um grupo de estudantes as principaes ruas da cidade, levando á sua frente uma musica, que tocava o hymno academico.

Pelas ruas foram sempre silenciosos; porem ao dispersar no largo da Feira, alguns academicos deram vivas a Castellar, e á republica.

Por esta occasião cumpre-nos desmentir formalmente a noticia que a este respeito deram para o *Diario da Tarde*, de que nesta manifestação entrara *grande parte do povo de Coimbra !!!*

O povo de Coimbra foi e é totalmente alheio ao que possam desejar, ou praticar, acerca de republicas, mais, ou menos federaes, poucos ou muitos academicos.

Tomem a responsabilidade dos seus actos, sem que para isso seja necessario envolver quem, nada, absolutamente nada com elles tem.

Caminho de ferro americano —O sr. Evaristo Nunes Pinto, um dos concessionarios do caminho de ferro americano, apresentou ha dias á camara municipal desta cidade o projecto para esta linha, que deve ligar a estação do caminho de ferro com o centro da cidade.

A camara consultou o sr. director das obras publicas, o qual foi de parecer que o mencionado projecto estava nas condições de ser approvado.

É conveniente que a camara resolva quanto antes este objecto, a fim de que na proxima primavera possam começar os trabalhos como deseja o sr. Evaristo Pinto.

Empreza das aguas.—Consta-nos que a camara municipal desta cidade recebera duas propostas para canalisação e distribuição de aguas.

Companhia equestre e gymnastica. — Na quinta feira trabalhou pela primeira vez nesta cidade a celebre companhia de que é director Mr. Thomaz Price.

A concorrencia, atrahida pela fama da companhia, foi numerosissima.

Os trabalhos de todos os artistas foram muito perfeitos: mas em especial a familia Gaertner e Kenebel, excedeu todo o encarecimento. O publico não cessava de applaudir estes eminentes artistas, que são dignos dos maiores elogios.

A companhia confirmou nesta cidade os excellentes creditos de que gosa.

Trabalha novamente hoje e ámanhã.

Consequencias do jogo. — Na quarta feira, em uma venda na rua Direita, na occasião em que José Correa, da mesma rua, estava a jogar o monte, furtaram-lhe 30 libras, que havia recebido para comprar uma porção de azeite.

Eis ahi o resultado do vicio do jogo, que tão inveterado está em muitas pessoas de Coimbra.

Concurso.— Foi mandada pôr a concurso pelo espaço de 30 dias, a contar de 13 do corrente, a egreja parochial de S. Julião da Figueira da Foz, diocese de Coimbra.

Recrutamento.—O conselho de estado julgou favoravelmente o recurso de José Joaquim, por seu filho Manoel, da freguezia de Piodão, concelho de Arganil.

Governador de Angola.— O sr. José Horta foi exonerado de governador de Angola, sendo substituido pelo sr. José Baptista de Andrade.

Argonautas. — Estes molluscos pertencem á ordem dos cephalopodes, e eram conhecidos antigamente pelo nome de nautilos e pompilios. A sua concha é uma das mais bellas e elegantes, que adornam as collecções conchidiologicas. Por muito fina e transparente, póde comparar-se ao papel, e por isso é conhecida no commercio pelo nome de nautilo papyraceo. E' côr de leite, e algumas vezes arruivada.

Na India tem grande valor esta concha, e é para as mulheres um precioso ornato. Em certas danças, em dias de festas solemnes, a primeira dançarina traz uma destas conchas na mão, e eleva-a acima da cabeça, como insignia honrosa e distinctiva da sua posição.

O corpo do argonauta é molle e com fórma de sacco, semelhante á do polvo. Tem oito braços, em cujas extremidades existem ventosas ou sugadouros, que lhe servem para se agarrar aos rochedos, ou ao fundo do mar. Os dois braços superiores são espalmados e em fórma de membranas. O animal, quando nada á superficie do mar, levanta estes braços em direcção opposta á dos outros seis, que mergulham na agua, e por isso imaginaram os antigos, que os primeiros serviam de velas, e os outros de remos.

Estes curiosos molluscos deram assumpto na antiguidade a historias fabulosas e a ficções maravilhosas. Vivem estes animaes no mediterraneo, no oceano indico, e em outros mares.

A seda. — Os romanos ignoraram durante muito tempo a verdadeira origem da seda, considerando-a como um producto vegetal, semelhante a algodão. Plinio dizia, que os fios da seda cresciam sobre as folhas de certas plantas; e só no seculo 3.º da era christã se reconheceu, que esta substancia era formada por um insecto, suppondo-se porem, que este insecto era uma especie de aranha, que morria no cabo de cinco annos, extrahindo-se do seu corpo os fios da seda. Este erro durou por muito tempo, até que se descobriu a verdadeira origem e formação deste producto.

Instituto. — Recebemos e agradecemos o n.º 7 do 17.º volume, que contém o seguinte:

Centenario da Reforma da Universidade—por *A. A. da Fonseca Pinto.*

As raças historicas da peninsula iberica e a sua influencia na jurisprudencia portugueza (1.º artigo)—por *Julio de Vilhena.*

Noções de geometria descriptiva—por *José de Saldanha O. e S.*

No leito (poesia)—por *Candido de Figueiredo.*

Sempre noiva — Chronica eborense— por *A. Filippe Simões.*

Os primeiros seculos da republica romana —por *Luiz Garrido.*

Festa do Centenario – por *A. A. da Fonseca Pinto.*

Chegada do rei Amadeu a Lisboa.—Lê-se no *Jornal da Noite* do dia 13 o seguinte:

«Hoje ás 10 horas e um quarto da manhã entrou na estação do caes dos Soldados o comboio conduzindo o generoso principe que nos ultimos dois annos cingiu a corôa de S. Fernando, sua augusta consorte e seus filhos.

Desde antes das 8 horas estavam esperando os seus reaes hospedes Suas Magestades El-Rei D. Luiz e a rainha a Senhora D. Maria Pia. Sua Alteza o sr. infante D. Augusto, os ministros da corôa e altos funccionarios, os membros do corpo diplomatico, a camara municipal, o director geral das alfandegas, e grande numero de pessoas da côrte e de particulares.

Suas Magestades e o sr. infante estavam acompanhados dos srs. conde de Mafra, viscondes de Lançada e do Seisal, e dama da rainha D. Gabriella.

A rainha de Hespanha desceu do wagon com bastante difficuldade, amparada por varias pessoas da sua comitiva, e passou logo para uma cadeirinha sustida por quatro criados de libré da casa real, seguindo com o Senhor D. Amadeu e com seus filhos para as carruagens, na primeira das quaes partiu o principe recemnascido com a ama.

A rainha de Portugal tomou na sua carruagem a senhora D. Maria Victoria. Seguia-se em outra el-rei o sr. D. Luiz com o sr. D. Amadeu, e na immediata o sr. infante. Vinham depois as carruagens muito numerosas das duas comitivas reaes e dos ministros e funccionarios portuguezes, do corpo diplomatico, e do administrador delegado da companhia dos caminhos de ferro o sr. Francisco Chamiço.

As ruas do transito estavam cheias de immensa gente que saudava com benevola cortezia os reaes viajantes. O rei Amadeu correspondia com o maior agrado a todas as manifestações de sympathia. Em todas as ruas até ao largo de Belem havia immenso povo. A rainha D. Maria Victoria agradecia com muita affabilidade as saudações que lhe eram dirigidas.

Não houve precauções policiaes senão as necessarias para que a agglomeração de pessoas não impedisse a passagem, nem fosse occasião de desgraças. A attitude da população era respeitosa e sympathica.

Pela lealdade constitucional do seu proceder, e pela abnegação com que terminou o seu reinado, sahindo de Hespanha honrado e bemquisto, el-rei Amadeu ha de inspirar a toda a gente sentimentos da maior consideração, principalmente em Portugal onde as acções generosas excitam veneração e enthusiasmo.

A Hespanha despediu-se com saudade de tão nobre principe. Portugal recebe-o com as honras e respeitos que se devem á sua alta jerarchia, e mais ainda ás cavalheirosas qualidades do seu caracter.»

Infamia.—O correspondente do *Commercio do Porto*, dando noticia da chegada do ex-rei de Hespanha a Lisboa, diz o seguinte:

«Notou-se que D. Amadeu conversando com el-rei, mostrava-se indignado, e soube-se depois que fôra isto em consequencia das irreverencias com que fôra tractado no seu trajecto. Em quasi todas as estações, quando o comboyo real parava, o povo reunia-se e dava vivas á republica, misturando esses vivas com insolencias ao homem que acabava de ser rei de Hespanha! Assevera-se que até na passagem de uma agulha proximo a Merida foi disparado um tiro contra o comboyo real!

Que grande vergonha devem sentir os hespanhoes honrados quando souberem que se praticaram taes infamias!»

A'cerca do mesmo facto diz o correspondente do *Progresso Commercial* o seguinte:

«A viagem de D. Amadeu por terras de Hespanha não honra muito os brios cavalheirescos da nação, que se orgulha de ter o nome de fidalga, e que foi berço do Campeador e de tantos outros homens notaveis.

Junto a Merida conta-se que foram disparados tiros contra o trem real, sem que fosse ferida pessoa alguma, e em varias estações soltavam-se gritos de viva á republica, e outros menos attenciosos para quem tão delicadamente se tinha portado com a soberania do povo representada nas côrtes.

D. Amadeu já não era rei de Hespanha; voluntariamente tinha declinado esse cargo e se era torpeza offender o rei, mais torpe e infame ainda era offender um particular, um cidadão que atravessava a Hespanha com a sua familia.

E' impossivel que os individuos que commetteram similhantes desacatos fossem verdadeiros republicanos. A republica não rejeita a cortezia e a urbanidade. São sempre os fanaticos que deshonram as melhores e mais nobres causas. E' triste que a Hespanha, que esteve para ser responsavel pelo assassinio do rei, seja responsavel ainda agora pelos insultos dirigidos ao duque de Aosta.»

Comprimentos—A camara dos deputados approvou hontem a seguinte proposta do sr. Mariano de Carvalho, assignada tambem pelos srs. Braamcamp e Saraiva de Carvalho:

«A camara constando-lhe que chegou a Lisboa o principe D. Amadeu, irmão de sua magestade a rainha, resolve que uma deputação composta da mesa e dos deputados por ella escolhidos, vá comprimentar aquelle principe e sua augusta esposa e manifestar-lhes os seus sentimentos de respeitosa sympathia.»

Consta, porém, que o sr. D. Amadeu de Saboya, deseja não receber nenhuma deputação, nem comprimento official.

Praças da reserva—O sr. presidente do conselho apresentou hontem na camara dos deputados uma proposta de lei, chamando ao exercito as praças de reserva.

Febre amarella no Rio de Janeiro—São muito tristes as noticias ultimamente chegadas do Rio de Janeiro. Eis o que dalli dizem ao *Commercio do Porto.*

«Começo pela noticia mais urgente, que é tambem a mais triste; a febre amarella tem-se desenvolvido muito, e suas principaes victimas são portuguezas.

Ha muitos annos não temos um verão como este que atravessamos, porque não só os calores são excessivos, mas accresce que não chove absolutamente. As trovoadas de verão, no Rio de Janeiro, tão saudaveis outr'ora, parece que acabaram. O rigor da estação e não sei se outras causas, produziu a principio alguns casos raros de febre amarella. Já na segunda quinzena de Dezembro houve 48 mortos por essa molestia, e não era muito em vista da variola que no mesmo prazo produziu 130 fallecimentos. A variola porem foi cedendo o passo á sua competidora, cujos progressos se manifestam de dia para dia.

As victimas principaes são os estrangeiros ainda não aclimados, e desses estrangeiros o maior numero portuguezes. Os mortos desde o dia 1.º do mez até o dia 20 (ante-hontem) foram 421, dos quaes 301 portuguezes! Estes simples algarismos bastam para indicar o perigo em que se acham os portuguezes que constantemente aportam a estas plagas, onde presentemente encontram, em vez das esperanças da fortuna, a certeza da morte. Segundo leio n'um jornal, os passageiros das galeras portuguezas «Audacia», «Campezina», «Admiravel» tem sido dizimados. Dizem que estão a chegar dos Açores mais tres navios. Entre as providencias que o governo pode decretar, lembra a *Republica* o estabelecimento de um porto sanitario ou de quarentena para os emigrantes sãos, na ilha do governador por exemplo.

A Santa Casa da Misericordia da sua parte creou duas enfermarias em S. Christovão e Botafogo, e vae abrir hoje, 22, uma outra sala no hospital geral para tratamento especial da febre amarella e bexigas.

Não podia a Caixa de Soccorros de D. Pedro V conservar-se impassivel no meio dos males que affligem os seus patriotas; suas honrosas tradições lhe estavam indicando que era chegado o momento de obrar; ao numero dos immensos e grandes serviços prestados era preciso que viesse juntar-se mais um. Hontem reuniram-se a directoria e conselho para deliberarem sobre a adopção de providencias promptas. Resolveram crear enfermarias especiaes para receber os infelizes seus compatriotas atacados da enfermidade reinante, solicitar auxilio do governo imperial para conseguir internar os portuguezes recem-chegados, proporcionando-lhes trabalho no interior, e finalmente pôr a pharmacia da Caixa de Soccorros á disposição dos indigentes de qualquer nacionalidade atacados de febre amarella. Tendo sido declarado n'esta reunião que a directoria da Sociedade Portugueza de Beneficencia desejava soccorrer os infelizes atacados de febre amarella, resolveu-se que a directoria da Caixa se entendesse com aquella para conjuntamente realisar aquelle fim humanitario.

Dos mortos não portuguezes, são, como disse, quasi todos estrangeiros ainda não aclimados; os nacionaes entram com diminuto contingente no obituario. Mas os poucos que tem morrido pertencem a estes ultimos dias, o que mostra que a doença já vae penetrando mais fundo. Se nos lembrarmos que apenas estamos em Janeiro, e que o mez de Fevereiro é o peior do verão, não sei em que parará isto. Por emquanto não ha terror na cidade; mas ha receio serio de que a enfermidade se propague e venhamos a ter o espectaculo de 1850. Os que podem vão para os sitios mais saudaveis que temos á mão: Petropolis, Nova-Friburgo, Theresopolis, Tijuca. Mas são poucos; e se a epidemia tomar incremento, achará vasta população em que saciar o seu furor.»

Mercado de Condeixa a Nova —No mercado de sexta feira, 14, regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 520—Dito mourisco 500—Milho branco 360—Dito amarello 350—Feijão vermelho 500—Dito branco 500—Dito rajado 440—Dito frade 420—Cevada 280—Tremoços 270— Grão de bico 500— Batatas de semente 300— Vinho 700—Azeite 1$040—Vacca 200—Carneiro 90.

Boatos politicos. — Lê-se no *Jornal do Commercio* o seguinte:

«Parece que não tem o minimo fundamento a noticia de adiamento das sessões parlamentares, que hontem se espalhara e hoje correrá com insistencia, muito mais tendo havido reunião de conselho de estado.

Esta reunião foi para sanccionar os dois decreto das côrtes, contendo as providencias para Angola.

—Tambem não tem o minimo fundamento uma outra noticia, sobre convite official

feito ao sr. duque de Saldanha para regressar a Lisboa. Nem official, nem semi-officialmente se lhe fez semelhante convite.

—Quanto á attitude dos grupos opposicionistas para com o governo, parece que entre os chefes e os soldados não reina accordo. Estes, almejando pelas suspiradas pastas, declaram-se republicanos, socialistas, tudo quanto haja, comtanto que o governo caia e elles possam ter o ineffavel prazer de verem um correio a galopar á portinhola da carruagem. Os chefes, isto é, os srs. marquez de Sá, duque de Loulé, bispo de Vizeu e Latino Coelho, entendem, e muito bem, que lhes não devem fazer a vontade, e que se não póde levantar difficuldades a governo nenhum em *circumstancias tão criticas* como os patriotas dizem que são as actuaes.

A ambição das pastas leva muito insignificante aos maiores arrojos.»

Ultimas noticias de Hespanha —Madrid, 14 de Fevereiro, ás 6 horas da tarde.—A *Gazeta* diz que as neves têem obstado ás operações militares na Biscaya e em Navarra. Traz um decreto supprimindo a guarda real. Chegam das provincias numerosas felicitações ao poder executivo. A *Tertulia Progressista* tomou a denominação de *Radical Republicana*. O ministro da justiça apresentará hoje á assembleia um projecto abolindo a pena de morte, e encarregando uma commissão de redigir em dois mezes um projecto de systema penitenciario.

Affirma-se que a França, a Inglaterra, a Suissa e a Belgica reconheceram a republica.

Annuncia-se a suppressão do conselho de estado. Castelar respondeu ás felicitações da colonia da America do Sul em Paris, dizendo que os americanos do sul estão obrigados a não favorecer os separatistas cubanos, pois que as Antilhas se haviam tornado territorio republicano.

Assevera-se que o governo decidiu esperar os deputados de Cuba, para resolver a questão das reformas das Antilhas. Falla-se em decretos de separação da egreja e do estado, e inamovibilidade da magistratura. Sickles felicitou o governo, dizendo que as republicas americana e hespanhola são irmãs.

O governo projecta a suppressão dos ministerios de obras publicas, ultramar e justiça, e suspensão das pensões por aposentação antes dos 60 annos.

Contreras chegou a Madrid. Moriones telegraphou hoje, adherindo completamente á republica.

Desmente-se a nomeação do general Pavia para commandante das operações na Catalunha. Ha de ter outro commando importante. Rivero assiste á sessão de hoje.

A *Gazeta* publicará ámanhã o decreto reorganisando as milicias republicanas em toda a Hespanha. A Hollanda reconheceu a republica hespanhola.

CHARADAS

A premio para todas as sociedades

Prazo—8 dias

PREMIO—**Lusiadas**

126.ª

Ou bem a fronte adornes,
Ou bem pouses no seio;
Em magico enleio,
Do throno esquecida,
Entrando em mais lida,
Ver-te-hão exultar.

Vê bem se a mão delicada,
Pegando em ti, estremece:
Quem não reconhece
No abalo convulso,
O sofrego impulso,
Que a faz amar. — 2

No seio de immenso horror,
Vendo a morte a cada passo,
Por ti, em gostoso laço
Me soube prender amor:
Pelos desertos, da fantasia,
Mesmo assim brilhantes flores
P'ra adornar-te colhia. — 2

Em vão n'um segredo amavel
Tua resposta se esconde;
Falla em ti, por ti responde
A natureza admiravel:

Quanto ella cria
De mais perfeito,
Mil encantos, que idolatro
E impressos trago no peito.

Pombal—*Oedipo*.

Explicação das charadas do numero antecedente: —114 —MALVAROSA—115— DONO—116—SEIVA —117— ASSUCAR— 118 – AMENDOEIRA—119—DEMOLIÇÃO—120— RECTANGULO —121—VARIAVEL— 122— ESTROFE— 123—ALCOR—124 —NOMINALISMO—125—MIDOSI.

A sociedade *Naturalista*, que ultimamente se organisou, decifrou todas as charadas, menos a 121, o que não poude fazer, por vir marcada pelo seu auctor com tres syllabas, quando tem quatro, pois que *ría* não é diphthongo.

A sociedade *Charadicida Telegraphica*, das 11 charadas decifrou 8; deixando de decifrar as dos n.os 114, 115, e 121.

ANNUNCIOS

ALVIÇARAS

1 OFFERECEM-SE duas libras de alviçaras a quem achasse e queira entregar um cordão de ouro, que se perdeu hontem á noute, desde a Sophia até ao bairro alto. Póde ser entregue em casa do sr. Ignacio de Miranda, padeiro, na rua dos Sapateiros.

Alviçaras

2 QUEM ACHASSE uma conciliação, já registada na conservatoria, que pertence a Alexandre da Costa, dos Adões, queira entregal-a em casa do sr. Francisco Oliveira Canastra, em Fóra de Portas, que receberá de alviçaras 1$500 rs.

2$000 reis de alviçaras

3 PERDEU-SE um gato grande, pardo, e castrado: rua da Ilha, n.º 5.

4 DIZ JOAQUIM DO VALLE, que em Cellas ha raposa ou falcão, que apanha gallinhas, sem que ellas piem, e offerece 4$500 reis a quem descobrir aonde param 3, que ha pouco tempo lhe levaram.

NOVA TINTA DE ESCREVER ALLEMÃ

5 USADA nas chancellarias de estado da Allemanha.— Preta instantaneamente. — Não oxida as pennas d'aço e resiste a todos os acidos conhecidos.—Cada litro em botija, 400 reis; meio litro, 220 reis; dois decilitros, 110 reis. Deposito em Portugal, unicamente na Livraria Academica, em Coimbra, na rua da Calçada.

N. B. Faz-se abatimento aos revendedores.

VINHO DA BAIRRADA

6 PEREIRA, na rua da Sophia, n.º 66, vende vinho almudado a 350 rs, o quartão, e ao quartilho a 30 rs. Tem-no guardado desde Novembro para a occasião do proximo entrudo. De hoje sabbado, 15 do corrente, em deante, podem os amadores consolar-se com a boa pinga.

7 JOÃO LEAL DA GAMA ARAUJO E VASCONCELLOS, solteiro, sui juris, natural do Espinhal, concelho de Penella, declara e para todos os effeitos faz publico, que achando-se legalmente emancipado, e tendo por isso a livre administração de sua pessoa e bens, todos os negocios relativos á sua casa devem ser tratados directamente com elle; e que não reconhece, antes expressamente revoga quaesquer procurações geraes ou especiaes que por elle tenham sido dadas relativamente á administração de seus bens, e terá por nullos todos e quaesquer actos que em seu nome sejam praticados d'aqui em diante em virtude de procurações, que por esta fórma ficam sem effeito e retirados todos os poderes.

Coimbra 15 de Fevereiro de 1873.

João Leal da Gama Araujo e Vasconcellos.

DEPOSITO DE BIXAS

8 ANTONIO BENTO DA VEIGA e filhos, participam aos seus freguezes, que acaba de chegar-lhes um sortimento de bixas hespanholas. Rua das Solas, n.º 11 e 13.

VENDA DE FOROS

9 VENDE-SE o foro de 4$500 rs., que paga José da Veiga, da Cioga do Monte, e um outro de 450 reis, que paga Joaquim Ferreira Lopes, de Trouxemil. Quem os pretender falle com José Joaquim da Silveira, na loja da rua da Calçada, n.º 22 a 32, Coimbra. Declara-se que estes foros são livres de decima.

Jazigos de 20$000 para cima

10 JA' os ha feitos na officina de canteiro de Pedro Antunes dos Santos, rua do Crucifixo, n.º 69. Lisboa.

11 COLARINHOS E PUNHOS de bretanha de linho, de feitio modernos. Na loja do Fonseca, rua da Calçada, 72 a 76.

CONCURSO

A Camara municipal do concelho de Leiria

FAZ PUBICO, que se acha a concurso por espaço de sessenta dias, a contar da data deste, o partido de medicina e cirurgia nesta cidade, com o ordenado annual de 220$000 rs., pagos pelo cofre do municipio, e pulso sujeito á tabella camararia.

Os pretendentes ao referido partido deverão apresentar, dentro do dito prazo, na secretaria desta camara, os seus requerimentos documentados pelo modo seguinte:

1.º—Cartas de formatura pela Universidade de Coimbra, ou qualquer das escholas medico-cirurgicas de Lisboa ou Porto.

2.º—Certidão de folha corrida do logar em que tiverem a sua ultima residencia por mais de tres annos.

3.º—Attestações em forma da respectiva municipalidade e auctoridade administrativa do concelho, comprovando o seu bom comportamento moral e civil.

Secretaria da camara municipal de Leiria, 15 de Fevereiro de 1873.

O presidente da camara,

Luiz Joaquim Coelho da Cunha Saraiva

13 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière**, aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchaqueca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kilo 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kilo 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rabir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes. — ELVAS, Sant'Anna. — COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho. —FIGUEIRA, Vieira.— AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca. — SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2668 — TERÇA FEIRA 18 DE FEVEREIRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Com os acontecimentos de Hespanha, que têem attrahido exclusivamente a attenção publica durante estes ultimos dias, pouco ou nada se sabe ácerca do estado de Angola.

O governo procedeu com energia, como as circumstancias exigiam, mas as suas providencias foram apenas um expediente de occasião, a que obrigou a necessidade imperiosa de restabelecer a ordem e o imperio da lei naquellas possessões.

Louvamos o interesse que o governo e as camaras mostraram em acudir com promptas providencias para suffocar as perturbações, que infelizmente se estão de momento para momento levantando naquella parte do territorio portuguez; mas o sentimento de humanidade para com os nossos irmãos de alem-mar, a honra e o brio nacional reclamam outros meios, tendentes a restabelecer efficazmente, em as nossas colonias, a paz e a segurança individual.

Por outras vezes neste logar temos chamado a attenção dos poderes publicos para este importante objecto, que demanda o mais sério cuidado.

Não é simplesmente com os expedientes de occasião, nem depois de se terem levantado conflictos de summa gravidade, que, a uma grande distancia, o governo da metropole, com as suas providencias sempre acanhadas, como lhe permittem as circumstancias do nosso thesouro, póde restabelecer a ordem e a tranquillidade nas nossas colonias.

Carecemos urgentemente de uma reforma completa no regimen colonial, de modo a dar garantias de segurança e boa administração.

Não basta providenciar depois dos grandes conflictos; é indispensavel procurar os meios de os evitar, estabelecendo medidas energicas e promptas para manter a ordem nas possessões ultramarinas, quando ella seja alterada. E' preciso que nos convençamos desta verdade.

Ou temos de perder algumas das nossas possessões, onde esta administração pode ser immensamente dispendiosa e difficil, ou precisamos de organisar convenientemente os serviços que lhes dizem respeito.

Mais de espaço fallaremos do assumpto.

A REPUBLICA E A MONARCHIA EM PORTUGAL

Agora que é moda ser republicano, achamos conveniente transcrever do nosso illustrado collega de Lisboa, a *Correspondencia de Portugal*, as seguintes muito sensatas reflexões.

«E' preciso não dissimular a gravidade das circumstancias. Dizer que não tenham susto e que durmam descançados, é muito bom para acalentar creanças, mas é muito mau para aconselhar adultos que vêem no horisonte castellos armados de tempestades.

Os ultimos acontecimentos de Hespanha, que não têem imagem na historia, pela solemnidade e cortezia com que n'um momento se passou da monarchia para a republica, bem revelam a energia da corrente republicana que hoje atravessa a Europa latina, corrente contra a qual, acatando a estranhas convicções o respeito, que para a minha exijo, heide remar no meu paiz com vontade e musculos de ferro. O brinde com que um estadista hespanhol já prometteu felicitar o occidente da Europa, pela parte que me toca no sobredito occidente, agradeço-o como se o acceitasse.

Republica para que? Para aperfeiçoar a egualdade, para dilatar a liberdade, para integrar as aspirações da democracia? Enganam-se de meio a meio. Tudo que não fôr monarchia representativa hade ser necessariamente menos egualdade, menos liberdade, menos democracia, o mais convulsões, mais penuria, mais anarchia.

Egualdade, que mais piedoso culto lhe prestará a republica do que a constituição que depois de a decretar expressamente perante a lei, expressamente a decreta perante a conquista de todas as posições officiaes da sociedade, que sem distincção de pessoas nem de classes, francamente offerece ao esforço de todos os talentos e vocações? Fallece a muitos, para entrar na lide o alimento da instrucção mesquinhamente distribuido? E' possivel. Falta a outros de evidente merito a severidade da justiça na eleição das mais provadas aptidões? E' possivel. Mas em nenhum dos casos é o defeito da fórma do governo, é dos homens que são os mesmos na republica e na monarchia. A que virá pois acudir em materia de egualdade a constituição republicana? A' deseguadade das intelligencias e aptidões? Então não vem para revogar a constituição monarchica, vem para revogar a constituição da natureza; não vem para aperfeiçoar a egualdade democratica, vem para fundar a egualdade socialista; não vem para dilatar as liberdades, vem para as esmagar com a compressão.

Liberdade, que mais vastos horisontes lhe querem dar do que os que a mesma constituição generosamente lhe riscou, e os costumes têem prodigamente dilatado? Nas relações civis não tenho noticia de nenhuma travessura, com que se haja tolhido os movimentos da actividade individual, e se alguma tem havido não é em cumprimento é em manifesta violação da lei; e nas relações politicas é verdade em proverbio cristalisada, que se algumas vezes transpomos as fronteiras da liberdade não é nunca para o sul, onde demoram as venerandas ruinas do absolutismo, é sempre para o norte, onde se levantam as campinas pittorescas da licença.

Um paiz que tem em pleno exercicio, não em virtude da lei, mas em virtude de tacita e unanime convenção, a faculdade de insultar, a faculdade de conspirar, a faculdade de alliciar, a faculdade de revoltar e até a faculdade de assassinar, um paiz dotado de tão ricas faculdades, parece-me que ao invez de importar, devia exportar liberdades para todo o mundo.

A que vem pois a republica, se não vem para nos trazer a egualdade e a liberdade que já cá temos, e a segunda mesmo alem dos limites racionaes que a mais prodiga democracia lhe concede? Democratas por democratas cá estamos nós, que somos mais velhos; e se a questão é de ter corôa, ou não ter corôa, de ser electivo ou hereditario o chefe do estado, esperem que eu já lhes digo em duas palavras a minha justiça.

Quanto á corôa como ornato é preciso não ter o senso do bello para dizer que é um objecto feio. A tão desafinado gosto opponho a competencia esthetica dos gregos e romanos que a grandeza não só dos reis e imperado-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXXXV

GRAVE QUESTÃO MAÇONICA

(CONTINUAÇÃO)

Um cavalheiro nosso amigo, muito competente pela posição que occupa na maçonaria de Coimbra, nos informa, que não se podem classificar como *Lojas maçonicas* todas as 5 que em o ultimo numero demos como existentes em Coimbra, no mez de Fevereiro de 1872. Diz que de todas ellas só se deve considerar como *Loja maçonica* a *Federação*, por ser a unica que então tinha carta patente de regularisação pelo *Grande Oriente*; pois que em quanto não ha a plena approvação superior, são reuniões particulares, sem caracter maçonico.

O protesto que publicámos funda-se no facto do *Grande Oriente Lusitano Unido* ter feito um tratado com o *Grande Oriente* de Hespanha, permittindo-lhe o poder estabelecer officinas em Portugal, sujeitas ao *Grande Oriente* hespanhol.

Não queremos duvidar do patriotismo dos membros que compõem o *Grande Oriente Lusitano Unido*. E na sua lealdade á patria não farão mais do que seguir o exemplo que lhes deu a *Grande Loja* de 1808, a qual teve a independencia de negar a *Junot* a dignidade superior de *Grão Mestre*, que elle pretendia.

Posto e assentado isto, perguntamos:—andaria o *Grande Oriente Lusitano Unido* com a prudencia necessaria, no seu tratado com o *Grande Oriente* de Hespanha?

Com todo o desassombro de que somos capazes, dizemos que—não.

O adagio dos nossos avós era de que—*de Castella, nem bom vento, nem bom casamento*. Muito bons visinhos; mas cada um governe-se em sua casa como entender.

Sabemos que o *Grande Oriente Lusitano Unido* allega que foi levado a isso pela egualdade de concessões, visto que tambem o *Grande Oriente* de Hespanha permittiu o estabelecerem-se *Lojas maçonicas* no seu paiz, com sujeição ao *Oriente* portuguez. Mas o que á primeira vista parece egualdade, é uma deseguadade manifesta.

Os hespanhoes nada tem que recear da nossa propaganda no seu paiz; em quanto que da nossa parte todas as cautelas são poucas. Elles são tão nossos *amigos*, que da melhor vontade se deixariam conquistar por nós. Mas *timeo Danaos et dona ferentes.*

O que os troianos applicavam aos gregos, com tanta ou mais razão devemos nós applicar aos hespanhoes.

E essa opinião não é só nossa. Temos muito bons companheiros nella.

Em um projecto de protesto contra o *Grande Oriente Lusitano Unido*, que em 6 Fevereiro de 1872 foi feito por um illustrado cavalheiro, para ser approvado pela *Loja maçonica—Federação*, d'esta cidade, (o qual n'este momento temos presente), lemos o seguinte, que é altamente significativo:

«Pois vós sabeis que a união iberica é o sonho dourado de todos os politicos hespanhoes; sabeis que para este fim todos os esforços empregam, protegendo e animando as associações portuguezas, em quanto as hespanholas definham no esquecimento, distribuindo côn- decorações a esmo a qualquer nullidade portugueza, ao passo que deixam nus os peitos de seus velhos militares, de seus encanecidos magistrados, de seus cidadãos prestantes; sabeis que a Hespanha se insinua com a prudencia da serpente, para cair sobre nós como o tigre; sabeis tudo isso, e muito mais, e ides conceder-lhe uma arma tão poderosa como é a fundação de officinas? Onde estava o brio de bons e leaes portuguezes?

«Quem não ama a terra em que nasceu, a terra que encobre no seio os ossos de seus paes; quem não sente o coração palpitar-lhe ufano, e o espirito enebriar-se de sublime amor, ante as gloriosas tradições que lhe legaram seus antepassados, é um ente vil e abjecto.

«Nós os portuguezes, mais do que qualquer outro povo, carecemos de alimentar o fogo sagrado do patriotismo. São os heroicos feitos de nossos progenitores, que ainda hoje nos grangeiam algum nome entre os povos da Europa. No dia em que esquecermos os padrões da nossa gloria, perderemos todo o direito a exigir que a Europa respeite a independencia desta lingua de terra á beira do Atlantico.

«Os pequenos que não têem outra força senão a da propria dignidade, devem manter essa dignidade, mais do que as nações fortes e poderosas.»

Tudo isto são verdades evidentissimas, e que não tem contestação.

Vamos agora publicar o protesto das *Lojas* do Porto contra a *Constituição* do *Grande Oriente Lusitano Unido*.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

ces mas de todas as grandes magistraturas communicavam com a expressão da corôa. Como symbolo que é de magestade, não se julguem humilhados os que a não cingem, que a magestade que ella exprime não é de nenhum individuo particular, é na fronte do chefe do estado a magestade da nação, e a nação coroada que levanta o colo para mostrar o seu diadema, não me parece que humilhe, senão que exalte todos os membros que a constituem.

Como objecto, finalmente, de culto e de prestigio, a corôa que atravessou no tempo sete seculos e meio, sem que os mais irados repellões da fortuna a fizessem cair jámais da fronte de Portugal, a corôa em cujos florões resplandecem as mais deslumbrantes glorias do mundo, a corôa que abriu a historia da nossa independencia, é para mim artigo de fé, que no mesmo capitulo em que a fechar se fechará tambem a da independencia do paiz.

Quanto ao confronto da eleição com a successão ainda mais clara é a minha justiça. O chefe electivo não é chefe da nação, é necessariamente chefe de um partido, em cujo exclusivo proveito é moralmente obrigado a governar, emquanto o chefe hereditario sobranceiro a todos os partidos, preside imparcialmente com a serenidade da sua alta posição a todos os movimentos do paiz.

A periodicidade da eleição, inflamando as ambições de todos os estadistas, que só na cadeira da presidencia acham repouso, é uma febre intermittente que todas as funcções economicas paralysa, que todas as corrupções suscita, que todos os vinculos sociaes relaxa; emquanto a continuidade da successão, vinculada como já anda hoje a instrucção nas casas reinantes, nos dá, sem abalo nem turbação, um chefe acuradamente educado para reinar.

A nação, que é uma individualidade organica, que tem vida e calor proprio, uma pessoa moral, em que a multiplicidade ora se recolhe ao seio, ora do seio da unidade se expande, em quanto no chefe hereditario representa dignamente a unidade da sua constituição, como chefe electivo que periodicamente se substitue, não é organisação porque lhe falta a unidade, é a multiplicidade gazeiforme de perdidos atomos, que procuram a força de cohesão que os organise. Finalmente tendo de escolher entre os reis da republica e os reis da monarchia, prefiro estes com quem faço mais ceremonia.

A republica é na linguagem hodierna um archaismo coberto de poeira secular. O problema que por emquanto se agita no sub-solo da Europa é entre a politica tradicional que vive no centro de todas as instituições que têem raizes no coração da humanidade como a familia, a propriedade, a religião e a liberdade; e a politica revolucionaria, que determinada a romper o fio da tradição, todas essas instituições se propõe desmoronar, para sobre as suas ruinas fabricar uma sociedade artificial. A primeira representa-a a monarchia representativa, a segunda o socialismo. A republica pode ir-se embora que não tem que fazer aqui, a não ser alguma perturbação que nos faça resvalar para os abysmos da mais tenebrosa de todas as utopias.»

NOTICIARIO

Casamento.—Realisou-se hontem pelo meio dia o casamento da filha dos exm.os viscondes de Monte-São, a exm.ª sr.ª D. Guilhermina Leite Pereira Jardim, com o exm.º sr. Manoel Cabral de Moura Coutinho e Vilhena, da casa de S. Silvestre, deste concelho de Coimbra.

Celebrou a missa e deu as bençãos nupciaes o exm.º sr. Bispo Conde na capella episcopal. Foram madrinhas a exm.ª sr.ª condessa da Quinta das Cannas e a exm.ª sr.ª D. Maria Emilia de Moura Coutinho e Vilhena, tia do noivo; e padrinhos, por parte da noiva o exm.º sr. conselheiro Joaquim Antonio de Aguiar e seu tio o exm.º sr. Dr. Antonio dos Santos Pereira Jardim, e por parte do noivo o exm.º marquez de Avila e de Bolama com procuração ao exm.º conde da Quinta das Cannas e seu tio o exm.º sr. Bernardo Cabral de Moura Coutinho e Vilhena.

Assistiram a este acto as principaes auctoridades de Coimbra, reitor da Universidade, governador civil, governador militar, lentes das diversas Faculdades, e muitos cavalheiros, amigos e parentes das duas familias dos noivos.

A noiva trajava vestido de moiré branco, ricamente enfeitado de rendas de França, véu branco, e grinalda de flores de laranjeira. Esta simplicidade e elegancia harmonisavam-se bem com a formosura e feições sympathicas da noiva, que conta apenas 16 annos.

O noivo tem 26 annos, e é o representante unico de uma das familias opulentas, e das mais antigas e distinctas do concelho de Coimbra. Seus avós figuraram nos altos cargos do exercito e da magistratura. A estes titulos de nobreza junta o sr. Manoel Cabral outros dotes de muito apreço. E' bacharel formado em Direito, em cujas aulas fez uma figura distincta, e é um cavalheiro estimavel e de grande modestia. A noiva reune as excellentes qualidades, esmerada educação e raras virtudes de sua mãe, a sr.ª viscondessa de Monte-São. N'estas simples palavras está feito o seu completo elogio.

A's 5 horas da tarde deram os srs. viscondes de Monte-São em sua casa um sumptuoso jantar, findo o qual os noivos se retiraram para a sua casa de S. Silvestre.

A mesa constava de 40 talheres, e n'ella tomaram assento, além das duas familias, os srs. viscondes de Villa Maior, e de Villa Mendo, conde da Quinta das Cannas, governador militar o sr. Vasco Guedes de Carvalho e Menezes, juiz de direito o sr. João Telles Trigueiros, Dr. Joaquim Correia de Almeida, Alberto de Sousa Leitão, os lentes da Universidade os srs. Miguel Leite Ferreira Leão, Joaquim Augusto Simões de Carvalho, Bernardo de Serpa Pimentel, João José de Mendonça Cortez, Manoel Emygdio Garcia, Luiz Albano de Andrade Moraes, Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo, e os srs. Francisco Pedro da Silva, Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello Ganhado, etc., etc.

A noiva foi muito presenteada. O noivo offereceu-lhe um rico adereço completo de brilhantes e um lindissimo relogio de ouro. A madrinha a sr.ª condessa da Quinta das Cannas uma pulseira de ouro cravada de brilhantes. A madrinha a sr.ª D. Maria Emilia Cabral de Moura Coutinho Vilhena uma rica e antiquissima caixa de ouro, servindo de cofre a um precioso alfinete de brilhantes. A sr.ª D. Maria José Cabral de Moura Coutinho e Vilhena um lindo broche de brilhantes.

O tio materno da noiva, o exm.º sr. José Leite Ribeiro Freire, offereceu-lhe um bello collar de ouro com uma medalha. O tio paterno e padrinho, o exm.º sr. Dr. Antonio dos Santos Pereira Jardim uma rica carteira para bilhetes de filagrana da China. As tias paternas, as exm.as sr.as D. Joanna e Maria Emilia Jardim, a primeira um adereço de ouro, e a segunda um lindo livro de missa. Sua prima, a exm.ª sr.ª D. Maria Emilia Jardim um bonito serviço de louça para mesa. A exm.ª baroneza de S. Thiago de Lordello uma carteira de marfim guarnecida e marchetada de prata. Muitas outras pessoas de amisade das duas familias offereceram á noiva varias prendas delicadas e escolhidas.

Felicitamos os noivos e suas familias, e fazemos votos, para que este consorcio, inspirado pelas affeições do coração e pelas conveniencias sociaes, seja coroado de verdadeiras venturas e prosperidades.

Audiencias geraes. — No dia 28 do corrente começam as audiencias geraes nesta cidade.

Hydrophobia. — Na sexta feira um cão, atacado de hydrophobia, mordeu em muitas pessoas, desde o Padrão e ponte d'Agua de Maias, até á rua da Sophia, desta cidade.

No domingo de manhã foram 5 das pessoas mordidas curar-se ao hospital.

Grande virtude é a caridade! —Imploramos ha dias das almas bemfazejas a protecção para o infeliz alfaiate Antonio Tovim, morador ao fundo da rua da Moeda, n.º 69, o qual se acha entrevado ha 4 annos, tendo a mulher doente, 8 filhos para sustentar, e estando uma das filhas mais velhas tambem doente.

Não foi debalde que appellamos para a caridade publica.

Differentes pessoas tem mandado as suas esmolas directamente áquella desgraçada familia; e outras se tem servido do nosso intermedio para lhas enviar.

Sentimos que o desejo manifestado pela maior parte desses bemfeitores, de occultarem a sua mão caridosa, nos impossa de aqui mencionar os seus honrados nomes.

O muito digno provedor da Santa Casa da Misericordia, de accordo com a mesa, tambem acudiu ás nossas supplicas, mandando dar de esmola 2$250 rs. Já antes disso o brioso mesario o sr. Francisco das Neves Carneiro, se havia apressado a mandar, como esmola sua propria, alguns generos da sua loja e uma quantia em dinheiro.

Chegou, finalmente, um dia em que naquella familia se viu a alegria, compativel com o seu estado. Repetimos, por isso, com todo o jubilo—grande virtude é a caridade!

Lembramos agora a essas e a outras mais pessoas caridosas, que o estado deploravel daquella familia, tem o caracter de permanencia, por se achar o seu chefe entrevado. Nestas circumstancias a necessidade vae outra vez renovar-se passado pouco tempo.

Assim, uma obra meritoria fariam aquellas pessoas, que todos os mezes, ou nas epochas que lhes parecesse, e conforme as suas posses, lhe mandassem as sua esmolas.

Sabemos que a mesa da Misericordia assim tenciona proceder; e se a essa respeitavel corporação se juntarem as mais pessoas caridosas, poder-se-ha tornar o soccorro e o allivio permanente.

Arcediago do Vouga.—Por proposta de s. ex.ª o sr. bispo conde, foi nomeado pelo exm.º ministro da justiça arcediago do Vouga, na sé cathedral desta cidade, o reverendo sr. Antonio José da Silva.

Dando por este modo um logar de honra nas cadeiras capitulares desta sé áquelle virtuoso e, a todos os respeitos, digno sacerdote, premiou o sr. bispo conde os importantissimos serviços por elle prestados, desde muitos annos, ao seu Seminario, como secretario, como professor, e ultimamente como vice-reitor do mesmo estabelecimento; e deu ao mesmo tempo mais um publico testimunho de que não esquece, antes considera sempre muito os ecclesiasticos, que do coração o coadjuvam no seu sincero empenho de instruir e moralisar o clero desta diocese.

Honras de conego.— Egualmente por proposta de s.ex.ª o sr. bispo conde, concedeu o exm.º ministro da justiça as honras de conego, nesta sé cathedral, ao reverendo sr. Manoel da Cruz Pereira Coutinho, digno prior da Sé Velha.

Davam-lhe incontestavel direito a esta distincção trinta annos de excellentes serviços á egreja e á sociedade no desempenho do ministerio parochial, os seus profundos conhecimentos nas sciencias ecclesiasticas, a sua vastissima erudição noutros ramos de sciencias, e nas bellas letras, e acima de tudo o seu exemplarissimo comportamento moral.

Promovendo, pois, este respeitavel ancião áquella dignidade, honrou-se o exm.º prelado não menos a si, do que ao illustre agraciado.

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Recemnascido, filho de Joaquim José Duarte e Albina Ferreira Duarte, natural de Coimbra, fallecido no dia 10 de Fevereiro.

Florinda Dias de Carvalho, filha de José Dias e Joanna da Conceição dias, natural do Porto, de 48 annos, fallecida no dia 12.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—1864.

Recrutamento.— O Conselho de Estado julgou favoravelmente os seguintes recursos, a fim que os respectivos mancebos fiquem isentos do serviço do exercito.

CONCELHO DE CANTANHEDE

Freguezia de Ançã — Francisco Ribeiro Delgado, por seu filho Serafim.

Freguezia de Cantanhede — Manoel Mendes e mulher, por seu filho Antonio.

Freguezia de Portunhos — Luiza Rosa dos Santos, viuva, por seu filho José.

Freguezia da Tocha—Isabel Nunes, solteira, por seu filho José.

Mercado de Coimbra no dia 17 —Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 520—Dito branco 470 a 480—Dito Celorico meudo 620—Dito graudo 550—Milho branco 340—Dito amarello 340—Feijão vermelho 500—Dito branco da terra 440—Dito da marinha 480—Dito rajado 400—Dito frade 380—Centeio 550—Cevada 300—Favas 440—Tremoços 260—Chicharos 260—Grão de bico 550—Batatas 240—Azeite 1$040 a 1$050—Vinho da Beira 800—Dito do Bairro 750 a 800—Dito da Bairrada 950.

Obeliscos.— Estes antigos monumentos são de origem egypcia. Contam-se ainda hoje 42, da mais remota celebridade, e alguns d'elles cobertos dos mais curiosos hyeroglyphicos. Dos que se conservam ainda em bom estado, existem 7 no Egypto, 12 em Roma, 2 em outras terras de Italia, 2 em Constantinopla, e 5 na Inglaterra. Os mais famosos da França são os obeliscos de Arles e de Lucsor, que foram transportados para Paris em 1836. Londres possue a celebre *agulha de Cleopatra*, que veiu da Alexandria.

Relogios. — Foi em Nuremberg, no anno de 1500, que se fabricaram os primeiros relogios, chamando-se *ovos de Nuremberg*, em attenção á sua fórma oval. Os relogios de mola espiral foram inventados em 1674, e os de repetição, em 1676, pelos dois inglezes Barlow e Quarre. D'estes ultimos o primeiro que appareceu em França, foi dado de presente por Carlos 2.º a Luiz 14.

Papeis pintados.— Attribue-se aos chinezes a invenção dos papeis pintados. Desde o fim do seculo 17 que se usam para forrar as paredes das casas, em logar dos estofos de lã e seda que se usavam antigamente. Foram primeiramente importados da China na Inglaterra, e posteriormente recebeu esta industria em França grande aperfeiçoamento, fundando-se muitas fabricas desde os fins do seculo passado.

Dominus tecum—No anno de 590 houve uma grande peste, sendo violentissima. Os que por ella eram atacados espirravam successivamente e bocejavam repetidas vezes. O papa que então era, Pelagio II, foi uma das victimas.

Alguns historiadores dizem que foi por esta occasião, que se começou a dizer aos que espirram—*Dominus tecum*—e a fazer-se o signal da cruz na boca, quando se abre.

Estes costumes tem-se ultimamente perdido nas *classes illustradas*, conservando-se só na povo.

Lino de Macedo. — Temos hoje mais informações ácerca das publicações em que está trabalhando em Borba, o sr. bacharel em medicina, Lino de Macedo.

Estuda as topographias medicas de Moçambique, de Chicolañe e do Ibo (districto de Cabo Delgado), tudo na Africa occidental; occupa-se da escola de medicina de Goa (Pangim), onde regeu a cadeira de physiologia e hygiene; trata da reforma dos hospitaes de Goa e de Ribandar; avalia a instrucção medica naquelle paiz; e em fim mostra que não lhe foi desconhecida a meteorologia e todas as causas dos morbus alli reinantes.

Além d'isso o sr. Lino de Macedo está escrevendo alguns trabalhos litterarios, principalmente romances, com referencia ao que tem observado de mais exquisito e digno de menção nos paizes de alem-mar.

Os conhecimentos adquiridos pelo sr. Lino de Macedo nas suas viagens pela Europa, assim como na Africa e Asia, dão-nos a segurança de que as suas publicações serão recebidas com todo o interesse pelo publico.

Do seu distincto merecimento são uma prova os numerosissimos diplomas que tem recebido de sociedades scientificas e litterarias de Portugal, Hespanha, França, Belgica, Italia, Allemanha e Inglaterra; sendo alem d'isso agraciado em Portugal com o grau de cavalleiro da Ordem de S. Thiago, do merito scientifico, litterario e artistico.

Artes e Letras.— Publicou-se o n.º 12 do primoroso jornal—*Artes e Letras*. Neste paiz, em que tão pouca protecção tem as bellas artes, é motivo de nos fellicitarmos o ver chegar ao fim o primeiro anno deste jornal.

As *Artes e Letras*, tornam-se muito dignas do favor publico, pelas magnificas gravuras com que é ornado o jornal, e pelos magistraes artigos que nelle se publicam, devidos á penna dos nossos primeiros escriptores.

Este n.º 12 consta do seguinte:

Texto

A primeira reflexão—J. M. Latino Coelho.

O illustre dr. Matheus (Continuação)—Trad. B.

Leonor da Fonseca Pimentel—(Continuação)—A. Filippe Simões.

Flores estrangeiras—Thomaz Ribeiro.

Aquella casa triste....(Continuação)—C. Castello Branco.

A Virgem—E. A. Vidal.

Pedro Americo—Pinheiro Chagas.

Chronica do mez—Rangel de Lima.

Diversas noticias.

Gravuras

A primeira reflexão — Gustavo Sus — Roth.

Duas estampas do romance— «O illustre doutor Matheus».

A Virgem—Holbein—W. French.

Pedro Americo—F. Chaves—Rico.

Letras—O—L—Q—H—F—F— illustradas.

4 *cul-de-lampes.*

Um artista no estudo (cul-de-lanpe)—R. Bordalo Pinheiro—J. Pedroso.

Ao sr. presidente da camara da Pampilhosa—Chamamos a attenção do sr. presidente da camara da Pampilhosa, ou a quem na verdade deva pertencer, para as queixas que nos dirige o nosso assignante de Janeiro de Baixo, o sr. Manoel Quaresma Caldeira. Confiamos em que se tomarão as providencias que for possivel para cessarem estes motivos de queixa.

«O *Conimbricense* chega com interrupção; devido isto ao director do correio da Louzã, ou da Pampilhosa, ou ao *rapazito* que traz a correspondencia para as freguezias de Janeiro de Baixo, Cabril, Vidual de Cima e Dornellas, porque a bolça vem aberta, e elle tem por costume deixar ver a quem quer a correspondencia e mesmo dar liberdade para abrirem

---

Á GL.·. DO SUP.·. ARCH.·. DO U.·.

AO GR.·. OR.·. LUS.·. UN.·.
SUPR.·. CONS.·. DA MAÇ.·. PORT.·.
ENVIAM
AS RR.·. LL.·. HARMONIA N.º 7—LEGALIDADE N.º 8 PROGREDIOR N.º 10—FILHA DA HARMONIA N.º 30 AO OR.·. DO VAL.·. DO PORTO

S.·. F.·. U.·.

CC.·. e RR.·. II.·.

A estas OOff.·. foi presente a nova Const.·. do Gr.·. Or.·. Lus.·. Un.·. Sup.·. Cons.·. da Maç.·. Port.·. de 21 de Setembro e.·. v.·., bem como os Decr.·. que a acompanham.

Pelo ultimo Decr.·. são as OOff.·. da obediencia implicitamente convidadas a jurar a Const.·., devendo, acto continuo ao juramento, eleger os represent.·. á G.·. L.·. ord.·., que, em conformidade com o art. 3.º do citado Decr.·., se deveria reunir no dia 30 de Outubro.

Estas OOff.·., porem, abstiveram-se de jurar a nova Const.·. pelos motivos que passam a expor:

No art.·. 2.º da nova Const.·., que trata dos deveres e fins da Maç.·., art.·. identico ao do proj.·. de Const.·. submettido ao G.·. Or.·. pelos OObr.·. das OOff.·. d'este vall.·., eliminou-se o n.º 3. N'este numero entendiam os OObr.·. d'este vall.·. que um dos deveres da Maç.·. era—«O aperfeiçoamento de todas as instituições sociaes da nação, vigiando sempre pelas liberdades patrias e pela independencia nacional.»

A eliminação d'este n.º 3 do art.·. 2.º importa presumir que á Maç.·. não compete aperfeiçoar as instituições sociaes, nem tão pouco vigiar pelas liberdades patrias e pela independencia nacional.

Estas OOff.·. protestam pela presumpção, e gostosamente declaram que entendem ser um dever de todo o bom Maç.·., qualquer que seja a sua nacionalidade, aperfeiçoar as instituições sociaes do seu paiz, e vigiar pelas liberdades patrias: e mau será o Maç.·. que se esquecer um momento da patria e da liberdade.

O art.·. 24 n.º 8 diz que um dos principaes deveres de uma L.·. reg.·. é—«Enviar para a Gr.·. Secr.·. toda a correspondencia, informações ordinarias e extraordinarias nos periodos e com as formalidades prescriptas.»—Segundo este numero, as OOff.·. correspondem-se directamente com a Grand.·. L.·., desconhecendo-se completamente a existencia de um Sob.·. Cap.·. É uma inovação centralisadora, que annulla a existencia do Cap.·. Prov.·., que são o poder intermediario entre as LL.·. e o Gr.·. Or.·., e que tende naturalmente a impedir as relações que as OOff.·. do mesmo vall.·. devem ter entre si, ligadas pelo poder local.

O art.·. 31 permitte a creação de CCap.·. PProv.·., mas creação facultativa senão impossivel: diz o art.·.—«Sete LL.·., pelo menos, erectas fóra de Lisboa e seus suburbios, reunidas no mesmo vall.·., ou em valles proximos, e contando entre si o numero total de 21 Ir.·. decorados com o gr.·. de R.·. ✛.·., *podem* constituir-se em Cap.·. que será o poder intermediario das OOff.·. que o constituem para com o poder superior.»

Mas quando será o Cap.·. Prov.·. o intermediario entre as OOff.·. e o corpo superior, se as OOff.·., pelo art.·. 24, n.º 8, têem *por principal dever* corresponder-se com a Gr.·. L.·.?

Alem disso, pelo citado art.·. 31, sete OOff.·. pelo menos, *podem* constituir-se em Cap.·. Prov.·.: o facultativo da permissão não compelle as LL.·. a constituir-se em Cap.·., o que leva a crer que o Cap.·. Prov.·. não é apreciado como entidade precisa.

O numero de *sete LL.·. pelo menos* que se julga preciso para constituir Cap.·. Prov.·. pode ser tambem uma difficuldade para a erecção de Cap.·. neste vall.·., que, por uma eventualidade qualquer, pode deixar de ter tão subido numero de OOff.·. em trabalh.·., ou que se queiram unir para formar o corpo superior facultativo.

O art.·. 31 do proj.·. da Const.·. offerecido pelos OObr.·. deste vall.·. dizia:—«Nos districtos MMaç.·. onde existirem tres ou mais LL.·. regulares, haverá mediante auctorisação do Gr.·. Or.·. e a este subordinado, um Cap.·. Prov.·. composto dos respectivos VVen.·. e dos representantes das LL.·.»—e o art.·. seguinte:—«Para os effeitos do artigo antecedente fica o continente do reino dividido em tres districtos; o do norte, comprehendendo os districtos administrativos cujas capitaes forem situadas entre o Douro e o Minho... O Porto será a séde do primeiro; as dos outros dois serão opportunamente designadas.» Era uma descentralisação.

Estes dois art.·. são terminantes. Segundo elles, o Porto seria a séde obrigada de um Cap.·. Prov.·., mediante a existencia de tres LL.·.;—segundo o art.·. 31 da nova Const.·., o Porto *poderá* ser a séde de um Cap.·. com poderes contestaveis.

O art.·. 92 da nova Const.·. diz que a receita do grande thesouro provem:—«1.º Da capitação por cada membro effectivo inscripto nos quadros das OOff.·.»—O art.·. 80, n.º 6, do nosso proj.·. de Const.·. dizia que a receita proviria—«Das quantias que tocarem ás OOff.·. ou OObr.·., segundo o orçamento.»

A capitação é um imposto constante, que se exige sem que previamente se conheça qual será o seu destino; em quanto que a receita, arrecadada mediante orçamento que a justifique, traz a justificação no orçamento que a motiva.

O art.·. 95 diz que—«O orçamento ordinario annual será publicado no *Boletim*, pelo menos trinta dias antes de começar a sua discussão na Gr.·. L.·.»—e o respectivo § que—«Todas as LL.·. podem neste intervallo apresentar á Gr.·. L.·. quaesquer reclamações contra os diversos capitulos e artigos do mesmo orçamento.»

Supponde que o *Boletim* se publique em dia, o que até hoje ainda não succedeu, as LL.·. pequena vantagem terão com a publicação do orçamento, porque poderão reclamar contra a despeza, mas a receita proveniente de imposto fixo sobre cada Ob.·. será sempre a mesma; e se a despeza for contestada, o resultado será crear-se um saldo inutil, que uma eventualidade imprevista fará desapparecer.

Por tanto, e pelas razões expostas, as LL.·. signatarias, apesar que com profunda magua, declaram que, não podendo acceitar a nova Const.·., se põem a coberto do Gr.·. Or.·. Lus.·. Un.·. Sup.·. Cons.·. da Maç.·. Port.·., solicitando por esta occasião do mesmo certificado de quites, e a coberto se conservarão, em quanto durarem as circumstancias que motivaram o actual procedimento.

Traç.·. em log.·. occ.·. aos prof.·., aos 22 dias da lua de Marshevan do ann.·. da V.·. L.·. de 5871.

Da L.·. *Harmonia* n.º 7—O Ven.·. *D. Jayme* Gr.·. 32.·.—O 1.º Vig.·. *Egas Moniz* Gr.·. 30.·.—O 2.º Vig.·. *Barão Larrey* C.·. R.·. ✛.·.—O Orad.·. *Chrystophoris* M.·. M.·.—O Secr.·. *Esculapio* C.·. R.·. ✛.·.—O Thes.·. *Raphael* Gr.·. 30.·.—O Chanc.·. Arch.·. T.·. *Vespasiano* C.·. R.·. ✛.·.

Da L.·. *Legalidade* n.º 8—O Ven.·. *Platão* C.·. R.·. ✛.·.—O 1.º Vig.·. *Duchene* gr.·. 31.·.—O 2.º Vig.·. *Cesar* C.·. R.·. ✛.·.—O Orad.·. *Galeno* Gr.·. 28.·.—O Secr.·. *Annibal* C.·. R.·. ✛.·.—O Thes.·. *Guilherme Tell* Gr.·. 30.·.—O Chanc.·. Arch.·. *Camões* C.·. R.·. ✛.·.

Da L.·. *Progredior* n.º 10—O Ven.·. *Tacito* C.·. R.·. ✛.·.—O 1.º Vig.·. *Vasco da Gama* C.·. R.·. ✛.·.—O 2.º Vig.·. *Thiago Horta* C.·. R.·. ✛.·.—O Orad.·. *Schiller* Gr.·. El.·. Sec.·.—O Secr.·. *Cincinatus* C.·. R.·. ✛.·.—O Thes.·. *Pompeu* C.·. R.·. ✛.·.—O Chanc.·. Arch.·. *Virgilio* C.·. R.·. ✛.·.

Da L.·. *Filha da Harmonia* n.º 30—O Ven.·. *Gil Vicente* C.·. R.·. ✛.·.—O 1.º Vig.·. *João Huggs* C.·. R.·. ✛.·.—O 2.º Vig.·. *Cachius* Gr.·. El.·. Sec.·.—O Secr.·. *Mousinho d'Albuquerque* C.·. R.·. ✛.·.—O Thes.·. *Goldoni* M.·. M.·.—O Chanc.·. Arch.·. *Magriço* C.·. R.·. ✛.·.

A' ULTIMA HORA

Acabamos de receber em nome das *Lojas maçonicas* de Coimbra a carta que abaixo publicamos.

Em primeiro logar temos a dizer que pela nossa parte não accusámos de desleal á patria o *Grande Oriente Lusitano Unido*. Se dessa opinião são varios individuos que ainda ha pouco tractavam de organisar *Lojas maçonicas* em Coimbra, nós não temos nada com isso; pois que ha 20 annos exactos somos extranhos á maçonaria.

Repetimos que não suspeitamos da lealdade patriotica do *Grande Oriente*; porque se assim não fosse, podiam estar certos que tinhamos a coragem sufficiente para aqui o dizer, ainda que tivessemos contra nós todas as maçonarias do mundo, quanto mais a de Portugal.

Dizendo isto com toda a franqueza: e não querendo tomar a responsabilidade do que possam pensar em relação ao *Grande Oriente* alguns individuos, que são, ou foram mações, e agora estão dissidentes; o que sustentamos com toda a firmeza, é que o *Grande Oriente Lusitano Unido* procedeu com uma leviandade incrivel, permittindo no seu tratado com o *Grande Oriente* de Hespanha, que em Portugal se podessem fundar *Lojas maçonicas*, na dependencia daquelle *Grande Oriente* estrangeiro.

Desafiamos todos os advogados e rabulas para nos provarem o contrario.

Agora o que tem graça é a grande extranheza que mostram as *Lojas maçonicas* de Coimbra, de nos termos em nosso poder documentos maçonicos. Parece que essas *Lojas* não sabem a quem se estão a dirigir!

Segredos para nós! Ora essa! Sem basofia lhes dizemos, que pouco haverá que resista á nossa preseverante investigação. A questão é de tempo.

Publicámos documentos importantissimos ácerca da sociedade secreta de *S. Miguel da Ala*, e com isso não se zangaram as *Lojas* de Coimbra, antes pelo contrario bateram as palmas de contentes.

Publicámos depois a historia da carbonaria e maçonaria em Coimbra, sendo-nos muitos dos elementos para ella, fornecidos por alguns dos proprios signatarios da carta que abaixo se vae ler; e são elles os mesmos que agora se queixam de termos novos documentos em nosso poder!!!

Isto não parece serio!

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Sr. Redactor.

As L.·. L.·. regularmente constituidas ao valle de Coimbra, tendo visto que v. no n.º 2667 do seu jornal, publicando alguns documentos maçonicos, os precede de considerações tendentes a injuriar com appellido de traidor á patria o Gr.·. Ori.·. L.·. Un.·. e com este toda a maçonaria portugueza, que tantos e tão leaes patriotas tem contado e conta ainda em seu seio; entendem do seu dever vir declarar a v. e ao publico, que foi vergonhosamente illudido e que em sua boa fé se tornou cumplice de um acto vil e deshonroso, tal como é o do homem sem brio, que, trahindo um juramento sobre a honra, confiou a v. documentos que, embora podessem considerar-se honrosos para a maçonaria de Coimbra, não deviam comtudo ver a luz da imprensa.

As L.·. L.·. de Coimbra pois sentem que vis especuladores, expulsos d'ellas por suas infamias, abusassem assim do patriotismo de v.; e declaram em nome de todos os maçons regulares que a Maçonaria portugueza, que tem por divisa Deus, Patria e Liberdade, está muito acima de todas as miseraveis calumnias, como as de que v. innocentemente se tornou echo.

Esperam que v., agora melhor informado, faça ao Gr.·. Ori.·. e a toda a maçonaria portugueza mais justiça.

Trac.·. em l.·. oc.·. ao valle de Coimbra aos 16 de Fevereiro de 1873 (e.·. v.·.)

Os delegados das L.·. L.·.

Lafayete C.·. R.·. ✠.·.
Belzoni Cav.·. R.·. ✠.·.
Bismark Cav.·. do Ori.·.
Numa Pompilio Cav.·. do Ori.·.
Garibaldi Cav.·. R.·. ✠.·.
Monge Cav.·. R.·. ✠.·.
Trousseau El.·. Secr.·.
Kepler El.·. Secr.·.
Barnave C.·. R.·. ✠.·.
Otto C.·. R.·. ✠.·.
Fulton C.·. R.·. ✠.·.

ADDITAMENTO

Viram os nossos leitores a carta que nos acaba de ser dirigida em nome de todas as *Lojas* regulares de Coimbra; na qual se classifica de *miseraveis calumnias* o que se diz no protesto que publicamos em o numero passado, contra o artigo 3.º do tratado feito em 12 de Janeiro de 1872, entre o *Grande Oriente Lusitano Unido* e o *Grande Oriente* de Hespanha.

Agora saiba-se, que temos em nosso poder um parecer original, ácerca desse artigo do tratado, feito por um dos *proprios que assignou a carta que acima se lê*, no qual elle mesmo diz o seguinte:

«Á vista do artigo 3.º do tratado e seu paragrapho, *ficámos aterrados*. Era-nos impossivel felicitar nossos II.·., porque a gloria delles era a *nossa vergonha*. **A patria estava traida**, e era forçoso velar por ella, *já que vós a tinheis totalmente esquecido*.»

Isto vae aqui sem commentarios, porque não os precisa!

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

os jornaes, deixando os d'uma semana para outra, na mão d'aquelles *senhores* que não são assignantes: pois já hoje estamos a 14 e ainda não recebi os numeros 2662, 2663, 2664 e 2665, havendo todos os sabbados correio para as mencionadas freguezias; demais a mais, tenho semanas que só recebo um numero e outras nenhum.

«Já alguns srs. parochos tem officiado ao sr. presidente da camara da Pampilhosa, por quem o tal rapasito é pago, e as providencias são sempre as mesmas.

«Este mal podia-se remediar se a bolça viesse fechada, e cada regedor das mencionadas freguezias, tivesse uma chave para abrir a correspondencia da sua freguezia; só assim é que poderia acabar este abuso.

«Por tanto, peço a V. queira pedir providencias ao sr. presidente da camara da Pampilhosa, no proximo numero do seu jornal, no que não só me obsequeia, mas tambem a muitos mais, que sem verem as providencias dadas, não mandam vir a sua correspondencia por tal direcção.»

Noticias de Hespanha—Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

«Recebemos jornaes de Barcelona, em data de 13. Continuava a concorrer immenso povo á casa da camara pedindo armas. A pedra da constituição foi coberta com um veu e foi collocado na varanda do edificio um panno onde se lia:—«Municipios autonomos—Estados soberanos federaes—Republica democratica federal—Viva a confederação hespanhola.» O povo que enchia a praça, logo que leu estes lemas, prorompeu em calorosos vivas á republica federal.

A deputação provincial decidiu offerecer os seus serviços ao governo de Madrid, a fim de sustentar a ordem para o estabelecimento da republica federal democratica. A praça foi occupada militarmente por infanteria, cavallaria e artilharia. A noite illuminaram-se as casas da camara e da deputação, onde se via debaixo de um docel de velludo o escudo da Catalunha, coroada por um gorro phrygio e um triangulo. A concorrencia do povo era extraordinaria. O cafe das *Delicias* foi cercado pela tropa e presas vinte pessoas, que se dizia serem carlistas.

Em Sevilha continuaram os festejos sem occorrencia extraordinaria. O povo queimou a antiga forca e quiz lançar na fogueira o executor da alta justiça o velho *maestro Pepe*. O retrato de D. Amadeu foi pelo povo arrojado das janellas do municipio e rasgado em mil pedaços.

Assegura-se em Madrid que o celebre agitador internacionalista Ruban Donadeu, dirigira um telegramma a Figueras, saudando a republica e a liquidação social, acrescentando-se que Figueras respondera energicamente áquelle agitador, dizendo-lhe que, apesar da sua qualidade de deputado, seria preso, no caso que fizesse qualquer tentativa naquelle sentido.

O *Tempo* publica um projecto de republica federal, dividindo a Hespanha em treze estados. O *Imparcial* combate essa forma de governo.

Esta folha noticia que em Montilia, povoação importante da provincia de Cordova houvera um serio conflicto entre o povo e a guarda civil, resultando mortos e feridos, chegando a assegurar-se que tinham sido incendiados seis ou sete edificios. As minas de Riotinto foram vendidas por 370 milhões de reales.

Castellar telegraphou a Garibaldi participando-lhe o estabelecimento da republica.

Madrid, 17, ás 6 da tarde.—As forças populares abandonaram os *retenes* de Madrid, acatando ás auctoridades. Ollo, com 1:500 carlistas, atacou Tafalla, mas a guarnição repelliu-o. Começou na assemblea a discussão da abolição da escravatura. O *Jornal de Paris* desmente o boato da subscripção de vinte milhões para a propaganda montpensiarista em Hespanha.

CHARADAS

Ao meu amigo José Fortunato de Castro Junior

127.ª

Sou verbo—1
Sou verbo—1
Sou verbo—1
Sou verbo—1
Sou verbo—1
Deleita.

A. Calisto.

128.ª

Dans le Grec cette liste est une plante—1 e 2.

129.ª

Este verbo—1
Na musica—1
Na musica—1
Come-se—1
Sem ninguem—1
É espantoso.

130.ª

You understand the advancement of this acquaintance—1 e 2.

Sociedade *Naturalista*.

Offerecida ao meu amigo Camillo Borges de Castro Azevedo e Mello

131.ª

Minha primeira com toda a certeza
Em a historia deverás procurar. } 1
Esta agora mui facilmente matas,
Pois em a musica costuma figurar. } 1

Se uma nota tu me quizeres pospor
Verás que tributo eu costumo pagar; } 1
Mas se outra nota me antepozeres
Bastantes mortes me verás originar. } 1

Meu todo isso não admitte duvida,
A quasi todos costuma agradar,
Mas e pena uma coisa, e vem a ser
Que eu sou muito difficil de encontrar.

A. C. T. M.

ANNUNCIOS

1 NO DIA 17 veiu expontaneamente a esta cidade ao paço episcopal todo o povo da freguezia do Avellar, concelho de Figueiró dos Vinhos, fazer uma manifestação a favor do seu parocho, o reverendo padre Manoel Bento Lopes, que em virtude d'intrigas foi mandado sahir d'aquella freguezia.

Publicação litteraria

2 RESPOSTA A UM CRITICO, ou exame de algumas asserções do sr. Augusto Epiphanio da Silva Dias, sobre grammatica portugueza e latina, por *Joaquim Alves de Sousa*. — Vende-se por 300 rs. nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

3 NA EGREJA de Souzellas, no dia 4 de Março, proximo, hão ter logar as exequias por alma do sr. bacharel Jeronymo Jose Baptista Lopes Parente, e de sua esposa. A este acto assistirá a philarmonica *Boa-União*.

4 BIQUEIRAS DE METAL AMARELLO para calçado de creança. Loja do Fonseca, rua da Calçada, 72 a 76.

5 BOLÇAS DE REDE PRATEADA, para dinheiro, perfeita imitação das de prata. Na loja do Fonseca, rua da Calçada, 72 a 76.

6 TINTA D'OURO para escrever. Na loja do Fonseca, rua da Calçada, 72 a 76.

7 JOGOS DE XADREZ, dominó, gloria, lato e cavallo branco. Na loja do Fonseca, rua da Calçada, 72 a 76.

AGRADECIMENTO

8 JOAQUIM CARVALHO PORTO e seus filhos, agradecem por esta forma a todas as pessoas da sua amisade, que se dignaram acompanhar até á sua ultima morada, os restos mortaes de sua prezada esposa e mãe Florinda Dias de Carvalho, protestando a todas o seu mais vivo reconhecimento.

Coimbra 17 de Fevereiro de 1873.

VENDA DE FOROS

9 VENDE-SE o foro de 4$500 rs., que paga José da Veiga, da Cioga do Monte, e um outro de 450 reis, que paga Joaquim Ferreira Lopes, de Trouxemil. Quem os pretender falle com José Joaquim da Silveira, na loja da rua da Calçada, n.º 22 a 32, Coimbra. Declara-se que estes foros são livres de decima

10 ARCHEOLOGIA ARTISTICA publicada por Joaquim de Vasconcellos.—Fasciculo I de XXXII de 160 paginas— LUIZA TODI— estudo critico musical.

Fasciculo II de 108 paginas—ORDENAÇÕES DO REINO, por Tito de Noronha. Tiragem 250 exemplares. Preço 1$200 reis o I fasciculo, e 800 reis o II, para os srs. assignantes; avulso o duplo.

A' venda na livraria Academica de J. Melchiades.

AGRADECIMENTO

11 D. JOSEPHINA AMALIA DE CARVALHO não podendo directamente agradecer a todas as pessoas que têem honrado a memoria de seu marido o conselheiro Antonio de Carvalho Coutinho e Vasconcellos, e que tanto a tem obsequiado depois da grande perda que soffreu; serve-se deste meio para protestar o seu mais profundo reconhecimento.

INSCRIPÇÕES

12 ABILIO AUGUSTO MARTINS, ourives em Coimbra, rua da Calçada, n.º 8, encarrega-se da compra de inscripções em Lisboa, pelo preço da cotação official do *Diario do Governo*, apresentando-as averbadas em nome do comprador, poucos dias depois da encommenda.

Agradecimento

13 JOSE' MARIA D'OLIVEIRRA E SÁ, summamente penhorado para com todas as pessoas que se dignaram obsequial-o durante o longo padecimento de sua estremosa esposa, e bem assim por occasião do seu enterro; vem por esta forma, a todas testemunhar o seu eterno reconhecimento, visto o seu estado de saude não o permittir fazer, por ora, pessoalmente; com especialidade aos muito dignos facultativos os srs. Drs. Filippe do Quental e João Augusto d'Almeida Araujo Pinto, pela assiduidade e disvelo com que a trataram; não esquecerei nunca os immensos favores que por estas occasiões recebi de meu cunhado e compadre o sr. Francisco Pedro da Silva

14 A CAMARA MUNICIPAL DE COIMBRA, faz saber, que deu as competentes ordens aos empregados de policia, para que dessem caça aos cães vagabundos que infestam a cidade; e por isso convida todas as pessoas que tenham cães d'estimação a marcal-os com coleira, na conformidade do artigo 16, n.º 8, do Novo Regimento de Policia, e a prendel-os ou açaimal-os nas noites dos dias 19 a 23 do corrente mez de Fevereiro.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 18 de Fevereiro de 1873.

O escrivão da camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

CONCURSO

A Camara municipal do concelho de Leiria

FAZ PUBICO, que se acha a concurso por espaço de sessenta dias, a contar da data deste, o partido de medicina e cirurgia nesta cidade, com o ordenado annual de 220$000 rs., pagos pelo cofre do municipio, e pulso sujeito á tabella camararia.

Os pretendentes ao referido partido deverão apresentar, dentro do dito prazo, na secretaria desta camara. os seus requerimentos documentados pelo modo seguinte:

1.º—Cartas de formatura pela Universidade de Coimbra, ou qualquer das escholas medico-cirurgicas de Lisboa ou Porto.

2.º—Certidão de folha corrida do logar em que tiverem a sua ultima residencia por mais de tres annos.

3.º—Attestações em forma da respectiva municipalidade e auctoridade administrativa do concelho, comprovando o seu bom comportamento moral e civil.

Secretaria da camara municipal de Leiria, 15 de Fevereiro de 1873.

O presidente da camara,
Luiz Joaquim Coelho da Cunha Saraiva

DEPOSITO DE BIXAS

16 ANTONIO BENTO DA VEIGA e filhos, participam aos seus freguezes, que acaba de chegar-lhes um sortimento de bixas hespanholas. Rua das Solas, n.º 11 e 13.

EDITAL

17 A COMMISSÃO Revisora do recenseamento eleitoral d'este concelho de Coimbra faz publico que, até ao ultimo dia do corrente mez, receberá todas as reclamações que com relação ao dito recenseamento lhe forem apresentadas, na casa das suas sessões, no edificio da Santa Cruz, desde as 9 horas da manhã ás 3 da tarde, achando-se tambem patente n'este mesmo local o livro original do mencionado recenseamento, na conformidade do decreto e carta de lei de 30 de Setembro de 1852 e 23 de Novembro de 1859.

Coimbra, 18 de Fevereiro de 1873.

O presidente,
Miguel Leite Ferreira Leão.

VINHO DA BAIRRADA

18 PEREIRA, na rua da Sophia, n.º 66, vende vinho almudado a 350 rs., o quartão, e ao quartilho a 30 rs. Tem-no guardado desde Novembro para a occasião do proximo entrudo. De hoje sabbado, 15 do corrente, em deante, podem os amadores consolar-se com a boa pinga.

NUMERO 2669 — SABBADO 22 DE FEVEREIRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Um dos objectos que, pela sua natureza especial, merece o mais escrupuloso cuidado do governo, é sem duvida o que se refere á organisação tributaria. E para um ponto importantissimo desta vamos hoje chamar a attenção do esclarecido ministro da fazenda. Esperamos que s. ex.ª medite convenientemente no que lhe vamos expor, porque assim o exige a egualdade perante a lei, e a justiça, em nome da qual não cessaremos de clamar até que a nossa voz chegue ás regiões do poder.

Fallamos da necessidade urgentissima de regular a *perequação* dos impostos, que é a justiça relativa entre os contribuintes—e reformar as matrizes prediaes, que, na propriedade, pelo estado em que ellas actualmente se encontram, estão sendo origem de muitas e flagrantes injustiças, e de reiterados conflictos.

As contribuições, que hoje fazem a maior parte dos rendimentos publicos, são lançadas sobre bases tão inexactas, que não só offendem escandalosamente a justiça e o direito, mas estão effectivamente dando logar a uma geral e bem fundada indignação.

Na distribuição dos impostos ha taes e tantas irregularidades, tamanhas desegualdades, tão grandes injustiças, que não podemos deixar de protestar energicamente contra semelhante estado, e expor toda a verdade a fim de que os poderes publicos dêem as providencias que as constantes reclamações dos povos exigem. Vae nisso o interesse de milhares de contribuintes, do governo e até do estado.

A matriz predial, que na propriedade serve de base para a distribuição do imposto, como actualmente se encontra, é um rematado escandalo; serve unicamente para demonstrar a incuria que tem havido em um dos ramos mais importantes do serviço publico, e de maior interesse social.

Não conhece, de certo, o sr. ministro da fazenda o estado em que se encontram estas matrizes, e a irritação geral a que a falta de providencias neste ponto tem dado logar.

Em qualquer systema que se adopte para a cobrança dos impostos, deve sempre ter-se em vista a maxima egualdade possivel na sua repartição.

E' preciso que todos contribuam para as despezas do estado, mas é indispensavel que cada um pague na justa proporção dos seus haveres.

Desde ha muito que as injustiças provenientes da irregularidade das matrizes, sanccionadas pelos governos, digamol-o assim, pullulam por todas essas repartições de fazenda, o que tem levado os povos a um estado de indignação bastante notavel.

Ninguem póde negar-se a pagar os impostos que o paiz carece quando elles são distribuidos com egualdade em relação aos proprios haveres. Ninguem duvida fazer sacrificios para salvar o paiz da precaria e extremamente difficil situação a que elle tem chegado. Mas todos querem ver justiça na repartição do imposto e economia na sua applicação

Temos muito que fazer ainda no systema de repartição, cobrança e arrecadação de impostos. Este serviço é complicadissimo e vexatorio, e quasi incomprehensivel; a despeza de arrecadação é enorme, extraordinaria, verdadeiramente perdularia. A legislação de fazenda é um labyrintho inextricavel, um chaos tão desordenado, um abysmo tão profundo e medonho, que mais serve para vexar o contribuinte, que para garantir a pratica da justiça relativa, e do direito individual.

Estes pontos, aliás de grande importancia, e mesmo essenciaes em materia de impostos, carecem urgentemente de ser resolvidos. O sr. ministro da fazenda faria um valiosissimo serviço se conseguisse a reforma do actual systema tributario, no sentido de manter quanto possivel o principio de egualdade na distribuição e de economia na arrecadação. São obvias as vantagens que resultariam de semelhante trabalho para os contribuintes e para o thesouro publico.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXXXVI

GRAVE QUESTÃO MAÇONICA

(CONTINUAÇÃO)

Publicamos em seguida uma notavel exposição e proposta, apresentada em uma da *Lojas maçonicas* de Coimbra, em 5 de Fevereiro de 1872.

Chamamos para este importante documento toda a attenção do publico.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

«Ha muito que sabia se tratava de uma concordata entre o Gr.·. O.·. L.·. U.·., e o novo Gr.·. O.·. de Hespanha, pela qual se accordasse nas relações, que devia haver entre as duas potencias maç.·., e entre as LL.·. e maç.·. da obed.·. de cada uma»

Por não haver Or.·. em Hespanha, as LL.·. d'aquelle paiz estavam em grande parte sujeitas ao Or.·. L.·. U.·., que estendia sua jurisdicção para o paiz visinho. Formou-se o Gr.·. O.·. hespanhol e foi reconhecido pelo de Portugal, e parece muito natural que um e outro accordassem em limitar sua jurisdicção ao seu respectivo paiz e respectivas colonias.

Eramos nós, ainda não ha muito a estranhar que a Hespanha não tivesse um Or.·. seu, e um Or.·. estranho só alli tivesse ingerencia. Era de esperar que a concordata determinasse entre outras cousas, que as LL.·. hespanholas, sujeitas ao Or.·. L.·., passassem para a obed.·. do Or.·. hespanhol, compromettendo-se o Or.·. L.·. a não mais levantar templ.·. em Hespanha; impondo somente a gratuita recepção das suas LL.·. no novo Or.·. Era tambem de suppor, que se combinasse em receber mutuamente os oob.·., quando elles mudassem de residencia de um paiz para outro, sendo abonados pelas LL.·. de um ou outro O.·. Mais ainda, que ambos se empenhassem com os outros OOr.·. para que não invadissem seus territorios; mas isto amigavelmente, fazendo por convencer os maç.·. dos dois paizes, que não deviam sujeitar-se senão aos OOr.·. seus compatriotas, mostrando-lhes o bem que disso lhes proviria, tanto cá como no estrangeiro, fazendo convenções de mutua protecção com todas as pot.·. maç.·., sem exclusão de nenhuma.

Isto entendia-se; mas que se vê no tratado em questão?

1.º No artigo 3.º vemos que o Or.·. de Hespanha fica com o direito de estabelecer LL.·. suas em Portugal, recebendo o Or.·. L.·. em troca eguaes direitos no territorio hespanhol.

2.º Pelo § unico do mesmo artigo, os dois OOr.·. declaram por sua auctoridade propria, irregulares todas as LL.·. que estejam, ou possam estar sujeitas a outros OOr.·. estrangeiros, ou mesmo nacionaes.

Que L.·. em Hespanha quererá ter por chefe o Or.·. L.·., em vez do do seu paiz? Nenhuma, a não ser alguma que não acceite as ideias politicas de Zorrilla e do seu partido politico, *que, como quasi todos os hespanhoes, sonham com a transformação de Portugal em provincia hespanhola.*

Que probabilidade tem o Or.·. L.·. de fundar LL.·. em Hespanha? Nenhuma, se tomarmos em consideração o estado de cousas no reino visinho, a actividade, energia e vontade dos maç.·. hespanhoes, e a inercia, desleixo e incuria completa do Or.·. L.·., que se occupa apenas de ninharias, ou de medidas que alienam delle os mais dedicados de seus oob.·.

Com o tratado em questão, meus Ir.·., por meio de bonitas palavras, vistosas fitas, commendas, offertas a uns, lisonjas a outros; pintando a estes com brilhantes cores o futuro de Portugal, transformado em grande potencia pela unificação da peninsula; mostrando áquelles mais largos horisontes á sua ambição; fallando a outros em republica federal, ou estados unidos peninsulares, ou em questões de raças neo-latinas, etc.: bajulando os fracos de cada um; ajudados pela desmoralisação de muitos, que o Or.·. L.·., como chefe da Maç.·. port.·. tinha obrigação de combater, facil é aos agentes activos da politica e Maç.·. hespanhola, fundar aqui e alem LL.·. ou triang.·., que sejam causa de muita desgraça, quer fazendo augmentar a descrença do povo, quer fazendo convencer os estranhos de que entre os portuguezes ha muito quem queira a união; e daqui o augmento de difficuldades internas, o desconceito e o desprezo inherente a um povo, que abdica vergonhosamente os seus foros de livre.

Diz-se que ha reciprocidade no tratado. Onde?

«Meus Ir.·., sejamos francos. No Or.·. L.·. não está o melhor dos maç.·. portuguezes. Ha alli boas pessoas, homens de bem, de envolta com outros a quem agrada ver as condecorações hespanholas pendentes no peito, em quem o amor da patria não existe, porque a pobre patria portugueza lhes não pode, ou não deve dar o que ambicionam; mas os homens de bem nada fazem por cançados das lides profanas, e talvez porque entre elles lavra a convicção da impotencia; os outros... mina-os a uns a ambição infrene, a outros a perguiça e a indifferença; outros são............. !

Conheço, Il.·., membros do Gr.·. Or.·. L.·., a quem a dor apoquenta tanto como a nós, e que talvez sem o demonstrarem choram o não poderem alli dar remedio ao que vêem.

As LL.·., segundo essa *Constituição* que ahi tendes, vêem sua acção perfeitamente inutilisada, salvo o fazerem sacrificios com que não podem: e ou hão de pôr-se a coberto, e tornarem-se irregulares, ou hão de curvar a cabeça e resignar-se a serem meros instrumentos e escravos do Gr.·. Or.·. L.·. hoje, amanhã do de Hespanha, se o tratado for por diante.

Pois a Maç.·. tem por divisa—liberdade, fraternidade e egualdade—e havemos pelo bello prazer das *altas partes contratantes*, não só perder a liberdade para nós, mas preparar a perda da patria? Havemos de renegar dos nossos Il.·., que não pertencem a LL.·. daquelles OOr.·. no nosso paiz? Onde está a egualdade?

Ainda não ha muito havia em Lisboa LL.·. do rito irlandez: se ainda existem seus oobr.·. não são maç.·. Muitos Ir.·. nossos nas colonias pertencem a LL.·. inglezas, americanas, francezas e brasileiras; havemos de repellil-os, renegal-os, expulsal-os, quando nos peçam soccorro, ou nos queiram ver?

Que quer dizer esse exclusivo para o Or.·. hespanhol?

Quando mesmo haja a melhor boa fé, e houvesse egualdade de circumstancias, não era um mal a confusão que d'ahi proviria, as rivalidades, os odios que se accendiam mui naturalmente no povo, e entre os proprios maç.·.?

Que entre Portugal e Hespanha maç.·. e prof.·. deve haver a mais cordeal amisade, intima alliança, reciproca protecção, é convicção de todos; mas cada um governando em

NOTICIARIO

Instituto de Coimbra. — Na quarta feira fizeram-se as eleições para os cargos das diversas classes do *Instituto*. Foi o seguinte o resultado da eleição.

Classe de sciencias moraes e sociaes
Director—Dr. José Joaquim Fernandes Vaz
Vice-director—Dr. Manoel d'Oliveira Chaves e Castro
Secretario—Dr. Julio Marques de Vilhena
Vice-secretario—Candido de Figueiredo

Classe de sciencias physicas e mathematicas
Director—Dr. Antonio Augusto da Costa Simões
Vice-director—Dr. Antonio dos Santos Viegas
Secretario—Dr. João Jacintho da Silva Correia
Vice-secretario—Dr. Francisco Augusto Correia Barata

Classe de litteratura e bellas-artes
Director—Dr. Fernando Augusto d'Andrade Pimentel e Mello
Vice-director—Abilio Augusto da Fonseca Pinto
Secretario—Antonio d'Assis Teixeira de Magalhães
Vice-secretario—Antonio Candido Ribeiro da Costa.

Consta-nos que brevemente se hãode realisar no Instituto varias conferencias, para as quaes estão já inscriptos alguns oradores.

Resposta a um critico. — O sr. Joaquim Alves de Sousa, professor do lyceu de Coimbra, acaba de publicar um livro com o titulo acima indicado. O fim que teve em vista o insigne escriptor foi desaffrontar de injustas arguições os eminentes humanistas que o sr. Augusto Epiphanio da Silva Dias, professor addido ao lyceu do Porto, pretendeu deprimir, no prologo á traducção que fez de uma grammatica latina, passando-a da lingua allemã para a portugueza.

O sr. Alves de Sousa, com a profundeza com que trata todas as questões, mostra, pela analyse de uma grammatica portugueza que o sr. Augusto Epiphanio, ha tempos publicou, a incompetencia d'este em materias litterarias. E, apreciando a grammatica latina, ha pouco traduzida da lingua allemã, tanto no seu contheudo, como em comparação com as grammaticas estygmatisadas no citado prologo pelo sr. Augusto Epiphanio, deixa ver em toda a luz, os graves damnos que proviriam para o ensino, se porventura semelhante traducção fosse adoptada entre nós para o estudo do latim.

Estes assumptos de sua natureza aridos, trata-os alli o sr. Alves de Sousa em estylo fluente e ameno; no qual sobresahe, de quando em quando, assim a graça de bons conceitos, como os ditos picantes e ironias pungentes. São tambem dignos de attenção os caracteres de alguns personagens que lá figuram.

A materia da obra, abundante em principios e preceitos philologicos, que o habil humanista soube tão bem discutir e organisar, interessa a todos os que amam as boas lettras.

Panorama Photographico de Portugal. — Entrou no seu terceiro volume este interessantissimo jornal, que se publica nesta cidade sob a direcção do nosso amigo o sr. Simões de Castro.

O primeiro numero do novo volume traz uma photographia lindissima, tirada de um *cliché* do sr. Carlos Relvas, representando o palacio de Monserrate em Cintra. O artigo descriptivo é da mimosa penna do sr. A. A. da Fonseca Pinto, que neste trabalho, como em tudo o que escreve, ostenta os dotes de escriptor elegante e correctissimo. E' muito interessante o parallelo que o sr. Fonseca Pinto faz entre Garrett e Byron. Permitta-se-nos transcrever aqui uma parte d'elle:

«Dois poetas notaveis cantaram a serra de Cintra, Byron e Garrett. Eram ambos exilados, mas as suas lyras modulavam sentimentos diversos; este invocava a saudade, aquelle desabafava o *spleen*. E por isso Garrett era mais nobre do que Byron, embora este fosse maior poeta.

«O portuguez, serio e digno, saudava a princeza altiva das armadas, o couto da foragida liberdade; Britannia, a flor dos mares, aspirava no seu poema o perfume de poesia, incenso gratissimo queimado no thuribulo da amisade. O inglez não; era sarcastico e invejoso, sarcastico como as feiticeiras do Macbeth, invejoso como o Satan de Milton. Pondo o pé na terra hospitaleira, a musa soprou-lhe insultos, e só via no povo alliado um bando de escravos, *poor, paltry slaves!*

«Mas fallando da formosa Cintra, foi identica a inspiração que dictou os carmes de ambos.»

Quizeramos transcrever mais, mas falta-nos o espaço.

Além deste notavel artigo, o *Panorama* vem adornado com uma poesia do sr. Gonçalves Crespo, intitulada—*Dor occulta;* outra do sr. Sousa Araujo, intitulada — *Em frente do seu tumulo;* e finalmente com um curioso artigo intitulado — *Novidade aos amadores de livros portuguezes,* do nosso primeiro bibliographo o sr. Innocencio Francisco da Silva, o auctor do *Diccionario Bibliographico Portuguez.*

Continua pois o *Panorama* a ser um jornal interessantissimo, tanto pelas photographias como pelos artigos.

Caminho de ferro americano.—A camara municipal desta cidade approvou na quinta feira o contracto do caminho de ferro americano, que ha de communicar esta cidade com a estação.

Virá o caminho á Sophia, Samsão, rua do Visconde da Luz, Calçada, Portagem, Caes até ás Ameias, rua das Solas, e Praça de S. Bartholomeu.

Associação conimbricense do sexo feminino.— O movimento do mez de Janeiro foi o seguinte:

Saldo do anno proximo findo...	5:059$065
Receita em Janeiro de 1873...	94$480
	5:153$545
Despeza no dito mez.........	35$760
Saldo que passa para Fevereiro.	5:117$785

D. Manoel Zorrilla. — Tem corrido a noticia de que o ex-ministro de estado de Hespanha, e Gr.·. M.·. da maçonaria hespanhola, D. Manoel Ruiz Zorrilla, vem residir em Coimbra.

E ella a medrar.... — O periodico republicano de Madrid, denominado *La Propaganda*, declara terminantemente como um dos principios fundamentaes da sua bandeira—*La union de España y Portugal.*

Em quanto isto se manifesta claramente no paiz visinho—em Portugal.......

O resto póde ler-se na *Europa Portugueza* de Manoel de Faria e Sousa.

Agradecimento.—Summamente penhorados agradecemos as palavras benevolas, que nos tem dirigido o estimavel e illustrado correspondente nesta cidade, do *Progresso Commercial* do Porto, e *Regeneração* de Braga.

Temos em muita conta as apreciações favoraveis deste distincto cavalheiro.

Approvação de contas. — O sr. commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes, na qualidade de thesoureiro do cofre da imprensa da Universidade de Coimbra, desde 1 de Julho de 1870 até 30 de Junho de 1871, foi julgado quite, por accordão de 11 de Dezembro de 1872, sendo a importancia do debito 11:155$055 reis, e a do credito 11:155$055 reis, comprehendendo o saldo de 1:712$945 reis em dinheiro que passou a debito da conta immediata.

Despachos. — O sr. José Maria de Oliveira e Sá foi provido no logar de continuo da secretaria da Universidade.

O sr. João Evangelista da Silva Pinto foi provido no logar de continuo dos geraes da mesma Universidade.

Enxoval.—O enxoval que levou a filha dos srs viscondes de Monte-são, foi encommendado na bem conhecida casa de modas do sr. Nuno Machado, na rua Nova do Almada, n.º 65 a 67, em Lisboa. A' riqueza dos estofos reunia um aprimorado bom gosto, tão difficil de combinar. Não admira, porem, a quem souber que o sr. Nuno Machado timbra sempre em que os objectos de modas feitos no seu estabelecimento, saiam acabados na maior perfeição.

---

sua casa; prestando-se todos os serviços de boa visinhança, apoiando-se para melhoramento de interesses communs, e do bem estar geral reciproco.

Dar, porem, ao O.·. de Hespanha o direito de vir crear em territorio portuguez, centros de propaganda iberica—é traição, ou estulticia. Ou o mesmo direito a todos, ou a nenhum.

Em vista do que deixo dito proponho:

1.º Que os Ir.·. presentes protestem contra o tratado feito entre os GGr.·. MM.·. dos OOr.·. L.·. e de Hespanha.

2.º Que no caso d'aquelle tratado ser sustentado, se publique um manifesto, para ser enviado não so ás LL.·. portuguezas, mas ao Or.·. hespanhol, ás redacções dos jornaes mais importantes do paiz, ás associações mais distinctas, e ás populares, no qual se relatem as razões pelas quaes abandonam o Gr.·. Or.·. L.·. Unido, se constituem em corpo maç.·. independente, e vão trabalhar para unir-se com as outras LL.·. de qualquer G.·. Or.·., que tenha o mesmo modo de pensar.

Eu pela minha parte, meus Ir.·., como maç.·. e homem livre, e como portuguez, protesto contra o tratado em questão, e declaro que, se elle for levado por diante, sem deixar de ser maç.·., e de vos ajudar em tudo o que eu poder, deixo de reconhecer o Gr.·. Or.·. L.·., e o considero como traidor á patria e á maç.·., e como tal inimigo.

Peço para que este meu voto seja lançado na pr.·. do desenho dos nossos trab.·. em L.·.

Coimbra, 5 de Fevereiro de 1872.

* * *

O PROTESTO DA LOJA ESTRELLA D'ALVA.

Sr. Redactor do *Conimbricense*.

Por deliberação da R.·.L.·. *Estrella d'Alva*, de que sou secretario, e em vista da carta que a V. foi dirigida pelos delegados das RR.·.LL.·. desta cidade e que se lê no ultimo numero do seu jornal, estou auctorisado para declarar a V.:

1.º—Que não obstante não ter sido entregue a V. por nenhum dos obr.·. da R.·. L.·. *Estrella d'Alva* o documento, que a ella diz respeito e que V. publicou no dia 15 do corrente, comtudo a mesma R.·. L.·. não estranha que elle podesse chegar-lhe ás mãos, pois que, quando foi escripto e remettido ao Gr.·. Or.·. L.·. Un.·., era bem conhecido por todas as LL.·. então existentes em Coimbra.

2.º—Que mesmo no caso de o dito documento ter sido dado a V. por algum dos oob.·. da R.·. L.·. *Estrella d'Alva* (o que não é verdade), comtudo esse ob.·. não teria com isso quebrado o seu juramento maç.·. porque, na acta do dia 5 de Fevereiro de 1872, se lê que esta R.·. L.·., neste dia, resolvera mandar publicar o seu protesto contra o tratado celebrado entre os GG.·. OO.·. de Portugal e Hespanha em 12 de Janeiro d'esse anno.

Para provar isto remetto a V. um extracto d'essa acta, para o que estou auctorisado.

3.º—Que os delegados das RR.·. LL.·. de Coimbra, quando na carta, que a V. dirigiram, usam das expressões—*eis especuladores, expulsos d'ellas por suas infamias*—, faltam á verdade, se acaso se referem aos oob.·. da R.·. L.·. *Estrella d'Alva*, pois nenhum dos oobr.·. desta R.·. L.·. foi expulso da M.·., antes foram elles que de seu motu proprio se pozeram a coberto, em virtude do procedimento do Gr.·. O.·. Lus.·. Un.·.; e ainda depois deste acto continuaram a ser tratados como II.·. por todos os MM.·. de Coimbra, e por algumas das altas dignidades do G.·. O.·. Lus.·.

4.º—Que por se ter posteriormente determinado em L.·. que a publicação do protesto fosse feita mais tarde, tem esta R.·. L.·. estado até hoje sem mandal-o publicar; mas que como alguem se encarregou de fazer o que ella talvez já deveria ter feito, do coração approva a publicação, posto que reprove o procedimento desse alguem, porque desejava que della fosse a iniciativa; e declara que ainda presentemente professa as ideias que no seu protesto expoz.

D'isto ha documentos nesta secretaria.

Trac.·. em log.·. occ.·. em 20 de Fevereiro de 1873 (E.·. P.·.)

Por mandado da R.·. L.·.
O Secret.·.
Bolivar, El.·. Secr.·.

Extracto da acta de 5 de Fevereiro de 1872 da R.·. L.·. *Estrella d'Alva*, ao val.·. de Coimbra.

Á GL.·. DO SUP.·. ARCH.·. DO U.·.

S.·. F.·. U.·.

Pr.·. dos trab.·. da R.·. L.·. *Estrella d'Alva*, no val.·. de Coimbra, no 16.º dia da l.·. de Schebet do an.·. da V.·. L.·. 5872.

Abertos ritualmente os trabb.·. etc.

....

Depois disto apresentou o Ir.·. Ven.·. o ultimo numero do *Boletim do Gr.·. Or.·. de Hesp.·.*—no qual vinha publicado um tratado celebrado em 12 de Janeiro de 1872 (E.·. V.·.) entre os GG.·. OO.·. de Portugal e Hespanha; e chamando a attenção de todos os Ir.·. para esta pec.·. de archit.·. passou á leitura d'ella.

Porque o espirito de todo o tratado e especialmente o do seu art.º 3.º e §, manifestamente denuncia que o G.·. Or.·. Lus.·. Un.·., accedendo ás aspirações da Hespanha, consente que por meio da Maç.·. se faça a propagação de ideias ibericas, pois no mesmo tratado permitte que o G.·. Or.·. de Hesp.·. tenha em Portugal LL.·. da sua obediencia; todos os II.·. desta R.·. L.·. com admiração ouviram a leitura de tal documento, ficando em extremo indignados contra este inesperado procedimento do Gr.·. Or.·. L.·. Un.·.; e unanimemente deliberaram não adherir por forma alguma á doutrina do tratado; e como consequencia, mais deliberaram que, usando do direito que lhes confere a Constituição no n.º 8 do art. 12.º, o Ir.·. Ven.·., como seu representante no Sob.·. Cap.·. Prov.·. Provisorio deste val.·., ahi fizesse conhecido os sentimentos desta R.·. L.·.; e alem disto, egualmente em virtude do mesmo direito, ainda mais deliberaram que se redigisse um protesto, dirigido a todos os MMaç.·. Portug.·. em geral e em particular ao G.·. Or.·. L.·. Un.·. e a todos os SSob.·. Cap.·. e RR.·. LL.·. de Portugal; no qual bem patente se fizesse o modo de pensar dos II.·. deste quadro.·., com respeito a este negocio; finalmente deliberaram que, depois de enviado ao Gr.·. Or.·. Lus.·., fosse o mesmo protesto publicado em um dos jornaes proff.·. desta cidade.

Da redacção do protesto foi encarregado o Ir.·. *Bolivar*.

Alem disto, querendo todos os Ir.·. dar mais uma prova do seu arreigado amor á patria e á liberdade, por proposta do Ir.·. Atticus, declararam solemnemente que jámais acceitariam da Hespanha distincção honorifica ou favor, que por qualquer maneira podesse tornar duvidoso aquelle tão patriotico sentimento.

Não havendo mais que tratar etc, etc.

....

Traç.·. em L.·. no val.·. de Coimbra no 16.º dia.·. da l.·. de Schebet do an.·. da V.·. L.·. 5872.

O Ven.·. *Themistocles 2.º*, C.·. R.·. ✠.·.
O 1.º Vig.·. *Rochefort*, M.·. M.·.
O 2.º Vig.·. *Justo Lipsio*, M.·. M.·.
O Orad.·. *Alexandre Herculano*, C.·. R.·. ✠
O Secr.·. *Massillon*, M.·. M.·.
Está conforme.
O Secret.·. *Bolivar*, El.·. Sec.·.

A palmeira—Esta planta, originaria dos paizes quentes, dá productos verdadeiramente preciosos. O seu fructo dá pela pressão uma especie de melaço, que é alimento saboroso. Este succo, depois de fermentado, produz uma bebida agradavel, que depois pode servir para vinagre, e de que se extrae pela distilação aguardente. Dos gommos, flores e folhas tenras obtem-se por incisão um liquido branco e assucarado, que se chama leite de palmeira, e que serve de bebida para doentes.

Os troncos têem grande duração e resistencia, e podem servir para construcção. Com as folhas fabricam-se esteiras, cestas, e muitos outros objectos. Os caroços dos fructos, depois de moidos e cozidos em agua a ferver, são bom alimento para os gados. A palma é considerada desde a mais remota antiguidade como o symbolo da victoria. Os antigos tambem a escolheram como o emblema do amor conjugal, da saude e da fecundidade.

Costumes da China—Na China e Tartaria não ha repugnancia em cada um se servir do vestuario dos outros. Quem tem de fazer uma visita de cerimonia, ou de assistir a qualquer festa, vae sem constrangimento a casa do visinho pedir emprestado um chapeu, umas calças, uns sapatos, etc. Na compra de fato ou calçado, indifferentemente se adquire novo ou velho, conforme as posses do comprador. Vestir ou calçar o que já serviu a outros, é o mesmo que habitar uma casa que já teve outros inquilinos.

Mercado de Condeixa a Nova—No mercado de sexta feira, 21, regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 510=Dito mourisco 490=Milho branco 360=Dito amarello 350=Feijão vermelho 500=Dito rajado 440=Dito branco 520=Dito frade 440=Cevada 280=Tremoços 280=Batatas 320=Vinho 700=Azeite (alqueire) 1$030=Vacca 200=Carneiro 90.

Poços instantaneos—A pedido do sr. barão de Louredo, transcrevemos de um jornal do Brasil o seguinte:

«Um mecanico americano fez conhecer em 1867 em França um modo expedito de obter-se agua corrente em um terreno secco. Tendo o resultado correspondido ás experiencias vamos assignalar o principio sobre que se funda esta invenção:

É elle muito original, como vae ver-se.

Um poço é um boraco mais ou menos profundo, alimentado por uma cascata subterranea ou por corrente d'agua, infiltrada no solo. Toda a superficie de leito aquoso, por mais profundo que se supponha, está submettida á acção da pressão atmospherica, do que não se pode duvidar, attendendo-se a que se a agua tem podido ahi introduzir-se pela infiltração, com força de maior razão penetrará o ar.

Se se enterrar pois na terra até encontrar-se este leito, ou alguem de seus numerosos canaes, um tubo de pequeno diametro, e que por meio de uma bomba se extraia completamente o ar do seu interior, é evidente que a pressão atmospherica exercendo-se sobre o reservatorio de agua subterranea, levantará no tubo vasio de ar uma columna de agua capaz de lhe fazer equilibrio, isto é, de cerca de dez metros.

Se a nascente for saltante, a bomba tornar-se-ha inutil e a ascensão do liquido se fará pelo só effeito do principio do equilibrio dos fluidos em dois vasos relacionados.

Nesse caso não será preciso fazer operar a bomba para trazer agua fora; será um verdadeiro poço artesiano.

É claro que este systema não é applicavel a leitos d'agua, que tenham uma profundidade maior de dez metros, pois a acção das bombas a tanto chega, não a mais: assim como elle não pode ser empregado senão em terrenos isentos de rochas duras e de todos os materiaes difficeis de perfurar-se.

O principal merito deste apparelho é ser simples e ser barato. Compõe-se de uma serie de tubos de ferro de tres metros, mais ou menos de comprimento, sobre 4 ou 5 centimetros de diametro interior e de 8 a 10 millimetros d'espessura.

Estes tubos são abertos em ambas as extremidades, de modo a poderem-se atarraxar uns aos outros e assim constituirem como um só tubo continuo. O que é destinado a primeiramente penetrar no solo, deve terminar-se por uma ponteira de aço de boa tempera e de quinas vivas, e nella deve haver uma infinidade de buraquinhos, que sirvam a deixar entrar a agua no tubo.

Deve ser enterrado com o auxilio de um cylindro de ferro com o peso de 50 kilogrammas.

Antes de concluir-se o afincamento dos tubos introduz-se no apparelho já enterrado uma sonda, que consista simplesmente em um barbante terminado por uma barra de chumbo, para se reconhecer se já se tem tocado a agua. Encontrando-se, suspenda-se a perfuração e accommode-se na extremidade do tubo uma pequena bomba aspirante, e depois de algum movimento n'ella se verá sahir agua abundante, que ao principio lamacenta se tornará depois limpida inteiramente.

Para chegar a um tal resultado basta o trabalho de algumas horas, sendo muitas vezes que nem tanto é preciso.

A vantagem deste curioso systema está em permittir achar-se agua dentro de pouco tempo e com diminuta despeza, sempre que os terrenos forem de alluvião, argilosos, argilo-siliciosos, e arenosos.

A agricultura e chamada a tirar deste systema novos e numerosos serviços. E elle não será menos util aos exercitos em campanha, principalmente nos paizes aridos. Na ultima expedição da Abyssinia o exercito inglez conduziu comsigo um bom numero de machinismos destes.»

O amor pela republica no Minho—Dizem de Braga ao *Commercio do Porto* o seguinte:

«Não ha por certo em toda a Europa um povo com menos tendencia para o governo republicano do que é o nosso, e com especialidade o do Minho. Para este a republica é a desordem, é a anarchia; e escusa pessoa alguma de pretender despersuadil-o d'aquella idea, porque não só perde o tempo, como se arrisca presentemente a passar por algum insulto. Em outra qualquer occasião não correria risco, mas tambem não ficaria tido em bom conceito, quem se deliberasse a sustentar ideias em favor da republica; mas hoje que esta se acha estabelecida na nossa visinha Hespanha, nem brincando se pode defender tal forma de governo, porque quem o fizer sujeita-se a ter de emigrar, se por ventura os nossos visinhos se lembrarem um dia de nos quererem fazer republicanos.

São os acontecimentos de Hespanha o assumpto sobre que versam aqui todas as conversações; notando-se porem que, a par d'um interesse vivo que todos manifestam por saber o que vae occorrendo no paiz visinho, é grande o receio tambem que todos mostram de que aquella nação, logo que tenha consolidada a republica, trabalhe e forceje para nos impor a mesma forma de governo. Deus nos defenda de tal; mas estou convencido que, se esse facto se désse, todos os partidos se uniriam, e que não haveria creança nem velho, nem são nem aleijado, que se não promptificasse a pegar em armas para defender o throno e a patria. Somos uma nação pequena é verdade e sem recursos; mas como é encendrado o amor que votamos ás instituições que nos regem, não nos faltará coragem e alento para nos defendermos de qualquer jugo que nos queiram impor.

Um vez que nos não incommodem, escolham os hespanhoes a forma de governo que mais lhes apeteça, porque nós nada temos com isso e o mais a que aspiramos é a viver em santa paz com os nossos visinhos, regendo-se elles pelas suas e nós pelas nossas leis.

Não pretendo com isto que levo dito condemnar o governo da republica: quero até suppor que seja o melhor dos governos; mas para este paiz seria a maior das calamidades se tal bandeira se tentasse arvorar, porque a presente geração nem foi educada para tal forma de governo, nem o aceitaria sem a effusão de muito sangue.

A's pessoas sensatas pois que desejam o bem da patria e a conservação da nossa autonomia, cumpre nesta conjunctura recommendar ao povo toda a moderação e toda a cordura. Qualquer desordem na occasião presente pode-nos ser muito funesta.»

Serviço militar.— Lê-se no *Jornal de Lisboa* o seguinte:

«O governo vae acabar com as remissões de serviço militar feitas a dinheiro.

Alem da moralidade que ha nesta medida, resulta d'ella uma vantagem reconhecida para conseguir-nos uma organisação militar mais regular.

O dinheiro dos recrutas não servia para chamar á fileira outros homens que os substituissem e parece que tem tido applicações diversas.

O numero de praças dos regimentos estavam por conseguinte sem se completar.

A substituição volta a ser feita por homens. O exercito encontra deste modo preenchidas as fileiras, e muitas vezes acontecerá que em vez do recruta inexperiente, receba o soldado experimentado, que no fim dos annos de serviço que lhe competem, continuará na fileira em substituição do outro.

O serviço obrigatorio não é cousa que se resolva facilmente; mas a extincção das remissões a dinheiro é já um passo importante para o melhoramento da nossa organisação militar.»

Noticias de Lisboa—O correspondente do *Progresso Commercial*, diz em data de 19 do corrente o seguinte:

«Antes da ordem do dia, o sr. Rodrigues de Freitas apresentou hoje na camara uma proposta muito razoavel e que foi acceite por por parte da commissão de fazenda e pelo governo. Esta proposta é para que fossem ouvidas as associações commerciaes e os verificadores de Lisboa e Porto, antes de ser apresentado o projecto da reforma das pautas.

Na ordem do dia e sobre o projecto do chamamento da reserva fallou o sr. Paes Villas Boas, que o combateu, considerando-o mais pelo lado politico que pelo lado militar. O seu discurso, perdendo-se em muitas generalidades, parecia pertencer á discussão do projecto de resposta ao discurso da corôa.

O sr. Villas Boas apresentou uma proposta para o projecto ser devolvido á commissão como inutil e vexatorio.

Seguiu-se-lhe o sr. Pinheiro Borges, deputado reformista, que disse dar, por escrupulo de consciencia, o seu voto a favor do projecto, mas que o combateu no seu discurso.

As suas razões não influenciaram nem podiam influenciar, por demasiadamente monotonas no animo da camara.

Julgada a materia sufficientemente discutida, o sr. Candido de Moraes requereu para saber o numero dos oradores, que estavam inscriptos, requerendo em seguida o sr. Bandeira Coelho para que fosse nominal a votação sobre a generalidade do projecto.

N'esta votação disseram approvo os seguintes senhores:

Adriano de Sampaio, Ornellas, Agostinho da Rocha, Alfredo Peixoto, Teixeira de Vasconcellos, Correia Caldeira, Barros e Sá, Antonio José Teixeira, Antonio Julio, Arrobas, Telles de Vasconcellos, Falcão da Fonseca, Correia Godinho, Sousa Lobo, Zeferino, barão do Zezere, Carlos Bento, Pinheiro Borges, Eduardo Tavares, Correia de Mendonça, Francisco Costa, Vanzeller, Guilherme d'Abreu, Quintino de Macedo, Palma, Jayme Moniz, Franco Frazão, Ribeiro dos Santos, Gonçalves Mamede, Mattos Correia, Maia, Klerk, Dias d'Oliveira, José Guilherme, Figueiredo de Faria, José Maria dos Santos, Sá Vargas, Mello Gouveia, Nogueira, Mexia Salema, Lourenço de Carvalho, Camara Leme, Affonseca, Rocha Peixoto, Alves Passos, Pinheiro Chagas, Cunha Monteiro, Pedro Jacome, Pedro Roberto, Ricardo de Mello, visconde d'Arriaga, visconde de Montariol e visconde de Villa Nova da Rainha.

Os que disseram rejeito foram os seguintes srs.: Cardoso Machado, Osorio, Braamcamp, Cerqueira Velloso, Pereira de Miranda, Saraiva de Carvalho, Carlos Ribeiro, Claudio Nunes, conde de Villa Real, Cardoso d'Albuquerque, Francisco Mendes, Lampreia, Francisco Maria da Cunha, Pinto Bessa, Silveira Vianna, Candido de Moraes, Melicio, Barros e Cunha, Alcantara, Bandeira Coelho, Luciano de Castro, José Maria Lobo d'Avila, Toste, José Tiberio, Luiz de Campos, Pires de Lima, Paes Villas Boas, Mariano, D. Miguel Coutinho, visconde de Valmor.

Foi portanto approvada a generalidade do projecto por 53 votos contra 31.

—Sobre a especialidade fallou já hoje o sr. Candido de Moraes, que continua com a palavra reservada.

O sr. Mamede, por parte da commissão de fazenda, apresentou o parecer ácerca do orçamento da despeza.

—Consta que vai ser apresentado brevemente um projecto para se augmentar o imposto sobre as minas.

—O sr. Mendes Leal talvez parta esta noite para Madrid levando, segundo ouvi dizer, os poderes necessarios para reconhecer a nova republica logo que ella seja reconhecida pela Inglaterra.

—Expediram-se ordens necessarias para a compra de cavallos e muares para a nossa cavallaria e artilheria. O numero dos cavallos dos nosso exercito em pé de paz é de 2:500, e em pe de guerra de 4:700.

—Effectua-se ámanhã o casamento da sr.ª viscondessa de Valmor com o sr. José Joaquim Pinto da Silva, proprietario da cidade do Porto e sobrinho da sr. viscondessa d'Ouguella.

—Falleceu hoje de morte repentina, no arsenal da marinha, um remador da canôa do superintendente.

—O sr. Soares Franco, major general da armada, foi hoje a bordo da esquadra ingleza comprimentar o respectivo almirante. A corveta «Estephania» respondeu as salvas do navio inglez.

—Uma carta da cidade da Praia, capital do archipelago de Cabo Verde, datada de 6 do corrente, diz que era satisfactorio o estado de tranquillidade n'aquellas ilhas. Tinha-se evitado o contagio da *variola*, apesar de alguns navios da Europa que alli tinham aportado levarem este flagello.

O commercio é que se sentia paralysado, não só por que fôra diminuta a colheita da semente da purgueira, principal ramo do commercio, mas ainda porque appareciam poucos compradores.

Da Guiné tinha chegado em 2 de Fevereiro a escuna «Mindello», trazendo a noticia de que havia guerra entre os gentios Mundingas e Futa-Fullas. Apezar destes gentios não nos serem adversos, o governador do districto tinha mandado para alli, com o fim de defender o nosso presidio, com força de 45 homens.

Em resultado disto, Bissau ficará quasi desguarnecida, sendo mandada de Cabo Verde para esta localidade, pela canhoneira «Tejo» uma força de 74 praças de pret e 2 officiaes de caçadores 1.

A corveta D. João I continuava fundeada no porto de Santiago.

—Falleceu o sr. D. Pedro da Silva e Noronha, da casa do marquez de Vagos.

—Os srs. viscondes de Gandarinha dão no sabbado uma soirée, na qual haverá uma rifa a favor da associação de Nossa Senhora Consoladora dos Afflictos.

—Partiu a inspeccionar os districtos fiscaes de Setubal e Sines o sr. Pereira d'Eça, chefe fiscal da alfandega de Lisboa.

—A'manhã consta-me que vão á assignatura real varios decretos concedendo pensões a algumas viuvas dos empregados da direcção geral do correio e postas.

—O sr. Luiz Pinto Soveral foi nomeado addido á legação de Vienna.

—O parlamento italiano dirigiu a seguinte mensagem a D. Amadeu:

«O senado commovido pela repentina noticia da abdicação do rei Amadeu de Saboya do throno de Hespanha, torna-se interprete do sentimento nacional, exprimindo ao augusto principe a sua admiração pelo comportamento altamente digno e francamente constitucional que teve, e assegura-lhe que regressando á sua patria, que o viu partir com pezar, achará os mesmos sentimentos de affeição e dedicação que sempre lhe consagrou.»

Hontem jantou no paço da Ajuda o ex-rei de Hespanha, que foi acompanhado de seus ajudantes e de uma dama do serviço da princeza de la Cisterna. Durante o jantar tocou a charanga de lanceiros.

A ex-rainha vae melhorando dos seus padecimentos.»

Noticias de Hespanha. — Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

«A *Epoca* refere uns boatos que têem circulado em Madrid, em relação a «uma manifestação gravissima que preparam as classes militares, com um fim que sómente poderia ser inspirado pelos inimigos de toda a ordem social». O *Imparcial* diz ter conhecimento de taes boatos, mas não os acredita, confiando na sensatez e patriotismo do exercito. — A mes-

ma folha queixa-se do procedimento do prefeito de Pau, que consente a permanencia de D. Carlos, junto da fronteira hespanhola em S. Juan de Luz.

Sahiram de Madrid para Paris muitos membros importantes do partido affonsino. O principe Affonso já chegou a esta ultima cidade.— O governador militar de Malaga publicou uma allocução dizendo, em termos moderados, que basta já de expansões patrioticas, que, a continuarem, poderiam ser mal interpretadas pelos não affectos á republica. —A municipalidade de Sevilha decidiu comprar 6:000 espingardas para armar o povo.

A Turquia já reconheceu a republica hespanhola. — Foram demittidos os representantes de Hespanha junto de Victor Manoel e do papa, srs. Montemor e Fernandez Jimenes.

Pelas noticias vagas que lemos nos jornaes de Madrid, a respeito de Malaga, vemos que se chegaram alli a levantar barricadas e que até ao dia 14 esteve o povo em armas, mas não houve, ao que parece conflicto algum com a tropa.

Confirma a *Correspondencia*, que em Berlim causou immensa sensação a noticia da proclamação da republica. A *Gazeta de Spener* diz categoricamente que a queda da dynastia de Saboya é um terrivel golpe dado no principio monarchico na Europa. Outras folhas repetem que o governo de Versailles não foi estranho no caminho que tomaram os ultimos successos no visinho reino.—Não encontramos noticia alguma importante a respeito do movimento carlista.

—

Madrid, 20, ás 5 h. e 35 m. da tarde.— A assembleia continua a discussão da abolição da escravatura. Segundo noticias particulares os carlistas augmentaram em toda a Hespanha.»

Portuguezes fallecidos. — O *Jornal da Manhã*, publicando uma extensa lista de portuguezes fallecidos no Rio de Janeiro, precede-a das seguintes reflexões:

«Compunge deveras o coração a estatistica dos portuguezes fallecidos no Rio de Janeiro, durante estes ultimos tempos.

Abaixo damos a lista dos que em tão longinquas paragens encontraram a morte em vez da fortuna que alli iam buscar, no estreito periodo de 10 dias, isto é de 22 a 31 de Janeiro passado.

Os nossos irmãos que deixam inculto tanto terreno que apenas reclama braços e actividade para desapertar em exuberancias, que se afastam dos logarejos, seu berço e ninho, para irem buscar a mortalha e a sepultura onde phantasiaram luxos e sumptuosidades, cahem sob a mão da morte em escala tão subida, que não admitte comparação com os recem-chegados ou com os naturaes do paiz.

Por cada um d'estes dois ultimos, fallece uma centena, se não mais, dos nossos compatriotas que ainda hontem ahi viamos vigorosos, robustos, saudaveis.

Succede isto no Rio de Janeiro, onde ha recursos, onde ha vigilancia, onde, como capital, se presuppõem taes ou quaes meios de soccorro que acudam a toda a parte. Por isto, no interior a mortalidade deve ser muito maior, não só porque a maior parte dos nossos emigrantes não se accommodam na capital, mas tambem porque falham alli todos os auxilios.

E' tristissimo o quadro, mas illumina-o o exercicio da caridade. Por toda a parte se abrem subscripções para minorar os soffrimentos dos portuguezes indigentes; por toda a parte as caixas de soccorros abrem os seus cofres para espalharem os seus beneficios; por toda a parte os portuguezes correm a erguer o irmão que necessita, mas em todo o caso o quadro é negro e luctuoso.»

Incendio—Em data de 15, dizem de Tavira o seguinte ao *Diario Illustrado* de Lisboa:

«No dia 14, pela uma hora da tarde manifestou-se incendio no armazem da companhia das armações do atum, durando o incendio até á uma hora da noite. Foi consumido tudo quanto havia no andar superior do armazem, salvando-se apenas algumas cordas de esparto que estavam no andar terreo. Os prejuisos montam a quatro contos de reis, e o peor é que talvez já não haja tempo para se arranjarem as cordas e redes que o fogo consumiu, para este anno se deitar a armação, porque é muito tarde, e a armação deve estar deitada nos fins do mez de Abril. Esta desgraça não fere só os donos da armação, mas tambem os pobres maritimos que tiravam d'alli o seu peculio e peixe para todo o anno. Trabalhou-se muito para o fogo não se communicar a um armazem que estava junto, onde existem de 4 a 5:000 quintaes de alfarroba.

As providencias por aqui não são nenhumas; não ha bombas, e por isso quando ha um fogo só se acaba depois de tudo consumido. Quem prestou alguns serviços foram os corpos de caçadores 4 e infanteria 17.»

Camara dos deputados. — No *Diario de Noticias* de hontem lê-se o seguinte:

«Antes da ordem do dia alludiu na camara electiva o sr. Marianno de Carvalho aos casos de Chaves de que fallára ha dias, e o sr. ministro do reino deu explicações a esse respeito em abono da auctoridade administrativa que o sr. Falcão da Fonseca tembem defendeu.

Os srs. Correia de Mendonça e Palma solicitaram subsidio para a navegação a vapor para o Algarve, e mostraram a vantagem resultante desse pequeno dispendio.

O sr. ministro do reino leu á camara os telegrammas do sr. governador civil do Porto, dos quaes se vê que prohibiu as reuniões da *Fraternidade Operaria* no Porto, por não ter os estatutos approvados, mas não obstou nem obstará a que os mesmos cidadãos se reunam no mesmo local sob outra denominação. O sr. Sampaio disse que o governo tem até agora adoptado o systema da tolerancia, que lhe parece mais proprio para conciliar a liberdade dos cidadãos com a ordem publica, que é a principal segurança da liberdade.

Acerca deste assumpto fallaram os srs. Saraiva de Carvalho e Rodrigues de Freitas. Quanto a nós a causa dos operarios não póde separar-se da causa dos patrões. Prejudica-se a si propria qualquer dessas classes que pretender opprimir a outra. Ao governo cumpre favorecel-as ambas, e empregar todos os meios legaes para as desviar de antagonismos ruinosos para ellas e para a sociedade, cujas relações economicas perturbam muito.

Na ordem do dia fallaram contra o projecto do chamamento da reserva os srs. Bandeira de Mello, Barros e Cunha, Candido de Moraes e Francisco Mendes, tomando egualmente a palavra o sr. presidente de conselho para adoptar o additamento do sr. Barros e Cunha.

Em seguida votou-se o artigo 2.º o seu § 1.º e o additamento.

São 4 e um quarto. Está fallando o sr. Marianno de Carvalho contra o artigo 3.º»

CHARADAS

132.ª

Cadeira no templo representa abundancia —1 e 2.

133.ª

Um doido vestido faz grande arruido—3 e 2.

134.ª

Nada roe e taramella—2 e 2.

135.ª

Lêva humanos sons a longe distancia—2 e 1.

136.ª

A primeira terra do Brazil tem, doutor, a primasia—2 e 2.

137.ª

A' frente dos camaradas—1
No pino das cumeadas—2
Entre as machinas da guerra
Que dominam sobre o mar,
Apesar de pouco forte,
Tenho hoje o meu logar.

138.ª

Aqui vem no jumento o doutor com elle ás costas—1 e 2.

139.ª

No patriarchado—1
O primeiro alimento
e d'ahi que proveiu—2
Seu numero
E' innumero.

140.ª

Tem-na ahi, minha tia—1
tiasinha do coração—1
Coitado, não póde ver-se,
Tem-na, faz compaixão.

K.

A charada posta a premio em o n.º 2667 deste jornal, é Rosalina.— Ninguem a decifrou.

As charadas do numero antecedente são as seguintes:—127— Variedade—128—Pyrole —129—Formidoloso— 130— Knowledge— —131—Amisade.

ANNUNCIOS

EXPEDIENTE

O numero immediato do *Conimbricense* publicar-se-ha na quarta-feira.

ATTENÇÃO

2 PERDEU-SE uma luneta d'ouro. Roga-se a quem a achar o obsequio de a mandar entregar na rua de Quebra Costas, n.º 3.

Publicação litteraria

3 RESPOSTA A UM CRITICO, ou exame de algumas asserções do sr. Augusto Epiphanio da Silva Dias, sobre grammatica portugueza e latina, por *Joaquim Alves de Sousa.* — Vende-se por 300 rs. nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

Muita attenção

4 NO ARMAZEM DE VINHOS, no Pateo da Inquisição, vende-se vinho da melhor qualidade, da Bairrada, a 1$350 rs. o almude; e 340 rs. o quartão. Tambem se vende muito regular a 1$250 rs. o almude, meio almude 620 e quartão a 310 rs. *José Velasco.*

OPTIMOS VINHOS DO PORTO DA NOVIDADE DE

1858 a 280 por garrafa
1853 a 360 por »
1847 a 400 por »
1834 a 500 por »

Estes acreditados vinhos continuam á venda na rua da Calçada, n.º 85 a 91.

Garante-se a sua qualidade.

CONCURSO

A Camara municipal do concelho de Leiria

FAZ PUBICO, que se acha a concurso por espaço de sessenta dias, a contar da data deste, o partido de medicina e cirurgia nesta cidade, com o ordenado annual de 220$000 rs., pagos pelo cofre do municipio, e pulso sujeito á tabella camararia.

Os pretendentes ao referido partido deverão apresentar, dentro do dito prazo, na secretaria desta camara, os seus requerimentos documentados pelo modo seguinte:

1.º—Cartas de formatura pela Universidade de Coimbra, ou qualquer das escholas medico-cirurgicas de Lisboa ou Porto.

2.º—Certidão de folha corrida do logar em que tiverem a sua ultima residencia por mais de tres annos.

3.º—Attestações em forma da respectiva municipalidade e auctoridade administrativa do concelho, comprovando o seu bom comportamento moral e civil.

Secretaria da camara municipal de Leiria, 15 de Fevereiro de 1873.

O presidente da camara,
Luiz Joaquim Coelho da Cunha Saraiva

7 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchaqueca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alcuto, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza do sangue, suppressões e catharro epidemico.

E ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kilo 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kilo 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.— EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna. — COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho. —FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca. — SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2670 | QUARTA FEIRA 26 DE FEVEREIRO DE 1873 | ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Continua a opposição com o seu deploravel intento de desacreditar o systema representativo, perturbando a ordem na camara electiva.

O escandalo repete-se sempre que naquella casa se vota qualquer medida proposta pelo governo.

A votação do projecto de lei apresentado pelo sr. ministro da guerra e presidente do conselho, que tem por fim chamar a reserva ao serviço activo, foi novo pretexto para alguns deputados da opposição praticarem excessos que toda a gente séria reprova, porque são indignos de uma assembleia onde se discutem os mais altos interesses do estado.

O meio de que o governo se serviu para augmentar a força publica, hoje diminutissima para satisfazer ás urgentes necessidades do serviço activo, e muito inferior ao numero determinado pela lei em vigor, foi um expediente ordenado por circunstancias imprevistas, cuja gravidade o governo melhor que ninguem póde avaliar.

Negar ao poder executivo os meios indispensaveis de governar, e fazel-o em occasiões difficeis, alem de ser absolutamente contrario ao bom senso, é objecto de summa responsabilidade para quem comprehende os deveres que a soberania nacional impõe.

Já neste logar apontámos os defeitos da nossa organisação militar, e demonstrámos a necessidade de dar nova forma a toda esta legislação, conforme as conveniencias publicas aconselham e em harmonia com os principios mais avançados das sociedades modernas.

E' pessima a actual organisação militar, não tem razão de ser como existe; é desegual, é vexatoria, é absurda e ineficaz. E d'ahi vem que não temos exercito, nem para satisfazer ás necessidades do serviço interno.

O numero actual de praças está muito longe de attingir a cifra legal. Quasi todos os districtos estão em divida no contingente. Sommas consideraveis têem entrado nos cofres publicos, provenientes das remissões, cuja applicação é ainda desconhecida.

Mas este estado não é de hoje, vem já de muito longe; cabe a todos os governos egual quinhão de censura. O procedimento do governo actual, chamando a reserva, é um meio legal e porisso justificado quando as circumstancias o exigem. Nada ha que extranhar neste facto.

Ninguem dirá, em boa verdade, que devemos estar completamente desprevenidos no meio da agitação geral, que todos os dias estamos presenceando.

A REPUBLICA EM HESPANHA

Do *Commercio do Porto* transcrevemos o seguinte:

«Grande numero de jornaes hespanhoes reconhecem a necessidade de que continue a viver por emquanto a assembleia nacional, para prestar apoio ao governo nas actuaes circumstancias, mas não levam a bem que os antigos senadores e deputados, constituidos agora n'uma assembleia provisoria, se arroguem o direito de resolver de um modo definitivo questões graves e transcendentes, que devem ficar integras para as futuras côrtes constituintes. Como se deixa ver, o reparo dos nossos collegas visa á pressa que se deu a assembleia em discutir a grave medida da abolição da escravatura em Porto-Rico. Cumpre porém notar-se que muitos dos nossos collegas do Manzanares lançam as culpas desta invasão de direitos aos radicaes que, estando em maioria na camara, vão comprometendo gravemente a republica, como compromettteram a ultima monarchia, a ponto de a fazer desapparecer de Hespanha. N'este ponto alguma razão tem os nossos collegas. Os radicaes, effectivamente, querem assenhorear-se de tudo, e, quanto a systema de governação, mostram-se mais avançados ainda que os republicanos.

Seja porém ou não verdade que os radicaes queiram comprometter a situação republicana, que isso é questão de diplomacia partidaria, é facto que a assembleia carece de faculdades legislativas e que só se póde admittir a sua existencia pela imperiosa necessidade de haver um poder com auctoridade bastante para manter a ordem. D'este sentir são a maior parte dos partidos politicos; mas por um louvavel sentimento de patriotismo, que muito os honra, vemos que prestam o seu apoio á situação politica creada recentemente, só com o fim de que a sociedade hespanhola não caia no abysmo da desordem.

Effectivamente a Hespanha acha-se n'uma situação melindrosissima, e se os homens eminentes dos diversos partidos não se inspirarem no interesse geral da nação, e em logar d'isso derem livre curso ás suas ambições, o dia de ámanhã póde ser terrivel. Ainda bem que o procedimento da grande massa da nação na phase politica por que acaba de pas-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXXXVII

GRAVE QUESTÃO MAÇONICA

(CONTINUAÇÃO)

AO PUBLICO

As acaloradas discussões a que tem dado logar nas *Lojas maçonicas* de Coimbra, e no *Grande Oriente Lusitano Unido* em Lisboa, as nossas publicações de documentos maçonicos; leva-nos a dizer alguma cousa a este respeito, para mostrar o fim que tivemos em vista com essa publicação.

Na maçonaria, é com especialidade em Coimbra e Porto, ha muitos e bons portuguezes, que a ninguem cedem em amor da patria. Folgamos em fazer-lhes aqui esta devida justiça.

A par, porem, desses mações, sinceros e dedicados patriotas, ha outros gravemente suspeitos de ibericos, os quaes se pretendem encobrir com o veu demasiado transparente de *republicanos federaes*.

Nestas circumstancias entendemos fazer um importante serviço á nação, dando logar a que cada um defina bem claramente a sua posição e as suas tendencias.

Estamos chegados a tempo de todos devermos mostrar se queremos, ou não, que se continue a conservar, depois de sete seculos de existencia, e de lutas e feitos heroicos, a independencia deste bello paiz, situado no extremo occidente da Europa.

Quando se trata da independencia portugueza, não olhamos se os individuos são miguelistas, cabralistas, progressistas, monarchicos, ou republicanos. Para nós vale muito mais, e merece-nos muito maior estima, um miguelista fiel á patria, do que um liberal que a queira atraiçoar.

Dizemos isto com toda a independencia e imparcialidade que nos caracterisa. Em questão de nacionalidade, não vemos senão dois campos:—portuguezes e não portuguezes.

Bem sabemos que esta linguagem não hade agradar a todos, mas isso pouco nos importa. Basta que fiquemos tranquillos com a nossa consciencia.

Posto isto e sabendo das graves questões que se haviam suscitado na maçonaria, por occasião do tratado feito entre o *Grande Oriente Lusitano Unido* e o *Grande Oriente* hespanhol em 12 de Janeiro de 1872; julgámos de muita utilidade expor ao publico esta questão. Assim facilitava-se á maçonaria a occasião de bem definir publicamente as suas opiniões e os seus intentos; ao mesmo tempo que podia extremar cuidadosamente os differentes elementos de que se compõe.

Nem achavamos inconveniente em a nossa publicação, antes muita vantagem, porque se o procedimento é bom, não deve haver duvida de que o saiba toda a nação. Os segredos inquisitoriaes já acabaram.

Muitos mações sobresaltaram-se com razão, por verem que no tratado com a Hespanha se permittia o estabelecerem-se em Portugal *Lojas* subordinadas ao *Oriente* hespanhol; e ao mesmo tempo se tornava exclusivo esse tratado com a Hespanha, obrigando-se o *Oriente* portuguez a não reconhecer neste paiz senão *Lojas* da sua dependencia e da do *Oriente* hespanhol, com absoluta exclusão de todos os mais *Orientes* do mundo.

Foi isso que os levou a protestar; e se nós pertencessemos á maçonaria, tambem nos honrariamos muito de haver assignado esses protestos.

Temos nesta occasião presente um documento de um dos membros, que na maçonaria occupa uma posição elevada em Lisboa, no qual chama a estes protestos—*ideias reaccionarias!*

Pois se ser dedicado e extremoso por esta boa nação portugueza, é ser reaccionario; nós desde já nos declaramos— ULTRA REACCIONARIOS. Honramo-nos muito com isso.

Consta-nos que já no anno passado, sabendo o *Grande Oriente Lusitano Unido* destes protestos de parte da maçonaria de Coimbra, tratou de justificar e explicar o seu procedimento. Egualmente nos consta que o mesmo *Oriente*, para affirmar os seus sentimentos nacionaes, dissera então, que consideraria traidores á patria aquelles mações que entrassem em *Lojas* portuguezas com sujeição ao *Oriente* de Hespanha.

Isto chega a ser incomprehensivel!

Pois o *Grande Oriente Lusitano Unido* faz um tratado com o *Oriente* hespanhol; e depois dos protestos de alguns mações de Coimbra, classifica de traidor á patria aquelle que executar um dos artigos do proprio tratado por elle feito?!

Semelhante declaração, em logar de *orientar, desorienta!*

Resumindo o que temos dito. E' mister que toda a maçonaria portugueza declare bem explicitamente a sua opinião. Quem não é pela patria, é contra ella. Não póde, nem deve haver posições ambiguas.

Joaquim Martins de Carvalho.

sar póde dar esperanças de que prosiga na boa senda que tem trilhado. Assim seja.

—A imprensa d'alem dos Pyreneus occupa-se com grande interesse, como não podia deixar de occupar-se, dos negocios de Hespanha. Nas suas apreciações acerca do procedimento do ex-rei Amadeu ha perfeita unanimidade de sentir. Nenhuma folha estrangeira deixa de prestar homenagem ao desinteresse do principe e á opportunidade com que desceu de um throno cavado de abysmos. Principalmente as folhas italianas põem em relevo a lealdade de um rei, que restitue ao povo a corôa que delle havia recebido, logo que se vê collocado entre a necessidade de um golpe de Estado e o juramento que tinha prestado. Os jornaes inglezes não são menos favoraveis ao joven principe.

No que ha porem dissidencia na imprensa estrangeira é sobre os destinos futuros da Hespanha. As folhas britannicas mostram grande inquietação pela sorte do paiz, e o *Times* diz que não é ao rei Amadeu que se deve lamentar, mas ao povo a quem elle deixou. A imprensa franceza em geral não se mostra muito satisfeita com a proclamação da republica—cousa que não se devia esperar dos orgãos de um paiz actualmente republicano, e que já tem ensaiado por diversas vezes esta forma de governo. O *Jornal de Paris* discorre assim:

«As côrtes zorrillistas proclamaram a republica antes do seu principe ter abandonado Madrid. Esta pressa não é extremamente cortez para homens que tão servilmente adularam o monarcha italiano. Isto não é porem da nossa conta. Nós só nos fixamos n'um facto que serve de moralidade a toda esta farça, e é a proclamação de um ministerio republicano por 256 deputados, que formavam a maioria ordinaria do sr. Zorrilla, presidente do conselho de ministros de Amadeu de Saboya, rei de Hespanha, contra 32 votos, os 32 opposionistas que o gabinete Zorrilla encontrava habitualmente no congresso.»

Pela sua parte *A Liberdade*, diario republicano moderado, exprime-se n'estes termos:

«Se o novo governo imita os perigosos exemplos do sr. Zorrilla, que procedia sem ceremonia tanto com o seu rei como com o corpo diplomatico; se a proclamação da republica equivale á egualdade brutal dos cidadãos, a negação de toda a gerarchia, ao desprezo de todas as tradições, de todos os usos, chegar-se-ha á mais deploravel das confusões, á dissolução politica e social.

«Descer até os pequenos é o meio mais seguro de egualar-se aos grandes», escrevia o cardeal de Retz. Esta maxima que, no fim de tudo, foi tão fatal ao seu auctor, é a dos agitadores modernos. O sr. Zorrilla, que em tudo isto fez um papel equivoco, tinha preparado ha muito a queda do rei Amadeu, envilecendo tudo o que aos olhos dos hespanhoes constituia a dignidade e o decoro da nação.»

O *Jornal dos debates*, esse deixa transluzir os receios que a França pode ter da mudança de systema feita em Hespanha.

«Não poderiamos dissimular, diz, as inquietações que nos causa essa brusca solução. Não é o rei Amadeu em quem pensamos, pois ao vel-o partir não temos que exprimir maior sentimento que o que S. M. parece ter. Não; na França é em quem pensamos ao manifestar os receios que nos inspira o estabelecimento, nas actuaes circumstancias, da republica em Hespanha. Não podemos participar neste momento da satisfação manifestada pelo partido republicano em França. Não a encontramos sensata, nem politica, nem previsora. Os nossos republicanos deveriam receiar, pelo contrario, que esta ultima revolução, seja um perigo para elles proprios, e a satisfação de uma formula cega-os a respeito dos riscos que a republica hespanhola poderá fazer correr á republica franceza. Esquecem que toda a Europa é monarchica; que o ultimo rei, ainda que representava a revolução, representava-a com o simulacro de uma corôa e tranquillisava com o seu titulo o regime monarchico dominante na Europa...»

Pelo que toca á imprensa allemã é mais sobria que a de outros paizes em elogios ao procedimento do principe Amadeu, mas em compensação tenta prever o que o futuro reserva á Hespanha.»

NOTICIARIO

Sermões—Nos domingos de tarde da actual quaresma, haverá sermões na egreja de Santa Cruz. Pregará o sr. padre Manoel Joaquim dos Santos Neves.

Missas do Senhor Jesus.—Em todos os domingos da presente quaresma, haverá na parochial egreja de S. Bartholomeu missas do Senhor Jesus.

Destacamento—No domingo chegou a esta cidade uma força de 20 praças de cavallaria 7.

Doença—Acha-se gravemente doente o nosso amigo o sr. Antonio de Freitas Barros, escrivão da administração do concelho. Muito estimaremos que o sr. Freitas Barros escape da crise porque está passando.

Melhoras.—O nosso amigo o sr. Marciano Ramos, alfaiate, que já ha alguns mezes está doente, tem estes ultimos dias experimentado algumas melhoras. Muito folgamos com isso e damos os parabens a toda a sua familia e amigos. Fazemos votos pelo seu completo restabelecimento.

Instituto de Coimbra—Na noticia que demos no ultimo numero ácerca das eleições para as diversas classes do *Instituto*, houve algumas transposições de nomes, que passamos a rectificar pela seguinte forma:

Classe de sciencias moraes sociaes
Secretario—Antonio Candido Ribeiro da Costa.
Vice-secretario—Antonio d'Assis Teixeira de Magalhães.

Classe de litteratura e bellas artes
Secretario—Dr. Julio Marques de Vilhena.
Vice-secretario—Candido de Figueiredo.

Cemiterio da Conchada.—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Luiza do Nascimento, natural de Coimbra, de 47 annos, fallecida no dia 15 de Fevereiro.

Maria, filha de José Joaquim Severino e Theresa de Jesus, de 14 mezes, fallecida no dia 16.

Joaquina Simões, filha de Jasintho Ferreira e Antonia Simões, natural de Poiares, de 34 annos, fallecida no dia 17.

Caetano Paulo, filho de Manoel Paulo e Anna de Jesus, natural de Coimbra, de 5 annos, fallecido no dia 18.

Francisco, filho de Antonio Machado e Maria da Conceição, natural de S. Francisco da Ponte, de 20 dias, fallecido no dia 19.

José Pereira da Cunha, natural da Cortiça, de 68 annos, fallecido no dia 19.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio do Conchada—1874.

Crenças antigas.—A agua era objecto das maiores homenagens entre os povos antigos, que a consideravam como elemento divino. A India ainda hoje venera as aguas fecundas do Ganges; o Egypto divinisou o seu famoso Nilo; os gregos tributavam honras divinas aos rios, fontes e mares. Os slavos, germanos e celtas adoravam os seus principaes rios. Os gregos mettiam na agua das fontes os pés das noivas, para lhes assegurar que teriam numerosa posteridade. Ainda hoje em França os habitantes de muitas terras levam as noivas com o mesmo fim ás fontes.

Bois-cavallos.—Em muitas regiões da Africa e America empregam-se os bois como animaes de carga para o transporte de pessoas e de mercadorias. Para este fim são ensinados os bois desde a edade de um anno. Fura-se-lhes a cartilagem do nariz, e n'esta fenda introduz-se um pau forte, curvo em uma das extremidades, de modo que não torne a sahir. A esta especie de freio prendem duas tiras de couro, que servem de redeas ou guias.

O apparelho que assenta sobre o dorso do animal, consta de pelles de carneiro, e é seguro por uma correia que passa por baixo do ventre. Duas semanas bastam ordinariamente, para amansar e ensinar os bois, que obedecem ao cavalleiro, caminhando a passo, a trote e a galope, vencendo com facilidade e promptidão grandes distancias.

Pensamentos.—Dizia Lamartine, que para a liberdade consolidar e consagrar os seus direitos, o seu templo mais seguro era o coração dos bons reis. Na opinião deste escriptor, que tantos serviços prestou á democracia em França, a liberdade não podia florescer senão á sombra do throno.—Rousseau proclamava, que não havia revolução, por mais bella que fosse, que merecesse o derramamento de uma só gota de sangue.

Meias de seda—Parece averiguado que a primeira pessoa que em França usou meias de seda foi Henrique II, por occasião do consorcio de sua irmã Margarida, em 1559, com Manoel Philibert, duque de Saboya. Em Inglaterra, o primeiro que as usou, foi Eduardo VI, successor de Henrique VIII. A rainha Isabel gostava tanto de meias de seda preta, que nunca se serviu d'outras.

Chocolate—Este alimento saboroso e aromatico, e que tambem pode servir de medicamento pela addição de certas substancias, já era fabricado no Mexico em 1520. Foi deste paiz, que os hespanhoes o introduziram na Europa, guardando por muito tempo segredo inviolavel a respeito da sua preparação.

Os moinhos—Os primeiros moinhos que se usaram, eram movidos pelos braços do homem. No Egypto, na Arabia, na Syria, e na Grecia eram as mulheres e especialmente as raparigas, que se encarregavam do trabalho da moagem. Este uso propagou-se depois no occidente, e ha quem affirme, que Santa Radegunda, rainha de França, moia por suas mãos a farinha para o pão, que havia de consumir durante a quaresma.

Attribue-se geralmente a Mitridates a invenção dos moinhos movidos pela agua. Os romanos só os aperfeiçoaram depois da abolição da escravatura no tempo de Constantino. Parece que os moinhos de vento foram inventados pelos arabes em 650, e só foram introduzidos e usados em França pelo tempo das cruzadas em 1050.

Nova publicação—Recebemos e muito agradecemos a seguinte publicação:

Questão acerca das licenças industriaes, ou o arbitrio retorcendo e acalquinhando a lei de 14 de Maio de 1872, documentos que provam a illegalidade com que a camara de Lisboa está cobrando as taxas das licenças municipaes, compilado por João Marques da Costa.

As andorinhas.—O nosso prezado amigo o sr. José Maria Rosa de Carvalho, da quinta do Espinheiro, suburbios desta cidade, apaixonado amador da ornithologia, dirigiu-nos a seguinte carta:

«Sr. redactor.—Chegaram as andorinhas! *Hirundo urbica.*

Estas aves de quem tiramos tanta utilidade, porisso que destroem os insectos prejudiciaes aos bosques, ás searas, e aos nossos celleiros, e nas quaes os antigos suppunham achar muitas virtudes medicinaes, como o serem os membros d'ellas antidoto da mordedura da vibora, as côxas delidas em liquido e bebido, perservarem da raiva de cão damnado, o livrar-se de muitas doenças quem pendurasse ao pescoço umas pedrinhas que lhes achavam no estomago, e outros que taes prejuizos que se podem lêr na encyclopedia *Chenu*; estas aves, digo, chegaram á quinta do Espinheiro no dia 19 do corrente.

Quanto á outra andorinha *Hirundo rustica*, a qual, quando se lhe mexia no ninho, irritava-se a ponto de ir picar nas têtas das vaccas e fazer-lhes perder o leite, e pelo facto de criar dentro das chaminés das casas abandonadas, vivia debaixo da protecção dos deuses penates, esta chegou mais cedo do que a outra, segundo o costume. Foi no dia 15 do corrente que vi a primeira.

Quinta do Espinheiro, 22 de Fevereiro de 1873.—*José Maria Rosa de Carvalho.*»

A hydrophobia em Taboa.—Communicam-nos do concelho de Taboa o seguinte:

«Não consta, sr. redactor, que em epocha alguma houvesse no concelho de Taboa, tantos animaes caninos hydrophobos, como na presente estação. Em todas as freguezias de que se compõe este concelho, ha a triste e lamentavel noticia d'apparecerem cães damnados.

Na propria villa de Taboa, no domingo de manhã 23 do corrente, na occasião em que se estava á missa, alli appareceu um cão mordendo em quantos animaes encontrou da sua especie, e vindo depois para o centro da villa, percorreu algumas casas, mordendo todos os cães que encontrou, podendo, ainda assim, fazer maiores estragos, se não fosse conhecer-se, infelizmente já tarde, a presença do terrivel hospede, matando-se não só este, mas quasi todos os que tinham sido mordidos.

Ainda não estavam socegados os animos do dia antecedente, quando na segunda feira, 24 do corrente, pelas 3 horas da tarde, dentro da mesma villa, se sentiu o povo em grande massa, gritando apoz um cão rafeiro atacado de hydrophobia, que poderam, já a grande distancia, e a muito custo matar.

Sr. administrador do concelho de Taboa, a v. s.ª pedimos providencias, para que no periodo de tempo que julgar conveniente, se fechem todos os cães; e todo o que fôr em seguida encontrado, seja morto indistinctamente.

Porem, que não sejam burladas as ordens que v. s.ª dê, como ha pouco aconteceu na freguezia da Povoa de Midões, onde ha 15 dias appareceu a terrivel molestia, e onde ja ha algumas pessoas mordidas, que expedindo v. s.ª as suas ordens para alli, nenhum effeito surtiram, foi letra morta!!!

Confiados, como estamos, na rectidão e independencia de v. s.ª, esperamos energicas providencias, pois que não desejamos voltar ao assumpto, e fica d'atalaia um amigo do bem publico.

Em 24 de Fevereiro de 1873.»

Febre amarella no Rio de Janeiro—Em data de 3 do corrente dizem do Rio de Janeiro ao *Commercio do Porto* o seguinte:

«A febre amarella continua á fazer estragos. Ultimamente porem estacionou, orçando os mortos por dia entre 30 e 40. Talvez hajam contribuido para isso os dias de chuva continuada, que tivemos agora por occasião da lua nova. Houve sobretudo dois grandes temporaes que alagaram a cidade e de algum modo refrescaram o tempo, que aliás já está hoje tão quente como anteriormente.

Na minha carta anterior mandei o algarismo dos mortos até ao dia 20. Os que morreram desde o dia 21 até ao dia 1.º orçam por 470, dos quaes são portuguezes 340.

Como tive occasião de lhe dizer, as victimas são na generalidade pessoas não acclimadas no paiz. Raro fluminense ou estrangeiro já estabelecido no paiz tem perecido, ainda que a febre o não haja respeitado. Todo o receio está em que o mal se interne pela população, porque então nem os naturaes da cidade, nem os estrangeiros aqui estabelecidos de longos annos poderão julgar-se seguros.

O governo imperial, logo que a epidemia assumiu certo caracter, tomou algumas providencias dignas e serias. Resolveu mandar uma commissão incumbida de encaminhar os estrangeiros, logo que cheguem, de bordo para a cidade de Juiz de Fora, onde serão convenientemente alojados até que melhore o estado sanitario.

Alem dos emigrantes portuguezes foram para a barra do Pyrahy 188 inglezes que estavam na Cananéa, d'onde voltaram descontentes e mais 14 no «Sorata». Os emigrantes portuguezes do paquete «Douro» (36) estão já na barra do Pirahy.

Por indicação do dr. Galvão resolveu a commissão sanitaria de soccorros aos emigrantes fechar temporariamente a hospedaria do morro da Saude, transferindo-a para o alto da serra, para onde serão encaminhados os emigrantes que se destinam ás colonias do Estado.

Tomaram-se para esse fim as casas e armazens que se encontraram nas estações do Rodeio, dos Mendes e de Sant'Anna, e foram hontem transportados para o deposito central em Mendes os aprestes de cama e mesa para 200 emigrantes, 500 rações e 10 barracas de campanha, fornecidas pelo arsenal de guerra. Um agente de confiança da commissão, o sr. Thil Haughter, dirige alli este serviço.

Estas são as medidas officiaes. A caridade particular assumiu o papel que lhe cabe nas circumstancias, e de que tem dado prova mais de uma vez. N'esta parte a colonia portugueza é merecedora de todos os encomios; uma sua commissão central está á frente do movimento, e são já avultados os doentes recolhidos. De toda a parte affluem offerecimentos á commissão central; um offerece lençoes, outro toalhas, outro cadeiras, outro a louça necessaria, outro medicamentos, outro comida, e todos esses actos de caridade são diariamente publicados nos jornaes.

O sr. Antonio Vieira de Miranda Evora offereceu o seu palacete da Chicorra para ahi se estabelecer uma ou mais enfermarias. Para o mesmo fim offereceu a Companhia Economia a sua casa e chacara das Laranjeiras. O sr. Antonio de Mello Sousa e Menezes offereceu a sua casa e chacara do morro e rua das Laranjeiras para estadia provisoria de portuguezes. Muitos dos offerecimentos são feitos por parte e intermedio da Caixa de Soccorros de D. Pedro V, a qual se tem remettido muitas quantias de dinheiro para o mesmo fim. Entre as offertas pecuniarias figura a de 500$ reis enviados pelo D. abbade de S. Bento. Infelizmente é triste a noticia que sou obrigado a mencionar. O governo pediu ao guardião dos franciscanos uma parte do convento para nelle se estabelecer uma enfermaria. Os frades recusaram. Não se commenta.

A Caixa de Soccorros publicou a lista dos medicos que muitos serviços lhe têem prestado e que se offereceram a prestar outros nesta crise. São 72.

A Casa da Misericordia estabeleceu tres novas enfermarias, e mais uma no hospicio da Gamboa.

A Sociedade Portugueza de Beneficencia deve ser citada entre as que mais se esforçam por acudir aos enfermos. De accordo com a Caixa de Soccorros tem estabelecido varias enfermarias.

Citarei mais a offerta de 1:000$000 reis feita pela loja maçonica *Silencio*.

O imperador tem-se portado com a dedicação de que já deu provas em occasiões similhantes.

Ha dias fallou a *Republica* de um boato de envenenamento de 114 doentes do hospital da Saude. Verificou-se ser inexacto.

A junta de hygiene publicou a estatistica official da mortalidade do dia 1 a 15 do mez passado. Eil-a:

Causas de morte—Febres intermittentes e remittentes 81, febre amarella 262, variola 108, lymphatitis (erysipelas) 10, bronchites e pneumonias 24, tuberculos pulmonares 60, phlegmasias cerebro-espinhaes 28, dysenteria 3, diarrheias 10, outras phlegmasias do apparelho digestivo 53, affecções do figado 18, congestões pulmonares 4, ditas cerebraes e apoplexias 33, lesões organicas do coração 18, tetanos dos recem-nascidos 8, convulsões 31, mortos de nascimento 24, homicidio 1, suicidio 1, ferimentos 1, outras causas 86; somma 866.

Nacionalidades—Nacionaes 443, estrangeiros 417, ignorada 6.

Condição—Livre 776, escrava 90.

Sexo—Masculino 603, feminino 263.

Edades—Até 7 annos 235, de 7 a 25 222, de 25 a 40 220, de 40 a 55 95, mais de 55 65, ignorada 29.

Localidade—Domicilios 495, hospitaes militares 13, hospitaes civis 358.

Observações—D'esta estatistica resulta: que as pyrexias endemicas têem reinado com frequencia e intensidade na presente quinzena.

Que a variola, apesar de ser sensivel a diminuição dos casos observados, continua ainda a fazer numerosas victimas pelo caracter de gravidade de que se reveste, sendo agora proporcionalmente maior a mortandade no sexo feminino.

Que a febre amarella assumiu mais generalisação e intensidade, como prova o crescido numero das victimas por ella feito, tendo-se o seu incremento effectuado de modo subito; porquanto, sendo ainda no ultimo de Dezembro o numero dos mortos de 4, subiu logo no dia 1.º do corrente a 14. Seu dominio, por ora, acha-se como que circumscripto á zona comprehendida entre as praias Formosa, da Gambôa e da Saude, e as ruas de S. Diogo, Principe, Princeza dos Cajueiros, Nova do Principe e largo da Imperatriz, assim como dos ancoradouros de carga e descarga, onde as praias se conservam sempre immundas.

Relativamente a esta ultima parte já ha dias publicou o «Jornal do Commercio» uma communicação de uma das commissões sanitarias que visitou a freguezia de S. José, e que declara ser grande o desaceio de alguns pontos da cidade.

Acrescentarei que a febre amarella tambem lavra no porto de Pernambuco.»

Noticias de Hespanha.—Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

O «Imparcial» de 21, assevera que D. Carlos entrou em Hespanha. Chegaram a Madrid mais alguns francezes dos que figuraram na communa de Paris.

A junta revolucionaria de Jerez do los Caballeros, alem da expulsão das freiras, ordenou tambem que se demolisse a torre de S. Miguel, e se vendesse o tabaco dos estancos por metade do preço. Em muitas povoações, incluindo Badajoz, tendo-se o povo recusado a pagar os direitos do consumo, os municipios têem retirado a fiscalisação dos barreiras. Foi barbaramente assassinado o negociante de Reus, D. José Arnarat.

Foi acceite a demissão pedida pelo sr. Morel, representante de Hespanha em Londres.

São horriveis os pormenores dos tumultos de Montilla. Os amotinados depois de roubarem, queimarem oito casas e matarem cinco pessoas, tiveram até a feroz ideia de abrirem o ventre ao cadaver de uma das suas victimas e atravessando-lhe uma cana como se faz aos porcos, o dependuraram á janella da sua propria casa!

A Italia retira o seu plenipotenciario em Madrid, reduzindo a sua representação a um simples encarregado de negocios.

Madrid 22, ás 7 horas e 30 m. da tarde —E' certa a crise ministerial, e provavel a formação de um ministerio homogeneo republicano. Indicam-se Chao para as finanças, Nouvilas para a guerra, Soances para a marinha e Abarauza para o ultramar. Ha tranquillidade em Madrid.

A crise em Hespanha.—Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

«Accentuou-se claramente o desaccordo entre os radicaes e os republicanos que constituiam a actual situação hespanhola. As divergencias levantadas no seio do gabinete, tornando-se irreconciliaveis, levaram os principes influentes dos dois partidos a tentativa de um novo governo mixto, e a assembleia nomeou para esse fim uma commissão que nada poude conseguir.

A' GL.: DO S.: ARCH.: DO U.:

A R.: L.: *Estrella d'Alva* ao val.: de Coimbra envia ao P.: I.: D. Gualdim Paes, Gr.: 33, Ven.: da R.: L.: Cap.: *Alliança 1.ª* ao val.: de Lisboa e Ven.: Honorario da mesma R.: L.: *Estrella d'Alva.*

S.: F.: U.:

P.: Ir.: Ha já muitos dias que esta R.: L.:, por meio de vós, dirigiu ao Gr.: Or.: Lus.: U.: uma prancha, em que energicamente protestava contra o tratado, que este corpo maç.: celebrou com o Gr.: Or.: Hesp.:.

Este protesto é, P.: Ir.:, a traducção fiel e sincera dos sentimentos, que animam e animarão em todo o tempo os obb.: d'esta R.: L.:. Prezando-se de serem leaes portuguezes, amando apaixonadamente a terra em que nasceram, e decididos a lutar sempre pela liberdade e independencia d'ella, não poderam elles ver indifferentes a protecção declarada, que o Gr.: Or.: Lus.: cedia á propagação das ideias ibericas, que tão claramente se patenteiam na doutrina d'aquelle tratado; por isso entenderam, em suas consciencias, que era para elles um dever sagrado dar o passo que deram; e esperavam que o Gr.: Or.: Lus.:, conhecendo o erro em que tinha cahido, revogasse sem demora o tratado, dando assim vida ao sentimento d'amor patrio, que em si deve nutrir, porque é uma corporação de portuguezes e de MMaç.:, e que parece querer deixar esmorecer.

O Gr.: Or.: Lus.: nada, porem, tem respondido ao protesto d'esta R.: L.:, não obstante ter tido já bastante tempo para isso: parece portanto que lança ao desprezo as suas palavras e que deseja que ella continue a viver separada d'elle. Este procedimento do Gr.: Or.: Lus.:, alem de pouco delicado, é mais uma prova, que vem fortalecer as accusações que por esta R.: L.: lhe foram feitas.

C.: P.: Ir.: Esta R.: L.: está e estará sempre firme no que disse no seu protesto: não transige por modo algum com o tratado celebrado entre os dois GG.: OOr.:; quer que elle seja annullado; quer que o Gr.: Or.: Lus.: viva em boa amisade com o Gr.: Or.: Hesp.:, mas quer principalmente que vivam completamente separados, de modo que nem o Gr.: Or.: Lus.: tenha LL.: da sua obediencia em Hespanha, nem o G.: Or.: Hesp.: as tenha em Portugal; quer que cada um só tenha jurisdicção dentro dos limites dos respectivos paizes, a que pertencem, porque não quer que Portugal seja um dia absorvido pela Hespanha.

São estes os seus desejos firmes e inabalaveis, e só acceitará o tratado, que for feito em harmonia com elles. E, se o Gr.: Or.: Lus.: não tiver os mesmos desejos, ella ver-se-ha obrigada a espalhar o scisma por todos os pontos do paiz e a ir até os ultimos extremos, porque tem força e muita força para isso, pois ha de ser ajudada por todos os IIr.: d'este val.: e d'outros proximos. Se porem o Gr.: Or.: Lus.: attender á sua vontade, ella do melhor grado de novo se lhe unirá e reconhecerá a sua jurisdicção; se não, não.

Em vista d'isto, P.: Ir.:, esta R.: L.: entendeu que devia manifestar-vos o seu modo de pensar, porque sois seu Ven.: honorario; e pede-vos um favor que decerto lhe não recusareis e pelo qual vos ficará summamente grata, e é—que de novo e de viva voz façaes sentir ao Gr.: Or.: Lus.: Un.: a inabalavel resolução dos oobr.: d'este quadro.

Esta R.: L.: tem ainda a declarar-vos que, mesmo no caso de não ser nunca attendida pelo Gr.: Or.: Lus.:, continuará os seus trabalhos, mas vivendo da sua vida propria, e empregando, com a ajuda do S.: A.: do Ul.:, todos os esforços para sustentar a liberdade e independencia da patria.

Esta R.: L.: fica esperando a vossa resposta.

Traç.: em L.: aos 3 de Março de 1872 (E.: P.:)

O Ven.: *Themistocles 2.º*, C.: R.: ✠.:
O 1.º Vigilante *Rochefort*, M.: M.:
O 2.º Vigilante *Justo Lipsio*, M.: M.:
O Orad.: *Alexandre Herculano*, C.: R.: ✠.:
O Secret.: *Massillon*, El.: Secret.:

Á GL.: DO SUP.: ARCH.: DO U.:

A R.: L.: *Estrella d'Alva*, ao val.: de Coimbra, envia ao P.: Ir.: D. Gualdim Paes, Gr.: 33, Ven.: da R.: Cap.: *Alliança 1.ª* no val.: de Lisboa, e Ven.: honorario da mesma R.: L.: *Estrella d'Alva.*

S.: F.: U.:

P.: I.: Em uma das ultimas sessões teve esta R.: L.: conhecimento d'uma prancha que por vós foi dirigida ao nosso C.: I.: *Justo Lipsio*, e na qual tentaes justificar o procedimento do Gr.: Or.: Lus.: com respeito ao tratado ultimamente por elle celebrado com o G.: Or.: Hesp.:.

Porque entre os oob.: desta R.: L.: existe a mais firme solidariedade, ella entendeu que vós dirigindo-vos a um d'elles, vos dirigieis a todos em geral, e que por isso a punheis no dever de responder-vos: é o que vae fazer na presente prancha.

P.: I.: Os oobr.: da R.: L.: *Estrella d'Alva* conservam-se na persuasão, em que estavam, de que o tratado ultimamente celebrado pelo G.: O.: L.: com o G.: Or.: Hesp.: é hostil á independencia de Portugal. A prancha que dirigistes ao C.: I.: *Justo Lipsio*, por forma alguma os dissuade disto.

Ninguem de certo se atreverá a negar que o sonho dourado da Hespanha tem sido e ha-de ser sempre a união iberica, porque nesta vêem os hespanhoes um dos melhores meios de se engrandecerem; e tanto assim é que elles em todo o tempo para ella tem trabalhado: é um facto que a historia nos attesta clara e indubitavelmente. Deve por tanto concluir-se que se o G.: O.: Hesp.: quer ter LL.: suas entre nós, é só com o fim de por ellas propagar as doutrinas ibericas; e por isso o tratado em questão não é mais nem menos do que um novo trama dos hespanhoes. São as conclusões mais logicas que se podem tirar.

Ora é impossivel que o G.: O.: L.: desconheça as aspirações da Hespanha, porque são sabidas de mais; por isso, se os membros d'elle fossem verdadeiros portuguezes, esforçar-se-hiam sempre por contrariar-lh'as ..., bem longe disto, o que se vê, P.: I.:, é que elles lh'as favorecem. Escusam de dizer que não, porque os factos fallam bem alto; escusam de alardear amor patrio, quando estão praticando actos, que demonstram evidentemente que nada d'esse amor n'elles existe.

Porque não responde o G.: O.: L.: ao protesto, que lhe foi enviado pela R.: L.: *Estrella d'Alva?* Porque não trata de annullar o tratado? Porque tem em mais conta as relações com a maç.: hesp.: do que as nossas?

Esta R.: L.: desligou-se do Gr.: Or.: L.:, porque nada de honroso seria para ella, estar ligada a uma corporação a que com a maxima justiça, se podem fazer accusações de tanto peso; e congratula-se e congratular-se-ha sempre pelo passo que deu.

Ha na vossa prancha, P.: Ir.:, um ponto a que esta R.: L.: quer especialmente responder, porque é o argumento mais forte que apresentaes em favor das vossas asserções: vós dizeis—...... e se nós temos em Lisboa *Lojas* sujeitas á Inglaterra e ao Brazil etc., porque motivo não poderá haver algumas sujeitas á Hespanha?—Não, não deve haver em Portugal LL.: sujeitas á Hespanha, embora as haja sujeitas á Inglaterra e ao Brasil, pois que as circumstancias, em que nos achamos com respeito á Hespanha, não são as mesmas com respeito ás outras nações.

Nenhuma nação tem tentado converter Portugal em provincia sua senão a Hespanha; nenhuma tem em nós as vistas, que esta tem. A Hespanha quer-nos para si, desconfiemos por tanto sempre d'ella; não lhe abramos demasiadamente os braços, porque póde ser-nos funesta tanta amisade.

Se o Gr.: Or.: Lus.: fosse uma corporação de portuguezes, que merecessem este nome, seguiria á risca estes principios; mas vê-se que segue os completamente contrarios, pois que no § unico do artigo 3.º do tratado com o G.: Or.: Hesp.: diz, que só reconhecerá como regulares as LL.: que em Portugal e Hespanha estiverem debaixo da sua jurisdicção ou da do G.: Or.: Hesp.:; por conseguinte não parecerão regulares ao Gr.: Or.: L.: as OOff.: que em Portugal trabalharem debaixo dos auspicios de qualquer Or.: que não seja o de Portugal ou o de Hespanha. Disto não se póde concluir senão que o G.: Or.: Lus.: vae d'accordo em tudo com o G.: Or.: Hesp.:. E dizeis vós ainda, P.: I.:, que o G.: O.: Lus.: tem amor patrio?

P.: e C.: I.: Esta R.: L.: considera-vos como um verdadeiro Maç.: e um verdadeiro portuguez; fazei por conservar a estima dos oobr.: deste quadro, e deixai-vos de defender uma corporação que não trilha o caminho que a honra e o amor patrio tão claramente lhe apontam.

Esta vae bastante longa, por isso esta R.: L.: vai terminar dando-vos um conselho. Se sentis pulsar em vós um coração verdadeiramente patriota, deixae o Gr.: Or.: Lus.:; convencei-vos por uma vez de que as suas intenções não são justas, e para isto attentae bem e imparcialmente nos factos ultimamente occorridos. Sede primeiro que tudo amigo da patria.

Traç.: em L.: aos 7 de Março de 1872 (E.: P.:)

O Ven.: *Themistocles 2.º*, C.: R.: ✠.:
O 1.º Vig.: *Rochefort*, M.: M.:
O 2.º Vig.: *Justo Lipsio*, M.: M.:
O Orad.: *Alexandre Herculano*, C.: R.: ✠
O Secr.: *Massillon*, M.: M.:

Os radicaes instam pela sustentação do *statu quo* até á reunião da assembleia constituinte; os republicanos, ao contrario querem a formação de um governo exclusivamente republicano.

Noticias particulares dizem que reinava viva agitação em Madrid, e a agencia Havas assim o faz suppor tambem. Não se abrira a sessão da assembleia até ás quatro horas de hontem, e o edificio estava militarmente occupado no exterior.»

—

Madrid, 24, ás 12 horas da manhã—Houve hontem de tarde reunião de representantes republicanos e radicaes, sendo nomeadas commissões para proporem a solução da crise. Ainda não ha solução alguma definitiva. Julga-se que a assemblea não será dissolvida. O ministro da guerra insiste na sua demissão.

Madrid, 24, ás 4 da tarde—Está em desaccordo a commissão mixta da assemblea. Os radicaes querem o statu quo e os republicanos o ministerio homogeneo. A assemblea está exteriormente occupada pela tropa. Não se abriu a sessão.

Noticias de Lisboa.—O correspondente do *Commercio do Porto*, diz em data de 24 do corrente o seguinte:

«Entrou hoje a barra e fundeou no Tejo uma fragata italiana.

Parece que sahiu esta manhã um dos navios da esquadra ingleza. Tambem se diz que esta esquadra sahe para Gibraltar ámanhã ou depois.

A direcção do Instituto de Agricultura de Gembloux, verdadeiro typo dos estabelecimentos officiaes desta natureza, pediu ao observatorio Metereologico do Infante D. Luiz, informações acerca da organisação do serviço meteorologico. As informações foram promptamente remettidas.

Estando já determinada, por decreto de 9 de Dezembro de 1869, a creação de colonias penaes, foi determinado aos governadores das provincias de Africa Occidental e Oriental, que informem em que logares se poderão fundar as mesmas colonias.

No *Diario* entre outros documentos vem o mappa desenvolvido da importação e exportação da alfandega do Porto, no mez de Janeiro ultimo.

Tambem vem publicada a carta de lei sancionando o decreto que permitte aos individuos que não tiverem satisfeito á lei do recrutamento, habilitar-se para exercer empregos publicos, com tanto que paguem o preço da substituição, alem de outros requesitos que se exigem na mesma carta de lei.»

Noticias diplomaticas.— Lê-se no *Jornal do Commercio* o seguinte:

«Segundo informações authenticas, o ministro de França nesta côrte communicou ao nosso governo, que o ministro dos negocios estrangeiros da republica franceza, o sr. Remusat, prevenira o representante de Hespanha em Paris, o sr. Olozaga, que a benevolencia do governo francez para com a republica hespanhola dependeria do comportamento d'ella para com Portugal, e que era necessario que os nossos visinhos não quizessem ser propagandistas.

Tambem consta que o gabinete de S. James determinara ao seu representante em Madrid, que tivesse com a republica hespanhola só as indispensaveis relações.»

A crise em Hespanha—Lê-se no *Jornal do Commercio* o seguinte:

«As folhas hespanholas de 22 já fallam da crise que principiava a revelar-se; a *Politica* diz que era profunda a dissidencia e evidente a divisão no poder executivo.

Os membros do gabinete, de ideas republicanas, consideravam necessario e urgente adoptar algumas medidas de caracter transcendente, capazes de aquietar a exaltação dos intransigentes e de assegurar por toda a parte o predominio das ideas republicanas; mas os ministros de procedencia radical, oppunham-se a isso energicamente, e os republicanos ameaçavam com deixal-os só para que formassem um governo exclusivamente radical.

Mais tarde o elemento ameaçado de sair do governo era o radical. Parece que a crise era especialmente motivada pelo ministro da guerra, contra o qual se assestavam desde muito tempo as baterias republicanas. Mas saindo este, os outros ministros de procedencia radical não poderiam ficar.

Os diarios de Madrid não se mostram muito socegados acêrca da conservação da ordem na capital, e dizem que os graves acontecimentos da Catalunha referidos pelo telegrapho, acharão eco alli. Alguns chegam mesmo a affirmar que os intransigentes farão um supremo esforço para proclamarem em Madrid a republica federal.»

Ultimas noticias de Hespanha

Lê-se no *Diario Illustrado* o seguinte:

«Recebemos um telegramma particular de Madrid que nos diz o seguinte:

«Começou a lucta entre os republicanos e radicaes, que prepararam a queda do rei Amadeu. Suspendeu-se a assembleia no meio da maior agitação.

Os republicanos federaes congregaram-se no Circo. Os agitadores communistas francezes e hespanhoes promovem motins, e alguns d'elles partiram para Portugal.

D'aqui emigram muitas familias. Estamos em vespera da maior anarchia.»

Sabemos que entre os communistas que partiram para Portugal se encontram os dois famigerados e conhecidos republicanos francezes Cluseret e Devoux.

CHARADAS

141.ª

Sou primeira—1
Sou primeira—1
Sou terceira—1
Sou primeira—1
Talvez não acredites
Que sou... mulher!

P. L.

142.ª

E' verbo que sôa e resôa—2 e 1.

143.ª

O elemento do homem é movel—1 e 3.

144.ª

Nas casas este pão dá entrada e saida—2 e 1.

A.

LOGOGRIPHO

Verbo—2.ª e 3.ª
Substantivo—1.ª
Adjectivo—2.ª
Verbo—1.ª e 3.ª
Substantivo—1.ª e 2.ª
Substantivo—3.ª
Verbo—1.ª e 2.ª
Terra.

A

A explicação das charadas do numero antecedente são as seguintes:—132—Seára—133—Espalhafato—134—Patarata—135—Portavoz—136—Primario—137—Aviso—138—Capello—139—Patetas—140—Tinha.

ANNUNCIOS

1 PRECISA-SE de um caixeiro ou marçano com pratica de mercearia e miudezas; e de um rapaz a dar tempo. Na rua da Sophia, n.º 76, se trata.

2 BOLÇAS DE REDE PRATEADA, para dinheiro, perfeita imitação das de prata. Na loja do Fonseca, rua da Calçada, 72 a 76.

3 TINTA D'OURO para escrever. Na loja do Fonseca, rua da Calçada, 72 a 76.

4 JOGOS DE XADREZ, dominó, gloria, loto e cavallo branco. Na loja do Fonsesa, rua da Calçada, 72 a 76.

5 NO DIA 11 do proximo mez de Março, por 10 horas da manhã, perante o exm.º juiz de direito desta comarca, á porta do tribunal em Santa Cruz, hão de ser arrematados em praça publica, os bens separados pelo conselho de familia, no inventario por fallecimento do bacharel Venancio da Costa Alves Ribeiro, d'esta cidade, para pagamento de dividas passivas, approvadas no referido inventario, de que é escrivão o sr. Servulo Maria de Carvalho.

Perguntas sinceras, e não indiscretas

6 TENDO o caminho de ferro americano de passar pelo caes e pela rua das Solas:

Não será prejudicado o transito publico n'um passeio e n'uma rua estreita?

Ou passará para outro local a feira de S. Bartholomeu?

Publicação litteraria

7 RESPOSTA A UM CRITICO, ou exame de algumas asserções do sr. Augusto Epiphanio da Silva Dias, sobre grammatica portugueza e latina, por *Joaquim Alves de Sousa*. — Vende-se por 300 rs. nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

Muita attenção

8 NO ARMAZEM DE VINHOS, no Pateo da Inquisição, vende-se vinho da melhor qualidade, da Bairrada, a 1$350 rs. o almude; e 340 rs. o quartão. Tambem se vende muito regular a 1$250 rs. o almude, meio almude 620 e quartão a 310 rs.

José Velasco.

9 NO DIA de terça feira, 4 do proximo mez de Março, por 10 horas da manhã, no edificio de Santa Cruz, e perante o exm.º juiz de direito desta comarca, se ha de arrematar uma propriedade no logar de Travanca de Lagos, concelho de Oliveira do Hospital, com abatimento da 5.ª parte, na execução que o revdm.º Cabido move a Manoel Pinto, solteiro, do mesmo logar, a qual propriedade se ha de vender pelo maior lanço que fôr offerecido, ainda que inferior ás quatro quintas partes do seu valor, na conformidade do regulamento hypothecario de 28 de Abril de 1870; de que é escrivão Severo Sabino dos Santos.

OPTIMOS VINHOS DO PORTO DA NOVIDADE DE

1858 a 280 por garrafa
1853 a 360 por »
1847 a 400 por »
1834 a 500 por »

Estes acreditados vinhos continuam á venda na rua da Calçada, n.º 85 a 91. Garante-se a sua qualidade.

DECLARAÇÃO

11 O ABAIXO ASSIGNADO, desejando demonstrar o nenhum fundamento com que alguem, de má fé tem propalado ser elle devedor de importancias de alguns materiaes, fornecidos para a obra que está construindo na rua da Mathematica, desta cidade, e outras; convida a todos os individuos que se considerem seus credores, qualquer que seja o genero da divida, a apresentarem-se na mesma obra, no prazo de 8 dias, a fim de receberem o seu credito, quando seja justificado.

Coimbra, 23 de Fevereiro de 1873.

Joaquim Gonçalves Pereira, mestre de obras.

12 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Santa Combadão, faz publico, para conveniencia de todos os interessados, que se acha já em bom estado de desenvolvimento o mercado de bois, que se faz nesta villa em todos os terceiros domingos de cada mez.

Santa Combadão, 21 de Fevereiro de 1873.

O presidente da camara,
Henrique de Queiroz Pinto d'Athayde.

13 BIQUEIRAS DE METAL AMARELLO para calçado de creança. Loja do Fonseca, rua da Calçada, 72 a 76.

Edital

A junta dos repartidores da contribuição predial do concelho de Coimbra no anno civil de 1873

FAZ PUBLICO, que durante os primeiros 10 dias uteis do mez de Março proximo, hão de estar patentes aos contribuintes, na repartição de fazenda deste concelho, desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde, as matrizes prediaes em vigor, afim de poderem ser examinadas pelos interessados e requerer quaesquer passagens ou divisão de predios que devam ter logar por effeito de vendas, trocas ou heranças, que anteriormente se tenham realisado.

Por esta occasião roga a todos os individuos que tenham pago a sua contribuição em mais de um conhecimento, o favor de comparecerem durante o mesmo prazo, munidos dos respectivos recibos, a fim de os reduzirem a um só no serviço do corrente anno.

Coimbra 20 de Fevereiro de 1873.

O presidente da junta,
Manoel Maria da Cunha.

VENDA DE FOROS

15 VENDE-SE o foro de 4$800 rs., que paga José da Veiga, da Cioga do Monte, e um outro de 450 reis, que paga Joaquim Ferreira Lopes, de Trouxemil. Quem os pretender falle com José Joaquim da Silveira, na loja da rua da Calçada, n.º 22 a 32, Coimbra. Declara-se que estes foros são livres de decimá.

PROTESTO

16 MARIA EMILIA, Joaquina, e Constancia de Jesus, que todas tem parte na meação dos bens que seu pae Gabriel Ignacio, e ellas, possuem na villa de Goes, no sitio chamado o Carvalhal, que se compõem de terra de semeadura, com suas tanxoeiras e videiras no fundo, e um castanheiro no meio, que paga foro ao reverendo sr. padre Antonio, da mesma villa; tendo uns curraes ao cimo; e pegada a esta terra o chão, chamado o chão do Miguel, com suas oliveiras, tres castanheiros na Passagem, e as casas em S. Paulo, que são duas moradas em que viviam, com o seu quintal pegado da parte de cima; vêem por este meio protestar contra qualquer venda, que desses bens se queira realisar.

ATTENÇÃO

17 PERDEU-SE uma luneta d'ouro. Roga-se a quem a achar o obsequio de a mandar entregar na rua de Quebra Costas, n.º 3.

18 ARCHEOLOGIA ARTISTICA publicada por Joaquim de Vasconcellos.—Fasciculo I de XXXII de 160 paginas— LUIZA TODI— estudo critico musical.

Fasciculo II de 108 paginas—ORDENAÇÕES DO REINO, por Tito de Noronha. Tiragem 250 exemplares. Preço 1$200 reis o I fasciculo, e 800 reis o II, para os srs. assignantes; avulso o duplo.

A' venda na livraria Academica de J. Melchiades.

NUMERO 2671 — SABBADO 1 DE MARÇO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O *Diario do Governo* de 24 do corrente mez, publica a carta de lei que, sanccionando o decreto de 18 de Janeiro deste anno, determina o modo como os individuos incursos no artigo 54 da lei de 27 de Julho de 1855, podem remir a penalidade que este artigo lhes impõe.

As pessoas que não tiverem satisfeito ainda a lei do recrutamento, têem agora um meio de se eximir á sancção penal em que hajam incorrido, habilitando-se, por esta forma, a gozar de todos os direitos e prerogativas sociaes.

Não pequeno numero de individuos, por differentes circumstancias e motivos, na maior parte estranhos á vontade propria, tinham effectivamente incorrido na penalidade do citado artigo da lei de 27 de Julho de 1855, estando por isso inhibidos de importantes garantias.

A penalidade que a lei de 1855 estabelece, é inquestionavelmente uma necessidade, que tem por fim evitar abusos, mantendo o principio de egualdade no mais pesado de todos os tributos, o tributo de sangue. Mas de justiça é tambem que um avultado numero de individuos não soffra as consequencias de factos para que individualmente não concorrem, prejudicando talvez muitas familias.

Folgamos com a providencia que o governo acaba de adoptar, porque nella vemos alliado o respeito da justiça e da moralidade com as conveniencias sociaes.

A carta de lei a que nos referimos, veiu satisfazer a uma necessidade de ha muito reclamada e a um preceito de todo o ponto justo. Para conhecimento de nossos leitores interessados aqui a transcrevemos da folha official.

«D. Luiz, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos, que as côrtes geraes decretaram e nos queremos a lei seguinte:

Artigo 1.º Os individuos que tiverem incorrido ou vierem a incorrer na sancção penal do artigo 54.º da carta de lei de 27 de Julho de 1855 podem habilitar-se para exercer empregos publicos, com tanto que, alem de todos os outros requisitos legaes, paguem o preço de uma substituição, correspondente ao tempo de serviço a que são obrigados os refractarios, e que tiver sido ou for decretado para o anno em que deviam ser recenseados.

§ 1.º Os individuos que assim tiverem remido a obrigação de serviço militar serão levados em conta no contingente das freguezias do seu domicilio legal, e ao preço das substituições será dado o destino fixado no artigo 8.º da lei de 4 de Junho de 1859.

§ 2.º O preço destas substituições poderá ser pago em qualquer recebedoria do reino e ilhas adjacentes, com guia passada pelo governador civil ou administrador do concelho do domicilio legal do interessado, e a requerimento seu.

Art. 2.º Fica por este modo estabelecida a forma de remir a penalidade imposta no artigo 54.º da carta de lei de 27 de Julho de 1855, e revogada a legislação em contrario.

Mandamos portanto a todas as auctoridades a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e guardem e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nella se contem e declara.

O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'estado dos negocios da guerra, e o ministro e secretario d'estado dos negocios do reino, a façam imprimir, publicar e correr.

Dada no paço, em 18 de Fevereiro de 1873.—EL-REI, com rubrica e guarda.—*Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello—Antonio Rodrigues Sampaio.*»

De politica interna nada decorreu durante esta semana, até á hora em que escrevemos, digno de mencionar-se.

Não são porem, destituidas de interesse as noticias do reino vizinho, e por isso extrataremos dos ultimos telegrammas as que mais podem prender a natural curiosidade dos leitores.

Madrid, 24, ás 10 horas e 50 minutos da manhã—A Assembleia elegeu o novo ministerio. Figueras, presidente, 231 sobre 245; Castelar, estrangeiros, 234; Salmeron, justiça, 220; Pi, interior, 226; Acosta, guerra, 149; Oreiro, marinha, 176; Tutau, finanças, 169; Chao, obras publicas, 172; e Sorni, ultramar, 173. Figueras declarou que o programma não mudará. A Assembleia decidiu que ámanhã e quarta feira não houvesse sessão.

Julga-se que as eleições terão logar em 31 de Março e a reunião da Constituinte em 20 de Abril. O conflicto das ruas considera-se evitado. Nouvilas será nomeado general em chefe do exercito do norte. A Russia e a Allemanha demoram o reconhecimento do governo hespanhol, temendo a sublevação communista em Madrid, e que o movimento se estenda a Portugal.

Madrid, 25 de Fevereiro á meia noute—Despacho official—Em Madrid reina hoje o mais completo socego e a maior alegria nas festas do entrudo. Reina ordem perfeita em toda a peninsula.

O novo ministerio nomeou hoje mesmo todos os governadores, procurando escolhel-os da cathegoria dos representantes do povo e encarregando-os de manter a ordem e a liberdade. Tudo nos leva a crer que a nossa republica, até nos momentos sempre criticos de transicção, será um modelo de sabedoria e de ordem.

Madrid, 25, ás 12 horas e 15 minutos da noute—O partido radical, fusionado hoje com o antigo partido republicano, na unidade completa de aspirações, tem como representantes no seio do novo ministerio os dois generaes commandantes das forças de mar e de terra. O programma é o mesmo que o do ministerio anterior, conforme a vontade da assembleia, e acelerar o mais breve possivel a reunião das constituintes.

A *Gaceta* noticia o novo ministerio, segundo se annunciou. Estavanez foi nomeado governador civil e Pavia capitão general de Madrid, Sagunero de Barcelona, Nouvillas general em chefe do exercito das operações do norte, Contreras da Catalunha. Partiram hontem para o estrangeiro a duqueza da Torre com seus filhos. Ha tranquillidade completa. Madrid retomou a sua physionomia habitual.

Madrid, 26 de Fevereiro, ás 2 horas e 55 minutos da tarde—A antiga maioria radical reuniu-se esta tarde para regular o seu proceder. Parece que o conselho de ministros está inclinado a aceitar todas as demissões que se apresentarem.

Trata-se da creação de 20 batalhões para ir combater os carlistas.

Madrid, 27 de Fevereiro, ás 12 horas e 50 minutos da tarde.—A *Gaceta* publica a nomeação dos governadores civis.

A circular do ministro de estado aos representantes da Hespanha no estrangeiro, com respeito ao restabelecimento da republica, diz que a monarchia morreu para as altas espheras sociaes, antes de se extinguir na consciencia do povo. [illegible]

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXXXVIII

GRAVE QUESTÃO MAÇONICA

(CONTINUAÇÃO)

Publicamos hoje o protesto da *Loja—Federação*, contra o tratado feito pelo *Grande Oriente Lusitano Unido* com o *Oriente* de Hespanha.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

—

«Uma das qualidades que a Constit.·. exige como essencial para que qualquer possa ser admittido a ver a luz da inic.·., é o amor da patria.

E de facto, quem não ama a terra em que nasceu, a terra que encobre no seio os ossos de seus paes; quem não sente o coração palpitar-lhe ufano, e o espirito enebriar-se de sublime amor ante as gloriosas tradições que lhe legaram seus antepassades, é um ente vil e abjecto; e a Maçon.·., repelle toda a vileza e abjecção. A Constit.·. consignando aquelle principio, rendeu preito ao mais nobre dos sentimentos que agita o coração do homem.

Nós os portuguezes, mais do que qualquer outro povo, carecemos de alimentar o fogo sagrado do patriotismo. São os heroicos feitos de nossos progenitores que ainda hoje nos grangeiam algum nome entre os povos da Europa. No dia em que esquecermos os padrões da nossa gloria, perderemos todo o direito a exigir que a Europa respeite a independencia d'esta lingua de terra á beira do Atlantico.

Os pequenos, que não têem outra força senão a da propria dignidade, devem manter essa dignidade ainda mais do que as nações fortes e poderosas.

A R.·. L.·. Cap.·. *Federação*, convicta destes principios, inscreveu em sua bandeira a sublime divisa—Deus—patria—liberdade—decidida a mostrar-se digna della em todos os logares e occasiões.

Imaginae, portanto, II.·., qual seria nosso espanto ao ler o tratado por vós celebrado em 12 de Janeiro ultimo, com o Gr.·. O.·. de Hespanha, onde no artigo 3.º lhe concedeis o direito de fundar LL.·. em territorio portuguez! Mais valera entregar Portugal amarrado de pés e mãos á Hespanha.

Pois vós sabeis que a união iberica é o sonho dourado de todos os politicos hespanhoes; sabeis que para este fim todos os esforços empregam, protegendo e animando as associações portuguezas, em quanto as hespanholas definham no esquecimento, distribuindo condecorações a esmo a qualquer nullidade portugueza, ao passo que deixam nús os peitos de seus velhos militares, de seus encanecidos magistrados, de seus cidadãos prestantes; sabeis que a Hespanha se insinua com a prudencia da serpente para cahir sobre nós como o tigre; sabeis tudo isso e muito mais, e ides conceder-lhe uma arma tão poderosa como é a fundação de officinas?! Onde estava o brio de bons e leaes portuguezes?

A R.·. L.·. Cap.·. *Federação*, mais do que nenhuma outra ama e estima os seus II.·. Ha muito viamos com pezar a Maç.·. hespanhola privada de um centro que lhe désse impulso e direcção. Depois, quando resurgiu o Gr.·. O.·. de Hespanha, esta L.·. exultou de jubilo, porque cada progresso da Maçon.·. é um progresso da civilisação e da liberdade. Viamos com desgosto que o Gr.·. Or.·. Lus.·. persistia em conservar em Hespanha uma jurisdicção de nenhum proveito para elle, e opprobriosa para os MMaç.·. hespanhoes.

Almejavamos por isso pela conclusão de um tratado, em que o Gr.·. Or.·. L.·., dando uma prova do maior desinteresse, se honraria a si e á Ord.·. Ate já tinhamos deliberado felicitar alguns MMaç.·. hespanhoes, com quem nos achamos em fraternaes relações, e que nos haviam dado a noticia do fausto successo que estava para realisar-se.

Porem á vista do artigo 3.º do tratado, e seu paragrapho, ficamos aterrados; era-nos impossivel felicitar nossos II.·., porque a gloria d'elles era a nossa vergonha. A patria estava trahida, e era forçoso velar por ella, já que vós a tinheis totalmente esquecido.

Esta R.·. L.·., que se gloria de desejar e manter a união na familia maç.·. portugueza; que ainda ha pouco se dirigiu ás officinas do Porto, chamando á união; vê-se agora forçada a achar-lhes razão, quando ellas lhe disseram:—«Nós viamos mais longe. O Gr.·. Or.·. encarregou-se de justificar-nos; achaes-vos em criticas circumstancias.»

Iria ella em nome da patria levantar a bandeira da independencia? E não o fazendo, havia de fraternisar com os portuguezes dege-

encia do povo. Tres tentativas empregadas para a reanimar goraram pela creação em 1812 da monarchia democratica, em 1836 pela parlamentar, em 1869 pela electiva. E' impossivel desconhecer que uma instituição tão fortemente enraizada nos costumes, podessé cair pela conjuração dos partidos e pelo discurso dos tribunos, mas sómente pela desorganisação intestina.

Louva as qualidades de D. Amadeu, dizendo que seria erro acreditar em mysteriosa conspiração contra elle. Faltava-lhe o poder que nasce da opinião publica e se funda no amor do povo. Que cumpria fazer, quando renunciou a corôa? Chamar a dynastia desthronada? Era impossivel. Erigir a dictadura militar? Seria absurdo. Atravessar nova interinidade? Fôra perigoso. Na ausencia de um poder supremo, as côrtes assumiram todos os poderes, proclamaram a republica, deixando ás côrtes constituintes, que opportunamente serão eleitas livremente, a organisação dos poderes.

Esta republica não foi revolução, mas evolução necessaria. A republica é definitiva. Ninguem contesta a sua legalidade. As auctoridades civis e militares aceitaram-n'a espontaneamente. As classes conservadoras reconheceram a necessidade da transformação. O clero confessa que espera ver mais assegurada a sua independencia religiosa pelo direito de associação.

O exercito proclamou a republica com fervoroso enthusiasmo. Combate a ideia de que o povo hespanhol seja ingovernavel. Pelo contrario, o seu desejo constante, tenaz, é governar-se a si mesmo.

O governo resolveu dar completa liberdade eleitoral.

O governo não é composto de conspiradores, senão de legisladores costumados a elaborarem leis e a obedecerem-lhes. A Hespanha nunca conspirará contra a autonomia e independencia dos outros povos.

A republica não ha de servir de pomo de discordia para ás outras nações. Para a sua actividade, possue no mundo bastante territorio. Quer conserval-o integralmente a todo o custo.

Os Estados Unidos e Suissa reconheceram já a republica. O governo espera que, depois destas explicações, outros governos sairão da sua reserva e a reconhecerão egualmente.

O ministro de estado teve hontem importante e amigavel conferencia com o representante da Inglaterra.

NOTICIARIO

Passeios na provincia. — O nosso bom amigo e patricio o sr. Eduardo Coelho, redactor do *Diario de Noticias*, obsequiou-nos com um exemplar da sua recente publicação: — *Passeios na provincia — De Lisboa a Vizeu — Até á Covilhã — A' Marinha Grande.*

Este volume é o primeiro de uma série, em que o sr. Eduardo Coelho se propõe escrever as impressões de algumas excursões que tem feito a differentes pontos do reino.

O estilo desta publicação é ameno e agradavel, e torna a sua leitura muito attrahente.

Em uma das digressões, aproveita o sr. Eduardo Coelho o ensejo que se lhe offerece para narrar alguns episodios da revolução popular contra a emboscada de 6 de Outubro de 1846. Não podemos resistir ao desejo de transcraver tres paginas desses episodios; e como ahi se falla do nosso amigo e companheiro de trabalhos, o sr. João Gaspar Coelho, pae do sr. Eduardo Coelho, folgamos de aqui poder testemunhar os muitos serviços que em differentes epochas fez este honrado cidadão á causa da liberdade.

«Travou-se, pois, com mais vigor a lucta fratricida. Formaram-se rapidamente guerrilhas em toda a parte. O Minho estava revoltado; Traz-os-Montes e as duas Beiras não tardaram a erguer o grito da junta. Coimbra não foi das ultimas a secundal-o. Aqui formaram-se e industriaram-se batalhões de atiradores, em que entravam artistas, negociantes, academicos, todas as classes. Enthusiasmo delirante dominava os espiritos. Meu pae, o sr. João Gaspar Coelho, era um activo, sincero e desinteressado partidario da revolução, patuleia exaltado. A nossa casa chegou a estar transformada em arsenal, e em padaria militar. Elle dava armas, munições, dinheiro, pão e etape aos guerrilhas; dava quanto lhe pediam, e daria até a vida, se minha mãe, com a energia que a avigorava nas collisões supremas, não conseguisse arrancal-o á lucta armada das ruas, em nome das supplicas de 12 filhos que lhe apresentava. Era um coração bom, um espirito singello, dominado pelo amor fanatico da liberdade, e uma vez compenetrado da nobreza de uma causa dedicava-se-lhe de corpo e alma.

Nós os pequenos, participavamos d'aquelle santo enthusiasmo. Meu irmão Adriano, tendo apenas 14 annos, e andando nas aulas do pateo, corria a sentar praça no batalhão academico, onde era rejeitado por não chegar á craveira:

—Mas o sr. Casal Ribeiro não é mais alto que eu, objectou elle.

—Esse tem outra estatura politica!

—Ah! sim! elle é isso, pois esperem.

E foi fardar um batalhão de rapazes, de 8 a 12 annos, que ao menos servia para fazer algazarra, e barulho, o que já é de alguma utilidade em tempo de revolução popular. Então publicava elle em casa um periodico manuscripto revolucionario.

Eu lembro-me ainda de uma vez com Antonio Augusto Pereira de Miranda, o joven e talentoso deputado por Lisboa, que tanto tem illustrado o mandato com que o distingue o corpo do commercio da capital, e que n'aquelle tempo era para nós o *Antoninho*, fazermos em casa d'elle na Calçada um simulacro de batalha, queimando a tiros de peça diversos soldados de papel.

Era o exercito inimigo!

Com meus irmãos armavamos telegraphos, faziamos cartuchos, e acarretavamos até caliça e areia para as barricadas, e plata-fórmas como aconteceu depois da batalha de Torres Vedras, quando se teve a pueril pretensão de fortificar Coimbra, para o conde das Antas alli resistir ao Saldanha, que entrava na cidade, sem disparar um tiro, na manhã de 5 de Janeiro de 1847.

Foi então que nós todos andámos a monte e que a nossa casa se fechou.

Passado tempo, na madrugada de 20 de Fevereiro (1), era meu pae preso, estando ainda deitado, e sem culpa formada. Ao mesmo tempo eram presos outros cidadãos, taes como os srs. Martins de Carvalho, redactor do *Conimbricense* (2), e os srs. Drs. Costa Fernandes, Agostinho de Moraes, e Duarte Nazareth, lentes da Universidade, e José Alexandre de Campos, o celebre constituinte de 38 (3), e outros. Da cadeia da Portagem (hoje extincta) eram remettidos dentro em 3 horas para a Figueira, e d'ahi mandados para Lisboa n'um vapor velho, o *Terceira*, dando entrada no Limoeiro na manhã de 22 de Fevereiro (4).

(1) Engana-se o sr. Eduardo Coelho. A prisão de seu pae o sr. João Gaspar Coelho, não foi no dia 20 de Fevereiro, mas sim no dia 19.

(2) Martins de Carvalho não foi preso no mencionado dia 19. Já estava preso na cadeia do Aljube desde 4 de Fevereiro.

(3) O sr. conselheiro José Alexandre de Campos, lente cathedratico da Faculdade de Direito, ex-ministro de estado, e redactor do celebre periodico desta cidade, o *Grito Nacional*, não foi preso em Coimbra.

Foi preso em Pinhel, sua naturalidade, para onde se havia retirado depois do desastre de Torres Vedras, por ordem directa do duque de Saldanha, expedida do seu quartel general de Oliveira de Azemeis.

Chegando preso a Coimbra, d'aqui foi para Lisboa, sendo mettido a bordo da fragata *Diana*, surta no Tejo.

Nessa fragata soffreu o sr. conselheiro José Alexandre de Campos, durante 5 mezes, tudo quanto o odio politico pode suggerir de mais indigno.

Os satelites do governo cabralista, que serviam de carcereiros na fragata *Diana*, tinham de certo aprendido com Joaquim Telles Jordão, o famoso governador da torre de S. Julião da Barra durante o governo de D. Miguel.

(4) Não entrámos na cadeia do Limoeiro na manhã de 22 de Fevereiro, mas sim ás 10 horas da noute desse dia.

Haviamos saido de Coimbra na tarde do dia 19, sendo acompanhados por um forte destacamento, na viagem pelo Mondego.

Chegamos á Figueira ás 11 horas da noute desse dia, e passámos a noute na cadeia. Na manhã do dia 20 fomos para o forte de Buarcos, e ahi passamos todo esse dia e noute.

Na manhã do dia 21 fomos conduzidos em barcos para bordo do vapor de guerra *Terceira*. Durou a viagem neste ronceiro vapor todo esse dia e noute, e o dia 22, entrando no Tejo já depois de anoutecer.

Desembarcamos no Arsenal depois das 9 horas, e entrámos no Limoeiro, como já dissemos, ás 10 horas.

(5) Martins de Carvalho ainda teve muito peor tratamento do que o sr. João Gaspar Coelho. Este foi posto incommunicavel; mas ainda assim, concederam-lhe quarto em separado. Martins de Carvalho, porem, foi na mesma noute da entrada no Limoeiro, mettido em uma enxovia com os maiores facinorosos; e não contentes com isso, na manhã do dia seguinte foi mudado para a *casa forte*, que então era a casa destinada para os *condemnados á morte!*

O que nessa medonha prisão soffreu Martins de Carvalho, podia formar um capitulo como alguns do excellente livro, as *Minhas prisões*, de Silvio Pellico, nos *chumbos* de Veneza.

E cousa singular! O unico livro que nessa occasião tinha comsigo Martins de Carvalho, era exactamente as *Minhas prisões*, de Silvio Pellico, traduzidas do italiano, pelo nosso nunca assás chorado patricio, o sr. Francisco Antonio de Mello.

Dos livros da cadeia não consta o crime de que eram accusados. Porem o *Espectro*, folha que o sr. Antonio Rodrigues Sampaio então publicava com muito perigo, clandestinamente em Lisboa, e que era o echo eloquente e doloroso dos clamores da tremenda revolução que agitava o paiz, diz no seu numero 27 qual e quão estupendo fosse esse crime: «Era... serem progressistas!»

Tambem consta dos livros da cadeia que meu pae logo que alli entrou foi «posto incommunicavel.» Era dos presos mais perigosos! (5)

Contem ainda os assentos do Limoeiro esta observação:

«—Fugiu com os demais a 29 de Abril.»

Elles é que haviam promovido a abertura das portas da cadeia.

Desconfio que d'algum accidente d'esta fuga lhe resultou mais tarde a morte.

Victima nobre das convicções sinceras, e das aspirações generosas, que depozera no altar da liberdade a sagrada offerenda de todo o producto do seu trabalho, e o seu sangue!»

O celibato ecclesiastico. — Acaba de sahir á luz, nitidamente impresso na typographia portugueza, em Lisboa, e editado

---

nerados que se filiassem sob as bandeiras MMaç.·. de Hespanha, emquanto o não faziam sob sua bandeira prof.·.?

Terrivel dilemma — ou a irregularidade ou a deshonra!

A R.·. L.·. depois de maduramente pensar, depois de ouvir todas opiniões, resolveu continuar a trabalhar sob vossos auspicios; mas ao mesmo tempo protestar contra a disposição do artigo 3.º e seu paragrapho do tratado de 12 de Janeiro ultimo.

A L.·. Cap.·. *Federação* receberá sempre de braços abertos os MMaç.·. hespanhoes; prestar-lhes-ha auxilio na desgraça, conforto na dôr; franquear-lhes-ha as col.·. de seu templo.

Quanto porêm aos portuguezes que se inscreverem no quadro de LL.·., fundadas em territorio portuguez, sob os auspicios do Gr.·. Or.·. de Hespanha; esses não os reconhece, nem como MMaç.·., nem como portuguezes, e declara-os infames e traidores á patria.

A L.·. *Federação* tem como inimigas as LL.·. de portuguezes, que em territorio portuguez se fundarem sob os auspicios do Gr.·. Or.·. de Hespanha, e oppor-se-ha por todos os modos a que ellas se levantem no vall.·. de Coimbra e em qualquer outro onde existam LL.·. fundadas pelos esforços da *Federação*.

Lamentamos, Irr.·., que nos levasseis a este passo; e espêramos que tereis em consideração os nossos sentimentos, na certeza de que todos os sacrificios podemos fazer — só o da patria não.

O S.·. A.·. do U.·. vos illumine e ajude.

Tr.·. em L.·. aos 6 de Fevereiro de 1872.

Assignados: — *Gomes Freire de Andrade — Bornave — Cincinato — Otto — Mirabeau — Abaillard — José Estevão — Victor Hugo — Mousinho da Silveira — Strauss — Catilina — Lycurgo — D. Nuno Alvares Pereira — Newton — Zopiro — Pelagio — Rossell — Rochefort — Themistocles 2.º — Alexandre Herculano — D. Egas Fafes — Lincoln — Milton.*

—

Á GL.·. DO SUP.·. ARCH.·. DO U.·.

S.·. F.·. U.·.

AO P.·. IR.·. GUALDIM PAES, VEN.·. DA R.·. L.·. ALLIANÇA AO VAL.·. DE LISBOA, E VEN.·. HON.·. DA R.·. L.·. FEDERAÇÃO

DO VEN.·. DA L.·. FIDELIDADE

C.·. P.·. Ir.·. Estranhareis talvez que um individuo, que vos não conheceis, vos dirija uma pr.·. Não o deveis, porem, extranhar, se attenderdes a que os MMaç.·. deste val.·. conhecem assás os valiosos serviços, que prestastes á L.·. *Federação*, e o zelo que tendes a tudo que diz respeito á nossa Aug.·. Ord.·.

Foi enviado por intermedio da R.·. L.·. *Federação*, para o Gr.·. Or.·. L.·. Un.·., um quadro, que se formou n'este val.·., a *Fidelidade*, de que sou Ven.·. As melhores informações acompanhavam este quadro; e segundo me diz n'uma pr.·. de 4 do corrente o nosso Sap.·. Gr.·. Mest.·., já ha bastante tempo que este quadro foi entregue á Com.·. Central.

Não sei, P.·. Ir.·., quaes são os membros que constituem a Com.·. Central; mas o que me parece é que elles são um pouco desleixados, deixae-me assim dizer.

A L.·. *Fidelidade* é toda composta de estudantes da Universidade, que não precisam para cousa alguma do Gr.·. Or.·. Se enviámos o quadro, pedindo a nossa orientação, é porque entendemos que assim trabalhando unidos; podiamos mais facilmente conseguir os fins da nossa Aug.·. Ord.·. — Somos todos jovens, no vigor da edade; desejamos trabalhar, mas trabalhar com energia; pois bem, quem é que havia de embaraçar os nossos passos? A Commissão Central, pois, com a sua indolencia, faz com que desanimemos na senda que encetámos.

Os que deviam trabalhar mais, são os que não fazem nada; engano-me, fazem alguma cousa; fazem *tractados miseraveis com a Hespanha*, e mandam dizer missas por alma de... Paulino Themudo!! Eis o que faz o Gr.·. Or.·. O que era interesse da Ord.·. deixa-se; o que nada importa, o que até lhe fica mal fazer, então sim, apresenta-se com uma energia incrivel, energia que desenvolve só n'estes casos. O S.·. A.·. do U.·. os illumine, que elles bem precisam.

Talvez vós, meu P.·. Ir.·., caracteriseis esta pr.·. de rude, talvez; costumo sempre dizer a verdade, sem me importar que ella vá ferir os poderosos, e os de cathegoria mais alta.

Peço-vos, P.·. Ir.·., que disponhaes da vossa influencia, para que dentro em pouco a Com.·. Central dê o seu *veredictum* com relação ao quadro da *Fidelidade*. Dizei-lhe que o Maç.·. está condemnado ao trab.·. Quem não trabalha, não pode ser Maç.·.

Faço votos para que o S.·. A.·. vos illumine e ajude.

Trac.·. em Coimbra aos 10 de Fevereiro de 1872 (E.·. V.·.)

D. Egas Fafes, C.·. R.·. ✠.·.

pela livraria Catholica, um volume com o titulo de — *O celibato ecclesiastico — Reflexões á carta do padre Jacintho, por A. A. Teixeira de Vasconcellos, director do Jornal da Noite.*

Apesar de já termos lido este estudo acerca do celibato ecclesiastico no *Jornal da Noite*, repetimos agora a sua leitura, e tivemos mais uma occasião de reconhecer os muitos conhecimentos que possue o sr. Teixeira de Vasconcellos.

Na primeira parte desta publicação trata o illustre escriptor de defender o celibato.

Na segunda analysa e refuta periodo, por periodo a carta do padre Jacintho, em que este pretendeu justificar o seu casamento, sendo padre, e querendo continuar a ser catholico.

Na terceira parte vem uma erudita discussão relativamente a este assumpto, que teve logar entre o *Jornal da Noite*, o *Partido Constituinte* e o *Jornal do Commercio*.

E finalmente termina o volume, com differentes notas muito curiosas, illustrativas de alguns pontos tratados no volume.

No anno de 1822 imprimiu-se em Coimbra, na imprensa da Universidade, a *Memoria sobre o celibato clerical, que deve servir de fundamento a uma das theses dos actos grandes de seu auctor José Manoel da Veiga.*

Ahi tratou o sr. José Manoel da Veiga de mostrar que a lei do celibato é — *contraria ao direito natural — contraria ao evangelho e nova — injusta — illegitima — prejudicial ao estado — e prejudicial á egreja.* — E finalmente — *que pede o bem da egreja que o celibato seja cassado pela mesma egreja, ou pelo pontifice — e que deve o poder civil cassar a lei do celibato, se o pontifice o não fizer.*

Não é facil combater toda a doutrina d'esta notavel *Memoria*, sem ter muito profundado esta espinhosa questão.

E' esse mais um motivo do elogio que merece o sr. Teixeira de Vasconcellos, pelas difficuldades que soube vencer na publicação da sua erudita memoria ácerca do *celibato ecclesiastico*.

Com muito bom senso diz o sr. Teixeira de Vasconcellos:

«Mas apesar d'estas considerações a egreja pode abolir o celibato ecclesiastico, e cremos que o fará quando as razões forem taes que vençam todas as allegações contrarias.

Se a natureza humana se enfraquecer a ponto que o espirito quasi não possa dominar o corpo; se a maioria dos sacerdotes viver nas pertinazes mancebias que D. Fr. Bartholomeu dos Martyres tanto lastimava; se elles proprios confessarem aos seus bispos que o celibato os mortifica alem do que é possivel supportar; se os prelados, observando grande numero de casos, supplicarem o chefe da egreja nos termos em que o fizera no concilio de Trento o veneravel arcebispo de Braga; se a severidade da egreja e dos successores dos apostolos em manter o celibato fizer com que não haja candidatos ao sacerdocio, e venhâm a faltar clerigos para o serviço espiritual; e se finalmente do celibato resultar perturbação para a egreja e para a sociedade, será indispensavel abolil-o, e conceder ao clero o que por ora só reclama um ou outro padre com allegações frivolas ou apaixonadas. Então a egreja não faltará a acudir piedosamente ás necessidades dos seus filhos, á emenda dos costumes e á moralisação da sociedade.

Mas em quanto a egreja não alterar a sua antiga disciplina e mantiver a lei do celibato ecclesiastico, quem procurou espontaneamente a vida sacerdotal, e em plena liberdade acceitou os deveres d'ella e prometteu cumpril-os, não pode esquivar-se a estas obrigações na hora em que mais lhe apraza, e muito menos com a pretensão de continuar a exercer as funcções de ministro da egreja cujas leis despreza e viola. O principio que servisse de base á legalisação de taes actos, seria fonte perpetua de anarchia e de desordem.»

Isto em quanto á questão do celibato ecclesiastico tratada em these. Agora na hypothese do padre Jacintho se ter casado e se julgar ainda catholico, houve-se o sr. Teixeira de Vasconcellos admiravelmente, refutando completa e triumphantemente a carta do celebre padre, publicada no jornal o *Soir* de Paris.

«Não tratamos da reforma da disciplina (diz o sr. Teixeira de Vasconcellos), mas de examinar se o sacerdote que se casa, tem razão contra a lei que lh'o prohibe, e se permanece catholico como antes do matrimonio o padre casado.»

Se a doutrina do sr. Teixeira de Vasconcellos ácerca do celibato ecclesiastico, apresentada em these, pode ter mais ou menos lados vulneraveis; o que é de todo irrespondivel é a sua analyse da carta do padre Jacintho.

Recommendar, por isso, esta nova publicação do illustre escriptor, tornar-se-hia uma ociosidade manifesta. Basta dizer para sua recommendação, que o seu auctor é o sr. Teixeira de Vasconcellos.

A sepultura ecclesiastica. — O sr. conego Antonio Xavier de Sousa Monteiro, bem conhecido pelos seus importantes estudos sobre materias ecclesiasticas, acaba de fazer imprimir na imprensa da Universidade, um opusculo ácerca da *Sepultura ecclesiastica.*

Nesta publicação trata o sr. Sousa Monteiro de combater a doutrina exposta, relativa a este assumpto, por um dos ajudantes do procurador geral da corôa, em um artigo dado á luz no *Direito, revista de jurisprudencia e legislação.*

O sr. Sousa Monteiro, mostra com muita erudição — 1.º que não abusa das funcções religiosas, nem commette crime a auctoridade ecclesiastica, oppondo-se ou obstando á inhumação, no terreno sagrado ou bento do cemiterio, dos cadaveres a que segundo os canones negou a sepultura ecclesiastica; 2.º que a auctoridade civil administrativa não tem direito de fazer sepultar no terreno bento do cemiterio os cadaveres a que foi negada a sepultura ecclesiastica.

Como objecto muito curioso, pedimos licença ao sr. Sousa Monteiro para extractar os seguintes periodos do seu opusculo:

«Nega a Egreja Catholica a *sepultura ecclesiastica*: 1.º a todos aquelles, a quem se não devem dar os sacramentos senão á hora da morte; 2.º aquelles, a quem se devem recusar os sacramentos; taes são os que querem morrer em peccado publico, ou que morrem em um peccado conhecido, sem haverem mostrado desejo de querer sahir d'elle. Em quanto á primeira classe ha só tres casos, a saber:

1.º Os que, tendo ido aos torneios para se baterem com armas, e fazerem deste modo ostentação de suas forças, morrem da ferida que receberam no combate, depois de lhes haverem sido administrados os sacramentos. (C. I, *de Torneam.*)

2.º Os duellistas, que morrem no duello, ainda depois de haverem dado signaes de arrependimento, e de haverem recebido algum sacramento. (Concilio Trid. Sess. XXV, cap. XIX, *de Reform.*)

3.º Os que, excommungados por seus enormes crimes, são absolvidos á hora da morte sob a promessa de satisfações a que estão obrigados, e que os parentes não querem cumprir depois da morte. (Cap. VII, tit. *De Rapt. et incend.*)

Pelo que respeita á 2.ª classe, expressamente se prohibe a *sepultura ecclesiastica* por causa da morte no peccado:

1.º Aos que seguem os hereges, ou aos que de qualquer modo os favorecem. (C. VIII, c. XIII, *de Haeret.*; c. II, *de Haeret. in 6.º*)

2.º Aos que estão culpados de latrocinio e rapina, e não querem restituir antes de morrer, ainda que o possam fazer. (C. II, *de Rapt.*)

3.º Ao incendiario, que morre sem querer reparar o damno causado. (C. XXIII, caus. XXIII, qu. V.)

4.º Aos que, tendo a edade da razão, se suicidam por desespero, ou por qualquer outra paixão. (C. XI, *de Sepult.*, c. XII, XXII, qu. V.)

5.º Aos excommungados, que morrem sem pedir absolvição da excommunhão de que se conhecem ligados, e que alem d'isto é publica. (C. XII, *de Sepult.*)

6.º Aos religiosos, a quem no tempo da morte se encontrar peculio. (C. II, IV, *de Stat. monach.*)

7.º Aos usurarios manifestos, que não querem renunciar á sua manifesta usura, nem restituir os lucros usurarios, que injustamente perceberam. (C. III, V, *de Usuris.*)

8.º Aos que, não tendo satisfeito ao dever paschal, morrem sem dar signaes de arrependimento. (C. XII, *de Poenit. et remiss.*)

9.º Aquelles a quem está interdicta a entrada na Egreja, se morrerem durante o interdicto sem darem signal algum de penitencia. (Canon X, *de Excom. in 6.º*)

10.º Outras pessoas ha, alem das supramencionadas, a quem a Egreja Catholica nega a sepultura ecclesiastica, porque morrem no peccado, taes são: 1.º as creanças mortas sem baptismo, se estiverem fóra do ventre materno, por causa do peccado original; 2.º os infieis; 3.º os schismaticos e os apostatas. Estes são excluidos pela excommunhão que os affecta; e quanto aos infieis, não estando na Egreja, até se tem julgado desnecessario notar que não devem ser enterrados n'ella. (C. XII, *de Sepulturis*; c. XII, *de Cons. eccles.*)

Todas estas disposições do direito canonico se acham comprehendidas entre as regras do culto publico da religião catholica apostolica romana, dadas pelo Ritual Romano no titulo: *De exequiis*, cap. *Quibis non licet dare ecclesiasticam sepulturam*; e, alem d'isto, são leis do culto catholico admittido em Portugal, e se acham consignadas nas Constituições das dioceses, uma das fontes proprias do Direito Ecclesiastico Portuguez, e estão consagradas pelos nossos usos e costumes.

Portanto é manifesto que a recusa da sepultura em logar sagrado ou bento, com ceremonias sagradas e ritos, faz parte constitutiva das leis disciplinares e do culto publico da religião catholica apostolica romana, admittido em Portugal.»

Missa. — Na proxima quarta feira, 5 do corrente mez, pelas 8 horas da manhã, a mesa da confraria do Santissimo de S. Bartholomeu, manda rezar uma missa por alma do seu fallecido collega, mesario da mesma confraria, Mathias da Costa Pereira. Para assistirem a este acto na referida egreja parochial, são convidados os irmãos da dita confraria e todos os mais amigos do finado.

Concurso. — Está a concurso pelo espaço de 30 dias, a contar de 27 de Fevereiro, o officio de contador do juizo ecclesiastico de Coimbra.

O mez de Março — O nome d'este mez deriva do Deus Marte, de quem os romanos se consideraram descendentes. O signo que lhe corresponde chama-se *aries*, carneiro, animal innocente, benefico e proveitoso. Os antigos representavam este mez sob a figura de um homem coberto com uma pelle de lobo, alludindo á femea deste animal, que amamentou Romulo e Remo. Era o primeiro do anno de Romulo. Tambem é symbolisado com a figura de um guerreiro de aspecto feroz e cabellos eriçados.

Em Março crescem os dias 1 hora e 10 minutos, 34 minutos de manhã e 36 de tarde. O seu maior dia é o ultimo, que tem 11 horas e meia. Os gregos celebravam neste mez festas magnificas, consagradas a Baccho, a Minerva, a Diana, a Jupiter, etc. Os romanos tambem celebravam festas pomposas, sendo as mais celebres as das matronas, de Vesta, da egide tutellar de Roma, da concordia, da saude, da paz, e a da lua no ultimo do mez, sobre o monte Aventino.

Muitos povos tem instituido ceremonias festivas, para commemorar esta epocha do anno, em que a terra se veste de galas, os campos se tornam risonhos, e a vida renasce aprasivel e mimosa, cheia de força e de esperança. Os Persas solemnisam a primavera durante 8 dias consecutivos; e na China vae o imperador ao campo, acompanhado pela côrte, e lavra a terra, abrindo com o arado alguns sulcos, em que lança sementes trazidas em cofres preciosos pelos principaes magistrados do imperio.

Boa lição. — D. João IV era de agradavel presença, e seu caracter grave e serio era suavisado com uma expressão de doçura e benevolencia, que o fazia sympathico a quantos o viam. Sabendo este monarcha, que havia em Lisboa um empregado tão dado aos prazeres da mesa e tão amigo da cama, que todo o tempo lhe parecia pouco para comer e dormir, mandou-o chamar ao paço pela manhã cedo.

O empregado foi pontual, mas teve de esperar desde o amanhecer até ás Ave-Marias, cheio de fome e de impaciencia, até que o soberano lhe appareceu de semblante carregado. O rei disse-lhe com severidade — Estaes enfastiado de esperar um dia para me fallar? Pois que farão as pobres partes a quem fazeis todos os dias esperar e desesperar? Ide, cuidae no vosso officio, se não quereis que vol-o tire. — Com esta lição é de crer, que o empregado se emendasse.

Se D. João IV fosse hoje vivo, que trabalho teria, se quizesse expurgar d'este peccado muitas repartições do estado!

A pimenta — Corria o anno de 1486, no reinado de D. João II, quando por João Affonso de Aveiro foi descoberto o reino e terra de Beni. Os companheiros deste descobridor, voltando ao reino no mesmo anno, foram os primeiros que de Guiné trouxeram a pimenta a Portugal. Foi logo mandada a Flandres, onde no commercio alcançou grande preço.

Caso extraordinario — Lê-se na *Religião e Patria* de Guimarães, o seguinte:

«Não se hade julgar crivel, mas affiançamos que é verdadeiro, o seguinte caso, verdadeiramente extraordinario:

Maria da Silva, casada, do logar da Ribeira, freguezia de Santa Christina d'Arões, concelho de Fafe, completo o periodo de gestação, sentiu os symptomas precursores do parto, que não se verificou naturalmente, como muitas vezes succede, tendo morrido o feto ainda no ventre.

A falta de meios, por um lado, por outro talvez a esperança, pouco racional de que a natureza o expellisse, fez com que a doente fosse adiando de dia para dia o recurso á medicina, e só depois de passados tres mezes, é que ella, que andava a pé, se resolveu vir a esta cidade consultar os homens da sciencia.

Foi ter-se com o nosso amigo e distincto medico-cirurgico, o sr. Avelino Germano da Costa Freire, o qual, julgando o caso de gravidade, convidou para uma conferencia os seus collegas Queiroz, Faria, e Miranda. Depois da conferencia que não podemos saber que resultado teve, voltou a doente para casa, e assim foi vivendo, com mais ou menos incommodo, durante cinco annos. No anno proximo preterito, não sabemos se aconselhada, se por propria resolução, foi a banhos do mar, e, quando regressou, principiou a avolumar-se-lhe mais o ventre e a formar-se-lhe um abcesso no umbigo. O abcesso veiu ultimamente á suporação, e entre as mais cruciantes dores, começaram a sahir por alli ossos da creança.

Souberam isto os facultativos desta cidade, e movidos pelo amor da sciencia e por o caridoso impulso de concorrerem para o tratamento da doente, já agora alem de pobre, viuva, foram lá no dia 15 do corrente, para a examinarem detidamente, tomar conhecimento das varias circumstancias de tão extraordinario caso, e fazerem, a favor d'ella, as applicações que o seu estado requeresse.

Foram os mesmos que já tinham assistido ha 5 annos e meio, á primeira conferencia, e acompanhou-os mais o sr. Almeida, digno cirurgião ajudante de infanteria 3.

Quando lá chegaram já a doente havia lançado naturalmente pelo abcesso 26 ossos, mas havia-se-lhe atravessado na ferida um pedaço de craneo que, alem de obstar a que saissem mais, aggravava dolorosissimamente os padecimentos da doente.

O sr. Queiroz, com a sua provadissima competencia, conseguiu tirar-lhe da ferida este pedaço do craneo e mais onze fragmentos d'ossos, ficando a doente mais alliviada, e abençoando a dedicação de todos, mas principalmente a d'elle, que fôra n'aquella occasião pelo carinho e pela destreza com que a operou, o seu anjo salvador.

Depois que os facultativos regressaram a esta cidade, sahiram naturalmente mais seis ossos, e informam-nos que a doente se sentiu mais alliviada.

Eis o caso, verdadeiramente extraordinario, que estes dias tem sido objecto por aqui de todas as conversações.

Não podemos deixar de render a homenagem do mais justo louvor aos dignos facultativos, que espontanea e tão caridosamente se interessaram pela enferma, indo vel-a a uma legua de distancia, e tratando-a com tão desvellado cuidado. Foi um acto nobilissimo que terá o seu galardão nos applausos da propria consciencia, e nas benções que para elles ficou pedindo a pobresinha.

Para esta, que lucta com tão dolorosa como extraordinaria enfermidade, pedimos nós tambem o obulo da caridade, podendo as esmolas ser entregues ao illm.º sr. Julio Pinheiro da Silva Rocha.»

Noticias de Loanda.— Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

Recebemos o «Mercantil» de 18 e 26 de Dezembro.

Refere detidamente como foram espancados no bairro de Sangandombe na noite de 23 para 24 de Dezembro, os srs. governador geral Ponte e Horta e o alferes Vandunem.

A policia tem procedido á prisão de varios individuos por suspeitos, sendo soltos depois.

Já está respondendo a conselho de investigação o chefe dos Dembos, José Ignacio d'Oliveira, continuando incommunicavel.

O ultimo numero de 26, traz escripto á penna:—Este foi o ultimo numero que sahiu; a imprensa foi fechada e sellada pelo administrador do concelho.

Na secção de variedades, traz muitas allusões ao espancamento do governador, em que se procura ridicularisar a auctoridade superior da provincia.

Accrescentam a estas noticias as folhas da manhã, que a força enviada ao encontro dos Dembos retirou sem ser perseguida, limitando-se o inimigo a cercal-a para a não deixar abastecer de alimentos. As colheitas não foram boas e o commercio estava desanimado e frouxo.

O governador mandou suspender sem processo o *Mercantil*, trancar e sellar a typographia. Os proprietarios despedaçaram os sellos e publicaram um numero com duas representações ás camaras dos pares e deputados.

Audiencias geraes. — Começaram as audiencias geraes nesta cidade.

Hontem, 28 de Fevereiro foram julgados:

Antonio Simões Zagaio, de Ceira, por crime de furto superior a 20$000 rs. Condemnado em 2 annos de prisão correccional.

Manoel Serrano, do Casal da Bemposta, por crime de homicidio. Condemnado em 6 annos da prisão maior cellular, seguida de 12 annos de degredo em Africa, em possessão de primeira classe; e na alternativa na de 10 annos de prisão maior simples.

Hoje, 1 de Março, foram julgados os seguintes:

José Duarte e José Domingues, de Villa Pouca, por crime de furto. Absolvidos.

Maria do Carmo e Emilia de Jesus, residentes nesta cidade; a primeira por crime de furto e a segunda como receptadora. Condemnada a primeira em dois annos de prisão correcional, levando-se-lhe em conta a prisão que já tem tido. A segunda foi absolvida.

CHARADA

145.ª

No grego esta letra anda vendo pouco—1 e 1 1.

LOGOGRIPHO

(Por letras.)

Cresce, vive e sente...4,3,5,4,7.
Cresce, vive e sente...8,5,8,7.
Cresce, vive e sente...1,5,8,6,7.
Cresce, vive e sente...6,7,4,2.
Cresce, vive e sente...4,2,5,3,2.
Cresce, vive e sente...1,7,4,2.
Cresce, vive e sente...6,7,8,8,2.
Cresce, vive e sente...3,7,4,2.
E' appellido
mui conhecido.
Na chorographia portugueza
tambem me encontras, com certeza.

(Da sociedade Naturalista).

A explicação das charadas do numero antecedente é a seguinte:—141—Eufemia—142—Portavoz—143—Armario—144—Portalo.

O logogripho é—Armamar.

Tudo foi promptamente decifrado pela sociedade *Naturalista*.

ANNUNCIOS

1 NO DIA 4 do corrente, por 10 horas da manhã, ás portas do tribunal de justiça, desta cidade, se hade vender e arrematar uma terra com oliveiras, no Chão Redondo, limite de S. Silvestre, para com o seu producto se pagarem as dividas passivas descriptas no inventario á morte de Joaquim Varella Mendes Beirão, de que é escrivão interino —Nobre—officio de Herculano.

ATTENÇÃO

2 CONTINUA aberta a pharmacia do fallecido José Pereira da Cunha, no largo da Feira, sob a direcção do pharmaceutico Joaquim Antonio J. Pereira.

Associação dos Artistas de Coimbra

3 É CONVOCADA a assemblea geral para o dia 2 do proximo mez de Março, ás 10 horas da manhã, para a approvação de contas e eleições para os differentes cargos.

Coimbra 28 de Fevereiro de 1873.

O presidente,

José de Figueiredo Pinto.

DECLARAÇÃO

4 O ABAIXO ASSIGNADO, desejando demonstrar o nenhum fundamento com que alguem, de má fé tem propalado ser elle devedor de importancias de alguns materiaes, fornecidos para a obra que está construindo na rua da Mathematica, desta cidade, e outras; convida a todos os individuos que se considerem seus credores, qualquer que seja o genero da divida, a apresentarem-se na mesma obra, no prazo de 8 dias, a fim de receberem o seu credito, quando seja justificado.

Coimbra, 23 de Fevereiro de 1873.

Joaquim Gonçalves Pereira, mestre de obras.

5 NO DIA 18 do corrente mez de Março, pelas 10 horas da manhã, ás portas do tribunal no extincto edificio de Santa Cruz, perante o exm.º sr. juiz de direito desta comarca, se hãode arrematar em hasta publica os bens penhorados ao sr. João Fernandes Thomaz e sua exm.ª esposa, por execução que lhes move a exm.ª sr. D. Clara Candida Leite Ribeiro; pelo cartorio do escrivão o sr. Sarmento.

6 A CAMARA MUNICIPAL de Pombal, avisa o publico, que ninguem contracte com Bernardo Correa da Costa e seu filho João Correa da Costa, da mesma villa, porque estes se acham alcançados para com o cofre da mesma camara na quantia de 4:198$640 reis, o segundo como thesoureiro, e o primeiro como fiador; e a camara os vae executar, protestando-se contra qualquer contracto que os mencionados seus responsaveis celebrarem como feito em fraude daquella divida.

O vice-presidente,

João Carvalho Motta.

TEIXEIRA DE VASCONCELLOS

O CELIBATO ECCLESIASTICO

Reflexões á carta do padre Jacintho

7 COM OS ARTIGOS DE POLEMICA, e texto da carta do padre, em francez, e notas do auctor e do editor.

Um volume 600 reis

Vende-se na livraria Catholica, rua dos Capellistas, 82, 1.º andar, em Lisboa; no escriptorio do *Jornal da Noite*, e em todos os livreiros.

8 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Santa Combadão, faz publico, para conveniencia de todos os interessados, que se acha já em bom estado de desenvolvimento o mercado de bois, que se faz nesta villa em todos os terceiros domingos de cada mez.

Santa Combadão, 21 de Fevereiro de 1873.

O presidente do camara,

Henrique de Queiroz Pinto d'Athayde.

ANTONIO MARIA CARDOSO

Rua da Calçada

9 CONTINUA a ter pannos abretanhados, de 110, 120, 130 e 140 o metro; chitas baratas e largas; boas orleans pretas; sedas pretas; chales de merino pretos e bordados; e outras fazendas, que vende muito baratas.

PROTESTO

10 MARIA EMILIA, Joaquina, e Constancia de Jesus, que todas tem parte na meação dos bens que seu pae Gabriel Ignacio, e ellas, possuem na villa de Goes, no sitio chamado o Carvalhal, que se compõem de terra de semeadura, com suas tanxoeiras e videiras no fundo, e um castanheiro no meio, que paga foro ao reverendo sr. padre Antonio, da mesma villa; tendo uns curraes ao cimo; e pegada a esta terra o chão, chamado o chão do Miguel, com suas oliveiras, tres castanheiros na Passagem, e as casas em S. Paulo, que são duas moradas em que viviam, com o seu quintal pegado da parte de cima; vêem por este meio protestar contra qualquer venda, que desses bens se queira realisar.

EDUARDO COELHO

PASSEIOS NA PROVINCIA

Um volume de 224 paginas

11 SOB A FORMA ligeira e amena de narração de tres passeios de recreio de **Lisboa a Vizeu, até Covilhã e á Marinha Grande,** contém este livro uma grande copia de noticias de muito interesse e instrucção. Descreve o interior da serra da Estrella, muitas terras, regiões e panoramas formosos da Beira Alta, Beira Baixa e da Estremadura, as suas industrias, os factos mais notaveis da sua historia, antiga e moderna, a sua importancia, o viver de varios povos, fallando particular e minuciosamente da importante industria fabril da Covilhã e Marinha Grande. Alem de contar diversas lendas, tradições, usanças singulares, estado dos povos, anedoctas, casos celebres, trechos da nossa historia politica, etc., falla de muitas terras notaveis, taes como: Abrantes, Castello-Branco, Alpedrinha, Fundão, Covilhã, Manteigas, Ceia, Carregal, Nellas, Mangualde, Vizeu, Santa Combadão, Ourem, Leiria, Marinha Grande e outras intermediarias.

Vende-se por 400 reis

Em Lisboa, administração do *Diario de Noticias.*

12 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, onchaqueca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kilo 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kilo 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes. — ELVAS, Sant'Anna. — COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho. —FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca. — SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2672 — TERÇA FEIRA 4 DE MARÇO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Um pouco mais tranquillisadoras são as noticias do estado geral da provincia de Angola, que ultimamente nos trouxe o vapor *Cambridge*.

Não é inteiramente exacto o que asseveraram os telegrammas chegados ha dias a Lisboa. Os attentados contra o governador tinham uma origem differente. Factos puramente particulares motivaram um espancamento na pessoa do sr Ponte e Horta e do alferes Vandunem. Não havia plano algum de conspiração contra o governador ou contra a ordem publica, que podesse ligar-se a este facto.

Ha, porem, um acontecimento de summa gravidade, que, se são verdadeiras as ultimas noticias recebidas pelo *Cambridge*, não podemos deixar de classificar de abusivo e despotico, altamente compremettedor para o sr. Horta.

O *Mercantil*, jornal que se publica em Loanda, dando conta do espancamento e de seus promenores, refere aquelle desastre de modo que faz transparecer toda a verdade do successo, a qual, por influencia do mesmo governador, se pretendia occultar.

Por este motivo o governador, julgando-se superior á lei, por sua auctoridade propria, intimou o proprietario para suspender a publicação do *Mercantil*, mandando immediatamente sellar e trancar as portas da redacção e da typographia.

Os redactores do referido jornal, arrancando os séllos, imprimiram um numero com duas energicas representações dirigidas a camara dos pares e deputados.

O *Mercantil* estava legalmente habilitado, e em virtude desta habilitação, devia responder pelo que havia escripto, se nas suas palavras houvesse offensa, ou facto punivel; mas o governador, tornando a sua vontade superior ás determinações da lei, que garantem a liberdade de imprensa, e que permittem livremente a manifestação do pensamento por este meio civilisador, prescinde de todas essas formalidades que a lei prescreve, e faz suspender violentamente a publicação do *Mercantil*.

Não julgavamos que, na epocha presente, em territorio onde tremula a bandeira portugueza, se commettessem semelhantes attentados contra as instituições, contra os costumes, contra as leis e contra a liberdade.

A imprensa é o esteio da liberdade e o assombro do despotismo; por isso daqui protestamos tambem contra o procedimento do sr. Horta, que é um ataque aos direitos individuaes, e aos principios de liberdade por que se rege a nossa constituição politica.

O *Mercantil* dirige-se aos poderes publicos, expondo-lhe os factos; alli obterá o desaggravo, ousamos affirmal-o, que é indispensavel para semelhante attentado.

De ha muito que as nossas possessões ultramarinas se resentem da falta de pessoal habilitado para exercer com dignidade os mais altos cargos de administração publica: d'aqui vem principalmente a situação a que esta tem chegado em algumas daquellas regiões.

Mal vae ao estado quando a direcção e o governo dos negocios publicos é entregue a mãos inabeis. Os graves attentados, conflictos e desordens, que tão frequentes têem sido durante estes ultimos annos, em as nossas possessões ultramarinas, são devidos em grande parte á incompetencia do funccionalismo: assim o cremos.

Na camara electiva foi já apresentada a representação que os redactores do *Mercantil* dirigiram aos poderes publicos, contra o procedimento do governador de Angola. O esclarecido ministro da marinha respondeu que como homem liberal, e tendo o seu nome vinculado á lei de liberdade de imprensa, desapprovava completamente aquelles actos, e que por elles havia de tornar responsaveis seus auctores.

O governo demittiu immediatamente o governador de Angola e tomou energicas providencias apenas teve conhecimento das occorrencias daquella provincia: é de esperar que agora conhecedor dos factos proceda com o rigor que pede a justiça.

NOTICIARIO

Attentado.—No sabbado ultimo, das 8 para as 9 horas da noute, achando-se Maria Amara, viuva, criada do sr. Dr. Damasio Jacintho Fragoso, morador á Sé Velha, a lavar as escadas da casa de seu amo, foi surprehendida por tres individuos, os quaes a agarraram e lhe amarraram os braços com um cordel, e lhe taparam a bocca.

De uma sala levaram dois pares de calças, um paletó, e um pouco de dinheiro em cobre que estava em cima de uma mesa, aproximadamente 3$000 rs.

Como, porém, a criada gritasse, recearam-se os ladrões, e fugiram, levando os ditos objectos, mas deixando ficar uma faca de cozinha, um chapeu de abas largas, e um lenço de panninho preto.

Foi já preso Augusto Maria Lila, solteiro, morador na rua do Guedes, por ser um dos que a criada conheceu.

Panorama Photographico de Portugal.— Recebemos o numero segundo deste interessante jornal, que se publica nesta cidade. A photographia respectiva e lindissima, e representa o palacio da Pena, pertencente a el-rei D. Fernando. E' feita por um cliché, com que o sr. Carlos Relvas, distinctissimo photographo-amador, presenteou o sr. Simões de Castro, director do jornal.

Traz este numero os seguintes artigos:

—*O Paço Real da Pena em Cintra*, por I. de Vilhena Barbosa.

—*Homenagem no natalicio da exm.ª sr.ª D. Anna Candida da Fonseca Braga*, poesia.

—*O Relatorio d'um Monte-Pio*, por José Silvestre Ribeiro.

—*La mort d'Ines de Castro*, episodio dos Lusiadas, traduzido em francez, por Sulpice Gaubier du Barrault.

Esta traducção é muito bem feita. Não resistimos á tentação de copiar aqui a ultima oitava acompanhada da original.

As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe puzeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que alli passaram.
Vede que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são agua, e o nome amores.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXXXIX

GRAVE QUESTÃO MAÇONICA

(CONTINUAÇÃO)

Vamos agora, como promettemos, publicar a justificação do procedimento do *Grande Oriente Lusitano Unido*, em resposta ao protesto que as *Lojas* do Porto haviam feito, contra a *constituição* de 21 de Setembro de 1871.

Devemos acrescentar para esclarecimento, que as referidas *Lojas* ainda continuam separadas e independentes do *Grande Oriente Lusitano Unido*.

Joaquim Martins de Carvalho.

«As respeitaveis lojas *Harmonia*, *Filha da Harmonia*, *Progredior e Lealdade* do valle do Porto, recusando-se a jurar a Constituição maçonica do Grande Oriente Lusitano Unido Supremo Conselho da Maçonaria Portugueza, de 21 de Setembro de 1871, desligaram-se da obediencia d'este alto corpo, e redigiram e tornaram publico o manifesto em que explicavam os motivos d'aquella extranha resolução.

Foi com magoa que vimos aquellas Officinas separarem-se do caminho da regularidade e legalidade, para suspenderem os seus trabalhos, condemnando á inercia a actividade de tantos obreiros distinctos, ou, o que peior será ainda, para se constituirem em associação fora da lei maçonica, irregular, espuria e condemnada, não podendo entrar no fraternal convivio de todos os maçons regulares do universo.

Se aquellas Lojas, enviando ao corpo superior o seu manifesto, lhe não houvessem dado publicidade pela imprensa, nada mais fariamos do que lastimar no intimo a cegueira que as dirigiu em tal resolução; e nada poderiamos replicar a tal documento, visto haverem as Lojas citadas declarado n'elle que se afastavam da obediencia, e como tal ser-nos impossivel dirigirmo-nos mais a ellas, que assim se haviam tornado irregulares. Mas já que o manifesto é do dominio de todo o povo maçonico e de todos os profanos, convem dizermos ao povo maçonico quanto achamos futeis e insignificantes os argumentos adduzidos no manifesto contra a constituição de 21 de Setembro.

Tres são os motivos que o manifesto menciona como determinando a separação das Lojas do Porto da obediencia do corpo superior regular da maçonaria portugueza: Não se mencionar como fim da maçonaria a vigilancia pelo aperfeiçoamento das instituições sociaes e liberdades patrias; não obrigatoria a creação dos Capitulos provinciaes; e haver-se adoptado o systema de contribuição de capitação, em vez da derrama annual ou semestral pelas Lojas do circulo.

A vigilancia pelo aperfeiçoamento das instituições do paiz significa a ingerencia directa da maçonaria nas questões politicas, o que nos é defeso pelas leis universaes da ordem e pelos compromissos tomados com todas as potencias maçonicas regulares do mundo, com quem temos relações amigaveis sob essa expressa condição.

O zelo pela independencia nacional é um sentimento muito nobre e muito digno da parte dos portuguezes; mas a maçonaria, cujo caracter é o cosmopolitismo, recebendo no seu gremio maçons de todos os paizes, contando Lojas da sua obediencia no territorio hespanhol, não podia impor tal condição aos seus obreiros de alheias nacionalidades.

Este sentimento mesmo diversifica de significação nos differentes paizes do mundo.

As pequenas nacionalidades da Italia, aspirando a fundirem as suas autonomias na unica nacionalidade italiana; os povos germanicos querendo consolidar a ideia do pangermanismo, os do norte da Europa trabalhando para levar a effeito a ideia do panslavismo, obedeciam todos e cada um a uma outra ordem de ideias e encaravam o sentimento do amor da patria sob outro aspecto, que a maçonaria portugueza não podia contrariar nos obreiros d'aquellas diversas nacionalidades, que lhe prestam ou que de futuro lhe venham a prestar obediencia.

Depois o sentimento do amor da patria, apesar de ser tão natural e espontaneo no co-

Nymphes du Mondégo, des larmes les plus tendres
Vos tristes yeux longtemps ont arrosé ses cendres;
Et pour éterniser vos profondes douleurs,
L'amour même en fontaine a transformé vos pleurs.
Le nom d'Amours d'Ines, qu'elle conserve encore,
Lui fut donné par vous, qui les vîtes éclore:
Et vous dites sans cesse en regardan son cours:
Nos larmes sont ses eaux, e son nom les amours.

O Echo Americano.—Em um dos ultimos numeros do *Echo Americano*, magnifico periodico illustrado e bimensal, publicado em Londres, lê-se o seguinte:

«Muitas curiosidades contem sempre o *Conimbricense*, devidas a um dos seus mais eruditos redactores, que tem passado o melhor da sua vida entre manuscriptos de toda a especie.

«Ultimamente publicou uma noticia ácerca dos ministros de estado mais antigos, que transcrevemos em seguida:

«O ministro de estado honorario mais antigo, que ainda existe, é o sr. duque de Saldanha (João Carlos Gregorio Domingos Vicente Francisco de Saldanha de Oliveira e Daun), que entrou no exercicio do cargo de ministro da guerra na regencia da infanta D. Isabel Maria, em 3 de Agosto de 1826. O sr. duque de Saldanha tem perto de 82 annos, pois nasceu em 17 de Novembro de 1790.

«O ministro de estado honorario mais velho na edade e o sr. barão de Villa Nova de Foscoa (Francisco Antonio de Campos). Tem perto de 92 annos, visto ter nascido em 1 de Novembro de 1780. Foi duas vezes ministro da fazenda, a primeira de 27 de Maio a 15 de Julho de 1835, e a segunda de 18 de Novembro do mesmo anno até 6 de Abril de 1836.

«Já não ha senão tres dos ministros que serviram com D. Pedro, duque de Bragança.

«O primeiro é o sr. marquez de Sá da Bandeira (Bernardo de Sá Nogueira e Figueiredo), nomeado ministro da marinha no cerco do Porto, em 10 Novembro de 1832.

«O segundo é o sr. duque de Loulé, (Nuno José Severo de Mendonça Rolim de Moura Barreto), nomeado ministro dos estrangeiros, no cerco do Porto, em 12 de Janeiro de 1833.

«O terceiro é o sr. conselheiro Joaquim Antonio de Aguiar, nomeado ministro do reino, tres dias depois de D. Miguel se retirar do cerco de Lisboa para Santarem, em 15 de Outubro de 1833, dia em que falleceu Candido José Xavier.»

Espadas historicas. — As valorosas espadas de D. Affonso Henriques, de D. Nuno Alvares Pereira, e de Vasco da Gama, ás quaes Portugal deve muitas das victorias que ennobreceram o nome lusitano, conservam-se ainda hoje em grande resguardo e na maior veneração.

A primeira, com a qual o fundador da monarchia alcançou tantas victorias, esteve por muito tempo no santuario de Santa Cruz de Coimbra, e agora guarda-se no Atheneu do Porto, para onde foi levada em 1834, depois da extincção das ordens religiosas.

Quando el-rei D. Sebastião visitou o mosteiro de Santa Cruz em 1570, mostrou-lhe o prior geral a espada, e o desditoso monarcha tomando-a nas mãos, a beijou com muita reverencia, e disse para os senhores e fidalgos que o acompanhavam: —*Bom tempo em que se pelejava com espadas tão curtas! Esta é a espada, que libertou todo o Portugal do cruel jugo dos mouros sempre vencedora, e por isso digna de se guardar com toda a veneração*. E, dando-a outra vez ao prior disse: —*Guardae, padre, esta espada, porque ainda me heide valer della contra os mouros de Africa*. E effectivamente, quando d'ahi a 8 annos se preparava para a desgraçada expedição de Africa, escreveu uma carta ao prior do mosteiro, pedindo-lhe aquella espada para a levar comsigo.

Alludindo a este facto diz o sr. João de Lemos, na sua mimosa poesia, intitulada *Alcacer Kibir*:

E partes....levas a espada,
Levas o escudo real,
Essa espada tão fallada,
Por mouros tão receada,
De D. Affonso immortal!
Se a deixas envergonhada,
Ai de ti! de Portugal!

Refere D. Nicolau de Santa Maria na sua chronica, que a espada ficara na armada, sem que della se chegasse a servir D. Sebastião, e que por este motivo poude voltar para o mosteiro.

A segunda espada, a de D. Nuno Alvares Pereira, tem 1 metro e 7 centimetros, e é a que este famoso capitão portuguez empunhou na celebre batalha de Aljubarrota. Pertence á casa real, onde é conservada com veneranda estimação.

A terceira, de que o immortal descobridor da India se servia nos combates navaes, tem 1 metro e 73 centimetros de comprimento, e pertence ao sr. marquez de Niza, nobre descendente do illustre heroe. Dava-se a esta arma de guerra o nome de *montante*, e pelejava-se com ella agarrando-se-lhe com ambas as mãos.

Ainda a espada de D. Affonso Henriques.—Publicamos em seguida a carta que el-rei D. Sebastião dirigiu ao prior de Santa Cruz, a pedir-lhe a espada do fundador da monarchia:

POR EL-REI

Ao padre geral e convento do mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra

Padre Geral. E Convento do mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra. Eu ElRei Vos envio muito saudar, Eu me tenho Pubricado em aver de fazer por my com ajuda de nosso Senhor hũa empresa em Africa, por muitas e mui grandes Razões, mui Importantes ao bem de meus Reinos, E de toda a espanha, e de que tambem Resulta benefficio á Christandade, o que me pareceo escrevervos, assi pera encomendardes a nosso Senhor o bom sucesso desta empresa, que por seu serviço faço, como pera Vos dizer que desejo levar nella a Espada E escudo daquelle grande E Vallerozo Primeiro Rei deste Reino Dom Afonso Anrriquez cuJa sepultura está nesse mosteiro porque espero em nosso Senhor que com Estas Armas me dê as victorias que ElRei dom Afonso com ellas teve. Pelo que Vos encomendo muito que loguo mas mandeis, por dous Relligiozos desse Convento que para Isso Ellegereis. E, como eu embora tornar as tornarei a Enviar a Esse mosteiro, pera as terdes na Veneração E guoarda que he devido a cuJas forão, E por tudo E por aqui entendereis que as não quero se não Emprestadas pera o effecto a que Vou, E de quam grande Contentamento isto he para my. Scripta em Lixboa A 14 de Março de 1578—Rey.

Pera o padre geral E convento do mosteiro de Sancta Cruz de Coimbra.»

No livro dos *Assentos e resoluções do convento, do anno de 1574 até o anno de 1601*, se lê a folhes 18 o seguinte auto do capitulo:

«Aos 24 dias de Março de 1578 annos leo o muito Reverendo Padre Geral D. Pedro em Capitulo uma carta del Rei Nosso Senhor que vinha para elle e convento em que pedia emprestada a espada e escudo del Rei D. Affonso Henriques 1.º Rei de Portugal pera as levar comsigo na hida que faz a Affrica por que com a devoção que nestas armas tem espera em Deos que lhe dê as victorias que el-Rei D. Affonso Henriques com ellas teve e assi lhas mandasse logo com dous Religiosos que pera isso elegeria, dizendo mais que com embora tornar as mandará a este mosteiro pera nelle se terem na veneração e guarda que é devido a cujas forão.

O que visto pelo convento assentou *nemine discrepante* estando ahi todas as pessoas delle que tudo se fizesse assi, e da maneira como el-Rei pedia, e se lhas levassem dous Religiosos, e que quando lhas apresentassem se lhe pedisse uma carta de como lhas entregarão: e a el-Rei se escrevesse outra em nome do Padre Geral e convento.

O que tudo se fez, na qual carta se lhe pedia houvesse sua Alteza por bem de fazer voto de canonisar el-Rei D. Affonso Henriques, pera que com isso tivesse por seus merecimentos a Deus Nosso Senhor mais propicio e como a outro Josué desse victoria dos Mouros de Africa. Para lembrança de tudo se fez este assento assignado por o Padre Geral e dous Cancitarios, D. Nicolau Escrivão do convento o fez em o sobre dito dia mez e anno. D. Pedro Prior e Geral.»

Em seguida mandou o prior geral limpar a espada de el-rei D. Affonso Henriques, e fazer-lhe uma bainha de veludo, com sua ponteira de prata dourada, e uma caixa preta em que fosse mettida com sua chave e fechadura dourada, e uma caixa preta em que fosse o escudo do mesmo rei, para irem estas armas com mais resguardo e veneração.

Foram levadas e entregues a el-rei D. Sebastião, pelo vigario do mosteiro de Santa Cruz, D. Jeronymo.

Ora que a espada de el rei D. Affonso Henriques foi para Africa, não ha duvida nenhuma; mas poderá haver egual confiança no que diz D. Nicolau de Santa Maria, de que ella d'alli voltara, depois de ter ficado esquecida na armada? Muita duvida offerece essa asserção.

Seja como fôr, é crença geral que a espada que existia no santuario de Santa Cruz era a propria de el rei D. Affonso Henriques; e assim, com que justiça foi em 1834 esbulhada a cidade de Coimbra, desta preciosidade, para ser levada para a cidade do Porto?

Esta espada era propriedade do mosteiro de Santa Cruz, a que tinha incontestavel direito. Pois está na egreja deste mosteiro o corpo do fundador da monarchia, e tira-se d'ahi a sua espada, sem motivo que o justifique, para ser levada para outro local?

Cousas nossas!

Soneto patriotico. —Quando Junot invadiu Portugal em 1807, um dos seus primeiros cuidados foi aniquilar o exercito portuguez. Parte foi mandado para França, e o resto desarmado.

Na occasião em que em Coimbra era desarmada uma grande força de cavallaria portugueza, fez o marechal de campo, Luiz Paulino de Oliveira Pinto da França o seguinte soneto, que era digno de ser gravado em letras de ouro:

A teus pés, fundador da monarchia,
Vai ser a lusa gente desarmada;
Rende hoje a traição a forte espada
Que jámais se rendeu á valentia.

Oh rei! se minha dor, minha agonia
Penetrar póde sepulcral morada,
Arromba a campa, e com a mão mirrada
Corre a vingar a affronta deste dia.

Eu, fiel, qual te foi—Moniz—teu pagem,
Fiel sempre serei; grata esperança
Me sopra o fogo de immortal coragem.

E o pranto que a teus pés minha dor lança
Recebe-o, grande rei, por vassallagem;
Aceita-o, em protesto de vingança.

O sr. marquez de Sá da Bandeira e a revolução de 15 de Setembro de 1820 em Lisboa—De uma carta que nos dirigiu o sr. marquez de Sá da Bandeira, extractamos os seguintes periodos, que de certo serão lidos com o interesse que inspira tudo o que sae da penna d'este illustre militar e distincto cavalheiro:

---

ração da grande maioria dos homens, tem muito mais vigor nos pequenos paizes habituados a viverem nos limites estreitos que se estendem no mappa geographico do mundo á sombra da bandeira nacional, do que nas grandes nações, onde o amor das viagens, das emprezas commerciaes, e das emigrações é mais pronunciado. Para os obreiros d'essa patria,—temol-o visto constantemente,—o amor da grande familia humana é superior ao amor da patria, sentimento natural na essencia, mas cujo alcance diversifica nas differentes condições da sociedade, limitando-se umas vezes á simples affeição á terra do nascimento, outras á nação, cujos limites são marcados pela geographia politica, outras emfim á nacionalidade caracterisada pela identidade de origens.

Alem disto a vigilancia pelo aperfeiçoamento das instituições traria fatalmente a questão da forma do governo, questão que havia de originar profundissimas desintelligencias entre os obreiros no seio de cada uma das officinas, e das officinas entre si no seio da communhão maçonica. Seria para uns a forma monarchica a que daria mais garantias de ordem e tranquillid de, para outros seria a forma republicana a que garantiria mais amplamente os direitos individuaes, seriam modificações a cada um dos systemas, seria emfim a escolha d'este ou d'aquelle partido, como representando no seu credo politico a applicação mais aperfeiçoada do systema, ou como promettendo no seu programma o maior aperfeiçoamento das instituições!

Em vez da ordem, da tranquillidade, da paz, da harmonia e da fraternidade nos trabalhos, seria a desordem, a lucta, os odios, a guerra, a desunião sob as abobadas do templo, e com estes males o nosso enfraquecimento e com elle a victoria dos nossos encarniçados inimigos!

Eis o que queriam as Lojas do Porto, que se recusaram a jurar a Constituição!

Depois, se a maçonaria deve zelar tão de perto as instituições sociaes, porque não deverá tambem vigiar pela pureza das crenças religiosas? Valerão os interesses mundanos mais do que os espirituaes? Convertidas as Lojas em congressos, podiam por egualdade de motivos converter-se em concilios!! Depois da discussão politica, a discussão religiosa; depois da lucta e dos rancores d'aquella, os rancores ainda mais fundos d'esta!

Tudo para o maior desenvolvimento e esplendor da ordem!!

A Constituição de 21 de Setembro fugiu dos gravissimos perigos que taes principios, postos na entrada do templo, acarretariam apoz si; e, se consignou como virtude maçonica o amor da patria, foi no seu sentido generico, deixando a cada um dos seus obreiros a liberdade plena da manifestação d'esse sentimento pelo modo mais conforme ás especiaes circumstancias e especialissimas opiniões de cada um d'elles.

O segundo ponto em que os obreiros das quatro Lojas do Porto dissentiram da Constituição foi o da formação facultativa dos capitulos provinciaes.

E chamam a lei centralisadora! Mas que idea fazem então aquelles irmãos de centralisação?

O corpo superior liberta as Lojas de toda a tutella e de toda a ingerencia nos seus negocios. Dá-lhes a Constituição, para por ella e dentro d'ella dirigirem todos os seus actos; e abstem-se de toda a interferencia n'esses actos; deixa-as iniciar, filiar e regularisar, sem beneplacito do corpo superior, elegerem os seus representantes, que são os legisladores maçonicos, sem que os eleitos hajam de ser approvados na Grande Loja; votarem augmentos de salario e conferirem os graus votados aos seus obreiros, formular os seus regulamentos internos, sem os submetter á approvação de ninguem. Reserva apenas o direito de inspeccionar os trabalhos e a escripturação para regularidade n'elles. Liberta as Lojas da tutela do poder central, e queriam os irmãos das Lojas do Porto que as coagisse a acceitar a tutella de um poder intermediario! Estranha a apreciação das ideas centralisadoras! Pois a liberdade de constituir capitulos é mais centralisadora do que a obrigação expressa de os formar? Pois esses poderes intermediarios, sendo obrigatorios não coarctavam a descentralisação de iniciativa e de acção das Lojas suas subordinadas? Pois não era uma tyrannia coagir as Officinas que não quizessem subordinar-se aquella auctoridade, a terem de sujeitar-se a ella?

(*Concluir-se-ha.*)

«*Sr. Joaquim Martins de Carvalho*—Lisboa 1 de Março de 1873....................
....

Ha mezes foi-me mandado de Coimbra, ignoro por quem, um numero do jornal o *Conimbricense*, em cujo folhetim se menciona a minha ida a essa cidade em Setembro de 1820. Aproveitarei esta occasião para dizer o que a tal respeito se passou.

N'aquelle tempo era eu capitão do regimento de cavallaria n.º 4, e assisti com esse corpo á revolução que teve logar no dia 15 de Setembro, havendo marchado com elle desde o quartel, em Belem, até á praça do Rocio, onde já se achava o resto da guarnição desta capital.

N'esta praça havia-se reunido muito povo, o qual por acclamação nomeou uma junta de governo provisorio. Esta reuniu-se no palacio da regencia, que antes fora palacio da inquisição. Eu fui chamado á sala onde a junta estava, e o membro que se encarregara dos negocios militares disse-me, que achando-se a divisão de observação do commando do general visconde de Barbacena nas immediações de Leiria, a junta queria que eu marchasse sem demora, para informar este general das occorrencias da capital, e para lhe dizer que a junta lhe recommendava que não fizesse movimento algum até receber novas instrucções.

Pedi que me fosse dada por escripto a ordem de marcha, bem como o officio para o general.

Respondeu-se-me que não era necessario, porque elle havia de acreditar o que eu lhe dissesse.

Observei que tambem eu julgava que seria acreditado, visto que o visconde era meu amigo e havia sido meu commandante, mas que a regularidade do serviço exigia a ordem por escripto.

Não foi, porem, possivel obtel-a. Parti logo, e no dia seguinte estava em Leiria, tendo andado no mesmo cavallo mais de 130 kilometros: da cidade dirigi-me ao logar da Benedicta, onde estava o quartel general, e effectuei a minha commissão.

O visconde ficou muito admirado de não receber officio algum da junta. Pediu-me que nada dissesse aos seus subordinados d'aquella occorrencia, e disse-me que havia sabido, que a junta do Porto se achava em Coimbra.

Pedi-lhe licença para a ir encontrar, no que concordou, mandando-me dar para fazer a viagem um dos seus cavallos.

Chegado á cidade, informei a junta dos acontecimentos; e a noticia foi recebida com grande regosijo.

Não fui portador de representação, ou de papel algum mandado de Lisboa.

Em Coimbra pouco tempo me demorei, e voltei para Lisboa.

Esta é a noticia exacta do facto a que se refere o mencionado folhetim. Pouca importancia tem; mas talvez poderá servir para esclarecer algum ponto da historia.
....

SÁ DA BANDEIRA.

Regulamento celebre do governo civil de Coimbra.—Tem tido differentes regulamentos a secretaria do governo civil de Coimbra. Entre elles ha um que foi feito em 4 de Novembro de 1842, o qual é já hoje tão raro, que nem na propria repartição existe ha muitos annos exemplar algum.

Esse regulamento, de que possuimos um exemplar, ficou sendo celebrado por muitas das suas disposições, entre as quaes é immortal a seguinte:

«Artigo 11. O continuo permanecerá sempre entre a 2.ª e 3.ª repartição, *conservando-se sentado, quando não tiver nada que fazer de pé*.»

Ainda assim não é absolutamente inutil essa disposição, pois que a não ser ella podia o continuo *deitar-se!*

O ananaz.—Esta deliciosa fructa, originaria da America, cultiva-se hoje em estufa em muitos paizes, tendo-se generalisado muito nas nossas formosas ilhas dos Açores e na Madeira, e tambem no continente.

O seu sabor é comparado por uns ao do mais fino melão; por outros ao do pecego e alperce mais delicados e mimosos; e finalmente muitos querem, que participa do sabor dos mais deliciosos morangos e das mais preciosas fructas da Europa.

O ananaz póde comer-se como qualquer outra fructa, ou de conserva em bom vinho e assucar, ou doce e geléa. O seu succo produz uma limonada agradavel, e dá pela fermentação um vinho de superior qualidade. Tambem tem sido aconselhada como remedio efficaz para certas molestias do estomago, das vias urinarias, para a itericia e hydropisia.

Joias de Inglaterra—As preciosidades pertencentes á coroa de Inglaterra constituem um verdadeiro thesouro, de grande riqueza e sumptuosidade. Depois do incendio que destruiu grande parte da torre de Londres, onde se guardavam estas joias, foi construido um palacio de architectura gothica, destinado a conter este precioso thesouro.

As peças mais notaveis d'esta riquissima collecção são as seguintes:

A coroa de Santo Eduardo, que serve para as ceremonias das coroações reaes. É formada de quatro cruzes e quatro flores de liz de ouro, fechadas por cima com um globo tambem de ouro. É guarnecida por grande quantidade de perolas, diamantes, esmeraldas, rubis e saphiras.

A coroa de estado, de que os soberanos usam na solemnidade da abertura do parlamento. Entre as pedras preciosas que a adornam, sobresae uma esmeralda magnifica, que tem sete pollegadas inglezas de circumferencia.

Ha ainda outras coroas e diademas riquissimos. O globo de ouro é uma insignia, de que os soberanos usam no acto do coroação, e tem seis pollegadas de diametro, adornado com um circulo de diamantes, com uma amethista e com uma cruz de ouro cravejada de pedras preciosas de grande valor.

A aguia de ouro é um frasco com a forma desta ave com as azas estendidas. São tambem peças riquissimas a espada da misericordia, varios sceptros reaes de ouro cravejados de diamantes e de outras pedras preciosas, braceletes, esporas, saleiros, pias baptismaes, fontes de prata, grandes vasos e jarros de oro e prata dourada, serviços de baixella primorosamente lavrados, etc.

Todas estas joias e preciosidades, alem de uma grande riqueza, são de grande valor artistico.

Volcões. — Conhecem-se actualmente mais de 300 volcões em actividade em differentes regiões do globo.

O mais antigo volcão da Europa é o Etna na Sicilia. As suas erupções datam da mais remota antiguidade. Já os poetas gregos e latinos cantaram os seus paroxismos. As suas erupções tem apresentado periodos seculares. Muitos viajantes tem chegado até aos bordos da cratera. No fundo do abysmo vê-se a lava sempre em ebulição. A montanha do Etna apresenta na sua base os mais bellos jardins, mais acima bosques frondosos, e só mais alto começam as rochas nuas e aridas. No vertice, a 3:315 metros acima do nivel do mar, a atmosphera está sempre toldada de nuvens, e a terra coberta de neve.

O Vesuvio, em Napoles, é mais moderno, e a sua primeira erupção foi em 79, produzindo a destruição das duas cidades Pompêa e Herculanum, que ficaram sepultadas debaixo das cinzas e lavas.

Nas ilhas Lipares, em frente da Sicilia, ha o volcão Stromboli, que ha 2:000 annos existe em constante actividade. O jacto de chammas que sae da sua cratera fórma de noite um grande clarão, que desde eras remotas serve de pharol aos navios.

A Islandia é tambem uma ilha muito volcanica. O Hekla é o seu principal volcão activo.

Nos Açores o maior centro de acção volcanica é a ilha do Pico. Em S. Miguel, no valle das Furnas ha continua erupção de vapores e fontes de aguas thermaes.

Na America, os maiores volcões são o Cotopaxi na cordilheira dos Andes e o Iorullo no Mexico. Tambem ha muitos volcões submarinos, e muitas ilhas devem a esta causa a sua formação.

O fogo grego—Antes da invenção da polvora, era muito usado nas guerras da antiguidade este composto incendiario, cujo segredo de preparação se perdeu completamente. Affirmam muitos historiadores, que o celebre fogo grego era empr[illegible] os exercitos sarracenos, e produzia terriveis estragos no campo dos christãos. Attribue-se a esta materia explosiva o incendio da esquadra arabe em Cysica e uma parte importante no cerco de Constantinopla por Mahomet.

Hoje a arte da guerra tem aperfeiçoado de tal modo o fabrico da polvora e de outras substancias explosivas e incendiarias, que os desastres attribuidos ao antigo fogo grego são factos insignificantes, confrontados com os effeitos horrorosos da artilheria moderna.

A cor do luto—A cor do luto entre os Chinas é o branco, como symbolo da pureza da alma, solta dos laços terrestres. Entre os Armenios, Syrios e Turcos, é o azul, cor do ceu onde as almas se refugiam. Na Ethyopia é a côr da terra, que recebe os restos mortaes. No Egypto é o amarello, côr da folha quando cae e morre.

Exemplo para mães—Cornelia, filha do grande Scipião, estando na companhia de algumas damas romanas, que mostravam umas ás outras os seus ricos vestidos e preciosidades, foi instada para que mostrasse tambem as suas joias mais preciosas. Cornelia annuiu; e chamando seus filhos, que havia educado com todo o esmero, respondeu: —aqui estão os meus enfeites; aqui estão as minhas joias—Que bella e eloquente lição de amor maternal!

Castigo da calumnia—Antigamente na Polonia castigavam-se os calumniadores por um modo singular. O calumniador era obrigado a deitar-se por terra em pleno senado por baixo de um banco, em que se assentava a pessoa cuja honra havia sido infamada.

Feito isto, o calumniador n'esta posição dizia em voz alta, *que tinha mentido como um cão*, quando espalhara os boatos e asserções injuriosas contra o offendido. Acabada esta confissão publica e solemne, imitava por tres vezes o ladrar do cão, e erguia-se.

Costumes dos Tartaros—Refere *Mandoza*, que entre os povos confins da Tartaria Independente se prescreve tempo certo para cada um se casar, sob pena de ser recluso em um mosteiro de bonzos, todo o que não se casar n'aquelle tempo.

Chegada a epocha prescripta, todos têem obrigação de comparecer em uma cidade determinada, onde vão doze officiaes do rei, seis dos quaes tomam a rol os nomes dos homens, e os dotes que pretendem dar por sua mulher, e seis arrolam os nomes das mulheres.

Depois dividem os homens em tres classes, ricos, de fortuna mediana, e pobres. Os primeiros casam com as mais formosas, dando certa quantia; os segundos casam com as menos formosas, sem darem cousa alguma; e os terceiros casam com as feias, recebendo um dote, tirado do monte dos dotes que pagam os ricos.

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

D. Maria Delphina Pacheco de Figueiredo, filha de Antonio da Silva Pacheco e de D. Custodia Ludovina Pacheco, natural de Coimbra, de 70 annos, fallecida no dia 24 de Fevereiro.

Anna de Jesus, filha de Antonio Dumas e de Maria da Piedade, natural da Nazareth da Ribeira, de 60 annos, fallecida no dia 25.

Maria da Conceição Simões Nunes, filha de Manoel Simões e de Maria da Piedade, natural de Coimbra, de 38 annos, fallecida no dia 25.

D. Theresa Maria dos Anjos Rodrigues, filha de Antonio Rodrigues Marmelleira e de Mathilde dos Santos, natural de Coimbra, de 70 annos, fallecida no dia 26.

Mathias da Costa Pereira, filho de Mauricia Candida, natural de Lavos, de 33 annos, fallecido no dia 26.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—4:882.

Séde vacante—Diz o *Diario de Noticias* que está de luto a diocese de Leiria. Carta recebida hontem de Barcellos diz ter fallecido alli, no dia 27 do mez findo, o exm.º revm.º sr. D. Joaquim Pereira Ferraz, antigo monge de S. Bento, onde era conhecido pelo nome de Fr. Joaquim do Desterro, doutor na sagrada theologia, pela Universidade de Coimbra, e na mesma Universidade distinctissimo professor; bispo de Bragança e Miranda, por carta regia de 18 de Abril de 1849, e confirmação pontificia de 28 de Setembro do mesmo anno, e ultimamente bispo de Leiria, para onde fôra transferido em 20 de Outubro de 1852; e confirmado em consistorio de 10 de Março de 1853, bispado em que pouco tempo residiu por lho estorvarem os continuos padecimentos, que de ha muito o atormentavam, e que levaram os medicos a aconselhar-lhe a abstenção de negocios, e a retirada aos lares patrios, onde já ha annos se achava, quando a morte inexoravel lhe veiu cortar o ultimo fio da vida, que desfructara n'este mundo por 84 annos e cinco mezes completos, pois que a vira pela primeira vez, n'aquella mesma famosa villa, aos 27 de Setembro de 1788. Que descanse em paz e sua memoria seja eterna.

Noticias de Hespanha. — Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

«Na tarde de 27 houve no congresso de Madrid uma reunião amigavel de representantes republicanos e radicaes, com o fim de adoptar de commum accordo a resolução de suspender as sessões da assembleia e fazer um supremo chamamento ao paiz para resolver a questão da ordem publica, pondo termo á insurreição carlista.

A assembleia, de accordo com o governo da republica, concederia a esta um credito extraordinario de 100 milhões destinados ás despezas que exigiria á mobilisação de 100 mil voluntarios, que iriam occupar militarmente as provincias da Catalunha, Navarra e as Vascongadas, emquanto o exercito caisse em força sobre os carlistas.

Segundo cartas de Barcelona o exercito da Catalunha está ou esteve em completo estado de insubordinação. Muitos officiaes fugiram e outros não eram obedecidos. As columnas que, como dissemos, sairam de Barcelona para a campanha, não quizeram partir sem irem acompanhadas pelos voluntarios; a maior parte dellas não levavam officiaes e iam dirigidas por deputados provinciaes. Os soldados, alem da desobediencia para com os seus chefes, não tinham praticado na cidade violencia alguma, mas a povoação achava-se sobresaltada e o commercio paralysado.

Os carlistas da Catalunha não têem estes ultimos dias sido perseguidos por força alguma do exercito, que se concentrou todo nos arredores de Barcelona.

Nos batalhões de caçadores de guarnição em Valencia houve alguns actos de insubordinação. Tambem em Valladolid e outros pontos os soldados têem desobedecido aos officiaes, muitos dos quaes têem abandonado os seus postos.

Os soldados da guarnição de Barcelona substituiram as barretinas pelos gorros phrygios, e reclamam licença absoluta. Parece que as auctoridades pediram ao governo que quanto antes afastasse da cidade as forças de linha.

O general Contreras, em uma communicação telegraphica dirigida para Madrid, diz que sómente um exercito de voluntarios poderá salvar a republica.

Noticias carlistas

Appareceram alguns bandos carlistas na Galliza. Em Badaran havia agitação e em Muras appareceu uma partida de 250 infantes e 12 cavallos. A guerrilha de Madrazo, depois de sustentar 12 horas de fogo, foi batida em Used.

Em Sevilha descobriu-se um deposito de armas e munições. Os cabecilhas Campo, Gomez e Bernado cortaram a linha telegraphica entre Bilbao e Santander e impozeram uma contribuição de 30:000 reales aos habitantes de Gordejuela.

Na provincia de Tarragona havia na semana passada uns 2:000 carlistas em armas. A linha telegraphica entre Vails e Lerida foi completamente destruida. Na provincia de Lugo appareceu uma nova guerrilha. Um bando de 100 homens atacou os voluntarios de Adzaneta, ficando morto o alcaide que marchava á frente d'elle.

Madrid, 1, ás 11 horas e 5 minutos da tarde—Na assemblea Figueras leu em nome do ministro da guerra o projecto pedindo a formação de 50 batalhões de 900 mil homens cada um e um credito de 100.000:000 de pesetas (18:800 contos de reis) para combater a insurreição carlista. As auctoridades das Canarias adheriram á republica. Ha hoje nova conferencia dos ministros com a junta directora dos radicaes. Espera-se um accordo sobre

a questão da dissolução. A edade para o direito eleitoral será fixada em 20 annos. Sober está indicado para representante da Hespanha em Bruxellas.

Está ligeiramente doente o general Cordova. Rivero continua incommodado. Os representantes da antiga assemblea federal resolveram na reunião de hontem á noute enviar ao governo uma mensagem de adhesão completa, offerecendo-lhes o mais energico apoio para todos os casos necessarios.

Os habitantes de Madrid continuam a organisar-se por bairros para a defeza mutua das propriedades particulares no caso de qualquer ataque, e abstrahindo de todas as opiniões politicas.

Figueras conferenciou hontem com a commissão dos artilheiros, mas não obteve resultado definitivo. Os conservadores resolveram na sua reunião de hontem apoiar as emendas de Garcia Rodriguez e Romero Giron aos projectos das reformas coloniaes, emendas que desejam a abolição gradual da escravatura.

Affirma-se que Contreras telegraphou ao governo pedindo a organisação immediata de batalhões de voluntarios.

O *Imparcial* diz que em presença das noticias graves da Catalunha surgiu novamente a ideia da conciliação entre os elementos republicanos das diversas proveniencias.

Desmente que Lagunero haja sido demittido. Chegou Moffei, encarregado dos negocios de Italia. Barral partirá brevemente. Espera-se hoje o general Izquierdo.

Corre o boato de Cluseret ter chegado a Lisboa. O bando carlista de Madrazo foi hontem batido no Aragão, perdendo 36 prisioneiros, 6 cavallos e muitas armas; o cabecilha foi ferido. Os bandos de Castella a Velha estão completamente dispersados.

Foram tambem batidos e dispersados os bandos de Vera Manso na Catalunha, perdendo 6 mortos e numerosos feridos. O de Ferrer foi batido no Maestrasgo, perdendo 30 mortos, entre os quaes aquelle chefe e o seu immediato, e muitos prisioneiros. O cura de Santa Cruz fusilou uma mulher em Escuriaza. É activamente perseguido. Houve hontem desordens em Salvaterra. As tropas restabeleceram o socego.

Partida do senhor D. Amadeu—Lê-se no *Jornal da Noute* o seguinte:

«Partiram hoje de Lisboa na fragata *Roma* os esclarecidos principes italianos que ha pouco deixaram de ser reis de Hespanha. Ao meio dia embarcaram na galeota real que os esperava no caes de Belem e na qual entraram tambem el-rei o senhor D. Luiz e a rainha a senhora D. Maria Pia, que acompanharam os seus excelsos hospedes e parentes até bordo da fragata italiana. A comitiva real e os ministros seguiam suas magestades.

Entraram todos a bordo, onde el-rei e a rainha se conservaram até ao momento da partida, despedindo-se antes os ministros por causa das occupações officiaes que os chamavam a outro logar.

Foram despedir-se dos augustos viajantes os hespanhoes que tinham vindo na sua comitiva para Portugal, e que se haviam conservado em Lisboa. Estavam comovidissimos e com evidentes signaes de affectuosa saudade.

A fragata largou do ancoradoiro cerca das duas horas.

Ao augusto irmão da rainha de Portugal e á sua virtuosa consorte desejamos prospera viagem até Italia, onde os esperam, segundo indicam os jornaes italianos, grandes testemunhos do respeito e amor que sempre mereceram, acrescentados agora pelo prestigio resultante do honrado proceder dos dois principes em Hespanha.»

Audiencias geraes—Houve hoje, 4 de Março, o julgamento seguinte:

José Paes dos Santos, de Paranhos, pelo crime de tentativa de roubo; foi condemnado, dando-se-lhe, porem, a pena por expiada com o tempo de prisão que tem tido.

Não poude ter logar o julgamento de Margarida Vicencia, de Sernache, pelo crime de infanticidio, por falta de comparecimento de algumas testemunhas, ficando adiado o julgamento para o dia 26 do corrente.

Associação dos Artistas de Coimbra—Não teve logar a reunião da assemblea geral; não obstante terem comparecido 200 socios proximamente, era preciso maior numero para se constituir.

O socio n.º 1, o sr. Olympio, enviou ao sr. presidente da associação tres projectos: o 1.º para se realisar um basar de venda de artefactos das differentes industrias locaes ou nacionaes, com o fim de dar extracção aos mesmos productos, e que tivesse logar por occasião das proximas festividades da Rainha Santa Isabel—o 2.º para que, naquella epocha, se inaugure a bibliotheca da associação, visto haver já bastantes livros, os meios pecuniarios para a obra das estantes, e até os vidros, que se reservaram da exposição districtal;—o 3.º ampliando as garantias dos estatutos no artigo concernente a pensões, tornando-as extensivas ás mães dos socios, ás irmãs e filhas d'estes no estado de solteiras ou viuvas; tornando facultativa a concessão d'este direito, pagando-se as pensões por meio de rateio; e sendo o cofre especial das pensões independente a todos os respeitos do cofre geral da associação, ainda que administrado pela direcção e verificada a sua contabilidade pela mesma commissão fiscal.

Este ultimo projecto tem por fim afastar de sobre a associação, n'um futuro mais ou menos remoto, o perigo de serem as suas receitas ordinarias absorvidas na maior parte pelas pensões, compromettendo-se por esta forma a prosperidade e até a existencia da associação, a qual deve meditar sobre o alvitre que se lhe apresenta; e não só sobre este, aliás momentoso assumpto, mas sobre os dois primeiros, que não deixam de ter muita importancia.

Pela ultima vez.— Como tem sido inuteis os nossos attenciosos pedidos, para que alguns dos jornaes, que transcrevem as noticias do *Conimbricense*, indiquem a origem dessas noticias, estamos resolvidos a mencionar daqui em deante o nome dos jornaes que assim procedem para comnosco.

LOGOGRIPHO

Usa a mulher....................6,7,4,3,1,2,12
E' metal........................9,2,6,7,10
Todos querem ser................7,8,9,2,12
E' animal.......................11,4,1,2

Tem agua........................7,4,2
Anda n'agua.....................10,4,7,2
Tem agua........................7,4,6,10,8,7,2

Amigo d'elle, és tu e eu........9,7,10,5,10
A Deus o padre o offerece.......4,3,1,10,11,12,2
Quando te falla vem de ven......12,2,7,2,7
Não é velho ao que parece.......5,10,3,4,11,2

Creanças entretens..............6,2,3,10,9,2
Ao barco pertence...............7,10,5,2,12
Todos a tem.....................9,2,7

Fidalgo indico..................11,2,6,7,13
No theatro figura...............1,2,5,8,9,2
E' animal de bico...............1,4,12,3,13
Sou pau muito duro..............12,2,6,7,10,8,7,2

E' repellente...................1,7,8,5,13
Busca-o nas aves................6,4,9,2
E' preciso a gente..............6,10,6,13,7

E' appellido....................5,2,7,4,5
E' nome.........................8,3,11,2,1,10,3,9,4,2
E' nome.........................1,7,4,11,2
E' appellido....................7,13,8,12

Tens tu e tenho eu..............12,2,6,7,10,11,2,5,13
Os animaes tambem tem...........1,10,7,13,6,7,2
O jardim é logar meu............1,13,9,10,5
Se assim és fazes bem...........13,1,2,11,2,5,8,9,2

Por letras e não por syllabas
O logogripho advinharás;
Não precisa de conceito
Tu sem elle o encontrarás.

J. G.

A charada do numero passado é—MYOPE.
O logogripho é—PORTUGAL.
Ambos foram decifrados pela sociedade—*Charadicida Telegraphica.*

ANNUNCIOS

Ajudante de Pharmacia

1 OFFERECE-SE um com 7 annos de pratica. Quem precisar deixe carta nesta redacção com as iniciaes J. M. da C.

VENDA DE CASAS

2 VENDE-SE uma morada de casas com seu quintal ajardinado, sitas na rua de Corpo de Deus, sob o n.º 36. Quem as pretender dirija-se a seu dono Antonio d'Almeida e Silva, morador no mesmo predio.

3 BOLÇAS DE REDE PRATEADA, para dinheiro, perfeita imitação das de prata. Na loja do Fonseca, rua da Calçada, 72 a 76.

4 TINTA D'OURO para escrever. Na loja do Fonseca, rua da Calçada, 72 a 76.

VINHO DA BAIRRADA

5 PEREIRA, na rua da Sophia, n.º 66, vende vinho almudado a 350 rs., o quartão, e ao quartilho 30 rs. Dá parte aos amadores que hoje mesmo abriu uma pipa de excellente vinho.

6 JOGOS DE XADREZ, dominó, gloria, loto e cavallo branco. Na loja do Fonsesa, rua da Calçada, 72 a 76.

7 BIQUEIRAS DE METAL AMARELLO para calçado de creança. Loja do Fonseca, rua da Calçada, 72 a 76.

Arrematação de bens de raiz

8 NO DIA 25 do mez de Março, pelas 10 horas da manhã, ás portas da sala do tribunal de justiça desta comarca, se hão de vender e arrematar em hasta publica, se o preço convier, as propriedades seguintes:

Uma quinta no sitio do Almegue, que se compõe de terras de semeadura, vinha, casas de residencia, e de abeguaria e insua, avaliada pelos competentes louvados em 3:500$000 rs.— Uma outra quinta pegada com aquella, que se compõe de terra de semeadura, arvores de fructo, casas de residencia, com capella e casas de abegoaria, avaliada pelos competentes louvados em 2:500$000 reis.—E uma morada de casas de tres andares, situada na rua das Azeiteiras, desta cidade, avaliada pelos mesmos louvados em 800$000 rs.—As quaes propriedades pertenceram ao fallecido Francisco Lopes de Carvalho, e se vendem para pagamento de dividas contrahidas por este, segundo a deliberação tomada em conselho de familia, constante do inventario a que se está procedendo neste juizo, por fallecimento de José da Costa Pereira; de que é escrivão Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

9 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Santa Combadão, faz publico, para conveniencia de todos os interessados, que se acha já em bom estado de desenvolvimento o mercado de bois, que se faz nesta villa em todos os terceiros domingos de cada mez.

Santa Combadão, 21 de Fevereiro de 1873.
O presidente do camara,
Henrique de Queiroz Pinto d'Athayde.

DECLARAÇÃO

10 O ABAIXO ASSIGNADO, desejando demonstrar o nenhum fundamento com que alguem, de má fé tem propalado ser elle devedor de importancias de alguns materiaes, fornecidos para a obra que está construindo na rua da Mathematica, desta cidade, e outras; convida a todos os individuos que se considerem seus credores, qualquer que seja o genero da divida, a apresentarem-se na mesma obra, no prazo de 8 dias, a fim de receberem o seu credito, quando seja justificado.

Coimbra, 23 de Fevereiro de 1873.
Joaquim Gonçalves Pereira, mestre de obras.

VENDA DE FOROS

11 VENDE-SE o foro de 4$500 rs., que paga José da Veiga, da Cioga do Monte, e um outro de 450 reis, que paga Joaquim Ferreira Lopes, de Trouxemil. Quem os pretender falle com José Joaquim da Silveira, na loja da rua da Calçada, n.º 22 a 32, Coimbra. Declara-se que estes foros são livres de decima.

12 ARCHEOLOGIA ARTISTICA publicada por Joaquim de Vasconcellos.—Fasciculo I de XXXII de 160 paginas— LUIZA TODI— estudo critico musical.

Fasciculo II de 108 paginas—ORDENAÇÕES DO REINO, por Tito de Noronha. Tiragem 250 exemplares. Preço 1$200 reis o I fasciculo, e 800 reis o II, para os srs. assignantes; avulso o duplo.

A' venda na livraria Academica de J. Melchiades.

ANTONIO MARIA CARDOSO

Rua da Calçada

13 CONTINUA a ter pannos abretanhados, de 110, 120, 130 e 140 o metro; chitas baratas e largas; boas orleans pretas; sedas pretas; chales de merino pretos e bordados; e outras fazendas, que vende muito baratas.

ATTENÇÃO

14 CONTINUA aberta a pharmacia do fallecido José Pereira da Cunha, no largo da Feira, sob a direcção do pharmaceutico Joaquim Antonio J. Pereira.

PROTESTO

15 MARIA EMILIA, Joaquina, e Constancia de Jesus, que todas tem parte na meação dos bens que seu pae Gabriel Ignacio, e ellas, possuem na villa de Goes, no sitio chamado o Carvalhal, que se compõem de terra de semeadura, com suas tanxoeiras e videiras no fundo, e um castanheiro no meio, que paga foro ao reverendo sr. padre Antonio, da mesma villa; tendo uns curraes ao cimo; e pegada a esta terra o chão, chamado o chão do Miguel, com suas oliveiras, tres castanheiros na Passagem, e as casas em S. Paulo, que são duas moradas em que viviam, com o seu quintal pegado da parte de cima; vêem por este meio protestar contra qualquer venda, que desses bens se queira realisar.

NUMERO 2673 — SABBADO 8 DE MARÇO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Um assumpto importantissimo de politica internacional prende actualmente as attenções publicas.

Os ultimos acontecimentos de Hespanha, e principalmente as palavras proferidas pelo chefe do primeiro gabinete hespanhol, o sr. Figueras, ácerca da influencia que o novo governo do vizinho paiz devia exercer em outras nacionalidades, despertaram um como que protesto das principaes nações, para prevenir qualquer eventualidade em relação á independencia e autonomia de Portugal.

Tambem algumas pessoas neste paiz, de espirito mais meticuloso, impellidas pelos seus elevados sentimentos patrioticos, viram effectivamente nas palavras do sr. Figueras um perigo imminente para esta nação. O amor da patria, que é inquestionavelmente uma grande virtude, fez perturbar estes espiritos a ponto de não pensarem nas verdadeiras razões, aliás obvias, que devem sustentar a nossa autonomia e independencia.

Da mesma forma alguns jornaes do paiz, orgãos de opiniões differentes, manifestaram receios de nos vermos envolvidos, directa ou indirectamente, na politica de Hespanha, e de que a influencia da nova forma de governo, adoptada pelo povo hespanhol, no uso de um direito incontestavel, podesse dispor dos nossos destinos como nação livre e independente; que pelo mesmo modo tem direito para se reger e governar da maneira que julgar mais conveniente.

E' certo que os inesperados acontecimentos de Hespanha causaram geral sensação; e mais profunda foi ella em Portugal, pela proximidade a que nos achamos, e pela ideia de antigas pretensões daquella nação, que se diz existirem, para formar da peninsula um só povo; facto que nenhuma razão de interesse aconselha, não só pelo que respeita particularmente ao povo portuguez, mas ainda pelas conveniencias geraes das outras potencias, como agora se verifica.

O brio da nacionalidade hespanhola jámais póde consentir em um acto attentatorio dos direitos alheios.

Por nós, pela nossa opinião individual, declaramos francamente, que nunca receámos pela autonomia de Portugal, como nação livre e independente. E temos para nós que a nossa forma de governo hade depender unicamente da vontade illustrada e instruida dos portuguezes; das ideias que o progresso e a civilisação moral hade implantar no espirito de nós todos. E por isso ella será a mais conveniente á indole do povo, ás ideias e aspirações de uma sociedade, que não deseja viver sómente de tradicções, mas que pretende seguir desafogadamente a evolução operada pelos principios democraticos da moderna escola liberal, modelados pelas conveniencias sociaes, que não podem deixar de ser o ponto para onde se devem encaminhar todos os progressos da sciencia governativa e da autonomia publica.

Pela nossa propria dignidade, como nação independente, cumpre-nos demonstrar, pela abnegação, e por muitas outras virtudes civicas, que somos um povo digno de gozar dos costumes liberaes, em que hoje se firmam todas as constituições politicas.

O governo portuguez, pela bocca de um dos esclarecidos ministros, declarou em uma das ultimas reuniões parlamentares, que as nossas relações com o governo hespanhol eram as mais amigaveis; que não receia nenhum conflicto, e que tudo assegura que não será interrompida a harmonia e boas relações que existem entre os dois paizes.

Folgamos com estas explicações, mas não nos surprehenderam.

Assim o tem tambem asseverado ultimamente um personagem do vizinho reino, o illustre tribuno Emilio Castellar e ministro dos negocios estrangeiros.

Depois dos acontecimentos de Hespanha que deram origem a resentimentos ou apprehensões de que fizemos menção, o governo, por intervenção dos nossos representantes nas principaes nações estrangeiras, procurou conhecer a opinião dos differentes governos ácerca de alguns factos que prendiam com a politica de Portugal.

Em resultado destas indagações por parte do governo portuguez, vieram ao dominio da imprensa estrangeira alguns factos que vivamente nos interessam.

O *Times*, um dos jornaes mais auctorisados, diz que já se estabeleceram os preliminares para a reunião de uma conferencia das potencias europeias, a fim de evitar que os ultimos acontecimentos de Hespanha, possam prejudicar a independencia de Portugal.

Já as principaes nações da Europa manifestaram ao governo portuguez, pelas vias diplomaticas, o seu respeito á nossa independencia e liberdade.

A França, a Inglaterra, a Italia, a Austria e a Russia, estão dispostas agora a celebrar uma conferencia, em que devem ficar definidas as suas ideias em relação a Portugal, no sentido que já manifestaram ao nosso governo.

São positivos os factos que acabámos de referir, e honrosos para nós, por isso que elles mostram a necessidade ou a importancia da nossa existencia politica.

E' preciso mostrarmos por actos de cordura e bem senso que somos dignos da sympathia das nações da Europa.

Ainda que razões de conveniencia propria imperam, como é sabido, na resolução que estas nacionalidades reunidas, pretendem tomar, no que respeita a manter a inviolabilidade do nosso territorio, é certo que ella deve regosijar a nação portugueza.

Está funccionando a junta geral deste districto, que abriu a sua sessão ordinaria no dia 1.º do corrente mez, como a lei determina.

Foi eleito presidente o sr. Dr. Lourenço d'Almeida e Azevedo, digno presidente da ca-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXL

GRAVE QUESTÃO MAÇONICA

(CONCLUSAÇÃO)

E depois vejamos praticamente o que tem sido os Capitulos. Motivo de demora na correspondencia entre as Lojas e o corpo superior, origem de descaminhos de documentos e até de valores, causa de desordens entre as officinas, nucleo de ambições de supremacia, fonte de irregularidades, e desculpa para as das Lojas subordinadas! Se este quadro não pode ser no todo applicado ao Capitulo do Porto, deviam os irmãos d'aquelle valle lembrar-se que a constituição não legislava para elles só, nem podia fazer excepções em seu favor.

Demais, se a maioria das Lojas d'aquelle valle julgava bom o Capitulo, porque o não conservava como a lei lh'o facultava? Se a maioria folgava em se libertar d'aquelle jugo, porque havia de querer impor-lh'o a minoria?

A argumentação do manifesto era frouxa, se fossem prohibidos os Capitulos provinciaes; sendo permittidos, e ficando no arbitrio das Lojas a sua creação, é deploravel.

O ultimo fundamento do manifesto é a fórma da contribuição. Foi dos pontos mais debatidos na grande assemblea constituinte, e aquelle aonde todos se empenharam mais para aceitar o que era melhor.

O systema de derrama reconheceu-se ser impraticavel.

Quando se havia de fixar a quota que pertence a cada Loja? Antes ou depois de findo o periodo a que se refere, quer seja trimestre, semestre ou anno? Antes era impossivel, por se não saber a quanto montava a despeza ordinaria e extraordinaria. Por conseguinte só depois de findo o periodo se podia fazer a distribuição dos encargos.

Mas se grande numero de Lojas, ou só algumas apenas se declarassem impossibilitadas de pagar a sua quota, ou se pozéssem a coberto, ou se afastassam da obediencia na occasião da distribuição das quotas, quem havia de cobrir esse *deficit*? Nova derrama? E se n'essa segunda operação se retirassem ainda mais Lojas? Terceira tentativa?

Depois, d'onde vinham os fundos para occorrer ás despezas correntes, até ao momento da cobrança? de um emprestimo? N'esse caso era mister viver sempre de emprestimos successivos, e apenas pago um, contrahia-se logo outro! E havia a certeza de obter sempre quem quizesse fazer esses adiantamentos?

Dizem as quatro Lojas do Porto, que o systema de contribuição fixa de capitação é mau, porque, embora as Lojas possam reclamar contra as despezas propostas no orçamento, não podem nunca obter a diminuição de contribuição. Erro! A lei consignando o direito de se alterarem as tabellas nas legislaturas ordinarias, prevê completamente essa hypothese.

Mas poderão na actualidade julgar-se excessivos os saldos annuaes? Vejamos!

Todos os corpos maçonicos do mundo tem grandes quantias capitalisadas para com o seu rendimento satisfazerem os encargos da beneficencia. A maçonaria portugueza começa agora a seguir esse systema, unico que pode garantir a perfeita e regular applicação dos soccorros pecuniarios,—primeiro e principal fim da nossa associação.

Apezar d'esta applicação de maxima utilidade, julgava-se porem ainda excessivo o saldo a capitalisar? Uma das exigencias imperiosas que tem a maçonaria portugueza é de adquirir um edificio seu, apropriado á decoração dos differentes templos e mais dependencias, como possuem todas as instituições maçonicas do mundo, quasi com unica excepção de Portugal.

E não se julgue inutil ou superfluo o dispendio da compra de um edificio! Alem de poupar annualmente a grande verba de aluguer, garante os corpos superiores dos caprichos dos senhorios, e dará á maçonaria maiores condições de vitalidade; pois é um facto assentado e perfeitamente demonstrado pelos exemplos que cita um excellente relatorio ha pouco apresentado a uma potencia maçonica estrangeira, que os corpos superiores, ou mesmo as officinas, vivem sempre mais e melhor, tem mais condições de desenvolvimento e prosperidade quando possuem templos seus, do que quando vivem á mercê do acaso dos arrendamentos.

Uma das condições da existencia social é a acquisição da propriedade. Obedecem a ella os individuos como as sociedades!

Mas, ainda quando, cumpridos todos estes

mara municipal desta cidade, como já o havia sido na sessão do anno passado.

Por falta de espaço não podemos ainda escrever, como desejavamos, acerca de alguns assumptos de maior interesse para este districto.

Satisfaremos logo que nos seja possivel.

O *Diario do Governo* publicou já a carta de lei que chama a reserva ao serviço activo do exercito. Por esta lei são chamadas todas as praças de pret, actualmente licenceadas em virtude das disposições do § 3.º do artigo 4.º da lei de 27 de Julho de 1855, e do artigo 1.º da lei de 9 de Setembro de 1868.

As praças devem apresentar-se no prazo de 15 dias nos respectivos corpos, e quando se encontrem distantes delles ás auctoridades militares mais proximas. Estas praças são licenceadas logo que esteja preenchido o quadro de pé de paz.

Das disposições da lei são exceptuadas as praças, cujo licenceamento terminar dentro de 3 mezes contados da publicação da lei.

O governo é auctorisado a fazer as despezas necessarias, com a execução desta lei, até á quantia de 600:000$000.

ELOGIOS ACADEMICOS

I.

O sr. Antonio Maria Pereira, livreiro em Lisboa, acaba de editar os *Elogios academicos de D. Fr. Francisco de S. Luiz e Rodrigo da Fonseca Magalhães*, feitos pelo sr. José Maria Latino Coelho.

O alto merito dos dois illustres biographados, e a reconhecida competencia do distincto academico, auctor dos *elogios*, torna esta publicação da maior valia e digna do mais subido apresso.

O sr. Latino Coelho faz sobresair o entranhavel carinho com que D. Fr. Francisco de S. Luiz amou a sua patria. O parallelo que apresenta deste respeitavel varão com o padre Antonio Vieira, é tão lisonjeiro para ambos, que não podemos eximir-nos a transcrevel-o.

«Em D. Fr. Francisco de S. Luiz a patria é o assumpto principal das suas obras. Ha neste ponto uma notavel analogia entre o monge benedictino, e o padre Antonio Vieira. Em ambos é o patriotismo ardente a principal camena que os inspira. Em Antonio Vieira, o amor da sua terra exalta sob a roupeta do jesuita os talentos e os recursos do estadista. Em D. Fr. Francisco de S. Luiz, similhante e não menos fervoroso sentimento lhe accende, sob a humildade da cogulla, os brios e o esforço para as grandes emprezas, em que vão a salvação e o bem do estado.

«D. Fr. Francisco de S. Luiz apparece pela primeira vez na scena publica, membro de uma junta popular, levantada no Minho para organisar a resistencia da provincia contra as phalanges invasoras do primeiro Napoleão. O padre Antonio Vieira apparece como figura principal, em todos os logares, em que se pede contra a arrogancia castelhana em todas as occasiões um coração verdadeiramente portuguez, um espirito fertil e inventivo, um animo aventuroso e resoluto, e um conselho prudente e moderado.

«Apparece D. Fr. Francisco de S. Luiz pela segunda vez no *forum* popular para tutellar as liberdades que proclamava a revolução, e para humilhar e corrigir, pela pratica do governo representativo, as demazias dos poderosos e as corrupções dos privilegiados. E Antonio Vieira, quasi que não subiu uma vez ao pulpito, que não aproveitasse aquella so tribuna dos seus tempos para vindicar os foros dos humildes; e para dourar nas apparencias da homilia a objurgação politica e a vehemente imprecação contra os que, por ambições e desacêrtos, arriscavam a honra deste reino e devoravam a mais preciosa substancia da nação.

«Em um e outro sempre o vulto da patria nas emprezas e nos escriptos. Em Antonio Vieira o negociador de Hollanda, o politico das missões, o conselheiro respeitoso, mas desassombrado, do primeiro rei da casa de Bragança. Em D. Fr. Francisco de S. Luiz o membro da regencia, o presidente da camara electiva, e o secretario de estado da primeira rainha constitucional.

«Nos escriptos de um o patriotismo esculpe muitas vezes a satyra vigorosa na apparente candura do sermonario. Nos escriptos do outro a affeição da terra natal, manifesta-se nas investigações da sua historia, nos estudos da sua opulenta litteratura; no seu extremo pela antiga pureza da linguagem vernacula; e quando o patriotismo solta a voz dos interesses populares, como no manifesto ás nações da Europa, como na carta a el-rei D. João VI, as paixões e os odios facciosos passam de longe, para não deslustrar com o hálito a luz serena e radiante da liberdade nacional.»

A entrada de D. Fr. Francisco de S. Luiz na vida politica em 1820, offerece ensejo ao sr. Latino Coelho para manifestar, claro e decisivo, o seu voto contra a conservação das ordens religiosas. É cousa notavel, essa opinião contrasta bem com a de outro distinctissimo academico, o sr. visconde de Castilho, altamente affirmada em o 2.º numero do *Jornal das Bellas Artes*, publicado em 1843.

Nesse artigo descreveu o sr. visconde de Castilho, com um primor admiravel as ordens religiosas; e sem duvida, nunca estes institutos tiveram um advogado mais poetico e eloquente.

O illustre escriptor, depois de pintar com as melhores cores a vida eremitica, ascetica e monastica dos monges, e os serviços por elles prestados ás sciencias, assim como pelos missionarios á propagação da fé, chega á epocha actual, e ao mesmo tempo que mostra francamente o desejo pela renovação das ordens religiosas, concorda em que para ellas continuarem a existir, se deveria modificar a sua organisação.

«Temos, ainda que por alto, dicto o bastante, segundo nos parece, para vindicar, em nome da natureza, do christianismo e da sociedade, o credito das ordens religiosas, escurecido, já pela ignorancia, já pelo interesse egoista, já pelo ingenho paradoxal de alguns eruditos, que de poucas ou muitas hypotheses de maus frades, de conventos relaxados, ou de tempos geralmente corruptos, pretendem deduzir uma these absoluta de immoralidade para reprovação e exterminio; e não nos deteremos já em perguntar a estes eruditos, se esses poucos ou muitos religiosos, indignos de tão augusto titulo, condemnados pelas regras de seus fundadores, pelo espirito geral de sua congregação, e, que tantas vezes foram, sem n'o quererem, causas das apertadas reformações, que depois sobrevieram, não perguntaremos, se estes discolos excediam, ainda assim, ou egualavam em depravação aos seculares depravados do seu tempo.—Seria abusarmos cruelmente da victoria.

«O monachismo tem, pois, a despeito de seus variados e accesos inimigos, ainda hoje em seu favor o argumento de que, não só tem durado mais do que nenhuma outra instituição, e existe ainda largamente em muita parte do orbe civilisado, mas n'aquellas mesmas, d'onde presumiram havel-o extirpado, começa a renascer como já outras vezes lhe succedêra.

A duas causas referem principalmente as historias a origem da vida eremita, ascetica e monastica,—primeira as perseguições:—segunda a perversão e o desinfreamento dos costumes na cidade. Quem ousará affirmar que onde e quando ambas estas causas se reunirem, as ordens religiosas não tornarão a apparecer? Sendo a propria liberdade (então já adulta), e a philosophia nova (que d'ella está para nascer) as que lancem com suas mãos divinas a primeira pedra nos alicerces do primeiro convento renascido. Para que ambas ellas o façam com alvoroço e se applaudam de o haverem feito, basta que poucas e leves mudanças se introduzam na organisação das ordens religiosas. Mudanças leves e poucas, repetimos, porem necessarias e indispensaveis para harmonisar de todo o ponto este instituto com esta edade, deixando aniquilados os unicos e incontrastaveis argumentos, com que os mundanos até hoje têem esbombardeado os retiros espirituaes.

Adistricto cada mosteiro á regra sempre sábia de seus primitivos fundadores;—obrigado pelos superintendentes politicos e ecclesiasticos a não deslisar jámais d'ella,— marcados os justos limites ao seu adquirir— designado o impreterivel numero dos seus professos,— fechadas as portas da profissão á adolescencia —prolongado aos candidatos o prazo da sua provação, e sobretudo abolida a perpetuidade dos votos, votos temerarios e nullos por sua natureza, votos superfluos para os corações que não mudam, perdidos, tyrannicos e ruinosos para os que se arrependem,—e postos em logar destes, simplices votos annuaes,— soluveis ou renovaveis depois da experiencia, e só assim mantidos com gosto, com amor, com devoção, com enthusiasmo, com perfeito contentamento; que se levantem apostados todos os ingenhos mais argutos a oppugnar uma tal instituição; com que pretexto? com a da liberdade?—Mas a liberdade, não é exclusiva! permitte a cada homem o ser feliz,— não pelas ideias e á maneira de outrem, ou de muitos ou da pluralidade, mas a seu proprio modo, segundo as necessidades da sua organisação, do seu temperamento, da sua fortuna, ou da sua edade. A liberdade tem obrigação de permittir ao que viu sumirem-se-lhe no sepulchro os objectos de todas as suas affeições terrestres, ao que se desenganou das mentiras da fortuna, ao que tem para adormentar um grande remorso, ou uma dolorosa paixão para extinguir, em summa a todos aquelles para quem o ermo, o altar, o silencio, a oração, a penitencia e a esperança se tornaram o unico remedio, o unico alvo dos seus desejos instinctivos e salvadores, tem obrigação a liberdade, se o quizer ser, de lhes deixar no mundo um logar, para onde se asylem da desesperação e do suicidio!»

Ao mesmo tempo que o sr. visconde de Castilho assim proclama no *Jornal das Bellas Artes* a necessidade das ordens religiosas; o sr. Latino Coelho, no seu *elogio de D. Fr. Francisco de S. Luiz*, trata de mostrar que com quanto ellas fossem uteis na sua origem, com o decurso do tempo, e sobretudo ultimamente, haviam-se tornado pela sua relaxação e em consequencia do differente modo de ser da actual sociedade, incompativeis com a moderna civilisação.

---

encargos, se julgasse exaggerado o saldo annual do orçamento do Grande Oriente, e as Lojas julgassem prejudicial a accumulação de capitaes, a lei organica previne o caso, auctorisando a alterar as tabellas das contribuições em sessões legislativas ordinarias. E as Lojas, tendo direito de reclamar contra as verbas do orçamento, têem força moral, pelos seus representantes, para coagirem a grande commissão de fazenda a propor esta alteração.

É preciso não deixar incontestada a opinião de que entre os interesses das Lojas e os do corpo superior existem antagonismos. Os corpos superiores não são mais do que a representação das Lojas, os membros que os compõe são os membros das officinas; os interesses, as aspirações, os trabalhos são communs e harmonicos!

Em resumo. A constituição de 21 de Setembro corresponde plenamente a todos os desejos das maçons do Porto, expressos no seu manifesto. Presta homenagem aos sentimentos de amor nacional, dando a maxima plenitude ás suas manifestações, auctorisa a reunião das Lojas do mesmo valle em Capitulos, creados por vontade dellas, e não impostas obrigatoriamente ás officinas que se não quizessem submetter á sua tutella; distribue os encargos por todos os obreiros, auctorisando a diminuir ou a augmentar esses encargos conforme as necessidades communs o exigirem.

Depois,—e esta é a suprema razão,—todas as Lojas escolheram livremente os irmãos que deviam represental-as na grande assembléa constituinte; deram-lhes amplo mandato, de modo algum imperativo; os seus veneraveis, que não quizeram assistir á discussão, delegaram noutros por livre vontade esse encargo; foram ouvidas consultivamente sobre o projecto de Constituição; expenderam as suas opiniões, que foram presentes ao corpo legislador. Que lhes restava depois d'isto? Acatarem as determinações dos seus mandatarios, e, se julgavam que elles não haviam exprimido satisfatoriamente as suas ideas, procurarem, em vista da mesma Constituição, os meios de a melhorarem depois.

O acto que praticaram as quatro Lojas do Porto foi um acto de pura rebellião. Se aquelles pontos lhes eram de tal modo interessantes, que da sua adopção ou não adopção dependia fatalmente a conservação das ditas Lojas, sob a obediencia do corpo que promulgou a lei organica, deviam a respeito d'elles ter dado mandato imperativo aos seus representantes, e declararem que só sob a condição expressa de ser acceita a sua opinião continuariam a fazer parte da communhão da maçonaria regular portugueza! Não o havendo feito previamente, não havendo posto esta condição imperativa no mandato, approvaram pelo voto dos seus representantes, aquillo mesmo contra que se insurgiram depois de approvado! Funesta incoherencia!

A maçonaria portugueza lastima a perda dos irmãos distinctos que constituiam aquellas quatro Lojas; confia que muitos, convencidos do errado procedimento das suas officinas, voltarão a regularisar-se nas Lojas que não perderam os seus direitos de regulares, e assim continuarão a partilhar da benefica influencia da communhão da grande familia maçonica, espalhada na superficie da terra.»

RESOLUÇÃO PATRIOTICA

Em o numero de hontem do nosso estimavel collega de Lisboa, o *Diario de Noticias*, lê-se o seguinte:

«Em consequencia das apreciações feitas pela illustrada folha liberal o *Conimbricense* em o n.º 2:667, de 15 de Fevereiro ultimo, e da qual demos noticia, acerca do Gr.·. Or.·. Lus.·. U.·., a R.·. L.·. Pureza n.º 2, de Lisboa, na sua sessão de 17 de Fevereiro, tratou deste momentoso assumpto, nomeando para o estudar uma commissão composta dos Ir.·. mais conspicuos. Na sessão extraordinaria do dia 27 foi-lhe presente a seguinte exposição, que foi unanimemente approvada:

«Loja Pureza n.º 2—Que ao artigo 2.º da constituição se addicione depois do n.º 2 o seguinte paragrapho:—Os maçons portuguezes, na qualidade de cidadãos, affirmam especialmente os seus principios na defeza da independencia nacional, e na sustentação das instituições liberaes; e que similhantemente ao n.º 5 do artigo 8.º, paragrapho 2.º, se dê a forma seguinte:—Decidido amor da patria, da sua independencia e liberdade.—Que o grande Oriente convide as lojas a adherirem a estes principios; que mande ao governo do paiz, por intermedio do grão mestre, uma manifestação em que signifique os sentimentos da maçonaria, no sentido de coadjuvar agora e sempre tudo que for a bem da independencia e liberdade do paiz.—Que se lhe dê a maxima publicidade pela imprensa para que o paiz a conheça.—Que se determine ás lojas que os novos adeptos jurem mais a independencia e liberdade da patria.»

É uma resolução que honra os sentimentos patrioticos dos cidadãos filiados nessa instituição, e que elimina da letra da constituição a ambiguidade que alli encontrára o distincto jornalista conimbricense.»

«Aquelle religioso, que vem annunciar a Lisboa a alforria de Portugal, é mais do que o membro accidental da junta provisoria, porque é uma ideia personificada. A sua apparição na praça publica litteralmente quer dizer, que as ordens religiosas tem cumprido o seu destino em Portugal. E' um dos ultimos ornamentos do claustro, que vem celebrar, as primeiras festas da liberdade, porque é chegado o momento em que o monge sem antecipar a ordem dos tempos, e sem violentar a lei providencial da historia, deve abdicar diante da fraternidade nacional a fraternidade privilegiada do mosteiro, e volver á sociedade commum, donde o havia desterrado a piedosa barbaridade dos seculos passados.

«Eram terminados os dias em que o monge podia servir na austeridade do seu instituto a humanidade e o progresso. A ideia em quanto a não haviam deixado florir e vecejar á luz do sol, tinha buscado sob as abobadas do mosteiro a ultima cidadella do entendimento e o extremo refugio da illustração. Mas o claustro era neste seculo estreito ambito para a civilisação, que ia transbordando e levando comsigo na torrente as instituições e os costumes, que havia derrocado.

«A tribuna, a imprensa, as assembleas populares, a magestade da opinião, a emancipação da intelligencia humana, a secularisação do ensino e a crescente popularidade das sciencias e das letras, tirando ao monge o privilegio da erudição, e a preeminencia da virtude, egualaram tacitamente o ermo e o povoado, e tornaram desde então superflua e paradoxal na sociedade a missão, que a Providencia confiára n'outros seculos ás congregações religiosas.»

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

O promettido é devido—Depois de numerosos e inuteis pedidos, dissemos em o ultimo numero; que estavamos resolvidos a declarar os jornaes que transcrevessem noticias do *Conimbricense*, sem mencionar a sua proveniencia.

Já depois disso a *Revolução de Setembro* transcreveu em o seu numero de quinta feira, a nossa noticia com o titulo de—*O mez de Março*; o *Jornal da Noite* de hontem; transcreveu as noticias—*Automatos celebres*—*Espelho ardente*—e o—*Jogo do xadrez*; e o *Diario Illustrado*, tambem de hontem, transcreveu a noticia—*A côr do luto*, sem indicarem de onde as copiavam.

Estamos plenamente convencidos de que os illustres redactores destes esclarecidos jornaes são alheios a este procedimento; mas a verdade é que os factos se repetem com uma pesistencia incrivel, apesar das nossas repetidas reclamações, e por isso não podemos continuar a permanecer silenciosos.

Somos os primeiros a reconhecer que os nossos trabalhos litterarios e historicos são de insignificantissimo valor; mas em todo o caso, quer valham muito, quer pouco, temos indisputavel direito a exigir que quem se utilisar delles, diga qual o jornal donde os transcreve.

Já em tempo o sr. visconde de Castilho teve de sustentar na *Revista Universal Lisbonense* uma renhida peleja contra a pirateria litteraria; e nós estamos agora resolvidos a fazer o mesmo.

Episodio da revolução liberal de 1828.—Em o numero passado publicamos alguns periodos de uma carta, que nos dirigiu o nobre marquez de Sá da Bandeira, desenvolvendo a narração que ha tempo fizeramos da vinda deste illustre militar a Coimbra, em Setembro de 1829.

Hoje vamos tambem dar circumstanciada noticia da chegada a Coimbra, no dia 23 de Maio de 1828, do batalhão de caçadores 2, vindo de Thomar pelo Espinhal; facto a que apenas alludimos no nosso livro—*Apontamentos para a historia contemporanea*.

Nunca será de mais tudo quanto se disser em louvor dos benemeritos cidadãos, que tantos trabalhos soffreram, e tanto se arriscaram para conquistar a liberdade que hoje gozamos.

Com estas publicações iremos pouco a pouco ajuntando no *Conimbricense* interessantes elementos, de que no futuro os curiosos se podem aproveitar.

O grito de liberdade, soltado na cidade do Porto no dia 16 de Maio de 1828, foi logo seguido em muitas terras das provincias do norte. Se, porem, era facil proclamar a revolução liberal nas povoações, onde podia chegar a acção e influencia da junta do Porto; não acontecia o mesmo naquellas que estavam proximas do centro absolutista de Lisboa.

A força militar na provincia da Estremadura podia ser coagida nos seus sentimentos liberaes, e mandada recolher á capital, antes de ter tempo de adherir á revolução do Porto.

Apesar, porem, de todas as difficuldades, o regimento de infanteria 10 e alguma cavallaria do mesmo numero, estacionados em Santarem; e o batalhão de caçadores 2, de quartel em Thomar, houveram-se com toda a independencia, e marcharam para Coimbra, a fim de se unir á causa liberal.

Em especial deve ser mencionado o serviço prestado pelo batalhão de caçadores 2, porque sahiu de Thomar para Coimbra, no dia 21 de Maio, antes de nesta cidade se haver proclamado a liberdade, o que só aconteceu no dia 22.

Para esta resolução contribuiu de uma maneira decisiva o actual sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, que então frequentava o 4.º anno de Leis na Universidade.

Logo que em Coimbra constou a revolução do Porto, sahiu para Thomar o sr. José Silvestre Ribeiro, indo completamente disfarçado, para escapar ás pesquizas das auctoridades e mais partidarios miguelistas.

Levava, para illudir os inimigos, no seu chapeu de abas largas, um grande laço *azul e encarnado*, indo por todo o caminho a mostrar ao arrieiro o maior enthusiasmo contra os constitucionaes e pedreiros livres. As proclamações liberaes da junta do Porto levava-as escondidas nos canos das botas.

Quando chegou a Thomar, antes de se apresentar ao commandante de caçadores 2, Romão José Soares, que depois veiu a ser agraciado com o titulo de barão de Cacilhas, pelos relevantes serviços que prestara á causa liberal, e em especial no combate de Cacilhas em 23 de Julho de 1833; tratou o sr. José Silvestre Ribeiro de sondar o terreno.

Teve a boa fortuna de almoçar em uma hospedaria com um official do referido batalhão, o qual muito se ia enfurecendo contra elle, pelas suas expressões de enthusiasmo miguelista. Desde, porem, que viu claramente um amigo na pessoa do official, deu-lhe um abraço, descoseu os canos das botas, leu-lhe as proclamações, e partiram immediatamente para o quartel de Romão José Soares, o qual o recebeu com uma alegria indisivel, que immediatamente se communicou ao batalhão e a todos os liberaes de Thomar.

Marchou logo o batalhão para Coimbra, vindo pelo Espinhal. Chegado ahi, entendeu o commandante que não era conveniente proseguir na marcha, sem primeiro saber o que haveria occorrido em Coimbra.

Seguiu, por isso, o sr. José Silvestre Ribeiro, do Espinhal para esta cidade, onde entrou em a noute do dia 22, vindo assim já encontrar proclamada a revolução liberal, o que aqui tivera logar na manhã d'esse dia.

N'essa mesma noute se reuniram ao sr. José Silvestre Ribeiro, alguns officiaes de milicias de Coimbra e Figueira, e o sr. Cassiano Tavares Cabral, irmão do bem conhecido patriota Leonel Tavares Cabral, e pae do nosso amigo, o honrado escrivão de direito, que actualmente é na comarca da Louzada, o sr. Ayres Tavares Cabral; e partiram para o Espinhal, a dar ao batalhão de caçadores 2 a feliz nova dos acontecimentos de Coimbra.

Avistando na manhã do dia 23 o batalhão, com elle partiram do Espinhal, chegando a Coimbra no mesmo dia, no meio de uma recepção enthusiastica da academia e da cidade.

Os miguelistas nunca poderam perdoar aquelles que de Coimbra foram ao Espinhal; e tal era a vontade de fazer victimas, que até não poupavam os proprios innocentes.

No processo contra o sr. Dorico Mendes de Castro, da rua do Coruche, já ha tempo fallecido, e no do nosso amigo o sr. Augusto Mendes Simões de Castro, houve testemunhas que depozeram que elle era tão liberal, que até tinha ido ao Espinhal para acompanhar o batalhão de caçadores 2; e isto com uma falsidade refinada, pois que o sr. Dorico nunca em tempo nenhum fora ao Espinhal! Não obstante, porem, a accusação ser totalmente falsa, não evitou isso que o sr. Dorico tivesse de estar homisiado, vendo-se por fim obrigado a emigrar para França!

Ora se isto acontecia com quem nada tinha com a vinda do batalhão de caçadores 2, que sorte estaria reservada ao sr. José Silvestre Ribeiro, se a tempo não tivesse emigrado? Sem a menor duvida teria a mesma do tenente coronel das milicias da Louzã, Victorio Telles de Medeiros e Vasconcellos, ao qual foi espetada a cabeça em um pinheiro no terreiro de Samsão desta cidade, em Maio de 1829.

Cumpre, por isso, á mocidade actual ser grata para com aquelles que assim se comprometteram pela causa da liberdade.

Manoel Bento Rodrigues.—Em uma memoria que ha poucos dias se acaba de imprimir em Coimbra, na parte d'ella em que vem a *relação dos doutores theologos que, depois da reforma da Universidade em 1772, tem sido elevados a bispos ou arcebispos*, se lê o seguinte:

«(*Fr.*) Manoel Bento Rodrigues,— *arcebispo de Mitylene (in partibus)*, suffraganeo do patriarcha de Lisboa, depois *coadjutor e futuro successor* do bispo de Coimbra, em seguida *bispo* de Coimbra, e ultimamente *patriarcha* de Lisboa.»

Pedimos licença para dizer que aqui ha dois equivocos.

O sr. Manoel Bento Rodrigues nunca teve o tratamento de *Fr.* Pertenceu nesta cidade ao collegio dos conegos *seculares* de S. João Evangelista, vulgarmente chamado dos Loios. Esses conegos não tinham o tratamento de *Fr.*, mas sim o de *padres*, da mesma fórma que os jesuitas.

Em segundo logar, o sr. Manoel Bento Rodrigues não foi *coadjutor e futuro successor* do bispo de Coimbra; mas sim foi nomeado logo directamente bispo desta diocese, por fallecimento do bispo D. Joaquim de Nazareth; sendo o despacho em 27 de Outubro de 1851, e a confirmação em 15 de Março de 1852.

Coadjutores e futuros successores de bispos de Coimbra, tinham sido D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, com o titulo de bispo de Zenopoli *(in partibus)*, em vida de D. Miguel da Annunciação; e D. Fr. Francisco de S. Luiz, com o titulo de bispo de Dura *(in partibus)*, em vida de D. Francisco de Lemos.

Instituto de Coimbra—Reuniu-se na quinta feira a assemblea geral do Instituto. Ha muito tempo que se não havia reunido tão consideravel numero de socios.

O presidente, o sr. Dr. Joaquim José Paes da Silva Junior, convidou a tomar a presidencia o sr. reitor da Universidade, que é socio honorario do Instituto.

Foram lidas propostas para serem votados socios effectivos os srs. Dr. Avelino Cesar Augusto Maria Calisto, licenciado Manoel de Jesus Lino, e Bernardino Luiz Machado Guimarães, estudante do 4.º anno de Philosophia; e procedendo-se á votação foram approvados.

Em seguida o sr. visconde de Villa Maior, convidou a assemblea a dividir-se successivamente nas tres classes de sciencias moraes e sociaes, de sciencias physicas e mathematicas, e de litteratura e bellas artes, a fim de que os respectivos membros, que quizessem fazer conferencias, assim o declarassem aos directores, e quaes os pontos que escolhiam.

A' classe de sciencias moraes e sociaes presidiu o respectivo director o sr. Dr. Fernandes Vaz.

Os membros d'esta classe que se inscreveram para fazer conferencia foram os srs. Dr. Luiz Jardim, Dr. Julio Marques de Vilhena, bacharel Augusto Neves dos Santos Carneiro, e Candido de Figueiredo.

A classe de sciencias physicas e mathematicas não poude congregar-se, por se não acharem presentes os seus respectivos director e vice-director.

A classe de litteratura e bellas artes, presidiu o seu director o sr. Dr. Fernando de Mello.

Declararam promptificar-se a fazer conferencia os srs. Miguel Osorio Cabral de Castro, Candido de Figueiredo, Dr. Luiz Jardim, Manoel da Cruz Pereira Coutinho, Dr. Augusto Filippe Simões, José Frederico Laranjo, e conselheiro João José de Mendonça Cortez.

Por esta occasião pediu a palavra o sr. Dr. Filippe Simões, e propoz que na classe de litteratura e bellas artes se nomeasse uma commissão, para se dedicar aos trabalhos de archeologia e epigraphia, e promover a creação no Instituto de um museu archeologico.

Esta idea foi applaudida, e logo o sr. Miguel Osorio prometteu concorrer com o que podesse para o projectado museu; e disse que offereceria exemplares de algumas moedas antigas que possue em duplicado, e que poria á disposição dos socios as obras da sua livraria, que sabemos ser valiosissima.

O sr. Dr. Filippe Simões prometteu concorrer tambem para o museu com alguns monumentos epigraphicos que possue, e com outros objectos curiosos.

Por ultimo foi nomeada a commissão de archeologia, que ficou composta dos srs. bacharel Abilio Augusto da Fonseca Pinto, conego Antonio Xavier de Sousa Monteiro, Dr. Augusto Filippe Simões, bacharel Augusto Mendes Simões de Castro, bacharel João Correa Ayres de Campos, conselheiro João José de Mendonça Cortez, Manoel da Cruz Pereira Coutinho, e o par do reino Miguel Osorio Cabral de Castro.

Audiencias geraes—Houve no dia 5 os julgamentos seguintes:

Salvador Marques dos Santos, da Raiva, julgado de Penacova, pelo crime de furto. Absolvido.

Salvador Soares, de Alicante, pelo crime de furto. Foi condemnado em 2 annos de prisão maior cellular, ou 3 annos de degredo.

No dia 7 houve os seguintes julgamentos:

José Monteiro de Oliveira, de Casevel, julgado de Condeixa, pelo crime de ferimentos. Condemnado em 4 mezes de prisão.

Bernarda Maria, do Telhado, julgado de Penacova, pelo crime de infanticidio. Absolvida.

Melhoras—Podemos felizmente annunciar, que o nosso estimavel amigo o sr. Antonio de Freitas Barros, se acha livre de perigo da grave doença que teve, e que entrou na convalescença.

Sacrilegio—Em a noute de 4 para 5 do corrente foi arrombada a porta travessa da egreja do Rabaçal, concelho de Penella. Da egreja foram roubados alguns objectos, e em especial de dentro do sacrario foi roubado o vaso de prata, que tinha as sagradas formas, ficando estas espalhadas sobre o altar.

Partida.—Na quarta feira, o vapor *Cuzco*, que levantou ferro ás 4 horas da tarde, levou a bordo o sr. conselheiro José Dias Ferreira, acompanhado de sua esposa e duas filhas de menor edade. Vão á ilha da Madeira procurar allivio aos padecimentos desta virtuosa senhora, cuja prolongada doença tantos cuidados tem merecido ao sr. conselheiro José Dias Ferreira, e a todas as pessoas que conhecem as suas nobres qualidades.

Fazemos votos pelas melhoras da illustre enferma.

Suffragios—No dia 4 do corrente houve missa de *requiem*, com *Libera me*, na egreja da Santa Casa da Misericordia da Louza, pelo eterno descanço do distincto actor brasileiro Joaquim Augusto Ribeiro dos Santos, ha pouco fallecido no Rio de Janeiro. Foi celebrante o reverendo Dr. José Daniel de Carvalho Montenegro, que convidou para este acto de caridade e gratidão, a irmandade da mesma Santa Casa, por ter aquelle distincto brasileiro dado ha tempos um beneficio no theatro da imperial cidade de S. Paulo, em favor do hospital da Louzã, a pedido do nosso amigo o sr. commendador Montenegro, e que rendeu liquido de despezas, a importante quantia de 430$000 rs. da nossa moeda.

Desgraça—Na sexta feira, 28 de Fevereiro ultimo, despedaçou-se uma barca serrana, pertencente a Joaquim José, do logar da Ponte, do concelho de Penacova, no sitio do valle de Cangua, um pouco abaixo do porto da Foz do Dão, denominado as Pedras.

Está sendo muito perigoso o alveo do rio n'aquelle sitio, chegando a ajuntar-se 20 bar-

queiros para alli passarem uma barca carregada, por causa da violenta corrente nas pedras escarnadas que lá se acham.

É lamentavel semelhante desgraça, para um chefe de familia que apenas possuia a barca e o valor da carga, que tudo se perdeu; e ainda é mais lamentavel, que a repartição competente não tenha mandado quebrar as taes pedras.

Já foi assignada uma representação pelos barqueiros e alguns negociantes d'esta cidade, pedindo á direcção das obras do Mondego que mande quebrar as pedras, o que é pequena despeza. Os barqueiros merecem ser attendidos, porque todos pagam contribuição industrial, e tão promptamente, que apenas um muito pobre a não satisfez na epocha competente.

Bonito sortimento de livros de missa—A *Livraria Academica*, n'esta cidade, acaba de receber uma variada escolha de livros portuguezes de missa e confissão e outras orações, impressos em Paris, ornados de lindas gravuras, e por preços muito convidativos. Ha-os com encadernações de chagrin, veludo, madre-perola, tartaruga, marfim, madeira d'ebano, e de cristal: as duas ultimas qualidades sobretudo primam por serem de requinte e de gosto modernissimo. É uma bonita prenda que todos podem utilisar, sobretudo para brinde de amendoas, porque a occasião não vem longe. O annuncio vae no logar competente.

O logogripho publicado em o numero passado e—Conimbricense.

Foi decifrado pelas sociedades *Naturalista*, e *Charadicida Telegraphica*, pelos srs. M. dos Santos e Silva, e A. P., e pela sr.ª M. Esta senhora mandou-nos não só a decifração do logogripho, mas tambem os differentes nomes em que se decompõe. E finalmente o nosso amigo o sr. José Julio Soares Conceiro, de Povoa de Lanhoso, tambem nos mandou a decifração do logogripho.

Recebemos de Pombal um logogripho, que hoje não pode ser publicado por falta absoluta de espaço.

ANNUNCIOS

1 FAÇO SABER, que no dia 23 do corrente mez de Março, pelas 10 horas da manhã, no adro da egreja de S. Thomé de Trezoi, concelho de Mortagua, diocese de Coimbra, se ha de arrematar e entregar a quem maior lanço der, uma porção de azeite, pertencente ás confrarias do Santissimo e Senhora do Rosario, da mesma freguezia.

Esta porção de azeite já foi vendida pela junta de parochia a preço de 1$320 rs.; mas como o regedor da freguezia, Abel Pinto Pereira Ribeiro, protesta contra tal venda por semelhante preço, por isso vae andar em praça nos tres domingos continuados, que principiam em 9 de Março e findarão em 23 do mesmo.

E para que chegue ao conhecimento dos interessados se passa o presente, e outros de egual theor, que serão afixados no local do costume; ficando por este mesmo avisados os membros da junta e o regedor da freguezia, para comparecerem no mesmo local, dia e hora marcados.

S. Thomé de Trezoi, 6 de Março de 1873.

O parocho,
Antonio Martins Cabeço.

AGRADECIMENTO

2 O PAROCHO de Farinha Podre, Francisco Cordeiro da Fonseca, summamente grato ás demonstrações d'amizade que recebeu de seus amigos, por occasião do fallecimento de seu chorado irmão José Antonio Cordeiro da Fonseca, vem por este meio a todos agradecer e declarar que jamais poderá esquecer tão distinctos obsequios.

3 TENDO APPARECIDO em o n.º 2:671, do jornal o *Conimbricense*, um annuncio, em que a camara municipal desta villa faz publico, pelo orgão do seu vice-presidente, o sr. João Carvalho Motta, que ninguem contrate com Bernardo Correia, nem com seu filho João Correa, por se acharem ambos alcançados para com a mesma camara em 4:198$640 rs.; venho declarar, que já se acha o referido alcance garantido áquella camara, por escriptura publica, celebrada nesta mesma villa, no dia 4 do corrente mez, nas notas do tabellião Serrão.

Pombal, 5 de Março de 1873.

Bernardo Correia da Costa.

ATTENÇÃO

DANTAS GUIMARÃES

24 Rua do Visconde da Luz 30

4 ACABA DE RECEBER este estabelecimento uma linda collecção de veus de blonde pretos para senhora a 500 reis! Sedas, e failles pretos de 1$600 a 2$250 reis o metro; chales de merino pretos, lisos e bordados de 2$400 reis para cima; alpacas e merinos, pura lã, pretos francezes para vestidos; novo sortido de esguiões largos a 120 reis o metro.

5 POR ESTE JUIZO de direito da comarca de Coimbra, e cartorio do escrivão interino Manoel Ferreira de Almeida, correm editos de 30 dias, pelos quaes são citados Maria de Jesus e seu marido Manoel Borges Louzada, Alberto Mathias, João Simões Mathias, todos do logar do Carvalho, filhos e genro do fallecido Bernardino José, morador que foi no mesmo logar, ausentes em parte incerta, para na 2.ª audiencia passados os 30 dias, que lhes foram assignados em audiencia de 3 do corrente, virem fallar a artigos de habilitação, e a todos os termos da acção, que José Lopes Guimarães, desta cidade, move á dita Maria de Jesus e marido, e ao fallecido Bernardino José; até final execução, com a pena de correrem os termos com o curador que fôr nomeado.

Livros de missa e de confissão

6 COM encadernação de chagrin, de veludo, de marfim, de tartaruga, de madreperola, de madeira, de bufalo, e de cristal. Barateza inexcedivel, gostos aprimorados.

Livraria Academica

183, Rua da Calçada, 185

J. M. LATINO COELHO

7 ELOGIOS ACADEMICOS. Um volume de perto de 400 paginas, edição nitida.

Preço 800 rs.

A' venda na livraria Pereira, rua Augusta, n.º 50 e 52, e nas mais do costume. No Porto e em Coimbra, nas principaes livrarias.

Edital

8 A CAMARA MUNICIPAL DE COIMBRA, faz saber que, em virtude das disposições do Novo Regimento de policia deste concelho (artigo 52), é prohibido caçar desde o 1.º de Março corrente, até 15 de Julho proximo futuro, e matar a creação nos ninhos e lousas, sendo circumstancia aggravante (artigo 53), caçar com ratoeira ou qualquer outra armadilha.

Aos infractores das disposições dos citados artigos das posturas deste municipio serão applicadas as penas comminadas nas mesmas.

E para que não possa allegar-se ignorancia se passou o presente e outros, que serão afixados nas parochias do concelho.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal 3 de Março de 1873.

O presidente,
Lourenço d'Almeida Azevedo.

Hospitaes da Universidade de Coimbra

9 ANNUNCIA-SE que as consultas e o curativo no banco dos hospitaes, têem logar todos os dias, das 9 ás 11 horas da manhã.

Secretaria da administração dos hospitaes da Universidade, 8 de Março de 1873.

O secretario,
Herculano Santa Barbara.

ARREMATAÇÃO

10 NO DIA 1.º de Abril proximo, pelas 10 horas da manhã, á porta da sala do tribunal judicial desta comarca, e perante o exm.º sr. juiz de direito, se ha de vender e arrematar a propriedade seguinte:—Uma morada de casas sitas na rua Direita, na freguezia de Condeixa a Nova, que confrontam pelo nascente, e norte, com casas de Manoel Emygdio Pereira de Albuquerque; sul, com casas de Fortunato Moura dos Santos Bandeira, ambos de Condeixa; e do poente, com rua publica; a qual foi penhorada a Francisco Ignacio Luiz Zuzarte, e mulher, de Condeixa, na execução que contra elles move neste juizo D. Maria Herzilia Maldonado Pereira de Almeida, viuva, desta cidade, cuja propriedade foi avaliada em 180$000 reis, e a arrematação se fará na forma do artigo 218 do decreto regulamentar do registo predial de 28 de Abril de 1870. —E' escrivão da execução, Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

Agradecimento

11 D. MARIA DA GLORIA COSTA PEREIRA e Francisco da Costa Pereira, procuram este meio, para agradecer a todos os illm.ºs e exm.ºs srs, que se dignaram no dia 27 de Fevereiro proximo passado, acompanhar á sepultura o cadaver de seu irmão Mathias da Costa Pereira, protestando a todos o seu sincero reconhecimento e gratidão.

Coimbra 6 de Março de 1873.

INTERDICÇÃO

12 PELO JUIZO DE DIREITO desta comarca de Coimbra, correm e pendem seus termos uns autos de interdicção, a requerimento do ministerio publico, contra D. Thomazia Olympia dos Santos Pereira, residente no logar de Villarinho de Cima, freguezia de Eiras; em cujos autos por sentença do Dr. João Telles Trigueiros, juiz de direito desta mesma comarca, de 5 de Agosto de 1872, foi julgada interdicta do exercicio de seus direitos e sujeita á tutella a arguida dita D. Thomazia Olympia dos Santos Pereira, por ser de seu proprio interesse, e ser-lhe dado um tutor que a represente em tudo conforme o artigo 314 do codigo civil, visto que o conselho de familia unanimemente confirmou a materia e a repetição da acção, e a denuncia da referida arguida, se achar confirmada pelo exame a que se procedeu por peritos competentes na pessoa da mesma, e por taes circumstancias não poder a supra-dita exercer e fazer valer seus direitos. O que se faz publico em comprimento do disposto no artigo 319 do codigo civil. E' escrivão Adelino.

Coimbra 3 de Março de 1873.

13 DÁ-SE a juros a quantia de 600$000. Antonio Joaquim de Figueiredo Serra Junior, morador em casa de Maria das Pegas, na rua da Sophia, está encarregado de dizer quem é. Prefere-se que seja a pessoa da cidade.

Ajudante de Pharmacia

14 OFFERECE-SE um com 7 annos de pratica. Quem precisar deixe carta nesta redacção com as iniciaes J. M. da C.

15 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière**, aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchaqueca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alcuto, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle-de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta do 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil, 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kils 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2674 — TERÇA FEIRA 11 DE MARÇO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	20

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Discute-se actualmente na camara electiva um projecto que deve substituir o contracto approvado pela lei de 2 de Março de 1866, entre o governo e a companhia dos caminhos de ferro do norte e leste.

Por este accordo fica a companhia exempta do imposto de transito, e permitte-se-lhe o adiamento temporario dos segundos taboleiros nas pontes de superstructura metalica.

Este projecto, que a opposição parlamentar, na sua raiva politica pretende fazer inculcar como uma simples concessão á companhia do caminho de ferro, é uma medida de alcance, debaixo do ponto de vista economico.

A opposição para aggredir o governo desfigura completamente a verdade dos factos.

Ninguem ignora que o estado financeiro desta companhia é immensamente precario e ruinoso. Deve aos accionistas oito semestres de juros das obrigações, tendo alem disso uma consideravel divida fluctuante.

Sem o contracto que o governo de accordo com a companhia, propõe ás camaras em substituição do de 1866, impossivel seria a conclusão de algumas importantes obras, que os interesses do commercio e da industria instantemente reclamam. O Porto, as provincias do norte e em geral o paiz inteiro, interessam muito na ligação do caminho de ferro do norte com o do Minho em construcção.

Neste contracto de vantagens reciprocas, o governo presta algumas concessões, fundado nos beneficios geraes que tendem a desenvolver as industrias e a facilitar as transacções commerciaes; no que toda a gente que pensa e que deseja a prosperidade publica do paiz, vê um beneficio de alta importancia, aconselhado pela economia politica e pelo bom regimen administrativo; ficando de mais a mais o estado tambem exonerado de alguns encargos que tinha contrahido no contracto de 1866, pelos quaes tinhamos a pagar aproximadamente 245 contos, provenientes da subvenção de 10 kilometros de construcção, e cerca de 200 contos de expropriações.

De mais. Como já dissemos, é muito precario o estado da companhia; sem alguma concessão não cremos que fosse possivel sustentar-se. E quantos inconvenientes e difficuldades resultariam para a nação deste acontecimento? Não é facil prever o grave transtorno que a fallencia desta companhia podia causar ao credito, á administração e á vida economica do paiz; não fallando nas complicações que um tal successo podia fazer levantar nas praças estrangeiras, onde abundam os capitaes desta companhia.

Estando a companhia proximo da sua ruina, entendeu o governo, e em quanto a nós muito bem, que não podia deixar de lhe fazer certas concessões para se habilitar a receber outras, que de futuro podem vir a ser uma grande fonte de prosperidade nacional. O governo presta auxilio á companhia, em compensação de outras vantagens que o paiz aufere.

E', portanto, este accordo do governo com a companhia do caminho de ferro um objecto que a administração e a boa politica ordena.

Causa, porem, tedio ver como a opposição parlamentar, neste como em todos os projectos do governo, atropela a justiça e os principios mais triviaes de economia e de administração; como renega á sua consciencia e as suas convicções para fazer politica facciosa.

Os partidos que assim procedem não tem amor patrio, nem sentimentos de brio.

Pede, porem, a justiça que aqui façamos excepção de um deputado do partido historico, que fallando largamente sobre este assumpto, disse que punha de parte todas as conveniencias partidarias, para justificar como merecia o projecto em discussão.

O sr. Joaquim Thomaz Lobo d'Avila declarou que fallava francamente neste assumpto, sem se embaraçar com a questão politica.

Um tal procedimento, aliás digno e honroso para o sr. Lobo d'Avila, fez desnortear a opposição, e por esta lealdade aos principios, incorreu o illustre deputado nas iras dos seus correligionarios. O sr. Lobo d'Avila declarou que abandonava o partido historico e a opposição.

De elevada importancia são as funcções que as juntas geraes exercem no regimen administrativo, quer deliberando, quer consultando; e por isso muito podem ellas concorrer para a prosperidade e engrandecimento do paiz.

Pelo systema centralisador da nossa administração politica, justificado apenas pela harmonia que deve existir nos interesses geraes e na execução das leis, são ainda bastante limitadas as attribuições das juntas districtaes, que, se não fôra este grande embaraço que as leis ainda oppõem ao seu desenvolvimento e acção, maior e mais rapida influencia deverá exercer esta importante entidade da hierarchia administrativa no progresso moral e material dos povos.

Ha todavia muitas questões de interesse local que as juntas geraes devem resolver para melhorar as condições dos povos em alguns dos seus mais vitaes interesses.

Por outras vezes neste jornal temos nós já escripto sobre o assumpto de que hoje nos occupamos, chamando a attenção da junta geral deste districto de Coimbra para um ponto que muito directamente interessa a esta cidade. Referimo-nos á organisação de um corpo de policia civil.

A policia, que faz parte da administração geral, e que tem por fim manter a ordem e a segurança individual nas povoações, é de uma incontestavel importancia e utilidade nos grandes centros de povoação, onde a vida so-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXLI

D. FR. CAETANO BRANDÃO

Vamos publicar um documento valioso, para se apreciar o caracter e os sentimentos religiosos de um dos maiores ornamentos da egreja, de um varão eminentemente apostolico, e para de uma vez o dizermos, do insigne arcebispo de Braga D. Fr. Caetano Brandão.

É uma carta por elle escripta em 25 de Julho de 1795, a qual se achou fechada por sua morte, entre os seus papeis, e que era dirigida ao cabido de Braga. Nessa carta, em que se contem as disposições da sua ultima vontade, se revela a santa humildade de que era dotado este membro exemplar do episcopado portuguez.

Estamos convencidos que a todos commoverá a sua leitura.

Joaquim Martins de Carvalho.

EM NOME DE DEUS PADRE, FILHO, ESPIRITO SANTO, AMEN

Não é da minha intenção fazer testamento, porque não tenho de que, nem ainda a vontade desembaraçada para isso. Entrei pobre n'esta egreja; depositou-se nas minhas mãos o seu rendimento para ser distribuido conforme o espirito dos sagrados canones. Não sei se o fiz assim; o que porem sei é que no ponto da minha morte cessa todo o exercicio que tinha d'esta administração, sem me restar senão a esperança bem fundada de que aquelles que por direito me ficam substituindo no governo d'esta egreja, compadecidos da minha pobre alma, não deixarão de soccorrel-a com os suffragios convenientes.

Disse que nem a minha vontade tinha livre para testar, porque tendo feito voto de pobreza na profissão de religioso, já que no decurso da vida a não observaria como era justo; quero ao menos agora dar-lhe uma plena e cabal satisfação, e para isso me desaproprio de tudo gostosissimamente, sem desejar mais nada do que uma pobre mortalha para involver o meu cadaver, a qual peço pelo amor de Deus.

A toda a Santissima Trindade encommendo a minha alma peccadora. Com quanto pezar lha entrego agora, manchada de tantos delictos, depois de a ter recebido limpa e pura das suas mãos no sacramento do baptismo! Senhor, Misericordia! que muitas vezes pequei por pensamentos, palavras, e obras, por commissão, e omissão! E disto só eu fico culpado, e mais ninguem; porque vós Creador meu (com lagrimas nascidas do coração o digo), bem dispendestes comigo, e bem trabalhastes a fim de me desviar da boca do inferno.

Ah! que chuveiro de misericordias! que luzes! que toques! que chamamentos efficassissimos desde a primeira flor dos meus annos, e depois no estado de religioso, e bispo! Eu me confundo de ver até aonde tem chegado a rebeldia de meu coração. Que remedio! Perdão espero, e confio, não me resta outro! de vós dulcissimo Jesus, no derradeiro lance da vida, com que agora me considero, se isto pretendeis de mim.

Lembrae-vos Senhor, que, ainda que ingrato, e infiel por muitos principios, sempre me gloriei de ser filho vosso. Sempre amei e respeitei os dogmas da minha crença, e sempre estive disposto a preferir esta a quaesquer, sacrificios mais custosos, e evidentes, bem convencido de que assim como não ha outro Deus se não vós, tambem não ha outra religião verdadeira senão a catholica, e que só os que a professam tem direito ao ceu. Isto vi sempre do meu coração; isto creio, e nisto mesmo desejo estar firme imperturbavelmente até o ultimo suspiro.

De boa vontade acceito as afflicções e agonias da morte; e tudo já daqui unido com os vossos infinitos merecimentos, offereço em satisfação dos meus peccados; com resignação me sujeito ás funestas mudanças que meu corpo vae a experimentar, a minha corrupção, e ultima resolução das minhas partes. Justa pena dos crimes multiplicados de que tem sido o instrumento. Sim, meu Deus, olhos, ouvidos, bôca, mãos, pés, coração, tudo em fim, que entra na composição deste meu ser terrestre, bem é que depois de tantas vezes se ter rebellado de vós pela culpa, repare de algum modo, passando pelas ultimas humilhações, e horrores do sepulchro; ainda que não fosse tributo indispensavel da humanidade, nenhuma duvida teria em pagal-o, só para dar á vossa grandeza soberana este derradeiro testemunho da minha impotencia, e do meu nada.

Desejo que o meu funeral se faça com a possivel simplicidade, e ao reverendo cabido peço, que queira antes applicar em missas e esmolas qualquer despeza que poderá conformar-se com decorações excessivas, das quaes ordinariamente nem aos vivos, nem aos mortos resulta alguma solida vantagem.

Rogo pelo amor de Deus ao reverendo

cial carece de garantias contra os discolos e malfeitores.

Os habitantes desta cidade têem direito como os de Lisboa e Porto a um corpo de policia que os ponha a salvo de aggressões, de offensas e de um certo numero de incidentes desagradaveis, que não é raro ver praticar em muitos logares publicos e que o bom nome desta terra não pode por mais tempo tolerar.

Pedindo novamente á junta geral deste districto a realisação desta ideia, nada mais fazemos do que interpretar os desejos dos nossos concidadãos, velando neste logar pelos seus direitos e immunidades.

A carta de lei de 2 de Julho de 1867, no artigo 32 diz o seguinte:

«Nas capitaes dos outros districtos (alem de Lisboa e Porto) haverá corpos de policia civil nos termos da presente lei, e com as attribuições nella conferidas. O numero de chefes e guardas de policia, o seu vencimento e a ordem do serviço, serão fixados nos respectivos regulamentos districtaes.

«§ unico. A despeza com a policia de que tracta o presente artigo, é considerada para todos os effeitos despeza obrigatoria dos districtos.»

Não será, por certo, tão avultada a despeza com a creação de um pequeno corpo de policia em Coimbra, que torne impossivel a execução da lei que acabamos de citar. E quando fosse necessario, o concelho de Coimbra de bom grado se sujeitaria á creação de uma receita para ser applicada exclusivamente á policia.

A despeza que a camara hoje faz com a policia municipal, o producto da metade das multas que hoje percebe esta policia, e um pequeno imposto lançado com este fim, como acabamos de dizer, seria sufficiente, cremos, para realisar este indispensavel melhoramento.

E porque não hade a junta geral pedir ao governo que concorra com uma parte da despeza para a organisação do serviço policial, reformando a lei se tanto for necessario?

Pois a cidade de Coimbra, a terceira do reino, não terá direito a uma insignificante verba dos cofres do estado, para um fim tão util, para satisfazer a uma necessidade verdadeiramente indispensavel á segurança individual dos cidadãos e da sua propriedade?

Cremos que a isto se não recusará o actual governo, sempre solicito em satisfazer as verdadeiras necessidades dos povos.

Julgamos opportuna a occasião para dirigir á junta geral deste districto, em nome de uma grande necessidade publica, este pedido; esperando do patriotismo e da illustração dos seus membros, que um tal objecto não ficará esquecido.

ELOGIOS ACADEMICOS

II

A reacção absolutista de 1823 obrigou a retirar da capital aquelles cidadãos, que mais tinham concorrido para a organisação das instituições liberaes.

Dos effeitos desse retrocesso não poude livrar-se D. Fr. Francisco de S. Luiz, não obstante serem bem reconhecidas as suas ideias moderadas. Afastado da politica, foi o illustre e sabio benedictino recolher-se ao monumental convento da Batalha.

Essa nova phase da vida de D. Fr. Francisco de S. Luiz, é assim apreciada pelo sr. Latino Coelho.

«Recolhido e agasalhado pelos dominicanos no sumptuoso monumento de D. João I, achou-se o benedictino á larga no seu encerro. Apoz quasi tres annos de agitada e tormentosa vida publica, em que os negocios o não deixariam quietamente conversar com os livros, seus melhores confidentes e amigos, eralhe grato o expandir o pensamento em liberdade espiritual, embora tivesse coarctados os fóros de cidadão.

Quem, amando o estudo, a meditação, o lavor intellectual; quem tendo por affecto intimo e invencivel as castas deleitações da vida litteraria, improvisamente se encontrou, sem o impulso da ambição ou da vaidade, arremessado ás alturas enganosas do poder, em tempos de turbação e de odios publicos, só esse póde a justa avaliar como é doce a paz da obscuridade, ao volver-se de novo á vida habitual. Que satisfação, que triumpho, que sombra ostentosa de gloria ou de poder na tribuna ou no governo se póde comparar ao remansado viver da consciencia e do entendimento, longe das ambições, que amesquinham o entendimento, e das seducções, em que póde naufragar a consciencia? Devia fazer-se lei expressa e draconiana por que fosse defeso aos bons engenhos o pisarem gabinetes e lustrarem parlamentos. Era bem que os equiparassem aos poetas na republica platonica: coroal-os de loiros e de myrthos e deixal-os em boa paz, longe da *agora* e do senado, proseguir no seu enamorado conversar com a musa e a natureza.

Para governar o mundo são de sobra medianas faculdades, entre as quaes não tem o infimo logar uma que chamam solercia ou esperteza. Estadistas ha que não tem mais livros, que alguma novella almiscarada; outros que tendo livrarias bem providas, tem de portas a dentro com mais recato que n'uma Cartuxa os seus livros intactos e virginaes. A um clerigo vulgar basta-lhe o breviario. A quem governa são as letras carga superflua e importuna. Não fazem, dizia o bom Ferreira naquelles seus versos sentenciosos de aço Bessemer, não fazem damno as musas aos doutores, mas fazem-n'o, dizemos nós, aos legisladores e estadistas. Quem pois cultiva lettras e sciencias e no seu trato póde illustrar a penna e ennobrecer a patria, melhor é que estude na Batalha ou serra d'Ossa do que por acudir aos officios da republica, se desquite das Camenas.»

Esta reclusão, que durou desde 1823 a 1825, não era a ultima que tinha de soffrer D. Fr. Francisco de S. Luiz.

Tendo-se D. Miguel acclamado rei em 1828, foi o illustre prelado preso no dia 7 de Julho desse anno, e enviado para o mosteiro dos eremitas de S. Paulo, na serra d'Ossa.

O sr. Latino Coelho aproveita a occasião para traçar com côres vivas o quadro dessa calamitosa epocha. Depois continua dizendo:

«A reclusão do bispo-conde no mosteiro de S. Paulo da serra d'Ossa, foi talvez para o encarcerado uma involuntaria precaução contra mais duras adversidades. Alli ao menos viveu durante seis annos de sevo despotismo, senão esquecido pelos seus perseguidores, ao menos resguardado contra a inclemencia de carceres mais lobregos, onde a escura intolerancia lhe não deixasse no cultivo das boas lettras occupação e conforto a suas amarguras.

Foi aquella funesta quadra uma das mais abençoadas e fructiferas para o bispo em safra intellectual. Era o logar ermo, agreste, convidativo de estudo e meditação. O encerro estreito, não cruel: os companheiros nem tão feros, que impedissem o trabalho por aggravar a pena, nem tão conversaveis que divertissem o escriptor de seus cuidados litterarios. Acabava-se o mundo presente nos apertados limites do mosteiro; dilatava-se o mundo preterito, pela applicação do erudito benedictino e pelo subsidio valioso, que lhe prestava a livraria conventual. Alli passava D. Fr. Francisco fazendo breves com a leitura as horas compassadas e longas do desterro.

D'aquelle tempo datam numerosissimos escriptos e memorias, em que o bispo foi illucidando varios pontos das antiguidades ecclesiasticas, politicas e linguisticas das Hespanhas. Desta forçada clausura foram tambem fructos a versão dos tratados de Seneca sobre a *constancia do sabio* e *a brevidade da vida* e o que o famoso estoico dirigiu desde o logar do seu exilio a Helvia, sua mãe. A estes escriptos se accrescentaram outros referentes aos descobrimentos e navegações dos portuguezes desde o seculo XV, e foi o mais notavel o que o bispo colligiu sob o titulo de *Indice chronologico dos descobrimentos e viagens dos portuguezes e de outros serviços que fizeram aos estudos da geographia.*

Em meio de suas doutas emprezas litterarias, não se deslembrava o bispo de acudir quanto podia pelos fóros da monarchia liberal e da que elle defendia como legitima successora ao throno portuguez. Na serra de Ossa escreveu pois o bispo-conde as *Novas reflexões sobre o assento das chamadas côrtes dos tres estados em 1828.*»

Com a restauração do governo liberal saiu D. Fr. Francisco de S. Luiz do seu desterro na serra d'Ossa; e havendo sido eleito deputado para as primeiras côrtes liberaes, que se reuniram em 15 de Agosto de 1834, foi pela respectiva camara escolhido para seu presidente. Alem disso, em 24 de Setembro, dia da infausta morte do duque de Bragança, foi nomeado pela rainha, ministro do reino, cargo que serviu até 17 de Fevereiro de 1835.

Tendo a revolução de 9 de Setembro de 1836 derribado a carta constitucional, seguiu D. Fr. Francisco de S. Luiz a sorte de grande parte dos membros mais conspicuos do partido cartista. A esse respeito diz o sr. Latino Coelho:

«O bispo conde era cartista. Já denunciava, como vimos, as tendencias do seu moderado liberalismo no tempo em que fôra membro da regencia e deputado ás côrtes ordinarias de 1823. Julgou um dever de consciencia acompanhar o seu partido na solemne demonstração contra o movimento de Setembro, pedindo e obtendo a exoneração de guarda mór do archivo nacional.

«Na supplica apresentada pessoalmente pelo bispo a D. Maria II dizia elle que o sacrificio que fazia d'aquelle emprego era—«necessario aos seus sentimentos, aos seus deveres e á sua consciencia.»—«O supplicante (acrescentava o benedictino), jurou cinco vezes a constituição de 1826. Não é possivel desligar-se de tão apertados vinculos sem lançar a mais feia nodoa no seu nome e sem o fazer odioso á posteridade.»

Este rasgo de abnegação é tanto mais louvavel, quanto as circumstancias em que se achava D. Fr. Francisco de S. Luiz eram bem precarias.

Possuimos mais de 60 cartas originaes de D. Fr. Francisco de S. Luiz. Em uma dellas, escripta a um seu intimo amigo de Coimbra, em 23 de Novembro de 1836, pouco depois de haver pedido a exoneração do seu emprego de guarda mór do archivo nacional, dizia D. Fr. Francisco de S. Luiz:

«Eu estou, como v. sabe, sem ter modo de alimentar-me. Passados mais dois mezes não terei nem para pão.»

Depois de se ler isto é que se póde dar todo o valor ao que diz o sr. Latino Coelho da exoneração pedida pelo illustre prelado.

---

cabido, que faça concorrer ao acto do meu enterro todos os individuos dos dois seminarios de S. Pedro, e dos orfãos, e aos padres francezes, se ainda estiverem n'esta casa, como tambem aos invalidos do campo dos Touros, que se alimentam á custa da mitra, a cada um dos quaes quizera se desse vela de meio arratel para a terem accesa tanto no acto do enterro, como por um certo tempo nos oito dias seguintes, em que desejo que venham todos ao meu sepulchro para alli fazerem supplicas a Deus pela minha alma.

Desejo egualmente que se mandem dar velas de meio arratel ás meninas orphãs do conservatorio de S. Domingos, e que estas nos oito dias insinuados, alem de ouvirem missa, rezem uma corôa deante do Santissimo Sacramento, e façam outras supplicas, que lhes inspirar a sua devoção, tudo a fim que o Senhor me seja propicio.

Item supplico ao reverendo cabido, queira mandar vestir cincoenta pobres dos mais desamparados, impondo a todos a obrigação de ouvirem missa pela minha alma na cathedral por espaço de oito dias.

Sendo do agrado de sua magestade, fiquem continuando as mesmas applicações do rendimento da mitra em favor dos pobres, singularmente dos orphãos de um e outro conservatorio; recommendo muito ao reverendo cabido tenha toda a cautela para que se não relaxe a disciplina em que são educados, não consentindo, que se admittam jámais individuos de maior edade, que possam estar corrompidos; e que os pequenos sejam legitimamente pobres, sem abrigo, conforme a instituição d'estes dois seminarios. Isto rogo pelas entranhas de Jesus Christo.

Item desejo, se for da approvação do reverendo cabido, que na egreja do conservatorio de S. Domingos, se ajuntem em alguns dos dias proximos á minha morte, os individuos dos dois seminarios de S. Pedro, e S. Caetano, a minha familia, e mais ecclesiasticos, que me deveram particular estimação; e ahi me façam um officio de defuntos com sua missa, tudo entoado, ou rezado com bastante pausa e devoção, assistindo as meninas orphãs recolhidas, e tambem os invalidos da casa da mitra, que poderem concorrer. Talvez que este incenso subindo ao throno do Altissimo não valerá pouco para eu conseguir o perdão das minhas fragilidades. O reverendo conego Manoel Ramos pode dizer a missa, e confio do reverendo cabido não porá duvida em contribuir com a pequena despeza da cera do altar somente.

Toda a roupa das camas do uso d'esta casa arcebispal, quizera que se applicasse para o seminario dos orphãos. Porem nisto, assim como em tudo o mais me conformo ao beneplacito do reverendo cabido, que obrará segundo lhe parecer conveniente.

A minha triste familia, que sempre me mereceu singular conceito pela sua piedade para com Deus, e não menos amor, fidelidade, e reverencia para comigo, confesso que a levo atravessada no coração. Rogo ao reverendo cabido queira recommendal-os a sua magestade, e ao meu successor, para que hajam de ser attendidos com alguma esmola, ou outro qualquer meio de subsistencia.

Passa de doze annos que o reverendo conego Manoel Ramos se conserva na minha companhia constantemente, tendo observado neste digno ecclesiastico a mais fiel amizade, zel-o, e desinteresse, e uma escrupulosa exactidão em todas as contas respectivas á casa, de que sempre quiz fosse encarregado, pelo que julgo merece toda a fé nas que der depois da minha morte. Ao reverendo cabido advirto que não duvide estar pelo que elle disser; pois me tem ensinado a experiencia de que é incorruptivel n'esta parte.

Concluo pedindo perdão a todos, e a cada um dos meus subditos dos escandalos que talvez lhes terei dado com a minha vida, muito differente do que convinha á sublimidade do caracter episcopal; dos damnos, que causaria (posto que involuntariamente) na administração da justiça das minhas rendas ecclesiasticas; dos desgostos que poderia occasionar com este meu genio demasiadamente sensivel, e fogoso, que confesso foi sempre o motivo mais ordinario do meu arrependimento, e da minha confusão.

Se alguma pessoa me tem offendido, seja do modo que for, pode estar segura, que sempre tive especial cuidado de perdoar a meus inimigos, e de orar por elles como recommenda o evangelho: mas agora novamente lhes perdôo, para que o Senhor tambem me perdoe, e se digne receber-me no reino da gloria.

Braga, 25 de Julho de 1795 annos.

Fr. Caetano, arcebispo primaz, o mais indigno dos prelados d'esta santa egreja.

Tendo fallecido o patriarcha de Lisboa D. Fr. Patricio da Silva, em 3 de Janeiro de 1840, foi logo em 5 desse mez nomeado para o substituir D. Fr. Francisco de S. Luiz. A escolha não podia de certo recair em varão mais benemerito e mais digno de occupar este elevado cargo, o qual exerceu até fallecer em 7 de Maio de 1845.

Em algumas das cartas particulares deste benemerito prelado, que temos á vista, revela elle a sua modestia, e o quanto lhe custou aceitar o cargo de patriarcha. Em uma dellas, datada de 7 de Janeiro de 1840, dizia D. Francisco de S. Luiz:

«Seria necessario escrever muito para dizer a v. a luta, em que me vi, e em que a final fui vencido.»

O sr. Latino Coelho acompanha o seu elogio de D. Fr. Francisco de S. Luiz, de extensas notas, em que mostra os seus vastos conhecimentos. E em louvor do distincto academico seja dito, que a sua imparcialidade faz com que em uma das mais eruditas notas, trate largamente de contestar a memoria em que D. Fr. Francisco de S. Luiz quiz provar, que a lingua portugueza não é filha da latina, nem esta foi em tempo algum a lingua vulgar dos lusitanos.

(Concluir-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

Dissertação.—Recebemos e agradecemos a dissertação de concurso, apresentada á faculdade de Philosophia pelo sr. Dr. F. A. Correa Barata. *Origens anthropologicas da Europa*, é o titulo deste trabalho.

O assumpto, sobre que o auctor discorre com muita erudição, refere-se ao problema mais importante da anthropologia, que hoje se discute com grande calor na França e Allemanha, depois da guerra franco-prussiana. Os congressos scientificos, os trabalhos e sessões das academias, e publicações de toda a ordem todos os dias, vão esclarecendo o grande problema da origem das raças humanas. A paleontologia e archeologia prehistorica tem auxiliado poderosamente a anthropologia.

A historia das raças actuaes da Europa, consideradas como uma grande unidade, é uma questão, que alem da influencia que exerce sobre a familia, o estado, a sciencia, a religião, a civilisação, a moral e o direito, tem applicações immediatas á politica, e pode concorrer para evitar ambições injustas, conquistas brutaes e guerras sanguinolentas.

A ethnologia, a linguistica, a philologia, e a geologia são exploradas pelo auctor, para elucidar a questão. A mythologia, a historia, as tradições, os caracteres sociaes, moraes e religiosos dos povos, tudo é aproveitado para esclarecer a origem das raças europeas. O auctor dá como resolvido affirmativamente o problema do homem fossil, e conclue o seu trabalho, adoptando a opinião da escola franceza, sustentada por grandes escriptores, e especialmente por Quatrefages, contra a opinião dos naturalistas allemães.

Em muitas paginas desta dissertação são formuladas opiniões temerarias e arrojadas sobre pontos transcendentes da philosophia zoologia, que revelam os estudos profundos e espirito audaz do sr. Dr. Barata.

O Manoelinho d'Evora.—Os tumultos de Evora em 1637, em que o povo, opprimido pelos pesados tributos dos castelhanos, tratou de sacudir o seu jugo; tem sido historiados por varios escriptores, sendo um dos principaes D. Francisco Manoel de Mello, em uma das suas *Epanaphoras*.

Este mesmo assumpto serviu tambem de thema ao nosso estimavel patricio o sr. Eduardo Coelho, para o seu popular drama—*Oppressão e liberdade*, que pela primeira vez foi representado no theatro de D. Luiz desta cidade.

Agora o nosso illustrado amigo o sr. Antonio Francisco Barata, deu a estes acontecimentos a forma de romance, no livro que acaba de ser nitidamente impresso na imprensa Litteraria desta cidade, com o titulo de—*Manoelinho d'Evora. Romance historico—(1637), por Antonio Francisco Barata.*

A competencia do sr. Barata para este genero, já estava provada no seu bem conhecido romance historico—*O rancho da Carqueja.*

O *Manoelinho d'Evora*, que acabamos de ler, interessa summamente pelo bem tecido do enredo, pelo apurado da linguagem, e pelas ideias patrioticas e liberaes que em todo elle se manifestam.

Com a sua leitura se passam algumas horas muito aprasiveis.

Já se acha á venda este interessante romance historico nas lojas de livros desta cidade.

Regimen alimentar do homem.—A especie humana é omnivora, embora tenha havido philosophos que sustentem, uns que é herbivora, outros frugivera, e outros carnivora. E' extremamente variavel o regimen alimentar dos povos.

Em alguns paizes o alimento é exclusivamente animal. Tribus inteiras não vivem senão da caça de animaes selvagens; outras só vivem de peixe. Na antiguidade havia muitos povos ichtyophagos, e hoje ainda abundam nas margens do mar Vermelho, do golpho Persico, na Groelandia, Kantscatka, etc. Em muitas regiões domina o regimen herbivoro e frugivero. Na Persia muitos habitantes vivem das tamaras; os bramas sustentam-se com fructas e agua; muitos beduinos, com farinha e agua; e em muitos paizes, o alimento principal e quasi unico, e o arroz, ou a castanha, ou qualquer outro fructo.

Tem havido homens, que se sujeitaram durante muito tempo a um regimen exclusivamente vegetal. Entre os exemplos mais notaveis citam-se os de Newton e Haller. O primeiro, em quanto escreveu o seu tratado de optica, só comeu pão, e bebeu agua e vinho; e o segundo, para combater os ataques de gotta, de que era victima, tambem se restringiu durante algum tempo a alimentos vegetaes. Os resultados destas e outras muitas experiencias foram sempre uma diminuição consideravel de forças e de intelligencia, um grande empobrecimento de sangue, e as molestias que resultam deste estado anemico.

Entre nós tambem tivemos já uma notavel tentativa de sustento só de vegetaes.

Quando o sr. Antonio Feliciano de Castilho, hoje visconde de Castilho, frequentava a Universidade em 1822, levado pelas suas ideias todas favoraveis ao direito da existencia dos animaes, deliberou-se a viver exclusivamente de vegetaes. Começou a realisar esse seu proposito no dia 23 de Agosto daquelle anno; mas quando chegou a egual dia do anno de 1823, tendo concluido um anno completo de experiencia, desenganou-se, e cessou com o alimento exclusivo.

Os motivos que levaram o sr. visconde de Castilho a alterar a sua deliberação de comer só vegetaes, foram:—primeiro, que a abstinencia de uma só pessoa não poupava uma unica existencia de animal;—segundo, que era presumpção ridicula o desquitar-se um sujeito, por alguns argumentos, de uma opinião e uso quasi universal, sendo assim que todos os homens, guerreando-se entre si por crenças religiosas, por systemas philosophicos, por principios de politica e sciencias, por modas e gostos, todos se conformavam no comer das carnes:—terceiro, que realmente era obstinação o desconhecer como a natureza nos não apparelhara só para comer e digerir vegetaes:—quarto, estar-nos ella dando nos proprios animaes, que uns de outros se sustentam, uma prova de ser menos escrupulosa do que Pythagoras e a poesia:—quinto, que ella propria os multiplica a proporção do que uns a outros devem tragar:—sexto, que se ella faz com que cada passada, cada pedra que movemos, cada gota d'agua que engolimos, cada fructo ou folha que aproveitamos, cada sopro que inspiramos ou expiramos, cada movimento, em fim, que fazemos, ainda dos mais indispensaveis para a vida, a destrua a milhões e milhões de entes conhecidos, e a numero talvez ainda maior de desconhecidos, não ha porque nos tenha a grande peccado, o augmentarmos por nosso bem a lista com mais alguma unidade:—setimo, que o adelgaçamento e crescimento das faculdades intellectuaes, que elle esperara d'aquella mais leve nutrição, não só se não tinha verificado, mas antes o contrario succedera, posto que de diversas causas podesse pender o successo: e por muito tempo lhe ficou o costume de, quando via versos fracos e desgraçados, dizer: deviam estes de ser compostos por quem não coma senão hervas:—oitavo, ultimo, e não leve motivo: que ainda que pouco dado ás delicias da gula, o cheiro e presença de melhores iguarias do que as suas, de dia em dia o tentava mais; e quando succedia acharse entre gente alegre e em mesa de festa, as ondas de tentação, que forcejava dissimular o melhor que podia, cresciam e redobravam com os motejos dos circumstantes.

O sr. visconde de Castilho modificou assim as suas opiniões, tendo por licito o uso da carne; mas ainda assim, fóra do caso de necessidade ou clara utilidade, e alem do ponto em que essa necessidade ou utilidade pararem, ficou sendo o seu parecer, que toda a sevicia contra viventes é immoral, injusta, insensata e digna de muito grande castigo.

Entre as classes pobres de quasi todos os paizes, o pão é o principal alimento. Em Portugal, os operarios do campo nutrem-se na maior parte do anno quasi exclusivamente de pão de milho ou de centeio, de pequenissimas quantidades de peixe salgado, e de uma tigela de agua com má hortalice e apenas com o cheiro do unto ou de azeite. Esta falta de alimentos animaes é funesta para as forças do homem, e dá apenas uma nutrição balofa e doentia. Só a carne em quantidade sufficiente dá a força plastica e reparadora, indispensavel para o desenvolvimento do tecido muscular e sustentação do trabalho physico e moral.

Os factos e experiencias demonstram com toda a evidencia, que a quantidade e perfeição do trabalho dependem essencialmente da boa e regular alimentação. Nas fabricas da Inglaterra e França reconheceu-se, que o trabalho dos operarios era tanto mais aturado e productivo, quanto melhor era o regimen alimentar. Em muitas obras publicas, principalmente na construcção dos caminhos de ferro, viu-se que os operarios inglezes produziam por dia mais um terço de trabalho que os francezes, e esta differença desappareceu, logo que se egualou o regimen alimentar de ambas as classes. Na Georgia e Luisiana o negro come carne duas vezes por dia; e nas Antilhas o escravo alimenta-se principalmente de vegetaes, e o seu trabalho não tem comparação com o d'aquelles.

Os animaes carnivoros são em geral mais valentes, mais atrevidos e mais bellicosos que os herbivoros. Como mantem a Inglaterra o seu dominio na India, senão pela fraqueza physica e moral de mais de 100 milhões de habitantes, que vivem principalmente do arroz e de outros productos vegetaes? Talvez que a inferioridade da Irlanda em relação ás outras ilhas britannicas seja devida á mesma causa.

O regimen em que dominam muito as substancias animaes tem graves inconvenientes para a saude, porque predispõe para as plethoras, congestões, apoplexias, gotta, calculos vesicaes, etc. E' nas justas proporções dos alimentos animaes e vegetaes que consiste o regimen verdadeiramente util e sadio, e o que melhor satisfaz ás necessidades do organismo. A quantidade relativa das duas especies de alimentos deve variar com os climas, com os temperamentos, com os habitos da vida, e com outras muitas circumstancias. Os habitantes dos paizes frios precisam de mais carne, e os dos paizes quentes de mais vegetaes. Os individuos de temperamento sanguineo e habitos sedentarios gosam mais saude, nutrindo-se com menos carne e com mais plantas.

Os Jejuns—A abstinencia é um preceito religioso, aconselhado tambem pela hygiene. O jejum durante a quaresma é um poderoso meio, para facilitar a transição saudavel do inverno para a primavera, porque diminue a tendencia para molestias inflammatorias, modera os sentimentos e impulsos animaes, e doma as paixões.

As prescripções da egreja são por tanto salutares, mas têem ainda um defeito, que a sciencia não justifica. Permittir a substituição da carne pelo peixe é um erro, porque o segundo não é menos estimulante que o primeiro, e é sempre muito mais aphrodisiaco. Por esta forma não se corrigem os impetos para os vicios e crimes, e aggrava-se a predisposição para as molestias inflammatorias.

A pratica do jejum com o predominio do regimen vegetal não é só conveniente na quaresma e outras epochas estabelecidas pela egreja; é sempre util, todas as vezes que o homem se sente extremamente vigoroso e plethorico. Nada melhor para lograr saude, do que combater a paixão da gula pelos preceitos da sobriedade e temperança. A nutrição vegetal durante alguns dias previne muitas enfermidades, robustece a saude, e activa as funcções digestivas. O uso dos mesmos alimentos todos os dias não é saudavel.

Associação dos Artistas de Coimbra.—No domingo reuniu-se a assemblea geral da Associação dos Artistas de Coimbra, e nella foram eleitos os seguintes srs.:

Mesa da assemblea geral

Presidente, commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes
Vice presidente, José Libertador de Magalhães Ferraz
Secretario, Luiz Adelino Lopes da Cruz
1.º Vice-secretario, José de Almeida Motta
2.º Vice secretario, Antonio Ferraz.

Direcção

Jose Antonio Vieira da Fonseca
Joaquim Pitta Eça Aguiar
José Simões Vaz
Jose Correa de Mello
João Antonio da Cunha.

Commissão fiscal

Valentim José Rodrigues
Jose Maria de Oliveira e Sá
Joaquim Gonçalves Fino.

Nesta eleição ha a notar a circumstancia de ser novamente eleito para presidente da Associação dos Artistas, o sr. commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

Ha tres annos, por desintelligencias que haviam occorrido, estava fora do cargo de presidente o sr. Olympio, a quem incontestavelmente a Associação dos Artistas deve relevantissimos serviços.

Tendo, porem, cessado essas desintelligencias, folgamos que o espirito de cordura e de gratidão levasse a Associação dos Artistas a reeleger outra vez o seu antigo e benemerito presidente.

A Associação dos Artistas precisa não só de manter os creditos de que já gosa, mas de elevar-se ainda muito mais, e conquistar a posição de primeira associação artistica do paiz. Tem para isso elementos; o caso está em querer e saber aproveital-os.

Ha muito a esperar dos socios ultimamente eleitos para os differentes cargos da associação, e em especial da esclarecida intelligencia do seu digno presidente o sr. Olympio.

Por parte da Associação dos Artistas, estamos certos que os novos eleitos receberão o apoio que merecem. N'isso vae o proprio interesse de todos os socios.

Procissão dos Passos—O tempo que no sabbado estivera chuvoso, chegando a recear-se que o andor do Senhor dos Passos não fosse conduzido para a Sé Cathedral, mudou completamente no domingo, estando um bello dia.

Nesse dia realisou-se a procissão. Iam nella os meninos orphãos, irmandade do Senhor dos Passos, Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, e alumnos do seminario, seguindo-se atraz do pallio o exm.º sr. bispo conde.

Fazia a guarda de honra o destacamento de infanteria 9, e uma força de cavallaria 7. Tocava á frente da infanteria a philarmonica *Conimbricense.*

Por todas as ruas do transito havia muito povo para ver a procissão.

Na Sé pregou o sr. bacharel José Maria dos Santos, e na graça o sr. padre Manoel Joaquim dos Santos Neves.

Cemiterio da Conchada Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Maria da Assumpção, filha de José Joaquim Pereira e de Rosa Ricardina do Sacramento Pereira, natural de Santo Varão, de 2 annos, fallecida no dia 1 de Março.

Antonio Joaquim Gomes, filho de Joaquim Francisco Gomes e de Justina Maria, natural dos Carvalhaes, de 26 annos, fallecido no dia 3.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—4888.

Theatro Academico—No sabbado houve recita no theatro Academico, levando-se á scena o muito apreciado drama do sr. Mendes Leal—*Pobreza envergonhada*.

Tivemos occasião de admirar mais uma vez o incomparavel talento do sr. Rosa Senior no papel de pobre. Alem das duas actrizes vindas de Lisboa, e que muito bem desempenharam os seus papeis, os restantes foram desempenhados por academicos, que, no geral, agradaram bastante, merecendo especial menção os srs. José Pinto de Mesquita, José Cabral Teixeira Coelho, e Henrique Pinto.

A concorrencia foi regular.

Theatro de D. Luiz—Consta-nos que a companhia franceza do Cassino Lisbonense vem dar duas recitas no theatro de D. Luiz, sendo a primeira no sabbado proximo, e a segunda no domingo immediato.

Audiencias geraes.—Foram julgados nesta comarca, no dia 8, os seguintes reus:

Joaquim Rodrigues, dos Braçaes, pelo crime de homicidio. Foi condemnado em prisão maior cellular perpetua, e na alternativa em trabalhos publicos perpetuos em uma das possessões de primeira classe.

Alexandre Caratorta, de Coimbra, pelo crime de furto. Foi absolvido.

No dia de hoje foram julgados os seguintes reus:

Antonio Rodrigues Cardador, de Cozelhas, pelo crime de attentado ao pudor, em uma menor de 12 annos de edade. Foi absolvido: mas como houvesse recurso de revista, continua preso.

Bernardo Simões, residente nesta cidade, pelo crime de attentado contra o pudor em uma menor de 9 annos de edade. Foi condemnado em um anno de prisão maior cellular, e na alternativa em 2 annos de prisão correccional, levando-lhe em conta o tempo de prisão, que tem soffrido.

Pedido—Informam-nos que na Couraça de Lisboa, proximo da Estrella, ha grande porção de pedras soltas, com as quaes os rapazes atiram para os telhados das casas, e para os barqueiros que estão no caes.

Pedem-nos para chamar a attenção da camara para este objecto, a fim de que se faça d'alli tirar aquellas pedras, para cessarem os maleficios que com ellas se praticam.

O pedido é tão justo, que esperamos ser attendidos.

Desastre—Informam-nos que em 7 de Fevereiro ultimo, andando a arrancar pedra na Bemfeita, concelho de Arganil, José Correia Gonçalves, do logar de Dreia, da mesma freguezia, lhe caiu uma porção de pedra sobre as pernas, ficando uma toda esmigalhada, e sendo preciso amputar-lha.

A pouca cautela faz que com frequencia se repitam d'estes factos.

Publicação—Recebemos e agradecemos o 2.º volume do romance—*O proscripto*, por A. Caccianga, e traduzido pelo sr. bacharel Joaquim de Almeida e Cunha. Nada mais temos a acrescentar ao que já dissemos quando se publicou o 1.º volume deste apreciavel romance.

Noticias de Hespanha.—Recebemos de Madrid os seguintes despachos telegraphicos:

Madrid, 8 de Março á noite.—Despacho official—O conflicto entre a assembleia e o poder executivo foi resolvido de uma maneira patriotica.

As côrtes soberanas acabam de tomar em consideração o voto em que se fixa o dia para as novas eleições e para a reunião da assembleia constituinte.

O presidente das côrtes desceu da sua cadeira e pronunciou um discurso patriotico, dizendo que não opporia nenhum obstaculo á politica do governo, nem resistencia á dissolução das côrtes e a convocação das constituintes.

O chefe do poder executivo pronunciou outro discurso muito importante, sustentando a politica de conciliação entre todos os elementos liberaes, e dirigindo enthusiasticos vivas á republica.

Quando se soube o resultado da votação das cortes, a grande multidão que esperava com anciedade as noticias, prorompeu em acclamações e vivas á republica hespanhola.

Ha tranquilidade em Madrid.

As noticias das provincias são satisfatorias.

Madrid, 9 de Março, ás 11 horas e 30 minutos da manhã.—Diz o «Imparcial» que o partido radical está morto, em consequencia da votação de hontem á noite.

Assegura-se que Henrique Martos, Sardoal e Otero, depois de terem votado contra o governo, pediram a sua demissão.

Corre o boato de que Christino Martos, pedirá hoje a sua demissão de presidente da assemblea.

Os fundos publicos subiram hontem á noite quando se soube da votação.

Madrid, 9, ás 12 horas e 25 minutos da manhã.—A assemblea depois de um debate muito animado, adoptou o contra projecto de Primo Rivero, por 186 votos contra 19.

Ha tranquilidade completa.

Madrid, 9, ás 7 horas e 40 minutos da tarde.—Em Barcelona foi proclamada esta manhã a republica federal.

O sr. Figueras partiu ao meio dia para Barcelona.

As ultimas noticias annunciam que a agitação está acalmada.

Madrid, 8, ás 7 horas da tarde.—Despacho retardado.—Assegura-se que vinte e duas provincias ameaçam desconhecer a auctoridade de Madrid, se a assemblea não for dissolvida.

Julga-se que a assemblea votará a sua dissolução.

Ha grande effervescencia nas immediações do congresso. Vêem-se alli muitos grupos, apesar da chuva. Os gendarmes a cavallo dispersam os grupos.

A assemblea discute o contra projecto de Primo Rivero em que se fixa a data da convocação da constituinte. Guardia combate-o, Primo apoia-o, dizendo que vinte e quatro horas depois de uma rejeição, as consequencias serão terriveis.

Associação de Nossa Senhora Consoladora dos Afflictos em Coimbra

1872 para 1873

RECEITA

Pelo saldo do anno antecedente...	332$845

DONATIVOS

Sua magestade a rainha...	100$000
Sua alteza o senhor infante D. Augusto...	25$500
Exm.º e revm.º sr. arcebispo de Goa...	3$000
Exm.ª sr.ª D. Maria da Conceição Pereira Forjaz de Menezes...	4$500
Exm.ª sr.ª viscondessa do Espinhal.	9$100
Exm.ª sr.ª D. Maria da Conceição Pereira da Silva Sousa e Menezes...	5$500
Exm.ª sr.ª D. Maria do Ó Osorio Cabral...	2$400
Exm.ª sr.ª D. Maria Emilia Brandão O'Neill Pereira Palha...	6$000
Exm.ª sr.ª D. Eulalia Torre...	5$000
Exm.º sr. Joaquim José Paes...	18$000
Exm.º sr. Manoel Paes de Figueiredo e Sousa...	2$250
Exm.º sr. José de Moraes Pinto de Almeida...	2$250
Exm.º sr. Francisco Mendes Monteiro...	9$000
Exm.º sr. José Pessoa...	1$000
Exm.º sr. Arnaldo Ribeiro Faria...	13$500
Prestação das socias...	113$400
Bazar em Maio...	23$000
Somma...	676$245

DESPEZA

Esmolas mensaes distribuidas de Abril de 1872 a março de 1873.	281$070
Esmolas avulsas...	34$300
Roupas de vestir e camas...	66$605
Impressão de cartas...	3$000
Somma...	384$975
Saldo que passa para o anno corrente	291$270

Presidente—*Joanna Emilia de Albergaria.*
Vice-presidente—*Zilia de Mello e Castro.*
Thesoureira—*Maria José Forjaz.*
Secretaria—*Antonia Albina de Paiva e Lima Cardoso.*

LOGOGRIPHO

Offerecido ao sr. L. G.

P por / G por / F por / R por — V
Com respeito me veneram
Onde está é no navio
N'uma fonte ou n'uma roca
Inda ás vezes faz desvio — 1.ª e 2.ª

P por / M por / N por / R por — T
Muitas vezes prejudica
Brilha o sol lá no alto
Revelando uma parenta
Ir direita; faço alto — 3.ª e 4.ª

D por / L por / V por / G por — T
Com esta nós vivemos
Está sempre povoada
Nunca está inanimada
Se nas casas empregada — 1.ª e 4.ª

A por E — E' planta; e mais nada—2.ª e 3.ª

Onde está esta planta?
Esta planta mimosa?
Divagando pelo campo,
Encontrei-a—preciosa,
Por achal-a tão bonita,
Offereci-a á minha Rosa.

ANNUNCIOS

PEDIDO

1 PEDE-SE ao sr. Luiz Augusto de Carvalho Pinheiro e Almeida, do Sebal, concelho de Condeixa a Nova, o favor de responder ás repetidas e attenciosas cartas, que de Coimbra lhe tem sido dirigidas.

2 PRECISA-SE de um ou dois compositores na typographia da Praça.

Agradecimento

3 IGNACIO DE CARVALHO FREITAS SENIOR, agradece por este meio ao exm.º sr. Dr. João Jacintho da Silva Correa, a caridade, e assiduidade com que o tratou na sua doença. Tambem agradece a todas as pessoas que o visitaram e se interessaram pela sua saude, visto o não poder fazer pessoalmente, em consequencia da sua fraqueza e padecimentos rheumaticos.

Coimbra 11 de Março de 1873.

4 BOLÇAS DE REDE PRATEADA, para dinheiro, perfeita imitação das de prata. Na loja do Fonseca, rua da Calçada, 72 a 76.

5 TINTA D'OURO para escrever. Na loja do Fonseca, rua da Calçada, 72 a 76.

6 JOGOS DE XADREZ, dominó, gloria, loto e cavallo branco. Na loja do Fonsesa, rua da Calçada, 72 a 76.

7 BIQUEIRAS DE METAL AMARELLO para calçado de creança. Loja do Fonseca, rua da Calçada, 72 a 76.

8 FAZ-SE publico que nos dias de domingo, 23 e 30 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na egreja de S. Silvestre, se hade arrematar a obra da egreja, que consta de acrescentamento de paredes, telhado novo, e tectos estucados, e outras obras, tudo orçado em mais de 600$000 rs. Os apontamentos podem ver-se todos os dias na residencia parochial, desde a 1 até ás 4 da tarde.

Attenção

9 JOAQUIM AUGUSTO DE CARVALHO E SANTOS, tem no seu estabelecimento, na rua da Calçada, n.º 121 a 127, bons pannos e cazemiras pretas; e bem assim failles pretos para vestidos de senhora, recebidos ultimamente de Lisboa, e que vende por preços muito commodos.

VENDA DE FOROS

10 VENDE-SE o foro de 4$500 rs., que paga José da Veiga, da Cioga do Monte, e um outro de 450 reis, que paga Joaquim Ferreira Lopes, de Trouxemil. Quem os pretender falle com José Joaquim da Silveira, na loja da rua da Calçada, n.º 22 a 32, Coimbra. Declara-se que estes foros são livres de decima.

MARÇANO

11 NESTA REDACÇÃO se diz quem precisa de um rapaz com alguma pratica de mercearia.

Aguas alcalinas gazozas das pedras salgadas (Villa Pouca de Aguiar.)

12 ESTAS AGUAS medicinaes são empregadas nos mesmos casos das de Vichy e Vidago; são mais ricas na sua composição chimica, e dos melhores effeitos therapeuticos.

Vendem-se em Coimbra—Pharmacia Ferraz—Largo do Castello.

13 ARCHEOLOGIA ARTISTICA publicada por Joaquim de Vasconcellos.—Fasciculo I de XXXII de 160 paginas—LUIZA TODI—estudo critico musical.

Fasciculo II de 108 paginas—ORDENAÇÕES DO REINO, por Tito de Noronha. Tiragem 250 exemplares. Preço 1$200 reis o I fasciculo, e 800 reis o II, para os srs. assignantes; avulso o duplo.

A' venda na livraria Academica de J. Melchiades.

PREVENÇÃO

14 CUSTODIO BRAZ DE LEMOS, da villa da Figueira, constando-lhe que ámanhã, 12 do corrente, se hade vender em praça, na repartição de fazenda deste districto, um terreno conquistado pelos aterros do caes da mencionada villa; vem prevenir qualquer comprador, que pretenda o referido terreno, que fica sujeito a dar saida á casa contigua ao mesmo terreno, conforme a antiga posse, e em razão de não ter outra saida.

ATTENÇÃO

DANTAS GUIMARÃES

24 Rua do Visconde da Luz 30

15 ACABA DE RECEBER este estabelecimento uma linda collecção de veus de blonde pretos para senhora a 500 reis! Sedas, e failles pretos de 1$600 a 2$250 reis o metro; chales de merino pretos, lisos e bordados de 2$400 reis para cima; alpacas e merinos, pura lã, pretos francezes para vestidos; novo sortido de esguiões largos a 120 reis o metro.

NUMERO 2675 — SABBADO 15 DE MARÇO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno...	3$200
Por semestre...	1$600
Por trimestre...	800
Correspondencia por linha...	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno...	3$720
Por semestre...	1$860
Por trimestre...	930
Avulso...	40

COIMBRA

Um dos assumptos que, com justissima causa, mais tem preoccupado, de ha muitos annos, o animo dos procuradores á junta geral deste districto, e provocado pensados estudos de alguns de seus illustres membros, é o que se refere á organisação do serviço dos expostos.

Este objecto, que é inquestionavelmente um dos mais transcendentes e complicados da administração, tem sido debatido, em toda a parte onde os sentimentos humanitarios e a organisação economica dos povos merece o cuidado e a attenção dos homens encarregados do regimen social.

Os sentimentos de caridade pelos infelizes abandonados aos cuidados paternos, de um lado; a honra e a honestidade das familias, pelo outro; a nenhuma obrigação que, em rigor juridico, a sociedade tem de crear e educar os filhos de pessoas abastadas, e ainda a questão de meios, para fazer face ás avultadas despezas destes estabelecimentos, tem dado margem a interminaveis controversias, donde cremos que não é dado sahir satisfatoriamente, de modo a resolver esta questão consoante as necessidades e conveniencias sociaes.

Quantas vezes infelizmente o homem publico tem de ceder aos impulsos do coração, para escutar os dictames da razão e da justiça, que nem sempre se harmonisam?

A roda patente é uma provocação constante ás exposições. Preverte a sociedade, porque lhe facilita os meios de se desmoralisar. Auxilia a prostituição e destroe os elementos que devem constituir a familia.

Em todas as localidades onde existem as rodas patentes, um facto se tem constantemente verificado, o qual só por si seria sufficiente argumento contra a sua existencia. E' a extraordinaria mortalidade de creanças, proveniente dos resultados fataes e inevitaveis da agglomeração, como está evidentemente provado pelas estatisticas destes estabelecimentos.

Os paes que alli expõem seus filhos praticam, aos olhos da moral, um duplo crime, que a sociedade auxilia e protege, para commetter ella, o infantecidio, sem as consequencias juridicas de um acto criminoso!

A junta geral deste districto de Coimbra, na sua sessão ordinaria do anno proximo passado, depois de reiterados debates sobre este assumpto, deliberou substituir a roda dos expostos pelo hospicio de admissão restricta.

Os motivos que aqui mui resumidamente deixamos apontados, e a convicção de que a admissão restricta seria o meio de obstar á sempre crescente exposição de creanças, que já dos districtos limitrophes aqui affluiam, sobrecarregando os municipios de uma maneira superior ás suas forças, cremos que foram os motivos da acertada resolução da junta geral.

Sem tomar uma deliberação demasiado violenta, a junta geral conseguiu um grande e incontestavel beneficio, pelo qual merece o reconhecimento publico.

Houve effectivamente alguns abandonos em logares publicos, nos primeiros mezes em que começou a vigorar a nova instituição; mas seja a auctoridade vigilante, castigue os delinquentes, que estamos certos que este mesmo inconveniente desapparecerá.

Os dados estatisticos confirmam as vantagens do hospicio sobre o antigo systema da roda

Vejamos:

Durante o semestre decorrido de 1 de Julho de 1872, dia em que começou a funccionar nesta cidade o hospicio, a 31 de Dezembro do mesmo anno, entraram neste estabelecimento 44 creanças, falleceram 5, foram entregues aos paes 2, e ficaram a cargo do hospicio apenas 37.

Em egual periodo do anno anterior, tinham entrado na roda 325 expostos, falleceram 72, foram entregues aos paes 30, e ficaram a cargo da roda 223.

E' tão frisante este resultado em favor do hospicio, que dispensa mais detidas considerações; sendo que alem disso todos os calculos levam a crer, que um maior numero de factos hãode confirmar a opinião publica nas vantagens da nova instituição.

De um documento official que temos presente, extractamos os seguintes dados, que provam egualmente as vantagens que se têem obtido nos outros districtos, onde foi supprimida a roda, para adoptar o systema do hospicio.

No districto de Vianna do Castello foram supprimidas as rodas no anno de

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXLII

OUTRA QUESTÃO MAÇONICA

Resposta dada pelo Dr. Joaquim José Alves á noticia que chegou ao conhecimento do sr. Dr. da Cunha Belem, e ás apprehensões do Grão Mestre o sr. conde de Paraty, que originaram o aviso traçado no seu escriptorio particular, e que foram publicadas só em francez, no boletim official do Grande Oriente Lusitano Unido, do mez de Dezembro de 1872.

NOTICIA DO SR. DR. DA CUNHA BELEM

«Temos por noticia que o irmão Dr. Alves, antigo maçon da obediencia d'este grande Oriente, procura fundar uma associação irregular, debaixo do titulo de *potencia maçonica*, e que este irmão inicia profanos por baixo preço, conferindo-lhes diplomas que podem confundir-se com os do Grande Oriente.

«A este respeito publicamos acima o aviso que o Grão Mestre traçou no seu escriptorio particular, e pedimos a todas as lojas e potencias maçonicas das nossas relações fraternaes a maior attenção, para não se deixarem illudir por diplomas que não tem legalidade alguma.—*Dr. da Cunha Belem*.»

AVISO QUE O GRÃO MESTRE CONDE DE PARATY FEZ TRAÇAR NO SEU ESCRIPTORIO PARTICULAR

«Acabamos de saber que o irmão Joaquim José Alves, antigo maçon que ha muito tempo está *inactivo*, resolveu ultimamente levantar columnas fóra do circulo. Asseguram-nos tambem que o sr. Alves celebra as suas iniciações em nome do Grande Oriente Lusitano Unido, e que confere diplomas debaixo da denominação deste alto corpo maçonico. Pode dar-se que a quasi similhança que se acha no titulo com que o sr. Alves decorou o seu acto de desobediencia aos *corpos superiores*, e aquelle com que é conhecido no estrangeiro o unico poder maçonico legal em Portugal, não implique de forma alguma a resolução de coroar um acto tão digno da reprovação de todos os verdadeiros maçons, por um facto, que, a verificar-se, forneceria uma prova de má fé, de que se julga geralmente incapaz um homem tão distincto como tem sido sempre o sr. Joaquim José Alves. Comtudo não se pode duvidar que ha infelizmente um attentado contra o poder legal, e é necessario prevenir as funestas consequencias.

«N'estas disposições o nosso Grão Mestre, adoptou a resolução de pedir ás lojas da obediencia, assim como a todas as potencias estrangeiras que prestem toda a sua attenção a este objecto.

«Publicamos no fim d'esta declaração os nomes dos dignitarios, unicos que auctorisam pela elevação dos seus respectivos graus todos os diplomas e documentos do Grande Oriente Lusitano Unido, Supremo Conselho da Maçonaria Portugueza, desde Novembro de 1871. Pelo que respeita aos diplomas, anteriores a esta data, devem todos trazer o sello do Grande Secretario.

«Lastimando este facto, que offende de uma maneira tão positiva a submissão e o respeito que se deve á legalidade dos poderes, fazemos votos muito sinceros para ver o sr. Alves voltar á obediencia do Grande Oriente Lusitano Unido, Supremo Conselho da Maçonaria Portugueza, envergonhado de seus passos irregulares, e arrependido da sua falta para com o unico poder maçonico do paiz.»

Cheios de indignação em presença de asserções tão falsas, resolvemos não ficar silenciosos e escrever o seguinte:

RESPOSTA Á PUBLICAÇÃO DIFFAMATORIA CONTRA O DR. JOAQUIM JOSÉ ALVES, INCERTA NO BOLETIM DO GRANDE ORIENTE LUSITANO UNIDO DO MEZ DE DEZEMBRO DE 1872

Declaro serem completamente falsas as asserções contra mim publicadas no boletim do Grande Oriente Lusitano Unido do mez de Dezembro de 1872.

Transparece em tão calculado escripto o receio de que no estrangeiro, onde tenciono ir em viagem d'instrucção e recreio, eu use da maçonaria para qualquer fim.

Nunca me utilisei d'ella em meu proveito. As suas prerogativas, os seus dinheiros são para mim sagrados, e tem religiosamente a benefica applicação que lhes pertence.

Na minha viagem de 1868, só na Belgica, onde então tive de demorar-me para negocios meus, é que a convite d'alguns amigos, fui por curiosidade, visitar os meus irmãos d'aquelle paiz.

É aqui bem conhecida a independencia do meu caracter; mesmo ao Grão Mestre conde de Paraty não lhe era estranha quando me fazia a justiça de dizer, que *eu não sabia tirar partido da minha posição*.

Ainda não mudei. Então como hoje, quer maçon, quer profano, tenciono viver livre de pressões, devendo ao meu trabalho exclusivamente tudo quanto possa adquirir. Convido pois o Grande Oriente Lusitano Unido para averiguar quanto o infame boato propalado tem de verdadeiro, ou a provar com documentos o que avançou tão de leve.

É este um dever para homens de honra, maxime para os verdadeiros maçons, quando as suas intenções não sejam mais depressa manchar uma reputação que destruir um supposto abuso.

Para completa tranquillidade do Grande Oriente, envio-lhe com a presente o diploma que me passou antes de me pôr a coberto por exigencias, a que a Respeitavel Loja Capitular União Fraternal e eu entendemos não dever satisfazer. Este documento de nada me poderia servir, porque não me sobrará decerto o tempo para tractar d'assumptos maçonicos.

É impossivel o equivoco entre o Grande Oriente Lusitano Unido e as Lojas que trabalham debaixo da obediencia da Respeitavel Loja Capitular União Fraternal, a que tenho a honra de presidir, cujas columnas se levantaram em 1867, em nome da qual são passados os diplomas em harmonia com as leis maçonicas que timbro de escrupulosamente manter.

Não tenho de que arrepender-me, nem voltarei envergonhado aos braços de irmãos tão faceis em crer e divulgar uma perfidia.

1866, e substituidas por hospicios. A média annual das exposições era de 535 no tempo da existencia das rodas, e actualmente é de 243.

No districto de Aveiro deixaram de existir as rodas no anno de 1861, estabelecendo-se um só hospicio na capital do districto para recolher todas as creanças abandonadas. No tempo das rodas o termo medio das exposições annuaes, era de 584; actualmente é de 103.

No districto de Vizeu foram supprimidas as rodas em 1 d'Outubro de 1871 e substituidas por dois hospicios; um na capital do districto, e outro em Lamego. A media annual das exposições durante o tempo da existencia das rodas era de 770, e no hospicio foi de 420.

E' ainda de notar que em nenhum destes districtos, durante a fundação do hospicio, augmentou o numero dos infanticidios.

Estes dados mostram que a corrupção dos costumes decresce com a diminuição das rodas: quanto menor fôr o numero dellas, tanto menor será tambem o das exposições.

São estes os resultados obtidos pelos hospicios em todas as localidades, onde a força de vontade tem podido vencer os preconceitos.

Ahi ficam alguns factos, que folgamos de patentear á luz da publicidade, para que elles sirvam de incentivo a eguaes reformas em outros districtos.

A natureza do hospicio exige na sua administração conhecimentos e qualidades distinctas, que muito concorrem para os bons resultados deste systema.

Nesta parte, pelo que respeita ao serviço a cargo da direcção do hospicio de Coimbra, faltariamos a um imperioso dever de justiça, se aqui não manifestassemos o inexcedivel zelo, a extrema dedicação e a exemplar probidade do seu digno director e facultativo o sr. Dr. João Antonio de Sousa Doria. Este cavalheiro, dotado de todas as qualidades que constituem o verdadeiro homem de bem, como director do hospicio de Coimbra, é ainda uma garantia para as vantagens que a sociedade tira com a nova forma deste estabelecimento.

ELOGIOS ACADEMICOS

III

Depois do elogio academico de D. Fr. Francisco de S. Luiz, segue-se a este o de um dos maiores estadistas que Portugal tem tido nos ultimos tempos—Rodrigo da Fonseca Magalhães.

A maneira eloquente como o sr. Latino Coelho começa o elogio deste illustre cidadão, dispõe logo para se avaliar o seu alto merecimento.

«Antes que a honrosa obrigação, que me impozestes me houvesse aqui trazido para ousar a commemoração de um grande nome, já a tribuna portugueza, orphã de uma brilhante inspiração, havia trajado lucto pelo talento, e o paiz inteiro, contemplando erma a cadeira, d'onde se erguia aquella palavra solemne e persuasiva, reparando n'um dia as iniquidades da inveja e da fortuna, havia clamado unisono: Emmudeceu uma bocca eloquente, morreu um grande homem em Portugal.

«Este homem, cujo vulto parece ainda vaguear com a magestade da eloquencia, procurando a tribuna, que fôra a sua predilecção e a sua gloria, era Rodrigo da Fonseca Magalhães.

«Concedeis-me, senhores, a honra de celebrar em vossa presença os illustres predicados, que adornavam o estadista, a quem hoje deploraes.

E eu quasi me sentiria inclinado a não proseguir no discurso que intentei. E que melhor panegyrico do que o nome d'um grande homem! Que mais viva revelação dos seus talentos do que os raios, que a tribuna ainda reflecte, d'aquella intensa luz, que não ha muito tempo se apagou? Que mais solemnes e publicas exequias do que as honras, que lhe decretaram os proprios adversarios, quando a morte, que o feriu, lhes trocou a elles a paixão pela benevolencia, e das mesmas injustiças da emulação politica tirou os primeiros applausos da posteridade imparcial?»

O sr. Latino Coelho no seu elogio academico, dá conta dos estudos que o sr. Rodrigo da Fonseca frequentou na Universidade, dos serviços que prestou á patria durante a guerra peninsular, do imminente risco que correu quando foi descoberta a conspiração de 1817, e do seu homisio e successiva retirada para Pernambuco. Depois continua:

«A revolução de 1820 deixou que Rodrigo da Fonseca voltasse de novo a Portugal. A revolução foi como o prologo imaginoso de um livro, que se não chegou a escrever. Foi um enthusiasmo sem coragem, uma interrogação immensa, com que a sociedade punha em duvida todo o passado desta terra, sem ter accordo e energia para lhe responder; mescla paradoxal de timidez e decisão, de tradições e de futuros, de superstições e de ousadias, espectaculo venerando, mas lastimoso, em que a velha honra portugueza, e o fervente patriotismo liberal, egualmente addictos á democracia e á realeza, hesitavam anciosos e trementes diante da alliança, que temiam impossivel, entre a realeza desconfiada e a nascente democracia.

«Estava decretado que sem o sangue de irmãos, espargido por irmãos, não podesse lançar raizes em solo, tão desacostumado a novidades, a arvore das modernas instituições.

«O que a revolução não podera por si, um principe o emprehendeu e o acabou.»

O sr. Latino Coelho prosegue aqui fazendo o julgamento e apreciação da velha monarchia, que em 1823 se restaurou. E vem a proposito apresentar nesta occasião o parallelo das suas ideias, com as de um respeitavel varão, ornamento da tribuna sagrada.

Quando em Fevereiro de 1824 se fizeram na sala dos capellos da Universidade, e na real capella do mesmo estabelecimento, os festejos pela restauração do governo absoluto, dizia o celebre orador, Dr. Fr. Antonio José da Rocha, (o *Rochinha*), no seu sermão, pregado naquella capella em 25 de Fevereiro, primeiro dia do triduo das festas, o seguinte:

«Pergunta-se ha quarenta seculos, qual é a melhor forma de governo; e as longas meditações dos sabios, os constantes exemplos da experiencia, e mais que tudo os oraculos divinos tem decidido pelo governo monarchico. A natureza o inspira, a religião o consagra, e quanto ha pelo universo apresenta delle imagens e typos clarissimos.

«Um Deus governa o mundo: um sol rege os planetas: o corpo humano tem uma cabeça: cada familia tem um chefe, e as nações outra cousa não são, mais do que familias varias do genero humano. Á sua sombra tem florescido os maiores imperios, durado a maior paz, feito progressos a maior civilisação.

«Foi o primeiro de todos os governos; e a Asia, berço das sociedades, viu em as mais antigas eras formarem-se no seu ditoso clima vastas e opulentas monarchias, a cujo abrigo protector repousaram as gerações orientaes do mundo primitivo. Desde então o mando regio anda acompanhado de veneradas tradições e memorias religiosas: cerca-se de tal respeito e opinião, que resistir-lhe é como resistir á Deus primordial fonte de todos os poderes: *Qui potestati resistit, Dei ordinationi resistit.*

«Tal é na sua forma nativa o melhor dos governos legitimos, por quem falla sempre, e fallará a voz da natureza, a auctoridade dos seculos, a praxe das nações, o voto augusto da religião, chegando mesmo o auctor supremo do universo a pintar-se na dignidade regia. *Ego dixi, Dii estis vos.*

«Depois destas ideias, em tão pura fonte bebidas, fica axioma inquestionavel ser o lustre, a magestade, a soberania, qualidades innatas ao solio, inauferiveis da realeza.

. . . .

«Para levar isto ao maior ponto de luz, façamos uma curta e rapida analyse do que mais nos illustra e enche muitas paginas brilhantes da nossa historia.

«Quem poz os fundamentos admiraveis da nossa elevação e grandeza? Quem enramou

---

Encaro a calumnia de fronte erguida, e consciencia socegada. Estou habituado a luctar com ella e a vencel-a.

Espero do Grande Oriente Lusitano Unido justiça e do Grão Mestre o Conde de Paraty a publicação desta defeza para minha desaffronta. Faço votos para que esta questão termine de modo que se não possa dizer que a má fé pertence aquelles que tem querido attribuir-ma injustamente.

Lisboa, 24 de Janeiro de 1873.

Dr. Joaquim José Alves.

A respeitavel Loja Capitular União Fraternal e as Lojas que trabalham debaixo da sua obediencia, reunidas no dia 24 de Janeiro ultimo, depois de haverem apresentado os seus protestos contra as falsas arguições publicadas, nomearam uma commissão de Rosas Cruzes, encarregada de levar ao Grande Oriente Lusitano Unido a resposta acima transcripta, constituindo-se n'este acto em sessão permanente, até ser dignamente resolvida esta questão.

Foram os membros da commissão recebidos por um respeitavel irmão, que apresentando á Grande Loja a nossa defeza, voltou, depois de alguma demora, declarando que na immediata sessão lhes seria dada a conveniente resposta, pois que a Grande Loja, resolvera ouvir a sua commissão central.

No dia aprasado foi-lhe respondido, que a commissão central não tinha podido ainda reunir-se.

Terceira e ultima vez foi a commissão pela resposta definitiva, e só poude colher evasivas e subterfugios, taes como—*que a commissão central ainda se não tinha reunido, e que parecia que o Grande Oriente não tomara conhecimento do facto, como não assumia a responsabilidade, do que não tinha deliberado em nenhuma das suas sessões.*

Que regularidade com que procedem aquelles que presidem aos destinos do Grande Oriente Lusitano!

Desde logo resolvemos aguardar o boletim do mez de Janeiro para dirigir o nosso procedimento.

Effectivamente appareceu o boletim; mas longe de satisfazer a nossa expectativa, não destroe a calumnia, não dá conta da nossa defeza, e procurando confundir os factos, tacha-nos de irregulares *confessos*, unicamente pela conclusão que tirou da leitura do nosso escripto; não se lembrando que o mesmo boletim é um excellente documento da sua *regularidade*, omittindo na acta de 24 de Janeiro a apresentação da nossa resposta, e o debate a que deu logar, restringindo-se a publicar um facto que lhe é relativo, qual é a demissão pedida pelo irmão Joaquim da Cunha de todos os cargos da Grande Loja, incluindo o de membro da commissão central, o que nos leva a crer que este irmão foi estranho á intriga, que pretenderam preparar-nos, conforme nos affirmou em larga conversação particular.

Eis o que se lê no boletim do mez de Janeiro de 1873:

«Por inadvertencia dissemos no ultimo numero, que o irmão dr. Alves iniciava profanos, e lhes conferia diplomas em nome do Grande Oriente Lusitano Unido; é em nome do Grande Oriente Lusitano; este corpo tendo sido supprimido pela juncção em 1869, e não existindo agora em Portugal nenhuma outra potencia maçonica, que possa representar os corpos que se dissolveram por este acontecimento fóra do Grande Oriente Unido, o unico corpo maçonico regular portuguez, que é reconhecido pelas potencias maçonicas estrangeiras. De qualquer modo o irmão Dr. Alves, segundo elle mesmo confessa, preside a lojas irregulares, que nada tem de commum com o Grande Oriente Lusitano Unido, e que se afastam assim do verdadeiro fim da maçonaria.—*Dr. Cunha Belem.*»

CONSIDERAÇÕES FINAES

Recusando-se o Grande Oriente Lusitano Unido a tomar a responsabilidade do que diz ser resolução particular d'alguns de seus membros, não obstante folgarmos com esta nova, corroborada por grande numero de irmãos amigos nossos, discordantes sobre um procedimento, tão inconveniente, todavia é para lastimar que um boletim que se diz *official*, trate de questões particulares tão pouco dignas, e que tarde ou cedo acabarão por comprometter o corpo maçonico superior, que tanto se esforçam, presentemente, por exaltar no estrangeiro, usando de noticias, que, á semelhança de cartazes, podem confundir um templo maçonico com uma casa de negocio.

Eis o facto: somos reputados irregulares, não obstante uma carta capitular, que possuimos e pagamos; porque, quando deputado ao Grande Oriente Lusitano Unido, nos achamos sempre em combate contra verdadeiras irregularidades, que devem constar das actas, e que estão ainda na memoria de muitos irmãos.

Houve sempre em Portugal differentes corpos maçonicos; não vemos portanto motivo que justifique tanta intolerancia e deslealdade, como a de que tem triumphado, pela demonstração dos seus actos, a Respeitavel Loja Capitular União Fraternal, que capricha em ser dedicada aos seus obreiros, satisfazendo o verdadeiro fim da maçonaria, qual é a *beneficencia* e a *moralidade*.

Quando do alto do poder parte o despotismo, é dever do homem livre repellil-o e revoltar-se, por ver que não triumpham as verdadeiras doutrinas.

Regular ou irregular, como lhes aprouver considerar-nos, somos maçons, e não nos envergonhamos de proclamar que fazemos parte dessa grande associação universal, cuja base moralisadora se harmonisa com os nossos principios e com a pureza da religião de Christo que professamos.

Só fanaticos hypocritas, ou ignorantes crassos duvidam actualmente d'estas verdades. Os primeiros desprezamol-os, os segundos inspiram-nos piedade.

Saimos do paiz. Na nossa ausencia pode succeder que factos se dêem, que nos obriguem quando voltarmos, a uma justificação mais completa e desenvolvida, porque é para nós ponto de honra não deixar esta questão, que não provocamos, á revelia.

Por ultimo diremos ao Grão Mestre o sr. conde de Paraty, ao Dr. da Cunha Belem, e aos que fazem parte do pequeno grupo intolerante que nos aggrediu, *que não ha por ora Oriente; ha Loja Capitular e ha Capitulo.* E, portanto uma falsidade passarem-se diplomas em nome de Oriente algum. Quando isso tenha de succeder um dia, nós seremos principalmente interessados em que elle não possa confundir-se com qualquer outro, e dar-lhe-hemos por divisa—*Honra pelo trabalho, patria e ordem.*

Lisboa, 22 de Fevereiro de 1873.

Dr. Joaquim José Alves.

Nota

Quando se achava no prelo este escripto, soubemos ter apparecido no *Conimbricense*, de 15 de Fevereiro, uma accusação documentada, arguindo o Grande Oriente Lusitano Unido de imperdoavel leviandade no seu tratado celebrado com o Grande Oriente de Hespanha, que pode originar no futuro perigos graves para a independencia de Portugal.

D'este assumpto deram egualmente conta o *Diario de Noticias* e *Jornal da Noute*, de 21 de Fevereiro corrente.

E é este alto corpo maçonico portuguez, que desconhecendo o santo amor da patria, se arroga o direito de dizer-nos—*que nos afastamos do verdadeiro fim da maçonaria!!!*

Eis o começo da nossa justificação!...

Lisboa, 28 de Fevereiro de 1873.

Dr. Joaquim José Alves.

de viçosos louros o berço do estado? Foi o throno na plenitude dos seus poderes.

«Quem rompeu os vedados mares do oriente, descobriu novos ceus e novos climas, juntando ao mundo antigo um mundo novo? Quem fez que o oceano fosse nosso dominio, a civilisação da Europa nosso effeito, e o globo em todas as suas latitudes theatro da nossa gloria? Foi o throno na plenitude dos seus poderes.

«Quem fomentou as artes, promoveu as sciencias, erigiu o magestoso templo da sabedoria, com que este paiz se ufana, e donde sae, como de foco brilhante, um turbilhão de luzes clarissimas a todo o reino? Foi o throno na plenitude dos seus poderes.

«Quem levantou os monumentos de architectura famosos, com que Lusitania se esclarece? Fallae por mim, estupendas arcadas e zimborios da Batalha, templo augusto de Belem, vastos edificios de Mafra, assombroso aqueducto de Lisboa: o echo forte, que resoar por tantos marmores e abobadas, outra coisa dizer não póde, senão: foi o throno na plenitude dos seus poderes.

«Quem mesmo, ainda que já de nós ausente e transferido a outro hemisferio, fez instaurar a patria, e repellir com denodo tres aggressões medonhas? Quando todo o continente desde o Niemen ao Tejo ajoelhava ao idolo do tempo, e a Europa fascinada não via, por me servir de um bello exemplo da escriptura, não via em o novo Nabuchodonosor senão a figura de oiro; Portugal mais fino e penetrante divisou-lhe os pés de barro: essa pequena pedra, de que falla o profeta, foi nossa mão, que a despediu, e com ella derribou ao chão a estatua celeberrima, *lapis excisus est, et percussit statuam in pedibus fictilibus.* Nossos exercitos triumphantes alem dos Pyrineus, e campeando victoriosos pelas margens do Garona e planicies do Languedoc, quebraram ao tyranno o sceptro dentro em sua mesma casa. Quem influiu nestes prodigios raros? Foi o throno na plenitude dos seus poderes.

«Finalmente vindo a nossos dias ultimos, quem salvou a nação do abysmo revolucionario, em que se via quasi sepultada, e a trouxe novamente ao seio da paz e da ventura? Foi o throno, não já, senhores, na plenitude dos seus poderes, mas sim na sagacidade do seu comportamento.

Por uma fortuna indisivel o ceu nos fez então o mimo precioso do mais discreto soberano, que viu o mundo. Elle soube com arte infinita tirar a nau do estado fora dos cachopos e syrtes perigosas, a que inhabeis pilotos a haviam conduzido. Calculando em sua alta prudencia o imperio das circumstancias, o fogo das paixões, a divergencia dos sentimentos, nega-se judicioso a uma guerra de ataque. Justo avaliador das crises politicas, sabe que ha lances, delicados lances! em que no fazer nada é que consiste fazer tudo. Guiado por estes principios, e não querendo em modo algum abrir caminho a esse baptismo de sangue, em que as revoluções se tingem, oppõe á facção dominadora um systema negativo de moderação e condescendencia, pausa de tempo, heroico soffrimento. Em breve corôa um exito prosperissimo esse porte benigno e quasi celeste. Cáe por si mesmo a nova torre de Babel, abrem-se os olhos, desenganam-se os animos, e a nação inteira, como ferida de um toque electrico, vôa a repôr no throno, e encher de bençãos o real temporisador.»

Assim discorria (suppomos com todo o fundamento, que forçado pelas circumstancias da sua posição), o Dr. Fr. Antonio José da Rocha, na solemnidade celebrada na real capella da Universidade, pelos partidarios do governo absoluto, em signal de alegria por ter caido a constituição, e se haver restabelecido a antiga forma monarchica; e nesse mesmo sentido oraram os Drs. Fr. José de Sacra Familia e Fr. Manoel do Espirito Santo, nos outros dois dias do triduo.

Esperavam os absolutistas, que a forma de governo anterior á revolução de 1820, e restaurada em 1823, seria d'ahi em deante perpetua: mas illudiram-se. Este retrocesso não podia deixar de ser temporario.

A esse respeito diz o sr. Latino Coelho:

«As primeiras experiencias do regime representativo succedera, reapparecendo, a velha monarchia, mas a monarchia velha sem magestade e sem prestigio, a monarchia velha, que julgava na sua imprevidencia, que a vetustade de seus gloriosos pergaminhos podia compensar o desamparo, em que a deixava a opinião.

«A antiga monarchia tomava de novo o seu logar. Mas como a si propria se confortava com pueris confianças e illusões! Pois porque é veneranda e antiquissima hade a historia vencer as aspirações de uma sociedade juvenil? Póde o terror supprir a opinião? O fanatismo de um facto antigo offuscar o esplendor de uma ideia nova e popular? Póde a velha monarchia, vulnerada no mais intimo da sua decadente organisação, pôr as suas esperanças na força material, na cegueira das bayonetas e na obediencia dos canhões?

«Quando na ilha Terceira, o imperador começava a disciplinar a fortuna das armas liberaes, os raros defensores, que alli congregava a bandeira da rainha, tinham um alliado invisivel que marchava com elles na vanguarda. Era a lei irresistivel do progresso das nações.

«Não houve para os vencidos humilhação nesta derrota. Não foi a espada liberal, que decepou o alquebrado tronco da monarchia absoluta. Foi ella propria, que mirrhada e carcomida, oscillou, pendeu e rolou no chão, mal lhe agitaram o solo em derredor os que já de longe a vinham maldizendo e condemnando.»

Na verdade, para as ideias absolutistas estava passada a sua epocha. O governo de um homem só, sem ser modificado pela interferencia do povo, já não podia continuar.

Como o espaço não permitte, como esperavamos, terminar hoje esta ligeira apreciação; ficará adiada a sua conclusão para o proximo numero.

Joaquim Martins de Carvalho.

NOTICIARIO

Os ninhos das aves.—E' realmente admiravel a industria que as aves revelam na construcção dos ninhos. Este assumpto tem inspirado os escriptores mais eloquentes. Chateaubriand no *Genio do Christianismo* disse:—«Apenas desabrolham as arvores em florescencia, mil operarios encetam a sua tarefa. Uns carream compridas palhas para o buraco da musgosa parede; outros edificam vivendas nas frestas de uma egreja; estes furtam um cabello á crina da egua, aquelles o floco de lã que a ovelha largou no sarçal. Uns, á laia de mateiros, entrelaçam ramos no topo das arvores, outros, como fiandeiras, tecem a seda colhida no cardo. Mil palacios se architectam, e cada palacio é um ninho, cada ninho encerra deliciosas metamorphoses.»

Admira menos a construcção de palacios sumptuosos pela mão do homem, do que o trabalho previdente e delicado da *nidificação* das aves. A forma dos ninhos, os materiaes de que são formados, a sua situação no abrigo da chuva e dos animaes damninhos, a belleza e commodidade que muitas vezes offerecem, tudo é digno de admiração.

O ninho da andorinha é forrado exteriormente de uma argamassa perfeitamente amassada, e internamente de uma camada de substancias delicadas, formando um leito brando, fôfo, macio e quente. O do pintasilgo é um elegante e pequeno açafate, tecido com fios e folhas de diversas plantas, e revestido interiormente de musgo e pennas.

As aves do oriente não se limitam a preparar o berço para o trabalho da incubação; edificam verdadeiras habitações para a familia, onde se reunem os gosos do luxo e os prazeres e regalos da vida. Umas construem o ninho com a forma de uma garrafa, suspensa a um ramo tão flexivel, que se torna inaccessivel aos animaes de rapina. Outras fabricam uma especie de bolsa suspensa por cordões aos ramos das arvores. Uma especie de toutinegra cose por meio do bico e de fios de algodão duas folhas de um arbusto, e neste berço suspenso e fluctuante estabelece a sua vivenda durante a incubação. Uma simples folha de bananeira serve de ninho para certas aves da Martinica, dando-lhe a forma de uma esphera. Outras aves dotadas de grande instincto de sociabilidade reunem-se e constituem numerosas associações, construindo uma serie de ninhos, servindo cada um d'elles para um casal. Que lindos e graciosos caramanchões edificam certos passaros da Australia, não só com toda a segurança e commodidade, mas com o maior conforto, elegancia e verdadeiro luxo? As mais formosas pennas de papagaio e de outras aves de côres explendidas, o musgo mais macio e até lindas conchinhas tudo é aproveitado para atapetar a entrada e o interior destas vivendas encantadoras. Algumas aves aquaticas fabricam um ninho com a forma de um pequeno e elegante barquinho, fluctuando livremente á tona d'agua, ou preso por um fio resistente a uma arvore da margem.

Estes e outros muitos exemplos revelam um talento verdadeiramente artistico e architectonico das aves. Acrescentemos porém a estes dotes o amor e dedicação paternal que caracterisa muitas especies ornythologicas. Que actos heroicos e sublimes praticam as aves, para salvar os seus innocentes filhos! A perdiz é um exemplo bem conhecido, o cysne e outras muitas. Aos carinhos e extremos da mãe correspondem os sentimentos do pae. Este, para suavisar os deveres da maternidade, e para consolar a esposa no trabalho da incubação, canta junto d'ella os mais maviosos e poeticos trechos, que encantam e arrebatam. E' na epocha da reproducção e dos amores, que as aves cantoras ostentam toda a força e belleza da sua voz. Estes canticos são verdadeiros hymnos ao Creador.

As barbas.—Uma barba comprida era considerada entre os antigos como um dom de formosura. Os gregos e romanos adornavam com ella as estatuas dos seus deuses, á excepção de Apollo e Baccho, que sempre se figuraram imberbes. E' para admirar, que este gosto vogasse tanto na Arabia, Egypto, India e Africa, isto é nos paizes mais quentes, onde semelhante moda devia incommodar mais a quem a usava. Este uso subsiste ainda hoje naquelles paizes, e os povos asiaticos e africanos mostram-se muito ciosos de semelhante costume.

Com a invasão dos barbaros do norte cresceu na Europa o gosto pelas barbas compridas. Os povos do norte tinham razão para este uso, porque as barbas longas protegiam a cara e pescoço contra o frio, e até a natureza enroupou os animaes d'esses climas com muita lã e bastos pellos.

O dominio dos mouros concorreu muito para se generalisar e conservar esta moda na peninsula. Portuguezes e hespanhoes usavam barbas longas, como se vê dos retratos dos reis e personagens antigas de ambos os paizes. Foram os portuguezes os primeiros, que no reinado de D. João 1.º começaram a cortar as barbas, sendo por êsse motivo escarnecidos pelas mulheres hespanholas.

Na epocha de Luiz 14 desappareceu o uso das barbas compridas na Europa, e quem se atrevia a apparecer diante de pessoas de respeito, sem ser bem barbeado, passava por grosseiro, sordido e de maus costumes. Os frades obstinaram-se em conservar as barbas, e principalmente certas ordens religiosas, como os franciscanos, capuchinhos e outros pareciam folgar de andar em contradicção com o resto da gente, e de se parecerem em semelhante uso mais com os mouros, judeus e indios.

Introduziu-se depois no exercito o uso dos bigodes, e attribue-se esta innovação a Frederico da Prussia. O uso das barbas compridas ficou limitado aos porta-machados dos regimentos, o que estava em certa harmonia com as barretinas, avental e outras singularidades do seu uniforme.

Ficaram as cousas neste estado até á epocha em que rebentou o volcão da revolução franceza. Voltou novamente a moda das barbas, e quem apparecia em publico sem suissas, bigode e pera, era logo indigitado como aristocrata, realista, moderado e suspeito, o que muitas vezes era sufficiente para levar um homem á guilhotina. Da França facilmente se propagou pela Europa o novo uso das barbas compridas e longos bigodes.

Muita gente considera este costume como um contrasenso na epocha actual. Embora esteja em harmonia com as roupas fluctuantes dos turcos e orientaes, e com os seus habitos indolentes e vida pouco activa. Embora seja toleravel nos frades, em virtude das tunicas de que fazem uso e da sua vida sedentaria. Onde está porém a harmonia com as modas e trajes que dominam hoje entre a sociedade? O homem trajando á moda europea e com longas barbas, parece trazer enfiada na cabeça a mascara de um musulmano.

No verão este uso é realmente incommodo. Signal de valor não póde ser; porque a bravura não precisa deste apparato exterior. Dom de formosura tambem não é; porque o homem com grandes barbas parece-se mais com certos animaes felpudos e bem feios. Indicio de respeito tambem não; porque esta exterioridade é insignificante para infundir acatamento; e os homens de verdadeiro merito e grandes virtudes não carecem deste adorno, para ser respeitados.

O uso das barbas grandes é o resultado da moda, que exerce um dominio tyrannico, embora extravagante e absurdo, sobre os costumes sociaes.

Audiencias geraes—No dia 12 foram julgados n'esta comarca os seguintes reus:

Joaquim Varanda, de Caminha, por crime de furto. Foi condemnado em dois annos de prisão.

Manoel Christovão, de Alcalamouque, por crime de furto. Foi condemnado em um anno de prisão, levando-se-lhe em conta o tempo em que tinha estado preso; e como já era ha mais de um anno, saiu solto.

No dia 14 foi julgado José Antonio de Campos Junior, dos Fornos, d'este concelho, pelo crime de ferimentos e fogo posto em 1858. Foi absolvido.

Excellente pensamento.—Em uma das ultimas sessões da junta de parochia da freguezia de Santa Cruz, desta cidade, foi apresentada, e unanimemente approvada uma proposta para reformar os sinos da sua torre, de modo a poderem tocar differentes peças de musica.

Sabemos que a mesma junta teve uma proposta, pela qual póde obter a quantia orçada para este fim, por meio de um adiantamento em uma renda da mesma junta.

Por esta forma, sem onerar, por meio de emprestimos, os seus rendimentos, poderá agora a junta realisar este pensamento, que de certo hade ser bem acolhido por toda a freguezia.

Muito pode quem quer, diz o antigo rifão. São por isso dignos de elogio os membros daquella corporação, que tomando a peito este objecto, desejam, antes de terminar a sua gerencia, ver realisar um emprehendimento, digno da magnificencia do templo de Santa Cruz, e de uma terra civilisada.

Pela nossa parte desejamos que a digna junta encontre a boa vontade, que deve haver, e é de esperar que haja, da parte das pessoas que podem ter ingerencia n'este objecto, coadjuvando-a no seu mui louvavel empenho de engrandecer a sua freguezia.

Grande trovoada.—Um nosso amigo nos communica de Alvaiazere, que no dia 12, de tarde, descarregou sobre o sitio da Graça, concelho do Pedrogão Grande, uma trovoada, como alli não ha memoria.

Sobre a torre da egreja caliu uma faisca electrica, que quasi completamente a desmoronou, lançando por terra os proprios sinos; porem um delles sem prejuizo. Os telhados tambem soffreram grandes estragos. Os prejuizos calculam-se em 500$000 rs. Por felicidade aconteceu isto em occasião que não estava na egreja pessoa alguma, aliás haveria victimas a lamentar.

Escolha acertada—O sr. Luiz Candido Tavares Nogueira, sobrinho do sr. conego Tavares, foi despachado para o terceiro officio de escrivão e tabellião da comarca de Taboa.

Com summo prazer damos os parabens ao sr. Tavares, e louvamos o procedimento do sr. ministro da justiça pela acertada escolha que fez d'aquelle funccionario, que, pelos seus conhecimentos e optimas qualidades que o caracterisam, estamos certos ha de desempe-

nhar aquelle logar com toda a dignidade, propria do seu honroso caracter.

Serões dramaticos—Na quarta feira a sociedade *Serões dramaticos*, levou á scena no theatro de D. Luiz a comedia-drama em tres actos—*Era uma vez um rei*—a comedia—*Uma mulher de talento*—e a comedia, original do sr. Cesar de Sá—*Um senhor*.

Os artistas curiosos, a quem se deve esta agradavel diversão, foram muito applaudidos pelos numerosos espectadores que enchiam o theatro.

Theatro de D. Luiz. — Acha-se nesta cidade a companhia do Casino Lisbonense, e tenciona hoje e ámanhã dar dois espectaculos no theatro de D. Luiz. A novidade da distracção deve chamar bastante concorrencia, e consta-nos que algumas das cantoras merecem ouvir-se.

Eis o elenco da companhia:—Mademoiselle Suzanne (romancier patriotique), mademoiselle Bessard (bluette), mademoiselle Andersen (1.ª forte chanteuse), mademoiselle Legrand (comique), mademoiselle Olivera (danseuse), e Miss Etty (1.ª soprano ingleza).

Concessão.—A junta geral do districto do Porto e Faro, pediram ao governo a creação de um logar de agronomo nos seus districtos. O governo accedeu ao pedido daquellas juntas.

E' de esperar que a de Coimbra, que agora está funccionando, se lembre tambem de pedir para este districto egual concessão.

Audiencias geraes.— Na audiencia geral de hoje foram julgados os seguintes reus.

Casemiro Dias Agreira, de Bruscos, julgado de Condeixa, pelo crime de ferimentos. Foi absolvido.

Manoel Marques, da Cortiça, pelo crime de furto. Foi absolvido.

Asylo de Mendicidade.—Um caridoso bemfeitor anonymo, deu ao Asylo de Mendicidade a quantia de 130$000 rs., para ser applicado em inscripções.

Podem os peixes viver fora d'agua? —O nosso amigo o sr. José Maria Rosa de Carvalho enviou-nos a seguinte carta:

Sr. Redactor—Podem os peixes viver fora da agua?—Se a desgraça d'alguem o levasse a dirigir esta pergunta a pessoas delle pouco conhecidas, ou o reputavam fugido do hospital de S. José, ou em condições opportunas de ir visitar aquelle antigo estabelecimento. Pois ha quem duvide de que os peixes não vivem fóra da agua?

«Os peixes (diz Cuvier) respiram a agua no seu estado natural; ou esta opere sobre o seu sangue decompondo-se; ou sómente abandonando-lhe o ar que ella contem em dissolução, ou em simples mistura.»

Temos portanto que para respirarem é-lhes precisa a agua, e sem respirarem, é claro, que não podem viver. Como se explica pois o facto que vou contar?

Foi no tempo da mala-posta, d'aquella excellente locomotiva, tão commoda, barata, e sufficiente para nós, que somos uma nação pobre e individada, e que por isso não a deviamos ter abandonado ou trocado por o caminho de ferro; o qual veiu não só aggravar muitissimo o nosso mau estado financeiro, mas tambem quasi que arruinar a nossa cidade de Coimbra e outras terras!... Eu, digo com franqueza, não acho no caminho de ferro tantas vantagens, comparadas com tantos sacrificios. Pode ser que isto provenha de eu nunca ter gostado das grandes velocidades. Isto tambem é verdade.

Vamos ao facto. Em um dia d'inverno dos mais chuvosos e humidos, colloquei uma folha de couve dentro d'uma caixa das dos charutos. Deitei sobre as folhas dois grandes peixes vermelhos, pescados nas vallas do campo; cubri-os com outra folha, e depois de ter fechado perfeitamente a caixa, mandei-os pela mala-posta para o nosso museu nacional em Lisboa.

No dia seguinte chegaram ao museu pelas 11 horas da manhã: porem o que causou grande admiração foi o ter-se achado vivo um delles! Foi logo deitado em agua, e vivo se conservou por muitos dias ou mezes.

Tenciono participar-lhe a vinda do cuco.

Quinta do Espinheiro, 13 de Março de 1873. *José Maria Rosa de Carvalho.*»

Despacho —O sr. padre Augusto Cesar Henriques foi apresentado na egreja parochial de Souzellas, deste concelho e diocese de Coimbra.

Concurso—Está aberto concurso para o provimento da egreja de Nossa Senhora das Neves de Midões, concelho de Taboa, diocese de Coimbra.

Camara dos deputados. — Na sessão do dia 13 foi approvada por 56 votos contra 29, a generalidade do projecto do accordo com a companhia dos caminhos de ferro.

O logogripho publicado em o numero passado é—VIOLETA.

ANNUNCIOS

PEDIDO

1 PEDE-SE ao sr. Luiz Augusto de Carvalho Pinheiro e Almeida, do Sebal, concelho de Condeixa a Nova, o favor de responder ás repetidas e attenciosas cartas, que de Coimbra lhe tem sido dirigidas.

---

2 NO DIA 27 do corrente mez de Março, pelo meio dia, nos paços deste concelho, hão-de arrematar-se, se o preço convier, diversas peças de retabulos de talha dourada.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 15 de Março de 1873.

O escrivão da camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

Venda de um orgão em Coimbra

6 VENDE-SE um orgão grande, ha pouco acabado de construir, o qual tem a força de 9 registos por banda, e serve para qualquer egreja, ainda que seja muito grande.

Quem o pretender, póde fallar nesta cidade, na rua da Calçada, n.º 85 a 91.

Agradecimento

4 IGNACIO DE CARVALHO FREITAS SENIOR, agradece por este meio ao exm.º sr. Dr. Jacintho Alberto Pereira de Carvalho, a caridade e assiduidade com que o tratou na sua doença. Tambem agradece a todas as pessoas que o visitaram e se interessaram pela sua saude, visto o não poder fazer pessoalmente, em consequencia de sua fraqueza e padecimentos rheumaticos.

Coimbra 11 de Março de 1873.

VENDA DE DOIS CAVALLOS

5 QUEM quizer comprar um ou dois cavallos de pura raça hespanhola, com mais de marca, e de 4 annos para 5 de edade, dirija-se a Adelino Augusto Pereira de Carvalho, rua de Quebra Costas, n.º 45, Coimbra.

VENDA DE CASAS

7 VENDE-SE uma morada de casas com seu quintal ajardinado, sitas na rua do Corpo de Deus, sob o n.º 36. Quem as pretender dirija-se a seu dono Antonio d'Almeida e Silva, morador no mesmo prédio.

ATTENÇÃO

JOSÉ DIAS DE PAIVA

Rua da Louça, n.º 37
Coimbra

8 ENCARREGA-SE DE ARMAÇÕES FUNEBRES, para o que tem eças de differentes gostos e tamanhos, caixões e todos os arranjos precisos para os funeraes.

Tambem se encarrega de armações para festas, tanto na cidade como nas aldeias, o que tudo faz por menos a quarta parte do que qualquer outro o fizer.

BAZAR

9 A ASSOCIAÇÃO CONSOLADORA DOS AFFLICTOS, desta cidade, tenciona fazer o seu bazar a beneficio dos seus pobres, no dia 30 do corrente, no Jardim Botanico, permittindo-o o tempo.

---

10 AUGUSTO DE CARVALHO MACEDO PEREIRA, estudante, de maior edade, faz publico, que entre os bens que são postos em praça no dia 18 do corrente mez, na execução movida neste juizo de Coimbra, por D. Clara Leite Ribeiro, contra João Fernandes Thomaz e sua mulher, estão algumas propriedades pertencentes ao annunciante, sitas na Ericeira, e taes são:—casa de celleiro, na rua do Correio—casa grande na mesma rua—a quinta do Valle—e um fôro de 1$000 rs. Estes bens tem no edital os numeros 37 a 40. E assim para que não possa allegar-se ignorancia, se faz o presente annuncio, e, por elle protesta de fazer valer o seu direito. Estes bens já foram postos em praça pelo executado, e ninguem os quiz comprar.

Coimbra 13 de Março de 1873.
Augusto Freire de Carvalho Macedo Pereira.

VENDA DE CASAS

11 BEM SITUADAS; renda 67$000 reis, 3 andares. Das 2 por diante. Tracta-se na rua dos Militares, 29.

---

12 DECLARO que não tenho parte directa nem indirecta nas correspondencias que d'aqui são mandadas para o jornal burlesco de Lisboa, intitulado o *Trinta Diabos Junior*, e publicadas no mesmo periodico.

Dou esta satisfação, porque alguem tem propalado, ou com intenções malevolas, ou sem ellas, que eu sou o auctor; e como não quero acarretar com o que me não pertence, é o motivo porque faço esta declaração.

Coimbra, 15 de Março de 1873.
Annibal Augusto Pereira.

AGRADECIMENTO

13 D. MARIA DA CONCEIÇÃO D'ALMEIDA E SILVA e seu irmão Antonio d'Almeida e Silva, summamente penhorados pelos inumeros obsequios que lhe prodigalisaram as pessoas das suas relações e amisade, tanto na occasião da enfermidade, como na do fallecimento de sua prezadissima thia D. Theresa Maria dos Anjos Rodrigues, temendo que por esquecimento ou por outro qualquer motivo, deixem d'agradecer a algumas d'ellas os obsequios que receberam; aos quaes serão sempre gratos e reconhecidos, lançam mão deste meio para, a todas em geral, e a cada uma em especial, pedirem desculpa d'alguma falta involuntaria, protestando a todas o seu eterno reconhecimento e gratidão; especialisando no agradecimento o exm.º sr. Dr. Jacintho Alberto Pereira de Carvalho, que, como medico da finada, empregou e desenvolveu todo o zelo e interesse, applicando-lhe a tempo os recursos de seus esclarecidos conhecimentos medicos para a salvar.

---

13 OFFICINA MATUTINA HEBDOMADAE MAJORIS, ex missale romano a decreto sacrosancti concilii Tridentini restituto S. Pii V jussu edito, etc., addito cantu Passionibus Dominicae in Palmis et Feria VI. in Parasceve ad majorem commoditatem deprompta. Olisipone, ex Typogr. Nacional. 1857. — Esta obra, nitidamente impressa em formato de folio, e ornada de uma excellente gravura, é, para assim dizer, indispensavel a todas as egrejas aonde se fizerem solemnemente as sagradas funcções, com as paixões de domingo de ramos e sexta feira santa em cantochão.

Vende-se na imprensa Nacional e nas livrarias dos seus commissarios de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga e Ponta Delgada. —Preço 1$000 reis.—Em Coimbra, loja de J. Augusto Orcel.

---

14 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchaqueca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alcuto, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kils 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28: Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rabir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes. — ELVAS, Sant'Anna. — COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho. —FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca. — SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2676 — TERÇA FEIRA 18 DE MARÇO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A insoffrida ambição do poder tem levado os partidos opposicionistas a commetter os mais lamentaveis desatinos em manifesto abuso da dignidade parlamentar.

Dos discursos da opposição, proferidos durante a presente sessão legislativa, sómente transudam, entre assomos de eloquencia *patriotica*, a cega ambição do poder, que lhe perturba o espirito.

Não ha para os adversarios do governo principios ou convicções, ideias ou raciocinios que possam servir de thema aos seus debates.

O amor da patria e das instituições, da ordem e da justiça, das conveniencias e dos interesses sociaes, sentimentos que ennobrecem o caracter dos homens publicos, e que fazem a apotheose dos partidos e das facções politicas, parece que cederam, de todo, á paixão cega e desvairada do poder.

Felizmente que a consciencia publica, desferindo, já de ha muito, o seu brado de reprovação, proferiu a sentença condemnatoria contra os que antepõem os interesses pessoaes e do corrilho, ás conveniencias geraes da nação.

E' triste e desanimador o espectaculo que a opposição está dando ao paiz.

Ainda em uma das ultimas sessões, um personagem, que o paiz conhece pela sua *alta capacidade governativa*, levantou a sua voz na camara dos pares, para enunciar uma proposta em que sobresaia unicamente a intenção offensiva e o fel da injuria pessoal. Esta arma traiçoeira, vibrada por mão de um homem, que devera dar exemplos de recato e humildade, se conhecesse os deveres do alto sacerdocio que exerce, foi a recapitulação dos doestos em que alguns dos membros da outra camara, tem feito consistir toda a sua estrategica parlamentar. Isto pelo que respeita á intenção; de resto a proposta, como está formulada, é um rematado absurdo, um vôo de imaginação, um pensamento do sr. Alves Martins.

Se a intelligencia e a dignidade pessoal fossem qualidades de todos os homens publicos, não veriamos de certo mais esta veleidade em uma assembleia respeitavel. A politica seria um objecto menos divertido, mas inquestionavelmente mais util ao paiz.

As insinuações pessoaes, com o fim malevolo de manchar as reputações alheias, e de desacreditar os homens de estado mais prestadios, que põem a sua honestidade e a sua intelligencia ao serviço do paiz, ainda que em materia profana, desauctorisam aquelles que as propalam, são meios de que sómente costumam servir-se os espiritos malevolos e apoucados, nunca os representantes dos apostolos, a quem, talvez por uma aberração de principios, foi concedido um poder que não é seu.

Desejamos plenissima liberdade nas discussões parlamentares, na analyse dos actos praticados pelos agentes da auctoridade publica; mas não queremos que a licença, o abuso, a injuria e o doesto, substituam o decóro devido ás instituições publicas e ás ideias liberaes, implantadas em o nosso systema politico.

Para os que julgam que os negocios publicos são apenas um pretexto para satisfazer ambições pessoaes, não póde haver treguas.

A moralidade, a justiça e as conveniencias sociaes, ainda que assim o não julguem, estão muito acima da politica traiçoeira e de embuscada, que é a arma dos inimigos da ordem e da honestidade.

Desta fórma não póde viver uma nação. Os que assim procedem, prostergando a justiça e o direito, preparam a ruina do paiz.

O nosso particular amigo o sr. Dr. Anthero Augusto de Almeida Araujo Pinto, redactor politico deste jornal, foi agraciado por sua magestade com a commenda da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa.

O nosso amigo é dignissimo da mercê com que o soberano se dignou distinguil-o. A' sua reconhecida illustração, e aos dotes de um perfeito cavalheiro, reune um dedicado amor por esta cidade e concelho, o que tem provado tanto no logar de presidente da camara, que com muito zelo exerceu, como na qualidade de simples cidadão.

Se em tempo o sr. Dr. Anthero Augusto de Almeida Araujo Pinto, por vinganças partidarias, soffreu os vexames, a que sempre estão sujeitos os homens de caracter independente; felizmente chegou a occasião em que o seu distincto merecimento e relevantes serviços prestados a este municipio, foram reconhecidos de um modo honrosissimo.

Felicitamos, por isso, o illustre agraciado, e egualmente a toda a sua familia.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

ELOGIOS ACADEMICOS

IV

O sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães foi sempre tolerantissimo com as opiniões oppostas ás suas. Logo em 1834, por occasião da discussão da lei das indemnisações, elle teve a coragem de affrontar as exigencias dos exaltados, que pugnavam para que se votasse contra os miguelistas esta lei odienta.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXLIII

PIO VI

Carta do papa Pio VI, prisioneiro dos francezes em Sienne; e d'ahi dirigida em 1798 á rainha de Portugal, D. Maria I.

Filha muito amada em Christo, saude, e benção apostolica. Muito mais tarde do que o pedia a nossa desgraça, e da egreja romana, escrevemos a vossa magestade, porque aos mais trabalhos, que nos affligiram, se ajuntou tambem a doença do nosso secretario, o unico, que em circumstancias tão apertadas nos foi concedido, e por isso fomos precisados a carecer do seu adjutorio, quando deste mais necessitavamos; alem disto como pela nossa pobreza não podiamos enviar correios a vossa magestade, como era conveniente, para que as nossas cartas não fossem surprehendidas, foi preciso tambem esperarmos tempo opportuno, em que estas se podessem enviar seguras.

E desejando muito communicar a vossa magestade os nossos grandes trabalhos, o não podemos até agora executar de modo algum; ainda que elles tem sido tão excessivos, que espalhados pela fama, e sem letras nossas, teriam já chegado não só aos ouvidos de vossa magestade, mas tambem de toda a Europa. Pois quem ignora já, que o romano pontifice, despojado de todo o explendor, e auctoridade do seu imperio, arrebatado com inaudita violencia do gremio da sua egreja, e cheio com summa crueldade de toda a qualidade de injurias, sem attenção, nem á sua edade, nem á gravissima e diuturna infermidade, que proximamente havia padecido, e de que ainda se não achava convalescido, foi obrigado a sair da sua corte para o desterro de Sienne, entregue a traidores, desamparado, e desprovido de todas as cousas?

Quem não tem já ouvido, que a cidade de Roma, capital da egreja romana, e amplissima habitação do imperio pontificio, foi tomada pelos inimigos, e entregue ao arbitrio do povo rebelde? Que os padres cardeaes, varões integerrimos, e constantissimos, foram cruelmente presos, desterrados para fora da cidade, e tratados com todo o genero de asperezas? Que as proprias insignias do romano pontificado foram violentamente tiradas dos seus logares, trazidas com indecencia pela cidade, e calcadas com torpissimas injurias? Que os templos foram despojados do ouro e prata, e mais preciosos ornamentos? Que as estatuas, escripturas, codices antiquissimos, cousas preciosissimas, monumentos famosissimos, assim de pessoas particulares, como publicas da cidade, tudo foi arrebatado, e saqueado? Que ás pessoas principaes, e familias religiosas, foi imposta uma grande contribuição de dinheiro? E finalmente todas as mais desgraças, e crueldades, que derribaram a florentissima corte do nosso imperio, e o reduziram ao mais inferior estado das cidades mais desgraçadas, sem que vissemos que taes atrocidades fossem feitas por alguma culpa, que se allegasse contra nós, e contra a egreja romana?

Desmaiariamos certamente, nossa muito amada filha em Christo, nem julgariamos restar-nos logar algum de consolação no meio de tão grande perturbação da republica assim civil, como christã: porem no meio da maior dôr, que fortissimamente nos afflige, vendo tantas tribulações da egreja, dos nossos irmãos, e filhos muito amados, attendemos, que nenhuma culpa foi commettida por nós, nem pelo povo romano, pela qual se podesse com razão levantar esta tão grande tempestade de crueldades contra nós, e contra a egreja romana.

E na verdade, se houvesse em nós algum erro humano, não foi outro certamente, se não porque, conformando-nos com a mansidão christã, sempre nos portamos mais frouxos e vagarosos em precaver as traições, e rebater as injurias dos inimigos; nem vossa magestade, supponho, ha de acreditar aquellas vozes espalhadas pelos nossos inimigos, em ordem a evitar o odio de tanta crueldade:—Que elles foram occupar a cidade de Roma, despojando-nos do imperio, e desterrando-nos, para vingarem a morte que os nossos soldados contra todos os direitos das gentes haviam dado ao general dos francezes: por quanto aquella morte não foi feita pelos nossos soldados de proposito, e querendo directamente accommetter o turbulento, e sedicioso general, mas sim para repellirem a força, e violencia, que este lhes fazia, pois constou de certo por devassas, que se tiraram, que o mesmo general (que pouco antes havia excitado uma rebellião em Genova) se achava actualmente excitando o povo romano a rebellar-se, e que com a espada levantada accommettera os nossos soldados, quando da parte dos nossos se disparou um tiro, com o qual se espalhou toda a multidão dos rebeldes, e ficou morto o dito general, o que prouvera a Deus podessemos nós fazer logo publico por letras; mas foi então tal a conjunctura dos tempos, e tambem tal o temor dos nossos, que sem nós o sabermos, porque estavamos doente de cama, e gemendo todas as pessoas de bem, não só se não queixaram da violencia feita aos soldados pontificios, nem pediram se nos désse uma satisfação, mas o que mais é, ainda imploraram a misericordia dos francezes, como se os solda-

O sr. Latino Coelho descreve pela seguinte fórma esse nobre e liberal procedimento do illustre estadista:

«Apaixonado pelas instituições representativas, nunca soube o que era dar-lhes por alicerse a intolerancia, o odio, a proscripção, e o terror. Respirando apenas do affogo de uma cruenta e lamentosa guerra civil, frescos ainda na memoria os ultrajes de uma feroz perseguição, travando-lhe ainda na bocca o pão do exilio, ainda recente a impressão dos perigos, que correra n'um assedio, o qual seria ainda hoje um dos mais gloriosos, se a gloria se aviltasse a exaltar o fratricidio n'uma nação, Rodrigo da Fonseca, tomando assento nas primeiras côrtes portuguezas depois da acclamação da liberdade, tentou quasi os primeiros vôos da sua inesperada eloquencia, para amparar contra a mais odiosa represalia uma parte dos seus concidadãos. A mesma voz que firmou o seu nome entre os oradores, gravou o mais honroso monumento á generosidade do seu caracter e á doçura do seu tão calumniado coração.

«Discutia-se na camara dos deputados uma lei, que o odio ia dictando, em quanto a humanidade a refutava e combatia. Era a lei das indemnisações. Os tempos mais sombrios das facções romanas pareciam renascer, quando os poderes do estado mais tinham por interesse e por encargo serenar a irritação, sanctificar a liberdade, tornal-a acceita aos mais rebeldes, e dal-a por saudavel medicina e não por veneno corrosivo, á morbida compleição do corpo social. As tabellas de Sylla iam apparecer no fôro. Era um opprobrio e uma vergonha que se fizesse da patria uma conquista e da heroicidade um trafico, que se decretasse [?] lista civil á liberdade, e que uma religião nascente e prestigiosa votasse aos seus servidores salario, e remuneração aos seus evangelistas. Era metade da nação, que exigia o resgate á que saira vencida no recontro. Rodrigo da Fonseca, do alto da tribuna, que logo nos primeiros assomos conquistara, protestou com a voz eloquente, inspirada na discrição e na brandura, contra uma lei, que apagava nas bandeiras ainda ha pouco triumphantes o emblema da pureza liberal.

«A falsa popularidade, que ás vezes quebra a estatua da razão para erguer no pedestal o capricho das illudidas multidões, não o demoveu então, não o desviou jamais do que lhe estava aconselhando o bom senso de estadista, a persuasão das crenças intimas, o melhor serviço dos soberanos, o maior esplendor da liberdade que o subira ás altas e condecoradas posições, de que sempre foi tão pouco desvanecido, e que tanto lhe cobiçaram e denegriram os seus mais injustos detractores.»

Do seu amor pela liberdade de imprensa podiamos apresentar muitos documentos. Bastará, porem, indicar o seguinte, descripto pelo sr. Latino Coelho:

«Prezando a auctoridade, e zelando-lhe os foros e regalias, nunca Rodrigo da Fonseca n'um só apice abusou dos poderes publicos para reprimir ou castigar as expansões embora illegaes da opinião.

«Estavamos em 1840. Era um periodo de agitação febril e de inquietação popular na nossa terra. Um povo que se emancipa e nos primeiros tempos depois da servidão uma creança heroica, aprendendo nos tumultos o custoso alphabeto da liberdade. Trazem sempre as revoluções um contagio de frenesi, e a uma nação, que se desprende dos ferros, apraz-lhe folgar por algum tempo á solta, experimentando em tentames, ás vezes inuteis e pueris, a quanto lhe chega o esforço e lhe alcançam os brios populares, como que duvidando ainda da sua propria largueza e magestade. São estas agitações em parte o scenario da revolução, que é ao mesmo tempo ideia e espectaculo; em parte a sentinella, que vigia os inimigos mal encobertos na cilada.

«A revolução, que principiara em 1836, estremecia ainda o paiz, inquieto vaticinio, com que o instincto nacional adivinhava novos perigos á liberdade. Estava no poder um homem, que por si não era para arremetter á arca santa, que lhe haviam confiado. Era Rodrigo da Fonseca, o membro influente, o estadista do ministerio. Rebenta pelo silencio da noite uma sedição de populares. Eram poucas mangas de povo, que vagueavam sem norte e sem accordo. Obviá-lhes a auctoridade, com a sombra, com o terror inoffensivo desta força, que deixa [?] o campo de que fôra desbarato, antes de começar um recontro popular. A agitação, porém, não havia de todo serenado no paiz. Progredia e impacientava-se. Os odios cresciam na imprensa, e cresciam na tribuna. O poder hesita, estremece, avulta a responsabilidade do officio, a que impendia a guarda e conservação da ordem publica. Chega o ministerio á camara dos deputados e propõe a suspensão das garantias. Uma voz das mais eloquentes, que resoaram na tribuna portugueza, uma voz que ainda ennobrecem, senhores, as vossas discussões, um poeta illustre, a quem a posteridade sagrou já o nome, inscrevendo-o nos fastos das glorias nacionaes, foi o defensor da proposta do governo.

«O debate foi acalorado e ardente. As paixões inflammaram a palavra, que se cruzou fulminante e implacavel entre dois vultos gigantes da tribuna. Um orador parlamentar, fecundo, imaginoso, com todas as seducções da palavra, do aspecto, da popularidade e da democracia, com a paixão ardente de Mirabeau e a nobreza altiva de Barnave, protestou n'uma oração vigorosa contra a usurpação arrogante do poder. O governo impallideceu diante d'aquelle orador inspirado e juvenil. Mas a lei passou.

«D'ahi a poucos dias Rodrigo da Fonseca, ministro do reino, ia declarar no senado, que não podia governar sem que a imprensa volvesse á liberdade. Era o athleta da tribuna, o velho soldado da imprensa livre, que se envergonhara de que lhe dessem manietado o contendor, e pedia para elle as armas, que o parlamento havia poucos dias lhe despira. Era aquelle que mais tarde na camara dos pares, militando na opposição, se penitenciava n'um discurso memoravel, por ter proposto a momentanea dictadura, que elle não soube deshonrar com um só acto de proscripção ou de vindicta.»

Os predicados de insigne orador, que possuia o sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães, são assim magistralmente expostos pelo sr. Latino Coelho:

«De todos quantos floreceram na tribuna portugueza desde 1834 até 1856, ninguem teve em si consociados em mais regrada proporção e harmonia as multiplices faculdades, que a natureza cria, e a arte aperfeiçoa no orador.

«A figura alta, a cabeça nobremente modelada e semelhante á de um senador romano de grave auctoridade; os olhos penetrantes e sagacissimos; a fronte larga e abobadada; os cabellos entre desalinhados e artisticos; o peito amplo; altiva a projecção do vulto, quando parecia accommetter o adversario; as mãos sem decairem nas *argutiae digitarum*, cifrando um como vocabulario complementar ao da palavra; o aspecto ora torvo, ora modesto, segundo o requeria a ideia ou a conjuncção; a voz percorrendo a escala e os accentos das paixões que exprimia ou simulava; o andamento vario, agora precipitando as phrases em bravissimas torrentes, logo deixando espreguiçar em meandros compassados o curso da oração. Eis ahi como Rodrigo da Fonseca animava pela acção a eloquencia.

«Não eram porem só estes os meritos e os primores do seu dizer. A locução fluente, facil, nem tão exornada, como asiatica, nem tão nua, como agreste: as imagens poucas e accommodadas ao genero deliberativo, não ao academico ou epidictico; a linguagem vernacula, com um certo sabor classico, e uma grata reminiscencia vieirense; a syntaxe tão correcta e escrupulosa, que se a errava n'um minimo ponto o orador, apoz uma breve pausa, logo volvia a emendar o inciso começado: a pronuncia purissima, accentuada; distincta a prolação das syllabas, a declamação rhythmica entoada como se Rodrigo, á feição dos oradores antigos, buscara fazer bem discerniveis na melopêa da tribuna, os metros do discurso, —o iambo, o dactylo, o *paeon*.

«Tal era o orador, que encheu por mais de vinte annos com a sua voz eloquente o parlamento portuguez e com quem nos habituámos a ver a musa da tribuna sentada no banco do poder.»

Finalmente o sr. Latino Coelho termina o elogio do sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães, publicando a famosa carta por elle dirigida a el-rei o sr. D. Pedro V, pouco antes de morrer, recusando a mercê que sua magestade lhe queria fazer, agraciando com o titulo de conde a seu filho.

O primoroso elogio de tão notavel estadista, não podia ter mais brilhante epilogo!

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

Instituto de Coimbra.—Noticiámos ha dias que varios membros das classes do Instituto se haviam inscripto para fazer conferencia. Os pontos escolhidos pelos da classe de litteratura e bellas artes, são os seguintes:

—O sr. Dr. Augusto Filippe Simões escolheu para thema da sua conferencia—*A architectura em Coimbra até ao fim da edade media.*

—O sr. Miguel Osorio Cabral de Castro—*Jacintho Freire de Andrade e suas obras, especialmente a vida de D. João de Castro.*

—O sr. Dr. Luiz Jardim—*Da influencia do romance na civilisação.*

—O sr. Candido de Figueiredo—*Da litteratura indiana antiga.*

—O sr. conselheiro João José de Mendonça Cortez fallará sobre um destes dois pontos:—*Historia da marinha de guerra desde as ultimas alterações.—Da invasão da peninsula no primeiro imperio.*

Os pontos escolhidos pelos membros da classe de sciencias moraes e sociaes, são os seguintes:

—O sr. Dr. Fernando de Mello—*Missão do medico na sociedade.*

—O sr. Augusto Santos das Neves Carneiro—*Philosophia positiva.*

dos pontificios fossem culpados em rebater a violencia, que lhes faziam.

Porem isto não se fez sem engano e traição dos nossos inimigos, porque o ministro francez, que depois daquella morte se ausentou de Roma, tinha promettido aos que governavam os nossos, que escrevendo elles de tal sorte, e implorando a misericordia dos francezes, elle faria seus bons officios na presença dos cinco varões da republica franceza, que formam o directorio executivo, para que nenhum perigo elles podessem temer dos exercitos francezes por causa d'aquella morte; mas donde se nos promettia a saude, d'ahi (sendo totalmente forçoso, que assim acontecesse) nos procederam todas as desgraças.

Porquanto foi logo mandado para Roma um exercito de francezes. Os postos militares, e logares mais altos juntos á cidade foram occupados; os mantimentos impedidos; prohibiu-se com gravissimas penas, que ninguem sahisse da cidade, e ultimamente se mandou, que as portas da cidade se pozessem patentes aos francezes; que o castello de Santo Angelo, fortaleza da cidade, se entregasse, e fosse guarnecido com os mesmos francezes, e para que nós consentissemos nestas cousas sem temor, prometteu o general, e lhe rogaram, que assim publicasse por edital:—Que os francezes haviam de entrar pacificos na cidade; que nenhuma violencia fariam aos cidadãos, nem aos seus bens; que nenhuma molestia causariam ao romano pontifice; e por tanto, que deviam os romanos estar isentos de todo o temor.

As cousas estavam em tal estado, que se nos não accommodassemos, os mantimentos impedidos de todas as partes, viriamos a morrer de fome, pois já padeciamos grande falta de viveres; e resistirmos era pelejarmos com incertissima esperança de salvarmos as vidas, e todos os bens temporaes, pelo que cedemos, visto não podermos tomar outro partido; patentearam-se as portas da cidade; entregou-se a fortaleza de Santo Angelo: entrou o exercito francez, e ficaram as nossas vidas, e os nossos bens temporaes, e tudo quanto tinhamos, sujeito ao seu poder: mas todas estas cousas, ainda com summo sentimento, e temor dos homens de bem, se executaram, sem perturbação alguma, e com tanto socego, que não parecia o primeiro ingresso dos inimigos na cidade, mas sim de uma pacifica chegada de amigos.

Durou este socego até que os francezes, occupando os logares mais altos da cidade, e fortalecendo-se firmemente nelles, julgavam não ter já que temer do povo, nem dos nossos soldados; mas logo que se viram superiores em forças, esquecidos da fidelidade, e promessas, que tinham feito, começaram a executar contra nós, contra nossos veneraveis irmãos, contra os bens das pessoas nobres, e das familias religiosas, e finalmente contra a egreja romana, todas aquellas hostilidades, que expressamente haviam promettido não praticar. Mas não deve admirar-se vossa magestade, filha nossa muito amada em Christo, ser tão grande a traição, e crueldade, que elles praticaram com os outros, se souber com quanta asperesa e insolencia trataram a nossa sagrada pessoa, porque não satisfeito o seu furor com derrubar do throno do seu imperio, e desterrar o romano pontifice, contra todos os direitos divinos, e humanos, quizeram fazer isto mesmo com soberba, com crueldade, com insolencia, e com affrontas; porquanto contra a palavra dada, removeram de nós os fieis soldados, de que usavamos para nossa guarda, e do nosso palacio, e nos pozeram por guardas soldados francezes, os quaes guardavam não só a entrada do palacio Vaticano, mas ainda as casas mais interiores do mesmo palacio, e com tanto rigor, que nem a nossos familiares permittiam a entrada nas nossas camaras sem muita difficuldade.

Nem parou aqui a sua crueldade, porque chegaram a nós mesmos sem darem o minimo signal de reverencia, fecharam e sellaram os nossos mais intimos cubiculos, caixas, e gavetas, e tambem nos perguntaram insolentemente pelas joias, suppondo que teriamos grande quantidade dellas escondidas, ao que tendo nós respondido com animo constante, e pacifico, o que pedia a nossa dignidade, e a verdade da materia, se nos intimou ultimamente, que nos apartassemos logo dos limites da republica romana; e respondendo nós, que estavamos promptos para tudo, mas que pelo peso da nossa edade atenuada com molestias, (pois contavamos já 81 annos) e pela fraqueza das nossas forças (por havermos padecido proximamente uma enfermidade por tres mezes) não podiamos fazer aquella laboriosa jornada ainda no rigor do inverno; tão longe estiveram de se amançar com esta comedida resposta, e deferir a jornada para outro tempo, que a isto nos ameaçaram, affirmando, que se não executassemos voluntariamente o que nos diziam, apartando-nos logo dos limites da republica romana para a Etruria, elles nos fariam apartar por força. Constrangidos em fim pela violencia e ameaças de homens ferocissimos, sahimos dos limites de nossos estados, e da nossa egreja, não mandados, mas lançados fóra com summa injuria, tirados por força, e depostos contra todos os direitos divinos e humanos.

Seria uma longa narração, nossa muito amada filha em Christo, referir outras muitas cousas para declarar a vossa magestade toda a violencia e crueldade d'aquelles barbaros homens para com a nossa pessoa. Elles nos cercaram de guardas, que nunca apartaram os olhos de nós, e que seguiram a nossa carruagem á maneira de archeiros; encheram de soldados francezes todos os caminhos, que se dirigem á porta Vaticana, por onde sahimos, para que ninguem nos viesse ao encontro, e nos désse algum soccorro.

Desde a porta da cidade até á primeira parada, caminhámos cercados de uma escolta

—O sr. Dr. Luiz Jardim—*Meio de resolver a crise actual da Europa, manifestada pelas* GREVES *e pelo antagonismo entre o capital e o trabalho.*

—O sr. Candido de Figueiredo—*Estudos orientaes.*

Ainda não sabemos os pontos escolhidos pelos srs. Dr. Manoel Emygdio Garcia, Dr. Julio Marques de Vilhena e José Frederico Laranjo, que tambem se inscreveram para fazer conferencia.

Ouvimos que a primeira conferencia deve effectuar-se dentro de poucos dias, e que será feita pelo sr. Dr. Fernando de Mello.

Noticias agricolas.—Ha falta de braços para os trabalhos do campo, que nesta epocha são muitos e urgentes. Os salarios estão altos, e os trabalhadores mostram-se exigentes. Já está muito milho semeado, e as arvores fructiferas ja mostram muita flor. Tem continuado este anno a plantação de muitas laranjeiras nos arredores desta cidade, e tem progredido os trabalhos de arborisação, tanto por parte da camara municipal, como de particulares. Só dos viveiros de arvores florestaes, pertencentes á direcção das obras do Mondego, tem-se vendido este anno plantas, no valor proximamente de um conto de reis, e tem-se concedido gratuitamente muitas por ordem do governo. Tambem tem havido grande consumo de plantas para jardins. Todos estes factos demonstram, que se tem desenvolvido muito o gosto pela agricultura.

Bussaco.—Os temporaes deste inverno causaram bastante damno na mata do Bussaco, derrocando muros, e derribando muitos carvalhos e alguns cedros corpulentos.

Festividade—Amanhã, quarta feira, haverá na egreja de Santa Justa a festa de S. José. Pregará de tarde o sr. padre Manoel Joaquim dos Santos Neves.

Despachos—Os srs. João José de Antas do Souto Rodrigues e José Joaquim Pereira Falcão, foram providos definitivamente no logar de substitutos da Faculdade de Mathematica.

Partida.—O nosso estimavel amigo e patricio o sr. Guilherme Augusto Pereira de Miranda partiu no sabbado desta cidade para Lisboa, a fim de ir viver para a companhia de seu thio e irmão.

Sentimos vivamente a ausencia deste nosso bom patricio, com quem mantivemos sempre intima amisade.

O sr. Guilherme Augusto Pereira de Miranda é um mancebo dotado de excellentes qualidades. Nesta cidade prestou relevantes serviços aos principios sociaes, e especialmente na sociedade *Terpsichore Conimbricense.*

Desejamos-lhe todas as venturas de que é muito digno.

Pescarias.—No anno de 1872 empregaram-se na industria da pesca, no districto de Coimbra, 2:524 pessoas, sendo 44 no concelho de Cantanhede, 1:640 na Figueira da Foz, e 840 em Mira.

Producção de vinho.—A producção vinicola no districto de Coimbra no anno de 1872 foi a seguinte: vinho maduro, 8:515 pipas e 11 almudes; vinho verde, 60 pipas e 3 almudes; geropiga, 115 pipas e 18 almudes; aguardente, 340 pipas e 26 almudes; e vinagre, 52 pipas.

Gado cavallar.—Nestes ultimos 12 annos tem progredido muito a producção deste ramo de industria pecuaria no nosso paiz. Os reproductores de raça arabe, inglezes e normandos, que o governo tem distribuido pelos postos hyppicos, têem beneficiado milhares de eguas portuguezas, e os productos já devem ter multiplicado e diffundido as boas raças por toda a extensão do paiz.

Não vae longe a epocha, em que vinham cavallos extrangeiros para o serviço do exercito, gastando-se com isto sommas immensas; hoje a producção nacional já satisfaz completamente ás necessidades ordinarias da remonta de cavallos para os corpos de cavallaria.

O numero de trens tem augmentado extraordinariamente, pelo progresso da viação publica, e pelas commodidades e luxo dos particulares, sendo já raros os tiros de cavallos extrangeiros, e apparecendo com facilidade bellas e robustas parelhas de producção nacional. Não é só nas provincias que se observa isto; tambem se verifica o mesmo em Lisboa e Porto.

Celleiros antigos.—Para conservar os cereaes, serviam-se os mouros de celleiros subterraneos, com a mesma construcção das cisternas. O trigo, depois de bem joeirado e secco, era mettido nestes celleiros, e n'elles se conservava sem alteração seis annos e mais. Dava-se a estas construcções o nome de matamorras, e desta palavra ambe se originou a palavra masmorra, carcere.

O principe perfeito.—Por este honroso epitheto é conhecido na historia D. João II, um dos mais illustrados e benemeritos monarchas, que se tem sentado no throno portuguez.

Achando-se este soberano em conselho para tractar de importantes negocios do estado, um dos seus conselheiros de mais intima confiança, e homem respeitabilissimo pelos seus serviços, e pela honradez do seu caracter, Ruy de Sousa, impugnou com grande calor e em termos desabridos a opinião do rei. D. João II, apesar da muita consideração que tinha pelo seu leal amigo, reprehendeu-o com severidade, e mandou-o sair immediatamente da sala do conselho e do paço.

Na tarde d'esse mesmo dia foi o monarcha visitar o velho e honrado conselheiro, explicando e justificando o seu procedimento, e dando plena satisfação da severidade com que o havia reprehendido e despedido. Por esta forma D. João II, conservou illeso o respeito devido ao rei, conciliando este dever com a amisade e consideração devidas a um empregado benemerito.

Cemiterio da Conchada.—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

D. Francisca Maria de Jesus Nogueira, filha de Manoel Pereira Fernandes e D. Luiza Thomazia dos Reis, natural do Porto, de 88 annos, fallecida no dia 8 de Março.

Maria, filha de Manoel Ribeiro e Ricarda da Conceição, natural de Coimbra, de 5 annos, fallecida no dia 12.

Maria José Martins, filha de Luiz das Neves e Anna Martins, natural de Goes, de 40 annos, fallecida no dia 15.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—4892.

Sacrilegio.—O nosso prezado amigo o sr. prior arcipreste de Barcouço, nos communica o seguinte desacato feito na sua egreja. Estes attentados estão-se a repetir com frequencia, e por isso chamamos a attenção de todos os reverendos parochos para a advertencia que lhes dirige o digno prior de Barcouço:

«Sr. redactor do *Conimbricense.*—Persuado-me devo dar parte a v. para o publicar no seu muito lido jornal, a desgraça acontecida na egreja matriz desta minha freguezia de Barcouço, na noite do dia 14 para 15 do corrente mez.

Pela manhã cedo fui para a egreja para celebrar missa, e ajudar o parocho encommendado desta freguezia a confessar os devotos, que alli se achavam. Entrámos na egreja, e indo *in continenti* á sachristia, encontrei as roupas que se achavam dentro dos caixões da mesma, umas espalhadas pela casa, outras estendidas pelos caixões da dita sachristia. Logo conheci, que alli tinha entrado gente de má fé para furtar alguma cousa: passei com alguns homens a examinar as portas travessas da egreja, e com effeito achámos arrombadas umas portas novas, que sahem para o cemiterio que fica ao sul da mesma egreja, na qual fizeram 14 buracos com trado ou púa para fazerem buraco grande, a fim de lhe poderem tirar as trancas, o que conseguiram; e para entrar na egreja era-lhes ainda preciso abrir duas portas que se achavam fechadas.

Entraram na sachristia, revolucionaram as roupas da mesma, roubaram os dourados de uma porta rica do sacrario, a qual só n'elle servia em dias de grande festa, tiraram-lhe o que era rico, e só deixaram o pau, que lhe servia de peça. Furtaram um fio de contas de ouro, que a imagem de Maria Santissima tinha ao pescoço, e não me consta que roubassem nada mais.

Entretanto o negocio é delicado, e póde ser repetido aqui, ou n'outras partes; rogo a v. o faça publico pelo seu jornal a prevenir os meus collegas a terem cautella com as suas egrejas; assim como eu tenciono fazer, mandando pôr fóra da egreja tudo aquillo que possa servir de cobiça aos ladrões.

Mandei proceder a exame de corpo de delicto, para, no caso de alguma cousa se descobrir, se castigarem os delinquentes.

Deus guarde a v.—Barcouço, 16 de Março de 1873—*Joaquim Lopes Coelho d'Abreu*, prior arcipreste.»

Ainda a desgraça no Mondego—O nosso amigo e antigo assignante o sr. padre Bernardo Antunes das Neves, nos escreve de S. João de Areias o seguinte:

«Sr. redactor do *Conimbricense.*—Vi no *Conimbricense*, n.º 2673, jornal habilmente redigido por v., uma noticia com a epigraphe—*Desgraça*—a qual teve logar no sitio das *Pedras*, um pouco abaixo da Foz do Dão, e na qual v. pede providencias á direcção das obras do Mondego, a fim de melhorar e facilitar a passagem das barcas naquelle ponto.

E' esta uma obra bastante importante e de pouca despeza, e que dará logar a não mais se repetirem sinistros lamentaveis, e em que tem havido bastantes victimas, pela facilidade que alli ha em acontecerem.

Peço a v. que continue a excitar a repartição competente, a fim de mandar quebrar as pedras d'aquelle sitio, do que resultará um grande beneficio á humanidade: para este fim v. poderá narrar o naufragio que comigo se deu no anno de 1850, 30 de Abril, que é o seguinte:

Fazia eu jornada d'aqui para Pereira, com um meu irmão por nome José Antunes e um creado. Chegados á Foz do Dão embarcámos juntamente com outras pessoas, em numero de 13, das quaes todas levavam bagagens, transportando alem disto a barca carregação de milho.

Levantámos ferro e partimos. Em um instante chegámos ás *Pedras*, e eis tudo perdido!!!

Foi victima o meu infeliz irmão, o criado e uma mulher!!! O resto dos passageiros no

de soldados de cavallo, que nos seguiram armados e com as espadas nuas, e nos conduziram tão desprovidos do necessario para não só carecermos daquellas cousas, com que podiamos conservar a dignidade pontificia com alguma decencia, mas ainda das que eram totalmente necessarias para o nosso sustento, e da nossa familia.

Finalmente por cumulo dos nossos trabalhos, pozeram primeiramente em custodia a Luiz, filho do nosso irmão, e duque dos Nemorenses, a quem summamente estimamos pelo seu conhecido merecimento para comnosco; depois disto o despojaram com summa injustiça de todos os seus bens, e ultimamente o obrigaram a sahir comnosco para o desterro; mas antes de sua sahida, indo elle queixar-se a Carbonio, general francez, que então governava a cidade, das injurias, e falsas accusações, com que a inveja dos malevolos o havia indignamente perturbado e perseguido, e requerendo-lhe se informasse bem, pois estava prompto para supportar não só a perda dos bens temporaes, mas ainda maiores perdas, se constasse serem verdadeiros aquelles crimes, que com summa injuria lhe haviam imputado; foi despedido com a seguinte resposta:—Que não duvidava o general francez, que fossem fingidas e falsas todas aquellas culpas, que a malicia dos homens mal dizentes e invejosos imputavam ao duque dos Nemorenses, mas que este nada fazia, com implorar a justiça das leis na revolução dos povos, e que elle general o admoestava a que com mais forte animo, que podesse, tolerasse a violencia dos tempos, e os golpes da fortuna, que tão indignamente o maltratava; porque a justiça das leis, com a revolução dos povos de nenhum modo se podia conciliar; que tambem em França pareciam molestados, e opprimidos com os mesmos golpes da fortuna alguns principes, e outros muitos varões pela sua nobreza, e riquezas illustrissimos, sem haverem commettido crime algum.

Eis aqui tem vossa magestade, nossa muito amada filha em Christo, se não vivamente representada, ao menos de algum modo delineada a desgraça do pontifice romano desterrado, a qual se todos hão de julgar feita com summa injustiça e crueldade, e por isso digna de lamentar-se com o maior pranto, quanto mais vossa magestade, que por estar no governo, muito melhor do que os outros sabe avaliar a fortuna de um principe despojado do seu imperio!

Mas o que nos dá mais cuidado, não é a nossa desgraça, que esta por favor de Deus toleramos nós com animo constante; são sim os perigos da egreja romana, que em nenhum tempo se viu jámais a barca de S. Pedro accommettida de maior tempestade. Será pois empreza a mais digna da fé e religião de vossa magestade, soccorrer a egreja periclitante com tal amor, que todos conheçam o justissimo motivo, com que a egreja romana lhe chama fidelissima, e nisso mesmo promoverá felizmente a utilidade do seu reino. Creia-nos, muito amada filha em Christo, a auctoridade regia, a segurança dos reis, e a firmeza dos reinos, de tal sorte dependem da auctoridade, segurança e firmeza da egreja romana, e de tal sorte estão unidas, que não podem estas arruinar-se, sem que aquellas ao mesmo tempo abaladas e enfraquecidas com o mesmo movimento, venham juntamente a cahir.

Lembre-se vossa magestade dos tempos passados, inquira donde nasceram primeiramente estas tão grandes accusações do poder regio; estes tão grandes odios contra todos os reinos, e achará certamente, que a auctoridade, a liberdade, e a segurança dos reis e dos reinos, não principiaram a ser accommettidas, e desafiadas pela inveja, se não quando a auctoridade do romano pontifice, a liberdade do sacerdocio, e a immunidade da egreja, começaram tambem a ser offendidas e ultrajadas; e sem que todas estas cousas se restituam ao seu devido estado; sem que aquellas cousas, que são de Deus se dêem todas a Deus, santa, e religiosamente, creia-nos, todas as que conduzem para a segurança, e estabilidade dos reis e dos reinos, necessariamente hão de ir enfraquecendo de cada vez mais, até que venham totalmente a cahir.

Nós não asseveramos estas cousas, como profeta, nem porque com estes terrores incitemos mais facilmente a vossa magestade a soccorrer-nos em nossos trabalhos. Nós não as proporiamos á sua alta consideração, se assim como nos obriga o cuidado de todas as egrejas, não nos obrigasse tambem o cuidado de todos os reinos, e se ellas não fossem constantemente approvadas e sabidas, não tanto pelas opiniões e discursos dos sabios, como pela experiencia de todos os mortaes.

Mostre pois vossa magestade, nossa muito amada filha em Christo, aquella virtude, com cujo louvor resplandeceram sempre os seus antecessores, e vossa magestade foi maravilhosamente ennobrecida em todo o tempo.

Compadeça-se da egreja periclitante, que, não sem risco de todos os reinos, tem chegado a extrema necessidade. Soccorra ao supremo pastor dos pastores e dos povos, que despojado do imperio, pobre e desterrado, e solicito, não tanto pela sua, como pela necessidade da egreja romana, e segurança dos reis e reinos, que ameaçam ruina, recorre á sua fé e religião, e della pede humildemente o soccorro e ajuda.

Sem duvida depois de nos havermos supportado tantos trabalhos, e padecido tantas calamidades, teremos summa razão de alegrarmo-nos, se para nosso allivio as suas singulares e relevantes virtudes houverem de executar-se, e manifestar-se em fazer restituir o socego, a liberdade, e a grandeza da egreja romana, com grande gloria de seu nome, e não menos utilidade do seu reino.

Deus Optimo e Maximo, conserve sãos e salvos a vossa magestade, e á sua real familia, ao qual rogando nós instantemente, lhe pedimos subministre todos os meios opportunos para emprehender, e concluir esta grande façanha.

Damos com summo amor a vossa magestade a benção apostolica.

Dada em Sienne, no convento de Nossa Senhora da Assumpção, a 29 de Março do anno 23 do nosso pontificado.

José Morote, secretario de sua santidade.

numero dos quaes fui eu um, se salvaram nadando. A carregação da barca e nossas bagagens, tudo se perdeu conjunctamente com a barca despedaçada. O cadaver de meu irmão appareceu junto a Oliveira do Cunhedo em cuja egreja jaz; o do criado junto a Penacova, e o da mulher junto d'Almaça, em cujas respectivas egrejas foram sepultados.

A' coragem de Gaudencio Moraes, do logar da Cancella, desta freguezia, se deve o não haver outra victima, pois que luctando ainda com a impetuosidade da corrente, encontrou uma outra mulher prestes a afogar-se, a quem salvou, com risco da propria vida.

(Veja o seu jornal de 30 de Abril de 1850, ou seguinte.)

Casos destes são bastante para lamentar, e por isso renovo a v. o pedido de não descançar em levantar a sua voz a favor das ditas obras, em quanto ellas se não fizerem.

Estimo que v. tenha passado bem, para assim mandar o de v. cr.ª vr.º am.º att.º mt.º obrigado—S. João d'Areias, 15 de Março de 1873.— O padre *Bernardo Antunes das Neves*.»

Visita.—Diz a *Revolução de Setembro*, que S. M. el-rei o sr. D. Luiz foi visitar o sr. conselheiro Joaquim Antonio de Aguiar, que tem passado bastante doente nestes ultimos tempos.

A republica em Hespanha. — Dizem d'Elvas ao *Diario Illustrado*, que tem sido tão grande o numero dos hespanhoes que se tem retirado de Hespanha, que já não ha naquella cidade hospedarias, nem casas particulares que dão hospedagem, com quartos devolutos.

Horas romanticas. — Está já publicado o primeiro volume do **Diabo na côrte**, um dos mais interessantes romances da numerosa collecção da empreza HORAS ROMANTICAS. Alem do **Diabo na côrte**, cuja tiragem é de 5:000 exemplares, a empreza concluiu tambem ultimamente **As guerrilhas de Juarez**, romance historico-descriptivo de Gustave Aimard, e já distribuiu as primeiras folhas dos **Mascaras Vermelhas**, romance de Ponson du Terrail, que não deve ter fortuna inferior á dos outros romances do auctor do *Rocambole*. E' obra illustrada, e segundo o costume a empreza distribue durante a sua publicação importantes premios, uns á sorte e outros a todos os assignantes indistinctamente. Tem esta empreza correspondentes em muitas localidades, e a administração em Lisboa é situada na rua dos Calafates, 102, 1.º andar.

Audiencia geral.—Foram hoje julgadas Theresa Rodrigues e irmã, da Abrunheira, pelo crime de furto. A primeira fôra criada do sr. Antonio Duarte Ariosa e a segunda do sr. Heitor de Macedo, desta cidade.

Foram condemnadas ambas em 3 annos de prisão maior cellular, ou 5 annos em Africa.

Associação dos Artistas de Coimbra.—No logar competente publicamos um convite, que o sr. commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes dirige a todos os socios da Associação dos Artistas desta cidade.

Sabemos que o objecto para que o sr. Olympio pede a reunião é de grande interesse para todos; e por isso, se tanto é preciso, ao seu pedido, juntamos tambem o nosso, esperando que todos os socios compareçam na casa da sociedade, no dia e hora marcados.

LOGOGRIPHO

(Parodia ao publicado em o n.º 2672)

Offerecido aos conimbricenses

Premio para quem primeiro o decifrar:—O Papá sogro, de P. de Kock.

Usa a mulher............14,4,8,13,12,6
E' metal...............14,13,5,8,13
Todos querem ser......10,14,12,8,9,1,5,13,14
E' animal..............9,1,7,4,7,13
Tem agua...............13,7,6,1,11,13
Anda n'agua............13,14,12,3,1
Tem agua...............9,13,11,5,6,2,13
Amigo d'elle, és tu e eu..14,13,7,6,2,13
A Deus o padre o offerece..7,1,11,12,8,7,13
Quando te falla vem de veu..5,13,9,8,11,8,7,4,11,1
Não é velho ao que parece..2,4,8,1,12,13
Creanças entretens......4,9,1
Ao barco pertence.......4,11,7,13,3,1
Todos a tem.............1,3,12,6,3,8,4
Fidalgo indico..........5,13,9
No theatro figura........14,7,6,11,4,3,8,13
E' animal de bico.......7,4,11,1,3,8,13
Sou pau muito duro......9,13,2,11,13
E' repellente...........9,13,3,12,6
Busca-o nas aves.........2,13,3,2,6,8,13
E' preciso á gente........1,3
E' appellido...............14,13,4,3,6,14
E' nome...................9,1,3,8,4
E' nome...................4,11,12,13,11,8,1
E' appellido..............9,4,3,12,8,11,14
Tens tu e tenho eu......10,14,12,13,9,4,2,13
Os animaes tambem tem..14,6,11,12,8,5,13,14
O jardim é logar meu....1,11,6,9,13,11,10
Se assim és fazes bem....9,13,5,6,3,4,5,13

As letras combina e junta,
combina, e torna juntar,
que podes achar no todo
o que o auctor póde dar.

Povoa de Lanhoso.

J. Couceiro.

ANNUNCIOS

1 ROGO aos socios da Associação dos Artistas de Coimbra, que por especial obsequio hajam de comparecer na sala da mesma Associação, na proxima quinta feira, 20 do corrente, pelas 7 horas prefixas da tarde, para objecto que, interessando-me particularmente, tambem interessa á Associação. Peço-lhes este favor com o maior encarecimento; esperando que quaesquer razões de melindre pessoal não obstem á satisfação deste pedido.

Coimbra, 17 de Março de 1873.

O socio n.º 1,

Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

82 Rua do Visconde da Luz 86

2 VIDRAÇA de grossura regular a 120 rs. o kilo, limpa de retalho.

3 JEROMYMO JOSE' PEREIRA, na rua do Visconde da Luz, n.º 54 a 56, estabeleceu o preço da vidraça da Marinha Grande a 120 reis o kilo, e se encarrega de qualquer encommenda que lhe façam. No mesmo estabelecimento se vendem bons chapeus de seda com varetas elasticas, que vende por preços commodos.

4 BOLÇAS DE REDE PRATEADA, para dinheiro, perfeita imitação das de prata. Na loja do Fonseca, rua da Calçada, 72 a 76.

ATTENÇÃO

DANTAS GUIMARÃES

24 Rua do Visconde da Luz 30

5 ACABA DE RECEBER este estabelecimento uma linda collecção de veus de blonde pretos para senhora a 500 reis! Sedas, e failles pretos de 1$600 a 2$250 reis o metro; chales de merino pretos, lisos e bordados de 2$400 reis para cima; alpacas e merinos, pura lã, pretos francezes para vestidos; novo sortido de esguiões largos a 120 reis o metro.

PEDIDO

6 PEDE-SE ao sr. Luiz Augusto de Carvalho Pinheiro e Almeida, do Sebal, concelho de Condeixa a Nova, o favor de responder ás repetidas e attenciosas cartas, que de Coimbra lhe tem sido dirigidas.

7 NO DIA 1.º de Abril proximo, por dez horas da manhã, perante o exm.º sr. juiz de direito desta comarca, no tribunal judicial desta cidade, se hão de arrematar em hasta publica, na execução por multa que a fazenda nacional move aos herdeiros de Manoel de Jesus Almeida, os bens seguintes, todos sitos no limite da Bendafé, julgado de Condeixa:—Uma morada de casas no logar da Bendafe, avaliadas em 40$000 rs.—Um talho de terra com suas oliveiras, no sitio do Val de Charrão, em 20$000 rs.—Um talho de terra com suas arvores em Val de Martim Joannes, em 10$000 rs.—Uma terra de secca com oliveiras, no sitio da Milhariça, em 10$000 rs.—Uma terra com oliveiras no sitio de Val Vergado, em 7$200 rs.—Uma terra com oliveiras, no sitio do Moitinhal, em 10$000 rs.—Um bocado de terra de secca, no sitio do Cume, em 4$000 rs.—Um pousio no sitio do Cabeço, em 3$000 rs.—Um bocado de terra com arvores, no sitio do Cerrado, em reis 4$000.—Um cerrado com oliveiras, no sitio de Val de Regueira, em 3$000 rs.—Escrivão Santos.

8 TINTA D'OURO para escrever. Na loja do Fonseca, rua da Calçada, 72 a 76.

9 JOGOS DE XADREZ, dominó, gloria, loto e cavallo branco. Na loja do Fonsesa, rua da Calçada, 72 a 76.

10 BIQUEIRAS DE METAL AMARELLO para calçado de creança. Loja do Fonseca, rua da Calçada, 72 a 76.

Attenção

11 JOAQUIM AUGUSTO DE CARVALHO E SANTOS; tem no seu estabelecimento, na rua da Calçada, n.º 121 a 127, bons pannos e cazemiras pretas; e bem assim failles pretos para vestidos de senhora, recebidos ultimamente de Lisboa, e que vende por preços muito commodos.

12 A DIRECÇÃO do Asylo de Mendicidade, declarou ha tempo nos jornaes, que não lhe era possivel levar a effeito a rifa, que estava annunciada em favor do mesmo estabelecimento, que devia ser feita com o resto das prendas do bazar: bem assim que os possuidores de bilhetes, podiam, querendo, receber o importe dos mesmos em casa do sr. João Lopes de Sousa.

Em sessão de 16 do corrente, deliberou que entrasse no cofre o resto da quantia em que sommavam os bilhetes vendidos ás pessoas, que até hoje não viessem receber; pois que se intende cedem a dita importancia a beneficio do asylo.

A direcção agradece a estes bemfeitores o seu donativo.

13 A DIRECÇÃO do Asylo de Mendicidade, tendo recebido de um anonymo a quantia de 130$000 rs., com applicação á compra de inscripções em favor do Asylo, deliberou em sessão de 16 do corrente, mandar compral-as; e agradece por este meio ao caridoso bemfeitor a esmola que fez a esta casa de pobres.

14 NO DIA 1.º d'Abril proximo, por 10 horas da manhã, no tribunal judicial d'esta cidade, perante o exm.º juiz de direito d'esta comarca, por deliberação do conselho de familia, no inventario por fallecimento de Isabel Bernardes, moradora que foi no sitio das Parreiras, se hão de vender em hasta publica os bens do menor Joaquim, que são os seguintes, todos no limite de Lamas, julgado de Miranda do Corvo—Uma terra no sitio da Ponte de Lamas, avaliada em 7$200 rs.—Metade de uma terra no sitio da Vargem, avaliada em 54$500 rs., ambas foreiras a José Antonio Pereira, de Pousafolles, em tres alqueires e meio de milho e uma gallinha annualmente—Uma vinha no sitio da Leira Velha, em reis 12$600—Uma vinha no sitio do Lameirão, em 12$000 rs.—Seis oliveiras e costa de matto, no Casal Novo, em 8$000 rs.—Um olival no sitio do Cabeço de Salgueiro, em 19$200 rs.—Uma terra e oliveiras no sitio de Val de Lamas, em 48$600 rs—Uma vinha com oliveiras e duas costas de matto e pinheiros, no sitio de Val da Silveira, em 19$200 rs.—Um bocado de terra no sitio de Val de Gorros, em 2$400 rs—Um olival com duas costas de matto e pinheiros, no sitio de Val de Palheira, em 7$200 rs.—Uma fazenda no sitio da Serrajola, com pinheiros e matto, em 15$500 rs.—Um bocado de matto com sete oliveiras, em 2$400 rs.—Uma sorte de terra no sitio de Val de Gorro, em reis 15$600.—Escrivão, Santos.

VENDA DE FOROS

15 VENDE-SE o foro de 4$500 rs., que paga José da Veiga, da Cioga do Monte, e um outro de 450 reis, que paga Joaquim Ferreira Lopes, de Trouxemil. Quem os pretender falle com José Joaquim da Silveira, na loja da rua da Calçada, n.º 22 a 32, Coimbra. Declara-se que estes foros são livres de decima

16 FAZ-SE publico que nos dias de domingo, 23 e 30 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na egreja de S. Silvestre, se ha de arrematar a obra da egreja, que consta de acrescentamento de paredes, telhado novo, e tectos estucados, e outras obras tudo orçado em mais de 600$000 rs. Os apontamentos podem ver-se todos os dias na residencia parochial desde a 1 até ás 4 da tarde.

VENDA DE DOIS CAVALLOS

17 QUEM quizer comprar um ou dois cavallos de pura raça hespanhola, com mais da marca, e de 4 annos para 5 de edade, dirija-se a Adelino Augusto Pereira de Carvalho, rua de Quebra Costas, n.º 45, Coimbra.

Venda de um orgão em Coimbra

18 VENDE-SE um orgão grande, ha pouco acabado de construir, o qual tem a força de 9 registos por banda, e serve para qualquer egreja, ainda que seja muito grande.

Quem o pretender, pode fallar nesta cidade, na rua da Calçada, n.º 85 a 91.

19 OFFICINA MATUTINA HEBDOMADAE MAJORIS, ex missale romano a decreto sacrosancti concilii Tridentini restituto S. Pii V jussu edito, etc., addito canto Passionibus Dominicae in Palmis et Feria VI. in Parasceve ad majorem commoditatem deprompta. Olisipone, ex Typogr. Nacional. 1857. — Esta obra, nitidamente impressa em formato de folio, e ornada de uma excellente gravura, é, para assim dizer, indispensavel a todas as egrejas aonde se fizerem solemnemente as sagradas funcções, com as paixões de domingo de ramos e sexta feira santa em cantochão.

Vende-se na imprensa Nacional e nas livrarias dos seus commissarios de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga e Ponta Delgada.—Preço 1$000 reis.—Em Coimbra, loja de J. Augusto Orcel.

NUMERO 2677 — SABBADO 22 DE MARÇO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O illustre deputado por Pombal, o sr. Dr. Antonio José Teixeira, apresentou na camara um projecto de lei para a construcção dos caminhos de ferro das duas Beiras.

Este projecto assignado por crescido numero de deputados, é precedido de um excellente relatorio, devido ao reconhecido talento do habil professor. Neste trabalho, o sr. Dr. Antonio José Teixeira expõe á luz da evidencia a riqueza das duas Beiras, em relação ás industrias agricolas e manufactureiras, e mostra a necessidade das vias acceleradas, as quaes para estas ferteis e extensas provincias e para o paiz inteiro, não podem deixar de ser uma garantia de fuctura prosperidade.

Por este novo projecto, propõe-se a construcção dos caminhos de ferro da Beira com um ramal para a Covilhã, em conformidade com a lei de 2 de Julho de 1867.

Estes caminhos devem seguir os reconhecimentos já feitos; um partindo das proximidades de Abrantes, por Monfortinho ao rio Helga, tendo de extensão 138 kilometros; outro de Thomar pelos Cabaços, Corvo, Louzã e Celorico, na extensão de 224 kilometros. Das imediações de Castello Branco sahirá um ramal até á cidade da Covilhã, que mede cerca de 60 kilometros.

A linha de Abrantes a Castello Branco até Monfortinho, foi já proposta em 1864 pela commissão mixta de engenheiros portuguezes e hespanhoes. Esta commissão escolhendo os pontos na fronteira por onde as linhas internacionaes deviam passar, designou esta como uma das mais convenientes, debaixo de differentes pontos de vista.

Alem disso, o relatorio a que nos referimos, mostra que esta linha é a mais curta para Madrid, assim como para o norte da Europa, pela transversal que de Malpartida segue até Salamanca. Verifica-se, que, pelos estudos dos engenheiros, ella tem de menos 282 kilometros, que a actual linha de Badajoz.

Como complemento deste plano de linhas ferreas, e para auxiliar as industrias da Covilhã, propõe-se tambem um ramal para essa cidade.

Diz ainda o relatorio que precede o projecto de lei do sr. Dr. Antonio José Teixeira, que esta linha não póde satisfazer completamente ás necessidades da provincia, e por isso propõe mais a construcção de outra, que deve partir de Thomar até Almeida, communicando Lisboa com a França. O relatorio encarece as vantagens desta linha, confirmadas com o auctorisado parecer do engenheiro Sousa Brandão.

O illustre deputado apresenta ainda no seu minucioso e instructivo trabalho os systemas que podem empregar-se na construcção dos caminhos de ferro, deixando ao governo, no seu projecto de lei, a liberdade de se decidir por aquelle que julgar mais conveniente aos interesses geraes e ás circumstancias do thesouro.

Segundo os calculos feitos pelo illustre deputado, o custo kilometrico de cada um destes caminhos, deve ser de 33:000$000 rs., e 2:000$000 reis o producto kilometrico ao abrir as linhas em epocha que diz, não póde ser anterior de 1877.

Este assumpto, de que o parlamento vae em breve occupar-se, é de alta transcendencia, mormente para um paiz onde não estão ainda bem definidas as questões de interesses economicos, para resolver com verdadeiro conhecimento comparativo estes objectos em relação aos interesses das differentes localidades e muitas outras circumstancias.

As condições da vida agricola, industrial e economica das povoações, são os principaes, senão os unicos motivos, que devem determinar as resoluções do governo e das camaras, sobre este transcendente objecto.

Como é natural, muitas povoações da provincia da Beira, pleiteiam preferencias e allegam direitos a este grande motor do progresso em todos os variados ramos da actividade industrial. As conveniencias publicas, que sómente devem resolver esta questão, exigem profundos estudos, e um detido exame ácerca da directriz destes caminhos de ferro, em relação tambem aos interesses dos grandes centros de população, quando elles tem em si elementos naturaes do seu progresso.

E' preciso não attendermos unicamente ao estado actual das povoações e das differentes localidades no tocante ao seu movimento industrial e commercial, para resolver esta questão. Outras circumstancias de alcance futuro não podem deixar de ser attendidas.

Da resolução definitiva do caminho de ferro da Beira, depende a prosperidade ou a decadencia, a vida ou a morte de importantes povoações. Por isso desejamos que este assumpto não tenha resolução precipitada.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXLIV

A PRIMAVERA

Exm.º sr. visconde de Castilho—Prezado amigo e senhor—Estamos proximos da primavera, dessa quadra do anno em que a natureza se veste de galas, e em que tudo renasce para a vida e para a alegria. A mocidade folga e brinca, em quanto a velhice se recorda com saudade dos bons tempos em que fazia o mesmo.

No primeiro dia da primavera de 1822, doze academicos foram de Coimbra embarcados pelo Mondego, a passar alegremente o dia na pittoresca Lapa dos Esteios. Quasi todos esses mancebos já hoje são fallecidos. V. ex.ª, porem, que era um delles, ainda felizmente vive para si, para a familia, para os amigos e para as letras patrias.

A festa d'aquelle dia tem sido sempre entre nós recordada, não obstante já haverem decorrido 51 annos. Os mimosissimos versos, que v. ex.ª alli recitou, ainda bem que nos foram conservados por meio da imprensa. A não ser a arte de Guttemberg, sem duvida não poderiamos agora gozar o prazer de ler esses versos encantadores.

O anno de 1822, em que se celebrou esta festa da primavera, é memoravel para nós ambos. Para v. ex.ª, por ser a epocha da sua florente mocidade, em que frequentando os estudos se achava cercado de fieis amigos, que do coração se associavam ás suas innocentes distracções. E para mim, por ser o anno do meu nascimento—ponto de partida para este peregrinar constante da vida, que só termina no tumulo!

O poemeto por v. ex.ª recitado no primeiro dia da primavera de 1822, é precedido por uma descripção d'esta alegre festa. E como de certo muitos dos leitores do *Conimbricense* não terão o livro, já hoje bastante raro, em que vem este poemeto e narração, desejava brindal-os com a descripção que v. ex.ª fez da festa, e que vem desde paginas 79 até 93, da segunda edição de 1837.

Vou, por isso, pedir a v. ex.ª a graça de me auctorisar a transcrever no principio da proxima primavera, a mencionada descripção; e esperançado n'este favor, me antecipo a agradecel-o.

Assim, já que eu e os leitores do *Conimbricense* não podemos assistir a essa tão poetica festa, desejamos tel-a presente com a noticia que v. ex.ª d'ella nos dá, na sua phrase e maneira tão alegre e folgazã.

Por tudo renovo a v. ex.ª os meus agradecimentos—De v. ex.ª antigo amigo e admirador—Coimbra, 9 de Março de 1873—Joaquim Martins de Carvalho.

Amigo e confrade sr. Martins de Carvalho—Figurar como quer que seja no *Conimbricense* dá já gosto e ufania. Acceito, portanto, e agradeço a honra que v. se lembrou de me fazer, recordando em paginas tão lidas como são sempre as suas, o que eu ha tantos annos escrevi por occasião da festa da primavera.

Bons tempos eram aquelles, meu amigo! quando ainda havia primaveras, e mocidade como devia ser. Como tudo isso vae já tão longe! Como resarcirá o futuro, o que já tem custado ao mundo! Sabe-o Deus.

De v. amigo e confrade, grande admirador e muito obrigado—Lisboa, 10 de Março de 1873.—Castilho.

Historia da festa da primavera

Remontando a veia do Mondego até obra de um quarto de legua para cima da cidade, encontra-se na margem do poente um gracioso retiro, selvatico sem aspereza, e como que enfeitado sem arte: dissereis que em hora de contentamento o fizera a natureza, para algum dia hospedar no regalo daquellas suas sombras um ajuntamento de poetas seus. De *Lapa dos Esteios* pozeram nome ao sitio em dias remotos, segundo soa, os vinhateiros e pomareiros, que de umas e outras varzeas do rio costumavam acudir alli por paus, com que estear suas parreiras e arvores derreadas com o peso da fructa. Ainda permanece o nome, porem já o arvoredo se não desbarata pelos visinhos, e a Lapa, de tão solitaria e amena que é, parece a apetecida estancia do genio da liberdade.

Entra-se por um breve caes ornado de cinco alterosas arvores, das quaes uma torcendo-se toda para o rio, se debruça para saudar e cobrir com a sua sombra os bateis que chegam. No topo do caes, e fronteira a quem desembarca, se alevanta um genero de muralha nativa de rochedo, roto em muitos seios. Esta penedia, até aos nove e dez palmos de altura, sobe nua, e só ornada de sua mesma aspereza; d'ahi para cima, como envergonhada de sua dura condição, se escende toda com um frontal de heras, que ora resaem como cabeços pendurados, ora se recolhem para fantasiarem lá por dentro suas grutasinhas e labyrintos, d'onde ás vezes se estão vendo sahir por um cabo e por outro os passaros, que depois de beber e se banharem na veia da agua, se empoleiram pelos lamegueiros visinhos, namorando e cantando a suavidade e fresquidão de suas habitações.

Pelo lado direito d'esta aprasivel scena, sobe uma cerrada espessura de bosque pequeno, onde os olhos se enleiam na confusão de troncos e folhagem: pelo esquerdo abre-se para cima uma escada rustica mas commoda, de doze degraus. Tecem-lhe estendido toldo dois lamegueiros velhos, e outras arvores mais pequenas se abraçam por alli, travadas com mil voltas de hera. Dá esta subida em uma planura sobre o comprido, com seus assentos de ambas as bandas, isto é da terra e do rio, o qual por um basto arvoredo, que d'ahi por uma especie de promontorio, vae descendo

MEMORIA DE THEOLOGIA

I

Saiu ha poucos dias dos prelos da imprensa da Universidade, o— *Esboço historico-litterario da Faculdade de Theologia da Universidade de Coimbra, em commemoração do centenario, reforma e restauração da mesma Universidade, effeituada pelos sabios estatutos de 1772; elaborado pelo Dr. Manoel Eduardo da Motta Veiga, Lente Cathedratico de Theologia e professor de hermeneutica sagrada e exegese biblica.*

O sr. Dr. Motta Veiga veiu com esta publicação confirmar ainda mais os creditos litterarios e scientificos de que já gozava. Bastaria o capitulo que trata do *ensino da Theologia na Universidade até o reinado de D. José*, para que a memoria de que nos occupamos fosse importantissima e digna de ser lida e com frequencia consultada.

Tendo assim prestado o merecido tributo de consideração ao illustrado auctor da memoria da Faculdade de Theologia; pedimos licença para discordar da apreciação, que o distincto lente da Universidade faz do estabelecimento da inquisição em Portugal, no reinado de D. João III.

Diz o sr. Dr. Motta Veiga:

«Nós, sem querermos entrar profundamente na apreciação dos sentimentos que levaram o rei *piedoso* a admittir e acceitar o tribunal da *Inquisição*, contra que tanto se tem escripto, mais ou menos apaixonadamente, sem se discriminar, como convirira, o uso do abuso, e a parte que a politica teve, bem mais que a religião, nos seus fatalissimos resultados; sem querermos descer a um exame minucioso sobre se era, ou não, conveniente nesses tempos a admissão da ordem de Santo Ignacio de Loyolla, então em grande credito na Europa catholica; diremos no emtanto, que é segundo as ideias do tempo, e á luz das circumstancias dessa epocha, que a admissão d'aquellas instituições deve ser imparcialmente avaliada, e não segundo as ideas da actualidade.

«No tempo de D. João III o protestantismo, proclamado na Allemanha por Luthero, fazia rapidos progressos. O monge d'Eisleben, apostatando da religião catholica, tratava com os seus correligionarios, de introduzir as suas falsas doutrinas, fossem quaes fossem os meios, em todas as nações. O protestantismo, em uma palavra, ameaçava avassallar a Europa inteira. E o rei *piedoso*, como principe catholico, para obstar a que a heresia invadisse os seus estados, fez o que fizeram outras nações catholicas: acceitou a ordem da *Companhia de Jesus*, já então em grande fama, e o tribunal do *Santo Officio*. Com este contava fazer voltar a bom caminho os que por acaso se afastassem do redil da egreja. Com aquella instruir os que por falta de conveniente instrucção se podiam deixar arrastar pelas doutrinas hereticas.

«Ninguem, em boa fé, contestará á egreja o direito, se não a obrigação tambem, de *inquirir* sobre a orthodoxia de seus filhos. Ninguem negará que ella deva ter conhecimento adequado, tanto quanto póde ser, dos sentimentos religiosos dos membros que a constituem. Pertence isso aos direitos essenciaes da egreja como sociedade. Mas a egreja não podia prever, e muito menos D. João III, que essa instituição, o *Santo Officio*, abusando escandalosa e indignamente, invertesse e transformasse radicalmente os principios que lhe deram origem, e que, apezar das advertencias de muitos papas, se convertesse em um instituto puramente politico, ás ordens de um absolutismo despotico, para satisfazer vinganças e ambições, como aconteceu em Hespanha, em Napoles, e mesmo em Portugal.

«E' possivel, provavel mesmo, que por parte de D. João III houvesse o seu tanto ou quanto de fanatismo. Este casa-se facilmente com a ignorancia, e nem sem esta póde aquelle existir: e D. João III pouco tinha aproveitado da educação litteraria que seu pae lhe havia proporcionado, como affirma o seu proprio chronista. De resto todos nessa epocha julgavam que o tribunal do *Santo Officio* era uma barreira insuperavel para o protestantismo; todos os catholicos egualmente temiam a invasão da heresia: porque havia de D. João III o rei *piedoso* e catholico, ser excepção?

«O mesmo pelo que respeita á admissão dos jesuitas.

«Nunca em tempo algum os padres da *Companhia de Jesus* foram em boa fé accusados de ignorantes. Poderão ser accusados de muitos defeitos e de muitos excessos, mas de ignorancia de certo não. Hoje mesmo, que o horisonte das sciencias é muito mais amplo, mais vasto, e que todos em toda a parte se entregam affanosamente á sua cultura, ainda elles não cedem um passo aos mais adiantados tanto nas sciencias physicas, como nas sciencias moraes; e o mesmo acontece pelo que respeita ás artes. E, se isto assim é na actualidade, o que seria nessa epocha, em que as sciencias e artes não só não estavam tão adiantadas, pois que acabavam de *renascer*, mas em que se não entregavam ao seu estudo e cultura tantos, e com tanto affan, como hoje? De certo que a sciencia dos jesuitas devia destacar d'a de todos os outros. *Labor improbus vincit omnia*; e os padres da *Companhia de Jesus* não se esquivavam, como ainda hoje se não esquivam ao trabalho. D'ahi, sem duvida, o credito e boa fama que na Europa gozavam no tempo de D. João III.

«Ora o rei *piedoso*, se alguma coisa aproveitou da educação literaria que D. Manoel lhe mandou dar, foi *uma boa inclinação para as letras e letrados*, como diz o seu elegante chronista Fr. Luiz de Sousa. Se os jesuitas, pois, gozavam effectivamente de grande nome pelas suas letras, que estranheza deve causar que elle os acceitasse em seus estados? E depois não encontrava elle nessa *Companhia* um farto viveiro de varões instruidos para mandar missionarios pregar o Evangelho aos novos paizes descobertos no tempo d'el-rei seu pae?

«Quer-nos, portanto, parecer que D. João III admittindo em Portugal o tribunal do *Santo Officio* e a *Companhia de Jesus*, procedeu em boa fé e com as melhores intenções: sendo, por isso, menos cabidos os epithetos com que o caracterisa um dos nossos primeiros escriptores contemporaneos, chamando-lhe *ruim de condição e inepto*, por ter admittido em Portugal o tribunal da inquisição e a ordem dos jesuitas.

«D. João III não podia prever os abusos e males, que d'essas instituições, por motivos e circumstancias impossiveis de advinhar, se podiam originar no correr dos tempos. De tudo se póde abusar, e de feito se tem abusado, ainda das instituições mais santas e justas: e não é, nem póde ser, pelos abusos que d'uma instituição se fez, que podemos avaliar da conveniencia da sua acceitação, nem tão pouco da bondade ou ruimdade da mesma instituição.»

Dissemos já que não concordavamos com a apreciação, que o sr. Dr. Motta Veiga faz da introducção da inquisição em Portugal. Precisamos, por isso, de mostrar os motivos que temos para essa discordancia, o que faremos em os numeros seguintes deste jornal.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

Associação dos Artistas de Coimbra. — Na quinta feira, a convite do sr. commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes, houve uma numerosa reunião de socios da Associação dos Artistas na sala das suas sessões, em Santa Cruz.

O sr. Olympio fez uma larga exposição, tendente a mostrar os embaraços em que se achava, para acceitar o cargo de presidente da Associação; e fundamentou minuciosamente todo o alcance e fins de varias propostas que ha tempo enviara á mesma Associação.

As satisfactorias explicações do sr. Olympio, deram logar a que recebesse dos numerosos socios presentes uma verdadeira ovação. Esta manifestação, e a promessa formal que lhe fizeram de o coadjuvar na sua gerencia, cada um conforme lhe permittisse as suas forças, levaram o sr. Olympio a não mais poder hesitar, e a declarar que não devendo ser indifferente a tantas provas de dedicação dos socios para com elle, acceitava o cargo de presidente.

A essa declaração seguiram-se applausos numerosissimos de toda a assembleia.

O digno presidente da Associação que agora finda, o sr. José de Figueiredo Pinto, houve-se tambem com muito cavalheirismo nesta occasião, promettendo todo o apoio ao sr. Olympio na sua administração, com o que se redobrou o enthusiasmo de todos os socios.

A reunião da Associação dos Artistas, que teve logar na quinta feira, deve ficar registada, a todos os respeitos, como uma das mais memoraveis que tem havido na sala da sociedade.

Tanto ao sr. Olympio, como á Associação, damos sinceros parabens por ver o excellente accordo dos socios, e o bem auspiciada que está a nova gerencia.

A Associação dos Artistas promette uma existencia muito brilhante, se, como é de esperar, continuar a reinar entre os socios a harmonia que agora existe.

A união e a boa vontade de certo resolverão todas as difficuldades.

Advogado. — Veiu a esta cidade o nosso estimavel collega, redactor do *Jornal de Vizeu*, o sr. bacharel José de Mello Borges e Castro, servir de advogado em uma causa criminal. Nos dias que aqui se demorou foi muito considerado pelos seus amigos. Publicamos hoje a despedida do nosso collega.

---

até lhe metter os pés na corrente, se está vendo a furto transparecer: das primeiras cabeças d'este arvoredo cae para os assentos uma boa e velada sombra.

O puro e perfumado dos ares, a varia presença da terra e aguas, o susurrar dos ramos abanados da viração, as melodiosas querellas das aves, em summa a natureza enfeitada só de suas mãos, e paz e descanço de deserto, são a fonte perenne dos encantamentos d'este sitio. Uma ladeira suave opposta á escada, e ainda mais sombreada, despede em outro caes com seus degraus nativos de rocha até á agua. É este menos bem assombrado que o primeiro: não tem relva, nem arvore, nem verdura afóra a da muralha no topo, toda velada de musgos, matisados com seus tufos de fetos silvestres, congossas e um sem numero de outras plantas e ervas, sobresaindo a espaços alguns ramos solitarios de figueira brava: mas o quê de interior graça lhe fallece, lho compensa a larga vista que para fora desfruta.

Era chegado o primeiro dia de primavera. Tratado e assentado estava de ha muito entre mim e meus amigos, como iriamos passal-o juntos, em uma romaria e festa poetica á honra d'aquella mais formosa parte do anno. Não faltavam á volta da cidade muitos sitios accommodados ao intento, antes não creio que possa haver no mundo outra verdadeira Arcadia, que em tão pequeno espaço resuma tantos: mas dentre todos coube a Lapa dos Esteios a palma da competencia. De doze se compunha o rancho, todos amigos, poetas, e academicos.

Por volta do meio dia, pouco mais, nos ajuntamos com muita alegria e abraços, e todos com os nossos ramalhetes de primavera nas mãos, nos pozemos alvoraçadamente em caminho para o rio, onde já o barco nos aguardava. O ar estava puro; contra o sol que ardia rijo, nos acudia com refrigerio um pouco vento, que ao mesmo tempo nos fazia mui boa feição para contrastar a corrente. Saltámos e partimos.

Em quanto alguns por um e outro bordo ajudavam o favor do ar com o trabalho de suas varas, repellindo o álveo, e fazendo-nos resvalar mais prestes á medida de nossos desejos, os demais amotinavam ao longe ambas as ribeiras com suas cantigas de amores, entoadas em chusma. A cada momento porem se quebrava por si o canto, para se contemplar e encarecer o muito que a natureza e o artificio poderam e souberam crear para enlevo de olhos, por ambas aquellas dilatadas margens e campos: pradaria verde e florida, outeiros risonhos, casaes branqueados, grangearia e recreação de quintas, pomares, hortas, jardins, e mil arbustos curvos por entre choupos e salgueiros até beijarem a agua, esse era o painel em que meus amigos se iam enlevando, e que a mim, que pelo longe que era posto, o não podia nem por nevoas enchergar, me desentranhou algum suspiro, dando-me a sentir no meio da geral alegria alguns momentos magoados, recostado na borda da embarcação.

Mil cousas pequenas, e por ventura vãs (mas quaes ha que sejam taes para gente moça em dia de jubilo?) matisaram toda esta viagem: taes como a grita que de subito alevantamos ao passar por baixo do arco grande da ponte, aonde as vozes, reflectindo do massiço da cantaria, nos resurtiam para os ouvidos com uma estranha soada, como que por aquella porta e esteiro estivessemos entrando um mar nunca dantes descoberto; despedidas á cidade que de nós se alongava, branca e assentada em seu monte, até que desapparecia, e ás margens que para nós arremettiam correndo com os seus estendaes, lavradores e rebanhos, para logo nos passarem alem, fugir-nos e perderem-se; a vista de um bando immenso de pombas, que levantando-se espavoridas com a nossa passagem, de um ilheo de areia onde se estavam a beber e banhar-se, nos atravessaram pela proa e foram derramar-se todas queixosas pela ribanceira visinha; o ceu a espelhar-se inteiro nas aguas ufanas de retratarem multiplicado o sol da primavera com toda a sua magnificencia: semelhantes nadas produziam em summa um genero de felicidade a estes moços Anacreontes viajando, á qual, para de todo o ser, só faltava poder durar.

De instante para instante importunavamos os barqueiros, perguntando insoffridos quanto nos restava do caminho. Cuidava-se ver a Lapa dos Esteios em quantas soledades aprazíveis nos appareciam ao longe. Emfim a apontaram com o dedo; levantam-se todos, todos com clamor unisono a saudam. Saltámos logo no primeiro caes, deixando o nosso barco amarrado a uma arvoresinha, que se algum curioso vier visitar aquelle sitio, é a terceira da parte esquerda. Uns de outros derramados, nos fomos prestemente por onde o acaso ou a fantasia nos levavam, correndo e devassando toda aquella solidão, que por algumas horas vinhamos povoar: e tornando-nos a ajuntar no alto, onde tão commodos assentos se nos deparavam.

«Esta Lapa disse um, para instancia e habitação das musas parece feita; por aqui as heras pendem de toda a parte!» Sobre o que, se procedeu logo á lição dos poemas que todos levavamos.

Aqui usaram meus amigos para comigo de uma cortezia, de que por mais que fiz me não foi possivel defender-me, ordenando-me com seus rogos que os meus versos, para os quaes o ultimo logar em tal companhia podera ainda ser de muita honra, rompessem antes de outros aquelle acto.»

Estes, a que pozera o titulo que ainda tem—*O dia da primavera*, já primeiro que o sitio fosse escolhido se achavam feitos, razão porque não ha que procurar n'elles a pintura d'elle. Concebera eu um dia de primavera levado pelos campos em contentamento com aquelles companheiros; tomei de minha livre imaginação o que me pareceu bastaria para o encher; e poetei-o sem me obrigar a nenhuma outra verdade.

(Concluir-se-ha.)

Doença. — Tem estado gravemente doente o nosso amigo o sr. Jeronymo Joaquim dos Santos, negociante desta cidade. A sua doença chegou a dar sérios cuidados aos seus muitos amigos; mas felizmente ha dois dias tem obtido consideraveis melhoras, com o que muito folgamos.

Mercê regia. — Foi agraciado com o titulo de visconde da Quinta de S. Thomé, o sr. Fortunato da Costa Cabral Vasconcellos Coutinho, de Soure.

Amendoas. — No logar competente publicamos o annuncio de excellentes amendoas e outros generos, que se vendem na loja do sr. José Tavares da Costa, á Portagem.

Pastos salgados. — Estes pastos offerecem aos animaes alimento sadio, agradavel e appetitoso. Entre as plantas que constituem estes prados, figura uma graminea, a *morraça*, que abunda muito em Portugal, e especialmente nas costas do Algarve, nas praias do Tejo, e nas do Mondego, junto á Figueira da Foz. E' até provavel, que o nome de *morraceira*, por que são conhecidas as margens do Mondego junto á sua foz, derive da abundancia daquella planta.

Esta herva é tão nutritiva, que restaura e engorda os bois, cavallos e carneiros magros, abatidos e doentes. A analyse chimica demonstra, que esta planta possue grande quantidade de substancias amilaceas, saccarinas, gordurosas e salinas, e por esta fórma explica-se perfeitamente o seu effeito salutar e nutritivo na alimentação dos gados.

Esta e outras forragens, proprias dos prados salgados, são procuradas com avidez pelos animaes, e de Monte Mór até á Figueira vêem-se grandes manadas de gado cavallar e bovino pastar com appetite nos logares lodosos e salgadiços, onde chegam as aguas das marés. Em França é costume mandar os animaes atacados de certas doenças para prados desta natureza, onde recuperam a saude. No mesmo paiz é tambem muito apreciada a carne de boi e do carneiro, creados n'estes pastos.

Nas margens do Tejo, um dos maiores morraçaes que se conhece, pertence ao sr. Estevão de Oliveira, e sustenta todos os annos, desde o principio de Julho até fins de Outubro e de Novembro, 150 cabeças de gado cavallar, aproveitando o resto do prado, desde Novembro até Março, 150 novilhos bravos de 3 annos. Em Abril, Maio e Junho não se consente o pascigo deste morraçal.

Artes ceramicas. — E' antiquissimo o fabrico da louça, e os melhores processos hoje empregados na Europa foram imitados da China. Os etruscos fabricavam louça com grande perfeição, mas a sua arte foi um segredo que durou por muito tempo. No seculo 14 os italianos conseguiram fabricar louça esmaltada de muito valor, e os francezes imitaram logo este exemplo.

No seculo 16 era moda em França revestir os frontespicios das casas com azulejos esmaltados, representando baixo-relevos de grande merito artistico. Este genero de esculptura tinha sido creado em Florença no seculo antecedente. No seculo 18 a Inglaterra deu grande impulso á industria ceramica, fabricando louça magnifica, que rivalisa com a da China e Japão. A França e Saxonia crearam tambem fabricas de grande reputação, e a bella porcellana de Sevres é hoje de subido apreço em toda a Europa. Esta industria tem progredido immenso, e não só se imitam hoje com a maior perfeição os mais bellos productos de antiguidade, mas fabrica-se a maior variedade de louças, admiraveis pela elegancia de suas formas, pela belleza dos ornatos, pela dureza, finura e transparencia da massa, pelas cores e esmaltes mais preciosos e delicados.

O alecrim. — Esta planta aromatica, tão util para a creação das abelhas, dá-se perfeitamente nos terrenos mais agrestes e nas serranias mais escalvadas. A sua cultura é facil, porque pega de estaca e cresce promptamente. Está calculado, que um metro cubico de alecrim, cortando a eito folhas e caules, dá pela distillação cerca de um litro de oleo essencial.

Esta essencia do alecrim não é só empregada na perfumaria; é o vehiculo dos mais finos vernizes, dissolve promptamente muitas resinas, o copal, o cautchu, a gutta-percha, etc. E' por tanto este producto de grande importancia industrial e commercial; e os agricultores deviam cultivar esta planta em grande escala nos terrenos baldios, nas encostas das serras, e nos taludes das estradas.

As abelhas. — A producção do mel e da cera é uma grande riqueza dos campos, e o consumo destes productos é cada vez maior e mais variado. Uma colmeia não deixa a seu dono um rendimento liquido annual inferior a 1:000 reis.

Poucos paizes haverá em circumstancias tão favoraveis para este ramo de industria como Portugal. A nossa região não só é muito propicia para a vida e saude das abelhas, mas tambem para a cultura das plantas melliferas e aromaticas, de que de preferencia se nutrem estes interessantes insectos. O alecrim e rosmaninho dão-se em toda a parte, tão facilmente como o tojo e carqueja; e nestas e outras plantas odoriferas encontram as abelhas o seu principal e predilecto alimento. Os nossos lavradores devem pensar seriamente, em dar o maior desenvolvimento a este ramo de industria.

Artilheria. — Não estão de accordo os auctores a respeito da data da introducção da arma de artilheria no exercito. A maioria admitte, que a primeira vez que se empregou este terrivel instrumento de guerra, foi no seculo 14, opinando uns, que foi em 1343 no cerco de Algesiras, e pretendendo outros, que foi em 1346 na batalha de Crécy.

Comboios. — A companhia real dos caminhos de ferro de norte e leste deliberou estabelecer comboios a preços reduzidos, por occasião das festas da Semana Santa, desde 8 a 14 do proximo mez de Abril.

Projectos de caminho de ferro. — No *Diario do Governo* do dia 19, vem duas portarias que dizem respeito aos caminhos de ferro das duas Beiras.

Uma determina que o sr. engenheiro Sousa Brandão elabore o projecto para a construcção de um caminho de ferro que, bifurcando da linha de leste nas proximidades da Barquinha, se dirija a Almeida por Thomar, Miranda do Corvo, Louzã e Celorico; que esse estudo seja feito nas condições da lei de 2 de Julho de 1867, promulgada para os caminhos de ferro do Minho e da Regoa; finalmente que o citado engenheiro requisite o pessoal de que carecer e bem assim quaesquer documentos ou estudos archivados no ministerio das obras publicas, que possam ser-lhe uteis para o desempenho da commissão que lhe é incumbida.

A outra portaria determina, que o engenheiro o sr. Joaquim José de Almeida elabore o projecto para a construcção de um caminho de ferro que, bifurcando da linha de leste nas proximidades de Abrantes, se dirija a Monfortinho e ao rio Helga, fronteira de Hespanha.

A questão do sr. Pedro Rocha — Sob esta epigraphe lê-se no jornal o *Paiz* o artigo que em seguida transcrevemos. Interessamo-nos vivamente pela causa do nosso particular amigo e patricio e por isso aqui registaremos tudo que lhe diz respeito.

«Ao publico que tão largamente foi informado dos factos praticados em 31 d'Outubro do anno findo, contra o sr. Pedro Rocha, pela exposição que este dirigiu ao sr. governador civil, e pela discussão que em seguida se travou em toda a imprensa do paiz a proposito do sabido attentado, notavelmente complexo por abranger, alem de crimes publicos, offensas á honra, liberdade e domicilio d'aquelle cidadão, não deve ser indifferente saber o seguimento que teve este singular processo, pelo qual tanto se interessou.

Convencido de que não obteria pelo poder administrativo reparação alguma, apresentou o sr. Pedro Rocha a sua queixa em juizo (2.º districto criminal) a 16 de Novembro, seguindo-se o exame de corpo de delicto a que o juiz mandou proceder, começando o inquerito de testemunhas logo no dia 23. No dia 18 de Dezembro, requereu que fosse encerrado pelo julgar sufficiente base para a continuação do processo, e que este fosse com vista ao ministerio publico para promover como fosse de justiça. O delegado do 2.º districto entendeu que devia instruir-se com o processo do 1.º, por onde correra a diligencia policial, e com uma nova declaração do queixoso sobre se tinha ou não consentido na busca dada em sua casa. A esta ultima parte respondeu o sr. Rocha em 26 de Novembro, fazendo sentir que a auctoridade policial não precisava do seu consentimento para a busca, e muito menos o dito consentimento, que dera, dispensa as formalidades marcadas na lei.

Em quanto aos esclarecimentos pedidos ao 1.º districto não era então possivel remettel-os para o 2.º, nem o tem sido até hoje por o processo ser lá, até ao encerramento do summario que não pode tardar, segredo de justiça.

Abstraindo do mal soffrido pelos cidadãos offendidos, tem estes casos, alias de extrema gravidade, um lado util: o de chamar a attenção publica e a dos poderes sobre elles, para os estigmatisarem e corrigirem. São tambem, pela forma por que se resolvem, pedra de toque para avaliar a estima em que se tem os direitos individuaes, o respeito ou indifferença que em taes conjuncturas se demonstra pelas leis e pela opinião, e occasião opportuna de apreciar a independencia dos diversos poderes, que mais ou menos podem achar-se em conflicto nas especies dadas.

No presente caso, e tendo ficado sem solução por parte do superior administrativo a queixa do sr. Pedro Rocha, a qual levada á imprensa, que a fez sua, e á opinião que nella se interessou, permaneceu ainda assim sem resultado, não obtendo egualmente o queixoso nenhum despacho satisfatorio da parte do sr. ministro do reino, a quem se dirigiu, nem se dando ao proprio requerimento do sr. deputado Saraiva de Carvalho o urgente expediente que elle requereu, com relação aos documentos illustrativos de todo o occorrido, resta o poder judicial, que julgará devemos crel-o, com toda independencia e superioridade, os attentados que se deram, para justamente os processar como fôr seu dever em presença dos factos e das leis.

Sabemos que o sr. Pedro Rocha continua perseverante na promoção da justa reparação que lhe é devida, sem espirito de vingança, mas por amor de dignidade propria, e até como satisfação dada ás provas excepcionaes de que foi objecto; e que o tornaram gratissimo para com a opinião e os seus amigos.

Pelos novos documentos que tem promovido e obtido, a bem de sua justiça, se esclarecem melhor os aggravos de que apresentou queixa.

Todos elles são curiosos, e virão por ventura á imprensa ter a publicidade que merecem.»

Desgraça no mar. — Diz o *Jornal do Commercio*, que por telegramma chegado hoje de Macau, consta que a corveta *Duque de Palmella*, em viagem de Hong Kong para Sião, encalhara no dia 16 do corrente, no baixo Brito, na costa NE. da Cochinchina. O commandante, o sr. Thomaz de Villa Nova Ferrari, capitão de fragata, vendo o navio encalhado e receiando que abrisse, atirou-se pela borda fóra, não podendo ser salvo. Pouco depois o navio safava-se e podia entrar no porto proximo, sem mais nenhuma perda de vida, posto que com algumas avarias importantes.

Mau fado persegue implacavel a nossa marinha de guerra. Se não se tratar com urgencia de adquirir alguns vasos e de obter marinheiros para os guarnecer, não teremos meios de render os proprios navios que se acham nas estações.

Noticias de Hespanha. — Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

«Foram demittidos 30 alcaides de Madrid por haverem assistido ás reuniões que os habitantes dos bairros, a que elles pertenciam, fizeram para se armarem. — Nota o «Imparcial» que o general Contreras tem na Catalunha 17 ajudantes de campo e mais 43 officiaes ás ordens. — Reina grande agitação nas tropas que se acham de guarnição em Valencia.

O batalhão de caçadores de Manilha dividiu-se em varias partidas, que andam commettendo toda a casta de excessos pela Catalunha, a ponto de ser ordenado aos voluntarios da republica das differentes localidades, que usem dos meios que julgarem necessarios para os chamar á ordem. — Indisciplinaram-se uns 700 soldados que estão em Leganés. — Foi proclamada officialmente em Burgos a republica.

Celebrou-se em Saragoça uma nova manifestação federal; em Valladolid tambem houve uma no mesmo sentido.

Verificou-se em Reus uma manifestação operaria para pedir ao governo diminuição nas horas de trabalho e augmento de salarios. Fallaram muitos operarios e operarias.

»O «Examiner», de Londres, lamenta que a Europa preste mais attenção ás luctas entre os monarchicos e republicanos em Hespanha, e á questão entre federaes e unitarios, do que aos grandes progressos que a internacional e o socialismo estão fazendo na vizinha republica. Acrescenta que por informações officiaes chegadas ao directorio da internacional em Londres consta que esta associação conta já em Hespanha 30:000 filiados.

Os progressos do socialismo continuam; principalmente na Andaluzia são immensos: todavia os chefes da internacional na Europa, ainda não combinaram o que se deve fazer em Hespanha. Os elementos mais avançados querem que a internacional tome parte mais activa na politica hespanhola; os mais prudentes temem que este procedimento desperte na Europa conservadora receios que a obrigue a lançar mão de uma politica de resistencia.

Movimento carlista

Uma carta de Hendaya publicada na «Prensa» dá as seguintes noticias: — Todos os desfiladeiros dos Pyreneus estão occupados por carlistas armados, os quaes se apoderaram da povoação e alfandega de Valcarlos, tentando tambem apoderar-se da de Irun.

O posto fiscal de Arnaguy foi egualmente tomado pelos carlistas, que expulsaram d'alli os carabineiros, os quaes se refugiaram em França.

O marquez de Valdespina foi ferido no combate de Elorrio.

Em uma casa, perto de Liboure, acham-se quatro peças de aço de pequeno calibre, que passarão a fronteira quando Dorregaray as requisitar. Dorregaray não assistiu com a sua gente ao combate de Monreal.

Os carlistas apoderaram-se da alfandega de Landivar, perto de Urdax.

O «Figaro», de Paris, publica o seguinte telegramma: — Bayona, 13, ás 3 h e 30 m. da tarde. — Os carlistas, vencedores no combate de Monreal, tomaram 200 espingardas Remington ás tropas republicanas. Calculam-se as perdas dos republicanos em 150 homens fóra do combate. Do lado dos carlistas houve apenas dois mortos e dois feridos.

Noticias de Lisboa. — O correspondente do *Commercio do Porto*, diz em data de 20 do corrente o seguinte:

«Não houve hoje sessão na camara dos deputados. O motivo apparente, é, como o costume, ter o ministerio de ir ao paço á assignatura real.

A commissão de reforma da Carta, que hoje se reuniu, nada decidiu, vogando a opinião de que é inopportuna.

Parece que hoje na commissão de fazenda se hade tractar das indemnisações aos herdeiros do conde de Farrobo, velha divida do partido liberal ha tantos annos ainda em aberto. Neste assumpto estão todos de accordo, governo e opposição, porque todos pertencem á mesma familia, ao partido liberal, pelo qual o conde de Farrobo fez consideraveis sacrificios.

Os ministros foram hoje á assignatura real, e consta que o das obras publicas apresentou a S. M. os decretos nomeando commissarios honorarios do governo portuguez junto á grande commissão da exposição internacional de Vienna de Austria, os srs. visconde de Villar Allen, barão de Santos, visconde de Benalcanfor e José Maria de Magalhães. Estes cavalheiros farão parte do jury que hade votar as medalhas aos expositores que mais se distinguirem.

Entendo que o governo fez bem em aproveitar os serviços desinteressados d'aquelles cavalheiros, que são todos muito competentes para mais tarde publicar interessantes relatorios dos seus trabalhos.

Consta que a camara municipal de Castello Branco dirigiu um officio muito honroso aos srs. Manoel Vaz Preto Geraldes e Antonio José Teixeira, a proposito da apresentação feita por este ultimo cavalheiro do projecto de lei para a construcção dos caminhos de ferro da Beira.

N'esse officio a camara agradece tão importante serviço e pede para em seu nome o sr. Teixeira agradecer a todos os signatarios do projecto.

A este respeito tenho a acrescentar ao que já disse, que os cavalheiros que tomaram a iniciativa n'este negocio estão pouco satisfeitos com a resolução adoptada pelo sr. ministro das obras publicas de mandar proceder aos

estudos dos mesmos caminhos de ferro, e pretender que o governo acceite a auctorisação proposta no projecto, independentemente d'aquelles estados.

Todos os deputados receberam hoje um officio acompanhando uma desenvolvida exposição assignada pelos directores da sociedade do Palacio de Crystal Portuense.

Pedem esses cavalheiros para ser revogado o decreto de 22 de Junho de 1869, que annullou o contracto celebrado entre o governo e a mesma companhia.

Na exposição estão bem sustentados os principios de direito que a sociedade allega para ser satisfeito o seu pedido.

Tambem approvou o estabelecimento do caminho de ferro americano da estação do caminho de ferro em Coimbra á Portagem.

Audiencias geraes.— No dia 19 houve os seguintes julgamentos:

Antonio Alves, da Ademia de Baixo, pelo crime de envenenamento d'aves. Absolvido.

Adelino Augusto da Silva, desta cidade, pelo crime de corte d'arvores. Absolvido.

No dia 21, teve logar o julgamento em que eram querelantes o ministerio publico e José Simões Rollo, e querellado Luiz de Jesus Pitta, ambos de Condeixa a Velha, julgado de Condeixa, pelo crime de offensas corporaes. O reu foi absolvido, sendo o auctor condemnado nas custas e sêllos do processo.

Do auctor foi advogado o sr. bacharel Hermano José Ferreira de Carvalho, e do reu o sr. Dr. Avelino Cesar Augusto Maria Calisto, que fez uma oração de defeza das mais brilhantes que alli se tem ouvido.

Tambem foi julgado no mesmo dia, Manoel dos Santos Carvalho, da quinta da Panasqueira, pelo crime de ferimentos. Absolvido.

Hoje houve os seguintes julgamentos:

Fortunata Ferreira e outra, da Crujeira, pelo crime de ferimento. Absolvido.

Antonio da Fonte, de Condeixa a Nova, pelo crime de ferimentos. Absolvido.

* No dia 26 hade ter lugar a ultima audiencia geral deste quartel, com o julgamento de Margarida Vicencia, de Sernache, pelo crime de infantecidio, sendo advogado de defeza o sr. Dr. Callisto.

Despacho.—O nosso amigo e patricio o sr. José Marques Perdigão Donato, foi despachado porteiro da bibliotheca da Universidade.

CHARADAS

1.ª

Isto é jogo de creanças nesta terra de ladrões —2 e 3.

2.ª

Um numero dobrado e reputado como quebrado—1 e 2.

3.ª

Na puberdade muito custa esta amavel virtude—1 e 1.

Raphael.

ENYGMA

sSA RO

O logogripho que publicamos em o numero passado é—AGRADECIMENTOS.

Foi decifrado por muitas pessoas; mas o primeiro que nos apresentou a decifração foi o sr. Eduardo Augusto Paes de Villas Boas, e por isso a elle entregamos o premio.

ANNUNCIOS

EXPEDIENTE

Em razão de ser dia santo de guarda na terça feira, publicar-se-ha o *Conimbricense* na *quarta feira* immediata.

2 NA CASA da obra da Sé desta cidade, ha para vender uma porção de ferro velho e um sino quebrado. O reverendo conego obreiro, manda mostrar estes objectos a quem pretender compral-os.

AGRADECIMENTO

3 AGRADEÇO ás pessoas, que se dignaram visitar-me, tão grande honra e fineza, e peço desculpa de me despedir por esta forma, protestando-lhes a minha gratidão, e offerecendo-lhes meu limitado prestimo em Vizeu.

J. Mello Borges.

COIMBRA—RUA DA CALÇADA

Proximo á Portagem

ESTABELECIMENTO DE

JOSÉ TAVARES DA COSTA

4 CHEGARAM a este estabelecimento grande variedade de bolaxinhas modernas, biscoito de Hamburgo, excellentes amendoas de Lisboa. Preços baratissimos.

5 A DIRECÇÃO DO ASYLO DA INFANCIA DESVALIDA, faz publico, para as pessoas que porventura o ignorem, que este estabelecimento está sempre patente para quem o deseje visitar, a qualquer hora, e especialmente ás horas de refeição; que são o almoço ás oito horas da manhã, e o jantar ás doze, podendo os mesmos visitantes verificar de que modo a qualidade e a quantidade da alimentação, em relação com as circumstancias, presentes e futuras, dos meninos asylados, não merece a menor censura. A direcção estimará que os duvidosos se esclareçam por si proprios, e agradecerá a sua visita e escrupulosa inspecção, acceitando de muito bom grado quaesquer reflexões, que entendam dever dirigir-lhe, por meio de qualquer dos membros da mesma direcção.

O secretario,

Ignacio de Carvalho Freitas Junior.

CONTRA-ANNUNCIO

6 AUGUSTO DE CARVALHO MACEDO PEREIRA, no annuncio n.º 10, publicado no *Conimbricense* do dia 15, protesta fazer valer seu direito com relação a alguns bens sitos na Ericeira, penhorados na execução que D. Clara Candida Leite Ribeiro move a João Fernandes Thomaz e mulher, que serão vendidos em praça no dia 18. A exequente contra-protesta tal declaração, porque os bens a que se refere foram ha muitos annos vendidos, por execução que correu no cartorio do escrivão Herculano, contra o annunciante e sua mãe, promovida por Fructuoso José da Silva; e é bem claro que se o annunciante tivesse algum direito, não se limitaria a vãos protestos, nem consentiria nas penhoras, mas teria usado dos meios legaes.

NOVA TINTURARIA

Rua do Paço do Conde, n.º 10

7 JOSE' MARIA DOS SANTOS, tinge de todas as côres. Preços commodos.

Venda de um orgão em Coimbra

8 VENDE-SE um orgão grande, ha pouco acabado de construir, o qual tem a força de 9 registos por banda, e serve para qualquer egreja, ainda que seja muito grande.

Quem o pretender, póde fallar nesta cidade, na rua da Calçada, n.º 85 a 91.

9 CANTIGAS DO FADO, dedicadas á mocidade folgazã. Nova collecção de cantigas escriptas delicadamente para se cantarem á guitarra e ao piano, pelo *Almocreve das Petas*.

Está no prelo o primeiro folheto d'este livro, sahindo um cada semana. Esta obra formará um volume in-4.º composto de 10 folhetos, contendo cada um oito cantigas. As pessoas que desejarem assignar para esta obra, pagarão adiantado por uma só vez, 200 reis, recebendo aos folhetos ou a obra inteira. O volume depois de completo, custará 400 reis, e os numeros avulso 40 reis.

As assignaturas das provincias pódem ser feitas por meio de sellos ou estampilhas do correio. As assignaturas recebem-se em Lisboa na livraria de J. J. Bordalo, rua Augusta, n.º 24 (para onde deve ser dirigida toda a correspondencia); no Porto, na livraria de Novaes Junior, e em todas as mais; Coimbra, José Melchiades; Setubal, Capella Central; S. Miguel, Mariano Machado.

N. B. Todos os srs. assignantes têem direito a publicar qualquer cantiga quando ella esteja no caso de se lhe poder dar publicidade.

10 AO ASYLO de Mendicidade entregou o sr. Francisco Rodrigues de Carvalho, 2$000 reis, que por convenção havia recebido de um individuo de Formozelha, alliviando-se de um crime pelo furto de laranjas, que mandou praticar por um menor, em um seu pomar.

11 AVISA-SE o sr. Antonio José da Rocha, empregado em Cantanhede, para que venha prestar suas contas no cartorio do illm.º Cabido de Coimbra, sob pena de procedimento, visto não ter respondido ás differentes cartas que se lhe tem dirigido.

12 POR este juizo de direito desta comarca e cartorio do sr. Joaquim Nobre Soares, escrivão interino, correm editos de 10 dias, pelos quaes são citadas todas as pessoas incertas, que se julgarem com direito á quantia de 1:187$550 rs., existente no deposito publico, e penhorada pela execução que a exm.ª sr.ª D. Clara Candida Leite Ribeiro, desta cidade, move á exm.ª sr.ª D. Quiteria Rosalina Leite da Rocha e seu marido, desta cidade, os quaes 10 dias foram assignados em audiencia de 20 do corrente mez; para que dentro do dito prazo venham deduzir o seu direito, com pena de lançamento.

82 Rua do Visconde da Luz 86

13 VIDRAÇA de grossura regular a 120 rs. o kilo, limpa de retalho.

14 OFFICINA MATUTINA HEBDOMADAE MAJORIS, ex missale romano a decreto sacrosancti concilii Tridentini restituto S. Pii V jussu edito, etc., addito cantu Passionibus Dominicae in Palmis et Feria VI. in Parasceve ad majorem commoditatem deprompta. Olisipone, ex Typogr. Nacional. 1857. — Esta obra, nitidamente impressa em formato de folio, e ornada de uma excellente gravura, é, para assim dizer, indispensavel a todas as egrejas aonde se fizerem solemnemente as sagradas funcções, com as paixões de domingo de ramos e sexta feira santa em cantochão.

Vende-se na imprensa Nacional e nas livrarias dos seus commissarios de Lisboa, Porto, Coimbra, Braga e Ponta Delgada. —Preço 1$000 reis.—Em Coimbra, loja de J. Augusto Orcel.

15 BOLÇAS DE REDE PRATEADA, para dinheiro, perfeita imitação das de prata. Na loja do Fonseca, rua da Calçada, 72 a 76.

16 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** nos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchaqueca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do aleuto, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta do 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kilo 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes. — ELVAS, Sant'Anna. — COIMBRA, Batelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho. —FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca. — SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2678 — QUARTA FEIRA 26 DE MARÇO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Progridem com mais assiduidade os trabalhos da camara electiva, como é costume na proximidade do encerramento da sessão legislativa.

Antes da ordem do dia, a camara tem-se occupado de differentes objectos, alguns dos quaes são de reconhecido interesse publico.

Discute-se desapaixonadamente, como é de necessidade que seja, o orçamento do estado; assumpto a muitos respeitos importantissimo no regimen de todos os povos, mormente no systema francamente liberal por que se regem as nossas instituições politicas.

A resolução que o partido reformista tomou, de não entrar nesta discussão, tem feito com que os trabalhos da camara electiva prosigam com o interesse e animação que convem a todos os assumptos de maior conveniencia publica; mas sem o azedume e paixão, que faz desvairar os espiritos e desvirtuar as questões; perturbando a tranquillidade indispensavel em objectos de summa gravidade, quaes são principalmente os que se referem á organisação da receita e despeza publica.

Esta abstenção da parte mais intransigente dos partidos opposicionistas, cujo fim ninguem poude ainda descobrir, mas que certamente a consciencia lhe inspirou, e tanto basta para se respeitar, cremos que não prejudica os interesses nacionaes ligados áquelle importante documento.

Para um governo que deseja manter inviolaveis os principios de boa administração, e governar em nome das conveniencias, do direito e da justiça, que são o verdadeiro sustentaculo das situações politicas, é indispensavel a discussão do orçamento; para que o paiz, e até as nacionalidades com quem temos relações de credito, possam apreciar devidamente o nosso estado financeiro, e para que os representantes da nação fiscalizem, verba por verba, toda a receita e despeza publica.

Isto convem ao credito do paiz, e é um dever imprescriptivel de todos os governos, que prezam as instituições e a moralidade publica, cuja guarda e defensão lhes foi confiada.

Felizmente que estes dois ultimos annos não tem sido esquecido este preceito constitucional, que as continuas luctas e dissensões politicas tinham feito preterir.

O *Diario do Governo* publica uma portaria que se refere a um ponto importante da administração dos municipios.

A disposição que alli se estabelece é muito conveniente para a boa ordem e regularidade nas contas das municipalidades, e muito principalmente para não confundir as responsabilidades em que podem incorrer as differentes gerencias na administração dos fundos municipaes.

Ordena a portaria, a que nos estamos referindo, que d'ora ávante as camaras municipaes organisem por semestres as suas contas de modo que possa facilmente conhecer-se quaes foram as despezas auctorisadas e pagas por cada uma, quando dentro do mesmo anno differentes vereações regem os concelhos.

E' justa esta providencia.

MEMORIA DE THEOLOGIA

II

O sr. Dr. Manoel Eduardo da Motta Veiga, tratando de desculpar D. João III por causa do estabelecimento em Portugal do tribunal da inquisição, diz o seguinte:

«No tempo de D. João III, o protestantismo, proclamado na Allemanha por Luthero, fazia rapidos progressos. O monge de Eisleben, apostatando da religião catholica, tractava com os seus correligionarios, de introduzir suas falsas doutrinas, fossem quaes fossem os meios em todas as nações. O protestantismo, em uma palavra, ameaçava avassallar a Europa inteira. E o rei *piedoso*, como principe catholico, para obstar a que a heresia invadisse os seus estados, fez o que fizeram outras nações catholicas: *acceitou* a ordem da *Companhia de Jesus*, já então em grande fama, e o tribunal do *Santo Officio*. Com este contava fazer voltar a bom caminho os que por acaso se afastassem do redil da Egreja. Com aquella instruir os que por falta de conveniente instrucção se podiam deixar arrastar pelas doutrinas hereticas.»

Deixamos por ora de mostrar o quanto é opposta á ordem e verdade dos factos a expressão *acceitou*, empregada pelo illustre cathedratico, em relação ao modo por que foi estabelecida em Portugal a inquisição por D. João III. Antes, porem, de tratarmos desse ponto, e occupando-nos em primeiro logar da causa da introducção do *Santo Officio* entre nós, permitta-se-nos dizer, que não foi unicamente o receio pela propaganda das doutrinas de Luthero. Esse receio não só não foi a causa principal, mas até foi muito secundaria. O motivo, quasi exclusivo, (e a que aliás nem levemente o sr. Dr. Motta Veiga allude), que levou D. João III a pretender a inquisição em Portugal, foi o odio aos judeus e christãos novos. E na perseguição que este rei lhes promoveu, ia elle de accordo com o desejo do povo fanatico.

Os judeus tinham nos reinados anteriores enriquecido, especialmente pelo interesse na cobrança das rendas publicas, que os reis lhes haviam quasi exclusivamente confiado. A estas riquezas a-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXLV

A PRIMAVERA

(CONCLUSÃO)

Elmiro (que todos haviam arcadicamente tomado para si nomes de pastores) assim como a leitura foi rematada, veiu para mim com um listão de heras nas mãos, e mo lançou, a todo o poder que eu pude para me escusar, do hombro direito ao lado esquerdo.—Seguiu-se *Aufrizo*, o qual em pé junto de mim, e com uma corôa em punho, recitou uma formosa ode, toda floreada dos louvores que a amisade lhe figurava poderem-me bem assentar; e chegado que foi á ultima estrophe, me coroou abraçando-me. Tambem a esta honra me foi forçado ceder, com quanto claramente em mim sentisse o muito que vinha mal empregada: a amisade ordenava, o dia era seu, rendi-me. Era a grinalda de artificiosissimo lavor, mui fresca, e tecida de louros, heras e cópias de flores naturaes; guardei-a com ufania e como joia; quizera conserval-a para sempre, mas representava gloria, e minha, murchou, desfez-se, largos annos ha que é pó, e pó disperso.

Dado que já então fosse tal o meu triumpho, qual nem em sonhos de ambição o podera antever, *Josino*, a cuja feiticeira Musa já eu era, muito havia, devedor, inda o subiu de ponto, lendo antes de um poema, pequeno em extensão mas grande e grandissimo em merecimento, um elogio a mim em tão delicados versos, que não posso menos de perdoar-lhe a lisonja.

Aulizo (a) leu um longo poema intitulado *A Primavera*, que todo respirava amor aos campos e á virtude, ataviado de mui mimosas galas poeticas, e de mui particular doçura e sabor para os ouvidos: nem se cuide que sangue ou amisade ou vangloria me fazem força para o dizer, que antes o dissimulara eu, se o ser irmão e amigo fossem partes para, quando a todos os mais vou distribuindo seu preço, lho sonegar a elle; e ainda assim talvez o não ousara, se tão boas testemunhas não valessem a confirmal-o.

Foi esta leitura interrompida de uns sons de flauta, que por cima das cabeças, e de mui perto nos vinham; era o meu caro amigo, Horacio portuguez José Fernandes de Oliveira Leitão de Gouveia, que alvoraçando-nos e alvoraçado, nos apparecia ao cimo da curta escada que da Lapa sobe para a *Quinta das Canas*, que lhe fica sobranceira. Foram tudo clamores de alegria, recebendo entre nós, poetas todos verdes, o nosso decano e patriarcha; cercamol-o com abraços, das mãos lhe furtaram a flauta, foi levado de repente a todos os recantos do nosso Parnaso, contando-lhe todos á uma o que até alli se passara, que vezes se fallara nelle, e se desconfiara de sua promettida vinda.

Este homem amavel, jovial, incapaz de estudadas gravidades, dado e corrente com todos, bom sem merecimento de esforço, philosopho sem o cuidar, coração que ainda não sahiu nem já agora sahirá da infancia, homem só comsigo parecido, que a ninguem imitou nunca, nem de outrem será nunca imitado, e cuja vida, se alguem soubesse escrevel-a, sahiria tão original e unica como elle mesmo, este digo, nascido para ser alma de qualquer ajuntamento moço e alegre, tomou para logo seu quinhão na festa. Deu-se fim ao poema interrompido com a chegada do novo socio, que muitas outras vezes o tornou a interromper com applaudir e abraçar o poeta. *Josino*, que assim como o ouvia fôra entrançando uma corôa de hera da arvore mais chegada, mal que o ultimo verso expirou, se foi com ella, por entre as palmas de todos, premiar a fronte do cantor.

Elmiro, que de apoz se seguiu, nos captivou as attenções com um poema de muita invenção e belleza, aonde outra vez a amisade me brindou com perfumes seus, para os não dizer da lisonja. Egualmente o coroamos; e outro tanto se foi fazendo aos demais, que recitaram poemas mais breves ou traducções.

Salicio (b) repetiu uma mimosissima traducção livre de uma parte da *Primavera* de Thompson: *Albano*, uma traducção em lindas quadras do Idillio *Primavera* de Gessner: *Francilio*, uma traducção em prosa de Utz, que leu de pé com o copo em punho, e rematou com um brinde: *Franzino* uma versão da *Primavera* de Cramer: cerrando-se finalmente este rico banquete poetico com mais de quatrocentos versos de um poema de meu irmão José Feliciano de Castilho, que pelo muito menino que ainda áquelle tempo era, não foi dos menos victoriados.

Todos estavamos coroados, e o rancho se espalhou. «Já lá vae o sol abaixo: os seus «raios apenas tocam já os cumes dos outeiros d'alem: aproveitar o tempo!» bradaram alguns amigos da borda de uma eira que dominava a Lapa; e todos sentimos que a tarde nos ia insensivelmente escapando.

Então ao som da flauta do nosso Horacio, começaram todos de dançar e saltar, e as aves incitadas da musica, levantaram mais alto os

(a) Meu irmão Augusto Frederico de Castilho.

(b) Meu irmão Adriano Ernesto de Castilho.

crescеram aquellas que posteriormente trouxeram de Castella os muitos judeus, que d'alli foram expulsos no reinado de Fernando e Isabel. D'ahi se seguiram as invejas que essas grandes fortunas causavam; o que junto aos aggravos pelas usuras dos seus contractos, deu em resultado o odio mortal que lhes votava a populaça.

Esse odio manifestava-se contra os judeus e christãos novos de muitas maneiras. Umas vezes partiam as perseguições dos reis, outras dos povos, e não poucas de uns e outros ao mesmo tempo. A tyrannia exercida por el-rei D. Manoel em 1497, contra os judeus, fez gemer a humanidade. Tendo-os mandado sair do reino, por uma provisão datada de Muge em Dezembro de 1496, e arrependendo-se depois em 1497 dessa resolução, empregou todos os meios, ainda os mais torpes e infames, para os impedir de sairem do reino. O facto de lhes mandar tirar os filhos, a pretexto de os fazer baptisar, é de uma atrocidade que espanta!

Poderiamos citar documentos mais explicitos, em que estas crueldades são descriptas em toda a sua nudez. Limitar-nos-hemos, porem, a transcrever o que diz Damião de Goes, na *Chronica de el-rei D. Manoel*, por ter sido escripta debaixo da censura do absolutismo, e por isso ser insuspeito o seu auctor.

«Muitos judeus naturaes do reino, e dos que entraram de Castella, tomaram a agua do baptismo, e os que se não quizeram converter, começaram logo a negociar as cousas que lhes convinham para sua embarcação, no qual tempo el rei por causas que o a isso moveram ordenou, *que em um dia certo lhes tomassem a estes os filhos e filhas, de edade de 14 annos para baixo*, e se distribuissem pelas villas e logares do reino, onde á sua propria custa mandava que os creassem e doutrinassem na fé de Nosso Senhor Jesus Christo.

Isto concluiu el-rei com seu conselho, estando em Estremoz, e d'alli veiu a Evora no começo da quaresma do anno de 1497, onde declarou, que o dia assignado fosse dia de paschoela; e porque nos do conselho não houve tanto segredo, que se não soubesse o que acerca disto estava ordenado, e o dia em que havia de ser, foi necessario mandar el-rei que esta execução se fizesse logo por todo o reino, antes que por modos e meios que estes judeus poderiam ter, mandassem escondidamente os filhos fóra delle.

A qual obra não tão sómente *foi de grão terror, misturado com muitas lagrimas, dor e tristeza aos judeus, mas ainda de muito espanto e admiração aos christãos*; porque nehuma creatura póde padecer, nem apartar de si forçadamente seus filhos, e nos alheios por natural communicação sente quasi o mesmo, principalmente as racionaes; porque com estas communicou a natureza os effeitos de sua lei mais liberalmente do que o fez com as brutas irracionaes; a qual lei forçou muitos christãos velhos moverem-se tanto a piedade e misericordia dos *bramidos, choros e prantos, que faziam os paes e mães, a quem forçadamente tomavam os filhos*, que elles mesmos escondiam em suas casas por lhos não virem arrebatar d'entre as mãos, e lhos salvavam, com saberem que nisso faziam contra a lei e pragmatica de el-rei e senhor; e aos mesmos judeus fez usar tanta crueza esta mesma lei natural, *que muitos delles mataram os filhos, afogando-os e lançando-os em poços e rios, e por outros modos, querendo antes vel-os acabar desta maneira, que não apartal-os de si, sem esperança de os nunca mais verem, e pela mesma razão muitos delles se matavam a si mesmos*.

«Em quanto estas execuções se faziam, não deixava el-rei de cuidar no que convinha a saude das almas desta gente, pelo que movido de piedade *dissimulava com elles, sem lhes mandar dar embarcação*, e de tres pontos de seu reino, que lhes para isso tinha assignados, *lhes vedou os dois, e mandou que todos viessem embarcar a Lisboa*, dando-lhes os Estaos para se nelles agasalharem, onde se ajuntaram mais de 20:000 almas, e com estas delongas se lhes passou o tempo que lhes el rei limitou para a sua saida, *pelo que ficavam todos captivos*.»

Apezar de Damião de Gomes usar de todas as cautelas na sua narração, ainda assim diz o sufficiente para se ver que iniquidades se commetteram!

Para amostra das atrocidades praticadas por parte dos reis, basta esta. Em o numero seguinte exemplificaremos as praticadas pela populaça.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

A INSTRUCÇÃO POPULAR

A instrucção primaria é a base, onde se apoia o mais solido fundamento da emancipação humana; é a fonte perenne, d'onde emana a seiva mais fecunda do progresso e da civilisação; é, finalmente, o astro luminoso que, dando novo brilho á luz da razão, dissipa as densas trevas da ignorancia, unico meio de elevar o homem á sua regeneração social.

Instruir o povo, cultivar seu espirito rude e grosseiro, abrir-lhe os olhos ás luzes do seculo, ministrar-lhe o baptismo intellectual, a fim de poder conhecer a nobreza da sua posição e o quanto póde vir a ser util a si e á patria, eis a missão mais nobre e grandiosa —tal é a do professor primario.

Despenseiro da boa ou má sorte das gerações futuras, a seus cuidados está vinculada a força, riqueza, vida, e finalmente, toda a prosperidade de uma nação.

Se não veja-se como a França, em quanto tractou, de preferencia a tudo, da instrucção do povo, progrediu a passos agigantados, e a sua preponderancia foi tal, que era o fiel da balança, onde se pesavam os destinos da Europa; mas, descurando tão util empenho, a desmoralisação substituiu aquella, vendo-se porisso humilhada aos pés de quem nunca a egualaria em força, se melhor não soubesse diffundir uma solida instrucção por todos os angulos do seu paiz.

Os Estados-Unidos, que ha menos de um seculo é nação independente, tem tido tão rapido incremento, e o seu estado é hoje tão esperançoso, que infunde respeito e admiração ás nações mais civilisadas; auge, que apenas se attribue á incançavel solicitude, que o governo da fina republica, votou á causa da instrucção popular.

Mas, emquanto todas as nações, á porfia, e á custa de grandes sacrificios, procuram logar distincto no banquete da civilisação, Portugal, forçoso é dizel-o, condemnado, pela incuria de seus governos, a marchar na rectaguarda do progresso em tudo o que seja util, no que respeita a instrucção primaria é a vergonha das nações cultas; não porque nos faltem as disposições naturaes, como provam as nossas gloriosas tradicções, mas porque nos faltam o numero d'escolas; a devida concorrencia de alumnos; uma rigorosa inspecção; e a condigna remuneração do professorado.

Não obstante estarmos em bem mais de meio do seculo que se cognominou das luzes, existem centenares de freguezias sem verem despontar a aurora da civilisação!! Quantas intelligencias que, devidamente cultivadas, imitariam um João de Barros, Fr. Luiz de Sousa, Vieira e outros muitos ornamentos da nossa litteratura, e, victimas da inercia governamental, jazem sepultadas nas trevas do obscurantismo?! Quantos espiritos, algemados pelas cadeias de uma crassa ignorancia, servem de tropeço ao livre andamento da humanidade, podendo ser outros tantos propugnadores das regalias sociaes?! Se todos somos eguaes perante a lei, se todos contribuimos para o thesouro publico, todos devemos usofruir os effeitos da sua applicação, principalmente com relação á instrucção elementar.

Nas povoações ruraes, a concorrencia ás escolas está longe de ser relativa á sua população, porque os paes, a troco de um pequenissimo auxilio nos seus serviços agricolas, negam a seus filhos o mais solido patrimonio que podiam legar-lhes.

Uma regular inspecção seria o mais poderoso auxiliar ao progresso da instrucção; porque, por mais habil e zeloso que seja o professor, o espirito da rotina lentamente o conduzirá a um criminoso desleixo, se não fôr despertado por um intelligente inspector, cuja missão fará competentissimo para modelar e uniformisar os methodos de ensino.

O insignificante ordenado do preceptor primario não tem concorrido menos para levar ao miserrimo estado, em que se acha a nossa instrucção popular; porque hoje que todas as necessidades da vida custam caras, e que a organisação da moderna sociedade exige um certo numero de condições, a que o professor não póde eximir-se sem ridicularisar a sua posição, quem ousará affirmar que elle póde viver decentemente com 300 reis diarios, ainda sujeitos ao desconto?! Exigir a uma classe illustração, habilitações, decencia e fiel cumprimento de seus deveres, e negar-lhe os mais parcos meios de subsistencia, é querer o impossivel; e nunca o conseguirão, em quanto lhe não estipularem um ordenado em harmonia, tanto com a sua espinhosa missão, como com as exigencias da epocha; do contrario, o professor, longe de cuidar exclusivamente dos seus deveres officiaes, ha de lançar-se em outras occupações, onde ache lenitivo ás suas angustias domesticas, causando assim grave detrimento á propagação do ensino.

De ha annos a esta parte, quasi todos os homens que tem empunhado o leme da nossa governação publica, parecendo reconhecer tão dura necessidade, prometteram uma reforma de instrucção primaria, que attendesse á critica posição do professor; vãs promessas e nada mais..... Porém com a subida do actual gabinete foram ellas tão intensas, que pela fronte do professorado raiou a loura esperança de lhe ser melhorada a sua sorte. Mas oh! fatalidade!... quem diria que o novo projecto reduziria ainda mais os já tão cerceados vencimentos?! Felizmente lá foi para o limbo..... e a não ser puro cadinho que lhe purifique as manchas, que descance em paz.........

Em quanto pois não tivermos um governo que, compenetrando-se dos verdadeiros interesses nacionaes, promova o derramamento da instrucção popular, creando escolas em tantas povoações, onde a sua falta é altamente reconhecida; promovendo a devida concorrencia de alumnos, por meio de castigos impostos aos paes ou tutores; ordenando que as escolas sejam inspeccionadas ao menos uma vez por anno; e, finalmente, collocando o professor n'um estado independente, dando-lhe uma condigna remuneração aos seus serviços; Portugal nunca attingirá o quilate de civilisação, a que tinha incontestavel direito.

Cadima 18 de Março de 1873.

João Ferreira Pinto de Figueiredo.

---

gorgeios da tarde. As folhas das heras, que por alli guarneciam todas as arvores, e algumas flores voavam ás mãos cheias como em chuva, de uns contra os outros. De quando em quando se alevantava alguma voz inculcando, porque o fossem todos ver, algum particular gracioso e ainda não observado d'aquelle sitio. Chamando *Aulizo* pelos outros, lhes fez notar do caes mais arido, o como o rio d'alli visto, á conta de sua curvidade se afigurava lago cercado de collinas deseguaes, coroadas e semeadas de laranjeiras, oliveiras e pinheiros, e casas alvejando, enxergando-se mais a longe, e por entre estes, outros outeiros, quasi a se desvanecer na distancia e sombra da tarde. Debuxava eu no animo toda aquella scena saudosa; saia-me o quadro maravilhoso, mas era por ventura verdadeiro? não o sei.

Uma merenda saborosa nos appareceu de repente e como por encanto: *Elmiro* fôra o magico providente. Toalhas brancas de neve estendidas no caes do desembarque, foram povoadas de primorosos manjares, garrafas já de dias, e copos coroados de verdura: uns rolos de arvores estendidos em quadro nos valeram de assentos: dois meninos gemeos, vestidinhos de branco, eram os Ganimedes do nosso banquete folgazão. Parte assentados, parte reclinados em diversas posturas, outros por entre estes girando com os copos e pratos na mão, boas descaidas, descuidos a tempo, apontadas graciosidades e risos do intimo, brindes com o copo alto na direita, enviados a mui longe e mui diversas terras (que não havia um só que da sua não padecesse ausencia e se não lhiasse com saudades), outras saudes, ora mais ora menos sumidas, a objectos nomeados umas vezes e outras não, mas mui bons de adivinhar pelos suspiros e geito do saudador, a voltas e proposito d'isso narrativas e contos para folgar, musicas alegres de flauta mil vezes começadas e outras tantas interrompidas, e outros muitos nadas com que a penna se não atreve, convinham em apprazivel mistura para encantar a ultima hora da festa da primavera

Posto era o sol, mas o ceu ainda não carregado de noite: havia-se de partir, faltava o animo para o fazer; instavam os barqueiros, cresciam nelles a razão e o importunar, acabaram comnosco que nos rendessemos. Despedidos amorosamente da Lapa já áquella hora entranhada de escuridão temerosa; com os pés já postos na beira da agua, nenhum queria ser primeiro que trocasse terra de tanta festa, por um barco que nos ia tornar para onde vida de proza e cuidados nos aguardava: senão, quando, levantando o bom Gouveia a voz, com ella suave e cheia que se ia por aquellas margens alem, começa de cantar *A minha Lilia morreu*; improviso seu, cheio de uma branda tristeza, que aos cançados e não fartos de gosar costuma ser segundo goso. Assim ia elle nisto imitando o seu Horacio, que nos poeticos festins que dava ao genio da alegria, nunca se esquecia com seu quinhão de pensamento para a morte. Profundo era o silencio que de toda a parte cercava o nosso cantor; só se ouvia o murmurio baixinho da corrente.

Não havia quem nos apartasse: por derradeira vez nos tornamos ainda á Lapa, travou-se uma dança por despedida, e fez-se uma saude geral ao logar e ás tres Graças que alli costumam a vir muitas vezes *(c)*, até que emfim nos embarcamos, com as nossas corôas na cabeça. Foi aos barqueiros defendido usar de vara, antes se lhes encommendou que nos deixassem embora ir, tão mansa e perguiçosamente como á veia mal desperta do rio parecesse, e ainda naquelle pouco descer das aguas houveramos nos tido mão, se podessemos.

Pareceu bem, para atalhar a confusão de tantas vozes como as que alli ferviam juntas, nomear á maneira do rei do vinho nos festins dos antigos, um que nos governasse. Este foi Gouveia por acclamação unanime. Lembrou um que d'ahi ao deante nos ficassemos uns aos outros dando o tratamento de confiança, que a boa amisade consente e requer: approvou-se. «E quem quer que a esta lei desobedeça, haja-se por expulso da *Sociedade «dos Amigos da Primavera*».

Approvou-se com alvoroço; levantaram-se todos abraçando-se, apertando-se entre si as mãos, e dando-se entre risos o tratamento novo tão amiudado para lhe quebrar a estranheza, que ninguem se entendia.—«Todos os «socios (gritou outro, e de novo se fez silencio) hão de conservar até que o tempo as «destrua, estas suas corôas, se não monumen«tos de gloria, penhores certo que mais vale «de horas felizes:» approvou-se por lei o que já todos levavam no coração bem votado.

Suscitou-se depois que recitasse cada um segundo a ordem dos asseatos, alguma sua poesia breve, e que mais lhe parecesse accommodada á occasião. Não faltaram aqui seus debates, lembrando uns como apoz tanto recitar, tinha a cantoria muito melhor cabida do que os versos nús, outros affirmando que a flauta melhor que nenhuma outra cousa diria com a hora, sitio e calada grande do rio: até que um veio conciliar a diversidade dos pareceres, dizendo que umas cousas não tolhiam as outras, antes podiam ir todas a revezes tendo seu logar: o que assim se cumpriu.

A serenidade da noite junta com as saudades do dia, nos fez achar inefavel doçura nos sons da flauta, que pareciam modulados pela melancolia, e se esvaiam ao longe nos ares. Se ás vezes o acaso nos levava mais para uma das margens, uns frouxos echos de doçura e tristeza se compraziam de repetir a musica e as palmas com que a nós applaudiamos. Emquanto um só cantava em meia voz, e nós o ouviamos calados, a face na mão, e meio reclinados contra o rio, suave nos era escutar como as quasi insensiveis ondas, com som muito mais baixo nos vinham beijar os lados do batel, donde se fugiam partindo com um murmurinho saudoso.

Descemos em terra, e abraçando-nos repassados de egual amisade, e das mesmas lembranças, votamos logo alli nova festa em honra do primeiro dia de Maio, a qual se veiu a fazer, como ao deante o declarará o volume: e todo esse meio tempo de uma até á outra, foi tecido de doces memorias, fantasias poeticas, tenções e esperanças e prazer.

Assim se podia e sabia ainda então passar dias mansos, innocentes e bemaventurados!

Lisboa, 2 de Janeiro de 1837.

(c) As senhoras Mellos, a quem pertence a Lapa e a Quinta das Canas.

te poesia, feita por seis distinctos poetas em 24 de Junho de 1844:

João de Lemos.....Sobre as azas da poesia
A. M. Couto Monteiro. Aqui nos trouxe a amizade.
J. Freire de Serpa..Cantemos na lyra d'ouro
L. da Costa Pereira. Esp'ranças da mocidade,
A. X. R. Cordeiro. E aos bardos da primavera
Augusto Lima.....Mandemos uma saudade.

Subindo ao alto da quinta, encontra-se uma fonte, que é embellezada com o busto do sr. visconde de Castilho, tendo por baixo a seguinte inscripção:

AO
CANTOR
DA
PRIMAVERA
A. F. DE CASTILHO

O illustre poeta, na sua descripção da festa da primavera, que hoje terminamos neste jornal, diz, referindo-se ao anno de 1822, que a Lapa dos Esteios pertencia ás tres senhoras Mellos.

Destas senhoras só hoje existe a exm.ª sr.ª D. Maria Isabel de Mello Freire de Bulhões, esposa do sr. D. José Maria de Vasconcellos Azevedo Silva e Carvajal, conde da Quinta das Canas.

Este cavalheiro franqueia briosamente a sua mimosa quinta a todas as pessoas, que querem ir gozar sitio tão ameno, como é a Lapa dos Esteios.

Ainda hontem de tarde alli tivemos o prazer de, na companhia de um intimo amigo, ler mais uma vez o lindissimo poemeto—*A primavera*—do sr. Castilho.

Como o illustre poeta na sua descripção da festa da primavera, menciona a existencia na Lapa dos Esteios de heras que revestiam os arvoredos e as penhas, e as flores de congossa, que ornavam aquelle ameno sitio; d'alli trouxemos hontem amostras de umas e outras, que enviámos ao nosso prezado amigo, como recordação da sua mocidade.

NOTICIARIO

A Lapa dos Esteios e a primavera—Neste pittoresco sitio á beira do Mondego, ainda se conservam as cinco arvores, que o sr. visconde de Castilho menciona, como existindo no primeiro dia da primavera de 1822, em que alli foi passar alegremente o dia com alguns amigos academicos; e aonde voltou no primeiro de Maio do mesmo anno.

Muitas mudanças e melhoramentos se tem feito na quinta, hoje pertencente ao sr. conde das Canas.

Logo no cimo da escada do primeiro caes, onde desembarcou o sr. Castilho, encontra-se agora a seguinte lapide commemorativa:

AQUI CELEBROU A. F. DE CASTILHO
COM OS SEUS AMIGOS
A FESTA DA PRIMAVERA,
DONDE AO SITIO SE MUDOU O NOME
DE LAPA DOS ESTEIOS NO DE LAPA DOS POETAS.
AQUI VOLTOU
NO QUADRIGESIMO ANNIVERSARIO DA FESTA
DE MAIO,
A 1 DO MESMO MEZ DO ANNO DE 1862.
ESTA MEMORIA
PARA CONVITE E INCENTIVO PERPETUO
AOS CYSNES DE COIMBRA
A MANDARAM AQUI PÔR
NO SUPRA CITADO ANNO
D. JOSÉ MARIA DE VASCONCELLOS AZEVEDO
SILVA CARVAJAL
E
GONÇALO TELLO DE MAGALHÃES COLLAÇO.

Subindo ao primeiro terraço, e sobranceiro ao rio, se vêem mettidas em uma extensa rocha, e a distancia umas das outras, tres lapides. Na do centro lê-se o seguinte:

NO DIA 4 DE MARÇO DO ANNO DE 1872
FOI ESTA LAPA DOS POETAS HONRADA COM A VISITA
DE
S. M. I. O SR. D. PEDRO II DO BRASIL,
QUE D'AQUI LEVOU ALGUMAS FOLHAS DE HERA
PARA MEMORIA.
ESTE PADRÃO MANDARAM AQUI PÔR
OS CONDES DA QUINTA DAS CANAS.

A' esquerda desta lapide se lê n'outra a seguinte quadra:

Que saudades inspiram estas sombras!
Que macias, que lubricas alfombras!
O' poetas, que sitio para amores!
Tem philtros estas aguas e estas flores!
T. Ribeiro.

Na lapide da direita lê-se esta quadra:

Oh! quem entrar nesta gruta
Não faça juras fataes:
Aqui té os freixos amam,
Até as penhas dão ais.
J. F. de Serpa.

No segundo terraço encontra-se, mettida na parede, por cima de um assento, a seguin-

Antonio Nunes Ribeiro Sanches—O famoso medico portuguez Antonio Nunes Ribeiro Sanches, mais conhecido na Russia e em França, do que na sua mesma patria, nasceu em Penamacor no dia 7 de Março de 1699, e falleceu em Paris em 14 de Outubro de 1783. Foi filho do negociante Simão Nunes e de Anna Nunes Ribeiro.

Poucos dias depois de elle fallecer, tratou de se vender a sua numerosa e muito importante livraria. Ha poucos dias podemos ver o interessante catalogo dos seus livros, impresso em Paris em 1783. O titulo desta publicação, traduzido em portuguez, é o seguinte:

«Catalogo dos livros do fallecido Mr. Antonio Nunes Ribeiro Sanches, conselheiro de estado da côrte da Russia, doutor em medicina da Universidade de Salamanca, antigo primeiro medico dos campos e exercito do nobre corpo dos cadetes, e do corpo de sua magestade a imperatriz de todas as Russias. A venda dos quaes se fará na sua casa, rua da *Verrerie*, cemiterio S. João, na segunda feira, 15 de Dezembro de 1783, e dias seguintes, ás 3 horas da tarde.»

O extenso catalogo dos livros de Antonio Nunes Ribeiro Sanches, é precedido de uma curiosa biographia deste distinctissimo portuguez; a qual, quando tivermos occasião havemos de traduzir e publicar no *Conimbricense*.

Theatro Academico.—E' usança academica não terminarem o seu curso os estudantes de Direito sem que dêem uma recita de despedida em beneficio da sociedade Philantropico-Academica. Este costume tem sido observado com poucas interrupções, e o actual curso do 5.º anno não quiz deixar de fazer esta festa tão sympathica. E' esta a occasião solemne em que os mancebos, que durante cinco annos foram companheiros nas lides do estudo, se dizem o adeus da despedida.

Levaram á scena no sabbado, 22 do corrente, a chistosa composição do sr. Palha—*A Fabia*.

Ha muito tempo que não viramos no theatro tão grande numero de espectadores como nesta noute.

O publico assiste sempre gostoso a estes espectaculos, que traduzem nobres sentimentos de confraternidade entre os mancebos academicos, ao mesmo tempo que o seu producto reverte em beneficio dos desvalidos da fortuna.

O espectaculo repetiu-se na segunda feira, havendo tambem grande concorrencia.

Instituto de Coimbra—Vae começar no Instituto de Coimbra uma serie de conferencias interessantissimas.

O sr. Dr. Fernando de Mello fará a primeira no proximo sabbado, 29 do corrente. Fallará sobre a *missão do medico*.

Alem dos individuos que ja ha dias noticiamos haverem-se inscripto para fazer conferencia na classe de sciencias moraes e sociaes e na de litteratura e bellas artes, sabemos que outros muitos se desejam inscrever para fazer conferencia na classe de sciencias physicas e mathematicas, e que o não tem feito ainda em razão do respectivo director não ter podido comparecer no Instituto.

Nova publicação—Vae entrar nos prelos da imprensa da Universidade, uma obra em dois volumes, com o titulo de *Philosophia da historia do Christianismo*, devida ao distincto lente cathedratico da Faculdade de Direito, o sr. Dr. Joaquim Maria Rodrigues de Brito.

O merecido credito adquirido por este illustre professor, tanto em Portugal, como em Hespanha e no Brasil, com o seu valiosissimo livro—*Philosophia do Direito*, de que já se fizeram duas edições, dá-nos a quasi certeza de que a sua nova publicação merecerá a plena approvação das pessoas competentes.

E com obras semelhantes, que o professorado da Universidade se ha de acreditar tanto em Portugal, como no estrangeiro; e por isso muitos louvores merecem aquelles que como o sr. Dr. Brito, são incançaveis em dar á luz o fructo do seu longo e consciencioso estudo.

Socio honorario—Foi nomeado socio honorario da Associação dos Artistas de Coimbra o sr. conselheiro Antonio Rodrigues de Sampaio, ministro do reino.

Processo annullado.—Correu ha alguns mezes em Coimbra a noticia do conflicto que teve o nosso patricio o sr. Abel Martins Ferreira, conego da sé de Evora, com outro conego da mesma sé o sr. Manoel Joaquim Barradas. Seguiu-se a esse conflicto a suspensão do sr. Abel Martins Ferreira, do cargo de governador do arcebispado de Evora, que exercia na ausencia do dignissimo prelado d'aquella diocese. Foi tambem pronunciado sem fiança, vindo para Coimbra e outras terras ordem de prisão contra o sr. Abel Martins Ferreira.

Em vista de taes consequencias muitas pessoas julgaram que teria commettido algum crime muito grave. Todavia aquelle conflicto, succedido na escada do côro da sé, fóra do templo, nem ao menos deixara vestigios para corpo de delicto. E pela falta desta base, e por outras irregularidades, annullou a relação de Lisboa o processo intentado contra o sr. Abel Martins Ferreira. O que quer dizer que lhe fizeram uma perseguição injusta, obrigando-o a estar escondido durante alguns mezes, e assustando sem razão nenhuma as pessoas de sua familia e amizade, com os mandados de captura, que felizmente não tiveram effeito.

O accordão da relação é muito honroso para o sr. Abel Martins Ferreira, e prova a gravissima injustiça com que foi tractado por quem o perseguiu como a um grande criminoso.

Classificação.—Os candidatos ao professorado, que se examinaram neste districto de Coimbra, na segunda epocha de 1872, obtiveram a seguinte classificação:

DISTINCTOS

Francisco Carlos das Neves
João Gama Correa da Cunha
João Nunes da Costa, professor em Villa Cova de Sub Avô, concelho de Arganil
Belmira Candida Gonçalves.
Candida Mathilde Lisboa, professora em Tentugal, concelho de Monte Mór o Velho
Elvira Augusta das Neves Elyseu
Henriqueta Elisa d'Oliveira Lisboa
Julia Augusta Henriques de Almeida, professora na villa de Penacova.

BONS

Antonio Augusto Rodrigues Paula
Antonio Ferreira Pereira, professor em Barcouço, concelho da Mealhada
Antonio Joaquim Gomes
Joaquim Sanches Xavier de Sousa Monteiro, professor em Rio de Vide, concelho de Miranda do Corvo
José Antonio Bazilio, professor em Lamas, concelho de Miranda do Corvo
José Antunes Leitão
Julio da Cunha Mello e Silva
Manoel Sanches de Deus
Delfina de Oliveira Lisboa
Maria Adelaide da Conceição Tavares Nogueira.

A instrucção popular.—Publicamos hoje um communicado acerca da instrucção popular, escripto pelo sr. João Ferreira Pinto de Figueiredo, um dos mais distinctos professores de instrucção primaria deste districto.

São justificadissimas as queixas do digno professor; e para ellas chamamos toda a attenção das pessoas a quem incumbe resolver a importante questão da instrucção popular.

Novo jornal.—Recebemos o primeiro numero do *Jornal de Coimbra*. Damos as boas vindas ao novo collega na imprensa, a quem desejamos todas as prosperidades.

Mercado de Coimbra no dia 25.—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 500 — Dito branco 480 — Dito Celorico mendo 620—Dito grande 510 — Milho branco 340—Dito amarello 330— Feijão vermelho 490— Dito branco da marinha 460—Dito da terra 440—Dito rajado 420— Dito frade 380—Centeio 500—Cevada 300— Favas 400—Tremoços 260 a 270— Chicharos 280—Grão de bico 500— Batatas 240 — Azeite 1$060— Vinho da Beira 800— Dito da Bairrada 960.

O cuco—O nosso amigo o sr. José Maria Rosa de Carvalho nos communica a seguinte historia do cuco da Europa: *cuculus canorus*: Lineu.

«Sr. redactor.—Vamos com a moda. Aqui transcrevo uma charada do meu tempo de rapaz, por me parecer que não vem fóra de proposito.

Depois de co—1
Depois de ci—1
Depois de Março
Cantar o ouvi.

Não advinha? Pois saiba que foi feita ao cuco, o qual chegou no dia 21 do corrente, e de cuja historia lhe vou dar noticia; não só por ser a mais interessante das que dizem respeito as aves da Europa, mas tambem por haver muitas pessoas que ainda não tem d'ella cabal conhecimento.

Direi primeiro que o cuco pertence ás aves trepadoras. Todas as aves de dois dedos para traz, e dois para deante, e com o instincto de treparem pelas arvores, segurando-se em todas as posições, foram nesta ordem collocadas pelos ornythologistas.

O numero dos cucos machos é muito superior ao das femeas: e assim deve ser; porque a femea do cuco é polygama: isto é, tem muitos *maridos*. Ella procura o macho, guiada pelo seu canto. Elle acaricia-a, afaga-a, e anima-a; dando-lhe logo em seguida, outras, e repetidas provas d'affecto.

Este enthusiasmo dura apenas dois dias; e findos elles, tornam-se estas aves quasi indifferentes uma para com a outra.

A femea põe um ovo; abandona-o, e vae procurar novo *marido*. Se em vez d'um encontra muitos, prodigalisa para com todos eguaes attenções. O costume, porem, é baterem-se os machos, e o vencedor ficar de posse.

Segue-se a segunda postura, o segundo abandono, etc. É talvez esta inconstancia que deu logar ao dito do povo—«Que o cuco costuma ir cantar á porta dos maridos cujas esposas lhes são infieis.»

Tenho observado que o cuco gosta de cantar nos sitios mais desertos: como são as mattas, pinheiraes, etc.; porem sempre distante de povoado.

Donde se conclue o seguinte:—Ou é falso o que o povo diz neste particular, ou então é mais uma prova incontestavel, de que as nossas patricias são muito leaes aos seus consortes...

Deixemos as digressões, e voltemos á historia. Poucas pessoas deixarão, hoje, de acreditar que a femea do cuco vae depositar um ovo seu, em ninho alheio: como é no do cartaxo, pisco, carriça, etc., quebrando primeiro os ovos d'aquella ave, a qual choca o ovo, cria o novo cuco.

Tem este ovo sido achado em ninho tão pequeno, e construido sobre hervas tão tenras, que não podiam por certo supportar o peso do cuco no acto da postura. Este facto deu logar a varias conjecturas. Uns ornythologistas diziam que o cuco punha o ovo voando. Outros eram d'opinião de que o transportava segurando-o nos pés. Outros finalmente que o ovo era levado no bico; porque só assim se explica o ser achado dentro do ninho da carriça, o qual tem sempre a entrada mui estreita, e lateral.

Até na côr dos ovos é o cuco mui singular! Uns são ou cinzentos, ou avermelhados, ou azulados, ou esverdeados, raras vezes brancos, e muitas vezes quasi pretos! Outros ovos são pintados, e estas pinturas variadissimas, em côr, e em tamanho.

Aqui tem, em resumo a historia do nosso cuco; devida aos trabalhos, e observações de notaveis ornythologistas.

Concluo dizendo-lhe que o cuco, o rouxinol, e outras aves, vem visitar-nos na primavera, e partem no outono para a Africa: e as que vem passar o inverno entre nós, como são os tordos, partem em Fevereiro ou em Março, para o norte.

Quinta do Espinheiro, 24 de Março de 1873. — *José Maria Rosa de Carvalho.*»

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Manoel da Costa, filho de Francisco de Assis Costa e Joanna Maria da Costa, natural de Coimbra, de 3 annos e meio, fallecido no dia 18 de Março.

Albina da Conceição, filha de Manoel Pereira e Rita Manito, natural de S. Martinho d'Arvore, de 30 annos, fallecida no dia 19.

Emilia Rita, filha de José Soares e Cecilia Rita, natural de Coimbra, de 2 mezes, fallecida no dia 20.

Lino, filho de Joaquim Domingues e Maria da Piedade, natural da Cruz dos Morouços, de 22 mezes, fallecido no dia 22.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada — 4898.

Mercado de Condeixa a Nova — No mercado de terça feira, 25, regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 500 — Dito mourisco 480 — Milho branco 370 — Dito amarello 370 — Feijão vermelho 500 — Dito branco 480 — Dito rajado 430 — Dito frade 400 — Cevada 280 — Tremoços 280 — Grão de bico 440 — Batatas 300 — Vinho 700 — Azeite 1$040 — Vacca 200 — Carneiro 90.

Ultima audiencia geral. — Terminaram hoje as audiencias geraes desta comarca. Foi julgada Margarida Vicencia, de Sernache, pelo crime de infantecidio. Absolvida.

Associação conimbricense do sexo feminino. — O movimento no mez de Fevereiro foi o seguinte:

Saldo que passou do mez antecedente	5:117$785
Receita	79$980
	5:197$765
Despeza	22$700
Saldo que passa ao mez seguinte	5:175$065

As charadas do numero antecedente são — RAPACIDADE — PARTIDO — PUDOR.

O sr. F. M. Simões de Carvalho enviou-nos a decifração de todas tres.

O enygma é — CASSAROLA.

Temos em nosso poder varias charadas e logogriphos, que iremos publicando, conforme nos permittir o espaço.

ANNUNCIOS

1 NO DIA 1.º do proximo mez de Abril, pelas 10 horas da manhã, ás portas do tribunal, perante o exm.º sr. juiz de direito desta comarca, se hãode vender em hasta publica os bens penhorados ao illm.º sr. João Fernandes Thomaz e sua exm.ª mulher, por execução que lhes move a exm.ª sr.ª D. Clara Candida Leite Ribeiro, pelo cartorio do escrivão interino o sr. Nobre.

VENDA DE PROPRIEDADES

2 AS PROPRIEDADES que a Misericordia de Lisboa possue na freguezia de Maiorca, concelho da Figueira, districto de Coimbra, e das quaes é actual rendeiro Antonio Ovidio de Oliveira, acham-se annunciadas no *Diario do Governo*, n.º 37, de 15 de Fevereiro do corrente anno, para irem á praça em diversos lotes, pela seguinte forma:

Perante o ministerio da fazenda no dia 31 de Março de 1873

Lista n.º 922

19	aguilhadas no valor de	798$000
14½	» »	600$000
15	» »	630$000
13	» »	546$000
14½	» »	603$000
22½	» »	761$400
18½	» »	666$000
22	» »	666$000

Perante o governo civil de Coimbra no dia 1 de Abril de 1873

Lista n.º 923

8	aguilhadas no valor de	384$000
9	» »	378$000
12	» »	406$100
12½	» »	421$300
6½	» »	180$000
3	» »	108$000
2	» »	72$000
2	» »	72$000
1	» »	36$000

AMENDOAS

46 Rua da Calçada 48

3 BOM SORTIMENTO, mandadas fazer expressamente em Lisboa.

82 Rua do Visconde da Luz 86

4 VIDRAÇA de grossura regular a 120 rs. o kilo, limpa de retalho.

CAIXAS PARA AMENDOAS

5 VARIADISSIMO sortido e baratissimas.

46 Rua da Calçada 48

6 AVISA-SE o sr. Antonio José da Rocha, empregado em Cantanhede, para que venha prestar suas contas no cartorio do illm.º Cabido de Coimbra, sob pena de procedimento, visto não ter respondido ás differentes cartas que se lhe tem dirigido.

CHAPEUS DE SEDA PARA CHUVA

7 CHEGADOS directamente da fabrica. — Vendem-se desde 2$250 a 8$000 rs.

46 Rua da Calçada 48

FENO

8 VENDE-SE no Choupal uma porção de molhos, por junto ou a retalho, optimo sustento para gado cavallar.

Tracta-se com Francisco Lopes do Valle, na rua da Sophia, n.º 171.

9 NO DIA 6 do proximo mez d'Abril, pelas 11 horas da manhã, na Misericordia da villa de Pereira, se hade proceder á arrematação d'uma obra de cantaria.

Pereira, 24 de Março de 1873.

O cartorario,

Manoel Tavares da Paixão.

10 PRECISA-SE d'um professor de dança. Quem se achar habilitado deixe o seu nome e morada na redacção deste jornal.

Associação dos Artistas de Coimbra

11 A MESA da assemblea geral da Associação dos Artistas de Coimbra convoca a mesma assemblea geral para a proxima quinta feira, 27 do corrente, pelas 7 horas prefixas da tarde, a fim de começar a apreciação da propostas, que lhe estão affectas, e votar alguma d'ellas, se porventura assim o julgar conveniente. O presidente fornece exemplares das mesmas propostas aos socios, que pretendam estudal-as.

Adoptou-se o systema de sessões nocturnas, por parecer que assim se torna mais facil a comparencia dos socios; e mesmo porque as faltas ás sessões tem de ser julgadas em vista dos motivos plausiveis, que as hajam motivado.

Coimbra, 24 de Março de 1873.

O presidente,

Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

NOVA TINTURARIA

Rua do Paço do Conde, n.º 10

12 JOSE' MARIA DOS SANTOS, tinge de todas as côres. Preços commodos.

A PATRIA

Orgão do partido legitimista

13 SAHIU á luz o primeiro numero desta folha, que defende os principios do catholicismo e da legitimidade.

Assigna-se em Lisboa, travessa da Victoria, n.º 42 — 2.º

Preço por trimestre 600 rs.

14 JOÃO CASTANHEIRA DE CARVALHO, faz publico que não empresta dinheiro sobre penhores.

15 NO DIA 30 do corrente mez, por 10 horas da manhã, perante o Dr. Juiz de direito desta comarca, na rua do Correio, e casas aonde morou o Dr. Constancio Floriano de Faria, se hade vender em leilão o espolio que por fallecimento do mesmo foi arrecadado judicialmente. Escrivão Santos.

VENDA E ARREMATAÇÃO

16 NO DIA 1.º de Abril proximo, pelas 10 horas da manhã, á porta da sala do tribunal de justiça desta comarca, e perante o exm.º juiz de direito da mesma, se ha de vender e arrematar em hasta publica o direito e acção d'uns autos de execução, que José Pereira da Costa Lima Grijó, morador que foi n'esta cidade, e já fallecido, moveu a José da Silva Rocha, das Vendas da Santa Anna, Pedro de Mattos, e outros, de Rios Frios, da Costa, e casal da Marteira, cujo direito e acção foi louvado pelos competentes louvados em 180$000 rs., e será vendido e arrematado a quem cobrir a mesma avaliação. É escrivão Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

17 SYNTHESE do orçamento geral e propostas de lei de receita e despeza do estado para o anno de 1873-1874, para uso dos alumnos do terceiro anno juridico, publicado sob a direcção do exm.º conselheiro Dr. Mendonça Cortez, pelo estudante do mesmo anno — Antonio Gomes da Silva Sanches, nomeado *ad hoc*.

Vende-se na livraria de Diogo Pires, á Sé Velha.

18 NO DOMINGO 30 do corrente, pelo meio dia, no edificio da Santa Casa da Misericordia de Coimbra, se hade dar de arrematação o fornecimento da cantaria precisa para as casas de banhos dos collegios d'orphãos e orphãs da mesma Santa Casa.

Os esclarecimentos dão-se no cartorio da Santa Casa.

O cartorario,

José Simões da Silva Junior.

COIMBRA — RUA DA CALÇADA

Proximo á Portagem

ESTABELECIMENTO DE

JOSÉ TAVARES DA COSTA

19 CHEGARAM a este estabelecimento grande variedade de bolaxinhas modernas, biscoito de Hamburgo, excellentes amendoas de Lisboa. Preços baratissimos.

20 PELO JUIZO DE DIREITO d'esta comarca de Coimbra, e pelo cartorio do escrivão Adelino Augusto Pereira de Carvalho, correm e pendem seus devidos e legaes termos uns autos de interdicção, a requerimento de José Maria Monteiro de Figueiredo e sua mulher Josepha Marques de Jesus, d'esta cidade, contra Rita Candida de Menezes, desta mesma cidade, em cujos autos e por sentença do exm.º juiz de direito d'esta comarca, dr. João Telles Trigueiros, e na data de 20 do corrente mez, foi julgada interdictada do exercicio de seus direitos e sujeita á tutella, a dita Rita Candida de Menezes, por ser de seu proprio interesse o ser-lhe dado um tutor que a represente, e faça valer os seus direitos, visto que ella se acha impossibilitada para tanto, como se evidenciou, e ser unanime o conselho de familia em confirmar a materia da petição, e o que tambem se levou á evidencia, pelo depoimento conteste das testemunhas inqueridas, e pelo exame a que se procedeu por peritos competentes na pessoa da mesma interdictada. O que tudo se faz publico em cumprimento do disposto no artigo 319 do Codigo Civil.

Coimbra, 24 de Março de 1873.

ATTENÇÃO
JOSÉ DIAS DE PAIVA

Rua da Louça, n.º 37
Coimbra

21 ENCARREGA-SE DE ARMAÇÕES FUNEBRES, para o que tem eças de differentes gostos e tamanhos, caixões e todos os arranjos precisos para os funeraes.

Tambem se encarrega de armações para festas, tanto na cidade como nas aldeias, o que tudo faz por menos a quarta parte do que qualquer outro o fizer.

Venda de um orgão em Coimbra

22 VENDE-SE um orgão grande, ha pouco acabado de construir, o qual tem a força de 9 registos por banda, e serve para qualquer egreja, ainda que seja muito grande.

Quem o pretender, póde fallar nesta cidade, na rua da Calçada, n.º 85 a 91.

Attenção

23 JOAQUIM AUGUSTO DE CARVALHO E SANTOS, tem no seu estabelecimento, na rua da Calçada, n.º 121 a 127, bons pannos e cazemiras pretas; e bem assim failles pretos para vestidos de senhora, recebidos ultimamente de Lisboa, e que vende por preços muito commodos.

NUMERO 2679 — SABBADO 29 DE MARÇO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL — JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios — Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Mais uma occurrencia lamentavel levou a opposição da camara electiva a patentear o seu desmedido facciosismo politico.

Sem cabedal de ideias ou de argumentos, que revelem o seu patriotismo, o desejo de ser util ao paiz, ou aos povos que representa, a opposição tem dado tristissimo exemplo do que valem as facções partidarias quando a cega ambição do poder, e não um pensamento elevado de administração fundado em principios assentes de escola politica, lhe domina o espirito.

Ha dias propalara-se, com bastante insistencia, o boato de que o partido reformista preparava mais uma provocação insidiosa ao governo, com o fim de excitar as paixões e promover a animadversão contra alguns dos seus membros.

A pesar de a imprensa opposicionista ter desmentido aquelle boato, realisou-se mais esse escandalo, a que a apposição deu a forma de moção de censura ao governo, na pessoa do sr. presidente do conselho e do sr. ministro da fazenda, a proposito do projecto de accordo com a companhia dos caminhos de ferro do norte e leste.

A censura desleal e traiçoeira, que a opposição fulminou, era verdadeiramente um ataque pessoal e directo á honra e honestidade daquelles dois cavalheiros; cujo caracter sómente a *moralidade* da opposição parlamentar se lembrou de pôr em duvida, com o intuito de fazer questão politica, por terem sido estes ministros administradores da companhia dos caminhos de ferro.

Incumbiu-se o sr. Saraiva de Carvalho de ler aquella moção; e logo em seguida o sr. presidente de ministros pediu á camara para votar a urgencia da discussão.

O sr. Fontes Pereira de Mello, com aquella força de energia, que a consciencia costuma inspirar a todos os homens, que acima de quaesquer considerações, prezam a sua dignidade, repelliu a calumniosa censura dos seus adversarios; concluindo por declarar: — que tanto elle como o sr. Antonio de Serpa, apenas lhes constára que alguns deputados da opposição davam a entender que o accordo com a companhia dos caminhos de ferro, fôra effeituado com as bases propostas pelo governo, por assim o julgarem util aos interesses da companhia, os dois ministros, que eram ao mesmo tempo administradores dessa companhia, tinham dado immediatamente a sua demissão deste ultimo cargo, para dissiparem até a sombra de um escrupulo na consciencia da camara.

A' declaração dada em termos os mais cathegoricos pelo sr. presidente de ministros, seguiram-se scenas em que a opposição revelou, ainda mais uma vez, os seus instinctos e os intuitos que a movem.

Depois de varios incidentes em que a opposição cada vez mais compromettia a sua dignidade, teve de retirar a sua moção, declarando que a suspeita não era pessoal; e para não votar a moção politica, que por parte da maioria havia sido proposta, sahiu da sala!

E' tristissimo um tal meio de fazer politica.

Que exemplos de honestidade a opposição está dando ao paiz!

Foi promulgada a lei que proroga o prazo para o registo das hypothecas, concedido pela lei de 15 de Junho de 1871, a que se referem os artigos 1000 e 1019 do codigo civil, e o numero 6 do artigo 150 do regulamento de 28 de Abril de 1870, para os registos de onus reaes de servidão, emphyteuse, subemphyteuse, censo e quinhão.

Esta lei amplia o prazo até 22 de Março de 1875, e sómente por seis mezes, o prazo para a exigencia dos fóros vencidos ao tempo da promulgação do codigo civil, comprehendidos nas disposições do artigo 1695 do mesmo codigo.

MEMORIA DE THEOLOGIA

III

Os christãos novos eram cruelmente perseguidos pelo povo fanatico. Para exemplo mencionaremos as atrocidades praticadas pela gentalha de Lisboa, nos dias 19, 20 e 21 de Abril de 1506, contra os infelizes christãos novos. Deixaremos fallar Damião de Goes, na sua *Chronica de el rei D. Manoel.*

«Tratarei de um tumulto e alevantamento, que se aos 19 dias de Abril deste anno de 1506, em domingo da pascoela fez em Lisboa contra os christãos novos, que foi pela maneira seguinte.

«No mosteiro de S. Domingos da dita cidade está uma capella a que chamam de Jesus, e nella um crucifixo, em que foi então visto um signal, a que davam côr de milagre, com quanto os que se na egreja achavam julgavam ser o contrario, dos quaes um christão novo disse que lhe parecia uma candeia accesa, que estava posta do lado da imagem de Jesus, o que ouvindo alguns homens baixos, *o tiraram pelos cabellos arasto fora da egreja, e o mataram e queimaram logo o corpo no Rocio.*

«Ao qual alvoroço acudiu muito povo, a quem *um frade* fez uma pregação, convocando-o contra os christãos novos, após o que sairam *dois frades* do mosteiro, com um crucifixo nas mãos bradando, heresia, o que imprimiu tanto em muita gente estrangeira, popular, marinheiros de naus, que então vieram de Hollanda, Zelanda, Hoestellanda, e outras partes, assim homens da terra, da mesma condição e pouca qualidade, que juntos mais de quinhentos, *começaram a matar todos os christãos novos que achavam pelas ruas, e os corpos mortos e meios vivos queimavam em fogueiras, que tinham feito na Ribeira e no Rocio*; ao qual negocio lhes serviam escravos e moços, que com muita diligencia acarretavam lenha e outros materiaes para accender o fogo, *no qual domingo de pascoela mataram mais de* **quinhentas pessoas.**

«A esta turma de maus homens *e dos frades*, que sem temor de Deus andavam pelas ruas concitando o povo a esta tamanha crueldade, se ajuntaram mais de mil homens da terra, da qualidade dos outros, que todos juntos á segunda feira continuaram nesta malda-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXLVI

PRETENSÃO DOS ESTUDANTES DA UNIVERSIDADE

Requerimento á rainha em 1797

Senhora — Representam a vossa magestade os estudantes matriculados nas seis faculdades da Universidade de Coimbra, que havendo elles e seus antecessores, recebido repetidas mercês da incomparavel grandeza de vossa magestade, que como augusta protectora d'aquella corporação se empenha constantemente em promover com os mais efficazes estimulos os progressos dos estudos: lembrando-se de que a presente occasião em que a serenissima senhora D. Carlota, princeza do Brasil, com o novo penhor da sua fecundidade assegurou aos portuguezes a perpetuidade da familia real, é a mais propria, para os supplicantes, no meio da alegria publica, se animarem a levar aos pés do throno a presente supplica; estando egualmente persuadidos de que não serão mal acceites por vossa magestade, desejos nascidos dos sentimentos do amor e fidelidade que fazem precisos para os bons vassallos todas as distincções que recebem da real mão de seus augustos soberanos; prostrados aos reaes pés de vossa magestade, lhes pedem a mercê de lhes conceder a faculdade de usar de uma medalha de ouro, pendente da casa do vestido, a qual seja um publico testemunho de haverem recebido algum dos graus academicos, e os faça conhecer entre os mais cidadãos por homens de profissão literaria, e que para este fim só d'ella possam usar os que tiverem recebido, e para o futuro receberem o grau de bacharel, pelo qual lhes confere a Universidade a qualificação de que a mesma medalha ha de ser testemunho, conservando-a perpetuamente todos aquelles que houverem sido condecorados com o dito grau.

Atrevem-se os supplicantes a esperar que esta sua petição achará favoravel acolhimento na presença de vossa magestade, attendendo a que havendo-se vossa magestade dignado intimar á sua Universidade, que em semelhantes occasiões de publico regosijo lhe concederia graças, que fossem compativeis com os progressos dos estudos; a que agora se pede, bem longe de o impedir, servirá muito pelo contrario de estimular á applicação e fazer cultivar as sciencias com maior cuidado: ella servirá de estimular a applicação, porque o bacharel que pela medalha é conhecido por homem de letras, terá pejo de se entregar ao ocio, depois de sair da Universidade, e cuidará em sustentar o caracter que não pode encobrir, para não ser despresivel na sociedade, e tambem porque desta maneira se evitará o risco de que os estudantes negligentes possam enganar a seus paes e familias, fingindo terem feito o acto de bacharel, ou terem sido nelle approvados; porquanto apparecendo com a medalha conhecerão os mesmos paes a verdade, e se livrará a Universidade do peso inutil e contagioso dos preguiçosos e inhabeis, que tanto damno causam a esta corporação.

Alem disto, a ambição de conseguir esta honrosa insignia, convidará a frequentar a Universidade muitos sujeitos habeis, os quaes se não resolvem a entrar n'uma vida laboriosa, pela incerteza de tirarem algum fructo de seus trabalhos.

Finalmente tem a dita graça analogia com outras destinadas para distinguir varias ordens do estado, vindo a ser a dos homens de letras uma insignia correspondente ás de que usam os militares, os cavalleiros, os ministros das relações e tribunaes, e acrescentando as cartas do grau, que ja tinham, e que correspondem ás que tambem se passam a individuos das referidas ordens, o distinctivo publico, e patente de que essas ordens gozam, e a que dos bachareis a sua imitação egualmente aspira.

Vossa magestade quando se digne escutar benignamente a pretensão dos supplicantes, determinará a forma e cunho da dita medalha, a côr da fita de que hade andar pendente, e a maneira com que ha de ser conferida aos futuros bachareis no acto de se lhes dar o grau, e com que a hão de receber os que se acham revestidos do mesmo grau.

Lembrando-se, porem, os supplicantes de que saindo este requerimento de uma corporação literaria, vossa magestade não lhes estranhará porem na sua real presença a forma da medalha, que lhes tem parecido mais propria, assim para indicar o objecto como o auctor e a epocha desta assignalada mercê, se animam a expor a vossa magestade que as

de com maior crueza, e por já nas ruas não acharem nenhuns christãos novos, foram commetter com vaivens e escadas, as casas em que viviam, ou onde sabiam que estavam, e *tirando-os dellas arasto pelas ruas, com seus filhos, mulheres, e filhas, os lançaram de mistura vivos e mortos nas fogueiras, sem nenhuma piedade;* e era tamanha a crueza, *que ate nos meninos e nas creanças que estavam no berço a executavam,* **tomando-os pelas pernas, fendendo-os em pedaços, e esborrachando-os de arremeço ás paredes.**

«Nas quaes cruezas se não esqueciam de *lhes metter a saco as casas, e roubar toda a prata e enxovaes que nellas achavam,* vindo o negocio a tanta dissolução, *que das egrejas tiravam muitos homens, mulheres, moços, moças, destes innocentes, desapegando-os dos sacrarios e das imagens de nosso Senhor, e de nossa Senhora, e outros santos, com que o medo da morte os tinha abraçados, e d'alli os tiravam, matando e queimando mixticamente, sem nenhum temor de Deus, assim a ellas, como a elles.*

«Neste dia pereceram mais de **mil almas,** sem haver na cidade quem ousasse de resistir, pela pouca gente de sorte que nella havia, por estarem os mais dos honrados fora, por causa da peste. E se os alcaides e outras justiças queriam acudir a tamanho mal, achavam tanta resistencia, que eram forçados a se recolher a parte onde estivessem seguros, de lhes não acontecer o mesmo que aos christãos novos.

«Havia entre os portuguezes, que andavam encarniçados neste tão feio e inhumano trato taes, que por se vingarem do odio e malquerença que tinham com alguns christãos lindos, davam a entender aos estrangeiros que eram christãos novos, e nas ruas, ou nas casas onde os iam saltear os matavam, sem em tamanha desventura se poder pôr ordem.

«Passado este dia, que era o segundo desta perseguição, tornaram á terça feira estes damnados homens a proseguir em sua crueza, mas não tanto como nos outros dias, *porque já não achavam quem matar,* por todos os christãos novos que escaparam desta tamanha furia, serem postos em salvo por pessoas honradas e piedosas, que nisso trabalharam tudo o que nelles foi, e o tempo e desordem delle lhes poude conceder; sem poderem evitar que não perecessem neste tumulto mais de **mil e novecentas almas**, que tanto se achou por conta que mataram estes maus e perversos homens, no que passaram a mor parte daquelle dia, no qual á tarde acudiram á cidade Ayres da Silva, regedor, e Alvaro de Castro, governador, com a gente que poderam ajuntar de suas valias, sendo já quasi acabado e pacifico o furor desta gente, *cançada de matar, e desesperada de poder fazer mais roubos, dos que ja tinha feitos.*»

D. Manoel, que se achava em Aviz, em caminho de Beja, aonde ia ver sua mãe D. Beatriz, soube alli destes horrorosos assassinatos e roubos, commettidos em Lisboa.

Mandou logo á capital o prior do Crato, e D. Diogo Lobo, barão de Alvito, com poderes para castigar os que se achassem culpados. Com effeito foram muitos presos e enforcados, e os dois preversos frades de S. Domingos, que tinham andado com o crucifixo pela cidade, a proclamar e dirigir os assassinatos, depois de lhes serem tiradas as ordens, foram sentenceados e queimados.

Succedia isto em 1506; mas passados alguns annos, já esquecido D. Manoel destas atrocidades, e voltando ao seu systema de intolerancia, tratou de estabelecer a inquisição em Portugal, para o que solicitou do papa, em 1515, por intervenção do seu embaixador em Roma, a competente bulla. Foi esta a primeira tentativa para haver inquisição neste reino; e ainda que esta pretensão de D. Manoel não teve por então resultado, serve para provar que o motivo por que se desejava a creação deste tribunal, era exclusiva, ou quasi exclusivamente por odio aos christãos novos, e não aos sectarios de Luthero, pois que este heresiarcha, só dois annos depois, em 1517, é que se insurgiu na Allemanha contra a auctoridade pontificia.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

Julgamentos nas audiencias geraes. — Nas audiencias geraes desta comarca, que findaram na quarta feira, houve 13 dias de audiencias com 27 julgamentos, em que foram julgados 29 reus, accusados dos seguintes crimes:

Homicidios 2—infantecidios 2—attentados contra o pudor 2—ferimentos 8—furtos 13—corte d'arvores 1—envenenamento d'aves 1.

Estes reus foram julgados da forma seguinte:

Nos crimes de homicidio, foi um condemnado em 6 annos de prisão maior cellular, seguida de 12 annos de degredo em Africa, e na alternativa na de 10 annos de prisão maior simples; e outro em prisão maior cellular perpetua, e na alternativa em trabalhos publicos perpetuos em Africa.

Nos crimes de infantecidio foram ambas as accusadas absolvidas.

Nos crimes de attentado contra o pudor, foi um dos accusados absolvido, e outro condemnado em 2 annos de prisão.

Nos crimes de ferimentos, foi um dos accusados condemnado em 4 mezes de prisão e 7 absolvidos.

Nos crimes de furto, foram duas accusadas condemnadas em 5 annos de degredo em Africa;—um em 3 annos de degredo em Africa;—tres em 2 annos de prisão; — dois com o tempo que tem estado presos;—e cinco absolvidos.

No crime de corte d'arvores, foi o accusado absolvido.

E no crime de envenenamento d'aves, foi tambem o accusado absolvido.

Nestas audiencias geraes houve só dois reus que tiveram além do ministerio publico, parte querellante, sendo um d'elles absolvido, mas houve recurso de revista, e o outro tambem absolvido e o auctor condemnado nos custas.

Dos 29 reus, foram 17 absolvidos e 12 condemnados.

Camara de Coimbra.—Na sessão ordinaria de 27 de Fevereiro, sob a presidencia do sr. Dr. Lourenço d'Almeida e Azevede, estiveram presentes os srs. vereadores Dr. Albuquerque, Oliveira Reis, Ferraz, Cabral, Hypolito e Moura.

Abertura da sessão á uma hora da tarde. Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Lida a correspondencia e despachados os requerimentos das partes, foram apresentadas pelo vereador Albuquerque e approvadas pela camara as seguintes condições:

1.ª Na rua da Sophia seguirá pelo lado d'oeste o caminho de ferro.

2.ª No caes passará o caminho encostado á cidade tanto quanto possa ser.

3.ª As carroagens terão paragens obrigatorias na praça de S. Bartholomeu, largo da Portagem, Calçada em frente do Arco d'Almedina e em Samsão.

4.ª Pelo transporte de cada passageiro e de 15 kilos de bagagem, não se póde exigir preço superior a oitenta reis, ainda que seja por todo o trajecto da linha.

5.ª Dez minutos antes da chegada de qualquer dos comboios á estação do caminho de ferro de Coimbra, estará junto da mesma estação uma carroagem para o transporte dos passageiros.

6.ª Os trens não pódem ser conduzidos a galope desde as portas de Santa Margarida, nem a mais de passo na passagem da rua da Calçada para o largo da Portagem e na rua das Solas.

7.ª Dez minutos antes de passarem as carroagens mandarão os concessionarios duas pessoas para os pontos indicados na condição anterior, a fim de advertirem o publico da proxima chegada das carroagens e estar desembaraçado o transito da via ferrea.

8.ª Será transportado gratuitamente nas carroagens um empregado de policia municipal, incumbido de fiscalisar o cumprimento das prescripções respectivas a este caminho americano.

9.ª Os concessionarios satisfarão todas as mais prescripções de policia, que pela camara municipal de Coimbra lhes forem impostas.

10.ª A transgressão de qualquer das disposições mencionadas será punida com a multa de 1$000 reis a 5$000.

Os vereadores Oliveira Reis e Cabral mandaram para a mesa a seguinte declaração;

«Votámos contra a concessão do caminho de ferro americano, por nos parecer inaceitavel em parte e que deve trazer muitos inconvenientes:

1.º Entendemos que não devia percorrer o caes novo, por ser um passeio publico muito concorrido, e se fazer alli a feira annual de S. Bartholomeu e não haver outro sitio adaptado para ella.—2.º Porque sendo o trajecto a percorrer a avenida do caes das Ameias, rua das Solas até á praça de S. Bartholomeu sem capacidade para passar mais do que um vehiculo, a passagem n'estes sitios offerecerá muitos inconvenientes e perigos. Por estas razões só approvariamos a concessão desde a estação do caminho de ferro até ao largo da Portagem.»

Deliberou-se mais pedir ao director das obras publicas e ao das obras do Mondego o seu parecer ácerca das propostas apresentadas para o fornecimento das aguas.

Em attenção a ser muito dispendioso o primeiro lanço da estrada de Coimbra ao Pizão, comprehendido entre a ponte d'Agua de Maias a Eiras, deliberou-se requerer que fosse substituido por um lanço a começar na Ponte dos Asnos até Eiras. Deliberou-se pedir a concessão de uma cadeira de ensino primario para o sexo feminino no bairro alto desta cidade, promptificando-se a camara a fornecer casa e mobilia.

Que fossem annunciadas para venda em hasta publica, varias obras de talha dourada, pertencentes aos retabulos de uma antiga capella.

Levantou-se a sessão ás 3 horas da tarde.

Cadeiras a concurso. — Foram mandadas pôr a concurso pelo espaço de 20 dias, a contar de 30 do corrente, as seguintes cadeiras de instrucção primaria do sexo masculino, neste districto.

Paião, no concelho da Figueira; Mira; Rio de Vide, no concelho de Miranda do Corvo; Ereira, freguezia de Verride, e Valle Grande, freguezia de Revelles, ambas do concelho de Monte Mór o Velho; Lourosa, no concelho de Oliveira do Hospital; Farinha Podre, no concelho de Penacova; e Mouronho, no concelho de Taboa.

Foram tambem mandadas pôr a concurso as cadeiras de instrucção primaria do sexo feminino, de Midões, no concelho de Taboa; e de Penacova.

---

circumstancias referidas se poderão talvez designar com propriedade pela figura de Minerva, com as armas reaes no escudo, coroando de louro um mancebo que se apresenta de joelhos com a epigraphe—*Filiis bene merentibus academia conimbricensis mater*—e no exergo—*Beneficio Mariæ I reginæ fidelissimæ* MDCCXCVII.

Mas qualquer forma que vossa magestade for servida dar á dita medalha, elles a receberão com o maior respeito e gratidão, como singular mercê de sua soberana e generosa bemfeitora.

Os supplicantes concluem esta respeitosa e humilde representação, prostrando-se aos pés do throno, não só para rogarem a vossa magestade attenda ás suas instancias, filhas do ardente desejo de serem honrados por sua augusta soberana como cidadãos que se destinam para o serviço publico na carreira das letras; mas muito especialmente para offerecerem ao ceu seus mais fervorosos votos pela felicidade de vossa magestade, e de toda a real familia, da qual depende a felicidade, a segurança, e a mesma existencia de toda a nação portugueza.

E. R. M.

Carta dos estudantes ao reitor o principal Castro

«Exm.º sr. principal reformador reitor.—A corporação dos estudantes desta academia, bem persuadidos da obediencia que deve prestar ao seu vigilantissimo prelado, e singular protector, que reconhece em v. ex.ª; depois de beijar-lhe reverentemente a mão, vae expor na respeitavel presença de v. ex.ª as suas actuaes pretensões, estando certa de que tendendo ao progresso literario, hão de ser por v. ex.ª com benignidade recebidas, e efficazmente protegidas.

Consistem, pois, exm.º sr., as nossas pretensões, em supplicar a sua alteza real o principe nosso senhor, a graça de determinar que esta corporação, depois de receber o grau de bacharel, que a cada um constitue habil para servir a sua magestade nos differentes ramos da administração publica, seja assignalada com um distinctivo publico, o que é bem conforme ao systema do nosso governo, e de que ha pouco temos exemplo na reforma sabiamente feita por sua magestade em differentes corporações do estado.

Examinando, porem, exm.º sr., qual seja este distinctivo, parece-nos que o mais conforme é uma pequena medalha de ouro, em que esteja esculpida Minerva e o mocho de um lado, por ser este o brazão da nossa academia, e da outra uma inscripção allusiva ao que semelhante distinctivo significa, v. g.—*honos aliit artes*—a qual medalha deverá trazer-se pendente ao peito, conferindo-se para o futuro ao tempo em que se confere o grau de bacharel, e permittindo-se aos que já o receberam, a liberdade de usar della.

Incorreriamos, exm.º sr., em justa censura, se nos adiantassemos a propor a v. ex.ª as razões, que persuadem a justiça desta nossa supplica, a honra e os vantajosos progressos, que a concessão desta mercê dará ás letras do nosso reino. Largamente expendemos as circumstancias no nosso requerimento, cuja copia temos a honra de offerecer a v. ex.ª pelos nossos procuradores.

Esta mercê, que bem considerada em todo o tempo, poderiamos recorrer a sua alteza real, é a que na presente occasião nos parece mais a proposito impetrar, porque a submissão e respeito devido ás sabias intensões da nossa soberana, que se nos intimaram na ultima carta regia de mercê, feita a esta corporação, a honra desta academia, e finalmente o desejo que temos de corresponder aos sublimes designios do seu preclarissimo prelado, que a todos são manifestos, nas muitas e sapientissimas providencias com que incansavelmente procura eleval-a á maior distincção, não só nos prohibem, mas tambem nos fazem detestar a impetração da dispensa de actos; apezar de que podendo dar-se alguns entre nós, ainda que poucos, que esquecidos d'estas reflexões pretendam requerel-a, preferindo o seu particular interesse ao lustre de toda a academia, nos consideramos obrigados a attestar a v. ex.ª, que neste voto não concorda o total da nossa corporação, cujas pessoas representam os seus procuradores abaixo assignados, e só intentamos supplicar a sua magestade a concessão do referido distinctivo.

Seriamos justamente reprehensiveis, exm.º sr., se esquecendo-nos das evidentes provas com que a experiencia nos tem mostrado as insignes e estimaveis qualidades de v. ex.ª, julgassemos necessario implorar a honrosa e efficaz protecção de v. ex.ª, a favor da nossa causa, e ainda mais certo que nella tem em v. ex.ª a principal protecção pela gloriosa epocha que vem fazer no illuminado governo de v. ex.ª.

Temos a honra de ser de v. ex.ª—Exm.º sr. principal reitor reformador—muito humildes e reverentes subditos.»

Desgraça. — Hontem, um almocreve que conduzia algumas cavalgaduras na rua dos Sapateiros, foi derrubado por um carro que alli passava nessa occasião, de que resultou fracturar-se-lhe uma perna.

O rouxinol.—Este mimoso cantor da primavera está a chegar. Por todo o mez de Abril ouviremos os seus doces e suavissimos gorgeios. Esta ave, que habita os paizes das rosas, das acacias, da murta e da magnolia, parece trazer para as regiões temperadas os perfumes deliciosos e explendidos da sua terra natal.

Vive em todas as estações em muitas partes da Asia, da Africa, e da Europa. A voz admiravel desta ave tem sido celebrada em prosa e verso pelos mais eloquentes escriptores. O seu instincto de emigração é tão grande, que apparece até em paizes frios, como na Inglaterra, Suecia e até na Siberia.

E' na primavera, que o cantico do rouxinol ostenta a sua maior opulencia. E' na epocha dos amores e da creação da prole, que esta ave canta os mais expressivos e melodiosos trechos da sua arte, celebrando assim a santa alegria da maternidade e os doces prazeres da familia. O seu cantico nocturno é sempre mais suave, esplendido e inspirado. Em noites de luar, de ceu sereno, e de ar perfumado, quem deixou de extasiar-se a ouvir a voz maviosa do rouxinol, tão cheia de melodias e de encantos? Dentro de poucos dias teremos nos arredores de Coimbra e nas margens do Mondego este hospede mimoso da primavera, que vem animar a solidão dos campos com os seus trinados amorosos e canções suavissimas.

Amor da patria—O amor da patria é um dos sentimentos mais nobres do homem, e que em todas as epochas tem inspirado acções verdadeiramente heroicas. Quem vive expatriado sente todos os dias as saudades da terra natal a torturar-lhe o espirito e a enegrecer-lhe a existencia.

É conhecida na Suissa uma canção nacional muito popular, intitulada *Ranz* das vaccas. Esta musica imita o mugido do gado nas montanhas, o echo dos valles e dos lagos, e traz sempre á memoria os primeiros amores, os carinhos dos paes, as doces relações de familia e os encantos da patria.

Esta musica produz tal impressão nos suissos, desperta-lhes por tal forma os sentimentos de patriotismo, que foi preciso prohibir que se tocasse diante dos soldados suissos ao serviço da França e da Hollanda, para evitar a deserção a que não podiam resistir estes bons e leaes soldados.

Os sinetes—O uso de lacrar e sellar as cartas e papeis de importancia é muito antigo. Empregaram-se sempre para este fim varios metaes, marfim, agatha e outras pedras, ou em forma de anneis, ou munidos de cabos de feitio mais ou menos elegante.

A historia conservou a memoria das figuras gravadas nos sinetes de alguns homens celebres. O de Julio Cesar consistia em uma imagem de Venus. O de Augusto era a figura de uma Esphinge. O de Pompeu, um cão e a proa de um navio. Seleucus, rei da Syria, uma ancora. Polycrato, uma lyra. Entre os primitivos christãos era frequente o monogramma de Christo. O sinete de Francisco I tinha a figura de uma salamandra, e o de Luiz XIV a imagem do sol.

Moedas—A primeira moeda dos gregos foi cunhada com a figura de um boi. Posteriormente empregaram-se outros symbolos. Os athenienses empregavam um mocho; na Beocia a effigie de Baccho; e em Rhodes o disco do sol. Entre os romanos usou-se por muito tempo no anverso das moedas a cabeça de Jano e no reverso a proa de um navio.

O vinho na edade media—Era costume na edade media, principalmente na Allemanha e França, offerecer amostras de vinhos mais delicados e de maior fama na localidade, ás pessoas importantes que entravam em qualquer cidade. Havia geralmente quatro copos especiaes para esse fim. O primeiro servia para o vinho de leão, o segundo para o vinho de carneiro, o terceiro para o vinho de macaco, e o quarto para o vinho de porco.

Representavam estes quatro symbolos os caracteres moraes que resultavam do uso das quatro qualidades de vinho, porque o de leão excitava a generosidade e coragem, o segundo produzia um estado de aprazivel mansidão, o terceiro inspirava uma alegria travessa e buliçosa, e o quarto uma prostração e torpor repugnantes.

A prata—Este metal é mais sonoro e elastico do que o ouro. A sua ductilidade é tão grande, que se pode reduzir a folhas finissimas, sendo necessarias 8:000 para formar a espessura de 2 milimetros e meio. Um gramma pode converter-se em um fio de 2:550 metros de comprimento. As mais celebres minas de prata são na America as do Mexico, Peru e Estados Unidos, e na Europa, as da Noruega, Saxonia, Hungria, Transilvania, etc.

O numero sete.—Os antigos tinham por este numero um respeito supersticioso, e Pythagoras attribuia-lhe grande poder na manutenção da harmonia universal.

Sem pretendermos descortinar a origem desta singular veneração, é um facto extremamente curioso a intima relação deste numero com muitos e interessantes phenomenos. Ha sete notas de musica, sete cores no espectro solar, e sete dias em cada phase lunar. E' frequente este numero em muitas cerimonias religiosas e certas instituições civis.

Na cosmogonia dos Persas sete genios formavam o cortejo de Ormuzd, e era costume conservar acceso o fogo sagrado em sete altares. Cadmus e Hermione construiram sete portas em Thebas. As sete lampadas de ouro, as sete estrellas, os sete sellos, os sete anjos, e outros muitos exemplos mostram, que este numero era um symbolo magico, representando certos factos divinos, e certos phenomenos e ceremonias idolatras. Ainda hoje temos na religião os setenarios, e na medicina os dias criticos de certas molestias, aggravando-se ou diminuindo os symptomas de sete em sete dias.

Morte de homens notaveis.—Cesar, Cicero, Esopo, Henrique IV, e Archimedes foram assassinados. Socrates, Aristoteles, e Alexandre o Grande foram envenenados. Epaminondas, Ruyter, Turenne, Gustavo Adolpho e Carlos XII tiveram morte violenta. Bruto e Annibal suicidaram-se. Scipião, Camillo, Themistocles, Napoleão, Dante e Ovidio morreram no exilio. Tasso succumbiu encarcerado em masmorra. Homero, Christovão Colombo, Camões, Cervantes, Corregio e Mozart morreram ao desamparo victimas, da miseria.

Guarda-chuvas—O uso dos guarda-chuvas, conhecido na China e India, desde tempos immemoriaes, só foi introduzido em França em 1630. Ao principio, só as mulheres se serviam delles. Actualmente Paris realisa todos annos neste ramo de industria mais de 10 milhões de francos.

Laconismo militar—La Rochejaquelin, dispondo seus soldados para uma batalha decisiva, fallou-lhes nos seguintes termos: sigam-me se eu avançar, matem-me se retirar, e vinguem-me se morrer.

Os poetas e pintores—Disse um escriptor, que os poetas pintam com a palavra, e os pintores fallam com o pincel.

Boa resposta—Um poeta compoz uns versos em honra de Napoleão, e fez outros em honra da restauração. Quando Luiz XVIII recebeu os segundos, disse ao auctor; são bellos estes versos, mas os primeiros eram melhores ainda—Tem rasão V. M., respondeu o poeta, mas a poesia é em geral mais feliz na ficção que na realidade.

Pensamentos. — La Rochefoucauld definiu a seriedade, um mysterio do corpo para dissimular os defeitos do espirito. Confucio, philosopho chinez, tambem disse, que a seriedade é a casca da sabedoria, mas que serve para a conservar. Talleyrand disse a respeito da sinceridade e franqueza, que a palavra foi concedida ao homem para disfarçar o pensamento.

A vingança do sargento.— Recebemos o terceiro e ultimo volume do interessante romance—*A vingança do sargento.* Nada mais temos a acrescentar em louvor deste romance, do que aquillo que dissemos por occasião da publicação dos dois primeiros volumes. A empresa da *Bibliotheca Universal* continua a ser muito digna da protecção do publico.

O Instituto—Publicou-se o n.º 10 do *Instituto.* Contem os seguintes artigos:

Necrologia academica—Francisco Antonio Alves—por *A. A. da Fonseca Pinto*—Antonio da Cunha Vieira de Meirelles—por *A. Filippe Simões.*

As raças historicas da peninsula iberica e a sua influencia na jurisprudencia portugueza (3.º artigo)—por *Julio de Vilhena.*

Noções de geometria descriptiva—por *José de Saldanha O. e S.*

Chimeras—(a Augusto Sarmento)—(poesia)—por *G. Crespo.*

Sempre-noiva—Chronica eborense—por *A. Filippe Simões.*

Egreja de Sant'Iago em Coimbra—por *A. M. Simões de Castro.*

Medico na Gollegã. — Consta-nos que o sr. Lino de Macedo, medico distincto, e actualmente retirado da politica e dos principaes centros scientificos, vae estabelecer sua clinica medico-cirurgica em a villa da Gollegã.

Os conhecimentos medicos e litterarios do nosso amigo, já bem conhecido em todo este paiz e no estrangeiro, a sua notavel circumspecção, a diligencia que emprega á cabeceira dos doentes, e em fim a sua muita pericia na arte, que exerce, tudo são garantias para aquella povoação, onde esperamos que o sr. Lino de Macedo alcançará as mesmas palmas e louros viçosos, que lhe tem dado nome em todos os paizes, onde é notavelmente conhecido.

Bellezas das touradas.—No *Jornal do Porto* do dia 25, lê-se o seguinte:

«Hoje pelas 3 e meia horas da madrugada, quando entravam para a praça da Aguardente os touros que tem de ser corridos de tarde, vindo dos Carvalhos, um d'elles fugiu da manada, e foram inuteis os esforços praticados para o segurar.

O bicho começou a percorrer diversas ruas, onde causou varios estragos.

Ao chegar á rua de Villar, ás 5 horas da manhã, estava occupado em apagar as luzes o lampianista José de Sousa, de 57 annos de edade, morador á Torrinha, natural de Ancede, concelho de Baião.

José de Sousa, quiz fugir do terrivel animal, mas não poude, e sendo agarrado pelas costas foi arremessado ao chão, ficando gravemente ferido nas costas e na cabeça.

Continuando o touro a sua marcha, chegou pouco depois á alameda de Massarellos, e ahi os seus estragos foram mais serios.

Desfez a guarita da barreira, e atirando ao chão com um tal Lourenço, de 60 annos de edade, trabalhador da fabrica da fundição que alli ha, matou-o instantaneamente.

Um companheiro d'este, que se chama Manoel Vieira, conta 50 annos de edade, e é natural de Guimarães, não lhe escapou ás furias; mette-lhe um dos galhos no sovaco do braço esquerdo e traspassou-lh'o alem de lhe fazer varias contusões.

Os dois feridos foram immediatamente conduzidos ao hospital real de Santo Antonio onde estão em tratamento.

Antes destes factos o animal, ao passar ao quartel do Carmo, quiz atacar a sentinella, porem felizmente não lhe causou damno.

Depois da desgraçada investida em Massarellos, diz-se que voltára em direcção a esta cidade, e que até esta hora (8 da manhã), já soffrera dois tiros, com os quaes ainda não conseguiram matal-o.

Quer o morto, quer o seu companheiro, dirigiam-se para a missa áquella hora.

Não sabemos por em quanto de mais desgraças, mas é muito de crer que não ficassem as cousas só nos factos que ahi narramos.»

Noticias de Hespanha—Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

«As folhas madrilenas de 23 chegadas ante-hontem trazem-nos a noticia, já sabida pelos telegrammas, da votação da lei, abolindo a escravatura em Porto Rico, com uma emenda obrigando os escravos a contratarem os seus serviços, ao menos por tres annos, e estabelecendo a indemnisação, que será o valor do escravo, pago ao possuidor no prazo de seis mezes. Formou-se depois a commissão permanente que é composta de 20 membros, e mais os 9 da mesa, e entrando 14 radicaes republicanos, 8 republicanos federaes, 4 conciliadores, 2 conservadores e 1 affonsista.

Confirma-se a noticia do regresso, a Madrid, do general Contreras. Foram presos os socialistas auctores dos tumultos de Salvatierra. Em Salvaleon e Feria já foram entregues as terras repartidas aos seus respectivos proprietarios. As casas queimadas em Burguilhos foram 17.

O *Imparcial* diz que o sr. Figueras voltou completamente desalentado de Barcelona, pois não conseguiu que a deputação provincial revogasse uma unica das suas deliberações. Os empregados das principaes linhas ferreas pediram ao governo para se defenderem. No quartel de Atarazanas, em Barcelona, houve uma explosão de polvora, ficando 5 soldados feridos.

Em Cartagena verificou-se uma manifestação federal, tomando parte n'ella o povo, a marinha e o exercito. Nas tropas que commanda o general Hidalgo houve novas insubordinações. Agora foi o batalhão de caçadores de Reus, que se achava em Valls; a soldadesca desenfreada por pouco que não matou dois officiaes, e toda a officialidade do corpo teve de o abandonar e foi ter com o general que estava a quatro leguas de distancia. Somente o tenente coronel é que teve prestigio bastante para conservar o seu posto. O general Hidalgo mandou logo ordem para o batalhão retirar a Tarragona, indo outras forças substituil-o para continuar a campanha contra os carlistas.

Esta noticia produziu muita sensação em Madrid, por se ter dito alli quasi officialmente que estava de todo restabelecida a disciplina no exercito.

A crise ministerial, que algumas folhas madrilenas querem dar como existente, seria motivada por os srs. Castelar e Acosta não se quererem conformar com a politica de contemporisação que os seus collegas desejam adoptar, e desejarem restabelecer a disciplina no exercito e o imperio da lei por meio de uma politica energica e accentuada.

Movimento carlista

Saballs, á frente de 2:000 homens e 3 peças de artilheria apossou-se effectivamente de Ripoll, como nos disse o telegrapho. Um cabo e 8 carabineiros fizeram-se fortes no ponto denominado San Eudaldo, mas os carlistas rodearam-os de chammas, morrendo logo dois asfixiados e rendendo-se os sete restantes, que foram passados pelas armas acto continuo. Ripoll fica a dez leguas de Gerona.

Uma carta dirigida pelo general Contreras a um deputado, diz que a columna do coronel Vega teve um encontro com uns 2:000 carlistas que occupavam as alturas de Santa Lucia e San Hipolito. A columna bateu-se desde as 8 da manhã ate á uma da tarde, jogando a artilheria. Os carlistas tiveram 20 mortos e 60 feridos e a columna 2 mortos e 5 feridos.

Madrid, 26, ás 6 h. e 30 m. t.—Assegura-se que no conselho de ministros de hontem á noite se tratou das graves questões pendentes. O «Imparcial» persiste em assegurar que ha crise. Os intransigentes mostram-se satisfeitos com a attitude de Figueras. Activa-se o armamento dos batalhões de voluntarios.

Noticias de Lisboa—O correspondente do *Commercio do Porto* diz em data de 27 do corrente o seguinte:

«A proposta do governo para auctorisar o Banco Commercial, de Braga, a emittir notas, já tem parecer favoravel e é provavel que seja amanhã apresentado na camara. É relator o sr. deputado Arrobas.

Foi approvado o orçamento geral de 1872 a 1873.

Tambem foram approvados os orçamentos supplementares das camaras municipaes de Castello Branco e Coimbra.

Foi demittido do logar de escrivão da camara municipal de Villa Velha de Rodão, o sr. José Augusto de Sousa.

Foi confirmada a nomeação do sr. João Antonio de Carvalho para o logar de escrivão da camara municipal de Mourão.

Como eu hontem disse, falla-se na proxima apresentação por parte do governo de uma proposta de lei regulando as fallencias das companhias do caminho de ferro.

Consta que os fundamentos da proposta são os seguintes:

1.º que não pode proceder-se na fallencia de uma companhia de caminho de ferro como se procede na de um commerciante ou de qualquer outra companhia, porque os caminhos de ferro, com todo o seu material fixo, edificios accessorios e dependencias são do dominio publico inalienavel e imprescriptivel.

2.º Porque a exploração dos caminhos de ferro é um serviço publico, que não pode ser impedido ou interrompido em nome e por segurança de interesses e direitos individuaes.

3.º Porque não tendo, as emprezas para

satisfazer os seus encargos, senão o producto da exploração, se ella fosse suspensa ou perturbada ficariam os credores sem meios de reembolsar os seus capitaes.

4.º Porque dada a hypothese menos desfavoravel e sendo impreterivel necessidade de substituir a administração da companhia ou de vender em hasta publica a concessão, é incontestavel o direito que o estado tem de intervir n'estes actos.

Hontem pelas 9 horas da noite desencarrilou o comboyo de mercadorias á entrada das agulhas na estação da Moita, ficando a machina e 3 wagons arruinados, e o fogueiro morto, em consequencia de ter saltado fóra da machina.

Ignora-se o que deu lugar a semelhante desgraça.

Attribue-se á falta de pessoal da fiscalisação, que de dia para dia se está tornando bastante sensivel.

Mandou-se elevar a 15:000$000 reis a verba de 10:000$000 reis, auctorisada para o lanço da estrada real n.º 32, entre a Torrente do Inferno e a ponte de Cavez, no districto de Braga.

A «Gazeta de Macau e Timor» de 4 de Fevereiro, no artigo principal, louva a portaria do sr. visconde de S. Januario ácerca da expiração dos contractos dos emigrantes chinezes.

LOGOGRIPHO POSTO A PREMIO

Offerecido aos assignantes do Conimbricense.

Prazo 3 dias—Premio—Biographia de Lamennais.

E' materia animal.........14,13,16,15,12.
Esta agora é atadura.......16,1,19,2,3,19.
Uma pedra aqui te mostro...9,21,7,19,3,16,17,19.
E uma arvore silvestre.....4,16,5,4.
Eis aqui agora um hymno...6,10,19,11.
Diz que é do oriente.......8,4,4.
Esta moeda d'outr'ora......18,4,14,7,19.
Uma ave bem bonita........20,4,20,4.
E por fim uma rabeca.......21,7,14,10,14,4.

CONCEITO

Sempre escuro como a noite.

Coimbra 29 de Março de 1873.

E. A. Paes de Villas-boas.

ANNUNCIOS

Associação dos Artistas de Coimbra

1 SEGUNDA FEIRA, 31 do corrente, pelas 7 horas prefixas da tarde, reune a assemblea geral, para continuação dos trabalhos pendentes.

As escusas hão de ser apresentadas em devida fórma, visto que tem de ser archivadas.

Coimbra, 29 de Março de 1873.

O presidente,

Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

Aviso ás Senhoras

2 EXPOSIÇÃO DE LIVROS DE MISSA. Domingo, 30 do corrente, na **Livraria Academica.** — 183 — Rua da Calçada — 185.

FENO

3 VENDE-SE no Choupal uma porção de molhos, por junto ou a retalho, optimo sustento para gado cavallar.

Tracta-se com Francisco Lopes do Valle, na rua da Sophia, n.º 171.

AGRADECIMENTO

4 ANTONIO DE FREITAS BARROS, summamente penhorado pelas provas de amizade, que recebeu de grande numero de pessoas, não só desta cidade, como de fóra della, por occasião da grave doença por que acaba de passar; vem por este meio, em seu nome e de sua familia, agradecer a todos; pedindo desculpa de o não fazer pessoalmente, como desejava, por não lho permittir por emquanto o seu estado de saude.

CHAPEUS DE SEDA PARA CHUVA

5 CHEGADOS directamente da fabrica.—Vendem-se desde 2$250 a 8$000 rs.

46 Rua da Calçada 48

LIVROS MODERNOS

6 CONTINUAM á venda na Livraria Universal, rua do Visconde da Luz, todas as obras que recentemente se vão publicando. Na mesma livraria se encontram todos os livros escholares, incluindo os dos primeiros rudimentos por J. S. Bandeira.

ATTENÇÃO

JOSÉ DIAS DE PAIVA

Rua da Louça, n.º 37 Coimbra

7 ENCARREGA-SE DE ARMAÇÕES FUNEBRES, para o que tem eças de differentes gostos e tamanhos, caixões e todos os arranjos precisos para os funeraes.

Tambem se encarrega de armações para festas, tanto na cidade como nas aldeias, o que tudo faz por menos a quarta parte do que qualquer outro o fizer.

SUPERIOR AMENDOA DE LISBOA E FRANCEZA

8 VARIADO SORTIMENTO de caixas para amendoas; acabam de chegar ao armazem de viveres de

Manoel da Silva Gonzaga

51=Sophia=55

AZULEJO

CAIXAS PARA AMENDOAS

9 VARIADISSIMO sortido e baratissimas.

46 Rua da Calçada 48

ARREMATAÇÃO

10 NO DIA 22 do mez de Abril proximo, pelas 9 horas da manhã, á porta da sala do tribunal judicial desta comarca, e perante o exm.º Dr. juiz de direito da mesma, se hão-de vender e arrematar em praça publica, uma terra no sitio da serra da Rocha Nova, freguezia de S. Paulo, avaliada em 19$200 reis; e metade d'um quintal com arvores de fructo, no sitio das Canetas, junto ao logar do Sargento Mór, freguezia de Souzellas, avaliada em 9$600 reis; as quaes foram penhoradas na execução que corre neste juizo, para pagamento de custas, contra Antonio Antunes, viuvo, barbeiro, de Fóra de Portas, preso nas cadeias desta cidade, cujas propriedades se entregarão a quem por ellas maior lanço offerecer sobre os valores acima delarados. Da execução é escrivão Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

VENDA DE CEVADA

11 NO DIA 6 de Abril, pelas 10 horas da manhã, na alameda do Jardim Botanico, vender-se-ha, se o preço convier, a herva nativa e a cevada da cerca de S. Bento.

AMENDOAS

46 Rua da Calçada 48

12 BOM SORTIMENTO, mandadas fazer expressamente em Lisboa.

13 AVISA-SE o sr. Antonio José da Rocha, empregado em Cantanhede, para que venha prestar suas contas no cartorio do illm.º Cabido de Coimbra, sob pena de procedimento, visto não ter respondido ás differentes cartas que se lhe tem dirigido.

14 JOÃO CASTANHEIRA DE CARVALHO, faz publico que não empresta dinheiro sobre penhores.

ARREMATAÇÃO

15 NO DIA 8 do mez de Abril proximo, pelas 9 horas da manhã, perante o exm.º sr. juiz de direito desta comarca, e á porta da sala do tribunal judicial da mesma, se hão de vender e arrematar em hasta publica, uma junta de bois pretos, velhos, avaliados em 86$400 reis; e dezoito ovelhas velhas, com dezoito crias, avaliadas em 36$000 reis, para pagamento de dividas no inventario a que se procede por fallecimento de Maria dos Santos Mamede, casada que era, e moradora que foi na freguezia de S. Martinho d'Arvore, e isto por deliberação do conselho de familia, e se entregarão a quem por elles maior preço offerecer sobre os valores supra declarados.— Do dito inventario é escrivão Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

COIMBRA—RUA DA CALÇADA

Proximo á Portagem

ESTABELECIMENTO DE

JOSÉ TAVARES DA COSTA

16 CHEGARAM a este estabelecimento grande variedade de bolaxinhas modernas, biscoito de Hamburgo, excellentes amendoas de Lisboa. Preços baratissimos.

TABACOS

GRANDE ABATIMENTO

Barbosa & C.ª, rua da Sophia 56 a 64

VENDEM OS TABACOS COM OS SEGUINTES DESCONTOS

De 50$000 rs. para cima

No rapé secco, na folha picada, nos charutos, nos cigarros de rolo e de folha, 14 por cento.
No rapé preparado fino e meio grosso, 29 por cento.

De 100$000 rs. para cima

No rapé secco, na folha picada, nos charutos, nos cigarros de rolo e de folha, 15 por cento.
No rapé preparado, fino e meio grosso, 30 por cento.
Por quantias inferiores a 50$000 = 12 por cento e 13 por cento; 20 por cento e 25 por cento.

Armazem aberto desde as 9 horas da manhã até ás 4 horas da tarde.

18 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchaqueca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza do sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kilo 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, nos pulmões, e no systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rabir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.— EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna. — COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho. —FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz. Fonseca. — SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2680 — TERÇA FEIRA 1 DE ABRIL DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Vão ser prorogadas as camaras.

Os embaraços que a opposição acintosamente tem levantado ao regular andamento das discussões parlamentares, com as quaes se tem consumido uma boa parte do tempo indispensavel ás coisas uteis do paiz, crearam esta necessidade, para que possam resolver-se, ainda nesta legislatura, alguns projectos, que o governo julga necessarios á gerencia dos serviços publicos.

E' bem sabido que as opposições parlamentares são uma necessidade do systema representativo, quando o turbilhão impuro da paixão cega e desordenada, não desvia a prudente reflexão dos espiritos para o caminho tortuoso das vontades mesquinhas e das conveniencias illegitimas, porque não exprimem a collectividade de interesses, unico motor das consciencias inflammadas pelo santo amor da patria, e dos deveres sociaes.

O desperdicio de tempo, que o é tambem de capital e de interesses legitimos, está fóra das altas apreciações da falange opposicionista.

Verdade é que o paiz forrou-se, em compensação, com uma grande vantagem, na qual certamente lucra por maior.

A nação ficou conhecendo ao menos a grandiosidade das ideias historico-reformistas, os seus vastos planos de administração, os admiraveis recursos de uma primorosa dialectica, os seus nobres e desinteressados intentos, e tudo mais que póde enfogar de sensações patrioticas o espirito dos adversarios da situação.

A opposição, quando se manifesta da maneira por que o tem feito a actual, deslustra-se a si, e não cumpre o mandato popular. E' preciso dizel-o francamente, que a verdade interessa ao paiz.

A commissão de obras publicas da camara electiva, depois de aturado exame ácerca do projecto para a construcção dos caminhos de ferro das duas Beiras, sobre que ha dias fallámos neste jornal, decidiu-se nesta questão por modo que nos parece de todo o ponto acertado.

Resolveu a commissão que o governo deve fazer entrar, na rede dos caminhos de ferro do paiz, duas linhas, uma atravessando a Beira Alta, e outra a Beira Baixa; devendo partir dos pontos das linhas já construidas, do norte e leste, que terão de ser estudados, conforme as conveniencias publicas indicarem, no intervallo da sessão parlamentar.

A mesma commissão entende que das duas linhas, que hão de construir-se nas provincias da Beira, devem sahir os ramaes necessarios para satisfazer ás condições economicas e industriaes do paiz; e que na proxima sessão, o governo deverá trazer os projectos indispensaveis para a construcção das mesmas linhas.

A commissão termina, finalmente, por convidar o governo a organisar um plano completo da rede de caminhos de ferro do paiz.

O adiantamento da presente sessão legislativa, que não permitte já uma decisão pensada e conscienciosa, como é indispensavel a um objecto de tão grande momento, e ao qual estão ligados tantos e tão variados interesses, foi o motivo desta justa deliberação.

MEMORIA DE THEOLOGIA

IV

Ao ler a expressão—*acceitou* o tribunal do *santo officio* — empregada pelo sr. Dr. Motta Veiga, parecerá que D. João III teve só uma parte *passiva* na admissão da inquisição em Portugal, e que a *iniciativa* foi do papa. Bem sabemos que por essa forma se tiraria a D. João III uma tremenda responsabilidade; mas como a verdade historica deve estar acima de todas as contemplações, ha de necessariamente e com justiça pesar sobre a memoria deste rei *fanatico, ruim de condição e inepto*, o stygma de ser elle a quem se deve o sanguinario e infame tribunal da inquisição.

A falsa opinião de que D. João III *acceitou* o tribunal da inquisição, em logar de o ter *solicitado*, acha-se já ha muito refutada triumphantemente pela critica historica. A fabula da vinda a Portugal de Pedro de Saavedra, fingindo-se nuncio apostolico, o qual trouxera uma bulla do papa para estabelecer a inquisição neste reino, bulla que D. João III *acceitara*, deve-se a D. Luiz de Paramo, na sua obra *De origine et progressu sanctae inquisitionis*, fundando-se em um manuscripto que dizia existente na bibliotheca do Escurial.

Esta opinião de D. Luiz de Paramo foi depois seguida por D. Pedro Salazar de Mendoza; e da fabulosa historia destes escriptores se serviu posteriormente o auctor incerto da comedia—*O falso nuncio de Portugal*, onde este embuste está mais, ou menos reproduzido.

E é notavel que ainda em 1821, o sr. José Maria de Andrade, natural de Cellas, suburbios de Coimbra, se tornasse ecco da mesma fabula, em a noticia do estabelecimento da inquisição em Portugal, que inseriu á frente da edição do regimento da inquisição de 1774, e que fez imprimir na imprensa da Universidade no referido anno de 1821.

Dizemos que é notavel isso, porque o sr. José Maria de Andrade devia bem saber, que essa narração não passava de um contrasenso, e que já se achava ha muito completamente desmentida.

Fr. Antonio de Sousa, religioso de S. Domingos, conselheiro da inquisição de Portugal, no tratado *De origine sanctae inquisitionis in regno Lusitaniae*, havia rebatido essa falsidade, sem ficar a menor duvida; pois que todas as noticias por elle dadas no referido tratado, foram deduzidas das proprias bullas apostolicas, que se expediram sobre o negocio da inquisição de Portugal, e de outros muitos documentos originaes, conservados, já nas secretarias de estado, já nos archivos do conselho geral da inquisição, e dos tribunaes subalternos.

Egualmente o mesmo embuste havia sido

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXLVII

CANTANHEDE

26 DE OUTUBRO DE 1831

Far-se-ia injustiça aos habitantes da antiga villa de Cantanhede, deixar de publicar os fidelissimos sentimentos de jubilo, e enthusiasmo, que mostraram no dia natalicio, e anniversario de sua magestade el-rei nosso senhor o senhor D. MIGUEL I.

Tendo o presidente da camara, Pedro de Sousa Pinto de Barros Cachapuz, e os mais membros da camara, José dos Reis, o bacharel José Pedro Dias Galvão, José Crispiniano da Silveira, e Francisco da Costa Pessoa, e o procurador Francisco Pereira da Fonseca, o alferes mór da camara o bacharel Francisco Coelho de Sousa Sampaio, moço fidalgo da casa real, feito constar por bando aos referidos habitantes, que no dia anniversario d'el-rei nosso senhor, o senhor D. MIGUEL I, se haviam de render graças ao Altissimo na egreja matriz d'aquella villa, pela conservação da vida do mais adorado soberano: foi tal a concorrencia de povo, que apezar de ter cahido o dia de natalicio d'el-rei nosso senhor em dia solto, se via comtudo coberto o grande rocio da dita villa, e todas as mais ruas, de innumeraveis concurrentes.

Não é possivel pois descrever o enthusiasmo, que tão numeroso concurso desenvolvia nas repetidas acclamações, e vivas ao mais augusto soberano, el-rei nosso senhor natural, o sr. D. MIGUEL I; e só os espectadores poderão conhecer os inabalaveis sentimentos de adhesão, que professam taes povos, por intima convicção, ao seu adorado soberano. Tendo pois determinado o illustre senado da camara d'aquella villa, com o presidente, o doutor juiz de fora, Pedro de Sousa Pinto de Barros Cachapuz, haver missa cantada, sermão, *Te-Deum* e solemne exposição do Santissimo Sacramento, para o que havia impetrado licença do exm.º bispo conde da cidade de Coimbra, e estando tudo disposto com a melhor ordem, na madrugada, e vespera do fausto dia 26 de Outubro, anniversario dos annos de sua magestade, el-rei nosso senhor, appareceu na frontaria do paço d'aquella villa, residencia do actual ministro, uma bem feita, e architecto-nografica galeria, firmada em tres arcos triumphaes de oito columnas enramadas de verdes, e viçosos louros: no centro desta galeria estava firmado um throno magestoso, do qual se elevava um grande resplendor de raios dourados, e prateados, sustentado por dous figurados cherubins; e no centro do resplendor se achava collocada a real effigie de el-rei nosso senhor, o senhor D. MIGUEL I: aos pés da real effigie se achava esta seguinte legenda, feita pelo actual juiz de fóra:

«D'el-rei nosso senhor a augusta imagem,
«Infunde amor, respeito, e vassallagem.

Ao lado direito do arco triumphal se achava a figura do sol, e debaixo desta a seguinte legenda:

«Insensos tributae ao rei valente,
«Q'elle, e só elle salva a lusa gente.

Ao lado esquerdo, em outro arco triumphal, se via a figura da lua, e debaixo a seguinte legenda:

«Ó lusos, adorae vosso soberano,
«Em virtudes, e obras mais que humano.

No centro do arco principal se viam pendentes as reaes armas; e no lado esquerdo, e direito da galeria se achavam desenrolados varios tropheus, que circundavam a mesma.

Na tarde deste dia sahiu o bando das justiças, convocando a todos os habitantes d'aquella villa para o alegre festejo do seguinte dia anniversario, e concedendo-lhes ampla licença para licitos divertimentos; rompendo o annuncio de um dia tão venturoso pelo estrondo de salvas reaes, e immensidade de fogo do ar.

Na madrugada do dia anniversario se repetiram as mesmas salvas reaes, e se ouviu por toda aquella villa grande estrondo de fogo do ar; na manhã do dito dia se dirigiu o illustre senado, clero, e nobreza á casa da camara, aonde o bacharel Antonio Pimentel Soares, advogado da relação do Porto, com a maior energia recitou uma eloquente oração, na qual desenvolveu os inauferiveis direitos ao throno portuguez de sua magestade el-rei nosso senhor, o senhor D. MIGUEL I; mostrando ao mesmo tempo a existencia de uma seita demagogica, espalhadora de doutrinas impuras, e oppostas ao throno e ao altar. Acabada que foi esta oração, com o mais decidido enthusiasmo se repetiram os vivas a el-rei nosso senhor: acabado este solemne acto, sahiu o senado, e os mais assistentes acompanhados de uma boa orchestra de musica, tocando o hymno real até a frontaria dos arcos triumphaes, aonde já se achava postado um bem ornado carro triumphal, que conduzia sobre um magnifico throno a real effigie de sua magestade, a cujos regios pés iam assentados

refutado pelo famoso monge benedictino, hespanhol, Fr. Bento Jeronymo Feijó, no seu *Theatro critico universal*, de que possuimos a edição de Madrid de 1734. Ahi sustenta o padre Feijó, que para o estabelecimento da inquisição não houvera resistencia da parte de D. João III, e que tão longe estava este principe de resistir á creação deste tribunal, que antes a *solicitara*.

Podiamos transcrever do original hespanhol, tudo o que diz Feijó no *Theatro critico*; preferimos, porem, servir-nos do resumo que da opinião deste escriptor da o sabio D. Fr. Francisco de S. Luiz, na sua memoria—*Sobre a verdadeira epocha do estabelecimento do santo officio da inquisição em Portugal*. Segundo S. Luiz, são dois os argumentos principaes apresentados por Feijó.

«O primeiro é que o inventor da fabula suppõe a inquisição estabelecida em Portugal pelo falso nuncio no anno de 1539, sendo certo que ella tinha entrado no reino alguns annos antes.

«O segundo é que o mesmo impostor suppõe, e diz expressamente, *que em Portugal havia estorvos que vencer, e até repugnancia de el rei ao estabelecimento da inquisição*: e isto é tão falso, **que el rei D. João III era o proprio que desde muito tempo solicitara em Roma com grande empenho, esse mesmo estabelecimento;** e toda a repugnancia que a isso havia, e houve, **era da curia romana**, aonde os christãos novos, **e o seu dinheiro**, tinham agenciado e alcançado poderosas protecções, e pozeram por muito tempo grandes estorvos á pretensão.»

O mesmo D. Fr. Francisco de S. Luiz, depois de expor a opinião de Feijó, e de fundamentar com documentos a sua propria opinião, termina recapitulando todos os seus argumentos. Um delles, que é o que vem mais ao nosso proposito, é o seguinte:

«3.º Que foi el rei D. João III o *mais empenhado* neste estabelecimento, *combatendo, e vencendo*, não sem grandes desgostos, *as repugnancias da côrte de Roma*.»

Ora, de D. João III, que assim procedeu, póde-se dizer, como o faz o sr. Dr. Motta Veiga, que *acceitou* a inquisição?!

Ainda mais. Damião de Goes, na parte 3.ª, capitulo 27, da *Chronica de el rei D. Manoel*, diz o seguinte:

«Foi depois (o infante D. Henrique) provido de inquisidor geral, o qual cargo acceitou por puro zelo da fe e desejo de servir nosso Senhor, porque d'elle nenhum outro fructo podia colher; padeceu nisto mui grandes trabalhos e enfadamentos, principalmente naquelle tempo, em que não estava nada do que cumpria ao officio da inquisição posto em ordem, *e havia grandes contradições, assim por parte do nuncio, como de favores de Roma*, **e de grande negocio de christãos novos,** *pelo muito poder que tinham*. Durou isto muito tempo, e chegou *a grandes trabalhos e riscos*, os quaes todos carregavam sobre elle. Todavia com o favor de Nosso Senhor, *e ajuda de el-rei seu irmão, foi a inquisição por diante, e fizeram-se muitos autos em que foram condemnados muitos hereges*.»

Eis ahi nova prova de que os esforços para obter a inquisição partiam de D. João III, e que as difficuldades provinham da côrte de Roma. E ahi se vê tambem que a repugnancia da mesma côrte no estabelecimento da inquisição, não era por motivos honrosos, mas sim proveniente de torpe mercancia de dinheiro.

Desde que em 1531 D. João III mandou solicitar ao papa Clemente VII a bulla para fundar a inquisição, até á ultima bulla de 16 de Julho de 1547, pela qual acabou de todo a luta com a côrte de Roma, cedendo esta por motivos ignobeis a tudo quanto o rei de Portugal pretendia, mediaram nada menos do que 16 annos.

Durante esse grande espaço de tempo, que scenas torpissimas, e que indignidades se não praticaram em Portugal e em Roma, por causa do estabelecimento da inquisição neste reino!

Os desgraçados christãos novos tinham agentes em Roma, os quaes espalhavam pelos cardeaes ouro ás mãos cheias; e assim obtinham com varias alternativas, que da parte dos papas, ou se não auctorisasse o estabelecimento da inquisição em Portugal, ou pelo menos que as bullas que de Roma eram expedidas, não satisfizessem plenamente ás pretensões de D. João III, o qual queria estabelecer este tenebroso tribunal com attribuições illimitadas, para poder cevar á vontade e sem restricções o seu odio contra os christãos novos.

Como, porem, a questão para a côrte de Roma estava em quem mais desse, venceu finalmente D. João III, em razão de conceder ao cardeal Alexandre Farnezo, neto do papa Paulo III, os rendosos beneficios que haviam pertencido ao bispo de Vizeu, D. Miguel da Silva, a quem D. João III perseguia de morte, e que se achava expatriado na Italia.

A aversão de D. João III contra os infelizes christãos novos chegava até á iniquidade!

Em 17 de Dezembro de 1531 obteve elle que o papa expedisse a primeira bulla, permittindo em Portugal o tribunal da inquisição, e nomeando commissario da sé apostolica e inquisidor mór neste reino, a Fr. Diogo da Silva, o qual devia impor as penas, *de accordo com os prelados diocesanos*. Esta e outras restricções não satisfaziam a D. João III, que pretendia um tribunal exclusivo; mas em fim estava dado o primeiro passo: o resto viria com o tempo.

Ainda assim, como até se dar completa execução á bulla haveria necessariamente alguma demora, e durante esse tempo se podiam ausentar do reino os christãos novos com as suas riquezas, tratou D. João III de evitar esse inconveniente, por meio de uma lei estupidamente barbara e atroz.

Nas *Ordenações* de D. Manoel se prohibia no livro 5.º, titulo 82, que nenhum christão novo, que fosse judeu, passasse de Portugal para terra de mouros. Isto, porem, parecia já pouco a D. João III. Era necessario impedir completamente a emigração e captivar os christãos novos com as suas fazendas, para depois ficarem á mercê do terrivel tribunal, que se tratava de estabelecer.

Em 14 de Junho de 1532 fez D. João III uma lei, de que se póde ver o resumo na *Synopsis Chronologica* de José Anastasio de Figueiredo, a paginas 346, do tomo 1.º, em que determinou que nenhum dos christãos novos, fossem naturaes, fossem estrangeiros, que de judeus se haviam tornado chistãos em 1497, e desse anno por deante, nem seus filhos ou filhas, netos ou netas, que delles descendessem, posto que nascessem depois delles serem christãos, de qualquer qualidade, edade, ou condição que fossem, saisse, nem levasse destes reinos mulher, filhos ou netos, nem outra alguma pessoa da dita nação, ou qualquer fazenda para terra de mouros, em tempo algum.

Até aqui era com pouca differença o que já estava determinado nas *Ordenações* de D. Manoel. Acrescentava, porem, agora D. João III, a prohibição de sairem, nem irem por mar, nem por terra, para fóra destes reinos e senhorios, para parte alguma, *ainda que fosse terra de christãos*, sem licença sua durante os tres annos seguintes a contar da data da lei, **sob pena de morte natural e perdimento de toda a sua fazenda,** sendo com mulheres, filhos, ou netos, e com fazendas, joias, e casa movida; e cominava graves penas contra os que os levassem, acompanhassem, e ajudassem.

Ainda, porem, restavam meios de se lhe poderem escapar as fazendas dos christãos novos para fóra do reino; e por isso prohibiu egualmente D. João III, pela mesma lei, que os christãos novos, dentro dos já mencionados tres annos, podessem fazer quaesquer *vendas e cambios de qualquer forma que fosse*, sem licença, tambem debaixo de graves penas.

Assim lançava D. João III uma estreita rede aos christãos novos, a suas mulheres, filhos, netos, e fazendas!

Tendo por esta forma agarrado e manietado estes infelizes, do resto se incumbiria o *santo tribunal*, que acabava de ser auctorisado pela côrte de Roma.

Ao fanatico D. João III, que praticou destas e outras semelhantes iniquidades, cabe de certo muito bem a qualificação (apesar da opinião em contrario do sr. Dr. Motta Veiga), de *ruim de condição e inepto*, que lhe dá o sr. Alexandre Herculano, ao terminar a sua obra—*Da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal*.

(*Continuar-se-ha.*)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

COMMUNICADO

Sr. Redactor.

Conceda-me V. um canto do seu jornal, para fazer um protesto energico contra os sentimentos, em que se baseia, e os resultados que pode trazer a publicação de certas correspondencias do *Jornal de Coimbra*.

Não é meu intento referir-me exclusivamente á ultima correspondencia; não quero fazer uma analyse critica da lição, nem do merito, quer absoluto, quer relativo do sr. Alves Martins.

Não o faço d'elle, como não faria d'outro qualquer—condiscipulo ou não condiscipulo. Acho realmente ridiculo que se venha publicamente dar conta de quem dá lição, tendo naturalmente!... de seguir n'esse relatorio a divisa—*do elogio mutuo*.

Admiro-me de que um jornal, de que os principaes redactores são dois lentes da Universidade, franqueie as suas paginas para promover todos os meios de exercer uma pressão intoleravel sobre o *juizo official*, que os seus collegas hão de apresentar.

Não me refiro a ninguem em particular: mas fallo em nome da justiça.

E' incontestavel que continuando o mesmo systema póde acontecer que para alguns estudantes o lente, vacilando entre o dever e a opinião publica, fundamentada em taes correspondencias, sinta tremer-lhe a mão, e se veja na necessidade de—ou arcar com a opinião publica e ser depois calumniado, ou então sopear os dictames de sua consciencia, para obedecer cegamente á propaganda que lhe fizeram já de proposito.

Tenho pena de não encontrar deante de mim um nome, mas encontro um anonymo, ao qual, se quizer tirar a mascara, eu peço que me diga—que noticia ha de elle dar, quando ouvir dos labios de um condiscipulo uma lição má?

—E é forçoso reconhecer que todos nos estamos sujeitos a tal fatalidade: e digo *todos*, porque cada um pode qualquer dia descer da altura que normalmente occupa e póde occupar; porque na avaliação d'uma lição tudo é relativo.

Em absoluto não podia dizel-o; seria negar a immensidade de recursos, a vastidão de conhecimentos, a força de intelligencia e fluencia na phrase, que todos nós reconhecemos em talentos, que ornam a nossa Universidade. Mas infelizmente são raros os que reunem taes qualidades.

—Na hypothese que apresentei, o illustre anonymo, a dar conta da lição, ou ha de faltar á verdade, ou tem de vir apregoar publicamente a infelicidade de um condiscipulo, sem se lembrar que ámanhã lhe póde acontecer o mesmo.

Se não dér noticia da lição, vae tacitamente dizer ao condiscipulo—*estendeste-te!*

Entre parenthesis:—que dirá elle de si, quando der lição?

Depois de mostrar quaes os inconvenientes de tal proceder, resta-me protestar energicamente contra uma phrase, que estendendo-se a todo o curso, tambem me diz respeito: essa phrase é da ultima correspondencia exarada no n.º 2 do dicto jornal.

Acato e respeito egualmente as opiniões de todos; e por isso as opiniões do exm.º sr. Leopoldo merecem para mim tanta consideração, como as dos nossos condiscipulos que se lhe seguiram—os exm.os srs. Antonio Lucio Tavares Pimentel, e Antonio Dias Pinheiro; como em fim as de qualquer outro condiscipulo.

Mas se nos merecem respeito para serem encaradas com seriedade, não ha nenhuma que nos obrigue a curvar servilmente a cerviz, e a acceital-a como dogma. Não.

Por mais robusta que seja a intelligencia que a elaborou; por mais inergica que seja a palavra de quem a apresenta; e por mais elevado que seja o homem que a pronuncia, não é capaz de me fazer soltar dos labios o—*ipse dixit magister*.

Ha de passar primeiro pelo cadinho da minha debil razão; e n'esse momento em que a estudo e aprecio, esqueço o nome que a abriga e protege, olvido a fama do auctor, para attender unicamente—ás suas palavras, ás suas expressões, aos seus pensamentos, á maneira como os liga, e ao rigor logico, com que tira as illações.

Posso chegar a uma conclusão contraria; e então o nome abalisado do auctor não me impoz mais que a obrigação de tornar a examinar o seu trabalho.

Posso tambem não chegar a comprehendel-o; mas n'esse caso não emitto opinião que não tenho, e nem respeito cegamente e com a imputação do echo, o que a minha intelligencia não poude abranger.

Talvez haja quem chame a isto orgulho.

Mas então negue-se a liberdade de pensamento. E ai! de quem em estudos scientificos não tiver tal qualidade!

Risque então de seu cerebro—o pharol da razão; e conserve somente os ouvidos para escutar, os olhos para lêr, a memoria para fixar, e a lingua para repetir automaticamente as opiniões dos outros.

Coimbra, 31 de Março de 1873.

Joaquim Augusto de Sousa Refoios.

NOTICIARIO

Conferencia. — Em a noite de sabbado, 29 de Março, foi, como annunciaramos neste jornal, a conferencia do sr. Dr. Fernando de Mello, no Instituto.

Apesar da pequena capacidade das salas desta associação, estavam mais de cem pessoas, entre as quaes se contavam algumas damas.

O orador discorreu por espaço de uma hora ácerca da missão do medico em a sociedade. O discurso correspondeu á expectativa dos que têem apreciado na Universidade e no parlamento os excellentes dotes oratorios do sr. Dr. Fernando de Mello. Foi elevado na ideia, elegante na fórma e sempre eloquente e persuasivo.

O orador fallou dos serviços prestados pelo medico em o tratamento das doenças, mostrando os perigos a que se expõe por amor do proximo, particularmente nas epidemias. Poz em parallelo o padre e o medico, e entre a missão de um e a missão do outro achou interessantes analogias, a mesma importancia e a mesma abnegação.

Tractou depois dos serviços prestados pelo medico á administração da justiça. Expoz o modo por que em differentes paizes os medicos são chamados e attendidos como peritos. A grande importancia que neste ponto lhes dá a Allemanha, onde constituem tribunaes de varias ordens, e a inferioridade relativa da Inglaterra, onde na maior parte dos casos prescindem do voto do medico, ou o têem em menor consideração. Para provar claramente a importancia da medicina legal lembrou os assassinatos horrorosos de Troppman e as indicações importantissimas dos peritos, sem as quaes seria absolutamente impossivel provar que um homem só commettera tantos assassinatos em tão pouco tempo.

Finalmente passando para o campo da hygiene publica, expoz o muito que a sociedade deve ao medico em tudo aquillo de que depende a conservação da saude publica, o desenvolvimento e a perfeição humana. Como, porém, estivesse a hora adeantada, prometteu tratar este ultimo assumpto n'outra conferencia.

O orador teve sempre o auditorio suspenso de seus labios. Todos o escutaram com religioso silencio e o applaudiram com vivo enthusiasmo.

Fazemos votos pela continuação d'estes uteis entretenimentos, lamentando que o Instituto não tenha uma sala espaçosa e com as condições necessarias para accommodar todas as pessoas que desejam ouvir as conferencias, e que são muitas mais que as que assistiram á do sr. Dr. Fernando de Mello.

Outra conferencia —A segunda conferencia do Instituto será feita pelo sr. Dr. Julio Marques de Vilhena, que escolheu este ponto: *O futuro da raça latina*.

Festividade.—Na sexta feira proxima haverá na egreja de Santa Cruz a festa de Nossa Senhora das Dores.

De tarde cantar-se-ha o *Stabat Mater*, composto pelo nosso patricio o sr. Francisco Lopes Lima de Macedo.

Jury.— E' composto pela seguinte forma o jury, que neste districto de Coimbra ha de examinar os candidatos ao magisterio primario, na primeira epocha de 1873.

Presidente, Dr. Bernardo Antonio Serra de Mirabeau, lente da Universidade.
Vice-presidente, Dr. Francisco Antonio Diniz, commissario dos estudos.
Bacharel Francisco de Paula Santa Clara.
Bacharel Francisco Adolfo Manso Preto.
Augusto Pereira de Moura, professor de ensino primario em Cellas.
Gaspar Alves de Frias de Eça Ribeiro, professor do lyceu.
Bento José de Oliveira, professor de ensino primario em Coimbra.
Perpetua Felicidade Candida Serra, professora de ensino primario na cidade.
Dalla Olympia, idem no collegio dos orphãos.
Maria Altina, idem no asylo de infancia.

Exames—Pela direcção geral de instrucção publica se annuncia concurso de 30 dias, a contar de 3 de Abril proximo, para admissão aos exames de candidatos ao magisterio primario, de ambos os sexos.

Despachos—O sr. João Nunes da Costa foi promovido á propriedade da cadeira de ensino primario de Villa Cova de Sub Avô, concelho de Arganil.

O sr. José Antonio Basilio foi promovido á propriedade da cadeira de ensino primario de Lamas, concelho de Miranda do Corvo.

O mez de Abril.—Deriva o seu nome da palavra latina *aperire*, porque é neste mez que a terra começa a abrir os inesgotaveis thesouros da sua fecundidade. Era dedicado a Venus, e representava-se sob a figura de uma rapariga vestida de verde, alludindo assim ao tapete de verdura que cobre os campos, com um açafate cheio dos primeiros fructos, uma grinalda de flores, e a seus pés o signo correspondente o Touro.

Crescem os dias neste mez uma hora e 10 minutos, 35 minutos de manhã e 35 de tarde. O seu maior dia é o ultimo, que tem 13 horas e 14 minutos. A sua lua começa no dia 25 e acaba a 23 de Maio.

Não são só as plantas que nesta quadra do anno se vestem de galas; são tambem os animaes, e especialmente as aves que se adornam das mais lindas côres e cantam alegres á primavera. N'esta epocha de fecunda florescencia parece que se reanimam as forças da natureza, e que os campos risonhos e as paisagens verdejantes dilatam a vida de todos os seres, e inspiram á alma do homem os mais doces prazeres e os mais suaves e poeticos sentimentos.

Os gregos e romanos celebravam neste mez as festas mais aprasiveis e pomposas. Em Roma as festas *floraes*, e as feitas em honra de Venus eram as mais esplendidas. No primeiro dia deste mez as senhoras romanas juntavam-se todas, e banhando-se á sombra das arvores de myrto, coroavam-se com as folhas, e offereciam a Venus um gentil sacrificio. As donzellas, e especialmente as que estavam para ser noivas, tambem faziam uma festa particular, com o competente sacrificio, acompanhado de suavissimas fragancias e delicados perfumes.

Ha quem affirme, que o homem que nascer sob a influencia do signo do mez de Abril será generoso, forte, resoluto e triumphará dos seus inimigos; será feliz nos seus negocios, e rico depois de velho, tornando-se porém melancolico e altivo. A mulher será prudente, energica e cheia de valor, mas violenta e muito propensa a viajar; será mãe terna e fecunda e esposa submissa e fiel, e o seu defeito principal será a tagarelice.

Carrilhões—É sabido, que se dá este nome a certo numero de sinos afinados por uma escala musical, e que se tocam por meio de um teclado similhante ao dos orgãos, ou por um movimento de relojoaria.

O primeiro carrilhão parece que foi estabelecido em 1487 em Alost na Flandres. Os mais famosos foram depois construidos na Hollanda e Belgica.

Em Portugal são bem conhecidos os de Mafra, admirados por nacionaes e estrangeiros. Foram construidos em Liege, e consta que importaram em 3 milhões de cruzados. Em cada torre existem 57 sinos, tendo o sino das horas 4 metros de comprimento, e pesando 11:748 kilogrammas. Os carrilhões das duas torres, antes do relogio dar as horas e quartos, tocam varias peças de musica de optimo effeito.

A cerveja—Esta bebida fermentada, preparada com a cevada e aromatisada com o lupulo, já era conhecida em tempos antiquissimos. Parece que o seu nome deriva de *cervitia*, que tem a sua origem em *cereris vitis*, vinho de Ceres. Os gregos sabiam preparal-a, e usavam-na com frequencia. Aristoteles falla da embriaguez que ella produz, e Theophrasto chamava-lhe vinho de cevada. Na França, Allemanha, Belgica, Hollanda, Hespanha, etc., tambem é usada desdes tempos remotos. É a bebida alcoolica mais popular nos paizes, em que a vinha é pouco cultivada.

O uso da cerveja é saudavel, e só é prejudicial o excesso. É muito conveniente em certas molestias. Não só mitiga a sede, mas tem effeitos diureticos, tonicos e laxantes. Produz bom effeito em muitas febres, e é remedio efficaz contra os calculos urinarios.

O almiscar—Esta substancia é segregada por um animal pertencente á ordem dos ruminantes, genero *moschus*, e que é conhecido pelo nome de *almiscareiro ordinario*, *moschus moschiferus*. Este mammifero habita as montanhas da Asia oriental, encontrando-se na China, Thibet, Bengala, Tartaria, etc.

O almiscar é uma substancia semi-fluida no animal vivo e que se solidifica depois da morte, e é contida em uma capsula ou bolça particular, situada debaixo do ventre do macho, e constituindo uma dependencia do canal da uretra. O almiscar da China é o mais apreciado no commercio, e o que se emprega de preferencia na perfumaria. O cheiro deste producto é tão activo e persistente, que cinco centigrammas são sufficientes para aromatisar uma casa durante 20 annos, sem que se observe perda sensivel de peso em tão insignificante quantidade de almiscar, durante tão grande espaço de tempo. Outras especies de animaes produzem tambem esta substancia.

O opio—Este producto extrae-se das capsulas de varias especies de papoulas, e principalmente da *papaver somniferum*. Obtem-se por meio de incisões, apparecendo com a forma de um succo lacteo espesso, que se solidifica promptamente. As maiores quantidades deste poderoso narcotico vem da India e Turquia, distinguindo-se no commercio o opio de Smyrna, que é o mais apreciado, o de Constantinopla e do Egypto.

É geralmente sabido, que esta substancia é muito usada pelos povos do oriente em doses elevadas. Os primeiros effeitos são muito agradaveis, durando algumas horas um estado alegre e risonho, acompanhado das mais deliciosas sensações e das mais seductoras imagens. A este primeiro grau de embriaguez narcotica succede porem um estado de languidez, de prostração e imbecilidade, que termina em somno lethargico. Este habito produz resultados deploraveis na saude. Dentro de poucos annos, a pallidez e magreza vão augmentando até se converterem em perfeito marasmo. Os que mais abusam do opio, não vivem alem dos 30 ou 32 annos; mas a paixão é tão invencivel, que a certeza das enfermidades e da morte não são capazes de desviar as victimas de tão pernicioso habito.

Os inglezes fazem um commercio immenso com este genero. Em Cantão vêem-se sempre muitos navios inglezes, que não tratam de outro negocio. Na China e Japão fuma-se o opio; e na Persia bebe-se na forma de chá, como se toma o café na Europa.

Perfumaria. - O uso dos perfumes é antiquissimo. As primeiras substancias aromaticas que se usaram, foram as resinas, balsamos, oleos essenciaes extraidos das plantas, e certos productos animaes, como o almiscar, ambar, etc. Este ramo do commercio era em epochas remotas quasi exclusivo dos paizes do oriente; mas hoje tem-se generalisado por toda a Europa. A Persia e Turquia continuam a produzir as melhores e mais puras essencias de rosas e jasmins.

Uma visita. — Uma senhora foi visitar uma sua amiga, mas não a encontrou em casa. Lembrou-se de deixar bilhete de visita; mas reparando na grande camada de pó que cobria os trastes, entendeu que era melhor traçar com o dedo o seu nome na poeira da mobilia da sala, e assim fez.

A agua furtada.— Um homem tendo conseguido uma grande fortuna por meio de muitos roubos, mandou construir um lindo predio para habitar. Concluida a obra, chamou um amigo para lhe mostrar a casa. Depois de percorrerem ambos muitas salas e quartos, o proprietario mostrou ao amigo a *agua furtada*, e perguntou-lhe a sua opinião. A resposta foi—esta parte está como o resto da obra.

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

José Maria, filho de Joaquim Correia e de Marcellina da Conceição, natural de S. Francisco, de 14 mezes, fallecido no dia 23 de Março.

José Sousa, filho de Francisco Antonio de Sousa e de Quiteria Maria, natural de Coimbra, de 2 annos, fallecido no dia 23.

Marciano Ramos de Vasconcellos, filho de Manoel Ramos e de Joaquina da Conceição, natural de Coimbra, de 45 annos, fallecido no dia 23.

João Gaspar, filho de Antonio Gaspar e de Isabel Maria, natural de Alpedrinha, de 50 annos, fallecido no dia 24.

José de Vasconcellos dos Santos Viegas, filho do Dr. Antonio dos Santos Viegas e de D. Maria Francisca de Vasconcellos Santos Viegas, natural de Coimbra, de 18 mezes, fallecido no dia 27.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—4:907.

Mercado de Coimbra no dia 31—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 500—Dito branco 480—Dito Celorico meudo 620—Dito grando 510—Milho branco 340—Dito amarello 330—Feijão vermelho 490—Dito branco da marinha 460—Dito da terra 440—Dito rajado 420—Dito frade 380—Centeio 500—Cevada 300—Favas 400—Tremoços 260 a 270—Chicharos 280—Grão de bico 500—Batatas 240—Azeite 1$065 a 1$070—Vinho da Beira 800—Dito da Barrada 960.

Boatos graves.— Lê-se no *Jornal do Commercio* o seguinte:

«Ha dias que circulam boatos ácerca da eventualidade de uma intervenção estrangeira em Hespanha: O telegramma recebido hoje de Madrid pela agencia Havas, veiu dar corpo a

---

dois mancebos ricamente vestidos, figurando dois cherubins, sustentando em suas dextras a regia corôa, que descançava sobre uma bem ornada, e endamascada pyramide: logo atraz do carro triumphal se postou a camara, montada em famosos, e ajaezados cavallos, á frente da qual ia o alferes mor Francisco Coelho de Sousa Sampaio, levando na mão esquerda o estandarte real, e na direita o bando feito pelo actual juiz de fóra, que era do teor seguinte:

BANDO

«Celebremos os annos venturosos
«Do melhor entre os reis os mais famosos,
«Do augusto, e invicto D. MIGUEL PRIMEIRO,
«Que impõe respeito, e pasmo ao mundo inteiro.
«Como anjo lá da abobada azulada,
«Prenda do Deus de Ourique aos lusos dada,
«Nasceu o grão MIGUEL, e em nome tanto,
«Dos bons soccorro, e dos maus espanto,
«Augurou nossa dita, e nossa gloria,
«Com que se ergueu ao templo da memoria.
«Antecipando muito sobre a edade,
«Lá se alçou na primeira mocidade,
«Calcando aos pés o monstro façanhoso,
«D'impias revoluções dragão raivoso.
«Em vão pretende o feio monstro horrendo
«Inda novas cabeças renascendo,
«Morder o regio pé, que o tem domado,
«Jaz, e jaz para sempre, alli prostrado.
«Exultae, corações dos portuguezes,
«Já contando este dia por tres vezes,
«Depois que em segurança, e paz gostosa
«Nos pôz d'el-rei a vol a venturosa.
«Aos ceus ferventes hymnos se levantem,
«Suas altas virtudes se decantem;
«Repita-se em transportes de alegria:
«Viva el-rei D. MIGUEL, viva este dia.

Á frente do carro triumphal caminhavam os musicos, ricamente vestidos á tragica, montados em bons, e ajaezados cavallos; sendo puchado o dito carro triumphal por vinte soldados do regimento de milicias da Figueira: da parte direita do carro marchava, em um soberbo, e bem ajaezado cavallo, o tenente coronel, commandante do dito regimento; e do lado esquerdo o capitão da 3.ª companhia do mesmo regimento, Francisco Noberto Soares Conceiro, commandando, e fazendo estes com duas companhias de milicias, e outras duas de caçadores do batalhão da Beira Baixa, a guarda de honra á real effigie de sua magestade o senhor D. MIGUEL I: atraz do senado da camara caminhava toda a nobreza daquella villa, e visinhanças; e assim marchavam entre duas alas de soldados, que impediam a accumulação do povo, que á porfia se apinhava para de mais perto ver tão magestoso, como importante acto: assim marchavam pelas principaes ruas d'aquella villa, recitando-se de espaço em espaço o sobredito bando pelo referido alferes mór; no fim do qual o actual juiz de fóra levantava os vivas a el-rei o senhor D. MIGUEL I, correspondendo com o mais decidido enthusiasmo todos os innumeraveis espectadores.

Acabado que foi este acto tão pomposo se dirigiu o illustre senado da camara á egreja matriz da mesma villa, acompanhado de todo o clero, e nobreza, a render as mais devidas graças ao Altissimo pela conservação do mais augusto, e adorado monarcha, el-rei o senhor D. MIGUEL I, principiando esta acção de graças pela missa cantada; e estando exposto o Santissimo Sacramento, e subindo ao pulpito o grande orador Fr. José da Encarnação, da ordem de Santo Antonio, o qual desenvolveu com a maior sabedoria, e conhecido talento, o quando se tinha augmentado o bem espiritual, e temporal, com o feliz regresso d'el-rei o senhor D. Miguel I ao solio de seus maiores; provando egualmente o reciproco soccorro, com que o Altissimo tinha amparado, e defendido o mesmo augusto senhor, seu egual perpetuo defensor, livrando-o, e perpetuamente defendendo-o das insidias, e perversidades forjadas pela mais impia seita de demagogos, inimiga do throno, e altar.

Acabada a missa cantada se fez solemne procissão do Sacramento, a qual foi acompanhada pelo senado, clero, nobreza e povo, em direcção ao convento de Santo Antonio d'aquella villa, em cuja egreja entrou, e na qual se entoou o solemne *Te-Deum Laudamus*; findo o qual, regressando a procissão pelas ruas principaes da mesma villa, recolheu á egreja matriz, aonde a final se cantou o *Tantum ergo*. Acabado este se recolheram o illustre senado, clero, nobreza e povo, a suas casas. Em a tarde do mesmo dia sahiram varias ordens de danças, compostas de mancebos ricamente vestidos, os quaes com o maior desempenho entretiveram o immenso concurso de espectadores, em cuja direcção, e desempenho, e magnifico ornato, muito concorreu o desembargador João Henriques Coelho de Sousa Sampaio.

Em a noute do referido, e dois seguintes dias, houve illuminação geral; sendo a da galeria, e dos arcos triumphaes admirada por todos os espectadores, pela regular forma, e magnifica symetria, que apresentava.

Houve consecutivamente todas as noites outeiro, no qual appareceram grandes sonetos, e mais algumas obras poeticas, analogas a tão fausto dia. Não ha expressões, com que sufficientemente se possa descrever o jubilo, e enthusiasmo, com que os povos, e habitantes d'este districto, solemnisaram tão fausto, e anniversario dia, no que teve grande parte o actual juiz de fóra, Pedro de Sousa Pinto de Barros Cachapuz, a quem devemos tão grande satisfação.

Cantanhede, 29 de Outubro de 1831—O escrivão da camara, *Francisco Ribeiro*.

raes boatos. O telegramma refere-se a uma noticia que a «Iberia», jornal de Madrid, diz ter recebido, e que lhe causa profunda sensação; accrescentando que se similhante noticia for verdadeira, será causa de profundissimas perturbações no paiz, e será o principio de um periodo historico bem doloroso. Ainda o telegramma diz que a mysteriosa noticia da «Iberia» impressiona muito os homens politicos.

Nós não acreditamos na intervenção estrangeira em Hespanha; é um facto europeu de tamanha gravidade, de tantas e tão dolorosas consequencias, que nos custa a crer que a diplomacia tente realisal-o.

Manifestamos as nossas duvidas, desde já, e desejamos não nos enganarmos, porque a intervenção seria para Portugal de bastante gravidade, pela nossa visinhança com a Hespanha.

Sejam quaes forem as dissidencias dos partidos em Hespanha, contra o estrangeiro que lá fosse dictar a lei, levantar-se-hia um partido formidavel, e a ninguem é dado prever até onde chegaria a guerra.

Os boatos tem ido tão longe, que até se tem propalado que os soldados estrangeiros levantariam nos seus escudos um filho do pretendente D. Carlos, com a regencia do tio D. Affonso, aquelle que casou com a filha do ex-infante D. Miguel. Se assim fôra, o que reputamos impossivel, era caso de Portugal se prevenir e acautelar, porque as suas liberdades corriam os maiores perigos.

Fallamos nestas coisas, mencionando os boatos; porque desejamos deixar exarada a nossa opinião, de que a intervenção estrangeira em Hespanha é um facto lastimosissimo, e que hade ter más consequencias para Portugal.

Isto dizemos ao paiz, e sobretudo ao governo, para que dada essa eventualidade, proceda de forma, que Portugal venha a soffrer o menos que fôr possivel.

Dizer mais é inopportuno, e mesmo não tem razão de ser neste momento.

Uma coisa só accrescentaremos, e vem a ser que a Europa, se intervier á força na Hespanha, não deve espantar-se que ao seu crime corresponda outro crime.»

A companhia real ingleza. — Esta companhia, protegida pelos governos inglez, portuguez e brasileiro, é a mais antiga da carreira dos portos inglezes para os do Brasil, nunca soffreu sinistro algum, e tem sempre feito as suas viagens quinzenaes com a maior rapidez, sendo os passageiros magnificamente tratados, como se vê dos agradecimentos publicados nos jornaes de Lisboa, transcrevendo nós aqui o que ha pouco os passageiros do vapor *Douro* publicaram:

«Os abaixo assignados, passageiros da 3.ª classe pelo paquete *Douro* da companhia real ingleza, fazem publica a sua gratidão para com toda a officialidade deste vapor, pelas maneiras delicadas e attenciosas com que sempre os trataram durante a viagem. Ao mesmo tempo não podem deixar de mencionar as boas commodidades que encontraram a bordo nos bem ventilados e aceiados beliches que lhes foram destinados, e a boa e farta comida á portugueza, que sempre lhes foi fornecida, tendo continuamente encontrado da parte dos criados portuguezes toda a solicitude em satisfazer os seus desejos.

A bordo do paquete *Douro*, em 24 de Janeiro de 1873.»

CHARADAS

1.ª

Este instrumento repetido come-se e canta—2 e 2.

2.ª

No Algarve não tem forma esta aldea—1 e 2.

3.ª

Este homem para saber estava no jardim—2 e 2.

Um amante das—Novissimas.

LOGOGRIPHO POSTO A PREMIO

Prazo 3 dias—Premio—Pequeno tratado de economia social.

p por d é uma especie de veludo....3,6.
a por d é do reino mineral........4,3,5.
r por a mais um s, é da botanica..2,5.
a por l no latim ir procurar.......1,3.

CONCEITO

Na astronomia.

Coimbra 31 de Março de 1873.

E. A. Paes de Villas-Boas.

LOGOGRIPHO

Offerecido ao meu amigo o illm.º sr. José Galião

Antepondo-lhe um:
J—Sou de certo na Asia um fructo.3,8,3.
O—Na Syria sou uma divindade..1,3,8,9,6.
S—Fui moeda ou peso dos hebreus.2,8,7,5.
E—Enleva na realidade........6, 8, 3, 6, 4,9.

G—E' voz d'animal muito dorido.3,6,2,1,5.
A—De contra veneno sou termo usado..6,4, 7,1,9,4,5.
L—E' nome de planta aquatica...5,4,9.
I—Principe do Perú respeitado...6,8,3.
A—Na musica muito usado sou..6,1,3.6,4, 2,6,9.
O—Procura-o depois de cançado..8,2,5.

E' muito facil, e por consequencia
Entendo não dever mais declarar
Do que—é um dos generos da musica,
Já é bastante para tudo decifrar.

J. N.

O logogripho publicado em o numero passado é—INCOMPREHENSIBILIDADE.

A primeira pessoa que nos apresentou a decifração d'elle, foi o sr. Joaquim de Castro e Silva Cardoso, e por isso a elle entregámos o premio.

ANNUNCIOS

1 QUEM QUIZER comprar uma morada de casas em Mont'Arroio, pegadas com o Asylo de Mendicidade, as quaes são dos herdeiros de Manoel Antonio Pereira, póde comparecer por todo o mez de Abril, na rua do Corpo de Deus, n.º 124, em casa de João Antonio Pereira.

ANTONIO MARIA CARDOSO

Rua da Calçada, n.º 42 e 44

2 ACABA DE RECEBER um lindo sortimento de veus pretos; chales de merino pretos, bordados; glacés pretos; failes; orleans pretas; merinos pretos, e outras fazendas que vende muito barato.

Para liquidar

Lãs que eram de 480 o metro, que vende por 240; chitas largas a 150 o metro; pannos abretanhados, a 110, 120, 130, e 140 o metro.



Companhia real ingleza

Vapores para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres.

Sairão os paquetes: — **Douro** em 13 d'Abril, **Liffey** em 28 d'Abril, **Neva** em 13 de Maio e **Ebro** em 29 de Maio.

Os vapores **Liffey** e **Ebro** não tocam em Pernambuco e Bahia.

Preços de terceira classe para o Rio de Janeiro 45$000 rs.; Pernambuco e Bahia reis 40$000; Montevideu e Buenos Ayres 54$000.

Para mais esclarecimentos nesta cidade, em casa de

A. R. Pinto Junior.

Até ao lavar dos cestos, é a vendima

4 EM RESPOSTA ao contra annuncio n.º 6 do *Conimbricense*, de 22 de Março, D. Maria José Freire de Carvalho Macedo, e seu filho Augusto Freire de Carvalho Macedo Pereira, novamente previnem o publico para que não compre nenhum dos bens que foram de seus tios Bento Freire de Carvalho, e mulher D. Anna Barbara da Matta Freire, sitos na Ericeira, tanto em particular, como os annunciados, para no dia 1.º de Abril irem á praça perante o meritissimo juiz de direito da comarca de Coimbra, na execução que D. Clara Leite Ribeiro move a João Fernandes Thomaz e mulher, da Figueira.

Os annunciantes estavam de posse dos bens, e não foram intimados para serem desapossados. Na execução que Fructuoso José da Silva moveu contra José Gomes Pereira, marido, e pae dos annunciantes, foi intempestiva, porque tendo sua tia D. Catharina Candida Freire de Carvalho, sido herdeira de seu irmão Bento Freire, se deveria primeiro separar os bens que lhe pertenciam (hoje ao annunciante Augusto, como herdeiro da dita sua tia), que nada tinham com as dividas de José Gomes Pereira.

Na mesma execução foram todos os bens penhorados, avaliados com a reserva do uso-fructo a Sara Stuart, quando esta nas disposições testamentarias apenas tinha o uso-fructo de 3 predios; mas este uso-fructo não chegou a legalisar, porque nunca pagou os direitos de transmissão; e tanto assim, que os annunciantes depois das partilhas dos ditos bens, tomaram posse, á qual veiu Sara reclamar o uso-fructo, ao que os annunciantes se oppozeram em juizo, e obtiveram na comarca de Mafra sentença a favor, que Sara fez subir por appellação, e que por accordão da Relação foi confirmada a sentença appellada, e condemnada a appellante nas custas e multa.

A este accordão veiu Sara com embargos, que por outro accordão foram rejeitados, mandando cumprir o accordão embargado, condemnando a appellante nas custas acrescidas.

Por todo o exposto, e mais ainda, os annunciantes protestam de em juizo fazer valer o seu direito, para o que já tem alguns documentos e andam cuidando de obter outros.

Por minha mulher D. Maria José F. de C. Macedo, e enteado Augusto Freire de Carvalho Macedo, e procurador de ambos:

José Ferreira Ramos.

5 JOÃO CASTANHEIRA DE CARVALHO, faz publico que não empresta dinheiro sobre penhores.

TABACOS

GRANDE ABATIMENTO

Barbosa & C.ª, rua da Sophia 56 a 64

VENDEM OS TABACOS COM OS SEGUINTES DESCONTOS

De 50$000 rs. para cima

No rapé secco, na folha picada, nos charutos, nos cigarros de rolo e de folha, 14 por cento.
No rapé preparado fino e meio grosso, 29 por cento.

De 100$000 rs. para cima

No rapé secco, na folha picada, nos charutos, nos cigarros de rolo e de folha, 15 por cento.
No rapé preparado, fino e meio grosso, 30 por cento.
Por quantias inferiores a 50$000 = 12 por cento e 13 por cento; 20 por cento e 25 por cento.

Armazem aberto desde as 9 horas da manhã até ás 4 horas da tarde.

LINHAÇA

93 Rua do Visconde da Luz 95

7 **Grande variedade de caixas e cestos de palha, proprios para brindes de amendoas.**

8 JACINTHO JOSE' ANTUNES LIMA, solicitador de causas encartado, com escriptorio na cidade de Lisboa, na rua de Cima do Soccorro, n.º 27, 1.º andar, e residencia no 2.º, no longo prazo de mais de 20 annos, em que instituiu o dito escriptorio, julga ter dado decididas provas de honradez, probidade, zelo, aptidão e lealdade com que tem tractado todas as pendencias que lhe tem sido encarregadas das diversas localidades do reino, ilhas, ultramar e Brasil.

Espera por tanto continuar a merecer o mesmo acolhimento, por quanto continua a tractar de causas em 1.ª e 2.ª instancia, e grau de revista— registo nas conservatorias —recursos do conselho d'estado—pendencias de todas as secretarias e repartições publicas— liquidações de heranças dentro e fóra do reino —cobrança de rendas, fóros, juros de divida publica e pensões — compra e venda de predios e papeis de credito— emprestimos sobre propriedades— processos para casamentos— breves de Roma e Nunciatura.

Acceitam-se procurações para todas as terras do reino, ilhas, ultramar e Brasil, aonde ha correspondentes.

O dito escriptorio acha-se organisado com a necessaria escripturação e habeis advogados.

Presta-se fiança se exigida fôr.

9 PELO juizo do direito da comarca de Coimbra, e cartorio do escrivão Servulo Maria de Carvalho, foi proposta por Maria Marques, do logar de Pé de Cão, freguezia de S. Martinho do Bispo, acção de separação de pessoas e bens, contra seu marido José Mano, morador no mesmo logar e freguezia; e tendo-se marcado o dia 29 do mez de Março findo, para a discussão e julgamento da dita causa, em audiencia deste dia, pelo respectivo conselho de familia, foi deliberada a separação de pessoas e bens dos ditos conjuges, concordando estes que o unico filho d'entre ambos, ficasse com a mãe, e que as custas fossem pagas a meias; deliberação esta que foi confirmada por sentença deste mesmo juizo, na mesma data.

AMENDOAS

46 Rua da Calçada 48

10 BOM SORTIMENTO, mandadas fazer expressamente em Lisboa.

NUMERO 2681 — SABBADO 5 DE ABRIL DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A transformação verdadeiramente admiravel, que se tem operado em todas as manifestações da actividade humana, e em todo o desenvolvimento social das principaes nações da Europa; o progresso e a civilisação, que neste seculo tem descuberto o que ha de maravilhoso nos agentes da natureza, e quanto póde a intelligencia e a vontade do homem, apregoam, e com razão, como um dos seus principaes motores, a rapida e facil communicação, por meio das vias acceleradas, entre os centros de commercio e industria.

A grande revolução de ideias, porem, no seu desejo de aperfeiçoar as instituições, de melhorar as condições da vida social, e de fazer dos povos uma só familia, tem exaggerado, talvez, a applicação deste meio civilisador, multiplicando-o em alguns paizes a ponto de se tornar já bastante sensivel a decadencia de muitas povoações, out'rora florescentes, ricas e cheias de animação industrial.

Os caminhos de ferro, sendo inquestionavelmente um poderosissimo e talvez o principal agente de progresso e civilisação, tem tambem, de facto, concorrido para o aniquilamento de muitas povoações em todos os paizes onde a precipitação não tem deixado pensar maduramente nas condições da sua construcção.

Por esta forma, algumas nações tem arruinado as suas finanças, e com ellas um grande numero de povoações que antes viviam em prosperidade.

Talvez que os espiritos arrojados, os que pretendem resolver *á priori* todas as questões sociaes, qualifiquem de paradoxo o que acabamos de dizer.

Nós, que em objectos de administração economica julgamos indispensavel estudar tambem *á posteriori* as questões de interesse commum, apresentamos os factos.

O rapido e immoderado desejo de voar nas azas do progresso, tem produzido em todas as nações mais adiantadas da Europa um mal, que convem conhecer para se evitar neste paiz, estudando detidamente o plano de vias ferreas que se pretende realisar.

Se não forem meditadas e apreciadas as conveniencias, em relação á localidade, á provincia e ao paiz, para dirigir acertadamente o trajecto dos caminhos de ferro, acontecerá que toda a vida commercial e industrial, se acumule nas capitaes; pontos que naturalmente attrahem toda a concorrencia.

Na França, onde o delirio pelos caminhos de ferro chegou ao extremo, estão-se conhecendo actualmente as precipitações que houve em decretar a construcção de muitos.

A França reconhece hoje que uma grande parte das vias ferreas alli construidas, não só prejudicaram muitas e importantes povoações, pela errada direcção que deram ás mesmas linhas; mas que ellas estão sendo um pesadissimo encargo para o thesouro, porque o seu rendimento não paga o juro dos capitaes despendidos.

Um interessante relatorio, elaborado para apreciar os resultados da viação accelerada em França, segundo refere um auctorisado jornal extrangeiro, demonstra que differentes ramaes na extensão de 438 kilometros, estão sendo explorados com perda, independentemente do capital empregado, que nada produz; que em 716 kilometros as depezas se equilibram com a receita, mas o capital está completamente perdido; e em 2,993 kilometros o producto liquido não excede a 2 por cento do capital.

Estes resultados estão-se observando tambem em Inglaterra, na Allemanha e em muitos outros paizes, provenientes da falta de conhecimentos especiaes das regiões que elles atravessam.

Na republica do Perú os homens mais dedicados ao progresso, emprehenderam ainda ha pouco tempo a organisação d'uma rede de caminhos de ferro. Esta empreza foi concedida em grande parte a um americano, a quem o governo garantiu o juro do dinheiro gasto nas linhas ferreas, cuja importancia annual vae subindo a sommas extraordinarias.

Alem disto, tem o Perú oito linhas ferreas, das quaes 4 estão já concluidas, tendo de extensão 725 milhas; as restantes estão em via de conclusão. De todas estas apenas uma que mede sómente 7 milhas, e outra construida por uma companhia particular, que tem de extensão 30 milhas, é que estão dando bom interesse. A'cerca das restantes suppõe-se que os capitaes estão perdidos.

O governo tem garantido aos accionistas o juro de todos os capitaes empregados nestas linhas ferreas, os quaes já lhe sobem a sommas fabulosas, que hão de custar aos povos enormes sacrificios.

Isto que se está observando em paizes mais populosos, onde existem muitos elementos de prosperidade, deve servir de lição para nós, que, se temos melhorado em condições economicas, durante estes ultimos annos, precisamos de ser muito cautelosos para não retroceder no caminho, que hoje se nos apresenta auspicioso.

A questão dos caminhos de ferro em Portugal, precisa meditar-se, não só em relação aos encargos extraordinarios que delles resulta para o thesouro publico, mas ainda pelo que respeita aos interesses economicos das localidades, para que correspondam em vantagens aos sacrificios da sua construcção.

E' evidente que as vias acceleradas não produzem os beneficios que dellas devemos esperar, sem que primeiro esteja satisfeita a necessidade de um bem combinado plano de viação ordinaria, nas regiões mais productivas. E, mormente

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXLVIII

A PRAÇA DE BERGA E OS CARLISTAS

A revolução carlista em Hespanha tem ultimamente tomado alguma gravidade. Essa situação não provem só do desenvolvimento das forças carlistas; mas principalmente da desorganisação do exercito, e da anarchia que reina nas differentes fracções liberaes.

Bem formidaveis proporções tomou a insurreição carlista desde 1833 até 1840, e comtudo triumphou por fim a causa liberal. Nem os actos de admiravel bravura de Zumalacarregui; nem a audacia do general Gomes, atravessando a Hespanha de uma a outra extremidade, pelo meio dos exercitos liberaes; nem Cabrera defendendo heroicamente a praça de Morella; nem D. Carlos com a sua expedição, chegando quasi a tocar com a ponta da espada ás portas de Madrid, poderam fazer com que vencesse o absolutismo.

O exercito liberal tinha á sua frente militares valentes, como eram Rodil, Cordova, Mina, Espartero, Orãa, Leon, Concha, Narvaez, Van-Halen, O'Donnell, Alaix, Zavala, e outros muitos; e contava nas suas fileiras numerosissimos mancebos, cheios de um enthusiasmo e dedicação inexcediveis pela causa da liberdade. Assim todas as difficuldades se venciam.

Não ha duvida, que o convenio de Vergara em Agosto de 1839, apressou o desfecho da contenda; mas é inegavel que mesmo sem esse convenio, com quanto a guerra se tivesse de prolongar muito mais, a liberdade havia de finalmente triumphar.

Na actual contenda em Hespanha, entre o partido liberal e o carlista, tudo depende da maior ou menor união e disciplina do exercito, e da pouca ou muita sensatez e prudencia das fracções liberaes.

Ha disciplina, ha obediencia, ha accordo entre todos? Nesse caso os carlistas não vencem. Podem protrair mais ou menos a decisão da luta, mas por fim hão ter agora a mesma sorte que tiveram os seus correligionarios na guerra dos 7 annos.

Continua a desordem e a anarchia, que tem havido em quasi toda a Hespanha? Então a insurreição progride, e póde seriamente incommodar o partido liberal no paiz visinho.

Deste dilemma não se sae facilmente.

Os carlistas, commandados por Saballs acabam de atacar no dia 27 de Março findo, a praça de Berga, na Catalunha, aprisionando, depois de nella entrarem, e levando em seguida comsigo a guarnição, composta de 500 praças. Este acontecimento produziu, como era natural, bastante sensação.

A praça de Berga é notavel por ser a ultima, que se rendeu ao exercito liberal na guerra dos 7 annos.

Depois do convenio de Vergara, em Agosto de 1839, ainda Cabrera e outros caudilhos carlistas sustentaram a guerra por mais um anno, apesar de D. Carlos se ter já retirado para França, com parte do seu exercito.

Em todo o caso a doença que então atacou Cabrera, e a grande intriga que lavrava entre os chefes carlistas, junto á actividade e energia do exercito liberal, commandado pelo illustre general Espartero, fez com que em 1840 terminasse a tão sanguinolenta guerra.

Depois de Espartero se apoderar de differentes praças que ainda se achavam em poder dos carlistas, tomou Morella em 30 de Maio de 1840. Por fim restava só Berga.

Cabrera, que estava em grave desintelligencia com a junta carlista de Berga, dirige-se para esta praça.

A 6 de Junho, diz o sr. D. Antonio Pirala, na sua interessante *Historia da guerra civil*, soube-se em Berga que Cabrera estava a duas jornadas da praça, e que alli se apresentaria no dia 8. Então participou a junta ao publico a entrada de Cabrera na Catalunha; tomou medidas de defeza e precaução, municionando-se os fortes e pondo-se muitas peças em bateria, como se as tropas liberaes estivessem á vista. Tudo isto assombrava o publico, que formava corrilhos, sem explicar aquellas medidas, estando para chegar Cabrera.

A junta recebia no entretanto repetidos avisos de que o caudilho do Maestrazgo ia a Berga para vingar a morte do general carlista, conde de Hespanha, assassinato que elle attribuia á junta; e consternados os membros desta, não sabiam que partido tomar. Escreveram a Segarra para que com suas tropas cobrisse as avenidas da praça, pelo caminho que levava Cabrera; mas Segarra não lhes respondia. Trataram de defender-se; mas resiste a isso a generalidade das tropas; dividem-se os membros da junta; foge o cirurgião Ferrer, queimando antes quasi todos os seus papeis, dizendo que não queria servir de joguete ao despotismo militar, e dispõe a marcha de toda a sua familia para um povo immediato.

No dia 8 o governador militar, com os mais membros da junta, percorrem a cavallo as baterias, os fortes e as portas da praça, enthusiasmando o povo, e distribuindo aguar-

em um paiz pequeno e pobre, convem, primeiro que tudo, tratar desta que, offerecendo uma grande commodidade aos povos, tem, mais tarde de alimentar a grande circulação a que as vias acceleradas se destinam.

Desejamos com todo o enthusiasmo o progresso deste paiz; temos por elle a mais entranhada dedicação; mas não queremos que a precipitação, em assumpto de tamanha gravidade, venha prejudicar o nosso futuro.

Podiamos mencionar muitos outros factos, que provam a leviandade que tem havido em todas as nações com este despendioso emprehendimento, mas não o permittem as dimensões desta folha; o que deixamos dito é sufficiente para chamar a attenção dos poderes publicos na distribuição deste melhoramento, que póde tambem converter-se em um grande mal, se a prudente reflexão não presidir á organisação do plano das nossas linhas ferreas, que vae ser estudado.

MEMORIA DE THEOLOGIA

V

Diz o sr. Dr. Motta Veiga— «que a egreja não *podia prever*...que esta instituição, o *santo officio*, abusando escandalosa e indignamente, invertesse e transformasse radicalmente os principios que lhe deram origem.»

Vejamos se sim, ou não, a egreja *podia prever* esses abusos.

A bulla de 17 de Dezembro de 1531, pela qual o papa Clemente VII, concedeu a instancias de D. João III, que em Portugal se estabelecesse a inquisição, não satisfazia completamente os desejos deste rei; porque a curia romana soubera evitar até certo ponto o absurdo contido nas instrucções enviadas por D. João III, ao embaixador portuguez em Roma, Braz Neto, segundo as quaes el-rei pretendia tornar o inquisidor geral um instrumento seu, e por via delle exercer um despotismo absoluto sobre as consciencias dos seus subditos.

Ainda assim, apezar das restricções que a mencionada bulla poz ao poder da inquisição, é certo que os abusos deste tribunal, e as queixas contra elle foram desde logo tão numerosas, que o mesmo papa, em um breve, expedido para Lisboa ao nuncio Sinigaglia em 17 de Outubro de 1532, declarou *suspensos temporariamente* os effeitos da bulla que creara a inquisição, e de quaesquer outros diplomas concernentes ao mesmo objecto; e por outra bulla, expedida em 7 de Abril de 1533, concedeu *perdão* aos christãos novos, fundamentando largamente os motivos desse acto, e estabelecendo as regras e as condições para elles poderem obter esse perdão.

O *uso* que D. João III estava fazendo da inquisição em Portugal *era tão bom*, que uma junta de theologos, a quem Clemente VII havia entregado a decisão deste negocio, dizia dos actos da inquisição o seguinte:

«As barbaridades que se praticam são taes, **que custa a perceber como haja forças humanas que possam soffrer tanta crueldade.**»

Diziam mais os referidos theologos, que segundo as informações recebidas de Portugal, o procedimento com os christãos novos na inquisição era este:

«Se é delatado, ás vezes por testemunhas falsas, qualquer desses malaventurados, por cuja redempção Christo morreu, os inquisidores arrastam-no a um calabouço, onde lhe não é licito ver ceu nem terra, e nem sequer fallar com os seus paes para que o soccorram. Accusam-no testemunhas occultas, e nem lhe revelam o logar, nem o tempo em que praticou isso de que o accusam. O que pode é advinhar, e se atina com o nome de alguma testemunha, tem a vantagem de não servir contra elle o depoimento dessa testemunha. Assim mais util seria ao desventurado ser feiticeiro do que christão.

«Escolhem-lhe depois um advogado, que, frequentemente, em vez de o defender, ajuda a leval-o ao patibulo.

«Se confessa ser christão verdadeiro, e nega com constancia os cargos que lhe dão, condemnam-no ás chammas, e os seus bens são confiscados. Se confessa taes ou taes actos, mas dizendo que os praticou sem má tenção, tratam-no do mesmo modo, sob pretexto de que nega as intenções. Se acerta a confessar aquillo de que é culpado, reduzem-no á ultima indigencia e encerram-no em um carcere perpetuo. Chamam a isto usar com o reu de misericordia. O que chega a provar irrecusavelmente a sua innocencia é em todo o caso multado em certa somma, para que se não diga que o tiveram retido sem motivo.

«Já se não falla em que os presos são constrangidos com todo o genero de tormentos a confessar quaesquer delictos que se lhe attribuam. Morrem muitos nos carceres, e ainda os que saem soltos ficam deshonrados, elles e os seus, com o ferrete de perpetua infamia.

«Em summa os *abusos* dos inquisidores são taes, que facilmente poderá entender quem quer que tenha a menor ideia da indole do christianismo, que elles são ministros de Satanaz e não de Christo.»

E tanto é certo estar o papa Clemente VII convencido dos *abusos* da inquisição em Portugal, que pouco antes de morrer, confirmou pelo seu breve de 26 de Julho de 1534, a mencionada bulla de 7 de Abril de 1533, favoravel aos christãos novos.

D. João III vendo-se assim repetidas vezes contrariado pela curia romana, na sua pretensão de estabelecer a inquisição com poderes illimitados; tomou a desforra de renovar por mais outros tres annos, pela lei de 14 de Junho de 1535, as disposições da outra sua lei de 14 de Junho de 1532, a que já nos referimos no artigo do numero passado deste jornal, e que prohibia a saida para fóra do reino dos christãos novos e suas fazendas, com pena de morte e confisco de bens.

A este desafio de D. João III respondeu logo o novo papa Paulo III, com o breve de 20 de Julho de 1535, o qual tinha por fim annullar as disposições da referida lei. E ainda nesse anno expediu o mesmo papa, em 12 de Outubro, uma bulla, tendente a diminuir o poder da inquisição. Por ella se mandava cessar todos os processos por crime de heresia, tanto no foro secular como no ecclesiastico, soltando-se os presos, revocando-se os desterrados, facultando-se a entrada na patria dos foragidos, e suspendendo-se os confiscos.

Não cessava entretanto D. João III na sua luta para *beneficiar* a Portugal com o *santo officio*; e das suas preseverantes diligencias em Roma, resultou obter que o mencionado papa Paulo III, concedesse a bulla de 23 de Maio de 1536, que estabelecia definitivamente a inquisição neste reino.

Ainda comtudo não estavam terminadas as questões com a curia romana. O mesmo Paulo III, que assim tinha auctorisado em 23 de Maio de 1536 o estabelecimento da inquisição em Portugal, inteirado posteriormente dos abusos que se estavam fazendo desta instituição, expediu em 4 de Outubro de 1539 uma bulla declaratoria, em que se restringia o poder do sanguinario tribunal.

Não obstante isso, cada vez augmentavam mais os horrores da inquisição, subindo constantemente ao papa altos clamores dos christãos novos; pelo que expediu em 22 de Setembro de 1544 outra bulla *suspendendo* a inquisição em Portugal.

Não se deu ainda assim por vencido D. João III. Lançando mão dos meios de torpe corrupção, poude finalmente alcançar que o mesmo Paulo III expedisse a bulla de 16 de Julho de 1547, pela qual a inquisição foi instituida em Portugal, na sua forma mais completa. D'ahi em deante podiam D. João III e os inquisidores tyranisar á vontade os christãos novos!

Como é depois de todos estes factos, passados no decurso de 16 annos, que o sr. Dr. Motta Veiga póde dizer com justo fundamento, que a egreja não *podia prever* os *abusos* da inquisição?!

Pois quando o papa Paulo III concedeu a ultima e definitiva bulla de 16 de Julho de 1547, não tinha visto pela larga experiencia desde o anno de 1531, as iniquidades e os horrores praticados pela inquisição? Não tinha elle e o seu antecessor Clemente VII, em resultado dessas atrocidades, umas vezes suspendido, e outras restringido os poderes da mesma inquisição? E depois de tudo isso, não estava o papa habilitado a *prever* os *abusos* que havia de praticar este sanguinario tribunal? Não sabia, pelos numerosos exemplos do passado, o que havia de acontecer no futuro?

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

EDITAL

O Dr. José Ernesto de Carvalho e Rego, do conselho de sua magestade, fidalgo cavalleiro de sua real casa, commendador das Ordens de Christo, de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e da imperial Ordem da Rosa, no Brasil, lente de prima jubilado da Faculdade de Theologia e vice-reitor da Universidade de Coimbra, etc.

FAÇO saber que em cumprimento do artigo 10 do decreto de regulamentar de 22 d'Agosto de 1865, o conselho da Faculdade de Medicina resolveu em sessão do primeiro do corrente mez o seguinte:

1.° Que o jury nas provas do concurso para o provimento de duas substituições que se acham vagas na mesma faculdade, ficasse constituido com os vogaes do referido conselho, os Drs. Antonio Egypcio Quaresma Lopes de Vasconcellos, Antonio Augusto da Costa Simões, Antonio Gonçalves da Silva e Cunha, Callisto Ignacio d'Almeida Ferraz, Lourenço d'Almeida e Azevedo, Bernardo Antonio Serra de Mirabeau, José Epiphanio Marques, Fernando Augusto d'Andrade Pimentel e Mello, Filippe do Quental, Julio Cesar de Sande Sacadura Botte, Manoel da Costa Allemão, João Jacintho da Silva Correia e Raymundo da Silva Motta; sendo ao todo treze vogaes, que prefazem os dois terços dos lentes que se achavam em effectivo serviço no tempo da abertura do concurso, e mais tres vogaes supplentes exigidos pelo § 1.° do artigo 3.° do referido decreto.

2.° Que as provas determinadas pelo artigo 11, começando pela dissertação, tivessem logar no dia 28 do corrente mez d'Abril, sendo nos dias 2 e 9 de Maio proximo futuro as de que trata o numero primeiro do referido

---

dente á tropa. Eram, porém, 11 horas da manhã, quando se divisaram as avançadas de Cabrera, o qual por Granadella, la Pobla, Juncosa, Albi, Hostal de Vinaixa, Maldá, Rocafort, Gumerá, Vallfogona, Hostalets de Cervera, Castellfollit e Santuario de Pinos, se tinha dirigido a Berga.

Continuavam cerradas as portas da praça, na qual reinava sepulchral silencio, e os que guarneciam a muralha cumpriam a ordem de não disparar um tiro.

Á uma hora da tarde se apresentaram alguns batalhões e uma grande escolta de cavallaria, e com ella o general, seguindo-o todo o seu exercito. O seu chefe reconheceu a tiro de peça a praça, situou piquetes de bloqueio, e fez tremular do estado maior um lenço branco na ponta de um sabre. Em seguida em um baluarte da praça se arvorou tambem bandeira branca, e sairam a conferenciar com Cabrera varios membros da junta, os quaes fizeram o mesmo com Labandero; e assegurados de que iam de paz, regressaram á praça, para fazer o signal convencionado. Em vista delle se abriram as portas, e Cabrera, de grande uniforme, rodeado do seu estado maior e escolta, foi recebido com salvas de artilheria e toques de sinos.

Para evitar com elle, o que tinham executado com o conde de Hespanha, e castigar os culpados, principiou Cabrera no dia seguinte da sua entrada na praça a averiguar quem eram os auctores daquelle assassinato, encarregando ao coronel Serradilla a formação do processo. Lido este, foi encerrando no castello de Queralt a Orteu, Torrebadella, Dalmau, e D. Narciso Ferrer, membros da junta; ao brigadeiro Vall e ao commandante Grau; prendendo tambem com estes o filho de Orteu, e depois as juntas de Cervera e Vich.

O commandante D. Luiz Castañola, Perez Dávila, e outros, foram fuzilados por serem accusados de transaccionistas.

O terror reinava em Berga, onde Cabrera publicou no dia 13 de Junho a seguinte ordem geral:

«Voluntarios.—O vosso general em chefe vos dirige a palavra, não para fazer ostentação de seus principios, pois os deixa já marcados nos campos de batalha. O vosso general vos falla, não para alentar o vosso valor, porque nos peitos de valentes jámais acha cabida o desanimo. Dirijo-vos, sim, a minha voz, para que fiqueis inteirados da verdadeira urgencia que me impelliu a passar o Ebro, com uma partida das minhas forças, que se achavam reunidas no Aragão e Valencia.

«Communicações officiaes interceptadas ao inimigo chegaram a convencer-me de que neste principado corria imminente risco a causa da *religião* e do *monarcha* legitimo. Manejos da revolução occultos, ao mesmo tempo que combinados, iam a arvorar entre vós o negro e asqueroso pendão da perfidia. Movia-se tudo para inutilisar o vosso valor; e os vencedores no campo de batalha iam ficar vencidos não pela força das armas, mas pelo reforço vil da intriga.

«Graças ao Senhor está descoberto o trama: fica burlada completamente a tactica soez do maçonismo; e adoptadas as medidas que julguei opportunas, acabo de arrancar a mascara do hypocrita Segarra.

«Sim: este ex-general ingrato, com a honra na boca, e a infamia no coração, não poude occultal-a por mais tempo. Achal-o-heis já em Vich fraternisando com os inimigos de *Carlos V*. Esto é um triumpho para as armas de *el-rei*; pois a causa da lealdade acaba de arrojar do seu seio a um general fementido.

«Não deixarei a obra incompleta; e ao traidor que pretenda abrigar-se entre vós, não lhe fica outro recurso senão a fuga, se primeiro o não alcançar a severidade das leis. Acabo de executar o que vos prometto na pessoa de D. Luiz Castañola, primeiro commandante do 18, fuzilado hontem nesta praça.

«Por commissão particular de *el-rei* nosso senhor (que Deus guarde), tive tambem de passar á Cataiunha, para vingar o assassinato do sr. conde de Hespanha. Obrarei com imparcialidade; pesarei o assumpto na balança da justiça; examinarei as provas, e descarregando unicamente o golpe sobre o perpetrador do crime, farei ver á Europa, que o extravio de algum simples particular em nada pode manchar a causa de *Carlos V*.

«Catalães! A rectidão de minhas intenções vos é bastante conhecida: saberei recompensar o merito, porem inexoravel me tereis com o delicto.

«Voluntarios! Sei que me amaes e que vos achaes persuadidos de que o vosso general vos ama; muito espero tambem de vosso valor e constancia; não me é occulto que a cabala da revolução é a que em differentes periodos poz em estado de inercia a robustez de vossos braços; porém sei tambem que desejaes bater o inimigo, e que o vosso elemento natural e o logar do combate. Eu me porei á vossa frente; eu mesmo em pessoa vos conduzirei ao campo da honra, e com o auxilio de Deus, á victoria. Conservando a união e o amor fraternal que vejo reinar entre vós, me cabe o doce prazer de não descobrir em todo o exercito de meu commando mais que soldados de *Carlos V*; assim, dentro em pouco triumpharemos completamente da revolução impia; e quando esta julga haver chegado ao apogeo do poder, verá desfeitas suas hordas, e desfeitos tambem seus planos de traição e de intriga.—*O conde de Morella.*»

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

artigo; e no dia 10 os trabalhos praticos; devendo as interrogações sobre o objecto dos pontos das lições e da dissertação ser feitos por turno, continuado do concurso antecedente.

3.° Que as lições e trabalhos praticos começassem ás 10 horas da manhã, e que á mesma hora fossem tirados os pontos, assistindo a este acto tres vogaes do jury por turno, guardada a ordem d'antiguidade.

E para que chegue á noticia de todos mandei afixar o presente. Paço das Escholas, em tres d'Abril de 1873. Eu Manoel Joaquim Fernandes Thomaz, secretario o subscrevi.—José Ernesto de Carvalho e Rego, vice-reitor.—Está conforme—*Manoel Joaquim Fernandes Thomaz.*

NOTICIARIO

Caminhos vicinaes.—A commissão de viação deste districto approvou o plano provisorio dos dois caminhos vicinaes de Coimbra a entroncar na estrada real n.° 48, partindo de Sant'Anna por Cellas, Santo Antonio e Dianteiro; e a que parte da estação do caminho de ferro a entroncar na estrada da Figueira pela ponte Cidreira.

Os projectos que dizem respeito a estas estradas vão agora ser submettidos ao governo.

Casa da eschola—Progridem os trabalhos da casa da eschola de ensino primario no largo da Feira. Já por isso a vereação municipal pediu a segunda prestação do donativo de 2:000$000 reis, que o sr. barão de Louredo fez com esta applicação.

Director do hospicio—Na ausencia temporaria do sr. Dr. João Antonio de Sousa Doria, está exercendo o cargo de director do hospicio dos expostos desta cidade, o sr. Dr. Fernando Augusto de Andrade Pimentel e Mello.

Inspector dos incendios—A camara municipal, sob proposta do seu presidente, creou um logar de inspector dos incendios, com o ordenado annual de 150$000 reis.

Engenheiro municipal—Tambem a camara, sob proposta do seu presidente, approvou a creação de um logar de engenheiro municipal, com o ordenado de 600$000 reis annuaes. O motivo da creação deste logar, é pela falta de pessoal technico, que ha na repartição do districto, que obriga muitas vezes a camara a mandar fazer por sua conta projectos de estradas municipaes; e ao desenvolvimento que a vereação tenciona dar á viação municipal, logo que tenha contraido o emprestimo de 40:000$000 rs., que se acha auctorisada a levantar com aquelle destino. Este cargo poderá ser accumulado com o de inspector dos incendios.

Amanuense—Da mesma forma, sob proposta do seu presidente, approvou a camara municipal, que fosse creado um logar de amanuense na secretaria, com os encargos marcados no respectivo regulamento, visto ter mostrado a experiencia que o expediente da mesma é superior ás forças dos empregados do quadro, pois que ha alguns annos consecutivos tem sido chamados empregados extraordinarios para coadjuvar aquelles nos trabalhos da mesma secretaria.

Caminho de ferro americano—Na camara dos deputados foi approvado o projecto de lei, pelo qual é o governo auctorisado a conceder, sob sua immediata fiscalisação, a Evaristo Nunes Pinto e Camille Mangeon, ou á companhia que elles organisarem, a admissão, livres de direitos nas alfandegas, de todo o material fixo e circulante indispensavel para a construcção e exploração de um caminho de ferro, servido por cavallos, *(rail-road)*, entre a cidade de Coimbra e a contigua estação do caminho de ferro do norte.

Festividade.—Por diligencias de alguns devotos se celebrou hontem na egreja de Santa Cruz, a festa das Dores de Nossa Senhora. De tarde cantou-se o *Stabat Mater* do sr. Francisco Lopes Lima de Macedo, e pregou o sr. padre Manoel Joaquim dos Santos Neves.

Concurso.—Estão a concurso, pelo espaço de 30 dias, a contar de 3 do corrente, as egrejas de S. Mamede do Bolho, concelho de Cantanhede; e S. Miguel da Liceia, do concelho de Monte Mór o Velho; ambas do bispado de Coimbra.

Recrutamento—O conselho de estado julgou favoravelmente os seguintes recursos, a fim de que os respectivos mancebos fiquem livres do serviço do exercito:

CONCELHO DA LOUZÃ

Freguezia da Louzã—Antonio Gonçalves, por seu filho Francisco.

CONCELHO DE ARGANIL

Freguezia de Coja—Maria Ricardina, por seu filho José.

Freguezia de Folques—Joaquim Antunes, por seu filho José.

Freguezia de S. Martinho—Antonio da Silva Coelho, por seu filho Antonio.

CONCELHO DE SOURE

Freguezia de Samuel—Luiz Rascão e mulher Maria Garcia, por seu filho João.

Transferencia.—O nosso patricio e amigo o sr. bacharel Francisco da Silva Machado, administrador do concelho de Macedo de Cavalleiros, foi transferido para egual cargo em Mirandella.

Fundos publicos.—E' muito lisonjeiro o nosso mercado de fundos publicos. As inscripções estão de 44 a 44,10, e com tendencias para continuarem a subir.

Quando a Hespanha está passando por uma crise tão temerosa, é na verdade muito para notar, e para folgarmos, que o nosso credito esteja tão bem estabelecido, que não só não soffra o menor abalo, mas antes melhore cada vez mais.

O loureiro.—Ha muitas especies de *loureiros;* mas o mais celebre e o mais conhecido, desde remotissimos tempos, é o *loureiro commum*, ou *ordinario*, chamado tambem *loureiro de Apollo*, porque sempre tem servido os seus ramos para fabricar as corôas dos vencedores. E' originario de Creta e do monte Atlas.

E' uma bella arvore, que se eleva a dez metros, com pouca differença, no sul da Europa, na Asia Menor, e na Africa septentrional, onde cresce expontaneamente.

Ha, tambem, formosos specimens d'esta arvore em algumas de nossas mattas, e nomeadamente nas da Arrabida e Monchique.

E' dura e elastica a sua madeira, e conserva longo tempo o seu cheiro aromatico. Dão as suas bagas um oleo muito usado em uncções contra as dores.

São impregnadas de succos aromaticos todas as partes desta arvore, e servem de perfume e condimento.

Sempre foi o loureiro a recompensa das virtudes militares e dos grandes talentos. Nenhuma arvore foi mais celebre, na antiguidade, nem mais cantada pelos poetas. Era particularmente consagrada a Apollo, porque, segundo a fabula, em loureiro fôra transformada a nympha Dafne, fugindo ás perseguições deste deus.

Era crença dos antigos, que o loureiro communicava o espirito de prophecia, e o enthusiasmo poetico. A' crepitação que fazia ardendo, annunciavam os acontecimentos futuros; e era ruim signal, quando ardia, sem crepitar.

Os que iam consultar o oraculo de Delphos, coroavam-se de louro no regresso, se do deus haviam recebido resposta favoravel.

Os que desejavam sonhos felizes, punham folhas desta arvore debaixo do travesseiro do leito.

Era tambem symbolo da victoria. Quando se distinguiam por acções gloriosas os dictadores e os consules, cercava-lhes o louro as fasces. No primeiro dia do anno plantavam-se ramos desta arvore ás portas dos palacios dos imperadores. Chama lhe por isso Plinio o *porteiro dos Cesares*, a guarda fiel dos seus palacios. Era crença dos antigos, que sómente o loureiro lograva o privilegio de não ser fulminado pelo raio.

Consideravam os medicos o loureiro como uma panacea universal; e por esta razão de certo é que se ornavam com elle todas as estatuas de Esculapio. A' porta dos aposentos dos enfermos collocavam alguns ramos, para lhes tornar propicio o deus da medicina.

Por longo tempo foi uso nas academias cingir de uma corôa feita de ramos de louro com suas bagas os jovens aspirantes aos graus academicos, na occasião em que se lhes conferiam; e d'aqui proveiu o termo *baccalaureatus*, como quem diz ornado com bagas de louro; d'onde egualmente derivou o termo *bacharel*.

A este uso alludiu Camões, quando, referindo a fundação da Universidade de Coimbra, cantou:

Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do baccharo, e do sempre verde louro.

Com uma corôa de louro se recompensavam tambem, na edade media, os poetas, os artistas e os sabios, que se haviam distinguido por brilhantes successos: o que deu origem ao termo *laureado*.

Tintas sympathicas.—São bem conhecidas estas tintas, que servem para escrever palavras invisiveis, que só apparecem com a côr propria, depois de submettermos o papel á acção do calor ou de certos reagentes. Antigamente fazia-se muito uso destas preparações, para correspondencias secretas; hoje porém tem-se vulgarisado por tal forma o segredo da sua composição, que o seu emprego quasi que constitue objecto de mero recreio.

Parece que a primeira tinta sympathica foi descoberta em 1705, e preparava-se com uma dissolução de chlorureto de cobalto em agua pura. As letras escriptas com este liquido, apparecem com a côr azul, apenas se aquece o papel. Juntando a esta dissolução uma pequena porção de chlorureto de ferro, a côr apparece verde.

Outra tinta sympathica prepara-se com o acetato de chumbo. O que escrevermos com ella apparece negro, sujeitando o papel á acção dos vapores do hydro-sulfato de ammoniaco. A simples infusão da noz de galha dá côr negra intensa pelo contacto da solução do peroxido de ferro. E' nesta reacção que se funda a preparação da tinta ordinaria.

A dissolução do chlorureto de ouro produz uma côr purpurea, humedecendo o papel escripto com ella com a solução do chlorureto de estanho. O sumo de cebolla, juntando-lhe acido sulfurico diluido, reproduz caracteres de côr escura, expondo o papel á acção do calor. Ha ainda muitas outras receitas de tintas sympathicas.

Os alfinetes.—Affirmam uns auctores, que os alfinetes foram inventados em Alençon, França, em 1540, e pretendem outros, que esta invenção pertence á Inglaterra em 1570. Antes desta epocha as mulheres serviam-se para os seus enfeites de agulhas de pau, como ainda hoje se usa em algumas localidades de Bretanha, na França.

O fabrico de um alfinete consta de 18 operações distinctas, e 10 pessoas pódem fabricar por dia mais de 48:000 alfinetes. Os alfinetes pretos, empregados principalmente no cabello, devem a sua côr á ebullição em oleo de linhaça. O principal centro fabril deste genero na Inglaterra é a cidade de Birmingham. A França e Hollanda tambem concorrem poderosamente para abastecer o commercio com este utensilio tão indispensavel aos usos da vida.

Harpa-eólia.—Este instrumento de cordas, muito sonoro e sensivel, é tocado pelo vento. Suspende-se em uma arvore, ou em uma janella ou porta abertas, de forma que a mais pequena corrente de vento produza a vibração das cordas. D'estas vibrações resultam sons caprichosos e combinações harmonicas, que produzem magico effeito. Se a brisa é suave, ouve-se apenas um gemido; e se o vento sopra com força, todas as cordas vibram e soltam notas variadas desde as mais agudas até ás mais graves. A harpa-eólia era conhecida pelos povos antigos, e ainda hoje é muito usada na Inglaterra, Escocia, e outros paizes do norte.

As esporas.—E' antiquissimo o uso das esporas. Na edade media, para crear um cavalleiro, concediam-se-lhe esporas de ouro. Antes do seculo 14 consistiam apenas em uma especie de esporão, semelhante ao de gallo, espetado no salto do calçado.

Serpentes de cabellos!—E' do sr. José Maria Rosa de Carvalho a seguinte noticia:

«Ha quem acredite que os cabellos arrancados com a raiz, e lançados n'agua, não só adquirem vitalidade, mas tambem que se transformam em grossas serpentes! Ha no povo pessoas tão persuadidas da conversão dos cabellos em cobras, que muitas mulheres evitam o pentearem-se proximo dos rios e ribeiros.

Estes chamados cabellos, são uns vermes como outros quaesquer; e mui vulgares. Linneu observando que elles têem por costume o enroscarem-se e darem em si muitos e apertados nós, lembrou-se do nó de Gordio. Formou o genero *Gordius*, e deu a esta especie o nome de *Gordius aquaticos*.»

Arvore respeitavel.—Tambem é do mesmo sr. Rosa de Carvalho a seguinte noticia:

«O pinheiro manso na cerca de Santo Antonio dos Olivaes tem um tronco de 5 metros e 58 centimetros de circumferencia!»

Noticias de Hespanha.—Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

«O *Diario hespanhol* publica um artigo fazendo uma triste descripção do estado em que se acha a cidade de Malaga. Diz que a auctoridade superior não tem prestigio nem força; ha alli 10 a 12 mil voluntarios armados, urbanos e ruraes, que sustentam a ordem material, mas não consentem que o governo envie tropas, nem ao menos carabineiros para a vigilancia das costas, fazendo-se immenso contrabando, e não se arrecadando impostos alguns; de maneira que os gastos locaes consomem os rendimentos de toda a provincia e o thesouro não recebe um real.

A junta republicana federal de Madrid publicou o seu manifesto, no qual sustenta que aquella cidade é essencialmente federalista.

O sr. Velarde, capitão general de Valencia, é que vae substituir o general Contreras na Catalunha. Toda a guarnição e tripulação dos navios de guerra que se acham ancorados em Cartagena, usa de barretes phrygios, apesar da prohibição dos respectivos chefes. Um palacio que possue o marquez de Belgida, perto de Albaida, foi completamente devastado pelo povo, o qual acudiu alli em massa e roubou portas, janellas, moveis, vazilhas, azeite, vinho, etc.

A republica hespanhola felicitou a mr. Thiers pela convenção relativa á evacuação do territorio francez pelos prussianos.

O municipio de Sevilha mandou derrotar o cemiterio catholico de S. Fernando. Os jornaes da localidade aconselham os possuidores de mausoleus que usem dos seus direitos de propriedade, pedindo indemnisações.

Movimento carlista

Em Pamplona ignorava-se completamente no dia 31 do passado a situação dos carlistas. A entrada d'elles em Ripoll e Berga e os seus actos alli produziram profunda agitação em Barcelona.

As folhas desta cidade trazem-nos longos pormenores da tomada de Berga, que resumiremos. O fogo rompeu á uma hora e meia da madrugada de 27 de Março. As forças existentes em Berga eram uns 500 homens. Seballs e outros cabecilhas atacaram com 4:000 homens. O fogo foi vivissimo e durou até ás 6 horas e meia da tarde, isto é, 17 horas.

Pelas 6 horas e meia o commandante militar de Berga, sr. Morales, mandou cessar o fogo e parlamentou com os chefes Camps e Miret, os quaes nunca mais deixou, dirigindo-se logo com elles ao quartel dos voluntarios, os quaes mandou formar, ordenando-lhes depois a entrega das armas. Os officiaes tambem entregaram as espadas e os rewolvers. A's 2 horas da madrugada foram todos levados presos pelas forças commandadas por Saballs.

As tropas de linha encerradas no forte bateram-se até que elle foi incendiado por meio do petroleo; ainda assim sairam e continuaram a luta na casa denominada *hostal*, até ella ser tambem incendiada. Ouvindo o toque de cessar o fogo, e tendo as munições esgotadas, entregaram-se então. Tres soldados de linha e um voluntario franco, encerrados na torre da egreja, não quizeram de modo algum render-se. Os carlistas incendiaram então a torre e os quatro valentes entregaram-se. O voluntario foi logo fuzilado, assim como já o tinham sido outros cinco. Muitas casas foram saqueadas. Os carlistas sairam no dia seguinte, quando se aproximou da cidade a columna de Cabrinetti.»

Mais noticias de Hespanha.—Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

«A noticia da entrada dos carlistas em Ripoll e Berga causou, como já dissemos, funda sensação em Barcelona. Segunda feira á noite recebeu o governo de Madrid noticia tele-

graphica, que a agitação era alli extraordinaria. Os voluntarios occuparam os edificios publicos e apoderaram-se das egrejas. As auctoridades pediram para Madrid a suspensão das garantias e 10:000 soldados bem disciplinados.

Dizia-se que alguns padres protestantes tinham entrado nas egrejas catholicas, e que subindo ao pulpito, haviam attribuido o incremento do movimento carlista aos curas catholicos. O guarda da egreja de S. Jayme pediu auxilio por desconfiar que queriam saquear e incendiar aquelle templo. Com effeito foram encontradas algumas portas forçadas e as paredes humidas de petroleo, mas não se deu pela falta de objecto algum. A egreja, com consentimento das auctoridades, foi transformada em quartel da milicia cidadã.

As egrejas de Santa Maria, de Pi e de Belem tambem foram occupadas pelos voluntarios da republica. O governador civil publicou uma allocução ao povo, pedindo-lhe prudencia e ordem.

Julga-se que o general Hidalgo sempre acceitará o cargo de capitão general das Canarias. Fugiram da cadeia de Cordova o cabecilha Caracuel e mais cinco carlistas. O governador mandou prender o alcaide e outros empregados da cadeia.

O capitão general da Catalunha mandou concentrar algumas tropas em Gerona, para evitar qualquer surpreza dos carlistas.

Refere o *Imparcial* que o sr. Olozaga, na carta que acompanha a sua demissão de embaixador de Hespanha em Paris, diz que deixa aquelle logar na impossibilidade absoluta de associar a sua responsabilidade moral a uma ordem de cousas que, no seu entender, é a destruição da sua patria.

O coronel do regimento de Calatrava dispersou as guerrilhas de Vallés e Comats, compostas de 900 homens.

O bando do cura de Santa Cruz foi surprehendido em Hernialdo, por uma columna de miqueletes e voluntarios de Tolosa: mas como esta surpreza se effectuou de noite, não poude ser preso o cura, que se evadiu precipitadamente, deixando em poder dos republicanos 4 cavallos e varias bagagens.

O bando de Cucala foi batido pelo regimento de Granada, que lhe fez 11 mortos e muitos feridos. A columna teve 4 mortos e 7 feridos.

Fallecimento.— Em a noute passada falleceu repentinamente o sr. Thiago Duarte Reis, antigo negociante desta cidade.

Depois das 2 horas achou-se incommodado; chamou pela sua familia, a qual lhe acudiu; e queixou-se de grandes ancias. Foi logo chamado o sr. bacharel José Maria Coutinho; e quando este facultativo chegou, o que foi com pouco intervalo, já achou morto o sr. Thiago Duarte Reis.

CARTA ENYGMATICA

Amigo e sr.— Como tivesse conhecimento que no alegrete do meu amigo ha muitas e bonitas flores de diversas qualidades, desejava que me obsequiasse com uma 3.ª e 4.ª, para satisfazer a um pedido que me foi feito pelo meu 1.ª e 2.ª, e no caso de me poder obsequiar, pedia-lhe para que a conducção não fosse 2.ª, 3.ª e 4.ª, e bem assim que a escolha que o meu amigo fizesse fosse como o todo indica. Seu amigo—*J. N.*

As charadas do numero passado eram— 1.ª Papa-figo—2.ª Almassa—3.ª Magnolia.

O 1.º logogripho era—Excentricidade— e o 2.º—Diatonico.

Em o numero seguinte publicaremos um logogripho, que nos foi enviado de Pombal.

ANNUNCIOS

Aviso ás Senhoras

1 EXPOSIÇÃO DE LIVROS DE MISSA. Barateza inexcedivel, gostos aprimorados. Domingo, 6, e quinta feira, 10 do corrente. Na **Livraria Academica, 183—Rua da Calçada—185.**

2 QUEM PERDESSE um porte-viagem, com differentes objectos dentro, na estrada de Coimbra á Figueira, no dia 18 de Março, dirija-se a Lavarrabos, a Serafim Gomes Ferreira, em casa do illm.º sr. Dr. Fortunato de Oliveira Rocha.

3 QUEM QUIZER comprar uma morada de casas em Mont'Arroio, pegadas com o Asylo de Mendicidade, as quaes são dos herdeiros de Manoel Antonio Pereira, póde comparecer por todo o mez de Abril, na rua do Corpo de Deus, n.º 124, em casa de João Antonio Pereira.

Leccionista de Pharmacia

4 JOAQUIM ANTONIO J. PEREIRA, pharmaceutico de 1.ª classe pela Universidade, lecciona aspirantes de pharmacia. Travessa da rua dos Militares.

Na mesma casa tambem se lecciona rhetorica, historia, francez, geometria e introducção.

ANTONIO MARIA CARDOSO

Rua da Calçada, n.º 42 e 44

5 ACABA DE RECEBER um lindo sortimento de veus pretos; chales de merino pretos, bordados; glacés pretos; failes; orleans pretas; merinos pretos, e outras fazendas que vende muito barato.

Para liquidar

Lãs que eram de 480 o metro, que vende por 240; chitas largas a 150 o metro; pannos abretanhados, a 110, 120, 130, e 140 o metro.

AGRADECIMENTO

6 JOSÉ MARIA DA SILVA TORRES, Clementina do Carmo Neves Torres, Antonio José Gonçalves Neves, e Libania Maxima da Pureza Neves, extremamente penhorados com as pessoas da sua amisade, pelos obsequios prestados tanto na occasião da enfermidade, como na do fallecimento da sua muito querida filhinha e neta, não podem deixar de especialisar o mui digno facultativo o illm.º sr. José Maria Pinto, pelo carinho e incançavel zelo com que a tractou, bem como os illm.os srs. Antonio Diniz de Carvalho e Antonio Maria da Conceição, pelos relevantes serviços e provas de amisade que delles receberam, protestando tambem a sua eterna gratidão á benemerita sociedade philarmonica *Conimbricense*, que da melhor vontade acompanhou o feretro.

TABACOS

GRANDE ABATIMENTO

Barbosa & C.ª, rua da Sophia 56 a 64

VENDEM OS TABACOS COM OS SEGUINTES DESCONTOS

De 50$000 rs. para cima

No rapé secco, na folha picada, nos charutos, nos cigarros de rolo e de folha, 14 por cento.
No rapé preparado fino e meio grosso, 29 por cento.

De 100$000 rs. para cima

No rapé secco, na folha picada, nos charutos, nos cigarros de rolo e de folha, 15 por cento.
No rapé preparado, fino e meio grosso, 30 por cento.
Por quantias inferiores a 50$000 =12 por cento e 13 por cento; 20 por cento e 25 por cento.

Armazem aberto desde as 9 horas da manhã até ás 4 horas da tarde.

8 A MESA administrativa da Santa Casa da Misericordia da villa de Soure, faz publico, que novamente se acha a concurso por espaço de 30 dias, a contar da data do presente annuncio, o logar de capellão da mesma Santa Casa, com o ordenado de 86$400 rs. annualmente.

Os srs. ecclesiasticos que quizerem requerer o dito logar, deverão apresentar os seus requerimentos no referido prazo, acompanhados dos documentos necessarios.

As obrigações do capellão constam do compromisso da Santa Casa, das quaes o abaixo assignado fará sciente aos individuos que pretenderem o dito logar, para cujo fim se lhe podem dirigir.

Soure, 24 de Março de 1873.

O escrivão da mesa,
Lino A. R. de Faria.

LINHAÇA

93 Rua do Visconde da Luz 95

9 **Grande variedade de caixas e cestos de palha, proprios para brindes de amendoas.**

AMENDOAS

46 Rua da Calçada 48

10 BOM SORTIMENTO, mandadas fazer expressamente em Lisboa.

Aguas alcalinas gazosas das Pedras Salgadas (Villa Pouca de Aguiar.)

11 ESTAS AGUAS medicinaes, são empregadas nos mesmos casos das de Vichy e Vidago; são mais ricas na sua composição chimica, e dos melhoras effeitos therapeuticos.

Vendem-se em Coimbra— Pharmacia Ferraz—Largo do Castello.

CAIXAS PARA AMENDOAS

12 VARIADISSIMO sortido e baratissimas.

46 Rua da Calçada 48

CHAPEUS DE SEDA PARA CHUVA

13 CHEGADOS directamente da fabrica.— Vendem-se desde 2$250 a 8$000 rs.

46 Rua da Calçada 48

SUPERIOR AMENDOA DE LISBOA E FRANCEZA

14 VARIADO SORTIMENTO de caixas para amendoas; acabam de chegar ao armazem de viveres de

Manoel da Silva Gonzaga
51=Sophia=55

AZULEJO

COIMBRA—RUA DA CALÇADA

Proximo á Portagem

Estabelecimento de
José Tavares da Costa

15 CHEGARAM a este estabelecimento grande variedade de bolaxinhas modernas, biscoito de Hamburgo, excellentes amendoas de Lisboa. Preços baratissimos.

16 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchaqueca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

E ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de oda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kilo 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.— EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes. — ELVAS, Sant'Anna. — COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho. —FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca. — SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2682 TERÇA FEIRA 8 DE ABRIL DE 1873 ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Na presente semana, em que a egreja christã recorda o angustioso supplicio do Divino Redemptor da humanidade, não ha neste logar assumpto para divagações profanas.

Aquelle que levantou o mundo do tremedal do vicio, onde o tinham arrastado os barbaros costumes do paganismo; Aquelle que dotado de sublime humildade, se prestou aos mais dolorosos soffrimentos e humilhações, para ensinar com a palavra e com o exemplo, as virtudes, cuja pratica eleva o coração humano até ás regiões da immortalidade, não póde deixar de ser, nesta occasião solemnissima, o pensamento unico da nossa alma, para nos curvarmos perante a cruz que se ergue nos altares do templo sagrado.

A santa egreja catholica, commemorando nestes dias o grandioso acontecimento do Calvario, e desenrolando o quadro dolorosissimo da paixão e morte de Jesus Christo, do filho querido de Maria, relembra-nos tambem o mais explendido de todos os acontecimentos nos fastos da civilisação dos povos e da organisação social.

O Martyr sublime, o mestre inimitavel, o Divino Redemptor foi tambem um philosopho profundo e um legislador consummado.

As suas doutrinas encerram as bases unicamente verdadeiras da perfectibilidade humana. Ellas operaram uma completa mudança nos costumes e nas instituições antigas; levantaram as sociedades do abysmo onde a perversidade dos costumes e a atrocidade dos crimes as haviam precipitado.

Os eloquentissimos preceitos da sua immortal doutrina hão de ser sempre a base fundamental de toda a legislação, porque assentando sobre a liberdade inacta do ser intelligente, estabelece os verdadeiros principios da dignidade humana.

A caridade dos homens uns para com os outros, o amor do proximo e da justiça, a moralidade, os bons costumes e a pratica de todas as virtudes sociaes, ideal da suprema perfeição, eis a doutrina que Jesus Christo manda seguir, e pela qual se sacrificou até expirar na cruz.

Meditemos, pois, na augustissima oblação de Jesus: pratiquemos a doutrina do supremo legislador, que ella resume tudo que ha de grandioso e elevado na alma humana; abracemos, com extremosa dedicação, tanto quanto fôr possivel á nossa natureza limitada, os preceitos do evangelho; que são a nossa fé e a nossa esperança: assim o astro brilhante da suprema felicidade a que o homem e a sociedade podem aspirar no mundo, raiará sobre os povos.

MEMORIA DE THEOLOGIA

VI

(CONCLUSÃO)

Diz mais o sr. Dr. Manoel Eduardo da Motta Veiga:

«D. João III *não podia prever os abusos e males*, que dessas instituições (o tribunal do *santo officio* e a *companhia de Jesus*), por motivos e circumstancias *impossiveis de adivinhar*, se podiam originar no correr dos tempos. De tudo se póde abusar, e de feito se tem abusado, ainda das instituições mais santas e justas: e não é, nem póde ser, pelos abusos que d'uma instituição se fez, que podemos avaliar da conveniencia da sua acceitação, nem tão pouco da bondade ou ruindade da mesma instituição.»

Do que o sr. Dr. Motta Veiga diz, segue-se necessariamente, que no reinado de D. João III só se *usava* da inquisição. Os *abusos* esses vieram depois, e não se podiam prever.

Sentimos que a falta de espaço, e o desejo de terminar estas reflexões, nos impeçam de aqui mencionarmos os flagicios praticados pela inquisição, dirigida no Porto por Fr. Balthazar Limpo; em Coimbra por Fr. Bernardo da Cruz; e em Evora pelo castelhano Pedro Alvares de Paredes, inquisidor que fôra em Llerena. Limitar-nos-hemos, por isso, a apresentar um leve quadro do *uso* que do seu poder fazia a inquisição de Lisboa.

Era essa inquisição composta de quatro inquisidores, Fr. Jorge de S. Thiago, dominicano, Jorge Rodrigues, Antonio de Leão, e João de Mello. Este ultimo era a alma do tribunal.

Para amostra do que era a inquisição de Lisboa, no reinado de D. João III, transcreveremos alguns periodos da obra do sr. Alexandre Herculano—*Da origem e estabelecimento da inquisição em Portugal*. Por este exemplo poderão facilmente os leitores avaliar os outros.

«O numero das pessoas que entraram nos carceres de Lisboa de 1540 a 1543 nem remotamente se póde calcular. Tinham-se construido prisões especiaes para os reus de judaismo; mas em breve esse receptaculo de supremas miserias ficou atulhado. Converteu-se em masmorra o vasto edificio das Escholas-geraes; mas as novas prisões dentro em pouco se tornaram insufficientes.

Os *Estáos*, paços reaes situados no Rocio, foram entregues ao santo-officio. Não bastaram, porem. Os edificios publicos da capital corriam risco de ser transformados, uns após outros, em calabouços. Pararam, talvez, diante desta ideia; mas a corrente de entes humanos que se precipitava nos antros da inquisição não cessava. Nos pateos interiores edificaram-se umas como pocilgas para se receberem novos hospedes.

A frequencia dos autos de fé devia, portanto, tornar-se em providencia hygienica. Uma epidemia podia surgir daquelles logares infectos, d'entre uma população empilhada em recintos sem ar e sem luz, devorada pelos padecimentos physicos, e enfraquecida pela dor moral. A saude publica, a boa ordem das prisões, o serviço do rei e do estado exigiam de tempos a tempos a reducção d'aquelle acervo enorme de carne humana a proporções mais razoaveis. As fogueiras dos autos de fé, ao passo que eram uma diversão para o povo, satisfaziam ás indicações administrativas. As cinzas dos mortos nem sequer occupavam um breve espaço de terra; porque as correntes do Tejo iam depositaI-as no fundo solitario do mar.

Resta-nos uma carta de João de Mello escripta a el-rei, sem data de anno, mas que coincide com esta epocha. E' a descripção de um auto de fé redigida no mesmo dia, e poucas horas depois d'aquella festa de cannibaes.

Ao tomar nas mãos o terrivel documento, como que nos sussurra aos ouvidos o crepitar das chammas e o murmurio anhelante dos que se asphyxiam nos rolos de fumo; como que respiramos o cheiro das carnes que se carbonisam, dos ossos que se calcinam. E uma illu-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXLIX

A PRAÇA DE BERGA E OS CARLISTAS

(CONTINUAÇÃO)

No dia anterior tinha o general Espartero, duque da Victoria, publicado em Lerida, um bando, pondo fim ás medidas de rigor que tivera precisão de adoptar no anno antecedente, e derrogando as suas disposições acerca da expulsão e bloqueio no Aragão, Valencia e Murcia, excepto as que se referissem aos que seguiam a Cabrera e Balmaseda, e ao paiz occupado pelos carlistas.

Em vão se esforçava Cabrera em vencer as circumstancias, mais poderosas que todas as suas forças; até a sorte lhe era já adversa, e a Providencia, ou a casualidade se conjuravam em sua desgraça. Ibañez, o temido chefe do campo de Tarragona, o decidido e fanatico partidario do despotismo, foi morto de um tiro de pistola, que, segundo se disse, se disparou involuntariamente ao seu secretario.

Nos ultimos dias de Junho de 1840 tratou Cabrera de regular o pessoal dos officiaes dos corpos, o que produziu tão pronunciado e geral descontentamento, que poucos estavam já resolvidos a bater-se. A desmoralisação dos soldados augmentava-se diariamente; maltratavam os paisanos, e nada respeitavam. Era visivel o desgosto dos povos; e a tropa, que conservava ainda alguma subordinação, acabava de perdel-a, ao ver-se nos dias 23, 24, e 25 sem rações, e quando muito a meia ração, ou quarto; e isto quando sabiam que muitos povos contribuiam com bem regulares sommas de dinheiro.

O general Espartero, duque da Victoria e de Morella, á frente de todos os exercitos reunidos, ordenou pelo seguinte modo as forças em operação contra Berga.

Osset mandava a vanguarda, composta de dois batalhões da princeza; dois de caçadores de Luchana, um esquadrão da rainha, e meia bateria.

O general Leon, conde de Belascoain, guiava a primeira divisão de tres brigadas, formada a primeira de quatro batalhões da guarda real; a segunda de tres da mesma classe, e a terceira de quatro da guarda real provincial, quatro esquadrões de hussards da princeza, um de inglezes, uma bateria e uma companhia de engenheiros: commandavam-nas o general Ezpeleta e os brigadeiros Puig e Mahay.

A segunda divisão dirigia-a Castañeda, e se dividia tambem em tres brigadas; as duas primeiras de tres batalhões cada uma, ás ordens dos brigadeiros D. Francisco Serrano e D. Vicente de Castro; e a terceira, ás de Durando, contava, alem dos tres batalhões, quatro batalhões do principe, uma bateria e uma companhia de engenheiros.

Ayerve commandava a terceira divisão, dividida tambem em tres brigadas. Roncali e Aleson guiavam as duas primeiras de tres batalhões, e a terceira estava augmentada com tres esquadrões de Bourbon, uma bateria e uma companhia de engenheiros.

Commandava a quarta divisão Otero; as suas tres brigadas tinham a mesma força de infanteria que as anteriores, e a ultima dois esquadrões do 8.º ligeiro, uma bateria e uma companhia de engenheiros.

Zurbano e Leimery commandavam duas brigadas volantes: a do primeiro era composta de quatro batalhões, com um esquadrão e meia bateria; e a do segundo, denominada ligeira de cavallaria, de quatro companhias de cavallaria de differentes esquadrões e um do 8.º ligeiro.

Uma companhia de engenheiros e as baterias rodadas ficaram annexas ao quartel general; o pessoal de artilheria, com outras companhias daquella arma, aggregaram-se ao trem de bater. Não permittindo a natureza do terreno que manobrasse a cavallaria em grandes massas, foi repartida por todas as divisões, sem deixar de ser seu chefe especial o general Zavala. Tena e Linage eram chefes de estado maior.

As attenções deste exercito eram infinitas, pois alem de acabar com os carlistas, tinha de proteger a marcha da rainha Christina e de sua filha Isabel II, que se dirigiam de Madrid

são da phantasia. O que está diante de nós é uma folha de papel, que os seculos amarelleceram, cuberta de caracteres legiveis e firmes, traçados por mão que não tremia, por mão que está alli revelando um coração de bronze. Feliz o nosso seculo, em que taes corações são pouco vulgares!

O chefe da inquisição em Lisboa começa por dizer a el-rei que o ceu estava esplendido. Aquelle homem ousava olhar para o ceu. Os dias antecedentes haviam sido procellosos, e João de Mello notava essa circumstancia, porque o povo acreditaria que a formosura do dia era signal do favor celeste.

O prestito saiu depois das seis horas da manhã da misericordia, e dirigiu-se ao cadafalso. A fidalguia rodeava o clero. Os membros do tribunal da fé foram assentar-se ao lado dos juizes do tribunal ecclesiastico da diocese.

Não tardaram a chegar os sentenciados. Eram proximamente cem, que, notava o inquisidor, faziam um prestito magnifico. Conduziam-nos as justiças seculares, e acompanhava-os a cleresia das duas parochias de Santiago e de S. Martinho.

Chegados junto ao cadafalso, cantou-se o hymno *Veni creator Spiritus*. Um frade subiu ao pulpito, e orou. Devia ser o discurso um admiravel tecido de blasfemias. Foi breve o frade; porque a obra talhada para aquelle dia era longa. Começou a leitura das sentenças; primeiro as de degredo e de prisão temporaria, depois as de carcere perpetuo, a final as de morte. Estas eram 20.

Os padecentes, sete mulheres e doze homens, foram successivamente atados ao poste fatal e assados vivos. Uma só mulher poude escapar ao seu horrivel destino, porque, diz a carta, se mostrou verdadeiramente arrependida, confessando melhor as suas culpas. Alem disso, no entender do inquisidor, aquelle acto de indulgencia servia para provar a commiseração e doçura do tribunal.

Quanto ao arrependimento dos outros, esse era mais duvidoso. Tinham em geral sido relaxados ao braço secular por judaisarem nos carceres. Isto provava quanto era necessaria a inflexibilidade.

Advertia o inquisidor que conservava ainda aferrolhada muita gente, prestes para servir em egual espectaculo, e que o pejamento das masmorras era excessivo, restando, alem disso, muitos reus que processar. A inferencia destes factos tiral-a-hia el-rei. Se naquelle dia não queimára ou não atirára para a sepultura em vida, destino talvez mais atroz, maior numero de individuos, era que não gostava de excessos de severidade.

E' difficil dizer o que predomina naquella carta, se a hypocrisia, se a severidade. No fim della escapa, todavia, ao inquisidor um grito de remorso. Uma cousa havia que lhe tinha feito impressão. Ao separarem-se os paes dos filhos, as mulheres dos maridos, os irmãos dos irmãos, nem uma lagrima cahira, nem um gemido soara. A ultima benção paterna, o ultimo beijo d'esposos, o ultimo e estreito abraço fraterno tinham sido silenciosos e tranquillos. Era uma tranquillidade que o algoz não comprehendia.

João de Mello devia espantar-se de ver martyres e heroes. Na côrte de D. João III não era facil encontral-os, e elle provavelmente ignorava a historia dos primitivos christãos. Se não a ignorasse, e cresse que era verdadeira, não seria inquisidor.»

Paramos aqui na transcripção, porque nos falta o espaço para mais.

Que tal era, pois, o *uso* que D. João III fazia da inquisição?! E quem assim *usava* e *abusava* della, *não podia prever os abusos e males* dessa instituição?!

Vamos terminar. Parece-nos deixar demonstrado:

1.º Que a causa principal da introducção do tribunal do *santo officio* em o nosso paiz, não foi o receio das doutrinas de Luthero; mas sim o odio aos christãos novos.

2.º Que D. João III não se limitou a *acceitar* a inquisição; mas que instou por ella grande numero de vezes, no decurso de 16 annos; e que para a obter empregou todos os meios, desde a ameaça até á corrupção.

3.º Que o papa *podia prever os abusos* que se haviam de praticar com a creação do *santo officio*.

4.º Que tambem D. João III *podia prever os abusos e males* dessa instituição.

5.º Que, portanto, sobre D. João III e sobre a curia romana deve cair a responsabilidade dos horrores que neste reino praticou este sanguinario tribunal.

6.º E finalmente, que a D. João III são bem cabidos os epithetos de *fanatico, ruim de condição e inepto*, que lhe dirige o sr. Alexandre Herculano.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

Semana santa—Na real capella da Universidade ha nesta semana os officios de quarta, quinta e sexta feira. Cantar-se-hão uns responsorios de cantochão figurado, acompanhados a orgão. No sabbado ha tambem a ceremonia de alleluia.

Na sé cathedral haverá tambem os officios da semana santa, a grande instrumental. Na quinta feira o exm.º prelado fará a benção solemne dos santos oleos.

Prega na sexta feira, de manhã e á noute o sr. bacharel José Maria dos Santos.

No domingo haverá festa de pontifical, pregando da resurreição o sr. bacharel Manoel Ignacio da Silveira Borges.

Na real capella da Misericordia principiarão na quarta feira os officios ás 4 horas.

Na quinta, a festa da manhã começará ás 11 horas; e de tarde os officios principiarão ás 4 e meia.

Na sexta feira a paixão e enterro do Senhor será ás 10 horas. Pregará o capellão da Santa Casa, o sr. padre Manoel Joaquim dos Santos Neves. Os officios começarão ás 5 horas; e o sermão da Soledade, no fim dos officios, será pregado pelo sr. padre Antonio d'Almeida Pedroso, parocho de Almalaguez.

No sabbado haverá as ceremonias da alleluia ás 9 horas.

No domingo terá logar a festa da resurreição, com procissão em volta do claustro, ás 10 horas. Pregará o nosso patricio o sr. bacharel Adolpho Ernesto Motta, professor no seminario de Portalegre.

A' caridade publica.—Vamos chamar a attenção das pessoas caridosas para o estado lamentavel em que se acha uma familia honesta e recolhida, que mora na rua de Sobreiripas, n.º 21.

Compõe-se de tres irmãs, uma dellas bastante doente, sem terem absolutamente nenhuns meios de subsistencia; pelo que estão reduzidas á maior miseria e desamparo.

Em louvor da paixão e morte do Redemptor, pedimos ás almas bemfazejas que lhes mandem o que poderem e fôr da sua vontade, no que praticarão uma boa acção, que Deus lhes recompensará.

Fallecimento.—Falleceu em Lisboa o sr. Francisco de Carvalho, da Fontinha, concelho de Monte Mór o Velho.

Exerceu em 1835 nesta cidade o logar de sub-prefeito; e em 1836, serviu o cargo de governador civil.

Por occasião da revolução de Torres Novas, em Fevereiro de 1844, era recebedor da fazenda no districto de Castello Branco; e como adherisse a essa revolução, ficou compromettido seriamente na sua fortuna, por lhe ser em seguida imposta a responsabilidade dos dinheiros que tinha em seu poder, e de que se serviram os revolucionarios. Em seguida á queda de Almeida teve de emigrar para Hespanha.

Depois do regresso dos emigrados em 1846 viveu sempre em Lisboa retirado da politica.

Batatas—Tem tido uma notavel subida nesta cidade o preço das batatas. As avultadas encommendas que tem havido para embarque, fizeram elevar dentro de 8 dias o preço de 210 a 360 rs. o alqueire.

Tem até saído agentes desta cidade para differentes pontos da Beira, encarregados da compra deste genero.

Hontem estava na estação de Formoselha, para ir para Lisboa, uma grande quantidade de saccas cheias de batatas, compradas nas povoações do campo.

As ordens para a compra das batatas são illimitadas.

Mercado de Coimbra no dia 7—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 500—Dito branco 480—Dito Celorico mendo 620—Dito graudo 550—Milho branco 330 a 340—Dito amarello 330 a 340—Feijão vermelho 480—Dito branco da marinha 460—Dito da terra 440—Dito rajado 400—Dito frade 380—Centeio 500—Cevada 280 a 300—Grão de bico 500—Favas 400—Chicharos 260—Tremoços 280—Batatas 360—Azeite 1$100 a 1$110—Vinho da Beira 800—Dito da Bairrada 960 a 1$000.

Cemiterio da Conchada—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Efigenia de Jesus, filha de José de Jesus de Abreu e de Luiza da Conceição, de Coimbra, de 3 mezes e meio, fallecida no dia 29 de Março.

Maria do Carmo, filha de Manoel de Sousa e de Maria do Carmo, de Coimbra, de 10 mezes, fallecida no dia 30.

Francisco Moura, filho de Francisco Moura e de Emilia das Dores, de Cellas, de 28 annos, fallecido no dia 29.

Recommascida, filha de José Rodrigues e de Gertrudes de Jesus, de Coimbra, fallecida no dia 30.

Clementina, filha de José Maria da Silva Torres e de Maria Clementina do Carmo Neves Torres, de Coimbra, de 13 mezes, fallecida no dia 31.

Avelino das Neves, filho de Francisco das Neves e de Violinda da Conceição, de Coimbra, de 2 annos e 10 mezes, fallecido no dia 1 de Abril.

Henriqueta Rita de Jesus, de Midões, de 57 annos, fallecida no dia 1.

Francisco, filho de Simão Gouvea e de Victoria Rita, de Coimbra, de 17 mezes, fallecido no dia 2.

Thereza de Jesus, filha de Antonio Rodrigues Pascoal e de Maria da Conceição, de Coimbra, de 82 annos, fallecida no dia 3.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—1918.

Os hospitaes da Universidade—No relatorio da commissão de fazenda da camara dos deputados, que precede o projecto de lei da despeza, para o anno economico de 1873 a 1874, lê-se o seguinte com respeito aos hospitaes da Universidade:

«No capitulo 10.º, artigo 30.º, secção 4.ª, é augmentada a consignação do estado para auxiliar neste anno a despeza dos hospitaes da Universidade de Coimbra com 8:000$ réis. Este augmento não é destinado para auctorisar despezas novas, nem para subvencionar quaesquer obras de reconstrucção dos mesmos hospitaes; é simplesmente para habilitar a sua administração a gerir regularmente todos os estabelecimentos de sua dependencia, dentro dos limites dos respectivos orçamentos approvados pelo governo.

O decreto de 22 de Junho de 1870, dando unidade, e por consequencia maior responsabilidade á administração dos hospitaes da Universidade, que anteriormente estava incumbida á Faculdade de Medicina, não assegurou devidamente o rendimento immediato dos bens dos hospitaes, o qual ficou áquem do que então se calculara, nem se consignou no orçamento, para a sua despeza, o subsidio altamente indispensavel. Faltava base segura para se attender a todas as circumstancias. D'aqui resultou apparecer logo um *deficit* importante.

O governo, instado pela propria administração dos hospitaes para mandar syndicar do estado da sua gerencia, escripturação e contabilidade, incumbiu a um empregado muito competente tal exame, e convencido pelo relatorio do mesmo empregado das justas reclamações do administrador, não hesitou em abrir um credito extraordinario para aquelle estabelecimento, na importancia de 9:759$035 reis, transferindo do artigo 25 da tabella das despezas do ministerio do reino no anno economico de 1871-1872 para o artigo 22 a referida quantia. Os fundamentos desta resolução acham-se completamente comprovados no relatorio que precede o decreto de 23 de Maio de 1872, publicado no *Diario do Governo* do dia 24.

O augmento de despeza que actualmente se propõe não tem o caracter de permanente. Os hospitaes da Universidade possuem milhares de fóros, de cobrança difficil, os quaes, não obstante a pequena importancia de grande numero d'elles, sendo vendidos, podem produzir sommas consideraveis. Era indispensavel porem proceder ao seu inventario e ás respectivas avaliações, a fim de poderem formar-se listas para a sua arrematação. A este trabalho está procedendo com vigor a actual administração dos hospitaes, e logo que sejam vendidos os ditos fóros e o seu producto convertido em inscripções da junta do credito publico, poderá reduzir-se o supprimento do estado na parte correspondente ao juro das referidas inscripções.

Poderia tambem concorrer para a diminuição do subsidio do thesouro a adopção de novas providencias, que assegurassem a responsabilidade das misericordias, e na sua falta, das camaras municipaes ao pagamento do tratamento dos doentes pobres dos respectivos concelhos; mas a experiencia tem sobejamente demonstrado que desde o alvará de 14 de Fevereiro de 1825 muitas providencias de diversa natureza têem sido publicadas, insistindo todas na obrigação d'este pagamento, sem poderem lograr o fim que se propunham. Conviria talvez reduzir a importancia do tratamento diario fixado em 240 reis para os doentes pobres, e permittir a avença das camaras municipaes e de outras corporações e associações com a administração dos hospitaes.»

✝ **Estatistica curiosa.**—Calcula-se em 1288 milhões o numero dos individuos da especie humana que povoam a superficie da terra. 369 milhões pertencem á raça caucasica; 552 á mongolica; 190 á ethiopica; 176 á malaia, e 1 milhão á indo-americana.

Todas estas raças fallam 3642 linguas, e professam mais de 1:000 religiões. Morrem em cada dia 91:554 pessoas, ou 3:730 em cada hora, 60 por minuto, e 1 por segundo, marcando por tanto cada uma das nossas pulsações o obito de uma creatura humana. Estas perdas são compensadas por um numero proporcional de nascimentos.

A duração media da vida humana não excede a 33 annos. A quarta parte da população morre antes dos 7 annos, e a metade antes dos 17. De 10:000 pessoas só uma chega aos 100 annos; de 500 só uma aos 90, e de 100 só uma aos 60. Os casados vivem mais tempo que os solteiros. De 1:000 pessoas apenas 65 se casam, sendo os mezes mais frequentes nos casamentos os de Junho e Dezembro.

Parece averiguado, que as creanças nascidas na primavera são geralmente mais robustas e sadias. O nascimento e morte são mais frequentes de noite que de dia. Só a oitava parte da população é propria para a vida militar.

A natureza das profissões exerce grande influencia sobre a longevidade. De 1:000 pessoas das seguintes profissões attingem a edade de 70 annos, 42 padres, 40 agricultores, 33 negociantes e operarios, 32 soldados, 30 empregados publicos, 29 engenheiros e advogados, 27 professores, e 24 medicos. Por esta fórma morrem mais novos os que passam a vida a tratar de conservar e prolongar a vida dos outros.

O aroma dos vinhos.—Esta qualidade é o primeiro titulo de nobreza do vinho, o que lhe dá mais realce e merecimento, e maior valor commercial. As pessoas peritas na prova desta bebida alcoolica apreciam pelas exhalações odoriferas a riqueza deste liquido, e fundam grande parte do seu conceito nos resultados desta sensação.

O olfato é uma sentinella vigilante para inquerir da natureza dos alimentos. Os animaes dirigem-se maravilhosamente por este sentido, para escolher no campo as plantas uteis, e rejeitar as nocivas. O olfato é para as funcções digestivas o que a vista é para as funcções de relação.

Com muita razão se funda no perfume dos vinhos a prova das suas qualidades, porque este caracter traduz e representa a natureza intima desta bebida. O aroma é a imagem real, embora fugaz e aerea, da composição do vinho. Os francezes chamam-lhe *bouquet*, e com razão; porque assim como o cheiro dimana dos principios essenciaes e suavissimos das flores, tambem o perfume do vinho resulta da emanação de certos corpos odoriferos que o constituem.

As substancias volateis que mais figuram na fragrancia dos vinhos são os vapores alcoolicos, oleos essenciaes, ethers, e certos acidos. A viveza e suavidade do aroma depende principalmente dos ethers e oleos essenciaes; e os alcools imprimem-lhe especialmente um caracter vinoso. Está averiguado, que este dote precioso dos vinhos depende mais da qualidade da uva e composição do mosto, do que do processo de vinificação.

Um thesouro no tumulo.—Dois estudantes hespanhoes, viajando de Segovia para Salamanca, encontraram um tumulo com o seguinte epitaphio—Aqui jaz a alma de Pedro Garcia.—Um d'elles criticou muito o absurdo de semelhantes palavras, e o outro desconfiou que havia aqui um enygma digno de se decifrar. Deixou adiantar o companheiro, levantou a pedra tumular, em que estava gravada a inscripção funebre, revolveu a terra e descobriu um thesouro sobre o qual tinha sido gravado o seguinte aviso—Seja meu herdeiro quem descobrir o verdadeiro sentido do meu epitaphio, e faça melhor uso do meu dinheiro do que eu fiz.

Bom irmão.—Um inglez rico desherdou um filho, para o castigar pela vida desregrada em que vivia. Depois da morte do pae, o filho desherdado mudou completamente, e o seu procedimento era irreprehensivel. O irmão, a quem tinha pertencido a fortuna, escreveu á victima da lei ingleza, remettendo-lhe o testamento, e pedindo-lhe para vir tomar conta da legitima que lhe pertencia, porque a intenção do pae estava cumprida, e se elle ainda vivesse, de certo revogava o testamento, attendendo ao bom procedimento do filho.

O jogo da excellencia.—Um homem muito conhecido por bons dotes e por seu espirito jovial e sarcastico foi passar um serão a duas casas de suas relações. Em uma d'ellas a reunião era apenas da familia com alguns amigos intimos, e jogava-se o loto. Na outra a sociedade era numerosa e aristocratica, e o tratamento de excellencia circulava cerimonioso entre os convivas. No outro dia perguntaram-lhe os amigos, como tinha passado a noite. Muito bem, respondeu elle; assisti ao jogo do loto e ao jogo da *excellencia*.

O rouxinol—O sr. José Maria Rosa da Carvalho, da quinta do Espinheiro, communica-nos o seguinte:

Diz Chenu, que—«não ha homem bem organisado, a quem o nome de rouxinol não recorde alguma destas noutes de primavera, em que o ceu limpo de nuvens, e o ar sereno, toda a natureza em silencio, e, por assim dizer attenta, elle não tenha escutado com prazer o gorgeio deste cantor dos bosques.»

Esta ave admiravel, chegou este anno no dia 4 do corrente.

Regulamento dos lyceus.—No *Diario do Governo* do dia 5 do corrente, vem publicado o novo regulamento dos lyceus, com data de 31 de Março ultimo.

Juros da divida hespanhola—Hontem começou a pagar-se em Lisboa e Porto o coupon da divida hespanhola, relativo ao 2.º semestre de 1872.

Novas publicações.—Recebemos e muito agradecemos as seguintes publicações:

Projecto de lei para a construcção dos caminhos de ferro da Beira, apresentado na camara electiva em sessão de 13 de Março de 1873, por Antonio José Teixeira, deputado pelo circulo 63 (Pombal).

Aviso ao povo, para não morrer de bexigas, ou considerações sobre a epidemia da variola, por Manoel José de Passos Lima, pharmaceutico em Guimarães.

Assumptos do dia.—Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

«O sr. deputado Adriano Machado propoz na sessão de 1 do corrente, na camara electiva, que se inclua na lei de despeza a verba necessaria para pagar aos professores de instrucção primaria, que obtiveram provimento vitalicio depois do decreto de Outubro de 1869, a vantagem que promettia aos professores o decreto de 20 de Setembro de 1844. Este decreto concedia o ordenado de 150$000 reis aos professores de Lisboa, Porto e Funchal, e 100$000 reis aos das outras terras. Aos professores temporarios dava áquelles 140$000 reis e a estes 90$000 reis.

O sr. Mamede, observando que esta proposta é a traducção de um artigo do seu projecto sobre o mesmo assumpto, informou que as commissões não eram desfavoraveis a essa ideia, e que os professores, no caso de gozarem o beneficio indicado, não excediam a 100 ou 150, pelo que o encargo seria de 1:000$000 reis a 1:500$000 reis.

Ainda que esta concessão vae deixar em deseguaIdade sensivel os professores que servem ha mais tempo, venha todavia o augmento, e se o poderem generalisar, mais justo e util será.

O que a representação dos professores pedia era 300$000 reis para os de Lisboa e Porto; 250$000 reis para os das outras cidades; 200$000 reis para os das villas, e 180$000 reis para os das freguezias ruraes.

No discurso do sr. Adriano Machado ha informações interessantes. Em 1863 a media dos ordenados dos professores em França era 113$000 reis; na Austria, os ordenados orçam por 94$500, afora casa; o ordenado minimo na Prussia é 153$000 reis; os professores que tiverem mais de 100 alumnos recebem 189$000 reis.

Em Hespanha, disse com acerto o orador, promette-se muito, mas não se paga nada. Fez-se uma escala de ordenados desde parochias de 500 até 40:000 almas, a começar em 115$000 reis até 303$600 reis, mas a miseria dos professores lá é ainda peior do que a de cá. A Hollanda garante aos seus professores 160$650 reis. A Italia dá-lhes apenas entre 61$020 reis e 100$800 reis.

Nos Estados-Unidos os professores, como ainda ha pouco se fazia notar n'um folhetim do nosso jornal, são verdadeiros magistrados da republica, chegando a ter de 1:000$000 reis a 1:500$000 reis de ordenado.»

Noticias de Hespanha.—Lê-se no *Jornal do Commercio* de Lisboa, o seguinte:

«Confirmam-se os fuzilamentos de Berga; 67 voluntarios da republica morreram ás mãos de Saballs; os carlistas escrevem a sua epopeia e salpicam os seus hymnos á Virgem e a Deus com o sangue dos republicanos.

Segundo o despacho telegraphico communicado pelo governador de Barcelona ao presidente do poder executivo, diz a *Discusion*, são *sessenta e sete* os voluntarios fuzilados pela facção Saballs, á sua saida de Berga. A penna cae das mãos, annuvia-se a vista, e apodera-se do coração profunda tristeza.

O partido que assim procede não tem que exigir da republica, nem a misericordia, nem a lei.

Na reunião do partido constitucional decidiu-se effectivamente tomar parte na luta eleitoral.

Tentou-se uma manifestação contra a municipalidade de Madrid, que foi logo reprimida.

Os periodicos de Barcelona insistem em que havia deposito de petroleo na egreja de S. Jayme. Razão tinha o povo.

O governo mandou chamar a Madrid o governador de Alava, para dar explicações sobre o grave acto que se lhe attribue de ter imposto uma contribuição de guerra de tres milhões áquella provincia.

O *Imparcial* assegura que carece de fundamento a noticia relativa ao insulto feito em Malaga a um official prussiano.

O governo suspendeu a ordem de despedida que ia ser communicada aos 1800 operarios da fabrica d'armas de Oviedo, cujos trabalhos estão suspensos por falta de recursos. Assim dão pão a muitas familias.

O *Gaulois* affirma que o duque de Madrid, com o tacto politico que o distingue, se dirigira ao duque da Torre, offerecendo-lhe o primeiro logar na côrte carlista e todas as concessões politicas compativeis com a monarchia, se contribuir para o triumpho da sua causa.

Escusado é mencionar a resposta. Prova isto que os carlistas estão persuadidos de que só com as suas forças, não conseguirão nada, e de que a direcção dada aos seus negocios é pessima.

Dizem os periodicos, referindo-se a palavras do sr. Castellar, que a questão dos artilheiros está a ponto de ficar definitiva e satisfatoriamente decidida.

A *Gaceta* traz uma ordem do ministerio da governação, dictando regras e impondo responsabilidades, para que as auctoridades e corporações d'aquelle ministerio, não retardem o curso das solicitações, instancias e recursos em que se exercitem direitos, acções ou queixas. Todos os diarios fazem a esta providencia os maiores elogios, porque até aqui havia completa immoralidade neste ponto.

Uma commissão de conciliadores apresentou-se ao governo para lhe manifestar que estão promptos a secundar em tudo a politica do governo republicano.

A *Gaceta* não diz coisa alguma a respeito das facções, nem nós encontramos outras noticias nas folhas hespanholas, que são de 3.»

Mais noticias de Hespanha—Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

«A commissão permanente da assemblea hespanhola reuniu-se no dia 3, assistindo á reunião o sr. Figueras, como representante do governo. O sr. Romero Ortiz abriu o debate, expondo energica e extensamente a urgente necessidade de restabelecer a ordem a todo o transe.

O sr. marquez de Sardoal occupou-se depois da questão dos municipios e disse que uma columna de voluntarios anda percorrendo os povos da provincia de Granada, exigindo dinheiros ás municipalidades, destituindo algumas e substituindo-as por individuos de posição duvidosa.

O sr. Figuerola tratou da questão militar e exigiu o cumprimento da ordenança; censurou o comportamento das corporações provinciaes da Catalunha, considerando-as responsaveis pelo estado do exercito n'aquella provincia.

O sr. Mompeon disse que a situação do governo nas relações exteriores era mui difficil, acrescentando que havia grande retrahimento e prevenção na attitude das potencias em relação á Hespanha. Disse tambem que existiam mais de 3:000 petições de liquidações de heranças de individuos fallecidos nas colonias, que não se despachavam por faltar o dinheiro na caixa do ultramar.

O general Izquierdo alludiu egualmente á questão militar, exprimindo desejo de que a questão dos artilheiros se resolvesse a contento de todos. O sr. Salaverria censurou energicamente a politica do governo, pondo em relevo o estado em que a republica encontrou o paiz e a situação em que elle se acha actualmente.

O sr. Figueras respondeu a todos, em nome do governo, dizendo que o estado do paiz era muito melhor do que geralmente se julgava; defendeu o comportamento da deputação de Barcelona; disse que o governo seria obedecido em Granada. Occupando-se da questão militar, assegurou que o governo estava disposto a que se cumprissem as leis militares,

---

a Barcelona, e de levantar e conduzir os armazens de viveres e petrechos, que se haviam formado no baixo Aragão.

Espartero foi avançando e collocando as tropas convenientemente, prevenindo os movimentos dos carlistas, que ainda sonhavam em voltar a accender a guerra na Navarra. As augustas viajantes, depois de terem passado em revista o victorioso exercito, foram acompanhadas por Espartero até entrarem em Barcelona. D'ahi depois de as deixar em segurança, dirigiu-se a Manresa, e publicou no dia 1 de Julho um bando, impondo severos castigos ás justiças dos povos e a todos os que estorvassem assegurar a mais prompta e completa pacificação total do paiz.

Entretanto os carlistas não se descuidavam, e ao mesmo tempo que uns procuravam interceptar a viagem da rainha, Tristany hostilisava Cardona, e queimava as searas.

Em Berga reconcentravam-se forças carlistas, sendo de opinião alguns dos chefes de se reunirem no valle do Segre e marcharem rapidamente pelo alto Aragão á Navarra, o que sendo sabido por Carbó, começou a adoptar algumas disposições para o impedir.

Cabrera via já agonisar a sua causa; porem ainda queria ostentar o seu valor e medir as armas com os seus inimigos. Este proceder podia ser heroico; porem não era humano. Só podia continuar derramando o sangue das suas mais leaes tropas, de seus decididos e enthusiasticos amigos. Concebendo projectos, vacilando na sua execução, e começando alguns, resolveu-se por fim a esperar o seu adversario nas immediações de Berga.

A antiga villa de Berga, que contava umas 600 casas, formando estreitas e tortuosas ruas, está situada nas faldas dos Pyreneus, ao pé de um monte elevado pelo norte. Rodeiam-na outras montanhas, que interceptam o seu horisonte, á excepção do porto ou cortadura que franqueia as aguas do Llobregat, por onde a vista pode estender-se até Bagá e Cerdaña.

Consistiam as suas defezas em 14 torreões, cujos fogos se cruzavam. Ao norte da mais culminante das colinas immediatas, um antigo castello protegido por um pequeno fosso e tres ordens de muralhas de 50 palmos de elevação, estava artilhado com 25 peças, servidas por 115 homens. A leste delle, na serra Petita, havia o forte chamado de Bonete, com o fim de guardar a villa das avenidas do norte; porem era fraco, tendo caido uma parte da muralha. No cume da mesma serra havia um castello de moderna construcção, capaz de 2:000 infantes e 200 cavallos, com bem acabados bastiões, que dominavam todas as obras de defeza, menos as da Virgem de Queralt. Este santuario, o forte das Forcas, e outras obras, terminavam as fortificações de Berga e immediatas.

A praça abrigava fabricas, armazens e quanto podia carecer para sua defeza. A guarnição della não era escassa quando chegou Cabrera.

O exercito liberal marchou para Cazerras, e avistou a praça no dia 4 de Julho. Leon, conde de Belascoain, foi o primeiro a conduzir a sua divisão contra os reductos da serra de Nuet. Pelejou bravamente contra os carlistas; resistiram estes; abandonaram as primeiras linhas; cairam os liberaes sobre as segundas; encarniçou-se o combate, no qual entrou a propria escolta de Espartero, que acudia a todas as partes.

Brilhava o ardor, a ira, a desesperação nos olhos de Cabrera, que ia infundindo por toda a parte os mesmos sentimentos nos seus soldados, expondo a vida até ser necessario retiral-o dos pontos mais perigosos. Não poderam, porem, vencer os carlistas, apesar de tanta bravura; e Leon e a sua gente treparam victoriosos aos terceiros reductos de Nuet.

Desceram os liberaes pela esquerda e foram occupando os outros fortes deste lado. Duas companhias carlistas do 1.º de Mora continuaram fazendo um fogo mortifero em um prado, em frente da porta que sae para Aviá; carregou-os Leon, cortou-os, e fez bom numero de prisioneiros. Em seguida os vencedores entraram em Berga, onde arvoraram a bandeira liberal.

Cabrera emprehendeu a sua retirada, favorecendo-a e sustentando-a valentemente algumas forças; e era tal o ardor com que pelejavam, que não ouviam os toques de retirada, nem queriam abandonar o seu posto.

Este ultimo triumpho o compraram os liberaes á custa de muito sangue.

Os carlistas que tambem experimentaram bastantes perdas, baixaram á margem do Llobregat, e foram descançar á Ponte de Rabenti, Pela Puebla de Lillet e profundos valles e gargantas se dirigiram no dia 5 a Castellar de Nueh, e acamparam para ouvir missa; mas um alarme repentino, procedido de um batalhão de catalães, que foi unir-se-lhe pela parte de Ribes, onde se achava uma columna liberal, os fez seguir a marcha, continuando a rapida subida dos Pyreneus.

Algumas forças carlistas se entregaram aos mais criminosos excessos nos povos do transito.

Os feridos que havia em Berga, mais tiveram que agradecer aos liberaes do que aos seus amigos, os quaes occasionaram a morte de muitos. Alguns centenares haveriam perecido abandonados nos campos, se Carbó não tivesse mandado recolhel-os e cuidar delles.

(Concluir-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

dizendo que as sentenças de morte seriam remettidas ao conselho de ministros, para que se não executassem sem approvação do governo. Expoz a difficuldade da resolução da questão dos artilheiros; negou que tivesse existido crise e assegurou que o governo tinha a firme resolução de continuar tal qual está constituido, até ás constituintes.

O sr. Figueras queixou-se da opposição que lhe fazia parte da imprensa periodica.»

Ainda a morte dos lentes em Condeixa. — O nosso collega do *Diario Illustrado* diz no seu numero do correio de hoje, que fallecera no Rio de Janeiro, na edade de 67 annos, no dia 12 de Março ultimo, o Dr. José Joaquim de Azevedo, que ha muito habitava aquella cidade.

Diz o *Diario Illustrado*, que o Dr. José Joaquim de Azevedo, fora um dos que tomara parte na morte dos lentes proximo de Condeixa, e que dos 12 estudantes que entraram nessa conspiração, só este conseguiu escapar.

Foi mal informado o collega. Os estudantes que tomaram parte naquelles assassinatos (praticados no dia 18 de Março de 1828), foram 13, e não 12.

Não foram, como tambem diz, em seguida ao delicto presos e depois executados 10 estudantes; mas só 9. A não ser assim, com a posterior prisão e execução do estudante Antonio Maria das Neves Carneiro, viriam a ser os executados 11, quando foram ao todo só 10.

O estudante Azevedo (o qual de passagem diremos, que era conhecido pela alcunha de *Bexiga*, e morava na rua do Norte desta cidade), não foi o unico, como diz o collega, que conseguiu escapar ao patibulo. Foram ao todo 3, que tiveram essa fortuna.

Um dos outros dois foi Francisco Sedano Bento de Mello, do 2.º anno de Mathematica e Philosophia, filho do medico do hospital das Caldas da Rainha, Valentim Sedano Bento de Mello; e que veiu a fallecer no anno de 1843, ou 1844, havendo casado em Lisboa, e deixando viuva e filhos.

LOGOGRIPHO

a por l ...eminino parentesco........3,4
e por a ...io lá no estrangeiro.......1,4
u por l ...nimal com certeza.........3,2
b por m ...a espingarda tem logar.....4,2
n por m ...idade da França...........3,1
x por n ...ndica frouxidão...........2,4
m por n ...ervindo para viajar........4,2
p por m ...idade na Italia...........3,1
o por l ...nde está faz movimento....3,2

l por m ...mulher tem este nome.....3,4
e por n ...as povoações encontrarão...4,1
d por m ...ermo este em inglez.......2,3
r por n ...u então na espingarda.....3,4
t por n ...ella não quero estar......4,2
f por m ...ndicando qualidade.......3,4
j por l ...nde é? lá na França.......4,2

s por m ...estino quer dizer.........3,4
v por s ...nde está? é no campo.....1,2
i por a ...endo nome de mulher......2,4

...emotos tempos em que
...sta batalha se deu;
...nda assim não advinha?
...endo assim, então nem eu.

Pombal—*J. L. da C.*

CHARADAS

1.ª

Sou filho da agua,
Da agua do mar;
Na agua me perco,
Se lá me deitar. } 1

O homem tem duas
O gato, e o cão;
Tem quatro o macaco,
Tem uma o gamão. } 1

Não vive na terra
Nem vive no ar,
Na agua o encontra,
Quem o procurar.

2.ª

Assim faz quem não ama a preguiça,
Quem só preza o correr e andar,
Quem prefere morrer em a liça,
A dez horas na cama ficar. } 2

E' penoso, mortal, meu effeito,
Desgraçado se deve chamar,
Q'eu a todos sem dó rasgo o peito,
Mil desgostos lhes posso causar. } 1

Cada vez que vestia a couraça,
O alfange sustinha na mão,
Era certo aos mouros dar caça,
E de mouros morrer um milhão.

José Maria Rosa de Carvalho.

A palavra da carta enygmatica do numero passado é—PRIMOROSA.

ANNUNCIOS

BAZAR

1 COMO EM RAZÃO do mau tempo não poude haver o bazar da sociedade Consoladora dos Afflictos no dia 30 de Março, segundo estava annunciado; fica transferido o referido bazar para os dias 27 de Abril e 1 de Maio. O local será no Jardim Botanico.

2 QUEM PERDESSE na villa da Tentugal algum dinheiro, e uns oculos d'ouro, na estrada de Lavarrabos a Tentugal, ha mais de um anno, dirija-se ao confessor das religiosas da mesma villa.

3 QUEM QUIZER comprar uma morada de casas em Mont'Arroio, pegadas com o Asylo de Mendicidade, as quaes são dos herdeiros de Manoel Antonio Pereira, póde comparecer por todo o mez de Abril, na rua do Corpo de Deus, n.º 124, em casa de João Antonio Pereira.

LINHAÇA

93 Rua do Visconde da Luz 95

4 **Grande variedade de caixas e cestos de palha, proprios para brindes de amendoas.**

Livros de Missa e Semana Santa

5 LIVRARIA de José de Mesquita, Rua das Covas, n.º 15.

AMENDOAS

46 Rua da Calçada 48

6 BOM SORTIMENTO, mandadas fazer expressamente em Lisboa.

7 PELA REPARTIÇÃO DE FAZENDA deste districto, se annuncia aos possuidores de titulos de divida fundada, com assentamento na junta de credito publico, que pretendam receber os juros do primeiro semestre de 1873, pelo cofre central do mesmo, que devem apresentar nesta repartição até ao fim do proximo mez de Maio, as competentes relações organisadas pela ordem numerica, visto que só deste modo podem ser admittidas a conferencia, devendo egualmente descrever nas mesmas relações todos os nomes pela maneira que se acharem no assentamento.

Repartição de fazenda do districto de Coimbra, 7 d'Abril de 1873.

O delegado do thesouro,
Jorge Nunes Penteado.

Vinho de Torres Novas, fino para mesa

8 VENDE-SE na rua das Solas, n.º 28.—O quartão 480—Dito de Thomar, quartão 420—Verde, de Braga, quartão 600—Do Douro, branco, quartão 800—Dito tinto, quartão 800.

Aguas alcalinas gazosas das Pedras Salgadas (Villa Pouca de Aguiar.)

9 ESTAS AGUAS medicinaes, são empregadas nos mesmos casos das de Vichy e Vidago; são mais ricas na sua composição chimica, e dos melhoras effeitos therapeuticos.

Vendem-se em Coimbra— Pharmacia Ferraz—Largo do Castello.

TABACOS

GRANDE ABATIMENTO

Barbosa & C.ª, rua da Sophia 56 a 64

VENDEM OS TABACOS COM OS SEGUINTES DESCONTOS

De 50$000 rs. para cima

No rapé secco, na folha picada, nos charutos, nos cigarros de rolo e de folha, 14 por cento.
No rapé preparado fino e meio grosso, 29 por cento.

De 100$000 rs. para cima

No rapé secco, na folha picada, nos charutos, nos cigarros de rolo e de folha, 15 por cento.
No rapé preparado, fino e meio grosso, 30 por cento.
Por quantias inferiores a 50$000 = 12 por cento e 13 por cento; 20 por cento e 25 por cento.

Armazem aberto desde as 9 horas da manhã até ás 4 horas da tarde.

AGRADECIMENTO

11 ANTONIO DIAS NESTORIO, summamente penhorado pelas provas de sympathia que mereceu por occasião da infermidade e fallecimento de seu filho Nestorio Dias; agradece por este meio a todas as pessoas desta villa, e de fóra della, e pede desculpa de qualquer falta, protestando a todos eterno reconhecimento.

Figueira, 7 de Abril de 1873.

TEIXEIRA

PRIMEIRO BARATEIRO EM COIMBRA

34 Visconde da Luz 36

12 PARTICIPA aos seus freguezes, que chegaram ao seu estabelecimento fazendas de todas as qualidades e por preços que se não encontram n'outras partes, com especialidade nos artigos de fazendas de lã, para vestidos de senhora, d'alta novidade, a 240 rs. o metro; chitas largas, côres fixes, a 150 rs. o metro, e estreitas a 105 rs. o metro; lenços grandes a 50 rs., e deste preço para cima; e outras fazendas que só á vista se póde avaliar a grande barateza.

13 A MESA administrativa da Santa Casa da Misericordia da villa de Soure, faz publico, que novamente se acha a concurso por espaço de 30 dias, a contar da data do presente annuncio, o logar de capellão da mesma Santa Casa, com o ordenado de 86$400 rs. annualmente.

Os srs. ecclesiasticos que quizerem requerer o dito logar, deverão apresentar os seus requerimentos no referido prazo, acompanhados dos documentos necessarios.

As obrigações do capellão constam do compromisso da Santa Casa, das quaes o abaixo assignado fará sciente aos individuos que pretenderem o dito logar, para cujo fim se lhe podem dirigir.

Soure, 24 de Março de 1873.

O escrivão da mesa,
Lino A. R. de Faria.

CAIXAS PARA AMENDOAS

14 VARIADISSIMO sortido e baratissimas.

46 Rua da Calçada 48

CHAPEUS DE SEDA PARA CHUVA

15 CHEGADOS directamente da fabrica.—Vendem-se desde 2$250 a 8$000 rs.

46 Rua da Calçada 48

SUPERIOR AMENDOA DE LISBOA E FRANCEZA

16 VARIADO SORTIMENTO de caixas para amendoas; acabam de chegar ao armazem de viveres de

Manoel da Silva Gonzaga
51=Sophia=55

AZULEJO

COIMBRA—RUA DA CALÇADA

Proximo á Portagem

ESTABELECIMENTO DE
JOSÉ TAVARES DA COSTA

17 CHEGARAM a este estabelecimento grande variedade de bolaxinhas modernas, biscoito de Hamburgo, excellentes amendoas de Lisboa. Preços baratissimos.



Companhia real ingleza

Vapores para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Ayres.

Sairão os paquetes: — **Douro** em 13 d'Abril, **Liffey** em 28 d'Abril, **Neva** em 13 de Maio e **Ebro** em 29 de Maio.

Os vapores **Liffey** e **Ebro** não tocam em Pernambuco e Bahia.

Preços de terceira classe para o Rio de Janeiro 45$000 rs.; Pernambuco e Bahia reis 40$000; Montevideu e Buenos Ayres 54$000.

Para mais esclarecimentos nesta cidade, em casa de

A. R. Pinto Junior.

NUMERO 2683 — SABBADO 12 DE ABRIL DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O facto estupendo da Resurreição é por si só, a prova plena da divindade de Jesus, e tudo quanto elle disse a verdade, como consequencia necessaria.

Eis a base, a columna fundamental do edificio santo, da religião pura, santificada e demonstrada pela propria natureza.

O templo de Deus foi destruido e reedificado dentro de tres dias.

A Morte e Resurreição do Homem Deus, foram a realisação da promessa.

Hosana in excelsis!

«De tres Pessoas existentes *ab eterno*, diz Chateaubriand, o Filho era, por sua natureza, o que nos devia resgatar. Amor que enlaça umas com as outras as partes do universo, meio que reune os extremos, principio vivificante da natureza, só elle podia reconciliar Deus com o homem.»

E' sacrosanto e augusto o mysterio da Resurreição, solemnisado hoje pela egreja catholica.

Entre os seus dogmas, avulta grandioso no coração dos fieis, e como sustentaculo da nossa religião— a immortalidade da alma.

O presidente da academia de Orleans, Mr. Boguenault, dizia uma vez na tribuna:— «A immortalidade é a questão por excellencia, é o homem inteiro, é o seu presente, é o seu futuro, é a sancção da vida, é a esperança da morte, é a base de todo o dever, é o fundamento de toda a justiça.»

Se a vida de Jesus foi a vida de um propheta sublime, nunca visto entre os homens, a sua Morte e Resurreição não foram senão de um Deus.

O Salvador tinha de resuscitar cheio de gloria ao terceiro dia depois da sua Morte.

E com effeito foi realisada a sua promessa.

«E veiu como novo Adão, homem segundo a carne por Maria, homem segundo a moral pelo seu evangelho, e homem segundo Deus pela sua essencia.»

Naquelle tempo o imperio material do paganismo avassallava o mundo, e a sociedade gemia agrilhoada havia quarenta seculos, caminhando sempre em um abysmo.

E o mundo não via a luz, porque o *fiat* da regeneração ainda não havia sido pronunciado pelo Eterno.

Mas ha dezoito seculos que ella irradia do alto do Calvario, fazendo desapparecer as trevas no espirito dos povos; simillhante ao sol que rasga e dissipa as nuvens antepostas a seus raios luminosos.

E depois as leis se tornaram mais doces, o espirito mais puro, e o coração mais terno, e a alma bebeu a vida como um doce refrigerio.

De ao pé da Cruz emanou a verdadeira liberdade, a civilisação, o respeito pelo direito, o descredito da força, o sentimento da dignidade humana, e o segredo dos nossos destinos.

E com effeito o evangelho do Homem-Deus marca a epocha da verdadeira civilisação e regeneração moral dos povos.

O evangelho é a epopêa sublime, superior, definitiva da vida da humanidade; por isso o christianismo será eterno como a verdade que elle ensina.

EDITAL

Julio Maximo de Oliveira Pimentel, visconde de Villa Maior, par do reino, lente jubilado da eschola Polythechnica de Lisboa, socio effectivo da Academia Real das Sciencias, commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, official da de Torre Espada do valor, lealdade e merito, e da Legião d'Honra, reitor da Universidade e do Lyceu, etc.

FAÇO saber, que, em virtude das instrucções de 9 de Março de 1872 e decreto de 31 de Março do corrente anno, artigo 59:

1.º os exames de instrucção primaria para admissão ao Lyceu hão de começar no 1.º dia do mez de Maio proximo, tendo logar n'este dia todas as provas escriptas de todos os requerentes; devendo continuar as provas oraes nos dias que opportunamente forem designados.

2.º que todos os que pretenderem ser admittidos a este exame deverão requerer a admissão aos exames desde o dia 15 do corrente até 25, e apresentar dentro do mesmo prazo na secretaria do Lyceu os requerimentos despachados e documentados com a certidão de edade, devidamente reconhecida para se verificar a identidade da pessoa, filiação e naturalidade, como determina a portaria de 20 de Abril de 1865, sob pena de não serem admittidos aos respectivos exames.

Outrosim faço saber, que, em vista do citado decreto de 31 de Março, artigo 58 e 60—todos os alumnos externos que pretenderem fazer exame final devem requerer ao reitor, designando a sua naturalidade, filiação e residencia e as disciplinas em que desejam ser examinados, instruindo os requerimentos com a senha de terem pago as propinas respectivas; e certidão por onde provem ter dez annos de edade e de approvação no exame de admissão aos Lyceus.

São dispensadas estas certidões aos alumnos que juntarem documento de approvação em alguma disciplina d'instrucção secundaria. Os requerimentos a que faltarem os esclarecimentos e os documentos exigidos não poderão ter seguimento.—Estes requerimentos devem ser entregues na secretaria do Lyceu desde o dia 8 de Maio proximo até ao dia 18; devendo a assignatura dos termos da matricula ter logar desde o dia 26 de Maio até 4 de Junho.

E para constar mandei publicar o presente. Paço das escholas, 10 de Abril de 1873. Eu Francisco Antonio Marques o escrevi.—*Reitor.*

NOTICIARIO

Semana santa.—Celebraram-se nesta semana, com a possivel pompa, as ceremonias religiosas, nas egrejas de Coimbra, e dos conventos de religiosas proximos da cidade. A todas sobresaiu, como era de esperar, a sé cathedral. O exm.º prelado tomou parte, ou assistiu a todos os actos religiosos.

A policia dos templos foi mantida com mui-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCL

A PRAÇA DE BERGA E OS CARLISTAS

(CONCLUSÃO)

Quando os fugitivos carlistas se achavam nos ultimos limites do solo hespanhol; quando estendiam a vista sobre a terra, sempre querida da patria, que iam perder; quando já viam o territorio estrangeiro, onde iam sepultar suas façanhas, onde iam a recordar vencidos seus ateriores triumphos, onde iam dever uma hospitalidade miseravel e comer o verdadeiro amargo pão da emigração, a ira se apoderou do peito de todos, a conformidade de nenhum.

Aquella variedade de individuos, entre os quaes não era homogeneo mais do que a desgraça, porque muitos não fallavam o mesmo dialecto; rotos os laços da subordinação e disciplina; queixando-se uns, increpando outros, ameaçando alguns e desesperados todos, parecia uma horda debandada, ainda que de seres infelizes, procurando um objecto em que vingar a sua raiva.

A vergonha do vencimento, que a não deve ter o valente, e o horror de dever a hospitalidade ao estrangeiro, desesperou alguns até ao ponto de preferir antes a morte, e se suicidaram ao pisar o ultimo terreno hespanhol.

Aquelle momento foi terrivel, imponente, sublime. Com lagrimas nos olhos e o odio no coração, davam uns o ultimo adeus a suas mães, a suas irmãs, outros a suas esposas, alguns tambem a seus filhos, todos a pessoas queridas.

Excitado pelo sentimento e fanatismo politico, exaltada a sua imaginação, ajoelham uns, pedindo a Deus não lhes permittisse abandonar a sua querida patria, e despedaçam a cabeça com um tiro, ou se atravessam com uma estocada.

Dois aragonezes pedem mutuamente a morte como a ultima prova de amisade: calam ambos a bayoneta, e ao commum esforço, caem victimas!

Cabrera, desesperado tambem como todos, contemplava chorando aquelle quadro desolador; e reunindo toda a officialidade, lhe expoz os motivos que o obrigavam a refugiar-se em França; a falta de toda a classe de recursos; as imponentes forças inimigas, que o perseguiam, e que faziam inuteis os seus maiores esforços, os seus mais heroicos sacrificios, para sustentar-se por algum tempo; mas que se havia algum que lhe subministrasse recursos, ainda estava prompto para continuar a guerra.

«Em vista de taes e tão criticas circumstancias, acrescentou Cabrera, julgo como hespanhol e amante da minha patria, que a prolongação da guerra não terá outro resultado que a inutil effusão de sangue, sem obter vantagens positivas para a causa da legitimidade. O meio mais plausivel é buscar asylo no territorio francez. Porém ainda que tal seja a minha opinião, se algum crê poder continuar a guerra com vantagem, estou prompto a entregar-lhe o mando das tropas.

«Julgo ter cumprido sempre com o meu dever: se me quizerem fazer accusações, este é o momento. Ainda pisamos o solo hespanhol e não quero que se me julgue como a general, senão como a simples voluntario, pois antes prefiro soffrer que emigrar com ignominia.

«Em quanto eu fallava (são palavras do mesmo Cabrera), e depois de haver concluido, reinou o mais profundo silencio: porem todos choravam, sim, choravam, e tambem eu chorava. Faltam-me palavras para descrever esta scena maior e mais interessante do que muitos o podem crer. Todos responderam que se resignavam á minha indicação, e ao destino que assignalava o ceu. Apesar de haver dado ordem á divisão de Aragão para que se reunisse a mim, chegou com demora, e os valentes, os bravos aragonezes não poderam achar-se presentes a esta scena».

Cabrera deu um grau a todos os chefes, officiaes e sargentos.

A meia noute de 5 para 6 se apresentou um capitão francez com as ordens do seu governo, e ás 3 da madrugada penetrou Cabrera com o 2.º e 3.º de Tortoza, em França. Chegaram a Palau; receberam-nos duas companhias francezas; formaram pavilhões os carlistas e desfilaram sem armas até Perpignan, tratando-os pouco menos que a prisioneiros.

Algumas forças carlistas se detiveram no valle de Andorra em attitude hostil; porem pelas energicas reclamações de Carbo ás auctoridades daquella republica, entregaram as armas.

Pelo meado de Julho chegavam a 17:000 os refugiados carlistas em França; e pouco depois passavam de 21:000. Entre elles se

na regularidade, graças ás providencias das auctoridades administrativa e militar, e ao zelo dos reverendos parochos, e corporações que superintendem nas differentes egrejas.

Só na sé cathedral é que se havia introduzido a illuminação a gaz; agora, porem, appareceu tambem com a mesma illuminação a egreja da Misericordia, o que produzia muito bom effeito.

Com franqueza devemos dizer, que em algumas egrejas achavamos excessiva a escuridão, tendo sido de todo tapadas as janellas. Ficando as egrejas reduzidas só á illuminação dos altares, era difficil, senão impossivel aos fieis o fazer uso dos livros. Bom seria que nesta cidade se adoptasse a recommendação, que ha dias fez o em.mo patriarcha de Lisboa, para que houvesse nas egrejas a luz sufficiente para que se podesse ler.

A concorrencia ás egrejas na quinta feira de tarde, foi extraordinaria, para o que contribuiu o excellente tempo que estava.

O exm.º prelado da diocese, antes de começarem os officios na sé cathedral, saiu acompanhado dos alumnos do seminario, com o seu reitor, os famulos de s. ex.ª, e os empregados da camara ecclesiastica, dirigindo-se a visitar as egrejas do collegio Ursulino, Santa Anna, Santa Theresa, voltando á cidade, e percorrendo as differentes egrejas, tanto no bairro baixo, como no bairro alto.

Este acto religioso agradou muito ao publico.

A digna mesa da Misericordia, coadjuvada por todos os empregados deste pio estabelecimento, não se poupou a diligencias para que as festividades na sua capella fossem feitas com a ordem e pompa devidas.

Tem-se estranhado, que tanto neste anno, como no anterior, não houvesse na real capella da Universidade os officios a musica; sendo aliás nesta capella onde em outros annos se faziam estes actos com maior brilho. Diz-se que é por falta de meios. Em todo o caso os capellães da Universidade, esforçaram-se no que poderam nos officios dos tres dias, que foram cantados a cantochão figurado.

Nota-se em quasi todos os templos de Coimbra uma sensivel melhora no aceio e bom arranjo de tudo. Em S. Bartholomeu, em especial, é aonde modernamente se tem feito mais obras. Ha agora alli uma grandiosa sacristia, e outras repartições de que muito se necessitava.

Apparecimento.—Communicam-nos de Pousafolles, concelho de Miranda do Corvo, que no dia 12 de Março ultimo, andando uns homens da Pereira, daquelle concelho, a cavar um tanxoal, no sitio do Viso, junto á estrada que vem de Miranda para Lamas, Villa Secca, etc., e mesmo proximo da estrada, na cova de uma tanxoeira, encontraram um esqueleto humano completo.

Ou seja o resultado de um crime alli perpetrado, ou tenha sido conduzido o cadaver de outro local; é certo que o crime se praticou ha menos de 3 annos, depois de postas as oliveiras.

Dizem-nos tambem, que por aquelles sitios se não dá pela falta de pessoa alguma.

As auctoridades procederam aos autos competentes; mas até agora nada descobriram.

Processo annullado—Com esta epigraphe demos ha alguns dias uma noticia ácerca da annullação do processo instituido contra o sr. Abel Martins Ferreira, conego da sé de Evora.

Pedem-nos para declarar que fomos menos exactos, dizendo que o sr. conego Abel fora suspenso. A verdade é que foi exonerado pelo ter pedido. Assim o declara a provisão do venerando arcebispo, louvando tambem o sr. conego Abel *«pela distincta intelligencia, inteira aptidão e provado zelo»* com que se houve no desempenho do seu cargo.

Tambem não se provou a criminalidade do sr. conego Abel, nem pelo exame de corpo de delicto que se não fez, nem pelos depoimentos das testemunhas. E esta foi a base do accordão da relação de Lisboa, que annullou o processo.

Folgamos de dar estes esclarecimentos ás pessoas que, ignorando o que se passou em Evora, poderiam julgar que a perseguição movida contra o sr. Abel Martins Ferreira tivesse algum fundamento.

Panorama de Portugal—Recebemos o n.º 3.º d'este interessante jornal, que se publica n'esta cidade sob a direcção do sr. bacharel Augusto Mendes Simões de Castro. Corresponde este numero ao mez de Março. A photographia é feita segundo outra que faz parte da collecção de photographias dos monumentos de arte de Coimbra, executadas pelo habilissimo photographo Thurston Thompson para o museu South Kensington de Londres, d'onde o sr. Castro alcançou licença para a reproducção. Representa o lindissimo portico do collegio de S. Thomaz de Coimbra, obra no estylo do renascimento muito apreciavel.

Os artigos d'este numero são os seguintes:

—*O convento de S. Domingos e o collegio de S. Thomaz em Coimbra*—por A. M. Simões de Castro.

—*Descripção de Mira*, soneto inedito do insigne poeta Bingre, um dos fundadores da Nova Arcadia, onde tomou o nome de Francelio Vouguense.

—*Medalha commemorativa do Centenario da reforma da Universidade*—pelo Dr. Bernardo Antonio Serra de Mirabeau. Este artigo é acompanhado de duas estampas de gravura em madeira, representando o anverso e reverso da medalha. As gravuras estão feitas com toda a fidelidade.

Fallecimento—No dia 4 do corrente, falleceu na casa do Cabo, concelho de Marco de Canavezes, o sr. general de divisão visconde de Leiria.

D. Carlos e a constituição.—Parece não serem tão más as constituições, como as pintam os absolutistas. Em Portugal, muitos generaes e outros individuos de elevada posição, que defenderam D. Miguel e o absolutismo desde 1828 até 1834, tinham sido exaltados liberaes em 1820.

O que, porem, nem todos sabem, é que o chamado *Carlos V*, avô do actual pretendente em Hespanha, com o titulo de *Carlos VII*, tinha sido *constitucional*, antes de pretender o throno, para governar com o systema absoluto.

Na *Gazeta extraordinaria* de Madrid, de 15 de Março de 1820, lê-se o seguinte:

«Soldados: O acto solemne com que á vista das vossas bandeiras haveis declarado *a mais firme adhesão á constituição politica da monarchia*, vos impoz grandes obrigações, *ao mesmo tempo que vos abriu uma brilhante carreira de que alcançareis gloria immortal.*

O valor e constancia, que em todos os tempos foram a nobre divisa do guerreiro hespanhol, me são penhores seguros *da inviolavel fidelidade com que cumprireis as vossas promessas;* e eu que me alegro com a confiança que mereci a el-rei quando me conferiu o alto cargo de vos commandar, *fiel ao sublime juramento que em suas reaes mãos prestei neste dia*, serei tambem quem constantemente vos guie pela senda que nos traçam a honra e o dever.

Amar e defender a patria, sustentar com lealdade inalteravel o throno e a sagrada pessoa do monarcha, que é o apoio da liberdade civil e da grandeza nacional; respeitar as leis, manter a ordem publica; prestar-nos a quantos sacrificios exigir o bem commum; unir-nos em affectos e sentimentos aos demais hespanhoes, *e concorrer com elles para o estabelecimento e consolidação do systema constitucional;* guardar uma disciplina exacta, e a subordinação tão necessaria na milicia: são estas, soldados, as nossas obrigações sacrosantas: é isto o que nos fará dignos do amor dos nossos concidadãos no repouso da paz, e temivel ao inimigo nos renhidos combates: é isto o que o rei espera de vós, e de que promette dar-vos o exemplo o vosso primeiro companheiro de armas.

Deste modo o solio augusto dos Affonsos e dos Fernandos fará brilhar esta heroica nação com um esplendor não conhecido nos gloriosos seculos da monarchia. Fernando VII, o nosso rei benefico, o fundador da liberdade de Hespanha, o pae da patria, será o mais feliz, assim como o mais poderoso dos reis, pois que funda a sua alta auctoridade sobre a base indestructivel do amor e veneração dos povos.

Militares de todas as classes! que não haja mais que uma voz entre os hespanhoes, assim como só existe um sentimento: e que em qualquer perigo, em qualquer circumstancia nos reuna ao redor do throno o generoso grito de viva o rei: viva a nação: *viva a constituição.*

Madrid 14 de Março de 1820—*Carlos.*»

Bibliomania.—O inglez Charles Heber foi o mais celebre bibliomaniaco de que ha noticia. O catalogo de suas bibliothecas constava de 5 grossos volumes in-folio. Não encontrando já nas livrarias inglezas as obras que pretendia, viajou por muitos paizes, fazendo sempre novas acquisições. A sua paixão era insaciavel, e possuia 2 e 3 exemplares de livros raros e importantes, dizendo que um exemplar era para adornar as estantes da livraria, outro para ler, e outro para uso dos amigos. Foi sempre facil e generoso em emprestar livros aos homens de letras.

Heber construiu uma vasta bibliotheca na sua vivenda campestre em Hodnet. Na sua residencia de Londres as principaes casas estavam cheias de livros; até os corredores, as mesas e as cadeiras serviam para este arsenal de erudição. Em Westminster tinha tambem uma grande casa quasi toda occupada por livros. Como dispunha de grande fortuna, possuia bibliothecas especiaes em Oxford, Paris, Bruxellas, Anvers, Gand, e varias cidades da Allemanha. A de Paris era a mais vasta.

Pesca curiosa.—Na Laponia os pescadores associam-se com os andorinhas aquaticas, *sterna*, para o trabalho da pesca. No meio do lago Pallagervi ha uma ilha onde os pescadores vão residir durante certa epocha do anno, construindo cabanas para seu domicilio. Todos os dias de madrugada as andorinhas vôam em grandes bandos junto das cabanas e acordam os seus habitantes, convidando-os para a pesca.

Com este aviso os pescadores despertam, e os barcos convenientemente tripulados depressa sulcam as aguas, precedidos por nuvens daquellas aves. São ellas que dirigem os pescadores, porque apenas descobrem com a sua vista prespicaz algum cardume de peixe, vôam e cantam alegres, pairam e fazem varias evoluções sobre o local. A este signal os pescadores acodem com as redes, e a pesca é certa e abundante. As andorinhas não se separam dos barcos, e tem largo quinhão, apanhando no ar os peixes que lhes lançam, ajudando até os pescadores a limpar as redes. Terminado este serviço, prepara-se nova expedição, precedida e dirigida pelas industriosas aves, e á tardinha os homens e os seus infatigaveis companheiros, todos voltam contentes para terra, descançar das suas fadigas e preparar-se para o trabalho do dia seguinte.

---

contavam 52 orfãos da escola de cadetes, havendo-os de 5 annos de edade.

Com a tomada de Berga e entrada do exercito de Cabrera em França, em Julho de 1840, terminou a guerra civil em Hespanha, que durava desde Outubro de 1833. O general Espartero annunciou essa feliz nova com a seguinte proclamação:

«Soldados.—A gloriosa campanha do Aragão, terminada com a conquista de Morella, devia ter posto fim á guerra fratricida, se os filhos bastardos da nossa patria, esses homens sanguinarios por systema, desses monstros, açoute da humanidade, fossem capazes de abrigar um sentimento que os retirasse do caminho do crime. Elles, apesar de verem perdida a causa que serviu de ostensivo pretexto aos seus roubos, incendios e assassinatos, procuraram na sua desesperação fazer o ultimo esforço.

«O feroz Cabrera, fugindo com parte dos seus, julgou poder occultar a sua derrota e dar novo ser ás facções catalãs, em quanto o tigre Balmaseda destacando á Castella Velha, pondo ás suas ordens os rebeldes que tinham ficado nas provincias de Albacete, Cuenca e Guadalajara, concebeu a ideia de sublevar de novo o paiz que foi theatro da guerra, e que já desfructava o beneficio da paz. Sabedor destes projectos, pude antecipar-me a contrarial-os, fazendo as prevenções opportunas aos dignos generaes a quem tocou a sorte de offerecer novas glorias a causa nacional.

«Ao mesmo tempo, á frente do exercito expedicionario do norte, me dirigia á Catalunha. A reunião dos aprestes necessarios para que esta campanha completasse o triumpho, permittiu que tivessemos a honra de receber a suas magestades, de assegurar o seu transito a Barcelona, e de acompanhar a regia comitiva até ao ponto donde deviam partir as operações.

«O brilhante estado em que encontrei as tropas do exercito da Catalunha, que me foi possivel revistar, justificou o seu bem adquirido credito, por seus assignalados combates e por sua perfeita harmonia com as demais forças que militam ás minhas ordens, todas virtuosas, valentes e disciplinadas, ao mesmo tempo que possuidas de um puro enthusiasmo pela consolidação do throno de Isabel II, de que é regente sua augusta mãe, pela constituição de 1837, e pela independencia nacional.

«Com exercitos animados de tão nobres ideias, e robustecidos com sublimes virtudes, não podia deixar de ser prompta e segura a pacificação que annunciei na minha ordem geral de 30 de Maio na praça de Morella. O do centro, que tanto contribuiu para a feliz campanha de Aragão, exterminou em breve os grupos que ficaram errantes. A divisão que operava sobre Albacete, Cuenca e Guadalajara, teve uma assignalada victoria em Olmedilla, contra as forças que infestavam aquella provincia ao mando de Balmaseda.

«Lançado este cabecilha da serra de Burgos, foi batido em Zalduendo pelo exercito que operava no norte. Perseguidos os restos da sua facção por todas as tropas destinadas ao seu exterminio, tiveram que buscar em bandos o seu auxilio em França, em cuja raia foram desarmados. O ultimo golpe que deviam receber os inimigos era esta praça de Berga, centro e apoio das facções catalãs, onde tinham a sua junta de governo e todos os seus elementos de acção.

«Para que o exito fosse rapido e feliz, destinei a força de duas divisões a cobrir o flanco esquerdo: a primeira e segunda do exercito da Catalunha o direito; e eu com a tropa emprehendi desde Manresa os movimentos sobre Berga. O brilhante ataque do dia 4, nos deu a posse desta praça, do seu castello, e consideravel numero de fortes, as fundições, as fabricas de polvora, tudo ficou em nosso poder, tudo cedeu ao vosso denodo e bisarria, pondo em vergonhosa derrota aos batalhões com que Cabrera intentou rechaçar-nos.

«Coberto de opprobrio e de ignominia este sanguinario caudilho, deveu a sua salvação ao escabroso do terreno; e forçado a tomar um asylo em França, com muita parte das suas forças, o verificou na maior desordem. Já não ficam mais do que as hordas que capitanea Tristany e outros cabecilhas, que serão em breve destruidos. A guerra, portanto, póde considerar-se terminada, os inimigos do socego publico aniquilados, os povos livres para sempre dos vandalos, e muito perto o dia em que esta nação magnanima possa toda entregar-se ao jubilo, entoando o hymno da paz por que tanto tem suspirado e que fará a ventura dos hespanhoes.

«Companheiros de glorias e perigos, em breve descançareis da fadiga de uma luta tão sanguinolenta como prolongada; e dentro em pouco se verão cumpridos os votos pela pacificação geral. Jámais duvidei do exito desta epocha de satisfação a que temos chegado por vossa constancia e bisarria. Sempre que vos tenho dirigido a voz, vol-o predisse; porque cada dia me daveis novas provas de confiança, de lealdade, de bravura, de soffrimento e de patriotismo.

«Generaes, chefes, officiaes e soldados, todos sois dignos da gratidão da rainha e da patria: a todos encareço a pureza de meus sentimentos pelo seu bem e felicidade, e a todos com o tributo de um justo reconhecimento asseguro, que assim como em todas as occasiões e nas mais criticas circumstancias contei com o seu heroico esforço para lograr o triumpho obtido pela mais santa das causas, assim todos devem contar com o seu general em chefe.—Quartel general de Berga, 7 de Julho de 1840.—*O duque da Victoria.*»

Tristany, que tinha chegado até á fronteira, regressou aos montes, que foram o seu theatro de operações, com os que quizeram seguil-o; porem teve de desistir dentro em pouco do seu empenho, e emigrar.

Masgoret continuou no campo de Tarragona, recebendo contribuições, e exigindo tributos aos povos, até que acudiram tropas, e emigrou.

Para o exterminio das pequenas partidas que ficaram, mais de bandoleiros do que de carlistas, se adoptaram severas disposições, que se cumpriram. O duque da Victoria distribuiu o seu exercito de uma maneira conveniente, para que operando no raio que a cada divisão se designava, limpassem completamente o paiz de carlistas, adquirindo a paz o seu nunca bem apreciado imperio.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

A sangria na edade media.—Antigamente abusava-se muito das emissões sanguineas, e ainda hoje entre a população rural se praticam muitos excessos com esta operação.

Em França, durante a edade media só se permittia a sangria em *boa lua*. Nos mezes de Abril, Maio e Setembro, era absolutamente prohibido sangrar. Os barbeiros sangradores tambem não podiam exercer o seu officio nos domingos, e certos dias santificados, principalmente nos dias de anno bom, Natal, Reis Paschoa, de Todos os Santos, Ascensão, Espirito Santo, S. João, S. Pedro, etc.

Uma classe desfavorecida.—De Santarem nos pedem a publicação do seguinte:

«Grave é a posição dos que soffrem as negligencias de quem compete olhar com piedade para as inconsequencias de que estão sendo alvo a maior parte dos praticantes de pharmacia, e sobre tudo nas provincias.

Debalde vou hoje bradar nas tribunas da imprensa, por quem sacrifica oito annos em prol de uma posição, mas com a convicção de que os meus brados não fazem ecco.

Quando o governo se lembrou de mandar proceder ás visitas nas pharmacias da capital, processar, multar os seus proprietarios por não terem campainha na porta, e terem á venda medicamentos não auctorisados por lei; daria um passo mais acertado se mandasse fechar as que estão illegalmente abertas, e verificar se nas legaes se observa o disposto no artigo 131 do decreto de 29 de Dezembro de 1836.

O decreto diz:—todo o pharmaceutico que nas suas boticas tiver praticantes, é obrigado a enviar annualmente a cada uma das tres escolas de pharmacia do reino, a copia exacta do registo e notas de pratica pharmaceutica, etc. etc.

Creio que nem mesmo em terras de primeira ordem acontece assim! e se formos a tomar contas por aquelle importante dever aos pharmaceuticos das provincias, vejamos o que por cá vai, e muito especialmente nos districto de Santarem e de Leiria.

Quantos e quantos praticantes de pharmacia estão oito, nove e mais annos, vergando sob o excessivo trabalho de que seu patrão os encarrega, sendo a maior parte completamente estranhos no exercicio pratico pharmaceutico! e quando julga consummado o seu doloroso sacrificio, vê a sua carreira irremediavelmente cortada!! E porque? Porque o pharmaceutico durante o captiveiro do seu praticante abusou! abusou, porque não cumpriu a lei, porque o forçou á substituição d'um criado, porque lhe não deu a educação que a classe tanto reclama; e finalmente abusou, porque o não deixou beber n'uma fonte digna; esquecendo-se assim de que o praticante hade um dia entrar no seu gremio, e que póde com as doutrinas que lhe ha ensinado, tornar-se um apostolo, arrenegado por todos os homens sensatos, e ser mais um cancro da classe, alem de muitos que desgraçadamente ainda conta.

Não podemos duvidar que a classe pharmaceutica tem espiritos bastante esclarecidos para conhecer os males que a affligem, e alguns ha, que têem levantado a sua voz auctorisada, no seio da sociedade pharmaceutica lusitana, contra o actual ensino pharmaceutico, mas até hoje ainda não consta que se lembrassem de pôr cobro a arbitrariedades que alguns pharmaceuticos tão escandalosamente estão praticando, sem que as auctoridades tomem iniciativa pela justa causa dos praticantes de pharmacia.

Santarem, 27 de Março de 1873.—*P.*»

Noticias de Hespanha—Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

«O general Velarde, nomeado governador militar da Catalunha, em logar de Contreras, parece estar disposto a usar das mais inergicas providencias para restabelecer a disciplina do exercito. Ja mandou prender em Reus 39 praças dos batalhões de Reus e Madrid, indigitadas como cabeças de motim, e esta medida foi muito bem recebida pela parte sensata do exercito.

Diz um correspondente de San Juan de Luz á *Prensa*, de Madrid, que os legitimistas francezes offereceram 40 peças de artilheria a D. Carlos, e acrescenta que sairam de Bayona 1:500 espingardas Remington para os carlistas navarros, os quaes ja receberam ha dias umas 1:000.

Em Bayona corria, no dia 1 do corrente, que D. Carlos fôra preso pela policia franceza e que iam ser declarados em estado de sitio os departamentos francezes contiguos á fronteira hespanhola.

Um jornal de Barcellona publica em á *ultima hora* uma noticia dizendo que a deputação provincial recebera uma communicação de Berga, com data de 30 de Março, participando que o coronel Cabrinety tinha surprehendido Saballs, derrotando-o, causando-lhe muitas baixas e fazendo 150 prisioneiros, que eram esperados em Berga. Acrescentava-se mais tarde que alguns desses prisioneiros tinham sido fuzilados logo que chegaram áquella cidade. O general Contreras estava alli no dia 31.

Confirma-se a noticia de terem sido mortos pelos carlistas os 67 voluntarios de Tarragona, aprisionados em Berga; não foram fuzilados, porém cruelmente assassinados á bayoneta, tiros e coronhadas. O cabecilha Latasa mandou fuzilar em Oteiza um guarda civil que estava ferido e sob a protecção de um individuo da associação humanitaria da cruz vermelha. Lizarraga estava em Irun com 1:000 homens.

A parte official da entrega de Berga remettida pelo general Contreras ao governo de Madrid; attribue-a, como já o haviam feito os jornaes, a uma traição da parte do commandante militar sr. Morales, acrescentando que este militar conservou a tropa de linha fechada no quartel, em quanto os voluntarios se batiam e reclamavam auxilio. Diz que os carlistas que atacavam a cidade não passavam de 700.

Teme-se uma proxima sublevação carlista na provincia de Segovia. O cabecilha Bosck entrou em Buadella, prendeu o alcaide, incendiou-lhe a casa e fuzilou-o. Dizia-se que a familia tinha perecido nas chammas. Os voluntarios da republica descobriram no moinho Casa-Casals, perto de Vilasar, grande numero de armas, fardamentos, munições e 10:000 duros em ouro, prendendo um ecclesiastico e outro carlista, que disseram estarem alli á espera do cabecilha Miret. A columna commandada pelo brigadeiro Campos alcançou em la Forza os bandos de Saballs e Guin, expellindo-os do povoado e obrigando-os a dispersar. Nas immediações de Sarria foi batida a partida de D. José Rodriguez e preso este cabecilha.

Madrid, 9, ás 10 horas e 50 minutos da manhã—Corre o boato de que o bispo de Urgel está refugiado no Valle de Andorra.

Noticias de Lisboa—O correspondente do *Commercio do Porto* diz em data de 9 do corrente o seguinte:

«Reuniu hoje o conselho de estado na secretaria do reino para se occupar dos processos crimes, que hão de subir amanhã á presença de el-rei, a fim de sua magestade usar da mais agradavel prerogativa constitucional, diminuindo as pênas a que foram condemnados alguns infelizes que jazem nas nossas prisões, ou dando-lhes a liberdade conforme a gravidade das circumstancias que revestiu o crime que elles commetteram.

Parece não ser muito extensa a lista dos indultados e crê-se que não houve contestação seria entre os membros do conselho, porque os processos estavam regulares e os reus que nelles figuravam dignos do favor real.

Tem-se fallado no caso de um individuo ter sido condemnado a degredo por um crime que não commetteu e que foi mais tarde confessado pelo verdadeiro criminoso, mas ouvi que o facto differe muito de outro de que dei em tempo noticia, porque então havia a declaração sob juramento do parocho, a abonação do sr. patriarcha, etc., e agora ha apenas uma especie de justificação sem os requesitos que garantam a verdade que se allega. E por isso que se suppõe que o conselho de estado não aconselhara o perdão.

Desde hontem corre o boato de que vae ser dada a amnistia aos individuos pronunciados e que figuram no processo da revolta.

A reunião da maioria que se verificou hontem na secretaria do reino foi bastante concorrida.

O sr. presidente do conselho, nos termos os mais lisonjeiros, apreciou os serviços prestados ao governo pela maioria, agradecendo-lhe a sua efficaz coadjuvação.

S. ex.ª louvou o patriotismo dos seus amigos, esperando que elles em toda a parte onde se achassem envidassem os seus esforços para combater uma certa ordem de ideias que vão vogando e que são muito prejudiciaes á causa da ordem e da liberdade.

O sr. Alves Passos respondendo em nome da maioria aos cumprimentos do sr. Fontes, observou que ella tinha um dever a cumprir. Que um dos seus mais illustres membros, que occupa um logar eminente na camara, o sr. Correia Caldeira, havia sido desconsiderado pela opposição, ficando sem correctivo essa manifestação tão injusta e tão immerecida. Lembrava o orador que a maioria respondesse áquella demonstração com outra na qual significasse o muito apreço em que tinha as qualidades, serviços e caracter d'aquelle respeitavel cavalheiro.

A assembleia adoptou o alvitre encarregando a mesa de transmittir ao sr. Correia Caldeira aquelles votos de affecto e consideração.

Muitas pessoas aqui em Lisboa têem recebido umas cartas verdadeiramente engraçadas. E assim as qualifico, porque me parece que ellas não são mais do que um simples gracejo.

A carta é datada de Madrid e dirigida pelo centro mixto republicano hespano-portuguez. Diz assim:

«Aquelle que algumas vez tenha lançado os olhos ao mappa da Europa, fitando-os nesse bello territorio beijado em quasi todo o seu perimetro pelas ondas do Oceano e do Mediterraneo, e apenas unido ao resto da Europa pela cordilheira dos Pyreneus; aquelle que tiver estudado a historia d'esta formosa Peninsula Iberica, comparando-a com a sua actual decadencia, poderá deixar de sentir-se inspirado pelo desejo de ver reunidos todos os elementos ibericos em uma vasta e poderosa nação?

A união dos dois povos irmãos, isto é, de Hespanha e Portugal, é a ideia capital deste centro secreto, o qual vendo a Hespanha livre do cancro da monarchia, não pode permittir que os irmãos portuguezes continuem a viver algemados por uma dynastia e uma camarilha jesuitica que empobrece e tyrannisa esta bella porção da Peninsula Iberica.

Com este fim se constituiu este centro secreto, que já tem outras succursaes em varios pontos de Portugal, e na sessão d'esta noite conferiu a V. E. a nomeação de delegado 39 n'essa, esperando que acceitando o cargo, porá em acção toda a especie de meios ou influencias para fazer triumphar a santa causa da republica iberica, para cujo objecto se lhe communicarão instrucções opportunas.

Este centro secreto tudo espera do patriotismo e circumstancias especiaes que em v. ex.ª concorrem, pedindo-lhe tambem que tome nota das assignaturas e rubricas que auctorisam esta communicação para os effeitos consecutivos.

Saude, fraternidade e republica iberica. Madrid 5 de Abril de 1873.—O presidente, R. V. y M.—O secretario, M. M. del S.»

Decididamente a serio não se pode tomar esta serie de dislates.

Republica iberica! Nem monarchia, nem republica com a Hespanha. E este o sentir de todos os portuguezes, dignos d'este nome. Inutil é, pois, que se formem centros mixtos ou não mixtos, secretos ou publicos, porque perdem o seu tempo em quaesquer tentativas para angariar gente que se anime a levantar em Portugal um grito que não encontrará ecco.

No sabbado deve ir á alfandega o sr. ministro da fazenda examinar o novo elevador hydraulico que ha de começar alli a funccionar n'aquelle dia.

É o primeiro apparelho d'aquelle genero que se faz no paiz e veiu da acreditada fabrica de fundição de Massarellos, do Porto, da qual é gerente o sr. Gaspar da Cunha Lima, que se acha presentemente em Lisboa.

O apparelho pode elevar de 500 a 1:500 kilogrammas de peso. Tem tres cylindros, cada um de 2 metros de comprido por 0,m333 de diametro interior, e a corrente envolve-se em oito roldanas. A pressão de agua é de 6 atmospheras, e com pouco mais de 200 litros de agua se podem elevar 1:500 kilos do pateo da entrada ao 1.º andar.

O apparelho foi fabricado com esmero e faz honra ao estabelecimento donde sahiu.

Foi considerado inficionado de febre amarella o porto de Santos e suspeitos da mesma molestia os demais portos da provincia de S. Paulo.

Brevemente deve começar o assentamento de carris nas ruas de Lisboa. Por emquanto o caminho de ferro americano será sómente entre a estação do caminho de ferro e o largo do Intendente e Conde Barão. A empreza tenciona levar uma linha até ao Rato pela extensa rua de S. Bento, mas encontra difficuldade para a execução d'esse traçado por causa das ruas dos Mestres e da Silva, que são muito estreitas.

Antes do fim do mez hão de começar os estudos dos caminhos de ferro das Beiras, segundo os traçados propostos no projecto apresentado pelo sr. deputado Antonio José Teixeira. O sr. engenheiro Sousa Brandão já ha dias fez uma pequena excursão de Abrantes a Thomar.

Foi ordenado superiormente que todos os navios mercantes tenham escripto no ponto mais conveniente e visivel do costado e de modo perfeitamente distincto o seu nome e a praça ou porto a que pertencem.

Continua felizmente melhor dos seus graves padecimentos o sr. contra-almirante Cardoso.

Sahiram hoje para bordo do navio de guerra sueco, que se acha fundeado no Tejo, 7 caixotes contendo albuns de photographias, livros, paineis, e cartas, pertencentes ao espolio da finada imperatriz do Brasil.

Saiu hoje para França prata em obra no valor de 14 contos de reis. Parece que vai para o sr. marquez do Penafiel.

Quando os jornaes noticiaram que estava no prelo uma obra do sr. Latino Coelho, não faltou quem duvidasse que ella viesse a publico. Tão conhecidos são já os habitos de trabalho contrahidos pelo illustre escriptor, que difficilmente se acreditava que s. ex.ª tivesse a paciencia sufficiente para se sujeitar á fatigante tarefa imposta a todos os auctores, que capricham em que o seu nome figure em um livro cuidadosamente revisto.

Não sei se effectivamente o elegante estylista sentiu todas as repugnancias que se suppunham inevitaveis, e se o seu editor teve de empregar grandes esforços para obter o original preciso para completar o volume, mas estou convencido de que influiu muito para que as lettras patrias fossem honradas com a primeira obra do distincto escriptor, a circumstancia de ser o sr. Latino Coelho deveras amigo do sr. A. M. Pereira, como s. exc.ª declara na sua advertencia e como é conhecido de todos.

Pertence, pois, ao sr. Pereira uma grande parte da gloria de ser augmentado o numero dos bons livros portuguezes com os «Elogios academicos», e aqui lhe dou os parabens por mais este triumpho.

O livro do sr. Latino Coelho é dedicado ao sr. marquez de Sá da Bandeira, como testemunho de respeito e admiração pelas suas virtudes e predicados de soldado, de estadista e de escriptor, pelos seus talentos benemeritos e pelos seus serviços assignalados á humanidade, á patria e á ideia liberal, como se diz na primeira pagina da obra.

Não me atreverei eu, que tenho a consciencia da minha incompetencia para o fazer, a julgar do merecimento do escripto, nem me parece que precise elle de sentença dos mais doutos, para ser apreciado com louvor depois de ter recebido os applausos da Academia Real das Sciencias de Lisboa, onde foram lidos os elogios academicos de D. Fr. Francisco de S. Luiz e de Rodrigo da Fonseca Magalhães, que apparecem hoje colleccionados e annotados no volume a que me estava referindo.

São bem conhecidos os factos mais importantes da vida dos dois varões illustres, e comtudo encontra-se muita novidade nos seus elogios, escriptos pelo sr. Latino.

As memorias, que perpetuam o nome d'aquelles patriarchas, contem notas cheias de interesse e algumas de grande merito litterario. As que se referem aos estudos linguisticos do afamado benedictino, são modelos de estylo levantado e primoroso e lição proveitosa para os estudiosos.

Não fallarei da linguagem correcta, amena e até hoje inimitavel com que o illustre academico escreveu o elogio dos dois estadistas, nem da vastissima erudição que elle patenteia n'esta obra notavel, pois todos sabem que o sr. Latino Coelho é o primeiro estylista portuguez e um dos homens mais doutos do nosso paiz.

Apenas direi, que ninguem poderá dizer que possue uma collecção dos nossos melhores escriptores, sem ter na sua bibliotheca o livro que com grande satisfação annuncio aos meus leitores.»

Cadeados de ferro—Tivemos occasião de admirar quatro cadeados de ferro, feitos na officina de serralharia do sr. Antonio Bernandes Gallinha, desta cidade, e que são remettidos para o Pará, de encommenda.

É sem duvida uma obra perfeitamente acabada e de engenho difficil de comprehender, devido aos esforços d'aquelle artista, um dos primeiros da sua arte, já bem conhecido pelo esmero das obras que faz.

Folgamos sempre de ter occasiões de elogiar o merito.

CHARADAS

1.ª

Toda a ave assim faz }
Depois de muito voar. } 2
Sem mim muitos artistas }
Não podem fabricar. }

No districto de Coimbra
O meu todo encontrarás,
Buscando-me em outro sitio,
O teu tempo perderás.

J. F. F.

2.ª

Este verbo, e este membro, na egreja tem logar—1 e 1.

3.ª

Na divida e na musica foi corajosa—1 e 1

4.ª

Na musica e no laço e na torre—1 e 1.

LOGOGRIPHO

Sou uma parte do mundo.........	10,2,9,1
E nome proprio tambem......	1,6,3,5,6,9,7
Sou em partes muito fundo.......	8,10,4
Tambem sou terra d'alem.......	1,2,9,10
Sem duvida sou parente.........	8,10,6,1
E tambem sou uma flôr.........	4,5,2,1
Sem duvida estou contente......	4,9,5
E tambem sou voz d'amor.......	1,8,7,5

Offereço o logogripho
Mas facil de matar;
Só digo que é sciencia
E depois?...é trabalhar.

F. C. R.

O logogripho publicado em o numero passado é—Salamina.

As charadas são—1.ª Salmão—2.ª Lidador.

Quem primeiro nos enviou a decifração, tanto do logogripho, como das charadas, foi a *Sociedade Charadicida Telegraphica.*

ANNUNCIOS

1 **E**DUARDO DE OLIVEIRA LOPES DE MACEDO, dá lições de piano por casas particulares, e tambem afina pianos, tanto na cidade como fóra. Largo da Fornalhinha, n.º 2.

BAZAR

2 **C**OMO EM RAZÃO do mau tempo não poude haver o bazar da sociedade Consoladora dos Afflictos no dia 30 de Março, segundo estava annunciado; fica transferido o referido bazar para os dias 27 de Abril e 1 de Maio. O local será no Jardim Botanico.

3 **P**EDE-SE aos srs. assignantes do *Proscripto*, que ainda estão em debito, o favor de mandarem satisfazer; o que podem fazer por meio de sellos ou estampilhas, dirigindo-se ao editor José Correia d'Almeida Junior.

NO ARMAZEM DE TABACOS DE BARBOSA & C.ª

Rua da Sophia 64

4 **P**RECISA-SE de um *bom caixeiro*, com perfeito conhecimento de contabilidade, e podendo fornecer provas do seu bom comportamento, Dá-se a preferencia a um homem dos 30 a 40 annos.—Bom ordenado.

Associação dos Artistas de Coimbra

5 **E**STA ASSOCIAÇÃO tem de occorrer ás avultadas e impreteriveis despezas provenientes dos auxilios que está prestando a tantos membros desvalidos da classe industrial e ás viuvas de seus socios, e ainda ás que faz com as suas aulas nocturnas, frequentadas por um grande numero de alumnos, tanto menores como adultos; e, precisando empregar todos os meios, que lhe assegurem a sua existencia e prosperidade, vem confiadamente appellar para a generosidade publica, pedindo-lhe o seu auxilio para o bazar de prendas, que hade effectuar nos dias 8, 10 e 11 de Maio proximo futuro.

As pessoas que tiverem a bondade de annuir a este nosso pedido, será duplicado o favor, dignando-se enviar, até á vespera do primeiro daquelles dias, a casa de qualquer dos signatarios, o objecto com que lhe aprouver obsequiar-nos, o que desde já agradecemos; e o nosso reconhecimento será publico, inserindo o nome dessas pessoas na relação, que tencionamos publicar com o relatorio annual da Associação.

Coimbra, 11 de Abril de 1873.
José Libertador de Magalhães Ferraz
José de Figueiredo Pinto
João Antonio da Cunha
José Melchiades Ferreira Santos
Porphyrio Augusto Mendes Ferrão
José Correia dos Santos
José Narciso Simões
Izaac Torres Veiga
Adriano da Silva Espingarda
Joaquim Gonçalves Fino
Augusto José Gonçalves Fino.

6 **Q**UEM PERDESSE na villa da Tentugal algum dinheiro, e uns oculos d'ouro, na estrada de Lavarrabos a Tentugal, ha mais de um anno, dirija-se ao confessor das religiosas da mesma villa.

Vinho de Torres Novas, fino para mesa

7 **V**ENDE-SE na rua das Solas, n.º 28.—O quartão 480—Dito de Thomar, quartão 420—Verde, de Braga, quartão 600—Do Douro, branco, quartão 800—Dito tinto, quartão 800.

8 **A** MESA administrativa da Santa Casa da Misericordia da villa de Soure, faz publico, que novamente se acha a concurso por espaço de 30 dias, a contar da data do presente annuncio, o logar de capellão da mesma Santa Casa, com o ordenado de 86$400 rs. annualmente.

Os srs. ecclesiasticos que quizerem requerer o dito logar, deverão apresentar os seus requerimentos no referido prazo, acompanhados dos documentos necessarios.

As obrigações do capellão constam do compromisso da Santa Casa, das quaes o abaixo assignado fará sciente aos individuos que pretenderem o dito logar, para cujo fim se lhe podem dirigir.

Soure, 24 de Março de 1873.

O escrivão da mesa,

Lino A. R. de Faria.

9 **C**ANTIGAS DO FADO, dedicadas á mocidade folgazã. Nova collecção de cantigas para se cantarem á guitarra e ao piano, por Luiz de Araujo.

Saiu a 2.ª folha desta obra, contendo os seguintes fados:—Justa saudade (conclusão)—Miscellanea—A. M. O. R. Amor—Cada qual para o que nasce—Bichos janotas—Coisa natural—Juramentos—Triste verdade—O pescador—As flores do mundo—Menú todo novo—O molho do villão.—Quem desejar assignar para esta obra, que constará de 10 folhas, pagará adiantado, por uma só vez, 200 reis. Numeros avulso 40 reis. Assigna-se e vende-se na livraria de Joaquim José Bordalo, rua Augusta, 24 e 26, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

LINHAÇA

93 Rua do Visconde da Luz 95

10 **Grande variedade de caixas e cestos de palha, proprios para brindes de amendoas.**

AMENDOAS

46 Rua da Calçada 48

11 **B**OM SORTIMENTO, mandadas fazer expressamente em Lisboa.

COIMBRA—RUA DA CALÇADA

Proximo á Portagem

Estabelecimento de

José Tavares da Costa

12 **C**HEGARAM a este estabelecimento grande variedade de bolaxinhas modernas, biscoito de Hamburgo, excellentes amendoas de Lisboa. Preços baratissimos.

13 **A** CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalesciére,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchaqueca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, dieteticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid.—Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kilo 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rabir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

É geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2685 — SABBADO 19 DE ABRIL DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40



COMMEMORAÇÃO

Quem achará uma mulher forte? Seu preço excede a tudo o que vem de remontadas distancias, e dos ultimos confins da terra.
O coração de seu marido põe nella a sua confiança.
PROVERBIOS—XXXI, 10,11.

Já não é do numero dos vivos uma senhora respeitabilissima. Cobre-se este jornal de luto ao ter de annunciar que no dia 16 do corrente entregou a alma ao Creador a exm.ª sr.ª D. Maria do Loreto Osorio Cabral Pereira de Menezes.

Mulher forte, segundo a Escriptura; dotada de sentimentos profundamente religiosos; cheia de uma constancia varonil em todas as adversidades com que a Providencia a quiz experimentar neste mundo; a illustre finada pode servir de edificante exemplo a todas as pessoas do seu sexo.

Daquella intelligencia elevadissima; de tão fina prespicacia no discorrer, de tão profunda sensatez no decidir, já hoje não resta senão a memoria que conservarão os admiradores, como nós sempre fomos, de tão peregrino talento!

Tendo-se ligado por laços indissoluveis com o sr. conselheiro José Maria de Abreu, no dia 29 de Janeiro de 1852, manteve sempre com o seu esposo a amizade mais intima e constante. Parecia que um só pensamento e uma só vontade dominavam aquelles dois entes!

Nas occasiões em que o sr. conselheiro José Maria de Abreu foi victima de immerecidas contrariedades, que muito amarguraram o seu coração, era de sua esposa que este illustrado cavalheiro recebia a necessaria animação, para poder ser superior ás injustiças dos homens!

Conjecturar-se-ha, pois, quanto seria dolororissimo o golpe que soffreu a exm.ª sr.ª D. Maria do Loreto, ao presencear o fallecimento de seu esposo no dia 14 de Dezembro de 1871. Todos os que conheciam o viver intimo desta senhora, previram logo que a sua existencia não duraria muito; e com effeito, decorrido apenas um anno e quatro mezes terminava os seus dias!

E durante esse tempo, que soffrimentos, que dores, que angustias!

Nesta solemne occasião*, ser-nos-ha permittido aqui mencionar o que esta senhora nos escrevia de Lisboa em 12 de Março de 1872, tres mezes depois de haver fallecido seu esposo:

«Receberá V. uma porção de papeis, que escolhi do espolio de meu marido para lhe offerecer, porque não deviam pertencer a mais ninguem; não só porque dá valor áquellas curiosidades litterarias; mas porque era verdadeiro amigo delle, e porque as quer para encher as paginas de um jornal em que elle collaborou por tantos annos. Como, porem, eu não sou competente, póde ser que ahi haja muita cousa que não preste, pois que em geral escolhi-os pelos letreiros que tinham por fóra.

«Estou certa que lhe havia de lembrar com pena muita vez o destroço que se fizesse nos livros do José Maria, e nos seus papeis, revolvidos por extranhos, sem que podesse olhar por elles pessoa a quem doesse; mas não foi assim.

«Apesar do mau estado da minha saude, e na presença de uma dôr ser egual, fui eu que olhei por tudo. Ninguem, absolutamente ninguem mais do que eu tocou ainda no que lhe pertencia e a que elle dava tanto valor, e aonde muitas vezes foi esquecer horas bem angustiosas na vida.

«As horas amarguradas que isto me custou, nem eu quero pensar nellas! Desmanchar um monumento levantado pela sua mão; arrancar-lhe uma a uma todas as suas pedras, e presidir eu a isto como se fora um extranho a assistir á demolição de um edificio publico! é cousa que se sente, mas não se pode explicar.

«Em fim cada um tem a sua missão cá na terra. A minha ainda não chegou o seu termo, e sabe Deus se terei forças para leval-a ao cabo.

«Sobre a minha dôr parece que ainda não passou um dia, e são já tantos, que julgo ás vezes ser um seculo. Adeus que me faltam as forças para mais.»

A exm.ª sr.ª D. Maria do Loreto tinha pela memoria de seu chorado esposo uma especie de culto.

Havia o sr. conselheiro José Maria de Abreu disposto no seu testamento, que depois do fallecimento de sua esposa, passariam os seus bens, metade para o Asylo da infancia desvalida de Coimbra, a fim de ahi se estabelecer uma *creche*; e a outra seria dividida em duas partes, uma para o Asylo de Mendicidade, e a outra para o hospital da Veneravel Ordem Terceira desta cidade.

Não era, portanto, a exm.ª sr.ª D. Maria do Loreto obrigada em sua vida, a applicar nenhuma parte dos seus bens para qualquer destes institutos de caridade; mas penhorada pela manifestação de sentimento que os habitantes de Coimbra deram por occasião do fallecimento do sr. conselheiro José Maria de Abreu, quiz com o maior empenho, ainda em sua vida, dar começo á *creche*.

A esse respeito nos dizia esta senhora em 8 de Setembro de 1872:

....

«O que meu marido dispoz, estava disposto á sua vontade; mas eu tinha muita cousa pessoal, que devia á sua generosidade: brilhantes, ouro, prata, trastes de luxo, etc.; isso era meu, quiz eu fazer-lhe presente delles, porque não preciso já dessas cousas, e não quero possuir nada. Vendi tudo, juntei uma somma soffrivel, e resolvi com ella celebrar o anniversario da sua morte, abrindo no Asylo

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLII

D. CARLOS

II

A provincia de Guipuscoa seguiu na revolução a suas irmãs Alava e Biscaia. A Extremadura e a Andaluzia eram as unicas provincias preservadas da guerra.

Na Castella a Velha poz-se á frente das forças carlistas revoltadas o celebre cura Jeronymo Merino, que tão notavel tinha sido contra os francezes, durante a guerra peninsular. Merino foi perseguido pelas forças liberaes, e teve de se evadir para Portugal, vindo apresentar-se a D. Carlos, apenas acompanhado de 14 homens.

Assim que D. Carlos soube a morte de seu irmão D. Fernando, publicou e mandou circular por toda a peninsula um manifesto, datado de Abrantes, no 1.º de Outubro de 1833, em que declarava traidor todo aquelle que não jurasse as suas bandeiras.

Dizia nesse manifesto:—«Não ambiciono o throno; estou longe de cubiçar bens caducos; porem a religião, a observancia e cumprimento da lei fundamental da successão, e a singular obrigação de defender os direitos imprescriptiveis de meus filhos e todos os meus amados consanguineos, me levam a sustentar e defender a corôa de Hespanha, do violento despojo, que della me causou uma sancção tão illegal como destructora da lei, que legitimamente e sem alteração deve ser perpetua.»

Alem deste manifesto, assignou D. Carlos em Santarem, com data de 4 do mesmo mez de Outubro, quatro decretos, exercendo varios actos de soberania.

Na mesma data dirigiu-se á rainha viuva, *sua mui querida irmã*, dando-lhe os pezames, e para que o reconhecesse como rei; ao infante D. Francisco, ao qual acrescentava:—*espero de ti... que reconheças os proprios direitos e os de teus filhos nos meus*; e tambem escreveu ao infante D. Sebastião. Por ultimo, a esposa de D. Carlos, D. Maria Francisca de Assis, escreveu *a sua magestade catholica a rainha viuva, sua mui querida e amada irmã*, manifestando-lhe tambem o seu pezar com sentidas expressões.

Chama D. Carlos a D. Luiz Fernandes de Cordova, ministro plenipotenciario de Hespanha em Portugal (o mesmo que ultimamente foi ministro da guerra do rei Amadeu, e que por alguns dias exerceu o mesmo cargo na actual republica hespanhola), e lhe diz:—«Já tudo mudou, e agora sou eu o legitimo rei de Hespanha. Como tal, tu serás o meu ministro, e reclamo a tua obediencia: espero que sejas o primeiro que me reconheças.»—Nega-se a isso Cordova, pelo que lhe replica D. Carlos:—«Fazes bem: está bem; vae-te»—e lhe entrega os decretos datados de Santarem, a que acima nos referimos.

Ao ver Cordova que as auctoridades portuguezas tratam a D. Carlos como soberano, retira-se de Portugal.

O governo hespanhol insiste para que o infante abandone a peninsula; rodeia-o de espias, e vendo por fim que é inutil o seu empenho, e o progresso da insurreição, o declara conspirador e usurpador do throno de Hespanha, por decreto de 17 de Outubro, e lhe sequestra todos os bens, nomeando commissario regio para a execução deste decreto a D. Ramon Lopez Pelegrin, conselheiro de Castella.

Quando no dia 23 de Outubro foi apresentado este decreto por Cordova e o barão de Ramefort, a D. Carlos, este o leu em sua presença e na de dois individuos do seu sequito, e concluida a sua leitura disse:—«*Fico inteirado; veremos quem tem mais direitos; eu tambem usarei dos meus.*»

D. Carlos permanecia em Portugal, impondo ao governo hespanhol com a sua visinhança; e considerando este que o estabelecimento da ordem publica, a morte das esperanças dos carlistas, e a base da regeneração administrativa dependiam de apoderar-se da sua pessoa; dirige-se, por isso, ao general D. José Ramon Rodil, deixando ao seu arbitrio os meios de o conseguir, e auctorisando-o amplamente para a escolha de pessoas, o meio e occasião, pois tudo queria sua magestade que se devesse exclusivamente a elle. Advertia-lhe mais o governo, que nessa auctorisação se comprehendia a de atravessar e permanecer no territorio portuguez o tempo necessario para apoderar-se da pessoa do infante, voltando com elle á fronteira hespanhola, donde poderia conduzil-o com toda a segurança, quer á praça de Badajoz, ou onde elle Rodil escolhesse.

Quando D. Carlos conheceu a importancia do sequestro dos seus bens; quando viu que

da infancia desvalida a *creche* que elle destinava para depois da minha morte; quero mostrar aos meus patricios que tanto honraram a sua memoria, que a viuva daquelle seu amigo sabe comprehender o que fizeram por elle.

. . . .

«Agora como já sabe o meu segredo, que era uma surpreza que eu queria fazer aos amigos de meu marido, peço desde já a sua coadjuvação para esse tempo, porque eu vou ahi se Deus me der vida, e quero fazer uma funcção apparatosa.»

Concedeu o Omnipotente que esta religiosissima e caritativa senhora ainda vivesse no dia anniversario do fallecimento de seu esposo; mas não permittiu que tivesse saude para vir a Coimbra, como ella tanto desejava, fundar e abrir solemnemente a *creche* no Asylo da infancia desvalida.

Foi mais uma grande amargura por que passou a exm.ª sr. D. Maria do Loreto.

Hoje que esta nobilissima senhora já não existe, podemos afoutamente vir aqui revelar estas cousas, sem ser taxados de lisonjeiros.

No que deixamos exposto está retratada fielmente aquella grande alma.

A' sua saudosa memoria, e em publico e solemne testemunho do muito que sempre lhe devemos e a seu illustre esposo, aqui traçamos, como nos permitte a grande dor que nos opprime, estas singellas palavras.

Joaquim Martins de Carvalho.

A PONTE DE COIMBRA

Por officio de 15 do corrente acaba o sr. ministro das obras publicas de ordenar ao sr. director das obras publicas deste districto, que devendo proceder-se em breve á reconstrucção do ponte da Portagem, sobre o Mondego, junto a Coimbra; faça transportar para esta cidade o material, machinas e utensilios, que successivamente poderem ser dispensados da feitura da ponte da Portella, na estrada de Celorico.

Como dissemos em o numero antecedente, a reconstrucção desta ponte de Coimbra está auctorisada pela carta de lei de 10 de Setembro de 1861. Comtudo durante muitos annos nada se fez para realisar essa auctorisação. Só em 11 de Julho de 1868 é que foi apresentado um projecto pelo engenheiro o sr. José Diogo Mousinho de Albuquerque.

Em 22 de Dezembro de 1871 pediu o sr. director das obras publicas, para o respectivo ministerio, a copia daquelle projecto, por o não haver em Coimbra.

Desde esta epocha até 26 de Abril de 1872 nenhum acto official inculcou que se tratasse de realisar esta importante obra. Foi a pedido da camara municipal desta cidade, que naquella data baixou ao sr. director das obras publicas um officio, em que se lhe mandava que do orçamento n.º 2 dos estudos do engenheiro Mousinho, se separasse:

1.º O orçamento dos 3 taboleiros de ferro que aquelle engenheiro projectara estabelecer sobre novos pilares de alvenaria, nos logares correspondentes aos arcos n.ºs 5, 6 e 7; devendo a este orçamento juntar-se o da despeza a fazer na concordancia do pavimento dos taboleiros com o das partes contiguas da ponte existente.

2.º O orçamento dos 3 taboleiros indicados, junto com o das obras projectadas, na parte correspondente aos 4 primeiros arcos, para elevar o pavimento e augmentar a vasão; devendo a este orçamento juntar-se semelhantemente o da despeza a fazer na concordancia do pavimento do ultimo taboleiro de ferro, com a parte restante da ponte actual do lado de Santa Clara.

Em sessão da camara municipal de 16 de Maio de 1872, deliberou a vereação pedir ao sr. ministro das obras publicas, que na sua vinda do Porto se demorasse algumas horas nesta cidade, para examinar este e outros projectos de obras de reconhecida necessidade para Coimbra.

Poucos dias depois realisou-se a visita do ministro, sendo acompanhado pelos engenheiros os srs. Mattos, Espergueira e Loureiro.

Já nessa occasião o sr. director das obras publicas deste districto poude apresentar ao sr. Cardoso Avelino o seu projecto, quasi concluido, da reconstrucção da ponte.

Em 10 de Junho de 1872 foi este projecto mandado ao respectivo ministerio; e com o voto de approvação da junta consultiva de obras publicas foi mandado executar.

Este valiosissimo melhoramento deve-se aos esforços dos srs. ministros das obras publicas e da justiça, deputado por este circulo o sr. Dr. Joaquim Gonçalves Mamede, o sr. director das obras publicas deste districto, camara municipal de Coimbra, e em especial o seu presidente; sendo coadjuvados pelos srs. deputados Dr. Antonio José Teixeira e Dr. Albino Giraldes.

Todos estes cavalheiros bem merecem desta cidade e districto, pela parte com que tem contribuido para se realisar a reconstrucção da grandiosa ponte de Coimbra.

TESTAMENTO DA EX.ma SR.ª D. MARIA DO LORETO

Estando em meu perfeito juizo, sentindo-me doente, resolvi fazer o meu testamento pela fórma seguinte:

Declaro primeiro que tudo, que sou catholica apostolica romana, religião em que fui educada e na qual espero morrer com o auxilio de Deus, a quem peço perdão das minhas culpas.

Emquanto ao meu funeral, que eu quero que seja sem pompa e sem convites, deixo-o á disposição do meu testamenteiro, e emquanto a suffragios por minha alma providenciei em minha vida.

Fui casada com o conselheiro José Maria de Abreu, de quem não tive filhos: nas nossas escripturas esponsalicias, estipulou elle para as minhas arrhas, o usofructo de todos os seus bens, e no seu testamento, confirmou esse usofructo, concedendo-me mais a ampla liberdade de vender, e utilisar-me do producto da venda de quaesquer bens; e usando eu desta faculdade, declaro que vendi um predio de casas junto ao Jardim Botanico de Coimbra, a livraria, moveis de casa e prata, e que me utilisei do producto de tudo isto como entendi, e estava no meu direito de fazer, e que minha ultima vontade é, que se cumpra em quanto aos outros bens que ficarem depois do meu fallecimento, o testamento de meu saudoso marido, cedendo mesmo de quaesquer direitos que para futuro possam querer reconhecer-me.

Declaro que dispuz em minha vida de todas as minhas joias, e objectos de ornato que tinha, e que alguma prata e moveis que ainda me pertencem, os destino para as despezas do meu funeral, ficando os sobejos para esmolas a familias necessitadas, ao arbitrio do meu testamenteiro, exceptuando porem d'aquella venda, um Santo Christo de prata, que assistiu aos ultimos momentos de meu marido, e que deve assistir aos meus, porque o offereço ao meu testamenteiro em testemunho do meu reconhecimento.

Nomeio por meu testamenteiro ao exm.º marquez de Sousa Holstein, e é minha vontade que elle fique na posse de todos os bens e venda como melhor entender os que me restarem para satisfazer as despezas do meu funeral, e que seja o inventariante no inventario judicial a que tem de se proceder para o cumprimento do testamento de meu marido, intervindo tambem o exm.º testamenteiro por elle nomeado, e não nomeio herdeiro pelo motivo de não deixar herança.

E tenho por esta fórma terminado o meu testamento, que eu quero que valha como minha ultima vontade, revogando quaesquer outras disposições que tenha feito; e rogo ás justiças deste reino que lhe façam dar inteiro cumprimento.

Lisboa, 10 de Novembro de 1872.

D. Maria do Loreto Osorio Cabral Pereira de Menezes.

EDITAL

Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, visconde de Villa Maior, par do reino, lente jubilado da escola polytechnica de Lisboa, socio effectiva da academia real das sciencias, commendador da ordem de N. Senhora da Conceição de Villa Viçosa, official da de Torre Espada, do valor, lealdade e merito, e da Legião d'Honra, reitor da Universidade e do lyceu de Coimbra.

Faço saber, em cumprimento das instrucções de 9 de Março de 1872 que:—1.º Os exames de instrucção primaria para a admissão aos lyceus, hão de ter logar nos dias 1.º, 5 e seguintes do proximo mez de Maio, devendo no 1.º dia comparecer todos os requerentes habilitados para serem examinados na prova escripta.—2.º Hão de ser examinados na prova oral 9 por dia em cada jury, sendo supplentes os 9 seguintes.— 3.º Haverá 5 jurys que funccionarão todos os dias indicados, sendo compostos da maneira seguinte:

1.º jury: Dr. João Antonio de Sousa Doria, Joaquim Alves de Sousa e Bento José de Oliveira.

2.º Manoel Simões Dias Cardoso, Dr. Francisco Antonio Diniz e Luiz Alves Gomes Freire.

3.º Dr. José Joaquim Manso Preto, Dr. Nuno José da Cruz e Augusto Pereira de Moura.

4.º Francisco Antonio Marques, Firmino Augusto de Magalhães e Albino Ferreira Antunes Coelho.

5.º Gaspar Alves de Frias d'Eça Ribeiro, Dr. Antonio João de França Bettencourt e Hermano José Ferreira de Carvalho.

Os que faltarem a exame, tanto obrigados como supplentes, serão examinados no dia que for designado, se justificarem a falta no dia immediato.

E para constar mandei affixar o presente. Lyceu nacional de Coimbra, 18 de Abril de 1873.

Eu Francisco Antonio Marques, secretario do lyceu o escrevi—Reitor.

---

se levavam a effeito as medidas que adoptava o governo, pensou seriamente na sua situação, e publicou em Castello Branco, no dia 25 de Outubro um manifesto.

Começava dando conta dos seus actos publicos, desde que soubera a morte de seu irmão, e lamentava-se do proceder que com elle se havia tido, pois em vez de o reconhecerem como rei, o tratavam de seductor e preturbador da tranquillidade, ultrajando sua alta dignidade e caracter, ameaçando-o com o rigor da lei se pisasse o territorio hespanhol, e sequestrando os seus bens e rendas, e as de sua familia, de tudo o que culpava a seita maçonica, occupada em minar os thronos, a mesma que anteriormente havia procurado indispol-o com seu irmão, intitulando-o de desleal e ambicioso da sua corôa, cujas accusações repellia.

Referia em seguida os actos contradictorios da publicação da pragmatica; seus protestos, sua permanencia em Portugal por motivo da cholera, que o impedia de embarcar-se, e terminava dizendo:

«Exigiu-se o meu juramento? Não. Fui convocado para assistir á ceremonia, como o primeiro e principal interessado na real familia? Tambem não. Fui emprazado, ou ouvido? Muito menos. Fez-se presente a minha declaração antes do acto ás auctoridades a quem cumpria, para que com este conhecimento houvessem deliberado e manifestado o seu parecer com acerto? Pelo contrario, teve-se todo o cuidado em occultar o que havia, para se não exporem a soffrer uma geral repulsa. Logo ha na dita ceremonia e seus antecedentes uma multidão de nullidades insanaveis, e só um pequeno partido obsecado poderá sustentar o contrario, e pôr em questão os meus direitos.

«Chegou, pois, o caso, de castigar severamente o actual ministerio e demais empregados, que, desobedecendo abertamente aos meus mandados, e abusando da minha indulgencia, seguem trabalhando em contrario sentido, e de repellir com mão forte e poderosa a temeraria obstinação de quantos deixassem de acolher-se á minha clemencia.

«Reuni-vos a mim, amados vassallos, e accelerae o passo; ajudae com vosso valor os meus esforços, e contae com a victoria e o justo premio que concederei a quantos cooperarem para o triumpho e salvação da patria. —*Eu o rei.*»

Passados poucos dias, a 4 de Novembro, dirigiu tambem D. Carlos, de Castello Branco, um manifesto ao exercito, para o interessar na sua causa.

«Carlos V, aos generaes, officiaes, sargentos, cabos e soldados do exercito.—Chamado por Deus para occupar o throno hespanhol, para defender sua santa causa, e fazer felizes os meus povos, me esmerarei e desvelarei até conseguil-o, ajudado dos conhecimentos e conselhos das pessoas de maior instrucção e probidade, que sempre terei a meu lado. Quero tambem chegar a tão ditoso termo com uma paz inalteravel, e sem que o meu real animo, pacifico de si, se veja violentado a castigar sem dissimulação aos que, desobedientes aos meus paternaes avisos, continuam obsecados e seduzidos, oppondo resistencia á legitimidade de meus direitos.

«Não permitta o Senhor pôr-me em tão apurado caso. Peço-lhe, pelo contrario, vos inspire e chame á conservação da honra adquirida justamente com a lealdade e valor inseparaveis do caracter nacional, unindo-vos ao vosso rei na fronteira de Hespanha, ou ás divisões, ou partidas, que em muitas e diversas partes se tem pronunciado em meu favor, a cujos chefes, officiaes e sargentos, concedo o accesso immediato, e o correspondente soldo as mulheres e filhos dos que perecerem em tão justa luta, e um grau aquelles de vós, que se apresentarem no termo de um mez, que marco a contar desta data, sem prejuiso dos demais a que vossos esforços e sacrificios vos façam credores no futuro; aos meus soldados as distincções e diminuições das suas obrigações no serviço, que concederei logo que a paz e as circumstancias o permittam.

«Castello Branco, 4 de Novembro de 1833. —*Eu o rei.*»

Ao contar-se as derrotas dos carlistas nas provincias do norte pelos seus encontros, eram muitos de opinião, que não tardaria o fim da luta que aquelles habitantes sustentavam; porem os conhecedores do paiz, previam que se passasse algum tempo, sem que se apoderassem d'aquellas grandes massas de carlistas, a guerra se faria interminavel, porque o que pareciam derrotas, eram só dispersões, que os favoreciam, longe de os prejudicar. Descansavam nas suas terras para *mudarem de camisa* (expressão vulgar, e demasiado caracteristica para os vascongados), voltando a reunir-se em um ponto dado com brios novos e mais pericia militar.

Aproveitando-se das vantagens naturaes, e explorando a simples credulidade dos habitantes das provincias vascongadas e das suas qualidades para a guerra, a rebellião fez o seu principal theatro desse paiz, que, em 7,200 kilometros quadrados, abrigava um povoação de 429,000 individuos.

A causa carlista, que estava na Navarra esmorecida com o commando de Iturralde, mudou rapidamente de aspecto, logo que se poz á sua frente o bravo coronel D. Thomaz de Zumalacarregui.

(Continuar-se-ha.)

Joaquim Martins de Carvalho.

NOTICIARIO

Musicas e canções populares. —O nosso patricio e amigo o sr. bacharel Adelino Antonio das Neves e Mello (filho), brindou-nos com um exemplar do interessantissimo livro que ha tempo publicou, com o titulo de *Musicas e canções populares.*

Este livro além do incontestavel merecimento da collecção de canções, fructo de muito assiduas diligencias, é na parte typographica um trabalho, que honra a imprensa Nacional onde foi feito.

As canções populares são acompanhadas com as respectivas musicas, o que lhes dá um grande realce. Se nos antigos tempos houvesse entre nós o cuidado, como agora houve, de publicar em musica as canções populares, quanto não seria isso hoje agradavel!

Bem haja, pois, o sr. Neves no serviço que prestou com a sua publicação, que esperamos receberá dos amadores a acceitação de que é digna.

Nos reinos estrangeiros já ha muito se fizeram trabalhos identicos ao do sr. Neves. Em França ha do cavalheiro de Laborde, a —*Choix de chansons, mises en musique, ornées d'etamps, par J. M. Moreau.* E' uma obra prima de execução artistica. Além de 167 trechos musicaes, contém 84 gravuras dos melhores artistas francezes do seculo XVIII.

Um exemplar d'este livro, hoje de uma raridade extraordinaria, esteve na exposição districtal de Coimbra em 1869, e pertencia ao sr. Joaquim de Vasconcellos, apaixonadissimo pela musica, de que tem dado sobejas provas.

O gosto por estas canções é de muita voga na Allemanha. Quando o conde A. de Raczynski, ministro da Prussia em Portugal, veiu a Coimbra em 1843, em uma excursão artistica até Vizeu, ficou encantado, na digressão que de Coimbra fez á villa da Figueira, de ouvir a canção popular:

Que lindo botão de rosa
Que aquella roseira tem!
De baixo ninguem lhe chega
(Bravo) Acima não vae ninguem.

Raczynski, quando em 1846 imprimiu em Paris o seu livro *Les arts en Portugal,* nelle inseriu aquella quadra em portuguez, acompanhada da musica respectiva, e da seguinte traducção em francez:

Quel joli bouton de rose
Que celui dont se pare ce rosier!
Personne d'en bas n'y peut atteindre
(Bravo) Et dessus personne ne grimpe.

As canções colleccionadas pelo sr. Neves, são precedidas pela seguinte *advertencia:*

«Este cancioneiro não é mais do que um singelo ramo de flores silvestres, colhidas ao acaso pelo campo; modesto e simples na sua ingenua belleza é, todavia, suavissimo e brando o seu aroma; sente-se uma certa frescura moral ao aspiral-o, uma subtil viração de primavera.

«São rudes, na verdade, estas flores, mas vivem livremente á luz do sol, sem que ninguem lhes contrarie o seu caprichoso crescimento; amando a liberdade, não invejam a liberdade dos jardins. E como poderia ahi viver quem luxuriantemente se expande e desenvolve? Estiolava, de certo, fenecia. Os impetos da vegetação cerceava-lh'os a arte, e as incorrecções muitas vezes sublimes, eram impossiveis alli.

«A saudosa recordação do bello tempo que passei nos logares aonde cuidadosamente colhi essas flores, é de um encanto indisivel para mim.

«Aquelles que identificaram outr'ora a sua existencia ao viver tranquillo e formoso das aldeias, de certo comprehenderão o sentimento com que se recordam taes evocações do passado; para esses deve ter este cancioneiro, além do insignificante merito da compilação, o merecimento mais verdadeiro da saudade.»

Contém esta collecção:

I—*Cantigas de Coimbra*— Não canto por bem cantar—O Marujo—O Marujinho—O londum da Figueira—Oh Ladrão—Oh Elvas, oh Elvas—Os olhos da Mariannita—A Rolinha—O Fado—Trigueirinha—Meu bemzinho—Morena—Cavaco do rio—Folgadinho—Vivo triste sem o meu derriço—Oh senhor ladrão—Oh meu bem da fita amarella—Afasta janota, afasta—O Periquito—A menina vae ao baile—O Preto—Oh flor da murta—A Carrasquinha—Estudantina—Amphiguri.

II—*Cantigas do Minho*— Cana verde—Manoel—O Derriço—Chula ou Ramalde—Constancia.

III—*Cantigas de Traz os Montes*—Adeus—As quatro flores—Desgarradas—S. João—Desafio.

IV—*Cantigas dos Açores*—Manjaricão—Chama Rita (nova)—Sapateia!—Chama Rita (velha).

V—*Cantigas do berço*— Dormi meu menino—Jesus pequenino—Oh meu menino Jesus—Offerta—O meu menino é discreto—Nossa Senhora da Lapa.

Viação municipal—Sabemos que o banco hypothecario aceitou a proposta do emprestimo de 40:000$000 rs., que a camara municipal de Coimbra quer contrair, para a construcção de differentes estradas municipaes deste concelho.

Azeite—Ainda continua a exportação de azeite de Coimbra para o Porto e Lisboa. Temos ouvido calcular esta exportação em mais de 200:000 alqueires. Os armazens da cidade tambem estão cheios. Foi tal a abundancia, que o preço deste genero poucas alterações tem soffrido.

Ponte da Cidreira—Por officio de 15 do corrente foi auctorisado, a pedido da camara municipal de Coimbra, o sr. director das obras do Mondego, a proceder ao estudo da estrada da Ponte da Cidreira, obra da maior necessidade, e que interessa não só ao concelho de Coimbra, mas egualmente aos de Monte Mór, Figueira e Cantanhede.

Concurso—Na proxima segunda feira, 21 do corrente, ao meio dia, faz o sr. Dr Correa Barata a primeira lição para o concurso na Faculdade de Philosophia.

Noticias agricolas—Vae crescendo com grande intensidade a molestia das batatas nos arredores desta cidade. Os favaes conservam-se viçosos e promettem abundante producção. As chuvas fizeram bem ás sementeiras de cereaes nos montes, mas a sua continuação está causando grande prejuizo, e atrazando muito a cultura dos campos.

Valla dos Lazaros—Consta-nos, que o sr. director das obras do Mondego está auctorisado a despender as quantias precisas para a abertura da valla dos Lazaros. Este melhoramento é de grande alcance, por ser o complemento do projecto da defeza da cidade contra as inundações do Mondego, que está em execução.

Estrada de Coimbra ao Dianteiro. — Está já muito adiantado o estudo desta estrada municipal, que attendendo aos meios de que a camara desta cidade vae dispor para viação, deverá dentro em pouco tempo começar a ser construida.

Esta estrada tem de passar dentro da cerca de Thomar, onde depois ficará terreno muito apropriado para novas edificações, que tão precisas são.

Exoneração—O sr. bacharel Francisco Antonio Marques, professor e secretario do Lyceu nacional de Coimbra, foi exonerado pelo requerer do referido logar de secretario do Lyceu, para que fôra nomeado por decreto de 7 de Maio de 1850.

Despacho—O sr. Joaquim de Salles, official de 3.ª classe, addido á administração central do correio de Coimbra, foi provido, em concurso, no logar de porteiro do real archivo da torre do tombo, com o vencimento annual de 300$000 rs., na conformidade do decreto de 31 de Outubro de 1870. Deste provimento resulta para o estado a economia de 160$000 reis.

Fallecimentos.—No Recife, imperio do Brasil, para onde havia ido ha cerca de tres mezes, falleceu o sr. Augusto de Mello Soares, sobrinho da sr.ª D. Margarida de Jesus Cardoso das Neves. O sr. Soares tinha feito exame de pharmacia nesta cidade.

Tambem nesta cidade falleceu a sr.ª D. Joaquina Augusta das Neves, sobrinha da mesma sr.ª D. Margarida, que tendo no dia 15 do corrente recebido a fatal noticia da morte de seu sobrinho, viu no immediato finar-se a sobrinha. Os nossos sentidos pezames.

Mais fallecimentos.—O nosso estimavel amigo o sr. padre Francisco Cordeiro da Fonseca, vigario de Farinha Podre, acaba de passar pela dura provação de lhe fallecerem, em menos de mez e meio, seus dois prezados irmãos os srs. José Antonio Cordeiro da Fonseca e Serafim Cordeiro da Fonseca.

Acompanhamos o nosso amigo nas suas grandes maguas.

Outro fallecimento—O nosso antigo amigo o sr. Joaquim José Duarte, negociante desta cidade, acha-se de luto pelo fallecimento de sua esposa.

Nem os esforços da medicina, nem as maiores diligencias da amisade poderam evitar este fatal acontecimento.

Ao sr. Joaquim José Duarte damos sinceros sentimentos pelo seu grande desgosto.

O castanheiro—Esta arvore tão formosa e de tanta utilidade dá-se perfeitamente em Portugal, principalmente nas provincias do norte. Tambem prospera nas regiões montanhosas do centro e sul do paiz, constituindo *soutos* de grande producção e rendimento. Alem da excellente madeira de construcção, o seu fructo doce e feculento é o principal elemento dos habitantes das montanhas mais estereis e escabrosas. As duas variedades cultivadas entre nós são os *rebordãos* e *longaes*, sendo os segundos os que produzem a melhor castanha.

Esta preciosa arvore cresce exponeamente nas montanhas do norte da Asia, e só no fim do seculo 16 foi trazida para a Europa. Em 1581 era ainda uma raridade botanica, e Venesa possuia já um exemplar. Em 1615 foi introduzido em França, e alguns annos antes na Inglaterra.

Fornecimento de cavallos. — No dia 17 do corrente, effectuou-se na 4.ª repartição do ministerio da guerra, a abertura das propostas para o fornecimento de cavallos para a remonta extraordinaria, que o governo pretende fazer.

Foram nove as propostas. Os proponentes são os srs. marquez de Niza, Vicente Beirão, Fernando Bomtempo, visconde de Asseca, Raphael Leon, Manoel Claudio Pulido, Julio Augusto de Carvalho, Francisco Leon Vasques e Moysés Zagary.

O 1.º concorrente offerece cavallos estrangeiros pelo preço de 252$000 reis cada um; o 2.º, peninsulares a 180$000 reis; o 3.º, estrangeiros a 247$000 reis e peninsulares a 150$000; o 4.º, estrangeiros a 247$000 e peninsulares a 157$500; o 5.º, peninsulares a 180$000; o 6.º, peninsulares a 160$000; o 7.º e 8.º, peninsulares a 180$000; e o 9.º, estrangeiros de 198$000 a 306$000 reis.

Noticias de Hespanha. — Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

«Nos circulos politicos de Madrid assegurava-se no dia 13 que o ministro dos negocios estrangeiros da visinha republica tinha em seu poder, ha dias, uma nota bastante grave, que lhe fôra entregue pelo embaixador de França, acrescentando-se que o sr. Olozaga recebera em Paris outra egual de mr. Remusat.

As *Folhas Authographas* de Paris, já affirmaram ha tempos que o gabinete de S. Petersburgo passára uma nota confidencial ás potencias da Europa ácerca dos assumptos de Hespanha, e segundo parece a attitude d'essas potencias ter-se-ha agora accentuado mais, visto que, se diz, que as notas entregues ao sr. Castellar não dimanam sómente da republica franceza, porém de um accordo collectivo das principaes potencias da Europa.

O *Jornal dos Debates*, de Paris, emitte a opinião de que a attitude da Inglaterra, Allemanha e Russia, em relação á Hespanha, será puramente expectante, limitando-se a proteger os interesses dos seus subditos e a prestar o seu apoio moral a qualquer solução patriotica que tenda a restabelecer a ordem social.

De Inglaterra asseguram que foi remettida ao governo hespanhol uma nota relativa á independencia de Portugal, que o governo inglez protege com interesse. A *Politica Europea*, de Paris, assegura que o sr. Castelar escreveu ao sr. Olozaga, para que este assevere ao governo francez com a maior insistencia, que o governo hespanhol entrará em uma linha de conducta verdadeiramente conservadora e que reprimirá energicamente os excessos demagogicos.

Affirma o *Imparcial* que os representantes de todas as provincias andaluzas, exceptuando Huelva e Almeria, celebraram ultimamente uma reunião em Cordova para estabelecerem as bases do futuro estado andaluz e independente, resistindo ás ordens do governo para a reposição das municipalidades e abrir todos os portos do litoral estabelecendo uma alfandega em Despeñaperros.— Insinua outra folha de Madrid que o general Nouvilas anda preparando muitos povos das provincias do norte para que possam declarar-se em cantões federaes independentes.

Movimento carlista

Diz o *Imparcial* que segundo opiniões de pessoas competentes, parece que Ollo e Dorregaray annullaram mais uma vez os planos estrategicos do general Nouvilas. Segundo a alludida folha, os carlistas deviam ficar encerrados no angulo formado pelas columnas que marchavam em combinação, mas chamada a attenção do general em chefe para Peñacerrada, e estando as forças de D. Carlos perto de Miranda, Haro e outras povoações importantes, Ollo e Dorregaray, por uma rapida contramarcha, dirigiram-se para a esquerda e penetraram novamente nas Amescuas, quando menos o esperava o general Nouvilas, volvendo portanto os carlistas a occupar posições vantajosas.

Dizem de Granollers que continua a cidade de Vich a estar incommunicavel, apesar dos sitiadores serem invisiveis. Todas as estradas que conduzem a Vich estão desertas; mas quando acerta de passar algum carro, sae-lhe logo ao caminho uns poucos de homens, que o queimam e lhe tiram a carga. Os transeuntes a pé tambem são detidos e não entra nem sae de Vich cousa alguma. Chegou a Puigcerdá a columna do coronel Cabrinetty, e marcham para as immediações d'aquella praça mais quatro columnas.

Descobriu-se em Sevilha um deposito de armas e alguns papeis importantes, pertencentes ao partido carlista. O cura de Santa Cruz tem estado em Vera com 150 homens, os quaes, dizem alguns jornaes, se acham quasi todos desarmados. Muitos emissarios carlistas percorrem a provincia de Murcia, recrutando gente para realisarem uma sublevação. Em Leon ha agitação no mesmo sentido. Em Sierra la Murada estava-se organisando uma partida carlista.

Roche com a sua gente passou da provincia de Albacete para a de Murcia; Lizarraga, com 500 homens, achava-se em Zumbilla, Navarra. A linha do norte foi novamente cortada em Alegria. As forças de Camats passaram o Ebro, perseguidas pelos republicanos. O chefe Panera passou por Flix com 700 homens. O chefe Gutierrez pediu á municipalidade 150 rações de pão, vinho e carne, para a sua gente.

Passou á vista de Jata Villa uma partida de 100 infantes e 12 cavallos, e entrou alli outra, commandada pelo chefe Royo, com 130 homens. Uma força carlista que esteve em S. Miguel de Luena sequestrou o alcaide e o secretario. Vallés, com 300 homens, esteve cobrando a contribuição em Scala. Dois Tristanys e Camats encaminharam-se para Igualada. Um destacamento de Cucala entrou em Vinallop, donde levou muitas armas e o alcaide preso. Diz-se que Cucala está ferido.

Quarenta e cinco homens entraram em Balsaim, Segovia, d'onde levaram 10 cavallos, mantas, capotes, armas e 2000 reales. O coronel Cabrinetty alcançou as forças de Saballs nos arredores de Puigcerdá, derrotando-as completamente, segundo dizem noticias officiaes. Uns 200 carlistas commandados por Polo e outros tentaram penetrar em Parras, mas foram rechaçados pelos voluntarios, depois de 2 horas de fogo. Em Vega de Pas quiz entrar Solana, com a sua gente, mas foi tambem repellido.

O coronel Cabrinetty antes de bater Saballs, encontrára em Rivas 300 homens, sob o commando de Vela de Prat, os quaes poz em fuga, libertando 40 dos prisioneiros de Berga. O chefe Roche entrou em Montealegre com

350 homens. Peneva, com 800, passára da provincia de Tarragona á de Teruel. Vallès com 1000 homens entrou na de Castellon. Tristany, Camats e Nasarre, com 600, entraram em Tamarit exigindo 3:000 dures. Ollo e Dorregarey á frente de 3:000 infantes e 150 cavallos passaram por Adzaneta.

Os voluntarios de Victoria, que escoltavam o trem de Alsasua, bateram-se com os carlistas, não se sabendo o resultado do encontro. Em Churruelo entrou Bemato com 150 homens.

Madrid, 15, ás 5 h. e 13 m. da t.— As transacções sobre a questão dos artilheiros mallograram-se completamente. Os radicaes conciliadores estão reunidos para resolverem a sua attitude. A derrota de Lizarraga impediu a sua juncção com Dorregaray.

Madrid, 16, ás 10 h. e 4 m. da m. —As noticias do «Herald», de Nova York, relativas á pretendida revolta das tropas de Porto Rico, são inexactas. A tropa não se sublevou, pediu unicamente augmento de soldo, egual ao que foi concedido aos soldados da peninsula. Os soldados das colonias são fieis á Hespanha.

Madrid, 16, ás 5 h. e 3 m. da t.— Não está nada resolvido ácerca da abstenção. Desmente-se a crise. Serrano deixa Hespanha. 3 0|0 interno 18,75, externo 24,00.

As charadas do numero passado são:— 1.ª Trabalhador—2.ª Armador—3.ª Cavalla —4.ª Corsario.

Recebemos de Pombal um logogripho, posto a premio, que publicaremos em o numero seguinte.

ANNUNCIOS

1 NO DIA 27 do corrente, pelas 10 horas da manhã, ás portas da capella da Ordem Terceira de S. Francisco, da villa e freguezia da Redinha, se ha de arrematar, convindo, a obra do retábulo da mesma capella, com as condições postas pelos gerentes da mesma Ordem, no acto da arrematação.

2 NOVA LEI DO SELLO de 2 de Abril de 1873, que amplia e altera o regulamento e tabellas anteriores.—Preço 50 reis.

Livraria de José de Mesquita, Rua das Covas, n.º 13.

AGRADECIMENTO

3 MARGARIDA DE JESUS CARDOSO DAS NEVES, grata e penhorada pelas provas de verdadeira estima e obsequios, que recebeu durante a prolongada enfermidade e por occasião do fallecimento de sua querida sobrinha, Joaquina Augusta das Neves, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que lhe prestaram esses favores, com especialidade aos dignos socios da philarmonica *Boa-União*, e aos demais cavalheiros que na egreja cantaram o *Libera-me*; protestando a todos o seu profundo reconhecimento.

Coimbra, 19 de Abril de 1873.

4 NOVA GRAMMATICA ELEMENTAR DA LINGUA FRANCEZA, para uso das escholas, por José Augusto Vieira da Cruz. Approvada pela junta consultiva de instrucção publica. Segunda edição.

A venda na loja de J. A. Orcel, em Coimbra.—Preço, br. 500.

SEGUROS CONTRA FOGO

COMPANHIA TRANQUILLIDADE

Rua da Calçada, n.º 85

6 PRECISA-SE de um rapaz com alguma pratica de mercearia, proximo a ganhar ordenado. Rua dos Sapateiros, 12 e 14.

ESTABELECIMENTO

De vidros e louças nacionaes e estrangeiros

Praça de S. Bartholomeu 101 a 102

7 J. J. RODRIGUES DE SOUSA, acaba de receber um variado e completo sortimento de louças e vidros, que vende por preços commodos; e como maior novidade, tem á venda os seguintes objectos.

Apparelhos para chá, inglezes e francezes, de 4$500 a 12$000 rs.

Serviços completos para lavatorio, de reis 2$400 a 7$000 rs.

Serviços de mesa inglezes, para 12 pessoas, de 20$000 e 22$500 rs.

Jarros e bacias pintados de 1$000 reis a 2$250.

Galheteiros de 2, 3 e 4 vidros, de 650 a 2$500 rs.

Escarradores de louça e de vidro de 240 a 700 rs.

Vazos para flores (o par), de 200 a 6$000 reis.

Castiçaes de vidro, brancos, de côres, e prateados (o par), de 480 a 2$250 rs.

Pratos para forno (louça amarella), de 80 a 360 rs.

Bacias de cama, brancas, pintadas e esmaltadas, de 240 a 1$200 rs.

Paliteiros de vidro e de louça, de 100 a 600 rs.

Chavenas e pires de pó de pedra, para chá e café, pintadas e esmaltadas (duzia), de 960 a 2$250 rs.

Chavenas e pires de porcelana para chá e café, esmaltadas e douradas (duzia) de 2$400 a 6$500 rs.

Chavenas e pires para almoço de 150 a 300 rs.

Tigellas para caldo de 150 a 320 rs.

Jarras para flores, de porcelana dourada, e de vidro coalhado (par) de 200 a 4$500 reis.

Encontra-se tambem á venda no mesmo estabelecimento caixilhos de madeira dourada e envernisada (e fazem-se de todas as dimensões que quizerem.)

Alvaiade moido a 250 rs. o kilogramma, e faz-se abatimento a quem comprar barricas de 25 kilogrammas do mesmo **alvaiade.**

Cerveja nacional e ingleza.

Latas de **tintas** de diversas côres, marca de Peacock & Buchans, de 500 grammas, a 180 reis.

Ditas de 1500 grammas, 540.

Vidraça ordinaria sem retalho, a 120 reis o kilogramma.

Chaminés até n.º 8, a 70 rs.

NOTA

Alem destas fazendas ha um sortido completo de objectos de cristal liso e lapidado.

Satisfaz-se com promptidão ás encommendas de vidraça, e toma-se conta de qualquer encommenda para as fabricas nacionaes.

Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

8 EM CONFORMIDADE da resolução tomada pela assembléa geral desta Companhia, em sessão de 31 de Março ultimo, começará no dia 21 deste mez, e continuará nos seguintes (não santificados), desde as 10 horas da manhã ás 3 horas da tarde, no seu escriptorio, no largo da Sé, n.º 23, o pagamento de 8 por cento de dividendo, relativo ao anno de 1872, sobre o capital realisado por cada acção da mesma Companhia.

Lisboa 14 de Abril de 1873.

O governador,

Marquez d'Avila e Bolama.

CONTRA ANNUNCIO

9 ANTONIO MARIA DA FONSECA, da Arregaça, vendo no jornal *Conimbricense*, desta cidade, de terça feira 15 do corrente mez, de Abril, um annuncio em que José de Mattos Cairutas, e Vital Antonio da Fonseca, e seus irmãos e cunhados, previnem o publico para que ninguem faça contracto com o annunciante sobre a alienação de seus bens, com pena de nullidade; o annunciante vem fazer publico que os bens que o dito José de Mattos Cairutas e Vital da Fonseca, lhe accusaram, foram uns farrapos velhos e nojentos, da fallecida sua mãe e sogra Luiza Maria, que elles de tudo podem tomar conta para vestirem suas mulheres e filhos; e pedem tambem mais ao annunciante as quantias de 48$000 rs., e 16$800 rs. de rendas, que o annunciante recebeu como cabeça de casal, de que prestou contas no inventario a que se procedeu pelo obito da dita sua mãe Luiza Maria, como provam com uma certidão que juntou á sua contrariedade. Agora se o sr. José de Mattos Cairutas tem consciencia, accuse-se de dever ao casal inventariado doze moedas, como lhe disse por muitas vezes meu irmão Vital da Fonseca, quando se reuniu o conselho de familia para deliberar a venda das casas da rua Larga.

10 NO DIA 4 de Maio proximo, ao meio dia, se fará venda da casa e quintal aos Oleiros, pertencente ao Dr. José Adolpho Trony, em Coimbra, para pagamento de dividas, chegando a preço conveniente. A arrematação será feita na mesma casa.

AGRADECIMENTO

11 NÃO PODENDO pelo meu mau estado de saude, e mesmo por que careço de animo para isso, ir tão cedo agradecer pessoalmente a todas as pessoas, que tanto nas doenças, como na occasião de seus funeraes, e ainda depois d'elles, se dignaram dar-me tantas provas de estima e consideração pelos defuntos meus dois prezados irmãos, que acabo de perder no curto espaço de 42 dias; peço a todas ellas e tambem ás que me acompanham na minha tão justa, como sentida dor, queiram ter na devida conta este meu sincero e verdadeiro agradecimento, desculpando-me de o não fazer de viva voz, como era do meu dever, e eu o desejava.

Farinha Podre, 17 de Abril de 1873.

O parocho,

Francisco Cordeiro da Fonseca.

Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense

12 NAS FABRICAS d'esta companhia admittem-se *tecedeiras*, com o jornal de 120 rs. por dia, e trabalhando d'empreitada podem tirar uma feria superior a 300 rs. Em Lisboa, escriptorio, rua dos Fanqueiros, n.º 135, 1.º, ou nas fabricas, rua de S. Joaquim, n.º 8, ao Calvario, se dão todos os esclarecimentos.

Os directores,

Isidoro Thomaz Moura Carvalho.
Francisco José Ribeiro.

Queijo flamengo

Superior qualidade.

Calçada n.º 85 a 91

14 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchaqueca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alcuto, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

E ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de oda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kilo 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2684 — TERÇA FEIRA 15 DE ABRIL DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Encerraram-se as camaras legislativas, e se não temos motivos para felicitar o paiz pela fecundidade das medidas que o parlamento adoptou durante a legislatura finda, tambem não podemos dizer que ella fosse de todo esteril, no que respeita aos projectos de iniciativa governamental.

Se alguma coisa util se fez em todo o decurso da epocha parlamentar, foi isso inquestionavelmente devido á energia, digna de louvor, com que os amigos da situação resistiram aos constantes embaraços que a ambição opposicionista obstinadamente levantou ao nobre desejo que o governo tem mostrado de servir o paiz.

O parlamento encerrou-se, deixando uma tristissima memoria do que é, e do que vale a politica facciosa dos partidos, quando o amor da justiça e o sentimento do dever, é supplantado pelo egoismo partidario e pela cega ambição do poder.

A politica facciosa, egoista e intolerante, filha das ambições, preverte os costumes e dissolve os laços que devem existir entre a auctoridade e os deveres do cidadão; embaraça a administração publica, prejudica os interesses sociaes, cria a injustiça e gera a desmoralisação.

No systema representativo, as opposições são uma necessidade reconhecida pelas conveniencias publicas, quando militam no campo dos principios, pugnando pela liberdade e pela justiça; ha nas suas discussões o raciocinio, a logica e a lição dos factos, que são as armas dos contendores leaes e nobres, dos que prezam a dignidade da sua consciencia e dos que pelejam com a arma da razão e da justiça.

Somente assim as opposições parlamentares e a politica dos partidos adquire direito á consideração publica e á posse do poder.

A politica, desta forma, revelando a lucidez das intelligencias, coopera no progresso das instituições e no aperfeiçoamento dos costumes; esclarece os problemas da administração publica e forma a austeridade dos caracteres.

A politica assim, torna-se uma necessidade e até um dever para todos os cidadãos; não desmoralisa, educa e ennobrece.

Assim as instituições prosperam, e no povo robustece-se o instincto da honestidade, da independencia e da hombridade.

Os adversarios do governo demonstraram cabalmente durante toda a legislatura, que para elles os sentimentos da propria dignidade, o credito das instituições e a honestidade politica, são objectos sem interesse, e que acima de todas as conveniencias publicas está o capricho da sua desmedida ambição.

Todas as suas declamações foram vãs ou injuriosas!

O systema representativo, ninguem em boa verdade o contestará, foi affrontado e humilhado por uma opposição sem amor da patria, sem principios, sem convicções, nem ideias, que não sejam as que a sua paixão cega lhe dita para escalar o poder que tão acintosamente tem pretendido desprestigiar.

NOTICIA IMPORTANTE

Recebemos hontem de Lisboa a seguinte importante noticia, que teve a bondade de nos enviar o sr. presidente da camara municipal de Coimbra.

TELEGRAPHIA ELECTRICA

«Lisboa 14 de Abril, ás 4 horas e 27 minutos da tarde.

«Sr. Joaquim Martins de Carvalho—Coimbra—Está resolvida a construcção da ponte de Coimbra, logo que terminem os trabalhos na da Portella.—Lourenço de Almeida e Azevedo.»

E' com a maior satisfação, que transmittimos ao publico a noticia desta valiosissima resolução.

A necessidade e utilidade do levantamento da ponte de Coimbra, é tal e tão reconhecida, que nada precisamos de acrescentar.

Damos, por isso, os parabens a toda a cidade e districto, por esta deliberação do governo, que é do maior alcance.

E' claro que ainda este anno se vão principiar as obras da ponte de Coimbra.

Andámos antes de hontem a ver a ponte da Portella, e pelas informações que temos do sr. Heitor de Macedo, ficará prompta em Julho deste anno. Estão já concluidos tres arcos, e só falta terminar o quarto.

Assim, com a ponte da Portella, para pôr esta cidade em communicação com a Beira; e com a ponte de Coimbra, para facilitar a navegação do Mondego, lucrará immenso todo este districto, e em especial esta cidade.

Só quem vê as torturas que estão soffrendo constantemente os infelizes barqueiros para passarem por baixo da ponte, é que bem avaliará a urgencia da sua elevação. Póde-se dizer que no estado actual da ponte de Coimbra, mais de metade do anno se acha a navegação interrompida.

Agradecemos, por isso, cordealmente ao governo, e em especial ao sr. ministro das obras publicas; assim como aos srs. director das obras publicas deste

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLI

D. CARLOS

I

Fernando VII, rei de Hespanha, tendo fallecido sua esposa D. Maria Josefa Amalia em 18 de Maio de 1829, casou outra vez em 11 de Dezembro do mesmo anno com D. Maria Christina, infanta de Napoles.

Receiava-se Fernando VII das pretensões á corôa por parte de seu irmão D. Carlos Maria Isidro de Bourbon e Bourbon; e por isso tratou de invalidar os seus intentos.

Desde eras remotas tinha sido reconhecido em Hespanha o direito das mulheres, de melhor linha e grau, herdarem o throno em preferencia aos varões de uma linha e um grau mais distantes. Este costume, fundado nas leis do paiz, fora derogado arbitrariamente e de *motu proprio* em 10 de Maio de 1713, por Filippe V, neto do rei de França Luiz XIV; faltando elle assim ao solemne juramento que havia prestado quando entrara em posse da corôa de Hespanha, de observar a antiga lei de Partida e mais leis do reino.

Esse acto illegal foi posteriormente annullado por uma pragmatica-sancção, feita sob resolução das côrtes, convocadas pelo rei Carlos IV, e reunidas em 31 de Maio de 1789. Esta resolução foi, porém, tomada e conservada em segredo por ordem do mesmo rei, e assim permaneceu, até que o rei Fernando VII, havendo passado as circumstancias que tinham motivado esse segredo, mandou em 29 de Março de 1830 publicar a pragmatica-sancção de 1789.

É verdade que o mesmo Fernando VII, em 18 de Setembro de 1832, por occasião de uma gravissima doença, derogou a referida pragmatica; mas tambem é certa a nullidade de tal derogação, porque quando não fossem notorios os meios de coacção moral com que foi arrancada nos (que se julgavam) ultimos instantes do soberano, um documento da maior importancia denunciou claramente a violencia que nelle se exercera.

Esse documento é a declaração solemne que fez Fernando VII em 31 de Dezembro do mesmo anno de 1832, lida pelo notario mor do reino, em presença do rei e de grande numero de testemunhas, entre ellas os secretarios de estado e do despacho, prelados e grandes, os principaes dignatarios, titulos de Castella, deputação dos reinos e da grandeza, de que—«*o decreto firmado nas angustias da minha enfermidade, foi arrancado de mim por surpreza; foi um effeito dos falsos terrores com que sobresaltaram o meu animo: e é nullo e de nenhum valor sendo opposto ás leis fundamentaes da monarchia.*»

É digno de se notar, que a esta declaração de Fernando VII, se não oppoz D. Carlos, apesar de o prejudicar, e de se achar então em Madrid.

Do casamento de Fernando VII com D. Maria Christina, nasceu em 10 de Outubro de 1830 a princeza Isabel. Só então é que geralmente se avaliou a importancia da pragmatica-sancção de 1789, mandada pôr em vigor por Fernando VII em 29 de Março de 1830.

Havendo Fernando VII convocado na forma estabelecida as côrtes do reino, foi nellas solemnemente reconhecida e jurada como herdeira do throno, sua filha Isabel, no dia 22 de Junho de 1833. A reunião das côrtes teve logar no mosteiro de S. Jeronymo, com assistencia de todo o corpo diplomatico, á excepção do representante do reino de Napoles, que protestou em nome do seu soberano, unico que se oppoz, não o havendo feito, nem outro algum, á pragmatica do anno de 1830.

Em razão da doença de Fernando VII, tomou parte D. Maria Christina na governação do estado. Os liberaes principiaram a depositar nella a sua confiança, ao mesmo tempo que os absolutistas tomaram por chefe ao infante D. Carlos.

Tornou-se, por isso, impossivel conservar-se o ministerio do exaltado absolutista D. Francisco Thadeu Calomarde. Organisou-se outro mais moderado, de que era o principal elemento D. Francisco Zea Bermudez.

Começaram os absolutistas a promover movimentos insurreccionaes em differentes partes do reino. Era um dos mais activos agentes deste partido o celebre D. Joaquim Abarca, bispo de Leão, o qual sendo perseguido pelo governo de Madrid, teve de se evadir para a raia de Portugal em 20 de Janeiro de 1833.

D. Carlos recebeu tambem ordem para sair de Hespanha. Na vespera da partida apresentou-se D. Carlos ao rei, e depois de lhe renovar os seus protestos de amor e respeito, acrescentou em quanto ás causas por que o obrigavam a expatriar-se, que em prova de que não era a ambição, se não o convencimento do seu direito que assim o fazia proceder, deixava illimitados poderes a Garcia de la Torre; auctorisando-o a que, se se convencesse que elle D. Carlos não tinha razão, não havia mais do que dizel-o, para que desistisse de toda a sua pretensão, constituindo-se desde aquelle momento subdito o mais submisso da herdeira do throno. Garcia de la Torre sendo chamado a uma conferencia por Zea Bermudez, nella sustentou a sua opinião dos direitos de D. Carlos, não se dando por con-

districto, presidente da camara municipal de Coimbra, e a todos aquelles srs. deputados que se tem interessado por este incalculavel melhoramento.

Esta obra estava já auctorisada pela carta de lei de 10 de Setembro de 1861; mas só agora é que se vae levar a effeito.

NOTICIARIO

A ponte de Coimbra.— A grandiosa ponte de Coimbra, foi em parte feita de novo, e em parte reedificada por el-rei D. Manoel, em 1513.

Póde-se, por isso, avaliar o estado em que se achará a ponte, tendo decorrido 360 annos depois da sua reconstrucção. Em mais de tres seculos e meio tem as areias subido a ponto de alguns dos arcos estarem já totalmente entulhados.

Depois de 360 annos, vae finalmente a actual geração presencear a reconstrucção da ponte de Coimbra.

Por cima de um dos arcos da ponte foi collocada uma pedra commemorativa, contendo a seguinte inscripção:

O SSERENISSIMO PRINCIPE, ALTO HE MUI PODEROSO REY DOM
EMANUELL NOSSO SENHOR O PRIMEIRO EM
ESTE NOME HE QUATORZE
NA DINIDADE REALL, MANDOU FAZER DE
NOVO ESTA PONTE
ATE AS ESPERAS HE REDIFICAR ATE A CRUZ
DE SAO FRANCISCO HE DA
DITA CRUZ ATE SANTA CRARA DE NOYO
HE ACRECENTAR
ESTA TORE HE MURO ERA DE MILL HE
QUINHENTOS E TREZE ANOS

Esta pedra foi d'alli tirada em 1836 por ordem da camara municipal, e collocada onde agora se vê, na parede, em frente, e ao entrar da ponte, no mesmo sitio onde se achava uma imagem de Santo Agostinho em um oratorio de pedra.

Para se conhecer até onde D. Manoel fez de novo e reconstruiu a ponte, deve-se saber que o convento de S. Francisco, de que se falla na inscripção que acima se lê, estava naquelle tempo proximo do Mondego, sendo S. Francisco abaixo, e Sant'Anna acima da ponte.

A parte da ponte em seguida ao O, é mais moderna. Foi feita do reinado de D. Sebastião em deante.

Camara de Coimbra—Na sessão ordinaria de 3 do corrente, sob a presidencia do sr. Dr. Lourenço d'Almeida e Azevedo, estiveram presentes os vereadores Oliveira Reis, Cabral, Ferraz, Hypolito e Moura.

Aberta a sessão á uma hora, foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Lida a correspondencia e despachados os requerimentos das partes, tomaram-se as seguintes deliberações.

Que se alterasse a planta da casa da escola d'ensino primario do bairro alto, na parte relativa ás lojas que deitam para a rua das Colchas, de sorte que em vez de duas se construa uma só com a capacidade necessaria para accommodar o material pertencente ao serviço dos incendios do bairro alto.

Deliberou-se gratificar com cem reis diarios o fiscal do matadouro, durante o tempo que fez a revisão do gado no matadouro, na ausencia do fiscal technico.

Deliberou-se convidar o intendente interino de pecuaria n'este districto para exercer as funcções de fiscal technico do matadouro.

Que se mandasse tapar a porta que dá serventia do matadouro para a quinta de Santa Cruz.

Ás tres horas da tarde foi levantada a sessão.

Festividade. — No domingo teve logar na real capella da Misericordia, como haviamos annunciado, a festividade da *Resurreição*: a solemnidade foi celebrada com a pompa que naquelle templo se costuma.

Orou depois do evangelho, como tambem haviamos dito, o nosso patricio o sr. bacharel Adolpho Ernesto Motta, professor de sciencias ecclesiasticas no seminario de Portalegre, e que foi escutado pelo numeroso e illustrado auditorio com a attenção a que tinha juz um sympathico filho desta cidade, que fazia a sua estreia nos pulpitos d'ella, e a quem precedia a fama de distincto orador sagrado, apregoada pela imprensa, e da qual o nosso jornal havia tambem sido ecco.

O thema da *Resurreição* de Jesus Christo, considerado como base da nossa religião, e prova mais evidente da divindade do seu fundador, foi desenvolvido com todo o rigor logico, produzindo a mais profunda convicção no animo do auditorio: o racionalismo e a incredulidade viram solidamente demonstrada uma verdade tantas vezes combatida e rejeitada pelos seus systemas: o discurso, rico de deducções logicas, não o foi menos de bellas imagens. O orador, eloquente na palavra, modesto na exposição, deixou-se por vezes arrebatar do enthusiasmo natural e proprio da convicção das verdades que ennunciava.

Não tinhamos mais a esperar, nem mais podiamos desejar. Cumpre-nos, pois, felicitar cordeal e sinceramente o nosso patricio e amigo, que assim honra a sua terra natal, e a quem podemos predizer um futuro brilhante na carreira oratoria.

Sermões. — Assistimos ao sermão da Soledade, pregado na real capella da Misericordia, na sexta feira ultima, pelo reverendo parocho de Almalaguez, o sr. padre Antonio de Almeida Pedroso. Produziu o mais agradavel effeito em todos os fieis presentes, este sermão.

O sr. padre Antonio de Almeida Pedroso, vae cada vez mais adquirindo os creditos de bom orador.

Não tivemos occasião de ouvir o sermão da *Resurreição*, pregado na Sé Cathedral pelo sr. bacharel Manoel Ignacio da Silveira Borges, mas todas as pessoas com quem fallamos, e que o ouviram, nos fizeram a mais lisonjeira apreciação d'elle.

Desobriga dos entrevados—No proximo domingo, 20, pelas 7 horas da manhã, sae o Senhor aos entrevados da freguezia de Santa Cruz, e segue por Montarroio, Sophia, Fora de Portas, rua do Carmo, Adro de Santa Justa, beco do Moreno, Arco do Ivo, rua Direita, rua de João Cabreira, terreiro de Santo Antonio e rua da Moeda.

Suffragio—Ámanhã, 16 do corrente, pelas 6 horas e meia da manhã, celebrar-se-ha na egreja de Santa Cruz, uma missa mandada dizer pela sr. José Teixeira Guimarães, para commemorar o 4.° anniversario do fallecimento de seu thio o sr. Manoel José Teixeira Guimarães.

Nomeação—O nosso amigo o sr. José Melchiades Ferreira dos Santos, acreditado e intelligente livreiro desta cidade, foi nomeado pela sociedade bibliographica de Paris, em sessão de 3 do corrente, um dos seus membros.

Bussaco. — No anno economico de 1871-1872 fizeram-se as seguintes obras na mata do Bussaco:

O acabamento das estradas para a Cruz Alta; construcção de quartel para o destacamento; construcção de um aqueducto e de um mirante no pateo do convento; e varios reparos e concertos na casa da administração, das hospedarias, do relogio, reconstrucção de muros, pinturas e outras obras.

Na mesma mata plantaram-se no referido anno 1:661 arvores, 200 *quercus suber*, 206 *cupressus glauca*, 49 *pinus sylvestris*, 144 *prunus lusitanica*, 65 *buxos sempervirens*, 40 *eucalyptus falcata*, e 957 pés de varias especies.

D'este dominio florestal tem sahido todos os annos grande numero de arvores indigenas e exoticas, para aformosear as praças de muitas cidades, e para arborisar muitas estradas publicas e quintas de particulares. No anno de 1870-1871 sahiram dos viveiros do Bussaco para estes fins 1:472 arvores, e no anno economico seguinte 1:234, pela maior parte exoticas.

Utilidade das aves.— Muitas aves prestam grandes beneficios á agricultura, pela guerra de exterminio que fazem nos insectos e outros animaes damninhos. São dignos de especial menção os seguintes factos:

Os pardaes devoram immensa quantidade de vermes, de pulgões, de besouros, etc., principalmente durante a creação. As andorinhas, pintasilgos, cartaxos e carriças sustentam-se de prodigiosa quantidade de insectos. O rouxinol é um grande destruidor de larvas, e especialmente de ovos de formigas. As alveolas limpam do gorgulho um celleiro de trigo. A codorniz e a perdiz comem muitos vermes da terra. O melro, o tordo e o estorninho caçam com voracidade os caracóes, lesmas e gafanhotos. A cegonha nutre-se principalmente de reptis. O corvo e pêga destroem immensa quantidade de vermes e de insectos. O mocho, coruja e outras aves de rapina dão cabo de muitos insectos, de ratos e toupeiras, com especialidade no tempo da creação.

A' vista d'estes e muitos outros factos é injusta e prejudicial a guerra que os caçadores fazem a muitas aves.

A beterraba.—A cultura desta planta póde constituir para o nosso paiz um thesouro de grande valor. Está averiguado, que Portugal consome annualmente para cima de 2:000 contos de reis de assucar. A beterraba póde dispensar-nos de grande parte desta despeza, porque produz excellente assucar, e além d'isto é precioso alimento para os gados. Esta cultura é uma das mais productivas, tanto pela raiz como pela rama, e constitue hoje uma grande riqueza agricola e industrial na França e Allemanha.

A vibora.—E' do sr. José Maria Rosa de Carvalho a seguinte noticia:

«Entre os nossos *ophidios*, ou cobras, ou serpentes, é a vibora, *vipera ammodytes* de Daudin, a unica que se encontra venenosa. Um caracter muito notavel que não apparece nas outras cobras, é uma verruga de escamas em forma triangular, levantada na ponte do nariz, o que dá á cabeça deste reptil um aspecto fóra do ordinario.

O que melhor distingue as serpentes venenosas, são dois dentes no queixo superior, furados de ambos os lados por um estreito canal, que communica com os depositos do veneno. Este no acto da mordedura, sahe por dentro d'elles para a ferida, e muitas vezes occasiona a morte.

Pelo que diz respeito á côr da vibora, ella varia como nas outras cobras. Umas vezes é fusca, mais ou menos clara, outras acizentada, etc., sendo sempre constante n'ella um risco largo, escuro, e em *zig-zag*, começando junto á cabeça até á ponta da cauda.

Quanto á dimensões, tem quasi um metro de comprimento: e a vibora de França *vipera berus*, tem pouco mais d'um palmo de extensão. Nem a nossa vibora apparece na França, nem a dos francezes foi ainda descoberta em Portugal.

Propagação:—As cobras depositam os ovos na terra, dos quaes nascem os filhos. Os ovos da vibora rompem-se no oviducto, e os filhos nascem vivos. E' daqui que lhe veiu o nome latino *vipera*, que quer dizer, pare os filhos vivos.

Habitação:—Não se encontram viboras na area de duas leguas em volta de Coimbra. As serras d'Agrello, Bussaco, Louzã, e principalmente a da Estrella, são onde se encontram mais frequentes.

As viboras são um manjar para os porcos, que as procuram volvendo, de proposito, a terra, e comem-as com avidez. Em muitas localidades servem-se d'elles, com vantagem, para as destruirem; e do toucinho, como contra-veneno para curar a mordedura d'ellas; quer esta tenha logar no homem, ou em algum animal domestico.»

Cemiterio da Conchada.— Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Thiago Duarte Reis, natural de S. Joanninho, de 65 annos, fallecido no dia 5 de Abril.

Recemnascido, filho de João Gregorio Freire Correa e Henriqueta Emilia da Cunha Serrão Freire Correa, natural de Coimbra, fallecido no dia 8.

Stael Ventura de Castro Paiva, filha de Manoel Augusto de Paiva e D. Maria de Jesus Ventura de Castro Paiva, natural de Coimbra, de 11 mezes e 11 dias, fallecida no dia 11.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—4922.

Mercado de Coimbra no dia 14.—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 500— Dito branco 460 a 480—Dito Celorico meudo 620—Dito graudo 540—Milho branco 330 a 335 — Dito amarello 330 a 335—Feijão vermelho 480—Dito branco da marinha 460 — Dito da terra 420 —Dito rajado 400—Dito frade 380—Centeio 300—Cevada 280—Tremoços 270—Grão de bico 500—Favas 380 a 400—Chicharos 260 —Batatas 360 — Azeite 1$120 — Vinho da Beira 800—Dito da Bairrada 900 a 1$000.

Declaração—O sr. José Melchiades Ferreira dos Santos pede-nos a publicação do seguinte:

«Sr. redactor—Com grande espanto li ultimamente na sua acreditada folha periodica o meu nome entre os dos signatarios de um convite, que tem por fim solicitar prendas para o proximo bazar da Associação dos Artistas.

Cumpre-me, pois, declarar que não recebi aviso da minha nomeação para fazer parte da commissão, nem convite de alguem, tendente ao mesmo objecto; ainda mais, não auctorisei a que se pozesse a minha assignatura nas cartas circulares que se dirigem a diversos, solicitando delles prendas para o referido bazar.

Sendo-me estranho este modo de proceder, e não querendo que elle mais se pratique comigo, declaro outrosim que deixo de fazer parte da Associação dos Artistas, da qual fui socio durante sete annos, não tendo querido nunca usufruir o que me garantiam os seus estatutos em caso de doença.

Agradecendo-lhe, sr. redactor, a inserção destas linhas, sou com a maior consideração de v. mtt.° att.° venerador e obgd.°—Coimbra 12 de Abril de 1873—*José Melchiades Ferreira dos Santos.*»

Noticias de Lisboa.— O correspondente do *Commercio do Porto* diz em data de 12 do corrente o seguinte:

«As ceremonias da Semana Santa fizeram-se este anno aqui na capital com a costumada decencia, tornando-se notaveis algumas egrejas ainda que poucas, pela riqueza e sumptuosidade dos seus adornos.

As que estavam mais *bonitas*, como diz o povo, eram as de S. Nicolau, S. Domingos, Santa Justa e Martyres.

A concorrencia dos fieis aos templos foi extraordinaria, para o que concorreu terem estado esplendidos estes dous dias ultimos.

Na egreja de Santa Justa, o altar-mor estava brilhantemente illuminado por perto de 600 velas! No chão havia um extenso tapete de flores naturaes, que produzia um magnifico effeito.

Tambem foram muito concorridas as capellinhas de Santo Antonio dos Capuchos, onde se acham todos os Passos do Senhor, cujas figuras são de tamanho natural.

Houve tres procissões de Enterro, sendo a que ia com mais ordem a que saiu da egreja das Mercês. Pelas ruas do transito era difficil transitar, tal era a agglomeração de povo.

A's portas de alguns templos estiveram senhoras pedindo esmolas para os pobres, fazendo excellente colheita.

Na Sé Patriarchal e na capella real do palacio da Ajuda fizeram-se todas as ceremonias com a maior pompa.

A's da capella real assistiram el-rei, a rainha e os principes.

O sr. D. Fernando, sua esposa e o sr. infante D. Augusto foram assistir ás ceremonias na egreja das Inglezinhas.

O sr. D. Fernando e a sr.ª condessa de Edla foram visitar algumas egrejas a pé e entraram em diversas confeitarias.

Algumas destas estavam vistosamente adornadas, e creio que nenhum vendedor de amendoas deixou de ficar satisfeito, porque o consumo foi realmente notavel.

Não se via uma unica confeitaria que não estivesse atulhada de compradores.

Nem em todas as egrejas houve a compostura e ordem que convem sempre guardar n'aquelles logares. Houve alguns trocistas que commetteram irreverencias, assim como a distincção de logares, distincção absurda e inadmissivel, deu motivo a disputas irritantes que perturbaram as ceremonias e escandalisaram as pessoas devotas.

Cá fóra é que houve socego quasi completo. Apezar de reunir-se tanta gente, a policia pouco trabalho teve, o que faz honra aos costumes e caracter deste bondoso povo.

Reuniu-se hontem á uma hora da tarde, no palacio da Ajuda, o conselho de Estado, presidido por el-rei. Tractou-se dos perdões, que é antigo costume ser conferidos pelo poder moderador.

A lista dos reus contemplados este anno, foi muito menos extensa do que tem sido a dos outros annos.

E' grato perdoar e o chefe do Estado deve ganhar na estima publica quando der testemunho da generosidade do seu coração; mas por outro lado, essas commutações de penas lavradas pelos tribunaes e fundadas nas leis criminaes, commutações periodicas e quasi infalliveis, tem no dizer das pessoas competentes mais influencia no crescimento da criminalidade, do que tem tido a abolição da pena de morte para os crimes de homicidio.

Vem hoje publicado no *Diario* o programma para a adjudicação do subsidio á empreza do theatro lyrico de S. João, do Porto, pela epocha de 1873 a 1874.

As condições são já conhecidas. O subsidio é de 4 contos de reis, como ultimamente as camaras votaram.

Tambem publica a folha official uma circular dirigida aos reitores dos lyceus nacionaes, recommendando á sua zelosa solicitude o ultimo regulamento geral dos lyceus publicado no *Diario* no dia 5 do corrente mez.

Os srs. deputados Guilherme de Abreu e visconde de Montariol, depois de conseguirem que se mandasse proceder á construcção do lanço da Egreja Nova ao Penedo, na estrada de Braga a Chaves, alcançaram a promessa do sr. ministro das obras publicas de contemplar largamente a mesma estrada na proxima distribuição de fundos.

A pedido do sr. Guilherme de Abreu ordenou o mesmo sr. ministro das obras publicas, que a conducção das malas do correio entre Braga e a Povoa de Lanhoso se faça em carro.

Chegaram noticias de Moçambique, por via de Mayotte, que alcançam a 25 de Dezembro do anno proximo passado.

O vapor «Zarco» chegara alli no dia 6 do dito mez, mas com a machina em muito mau estado e o fundo em pessimas condições. Provavelmente os concertos de que carece devem ser feitos em Bombaim.

Esperava-se que a expedição das canhoneiras ao Zambeze por causa do Bonga se effectuasse em Fevereiro ultimo.

Estavam promptos o «Tete» e o «Quilimane». O «Sena» tinha a caldeira quasi concertada. Havia saude nas tripulações.

Os generos estavam bastante caros e pouco abundantes.

As communicações da provincia com a metropole eram objecto das conversações e de justa censura. O transporte fazia-se de 3 em 3 mezes, de Moçambique para Mayotte e pode-se dizer irregularmente, porquanto se dera com a conducção da ultima correspondencia um facto que não passará sem reparo.

No dia 25 de Dezembro, estando promptos e desembaraçados dois vapores, as malas foram mandadas conduzir por um hiate! Prova isto, que apesar de serem tardias as communicações, dava-se pouca importancia a communicação para o reino do que vae occorrendo por aquella longiqua e descurada provincia.

Lastimava-se tambem em Moçambique que o material conduzido alli pelo vapor «India» estivesse exposto ao tempo, sem que ninguem olhasse por elle. Está no mesmo local em que o deixaram depois de saír do vapor e provavelmente será roubado ou pelo menos deteriorado.

A estas noticias junto a que dá hoje o *Jornal da Noute* de correr em Moçambique o boato da morte do Bonga. Até então o boato era dado com certa reserva. O Bonga tinha fallecido de doença.

A pedido do ministro inglez foi elogiado officialmente o guarda mór da estação de saude em Belem, o sr. Francisco Maria de Sousa, pelos serviços que prestou ao capitão do vapor inglez «Lebanon», soccorrendo-o como facultativo, a horas avançadas de noute na perigosa enfermidade de que se achava atacado quando entrou em Lisboa.

Pela direcção geral de instrucção publica fizeram-se os seguintes despachos:

Promovendo á propriedade da cadeira de ensino primario: de Gondarem, em Villa Nova de Cerveira, o sr. José Antonio Ribeiro: de Villar, em Tondella, o sr. Justiniano Augusto Peixoto. Dispensando da falta de edade legal para poder ser admittido a exame de ensino primario, o sr. Luiz de Oliveira Rocha, do logar de Cabeço de Portomar, concelho de Mira. Auctorisando a estar ausente da cadeira por 5 mezes a contar de 1 de Fevereiro ultimo o sr. Antonio Luiz Monteiro Mascare-

---

vencido do contrario, apesar de ter a lutar na discussão com D. João Gualberto Gonzalez, que foi a alma desta conferencia, pela parte dos direitos da filha de Fernando VII.

No dia 16 de Março de 1833 partiu D. Carlos, com sua familia, de Madrid, entrando em Lisboa no dia 29.

A ausencia de D. Carlos influiu ao principio poderosamente em prejuizo da sua causa; porem quando se organisou em Madrid um centro secreto de acção, e outros correspondentes nas provincias, continuaram os planos dos absolutistas. A permanencia de D. Carlos em Portugal, significava o mesmo que em Hespanha; porque entravam e saiam amigos continuamente, e havia uma não interrompida correspondencia com os que o acompanhavam.

Já no desterro se considerou D. Carlos dispensado da obediencia que até então tivera a seu rei e irmão, e se declarou em aberta rebellião.

Seguiu-se uma activa correspondencia entre os dois irmãos, exigindo Fernando VII, que D. Carlos saisse de Portugal; auctorisando-o a ir para os estados pontificios. Este, porem, tratou sempre de illudir o cumprimento das ordens de Fernando VII.

Com uma das cartas enviou D. Carlos a seu irmão o seguinte protesto:

«Senhor. Eu Carlos Maria Isidro de Bourbon e Bourbon, infante de Hespanha.—Achando-me bem convencido dos legitimos direitos que me assistem á côroa de Hespanha, desde que sobrevindo a vossa magestade não deixe um filho varão, digo, que nem minha consciencia, nem minha honra me permittem jurar nem reconhecer outros direitos; e assim o declaro.—Palacio do Ramalhão, 23 de Abril de 1833.—Senhor. Aos reaes pés de vossa magestade, seu mais amante irmão e fiel vassallo.—*O infante D. Carlos.*»

Uma das cartas de D. Carlos respondendo a seu irmão, foi escripta aqui de Coimbra no dia 9 de Julho de 1833. Nella dizia D. Carlos:

«Se sou desobediente, se resisto, se escandaliso e mereço castigo, imponha-se-me muito embora; porem se o não mereço, exijo uma satisfação publica e notoria, pela qual te peço me julguem segundo as leis, e não me atropellem. Se se examina o meu comportamento neste negocio, não se achará mais delicto que haver terminantemente declarado que, convencido do direito que me assiste a herdar a corôa, se te sobreviver sem deixar filho varão, nem a minha honra me permittiam jurar, nem reconhecer nenhum outro direito.

«Eu não quero usurpar-te a corôa, nem muito menos pôr em pratica meios reprovados por Deus: já te expuz o que devia obrar segundo minha consciencia, e tudo ficou no mais profundo silencio. Pedi-te que se communicasse ás côrtes extrangeiras, e não o tiveste por decoroso á tua pessoa, pelo que me vi precisado a enviar aos soberanos, com data de 23 de Maio, uma copia da minha declaração, e uma carta simples de remessa para seu conhecimento. Da mesma forma enviei uma carta e officios de remessa aos bispos, grandes e deputados, presidentes ou decanos dos conselhos, para que tivessem conhecimento dos meus sentimentos.

«Estes são os meios que se me offereciam para defender os meus direitos, e não outros: estes são os que ponho em execução, e se me fazem inuteis. Poder-me-hão accusar de quanto quizerem; porem não se me deve provar?

«Diga-se que esse é o meu crime, e não a minha permanencia aqui mais ou menos longa: para ella existem as mesmas causas: as razões e factos positivos, como são os enfermos e mortos de cholera na fragata, justificam os meus anteriores receios, e provam, que não eram certamente obstaculos que eu formava, se não justissimos temores de perecer com toda a minha familia.»

A esta carta escripta em Coimbra por D. Carlos, em 9 de Julho de 1833, respondeu Fernando VII, de Madrid, em 30 de Agosto. Nessa carta terminava ameaçando-o de que se não cumprisse as suas ordens, mostraria, *como juiz competente, que um infante de Hespanha não é livre para desobedecer ao seu rei.*

Os acontecimentos precipitaram-se, porem, rapidamente, pois que no dia 29 de Setembro immediato, falleceu Fernando VII. Abrindo-se o seu testamento, feito em Aranjuez no dia 12 de Junho de 1830, se viu que determinava pela clausula 11.ª:— «Se o filho, ou filha, que houver de succeder-me na corôa não tiver 18 annos completos ao tempo do meu fallecimento; nomeio a minha amada esposa D. Maria Christina, regente e governadora de toda a monarchia, e para que por si só a governe e reja, até que o dito filho ou filha chegue a edade de 18 annos completos.»

Nessa conformidade assume o poder D. Maria Christina, e no dia 4 de Outubro, como *rainha governadora* dirige um manifesto aos hespanhoes. Nesse manifesto nem levemente alludia Maria Christina a instituições liberaes; antes pelo contrario dizia:— *Eu manterei religiosamente a forma e as leis fundamentaes da monarchia, sem admittir innovações perigosas. A melhor forma de governo para o paiz, é aquella a que está acostumado.*»

Apezar desta calculada reserva, filha da politica machiavelica do presidente de ministros D. Francisco Zea Bermudez, é certo que os carlistas se não illudiram, e trataram logo de se insurreccionar, arvorando a bandeira do absolutismo e dos direitos de D. Carlos ao throno. Varias providencias adoptadas por D. Maria Christina, e entre ellas o decreto de amnistia, fizeram-lhe crear muita sympathia e enthusiasmo no partido liberal.

Já, porem, no dia 3 de Outubro, vespera do manifesto da rainha, havia rompido a revolução carlista em Talavera de la Reina, dirigida por D. Manoel Gonzalez. Foi esta a primeira povoação onde começou a revolução absolutista; sendo comtudo alli promptamente suffocada pelas forças do governo.

Os infelizes D. Manoel Gonzalez, D. Celestino Pañat, Dieguez, o cadete Lopes Salas, e o alferes D. Leon Neto, foram julgados por uma commissão militar, e condemnados á morte. Outros que tinham seguido D. Manoel Gonzalez, foram presos nas immediações de Villanueva de la Serena, por um destacamento de cavallaria, conduzidos a Tavallera, e ahi julgados e condemnados á morte, soffrendo a mesma pena de seus companheiros. Assim começou esta guerra fratricida.

Seguiram-se logo outros pronunciamentos absolutistas nas provincias vascongadas, e se começou a formar um exercito carlista. Alguns officiaes conhecidos entraram nas suas fileiras; entre outros, o coronel D. Martin Bengoechea, o tenente da guarda real D. Simon de la Torre, e o official D. Pedro de Urugui.

Quem, porem, contribuiu a formar o nucleo daquelle exercito, que havia de ser um dia tão formidavel, foi o clero secular e regular. Valendo-se de toda a influencia que lhe prestava o seu sagrado ministerio, exerceu uma coacção poderosa nos simples habitantes do campo. Os religiosos da ordem de S. Francisco excitavam á rebellião com pasmosa actividade; no seu convento, extramuros de Bilbao, se tinham fabricado cartuxos, e feito outros aprestes guerreiros; e entre as fileiras carlistas se achavam exaltados capuchinhos, que, como o padre Negrete, transmittiam aos biscainhos o ardor que sentiam.

O fogo da insurreição biscainha propagou-se a Guipuscoa e Alava, depois á Navarra e a Rioja, estendendo-se logo a outras provincias.

Progredia tão rapidamente a revolução, que no dia 7 de Outubro, entra em Victoria, D. Valentin Verástegui, á frente das forças carlistas, e ahi acclama Carlos V. Publica nesse mesmo dia uma proclamação dirigida aos *alaeezes*, a qual terminava pela seguinte forma:

«De vossa decisão depende a existencia do throno hespanhol: em vossas mãos tendes a felicidade e a ruina da vossa patria. Catholicos sois, e a causa de Deus vos chama protectores do altar: sois leaes e fieis vassallos, e o melhor e o mais desejado dos reis espera o vosso auxilio para exterminar a canalha liberal, e consolidar o seu throno: nada vos detenha; cooperae todos do modo possivel para a defeza da causa mais justa que os homens tem defendido. Dae gloria ao Deus dos exercitos, que nos tem conservado illeso tão excelso principe, e saudae com toda a effusão ao vosso novo rei e monarcha esclarecido, repetindo com os bons: Viva Carlos V, viva nosso augusto soberano.— Victoria 7 de Outubro de 1833.— *Valentin Verástegui.*»

No dia 9 sae o general carlista D. Santos Ladron de Logronho para a Navarra com 500 homens, aos quaes se unem os carlistas, que commandava D. Bazilio Antonio Garcia.

Miranda, a quem D. Santos havia nomeado brigadeiro, sae por outra parte a percorrer as margens do Ebro, e surprehende em Calahorra a uma companhia do provincial de Avila.

Engrossando diariamente as suas fileiras D. Santos, dirige-se de Vianna aos Arcos com tão respeitaveis forças, que assustaram o vice rei de Navarra D. Antonio Solá. Este, depois de haver posto a preço a cabeça de D. Santos, ordena ao brigadeiro D. Manoel Lorenzo que, á frente de 800 homens de todas as armas, não descance até o bater. Soube-o o general carlista, e avançou a Estella com metade de suas forças, as quaes retirou, quando na tarde do dia 10 soube pelos seus espias que as avançadas de Lorenzo haviam entrado em Villatuerta.

No dia 11 passou Lorenzo pelo meio de Estella, sem deter-se, nem achar resistencia; e fora da cidade deu descanço á tropa. Dentro em pouco recebeu uma carta em que D. Santos Ladron o desafiava para uma formal batalha.

Este desafio feriu o amor proprio de Lorenzo, e estimulou-lhe o desejo de castigar a ousadia do seu contrario; e sem permittir que a tropa comesse o rancho, já preparado, rompe a marcha para onde D. Sancho o esperava já em posição. Apoiava este o seu centro nos Arcos, a esquerda no centro do rio que passa pelo povo, e a direita na ermida do Calvario, e nos olivaes e vinhas immediatas á costa, por onde passa a estrada de Logronho e Vianna a Estella.

Atacam as tropas de Lorenzo com acerto e bisarria as de Ladron. Na força da refrega matam a este o cavallo, e ao cair se vê com o sabre apontado ao peito por um official de granadeiros, e fica prisioneiro com 30 mais, e alguns mortos e feridos. Ruano e outros chefes dos que acompanhavam e estavam ao lado de D. Santos, livraram-se milagrosamente.

D. Santos Ladron foi conduzido prisioneiro para Pamplona, e ahi, sendo julgado por um conselho de guerra, foi fuzilado no dia 14, com o tenente Luiz Iribarren.

Estes impoliticos fuzilamentos foram o grito de alarma para os carlistas. Dentro em pouco era geral a sublevação nas povoações curaes da Navarra.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

nhas, professor de Silvaras, concelho da Louzada.

A distincta actriz Emilia das Neves deixa o theatro do Gymnasio. Receia-se que tenha fundamento o boato a que me referi na minha ultima correspondencia,da nossa Rachel abandonar a scena para sempre.

Ensaia-se no Gymnasio a «Calumnia», de Scribe.

A companhia dramatica italiana de madamoiselle Elvira Pasquali é muito inferior á do actor Mayeroni.

Andaram hoje quatro danças de pastorinhos (alentados mocetões vestidos com trajes campesinos), que percorreram as ruas mais principaes da cidade, precedendo o prestito do enterro do bacalhau.

Cotaram-se hoje as inscripções grandes a 44,40 e as pequenas a 44,50.

Fundos hespanhoes: Titulos de 10:000 escudos a 18,42; ditos pequenos a 18,50 ao cambio de 940.

A alfandega de Lisboa rendeu hoje reis 23:902$647. Desde o principio do mez até hoje tem rendido 170:239$822 reis.»

—Ainda ácerca dos perdões diz mais o mesmo correspondente:

«Rigorosamente não se pode comprehender que haja uma auctoridade superior a todos os tribunaes e a todas as leis, que altere as sentenças passadas em julgado, e neste ponto tem razão os criminalistas, que condemnam como abuso intoleravel a alta concessão inherente á prerogativa estabelecida nos codigos liberaes, que nesta parte dão faculdades tão extraordinarias ao rei constitucional como aquellas de que dispõem os monarchas absolutos.

Não seria inutil alterar neste ponto a constituição, alterando-se ao mesmo tempo a legislação criminal e o modo de processar. Poder-se-ia acabar com a prerogativa de perdoar e ou organisar-se um novo tribunal supremo ou conferir-se ao Supremo Tribunal de Justiça a precisa jurisdicção para attenuar as penas que, segundo o exame dos autos, se reconheceu que eram exaggeradas e estavam pouco em harmonia com as disposições das leis criminaes.

Deste modo fazia-se justiça e não um favor. Respeitava-se um direito e não se concedia uma graça.

Os processos de que se tratou hontem no conselho de Estado foram apresentados pelos ministros da justiça,da guerra e da marinha.»

Noticias de Hespanha—Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

«A *Gazeta de Madrid* publica participações dizendo que o coronel Cabrinety bateu, nas montanhas de Puig-Redo, a guerrilha de Bosch, desalojando-a das posições e fazendo-lhe 15 mortos, e que a vanguarda da columna Marti encontrou a partida de Guerra, composta de 30 homens, batendo-a.

Foi expulso da Suissa um coronel carlista, chamado Prat, que andava negociando um emprestimo para D. Carlos.

A partida do Polo, reduzida a 60 homens, anda impondo contribuições pelas differentes povoações do Maestrazgo. Affirma uma folha de Madrid que as forças que commanda Dorregaray andam desalentadas e descontentes e accusam o seu chefe de demasiado prudente.

O cabecilha Cucala, profundamente impressionado pela morte de seu filho, apresentou-se ao capitão general de Valencia, solicitando indulto. O cabecilha Lecua saiu de Maestu com 300 homens; a partida Rocha, com outros 300, foi encontrada pela guarda civil em Haya Hermosa, que lhe fez tres prisioneiros.

Cento e cincoenta francezes residentes em Barcelona offereceram-se para formar uma columna e ir combater os carlistas.

O governador de Logroño telegraphou para Madrid dizendo que não tem noticias dos carlistas,nem das tropas que os perseguem.

O coronel Morales dispersou o bando de Egozcus. Elio com 500 homens dirigia-se para o interior da Navarra. Um telegramma de Valladolid dá as guerrilhas da provincia de Palencia como dissolvidas. A *Discusion*, folha federal, pede que sejam suspensos todos os jornaes carlistas, até que acabe a guerra civil.

Madrid, 11, ás 8 horas e 30 minutos da noite—(Official)—Saballs foi repellido em Puigcerda pela população que sustentou o fogo durante 24 horas. Os carlistas eram 1:000 e os habitantes da cidade cerca de 400. Todos os crimes commettidos pelos carlistas em Berga, narrados pela imprensa, acabam de ser confirmados officialmente. Em Roncal e Esena, valles da Navarra, os facciosos requisitaram as contribuições, mas os alcaides e os habitantes resolveram oppor firme resistencia. Todas as populações mostram eguaes disposições contra os carlistas.

Madrid, 11, ás 10 horas e 35 minutos da noute.—A aproximação de tres columnas de tropa obrigou Saballs a levantar o bloqueio de Puigcerda. O governo de Malaga desmente os boatos assustadores espalhados a respeito da situação anormal d'aquella cidade. O governo concedeu á companhia do caminho de ferro do norte licença para fazer uma carreira maritima entre Santander e Bayona durante um mez, a fim de remediar as frequentes interrupções do caminho de ferro.

Madrid, 12, ás 5 horas e 20 minutos da tarde.—Houve na noute de ante-hontem actos de indisciplina em Manresa, mas Velarde conseguiu levar as tropas á subordinação. A situação de Saballs parece estar compromettida. No conselho de ministros de hoje tratou-se do accordo definitivo da questão dos artilheiros e do adiantamento de 50 milhões para os corpos francos.

Estatistica curiosa.—Diz o *Jornal do Commercio*, que as bibliothecas da Russia contém 880:000 volumes; as da Prussia 907:000; as de Inglaterra 1:553:000; as de Italia 2:159:000; as de França 6:217:000; as da Austria 2:200:000; e as da Allemanha 6:751:000.

A bibliotheca da universidade de Gotinga contém 300:000 volumes,a de Paris 450:000 e a de Munich 40:000.

A do museu britannico possue hoje um milhão de tomos.

O numero das edições inglezas do *Paraiso perdido* de Milton ascende a setenta e duas, e das traducções em linguas estrangeiras a cincoenta e duas; e isto sem contar as edições das obras completas de Milton.

O das edições inglezas do *Robinson Crusoé* ascende a setenta e quatro, com vinte e seis traducções.

A litteratura shakesperianna occupa dois tomos in-folio do cathalogo da bibliotheca.

Possue tambem a mesma bibliotheca o primeiro livro impresso em lingua ingleza, que é uma traducção do *Novo Testamento*, por Tyndall, e a biblia chamada de Mazarino, que é o primeiro livro impresso com typos moveis, saido das prensas de Guttemberg e Faust.

As bibliothecas de Hespanha, em 1868 continham 1.666:595 volumes; sendo para advertir que muitos milhares existem hoje em os institutos provinciaes de Albacete, Alicante, Avila, Almeria, Badajoz, Burgos, Ciudad Real, Cuenca, Corunha, Guadalaxara, Huelva, Jaen, Logronho, Lugo, Malaga, Valencia, Pontevedra, Santander, Segovia, Soria, Teruel e Zamora. Não fazemos menção das bibliothecas privadas que abundam entre aquelle povo,que os inimigos da nascente republica querem que não tenha instrucção.

Phenomeno notavel—Diz o mesmo jornal, que o augmento da correspondencia em Inglaterra é um dos phenomenos sociaes mais dignos de notar-se. No anno de 1871 escreveram e receberam os habitantes d'aquelle paiz, sem contar os das colonias, 52 milhões de cartas mais de que no de 1870; no anno postal de 1872 o movimento foi maior, ascendendo a differença a 322 milhões. Resulta dos documentos officiaes que neste anno circularam pelo correio 915 milhões de cartas, 75 milhões de bilhetes abertos, 14 milhões de onças de peso em correspondencia official, e mais de 12 milhões de telegrammas despachados por meio das officinas telegraphicas do estado.

CHARADAS

1.ª

Maria Theresa
Agarra na roca;
Chegou já o cuco,
Não vê maçaroca. } 3

Maria com susto,
Na roca pegou;
A vinda do cuco
O mal lhe causou. } 1

Se queres assim
Ter força e vigor,
Farás o que faço,
Promove o suor.

José Maria Rosa de Carvalho.

2.ª

Este instrumento apoquenta artista—2 e 1

3.ª

Aqui, no campo, e no mar—1 e 2

4.ª

E' animal e corre no oceano—2 e 2.

J. A. R.

As charadas do numero passado eram:—1.ª Pousafolles — 2.ª Sermão—3.ª Dido—4.ª Sino.

O logogripho era—Astronomia.

A sociedade *Charadicida Telegraphica*, e o sr. Julio Augusto Rainho,enviaram-nos a decifração de tudo.

ANNUNCIOS

1 PRECISA-SE de um rapaz com alguma pratica de mercearia, proximo a ganhar ordenado. Rua dos Sapateiros, 12 e 14.

Queijo flamengo

Superior qualidade.

Calçada n.º 85 a 91

3 NOVA LEI DO SELLO e tabellas annexas, conforme a publicada no *Diario do Governo*.

Está desde já á venda na *Imprensa Academica*, Coimbra, rua do Carmo, 62.

Preço:—Cada exemplar 60 reis — 12 exemplares 600 reis.

Os pedidos, acompanhados da importancia, devem ser feitos no bacharel *Elisiario Casal*, Coimbra, rua do Carmo, 62.

Recebe-se a importancia em sellos; e o porte do correio é por conta da imprensa.

4 EDUARDO DE OLIVEIRA LOPES DE MACEDO, dá lições de piano por casas particulares, e tambem afina pianos, tanto na cidade como fóra. Largo da Fornalhinha, n.º 2.

PINHAES

5 VENDEM-SE todos os que por morte do sr. padre Manoel de S. José, morador que foi em Sandelgas, pertenceram a seus sobrinhos Antonio e Manoel, residentes no Sardão, concelho de Gaya. Quem pretender algum póde comparecer no dia 20 do corrente, pelas 11 horas da manhã, em Sandelgas, na casa de Bento Alberto Pereira de Carvalho. Os esclarecimentos precisos dão-se na botica da Misericordia de Coimbra.

AGRADECIMENTO

6 JOSE' ANTONIO D'AMIL, Manoel Augusto de Paiva e Maria José de Castro e Paiva, agradecem summamente penhorados com as pessoas da sua estima e amizade, todos os obsequios e serviços que lhes prestaram na occasião da enfermidade e fallecimento da sua muito querida afilhada e filha; aproveitam este meio por lhes ser custoso o fazel-o por outro, e pedem desculpa de qualquer falta que involuntariamente commettessem.

7 POR ORDEM SUPERIOR, em additamento ao edital de 10 do corrente e em conformidade com a portaria de 8 publicada no *Diario* de 12 do mesmo mez, se previne a todos os que tiverem de requerer para serem admittidos a exame final, que lhes é prohibido requerer na mesma epocha em differentes lyceus, na certeza de que serão annullados para todos os effeitos legaes os exames d'aquelles que infringirem este preceito.

Secretaria do lyceu nacional de Coimbra, 15 de Abril de 1873.—O secretario, *Francisco Antonio Marques*.

PARA O RIO GRANDE DO SUL

8 A BARCA MINEIRA, sairá até fins do corrente mez; para o resto da carga, e passageiros, trata-se com Antonio Luiz Gomes Lima, rua do Principe, n.º 305—Porto, ou com Innocencio Peixoto Quaresma, praça de S. Bartholomeu—Coimbra.

BAZAR

9 COMO EM RAZÃO do mau tempo não poude haver o bazar da sociedade Consoladora dos Afflictos no dia 30 de Março, segundo estava annunciado; fica transferido o referido bazar para os dias 27 de Abril e 1 de Maio. O local será no Jardim Botanico.

LEILÃO

10 PELAS 11 horas da manhã do proximo dia 20 do corrente, na casa da Repartição de Fazenda do districto de Coimbra, terá logar a venda de 586 volumes de livros pertencentes a varias obras; differentes mesas, alguns bancos e um leito de pau preto.

11 QUEM PERDESSE na villa de Tentugal algum dinheiro, e uns oculos d'ouro, na estrada de Lavarrabos a Tentugal, ha mais de um anno, dirija-se ao confessor das religiosas da mesma villa.

Vinho de Torres Novas, fino para mesa

12 VENDE-SE na rua das Solas, n.º 28.—O quartão 480—Dito de Thomar, quartão 420—Verde, do Braga, quartão 600—Do Douro, branco, quartão 800—Dito tinto, quartão 800.

13 JOSE' DE MATTOS CARRUTAS e Vital Antonio da Fonseca, e mais seus irmãos e cunhados, pendem uma acção no juizo do contencioso desta cidade, por sonegados contra seu irmão e cunhado Antonio Maria da Fonseca (vulgo o Gaforina), morador na Arregaça, em que se lhe pede o alcance da herança de sua fallecida mãe e sogra Luiza Maria, viuva, de que é escrivão Adelino Augusto Pereira de Carvalho. E por isso previnem o publico, para que ninguem faça contracto algum sobre alienação dos bens daquelle dito Antonio Maria da Fonseca, com a pena de se darem por nullos e de nenhum effeito; porque taes bens estão sujeitos ao alcance que a final se liquidar.

NUMERO 2686 — TERÇA FEIRA 22 DE ABRIL DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA		ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200	Por anno	3$720
Por semestre	1$600	Por semestre	1$860
Por trimestre	800	Por trimestre	930
Correspondencia por linha	30	Avulso	40

Annuncios—Por cada linha 10 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

COIMBRA

E' evidente que caminhamos para um futuro mais auspicioso,pelo que respeita á prosperidade das nossas finanças e ao estado geral do commercio e das industrias.

Não vae longe a epocha em que os mais eminentes homens publicos de todos os partidos politicos se convenceram das circumstancias verdadeiramente desoladoras, a que tinha chegado a fazenda publica, sobrecarregada com um enorme *deficit*, o qual, embaraçando os governos na sua acção administrativa, cada vez mais nos aproximava do abysmo, que a descrença publica não julgava já longe de nós.

Este estado, que é o peior de todos os males para uma nação, aggravou-se consideravelmente com uma serie ininterrompida de desavenças partidarias, as quaes deram origem ás calamidades politicas em que o paiz se viu envolvido durante alguns annos.

Nesse periodo de oscilações e receios que vimos? O credito abatido, as industrias definhadas,as fontes de receita quasi exaustas, os capitaes retrahidos e o commercio receoso, como em vespera de uma grande calamidade publica. Alem disso,um *deficit* de cerca de 7:000 contos era o estorvo permanente a todas as operações economicas e de credito, que difficultava ainda mais este estado tenebroso da nossa administração.

Decorreu um curto periodo, apenas de tres ou quatro annos,e mudaram completamente as circumstancias: uma notavel transformação se tem operado nas condições economicas do paiz.

Melhorou consideravelmente a fazenda publica. A situação financeira está desafogada; os capitaes buscam emprezas em que possam applicar-se; as industrias progridem, o estado geral da nação é visivelmente mais satisfatorio. O *deficit* tem decrescido de um modo surprehendente. Reduzido já hoje a 1:000 contos, como se vê no orçamento do estado, desapparecerá de certo no proximo futuro anno economico.

O movimento das alfandegas tem crescido extraordinariamente, o que dá em resultado um grande acrescimo de receita, e prova ao mesmo tempo que existe notavel movimento no commercio e na industria nacional. Os rendimentos do estado elevam-se já hoje sobre todas as probabilidades do calculo.

Os cofres publicos têem actualmente valores consideraveis.

A cobrança effeituada durante os ultimos mezes,eleva-se talvez ao dobro das necessidades do pagamento, o que resolveu o governo a não receber sommas por supprimentos, e a expedir communicações ás caixas centraes do thesouro, ao cofre da agencia de Londres e a alguns districtos do paiz, afim de não receberem mais dinheiro que augmente a divida fluctuante; e com o encerramento das camaras subiram os fundos.

Estes factos hão de reflectir-se favoravelmente em toda a organisação economica do paiz e melhorar as condições monetarias, fazendo baixar as taxas de desconto nos capitaes, que,livres da concorrencia do thesouro,podem applicar-se ás emprezas, ao commercio e á agricultura, que são as verdadeiras fontes de prosperidade publica.

Não é com uma politica de especulação que se conseguem similhantes resultados. Estas transformações da vida economica, operam-se unicamente por meio do credito, da segurança, da paz e da ordem publica; com medidas prudentes e efficazes, tendentes á garantir os direitos individuaes e sociaes.

Este estado restabelece a confiança em toda a ordem de interesses.

Assim, a fazenda particular melhora á custa da fazenda publica, e esta hade tambem medrar á custa daquella; o que finalmente se resume na prosperidade da nação, no interesse de todos os cidadãos.

O aperfeiçoamento das industrias, o desenvolvimento do commercio e o engrandecimento da propriedade, augmentando a riqueza particular, melhora a situação economica do thesouro e multiplica as vantagens do trabalho.

Caminhamos inquestionavelmente para um futuro que se nos antolha auspicioso. Acreditamos que já nos proximos futuros annos, o governo fará quanto for possivel por alliviar os povos de alguns dos mais pesados e vexatorios tributos, porque a receita lhe hade cobrir vantajosamente a despeza.

Prosiga o governo no seu empenho de ser util á causa publica, e continuem a coadjuval-o os homens dotados de espirito mais desambicioso, que o paiz reconhece os seus esforços e louva o seu patriotismo.

A direcção do Asylo de Mendicidade decidiu,que no dia de sexta feira proxima, 25 do corrente,pelas 10 horas da manhã, se celebrasse na egreja de Santa Cruz uma missa, por alma da exm.ª sr.ª D. Maria do Loreto Osorio Cabral Pereira de Menezes.

NOTICIARIO

O jardim do Rochinha. — Visitámos ha dias o retiro predilecto do celebre orador o Dr. Fr. Antonio José da Rocha, vulgo o *Rochinha*, lente de Theologia na Universidade. E' um jardimzinho, contiguo ao collegio de S. Thomaz, na rua da Sophia, no qual o sabio dominicano se entregava ao cultivo das flores.

Produziu-nos aquelle logar um certo sentimento de veneração. Saudámos as arvores que deram sombra ao grande pregador, e os canteirinhos, por entre os quaes, ao mesmo tempo que elle colhia as lindas flores, em que empregava as horas do ocio, ia tambem buscar inspiração e outras mimosas flores, as da eloquencia, com que tanto ornava os seus discursos primorosos.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLIII

D. CARLOS

III

Na Biscaia e em Guipuscoa havia repetidas escaramuças entre carlistas e liberaes; mas nem uma, nem outra cousa adeantava muito. Voltavam a reunir-se os dispersos carlistas; os prisioneiros que não eram fuzilados, fugiam, e o vacuo dos mortos se enchia com os novos e furiosos partidarios, que desejavam vingar o amigo ou o paisano.

Desejoso de resultados, dispoz D. Pedro Sarsfield, general da rainha Christina, um golpe decisivo; e para esse effeito, depois de ter limpado quanto possivel a Castella, e de haver reunido as forças do general Lorenzo e do brigadeiro Benedicto, passou com ellas o Ebro, e a 19 de Novembro de 1833 se dirigiu a cair sobre Victoria, centro o mais proximo da insurreição, surprehendendo aos carlistas, que esperavam vel-o marchar sobre a Navarra.

Na madrugada do dia 20 chegou ao pé da montanha de Peñacerrada, onde encontrou as primeiras avançadas que cobriam aquella forte posição, e o povo do mesmo nome. Oppozeram-se, mas desalojou-os Lorenzo, fazendo-os retirar para Victoria, que tambem cedeu ao seu denodo. Ao mesmo tempo que avançava o exercito, ia fuzilando a officialidade que fazia prisioneira.

Livre assim o caminho de Victoria, chegaram as tropas á cidade ás 10 da manhã de 21. Saiu ao seu encontro a deputação da provincia, protestando os seus sentimentos a favor da rainha, a qual foi victoriada ao entrarem na cidade os seus soldados.

Consternados com aquelle transe os carlistas, até ahi senhores da capital da Alava, fugiram espavoridos, encaminhando-se uns para Guipuscoa, a fin de se salvarem em França, outros para a Biscaia, e para a Navarra alguns.

Esta occupação valeu a Sarsfield um titulo de Castella, e accedendo á sua solicitação, foi desligado do exercito de observação, o qual foi confiado ao tenente general Jeronymo Valdez, sendo conferido a Sarsfield o vice-reinado de Navarra.

No entretanto que chegava o novo chefe, dirige-se rapidamente Sarsfield sobre Bilbau. Uns tres batalhões carlistas, que com a junta estavam na villa, abandonaram-na em a noute de 24 de Novembro, dirigindo-se a Sierra, Villarcayo e outros pontos; e no dia 25 entrou Sarsfield em Bilbau, publicando no dia seguinte um indulto geral, que concedia a todos os que no prazo de 15 dias depozessem as armas ante qualquer justiça local.

Oñate foi o ponto de concentração das forças carlistas de Alava, Guipuscoa e Biscaia; e graças ao decidido enthusiasmo de seus chefes, aquelle pequeno foco promettia communicar a grande distancia o fogo da guerra, que renascia como a Fenix da fabula.

Castañon deu ordem a Lorenzo para atacar os carlistas. La Torre, por ordem de Zabala, Uranga e Villarreal, saiu de Oñate á frente de uma columna dos carlistas, para impedir que Lorenzo entrasse na povoação. Os liberaes, porem, bateram as forças carlistas, de modo que a dispersão destes foi completa. Até os chefes tiveram que correr, escondendo-se uns, salvando-se outros em França, e vagueando alguns de montanha em montanha, acompanhado cada qual de alguem de sua confiança. Assim succedeu a La Torre, que se reuniu a Villarreal, e correu depois a Arratia. Outros chefes, nem ainda aos seus companheiros confiaram o segredo da sua residencia: não podiam fazer outra cousa.

Por esta forma chegou Lorenzo sem obstaculo a Oñate, aonde penetrou sem resistencia, apoderando-se de armas e effeitos de guerra.

Este feliz resultado fazia illudir o general Valdez, que suppunha caminhar a luta para o seu fim. Ao mais esperto haveria succedido outro tanto; nada se podia fazer, porque começava então uma campanha de estrategia.

Dava-se uma acção, dispersavam-se completamente os carlistas. Via-se o campo livre delles inteiramente, e logo se retiravam os vencedores; mas parecia que renasciam do solo novos combatentes. O paizano que lavrava a terra, o que recolhia o milho, era o soldado do dia anterior. O que fazia variar com falsas noticias a direcção de uma columna, tirava do tronco de uma arvore uma carabina, e sabedor do movimento d'aquella, reunia-se novamente aos seus companheiros.

Zabala e La Torre viram-se em poucos dias á frente de novas partidas. A do primeiro se

O jardimzinho está muito estragado; todavia ainda alli vimos muitos arbustos, certamente do tempo do Dr. Fr. Antonio José da Rocha, e ainda podêmos ler estes conceitos mandados por elle pintar nas paredes:

A VENTURA BUSCAES?
NOS CAMPOS MORA.

VIDA AGRESTE,
VIDA CELESTE.

BOSQUE, FLORES E VERDURA,
OH QUE GRATA FORMOSURA.
C.

TEMPUS IN AGRORUM CULTU
CONSUMERE DULCE EST.
OV.

DITOSO O QUE DO CEU FOI TÃO AMADO,
QUE NO CAMPO ALCANÇOU PASSAR A VIDA,
LIVRE DE PENA, LIVRE DE CUIDADO.
CAM.

Por cima de uma fonte:

MORE FLUENTIS AQUAE VANESCUNT TEMPORA VITAE. *(a)*

ASPICE PLORANTEM, ET PARITER TUA CRIMINA PLORA.

O sr. conselheiro Adrião Pereira Forjaz escreveu no volume 10.º do *Instituto* importantes noticias biographicas do Dr. Fr. Antonio José da Rocha. Vem a proposito transcrevermos aqui os seguintes trechos:

«Era em seu tempo o—*Rochinha*— a flor dos oradores de Coimbra, não na austeridade da missão, mas nas graças e adornos do panegyrico; corria a ouvil-o para toda a parte a mocidade academica, sempre enthusiasta do bello, e apreciadora do bom; e os velhos, lembrados dos grandes oradores benedictinos, que, no primeiro quartel do seculo, haviam abrilhantado a cadeira da verdade, reconheciam de bom grado, no sobre todos agradavel dominico, um gosto especial, uma eloquencia toda sua, captivadora dos corações.

«Mas não era só no pulpito, e na cadeira magistral, que o — *Rochinha* — se distinguia pela excellencia de seus dotes singulares, não o era menos na intimidade da convivencia. Quem hoje atravessar a rua de Santa Sophia, observará, do lado do rio, junto aos casarões, que foram collegio de S. Thomaz, um pouco d'arvoredo, e mostras de terreno ajardinado. Ahi, repartindo com as flores o culto que votara ás letras, reunia frequentemente o amavel dominico seus muitos amigos; os quaes gozavam, por elle e com elle, a frescura do sitio, e mais que tudo a suavidade da conversação do philosopho.»

O sr. Antonio Moniz Barreto Corte Real, nas suas *Bellezas de Coimbra,* impressas em 1831, tambem falla com grande enthusiasmo do Dr. Fr. Antonio José da Rocha, e do seu favorito jardim do collegio de S. Thomaz.

Para este jardim transferiu recentemente o sr. Antonio Mendes Simões de Castro o seu estabelecimento de flores, que tinha ás Ameias; e assim ha agora maxima facilidade em visitar-se aquelle recinto memoravel.

Oratoria sagrada — Tendo acima fallado do celebre pregador o Dr. Fr. Antonio José da Rocha, não virá fóra de proposito aqui transcrever os primeiros periodos do exordio do sermão, que elle pregou no dia 25 de Fevereiro de 1824, na real capella da Universidade.

«Exultar de jubilo nas venturas do estado, e vir por ellas render no templo graças ao Altissimo, é uma acção bem digna do homem, ainda mais digna do christão, e dignissima do cidadão portuguez.

«Eu nada vejo tão heroico e sublime, como unir em laço estreito sentimentos religiosos com affecções patrioticas. Zelo pelo esplendor d'amada terra do nosso nascimento: zelo pela gloria do grande Ente, nosso moderador, n'uma palavra, religião e patriotismo são as molas reaes da sociedade, pólos da virtude, fontes d'elevação e de grandeza.

«Embora o cidadão apathico, o egoista insensivel veja de sangue frio e olhos enxutos sobrevirem á nação exaltadas fortunas: sua alma de gelo é incapaz de sensações nobres. Mas aquelle, que for mais bem nascido e bem formado, o peito sensivel, aonde influirem principios generosos, e dominarem propensões finas e delicadas, este ao lisonjeiro aspecto da felicidade publica, sentirá effusões de alegria: lagrimas ternas, doces palpitações, votos ao ceu, louvores ao Altissimo, eis aqui as bellas consequencias do seu alvoroço.»

Fallecimentos — Hontem falleceu nesta cidade o sr. José Bernardes Gallinha, habilissimo artista serralheiro.

De sociedade com o sr. Antonio José Alves Borges havia estabelecido na rua das Solas uma fabrica de fundição, movida a vapor.

Sob a direcção do sr. Gallinha fizeram-se nesta fabrica obras muito importantes, e de muito merecimento.

Sentimos o fallecimento deste intelligente artista, com quem mantinhamos particulares relações, principalmente desde a *sociedade de instrucção dos operarios,* de que foi um dos fundadores.

Tambem hontem falleceu o sr. Manoel Antonio d'Amil Beato, muito habil artista carpinteiro.

A Associação dos Artistas foi acompanhar o seu cadaver ao cemiterio, onde o sr. commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes fez um discurso deplorando o fallecimento deste artista.

Á familia de ambos os fallecidos aqui damos os sentimentos pela perda que acabam de soffrer.

O Senhor aos entrevados — No domingo foi levado com toda a pompa o Senhor aos entrevados da freguezia de Santa Cruz.

Levava a umbella o sr. administrador do concelho, e seguia uma guarda de honra, com a philarmonica *Boa-União* á sua frente.

Os entrevados que receberam o Sacramento foram 22, sendo 9 do Asylo de Mendicidade.

A 9 dos entrevados foi distribuida a quantia de 7$740 rs., producto de esmolas pedidas durante o transito da procissão.

Festividade — Hontem houve em Sernache a festa de Nossa Senhora dos Milagres. Foi alli tocar a philarmonica *Conimbricense* tanto na festividade da egreja, como na procissão.

Desta cidade foi assistir áquella festa um concurso extraordinario de pessoas, tanto em carro, como a pé.

Desde a tarde até á noute muita gente se conservou na ponte, esperando os romeiros, que voltavam de Sernache. A' meia noute ainda chegavam romeiros.

As ostras — Estes molluscos tão apreciados pelos gastronomos, e que constituem objecto de immenso commercio, foram tambem muito estimados pelos gregos e romanos, que os consideravam como um manjar saboroso, saudavel e delicado.

Plinio e outros escriptores fallam com enthusiasmo das ostras, dos processos para as conservar e engordar, e do alto preço por que se pagavam em Roma. O viveiro do lago Lucrino adquiriu grande reputação, e os imperadores romanos recebiam valiosos presentes e faziam avultadas despezas no transporte das ostras de muitos paizes para a Italia.

Se dermos credito ao que diz a historia, a imperatriz Popea tinha grande predilecção por este alimento, e em certas epochas do anno ia tomar banhos de mar no littoral da Calabria, tendo o costume de fazer esfregar pelas suas criadas a sua pelle com ostras, o que contribuiu para lhe conservar a frescura e belleza, conseguindo captivar o feroz Nero, com quem casou.

O enthusiasmo por este marisco renasceu no seculo XVII. Os medicos aconselharam o seu uso a Luiz XIV, que se deu muito bem com este alimento, e desde então generalisou-se o emprego das ostras em França, tendo hoje um consumo extraordinario. Nos mercados de Paris todos os dias apparecem á venda grandes quantidades deste marisco, calculando-se o seu consumo annual em mais de 30 milhões de ostras. Nos mezes de Julho, Agosto, Setembro e Outubro diminue muito a venda; mas assim mesmo os apaixonados não prescindem das ostras nesta epocha do anno.

Está demonstrado, que este alimento, alem de saboroso e agradavel, é tonico, digestivo, refrigerante, excita o apetite e provoca o somno. Em virtude destas propriedades é recommendado o seu uso aos velhos, convalescentes, ás pessoas debeis, ás mulheres chloroticas, e a todos os doentes que soffrem molestias agudas e chronicas dos intestinos.

Encontram-se nas ostras entre outras substancias, o iodo, o ferro, a albumina, e outros principios componentes do sangue. Dentro da concha existe uma agua salgada, que não tem o sabor desagradavel da agua do mar, e que é eminentemente tonica e dijestiva. Os medicos gregos e romanos reconheciam pela pratica muitas das boas qualidades das ostras, e recommendavam o seu uso aos doentes de escorbuto e de gota.

No Tejo e na ria de Aveiro ha excellentes depositos destes molluscos. Pela barra de Lisboa faz-se grande exportação todos os annos, principalmente para França.

Consumo de carne em Londres — Existem nesta capital tres grandes mercados de carne para abastecimento de seus milhares de açougues. O principal e mais concorrido é uma especie de feira, que se repete duas vezes por semana, á segunda e sexta feira. Ha dias, em que se vendem neste mercado mais de 3:000 cabeças de gado vaccum e perto de 30:000 carneiros, alem de immenso numero de porcos, vitellas e aves. A população de Londres devora em tres dias esta enorme quantidade de carne. Á vista d'isto, não admira que o povo inglez seja o mais carnivoro que se conhece.

Metaes na agua do mar — Está demonstrado que existem a prata, o cobre e outros metaes nas aguas do mar. Suspendendo ao costado de um navio um sacco cheio de pequenos fragmentos de ferro, tem-se verificado o deposito de quantidade apreciavel de cobre sobre aquelle metal. Por este e outros factos alguns chimicos attribuem a côr azul de certos mares a um composto ammoniacal de cobre, e a côr verde de outros a um chlorureto do mesmo metal.

Emprego dos macacos — Estes animaes auxiliam o homem na colheita do chá em certas regiões da China. O estratagema de que se servem os chinezes é o seguinte: os bandos de macacos são perseguidos ás pedradas nas plantações do chá, e para responder a esta provocação quebram os ramos das arvores e atiram com elles aos seus inimigos. Por esta forma o chão fica juncado de folhas de chá, e a colheita faz-se rapidamente. A não ser assim, difficilmente se podia conseguir que estes animaes no estado de liberdade tão rebeldes ao trabalho, se submettessem á vontade do homem e o auxiliassem na colheita do chá.

Os alicanços, ou escopagos. — Estes reptis, (diz-nos o sr. José Maria Rosa de Carvalho) têem uns caracteres proprios das cobras, e outros privativos dos sardões. Marcam, por isso, a transição d'aquellas para estes.

(a) Talvez se possa considerar traducção deste conceito o seguinte distico, que se encontra na fonte da villa da Mealhada:

A carreira de seus dias o homem conte,
Que é mais veloz que o curso desta fonte.

---

compunha de 200 homens; a do segundo de 300, com muitos chefes, entre os quaes se achava Goiri, Langara e D. João Antonio Verástegui (o *Luqui*). Assim aproveitavam os pequenos respiros que lhes davam. Pouco maiores que fossem tomariam a offensiva.

Com effeito, La Torre resiste em Magia ao general christino, o barão del Solar, e faz a este prisioneiros 100 soldados de Chinchilla e 50 da guarda real de infanteria, e entre elles o capitão de infanteria Jacome. Ferido o amor proprio do barão, obstinou-se á entrar em Guernica, mas foi batido pelos carlistas, já fortificados nas casas.

Zumalacarregui recebeu em Miranda de Arga um officio da deputação de Biscaia, pedindo-lhe auxilio contra Sarsfield, que com 8:000 homens avançava como vimos, a Bilbau, com mais pressa do que o seu inimigo julgava.

Contra uma força tão respeitavel só podia oppor Zumalacarregui 1:200 combatentes, 300 destes sem armas. Comtudo não hesitou em acudir com o soccorro pedido, ainda que conhecendo o desgosto que produziria na sua gente o impedir-lhe o ir como tencionava á fertil Ribeira, de povoações ricas, donde poderia tirar os recursos necessarios. Ainda que essa mudança de tenção facilitava a deserção da sua tropa, e não querendo enganal-a, lhe dirigiu a palavra nestes termos:

«Navarros. A deputação de Biscaia, vendo proxima a perder-se a villa de Bilbau, principal joia do seu senhorio, vos chama a toda a pressa em seu soccorro. A Biscaia disse pelo orgão de seus representantes, que já sabe que sois poucos, e que em grande parte estaes desarmados, porem que tambem lhe consta que todos sois valentes, enthusiastas e mui decididos, e que vossa só presença bastará para infundir em seus filhos o sufficiente animo para vencer os inimigos que a ameaçam.

«Se depois de invocar deste modo o vosso auxilio, deixasseis de dar-lho, serieis, na verdade, pouco dignos da illustre patria que vos viu nascer; deste solo chamado por antonomasia o paiz classico da lealdade. Vossos mesmos paes, ao sabel-o, vos negariam para sempre o assento que antes tivesteis em suas casas.

«Não é mister, navarros, que me mostreis vosso corpo e vossos pés, porque com grande dor vejo que estaes meios nus e descalços. Porem acaso isto vos privará de vencer? Não o creio. Bilbau é uma capital rica; se a salvamos, alli tereis o necessario; a deputação m'o promette. Porque, pois, tardamos em ir? Animo, voluntarios, ás armas! Bem sabeis que o que soccorre de prompto, soccorre duas vezes.»

Respondida esta falla com os gritos unanimes de—*a Bilbau, a Bilbau!* mandou logo desfilar.

Naquella tarde chegaram os navarros a Villatuerta, sem faltar um. No dia seguinte pernoutaram em Alsasua, apesar do temporal.

Aqui se lhe apresentaram os fugitivos de Victoria no mais lastimoso estado. Zabala e Uranga appareciam nos montes de Santo Adrião. Todos levaram comsigo a consternação, e a diffundiram na Navarra. A magnifica prespectiva de hontem, estava hoje dissipada. O fogo da grande fogueira se converteu em fumo e cinzas.

A situação era critica, imminente o perigo, e a guerra se considerava concluida de facto. Um successo extraordinario, ou um homem grande, podia talvez fazer que renascesse a guerra. Não se deu o acontecimento, porem existia o homem.

Era Zumalacarregui. Contristou-se; porem não se abateu o seu espirito. O genio brilha nos momentos supremos com mais explendor: é o sol que luz entre as nuvens que encobrem o horisonte, e as dissipa para se ostentar magestoso.

Firme e sereno Zumalacarregui quando todos vacilavam aturdidos, sentiu-se forte, alentando com o seu exemplo. A subordinação e disciplina eram a base do seu plano. Sem outra vontade que a sua, prescreveu a cada um o cumprimento do seu dever; não necessitou impol-o.

Organisou os batalhões, e repartiu as 300 espingardas e 30 cargas de cartuchos que recebeu de Guipuscoa e Biscaia.

Reanimou-se o espirito de todos, e confiaram e esperaram todos de Zumalacarregui, agrupando-se em volta delle.

A' situação que creou Zumalacarregui contribuiram com o seu valor e conhecimentos D. Bruno de Villarreal, com a sua obediencia Amusquivar, com sua discrição Lardizabal, e Alzaa (D. José Francisco) com a sua activa cooperação. Todos levaram novos soldados a Zumalacarregui; todos se identificaram com elle em sentimentos; todos juraram novamente vencer ou morrer.

A Navarra era o centro principal da guerra, e Zumalacarregui o seu caudilho. A' junta de Navarra se uniram as deputações de Biscaia e Guipuscoa, e de commum accordo conferiram o commando em chefe a Zumalacarregui, participando-lho de Echarri-Aranaz, em data de 7 de Dezembro de 1833.

Sarsfield, depois de ter tomado em Pamplona posse do vice-reinado, saiu da praça em procura do inimigo. Pernoutou em Puente la Reina, ao mesmo tempo que Zumalacarregui occupava Dicastillo; e ao saber este a chegada do vice-rei, tratou de o esperar nas fortes posições que medeiam entre aquelle povo e Morentin; mas Sarsfield em vez de acudir aonde o esperavam, tomou o caminho mais largo, e foi a Estella.

Zumalacarregui dirigiu-se então aos povos da Solana, passou o Arga e marchou a Artajona. Sarsfield seguiu-o a Solana, entrou de novo em Puente la Reina, aonde soube a residencia do seu perseguido; correu em sua busca, e conheceu por fim, que depois de tanta actividade, e marchas e contramarchas, por espaço de dois dias, estava á mesma distancia de Zumalacarregui, e nos mesmos pontos que ao começar a sua pequena campanha. O chefe carlista estava outra vez em Dicastillo.

Sarsfield conheceu então o que ia ser a guerra, e se retirou para Tafalla, confiando o commando a Lorenzo, e regressando a Pamplona, para d'ahi não tornar a saír.

A retirada de Sarsfield do theatro da guerra, pouco ou nada favoreceu os carlistas; porem o que os prejudicou, foi a expedição que o conde de Ezpeleta, capitão general do Aragão, enviou a operar na Navarra, ás ordens de D. Marcelino Oraa, grande conhecedor do paiz. Unido a Lorenzo ambos se dedicaram exclusivamente a perseguir os carlistas até batel-os e aniquilal-os.

Zumalacarregui, que comprehendia não podia passar muito tempo sem um encontro, procurou conduzir manhosamente aos seus contrarios a um terreno favoravel, e havendo chegado ao valle de Berrueza, os esperou nas fortes e vantajosas posições de Nazar e Asarta.

Tinha Zumalacarregui confiança no enthusiasmo da sua gente, mas não em sua pericia; era bisonha, e comprehendo o que faz a inexperiencia militar, publicou este importantissimo bando:

«D. Carlos V, pela graça de Deus, rei das Hespanhas, e em seu nome D. Thomaz Zumalacarregui, commandante geral da Navarra, e em chefe das tropas de Guipuscoa e Biscaia. Faço saber a todos e a cada um dos individuos deste exercito, que desejando cortar os abusos que costuma haver, chegado o caso de um combate, se dictam os artigos seguintes.

«1.º Todo o voluntario, cabo, ou sargento, que voltar as costas ao inimigo, sem expressa ordem do que o estiver commandando, será privado nesse acto da vida.

«2.º Todo o voluntario, cabo, ou sargento, que no acto do combate profira as cobardes e alarmantes vozes, que nos cortam ...que vem a cavallaria...que não temos munições... e outras desta especie, soffrerá irremediavelmente a pena de morte.

«3.º Todo o voluntario, sargento, ou official que, quando lhe mandar o chefe accommetter á baioneta, não lhe obedeça, será passado pelas armas.

«4.º O official que tendo ordem de defender a todo o custo um posto o abandonar, ou não fizer a defeza possivel, soffrerá irremissivelmente a pena de morte.

«5.º Da mesma forma será julgado em conselho de guerra e se applicará a mesma pena, a todo o chefe que deixar impunes os delictos que se expressam nos dois primeiros artigos.

«Este bando se publicará á frente dos batalhões.—Quartel general de Nazar, 28 de Dezembro de 1833.— O commandante geral, *Zumalacarregui.*»

Ao amanhecer de 29 de Dezembro começou Zumalacarregui a ordenar a batalha; e ás 10 da manhã se deixaram ver até Etayo distante duas leguas, as tropas liberaes. O dia estava claro. Ao distinguir as tropas da rainha, exclamaram os carlistas com alegria—«*Animo, animo, rapazes! Já vem!*»— pondo-se a dançar e a cantar. Zumalacarregui, então, dirigiu aos navarros uma dessas proclamações, que escandecem o sangue e fazem desejar a luta.

«Navarros.—Vede ahi a horda revolucionaria que percorre os povos da Navarra e os assola. Vossos paes, filhos e irmãos ao soffrer tantas vexações, não os atormenta a dor, porque sempre vive em seu coração uma firme esperança de que hão de levar o castigo da sua maldade. Se hoje os não escarmentaes, a vergonha deve encubrir o vosso rosto ao apresentar-vos deante, uns de uma amada esposa, outros de um querido pae, ou de uns ternos filhos.

«Navarros, hoje é preciso que reverdeçam os laureis *immarcessiveis* que em tantas victorias tendes colhido. Seja o sepulcro dos impios este solo regado já com sangue delles outras vezes. Mais vale não existir, que existir levando escripta na fronte a cobardia. Todos os navarros tem preferido a morte á ignominia. Seremos nós menos? A nossa doce patria, mãe de tantos valentes, espera a liberdade de vossas baionetas. Não mereceis ser navarros, se hoje lha não daes.—Viva Carlos V.»

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Temos duas especies de alicanços. A *anguis fragilis* de Linneu, e a *amphisbæna cinerea* de Vandeli. A primeira é côr de cinza clara por cima, e escura inferiormente. Tem a facilidade de se partir em muitos pedaços, logo que sobre ella haja pressão. E' vulgarissima, e conhecida de toda a gente do campo.

Quanto á *amphisbæna cinerea*: — ella é menos vulgar, mais pequena, e as escamas são dispostas em fórma d'annel. A côr é de cinza escura. Como tem os olhos cobertos com uma escama, o povo diz que é cega: e a ponta da cauda muito grossa, dá logar a dizer que tem duas cabeças, uma em cada extremidade.

Não ha um unico herpetologista que diga que alguma destas especies é venenosa. Linneu diz que a *anguis fragilis* é innocentissima. No entanto o povo francez e egualmente o nosso, tem-as por venenosissimas!

O nosso povo fallando dos alicanços diz—«se a vibora ouvisse, e o alicanço visse, não havia gente viva no mundo.» Tambem ha quem diga—«se os surdos ouvissem como a vibora ouve, e os cegos vissem como os alicanços vêem, não havia surdos nem cegos no mundo.» São opiniões.

Concurso — Acha-se aberto concurso pelo espaço de 30 dias, a contar de 16 do corrente, para o provimento da egreja parochial do Espirito Santo de Lamas de Miranda, do concelho de Miranda do Corvo, bispado de Coimbra.

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Belmira, filha de Virginio Constante Ribeiro e de Eulalia Rosa da Silva Villela, natural de Coimbra, de 2 mezes e meio, fallecida no dia 12 de Abril.

Maria da Gloria, filha de José Bernardo e de Emerenciana Gonçalves Fino, natural de Coimbra, de 2 annos e 2 mezes, fallecida no dia 15.

Albina Ferreira Duarte, filha de Joaquim Ferreira e de Maria Cardosa, natural do Casal Cimeiro, de 27 annos, fallecida no dia 15.

Recemnascida, filha de Manoel Alves Pereira e de Maria de Carvalho, natural de Coimbra, fallecida no dia 16.

Joaquina Augusta das Neves, filha de Antonio de Oliveira e de Maria das Neves, de Oliveira de Frades, de 23 annos, fallecida no dia 16.

Rita de Jesus da Fonseca, filha de Manoel Braz, natural de Vizeu, de 88 annos, fallecida no dia 16.

Rita Candida de Menezes, filha de Domingos da Silva Menezes e de Maria Felicia, natural de Coimbra, de 77 annos, fallecida no dia 17.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—4:931.

Mercado de Coimbra no dia 21. — Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 520—Dito branco 480—Dito Celorico meudo 630— Dito graudo 520—Milho branco 335—Dito amarello 330 — Feijão vermelho 480 — Dito branco da marinha 460—Dito da terra 440—Dito rajado 400—Dito frade 380—Centeio 480 — Cevada 300 —Favas 380—Grão de bico 480—Chicharos 260—Tremoços 280 — Batatas 360— Azeite 1$150—Vinho da Beira 800— Dito da Bairrada 900 a 960.

Nova publicação. — Recebemos e agradecemos a seguinte publicação:

Os canalhas, anthitese á Canalha de Gomes Leal, por Catão Simões.

Noticias de Hespanha. — Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

Movimento carlista

Diz o *Imparcial* que parece não estarem inteiramente interrompidas as relações entre o general Cabrera e D. Carlos. Affirma a *Politica* que Cabrera, para prestar o seu apoio e o seu nome ao actual movimento exige que D. Carlos abdique, não em seu irmão D. Affonso, como se dizia, mas em seu filho D. Jayme, confiando-se depois a Cabrera a regencia do reino.

As forças carlistas de Tarragona, que passaram o Ebro, tentaram atacar Gandosa, mas foram rechaçadas pelos habitantes. O bando de Ayala foi dispersado em Peña de Mata el Puerco, pela guarda civil.

Dorregaray atacou, em 16, a villa de Oñate, defendida por miqueletes e voluntarios, os quaes repelliram energicamente os carlistas, que perderam 4 homens mortos e 16 feridos, entrando no numero destes o cabecilha Oscariz.

Dizem os jornaes que os carlistas tentaram incendiar varias casas dos arredores da cidade por meio de petroleo, o que não conseguiram por causa do fogo vivissimo que lhes faziam os voluntarios.

Asseguram a uma folha franceza que o filho de Garibaldi já passou em Narbona, caminho de Barcelona. Diz-se que o emprestimo carlista, aberto em Londres, já está todo subscripto.

Os 500 homens de Tristany foram surprehendidos e dispersos por uma columna de caçadores da Havana. Perderam 3 mortos e 2 prisioneiros.

Em Cadiz acham-se 221 prisioneiros carlistas. Em Astigarraga apresentaram-se 200 carlistas que os voluntarios de Hernani e os de Lasarte bateram, depois de duas horas de fogo.

O Lesca estava com 300 homens em Apellaniz e Eguileta com 80 em Adzaneta. Os srs. Martinez, Viñalet, Elio e Estrada, compõem um conselho supremo, que D. Carlos consulta em todos os assumptos mais importantes. Os cabecilhas Canseco e Bedos foram presos em Taboada, em casa de Dona Pilar Somoza.

Madrid, 19, ás 5 h. e 15 m. da t.—Cerca de quinze artilheiros deixaram Madrid e formaram uma guerrilha carlista nos arrabaldes. Os republicanos estão descontentes com a attitude da commissão permanente. Sorni será o unico que hade assistir á reunião de ámanhã.

Mais noticias de Hespanha. — Lê-se no mesmo jornal o seguinte:

Movimento carlista

O governador de Bilbau participou que nas cercanias de Alonsetegui foi fuzilado um voluntario da republica da companhia de Deusto. A partida de Quico fez fogo sobre o comboyo de Barcelona a Tarragona, fazendo-o descarrilar e tirando 600 duros ao pagador da guarda civil. Em consequencia do Quico ter ameaçado os empregados da linha, de os mandar fuzilar, caso continuasse a circulação dos trens, esta foi suspensa.

Chegaram a Burgos 11 carlistas prisioneiros do combate de Neila contra a partida do cura de Ayala. A linha de Tarragona a Valencia foi cortada. O bando de Polo foi batido nas immediações de Castell de Cotos. O coronel Castillo alcançou em Ascarate as forças de Ollo e Dorregaray, fazendo-lhes 4 mortos.

Na noite de 13 uns 40 carlistas, commandados por Pino e outros, penetraram em Pina, exigiram a contribuição e levaram sete habitantes presos. O cobrador de contribuições de Cabezon de Liebana foi surprehendido por 11 carlistas armados, os quaes o obrigaram a entregar a quantia de 13:900 reales.

Diz um telegramma de Perpinhão que em Arenys de Mar, o filho de D. Henrique de Bourbon, á frente de uma numerosa partida, deteve um comboio obrigando-o a voltar a Gerona. Apresentaram-se ao indulto, em Huesca, dois carlistas da partida de Gargallo, bem montados, armados e equipados.

O trem que saiu no dia 16 de Reus para Falset foi detido por 200 carlistas, que depois de revistarem o trem o deixaram seguir sem molestarem os viajantes. Valles á frente de 600 infantes e 60 cavallos estava entre Vimbodi e la Espluga. Este cabecilha esteve no dia 13 em Baeta, e á sua entrada os liberaes fortificaram-se na torre da egreja, mas 14 delles, não tendo tempo para alli chegarem, encontraram-se com os carlistas, com quem se bateram, sendo victimas 7. Os que estavam na egreja foram atacados, mas defenderam-se, e Valles abandonou a povoação, depois de queimar algumas casas, sem que elles se entregassem.

Recrutamento. — Desde a data da publicação do decreto, inserido na folha official do dia 19, nenhum individuo apurado para o serviço militar no exercito ou na armada, qualquer que seja o contingente annual a que tenha pertencido ou venha a pertencer, poderá remir-se da obrigação do serviço, salvo por meio de apresentação de um substituto, que poderá effectuar-se, quer antes quer depois do alistamento do substituido.

Noticias de Lisboa. — O correspondente do *Progresso Commercial*, diz em data de 19 do corrente o seguinte:

«O embaixador francez nesta côrte participou ao sr. presidente do conselho que o governo de que é presidente o sr. Thiers conferira ao sr. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello a gran-cruz da legião de honra, não só como um testemunho de consideração pelo governo portuguez, mas como demonstração de apreço pessoal.

E' possivel que a opposição ataque por este acto o governo do sr. Thiers, que tem em alguma conta os meritos pessoaes do chefe do nosso gabinete.

—Assim como em Inglaterra tem produzido grande sensação o excessivo numero de naufragios succedidos em navios d'aquelle paiz, e se pediu ao governo que fizesse um inquerito, assim parece terem tambem actuado no espirito do sr. Nogueira Soares, engenheiro, os sinistros que se têem dado ultimamente na barra do Porto, e ácerca d'este assumpto acaba de escrever uma curiosa memoria que enviou á repartição competente e que será publicada no jornal da associação dos engenheiros.

O sr. Nogueira Soares apresentou umas tabellas curiosas do numero de navios entrados na barra do Porto durante os annos de 1871 e 1872, a sua tonelagem e outras indicações dignas de apreço.

Estas tabellas são precedidas de um relatorio sobre as obras da barra e sobre as causas que motivaram os naufragios, sendo entre ellas a falta de pericia, a imprudencia dos commandantes, o não se servirem os navios do rebocador, e outras emfim devidas ao estado do tempo.

Nas mesmas tabellas vem indicado o numero dos dias em que não houve movimento na barra.

—A'manhã diz-se que ha conselho de ministros e que nelle se resolverá a nomeação de contador da junta de credito publico.

E' de crer que o sr. ministro da fazenda se deixe impressionar unicamente do que lhe suggere a justiça e a honestidade.

CHARADA

Pertenço ás aves,
A's aves de preza,
Nenhuma das outras
Me tem com certeza. — 2

Quer queiras comprar,
Ou queiras vender,
Vai lá, acharás
Por onde escolher — 2

Se queres do *Porto*,
Se bebes *Madeira*,
Aqui ha de todo:
Olha a *cabelleira*...

José Maria Rosa de Carvalho.

LOGOGRIPHO

Premio para quem primeiro o decifrar

O Armeiro de Milão

Prazo 6 dias

6,1,2—Substantivo feminino.
4,3—Substantivo masculino.
6,4,5,6—Substantivo feminino.
1,1—Substantivo masculino.
3,2—Substantivo feminino.
1,3—Substantivo masculino.
4,4—Substantivo feminino.
5,3—Substantivo masculino.
2,4—Substantivo feminino.
2,1—Substantivo masculino.
2,1,5,6—Substantivo feminino.
4,1—Substantivo masculino.
6,2—Substantivo feminino.
6,3—Substantivo masculino.
6,4—Substantivo feminino.
1,3,2,4—Substantivo masculino.
6,2,2—Substantivo feminino.
Conceito—Substantivo feminino.

Pombal—*J. L. da C.*

LOGOGRIPHO

Dedicado ao meu amigo José Narciso Simões

Nome de mulher vulgar... 5,3,5,2
Botica de certo tem..... 4,7,4,2
Separa bem que sei cantar 4,2,1,2,3,5,7
Como eu sê tu tambem... 3,5,4,7
Ignoras d'homem novo ser, 4,3,5,1,7
Que são precisas no verão., 1,7,3,2,6
On'Asia, s'emprego me dão 4,2,5,3,7

O conceito resumido
E' de homem appellido
J. G.

ANNUNCIOS

Grandes alviçaras

1 PERDEU-SE no sabbado ultimo, de tarde, nesta cidade, um relogio e cordão de ouro. Quem o achasse póde dirigir-se a seu dono na rua da Moeda, n.° 42, que dará boas alviçaras.

AGRADECIMENTO

2 JOSÉ ANTONIO D'AMIL, Josepha de Jesus, Antonio Ribeiro e Maria de Jesus, agradecem, summamente reconhecidos com todas as pessoas da sua amisade, todos os obsequios que por estas lhes foram prestados por occasião da enfermidade e fallecimento de seu muito prezado irmão, marido, sogro e pae, Manoel Antonio d'Amil Beato.

Na impossibilidade de o fazerem de outra fórma, aproveitam este meio de cumprir com os seus deveres de gratidão, pedindo desculpa de qualquer falta em que involuntariamente incorram.

3 A DIRECÇÃO DO ASYLO DE MENDICIDADE agradece ao generoso e caritativo anonymo, que ha pouco tempo offereceu a este estabelecimento a quantia de 130$000 reis para comprar inscripções; e declara que foram compradas a 43,75, com os n.os 144:047, 144:048, e 144:049, importando proximamente na quantia acima designada.

LOTERIA DO CHARADISTA

4 PUBLICAÇÃO MENSAL dedicada aos charadistas e advinhões. Contém: charadas, logogriphos, enygmas, anedoctas, secção de correspondencias, etc., e offerece em cada numero

seis valiosos premios

que constam de magnificas obras ricamente illustradas; estão patentes na livraria Afra, rua do Ouro, 180 e 182.

Preço 100 reis. A' venda nas livrarias do costume.

PARA O RIO GRANDE DO SUL

5 A BARCA MINEIRA, sairá até fins do corrente mez; para o resto da carga, e passageiros, trata-se com Antonio Luiz Gomes Lima, rua do Principe, n.° 305—Porto, ou com Innocencio Peixoto Quaresma, praça de S. Bartholomeu—Coimbra.

6 EDUARDO DE OLIVEIRA LOPES DE MACEDO, dá lições de piano por casas particulares, e tambem afina pianos, tanto na cidade como fóra. Largo da Fornalhinha, n.° 2.

AGRADECIMENTO

7 FRANCISCO CORREA DA COSTA, de Poiares, em consequencia da gravidade da doença que padece, vem, por este meio, com sua esposa, Maria Emilia de Nascimento, verdadeiramente penhorados, agradecer a todas as senhoras, cavalheiros e mais pessoas, que se dignaram tomar parte na sua profundissima dor, prestando-lhes relevantissimos serviços, por occasião do passamento e funeral de sua querida e sempre chorada filha, Adelaide Amalia Correa da Costa, que o Altissimo chamou a si, no dia 5 do corrente.

Poiares, 18 de Abril de 1873.

8 MANUAL DE SINAS, ou verdadeiro oraculo das damas e cavalheiros, seguido da explicação facil dos sonhos e visões nocturnas, e maneira de cada um advinhar o seu futuro por meio de um baralho de cartas, augmentado com a linguagem e emblema das flores; obra necessaria aos namorados e curiosos. Vende-se por 120 reis, em Lisboa, na livraria de Bordalo, rua Augusta, 24—franco de porte para as provincias.

Aguas alcalinas gazosas das Pedras Salgadas (Villa Pouca de Aguiar.)

9 ESTAS AGUAS medicinaes, são empregadas nos mesmos casos das de Vichy e Vidago; são mais ricas na sua composição chimica, e dos melhores effeitos therapeuticos.

Vendem-se em Coimbra—Pharmacia Ferraz—Largo do Castello.

SEGUROS CONTRA FOGO

COMPANHIA TRANQUILLIDADE

Rua da Calçada, n.° 85

BAZAR

11 COMO EM RAZÃO do mau tempo não poude haver o bazar da sociedade Consoladora dos Afflictos no dia 30 de Março, segundo estava annunciado; fica transferido o referido bazar para os dias 27 de Abril e 1 de Maio. O local será no Jardim Botanico.

12 NOVA LEI DO SELLO e tabellas annexas, conforme a publicada no *Diario do Governo*.

Está desde já á venda na *Imprensa Academica*, Coimbra, rua do Carmo, 62.

Preço:—Cada exemplar 60 reis—12 exemplares 600 reis.

Os pedidos, acompanhados da importancia, devem ser feitos ao bacharel *Elisiario Casal*, Coimbra, rua do Carmo, 62.

Recebe-se a importancia em sellos; e o porte do correio é por conta da imprensa.

13 NO DIA 4 de Maio proximo, ao meio dia, se fará venda da casa e quintal aos Oleiros, pertencente ao Dr. José Adolpho Trony, em Coimbra, para pagamento de dividas, chegando a preço conveniente. A arrematação será feita na mesma casa.

ATTENÇÃO

14 ATE' ao 1.° de Maio deve chegar a Coimbra, vinda de Lisboa, uma modista com um lindo sortimento em genero modas, com especialidade chapeus, que promette vender pelos mais commodos preços, e venderá egualmente flores e toda a sorte de preparos para chapeus.

Logo que ella chegue se annunciará a sua morada.

Precisa-se allugar uma casa no bairro alto, que tenha pelo menos 4 quartos, casa de mesa, cozinha e sala. Quem tiver dará parte até ao 1.° de Maio, na redacção deste jornal.

Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense

15 NAS FABRICAS d'esta companhia admittem-se *tecedeiras*, com o jornal de 120 rs. por dia, e trabalhando d'empreitada podem tirar uma feria superior a 300 rs. Em Lisboa, escriptorio, rua dos Fanqueiros, n.° 135, 1.°, ou nas fabricas, rua de S. Joaquim, n.° 8, ao Calvario, se dão todos os esclarecimentos.

Os directores,
Isidoro Thomaz Moura Carvalho.
Francisco José Ribeiro.

VENDA DE BENS

16 NO DIA 27 do corrente, por 10 horas da manhã, ás portas da loja do sr. Ricardo Antunes de Macedo, em Samsão, se vendem em praça particular, se houver lanço favoravel, os bens seguintes, pertencentes aos herdeiros do padre Antonio dos Santos Caria.

Uma quinta com boas casas de habitação e um olival annexo, sita na Cumeada, aros desta cidade, tudo arrendado com excepção do azeite, por 99$000 reis annuaes.

36 aguilhadas de terra no campo de S. Silvestre, em 3 lotes, sendo um de 18 e dois de 9; tem rendido sempre 120 alqueires de milho e quatro ditos de feijão, annuaes.

ESTABELECIMENTO
De vidros e louças nacionaes e estrangeiros

Praça de S. Bartholomeu 101 a 102

17 J. J. RODRIGUES DE SOUSA, acaba de receber um variado e completo sortimento de louças e vidros, que vende por preços commodos; e como maior novidade, tem á venda os seguintes objectos.

Apparelhos para chá, inglezes e francezes, de 4$500 a 12$000 rs.

Serviços completos para lavatorio, de reis 2$400 a 7$000 rs.

Serviços de mesa inglezes, para 12 pessoas, de 20$000 e 22$500 rs.

Jarros e bacias pintados de 1$000 reis a 2$250.

Galheteiros de 2, 3 e 4 vidros, de 650 a 2$500 rs.

Escarradores de louça e de vidro de 240 a 700 rs.

Vazos para flores (o par), de 200 a 6$000 reis.

Castiçaes de vidro, brancos, de côres, e prateados (o par), de 480 a 2$250 rs.

Pratos para forno (louça amarella), de 80 a 360 rs.

Bacias de cama, brancas, pintadas e esmaltadas, de 240 a 1$200 rs.

Paliteiros de vidro e de louça, de 100 a 600 rs.

Chavenas e pires de pó de pedra, para chá e café, pintadas e esmaltadas (duzia), de 960 a 2$250 rs.

Chavenas e pires de porcelana para chá e café, esmaltadas e douradas (duzia) de 2$400 a 6$500 rs.

Chavenas e pires para almoço de 150 a 300 rs.

Tigellas para caldo de 150 a 320 rs.

Jarras para flores, de porcelana dourada, e de vidro coalhado (par) de 200 a 4$500 reis.

Encontra-se tambem á venda no mesmo estabelecimento caixilhos de madeira dourada e envernisada (e fazem-se de todas as dimensões que quizerem.)

Alvaiade moido a 250 rs. o kilogramma, e faz-se abatimento a quem comprar barricas de 25 kilogrammas do mesmo **alvaiade.**

Cerveja nacional e ingleza.

Latas de **tintas** de diversas côres, marca de Peacock & Buchans, de 500 grammas, a 180 reis.

Ditas de 1500 grammas, 540.

Vidraça ordinaria sem retalho, a 120 reis o kilogramma.

Chaminés ate n.° 8, a 70 rs.

NOTA

Alem destas fazendas ha um sortido completo de objectos de cristal liso e lapidado.

Satisfaz-se com promptidão ás encommendas de vidraça, e toma-se conta de qualquer encommenda para as fabricas nacionaes.

ARRENDAMENTO DE CASAS

18 ARRENDAM-SE do proximo S. Miguel em deante, as casas do largo de S. João, em que tem habitado a familia do exm.° sr. Francisco Cabral, e que em outro tempo foram Aljube. Quem as quizer falle com Miguel Antonio, na rua do Loureiro, 15.

Queijo flamengo

Superior qualidade.

Calçada n.° 85 a 91

NUMERO 2687 — SABBADO 26 DE ABRIL DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A politica opposicionista torna-se cada vez mais incomprehensivel e indefinida.

Quem ler os jornaes adversos á situação e meditar attentamente nos seus arrazoados, reconhece toda a verdade do que muitas vezes temos aqui asseverado.

Não transluz das suas declamações ruidosas um som harmonioso, ou uma ideia definida de administração publica; um pensamento robusto de alcance governativo, ou um systema politico, que offereça mais e melhores garantias sociaes.

A sua sciencia não substitue reformas, não indica planos, nem apresenta medidas. A sua eloquencia não persuade; a sua logica não convence; o seu exemplo não converte nem moralisa.

E' sempre a molle confusa de sombras, na qual se destaca apenas a ambição do poder que a inquieta, que lhe perturba o espirito e atraiçoa a consciencia.

Combate com as armas ferrugentas de uma rhetorica estafada. Arremeça a injuria, ataca a moralidade para desacreditar as intelligencias honestas; semeia a descrença para colher desenganos.

Das suas palavras escorre sómente o fel da ironia, pungente e acerba, contra o governo, que teve a ousadia de contrariar cynicos manejos, e de se conservar nas cadeiras ministeriaes, em presença da tempestade ameaçadora dos despeitos.

Os tribunos da opposição, que vêem frustrados todos os seus torpes intentos, tomaram a posição olympica dos deuses irritados. Empunham o tridente de Neptuno, com o qual julgam metter a pique a náu da governança; dardejam o raio de Vulcano, para ver se conseguem amedrontar o paiz.

Poderão até evocar a durindana de Marte, que a opinião sensata e illustrada segue outro rumo.

Os desvarios da opposição estão creando adeptos ao governo e á situação.

Com um tal procedimento podem todos os Catilinas bater as portas de Roma, que provavelmente não lhes serão abertas.

Na quarta feira foram á egreja de Santa Cruz as creanças do Asylo da infancia, com as empregadas e a maior parte dos membros da direcção, ouvir uma missa, por alma da exm.ª sr.ª D. Maria do Loreto Osorio Cabral Pereira de Menezes.

Hontem tambem os pobres do Asylo de Mendicidade foram á mesma egreja, ouvir uma missa com egual intenção. Assistiu a este acto religioso a direcção do Asylo.

O definitorio da Veneravel Ordem Terceira resolveu mandar celebrar uma missa cantada, em dia proprio, por alma da mesma illustre senhora.

NOTICIARIO

Os jesuitas apreciados por José Agostinho de Macedo.— E' bem sabido quanto o celebre padre José Agostinho de Macedo foi panegyrista do absolutismo e do governo de D. Miguel. O que, porem, muito poucas pessoas saberão, é que este furioso defensor do *altar* e do *throno* tinha sido anteriormente um atrabiliario detractor dos jesuitas.

Não é mau saber-se isto, para se avaliar a boa fé do defensor de D. Miguel e do seu systema de governo.

Depois de Junot entrar em Portugal, vendo-se o povo opprimido, começou a suspirar pela sua libertação, e acreditava em tudo que o podesse livrar do estado lastimoso em que se achava. Muitas pessoas credulas principiaram em Lisboa a renovar a estupida crença da vinda de D. Sebastião, esperando que elle expulsaria do reino o exercito francez.

Esta crença deu logar a episodios de um ridiculo immenso, e a publicação de renhidas polemicas, que foram motivo de grandes inimizades entre os seus auctores.

Contra aquellas crendisses publicou o padre José Agostinho de Macedo em 1810 um folheto, com o titulo de — *Os Sebastianistas*. Nelle se lê de paginas 41 até paginas 43 o seguinte:

«A historia do mundo não nos aponta uma só revolução tão justa, tão necessaria, e tão conveniente como a nossa de 1640. Os mesmos reis de Castella se não deviam queixar, nem admirar. Que coisa mais natural que quererem os portuguezes um rei portuguez? Que coisa mais natural, que irem buscar aquelle principe, que mais direito tivesse á corôa portugueza? E que outro principe nacional podia ser mais proximo successor do cardeal rei que o duque de Bragança? Elle era o legitimo herdeiro, como neto da senhora D. Catharina filha do infante D. Duarte, e neta d'el-rei D Manoel.

«Este direito de successão é victoriosamente demonstrado e provado por Antonio Paes Viegas, por Antonio de Sousa de Macedo em gravissimos tratados, que andam pelas mãos de todos. E é coisa bem digna de se notar, que, escrevendo tanto os jesuitas, não appareceu obra sua, que demonstrasse a legitimidade da successão: contentaram-se com as trovas, que forjaram debaixo dos suppostos nomes, attribuindo o dom de profecia a Gonçalo Bandarra, e a outros taes de capa em colo, artificio baixo, ridiculo, indigno da santidade e magestade da religião, e só capaz de attrahir, e captar os suffragios da plebecula, e da multidão indouta, *e tudo para dominarem na multidão com o sceptro do fanatismo, e da superstição, conduzindo e palliando desta arte as suas occultas tramas e machinações, que tanto cuidado deram depois á augusta casa de Bragança, como vemos por monumentos authenticos em o reinado do senhor rei D. José de feliz memoria,* **augmentando todos os dias os justos motivos para a sua extincção em todos os reinos da Europa,** *e obrigando o immortal Clemente XIV, a passar a famosa bulla de sua aniquilação*

«Perdoe-se a seguinte digressão.— Dirão alguns que me mostro muito azedo a respeito de jesuitas, corporação tão respeitavel; nada tenho com elles, eu nasci muitos annos depois da sua extincção, mas sempre digo que, instruido a fundo, e muito de proposito na historia jesuitica, e lendo sempre o pro e o contra, desde as Cartas de Pascal até á *Deducção Chronologica*, **me parece que se não devia aturar uma congregação de soberbos, egoistas, perturbadores e oppressores do povo**, a troco de apparecer entre elles um orador como Bourdalue, um poeta como Vaniere, um chronologo como Petau, e um mathematico como José Boscovik; *entre nós nada avulta do que escreveram*, apenas os dois redactores da *tenebrosa* philosophia de Aristoteles, Sebastião

---

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLIV

D. CARLOS

IV

Lorenzo e Oráa ordenaram as suas forças, fallaram-lhes, e accommetteram o inimigo com impeto e arrojo. Resistiram valentes os carlistas, e depois de queimar o ultimo de seus escassos cartuchos e de fazer varias vezes uso da baioneta, foram por fim vencidos, perdendo as suas brilhantes posições. Perseguidos sem descanço, correram a Santa Cruz de Campezu, passaram o Arquijas, formaram os batalhões com rapidez, e foram todos descançar a Oteo.

Quasi estiveram equilibradas as forças nesta acção de Nazar e Asarta, memoravel pelo acerto com que foi por uns e outros sustentada, e pela bizarria de todos. Teria ficado indecisa, se os 3:000 carlistas que combateram, tivessem estado armados e municiados como os seus vencedores.

Todos se achavam possuidos do maior enthusiasmo: os gritos de Isabel II e de Carlos V, alentavam a uns e outros combatentes; todos pelejaram com valor, como hespanhoes, e de todos correu sangue em abundancia, sendo menor o dos carlistas.

Os generaes da rainha comprehenderam que tinham a tratar com um inimigo respeitavel, e os carlistas confiaram em si mesmos, esperando vencer quando estivessem mais adestrados na peleja.

Zumalacarregui não ficou descontente da sua tropa: moralmente deu importancia á sua causa este feito d'armas, do qual foi descançar dois dias á Amezcoa.

Em quanto isto succedia na Navarra, o principado da Catalunha tinha secundado o grito da sua visinha. Com a insurreição catalã tratou de encadear-se a do Aragão, Valencia e Murcia, aonde D. Manoel Carnicer, Quilez, Miralles (o *Serrador*), e outros, se pozeram á frente de pequenas partidas, que não fizeram ao principio senão correr para salvar-se, obrando sem plano, nem outro ponto de apoio que a fragosidade dos montes; porem o conhecimento do paiz, no qual haviam guerreado, e o seu enthusiasmo pela nova causa que abraçaram, lhes valeu de muito. Assim se viu a Carnicer, antigo official da guarda, companheiro de Capapé (o *Royo*), apresentar-se só com 22 homens deante de Morella para decidir o seu pronunciamento, retirando-se unicamente pelo conselho dos amigos que tinha naquella praça. Mas estes lhe offereceram que seria de D. Carlos, e o cumpriram.

Achava-se governador de Morella, D. Carlos Victoria, o qual, decidido pela causa carlista, tirou da praça a parte da guarnição que entendeu não se prestaria aos seus desejos, encommendando-lhe a perseguição de partidas, e proclamou o pretendente, cedendo o commando ao barão de Hervés, de maior cathegoria e de prestigio no paiz.

O pronunciamento de Morella alentou os carlistas: a importancia do ponto a merecia, Hervés officiou a todos os povos do partido, para que se lhe apresentassem os realistas e moços uteis; abasteceu a praça, que tem fortificações verdadeiramente inexpugnaveis, organisou as recrutas que iam obedecendo ás suas ordens, e se preparou para a defeza, demonstrando em tudo isto uma actividade e inergia extraordinarias.

Entre os que voluntariamente se apresentaram em Morella, o fez um mancebo de Tortosa, de 26 annos, orfão de pae, tonsurado ha tempo, e que em vez de marchar para Barcelona, para onde era desterrado, correu ás armas, com a esperança de que—*seu nome faria ruido no mundo*. Na sua resolução, na robustez do seu corpo, na inquietação de seus expressivos olhos e na activa impaciencia do seu caracter, demonstrava que havia de ser, quando menos, um bom soldado. Deram-lhe uma arma, e foi aggregado ao batalhão de Vinaroz, que commandava Covarsi.

Este voluntario era D. Ramon Cabrera.

Ao saber Hervés que o governador de Tortosa, D. Manoel Breton, vinha á frente de

de Couto e Manoel de Goes em o chamado Curso Conimbricense; por isto, e por quatro subtilezas dos sermões de Vieira, *indignas da magestade dos mysterios e da moral christã*, **não se devia supportar o peso desta especie de maçōes, que enredavam os povos.»**

Este folheto do padre José Agostinho de Macedo foi causa de que no mesmo anno de 1810, João Bernardo da Rocha, e Nuno Pereira Pato Moniz, publicassem a—«*Refutação analytica do folheto que escreveu o reverendo José Agostinho de Macedo, e intitulou*—«Os Sebastianistas.»

Em replica a esta refutação de Rocha e Pato Moniz, publicou logo no mesmo anno o padre José Agostinho de Macedo a —«*Justa defeza do livro intitulado:*— Os Sebastianistas.»

E ainda no mesmo anno publicou José Agostinho de Macedo a *segunda parte* do seu folheto – *Os Sebastianistas*.

Nelle diz Macedo, de paginas 91 até 96 o seguinte:

«O mundo está cheio de livros contra os jesuitas, desde a sua origem até á sua extincção. Isto é inegavel. Homens respeitaveis por caracter, por santidade, por doutrina, escreveram contra os **malvados jesuitas**, causa de tantos males. Os tribunaes de todas as nações, onde existiram, os parlamentos da França catholica, da França illustrada, *condemnaram todos*, **e enforcaram alguns;** os processos existem. Os soberanos da França, de Portugal e de Hespanha *os expulsaram*. O pontifice Clemente XIV *os extinguiu*. A bulla deste pontifice, dirigida ao cardeal Malvezi, legado de Bolonha, *os manda prender, sequestrar, exterminar*.

«A historia do affectado reino do Paraguay, os faz *abominar por todos os povos*, quando se viu *um calças d'aquelles feito rei Nicolau I, com artilheiros allemães a seu serviço*. Elles *arruinaram as Universidades*, foram causa da *decadencia da litteratura em Portugal*. A cadeira de Diogo de Teive foi substituida por um *roupeta asselvajado*. Ninguem podia saber senão aquillo que os jesuitas deixavam saber.

«A sua moral era *a mais corrompida*, foram convencidos de **regicidas: elles aguçaram os punhaes** de Jacob Clemente, de Ravaillac, de Thomaz Roberto, Francisco Damiens, tio de Robespierre, irmão de sua mãe. Por isto *foram punidos* João de Matos, João Alexandre, Gabriel Malagrida.

«Pascal, o profundo mathematico Pascal, o sublimissimo metaphysico Pascal, empregou o seu milagroso talento em os combater sem replica.

«A respeito da sua decantada litteratura, já disse no folheto—*Os Sebastianistas*—que tres ou quatro se distinguiram; e pode-se dizer, que estes não eram jesuitas, não sabiam nem entravam no *conselho das trevas*; o astronomo José Rogerio Boscovik, depois da companhia extincta, perguntou que era aquillo? Eu ainda lhe accrescentarei mais litteratos, não o *triste escolastico* Ignacio Monteiro, mas o grande, o incomparavel, o maximo literato João Baptista Roberti, que mereceu esta honra, 1.º dizer-se em Italia, que a sua existencia adoçava a saudade na morte do conde Francisco Algaroti: 2.º que o pontifice Clemente XIV mandasse por bulla especial, que se exceptuassem para com elle as clausulas da bulla da extincção, ordenando-lhe uma pensão pecuniaria do thesouro apostolico, em attenção á sua vastissima litteratura, raro merecimento, e conhecida virtude: e com effeito é um prodigio. E por isto se devia conservar um corpo, *que aspirando á monarchia universal, ia dando com tudo em pantana?* Um homem como este Roberti deve dar o imperio litterario exclusivamente aos jesuitas? E as outras corporações religiosas não valem nada? Ora cá em Portugal Egydio da Apresentação, não é mais que Soares Granatense? Em Italia Henrique Noris, não é mais que Roberto Bellarmino?

«Em summa, os jesuitas **eram pessimos**, porque o dizem os reis, os papas, os tribunaes, os sabios e os santos, *e mais que tudo a sua mesma conducta manifesta em tantos livros, tantos documentos, tantos tractados existentes, partos das mais doutas pennas.*

«Mas porque eu digo que os jesuitas *são máus*, berram os sebastianistas, e tornam a berrar, que os jesuitas são bons, e que eu falto ao preceito da caridade christã em os atacar, porque eram uns homens respeitaveis, sabios e santos; e dizem isto os senhores sebastianistas á face de um reino, *onde os jesuitas foram origem de tantas desgraças?* Onde existe entre innumeraveis livros uma *Deducção Chronologica*, que se não póde dizer que é obra da paixão, ou do interesse, porque toda ella, alem de não constar senão de factos publicos, e conservados todos na memoria dos homens, é documentada com monumentos existentes todos no real archivo da Torre do Tombo, nos mesmos armarios chamados jesuiticos. **Monstros na verdade preversos;** e eu me espantei sobremaneira quando vi em o primeiro volume das provas da mencionada *Deducção Chronologica*, que existia até um borrão original do jesuita Nuno da Cunha, que é o autographo da bulla attribuida a Clemente VIII, sobre a entrega do reino a el-rei D. Sebastião. E diz o presbytero correspondente do illm.º e exm.º *** *em cujas salas nunca entraram as minhas palavras*, que os jesuitas não foram os primeiros architectos do sebastianismo!

«Mas quero dar por um instante aos tresloucados sebastianistas, que é mentira tudo quanto se diz em todos os livros, em todos os decretos, e leis dos soberanos, e bullas dos summos pontifices a respeito dos **crimes dos pessimos** jesuitas, e que até as mesmas cartas de Pascal são uma solemne impostura, e que nada do que diz este homem raro se encontra em os livros jesuiticos. Digam-me senhores sebastianistas, tambem será falsa e maliciosa, e apocripha a carta da rainha D. Catharina, escripta a S. Francisco de Borja, em que lhe pede queira remover, e tirar deste reino o padre Luiz Gonçalves, confessor de seu neto o senhor rei D. Sebastião, porque o deitava a perder, e fomentava impias divisões, e partidos entre os vassallos? Carta verdadeiramente enternecedora, e capaz de compungir os corações mais duros.

«Ora isto era na origem da mesma companhia, e que será depois que elles começaram *a deitar os bracinhos de fóra, e a apoderar-se dos confessionarios, dos principes e dos grandes, a dominar os povos, a tyrannisar a mocidade com o jugo dos seus chamados estudos!*»

Que tal é a apreciação dos jesuitas! E note-se que não é escripta por algum exaltado liberal. E' por **José Agostinho de Macedo**, o fanatico defensor do governo de D. Miguel; um dos maiores oraculos que tiveram os partidarios do *altar* e do *throno*!

+ A bandeira da inquisição de Coimbra.—Era feita a bandeira da inquisição desta cidade de damasco branco, e farpeada.

Tinha de um lado as armas da inquisição, compostas de uma cruz, um ramo de oliveira e uma espada; e do outro a imagem de S. Pedro de Arbués; tudo bordado em alto relevo de ouro, de muito preço. Nas pontas tinha cordões e borlas tambem de ouro.

A haste era feita de tubos de prata, tendo na ponta uma cruz do mesmo metal.

Quando pelo decreto das côrtes, de 31 de Março de 1821, se extinguiu o tribunal da inquisição, e se procedeu em seguida ao inventario do que possuia a inquisição de Coimbra, houve logo quem escondesse a mencionada bandeira; e tal foi o desapparecimento, que até hoje ainda se não poude saber com certeza o destino que teve. Só tem havido suspeitas.

Concursos.—A primeira lição do sr. Dr. Correia Barata, no concurso da Faculdade de Philosophia, versou sobre o seguinte ponto de Physica: *equivalente mecanico do calor, principios fundamentaes da theoria thermodynamica*. A segunda prova oral teve hoje logar, sobre o seguinte ponto de Botanica: *fecundação dos vegetaes, parthenogenese*. No dia 30 é a defeza da dissertação, e no dia 1 de Maio a prova pratica.

Os concursos da Faculdade de Medicina principiam no dia 28. São concorrentes os srs. Drs. Filomeno da Camara e Filippe Simões.

Queijos.—Tem affluido a esta cidade grande quantidade de excellentes queijos da serra de Estrella. Tem progredido muito este ramo de industria, e possuimos hoje queijos de producção nacional, tão bons e melhores que os estrangeiros.

Laranjeiras.—Os pomares de laranjeiras estão carregados de flor. E' delicioso passeiar junto d'elles, e respirar o ar embalsamado por este perfume tão agradavel.

Secretario do lyceu.—Foi nomeado secretario do lyceu desta cidade, o sr. Dr. José Joaquim Manso Preto.

Plantas de Africa. — Chegou ao Jardim Botanico da Universidade uma collecção de plantas africanas, vindas de S. Thomé. Infelizmente vieram pela maior parte em pessimo estado de conservação.

Museu.—O museu de Coimbra já possuia um exemplar de orangotango, e agora já possue tambem um *chimpanzé*, um dos macacos mais parecidos com o homem. Principalmente as orelhas, a face e as mãos são muito semelhantes ás da especie humana. Este curioso exemplar foi offerecido por um cavalheiro da cidade de Aveiro. O animal era ainda muito novo, e foi preparado pelo guarda do museu. Foi um presente valioso, porque em Paris não se comprava um exemplar de *chimpanzé* senão por alguns milhares de francos, e nem sempre o ha á venda.

No museu tambem não havia o castor, o ornythorinco, e outras muitas especies interessantes, que hoje já figuram nas suas collecções.

Senhor dos entrevados—Amanhã domingo, pelas 8 horas, sairá o Senhor aos entrevados da freguezia de S. Bartholomeu. Percorrerá as ruas dos Gatos, Calçada, e do Visconde da Luz, largo de Samsão, ruas do Corvo, dos Sapateiros e das Padeiras, Paço do Conde, ruas das Solas e das Rãs, e praça de S. Bartholomeu.

Mez de Maria—No proximo mez de Maio haverá na real capella da Misericordia a devoção do mez de Maria; sendo as despezas feitas á custa da mesa, dos empregados da casa, e de todas as pessoas que se quizerem associar a este acto religioso. No dia 30 do corrente haverá vesperas.

Remoção de presos—No dia 21 do corrente foram conduzidos desta cidade para o Porto, os seguintes presos, a fim de irem cumprir as suas sentenças:

Francisco Dias Coelho, casado, lavrador, natural d'Alfafar, comarca de Soure; condemnado em degredo perpetuo, por crime de morte.

José Simões do Moinho, casado, trabalhador, natural da freguezia de Podentes, concelho de Penella; condemnado em degredo perpetuo, por crime d'envenenamento na pessoa de sua primeira mulher, de que resultou a esta a morte.

José Francisco, casado, cesteiro, natural da freguezia de S. Joanninho, comarca de Santa Combadão; condemnado a 10 annos de degredo, por crime de morte.

José Francisco Chato Mapão, casado, pedreiro, natural de Mangualde; condemnado a 10 annos de degredo, por crime de morte.

Manoel dos Santos Ferreira, viuvo, trabalhador, natural d'Aveleira, freguezia de Lorvão; condemnado a degredo perpetuo, por crime d'envenenamento, praticado na pessoa de sua mulher, de que a esta resultou a morte.

José Simões de Abreu, solteiro, trabalhador, natural de Mortagua; condemnado a 3 annos de degredo, por crime de roubo.

Francisco Rodrigues, casado, trabalhador, natural de Mortagua; condemnado a 3 annos de degredo, por crime de roubo.

Joaquim Pereira, casado, serrador, natural da freguezia de Tresoi, concelho de Mortagua; condemnado a 3 annos de degredo, por crime de roubo.

---

600 homens a recuperar Morella, sairam forças ao seu encontro; e tomando vantajosas posições não longe da praça, disparou esta um tiro de peça em signal da aproximação dos liberaes, e se rompeu o fogo pelos atiradores de Breton contra os carlistas, que não responderam até ter aos caçadores da rainha a meio tiro de espingarda. Travou-se a acção com mais denodo do que era de esperar por parte de tropas bisonhas, que por fim correram a acoutar-se de traz dos muros da villa.

N'esta acção recebeu Cabrera o seu baptismo guerreiro, caindo de pavor ao ouvir as primeiras balas. Reprehendido pela sua cobardia, levantou-se dizendo: —«Tive medo, confesso-o; nunca havia ouvido sibilar as balas; porem daqui em deante se verá quem é Cabrera.»—E o cumpriu, batendo-se em retirada como um veterano, e conquistando o primeiro posto da milicia á frente dos muros da praça, cuja defeza havia de ser mais tarde um dos timbres da sua gloria, e o seu nome o titulo do seu condado.

Aproveitando-se Breton da victoria, e da divisão dos carlistas, sua rivalidade e ambição, sitiou a praça contra a qual dirigiu a sua artilheria. Hervés julgou prudente não continuar defendendo-a, apezar das suas forças serem maiores, e a evacuou favorecido pela escuridade da noite, acompanhado da junta e de 1:200 homens que levou a Calanda.

O sitiador, que fazia novos aprestos de sitio, soube com surpreza o abandono de Morella, e a occupou a 10 de Dezembro de 1833, arvorando sobre as ameias do castello o pendão de Isabel II.

Os fugitivos de Morella se acharam cortados em Calanda pela columna de D. Christovão Linares, inferior em numero á carlista. A disciplina das tropas da rainha decidiu a acção, depois de tres quartos de hora de um fogo mortifero, fugindo Hervés e a sua gente disseminada para Fons de Calanda.

Entre os prisioneiros o foi a esposa do barão e suas tres filhas. Isto o acabou de desalentar, e em vão tratou de infundir ás sua gente um animo que não tinha. Introduziu-se a discordia, estiveram a ponto de vir ás mãos, chefes e soldados, surgiram ambiciosas rivalidades pelo commando, e submettido a uma votação secreta, resultou ser acclamado Marcoval; porem se dispersaram os seus subordinados. Só Cabrera, que já era sargento, poude reunir 20 homens, que apresentou a Marcoval, o qual o nomeou nesse mesmo acto official, em premio da sua arriscada empreza.

Hervés vagueava ao mesmo tempo fugitivo, e a sua fatal estrella o conduziu a Mas de Barberizas, onde caiu prisioneiro, sendo fuzilado em Teruel a 12 de Janeiro de 1834, com D. Vicente Gil, commandante dos realistas de Liria. Quinze dias antes tinha soffrido egual sorte D. Carlos Victoria, o desleal governador de Morella.

Os ultimos dias de 1833 foram terriveis e desgraçados para as armas carlistas de Maestrazgo. Continuando as rivalidades dos chefes e a insubordinação dos soldados, se desvirtuaram emprezas como a de Cabrera em S. Matheus, occasionando inimisades e resentimentos, que deram em resultado a formação de numerosas partidas, as quaes debaixo do commando de uma só auctoridade intelligente e valorosa, teriam começado a obter as vantagens que depois conseguiram. Comtudo estas mesmas vicissitudes suscitaram a Cabrera, que de subordinado se mostrou superior aos seus chefes.

Entretanto que no fim do anno de 1833, assim proseguia a luta entre os liberaes e os carlistas, tambem em Madrid, o ministerio, presidido por D. Francisco Zea Bermudez, estava soffrendo uma forte opposição. Zea Bermudez, pretendia sustentar a dynastia de Isabel II, mas conservando as formas do governo absoluto. Isso era impossivel.

Teve, por tanto, de sair do ministerio, o qual foi recomposto, sendo nomeado ministro de estado, D. Francisco Martinez de la Rosa. Entraram mais de novo Garelly, Figueroa e Aranalde; e do ministerio anterior conservaram-se o ministro da fazenda D. Xavier de Burgos, e o da guerra D. Antonio Remon Zarco del Valle. É este o ministerio que deu á Hespanha o estatuto real.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Salvador Soares, solteiro, padeiro, natural da freguezia da Senhora da Paz, bispado de Alicante, em Hespanha; condemnado em 3 annos de degredo, por crime de roubo.

Joaquim de Figueiredo, casado, trabalhador, natural das Alhadas, comarca da Figueira da Foz; condemnado a 3 annos de degredo, por crime d'espancamento e ferimentos.

Outra remoção de presos—Hoje foram removidos desta cidade para Taboa, Francisco de Brito Militar, e Antonio d'Almeida, (o Carocho), casados, proprietarios, e naturaes de Varzea de Candosa. Vão alli ser julgados por crime de morte.

Fallecimento.—Na quarta feira falleceu o sr. José Joaquim Pessoa, proprietario e fabricante de louça desta cidade.

Ao seu filho, e nosso amigo, o sr. Adriano Augusto Pessoa, e a toda a mais familia do fallecido, damos os sentimentos por esta perda.

Chegada.—Chegou na quarta feira ultima a esta cidade, o sr. Cesar de Lacerda, e sua esposa a sr.ª Falco, actriz e cantora. São bem conhecidos, e vêem do Porto onde se demoraram fazendo parte da companhia do theatro Baquet.

O sr. Cesar de Lacerda, alem de ser um actor experimentado, é tambem auctor dramatico, e as suas producções foram sempre applaudidas nos principaes theatros de Lisboa e Porto, e no Brasil, onde o sr. Lacerda e sua esposa colheram bastantes palmas.

Trazem um variado reportorio e propõem-se dar no theatro Academico quatro espectaculos.

Trabalho calligraphico. — Vimos o excellente quadro, feito á penna pelo sr. Luiz Adelino Lopes da Cruz, e mais uma vez admirámos o primor com que o sr. Cruz exercita a arte calligraphica. O quadro, a que nos referimos, é como que um specimen da variedade de caracteres, que pódem ser empregados nas escriptas; e serve ao mesmo tempo de annuncio do professor.

Objectos de moda.—Chegou a esta cidade um representante da casa de modas do sr. Nuno Machado, de Lisboa. Traz magnificas collecções de objectos de moda para a presente estação, como chapeus para senhora e creanças, capas para theatro, chales, vestidos de lã, e lã e seda, faxas e cinturas para senhoras, vestuarios promptos para meninas e meninos, mantas e gravatas para senhora e homens, vestidos de percale, cabeções e punhos, lenços de seda, chapeus de sol, e muitos outros artigos de modas.

Recommendamos ás nossas elegantes a procura destes objectos da mais alta novidade, sendo todos vendidos pelos preços de Lisboa.

E' sufficiente garantia este mui acreditado estabelecimento, gerido por um filho desta terra, o já ser muito conhecido pelas principaes familias de Coimbra, que d'elle se surtem com objectos de moda; encontrando sempre no sr. Nuno Machado um perfeito cavalheiro.

No hotel do Caminho de Ferro, está o sr. Machado, representante da firma Nuno Machado & C.ª, de Lisboa, onde póde ser procurado todos os dias.

Passaros moscas—Estas aves são as mais pequenas e delicadas que se conhecem, e habitam as regiões mais quentes da America. As suas formas offerecem as côres esplendidas das pedras preciosas, o brilho e reflexo dos metaes e a graça e frescura das flores mais mimosas.

Estes passarinhos são conhecidos tambem pelos nomes de *colibris, chupameis* e *beijaflores*. No Perú chamam-lhes poeticamente *cabellos do sol*, alludindo ás côres brilhantes e reflexos dourados de sua plumagem. A especie mais pequena é do tamanho de uma abelha; e o mais bello de todos é o pequeno rubi, ou rubi da Carolina, que mereceu este nome, por ter o collo da côr desta pedra preciosa. Outras especies ostentam as mais bellas côres da esmeralda, do topasio, da ametista, da saphira, da granada, etc. O seu vôo é tão rapido, que é difficil conhecer o movimento das azas. O seu principal elemento é o nectar das flores. Conserva-se por muito tempo a belleza das côres destas aves, depois de embalsamadas, e as pennas são empregadas para enfeites e guarnições de vestidos e de quadros.

No museu da Universidade ha uma pequena mas curiosa collecção d'estas lindissimas aves, offerecida pelo sempre chorado monarcha o sr. D. Pedro V.

Os leques—Parece que o uso dos leques foi introduzido de Italia em França em 1575, no reinado de Henrique III. Antigamente empregavam-se no seu fabrico as pennas de pavão, abestruz, papagaio e de outras aves de côres mimosas. As senhoras traziam os leques adornados com a maior elegancia e riqueza, suspensos á cinta por meio de cadeias de ouro ou de prata. Nos tempos modernos usam-se mais pequenos, e emprega-se para os fabricar o papel, a seda, outros muitos tecidos, a madeira, os ossos, o marfim, a tartaruga, etc. Este artefacto tem seguido como outros enfeites os caprichos da moda, e tem chegado ao maior requinte do luxo e da elegancia. Paris exporta annualmente neste genero um valor de perto de 2 milhões.

O granito—Esta rocha ignea, d'aspecto cristallino e granular, abunda muito nas regiões montanhosas do nosso paiz, principalmente nas provincias do norte. É uma pedra de grande prestimo e utilidade para a construcção dos edificios e de muitos monumentos de architectura classica, tanto antigos como modernos. Nas ruas e predios da cidade do Porto emprega-se quasi exclusivamente o granito como material de construcção.

Uma das especies de rochas graniticas mais apreciada é a *syénite*, côr de rosa, muito frequente no Egypto, e que tem servido para a construcção das mais primorosas obras de architectura d'aquelle paiz. A celebre e preciosa columna corinthia, chamada *columna de Pompeu*, é construida com *syénite*.

Os granitos formam muitas vezes o esqueleto de grandes e asperas serranias, em cujas cumeadas se projectam em formas extravagantes, apresentando aspectos variados e pittorescos, que attraem e captivam a curiosidade dos viajantes. Estas rochas encerram muitos minerios metallicos, e produzem pela sua decomposição as argillas empregadas nas artes ceramicas, e areias que se aproveitam no fabrico das argamassas de cal. O granito compõe-se principalmente de quartzo, mica e feldspatho.

Fallecimento. — O nosso amigo o sr. José Ferreira Tunes, nos communica da cidade de Santos, no Brasil, o seguinte:

«Meu amigo, acabo de receber um desgosto bastante grande, pela morte, em resultado da febre amarella, de um rapaz, quasi nosso visinho, e talvez conhecido de v. E' o mestre que foi da philarmonica de Verride, e que pela Rainha Santa ahi foi tocar, sendo bem elogiado, segundo creio.

«Ha 5 mezes embarcou para o Brasil, e assim que chegou ao Rio foi contratado para aqui, para uma nossa philarmonica, estando a ganhar 90$000 reis por mez e casa.

«Em menos de 3 mezes fez progredir a sociedade a um ponto extraordinario. De 4 bandas de musicas particulares que aqui ha, esta nossa era a que estava na ordem do dia; em fim elle era de rara habilidade para a musica.

«Passado um mez depois de aqui chegar, casou com uma menina, modello de bondade, e filha de um nosso patricio. Não chegou a estar tres mezes casado. Deixou viuva, assim como viuva a nossa sociedade. Todos os socios lamentam a sua perda.

«Em razão de aqui andar a febre, os socios concordaram com muito gosto, e até ajudaram que se retirasse algum tempo para S. Paulo, clima muito saudavel; porem, nem lá poude escapar. A familia fez quanto podia para o salvar, sendo tratado por tres medicos; mas infelizmente tudo foi inutil!»

Mercado de Condeixa a Nova no dia 25—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 500—Dito mourisco 480—Milho branco 350—Dito amarello 340—Feijão vermelho 500—Dito branco 480—Dito rajado 420—Dito frade 400—Cevada 330—Grão de bico 400—Chicharos 320—Tremoços 280—Batatas 320—Azeite 1$140—Vinho 900.

Instituto. — Recebemos e agradecemos o n.º 11 do volume 16. Contém os seguintes artigos:—Platão, por J. F. Laranjo—Noções de geometria descriptiva, por José de Saldanha O. e S. — Embarcado no Mondego, poesia por Luiz Carlos—Sempre-noiva, chronica eborense por A. Filippe Simões— Inedito, sentença contra a prioreza do mosteiro da Annunciada de Lisboa, no anno de 1588 — Bibliographia e Actas das sessões do Instituto.

Bibliotheca universal—Publicou-se o 2.º fasciculo do excellente romance, a *Mascara vermelha*, original do sr. Pinheiro Chagas.

A empreza da *Bibliotheca universal* continua a merecer a protecção do publico, pelo interessante romance que está editando.

Nova publicação. — Recebemos e agradecemos as — *Duas palavras aos leitores das Farpas de* 1872, *por um Brasileiro*.

Errata—No artigo principal do numero passado, columna 2.ª, linha 13, onde se lê que o *deficit* no futuro anno economico será de 1:000 contos, deve lêr-se 1:055.

Noticias de Hespanha.— Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

Movimento carlista

Na tarde de 19 recebeu-se em Madrid um telegramma de Toledo, participando que uma partida carlista, composta de 22 homens, procedentes de Parla, cortaram a machado muitos postes da linha telegraphica de Madrid.

As forças de Saballs passaram em Ripoll e iam perseguidas por varias columnas. Em Paris corria a noticia de que muitos influentes carlistas se propunham a exigir a entrada immediata de D. Carlos em campanha. Chegaram a Cadiz 100 prisioneiros carlistas. Em Pamplona acham-se 37, e em Victoria 48. Os cabecilhas Victor Valenciaga, Agostinho Vicario e seu filho, solicitaram indulto ao governador de Logroño.

Em Venta del Escandalo, Toledo, pernoitou uma partida numerosa. Dorregaray, que se achava em Vera, desceu pela estrada de Irun ate perto de Endorloza e tomou a direcção de Navarra.

Diz o «Irurac-bat», que o homem que foi fuzilado pelo cabecilha Campo, como espia, era um calafate de Deusto, tido no seu sitio por carlista. Cucala percorre com a sua gente as margens esquerdas do Ebro, e esteve em Torre del Español com 140 homens bem armados e equipados. Diz-se que o chefe Lizarraga recebeu dois graves ferimentos na ultima acção.

O general Velarde mandou reunir em Solsona todas as forças militares da provincia de Lerida. Em Capellades, perto de Barcelona, esteve um bando de 300 carlistas, que exigiu um trimestre de contribuição. Perto de Senant estavam uns 900 e em las Planas 150.

Estão interrompidas as linhas ferreas de Barcelona a Gerona, Tarragona a Saragoça e Victoria a Irun. Dizem cartas particulares que, graças á actividade e acerto das providencias tomadas pelo general Velarde, está restabelecida a disciplina no exercito da Catalunha. Logo depois de Polo, com 50 homens, ter saido de las Parras, chegaram alli duas companhias do regimento de Granada, que sairam logo em perseguição da dita força, a qual alcançaram e obrigaram a dividir-se em pequenos grupos.

O brigadeiro Villa-campa participou de Vinaroz, que a partida de Ferrer estava em completa dissolução, restando na provincia de Castellon apenas dois grupos de carlistas, um de 40 e outro de 20 homens. O general Velarde marchou em busca das forças de Saballs, que estavam em San Quirce.

Uma partida de 300 carlistas incendiou a estação de Monasterio e interrompeu a circulação da linha ferrea. Os carlistas prepararam uma cilada em Monseny ao general Velarde, o qual se diz conseguiu livrar-se d'ella, com as suas tropas. Lizarraga com 330 homens sustentou durante algumas horas o fogo contra as columnas de Castillo e Loma.

Sahiram de Barcelona para Ripoll e Berga duas secções de artilheria montada.

Chegou a Cadiz entre uma leva de prisioneiros carlistas o famoso cura de Alcabon.

O major Tejeiro atacou em Fullela as forças de Cucala, Gargallo e Carnicer, compostas de 700 homens, desalojando-as da povoação.

Diz *La Verdad* que Lizarraga se apoderou de 800 espingardas que iam de Bilbau para os voluntarios de Eibar. Tambem affirma que Panera com mais de 800 homens e 50 cavallos esteve em Batea, e tendo-se os voluntarios encerrado na egreja, os carregou alli á bayoneta, fazendo-lhes vinte e tantos mortos.

Madrid, 24, á 1 h. da manhã. — (Despacho official.)—Hoje, que a commissão permanente havia de celebrar a sua reunião do costume, convocados, não se sabe por quem, reuniram-se na praça de touros e em alguns outros pontos varios batalhões da antiga milicia. Immediatamente appareceram á sua frente alguns officiaes e generaes dos que estão na 3.ª secção, em attitude rebelde. Muitos batalhões de voluntarios da republica, toda a força do exercito, demonstraram aos rebeldes a sua impotencia, e assim ás primeiras intimações e sem que se cruzasse um tiro, depozeram aquelles as armas, que foram recolhidas pelas forças affectas ao governo, o qual foi acclamado com enthusiasmo e unanimemente condemnado o procedimento dos rebeldes. A ordem é inalteravel e ha certeza de que não seja turbada em parte alguma. Não houve nenhuma desordem.

Madrid, 24, ás 11 h. e 30 m. da m.— Hontem á noite, pelas 11 1/2 horas, dois ministros, Salmeron e Sorni, foram convidar a commissão permanente da assemblea a dissolver-se voluntariamente, accrescentando que ella estava exposta a ver-se dissolvida pelo povo; ás 12 1/2 o conselho de ministros resolveu a dissolução da commissão permanente, considerando a sua continuação perigosa para a ordem publica. A «Gaceta» publicará o decreto hoje.

Ás 2 1/2 os voluntarios rodeando a casa do congresso, tentaram penetrar n'ella, irritados por permanecerem alli alguns membros da commissão permanente. Castellar, muitos ministros e outros personagens importantes acudiram e conseguiram manter a segurança dos commissionados. A's 4 da manhã a artilheria voltou ao quartel.

Corre o boato de que a municipalidade de Madrid será constituida hoje. O manifesto dos membros da minoria republicana pede ao governo energia e castigo para os promotores das intrigas e conspirações de hontem. A partida carlista de Lecca foi derrotada e dispersa.

Madrid, 24, ás 12 h. 50 m. da t.— A «Gazeta» publica o decreto, no qual, considerando a commissão permanente da assemblea, convertida pelo seu comportamento em um elemento de desordem e perturbação; considerando que contribuiu para provocar o conflicto de hontem pelas suas injustificadas pretensões, sem contar a participação directa de alguns dos seus membros n'aquelle conflicto; considerando etc.; declara a commissão permanente dissolvida, ajuntando que o governo dará conta do decreto á assemblea constituinte.

A charada do numero passado é—GARRAFEIRA.

O primeiro logogripho, posto a premio, é—PARANOMASIA.

O segundo é—NARCISO.

Quem primeiro nos apresentou a decifração do logogripho posto a premio, foi o sr. Virgilio Marão Pessoa. A elle entregamos o premio.

Foi mais o mesmo logogripho decifrado pelos srs. Catão Simões, Manoel de Jesus Pinto, João Eloy Nunes Cardoso, Joaquim Antunes dos Santos Cardoso, J. D. C. J., e sociedade *Charadicida Telegraphica*, todos residentes nesta cidade; e pelo sr. José Soares Conceiro, residente em Povoa de Lanhoso.

A charada e o outro logogripho foram decifrados por muitas pessoas.

ANNUNCIOS

ARRENDAMENTO DE CASAS

1 ARRENDAM-SE do proximo S. Miguel em deante, as casas do largo de S. João, em que tem habitado a familia do exm.º sr. Francisco Cabral, e que em outro tempo foram Aljube. Quem as quizer falle com Miguel Antonio, na rua do Loureiro, 15.

VENDA DE CASAS

2 VENDE-SE uma morada de casas com seu quintal ajardinado, sitas na rua do Corpo de Deus, sob o numero 36. Quem as pretender dirija-se a seu dono Antonio d'Almeida e Silva, morador no mesmo predio.

3 NO DIA 4 de Maio proximo, ao meio dia, se fará venda da casa e quintal aos Oleiros, pertencente ao Dr. José Adolpho Trony, em Coimbra, para pagamento de dividas, chegando a preço conveniente. A arrematação será feita na mesma casa.

CONTRA ANNUNCIO

4 JOSE' JACINTO DA SILVA, vendo o annuncio que o Dr. José Adolpho Trony faz no *Conimbricense*, para a venda de sua casa e quintal no Senhor dos Oleiros; previne o publico, que tal propriedade se acha penhorada pelo contra-annunciante, para pagamento de avultada quantia, que teve de pagar á fazenda nacional pelo referido Trony; e tambem se acha dada á penhora pela viscondessa de Santo Varão, na execução que o mesmo contra-annunciante move tanto á mesma senhora, como ao referido Dr. Trony.

Coimbra 23 de Abril de 1873.

5 O REITOR do Seminario Episcopal desta Diocese de Coimbra, vendo um annuncio no *Conimbricense*, n.º 2685, para a venda no dia 4 do proximo mez de Maio, de uma morada de casas, com seu quintal, junto aos Oleiros, pertencentes ao Dr. José Adolpho Trony, sem que nelle se declare o onus que paga; previne por isso aos interessados naquella compra, de que parte da casa e quintal é foreira á extincta collegiada de S. Thiago, hoje encorporada no mesmo Seminario, em 650 rs. em dinheiro e um capão annualmente; e que se devem fóros atrazados da mesma propriedade.

AGRADECIMENTO

6 JOANNA CANDIDA DE S. JOSE' BASTOS, summamente reconhecida de todos os obsequios, por muitas pessoas desta cidade, prestados a seu prezado e sempre chorado fallecido marido, José Bernardes Gallinha, tanto na sua longa enfermidade, como na hora do passamento e funeral, a todas agradece cordealmente, e a todas por este meio se declara devedora de eterna gratidão, pedindo desculpa de qualquer falta em que involuntariamente incorra.

Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense

7 NAS FABRICAS d'esta companhia admittem-se *tecedeiras*, com o jornal de 120 rs. por dia, e trabalhando d'empreitada podem tirar uma feria superior a 300 rs. Em Lisboa, escriptorio, rua dos Fanqueiros, n.º 135, 1.º, ou nas fabricas, rua de S. Joaquim, n.º 8, ao Calvario, se dão todos os esclarecimentos.

Os directores,
Isidoro Thomaz Moura Carvalho.
Francisco José Ribeiro.

FERIMENTO

8 NO DIA 23, pelas 4 horas da manhã, estando João Pinto na sua propriedade, no sitio do Lameiro, districto de Cantanhede, foi assaltado por um individuo, que com uma fouce lhe bateu nas costas por tal forma, que lhe cortou uma costella; e não ficando o malvado ainda satisfeito com isto, arremeçou o infeliz ao chão, pretendendo estrangulal-o, de cujo intento só desistiu, quando receioso de acudir alguem aos gritos que dava o dito Pinto. Desconfia-se que o perpetrador do attentado é um tal Francisco Maia, tambem de Cantanhede. Esperamos que a auctoridade faça a devida justiça.

Coimbra 24 de Abril de 1873.

VENDA DE BENS

9 NO DIA 27 do corrente, por 10 horas da manhã, ás portas da loja do sr. Ricardo Antunes de Macedo, em Samsão, se vendem em praça particular, se houver lanço favoravel, os bens seguintes, pertencentes aos herdeiros do padre Antonio dos Santos Caria.

Uma quinta com boas casas de habitação e um olival annexo, sita na Cumeada, aros desta cidade, tudo arrendado com excepção do azeite, por 99$000 reis annuaes.

36 aguilhadas de terra no campo de S. Silvestre, em 3 lotes, sendo um de 18 e dois de 9; tem rendido sempre 120 alqueires de milho e quatro ditos de feijão, annuaes.

AGRADECIMENTO

10 LEONARDO FERREIRA DA CUNHA, sua mulher e filhos, summamente agradecem ás pessoas da sua amizade, a parte que tomaram no fallecimento do seu querido e sempre chorado filho e irmão, Francisco Lucas Ferreira da Silva Cortesão, e a todos protestam o mais profundo reconhecimento.

11 NOVA LEI DO SELLO e tabellas annexas, ou carta de lei de 2 de Abril de 1873.

Está á venda na Livraria Popular, na rua do Visconde da Luz, n.º 104 a 106—Coimbra.

Preço:—Cada exemplar 40 reis—10 exemplares 300 reis.

Os pedidos devem ser feitos a José Correia d'Almeida Junior, vindo acompanhados do seu importe em sellos ou estampilhas.

Aviso aos socios da Associação dos Artistas de Coimbra.

12 A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL da Associação dos Artistas de Coimbra, reunida hontem, 22 de Abril de 1873, com a digna commissão nomeada para tratar dos trabalhos preparatorios do bazar, resolveu dirigir-se a cada um dos socios da Associação, pedindo-lhes o seu auxilio, para que o bazar dê os resultados proveitosos que a nossa sociedade urge e reclama.

Contamos, pois, com o auxilio valioso de todos os socios, pedindo a cada um uma prenda, além de todo e qualquer serviço pessoal, que cada um possa prestar, tendente a augmentar uma das principaes fontes (extraordinarias) de receita com que conta a nossa Associação.

Coimbra, em 23 de Abril de 1873.

O vice-presidente,
José Libertador de Magalhães Ferraz.

13 A CAMARA MUNICIPAL DE COIMBRA, tendo de mandar proceder á renovação dos covatos no 1.º leirão á direita, e no 2.º á esquerda da estrada do cemiterio da Conchada, na fórma do art. 16 do respectivo regulamento, avisa todos os que queiram remover para sepultura propria os restos mortaes alli depositados, ha mais de 5 annos, a fim de apresentarem n'esta secretaria seus requerimentos, dentro do prazo de 15 dias, a contar da data do presente, findos os quaes não serão admittidas reclamações algumas, e se dará cumprimento ao art. 17 do dito regulamento.

Coimbra, secretaria da camara municipal, 25 de Abril de 1873.

O escrivão da camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

Laranjada e limonada concentradas

14 CADA VIDRO contem o equivalente de 25 limões ou laranjas, e dá 40 limonadas ou laranjadas. Serve tambem para os usos domesticos. Preço do frasco 200 rs.

Vende-se na livraria Academica, na Calçada.

AGRADECIMENTO

15 JOAQUIM JOSE' DUARTE, penhoradissimo para com as pessoas que o obsequiaram e tomaram parte na sua dôr, tanto na doença, como pelo fallecimento de sua cara esposa, Albina Ferreira Duarte; e bem assim aos cavalheiros, que na egreja cantaram o *Libera-me*, e aos que a acompanharam á sua ultima morada; agradece por este meio a todos, visto que por falta de saude e animo, o não póde fazer pessoalmente tão cedo, do que pede desculpa; protestando seu eterno reconhecimento.

PARA O RIO GRANDE DO SUL

16 A BARCA MINEIRA, sairá até fins do corrente mez; para o resto da carga, e passageiros, trata-se com Antonio Luiz Gomes Lima, rua do Principe, n.º 305—Porto, ou com Innocencio Peixoto Quaresma, praça de S. Bartholomeu—Coimbra.

ASSOCIAÇÃO CONIMBRICENSE DO SEXO FEMININO

Março de 1873

Saldo que passou do mez antecedente	5:175$065
Receita neste mez	79$680
	5:254$745
Despeza	40$265
Saldo que passa ao mez seguinte	5:214$480

18 NO DIA 6 de Maio proximo, pelas 9 horas da manhã, perante o juizo de direito desta comarca, no tribunal judicial desta cidade, se hão de arrematar em hasta publica, na execução por multa, que a fazenda nacional move aos herdeiros de Manoel Jesus de Almeida, de Bendafé, os bens seguintes:

Um talho de terra com suas oliveiras, no sitio de Valle de Charrão—Um talho de terra com suas arvores, em Valle de Martim Joannes—Uma terra de secca, com oliveiras, no sitio da Milhariça—Uma terra com oliveiras, no sitio de Valle Vergado—Uma terra com oliveiras, no sitio do Moitinhal—Um bocado de terra de secca, no sitio do Cume—Um poizio no sitio do Cabeço—Um bocado de terra com arvores, no sitio do Cerrado—Um cerrado com oliveiras, no sitio do Valle de Regueira. Escrivão Santos.

19 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière**, aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchaqueca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

E ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de oda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid.—Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kilo 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; da appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desire Rahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2688 — TERÇA FEIRA 29 DE ABRIL DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Temos por varias vezes exposto neste jornal os perigos eminentes a que estão sujeitos muitos dos nossos compatriotas, a quem simplesmente o desejo de adquirir fortuna, em um curto espaço de tempo, tem levado a abandonar a patria, a familia e o lar domestico.

Seduzidos por falsas promessas de extraordinarios lucros, tem effectivamente deixado este clima benefico de Portugal um extraordinario numero de individuos, em demanda de uma felicidade fabulosa, que a realidade dos factos desmente, desde o momento em que os agentes deste novo trafico se apoderam das desgraçadas victimas da ignorancia.

Debalde a imprensa periodica tem feito ver as calamidades a que se expõem os que se deixam imbuir pelas falsas promessas dos deshumanos aliciadores, emigrando para paizes inhospitos e insalubres, onde as molestias epidemicas costumam fazer um avultadissimo numero de victimas.

Tristissimo, porem, tem sido o desengano para os povos durante estes ultimos tempos. O rigor do trabalho, o mau tratamento e as molestias proprias de muitas regiões do clima americano, para onde quasi exclusivamente todos os emigrados se dirigem, tem feito uma mortandade verdadeiramente aterradora na população adventicia.

A maior parte dos desgraçados, a quem a desventura arremessou ás paragens do Novo Mundo, durante estes ultimos tempos, ou foram victimas da sua imprevidencia, ou perderam a saude que lhes hade ser a amargura de toda a vida.

E' preciso que os povos pensem reflectidamente na realidade dos factos, e que a imprensa tome para si o encargo de os esclarecer em um assumpto, que, sendo de elevado interesse para o paiz, é sem duvida um dever de humanidade, e, como tal, um dos que mais deve preoccupar o espirito dos que comprehendem os deveres desta nobre instituição.

E não é só em Portugal que este assumpto está sendo objecto de reiterados estudos.

Problema complexo, impossivel se torna por em quanto a sua resolução definitiva. Os factos, porem, devem convencer os povos da verdade com que lhes temos fallado.

Alguns espiritos mais descrentes, ou meticulosos, pretendem demonstrar o facto da emigração pára fóra do paiz, pelo nosso estado de decadencia, ou pela falta de trabalho. Cremos que isto não é exacto.

Em muitas nações, e até nas mais florescentes, estamos observando a mesma tendencia dos povos, para adquirir fortuna em paizes extrangeiros, seduzidos com promessas de grandes lucros, que se não realisam por falta do cumprimento dos contractos, e porque o clima não deixa gozar por muito tempo da saude e robustez, indispensavel aos trabalhos, que a deshumanidade dos especuladores exige.

Na Inglaterra foi creada uma repartição especial de emigração, que tem a seu cargo regular este serviço, previnir e aconselhar os emigrantes em tudo que diz respeito aos seus interesses e aos da sua patria. E não obstante todas as precauções tomadas pelo governo inglez, a emigração neste paiz é feita em grande escala.

Os subditos inglezes, que no anno findo tinham emigrado para o Brasil, pediram ao governo deste imperio, que os mandasse transportar ao seu paiz, por isso que não podiam resistir ao trabalho que delles se exigia, e ás molestias que alli grassavam.

A Prussia, que antigamente entendeu dever auxiliar a emigração do seu paiz, com o fim de alli chamar mais tarde as fortunas grangeadas pelos seus subditos em paizes extrangeiros, concedia privilegios aos emigrantes. Hoje o governo, por intermedio do ministerio do commercio, procura obstar por todos os meios legitimos á extraordinaria emigração da Allemanha. Fez cessar todos os privilegios, e tracta hoje de estudar os meios de difficultar a sahida para fóra do paiz.

Nos ultimos dois annos a emigração de italianos para a America do sul, excedeu muito as estatisticas dos annos anteriores. Houve semanas em que só do porto de Genova emigraram para a America 1,700 pessoas, sendo uma grande parte das provincias napolitanas.

Um engajador austriaco levou comsigo o anno passado para os Estados Unidos 300 familias, que foram estabelecer uma nova colonia no Michigan; e como este muitos outros, que em todos os paizes se esforçam por convencer os povos a abandonar a sua patria, a troco de seductoras promessas.

O Canadá emprega todos os meios para chamar os colonos ás grandes emprezas industriaes que alli se projectam, mas que a falta de braços não tem deixado realisar em tão grande escala.

As estatisticas ácerca da emigração europeia no anno de 1872, dão-nos os seguintes resultados.

De Janeiro a Novembro haviam saido dos portos de Inglaterra 246,280 pessoas, sendo 122,401 homens, 74,040 mulheres e 49,839 creanças.

De 1 de Janeiro até ao dia 4 de Agosto emigraram para os Estados Unidos 184,576 pessoas, das quaes 78,386 vieram da Allemanha; e neste mesmo periodo do anno anterior emigraram 136,157 pessoas, das quaes 41,665 eram allemãs.

Do porto de Liverpool sahiram de

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLV

D. CARLOS

V

Deixámos Zumalacarregui no valle da Amezcoa, descançando da renhida peleja de Nazar e Asarta.

Depois de empregar uma habil estrategia, em que por varias vezes illude os chefes liberaes, consegue apoderar-se, por capitulação, no dia 27 de Janeiro de 1834, da fabrica real de Orbaiceta, defendida pelo coronel Bayona.

Resistiam com valentia os soldados a depor suas armas, que se não tinham empregado na defeza d'aquelle ponto, encommendado á sua bravura; e teve de lhes fallar Zumalacarregui, fazendo-o em termos tão comedidos e honrosos, que obedeceram. Uma peça de bronze, 200 espingardas, e 50:000 cartuchos, balas de peça, projectis, etc., que havia na fabrica, tudo serviu de muito aos carlistas.

A perda de Orbaiceta e o resultado dos movimentos de Lorenzo e Oráa, alarmaram ao general em chefe Valdez, que ao sabel-o correu precipitadamente desde Biscaia á Navarra. Sem deter-se, saiu de Pamplona á frente de uma divisão de 5:000 homens, com direcção a Lumbier, onde se achava Zumalacarregui, com uns 1:500 soldados, com os quaes se retirou para Domeño ao avistar Valdez.

Ardendo este em desejos de alcançar e derrotar ao seu contrario, que tanto havia crescido em ousadia, o seguiu por Lumbier, e pernoutou perto delle. Mas Zumalacarregui recebe, escripto em uma pedra, uma parte detalhada das posições que occupava Valdez, e em vista disso, deixa as muito favoraveis que tinha, temendo ser flanqueado, e se retira para Navascues, onde aloja commodamente a sua tropa. Continua a retirada mui vagarosa, e desejando encontrar uma posição vantajosa para fazer face ao seu inimigo, a acha em uma altura em frente de Huesa, a 3 de Fevereiro.

Sem poder dispor de muito tempo para combinar no plano acertado de batalha, principia Zumalacarregui por collocar a sua gente da maneira mais favoravel, e em poucas horas se tiroteavam as avançadas de uns e outros combatentes. Generalisou-se o fogo pela cordilheira e planicie, reconcentrando-se todo o ardor do combate no sitio por onde passa o rio e o caminho de Salazar; empregou Valdez a sua abundante reserva de refresco, e resistiu Zumalacarregui com bisarro empenho até anoitecer; porem vendo-se precisado a estender demasiado as suas forças para defender seus flancos, e falto de munições, não poude já resistir ao seu valente inimigo, que trepava correndo por elevadas montanhas, e cedeu o campo a Valdez, que o perseguiu na sua retirada, ainda que sem lhe causar grande perda.

Lisonjeado Valdez com a victoria, mostrou-se generoso com o vencido, recolhendo os feridos que este não poude levar, e recommendando-os ao parocho e regedor de Huesa, para que attendessem com o maior esmero ao seu curativo.

Sem parar, continuou perseguindo ao seu contrario, crendo que não lhe dando treguas, nem descanço, o dispersaria e aniquilaria; porem voltou Zumalacarregui á sua costumada tatica de illudir todo o encontro até fatigar o seu perseguidor, e o conseguiu em breve.

Aproveitando-se Zumalacarrequi de algum descanço que lhe deu Valdez, passou alguns dias em Navascues, proseguiu augmentando e organisando-se a sua gente, e tomou todas as medidas que julgou necessarias em beneficio da sua causa. Entre ellas sobresaiu a terrivel circular, que inaugurou um systema de horrores, de crueldade e de sangue.

«Commandancia geral de Navarra.—Decidido com todos os valentes navarros que estão ao meu cargo, a sustentar a todo o transe e defender os tão conhecidos direitos á corôa das Hespanhas do senhor rei D. Carlos V de Castella e VIII de Navarra, é chegado o caso na activa e sangrenta luta começada contra os governos revolucionarios que se oppõem a que brilhe o sol da justiça no throno que occupou o piedoso Recaredo e o santo Fernando, de ditar as medidas que até agora por contemplação com os povos se tem omittido; porem sendo as providencias dos inimigos obedecidas, em umas partes por temor e em algumas outras por malignidade; a fim de remediar um e outro, se previne por esta circular que, qualquer que falte aos artigos seguintes, terá o castigo que se marca irremissivelmente, e sem que se ouça desculpa:

«Artigo 1.º Todo o alcaide, regedor e mais membros de justiça, que circular ordens do governo revolucionario, como emanadas da intitulada rainha governadora, ou dos que defendam o seu partido, será passado pelas armas, e o mesmo os que fallarem em seu favor.

«Artigo 2.º Os conductores dos officios contendo as citadas ordens, escriptas ou impressas, que forem contrarias á defeza dos direitos d'el-rei nosso senhor, serão no mesmo acto em que se lhes encontrem e sem mais

Julho a Setembro 99 navios com emigrantes para os Estados Unidos, conduzindo 36,491 pessoas: para o Canadá 17 navios com 5,607, para a Victoria um, e pára a America meridional dois.

O numero total de emigrantes durante este perido subiu a 50,385, dos quaes 18,279 eram subditos inglezes e 5,104 irlandezes.

O numero de suecos e scandinavos que emigraram para os Estados Unidos, foi de 15,853, os quaes costumam sahir pelos portos de Inglaterra.

Estes apontamentos estatisticos são sufficientes para se conhecer até que ponto tem chegado a emigração nas principaes nações, devendo notar-se que quasi todos os emigrantes são levados para a America, para os Estados Unidos e para as regiões onde mais escaceia a população indigena.

Nos Estados Unidos ha pontos muito insalubres e doentios. Das proximidades do Mississipi, é oriunda a febre amarella, que dalli é exportada para o Brasil e para muitas outras partes.

Nova-York e muitas outras cidades, apesar do seu grande movimento commercial, são abandonadas por todas as pessoas, que podem dispor de alguns meios para se transportar durante a epocha em que aquella terrivel molestia estende pelas povoações o seu dominio devastador.

Desta forma a America está sendo o cemiterio da Europa.

Cremos que ninguem desconhece a extraordinaria mortalidade, que por estes sitios tem havido durante estes ultimos annos; e que muitos milhares de europeus tem sido victimas das molestias dominantes naquellas regiões. As listas officiaes de obitos publicadas pela imprensa, fallam bem claro.

Pensem os povos nestes resultados, para se não illudirem de futuro com esperanças de uma felicidade illusoria, que afinal se converte na desgraça de muitas familias.

Continuaremos.

CORRESPONDENCIA DE LISBOA

Lisboa, 27 de Abril de 1873.

Retomo o meu posto. Outros afazeres me impediram, de, ha trez mezes, desempenhar a missão que me impuz. E nada tem perdido o meu amigo com o meu silencio, porque, pelos jornaes viu o brilhante papel que a opposição desempenhou no parlamento, e o que, com applauso de dois partidos microscopicos, compostos de meia duzia de homens, vae desempenhando na imprensa.

Nunca se viu opposição mais desauctorisada e mais ambiciosa pelas cadeiras do poder. Pequena em numero, substitue este predicado — o principal — pela audaciosa arrogancia da desfaçatez e do cynismo, que em politica, sobretudo, pode conduzir uma nação ao mais desgraçado e deploravel abysmo. Inventou todos os pretextos, poz em pratica todas as chicanas, lançou mão de todos os meios, recorreu a todos os expedientes, intrigou, refocilou-se no lodaçal asqueroso de calumnias torpemente infames, e... de resto, não achou a incognita que procurava, e teve de denunciar-se imbecil e parva... a parva e imbecil opposição!

Os annaes parlamentares, meu amigo, jámais registaram despauterios e inconsequencias eguaes aos da ultima sessão legislativa. Comparando a opposição de hoje, á opposição de ha vinte e tantos annos, que differença! Que espantosa differença!

A de hoje impropera, calumnia — moços fogosos, irreflectidos — trata de enredar, e propõe-se impedir todos os melhoramentos uteis. É a mesma cousa, tanto na imprensa, como no parlamento. Nem admira que tal succeda, porque a inexperiencia politica de que dispõe a torna irreflectida e precipitada. A opposição de ha vinte annos, quando entre parlamentares distinctos, se contavam nomes distinctissimos, como Passos Manoel, José Estevão, Rodrigo da Fonseca, Cunha Sotto-Maior, barão da Ribeira de Sabrosa, e tantos outros, o que fazia ella? Combatia com argumentos, não chasqueava os adversarios. Era digna e decente, tanto no parlamento, como na imprensa, e não tratava, systematicamente, de impedir a realisação de melhoramentos, por que o paiz anceava.

E a opposição actual dá sempre mostras do que é e de que vale. Um jornal d'esta manhã, á falta de outros assumptos para aggredir o governo, diz:

«Chegou hontem de Lagos, a bordo do cahique *União*, um rapaz preso por desertor, isto é por se não ter apresentado em tempo ao serviço militar pertencendo á reserva. Vinha entre 3 soldados de infanteria 15 e fazia afflicção vel-o. Tinha endoidecido e chegado a tal ponto a sua loucura, que fôra mister vestir-lhe um colete de forças! *É mais uma victima da famosa lei do sr. Fontes, chamando a reserva ás armas.*»

O italico é meu. Ora aqui tem o meu amigo o crime em que incorreu o ministro da guerra. Se o sr. Fontes prevesse tal desgraça, decerto não chamava a reserva! Orçam por esta força todas as accusações da opposição.

Dizem tambem os jornaes da opposição, que o sr. ministro das obras publicas tenciona ir ao Porto, não com o fim de tratar de caminhos de ferro, mas com o fim unicamente de vêr se consegue arranjar uma candidatura n'aquella cidade em substituição da do sr. Rodrigues de Freitas. É menos exacta a noticia. O governo não promove guerra ao sr. Rodrigues de Freitas, que tem dado no parlamento provas de independencia de caracter e rectidão, não aggredindo o governo *por systema*, como o fazem os reformistas e historicos. Novo nas lides parlamentares, e distinctissimo lente da escola polythecnica do Porto, pode dar lições de seriedade e de cordura a muitos politicos velhos. Nem o sr. Rodrigues de Freitas tem politica propriamenre definida. Combate e louva, e não se sujeita a dictames de partido algum. Segue a sua consciencia recta, e toma a responsabilidade dos seus actos. Opposição como a sabe fazer o sr. Rodrigues de Freitas, não deslustra, engrandece o individuo.

— Asseveram os jornaes que não ha policia em Lisboa. Os mercadores da baixa quotisam-se para retribuirem a um homem que lhes ronde as portas durante a noute. O que é verdade é que os roubos se succedem uns após outros, com uma facilidade incrivel. Entretanto, se não ha policia, ou, se que a existe, é restricta e não pode desempenhar os deveres que lhe são inherentes, tratem de a augmentar, de lhe dar nova organisação, emfim, porque Lisboa não pode estar á mercê da gatunagem e da vadiagem. É caricato que os habitantes de uma cidade se quotisem para pagarem a uns homens que velem pelas suas fazendas e propriedades, quando ao governo compete olhar por este ramo de serviço, o mais importante de todos.

Com relação a policia. O meu amigo está ao facto dos motivos que originaram a demissão dada aos policias Antunes, e Castello-Branco. Eu não quero saber do funccionario, que abusou da sua posição para... delinquir. Delinquiram, pois, os policias alludidos, e bem andou o sr. governador civil demittindo-os de um serviço, que, depois de tal facto dado, ainda que o desempenhem com consciencia, não o podem comtudo desempenhar a contento de uma cidade, que porá em duvida o seu zelo pelo serviço de que estão encarregados.

Já foi entregue uma representação ao sr. governador civil, diz-se que *assignada por grande numero de cidadãos*, pedindo a readmissão dos dois policias. Eu penso que o sr. governador civil, embora tenha bastante vontade de satisfazer ao pedido dos signatarios, não o pode moralmente fazer, porque iria de encontro á boa disciplina, que deve ser mantida n'um corpo de policia. Nem se diga que a boa policia perde com a saida dos dois individuos. É um argumento absurdo, que nada colhe, e dispõe em desfavor da pouquidade dos argumentos apresentados.

Lastimo a posição dos homens, posição a que foram levados pela irreflexão. Isso é outro caso. Mas readmittidos no corpo de policia, d'onde foram expulsos, isso é que não pode, nem deve ser.

— Diz-se que os srs. visconde de Monserrate compraram o convento dos capuchinhos da serra de Cintra.

— Vae hoje pela decima segunda vez á scena o *Segredo de uma dama*. Tem dado boas enchentes ao theatro da Trindade.

— Vae tratar-se de organisar uma companhia, para pôr de novo a trabalhar a conhecida fabrica de fiação e torcedura de algodão de Thomar. O titulo é *Companhia da real fabrica de fiação de Thomar*. O seu capital será de 200 contos, divididos em 2:000 acções de 100$ reis cada uma.

Nada mais lhe posso dizer por hoje, porque me falta o tempo.

Até á seguinte.

P. J. Conceição.

NOTICIARIO

Os sebastianistas e o ovo milagroso em Lisboa. — Uma das mais notaveis aberrações do espirito humano, é a crença na vinda de D. Sebastião para novamente governar Portugal! Que a esperança da sua vinda existisse nos annos immediatos ao desastre de 4 de Agosto de 1578 em Alcacer Kibir, ainda podia ter alguma desculpa; mas o que excede tudo o que se possa imaginar nos mais celebres desvarios, é que no anno de 1808, tendo decorrido 230 annos, uma grande parte dos habitantes de Lisboa estivessem convencidos da proxima chegada de D. Sebastião; e ainda mais, que houvesse ácerca desta ridicula crença, numerosas publicações, umas a favor e outras contra, pelo espaço de alguns annos!

Os curiosissimos episodios que em 1808 houve em Lisboa, ácerca dos sebastianistas, são narrados pela seguinte forma, por José Accursio das Neves, na sua *Historia geral da invasão dos francezes em Portugal e da restauração deste reino*, impressa em 1810 e 1811.

«Testemunhos os mais acreditados, e argumentos de um grande peso, persuadiam a morte de el-rei D. Sebastião na batalha de Alcacer; mas não eram bastantes a demonstral-a; e um povo, que idolatrava este monarcha, que acabava de o ver partir com toda a segurança de caminhar a uma gloria certa, e a quem o seu valor e as suas virtudes tinham ganhado uma confiança sem limites, não podia acreditar, que o seu rei, o seu heroe, o successor de tantos heroes, em cuja dynastia julgava eternisado o throno portuguez, por promessas expressas de Deus, fosse assim sepultado com a flor da nação nos barbaros paizes africanos, que já contava sujeito ao seu imperio.

«Viram-se as diligencias que fez a côrte de Lisboa, para conseguir o corpo daquelle soberano; viu-se entrar o navio, que o conduziu com uma pompa real; e viu-se transladado com a mesma ao mosteiro de Belem, onde se encerrou em sepultura propria; mas nem todos acreditaram, que aquelles ossos fossem os proprios d'el-rei D. Sebastião; antes foi facil o propagar-se a opinião de que todos estes testemunhos dos que diziam ter visto cair o rei, ou conhecido o seu cadaver, todas essas diligencias, que se fizeram para o obter, tinham sido estratagemas, de que se usara, para persuadir aos mouros, que a sua morte era certa, a fim de o não procurarem mais, e elle se poder salvar com mais facilidade.

«Aproveitando-se da credulidade popular, alguns impostores se levantaram, querendo passar pelo extincto rei, e tiveram successo. Filippe II, assenhoreando-se de Portugal, teve sempre contra si um grande partido, e é neste, que teve toda a facilidade para se propagar e fortificar a opinião dos sebastianistas, que provavelmente tomou os caracterss de seita no meio das violencias e oppressões, em que gemeu o reino debaixo dos Filippes III e IV.

«Nestas crises violentas, em que os espiritos se acham fortemente agitados, e quando os povos opprimidos suspiram por um libertador, o primeiro homem resoluto, que levanta a voz, e clama: *Ahi o tendes, os vossos trabalhos vão findar*, pode contar certo com sequazes, que o acreditam; os milagres e as profecias não tardam, e o enthusiasmo de proposição em proposição pode avançar aos maiores absurdos, que serão recebidos com verdades palpaveis; chimeras as mais extravagantes passarão por realidades. E' assim que nascem e se propagam as seitas.

«El-rei D. João IV foi o libertador; mas os portuguezes o conheciam: elle não era Sebastião, e a seita tinha já lançado muitas raizes, para ficar aniquillada. A prosperidade de que gozou Portugal debaixo dos successores deste monarcha, depois de acabada a guerra de Hespanha, concorreu muito para enfraquecel-a; comtudo ella se conservou sempre, não só pelas lojas dos sapateiros, pelas tendas e officinas, mas por todas as ordens do estado, e entre os letrados de segunda classe.

«A entrada dos francezes em Portugal lhe deu novas forças, que foram crescendo á proporção que o peso das suas vexações se augmentava; ametade de Lisboa se fez sebastianista.

«Um dos mais resolutos corifeus, que morava na rua das Taipas, por baixo da muralha de S. Pedro de Alcantara, encontra no seu quintal um ovo de gallinha, em cuja casca se viam perfeita e distinctamente desenhadas em relevo as letras — D. S. R. P. — Algum individuo dos que costumam chamar-se de bom humor, o tinha alli introduzido, para se rir do pobre homem; mas ao seu aspecto não se duvida de que é um milagre, e é claro que as letras designam os nomes, de que são iniciaes — *Dom Sebastião Rei de Portugal*.

«Todo o bairro se amotina, e de toda a Lisboa concorre gente a ver o ovo; e este é depois conduzido a boas casas, e até ao quartel general, para ser examinado. Alguns curiosos imitam artificialmente as mesmas letras em outros ovos; mas nenhum sae com a perfeição do primeiro; e não ha forças humanas, que possam convencer a maior parte dos que o viram, de que a arte, ou as mãos do homem tinha produzido aquella obra admiravel (a).

«Desde este momento o velho da fundição passa por um profeta, e o estampador da praça da Alegria por um homem de raro saber; e estes dois apostolos, rodeados de um grande numero de discipulos, levam comsigo as turbas.

«Revolveram-se mais qee nunca os antigos escriptos e profecias, que fazem para o caso. As do Bandarra, de que algumas trovas são terminantes, foram sempre muito respeitadas; mas agora ficaram escurecidas pelas do Mouro de Granada, e sobretudo pelas do Pretinho do Japão, pela precisão e clareza com que fallam, designando até os nomes.

«Vieram em seu soccorro muitos milagres e muitas revelações de santos e santas, e de alguns veneraveis, como eram as de Santa Theresa, do irmão Pedro de Basto, das madres Martha, Leocadia, e Brigida, os discursos de um pedreiro, chamado por antonomasia o Profeta dos Morrões, os testemunhos de varios mudos que fallaram, e de uma creancinha de tres mezes, que mesmo nesta occasião fallou, para confundir os incredulos, apontando-se o bairro, a rua, e a casa em que isto succedera; e em fim, deixando outros muitos testemunhos que se produziram como authenticos e decisivos, e para se referirem encheriam muito papel, argumentando-se com S. Cyrillo, S. Methodio, Santo Angelo, S. Gil, Santo Isidoro, e até se avançava ao Apocalypse, e aos livros de Isaias e de outros profetas da antiga lei, que tudo se achava em concordancia com a promessa feita em nome de Deus a D. Affonso Henriques, pelo ermitão, que lhe fallou antes da batalha do campo de Ourique.

«Faz pasmar a rapidez com que estes sonhos adquiriram immensos proselitos de todas as ordens: de tanto é capaz o entendimento humano! Os pobres homens, embebidos nas suas chimeras; e esperançados de um proximo futuro, que lhes devia trazer uma felicidade solida e permanente, distraiam-se um pouco da sensação dolorosa dos seus males verdadeiros, os ociosos entretinham o tempo, e os sensatos olhavam com piedade tantas loucuras a par de tantas desgraças.

«O divertimento chegou a ser pesado para alguns: um delles, que pela sua profissão é assáz conhecido, teve a honra de receber dentro de uma pescada, que comprou, uma carta de el-rei D. Sebastião, em que lhe ordenava, que á noute o fosse esperar a certa praia do Tejo; o homem foi, e ouvindo vozes da parte do mar, que chamavam por elle, não sei o que mais lhe aconteceu; porque se conta por differentes modos o desfecho deste entremez. E' certo que ficou desenganado da sua chimera, pelo mau jogo em que o metteram os malignos que abusaram da sua sinceridade.

«Deve saber-se, que disputando-se muito entre os sebastianistas sobre o tempo e modo em que havia de chegar aquelle rei, era opinião muito seguida, que elle se achava encoberto na esquadra russiana, então fundeada no Tejo, defronte daquella praia.

«No tempo em que escrevo, nada tem perdido os sebastianistas do seu vigor. Os prodigios continuam a seu favor, e eu conheço um que mostra em sua casa pelo microscopio, figurados em uma collecção de conchas, todos os ultimos acontecimentos da Europa.

«Não ha muito tempo, que elles receberam avisos certos do Algarve, de se ter alli avistado a ilha Encoberta, com uma esquadra, que deve trazer o rei, e um caes soberbo, em que deve embarcar. Vende-se a planta desta ilha junto ao pateo da Moeda, na rua Direita de S. Paulo em Lisboa, e representa perfeitamente os copados arvoredos, que a revestem, as praias, o palacio do rei, os leões que o guardam, e o mesmo rei passeando por entre elles, vestido de côrte: até se acham nella pintados os dous religiosos que o viram e lhe fallaram, e voltando ao continente assim o juraram em Roma.

«E' desta ilha que deve sair D. Sebastião, para ir com um grande exercito combater Napoleão em pessoa, que deve ás suas mãos ficar morto no campo de Sertorio junto a Evora, e formar depois o 5.º imperio, previsto por Bocarro nas suas Anacephaleoses da Monarchia Lusitana; e melhor dissera das tolices da sua imaginação escandecida.

«Tem-se dito injurias aos sebastianistas, e houve quem os quizesse despicar: daqui nasceu esta renhida guerra de penna, que diverte os ociosos, faz trabalhar as imprensas, e dá dinheiro aos combatentes: é de sentir que tambem dê consumo a muito papel, que podia empregar-se em objectos mais uteis; genero, de que Portugal sente uma grande falta.

«Não ha razão para dizer injurias áquella pobre gente, que não offende a pessoa alguma, e de que o grande apego ás suas opiniões extravagantes mostra o seu odio aos usurpadores, a sua fidelidade aos reis naturaes; paixões que exaltou ao ultimo ponto a oppressão do reino, debaixo de um governo usurpador.

«Esta verdade era muito palpavel, para deixar de ser conhecida por Junot: elle se ria de taes extravagancias, como faziam os portuguezes sensatos, que podiam rir-se; mas no fundo do seu coração ellas não lhe podiam ser indifferentes.

«Em um dos seus passeios ao alto das Chagas, que não eram passeios de mera curiosidade, vendo a multidão de gente, que alli se achava olhando para o mar, elle a foi dispersando, perguntando-lhe bruscamente, se esperavam alli por D. Sebastião.

«Convenho em que os inglezes lhe mettiam mais medo que el rei D. Sebastião; mas podia bem lembrar-se de que estes mansos cordeiros, que o esperavam, podiam, á força de opprimidos, tornar-se leões raivosos.»

(a) A operação é muito facil: formae com cera as letras que quizerdes sobre a casca do ovo, e depois o mergulhae em agua forte destemperada ou com agua ordinaria, ou o que é ainda mais facil, em vinagre, ou outro acido brando, e em menos de duas ou tres horas desta infusão, vereis diluida uma porção da superficie externa do ovo, que ficou livre, e tirada então a cera, apparecerão perfeitamente desenhadas em relevo as letras; porque terá ficado intacta toda a parte da mesma superficie, que a cera cobria, e defendida da acção dos acidos.

O jornalismo portuguez. — O nosso collega o *Brasil*, jornal publicado em Lisboa, insere no seu ultimo numero um curioso artigo do sr. Alberto Pimentel, com o titulo de *Historia comica do jornalismo portuguez*. N'esse artigo menciona o sr. Pimentel, com o devido elogio, o sr. Antonio Martins Leorne, do Porto, que é sem duvida quem hoje possue entre nós maior copia de noticias acerca do jornalismo; e que muito bom serviço faria dando publicidade aos muitos elementos que tem reunido, com incansavel preseverança.

O sr. Pimentel no seu artigo publica os nomes de 75 jornaes portuguezes, notaveis pela originalidade dos seus titulos.

A esses 75 jornaes se podiam juntar muitos outros, de titulos identicos, como por exemplo o *Argus*, o *Microscopio*, o *Telegrapho Portuguez*, o *Barco da carreira dos tolos*, a *Camara optica*, o *Espreitador do mundo novo*, a *Borboleta Duriense*, a *Azemola*, a *Trombeta Lusitana*, a *Mnemosine Constitucional*, a *Contra-Mina*, o *Punhal dos corcundas*, o *Velho Liberal do Douro*, o *Velho Liberal economico*, a *Aguia*, o *Diabrete*, a *Guarda Avançada*, o *Alcance*, o *Artilheiro*, o *Periodico dos Pobres*, o *Dez-reis*, a *Vedeta da Liberdade*, o *Athleta*, o *Portugal Velho*, o *Cosmopolita*, o *Joven-naturalista*, o *Passatempo*, o *Beija-flor*, o *Espectro*, o *Braz Tisana*, o *Astro da Lusitania*, o *Araujo*, o *Supplemento Burlesco*, o *Piolho viajante*, o *Anazleto de erudição*, o *Armazem interessante*, a *Abelha do meio dia*, o *Telescopio Portuguez*, o *Espectador Portuguez*, o *Desapprovador*, o *Observador Portuguez*, o *Raio*, o *Magriço*, o *Japonez*, o *Primaz*, a *Sentinella da Liberdade*, o *Ecco*, a *Cegorrega*, o *Entre-Acto*, o *Periodico para os bons realistas*, o *Farol do Minho*, o *Asmodeu*, o *Salamalek*, o *Purgatorio*, etc., etc.

E sem sahirmos de Coimbra, podiamos apontar, além dos que indica o sr. Pimentel, mais a *Sentinella Conimbricense*, publicada em 1834; o *Piloto*, publicado em 1836, e pela segunda vez em 1840; o *Cometa*, neste ultimo anno, a que sahiram addicionados a *Cauda do Cometa*, as *Barbas do Cometa*, e a *Cabelleira do Cometa*; o *Prisma* em 1842; o *Crepusculo* em 1846; o *Iris* em 1852; a *Sylphide* em 1858; o *Cysne do Mondego* em 1860; o *Atila* em 1863; a *Chrysalida* no mesmo anno; o *Peregrino* em 1871; o *Trovdo* no mesmo anno; o *Zephyro* em 1872; e outros.

O sr. Pimentel menciona o *Tira Teimas* publicado em Coimbra em 1861. Podia acrescentar que além deste jornal, que era litterario, já em 1840 se havia publicado nesta cidade o *Tira Teimas*, jornal politico.

Diz que o *Saloio* se publicara em Coimbra em 1857. N'isto ha equivoco. O *Saloio* nunca se publicou em Coimbra; se nos não enganamos, publicou-se em Cintra; ou antes era impresso em Lisboa e datado de Cintra.

Falla tambem o sr. Pimentel de jornaes de pequeno formato. Diremos como addicionamento, que em Coimbra se publicaram em 1823 o *Censor Provinciano*, a *Minerva Constitucional* e o *Amigo do Povo*; todos do mesmo formato, e que tinham de altura apenas 16 centimetros e 11 de largura.

Tem, porém, ainda havido jornaes de menores dimensões, e de que possuimos exemplares.

Em 1830 publicou-se em Londres um jornal liberal, o *Palinuro*, que tinha 13 centimetros de altura e 10 de largura. Era impresso em papel muito fino, vulgarmente chamado paquete. Tornava-se assim muito proprio para ser mettido em uma carta, e escapar á vigilancia da policia.

Em 1835 publicou-se tambem em Londres o jornal miguelista, o *Contrabandista*. Ainda era mais pequeno do que o *Palinuro*. Tinha de altura 12 centimetros, e 7 de largura. Suppomos com todo o fundamento, que é o jornal de menores dimensões que se tem publicado na lingua portugueza.

Mez de Maio. — E' este o mais formoso mez do anno. Os campos cobrem-se de verdura e de flores, e as arvores vestidas de folhas já ostentam esperançosos fructos. A atmosphera embalsamada, os amores e cantos das aves, o zumbido dos insectos, a vida e movimento de toda a creação, tudo concorre para vestir de galas a natureza nesta quadra festiva e abençoada.

Pretendem uns, que o seu nome deriva do latim *majores*, por ser dedicado aos velhos. Querem outros, que derive de Maia, mãe de Mercurio, collocando este mez debaixo da protecção de Apollo, deus do sol. Representa-se sob a figura de um homem na edade viril, vestido com uma tunica de mangas largas, com um cesto de flores em uma das mãos, e tendo a seus pés um pavão, que symbolisa por suas côres formosas e esplendidas as flores que esmaltam os campos nesta epocha do anno.

Tem este mez 31 dias, que crescem ainda quasi uma hora, 25 minutos de manhã e 23 de tarde. O seu maior dia é o ultimo, que tem 14 horas e meia de sol. Os trabalhos ruraes tem grande animação neste mez, e é a epocha propria para a tosquia das ovelhas e da cresta das colmeias.

Os romanos consagravam-lhe grande veneração, e celebravam em quasi todos os dias festas notaveis. No primeiro dia offereciam sacrificios aos *lares*, deuses protectores das casas das familias, e da concordia domestica. Havia tambem as festas de Marte, de Mercurio, das Vestaes, de Vulcano, etc.; mas a mais alegre era a festa republicana do *regifugium*, expulsão dos reis, em memoria da expulsão dos Tarquinios. E' talvez por esta razão, que a França republicana plantava nas praças publicas o *verde Maio*, formoso choupo, emblema da liberdade.

Os gregos tambem festejavam com grande regosijo este mez, e ainda hoje usam no pri-

---

informação, passados pelas armas. Tambem o serão as justiças que retiverem em seu poder as ditas ordens, pois que devem deital-as no fogo immediatamente.

«Artigo 3.º Os alcaides que derem parte ao inimigo dos movimentos das tropas d'el-rei nosso senhor, serão declarados traidores, e como taes soffrerão a pena de morte e confiscação de bens.

«Artigo 4.º Os alcaides e justiças dos povos, onde existindo voluntarios pertencentes a este exercito, sem a correspondente auctorisação por escripto, não os intimarem que tem pena de ser fuzilados, se dentro de tres dias não se incorporarem no seu batalhão, serão passados pelas armas. Na intelligencia que para livrar-se da responsabilidade, que por este artigo se lhes impõe, devem dar-me parte do dia que se lhes intimou e a quem: egualmente se imporá a mesma pena a todo o membro de justiça que não cooperar com a sua ajuda para a apprehensão dos desobedientes, quando se apresentarem as partidas destinadas ao dito objecto.

«Artigo 5.º Tomando em consideração as actuaes criticas circumstancias, devem penetrar-se as justiças que para repellir a força com a força estou no caso de pôr em execução as ditas penas, e outras tambem rigorosas contra os que com o seu comportamento dão a suspeitar que são inimigos d'el-rei e da fidelidade navarra.

«A antecedente circular será communicada aos povos dessa immediação, devendo darme conta directamente todos os que a receberem; na intelligencia que de o não fazerem assim serão os primeiros a experimentar o rigor que mediante a presente circular me vejo na precisão de usar d'aqui em deante. — Deus, etc. — Quartel general da Navarra, de 9 de Fevereiro de 1834. — O commandante geral, *Zumalacarregui*.

Correu esta circular pela Navarra com assombrosa rapidez e segurança, passou ao alto Aragão, e até se notificou a juntas em cujo povo havia guarnição liberal. Quando voltou a Zumalacarregui a circular, admirou-o o consideravel numero de assignaturas que levava em seguida, dos que se obrigavam ao seu cumprimento.

Por então começou a distinguir-se um valente militar, D. Baldomero Espartero, o qual teve de sustentar uma constante luta com os carlistas. Espartero tem actualmente 80 annos, pois que nasceu em Granátula em 1793.

A guerra era respeitavel, e os chefes de um e outro bando necessitavam de grande valor. O carlista se mostrava alem disso infatigavel; e Espartero que reunia em tão alto grau esta qualidade, se propoz não perdel-o de vista. Via, porem, impossivel attender ao mesmo tempo a tantos pontos, e se limitou a cuidar dos mais ameaçados e compromettidos.

Pela sua parte, Zumalacarregui esteve a descançar oito dias, nos quaes tomou as providencias a que já nos referimos. No fim delles soube a aproximação de Oráa, precisamente quando se occupava em projectar uma surpreza que désse alento á sua gente e a estimulasse com o despojo que colhesse; e não se lhe occultando as combinações do entendido Oráa e infatigavel Lorenzo, temeu; porem ao ver que não eram tão acertadas como no principio suppoz, decidiu-se a levar a effeito o seu plano.

Saiu de Zubiri, e tomou o caminho de Olague. A duas leguas mandou fazer alto; estremou quatro companhias e a de guias, ficou com ellas, e continuou a divisão a sua marcha.

Com as cinco companhias se internou em um bosque, e enviou paizanos a cortar as communicações com Zubiri e povos immediatos. Um sagáz espia, que o era falso dos liberaes, informou exactamente a Zumalacarregui da situação das tropas de Oráa. Á meia noute mandou formar as companhias, que se reuniram á luz de uma duzia de arvores accesas; inteirou-as do seu projecto, e escolheu e distribuiu aos que deviam executal-o. O que considerou mais apto e se offereceu a marchar primeiro foi D. José Amezqueta, estudante, natural de Mendigorria.

O plano era o seguinte: uma companhia atacaria a Zubiri, onde acampava Oráa; outra accommetteria ao mesmo tempo a venda em que se alojava a cavallaria, e as tres restantes entrariam a tiros nas ruas e casas de Urdaniz, que albergavam mais de 500 homens.

Preparado assim tudo, occultou-se a lua, parecendo o ceu favorecer o plano com a sua escuridade. Temeu-se a confusão, e que se tiroteassem os carlistas mutuamente; mas para o evitar, mandou-lhes pôr a camisa sobre o traje. Executaram-no todos rindo-se, e marcharam por asperos caminhos, cujo perigo augmentava a escuridade.

Haviam já dado as duas horas, quando quasi simultaneamente se rompeu o fogo contra Zubiri e Urdaniz. No primeiro ponto responde-se das janellas das casas, e os carlistas sustentam animados o tiroteio. No segundo se travou formal acção. Acutilada a primeira avançada, produziu o alarme o fogo da segunda. Defendem-se os liberaes, e as casas principiam a ser o campo de batalha. Apoderam-se os carlistas de muitos andares baixos, e cada escada se converte em theatro de um renhidissimo combate.

Em quanto isto succedia em Zubiri e Urdaniz, era preza dos carlistas a cavallaria, matando os cavallos que não poderam levar.

Ao dar Zumalacarregui o signal de retirada, a emprehenderam todos, levando comsigo um rico despojo de armas, cavallos e prisioneiros, a pernoutar em Echarren.

Zumalacarregui apressou-se a retirar-se, para não acrescentar á derrota o insulto de que vissem a pouca gente que a havia causado. Não se occultou, porem, isto ao chefe liberal, que emprehendeu com tenaz empenho a perseguição do seu contrario.

Já este havia ordenado a reunião de alguns batalhões no porto de Lizarraga, onde foi attraindo ao seu perseguidor, e se deteve a fazer frente. Porem ao chegar Oráa ao pé do porto, viu o inexpugnavel da posição e retrocedeu.

Tal feito de armas augmentou sobremaneira o prestigio de Zumalacarregui, que gozou tranquillo do seu triumpho.

(Continuar-se-ha.)

Joaquim Martins de Carvalho.

meiro dia cobrir de flores o pavimento de suas casas, e tecer corôas que vão pendurar ás portas das suas namoradas. Na Inglaterra ainda se usa levar pelas ruas uma arvore, que representa o mez de Maio, adornada de fitas e flores, e seguida de uma mascarada.

Em França, antes da revolução, os camponezes plantavam á porta do seu senhor uma arvore entrelaçada de fitas côr de rosa, a que chamavam Maio. Na Hespanha, é costume adornar uma linda aldeã com um vestido branco, e corôas de folhas e flores, assentando-a sobre um throno, e pedindo as suas jovens companheiras esmolas para a sua *Maia*.

Maias eram antigamente festas muito populares em Portugal, e que ainda hoje se celebram em algumas provincias, aos domingos e dias santos d'este mez. Consistiam em collocar mesas nas ruas, cobertas com alcatifas ou outros pannos, sentando-se em cada uma d'ellas uma menina bem vestida e adornada com flores, e pedindo esmolas ás pessoas que passam. Na provincia de Traz-os-Montes ainda hoje é costume offerecer neste mez castanhas verdes bem conservadas, a que se dá o nome de *Maias*. Durante muito tempo foi solemnisado em toda a Europa moderna o primeiro dia de Maio, plantando-se uma arvore que tomava o nome d'este mez; e entre nós a festa do *Maio pequenino* era a mais campestre que se praticava.

O signo deste mez é o de *geminis*, gemeos, que para os gregos era o symbolo da amisade. Muita gente acredita, que os homens nascidos em Maio são affaveis, de excellente coração, alegres, espertos, e muito propensos ás artes liberaes. Já um poeta fez o seguinte vaticinio:

Quem nasce sob este signo
E' docil, respeita a lei:
E' leal a seus amigos,
A' esposa, á patria, ao rei.

As mulheres costumam em geral ser bellas, amaveis, ternas e muito estimadas. Mostram grande inclinação para o matrimonio, são apaixonadas pela musica, e são constantes nas suas affeições.

Senhor aos presos—No domingo proximo será levado o Sacramento da egreja de Santa Cruz aos presos da cadeia.

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

José Bernardes Gallinha, filho de Joaquim Bernardes e de Theresa de Jesus, natural de Coimbra, de 53 annos, fallecido no dia 21 de Abril.

Manoel Antonio d'Amil Beato, filho de João Antonio d'Amil e de Maria da Conceição, natural de Coimbra, de 53 annos, fallecido no dia 21.

Luiza de Jesus, filha de Antonio Paes Martins e de Anna Paes, natural dos Pardieiros, Beijós, Carregal, de 52 annos, fallecida no dia 21.

Silvana Maria da Silva Borges, filha de Joaquim Borges e de Joaquina da Silva, natural do Rio de Janeiro, de 50 annos, fallecida no dia 23.

José Joaquim Pessoa, filho de Manoel Joaquim Pessoa e de Victoria da Encarnação, natural de Coimbra, de 62 annos, fallecido no dia 23.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—4:939.

Nova publicação — Recebemos e muito agradecemos—*Os amores malditos*—comedia-drama em 5 actos, original do sr. Cesar de Sá, representada pela primeira vez com muito applauso em 5 de Fevereiro do corrente anno, no theatro de D. Luiz.

Partido de medicina de Verride—Um nosso amigo nos pede a publicação do seguinte:

«Tivemos com muito prazer a noticia de que fora provido no partido de Verride, concelho de Monte Mór o Velho, o estudante do 5.º anno de Medicina, o nosso estimavel amigo João A. Pereira das Neves.

Recebemos jubilosos uma tal noticia, e do nosso jubilo viemos dar publico testemunho, que não do merito e talento do sr. Neves, que d'elle tem dado prova durante os seus estudos universitarios e durante alguns mezes que no verão passado residiu em Monte Mór.

Exerceu alli o sr. Neves a clinica com proficiencia tal, foi tal o carinho com que tratou os seus doentes, que as principaes familias de Monte Mór desde logo se empenharam em acolher ás suas terras o joven medico.

Conseguiram-no finalmente.

Felicitamol-os, pois, por irem ter no seu seio quem tantas sympathias lhes inspirou, e ao sr. Neves por ir exercer a sua honrosa profissão no meio de pessoas que souberam comprehender o seu talento e apreciar as suas inexcediveis qualidades.

Coimbra, 29 de Abril de 1873—*Um seu amigo.*»

CHARADA

Que faz o cordeiro,
Da mãe perdido,
Ficando no matto,
Do somno detido? } 2

Que faz o valente,
Contra o aggressor,
Se pode nas costas
Tocar-lhe tambor? } 1

Seu pae foi poeta,
Bebeu na Aganipe;
Chegou ao Parnaso,
Morreu com a gripe.

José Maria Rosa de Carvalho.

ANNUNCIOS

BAZAR

1 NO DOMINGO, 4 de Maio, de tarde, continua o bazar da sociedade Consoladora dos Afflictos, a favor dos pobres, no Jardim Botanico.

2 NA COURAÇA DE LISBOA, n.º 49, justa-se um homem para ir substituir outro na vida militar.

3 NO DIA 4 de Maio, ás 10 horas da manhã, na rua das Fangas, n.º 32, terá logar em leilão a venda da livraria do fallecido Dr. Francisco Antonio Alves.

NÃO LEIAM

4 VENDE-SE uma armação de loja muito bonita, propria para todo e qualquer estabelecimento. No largo do Paço do Bispo, aonde está a caixa do correio, se diz quem a vende.

AGRADECIMENTO

5 JOAQUIM ALFREDO PESSOA e Rosa Emilia do Espirito Santo, com seus filhos, summamente penhorados para com todas as pessoas de sua amisade, que lhes prestaram os mais distinctos obsequios pela occasião da morte e funeral de seu sempre querido e chorado irmão, marido e pae; e não lhes sendo possivel significar de prompto por outra fórma seu reconhecimento, recorrem a este meio e protestam sua indelevel gratidão, pedindo ao mesmo tempo desculpa de todas as faltas, devidas ao estado da mais pungente dor.

6 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia de Revelles, concelho de Monte Mór o Velho, faz novamente publico, que no dia 11 de Maio, pelas 10 horas da manhã, se hão de arrematar em praça as obras de carpinteiro, pintor e entalhador, que tem a fazer na egreja matriz da mesma freguezia.

Revelles, 26 d'Abril de 1873.

EDITAL

7 A CAMARA MUNICIPAL DE COIMBRA, faz saber, que se acham afixadas nas portas das egrejas parochiaes deste concelho, as copias do recenseamento militar do corrente anno, e bem assim patente na secretaria respectiva o caderno do mesmo recenseamento para ser alli examinado por motivo de qualquer reclamação contra a inscripção, omissão e qualificação de qualquer mancebo.

Que as referidas reclamações poderão ser apresentadas perante a mesma camara, desde que se ache afixado este edital até ao dia 9 de Junho proximo futuro.

Que no referido dia 9, pelas 9 horas da manhã, terá logar em sessão publica o sorteamento dos mancebos recenseados neste concelho; que este sorteamento será feito por freguezias, e durante este acto serão informadas todas as reclamações que tiverem sido legalmente apresentadas, podendo responder á chamada o pae do recenseado, seu tutor, procurador ou qualquer outra pessoa devidamente auctorisada.

Que os mancebos que pretenderem isentar-se do serviço militar, com o fundamento de servirem de amparo unico a algum dos seus ascendentes ou irmãos, na forma da disposição do n.º 2.º do art. 8.º da lei de 27 de Julho de 1855, deverão instruir seus requerimentos com os seguintes documentos:

1.º Certidão d'edade da pessoa ou pessoas de que se dizem amparo;

2.º Os conhecimentos das contribuições pagas ao estado no anno anterior, ou certidão authentica de que não estão inscriptas nas respectivas matrizes;

3.º Attestação passada pelo respectivo parocho, da qual conste quantos irmãos tem o mancebo recenseado, com designação de edade, sexo e estado de cada um.

Se o reclamante allegar que a pessoa ou pessoas, de quem se diz amparo, estão impossibilitadas de trabalhar por motivo de molestia, deverá juntar attestado de facultativo legalmente habilitado, para provar essa circumstancia, designando-se n'elle a natureza da molestia, e principalmente se é permanente ou periodica.

O exposto abandonado ou orphão, que pretender isentar-se por amparo da mulher que o creou, deve juntar alem dos documentos citados, attestado de parocho e regedor da freguezia, que provem que a mulher, de quem se diz amparo, o creou e educou gratuitamente.

Os documentos que instruirem as reclamações, deverão ser jurados e reconhecidos por tabellião.

E para constar se passou o presente e outros de egual theor.

Coimbra, secretaria da Municipalidade, 28 de Abril de 1873.

O presidente,
Lourenço d'Almeida e Azevedo.

Laranjada e limonada concentradas

8 CADA VIDRO contem o equivalente de 25 limões ou laranjas, e dá 40 limonadas ou laranjadas Serve tambem para os usos domesticos. Preço do frasco 200 rs.

Vende-se na livraria Academica, na Calçada.

PARA O RIO GRANDE DO SUL

9 A BARCA MINEIRA, sairá até fins do corrente mez; para o resto da carga, e passageiros, trata-se com Antonio Luiz Gomes Lima, rua do Principe, n.º 305—Porto, ou com Innocencio Peixoto Quaresma, praça de S. Bartholomeu—Coimbra.

10 NOVA GRAMMATICA ELEMENTAR DA LINGUA FRANCEZA, para uso das escholas, por José Augusto Vieira da Cruz. Approvada pela junta consultiva de instrucção publica. Segunda edição.

Á venda na loja de J. A. Orcel, em Coimbra.—Preço, hr. 500.

MYSTERIOS DO GRANDE MUNDO

PELO

Visconde Ponson du Terrail

AUCTOR DO ROCAMBOLE

2 volumes—Edição illustrada, nitidamente impressa e com gravuras

10 RS. A FOLHA. GRAVURA 10 RS.

11 É ESTE um dos melhores romances de tão festejado e applaudido auctor, a quem o publico já conhece pelos muitos romances que d'elle tem lido.

Para que este saia com a perfeição, que demandam obras tão procuradas, não se poupou a empreza a sacrificios, esperando ser recebida do publico, como até aqui o tem sido, já na **Historia da communa**, já no **Apaixonado de Maria Antonieta**, lindo romance historico illustrado, que acaba de sair á luz, como um dos melhores episodios da primeira republica da França.

A empreza offerece 3 brindes tirados á sorte com uma loteria, previamente annunciada nos jornaes mais lidos da capital, dando seis numeros a cada assignante.

1.º brinde — Um lindo sabonete de ouro para senhora.

2.º brinde — 200$000 reis em inscripções.

3.º brinde — Uma excellente machina de costura.

Assigna-se na loja de Severo & Irmão—Coimbra.

AGRADECIMENTO

12 LUIZ MANOEL DOS REIS e sua esposa D. Beatriz Norberta Pinto d'Almeida Reis, agradecem cordealmente a todas as pessoas, que se dignaram acompanhar sua chorada thia D. Silvana Maria da Silva Borges á sua ultima morada, e bem assim a todas, que tiveram a bondade de os procurar por tão infausto successo.

VENDA DE CASAS

13 VENDE-SE uma morada de casas com seu quintal ajardinado, sitas na rua do Corpo de Deus, sob o numero 36. Quem as pretender dirija-se a seu dono Antonio d'Almeida e Silva, morador no mesmo predio.

14 NO DIA VINTE do proximo mez de Maio, pelas 10 horas da manhã, ás portas do tribunal no extincto convento de Santa Cruz, perante o exm.º sr. juiz de direito desta comarca, se hão de vender em hasta publica os bens penhorados a Maria Leonarda, do logar de Antuzede, como tutora de seu filho Manoel, menor, por execução que lhes move o exm.º sr. Alberto Ferreira Pinto Bastos, da sua quinta do Rol, pelo cartorio do escrivão o sr. Santos.

15 NO DIA 6 do proximo mez de Maio, ás 10 horas da manhã, ás portas do tribunal do extincto convento de Santa Cruz, e perante o exm.º sr. juiz de direito desta comarca, se hão de vender em hasta publica os bens penhorados á exm.ª sr.ª D. Quiteria Rosalina Leite da Rocha e a seu marido o sr. João Fernandes Thomaz, por execução que lhes move a exm.ª sr.ª D. Clara Candida Leite Ribeiro, pelo cartorio do escrivão o sr. Sarmento.

NUMERO 2689 SABBADO 3 DE MAIO DE 1873 ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Na penultima legislatura a camara electiva nomeou uma commissão, com o fim de estudar as causas da emigração, que nestes ultimos tempos tem tomado em Portugal extraordinarias e assustadoras proporções.

Os geraes clamores, que tão justamente se levantaram contra a emigração, principalmente pelo que respeita á sorte dos emigrados; a maneira como elles eram falsamente convencidos a abandonar a patria e a familia; a sorte que necessariamente os esperava nos paizes doentios da America, para onde eram levados, resolveram os poderes publicos a meditar sobre este assumpto, para indagar com mais exacto conhecimento a origem da emigração, e propor as medidas que se julgassem convenientes neste importante objecto.

Ha nesta questão dois grandes males, que é necessario combater inergicamente, tanto quanto o permitta de um lado a liberdade individual dos cidadãos, e do outro o sentimento humanitario pelos nossos irmãos, muitos dos quaes estão sendo victimas da ignorancia dos factos.

A falta de braços validos para o trabalho, que tanto se tem feito notar, a condição servil a que os emigrantes vão sujeitos; os contractos fraudolentos com os engajadores, e os perigos imminentes a que se expõem debaixo da influencia da legislação estrangeira; são os pontos principaes sobre que é necessario meditar profundamente.

A commissão a que nos referimos, nomeada para conhecer as causas da emigração entre nós, e propor o remedio contra semelhante mal, deu já o seu parecer, que foi publicado no *Diario do Governo* de 20 de Fevereiro deste anno.

E' este um trabalho importantissimo, pela consciencia e escrupulo com que foi desempenhado, e pelo grande numero de esclarecimentos e factos estatisticos em que abunda.

São inquestionavelmente importantes, e a todos os respeitos uteis, as providencias que a commissão indica, e que no entender de seus illustrados membros, podem de futuro influir poderosamente na resolução deste problema. Fez bastante no sentido de esclarecer o objecto; parecem-nos mesmo assás convenientes as medidas que propõe. Desempenhou-se de um modo muito satisfatorio da missão que lhe fôra incumbida.

As providencias, porem, que a commissão menciona, são de grande demora, e cremos que de difficil execução. Pelos meios que a commissão propõe, difficilmente se conseguirá obstar á emigração desde já.

A resolução deste problema, se não no todo, ao menos em parte, está dependente da acção do governo, e das providencias do parlamento; é por isso de esperar que alguma cousa se faça no sentido de obstar á emigração, principalmente a que é feita nas peores circumstancias para os emigrantes.

A commissão estudando as condições da população, e em especial daquellas localidades, onde a emigração se está fazendo em maior escala, e buscando conhecer as condições economicas e de salubridade das regiões onde os emigrantes vão viver, habilita o governo e o poder legislativo a tomar deliberações mais acertadas, podendo melhorar pelas agencias consulares a situação dos infelizes colonos, a quem a sorte desditosa arremessou ao clima inhospito da America, e a conhecer as causas, que, dentro do paiz podem tornar difficil a vida das classes laboriosas.

Por informações particulares que temos obtido, podemos aqui asseverar que em geral é barbaro e verdadeiramente deshumano, o tratamento que os nossos compatriotas emigrados recebem no Brasil, e n'outras regiões da America.

Indagar as causas deste procedimento, e mitigar o soffrimento dos infelizes emigrados por meio dos nossos agentes consulares, é uma necessidade de grande urgencia, que o governo não póde preterir.

E já que não podemos restringir a liberdade de sair do reino, é forçoso inquirir as causas deste grande mal, e patentear a toda a luz e a todas as intelligencias, os graves inconvenientes das deliberações impensadas, e empregar todos os meios legaes para obstar aos grandes inconvenientes da emigração.

As outras nações da Europa, envidam todos os seus esforços neste sentido; e que não seja Portugal a excepção nesta causa humanitaria.

Confrange-se dolorosamente o coração ao ver que tantos milhares de braços robustos, podendo empregar-se vantajosamente no cultivo do solo natal, em proveito proprio e da patria, vão procurar no trabalho longinquo o pão de cada dia, amassado com o suor e com as lagrimas.

E não lhes falta no seio da patria e da familia, no clima saudavel de Portugal, neste feracissimo solo, o trabalho, onde podem os nossos irmãos desentranhar os thesouros da abundancia.

O governo deve evitar a corrente da emigração por meio de medidas indirectas, a fim de desenvolver e auxiliar a agricultura, desaffrontando a terra dos embaraços que tolhem ainda o progresso desta industria; assim proporcionará meios de trabalho aos povos e promoverá a riqueza publica.

Desta forma, longe de cercear os rendimentos do estado, cremos que os augmentará. Estude o governo esta questão, debaixo do ponto de vista economico e humanitario, que os resultados não podem deixar de corresponder aos desejos de todo este povo.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLVI

D. CARLOS

VI

Na Catalunha iam os carlistas organisando a guerra muito vagarosamente, não por falta de adeptos, mas pela actividade e energia que desenvolvia o general christino Llauder.

Tinham os carlistas grandes planos: esperavam a Romagosa e a outros chefes, armas e munições. Sabia-o Llauder, e preparou-se a desbaratar esses projectos. Augmentou a vigilancia, e o effeito della foi o apresamento no dia 9 de Fevereiro de 1834, pelo falucho guarda-costas *Plutão*, da goleta toscana *Aurora*, que conduzia a seu bordo 14 peças de artilheria, com suas carretas, 12 barris de polvora, granadas, balas e espingardas.

Terrivel foi este golpe para os carlistas, que cifravam no carregamento da *Aurora* as suas maiores esperanças. Tinham já preparada a gente, que só contava com aquellas armas para combater.

Llauder, em vista de taes resultados, annunciava, e com razão, que havia concluido com os carlistas; que reinava a tranquilidade em todo o districto de seu commando, e que descubriria as conspirações que em segredo se preparavam. Porem ao mesmo tempo que isto escrevia, se creavam novas partidas, e ainda nos mesmos sitios em que experimentaram a sua derrota, se mostravam audazes, desafiando o inimigo, acoutados detraz das arvores ou penhas.

É então que ia começar a guerra da Catalunha.

Os carlistas viam-se sem recursos, encerrados entre brenhas, e batidos e perseguidos como feras, sem que lhes coubesse a consolação de buscar uma morte gloriosa no meio de uma desesperação frenetica.

Aquella inacção, aquelle sossobro, era peor para Cabrera que uma morte segura. E resolvendo-se a arrostar tudo por conseguir alguma cousa, saiu do barranco de Vallibona a 11 de Janeiro de 1834, marchando a Tortosa para arranjar recursos. A 16 estava de volta, como promettera, depois de resistir tenazmente aos conselhos de sua familia e de seus amigos, que o convidavam a que se submettesse ao indulto, e abandonasse sua aventurosa vocação. Repartiu com Marcoval o seu dinheiro, e o seu chefe o nomeou tenente.

Commandando 9 homens, 3 delles armados com paus, se apresentou Cabrera em campanha. Esta foi a base do seu poder. Marcoval, ou não se atrevia, ou o estado da sua saude não lhe permittia soffrer tantos incommodos.

Cabrera ia obrar independente, por inspiração propria; ia a pôr á prova o seu genio, ou a inspiral-o nas criticas situações em que em breve se veria. Talvez sendo subalterno houvera só cumprido com o seu dever, aquelle que de chefe de um punhado de homens rusticos, indisciplinados e quasi sem armas, soube crear um exercito subordinado, com o qual ameaçou bloquear a capital da monarchia.

Com aquelles 9 companheiros fazia correrias para adquirir sustento, e conseguia em todas alguns partidarios mais, com que augmentou a sua gente até ao numero de 135, acampando nas imediações de Vallibona. Então, capitão já, podia chamar-se com verdade chefe de uma partida. Porem durou-lhe pouco esta satisfação. Quanto mais augmentava a sua força, mais diminuiam os seus recursos, e a falta delles, e a perseguição que se lhe fazia, o obrigou a dispersar os seus soldados, depois de soffrer alguns transtornos, em que mostrou um valor heroico.

Voltou a reunir alguns de seus dispersos, e quando se preparava a obrar de combinação com os demais chefes, soube em Fredes que Marcoval, Soto, Covarsi, Monferrer e outros tinham sido fuzilados.

«*Inexoravel está o destino*, exclamou Cabrera. *O meu amigo Marcoval, o meu protector, fuzilado! Sanguinolenta será a guerra que principiamos. Queira Deus que algum dia não haja de ser eu o vingador destas mortes!*»

Este rigor lhes infundiu temor, e abandonaram muitos a Cabrera, que teve de passar ao Aragão, aonde, á força de trabalhos, chegou a reunir 140 homens. Vallés e Bordavio reuniram-se-lhe com mais 40; seguindo-se depois Carnicer com 7 cavallos. Este tomou o commando d'aquellas forças, por ser de maior graduação. Cabrera ficou o segundo.

Assim, com menos attenções, poude Cabrera dedicar-se a adquirir algumas noções de tatica e ordenança militar, que lhe dava Mezquita, succedendo varias vezes ter de praticar o que no mesmo acto lhe ensinavam, o que lhe fazia dizer *que a guerra é uma sciencia, e não um azar*.

Por esta forma aquelle homem que tinha o presentimento do seu genio bellicoso, que possuia os não pacificos instinctos do guerreiro, e o valor do militar, aprendia a dar regras ao

NOTICIARIO

O JORNALISMO EM COIMBRA

A' MEMORIA
DOS ANTIGOS JORNALISTAS EM COIMBRA
OS ILLUSTRES IRMÃOS PASSOS (MANOEL E JOSÉ)
DEDICAMOS ESTE TRABALHO.

Publicámos hoje a relação dos jornaes que têum sahido á luz em Coimbra, desde que em 1808 começou pela primeira vez a haver nesta cidade publicações periodicas. Temos todo o fundamento para crer, que vae completa e exacta em todas as suas partes; mas se por acaso houver alguma leve falta, parece-nos que merecemos ser desculpados por todas as pessoas, que avaliarem o insano trabalho que nos custou a organisar semelhante lista, resultado de alguns annos da mais perseverante investigação.

Não tivemos duvida de collocar entre os jornaes desta cidade, o *Jornal de Coimbra*, publicado de 1812 a 1820; porque apesar de ser impresso em Lisboa, é certo que era redigido em Coimbra pelos lentes da Universidade, José Feliciano de Castilho, Angelo Ferreira Diniz, e Jeronymo Joaquim de Figueiredo, que desta cidade mandavam os originaes para a capital. Essa circumstancia, e o titulo, que bem expressivo é, fizeram com que não hesitassemos na deliberação que tomámos.

Já ha annos escrevemos a historia da imprensa em Coimbra, desde que a arte typographica aqui foi introduzida, até aos nossos dias. Agora ahi lançâmos as bases para que alguem possa, mais facilmente, escrever a interessante historia do jornalismo n'esta cidade.

Minerva Lusitana	1808-1811
Jornal de Coimbra (1.º deste nome)	1812-1820
Lanterna magica (manuscripto e clandestino)	1818
Manifesto da Razão	1820
Despertador Nacional	1820-1821
Cidadão Literato	1821
Sentinella Politica	1821
Amigo da Ordem	1821
Censor Provinciano	1822-1823
Minerva Constitucional	1823
Brasileiro em Coimbra	1823
Amigo do Povo	1823
Noticiador Conciso	1823
Verdade em Triumpho	1823
Archivos da Religião Christã	1823-1824
Observador (1.º deste nome)	1826
Noticiador Conimbricense	1827
Noticiador	1828
Correio do Porto	1833-1834
Verdadeiro Ecco de Portugal	1834
Sentinella Conimbricense	1834-1835
Academico (1.º deste nome)	1836
Piloto (1.ª serie)	1836
Revista Estrangeira	1837
Chronica Theatral da nova Academia Dramatica	1839
Piloto (2.ª serie)	1840
Cometa	1840
Barbas do Cometa	1840
Cabelleira do Cometa	1840
Cauda do Cometa	1840
Tira-Teimas (1.º deste nome)	1840
Chronica Juridica	1840-1841
Chronica Literaria da nova Academia Dramatica	1840-1841
Antiquario Conimbricense	1841-1842
Restauração da Carta	1842
Prisma	1842-1843
Revista do Districto	1842-1843
Christianismo	1843
Annunciador	1843
Opposição Nacional	1844
Trovador	1844
Revista Academica (1.ª serie)	1845-1848
Grito Nacional	1846
Povo (1.ª serie do 1.º jornal deste nome)	1846
Boletim Official de Coimbra	1846
Crepusculo	1846
Boletim Cartista de Coimbra	1847
Observador (2.º deste nome)	1847-1854
Povo (2.ª serie)	1851
Liberal do Mondego	1851-1852
Novo Trovador (com interrupções)	1851-1857
Iris	1852
Instituto	1852-1873
Revista Academica (2.ª serie)	1853-1855
Conimbricense	1854-1873
Popular	1854-1856
Instrucção e o Povo	1855
Harpa do Mondego	1855
Boletim de Coimbra	1855
Pregoeiro	1856
Tribuno	1856
Epocha	1856
Ordem Publica	1856-1857
Revista Juridica	1856-1858
Tribuno Popular	1856-1873
Cysne do Mondego (1.ª serie)	1857
Constitucional	1857-1858
Liberdade (1.º deste nome)	1858
Sylphide	1858
Recreio Juvenil	1858
Preludios Literarios	1858-1861
Estreia Literaria	1858-1861
Saudade	1859
Atheneu	1859-1860
Academico (2.º deste nome)	1860
Literatura Illustrada	1860
Cysne do Mondego (2.ª serie)	1860
Phosphoro	1860-1861
Commercio de Coimbra	1860-1865
Repositorio Literario	1861
Nobliarchia Conimbricense	1861
Portugal Independente	1861-1862
Harpa	1861-1862
Gremio Alemtejano	1861-1862
Tira-Teimas (2.º d'este nome)	1861-1862
Ensaios Literarios	1861-1862
Minho	1862
Flor do Mondego	1862
Hymnos e Flores	1862-1863
Crysalida	1863-1864
Atila	1863-1864
Liberdade (2.º deste nome)	1863-1866
Coimbra Pittoresca	1865
Jornal de Jurisprudencia	1865-1868
Revista de Coimbra	1866
Povo (2.º deste nome)	1866
Album Literario	1866
Paiz	1866-1869
Amigo do Estudo	1867
Lyceu	1867
Jornal de Coimbra (2.º deste nome)	1868-1869
Revista de Legislação e Jurisprudencia	1868-1873
Folha	1868-1873
Thesouro de Legislação	1869
Lyra do Mondego	1869-1870
Jornal Literario	1869-1871
Civilisação	1869-1872
Auxiliador de Escriptorio	1869-1873
Panorama Photographico de Portugal	1869-1873
Trabalho	1870
Independencia	1870
Recreio Literario	1870
Estudos Cosmologicos	1870
Voz do Mondego	1870
Boletim bibliographico da Livraria Academica	1870
Iak.·. e Bo.·., jornal da Maçonaria Portugueza	1870-1871
Revista das Sciencias Ecclesiasticas	1870-1873
Federação	1871
Peregrino	1871
Trovão da Beira	1871
Progressista	1871-1873
Zephyro	1872
Correspondencia de Coimbra	1872-1873
Jornal de Coimbra (3.º deste nome)	1873
Republica Portugueza	1873

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Theatro Academico.— E' hoje a primeira representação lyrico-dramatica dos actores o sr. Cesar de Lacerda e a sr.ª D. Carolina Falco.

Pessoas que têem assistido aos ensaios, nos dizem que o espectaculo é sem duvida interessante, e mais do que se poderia julgar por serem dois os interlocutores.

Constará da peça de A. Dumas— *Chale de cachemira*; da paraphrase— *As pragas do coronel;* e da imitação do sr. Cesar de Lacerda—*As commoções*, comedia ornada de musica em parodia das operas mais conhecidas. Os actores serão auxiliados por alguns academicos. E' de crer que tenham casa cheia.

Photographia.—Percorreu hontem as ruas da cidade o carro do sr. José Maria dos Santos, habil photographo com *atelier* no largo da Portagem. E' um carro elegante, puxado a um cavallo, e que deve servir para o photographo se transportar de um a outro lado, tendo tudo disposto no interior, para que elle possa exercer a sua arte ao abrigo das intemperies.

Mercado de D. Pedro V—Tem sido muito estranhada na cidade a deliberação tomada pela camara municipal, de fechar a communicação que havia do bairro alto para o mercado. Esta resolução está causando muito incommodo ao publico, que se vê obrigado a percorrer uma grande distancia para chegar ao mercado, e prover-se alli das subsistencias do uso diario.

Objectos de modas.—Visitámos o deposito de fazendas do estabelecimento do sr. Nuno Machado, na rua da Calçada, antiga loja de Barbosa á Portagem; os baratissimos preços das fazendas, e sobretudo as boas maneiras e muita educação do gerente o sr. Machado, fez com que de todo se acabasse o primeiro deposito, e lhe viesse segundo do mais variado gosto, como elegantissimos chapeus para senhoras e meninos, tunicas de percal bordadas; ditas de lã e seda para vestidos, do preço de 180 rs., saias de crina e percal, espartilhos, tournures, camisas bordadas, lindas faxas, vestidos para creancinhas e muitos objectos da ultima moda.

Recommendamos ás nossas elegantes a procura destes objectos, pois que o gerente poucos dias se póde demorar nesta cidade, seguindo viagem para o Porto.

Concurso—Está aberto concurso pelo espaço de 30 dias, a contar de 1 do corrente, para o provimento das egrejas de Nossa Senhora das Neves de Cadafaz, concelho de Goes; e Nossa Senhora da Conceição do Zambujal, concelho de Condeixa; ambas do bispado de Coimbra.

A amoreira—Esta bella arvore foi o presente mais precioso, que a Asia fez ás regiões temperadas da Europa. O primeiro exemplar que a França possuiu, veiu de Italia em 1494, e foi plantado com todo o resguardo, defendido por um muro. No fim do seculo passado ainda esta arvore vivia, mas já muito velha e carcomida, desapparecendo completamente no principio do seculo actual. Foi este exemplar que serviu para povoar a França de amoreiras, e o seu proprietario foi um cidadão benemerito da patria.

Foi no reinado de Justiniano, que o bicho da seda foi introduzido em Constantinopla por dois monges vindos da India. Desde essa epocha memoravel começou a industria da seda, até então mysteriosa, que fazia a principal opulencia da Persia e da China, a estender-se pela Grecia. Na Hespanha, e principalmente no reino de Cordova, foram os arabes os seus introductores, e foram tambem elles os que a propagaram na Sicilia.

Hoje a cultura da amoreira e a industria da seda tem adquirido um interesse economico da primeira ordem. A França, que só póde cultivar esta planta em uma pequena parte do seu territorio, tem um rendimento annual de nove milhões de cruzados em folhas de amoreira, quantia que se transforma em 144 milhões depois de manufacturada a materia textil a que ellas dão origem; isto é, recebe da cultura da seda um terço do que obtem da sua vasta producção vinicola. A Italia tira da industria sericola uma riqueza superior a 30 milhões.

Estes factos são eloquentes, e devem convencer os agricultores portuguezes dos grandes lucros que podem provir-lhes deste ramo de producção agraria. A cultura da seda tem ainda a grande vantagem de empregar muitos braços inuteis para as outras industrias, dando trabalho a velhos, a invalidos, a creanças e ás mulheres. As nossas provincias de Traz-os-Montes e Beira já cultivam em grande escala a amoreira, e auferem importantes interesses da industria sericola. Alem da amoreira negra, a menos propria para a creação do bicho da seda, e que é a mais antiga em Portugal, dão-se perfeitamente no nosso paiz as amoreiras brancas, a de Italia, a de Constantinopla e a multicaule.

---

seu genio, alimento aos seus instinctos, e campo ao seu valor. Augmentando os seus conhecimentos para a destruição de seus inimigos, se afeiçoava cada vez mais a uma carreira, em que havia de alcançar tanta fama.

Por esta epocha foi o general Valdez substituido pelo general D. Vicente Genaro de Quesada, marquez de Moncayo, que tomou o commando do exercito liberal em 22 de Fevereiro de 1834.

Quesada começou o seu governo diligenciando acabar a guerra por negociações com os carlistas. Zumalacarregui, porem, reuniu em sua casa, em Lumbier, os officiaes do seu partido, para os consultar. O primeiro que fallou foi Zarategui, oppondo-se energicamente contra toda a transacção com os liberaes. O assentimento dos mais officiaes a essa opinião foi geral e enthusiasta.

No dia seguinte formaram-se os batalhões carlistas, e lhes leu Zumalacarregui um manifesto, em que dava conta do que se tinha passado com Quesada, e terminava pela seguinte forma:

«A fidelidade navarra, constante sempre nas suas emprezas, conserva illeso o seu bem merecido nome: as nações da terra celebrarão de mil modos a nossa unanime resolução, e antes de pouco tempo, em união com o nosso soberano, quebraremos a cabeça á hydra revolucionaria.

«Povos da Navarra, pessoas de todas as classes que anciaes por Carlos V, respeitaveis prelados, todos, todos uni-vos a mim; chegou o tempo em que já não podareis desfrutar o repouso de vossas casas, pois que impunes e indefesos sereis victimas desgraçadas do monstro sanguinario que pisa o nosso sagrado solo.

«Jovens navarros, vinde todos, engrossae nossas fileiras, sede companheiros das glorias militares e fadigas dos demais, e contribuir para acabar de prompto com quantos christinos tem vindo, os que de nenhum modo tem sido, são, nem serão tão esforçados como vós.

Repeti o juramento comigo. Carlos, ou a morte! Vencer ou morrer! Esta é a divisa do vosso commandante geral—*Thomaz de Zumalacarregui*:—Quartel general de Lumbier, 8 de Março de 1834.»

Tiraram-se copias deste manifesto, afixaram-se algumas em publico, circularam outras, e foi enviada uma a Quesada, que respondeu com outro manifesto, que serviu para incendiar mais as paixões, e de preludio a um systema de rigor desusado.

Terminava Quesada o seu manifesto dizendo:—«O valente e decidido exercito só tardará em vencer aos rebeldes os dias que não conseguir alcançal-os: esta é a unica difficuldade que offerece a sua destruição.—Quartel general de Pamplona, 9 de Março de 1834— *O marquez de Moncayo.*»

Se os carlistas não tivessem contado com a ajuda indirecta de França, teriam sido inuteis todos os seus esforços para organisar a guerra, pois não podiam alcançar em Hespanha as armas necessarias, quando ainda para os liberaes foi necessario trazel-as do estrangeiro. Daquelle visinho reino recebia Zumalacarregui armas e vestuarios, o que, sabido por Quesada, se entendeu com os consules para o impedir; porem eram objecto de livre commercio entre os francezes, e não podiam oppor-se as suas auctoridades; conseguindo quando muito, do zelo de algum consul, participar ás auctoridades hespanholas os contractos que se faziam, e as pessoas que na peninsula se entendiam com os commissionados carlistas em França.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Bibliothecas da Europa—Calcula-se em mais de 200 milhões de volumes o numero total de livros collecionados nas bibliothecas dos principaes paizes da Europa.

A bibliotheca Imperial de Paris, a mais vasta e mais bem dotada que se conhece, possue 1 milhão e 100 mil volumes e 80 mil manuscriptos. A do Arsenal contem 200 mil volumes e 5:800 manuscriptos. A de Santa Genoveva 155 mil volumes e 2:000 manuscriptos. A bibliotheca Mazarini 150 mil volumes e 4:000 manuscriptos. A da Sorbona 80 mil volumes e 900 manuscriptos. A do Hotel de Ville 65 mil volumes. O total em todas as bibliothecas de França é avaliado em 6 milhões e 238 mil volumes.

A Italia conta 4 milhões e 150 mil volumes, sendo a maior parte dos livros obras antigas, raras e preciosas, especialmente em sciencias ecclesiasticas e religiosas. A Austria possue 2 milhões e 488 mil volumes. A Prussia 2 milhões e 40 mil volumes. A Grã-Bretanha não possue mais de 1 milhão e 772 mil volumes; mas esta inferioridade apparente é compensada por numerosas e ricas livrarias particulares. A Baviera tem 1 milhão e 209 mil volumes. A Belgica 510 mil volumes, e a Russia 852 mil volumes. Attendendo á população e riqueza moscovita, é realmente inferior o numero dos seus livros, e este facto não attesta grandes progressos neste ramo de administração e de instrucção.

O adulterio—A lei de Moisés punia o adulterio com a pena de morte. Os romanos não promulgaram leis formaes contra este crime, antes do reinado de Augusto. A primeira lei promulgada foi a lei *Julia*. Na antiguidade o adulterio era punido em uns paizes como o homicidio, em outros como o parricidio, e em outros com o desterro do homem, e a mutilação do nariz e orelhas da mulher. Na Hespanha e Polonia eram horriveis os tormentos do criminoso. Os antigos saxonios queimavam a mulher, e sobre as cinzas da fogueira levantavam uma forca onde o homem era victimado.

Em Sparta era desconhecido este infame delicto. Um estrangeiro perguntou a um spartano, que pena se infligia ao adulterio. Condemnam-se os criminosos, respondeu o spartano, a apresentar um touro, que do vertice do monte Taygéte possa beber no rio d'Eurotas. Mas isso é impossivel, replicou o estrangeiro. E' tão impossivel, respondeu o outro, como haver adulteros em Sparta.

A maledicencia—Alguem disse, que se devia cortar a lingua aos maldizentes e calumniadores, e as orelhas aos que prestam attenção áquelles. Um philosopho, que ouviu similhante anathema, declarou que neste caso tinha de ser mutilada a grande maioria do genero humano.

Sardões e sardanicas—Diz-nos o sr. José Maria Rosa de Carvalho, que se nos ophidios, ou cobras, não temos especie venenosa alem da vibora, nos sorios ou sardões, nem uma só apparece com veneno. A *seps chalcides* de Charles Bonaparte, vulgarmente chamada cobra de pernas, é tida por venenosa, sem haver, para assim o reputar, o menor fundamento. Ella tem o corpo mui parecido ao alicanço; porem é dotada de pernas e braços, ainda que curtissimos. Pode dizer-se que esta especie forma o ultimo annel da cadeia que liga as cobras aos sardões.

Quanto ao *habitat*, elle é muito extenso. Onde aqui se encontra mais frequente, é na chamada quinta da Baleia, proxima a Coselhas.

Temos um outro sorio, alcunhado de venenoso. É a nossa osga. (*Platydactylus muralis* de Dumeril e Bibron). Este reptil tão repugnante á vista, tem a propriedade de trepar por os corpos lisos, ajudado não só por a construcção dos dedos achatados, como tambem por um humor pegajoso e caustico, que lhe transpira nas mãos e pés. Tem succedido, muitas vezes, passar sobre o rosto de quem está dormindo, e apparecer o paciente no dia seguinte como se tivesse molestia de pelle. Porem este incommodo é passageiro.

A osga é mui frequente. Por exemplo, dentro da cidade, junto ao edificio da Universidade, e mesmo na casa do guarda mór, proximo á torre, etc., etc. Fora de Coimbra tambem é abundante.

Ainda não podemos descubrir outra osga a *Hemidactylus verruculatus* de Dumeril, que é possivel existir em Portugal.

Mercado de Condeixa a Nova no dia 2—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 500—Dito mourisco 460—Milho branco 350—Dito amarello 340—Feijão vermelho 480—Dito branco 440—Dito rajado 400—Dito frade 400—Cevada 320—Grão de bico 400—Chicharos 320—Tremoços 280—Batatas 280—Azeite 1$140—Vinho 900.

A administração municipal em Goes.—Um nosso amigo nos pede a publicação do seguinte:

«Sr. redactor. São para admirar, e chegam mesmo a tornar-se verdadeiramente notaveis os progressos que o concelho de Goes vae fazendo diariamente; ao passo que em muitas terras, e principalmente nos grandes centros de população, vemos todos os dias pullular a vil e desgraçada intriga, movida de certo a maior parte das vezes pela ambição desmedida dos homens, que não contentes com o que são e deveriam ser, tentam sempre deprimir aos seus semelhantes, com o unico fim de se elevarem a si; vemos com bastante prazer nosso, que os goienses, despidos de ambições e sem a menor emulação, tratam de promover com todo o afinco o engrandecimento d'aquelle concelho, timbrando todos em o collocar na vanguarda da civilisação.

E não se diga que nós somos menos exactos quando fallamos d'aquelle concelho com tanto louvor, porque os factos mais do que as palavras, responderiam bem alto a quem ousasse contestar-nos o que acabamos de dizer.

A boa ordem e regularidade na administração, não se limita a este ou áquelle ramo de serviço publico, mas generalisa-se a todos. Sendo-nos, porem, impossivel tratar hoje cada um delles como era nosso desejo, e o que todavia promettemos fazer em breve, occupar-nos-hemos particularmente da camara municipal deste biennio, que se tem mostrado incançavel na realisação de muitas das obras indispensaveis ao augmento e engrandecimento daquelle concelho.

Entre muitos melhoramentos com que aquella camara tem illustrado a sua gerencia, taes como concertos de caminhos, facturas de calçadas, construcção de pontes, etc., etc., em todas as freguezias aonde a necessidade publica os reclamava, avulta de certo o accrescentamento do cemiterio da cabeça de concelho, que as condições hygienicas por um lado, e o progressivo augmento de população por outro, demandavam imperiosamente.

Não tinha este melhoramento passado desapercebido ás camaras dos biennios anteriores; porem, quando se tratava da sua realisação, sobrevinham sempre obstaculos, que se não eram invenciveis, pelo menos tornavam-se de uma difficil solução; todavia a camara actual, e especialmente o seu digno vice presidente, o illm.º sr. José Fernandes Antunes de Carvalho, auxiliado tambem pela exemplar e incançavel auctoridade administrativa daquelle concelho, tractando de remover todos os obstaculos e attrictos, que se oppunham á realisação de tão indispensavel melhoramento, conseguiram finalmente que a obra se principiasse, não devendo já demorar-se muito a sua conclusão.

Não ficam porem ainda aqui os factos, que comprovam com toda a evidencia os bons desejos, e acertada gerencia da municipalidade de Goes. Reconhecendo esta o estado deploravel da viação publica nàquelle importante concelho, e a indesculpavel incuria dos nossos governos, sobre tão importante e momentoso objecto, tenta por todos os modos de promover, e levar a effeito a construcção de uma estrada, que pondo em communicação o concelho de Goes com o importante porto do Lourido, vae atravessar no seu trajecto o de Poiares.

Para proceder aos estudos e levantamento da planta desta estrada, requisitou a camara ao chefe do districto o pessoal necessario, ao que s. ex.ª com a maior promptidão accedeu, tendo-se por isso já dado começo a este trabalho. Todavia forçoso é confessal-o, ainda que confiamos muito nos bons desejos d'aquelle municipio, e sabemos quanto pode muitas vezes a força da vontade, antevemos grandes obstaculos á realisação de tão util melhoramento, e o maior a nosso ver, é a falta de meios.

Embora, porem, se não leve a effeito a construcção de tal estrada, não devemos deixar de louvar a iniciativa e os esforços empregados para tal fim por aquella illustre camara, que com bastante gloria sua, tem sabido desempenhar tão dignamente o mandato em que foi investida pelos seus municipes.

Bem ao contrario do que succede em outros concelhos, que nós conhecemos, a camara de Goes celebra todas as semanas a sua sessão extraordinaria, reunindo-se tambem extraordinariamento todas as vezes, que o serviço publico a exige: e não se nos diga que nós somos menos exactos quando nos referimos a alguns concelhos com tanto desfavor, porque se a tanto nos obrigassem, não trepidariamos em apresentar os factos nos quaes baseamos a nossa afirmativa, porque desgraçamente, não são elles em pequeno numero.

Poderiamos ainda fallar da regularidade e boa ordem que se nota na escripturação e archivo daquella camara, e apresentar outros muitos factos que comprovam que aquelle concelho se póde tomar como modello no que toca a administração; mas esta nossa correspondencia vae já um pouco longa, e nós não queremos de maneira alguma abusar das attenções que devemos a essa redacção.

Reservando-me para em breve tratar dos outros ramos de administração, resta-me por hoje felicitar a camara de Goes pelos importantes melhoramentos com que se tem beneficiado aquelle concelho, esperando que ella pelos seus actos continuará a merecer os nossos louvores e os de todos os seus administrados.

Aos favores que já devemos a essa redacção, esperamos dever mais o da publicação desta n'um dos proximos numeros do seu lido jornal, pelo que desde já nos confessamos summamente agradecidos.

De V. att.º vr.º etc.

* * * * *

Noticias de Hespanha.— Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

«São de 29 os jornaes chegados de Madrid e poucas noticias trazem. Continuavam as prisões de pessoas suspeitas que os voluntarios prendiam e as auctoridades soltavam. O general D. Isidoro de Hoyos foi preso no dia 28 á tarde na rua, e custou a livral-o de ser maltratado. Solto pela auctoridade, saiu para o estrangeiro no dia seguinte com a sua familia.

O ministro da fazenda ordenou que os seus empregados addidos a outros serviços ou commissões estranhas ao ministerio, voltassem aos seus logares, ou os tivessem por perdidos.

Acosta ainda assistia aos conselhos de ministros. Uns confirmam que a final conservará a pasta da guerra; outros dizem que só consentiu em conserval-a durante 48 horas. Nouvillas não quiz acceital-a, allegando que estava a dar cabo dos carlistas.

A minoria republicana das côrtes mandou ao governo uma mensagem, declarando que é federal, mas sem pressa, e que o governo não póde fazer o que pertence ás constituintes. Esta mensagem responde á mensagem dos intransigentes, para que se proclamasse desde já a republica federal. E' papel contra papel. Antes isso que balas contra balas.

O homem a quem coube a sorte grande da loteria de Hespanha do dia 14, não quiz receber um terço em metal e o resto em bilhetes do thesouro (*pagarés*), como lhe foi offerecido. Não se sabe se lhe pagarão em metal. Esta noticia dada pelo *Imparcial* deve servir de aviso aos apaixonados da loteria hespanhola.

Diz a *Correspondencia* que nestes seis mezes foram de Lisboa para Madrid grandes quantidades de peixe fresco no valor de 60 mil duros.

Sagasta já chegou a França.

Das provincias as noticias são as mesmas dos dias antecedentes. Em Granada os voluntarios prenderam um assassino, e dominando n'elles mais a indignação que o respeito da lei, mataram-o logo.

Quanto aos carlistas são encontradas as noticias. Velarde em uma ordem do dia affirma que o infante D. Affonso entrára em França, e que Saballs anda fugitivo. E' todavia certo que os jornaes de Madrid não dão inteiro credito a esta noticia. Persiste o boato de que no dia 16 terá cessado a guerra dos carlistas, porem ha quem receie mais a acção pacifica desse partido, que os seus feitos guerreiros.

Em Madrid não se sabe nada positivo a tal respeito. E' como se a Catalunha e a Navarra fossem na China.

Não ha outras novidades.

Madrid 30, ás 8 h. 30 m. da t.—O banco hypothecario adiantou ao thesouro 63:000 libras sterlinas pagaveis em Paris e reembolçaveis em letras sobre a commissão financeira de Londres.

Madrid 1 de Maio ás 11 h. 55 m. da m. —A *Gazeta* publica os decretos, acceitando a demissão de Acosta e nomeando Nouvillas ministro da guerra e Pierrat secretario; encarregando Pierrat interinamente da guerra durante a ausencia de Nouvillas.

Genebra 29 de Abril.— O conselho federal fez prender um camarista do duque de Madrid, accusado de fazer alistamentos para os carlistas. Os agentes de policia apoderaram-se d'uma pequena peça que ia ser enviada para Hespanha pelo caminho de ferro. A justiça procede.

Mais noticias de Hespanha.— Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

«Já tomou novamente posse da presidencia do poder executivo o sr. Figueras. A municipalidade de S. Sebastião foi destituida e substituida por outra puramente federal.

No dia 23 insubordinou-se em Figueras contra o seu commandante uma columna que chegara de Llers. O commandante para não ser morto, teve que refugiar-se em uma casa particular, d'onde á noite passou ao castello.

Depois de publicado o bando do governador civil de Madrid, que hontem resumimos, ainda foram revistadas as casas de alguns cidadãos.

Diz a *Republica Democratica* que os voluntarios visitaram os domicilios dos srs. Eguiloz, na rua Mayor, e um carvoeiro na rua da Colegiata. A *Epoca* noticia que tambem foram a casa do sr. José Emilio Santos pedir as armas que tivesse em seu poder, e o *Pueblo* conta que alguns cidadãos invadiram a morada do sr. Arana.

Movimento carlista

Entrou uma partida carlista em Fraga onde queimou o registo civil. Uns 30 homens atacaram a estação de Tafalla, mas foram repellidos pelo destacamento que alli se achava. O cura de Ayala pernoitou, com a sua gente, em Sotillo, e seguiu no dia 27 para Espinoza de los Monteros.

O cabecilha Valles com 300 homens e 10 cavallos, incendiou a estação de Vinaixa e quebrou os fios telegraphicos. Em Pinoso acolheram-se ao indulto 26 carlistas com armas, pertencentes ao bando de Roche.

Diz a «Epocha» que a noticia do restabelecimento das carreiras regulares dos caminhos de ferro é apenas uma elegia diplomatica para fins determinados.

O general Velarde publicou uma ordem do dia annunciando ao exercito a entrada de D. Affonso em França, attribuindo os ultimos resultados alcançados pelas tropas da republica, ao terem estas recuperado a sua antiga disciplina e bom comportamento.

Foram presos na fronteira franceza tres chefes carlistas, sendo dois francezes e um inglez. Foi novamente prohibida a navegação no Ebro, para evitar que os carlistas atravessem aquelle rio.

As noticias a respeito da possibilidade dos carlistas abandonarem a luta á mão armada, continuam a ser contradictorias; porem o que parece certo é que no seio do partido se está preparando algum successo importante.

Panorama Photographico de Portugal.—Publicou-se o n.º 4. A photographia respectiva representa uma parte do palacio de D. Fernando, em Cintra, e é feita por um cliché do distincto photographo-amador o sr. Carlos Relvas.

Traz os seguintes artigos:

—*Real Paço da Pena em Cintra*, por I. de Vilhena Barbosa.

—*Primeiro Conto*, por Silva Rocha.

—*Breve Memoria Historica da villa de Goes*, por A. F. Barata.

ANNUNCIOS

1 MEMORIA HISTORICA da Faculdade de Theologia, e discurso reitoral, 800 rs.

Dita da Faculdade de Mathematica, 400 reis.

Dita da Faculdade de Philosophia, 600 reis.

Regulamento dos Lyceus nacionaes, 120 reis.

Lei do sello e portaria ácerca da mesma, 50 reis.

Vendem-se na imprensa da Universidade; e remettem-se pelo correio, sem accrescimo de despeza, a quem enviar as respectivas importancias ao administrador da mesma imprensa.—Coimbra.

BAZAR

2 A SOCIEDADE PHILARMONICA — **Boa-União**—tenciona fazer um bazar nos dias 22 do corrente e 1 de Junho, no Jardim Botanico.

Venda e arrematação de direito e acção de uns autos de execução

3 NO DIA 13 de Maio, pelas 9 horas da manhã, á porta da sala do tribunal judicial desta comarca, e perante o exm.º sr. juiz de direito, se ha de vender e arrematar em hasta publica, o direito e acção de uns autos de execução, que José Pereira da Costa Lima Grijó, morador que foi nesta cidade, e já fallecido, moveu a José da Silva Rocha, das Vendas de Santa Anna; Pedro de Mattos, e outros, de Rios Frios, da Costa, e Casal de Murteira; cujo direito e acção tendo sido avaliado pelos louvados em 180$000 reis, e tendo sido posto em praça no dia 1.º de Abril, e não tendo havido arrematante, volta por isso á praça, com o abatimento da quinta parte, na quantia de 144$000 reis; e por isso será vendido e arrematado a quem cobrir a mesma quantia. E' escrivão da execução, Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

EDITAL

4 A CAMARA MUNICIPAL DE COIMBRA, faz publico, que se acha patente na respectiva secretaria, por espaço de 15 dias, a contar da data do presente edital, o rol do lançamento da contribuição de serviço das freguezias de Almalaguez, Amial, Antanhol, Antuzede, Arzilla, Assafarge, Botão, Brasfemes e Villela, Castello Viegas, Ceira, Cioga, Eiras, Lamarosa, Ribeira de Frades, Santa Clara, Santa Cruz, Santo Antonio dos Olivaes, S. Bartholomeu, S. Martinho d'Arvore, S. Paulo, S. Silvestre, Sernache, Sé Nova, Souzellas, Taveiro, Trouxemil, e Vil de Mattos, relativo ao anno economico de 1872-1873, pelo que convida todos os interessados a virem alli ver e examinar, desde ás 9 horas da manhã até ás 3 da tarde, de todos os dias não santificados, o dito rol, e a apresentarem dentro do referido prazo qualquer reclamação que julgarem conveniente fazer.

E para constar se passou este e outros de egual theor.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 30 de Abril de 1873.

O presidente,
Lourenço d'Almeida e Azevedo.

5 A MESA da Santa Casa da Misericordia desta cidade, manda annunciar, que se acha a concurso até ao fim do corrente mez o logar de professor de instrucção primaria, interino, do collegio dos orphãos a cargo da mesma Misericordia.

Na secretaria da Santa Casa se prestam todos os esclarecimentos.

Misericordia de Coimbra, 3 de Maio de 1873.

O cartorario,
José Simões da Silva Junior.

Ultimos dias de venda

LÃS A 160 O METRO

6 NUNO MACHADO & C.ª—Antiga loja de Barbosa á Portagem.

LEILÃO EM COIMBRA

7 NO DIA 11 do corrente Maio, ás 10 horas da manhã, se faz leilão de moveis e objectos de botica, pertencentes ao fallecido José Pereira da Cunha, atraz do Cano da Feira.

TEIXEIRA

Primeiro barateiro e sem competidor

32 VISCONDE DA LUZ 36

8 A ESTE ESTABELECIMENTO chegou novo sortido de chitas modernas francezas, largas de 150 a 190 reis o metro, e estreitas a 105; fustões brancos acolxoados; brilhantinas modernas com risca assetinada para casacos de senhora ou para vestidinhos de creança, a 360 e 400 reis o metro; peitilhos modernos finos para camisa; grande sortido de camisolas de algodão e merino para homem; lencinhos brancos finos para bolço, de 50 até 100 reis; ditos abainhados e com silvinha dos mesmos preços; muito bons lenços de seda, só em branco, e em côr; pannos crús infestados muito largos; boas bretanhas cruas, e superiores esguiões e patentes, que a tudo se fazem preços sem haver quem possa competir.

Edital

Dr. Lourenço d'Almeida e Azevedo, lente cathedratico da Faculdade de Medicina, na Universidade de Coimbra, presidente da Camara Municipal da dita cidade.

Faço saber que na casa da camara se acha patente por espaço de 10 dias, a contar da data do presente edital, o orçamento geral da receita e despeza deste concelho, e o lançamento das respectivas contribuições municipaes para o anno economico de 1873 a 1874; pelo que convido a todos os cidadãos interessados a virem alli ver e examinar o mesmo orçamento, e a apresentarem-me dentro do referido prazo quaesquer reclamações que julgarem convenientes fazer, a fim de terem o destino competente.

E para constar se passou este e outros de egual theor.

Coimbra, Secretaria da Municipalidade, 3 de Maio de 1873.

O Presidente,
Lourenço d'Almeida e Azevedo.

10 A CASA DO ASYLO da infancia desvalida, estará aberta ao publico no dia 8 de Junho, como é costume; e n'esse dia será a primeira communhão das asyladas, á missa da festividade de Santo Antonio, e haverá bazar de prendas.

HOTEL CASTELLA

EM LUSO

11 ABRE no dia 12 de Maio o seu hotel no palacio do exm.º sr. conde da Graciosa, em Luso, e os seus preços diarios são de 800 reis para cima.

Tambem continua com o seu hotel na rua da Sophia, nesta cidade, assim como com o seu café e restaurante na mesma, aonde recebe encommendas de jantares, lunches, etc.

Coimbra, 3 de Maio de 1873.

João M. Castella.

FEITOR

12 OFFERECE-SE um com pratica bastante de todo e qualquer serviço, e que dá as abonações que lhe forem exigidas. A quem convier dirija-se á rua das Covas, em Coimbra, n.º 20.

Venda de uma casa

13 VENDE-SE uma morada de casas na rua do Corpo de Deus, n.º 20, as quaes tem excellentes commodidades. Quem as pretender comprar dirija-se á mesma morada.

14 POR este juizo de direito da cidade e comarca de Coimbra, e pelo cartorio do escrivão Servulo Maria de Carvalho, correm editos de 30 dias, a contar do dia 1.º de Maio corrente, a citar todas as pessoas incertas, para dentro delles irem ao juizo de direito da comarca da Figueira da Foz, e cartorio do escrivão Santos, deduzir o direito que tiverem á quantia de 1:440$000 reis, preço alli consignado em deposito, por Antonio Rodrigues da Conceição, do logar de Alfafar, julgado de Condeixa, producto da arrematação que fez d'uma propriedade chamada o Cerrado do Requeixo, no limite da Ega, do dito julgado de Condeixa, na execução que João Maria de S. Thiago, da mesma villa da Figueira, move a Francisco Xavier Telles d'Almeida e Mello e mulher, da quinta da Capa Rôta, julgado de Soure, com a pena de revelia, e da propriedade arrematada ficar livre e expurgada da hypotheca.



ESTABELECIMENTO D'ALFAIATE

Rua do Infante D. Augusto, 10

15 ANTONIO AUGUSTO DA PAIXÃO, premiado com a medalha de prata na exposição districtal do Coimbra, participa aos seus freguezes e amigos, que além do bom sortimento que costuma ter, acaba de receber um bom sortido de fazendas proprias da presente estação, as quaes vieram directamente de Paris, sendo os preços os mais commodos, como costuma.

16 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia da Pampilhosa, concelho da Mealhada, faz publico, que no dia 18 do corrente, hade proceder á arrematação de certas obras na egreja; que constam de portico de pedra no cemiterio, porta de ferro do mesmo, reparo no forro, etc. As condições estão patentes em poder da mesma junta.

O inimigo do monopolio

Em Coimbra á Portagem

17 CONTINUA a vender petroleo por atacado, pelo preço de Lisboa; dá prazo e garante a qualidade.

O encarregado da venda **José Tavares da Costa**, rua da Calçada, proximo á Portagem.

18 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière**, aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchaqueca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alcuto, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

E ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de oda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kilo 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos no Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2690 — TERÇA FEIRA 6 DE MAIO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Alguns jornaes da capital queixam-se, e com razão, de ter sido annunciado o pagamento da contribuição industrial por uma só vez, e em um prazo que deve terminar no fim do corrente mez.

Ha tempo discutiu-se largamente na imprensa o assumpto relativo ao pagamento das contribuições por parcellas, e cremos que folha nenhuma deixou de reconhecer as vantagens que de certo têem os contribuintes, principalmente os menos abastados, que é sem duvida o maior numero, em satisfazer por meio de mensalidades a importancia das contribuições.

Fomos dos primeiros que na imprensa discutimos o assumpto, e manifestando a nossa opinião, que era e é inteiramente favoravel a esta forma de pagamento, citámos alguns exemplos de paizes estrangeiros e nomeadamente da França, onde este systema tem produzido excellentes resultados; lucra o thesouro publico, porque as contribuições são pagas mais promptamente, e lucra o contribuinte a quem é menos penoso pagar por pequenas parcellas do que uma quantia avultada de uma só vez.

Por desnecessario dispensamo-nos de aqui repetir o que já por outras vezes temos dito em relação a este objecto, para demonstrar as vantagens desta forma de pagamento; nesta occasião, associando-nos aos nossos collegas da capital, não podemos deixar de lamentar que se não adoptasse este systema, que, sem ter impugnadores na imprensa, e sendo de mais a mais o governo auctorisado pelos poderes competentes, a ordenar pela forma que desejamos, em pequenas parcellas, o pagamento das contribuições, agora se proceda por modo diverso.

Se é um dever de todo o cidadão contribuir na justa proporção dos seus haveres, para as despezas do estado, não o é por certo menos do fisco, attender ás reclamações do povo, quando ellas não prejudicam o thesouro, mas antes auxiliam os seus interesses.

TRES MUNDOS

Recebemos hoje pelo correio, com verdadeiro alvoroço, os— TRES MUNDOS—com que nos brindou o seu illustrado auctor o sr. D. Antonio da Costa.

Ainda não podemos ler senão os tres primeiros capitulos, em 114 paginas, desta obra primorosa; e pelo que já lemos, avaliamos a alta importancia de toda ella.

Hoje, ou ámanhã já deverá estar á venda em Coimbra esta publicação do sr. D. Antonio da Costa; e de certo o publico a acolherá como merece, e como tem feito a todos os livros de tão distincto escriptor.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

ERRATA E PEDIDO

Em consequencia de um erro typographico, sahiu em o numero passado, collocado fóra do logar competente, o nome de um dos jornaes publicados em Coimbra. O *Repositorio Literario* é de 1868, e não de 1861 como se imprimiu.

Pedimos, por isso, por muito favor, a todas as pessoas que fazem collecção do *Conimbricense*, queiram ter a bondade de fazer esta emenda á mão.

O *Repositorio Literario*—1868 — deve ser escripto por baixo do jornal o *Lyceu*, e riscado no logar onde se acha.

Temos todo a empenho em que a nossa relação dos jornaes publicados em Coimbra seja o mais exacta possivel; e por isso desejamos muito que se annulle este lapso.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

CORRESPONDENCIA DE LISBOA

Lisboa, 4 de Maio de 1873.

Nada ha em politica de que se faça menção. E, não havendo politica de casa, alguns jornaes tratam de passar em revista o que vae lá fóra, principalmente em Hespanha, onde a anarchia reina, sem esperança de que cedo ou tarde, aquelle paiz tenha uma forma de governo definida e estavel, trazendo-lhe a tranquillidade e o socego, e, apoz elle, a prosperidade, de que tanto carece.

Somos mais felizes, nós, n'este cantinho. Liberdade ampla e plena para discutir na imprensa e na tribuna; e, se não vivemos n'uma edade de Saturno, nem por isso nos vemos a braços com a falta de meios, e, o que é mais, com a falta de credito, como acontece no paiz visinho, sendo-lhe protestadas letras na praça de Londres, não ha muito ainda, em sommas importantes.

É o resultado da anarchia, do pouco tino das opposições, e das ambições insaciaveis de certos homens politicos. Eu não quero ser propheta, mas parece-me que a Hespanha, no caminho que segue, dará á Europa um espectaculo mais desolador ainda, do que nos deu a França em 1870. O communismo reina alli. A propriedade está á mercê do primeiro bandoleiro, que se lembra de invadil-a, apropriando-se della. A segurança publica e individual desappareceu, e os federaes espreitam occasião propria para empolgarem o poder. As prisões arbitrarias succedem-se. O governo está desprestigiado, sem força; até os proprios republicanos já nada querem com tal republica.

Eis aqui o estado desgraçado a que chegou a nossa visinha; e quem pode prever até onde a levará a ambição dos corrilhos e das facções, que n'aquelle infeliz paiz se degladiam!

Ponhamos os olhos n'aquelle lastimoso quadro, meu amigo, e aprendam os homens publicos, e aprendamos todos a ser cordatos, a refrear os impetos de ambições desmarcadas.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLVII

D. CARLOS

VII

Como preliminar de suas operações, publicou Quesada um bando em 11 de Março de 1834, que demonstra por si só o que ia ser no futuro a guerra.

Nelle exigia listas dos que sem licença estavam ausentes dos povos, e dos que se achavam nas fileiras carlistas, determinando o embargo dos bens destes e dos que novamente as engrossassem. Aos priores dos conventos se pedia a mesma lista dos frades ausentes sem licença, e dos que inspirassem desconfiança, a fim de mudal-os para outros conventos, ameaçando fechar todo aquelle donde tivessem saido alguns individuos para as fileiras carlistas.

As camaras municipaes dos povos se preveniu que se não tomaria em conta nenhuma quantia, que a titulo de contribuições entregassem ao inimigo, o que se lhes exigiria novamente; e que se dessem rações, estando o povo fóra do raio de tres leguas occupadas pelos inimigos, pagariam por cada ração dois reales, destinados ao serviço das tropas liberaes.

Comminava-se a pena de desterro para o ultramar e para o canal de Castella, ás justiças que dessem aviso aos carlistas e aos que insultassem os indultados, e ás galés se fossem mulheres; impondo-se a pena de morte por varios actos admittidos geralmente como delictos nas guerras civis, mais barbaras ainda do que as nacionaes.

Finalmente o clero que tivesse entregado alguma quantia aos carlistas, devia entregar o dobro aos liberaes.

Quesada julgou necessario este rigor, sem conhecer a sua ineficacia; pois só se consegue augmentar as victimas quando os partidos se equilibram, ou não se pode destruir a um inimigo que sabe vencer, que occupa praças e povos, que faz prisioneiros, e que tem na sua mão a vingança.

Objecto de contestações entre os caudilhos liberaes e carlistas, foram estas medidas violentas, e a inimisade se fez maior entre todos, que por fim romperam os laços que antes os uniam. Os que tinham estado proximos a abraçar-se, com o que teriam poupado ao paiz rios de sangue, consideraram-se desde então os mais irreconciliaveis inimigos, e ardiam em desejos de arrebatar cada qual a vida ao seu contrario.

Rompe-se a tregua, mal observada por Zumalacarregui, e Quesada propõe-se a continuar a guerra com todo o vigor.

Sae de Pamplona no dia 23 com uma divisão ao encontro de Zumalacarregui, e pernoita em Lumbier, onde permaneceu no dia 24.

Zumalacarregui, que havia começado antes a obrar, atacando a Victoria, dividiu em duas columnas a sua gente. Uma commandada por Eraso, dirigiu-se aos valles de Ulzama e Baztan.

Quesada dirigiu tambem a sua e foi em perseguição de Zumalacarregui com as forças de Oráa. Em vão trataram de o obrigar a combater; nem o poderam alcançar.

Zumalacarregui com a outra columna dirigiu-se a Estella. Seguia-o Lorenzo, respeitando-o. Mais de uma vez procurou aquelle tomar a offensiva em posições vantajosas, illudindo este o encontro.

Reforçado Zumalacarregui com o batalhão de Alava, que commandava Villarreal, apresentou batalha em Abarzuza e Muro, a 29 de Março. Lorenzo queria leval-o a outro terreno; mas as guerrilhas fizeram-lhe fogo, avançando, e por isso admittiu Lorenzo o desafio. Metteu em fogo as suas tropas, fez-se geral a acção, e os liberaes defenderam valentes durante seis horas as posições entre Muro e Estella; e ainda se apoderaram do primeiro povo, que recobraram os carlistas, obrigando a ceder aos seus contrarios, faltos de munições, e perseguindo-os até ás portas da cidade.

Os carlistas contaram 10 mortos e 50 feridos; e os liberaes 22 dos primeiros e 68 dos segundos. Os carlistas souberam fazer valer para o seu prestigio esta pequena vantagem.

Irritado Quesada com este revez, e ao saber que as munições dos soldados, as quaes haviam sido roubadas, se tinham substituido com carvão e cinzas, e achando-se nas casas e até na egreja do povo, grande parte d'aquellas, impoz varios castigos; porem a ninguem se tirou a vida.

No mesmo dia 29 em que foi a acção de Muro, teve Oráa um encontro com os carlistas. Ao meio dia chegou a Zuburo: os carlistas estavam a meia legua e se dirigiam de Arcaburo a Alcoz. Oráa mandou reconhecer as posições que occupavam. Estavam formados, e estenderam então as suas guerrilhas, fazendo fogo aos exploradores.

Contando Oráa com a aproximação de Quesada, atacou-os, dispondo um movimento de maneira que colhesse aos carlistas entre dois fogos; porem conheceram-no, e não empenharam a resistencia, sustentando-se unicamente o necessario para livrar-se de tão apurada situação, salvando-se á custa da perda das posições de Zarday, Zanategui e Osarte, e retirando-se para Almura e Verrueta.

Satisfeito Zumalacarregui, e para continuar alentando a sua gente, publicou no 1.º de Abril, no seu quartel general, uma allocução aos navarros e alavezes, na qual depois

O *Jornal da Noute* de hontem diz:

«Dizem-nos que um juiz criminal que absolvera varios logistas nos processos relativos ás celebres licenças, condemnara agora um, apesar de ser identico o motivo do processo, e de não haver allegação por parte do delegado. Não dizemos nada a este respeito, porque o negocio está pendente de recurso, e porque respeitamos a consciencia dos juizes.

«Mas é forçoso observar que neste assumpto ha um grande mal que importa remediar.

«A lei diz que ficam abolidas as licenças.

«O governo consultado a este respeito explica pelo ministerio do reino em uma portaria o sentido da lei, mas da explicação colhem argumento os que julgam abolidas as licenças e os que as consideram existentes. O sr. ministro da fazenda, consultado por um membro do parlamento, conforma-se com a opinião de que as licenças foram abolidas e indica mui sensatamente os intuitos da lei. A camara e a policia levam aos tribunaes os renitentes. O ministerio publico não sustenta a accusação. Os juizes absolvem. Um que já absolvêra, condemna agora. No meio d'isto ha um recurso para o conselho de districto, e este interpreta a lei em sentido diverso da letra e do espirito d'ella, e das explicações dadas pelo governo. Ninguem se entende.

«A lei diz A. O governo tambem. A administração diz B. O ministerio publico não diz nada. O poder judicial ora diz A, ora diz B. O conselho de districto diz B. A imprensa diz A. E os logistas pedem que se ponha termo a esta anarchia mansa, que os flagella e diminue a auctoridade das leis.

«Os logistas têem razão.»

E' uma anarchia judicial que deve ser remediada.

—Já sahiu á luz a primeira folha de um volume de poesias do sr. Antonio Florencio Ferreira, typographo no *Jornal do Commercio*, moço de provado engenho e modestissimo em extremo. Eu já deseri destas lucubrações, em que a melhor vida se gasta, sem resultado para a alma nem para o espirito. A litteratura, circumscripta a meia duzia de padres mestres em tretas, se algum neophito se quer intrometter n'ella, perde o seu tempo, e só tem algum elogio... a pedido. Isto repugna.

—Está em via de publicação na imprensa nacional, um volume de poesias de Caetano José Dias. O infeliz moço continua doente, e á pericia dos medicos de nada tem valido para dar robustez e vida áquelle caracter franco e aberto. E' para lastimar.

—Emilia das Neves deixa-nos. Vai á Bahia, segunda vez, mostrar o que póde o estudo e a applicação na arte que Talma e Rachel honraram. Está escripturada por dois mezes. Se as exigencias da actriz não fossem desarrazoadas, Emilia das Neves poderia permanecer aqui, sem ser preciso exhibir o seu talento fora do paiz. Veremos se, despedindo-se dos lisboetas, lhes diz que vae mendigar em terras estranhas o *pão que na sua terra lhe negam*. Não admira que tal faça, porque já o disse o *Jornal do Commercio*. Felizmente para a actriz, ninguem acredita.

—Krupp é um grande homem. Na exposição de Vienna de Austria, que se abriu ha tres dias, apresentou quatro peças de artilheria, pesando a maior 36:000 kilogrammas! Tem de comprimento 26 pés, e perfura couraças de 18 pollegadas d'espessura, com balas de 300 kilos de peso. O seu calibre é de 12 pollegadas. E' destinada á defeza das costas.—Dos arsenaes de Woolwich já saiu uma peça com 35:560 kilogrammas e atirando com uma carga de 49 kilos um projectil de 317 kilos.

—Foi hontem pela primeira vez á scena no theatro das Variedades o drama *Pedro Cem*. O meu amigo sabe o que isto é. Dramalhão da eschola antiga, que agrada e enthusiasma. O *mise-en-scene* é excellente, e os actores capricham em desempenhar bem. A jangada apresenta bello effeito. Hoje repete-se, e as enchentes hãode succeder-se, expontaneas, porque o povo gosta e aprecia. Dêem-lhe lá o *Pedro*, de Mendes Leal, ou o *Fr. Luiz de Sousa*, de Garrett, e verão como o theatro fica ás moscas. Tem razão o povo.

Até á seguinte.

P. J. Conceição.

NOTICIARIO

José Agostinho de Macedo em 1810 e José Agostinho de Macedo em 1830. — Viram os nossos leitores o que em o n.º 2587 deste jornal, de 26 de Abril ultimo, publicamos, extraido do folheto—*Os Sebastianistas*—escripto pelo padre José Agostinho de Macedo em 1810.

Ahi dizia elle, que os jesuitas tinham por fim o *dominar a multidão com o sceptro do fanatismo e da superstição, augmentando por isso todos os dias os justos motivos para a sua extincção em todos os reinos da Europa;* que lhe parecia *que se não devia aturar uma congregação de soberbos, egoistas, perturbadores e oppressores do povo;* que por quatro subtilesas dos sermões de Vieira, indignas da magestade dos mysterios e da moral christã, *não se devia supportar o peso desta especie de mações, que enredavam os povos.*

Dizia mais José Agostinho de Macedo, que a moral dos jesuitas era a *mais corrompida*, e que até haviam sido convencidos de *regicidas, aguçando os punhaes* de varios assassinos; e que por isto foram em Portugal *punidos* os jesuitas João de Mattos, João Alexandre e Gabriel Malagrida.

Na opinião delle os jesuitas eram *pessimos, monstros*, e *malvados*; dizendo mais que depois de admittidos em Portugal, *começaram a deitar os bracinhos de fóra, e a apoderar-se dos confessionarios, dos principes e dos grandes, a dominar os povos, e á tyrannisar a mocidade com o jugo dos seus chamados estudos.*

Em fim, segundo José Agostinho de Macedo, os jesuitas tinham sido em Portugal *origem de muitas desgraças.*

Isto era por elle escripto em 1810. Vamos agora ver a sua opinião ácerca do mesmo assumpto em 1830.

Neste ultimo anno publicou elle um folheto, com o seguinte titulo—*Os jesuitas, ou problema que resolvea, e ao muito alto e muito poderoso rei o senhor D. Miguel I, nosso senhor, consagrou José Agostinho de Macedo.*

Para exemplo do que ahi diz o padre Macedo, transcreveremos alguns periodos, por não termos espaço para copiar tudo. Depois de enumerar, com os maiores elogios, os serviços prestados pelos jesuitas na India e no Brasil, continua dizendo:

«Considerados os padres da companhia no meio da sociedade, os padres da companhia nem uma vez só sahiam dos seus collegios, que não fosse para servirem a sociedade nos ministerios da religião, e o estado, com o emprego dos seus talentos, tão cultivados pelo espirito do seu instituto.

«Chamavam-lhes os apostolos, e com effeito cada um delles podia, com muita justiça, dizer com S. Paulo — Quem de vós está enfermo, que eu o não esteja tambem?

«Entra em agonia o doente? Lá estão os padres da companhia. É preciso reduzir á penitencia algum contumaz, e obstinado? Lá estão os padres da companhia. Convem livrar a sociedade de algum salteador e assassino? Lá o acompanham e fortalecem os padres da companhia. E' preciso, e é indispensavel para se salvar, bem crer, bem pedir, e bem obrar? Lá andam pelas ruas, e pelas praças os padres da companhia, ensinando como estas cousas se fazem. E' preciso evangelisar aos pobres, e aos pequenos, como Deus mandava aos profetas:—*Evangelisare pauperibus misit me Dominus?* Lá vão pelas aldeias, e logares quasi despovoados e ermos, os padres da companhia, e sem outra companhia mais que os incommodos e trabalhos: comem o que levam, ou como os apostolos do que lhes dão, e não trazem o que lá viram e acharam.

«Devem os sacerdotes coadjuvar os parochos? Assentam-se nos confessionarios, e sobem aos pulpitos; e se é preciso esmurraçar as velas, e assoprar as brazas no thuribulo, tambem o fazem. Convem attrahir os rapazes por algumas cousas, que lhes dêem? (em lhes acenando com isto, não ha um só que seja capaz de faltar). Lá vae o irmão leigo coadjutor com uma commissão de estampas, de rosarios, de veronicas; os rapazes aprendem, e levam, e lá vão muito contentes.

«Os padres da companhia, que ficam em casa, não ficam ociosos. Nas aulas, nos confessionarios, nas conferencias, nos conselhos, nas resoluções de intrincados casos de consciencia, lá ficam os padres da companhia, e isto sem tregoas, sem descanço, sem diversões; e os que estão só comsigo, oram, e estudam.

«Se alguns dias no anno, para refocilar a alma em tão continuadas fadigas, e para resarcir as perdidas forças, vão os padres da companhia ao alto varejão para a quinta chamada dos Apostolos, ainda (que não sei a quem a deram ou venderam), lá estão cercados por uma inteira brigada de pobres, que lhes pedem uma cousa que é pão, e os padres da companhia lhes dão duas, doutrina primeiro, e pão depois, e assim levavam a alma consolada e o corpo fortalecido.

«D'alli mesmo, se deu um accidente n'um homem, ou perto, ou longe, lá vão os padres da companhia. Dão uma estocada n'outro homem, deixam tudo os padres da companhia, e lá vão agonisal-o. Isto fazem os outros uma ou outra vez, por caridade, os padres da companhia o fazem sempre e a toda a hora, e em toda a parte por obrigação.

«Se me disserem que os padres da companhia apparecem em todos os logares, desde os paços dos reis até ás choças dos pastores e os palheiros dos mendigos, é porque em todos os logares são precisos, e em todos os logares sabem fazer o que fazem. Mas é muita a influencia dos padres da companhia; mas é muito maior o prestimo destes homens, que sendo os ultimos quasi das instituições regulares, são os primeiros no zelo, no fervor, e no espirito apostolico. São opulentos; e quando negaram os soccorros ao estado? Insoffriveis são os sophistas.

«Se os mendicantes pedem, oh! que são gravosos no estado. Se os monges de Alcobaça fizeram de matagaes terras cultivaveis, e productivas, oh! que se banqueteiam esplen-

---

de lhes fallar da acção de Muro, os animava a novos combates até exterminar o inimigo, e lhes offerecia recompensar os que mais se tinham distinguido.

Zumalacarregui tratou de alargar o circulo de suas operações, e adquirir vantagens, em quanto podesse dominar o paiz.

A 9 de Abril passou para a direita do Ebro, apresentou-se de improviso deante de Calahorra, e a atacou com um vivissimo fogo. Os chefes Aznar e Ortiz defenderam-se valentemente; e Zumalacarregui teve de levantar o sitio, sendo perseguido até os montes de Alda, onde acampou e soube que se achava entre os seus perseguidores, Quesada e Oráa; pois que o general em chefe havia chegado ao valle de Lana e o ultimo a Contrasta.

O chefe carlista poude, porem, livrar-se desta difficuldade, dirigindo-se á serra de Urbasa. Foi favorecido pela escuridade da noute, o que lhe permittiu passar sem ser sentido, á distancia de meio tiro de espingarda, das avançadas de Oráa, e se salvou.

Zumalacarregui começou a temer aquella tenaz perseguição, que lhe não dava tregua, nem descanço.

A guerra fazia-se então com todo o rigor. Aos bandos de Quesada oppoz Zumalacarregui outros, não menos terriveis. Por uns e outros se sacrificavam victimas sem conto, e se destruia o paiz, sem que a nenhuma causa favorecesse. Bem o comprehendia assim o animoso defensor de D. Carlos, e duvidava se tal systema lhe agradaria, attendendo aos seus piedosos antecedentes. Não tinha a competente auctorisação para obrar de tal modo; porem dizia, que tambem lhe não havia escripto, ignorando onde se achava.

Desta verdadeira anciedade o tirou em 11 de Abril um habitante de Burgos, disfarçado em arrieiro, que lhe entregou em Piedramillera a seguinte carta, que tinha ido de Portugal:

«O meu real animo e coração se acham dolorosamente affectados ha já muitos dias, ao contemplar os heroicos esforços que fazem a favor da religião e da legitimidade dos meus direitos, as provincias de Alava, Guipuscoa, Navarra e Biscaia (Vizcaya), as quaes nomeio sem preferencia, seguindo só a ordem alphabetica. Os meus reaes sentimentos, manifestados na allocução junta, quero que se publiquem á face do mundo inteiro; tratae, filhos meus, de a reimprimir com este objecto, pois os vossos feitos escurecem já o heroismo dos povos. Mais de uma vez vos tenho dirigido os meus officios, ou cartas; porem estou com receio de que talvez não tenham chegado ás vossas mãos.

«Digno chefe Zumalacarregui, encarrego-vos que façaes presente a minha real gratidão a todos os que commandam as divisões, e tambem á junta dessas quatro provincias. Confirmo quantos graus militares haja dispensado, ou que vós e outros hajaes concedido, e a auctoriso para isto e quanto seja necessario e opportuno para o grande fim que vós haveis proposto, para o que deposito esta parte da minha auctoridade soberana.

«Trabalhae com união, e afastae de vós todo o espirito de discordia, e ainda os mais imperceptiveis elementos de divisão. Fixae só os olhos no coração de Deus, em mim e na nação hespanhola. Vós sabeis o que convem a essas provincias na ordem civil e administrativa. Sentado sobre o meu solio, hei de conservar os seus foros. Para tudo vos invisto da faculdade necessaria e opportuna.

«Dirijo-vos tambem o decreto de lei penal, que mandei publicar, com o fim de prevenir as violencias do governo usurpador.

«Como não se podem multiplicar escriptos, vós, o marechal de campo dos meus exercitos, D. Thomaz de Zumalacarregui, dareis conhecimento á junta e mais chefes militares, de toda esta minha soberana vontade. Aos officiaes, soldados e povos, manifestareis o meu amor.

«Obrae com prudencia, porem com desembaraço, porque filhos tão amados por suas virtudes, devem proceder com liberdade, pois tem a seu favor toda a plena vontade de seu pae. Este é o conceito em que me haveis de ter, e a preciosa joia da minha corôa. Se alguma vez for conveniente conceder graças aos chefes e a todos os mais officiaes da rainha viuva, para tudo tendes a minha auctoridade.

«Palacio de Villa Real, 18 de Março de 1834—*Carlos, rei de Hespanha.*»

Esta carta causou a Zumalacarregui o maior prazer que disse haver experimentado em sua vida. Desde então nada lhe importava esta, nem cem que tivesse. Crendo-se superior a tudo, publicou a sua proclamação, convidando as forças liberaes a depor as armas. Terminava assim essa proclamação:

«Eu vos prometto no real nome d'el-rei nosso senhor, e em uso das regias faculdades que se dignou conferir-me com data de 18 de Março ultimo, que sereis indultados pelo crime em que alguns haveis podido incorrer, havendo tomado voluntariamente as armas contra a sua soberania, com tanto que o verifiqueis no prazo de 20 dias; esta promessa é sagrada e inviolavel; aproveitae-vos della, e deste modo, livre a patria dos males que lhe estaes causando, receberá a sua tranquillidade e volverá a ser admirada da Europa inteira.

«Quartel general de Elizondo, 20 de Abril de 1834.—O commandante general em chefe de Navarra e Guipuscoa—*Thomaz de Zumalacarregui.*»

Todos os carlistas participaram do enthusiasmo de Zumalacarregui. A junta governativa de Navarra, deixando-se levar do enthusiasmo de todos, publicou um *indulto geral* para os defensores de Isabel II, que se apresentassem tambem no prazo de 20 dias.

(Continuar-se-ha.)

Joaquim Martins de Carvalho.

---

didamente, hombreiam com os grandes, e servem de gravame á sociedade. Uns por que pedem, outros porque tem; mas se os monges de Alcobaça não acudissem aos soldados com o sustento, e com o soldo em Aljubarrota, onde estaria a victoria, e que seria feito desde então da nossa independencia?

«O *dou para que deis*, parece que se fez para os monges de Alcobaça. Os reis lhes fizeram doações, e elles tem dado milhões. Deram os reis aos padres da companhia, e elles conservaram aos reis a monarchia.

«Se Portugal no tempo dos padres da companhia foi senhor do ouro do Brasil, ouro, que pela pinta e quilates é tão idolatrado na Europa, talvez que os Tapuias o não deixassem cavar, e cirandar nas minas, se primeiro os padres da companhia não tivessem amaciado, e cepilhado os Tapuias; eu não sei, com que geito elles os tractavam, porque nunca frechas foram para elles.

«Oh! que conservaram os povos no fanatismo! Melhor é elle que o liberalismo. No que os sophistas chamam fanatismo, ainda ha temor de Deus; e o liberalismo o despreza, o nega, o desconhece. E' ou não é proficua a Misericordia á humanidade gemente? Deve acaso conservar-se este estabelecimento? Não haverá bocca tão impudente de um mação, que se atreva a negal-o. Logo pelos mesmos motivos na ordem moral deve restabelecer-se, e conservar-se o instituto dos padres da companhia. Quem não póde rejeitar a Misericordia, não póde rejeitar os jesuitas, e ha mais fortes razões; e de maior transcendencia para conservar estes, do que para conservar aquella. Aquella é o asylo de alguns desgraçados, estes o escudo de todo o reino. Aquella sustenta a humanidade, estes a religião e o estado.»

Ahi deixamos em parallelo o padre José Agostinho de Macedo de 1810, com o padre José Agostinho de Macedo de 1830.

Em qual das duas epochas escreveria elle com imparcialidade? Entendemos que em nenhuma d'ellas; porque em ambas actuava nelle a paixão e não o amor da justiça.

Para José Agostinho de Macedo, em 1810, tinham sido os jesuitas uns *malvados*, uns *monstros*, uns *regicidas*; e em 1830 haviam sido tão virtuosos, que quasi pareciam uns *anjos* na terra.

Uma e outra apreciação é exaggerada e até falsa. A verdade está no meio termo.

Em 1810 escrevia José Agostinho de Macedo inspirando-se na *Deducção Chronologica e Analytica*. Esta obra famosa, a par de grande numero de verdades contra os jesuitas, contem outras tantas, ou ainda mais calumnias.

A *Deducção Chronologica* não passa de uma diatribe contra a companhia de Jesus. Apesar de no frontespicio della se dar como seu auctor a José de Seabra da Silva, ninguem hoje medianamente sabido em critica historica ignora, que o seu verdadeiro auctor foi o proprio marquez de Pombal. Basta, portanto, indicar este nome, para se conhecer com que imparcialidade serão avaliados os jesuitas na *Deducção Chronologica*.

Outro livro em que evidentemente se inspirou em 1810, José Agostinho de Macedo, foi o *Compendio historico da Universidade*, escripto pela *Junta de providencia literaria*, creada pelo marquez de Pombal, e que é tão falto de imparcialidade como a *Deducção Chronologica*. Nesse *Compendio* são censurados com razão os jesuitas sobre muitos factos relativos ao ensino, que elles tinham monopolisado; mas ao mesmo tempo que reconhecemos a justiça dessas censuras, chega-nos a causar tedio o modo systematico de accusar os jesuitas por tudo e por todas as formas, em factos de que elles não podiam ter nenhuma responsabilidade.

Consta até, que os membros que compunham a *Junta de providencia literaria*, os quaes eram todos creaturas do marquez de Pombal, e que para o lisonjear queriam atacar os jesuitas em todos os ramos do ensino; diziam depois de haver fallecido o marquez, que o que mais lhes havia custado, era o inventar o pretexto para accusar os jesuitas de terem prejudicado de proposito o ensino da chimica! E na verdade parece incrivel, que homens que deviam ser serios e graves, se atrevessem a escrever o que se lê a paginas 331 e 332 do *Compendio historico*.

Depois de José Agostinho de Macedo se ter em 1810 inspirado de obras tão destituidas de imparcialidade; passa em 1830 para o lado opposto. Então já para elle os jesuitas tinham sido um composto de todas a virtudes. E' esse o resultado das paixões extremas.

Passando agora á ultima residencia dos jesuitas em Portugal, de 1829 a 1834: qual foi o comportamento delles nessa epocha? Respondemos com toda a imparcialidade, que foi exemplar. Extranhos totalmente á politica, tratavam só da educação da mocidade e de acudir aos enfermos. Faziam até um contraste muito sensivel com a exaltação politica, que se via em quasi todas as outras ordens religiosas.

Resta, porem, saber: se elles permanecessem em Portugal, continuariam a ter egual procedimento? Se os julgarmos pelo passado, devemos suppor que não.

Quando no reinado de D. João III os jesuitas vieram para Portugal, houveram-se, nos primeiros tempos, com toda a humildade; applicando-se á educação do povo, e adquirindo pelas suas virtudes geraes sympathias. Pouco a pouco, porem, foram-se introduzindo no paço, adquirindo uma influencia preponderante, monopolisando o ensino, e creando para assim dizer um estado no estado. Torna-se evidente, que é em extremo prejudicial a existencia de corporações assim organisadas, porque, transformando-se em verdadeiros potentados, chegam a difficultar, no seu interesse, a marcha regular dos negocios publicos.

Voltando, porem, ao ponto donde partimos diremos, que tão exaggerados são os altos elogios feitos aos jesuitas pelo seu chronista Balthazar Telles, e com elle o padre José Agostinho de Macedo de 1830; como as violentas accusações da *Deducção Chronologica* e do *Compendio historico*, e nessa conformidade o padre José Agostinho de Macedo de 1810.

Egualmente tão hyperbolicos são os panegyricos que se fizeram ao marquez de Pombal, durante o tempo em que elle governava a nação; como as acerbas satyras e os atrozes vituperios que em seu desabono se imprimiram em França e em Italia, depois delle sair do poder.

Assim como as medalhas tem dois lados, anverso e reverso; da mesma forma o procedimento dos jesuitas e do marquez de Pombal, para ser avaliado com justiça e imparcialidade, tem de ser encarado por duas faces.

Nem os jesuitas, nem o celebre marquez, foram absolutamente bons, ou completamente maus.

Tiveram virtudes e tiveram defeitos. Esta é a verdade, exposta desapaixonadamente.

Joaquim Martins de Carvalho.

O Senhor aos presos. — No domingo ultimo foi levado com toda a pompa o Senhor aos presos da cadeia desta cidade.

Sahiu da egreja de Santa Cruz, acompanhado pela irmandade do Sacramento, que ia em grande numero; e por muitos e bem ornados anjos.

As varas do pallio pegavam lentes da Universidade, e a umbella era levada pelo sr. secretario geral. Iam atraz do pallio os dignos juiz de direito da comarca, delegado do procurador regio, administrador do concelho, escrivães, e mais empregados do juizo. Fazia a guarda de honra uma força do destacamento aqui estacionada e a philarmonica *Conimbricense*.

As janellas do largo de Samsão e ruas proximas, assim como as janellas da cadeia, achavam-se ornadas de cobertores. As escadas da prisão e as salas estavam vistosamente adereçadas com damascos, bandeiras, e numerosissimas jarras com flores, produzindo tudo um lindo effeito.

O digno prior da freguezia de Santa Cruz, o reverendo sr. Manoel Cardoso de Figueiredo Nogueira, com o seu reconhecido zelo, tinha ido na sexta feira á cadeia cathequisar os presos, deixando a todos muito comovidos com as suas reflexões e conselhos religiosos. No sabbado voltara á cadeia para confessar os mesmos presos. E finalmente no domingo, por occasião de administrar o Sacramento, fez uma homilia cheia de muita unção evangelica.

Este acto religioso foi feito com toda a gravidade, propria do seu elevado objecto.

Depois do meio dia, reunidos todos os presos e presas em uma das salas superiores, foi-lhes servido um abundante jantar; assistindo a elle os meritissimos juiz de direito e delegado, administrador do concelho, reverendo prior de Santa Cruz, escrivães e mais empregados do juizo, e muitos cavalheiros.

Para este jantar contribuiram os membros da camara municipal, os srs. juiz de direito, delegado, administrador do concelho, escrivães e outros empregados, e advogados do auditorio; e tambem concorreu para elle um caritativo anonymo, com a quantia de 2$000 reis.

Egualmente o exm.º prelado da diocese mandou distribuir pelos presos a quantia de 11$000 reis, cabendo 200 reis a cada um.

Folgamos de poder aqui dar os merecidos louvores aos dignos juiz e delegado, administrador do concelho, reverendo parocho de Santa Cruz, escrivães e mais empregados, pela parte que tomaram nesta festa tão edificante; e faltariamos ao nosso dever, se não mencionassemos o digno carcereiro, o sr. Sebastião José Luiz de Mattos, que difficilmente poderá ser excedido no zelo pelo bem estar dos presos, e na parte que toma todos os annos em que seja muito brilhante esta funcção religiosa e de caridade.

O Senhor aos entrevados. — Tambem no domingo foi levado o Senhor aos entrevados da freguezia da Sé Cathedral.

A irmandade do Sacramento ia numerosissima; vendo-se por entre as suas alas nada menos de 34 anjos. Tomavam parte na procissão os reverendos conegos da Sé Cathedral, beneficiados e alumnos do Seminario. Pegava na umbella o digno thesoureiro mór da Sé Cathedral, o sr. Dr. Francisco da Fonseca Corrêa Torres. Atraz do pallio ia uma força de infanteria 14, levando á sua frente a philarmonica *Boa-União*.

O Senhor era levado pelo reverendo reitor da Sé, o sr. padre Antonio Garcia dos Santos, sacerdote exemplar, que merece as sympathias de todos os seus parochianos.

As janellas de todas as ruas estavam muito bem ornadas de cobertores, sobresahindo a rua Larga, que se achava vistosamente embandeirada.

A todos os entrevados pobres era entregue pelos anjos, uma esmola, apresentada em uma salva de prata.

Ao sahir e entrar o Sacramento na egreja da Sé Cathedral subiram ao ar muitos foguetes.

Em fim foi em tudo um acto aparatoso, para o que contribuiram muitas pessoas devotas e em especial o digno reitor da Sé Cathedral.

Theatro Academico — Como noticiaramos no numero passado, houve no sabbado a primeira representação lyrico-dramatica pelo afamado actor o sr. Cesar de Lacerda, e sua esposa D. Carolina Falco.

As peças escolhidas para aquella noute agradaram immenso, tanto pela sua composição como pelo desempenho, que foi magistral, como era de esperar de quem já tem uma reputação artistica tão brilhante e tão bem merecida. O publico mostrou-se tambem muito satisfeito com a parte lyrica, desempenhada pela sr.ª Falco.

Foi uma noute agradabilissima, e que nos faz esperar com anciedade a repetição de outras assim.

A orchestra foi dirigida pelo sr. Guimarães Pedrosa.

Facto grave. — No sabbado ultimo, pelas 8 horas e meia da noute, proximo ao largo do Castello, um grupo de estudantes atacaram a outro estudante, cortaram-lhe o cabello, ferindo-o no rosto e nas mãos com uma tesoura.

O estudante logo que se poude livrar dos que o aggrediam, lançou mão de uma pedra e arremessou-a contra o grupo. Infelizmente foi bater no peito do estudante do 2.º anno de Direito, Antonio de Barros Coelho de Campos, de Farminhão, districto de Vizeu; e tão desastrada foi a pedrada, que o estudante perdeu os sentidos; foi-se successivamente aggravando o seu estado, vindo a fallecer hontem á noute.

Eis ahi o resultado das chamadas troças academicas, e da indifferença com que a auctoridade academica vê praticar muitos actos altamente censuraveis.

Luso e Bussaco. — No Bussaco está tudo arrendado para o proximo verão, e em Luso tambem estão alugadas as principaes casas para a estação dos banhos. O hotel Castella abre já no dia 12. Espera-se, que a inauguração do monumento tenha logar no dia 27 de Setembro, anniversario da celebre batalha de 1810 contra o exercito francez.

Matas nacionaes. — Consta de documentos officiaes colligidos pela administração geral das matas do reino, que o valor da massa florestal, do nosso paiz, não incluindo o valor do solo, é o seguinte:

Somma total, 1.469:917$755 reis. Só o pinhal de Leiria é avaliado em 700 contos de reis. O pinhal do Urso, no districto de Coimbra, é avaliado em 256 contos. A mata de Foja no mesmo districto, em 99 contos. O pinhal de Valverde, em 56 contos. O pinhal de Camarido, em 35 contos. O pinhal dos Medos, em 51 contos. Os pinhaes da Azambuja, em mais de 70 contos.

As especies que principalmente povoam as matas nacionaes, são os pinheiros, sobreiros, carvalhos, castanheiros, loureiros, medronheiros, choupos, etc.

Despacho. — Por decreto de 23 de Abril foi nomeado governador de Quilimane, Africa oriental, o sr. Adelino Abel Coelho da Cruz, alferes de caçadores 1. O sr. Cruz é filho de Coimbra, e já esteve muitos annos em Moçambique, onde prestou importantes serviços militares e civis. Entrou nas expedições contra o Bonga, e foi tambem á India no batalhão expedicionario. E' um militar brioso e valente e muito amante da disciplina.

Mercado de Coimbra no dia 5 —Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 500 — Dito branco 480 — Dito Celorico meudo 600 — Dito graudo 500 — Milho branco 330 — Dito amarello 330 — Feijão vermelho 480 — Dito branco da marinha 460 — Dito da terra 440 — Dito rajado 400 — Dito frade 360 — Centeio 500 — Cevada 280 — Favas 360 — Grão de bico 440 — Tremoços 260 — Chicharos 280 — Batatas 240 — Azeite 1$120 — Vinho da Beira 800 — Dito da Bairrada 960 a 1$000.

O mercado do milho está desanimado, e com tendencia para baixa, em razão das entradas em Lisboa de milho de Marrocos e das ilhas dos Açores.

As batatas desceram muito, em consequencia das grandes porções que affluiram da Beira, attrahidas pelo alto preço a que este genero aqui tinha chegado. Em todo o caso é de esperar que tornem a subir, visto o mau aspecto que estão tendo as batatas do monte, as quaes se acham muito affectadas da molestia.

Cemiterio da Conchada — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Maria de Jesus, filha de Manoel Ignacio de Jesus e de Bernarda de Jesus, de Coimbra, de 50 annos, fallecida no dia 28 de Abril.

João Rodrigues Nogueira, filho de Luiz Rodrigues Nogueira e de Ignacia Rita, de Travanca de Lagos, de 55 annos, fallecido no dia 30.

D. Maria Ludovina Pereira Coutinho de Macedo, filha do Dr. Luiz Xavier de Figueiredo Aguiar e de D. Maria Feliciana de Faria Vasconcellos, de Oliveira do Hospital, de 57 annos, fallecida no dia 2 de Maio.

Fortunata de Sousa Rebello, filha de Antonio de Sousa Rebello e de Margarida de Sousa, de Coimbra, de 16 annos, fallecido no dia 2.

Maria, filha de Antonio Cardoso e de Joaquina de Miranda, de Coimbra, de 2 annos, fallecida no dia 3.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada — 4948.

Arvores notaveis — As arvores tem, tantos attractivos, e symbolisam ideias tão grandes, que todos os povos lhes prestam a maior veneração e respeito. Que harmonia secreta e intima se estabelece, entre a arvore que nos viu nascer, e os mais doces sentimentos da nossa vida? Nunca esquecemos o arvoredo, á sombra do qual brincamos na mocidade, e que prende por laços mysteriosos e indissoluveis a nossa alma e nossa memoria no solo querido da patria, ás santas crenças de nossos paes, aos encantos da familia, e aos prazeres da juventude.

Os gregos adoravam as oliveiras. Os romanos veneravam a figueira, debaixo da qual

Romulo e Remo foram amamentados pela loba. Numerosas arvores seculares em França, conhecidas pelo nome de Sully, adornam as estradas, e as praças publicas, testemunhando o impulso dado á agricultura pelo grande ministro de Henrique IV. Quantas arvores da liberdade plantou a França republicana, para symbolisar o triumpho politico da democracia? Em todos os paizes e em todas as epochas se commemoram as datas do nascimento, do casamento e da morte, plantando arvores que representem estes grandes acontecimentos da vida.

Arvores colossaes de differentes partes do globo trazem á memoria antigos seculos de creação. Os cedros do Libano representam os tempos biblicos. Segundo diz a tradição, ainda estão de pé muitas oliveiras, á sombra das quaes se assentou Jesus Christo. Os carvalhos dos Druidas, de Carlos Magno e de Clovis, em França, recordam as eras dos Gaulezes e dos Francos. Por longo tempo foi admirado no bosque de Vincennes o carvalho, debaixo do qual S. Luiz despachava os negocios da justiça.

Em Roma, ainda ha pouco se admiravam duas laranjeiras, uma plantada por S. Domingos, em 1200, e outra plantada por S. Thomaz d'Aquino, em 1278. Em Versailles conservou-se por muito tempo uma laranjeira, conhecida pelo nome de *Grand-Bourbon*, que foi plantada em 1411 por um dos avós de Joanna de Albret. A tilia de *Trons*, nos Grisões, já celebre em 1424, tinha em 1798 17 metros proximamente de circunferencia. Na Suissa, Friburgo mostra com orgulho a velha tilia, plantada em 1476, em memoria da batalha de Morat.

O castanheiro do Etna, ou dos *cem cavallos*, na Sicilia, já em 1784 tinha de circumferencia na base do tronco 50 metros. O platano do Bosphoro, ou de Godefredo, por ser contemporaneo deste heroe, é mais alto que as torres de *Notre-Dame* de Paris, e o seu tronco tem 39 metros de circumferencia. Na California encontram-se frequentemente cedros e eucalyptos, muito mais altos, que o zimborio dos invalidos de Paris, que é o monumento mais elevado desta cidade. Nas ilhas Marquezas ha figueiras de 30 metros de circumferencia.

Em Cabo Verde ha *boababs*, que se calcula terem mais de 5:000 annos de edade. Em Venesuela, na America, descobriu Humboldt algumas acacias, que podiam abrigar á sua sombra um batalhão. De-Candolle affirma que ha na America cyprestes, que não tem menos de 6:000 annos de edade. Em Portugal tambem ha arvores seculares e históricas, e a mais celebre é o carvalho do solar de Barbosa, em Penafiel, que é considerado coevo da fundação da monarchia, e um verdadeiro monumento da vegetação.

ANNUNCIOS

TRES MUNDOS

Por D. Antonio da Costa

1 É UM VOLUME de 357 paginas, nitidamente impresso.

Está já á venda nas lojas da imprensa da Universidade, na rua do Norte; do sr. Melchiades, na rua da Calçada; e do sr. Pires, á Sé Velha. Preço 600 rs.

ATTENÇÃO

2 VENDE-SE por preço rasoavel um piano vertical, ainda em bom uso e com boas vozes. Quem o pretender dirija-se a esta redacção, onde se darão os precisos esclarecimentos.

3 ARRENDA-SE um grande celleiro ao cimo do pateo da Inquisição, na escada de pedra. O celleiro tem o n.º 11.

Quem pretender dirija-se a casa da exm.ª sr.ª D. Joanna Padua, desta mesma cidade.

4 FAZ-SE PUBLICO, para os devidos effeitos, que foi hontem mettido na caixa do governo civil, um requerimento assignado por Antonio Gomes Ribeiro, relativo a objectos da administração do concelho de Cantanhede.

O inimigo do mono polio

Em Coimbra á Portagem

5 CONTINUA a vender petroleo por atacado, pelo preço de Lisboa; dá prazo e garante a qualidade.

O encarregado da venda **José Tavares da Costa**, rua da Calçada, proximo á Portagem.

ADMINISTRAÇÃO CENTRAL DO CORREIO DE COIMBRA

6 ESTÁ aberto concurso, perante esta administração, por espaço de 15 dias, que hãode findar em 21 do corrente, para a admissão de um praticante com o vencimento annual de 200$000 rs.; e no dia 23, ás 10 horas da manhã, terão logar os exames dos pretendentes.

Os individuos que concorrerem, devem instruir os seus requerimentos com certidões que provem acharem-se entre 18 e 35 annos de edade, e o terem satisfeito á lei do recrutamento, e com documentos que attestem, não só o seu bom comportamento moral e civil, mas tambem os estudos que houverem frequentado. O exame versará sobre leitura e escripta, grammatica portugueza, principios geraes d'arithmetica elementar, de uma das linguas franceza, ou ingleza, e de geographia.

Coimbra, 6 de Maio de 1873.

O administrador,
Augusto Cesar de Sousa.

TEIXEIRA

Primeiro barateiro e sem competidor

32 VISCONDE DA LUZ 36

7 A ESTE ESTABELECIMENTO chegou novo sortido de chitas modernas francezas, largas de 150 a 190 reis o metro, e estreitas a 105; fustões brancos acolxoados; brilhantinas modernas com risca assetinada para casacos de senhora ou para vestidinhos de creança, a 360 e 400 reis o metro; peitilhos modernos finos para camisa; grande sortido de camisolas de algodão e merino para homem; lencinhos brancos finos para bolço, de 50 ate 100 reis; ditos abainhados e com silvinha dos mesmos preços; muito bons lenços de seda, só em branco, e em côr; pannos crús infestados muito largos; boas bretanhas cruas, e superiores esguiões e patentes, que a tudo se fazem preços sem haver quem possa competir.

HOTEL CASTELLA

EM LUSO

8 ABRE no dia 12 de Maio o seu hotel no palacio do exm.º sr. conde da Graciosa, em Luso, e os seus preços diarios são de 800 reis para cima.

Tambem continua com o seu hotel na rua da Sophia, nesta cidade, assim como com o seu café e restaurante na mesma, aonde recebe encommendas de jantares, lunches, etc.

Coimbra, 3 de Maio de 1873.

João M. Castella.

9 NO ANNUNCIO da Santa Casa da Misericordia, publicado em o numero passado, onde se lê professor *interino*, deve lêr-se — professor *interno*.

10 A MAÇONARIA DESMASCARADA, ou collecção dos artigos do *Ecco de Roma*, analysando a circular do Cap.·. Pr.·. *Federação*, de 22 de Setembro de 1871, etc., etc., precedida de uma carta introducção, e annotada por um redactor do *Ecco de Roma*: 1 vol. in-8.º 300 reis. Edição superior 500 reis.

Vende-se na livraria Academica e na loja do sr. José de Mesquita.

11 NO DOMINGO de Lazaros, vindo um individuo de uma das freguezias ruraes deste concelho a Coimbra, e voltando nesse mesmo dia para sua casa, achou-se sem uma pequena bolça, onde levava algumas libras em ouro.

Pede-se a quem a achasse o favor de a entregar ao sr. José Joaquim de Azevedo, barbeiro, na rua da Sophia, o qual está encarregado de dizer quem é seu dono, que dará alviçaras.

Laranjada e limonada concentradas

12 CADA VIDRO contem o equivalente de 25 limões ou laranjas, e dá 40 limonadas ou laranjadas Serve tambem para os usos domesticos. Preço do frasco 200 rs.

Vende-se na livraria Academica, na Calçada.

Edital

13 A CAMARA MUNICIPAL DE COIMBRA, faz publico, que se acha patente na respectiva secretaria, por espaço de 15 dias, a contar da data do presente edital, o rol do lançamento da contribuição de serviço das freguezias da Sé Velha e S. Martinho do Bispo, relativo ao anno economico de 1872-1873; pelo que convida todos os interessados a virem alli ver e examinar, desde as 9 horas da manhã, até ás 3 da tarde, de todos os dias não santificados, o dito rol, e a apresentarem dentro do referido prazo qualquer reclamação que julgarem conveniente fazer.

E para constar se passou este e outros.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 6 de Maio de 1873.

O presidente,
Lourenço d'Almeida Azevedo.

14 LOTERIA DO CHARADISTA. Appareceu á venda em Lisboa o n.º 2 d'esta interessante publicação em que se offerecem

13 valiosos e lindos premios

aos decifradores das charadas, sendo o premio menor para o que advinhar sómente 30 das 80 do volume.

PREÇO 100 REIS

Dirigir os pedidos com a importancia de 1, 2 ou 3 numeros á empreza da Loteria do Charadista — rua de Bernardo, 21 — Lisboa.

VENDA DE CASAS

15 VENDE-SE uma morada de casas com seu quintal ajardinado, sitas na rua do Corpo de Deus, sob o numero 36. Quem as pretender dirija-se a seu dono Antonio d'Almeida e Silva, morador no mesmo predio.

AGRADECIMENTO

16 AMANCIO ANNIBAL DA COSTA PESSOA, penhoradissimo para com todas as pessoas que tomaram parte no sentimento pela morte de sua mulher Fortunata de Sousa Rebello, vem por este meio agradecer-lhes em quanto o não póde fazer d'outra forma, protestando a todos o mais cordeal reconhecimento.

NÃO LEIAM

17 VENDE-SE uma armação de loja muito bonita, propria para todo e qualquer estabelecimento. No largo do Paço do Bispo, aonde está a caixa do correio, se diz quem a vende.





ESTABELECIMENTO D'ALFAIATE

Rua do Infante D. Augusto, 10

18 ANTONIO AUGUSTO DA PAIXÃO, premiado com a medalha de prata na exposição districtal de Coimbra, participa aos seus freguezes e amigos, que alem do bom sortimento que costuma ter, acaba de receber um bom sortido de fazendas proprias da presente estação, as quaes vieram directamente de Paris, sendo os preços os mais commodos, como costuma.

EDITAL

19 NO DIA 19 do corrente mez de Maio, pelas 11 horas da manhã, nos paços deste concelho, hãode arrendar-se em hasta publica, pelo tempo de um anno, a começar no 1.º de Julho proximo futuro e a findar em 30 de Junho de 1874, com as condições presentes naquelle acto:

As lojas n.os 6, 12, 39, 40 e 41 do edificio de Santa Cruz;
A casa n.º 10 sita em Montarroio;
A parte alta do cerco do Noviciado em Santa Cruz, e casa contigua;
A parte baixa do mesmo cerco;
A casa da Feitoria, no rocio de Santa Clara;
A casa onde funccionou o tribunal judicial, no edificio da Trindade;
A barca da passagem das Carvalhosas, no rio Mondego;
A dita do Almegue, no dito rio;
A dita do rio Eça;
As lojas n.os 1, 2, 3, 4, 8, 9, 15, 16, 17, 19 e 20 do mercado de D. Pedro V.
A renda denominada das balanças, pesos e medidas; bem como se ha de dar de arrematação pelo mesmo tempo, a conducção ao cemiterio, dos finados nos hospitaes, e indigentes fallecidos nas parochias da cidade.

E para constar se passou este e outros.

Coimbra, secretaria da camara municipal, 6 de Maio de 1873.

O presidente,
Lourenço d'Almeida Azevedo.

NUMERO 2691 — SABBADO 10 DE MAIO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL — JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios — Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Na execução da lei de 17 de Abril deste anno, a qual permitte que os mancebos sujeitos ao serviço militar possam remir-se desta obrigação pela apresentação de um substituto, antes ou depois do alistamento dos mancebos substituidos, tem apparecido duvidas e difficuldades, algumas das quaes o governo acaba de resolver.

Sem embargo de reconhecermos as vantagens que a citada lei porventura trouxe, cremos que outros inconvenientes de bastante gravidade pullulam da referida lei, e que de futuro hão de embaraçar a sua execução.

Como esta materia interessa a um grande numero de nossos leitores, não nos devemos eximir de aqui publicar as portarias que o *Diario* do dia 6 nos trouxe com referencia a este objecto.

«Sua magestade el-rei, tendo presentes as duvidas expostas pelo governador civil de Aveiro, em seu officio de 24 de Abril ultimo, acerca da execução do artigo 3.º da lei de 17 do mesmo mez, manda declarar ao referido magistrado, como resolução das indicadas duvidas, o seguinte:

1.º Que os recrutas afiançados nos termos do artigo 11.º da lei de 4 de Junho de 1859, como comprehendidos na generalidade da disposição do artigo 3.º da citada lei de 17 de Abril, não podem remir-se do serviço militar senão pela apresentação de um substituto;

2.º Que, se em virtude, porem, da falta de comparecimento do recruta afiançado ou da apresentação, por parte deste, de um substituto, que satisfaça os requesitos legaes, houver de exigir-se do fiador a respectiva responsabilidade, esta só pode tornar-se effectiva pela admissão de um substituto, se o fiador se offerecer a dal-o, ou pelo pagamento do preço de uma substituição, que é, em ultimo caso, a unica forma por que pode ser compellido o fiador á satisfação do seu compromisso, e isto não só pelo que diz respeito ás fianças anteriores á lei, a favor das quaes milita a interpretação restricta, que é propria de semilhantes contractos, mas tambem com relação ás fianças, que para o futuro se admittirem, ás quaes continuam a ser applicaveis as disposições dos §§ 1.º, 2.º e 3.º do artigo 55.º da lei de 27 de Julho de 1855 e artigo 11.º da lei de 4 de Junho de 1859, que não deixam de vigorar pelo facto de ter a lei de 17 de Abril abolido a remissão a dinheiro, como meio facultativo da satisfação do serviço militar;

3.º Que do mesmo modo tem de continuar a dar-se andamento ás execuções pendentes contra os refractarios, assim como a instaurar-se de novo eguaes procedimentos contra os mancebos que se subtrahirem ás obrigações que lhes impõe a lei do recrutamento, pois que essas execuções são um meio forçado de conseguir o pagamento do tributo, na impossibilidade de obter o serviço pessoal do recrutado ou um substituto em seu logar; e para este fim não podem deixar de considerar-se em vigor as respectivas disposições da lei de 1855, que a lei ultima não revogou, nem explicita nem implicitamente;

4.º Que os mancebos afiançados com o fim de se habilitarem a receberem ordens sacras, não podem egualmente deixar de ser admittidos a satisfazer a obrigação do serviço militar pelo pagamento do preço de uma substituição, se ao tempo do chamamento tiverem já recebido as referidas ordens, e não se prestarem a dar substituto, visto que sendo elles excluidos do serviço militar pelo artigo 7.º da lei de 1855, é forçoso que a final se lhes admitta como meio de pagamento o unico por que elles podem ser compellidos ao cumprimento da sua obrigação;

5.º Que o preço das substituições, para os effeitos de regular a responsabilidade dos fiadores e o valor das execuções, tem de ser como até agora annualmente fixado, pelo governo, na conformidade do disposto no § 2.º do artigo 55.º da lei de 27 de Julho de 1855, o qual, como se disse, continuará em vigor, como o estava antes da lei de 4 de Junho de 1859, que permittiu as remissões a dinheiro, agora abolidas;

6.º Finalmente, que o processo a seguir na admissão dos substitutos antes do alistamento dos mancebos substituidos é o que se acha indicado na portaria circular d'esta mesma data, a qual será opportunamente publicada.

O que tudo se participa ao governador civil, para que n'esta conformidade o observe e faça observar pelos seus subordinados.

Paço, em 5 de Maio de 1873 — *Antonio Rodrigues de Sampaio.*

Esta portaria é seguida de outra com as seguintes conclusões:

«1.º Que, nos termos do artigo 50.º da lei de 27 de Julho de 1855, só podem ser admittidos como substitutos os mancebos, que, segundo a disposição do artigo 9.º da mesma lei, tiverem as qualidades precisas para serem recebidos como voluntarios; acrescendo a circumstancia exigida pelo artigo 10.º da lei de 4 de Junho de 1859, de se mostrar haverem já directamente satisfeito as obrigações que lhes impõe a lei do recrutamento; ou de estarem livres d'ellas por se terem completado os contingentes distribuidos ás freguezias dos seus domicilios legaes com mancebos sorteados de numeros inferiores, tanto no anno em que os substitutos offerecidos forem recenseados como no immediato seguinte, em que ainda podem ser chamados na qualidade de subsidiarios.

2.º Que, se o recrutado estiver já alistado no exercito, o processo da substituição correrá pelas auctoridades militares, como está determinado no artigo 23.º e seu § 1.º do decreto regulamentar de 10 de Janeiro de 1856, sem a menor intervenção das auctoridades administrativas, a não ser para satisfazerem ás informações que lhes forem pedidas pelas auctoridades militares, nos termos do citado artigo.

3.º Que, se o recrutado preferir dar substituto antes do seu alistamento e da previa inspecção da junta revisora, assim o deverá declarar ao respectivo administrador do concelho, o qual, depois de verificar que o substituto apresentado reune os requisitos legaes para ser admittido como tal (comprovado tudo por documentos, que ficarão archivados na administração), passará ao substituto a guia de marcha, conforme o modelo n.º 13, annexo ao citado decreto de 10 de Janeiro de 1856, para que elle se apresente no governo civil, seja alli inspeccionado pela junta revisora, e mandado depois apresentar á auctoridade militar se for julgado apto para o serviço.

4.º Que, se o substituto apresentado for julgado incapaz pela junta revisora, o recruta que o tiver dado, será novamente intimado, para no prazo de oito dias se apresentar, ou dar novo substituto, querendo. Se for apresentado outro substituto, com este se procederá nos mesmos termos prescriptos no n.º 3.º; mas serão passadas guias de marcha tanto ao substituto como ao substituido, para, no caso de ser julgado incapaz o novo substituto, se fazer inspecionar e alistar o recrutado, quando seja julgado apto; o que não inhibe o mesmo recrutado de requerer ainda a sua substituição, porem depois do seu alistamento no exercito.

5.º Que, no caso do recrutado manifestar a vontade de dar substituto, já depois de inspeccionado e julgado apto pela junta revisora, o governador civil sobre-estará na expedição da guia de apresentação á auctoridade militar, e fará prevenir o recrutado de que, no prazo de oito dias, deve apresentar o substituto na respectiva administração do concelho, a fim de que a respeito d'este se pratiquem as mesmas diligencias acima indicadas para o caso da apresentação dos substitutos, antes da inspecção do recrutado.»

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLVIII

D. CARLOS

VIII

A guerra na Navarra apresentou um interregno curto. Descançam os combatentes para mais cançar-se: dão treguas aos seus esforços, para fazel-os maiores; ao derramemento de sangue, para que corra logo mais abundante; aos horrores, para augmental-os.

Marcha neste periodo Zumalacarregui ao Baztan, para uniformisar o primeiro batalhão com o vestuario que mandou fazer a junta.

Sem perder tempo volta ás proximidades de Estella, e se aloja com o mesmo batalhão Echarri-Aranaz.

Quesada, que havia marchado a Victoria, saiu a 21 de Abril de 1834 com a sua divisão para Navarra, conduzindo de passagem 500:000 reales para o exercito. Pernoutou em Salvatierra, e ao saber Zumalacarregui a sua direcção á capital da Navarra, reuniu as forças de Uranga e Villarreal, e se preparou para atalhar-lhe o passo, emboscando-se nos postos de Ciordia e Olazagoitia.

De prompto conheceu Quesada o intento do seu inimigo: o compromisso era grande, a posição critica, e sem tempo para grandes combinações, nem elevados pensamentos, obrou como julgou o requeriam as circumstancias, e depois de uma previa reunião de chefes, dispoz que atacasse a vanguarda para que o comboio, a artilheria e cavallaria se dirigissem pela esquerda a passar o rio perto da venda de Alsasua, por uma ponte improvisada de carros. O seu proposito era tomar o caminho de Segura; e para ella havia passos perigosissimos que era preciso salvar, necessitando-se entreter os carlistas.

Se, porem, Quesada conheceu o plano de Zumalacarregui e tratou de o illudir, outrotanto succedeu a este.

Começado o combate naquellas posições, não havia mais remedio do que proseguil-o: os liberaes não poderam retroceder, nem estar quietos. Em tal apuro, o seu primeiro e principal cuidado era salvar o comboio e adeantal-o para Segura, onde estava o ponto da sua salvação; mas não era isto possivel, sem fazer frente aos carlistas, que favorecidos pelo terreno e o numero se mostravam cada vez mais ousados e impetuosos. Assim pozeram em imminente perigo a brigada, e occasionaram perdas consideraveis aos liberaes, limitados á defensiva.

As tropas de Quesada, com a agua pela cintura, tiveram que vadear duas ribeiras crescidissimas; porem o seu desejo de chegar a Segura, não lhes fez reparar em sacrificios.

Em Alcuruceta lhes sairam os carlistas ao encontro. Tomaram os contrarios posições em Ezagarete, e trataram de conquistar o perdido em Alsasua; mas só conseguiram, e não foi pouco, depois de uma peleja tenaz, conter o atrevido inimigo, e entrar por fim na desejada Segura, não sem contar de menos em suas fileiras uns 150 homens, dos quaes 84 ficaram prisioneiros, e entre elles, o mallogrado D. Leopoldo O'Donnell, Villalonga, Clarijo e Bernard, facto que se não teria dado, sem a cobardia de seus soldados, os quaes resistiram a fazer uso das armas ao aspecto do inimigo.

Este perdeu 200 homens, entre mortos e feridos, contando-se entre estes Villarreal e Goñi.

Foi de merito a retirada de Quesada para Ezcarate.

De Segura marchou a Villafranca de Guipuscoa; e sem deter-se mais que a tomar algumas disposições, e escrever a Lorenzo para que acudisse a Huarte Araquil, saiu para Pamplona a 26 e ahi chegou a 27. Lorenzo occupava o caminho de Pamplona para Asiain, ou Ibero. A 30 saiu o general em chefe da capital da Navarra e pernoutou em Puente la Reina. Orâa e Lorenzo estavam situados, o primeiro em Obanos, e o segundo em Ciranqui: aquelle mais perto de Pamplona, e este mais longe e formando a vanguarda.

A attenção que das tropas liberaes exigia Zumalacarregui, fazia com que se descuidasse a perseguição de outros carlistas. Era um destes Eraso, que tratou de aproveitar este respiro.

Da melhor vontade publicamos neste jornal o protesto de alguns academicos, contra as *troças*, que um *uso* antigo tem introduzido na academia, e que acabam de produzir consequencias as mais desgraçadas nesta cidade.

Os generosos e illustrados mancebos que assignaram este protesto, honram-se sobremaneira com os alvitres tão sensatos que nelle apresentam.

Ora pois, ja que a infelicidade aconteceu, e essa não tem remedio; tire-se della ao menos algum resultado benefico. Acabem as *troças*, e seja por uma expontanea deliberação da academia.

Estamos bem certos, que todos os academicos accederão da melhor vontade ao nobre convite, que hoje lhes é dirigido neste jornal, por alguns de seus condiscipulos.

Com isso ganharão as bençãos e louvores das suas familias, de seus mestres e da sociedade.

Eis ahi o notavel documento a que nos temos referido:

PROTESTO

Ha quatro dias ainda, uma creança intelligente e sympathica, se voltava cheia de vida para tudo o que era tambem vida; surriam-lhe a familia, a fortuna, a edade, os amigos; e, para responder a tudo que assim o cortejava, era todo surrisos.

Hoje vai-se ao quarto em que elle morava, e não está lá; d'um momento para outro trocou a casa em que o presente se lhe apresentava risonho e o futuro brilhante, sabeis pelo que?

Pela sepultura!

Caiam sobre elle as nossas sympathias, caem sobre elle as nossas saudades e as nossas lagrimas; e, o que é mais, diante do seu tumulo levanta-se o nosso desespero, e do coração irrompe-nos um protesto.

O nosso desespero! E' que aquelle moço não tinha os seus dias contados; e está alli!

Um protesto! E' que foi um costume barbaro e vil, que sob o nome repugnante de — *troça* —, e, involvendo-se nas dobras da capa e batina, lhe abriu o — *Aqui jaz!*

Um dia levantaram-se em Portugal um punhado de homens, e com o coração na voz pediram a liberdade, a segurança da pessoa e da sua dignidade — a primeira das propriedades, a propriedade que nasce com o homem. O paiz ouviu-os, levantou-se, e escreveram-se umas poucas paginas, que ahi, na Universidade, nos ensinam a analysar e discutir, e de que nos dizem que é — a lei fundamental do paiz.

E tambem de Coimbra?

Não. Em Coimbra está suspensa! Coimbra não é paiz de direito escripto; aqui ha o *uso*; e o *uso* é dividir em classes aquelles que estudam, estabelecer direitos nos que começaram primeiro a sua vida de lettras, obrigações nos que vierám depois — direitos contrarios a todos os direitos, obrigações contrarias a toda a dignidade.

Felizmente o *uso* é já de poucos; infelizmente é ainda d'alguns. E esta lição tremenda de uma pedra que abre uma sepultura e um carcere, que desaba sobre duas familias, como uma tempestade, e que as mergulha em um diluvio de lagrimas, para que não ha ramo d'oliveira, pode ser esquecida, quem sabe? amanhã.

Póde e será — se os poucos que ainda defendem as *troças* (se d'hoje em diante ainda ha quem as queira) não reflectirem que o socego das familias não pode estar em perturbações continuadas, por causa de um uso miseravel.

Póde e será — se não reflectirem que estes insultos á dignidade humana não afugentam de bilhares e prostibulos; não regeneram, mas irritam. Quereis fazer a policia d'esses logares? Reivindicaes o privilegio de ser immoraes. Envergonhae-vos.

Pode e será — se não reflectirem n'este caso lugubre e tristissimo. — Um pae e uma mãe estão loucos de dor, porque um *costume* lhe tragou um filho que estremeciam. «Sem inveja o digo, diz esse pae, minha mulher está viuva com a morte deste filho. Meus senhores, não tomeis familia; que quem faz caso d'ella é um martyr, quem a despreza é tratante.»

E outra mãe, que auxiliada pelo seu amor de mãe, trabalhava, servia, para dar a seu filho a liberdade que dá a sciencia, quasi que perde a razão, porque n'um dia vê perdidos todos os seus sacrificios; porque se vê tão infeliz, que o seria menos se tivesse perdido o filho.

Póde e será — se os poderes publicos não acordarem com este facto, e não cumprirem um dever que lhes incumbe, reprimindo com energia todos aquelles que se levantarem, em nome d'um costume que nunca foi nobre, contra uma causa que sempre foi sagrada — a dignidade humana.

E' á academia e aos poderes publicos que nos dirigimos.

A nos dizemos: — Ferve-vos nas veias o sangue dos vinte annos, a energia da mocidade? Lá dentro, n'essas aulas, ha logar para mostrardes o que valem uns e o que póde a outra; vossa energia póde revelar-se e robustecer-se luctando com os problemas da sciencia. Nos templos e nos theatros, nas ruas e nas praças, sempre e em toda a parte, podeis apresentar, puros de toda a mancha, o descernimento, e proceder justo que á despedida do lar domestico vos aconselharam entre carinhos. Lá fóra nessas villas de que sois naturaes, ha trevas de ignorancia que assustam; imitae a Deus, fazendo a luz entre o povo, ensinando-o, abrindo escholas, fundando bibliothecas, para que possa existir a liberdade.

Sois nobres? Sêde cavalheirosos, fazei com que ninguem vos exceda no brio tradiccional em vossas familias.

Sois pobres? Sêde sérios como a pobreza; guardae a riqueza com que nascestes — a diguidade —; e não ataqueis a de ninguem.

Sois valentes e esforçados? Defendei opprimidos, e ajudae indefesos; mostrae que a vossa força estende a mão á vossa razão; que não é aquella que vos domina, mas que sois vos que a dominaes. E, levantado até onde deve subir o nivel dos vossos espiritos, as ruas de Coimbra, em que devem correr virações de generosidade porque são moços que as percorrem, deixarão de ser intransitaveis.

Fallando assim, não vimos accusar: aqui houve uma desgraça para todos, não houve crime para ninguem; mas, em nome dessa creança de memoria querida, que o seu tumulo não seja inutil.

Aos poderes publicos dizemos: — Hoje a ideia de dignidade e liberdade bebe-se felizmente nos ares; ha em todos os corações o sentimento de reacção contra tudo o que a offende. Este facto que hoje lamentamos hade repetir-se com frequencia, se não reprimirdes com força, quando tente levantar-se esse *uso* que é um abuso de todos os direitos. E, se a força continuar arvorada em lei, mais legitima será a que lhe embargar o passo; e teremos o dominio da anarchia — que outra cousa não é exercer cada um por si, em defeza legitima, a força que á justiça social coubera só empregar.

Um governo lembrou-se de fazer uma *reforma* acabando com as tradições solemnes do dia 8 de Dezembro: porque se não lembraram ainda de acabar com esta tradição funesta — «*a troça*?»

Alguma policia e alguma memoria, e essa tradicção desapparecerá. A dignidade humana offendida faz cadaveres.

Lembre-se disto a academia, e lembrem-se os poderes publicos.

Coimbra 7 de Maio de 1873.

José Frederico Laranjo (estudante do 3.° anno de Direito.)
Cassiano Pereira Pinto Neves (4.° anno de Direito.)
Manoel Antonio da Silva Rocha (4.° de Direito)
Manoel Ferreira Cardoso (1.° de Medicina).
José de Barros Teixeira da Fonseca (4.° de Direito.)
Francisco de Salles da Costa Lobo (3.° de Philosophia.)
Diogo Tavares de Mello Leote (4.° de Direito)
José Lobo Garcez Palha d'Almeida (4.° de Direito.)
Evaristo Maria das Neves (4.° de Direito.)
José Maria de Liz Teixeira (4.° de Direito.)
Vicente Gregorio Godinho. (3.° de Direito).
José Diogo Frederico Crispim (4.° de Direito)
Joaquim Pereira da Silva Amorim (idem).
A. Giraldes Tavares de Gambôa (idem).
José Pimentel Homem de Noronha (idem.)
Luiz José Dias (idem.)
José Rodrigues Soares (idem.)
Alberto Carlos Cruz (idem.)
Manoel Cardoso de Menezes (idem.)
Francisco Xavier d'Athaide e Oliveira (idem.)
Januario Constante Berbeitos (idem.)
Manoel José Teixeira (idem.)
José Joaquim Borges de Azevedo Ennes (3.° de Direito.)
Luiz Ficher Berquo Poças Falcão (3.° de Direito.)
Alvaro de Moura Coelho (4.° de Direito.)
Nuno Silvestre Teixeira (5.° philosophico e 1.° medico.)
João Augusto Teixeira (1.° medico.)
Jacintho Alberto Botelho d'Arruda (1.° medico.)
Antonio Maria de Senna (3.° medico.)
José Ribas de Magalhães (4.° de Direito.)
Theophilo Salomão Coelho Vieira de Seabra (4.° de Theologia.)
José Pimentel Rolim (3.° medico.)
José Henriques Palma d'Almeida (3.° de Direito.)

NOTICIARIO

O dia 8 de Maio. — Foi este anno muito festejado em Coimbra o dia 8 de Maio, para celebrar a entrada nesta cidade do exercito libertador, commandado pelo nobre duque da Terceira, em egual dia de 1834. Este feliz acontecimento nunca esquece aos liberaes conimbricenses.

De madrugada subiram ao ar muitas girandolas de foguetes, e se lançaram muitos morteiros. A's 11 horas do dia percorreu a philarmonica *Conimbricense* as principaes ruas da cidade, tocando o hymno da Carta, e subindo ao ar muito fogo.

Depois foram muitos liberaes em barcos embandeirados, rio acima, com a mesma philarmonica, para jantar e passar alegremente a tarde na pittoresca quinta de Villa Franca. Nesta mesma quinta já em 1833 se fez uma festa explendida para festejar o dia 8 de Maio.

A's trindades voltaram para a cidade. As muitas luzes que traziam nos barcos, o muito fogo que subia ao ar, o hymno da Carta que tocava a philarmonica, e o grande concurso de povo que os esperava, na ponte, caes e estrada nova, tudo tornou esta chegada muito agradavel e enthusiastica.

Desembarcados no caes, percorreu a philarmonica as ruas da cidade, acompanhada de muito povo, e dando-se enthusiasticos vivas á liberdade, ao exercito libertador, e ao dia 8 de Maio.

Tudo correu na melhor ordem, sem haver o mais leve desgosto.

Damos os parabens a todos os liberaes que tomaram parte e concorreram para esta festa, por se não esquecerem de um dia tão fausto para os habitantes de Coimbra.

Livre da perseguição de Quesada é Oráa, caiu a 24 de Abril sobre Lumbier, que guarnecia Linares. Empenhado em apoderar-se da povoação, quanto mais era o seu empenho, maior era a resistencia.

Varios movimentos de Eraso pozeram em apuro aos liberaes; porem a bisarria de Turon e de O'Donnell, primo do prisioneiro em Alsasua, e as acertadas disposições de Linares, que ordenou por ultimo o ataque á baioneta, de cuja arma se valeram uns e outros combatentes, fizeram retroceder os sitiadores a uma meia hora de distancia; porem refeitos, voltaram ao ataque, retirando-se ao povo os contrarios com serenidade e acerto.

Eraso podia sorrir-se então com a esperança do triumpho: havia vencido aos seus inimigos em campo aberto, e os tinha encerrados. O sitio lhe offerecia lisonjeiras probabilidades de bom exito: a situação dos liberaes se apresentava má; porem cede Eraso, e se retira para Artieda por Ripodas, deixando um morto e levando uns 20 feridos. Linares teve dos primeiros 11, e 42 dos segundos, e alguns cavallos.

A 28 entrou Iturralde por surpreza em Los Arcos. A guarnição liberal correu a encerrar-se no forte; e tres officiaes que, mais confiados, ou demorados, não tiveram tempo de fazel-o, ficaram prisioneiros.

Em breve o sabe Quesada, e ainda que o indigna o descuido da guarnição, o interessa a sorte dos prisioneiros que teme sejam fuzilados. Para o evitar prende a alguns parentes immediatos dos carlistas, com o fim de fazer-lhes soffrer a mesma sorte que aquelles experimentassem.

Então começou nas provincias do norte da Hespanha o horrivel systema das represalias, aquella epocha de exterminio: então se manchou a historia hespanhola com paginas ensanguentadas, com scenas de morte; anacronismo do nosso seculo, pois não parecia senão que haviam retrocedido aos tempos da barbaria, em que não se pelejava para vencer se não para destruir; em que o sequito dos guerreiros era a desolação e a morte. Novos Atilas uns e outros hespanhoes, se não eram açoute de Deus, eram-no da humanidade. Esta é a guerra civil.

Em conformidade das terriveis medidas que se adoptaram, os chefes de partidas carlistas que se apprehendiam, eram fuzilados.

Zumalacarregui, que já criá poder tratar de egual para egual, e a quem não podia deixar de doer o sangue derramado de seus companheiros, quiz poupar victimas; porem valeu-se de meios errados. Era o seu animo fazer prevalecer em vez das disposições penaes estabelecidas, as da guerra, que prescrevem respeitar os prisioneiros. Para o conseguir, principiou por usar de represalias. Com ellas julgava conter o desesperado furor de seus contrarios.

Seguindo esse systema, foram fuzilados os infelizes prisioneiros de Alsasua e o official Requejo, excepto alguns soldados que tomaram parte por D. Carlos, fugindo muitos em breve, O'Donnell e seus companheiros poderiam ter salvado a sua vida abdicando a sua honra; porem estimavam esta mais do que aquella, e foram victimas da sua lealdade e do seu juramento. A Clavijo, moribundo, em resultado das suas feridas, não lhe permittiram expirar tranquillo no seu leito de dor; quizeram que contasse os instantes da sua existencia, que saboreasse a sua agonia, e quasi cadaver foi fuzilado.

No mesmo dia 23 de Abril annunciou o proprio Zumalacarregui, no seu quartel general de Echarri-Aranaz, tão terrivel execução:

«Relação dos individuos que foram hoje passados pelas armas neste quartel general, em virtude do real decreto d'el-rei nosso senhor, da data de 24 de Março ultimo:

«Coronel capitão: D. Leopoldo O'Donnell, filho do ex-conde de Alisbal, de Valladolid — Alferes: D. Joaquim Villalonga, de Cañete de Mar; e D. Rafael Clavijo, de Sevilha — Subtenente: D. Antonio Bernard, de Garrovilla de Alconeta — Soldados: André Maregosa, de Patchena; Longinos Lopez, de Pedrau; João Calderon, de Basculmelo; Thomaz Linares, de Santa Maria Certerei; Francisco Paula Cosa, de Cadix; João Riga, de Betanzos; Eusebio Morales, de Villafrechos; Manoel Arendiana, de Calahorra; Manoel Griñão, de Bladuaz; Francisco Guereda, de Santa Maria de Alvaraz; Miguel Ibañes, de Obanceta; José Heredia, de Murillo de Leza; Manoel Elizondo, de Pamplona; e Diogo Batalla, de Valencia de Alcantara. — *Zumalacarregui.*»

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Visita pastoral — S. ex.ª o sr. Bispo Conde saiu esta madrugada d'esta cidade para continuar a sua visita ás egrejas da diocese.

Acompanham o exm.° prelado o seu secretario o sr. padre José Maria dos Santos, e o seu mestre de cerimonias o sr. padre Antonio Simões de Noronha, alem dos criados.

S. ex.ª dirige-se a Mouronho, segundo nos consta; e por ahi começa os seus trabalhos pastoraes.

Theatro Academico. — Na quarta feira deram o sr. Cesar de Lacerda e a sr.ª Falco uma interessante recita a beneficio da sociedade Philantropico-Academica. Attrahidos já pela fama dos distinctos actores, já pelo fim humanitario a que era destinado o producto do espectaculo, o theatro encheu-se de espectadores, que passaram uma noute agradabilissima.

A recita constou das chistosas comedias *Depois do baile. — Miguel o Torneiro. — Não ha fumo sem fogo*, em cujo desempenho os eximios actores receberam calorosos applausos.

N'uma das chamadas ao proscenio, dois academicos foram entregar ao sr. Cesar de Lacerda o diploma de socio honorario da sociedade Philantropico-Academica.

A orchestra foi dirigida pelo distincto musico o sr. Guimarães Pedrosa.

Aulas da Associação dos Artistas — Como acto de justiça, e para estimulo, aqui publicamos os nomes dos alumnos das aulas da Associação dos Artistas desta cidade, que o seu digno professor o sr. José Maria Torres approvou para poderem fazer exame de instrucção primaria; com os valores com que vieram a ser approvados nos seus exames.

Antonio Domingues, distincto com 16 valores. (Este pequeno é o caixeiro mais novo do sr. Antonio Duarte Ariósa.)

Manoel Joaquim Junior, approvado com 13 valores.

Joaquim Gaspar de Mattos, approvado com 12 valores.

Augusto Maria Pinto, approvado com 11 valores.

Arthur Henriques de Moraes Pimentel, approvado com 10 valores.

João Gomes Paes, approvado com 10 valores.

Junta Geral. — Reuniu-se na quarta feira, 7 do corrente, extraordinariamente, a junta geral deste districto, para fazer a distribuição da contribuição predial pelos concelhos do districto; e egualmente para fazer a distribuição dos recrutas que cabem a cada concelho. A junta geral encerrou-se hontem.

Bazar. — Começou na quinta feira o bazar a favor da Associação dos Artistas. Tocou a philarmonica *Boa-União*. O bazar concluir-se-ha amanhã.

Asylo de Mendicidade. — A exm.ª sr.ª D. Rita Candida de Menezes, moradora na rua de S. Pedro desta cidade, e fallecida no dia 17 de Abril, deixou por seu testamento ao Asylo de Mendicidade a quantia de 20$000 reis.

Esta importancia ha de sahir do producto de duas moradas de casas, sitas nas ruas do Forno e S. Pedro, as quaes segundo a disposição da fallecida tem de ser vendidas para pagamento de varios legados.

Concurso. — Não tendo havido oppositores no concurso documental aberto para provimento das egrejas parochiaes de S. Mamede, de Bolho, do concelho de Cantanhede, e S. Miguel de Liceia, do concelho de Monte Mór o Velho, do bispado de Coimbra; foi mandado abrir concurso por provas publicas perante o respectivo prelado diocesano para o provimento das sobreditas egrejas.

Bandeiras ou pendões do Santo Officio. — Mais feliz do que a cidade de Coimbra, pela raridade, possue a de Evora o pendão da sua inquisição. Até á morte de João Raphael de Lemos ninguem sabia d'elle; e parece que antes de morrer aquelle prestante cidadão, ou o fizera entregar por seus possuidores á auctoridade superior administrativa, ou dissera o logar em que se guardava.

Está hoje na bibliotheca publica de Evora. E' de setim encarnado e excellentemente bordado a ouro. Tem de um lado as armas do santo officio bem conhecidas: a cruz entre o ramo da oliveira, symbolo da paz, e a espada certamente da guerra. Antinomia notavel, especie de bom e mau ladrão, que os inquisidores davam por companhia á cruz sacrosanta. Em volta lê-se: *Exurge domine et judica causam tuam. ps.* 73.

Do outro lado representa o bordado o santificado Pedro de Arbues, com um punhal no peito, um livro e uma palma nas mãos, com esta letra em volta: *Pro sancto munere martirij palmam meruit obtinere.*

Além do pendão alli se conservam tambem os paramentos do altar em dia de auto de fé e a capa magna e a estola do sacerdote que officiava. São de côr roxa e de um tecido de lhama de prata.

Os periodicos, a constituição e José Agostinho de Macedo. — No anno de 1821 publicou o celebre padre José Agostinho de Macedo, sete cartas dirigidas a Pedro Alexandre Cavroé, a quem elle queria amesquinhar, chamando-lhe — *mestre examinado no officio de carpinteiro de moveis.*

Na carta segunda, tratava José Agostinho de Macedo de atacar os periodicos. Isto não admira que elle o fizesse; porém o que é notavel, é que ao mesmo tempo *elogiasse a constituição!* José Agostinho de Macedo, o ultra absolutista, a elogiar a constituição! Custaria a crer, se aqui o não tivessemos á vista impresso, e com o seu nome.

Já ouvimos a um individuo dizer que admittia o systema liberal, comtanto que não houvesse côrtes, nem liberdade de imprensa! Ao menos José Agostinho de Macedo aceitava em 1821 a constituição, mas sem periodicos! Já concedia alguma cousa.

Diz José Agostinho de Macedo:

«Ser inimigo dos periodicos, não é ser inimigo da constituição, antes é ser mais seu amigo, porque está demonstrado, que os periodicos dividem; a constituição illustra.

«Os periodicos são obra sua (de Cavroé), e dos seus collegas, e isto basta; e a constituição é o desvelo, o apuro, o trabalho, o resultado das mais eminentes cabeças e abalisados engenhos de Portugal.

«Os periodicos são todos uma salgalhada; a constituição é a ordem por essencia.

«Os periodicos são os filhos, ou os paes da mentira; a constituição assenta sobre bases de eterna verdade, e sobre firmissimos principios de sempiterna justiça.

«Logo, quem é inimigo dos periodicos, é o amigo nato da constituição.»

Tem graça. — Ahi vae uma anedocta de José Agostinho de Macedo, nas cartas ao mesmo Pedro Alexandre Cavroé:

«Saia immenso povo de uma egreja de Paris, onde acabava de ouvir um sermão, daquelles immortaes sermões, que os francezes ouviram a Bourdaloue e Massillon, e a outros muitos; o sacristão que estava no adro a pedir importunamente, como elles costumam, para as Almas, ao passar de um magote que ia louvando o sermão e o pregador disse para os do magote (continuando sempre com o — *quem se lembra das bemdictas Almas*) — «Gostaram, senhores, do pregador e mais do sermão? Pois a mim mo devem, porque fui eu quem tocou o sino ao sermão; e sempre queria ver como vossas mercês cá vinham, se não ouvissem as badaladas.»

A violeta. — Todos conhecem esta gentil flor, symbolo da modestia, e que annuncia o regresso da estação formosa.

Comprehende este genero um grande numero de especies, porem a mais conhecida de todas é a *violeta cheirosa*, que, occultando-se nas hervas, é manifestada pelo seu perfume. Tem a corolla azul-violeta, côr a que deu o nome, não obstante havel-as brancas. Não tem caule; saem da raiz os estolhos reptantes, assim como as folhas e flores.

Torna-se dobrada pela cultura, apresentando notaveis variedades. Prefere para sua vegetação a sombra e frescura, parecendo que se esconde para augmentar o prazer de quem a colhe.

Empregam-se todas as suas partes em medicina: são purgantes as sementes; peitoraes as flores; emollientes as folhas e a raiz.

Das flores faz-se ainda um xarope, que para o chimico é um poderoso reagente.

Serve este xarope diluido em agua para reconhecer a presença de um alkali ou de um acido; o alkali torna-o verde, e o acido dá-lhe uma côr vermelha.

Sempre tem sido considerada a violeta como emblema da modestia, do pudor, e da innocencia.

De violetas se cobre em muitos paizes o tumulo das donzellas.

Na linguagem das flores symbolisa a *violeta branca* particularmente a innocencia; a *violeta amarella* a belleza passada; a *violeta dobrada* a amisade reciproca; e o *ramilhete de violetas cercado de folhas* o amor encoberto.

Anomalias entre os animaes sobre alimentos. — A cegude (*conium maculatum*) mata as vaccas, nutre as cabras, e não faz mal ao cavallo.

A pimenta é mortal aos porcos, e innocente ás gallinhas.

As ortigas engordam as gallinhas da India e matam os pavões.

Os fructos do mesereão, da cigude, e da belladona, nocivos aos animaes carnivoros, são innocentes para as especies herbivoras.

Come o porco a raiz do meimendro com avidez, devora a cabra do mesmo modo o hellebro e a cicuta, sem lhes fazer mal.

A perdiz e o estorninho tambem comem impunemente as bagas do loiro-cerejo.

Jardins Botanicos. — O mais antigo da Europa é o de Padua, fundado em 1540 pela illustre casa de Medicis; os de Piza e Bolonha foram estabelecidos em 1547.

Depois destes fundarem-se muitos outros, como o de Montpellier em 1598; o de Paris em 1626; o de Upsal em 1657; o de Edimburgo em 1675; o de Leyde em 1677; os de Berlim e Leipsick em 1680; o de Oxford em 1683; o de Amsterdam em 1688; o de Petresburgo no tempo de Pedro I; o de Madrid em 1756; os de Lisboa e Coimbra no reinado de D. José I.

Insectos luminosos. — Os habitantes de certas regiões equatoriaes empregam alguns insectos phosphorescentes, como agentes da illuminação. Este facto tem sido confirmado por viajantes e naturalistas, que percorreram a America do sul. Estes insectos luciferos produzem uma luz intensa e brilhante, e podem encerrar-se em frascos de vidro, fazendo o serviço de lampadas. São parecidos com os nossos pyrilampos, mas muito maiores, e pertencem ao genero *pyrophorus*.

Sabão vegetal. — Ha na California uma planta sylvestre e bulbosa, que produz nos bolbos uma especie de sabão, com as mesmas qualidades do sabão artificial. Extrahindo as escamas dos bolbos, e esfregando com elles a roupa, obtem-se uma espuma abundante, que tira as nodoas. Se esta planta se aclimar e generalisar na Europa, todos podem ter á sua disposição um meio economico e gratuito de lavar a roupa.

Chá economico. — Um medico austriaco aconselha o uso das folhas do morangueiro silvestre, para substituir o chá da India. Devem colher-se as folhas depois da maturação do fructo, e seccarem-se ao sol, ou sujeital-as a uma ligeira torrefacção. A infusão destas folhas tem um cheiro agradavel e um sabor adstringente semelhante ao do chá da India. E' uma bebida diaphoretica, diuretica, excitante, e até provoca o somno; e póde tomar-se fria ou quente, simples ou com leite.

Marmore de vidro. — Um jornal francez affirma, que um americano conseguiu dar ao vidro o aspecto de marmore, empregando-o com grande vantagem e economia na construcção de mesas, de peças de mosaico, de mausoleus, de monumentos e de estatuas.

Excentricidade de sabios. — Um jornal extrangeiro publica as seguintes anedoctas a respeito de alguns sabios allemães:

O professor Thomaz Hasselbach, de Vienna, dissertou nos seus cursos publicos durante 22 annos sobre o primeiro capitulo de Isaias, sem nunca chegar ao fim. Seu collega Guthmann distribuiu os seus estudos sobre os cinco primeiros versiculos do Genesis em 24 volumes. Crusius interpretou durante 8 annos os psalmos, sem acabar a primeira metade.

Esbanus Hesse collocava sobre a mesa de professor uma bilha com vinho, e ia bebendo, ao passo que explicava os mais admiraveis trechos de poesia. Frederico Wolf, quando se aborrecia do trabalho do magisterio, afixava á porta da aula um aviso, em que annunciava estar doente uma semana. O professor Walch, de Goettingue, tinha tal paixão pelos trabalhos escholares, que adoecia sempre durante as ferias, por não ter auditorio que assistisse ás suas lições.

Conselho de medico. — Um lord de Inglaterra, muito rico, ocioso e glutão, consultava o celebre medico Abernethy sobre os meios de restabelecer a sua saude. A resposta foi, que trabalhasse e ganhasse todos os dias o necessario para comer. Lembra-nos a este respeito, a exclamação de um ricaço, quando via um homem com fome a pedir esmola. E' tão feliz este mendigo, que até tem fome, dizia a victima da gula e da intemperança.

Os sapos e rãs — É do sr. José Maria Rosa de Carvalho a seguinte noticia:

«Os *batracios* ou *rãs* e *sapos*, não contem especies venenosas. Ouvi comtudo dizer, que recentes observações feitas em os nossos sapos ordinarios (*buffo vulgaris*, Laurenti), deram o resultado acharem-lhes veneno nas pustulas da pelle, na parte superior do corpo. Não sei o que isto tenha de verdade. Elles não passam por venenosos na opinião dos naturalistas. Ha todavia muitas pessoas que como taes os conceituam. Em França muita gente os leva ao leito dos doentes, persuadida de que elles attrahem a si as enfermidades!

Os serviços que os sapos prestam á agricultura e á jardinagem, destruindo os insectos e vermes prejudiciaes a ambas, são hoje geralmente sabidos. Convem por isso perdoar-lhes o tedio que a sua presença nos costuma causar, attendendo ao proveito que d'elles se tira.

A nossa *rella*, a mais esvelta e graciosa de todas as *rãs*, é de cor verde sobre o corpo; os pés são cor de rosa, os olhos da cor do ouro, etc. Laurenti poz-lhe o nome *hyla viridis*.

Este nome generico *hyla*, é tirado da mithologia. Chamava-se assim o filho de Theodamas, mancebo muito formoso, que foi roubado por as nymphas d'uma fonte.

É pena que o nosso povo esteja muito longe de achar na *rella*, algum indicio, sequer, de formosura. Diz que ella mata qualquer boi que a comer na herva, e faz cahir os dentes áquelles que sómente a mascarem.»

Recrutamento — O conselho de estado decidiu favoravelmente os seguintes recursos, a fim de que os respectivos mancebos fiquem livres do serviço do exercito:

CONCELHO DE PAMPILHOSA

Freguezia de Fojo — Manoel da Serra e mulher Joaquina Henriques, por seu filho David.

Freguezia de Pecegueiro de Baixo — Bernardino Rodrigues, por seu filho José.

CONCELHO DA FIGUEIRA

Freguezia de Quiaios — Luiz, filho de Joaquim Gomes de Figueiredo e de Antonia Custodia.

CONCELHO DE SOURE

Freguezia de Soure — João Gonçalves Martins e mulher Jacintha Maria, por seu filho Manoel; José, filho de José Lourenço Paulo.

CONCELHO DE GOES

Freguezia de Goes — José, filho de Manoel Ferreira e Anna da Silva.

CONCELHO DE POIARES

Freguezia de Santa Maria — Antonio Ferreira Pedroso, por seu filho Joaquim.

CONCELHO DE MIRANDA

Freguezia de Miranda — Antonio Francisco e mulher Maria do Deserro, por seu filho Francisco.

CONCELHO DE TABOA

Freguezia de Candosa — Antonio Nunes Diogo, por seu filho Joaquim.

Freguezia do Pinheiro — Anna Nunes, solteira, por seu filho Carlos; Carlos Mota, por seu filho José.

CONCELHO DE MONTE MÓR

Freguezia de Tentugal — José da Silva Teixeira Cavado, por seu filho Joaquim.

CONCELHO DE OLIVEIRA DO HOSPITAL

Freguezia do Ervedal — Francisco José Moleiro, por seu filho Joaquim.

Freguezia da Travanca — Joaquim Marques, por seu filho Antonio; Anna Maria, viuva, por seu filho Daniel.

CONCELHO DE PENACOVA

Freguezia de Oliveira — Maria Gonçalves, viuva, por seu filho Augusto.

Despacho. — O sr. Dr. Francisco Augusto Correa Barata foi nomeado por dois annos, para o logar de substituto da Faculdade de Philosophia.

Fallecimento. — Falleceu na cidade de S. Paulo do Brazil, o sr. conselheiro e commendador da ordem de Christo, José Maria de Avellar Brotero, antigo lente aposentado e secretario do curso juridico daquella cidade.

Era parente muito proximo do celebre lente de botanica da Universidade de Coimbra, Felix de Avellar Brotero. Nasceu em Lisboa a 17 de Fevereiro de 1798, e formou-se em Coimbra em 13 de Junho de 1820.

Nova publicação. — Recebemos do Brasil, e muito agradecemos, o — *Opusculo sobre a colonia — Nova-Louzã — fundada por João Elisario de Carvalho Monte-Negro em* 1867.

E' todo dedicado a mostrar o bom regimen, utilidade, e importancia da colonia, fundada pelo nosso estimavel amigo o sr. commendador Monte-Negro.

As bandeiras da inquisição de Lisboa. — O illustrado correspondente do *Commercio do Porto* diz o seguinte:

«Creio que foi o *Conimbricense*, uma das folhas mais interessantes do paiz pela abundancia de noticias curiosas que publica, que disse ha dias ignorar-se onde estaria a bandeira da inquisição de Coimbra.

A proposito dessa noticia, disse-me um amigo que ainda existiam as bandeiras ou estandartes da inquisição de Lisboa, e com effeito vi eu essas bandeiras que se acham sob a guarda do honrado porteiro do ministerio da fazenda, o sr. Aguas.

Vieram ellas do antigo thesouro, quando ardeu o edificio onde se acha hoje o theatro de D. Maria e onde esteve estabelecido por muito tempo o tribunal da inquisição de execranda memoria.

O que existe são os dois lados principaes dos estandartes, um mais rico do que o outro.

O menos ostentoso é de veludo preto bordado a ouro e prata, com poucos relevos. No centro de uma especie de escudo está uma cruz bordada a branco e orlada de preto. De um lado da cruz uma oliveira e do outro uma espada. Em cima da cruz as palavras MISERICORDIA JVSTITIA. Em roda do escudo o seguinte: — JVDICA CAVSAM TVAM DOMINE.

O outro estandarte, que é riquissimo, é bordado a ouro com altos relevos. Tem a mesma cruz, oliveira e espada, e a seguinte inscripção: — EXURGE DOMINE ET JUDICA CAUSAM TUAM Ps: 73.

Os dous pannos estão bom conservados e o mais rico e de muito effeito ainda.

Estes objectos melhor estariam em qualquer museu do estado do que fechados em um cofre de ferro, onde o sr. Aguas os conserva ha mais de 30 annos.

O mesmo zeloso empregado tem dois pequenos vasos de metal e uns defumadores de prata que suppõem terem pertencido tambem á inquisição.

No ministerio da fazenda tem-se feito uso de muitos dos veludos que vieram da inquisição, os quaes apesar do tempo ainda estão muitos soffriveis.

Tinteiros de prata, que serviram na inquisição, quem os quizer ver pode ir á camara dos deputados, pois os tres de que se servem o presidente e os secretarios, são dos que foram do ministerio da fazenda e que tinham ido do antigo thesouro.»

ANNUNCIOS

1 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia de Friumes, concelho de Penacova, faz publico, que no dia 18 do corrente, hade dar d'arrematação a quem por menos o fizer a obra do cemiterio, que pretende fazer construir no sitio do Gavião, limite do mesmo logar de Friumes. A arrematação será feita no mesmo local do cemiterio, e as condições serão patentes no acto d'arrematação.

Friumes, 7 de Maio de 1873.

O presidente, *Francisco Antonio Pinto.*

Venda de casa

2 VENDE-SE uma morada de casas de tres andares, sita na rua do Borralho, n.os 9 e 11.

CÃO PERDIGUEIRO

3 DESENCAMINHOU-SE da Figueira um cão perdigueiro, d'um anno, corpo mediano, côr de castanha, com mescla de branco pelo pescoço, &. Dá pelo nome de Pimpão. Dão-se alviçaras á pessoa que o tiver encontrado, ou der informação a A. Castro — Figueira.

4 NO DIA 20 do mez corrente, por 9 horas da manhã, no tribunal deste juizo em Santa Cruz, perante o exm.º sr. juiz de direito desta comarca, na execução da fazenda nacional, contra os herdeiros de Manoel de Jesus Almeida, da Bendafé, se hão de arrematar com o abatimento de duas quintas partes os bens seguintes: — Um talho de terra com oliveiras, em Valle de Charrão, 12$000 reis. — Um talho de terra com oliveiras e arvores, em Valle de Martim Joannes, 6$000 rs. — Uma terra com oliveiras, em Valle Vergado, 4$320 rs. — Uma terra com oliveiras, no Moitinhal, 6$000 rs. — Um bocado de terra, no Cume, 2$400 rs. — Um pousio, no Cabeço, 1$800 rs. — Um bocado de terra com arvores, no Cerrado do Pateo, 2$400 rs. — Um cerrado com oliveiras, em Valle da Regueira, 1$800 rs. Tudo no limite da Bendafé. Escrivão Santos.

5 JOSE' JACINTHO DA SILVA, desta cidade de Coimbra, constando-lhe que o Dr. José Adolpho Trony pretende vender particularmente as casas e quintal que possue no sitio do Senhor dos Oleiros, desta cidade, faz publico que o dito predio se acha hypothecado ao annunciante, e penhorado em execução que lhe move pelo juizo de direito desta cidade; e que alem disso o annunciante é credor d'outras dividas, pelas quaes corre processo neste juizo, contra o mesmo executado, pelo que protesta contra a venda que não for feita com as formalidades judiciaes.

6 JOSE' ALVES CARDOSO, aponta lunetas, amola ferros de estojos, tesouras, navalhas, e põe vidros em oculos. Calçada, 200 a 202.

7 ARRENDA-SE um grande celleiro ao cimo do pateo da Inquisição, na escada de pedra. O celleiro tem o n.º 11.

Quem pretender dirija-se a casa da exm.ª sr.ª D. Joanna Padua, desta mesma cidade.

Attenção

Farinha de trigo da acreditada Fabrica do Beato Antonio de Lisboa

AGENCIA, RUA DA REBOLEIRA, 27

PORTO

8 NESTA AGENCIA se encontra farinha de toda a qualidade, desde a mais fina até semea, e ensacada em muito boa sacaria.

Estas farinhas concorrem vantajosamente com a americana e hespanhola, tanto em preço como em qualidade.

Cumprem-se ordens das provincias.

9 NO DIA 20 do corrente mez, por 9 horas da manhã, no tribunal judicial, perante o exm.º juiz de direito desta comarca, se hão de vender, para pagamento de dividas, por deliberação do conselho de familia, no inventario por fallecimento de Manoel de Mattos Cortesão, morador que foi em Lavarrabos, os bens seguintes: — Uma terra com oliveiras, no sitio das Carreiras, monte de Lavarrabos, avaliada em 50$000 rs. — Uma terra e oliveiras, no sitio do Chão do Saraiva, limite de Lavarrabos, avaliada em 55$000 rs. — Metade de um pinhal, no sitio do Brejo, monte de Lavarrabos, avaliado em 40$000 rs. — 5940m quadrados de terra areada, no campo de Lavarrabos, avaliada em 12$000 rs. Escrivão Santos.

ATTENÇÃO

10 VENDE-SE por preço rasoavel um piano vertical, ainda em bom uso e com boas vozes. Quem o pretender dirija-se a esta redacção, onde se darão os precisos esclarecimentos.

11 PEREIRA — Rua da Sophia, n.º 66, vende vinho almudado a 350 rs. o quartão; e ao quartilho 30 rs. Abre-se hoje.

VINAGRE PURO DE VINHO

12 CALÇADA, n.º 85 a 91.

SABÃO E SABONETES

Deposito da acreditada fabrica de Belem.

Deposito em Coimbra, na rua da Sophia, n.os 59—61

13 SABONETES muito bons a 50 rs.
Sabão de sedas a 300 rs. o kil., superior.
Sabão mescla a 180 rs. o kil.
Amarello de 120 a 200 rs. o kil.
Abatimentos razoaveis para revender.

AGRADECIMENTO

14 O CONEGO José Ferreira Fresco, como director da irmandade do Sacramento da freguezia da Sé Cathedral, e o reitor da mesma o padre Antonio Garcia dos Santos, empenhados ambos em que a procissão do Senhor aos entrevados daquella freguezia, que teve logar no domingo 4 do corrente, se fizesse com a decencia devida, nomeou para isso uma commissão, composta dos srs. Antonio Martins, Isaac Torres Veiga, Honorio da Costa, e João Carvalho Callisto.

São dignos do maior elogio estes srs. pelo zelo e interesse com que promoveram todos os meios, para que este acto religioso se fizesse com o esplendor possivel. Por isso aqui lhes damos um voto de louvor e agradecimento, assim como a todas as pessoas devotas que concorreram com suas esmolas para os entrevados, com anjos para a procissão, ou de qualquer modo para aquelle acto.

Eram 10 os entrevados, a cada um dos quaes foi entregue a quantia de reis 2$130, proveniente das esmolas dadas ao reverendo parocho e á commissão, na importancia de 21$300 rs. O fogo foi á custa da commissão e de outras pessoas devotas.

15 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS — 75.000 CURAS EFFECTUADAS

pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchaqueca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alcuto, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza do sangue, suppressões e catharro epidemico.

E ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de oda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid. — Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kilo 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 12[illegible]venas, 3$200 reis ou 25 reis por chave[illegible]

Os boticarios, droguistas, merceeiros, [illegible] das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28: Barral Irmão, rua Aurea, 128. — PORTO. Desire Rahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto. — EVORA, Duarte; Murteira. — ESTREMOZ, Fernandes. — ELVAS, Sant'Anna. — COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho. — FIGUEIRA, Vieira. — AVEIRO, Luz e Costa. — ABRANTES, Salgueiro. — BELEM, Franco. — BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca. — SANTAREM, J. Maria de Castro. — MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2692 | TERÇA FEIRA 13 DE MAIO DE 1873 | ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL — JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios — Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

São de reconhecido interesse publico e de alta conveniencia para o commercio, as medidas que o governo acaba de adoptar, ampliando as disposições do decreto de 13 de Abril de 1861, entre os Açores e o continente do reino.

No *Diario* do dia 9 foi publicado o decreto pelo qual o governo permitte os saques de dinheiro por meio de vales entre as direcções dos correios nos Açores e as administrações centraes do reino.

De ha muito que era reconhecida a necessidade de facilitar as remessas de dinheiro entre o continente do reino e aquellas nossas possessões, por este systema que até aqui se limitava simplesmente ao continente, para assim estabelecer mais estreitas relações commerciaes entre as nossas ilhas e a metropole.

E' permittido agora pelo decreto datado de 31 de Março ultimo emittir vales do valor de 1$000 rs. até 200$000 reis em moeda forte.

O maximo dos saques ou de cada vale é de 200$000 rs. a satisfazer pelos thesoureiros pagadores dos districtos do reino, de 100$000 rs. pelos recebedores das comarcas, e de 50$000 rs. pelos propostos destes nos concelhos. O premio de 1 1/2 por cento dos valores sacados, e a pagar no continente do reino, continua a ser calculado sobre as quantias de 1$000, ou de seus multiplos até 200$000 rs.

Com o fim de facilitar o trabalho, estabelece o citado decreto que as entregas nos cofres das repartições de fazenda, nos districtos, nas comarcas, nos concelhos ou nas direcções geraes dos correios, sobre qualquer importancia dos valores emittidos, serão effectuadas nas segundas e quintas feiras de todas as semanas, acompanhadas das competentes guias.

Por differentes vezes têem requerido os povos dos Açores e Madeira, para que os governos lhes realisem este seu desejo, que é inquestionavelmente uma importante medida de interesse commum.

Chegou agora a occasião de ser attendido tão justo pedido.

Em portaria datada de 6 do corrente mez, o sr. ministro da fazenda ordenou, que fosse prorogado por mais trinta dias o prazo para o pagamento da contribuição industrial, que devia terminar em 31 de Maio em Lisboa e Porto.

Por este modo o sr. Antonio de Serpa teve em vista atenuar o inconveniente de serem os contribuintes obrigados agora ao pagamento integral da collecta, que em virtude da lei de 23 de Julho de 1850 devia ser paga pelo menos em duas prestações e em epochas differentes, mas que o atrazo do serviço nas repartições fiscaes não deixou realisar.

A referida portaria veiu a proposito da attitude que a imprensa tomou, pedindo o beneficio da divisão das contribuições por parcellas ou prestações, e o cumprimento da lei que auctorisa o governo a determinar, por essa forma, o pagamento d'ellas; o que é de certo, como por varias vezes temos demonstrado, um beneficio para os contribuintes e para o thesouro publico.

Esta falta, porem, como diz o esclarecido ministro na citada portaria, foi unicamente devida ao atrazo em que se encontra o serviço das repartições fiscaes na capital.

Pedindo nós já por differentes vezes nesta folha o pagamento de todas as contribuições por mensalidades, manifestámos sempre o desejo de que este beneficio se estenda a todos os contribuintes do paiz, como pede a razão e a justiça.

A lei de 23 de Julho de 1850 determina a maneira por que póde verificar-se semelhante beneficio em todas as localidades.

Este objecto não é indifferente aos contribuintes de Coimbra e do concelho, e por isso daqui mais uma vez lembramos a necessidade de ser attendido.

Organisado de uma vez o serviço de lançamento, nas repartições de fazenda, não achamos inconveniente que possa oppor-se rasoavelmente á recepção dos impostos por mensalidades em todos os concelhos.

O governo pensa em estabelecer esta forma de pagamento no proximo futuro anno economico em Lisboa. Os motivos que o determinam a dar esta garantia aos contribuintes da capital, são, guardadas todas as proporções, exactamente as mesmas para as outras terras do reino; esperamos por isso, do bom desejo que o governo tem de ser util aos povos e á administração publica, que não olvidará este assumpto.

Reuniu-se no dia 8, em sessão extraordinaria a junta geral deste districto, para fazer a distribuição da contribuição predial, e para dividir o contingente de recrutas pelos concelhos do districto.

Os mappas ficaram organisados do seguinte modo.

Contribuição predial:

Arganil	2.990:000
Cantanhede	5.400:000
Coimbra	18.950:000
Condeixa	3.200:000
Figueira da Foz	9.650:000
Goes	1.664:000

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLIX

D. CARLOS

IX

Ao mesmo tempo escreveu Zumalacarregui, a Armildez de Toledo, governador de Pamplona, dizendo-lhe que estes fuzilamentos eram — «em justa represalia *do deshumano comportamento que o governo usurpador estava observando*; os seis soldados pelo alcaide de Ataun e um voluntario que foram fuzilados por serem carlistas; quatro pela morte dada em Calahorra a um voluntario carlista que ficou alli ferido e recommendado ao seu alcaide; e quatro carabineiros pelo comportamento que se observava com os prisioneiros.»

Acrescentava Zumalacarregui, que o mesmo fim teriam todos os que cahissem nas suas mãos — «em quanto o governo usurpador, ou seus crueis satelites não tratassem de outro modo aos prisioneiros» — e ameaçava fazer soffer a mesma sorte a um certo numero destes que ainda conservava. Terminava dizendo que — «usando quanto permitte a lei de mais caridade e humanidade para com os feridos inimigos, passam a essa praça seis que cahiram em meu poder, com o fim de que nella obtenham maior commodidade e auxilios para o seu restabelecimento.»

Acontece logo a prisão dos tres officiaes do partido liberal, nos Arcos, como já mencionamos; solicitam a troca, e ao seu requerimento põe Zumalacarregui este decreto marginal:

«Quartel general de Piedramillera, 28 de Abril de 1834. — Desejoso de fazer quanto está em minhas attribuições em favor da humanidade e da economia do heroico sangue hespanhol, me presto com gosto á troca dos tres officiaes mencionados nesta petição, pelo capitão D. Fructuoso Bayona, ferido e prisioneiro posteriormente pelo inimigo, e pela pessoa de Antonio Lasala, habitante de Lumbier e senteneeado por leves suspeitas a presidio, sendo que nenhum serviço tinha prestado em favor dos legitimos direitos d'el-rei nosso senhor D. Carlos V; move-me a apetecer a sua liberdade o remedio de sua dilatada familia, e o de comprazer aos parentes que tem nestas fileiras, os quaes imploram por este meio a sua liberdade, na intelligencia que a resolução sobre a admissão ou não desta troca, deverá recahir e participar-se-me para o dia 1 do proximo Maio, e se se não verificar se levará a effeito a lei de represalia. — *Zumalacarregui.*»

A esta communicação responde Quesada pela seguinte forma:

«Ao chefe de salteadores e bandidos Zumalacarregui — Vi o escripto firmado por vós, e é estranho que um rebelde falle a um general hespanhol de humanidade, depois de ter sacrificado a sangue frio a 120 alavezes, a quem se havia promettido dar quartel, e posteriormente a uns officiaes cheios de honra, no povo de Echarri-Aranaz. O governo de sua magestade a rainha nossa senhora, tem sido demasiado generoso para comvosco e vossos sequazes, os quaes, fascinados por esperanças chimericas que não tardarão em ver desvanecidas inteiramente, não souberam aproveitar-se de tanta magnanimidade, preferindo a destruição deste famoso paiz, o roubo e rapina, unicos objectos dessas hordas armadas.

«Se continuam os seus chamados chefes como até aqui, deverão ter entendido que os paes, irmãos, mulheres, filhos, ou parentes mais proximos dos que se achem entre essa turba, serão passados pelas armas, isto é, um por cada um dos officiaes ou soldados que sejam sacrificados.

«Desde este momento tenho já presos a D. Matheus Lopes, sogro de Guibelalde, a D. Domingos Ulibarri, pae dos intitulados officiaes dessas hordas, a D. Bernardo Llano e D. Polonia Munarriz, cada um destes com tres filhos nellas, os quaes, com Antonio Lasala, serão passados pelas armas logo que saiba o hajam sido os tres officiaes da princeza e Estremadura, sorprehendidos nos Arcos.

«Continuarei prendendo outros individuos para executar o mesmo em represalias dos que façam perecer pela nossa parte; porem, não obstante, em obsequio da humanidade, conservarei a vida d'aqui em deante a todos os que se intitulam officiaes, e caiam em nosso poder, desde que ao receber desta se dê a liberdade aos tres officiaes citados, e que no futuro se não volte a fuzilar a nenhum dos que podessem ser apprehendidos por essas hordas. Deveis conhecer a differença que ha entre as tropas organisadas de um governo legitimo e reconhecido, á das hordas de rebeldes sem mais apoio que o muito ephemero que presta a desesperação.

«Quartel general de Pamplona, 29 de Abril de 1834 — *Vicente Quesada.*»

Devemos dizer para esclarecimento, que o capitão carlista, D. Fructuoso Bayona, que Zumalacarregui pedia em troca, já tinha fallecido antes dessa proposta.

O chefe liberal fez saber aos parentes dos carlistas em seu poder, que a sua vida dependia da dos officiaes dos Arcos. Escrevem aos

Louzã	2.600:000
Mira	1.850:000
Miranda do Corvo	2.400:000
Monte Mór o Velho	8.250:000
Oliveira do Hospital	5.250:000
Pampilhosa	1.196:000
Penacova	2.075:000
Penella	2.075:000
Poiares	884:000
Soure	5.850:000
Taboa	4.275:000
	79.559:000

Contingente de recrutas:

Arganil	46
Cantanhede	58
Coimbra	96
Condeixa	24
Figueira da Foz	74 e 4 maritimos
Goes	24
Louzã	22
Mira	14
Miranda do Corvo	25
Monte Mór o Velho	47
Oliveira do Hospital	53
Pampilhosa	22
Penacova	33
Penella	21
Poiares	15
Soure	41
Taboa	42
	657 e 4 maritimos.

A junta geral não tratou de mais objecto algum.

NOTICIARIO

A reacção absolutista na cidade do Porto em 1823.—Quando em Junho de 1823, em resultado da reacção de Villa Franca de Xira, se restabeleceu o absolutismo em Portugal, tratou o governo de fazer annullar todos os actos praticados durante o systema liberal.

Foram mandados trancar nas camaras municipaes todos os autos de acclamação e outros documentos de identica natureza; e não podia por isso escapar á sanha do absolutismo os monumentos que se tinham mandado erigir, para commemorar a nova forma de governo, creada em consequencia da revolução liberal do dia 24 de Agosto de 1820.

O monumento que no Porto se havia principiado a erigir, foi immediatamente mandado destruir pelo ministro do reino, Joaquim Pedro Gomes de Oliveira, em portaria de 23 de Junho de 1823.

A maneira como essa ordem foi cumprida, póde vêr-se pelo seguinte muito curioso auto da camara do Porto:

«Vereação extraordinaria de 30 de Junho de 1823 nesta cidade do Porto, e casa do illustrissimo senado da camara della, onde foram vindos o doutor juiz de fóra do crime, servindo do civel; e bem assim os vereadores do mesmo senado, com a assistencia do procurador da cidade, todos abaixo assignados.

E logo nesta vereação, que teve logar para dar-se o promptо e devido cumprimento á portaria do governo de 23 do corrente mez e anno, expedida pela secretaria de estado dos negocios do reino, que foi recebida pela illustrissima camara no dia sabbado 28 do corrente e é do theor seguinte:

«Sua magestade ordena que a illustrissima camara da cidade do Porto mande demolir inteiramente o monumento, que nessa cidade se começara a erigir, consagrado ao anterior, e extincto systema, dando a mesma camara conta de assim o haver executado. Deus guarde a v. s.ª—Palacio da Bemposta em 23 de Junho de 1823—*Joaquim Pedro Gomes de Oliveira.*—Juiz, vereadores e mais officiaes da illustrissima camara da cidade do Porto.»

Tendo dado a mesma illustrissima camara d'antemão as necessarias providencias para se verificar a demolição do alicerce do monumento, decretada na dita portaria; com effeito se procedeu a esta obra ás 5 horas e meia da manhã, com assistencia da mesma illustrissima camara, e architecto da cidade; cercando o logar do mesmo alicerce um piquete de cavallaria da policia, *para evitar que o povo espectador não estorvasse os trabalhadores.*

Deu-se principio a esta obra, e chegando-se á primeira pedra, que servia de tampa, se mandou fazer em pedaços, bem como a pia sobre que estava depositada, para não haver em tempo algum vestigios, nem se encontrar os mais diminutos restos das mesmas, com a forma que tinham.

Entre uma e outra, cobrindo a pia, se achava uma pedra d'Ançã, e nella gravada a inscripção seguinte:—*Porto, 24 de Agosto de* 1820—; levantada esta, se encontrou debaixo um caixão de prata quadrilongo, abaulado, o qual, assim como a pedra com a inscripção, foi acompanhada para os paços do concelho pela illustrissima camara e conduzido por dois officiaes de justiça. Nesse mesmo acto da conducção, por ser aquelle que precedia á inteira e immediata demolição e aniquillação do mesmo alicerce, *foi lançada ao ar grande porção de foguetes.*

Collocada sobre a mesa da vereação, a pedra mencionada, e o referido caixão de prata, ahi com a porta da sala aberta, uma porção de povo presenceou a abertura do mesmo, a qual se effectuou com uma chave de prata, que se achava na casa da camara, e que foi apresentada neste mesmo acto pelo guarda da mesma.

Dentro delle se achou o seguinte:— Um pergaminho putrido, em razão da muita agua que se achou dentro do caixão, que devia conter o auto de que ha copia no livro das vereações do anno passado, existente no archivo da camara, o qual não poude ser lido por se desfazer por si mesmo no acto de ser tirado, em consequencia da sua mesma podridão: tinha este o sello das armas da cidade pendente de uma fita, que mal se via ser branca e azul.

Debaixo do dito auto se achou uma medalha grande de prata, em cuja circumferencia no anverso della se lê a seguinte inscripção:—*Porto 24 de Agosto de 1820. Côrtes geraes, e por ellas a constituição.*—No centro tem uma figura com corôa civica, que segundo a informação dada, significa o governo constitucional, tendo na mão esquerda uma alabarda, e sobre ella o pileu, aos pés de um jugo quebrado, insignias respectivas á mesma figura; e com a direita apresenta sobre uma lapide um livro, e nelle escripto o seguinte:—*Mantida a religião catholica, e a dynastia da casa de Bragança.*—E na lapide o seguinte:— *Na praça onde soou o primeiro brado da regeneração portugueza se levante um monumento. Portaria da junta provisoria de 23 de Dezembro de 1820.*—No reverso tem a inscripção seguinte:—*No anno do Senhor MDCCCXXII, XXIII do pontificado de Pio VII, reinando D. João VI, primeiro rei constitucional do reino unido de Portugal, Brasil, e Algarves, anno II da 1.ª legislatura em XXIV de Agosto foi lançada esta primeira pedra.*—

Junto com esta medalha se achou outra, que tem uma figura, que pela informação dada significa o amor da patria, com as quinas portuguezas gravadas no peito; tem na mão esquerda uma vara, e o pileu na extremidade da mesma, insignias do governo constitucional proclamado em 24 d'Agosto de 1820: na mão direita tem raios na acção d'abrazar um jugo, e um turbante, que tem aos pés, insignias representativas desta figura: na circumferencia desta medalha tem a seguinte legenda:—*Por amor da patria, em 24 de Agosto de* 1820—No reverso tem a seguinte inscripção—*O Porto deu nome ao reino em* 1139, *Restaurou-o em* 1808, *Regenerou-o em* 1820—

Achou-se mais uma collecção de moedas todas do reinado d'el-rei o sr. D. João VI, cunhadas no anno de 1822; a saber: uma de ouro do valor outr'ora de 6$400 rs., hoje de 7$500 rs., outra dita d'ametade d'aquelle valor, 6 moedas de prata, uma de 480 rs., outra de 240 rs., outra de 100 rs., outra de 60 rs., outra de 30 rs.; uma moeda de bronze de 40 rs.; e finalmente uma de cobre de 10 rs.

Neste mesmo acto foi apresentada uma condeça, que nesta mesma manhã foi entregue ao guarda da camara por um homem que nem disse quem era, nem declarou quem a remettia, e nem elle guarda conheceu, a qual sendo tambem aberta continha o seguinte:—*uma trolha de prata; um martello de prata, com cabo de pau buxo; uma esquadria de prata; uma regoa de prata; e uma vassoura de fios de prata, com annel da mesma.*— O que tudo foi guardado em um dos cofres da camara, á excepção do pergaminho, por se não achar em estado senão de ser lançado fóra, até que S. Magestade se digne declarar o destino que se lhe deve dar.

Ultimamente passou a illustrissima camara as suas ordens ao architecto da cidade para que fizesse trabalhar os operarios até que pozessem aquelle local justamente no estado em que antes se achava, sem que ficasse o mais leve vestigio do fundamento do mesmo monumento.

Deste modo houveram por cumprida a portaria do governo acima transcripta; e por esta forma houveram por finda esta vereação, de que se fez este auto, que eu *João Joaquim d'Oliveira Castro*, pelo respectivo escrivão o escrevi. *Cochado, Couto, Souto, Freire d'Andrade, Cirne, Lima.*»

Coherencia politica— Viram os nossos leitores a portaria do ministro do reino, Joaquim Pedro Gomes de Oliveira, expedida em 23 de Junho de 1823, para que fosse demolido o monumento que ao systema liberal havia sido principiado a erigir na cidade do Porto.

Saiba-se agora que este mesmo Joaquim Pedro Gomes de Oliveira havia dirigido em 2 de Maio de 1821, em nome da regencia do reino, a seguinte portaria ao bispo conde d'Arganil, reformador reitor da Universidade de Coimbra, D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho.

«Ex.^{mo} e revd.^{mo} sr.—Sendo presente na regencia do reino o officio de v. ex.ª de 24 do mez passado, acompanhando o outro, que o claustro pleno da Universidade de Coimbra dirigia á sua presença, no qual lhe manifestava os sentimentos da sua gratidão, respeito e obediencia, assim como o seu jubilo, e satisfação pela sua eleição para o poder executivo destes reinos: A mesma regencia em nome d'el-rei o senhor D. João VI, mui persuadida da ingenuidade das expressões de v. ex.ª e de todo o corpo academico, lhas manda agradecer; bem certa de que uma corporação, fonte da moral sã, dos costumes, e da instrucção dos povos de Portugal e seus dominios, continuará sempre a dar com o seu exemplo, e com os seus dictames, e doutrina, á nação portugueza, documentos irrefragaveis de obediencia e respeito ás auctoridades superiores; e á mesma regencia provas indubitaveis da sua firme adhesão á *santa causa da nossa regeneração politica.* O que manda participar a v. ex.ª para sua intelligencia e para que assim seja constante no claustro pleno dessa mesma Universidade.—Deus guarde a v. ex.ª Palacio da regencia em 2 de Maio de 1821.—*Joaquim Pedro Gomes de Oliveira.*»

Assim, para Gomes de Oliveira, o systema liberal era em 1821 *a santa causa da nossa regeneração politica*; e dois annos depois, em 1823, elle proprio manda demolir o monumento principiado no Porto, para commemorar essa *santa causa!*

Coherencia politica!

Concurso na faculdade de Medicina—Terminaram no dia 10 do corrente mez as provas do concurso para duas das tres substituições que estão vagas na faculdade de medicina. Foram concorrentes os srs. Drs. Filomeno da Camara de Mello Cabral e Augusto Filippe Simões.

A primeira prova foi no dia 28 de Abril, e consistiu em dois argumentos de tres quartos de hora cada um a cada candidato sobre a materia da dissertação que imprimiram.

A dissertação do sr. Dr. Filomeno da Camara intitulava-se: *«Principios geraes da medicação thermal, com uma noticia sobre as aguas mineraes do Valle das Furnas.*

A dissertação do sr. Dr. Augusto Filippe Simões era: *Breve exposição dos principaes subsidios com que têem contribuido para a theoria de calor animal a chimica, a physica e a physiologia.*

No dia 2 do corrente fizeram os dois candidatos a primeira lição durante uma hora sobre o seguinte ponto, tirado á sorte 48 horas antes: *Confrontação da contractilidade dos musculos com a excitabilidade motriz dos nervos.*

Depois da lição teve cada concorrente dois argumentos de meia hora cada um sobre o assumpto.

A segunda lição foi no dia 9 sobre o seguinte ponto: *«Os alienados poderão julgar-se em alguns casos legalmente responsaveis pelos actos que praticam? Deverá admittir-se a distincção de responsabilidade geral e parcial?*

Seguiram-se tambem para cada candidato dois argumentos de meia hora cada um.

No dia 10 foi o exame de pratica no hospital.

A faculdade approvou os dois concorrentes.

Despacho.—O nosso amigo e patricio o sr. bacharel José dos Santos Junior, professor no seminario de Lamego, acaba de ser provido na importante egreja de S. João de Lobrigos, no bispado do Porto.

E' com muito prazer que publicamos esta noticia, porque folgamos sempre que vemos acreditados pelo seu procedimento, e bem collocados os nossos patricios. O sr. bacharel José dos Santos Junior é muito digno do despacho que obteve.

A seu pae, e nosso bom e velho amigo o sr. José dos Santos, damos os mais sinceros parabens, e nos associamos cordealmente á sua bem justificada satisfação.

Desastre—No domingo, pelas 11 horas da manhã, saindo da missa da egreja do convento de Sant'Anna, uma filha do sr. Diogo de Castro, proprietario do Alemtejo, cahiu pela escada de pedra que do adro conduz á estrada. Bateu com a cabeça n'uma pedra com tal força, que algumas das pessoas que estavam no adro ouviram o baque. Ficou sem sentidos por espaço de duas horas, sendo tratada pelo sr. Dr. Augusto Filippe Simões, n'uma grade e na hospedaria do convento Somente pelo fim da tarde poude ser transportada n'um carro para casa.

A pancada que deu com a cabeça foi tão forte, que se não fosse a cuia que trazia no penteado e amorteceu a violencia do choque, é provavel que não podesse resistir.

Ataque nervoso—Pelas 5 horas da tarde do mesmo dia, uma criada do sr. Joaquim José da Encarnação e Silva, estando na egreja de Santa Theresa, ouvindo a predica de um missionario, cahiu sem sentidos e foi levada n'este estado para casa, onde se conservava ainda ás 8 horas da noute com um grande ataque nervoso.

Já tem acontecido outros casos similhantes n'aquella egreja, que se attribuem ao pequeno espaço da casa e á falta de ventilação. A exaltação dos sentimentos religiosos, causada por uma parenetica demasiadamente excessiva em excitar estes mesmos sentimentos, pode egualmente contribuir para taes effeitos.

Tambem foi o sr. Dr. Augusto Filippe Simões, que prestou os primeiros soccorros a esta rapariga, encontrando-a, trazida por varias pessoas, na rua Larga.

Publicação—Sahiu ha dias da imprensa da Universidade um livro do sr. Dr. Julio de Vilhena, intitulado—*As raças historicas na Peninsula iberica e a sua influencia no direito portuguez.*

É de grande importancia scientifica esta obra, porque trata de um assumpto gravissimo que hoje preoccupa o espirito publico da Europa, e merece profunda attenção de sabios abalisados e de escriptores de verdadeira reputação scientifica.

O problema das raças anda hoje no campo da discussão, empenhando-se na lucta os mais robustos contendores. Historiadores, philosophos e naturalistas da França e Allemanha tratam a questão com grande profundidade, e pretendem resolver o problema por meio de uma critica severa e rigorosa.

Os escriptores allemães proclamam a superioridade da raça germanica sobre a raça latina, querendo usurpar a esta as mais esplendidas creações de um grande genio, alumiado pelo espirito christão. Os escriptores francezes combatem briosa e energicamente esta opinião, sustentando a superioridade da raça latina, apreciando á luz da historia, da philosophia e das sciencias naturaes a brilhante influencia desta raça nos destinos da humanidade e nos progressos da civilisação.

O livro do sr. Dr. Vilhena declara-se abertamente a favor da escola franceza, combatendo a preponderancia germanica proclamada pela Allemanha.

A obra é dividida em cinco capitulos. No primeiro estuda o auctor a influencia da colonisação romana nas instituições peninsulares, e combate a opinião do sr. Dr. Theophilo Braga.

No segundo trata o auctor de muitas questões importantissimas de anthropologia e ethnographia, relativas ás raças peninsulares, fallando da influencia dos elementos celtico, phenicio, grego e carthaginez nas linguas e nos destinos historico e social da Hespanha e Portugal.

No terceiro aprecia com profunda critica a fusão do elemento germanico e romano, e refuta energicamente as opiniões do sr. Dr. Theophilo Braga a respeito da origem dos foraes portuguezes e de outras doutrinas historicas e juridicas.

No quarto estuda a influencia da edade-media na historia da humanidade, investiga as relações do elemento romano na jurisprudencia portugueza, e combate as opiniões dos srs. Anthero do Quental e Oliveira Martins.

No quinto capitulo trata da invasão dos arabes na peninsula, dos caracteres das raças semitica e aryana, e de sua influencia nas primeiras leis da peninsula.

Por esta simples indicação revela-se claramente o valor scientifico do livro do sr. Dr. Vilhena. Este trabalho honra muito o seu joven auctor, e confirma plenamente o elevado e distincto conceito, que todos prestam a este insigne escriptor, que tanto honra a faculdade de Direito.

A Imprensa Nacional de Lisboa.—Fomos obsequiados com um exemplar da *Notice abrégé de l'imprimerie Nationale de Lisbonne, suivie du catalogue des produits présentés dans l'exposicion universelle de Vienne de* 1873.

E' escripta esta interessante noticia nas duas linguas, franceza e allemã.

Consta de uma memoria historica da imprensa Nacional, desde o decreto de 24 de Dezembro de 1768, que fundou a *impressão regia*, até á epocha actual.

Segue-se o catalogo dos productos mandados pelo mesmo estabelecimento para a exposição de Vienna de Austria.

Os productos expostos dividem-se nas seguintes classes: — 1.ª Obras impressas; as quaes se subdividem em — edições communs e illustradas (prelos manuaes) —edições communs e illustradas, obras de administração (prelos mecanicos) — obras de liturgia— edições de luxo, impressões em cores.—2.ª Gravura e galvanoplastia — 3.ª Fundição. — 4.ª Trabalhos lithographicos.

A imprensa Nacional póde afoitamente apresentar os seus productos na exposição de Vienna, porque ahi hão de, sem duvida, ser considerados em o numero dos primeiros, assim como já o foram nas anteriores exposições industriaes.

Estes brilhantes resultados honram a nação portugueza, e em especial os intelligentes artistas que trabalham naquelle estabelecimento, e o seu digno administrador o sr. conselheiro Firmo Augusto Pereira Marecos.

Circulo postal de Coimbra.—Desde 1 de Julho proximo em deante, além das direcções neste circulo postal de Coimbra, que estavam auctorisadas a sacar vales; pódem mais sacar vales as direcções de Estarreja, Louzã, e Soure.

Estios notaveis.—No anno de 627 seccaram quasi todas as fontes na França e Allemanha. Em 658 houve grandes privações e miseria por falta d'agua. Em 879 o sol abrazador matou muitos homens empregados nos trabalhos do campo. Em 993 queimaram-se as cearas e os fructos.

No anno 1000 seccaram muitos rios e fontes na França, e a putrefacção dos peixes causou a peste. Em 1022 morreram muitos homens e gados. Em 1132 o calor foi tão intenso, que muitos rios seccaram, e grandes fendas appareceram na crusta da terra.

Em 1139 a Italia foi devastada pelo rigor do estio. Em 1261, na batalha de Béla, os soldados caiam mortos pelos raios abrazadores do sol. Em 1276 e 1277 grande carestia de pastos e muitos gados mortos á fome. Em 1303 e 1304 chegaram quasi a seccar muitos rios, dos maiores da Europa, como o Rheno, o Danubio, o Sena, o Loire, etc.

Calores extraordinarios e intoleraveis reinaram nos annos de 1393, 1474, 1528, 1539, 1540, 1541, 1556, 1615 e 1616. Foram tambem de triste e dolorosa celebridade os estios de 1646, 1652, e 1698.

Os primeiros annos do seculo 18 foram ardentes. Em Julho de 1705 o calor na França foi tão intenso, que se coziam ovos ao sol. Em 1718 fecharam-se os theatros, como medida hygienica; durante cinco mezes não caiu uma gota d'agua, e os prados queimaram-se. Os annos de mais triste memoria pela extraordinaria sêcca foram os de 1723, 1743, 1746, 1751, 1753, 1760, 1767, 1778, e 1779. Neste ultimo anno o calor insupportavel e ventanias ardentes tornavam a atmosphera quasi irrespiravel.

No seculo actual, o anno de 1802 foi memoravel na França, revelando o thermometro a maior temperatura de que ha noticia. Foi tambem excessivo o calor em 1811, 1818, 1823 e 1830. Nos tres dias da revolução de Julho sentiu-se em Paris um temperatura verdadeiramente tropical. Em 1846 o thermometro marcou á sombra em Paris 36 graus, e 59 ao sol. Em 1848, 1856, e 1860 tambem o estio foi ardente e insupportavel.

Em Portugal, neste seculo, um dos annos de maior calor foi o de 1824; e em Coimbra, o dia de maior calor desse anno, foi o domingo do Anjo Custodio, a 18 de Julho.

Caminhos de ferro—A viação accelerada vae progredindo em toda a parte do globo, na Europa, Asia, Africa, e America. A maior velocidade deste meio de communicação tem logar no ultimo paiz. O primeiro caminho de ferro, construido na Inglaterra para transporte de viajantes, foi em 1830 por Jorge Stephenson. A Belgica imitou logo o exemplo da Inglaterra, depois a Allemanha, e em ultimo logar a França; mas em pouco tempo este paiz egualou e até excedeu outras nações. Seguiram-se depois a Italia, a Russia, a Hespanha e Portugal.

O actual presidente da republica franceza disse nas camaras em 1835, que considerava o seu paiz muito feliz, se todos os annos construisse 5 leguas de caminhos de ferro.

Descobertas do seculo XIX—Antes de 1800 não se tinha realisado a applicação do vapor á mecanica. Em 1807 foi construido o primeiro barco de vapor por Fulton. Nos primeiros annos deste seculo não havia ainda caminhos de ferro.

A electricidade voltaica foi descoberta em 1800; e o electro-magnetismo em 1821. Os telegraphos electricos datam só de 1843. A illuminação a gaz era desconhecida no principio do seculo, e hoje quasi todas as cidades mais importantes são dotadas deste melhoramento. A admiravel invenção do daguerreotypo data de 1839. O algodão-polvora e chloroformio foram descobertos alguns annos depois. As applicações da chimica e da mecanica á agricultura vão realisando nestes ultimos annos verdadeiros prodigios na producção da terra.

Jornaes populares na Inglaterra.—O *Penny Magazine* faz uma tiragem de 220:000 exemplares por semana.

O *London Journal* tem uma edição de 350:000.

O *Cassell family paper*, jornal illustrado, 285:000.

A *Historia popular de Inglaterra*, 100 mil.

Luxo fabril na Inglaterra.—Estabeleceu-se em Halifax uma fabrica de tapetes, onde existem duas grandes estufas povoadas sempre das mais bellas plantas e flores dos tropicos. Estas flores servem de modelos aos mais primorosos desenhos dos tapetes.

Pereiras francezas.— No jardim das plantas de Paris ha uma collecção de 330 variedades desta arvore fructifera, que todas produzem peras de boa qualidade.

Ainda a bandeira da Inquisição de Lisboa. — A noticia que demos ha dias, de ter desapparecido a bandeira da inquisição de Coimbra, desde que se extinguiu este tribunal em 1821, fez com que se tomasse em Lisboa a resolução de que a bandeira da inquisição daquella cidade, que tem estado em poder do porteiro do thesouro, seja mandada recolher na Academia de Bellas Artes.

Mercado de Coimbra no dia 12.—Regularam os generos pelos seguintes preços.

Trigo tremez 500—Dito branco 480—Celorico meudo 620 a 640—Dito graudo 540—Milho branco 330—Dito amarello 330—Feijão vermelho 480— Dito branco da marinha 460—Dito da terra 440—Dito rajado 400—Dito frade 360—Batatas da Beira 280—Centeio 450—Cevada 280—Tremoços 270—Favas 360—Grão de bico 450—Chicharos 280—Vinho da Beira 850—Dito da Bairrada 1$—Azeite 1$090 a 1$100.

Cemiterio da Conchada—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Josefa da Purificação, filha de Bento José Ferreira e de Rosa Jacintha, de Coimbra, de 60 annos, fallecida no dia 5 de Maio

Antonio de Barros Coelho Campos, filho de Francisco Barros Coelho Campos, de Farminhão, de 18 annos, fallecido no dia 5.

Luiz Lourenço, de Villarinho d'Eiras, de 70 annos, fallecido no dia 8.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—4958

Panorama Photographico de Portugal. — Já recebemos o n.º 5.º. A photographia representa a Sé Velha de Coim-

---

seus parentes, que correm ao alojamento de Zumalacarregui, a pedir uns por seu pae, outros por sua mãe, e pedem se conserve a vida aos officiaes prisioneiros, em troca do que, fariam quantos sacrificios se lhes exigissem, até o da propria existencia.

Apesar desses rogos, recusou-se Zumalacarregui ao que lhe pediam, dizendo que se se deixasse intimidar pelas ameaças de Quesada, conhecendo este essa fraqueza, d'ahi em deante mandaria tomar eguaes refens em qualquer povo, e lhe enviaria identica mensagem, e teria de ceder; com a differença que se naquella occasião lhe pediam os chefes, no dia seguinte iria pedir o mesmo o official, depois e sargento, e por fim o proprio soldado, e com todos seria preciso condescender.

Assim Zumalacarregui mandou fuzilar os tres infelizes officiaes prisioneiros nos Arcos. Em consequencia disso as represalias por parte dos liberaes não se fizeram esperar.

Estes horrores, porem, não eram mais que o prologo de uma tragedia sanguinolenta.

Os homens pareciam ter degenerado: a vista do sangue os havia familiarisado com a morte, e a arrostavam com a mesma impavidez com que a causavam. Embotados os sentimentos da humanidade, que embellezam a existencia, se fez degenerar aquella luta de paixões nobres, em uma guerra de paixões ferozes, de vinganças cruentas.

Saiu Quesada de Pamplona em perseguição de Zumalacarregui, dirigindo-se a Puente la Reina, onde pernoutou no dia 30 de Abril.

Depois de muitas marchas e contra marchas, e conhecendo Quesada a impossibilidade de alcançar o inimigo, se dirigiu a Muez. Soube-o Zumalacarregui e se occultou na serra de Andia, marchando de noute.

Antes da madrugada da manhã seguinte se achava quasi a tiro de bala do seu contrario, ao qual se propoz surprehender. Perto de um batalhão chegou silenciosamente a Muez, e no meio da escuridade que reinava, emprehendeu um ataque tenaz contra as avançadas, envolvendo algumas, que, aturdidas com o improviso do ataque á baioneta, se encheram de terror.

Na ermida de S. Miguel se travou o mais renhido da peleja. O ponto era dos mais importantes, e o defendia Soler com bisarria; porem via-se envolvido por todas as partes, e teria sido vencido, se Linares se não houvesse apresentado a fazer frente aos carlistas, conseguindo rechassal-os e libertar os defensores da ermida.

Zumalacarregui atacava ao mesmo tempo pela retaguarda a casa que occupava Quesada, sem conseguir entrar por alli no povo.

Toda a divisão estava já então sobre as armas, por ordem do general em chefe, que sahiu precipitado com os seus ajudantes, e adoptou muito opportunas medidas para impedir aos carlistas a entrada no povo. Linares, Moscoso, Meer, todos se apresentaram com valentia a vingar a surpreza. Não diminuia o empenho dos carlistas; mas não poderam vencer a resistencia dos liberaes, os quaes apoiados com algumas peças que lançavam metralha e granadas, os obrigaram a retirar-se até Lezaun, perseguindo-os alguns infantes e cavallos por espaço de meia hora, ainda que inutilmente.

Em 73 homens, entre mortos e feridos, consistiu a perda total de ambos os combatentes.

Naquelle mesmo dia marchou Quesada a pernoutar em Iluro, e no seguinte em Pamplona.

Podia gloriar-se de ter rechassado os carlistas, e de ter supprido com o seu valor o seu descuido por falta de noticias.

Quesada descançou no dia 28 em Pamplona; porem sendo mais necessaria a sua presença no campo, saiu a pernoutar a 29 em Artajana, e a 30 em Monreal.

Concebeu um plano, que julgou acertado, e se propoz executal-o a 3 de Junho. Era o de cair sobre Elizondo e apoderar-se da junta carlista; mas esta que soube a tempo a sua intenção, poz-se a salvo.

Zumalacarregui, que não perdia de vista a menor operação do seu contrario, situou-se ao mesmo tempo no ponto de Balate para impedir a Quesada a saída do Baztan por aquelle ponto. Vendo isto Quesada, e conhecendo as vantagens que proporcionava ao carlista o terreno, variou de direcção, e por Elizondo e Vera entrou em Tolosa no dia 7, onde esteve outros tantos dias.

Constante Zumalacarregui no seu desejo de interceptar-lhe o passo para Pamplona, correu a Lecumberri, onde era senhor da subida de Azpiroz, terrivel posição no caminho de Tolosa e Pamplona. Temeu Quesada este passo, e marchou a Victoria, entrando nesta cidade no dia 15.

Zumalacarregui dirigiu-se a Borunda e acampou em Echarri-Aranaz, vendo desvanecidas suas operações.

Quesada, que não podia deixar de conhecer o papel que estava desempenhando, procurou fazer um esforço para trocal-o, e combinou novo plano. Consistia este em sair de Victoria para Pamplona; e concentradas aqui previamente as forças de Linares e do marquez de Villacampo, concentrar os movimentos para que marchando ao encontro umas das outras, colhessem assim Zumalacarregui entre dois fogos. O exito não era então duvidoso.

Saiu, por isso, de Victoria no dia 17 com a brigada Orâa e outras forças, de combinação com as que commandava Jáuregui. Passou por Salvatierra, e foi a Alsasua e Echarri-Aranaz, extranhando não o esperasse o seu adversario.

Quesada desmembrou da sua gente a columna que fizera sair em sua ajuda de Victoria. Ao voltar, porem, esta columna áquella cidade, foi atacada em Dallo no dia 19 pelos carlistas, que em consideravel numero a esperavam emboscados. Terrivel foi a accommettida, e o perigo dos liberaes imminente; porem foram tão denodados os esforços do commandante Laplace, morto de quatro tiros, e do tenente Vasco, pela opportuna e acertada collocação da artilheria, que rechassaram os carlistas até Arcola, tendo perdido 47 mortos, chegando a uns 40 a perda dos liberaes, entre mortos e feridos. De Victoria saiam forças para proteger o regresso da columna.

(*Continuar-se-ha.*)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

bra, e o artigo respectivo é do sr. A. M. Simões de Castro.

Traz este numero a continuação do romancesinho intitulado *Primeiro conto* do sr. Silva Rocha, e uma secção bibliographica em que se tracta das seguintes obras:— *Resposta a um critico* — *Pharmaceuticos illustres de Hespanha* — *Vasco da Gama*, poema— *O Manoelinho d'Evora*—*Esboços a carvão.*

Suffragios. — O definitorio da Veneravel Ordem Terceira desta cidade deliberou mandar dizer na sua egreja do Carmo, no dia 16 do corrente, pelas 8 horas e meia da manhã, uma missa de *requiem*, e *Libera-me* no fim, por alma da exm.ª sr.ª D. Maria do Loreto Osorio Cabral Pereira de Menezes.

Apresentação. — O presbytero José Marques da Silva, bacharel formado em Direito, e parocho collado na egreja de S. Mamede de Quiaios, do bispado de Coimbra, foi apresentado, precedendo concurso documental, na egreja parochial de S. Julião da Figueira da Foz, da mesma diocese.

Transferencia.—O sr. Candido Serafim de Jesus Maria Cruz, professor vitalicio da cadeira de ensino primario do logar do Cabeço de Portomar, concelho de Mira, foi transferido, pelo requerer, para a do logar do Corticeiro de Cima, freguezia das Febres, concelho de Cantanhede.

Eleições em Hespanha.—Tem-se procedido em Hespanha ás eleições para deputados.

O resultado das eleições em todos os districtos de Madrid é favoravel aos republicanos federaes.

Os resultados conhecidos no primeiro dia foram: —138 federaes, 9 radicaes, 2 conservadores, 1 affonsista e 1 republicano unitario.

Calcula-se que o resultado definitivo será 350 federaes e 40 opposicionistas de todos os partidos.

Á ULTIMA HORA

CHEGADA

A's 4 horas da manhã de hoje, chegou a esta cidade, em viagem de recreio, sua magestade el-rei o sr. D. Fernando, acompanhado da sr.ª condessa de Edla e do sr. infante D. Augusto.

Estão hospedados na antiga hospedaria do sr. Lopes ao Caes.

Pelas 3 horas da tarde, os augustos viajantes sairam da hospedaria em trem descoberto; acompanhados n'outro trem pelos srs. conde das Alcaçovas, visconde do Seisal, e João José de Mello; e foram visitar a egreja e convento de Santa Cruz, onde os recebeu o reverendo prior da freguezia, o sr. bacharel Manoel Cardoso de Figueiredo Nogueira.

Apreciaram as riquezas artisticas que alli existem; e as que mais prenderam a sua attenção foram o pulpito, os tumulos de D. Affonso Henriques e D. Sancho I, os altos relevos do claustro do Silencio, a sachristia, o bello lustre do Santuario, etc.

Na sacristia viram alguns paramentos e alfaias preciosas e relicarios, e entre estes, o que contem a cabeça de S. Theotonio, primeiro prior do convento e o que encerra um osso de Santo Agostinho.

Tocou o orgão o sr. Francisco Lopes Lima de Macedo, a quem o sr. D. Fernando elogiou as vozes deste notavel instrumento.

Os augustos viajantes assignaram os seus nomes, no rico livro da irmandade dos Santos Martyres de Marrocos, no qual se encontram tambem as assignaturas de D. Miguel, (que em 1831 se declarou protector perpetuo daquella irmandade); das infantas portuguezas D. Isabel Maria, D. Maria da Assumpção, D. Maria Theresa e D. Maria Francisca; do infante de Hespanha D. Carlos Maria Izidro de Bourbon e Bourbon, e seus filhos D. Carlos Maria de Bourbon e Bragança, D. Fernando Maria, e D. João Carlos de Bourbon (pae do actual pretendente em Hespanha, com o titulo de Carlos VII); do imperador do Brasil D. Pedro II e da imperatriz sua esposa D. Theresa Christina.

A saida a sr.ª condessa de Edla entregou ao reverendo prior, para distribuir pelos pobres, a quantia de 10 libras.

Ouvimos dizer, mas não sabemos com certeza, que o sr. D. Fernande ainda se demora ámanhã nesta cidade, e que talvez depois vá visitar o Bussaco.

Sua magestade el-rei o sr. D. Fernando tem vindo 4 vezes a Coimbra.

A 1.ª no dia 18 de Julho de 1836; — a 2.ª no dia 20 de Abril de 1851; — a 3.ª no dia 23 de Abril de 1852;—e a 4.ª no dia 13 de Maio de 1873.

ANNUNCIOS

Venda de propriedade

1 VENDE-SE A GRANDE PROPRIEDADE, composta de insuas, terras de monte, olivaes, casas, eiras, abegoarias, etc., sita á ponte d'Aguas de Maias, junto a Coimbra e proximo da estação do caminho de ferro, que foi de Adriano Marques Pereira. Vende-se toda, ou em lotes. Está sujeita a um onus hypothecario por pensão vitalicia, do qual será expurgada nos termos da lei, ou como melhor se ajustar.

Recebem-se propostas pessoalmente ou por carta até ao dia 18 do corrente mez de Maio, dirigidas a Custodio d'Oliveira Nazareth—rua da Sophia, n.º 96; e egualmente se receberão as que forem apresentadas no acto da praça, que no referido dia 18 do corrente, pelo meio dia terá logar na morada acima indicada.

BAZAR

2 A SOCIEDADE PHILARMONICA — **Boa-União**—tenciona fazer um bazar nos dias 22 do corrente e 1 de Junho, no Jardim Botanico.

MADEIRA

3 VENDE-SE por junto a madeira d'uma matta de carvalhos e sobreiras, situada a pequena distancia de Soure, na quinta da Telhada, onde se póde dirigir quem a pretender.



ESTABELECIMENTO D'ALFAIATE

Rua do Infante D. Augusto, 10

4 ANTONIO AUGUSTO DA PAIXÃO, premiado com a medalha de prata na exposição districtal de Coimbra, participa aos seus freguezes e amigos, que alem do bom sortimento que costuma ter, acaba de receber um bom sortido de fazendas proprias da presente estação, as quaes vieram directamente de Paris, sendo os preços os mais commodos, como costuma.

ORGÃO HARMONICO

5 VENDE-SE um em bom uso, com doze registos e dois folles. Quem o pretender póde dirigir-se á pharmacia da Santa Casa da Misericordia de Coimbra.

6 ARRENDA-SE na rua Direita uma morada de casas, n.º 100, com bons commodos para uma familia, e boas vistas, com agua nativa, tirada por bomba. Quem a pretender falle com seu dono morador na mesma casa.

7 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia de Friumes, concelho de Penacova, faz publico, que no dia 18 do corrente, hade dar d'arrematação a quem por menos o fizer a obra do cemiterio, que pretende fazer construir no sitio do Gavião, limite do mesmo logar de Friumes. A arrematação será feita no mesmo local do cemiterio, e as condições serão patentes no acto d'arrematação.

Friumes, 7 de Maio de 1873.

O presidente, *Francisco Antonio Pinto.*

8 A PESSOA que achasse uma pulseira d'ouro com amethystas, que se perdeu no dia 9 de Maio, desde a rua do Norte, casa n.º 17, até á egreja da Sé Velha, queira entregal-a na dita casa, e receberá alviçaras.

Venda de casa

9 VENDE-SE uma morada de casas de tres andares, sita na rua do Borralho, n.ºs 9 e 11.

10 JOSE' ALVES CARDOSO, aponta lancetas, amola ferros de estojos, tesouras, navalhas, e põe vidros em oculos. Calçada, 200 a 202.

ATTENÇÃO

11 CHEGOU A ESTA CIDADE, vindo de Lisboa, a modista já mencionada neste jornal. Móra na casa do sr. Gonçalo Tello, á esquina da rua do Norte.

Tem para vender os seguintes objectos:

Grande sortimento de chapeus em palha, peludos, e tules, para senhoras e creanças, de preços de 1$500 a 3$000 rs.— Sombrinhas a 800 rs.—Botinhas para senhoras e meninos —Espartilhos— Luvas de pelica a 400 rs.— Lindissimos broches e brincos—Fitas para laços e chapeus—Flores e todos os preparos para chapeus—Vestidos feitos e casacos brancos —Cortes de vestidos em lã— Guarnições e rendas— Botões para roupa de homens e senhoras.

Promette vender tudo pelos mais baixos preços.

12 ARRENDA-SE um grande celleiro ao cimo do pateo da Inquisição, na escada de pedra. O celleiro tem o n.º 11.

Quem pretender dirija-se a casa da exm.ª sr.ª D. Joanna Padua, desta mesma cidade.

13 NO DIA 20 do mez corrente, por 9 horas da manhã, no tribunal deste juizo em Santa Cruz, perante o exm.º sr. juiz de direito desta comarca, na execução da fazenda nacional, contra os herdeiros de Manoel de Jesus Almeida, da Bendafé, se hão de arrematar com o abatimento de duas quintas partes os bens seguintes: — Um talho de terra com oliveiras, em Valle de Charrão, 12$000 reis.— Um talho de terra com oliveiras e arvores, em Valle de Martim Joannes, 6$000 rs.—Uma terra com oliveiras, em Valle Vergado, 4$320 rs. — Uma terra com oliveiras, no Moitinhal, 6$000 rs.—Um bocado de terra, no Cume, 2$400 rs.—Um pousio, no Cabeço, 1$800 rs. — Um bocado de terra com arvores, no Cerrado do Pateo, 2$400 rs.— Um cerrado com oliveiras, em Valle da Regueira, 1$800 rs. Tudo no limite da Bendafé. Escrivão Santos.

14 A COMMISSÃO ADMINISTRATIVA da Santa Casa da Misericordia de Tentugal faz saber, que está a concurso por espaço de 30 dias, o logar de capellão da mesma Santa Casa, com o ordenado de 60$000 rs. As mais condições estarão patentes no cartorio do mesmo estabelecimento.

O presidente, *Joaquim Fernandes Couceiro Lapa.*

SABÃO E SABONETES

Deposito da acreditada fabrica de Belem.

Deposito em Coimbra, na rua da Sophia, n.ºs 59—61

15 SABONETES muito bons a 50 rs.
Sabão de sedas a 300 rs. o kil., superior.
Sabão mescla a 180 rs. o kil.
Amarello de 120 a 200 rs. o kil.
Abatimentos razoaveis para revender.

EDITAL

16 A CAMARA MUNICIPAL DE COIMBRA faz publico, que se acha patente na respectiva secretaria, por espaço de 15 dias, a contar da data do presente edital, o rol do lançamento da contribuição municipal directa de repartição, relativo ao anno economico de 1872 a 1873; pelo que convida todos os interessados a virem alli ver e examinar, desde as 9 horas da manhã até ás 3 da tarde de todos os dias não santificados, o dito rol de lançamento, e apresentarem dentro do referido prazo quaesquer reclamações que tiverem por conveniente fazer.

E para que chegue ao conhecimento de todos, se mandou afixar este e outros de egual theor em todas as parochias do concelho e publicar nos periodicos d'esta cidade.

Coimbra, secretaria da camara municipal 12 de Maio de 1873.

O presidente,
Lourenço d'Almeida e Azevedo.

Venda de foro

17 NO DIA 3 do proximo mez de Junho, por 9 horas da manhã, perante o exm.º juiz de direito desta comarca, no edificio de Santa Cruz, se hade vender em hasta publica o dominio directo de um fóro de sessenta e seis alqueires de milho, e seis gallinhas, imposto em duas propriedades de terra de milho, oliveiras e mattos, uma no sitio da Aldeia dos Redondos, outra em Valle de Pereiros, limite da mesma Aldeia, julgado de Pombal, o qual fóro é pago por differentes inquilinos, e foi penhorado ao exm.º sr. Fortunato da Costa Cabral Coutinho (hoje visconde da Quinta de S. Thomé), da villa de Soure; na execução que lhe move Antonio Alves da Rocha Freitas, negociante de Coimbra, o qual dominio foi avaliado em 198$624 rs. Escrivão Santos.

Attenção

Farinha de trigo da acreditada Fabrica do Beato Antonio de Lisboa

AGENCIA, RUA DA REBOLEIRA, 27

PORTO

18 NESTA AGENCIA se encontra farinha de toda a qualidade, desde a mais fina até semea, e ensacada em muito boa sacaria.

Estas farinhas concorrem vantajosamente com a americana e hespanhola, tanto em preço como em qualidade.

Cumprem-se ordens das provincias.

NUMERO 2693 — SABBADO 17 DE MAIO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A' falta de assumpto com que possam aggredir o governo, os jornaes da opposição tratam ainda de discutir factos antigos, e de analysar a seu talante, algumas medidas do parlamento; por onde se conhece que para elles não acalmou totalmente a tempestade das iras levantadas por occasião do encerramento das camaras.

Desta plana são realmente todas as declamações dos orgãos opposicionistas; vozes ditadas pelas ambições mal repremidas, e pelos espiritos atrophiados de despeito.

As frazes de politica facciosa e intolerante, desferidas em termos dissonantes e desmandados, são a negação completa dos principios de justiça, e por isso de ha muito que foram condemnadas pela razão publica.

De expedientes cerebrinos vive a actual opposição. Estonteada ainda pelo encerramento das camaras, no que ella viu desapparecerem todas as suas esperanças, não ha sophisma que não invente, facto que não deturpe.

A despeito, porem, dos *patrioticos* esforços destes paladinos, a administração actual trabalha em organisar muitos serviços; e consegue-o sem que para isso se torne necessaria a farfante dialectica da opposição parlamentar.

Entende a opposição que nada se fez em proveito do paiz durante a sessão ultima. A consciencia publica, e todos os homens illustrados, que desejam ver organisada a nossa administração, julgam que ao governo se deve o bom serviço de contrariar os manejos da opposição, sem recorrer ao expediente da dissolução, e a outros meios que, gerando a descrença dos povos e o descredito das instituições, a politica menos tolerante dos adversarios, tem por muitas vezes empregado.

E' este o maior dos beneficios que deviamos esperar de uma situação tão acintosamente contrariada em todos os seus actos.

Cada qual prosegue conforme os seus instinctos.

Tiveram logar hontem na egreja do Carmo os obsequios funebres, que o definitorio da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, desta cidade, resolvera celebrar para suffragar a alma da exm.ª sr.ª D. Maria do Loreto Osorio Cabral Pereira de Menezes, viuva do sr. conselheiro José Maria de Abreu.

Cantou a missa com acompanhamento de musica vocal e instrumental o reverendo conego, o sr. Manoel Marques Pereira Ribeiro, digno commissario da Ordem Terceira. Serviu de mestre de cerimonias o reverendo sr. padre Ignacio de Carvalho e Freitas Junior; e tomaram parte neste acto religioso outros confrades da Ordem.

A missa solemne seguiu-se a absolvição.

A egreja tinha as decorações proprias da funebre funcção que se celebrava; erguendo-se no meio della a magestosa eça da Ordem, rodeada de grande numero de tocheiras.

Achavam-se presentes o definitorio da Veneravel Ordem Terceira, muitos membros della, e varias pessoas de distincção; avultando entre ellas o digno par do reino o exm.º sr. Miguel Osorio Cabral e Castro e a exm.ª sr.ª D. Maria do Carmo Osorio Cabral Pereira de Menezes, irmãos da fallecida, aos quaes o definitorio deu, como lhe cumpria, logar de honra dentro da capella mór.

O definitorio satisfez a um rigoroso dever honrando a memoria da virtuosa senhora, como já havia honrado a do seu illustre marido, por se terem ambos lembrado nas suas ultimas disposições do Asylo de Infancia Desvalida, do de Mendicidade, bem como do hospital da Ordem Terceira, desta cidade, destinando todos os seus importantes haveres para o augmento e prosperidade d'estes tres estabelecimentos de caridade.

Deus tenha em descanço as almas d'estes bemfeitores dos desvalidos.

NOTICIARIO

Theatro de D. Luiz—Teve logar na quarta feira uma recita neste theatro, a beneficio da escola de tiro, estabelecida na quinta de Santa Cruz.

Representou-se a comedia em 3 actos— *O Cavalleiro S. Jorge*; a scena comica—*Paixão internacional*; e a comedia—*A neta do barão.*

O desempenho agradou; e o theatro estava quasi cheio.

Sua magestade el-rei o sr. D. Fernando e a sr.ª condessa d'Edla assistiram ás duas primeiras peças, e mostraram-se muito satisfeitos.

Associação Commercial.—El-rei D. Fernando recebeu na quarta feira passada, antes da sua sahida para o theatro, a direcção desta associação, que o foi comprimentar em nome do corpo commercial de Coimbra. Estando ausente em Braga o sr. Manoel dos Santos Junior, o secretario da direcção, o sr. Melchiades, leu e entregou nas mãos de Sua Magestade a seguinte felicitação:

«Senhor.—A direcção da Associação Commercial desta cidade, sabendo da chegada de V. M. e de S. A. o sr. infante D. Augusto duque de Coimbra, não podia deixar de vir respeitosa como lhe cumpre, e em nome do corpo commercial que representa, saudar VV. M. e A. a quem deseja felizes e dilatados annos, pedindo a VV. M. e A. se sirvam acceitar-lhe as suas humildes, mas sinceras homenagens. —Deus guarde os preciosos dias de V. M. e de S. A. o sr. infante duque de Coimbra.— Aos 14 de Maio de 1873.— Os directores: José Melchiades Ferreira Santos; Joaquim José Rodrigues de Sousa; João Antonio Cardoso; José Eduardo Ferreira Barbosa Junior.»

Sua Magestade demorou-se a conversar com os directores, manifestando-lhes o seu agrado por esta terra e pelos seus habitantes, sentindo não se poder demorar por mais tempo.

Visitas—O sr. D. Fernando durante a sua estada em Coimbra, visitou a Associação dos Artistas de Coimbra, os paços da Univer-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLX

D. CARLOS

X

Zumalacarregui soube no entretanto no dia 17 em Echarri-Aranaz, a entrada de Quesada em Salvatierra, e o movimento de Villacampo e Linares, e parecendo-lhe mais vantajoso sair ao encontro deste ultimo, dirigiu-se á venda de Gulina. Participando-lhe os seus confidentes a posição dos liberaes, propoz-se atacal-os; e não tinha ainda terminado de situar as suas forças, quando Linares, que sabia tambem os intentos do seu contrario, ordenou á vanguarda que atacasse. Os carlistas então o fizeram por tres pontos, com animo de envolvel-os. Auxiliados, porem, pela brigada Villacampo, foi protegida a retirada da vanguarda que começou a acção, e se viu rapidamente acommettida e ainda cortada.

Valerosamente pelejavam os carlistas, e apesar de não terem em fogo todas as suas forças, iam obtendo resultados vantajosos, e já se preparavam a cair sobre as posições de Linares e a envolvel-o, apoderando-se da cavallaria e bagagens, que esperavam no caminho real o exito da peleja. Em tão critico estado, as disposições que quasi espontaneamente adoptaram os chefes, contiveram e repelliram o carlista. Os regimentos de Soria, Estremadura e o 6.º ligeiro fizeram sustentar bisarramente as posições, contribuindo officiaes e soldados com seu enthusiasmo para o resultado da acção.

O chefe liberal pensou mui opportunamente que secundando o valor dos infantes, a victoria seria segura. Toma para esse effeito as necessarias providencias; mas quer fosse tarde a execução, ou o previsse o contrario, é certo que ao adeantar-se um esquadrão para Sarazeta, se encontraram com os carlistas aonde o não esperavam, os quaes por um movimento rapido inutilisaram os esforços da cavallaria.

Esta vantagem excitou mais o empenho de Zumalacarregui em desalojar ao seu inimigo das posições que occupava, e que defendeu sem retroceder, fazendo estragos nos carlistas os certeiros tiros da artilheria. Os liberaes não cediam, nem voltavam o rosto ao inimigo.

Tornou a ser duvidoso o resultado d'aquella acção, já tão sanguinolenta, e preparando-se uns e outros combatentes a fazer o ultimo esforço, foi tão opportuno o dos liberaes e tão arrojado, que triumpharam. Uma columna cerrada apresentando um muro de bayonetas, levou deante de si aos carlistas, que em vão tratavam de romper aquella muralha de agudas pontas. Desalojado das suas posições, abandonando o bosque tão util a Zumalacarregui, foi retirando-se até ao valle de Ulzama, fatigado, sem alento e sem cartuchos.

Tanto os liberaes, como os carlistas, lamentaram numerosas perdas: correu em abundancia o sangue e 1:200 hespanhoes se acharam de menos em ambos os campos.

Nos fastos da guerra civil de Hespanha figurará a acção de Gulina como uma das mais sanguinolentas.

Zumalacarregui ainda que viu falta de disciplina e erros na sua gente, o attribuiu á bisonha com que diariamente augmentava as suas fileiras, como o disse na proclamação que dirigiu ao seu exercito. Nella lhe deu as graças, alentando-o para novos combates, ao grito de Carlos V, e morram os perfidos tyrannos.

Algum tempo antes destes factos, acontecidos na Navarra, tinha Zumalacarregui praticado um acto de horrivel carniceria na provincia de Alava. É a elle que alludia o general Quesada, no officio que de Pamplona dirigiu a Zumalacarregui em 29 de Abril de 1834, e que publicamos em o numero passado do *Conimbricense.*

O exercito carlista carecia de armamento e de toda a especie de recursos, e sabendo Zumalacarregui que em Victoria havia pouca guarnição, decidiu-se a atacar esta cidade e tirar della os elementos necessarios para continuar a guerra.

Para este fim se poz em marcha o mesmo Zumalacarregui, com os batalhões navarros, a 15 de Março de 1834, para desde os confins da Navarra chegar ao amanhecer de 16 ás immediações de Victoria, ordenando aos batalhões alavezes, que se achavam nas Amezcoas, concorressem ao raiar o citado dia ao povo de Otazu, meia legua da capital.

Reunidos navarros e alavezes naquelle povo, e a hora indicada, teve Zumalacarregui uma conferencia com os chefes principaes, e logo distribuiu o exercito em tres columnas para atacar Victoria. A da direita, que devia fazel-o pelo pontal de Betoño e S. Ildefonso, compunha-se de tres batalhões ao mando de Iturralde; a da esquerda, formada com o 1.º de Alava e 1.º de Navarra, com ordem de atacar pelo portal de Castella, dirigia-se a Villarreal; e Zumalacarregui dirigia o resto da força, que estava na ermida de Santa Luzia, para accommetter pelo centro.

Ao moverem-se as columnas saiu um paisano de Victoria, avisou a Zumalacarregui, que

sidade, bibliotheca, hospital, sé cathedral, jardim botanico, penedo da Saudade, quinta das Lagrimas, e mosteiro de Santa Clara.

Dadiva—A sr.ª condessa d'Edla brindou a Associação Conimbricense do sexo feminino com a quantia de 10 libras.

Esmolas.—El-Rei D. Fernando, a sr.ª condessa d'Edla, e o sr. infante D. Augusto, contemplaram com esmolas a muitas pessoas necessitadas, que imploraram o seu genio caridoso.

Mais esmolas.—El-Rei o sr. D. Fernando deixou 2 libras para serem entregues ao reverendo reitor da sé cathedral, com applicação aos pobres mais precisados da freguezia; e egual quantia deixou ao confessor do recolhimento do Paço do Conde para as necessidades do mesmo recolhimento.

Partida—O sr. infante D. Augusto partiu desta cidade para Lisboa na quarta feira; e na quinta feira partiram para a Graciosa el-rei o sr. D. Fernando e a sr.ª condessa d'Edla. Ouvimos dizer que os augustos personagens tencionam visitar o Bussaco.

Concerto.—Chegou à esta cidade o sr. Luiz Gruder, que vem promover um concerto de guitarras, á imitação daquelles que nestes ultimos dias tiveram logar em Lisboa, no Casino Lisbonense e no theatro do Gymnasio.

E' bem sabido pelos jornaes da capital, a concorrencia extraordinaria que houve áquelles concertos, que agora estão muito em moda; sendo frequentados pelas principaes familias de Lisboa.

Em Coimbra não deixará egualmente de ter grande aceitação, um concerto, dado em instrumento tão nacional.

Os guitarristas que vão dar este concerto nesta cidade, são os mesmos que em Lisboa foram tão applaudidos e premiados.

Salão. — Anda-se construindo um magnifico salão, no andar nobre do collegio dos Paulistas, na rua Larga, destinado para as conferencias da sociedade Instituto de Coimbra. A obra está muito adiantada, pois que se procede já ao estuque e solho. Conta-se que dentro de 8 dias ficará em estado de poder servir ao seu fim.

Museu archeologico.— Acham-se já algumas lapides importantes no collegio dos Paulistas, para o projectado museu archeologico, que a commissão de archeologia do Instituto, alli pretende estabelecer.

Foram confiadas á sociedade as lapides romanas e portuguezas da edade media, que n'outro tempo estiveram no pateo da Universidade.

Ponto.—No dia 21 do corrente põe-se o ponto nas duas faculdades de Theologia e Direito; devendo ter logar nesse mesmo dia a ultima congregação para a abonação de faltas.

Nos dias 23 e 24 haverá na sala grande dos actos o encerramento das matriculas.

Posse.—Tomou na quinta feira posse de lente substituto extraordinario da faculdade de Philosophia, o sr. Dr. Francisco Augusto Correa Barata.

Prevenção.— Prevenimos a camara municipal de que para a macadamisação da estrada do cemiterio, se tem empregado pedra *calcarea*. E' da natureza desta pedra esboroar-se e pulverisar-se rapidamente; e assim o seu emprego dará em resultado no verão poeira insupportavel, no inverno um lamaçal completo, e dentro em pouco tempo a necessidade de restaurar a obra.

Toda a gente sabe que o cascalho proprio para se fazer bom macadam, é de pedra *roliça*, calhau. Não se deixe pois a camara illudir, e dê as providencias, que ainda está a tempo; d'outra forma fará uma despeza avultadissima, que se tornará inutil em breve tempo.

Fallecimento.— Na quarta feira falleceu nesta cidade, o sr. Antonio Maria dos Santos, irmão dos nossos amigos os srs. Jeronymo Joaquim dos Santos, negociante; e Augusto Cesar dos Santos, pharmaceutico; ambos moradores na rua da Calçada.

O fallecido era dotado de muito boas qualidades, que lhe haviam grangeado geral estima; o que se confirmou com a numerosissima concorrencia ao seu funeral em S. Bartholomeu.

Damos a seus irmãos os nossos sentidos pezames.

Substitutos.—Foram nomeados juizes substitutos desta comarca de Coimbra os seguintes srs.:

Bacharel Anthero Augusto de Almeida Araujo Pinto.

Conselheiro Albino Abranches Freire de Figueiredo.

Bacharel Abilio Augusto da Fonseca Pinto.

Bacharel Manoel José da Cunha Novaes Junior.

Recrutamento.—O conselho de estado julgou favoravelmente os seguintes recursos, a fim de que os respectivos mancebos fiquem isentos do serviço do exercito:

CONCELHO DA FIGUEIRA

Freguezia de Buarcos — Anselmo, filho de Rosa Duarte Ferreira, viuva.

Freguezia de Ferreira — Manoel, filho de Manoel Branco e Maria Jorge—Antonio, filho de José Joaquim Saraiva e de Maria Caldeira.

Freguezia de Lavos—Lazaro, filho de Maria da Silva, viuva de Manoel Curado.

Freguezia de Paião—Flora da Costa, viuva de Francisco Mendes, por seu filho Anacleto—Antonio, filho de Manoel da Costa e de Antonia de Oliveira.

Freguezia de Quiaios — Manoel, filho de Manoel Cardoso e de Anna de Oliveira— Manoel, filho de Manoel da Silva Zanga e de Joaquina Francisca da Silva.

Freguezia das Alhadas—Joaquim, filho de Joaquim Lopes Choco e de Josepha Fernandes.

CONCELHO DE SOURE

Freguezia de Alfarellos—Margarida Pereira, viuva, por seu filho Antonio—José Rodrigues de Oliveira, viuvo, por seu filho João—João Ramos dos Santos, por seu filho Manoel.

Freguezia de Gesteira— Joaquim Francisco, por seu filho José.

Freguezia da Granja — Francisco Rodrigues Noro, por seu filho José.

Freguezia de Pombalinho— Maria da Piedade, viuva, por seu filho Joaquim — Manoel Mathias, por seu filho Luiz.

Freguezia de Soure — Joaquim Ferreira, por seu filho José — João Simões Cardoso e mulher Theresa Lourenço, por seu filho Luiz —Manoel José da Silva, por seu filho João.

Freguezia de Tapeus—Seraphim da Costa e mulher Joanna Simões, por seu filho Joaquim.

CONCELHO DE GOES

Freguezia de Alvares — Antonio, filho de Manoel Henriques e de Maria Rosa—Antonio, filho de José Rodrigues e de Fortunata Maria —Manoel, filho de Manoel Lourenço e de Maria Joaquina.

CONCELHO DE ARGANIL

Freguezia de Celavisa— Antonio Luiz Barata Alvoeiro, por seu filho Antonio.

Freguezia de Coja—Antonio Marques Sergudo, por seu filho José.

Freguezia de Piodam—João Simões e mulher Mafalda Maria, por seu filho José.

Freguezia de S. Martinho—Francisco Dias, por seu filho Antonio.

Freguezia de Villa Cova—Silvestre Nunes de Paiva, por seu filho José.

CONCELHO DE CANTANHEDE

Freguezia de Cantanhede — José Rodrigues Estarreja e mulher, por seu filho Antonio—José da Silva Serralheiro, por seu filho Manoel.

Freguezia da Tocha — José Jorge, viuvo, por seu filho Manoel.

CONCELHO DA PAMPILHOSA

Freguezia de Pampilhosa—Maria Antunes, viuva, por seu irmão Antonio, filho de João Fernandes e Maria Antunes—Delphina Paula, por seu filho Manoel.

Publicação.— Recebemos de Madrid um exemplar da— *Reseña historico-arqueológica de los monumentos que existen en la célebre ciudad de Alcalá de Henares, por D. Antonio Maria Lopez y Ramajo. Segunda edicion, corregida, aumentada é ilustrada con notas.*

Lemos com toda a attenção esta interessante e muito curiosa memoria, que é o fructo de laboriosas investigações por parte do seu illustrado auctor.

Muito agradecemos o exemplar com que fomos obsequiados.

Outra publicação.—No logar competente vae annunciado o *Tratado pratico da educação materna*, pelo abbade Pichenot, arcediago, vigario geral da diocese de Sens.

Recommendamos este livro, que é muito digno da protecção do publico.

Annuncio.—Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio do sr. Machado, com deposito de chapeus para senhora, á Portagem.

Vegetaes uteis.— Conhecem-se hoje mais de 12:000 especies de plantas uteis. Entram neste numero os seguintes productos: 2:500 plantas economicas, figurando entre ellas 1:100 fructos comestiveis; 50 cereaes, e 40 gramineas não cultivadas, mas que dão grãos alimentares; raizes e tuberculos 260; cebolas 37; legumes 420; palmeiras 40; plantas saccarinas 34; plantas farinaceas, salepos, arrow-rood, etc., 72.

200 especies vegetaes produzem bebidas alcoolicas; 266 dão drogas aromaticas; 120 plantas diversas pódem substituir o chá, e 50 supprem o café. Extrae-se o tanino e outras substancias adstringentes de 140 vegetaes; gommas elasticas de mais de 90; gommas balsamicas de 389; a cera de 19; e substancias oleosas e ethereas de 330.

Conhecem-se 250 plantas texteis; 650 tinctoriaes; 88 que produzem potassa, soda e iodo; 47 que dão productos saponaceos; 44 que pódem empregar-se no fabrico do papel; mais de 100 que servem para sebes e tapumes, e 750 que dão madeiras para construcção.

---

200 atiradores de Alava se achavam em Gamarra; e por isso determinou que o commandante de cavallaria D. Antero Dancausa, marchasse com o seu esquadrão e duas companhias de infanteria a bater aos atiradores, os quaes ao ver-se vigorosamente accommettidos cederam, ficando uns 50 mortos e 120 prisioneiros.

Em quanto isto tinha logar, as companhias de caçadores da columna de Villarreal entraram na cidade; porem foram repellidos pela guarnição, ficando alguns prisioneiros.

A captura dos atiradores de Alava e a noticia que chegou naquelle momento de que Espartero acudia com a sua columna pela parte de Biscaia, obrigou Zumalacarregui a ordenar a retirada para Salvatierra.

Retirados os carlistas das immediações de Victoria, Osma, commandante geral da provincia, mandou fuzilar a D. Domingos Retana, tenente de cavallaria carlista, natural de Victoria, juntamente com outros dois individuos que tinham caracter de officiaes, os quaes caíram prisioneiros dentro da cidade, ao invadil-a na mesma manhã; e Zumalacarregui, em conformidade do decreto de D. Carlos de 24 de Janeiro, que mandava usar de represalias, como disse na sua participação, mandou pôr no oratorio aos 120 atiradores, para os fuzilar no dia seguinte.

Villarreal, logo que isto lhe constou, corre a Narvaja, para expor a Zumalacarregui as tristes consequencias que occasionaria tão terrivel ordem; porem inflexivel o caudilho carlista no seu horrivel proposito, mandou que immediatamente fossem passados pelas armas.

O ajudante de estado maior D. João José de la Fuente, marchou nesse acto para Heredia, com ordem para que o chefe de brigada D. João Areitio, que ficara á frente dos batalhões alavezes, executasse a determinação de Zumalacarregui. Villarreal permaneceu em Nervaja com Zumalacarregui, a quem acompanhavam os generaes Eraso, Iturralde, e Uranga, não querendo ser espectador de tão horrivel, de tão indesculpavel carniceria, que lamentava no fundo do coração. Dois lhe deveram, comtudo, a vida; o official D. Estevão Garrido, que tinha servido com Villarreal no regimento de Saboya, e um joven de 17 annos, prevenindo o commandante que os guardava, que, debaixo da responsabilidade do mesmo Villarreal, os occultasse, sem que ninguem o soubesse.

Os 118 atiradores pereceram! O immolal-os foi um acto de deshumana crueldade de Zumalacarregui, horrivel satisfação de uma vingança, a que não se entrega o que quer apparecer como um heroe, como um genio.

No dia 18 do mesmo mez de Março surprehende Espartero em Marquino a Larracuain e ao batalhão do seu commando, causando-lhe alguns mortos e prisioneiros.

Corre logo a resgatar uns 40 soldados prisioneiros, que tinham os carlistas occultos no monte Acherri, e o consegue de noute, matando o capitão que commandava a escolta e a varios soldados.

No dia 22 achando-se em Durango, soube que a pequena guarnição de Portugalete estava rigorosamente atacada por 1:000 carlistas, commandados por Castor. Acode, e detendo-se apenas em Bilbau, segue á povoação ameaçada. Debalde se lhe oppõe os carlistas no posto culminante de Burceña: derriba as portas, accommette ao contrario com quatro companhias e alguns cavallos, arroja tudo deante de si, e entra em Portugalete, que foi salvo á custa do sangue de Espartero, ferido levemente de uma bala.

Oitenta carlistas ficaram mortos no campo, e perderam alem disso varios prisioneiros, armamento, cavallos e equipagens. Os liberaes perderam pouca gente.

Castor, comtudo, não temia a Espartero, apesar de tirar a peor na peleja. Com 600 homens se achava em Sollube, no dia 28, quando mediu novamente as armas com o ferido, vencedor em Burceña; e tambem custou perdas a Castor, que na sua retirada se viu em perigo de ser batido por Iriarte.

O infatigavel Zabala achava-se com o marquez de Valde-espina á frente de 2:000 homens, que a actividade de um e o prestigio de outro reuniram.

Estavam em Aulestia quando Espartero acampava em Durango, donde este saiu á frente de 2:000 homens, e se dirigiu a atacar o inimigo. Os carlistas receberam-no nas brilhantes posições das alturas que coroam a Aulestia, as quaes não defenderam devidamente. Retiraram-se para Rigoitia, seguiu-os Espartero, e os desalojou egualmente deste ponto. Buscaram novas posições em Morga, e tambem alli se dirigiu o chefe liberal, desejoso de se bater com La Torre e Luqui, que precedentes do valle de Arratia, se apresentavam com 3:000 homens.

Anciosos todos de medir as suas armas, tomaram os carlistas vantajosas posições e occupavam o formidavel desfiladeiro do caminho de Arratia. Aqui, porem, não podia atacal-os Espartero se não muito desvantajosamente: tinha escolhido muito bem o carlista o terreno, pelo que o contrario procurou leval-o a outro, e fez um movimento, que julgou o carlista uma retirada, e o era com effeito; mas não para fugir, senão para conseguir por meio de um estratagema o fim que se propunha o liberal. Viu-se este, como o previa, atacado, e em quanto Espartero sustentava o choque, mandou a Benedicto que tomasse posições no monte de Sollube, para proteger a sua retirada por escalões, fazendo frente ao mesmo tempo á valentia do carlista.

Reunidos aquelles dois chefes liberaes, baixaram rapidamente de Sollube, tomaram a altura de Sarraya, e estendeu Espartero a linha de batalha; accommetteu então o carlista á bayoneta, e sendo este o momento que desejava o chefe liberal, resiste ao impeto do inimigo, e se trava uma formal acção.

O desenlace foi glorioso para Espartero: conseguiu a victoria. O campo ficou ensanguentado e cheio de cadaveres. A perda foi consideravel nos dois bandos: de um e outro morreram muitos e ficaram exanimes no campo officiaes e até chefes; e um dos carlistas, o brigadeiro Armencha, foi fuzilado. Prisioneiros houve alguns, não muitos; era grande o encarniçamento, e se preferia matar a dar quartel; a morte á rendição. Assim se faziam mais sanguinolentas as acções; assim estas se assemelhavam mais a combates de feras, que a lutas de homens.

Espartero ganhou nesta acção a facha de marechal de campo.

(*Continuar-se-ha.*)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Contam-se já 615 especies de plantas venenosas. Das 279 familias naturaes hoje conhecidas em botanica, apenas 18 familias são consideradas destituidas de verdadeiro interesse e utilidade. Cumpre porém advertir, que esta estatistica está subordinada aos progressos da sciencia e das viagens, porque muitas regiões do globo não estão ainda convenientemente exploradas, e a flora de outros paizes ainda é desconhecida. Todos os dias se descobrem novas plantas, e o seu emprego e applicações dependem dos progressos incessantes de todas as artes e sciencias.

Hospitaes de Londres. — Existem na capital de Grã-Bretanha mais de 50 hospitaes, além de outros estabelecimentos e casas de saude. 14 hospitaes são destinados a todas as doenças, e 36 a especialidades. Os primeiros tem de renda annual 155:616 libras esterlinas, e os segundos 119:252 libras esterlinas.

Nestes 50 hospitaes geraes e especiaes contam-se annualmente mais de 45:000 doentes internos, e ás consultas diarias dos respectivos clinicos affluem todos os annos mais de 400:000 enfermos. As casas de saude tratam pelo menos de 232:000 doentes gratuitamente. Sommando tudo, mais de 680:000 pessoas são soccorridas todos os annos em Londres em estabelecimentos de caridade.

Longevidade dos animaes.— O cão, lobo e urso raras vezes vivem mais de 20 annos; a raposa vive 14 a 16; o gato 15; o coelho 7; o elefante póde viver 400. Alexandre o Grande, quando venceu Porus, rei da India, apoderou-se de um elefante, que tinha combatido corajosamente em defeza do seu paiz e do seu rei. Chamava-se *Ajax*. O conquistador offereceu este bello animal ao sol, restituindo-lhe a liberdade, e marcou-o com a seguinte inscripção—Alexandre, filho de Jupiter, offerece *Ajax* ao sol—350 annos depois ainda vivia este elefante.

Os cavallos podem viver 25 a 30 annos, os camellos chegam ás vezes aos 100; as phocas 30; as baleias podem viver, como affirma Cuvier, mil annos; as aguias podem durar 100; os corvos excedem muitas vezes um seculo; os cysnes podem durar 160; e as tartarugas podem viver mais de 100.

Delirio singular.—Ha monomaniacos, que pretendem haver-se transformado em corpos insensiveis. Areteu cita o exemplo de um doente, que suppunha ser de lodo, e não bebia agua com medo de ser dissolvido. Boerhaave tratou um alienado, que tinha a mania de ser de vidro, e vivia continuamente sentado com receio de se quebrar. Gaspar Barloeus, medico notavel do seculo 17, imaginava que seu corpo era de manteiga, e evitava o calor para não se derreter. O celebre abbade Molanus, do Hannover, considerava-se metamorphoseado em grão de cevada, e tinha tanto medo de ser devorado pelas gallinhas, que não queria sair de casa.

Alguns monomaniacos levam o seu delirio melancolico a ponto, de se considerarem mortos. São exemplos desta singular alienação dois principes da casa de Bourbon, um filho do grande Condé, e Filippe 5.º, rei de Hespanha. Estes doentes, nos seus maiores ataques não queriam comer, e pediam que os sepultassem. Era preciso que os medicos os persuadissem, que os mortos tambem comiam, e algumas pessoas prestavam-se a representar esta absurda ficção na presença dos doentes, e só assim se conseguia, que elles tomassem alimentos.

Valor do trabalho.—Com uma libra de ferro, que póde custar 50 ou 60 reis, fabrica-se aço, e com este aço as molas de relogios. Cada mola não pesa mais de um decimo de grão, e póde vender-se pelo preço de 18 francos. Mas uma libra de ferro póde produzir 80 mil molas de relogios; por consequencia o seu primitivo valor póde converter-se em milhão e meio de francos.

Salamandras e tritões.— Dividem-se as salamandras em terrestres e aquaticas, diz-nos o sr. José Maria Rosa de Carvalho. As primeiras pertencem ao genero *salamandra*, as segundas ao genero *triton*.

A nossa salamandra terrestre, *salamandra maculosa*, de Laurenti, é o reptil que mais calumniado ha sido por muitas pessoas de diversas classes, que d'ella dizem entre outras cousas o seguinte:

«Póde viver dentro d'um brazido o mais ardente; e caminhando sobre as brazas, as vae apagando na sua passagem. Vive no fogo como no seu elemento proprio; e nutre-se da substancia d'elle. A sua mordedura mata como a da vibora; e toda a pessoa mordida por ella, carece, para se curar, de chamar tantos medicos, quantas pintas ou manchas a salamandra tiver.»

O fundamento que ha para suppor neste reptil a propriedade de viver no fogo, é o deitar por os poros um humor abundante, que lhe refresca o corpo, e faz com que possa viver no lume alguns momentos, antes de ser reduzida a cinzas.

Pessoas muito competentes fizeram muitas experiencias com o fim de lhe conhecerem a existencia do veneno, obrigando-a a morder a lingua de muitos animaes, etc., o que deu em resultado a certeza de que não é venenosa.

Entre outras especies aquaticas que temos é a saramantiga d'agua, *triton marmoratus*, de Latreille, a que mais celebre se ha tornado pela prodigiosa regeneração de seus membros cortados. Este facto não póde ser contestado. E' o resultado de muitas experiencias feitas por pessoas de todo o credito.

Se cortarmos um pé ou mão a algum individuo desta especie, ainda novo, e principalmente na primavera, a parte cortada apparecerá renovada passados 24 dias!

A *pleurodeles waltii*, de Michak, é uma salamandra muito notavel. Parece incrivel que um animal possa viver com as pontas das costellas fora do corpo; e é o que se dá nesta especie. Esta salamandra, tem sido encontrada na serra de Cintra, e é provavel viver tambem na matta do Bussaco.

A insurreição carlista.—Tem ultimamente tomado grande incremento a insurreição carlista no norte da Hespanha.

Dorregaray bateu e aprisionou grande parte da columna do coronel Navarro, que se compunha de 1:500 homens e duas peças de artilheria. Ollo e Dorregaray tem já as suas ordens 6 a 7:000 homens e 400 lanceiros.

Por outro lado, Saballs entrou na segunda feira em Mataró, proximo de Barcellona, e apprehendeu os fundos da administração publica.

Em quanto os carlistas vão crescendo em força e audacia, os chamados republicanos entretem-se em perseguir muitos liberaes, que pelo seu prestigio e importancia, pódiam conter a revolução; e fazendo, pela anarchia em que estão lançando quasi todas as povoações de Hespanha, com que a maior parte dos liberaes cruzem os braços, e se tornem indifferentes ao progresso dos carlistas.

Caminhem assim, que vão bem.

Minas de carvão e ferro.— Diz o correspondente do *Commercio do Porto*, que é fora de duvida que estão descobertas riquissimas minas de carvão e ferro na nossa Africa Oriental, e é para folgar que cavalheiros portuguezes se empenhem em organisar uma companhia para as explorar. Ao menos depois de tantos annos de incuria e de abandono seja o maior lucro da exploração d'aquella enorme riqueza natural em proveito nacional.

Os cavalheiros que trabalham na organisação da empreza são os srs. Paiva Raposo e Cruz Coimbra.

As minas de carvão são na terra de Inhamacaze, junto do ribeiro Matize, a uns 200 metros da margem esquerda do rio Revubue, e umas 6 milhas do ponto em que este rio faz juncção com o Zambeze.

As minas de ferro existem na serra do prazo Maruca, de que é proprietario o sr. Anselmo Joaquim Nunes de Andrade.

Este proprietario está disposto a vender as suas terras a uma companhia que se organise para explorar aquellas inexgotaveis minas.

Diz o governador de Tete, o sr. Barahona e Costa, que todo o solo no districto a seu cargo, e muito especialmente as terras que demoram a N. E. do Revubue, são riquissimas em minerios, taes como o ouro, prata, cobre, ferro e carvão de pedra, e de uma fertilidade notavel. O clima é o mais benigno de toda a Zambezia e em alguns pontos tão favoravel ao europeu como os mais saudaveis do meio dia da Europa.

As armas portuguezas na exposição de Vienna.—Os jornaes estrangeiros e nacionaes têem-se occupado da especie de conflicto que houve entre o nosso commissario regio, o sr. conselheiro Fradesso da Silveira e o sr. barão de Schwarz, a proposito das armas collocadas no alto da porta da entrada para a galeria dos productos portuguezes.

A este respeito diz o *Deutsche Zeitung*, de Vienna de Austria:

«O sr. barão de Schwarz, sem o querer, provocou um conflicto politico.

S. ex.ª mandou collocar á entrada da galeria destinada a Portugal e a Hespanha os escudos dos dois paizes, sem a corôa real. O commissario geral portuguez ameaçou supprimir a exposição do seu paiz, se não fosse collocada a corôa no escudo. Com toda a pressa foi satisfeito o seu desejo.»

Diz um correspondente, que foi honroso o procedimento do sr. Fradesso. S. ex.ª entendeu e muito bem, que era preferivel retirar os nossos productos da exposição, a conservarmos alli uma posição humilhante para a dignidade nacional.

Lá fóra, que tão pouco se conhece Portugal, se o escudo das quinas se conservar unido ao do leão de Castella, poderá suppor-se que effectivamente as duas nações se não estavam de facto juntas e sujeitas ao mesmo regimen politico, não faziam questão de o parecerem perante a Europa em uma exposição internacional. Não sabemos se a Hespanha teria melindre em que se presumisse essa união; nós é que não poderiamos consentir em taes apparencias.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

1 PELA POSIÇÃO ESPECIAL EM QUE ESTOU COLLOCADO, e por ser grande o numero de meus sinceros e dedicados amigos, torna-se-me impossivel agradecer a todos pessoalmente, como me cumpria, os distinctos obsequios que delles recebi, por occasião da longa e dolorosa doença e fallecimento de minha prezada socia.

Por este meio, agradeço pois, profundamente reconhecido, e confesso-me summamente grato, para com todos aquelles que em occasiões criticas e difficultosas, tão desinteressado solicitamente, deram as mais inequivocas provas da mais alta consideração e disvelado affecto a quem como eu, pela minha nullidade, não tinha jus a tanto.

Aos dignos facultativos os ill.mos srs. Dr. João Augusto d'Almeida Araujo Pinto, Dr. José Maria Coutinho e Luiz José Candido, que trataram da enferma, protesto o mais profundo reconhecimento pelo zelo com que exerceram sempre a sua missão, exgotando todos os recursos da sciencia, que se infelizmente foram ineficazes, não foi á mingoa de boa vontade e solicitude d'aquelles cavalheiros.

A todos, a minha gratidão.

Coimbra, 16 de Maio de 1873.

Miguel dos Santos e Silva.

COMPANHIA GERAL DE CREDITO PREDIAL PORTUGUEZ

2 O PRESIDENTE da assemblea geral da Companhia geral do Credito Predial Portuguez, convida, na conformidade do artigo 94 dos estatutos, os srs. accionistas, comprehendidos no artigo 91, a reunirem-se em sessão extraordinaria, no dia 21 de Junho proximo futuro, ás 8 horas de tarde, no escriptorio da Companhia, largo de Santo Antonio da Sé, n.º 23, para a leitura e discussão do projecto da reforma dos mesmos estatutos, elaborado pela commissão especial, eleita pela assemblea geral para aquelle fim.

Lisboa 12 de Maio de 1873.

O presidente,

Conde de Castro.

3 JOSE' ALVES CARDOSO, aponta lancetas, amola ferros de estojos, tesouras, navalhas, e põe vidros em oculos. Calçada, 200 a 202.

Venda de propriedade

4 VENDE-SE A GRANDE PROPRIEDADE, composta de insuas, terras de monte, olivaes, casas, eiras, abegoarias, etc., sita á ponte d'Aguas de Maias, junto a Coimbra e proximo da estação do caminho de ferro, que foi de Adriano Marques Pereira. Vende-se toda, ou em lotes. Está sujeita a um onus hypothecario por pensão vitalicia, do qual será expurgada nos termos da lei, ou como melhor se ajustar.

Recebem-se propostas pessoalmente ou por carta até ao dia 18 do corrente mez de Maio, dirigidas a Custodio d'Oliveira Nazareth—rua da Sophia, n.º 96; e egualmente se receberão as que forem apresentadas no acto da praça, que no referido dia 18 do corrente, pelo meio dia terá logar na morada acima indicada.

A praça deverá continuar na quinta feira, 22 do corrente, ás mesmas horas, se não convier o preço do primeiro dia.

CONTRA ANNUNCIO

5 MARIA MANOELLA ALFONSIM SANTIAGO, com seu marido José Dias Lucio, residentes na cidade de Coimbra, lendo o annuncio feito neste periodico, no n.º 2692, de 13 do corrente mez de Maio, sobre a venda da propriedade sita á Ponte d'Agua de Maias, junto a Coimbra e proximo á estação do caminho de ferro, que foi de Adriano Marques Pereira, tem a fazer publico, que a dita propriedade é caução a uma pensão vitalicia e mensal de quarenta mil reis, que nella impoz o dito Adriano Marques Pereira, a favor da contra-annunciante, no testamento com que falleceu, e que se acha registrado na administração do concelho de Coimbra, em 17 de Agosto de 1865, no qual ha a clausula expressa de os seus herdeiros, os actuaes possuidores, não poderem vender essa propriedade em quanto vivesse a legataria contra-annunciante, e por isso protestam contra a alienação desse predio, que o titulo dos que a pretendem vender não permitte.

EDITAL

6 A CAMARA MUNICIPAL DE COIMBRA faz publico, que, em conformidade do disposto no artigo 41 da carta de lei de 27 de Julho de 1855, e da circular do exm.º governador civil do districto, de 9 do corrente, hade proceder no dia 19 deste mesmo mez, á formação das listas dos mancebos que devem constituir o contingente militar deste referido concelho, com relação ao anno de 1872; e por isso convida todas as pessoas que a este acto queiram assistir, a comparecerem nos paços do concelho, pelas 11 horas do mencionado dia.

E para constar se passou este e outros.

Coimbra, secretaria da camara municipal 16 de Maio de 1873.

O presidente,

Lourenço d'Almeida e Azevedo.

ORGÃO HARMONICO

7 VENDE-SE um em bom uso, com doze registos e dois folles. Quem o pretender póde dirigir-se á pharmacia da Santa Casa da Misericordia de Coimbra.

MADEIRA

8 VENDE-SE por junto a madeira d'uma matta de carvalhos e sobreiras, situada a pequena distancia de Soure, na quinta da Telhada, onde se póde dirigir quem a pretender.

HOTEL CAMÕES E ROSSINI

Rua de Rossini, n.º 16, em Paris (proximo ao Boulevard dos Italianos.)

9 RECOMMENDAMOS esta nova casa onde se falla portuguez, não só por estar situada no bairro mais central de Paris, e offerecer aos viajantes todas as commodidades, mas tambem pelos seus preços rasoaveis, devido á honradez do seu proprietario o sr. José Domingues, nosso patricio e amigo, que conhecemos já da sua antiga casa na rua de Bonaparte.

10 PELO JUIZO DE DIREITO da cidade de Coimbra e cartorio do escrivão Almeida, correm editos de 30 dias, desde o dia 15 do corrente mez de Maio, a requerimento de D. Carolina Emilia de Vasconcellos, residente na cidade de Coimbra, pelos quaes são chamadas as pessoas que tiverem que oppôr á habilitação que a requerente intenta pelo dito juizo, como unica e universal herdeira de sua thia D. Maria Ludovina Pereira Coutinho de Macedo, moradora que foi na dita cidade, e em especial para lhe serem averbadas as inscripções da junta do credito publico, que herdou daquella sua thia, a saber: uma de um conto de reis com o n.º 96:084; duas de quinhentos mil reis cada uma, com os n.os 56:307, 56:308; e oito de cem mil reis cada uma, com os n.os 132:207, 132:208, 132:209, 132:210, 132:211, 132:212, 134:108, 134:109, tudo valor nominal, devendo os que tiverem que oppôr fazel-o naquelles trinta dias, com a pena de lançamento e revelia.

GRANDE NOVIDADE EM CHAPEUS PARA SENHORA

ULTIMOS MODELLOS DE PARIS

Antiga loja de Barbosa á Portagem

11 JOSÉ DA SILVA MACHADO, representante da firma commercial Nuno Machado & C.ª, participa ás elegantes conimbricences, que acaba de receber de Lisboa uma linda collecção de chapeus para senhora e meninas, assim como uma porção de córtes de lã, alta novidade, o que tudo vende por preços resumidos.

AGRADECIMENTO

12 JOÃO ANTONIO DA CUNHA, sua mãe e irmãos, summamente penhorados para com todas as pessoas que se dignaram obsequial-os, tanto na longa doença, como pela occasião do passamento de sua irmã e filha, dirigindo-lhes as maiores consolações; e não lhes sendo possivel agradecer pessoalmente (pelo seu estado de consternação) tão grandes obsequios, vêem por este meio tributar a todos e cada um de persi, seu indelevel agradecimento; não podendo deixar de mencionar a philarmonica *Boa-União*, que tão cavalheirosamente se offereceu a acompanhar o sahimento de casa até a egreja de Santa Cruz. A todos protestam maximo reconhecimento e infinda gratidão.

Camisas para homens

13 ANTONIO DINIZ DE CARVALHO & PAIVA, da rua do Corvo, receberam um sortimento de camisas para homem.

14 O CABIDO DA SÉ CATHEDRAL desta cidade, vendo no n.º 2:692 do *Conimbricense*, de terça feira, de 13 do corrente Maio, annunciada a venda de uma grande propriedade, sita á Ponte d'Agua de Maias, que fôra de Adriano Marques Pereira, faz saber, que a referida propriedade lhe é foreira, em parte, em 12 alqueires d'azeite ás safras.

Coimbra e cartorio do illm.º Cabido, 14 de Maio de 1873.

Loja com boa armação e casa para habitar.

15 ARRENDAM-SE na praça de S. Bartholomeu, com os n.os 9 e 10. Tracta-se com Manoel Caetano da Silva, no mesmo predio, n.º 11.

16 PRECISA-SE de uma mestra que saiba coser bem, cortar, bordar, ler e escrever, para uma menina de 12 annos: é para o Alemtejo, concelho de Niza. Se houver alguma senhora que se proponha, queira dirigir-se por carta a João Antonio d'Andrade Almeida Bastos. Correio de Niza—Arêz.

17 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia de Arazede, concelho de Monte Mór o Velho, faz publico, que no 1.º de Junho, pelas 9 horas da manhã, hão de arrematar-se no adro da egreja matriz, as obras de pedreiro e carpinteiro, que na mesma tem a fazer-se. As condições serão presentes no acto da arrematação.

18 TRATADO PRATICO DA EDUCAÇÃO MATERNA. Este excellente livro acaba de ser editado pela livraria catholica, de Lisboa; e está á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra e Braga. Preço: em brochura, 320 e cartonado 400.

19 ESTÁ QUASI CONCLUIDO na officina de Antonio Bernardes Gallinha, na rua de Quebra Costas, e vae ser collocado na quinta do illm.º sr. Adelino Augusto Pereira de Carvalho, em Sandelgas, um rewolver hydraulico, que tira agua para regar um campo. O cylindro tem 3,600 milimetros em circumferencia, e um jumento já veterano é sufficiente para dar ao gatilho.

PROTECTORA

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade anonyma – responsabilidade limitada

SEGUROS PARA SUBSTITUIÇÃO DO SERVIÇO MILITAR

20 ESTA COMPANHIA, bem conhecida do publico pelo caracter especial das suas operações, acaba de alterar os seus estatutos e regulamento, em harmonia com a lei de 17 de Abril de 1873, que abolindo as remissões a dinheiro no serviço militar, concede aos recrutados a faculdade de offerecerem homem para servir por elles.

Como as condições do recenseamento, sorteamento e apuramento subsistem as mesmas, permanecem as mesmas bases de calculo de seguros em que a Companhia fundou as suas operações e as suas tabellas, e para os mancebos apurados a mesma conveniencia e necessidade, senão maior de haverem por meio de um sacrificio relativamente pequeno, os meios indispensaveis para contractarem o substituto que por elles se preste a servir.

Resolveu por tanto a Companhia conservar na lista das suas operações os seguros sobre a base do recrutamento militar, com as mesmas condições já enunciadas e conhecidas, subsistindo o maximo de 270$000 reis, como quantia a segurar, ou qualquer outra que fôr ulteriormente fixada, e continuando a inscrever no seu registo os mancebos que quizerem aproveitar-se desta operação, facultando aos inscriptos que não quizerem retirar as suas entradas, o conserval-as com as mesmas obrigações correlativas, ou reforçal-as com um seguro addicional, que lhes fôr conveniente até ao maximo já estabelecido.

A utilidade destes seguros, para todos os individuos sujeitos ao serviço militar, é manifesta e incontestavel, qualquer que seja a situação em que se encontrem em presença d'aquella obrigação, quer seja esse onus considerado á luz da sua vocação, ou quer dos seus laços da familia ou das suas circumstancias economicas. Se alguma destas causas prevalece de tal modo que o individuo não pode servir no exercito, os meios para contractar um substituto, são-lhe indispensaveis, e neste caso recebe da Companhia tanto maior beneficio, quanto mais elevado possa ser o preço destes engajamentos. Se não tem difficuldade em servir, e sente apenas o trabalho que perde em prejuizo do seu proveito, ou dos dos seus, alcança segurando-se, uma somma que converte no que entender, preparando assim um pequeno patrimonio, que o indemnisa, ao voltar do serviço militar, do tempo que nelle gastou, e da demora na edificação da sua fortuna; ou converte aquella somma em qualquer instrumento util ao grangeio da subsistencia da familia, se a sua ausencia do lar domestico é sensivel, e precisa de ser alli substituida por outra força que suppra o trabalho que ella lhe desvia.

E finalmente: se as condições do individuo são tão favoraveis de genio e de circumstancias, que o convidam a acceitar pessoalmente o serviço, ainda assim, depois de ter cooperado com o seu seguro para a manutenção de uma associação de capitaes, que por estes e outros varios modos é tão util aos seus concidadãos, vae, quando fôr chamado a servir no exercito, munido de uma somma que lhe hade ministrar na sua vida de quartel ou de campanha, mais commodidades e confortos, do que póde esperar dos fornecimentos e soldos do estado.

A Companhia continua pois a effectuar seguros para a substituição do recrutamento militar, segundo as formulas estabelecidas no seu antigo regulamento, elevando até aos 20 annos a edade sobre que póde effectuar-se o seguro e a considerar em vigor os contractos que não forem destractados no tempo e pelo modo adeante declarado, e por isso:

Cumprindo as disposições do artigo 10 do regulamento, são convidados todos os seguradores, cujos segurados tenham existido até 19 de Abril ultimo, data da publicação da lei referida, e quizerem retirar os seus contractos, a reclamarem perante as agencias onde effectuaram os seus seguros, as prestações com que tenham entrado, que lhes serão entregues mediante a apresentação da respectiva apolice do seguro, o recibo da prestação e certificado de vida do segurado até áquella data, passando o segurador recibo sellado na mesma apolice da quantia que receber.

Os seguradores que não apresentarem as suas reclamações até 30 de Junho do corrente anno, suppõe-se que deixam em vigor as condições das suas apolices.

Nesta agencia continua a Companhia a effectuar os seguros que lhe forem requisitados, e a prestar os esclarecimentos que lhe forem pedidos.

Coimbra 15 de Maio de 1873.

O agente no districto de Coimbra,

Gavicho & C.ª

21 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière**, aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchaqueca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alcuto, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta do 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kilo 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

É geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2694 — TERÇA FEIRA 20 DE MAIO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulsó	40

COIMBRA

Quando, nas relações da vida social, os homens ou os partidos politicos faltam aos preceitos da justiça, que todos devemos praticar, e aos deveres de lealdade, que nos impõe o tribunal da propria consciencia, para satisfazer aos impulsos baixos da paixão e do egoismo, elles encontram na reprovação publica o correctivo da degradação em que se precipitaram.

Da moralidade politica nascem as convicções puras, as ideias generosas, os sentimentos patrioticos, que são a base unica da autonomia popular e do engrandecimento nacional.

E em boa verdade que não vimos ahi presentemente, entre os luctas da actual opposição politica, sentimentos que não sejam maculados de um grande vicio; do proposito de desconceituar os homens a quem foi confiada a administração publica e a cujos sentimentos patrioticos e de lealdade no desempenho desse pesado encargo, ninguem de boa fé póde recusar a devida homenagem.

A opposição, em vez de aconselhar e discutir, no campo dos principios, os interesses do paiz, invectiva, confunde e deturpa os actos mais simples e claros, para assim insinuar o descredito e propagar a calumnia contra os adversarios politicos, a quem os homens desapaixonados manifestam o seu apoio.

A opinião sensata e illustrada reprova completamente semelhantes expedientes, que, em ultima analyse, são a injustiça flagrante, o descredito do systema e a deshonra nacional.

A calorosa forma com que os jornalismo opposicionista aggride todas as medidas governativas, sem mostrar o desejo de apurar a verdade e de esclarecer as questões de mais vital interesse, é um procedimento assás censuravel e improprio dos espiritos elevados.

Quando nas discussões publicas da imprensa se debatem questões de interesse commum, é indispensavel que os agitadores saiam dellas tão puros como a propria verdade; que a verdade se patenteie, que fiquem illibadas todas as honras, e desvanecidos todos os falsos conceitos.

A opposição, quando sáe deste caminho, trabalha na destruição do edificio politico, porque gera a desconfiança publica, e com ella a corrupção dos costumes e das leis.

Estamos desgraçadamente na epocha em que a politica facciosa dos partidos da opposição serve unicamente de confundir e occultar a verdade, de inventar factos e de calumniar adversarios!

Assassinam a razão, o decoro e a moralidade para assaltar o poder.

NOTICIARIO

O que póde a força de vontade.—Muitas vezes se nos tem desculpado alguns artistas, a quem estimulâmos a aprender a ler, os que o não sabem; e adquirirem novos conhecimentos, aquelles que já sabem instrucção primaria — dizendo que o não pódem fazer em razão da sua vida laboriosa. Allegam que chegam com muita fadiga ao fim do dia; e que portanto á noute precisám de descançar.

Ora para responder a essa desculpa, ahi vamos apresentar um argumento bem convincente.

Um official de oleiro, desta cidade, de 42 annos, com mulher e filhos, não sabia ler. Resolveu-se, por isso, a roubar as taes horas destinadas pelos mais artistas ao descanço (e por muitos a passatempos bem prejudiciaes), e aprendeu a ler na aula da Associação dos Artistas.

Progredindo depois no seu proposito, passou para a aula de desenho, de que já hoje sabe a primeira e segunda parte; e com tanto gosto continua, que recebe sempre que póde, lições de desenho de ornato do distincto membro da Associação, o sr. Luiz Augusto Pereira Bastos. E finalmente, levado pelo seu amor da instrucção, estuda particularmente francez e geometria.

Querem saber como chega o tempo a quem tem summo desejo de aprender? Este artista tira de madrugada os significados da lição de francez, e de dia colloca o papel defronte da roda; podendo assim harmonisar o trabalho manual, com o estudo.

Eis o que consegue a força de vontade.

Não digam, pois, os artistas, que não pódem; digam que não querem e que não tem brio; porque essa é que é a verdade.

Receamos com esta publicação offender a modestia do artista a que nos referimos; mas não podemos resistir a apresentar este exemplo, para responder aos indolentes.

E para fecharmos esta noticia com chave de ouro, devemos dizer, que dois filhos deste artista, frequentam a aula de instrucção primaria na Associação. Assim, aprende o pae, e aprendem os filhos.

Grande exemplo digno de ser imitado!

Processo fechado.— Ainda o caso do sr. Pedro Rocha occupa as attenções da imprensa jornalistica em Lisboa, e poucos jornaes ha que não tenham noticiado o resultado que teve esta questão ultimamente. Fechou-se o

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXI

D. CARLOS

XI

Na Catalunha tinham-se levantado muitas partidas, commandadas por chefes audaciosos, como eram Tristany, Cabrera, e outros. Não obstante, as forças carlistas soffreram no dia 10 de Abril de 1834 um grande desastre.

O que succedia na Navarra havia estimulado os principaes conspiradores da Catalunha para pensar em fazer o ultimo esforço e insurreccionar todo o principado. Começam por dispor os animos dos seus adeptos, e quando não era preciso mais do que convocal-os, enviam uma commissão ao chefe carlista Carnicer para que, ainda que não fosse mais do que com uma pequena divisão, passasse o Ebro, e acampasse perto de Tarragona, para proteger o levantamento dos habitantes do campo.

Importante era a presença de Carnicer no Maestrazgo; porem o era ainda mais no sitio onde o chamavam, porque conseguido o seu objecto, ganhava muito a sua causa, e com as forças da Catalunha se dariam a mão as suas e se auxiliariam mutuamente. Decidiu-se, pois, Carnicer, e emprehendeu a marcha.

D. Jose Carratalá, commandante geral de Tarragona, logo que soube este movimento, comprehendeu o seu objecto. D. Manoel Breton, tambem commandante geral de Tortosa, poz-se de accordo com Carratalá, e este, com a sua columna e os urbanos de Reus e outras partes, saiu em busca de Carnicer, e o encontrou em Mayals.

Era a 10 de Abril, quando Carnicer se situou nas vantajosas posições de umas alturas immediatas ao povo. Cabrera, que guiava a vanguarda, collocou-se no logar avançado que lhe correspondia. Quilez e Miralles commanmandavam as alas direita e esquerda; a primeira apoiada pela cavallaria. Carnicer dirigia o centro.

Carratalá, collocou tambem a sua gente: as forças de ambos estavam equilibradas; de forma que nenhum temia, e todos esperavam.

Os urbanos de Falcet e Flix e atiradores de Tortosa, romperam o fogo. As valentes guerrilhas de Cabrera responderam-lhes. Atacadas por Carratalá as alturas, a acção fez-se geral. Não havia quem avançasse, nem perdesse terreno, e o combate sustentava-se ordenado. Bisonhas tropas se batiam com veteranos: estendido o fogo por todas as partes, formalisou-se a peleja.

Para a decidir reforçou Carratalá as suas guerrilhas: Cabrera não podendo fazer o mesmo, retirou-se para o centro. A luta empenhou-se então mais. Neste momento, Breton, com grande arrojo atacou com a sua cavallaria a direita carlista, que defendem em vão os cavallos que a apoiavam, pois que ainda que resistissem com valor, cedeu por fim ás 5 horas da tarde á superioridade dos liberaes, que rompem a ala com uma impetuosa carga, e dispersam a cavallaria carlista, que foge espavorida, sem que possam contel-a os denodados esforços de Cabrera.

A derrota da ala direita decidiu a acção. Carratalá fez o ultimo esforço, e a victoria foi completa. Os vencidos praticaram actos heroicos de valor. Cabrera pelejou pessoalmente a recuar contra a cavallaria liberal.

A 300 mortos e 700 prisioneiros subiu a perda dos carlistas, alem do seu prestigio, ficando inutilisados os bem esperançados planos dos que se propunham organisar a guerra na Catalunha. Mais de 20:000 homens se teriam declarado por D. Carlos, se Carnicer triumpha em Mayals. Calcule-se, pois, a importancia desta victoria, que salvou toda aquella parte do principado. Os liberaes perderam uns 100 homens.

Foxá e Nogueras contribuiram a augmentar ás perdas do bando carlista, retirando as barcas, e occupando os vaus desde Mora a Caspe.

A Carratalá pertencem os louros ganhos nos campos de Mayals; a Breton a parte de gloria que conquistou, desfazendo com a sua carga a ala direita; e a Nogueras, que fossem mais desastrosos os resultados.

Outro serviço importante prestou, passado tempo, o governador da Catalunha, aprisionando ao celebre carlista D. João Romagosa, que tendo sido por D. Carlos nomeado commandante geral do principado, viera de Genova em um bergantim sardo, e arribara em 12 de Setembro de 1834 nas praias de S. Salvador e ponta de Bará.

Quatro dias depois de desembarcar, a 16, caiu Romagosa em poder de Llauder, que, noticioso da sua chegada, tomou tão acertadas providencias, que até se apoderou da sua equipagem, com umas 250 onças de ouro, que lhe restavam das que lhe dera o rei de Sardenha Carlos Alberto, decidido auxiliar de D. Carlos.

Romagosa foi conduzido a Igualada, e fuzilado com outro. Encontraram-se-lhe documentos de interesse, proclamações, e o plano da vasta insurreição que ia a ter logar de 19 a 20 de Setembro.

Em Lerida foi fuzilado ao mesmo tempo D. Ramon Aldama, outro dos futuros chefes do pronunciamento.

O general Llauder, capitão general da Catalunha, foi em 2 de Novembro de 1834 nomeado ministro da guerra. Santocildes que ficou no governo do principado, e os chefes subalternos Colubi, Aspiroz, Van-Halen, Churruca, Masti e outros, conseguiram no mez de Dezembro triumphos mais ou menos importantes sobre os carlistas, já aprisionando a partidarios que fuzilaram, como o foram em Vich, no dia 7, Turó, Prats, Camps, e Marqués; já batendo a Vallés, Montañés, Paraceite, Guerista e Chambonet, contra os quaes dispoz uma batida, que deu em resultado deixar sem vida 40 homens, e entre elles Paraceite e Guerista, ficando 26 prisioneiros, incluso Vallés, que foi fuzilado com 16 mais.

Ao concluir o anno de 1834 era deploravel a situação dos defensores de D. Carlos na Catalunha. Perseguidos todos tenazmente, dispersados uns, expulsos de Hespanha outros, fuzilados não poucos, e aprisionados bastantes, haveria sido isto sufficiente para que os que

processo que investigava os indicios do roubo por falta de prova. O que quer dizer que o roubo foi supposto, e que os queixosos carregam com a responsabilidade de não terem de que queixar-se!

Seria pois esta queixa uma fraude, um aleive, suscitado de proposito para infamar um cidadão honesto?! E' o que teremos ainda de ver, porque o sr. Rocha prosegue com toda a energia que póde, e vencendo rudes obstaculos, o seu pleito judicial contra os seus accusadores e a policia que exorbitou das suas funcções.

Ainda se não desfez esta meada de intrigas, e é de esperar que o poder judicial prosiga e remate com desassombro a sua missão. Não o pede só o interesse individual, mas o interesse de todos os homens honrados, que com o precedente auctorisado com o sr. Rocha ficam expostos á audacia de inimigos e á prepotencia dos alcaides-móres da policia.

Donativos.— Sua magestade el-rei o sr. D Fernando mandou dar á Associação dos Artistas de Coimbra a quantia de 54$000 rs.; e quando visitou o hospital deixou para este estabelecimento a quantia de 18$000 rs., alem de muitas esmolas, que directamente deu aos doentes que imploraram a sua caridade.

Cemiterio da Conchada.— Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Antonia Amelia Casemira, filha de Antonio Rodrigues dos Santos e Maria Isabel, natural de Coimbra, de 49 annos, fallecida no dia 10 de Maio.

Cecilia Rosa, filha de Antonio Maria da Cunha e Maria da Conceição, natural de Coimbra, de 23 annos, fallecida no dia 10.

Antonio, filho de José Antonio da Silva e Leocadia da Conceição, natural de Coimbra, de 6 mezes, fallecido no dia 11.

Joaquim de Figueiredo, filho de Antonio de Figueiredo e Joaquina Perpetua, natural de Coimbra, de 52 annos, fallecido no dia 11.

Camilla, filha de Bernardo Alves Affonso e Maria das Dores, natural de Coimbra, de 2 mezes, fallecida no dia 11.

Maria das Dores, filha de Antonio Ferreira Angelico e Bernarda Maria, natural de Amoreira da Gandra, de 59 annos, fallecida no dia 13.

Filippe Nunes, filho de José Nunes e Cecilia Rosa, natural de Coimbra, de 66 annos, fallecido no dia 13.

D. Maria Delphina de Vasconcellos, filha de Joaquim Ferreira e D. Maria da Nazareth, natural de Coimbra, de 86 annos, fallecida no dia 13.

Manoel Simões, filho de José Simões e Theresa de Jesus, natural d'Arregaça, de 52 annos, fallecido no dia 14.

Antonio Maria dos Santos, filho de João dos Santos e Maria Joanna Maxima da Cunha, natural da Pedrulha, de 50 annos, fallecido no dia 14.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—4974.

Despacho. — Os srs. Drs. Philomeno da Camara Mello Cabral e Augusto Filippe Simões, foram nomeados, por dois annos, para os dois logares vagos de lente substituto da faculdade de Medicina.

Outro.— O sr. bacharel José Alexandre Barjona de Freitas, foi nomeado director da alfandega da Figueira da Foz.

Exoneração e despacho. — Por não poder exercer o seu emprego, foi exonerado o recebedor da comarca da Figueira da Foz o sr. Francisco José da Costa, e nomeado para o substituir o sr. bacharel José Jacinto da Silva Pinto, que já tinha sido classificado no concurso aberto para o provimento do logar de recebedor de Ponte Delgada.

Estrada districtal.—Está concluido o projecto definitivo do lanço da estrada districtal da Mealhada a Monte Mór o Velho, comprehendido entre Cantanhede e o Amieiro, districto de Coimbra, na extensão de 11786,06 metros.

Promoção.— O sr. Manoel Lopes da Silva, professor temporario da cadeira de ensino primario da Cumieira, concelho de Penella, foi promovido á propriedade da mesma cadeira.

Tres Mundos—Todos os exemplares deste livro do sr. D. Antonio da Costa, que vieram para Coimbra, venderam-se promptamente. Chegou hontem nova remessa, que foi distribuida por todas as lojas de livros.

É por isso occasião de se proverem deste tão util, como interessante livro, todas as pessoas amantes da boa leitura.

Artes e letras.—Fomos obsequiados pela illustrada redacção das *Artes e letras*, com um exemplar do primoroso quadro, que como brinde é offerecido aos assignantes daquelle jornal.

Agradecemos este favor, que temos na devida conta.

Publicação. —Recebemos um exemplar do romance — *Nunca mais!*—do sr. Alfredo Campos, o qual devemos a obsequiosidade do editor desta publicação o sr. Antonio Maria Pereira Junior.

D'este mesmo auctor já estão publicados —*Luz e sombras* — *Um livro intimo* — *Um como ha muitos* — e *A felicidade pela familia.*

Outra. — Publicou-se a biographia do sr. Julio Cesar Machado, escripta em italiano por Napoleone Portalupi, e traduzida pelo distincto escriptor lisbonense, o sr. J. M. Pereira Rodrigues.

Folgamos de que no estrangeiro se faça justiça completa a um litterato tão sympathico e esclarecido como o biographado, e felicitamos o traductor por tornar entre nós conhecida aquella publicação.

Julgamento.—Houve na semana passada um julgamento na capital, que chamou a attenção publico.

O sr. Marianno Ghira, commissario dos estudos e reitor do lyceu de Lisboa, chamou aos tribunaes o sr. Alfredo Julio de Brito, pela publicação de uma correspondencia em que o accusava de muitos abusos no exercicio do seu cargo.

O juiz formulou 27 quesitos em que se incluiam todos os factos allegados no libello; e o jury deu por provados todos os pontos da accusação, que o reu, o sr. Brito, dirigira ao sr. Ghira.

Em consequencia desta decisão o juiz mandou o reu em paz, e condemnou o auctor nas custas.

Diz-se que no dia immediato áquelle julgamento, o sr. Marianno Ghira pedira a sua demissão de commissario dos estudos e reitor do lyceu.

Outro.—No dia 17 do corrente começou em Lisboa o julgamento dos militares pronunciados por terem tomado parte na mallograda revolta.

Os officiaes que compõem o conselho de guerra, os reus e os seus advogados, são os seguintes:

Juiz presidente— O sr. Francisco de Salles Machado, coronel de infanteria 7.

Auditor—O sr. Francisco Correia de Mendonça.

Promotor—O sr. Miguel Rufino, major de cavallaria 4.

Defensores dos reus —Officioso, o sr. Gregorio de Magalhães Collaço, major de infanteria 16, e os srs. João Eulalio de Mendonça e dr. Francisco Ignacio Tavares.

Vogaes—Os srs. Diogo Carneiro de Alcaçova Sousa Chichorro, tenente-coronel de lanceiros 2; João de Sá Pereira Sampaio Osorio, tenente-coronel de artilheria 1; Vicente José Borges de Medeiros, tenente-coronel de infanteria 2; Antonio Barbosa de Sá Guttierres, tenente-coronel de infanteria 1, e João Pacheco, major de infanteria 5.

Reus—Os srs. majores, barão de Pomarinho e Joaquim Antonio de Carvalho e Vasconcellos.—Alferes, Antonio Pereira de Barros.— Segundos sargentos, Julio Pinto de Oliveira Bastos e João Ernesto Henrique de Castro, João Jacintho de Carvalho Esmeraldo, Manoel Tito de Moraes Alão, João Izidro da Silva Cunha, Balthazar Ribeiro Vaz, Antonio de Macedo, José Matheus Correa Souto, Henrique Manoel Collaço Fragoso, Eduardo Gonçalves de Carvalho, Simplicio José da Silva, José dos Santos Rodrigues, ex-sargentos e hoje soldados.

Outro.— Tambem hontem começou no tribunal da Boa Hora em Lisboa o julgamento dos srs. visconde de Ouguella, Francisco Luiz Coutinho de Miranda, Francisco dos Santos Reis, João José de Sousa Casacão, Augusto Lafaya, Miguel dos Anjos Correia, e Joaquim José de Sousa.

São accusados de crime de conspiração.

Longevidade humana.—São curiosos os seguintes factos referidos por Flourens em um dos seus interessantes livros:

Ponce Lepage morreu na edade de 121 annos, em 1769, no ducado de Luxemburgo. Trabalhou no campo até ao fim da vida, e pouco tempo antes de morrer fazia a pé viagens de 6 e 7 leguas.

Leonor Spicer morreu na Virginia com 120 annos, em 1763, conservando sempre perfeito uso das suas faculdades e sentidos.

A senhora Barnot morreu em Charlestown, em 1820, com 123 annos, recordando-se com firmeza dos principaes factos succedidos durante um seculo.

Grandez falleceu no Languedoc, em 1754, com 126 annos. Trabalhou na sua profissão de ourives até aos ultimos dias da sua vida.

O inglez João Neuwell morreu com 127 annos em 1761, com pleno uso de suas faculdades intellectuaes.

Outro inglez, João Bayles, negociante de gados, morreu em 1706, na edade de 130 annos. Nos ultimos annos da vida ainda dirigia os rebanhos para as feiras.

Margarida Lawler, ingleza, falleceu com 135 annos em 1739. Poucos dias antes de morrer, fazia a pé viagens de 6 e 8 milhas.

O negro José Barn morreu na Jamaica em 1808, com 140 annos.

Polotimau, cirurgião em Lorraine, viveu

---

não tivessem o seu enthusiasmo e a sua fé, depozessem umas armas que não utilisavam, e abandonassem uma vida rodeada de infortunios, e sem outro porvir que a esperança, esse sonho pereane dos homens acordados.

Isto os alentava: os homens pensadores viam, não obstante, que não era desesperada, nem perdida a causa carlista. Aquelles indomitos catalães não se achavam exterminados. Estavam sim dispersos, occultos; porem a sua desgraça era um terrivel ensino, que não esqueciam.

Enteressava ao carlismo que a guerra se sustentasse no principado, não só porque nella ganhava a sua causa, mas porque tinha occupadas tropas, que sem tal motivo correriam umas á Navarra e outras ao Maestrazgo, onde tanta falta faziam aos liberaes, pois se o general Mina clamava por soldados para o exercito do norte, no oriente estavam os povos abandonados, excepto os que defendiam os urbanos, que alli prestavam eminentes serviços á causa liberal.

A organisação da guerra na Catalunha começou a preoccupar seriamente aos clubs carlistas: trabalharam, e não foi sem exito.

Se tenaz era o empenho de organisar seriamente a guerra na Catalunha, não o era menos de fazel-o na parte oriental de Hespanha. Não se perdoava o menor esforço: espalhavam-se proclamações de D. Carlos para enthusiasmar aos adeptos, para alentar os indecisos e para attrahir a todos com o premio e com um porvir lisonjeiro, pois não se omittia pintar com as mais negras cores o governo de Isabel, que chamavam usurpador, pelo menos.

Não eram de todo ineficazes estas excitações: Carnicer ia reunindo um consideravel numero de partidarios, e para considerar-se mais auctorisado a conceder premios e garantil-os, revestir-se de maior auctoridade, dar conta de seus feitos e saber o estado da guerra no norte, mandou um dos seus officiaes com um officio a Zumalacarregui.

Ia Cabrera com Carnicer, e em todas as pequenas escaramuças que tiveram, pelejou como valente, distinguindo-se pessoalmente na de S. Matheus.

Marchando sempre na vanguarda, era Cabrera o que sobresaia, e parecia Carnicer como escurecido ao seu lado. Ardia em desejos de executar arriscadas emprezas, e sempre tinha quem o seguisse, porque confiavam nelle.

Tratou de fazer uma surpreza em Villafranca del Cid, cujos habitantes eram liberaes, disfarçando para isso os caçadores que o acompanhavam, com os uniformes dos soldados que fez prisioneiros debaixo dos muros de Morella. Em quanto marchava Carnicer a Iglesuela, Cabrera com a sua gente dirigiu-se á povoação, onde o receberam na crença de que eram tropas da rainha, como o indicava o seu trage. Cabrera ao fazer alto, ordenou ao alcaide que reunisse a milicia urbana. Obedeceu, e tendo-a formada na sua frente, disse-lhes:

—«Não os enganei, quando os reuni com o objecto de perseguir aos faciosos. Aqui estamos: eu sou Cabrera: comecemos desde este momento o combate; ou se o julgam mais prudente, venham as armas, e voltem aos seus respectivos trabalhos, que é o que lhes convem, e não atacar os direitos do rei e do estado, em prejuizo dos seus interesses.»

A surpreza e o discurso deixou a todos assombrados, e sem resistirem entregaram os 60 urbanos as suas armas. Com ellas e com os fundos de contribuições de que se apoderou Cabrera, foi unir-se a Carnicer, marchando depois juntos por Aliaga a Montalvam e d'aqui a Segara, donde augmentada a sua gente com a de Conesa, foram todos por Calamocha a Daroca no dia 28 de Março, em cujas immediações andavam antes vagueando, e até onde mandava forças Ezpeleta. Apesar de tudo, surprehendida a sua pequena guarnição, parte della se refugiou no forte; outros quizeram retirar-se a Calatayud, e o impediu Carnicer, que ficou fora da povoação, entretanto que Cabrera a invadia com 10 homens, que se reforçaram com os de fora.

Feita prisioneira a cavallaria, officiou Cabrera ao governador da praça, conde de Balbiani, ex-sub inspector de realistas, para que se no termo de uma hora não se rendesse e a guarnição, á qual trataria como prisioneira de guerra, os bateria, e seriam todos passados á faca sem consideração alguma, começando por fusilar o irmão politico do governador, a quem tinha feito em a noute anterior prisioneiro sem condição. Avistou-se o deão da collegiada com Cabrera; passou este a conferenciar com os sitiados, e estes entregaram o forte, armas e petrechos, ficando em liberdade.

A este triumpho se seguiu o de Castejoncillo. Os carlistas apresentaram 500 infantes e uns 50 cavallos. Egual força levava o governador de Calatayud, conde de Mirasol. Esta paridade de forças era um obstaculo para Carnicer, que se oppunha a admittir a acção com que o brindava o liberal; porem Cabrera, que confiava mais na sorte que nas probabilidades, tomou a seu cargo o combate; combinou o plano, e travou-se a luta, circumvallando o liberal a altura que occupava Carnicer.

Então desceu Cabrera pelo seu flanco com 20 homens escolhidos; situou-se sem ser visto na rectaguarda do conde de Mirasol, carregou repentinamente á bayoneta, e com um pau, sua arma favorita, introduziu a confusão, que aproveitou Carnicer para baixar da colina, ficando desde então decidida a acção em favor do carlista, que fez prisioneira a maior parte da infanteria. Um official que devia ter sustentado um ponto, faltou ao seu dever, e foi uma das principaes causas da derrota.

Uns 8 soldados e 3 urbanos poderam defender-se em uma casa de Castejoncillo; porem vêem-na arder, defendem-se obstinadamente, e para não serem presa das chammas se rendem, sendo passados pelas armas nesse mesmo acto, em vingança, segundo se disse, de haver enganado a Cabrera, crivando de balas a sua capa, e morto um dos seus.

Taes feitos e o augmento dos carlistas, chamaram, como não podia deixar de ser, a attenção dos liberaes, e se dedicaram novas forças, e em particular o activo Nogueras, a perseguir o chefe carlista Carnicer, que passou a Castella a prover-se de armas, cavallos, e recursos. Proximo a ser atacado em Calamocha, se libertou de um perigo imminente pelas estrategias de Cabrera, que foi em recompensa nomeado segundo commandante.

Assim crescia em graus e ousadia este valente caudilho, cujos feitos tornaram então mais activa a perseguição das forças liberaes.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

140 annos. A sua morte teve logar em 1825, e poucos dias antes de morrer praticava operações cirurgicas com muita habilidade e firmeza.

Thomaz Larr morreu em Londres em 1635 com 152 annos. Até á edade de 130 annos exerceu sempre a sua profissão de lavrador.

Obst, camponesa na Silesia, morreu com 155 annos em 1826. Trabalhou sempre no campo até á vespera da morte.

José Surrington morreu na Noruega em 1797 com 160 annos. Conservou sempre em bom estado o uso da rasão e dos sentidos.

Annibal Camoux, que figura em um quadro de Horacio Vernet, viviu 121 annos.

João Effingham viveu 144 annos.

Diniz Guignard viveu 123 annos, habitando quasi sempre uma caverna calcarea.

Drahakemburg viveu 126 annos. Foi prisioneiro das corsarios, e durante 15 annos supportou as privações do mais duro captiveiro.

João Laffitte viveu 136 annos, e conservou sempre desde a mocidade o habito de tomar banho tres vezes por semana.

João Causens durou 137 annos, alimentando-se principalmente com leite.

João d'Outrego durou 146 annos, nutrindo-se de pão e couves.

Alguns destes macrobios foram muito irregulares em comidas e bebidas. Camoux bebia muito vinho e usava alimentos grosseiros. O cirurgião Polotimau embriagava-se quasi todos os dias. A camponesa Obst bebia todos os dias copos de aguardente.

Para contraste destes factos, Leonor Spicer nunca usou bebidas alcoolicas. Grandez nunca bebeu vinho; e da mesma forma João Effingham. Thomaz Larr só usava pão, queijo, leite e cerveja; e outros nutriam-se principalmente de legumes.

Planta extraordinaria.— Existe em algumas regiões da Lorraine e Borgonha, em França, uma planta singular, de raizes tuberosas, que se emprega como alimento, da mesma fórma que a batata. E' o *latirus tuberosus*, planta ambulante e cosmopolita, que não tem patria nem respeita fronteiras, e que vive no verdadeiro estado nomade. Merece o titulo de judeu errante do reino vegetal, pela fórma por que se propaga debaixo da terra. Tambem é conhecida pelos nomes de rato e castanha da terra, pela fórma e sabor das suas raizes negras.

Quando a charrua lavra a terra, as creanças acompanham o arado, colhendo abundantemente os tuberculos que vão sendo arrancados, e regalando-se com elles. Nos mercados da cidade de Langres apparece sempre regular provisão desta planta tuberosa. Sendo cultivada, os seus tuberculos adquirem dimensões tão consideraveis como a batata. Os lavradores tem repugnancia em cultivar esta planta, porque ella se propaga debaixo da terra por tal fórma e em tanta extensão, que invade facilmente os campos visinhos, apresentando assim o curioso phenomeno de um verdadeiro movimento subterraneo.

Um jornal americano.— O *Herald*, de Nova-York, consome 1:250 resmas de papel por semana; isto é, todo o papel que uma fabrica póde produzir. A sua imprensa emprega 100 compositores, divididos em duas classes, diurnos e nocturnos. Cada um ganha por semana 25 a 30 dollars. Tres prelos mecanicos, com 26 cylindros d'impressão, fazem a tiragem da folha. Calculando a rapidez destas machinas em 40 revoluções por minuto, produzem uma quantidade de trabalho representado por 1:040 folhas d'impressão por minuto, ou 62:400 folhas por hora. Todos os prelos são movidos por uma poderosa machina de vapor, tendo a força de 30 cavallos. O jornal tem duas edições diarias. Só a edição da manhã, estendida em linha recta, póde cobrir um espaço de 50 milhas inglezas.

Alienação mental.— Em uma discussão que teve logar na academia de medicina de Paris, a respeito de molestias mentaes, referiu-se a seguinte curiosa observação:

Em Bicetre havia um louco que tinha a monomania de ter descoberto o movimento perpetuo. O medico director do estabelecimento, depois de ter tentado em vão todos os meios de curar o doente, lembrou-se do seguinte expediente. Convidou o maniaco para uma conferencia com o celebre Arago, e com o consentimento deste sabio e com a assistencia de Humboldt realisou-se a conferencia no proprio gabinete do grande mathematico. Arago destruiu com a maior clareza o erro e delirio do enfermo. Este ouviu com a maior attenção, e a sua intelligencia recuperou por algum tempo a necessaria lucidez, confessando a sua illusão e derramando abundantes lagrimas. Parecia que a cura se tinha realisado; mas na volta para casa, o pobre louco dirige-se ao medico, e diz-lhe:—Arago não tem rasão, sou eu que a tenho.

O feto e a urtiga.— Um missionario francez, M. Huc, nas suas viagens ao Thibet, affirma que se usam neste paiz os fetos e urtigas como alimentos saborosos. Colhem-se as hastes dos fetos ainda tenras, antes de desenrolarem as folhas, e cozem-se em agua pura a ferver. O seu sabor é similhante ao dos espargos. As urtigas podem substituir os espinafres. Colhem-se tenras e ainda novas, escaldam-se e lavam-se com agua a ferver, e com esta precaução tornam-se inoffensivas e susceptiveis de ser cozidas como qualquer outra planta alimentar. O auctor da noticia experimentou, e achou saborosos ambos os alimentos. Tambem podemos affiançar, que algumas pessoas em Portugal tem feito uso das urtigas colhidas e preparadas com as devidas precauções, achando a comida saborosa e sadia.

Donativo.—A rainha viuva, da Suecia e Noruega, diz o *Diario de Noticias*, acaba de fazer um interessante donativo á academia real das bellas artes, de objectos que pertenceram á sua fallecida irmã, a imperatriz do Brasil.

São estes: duas caixas contendo medalhas de gesso com retratos de homens celebres; seis medalhas de prata, de ouro e cobre, premios conferidos na exposição de industria do Brasil em 1861; cinco sinetes que usou sua magestade a imperatriz e mais oito diversos, um dos quaes foi do uso do imperador; uma medalha commemorativa da inauguração da estatua equestre do mesmo imperador, no Porto; os retratos em tamanho natural de D. Pedro IV, D. Maria II, e do principe D. Augusto, e mais dezenove em ponto pequeno tambem a oleo e photographia, de pessoas das familias reaes do Brasil e Portugal. Uma estatua equestre, em gesso, do imperador do Brasil, modello que a fallecida imperatriz mandara vir da Allemanha com desejos de o ver executado na praça de D. Pedro IV.

Defeza do paiz.— Diz o correspondente do *Commercio do Porto*, que o sr. ministro da guerra approvou em todas as suas partes a proposta apresentada pela commissão encarregada de estudar o plano da defeza do paiz.

S. ex.ª, de accordo com o seu collega da fazenda, poz á disposição da commissão a quantia de 5 contos de reis para as despezas de installação, estabelecendo uma mensalidade de 3 contos de reis para as obras a fazer, as quaes vão começar com brevidade.

Tambem foi aceite o alvitre da commissão para lhe serem aggregados dois officiaes de marinha e dois de artilheria, a fim de se proceder ao estudo da defeza da barra de Lisboa, sob o ponto de vista exclusivo dos torpedos. Ainda se não sabe quaes serão os officiaes escolhidos para esse serviço especial.

As gallinhas—Diz o *Progresso Commercial*, que com respeito ás vantagens da creação d'este interessante e proveitoso animalsinho faz a *Gazeta dos campos* as seguintes considerações:

«A França sustenta cerca de 40 milhões de gallinhas, que reputadas, termo-medio, a 2 francos e 50 centimos, representam um capital de 100 milhões de francos.

Um quinto destes quarenta milhões de gallinhas é annualmente sacrificado e substituido, donde provem o primeiro rendimento em carne no valor de 5 milhões, segunda verba.

Dos 40 milhões de gallinhas nascem annualmente pelo menos 100 milhões de frangos e frangas, de cujo numero se deve deduzir 10 milhões destinados a substituir os ascendentes sacrificados para o consumo.

É ainda necessario fazer um desconto para accidentes e molestias.

Fique pois reduzido a 80 milhões o numero de frangos e frangas, que vendidos a um franco e 50 centimos, dá um producto de 120 milhões de francos.

A cifra acima indicada deveremos ajuntar a somma de 6 milhões, producto dos capões, frangas e ovos, o que tudo dá um total de 151 milhões.

Recapitulando teremos:

Producto anaual de gallinhas em carne....................	151 milhões
Producto annual de gallinhas (creação)................	240 »
Total geral...	391 »

Na verdade nada ha mais convincente do que o calculo que nos apresenta o citado jornal, e se os nossos agricultores, acrescentamos nós, se se convencerem d'esta verdade, poderão achar nesta industria, bem descurada, uma fonte de prosperos resultados.

Experimentem que é de tentar.

A crise da Bolsa em Vienna.— Diz o *Commercio do Porto*, que um telegramma confirma a noticia de que o governo austriaco, de accordo com os bancos, decidiu soccorrer o credito commercial, abalado em consequencia das grandes especulações que se fizeram durante os ultimos mezes na Bolsa de Vienna. Parece comtudo, que se estabeleceu no ministerio das finanças uma distincção rigorosa entre as operações da Bolsa e os negocios puramente commerciaes. A «Correspondencia geral austriaca», traça o seguinte quadro da situação do mercado de Vienna depois destes desastres financeiros:

«As consequencias da terrivel catastrophe que soffreu a Bolsa, fazem-se sentir em todas as classes da sociedade da maneira mais grave. O numero das pessoas que sem serem *bolsistas* propriamente ditas ou jogadores de profissão, perderam sommas consideraveis por motivo da suspensão de pagamentos, é immenso. Muitos empregados, particulares e pequenos commerciantes perderam todos os seus haveres, o fructo de longos annos de trabalho. Não causam pois admiração os actos de desespero que se têem dado. Hontem, segundo refere uma folha, poder-se-hia ver em Schottering, proximo do hotel de França, um homem bem trajado, já de edade, com a cabeça descoberta e os cabellos em desordem, encostado a uma hombreira, exclamando constantemente, sem fazer caso dos curiosos que o rodeavam: «Perdi 200:000 francos (36:000$000 reis), minha pobre mulher e meus filhos vão luctar com a fome!» Esta scena durou muito tempo até que por fim alguns frequentadores da Bolsa o levaram comsigo.

Muitas familias esperavam em vão, hontem e ante-hontem, o regresso de um ou mais de seus membros; paes, irmãos e maridos não chegavam a suas casas, porque percorriam as ruas desesperados. Uma scena tocante passou-se em casa da familia de um pequeno industrial. Este homem tinha perdido tudo antehontem, e vendo-se reduzido á mendicidade, sahira de casa desesperado. Hontem de manhã, sua joven e bella esposa appareceu na Bolsa e pediu com instancia para a deixarem entrar. A pobre mulher esperou muito tempo e viu a desordem indescriptivel que alli reinava. Emfim appareceu seu marido e entregou-lhe, sem proferir uma palavra, um masso de notas do Banco. Tinha vendido as suas joias, tomou até o contheudo do mealheiro de seus filhos, conseguiu juntar uma somma e foi leval-a a seu marido.

Um individuo ainda moço, cuja carteira fôra achada hontem á noute proximo da margem do canal do Danubio, foi procurado e encontraram-n'o a final morto sobre as ondas.

Contam-se ainda outros tristes acontecimentos, que testemunham o terrivel abalo que soffreu a sociedade por causa desta catastrophe. Na propria Bolsa, cousa rara, nenhum negocio se fazia e reinava nos grupos uma tal irritação contra alguns individuos, que muitas vezes vieram a vias de facto.»

Assumptos do dia—Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

«Obtivemos de fonte que temos por segura algumas informações ácerca da situação financeira do paiz. Synthetisamol-as nestes dados: Em 30 de Março findo havia de saldo em dinheiro nos cofres publicos do continente e ilhas e na agencia em Londres 4:909 contos de reis, mais do que o producto liquido do contrato Erlanger, que foi 4:180 contos. Quando o actual gabinete assumira a administração havia 854 contos de saldos em dinheiro.

A divida fluctuante externa acha-se quasi toda paga; a que existe por solver é interna. A totalidade da divida é superior 4:950 contos á que existia em 13 de Setembro de 1871. Com esta somma têem sido pagos o *deficit* de 1871-1872, tres quartas partes do de 1872-1873, 366 contos de atraso á junta do credito, expedição da India, caminhos de ferro do Minho e de sueste.

Ouvimos que o governo, achando-se, como se vê, habilitado com os recursos acima indicados, vae diminuir 1/2 por cento no juro dos emprestimos ao thesouro.

—O processo particular discutido dos ultimos dias em o nosso tribunal criminal, entre o cidadão que era commissario dos estudos e um professor publico, revelou a existencia de graves irregularidades na superintendencia dos estudos primarios e secundarios.

A imprensa começava hontem a apreciar a importancia moral do acontecimento, e um collega, depois de observar que nalguns dos factos provados pelo jury são solidarios os demais professores do lyceu, e até o governo, e de indicar que actuaram no processo os despeitos causados pelo decreto de 7 de Junho de 1871, pede um inquerito para o lyceu.

Entendemos tambem que, ou por esse meio ou por outros que o amor do bem publico possa inspirar ao sr. ministro respectivo, se deve aproveitar agora a occasião para purificar as fontes da instrucção e extirpar os abusos e vicios que as envenenam; levantar a idea moral nos que a exercem, dirigem e fiscalisam; estabelecer rigoroso criterio na escolha dos compendios e na direcção dos methodos, excluindo o mercantilismo de que o publico se queixa; aperfeiçoar emfim a instituição mãe da liberdade, do saber e da moral—a instrucção primaria.»

ANNUNCIOS

SUBSTITUTO MILITAR

1 PRECISA-SE de um homem habilitado para assentar praça, em substituição de outro. Quem se achar nestas circumstancias, póde dirigir-se a esta redacção, que aqui se dirá quem é o pretendente.

COMPANHIA GERAL DE CREDITO PREDIAL PORTUGUEZ

2 O PRESIDENTE da assemblea geral da Companhia geral do Credito Predial Portuguez, convida, na conformidade do artigo 94.º dos estatutos, os srs. accionistas, comprehendidos no artigo 91, a reunirem-se em sessão extraordinaria, no dia 21 de Junho proximo futuro, ás 8 horas de tarde, no escriptorio da Companhia, largo de Santo Antonio da Sé, n.º 23, para a leitura e discussão do projecto da reforma dos mesmos estatutos, elaborado pela commissão especial, eleita pela assemblea geral para aquelle fim.

Lisboa 12 de Maio de 1873.

O presidente,
Conde de Castro.

3 CURSO DE PHILOSOPHIA ELEMENTAR para uso das escholas. 2.ª edição melhorada, por Joaquim Alves de Sousa, professor do lyceu nacional de Coimbra. Preço reis 1$200, broch.

A' venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

HOTEL CAMÕES E ROSSINI

Rua de Rossini, n.º 16, em Paris (proximo ao Boulevard dos Italianos.)

4 RECOMMENDAMOS esta nova casa onde se falla portuguez, não só por estar situada no bairro mais central de Paris, e offerecer aos viajantes todas as commodidades, mas tambem pelos seus preços rasoaveis, devido á honradez do seu proprietario o sr. José Domingues, nosso patricio e amigo, que conhecemos já da sua antiga casa na rua de Bonaparte.

DILIGENCIA

Entre Coimbra e S. Thiago de Cêa

5 VIUVA NATIVIDADE & FILHOS, fazem publico a todos os seus amigos e freguezes, que do dia 9 inclusivè de Junho, vão pôr diariamente a sua diligencia; sahindo de Coimbra ás 5 horas da tarde, e de S. Thiago ás 5 horas da tarde.

Tambem têem caleches e char-à-bancs, que alugam por preços commodos. Escriptorio em Coimbra, rua da Sophia, n.os 39—41.

Coimbra, 20 de Maio de 1873.

Viuva Natividade & Filhos.

DILIGENCIA

Entre Coimbra e Louzã

6 VIUVA NATIVIDADE & FILHOS, fazem publico a todos os seus amigos e freguezes, que do dia 9 inclusivè de Junho, que a sua diligencia começa a sahir de Coimbra ás 5 horas da manhã ás terças, quintas e sabbados; e da Louzã ás 5 1/2 da manhã, ás segundas, quartas e sextas. Os bilhetes na Louzã, vendem-se em casa do sr. Francisco Simões de Castro e Carvalho; em Coimbra em casa do annunciante, rua da Sophia, n.° 39—41.

Tambem têem caleches e char-à-bancs, que alugam por preços commodos.

Coimbra, 20 de [illegible] de 1873.

Viuva Natividade & Filhos.

EDUCAÇÃO

7 TRATADO PRATICO DA EDUCAÇÃO MATERNA. Este excellente livro acaba de ser editado pela livraria catholica, de Lisboa; e está á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra e Braga. Preço: em brochura, 320 e cartonado 400.

8 A PESSOA que achasse uma pulseira d'ouro com amethystas, que se perdeu no dia 9 de Maio, desde a rua do Norte, casa n.° 17, até á egreja da Sé Velha, queira entregal-a na dita casa, e receberá alviçaras.

9 GRUPO DOS QUINTANISTAS DE DIREITO.— Photographias de Henrique Nunes, (auctor do quadro).

Preço—cartão album....400
» visita....200

Livraria de José de Mesquita, rua das Covas, 13.

NEVE

10 PRINCIPIA hoje a vender-se desde as 4 horas da tarde em deante, ao fundo da rua do Corpo de Deus, n.° 6, 1.° andar, e continuará a haver todos os dias á mesma hora.

11 PRECISA-SE de uma mestra que saiba coser bem, cortar, bordar, ler e escrever, para uma menina de 12 annos: é para o Alemtejo, concelho de Niza. Se houver alguma senhora que se proponha, queira dirigir-se por carta a João Antonio d'Andrade Almeida Bastos. Correio de Niza—Arêz.

PRAÇA DE TOUROS

Quarta feira, 21 de Maio

12 NESTE DIA terá logar a annunciada corrida de 8 touros da Borda d'Agua.

ATTENÇÃO

13 QUEM se achar habilitado e quizer substituir no serviço militar a um mancebo que se acha sorteado, póde dirigir-se ao sr. Jeronymo Joaquim dos Santos, na rua da Calçada, o qual dirá com quem se contrata.

PREVENÇÃO

14 O BACHAREL JOSÉ MARIA PEREIRA COUTINHO, da cidade de Coimbra, faz publico, que os bens de Francisco Pedro Salema, residente no logar da Granja do Ulmeiro, concelho de Soure, se lhe acham obrigados por divida hypothecaria, e em parte já vendidos pelo juizo de direito da dita cidade e execução que ao dito devedor move Francisco Pedro da Silva, da mesma cidade, e a cujo producto vae o annunciante concorrer com a sua preferencia; e por isso se previne o publico do estado do dito executado, a fim de que ninguem contracte com elle, e mesmo não compre bens alguns que lhe pertençam e que fossem penhorados por outra execução, sem depositar o preço e chamar o annunciante;—para não ter de pagar segunda vez o valor d'esses bens.

GRANDE NOVIDADE EM CHAPEUS PARA SENHORA

ULTIMOS MODELLOS DE PARIS

Antiga loja de Barbosa á Portagem

15 JOSÉ DA SILVA MACHADO, representante da firma commercial Nuno Machado & C.ª, participa ás elegantes conimbricences, que acaba de receber de Lisboa uma linda collecção de chapeus para senhora e meninas, assim como uma porção de córtes de lã, alta novidade.

Tendo de se retirar no sabbado, podem ser procurados até áquelle dia estes objectos, que venderá por preços muito resumidos.

AGRADECIMENTO

16 JOSÉ DA SILVA MACHADO, gerente da firma Nuno Machado, de Lisboa, tendo de retirar-se, agradece ás suas patricias e elegantes conimbricenses, as provas de consideração, e muita estima que se dignaram dispensar-lhe. Depois de seguir por Vizeu, Lamego, e Porto, recolherá a Lisboa, onde no seu estabelecimento de modas, na rua Nova do Almada, n.° 65 a 67, offerece os seus serviços a todos, protestando-lhes desde já, muita gratidão.

FIGUEIRA DA FOZ

17 INNOCENCIA CANDIDA ALVES e suas irmãs, vendem a sua casa no cimo da rua do Paço, desta villa. Esta casa é muito conveniente para banhistas.

18 NO DIA 11 do proximo mez de Junho, ás 10 horas da manhã, perante a mesa do governo da Santa Casa da Misericordia desta cidade, arrenda-se a quem mais der, a antiga sala do despacho, na rua da Calçada, onde se acha o tribunal do commercio.

Santa Casa da Misericordia de Coimbra, 20 de Maio de 1873.

O cartorario,
José Simões da Silva Junior.

ARRENDA-SE

19 UM ARMAZEM pequeno no pateo da Inquisição, n.° 8. Sua dona viuva Padua.

Loja com boa armação e casa para habitar.

20 ARRENDAM-SE na praça de S. Bartholomeu, com os n.os 9 e 10. Tracta-se com Manoel Caetano da Silva, no mesmo predio, n.° 11.

SUPERIOR QUALIDADE

Cerveja ingleza de Bass & F.os

Calçada, n.° 85 a 91.

22 QUEM PERDESSE um collar, ou trancelim d'ouro, do pescoço, queira dirigir-se á rua do Visconde da Luz, n.os 97 e 99, que ahi se lhe entregará, combinando os signaes que dér com o objecto depositado.

LEILÃO EM COIMBRA

23 CONTINUA no dia 25 de Maio, o leilão de moveis e objectos de botica, pertencentes ao fallecido José Pereira da Cunha, atraz do Cano da Feira.

Aguas alcalinas gazosas das Pedras Salgadas (Villa Pouca de Aguiar.)

24 ESTAS AGUAS medicinaes, são empregadas nos mesmos casos das de Vichy e Vidago; são mais ricas na sua composição chimica, e dos melhores effeitos therapeuticos.

Vende-se em Coimbra—Pharmacia Ferraz, Largo do Castello; e na Figueira, botica de Luiz Maria da Costa, e nas principaes pharmacias do reino.

CASAS

25 ARRENDA-SE uma morada no bairro de Montarroio. Trata-se com Francisco Gonçalves Lemos.

GRUPO DOS QUINTANISTAS DE DIREITO

26 ESTÁ Á VENDA em Coimbra, na livraria Univerral, rua do Visconde da Luz, o grupo dos estudantes quintanistas de Direito, em photographia, por Henrique Nunes (auctor do quadro), em cartão album 400, visita 200.

PROTECTORA

COMPANHIA DE SEGUROS

Sociedade anonyma — responsabilidade limitada

SEGUROS PARA SUBSTITUIÇÃO DO SERVIÇO MILITAR

27 ESTA COMPANHIA, bem conhecida do publico pelo caracter especial das suas operações, acaba de alterar os seus estatutos e regulamento, em harmonia com a lei de 17 de Abril de 1873, que abolindo as remissões a dinheiro no serviço militar, concede aos recrutados a faculdade de offerecerem homem para servir por elles.

Como as condições do recenseamento, sorteamento e apuramento subsistem as mesmas, permanecem as mesmas bases de calculo de seguros em que a Companhia fundou as suas operações e as suas tabellas, e para os mancebos apurados a mesma conveniencia e necessidade, senão maior de haverem por meio de um sacrificio relativamente pequeno, os meios indispensaveis para contractarem o substituto que por elles se preste a servir.

Resolveu por tanto a Companhia conservar na lista das suas operações os seguros sobre a base do recrutamento militar, com as mesmas condições já ennunciadas e conhecidas, subsistindo o maximo de 270$000 reis, como quantia a segurar, ou qualquer outra que fôr ulteriormente fixada, e continuando a inscrever no seu registo os mancebos que quizerem aproveitar-se desta operação, facultando aos inscriptos que não quizerem retirar as suas entradas, o conserval-as com as mesmas obrigações correlativas, ou reforçal-as com um seguro addicional, que lhes fôr conveniente até ao maximo já estabelecido.

A utilidade destes seguros, para todos os individuos sujeitos ao serviço militar, é manifesta e incontestavel, qualquer que seja a situação em que se encontrem em presença d'aquella obrigação, quer seja esse onus considerado á luz da sua vocação, ou quer dos seus laços da familia ou das suas circumstancias economicas. Se alguma destas causas prevalece de tal modo que o individuo não pode servir no exercito, os meios para contractar um substituto, são-lhe indispensaveis, e neste caso recebe da Companhia tanto maior beneficio, quanto mais elevado possa ser o preço destes engajamentos. Se não tem difficuldade em servir, e sente apenas o trabalho que perde em prejuizo do seu proveito, ou dos dos seus, alcança segurando-se, uma somma que converte no que entender, preparando assim um pequeno patrimonio, que o indemnisa, ao voltar do serviço militar, do tempo que nelle gastou, e da demora na edificação da sua fortuna; ou converte aquella somma em qualquer instrumento util ao grangeio da subsistencia da familia, se a sua ausencia do lar domestico é sensivel, e precisa de ser alli substituida por outra força que supprа o trabalho que ella lhe desvia.

E finalmente: se as condições do individuo são tão favoraveis de genio e de circumstancias, que o convidam a acceitar pessoalmente o serviço, ainda assim, depois de ter cooperado com o seu seguro para a manutenção de uma associação de capitaes, que por estes e outros varios modos é tão util aos seus concidadãos, vae, quando fôr chamado a servir no exercito, munido de uma somma que lhe hade ministrar na sua vida de quartel ou de campanha, mais commodidades e confortos, do que póde esperar dos fornecimentos e soldos do estado.

A Companhia continua pois a effectuar seguros para a substituição do recrutamento militar, segundo as formulas estabelecidas no seu antigo regulamento, elevando até aos 20 annos a edade sobre que póde effectuar-se o seguro e a considerar em vigor os contractos que não forem destractados no tempo e pelo modo adeante declarado, e por isso:

Cumprindo as disposições do artigo 10 do regulamento, são convidados todos os seguradores, cujos segurados tenham existido até 19 de Abril ultimo, data da publicação da lei referida, e quizerem retirar os seus contractos, a reclamarem perante as agencias onde effectuaram os seus seguros, as prestações com que tenham entrado, que lhes serão entregues mediante a apresentação da respectiva apolice do seguro, o recibo da prestação e certificado de vida do segurado até áquella data, passando o segurador recibo sellado na mesma apolice da quantia que receber.

Os seguradores que não apresentarem as suas reclamações até 30 de Junho do corrente anno, suppõe-se que deixam em vigor as condições das suas apolices.

Nesta agencia continua a Companhia a effectuar os seguros que lhe forem requisitados, e a prestar os esclarecimentos que lhe forem pedidos.

Coimbra 15 de Maio de 1873.

O agente no districto de Coimbra,
Gavicho & C.ª

NUMERO 2695 | SABBADO 24 DE MAIO DE 1873 | ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Apesar de alguns jornaes opposicionistas se terem esforçado por inculcar nas suas apaixonadas apreciações, que a actual administração politica está arrastando o paiz á beira do abysmo, os factos tem demonstrado que o nosso estado financeiro melhora successiva e consideravelmente.

E' assaz notavel o progressivo melhoramento que nestes ultimos tempos se tem operado em o nosso regimen financial, a despeito de todas essas especulações com que pretendem expor á derisão da opinião publica um objecto sério e gravissimo.

No meio do tumultuar das paixões, os partidos politicos servem-se muitas vezes infelizmente de meios indecorosos para aggredir o poder; e por tal maneira o fazem, que não é raro crearem difficuldades e complicações, que, abalando o credito publico, podem concorrer, e muitas vezes tem concorrido, para a ruina das nações.

Não estão, porem, neste caso os partidos que constituem a actual opposição ao gabinete, porque, felizmente, os factos desmentem as asserções; as suas palavras não tem auctoridade para promover abalos, e as suas intenções, demasiadamente suspeitas, já não geram convencimentos, nem logram conquistar adeptos.

Os factos surgem para responder aos que de pensado occultam a verdade, que arvoram a politica de especulação, que antepõem as necessidades da patria, e as conveniencias publicas aos seus interesses e caprichos.

Uma das folhas da capital que mais auctoridade merece, pelas suas apreciações, sempre imparciaes, e pela gravidade com que as expõe, o *Diario de Noticias*, deu ainda ha poucos dias uma resumida, mas clara informação, da actual situação financeira e estado de fundos, que é muito para lisonjear os que desejam a organisação economica da fazenda, como base e condição essencial da prosperidade publica.

O governo e os partidos que o apoiam, regosijam-se de ter concorrido para semelhante resultado.

O patriotismo péde a reunião de todos os esforços e a coadjuvação de todas as intelligencias, pondo de parte os sentimentos partidarios, para sómente tractar da nossa organisação financeira e equilibrio orçamental.

E' o que fez o governo e o que fizeram os partidos que o coadjuvam, e o que fariam todos que podessem abrigar em si aquelle nobre sentimento.

Não poude o governo conseguir ainda tudo, porque não é em um curto espaço de tempo que se pode alcançar este resultado; mas obteve já o bastante para levantar o credito e a confiança publica.

Póde a opposição barafustar, que os factos não se destroem.

NOTICIARIO

A loja maçonica dos Chicaras em Coimbra—Já em tempo publicamos a noticia dada pelo padre João Duarte Beltrão, da descoberta da loja maçonica dos Jardineiros, ou dos Chicaras, na rua do Cabido, desta cidade, no dia 11 de Julho de 1823.

Por ser este objecto muito interessante, publicamos mais hoje uma carta mandada de Coimbra para um jornal dessa epocha, ácerca do mesmo assumpto.

«Senhor redactor—Não é só em Madrid que apparecem lojas de mações; agora acaba de vir a lume em Coimbra uma destas synagogas, do modo que vou a referir. Ha tempos se rosnava que defronte da Sé Velha, nas casas dos Garridos, havia assembleia maçonica de estudantes, onde se juntavam os que pertenciam ao partido liberal, e donde algumas vezes sahiam armados a rondar de noite.

Havendo-se porem feito a acclamação na noite de 3 para 4 de Junho pelos milicianos, e pelos estudantes realistas, diz-se que os irmãos da dita assembleia mudaram na noute de 4 para 5 do dito mez as preciosas alfaias de sua loja, levando cada um sua trouxa para a rua dos Coutinhos, e que assim deixaram despejadas as casas dos Garridos. Como os estudantes, que as habitavam, houvessem saido para ferias, e seu dono viesse ás ditas casas, succedeu que um criado, estando a tirar agua de uma cisterna d'aqu[illegible] casas, notou que no balde vinha cousa que não era só agua. Affirmou-se, como era natural, e achou cousa como roupa. Isto excitou a curiosidade de saber o que a cisterna continha; e fazendo-se diligencia, appareceram insignias de pedreiros livres.

Succedeu isto a 11 do corrente Julho de tarde; e no seguinte dia foi o ministro a fazer auto d'aquellas preciosidades. Era grande a affluencia do povo a ver o que tanto se procurava esconder.

Como os taes trastes estavam molhados, mandaram-se pôr nas grades do terrapleno da Sé Velha, as quaes, como estão sobranceiras á rua, d'ahi foram mostrados ao povo, em quanto se enxugavam ao sol, para depois se fazer o inventario judicial d'aquelles miseraveis despojos.

Que espectaculo miserando! que risadas, e burlas do povo! Appareceram pannos de panninho, verdes, e pretos; uma opa, ou tunica negra de durante; varios desvarios de varias figuras; uma caveira negra com o quei-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXII

D. CARLOS

XII

As marchas e os encontros succediam-se uns aos outros, e continuando Cabrera infatigavel neste penoso movimento, adoeceu, e não achando povoação onde refugiar-se, o fez nas fragosidades dos montes de Horta.

Não era tão insignificante Cabrera para que deixasse de notar-se a sua ausencia; soube-se a causa e chegou-se a descobrir o seu refugio; mas só se achou nelle a dois carlistas, pois que o enfermo, já restabelecido, saiu dalli em a noute anterior, 1.° de Agosto de 1834.

Em breve mostrou o seu allivio, surprehendendo o destacamento de Alfara, em quanto ouvia missa.

Estes prisioneiros lhe eram muito uteis: queria resgatar a seus dois companheiros, aprisionados na Barrina, e offereceu ao governador de Tortosa a troca, ou fuzilar os prisioneiros de Alfara. Não respondeu o governador; fuzilou aos dois carlistas e prendeu a mãe de Cabrera para garantir a vida dos surprehendidos em Alfara: ao sabel-o Cabrera lhes deu a liberdade para livrar a sua mãe. Esta porem, veiu posteriormente a ser barbaramente fuzilada, quando de outra occasião tornou a ser presa em Tortosa, como a seu tempo narraremos.

Quanto mais augmentava o carlista o seu poder, mais avivava o liberal a sua perseguição. Em um encontro, em Abejuela, perigou a vida de Cabrera, o qual só á sua audacia deveu o não ser morto por um fuzileiro de Valencia.

Em todo o final do anno de 1834 foram activamente perseguidos os carlistas na Catalunha e Aragão, o que occasionou grande numero de baixas nas suas fileiras; pois não podendo resistir os soldados a tantos trabalhos, e entibiado o seu enthusiasmo, se acolhiam aos indultos que se publicavam de continuo.

Perdidas as suas lisonjeiras esperanças, não saia da sua imaginação a sorte que lhes cabia; e com dor viam que não possuiam uma povoação importante, quando os liberaes eram senhores de todas as capitaes e praças fortes.

Não bastou a conter tão justo desalento a communicação que recebeu Carnicer de D. Carlos, nomeando-o brigadeiro de cavallaria, e segundo commandante geral de Aragão, o qual por sua vez nomeou coronel a Cabrera e a Añon.

Resolveu-se por isso Cabrera a ir ás provincias vasconzadas a fallar a D. Carlos, que alli havia chegado, como em logar proprio diremos.

A dispersão das forças de Carnicer, a marcha de Cabrera, e o desalento geral produzido nas partidas, pareciam assegurar o proximo termo daquella guerra; porem como se achava encarnado na maior parte dos habitantes d'aquelle territorio o sentimento carlista, se viu que antes de terminar o anno de 1834 estavam em campanha novos defensores do carlismo que, obscuros então, iam a ser em breve conhecidos.

Chefes de insignificantes bandos sabiam aproveitar as circumstancias para engrossal-os. Cheios desse enthusiasmo, filho das primeiras convicções, sabiam communical-o aos seus soldados, que os seguiam obedientes, fazendo honrosa abnegação da sua vida.

Entre aquelles chefes se distinguia Forcadell, que era tenente de cavallaria, e militara em 1823. Vallés, antigo coronel, apresentou-se com dois filhos, um delles ecclesiastico; tambem o fizeram Llangostera, capitão graduado de cavallaria; Arevalo, da mesma graduação; Polo, tenente de provinciaes; Arnau, escrivão de Tortosa; Palacios, voluntario realista de Madrid, que veiu do exercito do norte, tendo seguido a D. Carlos a Portugal e nas provincias; e outros de menos nomeada.

Na provincia da Mancha faziam os carlistas inauditos esforços para organisar a guerra; e ainda que a ella não se prestava facilmente a natureza do terreno, os homens que o escolhiam para theatro de seus feitos, era mais para os seus particulares interesses, do que para os da causa de que se chamavam defensores.

Em nome de Carlos V levantavam partidas de 100 e 200 homens, e a sua primeira operação era aprisionar os mais ricos de um povo, exigir-lhes grandes quantias, e repetir eguaes façanhas.

O seu menor cuidado era bater as forças liberaes, ainda que fossem pequenas. O que lhes importava é que não impedissem as suas correrias; fugiam dos povos onde houvesse guarnição, e se alguma vez se viam perseguidos, corriam a esconder-se no mais escabroso dos montes. Por isso cuidavam pouco em augmentar a sua gente; quanto menos fossem, com mais facilidade illudiam as perseguições. Por esta forma a guerra na Mancha era de vandalismo, e surgiam diariamente novos partidarios que, obrando cada um por sua conta, se oppunham a toda a união que levasse comsigo a subordinação a um chefe.

Se houvesse união nos manchegos, se tivesse saido de entre elles um chefe como Zumalacarregui, ou Cabrera, a guerra teria adquirido nas margens do Tejo as colossaes proporções que nas do Nervion, do Deva, do Ega, do Segre e do Ebro.

Ainda assim um dos principaes partidarios na Mancha, era o *Locho*, cujo verdadeiro nome era D. Manoel Adame.

Relativamente á Extremadura, em quanto D. Carlos permanecia em Portugal, necessitava esta provincia particular vigilancia. Formaram os carlistas mais de uma invasão por este ponto, de accordo com os que se propunham chamar a attenção dos liberaes, levantando partidas no interior da Extremadura, e ainda nos confins de Castella e Andaluzia.

O carlista Cuesta, esperando mais de Portugal do que de Hespanha, seguia em suas

xo debaixo pegado com arame; figuras do sol, da lua e da esfera armilar; umas pyramides; uns canudos de lata, mas amassados; umas carapuças, ou mitras, uma das quaes tinha sua insignia bordada; alguns pannos com pingos de cera, um panno com letras iniciaes, etc.

Toda a gente estava pasmada, e perguntavam uns áos outros:—Que é aquillo? que quer aquillo dizer? Ai a caveira negra! Então ha ou não ha pedreiros? Agora sim, agora não tem duvida que os ha. E eram estes os regeneradores do povo? São peores que judeus. Parece que não tem religião, nem crêem em nosso Senhor Jesus Christo. Olhem que praga andava espalhada no reino sem nós o sabermos! Daqui vinha todo o nosso mal. Isto já não é senão o refugo de todo o monte; o melhor levaram-no elles, etc.

Alguns diziam: foi bom este achado para desenganar os incredulos. Outros diziam: não foi bom, porque ainda ha mais quatro, ou mais lojas, que agora não podem ser surprehendidas.—Cada qual fallava como lhe lembrava.

O benemerito corregedor (em outra carta que vimos, diz que assistira o juiz do crime) assistia a este espectaculo com uma escolta commandada por um official, que guardavam aquellas ricas peças, expostas á publica irrisão. Como se vae a fazer o auto legal, delle melhor constará a descripção curiosa destas infernaes alfaias.

Desta simples narração se vê, que a peste da maçonaria lavrava pelos estudantes, dos quaes havia dois ranchos, uns liberaes, outros realistas. Que é de [illegible] necessidade limpar esta fonte da literatura, tanto quanto maior foi o empenho dos liberaes em turval-a, e inficional-a. Diz-se que já desappareceram duas pessoas.»

Passeio de despedida.—Na quarta feira, os estudantes do 5.º anno de Direito, reuniram-se no aprazivel local da Lapa dos Esteios, para se darem o ultimo abraço de despedida, na vespera de se separarem, depois de terem terminado o seu curso universitario.

A' volta para a cidade acompanhou-os nos barcos a philarmonica *Boa-União*.

Era de bello effeito ver esta esquadra tão alegre e pacifica, vogando mansamente pelas aguas do nosso Mondego, illuminada com muitas luzes, e animada de vozes festivaes.

A exm.ª condessa da Quinta das Canas, pediu á commissão dos estudantes, o obsequio de lhe mandarem uma commemoração em verso, para levantar uma lapide, e ser collocada junto das que no poetico sitio da Lapa dos Esteios já se acham.

Costumeira antiga.—Antes de hontem, conforme os antigos usos academicos, os estudantes de Direito, para commemorar o termo dos trabalhos escolares do anno lectivo, percorreram á noute as ruas da cidade, acompanhados de uma philarmonica, e tocando muitos delles bozinas e chocalhos, a fim de caçoarem os seus collegas de sciencias naturaes, para os quaes o ponto é mais serodio.

Vem a proposito transcrevermos o que ácerca desta usança diz com muita graça o sr. José Frederico Laranjo, no *Panorama Photographico*, volume 1.º, paginas 124:

«O termo das aulas! Uma noute o passageiro que está de visita em Coimbra, alvoroça-se ao estrondo repentino que se levanta nas ruas. Rue a cidade? Revoltam-se os habitantes? Tomam-se as malas, prepara-se a fuga; ao susto respondem sorrisos — *são as latas*.

«O ponto vem mais temporão para os estudantes de Theologia e Direito, do que para os de sciencias naturaes; estes têem ainda aulas, quando as daquelles já estão fechadas; os felizes que já não ouvem a *cabra*, um sino que ha centenares de annos amaldiçoam todos os dias centenares de rapazes, reunem-se em exercito, e, tangendo latas e buzios, percorrem a cidade, zombeteando do seus irmãos d'armas, para quem da torre da Universidade, a manhã e a noute ainda bradam—*alerta*.»

Sepultura de ha 1232 annos.—Ao abrirem-se os alicerces para a reforma da capella do Santissimo Sacramento, na egreja de Condeixa a Velha, achou-se uma pedra de sepultura, do lado de fóra das paredes da mesma egreja, com a era de 579 (541 da era christã) a qual tem a inscripção seguinte:

SERENIA
NVS FAMV
LVS DI VIXIT
ANVS IIII ET
REQV...INPA
C...VIII KL...DE
CEMBRES E
RADLXXVIIII

Esta pedra foi offerecida ao digno par do reino, o exm.º sr. Miguel Osorio Cabral e Castro, grande apreciador de curiosidades archeologicas.

No anno de 1850, quando se murou o adro daquella egreja, terraplenando-se o terreno e abrindo-se as covas para a plantação dos cyprestes, que já alli apresentam uma bella vista, tambem se encontraram muitas sepulturas, mas as pedras que as cubriam não tinham inscripções.

A lapide que ultimamente se descubriu e que data de ha 1232 annos, é de grande valor archeologico.

Theatro de D. Luiz.—A sociedade de *Serões Dramaticos* deu uma interessante recita neste theatro, na quarta feira, 21 do corrente. Levou á scena o lindo drama em quatro actos—*Abnegação*; e a comedia—*A neta do bardo*.

Os actores foram muito applaudidos, e o publico mostrou-se muito satisfeito.

Esta sociedade proporciona noutes muito agradaveis, e por isso nós fazemos votos para que se conserve e para que lhe dispensem a protecção de que é na verdade digna.

Bazar.—Na quinta feira fez a philarmonica *Boa União* o seu bazar no Jardim Botanico. A concorrencia esteve numerosissima, apesar das muitas romarias que houve n'aquelle dia. O pavilhão onde estavam collocadas as prendas, era de muito bonito gosto.

Deputado.—Acha-se nesta cidade o deputado por este circulo, o sr. Dr. Joaquim Gonçalves Mamede.

Posse.—Na terça feira, pelas 11 horas da manhã, tomou posse de lente substituto da faculdade de Medicina o sr. Dr. Augusto Filippe Simões.

Arrematação.—No dia 10 de Julho proximo hade proceder-se perante o governador civil de Coimbra á seguinte arrematação:

Foro pertencente ao seminario episcopal de Coimbra, pela extincção da collegiada de Santa Justa:—Um terreno no sitio de Fora de Portas, junto á capella de Santa Margarida, que parte pelo poente com a estrada publica, do nascente com serventia do celleiro e casa da tulha da dita collegiada, do norte com Francisco Canastra, e do sul com casa que foi capella de Santa Margarida—100$000.

Minas de chumbo.—No dia 12 de Agosto do corrente anno, se hade proceder no edificio do governo civil de Coimbra a concurso publico, para se adjudicar a concessão de duas minas de chumbo, denominadas de Chãos de Eguas e Monte Garcia, na freguezia de Piodam, concelho de Arganil.

Estas minas foram julgadas abandonadas pelos seus concessionarios, Braz Telles do Valle e José Maria Maciá.

Marfim vegetal.—Cresce espontanea na America do sul uma arvore magnifica, similhante á palmeira, á qual os latinos dão o nome de *Phylephes macrocarpa*. Esta arvore produz um fructo, que contem um liquido, ao principio claro e insipido, mas que com o tempo se torna lacteo e unctuoso, solidificando-se depois e adquirindo a dureza do marfim. Este curioso producto já se encontra no commercio. Tem o defeito de amollecer depois de molhado, mas facilmente recupera a sua dureza primitiva, depois de secco.

O milho no Brasil.—Os indigenas de muitos paizes do litoral do Brazil, fazem grande consumo de milho, ou torrando o grão, ou reduzindo-o a farinha, com a qual fazem um caldo mais ou menos espesso. E' de tal força nutritiva este alimento, que muitos habitantes não comem outra cousa durante mezes successivos, e andam gordos e até obesos principalmente no ventre.

Influencia da luz.—Está demonstrado que a luz não é só o estimulo especial do orgão da visão; é tambem um excitante universal de todo o organismo. Sobre a pelle dos animaes exerce effeitos similhantes aos que produz nos tecidos verdes das plantas. Humboldt nas suas viagens ás regiões equinoxiaes observou, que os homens que vivem nus, e que mais expostos andam á luz tropical, são mais bem desenvolvidos, proporcionados, e mais isentos de defeitos. Quem vive em logares escuros, tem as carnes molles, descoradas, opadas, e adquire os caracteres do temperamento lymphatico.

Consumo em Londres.—Vendem-se annualmente nos principaes mercados de Londres mais de 3:365:000 aves, tanto vivas como mortas. Só gallinhas, andam por perto de 2 milhões; patos, mais de um milhão, e perus, mais de 130 mil, e o resto de outras especies de aves. Os ovos são exportados de toda a parte do mundo para Inglaterra; só a França lhe vende annualmente mais de 100 milhões.

---

correrias, e no mez de Março de 1834 se apresentou em Fresneda; perseguem-no os urbanos de Trujillo e Montanchez, e lhe capturam alguns dos seus partidarios. Rute, empenhado em alcançal-o, o consegue em Descuernacabras, onde tinha ido Cuesta, depois de haver estado em Carrascalejo. Bate-o, afujenta-o, e tanto o acossa, que o obriga a refugiar-se em Portugal.

Não consegue melhor exito Muñoz, que percorria a provincia de Ciudad Rodrigo, e foi batido e desbaratado em Garganta la Alta.

Uma partida de 100 homens, procedentes de Portugal, atravessa o povo de la Torre de Aliste, para o Carrascal e caminho de Cabañas e Benavente, com tenção de introduzir-se em Castella.

Com algum reforço, e novos alentos, atravessa Cuesta a fronteira, e volta a introduzir o alarma na Extremadura; porem é tambem perseguido pela tropa e urbanos, e forçado no dia 12 de Julho a entregar a sua espada, o que fez beijando-a, entregando-se tambem seus companheiros sem a menor resistencia.

Barba, Rodera, e algum outro que tratavam de accender a guerra na serrania de Cordova, são batidos em Jundilla pelos urbanos, em 28 de Abril, e dispersados; caindo pouco e pouco prisioneiros, foram fuzilados os chefes.

Não era a provincia de Andaluzia paiz para os carlistas, ainda que se tratou bastante de sublevar a opinião, dirigindo o mesmo D. Carlos aos andaluzes uma proclamação, datada de Villa Real, na provincia de Traz os Montes, em 21 de Janeiro de 1834, offerecendo-lhes a reunião dos celebres concilios nacionaes.

Tambem nas provincias das Asturias e da Galliza fizeram os carlistas muitas tentativas de sublevação. Foram, porem, sempre alli desbaratadas as partidas que se apresentavam.

A essas contrariedades tiveram os carlistas outra, no dia 17 de Março de 1834, sendo-lhes aprezada nas aguas de Vigo a balandra, *Expres-Paket*, que tinha saido de Plymouth com 2:500 armas, 200 barris de cartuchos de espingarda, 180 barris maiores de polvora, e sapatos.

Em combinação com estes armamentos, estavam-se organisando grandes partidas em Portugal, aos respectivos commandos de Delgado e Valdés: porem observada cuidadosamente a linha da fronteira pelas auctoridades da Galliza, os impediam de penetrar nella, levando o seu zelo ao ponto de passar os liberaes a fronteira e batel-os em territorio portuguez.

Na provincia de Castella a Velha tinha-se outra vez apresentado em campo o celebre cura Jeronymo Merino. Havia se evadido para Portugal em 1833, e depois de andar algum tempo na côrte de D. Carlos, regressara á Hespanha, com a nomeação, feita por aquelle infante em Lamego em Março de 1834, de commandante general do exercito e provincia de Castella a Velha.

Acompanhava Cuevillas e outros chefes a Merino, com 80 lanceiros organisados em Portugal, em cujas lanças ostentavam bandeirollas negras e encarnadas, para demonstrar, como diziam, a maneira como tencionavam continuar a guerra; isto é, a sangue e fogo, uma guerra de exterminio.

Surprehendendo, e sendo surprehendido alternativamente, corria Merino a serra de Burgos; pois se no primeiro povo de Hespanha aprisionou a 7 carabineiros, que pretendeu fuzilar, e a quem salvou Cuevillas, foi batido em Castro e entre Mansilla e Leão com alguma perda.

Tinha o partido liberal o maior empenho no seu exterminio; porem o mais que conseguia era tel-o encerrado na serra, até que, usando Merino das suas estrategias, apparecia na retaguarda dos seus sitiadores. Não se deixavam, comtudo, de obter vantajosos resultados para a causa liberal com encerrar aquelle temivel partidario na serra, aonde se limitavam os seus recursos, e se lhe impediam novos recrutamentos.

Em principio de Julho de 1834 se dividiram em S. Pedro de Manrique as forças de Merino, procurando obrar combinados. Desta maneira, e sem torpeço de importancia, entraram no Aragão, indo-lhes Albuin quasi sempre no alcance.

Não era tão conhecido este terreno a Merino, como a sua favorita serra de Burgos, e por isso o abandonou no fim daquelle mez, voltando aos pinhaes de Soria, indo em sua perseguição Aznar, Obregon e Albuin, que comquanto tivessem constantemente sitiado a Merino, nem uma só vez conseguiram surprehender o seu esconderijo, senão quando já o tinha abandonado. E não era tão limitado o circulo em que o estreitavam, que não podesse organisar novas forças.

D. Carlos conservava-se em Portugal desde Março de 1833, e aqui era o nucleo do seu partido; sendo em geral os que o rodeavam melhores cortesãos do que guerreiros. O posto de honra para os verdadeiros carlistas não estava nas antecamaras e nos salões d'aquella ambulante côrte, senão nas fileiras dos combatentes.

A côrte não podia considerar-se estabelecida; tinha que sel-o depois do triumpho. E não obstante, n'aquella parodia de côrte, tinham assento todas as ambições e intrigas que costuma haver nellas.

O favorito de D. Carlos, a alma de tudo, o ministro universal, era D. Joaquim Abarca, bispo de Leão. Bom para a egreja, incapaz para a politica, era detestavel para os negocios militares, que aliás deviam então ser mais preferidos. E era tal a influencia do bispo, que nada fazia D. Carlos sem o consultar, e sem que o approvasse. Habil cortesão, sabia agradar ao principe, e o que é mais, fazer-se necessario e conservar o seu ascendente.

Depositando nelle D. Carlos toda a sua confiança, cuidou o bispo de Leão de conserval-a, e rodeou o infante de creaturas suas, formando assim em redor delle uma muralha, que não atravessassem os seus adversarios, todos aquelles que conhecendo a inepcia governamental do prelado, se condoiam dos seus tristes effeitos.

Á frente da opposição que principiou a formar-se naquelle simulacro de côrte, se achava a infanta portugueza, mulher de D. Carlos, D. Maria Francisca de Assis, travando-se uma luta encuberta umas vezes e outras franca. Porem D. Carlos attendia mais ao bispo do que a sua esposa; e Abarca, com tal precedente, até chegou a faltar á infanta como tal e como a senhora; e descendo da sua dignidade se valeu para indispor a D. Carlos com sua mulher, de meios não só vedados a um prelado, senão a um cavalheiro; porque não é muito nobre denunciar debilidades, exactas ou falsas, de uma senhora. Conseguiu assim indispor aos dois esposos, quando mais necessaria era a união entre todos, porque era justamente nos criticos momentos em que abandonavam a Portugal, perdida já a causa de D. Miguel.

Carecia Abarca de talento; mas não de sagacidade e machiavelismo. O estado dos negocios era deploravel: vendiam-se na côrte de D. Carlos em Portugal os empregos; e muitos dos empregados, segundo demonstravam, eram alem de ineptos, immoraes.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Os medicos e os doentes.—Dizia um medico a respeito da sua numerosa clientela, que os seus doentes formavam tres classes; os que pagam, os que não pagam, e aquelles a quem elle pagava. Dizia outro clinico de grande fama, que os doentes ricos devem pagar pelos pobres.

A voz do instincto.—São curiosos os seguintes factos, que extraimos de um jornal francez.

Uma senhora, muito nervosa, victima de continuos ataques de hysterismo e de grandes padecimentos de estomago, não podia conservar alimento nem bebida alguma. Vomitava com violencia tudo que engulia. Os medicamentos mais energicos nada conseguiam. Um dia a doente teve um appetite extraordinario de comer castanhas assadas, o medico consentiu; e o alimento foi tolerado e a cura progrediu.

Um velho, gravemente enfermo, estava proximo a morrer, e a sciencia desesperava de o salvar. Um dia pediu com instancia, que lhe dessem vinho. O enfermeiro entendeu que devia prestar-lhe esta consolação á hora da morte, e satisfez-lhe o appetite. O doente sentiu-se melhor, repetiu a receita, e dentro de poucos dias, estava livre de perigo, e restabeleceu-se completamente.

Um medico soffria uma hydropesia geral, rebelde a todo o tratamento. Cinco vezes tinha sido operado, extraindo-se-lhe 60 litros de agua e só esperava o termo fatal dos seus crueis padecimentos. Appareceu um dia com um desejo insaciavel de comer assucar. Respeitou-se este impulso natural, e immediatamente lhe foi satisfeito o appetite. Durante um mez o doente comeu assucar, como se fosse pão, e devorou grandes quantidades deste alimento. O resultado foi um augmento extraordinario da secreção urinaria, e a hydropesia curou-se completamente.

Chuvas de sapos e rãs.—Diz-nos o sr. José Maria Rosa de Carvalho, que estes factos aliás verdadeiros, e raras vezes succedidos, deram logar a duvidas, e questões entre os sabios, que pela primeira vez tiveram d'elles noticia. Affirmavam uns a realidade dos factos; ou por os terem presenceado, ou por lhes terem sido contados por pessoas dignas de todo o credito. Outros diziam que não podia ser assim; e explicavam-os da seguinte maneira:—«Os pequenos sapos e rãs de que se via coberta a terra no estio, depois d'uma grande tempestade de chuva e vento, haviam sido descobertos pela agua, que filtrando-se por a terra, os obrigava a sairem dos seus esconderijos.»

Estes factos, porem, são verdadeiros; e presenceados por pessoas fidedignas, que para melhor conhecerem a verdade, collocaram sobre a terra bacias d'arame, e outros vasos de bordos altos, e viram cahir dentro delles os sapos e rãs misturados com a chuva. Como se explica pois o choverem sapos?

Daremos a explicação seguinte. Um redemoinho de vento tem logar sobre um grande lago, onde vivem estes jovens reptis. A agua, em consequencia do vento, eleva-se a grande altura, em forma de tromba, levando envolvidos os pequenos sapos e rãs. E' expellida pelo vento a grande distancia (a sete leguas póde ser) e onde ella cahir, lá devem apparecer estes reptis.

E' assim, como explicam este phenomeno.

O real collegio Ursulino.—Da melhor vontade publicamos o seguinte:

ÁS MÃES DE FAMILIA

Achámo-nos hoje dentro da egreja do collegio Ursulino, onde fomos conduzidos pela fama, ao longe espalhada, da devoção — *O mez de Maria*. Ainda que, de ha muito acostumados á gravidade do culto, com que naquelle recinto sagrado se honra a Deus e aos seus santos, deslumbrou-nos desta vez a decoração do templo; não tanto pela magnificencia dos ornatos, como pelo bem disposto e ordenado de todas e cada uma de suas partes, e pelo esmerado aceio em que aquellas virtuosas senhoras primam em conservar sempre a casa do Senhor, mórmente quando dão testemunho dos seus sentimentos eminentemente religiosos para com a Santa Mãe de Deus.

Sem temermos a nota de lisonjeiros, ousamos affirmar que neste bispado se não encontra capella rival: tanto é o cuidado das religiosas deste collegio!

Officia todos os dias o sr. conego Fresco, digno e incansavel director deste auspicioso estabelecimento. Tem-se executado alli alguns dias, musicas d'este distincto sacerdote, as quaes me dizem terem agradado tanto pelo desempenho como pelo sentido. Já n'outro tempo ouvimos cantar uma ladainha por elle composta, de que muito gostámos.

Neste dia as musicas eram composição dos srs. conego Monteiro e padre Brandão, bastante conhecidos pelas suas producções. Agradou a execução a todos os fieis, em grande numero prostrados ante o altar em que se ostenta rodeada de toda sua graça o Refugio dos peccadores. Por vezes vimos assomar ao rosto de todos uma alegria indefinida: é que as vozes das cantoras possuidas das musicas, que primorosamente desempenhavam, fallavam ao coração de todos, e eram a traducção viva dos sentimentos que lhes iam n'alma.

Quem se não extasiaria perante aquelle *Sub tuum præsidium*, executado com todo o primor d'arte pela sr.ª D. Pimentel? Quem seria insensivel ao *solo* d'esses sentimentaes e piedosos versos, cantados em honra de Maria, pela gentil creança, D. Falcão, discipula da eximia professora de musica e canto a sr.ª D. Isabel Brasil? Nós não; que logo formámos tenção de o dizer a todas as partes da nossa terra, e clamarmos bem alto, que são dignas de todos os encomios as pessoas que não se poupam a trabalho e sacrificios para proporcionarem aos devotos filhos de Maria, occasiões de jubilo, e darem momentos de regosijo ás familias, que dentro do collegio, foram depositar o thesouro mais caro de seus corações.

Que alegria não sentirá a mãe quando a filhinha lhe levar á noticia a sua piedade e devoção para com a Consoladora dos afflictos, e as honras que se tributam á Rainha das Virgens, n'aquelle asylo, a que ella a confiou?

Continuae, exm.as sr.as, a cultivar essas tenras vergonteas, e não desanimeis, que a paga tel-a-heis no ceu.

Seja a sua educação tão solida, que não soffra abalo, pelo mundo d'hoje, quando uma vez tenha de dizer adeus ao ninho da sua infancia, no qual deixam as mais gratas recordações de seus dias. Tende, senhoras, como certo o que um escriptor de nossos dias dizia —a mulher bem educada é que ha de regenerar a sociedade. — Vós com o santo e virtuoso exemplo não contribuis menos para a educação d'essas innocentinhas, que com o aturado e variado ensino, que sabiamente lhes proporcionaes. De vós se dirá um dia, que fostes o sal da terra e a luz do mundo, porque aquellas palavras do evangelho nem só aos ministros de Christo tem applicação.

Bemdirá de vós a sociedade, a familia, e nunca de vós se esquecerão essas tenras creancinhas, que ajudaes a crear, e a quem daes com o sustento do corpo o alimento do espirito.

Ainda não vae longe a quinta feira da semana santa, para que já nos não lembremos da edificante e tocante scena que destes ao mundo pela bocca de todos quantos presencearam o jantar dado ás pobres creancinhas, a expensas das vossas seculares, servido por ellas mesmo e pelas vossas educandas. Nunca ellas foram tão formosas, embora radiantes de formosura e mocidade, como quando praticavam em tão sublime grau as virtudes da caridade e humildade, imitando assim o exemplo que lhes legara na sua ceia ha 1840 annos o Divino Mestre. Quadro tão pathetico era digno de melhor pincel!

Se soubessemos, haviamos de desenhal-o, collocando no centro o vulto respeitavel do nosso virtuoso prelado, que, recitando um breve mas substancioso discurso, accommodado á occasião, fez rebentar espontaneamente lagrimas d'alegria; daquellas lagrimas cujo segredo é só proprio dos crentes da religião do amor—o christianismo.

Um dia breve nos occuparemos mais detidamente d'este primeiro estabelecimento de educação do sexo feminino, que possuimos na nossa boa terra de Portugal.

Coimbra 18 de Maio de 1873.—*F. S.*

Mercado de Coimbra no dia 23.—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 500 — Dito branco 480 — Dito Celorico meudo 620 — Dito graudo 550 —Milho branco 320 — Dito amarello 320 — Feijão vermelho 460 — Dito branco da Marinha 440 — Dito branco da terra 400 — Dito rajado 380—Dito frade 350 — Tremoços 250 —Favas 400—Centeio 480 — Chicharos 280 —Cevada 280 — Batatas novas 360 — Ditas velhas 240— Vinho da Beira 800 — Dito da Bairrada 900 a 1$000—Azeite 1$080.

Mercado de Condeixa a Nova no dia 23.—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 500—Dito mourisco 480—Milho branco 340—Dito amarello 330—Feijão vermelho 500 — Dito branco 480 — Dito rajado 400—Dito frade 320— Cevada 250—Tremoços 280—Chicharos 260—Grão de bico 360 — Batatas 220 — Vinho 960 — Azeite 1$060.

A insurreição carlista.—O *Justiciero*, jornal republicano federal, que recebemos de Madrid, diz no seu numero de 20 do corrente, que em Burgos se teme um proximo levantamento carlista.

Diz mais que se assegura que as facções da Navarra tem tomado um grande incremento.

O mesmo jornal o *Justiciero*, do dia 21, que hoje recebemos, diz que os carlistas incendiaram a estação da Venda de Baños;—que o cabecilha Cucala quintara a alguns voluntarios republicanos, que como prisioneiros retinha em seu poder, e que fuzilara quatro daquelles desgraçados;—que no dia 17 entraram em Samahaga as facções de Tristany, Narata e Miré, surprehendendo a guarnição, que se compunha de 150 voluntarios e 50 cavallos, ignorando-se ainda a sorte dos prisioneiros;—e finalmente diz que consta haver no ministerio partes graves acerca da insurreição carlista.

Acerca da acção de Eraul, publicamos em seguida as participações, tanto do lado liberal, como do carlista.

«Columna do exercito de operações do norte.—Exm.º sr.—Continuando a perseguição incessante que a columna do coronel Navarro fazia ás guerrilhas, saiu de Zudaire na manhã de hontem, sem noticias certas da situação do inimigo; mas attenta a sua marcha do dia anterior, era de presumir que se encontrasse em Valdellin: a columna entrou neste valle pelo porto de Ollogoyen, e viu-se desfilar as guerrilhas Ollo, Dorregaray e outras reunidas, em numero de 4:000 homens para os lados do porto do Echevarria, talvez para tornarem a entrar na Amezcua baixa, se a columna continuava a seguir-lhes a pista.

Depois de um descanço de uma hora em Galdeano, emprehendeu-se novamente a marcha por Echevarria sobre Abarzuza; duas companhias que flanquearam pela esquerda, logo que chegaram a meia ladeira, viram-se envolvidas por numerosas massas e um nutridissimo fogo. Continuou-se a marcha até á parte superior do porto, marcha que a artilheria protegeu com o seu fogo; neste ponto os facciosos occupavam fortissimas posições.

O fogo da infanteria com o da artilheria desalojaram o inimigo dessas posições. Conseguido este resultado, estabeleceram-se as peças na parte superior, dando logar deste modo a que levassem vantagem as nossas tropas, avançando sobre o inimigo durante mais de tres horas; mas as massas inimigas renovadas sempre, conseguiram fatigar as nossas forças já reduzidas, e depois de cinco horas de fogo, a nossa ala direita retirou sobre Abarzuza e a esquerda sobre Echevarria.

Neste momento tivemos perdas sensiveis; o chefe da columna e alguns officiaes e soldados e parte do material de artilheria cairam em poder do inimigo. De tudo isto darei parte circumstanciada a v.ex.ª quando me seja possivel. As nossas perdas em homens foram consideraveis; as do inimigo devem ser maiores, sem que possa pôr em quanto designar o numero de umas e outras.

As forças desta columna reuniram-se hoje nesta cidade, protegidas em parte pela columna do coronel Castanhon. O que tenho a honra de communicar a v.ex.ª em cumprimento do meu dever. Deus guarde a v. ex.ª. Estella 6 de Março de 1873. O tenente coronel Ignacio Moreno.»

A participação official do combate dado em Eraul, que Dorregaray dirigiu a D. Carlos, é a seguinte:

«Senhor.— Tenho a grande satisfação de dirigir a V. M. a minha primeira participação ácerca da victoria completa, que alcancei hontem, 5 de Maio, sobre a columna Navarro.

Hontem de manhã, ás 10 horas, puz-me em marcha para o monte d'Etchevarri, e acampei entre esta posição e a d'Artasa, observando o movimento do inimigo.

Ao meio dia este acentuou a sua marcha sobre Eraul e Etchevarri, e tomei logo as minhas disposições para defender esses passos a todo o transe.

A's 2 horas a columna republicana dirige-se sobre Eraul e o fogo começou, prolongando-se por mais de 3 horas.

Tres cargas de bayoneta foram dadas de parte a parte para atacar e defender as posições; emfim uma quarta carga dada pela minha escolta e pelo esquadrão de cavallaria, commandado pelo meu chefe de estado maior o marquez de Valdespina, decidiu em nosso favor a sorte da batalha.

O inimigo desconcertado tomou a fuga em todas as direcções, deixando em nosso poder uma peça, quatro caixas de munições e um reparo.

O coronel Navarro, o chefe do batalhão da engenharia, os dois chefes do batalhão de caçadores de Sevilha, e um outro do batalhão de caçadores de Barbastro e um grande numero de soldados ficaram prisioneiros.

As perdas do inimigo foram 112 mortos, e entre elles 3 officiaes superiores que fiz enterrar, e 36 feridos que ficaram tambem em nosso poder.

O numero de feridos levados para Estella é consideravel.

As nossas perdas consistem em 18 mortos e 37 feridos: a minha escolta teve 2 mortos e 8 feridos. O marquez de Valdespina recebeu uma bayonetada no braço esquerdo, e o tenente Lirio uma bala na coxa.

Senhor! o enthusiasmo foi immenso e ao grito de viva o rei! os voluntarios carregaram como soldados veteranos.

Deus guarde a preciosa vida de vossa magestade.

Quartel general de Baquedano, 6 de Maio —*Antonio Dorregaray*.»

Varias noticias.—Dos jornaes estrangeiros extrae o *Commercio do Porto* as seguintes noticias:

Os imperadores da Russia, Austria e Allemanha, devem reunir-se de novo em Vienna nos principios do mez que vem. Dá-se grande importancia a estas frequentes entrevistas, especialmente no que se refere á situação do Meio dia da Europa.

—Depois do desmaio que teve Pio IX no dia 12 do corrente, o Padre Santo tem melhorado notavelmente, e já no dia 15 poude andar um pouco, apoiando-se a um dos seus prelados.

—Oscar II e a rainha Sophia, coroados recentemente reis da Suecia, deverão sel-o em Junho proximo como soberanos da Noruega.

—Gambetta teve uma ovação em Nantes, onde pronunciou um discurso eminentemente republicano, porem, moderado.

—A rainha de Inglaterra foi para a Escossia. E' já official na côrte de Londres o enlace matrimonial da gran-duqueza Maria Alexandra da Russia com o principe Alfredo. Este residirá uma parte do anno em S. Petersburgo. O shah da Persia estará em Londres nos fins de Junho e a rainha celebrará em sua honra uma grande revista naval. O shah já chegou á Russia. Traz comsigo um brilhante sequito e tres de suas esposas. As despezas da sua viagem pela Europa calculam-se em uma somma fabulosa. Para o czar e para a rainha de Inglaterra leva como presentes magnificos rubins.

O Instituto—Recebemos o n.º 12, ultimo do volume XVI, deste jornal, que se publica nesta cidade. Contem os seguintes artigos:

As raças historicas da peninsula iberica e a sua influencia na jurisprudencia portugueza (4.º artigo)—por *Julio de Vilhena*.

Sophistas e reacção de Socrates—por *J. Frederico Laranjo*.

Noções de geometria descriptiva—por *José de Saldanha O. S.*

Phantasia (poesia)—por *Luiz Carlos*.

Sempre-noiva—Chronica eborense—por *A. Filippe Simões.*

A ermida do Calvario no Bussaco—por *A. M. Simões de Castro.*

Bibliographia—obras offerecidas ao *Instituto*—por *A. A. da Fonseca Pinto.*

Instituto de Coimbra—extracto das actas de diversas sessões.

Julgamento. — Tem proseguido em Lisboa o julgamento dos reus civis, accusados de tentativa de revolta. Depois de concluido o depoimento das testemunhas, procedeu-se hontem ao interrogatorio dos reus.

ANNUNCIOS

ATTENÇÃO

1 BOM VINHO para mesa a 320 rs. o quartão. Calçada, n.º 85 a 91.

SUBSTITUTO MILITAR

2 PRECISA-SE de um homem habilitado para assentar praça, em substituição de outro. Quem se achar nestas circumstancias, póde dirigir-se a esta redacção, que aqui se dirá quem é o pretendente.

3 QUEM pretender arrendar no Bussaco a casa dos Cedros, dirija-se ao sr. padre Mauricio.

4 CURSO DE PHILOSOPHIA ELEMENTAR para uso das escholas. 2.ª edição melhorada, por Joaquim Alves de Sousa, professor do lyceu nacional de Coimbra. Preço reis 1$200, broch.

A' venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

5 ARRENDA-SE uma boa casa com optimos commodos, na rua das Fangas, n.º 32. Trata-se na praça de S. Bartholomeu, n.º 18.

CASAS

6 ARRENDA-SE uma morada no bairro de Montarroio. Trata-se com Francisco Gonçalves de Lemos.

Rol continuo da roupa que se dá á lavadeira

7 UTIL E NECESSARIO a todas as donas de casa. Vende-se por 120 reis, em Lisboa na livraria do editor J. J. Bordalo, rua Augusta 24-26; no Porto em casa de viuva Moré, Novaes Junior, E Chardron. Em Setubal na capella central, e em S. Miguel, na de Mariano Machado (com o augmento de 25 0|0 differença de moeda.)

FIGUEIRA DA FOZ

8 INNOCENCIA CANDIDA ALVES e suas irmãs, vendem a sua casa ao cimo da rua do Paço, desta villa. Esta casa é muito conveniente para banhistas.

Attenção

9 EXTRAORDINARIO SORTIMENTO DE CHAPEUS para senhoras e creanças, recebidos directamente de Paris, e tudo quanto é preciso para o completo toillete de uma senhora, vende a modista de Lisboa, a qual mora ao cimo da rua do Norte, e do dia 8 de Junho em deante habitará na rua de S. Pedro, á esquina da rua das Parreiras.

A mesma se encarrega de concertos de chapeus, enfeites de cabeça, e de qualquer encommenda para Lisboa, de objectos que se não encontrem em sua casa.

Venda de bens

10 NO DIA 3 do proximo mez de Junho, pelas 9 horas da manhã, ás portas do tribunal desta cidade, no extincto convento de Santa Cruz, perante o exm.º sr. juiz de direito desta comarca, se hão de vender em hasta publica, com o abatimento da quinta parte do seu valor, os bens penhorados a Maria Leonarda, do logar de Antuzede, como tutora de seu filho menor impubere, José; por execução que lhe move o exm.º sr. Alberto Ferreira Pinto Basto, pelo cartorio do escrivão o sr. Severo Sabino dos Santos.

11 PRECISA-SE de uma mestra que saiba coser bem, cortar, bordar, ler e escrever, para uma menina de 12 annos: é para o Alemtejo, concelho de Niza. Se houver alguma senhora que se proponha, queira dirigir-se por carta a João Antonio d'Andrade Almeida Bastos. Correio de Niza—Arêz.

12 DESAPPARECEU no dia 23 da feira de Santa Clara, um bezerro castanho, de soga. Pede-se a quem o achar o remetta á hospedaria das quatro portas, defronte do quartel da Graça, que receberá alviçaras.

ATTENÇÃO

13 QUEM se achar habilitado e quizer substituir no serviço militar a um mancebo que se acha sorteado, póde dirigir-se ao sr. Jeronymo Joaquim dos Santos, na rua da Calçada, o qual dirá com quem se contrata.

14 A CAMARA MUNICIPAL do concelho d'Arganil, faz publico, que no dia 29 do corrente mez, pelas 10 horas da manhã, nos paços do concelho, hade ter logar a arrematação dos reaes do vinho, do futuro anno economico de 1873 a 1874. As condições estão patentes na secretaria da camara, para quem as quizer examinar.

Arganil, 17 de Maio de 1873.

O escrivão da camará,
Francisco Garcia de Carvalho.

DILIGENCIA

Entre Coimbra e S. Thiago de Cêa

15 VIUVA NATIVIDADE & FILHOS, fazem publico a todos os seus amigos e freguezes, que do dia 9 inclusivè de Junho, vão pôr diariamente a sua diligencia; sahindo de Coimbra ás 5 horas da tarde, e de S. Thiago ás 5 horas da tarde.

Tambem têem caleches e char-à-bancs, que alugam por preços commodos. Escriptorio em Coimbra, rua da Sophia, n.ºs 39—41.

Coimbra, 20 de Maio de 1873.
Viuva Natividade & Filhos.

DILIGENCIA

Entre Coimbra e Louzã

16 VIUVA NATIVIDADE & FILHOS, fazem publico a todos os seus amigos e freguezes, que do dia 9 inclusivè de Junho, que a sua diligencia começa a sahir de Coimbra ás 5 horas da manhã ás terças, quintas e sabbados; e da Louzã ás 5 1|2 da manhã, ás segundas, quartas e sextas. Os bilhetes na Louzã, vendem-se em casa do sr. Francisco Simões de Castro e Carvalho; em Coimbra em casa do annunciante, rua da Sophia, n.º 39—41.

Tambem têem caleches e char-à-bancs, que alugam por preços commodos.

Coimbra, 20 de Maio de 1873.
Viuva Natividade & Filhos.

APROVEITEM

José Tavares da Costa, rua da Calçada, proximo á Portagem.

17 RECEBEU directamente de França dos grandes proprietarios em Ludes:

G. Dieres de Monplaisir fils

Superior vinho Champagne
Fleur de Sillery
Cognac velho
Dito fino Champagne
Que vende por preços razoaveis.

EDUCAÇÃO

18 TRATADO PRATICO DA EDUCAÇÃO MATERNA. Este excellente livro acaba de ser editado pela livraria catholica, de Lisboa; e está á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra e Braga. Preço: em brochura, 320 e cartonado 400.

HOTEL CAMÕES E ROSSINI

Rua de Rossini, n.º 16, em Paris (proximo ao Boulevard dos Italianos.)

19 RECOMMENDAMOS esta nova casa onde se falla portuguez, não só por estar situada no bairro mais central de Paris, e offerecer aos viajantes todas as commodidades, mas tambem pelos seus preços rasoaveis, devido á honradez do seu proprietario o sr. José Domingues, nosso patricio e amigo, que conhecemos já da sua antiga casa na rua de Bonaparte.

Attenção

Farinha de trigo da acreditada Fabrica do Beato Antonio de Lisboa

AGENCIA, RUA DA REBOLEIRA, 27
PORTO

20 NESTA AGENCIA se encontra farinha de toda a qualidade, desde a mais fina até semea, e ensacada em muito boa sacaria.

Estas farinhas concorrem vantajosamente com a americana e hespanhola, tanto em preço como em qualidade.

Cumprem-se ordens das provincias.

ARREMATAÇÃO DA GRANDE QUINTA DE CEIÇA

21 NO DIA 8 de Junho proximo, pelas 11 horas da manhã, no tribunal judicial da comarca da Figueira da Foz, e perante o respectivo juiz de direito, se hade arrematar em hasta publica, por virtude de execução movida pelo governador da Companhia Geral de Credito Predial Portuguez, contra o dr. José Adolpho Trony e sua mulher, da cidade de Coimbra, no juizo de direito da 3.ª vara de Lisboa.—Uma quinta no sitio de Ceiça, freguezia do Paião, da referida comarca, composta do antigo mosteiro da extincta ordem de S. Bernardo, terras de semeadura, pomar, pinhal, mattos e tres moinhos. Confronta do nascente com Manoel Leal, e serventia publica; do sul com a antiga matta do Mosteiro; do poente com a estrada que vae para o Louriçal; e do norte com a charneca. Foi avaliada em cinco contos de reis; e não havendo quem cubra este preço, será posta novamente e em acto seguido em praça, no valor de quatro quintas partes, e será vendida a quem mais der sobre este valor.

22 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière**, aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE
DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchaqueca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alcuto, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza do sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kilo 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2696 — TERÇA FEIRA 27 DE MAIO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Uma empreza, que se nos antolha da mais alta importancia para o commercio e para a industria deste paiz, parece estar ahi em boa via de realisação.

Alguns cavalheiros, filhos de Portugal e residentes no imperio do Brasil, tiveram a excellente ideia de fundar na cidade do Rio de Janeiro uma exposição permanente de productos portuguezes, com o fim de os tornar conhecidos, e de promover a sua venda nos mercados da America.

Consta que os iniciadores, a cujos esforços se deve tão generoso e civilisador intento, são os srs. Marcelino Ribeiro Barbosa, Pessanha Povoa e Antonio José Rodrigues Braga, que ha dias chegaram a Lisboa para tractar de alguns assumptos relativos a este objecto.

Semelhante pensamento merece as geraes sympathias, e a coadjuvação de todas as pessoas dedicadas ao engrandecimento e ao bom nome deste paiz.

Os fundadores, expondo ao nosso governo os intuitos que os chamam para este util emprehendimento, obtiveram já a isenção dos direitos de alfandega para os productos destinados á exposição, e um subsidio equivalente ás despezas de transporte.

Não são menos importantes as concessões feitas pelo gabinete brasileiro; pois que alem da isempção dos direitos de alfandega, prestou generosamente á empreza um sumptuoso edificio onde ella deve estabelecer-se no Rio de Janeiro.

Este auxilio, prestado pelo governo imperial a uma empreza organisada para tornar conhecidos os productos das industrias portuguezas, é um procedimento assaz generoso, digno do nosso reconhecimento e das boas tradições daquella briosa nação.

Folgamos de ver que os poderes publicos, não são indifferentes a um objecto que debaixo de todos os pontos de vista, consideramos de maxima utilidade para o nosso paiz, o qual carece de mostrar ás nações da Europa e ao mundo civilisado os elementos de prosperidade que possue.

A industria agricola hade ser em Portugal a mais abundante fonte de riqueza publica, quando os governos se resolverem a dispensar-lhe a necessaria protecção para se desenvolver e aperfeiçoar.

Por differentes occasiões temos feito ver neste jornal as necessidades da nossa agricultura, as difficuldades com que ella lucta, e o dever que corre ao governo de auxiliar o seu desenvolvimento, propondo os meios indispensaveis a conseguir o seu progresso.

As alfandegas são a balança do commercio; a conveniente modificação dos direitos de exportação para auxiliar a sahida dos productos nacionaes, e a elevação nos generos de importação que o nosso paiz póde produzir, são o meio efficaz que o governo tem de promover as industrias e de abrir ao paiz as fontes mais abundantes de riqueza nacional.

Com este auxilio, e tornando conhecidos nos mercados extrangeiros os nossos productos, cremos que as industrias deste paiz, e principalmente a industria agricola, podiam attingir o maior desenvolvimento.

A vinicultura, que podia ser uma extraordinaria riqueza do paiz, está ahi estacionaria ha muitos annos, porque os nossos vinhos não são ainda verdadeiramente conhecidos nos mercados mais importantes.

E' condemnavel o marasmo em que vivemos.

Não devemos confiar somente á iniciativa particular tão grande somma de interesses; julgamos indispensavel que os governos tomem sob o seu encargo essa iniciativa, não só por ser um dever da auctoridade publica, promover os interesses communs; mas porque os povos carecem de meios e de estimulos para o conseguir.

Auxiliar o desenvolvimento industrial e o progresso agricola, pela forma que succintamente deixamos apontada, é promover a prosperidade, o engrandecimento e a riqueza publica. Tratemos deste objecto, que é inquestionavelmente um dos de maior importancia para a nação.

Recebeu-se de França uma noticia da maior gravidade.

O presidente da republica franceza, Mr. Thiers, em seguida a uma votação contraria da assemblea, pediu a demissão que lhe foi aceite.

A assemblea nomeou para o substituir o marechal Mac-Mahon. Este aceitou, e já nomeou novo ministerio.

JOSE' SILVESTRE RIBEIRO

Recebemos hontem pelo correio o III volume da *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal nos successivos reinados da monarchia*, pelo sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro; e com que nos brindou o nosso prezado amigo.

As poucas horas que desde hontem podemos dispor, empregamol-as em passar uma rapida revista aos variadissimos assumptos de que trata este precioso livro.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXIII

D. CARLOS

XIII

O governo de Hespanha decidiu-se finalmente a ordenar a Rodil, que penetrasse em Portugal para capturar D. Carlos. Rodil obedeceu; poz em movimento o seu exercito, e a campanha foi um passeio triumphal.

Proximo esteve D. Carlos a ser seu prisioneiro, especialmente se ao apresentar-se o brigadeiro Sanjuanena á vista de Almeida, tivesse sido mais arrojado, ou tivesse cercado melhor a praça. Deixou, porem, tão boa parte descoberta, que poude sair por ella D. Carlos e sua comitiva, depois de se haverem disparado da fortaleza alguns tiros de peça pela tropa, enthusiasmada com a presença do sitiado principe, que se apresentou de grande uniforme. Então se retirou Sanjuanena e fugiu o carlista. Quando o liberal conheceu a sua impericia e a sua falta, de balde tratou de a remediar.

D. Carlos marchou para a Guarda, donde dirigiu a seguinte proclamação:

«Soldados hespanhoes.—Escutae a voz da razão e da natureza. O vosso legitimo soberano vos chama para que abandonando esses perfidos, que vos aconselham e conduzem contra compatriotas e irmãos, deis um dia de gloria á vossa patria.

«Perto de vós me tendes, e o premio de tão nobre proceder será a baixa de todo o tempo que vos restar de serviço, concluidas as operações militares, e vos concederei com a licença absoluta, o soldo que recebeis nas classes respectivas de soldado, cabo e sargento, promettendo ao que quizer continuar na carreira, emprego immediato, ou novas graças.

«Tenha fim já o derramamento de sangue innocente, e procuremos só a paz e felicidade geral, que tanto anhela o meu coração.—Palacio da Guarda, 11 de Abril de 1834—*O vosso rei, Carlos Maria Isidro de Bourbon.*»

Á aproximação de Rodil teve D. Carlos de fugir da Guarda, saindo com a sua comitiva na maior desordem; e nesse mesmo estado, e completamente dispersos chegaram a Santarem. Fugitivos seguiram para Evora, e ahi se reuniram todos, assim como D. Miguel, com as suas tropas.

Aceitou D. Miguel a convenção de Evora Monte de 26 de Maio, (fez hontem 39 annos), e publicou a 27 a proclamação aos seus soldados, em que dava por terminada a guerra.

Estas negociações, ou antes as que se referiram a D. Carlos, desgostaram profundamente a Rodil quando as soube; pois era sua vontade apoderar-se do infante hespanhol. Por isso no mesmo dia 27 officiou Rodil ao ministro da guerra, Agostinho José Freire, para que não permittisse que embarcassem D. Carlos, a sua familia, e os revolucionarios que o seguiam. De nada valeram essas reclamações, e á influencia ingleza se deve o sair de Portugal D. Carlos, o que depois tão prejudicial veiu a ser para a causa liberal em Hespanha.

Disso se queixa nas suas *Memorias* o marquez de Miraflores, embaixador que então era da Hespanha em Londres: —«O perigo imminente de cair nas mãos das tropas hespanholas, commandadas pelo general Rodil.... obrigou D. Carlos a buscar um asylo no *Donegal*, navio de guerra inglez, no qual se apressou a embarcal-o a legação britannica de Lisboa, que evitou com a sua famosa interposição, não só que cahisse nas mãos do general Rodil, senão que o deixou embarcar sem contrair nenhuma especie de empenho, nem estipulação com o governo hespanhol, á maneira que o havia contraido D. Miguel pela convenção de Evora Monte. Ao precipitar-se os acontecimentos com tão incrivel rapidez, foi grande desgraça do governo da rainha, não ter naquelles momentos criticos nenhum agente diplomatico em Lisboa.»

Miraflores quiz conseguir na Inglaterra o que se abandonara em Portugal.

Em 9 de Junho de 1834 dirigiu uma nota a Palmerston para aclarar a questão sobre a sorte futura dos pretendentes ás corôas de Hespanha e Portugal, solicitando, sobre tudo, a cooperação positiva e directa dos signatarios do tratado da quadrupla alliança de 22 de Abril, para combinar na sorte de D. Carlos, e obter garantias sufficientes para afastar do seu partido na peninsula illusões mais ou menos fundadas. Esta nota, porem, não teve resposta.

Dois dias depois, a 11 de Junho, avistou o navio *Donegal* as costas de Inglaterra. Palmerston o communicou então a Miraflores, perguntando-lhe quaes eram os desejos do governo hespanhol, acrescentando alem disso, que a Inglaterra não podia evitar que se deixasse em liberdade a D. Carlos, em qualquer ponto da ilha que escolhesse para residencia.

Miraflores, sem instrucções de Madrid, concebeu um projecto, e correu a executal-o debaixo da sua responsabilidade.

Pediu ao ministerio inglez uma pessoa de caracter que o acompanhasse a Porstmouth e o ajudasse, e foi nomeado o subsecretario dos negocios estrangeiros, Mr. Bakausse, dando-lhe amplas instrucções, e manifestando Palmerston a um e outro os seus bons desejos em favor da rainha de Hespanha.

O projecto do marquez era convencionar com D. Carlos:

1.º Assignar-lhe sobre o thesouro publico 30:000 libras esterlinas annuaes.

2.º Obrigar-se D. Carlos, da mesma forma que D. Miguel, e debaixo de sua palavra do

Em seguida procederemos á detida leitura delle, como merece uma tal publicação.

Neste tomo occupa-se o illustre escriptor com a noticia dos estabelecimentos e institutos, relativa ao periodo decorrido desde 1792 até 1826; e ainda assim, apezar das dimensões de um volume de 476 paginas, em grande formato, não poude dar conta de tudo quanto occorreu naquella epocha. Ainda faltam as noticias acerca da Universidade de Coimbra, seminarios, sociedades, etc.

Só depois de haver tocado estes interessantes pontos no tomo IV, é que o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro poderá alli mesmo encetar a historia dos periodos immediatamente posteriores ao fallecimento de D. João VI; isto é, da regencia de D. Isabel Maria; do governo de D. Miguel; da regencia em nome da rainha D. Maria II, com a sua séde na ilha Tereceira; da regencia do duque de Bragança; do reinado de D. Maria II; da regencia de D. Fernando; e do reinado de D. Pedro V.

Que poderemos nós dizer em louvor desta obra, e que esteja á altura do seu merecimento? Só nos limitaremos a dizer, que com a sua publicação presta o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro um relevantissimo serviço á nação portugueza, fazendo ver a nacionaes e estrangeiros o que temos feito em beneficio das letras e das artes; e ao mesmo tempo levanta para si o nosso estimavel amigo um monumento, que perpetuará ás gerações futuras o seu honrado nome.

Se houvesse muitos escriptores que assim tivessem procedido, não teria sido Portugal tão mal avaliado entre as nações estrangeiras.

Ao menos venha a reparação, que ainda é tempo.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

CORRESPONDENCIA DE LISBOA

Lisboa, 25 de Maio de 1873.

Na actualidade, Lisboa, não dá para uma correspondencia politica, que geito tenha. Eu não sei se o calor asphixiou esta donzella galharda e audaciosa, por cuja causa os homens praticam incongruencias e atrevimentos, como... sempre, desde o diluvio até hoje; porque, desde o diluvio que ha politica... saibam.

O que é certo, porém, é que os jornaes da opposição, e mesmo os não da opposição, se vêem forçados a uma dieta lastimosa! *Bene!* E' indicio certo de que as cousas caminham perfeitamente, e que no governo não ha Achilles de calcanhar vulneravel, em cujo os adversarios os possam ferir com a seta do despeito, e, não só do despeito... ás vezes da calumnia. E' um grande progresso este, que apesar do calor, não ha para elle calmarias, e navega... e segue a sua derrota... — o progresso! — sem attenção a calumnias, sem recuar a despeitos, sem fazer-se pallido em frente de Hercules, sem voltar a cabeça aos Cincinatos, que abandonaram, já não digo a rabiça ao arado, mas as pharmacias onde prestaram bons serviços, para virem em cuecas e piugas... salvar a patria!

E' um grande progresso este. O povo, apesar do calor, diverte-se. O meu amigo pasmava de jubilo — note bem, de jubilo! — deixaria deslisar duas lagrimas de prazer, e sentir-se-hia satisfeito por dentro, lá bem dentro, no intimo, se estivesse em Lisboa na quinta feira passada, dia da Ascensão. Era o dia destinado para invadir as searas, e colher a espiga de trigo, que o vulgo dependura no *prego*, para que lhe não falte o pão durante o anno. A crença, a tradição — porque Lisboa tem destas crenças e destas tradições, para não dizer abusões e crendices... o que soaria mal á orelha delicada do meu amigo lisboeta — a tradição e a crença, infiltrada, virus venenoso, no espirito d'este bom povo... Mas isto não causa prejuizo a pessoa alguma, meu amigo...! Em todas as partes do mundo ha destas abusões e destas crendices... e os governos, que não tratam, nem ao menos, indirectamente, de as cohibir, podiam de frente dar-lhe remedio....

Não me alcunhe de paradoxal... que o não sou. Positivismo e realidade! Sempre. Não preciso indicar-lhe a origem d'onde procedem estas *trivialidades-nadas*... na apparencia, mas que redundam em deslustre de uma cidade que se diz civilisada. O meu amigo sabe-a, conhece-a, tem-lhe sondado o fundo, as causas, tem-lhe ministrado todo o remedio possivel — o que é mais! — ha vinte e tantos annos. E' a falta de instrucção, para lhe dizer tudo — nas camadas inferiores da sociedade, que compõem a maioria d'ella, e que, por isso mesmo, deveriam ser as mais instruidas. Eu não quero, como Mirabeau, que o rico derrame a luz, para que a moral do pobre seja a defeza dos seus gostos, visto que sem luzes não ha moral. Contribuamos todos, homens publicos e homens particulares, para curar estas febres da alma, que, na phrase de Chateaubriand, assemelham-se ás do corpo, instituindo escolas, onde o operario vá haurir o pão do espirito, que tão necessario lhe é.

E tudo isto a proposito das espigas. E o povo foi... contente e alegre,... *piano, piano*... até fóra de portas, em descampadas devezas, recolher as espigas de trigo, que, viçosas, ondeavam á aragem tepida de uma tarde calmosa de Maio. Os civis, e os cabos de segurança, *policemen* caricatos, que nos garantem a segurança... dormindo, estacionavam em determinados locaes, fixando o olho de soslaio nos saloios que com mais afinco olhavam pelas fazendas de seus patrões...

E o povo divertiu-se, e as partes de policia, sempre correctas e correntes, não mencionaram um desaguisado, não indicaram o deslocamento de um trem... dos tantos que concorreram fóra de portas... E' um grande progresso este.

Depois, como garantia de progresso e de illustração, vem a demissão pedida pelo sr. Marianno Ghira. Eu não sei se os factos são como se indicam. Deveria dizer que sim, em vista do *veredictum* do jury, instituição na qual nunca acreditei... sem offensa aos jurys passados, presentes, e, que porventura, possa haver. Seja-me, pois, licito, duvidar.

Depois o Larmanjat, progresso real e não ficticio... os caminhos americanos, meio progresso, é certo, mas que influe, e muito, na móla real do grande motor, que nos ha de conduzir um dia... eu sei lá.

Depois... e isto é o verdadeiro progresso — o missionario Huggs, querendo invadir as attribuições do parocho da Caparica. A *Nação* ignora este facto. Pede explicações pelo telegrapho ao seu correspondente, e o seu correspondente diz-lhe de lá, secco e feito em torresmos, suando santidade: «*Ignoro.*» Mas a questão — para mais gloria do Senhor — ha de vir, lucida e desassombrada, á tela da imprensa, e ha de provar-se em como o missionario Huggs é um espirito recto e esclarecido, *encontrando na sua pobreza com que soccorrer o pobre com o pão de cada dia, na sua alma, conselho com que consolar o afflicto, admoestação paternal com que advertir ao que erra, e trazel-o* AO BOM CAMINHO.

Se me descuido, enterneço-me com estas considerações da *Nação*. Deixe-me pedir-lhe, amigo, que tome nota daquellas tres palavras que fecham o periodo chocho, e que eu marquei para versaletes.

Depois... o processo com relação á premeditada revolta militar. O poder judicial anda pessimamente, mandando encarcerar aquelles individuos, todos... innocentes das culpas que lhes assacam. Tem sido contradictorio, e irrisorio por vezes, o depoimento das testemunhas. Quem mais tem fallado verdade são os sargentos... pobres rapazes que almejavam a banda. Não devem ser censurados... é uma aspiração, e aspirações todos nós as devemos ter, a não sermos nescios, muito embora se desthrone o rei, e se conspire... contra a patria. Os demais tem fallado verdade... a mentir. Estão innocentes os homens. Dê-se-lhes baixa na culpa, e permitta-se-lhes... que conspirem á luz do dia! Agora, cumpre mandar os reus militares passear, como mandaram os civis.

Deram-se hontem vivas á republica na travessa do caes do Tojo. Não se menciona o nome do missionario, que apostola doutrinas... em desuso, cá neste cantinho do occidente. Não era a convicção do homem a que manifestou n'estas noites escuras, em que o gaz pouco brilha. Nem mesmo se sabe a opinião do sujeito, que, talvez, acto continuo, désse vivas á monarchia absoluta e á constitucional. Foi mal feito recolhel-o na guarda dos Paulistas. Não se deve tolher a liberdade do individuo, quando vivemos á sombra do systema constitucional. Deixem dar vivas.

Nada mais lhe digo, que nada mais ha que mencionar. Vou ler a *Revolução*, que discute com o *Paiz*.

Até á seguinte.

P. J. CONCEIÇÃO.

---

honra — «a não voltar a nenhum ponto ou paragem de Hespanha e Portugal, nem a contribuir de nenhum modo directo, a perturbar a tranquillidade destes reinos.

3.° Ameaçal-o com a perda das 30:000 libras, se obrasse em contrario do estipulado, fazendo-o responsavel das consequencias da sua infracção.

O 4.° e 5.° referiam-se ás pessoas que o acompanhavam.

A este convenio acrescentava o marquez uma carta com algumas considerações para o fazer aceitar a D. Carlos.

«Com Bakausse saiu o marquez de Londres para Porstmouth no dia 12, sendo saudado á sua chegada pela artilheria da praça, como representante da rainha de Hespanha, e se lhe deu guarda de honra á porta.

Todo este apparato, comtudo, foi inutil para vencer a D. Carlos, que apesar de se prestar a recebel-o como particular, se negou resolutamente a fazel-o como representante da rainha.

Nas entrevistas que houve disse D. Carlos — «que os seus direitos á corôa de Hespanha eram inherentes á sua pessoa, e que não podia renuncial-os sem faltar ás suas obrigações para com os seus povos e aos seus deveres para com Deus, de quem os havia recebido; que por outra parte, nem como pae, nem como rei, podia attentar contra os direitos de seus filhos, nem contra os dos mais principes interessados em que elle os conservasse; por ultimo, que em nada faltaria ao que devia ao seu nascimento e ao seu paiz, e que jámais abandonaria, quaesquer que fossem os seu interesses pessoaes, a causa de seus fieis vassallos.»

O pensamento de D. Carlos não se apartava de Hespanha; e os seus partidarios instavam para que fosse por-se á frente delles, porque a sua vista animaria os fortes, alentaria os debeis, e enthusiasmaria a todos.

Com effeito tomou D. Carlos a resolução de se evadir de Inglaterra, o que conseguiu, illudindo a mais activa vigilancia.

O barão de los Valles (Mr. de Saint Silvain) procurou dois passaportes, um para um negociante, e outro para um proprietario, debaixo dos nomes de Affonso Saez e de Thomaz Saubot.

A familia de D. Carlos foi habitar os suburbios de Londres, e abandonando, por tanto, Porsfmouth em 22 de Junho, fixaram a residencia em Glocester-Lodge, onde tempo antes tinha habitado o celebre ministro inglez Mr. Canning.

O barão Mr. Auguet entregou as instrucções e o itinerario que D. Carlos e os que o seguissem haviam de observar, explicando nelles a ordem da sua saida, reduzida ao seguinte:

Combinava-se na marcha de D. Carlos para o dia 1.° de Julho, acompanhando-o o seu primeiro aggregado na embaixada da Sardenha, Aznares. Ás 6 da tarde, hora ordinaria do seu passeio, se dirigiria á primeira praça, situada a uma milha da sua residencia; tomaria alli uma carruagem, e se trasladaria a Welvock-Street, Convendish-Square.

Em uma casa desta rua estava Mr. Auguet: alli devia D. Carlos cortar o bigode e tingir o cabello. Ao cair da noute se diria em Glocester-Lodge que D. Carlos tinha voltado do passeio com uma violenta enchaqueca, que o havia obrigado a metter-se na cama. O seu medico, que jámais tinha querido abandonal-o, devia estar no segredo, assim como o seu criado de quarto, cuja discrição era á toda a prova.

O medico faria uma visita ao supposto enfermo, e escreveria uma receita, que se enviaria á botica, para que os criados não duvidassem da indisposição do infante. A esposa de D. Carlos, D. Maria Francisca de Assis, a princeza da Beira e o bispo de Leão, deviam passar cada dia algumas horas ao lado da cama do enfermo.

A habitação de D. Carlos seria inaccessivel para qualquer outra pessoa, ainda para os infantes filhos, aos quaes se diria que seu pae não podia recebel-os por causa da violencia da dor de cabeça.

No caso que chegasse a ser conhecida a saida de Londres de D. Carlos, marchariam dois gentis homens pela posta a Lub-Worth, e por todas as partes e pelos periodicos, se principiaria a publicar, que havia saido D. Carlos a visitar aquella antiga residencia de Carlos V, com o fim de a habitar depois com a sua familia.

No dia 1.° de Julho, quando deram ás 6 horas da tarde, achava-se já o barão Mr. Auguet em Welvock-Street, a cuja paragem devia chegar D. Carlos depois. Eram dadas as 7 e este não chegava ainda, augmentando esta tardança a inquietação do barão, que não sabia que pensar, ainda que considerava quanto seria dolorosa a separação de D. Carlos de toda a sua familia, e mais quando a sua volta era duvidosa. Com effeito a despedida de sua esposa D. Maria Francisca de Assis foi para sempre.

Assim que chegou D. Carlos á paragem convencionada, acompanhado de Aznares, tratou de se disfarçar. Depois de se despedir do bispo de Leão e dos mais amigos que o acompanhavam, subiu D. Carlos ao coche, e partiu ás 12 da noute, com Mr. Auguet.

Chegaram a Brigthon, e uma hora depois tinham-se embarcado, e caminhava o navio em direcção a Dieppe, que distava só a curta distancia de 12 leguas, que passou D. Carlos muito incommodado em razão da maresia.

Ao raiar do dia seguinte avistou o fugitivo as costas da França. Ás 8 horas desembarcou em Dieppe com Mr. Auguet. Depois de pequena demora partiram para Paris, apeando-se na hospedaria Mauricio. No dia immediato deixaram esta, e estabeleceram o seu alojamento em casa do conde João de Lacroix, na rua de Bourbon.

Mr. Auguet cuidou de referendar os passaportes, o que se effectuou sem demora. Porem o que o tinha inquieto e a D. Carlos era uma carta que esperavam de Londres, e que se atrazou algumas horas. Chegou, finalmente, e nella se dizia a D. Carlos, que todos os planos marchavam perfeitamente, e que — «continua a enfermidade d'el-rei, apesar dos cuidados que se lhe prodigalisam, e se espera com paciencia noticia dos viajantes.»

Pelas 8 horas da noute sairam de Paris em uma sege de posta; e cousa singular, encontraram na direcção de Neuilly outra carruagem em que ia Luiz Filippe com sua familia. D. Carlos comprimentou Luiz Filippe, ao que este correspondeu; e em seguida disse D. Carlos em voz baixa para Mr. Auguet: — «Meu primo de Orleans está muito longe de suspeitar que atravesso os seus estados sem sua permissão, para ir rasgar com a ponta da espada o seu tratado da quadrupla alliança.»

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

COMMUNICADO

O MEDICO DO PARTIDO DE PENACOVA E O CIRURGIÃO AJUDANTE DO REGIMENTO DE INFANTERIA 14, JOSÉ VICTORINO DE SOUSA ALBUQUERQUE, PERANTE A OPINIÃO PUBLICA.

Pouco propenso a sustentar polemicas com pessoa alguma, quer em publico, quer em particular, vejo-me hoje obrigado a recorrer á imprensa, para levantar de sobre o meu nome a nodoa com que pretendeu manchal-o o sr. José Victorino de Sousa Albuquerque, cirurgião ajudante do regimento de infanteria 14, tachando-me, em um documento official, de *leviano, ou pouco escrupuloso*, com respeito a um attestado que passei.

Eis o caso:

No dia 23 de Março indo eu, na qualidade de medico de partido deste concelho, ao logar da Carvoeira, visitar um doente, ahi fui convidado para ver Constantino Couceiro, que tendo sido chamado como praça da rèserva, se achava impossibilitado de marchar, por motivo de doença.

Observei-o, e vi que estava soffrendo uma *bronchite aguda intensa*, molestia que então reinava epidemicamente n'aquelle povo e nos visinhos, podendo bem considerar-se como uma grippe (bronchite epidemica.)

Prescrevi-lhe os medicamentos, que entendi estavam indicados, e a pedido da familia e sem remuneração alguma, pois que são pobres, attestei dos seus padecimentos, em harmonia com o diagnostico que fiz, e com os dictames da minha consciencia.

Não mais soube do doente, pois que adoeci, e só passados treze dias me constou, que alli viera inspeccional-o por ordem de s.ex.ª o sr. commandante da divisão, o referido cirurgião ajudante de infanteria n.° 14, a que pertencia o militar em questão.

Não me surprehendeu este facto; menos me surprehendeu ainda o ouvir dizer, que elle o mandara para o hospital com febres intermittentes terçans, pois que a existencia da bronchite, de que eu o havia tratado, não excluia a possibilidade de — treze dias depois, estar com febres intermittentes.

O que, porem, me encheu de assombro e indignação, e hade egualmente impressionar o publico, foi o procedimento d'aquelle sr. cirurgião ajudante.

Chegado a Vizeu enviou a sua ex.ª o sr. commandante do regimento um officio (celeberrimo documento, cheio das mais palpaveis contradicções), em que diz, que, vindo á Carvoeira inspeccionar a praça Constantino Couceiro, — nem em casa o encontrou, e que só depois de muito esperar é que se lhe apresentara dizendo, (note-se bem), que tinha ha muito tempo febres intermittentes terçans.

O meu doente estava em convalescença da bronchite que havia soffrido; levantava-se da cama para o quarto havia cinco ou seis dias; sahia de casa pela primeira vez naquelle dia, e, se quizer, não tenho duvida em lhe conceder que, dois ou tres dias antes d'aquelle em que o inspeccionou, elle poderia já sair de casa.

Vem aquelle impagavel facultativo, e escreve com grande assombro no seu celebre officio — que nem em casa o havia encontrado! Como querendo com isto submergir-me nos abysmos!

Para aquelle sr., pelo que vejo, a duração da bronchite é perpetua!

Note-se que isto se passava treze dias depois d'aquelle em que eu o tinha observado, tendo já então a sua doença oito dias de duração; porem o nosso incomparavel cirurgião achou todo este tempo pouco, para que o homem tivesse soffrido a molestia de que lhe attestei; e, não obstante encontral-o ainda com — palidez pronunciada — decidiu *ex cathedra*, que tal molestia não tinha existido, e que, portanto, o signatario do attestado tinha sido — leviano, ou pouco escrupuloso!

Achou-o porem doente, e tanto que lhe deu baixa para o hospital, encarregando um cabo de policia de lhe arranjar um barco, ou requisitar uma cavalgadura, para até ao dia seguinte conduzir o militar a Coimbra.

A sua doença já não era a bronchite, mas sim umas febres intermittentes terçans, como aquelle sr. diz no seu officio.

Este *prespicaz facultativo*, para sua maior gloria, hade ter o prazer de ainda ver publicados documentos officiaes, pelos quaes se prova, que as febres intermittentes nunca existiram no militar em questão, nem quando sua senhoria o inspeccionou, nem quando no dia immediato entrou no hospital, onde foi considerado — sem molestia!

Por outro lado hade ver plenamente provado, que existia a *catarrhal com febre*, como aquella gente chama á *bronchite aguda* de que attestei.

Felizmente, para que bem possa esclarecer-se a verdade, versa a questão sobre duas molestias, ambas conhecidas por aquelles que as observam, mesmo que sejam leigos na sciencia.

Constando do meu attestado, que o padecimento tinha a sua séde no apparelho respiratorio, aquelle senhor cirurgião nem ausculta, nem faz a *detida observação* de que falla no seu officio, como presenciaram todas as pessoas que o viram junto do doente.

Este diz-lhe que, tendo sentido sempre grande incommodo desde o principio da sua doença, para a tarde se sentia mais incommodado.

Por esta simples declaração, e porque de certo ignora que na bronchite ha estas exacerbações para a tarde, mostrando-se então o movimento febril com maior violencia, decide aquelle senhor — que ha febres intermittentes terçans!

Pretende destruir o meu diagnostico com o diagnostico feito pelo doente!

Não inquire mais cousa alguma ácerca dos seus incommodos, e ignora que a gente d'aquella classe, quando os interrogamos, quasi sempre nos classificam os seus incommodos de *crescimentos*. Isto se não fosse ridiculo e digno de lastima, causava riso!

Este senhor cirurgião faz lembrar um curandeiro, de quem se conta, que ao chegar ao pé do doente, *pedia lhe dissesse com franqueza se tinha febre, porque quem enganava o medico era como se enganasse o confessor!*

E é um homem destes, que vem n'um documento official tractar dois facultativos de *levianos, ou pouco escrupulosos!!!*

Repillo com toda a energia esta insinuação, e emprazo o senhor cirurgião ajudante, para que venha, perante o publico, provar as asserções a que n'aquelle documento avança, e, não o fazendo, tel-o-hei como um *calumniador aleivoso*, e, como tal, indigno de exercer as funcções de seu cargo.

Aqui ha um medico de mais. Ou eu sou o que aquelle senhor diz no seu officio, e, neste caso deve cair sobre mim o rigor das leis, ou não é assim, e então o senhor cirurgião é um *infame calumniador*, e como tal deve ser severamente punido.

O nome e reputação de um cidadão não pódem estar á mercê de qualquer pedante, que sem o menor escrupulo, assim ousa assacar-lhe uma infamia!

Inspeccionou duas praças, e infamou dois medicos; se mais inspeccionasse, mais *levianos e pouco escrupulosos* encontraria! e nem admira, porque desde que aquelle senhor appareceu como facultativo á superficie da terra, todo o senso e escrupulo se encarnaram na sua pessoa!

Isto não póde nem deve tolerar-se.

Collegas! é necessario levantar um brado de indignação, e um protesto solemne contra o modo por que este senhor cirurgião militar e outros que taes (salvas honrosas excepções), pretendem sempre desconceituar os seus collegas civis em qualquer acto publico, como inspecções para recrutamento, este caso e outros semelhantes, etc. Uma banda e um bonnet agaloado não lhes dão mais auctoridade do que nos temos, nem direito para impunemente nos calumniarem!

Hoje ficarei por aqui; mas prometto voltar á questão, logo que possa obter alguns documentos, de que preciso, para em face de tudo o publico avaliar, quem foi o *leviano, ou pouco escrupuloso; se*, quem diagnostica uma bronchite aguda, evidenciada pelos symptomas mais caracteristicos desta molestia; se, quem nega a sua existencia, porque vinte dias depois do seu principio — não encontra mais que uma palidez pronunciada!!

Pela inserção destas linhas no seu muito lido e acreditado jornal, lhe ficará muito agradecido, sr. redactor, quem é

De V. antigo assignante, am.° affec.° obgd.°

Penacova, 23 de Maio de 1873.

David da Silva e Cunha.

NOTICIARIO

O que era a cirurgia em Portugal no seculo passado — O sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, dando noticia do *Curso de cirurgia em escolas regulares na cidade de Lisboa*, o qual foi creado pelo alvará de 25 de Junho de 1825, apresenta o seguinte curioso documento, para se ver como ainda no seculo XVIII aprendiam e eram approvados os cirurgiões.

«Miguel da Costa Figueiredo, sorgião Aporvado, e morador em a Villa e Conselho de Alva, Bispado de Vizeo. Sertifico em como o filho de Jasinta de Mattos, morador em a Villa de Castro Daire, Bispado de Lamego, em como o supplicante assistiu comiguo tempo de coatro annos exercitando a dita Arte de Sorgia, curando e vendo curar em todos os casos que neste tempo se me ofereserão e pelo achar avel e capaz e esta me ser pedida, lhe pasei esta que asignei em alva aos nove de Julho de 1761, o que tudo juro aos santos evangelhos, e em fee de verdade. — Miguel da Costa de Figueiredo.»

A casa dos Vinte e Quatro — Historiando o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro a *Real irmandade de Nossa Senhora da Victoria da corporação dos armadores*, diz acerca da Casa dos Vinte e Quatro o seguinte:

«A Casa dos Vinte e Quatro era uma junta de vinte e quatro homens, dois de cada officio, destinada para o bom governo da cidade.

Data a sua creação do reinado de D. João I.

Nenhum individuo podia formar parte desta junta sem ter a edade de quarenta annos.

Ninguem entrava nos officios della, sem obter duas partes dos votos.

No alvará de 7 de Outubro de 1664 foi determinado o modo por que havia de fazer-se a eleição do juiz do povo.

O alvará de 3 de Dezembro de 1771 estabeleceu o regulamento das officinas da Casa dos Vinte e Quatro, e a classificação dos diversos gremios embandeirados dos officios; e determinou quaes os que annualmente deviam dar homens para a mesma casa.

A Casa dos Vinte e Quatro da cidade do Porto tinha sido extincta em 1661 como culpada no motim que na mesma cidade occorrera.

Em 1822 decretaram as cortes, que os procuradores dos mesteres, e mais membros da Casa dos Vinte e Quatro em Lisboa e em outras terras do reino, continuassem a ser providos na forma das leis e estilo, subsistindo as suas attribuições em tudo o que não fosse contrario ao systema constitucional. (Carta de lei de 31 de Outubro de 1822.)

Em 1834 foi extincta a Casa dos Vinte e Quatro, juntamente com os logares de juiz e procuradores do povo, mesteres e gremios dos differentes officios; ficando encarregadas as camaras municipaes de dar as providencias que a tal respeito julgassem mais acertadas, e consultar ácerca das que excedessem suas attribuições.

O decreto de 7 de Maio de 1834 dava esta razão:

«Não se coadunando com os principios da carta constitucional da monarchia, base em que devem assentar todas as disposições legislativas, a instituição de juiz e procuradores do povo, mesteres, Casa dos Vinte e Quatro, e classificação dos differentes gremios: outros tantos estorvos á industria nacional, que para medrar muito carece da liberdade, que a desenvolva, e da protecção que a defenda: Hei por bem... decretar o seguinte:

«Ficam extinctos os logares de juiz, e procuradores do povo, mesteres, Casa dos Vinte e Quatro, e os gremios dos differentes officios.»

Mez de Maria. — No domingo, 1 de Junho proximo, hade ter logar na capella da Santa Casa da Misericordia desta cidade, o encerramento da devoção do Mez de Maria.

Haverá missa cantada por musica, Senhor exposto, sermão, e primeira communhão de alguns alumnos do collegio.

Tres Mundos — Para que este mimoso e bem escripto livro do sr. D. Antonio da Costa, chegue a toda a parte ás mãos dos que ainda amam a nossa boa literatura, remettem-se pelo correio todos os exemplares que se pedirem, enviando 660 reis em estampilhas, ao sr. A. M. Seabra d'Albuquerque — Coimbra.

Julgamento — No sabbado terminou em Lisboa o julgamento dos reus civis, accusados de tentativa de revolta. Foram absolvidos.

Estabelecimento de modas — Continua aberto á Portagem, por mais alguns dias, o estabelecimento de modas do sr. José da Silva Machado, gerente da firma Nuno Machado & C.ª A muita fazenda e chapeus para a presente estação, que hontem lhe chegou, dá logar a esta demora; recommendamos o respectivo annuncio.

Cemiterio da Conchada — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Maria Henriqueta, filha de Estevão dos Santos e de Maria do Carmo, de S. Francisco, de 44 annos, fallecida no dia 17 de Maio.

Anna do Canto, de 60 annos, fallecida no dia 17.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada — 4980.

Illuminação a gaz — As ruas de Paris são illuminadas por 108:733 bicos de gaz. Os tubos que servem para a canalisação deste gaz occupam uma extensão de 780:000 metros. Nas ruas e travessas menos frequentadas ainda existem 2:608 candieiros alimentados por azeite. Para consumo dos estabelecimentos particulares funccionam mais de 2 milhões de bicos de gaz. Se toda esta luz, assim dispersa e dividida, se podesse reunir em um globo suspenso a 2:000 metros de altura no centro de Paris, toda a cidade e todo o departamento do Sena podiam ser illuminados durante a noute, com a mesma claridade de um dia nebuloso.

Caridade entre cavallos — Boussanelle, capitão de cavallaria, dá noticia do seguinte facto em um curioso livro, intitulado *Observações militares*.

Um cavallo do seu regimento, já muito velho, não podia mastigar a palha nem triturar o grão. Dois cavallos, que comiam ao pé delle, encarregaram-se durante dois mezes de nutrir o seu companheiro, mastigando e triturando a comida, e collocando-a assim preparada ao alcance do seu velho companheiro. Diz o auctor, que todos os officiaes e soldados do regimento podem attestar a verdade do facto.

Movimento carlista. — Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

«Os carlistas atacaram violentamente Villaplana, os voluntarios resistiram-lhes e impediram-lhes a entrada. O general do exercito do norte reclamou para Madrid mais 4 medicos militares e 22 officiaes de saude. O trem correio de Santander foi detido em Mano.

O cabecilha Hierro entrou em Alar com 40 cavallos. O batalhão de Alba de Tormes bateu 800 carlistas em Peñas de Vizarraga, causando-lhes tres mortos e alguns feridos. O brigadeiro Maldonado que estava em Elizondo, cercado por alguns bandos carlistas, fortificou-se e esperava por soccorros.

Diz uma carta de Pamplona, que se passaram ás filas carlistas alguns officiaes do exercito republicano. Dizia-se nos circulos carlistas que entraram em Hespanha 12 mancebos pertencentes a familias legitimistas francezas, perfeitamente armados e montados. Os voluntarios de Almatrat e Mayals e a cavallaria de Colatrara resistiram heroicamente aos carlistas em Sanahuja.

Em um ponto da povoação renderam-se, debaixo de palavra de honra, uns 15 voluntarios e um capitão, mas ainda assim foram fuzilados e mutilados pelos carlistas, que tambem mataram um paizano e dois soldados de cavallaria.

Dorregaray e Ollo passaram por Barraqueta com 5:000 homens e uma peça, e o cabecilha

Moso marchou para Almanda com 300. Chegaram a Ciudad Real forças de tropa de linha procedentes de Madrid. O cabecilha Cucala quintou e fuzilou alguns voluntarios republicanos que estavam em seu poder. Os carlistas estão-se fortificando em Peña de Piata. Quasi todos os officiaes da columna Cabrinety pediram a demissão e retiraram-se do theatro das operações.

Em Sanahuja fizeram os carlistas 40 prisioneiros e apoderaram-se de 50 cavallos pertencentes ao regimento de Calatrava.

Corriam á ultima hora em Madrid boatos pouco lisonjeiros a respeito do exercito do norte. Uns diziam que o general Nouvilas fôra chamado a Madrid, outros opinavam que elle estava doente, outros que não obdecera ás ordens do governo, outros que o general Langunero recebera ordem para prender Nouvilas. Nada se sabia ao certo. Tambem corria com insistencia que se tinham passado para os carlistas 164 praças de cavallaria, com armas e cavallos.»

A saude de Pio IX.—Diz o *Commercio do Porto* que um telegramma datado de 18 do corrente, de Roma, refere que o papa recebera nesse dia cerca de 200 pessoas, pronunciando apenas algumas palavras e dando a sua benção. A esta recepção assistiram muitos estrangeiros.

No dia 19 recebeu egualmente o duque de Chaulnes e outros peregrinos francezes, bem como muitas damas estrangeiras.

A coroação dos reis da Suecia.—Diz o mesmo jornal, que os jornaes estrangeiros publicam extensos promenores ácerca das festas que tiveram logar em Stocholmo por occasião da coroação dos reis da Suecia. No templo via-se o que ha de mais notavel na côrte, e os trages das senhoras eram explendidos. A ceremonia teve um caracter profundamente religioso, sendo o arcebispo, assistido de diversos bispos, quem ungiu o rei e a rainha e collocou o diadema nas suas frontes com o mesmo ceremonial praticado desde 1140. O psalmo que principia «Senhor, mostrae-me o verdadeiro caminho», foi cantado admiravelmente. Toda a Dieta da Suecia prestou em seguida o juramento de fidelidade ao rei, não obstante o republicanismo principiar já a assomar n'aquellas nações do norte. Ao dirigir-se o cortejo da cathedral para o palacio, as acclamações do povo confundiam-se com o troar da artilheria e com os sons das musicas. Representavam a Austria, o principe de Metternich; a Russia, o general Sieven; a Italia, Menabrea; a Allemanha, Blumental; e a França, Barraul.

REPUBLICA FRANCEZA

Demissão de Thiers.—Novo presidente.—Victoria do partido conservador.

O telegrapho trouxe-nos hontem uma noticia importante.

O sr. Thiers pediu a sua demissão de presidente da republica em seguida a uma votação contraria na sessão de sabbado na assemblea, onde se discutiu uma moção tendente a fazer definir a feição do gabinete reconstruido.

A assemblea acceitou-lh'a, e substituiu aquelle notavel homem de estado que, encontrando a França á beira de um abysmo dos mais profundos, lhe restaurou o prestigio, o credito e a paz, pelo general Mac-Mahon, uma das glorias militares do imperio.

O gabinete reconstruido pelo sr. Thiers representava francamente as ideias da republica conservadora, propunha a fundação della, e era apoiado pelo centro esquerdo da assembleia; mas a direita e o centro direito haviam-se colligado para o combater, invocando os grandes interesses sociaes, e querendo nesse sentido declarações terminantes. Este partido venceu. Derribou Thiers.

Qual será agora a forma de governo que a França official se dará? A' quem da republica conservadora reside só a monarchia real ou imperial.

Um correspondente do «Temps» em Versailles presagiando estes successos dizia ha 5 dias o seguinte: «Chegou a hora. Esta lucta surda que ha dois annos a reacção empenhou contra o novo regimen da França, e que foi dia a dia pronunciando-se e exasperando-se mais, chegou ao periodo agudo, á crise suprema... A questão, posta como ella é,—é a existencia do governo, é a pessoa de Thiers, são os destinos do paiz...»

O banco Ultramarino recebeu hontem á tarde o seguinte telegramma, que nos foi obsequiosamente communicado ás 4 horas da tarde:

Paris, 25, ás 9 horas e 10 minutos da manhã—Thiers deu a sua demissão. A assemblea acceitou-a, e nomeou o marechal Mac-Mahon presidente da republica.

—

Mac-Mahon nasceu em Sully a 13 de Julho de 1808.

—

Pormenores

Versailles, 24—Na sessão da manhã Thiers proferiu um discurso recordando as divisões dos partidos e a impossibilidade de fazer uma monarchia. Demonstrou a necessidade de dar caracter legal á republica. Diz que quando esta questão for resolvida, o paiz escolherá os mais prudentes, os mais conservadores. Na sessão da tarde a moção de desconfiança contra o ministerio foi votada por 360 votos contra 344. Na sessão da noute Thiers deu a sua demissão da presidencia, que foi acceite por 368 votos contra 339. Mac-Mahon foi eleito presidente da republica por 390 votos. O resto absteve-se. Mac-Mahon acceitou. O emprestimo baixou a 87,35.

—

Paris, 25, de manhã—Muita animação aqui. Nenhuma desordem. As folhas radicaes recommendam tranquilidade e prudencia.

(Diario de Noticias.)

ANNUNCIOS

1 NO DIA 31 do corrente mez de Maio, pelas 11 horas da manhã, nos paços d'este concelho, hão de arrendar-se em hasta publica, pelo tempo de um anno, a começar no 1.º de Julho proximo futuro, e a findar em 30 de Junho de 1874, as lojas n.os 1, 3, 5, 6, 7, 10, 11, 12, 13, 16, 18, 22 e 24, do mercado de D. Pedro V, com as condições presentes naquelle acto.

E para constar se passou este e outros.

Coimbra, secretaria da camara municipal, 26 de Maio de 1873.

O escrivão da camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

ATTENÇÃO

2 BOM VINHO para mesa a 320 rs. o quartão. Calçada, n.º 85 a 91.

NEVE

3 TODOS OS DIAS, ao fundo da rua do Corpo de Deus, n.º 6, 1.º andar, desde as 11 horas da manhã até ás 10 da noute. Tambem se arranjam encommendas para casas particulares, e fóra da terra. Ha carapinhadas de manhã.

4 CURSO DE PHILOSOPHIA ELEMENTAR para uso das escholas. 2.ª edição melhorada, por Joaquim Alves de Sousa, professor do lyceu nacional de Coimbra. Preço reis 1$200, broch.

A' venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra.

Aguas alcalinas gazosas das Pedras Salgadas (Villa Pouca de Aguiar.)

5 ESTAS AGUAS medicinaes, são empregadas nos mesmos casos das de Vichy e Vidago; são mais ricas na sua composição chimica, e dos melhores effeitos therapeuticos.

Vende-se em Coimbra—Pharmacia Ferraz, Largo do Castello; e na Figueira, botica de Luiz Maria da Costa, e nas principaes pharmacias do reino.

6 NO DIA de terça feira, 17 do proximo mez de Junho, por 9 horas da manhã, no edificio do tribunal judicial de Santa Cruz, e perante o meritissimo juiz de direito desta comarca, se hãode arrematar os bens penhorados a Joaquim José Ferreira de Castro, e sua mulher, desta cidade, na execução que o illm.º cabido lhe move; de que é escrivão Severo Sabino dos Santos.

SUBSTITUTO MILITAR

7 PRECISA-SE de um homem habilitado para assentar praça, em substituição de outro. Quem se achar nestas circumstancias, póde dirigir-se a esta redacção, que aqui se dirá quem é o pretendente.

CASAS

8 ARRENDA-SE uma morada no bairro de Montarroio. Trata-se com Francisco Gonçalves de Lemos.

ARRENDAM-SE

9 DOIS CELLEIROS, um no pateo da Inquisição e outro no quintal. Sua dona viuva Padua.

ATTENÇÃO

10 QUEM se achar habilitado e quizer substituir no serviço militar a um mancebo que se acha sorteado, póde dirigir-se ao sr. Jeronymo Joaquim dos Santos, na rua da Calçada, o qual dirá com quem se contrata.

AVISO

11 A COMPANHIA GERAL do Credito Predial Portuguez convida os possuidores d'obrigações prediaes, e d'obrigações ao portador, que queiram receber os juros em Coimbra, a irem a casa do sr. Antonio José Alves Borges, na rua do Visconde da Luz, entregar nos principios do proximo mez de Junho, as relações e coupons para os fins convenientes.

APROVEITEM

José Tavares da Costa, rua da Calçada, proximo á Portagem.

12 RECEBEU directamente de França dos grandes proprietarios em Ludes:

G. Dieres de Monplaisir fils

Superior vinho Champagne
Fleur de Sillery
Cognac velho
Dito fino Champagne
Que vende por preços razoaveis.

DOCTOR IN ABSENTIA

13 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a *Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra)*, o qual lhes dará gratuitamente todas e quaesquer informações sobre a Universidade.

EDUCAÇÃO

14 TRATADO PRATICO DA EDUCAÇÃO MATERNA. Este excellente livro acaba de ser editado pela livraria catholica, de Lisboa; e está á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra e Braga. Preço: em brochura, 320 e cartonado 400.

SEMENTES

15 DE EUCALYPTO, amoreira, e hortalices. Rua do V. da Luz, n.º 12.— *A. M. S. de Castro.*

HOTEL CAMÕES E ROSSINI

Rua de Rossini, n.º 16, em Paris (proximo ao Boulevard dos Italianos.)

16 RECOMMENDAMOS esta nova casa onde se falla portuguez, não só por estar situada no bairro mais central de Paris, e offerecer aos viajantes todas as commodidades, mas tambem pelos seus preços rasoaveis, devido á honradez do seu proprietario o sr. José Domingues, nosso patricio e amigo, que conhecemos já da sua antiga casa na rua de Bonaparte.

RUA DA CALÇADA Á PORTAGEM

JOSÉ TAVARES DA COSTA

17 ACABA DE RECEBER no seu estabelecimento

Superior queijo Londrino
» » americano
» salame de Italia
» manteiga ingleza nova
» delicioso môlho inglez para todos os assados.

Attenção

Farinha de trigo da acreditada Fabrica do Beato Antonio de Lisboa

AGENCIA, RUA DA REBOLEIRA, 27

PORTO

18 NESTA AGENCIA se encontra farinha de toda a qualidade, desde a mais fina até semea, e ensacada em muito boa sacaria.

Estas farinhas concorrem vantajosamente com a americana e hespanhola, tanto em preço como em qualidade.

Cumprem-se ordens das provincias.

GRANDE NOVIDADE EM CHAPEUS PARA SENHORA

ULTIMOS MODELLOS DE PARIS

Antiga loja de Barbosa á Portagem

19 JOSÉ DA SILVA MACHADO, representante da firma commercial Nuno Machado & C.ª, participa ás elegantes conimbricenses, que acaba de receber de Lisboa uma linda collecção de chapeus para senhora e meninas, assim como uma porção de cortes de lã, alta novidade.

Tendo de se retirar com brevidade, podem ser procurados estes objectos, que venderá por preços muito resumidos.

Rol continuo da roupa que se dá á lavadeira

20 UTIL E NECESSARIO a todas as donas de casa. Vende-se por 120 reis, em Lisboa na livraria do editor J. J. Bordalo, rua Augusta 24-26; no Porto em casa de viuva Moré, Novaes Junior, E Chardron. Em Setubal na capella central, e em S. Miguel, na de Mariano Machado (com o augmento de 25 0/0 differença de moeda.)

NUMERO 2697 — SABBADO 31 DE MAIO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A organisação do registo predial veiu estabelecer disposições, que, garantindo os direitos de propriedade e satisfazendo as necessidades mais imperiosas do credito real, firmaram a fé e a confiança dos contractos; o que, alem de ser uma necessidade para os costumes e para a moralidade dos povos, é tambem indispensavel ao desenvolvimento de todos os interesses economicos de que vivem as sociedades.

A lei hypothecaria de 1 de Julho de 1863, a instituição das conservatorias, que principiaram a funccionar em Abril de 1867 e o codigo civil, promulgado por carta de lei de 1 de Julho deste mesmo anno, sendo já ministro da justiça o eminente jurisconsulto o sr. Barjona de Freitas, vieram determinar uma epocha notavel na nossa legislação civil e economica.

Posteriormente foram publicados dois regulamentos para o serviço do registo hypothecario, que servindo para reger algumas das principaes disposições, a experiencia tem comtudo mostrado á evidencia que muitas lacunas existiam ainda nestes trabalhos.

Não poucas consultas e reclamações tem, desde então, dado entrada no respectivo ministerio; e este estado de duvida e de receios em muitos pontos essenciaes das leis, não podia por mais tempo permanecer sem grave transtorno neste importante serviço, que representa muitos e valiosissimos interesses.

E não obstante terem-se já destruido bastantes embaraços que se encontraram nos regulamentos, difficuldades existiam ainda, assás graves, cuja resolução se tornava indispensavel a uma ordem de interesses tão respeitaveis como os a que se refere o serviço hypothecario; tornando-se necessario expurgal-o de todos os vicios e retemperal-o com as modificações para garantir a execução das leis.

Tendo sido nomeada uma commissão para conhecer das modificações, que era necessario introduzir nos regulamentos existentes, ella deu ainda ha pouco o seu parecer; e em harmonia com elle, o actual ministro, que tem o seu nome ligado ás mais importantes reformas da nossa legislação, e que tem dedicado especial attenção a este ramo do direito civil, o direito hypothecario, preparou as alterações que julgou indispensaveis, e que se encontram exaradas em o numero 119 do *Diario do Governo*.

O decreto com data de 23 do corrente mez, estabelece tambem providencias muito convenientes para a execução das leis que crearam o registo predial, revogando as disposições em contrario, do regulamento de 28 de Abril de 1870. Alli se encontram removidas as difficuldades que tem apparecido na pratica, e adoptadas muitas providencias reconhecidamente uteis a este objecto; assim como uma nova tabella dos emolumentos a cobrar nas conservatorias, que alterando a anteriormente publicada, parece organisada conforme a justiça e as necessidades do serviço.

Com o fim de estabelecer melhores garantias aos credores dos bens hypothecados, foi tambem publicada a carta de lei que sanciona o decreto das côrtes geraes, e que diz respeito á adjudicação dos mesmos bens.

Assás importantes são estas medidas que, estabelecendo novas providencias no intuito de aperfeiçoar o serviço do registo predial, mostra a grande competencia do sabio ministro da justiça, o sr. Barjona de Freitas, que a este momentoso assumpto tem sempre dedicado o vasto cabedal da sua robusta intelligencia.

VISITA PASTORAL

O exm.º sr. Bispo Conde regressou na segunda feira a esta cidade, não tendo podido em razão do calor intenso, improprio da presente quadra, concluir os trabalhos da visita, que projectara para esta sua segunda excursão.

O exm.º prelado visitou as egrejas de Mouronho, Meda de Mouros, Espariz, Covello, Carapinha, Taboa, S. João da Boa Vista, Azere, Sinde, S. Martinho da Cortiça, S. Paio, Paradella e Farinha Podre, todas pertencentes ao arciprestado de Mouronho; deixando apenas de visitar no mesmo arciprestado, pelo motivo exposto, as egrejas de Travanca e de Oliveira de Cunhedo, com grande sentimento dos parochos e habitantes destas duas freguezias, que almejavam por gosar, como gosaram as outras, da presença do seu illustre e venerando pastor.

Em todas as referidas povoações foi s. ex.ª recebido com as mais significativas demonstrações de regosijo.

O clero, as auctoridades, as pessoas mais distinctas das proprias terras, e das circumvisinhanças, e massas immensas de povo iam esperar o prelado a longas distancias, e acompanhavam-no até ás respectivas egrejas.

As entradas e ruas das povoações estavam vistosamente adornadas com arcos e bandei-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXIV

D. CARLOS

XIV

D. Carlos e Mr. Auguet detiveram-se em Lonjumeau, e depois de cear continuaram a sua marcha até amanhecer o dia seguinte, em que almoçaram em Mar-sobre o Loire, entre Orleans e Blois. Quando passou por Tours, D. Carlos quiz visitar o seu amigo e ardente partidario, o duque de Granada; porem o seu incognito não lho permittiu.

Iam sempre receiosos de que tivesse sido descoberta em Londres a fuga de D. Carlos, e que sabido isso em Paris, pelo telegrapho fosse expedida a ordem da sua prisão.

Chegaram a Bordeus na carruagem de posta a 6 de Julho, já entrada a noute. Depois de dormirem na estalagem, dirigiu-se no dia seguinte Mr. Auguet a casa do barão Alberto Pichon de Longueville, para que se dignasse receber em sua casa a D. Carlos, e os acompanhasse depois á casa de campo de seu cunhado o marquez de Lalande.

Decorridos dois dias sairam os viajantes para Bayona; e chegaram á uma e meia do dia seguinte á casa de campo do marquez de Lalande, que recebeu D. Carlos com muita distincção.

Combinou-se que os guias para atravessarem a fronteira esperariam os viajantes a um quarto de legua de Bayona, no caminho de Sarres.

Na manhã do dia seguinte atravessaram Bayona. Quando chegaram ao logar combinado só encontraram o barão e o filho do marquez de Lalande. Os guias ainda não tinham apparecido, e não chegaram até depois das 2 horas, em que apparecêra o consul que tinha sido de D. Miguel em Bayona, Cruz, e Rivet, ex-guarda de corpo que fôra de Carlos X.

Chegando a Sarres pararam os viajantes, e D. Carlos e o barão Auguet comeram neste ponto, desde o qual, decorridas poucas horas, penetraram em Hespanha, onde a presença de D. Carlos ia dar um desenvolvimento extraordinario á guerra.

Nesta epocha achava-se o general D. José Ramon Rodil á frente do exercito da rainha Isabel, no norte da Hespanha.

Terminada que tinha sido a missão de Rodil em Portugal, o governo de Hespanha, conformando-se nesta parte com os desejos da opinião publica, nomeou-o em substituição de Quesada; lisonjeando-se de que a sua boa estrella não eclipsaria nas provincias Vascongadas o brilho que adquirira em Portugal.

Em 6 de Junho de 1834 entrou Rodil em Hespanha, e por Badajoz e Talavera se encaminhou a Madrid, onde a governadora do reino queria passar em revista o seu exercito.

O governo não permittiu a Rodil a entrada na côrte, talvez para evitar a ovação do povo, e lhe ordenou que estabelecesse em Leganés o quartel general.

A 21 celebrou-se a revista nos campos de Alcorcon, e a rainha Christina distribuiu cruzes de Isabel II, que foram recebidas por aquelles valentes com as maiores provas de enthusiasmo, manifestadas em repetidos vivas á rainha.

Rodil, agraciado já com a grã-cruz de Carlos III pela sua entrada em Almeida, o foi agora com o titulo de marquez de Rodil.

Lisonjeado com estas honras, emprehendeu Rodil com a sua tropa enthusiasmada o movimento para as provincias Vascongadas, onde os inimigos eram mais temiveis que em Portugal; porque alli escasseavam os recursos e eram immensas as fadigas e privações, sendo decimadas pelas balas as fileiras de uns e outros combatentes. Rodil não marchou com a precipitação que o governo desejava, e por isso lhe mandou apressar as jornadas.

A 27 de Junho pernoutou em Aranda do Douro; a 29 em Lerma; e no 1.º de Julho em Burgos, reconcentrado a 5 o seu exercito em Logroño, onde se lhe reuniu a 7 o seu amigo Cordova, com as forças do seu commando. No dia 9 deixou Quesada o exercito em Mendavia, e então organisou Rodil o seu plano, misturando o exercito que levava com o que recebeu.

Magnificas illusões sorriam a Rodil ao entrar em campanha; porem bem depressa as viu perdidas. Rodeado com aquelle brilhante exercito reunido em Logroño, que fez chegar o estrondo das suas armas aos pontos mais reconditos das provincias Vascongadas, não julgava tão difficil percorrer o paiz, conseguindo o seu triumpho. Com effeito o aspecto d'aquelles soldados lisonjeava. O seu ruido alarmou os carlistas, e atemorisou-os a noticia do seu numero.

Este panico podia ser de tristes consequencias, se, conhecendo-o Zumalacarregui, não lhe tivesse feito frente, sem occultal-o; antes apresentando-o com toda a verdade, e ainda com exaggeração. Conhecia aos seus paisanos, sabia qual é o movel do seu coração, valente e hespanhol, e sem fazer reserva do perigo, lho expoz com militar franqueza, com briosa resolução, e disse ao terminar a sua proclamação:

—*Ao ver tão numeroso exercito, voluntarios, acobardaes-vos?*

—*Não*, responderam unanimes os voluntarios, quando o official que lia a proclamação em Salinas de Oro, pronunciou estas palavras.

Aquelle *não* foi para os carlistas como o grito de *terra* para os companheiros de Colombo. Esqueceram todos os temores, não viram já os perigos, e deixando-se guiar pelo seu chefe e conduzir pelo seu enthusiasmo, nada creram já impossivel, nada difficil.

Zumalacarregui encheu-se de satisfação ao sabel-o, e brilhando na sua mente a inspiração, concebeu um de seus atrevidos projectos. Com melhores e mais abundantes espias o caudilho carlista do que o seu contrario, sabe que vae começar Rodil o seu movimento de Logroño para Pamplona, levando de vanguarda a Lorenzo e Oráa; e como para demonstrar

ras; e as janellas das casas achavam-se guarnecidas de cobertores.

Distinguiram-se nestas enthusiasticas manifestações de jubilo, Mouronho e Taboa.

A recepção que em ambas estas terras, mas especialmente na primeira, fizeram ao illustre prelado, foi, segundo nos informam, verdadeiramente explendida.

O sr. Bispo Conde administrou os santos sacramentos da communhão e chrisma em Mourônho, Taboa, S. Martinho da Cortiça e Farinha Podre.

Nas egrejas destas povoações orou o reverendo sr. José Maria dos Santos, secretario de s. ex.ª; e nestas mesmas, e em todas as outras, dirigia sempre o proprio prelado aos fieis, nellas apinhadas, praticas repassadas de uncção e caridade, que iam direitas aos seus corações, e lhes faziam acudir aos olhos abundantes lagrimas.

Deram-se scenas tocantes em algumas das freguezias que o sr. Bispo percorreu, sendo de todas a mais pathetica a que se passou por occasião da visita que s. ex.ª fez á cadeia de Taboa, acompanhado por todas as auctoridades e por immenso povo de todas as classes. Alli, no meio da geral commoção dos circumstantes, fez o illustre prelado brandas exhortações aos presos, consolando-os na sua desventura, e dando-lhes esperanças de voltarem ainda um dia á sociedade para serem membros proveitosos d'ella.

Em todas as egrejas, onde era esperada a visita do sr. bispo conde, haviam-se feito reparos importantes; outros mais importantes ainda ficaram agora projectados, em cumprimento das instantes recommendações e pedidos do exm.º prelado; avultando entre os alludidos projectos o da reedificação da egreja matriz de Taboa, que se acha de ha muito em completa ruina.

Em todas as povoações distribuiu s. ex.ª esmolas aos necessitados, inferiores sem duvida aos seus bons desejos, mas superiores aos minguados recursos de que dispõem hoje os nossos prelados.

No meio do indifferentismo religioso, que constitue infelizmente a feição dominante da epocha que atravessamos, é grato registar os factos, que se vão passando por occasião das visitas pastoraes do nosso exm.º prelado; é grato observar como os bons habitantes da nossa diocese conservam viva a fé que lhes legaram os seus maiores; como todos, sem distincção de classes, correm como que á porfia ao encontro do seu pastor; como todos se apressam a ir receber, prostrados, a sua benção, e a ouvir os seus paternaes conselhos; como, finalmente, saudam todos, e por toda a parte, com festivaes hosannas, aquelle que vae visital-os em nome do Senhor.

Benedictus qui venit in nomine Domini. Hosanna!

NOTICIARIO

Camara de Coimbra. — Na sessão ordinaria de 1 do corrente, sob a presidencia do sr. Dr. Lourenço d'Almeida e Azevedo, estiveram presentes os vereadores Cabral, Ferraz e Hypolito.

Foi aberta a sessão pela 1 hora da tarde.

Lida a correspondencia e despachados os requerimentos das partes, tomaram-se as seguintes deliberações:

Participando o vereador Cabral, que o vereador Reis se dava por suspeito para dar o seu parecer ácerca do requerimento do empreiteiro do lanço da estrada de Coimbra a Monte Mór o Velho, comprehendido entre S. Francisco e o Almegue, deliberou a camara substituil-o pelo vereador Dr. Albuquerque.

Deliberou mais requerer em tempo competente para usar da faculdade que lhe é concedida pelo artigo 1 do regulamento de 17 de Abril proximo passado, para execução da lei de 19 de Março ultimo.

O vereador Ferraz pediu para ser consignado na acta, que haviam sido dados a differentes proprietarios do concelho 610 pés de amoreiras, pertencentes aos viveiros da camara.

Que se requeresse a creação de uma eschola primaria do sexo feminino no bairro alto desta cidade, prestando-se a camara a fornecer casa para a aula e para a professora, mobilia e utensilios.

Mandou-se pagar a quantia de 2$430 rs., importancia do fornecimento de azeite desde 9 de Fevereiro até 30 de Abril ultimo, para a guarda do governo civil.

Foi deliberado mandar recuar na frontaria das casas de Manoel Gomes Solteiro, no largo de Santo Antonio dos Olivaes, do lado do sul, 3,70m de largo, do lado do norte 1,70m, no comprimento de 25,0m, cuja area é de 67,5 metros quadrados.

Mandou-se satisfazer a quantia de reis 24$100, importancia de jornaes vencidos nas duas quinzenas do mez de Abril, pelos trabalhadores empregados no estudo da estrada municipal de 2.ª classe, de Coimbra a entroncar na estrada real n.º 48, lanço do bairro de Santa Anna ao Tovim.

Foi aceite pela camara o proposto do thesoureiro Antonio Pereira Tavares.

Deliberou-se pagar metade das despezas feitas com o jantar dado aos presos no dia da communhão.

A's 3 horas da tarde foi levantada a sessão.

— Na sessão extraordinaria de 3 do corrente, sob a presidencia do sr. Dr. Lourenço d'Almeida e Azevedo, estiveram presentes os vereadores Hypolito, Ferraz e Cabral, e os vogaes do conselho municipal, Gonçalves de Lemos, João Marques, Francisco Guerra e Alves Borges.

A's 11 horas e meia da tarde, foi aberta a sessão, depois do que o presidente apresentou o projecto do orçamento geral para o proximo anno economico, que foi approvado.

A' hora e meia da tarde foi levantada a sessão.

— Na sessão extraordinaria de 12 do corrente, sob a presidencia do sr. Dr. Lourenço d'Almeida e Azevedo, estiverem presentes os vereadores Hypolito, Cabral e Ferraz.

Foi aberta a sessão ás 10 horas e meia da manhã.

Sendo presente o mappa da distribuição feita pela junta geral, do contingente de 657 recrutas pelos differentes concelhos do districto, e d'onde consta ter pertencido ao de Coimbra o contingente de 96 recrutas, foi este subdividido pelas freguezias do concelho, segundo a respectiva população, na conformidade da lei de 1 de Julho de 1862, pertencendo á freguezia de Almalaguez, 5 — Ameal, 2 — Antanhol, 1 — Antuzede e S. Facundo, 1 — Arzilla, 1 — Assafarge, 2 — Botão, 2 — Brasfemes e Torre, 2 — Castello Viegas, 1 — Ceira, 5 — Cioga do Campo, 2 — Santa Cruz, 8 — S. Bartholomeu, 7 — Sé Nova, 7 — Sé Velha, 6 — Eiras, 2 — Lamarosa, 3 — Ribeira de Frades, 1 — Santa Clara, 3 — Santo Antonio dos Olivaes, 9 — S. Martinho d'Arvore, 1 — S. Martinho do Bispo, 8 — S. Paulo de Frades, 2 — S. Silvestre, 3 — Sernache, 5 — Souzellas, 2 — Taveiro, 2 — Trouxemil, 2 — Vil de Mattos, 1.

Reunindo-se depois os vogaes do conselho municipal Diogo Barata, Forjaz, Gonçalves de Lemos e Araújo Pinto, foram-lhes presentes as condições apresentadas por parte do banco hypothecario, para o contracto do emprestimo de 39:996$000 reis, destinado á construcção de estradas de 3.ª ordem, de 1.ª e de 2.ª classe, as quaes foram approvadas; depois do que se levantou a sessão.

Os orphãos da Misericordia de Coimbra — Continua a digna mesa da Santa Casa da Misericordia desta cidade a augmentar o numero dos orphãos, que estão incumbidos á sua administração. Muito folgamos com isso.

Durante a actual administração collocou a mesa um orphão no commercio na cidade do Porto; e falleceram 3 orphãs. Em virtude do estado prospero dos fundos dos orphãos, e com o legado que á Santa Casa deixou o commendador Joaquim Nunes de Carvalho, fallecido no imperio do Brasil, a mesa, com approvação do definitorio, vae admittir mais 9 alumnos, sendo 4 para supprir aquellas faltas, e 5 de novo. Fica por isso hoje o numero elevado de 81 a 86, sendo 48 orphãos e 38 orphãs.

Tres orphãos fizeram exame de instrucção primaria, e ficaram approvados. Estão 3 matriculados para fazer exame de francez — um acabou de frequentar o 2.º anno Theologico na Universidade — um está a aprender pharmacia na botica da casa — 4 estudam latim, e já tem os exames de instrucção primaria e francez, e habilitam-se para instrucção superior.

Choupal. — Este bello arvoredo á beira do Mondego está sendo muito frequentado. E' um passeio muito agradavel na estação calmosa, onde se gosa muita frescura, e se a-

---

ao chefe liberal a differença que havia da sua campanha de Portugal á das provincias Vascongadas, tratou de sair ao seu flanco esquerdo, e atacar bruscamente aquellas tropas, não acostumadas a tal classe de guerra. Este inesperado ataque devia ter logar ao passar o exercito entre Logroño e Lerin. Para isso Zumalacarregui moveu as suas tropas para a serra de Urbasa, occultando assim o seu objecto.

A 11 de Julho trasladou-se para Eulate, onde preparou a peleja. Quando ia a tomar posições, apresentou-se-lhe o abbade de Lecumberri, D. Miguel Antonio Legarra, a quem o caudilho carlista tinha enviado com uma commissão ao Baztan, e lhe entregou uma carta, que lhe causou uma satisfação que debalde se esforçou por comprimir.

Dizia assim: — *Zumalacarregui: estou perto de Hespanha, e amanhã espero em Deus estar em Urdax: toma as tuas medidas, e te mando que ninguem o saiba absolutamente, senão tu* — Carlos.

Era muito lisonjeiro o acontecimento, e demasiado fieis quantos rodeiavam a Zumalacarregui, para que permanecesse reservada a noticia: sem querer correu de boca em boca, e dentro em pouco até o ultimo soldado o sabia.

Este successo fez variar o plano de Zumalacarregui. Immediatamente enviou D. Miguel Gomez ao encontro de D. Carlos, e em seguida foi elle mesmo com Zaratiegui e D. Jorge Lazaro. A's 11 da noute do dia 12 entrou em Elisondo. D. Carlos estava deitado, porem recebeu-o. A 13 tiveram varias conferencias, e Zumalacarregui foi nomeado tenente general e chefe de estado maior.

De tarde dirigiu-se D. Carlos á egreja, no meio de uma numerosa concorrencia, enthusiasmada com o repique dos sinos. As portas e janellas estavam cobertas de colchas. A festividade era um solemne *Te-Deum*, em acção de graças pela feliz chegada do esperado monarcha, que saudou com uma proclamação aos hespanhoes, com outra aos soldados, declarou nullos todos os actos do governo da rainha, e publicou um indulto para todos os defensores della, que se apresentassem no prazo de 15 dias.

O octogenario e credulo conde de Penne-Villemur, que tinha fugido de Saragoça para seguir a D. Carlos, foi nomeado ministro interino da guerra; e a sua primeira occupação foi officiar a todos os chefes liberaes, confiando que prestariam no mesmo momento obediencia ao infante.

Zumalacarregui, que conhecia a ineficacia de taes passos, cuidava pouco nelles, e esperava tudo de seus esforços. Para isto desejou separar-se do principe. Inquietava-o a inacção; saiu promptamente della, e fez sair a D. Carlos, que deixou a 15 Elisondo, acompanhando-o Zumalacarregui e a junta de Navarra. Passou por Irurita, o valle de Baztan, porto de Belate, valle de Uzama, e antes de chegar a Beunza, revistou as tropas que conduzia Eraso.

A apparição do fugitivo de Inglaterra no theatro da guerra, não foi crida nem pelo general Rodil, nem pelo governo de Madrid. Os successos, porem, os desenganaram. E em quanto Miraflores, o embaixador hespanhol em Londres, provocava o gabinete pela fuga de D. Carlos, Rodil se propoz dar-lhe caça, porque não pode dizer-se outra cousa do objecto do seu plano.

De tudo, porem, zombava Zumalacarregui com a sua tatica, pela qual tornava inuteis as marchas e contramarchas de Rodil.

Em Artaza, no dia 31 de Julho, se bateram valentemente os carlistas, e depois deste feito d'armas se intristeceu Rodil, que viu destruidas as suas illusões. Não suppunha no seu inimigo tanta ousadia, nem tanto valor. Estimulado e ferido no seu amor proprio, desejou vingar-se, castigando aos carlistas.

Esperava impaciente ver a luz do novo dia, e ao amanhecer do 1.º de Agosto emprehendeu a marcha contra Zumalacarregui.

Rodil dividiu o exercito em tres columnas, confiando a Espartero a do centro, a Lorenzo a da esquerda, e reservando para si a da direita; e no dia 2 se reuniram em Muez e seus arredores.

Zumalacarregui, que tinha ido marchando em retirada, contramarchou ás Amezcoas, o que exasperou a Rodil, comprehendendo então em toda a verdade o que era a guerra. Inuteis os seus anteriores planos, estudou o systema do seu inimigo.

Vendo a difficuldade de destruir a Zumalacarregui, pensou que o melhor feito seria apoderar-se de D. Carlos: fixo nesta idea, procurou a execução della com a sua costumada actividade.

Sempre correndo atraz de D. Carlos, occupa hoje o seu alojamento de hontem. Não consegue o seu empenho; porem sim diminuir o numero dos que seguiam ao infante. Um e outro marchavam, contramarchavam, corriam, voltavam, não se alcançavam, e tornavam a occupar no fim de quatro ou seis dias de marchas forçadas os mesmos pontos. Assim passavam dias e dias, cansava-se a tropa e se estropeava, gastava-se o enthusiasmo, carecia-se do mais indispensavel, e o valor não tinha estimulo, nem a paciencia esperança.

Rodil viu destruidas outra vez as suas novas illusões. O mesmo aconteceu a Anleo na sua perseguição contra Zumalacarregui.

O maior obstaculo era o terreno. Montes fragosos, bosques seculares, estreitos desfiladeiros entre as gargantas daquelles pontos escarpados, não eram adversarios que se fatigavam, mas auxiliares poderosos, a que se aggregava o espirito do paiz, affecto e enthusiasta, em geral, por D. Carlos. A estes elementos se juntava a organisação acertada dos carlistas, que fazia inuteis os vastos planos de Rodil. Seguiam no seu systema dividir-se, sub-dividir-se, e reunir-se para dar algum golpe atrevido; assim que, em quanto Zumalacarregui tinha entretidas respeitaveis forças liberaes nas Amezcoas, La Torre, Val-de-espina, Zabala, Luqui, Castor, Aguirre e Arana, faziam surprezas e ousadas escursões, que exigiam a presença de respeitaveis columnas, empregadas necessariamente em ir sempre atraz d'aquellas partidas.

Seguia ás vezes Rodil a D. Carlos; tinha-o perto, quasi o alcançava, e se lhe interpunha então uma força inimiga, que lhe chamava a attenção e o fazia perder o seu principal objecto, ganhando no entanto D. Carlos terreno e tempo.

Zumalacarregui, em geral, levava comsigo toda a sua força. Em Guipuscoa e Alava se communicavam as forças pelos limites da Navarra e Biscaia. Neste ponto se dava tambem a mão com Guipuscoa, e se tinham organisado os carlistas de maneira, que obrava cada chefe em tres sitios independentes. Zabala, o menos accessivel ás combinações dos seus companheiros, tinha por seu o terreno que medeia entre a estrada de Bilbau a Ermua e a costa de Guipuscoa; com elle estava a junta. A sua força era de quatro batalhões, de pouco mais de 300 praças cada um, e 200 guias. La Torre formando um triangulo, e com quatro batalhões, acampava entre os caminhos de Ermua e Orduña. Castor e Luqui occupavam as Encartaciones. Os seus soldados eram quasi todos voluntarios e enthusiastas, e o paiz os protegia. O seu systema de guerra era o de guerrilhas, para o que os favorecia favoravelmente o terreno.

Depois de tantos movimentos, fadigas e planos frustrados, se achavam em meio de Agosto de 1834, D. Carlos em Segura, e Rodil e Espartero em Oñate, á vista uns dos outros; Zumalacarregui nas Amezcoas, e Figueras e Orán em Contrasta, podendo observar-se tambem.

(Continuar-se-ha.)

Joaquim Martins de Carvalho.

preciam grandes melhoramentos agricolas. Não é só a pé e em barcos, que se faz esta digressão. Muitas familias vão em carro, e transita-se por este meio pelos pontos principaes da formosa mata, porque estradas espaçosas e pontes seguras facilitam a passagem dos vehiculos.

Os morangos. — O mercado de Coimbra está este anno abundantemente provido deste saboroso e delicado fructo. A cultura do morangueiro constitue hoje uma boa fonte de rendimento para os horticultores dos arredores desta cidade. Ainda ha poucos annos era aqui raro este bello producto, e os consumidores tinham de o pagar por bom preço.

Cultivam-se já muitas variedades desta planta hortense; as principaes são o morangueiro silvestre, dos Alpes ou de todas as estações, o de Paris, o ananaz, e ainda outras. O morango, pelo seu sabor e aroma delicados, merece com razão o titulo de *ananaz* portuguez. As regas são muito uteis para esta cultura, augmentando a quantidade e aperfeiçoando a qualidade do fructo. Já apparecem á venda alguns morangos, que pesam mais de 20 grammas.

Associação Conimbricense do sexo feminino. — O movimento no mez de Abril foi o seguinte:

Saldo que passou do mez anterior	5:214$480
Receita neste mez...........	71$375
	5:285$785
Despeza no mesmo...........	21$905
Saldo que passa ao mez seguinte	5:263$880

Suffragios. — A direcção do Asylo de infancia, desta cidade, mandou dizer em Santa Cruz uma missa, no dia 28 do corrente, por alma da bemfeitora do mesmo asylo, a sr.ª Maria das Dores.

Transferencias. — O sr. José Ignacio de Abreu Moniz Serrão, escrivão do juizo de direito da comarca de Arganil, foi transferido para Silves; e o sr. Joaquim Augusto da Silva Carvalho, escrivão do juizo de direito da comarca de Porto de Moz, foi transferido para Arganil.

Recrutamento. — O conselho de estado julgou favoravelmente o recurso de Manoel, filho de Fortunata Lima, viuva, da freguezia de Alvares, concelho de Goes.

O mez de Junho. — Variam as opiniões sobre a etymologia deste mez. Suppõem uns, que deriva o seu nome de *Juvenibus*, porque era dedicado á mocidade romana. Pensam outros, que deriva da deusa Juno, cujo templo foi consagrado neste mez, e finalmente outros derivam o nome deste mez de Junio Bruto, que expulsou os reis de Roma. O seu signo é *Cancer*, caranguejo. Tem 30 dias, crescendo ainda até 24, que é o maior dia, com 14 e 3/4 horas de sol.

Representa-se este mez com a figura de um homem robusto, meio nú, em um prado, empunhando uma fouce para cortar o feno, e tendo a seus pés o signo respectivo.

A Grecia celebrava neste mez festas solemnes e explendidas, sendo as principaes o famoso sacrificio das hecatombas, em que se matavam 100 bois, as corridas de cavallos nos hypodromos, os jogos olympicos, e as festas de Saturno e de Theseu.

O dia primeiro era festejado pelos romanos com muita pompa. Seguiam-se depois as festas de Bellona e de Hercules, de Vesta, das Musas, de Pallas, da Deusa de intelligencia, etc., etc.

A influencia do signo deste mez tem dado assumpto a variados vaticinios, não sendo em geral muito favoraveis nem aos homens nem ás mulheres que nascem nesta epocha do anno. Não ligamos importancia a estes prognosticos e prophecias, e com a devida reserva repetimos a seguinte opinião de um astrologo:

Quem neste signo nasceu
Por linha recta não anda:
P'r'alcançar o que pretende
Gira, tropeça, desanda.

Influencia da gravidez. — Não é só pelo acto da geração, que os paes transmittem aos filhos as suas qualidades. Durante a vida fetal, o estado physico e moral da mãe influe consideravelmente sobre os dotes da prole. Citam-se factos muito curiosos a este respeito.

Attribue-se geralmente o genio militar de Napoleão I, á circumstancia da mãe do grande guerreiro ter seguido gravida seu marido na vida das batalhas.

O filho de uma rainha de Escossia não podia ver sem grande terror uma espada, porque sua mãe durante a gravidez presenciou um assassinato cruel.

Uma condessa italiana, andando gravida, estava em uma sala com outras senhoras. Um morcego entrou na sala, e sendo perseguido caiu sobre as espaduas da condessa. A impressão de terror foi tão grande, que a dama desmaiou, e pouco tempo depois teve o seu bom successo, dando á luz uma linda menina, que apresentava desenhada em relevo nas espaduas a figura do morcego.

Um general francez, muito conhecido pela sua bravura militar, tinha muito medo das aranhas, porque a mãe na epocha da gravidez, sempre se assustava quando via estes animaes.

Um coronel do exercito inglez, militar valente e intrepido, que até na caça do tigre e de outros animaes ferozes era habil e destimido, horrorisava-se á vista de qualquer pequeno cão, porque sua mãe no periodo da gravidez tinha sido mordida por um destes animaes.

Um dos mais celebres pintores da França deve o seu maravilhoso talento á circumstancia de sua mãe ter visitado durante a gravidez o Museu do Louvre, contemplando com verdadeira admiração e assombro tantas bellezas e maravilhas da arte.

Uma senhora franceza casada, muito prendada, especialmente na musica e desenho, teve tres filhos. Na primeira gravidez cultivou sempre a musica com verdadeiro gosto e assiduidade, e o primeiro filho herdou este precioso dote. Na segunda gravidez, o seu estado de saude não lhe permittiu dedicar-se aos seus estudos predilectos, e o filho não herdou as prendas do seu irmão mais velho. Na terceira poude cultivar com esmero a pintura, e o filho nasceu com este bello talento.

Algumas cantoras das mais celebres na arte lyrica, em quanto viveram no meio dos triumphos brilhantes do theatro, tiveram filhos dotados de grande propensão para a musica; depois de retiradas á vida particular, os seus filhos já não herdavam o talento admiravel das mães.

Estes e muitos outros factos demonstram a poderosa influencia do estado moral da mãe, durante o periodo da gravidez, nos dotes dos filhos. A educação deve por tanto principiar desde a vida intra-uterina, porque a mãe transmitte ao precioso fructo de suas entranhas as impressões da sua alma. A mulher no seu estado interessante deve cultivar o espirito com as cousas mais bellas, mais perfeitas e mais sublimes. A estatuaria, a pintura, a musica, as obras primas da litteratura, a vida dos homens mais celebres pelas suas virtudes e merecimento, a historia das viagens mais uteis, tudo deve occupar de preferencia a attenção das mães, durante as primeiras e augustas funcções da maternidade.

Grande fortuna. — Em Monte Mór o Novo, no Alemtejo, morreu ha pouco um homem, que deixou consideravel riqueza em dinheiro. Os jornaes noticiaram, que foram encontradas milhares de peças de ouro, e mais de 6:000 moedas em cruzados novos.

Diz-se agora, que os herdeiros de tão grande fortuna vão fundar um banco rural e um asylo da infancia desvalida. Oxalá que assim seja, e que o thesouro, que durante tantos annos permaneceu esteril, vá de hoje em diante fecundar a industria agricola e animar a instrucção do povo.

Exposição de Vienna d'Austria. — Os productos portuguezes têem sido muito apreciados n'esta exposição, e muitos jornaes estrangeiros fallam a este respeito em termos os mais honrosos e lisonjeiros para o nosso paiz.

Registamos com grande prazer o que escreve um jornal francez sobre o assumpto:

Os portuguezes foram os primeiros que se apresentaram, e a sua pequena mas interessante exposição é testemunho de um grande esforço e de mui louvavel desejo de mostrar o paiz e a nação de um modo completo e favoravel. Esse pequeno povo faz honra á raça latina, e dá até certo ponto um desmentido á theoria dos meios naturaes, e mostra que o trabalho e o esforço pódem ser de todas as latitudes. Maravilha ver, quantos ramos de industria tem tentado, e em quantos mais ou menos tem logrado desenvolver-se.

Não direi, que a sua porcellana seja egual á de Sevres, nem que os seus crystaes possam fazer concorrencia aos da França ou da Bohemia; mas na falta d'estes devem satisfazer. Portugal apresenta tambem bellas amostras de productos da sua imprensa real, que ostenta medalhas alcançadas em outras exposições. Expõe tambem encadernações, fazendas, chapeus, roupas, couros, sem contar as riquezas naturaes do seu solo, marmores e minerios.

Não poude mandar os seus monumentos, mas enviou as suas plantas; e para mostrar que os progressos scientificos não lhe são estranhos, expõe bellas imagens photographicas do sol. Emfim, Portugal representa-se a si proprio em uma linda collecção de manequins vestidos com os costumes nacionaes. Ha talvez alli um pouco de habitos monacaes, porém a exposição nem por isso deixa de revelar *um povo industrioso, livre e verdadeiramente moderno.*

Captura importante. — Foi capturada no pinhal d'Azambuja, uma quadrilha de 15 ciganos, ha muito tempo roubadores de cavallos. Escondiam-se em um subterraneo. Dois foram mortos, outros feridos. Do povo e tropas que os capturaram foram feridos 4.

O nosso lacrão, scorpio Europaeus. — Diz-nos o sr. José Maria Rosa de Carvalho, que este crustaceo, parecido á primeira vista com um pequeno caranguejo de longa cauda, produz dores violentissimas, e a maior desesperação, a quem tem a infelicidade de ser picado por elle. Não podem estas dores deixar de ser o effeito do veneno, depositado na ponta da cauda, a qual é curvada e termina n'um gancho agudo e movel.

Se o nosso lacrão nos produz dores, o da Africa (*scorpio Afer*) causa ordinariamente a morte; não só por ser maior do que o nosso, mas tambem porque o veneno é muito mais activo nos climas quentes, do que nos temperados.

O nosso lacrão, encontra-se frequentemente nos terrenos arenosos; como proximo á egreja de Santo Antonio dos Olivaes, no Cidral, nos pinhaes de S. Paulo de Frades, etc. Dizem que as femeas desta especie morrem quando dão á luz os filhos, e que estes se nutrem devorando a mãe. E' provavel não haver nisto exactidão.

Se dermos um golpe sobre a parte picada pelo lacrão, o sangue lavará o veneno, e o paciente ficará sem dores. Assim o dizem.

Não sei se nas centopeas e aranhas temos especies venenosas. E' tida como tal uma centopeia a que o povo dá o nome de mãe dos lacrãos. Esta especie é grande, de côr amarellada, com tarjas largas azuladas, e transversaes sobre o corpo. Encontra-se debaixo das pedras nos terrenos calcareos, e tambem nos arenosos.

Uma aranha da familia d'aquellas a quem os francezes chamam *araignées des caves*, que fabrica para sua habitação uma cova cylindrica, tapada por uma porta de barro, presa com uma raiz de planta gramminea, é a unica aranha tida por venenosa na opinião de muita gente. Ella escolhe para estabelecer a sua habitação um declive onde a agua da chuva não se possa demorar, o que arruinaria de certo o seu domicilio. Todas as vezes que abrirmos as portas das covas destas aranhas, vel-as-hemos chegar de dentro, e fecharem-as com promptidão.

Encontram-se nos valados, ou comoros da estrada de Santa Thereza a Santo Antonio, em Montarroio, etc.

Caminho de ferro da Beira. — Recebemos e muito agradecemos um exemplar da *Representação que fez ao governo de sua magestade o corpo do commercio do concelho do Carregal, acerca da directriz do caminho de ferro da Beira.*

Grandes crimes. — De Alvaiazere nos communicam em data de 27 do corrente o seguinte:

«Appareceu hontem n'um pego do rio Zezere, junto á Foz d'Alge, o cadaver da esposa do sr. João Rodrigues Martins Ferreira de Abreu, administrador da matta nacional.

Havia já alguns dias que esta senhora tinha desapparecido, em occasião que seu marido se achava distante de casa, sem que pessoa alguma descobrisse qual teria sido o destino da infeliz senhora.

Dizem-nos que o cadaver apresentava alguns indicios de estrangulação, o que revela a existencia de um horroroso crime, e vem confirmar que *vox populi, vox diaboli.* As auctoridades continuam com o seu louvavel zelo para chegar ao conhecimento da verdade. Já se acham custodiadas duas pessoas por suspeitas.

— Outro acontecimento não menos horroroso presenceava ainda ha pouco a freguezia de Arega. Foi victima de um envenenamento um desgraçado homem, a quem hymineu foi mais uma vez adverso.

Corre como certo que aquelle desventurado homem, em logar de procurar uma mulher que fosse a fiel companheira de seus dias, encontrou n'ella a serpente venenosa que o aniquilou! Esta fera já se acha em poder da justiça, assim como uma desnaturada filha, que, contra seu pae, não duvidou tornar-se cumplice com sua mãe em tão horroroso attentado.

— Tem nestes ultimos tempos sido roubadas algumas egrejas destes sitios. Já o anno passado se deram tambem alguns casos destes, conservando nós ainda um bem de memoria pelo que podia ter de tragico.

Foi nas Arêas, julgado de Ferreira do Zezere. Passando casualmente o muito reverendo parocho d'aquella freguezia, e nosso particular amigo Luciano Augusto de Azevedo, já depois de meia noite, proximo á egreja, conheceu que dois vultos se pretendiam encobrir com a porta principal. Sem tempo para chamar outra pessoa em seu auxilio, foi o dito nosso amigo á sua residencia buscar uma arma de fogo, para com mais afouteza se certificar do que vira; e quando já prestes a intimidar os ladrões, descarregaram estes sobre elle um tiro de revolver, que felizmente não foi certeiro.

Não perdeu ainda assim o nosso amigo a sua coragem, e com toda a presença de espirito desfechou sobre os ladrões, que se evadiram, deixando alguns objectos com que pretendiam fazer o arrombamento.»

Fallecimento. — De Ançã nos communicam o seguinte:

«Os pobres de Ançã vestem-se hoje de luto pela irreparavel perda de uma mãe carinhosa e um coração magnanimo e bemfazejo, que a morte acaba de lhes arrebatar.

Pelas 2 horas da manhã de terça feira, 27 do corrente, entregou a alma ao Creador a exm.ª sr.ª D. Joaquina Maxima Lopes de Sampaio Bacellar. Esta senhora pertencia a uma das familias mais respeitaveis da localidade, e possuia todos os predicados que distinguem as pessoas de bem.

A exm.ª sr.ª D. Joaquina Maxima Lopes padecia ha tempo d'uma hepatite chronica.

Não era avançada em edade, apenas contava 67 annos de vida.

E' profundissima a dor nos corações de todos, e com especialidade nos da infancia desvalida desta villa e de fóra, que em tão illustre senhora encontravam sempre hospitalidade.

O corpo foi depositado na egreja ás 9 horas da noute. O meritissimo prior José Carlos de Paula, a irmandade da confraria do Santissimo e grande numero de pessoas acompanharam o prestito funebre, dando assim publico testemunho da consideração e estima em que tinham esta virtuosa senhora.

Agora — paz aos seus restos — gloria ás suas cinzas! — e uma prece a Deus por sua alma!

Ançã, 29 de Maio de 1873. — *A. M. da S.*»

Erratas. — No communicado, publicado em o numero passado, na 4.ª linha da 2.ª columna, onde se lê *prespicaz*, deve lêr-se — *perspicaz*; e na mesma columna, linha 46, onde se lê — *tractar*, deve lêr-se — *tachar*.

Noticias de França. — Por noticias de Paris do dia 29, consta que o «Jornal Official» publicara o movimento prefeitoral de 29 departamentos: 20 novos prefeitos, 9 transferidos para outros departamentos. Mac-Mahon recebeu despachos de felicitação de todas as côrtes da Europa. Thiers tomara assento na camara como deputado do centro esquerdo.

Assegura-se que a maioria da assembleia, a fim de prevenir as crises governamentaes, resolveu assegurar a irresponsabilidade do presidente da republica e fixar aos seus poderes a duração de 5 annos.

Insurreição carlista. — As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid, 29, ás 6 horas da tarde.—As noticias que se referem aos carlistas são contradictorias. Sabe-se que até esta hora não têem hávido encontros importantes no theatro da guerra civil. Espera-se uma batalha entre as tropas de Nouvilas e as de Dorregaray, e diz-se que as primeiras continuam operando movimentos importantes de concentração para tomar uma poderosa offensiva.

Falla-se muito em Madrid de conspirações affonsistas e affirma-se que alguns dos generaes mais influentes deste partido, já se acham occultos em Hespanha. As noticias que hoje se receberam de Paris são pouco importantes. Os orleanistas fazem grande opposição ao novo presidente da republica franceza. Este já foi felicitado por todos os departamentos e principaes côrtes da Europa.

Espartero é indigitado por alguns republicanos para ser proposto nas côrtes á presidencia da republica hespanhola; mas os seus amigos mais intimos negam que elle queira jámais sahir do seu retiro tranquillo de Logroño.

Fundos hespanhoes ao fechar a cotação do dia: interior, 17,50; exterior, 23,20.

Madrid, 29, ás 6 h. e 30 m. da tarde.—A «Gazeta» publica o decreto supprimindo a caixa dos depositos. Nouvilas chegou a Victoria esta madrugada.

Madrid.—Os bandos da provincia de Leão desappareceram completamente.

Na ultima noite os malfeitores fizeram descarrilar e desbalisar o trem de Andalusia, entre Quero e Villa Cannas. O machinista foi morto. Os viajantes sahiram sãos e salvos.

Dorregaray está nos arrebaldes de Orduña.

ANNUNCIOS

AVISO

1 O CENTRO—VIGIA DE COIMBRA—hade reunir-se em sessão extraordinaria ámanhã, domingo, pelas 8 horas da noite, na sala das suas sessões.

Coimbra, 31 de Maio de 1873.

O secretario,

Tito.·. de.·. Vasconcellos.

NEVE

2 **VENDE-SE em Samsão, casa n.º 45, das 5 horas da tarde em diante.**

ARREMATAÇÃO

3 NO PROXIMO SABBADO, 7 de Junho, pelo meio dia, no Jardim Botanico, hade ser arrematada uma obra de pedreiro e canteiro, para a construcção das paredes d'uma estufa.

As condições podem ser examinadas pelos pretendentes no gabinete do respectivo director.

4 A MESA da Santa Casa da Misericordia desta cidade, manda annunciar, que se acham a concurso, pelo espaço de 15 dias, a contar de hoje, 3 logares de orphãos e 6 de orphãs dos collegios a seu cargo.

Os pretendentes deverão apresentar durante aquelle prazo os seus requerimentos documentados com certidão de edade, de obito do pae, e attestado de pobreza passado pelo parocho.

Santa Casa da Misericordia de Coimbra, 31 de Maio de 1873.

O cartorario,

José Simões da Silva Junior.

BAZAR

5 ÁMANHÃ, DOMINGO, 1 de Junho, continua o bazar da philarmonica *Boa-União*, no Jardim Botanico. A noute haverá leilão de prendas.

NEVE

No Café Academico

22—Rua do Infante D. Augusto—22

6 TODOS OS DIAS, desde as 11 horas da manhã até ás 11 da noite: e carapinhadas das 11 da manhã até ás 3 da tarde.

Toma-se com promptidão todas as encommendas, tanto para Coimbra como para fóra.

CASAS

7 ARRENDA-SE uma morada no bairro de Montarroio. Trata-se com Francisco Gonçalves de Lemos.

EDITAL

8 A CAMARA MUNICIPAL DE COIMBRA, faz publico, que é fixado o periodo que decorre do 1.º até 30 de Junho proximo futuro, para o afilamento de instrumentos de pesar e medir. Portanto todos os individuos que tiverem balanças, pesos e medidas para serviço da sua industria ou commercio n'este concelho, os deverão apresentar na officina da repartição de pesos e medidas durante aquelle periodo, desde as 8 horas da manhã até ás 2 da tarde, afim de se proceder aos respectivos afilamentos, pena de comminação.

E para constar se passou este e outros.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 31 de Maio de 1873.

O presidente,

Lourenço d'Almeida Azevedo.

DOCTOR IN ABSENTIA

9 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a *Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra)*, o qual lhes dará gratuitamente todos e quaesquer informações sobre a Universidade.

FONSECA

72 Rua da Calçada 76

10 N'ESTA LOJA se vende o verdadeiro papel mata-moscas.

Verdadeiros pós vegetaes, peruvianos insecticidas, para destruição completa de todos os insectos: modo de os applicar, para destruir os persevejos, pulgas, formigas, baratas e traças, etc.; é necessario polvilhar o logar aonde existem os insectos.

HOTEL CAMÕES E ROSSINI

Rua de Rossini, n.º 16, em Paris (proximo ao Boulevard dos Italianos.)

11 RECOMMENDAMOS esta nova casa ond se falla portuguez, não só por estar situada no bairro mais central de Paris, e offerecer aos viajantes todas as commodidades, mas tambem pelos seus preços rasoaveis, devido á honrade do seu proprietario o sr. José Domingues, nosso patricio e amigo, que conhecemos ja da sua antiga casa na rua de Bonaparte.

EDITAL

12 A CAMARA MUNICIPAL DE COIMBRA convida todos os individuos collectados na contribuição de serviço do corrente anno a declarar n'esta secretaria, dentro do prazo de 10 dias, a contar da data do presente edital, se querem pagar em serviço suas collectas ou remil-as a dinheiro, na conformidade do n.º 34 da portaria regulamentar de 26 de Junho de 1866 e artigo 18, § 2 da lei de 6 de Junho de 1864.

Contribuição de serviço applicada para as obras de viação municipal em construcção

No lanço de S. Francisco ao Almegue—a das freguezias de Santa Cruz, S. Bartholomeu, Santa Clara, Ribeira de Frades e S. Martinho do Bispo. No lanço d'Eiras a Brasfemes—a da freguezia d'Eiras.

A contribuição de serviço das freguezias d'Almalaguez, Ameal, Antanhol, Antuzede, Arzilla, Assafarge, Botão, Brasfemes e Villela, Castello Viegas, Ceira, Cioga, Lamarosa, Santo Antonio dos Olivaes, S. Martinho d'Arvore, S. Paulo, S. Silvestre, Sé Nova, Sé Velha, Sernache, Souzellas, Taveiro, Trouxemil e Vil de Mattos, será applicada, na conformidade do artigo 1.º da lei de 10 de Outubro de 1871, á reparação das estradas das mesmas.

E para constar se passou este e outros.

Coimbra, secretaria da camara municipal 29 de Maio de 1873.

O presidente,

Lourenço d'Almeida e Azevedo.

13 MANOEL IGNACIO DIAS, negociante matriculado da villa de Goes, comarca de Arganil, faz publico, que ninguem queira comprar os bens de raiz de Francisco Barata e Silva e mulher Maria José, da mesma villa, porque estes lhe são devedores de quantia superior a reis 800$000, e juros respectivos, correndo contra elles a competente acção no juizo ordinario de Goes, pena de se julgarem simulados e nullos todos os contractos de compra e venda dos mesmos bens, em quanto não fôr paga a divida do annunciante, que está comprovada com documentos indestructiveis e irrefragaveis.

Goes 28 de Maio de 1873.

Manoel Ignacio Dias.

14 ACHA-SE aberto concurso documental, por espaço de 20 dias, a contar da data do presente annuncio, para o provimento d'um logar de amanuense da secretaria da Camara Municipal de Coimbra, com o ordenado annual de 150$ reis.

Os pretendentes ao referido logar deverão entregar os seus requerimentos nesta secretaria, durante aquelle prazo, instruindo-os com os seguintes documentos:

Certidão que prove terem completado 18 annos d'edade;

Certidão de terem satisfeito ás prescripções do artigo 54, da lei de 27 de Julho de 1855;

Certificado de bom comportamento civil e moral.

Os concorrentes poderão juntar aos seus requerimentos, alem destes documentos, quaesquer outros justificativos das suas habilitações literarias ou scientificas; e bem assim os que provem os serviços que houverem prestado na carreira publica.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 31 de Maio de 1873.

O escrivão da camara,

Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

15 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchaqueca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alcuto, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid.—Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kilo 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2698 — TERÇA FEIRA 3 DE JUNHO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis

Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.

A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**

Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.

Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Retiramos o nosso artigo principal, para dar cabida neste logar, a um primoroso escripto, devido á penna auctorisada de um dos caracteres mais rectos e conscienciosos da actualidade.

Não podemos resistir ao desejo de tornar conhecido dos nossos leitores o conselho salutar, que tão modestamente nos dá o eximio escriptor. Transcrevendo-o do *Jornal do Commercio*, pedimos a devida venia ao illustrado collega.

A egualdade na admoestação

Que vae pelo orbe? Inda cidades fundam?
Quem é, que hoje, lá tem mando supremo?

Tal interrogação fazia a Eudoro o eremita Paulo, que havia mais de um seculo fôra esconder-se no deserto.

Oh! já não é uso ir buscar as solidões do ermo para fugir ás turbações do mundo. O infeliz, a quem nos dias de hoje repugna a agitação febril, que incessante e sem treguas devora os espiritos, quer ás vezes refugiar-se no mais intimo da alma, e formar em torno de si um deserto. Baldado esforço! O echo da tempestade, que fóra desse recinto ruge embravecida, vem arrancal-o do fragil asylo que buscára, arrastando-o, não a envolver-se na refrega, mas a unir-se aos homens de boa vontade, que ainda forcejam por insinuar sentimentos suaves, inspirações de paz, de ordem, de benevolencia.

Ha pouco, e quando mais intenso foi o meu meditar, collocou-me a imaginação em frente e a distancia egual de duas grandes multidões. Em uma dellas era tudo elegancia, fulgor e brilho; na outra so divisei as modestas apparencias da mediocridade. Fitei depois mais attento olhar nos dois grupos, e reconheci neste os representantes das classes trabalhadoras, e n'aquelle os das classes abastadas, poderosas.

E subito me deliberei a dizer duas palavras a cada uma das turmas.

A' das apparencias modestas fallei assim:

«Gravae na memoria o que um americano illustre, o sabio e virtuoso Franklin, repetia incessantemente aos seus concidadãos:—*Se alguem vos disser que podeis enriquecer por outros meios, que não sejam o* TRABALHO *e a* ECONOMIA, *não o escuteis: olhae que é um impostor.*

«Não cuideis, disse eu depois, *que só comem o pão com o suor do seu rosto os que cavam e roçam...*

«Não deis entrada em vossos peitos á *inveja*, quando olhardes para os ricos e para os grandes; mil vezes mais que a vós os desassocegam cuidados pungentes.»

E dirigindo-me á turma brilhante, lhe disse:

«Apregoa-se, e com razão, a conveniencia de instruir e educar os populares; mas tambem a vós cumpre encaminhar os passos para melhor rumo.

»Experimentados pensadores de todos os paizes do globo, incitados mais que tudo pelo estado actual da sociedade, vos aconselham que deis maior quinhão em vossos orçamentos ao *bem fazer*, antepondo, de vez em quando, ao fausto e ás ostentações custosas o santo empenho de soccorrer os desvalidos, de alliviar e consolar os que padecem, de proporcionar trabalho aos que o pedem, de promover a creação de institutos e estabelecimentos destinados a melhorar, a todos os respeitos, a condição do maior numero dos nossos similhantes.

«Dest'arte se apertará mais e mais o laço de entranhavel affeição, que deve ligar entre si as creaturas humanas; e porventura poderão os povos, respirando sempre e cada vez mais puro, o ar da liberdade, gosar a quietação e a placidez, sem as quaes a vida é um martyrio.»

Nenhum dos grupos me applaudiu; mas fiquei contente comigo mesmo, e levei a temeridade até ao ponto de proferir aquelle sublime desabafo: *E pur si muove!*

José Silvestre Ribeiro.

JOAQUIM ALVES DE SOUSA

RESPOSTA A UM CRITICO OU EXAME DE ALGUMAS ASSERÇÕES DO SR. AUGUSTO EPIPHANIO DA SILVA DIAS SOBRE GRAMMATICA PORTUGUEZA E LATINA.—Coimbra, imprensa da Universidade, 1873.

São hoje raros os cultores da lingua latina, e rarissimos os bons cultores. Ainda honram o professorado mestres insignes, mas são minguadas as vocações extranhas ao ensino official. E dos proprios professores, dos mais consummados, nem todos logram composição facil e estylo corrente. E muito menos os que trilham a senda do Parnaso sustentam a honra das musas, cuja intimidade procuram; se primam na correcção, que os abona como mestres, fallece-lhes o gosto, que os recommende como poetas.

De tudo isto é facil dar a razão. O latim vae perdendo de moda, e por isso esquecendo; e, ainda mais, soffre rudes ataques de atrevidos impugnadores, que disso fazem alardo, e até escola. Daqui tem nascido por conseguinte geral indifferença pelo seu estudo.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXV

D. CARLOS

XV

D. Carlos levava para sua defeza mais de quatro batalhões; porem nem elle, nem os chefes que o rodeavam eram temiveis para os liberaes. Sim o era Zumalacarregui; mas Oráa com a sua grande pericia militar, e como bom conhecedor do paiz, o vigiava. Sabia-o bem o caudilho carlista, e assim como evitava todo o encontro com Oráa, a quem chamava o *lobo cão*, o desejava com Figueras, a quem observava.

Effectivamente se lhe offereceu a occasião que desejava. Passava Figueras de Araul para Abarzuza, e Zumalacarregui que o espreitava, escondido na espessura dos bosques que rodeiam o mosteiro de Iranzo, destacou um batalhão contra o flanco esquerdo e quatro companhias sobre a retaguarda da columna, á frente da qual ia Figueras. Atacada ella, se apoderam os carlistas de todas as equipagens, com 72 cavalgaduras, e se retiram velozes com a sua preza, por temerem a Oráa e as mais forças liberaes.

Proseguindo Zumalacarregui as suas emprezas, espera ao barão de Carondelet nas Penhas de S. Fausto, assentadas no caminho que se dirige a Estella. Na sua marcha é Carondelet surprehendido com uma descarga á queima roupa. Instantaneamente se descobrem os carlistas occultos na espessura, e atacam por todas as partes com impeto irresistivel. Vanguarda, retaguarda, flanco, tudo é ao mesmo tempo objecto do seu ataque.

Na impossibilidade de combaterem as tropas da rainha, encerradas naquelle estreito desfiladeiro, mandou Carondelet de prompto ganhar a outra margem do Amezcoa, unica salvação naquelle conflicto. Á sua voz se atravessa com rapidez o rio, e situando vantajosamente a cavallaria e parte da infanteria, protege a passagem do resto da columna. Graças á sua serenidade naquelle momento supremo, não são fuzilados todos os seus valentes, afogando-se, comtudo, alguns no rio.

Entre os 250 mórtos de Carondelet, se contou o brigadeiro Erranz; e entre os prisioneiros o foi o coronel conde de Via-Manoel, grande de Hespanha.

O despojo foi consideravel: excedeu as esperanças dos carlistas. Eram tropas, que tinham ido de Portugal e de Madrid, e levavam dinheiro e boas prendas. Na caixa de um regimento acharam 6:000 duros.

O que mais valeu a Zumalacarregui foi a chave que servia para as communicações do governo com os generaes. Tendo-a perdido Carondelet, não houve a precaução de a variar, e foi causa este descuido de posteriores contratempos.

A esta surpreza se seguiu o episodio tragico de ser fuzilado o conde de Via-Manoel, por ordem directa de D. Carlos, o qual respondeu quando lhe pediram a clemencia para o conde—«Quando officiaes de uma ordem inferior, e soldados feitos prisioneiros com as armas na mão soffrem a pena de morte, não ha motivo para perdoar a um grande de Hespanha.»

O carlismo progredia: recebia do estrangeiro armas, munições, effeitos e dinheiro. A causa liberal soffria, pelo contrario, terriveis revezes. Com elles se predispunha o soldado a dar ouvidos á seducção, e desertavam muitos, pelo que o governo officiou a Rodil, dizendo-lhe, que havia chegado á noticia da rainha, o augmento que tinha a seducção dos soldados, pelos partidarios de D. Carlos, cujos progressos lhe mandava evitar com todo o rigor, fuzilando de prompto o que fosse achado reu.

Não era, porem, o numero, nem a habilidade dos seductores o que minava o enthusiasmo do exercito liberal e diminuia as suas fileiras; era a insubordinação que principiava a manifestar-se, era a indisciplina, era a impericia de alguns chefes, e a deslealdade de alguns officiaes. Prestavam-se serviços infructuosos, faziam-se sacrificios inuteis, e o soldado, que palpava os resultados, desalentava-se, predispondo-se para desertar.

O mesmo Carondelet que havia soffrido o desastre de S. Fausto, torna a ser posto á frente de um corpo de cavallaria, apoiado por um batalhão, para operar em terreno plano; e não longe delle se situaram Espartero, Oráa, Lorenzo e Figueras.

Zumalacarregui entretinha estes cinco chefes, com o seu systema de divisão infinitesimal de forças, reunindo-as de improviso, como fez em Galdeano, e depois em Eraul (o mesmo sitio onde ha pouco mais de um mez o chefe carlista Dorregaray aprisionou o coronel Navarro), sorprehendendo realmente a Figueras. Infatigavel e activo se lhe reunem em Santa Cruz de Campezu 240 cavallos montados e armados do modo que podia, e marcha veloz em 3 de Setembro de 1834 a Vianna a tentar fortuna.

Ataca Zumalacarregui a Carondelet, que tinha comsigo 600 infantes e 300 cavallos; e a pesar da irregularidade das forças carlistas, faz perder ás tropas da rainha 200 homens, e a bandeira do regimento de Castella.

Ufano com este trofeu, retirou-se Zumalacarregui de Vianna, para Alegria de Alava. Tinha, com effeito, motivos para estar orgulhoso, pois que a acção de Vianna é para os carlistas uma das paginas mais explendidas. Vê-se bater alli pela primeira vez a sua cavallaria, de pouca importancia, com a brilhante cavallaria da guarda, e bater-se em terreno plano e em numero egual, acommettendo sem titubear, e vencendo logo. Nunca com mais verdade poude Zumalacarregui applicar a si as palavras de Cesar—*veni, vidi, vici.*

Este combate foi mais um desengano para Rodil, que continuava correndo atraz de D. Car-

Ora esta deploravel inercia sente-a e lastima-a deveras quem não despreza o estudo aturado das humanidades. Em que peze a seus detractores é o latim, e é tambem o grego, são estas duas formosas linguas as chaves de ouro de toda a literatura. E em Portugal, sobre tudo, são ellas o caracteristico infallivel do bom gosto literario, brazão genuino da nobreza dos que empunham a penna, assim hontem como hoje, e ámanhã, e sempre, em quanto ouvirmos a lingua de Camões em labios lusitanos.

O melhor dos nossos prosadores antigos, o suavissimo Fr. Luiz de Sousa, era latino como Cicero; o nosso distinctissimo escriptor contemporaneo, o paraphrasta de Ovidio, excedeu o seu modelo. O principe dos nossos epicos deveu a Virgilio versos inimitaveis; Cardoso Borges toma da lyra de Horacio o primoroso atticismo das suas composições.

E outr'ora já os nossos antigos cuidavam com esmero d'este ramo de ensinamento, e cançavam os moços com annos de porfiada lição dos exemplares gregos e latinos. Então os castos ouvidos da Minerva conimbricense raro se arrepiavam com vozes de sycambros, não troavam os francelhos no pulpito, nem a justiça dictava suas sentenças em algaravia bastarda.

Vale muito o talento, não vale menos a forma. Os bons ingenhos tropeçam muitas vezes neste escolho; os simples estudiosos salvam com ella quasi sempre a sua mediocridade. E não são poucos e raros os exemplos entre os nossos proprios contemporaneos.

As difficuldades do estudo, que noutro tempo levavam annos continuos a vencer, estão reduzidas pelos novos regulamentos a insignificantes prazos; e estes mesmos alternados e complicados com variados estudos, os quaes, dividindo o tempo, dividem attenções, e preparam tão lastimosa superficialidade, que o estudante de hoje ha de ser mais tarde, e irremediavelmente o bem conhecido *Petrus in cunctis, nihil in omnibus.*

São benemeritos das letras os que tentam a todo o cabedal do seu ingenho acudir a tão errado caminho, já dando vozes, já propondo alvitres, já remediando com seu grande prestimo os desatinos officiaes. E n'esta classe entram os que com seus livros, apropriados no methodo e seguros na doutrina, attenuam os defeitos que todos reconhecem na actual organisação dos estudos de instrucção secundaria.

Com a *Grammatica elementar da lingua latina* veiu ha poucos annos o sr. Joaquim Alves de Sousa dar valioso contingente para o curso regular desta lingua. E o sr. Augusto Epiphanio da Silva Dias apresentou agora a traducção portugueza da *Grammatica latina* do allemão Madvig, para ser tambem adoptada nas nossas aulas.

Mas entendeu o sr. A. Epiphanio que devia preceder a sua traducção de algumas reflexões, com que deprimisse o trabalho do sr. Alves de Sousa e os de outros mestres da lingua latina, que deixaram nas suas obras documento incontroverso não só do seu saber como de desvelado empenho pelo adiantamento dos seus alumnos.

Acudiu logo o sr. Alves de Sousa ao repto com o livro que temos em frente, e pugnou por si e por todos os offendidos com admiravel energia de argumentação. Esgrime a penna como o soldado valente a espada. Não poupa o adversario; os seus golpes são rudes e certeiros, as feridas profundas. Notam-se-lhe talvez uns longes de aspereza, mas peleja com lealdade cavalleirosa, e a sua probidade literaria é inexcedivel.

Não podemos fazer a analyse do livro, porque pedia espaço que não temos e penna digna do assumpto. Mas diremos francamente o que nos parece ácerca da questão ventilada entre os dois professores.

Fez mal o sr. A. Epiphanio com a sua critica *posta á frente da sua traducção*, e fez mal a si e á sua obra. A critica é livre, e não só livre mas util, ainda mais—necessaria. E não trema a ninguem a mão para apontar desvios e defeitos que se possam emendar. A todos que tractam letras cabe esta melindrosa tarefa. Quando o caminho vae errado haja voz que o indireite. Para isto vale a liberdade de imprensa, para advertir liberrimamente, e pedir a reforma para o erro, ao menos em quanto não enraiza profundamente, que a cura precise cauterio.

Todavia não é o official do mesmo officio, quando tenta recommendar obra sua ainda não conhecida, o competente para a censura dos auctores que o precederam, e cujos trabalhos são bemquistos e acreditados. N'este caso a critica é forçosamente parcial, e sobre tudo suspeita. E o homem honesto deve evitar a todo o transe posição tão equivoca e desagradavel.

Se tem consciencia do seu merito, não o faça prevalecer com o descredito alheio; deixe ao tempo e á opinião que lh'o reconheçam; não trema deste tribunal, que é seguro e inteiro. Se trepida, a censura com que tracte os outros não é poeira com que cegue os olhos do publico e disfarce as incorrecções proprias. É claro que ninguem póde ser juiz e parte ao mesmo tempo, e todos sabem que o sr. A. Epiphanio, se traduziu uma *grammatica latina para uso das escholas*, foi de certo com a mira de supplantar os trabalhos dos seus collegas. O fim é nobre, porque a emulação é uma virtude; mas o meio pouco decente, porque argue fraqueza.

Isto é o que pensamos; mas a censura do sr. A. Epiphanio, desvantajosa unicamente para si e para a sua grammatica traduzida, foi util para as letras, porque originou o livro do sr. Joaquim Alves de Sousa, com o que sem contestação prestou um bom serviço. Livros destes não se escrevem todos os dias, e raros os escrevem. E o pulso valente que manejou a penna revela bem que não é o seu auctor desassisado, incorrecto e leviano como graciosamente pretende inculcar o *Prefacio* do sr. A. Epiphanio da Silva Dias.

Clareza e perspicuidade de ideias, escolha acurada de termos, juizo e erudição pouco vulgares são os excellentes dotes do livro do sr. Alves de Sousa, e que tornam a sua critica judiciosa, elegante, coherente e profunda. Accresce ainda o *gosto*, qualidade rarissima entre os criticos, porque o bom critico nasce assim como nascem os poetas; e os que são excellentes esses ensinem, esses censurem, que com a sua doutrina aprenderemos todos. Já dizia o poeta inglez (Alex. Pope, *An Essay on criticism*):

Ad censure freely who have written well.

ABILIO AUGUSTO DA FONSECA PINTO.

AUGUSTO FILIPPE SIMÕES

Apontamentos para dez annos de sua vida vividos em EVORA

N'um paiz tão exiguo como este nosso Portugal, em que a população nas provincias meridionaes é sabidamente escaça e diminuta, e mais agricola e lavradora do que estudiosa e letrada, é para se notar e louvar mais aquelle que no isolamento da sua casa passa os dias e as noutes cultivando a sciencia e as letras, indifferente ao bulicio da lavoura, especie de semi-pagão de Ceres, que procura e prefere o trato dos livros ao dos lavradores, não por despresivel, mas porque no Alemtejo, e em Evora, com algumas excepções, se crê que as letras não fazem mal aos lavradores, e se topa um ou outro homem que da sciencia theorica se deixe ir acompanhado na rotina secular da pratica.

E', portanto, o viver em Evora para o homem de letras uma como relegação voluntaria em que o espirito porventura se não deixa vergar ao dissabor nostalgico buscando a rica bibliotheca, que D. Fr. Manoel do Cenaculo ampliara e engrandecera, se não fôra della o fundador.

Foi, pois, nesta cidade que o sr. Dr. Augusto Filippe Simões viveu a decada mais laboriosa da vida do homem.

Professor de physica, chimica e introducção aos tres reinos da natureza, tomára posse da cadeira em 1863, domiciliando-se nesta cidade n'aquelle anno.

Como professor e como medico os seus creditos para logo se consolidaram, tomando a seu cargo a clinica official do *Monte Pio Geral Eborense* em 1865 e sendo justamente considerado por seus collegas no lyceu.

Como cidadão probo, como empregado zeloso, como caracter honestissimo sobejam-lhe testemunhos inequivocos das auctoridades e das corporações de que fizera parte. Terá defeitos, tem-nos certamente, mas onde o homem perfeito? Já não é para pouco estimar o que menos tiver, como o sr. Dr. Simões.

Mas, cumpre tocar mais de folego o ponto em que a actividade do sr. Dr. Simões se exerceu proficua, proveitosa, util para a cidade de Evora, que ora deixou, para ir fazer parte da faculdade de Medicina da Universidade.

Morrera em 1863 o prestante cidadão João Raphael de Lemos, deixando um logar vago na bibliotheca desta cidade, cuja fôra bibliothecario.

Por convite do sr. visconde de Guedes, então como hoje governador civil do districto, tomou a seu cargo o sr. Simões a direcção daquelle estabelecimento.

---

los. Mandava então a Jáuregui incendiar o abandonado convento de capuchinhos de Vera; fortificar uma casa forte em Elisondo para dominar o valle, e a Espartero que não arriscasse nenhuma acção com os numerosos carlistas de Biscaia até que a elle se incorporasse. Assim o proprio chefe liberal vinha a dar importancia aos mesmos que antes desprezava, e aos quaes julgava destruir em pouco tempo.

Não era, porem, só Zumalacarregui o que se apresentava ousado na Navarra: eram-no tambem os que guerreavam em Guipuscoa. No mesmo dia que Zumalacarregui atacava a Vianna, o fazia Guibelalde a Vergara, cuja posse importava muito aos carlistas. A guarnição liberal defendeu-se heroicamente; e no fim de 8 horas de um renhido ataque dos carlistas, tiveram estes de se retirar para os montes de Anguka e Zurraga, deixando uns 60 cadaveres, e levando mais de 200 homens feridos e contusos. Os liberaes tiveram 18 mortos e outros tantos feridos.

O governo da rainha mandou, que para perpetuo testemunho de tão glorioso feito, se collocasse no centro do escudo das armas da villa de Vergara, um sobre-escudo, no qual se lessem as iniciaes de Isabel II, e sobre ellas uma coroa mural. Isto sem prejuizo dos premios a que se considerassem dignos alguns dos que mais se tivessem distinguido.

Os carlistas guipuscoanos trataram de fazer mais extenso o campo de suas operações, e se fixaram na occupação de Villarcayo, que proximo do Ebro, lhes offerecia grandes vantagens. A sua guarnição era um punhado de urbanos e uma partida de tropa.

A 18 de Setembro de 1834, Castor, Sopelana, Ibarrolilla, e Mazarrosa, com perto de 3:000 homens, se apresentaram proximo ao amanhecer deante da villa, intimando duas vezes a sua rendição. Os liberaes intrincheirados nas casas e no edificio da camara, respondem-lhes com balas.

O principio daquella peleja augmenta o valor de uns e outros, e ainda que infinitamente maior o numero dos sitiadores, não temem os sitiados; propõe-se morrer antes que render-se, e não podendo vencel-os os carlistas, appellam para um desses meios reprovados que repelle a humanidade. Lançam o fogo ás casas, e são reduzidas 30 a cinzas. Mas não desce o valor dos sitiados com o incendio: as suas chammas avivam as do seu patriotismo, e entre o estalar das mesmas casas em que se defendiam, resoavam os seus vivas a Isabel. Ao fumo do fogo, se mistura o da polvora; e exaltado o seu brio á vista deste damno que recebem, a sua resistencia não é já heroica, mas desesperada.

Cedem ante ella os carlistas, e se retiram ao immediato povo de Siguenza, levando 12 prisioneiros.

Iriarte acudiu em auxilio de Villarcayo; e ainda chegou a tempo de contemplar as fumegantes ruinas. Consternado pelo espectaculo que lhe offerecia o povo, seguiu apoz o inimigo, que o esperou em posições. Nellas recebeu os ataques dos liberaes com um vivo fogo; porem não poude resistir ás suas bayonetas, e fugiu, deixando 20 mortos, um capitão prisioneiro e quantos havia tirado da incendiada villa, e alem disso interessantes papeis da junta de Castella, armas, munições, e outros effeitos.

Tambem foram resgatados os 12 prisioneiros de Villarcayo. Iriarte contou um capitão e alguns soldados mortos.

Por essa occasião cessou Rodil no commando. Em 22 de Setembro mandou o governo da rainha dividir em dois o exercito do norte; um para operar na Navarra, e outro nas provincias Vascongadas. O primeiro ao mando de Mina, e o segundo de Osma. Porem achando-se Mina ainda na emigração, se encarregou do commando interinamente o conde Almildez de Toledo.

Por esta forma foi destituido Rodil, ao qual se conferiu a capitania general da Estremadura, que renunciou, marchando para o Porto de Santa Maria, a usar da licença que obteve para recuperar a sua saude.

Os resultados do commando do Rodil tinham sido desastrosos. Não ha duvida que era muito activo e infatigavel; porem não se viu nelle um feito glorioso, nenhum desses planos que revelam o genio, ou a pericia militar; nenhuma dessas concepções atrevidas que fazem a reputação de um general.

Por este tempo se apresentou a Zumalacarregui a occasião de se apoderar de Echarri-Aranaz, importante acquisição para a sua causa, por ser um forte bem abastecido do que necessitava.

A traição de um official dos que com o exercito de Rodil tinham ido de Portugal, facilitava ao caudilho de D. Carlos os meios de levar ao cabo a sua empreza, que intentou favorecido pela escuridade da noute, dirigindo-se á serra de Urbasa e ao porto de Santa Marina, immediato ao povo de Bacaicoa. Escolheu Zumalacarregui duas companhias, as quaes unicamente iniciou no segredo e as inteirou das bases da sua execução tão minuciosamente, que até impoz aos cabos o que cada um havia de fazer. A sua avançada se moveu para Echarri-Aranaz, seguindo-o dois batalhões para o auxilio necessario, estabelecendo-se outro em um sitio opportuno.

Ás duas da noute entrou silenciosa a columna em uma das ruas de Echarri-Aranaz; e perto do forte, o paisano, cumplice do official liberal, arremedou o miar do gato, e se viu ao mesmo instante passar uma luz por deante das ameias.

Dois paisanos chamam então á porta do forte, dizendo que levavam uma parte para o governador; manda o official que se lhe abra, e ao sentir os carlistas girar as portas sobre os gonzos, se arrojam com impeto sobre ella; mas não com o valor e a promptidão necessaria, que o sargento da guarda não se apercebesse da traição, e cerrasse opportunamente a porta, deixando de fora o official. Dispararam-se alguns tiros, que produziram a maior desordem, e um irmão do official traidor que ficou dentro, foi assassinado.

Zumalacarregui teve de retirar a sua gente, levando no rosto retratada a desesperação, e marchando mudos os soldados pela vergonha e o temor; pois tendo sido bem tomadas as medidas, houve impericia e cobardia na execução, tendo estado franqueada a porta o tempo sufficiente para que a cabeça da columna invasora se apoderasse della.

Chegada a columna á serra, a conduziu Zumalacarregui ao centro de um bosque. Formou um quadrado com os batalhões; collocou no meio as duas companhias escolhidas, e com mal comprimida tranquillidade lhes dirigiu algumas palavras em que mostrava o seu profundo sentimento.

Em acto continuo mandou deitar sorte aos soldados que tinham formado a frente das duas companhias: o primeiro de cada uma dellas, recebidos os auxilios espirituaes, foi fuzilado. As execuções não seguiram mais adeante.

Zumalacarregui saiu do quadrado, e sentando-se no tronco de uma arvore, cobriu o rosto com as mãos.

Esta lição dolorosa foi muito efficaz ao seu intento.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Resolvido um conflicto, que surgira entre a mitra e o governo ácerca d'aquella casa; considerado estabelecimento publico de instrucção, e, como os demais, sob a protecção do governo, as vistas do sr. Simões convergiram certeiras nos melhoramentos urgentes de que a bibliotheca precisava, já acudindo a parte do edificio, que ameaçava ruina, já ordenando melhormente milhares de volumes.

A urbanidade no solicitar, a constancia no presistir, e a delicadeza no empenhar, foram os meios empregados pelo sr. Simões para reformar totalmente, como reformou, e levantar á altura de uma das mais bem organisadas bibliothecas do reino, a bibliotheca publica de Evora.

Conseguida a approvação pelo governo da obra da sala arruinada, esta se fez sob a sua direcção por forma que a chamada *sala nova* da bibliotheca é hoje uma das melhores d'aquelle estabelecimento. Estantes simples e elegantes, luz em abundancia substituem alli um labyrinto de velhas estantes e uma penumbra impropria de uma casa de estudo. Mas que trabalho enormissimo no mandar tirar d'alli com ordem antes da obra dez a doze mil volumes, e, mais ainda, no collocal-os recatalogados nas novas estantes! Pois todo esse trabalho fez o sr. Simões, apenas auxiliado do guarda da bibliotheca, que só lhe poderia ser util na parte material. E' um grande trabalho que só poderá ser bem avaliado por quem sabe e conhece practicamente este genero de labor.

Mirou depois mais alto o cuidadoso zelo do sr. Simões.

Abastecida então de bons livros antigos era a bibliotheca; mas não os tinha modernos. Nem Castilho, nem Garrett, nem Herculano; nenhum. Esta falta, a necessidade de catalogar milhares de volumes arrumados na bibliotheca, levaram-no a envidar suas forças e as de seus amigos para conseguir do governo uma dotação para compra de livros modernos, e a creação de um empregado habilitado para os superabundantes trabalhos da casa. Tudo isto se conseguiu.

Dotada a bibliotheca, tem hoje alguns milhares de volumes de obras modernas, e encadernados centos que permaneciam ou desencadernados ou desmanchados em suas primitivas encadernações; e dos milhares de volumes das extinctas corporações monasticas, tem hoje uma grandissima parte catalogados.

Esta parte da reforma da bibliotheca terminou no augmento do ordenado do guarda que percebia 160 reis diarios! e no regulamento da casa que lhe deu o caracter publico, marcando as dez horas da manhã de cada dia não santificado para abertura, e as tres da tarde para encerramento.

Não parou o sr. Simões na sua obra reformadora. Conhecendo a necessidade de se ampliar a bibliotheca, conseguiu tambem que o fallecido arcebispo D. José de Matta e Silva, doasse á bibliotheca um celleiro contiguo e vastissimo, para onde a casa se alargaria naturalmente. Mas, porque a despeza a fazer fosse, na verdade, avultada, ainda aquelle celleiro se não converteu em sala da bibliotheca. Oxalá, porem, que os successores no bibliothecado consigam este melhoramento indispensavel, pois que a bibliotheca tem milhares de volumes amontoados, por não ter onde os colloque.

Entrando em Evora em 1871 o ministro das obras publicas, o sr. visconde de Chancelleiros, com elle se empenhou o sr. Simões, para a continuação da reforma da sua querida bibliotheca. A sala dos quadros, do museu, e em que se guarda a vastissima collecção dos preciosos manuscriptos, carecia tambem urgentemente de reforma. Desfaziam-se-lhe carunchosos os pesados armarios, feitos em 1805, e o chão de tijolos em poeira damnificadora dos quadros e dos manuscriptos.

Attendeu o ministro ao sr. Simões, ordenando immediatamente a obra d'aquella vasta sala, que é hoje a mais formosa da bibliotheca. Alli se acham centos de paineis bem classificados, a collecção dos manuscriptos na melhor ordem e nas melhores condições, os objectos do museu classificados em longas taceiras envidraçadas.

Continuam os seus melhoramentos da bibliotheca. Publicado em 1844 pelo sr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara o 1.º volume do catalogo dos manuscriptos da casa, coube ao sr. Simões a gloria de conseguir do governo de S. M. a continuação e conclusão, que mui breve terá logar, publicando-se o 2.º, 3.º, 4.º e ultimo volumes. A ponto vem o mencionar aqui o nome do sr. Joaquim Antonio de Sousa Telles de Mattos, que, por pedido do sr. Simões, tomou sobre seus hombros o peso de tamanho trabalho, concluindo gratuitamente por admiravel gosto, durante annos, a obra esboçada pelo sr. Rivara.

Outros melhoramentos effeituou na bibliotheca o sr. Simões, de menor vulto por certo, mas facilmente concebidos de quem ler estas linhas e notar as principaes obras realisadas. Não descurava o minimo quem attendia ao maximo.

Emquanto cuidadoso a tudo isto attendia, não descurava o culto das letras nem um só dia. *Nullus dies sine linea*, era a sua divisa. Manifestam-no sobejamente os seus escriptos na imprensa litteraria e na politica, collaborando no *Instituto*, na *Folha do Sul* e n'outros periodicos, mas ainda mais e melhor nos volumes que deu á estampa durante estes dez annos vividos em Evora.

A's *Cartas da Beira-mar*, publicadas em 1867, livro que a imprensa recebeu com applausos, seguiu-se em 1868 a *Invenção dos aerostatos reivindicada*; em 1869 o *Relatorio ácerca da renovação do Museu Cenaculo*; em 1870 a *Reforma da instrucção secundaria*, e as *Reliquias da Architectura romano-byzantina*, notavel e erudito trabalho, que levantou o sr. Simões á altura de grande sabedor d'aquelle genero de estudo, cabendo-lhe a gloria se não de ser o primeiro que entre nós fez taes estudos, ao menos de ser o primeiro que deu passos seguros n'aquelle caminho, despindo de fabulas a fundação de muitos templos, marcando balisas aos periodos da architectura nacional, dando curiosas e pouco sabidas noticias, e descrevendo famosamente os primeiros tempos do viver de Portugal.

O seu romance historico, a *Sempre noiva*, quasi concluido já, deve ser uma publicação que lhe trará creditos de romancista, como o dos auctores do *Monge de Cister*, do *Odio velho não cança*, da *Mocidade de D. João V*, e de outras obras congeneres. Tambem foi escripto em Evora, faltando-lhe apenas uma terceira e ultima parte, que certamente escreverá em Coimbra, por não deixar a litteratura nacional privada de uma obra em que se estuda uma epocha difficil da nossa historia, o reinado de D. Manoel. Nos *Fronteiros d'Africa*, formoso capitulo da segunda parte d'aquelle romance, o sr. Simões eleva-se a uma altura a que poucos têem subido entre nós. Não lisonjeamos: exprimimos a satisfação que tivemos tendo a honra de o ouvir ler um dia. Aquelle capitulo faz uma reputação.

Menção se deve agora fazer dos serviços valiosos prestados á nobilitação da cidade de Evora.

Sabendo por experiencia propria que as circumvisinhanças e a propria Evora eram matriz fecunda de antiguidades romanas, intentou e realisou o sr. Simões crear nesta cidade um museu epigraphico-archeologico. Reuniu para este fim no ruinoso templo romano as inscripções já existentes na bibliotheca, e conseguiu do governo a concessão e transporte das lapidas e outros objectos da antiguidade que ainda em Beja existiam do museu fundado pelo grande Cenaculo. Alli permaneceu a collecção até ao anno de 1871, em que o templo romano, por seus esforços ainda, foi despido das paredes da edade media, que o deturpavam, estando hoje no pavimento terreo do palacio de D. Manoel, no jardim da cidade.

Não esqueceu tambem ao sr. Simões o evangelisar da instrucção em Evora. Creada uma associação nocturna com aulas de portuguez, francez e geometria applicada ás artes, alli não faltou nem uma só noute, professando a lingua patria, que tão bem conhece, levando mesmo o seu zelo até ensinar em sua casa dois alumnos que restavam por fim das aulas que, por falta de concorrencia, houveram de se fechar! Aquelles alumnos fizeram exames no lyceu da cidade e foram approvados.

Em 1869, tambem por seus esforços se creou nesta cidade um posto meteorologico.

Os seus ultimos serviços feitos a Evora, e por certo dos mais valiosos, foram os que prestou na qualidade de presidente da mesa da Santa Casa da Misericordia.

Cercado de homens intelligentes, corajosos e emprehendedores, o sr. Simões a tudo attendeu na Santa Casa da Misericordia. Mereceu primeiramente os seus cuidados o hospital, inteiramente reformado e melhorado. Regulou os subsidios particulares dados á pobresa em seus domicilios por modo que se tolhessem abusos, e mandou imprimir um formulario geral do referido hospital, composto de tres ou mais que alli havia, cuja numeração de receitas era diversa em todos! Grande e humanitaria reforma que livrava a humanidade enferma de poder ser victima da troca de um numero por outro, de uma receita benefica por outra prejudicial. Reformou a secretaria, a tudo attendeu no espaço de poucos mezes!

E' verdadeiramente assombroso o seu muito lidar em tão pouco tempo! O *Relatorio* da sua breve administração, apresentado ao governador civil, e distribuido pelo paiz, gabado na imprensa, louvado e admirado, attesta melhor do que estas breves linhas os serviços do sr. Simões á Misericordia de Evora.

Na humanidade enferma, na pobre e desvalida e nos amigos, deixa o sr. Simões em Evora saudosa e perduravel memoria. Deixa um vacuo nesta cidade de não facil preencher, por se não encontrar facilmente quem tão devotado seja á causa da civilisação, á da humanidade, em geral, e, sobre tudo, á da amisade. Nesta parte o sr. Simões poucos homens tem que emparelhem comsigo. Faz sua unica ideia a de servir a um amigo, e só descança da lucta, porque por vezes tem de luctar, quando se acha servido o seu amigo! Que nobre caracter, que excellente alma!

Releve-nos a sua modestia estas linhas deficientes, sem duvida, no enumerar seus serviços prestados a Evora em dez annos, e acceite-as como apontamentos truncados e desconnexos que para a sua biographia damos ao publico, e como sentido e saudosissimo adeus.

Evora, 28 de Maio de 1873.

* *

NOTICIARIO

Reformas no Instituto—Nota-se um grande espirito reformista nas cousas do *Instituto*.

Deve publicar-se brevemente o primeiro numero do volume XVII deste interessante periodico, que nos dizem apparecerá com alterações notaveis, tanto na parte literaria e scientifica, como na material. Áquella, segundo ouvimos dizer, dar-se-ha a forma de artigos de revista. O formato do jornal será pouco mais ou menos como o da *Revista dos dois Mundos*.

Á commissão de redacção, que ha tempos havia sido nomeada para dirigir o novo volume, foi annexado o sr. Dr. Cortez, ao qual se deve a reforma.

Deram a sua exoneração de membros da commissão redactora do novo volume, os srs. Abilio Augusto da Fonseca Pinto, Dr. Augusto Filippe Simões, e Augusto Mendes Simões de Castro.

Banhos de Luso.—A nova machina de vapor para os banhos de Luso, que fôra encommendada pela direcção da sociedade, chegou de Inglaterra, e acha-se já assente, e a poder funccionar.

Fallecimento—Falleceu hontem o sr. Pedro José Pereira de Sousa, antigo negociante desta cidade.

Carne de vacca—Continua abatendo o preço da vacca nesta cidade. Hontem começou a vender-se a 240 rs. o kilogramma.

Exames—Na segunda feira da semana passada fizeram exames de provas escriptas todos os candidatos a cadeiras de instrucção primaria.

Na quarta feira seguinte foi o primeiro dia das provas oraes; continuaram na sexta feira e sabbado, e hão de terminar amanhã, quarta feira.

Na quinta feira immediata serão as provas escriptas das senhoras; e as provas oraes terão logar no sabbado.

Escriptura.—Sabemos que foi assignada ante-hontem a escriptura anti-nupcial entre os contrahentes o sr. Antonio Candido Lago e a exm.ª sr. D. Etelvina Julia de Cavalleiro, filha primogenita do sr. José Melchiades Ferreira dos Santos, digno proprietario da livraria Academica, desta cidade.

Desejamos aos futuros esposos todas as venturas.

O exm.º sr. Bispo Conde em Taboa.—Um nosso amigo nos communica de Taboa o seguinte:

«Quanto mais alta é a posição do empregado do estado, caracterisado com os verdadeiros sentimentos moraes, e quanto mais uso fizer de seus bons predicados, tanto mais distincto deve ser no meio da sociedade.

Felizes seriam os povos, se todos aquelles, que estão encarregados da educação moral e religiosa, tivessem por divisa a virtude e caridade evangelica.

Mas quando vemos um principe da egreja percorrendo de uma para outra freguezia, visitando o estado da decencia do culto, e exhortando os fieis, ainda não podemos dizer, que estão extinctos os sentimentos religiosos naquelles a cargo de quem está a educação do povo.

Foi no dia 17 d'este mez, pelas 5 horas da tarde, que tivemos a satisfação de ver nesta villa o nosso exm.º prelado, a fim de vir visitar a egreja matriz desta freguezia.

A dois kilometros de distancia, foi s. ex.ª esperado por as pessoas principaes desta villa, e á entrada, foi recebido por todas as auctoridades judiciaes e administrativas, camara municipal, grande numero de ecclesiasticos, destacamento, aqui estacionado, philarmonica Avoense e immenso povo, que quasi impedia o transito das ruas.

Proximo ao logar destinado, onde s. ex.ª devia fazer a sua entrada solemne, se achavam as irmandades do Santo Nome de Jesus, desta freguezia, e a do Santissimo, da de S. João da Boavista, que devidamente encorporadas formavam uma linda procissão.

Ao encontrar-se s. ex.ª com a mesma, foi recebido debaixo do pallio, a cujas varas pegavam os cavalheiros mais principaes, que alli se achavam, previamente convidados para este fim, e sendo-lhe offerecida a cruz pelo reverendo parocho da freguezia, revestido com a capa d'asperges, foi em seguida cantado o *Ecce Sacerdos Magnus* pelos ecclesiasticos alli reunidos.

Ao entrar o prestito na egreja, que se achava ornada com a maior decencia e apparato, tiveram alli logar as solemnidades do estylo, e entoando o parocho o *Te-Deum*, foi cantado a musica vocal e instrumental, estando o Senhor exposto no throno com a maior pompa e decencia.

Findas estas ceremonias, expoz s. ex.ª o motivo e o fim da sua visita, e preparava-se para ir ao cemiterio, quando grandes torrentes de agua impediram os seus desejos, que foram cumpridos no ultimo dia de sua estada nesta villa. S. ex.ª deixou a visita para o dia seguinte, e, acompanhado por todas as pessoas, que formavam o prestito, se dirigiu a casa do exm.º Dr. Fortunato Vieira das Neves, onde foi hospedado explendidamente.

A' noute houve bonita illuminação na villa, tocando a philarmonica, em frente da residencia de s. ex.ª escolhidas peças do seu reportorio, nos intervallos que numerosos foguetes subiam ao ar.

As ruas do transito, desde a entrada da villa até á egreja, estavam engraçadamente enfeitadas com bonitos arcos, vestidos de verdura e flores, festões, postes e bandeiras collocadas em pequenas distancias, que tudo offerecia uma vista agradavel.

No dia 18 celebrou s. ex.ª missa conventual, durante a qual uma harmoniosa orchestra executou differentes e bonitas symphonias.

Terminada a missa, subiu ao pulpito o reverendo padre Santos, digno secretario de s. ex.ª, que recitou uma eloquentissima oração, explicando aos fieis os effeitos do Sacramento da Confirmação, e as disposições devidas para o poderem receber: foram estes os pontos que o habil orador desenvolveu no seu brilhantissimo discurso.

Descendo o orador sagrado do pulpito, principiou s. ex.ª a administrar o Sacramento da Confirmação; porém, como a concorrencia dos fieis fosse grande, e não podendo conservar-se por mais tempo na administração da-

quelle augusto ministerio, deliberou continuar no dia seguinte; e sahindo da egreja, foi, acompanhado por todas as auctoridades, visitar os presos, aos quaes fez uma brilhante exhortação, na qual se ouviam palavras de consolação e caridade christã; e, entregando a cada um dos encarcerados uma avultada esmola, se retirou commovido com a posição desgraçada daquelles infelizes. Na noite d'esse dia repetiu-se a illuminação, conservando-se a philarmonica constantemente a tocar no mesmo local do dia anterior, sendo immensa a concorrencia do povo.

No dia 19 voltou s. ex.ª á egreja, acompanhado por todas as auctoridades e cavalheiros desta villa, e ahi concluiu o chrisma; e voltando, foi em seguida visitar as egrejas das freguezias de S. João e Azere, sempre acompanhado por grande numero de cavalheiros e philarmonica. E regressando d'essas duas freguezias, já a villa se achava illuminada, produzindo a illuminação melhor effeito nesta noite, por terem as anteriores sido tempestuosas.

No dia 20 de manhã, foi s. ex.ª visitar o cemiterio, e despedindo-se com o maior reconhecimento de todas as pessoas, que o tinham ido comprimentar, foi visitar a egreja de Sinde, e seguiu para Mouronho, onde se conservou até ao dia 21, dia em que, de manhã, grande numero de cavalheiros e ecclesiasticos desta freguezia e outras circumvisinhas, se dirigiram a casa do exm.º commendador Luiz Candido, a fim de irem acompanhar s. ex.ª até S. Martinho da Cortiça, a que s. ex.ª se oppoz no logar da Moita, distante desta villa 10 kilometros, pedindo a cada um de persi se retirassem, mostrando-se penhoradissimo para com todos.

Devem ser lidas, na verdade, com interesse todas as demonstrações de consideração, amor e respeito, feitas nesta villa ao exm.º D. Manoel Correa Bastos Pina, ao que s. ex.ª correspondeu com a delicadissima attenção, benevolencia e affecto verdadeiramente paternal.

Sr. redactor, se achar estas mal redigidas linhas dignas de serem inseridas no seu muito lido jornal, creio que, publicando-as no proximo numero, muito obsequeia um seu constante leitor.

Taboa 25 de Maio de 1873.—* * *.

Despachos—O sr. Carlos Vieira de Abreu, professor vitalicio da cadeira de Souzellas, concelho de Coimbra, foi transferido para a de Valle Grande, freguezia de Revelles, concelho de Monte Mór o Velho.

O sr. Francisco Carlos das Neves, de Coja, concelho de Arganil, foi provido na propriedade da cadeira de Mouronho, concelho de Tabua.

O sr. João Gama Correia da Cunha, de Mouronho, concelho de Taboa, foi provido na propriedade da cadeira de Farinha Podre, concelho de Penacova.

O sr. Joaquim Sanches Xavier de Sousa Monteiro, foi promovido á propriedade da cadeira de Rio de Vide, concelho de Miranda do Corvo.

O sr. Antonio Augusto Rodrigues Paula, de Monte Mór o Velho, foi provido, por tres annos, na cadeira do Paião, concelho da Figueira da Foz.

O sr. José Antunes Leitão, de Coja, concelho de Arganil, foi provido, por tres annos, na cadeira da Lourosa, concelho de Oliveira do Hospital.

O sr. Julio da Cunha Mello e Silva, da cidade de Coimbra, foi provido, por tres annos, na cadeira de Pedreira, freguezia de Villarinho do Bairro, concelho da Anadia.

Mercado de Coimbra no dia 2—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 500—Dito branco 460—Dito Celorico miudo 680—Dito graudo 560—Milho branco 310—Dito amarello 290—Feijão vermelho 460—Dito branco da marinha 440—Dito da terra 400—Dito rajado 380—Dito frade 380—Tremoços 250—Favas 400—Centeio 450—Cevada nova 240—Batatas novas 300—Ditas velhas 240—Grão de bico 430—Chicharos 260—Azeite 1$060—Vinho da Bairrada 960—Dito da Beira 800.

A praia de Espinho.—Esta praia tem prosperado consideravelmente. Quem se recordar do que era Espinho, e fôr hoje visitar aquella povoação, ficará maravilhado de ver a transformação por que tem passado, apresentando bellos edificios já concluidos e outros em construcção.

Notava-se alli a grande falta de uma casa que se prestasse a receber certas familias; porém hoje está remediada, e consta-nos que na proxima estação dos banhos se abrirá um novo hotel, que se denominará hotel *Bragança*.

A casa que foi expressamente construida para este fim, está situada no melhor local que tem Espinho, sendo de bella apparencia, com quatro frentes, excellentes quartos com janellas, e lindas vistas do mar e terra.

Segundo nos dizem, o seu proprietario não se poupou a despezas nem fadigas para dotar aquella praia com uma casa digna de servir para um hotel de primeira ordem; e o emprezario de tal estabelecimento, já bem conhecido de muitos banhistas nacionaes e estrangeiros, tambem se empenhará em conservar o credito que tem grangeado á custa de muita actividade e sacrificios.

Desejamos que os seus interesses correspondam á sua boa vontade de ser util á sociedade.

Errata—No communicado publicado em o n.º 2696 deste jornal, onde se lê—«ha de ser plenamente provado, que *existia* a catharral com febre»—deve ler-se—*existiu*.

Noticias de Hespanha.—As ultimas noticias de Hespanha são as seguintes:

Madrid 31, ás 9 horas da tarde.—A quadrilha que roubou o trem da Andaluzia, foi alcançada depois de 7 e meia horas de marcha e dispersa na montanha de Lengua, depois de meia hora de fogo, perdendo 1 prisioneiro e 7 cavallos. Julga-se que tambem teria mortos e feridos. Nouvilas chegou a Orduña.

Dorregaray e Ollo tomaram em direcção a Loyanda sabendo da approximação das tropas.

Segundo uma correspondencia carlista D. Carlos não acceita senão voluntarios hespanhoes, recusando os das outras nações, por considerações internacionaes.

Madrid 1, ás 4 horas e 39 minutos da tarde.—Inauguraram-se as côrtes constituintes com grande solemnidade, assitindo grande numero de deputados e muito povo.

O discurso lido por Figueras foi interrompido diversas vezes e no fim saudado com applausos.

Orense, por ser o decano dos deputados, tomou a presidencia e declarou aberta a sessão.

Todos estes dias se tem annunciado pela imprensa semi-official batalha immediata de Nouvilas com os carlistas: hoje repete-se que está imminente, mas nada se sabe do que occorre no norte.

ANNUNCIOS

1 NO DIA 10 do corrente mez de Junho, por 9 horas da manhã, á porta do tribunal judicial, perante o exm.º juiz de direito desta comarca, se hade vender em praça publica, por accordo de todos os interessados, para pagamento de dividas passivas, approvadas no inventario por morte do bacharel Venancio da Costa Alves Ribeiro; uma quinta e hospicio situada na freguezia de S. Paulo de Frades, descripta no dicto inventario, avaliada em 1:000$000 reis. Escrivão Almeida.

HOTEL CAMÕES E ROSSINI

Rua de Rossini, n.º 16, em Paris (proximo ao Boulevard dos Italianos.)

2 RECOMMENDAMOS esta nova casa onde se falla portuguez, não só por estar situada no bairro mais central de Paris, e offerecer aos viajantes todas as commodidades, mas tambem pelos seus preços rasoaveis, devido á honrade do seu proprietario o sr. José Domingues, nosso patricio e amigo, que conhecemos já da sua antiga casa na rua de Bonaparte.

3 A CAMARA MUNICIPAL do concelho d'Arganil, faz publico, que no dia 9 do proximo mez de Junho, pelas 10 horas da manhã, nos paços do concelho, hade ter lugar a arrematação dos reaes do vinho, do futuro anno economico de 1873 a 1874. As condições estão patentes na secretaria da camara, para quem as quizer examinar.

Secretaria da camara municipal de Arganil, 30 de Maio de 1873.

O escrivão da camara,
Francisco Garcia de Carvalho.

DOCTOR IN ABSENTIA

4 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a *Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra)*, o qual lhes dará gratuitamente todas e quaesquer informações sobre a Universidade.

NEVE ESPECIAL

A 50 RS. O SORVETE

5 PRINCIPIA a vender-se desde as 11 horas da manhã até ás 10 da noite, no fundo da rua do Corpo de Deus, n.º 6, 1.º andar, em frente da rua da Calçada, e continuará a haver todos os dias á mesma hora.

Tambem se encarrega de encommendas para casas particulares e fóra da terra.

No mesmo estabelecimento se encontra cerveja ingleza, e portugueza, soda, orchata e gazosa.

Aguas alcalinas gazosas das Pedras Salgadas (Villa Pouca de Aguiar.)

6 ESTAS AGUAS medicinaes, são empregadas nos mesmos casos das de Vichy e Vidago; são mais ricas na sua composição chimica, e dos melhores effeitos therapeuticos.

Vende-se em Coimbra—Pharmacia Ferraz, Largo do Castello; e na Figueira, botica de Luiz Maria da Costa, e nas principaes pharmacias do reino.

7 VENDE-SE uma propriedade no campo de Maiorca, denominada o Cupeiro; junto ao arco da antiga ponte, confinante pelo sul e nascente com o campo d'Anquinhos, e que deve regular por cinco geiras e quatro aguilhadas da antiga medida, ou 351 ares e 488 centiares. Quem a pretender dirija-se ao seu proprietario João José da Costa, na villa da Figueira.

8 A CAMARA MUNICIPAL de Monte Mór o Velho, dá de empreitada, no dia 8 de Junho, pelas 10 horas da manhã, na sala das suas sessões, a abertura da caixa, regularisação de bermas, taludes e empedramento completo, dos dois lanços da estrada municipal de Tentugal á Cantanhede, comprehendidos entre a villa de Tentugal e o logar da Portella. As condições podem ser desde já examinadas, na secretaria da mesma camara.

Monte Mór o Velho 31 de Maio de 1873.

O presidente,
M. J. Macedo Souto Maior.

9 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia de S. Eufemia, da villa e concelho de Penella, districto de Coimbra, faz publico, que no dia 20 do proximo mez de Junho, hade arrematar em hasta publica a obra de pedreiro, que tem a fazer na egreja parochial, cujas condições serão presentes no acto da arrematação e podem ser examinadas com os respectivos apontamentos em casa do secretario da Junta.

Penella 30 de Maio de 1873.

O presidente da Junta,
João Albino de Sousa Peres.

SEMENTES

10 DE EUCALYPTO, amoreira, e hortaliças. Rua do V. da Luz, n.º 12.— *A. M. S. de Castro.*

NEVE

11 **VENDE-SE em Samsão, casa n.º 45, das 5 horas da tarde em diante.**

Attenção

Farinha de trigo da acreditada Fabrica do Beato Antonio de Lisboa

AGENCIA, RUA DA REBOLEIRA, 27

PORTO

12 NESTA AGENCIA se encontra farinha de toda a qualidade, desde a mais fina até semea, e ensacada em muito boa sacaria.

Estas farinhas concorrem vantajosamente com a americana e hespanhola, tanto em preço como em qualidade.

Cumprem-se ordens das provincias.

ARRENDAM-SE

13 DOIS CELLEIROS, um no pateo da Inquisição e outro no quintal. Sua dona viuva Padua.

CASAS

14 ARRENDA-SE uma morada no bairro de Montarroio. Trata-se com Francisco Gonçalves de Lemos.

HOTEL CENTRAL

Largo de Samsão—Coimbra

15 NESTE ACEADO e bem servido hotel, situado n'um dos melhores e mais centraes sitios desta cidade, continua a receber-se hospedes, a quem se dá optimo tratamento e todas as commodidades por preços reduzidos. Tem accommodações para familias, por mais numerosas que sejam. Os carros, tanto á chegada como á partida dos comboios, param á porta do estabelecimento. Offerece tambem a vantagem de ter mesa de restaurante.

O proprietario,
Luiz Pereira da Motta.

NUMERO 2699 — SABBADO 7 DE JUNHO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Não tem sido bem recebidas pelos povos as substituições a que foram obrigados os mancebos apurados para o serviço militar pela lei de 17 d'Abril deste anno.

Quando na ultima legislatura se tratou de discutir este objecto, declarou o sr. ministro da guerra, que por emquanto não podia acceitar o serviço pessoal obrigatorio; e sem que nos constem as razões de que s. ex.ª se serviu para demonstrar esta sua opinião, julgamos que ella é de todo o ponto acertada, nas circumstancias em que o paiz se encontra.

Como systema de transição, ou para modificar um pouco o rigor do serviço obrigatorio, adoptou as substituições de homem por homem no recrutamento do exercito, como actualmente se encontra disposto.

Que não somos retrogrados, por muitas vezes o temos demonstrado. Não queremos, porem, avançar tão rapidamente que preparemos a nossa queda, que prejudiquemos o nosso futuro e o credito das nossas instituições, para nos precipitarmos no abysmo da anarchia.

Meditamos nos factos e nas suas consequencias; não nos deixamos arrastar somente pelas theorias. Desejamos que as leis sejam a expressão do justo, que não vão de encontro ás necessidades do estado, e que respeitem quanto ser possa a indole e os costumes dos povos, quando elles tiverem por fundamento motivos respeitaveis.

Não nos deixamos arrastar pelo espirito de imitação, nem por theorias fantasiosas.

E' um facto que os povos não encontram actualmente quem aceite o encargo do serviço militar, e, por isso, privados do recurso da remissão a dinheiro, vêem-se na necessidade de entregar seus filhos ao serviço do exercito, o que fazem pela maior parte com extraordinario sacrificio.

Cremos que o governo, mais por satisfazer aos clamores de uma parte da imprensa periodica, do que por impulso proprio, acceitou a substituição de homem por homem.

Na tribuna parlamentar estamos costumados a ver tratar as questões de mais palpitante interesse social no campo das theorias; e disto se recente a nossa legislação, que estabelece disposições, umas inexequiveis, outras em diametral desharmonia com as necessidades e circumstancias dos povos.

E assim tambem uma parte da imprensa periodica não raro insiste em propagar ideias que, satisfazendo completamente ao espirito, tem graves inconvenientes na pratica, como a experiencia tem demonstrado.

Neste paiz, em que os povos manifestam por todos os modos o odio á vida militar; e em que a agricultura constitue a principal fonte de actividade, é indispensavel que os nossos homens de estado, e aquelles que aconselham e pedem reformas, se dêem ao trabalho de pensar tambem nos inconvenientes praticos de roubar tantos braços validos para o trabalho e para as necessidades da familia; respeitando quanto ser possa os instinctos e as conveniencias desta.

Não é no meio da ostentação e do luxo, nos palacios da capital, que se conhecem, e muito menos se avaliam, as privações e as necessidades de toda a ordem que invadem as povoações ruraes e a choça do lavrador, conhecida apenas para lhe exigirem os ultimos reaes, ganhos á custa das suas constantes fadigas.

E' por isso que as familias que até aqui, com o producto das suas economias, podiam contar com um membro valido nos labores de agenciar os meios de subsistencia; vendo-se privados dessa garantia que as leis lhes concediam sem prejuizo para a causa publica, manifestam o seu desgosto.

Outro grave inconveniente cremos que não tardará a manifestar-se. E' o patronato immoral e injusto que, como consequencia, tem de augmentar, em larga escala, os escandalos nas operações do recenseamento militar.

Allega-se, entre outras coisas, que tem sido mal applicado o producto das remissões; cremos que é exacto, mas isso não pode servir de pretexto para se abolir uma disposição tendente a modificar o rigor de um principio que, sem o contestarmos em theoria, julgamos de conveniencia e de necessidade não adoptar por emquanto.

Poderá sustentar-se, á face das conveniencias, a obrigação do serviço militar pessoal, sem restricção ou modificação, quando o exercito fôr organisado de um modo differente, sem permanencia de serviço. No estado actual é força confessar que elle encontrará a mais pertinaz repugnancia dos povos, como está encontrando o systema de transição actualmente em vigor.

Joaquim Martins de Carvalho, summamente penhorado para com aquelles de seus amigos, que o tem visitado, ou por qualquer modo se tem interessado pelo seu restabelecimento, durante o prolongado incommodo que tem soffrido; vem por este meio protestar-lhes o seu profundo reconhecimento, em quanto o não póde fazer pessoalmente.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXVI

D. CARLOS

XVI

Cada vez mais ancioso Zumalacarregui, não cessa nas suas emprezas. Ataca com grande bravura a escolta de um comboio, que se dirigia de Casa la Reina para Logroño, e lhe toma 2:000 espingardas que iam em carros.

Ensoberbecido com este triumpho, correu Zumalacarregui em procura de outro. Dirige seus passos para Cenicero, cujos urbanos vendo a impossibilidade de impedir a entrada na povoação aos carlistas, por ser aberta e não ter por conseguinte defeza; e não querendo por outra parte entregar as armas que a rainha lhes confiara, se decidem a encerrar-se na torre da egreja, e a resistir até a morte.

Ao avistal-os o invasor, começou o tiroteio contra a torre, cercando-a, e intimando os sitiados para que se rendessem, o que foi respondido com tiros por aquelles valentes, que juraram perecer antes que render-se.

Feridos no seu orgulho os carlistas, debandam-se pelo povo e lançam fogo ás casas dos defensores da torre. Quando estes poderam presenciar aquelle espectaculo aterrador; quando as chammas lhes apresentavam a perda de suas casas, de sua fortuna, e talvez de suas familias, lhes intima de novo o general carlista que se rendam. Esta proposta lhes parece um insulto, e a sua resposta foi que se não entregavam a incendiarios. Redobrando ao mesmo tempo o seu valor, fizeram mais empenhada a resistencia, e já não attendiam mais que aos impulsos do seu coração.

Exasperado Zumalacarregui, e vendo que nada pode conseguir pelo terror, appella para a brandura; porem os liberaes desprezaram tanto as ameaças como as promessas. Zumalacarregui mandou então applicar combustiveis á torre para suffocar aos seus defensores com o fumo, ou aniquilal-os com as chammas.

Haviam passado com isto 27 horas, e temeroso o chefe carlista que acudisse alguma columna liberal em auxilio de Cenicero, levantou o seu campo incendiario, deixando montões de ruinas e cinzas, e cheios de immarcessivel gloria aquelles poucos valentes, que com tanto heroismo sabiam cumprir o seu juramento.

O partido liberal celebrou devidamente um feito tão grande; a rainha governadora mandou que se collocasse no real patrimonio aos heroicos defensores de Cenicero que o solicitassem; e a historia lhes consagrou um eterno monumento nas suas paginas. Cenicero adquiriu desde então um renome imperecedouro.

Por este tempo teve logar um successo que importa referir pelas consequencias que produziu. Achando-se D. Thomaz Plaza, ajudante de Zumalacarregui, em uma commissão do serviço, foi surprehendido no valle de Arellano por um destacamento de Lerin, que o obrigou a encerrar-se em uma casa com os tres ou quatro soldados que o escoltavam e ao capitão Arellano.

O liberal, seguindo o reprovado costume de uns e outros, poz fogo á casa, promettendo conservar a vida ao que se rendesse. Optaram pelo ultimo Arellano e os soldados, e não crendo Plaza no cumprimento da offerta, ficou, confiando mais nas chammas do que na generosidade dos seus contrarios.

Arellano e os seus companheiros foram levados a Lerin no dia seguinte e fuzilados! Plaza apresentou-se illeso e orgulhoso a Zumalacarregui com o dinheiro da sua commissão.

Zumalacarregui variou alguma cousa a organisação do seu exercito, depois que armara os novos batalhões navarros. A Eraso, que operava em Biscaia, o chamou para conferir-lhe o commando de uma nova columna composta de tres batalhões, que operaria em Orba, Aoiz e Lumbier, e D. Miguel Gomez substituiu a Eraso no seu commando da Biscaia.

Contra Eraso mandou o chefe liberal uma columna de maior força: outra seguia a Sagastibelza, que com dois batalhões operava sobre o Baztan, Santisteban e a fronteira de França. Linares procurava dar caça ao Manco, que corria desde o Roncal ao alto Aragão; Jauregui via-se precisado algumas vezes a estar na defensiva de Guibelalde, Navarro, Iturriza e Iturriaga; e Espartero operava em Biscaia contra Gomez. Rodil cançado de perseguir inutilmente a D. Carlos, se despedia, incendiando casas, e Lorenzo e Oráa não perdiam de vista a Zumalacarregui.

Á esplanada de Alava foi destinado pelo governo liberal o general O'Doyle. Acantonaram-se as tropas em Alegria, aonde se propoz surprendel-as Zumalacarregui, para o que se antecipou 12 horas a Lorenzo e Oráa, a fim de que lhe dessem tempo para executar a sua empreza.

Fingiu pernoutar a 26 de Outubro de 1834 em Berrueza, passou o Arquijas, e situou-se em Santa Cruz de Campezu com 4:500 infantes e 400 cavallos. Sem perda de tempo dividiu na manhã seguinte a sua tropa em dois corpos, pondo á frente d'um, a Iturralde, com ordem de não parar na sua marcha até ao posto de Herenchun sobre Alegria, em quanto Zumalacarregui marchava a Echevarri, desde cujos pontos observavam o povo de Alegria e toda a planura de Alava até Victoria. Esta occupação tão importante não haveria tido logar

Egualmente muito se confessa reconhecido ás palavras de affectuosa estima, que lhe tem dirigido alguns de seus illustrados collegas na imprensa de Coimbra.

COMMUNICADO

Resposta do cirurgião ajudante do regimento 14 ao communicado do medico do partido de Penacova, David da Silva e Cunha, publicado no «Conimbricense» de 27 do corrente Maio.

Alem de me considerar ao abrigo do art.º 9.º da lei de imprensa, reputarei grande fineza de v., sr. redactor do *Conimbricense*, mandar publicar no primeiro numero do seu velho e sempre respeitado jornal as poucas palavras que vou dirigir a um individuo que não conheço, mas que calumniosamente me aggrediu no seu jornal, por eu ser exacto cumpridor do meu dever n'uma commissão de serviço publico que desempenhei como medico militar.

Li o communicado de David da Silva e Cunha, medico do partido de Penacova, e a primeira deliberação que tomei foi não lhe responder pela imprensa, reservando para occasião opportuna a resposta que tal aggressão merecera; depois, reflectindo em que a accusação que se me fazia vinha no jornal d'uma localidade onde sou pouco conhecido, e onde portanto se poderia pôr em duvida a nobreza do meu caracter como funccionario publico, resolvi responder ao medico e ao homem.

Respondo ao medico porque os pontos da accusação alludem a um acto da profissão que exerço, e porque se invectiva a classe medico-militar a que me honro pertencer.

Respondo ao homem para não confundir uma questão seria com as aleivosias e pedantescas chocarrices d'um mariola.

Eis a questão:

Logo depois de publicada a ordem para o chamamento da reserva, foi pelo ministerio da guerra expedida uma circular para que todas as praças que se não apresentassem dentro do prazo marcado por motivo de molestia, dessem baixa ao hospital civil ou militar mais proximo da sua residencia, e só o não fariam quando a doença fosse de tal ordem que completamente impossibilitasse do serviço ou fizesse perigar a vida com a remoção, e neste caso deveriam ser inspeccionados por um facultativo militar, dando conta em relatorio sufficientemente circumstanciado do estado em que achasse as praças inspeccionadas.

Entre outras que declararam não poderem apresentar-se, justificando a declaração com attestado de facultativo, appareceu um soldado da Carvoeira, do concelho de Penacova.

Logo que esta communicação se recebeu no corpo, fui por ordem de s.ex.ª o commandante da divisão inspeccionar este homem, com ordem de o mandar recolher ao quartel, ou ao hospital de Coimbra, se estivesse doente e não perigasse a sua vida.

Cheguei á casa onde me informaram morar o doente, e, não o encontrando, perguntei onde estava—ao que algumas pessoas da familia, em quem se via grande perturbação pela minha inesperada visita, responderam, que o doente tinha ido passear, mas que andava muito mal, e que até momentos antes de eu ter chegado estivera deitado em uma esteira que se via estendida na rua, transformada em estrumeira.

Esperei talvez meia hora que o doente chegasse, o que indicava andar longe de casa, até que se me apresentou em boas condições de robustez, sem indicio algum de recente doença ou convalescença, a não ser alguma pallidez que podia ser devida ás más condições de habitação, ou mesmo á doença que elle allegava, mas que na occasião podia não se conhecer.

Interroguei-o sobre o que tinha soffrido, e a resposta que tive foi:—«que andava muito mal, que tinha todos os dias febre, e que se não achava com forças de fazer serviço.»—Objectei-lhe, que admirava o elle estar tão doente como dizia, e andar a passear á uma hora da tarde, debaixo d'um sol fortissimo, como fazia nesse dia; ao que o homem redarguiu que hoje (dia da inspecção) estava um pouco melhor, porque havia dias que se sentia um dia melhor, outro peor.

Em vista desta manifesta contradicção, e não lhe encontrando doença no acto da inspecção, podia mandal-o recolher ao corpo, mas não quiz: e não quiz, por ver o inspeccionado pallido; porque podia ter febres intermittentes e estar no periodo da *apyrexia*, em que na maior parte dos casos se não observa alteração alguma, especialmente quando é grande o intervallo entre um e outro accesso; porque se me queixou de que ainda não podia fazer serviço; e mais que tudo por uma não merecida attenção para com um collega, que havia poucos dias tinha attestado doença de gravidade e cuja existencia eu não queria negar.

Mandei o homem para o hospital de Coimbra, pondo-lhe na baixa *febres intermittentes*, não por ter a certeza da sua existencia, mas pelas vagas declarações do observado, e porque para o mandar para o hospital havia de capitular na baixa uma doença.

No dia seguinte chegou o soldado ao hospital da Universidade, onde se acham exercendo a clinica muitas das primeiras illustrações medicas do paiz, e onde o serviço é feito com o rigor da sciencia, sem faltar o da consciencia; pois ahi esteve apenas 3 dias, declarando-se na alta que não tinha doença. A verdade d'esta asserção está provada na alta que existe no archivo do regimento.

Se o medico de Penacova se queixasse contra mim por eu não mandar logo o soldado fazer serviço, declarando que não havia doença alguma, tinha muita mais razão.

Fiz depois para o governo o relatorio da commissão de que fui incumbido, terminando-o por dizer—que tornava bem sensiveis todos os promenores, para atravez d'elles transparecer a *leviandade ou antes o pouco escrupulo* com que no caso presente se attestou, o risco em que se punha a vida do doente, se recolhesse ao hospital; attestação que, alem de prejudicar o serviço e augmentar a despeza do estado, desmoralisa e desprestigia a força da auctoridade.

Como se vê, não neguei, como podia, a existencia de doença; alludi só ao pouco rigor da attestação que pela gravidade que dava á molestia, obrigou a uma inspecção militar um homem, que se tinha alguma molestia, era pouco grave, e que os medicos do hospital de Coimbra acharam bom.

O que disse, e ainda repito, é que taes attestações, não sendo rigorosas e circumstanciadas, prejudicam o serviço, porque roubam praças ao activo do corpo; augmentam a despeza do estado, porque obrigam a gratificações que o thesouro podia deixar de despender; desmoralisam, porque é um pessimo exemplo não só para os que se dizem doentes, mas para quem os vê andar a passear depois de se declararem em perigo de vida, e finalmente desprestigiam a força da auctoridade, porque o soldado, escudado com um documento que ás vezes é passado mais pelos dictames do coração do que pelos da cabeça, ri-se da ordem do seu commandante, e só se apresenta quando quer.

Na resenha dos factos que deixo expendidos, e que firmo com a minha palavra de cavalheiro, encontra o publico todos os elementos para avaliar o meu procedimento, e do meu accusador, porque o governo a quem mais immediatamente tenho de dar conta dos meus actos como funccionario publico, já fez o seu juizo mandando approvar todas as resoluções que tomei, e metter em processo o medico que me accusa.

O articulista termina por pedir aos collegas que levantem um brado de indignação e um protesto solemne contra o modo por que os cirurgiões militares pretendem sempre desconceituar os seus collegas civis em qualquer acto publico, como inspecções para recrutamento, este caso, e outros semelhantes.

Este brado do medico da Carvoeira só poderá encontrar echo no espirito dos collegas que costumam passar attestados falsos; mas tenham paciencia, porque os cirurgiões militares hãode continuar a reservar para si o direito de nas inspecções de recrutas e em todos os actos officiaes, respeitarem as attestações dos collegas que julgam com probidade, e pelas quaes não poucas vezes fazem o seu juizo, como o de não darem valor algum a firmas safadas.

A proposito, lembro ao medico da Carvoeira que em uma das ultimas sessões da junta de revisão no governo civil de Vizeu, appareceu um attestado que dizia que um mancebo tinha ankyloses nos metatarsos e phalanges de um dos pés, e o rapaz que trazia o attestado não só não tinha deformidade alguma nos pés, mas talvez nunca fallasse com quem a tivesse.

Ainda mais. Antes de vigorar a presente tabella de doenças que isentam do serviço militar, havia uma que auctorisava o livramento por processos justificativos de molestias que se não podessem verificar no acto da inspecção; pois n'esse tempo foi uma verdadeira calamidade, um terço pelo menos dos mancebos recenseados soffriam ataques epilepticos e livravam-se porque traziam os processos como a lei exigia; acabaram os processos justificativos, e rarissimo ver-se um caso de epilepsia!

Isto explica-se. Os medicos civis são mais vezes enganados do que os militares, porque estes se forem levianos ou pouco escrupulosos encontram logo o rigor das leis militares, um pouco mais severas que as civis.

A consciencia é a mesma, e todos desejam acertar. A responsabilidade é que é maior n'uns que n'outros.

Em toda a parte onde ha medicos militares, ha tambem medicos civis; e não me consta que exista tal propaganda de desconceito, antes pelo contrario estimam-se e respeitam-se.

Parece-me ter respondido ao medico de Penacova.

Ao sr. David da Silva e Cunha, como homem, só digo que não é pela imprensa que sei responder a alguns infames epithetos com que salpicou o *Conimbricense*, porque escrevendo ha muito tempo para a imprensa, não quero quebrar os bicos da penna com que tivesse de lhe responder, saindo da linguagem séria e respeitavel de que é digna a tribuna jornalistica.

Agradeça-me a boa vontade.

Vizeu, 31 de Maio de 1873.

José Victorino de Sousa Albuquerque.

NOTICIARIO

Palestras.—No dia 5 reuniu-se a commissão de archeologia do Instituto de Coimbra, sob a presidencia do digno par do reino, o sr. Miguel Osorio Cabral de Castro.

O sr. Dr. Cortez fallou sobre *lacrimatorios*, a proposito de um destes vasos, achado em Condeixa a Velha.

O sr. Miguel Osorio fallou extensamente a respeito das ruinas de Condeixa a Velha, concluindo por inclinar-se á opinião de que naquelle local não houve cidade, ou população importante; mas sim uma especie de acampamento militar.

Sala nova.—A grande sala, que o Instituto de Coimbra deliberou fazer para as suas conferencias, está concluida, e já nella se fizeram as palestras que acima noticiamos.

Roubo.—Na quinta feira de manhã appareceu aberta a porta da loja em Samsão, em que a sr.ª Theresa Pessoa tem venda de cereaes.

Os ladrões tinham entrado de noute na loja, roubando mais de 100$000 reis em dinheiro e objectos de ouro.

Cemiterio da Conchada.—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

José Maria de Oliveira Sá Junior, filho de José Maria de Oliveira Sá e Quiteria Rosalina d'Oliveira, natural de Coimbra, de 6 annos, fallecido no dia 29 de Maio.

José de Oliveira dos Santos, filho de Joaquim d'Oliveira dos Santos, natural da Pedrulha, de 34 annos, fallecido no dia 29.

Antonio Bento da Veiga, filho de Luiz José Bento e Catharina de Jesus, natural de Castello Viegas, de 48 annos, fallecido no dia 30.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—4988.

Preços reduzidos.—A companhia real dos caminhos de ferro portuguezes, d'accordo com algumas companhias hespanholas, vae estabelecer carreiras a preços reduzidos, de varias estações hespanholas ás de Lisboa, Formozelha, Coimbra e Villa Nova de Gaya; isto durante estes cinco mezes.

Bibliotheca Universal.—A muito acreditada empreza da *Bibliotheca Universal*, acaba de terminar a publicação do lindo romance—*A mascara vermelha*.

Dizer que o seu auctor é o sr. Pinheiro Chagas, seria o sufficiente para o credito de tal publicação; mas podemos acrescentar, que esta é uma das melhores producções deste genero, dadas á luz por tão fecundo e illustrado escriptor.

A acreditada empreza da *Bibliotheca Universal* esmera-se sempre na boa escolha dos romances de que é editora. Os 5 volumes já publicados são um bem evidente testemunho do que dizemos.

Principiou já a editar um outro romance historico do sr. Pinheiro Chagas, intitulado—*O juramento da duqueza*, que é continuação da *Mascara vermelha*.

Ao grande interesse que offerece a leitura destes romances, junta-se a nitidez da impressão, o que mostra que os editores se não poupam a despezas para agradarem ao publico.

Chegada.—Chegou a Lisboa o nosso estimavel amigo o sr. conselheiro José Dias Ferreira, que tinha ido á ilha da Madeira, em companhia de sua esposa, a fim de lhe procurar allivios na doença que tem padecido.

Caminhos de ferro do Minho e Douro.—Fechou-se em Lisboa a subscripção do emprestimo para os caminhos de ferro do Minho e Douro, excedendo a mais do dobro do pedido. E' este um feliz symptoma da confiança publica no nosso estado financeiro.

O resultado da subscripção nos districtos em que foi aberta é o seguinte:

Em Lisboa 31:219 acções; no Porto 17:762; em Braga 3:279; em Vianna 108: total 52:368.

O capital correspondente a estas subscripções é: em Lisboa 2 809:710$000 reis; no Porto 1.598:580$000 reis; em Braga reis 295:110$000; em Vianna 9:720$000 reis: total 4.713:120$000 reis.

O rateio é de 43 p. c.

Compra de cavallos—Foi aceite pelo governo a proposta do sr. Alagarim, subdito hespanhol, para o fornecimento, no prazo de tres mezes, de 600 cavallos para o exercito, a 180$000 rs. cada um. Esta remonta custa pois ao estado 108 contos de reis.

Mercado de Condeixa a Nova no dia 6—Regularam os generos pelos seguintes preços.

Trigo tremez 490—Dito mourisco 460—Milho branco 310—Dito amarello 300—Feijão vermelho 500—Dito branco 460—Dito rajado 360—Dito frade 420—Cevada 200—Favas 320—Tremoços 280—Batatas novas 200—Ditas de semente 260—Vinho 900—Azeite 1$050.

Panorama Photographico.—Publicou-se o n.º 6 deste jornal, impresso nesta cidade.

Traz uma photographia, que representa o *chalet* de el rei D. Fernando em Cintra. O respectivo artigo é do sr. I. de Vilhena Barbosa.

Alem deste traz a continuação do primeiro *conto* do sr. Silva Rocha;—um artigo de numismatica do sr. Seabra de Albuquerque;—e uma secção de bibliographia.

A photographia é tirada de um cliché com que o sr. Carlos Relvas presenteou o proprietario do jornal.

Pesca do bacalhau.—E' bem conhecida a importancia e riqueza desta pescaria. A Inglaterra e Estados-Unidos da America empregam annualmente mais de 3:000 embarcações nesta industria maritima, tripuladas por mais de 100:000 pessoas. Está calculado, que só o commercio inglez exporta todos os annos para Portugal, Hespanha e Brasil, o valor de 400 a 500 mil libras sterlinas de bacalhau.

A marinha mercante portugueza occupou-se em epochas antigas com grande proveito n'esta pescaria. Os nomes de varios pontos da ilha da Terra Nova attestam a presença dos portuguezes naquelles mares. Nos tempos de D. João 3.º e de D. Sebastião expedia Portugal grandes frotas para os mares do norte. Em epochas mais arredadas, em 1353, no reinado de D. Pedro 1.º, já os pescadores de Lisboa e Porto tinham conseguido de Duarte 3.º de Inglaterra a permissão de pescar durante 50 annos nas costas das ilhas britannicas.

Por estes e outros muitos factos vê-se evidentemente, que a nação portugueza occupou logar eminente na industria da pesca. Foi esta escola maritima, que formou os nossos intrepidos marinheiros, que tão relevantes serviços prestáram ao commercio e navegação, realisando as mais vastas emprezas nauticas, as viagens mais arriscadas, e as descobertas e conquistas mais admiraveis, que tornarão eternamente glorioso o nome portuguez.

Arvore da India.—Uma das arvores mais notaveis da India é a figueira, *ficus religiosa*. Do seu tronco pendem ramos revestidos de folhas cordiformes. Destes ramos nascem raizes, que se vão desenvolvendo até penetrarem e se fixarem no solo. Estas raizes, absorvendo da terra abundante provisão de alimentos, vão crescendo, até constituirem novos troncos semelhantes ao que lhes deu origem. Por esta forma as arvores adquirem dimensões prodigiosas, com uma grande circumferencia e podendo abrigar á sua sombra mais de 8:000 pessoas.

Superstições musulmanas.—Os mahometanos, e especialmente os do Indostão, acreditam ainda fervorosos nos erros mais absurdos e nos mais grosseiros preconceitos, consultando a opinião dos astrologos a respeito de acontecimentos mais triviaes da vida.

Para estes povos ha dias e horas felizes, e dias e horas de influencia nefasta. Em cada mez contam 6 dias aziagos. O modo de contar estes dias é o seguinte: contam os 30 dias pelos dedos das mãos, principiando no dedo minimo e terminando no pollegar. Os dias que correspondem ao dedo medio são os dias aziagos, e por consequencia são os dias 3, 8, 13, 18, 23, e 28.

Consideram ainda cada dia da semana dominado por um planeta; o domingo pelo Sol, segunda feira pela Lua, terça por Marte, quarta por Mercurio, quinta por Jupiter, sexta por Venus, e sabbado por Saturno. Julgam o domingo favoravel, para o bom exito dos medicamentos e para vestir fato novo; a segunda para principiar edificações; a terça propicia para a guerra, mas funesta para construcções e casamentos; a quarta boa para o estudo e má para funeraes; a quinta propria para celebrar nupcias; a sexta vantajosa para viagens; o sabbado auspicioso para emprezas commerciaes. Todas as horas do dia ainda são dominadas pelos planetas por um modo favoravel ou desfavoravel.

São ainda exemplos curiosos destas superstições extravagantes os seguintes factos: na quinta feira não se visitam doentes, nem se tomam remedios; quem nasce na terça feira é de caracter hypocrita e desleal; a quarta feira é funesta para todos os negocios e trabalhos, excepto para o estudo. São ainda bons ou maus agouros a presença repentina e imprevista de um gato e de outros animaes, a direcção em que se sente um espirro, em que voam as aves, etc.

Araucarias—Diz o *Archivo rural* na sua interessante chronica agricola, que ha muitos annos, que em Portugal se introduziram diversas especies do genero *araucaria*, lindissimo, e magestoso grupo de plantas florestaes e ornamentaes da familia das *coniferas*:

Os exemplares mais antigos são os dois da *aracauria brasilienses*, que existem no jardim botanico de Coimbra, e que alli foram plantados em 1816, pelo cuidado do bispo conde, reitor da Universidade, D. Francisco de Lemos.

Junto de Torres Vedras, na quinta, que actualmente pertence ao sr. visconde de Balsemão, e que fôra, segundo nos informam, do distincto naturalista Vandelli, ha um bello exemplar da mesma especie, provavelmente, contemporaneo dos que adornam o jardim botanico de Coimbra. Haverá, talvez, outros da mesma epocha, por outros sitios.

Da *araucaria excelsa*, ha muitos exemplares, mais, ou menos idosos, diffundidos, como plantas de ornamento, por todo o paiz. A primeira, e mais antiga de todas está perto de Lisboa, na quinta do Lumiar, pertencente aos srs. duques de Palmella. É uma arvore commemorativa, que o primeiro duque mandou plantar, ha, pouco mais ou menos, quarenta annos, para assignalar o dia do nascimento de uma de suas filhas, talvez a mais nova de todas.

O nosso intento não é dar uma noticia da introducção das *araucarias* em Portugal.

Não só porque nos escassea o tempo, mas ainda, porque o sr. Oliveira Junior, digno collaborador do excellente jornal de Horticultura pratica, do Porto, acabou de publicar uma interessante memoria a esse respeito, que sendo um pouco deficiente, e resentindo-se de algumas informações pouco exactas, nem por isso deixa, no resto, de sustentar a bem merecida reputação do seu intelligente, e estudioso auctor.

O nosso proposito é chamar a attenção dos botanicos ácerca de um facto, que parece bem averiguado, e que altera essencialmente a doutrina estabelecida, com relação á disposição sexual das *araucarias*.

Parece que é geralmente admittida a opinião de que são dioicas as diversas especies do genero araucaria. Eis aqui o resumo das observações feitas em Portugal.

As duas araucarias brasilienses, plantadas no jardim botanico de Coimbra, em 1816, produziram pinhões fecundos, pela primeira vez, em 1832, reconhecendo então o Dr. Antonio José das Neves e Mello, conspicuo lente de botanica, e director d'aquelle jardim, em cada um dos ditos exemplares, os dois orgãos sexuaes; os masculinos situados nos verticillos superiores, e os femininos nos inferiores.

Continuaram os dois exemplares a produzir pinhas, mas com pinhões sem grão, até que em 1855, tornaram a dar sementes fecundas, das quaes ha muitos exemplares, principalmente no Bussaco, e alguns com oito a dez metros de altura.

O que aconteceu com a especie brasiliense repetiu-se ultimamente com a araucaria excelsa. As mais antigas produziam pinhas, e pinhões ocos, mas neste anno, appareceu o terreno subjacente das arvores coberto de plantas, nascidas espontaneamente, que têem sido com o maior cuidado recolhidas, e tratadas. Foi na araucaria da quinta do Lumiar, que isto se verificou em maior escalla.

Temos outro exemplo na quinta das Laranjeiras, pertencente ao sr. visconde de Benegasil.

Nestas araucarias, como nas de Coimbra, reconhecem-se os dois sexos distinctamente, na mesma arvore.

Para testificar este facto, isto é, que as araucarias brasilienses, e excelsas, são monoicas, e não dioicas, como dizem os botanicos, que se têem occupado destas coniferas, reportamo nos á respeitavel auctoridade dos srs. Dr. Bernardino Antonio Gomes, Bento Antonio Alves, e Jacob Weiss.

É facil de explicar a intermittencia da fecundação das sementes da araucaria, dado o caso de serem monoicas, em um clima, como o de Portugal. Tem os observadores notado, que nos annos mais adversos á prolificação das araucarias, apparecem atrophiados os seus orgãos masculinos.

Não obstante aquella intermittencia, ainda assim os amadores destas elegantes, e magestosas plantas devem festejar os seus prolificos amores, quando se acreditava na sua esterilidade, ou por ser difficil de obter individuos de ambos os sexos, sendo dioicas, ou por ser contrariada pelo nosso clima a sua reproducção, sendo monoicas.

O morangueiro silvestre.—Communica-nos um nosso amigo o seguinte:

«Esta planta que cresce espontanea pelas mattas humidas e frescas, fornece-nos um chá egual em gosto ao da China, e superior a elle em certas virtudes que lhe são proprias. (Veja-se o n.º 2:691 deste jornal.)

Sou de opinião que as folhas devem ser bem seccas á sombra, acamadas, e bem fechadas n'uma lata, como se faz ás do chá; e não fazer uso d'ellas, senão passado muito tempo. Assim, devem perder mais a adstringencia, e o gosto á herva, proveniente de serem recentemente colhidas.

Occorre-me, porém, uma triste ideia. O morangueiro é portuguez, porque nasce em terreno portuguez; e o que é portuguez, não serve para a maior parte das pessoas que nascem em Portugal. Não póde, por isto, ser substituido o chamado chá da India, por o chá de morangueiro, por ser portuguez! Perdeu o tempo o medico austriaco se quiz aconselhar o uso do chá de morangueiro a grande maioria das pessoas nascidas em Portugal!

O meu barbeiro veiu agora corroborar esta minha opinião, dizendo—«Que se a planta do chá fosse aclimatada em Portugal, o chá perdia de moda: e se o morangueiro fosse privativo da China, muitas pessoas havia, que fizessem os maiores sacrificios para obter as *saborosas e aromaticas* folhas de morangueiro *chinez*, da classe *icosandria*, da ordem *polygynia*, do genero *fragaria*, especie *muricata* de Linneu.»

Abundo na opinião do meu barbeiro, que demais a mais, não é leigo em botanica, apesar de confundir a especie *vesca* com a *muricata*.—*Um chazista, mas verdadeiro portuguez.*»

Movimento carlista—Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

O chefe Ignacio entrou em San Cugat del Vallés, onde exigiu a contribuição. Miret entrou em Santa Fé com 150 homens; Saballa estava em Monistrol com 1:000; Muixi com 250 infantes e 30 cavallos passou pelo monte San Lorenzo. A estação de Monistrol foi incendiada.

Uma carta de Navarra diz que dentro em poucos dias haverá uns 8:000 carlistas reunidos em las Vilas, e acrescenta que Radica tem já 1:000 homens armados de Chassepots e Remingtons. Tem adoecido muitos soldados do exercito de operações do norte, em consequencia do penoso serviço que tem tido aquelle exercito.»

Dizem alguns jornaes de Madrid que alguns bandos carlistas da Catalunha têem augmentado em força, havendo-os já de 2:000 homens. Os carlistas do norte tinham uma avançada de 200 cavallos em S. Miguel de Basauri.

---

se Lorenzo e Orâa não se tivessem detido confiadamente nos Arcos.

Apenas havia feito alto Zumalacarregui, quando lhe chamou a attenção um destacamento liberal, que pelo caminho de Salvatierra se dirigia aos povos immediatos, a obrigal-os ao cumprimento das ordens dos governadores dos fortes. Proporcionando-se a Zumalacarregui esta occasião de bater ao seu contrario, e dar ao mesmo tempo aos povos uma mostra do seu interesse por elles, libertando-os por então de cumprir o que se lhes exigia, dirigiu-se rapidamente ao seu encontro, e começou o ataque.

O'Doyle, que logo ouviu os primeiros tiros, correu em auxilio dos seus companheiros, e Zumalacarregui lhe fez immediatamente frente em campo raso. Desenvolveu um batalhão em guerrilha, apoiado com dois em batalha e outro de reserva, e cubriu os flancos com a cavallaria. Ao mesmo tempo descia Iturralde de Herenchun, entrava na abandonada Alegria, e dirigia-se contra a retaguarda de O'Doyle.

Quando este comprehendeu a posição em que voluntariamente se collocara, não tratou já de bater impetuosamente aos carlistas, senão de salvar aos seus soldados; porem desmaiou o animo destes, obraram cobardemente, e por mais esforços que fez O'Doyle para retirar-se ordenadamente, debandaram. Tudo foi confusão e desordem; e a cavallaria carlista entrou então a derrotar completamente aquellas tropas indisciplinadas, que pagaram com abundante sangue a sua cobardia, pois a poucos se dava quartel.

Tudo se perdeu em tão infausto combate, que custou a liberdade a O'Doyle. Só 200 homens poderam refugiar-se em Arrieta, onde os não podia render o carlista com as peças de pequeno calibre que acabava de colher. Não obstante, Zumalacarregui não quiz deixar aquelles tristes restos, e os sitiou.

Sabe-se em Victoria a derrota de Alegria, e a situação dos encerrados em Arrieta, pelo que o proprio Osma com Figueras sae no mesmo instante com uns 3:000 infantes, alguma cavallaria, e tres, ou quatro peças de artilheria. Ao avistal-os Zumalacarregui, dirigiu á sua tropa a seguinte allocução:

«Soldados: O inimigo, abatido pelo golpe de hontem, avança para nós, fazendo o ultimo esforço. Eu, pois, que conheço o vosso valor e a vossa constancia, vos pergunto se quereis abandonar um campo ainda regado com o sangue inimigo, e coberto com os gloriosos tropheus da vossa gloria?»

O assentimento foi unanime, e em acto continuo accommettem impetuosos, e expulsam os liberaes das suas posições.

Embriagados com o sangue da vespera, mostram-se sedentos delle, cada vez mais sanhudos. Tanta foi a sua coragem e tão espantosa a carniceria, que teve que correr Zumalacarregui por entre as primeiras fileiras, dizendo-lhes:—*Rapazes, basta, basta; dae quartel aos rendidos*.

O resultado desta derrota tão desastrosa para a causa da rainha, foi augmentar-se com 2:000 homens o numero dos carlistas, e morrerem 1:000 liberaes.

Se, porem, concederam a vida aos 2:000 liberaes, que augmentaram as fileiras de D. Carlos, foi sacrificado O'Doyle, com outros officiaes, em represalia dos fuzilados pelo general Rodil.

D. Carlos premiou a Zumalacarregui com a grã-cruz e banda da real e militar ordem de S. Fernando. Celebrados os seus feitos pelos seus partidarios, decaiu muito o animo dos liberaes, que não tinham esquecido a Guernica, Urdanoz, Muez, S. Fausto e Vianna.

A guerra havia-se tornado barbara; e uns e outros combatentes, adoptavam medidas, não só rigorosas, mas crueis. Entre os bandos que se publicavam se distinguiu um de Lorenzo, ao qual pela sua parte respondeu Zumalacarregui com outro, em que entre outras muitas terriveis disposições, ordenava, que todos os prisioneiros que se fizessem aos liberaes, de qualquer classe e graduação que fossem, seriam passados pelas armas, como traidores ao seu legitimo soberano.

Nesta situação, a opinião publica em Hespanha pronunciou-se a favor do celebre general Francisco Espóz e Mina, para ser posto á frente do exercito liberal. Achava-se Mina emigrado em Londres, e alli é convidado pelo governo hespanhol, para ir por-se á frente do exercito do norte. Aceita Mina, e da cama onde o tinham prostrado as suas doenças, corre ao campo da batalha.

Chegado a Pamplona, dirige em 4 de Novembro de 1834 uma proclamação aos seus compatriotas, e outra ao exercito.

Zumalacarregui no entanto fallava menos e obrava mais, ainda que nas suas operações não se notava então um plano fixo.

Foi atacar a villa de Peralta, mas o seu bravo commandante Iracheta defendeu heroicamente o forte della. Não cedeu nem a pedidos, nem a ameaças, tanto de Zumalacarregui, como de João Antonio Zaratiegui, que era seu amigo pessoal.

A defeza foi tão tenaz, que vendo Zumalacarregui que ia gastar o tempo e as munições sem conseguir o seu intento, augmentando a perda da sua gente, mandou tocar a retirada, e a emprehendeu não sem deixar horriveis rastos, no incendio de porção de edificios da parte baixa da villa, no barbaro derramamento das pipas de precioso vinho, e no destroço dos moveis das casas.

Beneficos resultados teve para a causa liberal esta heroica defeza, porque a imitaram outras villas, cujos urbanos se mostraram emulos de Cenicero e Peralta. Nada estimula como o heroismo.

Por falta de espaço não podemos hoje descrever os inauditos horrores praticados por Zumalacarregui no cerco e tomada de Villafranca. Em o numero seguinte verão os nossos leitores o que era a guerra civil em Hespanha.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

A columna de Morales, que saira do ponto que occupára, teve que retroceder em Puente Novo, em presença da superioridade das forças carlistas que alli encontrou.

As forças de Tristany e Vallés, reunidas em Panadés, têem 1:700 homens. Diz uma noticia de procedencia carlista, que no encontro que houve entre Santa Cruz e a columna Luna, teve esta 300 baixas; outras noticias dizem que ella tivera apenas 18 mortos e outros tantos feridos.»

Sucursal.—Consta-nos que se vae estabelecer em Coimbra um sucursal do banco de Vianna do Castello.

Os encarregados da gerencia são os srs. João Matheus dos Santos e José Antonio da Costa Braga.

Coimbra precisava bem de um estabelecimento desta ordem.

Suffragios. — Na terça feira proxima, pelas 10 horas da manhã, se celebrará missa na real capella da Santa Casa da Misericordia desta cidade, para suffragar a alma do bemfeitor da mesma Santa Casa, o commendador Joaquim Nunes de Carvalho.

ANNUNCIOS

1 PERANTE O GOVERNADOR CIVIL DE COIMBRA, voltam á praça no dia 16 do presente mez—3 aguilhadas, ou 1:620 metros de terra, no sitio das Covas, no campo de Maiorca, pertencentes á Misericordia de Lisboa, no valor de 86$400 rs., sendo esta quantia liquida da 5.ª parte da avaliação que era de 108$000 rs., conforme a lista 952, publicada no *Diario do Governo*, de 7 de Maio ultimo.

Attenção

2 NO DIA 22 do corrente Junho, no tribunal judicial de Monte Mór o Velho, por 9 horas, se hade abrir praça, para a venda d'uma propriedade que foi de Barbara Serrana, a qual se compõe de casas d'habitação, de 1.º e 2.º andar, com 4 janellas por frente; lojas com 4 portas, 3 celleiros, casa de lagar e pateo com servidão para as trazeiras do portão; cujo predio está em optimas condições, e avaliado em 600$000 rs., e bem localisado, na rua Direita, proximo da praça.

ALTA NOVIDADE

NO ESTABELECIMENTO DE

JOSÉ TAVARES DA COSTA

Rua da Calçada, proximo á Portagem

3 PURO **gello americano,** refrigerante, adoptado nas principaes casas e hoteis de Lisboa.

E' preciso não confundir este **gello** com a neve em rama.

SEMENTES

4 DE EUCALYPTO, amoreira, e hortalices. Rua do V. da Luz, n.º 12.— *A. M. S. de Castro.*

NEVE

5 **VENDE-SE em Samsão, casa n.º 25, das 5 horas da tarde em diante.**

EDITAL

Dr. Lourenço d'Almeida Azevedo, lente cathedratico da Faculdade de Medicina na Universidade de Coimbra, presidente da camara municipal da mesma cidade.

6 FAÇO saber que no dia 12 do corrente, hade ter logar a procissão de *Corpus Christi*, a qual sahirá pelas 5 horas da tarde da egreja da Sé Cathedral, para seguir o transito do costume; pelo que convido todas as pessoas que costumam assistir a este acto religioso e solemne, a comparecerem no mencionado templo antes da hora indicada, incorporando-se depois na referida procissão, segundo as precedencias do estylo.

Coimbra, Secretaria da Camara Municipal, 6 de Junho de 1873.

Lourenço d'Almeida Azevedo.

7 PELA ADMINISTRAÇÃO DO CONCELHO DE CONDEIXA se faz publico, que havendo sido abandonado um rebanho de duzentos e tantos carneiros, todos com boa lã, e não lhe apparecendo dono, apesar de se ter apregoado; se nomeou depositario, nos termos do § 1.º do artigo 408 do codigo civil; e requerendo este que se désse cumprimento ao consignado no § 7.º do citado artigo, assim se lhe deferiu; e por isso outrosim se faz publico, que no dia 12 do corrente, pelas 9 horas da manhã, no logar da Anobra, se fará a arrematação do mesmo gado.

Administração do concelho de Condeixa, 7 de Junho de 1873.

O administrador do concelho
Pedro Augusto da Silva Ferrão.

8 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia de S. Eufemia, da villa e concelho de Penella, districto de Coimbra, faz publico, que no dia 20 do proximo mez de Junho, hade arrematar em hasta publica a obra de pedreiro, que tem a fazer na egreja parochial, cujas condições serão presentes no acto da arrematação e podem ser examinadas com os respectivos apontamentos em casa do secretario da Junta.

Penella 30 de Maio de 1873.

O presidente da Junta,
João Albino de Sousa Peres.

9 ESTÁ ABERTO CONCURSO até ao dia 30 do corrente mez de Junho, para o provimento de um logar de engenheiro do municipio de Coimbra, com o ordenado annual de 600$000 reis, com o qual poderá ser accumulada a gratificação annual de 150$000 reis, quando o mesmo engenheiro se preste a exercer tambem as funcções de inspector dos incendios. As pessoas que se julgarem habilitadas a concorrer ao referido logar, deverão entregar os seus requerimentos nesta secretaria até ás 3 horas da tarde do mencionado dia 30, instruidos com os documentos justificativos da sua competencia.

Coimbra, secretaria da camara municipal, 6 de Junho de 1873.

O escrivão da camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

SUBSTITUTO MILITAR

10 QUEM QUIZER substituir na vida militar um mancebo, póde dirigir-se a esta redacção, que aqui se lhe dirá quem é o pretendente.

VINHO DA COMPANHIA DO PORTO

11 VENDE-SE de muito superior qualidade, na padaria de José Fernandes, rua das Solas, n.º 28.

Por quartão 1$200, e por garrafa 200 rs.
Dito, quartão 850 e por garrafa 160 rs.
Vende de Torres Novas, puro, por quartão 480, e garrafa 80 rs.
Dito branco de Torres Novas, puro, por quartão 480, e garrafa 80 rs.

PARA BANHISTAS

12 A. VIEIRA subloca duas moradas de casas, sitas nos mais centraes e lindos locaes da Figueira da Foz, nos mezes de Julho a Novembro do corrente anno, sendo uma na Praça Nova, proxima do café Central, com commodos para 10 ou 12 pessoas, e outra no centro da rua do Caes, para 5 ou 6.

O annunciante fornece a quem quizer, loiças, roupas e mobilia, das qualidades que exigirem. Quem as pretender dirija-se ao annunciante na mesma villa, declarando por que tempo e em que condições pretendem qualquer d'ellas.

HOTEL CAMÕES E ROSSINI

Rua de Rossini, n.º 16, em Paris (proximo ao Boulevard dos Italianos.)

13 RECOMMENDAMOS esta nova casa onde se falla portuguez, não só por estar situada no bairro mais central de Paris, e offerecer aos viajantes todas as commodidades, mas tambem pelos seus preços rasoaveis, devido á honradez do seu proprietario o sr. José Domingues, nosso patricio e amigo, que conhecemos já da sua antiga casa na rua de Bonaparte.

14 MANOEL FRANCISCO DOS SANTOS, desta cidade, fez entrega na repartição dos hospitaes, da quantia de 4$500 rs., que em pena da falta do cumprimento de um contrato de venda de vinho, recebeu de um proprietario do concelho da Mealhada.

CASCOS PARA AZEITE

15 VENDEM-SE 10, que ainda não serviram, e mais alguns usados, assim como quartos de differentes tamanhos, e varios utensilios para mercearia. Quem pretender, falle na redacção deste jornal, onde se lhe dirá com quem se trata.

16 VENDE-SE uma propriedade no campo de Maiorca, denominada o Cupeiro, junto ao arco da antiga ponte, confinante pelo sul e nascente com o campo d'Anquinhos, e que deve regular por cinco geiras e quatro aguilhadas da antiga medida, ou 351 ares e 488 centiares. Quem a pretender dirija-se ao seu proprietario João José da Costa, na villa da Figueira.

17 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia d'Arazede, não se havendo effectuado no 1.º do corrente mez de Junho, a arrematação das obras de canteiro, pedreiro e carpinteiro, que tem a fazer-se na egreja matriz; faz de novo publico, que ficou a dita arrematação adiada para o dia 15, pelas 10 horas da manhã.

18 ADELINO AUGUSTO PEREIRA DE CARVALHO, morador na rua de Quebra-Costas, numero 45, nesta cidade, faz publico, que recebe propostas sobre a venda de uma pharmacia que se acha estabelecida em Soure, e que fôra de seu fallecido cunhado Justino Emilio Gonçalves Morim, cujo contracto fará a quem melhor garantia lhe fizer, entrando na venda todo o receituario em divida, existente na referida pharmacia. Qualquer pretendente que se queira informar do estado da mesma, utensilios e dividas, póde dirigir-se ao sr. Joaquim Mendes de Castro, actual administrador da referida pharmacia, e residente n'aquella villa.

Coimbra 4 de Junho de 1873.

Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

19 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastrá cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchaqueca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do acuto, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

E ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os muscuos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kilo 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rabir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho. —FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2700 — TERÇA FEIRA 10 DE JUNHO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

De que vamos caminhando para um estado de prosperidade mais auspicioso, não ha que duvidar.

A transformação que se vae operando nas condições economicas do thesouro publico, tem-se reflectido em toda a ordem de interesses, desenvolvendo as forças vitaes do paiz, e impulsando a mais ousados commettimentos.

Assim que estamos vendo restabelecer-se a confiança publica, e, como consequencia necessaria, renascer a iniciativa das emprezas e procurar emprego para os capitaes, que insuflando a vida e a actividade á nação, não podem deixar de concorrer para esse bem estar geral que constitue a felicidade dos povos.

A paz entre esta grande familia, e a religiosidade nas operações de credito, que o governo tem feito manter, a despeito das invenções ridiculas e insinuações malevolas dos adversarios politicos, são em grande parte a origem do lisonjeiro estado que parece avisinhar-se de nós.

Desta forma procedem os partidos que desejam governar em nome das conveniencias publicas, e que antepõem aos proprios os interesses da nação. Tal caminho seguem os homens desambiciosos, de crenças rectas, para os quaes não tem sido indifferentes os males da patria.

O resultado favoravel da subscripção e emissão das obrigações para a construcção do caminho de ferro do Douro e Minho, mostra não só a confiança que o governo inspira ao credito, mas ainda que os capitalistas não duvidam empregar os seus fundos em proveito da nação e do seu desenvolvimento material.

Este resultado causou excellente impressão em todo o paiz, porque foi uma prova evidente das circumstancias mais favoraveis da nossa organisação economica e da serenidade que este estado inspira ao espirito publico.

No regimen politico que nos rege é indispensavel que os povos, tomando parte em todos os objectos de interesse commum, manifestem a sua opinião, pelos meios que as leis lhes facultam, a fim de que os poderes do estado se habilitem a seguir as suas indicações, quando as conveniencias o aconselhem.

Com satisfação estamos vendo que não é indifferente aos povos a questão da directriz do caminho de ferro da Beira, que se projecta construir.

Recebemos a representação que os principaes commerciantes e proprietarios do Carregal dirigiram ao governo, na qual mostram as vantagens do traçado, que partindo da estação de Coimbra, concilia todos os interesses da Beira.

Por differentes vezes temos já escripto neste logar acerca do caminho de ferro da Beira, mostrando sempre o desejo de que esta questão se decida com a imparcialidade e justiça que merece um objecto a que estão ligados interesses de grande importancia, não só para as duas provincias da Beira, mas ainda para o paiz em geral.

Temos toda a confiança na rectidão do esclarecido ministro das obras publicas, para esperar que sómente sejam attendidos os interesses geraes da nação em harmonia com as necessidades das povoações.

Neste sentido temos dirigido as nossas reflexões ácerca do assumpto, que sendo realmente grave, e de todo o ponto melindroso, carece da coadjuvação de todas as intelligencias, para que sejam devidamente ponderadas e apreciadas todas as circumstancias que podem influir na resolução final desta questão.

A illustre classe commercial do Carregal propõe um alvitre que nos parece digno de toda a consideração. A directriz indicada na representação, tende a conciliar as opiniões encontradas que por differentes vezes se têem manifestado. Adopta uma parte do traçado já estudado e mostra a estrema facilidade de construcção em uma parte importante da directriz, e outras vantagens que muito convem apreciar.

O governo não faltará de certo a esse dever.

Escolas de ler, escrever e contar nos corpos de linha

Os governadores do reino, em provisão assignada por D. Miguel Pereira Forjaz no dia 10 de Outubro de 1815, determinaram que se estabelecesse *uma aula de ler, escrever e contar, em cada corpo de infanteria, caçadores, cavallaria e artilheria do exercito, e na real guarda da policia de Lisboa*; a fim de que se aproveitassem dellas os individuos dos mencionados corpos, querendo elles, e egualmente seus filhos, *assim como tambem os filhos dos habitantes das terras ou bairros em que os mesmos corpos tivessem os seus quarteis.*

Esta provisão era acompanhada de umas instrucções para a execução de tão excellente providencia; e em 29 de Outubro de 1816 foram publicadas outras instrucções ainda mais minuciosas, para por ellas se regularem os professores das escolas de primeiras letras dos corpos de linha do exercito.

No quartel da guarda de corpo, em Belem, foi estabelecida uma escola geral, para nella se habilitarem normalmente os candidatos a mestres e seus ajudantes das escolas particulares do exercito. Esta escola, dirigida immediatamente pelo capitão do real corpo de engenheiros, e lente de tactica e fortificação do real collegio militar da Luz, João Crysostomo do Couto e Mello, abriu-se no dia 1 de Março de 1816. Em 15 de Outubro desse anno tinham-se habilitado 68 individuos, entre mestres e ajudantes; e até ao ultimo de Agosto de 1818 tinham sido habilitados 81 professores de primeiras letras.

Desde o 1.º de Janeiro de 1817 principiaram a abrir-se as escolas particulares do exercito. Afóra as escolas estabelecidas nos corpos das differentes armas, foram tambem estabelecidas na brigada real da marinha, no arsenal do exercito, no deposito geral de cavallaria, e na real fabrica da cordoaria.

Desde Junho de 1817 matricularam-se nas 55 escolas, distribuidas pelas differentes provincias do reino, 3:843 discipulos; sendo 1:891 militares, e 1:952 paizanos: dos matriculados, habilitaram-se na instrucção primaria 307, afóra 60 militares que, por sua ap-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXVII

D. CARLOS

XVII

Ha na Navarra uma villa situada em uma pequena eminencia, a legua e meia da margem esquerda do rio Aragon, que em pouco mais de 500 casas conta de 600 a 750 visinhos, e que adquiriu em 1834 celebrada fama. No seu pequeno recinto se albergavam partidarios de um e outro bando, que sustentavam com tanta maior paixão as suas opiniões, quanto mais perto se viam.

Villafranca, que tal era o nome da villa, foi destinada por Zumalacarregui a dar evidente testemunho dos horrores da guerra civil. Dirigiu-se, pois, a ella, e ao sabel-o os urbanos, encerraram-se na egreja, que, qual erguida atalaia, sobresaia por entre as casas do povo.

No dia 27 de Novembro chegaram ao povo os carlistas e se alojaram nelle; porem os urbanos, das ameias do seu forte, dispararam alguns tiros, pelo que os carlistas, circumvallando o edificio, responderam ao seu fogo. Duas peças, enfiadas á porta da egreja, a franquearam em breve aos sitiadores, que se teriam lançado para dentro intrepidos, se o seu chefe os não contivesse, expondo-lhes a resistencia que ahi achariam. E assim era. Os sitiados vendo accessivel o templo, defendem-se na torre, mais dispostos a morrer que a render-se, porem vendendo caras as vidas, pois que tinham comsigo as suas mulheres, as quaes estimulavam o seu ardor, em vez de o conter. Esqueciam-se de que eram mulheres, e se mostravam heroinas.

Tres vezes lhes foi intimada a rendição, e outras tantas a desprezaram. Tal arrojo assombrava a Zumalacarregui, que para vencer não achava outro meio que seguir o barbaro costume de empregar as chammas. Era comtudo uma egreja a que havia de ser sua preza, e ante tamanha profanação se continha o chefe carlista. D. Carlos, porem, que aliás alardeava de religioso, não teve taes escrupulos, e enviou com o barão de los Valles a ordem para que se incendiasse o templo, se não se rendessem os seus defensores.

O soberano mandado foi exactamente cumprido, e as chammas se apoderaram em breve da egreja, ficando a torre, que, como fabricada de tijollo, não poude fazer preza nella o elemento devorador. Se, porem, não alcançava o fogo aos defensores; impunha-lhes o seu resplendor e os afogava o fumo.

As mulheres tremeram então, não tanto por ellas, como por seus filhos, e pediram piedade. Zumalacarregui a concedeu, e ao amanhecer desceram por umas escadas de cordas as mulheres e os meninos. Zumalacarregui esqueceu-se nesta occasião do que devia a si mesmo, fazendo açoitar as primeiras mulheres que desceram da torre!

Os urbanos pediram quartel, mas foi-lhes negado. Irritados então, e não temendo já por suas esposas e filhos, a cujos lamentos não podiam resistir antes, emprehenderam de novo a sua defeza com mais ardor, se era possivel, defendendo-se todo o dia. Chegada a noute não podiam esperar descanço; era demasiado imminente o perigo que os rodeava; molestava-os em extremo o fumo que os asfixiava, e sentiam um calor suffocante. Tanto padecer se ia fazendo já insupportavel; estavam alem disto extenuados de fadiga, mas não cederam: o novo sol os achou dispostos a vencer ou morrer.

Os desgraçados, porem, não contavam com que até o mesmo terreno se lhes sublevasse e os combatesse; mas assim foi. Tinha-se calcinado a torre de tal maneira, que não era possivel permanecer nella, porque a morte era segura, e uma morte lenta, horrivel e inevitavel. Em tão critica situação preferem a gloria de morrer fuzilados, de ser martyres da liberdade, e dessem da torre, ficando alli 30 sem vida. Entregues á discrição por ser impossivel abrir passagem, foram todos fuzilados em acto continuo!

O nome de Villafranca resoou com dor por todos os ambitos da peninsula, e os açoutes e os fuzilamentos foram um padrão de ignominia para a causa carlista.

O governo hespanhol soube nesta occasião secundar a opinião publica, e mandou em 10 de Dezembro de 1834, que se reedificasse a egreja á custa do estado, se erigisse um monumento para eternisar a memoria das victimas liberaes e fosse um commissionado para averiguar quaes aquelles que haviam contribuido para augmentar as desgraças dos seus convisinhos, a fim de castigar a uns, e premiar as viuvas e orfãos. A rainha governadora mostrou-se devidamente generosa.

Entretanto não sorria aos mais chefes carlistas a mesma sorte que a Zumalacarregui,

plicação, foram promovidos na escola de official inferior.

Pelo mappa do estado das escolas militares, constava que no mez de Outubro de 1818 andavam frequentando as mesmas 2:638 alumnos. Observava-se que o numero medio em augmento na classe dos paizanos era de 60 a 70 por mez no total das 53 escolas, sem contar os discipulos que tinha a do batalhão de caçadores n.º 3, que fôra na expedição para a America.

Havia 18 escolas destas em Lisboa e provincia da Extremadura, 10 na Beira, 5 em Traz os Montes, 10 na do Alemtejo, 3 no Algarve, 9 no Porto e provincias do Minho.

A mudança dos corpos, occasionada pelo serviço que tiveram de fazer em guarnições, era parte para que as escolas não apresentassem um numero mais crescido de alumnos.

O aviso de 29 de Dezembro de 1818 considerou satisfatorio o resultado que até então se havia tirado do estabelecimento das escolas militares creadas em 1815. Indicou o desejo que o soberano tinha de que se estabelecesse uma louvavel emulação entre as diversas escolas; para o que devia ser impressa e distribuida pelas mesmas a parte do relatorio em que o director dava conta dos progressos de cada uma d'ellas. Recommendou muito expressamente que n'aquellas escolas se ensinasse a doutrina christã; devendo os mestres e os ajudantes ajuntar ás lições do cathecismo e dos livros de moral religiosa, o poderoso estimulo do seu proprio exemplo.

Na sessão publica e solemne, a que assistiu el-rei D. João VI, de 15 de Outubro de 1821, deu o director destas escolas noticia dos progressos que ellas tinham feito, e dos excellentes resultados que das mesmas tinham sido colhidos.

No curto espaço de quatro annos tinham sido elevados aos differentes graus de official inferior 552 alumnos militares destas escolas, nas quaes aprenderam a ler, escrever e contar.

Mais de 3:000 discipulos se tinham matriculado nestas escolas; e os habitantes das terras onde ellas existiam mostravam-se cada vez mais agradecidos ao soberano pelo beneficio da creação de um tal modo de ensino.

Desappareceu a antipathia que existia entre os *militares* e os *paizanos*, e observava-se que as escolas civis das povoações, onde estavam aquartellados os corpos do exercito, ficavam quasi desertas, a despeito do descredito que os professores civis lançavam sobre as escolas militares.

O sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, no terceiro tomo da sua interessantissima *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal*, dá circumstanciada noticia desta muito proveitosa instituição; e a proposito, menciona o seguinte curioso episodio, que pessoalmente lhe diz respeito.

«Antes de dar conta das *instrucções* que acompanhavam o precedente diploma, peço licença aos leitores para, muito rapidamente, mencionar a circumstancia meramente pessoal a que ha pouco alludi. Se esta breve digressão me proporciona a ventura de pagar uma divida de gratidão á memoria de um mestre querido e saudoso, ilo tambem que poderá ter as feições de uma lição modesta de pedagogia moral.

«Quando na cidade de Castello Branco se abriu a escola regimental da cavallaria n.º 11, em virtude da providencia governativa que registámos, alguns dos filhos dos *paizanos* passaram immediatamente da aula regia civil para a militar, como felizmente era permittido. D'esse numero foi o que ora traça estas linhas; e com toda a razão se effeituou essa passagem.

«Era summamente severo e aspero o professor regio de primeiras letras da mencionada cidade, se bem que intelligente e habil. Por minha parte direi, que a tal ponto me sentia repassado de susto, ao vel-o, e maiormente quando a mim se dirigia no tomar ou explicar a lição, que cheguei a crear uma repugnancia invencivel ao estudo, e a fazer perder a meus paes a esperança de que eu podesse jamais saber ler, escrever e contar.

«Quiz, porem, a minha boa sorte que se abrisse a aula do regimento de cavallaria n.º 11, estacionado por aquelle tempo e ainda longos annos depois na indicada cidade. Para a nova escola fui eu logo mandado pela minha familia, que avisadamente aproveitou a previdente permissão de serem admittidos os filhos dos paizanos.

«Uma revolução cabal se operou na minha pequenina individualidade. Desde logo tive a satisfação de crear amor ao estudo, e de frequentar sem esforço, antes com suave gosto a escola, que me parecia já um ceu aberto.

«A quem devi eu tamanha ventura? Ás maneiras affaveis, paternaes, e devo dizel-o, verdadeiramente caritativas do professor militar, a quem foi confiada a regencia da cadeira, o sargento de cavallaria n.º 11, Antonio José Rodrigues.

Vêde da natureza o desconcerto!

«O professor civil tinha a aspereza de um homem de guerra; o militar imitava a mansidão preconisada nas memoraveis palavras: *Sinite parvulos venire ad me.*

«Antonio José Rodrigues era dotado de uma paciencia, de uma dedicação admiravel, que o tornavam muito proprio para encaminhar a infancia na aprendizagem dos primeiros rudimentos das letras. Principalmente, o caracterisava uma disposição muito decidida para ensinar os filhos de familias humildes e pobres. Dir-se-hia que os seus desvelos cresciam na proporção do desvalimento dos discipulos.

« Porque não o direi com as palavras de Fr. Luiz de Sousa: *Levava traz si os animos e vontade de todos que chegavam a tratal-o?*

«Graças a estas preciosas qualidades do meu querido mestre, creei animo, e venci a repugnancia, que até então me dominara, a tudo o que era ler e escrever.

«Não me esqueço de que o ajudante do professor, tambem militar, e intelligente, por nome Nogueira, grangeou a affeição de todos os alumnos da aula, á qual concorriam adultos da classe militar, juntamente com os filhos dos moradores da cidade.

«Perdoem-me os leitores esta digressão, que por ventura pecca por se referir um tanto á pessoa do auctor. Seja-me, porem, permittido conceber a esperança de que serei desculpado por mais de um cabeça de familia, a quem não pode ser indifferente o modo por que hade ser tratada a infancia nas escolas. *Is docendi modus accipiendus est, que pueri minime coacti ad discendum esse videantur.*

«Avisadamente dizia, ha annos, a *Illustração, Jornal Universal*, fallando da excessiva severidade dos mestres:

«....semelhantes rigores e castigos aviltantes, não servem senão de fazerem odiosos os professores aos seus alumnos. As letras não entram com sangue, como diz o nosso proverbio; a doçura, a emulação, podem mais que palmatoadas dadas ás duzias, correias, etc.»

NOTICIARIO

Festividade.—No domingo houve na egreja do Carmo a costumada festa da Santissima Trindade. Pregou de manhã o sr. padre Castro.

De tarde houve a procissão, e pregou o sr. padre Antonio de Almeida Pedroso, parocho de Almalaguez. O sr. padre Pedroso agradou muito aos fieis que o ouviram; e este orador vae cada vez mais adquirindo as sympathias do publico.

Assembleia geral do Instituto—Amanhã, pelas 7 horas e meia da tarde, deve reunir-se a assembleia geral do Instituto para tractar e resolver certos pontos relativos á mesma sociedade.

Prelecção—No sabbado fez o sr. José Frederico Laranjo no Instituto uma brilhante prelecção acerca da economia politica e socialismo.

O delegado no 1.º districto criminal do Porto—No muito acreditado jornal a *Justiça*, por occasião de se mencionar o termo das audiencias geraes no 1.º districto criminal do Porto, se diz, com relação ao respectivo delegado, o seguinte:—«O sr. delegado Torres Carneiro, tendo vindo ha pouco para esta comarca, *tem sido olhado como um modelo dos agentes do ministerio publico.*»

Muito folgamos de ver assim apreciado o nosso amigo o sr. bacharel Antonio Alberto Torres Carneiro; e tanto mais quanto vemos confirmado o juizo que sempre fizemos a respeito deste digno agente do ministerio publico, quando, durante seis annos, exerceu identico cargo na comarca da Louzã.

O zelo do sr. Torres Carneiro pelo serviço publico ficou alli bem patenteado no modo como se houve em requerer a punição de grandes criminosos, que foram julgados naquella comarca.

Á sua eloquencia e judicioso desenvolvimento das provas, se deve em boa parte o serem condemnados em differentes audiencias geraes da comarca da Louzã, o celebre Antonio Maria da Loja, de Penella; o assassino José Braz, d'Alfafar; um Monteiro, por alcunha o Cuco, do Oiteiro dos Casaes, que tinha morto um cunhado; outro assassino, que tinha morto o cunhado Manoel Domingues, de Alfafar, para lhe ficar com os bens; e finalmente a outros reus de crimes importantes, como falsificações, roubos, estupros, e ferimentos de gravidade.

E não tinha o sr. Torres Carneiro de lutar com advogados de mediana importancia; mas com cavalheiros da mais subida competencia, como foram em varias audiencias os srs. Drs. Barjona de Freitas, Antonio Jardim, Calisto, Sacadura, Simão Maria de Almeida, Figueiredo e Queiroz, e outros.

Este zelo pelo cumprimento dos seus deveres, manifestado pelo nosso amigo na comarca da Louzã, é o mesmo que tem continuado a desenvolver na sua nova comarca do Porto, onde tem empregado toda a actividade de que é capaz para pôr em dia os serviços da fazenda, e do crime, que alli se achavam em extraordinario atrazo.

Por tudo tem o sr. Torres Carneiro grangeado no Porto o bom conceito de que é muito digno, e que já merecia na Louzã; o que estimamos de aqui poder consignar, como incentivo aos empregados exemplares.

Na Biscaia operava Espartero em combinação com Iriarte, e alli reprimia as guerrilhas carlistas.

Mina resolveu-se em fim a entrar em campanha. O exercito liberal do norte compunha-se então de 23:357 infantes e de 1:809 cavallos. Havia disponiveis para os movimentos 14:220 dos primeiros, e 704 dos segundos; e esses mesmos fatigados, quasi sem fardamento, e abatidos pelos anteriores revezes.

Os carlistas, pelo contrario, achavam-se animados; e cheios de ousadia se aproximavam a provocar Mina ás mesmas portas de Pamplona. Augmentaram a sua gente com o alistamento de muitos mancebos, e estimularam aos prisioneiros a tomar as armas, com os quaes, e os passados para as suas fileiras formavam alguns batalhões, crescendo o seu prestigio a par da sua força material.

No dia 13 de Novembro saiu Mina de Pamplona a revistar as suas tropas, cujo aspecto o não satisfez, apezar dos chefes que as mandavam. O estado dellas era deploravel; vestiam de verão; a sua moralidade era duvidosa, e o seu valor estava amortecido. Por isso voltou triste no dia 15 para Pamplona.

A 4 de Dezembro se poz Mina á frente das tropas, seguindo a direcção que cria levava D. Carlos e Zumalacarregui. Estes dividiram as suas forças, e Mina manda então a Orãa que siga aos dois personagens carlistas; e a Cordova que se mova sobre o Baztan. Elle com escassa força passou aos Aldaides a recolher dinheiro de que carecia, e voltou com elle no dia 7 a Pamplona, deixando acantonada em Villaba uma brigada provisional que formou ao mando do coronel Ocaña.

Os carlistas depois de deixarem em Villafranca sanguinolenta e ignominiosa recordação, marcharam a Caparroso, subiram pela esquerda do rio Aragon, e acamparam em Carcastillo. D. Carlos pernoutou naquella noute no mosteiro de bernardos de la Oliva. Continuou a sua marcha no dia seguinte muito de madrugada, e entrou em Sangueza, donde passou a Lumbier.

Os carlistas levavam no seu flanco esquerdo aos liberaes, e como entrava no plano destes apoderar-se da ponte de Zubiri, correu Zumalacarregui a Aoiz, e em seguida a apoderar-se da ponte.

Por então perdeu D. Carlos a um dos seus bons chefes, o Manco, que morreu em um encontro com Linares, pretendendo disputar-lhe o passo, intitulado Foz de Asparz.

Enchiam, porem, estes vacuos os officiaes que se passavam; sendo dos mais uteis aos carlistas, D. Vicente Reina, official de artilheria, que abandonou as suas bandeiras e juramentos, levando ao inimigo o seu valor e intelligencia.

Os carlistas tinham tres peças de artilheria; duas tomadas ao desgraçado O'Doyle, e a outra em Orbaiceta. Alem disto, D. Vicente Reina, a fim de se tornar prestavel ao partido carlista, que acabava de abraçar, apesar das grandes difficuldades e falta dos objectos necessarios, em união com Balda, professor de chimica, fundiu tres peças de montanha. E para o emprego da bala rasa, trouxeram os carlistas uma peça de ferro, de calibre 12, que estava enterrada em uma praia.

No dia 12 de Dezembro de 1834 saiu Lorenzo de Pamplona, a situar-se entre Tafalla e Belascoain, para conduzir deste ponto um comboio para Pamplona. Soube-o o carlista Eraso, e procurou surprehendel-o; porem não o conseguiu pelas medidas que se anticipou a tomar o general Mina, fazendo que a brigada do coronel Ocaña marchasse de Villaba ao valle de Orba para proteger a marcha do comboio.

No dia seguinte, augmentada a força dos carlistas, que se propuzeram apoderar-se da sua cubiçada preza, sairam ao encontro do comboio no campos de Unzué, accommettendo pela retaguarda, com aquelle impeto que dá a confiança do triumpho, pois contando com mui superiores forças, julgavam conseguil-o.

Lorenzo se viu, sem duvida, apuradissimo, e por attender ao comboio e aos carlistas, teria perdido o primeiro, e se teria perdido a si mesmo e a sua gente, se não acudisse como auxilio providencial o coronel Ocaña, que com a sua brigada infundiu alento ao chefe e aos soldados.

Tomou então Lorenzo muito opportunas providencias para bater o grosso dos carlistas emboscados, cujo numero ignorava; e á frente de um batalhão da guarda, e Ocaña á frente de outro batalhão de Africa, penetraram no bosque, ao mesmo tempo que o 6.º ligeiro se apoderava da altura de S. Gregorio, á esquerda do mesmo bosque, arrojando della ao inimigo.

Immediatamente franquearam as guerrilhas o campo de ataque, que emprehenderam os batalhões a passo de carga, travando-se o combate por todas as forças ao mesmo tempo, sendo a luta encarniçada, cuja victoria fazia indeciso o valor de uns e outros combatentes.

Caras se vendiam alli todas as vidas, e a peleja não apresentava aspecto de triumpho para nenhum bando; porem retumbou o grito, então tão electrico, de viva Isabel II, que fazia o mesmo effeito que a invocação do apostolo S. Thiago contra os sarracenos, e um esforço supremo por parte dos liberaes decidiu a luta, com espantosa carniceria. Tinham na retirada os carlistas vencidos—era um barranco: os que não saltavam por elle, eram alcançados pelas bayonetas e lanças victoriosas, que regaram de sangue os campos de Unzué. Sitio houve, como o Carrascal, que ficou verdadeiramente coberto de cadaveres, pois nem ainda os que ficavam feridos no campo se podiam salvar. Tal era o furor, que recebia no mesmo instante a morte o que dava signaes de vida.

Duas horas durou somente o combate, e passaram de 250 os mortos carlistas, alem dos feridos que poderam fugir. Os liberaes contaram 50 mortos.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Cemiterio da Conchada.—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Pedro José Pereira de Sousa, filho de José Pereira de Sousa e Rosa Maria, natural de Braga, de 72 annos, fallecido no dia 2 de Junho.

D. Maria, filha de Francisco Gouveia Bandeira de Figueiredo e D. Maria José Gouveia Pinto Mascarenhas, natural de Coimbra, de 2 mezes, fallecida no dia 5.

Rosa Maria, filha de Henrique Francisco e Josepha Abrantes, natural de Villarinho, de 59 annos, fallecida no dia 7.

D. Adelaide Clementina Leite da Silva, filha de Fructuoso José da Silva e D. Clara Candida Leite Ribeiro, natural de Coimbra, de 29 annos, fallecida no dia 7.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—4994.

Horas romanticas—A muito acreditada empreza das *Horas romanticas*, publicou ultimamente o segundo volume do interessante romance—*O diabo na corte*, de Ortega y Frias; e o 1.º volume do não menos curioso romance—*Os mascaras vermelhos*, de Ponson du Terrail, é vertido em portuguez pelo sr. A. M. da Cunha e Sá.

Ambos os romances são acompanhados de bonitas gravuras, que muito fazem realçar o merecimento da narração.

Acresce a tudo isso que esta empreza dá aos seus subscriptores brindes valiosos, pelo que merece que o publico lhe continue a protecção, que até aqui lhe tem dispensado.

Saude publica—Um nosso amigo de Soure nos faz a communicação que em seguida publicamos, e que é de bastante gravidade:

«Pede-se ao sr. governador civil deste districto, energicas providencias, sobre uma grande sementeira de arroz, que se fez na quinta da Caparota, suburbios desta villa.

«Todo o publico, sr. governador civil, está conspirado contra tal sementeira; á excepção de alguma pessoa que já tem a porta falsa aberta para os fins convenientes.

«Soure, 7 de Junho de 1873.»

Importação de capitaes do Brasil.—Diz o correspondente do *Commercio do Porto*, que a commissão de inquerito parlamentar a respeito da emigração, continua a pedir esclarecimentos e informações, que tendam a esclarecer o assumpto e habilital-a a formar ácerca d'elle uma ideia perfeita para a auctorisar a apresentar diversos projectos de lei á camara, como está resolvem.

Com este fim pediu aos governadores civis que lhe mandassem uma nota das sommas que se localisaram nos seus respectivos districtos, sommas pertencentes a individuos que residiram no Brasil e d'alli regressaram para a patria.

Já tem chegado estas informações, e comquanto não possam ser de um rigor mathematico, servem para se fazer ideia dos avultados capitaes que nos têem vindo do imperio brasileiro.

Essas enormes sommas tem contribuido poderosamente para o desenvolvimento da riqueza do paiz, e se continuarmos a ter ordem e socego, e houver governos economicos e sérios que cuidem deveras da organisação da fazenda publica, em pouco attingirá a um numero verdadeiramente assombroso o numerario importado do Brasil.

O calculo feito é com relação aos ultimos 6 annos, e por emquanto não são muitos os governadores civis que tem respondido á commissão neste ponto.

Pelos documentos que a commissão já recebeu, está calculado que o capital pertencente aos chamados *brasileiros* e que não são senão portuguezes, que residiram por algunas annos no Brasil, importa nas seguintes sommas:—Braga, 11:500 contos de reis! Aveiro, 2:300 contos de reis; Villa Real, 1:800 contos de reis; Coimbra, 290 contos; Vizeu, 600 contos de reis; Angra, 900 contos de reis; Horta, 406 contos de reis; e Ponta Delgada, 666 contos de reis. Isto é, em 6 annos localisou-se em 8 districtos do continente e ilhas a enorme quantia de 18:462 contos de reis!

Devo observar que nos 900 contos de reis de Angra do Heroismo, parte desta somma é de individuos vindos dos Estados Unidos.

A doninha e o sapo—A seguinte noticia é do nosso amigo o sr. José Maria Rosa de Carvalho:

«A attracção da doninha para o sapo, é uma coisa, que por ahi se conta, como tão trivial, que parece isto bastante para lhe devermos dar pleno credito. No entanto, custa-me a crer, que sendo os naturalistas tão indagadores da verdade dos factos, relativos á historia de cada um dos animaes, tenham guardado silencio no que diz respeito a este, e não dêem delle uma tal ou qual explicação.

Dizem por ahi que a doninha, apenas vê o sapo, dá, gemendo, muitas voltas em roda d'elle; e elle de boca aberta, e sempre para ella voltado, a vae seguindo nos seus movimentos. A doninha introduz a cabeça na boca do sapo; e elle aperta-a, e ella morre.

Ha ainda outra versão. Parece que o fim da doninha é morder a cabeça do sapo; porem o resultado é sempre fatal para ella. Parece certo as doninhas matarem as cobras, mordendo-as na cabeça. Mas que vão em seguida mascar um saramago como antidoto para que o veneno das cobras fique sem acção, isto é o que não devemos acreditar, apesar de que muitas pessoas o affirmem.»

Successo lastimavel.—Do *Jornal de Vizeu* transcrevemos a seguinte triste noticia:

«E' com o maior sentimento que vamos dar noticia de um acontecimento que ha cinco dias entretem a curiosidade de todos os habitantes de Vizeu, e que, infelizmente, veiu a ter um desfecho dos mais pavorosos e inesperados.

Todos hoje acompanham na dôr os que mais directamente foram accommettidos por uma desgraça, que nem mesmo podemos dizer se teve por origem um crime.

Quem póde classificar, bem e devéras, os impulsos do coração e os actos a que elle arrasta, com frequencia, o ser humano, que tem esse orgão como um despota que violenta, ou uma divindade que é coroada pelo ramo da paz, e dá á caridade luz, força, vida e valor?

Quem póde?

Uma das meninas mais queridas de quantos a conheciam e mais estimada por todos os seus; esbelta, elegante, que tinha nos olhos o retrato de uma alma de candura e no coração um deposito sagrado dos mais elevados sentimentos, desappareceu no domingo da casa paterna.

A familia, batida por tão inesperada fatalidade, louca de desgosto e fazendo mil conjecturas sobre tão inesperado successo, empregou todos os esforços, fez todas as pesquizas, e todas eram baldadas, e cada uma que se perdia era um novo desespero, um maior tormento, amargura sem alivio, martyrio sem descanço.

Calcula-se bem qual seria o estado em que vivia essa honrada familia, e todos os seus amigos.

Mandaram-se emissarios para differentes pontos do districto, onde havia relações de amizade ou de parentesco. Mandou-se percorrer todas as margens do Pavia e todos os lagos, cavidades e barrancos das visinhanças.

Era um incessante trabalho de averiguações. E ninguem dava noticia da exm.ª sr.ª D. Ediolinda Esmenia d'Alcantara Castello Branco e Froes.

Hoje de manhã, uma camponeza que vive junto á quinta das Feiticeiras, suburbios de Ranhados, contou no mercado—que no dia em que desapparecera aquella menina sentira, pelas 9 horas da noite, na casa de S. Caetano, choro de mulher, o que a surprehendeu pelo desusado e porque n'essa casa não vive qualquer pessoa.

Pareceu-lhe ouvir dizêr—«agora o futuro é um tumulo, o dia d'amanhã um adeus ao mundo.»

Contava isto a camponeza, e dizia que não mais pensára no que parecera ter sido uma realidade, porque o attribuiu a illusão sua.

A historia contada pela vendedora da hortaliça causou estranheza, e o estado de inquietação em que todos se achavam em Vizeu fez que as palavras da credula rapariga fossem repetidas a alguns parentes da sr.ª D. Ediolinda.

Pareceu a estes uma fabula o conto, e, tendo-lhe quasi morrido no peito a esperança de descobrirem o paradeiro da infeliz menina, não deram importancia a essa narrativa.

A's tres horas da tarde veiu, porém, a triste e lugubre historia a ter uma confirmação não menos lugubre e triste.

O sr. M. Alexandre de Abreu, a quem está confiada a guarda da casa de S. Caetano, foi, segundo costuma fazer todos os sabbados, abrir aquella casa em companhia de um criado.

Encontraram as portas fechadas, mas quando chegaram á porta de uma das salas mais pequenas, ficaram surprehendidos de a encontrarem fechada á chave pela parte de dentro.

Bateram, chamaram; consultaram o criado da quinta, e como não encontraram solução alguma ao que viam, deliberaram-se a arrombar a porta.

Esta, de bom castanho, resistiu por algum tempo e, quebrado o fecho, reconheceu-se que pela parte de dentro havia algum obstaculo maior.

Poderam comtudo arrojar a porta e o movel que a segurava, e, apenas aberta, o sr. Manoel Alexandre, tentando entrar para abrir uma das janellas que estavam hermeticamente fechadas, esteve prestes a cahir sem sentidos em virtude d'um inesperado cheiro de acido cabornico que sahia daquella sala.

O criado felizmente segurou-o, e passados alguns minutos poderam entrar e abrir uma das janellas.

Viram então o seguinte espectaculo: a sr.ª D. Esmenia estava morta, com o corpo meio sentado n'uma das velhas cadeiras de sola que alli ha, inclinada a fronte sobre um fogareiro de ferro que tinha ainda bastante porção de carvão de pedra.

Conservava a mão esquerda presa a uma das columnas da cadeira e em volta do pescoço corriam dois laços da mesma corda que lhe prendia a mão, de modo que não podesse deixar de conservar-se inclinada para o fogareiro.

O movel que segurava a porta era parte d'um velho contador de pau preto, que fôra para alli arrastado de proposito. Ao lado da porta via-se pendurado, junto ao antigo e escuro reposteiro, o cadaver de um homem, com um laço de corda em torno do pescoço, presa á valente escapula de ferro que segura o travessão do reposteiro.

Persume-se que esse desgraçado arrastara para a porta o contador para lhe servir de apoio a fim de chegar o pescoço a corda e preparar assim o meio de enforcar-se mais depressa. O cadaver está muito desfigurado, e até esta hora em que escrevemos, 8 da noite, ainda não foi conhecido. Traja casaca, calça e colete pretos; camisa bem engommoda com 3 botões de brilhantes; annel no dedo annullar da mão esquerda com um brazão d'armas, cadeia e relogio d'ouro, e, o que é singular, tem calçada na mão direita uma luva de finissima pelica branca. Usava bigode e pera.

Em cima de uma das mesas estava um pequeno papel, no qual se lia escripto a lapis, por letra de homem, o seguinte:

«Leito nupcial de dois infelizes»

E logo por baixo, por letra de mulher estas palavras:

«A vida é isto.»

A falta d'espaço inhibe-nos de continuar. A justiça está ainda procedendo ao levantamento do corpo de delicto, e nas visinhanças da casa e quinta estarão talvez mais de 3:000 pessoas levadas pela curiosidade.

Agora mesmo recebemos copia d'uma carta que foi encontrada no bolço da que foi a senhora D. Ediolinda e que publicaremos no seguinte numero.»

Noticias de Hespanha.—As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid 5, ás 8 horas e 5 minutos da tarde—Os carlistas fuzilaram perto de Irun 27 carabineiros que estavam prisioneiros. As côrtes approvaram 269 eleições. A commissão de regimento leu o regulamento. As côrtes constituir-se-hão definitivamente na segunda feira.

Os ministros resolveram deixar ao novo ministerio que a assembleia nomear a resolução da questão relativa á emissão do papel moeda com curso forçado.

Madrid, 6, ás 5 horas e 30 minutos da tarde—A *Gazeta* confirma que os carlistas fuzilaram 24 carabineiros em Bardalaza.

Os carlistas incendiaram a egreja de Espulga, na provincia de Tarragona, e fuzilaram 4 voluntarios.

O cabecilha Legarra fusilou hontem o alcaide e o secretario da municipalidade de Torre Arca, na provincia de Castellon.

Madrid, 7, á 1 hora e 10 minutos da tarde—Velarde, general em chefe da Catalunha pediu a sua demissão telegraphicamente em consequencia de se ter revoltado em Igualada a columna que commandava.

Velarde refugiou-se em Pobla Agramunt com os officiaes, depois de se ter convencido da esterilidade dos seus esforços para obrigar os soldados á obediencia.

Os gritos dos soldados são: Viva a federal! viva o governo! morra Velarde.

Cabrinetty com 500 homens do exercito, numerosos voluntarios e commissões republicanas marcham sobre Igualada.

Hontem em Granada houve conflicto entre os carabineiros e o povo, resultando mortos e feridos.

Hontem houve uma rixa entre os voluntarios de varias provincias aquartelados em Vicalvaro, proximo de Madrid, dando egualmente em resultado mortes e ferimentos.

A ordem está restabelecida.

Madrid, 7, ás 5 horas e 30 minutos da tarde.—As côrtes approvaram por 142 votos contra 58 a proposta nomeando Pi Margall para presidente do conselho e auctorisando-o a nomear ministerio. Pi pediu a suspensão da sessão para formar o governo. O congresso decidiu suspender a sessão até ás 9 horas da noute.

A's 8 horas e 10 minutos da noute.—Pi continuou a occupar-se da organisação do ministerio, buscando escolhel-o entre os membros mais salientes dos diversos elementos da camara.

A's 10 horas e 55 minutos da noute.—Conta-se que o apresentará amanhã, sendo provavel que seja assim composto:—Pi, presidente sem pasta; Dias Quintero, obras publicas; Palanca, interior; Maisoneve, estrangeiros; J. Pedrogal, justiça; Estevanez, guerra; Sorni, colonias; Tutau, finanças; Oreiro, marinha. As côrtes procedem á nomeação de commissões. A sessão amanhã começará ás 10 horas da manhã.

Depois de cinco horas de fogo os carabineiros de Granada renderam-se entregando as armas ao povo. A *Egualdade* pretende que se deram vivas a D. Affonso.

Madrid, 7.—Diz-se que as auctoridades de Malaga tambem temem desordens; receiam-se mais desgraças na Valencia e Andaluzia. Na Catalunha continuam insurreccionadas as tropas de Velarde. Não ha variação no estado de fundos.

Madrid, 8, ás 2 horas e 10 minutos da tarde.—As côrtes votaram definitivamente a republica federal por 210 votos contra 2 dos srs. Rios Rosas e Garcia Ruiz. A proposta para se decretar tres dias de festa, solemnisando a proclamação da republica federal, foi rejeitada por votação ordinaria. O ministerio ainda não está formado.

Madrid, 8, ás 10 horas e 10 minutos da noute.—Pi propoz nas côrtes o ministerio como o annunciou o telegrapho, salvo as seguintes modificações:

Carvajal, finanças; Cervera, estrangeiros; e Palanca, obras publicas. A acceitação é certa.

—A's 11 horas e 20 minutos da noute. Figueras pronunciou nas côrtes um notavel discurso exhortando os republicanos á união. Diz que as divisões que ameaçam surgir matarão a republica. A approvação do ministerio Pi é certa.

—9 de Junho á 1 hora e 25 minutos da manhã.—Trata-se de se discutir nas côrtes se a eleição do ministerio deve ter logar na totalidade ou nominalmente.

Confusão. Pede-se sessão secreta. Castellar protesta dizendo que o paiz deve saber tudo. Pi declara que, em presença do triste espectaculo que apresenta a camara, retira a proposta designando os ministros. A confusão augmenta. Figueras propõe, visto Pi retirar-se, que a assembleia nomeie directamente os ministros. A assembleia decide-se pela sessão secreta. A sessão publica suspendeu-se era meia noute.

Madrid, 9, ás 9 horas e 50 minutos da manhã.—A sessão secreta das côrtes durou até ás 4 horas da manhã.

A discussão foi muito tempestuosa. A fracção intransigente composta de quarenta depu-

tados exigia a eleição individual dos ministros.

Castellar pronunciou um eloquente discurso,insistindo na necessidade da união, e censurando energicamente os exaggerados.

Houve momentos de grande confusão. O sussurro prolongou-se por um momento. Homens do povo armados tinham penetrado no edificio.

Depois de muita agitação foi restabelecida a tranquillidade nas côrtes pelos discursos de Castellar e Figueras.

A assembleia decide confiar a Figueras, Pi e Castellar a missão de designar novos ministros, mas as suas diligencias mallograram-se em virtude da recusa das pessoas que designaram para acceitar as pastas.

Em presença d'estas difficuldades, duas fracções das côrtes animadas do desejo de conciliação,pediram a Figueras para continuar no poder com todos os ministros do gabinete demissionario. Figueras declarou que fará o sacrificio de continuar com o poder em consequencia do seu desejo de conciliação.

A sessão publica reabriu ás 4 horas da manhã. Foi approvada unanimemente uma proposta concedendo um voto de confiança a Figueras e a todo o ministerio.

Vivas ao ministerio Figueras, republica federal e união republicana.

O ministro da fazenda annuncia que apresentará na sessão de hoje, ao meio dia, importantes projectos financeiros.

Ultimas noticias de Hespanha —Por noticia telegraphica de Madrid, de hontem, ás 2 horas e 10 minutos da tarde, consta que o general Contreras está com os intransigentes; que em Madrid ha lojas fechadas e nas provincias agitação; que o estado da Catalunha é consternador; que as tropas mandadas para reprimir a sedição das forças de Velarde, se sublevaram tambem; e que Velarde fugira para o estrangeiro.

Mercado de Coimbra no dia 10.—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 500 — Dito branco 480 — Celorico meudo 680— Dito graudo 550—Milho branco 290—Dito amarello 280 — Feijão vermelho 450— Dito branco da marinha 430 —Dito da terra 410—Dito rajado 390—Dito frade 370—Batata nova 300—Dita velha 240 —Centeio 450—Favas 360 — Tremoços 250 —Chicharos 260—Cevada nova 240—Azeite 1$050 a 1$060—Vinho da Beira 750—Dito da Bairrada 900.

ANNUNCIOS

Agradecimento

1 A SOCIEDADE PHILARMONICA — **Boa-União** —vem mais uma vez agradecer ás exm.as senhoras e cavalheiros d'esta cidade, todos os obsequios que recebeu por occasião do seu bazar de prendas que teve logar no Jardim Botanico, nos dias 22, 25, de Maio findo, e 1 do corrente. A sociedade não póde deixar de especialisar o exm.º sr. Dr. Julio Augusto Henriques,dignissimo director do Jardim, pelos muitos obsequios que este cavalheiro teve a bondade de lhes dispensar, durante o tempo que durou o dito bazar; a todos protesta a sua eterna gratidão.

Coimbra 10 de Junho de 1873.

O presidente da philarmonica,
Domingos Antonio de Freitas.

ATTENÇÃO

2 VENDE-SE a flor de duas grandes tilias. Rua do Visconde da Luz, 10.

CASCOS PARA AZEITE

3 VENDEM-SE 10, que ainda não serviram, e mais alguns usados, assim como quartos de differentes tamanhos, e varios utensilios para mercearia. Quem pretender, falle na redacção deste jornal, onde se lhe dirá com quem se trata.

4 FAZ-SE PUBLICO que voltam á praça no dia 17 do corrente mez de Junho, por nove horas da manhã, á porta do tribunal de justiça desta cidade, a quinta e hospicio, situada na freguezia de S. Paulo de Frades, avaliada em reis 1:000$000, para pagamento de dividas passivas, approvadas no inventario por morte do bacharel Venancio da Costa Alves Ribeiro,desta cidade. Escrivão Almeida.

O INIMIGO DO MONOPOLIO

Em Coimbra á Portagem

5 PETROLEO REFINADO por atacado, pelo preço de Lisboa, a 135 reis o kilo.

Encarregado da venda José Tavares da Costa, rua da Calçada proximo á Portagem.

Paga os barris vazios a 800 reis cada um.

6 PERANTE O GOVERNADOR CIVIL DE COIMBRA, voltam á praça no dia 16 do presente mez—3 aguilhadas, ou 1:620 metros de terra, no sitio das Covas, no campo de Maiorca, pertencentes á Misericordia de Lisboa, no valor de 86$400 rs.,sendo esta quantia liquida da 5.ª parte da avaliação que era de 108$000 rs., conforme a lista 952, publicada no *Diario do Governo*, de 7 de Maio ultimo.

AGRADECIMENTO

7 MARIA ROSA E FILHOS, vêem por este meio agradecer aos exm.os srs. facultativos, dr. João Augusto de Almeida Araujo Pinto e dr. João Jacintho, a caridade e zelo com que lhes trataram o seu sempre chorado marido e pae, Antonio Bento da Veiga, na doença funesta que lhe poz termo á vida; assim como agradecem a todas as pessoas que os visitaram,e, particularmente ao exm.º sr. commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes. Tambem agradecem aos srs. philarmonicos da sociedade **Boa-União**, que obsequiosamente foram assistir á missa por alma de seu muito chorado marido e pae,protestando a todos a sua eterna gratidão.

HOTEL CAMÕES E ROSSINI

Rua de Rossini, n.º 16, em Paris (proximo ao Boulevard dos Italianos.)

8 RECOMMENDAMOS esta nova casa onde se falla portuguez, não só por estar situada no bairro mais central de Paris, e offerecer aos viajantes todas as commodidades, mas tambem pelos seus preços rasoaveis, devido á honradez do seu proprietario o sr. José Domingues, nosso patricio e amigo, que conhecemos já da sua antiga casa na rua de Bonaparte.

9 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia de S. Eufemia, da villa e concelho de Penella, districto de Coimbra,faz publico, que no dia 20 do proximo mez de Junho, hade arrematar em hasta publica a obra de pedreiro,que tem a fazer na egreja parochial, cujas condições serão presentes no acto da arrematação e podem ser examinadas com os respectivos apontamentos em casa do secretario da Junta.

Penella 30 de Maio de 1873.

O presidente da Junta,
João Albino de Sousa Peres.

10 OS FESTEIROS de Santo Antonio, do Paço do Conde, fazem publico, que a festa que tencionavam fazer no dia 15 do corrente, na egreja de S. Thiago, fica transferida para o dia 29, em consequencia de, no dia 15 ser a festividade do Santissimo Sacramento, na egreja de S. Christovão. Não fica, porém, alterado o dia da benção da bandeira na egreja de S. Bartholomeu, que será no dia 13, ás 9 horas da manhã, como estava tencionado.

EDITAL

Dr. Lourenço d'Almeida Azevedo, lente cathedratico da Faculdade de Medicina pela Universidade de Coimbra,presidente da camara municipal da mesma cidade:

Faço saber que na casa da camara se acha patente por espaço de 10 dias, a contar da data do presente edital, o 3.º orçamento supplementar ao geral da receita e despeza deste concelho para o anno economico de 1872-1873; pelo que convido todos os cidadãos interessados a virem alli ver e examinar o mesmo orçamento,e a apresentarem-me dentro do referido prazo quaesquer reclamações que julgarem conveniente fazer, a fim de terem o destino competente. E para constar se passou este e outros de egual theor.

Coimbra, secretaria da camara municipal, 10 de Junho de 1873.

Lourenço d'Almeida Azevedo.

DOCTOR IN ABSENTIA

12 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor,ou bacharel honorario, podem dirigir-se a *Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra)*, o qual lhes dará gratuitamente todas e quaesquer informações sobre a Universidade.

Attenção

Farinha de trigo da acreditada Fabrica do Beato Antonio de Lisboa

AGENCIA, RUA DA REBOLEIRA, 27

PORTO

13 NESTA AGENCIA se encontra farinha de toda a qualidade, desde a mais fina até semea, e ensacada em muito boa sacaria.

Estas farinhas concorrem vantajosamente com a americana e hespanhola, tanto em preço como em qualidade.

Cumprem-se ordens das provincias.

Attenção

14 NO DIA 22 do corrente Junho, no tribunal judicial de Monte Mór o Velho, por 9 horas, se hade abrir praça, para a venda d'uma propriedade que foi de Barbara Serrana, a qual se compõe de casas d'habitação, de 1.º e 2.º andar, com 4 janellas por frente, lojas com 4 portas, 3 celleiros, casa de lagar e pateo com servidão para as trazeiras do portão; cujo predio está em optimas condições, e avaliado em 600$000 rs.,e bem localisado, na rua Direita, proximo da praça.

15 OS MESARIOS da irmandade do Santissimo Sacramento da egreja de S. Facundo, freguezia de Antuzede, districto de Coimbra, fazem publico,que no dia 12 do corrente mez, pelas 7 horas da manhã,se hade arrematar em hasta publica,o côro novo, que tem a fazer-se na dita egreja; cujas condições serão presentes no acto da arrematação.

S. Facundo, 8 de Junho de 1873.

O juiz—*Serafim Reis.*

VINHO DA COMPANHIA DO PORTO

16 VENDE-SE de muito superior qualidade, na padaria de José Fernandes, rua das Solas, n.º 28.

Por quartão 1$200, e por garrafa 200 rs.

Dito, quartão 850,e por garrafa 160 rs.

Vende de Torres Novas, puro, por quartão 480, e garrafa 80 rs.

Dito branco de Torres Novas, puro, por quartão 480, e garrafa 80 rs.

17 PELA ADMINISTRAÇÃO dos hospitaes da Universidade, se faz publico, que no dia 22 do corrente, pelas 10 horas da manhã,na secretaria dos mesmos hospitaes,se hade proceder á arrematação dos seguintes generos de consumo:

Aletria—arroz—assucar fino e amarello—azeite— bacalhau— biscoutos— bolacha doce—bolacha d'agua e sal--broa —cabaço doce—carneiro—cevadinha— chá—chila doce—chocolate—estrelinha —farinha de trigo—feijão frade e rajado—gallinhas, por kilogramma de carne limpa—geleia de marmello— ginja doce—laranja doce—leite de burra— leite de cabra—leite de vacca— macarrão—manteiga ingleza—manteiga nacional—marmellada—milho— pão de bolacha—pão tremez—pera doce—queijo flamengo—queijo nacional— tapioca— toucinho—vinagre— vinho branco—vinho do Porto—e vinho tinto— ; não se arrematando a vacca, que continua a ser fornecida pelo talho municipal. A arrematação é por tempo d'um anno.

Secretaria da administração dos hospitaes da Universidade de Coimbra, em 9 de Junho de 1873.

O secretario,
Herculano Santa Barbara.

NEVE

18 **VENDE-SE em Samsão,casa n.º 45, das 5 horas da tarde em diante.**

19 VENDE-SE uma propriedade no campo de Maiorca, denominada o Cupeiro, junto ao arco da antiga ponte,confinante pelo sul e nascente com o campo d'Anquinhos, e que deve regular por cinco geiras e quatro aguilhadas da antiga medida, ou 351 ares e 488 centiares. Quem a pretender dirija-se ao seu proprietario João José da Costa, na villa da Figueira.

Aguas alcalinas gazosas das Pedras Salgadas (Villa Pouca de Aguiar.)

20 ESTAS AGUAS medicinaes, são empregadas nos mesmos casos das de Vichy e Vidago; são mais ricas na sua composição chimica, e dos melhores effeitos therapeuticos.

Vende-se em Coimbra—Pharmacia Ferraz, Largo do Castello; e na Figueira, botica de Luiz Maria da Costa,e nas principaes pharmacias do reino.

NUMERO 2701 SABBADO 14 DE JUNHO DE 1873 ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Mais uma empreza verdadeiramente util se projecta realisar em Lisboa,a qual tem por fim promover os interesses de uma das industrias mais productivas deste paiz.

Germinára esta ideia,acalentada por alguns espiritos patrioticos e verdadeiramente devotados ao progresso da nossa agricultura; e ahi se desenvolve ella para dentro em pouco tomar o vulto de uma importantissima empreza, á sombra da qual deve melhorar prodigiosamente a industria e o commercio da mais fertil região agricola desta provincia.

Proprietarios, capitalistas, commerciantes e agricultores de reconhecida respeitabilidade, e dotados de distinctas qualidades civicas, tomaram sobre seu encargo a organisação de uma companhia,destinada a auxiliar e a proteger o commercio dos vinhos da Bairrada.

Esta empreza é de tanto interesse para o paiz e para esta região, quanto é evidente que a industria agricola não obstante ser a principal fonte de riqueza nacional, jaz ainda entre nós em um estado verdadeiramente estacionario, entregue a uma deploravel e velha rotina, por falta de estimulos e boa direcção que a proteja e auxilie.

Felizmente que estamos vendo reconhecer a importancia da nossa riqueza agraria, e por ella desenvolver um certo gosto e actividade; prenuncio de que não longe virá a epocha,em que a luz do progresso substitua as velhas praticas do regimen agrario, por outras mais racionaes e perfeitas, que a moderna sciencia aconselha.

Capacidades da mais elevada plana ahi se estão empenhando, com vivo interesse pelos melhoramentos agronomicos.

Hoje que nos paizes mais cultos se está prestando toda a attenção aos aperfeiçoamentos industriaes; o que parece restabelecer-se entre nós a confiança publica, fundamento essencial de todas as emprezas economicas e de credito, é indispensavel que a iniciativa particular véle, no seu proprio interesse, pelo engrandecimento futuro da agricultura,que em Portugal é ainda um valioso thesouro a explorar.

Nesta epocha em que as forças economicas tendem a desenvolver-se, e que as emprezas de usura se estão multiplicando por todo o paiz de um modo surprehendente, é de sentir que ellas escaceem para dar mais largo impulso ao commercio e ás industrias nacionaes,auxiliando a producção e desenvolvendo o trabalho.

A industria, o commercio e as artes são exercidas entre nós em tão limitada esphera, que mal podem aperfeiçoar-se, se os homens mais prestadios e menos ambiciosos lhes não dispensarem a necessaria protecção, promovendo associações e organisando companhias para que, ao impulso dos principios e das leis economicas,os nossos commerciantes e agricultores rasguem vastos horisontes á sua actividade,arrojando-se a commettimentos mais uteis.

A companhia que vae organisar-se em proveito da industria vinicola da Bairrada, é por isso um facto importante, que merece o auxilio de todas as pessoas interessadas na prosperidade de um ramo de commercio, que, para se tornar verdadeiramente productivo, vencer obstaculos e conciliar interesses, carece de direcção esclarecida e de vontade energica.

E' unicamente por meio das associações de homens abalisados e do emprego de capitaes avultados, que a agricultura, esta industria mãe, pode realisar muitos problemas praticos, cuja solução hade operar uma verdadeira transformação agraria.

Quando os grandes capitalistas do paiz, e os homens de maior influencia se compenetrarem destas verdades, para se realisar esse grande *desideratum* industrial, teremos de registar uma epocha verdadeiramente feliz para toda a ordem de interesses da nação.

COMMUNICADO

Resposta do medico de Penacova, ao que, a seu respeito, escreve no «Conimbricense» de 7 do corrente,o cirurgião ajudante do regimento 14, José Victorino de Sousa Albuquerque

Depois da aleivosa offensa, que o cirurgião ajudante do 14 fez á minha honra e dignidade como homem e como medico, emprazei aquelle senhor para que viesse, perante o publico,provar as asserções a que tinha avançado no seu officio, e não o fazendo, o teria como um calumniador. Procedi assim no uso plenissimo dos meus direitos; era aggredido, pedi as provas ao meu accusador.

Esperei, porem, debalde, porque o sr. cirurgião, em logar de vir provar que não tinha existido a molestia de que attestei, para ficar de pé a sua accusação e demonstrada a infamia que me assacou, limita-se a occupar as columnas dos jornaes com termos grosseiros, que mais ennodoam quem os escreve do que a pessoa a quem se dirigem. Devolvo-lhe todos aquelles termos, e não lhe respondo no mesmo tom, porque não quero resvalar para o seu vocabulario.

Este sr. cirurgião,quanto mais quer defender-se, mais se confunde.

Vamos á questão.

Tinha dicto no seu officio, que encontrou o inspeccionado—com palidez pronunciada—, agora diz no seu aranzel, que o encontrou em —boas condições de robustez, sem indicio algum de recente doença ou convalescença, a não ser alguma palidez.—

Qual das cousas é a verdade? Se havia a —palidez pronunciada—mencionada no officio; como existiam as—boas condições de robustez e a falta de indicio de doença recente ou convalescença—mencionada no seu communicado ?!!

Um homem com palidez pronunciada está robusto,e não tem indicio algum de recente doença ou convalescença ?!

Ora, sr. cirurgião, não abuse assim da seriedade, que deve á sua profissão.

Diz mais:

Mandei o homem para o hospital com febres intermittentes,não por ter certeza da sua existencia, mas pelas vagas declarações do observado,e porque para o mandar para o hospital havia de capitular na baixa uma doença.

Leiam e commentem.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXVIII

D. CARLOS

XVIII

No mesmo dia da acção de Unzué, a 12 de Dezembro de 1834, teve logar em Mendaza a primeira batalha formal, e bastante sanguinolenta, da guerra do norte.

Zumalacarregui, com 13 batalhões e uns 300 cavallos, acampava no valle de Berrueza; e para ahi se dirigiram dos Arcos, á uma da tarde do dia 12, as divisões primeira e segunda do exercito da rainha, com animo decidido de o atacarem.

Ao desembocar por differentes pontos no valle as tropas liberaes, pois nem todas podiam, nem deviam fazel-o por um só, formavam-se em massa os batalhões, e desenvolviam-se á sua frente as guerrilhas, dirigindo-se então as columnas contra os carlistas, que estavam collocados entre Asarta e Mendaza, apoiadas as suas alas nas montanhas que dominam a estes povos, e a sua cavallaria em uma planicie á retaguarda do centro.

Esta collocação era acertadissima; e para a contrariar, combinou o general Cordova, commandante das forças liberaes, com egual acerto, a collocação da sua artilheria, tendo que limitar-se ao que permittia o terreno, o que era já uma grande desvantagem.

Zumalacarregui, desejoso de medir as armas com o seu contrario naquelles campos, avança as suas tropas, desenvolve as guerrilhas em linha parallela ás das massas, e ao mesmo tempo que deixam a sua posição na penha de Mendaza os batalhões que estavam ao seu pé, marcham outros da ermida de Laciñana, para ir provocar a cavallaria e artilheria.

Em disposição de accommetter encontrou o carlista ao liberal, e começou o fogo com mais empenho que o que podia esperar-se áquella hora, 4 da tarde, restando apenas uma de dia.

Empenhou-se a acção, que foi renhidissima, ficando mortos de ambas as partes 700 homens, sendo o maior numero dos carlistas.

O triumpho para as armas liberaes se deveu principalmente ao general Oráa, e por isso o general Cordova no mesmo acto o encheu de elogios. Bem os merecia, pois frustrou o plano de Zumalacarregui, que sendo vencedor nesta batalha, se propunha reunir todas as suas forças e cair sobre Madrid.

Os resultados da batalha de Mendaza não deixaram ainda assim completamente satisfeito a Cordova; pois o seu contrario ficou perto do terreno da batalha e preparado a aceital-a novamente, ou a provocal-a. Estava D. Carlos entre os seus soldados, e lhes infundia novo alento, fazendo activos e emprehendedores os chefes.

Os liberaes tambem se não esquivavam a medir de novo as armas com os carlistas; e quasi á vista uns dos outros, dispunham-se todos para outro combate.

Zumalacarregui occupava o povo de Arquijas, e a ponte do seu nome sobre o rio Ega. Suppondo-o alli Cordova, determinou no dia 14 que alguns caçadores fizessem um reconhecimento naquelle mesmo sitio, o qual não era prudente, segundo manifestou Oráa, a não levar maiores forças. Auctorisou-o então Cordova a que obrasse conforme as circumstancias.

Tudo succedeu, com effeito, como se havia previsto: o carlista esperava prevenido, desejando pelejar, porque a presença de D. Carlos animava a todos; porque Zumalacarregui não temia ao seu contrario, e porque o considerava em peor situação daquella em que estava, fundando-se em um officio de Cordova, que acabava de interceptar.

No dia 15 teve logar a batalha de Arquijas. As tropas de Cordova passaram a ponte; mas acharam uma tal resistencia nos carlistas, que foram rechassadas, tendo de se retirar para os Arcos, onde prenoutaram.

Oráa, que tinha marchado noutra direcção, atacou os carlistas no seu flanco esquerdo e os venceu, pernoutando em Zuñiga, que era o quartel general de Zumalacarregui. Ao anoutecer ahi entrou o general Gurrea, com a sua columna de carabineiros, que vinha do porto de Cabredo, e d'alli officiou Oráa a Cordova, esperando as suas ordens. Os resultados desta batalha devem-se a Oráa, e á sua tropa.

Zumalacarregui retirou-se a Ovriso, desesperado pela falta de munições. Vendo que as tropas liberaes se retiravam ás grandes povoações, dividiu as suas forças por batalhões, e foi acompanhar a D. Carlos, pois a neve que cobria as montanhas e a disposição

O sr. cirurgião, como achou o inspeccionado com palidez pronunciada, e tinha de capitular uma doença, capitulou febres intermittentes!

Quer dizer: —o sr. cirurgião achava a possibilidade de alli existir qualquer molestia, menos aquella de que eu o havia tratado e attestado!!

Ainda mais. Para que se veja como este homem anda vacilando em tudo o que diz ou escreve, sem saber o terreno que pisa, confronte-se o meu attestado com o que elle diz no seu officio, e no seu communicado. O meu attestado é o seguinte:

«David da Silva e Cunha, etc.

«Attesto que Constantino Couceiro, etc., está soffrendo uma bronchite aguda intensa, que o impossibilita de sair da cama, e reclama para o seu tratamento meios therapeuticos e repouso.

Porque o estou tratando, e me é pedido, passo o presente attestado, que juro pelo meu grau.»

Onde é que deste attestado consta, que o doente corria risco se recolhesse ao quartel, como diz no seu officio? Onde declaro eu que o soldado estava em perigo de vida? Onde está alli mencionado o tempo de impossibilidade de sair da cama, para que o sr. cirurgião se admire de—vinte dias depois que elle havia adoecido o encontrar já de pé?!

Para que faz notar que no hospital de Coimbra o achassem bom passado aquelle tempo, se fui eu o primeiro a notar isto mesmo ao sr. cirurgião?

Para que este seu argumento colhesse era necessario que demonstrasse, que estando o soldado bom quando entrou no hospital, não podia, treze dias antes, ter existido a molestia de que attestei.

Finalmente para que discutir a sério com um homem que só responde, manchando as columnas d'um jornal com termos grosseiros e injuriosos?

Eu sigo outro caminho.

Sobre a existencia ou não existencia da molestia de que attestei, remetto o sr. cirurgião para a investigação a que procedeu a auctoridade competente, e que hade existir no ministerio da guerra.

Tire-a por certidão e desminta depois o meu attestado.

Diz o meu accusador, que eu estou mettido em um processo; conta com isto para se justificar, pois, creio, que pode perder essa esperança, porque não consta que tal processo exista. Oxalá elle appareça, porque então se porá mais em relevo quem foi o leviano ou pouco escrupuloso; se, porem, tal processo se não instaurar, por falta de fundamento, assim fica tambem julgado o meu accusador.

Declaro que não volto á questão, porque não sei discutir no campo para onde a leva o sr. cirurgião.

Queira, sr. redactor, publicar no seu acreditado jornal esta minha resposta, e sou de v.

Assignante am.º aff.º e obgd.º

Penacova 9 de Junho de 1873.

David da Silva e Cunha.

NOTICIARIO

O mez de Maria no Asylo da Infancia.—A capellinha de Santo Antonio do Asylo da infancia resoou, mais uma vez, com os doces cantares da sua innocente communidade, no mez das flores, tão justamente consagrado á Virgem Maria, rosa mystica, estrella do mar, e auxilio dos desvalidos.

Quem passasse pela rua da Pedreira, pelos fins da tarde, em qualquer dos dias de Maio, ouviria e admiraria o accordo daquellas embora pequenas, mas agradaveis e compassadas vozes, dos filhinhos do pobre povo;—e se o viandante fosse dos que crêem na potencia da harmonia e da piedade, bemdiria, comsigo, os mestres e directores.

Quanto melhor não se aproximaria o futuro, alias sombrio e carregado, da sociedade, se o numero daquelles meninos excedesse o dos outros que, sem educação, vagueam no lodaçal das praças e das ruas, ou vegetam no meio de familias degeneradas pela miseria, vicios, e ignorancia!

Excede os meios, o fim e a natureza do Asylo sustentar eschola musical; e d'ella por certo que não carecem as singelissimas toadas dos exercicios quotidianos. Pelo que os doces cantares de Maio, e o seu acompanhamento, vão muito além do que podem fazer as pessoas que regem o Asylo, apesar de todo o esmero e caridade de que são modelos.

Ao sr. padre Eduardo Augusto Gomes Freire cabe toda a honra e louvor do ensino e disvelada direcção da tocante festa.

Por sua propria iniciativa, plena caridade, e inexcedivel paciencia, prestou-se, de longo tempo, a dotar os pobresinhos com uma prenda de mais, tão propria a elevar-lhes os pensamentos, amaciar-lhes os corações, e a cimentar-lhes mais profundamente os principios religiosos, moraes e sociaes que se procura infundir-se-lhes no Asylo.

Mil graças lhe sejam dadas. Tem na propria consciencia a recompensa de obra tão meritoria; nem os elogios, por mais clamorosos que forem, podem egualar esta remuneração. Mas não soffre a justiça que se cale a voz de reconhecimento da parte de quantos mais de perto se interessam por aquelles meninos desvalidos.

Novos socios do Instituto.—Em assembleia geral de 11 do corrente, foram eleitos socios correspondentes do Instituto os srs. José Julio Rodrigues, Julio de Castilho, Julio Cesar Machado, e Manoel José d'Oliveira Guimarães (vigario geral de Pinhel); e socios effectivos os srs. Fernando Mattoso dos Santos, Dr. Francisco da Fonseca Correia Torres, Francisco Maria Veiga, D. Manoel Correia de Bastos Pina (bispo de Coimbra), e Manoel Marques Lima de Figueiredo.

Festividade—Na sexta feira, 20 do corrente, haverá em Santa Cruz a festa do Santissimo Coração de Jesus, sendo oradores, de manhã o reverendo vigario d'Almalaguez, Antonio d'Almeida Pedroso, e de tarde o reverendo Manoel Joaquim dos Santos Neves.

Tambem de tarde haverá procissão, que seguirá pela rua do Visconde da Luz, Calçada, rua dos Gatos, Praça de S. Bartholomeu, rua dos Sapateiros, rua de Tingerodilhas e Samsão.

Consorcio.—Teve logar na quarta feira proxima passada, ás 8 horas da manhã, na sé cathedral desta cidade, o enlace matrimonial do sr. Antonio Candido Lago, bacharel em Direito, com a exm.ª sr.ª D. Etelvina Julia de Cavalleiro, filha do nosso amigo o sr. José Melchiades Ferreira Santos.

Foram padrinhos o sr. Diogo Barata de Lima Tovar, e sua esposa, a exm.ª sr.ª D. Emilia Adelaide Pereira Coutinho de Vilhena, que estiveram presentes á ceremonia; e o sr. Dr. José Manoel Ruas, e sua esposa, a exm.ª sr.ª D. Maria Rosalina Vieira Barbosa, que deram procuração ao sr. conselheiro Dr. José Ernesto de Carvalho Rego e sua exm.ª cunhada, os quaes, por incommodo de saude substaleceram a procuração nos paes dos noivos.

A noiva ia ricamente vestida com um vestido de *soie double gris perle* de Lyão, ornado de rendas *valenciennes*. Seus paes, padrinhos, e noivo presentearam-na com joias de valor.

Depois da ceremonia teve logar um almoço servido pela casa do sr. Castella, e em seguida os noivos acompanhados pelos paes, padrinhos, e pessoas intimas, dirigiram-se para a estação do caminho de ferro, e entraram no comboyo com direcção a Lisboa, onde foram passar a lua de mel, e onde a noiva tem numerosos parentes.

Damos os mais sinceros parabens ao sr. Melchiades e a toda a sua familia, por verem realisado este tão auspicioso consorcio.

Chegada.—Acha-se nesta cidade o nosso amigo o sr. Dr. Antonio José Teixeira, digno deputado pelo circulo de Pombal.

Formatura.—No sabbado, 7 do corrente, fez o seu acto de formatura na Faculdade de Direito, o nosso amigo e patricio o sr. Aloysio Augusto de Pinho.

Foi o sr. Aloysio Pinho sempre muito applicado nos seus estudos, o que era realçado por um comportamento muito exemplar; tornando-se assim querido e estimado por todas as pessoas.

Ao sr. João Ferreira Rodrigues Pinho, e aos srs. Antonio José Alves Borges e D. Maria Cecilia, damos os mais cordeaes parabens, por verem tão felizmente terminada a carreira literaria de seu filho e sobrinho.

Outra formatura.—Concluiu hoje a sua formatura na faculdade de Direito o sr. Antonio Bernardo de Costa Cabral Neves e Castro. Por este motivo vieram a esta cidade sua mãe a exm.ª sr.ª D. Maria Luthegarde da Costa Cabral e Castro e seu thio o sr. conselheiro João Rebello da Costa Cabral e Castro.

O sr. Neves e Castro, nosso estimavel amigo, tem grangeado, pelas suas excellentes qualidades, as sympathias de todas as pessoas com quem conviveu nesta cidade, durante a sua carreira academica.

A este cavalheiro e a toda a sua illustre familia dirigimos as nossas felicitações.

Ao entrar na vida publica desejamos ao novo bacharel todas as prosperidades de que é merecedor.

Mercado de Condeixa a Nova no dia 13—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 480—Dito mourisco 440—Milho branco 310—Dito amarello 300—Feijão vermelho 480—Dito branco 440—Dito rajado 320—Dito frade 420—Cevada 180—Tremoços 280—Batatas novas 160—Ditas de semente 200 a 260—Vinho 800—Azeite 1$030.

Navios do estado—No dia 11 do corrente foi lançada ao mar, em Lisboa, a canhoneira *Douro*. A cavilha deste navio tinha sido batida em Setembro de 1869, sendo ministro da marinha, o fallecido sr. Rebello da Silva. Levou, portanto, quasi 4 annos a sair do estaleiro!

No mesmo dia 11 bateu el-rei o sr. D. Luiz

---

das forças liberaes, faziam necessaria e davam a entender uma tregua nas operações.

Em quanto este era o estado das cousas na guerra do norte, o ministerio de Martinez de la Rosa estava creando grande numero de descontentes pela sua indecisão. Os liberaes conheciam que necessitava a Hespanha ministros que, comprehendendo o critico da situação que se atravessava, se adeantassem ao desejo geral, e o guiassem pelo bom caminho. Porem ou não o comprehendeu o governo, ou temeu em demasia as consequencias da maior largueza no voto publico; e por isso o resultado foi o que se esperava.

A insurreição estalou em algumas grandes povoações, e a mesma heterogeneidade dos motins, demonstrava o incerto da politica ministerial.

As consequencias desses motins foram algumas victimas, o descredito do governo, o augmento da desanimação publica, a violencia das paixões, o encarniçamento da guerra, e o estado critico da nação.

Em vão julgou o governo remedial-o com a creação da milicia urbana em 15 de Fevereiro de 1834. Era, é verdade, a satisfação de uma exigencia; porem trazia logo o odioso de grande numero de restricções, que manifestava que o ministerio temia armar a classe popular.

Ainda assim, nenhuma medida produziu mais beneficos resultados á causa da rainha. Substituindo a tropa nas guarnições, fazendo um serviço activo e penoso, não eram só os defensores de suas casas, os que mantinham a tranquillidade; eram os soldados da patria que derramavam o seu sangue em mil combates.

O povo armado em quanto não interveiu na marcha do governo, em quanto se limitou ao seu fim, foi o mais firme sustentaculo da causa liberal.

A 10 de Abril de 1834 foi sanccionado pela rainha o *estatuto real*, que era obra dos ministros Martinez de la Rosa, Xavier de Burgos, Garelly, e Zarco del Valle.

Não é necessario o exame do *estatuto*, nem da exposição que o precede, para ver que não podia deixar satisfeitos aos liberaes, unicos sustentaculos da orfã de Fernando VII; porem tal qual era, ainda que inferior em muito á constituição de 1812, não deixou por isso de ter a gloria de romper o largo silencio imposto á Hespanha pela violencia. Voltou a abrir o campo aos debates politicos; deu logar a que os periodicos tomassem parte nas discussões parlamentares, e a opinião poude passar por uma nova aprendizagem.

Para parodiar sem duvida á Santa Alliança, propoz-se o marquez de Miraflores fazer um tratado de protecção mutua entre a Inglaterra, Portugal e Hespanha. Lisonjeado com tal ideia, exclusivamente sua, partiu para Londres com o cargo de ministro plenipotenciario; deteve-se em Paris algum tempo em busca de recursos para o erario hespanhol, e a 5 de Abril de 1834 chegou á capital de Inglaterra, tendo a 9 a primeira conferencia com lord Palmerston, secretario de estado dos negocios estrangeiros, a qual, ainda que infructuosa e larga, abriu caminho ao exame de uma nota que lhe entregou o marquez. Nella expunha o interesse que devia ter a Inglaterra na conclusão da luta que existia em Portugal e Hespanha, de exito duvidoso, especialmente no primeiro ponto, manifestando que se vencia D. Miguel, protegeria naturalmente a D. Carlos; pelo que se achava a Hespanha interessada em afastar do solo lusitano o pretendente á corôa de Isabel.

O marquez pedia a intervenção armada; e se não era possivel que interviesse a Inglaterra com os seus soldados, mediasse com a sua força moral e com seus recursos em um mutuo tratado que conciliasse tudo.

Annuiu lord Palmerstron á proposta, e no dia seguinte se estabeleceram as bases.

Para não desgostar a França, se lhe deu participação a fim de que adherisse ao tratado. Para Luiz Filippe era do maior interesse formar parte do novo tratado, não tanto para servir á causa liberal na Hespanha, como por apparecer á vista da Europa, ligado com a Inglaterra. Por isso se apressou Taillerand a dar o seu assentimento.

Concluiu-se o tratado em Londres, com a maior reserva no dia 22 de Abril de 1834; sendo assignado pelo marquez de Miraflores por parte de Hespanha; principe de Taillerand pela França; Palmerston pela Inglaterra; e Christovão Pedro de Moraes Sarmento por Portugal.

Por este tratado da quadrupla alliança, o duque de Bragança, regente em nome de sua filha a rainha D. Maria II, se compromettia a usar de todos os meios que estivessem em seu poder, para obrigar o infante D. Carlos a retirar-se dos dominios portuguezes.

A rainha governadora de Hespanha, obrigava-se pela sua parte a fazer entrar em territorio portuguez o numero de tropas, que se concordasse, com o fim de cooperar com as forças da rainha D. Maria II, para fazer retirar dos dominios portuguezes aos infantes D. Carlos de Hespanha e D. Miguel de Portugal.

A Inglaterra obrigava-se a coadjuvar com uma força naval, as operações que haviam de emprehender-se pelas tropas de Portugal e Hespanha.

No caso de que a cooperação da França se julgasse necessaria para conseguir o fim do tratado, o rei dos francezes se obrigava a fazer neste particular tudo aquillo que elle e os outros alliados determinassem de commum accordo.

D. Pedro, duque de Bragança, promettia em nome de sua filha, o conceder uma amnistia ampla e geral a todos aquelles que em um termo marcado, voltassem á obediencia da rainha legitima; e declarava tambem, que era sua intenção assegurar ao infante D. Miguel, logo que saisse dos estados portuguezes, uma renda correspondente á sua cathegoria e nascimento.

E finalmente a rainha governadora de Hespanha, durante a menoredade de sua filha D. Isabel II, declarava a sua intenção de assegurar ao infante D. Carlos, logo que saisse dos estados hespanhoes e portuguezes, uma renda tambem correspondente á sua cathegoria e nascimento.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

a cavilha de outra canhoneira, a que poz o nome de *Rio Quanza*.

Muito estimamos que se trate de dar andamento á construcção dos navios necessarios á nação. Portugal, que ainda possue vastas possessões coloniaes, precisa muito de uma boa marinha.

Ainda no principio deste seculo possuiamos uma marinha, que se era já muito pouco em comparação de epochas antigas, comtudo não nos envergonhava.

Quando a familia real saiu do Tejo para o Brasil, no dia 29 de Novembro de 1807, foi acompanhada pela seguinte esquadra:

Naus—Principe Real, de 84 peças—Rainha de Portugal, de 74—Principe do Brasil, de 74—Conde D. Henrique, de 74—Meduza, de 74—Affonso de Albuquerque, de 64—D. João de Castro, de 64—Martim de Freitas, de 64.

Fragatas—Minerva, de 44—Golfinho, de 36—Urania, de 32—e outra de que não sabemos o nome.

Brigues—Voador, de 22—Lebre, de 22—Vingança, de 20.

Escuna—Curiosa, de 12.

Esta esquadra era acompanhada de grande numero de navios mercantes.

Alem dos navios de guerra, que foram nesta emigração da familia real para o Brasil, ainda ficaram outros no Tejo, que não poderam sair; e eram a nau Vasco da Gama, de 64 peças, que se estava a concertar;—as naus Princeza da Beira, de 64; S. Sebastião, de 64; Maria Primeira, de 74; estas tres condemnadas;—e as fragatas Fenix, de 48; Amazonas, de 44; Perola, de 44; Tritão, de 44; e Venus, de 30; umas a precisarem de grande concerto, e outras condemnadas.

Insectos venenosos.—Diz-nos o sr. José Maria Rosa de Carvalho, que nos *coleopteros*, ou insectos d'azas duras, ha, pelo menos, duas especies venenosas, a cantarida das boticas, e outro insecto do mesmo genero, chamado vulgarmente vacca-loira. A primeira vive nos freixos, de cuja rama se nutre; a segunda vive nos trigos verdes, e alimenta-se da raiz destas plantas.

Muitas pessoas servem-se da vacca-loira para curarem a molestia chamada *cracos*, ou verrugas. Tiram com um alfinete um humor que o insecto tem em umas manchas amarellas, sobre o thoracete, e applicando o humor sobre o *craco*, este muda de côr e desapparece em breve.

Os *lepidopteros*, ou borboletas, têem especies cujas larvas ou lagartas são venenosas. Sirva de exemplo a lagarta dos pinheiros, que inflama o pescoço dos bois quando é esmagada pela canga ou jugo; e faz cahir parte da lingua dos cães, quando estes se divertem a tomal-a na bocca. Estamos certos da verdade d'estes factos.

Pode tambem dizer-se que todos os *hymenopteros*, vespas, e abelhas, são muito venenosas. A vespa vulgar e o vespão, *vespa crabro*, são, deste genero, as especies mais temiveis. Muitas pessoas, e animaes domesticos incluindo o boi, têem morrido victimas d'ellas.

As nossas abelhas do mel, as que são armadas de ferrão (algumas não o têem), são venenosas como as vespas; porém, como são mais pequenas, e menos bravas, não é tão grande o mal que nos causam. São estes de que temos dado noticia, todos os animaes venenosos de Portugal, e os reputados taes na opinião de muita gente.

Justa apreciação—Na secção bibliographica do ultimo numero do *Panorama Photographico de Portugal*, lê-se o seguinte:

«*Projecto de lei para a construcção dos caminhos de ferro da Beira, apresentado na camara electiva, em sessão de 13 de Março de 1873, por Antonio José Teixeira, deputado pelo circulo* 63 *(Pombal)*.

Recebemos pelo correio este folheto, acompanhado do seu competente mappa. A iniciativa honra o sr. Dr. Antonio José Teixeira, que apresentou o projecto e foi (segundo cremos) o seu relator. Este nosso amantissimo patricio, professor de Mathematica da Universidade, cuja posição honrosa conquistou com o seu talento, jornalista politico quasi desde a infancia, alimentado com o leite da liberdade, notavel jornalista litterario como o provam as columnas do *Instituto*, do *Jornal litterario* e d'outros; continua a sua vida activissima no parlamento pugnando pelos interesses do paiz. Poucos são os homens publicos da tempera do sr. Teixeira, e rarissimos os que apertem no mesmo laço o ingenho, a prespicacia e o desinteresse. Como amigos e conterraneos podemos dar testemunho publico das suas qualidades, por isso que ha largos annos o conhecemos.»

Pedimos providencias.—Com este titulo nos pedem a publicação do seguinte:

«Na quarta feira, de tarde, na rua da Sophia, junto da loja do sr. Charles Pons, um estudante do 3.º anno juridico, por nome Antonio Borges Alcantara, com mais dous estudantes que o acompanhavam, começaram por troçar e acabaram por espancar e ferir no rosto um pacifico estudante do 2.º anno do Curso Pharmaceutico. Consta-nos que já é reincidencia.

Pedimos ao exm.º sr. reitor da Universidade tome conhecimento deste facto, e dê as justas e precisas providencias de correcção, para que ficando impune, se não repitam todos os dias factos desta ordem.

Ainda ha bem pouco tempo lamentámos uma bem triste consequencia das troças, que devia ficar bem gravada na memoria dos academicos.»

O palacio de Queluz.—A excellente folha *Correspondencia de Portugal*, dá a seguinte interessante noticia do palacio real de Queluz, e do estado em que elle se acha:

«Ha cerca de 40 annos que o palacio de Queluz jazia em abandono. Morreu alli o senhor D. Pedro IV; a rainha e a imperatriz viuva recolheram logo a Lisboa, e o palacio nunca mais foi habitado senão por criados. A senhora D. Maria II quiz ir alli residir uma primavera, ha cousa de 30 annos, mas não poude passar lá senão duas noutes, nas quaes não lhe foi possivel pregar olho! Teve de fugir, porque andava em Queluz *cousa ruim!* Disse-nos um pobre velho criado do paço, homem de muito boa fé, que n'aquellas noutes parecia que se mudara o inferno para Queluz.

O facto tinha facil explicação, mas a rainha não consentiu que se procedesse contra ninguem. A explicação é a seguinte. Como havia em 1833 um grande numero de criados e criadas nos diversos palacios reaes, a senhora D. Maria II mandou recolher a Queluz todos aquelles que por sua edade ou falta de saude não podessem continuar em serviço activo. Estavam muitos neste caso. Alguns destes eram afeiçoados ao senhor D. Miguel de Bragança.

Não gostavam ou antes detestavam a sua nova ama. Mordiam a mão que lhes dava o pão e não admira pois que senhores, como estavam do palacio de Queluz, arranjassem um *pandemonium* para alta noute assustar a rainha e os principes e afastal-os d'alli. Foi o que fizeram. A immensidade do palacio prestava-se perfeitamente a isso. Conseguido o fim, os antigos criados *realistas* ficaram em pleno gozo de Queluz até que pela maior parte morreram. Os que eram a *cousa ruim*, todos bem conhecidos, já não existe nenhum.

O palacio de Queluz, propriedade do antigo infantado, está situado n'um logar baixo, cercado de collinas. O palacio é um immenso agglomerado de casas e pavilhões, tudo no estylo da primeira metade do ultimo seculo. Era esta a habitação querida do infante o senhor D. Pedro, depois marido de sua thia a senhora D. Maria I. Nasceram alli os senhores D. João VI, D. Pedro IV e alguns dos infantes.

O senhor D. Miguel gostava tambem muito de Queluz, e alli esteve bastante tempo. As salas do throno e a chamada dos embaixadores, por ser alli que se lhes dava audiencia, são sumptuosas. Não as ha melhores no seu genero ou estylo, que a o de Versailles, em em nenhum dos outros palacios reaes portuguezes. N'uma das cincoenta salas do palacio está respeitosa e cuidadosamente conservado debaixo de um docel e encerrado com cortinas de damasco encarnado, um retrato de corpo inteiro do sr. D. Miguel, tirado em Vienna de Austria na occasião do seu mallogrado casamento com a senhora D. Maria II. O palacio tem quatro capellas, a maior das quaes é magnifica.

N'uma destas capellas é que foi celebrado o consorcio do sr. duque de Loulé com a senhora infanta D. Anna, na presença da imperatriz rainha a senhora D. Carlota Joaquina. A quinta e os jardins de Queluz são lindissimos. Ha alli o bello *geranium* do Cabo e magnolias soberbas. Os jogos de agua hoje muito maltractados, eram de um effeito surprehendente. Se a senhora D. Maria Pia gostar de Queluz, poder-se-ha dizer salva aquella esplendida habitação real. Mais 10 ou 15 annos de abandono e será tudo aquillo, ainda hoje digno de admiração, um montão de vergonhosas ruinas.»

Communicado—No logar competente vae publicado um communicado do nosso amigo e assignante o sr. David da Silva e Cunha, muito acreditado clinico de Penacova.

Não podémos publicar o communicado em o numero de terça feira ultima, por não chegar já a tempo.

Noticias de Hespanha.—Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

Movimento carlista

Dizem de Santures que, no dia 5 do corrente, apresentaram-se no bairro de Villar 6 carlistas, entraram na casa de D. Justo de Salcedo, amarraram este e a sua mãe, senhora bastante idosa, deram-lhes pancada até o ponto de deixar moribunda esta infeliz senhora, e depois roubaram-lhes 11:000 reales. Em seguida, estes mesmos guerrilhas invadiram a casa de D. Pedro de Mendicote, e praticaram eguaes tropelias. Não havia a confirmação da noticia de que a guerrilha navarra levasse as armas ao passar por Lequeitio.

Parece que uma commissão carlista fôra a Inglaterra para saber qual a verdadeira attitude do general Cabrera nas actuaes circumstancias. A partida carlista, que apparecera em Sobar (Lugo) apoderara-se de 16 armas do alcaide. Em Monforte appareceram tambem novas guerrilhas. Sairam guardas civis para perseguil-as.

O general Laguneró marchara de Bilbau para o campo das operações. As noticias officiaes do exercito do norte não eram desfavoraveis em relação á disciplina.

A assembleia constituinte

Sessão tumultuosa

Não é facil em resumido extracto patentear o sudario lastimavel da tumultuosa sessão das côrtes hespanholas, de 8 do corrente, de que as agencias telegraphicas nos deram os traços principaes; mencionaremos todavia que pouco faltou, á vista das actas, para que os deputados passassem a vias de facto. Ficará isto notavel nos annaes parlamentares. Assistia todo o corpo diplomatico estrangeiro a esta memoravel sessão.

O momento mais tempestuoso foi quando o sr. Figueras disse que «a divisão dos republicanos mataria a republica», porque, a estas palavras, traz a acta a seguinte rubrica:—«(Grandes gritos; promove-se um escandalo indescriptivel. O sr. Pierrad e outros deputados da esquerda dirigem-se ao sr. Figueras e dizem que elle será quem vae matal-a)»

Então seguiu-se esta scena: O sr. Rubau censura em alta voz o sr. Pierrad. O sr. Figueras defende o governo e lembra com habilidade as circumstancias politicas do paiz. O sr. Pierrad responde-lhe que não é orador, mas soldado, e que as tricas parlamentares o desgostam deveras; diz que o sr. Figueras se julga por uma grande figura.... (*Interrupção de alguns deputados*) E' é, é! Pois não durará muito, accrescenta o sr. Pierrad.

Responde o sr. Figueras, dizendo que o officio de soldado não devia impedir o general Pierrad de ouvir bem; que se o general desejava combatel-o por algum acto proprio, o fizesse de frente e não de soslaio. porque se a sua figura se humilhava, em compensação levantar-se-ia muito a do general Pierrad. (*Applausos*).

Os srs. Figueras e Pierrad dão novas explicações, e depois continua a discussão mais ou menos agitada, até que antes de constituir-se em sessão secreta, o sr. Castelar oppõe-se a esta resolução, dizendo que a nação tinha direito de conhecer de que se tratava; e o sr. Olave censura o sr. Castelar, e diz que lhe dará lições de federalismo.

Neste ponto a rubrica da acta, que temos presente para esta noticia, diz-nos: «(Rebenta na camara e nas tribunas uma explosão de indignação. Muitos gritos, ao sr. Olave, de «fóra esse reaccionario disfarçado)». O sr. Figueras levanta-se para tentar serenar o tumulto, e a assembleia constitue-se em sessão secreta.

Noticias de Cuba

Alcançam a 22 do passado as participações da Havana. Abriu-se de novo a communicação entre Cayo-Hueso e a Havana, pelas diligencias do sr. Ralph Chandler, official da marinha americana.

O sr. Francis H. Millen, irlandez empregado na alfandega de Nova-York, e o correspondente de uma folha d'aquella cidade, tinham-se internado nos districtos revolucionados. As tropas disponiveis na Havana receberam ordem de marcha para se reunirem ao exercito em campanha. Corria que Agramonte, vendo que não podia evitar cair prisioneiro, preferia suicidar-se.

Concedera-se ao sr. O'Kelly licença para passar duas horas por dia na fortaleza do Morro, onde se acha preso, acompanhando-o sempre uma guarda militar.

Fôra capturado e mettido incommunicavel no forte da Cabana o sr. Leopoldo A. Price, correspondente do *Herald*, ex-vice-consul em Nuevitas, e ex-proprietario de um engenho queimado pelos insurgentes. Attribue-se esta prisão do sr. Price a ter sido portador de documentos para Fuerte Gerona, onde conferenciara com O'Kelley.

Madrid, 11, ás 7 horas e 30 m. da tarde.—Não foram admittidos pela maioria na sessão secreta os projectos do ministro da fazenda para a creação do papel moeda. Depois de reuniões secretas para que todos os deputados se puzessem de accordo. Na sessão publica de hoje admittiu-se a demissão do ministerio, nomeando-se por eleição directa e quasi por unanimidade para presidente Pi; estado, Muro; graça e justiça, José Fernando Gonzales; guerra, Estabanez; ultramar, Sorni; marinha, Aurich. O ministerio de conciliação predominando na direita foi applaudido pela camara. O programma apresentado por Pi é de sustentar a ordem a todo o transe. A formação do ministerio acalmou a agitação nas primeiras horas da manhã; ainda assim o exercito, guarda civil e voluntarios offereceram o seu apoio á assembleia.

Madrid 11 ás 7 da noite.

Ha grande agitação na capital.

Os voluntarios pedem o desarmamento da guarda civil. Está imminente conflicto. Receia-se a sublevação da tropa em algumas provincias, de onde chegam noticias aterradoras.

O congresso continua em sessão, occupando-se da nomeação do governo e da conservação da ordem publica.

Madrid, 11, ás 12 horas e 20 m. da noute.—O ministerio é transitorio e não inspira confiança.

Figueras partiu para França e diz-se que o seguirá Castelar.

Grande inquietação em todas as classes.

Ha temores sérios pela ordem.

Não ha noticias da guerra.

De França sabe-se que o governo começa a adoptar uma politica energicamente conservadora contra os revolucionarios.

O principe Napoleão foi muito bem acolhido.

Madrid, 12, ás 7 horas da tarde.—O governo apresentará amanhã o programma conciliador; mas a crise ministerial ainda não se considera resolvida.

Hidalgo foi nomeado governador de Madrid.

Chegaram noticias favoraveis de Cuba.

Falla-se em demissões diplomaticas.

A imprensa franceza elogia Mac-Mahon por mandar que se observe a lei que prohibe as felicitações.

Madrid, 12, ás 8 horas e 20 minutos da noute.—Os soldados indisciplinados assassinaram em Murviedro o tenente coronel. O governo está resolvido a desenvolver energia e a restabelecer a disciplina. Castelar continuará a tomar parte nos trabalhos das côrtes. A eleição do presidente das côrtes. A eleição de Nicolau Salmeron parece estar certa.

Figueras chegou a Huesca seguindo para França por Lanfranc. Pronunciou um discurso dizendo que deixava Madrid, a fim de evitar difficuldades que podia occasionar a sua presença á formação do novo ministerio.

Madrid 12, ás 12 horas e 35 minutos da noute—Nouvilas telegraphou de Victoria, participando que vae emprehender um plano de ataque contra os carlistas, o qual produzirá um resultado decisivo para a pacificação das provincias vascongadas.

O batalhão de Madrid insubordinou-se em Murviedro e a soldadesca matou o chefe.

Na Catalunha ainda não foi restabelecida a ordem. As tropas que commandava o general Velarde continuam insubordinadas.

O imperador da Allemanha está doente.

ANNUNCIOS

AVISO

1 A RECEBEDORIA é na rua de João Cabreira, n.º 11.

2 ARRENDA-SE uma casa muito grande na rua dos Coutinhos. Quem a pretender póde fallar com João Francisco da Silva, morador no largo das Olarias.

ATTENÇÃO

3 VENDE-SE a flor de duas grandes tilias. Rua do Visconde da Luz, 10.

4 A MESA da Santa Casa da Misericordia desta cidade, manda annunciar, que se acha a concurso por espaço de 30 dias, a contar d'hoje, o logar de reitor do collegio dos orphãos; e thesoureiro da sua capella. Os presbyteros que o pretenderem, apresentarão nesta secretaria seus requerimentos até áquelle dia, documentados com carta de presbytero, e de confessor approvado neste bispado.

Secretaria da Misericordia de Coimbra, 14 de Junho de 1873.

José Simões da Silva Junior.

5 OS MESARIOS da irmandade do Santissimo da freguezia de Santo André de Poiares, fazem publico, que no dia 20 do corrente, pelas 10 horas da manhã, se dará de arrematação a obra de alvenaria e cantaria, e obra de carpinteiro, para a capella da Senhora das Necessidades, conforme as condições e apontamentos, que no acto da arrematação serão presentes.

Poiares, 14 de Junho de 1873.

O juiz—*Joaquim Carvalho.*

O INIMIGO DO MONOPOLIO

Em Coimbra á Portagem

6 PETROLEO REFINADO por atacado, pelo preço de Lisboa, a 135 reis o kilo.

Encarregado da venda José Tavares da Costa, rua da Calçada proximo á Portagem.

Paga os barris vazios a 800 reis cada um.

DESPEDIDA

7 JOSÉ DA SILVA MACHADO, gerente da firma Nuno Machado & C.ª, de Lisboa, tendo de se retirar para a cidade de Vizeu, serve-se deste meio, na impossibilidade de o fazer d'outro modo, para enviar as suas despedidas e agradecer ás suas amaveis patricias e bons patricios os muitos obsequios que durante a sua estada aqui lhe dispensaram. Mui grato a todos os favores, offerece os seus serviços no seu estabelecimento de modas, na rua nova do Almada, n.º 65 e 67, em Lisboa.

8 MANOEL JOSÉ PEREIRA — Sophia, 68 a 70 — tem para vender um calix de prata, uma vestimenta, missal, e todos os pertences a uma capella, o que tudo vende muito barato.

MUDANÇA DE COLLEGIO

9 PELA AFFLUENCIA dos alumnos no Collegio de Nossa Senhora da Conceição, de Coimbra, teve seu director de arranjar maior casa. Depois do corrente mez, vae mudar seu collegio para onde esteve o hotel Alliança, e onde fôra o collegio de S. Pedro da Terceira Ordem, na Sophia.

Subloca, portanto, a casa, onde tem estado, na rua do Carmo, que tem commodidades para duas ou tres familias.

ARRENDAM-SE

10 TRES CELLEIROS muito bons, no pateo da Inquisição. Quem os pretender falle com Antonio d'Almeida e Silva, rua da Sophia, 56.

DOCTOR IN ABSENTIA

11 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a *Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra)*, o qual lhes dará gratuitamente todas e quaesquer informações sobre a Universidade.

VINHO LEGITIMO

DE

Collares
Bordeaux
Champagne
Madeira secco
Moscatel de Setubal
Porto antigo
Gerez.

Garante-se as qualidades.

Estabelecimento de José Tavares da Costa, Rua da Calçada, proximo á Portagem.

NEVE

13 VENDE-SE **em Samsão, casa n.º 45, das 5 horas da tarde em diante.**

Transmutação rapida em caracteres calligraphicos

14 HAVENDO sido chamado para leccionar minha irmã D. Marianna Xavier, o distincto calligrapho, o illm.º sr. Luiz Adelino Lopes da Cruz (que em seus programmas annunciava, a mudança em doze horas de lição, das mais ordinarias letras em bellos caracteres calligraphicos), é meu dever, porque pessoalmente e maravilhado presenciei tal transmutação, vir declarar publicamente, que este sr., no prazo por elle fixo, não só conseguiu melhorar na ultima perfeição a má letra do caracter inglez que minha dita irmã tinha, mas até lhe ensinou letra gothica, de phantasia e dourada, e todas com aquella mestria, methodo e gosto que tanto possue este habil professor. Receba elle os meus agradecimentos e os de minha familia, que tambem toma parte neste meu testemunho publico.

Coimbra, bairro de S. Bento, 13 de Junho de 1873.

José Xavier Cerveira e Sousa.

Attenção

15 EXTRAORDINARIO SORTIMENTO de chapeus (12 duzias) em palha, setim, escumilha, em todas as côres e feitios.

Cortes de vestidos, e vestidos feitos.
Botinhas para senhoras e meninos.
Espartilhos a 1$800 rs.
Lindissimo sortimento de flores.
Cascos para chapeus.
Sombrinhas em percal a 800 rs.
Outros muitos objectos já annunciados.

Vende a modista de Lisboa, na sua actual casa, rua de S. Pedro, n.º 17, esquina da rua das Parreiras.

VINHO DA COMPANHIA DO PORTO

16 VENDE-SE de muito superior qualidade, na padaria de José Fernandes; rua das Solas, n.º 28.

Por quartão 1$200, e por garrafa 200 rs.
Dito, quartão 850, e por garrafa 160 rs.
Vende de Torres Novas, puro, por quartão 480, e garrafa 80 rs.
Dito branco de Torres Novas, puro, por quartão 480, e garrafa 80 rs.

Companhia geral de Credito Predial Portuguez

17 O PRESIDENTE da assemblea geral da Companhia Geral de Credito Predial Portuguez, convida, na conformidade do artigo 94 dos estatutos, os srs. accionistas, comprehendidos no artigo 91, a reunirem-se em sessão extraordinaria, no dia 21 de Junho proximo futuro, ás 8 horas da tarde, no escriptorio da Companhia, largo de Santo Antonio da Sé, n.º 23, para a leitura e discussão do projecto da reforma dos mesmos estatutos, elaborado pela commissão especial eleita pela assemblea geral para aquelle fim.

Lisboa 12 de Maio de 1873.

O presidente,

Conde de Castro.

18 PELA ADMINISTRAÇÃO dos hospitaes da Universidade, se faz publico, que no dia 22 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na secretaria dos mesmos hospitaes, se hade proceder á arrematação dos seguintes generos de consumo:

Aletria—arroz—assucar fino e amarello—azeite—bacalhau—biscoutos—bolacha doce—bolacha d'agua e sal—broa—cabaço doce—carneiro—cevadinha—chá—chila doce—chocolate—estrelinha—farinha de trigo—feijão frade e rajado—gallinhas, por kilogramma de carne limpa—geleia de marmello—ginja doce—laranja doce—leite de burra—leite de cabra—leite de vacca—macarrão—manteiga ingleza—manteiga nacional—marmellada—milho—pão de bolacha—pão tremez—pera doce—queijo flamengo—queijo nacional—tapioca—toucinho—vinagre—vinho branco—vinho do Porto—e vinho tinto—; não se arrematando a vacca, que continua a ser fornecida pelo talho municipal. A arrematação é por tempo d'um anno.

Secretaria da administração dos hospitaes da Universidade de Coimbra, em 9 de Junho de 1873.

O secretario,

Herculano Santa Barbara.

19 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchaqueca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dôres, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do acuto, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de tod a edade, fortalecendo os muscuos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid.—Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kilo 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes. — ELVAS, Sant'Anna. — COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca. — SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2702 | TERÇA FEIRA 17 DE JUNHO DE 1873 | ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Está em via de realisação mais uma empreza, cujo programma verdadeiramente grandioso, excede tudo que no seu genero se tem visto em Portugal.

Fallamos de um novo banco, que differentes capitalistas portuguezes tractam de fundar, debaixo da denominação de *Credito de Portugal*.

Isto significa, a par de outras circumstancias, que neste paiz ha grande somma de capitaes disponiveis, que o credito publico, fundamento de todas as emprezas economicas, inspira confiança a ousados commettimentos, e que o espirito patriotico, essa grande virtude que tantas vezes tem salvado as nacionalidades nas suas mais arriscadas crises, não é uma chimera, é uma realidade verdadeiramente apreciavel na soberania dos povos.

O *Credito de Portugal*, apesar de algumas contrariedades com que tem luctado, ha bem fundadas esperanças de que não ficará em projecto.

A subscripção será de 20:000 contos em acções de 100$000 rs.

Uma parte da emissão das acções é destinada ao Brasil e o restante ás cidades de Lisboa e Porto.

E' vasto e assás promettedor o programma deste banco. Alem das operações ordinarias que costumam realisar taes estabelecimentos, o *Credito de Portugal* pretende contractar com o governo—o resgate da divida fluctuante; a emissão de notas realisaveis em oiro e recebiveis nas estações publicas, em todo o reino e ilhas, salvo o privilegio do banco de Portugal no districto de Lisboa; o recebimento dos dinheiros do estado, de depositos judiciaes ou de impostos; e a contractar outras operações com o governo.

Propõe-se mais este banco a fomentar o desenvolvimento das industrias, ministrando-lhes capitaes, ou exercendo-as por sua propria administração.

São obvias as vantagens deste importante estabelecimento de credito, o qual, se se constituir definitivamente, como levam a crer as diligencias para isso empregadas, póde prestar importantes serviços ao governo e ao paiz.

As vantagens da consolidação da divida fluctuante são tão importantes para o nosso regimen economico, que muito é para desejar que semelhante empreza se realise, afim de que o thesouro possa, mais desafogadamente, libertar-se das difficuldades, que muitas vezes tem embaraçado as administrações, com reforma de letras, ou com o seu pagamento em condições cada vez mais onerosas.

Diz-se que o governo trabalha de ha tempo no sentido de consolidar esta divida; o estabelecimento que agora se pretende fundar, póde como parece, prestar bons serviços á nação, entrando com o governo em transacção sobre este assumpto.

E' vasto o plano de operações a que se propõe o novo estabelecimento bancario; por isso maiores devem ser as difficuldades com que terão de lutar os seus fundadores; não obstante isso, no interesse deste paiz, desejamos que não afrouxem em esforços para conseguir esta util empreza.

CORRESPONDENCIA DE LISBOA

Lisboa, 15 de Junho de 1873.

Não tenho cousa alguma que lhe dizer em politica... absolutamente nada. E provo-lhe este asserto com o thermometro mais certo e regulador que ha aqui. Eu quando leio no alto da primeira columna da primeira pagina d'um jornal politico, o boletim quasi diario: «Por *falta d'espaço* retiramos o artigo d'esta secção», consulto os meus botões, alongo a vista pelo paiz, e interrogo-me *in mente*: «Pois não haverá nada que se diga? Pois a opposição já deixou de farejar escandalos imaginarios, para lançar á face deste governo perdulario, que mata os operarios com...trabalho? Pois não ha cousa alguma que dizer, que censurar, com relação a este governo obnoxio e horrivelmente fatal, que nos leva direitinho á banca-rota, á desorganisação administrativa e financeira, ao cahos em todos os ramos de serviço, emfim? Pois calam-se os ganços capitolinos e os Cincinatos lançam mão da charrua, arando a terra com pacifica lentidão, quando os inimigos nos invadem pelas nossas fronteiras, ameaçando engulir-nos?

Que governo é este, senhores da opposição, ou que patriotas esforçados sois vós, que vedes o perigo imminente, tão de perto, e não arengaes ás massas, no vosso estylo fluente e convicto, contentando-vos apenas em denunciar a *falta de espaço* para referir escandalos, para impellir o povo a que se insurja? Que patriotas sois, que magra clientela tendes, que não publicaes um *Times*, dois *Times*, muitos *Times*, para abrir os olhos a este povo, que se deixa escorregar na ladeira, pela qual um governo impossivel o empurra sem piedade? Pois sabeis o aphorismo *abyssus, abyssum invocat*, e occupaes-vos com superfluidades e tonterias, dando noticia de um sujeito que parte, de outro sujeito que chega, de um cão que estrebuxa, de um sujeito que se casa, quan-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXIX

D. CARLOS

XIX

Como se não bastasse uma guerra exterminadora e as desgraças que flagellavam a infeliz Hespanha; como se não fosse bastante o açoute das exaggeradas paixões dos hespanhoes, o ceu enviou um novo flagello, e a atmosphera impregnada com miasmas pestilentos que nasceram na margem do Ganges, veiu quasi a dizimar a sociedade europea.

O vulgo ignorante, que vê poucas vezes a principal causa das suas desgraças, e gosta mais de fazel-as instrumento das suas paixões; o vulgo, em Madrid, do mesmo modo que em S. Petersburgo e Paris, attribuiu, ou o fizeram attribuir a calamidade da cholera morbus, ás pessoas, ou ás classes, que se queria deixassem de existir.

Não negaremos que as ordens religiosas principiavam a ser olhadas com prevenção, por terem esquecido algumas dellas a sua verdadeira missão, convertendo-se em instrumento de vingança e em agentes da guerra civil; não negaremos que naquella luta dos antigos com os modernos principios, os frades eram considerados como os inimigos de toda a inovação, de todo o progresso; porem nada disto podia auctorisar os excessos, os crimes, que reprova todo o homem honrado.

O horrivel contagio da cholera estava já desde principios do anno de 1834 fazendo estragos em Hespanha, e no mez de Julho começou a desenvolver-se em Madrid. As paixões acharam na epidemia um pretexto para trasbordar, e a ignorancia encontrou um meio de pôr-se em evidencia. Não era isto novo. As paixões e a ignorancia tem-se valido sempre de taes recursos. O seu alvo em Madrid foram os frades: contra elles lançaram as paixões os seus raios.

A presença da cholera, a vista de tantos atacados, de tantos mortos, tinha atemorisado a todos. Do temor se passou em breve á desanimação, ou á desesperação, e desta aos excessos e aos crimes.

O vulgo, que não pensa, busca em torno de si uma causa da sua desesperação para descarregar sobre ella a sua furia; os malvados buscam em taes casos occasiões em que exercer o seu officio. A uns e outros assignalou a maldade os frades: eram indefezos e ricos, e a victima não podia ser mais a proposito.

Principiou a correr a voz de que a agua das fontes estava envenenada, e o vulgo, que o considerava facil, o acreditou. Porem não podia explicar-se como havia de envenenar-se o sustento de todos; e como a cousa mais natural se disse, que os frades não bebiam a agua das fontes publicas; as tinham particulares em seus conventos; e que eram elles os envenenadores.

Bastou esta ideia para que correndo de boca em boca, e sendo commentada por cada um a seu modo, adquirisse colossaes proporções.

O populacho de Madrid, desenfreado e enraivado, começou por assassinar o frade que via na rua, e acabou por escalar os conventos, roubar as cellas, e profanar os sagrados templos.

Homens infames e mulheres immundas corriam pelos claustros e até pelas egrejas, assassinando a uns e roubando a outros. Alli não era respeitada a juventude, nem a velhice; alli não se attendiam as supplicas dos que em toda a sua vida não haviam feito mais que dirigir orações ao Eterno; nada abrandava o empedernido coração daquellas furias, que, não contentes de ensanguentar os soalhos e saquear as cellas, arrojavam pelas janellas os moveis que não podiam levar, as estampas e quadros que rasgavam, deixando por toda a parte os signaes da destruição.

Em Santo Isidro, em S. Thomaz, em S. Francisco, nas Mercês.... tiveram logar scenas horriveis. Porem vamos ao seu começo.

A grande mortandade que houve em Madrid no dia 17 de Julho de 1834, aterrou os animos, já sobresaltados; e o governo, que até então obrara com pouco acerto e muita cobardia, occultando e negando o que para todos era um facto, principiou neste dia a tomar disposições militares, quando devia tel-as tomado de prevenção. D. José Martinez de San Martin, superintendente da policia e capitão general do districto, era a auctoridade a quem estava incumbida a segurança da cidade.

Já havia começado a alterar-se a ordem por alguns grupos de gente discola e mal avinda com a tranquillidade, aos quaes se reuniam os rapazes andrajosos e os curiosos imprudentes. Visitavam as fontes em busca de envenenadores, ia-se augmentando aquelle desordenado tropel, e a continua vista do Viatico, dos mortos conduzidos em carros, augmentava a sua furia, que rompeu em gritos, logo em provocações, e acabou por assassinatos.

Uma daquellas turbas ouviu perto de Santo Isidro dizer em alta voz a um sargento de ex-realistas—«que era mister matar aos urbanos»—Ouviu-o um, accommette-o, unem-se-lhe outros, corre o accommettido a refugiar-se na egreja, e como motivo para quebrantar o sagrado asylo, diz um—«É um emissario dos jesuitas, dos envenenadores.»

Bastou isto para que se introduzisse na egreja aquella turba, entre a qual havia alguns urbanos, indignos de levar as armas que a patria lhes confiara; e dentro daquelle templo das sciencias e das letras, daquelle santuario de Deus, atropellam, ferem, assassinam sem piedade aos indefezos e innocentes religiosos, que, em vez de resistir defendendo suas vidas, pedem misericordia. Alguns se salvaram em uma capella pelos esforços de um valente militar; outros deveram a vida a alguns milicianos, e para libertar a outros os levavam presos; porem não salvou isto a alguns, que foram assassinados na rua.

A insurreição propaga-se instantaneamente, e as scenas de Santo Isidro reproduzem-se em S. Thomaz, nas Mercês, em S. Francisco, na Atocha .. arrombando em umas partes as portas a tiros, e causando em todas estragos e victimas.

A milicia urbana permanecia no entretanto

do os negocios, mal dirigidos, da republica, reclamam o vosso concurso, a vossa sciencia, a vossa sabedoria, as vossas luzes, todo o vosso auxilio?

Ah! senhores da opposição, que severas contas tendes a dar ao paiz, pela negligencia patente que mostraes! Conspirae, ou nas trevas, ou ao meio dia...reclamae a reunião extraordinaria do parlamento... celebrae conciliabulos...tocae a reunir os chefes das diversas egrejas...publicae manifestos...creae gazetas...fundi partidos...mostrae vida, energia, acção, actividade...trabalhae... trabalhae sempre, e atirae com este governo, que nos deshonra, que nos expolia, que nos asphixia, que nos emagrece a bolça, que nos mata á mingua, que nos envergonha, atirae com elle a valla do esquecimento, onde o guzano dos tumulos nem os ossos lhe respeite!

E tudo isto, meu amigo, para lhe dizer que não ha politica...

Não ha...effectivamente a politica morreu, e a opposição...morreu com ella. Era de crer. E nem mesmo outros acontecimentos palpitantes de interesse ha, que mereçam narrar-se. O povo diverte-se, e folga, e ri, e dança. Bem haja o povo. Democrito galhofeiro, de sorriso perenne nos labios, trabalha e nutre-se, e descansa...dançando, sem se importar da politica, que endoidece, que bestifica, que dissaboreia...Olha attento para as obras do caminho Larmanjat, esperando anciosamente pela sua abertura á circulação...analysa, desde Santa Apolonia ao Aterro, o caminho de ferro americano...extasia-se em frente do arco da rua Augusta, obra sumptuosa, cuja conclusão—digam o que disseram—se deve ao actual ministro das obras publicas... pasma diante da giganta, embiocada n'uma barraca na feira das Amoreiras...e distrahe-se, inoffensivamente pacato, sem mesmo se lembrar do...sr. bispo de Vizeu.

Esta paz podre, porem, este viver *au jour le jour*, atrophia as faculdades intellectuaes da maioria pensante da nação (?) A alma deixa de ser uma substancia simples, abdica duas propriedades distinctas que em si contem—sensibilidade e actividade,— e torna-se passiva em extremo, que não lhe conhecemos a natureza.

De quem é a culpa de tudo isto, senhores da opposição? Não é do governo; não é, que trata da politica unicamente, e de administrar a republica—seu unico modo de vida...quando está no poder. A culpa é vossa, que escreveis politica...imaginaria, e não escreveis cousas reaes e positivas, para alimentar a imaginação do povo, como os mysterios da estrada de Cintra, ou os ciganos do pinhal da Azambuja.

E' mais amante do povo o sr. Gomes Leal e não escreve politica—creio eu. Vejam o *Diario de Noticias* de hoje. Leiam aquellas seis columnasinhas de alexandrinos, fortes, sonoros, bem batidos, rasgados, soltos, fecundos de imaginação, de arrojo, de engenho! Aquillo, sim! Eu li e reli...e o povo leu e releu, certamente...porque eu sou povo na rua...unicamente. Aquillo sim, que se póde chamar a linguagem da paixão e da imaginação...aquillo é que é ser poeta...aquillo é que tem acção, fabula, sujeito ou assumpto... aquillo é que tem elocução, sendo claro, sem cahir no raso das vulgaridades! Eu amo assim o poeta, forte, phantastico, sobrenatural. Oiçam:

Cáe lentamente a chuva em cima dos telhados.
Tres longos dias ha, tres dias são passados
Que o triste lavrador anda por fóra ao vento,
A' neve, ao frio, ao sol, em busca de alimento,
E ainda não voltou. Um dos tres filhos chora;
Sonora, longamente, a chuva cae lá fora.

Nem mais um verso só. O povo leu... pois deve ler outra vez. Poetas destes amam-se, fazem-se publicos, e pede-se-lhes que não sejam avaros do engenho que Deus lhes deu.

Depois disto, fallo-lhe de mais um poeta que o seria deslumbrante, se o acaso, a sorte, ou...não sei o que, mal-avisados sempre com o desditoso, o não impellissem para o leito da doença, do qual a medicina parece, desesperou já de o arrancar. E' Caetano Dias, cujo volume de versos está por pouco a sahir dos prelos da imprensa nacional. Tive occasião de ler algumas estrophes. A edição é primorosa e nitida, como todas as que saem d'aquelle estabelecimento, ainda as mais somenos, e os versos que o infeliz moço, na sua modestia pouco vulgar, guardava manuscriptos na gaveta, apparecerão em volume elegante, que hade ser aceite pelo publico com os applausos e louvores a que o talento tem jus.

Depois de lhe fallar de poetas, deponho a penna. Não quero cahir no raso da prosa villã e chata, com que se noticiam acontecimentos, se os houvesse, e envio-lhe os meus cordeaes parabens pelas suas melhoras.

Até á seguinte.

P. J. CONCEIÇÃO.

NOTICIARIO

A festividade do Santissimo Sacramento na Sé Velha—Não desmereceu, antes augmentou este anno, o zelo e actividade dos mesarios da irmandade do Santissimo da Sé Velha.

Foi celebrada com toda a pompa aquella solemnidade. Explendida armação em todo o templo, riquissimos paramentos, abundante illuminação no throno e em todos os altares, profusão de flores, excellente coro composto das melhores vozes, e optima musica: tudo dava magnifico realce áquella imponente festividade, que tem por fim a exaltação da fé, symbolisada no augusto sacramento da Eucharistia.

Na missa foi celebrante o respeitavel prior da freguezia, e conego honorario, o sr. Manoel da Cruz Pereira Coutinho; diacono e subdiacono, os srs. padres José Maria dos Santos e José Antonio Machado; e mestre de ceremonias o sr. padre Antonio Simões de Noronha. Orador foi o sr. vigario de Almalaguez, padre Antonio d'Almeida Pedroso, que ostentou o conceito de que justamente gosa, e que de dia para dia vae augmentando.

De tarde houve vesperas por musica vocal e instrumental; sendo orador o sr. padre Julio da Silva Carvalho, prior da freguezia das Means, proferindo um primoroso discurso, no qual elevando-se a altura do assumpto que lhe servia de thema, garantiu ainda mais os creditos de orador distincto.

Saiu depois a procissão, composta das irmandades do Santissimo das freguezias de Santa Cruz e de S. Bartholomeu, as quaes, pelo numero de seus irmãos e pelo modo digno com que todos se apresentaram, deram inequivoca demonstração de honrosa deferencia á irmandade do Santissimo da Sé Velha; constituindo todas as tres irmandades, e muitos anjos graciosamente vestidos, um respeitoso prestito, que era completado por muitos clerigos com capas de asperges.

As guias do pendão e as varas do pallio foram distribuidas a lentes da Universidade, doutores, reitor do collegio dos orphãos e outras pessoas graduadas; a umbella era levada pelo sr. conselheiro Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo, lente de prima jubilado da faculdade de Theologia, e que já alli exerceu o cargo de juiz da irmandade.

Fechava a procissão uma força do regimento de infanteria n.º 14, levando á sua frente a philarmonica *Boa-União*, que satisfatoriamente desempenhou o seu agradavel mister.

A procissão, rigorosamente ordenada pelos mestres de ceremonias os srs. padres Antonio Simões de Noronha e Ignacio de Carvalho e Freitas Junior, percorreu as principaes ruas que delimitam a freguezia, em todas as quaes havia um numeroso concurso de povo, tanto da cidade como das freguezias ruraes. As janellas estavam todas decoradas com vistosas colxas, e adornadas de muitas senhoras, que entre si disputavam superioridade de belleza e de *toilletes*.

Na vespera da festividade foi lançado muito fogo, e á noite esteve tocando no adro da egreja a philarmonica *Boa-União*.

Louvores a todos que cooperaram para a esplendida festividade, que deixamos descripta, e em especial ao digno escrivão da mesa, o sr. Antonio José de Oliveira.

Te-Deum.—No sabbado proximo, 21 do corrente, pelas 5 horas da tarde, haverá na Sé Cathedral um solemne *Te-Deum*, em acção de graças, pelo anniversario da exaltação de Sua Santidade Pio IX no throno pontificio. Officiará o exm.º sr. Bispo Conde.

Hospedes illustres.— Estiveram nesta cidade o sr. barão da Trovisqueira, de Villa-nova de Famalicão; e o sr. conselheiro João Rebello da Costa Cabral. O primeiro veiu visitar alguns amigos e tractar de negocios que lhe interessam; o segundo, como já tivemos ocasião de dizer, veiu assistir ao acto de formatura em Direito, de seu sobrinho, o sr. Costa Cabral.

Tambem esteve nesta cidade o sr. conselheiro Pedro Roberto Dias da Silva, chefe da repartição de contabilidade no ministerio das obras publicas, commercio e industria.

Bispo de Macau.—Tem corrido a noticia de haver sido convidado para bispo de Macau, o sr. Dr. Manoel Bernardo de Sousa Ennes, lente cathedratico da faculdade de Theologia.

O sr. Dr. Ennes, pela sua illustração e respeitabilidade, é dignissimo de exercer este alto cargo da egreja; e por isso a escolha não podia ser mais acertada.

Doença.— O sr. conselheiro José Ernesto de Carvalho e Rego tem ultimamente passado mais incommodado.

Muito estimaremos que o nosso prezadissimo amigo alcance promptas melhoras; e neste desejo, sem duvida somos acompanhados por todas as pessoas, que reconhecem e avaliam as distinctas qualidades de s. ex.ª

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Maria da Piedade, natural de Coimbra, de 8 mezes, fallecida no dia 7 de Junho.

D. Julia, filha de Francisco Gouvea Bandeira de Figueiredo e de D. Maria José Gouveia Pinto Mascarenhas, natural de Coimbra, de 14 mezes, fallecida no dia 7.

Maria das Dores, filha de Manoel Rodrigues e de Luiza Lopes, natural de Friumes, concelho de Penacova, de 60 annos, fallecida no dia 10.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5:000.

---

formada, esperando as ordens da auctoridade. Esta acudiu a Santo Isidro, e só chegou a tempo de salvar algumas victimas. Foi depois a S. Thomaz a presencear o horrivel quadro que apresentava o interior do convento. Passou logo D. José Martinez de San Martin ao ministerio do interior; enviou d'alli forças a S. Francisco e ás Mercês, onde teve que ir depois em pessoa, e mandar em busca de artilheria, para reduzir os insurreccionados, acudindo em auxilio de outros conventos ameaçados, que devia ter guardado antes. Assim se teriam evitado perto de 80 victimas.

A maior parte dos chefes e officiaes da milicia, elevaram á rainha energicas e sentidas exposições, manifestando o seu desejo de que se castigassem breve e exemplarmente e se expulsassem das fileiras os poucos que não tinham acudido á formatura.

A opinião publica, a indignação do povo de Madrid, não foi acatada, infligindo-se castigo algum, se não no fim de alguns mezes, quando quasi se tinha esquecido os successos, sendo a victima expiatoria um infeliz musico, a quem só acharam alguns objectos insignificantes. Este mancebo subiu ao patibulo mais compadecido do que accusado.

É verdade que os ministros e as auctoridades eram homens, e que as circumstancias eram terriveis; porem a causa publica exigia delles até o sacrificio da propria vida.

Naquelles dias desastrosos, no meio de tão terriveis circumstancias, se abriram as côrtes, ou *estamentos* a 24 de Julho; porem nesse mesmo dia, ou na vespera, como se não rodeassem ao governo bastantes conflictos, veiu augmental-os o descobrimento de uma conspiração mais grave do que parecia, e desconhecida para muitos.

Na sociedade secreta a *Isabelina*, fundada por D. Eugenio Aviraneta, é que se organisara a conspiração. Esta sociedade chegou a ter só em Madrid 10:000 filiados em segredo, incluindo muitos individuos do exercito, alem de muitos circulos *isabelinos* na provincia.

Os principaes membros desta sociedade tinham tido no dia 20 de Julho uma reunião, e ahi assentaram nas bases do seu plano, reduzido a fazer uma exposição á rainha, a qual foi redigida por D. Alvaro Florez Estrada, manifestando-lhe os graves damnos que se iam seguir se se punha em execução o *estatuto real*, e acrescentando que para evitar males, convinha que sua magestade apresentasse ás côrtes o projecto de constituição que remettiam. Este projecto fora redigido por D. João Olavarria.

Se a rainha governadora se oppozesse a dar semelhante passo, como era natural, se appellaria para a insurreição no mesmo dia 24 de Julho, destinado para a abertura dos *estamentos*. Varios procuradores, filiados na sociedade *Isabelina*, se tinham compromettido a fazer uma moção para que se declarasse o congresso de procuradores em côrtes constituintes. O publico das tribunas, composto em grande parte de *isabelinos*, que obtivessem bilhetes de admissão, contribuiriam para apoiar a moção de seus companheiros. Se se encontrasse resistencia, armar-se-hia um alvoroto no seio mesmo das côrtes, que seria o signal para o pronunciamento geral dos associados.

O plano convencionado era que o povo se apoderasse de todas as torres, e dobrasse os sinos; tomasse os principaes edificios e se fortificasse nelles; formasse barricadas com os coches, carros, bancos, confessionarios, etc. O duque de Saragoça devia pôr-se á frente das tropas, compromettidas com elle nos trabalhos militares, com separação dos paisanos.

Nesse mesmo acto se formaria o ministerio, que se comporia de D. Evaristo Perez de Castro, D. Jeronymo Valdez, D. Manoel Garcia Herrero, D. Alvaro Florez Estrada, D. Lourenço Calvo de Rosas e D. José Maria Chacon. Sub-secretarios seriam o marquez de Monte-Virgem, o duque de Rivas, e D. João Olavarria.

Capitão general de Madrid, e general em chefe da guarda e das operações, seria o capitão general D. José Palafox e Melci, duque de Saragoça; e governador de Madrid, D. Evaristo S. Miguel.

Uma das medidas de precaução que havia de adoptar-se depois de triumphar a revolução era a expulsão de Madrid de Reinoso, Xavier de Burgos, Miñano, Lista, Hermosilla, Andina e outros, que eram qualificados de afrancezados.

Tudo estava já disposto na manhã do dia 23 de Julho, e communicadas as ordens ás provincias, para que secundassem o pronunciamento da côrte, quando o capitão Civat, que entrava em todo o segredo, se retirou ás 10 horas da manhã de casa de D. Eugenio Aviraneta, o principal auctor desta trama, e presidente da sociedade *Isabelina*; ficando de voltar de tarde. Á hora em que o devia fazer, em logar de Civat, apresentou-se o commissario do governo, Luna, com os seus zeladores e uma companhia de tropa, e procedeu á prisão de Aviraneta, apoderando-se de todos os seus papeis, excepto a lista dos correspondentes, que o preso comeu.

Em seguida foram tambem presos o duque de Saragoça, D. Antonio Noguera, Calvo de Rosas, Beraza, Olavarria, Romero Alpuente, e alguns outros nas provincias.

Nada, porem, se poude provar contra os presos; não por falta de cumplicidade, mas por muita destreza. D. Eugenio Aviraneta, escureceu de tal maneira o processo, que nada poderam averiguar os tribunaes; e o fiscal D. Laureano de Jado, se viu precisado a declarar innocentes a todos, e reconhecer como unico culpado a Aviraneta.

Assim aquella conspiração, que ameaçava inverter a ordem politica em Hespanha; que ia a fazer uma completissima revolução, veiu a ficar impune pela habilidade do seu auctor.

Aviraneta continuou preso até que a insurreição de 16 de Agosto de 1835, de que a seu tempo fallaremos, tramada tambem por elle no carcere, d'ahi o tirou.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Mercado de Coimbra no dia 17—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 490 a 500—Dito branco 460—Dito Celorico meudo 680—Dito graudo 560—Milho branco 300—Dito amarello 290—Feijão vermelho 450—Dito branco da marinha 440—Dito da terra 400—Dito rajado 380—Dito frade 370—Fava nova 320—Batatas novas 380—Ditas velhas 240—Centeio 450—Cevada 240—Chicharo 250—Gão de bico 450—Tremoços 240—Vinho da Beira 800—Dito da Bairrada 960—Azeite 1$050 a 1$060.

Concurso—Está aberto concurso, pelo espaço de 30 dias, a contar de 16 do corrente, para o provimento das egrejas de S. Bartholomeu de Aldeia das Dez, e da Exaltação de Santa Cruz de Oliveira do Hospital; ambas do bispado de Coimbra.

Suicidio—Um ecclesiastico, nosso amigo, da freguezia da Cumieira, concelho de Penella, nos communica o seguinte:

«Dizem alguns bons escriptores que nenhum animal, por mais terrivel que seja, rasga as suas proprias entranhas, nem se priva voluntariamente da vida; só o homem é capaz de tão desastroso attentado!! Deus queira tocar com a sua divina graça os homens, que tanto se vão encaminhando para tal infamia.

Manoel Joaquim, de 43 annos de edade, do logar do Favacal, desta freguezia, deixou ir a mulher e tres innocentes filhos para a missa no dia 12 do corrente, pelas 6 horas da manhã; levou em seguida a chave da porta no bolço, e foi enforcar-se com uma corda n'uma oliveira, proxima aos dois caminhos por onde o povo devia voltar, para o encontrar dependurado!

Triste espediente, pois que tendo sido sempre bem comportado, assim como sua honesta familia; acontece, que por fraquissimos desgostos, n'um instante se perde a fé, a esperança, e propria caridade!! revoltada a creatura contra o seu Creador, escandalisando o mundo inteiro só para fazer a vontade ao demonio—*deabulus tamquam leo rugiens circuit quærens quem devoret.*

O cadaver esteve na mesma posição até que os senhores empregados de justiça vieram fazer o exame do costume, e todo o povo clamava que fosse privado das honras da egreja, quem nas tempestades da presente vida despresara o sentimento religioso, vencido por um tal desespero.»

A primeira communhão dos meninos em Sernache. — Um nosso amigo nos communica o seguinte:

«Sr. redactor. — No seu acreditado, e o mais antigo jornal de Coimbra, pede por equidade a inserção destas linhas um seu constante leitor.

No dia 12 do corrente Junho, teve logar na freguezia de Sernache, deste concelho, a communhão geral de 60 meninos e meninas, que vestidos das galas da innocencia e simplicidade, pela primeira vez chegaram áquelle sagrado banquete, na fórma que ha 14 annos, sem interrupção, se tem feito naquella freguezia: honra seja ao zelo do seu desvelado parocho, que tanto se tem empenhado pela illustração religiosa dos seus freguezes.

Por esta fórma prepara uma nova familia no porvir da sua freguezia, fazendo crescer com as novas flores da humanidade a palma da virtude, da religião, e da humildade; para obstar aos erros que na tenra edade se adquirem, crescem, e medram com espanto; quando não tem um bom preceptor, que lhes opponha uma barreira forte e inabalavel, pelo exemplo e pela palavra.

Assim o diz o grande Genuense, assim o tem mostrado a experiencia dos seculos, e assim o reclama a baba pestifera da impiedade, que tendo desmoralisado os povos, e mofando da religião do Redemptor, quer acobertar as suas maldades com a ignorancia do clero, quando é certo que se todos os curas de almas se empenharem pela boa doutrina, e educação moral nestas novas vergonteas da humanidade, infundindo-lhes no coração sentimentos puramente evangelicos, a impiedade dentro em poucos annos verá cahir por terra o alto edificio do seu erro, e da sua soberba, e o christianismo terá então o seu verdadeiro triumpho.

E' incontestavel que aquelle acto religioso e edificativo se tem feito naquella freguezia com a pompa devida á grandeza da ceremonia, e ao explendor da religião. Por elle os meninos deixam arreigar no coração a crença do Calvario, e os velhos n'elle se fortificam, tendo como certa a realidade de sua futura esperança.

Porém muito foi para sentir este anno a falta do exm.º visconde de Condeixa, que durante a sua vida mostrou sempre o maior empenho no brilhantismo d'esta festividade, á qual muitas vezes animou com a sua presença, distribuindo algumas esmolas aos commungantes, e vestindo os meninos pobres; mas já não existe, e a sua saudade será eterna no coração dos filhos daquella terra.

Com quanto, porém, perdessem os beneficios daquelle grande genio; comtudo, póde dizer-se, que ficou bem substituido pela sua consorte a exm.ª condessa de Condeixa, e por um filho do mesmo nome, que deseja desempenhar as virtudes de seu honrado e nunca assaz chorado pae, pois que ambos á porfia se desvelaram em que este anno aquella ceremonia se não resentisse com a falta do seu bemfeitor; e quando o novo visconde de Condeixa se lembrou de estender sua benefica mão a vestir 20 meninos pobres para commemorar a alma de seu pae, a exm.ª condessa sua mãe se deixou penetrar das lagrimas da compaixão, e acompanhou os desejos do filho, que mostra querer garantir naquella freguezia as sympathias que o pae grangeou pela sua honradez, e cavalheirismo; onde o grande, e o pequeno, penhorados pelos seus actos, não deixam de derramar lagrimas de saudade sobre a sua campa sepulchral.

E' muito para louvar feitos desta ordem, e o ceu não póde ser ingrato ao filho imitador do pae virtuoso, quando aquelle bem sabe applicar os redditos da fortuna que este legou. E' neste espelho que todos devem mirar as suas acções, para bem merecerem da sociedade, da religião, e da patria, em que reflectem os grandes vultos com o seu exemplo e patriotismo.»

O carvão de pedra do Brasil.—Diz a *Revista de Obras Publicas e Minas*, que o engenheiro civil R. von Brause descobriu no districto de Ararangua, provincia de Santa Catharina, um deposito de carvão de pedra, que afflora na extensão de 20 leguas, tendo a camada carbonifera mais de 1 metro de espessura. O jazigo dista apenas 7 leguas do porto de Laguna, do qual é separado por varias lagoas, prestando-se o terreno á construcção de um canal de communicação. Eis como o dr. Ladislau Neto, director do museu de historia natural do Rio de Janeiro, descreve o carvão de Ararangua: «Não é, diz elle, um lignite, como alguem poderia imaginar, mas sim uma boa hulha, preta, brilhante, schistosa na sua contextura; o seu peso especifico é de 1,27 a 1,29, sendo considerada a agua como unidade; arde com chamma branca e brilhante como a do maçarico, exhalando um cheiro forte; deixa poucas cinzas. Em pó é quasi tão bella como a de Newcastle. Depois das experiencias a que a sujeitei, não hesito em affirmar que se a hulha de Ararangua é inferior ao carvão de pedra inglez de primeira qualidade, é comtudo superior á maior parte das hulhas francezas e belgas».

A experiencia e o calculo têem mostrado que o consumo do carvão de pedra cresce em proporção geometrica, que a producção ingleza em poucos annos alcançará 200 milhões de toneladas, e que com este andar todos os jazigos inglezes estarão exhaustos até 1:200 metros de profundidade no espaço de 110 annos. O peior é que a Inglaterra fornece mais da metade do carvão consumido no globo, e que a não ser a descoberta de novos jazigos, como o de Ararangua, devemos preoccupar-nos desde já com a descoberta de um novo motor para a industria. Mas achal-o-hemos?

Causa de incendios nos pinhaes. — Ninguem ignora que dos golpes dados no tronco dos pinheiros para colher a resina resuda uma materia viscosa e transparente em forma de lagrimas, que em certas occasiões se transformam em bolhas ôcas ou perolas, cujo deametro excede ás vezes 2 centimetros. Tendo logar esta transformação unicamente do lado exposto aos raios solares, não se lhe póde attribuir outra causa a não ser a volatisação de alguma essencia de terebinthina no centro da lagrima; ora como esses vapores são tão inflammaveis como o gaz de illuminação, ou os vapores de petroleo, o sr. Ferd. Schrader, em uma nota dirigida á associação scientifica de Bordeus, attribue á inflammação espontanea dos vapores de terebinthina, elevados a uma alta temperatura pela concentração dos raios solares através do involucro diaphano, os frequentes incendios nos pinhaes, na estação calmosa.

A ser verdadeira esta explicação, bastará, para evitar grandes sinistros, dar os golpes nos pinheiros expostos aos raios directos do sol, do lado norte, embora a colheita n'estes pinheiros seja menos abundante.

O dia 24 de Julho—Deu já começo aos seus trabalhos a commissão nomeada o anno passado, em comicio popular, para tratar dos festejos do dia 24 de Julho, anniversario da entrada em Lisboa do duque da Terceira e do seu glorioso exercito.

É presidente desta commissão o sr. duque de Loulé, e parece que s. ex.ª como todos os seus collegas da mesma commissão estão animados do mais vivo desejo de que este anno as festas sejam mais explendidas do que foram o anno ultimo, contando para esse fim com o espirito publico de Lisboa, que é todo sincera e enthusiasticamente liberal.

Caixa Economica de Aveiro — Segundo o relatorio da direcção da Caixa Economica de Aveiro, sabe-se o seguinte:

Com relação ao anno de 1872, a somma dos depositos augmentou neste anno reis 5:732$420, tendo ficado em 31 de Dezembro ultimo em 54:243$530 reis.

Os depositantes foram em numero de 491, sendo 393 antigos e 98 novos, tendo uns e outros trazido á Caixa 16:973$215 rs.

Os emprestimos subiram ao valor de reis 31:067$265. Desta quantia foram mutuados com penhor 10:151$495 e 1:283 mutuarios, e 20:914$770 reis por 221 letras garantidas.

Pelo balanço se vê que a conta de perdas e ganhos apresenta um saldo positivo de reis 1:952$180, quantia que a direcção considera de pouca monta pars as circumstancias prosperas em que se acha a caixa.

Concurso de bois gordos—No dia 24 do corrente deve verificar-se em Braga o concurso de bois gordos, instituido pela zelosa solicitude do sr. conselheiro Moraes Soares, digno director geral do ministerio das obras publicas.

O jury distribuirá os premios aos donos das seis juntas de bois, que se distinguirem pela sua gordura e peso. Para estes premios está destinada a quantia de 200$000 rs., na conformidade do decreto de 17 de Maio de 1865.

Vinhos da Bairrada.—Recebemos da Mealhada, e muito agradecemos, as seguintes publicações:

Relatorio e projecto dos estatutos da companhia geral da agricultura das vinhas e do commercio dos vinhos da Bairrada.

Exposição sobre a agricultura das vinhas e commercio dos vinhos da Bairrada, por *Joaquim Lopes Carreira de Mello e Adriano Baptista Ferreira.*

Sucessos de Hespanha.— Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

Movimento carlista.

A partida carlista que apparecera em Castro Verde, e que levara os fundos do recebedor, fora alcançada e batida em Mucadefa. Diz-se de Valencia que os carlistas, depois da insubordinação da columna do general Velarde, prepararam-se para passar o Ebro, e por isso se determinou que as tropas se escalonassem ne margem para impedir aquella marcha. Os prisioneiros carlistas, que existiam no districto de Burgos, deviam embarcar no dia 15 em Santander com destino a Cuba.

O general Nouvillas tinha a maior confiança no plano que adoptára. Os 36:000 homens, total das forças de que dispunha, comprehendiam 43 batalhões de infanteria, 2 de engenheiros, e alguns mobilisados, 38 esquadrões, 1 regimento de artilheria de montanha, varias baterias, miqueletes, guarda civil e carabineiros.

No dia 11 o general Nouvillas expediu para o governo o seguinte telegramma: «Não podendo permanecer por mais tempo a facção na Navarra, por causa da minha perseguição, passou esta manhã, ás 10 horas, por Nauclares em direcção a Biscaya. Não obstante o temporal, cheguei a Victoria ao anoitecer. Continuarei amanhã a perseguição com tres columnas, e tenho já avisadas as tropas de Biscaya e Guipuscoa. Se as minhas ordens se executarem opportunamente, como espero, destruirei a facção dentro de poucos dias.»

Solução da crise—Trabalhos do novo ministerio—Attitude da maioria—Noticias varias.

A nova crise ministerial foi resolvida como os leitores já sabem. Os ministros tomaram conta das pastas, e receberam as felicitações do estylo. O mais festejado, ao que vemos nas folhas de Madrid, foi de certo o da guerra, sr. Estevanez. A' porta da casa deste houve até serenatas, sendo uma dada pela officialidade de infanteria de Zamora, á qual pertencera por muitos annos o sr. Estevanez.

Na primeira ordem do dia, diz o novo ministro ao exercito, que, se continuar a dirigir a repartição da guerra, abolirá o recrutamento, reorganisará a força publica, modificará as ordenanças, restabelecerá a disciplina, e fará a revisão completa das folhas de serviço, e que d'este modo, com bravos soldados e dignos officiaes, se poderá fazer o primeiro exercito do mundo.

Os demais ministros, de accordo nas questões de fazenda, da ordem publica e da insurreição carlista, preparavam-se para o programma que deviam apresentar ás côrtes, do qual já temos hoje um resumo pelo telegrapho.

O ministro da guerra determinara mais que ficassem sem effeito as licenças concedidas aos generaes e officiaes, e que os que não se apresentassem no prazo de um mez tivessem baixa definitiva do exercito. Ia proceder-se energicamente contra os soldados do batalhão de Madrid que mataram o seu chefe.

A maioria da camara, tendo em consideração o que se passára ultimamente, reunira-se na noite de 11, sob a presidencia do sr. Palanca, e por proposta do sr. Maisonnave decidira nomear uma commissão directora, que se encarregasse de formular as bases da politica que havia de ser o laço commum da mesma maioria. Para esse fim pois foram eleitos o auctor da proposta e mais os srs. Pascual y Casas, Pedregal, Olias e Cervera. A maioria preparava-se para outra reunião proxima.

Diz um periodico, referindo-se ao sr. Pi y Margall, que s. ex.ª nunca pensara em retirar-se a vida privada, e que não devia fazel-o quem, como elle, estivera 20 annos agitando o paiz com a bandeira da republica na mão.

Algumas folhas aggrediam o sr. Figueras e outras asseveravam que não se sabia bem o paradeiro d'este ex-ministro, pois que muitos o julgavam ainda em Madrid escondido em casa de um amigo, e outros o julgavam em caminho de Portugal ou de França.

No dia 10, á saida do congresso, o sr. Castelar fora insultado por um grupo de populares que o esperavam na rua Florida Branca. A maioria dos officiaes do regimento de Navas, insubordinado em Catalunha, chegaram a Madrid.

O governo mandou louvar o recebedor da Tordera, que, encerrado com a mulher e um irmão, sustentara fogo por tres quartos de hora contra 25 guerrilhas, que queriam levar-lhe os fundos alli arrecadados. Os guerrilhas fugiram.

Madrid 13, ás 6 horas e 45 minutos da tarde.—O grosso das forças carlistas commandado por Elia está perto de Miranda. Fizeram descarrilar o comboio do correio que saiu hontem de Madrid. Nouvillas partiu de Victoria e marchou sobre Miranda. O desconto de Londres baixou a 6.

Nas côrtes o novo ministerio apresentou o seu programma. Reconhece a gravidade das circumstancias. Diz que é necessario reorganisar o exercito, e restabelecer a disciplina. Approva a revisão dos registros de serviço. Castigará os soldados que commetterem faltas. Não póde apresentar o orçamento antes da organisação dos estados federaes. O *deficit* era de 2:800 milhões de reales no fim de Junho.

Para exterminar os carlistas, applicar-se-lhes-hão as leis de guerra. As Antilhas devem

gosar das liberdades da peninsula. A escravidão deve ser abolida. Quanto ás reformas economicas, é necessario melhorar a condição das classes operarias. E' partidario dos jurys mixtos de patrões e operarios, a fim de evitar as gréves. Determinar as condições do trabalho dos menores. E' mister accelerar a redacção da constituição.

A commissão determinará em breve prazo a demarcação dos estados federaes. E' necessario provar que a republica não é um perigo para a Europa, nem para os hespanhoes. E' tambem necessario salvar a republica. Grandes applausos. Continua a discussão da lei de incompatibilidades.

Madrid 14, ás 7 horas da tarde—Segundo um telegramma official as forças do general Nouvilas romperam o fogo contra as do cabecilha Elio, nas immediações de Miranda, depois de haverem os carlistas cortado as communicações telegraphicas, as dos caminhos de ferro e sequestrado a correspondencia do correio. Ha anciedade por saber o resto das noticias da guerra. O governo apresentará ámanhã medidas extraordinarias de fazenda, promettendo consagrar todos os seus esforços principalmente á consolidação da ordem publica.

Vae apparecer uma circular diplomatica, explicando as aspirações do governo com referencia á politica com as demais potencias, que será sempre estranha a toda a propaganda externa.

Madrid, 15, ás 12 e 35 minutos.— Hontem á noite a reunião da maioria resolveu que a commissão constitucional seja composta de 12 membros, escolhidos da maioria e minoria, e 13 representantes dos futuros estados.

Respondendo a uma pergunta Castellar disse que as divisões que admittia seriam:—Porto Rico,—Canarias,—Baleares,—Catalunha,—Aragão,—Navarra e Biscaya,— Valencia e Murcia,—Castella a Nova,—Castella a Velha,—Galliza,—Andaluzia,— Alta e Baixa Extremadura—Cuba e Philippinas.

A reunião resolveu que o voto preparatorio para designar os membros da commissão será terça feira pela manhã, e o voto definitivo em sessão publica do mesmo dia.

Affirma-se que foram hontem á noite dadas ordens para concentrar em Madrid 8:000 guardas civis e carabineiros, que serão enviados para Valencia, e Catalunha, a fim de restabelecerem a disciplina

Corre o boato de que Dorregaray declarára que continuaria a interceptar o caminho de ferro até que Nouvillas reconheça o tratado feito com a companhia, e renuncie a fazer circular as tropas nos wagons. Segundo outros, o contracto estaria brevemente em vigor.

Affixou-se um cartaz convocando os federaes a uma manifestação, a fim de protestar contra a nomeação de Hidalgo para governador civil de Madrid, por ser desconhecido, e estar em relações com Rivero, que o cartaz accusa de apostasia e traição com a republica. O cartaz queixa-se de que o governo não tenha tido em attenção o desejo do partido para a escolha de governador de Madrid.

Madrid, 15, ás 4 horas e 20 minutos da tarde. — Affirma-se que ha desordens graves em Barcellona. A imprensa discute o novo ministerio atacando fortemente alguns ministros. Castelar resente-se de falta de saude e diz-se que vae sahir de Madrid. Os intransigentes preparam novas manifestações, e em algumas provincias se organisam juntas de salvação e defeza dos interesses dos particulares.

Nouvillas affirma que em breve terminará a campanha vencendo os carlistas, mas a opinião publica está inquieta e desgostosa do seu procedimento. Falla-se na substituição immediata deste general.

Partida.—Partiu hontem desta cidade para a sua casa de Aguim, a exm.ª viuva do nosso antigo e virtuoso amigo, o sr. conselheiro Antonio Xavier Cerveira e Sousa, a qual esteve acompanhando o seu sympathico filho até ao fim da sua formatura.

Recrutamento.—O conselho de estado decidiu favoravelmente os seguintes recursos, a fim de que os respectivos mancebos fiquem livres do serviço do exercito:

Concelho de Arganil

Freguezia de Arganil—Eugracia das Neves, solteira, por seu filho Antonio.

Concelho da Figueira

Freguezia das Alhadas—Joaquim da Cruz e mulher Maria da Rocha, por seu filho Francisco.

Concelho de Soure

Freguezia de Gesteira— Manoel da Costa Maduro, por seu filho José.

Concelho de Monte Mór

Freguezia de S. Martinho— Pedro Murta, por seu filho José.

Freguezia da Carapinheira — José Ferraz de Mello, viuvo, por seu filho Antonio.

Freguezia das Means—Joaquim Mello e mulher Maria Ferraz, por seu filho Francisco.

Freguezia de Revelles— Antonio Patricio, por seu filho José.

Freguezia de Verride — Maria da Graça, viuva, por seu filho Manoel.

Concelho de Coimbra

Freguezia de Botão—José Lopes, por seu filho Antonio.

Concelho de Condeixa

Freguezia de Bellide — Bernardo da Costa e mulher Margarida dos Santos, por seu filho Manoel.

Concelho de Mira

Freguezia de Mira—Manoel, filho de Manoel da Cruz Reigota.

Concelho de Oliveira do Hospital

Freguezia do Ervedal — Antonio Gomes, por seu filho Henrique.

Concelho de Goes

Freguezia de Cadafaz — Gabriel, filho de Gabriel Vidal e Maria Martins.

Concelho de Penacova

Freguezia de Farinha Podre — Sebastião Francisco, filho de Joaquim Francisco.

ANNUNCIOS

1 FABRICA ITALIANA de cordas de tripa, armonicas, para relojoarias e chapellarias: primeira em Portugal, de Justino de Bartholomeu, em Coimbra, no Rocio de Santa Clara.

2 QUEM PERDESSE uma tampa, pertencente a caixa de relojo d'ouro, queira procurar no Bussaco o soldado de veteranos Manoel de Almeida, para lhe ser entregue, dando signaes.

AVISO

3 A RECEBEDORIA é na rua de João Cabreira, n.º 11.

Attenção

4 VENDEM-SE umas casas novas na rua dos Militares, n.º 1, 3 e 5, com tres andares e todas as commodidades necessarias, e muito bonitas vistas. Quem pretender dirija-se á rua Direita, n.º 37, que alli se trata; e são em conta.

VINHO LEGITIMO

DE

Collares
Bordeaux
Champagne
Madeira secco
Moscatel de Setubal
Porto antigo
Gerez.

Garante-se as qualidades.

Estabelecimento de José Tavares da Costa, Rua da Calçada, proximo á Portagem.

ATTENÇÃO

6 VENDE-SE a flor de duas grandes tilias. Rua do Visconde da Luz, 10.

7 MARGARIDA DE JESUS CARDOSO DAS NEVES continua a vestir anjos para as procissões, possuindo adornos do melhor gosto e de variadas qualidades, que tambem aluga para fóra da cidade; assim como se encarrega de encommendas de ramos para banquetas, flores soltas, e adornos para as pessoas fallecidas. Tudo com perfeição e por preços commodos. Do S. João em deante,— largo das Tancarias, n.º 2, proximo das Ameias: actualmente— Sophia, n.º 72, 3.º andar, Coimbra.

O INIMIGO DO MONOPOLIO

Em Coimbra á Portagem

8 PETROLEO REFINADO por atacado, pelo preço de Lisboa, a 135 reis o kilo.

Encarregado da venda José Tavares da Costa, rua da Calçada proximo á Portagem.

Paga os barris vazios a 800 reis cada um.

Editos de 10 dias

9 PELO juizo de direito desta comarca de Coimbra, e cartorio do escrivão Adelino Augusto Pereira de Carvalho, correm editos de 10 dias, a contar do dia 11 do corrente mez de Junho, a citar, chamar e requerer todos os credores incertos, que se julguem com direito de preferencia á quantia de 80$000 rs., penhorada ao Dr. José Adolpho Trony, casado, residente em Lisboa, por virtude da execução por decimas, que lhe move a fazenda nacional, a cuja penhora se procedeu, a requerimento desta, na referida quantia, que se acha depositada pela direcção da Junta do Mondego, no cofre central deste districto, pertencente ao mesmo executado; para dentro do referido prazo de 10 dias o virem deduzir a este juizo de direito, e cartorio do mencionado escrivão, sob pena de que não o deduzindo, se passar mandado de levantamento da referida quantia, a favor da mesma fazenda nacional, na forma do artigo 611 e seguintes da Novissima Reforma Judiciaria.

Coimbra 11 de Junho de 1873.

Attenção

Farinha de trigo da acreditada Fabrica do Beato Antonio de Lisboa

Agencia, rua da Reboleira, 27

PORTO

10 NESTA AGENCIA se encontra farinha de toda a qualidade, desde a mais fina até semea, e ensacada em muito boa sacaria.

Estas farinhas concorrem vantajosamente com a americana e hespanhola, tanto em preço como em qualidade.

Cumprem-se ordens das provincias.

CASA PARA ARRENDAR

11 HA UMA, com dois andares, independentes, na rua da Sophia, n.º 49.

Na mesma rua, n.º 35, se tracta do arrendamento.

NOVA LOJA DE FERRAGENS

Rua do Visconde da Luz n.º 2-6

12 FRANCISCO FERREIRA DUARTE, tem á venda no seu estabelecimento, um variado sortido de tintas, gesso para estuque, oleo, ferro em barra, arcos, e ferragens nacionaes e estrangeiras, e magnifica vidraça, que vende por preços muito reduzidos.

MUDANÇA DE COLLEGIO

13 PELA AFFLUENCIA dos alumnos no Collegio de Nossa Senhora da Conceição, de Coimbra, teve seu director de arranjar maior casa. Depois do corrente mez, vae mudar seu collegio para onde esteve o hotel Alliança, e onde fôra o collegio de S. Pedro da Terceira Ordem, na Sophia.

Subloca, portanto, a casa, onde tem estado, na rua do Carmo, que tem commodidades para duas ou tres familias.

DOCTOR IN ABSENTIA

14 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a *Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra)*, o qual lhes dará gratuitamente todas e quaesquer informações sobre a Universidade.

Grande sortimento de balões venezianos, proprios para illuminação. nos folguedos populares de S. João e S. Pedro.

Desde 90 até 300 rs.

15 ACABAM de chegar a Antonio Rodrigues Braga, praça de S. Bartholomeu, Coimbra.

ARRENDAM-SE

16 TRES CELLEIROS muito bons, no pateo da Inquisição. Quem os pretender falle com Antonio d'Almeida e Silva, rua da Sophia, 56.

Aguas alcalinas gazosas das Pedras Salgadas (Villa Pouca de Aguiar.)

17 ESTAS AGUAS medicinaes, são empregadas nos mesmos casos das de Vichy e Vidago; são mais ricas na sua composição chimica, e dos melhores effeitos therapeuticos.

Vende-se em Coimbra—Pharmacia Ferraz, Largo do Castello; e na Figueira, botica de Luiz Maria da Costa, e nas principaes pharmacias do reino.

18 EXTRAORDINARIO SORTIMENTO de chapeus (12 duzias) em palha, setim, escumilha, em todas as côres e feitios.

Cortes de vestidos, e vestidos feitos.
Botinhas para senhoras e meninos.
Espartilhos a 1$800 rs.
Lindissimo sortimento de flores.
Cascos para chapeus.
Sombrinhas em percal a 800 rs.
Outros muitos objectos já annunciados.

Vende a modista de Lisboa, na sua actual casa, rua de S. Pedro, n.º 17, esquina da rua das Parreiras.

NUMERO 2703 SABBADO 21 DE JUNHO DE 1873 ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O governo já decretou o pagamento da contribuição industrial por duodecimos nas cidades de Lisboa e Porto.

As reclamações dos contribuintes, das quaes quasi toda a imprensa periodica se fez orgão, foram, como era de esperar, attendidas pelo governo, sendo a nova medida muito agradavelmente recebida pelas classes a que se refere aquelle methodo de cobrança, inquestionavelmente mais commodo e favoravel ao contribuinte.

Folgamos com esta resolução do governo, e tanto, que fomos dos primeiros que nesta tribuna demonstrámos a conveniencia de ser entre nós adoptada esta forma de pagamento, que, sem inconveniente para o thesouro publico, facilita o pagamento das contribuições, modificando ao mesmo tempo a natural repugnancia e em muitos casos a difficuldade de satisfazer, por uma só vez, quantias avultadas.

Não nos faremos cargo de demonstrar agora, por isso que o temos já feito por outras occasiões, todas as vantagens deste systema de cobrança; precisamos, porem, de insistir em um ponto sobre que, cremos, não ha motivo plausivel que possa oppor-se-lhe. E' a necessidade de estender este beneficio a todas as povoações do paiz.

Se é justa ou equitativa esta medida nas cidades de Lisboa e Porto, egualmente o hade ser nas demais povoações do paiz.

Diz-se que aos contribuintes destas duas cidades, era indispensavel aquella providencia, por isso que alli é mais avultada a contribuição industrial.

Tal objecção não póde ser fundamento rasoavel para isemptar as provincias de um direito que lhes assiste por egual. Se em Lisboa e no Porto as contribuições são mais avultadas, é todavia certo que tambem alli as industrias e o commercio, auferem lucros muito mais elevados; sendo que desta forma deve existir verdadeira proporção nas contribuições, e compensação de interesses, o que justifica a generalisação de tão importante medida.

Para fazermos inteira justiça ás intenções do governo, o qual tem sempre patenteado desejo de attender ás necessidades dos povos e ás conveniencias do paiz, acreditamos que não foi este o motivo que o levou a restringir aquella salutar providencia ás duas cidades.

Cremos que a difficuldade de organisar os serviços nas differentes repartições, foi o motivo que o levou a limitar um beneficio a que todo o paiz tem eguaes direitos.

Alem disso não é esta a epocha de effeituar a cobrança dos impostos nesta cidade e na maior parte dos concelhos da provincia; sendo por isso de esperar que o governo dê as providencias para que na epocha propria se amplie este meio de cobrança, que pedimos, em nome dos povos do concelho e dos habitantes desta cidade.

Antonio José Teixeira não podendo pela brevidade da sua partida para a capital, agradecer pessoalmente ás pessoas que o obsequiaram com os seus comprimentos, durante os dias que se demorou nesta cidade; vem por este meio agradecer-lhes as suas attenções, offerecendo a todos o seu prestimo em Lisboa.

EDITAL

Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, visconde de Villa Maior, par do reino, lente jubilado da escola polytechnica de Lisboa, socio effectivo da Academia Real das Sciencias, commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, official da Torre e Espada, do valor, lealdade e merito, e da legião de honra, reitor da Universidade de Coimbra, etc.

FAÇO saber que em conformidade da lei, os exames d'habilitação para a primeira matricula nas faculdades academicas, hão de ter logar no proximo futuro mez de Julho, começando nos dias que opportunamente forem designados nas respectivas pautas.

Os alumnos que se acharem habilitados com os exames de lyceu, e pretenderem ser admittidos aos de habilitação, deverão entregar na secretaria da Universidade, até ao fim do corrente mez de Junho, os seus requerimentos despachados, e instruidos com os documentos designados na portaria de 12 de Novembro de 1872, a qual, por copia assignada pelo secretario da Universidade, faz parte do presente edital.

Os requerimentos devem ser assignados pelos requerentes, e a assignatura reconhecida por tabellião. Os documentos egualmente devem ser reconhecidos, e o signal publico, sendo d'outra comarca, deve ser confirmado por tabellião de Coimbra:—não terão seguimento os processos, a que faltar algum documento, ou algum dos requesitos indicados.

Os requerimentos depois de relacionados, segundo a sua apresentação, por ordem alphabetica, serão officialmente remettidos aos presidentes dos respectivos jurys, os quaes farão assignar nas pautas os dias em que cada um dos inscriptos deverá fazer exame.

Os examinandos serão chamados a exame pela ordem em que se acharem marcados: os que faltarem ao acto da chamada, serão substituidos pelo immediato, na ordem da mesma pauta, e sómente poderão ser admittidos depois dos que até esse dia se acharem inscriptos; justificando, previamente, a falta perante o respectivo presidente: exceptuam-se porém aquelles alumnos, que no acto da chamada em uma mesa estiverem fazendo exame em outra, porque serão novamente chamados no dia seguinte.

Os alumnos que ainda no mez de Julho houverem de fazer exame, nos lyceus, para depois serem admittidos ao de habilitação, deverão apresentar os seus requerimentos no prazo de 48 horas depois dos ultimos exames —sendo feitos no lyceu de Coimbra; e tres

---

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXX

D. CARLOS

XX

Com um horisonte tão nebuloso se abriram as côrtes em Madrid, no dia 24 de Julho de 1834, lendo a rainha governadora um discurso, em que pintando a situação do paiz, tanto no interior como nas relações exteriores, se apresentava cheio de confiança e louvaveis desejos ante os proceres e procuradores, que esperava concorressem para que se levantasse a obra, cujo cimento era o *estatuto*, com aquella regularidade e concerto que eram prendas de estabilidade e firmeza.

O paiz acolheu com applausos aquellas offertas lisonjeiras; porem o paiz viu illudidas suas esperanças de um brilhante futuro naquellas côrtes, que nasciam caducas; que, compostas de heterogeneos elementos, não apresentavam novos principios; que eram a expressão de ideias gastas, de antigos erros, de tradiccionaes preoccupações e de velhas rotinas. Aquellas côrtes, que deviam ter sido a alavanca revolucionaria, no verdadeiro sentido desta palavra, foram a remora dos principios liberaes, um obstaculo para o governo, e a desesperação do paiz.

A administração publica nada tinha de lisonjeiro. O estado da fazenda era deploravel, e a marinha de guerra insignificante.

A situação diplomatica não tinha adeantado muito, se exceptuarmos o tratado da quadrupla alliança, que foi sem duvida um facto importante, mas que não evitou que os carlistas se surtissem de armas e munições dos reinos alliados.

Ao terminar o anno de 1834, o povo hespanhol tinha, é verdade, melhorado em instituições escriptas; porem não em sua situação presente. Tinham-se tirado alguns obstaculos á industria, porem não se lhe dera o impulso que necessitava. O thesouro estava exhausto; a divida augmentada; o credito abatido; a marinha em esperanças; a justiça participando das paixões; a diplomacia na expectativa: e a guerra em progresso, em quanto aos seus horrores. O partido carlista tomava já a offensiva; ganhava batalhas; e formava batalhões com os prisioneiros e apresentados.

Generaes cançados, recursos consumidos, sangue derramado, sacrificios estereis, eram palavras que pronunciavam todas as bocas e enchiam o coração de amargura.

Em quanto isto se passava do lado liberal, os carlistas tratavam de organisar a sua administração civil e militar. E certo, porem, que D. Carlos carecia de meios pecuniarios, porque não tinha realisado alguns emprestimos, que quizera contrair em Inglaterra. Os seus principaes rendimentos para sustentar a guerra, provinham das alfandegas estabelecidas em certos pontos da fronteira franceza; da contribuição imposta ao clero inferior da Navarra; dos fructos que recebiam pertencentes ao governo, a prebendados e a titulos; e como tudo não bastava para satisfazer as necessidades do exercito carlista, procurara Zumalacarregui supprir a falta com as multas que impunha, e uma contribuição de 20:000 duros que exigiu aos baztaneses em Novembro de 1834.

Julgando Zumalacarregui muito reduzido o exercito liberal da Navarra, em resultado da acção nos campos de Arquijas, desejou medir suas armas com os contrarios na Guipuscoa e Biscaia; e sabedor que Jauregui se achava em Vergara, e se movia continuamente de uma a outra guarnição, marchou com rapidez a cair sobre Villarreal e Zumarraga, aonde chegou a 1 de Janeiro de 1835 com os batalhões de guias, 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 6.º, e 10.º de Navarra, e os primeiros de Guipuscoa e Alava.

Não conseguiu o seu objecto de surprehender a Jauregui, o qual, em vez de passar a Villafranca, foi a Mondragon, onde se reuniu com Carratalá, Espartero e Lorenzo. Estes sabendo a posição do carlista, entre duas guarnições proximas, contaram segura a sua derrota e se prepararam a atacal-o; porem a intercéptação de um officio, avisou a Zumalacarregui do seu perigo, e o orientou do projecto dos contrarios.

Caminhavam estes já em sua busca, a 2 de Janeiro, revistando as alturas immediatas ao caminho real, e perto de Zumalacarregui; temeu este as consideraveis forças que sobre elle se dirigiam, e indeciso da posição que melhor lhe convinha, retirou-se para Ormaiztegui; e variando á direita, collocou as tropas na altura de Celandieta, forte pela sua posição.

O combate foi renhidissimo, e só terminou pela noute, deixando indecisa a luta e coberto o campo de cadaveres.

Os carlistas acamparam em Segura e Cegama, e os liberaes em Ormaiztegui. Uns e outros lamentaram a perda de mais de 500 homens, e se propozeram vingar os seus mortos. Alem disto os liberaes tinham interesse em forçar tão terrivel passo; e os carlistas tinham empenho em impedil-o. Zumalacarregui, a fim de assegurar o exito da contenda, avisou a Iturralde para que viesse sobre a retaguarda do inimigo.

dias depois, se forem feitos em outros lyceus: e serão inscriptos se a apresentação dos requerimentos for feita em tempo que os exames possam ter logar dentro do prazo legal.

Os requerimentos com os seus respectivos documentos, serão archivados, não podendo, por isso, ser entregues, quer fiquem os alumnos admittidos, quer adiados.

Os exames de habilitação, constam de prova escripta e oral. O adiamento nesta não obriga a repetir-se aquella, segundo o disposto na portaria de 3 de Maio de 1872.

E para que chegue ao conhecimento de todos mandei afixar o presente. Paço das escholas, em 14 de Junho de 1873. Eu Manoel Joaquim Fernandes Thomaz, o subscrevi. — Reitor.

COPIA

Ministerio dos Negocios do Reino—Direcção geral de instrucção publica—2.ª Repartição.—Tendo sido publicada a reforma dos lyceus nacionaes, por decreto de 23 de Setembro ultimo, e havendo-se suscitado duvidas sobre a qualidade e numero dos preparatorios necessarios para primeira matricula da Universidade, e nos estabelecimentos de instrucção superior, dependentes do ministerio do reino:

Manda sua magestade el-rei, conformando-se com o parecer da junta consultiva de instrucção publica, declarar o seguinte:

1.° Os alumnos que pretenderem ser admittidos aos exames de habilitação estabelecidos pelas leis de 5 de Dezembro de 1836, 20 de Setembro de 1844, e 12 de Agosto de 1854, e regulados pelos decretos de 30 de Abril de 1863, e 28 de Fevereiro de 1871, para a primeira matricula nas faculdades e escholas superiores, devem apresentar certidões de approvação nos seguintes cursos dos lyceus nacionaes.

Para as faculdades de Theologia e Direito

Curso completo de portuguez (1.°, 2.° e 3.° anno)

Curso completo de latim (1.°, 2.°, 3.° e 4.° anno)

Curso completo de francez (1.° e 2.° anno)

Curso da primeira parte de mathematica (1.°, 2.° e 3.° anno)

Curso de principios de chimica, physica, e introducção á historia natural.

Curso completo de philosophia (1.° e 2.° anno)

Curso completo de geographia e historia (1.° e 2.° anno)

Curso da primeira parte de desenho (1.°, 2.° e 3.° anno)

Para as faculdades de Medicina, Mathematica e Philosophia

Curso completo de portuguez (1.°, 2.° e 3.° anno)

Curso da primeira parte de latim (1.°, 2.°, e 3.° anno)

Curso completo de francez (1.° e 2.° anno)

Curso completo de mathematica (1.°, 2.°, 3.°, 4.° e 5.° anno)

Curso de principios de chimica, physica, e introducção á historia natural.

Curso da primeira parte de philosophia (1.° anno)

Curso completo de geographia e historia (1.° e 2.° anno)

Curso completo de desenho (1.°, 2.°, 3.° e 4.° anno)

2.° Os alumnos, que segundo a legislação vigente, podem matricular-se na classe de voluntarios nos cursos superiores de mathematica e philosophia, são admittidos ao exame de habilitação, mostrando que obtiveram approvação nos lyceus nacionaes, dos cursos completos de portuguez, francez, desenho e mathematica, e em principios de chimica, physica e introducção á historia natural.— Quando os alumnos d'esta classe pretenderem transitar para a de ordinarios ou obrigados, devem apresentar certidões de approvação dos mais cursos exigidos no numero antecedente para as respectivas escholas.

3.° A approvação dos cursos a que se referem os n.os 1.° e 2.° é a que se tiver obtido nos lyceus de 1.ª classe, ou a que resultar das provas satisfeitas perante as commissões creadas pelo artigo 7.° do decreto de 23 de Setembro do corrente anno.

4.° Os alumnos que na data da presente portaria tiverem approvação do curso completo de portuguez nos lyceus de 1.ª classe, conforme o decreto de 9 de Setembro de 1863, ou o decreto de 22 de Outubro de 1870, são dispensados do exame de portuguez, que, pela nova reforma se estuda no ultimo anno dos cursos especial e geral, para o effeito da matricula nas faculdades de medicina, mathematica e philosophia, na eschola e academia polytechnica, e nas escholas medico-cirurgicas.

5.° Os alumnos que, até á data desta portaria, tiverem sido approvados na antiga primeira parte do latim dos lyceus de 1.ª classe, não carecem de nova habilitação nesta disciplina para a matricula na eschola polytechnica de Lisboa, e academia polytechnica do Porto.

Paço, em 12 de Novembro de 1872—Antonio Rodrigues de Sampaio.—Está conforme. —*Manoel Joaquim Fernandes Thomaz.*

NOTICIARIO

Uniforme academico.— No corrente anno lectivo vogou entre alguns estudantes da Universidade a opinião de se dever substituir o trajo academico, usado desde tempo immemorial, por um uniforme, que não tivesse a apparencia de clerical. Ouvimos dizer que se chegara até a fazer uma representação nesse sentido, a qual se não levara ao seu destino, porque grande parte da academia a isso se oppunha, por julgarem mais economico o trajo actual.

Esta ideia de mudança de trajo não é nova. Já em 1834 se propoz; e apezar da epocha se prestar bem a qualquer reforma, não foi adoptado esse alvitre.

Nos primeiros dias de Agosto de 1834 achava-se em Lisboa o vice reitor da Universidade o Dr. José Alexandre de Campos, para onde tinha ido na qualidade de deputado, a fim de tomar assento na respectiva camara, que se tinha de abrir no dia 15 daquelle mez.

Exactamente na mesma epocha, achava-se em Coimbra um distincto lente da faculdade de Mathematica, ainda hoje vivo, muito apaixonado por um novo uniforme academico: a fim de realisar o seu desejo, escreveu no dia 12 daquelle mez para Lisboa ao Dr. José Alexandre de Campos, a seguinte interessante carta, a qual, com o respectivo projecto de reforma, temos em nosso poder.

«Illm.º sr.—Não tendo, senão tres vezes, a honra e a satisfação de conversar com v. s.ª, em Coimbra, foi-me facil, entretido com objectos de outra importancia, escapar-me um em que tencionava tocar.

Communicando e submettendo á consideração de v. s.ª algumas ideias que me occorrem, só tenho em vista contribuir para o melhoramento do nosso ramo, o qual já deve muito a v. s.ª no curtissimo tempo da sua administração.

Queira v. s.ª, desculpando a minha liberdade, aceitar as minhas fracas ideias, como nascidas puramente da franqueza e do desejo de ser util ao meu paiz, que eu desejava servir mais dignamente, se as minhas luzes fossem maiores, e as minhas forças physicas, mesmo, me ajudassem mais.

Eu estou intimamente convencido, que o habito influe poderosamente sobre os homens, principalmente no estado ainda agitado de uma nação. Em nenhuma parte, esta verdade se fará mais sensivel do que na nossa Universidade. Eu não me demoro a proval-o.

A mudança do nosso habito clerical em outro que o não seja, produzirá uma fortissima mas feliz sensação no publico e nos alumnos, que vierem frequentar esta Universidade.

Muitos dos prestigios contra esta corporação serão, por este facto, desvanecidos; e como os homens que ficaram, são todos benemeritos, apresentados debaixo de uma nova figura, produzirão espantoso effeito. O reformador desta parte dos costumes academicos não ficará sem renome.

Este novo estado, conjuntamente com aquellas alterações, que nos auctores, no methodo do ensino, na organisação das cadeiras, os conselhos das faculdades serão, este anno, obrigados a fazer, supprirá até certo ponto, a reforma geral dos estudos, ao que a nação e o governo não poderão deixar de ser gratos. Eu presinto desde já o effeito.

Eu sou com toda a attenção e respeito, de v. s.ª criado muito respeitoso e obrigado.— Coimbra 12 de Agosto de 1834—* * * *P.*»

Parece-me mui simples, *uniforme*, economico, e mesmo d'agradavel apparencia:

Para os estudantes

Sobrecasaca de panno azul ferrete; gola direita, de panno da côr da faculdade; canhão da côr da gola. Calça comprida do mesmo panno da sobrecasaca (1); botins; bonnet de panno azul ferrete, com uma lista de panno da côr da faculdade.

Para lentes

O mesmo uniforme, com a differença de que a gola, em logar de ser de panno, será de veludo, e os botões terão uma corôa.

Em actos de bacharel, formatura e doutoramento

O uniforme dos lentes terá as seguintes modificações:

A sobrecasaca será substituida por casaca em forma de farda comprida.

O bonnet, por chapeu armado, á militar, com o laço nacional e pequenas borlas de canotilho d'oiro.

(1) Talvez o panno de mescla escuro seja preferivel, por ser menos susceptivel de se sujar. A adopção tanto do panno azul, como do mesclado, póde concorrer para o aperfeiçoamento e lucro das fabricas nacionaes, onde a segunda especie de panno é já mui soffrivelmente fabricado.

Ao amanhecer do dia 3, occupou Zumalacarregui as posições ensanguentadas do dia anterior: porem não querendo Carratalá sacrificar nellas a sua gente, porque era excessiva a vantagem do carlista, presenciou a batida que fez pelo campo o primeiro batalhão de Navarra, a fim de recolher os despojos, e se dirigiu a occupar o alto de Celandieta, collocando em tres pontos, e sobre uma mesma linha, todas as suas massas.

O mesmo fez Zumalacarregui no povo de Segura, e nas suas pequenas colunas da direita e da esquerda, apresentou as suas tropas de uma maneira tão admiravel como imponente.

As guerrilhas liberaes dispararam contra os carlistas, e a artilheria contra as massas; mas estas não responderam. Houve algumas horas da inacção, no fim das quaes emprehenderam os liberaes a sua retirada para Vergara. Os carlistas crendo então chegada a opportunidade que desejavam, marcharam sobre os seus contrarios, molestando-os, e causando-lhes continuas mortes. Carratalá via-se em apuros; e em terreno a proposito, desenvolveu rapidamente o regimento do principe, cujos tiros contiveram aos carlistas. Poude assim continuar a sua retirada mais desafogadamente, e entrou em Vergara ás 10 da noute.

Fatigadas ficaram d'aquelles combates as tropas de Zumalacarregui, e para descançar e reparar suas armas, retiraram-se a maior parte para as Amezcoas.

Já se haviam augmentado algumas das partidas que incommodavam as guarnições dos fortes, bloqueando-os e espreitando a saida de qualquer soldado, que em geral matavam.

Em quanto no campo carlista se ia dando consistencia á sua organisação, no liberal surgiam rivalidades entre os chefes e se augmentava o descontentamento.

Na Navarra, em Alava, em Guipuscoa, em Biscaia, em todas as partes se pelejava sem tregua, e se derramava copioso sangue, immolando-se infelizes prisioneiros, com cuja agonia folgavam os seus verdugos.

Os carlistas tinham as suas forças pelas Amezcoas e immediações. As tropas liberaes occupavam os pontos fortificados nas grandes povoações. Lorenzo que estava em Pamplona, se apressou a vingar as victimas immoladas pelos carlistas nos já celebres campos de Orbiso, Zúñiga e Arguijas, e saiu da praça para Puente la Reina e Estella, em quanto Oráa, ao qual avisou do seu movimento, emprehendeu a sua marcha pelo valle de Echarri, para se unirem ambos em um ponto dado.

Ao chegar a este sitio ninguem sabia de certo aonde estava Zumalacarregui; tal era a combinação de suas marchas e tal o espirito publico daquelles povos. Só tinham noticia de que estava para o outro lado do rio Ega, e que para o bater se tinha de franquear a ponte de Arquijas; passo terrivel, se, como era de presumir, estava defendido.

Nesta diligencia se dirigiu para elle Lorenzo a 17 de Janeiro de 1835, e resistindo pouco a escaça força que tratou de impedir a sua passagem, seguiu, e os defensores da ponte se defenderam em escalões nos altos situados na trazeira de Orbiso. Estas massas só consistiam em dois batalhões navarros e dois alavezes, pois os outros corpos se achavam na esplanada de Victoria, a bastante distancia.

Os liberaes passaram a ponte e formaram em massa ao outro lado do rio, apresentando maior numero de forças do que os seus contrarios, ainda que estes contavam com a superioridade do terreno, que lhes offerecia boa defeza. Não intimidou esta vantagem a Lorenzo, que formou tres columnas; a primeira commandada por Oráa; a segunda pelo coronel D. Joaquim Quiñones; e a terceira pelo de egual classe, D. Bruno Alaix, o qual devia atacar pela esquerda, pela direita Oráa, e Quiñones pelo centro.

Precedeu aos seus movimentos o desenvolvimento e ataque das guerrilhas avançadas, com ordem de envolver os carlistas. Estas esperaram, e resistiram valentes, até que atacando as columnas se retiraram.

Sem ceder um passo esperou Zumalacarregui o ataque, o qual não se fez esperar, e foi decidido e valente, causando-lhe admiração ver o arrojo com que os liberaes trepavam a ganhar umas posições tenazmente defendidas. Generalisada a acção á entrada da tarde, pelejavam todos envoltos em uma densissima nuvem de fumo, tal era o vivo fogo que se sustentava.

Algumas companhias da princeza fizeram alli denodados esforços, e os fizeram por parte dos carlistas os guias de Navarra. Accommettendo uns e rechassando outros, se batiam todos com ardor, e desprezavam todos as suas vidas. A guarda real provincial, e a de infanteria, ganhando aquella o terreno, e carregando esta com sereno arrojo, decidiram a victoria, que custou a vida ao valente D. Bruno Alaix.

Conquistadas as posições, cedeu o carlista ao maior numero, e o pendão liberal ondeou nas alturas de Orbiso, em cujos campos ficaram perto de 100 cadaveres de um e outro lado, e outros tantos feridos, contando-se entre estes, por parte dos liberaes, D. Jorge Flinter, chefe, e varios officiaes; e pela dos carlistas, D. Francisco Garcia, e varios de seus companheiros.

Zumalacarregui, attribuiu-se, não obstante, a victoria, na sua parte datada de Abarzuza no dia 20.

O campo de batalha foi logo abandonado pelos vencedores. De nada lhes serviam aquellas alturas ensanguentadas. Uns e outros combatentes tomaram differentes direcções para se encontrarem em breve. Os dois exercitos pareciam dois gladiadores que lutam, se maltratam, se cançam, cedem e dão uma volta ao circo em direcção inversa para tornar a encontrar-se, e lutam de novo com mais energia.

A prosperidade da causa carlista redobrava os esforços de seus amigos e partidarios, e tanto em Hespanha, como no estrangeiro se procurava augmentar os meios, não já de resistencia, mas de triumpho.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Florete-punhal (á marinha), sustido por talim.

Para o secretario

O mesmo uniforme dos lentes; mas a gola e o canhão serão de veludo preto: tendo aquella duas pennas bordadas em oiro, uma de cada lado.

Este uniforme é de nenhum luxo, nem para o lente, nem para o estudante.

A academia da marinha em Lisboa, tem um uniforme, que é todo militar, o que é proprio da repartição.

Nas escolas de medicina de Lisboa e Porto, os seus professores não tem uniforme algum. Só em dias de solemnidades escolasticas se trajam á côrte, de meia e calção. Porem este trajo é hoje abandonado sempre que é possivel, por ser menos commodo do que a farda e calça comprida; mais dispendioso em si, e por demandar sege, e finalmente pelo mau effeito, que produz, em geral, nos homens que o trazem.

Isto está reconhecido mesmo nas assembleas as mais limadas, onde o calção foi substituido por calça justa.

Em França, nas faculdades, vão os lentes á aula, á paizana; e nos actos, trazem uma beca de lila, como nos tribunaes.

O conselho de estado em Coimbra. — Os deputados da mesa da fazenda da Universidade fizeram em 8 de Junho de 1700 o seguinte curioso assento:

«Nesta mesa de 8 de Junho de 1700, estando no despacho ordinario da dita mesa, o muito illm.º sr. Nuno da Silva Telles, do conselho de Sua Magestade e seu semelher da cortina, deputado do santo officio, do tribunal da mesa da consciencia e ordens, conego da sé da cidade de Evora, e reitor desta Universidade de Coimbra; e os deputados da dita mesa da fazenda abaixo com elle dito senhor assignados: se assentou, que havendo esta casa da mesa da fazenda e do conselho da Universidade servido de casa do conselho de estado no anno de 1696, na occasião em que ultimamente se trasladou o corpo da Rainha Santa para a egreja em que está de presente, era justo ficasse esta memoria no livro dos assentos da mesma mesa, por que succedendo caso de se fazer outra vez conselho de estado nesta Universidade, por alguma occorrencia, houvesse noticia do que se praticou na occasião referida.

E logo o dito senhor reitor declarou que Roque Monteiro Paim, que serviu de secretario de estado na dita occasião lhe fez aviso, que Sua Magestade fôra servido ordenar que nos paços da Universidade se deputasse uma casa para servir de conselho de estado, e que em execução desta ordem de Sua Magestade mandasse ter prompta a que lhe parecesse mais propria para aquelle officio; e conferindo com o dito secretario, assentou que fosse a da dita mesa da fazenda e conselho, e se prevenisse como está a dos paços da Ribeira na côrte de Lisboa.

E nesta fórma mandou o dito senhor reitor pôr na dita casa um docel, e separado e distante d'elle um bofete coberto com seu panno, duas cadeiras rasas para os dois conselheiros de estado que vieram assistir á dita funcção, e um banco de pau para o secretario; e deste modo esteve e serviu emquanto se detiveram nesta terra o marquez de Alegrete e o conde de Alvor, conselheiros de estado, Roque Monteiro Paim, e não assistiu á porta da dita casa official algum da Universidade, mas tão sómente os moços da camara de Sua Magestade, e estes acompanhavam aos ditos conselheiros com tochas mandadas conduzir pelo guarda da tapeçaria da casa real, que serviu tambem de guarda resposta, e não se fez despeza alguma da Universidade.

De que tudo se fez este assento para que a todo o tempo conste do referido, o qual todos assignaram. Martinho Peres Cardeira, que sirvo de escrivão da mesa da fazenda desta Universidade o escrevi — Nuno da Silva Telles, reitor — Miguel Fernandes de Andrade — Doutor Luiz Guedes Carneiro — Antonio Mendes.»

Festa do Coração de Jesus— Hontem houve na egreja de Santa Cruz a festa do Sagrado Coração de Jesus.

A egreja estava primorosamente ornada.

De manhã foi cantada a missa, sendo celebrante o reverendo prior da freguezia, o sr. bacharel Manoel Cardoso de Figueiredo Nogueira; e mestre de ceremonias o sr. padre Antonio Simões de Noronha.

A musica, tanto vocal como instrumental, agradou muito. Era regente o sr. bacharel Francisco José Brandão.

Pregou o já acreditado orador o sr. padre Antonio de Almeida Pedroso, vigario de Almalaguez.

De tarde houve vesperas solemnes, sendo orador o sr. padre Manoel Joaquim dos Santos Neves, bem conhecido pelo seu merito na oratoria sagrada.

Seguiu-se a procissão, que foi muito brilhante.

Era precedida por uma força de cavallaria. Seguiam-se depois os meninos orphãos, as irmandades do Senhor Jesus de Santa Justa, Sacramento da Sé Velha, e de Santa Cruz, todas numerosissimas, e com muitos e bem ornados anjos.

Tomavam depois o seu logar muitos clerigos com capas de asperges, e depois seguia-se o pallio, sendo levado o Sacramento pelo reverendo parocho de Santa Cruz.

A umbella era levada pelo sr. conselheiro Francisco de Castro Freire.

Fazia a guarda de honra uma força de destacamento de infanteria 14, levando á sua frente a philarmonica *Boa-União*, terminando por uma força de cavallaria.

O povo pelas ruas era extraordinario, tornando-se até incommoda a passagem. As janellas estavam ricamente ornadas.

Na vespera tinha havido uma lindissima illuminação na frontaria da egreja; sobresaindo no meio d'ella um transparente, representando a adoração do Sagrado Coração de Jesus.

Subiu ao ar muito fogo, e tocou no largo de Samsão a philarmonica *Boa-União*. As janellas das ruas da freguezia estavam todas illuminadas, produzindo um effeito surprehendente.

Os festeiros são muito dignos de louvor, pelo modo como se desempenharam do seu encargo.

Este anno fica notavel em Coimbra, pela pompa com que se fazem as festas religiosas nas tres freguezias de Sé Velha, Santa Cruz e S. Bartholomeu.

Primeira communhão de meninos—Na terça feira, 24 do corrente, haverá na egreja de Santa Cruz a festa de S. João, por ser orago da egreja.

Nessa mesma occasião se dará a primeira communhão aos meninos da freguezia, os quaes para este acto solemne tem sido previamente preparados pelo reverendo parocho.

Pregará o sr. padre Julio da Silva Carvalho, vigario das Means.

Festividade da Rainha Santa Isabel.—Na quinta feira, 3 de Julho proximo, sahirá do real mosteiro de Santa Clara, pelas 8 horas e meia da tarde, em procissão para a egreja de Santa Cruz, a imagem da Rainha Santa Isabel, acompanhada pela sua irmandade e uma força da guarnição desta cidade, levando á sua frente a philarmonica *Boa-União*. Em Santa Cruz cantar-se-ha o *Te-Deum*.

Na sexta feira e sabbado estará em Santa Cruz a Rainha Santa, exposta á veneração dos fieis.

No mesmo sabbado haverá fogo preso.

No domingo principiará ás 10 horas a missa cantada por musica, com sermão e Senhor exposto.

De tarde, pelas 5 horas e meia, sahirá em procissão a Rainha Santa, de Santa Cruz para o real mosteiro de Santa Clara, sendo acompanhada pelas irmandades da cidade, que para isso forem convidadas, meninos orphãos, clero, camara municipal, auctoridades, força de cavallaria e de infanteria, e philarmonica *Boa-União*.

Emigração. — Ainda bem não está extincta a febre amarella no Rio de Janeiro, já para alli continua a emigração.

Tem n'estes ultimos dias chegado a esta cidade muitas familias dos concelhos de Oliveira do Hospital e Taboa, a fim de irem para o Brasil.

Juros das inscripções.—Tem-se nesta semana effectuado no cofre central deste districto o pagamento dos juros do semestre, que está a findar.

Associação Conimbricense do sexo feminino.—Publicamos hoje o balancete desta associação, relativo ao mez de Maio ultimo; e por elle se vê, que é muito satisfatorio o seu estado.

Apezar da nossa crença nos principios sociaes, confessamos que pouco esperavamos desta sociedade quando ella se fundou; os factos, porem, tem vindo provar que se não enganava o seu instituidor, o nosso amigo o sr. commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes, que com razão muito se deve lisonjear dos bons resultados dos seus louvaveis esforços.

Sem a menor duvida a não ser a sua preseverança, esta associação não existia hoje, e o que mais é para notar, em circumstancias tão prosperas.

Saldo que passou do mez anterior	5:263$880
Receita neste mez.............	103$960
	5:367$840
Despeza no dito mez..........	29$230
Saldo que passa no mez seguinte.	5:338$610

Recrutamento. - O conselho de estado julgou favoravelmente os seguintes recursos:

CONCELHO DE ARGANIL

Freguezia de Folques — Francisco Nunes, por seu filho José.

CONCELHO DE SOURE

Freguezia de Alfarellos—Anna Rodrigues Pimentel, viuva, por seu filho Francisco.

Freguezia de Villa Nova d'Anços — Antonio Velloso Rebolla, por seu filho Antonio.

CONCELHO DE COIMBRA

Freguezia de S. Silvestre— Rosa Gonçalves Poeta, viuva, por seu filho Antonio.

CONCELHO DE POIARES

Freguezia de Santo André — Manoel Ferreira Mortagua, por seu filho Manoel.

CONCELHO DE MIRANDA DO CORVO

Freguezia de Miranda do Corvo — José Lopes e mulher Maria de Jesus, por seu filho Manoel.

CONCELHO DE OLIVEIRA DO HOSPITAL

Freguezia de Villa Pouca—Maria da Costa, viuva, por seu filho José.

Cadeira de instrucção primaria.—Por decreto de 14 do corrente foi mandada crear uma cadeira de ensino primario, do sexo feminino, no bairro alto desta cidade

Pão dos romanos. — Os romanos usavam muitas qualidades de pão. As principaes eram as seguintes:

Pão *astrologico*, que era uma especie de filhó. Pão *artophilo*, especie de torta destinada a pessoas delicadas. Pão *azymo*, sem fermento, de que se faz menção nos livros santos. Pão *civil*, que se distribuia pelo povo em logar do trigo, como se fazia anteriormente. Este pão pesava duas libras, era redondo, e tinha o nome de *corda*. Pão *fiscal*, que era distribuido a custa do thesouro. Pão *temperado*, que se applicava sobre o rosto para amaciar a pelle. Juvenal chamava-lhe *cutoria*. Era fabricado com farinha de favas e do melhor trigo. Pão *militar*, que era fabricado pelos soldados, moendo o trigo em moinhos portateis. Era o pão predilecto do imperador Caracalla. Pão *autophyro* era o pão de familia, de uso quotidiano, e de maior consumo.

Transferencia. — O presbytero Antonio Mendes de Alcantara, parocho collado na egreja de Nossa Senhora da Purificação de Podentes, do bispado de Coimbra; foi apresentado, precedendo concurso documental, na egreja parochial de Nossa Senhora das Neves de Midões, no concelho de Taboa, da mesma diocese.

Mercado de Condeixa a Nova no dia 21—Regulam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 480—Dito mourisco 440—Milho branco 320—Dito amarello 310—Feijão vermelho 440—Dito branco 440—Dito rajado 360—Dito frade 400—Cevada 180—Favas 260—Tremoços 280—Batatas novas 160—Ditas de semente 200—Vinho 800—Azeite 1$040.

Linha telegraphica. — A linha submarina que ha de ligar a Europa ao Brasil já começou a ser collocada. Falmouth já está ligado a Vigo, e vae ser transportado o cabo que ha de ligar Vigo com Lisboa.

O cabo que ha de estabelecer-se entre Lisboa e o Funchal deveria sahir esta semana para aquella cidade.

Caminho de ferro do Douro. —Partiu de Lisboa o sr. Lourenço de Carvalho, que vae dispôr as cousas a fim de se dar começo aos trabalhos de construcção do caminho de ferro do Douro em 1 de Julho proximo futuro.

Ja foram expedidas as competentes ordens, á fim de serem nomeadas as commissões locaes, que hão de tractar das expropriações nos sitios onde as obras devem começar.

A ceremonia da inauguração solemne dos trabalhos ficou adiada para mais tarde.

Aguas de Vidago. — Consta que a Companhia Central de Credito Predial Portuguez approvou um emprestimo á empreza do estabelecimento das aguas de Vidago.

Com a quantia que a empreza levantou agora, vae dar grande desenvolvimento ás obras já encetadas e tornar aquelle estabelecimento o primeiro do paiz, no seu genero.

Communhão de meninos em Villa Secca.—Communicam-nos o seguinte:

«Assistimos no domingo a uma festa edificante na egreja parochial de Villa Secca. O reverendo parocho, o sr. padre José Adelino Coelho, querendo solemnisar este anno a communhão dos meninos da sua freguezia, que pela primeira vez subiam á mesa eucharistica, conseguiu realisar, a expensas suas, uma funcção com tal explendor e ordem, que raras vezes se encontra em aldeias afastadas como aquella, e nem sempre se observa em terras de maiores recursos.

A egreja estava bem ornada, sem arrebiques improprios, e o throno offerecia a prespectiva agradavel de uma pinha de flores semeada de lumes.

Foram 40 os meninos e meninas que commungaram. Quatro meninas bem vestidas de anjo, serviram duas para segurarem as pontas da toalha no acto da communhão, e duas para segurarem os vasos da agua. As outras meninas vestiam de branco, com grinaldas singelas de flores na cabeça.

A festa constou de missa solemne cantada a musica, e de procissão no fim.

Foi celebrante o reverendo parocho, o sr. José Adelino Coelho; diacono o sr. padre Antonio Henriques Secco, prior na ilha de Santo Antão; subdiacono, o sr. padre Joaquim Ferreira de Jesus, vigario na Bendafé; e mestre de ceremonias, o sr. padre Joaquim Simões Matheus, de Alcouce.

Pregou o revd.º parocho de Sernache, o sr. Joaquim Antonio Pereira Maduro, o qual tomou por thema allusivo aquella sympathica festividade o versiculo 14 do capitulo 19 de S. Matheus, onde Jesus Christo diz aos discipulos—*Não embaraceis que esses meninos venham até mim, porque d'elles é o reino do ceu.*

No decurso da oração, chamou as creanças ao corpo da egreja, para fazerem ante elle e o auditorio confissão publica de arrependimento dos seus peccados, da sua crença em Deus e na religião, por meio de perguntas, que o reverendo sacerdote lhes dirigia do pulpito, a que as creanças respondiam em côro.

Depois mandou-as procurar seus paes, a fim de implorarem o seu perdão, e beijar-lhes a mão, e por fim ao parocho, como o pastor encarregado de lhes formar e dirigir a alma, e o preceptor que as educa e instrue, seguindo-se a communhão, para a qual, apoz estas provas, as julgou habilitadas.

Esta scena foi extremamente tocante, e commoveu o auditorio, arrancando lagrimas de todos os olhos.

Terminada a missa seguiu-se a procissão, sendo os meninos e meninas precedidos da irmandade, que ia numerosa; e concorrendo a esta solemnidade muita gente, tanto da freguezia, como das circumvisinhas.

Os meninos iam vestidos de opas azues e brancas, e as meninas todas vestidas de branco, e com grinaldas de flores na cabeça. Foram acompanhados da capella para a egreja por quatro anjos, e no fim da missa tornaram a ser acompanhados, para a capella, pelos mesmos quatro anjos.

O sr. Pedro Augusto da Silva Ferrão, muito digno administrador do concelho de Condeixa, conduzia a umbella atraz do pallio, sendo acompanhado por alguns amigos de [illegible]

parocho, que foram das povoações vizinhas e desta cidade assistir á festa.

Louvores pois sejam dados ao digno parocho, pelo zelo com que sem olhar a sacrificios procura arreigar no coração das suas ovelhas as crenças e o prestigio da religião de Christo.»

Noticias de Hespanha.—As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid 20, ás 11 horas e 35 minutos da manhã.—Continuam os boatos de modificação do gabinete.

O ministro da fazenda leu nas cortes os projectos para a venda das existencias de bonds do thesouro, arrendamento dos tabacos das Filippinas e conversão da divida do pessoal.

Volta a repetir-se hoje officialmente que os carlistas do norte estão cercados por Nouvillus.

Diz-se que Cabrera nomeado generalissimo do exercito de D. Carlos e apoiado por influencias estrangeiras, está preparando-se para entrar em Hespanha.

Tem continuado as desordens em algumas provincias, contribuindo poderosamente para este estado de agitação a desmoralisação do exercito.

Desastre.—Hontem, quando depois da procissão recolheu a cavallaria ao seu quartel da Graça, caiu um soldado, de que resultou desnocar uma perna. Foi em seguida conduzido ao hospital.

Acção generosa.—O nosso prezado amigo o sr. bacharel João Correa Ayres de Campos deu a importante quantia de 90$000 reis, a fim de ser distribuida pelos pobres da freguezia de S. Bartholomeu, para assim tornar mais meritoria a festa do Sacramento, que ámanhã vae ter logar naquella freguezia.

Nada precisamos de acrescentar a uma tão briosa acção. A recompensa tel-a-ha o sr. Ayres de Campos nas benções dos desvalidos.

ANNUNCIOS

EXPEDIENTE

Em razão de ser dia santo de guarda na terça feira, publicar-se-ha o *Conimbricense* na *quarta feira* immediata.

1 DOMINGO, 22 do corrente, pelo meio dia, hade arrematar-se em praça a collocação de tres arcos, pilastras e pedestaes, para as festividades da Rainha Santa Isabel. O local da arrematação é na sala da Associação dos Artistas de Coimbra.

Venda de bens no concelho de Goes

2 QUEM pretender comprar em globo ou em lotes todos os bens que possuia o Dr. Libanio José Cortez de Luiz, de que é herdeira a exm.ª sr.ª D. Maria Antonia da Costa, de Lisboa, pode tratar com o annunciante nesta cidade, na rua da Calçada, que está legalmente habilitado.

Coimbra 19 de Junho de 1873.

José Marques Manso.

3 FABRICA ITALIANA de cordas de tripa; armonicas, para relojoarias e chapellarias: primeira em Portugal, de Justino de Bartholomeu, em Coimbra, no Rocio de Santa Clara.

ARRENDAM-SE

4 TRES CELLEIROS muito bons, no pateo da Inquisição. Quem os pretender falle com Antonio d'Almeida e Silva, rua da Sophia, 56.

5 A CAMARA MUNICIPAL do concelho d'Arganil, faz publico, que no dia 26 do corrente mez, pelas 10 horas da manhã, nos paços do concelho, hade ter logar a arrematação dos reaes do vinho, do futuro anno economico de 1873 a 1874, sendo postos em praça, em globo e por freguezias, não se arrematando d'aquella maneira.

O escrivão da camara,
Francisco Garcia de Carvalho.

NOVA LOJA DE FERRAGENS

Rua do Visconde da Luz n.º 2-6

6 FRANCISCO FERREIRA DUARTE, tem á venda no seu estabelecimento, um variado sortido de tintas, gesso para estuque, oleo, ferro em barra, arcos, e ferragens nacionaes e estrangeiras, e magnifica vidraça, que vende por preços muito reduzidos.

Attenção

Farinha de trigo da acreditada Fabrica do Beato Antonio de Lisboa

AGENCIA, RUA DA REBOLEIRA, 27

PORTO

7 NESTA AGENCIA se encontra farinha de toda a qualidade, desde a mais fina até semea, e ensacada em muito boa sacaria.

Estas farinhas concorrem vantajosamente com a americana e hespanhola, tanto em preço como em qualidade.

Cumprem-se ordens das provincias.

Arrematação

8 NO PROXIMO sabbado, 28 do corrente, pelo meio dia, no Jardim Botanico, hade ser arrematada uma obra de carpinteiro, lavrante e pedreiro, cujas condições e apontamentos podem ser examinados pelos pretendentes no gabinete do respectivo director.

9 MARGARIDA DE JESUS CARDOSO DAS NEVES continua a vestir anjos para as procissões, possuindo adornos do melhor gosto e de variadas qualidades, que tambem aluga para fóra da cidade; assim como se encarrega de encommendas de ramos para banquetas, flores soltas, e adornos para as pessoas fallecidas. Tudo com perfeição e por preços commodos. Do S. João em deante,—largo das Tancarias, n.º 2, proximo das Ameias: actualmente—Sophia, n.º 72, 3.º andar, Coimbra.

MUDANÇA DE COLLEGIO

10 PELA AFFLUENCIA dos alumnos no Collegio de Nossa Senhora da Conceição, de Coimbra, teve seu director de arranjar maior casa. Depois do corrente mez, vae mudar seu collegio para onde esteve o hotel Alliança, e onde fóra o collegio de S. Pedro da Terceira Ordem, na Sophia.

Subloca, portanto, a casa, onde tem estado, na rua do Carmo, que tem commodidades para duas ou tres familias.

11 HA NA CARAPINHEIRA uma ama de bom leite, de 11 mezes, tendo todas as boas condições.

Nesta redacção se dirá a quem se deve dirigir quem a pretender.

DOCTOR IN ABSENTIA

12 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a *Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra)*, o qual lhes dará gratuitamente todas e quaesquer informações sobre a Universidade.

Banhos do mar na praia de Espinho

13 O PROPRIETARIO do novo hotel Central de Espinho, situado em frente da linha ferrea, continua a receber pessoas e familias, tanto nacionaes, com estrangeiras, offerecendo-lhes todas as commodidades possiveis, com aceio e limpeza, por preços rasoaveis.

Este hotel acha-se montado com bilhar, café, e restaurante. O seu proprietario, já bastante conhecido de muitas pessoas que se tem dignado preferir o seu estabelecimento, a nada se poupa para continuar a merecer a estima de todos.

Grande sortimento de balões venezianos, proprios para illuminação. nos folguedos populares de S. João e S. Pedro.

Desde 90 até 300 rs.

14 ACABAM de chegar a Antonio Rodrigues Braga, praça de S. Bartholomeu, Coimbra.

ATTENÇÃO

15 VENDE-SE a flor de duas grandes tilias. Rua do Visconde da Luz, 10.

COMPANHIA GERAL DE CREDITO PREDIAL PORTUGUEZ

16 TENDO-SE procedido no dia 16 do corrente mez ao sorteio para o reembolso dos titulos ou obrigações prediaes e municipaes em circulação, pela fórma designada no artigo 35.º dos estatutos desta companhia, sairam sorteadas as seguintes:

Em obrigações prediaes de 6 por cento os n.ºs

231 e 232	8:221 a 8:230
234 a 240	8:271 a 8:280
242 a 250	8:421 a 8:430
811 a 820	8:821 a 8:830
971 a 980	8:841 a 8:850
2:861 a 2:870	10:711 a 10:720
3:251 a 3:260	10:891 a 10:900
3:401 a 3:410	11:071 a 11:080
3:521 a 3:530	11:761 a 11:770
3:621 a 3:630	12:201 a 12:210
4:741 a 4:750	12:711 a 12:730
5:091 a 5:095	13:081 a 13:090
5:291 a 5:300	13:491 a 13:500
5:371 a 5:380	13:621 a 13:630
6:311 a 6:320	13:931 a 13:940
6:541 a 6:550	14:391 a 14:400
6:701 a 6:710	15:321 a 15:330
7:041 a 7:047	15:891 a 15:900
7:049 e 7:050	15:961 a 15:970
7:131 a 7:134	16:081 a 16:090
7:139 e 7:140	16:281 a 16:290

16:341 a 16:350	50:031 a 50:035
16:581 a 16:590	50:037 a 50:040
16:641 a 16:650	50:145
17:081 a 17:090	50:147 a 50:150
17:701 a 17:710	50:321
17:931 a 17:940	50:329 e 50:330
18:151 a 18:160	50:421 a 50:430
18:711 a 18:720	50:604 a 50:610
18:991 a 19:000	50:721 a 50:728
20:041 a 20:050	51:571 a 51:575
20:081 a 20:090	51:731 a 51:740
20:741 a 20:750	51:791 a 51:800
22:661 a 22:670	51:911 a 51:920
23:551 a 23:560	53:971 a 53:980
24:271 a 24:280	54:071 a 54:080
24:781 a 24:800	54:421 a 54:430
25:241 a 25:250	56:181 a 56:190
25:441 a 25:450	57:731 a 57:740
25:621 a 25:630	58:081 a 58:090
26:521 a 26:530	58:331 a 58:340
28:211 a 28:220	58:361 a 58:370
28:701 a 28:710	59:801 a 39:810
29:141 a 29:150	61:361 a 61:370
29:191 a 29:200	62:431 a 62:440
30:671 a 30:680	63:241 a 63:250
31:001 a 31:010	63:411 a 63:420
32:181 a 32:190	64:551 a 64:560
33:091 a 33:100	65.141 a 65:150
33:651 a 33:660	65:331 a 65:340
34:161 a 34:170	65:481 a 65:490
35:141 a 35:150	66:831 a 66:840
35:911 a 35:920	67:101 a 67:110
36:001 a 36:010	68:951 a 68:960
36:341 a 36:350	69:081 a 69:090
36:631 a 36:640	69:251 a 69:270
36:991 a 37:000	69:691 a 69:700
37:491 a 37:500	70:671 a 70:680
37:981 a 37:990	72:511
38:471 a 38:480	72:515 a 72:518
38:871 a 38:880	72:781 a 72:790
39:021 a 39:030	72:951 a 72:960
39:041 a 39:050	73:501 a 73:504
40:571 a 40:580	73:507 a 73:510
40:901 a 40:910	74:171 a 74:175
40:961 a 40:970	74:321 a 74:330
41:321 a 41:330	74:341 a 74:350
41:851 a 41:860	74:801 a 74:810
42:091 a 42:100	75:111 a 75:120
42:191 a 42:220	75:181 a 75:185
42:291 a 42:300	75:931 a 75:940
43:041 a 43:050	78:011 a 78:020
43:111 a 43:120	78:906 a 78:910
43:251 a 43:260	79:051 a 79:060
43:292 a 43:298	79:301 a 79:310
43:461 a 43:466	79:741 a 79:750
43:469	80:031 a 80:040
45:071 a 45:080	80:061 a 80:070
47:051 a 47:060	80:091 a 80:100
47:231 a 47:240	80:561 a 80:570
47:401 a 47:410	80:611 a 80:620
47:551 a 47:560	81:031 a 81:040
48:133 a 48:140	81:231 a 81:240
49:261 a 49:270	81:671 a 81:680
49:331 a 49:340	82:181 a 82:190
49:631 a 49:640	82:501 a 82:510
49:644	82:891 a 82:900
49:647 a 49:649	

Em obrigações prediaes de 5 por cento os n.ºs

2:521 a 2:525

Em obrigações municipaes de 6 por cento os n.ºs

45	172	385	473	561	590	706
57	286	430	494	572	665	726
164	322	433	525	579	672	752
169	364	448	544	587	700	7:006

O pagamento d'estas obrigações e seus juros do 1.º semestre do corrente anno, deverá ter logar em Lisboa, no largo de Santo Antonio da Sé, n.º 23, e em todas as capitaes dos districtos, quando assim convenha aos interessados, e estes o reclamem com a devida antecipação.

Este pagamento terá logar desde o dia 30 do corrente mez de Junho em diante.

Desde o dia 1 de Julho proximo futuro, inclusivé, em diante, cessa de pleno direito o vencimento do juro para os referidos titulos.

O que assim se annuncia para conhecimento dos interessados.

Lisboa 18 de Junho de 1873.

O governador,
Marquez d'Avila e de Bolama.

NUMERO 2704 — QUARTA FEIRA 25 DE JUNHO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Não é sem motivo justificado que alguns jornaes lamentam a maneira por que se estão exigindo os contingentes militares em divida.

Tambem ao nosso conhecimento têem chegado as queixas dos povos, as quaes não podemos deixar de aqui reproduzir, por isso que ellas são fundadas em um principio de rigorosa justiça, que a lei devera ter reconhecido e sanccionado.

Os mancebos recenseados para o serviço militar, que por differentes motivos não tem sido chamados, durante estes ultimos cinco annos, ao serviço do exercito, e que pertencem ao contingente em divida, estão sendo obrigados a este serviço, sem que se lhes admitta a remissão a dinheiro, como permittia a legislação em vigor na occasião em que deviam legalmente ter prestado aquelle serviço.

Muitos mancebos, por differentes causas, deixaram de satisfazer a contribuição de sangue na epocha propria; e facultando-lhes a lei nessa occasião as remissões a dinheiro, será justo que, sendo agora chamados, não possam soccorrer-se daquella faculdade que a lei lhes permittia, quando entre elles e o estado se contrahiram direitos e obrigações reciprocas?

Como poderá applicar-se a estes individuos a legislação deste anno, que estabelece disposições em contrario?

Aos principios da jurisprudencia, que ensinam a respeitar, manter e applicar a justiça, repugnam estes factos que, embora tenham recebido a sancção dos poderes publicos, não deixam de ser uma violação daquelle sagrado preceito, cujo imperio mantem a ordem e o equilibrio social.

E' de esperar que o governo, a quem não falta illustração, e que por muitas vezes tem já dado inequivocas provas do respeito que lhe merecem as instituições publicas e os direitos individuaes, medite nos meios de remediar este e outros graves inconvenientes, que a cada passo se manifestam na legislação militar.

ÁS MÃES DE FAMILIA

II

Foi hoje dia de festa no collegio Ursulino. Lá fomos, chamados pelo alegre tocar dos sinos: e não eramos sós, porque a egreja estava apinhada de familias, as mais gradas da nossa sociedade. A seriedade e esplendor com que se praticam todos os actos religiosos dentro deste santuario, é o poderoso iman que attrahe os christãos a fazerem oração no templo, que pelo muito esmero e aceio, é com justo motivo o proprio oratorio das devotas irmãs de Santa Ursula. A egreja estava ornada com delicado gosto e riqueza extraordinaria.

Alli, neste dia, achavam-se tambem, vindos de bem longe, os paes, parentes e amigas das onze meninas, que pela vez primeira iam ajoelhar á sagrada mesa, para receberem em seus corações o pão dos anjos.— Esta era a festa.—E porque é a mais bella e ao mesmo tempo a mais edificante do catholicismo, formámos o designio de a descrever.

Ao avistarmos aquelles anjos, vestidos com a simplicidade do luxo christão, e deslumbrantes de innocencia e candura, nosso espirito exultou, e fomos dominados por um sentimento tão vehemente, que não nos podemos furtar á tentação de o transmittir a todas as pessoas que se regosijam com os triumphos da egreja (e este era grande!) e com a prosperidade de estabelecimento tão proficuo: principalmente ás mães que alli tem suas filhas, para que se aquietem sobre a sua esmerada educação, e elevem uma prece a Deus pelo bem de todas as senhoras que se encarregaram do melhor de seus thesouros, e ás que tem ainda de separar-se d'ellas, por motivo de educação, para que voem a deposital-as n'aquelle seguro asylo.

Nós lhes asseguramos que a educação alli bebida nada deixa a desejar, debaixo de qualquer ponto de vista que se considere. Habeis mestras e melhores directoras ensinam tudo o que a sociedade tem direito a exigir de uma senhora. Não se poupam a despezas, nem se esquivam a trabalhos. Senão vejamos: as linguas de primeira necessidade, francez, inglez e italiano, que eram ensinadas profundamente por senhoras de grande erudição e muito talento, são hoje aperfeiçoadas, na pronuncia, por mestras mandadas vir do estrangeiro. São essas duas religiosas, chegadas ha poucos dias, que da melhor vontade deram um adeus ao convento, onde deixam affeições de mais de 20 annos, para coadjuvarem suas irmãs na grande obra da educação. Uma d'ellas é ingleza de origem; a outra franceza. Cabem aqui louvores a quem tomou a iniciativa e realisou medida de tanto alcance para o collegio e sociedade.

Iamo-nos perder em digressões, senão escrevessemos para um periodico, que mal nos póde dispensar uma das suas columnas. Hoje, fallemos da festa e ámanhã...da educação.

Correi uma a uma as paginas dos evangelhos; desfolhae todos os fastos da egreja, e apresentae-nos mysterio mais augusto que o significado e realisado por as quatros palavras de Christo.— *Este é o meu corpo*:—moral mais sublime, que a compendiada n'est'outras palavras do mesmo Christo — *Deixai vir a mim as creancinhas e não as estorveis, porque este é o reino dos ceus.*— Por aquellas transubstancia-se o pão no corpo de Christ; por estas convidam-se todas as pessoas sem distincção de edades a sentarem-se ao banquete, que tem por convivas — os anjos — e por eguarias — Deus.

Dá passagem para este inexgotavel banquete, de todos os dias e logares — o sacramento do Baptismo: e vós, meninas, dias depois do vosso nascimento, fostes purificadas pelas aguas da regeneração; hoje ratificastes a fé que por vós prestaram os vossos padrinhos, e depois...lá vos vimos sentadas com os anjos a receber no santuario de vossos co-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXXI

D. CARLOS

XXI

Do que mais necessitavam os carlistas era de munições, as quaes procuravam com efficacia por todas as partes.

Em frente da costa cantabrica, e sulcando as suas aguas, estava já a 2 de Fevereiro de 1835 uma goleta com 900 meios barris de polvora, 247 sacos de chumbo, uma imprensa, e uma bandeira com a Virgem das Dores, bordada pela princeza da Beira e seus camaristas. Sendo avistado e reconhecido o navio como suspeito pela goleta *Nova Maria*, avisou esta a *Rainha Governadora*, vapor que se achava sobre Machichaco. Correu este atraz da goleta, deu-lhe caça, e achou ser a *Isabel Anna*, com bandeira ingleza, e trazer, alem do referido carregamento, 13 homens de tripulação, e 27 officiaes hespanhoes carlistas, entre os quaes se contavam Urbiztondo, Cisneros, Montegut, Martitegui, Eguia (D. Leandro), Curten, Fulgosio (D. Fernando), D. Manoel Toledo, Leiva e outros.

Os carlistas careciam de officiaes de capacidade, especialmente de cavallaria, e os pedia Zumalacarregui continuamente. Quando se comprou e apparelhou a goleta *Isabel Anna*, houve grande empenho, particularmente por parte da princeza da Beira, de que viessem os 27 officiaes, os quaes se tivessem obrado como outros, por suas proprias inspirações, vindo por França, haveriam chegado salvos a Hespanha.

O chumbo e a polvora se teriam adquirido com mais facilidade e barateza em França; porem, se nisto houve erro, não o houve menos em ter tido a goleta por muitos dias arribada em Plimouth, á vista do consul hespanhol, que não podia deixar de se inteirar de tudo, como aconteceu.

Ainda assim os 27 officiaes tiveram a grande fortuna, depois de prisioneiros, de serem só desterrados para distantes paizes.

No dia 4 de Fevereiro reconheceu Lorenzo pessoalmente o valle de Berrueza, descobrindo entre Asarta e Mendaza seis batalhões carlistas com toda a sua cavallaria. Lorenzo e Zumalacarregui buscavam-se sempre um ao outro com avidez; rivaes ambos em actividade e valor, desejavam medir as suas armas, e fazer cada um ostentoso alardo dos seus recursos. Assim que, quando um perdia uma acção, não descançava até reparar o desastre; reptavam-se mutuamente, e se batiam com resolução e empenho.

Lorenzo á frente de 10:000 homens marchou ao combate, manifestando uma confiança de que não participavam os soldados, pelo terriveis que tinham sido para elles aquelles campos.

Perto do meio dia de 5 de Fevereiro, se deixou Lorenzo ver no valle, e se aproximou de Asarta, em attitude de combate; mas vendo que já ahi não estava o seu contrario, apoiando-se na sua cavallaria, avançou até ao alto de Arquijas, persuadido de que marchando rapidamente, poderia colher desprevenido o inimigo e passar a ponte. Zumalacarregui, porem, tinha conhecido, ou previsto a sua intenção, e desceu a este passo, collocando sem tardança varias companhias dos batalhões de guias, 1.º e 3.º de Navarra, e 2.º de Guipuscoa, nas posições de direita e esquerda da ponte, deixando immediatas as distantes de reserva.

A chegada neste momento dos desejados batalhões, 4.º, 6.º e 10.º, de Zúñiga, lhe proporcionou empregal-os, sem deitar mão de outras tropas, que se collocaram no caminho de Zúñiga a Santa Cruz, para observar o flanco direito, ao mesmo tempo que o 2.º batalhão navarro cubria a esquerda da linha pela ponte de Acedo. Seis companhias, ao mando do segundo commandante Lazaroti, cubriram a baixa chamada a Escalera, que vae a Santa Cruz de Campezu.

Lorenzo apresentou-se ás 2 horas na ponte, na qual achou energica resistencia. Observando as posições do inimigo, dispoz o ataque por tres pontos; pela ponte de Arquijas, que tinha á vista, por Santa Cruz de Campezu, e pelos moinhos de Santa Cruz. Entretanto collocou a artilheria na ermida, a qual começou a lançar balas e granadas, para poupar deste modo o sangue ao soldado.

As peças, porem com seus tiros, não faziam o estrago que Lorenzo desejava, nem davam os resultados que apetecia, e impaciente por acabar de uma vez, colloca-se denodado á frente de um batalhão, e se precipita á bayoneta sobre a ponte. Os carlistas assombrados cedem o passo aquelles valentes, que ao ver caido banhado em seu sangue o intrepido chefe que os mandava, se retiram fugitivos para as massas.

Lorenzo confia já na victoria, vê-a perto e se sorri; porem conhece-o Zumalacarregui e lha disputa. Vê-se-lhe incendido o rosto, e scintilando os olhos, pôr-se á frente do seu querido batalhão de guias de Navarra, animal-o mais com o semblante do que com a palavra, e lançar-se como uma exhalação ao encontro do seu valente e afortunado inimigo.

O choque, foi, como não podia deixar de esperar-se. O enthusiasmo e o ardor de que estavam possuidos ambos os chefes, communicou-se electricamente aos soldados, que pelejavam com raiva e se feriam com crueldade. Pequeno era, porem sufficiente, o campo de combate: ninguem avançava, porque ninguem fugia; e ainda que aquelles que caiam augmentavam o espaço, obstruiam o terreno os seus corpos, moribundos pela maior parte.

Espantosa foi a carniceria; preciosas vidas cheias de esperança foram alli cegadas em

rações o Deus do amor—Jesus Christo.—Não ha duvida que fazeis parte do reino dos ceus, e ainda bem, que não fostes surdas ao convite, que é premio sómente promettido por Deus que suspenso entre o ceu e a terra, exalou o ultimo suspiro pela regeneração da humanidade, perdida com a prevaricação dos proto-parentes, dos que crêem n'Elle, e praticam os seus mandamentos!

Vós acreditaes n'Elle, porque vossas estremecidas mães vos embalaram nessa santa crença, e assim vol-o ensinam as virtuosas senhoras que vos dirigem. Vós praticaes os seus mandamentos, porque sois christãs, e tendes deante dos olhos o exemplo vivo de todas as religiosas e seculares, que vos deram por segunda mãe.

Hoje, meninas, destes ao mundo uma prova irrefragavel da vossa fé e costumes, prostrando-vos reverentes pela primeira vez á mesa da communhão; dissestes em eloquencia muda, mas que convence, que a vossa educação é digna de elogios, porque é religiosa. Bem hajam as pessoas que vol-a dão, e o ceu seja a sua recompensa. Mil parabens vos enviamos, e fazemos votos sinceros para que jámais deis um desgosto a vossos paes e mestras.

Eram 8 horas e meia quando o nosso venerando prelado se aproximou do altar, onde ia fazer baixar o Deus humanado, para distribuir ás creancinhas que anciosas o solicitavam: assistindo-lhe os srs. conego Fonseca e Fresco, e mais um numeroso e distincto clero.

Desta festa dos anjos foi orador o eloquente vigario de Almalaguez, Antonio d'Almeida Pedroso, que em estylo fluente, fallou ao coração de todos os ouvintes; fez o elogio de cerimonia tão pomposa, e mostrou em quadro bello as grandezas da Eucharistia.

A funcção correu debaixo da direcção dos dignos mestres de ceremonias da sé cathedral.

Terminada que foi a missa, administrou o virtuoso prelado o santo chrisma, e em seguida entoou o *Te-Deum*, que um selecto coro de senhoras cantou com muita graça e melodia; bella era a musica deste hymno, melhor foi o desempenho.

Durante a missa foram executadas maravilhosamente por insignes cantoras variados hymnos, que se são a gloria dos auctores pela expressão, muito mais elevam quem as soube comprehender. O piano, nos intervallos desferia sons, que eram o encanto de todos os que escutavam o optimo desempenho das escolhidas e difficeis musicas. Que bem não foram tocados os acompanhamentos?

Todas e cada uma das senhoras souberam captar as attenções dos concorrentes; todas são dignas de encomios e parabens; mas muito especialmente as exm.as sr.as D. Maria do Nascimento Pereira, D. Maria do Carmo Falcão e D. Maria José Pimentel: esta pela doçura e mobilidade da voz, correcção e gosto com que executa os seus papeis, foi admirada com justa causa. O *Te ergo* repassou-nos a alma de sentimento religioso e commoveu-nos!

Ao incançavel director, o sr. conego José Ferreira Fresco, se deve, em parte, o bom resultado de festividade tão pomposa. Elle, embora offendamos com isso a sua modestia, tem concorrido muito para a boa fama que já ao longe tem o real collegio ursulino.

Coimbra 18 de Junho de 1873.

F. S.

CORRESPONDENCIA DE LISBOA

Lisboa, 22 de Junho de 1873.

Meu amigo.—Hade confessar que gozamos de uma liberdade por ahi alem...sem limites. Em tempo algum se viu o desbragamento da phrase, e a licença até, de certa imprensa, que defende as velhas formulas, e que aspira a mais latitudinarios direitos.

São os fóros, e as regalias que usufruem aquelles que vivem no centro d'um povo livre. E como é bella a liberdade, quando bem entendida! Como é bella, quando não ultrapassa as raias do respeito mutuo, e se contem dentro das balisas de uma rasoavel moderação!

Disse Pelletan que: «De toutes les fêtes que l'homme peut donner à l'homme, la plus belle, assurement, est la vie d'un peuple libre; e lorsque Dieu veut encore avoir l'orgueil de son oeuvre, c'est sur ce peuple qu'il arrête de préférence son regard.»

Quadra-nos de feição o periodo acima. Lança Deus sobre nós as suas vistas, e os escriptores do direito divino, insultam-no e insultam-nos, por tão amplas mercês que d'Elle recebem.

Este proceder da imprensa que discorda de nós na forma e no fundo, seria caso para largas choradeiras, se não fosse de um ridiculo puramente comico, que deslustra e não faz mais do que dar a medida da sua capacidade. Com a maior senceremonia, entram-nos em casa empunhando o cacete, e, se não fosse a nossa attitude, que os contem em respeito, desempenhariam satisfeitos o seu officio de outr'ora. E' a tal liberdade de que lhe fallo, e que no tempo dos taes era synonimo. Nunca a tiveram, e por essa razão não a sabem apreciar. Entretanto não depreciem o valor de um objecto que não conhecem. Não nos dirijam a palavra. Tratem unicamente dos negocios que puramente lhes dizem respeito, e não mettam foice em seara alheia. Salvem-se, e... deixem-nos a nós ir caminho do abysmo, no qual, segundo os taes, havemos de resvalar um dia. Nem nos incommodem, que não nos lembram. Não póde haver maior generosidade da nossa parte, como da parte d'elles...maior sem-ceremonia e desafôro.

Publicára ha pouco o *Conimbricense*, extrahido do *Jornal de Vizeu*, o fim tetrico e horrendamente tragico de uns amores. Podia ser, ou deixar de ser romance... que importava isso no primeiro caso? Dava pabulo á curiosidade do leitor, raça peninsular, anciosa por fortes commoções. Lastimava-se no segundo, e desfolhava-se meia duzia de goivos sobre a lage sepulchral que abrigasse os restos dos dois desgraçados. A naturalidade da cousa...simples e corrente! Mas a imprensa do direito divino viu um attentado á moral, e aos bons costumes deste povo, e disse, com uma seriedade, que provocava o riso:

«A imprensa jornalistica quer a todo o transe mostrar praticamente o *animo doloso* com que *o liberalismo* encareceu as vantagens da liberdade da imprensa para a educação litteraria e moral do povo. Certos jornaes não contentes de seu mister de calumniadores, *já gratuitos, já pagos*, com que ha tantos annos o estão desmoralisando, passaram a zombar do bom senso dos seus proprios leitores e assignantes. *Estes merecem-n'o.*

«Abriu o exemplo o *Diario de Noticias* com o caso da estrada de Cintra, que não quizemos ler por nos parecer uma torpe e ignobil mentira; seguiu-se ha dias o *Diario illustrado* com uma inepta imitação do episodio do Gil Blas nas covas de Salamanca, ao qual só faltava uma ceia com a dama Leonarda, mas em compensação abundavam as affrontas ao bom senso. E por fim o *Jornal de Vizeu*, invejoso destes louros, *se não talvez antes das bagas*, inventou o duplo suicidio de uma menina e um cavalheiro seu amante, ambos da cidade de Vizeu. Este engenho prevertido não só cubriu da lama fetida em que se afundou a Adriana do Judeu Errante, mas levou o cynismo torpe a inventar um nome proprio.... Ahi está para o que servem os jornaes; e assim se explica a depravação em que tem cahido a sociedade portugueza.»

Ora ahi temos nós que se afunda a sociedade portugueza, pelo simples motivo de se escrever litteratura de imaginação! Escrevamos a respeito da pobreza do santo padre.., fallemos dos jesuitas e das suas virtudes... não percamos as victorias alcançadas pelos carlistas, e...seremos bem olhados pela imprensa do direito divino, que nos detesta só porque...fallamos a linguagem da franqueza!

—Estamos no estio, e o calor suffocante começa. Em compensação temos sorvetes a 60 reis, que nos estancam o suor, que nos refrescam, que nos alentam...E' a arte combatendo a natureza; já é.

—Disse um jornal,—mencionando o caso como boato—de que o governo hespanhol pedira ao nosso a retirada do sr. Mendes Leal de embaixador de Madrid. O motivo, diz a alludida folha, *é s. ex.a andar envolvido em enredos politicos, e collaborar ou influir em jornaes adversos ao regimen estabelecido em Hespanha.* Não pode ser. S. ex.a, cavalheiro que possue criterio e senso bastante para avaliar a melindrosa e difficil posição em que se acha collocado, seria incapaz de *collaborar ou influir* contra o regimen, bom ou mau, adoptado actualmente no reino vizinho. Não será de certo, conforme ás ideias de s. ex.a a forma do governo actualmente existente em Hespanha; mas s. ex.a, que sabe cumprir as obrigações do seu elevado cargo, preferiria a sua demissão a *collaborar ou influir*, directa ou indirectamente no regimen estabelecido em Hespanha.

—Avalie-se por aqui o desenvolvimento que têem tido as obras publicas, desde que os predularios dos regeneradores estão no governo. E' um pedaço de espelho, sem nodoas, nem manchas, que offerecemos aos reformistas e historicos, principalmenta áquelles. Vejam-se n'elle, mas não façam tregeitos nem momices:

«O numero de metros construidos nos differentes lanços das estradas de 1.a, 2.a e 3.a ordem, á custa do estado, durante o primeiro trimestre do corrente anno, foi o seguinte: estradas reaes 14:379,6, e districtaes 4:165, 2. Total 18:544,8.—O numero de metros construidos até ao fim de Março, era: estradas reaes 2.918:374,7, districtaes 569:540,9 e municipaes 122:772,7. Total, metros 3.610:688,3. E o numero de metros em construcção, era: estradas reaes 228:335,7, districtaes 107:537,7 e municipaes 1:613,0. Total 337:486,4.

—No ministerio da fazenda teve hontem logar o pagamento da 2.a prestação para o emprestimo do caminho de ferro do Minho. Em consequencia de muitos prestamistas adiantarem a totalidade do valor das prestações, foram libertadas perto de quatro mil obrigações. Perguntamos aos passados ministerios, o que prova isto em favor do governo perdulario que ahi temos?

P. J. Conceição.

---

flor; e aquelles campos, regados com o sangue hespanhol, pouco mais de uma vez antes, o foram então de novo.

Cedem as forças de Lorenzo, mas elle as detem, e se sustenta então um fogo nutrido e mortifero entre as massas de um e outro campo, e nem o cansaço, nem o sangue que se derrama o fazem cessar, senão a noute que acode a cubrir com seu veu o theatro de tanta desolação.

Orâa, no entretanto, destinado a flanquear o inimigo, passando o Ega por Santa Cruz, se encontrou decorrida meia hora depois de se separar de Lorenzo, com um batalhão carlista, que foi difficultando a sua marcha, experimentando alem disto Orâa o obstaculo de achar o rio invadiavel. Carregando-o novas forças, obrigam-no a escolher posições, nas quaes continuam perseguindo-o os carlistas, que o acommettem pela retaguarda e pelo flanco, e o encerram por fim em Santa Cruz de Campezu, aonde passou terrivel noute, esperando a cada instante ser accommettido, pelo que tomou as necessarias precauções.

Lorenzo retirou-se, levando 300 feridos, e deixando bastantes mortos. A perda de Zumalacarregui, ainda que consideravel, não foi tanta.

No dia seguinte da acção de Arquijas, avistaram-se ambos os combatentes, contemplaram o campo ensanguentado, e apezar do provocador aspecto dos carlistas, occupando orgulhosas as suas bem defendidas posições, Lorenzo, descrevendo um arco pelo valle de Berrueza, Aguilar e Genevilla, se incorporou a Orâa em Santa Cruz, e juntos marcharam para Bargota, Torres e Sausol, Los Arcos, Estella e Puente la Reina, pernoutando a 11 em Orol e povos immediatos.

Os carlistas atacavam por toda a parte os liberaes, e os punham em apuros.

O coronel Ocaña, que por ordem do general Mina tinha ido com uma força a atacar pela frente os carlistas em Irusita, em quanto Azpeitegui os atacava pela retaguarda, viu-se nas maiores difficuldades, estando nos dias 7, 8, e 9 de Fevereiro cercado em Ciga por 6 batalhões, chegando no dia 10 mais dois batalhões, com o proprio Zumalacarregui.

Os carlistas faziam um vivo fogo de artilheria e espingarda: mas as forças liberaes defenderam-se valentemente, dando logar a serem soccorridos e salvos no dia 12, pelas columnas mandadas em soccorro dos sitiados.

No dia 9 de Março, o mesmo Ocaña, commandando a brigada provincial, se viu outra vez em grandes apuros. Ao amanhecer deste dia se apresentaram os carlistas com toda a sua força nos arredores de Elizondo, encerrando os liberaes no recinto do povo, e casas immediatas.

Desde o momento da sua apparição começaram a disparar granadas com tres obuzes, occupando-se ao mesmo tempo em construir a toda a pressa outras baterias em pontos differentes. Estreitando cada vez mais o sitio, jogaram todas as peças contra o forte e a povoação, causando grande destroço nos edificios.

Ocaña ia-se sustentando com valentia, pois até teve que fazer frente ao panico dos habitantes de Elizondo, principalmente das mulheres, que achando-se na egreja, e cahindo nella uma das cem bombas que acabavam de lançar os sitiadores sobre o povo, principiaram a alvorotar com altos gritos, desalentando aos paisanos.

Era o constante cuidado do general Mina salvar Elizondo, e para ahi se dirigiam todos os seus esforços. Zumalacarregui tratava de o estorvar, no que era ajudado pelo temporal de neves e chuvas que punham intransitaveis os caminhos.

Zumalacarregui, á vista de Mina, julgou poder batel-o com vantagem, e procurou fazel-o entre Ilarregui e Larrainzar, em cu[jo] monte collocou a sua reserva. Mina marchou a elle, mas vacilou ao descobrir o importante das posições, que occupava; e notando Zumalacarregui a incerteza do seu inimigo, a teve por bom presagio, e como ha circumstancias em que a opportuna celeridade é um triumpho, resolveu o combate, que mandou começar pelo flanco esquerdo.

Com valor resistiram os soldados da rainha, e até dispersaram as guerrilhas que defendiam as posições da esquerda, com o que se alentaram; mas vendo Zumalacarregui retroceder aos seus caçadores, dirigiu-se a elles, arengou aos fugitivos, e em breve repararam a sua falta com heroico valor e á custa do seu sangue.

Mina necessitava de colossaes esforços, não tanto pela valerosa porfia do inimigo, quanto por se haver apresentado na retaguarda uma columna, a qual enviara Zumalacarregui para lhe cortar a retirada, que julgou emprehenderia para Pamplona. De repente se viu Mina atacado por aquellas novas tropas, que batiam com descargas cerradas a cavallaria. Isto produziu o maior desalento nos soldados. Entre dois fogos, proximo esteve a cair prisioneiro o seu general, apesar de haver acudido Orâa em seu auxilio, e empregado um e outro o seu valor e intelligencia. Porem era inutil, e appellou Mina para a astucia, unico ponto de salvação que pareceu lhe restava.

Imitando destramente a firma de Zumalacarregui, fingiu uma communicação, na qual mandava a Elio *(a)*, chefe da columna que o batia pela retaguarda, executasse um movimento favoravel aos liberaes. Elio obedeceu á supposta ordem, e deixou a Mina expedicto o passo para o Baztan, onde seguramente não teria chegado sem aquelle subterfugio.

Perto de 300 homens, entre mortos e feridos, perdeu Mina, não chegando a 200 a perda dos carlistas, superiores em numero.

Entre os feridos se contou Mina, que recebeu uma bala no hombro esquerdo, a qual sem internar muito, ainda assim lhe fez perder bastante sangue.

Sem deter-se, seguiu a sua marcha para o Baztan, e ás 4 da manhã do dia 13 de Março entrou em Elizondo, com grande jubilo dos seus habitantes e guarnição.

Lopez, depois de marchar ás cercanias de Pamplona, voltou á Ribeira; e Mina, ao saber que os carlistas estavam senhores de Donamaria e Santisteban, marchou em sua busca com a brigada provisional, não os encontrando, porque se haviam retirado.

Na sua passagem fez Mina queimar a ferraria, pertencente a Goicochea e Latiegui, apezar deste ser liberal, e residir em Pamplona, por se construirem nella as peças dos carlistas; e procurou averiguar a paragem das peças que haviam sido escondidas.

Os habitantes de Lecaroz, eram affectos a D. Carlos, e irreconciliaveis inimigos dos liberaes, e por isso foram mandados quintar por Mina; sendo tambem por elle mandado incendiar o povo.

Ainda que este procedimento de Mina não teve as proporções que lhe deu D. João Antonio Zaratiegui, na sua vida militar e politica de Zumalacarregui, pois que se não realisou o fuzilamento de todos aquelles a quem coube a fatal sorte, e do povo não foram incendiadas senão 20 casas; comtudo, a imparcialidade manda-nos censurar asperamente o duro e barbaro procedimento de Mina. A justiça primeiro que tudo.

(Continuar-se-ha.)

Joaquim Martins de Carvalho.

(a) É o mesmo general Joaquim Elio, que actualmente ánda em Hespanha á frente das forças carlistas.

NOTICIARIO

Francisco Manoel Gravito da Veiga e Lima.—Um dos 10 martyres da liberdade, barbaramente enforcados no dia 7 de Maio de 1829 na Praça Nova do Porto, foi Francisco Manoel Gravito da Veiga e Lima, cavalleiro professo da Ordem de Christo, natural de Lisboa, desembargador dos aggravos da casa da supplicação, e corregedor do civel da côrte.

Pouco tempo antes de soffrer o ultimo supplicio, escreveu o infeliz Gravito a sua unica filha, no oratorio da cadeia da relação do Porto, a seguinte sentidissima carta, até hoje inedita:

«A vicissitude da sorte, querida filha, tão variavel, como a chamada fortuna, collocou ao teu carinhoso pae na lista dos criminosos, e hoje é victima do odio, da vingança, e da arbitrariedade.

«Proximo já dos ultimos momentos, de ti me recordo com vivissima saudade; eu te consagro os meus suspiros, como o vinculo mais doce, que prende a minha existencia; a tua memoria me é cara, e no meu inopinado infortunio, tua imagem querida existe a par de mim; tu perdes um pae, o melhor dos teus amigos; elle é roubado ao teu coração innocente, para ser votado ao cadafalso; mas nem por isso é hoje indigno de ti, sem protecção e sem abrigo: a tua perda é irreparavel, e eu espero minha filha, que nunca a vejas indemnisada; ninguem substituirá a teu pae.

«Muito desejo te conserves sem alguma outra relação social, para não empenhares teu coração na sorte de um outro homem, em quem se una, como em mim a virtude, e ponha a tua em lances amargurados; se porem, outro for o teu destino, te rogo, que prefiras um homem dos sentimentos e dos principios de teu pae, na certeza de que nem estes, nem o patibulo, em que vou terminar meus dias, podem servir-te de opprobrio.

Adeus minha querida filha, adeus para sempre—*Gravito*»

Festividade—No domingo effectuou-se na egreja de S. Bartholomeu a festa do Santissimo Sacramento.

Celebrou a missa o reverendo prior da freguezia, o sr. Manoel Joaquim de Castro. Pregou o sr. padre Manoel Lopes Coelho, prior de Villarinho da Louzã. A musica era a da capella da sé cathedral.

De tarde houve vesperas solemnes, pregando o reverendo vigario de Almalaguez, o sr. Antonio de Almeida Pedroso.

Seguiu-se a procissão, que percorreu as principaes ruas da freguezia.

Na frente ia uma força de cavallaria. Em seguida ao pendão iam os meninos, que de manhã tinham recebido na egreja de S. Bartholomeu a primeira communhão; depois os meninos orphãos; as irmandades do Sacramento da Sé Velha e S. Bartholomeu; clerigos com capas de asperges; pallio, levando o Sacramento o reverendo prior da freguezia; e terminava com uma força de infanteria 14, levando á sua frente a philarmonica *Conimbricense.*

As janellas estavam vistosamente adornadas, e era grande a concorrencia de povo pelas ruas.

Na vespera á noute houve na praça de S. Bartholomeu fogo preso, tocando por essa occasião a philarmonica *Conimbricense.*

Outra festividade.—Em Montesão teve logar no mesmo dia a festa da Virgem da Columna de Roma, que se venera na capella da quinta do sr. José Leite Ribeiro Freire.

S. ex.a a nada se poupou para que a sua festa se tornasse mais brilhante este anno. Houve missa por musica, sendo orador o sr. padre Molha. Depois houve procissão, recolhendo-se Nossa Senhora á sua capella na quinta.

A esta pomposa solemnidade assistiram pessoas das mais distinctas desta cidade e algumas de Lisboa, a quem o mesmo cavalheiro deu um bem servido jantar.

A' noute houve uma bonita illuminação na quinta.

Primeira commmnhão—Hontem houve na egreja de Santa Cruz a festa de S. João, pregando o sr. padre Julio da Silva Carvalho, vigario das Means.

Por essa occasião foi dada a communhão a grande numero de meninos e meninas da freguezia, sendo este acto feito com toda a solemnidade.

O reverendo prior o sr. padre Manoel Cardoso de Figueiredo Nogueira, não se tinha poupado a diligencias, para preparar as creanças a dignamente receberem aquelle sacramento.

Asylo da infancia—De Junho de 1872 a Junho de 1873 produziram as flores vendidas do pequenissimo jardim do Asylo da infancia desvalida desta cidade, a quantia de 10$600 reis; e as begonias 5$630 reis. Os serviços das alumnas renderam 11$260 reis.

Assassinato—No dia 22 do corrente, seriam 9 horas e meia da noute, Innocencio Pereira Sá, natural de Luso, concelho da Mealhada, recolhia do logar da Granja d'Ançã a casa de seu amo o sr. Alberto Ferreira Pinto Basto, da quinta do Rol. No caminho sahiu-lhe ao encontro um individuo que o espancou barbaramente, e do que lhe resultou a morte a noute passada.

Pereira de Sá ainda poude vencer a distancia de um kilometro, arrastando-se até casa de seu amo, onde só chegou ás 11 horas da noute d'aquelle dia.

Dizem-nos que a voz publica indigita como auctor do crime um individuo, já bem conhecido pelo seu modo desordeiro e traiçoeiro, casado no mesmo logar da Granja ou Gandara de Ançã.

Innocencio Pereira Sá era um moço pacifico, que apenas contava 18 primaveras, e gosava de geraes sympathias, não só de seus amos que muito lhe queriam, mas de quantos o conheciam; por isso a sua morte é muito sentida.

A justiça procede.

Cemiterio da Conchada.—Na semana finda enterrou-se o seguinte cadaver:

Verissimo, filho de Antonio Marques e de Esperança de Jesus, natural de Coimbra, de 3 mezes, fallecido no dia 17 de Junho.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5:005.

Critica litteraria.—Acabamos de ser brindados pelo nosso amigo o sr. Joaquim de Vasconcellos, com um exemplar da seguinte publicação:—*O consummado germanista (valgo o sr. José Gomes Monteiro) e o mercado das lettras portuguezas, analysado por Joaquim de Vasconcellos.*

Tambem recebemos outro exemplar para entregar á bibliotheca da sociedade *Terpsichore Conimbricense.*

Vamos ler esta recente publicação do sr. Vasconcellos, com o mesmo interesse com que temos lido tudo o que diz respeito a esta critica litteraria.

O sr. Vasconcellos póde talvez ser taxado de um pouco aspero na polemica, o que é devido ao seu caracter independente; mas o que ninguem lhe póde com justiça negar, é o seu grande amor pelo estudo, de que tem dado provas evidentes nas suas publicações, resultado de um immenso trabalho, e até de importantes sacrificios pecuniarios.

Neste paiz em que é tão rara a critica litteraria, são sempre bem vindas taes publicações.

A nossa opinião.—Respeitando muito a opinião do nosso estimavel correspondente de Lisboa, seja-nos permittido dizer, que divergimos do seu parecer; e que pelo contrario, concordamos em grande parte com o que diz a *Nação* acerca do jornalismo entre nós.

O facto dos jornaes inventarem noticias, e algumas bem lugubres, só para excitarem a curiosidade do publico; é digno da maior reprovação, e improprio da seriedade que deve presidir a esta instituição civilisadora.

Um tal procedimento faz com que a imprensa jornalistica, deixe de ser um sacerdocio augusto, para se tornar um baixo e indigno mercantilismo.

Esta é a verdade, custe a quem custar o ouvil-a.

Dissertação.—Recebemos e devidamente agradecemos:—*A funcção potencial. Dissertação inaugural para o acto de conclusões na Faculdade de Mathematica da Universidade de Coimbra, por João Francisco Ramos, licenciado na mesma Faculdade.*

O livro das familias—O sr. Jeronymo Pinto de Almeida Brandão acaba de publicar no Porto—*O livro das familias, ou instrucções acerca do matrimonio e das doenças mais communs.*

Este livro é digno de ser frequentemente consultado por todas as pessoas, e em especial pelos paes de familia, porque alli acharão muitos conselhos e advertencias da maior utilidade.

No *Livro das familias* tratam-se as seguintes materias:—Considerações geraes sobre o casamento—Condições physicas do casamento—Condições moraes do casamento—Deveres dos esposos—Cuidados dos recemnascidos—Asphyxia dos recemnascidos—Amamentação pela mãe—Escolha d'uma ama—Vaccinação—Primeira dentição—Sarampo—Febre escarlatina—Coqueluche—Variola—Varicella—Digestão estomacal—Da indigestão—Acidez no estomago das creanças—Escrophulas—Envenenamentos—Contra-venenos—Asphyxia por submersão—Asphyxia pelo gaz das latrinas—Asphyxia pelos vapores do carvão—Asphyxia por estrangulação—Mordedura de vibora—Mordedura de cão hydrophobo—Mordedura de abelha, vespa, etc.—Contusões—Dôr de dentes—Colica—Panaricio.

E tudo isto pela modica quantia de 500 reis.

Successos no Porto—No dia 21 do corrente houve na sé cathedral do Porto uma missa de pontifical, e *Te-Deum* e benção no fim, para commemorar o 27.º anniversario da exaltação de Pio IX ao throno pontificio.

No Porto tem-se tomado estas commemorações como manifestações politicas e reaccionarias, influindo para ellas a associação catholica, que existe naquella cidade.

Por isso, quando o prelado da diocese saiu da egreja da sé para o paço, acompanhado do cabido e mais ecclesiasticos, um numeroso grupo de individuos que alli estavam, ergueram vivas á liberdade, que foram correspondidos por muitas pessoas.

A policia interveiu imprudentemente neste acto, de que resultou um tumulto, e serem presos os srs. Urbano Loureiro, Eduardo Luiz Ferreira Carmo, Antonio Monteiro Leite, João José Teixeira Guimarães, Avelino Pereira da Fonseca, Anselmo Evaristo de Moraes Sarmento, José de O. M., Gaspar Borges de Avellar e Guilherme Braga, que foram conduzidos para o quartel do Carmo, sendo depois soltos sob fiança.

Por este facto houve muita agitação no Porto; e á noute no theatro Baquet, como protesto contra a reacção, houve uma manifestação enthusiastica a favor da liberdade.

Hontem houve um grande *meeting* no Porto, e nelle se approvou uma representação ao governo, em sentido eminentemente liberal, e protestando contra o procedimento das auctoridades.

Despacho.—O sr. padre Antonio Coelho Monteiro Machado, abbade de Dardavaz, foi despachado parocho de Beijoz, no concelho do Carregal.

O sr. Monteiro Machado é um sacerdote exemplar; e muitos louvores merece o sr. ministro da justiça, que se desprendeu de considerações, para fazer uma escolha acertada.

A electricidade e as plantas.—A electricidade atmospherica exerce grande influencia sobre a vegetação. Tem-se verificado, que os annos de mais trovoadas são os mais productivos e de colheitas mais abundantes. As arvores mutiladas pelo raio ou pela saraiva rebentam depois com mais vigor. As chuvas que resultam das tempestades electricas produzem grandes beneficios, porque regam copiosamente as plantas, lavam a atmosphera de muitas impurezas, e enriquecem a terra em muitos principios nutritivos, eminentemente uteis para a vegetação, principalmente substancias azotadas, que se formam no seio do ar na occasião das trovoadas.

A fome.—Nos mais penosos extremos desta imperiosa sensação, o homem é impellido por um impulso irresistivel a devorar as substancias mais refractarias á acção do apparelho digestivo.

A historia dos naufragios e dos infelizes mineiros abunda em factos horriveis. Os naufragos da fragata *Medusa* chegaram a comer correias do seu armamento e o couro dos chapeus. Esgotados estes recursos, servia de alimento a carne dos cadaveres dos que iam succumbindo, e até se commetteram barbaros assassinatos, para devorar a carne das victimas.

Os naufragos de outro navio, o *Francis-Spaight*, obrigaram o cozinheiro a matar o marinheiro mais novo, e o cadaver deste desgraçado foi promptamente devorado. A tortura e delirio da fome desvairou o espirito dos desgraçados a ponto de fazerem novas victimas, sendo o primeiro sacrificado o proprio cozinheiro, e assim continuou o banquete horroroso de carne humana. O instincto e necessidade da fome tornam-se tão violentos, que nem respeitam o sentimento mais nobre e carinhoso da vida, a maternidade! Citam-se factos, em que as mães devoram os proprios filhos!

Os companheiros do celebre viajante Franklin chegaram a comer os sapatos, e até ossos velhos já corroidos pelos vermes. Mineiros que ficaram sepultados por muito tempo nas galerias subterraneas, perseguidos pela fome, chegaram a alimentar-se com a propria roupa que os vestia. Em muitas viagens demoradas, depois de esgotados os mantimentos, os marinheiros lançam mão de tudo que encontram para se alimentar, preferindo as substancias de origem organica.

A sede.—Os tormentos da sede são mais insupportaveis que os da fome. Citam-se factos de assedios de algumas praças de guerra, em que os soldados tiveram a coragem de resistir á fome durante alguns dias, rendendo-se porém promptamente, logo que foram atormentados pela sede. Alguns homens tem-se suicidado pela fome, resistindo heroicamente por muitos dias, mas bebendo sempre agua com avidez. No naufragio da *Medusa*, a sede foi tão horrorosa, que os naufragos bebiam a propria ourina depois de arrefecida em vasos de lata. A vida tanto do homem como dos outros animaes resiste por mais tempo ás torturas da fome, que ao flagello da sede.

Excentricidade.—Um celebre medico de Boston, nos Estados-Unidos da America, o dr. Warren, determinou no seu testamento o seguinte:

As honras funebres só serão celebradas ao seu cadaver, depois de lhe injectarem nas veias uma dissolução de acido arsenioso. Em seguida será feita a autopsia com todo o cuidado, examinando-se escrupulosamente certas particularidades, que elle suppunha existirem no seu organismo. Finalmente o esqueleto, depois de preparado e articulado com a maior perfeição, será depositado no museu de Boston.

Molestia da vinha.—Extrahimos de um jornal scientifico francez a seguinte curiosa noticia:

Na ilha da Madeira, antes de se manifestar o terrivel flagello do *oidium tuckeri*, a colheita do vinho foi de 1847 a 1858 de 16:915 pipas. Em 1851 já desceu a producção a 11:965; em 1852 foi de 1:871; em 1853, houve apenas 754; em 1854, 187; e em 1855, apenas 29! Nos vinhos do Douro

houve a seguinte diminuição. De 1846 a 1852 colhiam-se ainda 91:553 pipas; em 1853 desceu a 74:788; em 1854, 47:248; em 1855, 24:774; e em 1856, apenas 4:000 pipas.

Museu de historia natural.—Este estabelecimento scientifico de Paris tem 17 professores, sendo 2 de desenho; 2 bibliothecarios; 15 naturalistas-ajudantes; 20 preparadores, e 33 empregados subalternos. A sua dotação annual é de 479:780 francos, distribuidos da seguinte fórma: 229:780 francos para pagamento do pessoal; 25:000 francos para gratificar viagens scientificas; e 225:000 francos para as despezas de expediente das collecções, das galerias, jardim zoologico, officinas, gabinetes, e reparos do edificio.

O Brasil.—Continua a publicar-se em Lisboa o muito acreditado jornal o *Brasil*, que tem sabido obter a boa aceitação do publico. São seus collaboradores os srs. Camillo Castello Branco—Pinheiro Chagas — Ernesto Biester—Eduardo Vidal — Rangel de Lima—Julio Cesar Machado—Thomaz Ribeiro — Bulhão Pato—Christovão de Sá — Brito Aranha —Osorio de Vasconcellos — Alberto Pimentel —etc.

Ramalhete do christão—Publicou-se o n.º 43 do 2.º volume deste semanario, que continua a merecer a protecção do publico, não só pela sua doutrina, mas pelas bellas gravuras com que é ornado.

Archivo Popular—Publicou-se o n.º 3 do volume 4.º deste semanario popular, que contem os seguintes artigos.

O Atala, por A. A. Leal—Os infusorios—O Alchimista, romance por conde do Rio Pardo—O vinho na edade media—Vertigem, poesia, por Alfredo Angra—Imperador—A armadura de prata, lenda—Estatuaria—Os conselheiros de Pilippe IV—O trabalho—As mesquitas turcas—Charadas.

Noticias de Hespanha. — Continua a anarchia em Hespanha. Bellezas daquella republica!

O ministerio, que ainda ha poucos dias fora nomeado, já pediu a sua demissão.

—De hontem, 24, ás 10 horas e 40 minutos da manhã, communicam de Madrid o seguinte:

As partidas reunidas de Elio, Dorregaray e Ollo, foram batidas sexta feira, perdendo 60 mortos e 300 feridos. A *Gazeta* diz que as facções estavam hontem cercadas em Ochandiana e Alegria por 4 columnas. O combate foi muito vivo. Grandes perdas dos dois lados. Nada de novo emquanto á crise ministerial.

ANNUNCIOS

1 O CONSUMMADO GERMANISTA (vulgo o sr. José Gomes Monteiro) e o mercado das letras portuguezas, analysado por Joaquim de Vasconcellos. 1 vol. in-8.º de XIV-209 paginas—500 reis. Vende-se na Livraria Academica.

PHARMACEUTICO DISTINCTO

2 NO DIA 23 do corrente, fez exame de pharmacia o illm.º sr. Emygdio Cardoso Ayres Pinheiro, d'Alfarellos, sendo approvado e distincto pela Universidade de Coimbra, devido á sua grande intelligencia e applicação que teve nos seus estudos: já ha muitos annos que a Universidade não teve nenhum pharmaceutico que lhe merecesse uma distincção como lha mereceu o illm.º sr. Pinheiro. Felicito-o por tão justa mercê, assim como a sua illustre familia e habitantes d'Alfarellos, pelo habil e sympathico pharmaceutico que vão possuir.

Coimbra, 25 de Junho de 1873.

Do seu amigo *B*.....

PIANO VERTICAL

3 VENDE-SE um em muito bom uso. Tambem se vende UMA MACHINA DE COSTURA DE DOUS PESPONTOS—munida de todas as peças que lhe pertencem.

Nesta redacção se diz.

ARREMATAÇÃO

4 NO DIA 15 de Julho proximo, pelas 9 horas da manhã, perante o exm.º sr. dr. juiz de direito desta comarca, e á porta da sala do tribunal judicial da mesma, se hãode vender e arrematar em hasta publica:— Um olival no sitio do Espirito Santo, limite das Casas Novas, que parte com José Baptista, Manoel Caramoiço e estrada, avaliado em 15$000 reis.—Uma terra e umas videiras no sitio do Valle da Romana, limite do logar de Falla, que parte com serventia, estrada, José Nunes e Manoel Burralho, avaliadas em 2$000 reis.— Um bocado de terra na Lameira, limite do logar de Falla, que parte com Caetano de Castro, regueira d'agua, Clemente Patricio e Joanna de Sousa, viuva, avaliado em 1$000 reis.—Uma leira de terra, no sitio da Lameira, com sementeira de pinheiros, que parte com serventia, regueira d'agua, Mariana Sousa, e Luisa Ambrozia, para pagamento de dividas, no inventario a que se procede por obito de Francisco Margalho, já viuvo, e morador que foi no logar de Falla, freguezia de S. Martinho do Bispo, e isto por deliberação do conselho de familia; e se entregarão a quem por elles maior preço offerecer sobre os valores supra declarados. Do inventario é escrivão Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

DOCTOR IN ABSENTIA

5 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a *Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra)*, o qual lhes dará gratuitamente todas e quaesquer informações sobre a Universidade.

BIBLIOTHECA UNIVERSAL

Empreza editora dos melhores romances nacionaes e estrangeiros

ROMANCES PUBLICADOS

Os guerrilheiros da morte, romance original de P. Chagas — 1 vol., 3.ª edição, 500 reis.

A vingança do sargento, romance maritimo, versão de P. Chagas—3 vol. 1$500 rs.

A mascara vermelha, romance original de P. Chagas—1 vol. 500 rs.

EM PUBLICAÇÃO

O juramento da duqueza, romance original de P. Chagas.—Seguimento á **Mascara vermelha.** Está publicado o 2.º fasciculo —O volume compõe-se de 9 fasciculos, sendo por assignatura 450 reis—Avulso, 500 reis.

Estas obras estão á venda nas principaes livrarias de Lisboa, Coimbra, Evora e Porto. —Assigna-se em Lisboa no escriptorio da empreza, rua dos Calafates, 93, onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

DILIGENCIA

Entre Coimbra e Figueira da Foz, e vice-versa

7 A VIUVA NATIVIDADE & FILHOS, desta cidade, e Albano Custodio, da Figueira, levam ao conhecimento do publico, que no dia 1 de Julho, inclusivè, principia diariamente a carreira de duas diligencias a sahiram de Coimbra e da Figueira, sendo uma de manhã e outra de tarde, fazendo estas corridas em cinco horas.

Tambem levam encommendas, que possam ir em qualquer das diligencias.

Bilhetes de ida e volta dentro ou fóra—1$600 rs.

HORAS DAS SAHIDAS E CHEGADAS

Sahidas de manhã

De Coimbra ás 4 horas e tres quartos
Da Figueira ás 4 » » »

Sahidas de tarde

De Coimbra á 1 hora e meia
Da Figueira ás 2 » »

Chegadas de manhã

A' Figueira ás 9 horas e tres quartos
A Coimbra ás 9 » » »

Chegadas de tarde

A' Figueira ás 6 horas e meia
A Coimbra ás 7 »

Os bilhetes em Coimbra vendem-se em casa da Viuva Natividade & Filhos, rua da Sophia, n.os 39 a 41; na Figueira em casa do sr. Carlos da Costa Guia, na Praça Nova, n.º 1-A.

Coimbra, 22 de Junho de 1873.

Viuva Natividade & Filhos.
Albano Custodio.

8 FABRICA ITALIANA de cordas de tripa, armonicas, para relojoarias e chapellarias: primeira em Portugal, de Justino de Bartholomeu, em Coimbra, no Rocio de Santa Clara.

9 OS HERDEIROS de D. Maria Benedicta d'Azevedo Pinho, viuva d'Antonio José Rodrigues Pinho, residentes que foram nesta cidade, chamam todos os credores certos e incertos, para no prazo de 20 dias da data deste, comparecerem perante o juiz ordinario da villa da Mealhada, onde corre o inventario no cartorio do escrivão Mello, para apresentarem os seus creditos, com pena de lançamento.

Coimbra 22 de Junho de 1873.

Banhos do mar na praia de Espinho

10 O PROPRIETARIO do novo hotel Central de Espinho, situado em frente da linha ferrea, continua a receber pessoas e familias, tanto nacionaes, com estrangeiras, offerecendo-lhes todas as commodidades possiveis, com aceio e limpeza, por preços rasoaveis.

Este hotel acha-se montado com bilhar, café, e restaurante. O seu proprietario, já bastante conhecido de muitas pessoas que se tem dignado preferir o seu estabelecimento, a nada se poupa para continuar a merecer a estima de todos.

11 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière**, aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alcuto, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os muscuos e consolidando as carnes.

Economias 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid—Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kilo 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e no systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rabir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B: Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2705 — SABBADO 28 DE JUNHO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

No meio da agitação febril, que nesta epocha domina as multidões, transviadas pelos espiritos mais fantasticamente creadores, que maduramente reflexivos, compraz-nos ver como a opinião illustrada, a voz da justiça, da razão e do bom senso, surge ainda para avaliar a situação governativa de algumas poderosas nacionalidades, em relação a este velho recanto da Europa chamado Portugal.

Alguns jornaes estrangeiros, e ainda ultimamente o *Times*, referindo-se a este paiz, como entidade politica, faziam as mais lisonjeiras apreciações ácerca do nosso regimen economico-administrativo.

São para nós summamente lisonjeiras as palavras com que a imprensa periodica das nações estrangeiras tem acolhido o nosso paiz, e a nossa politica de nação modesta, mas independente e livre; que, esforçando-se por manter a paz, a ordem e a justa liberdade dos cidadãos, marcha no caminho do progresso.

Os artigos recentemente publicados naquelles jornaes, provam que lá fóra se faz justiça á indole da maioria do povo portuguez, e dos homens que, tomando sobre si o duro encargo de governar, conseguem, a despeito das contrariedades da politica ambiciosa, que deturpa e confunde, manter o que um povo tem de mais nobre e respeitavel na sua vida publica—o credito e a dignidade nacional.

E é por isso que os amigos do governo e do paiz se regosijam com as justas e sensatas apreciações da imprensa imparcial dos paizes estrangeiros, quando se referem á nossa vida economica e politica.

E', porem, verdadeiramente lamentavel que alguns jornaes portuguezes, adversos ao governo, tenham pretendido inculcar, levados sómente por espirito de opposição partidaria, como menos exactas, em parte, as asserções da imprensa estrangeira, quando tão verdadeira e benevolamente se referem a este paiz.

Este facto, revelando uma falta de patriotismo muito censuravel, mostra a que ponto chega o facciosismo politico da actual opposição.

Mas acredite ella que apesar dos seus imaginarios terrores e das suas ideias subversivas, hade ver robustecer-se, cada vez mais, o nosso credito, pela estabilidade da situação economica e politica do paiz, baseada já na confiança, na ordem e na tranquillidade publica.

EMPRESTIMO MUNICIPAL

Em o nosso collega do *Tribuno Popular*, de 21 do corrente, lê-se um artigo sobre o assumpto, para que chamamos a attenção dos leitores.

A camara municipal de Coimbra, antes de contrair um emprestimo de cerca de 9:000$ reis com a companhia de credito predial, destinado especialmente á edificação das escholas de instrucção primaria no bairro alto, e á defeza da cidade contra as inundações do Mondego, empregou todos os esforços para realisar aquella operação em Coimbra, chegando a offerecer o juro de 7 por cento, alem da respectiva amortisação. Desde então, e porque estava auctorisada por lei a contrair um emprestimo até á quantia de 40:000$000 reis, especialmente destinado a estradas municipaes, procurou a camara municipal realisar esta operação nos termos mais vantajosos.

Ninguem ignorava as diligencias da camara neste sentido; os jornaes em differentes occasiões informaram o publico; mas ninguem se offereceu para fazer o emprestimo. Nestes termos, teve ainda a camara municipal de recorrer á companhia do credito predial, submettendo á sua decisão a respectiva proposta, ha tres mezes.

Todos sabem as condições, com que a companhia do credito predial póde contractar; constam ellas dos seus estatutos: e tambem conhecem todos as grandes difficuldades, que os capitalistas, e os estabelecimentos de credito offerecem aos emprestimos a longo prazo; basta referir o facto.

A companhia do credito predial não póde prescindir da sua commissão: o juro de 6 por cento que ella recebe, é applicado ao pagamento dos juros das obrigações prediaes, pelos quaes a mesma companhia é responsavel. E quando a companhia tentou uma emissão de obrigações de 5 por cento, com o intuito de diminuir os encargos dos emprestimos, teve o sentimento de ver que o publico lhe negava o seu favor.

Deste modo, como póde o esclarecido redactor do artigo, a que nos referimos, esperar que a companhia ceda da sua commissão? Com que meios hade ella fazer face as suas despezas de escriptorio? Com que meios hade ella fazer face aos seus prejuizos? Com que meios hade ella habilitar-se a pagar os dividendos aos seus accionistas?

Os fundos que a camara municipal pretende alcançar, são destinados a estradas, que estão estudadas: a sua construcção deve correr rapida, para ser economica. Não haja receio de que os fundos fiquem por largo prazo nos cofres da camara: nem haja receio, de que a camara possa realisar a importancia das obrigações prediaes com o juro até ao dia em que effectuar a venda destes titulos, por quanto a mesma companhia assegura á camara municipal o seu embolso integral, quando no mercado não se offereça preço superior, como algumas vezes tem acontecido.

Diz-se no mesmo artigo a que nos referimos, que podem apparecer propostas mais vantajosas: não sabemos de nenhuma, ou antes ouvimos fallar de uma, baseada em obrigações emittidas a 95 por cento, sobre o capital nominal de 42:100$000 rs., ficando a camara no mesmo prazo de 26 annos obrigada a prestações semestraes de 1:777$165 rs.; quando pelo contracto com a companhia realisa a mesma somma com menor encargo.

O equivoco do proponente, se existe, proveiu talvez de suppor que a commissão da companhia não estava comprehendida nas prestações semestraes de 1:688$518 rs., o que é menos exacto.

São muito louvaveis os desejos do articulista; todos approvariam que a camara municipal podesse contractar em termos mais vantajosos. Em Coimbra não abundam os capitaes, o que explica a falta de um estabelecimento bancario, e tanto, que o governo n'um accordo que celebrou com o banco de Portugal, e que não foi ainda approvado pelo poder legislativo, lhe impunha a obrigação de estabelecer em Coimbra uma caixa filial, ou uma succursal do mesmo banco.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXXII

D. CARLOS

XXII

Trazia em mente Zumalacarregui atacar o ponto fortificado de Los Arcos, apezar de que a sua situação topographica lhe facilitava promptos soccorros; porem procurando afastar as columnas auxiliadoras e fatigando-as podia aproveitar uma occasião.

Depois da acção na ponte de Arquijas, marchou Zumalacarregui contra Elizondo, e obrigou o seu contrario a trasladar-se para o Baztan. Regressou então Zumalacarregui por julgar o momento opportuno, e dispoz que o primeiro batalhão de Navarra, dirigido por Iturralde, tomasse o povo de Los Arcos, e com o brigadeiro de artilheria D. Joaquim Montenegro, reconhecessem as fortificações, dispondo as obras necessarias para o seu ataque.

Na manhã seguinte dirigiu-se Zumalacarregui á povoação com o seu estado maior, alguns batalhões e o vigario geral do exercito D. João Echevarria, que conhecedor do terreno subministrou acertadas noticias.

Ás 8 da manhã, depois de construida uma bateria na altura do castello, rompeu o fogo sobre as casas fortes. Estas, como todas as fortificações que tinham construido os liberaes desde que principiara a guerra, eram debeis para tão poderosa arma, pois nunca julgaram que chegasse a possuil-a o exercito carlista; e ainda que parecia algum tanto mesquinho o seu trem de bater, era, não obstante, mais que sufficiente para desfazer muralhas, que aliás teriam resistido ao continuado fogo de espingarda de todos os carlistas.

Algumas das principaes casas, o castello, e o hospital eram os pontos que mais resistencia offereciam, e estavam defendidos por uns 500 soldados, que deviam confiar mais no seu valor que nos muros detraz dos quaes se defendiam.

Pouco depois de principiarem os carlistas os seus certeiros tiros, abriu brecha a casa de Aizcorbe; mas os liberaes substituiram com os seus peitos o vasio da parede, e em logar do muro de pedra, apresentaram o de bayonetas.

Em todo o caso, dentro em pouco o fogo dos carlistas dominava todo, incluindo o hospital, com imminente perigo dos doentes.

Vendo os liberaes, que eram inuteis os seus esforços, decidiram evadir-se pelas trevas da noute, o que realisaram saindo por uma porta escura para o campo, para o que foram auxiliados pelo temporal. Sem deter-se tomaram o caminho de Lerin, deixando em Los Arcos as sentinellas, que continuaram passando a palavra.

Tres horas depois, quando Zumalacarregui soube a sua fuga, destacou no mesmo instante alguma cavallaria, que conseguiu apoderar-se de alguns que iam mais atrazados, com os quaes voltaram já de manhã.

Zumalacarregui, apoderou-se em seguida do hospital, onde encontrou perto de 200 homens entre enfermos e feridos, incluindo varios officiaes, e dispoz que fossem trasladados para outros alojamentos mais commodos, e se lhes assistisse cuidadosamente. Achou alem disto todo o fardamento do regimento de infanteria de Soria; porção de calças sem uso; espingardas, caixões de cartuchos, espadas e outros petrechos, e abundante deposito de munições de boca e de guerra.

Alguns dos feridos e enfermos tomaram partido por D. Carlos; e Zumalacarregui, querendo sobresair em generosidade, deixou recommendados um coronel commandante e seis officiaes feridos, firmes ao seu juramento, e com ordem de serem mudados para Vianna, onde estavam seus companheiros, assim que fossem curados.

Com a mesma imparcialidade com que julgámos o indigno tratamento dos desgraçados de Villafranca, com a mesma elogiamos este honroso parenthesis ás represalias. E não se julgue que Zumalacarregui obrava por outro impulso; não se creia que temia, porque ao mesmo tempo que obedecendo aos sentimentos da sua alma, dava vida e liberdade a chefes inimigos, fazia fuzilar ao tenente coronel D. José Echeverria, o tenente D. Fermin Aizaga e a 11 soldados, feitos prisioneiros com as armas na mão, na mencionada fuga para Lerin.

Ao gozo de Zumalacarregui pelo seu triumpho, se acrescentou o da presença de D. Carlos, que de Zuñiga se dirigiu a Los Arcos, onde foi victoriado pelos seus soldados e recebido á porta da egreja pelo cabido ecclesiastico, com pallio e capa pluvial, assistindo a um solemne *Te-Deum*. De noute foi a Ubago, e no dia seguinte a Zuñiga; e em poucos dias marcharam as tropas para Cirauqui.

O commandante liberal da guarnição de Los Arcos e os officiaes, foram presos por Mina.

Não foi tão feliz Zumalacarregui no dia 8 de Março de 1835, em que não poude expulsar da ponte de Larraga, o chefe liberal Gar-

Falla-se agora no estabelecimento d'uma succursal de um dos bancos do Minho nesta cidade, o que muito estimamos; mas não deixa de ser exacto, que na occasião em que a camara municipal recorreu á companhia de credito predial, não encontrou, nem ainda depois quem offerecesse propostas mais acceitaveis.

Encontraria hoje a camara maiores facilidades, se a transacção com a companhia se mallograsse? Fique a resposta para a consciencia de cada um.

De resto, se a camara contractasse o emprestimo, de que necessita, e para que está auctorisada, ao juro de 7 por cento, e sem commissão de gerencia, teria de empregar para a amortisação do capital no mesmo periodo de 26 annos, uma annuidade, que differe da estipulada com a companhia do credito predial, uma quantia pouco apreciavel em transacções desta ordem.

Festa da primeira communhão dos meninos na freguezia das Arêas

A religião, esse elevado sentimento, em que o homem reconhece o ser supremo que o originou, é tão essencial ao mesmo homem que, sem o conhecimento della, deixaria elle de satisfazer o fim para que a natureza o creou.

Pela sublimidade de sua essencia a religião christã conseguiu vencer o odio de seus perseguidores, não podendo a hypocrisia especuladora, nem os sophismas traiçoeiros desvirtuar a excellencia de suas doutrinas; pelo contrario mantendo-se sempre atravez dos seculos com o esplendor que lhe é proprio, se apresenta ainda hoje á humanidade e, olhando-a em si, lhe diz:—*amae-vos uns aos outros*; mostrando desta forma aos homens o principio de egualdade e fraternidade, que entre elles deve haver, pois que o seu fim é o mesmo e por todos que se realisa.

O christianismo, na verdade, foi o cutello que mais forte golpe descarregou na escravatura, a mais horrivel pronunciação da desegualdade entre os homens. Em lucta com os interesses de muito poderosos, com os costumes arreigados que mantinham inertes os *homens cousas*, com as leis das nações, aonde ella se achava legitimada, e ainda mais com as doutrinas d'alguns philosophos antigos, assás respeitaveis, foi elle que mais proficuamente pugnou pelo principio de egualdade, com o que era seu contraste.

É pois de reconhecida necessidade, para que os homens caminhem direitos ao seu fim, a iniciação dos beneficos principios do christianismo nas tenras edades, para que elles lhes sirvam de guia em todos os actos da sua vida. O convite das creanças á primeira communhão pelo modo por que ha dias o presenciamos, é uma frequente applicação desta verdade.

Foi no dia 15 do corrente, na freguezia de Nossa Senhora da Graça das Arêas. Ás 10 horas da manhã d'aquelle dia, principiou a solemnidade por uma bem disposta procissão.

As irmandades, em duas extensas alas, tomaram a frente; apoz estas, seguiam-se pela mesma ordem, preparados para o sagrado banquete, 48 meninas airosamente vestidas de branco com veos e grinaldas de flores na cabeçã, e 28 meninos com opas tambem brancas. Na dianteira destes, iam dois anjos brilhantemente vestidos com factos e adereces, para esse fim comprados em Lisboa pelo dignissimo parocho daquella freguezia, os quaes de quando em quando recitavam diversas loas com muito acerto, a que todos os meninos respondiam em côro. Seguia-se depois a linda imagem da padroeira, precedida do pallio aonde ia o Santissimo, e finalmente fechavam o prestito muitos ecclesiasticos, e a philarmonica Carrilense, de que é director o exm.º commendador Hygino Otho de Queiroz, e um numerosissimo concurso de povo, aonde se viam muitas damas e cavalheiros de diversas localidades.

A egreja vistosamente ornada, ostentava de gala. A orchestra desempenhou, sem nada deixar a desejar, uma das missas de Santos Pinto. Antes da communhão subiu ao pulpito o muito reverendo parocho da freguezia, que com os seus bem conhecidos dotes oratorios, fez um abreviado panegyrico, explicando ás tenras creanças, em linguagem propria, a grandeza daquelle acto. Era admiravel a maneira respeitosa e prompta como estas creanças, cujos corações sempre desinquietos em tão curta edade, cumpriam as singellas indicações do illustre orador, o que sem duvida revela a sua muita paciencia e força de vontade para as instruir. Depois de se terem dirigido á pia baptismal a renovar os seus protestos de fé, se encaminharam, conservando sempre a ordem da procissão, ao muito reverendo celebrante, que lhes deu a mão a beijar, e bem assim a seus paes e mães, que tambem em logar destinado se achavam proximos. Findo isto seguiu-se a communhão.

Foram patheticos os effeitos destes actos; e não poucas pessoas vimos sensibilisadas a ponto de verterem lagrimas!

Um dos anjos tanto se compungiu no acto de pedir perdão á mãe, que ao recitar os versos estava lavada em pranto!

Nos intervalos do sermão e durante a communhão, tocou a orchestra, executando com mestria alguns trechos de musica, com que deveras nos arrebatou.

Terminou esta luzida festa por uma refeição, offerecida aos meninos pelo muito reverendo parocho.

Muito nos regosijaremos em que v. registe no *Conimbricense* estes disvellos do nosso prezado amigo Luciano Augusto de Azevedo, dignissimo conego honorario da sé de Loanda e parocho da freguezia das Arêas; pois é certo que a s. s.ª é devida a iniciativa d'aquella solemnidade, sendo por isso merecedor dos maiores louvores, como são todos os parochos que por esta forma tentam gravar no coração ainda tenro, o facto mais notavel do homem na sua esphera religiosa.

Alvaiazere, 25 de Junho de 1873.

Cassiano de Loné Frazão.

NOTICIARIO

As festividades da Rainha Santa Isabel.—Ao esmorecimento, que todos lastimavamos, succedeu a animação por parte d'aquelles que á idea religiosa reunem a convicção de que para esta terra, e como esta para tantas outras, ha muita conveniencia em despertar desejos de serem visitadas; mesmo porque em Coimbra ha muito que ver e admirar.

As festas, pois, serão este anno pomposos, se, como é de esperar, forem coroados de bom exito os esforços das pessoas, que pondo de parte ponderosos motivos de abstenção, tomaram sobre si a improba tarefa de realisar a subscripção para se obterem os meios necessarios, a fim de se occorrer ás avultadas despezas a fazer.

A veneranda imagem da Protectora de Coimbra virá da egreja para esta cidade no dia 10 de Julho, á noite, ficando depositada no magestoso templo de Santa Cruz. Para recebel-a, preparam-se vistosas decorações e illuminações nas ruas do transito, na praça, etc.

No dia 12 haverá fogo preso, que talvez será queimado sobre a ponte.

No dia 13 haverá de manhã a pomposa festividade, e de tarde sairá a solemne procissão, que irá entregar a santa imagem no real mosteiro de Santa Clara. Pelas disposições que vemos, e porque esta procissão deixará de fazer-se durante dois ou tres annos, por causa da reconstrucção da ponte de Coimbra, este anno redobrarão as homenagens e devoções á Santa Rainha.

Coincide com os festejos religiosos outro acto, mui sympatico para esta cidade—a inauguração da magestosa ponte da Portella, uma das mais importantes obras de arte ultimamente realisadas no nosso paiz, e que se nos afigura que trará optimos resultados não só a Coimbra, como á provincia da Beira em geral.

A Associação Conimbricense do sexo feminino realisa na praça de S. Bartholomeu um bazar, para o que se está preparando um vistoso pavilhão.

A companhia dos caminhos de ferro estabelece comboyos a preços mui reduzidos valiosos por seis dias.

A força militar será augmentada com o destacamento de infanteria 9, que vem render o que aqui está de infanteria 14.

A companhia do Gymnasio dará espectaculo no theatro de D. Luiz, nos dias 11 a 13 de Julho.

E' isto o que por emquanto nos consta com certeza. Corre porem, com visos de probabilidade, o boato de que suas magestades, ou pelo menos o senhor D. Fernando, virão assistir á abertura da ponte e ás festas da Rainha Santa.

O bazar da associação do sexo feminino.—Os cavalheiros que constituem

---

rera, que com Lopez e Gurrea tinha ido procurar Zumalacarregui, que se achava em Ciranqui e suas immediações.

Ferido no seu orgulho Zumalacarregui, por se ver burlado no seu empenho, elle mesmo se poz á frente para forçar a ponte, e dar aos seus soldados o exemplo de Napoleão I em Lodi e Arcole. O seu arrojo, porem, não produziu eguaes resultados, se não o triste da perda de alguns dos valentes officiaes que seguiam o caudilho carlista, o qual expoz a sua vida a um perigo imminente, que qualificaram alguns de imprudente temeridade.

Ainda, porem, seguia Zumalacarregui obstinado em conquistar a victoria, durando já 3 horas o combate, quando viu que acudiam Lopez e Gurrea, e conheceu a inutilidade de seguir contra tão poderoso reforço. Sobrevinha tambem a noute, e por isso se retirou para Ciranqui, conduzindo mais de 200 feridos e deixando consideravel numero de mortos no campo. Os liberaes contaram mais de 100 baixas entre mortos e feridos, achando-se entre estes ultimos D. Santos S. Miguel.

Mina tinha conseguido o seu objecto, dominando os valles de Baztan e Bertiz Arana. Ao mesmo tempo o brigadeiro Mendez Vigo estava em Lanz, reforçado com dois batalhões que acabavam de chegar do Aragão, ao mando do coronel D. Froilan Mendez Vigo, e ao de Olavarria outros dos novos batalhões collocados nos Berrios. Oráa durante a sua permanencia em Santesteban occupava-se em fortificar este ponto.

Aquella agglomeração de forças, occupando todo o territorio, restituiu aos habitantes liberaes a confiança, armando-se muitos para defendel-o de novas incursões, e alistando-se outros nas fileiras do exercito, para participar das suas glorias e fadigas.

Não duvidou Mina que Zumalacarregui procuraria vingar a sua derrota, dirigindo-se a obter em outros pontos o que no Baztan perdia. Mandou por isso que a primeira divisão o seguisse muito de perto, o que impedia o caudilho carlista, cortando pontes e abrindo cortaduras nos caminhos, á sua entrada na Borunda. Isto obrigou a Carrera a apresentar-se em Pamplona no dia 15 de Março, deixando a sua divisão em Berrio-Yuso e Artica, e a 16 marchou para Ribera com Lopez para impedir Zumalacarregui de descer a ella.

Lopez, com muito brilhante e numerosa cavallaria ás suas ordens, que nada podia, ou devia temer, porque só por si era sufficiente para ter assegurada a Ribera, permittiu, por um indesculpavel descuido, que uma partida de carlistas se introduzisse em Lodoza, queimasse os fortes e levasse os seus effeitos.

Zumalacarregui transtornava as combinações dos seus contrarios com o fuzilamento dos seus confidentes, pois em poucos dias foram cinco as victimas; chegou a ver-se mais desembaraçado em seus movimentos, e poude attender ao sitio do forte de Echarri-Aranaz, tanto tempo cubiçado.

A noticia deste successo e do estado do forte, obrigou a Mina a sair de Elisondo no dia 20 de Março e dirigir-se a Pamplona, onde entrou a 21, com dois morteiros e obuzes, que haviam pertencido aos carlistas, e fizera desenterrar no Baztan onde os tinham escondido; dispondo no mesmo instante a prompta marcha de forças, que foram já inuteis, como veremos.

Temendo se perdesse tambem Olazagoitia, enviou tropas em todas as direcções, marchando Aldama sobre o valle de Ollo a passar o rio pela ponte de Asiain, por estarem as outras cortadas. Carrera, tomou de Puente la Reina a mesma direcção, e os brigadeiros Mendez Vigo e Gurrea deviam introduzir-se na Borunda, mais acima, á direita. O commandante geral das provincias Vascongadas tinha ordem de concorrer á defeza dos fortes.

Todos cumpriram com a possivel exactidão o que lhes fora incumbido, e sabendo-o Zumalacarregui, apertou mais o cerco ao forte de Olazagoitia.

No dia 25 tinha Aldama ás suas ordens todas as forças, e dispoz que Mendez Vigo e Gurrea marchassem pelo posto de Lezarraga, ameaçando o carlista, seguindo Aldama com o resto no mesmo sentido, o que deu em resultado a salvação de Olazagoitia, bastante destruidas já as suas fortificações, e a retirada do inimigo, que se encaminhou ás Amazcoas.

No dia 15 do mesmo mez tinha Zumalacarregui atacado a Echarri-Aranaz, que tomou, depois de ser batido o forte por uma peça e um obuz durante 5 dias.

Ainda que Mina poude obstar, como já vimos a que Zumalacarregui tomasse Olazagoitia; comtudo, o facto de ter caido em poder dos carlistas o forte de Echarri-Aranaz, fez perder muito a importancia de Olazagoitia, e por isso Mina fez demolir as suas fortificações, fazendo ir a guarnição para Pamplona.

Zumalacarregui celebrou este acontecimento, pois se não conquistou o forte, conseguiu o que pretendia; isto é, tirar o obstaculo que apersentava á maior brevidade e facilidade de suas communicações de Guipuscoa com a Navarra.

Ao voltar Mina para Pamplona, levou profundamente arreigada a convicção que já tinha, de não poder acabar com os carlistas. Estes iam sempre progredindo, e por este tempo completou Zumalacarregui o brilhante esquadrão que intitulou de defensores da legitimidade, composto de officiaes hespanhoes e estrangeiros, que se prestaram a servir de simples voluntarios, taes como Arjona, Cabañas, Balmaseda, Freire, o escriptor Henninserg, La Torre, Sancho, Moral, Garaza, Quevedo, Soto, Hortelano, Sainz, Sarraminaga, Vial, e outros, tendo por chefe a D. João Bellengero.

Os feitos que temos narrado chamavam a attenção de uma maneira extraordinaria, e as pessoas imparciaes davam já ás armas carlistas a importancia que mereciam.

D. Carlos, ou antes Zumalacarregui, conhecia o que ganhava a sua posição; propoz-se dal-a a conhecer a todos, justificando-se aos olhos da opinião publica, e apresentando com cores negras a conducta do inimigo; e por isso em um boletim extraordinario foi publicado um notavel manifesto.

A fim de augmentar o exercito do norte, passou o Ebro o general liberal Aldama á frente de uma divisão, que reforçada com a de Carrera, se dirigiu a isolada montanha de Montejurra, que parece o ponto avançado das que rodeiam a Estella.

Zumalacarregui, com oito batalhões, foi buscar ao mesmo tempo a cavallaria ao valle de Ega, e soube alli o movimento de Aldama. Dirigiu-se Zumalacarregui em sua procura, e descubriu de uma eminencia do caminho de Luquin a Arroniz, a divisão liberal, que acabava de chegar ás immediações do segundo povo.

Atacam os carlistas as forças liberaes; porem Aldama que estava prevenido, resistiu com valentia a Zumalacarregui, batendo e arrojando os carlistas não só da sua primeira posição, mas de outras.

Desde então poderam cantar triumpho os liberaes, ainda que a muito custo, pois passavam de 300 os feridos, em cujo numero se contava o general Aldama. No campo ficaram uns 80 mortos. A perda dos carlistas se equilibrou com a dos liberaes.

Zumalacarregui não se creu derrotado, e ao amanhecer do dia seguinte occupava as mesmas posições de que havia sido desalojado, retirando-se o seu inimigo. Para isto se derramava tanto sangue!

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

a commissão auxiliar do conselho d'aquella associação, tem sido incansaveis em suas diligencias para obter prendas para o bazar, especialmente o sr. Joaquim Martins da Cunha, que, pelas suas muitas relações, tem já conseguido reunir grande numero de prendas, e algumas mui valiosas. Tomem as associadas na devida conta esta generosa dedicação, e, com exemplos taes, não descurem os seus immediatos interesses, que tão patrocinados tem sido pelas pessoas estranhas a uma associação, que, por sua natureza e indole, está mais no caso de reunir maior numero de prendas, do que qualquer outra.

Hospedes. — Já vão apparecendo em Coimbra muitas familias de fóra, que vêem assistir ás festas da Rainha Santa. Preveniram-se com tempo, para occupar os melhores logares nas hospedarias. Durante estes dias vão fazendo suas digressões pelos arredores mais pittorescos, e visitando o que ha de mais notavel dentro da cidade. Quasi todos dão um passeio até ao Bussaco, que tão aprasivel se torna nestes dias calmosos.

Misericordia. — Está a findar a sua gerencia a actual mesa da Santa Casa. Entre os melhoramentos que emprehendeu durante a sua administração, avulta a compra de roupas e vestuarios para os orphãos, de que havia grande falta. Os dous collegios contam hoje 86 alumnos.

Calor. — Tem sido verdadeiramente abrasador durante esta semana. Além do sol ardentissimo, têm soprado todos os dias o vento leste, *suão*, que é um verdadeiro flagello para a vegetação. A fructa vae cahindo das arvores, antes de madura, e as searas do milho serodios estão em risco de se perderem, se este tempo continuar a assolar os campos.

Actos. — Estão difficeis e rigorosos os actos da Faculdade de Philosophia. Principalmente no primeiro anno tem havido muitas reprovações e muitos RR.

Mudança de talho.—O sr. Domingos Alves Pereira Guimarães, vendo-se forçado a deixar o seu talho, estabelecido na praça de D. Pedro V; acaba de o mudar para a loja n.º 23, no edificio de Santa Cruz, debaixo do arco, e proximo á mesma praça.

Para que o seu estabelecimento esteja com o aceio de que precisa tal genero de negocio, não se poupou a despezas; conseguindo que o seu talho seja, como é, o mais aceiado de Coimbra; e tendo alem disso a fortuna de encontrar o local mais apropriado para aquelle fim.

Prisão. — Já se acha preso na cadeia da villa de Cantanhede, Manoel Cordeiro, implicado no crime de assassinato na pessoa de Innocencio Pereira de Sá, cujo acontecimento noticiámos no numero antecedente d'este jornal.

Manoel Cordeiro é natural de Murtede, do mesmo concelho de Cantanhede, e casado no logar da Gandara de Ançã. E' de estatura mediana e delgado, e contará cerca de 25 annos de edade.

A prisão effectuou-se no dia 26 do corrente pela manhã.

O curso do 5.º anno de Direito em 1873.—Publicamos em seguida a commemoração da festa celebrada pelo curso do 5.º anno de Direito, no seu passeio de despedida á Lapa dos Esteios.

A poesia foi mandada gravar pelos exm.os condes da Quinta das Canas, como prova do apreço em que tiveram aquella visita á sua poetica quinta.

ULTIMO ABRAÇO

DO CURSO DO 5.º ANNO JURIDICO DE 1873

Nestes paços de Flora encantadores
Nos reune a voz terna da amizade;
D'entre os abraços e por sobre as flores
Revoam mil suspiros de saudade;
E' o ultimo adeus da mocidade!

Distantes vamos ser, mas não ausentes:
Embora fuja a quadra de poesia,
Quadra d'amor e sonhos resplandentes,
O affecto de irmãos que nos prendia...
Esse ficou, recresce cada dia!

21 de Maio

J. Paiva.

Bazar.— Foi adiado para Outubro o bazar em beneficio da *Sociedade Philantropico-Academica*, que costuma realisar-se em Maio.

Louvores. — Em portaria do ministerio do reino, foi mandado louvar o sr. Francisco Maria de Brito, cidadão portuguez, residente no Brasil, por auxiliar a escola de Penalva de Alva, concelho de Oliveira do Hospital, com um valioso donativo em livros, papel e outros utensilios escolares.

Mais louvores.— Em outra portaria foi mandado louvar o sr. visconde de Foz de Arouce e o sr. João Gonçalves de Lemos; o primeiro por haver cedido o terreno preciso para a construcção da casa em que deve funccionar a escola de ensino primario do sexo masculino, na freguezia do Casal do Ermio, concelho da Louzã, e o segundo por auxiliar a mesma construcção com a quantia de 10$ reis.

Formatura.— Na quinta feira fez o seu acto de formatura na Faculdade de Direito, o nosso estimavel amigo o sr. Francisco Augusto de Napoles Figueiredo e Veiga, de Goes.

Durante o seu tirocinio academico, o sr. Figueiredo e Veiga soube grangear nesta cidade, pelas suas excellentes qualidades, numerosos amigos.

Damos os mais sinceros parabens a seu pae o sr. bacharel José Maria de Figueiredo Veiga; a seus thios os srs. commendador Francisco Antonio da Veiga, padre Antonio Maria de Figueiredo Perdigão e Veiga e padre Antonio Maria de Mello e Napoles; e a todos os outros seus parentes.

Ao novo bacharel desejamos todas as venturas, de que é muito digno.

Passaros cantores. — Diz-nos o sr. José Maria Rosa de Carvalho, que os passaros cantores do genero *motacilla*, Linneu, os quaes têem o bico delgado e fraco, estão hoje divididos em duas secções; *silvains*, e *ricerains*. Os da primeira secção, habitam os nossos bosques, pomares, jardins, etc.; os da segunda, não se afastam para longe da borda das aguas. Os juncaes, os cannaviaes-aquaticos, os terrenos alagadiços, são os seus sitios predilectos.

O canto dos primeiros é doce, sonoro, e flexivel. O dos segundos, é monotono; e a voz é rouca, parecida com a da rã, e só propria daquelles logares pantanosos, tão pouco favorecidos da natureza.

O nosso rouxinol *motacilla luscinia*, de Linneu, é o primeiro musico natural; e até ha quem diga que elle dera origem á musica.

A palavra *luscinia* ou *lucinia*, vem de *lucus*, bosque; e foi dado este nome ao rouxinol por elle gostar de viver nas ramagens sombrias. Querem tambem que o nome *luscinia* lhe viera de cantar antes da luz da manhã. Parece que Varrão formára desta palavra alguns diminutivos, como *lusciniola* e *lusciola*, como, dizem, querendo-lhe chamar *luctiola*, por isso que esta ave conta lugubremente a sua paixão aos eccos das florestas; como Virgilio se exprime neste verso: *Et mœstis late loca questibus implet*. Todos conhecem o nosso rouxinol.

Não temos duvida em chamar segundo cantor deste genero de Linneu, ao nosso pisco de peito ruivo, *motacilla rubecula*. Este passaro canta muito no outono, e é frequente junto ás povoações. Na primavera procura as mattas sombrias, onde vae criar. O seu canto é extenso, variado, e muito agradavel.

A tutinegra real, *motacilla atricapilla*, de Linneu, tem a cabeça preta superiormente; a voz é sonora, e parecida a do melro; porem o canto tem o defeito de ser muito breve.

A carriça ordinaria, *motacilla troglodytes*, Linneu, cuja voz é tão fortissima para tão pequeno corpo, não deixa de ter um canto que nos agrada, e principia a cantar no mez de Janeiro.

Uma folosa de bico longo, que costuma criar nos tremoçaes, tem o canto muito extenso e variado, imitando o de muitos dos nossos passaros. Foi, por isso, que lhe pozeram o nome de *polyglotta*, que falla muitas linguas; *hippolais polyglotta*, de Selys-longchamp. Esta especie, assim como outras, foi desconhecida de Linneu.

São estes passaros, de que temos fallado, os principaes cantores, pertencentes á secção dos *silvains*.

Quanto aos *ricerains*, cujo nome vulgar é rouxinoes de paul; diremos apenas que a *calamoherpe turdoides*, de Boié, de todas d'esta secção, é a especie mais notavel por o seu canto forte, rouco, e importuno. Este passaro, a quem Linneu collocou *á força* no genero dos tordos, e melros, e a quem deu o nome de *turdus arundinaceus*, é frequente no paul de S. Facundo, no da Arzilla, etc.—Continuaremos.

Mercado de Condeixa a Nova no dia 27.—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo mourisco novo 400 — Dito tremez velho 460 —Dito mourisco velho 440—Milho branco 310—Dito amarello 310—Feijão vermelho 440 — Dito branco 440 — Dito rajado 360—Dito frade 320—Cevada 200 — Favas 260—Tremoços 280 — Batatas novas 160 — Ditas de semente 220 — Vinho 850 — Azeite 1$040.

Voto de louvor. — Da melhor vontade publicamos a seguinte honrosa carta:

«Sr. redactor.— Venho á imprensa com o unico fim de dar-lhe noticia d'um acto de generosidade e honradez, praticado pelo exm.º sr. Dr. José Daniel de Carvalho Montenegro, da Louzã, em favor da irmandade do Sacramento da dita villa. Acções como esta não devem passar em silencio; é necessario leval-as ao conhecimento de todos, como incentivo a outras semilhantes.

Quando, por ordem superior, os bens das confrarias foram vendidos em praça, o sr. dr. José Daniel comprou algumas oliveiras pertencentes á da Louzã. Estas oliveiras, ao tempo da sua venda, achavam-se já quasi em estado de perfeita madureza, e por isso aquelle cavalheiro entendeu, e bem, que ficava lezada aquella corporação, a não ter uma parte, correspondente ao tempo, no rendimento desse anno.

Levado destas ideias mui dignas do seu caracter desinteressado e cavalheiro, o sr. Montenegro entregou ha pouco á mesma corporação o producto da venda do azeite que lhe poderia pertencer.

A mesa da confraria reconheceu e com justiça, a acção digna do maior elogio, e por isso, n'uma das suas ultimas sessões, lhe mandou lançar no livro das suas actas um voto de louvor, enviando-lhe em officio a copia dessa acta, a que o sr. Montenegro se dignou responder, nos termos mais lisonjeiros á mesa, mostrando-se agradecido pela honra que lhe acabava de fazer.

E' assim que o sr. Montenegro zela os interesses da sua terra, não deixando passar debalde qualquer occasião em que o possa fazer. Para isso nem a distancia lhe serve de obstaculo, como se viu ainda ha pouco, quando nas terras de Santa Cruz, centenares de leguas o separavam d'ella, da sua querida patria, que por isso mesmo trazia mais gravada no intimo do seu coração.

Receba o sr. Montenegro de nós e de todos os louzanenses sinceros parabens, e d'aquella corporação o seu eterno reconhecimento.

* * *

Noticias de Hespanha.— Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

O cura Santa Cruz declarou terminantemente, ao que se diz, que não obedecerá aos agentes de D. Carlos senão mediante certas condições; e que os 1:000 homens que o acompanham, seguil-o-hão para toda a parte.

Apparece um facto curioso nas noticias que ainda circulam ácerca do combate de Orista. No começo da lucta ficou prisioneira a propria D. Maria das Neves, que pouco depois deveu a sua liberdade ao estado maior de D. Affonso. Os carlistas tiveram mais do dobro das perdas que annunciaram.

Madrid, 26, ás 12 horas e 50 minutos da manhã.—A *Gazeta* publica a lei fixando o dia 12 de Julho para as eleições municipaes, e o dia 6 de Setembro para as das deputações provinciaes. Hontem desordens em Malaga. Foi morto o alcaide popular. A' tarde estava restabelecida a ordem. Os voluntarios da republica collocaram-se do lado das auctoridades.

Segundo diz o *Imparcial*, as forças carlistas reunidas sob as ordens de Elio, destruiram no domingo a columna do coronel Castanon, obrigaram Nouvilas a retirar cinco leguas e a encerrar-se em Estella. Tomaram-lhe quatro peças, mataram o coronel Castanon, e feriram um filho de Nouvilas. O cabecilha Radica foi morto. Santa Cruz roubou na terça feira as alfaias da egreja de Zaldoia.

O conselho de guerra de Carrara, absolveu no dia 14 o vapor *Murillo*, accusado da perda do *Northfleet*.

Madrid, 26, ás 11 horas e 40 minutos da manhã. — O governo foi hontem interpellado nas côrtes sobre os successos da guerra no norte de Hespanha. Respondeu que não podia fazer revelações para não aggravar a situação e pediu concordia e prudencia.

Realisaram-se, infelizmente, os boatos de desordens graves.

Os voluntarios de Sevilha estão em armas contra o principio de auctoridade. Houve luta, mortes e ferimentos para se apoderarem do parque de artilheria, que foi tomado pelos sublevados.

O governo faz concentrar na capital da Andaluzia as forças de que póde dispôr para o restabelecimento da ordem.

Tambem em Leganes houve fogo entre os francos e a tropa, porque os primeiros incendiaram as searas e causaram graves prejuizos.

Insiste-se em affirmar que vão declarar-se suspensas as garantias.

Madrid, 26, ás 5 horas e 15 minutos da tarde.—As noticias officiaes desmentem a pretendida victoria dos carlistas no norte, de que falla o *Imparcial*. Os intransigentes de Sevilha levantaram algumas barricadas, mas espera-se que serão submettidos hoje pelas tropas e pelos voluntarios fieis ao governo. Nas côrtes procede-se á verificação de poderes. Sabbado o novo ministerio será provavelmente apresentado nas côrtes.

Madrid 26, ás 11 horas e 15 minutos da nou e —A commissão constitucional proporá um presidente da republica, que escolherá o presidente do poder executivo, devendo este nomear os ministros.

O congresso será eleito directamente e o senado por assembleias regionaes. O codigo penal será o mesmo em toda a republica.

A divisão organica será o municipio, o estado regional e o estado nacional. As attribuições do estado nacional deverão ser: exercito, marinha, correios, telegraphos, rendas geraes, alfandegas até á suppressão, limites dos estados e conflictos entre elles.

Julga-se que o projecto será apresentado no domingo á commissão.

É provavel que no novo ministerio domine a direita.

Corre o boato de que será constituido ámanhã. Indica-se Pi, presidente: Palanca, interior; Pascual Casas, justiça; Gonzalez, obras publicas; Tatau, fazenda; Maisonnave, negocios estrangeiros. Pi conferenciou com elles depois do meio dia, expondo-lhes a politica que projecta seguir.

O coronel Castanon retomou Yrurzun aos carlistas.

Madrid, 27 ás 12 horas e 20 minutos da manhã.—Está confirmada a derrota de Nouvilas, o ferimento de um filho d'este general e a morte do brigadeiro Castanon.

Nouvilas teve muitas baixas e perdeu 4 peças de artilheria. Depois de chegar a Estella, em retirada, diz-se que se manifestara indisciplina em alguns batalhões, ao mandar-se proceder aos trabalhos da fortificação da praça.

O governo guarda até agora o maior silencio. Por este motivo, correm em Madrid no meio da agitação geral, boatos assustadores.

Malaga, Valencia, Sevilha, Barcelona, Cadiz e Murcia estão sublevadas.

Julga-se que a demora na organisação do gabinete póde produzir em Madrid uma funesta coalisão.

A maior parte dos representantes estrangeiros tem-se retirado para os seus paizes.

Madrid, 27, ás 11 horas e 30 minutos da manhã.—Os intransigentes de Madrid ameaçam tomar uma attitude hostil e recorrer ás armas, caso a formação de ministerio tome exclusivamente a direita. As auctoridades tomaram medidas para evitar desordens.

Em caso de necessidade a guarda civil occupará as immediações da assemblea. Um inglez habitante de Bensain que se mostrou indignado quando Santa Cruz incendiou a estação e as mercadorias, foi espancado pelos carlistas.

ANNUNCIOS

1 NO DIA 10 de Julho proximo futuro, pelo meio dia, nos paços do concelho, hade dar-se de arrematação a construcção d'um muro de supporte ao fundo do quintal do bacharel Manoel Marques de Lima e Figueiredo, proximo ao caes das Ameias.

As condições serão presentes no acto da praça.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 27 de Junho de 1873.

O escrivão da camara,

Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

Arrematação

2 EM 29 de Junho corrente, hade ser arrematado na administração do concelho, a quem por menos o fizer, o fornecimento de rações e dietas aos presos pobres da cadeia de Santa Cruz, por tempo de um anno, que deve ter seu principio no dia 1.º do proximo mez de Julho, e no acto da arrematação serão presentes as respectivas condições.

DOCTOR IN ABSENTIA

3 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a *Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra)*, o qual lhes dará gratuitamente todas e quaesquer informações sobre a Universidade.

Attenção

4 ALEM DO EXTRAORDINARIO SORTIMENTO de chapeus em palha, recebidos directamente de Paris, tem a modista, na rua de S. Pedro, n.º 17, lindo sortimento de chapeus brancos de visita, e ditos em diversas cores; e tudo o mais anteriormente mencionado.

5 VINHOS DA BAIRRADA da lavra do Dr. Antonino José Rodrigues Vidal—engarrafado branco e tinto. — Vende-se na Calçada, n.º 85 a 91—a 120 reis sem garrafa.

6 ALBINO JUSTINIANO DE CARVALHO, de Condeixa a Nova, faz publico, que propondo acção em juizo, por sessenta e tantos mil reis, e juros, que lhe ficou devendo José Duarte Barrocas, de Condeixa a Velha, como consta de conciliação, prevîne que ninguem contracte sobre os bens da herança, pena de nullidade, e desde já protesta contra quem lhos compre, em virtude do artigo 1033 do codigo civil.

Condeixa, 27 de Junho de 1873.

Albino Justiniano de Carvalho.

PIANO VERTICAL

7 VENDE-SE um em muito bom uso. Tambem se vende UMA MACHINA DE COSTURA DE DOUS PESPONTOS—munida de todas as peças que lhe pertencem.

Nesta redacção se diz.

8 MARIANNA DOS SANTOS CRUZ faz publico aos seus freguezes, que mudou o seu estabelecimento da rua da Sophia, para o 2.º andar do predio, n.º 10, no terreiro da Erva. De hoje em diante continua com o mesmo café e estanco, e alem disso tambem faz petiscos.

9 POR 360 REIS — UM BONITO BRINDE—**Le chalet.** — Pequeno pavilhão contendo agulhas de differentes numeros.

183—Rua da Calçada—185

REFRIGERANTES ECONOMICOS

10 ACABA de chegar nova remessa de essencia concentrada de limão e de laranja, á Livraria Academica, Calçada, 183 e 185. Cada frasco dá para 40 limonadas ou laranjadas.—Preço 240 reis.

11 FABRICA ITALIANA de cordas de tripa, armonicas, para relojoarias e chapellarias: primeira em Portugal, de Justino de Bartholomeu, em Coimbra, no Rocio de Santa Clara.

EDITAL

12 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Coimbra, faz publico, que foram approvadas por decreto de 10 do corrente mez, para serem cobradas no mesmo concelho durante o anno economico de 1873-1874, que principia no 1.º de Julho proximo futuro, e finda em 30 de Junho de 1874, as seguintes:

Contribuições indirectas

Onze e meio reis em cada kilogramma de carne;

Dois e meio reis em cada kilogramma de peixe fresco, secco e salgado, sem excepção de bacalhau, polvo e atum;

Quinze reis em cada litro de vinho ordinario e de vinagre expostos á venda para consumo, qualquer que seja a fracção de pipa por que estes liquidos sejam vendidos;

Cincoenta reis em cada garrafa de vinho fino engarrafado, a saber: da Madeira, do Porto, Moscatel, Malvasia e Champagne, e qualquer outro vinho estrangeiro, e bem assim em cada botija ou garrafa de genebra, licores nacionaes ou estrangeiros, cognac, e toda a aguardente estrangeira engarrafada, e quando o não esteja 75 reis em cada litro, ou nesta proporção;

Trinta reis em cada garrafa de vinho não declarado acima, tal como Bairrada, Bucellas, Lavradio, etc., e todo o mais vinho composto engarrafado, e bem assim em cada garrafa de licor nacional, cujo custo seja inferior a 300 reis o litro, e não estando engarrafado 45 reis em cada litro, ou nesta proporção;

Vinte reis em cada litro d'aguardente de 1.ª qualidade (a que for superior a 65 graus do areometro centesimal de Gay-Lussac);

Dez reis em cada litro d'aguardente de 2.ª qualidade (a que for inferior áquella graduação);

Vinte reis em cada litro de geropiga;

Quinze reis em cada litro de cerveja.

Rendimento do matadouro

Cem reis em cada boi ou vacca; quarenta reis em cada vitella ou porco; dez reis em cada carneiro ou chibato, abatidos no matadouro; e um real em cada kilogramma de carne que for pesada no mesmo matadouro.

E para que chegue ao conhecimento de todos se mandou publicar este e outros d'egual theor.

Coimbra, Secretaria da Camara Municipal 25 de Junho de 1873.

O Presidente,

Lourenço d'Almeida Azevedo.

DILIGENCIA

Entre Coimbra e Figueira da Foz, e vice-versa

13 A VIUVA NATIVIDADE & FILHOS, desta cidade, e Albano Custodio, da Figueira, levam ao conhecimento do publico, que no dia 1 de Julho, inclusivé, principia diariamente a carreira de duas diligencias a sahiram de Coimbra e da Figueira, sendo uma de manhã e outra de tarde, fazendo estas corridas em cinco horas.

Tambem levam encommendas, que possam ir em qualquer das diligencias.

Bilhetes de ida e volta dentro ou fóra—1$600 rs.

HORAS DAS SAHIDAS E CHEGADAS

Sahidas de manhã

De Coimbra ás 4 horas e tres quartos
Da Figueira ás 4 » » »

Sahidas de tarde

De Coimbra á 1 hora e meia
Da Figueira ás 2 » »

Chegadas de manhã

A' Figueira ás 9 horas e tres quartos
A Coimbra ás 9 » » »

Chegadas de tarde

A' Figueira ás 6 horas e meia
A Coimbra ás 7 »

Os bilhetes em Coimbra vendem-se em casa da Viuva Natividade & Filhos, rua da Sophia, n.os 39 a 41; na Figueira em casa do sr. Carlos da Costa Guia, na Praça Nova, n.º 1-A.

Coimbra, 22 de Junho de 1873.

Viuva Natividade & Filhos.
Albano Custodio.

ARREMATAÇÃO

14 NO DIA 22 de Julho proximo, pelas 9 horas da manhã, perante o exm.º sr. dr. juiz de direito desta comarca, e á porta da sala do tribunal judicial da mesma, se hãode vender e arrematar em hasta publica, para pagamento de divida, e por virtude de acção que corre neste juizo, em que é auctor Adriano Luiz Ligeiro, da freguezia de S. Martinho do Bispo, e reus Antonio Mano Ribeiro, emancipado, residente no Porto, e Manoel Mano Ribeiro, da Crujeira, emancipados, filhos de José Antonio Mano, e o tutor dos mesmos Manoel Mano Ribeiro, da Crujeira, os bens que foram penhorados a estes e que são os seguintes:—Uma leira de terra, no sitio da Paula, no campo de S. Martinho do Bispo, que parte com D. Carolina, dos Casaes do Campo; José Seguro, das Casas Novas; com varios inquilinos; e vago grande, avaliado em 100$000 rs.—Uma leira de terra no sitio das Redondas, no campo de S. Martinho do Bispo, que parte com o padre Manoel Simões Dias Cardoso; D. Libania Freire e irmãs, de Santa Clara, estrada de Chaves, e varios inquelinos, avaliada em 70$000 rs.: os quaes se entregarão a quem por elles maior preço offerecer sobre os valores aqui declarados. E' escrivão Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

15 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalesciére,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

E ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economias 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid—Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kilo 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, mercearios, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO. Desiré Rabir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ. Fernandes. — ELVAS, Sant'Anna. — COIMBRA. Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca. — SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2706 — TERÇA FEIRA 1 DE JULHO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Para emittir com mais desafogo de espirito a nossa opinião ácerca dos acontecimentos do Porto, careciamos de esclarecimentos desapaixonados; e por isso mui de pensado nos temos até hoje abstido de escrever sobre tal assumpto.

E' para nós fóra de duvida, que um procedimento irreflectido de alguns espiritos incendiados em amor da liberdade, ou desvairados pelo fanatismo liberal, que val o mesmo, deu origem ao desagradavel conflicto, que a cidade invicta presenceou no dia 21, por occasião do prelado daquella diocese celebrar um *Te Deum* em obsequio ao chefe da egreja catholica.

A manifestação anti-papista, ou liberal como lhe querem chamar, não foi de ordem a perturbar o paiz, e cremos que ella não merece a importancia que se lhe tem querido dar; não obstante, podia ter mui serias consequencias o facto impensado, que deu origem ao conflicto, a que chamam manifestação liberal.

Nenhum principio por mais justo e santo que seja, póde incutir-se no espirito publico por meio de tumultos e perturbações ruidosas.

As ideias liberaes estão já hoje bastante arreigadas no animo de todos os portuguezes, para dispensar manifestações, que alterem a ordem e a tranquillidade publica.

A liberdade tem por dogma fundamental da sua religião, o respeito a todas as crenças e a todas as opiniões. E a tolerancia é uma virtude essencial aos verdadeiros liberaes.

No anno passado celebrou em Coimbra o sr. Bispo Conde um solemnissimo *Te Deum*, com o fim de commemorar o anniversario da elevação de Pio IX ao solio pontificio; e já este anno, por egual motivo, s. ex.ª repetiu aquella festa religiosa. Muitas pessoas, reconhecidamente liberaes, assistiram á solemnidade, com a reverencia devida ao acto religioso, e com o respeito que merecem as virtudes civicas do nosso illustre prelado, sem que ninguem se lembrasse de descortinar pensamento occulto naquella pratica, que a egreja frequentemente celebra.

A ninguem pareceu que a liberdade perigava com aquelle acto, nem com muitos outros, a que todos nós, que nos prezamos de sinceros christãos, e ao mesmo tempo convictos liberaes, costumamos assistir, com a devida reverencia e sentimento religioso.

Pois haverá incompatibilidade entre um *Te Deum*, cantado na sé cathedral, em honra de um sacerdote, que é a cabeça da egreja e realmente respeitavel pelas suas virtudes, e as ideias liberaes que professamos?

Quantas vezes temos nós corrido ao templo, a render graças ao Creador, pelos anniversarios de factos, favoraveis á causa liberal?

Então a liberdade não permitte que todos manifestemos as nossas ideias, quando nessa manifestação não ha offensa a ninguem?

O systema liberal tolera neste paiz a publicação de muitos jornaes, que expendem as suas ideias mais exaltadas contra este principio; e não hade permittir que em um templo se cante um *Te Deum*, pela elevação do vigario de Christo ao solio pontificio?

Ou não comprehendeis bem a noção de liberdade, ou sois fanaticos por ella; e o fanatismo cega-vos a razão.

A noção de liberdade, cremos que vós a conheceis; o fanatismo.... é um vicio, uma indignidade, tão reprovada na religião, como na politica.

Se algum facto inconveniente e reprehensivel occorreu em todo o decurso do acto publico, temos a imprensa, onde a liberdade permitte que se discutam essas questões.

Ahi era o logar mais proprio para analysardes os factos; sem tumulto, sem alteração da ordem, e sem quebra do respeito devido á auctoridade legalmente constituida. Com maior proveito para o systema liberal, poderieis neste campo ter deslindado essa questão.

O tumulto e a desordem não convencem ninguem; a discussão polida e urbana, sim.

A' imprensa periodica; mas á imprensa illustrada e digna, costumamos nós chamar o quinto poder do estado, o esteio da liberdade; e o sabio professor da Universidade, actual ministro da justiça, o sr. Barjona de Freitas, disse em o seu excellente relatorio á lei da liberdade de imprensa, que—«a liberdade confiou á imprensa a guarda e defensão de seus foros, o melhoramento das instituições, a iniciativa das reformas, a moralidade dos povos, a fiscalisação dos governos, e o sublime apostolado da razão, da justiça e do progresso.»

E' portanto aqui, na tribuna da imprensa, com a ampla faculdade de discutir e analysar os actos publicos da auctoridade, que tem cabimento todas as questões de justiça e de direito, e é realmente aqui que as ideias liberaes têem obtido os seus melhores triumphos.

Reprovamos os excessos, o tumulto, a desordem, a oppressão e o fanatismo, venham d'onde vierem, partam donde partirem.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXXIII

D. CARLOS

XXIII

Na Biscaia, reunindo o general carlista Eraso forças nas immediações de Bilbau, bloqueava esta praça, e anceava obter um triumpho valioso, que atemorisasse os seus habitantes. Era nos primeiros dias de Março de 1835, e o bloqueio se ia estreitando: os caminhos estavam cheios de partidas consideraveis, que interceptavam os artigos que iam para a praça, precisando ás vezes o seu governador ter que enviar uma columna, que protegesse a sua passagem, como succedeu para salvar uma conducta de pão, fabricado nos moinhos que se encontram para as partes de Villaro, a qual ameaçada pelos carlistas, foi salva por uma columna liberal, sustentando uma ligeira escaramuça.

A decisão que cada dia mostravam os bloqueadores, obrigou a D. Miguel Arechavala, governador de Bilbau, a por-se em estado de defeza, designando a varios chefes os pontos que se encommendavam ao seu commando, dando-lhes precisas e terminantes ordens, e arengando aos soldados para infundir-lhes o espirito de que se sentia animado. Collocado cada um em seu posto, reservou para si o do forte de Larrinaga, o mais central da linha e de maior importancia, atacado como se via pelos carlistas.

No dia 6 de Março sabe Eraso que Espartero passava a Victoria a marchas forçadas, para proteger a Maesta, deixando em Orduña 1800 homens commandados por Latre e Iriarte; e com o fim de chamar a attenção, marchou de noute desde Arratia sobre Orduña. O ataque era á guarnição de um pequeno forte que defendiam 17 homens, e no dia 7 se augmentara com 21 mais, para que podessem cumprir melhor a sua missão, que não era outra senão a de proteger os moinhos da villa, a distancia de um quarto de legua.

Eraso apresentou-se com superioridade de forças, e uma peça de artilheria, levada por quatro juntas de bois. A segunda companhia de guias dirigiu-se pela esquerda do rio Ibaizabal, e a primeira e o terceiro batalhão pelo caminho real, com ordem de aproximar-se quanto possivel ao edificio.

Intimidava aos seus defensores a peça de artilheria, e julgando que não lhe podem resistir, abandonaram o objecto da sua defeza, que occuparam no mesmo momento os carlistas, cercando-os logo, e fazendo-os prisioneiros, á excepção de um que se lançou ao rio e permaneceu nelle occulto até ao dia seguinte, em que se salvou.

Os 37 prisioneiros liberaes foram todos fuzilados no mesmo passeio de Miraflores, em represalia, segundo disse Eraso, do fuzilamento de tres feridos prisioneiros.

A guarnição de Bilbau, a cuja vista se immolaram tantas victimas, não poude evital-as por mais que o intentasse; assim como o incendio de alguns edificios, donde antes haviam tirado os carlistas grande quantidade de viveres.

Voltou Eraso aos mesmos acontonamentos, fazendo antes frente e obrigando a acoutar-se na praça a uma columna de 200 homens com uma peça de 4, e as companhias dos caçadores dos urbanos, que formaram as guerrilhas flanqueadoras, para proteger a marcha daquella força auxiliadora.

O mesmo que conseguia Eraso, acontonado nas immediações de Bilbau, obtinham as partidas destinadas a bloquear as povoações de S. Sebastião, Estella, Salvaterra, e outras. Augmentava-se assim a sua gente, e se diminuia a de seus inimigos, já matando, ou antes caçando ao que se descuidava, já seduzindo aos soldados para que se passassem, o que era então tão frequente, que só nos primeiros 10 dias de Março, desertaram para as fileiras de D. Carlos, 76 soldados e um official.

Depois da acção de Miravalles regressou Espartero a Bilbau, donde saiu no 1.º de Abril em busca dos carlistas, pernoitando naquelle dia em Durango.

Ao mesmo tempo executaram os biscainhos um movimento desde Arratia sobre Ubidea, tornando ao valle, que foi o seu ponto de partida.

No dia 2 de Abril continuou Espartero a sua marcha para Victoria, e julgando que o esperaria o contrario nos valles de Denia e Arratia, dirigiu alguns batalhões á mata das Penhas de Mañario, a fim de cair desde este estreito passo nos valles.

Alli estavam com effeito os carlistas, porem não onde os suppunha Espartero, se não occupando uma dobrada formação das elevadas e terriveis posições, que desde as margens do rio e o povo de Villaro se estendem até á Penha de Gorbea. Tão formidaveis montanhas as defendiam nada menos de 3:000 homens.

Espartero atacou os carlistas por Villaro, onde a cordilheira é mais baixa, e elles tinham menos guarnecida. O caudilho liberal precisou empregar todos os seus esforços para conseguir o triumpho, e os empregou, expondo a sua vida, pois foi ferido o seu proprio cavallo com duas balas; conseguindo fazer retirar os carlistas.

O general Mina achava-se cada vez mais desgostoso com as difficuldades da guerra, e por isso no dia 8 de Abril de 1835, enviou ao ministro da guerra o pedido da sua demissão. Exactamente nesse mesmo dia, dispunha o governo a saida do ministro da guerra D. Jeronymo Valdés, com o mando em chefe do exercito de operações e de reserva, e das tropas que houvesse nas capitanias generaes de Castella e Aragão.

Não exijamos a liberdade para nós e a intolerancia para os outros.

Estamos certos que esta pendencia hade ser resolvida, sem consequencias desagradaveis para ninguem; e que o governo saberá manter os principios e a dignidade publica, para terminar uma questão, que em boa verdade, não merece a importancia que se lhe está dando.

CORRESPONDENIA DE BELEM

Belem, 29 de Junho de 1873.

Escrevo-lhe de Belem, mas é como se lhe escrevesse de Lisboa. A gente hoje, graças á rapidez dos transportes, não tem ponto fixo onde se demore duas horas.

Os successos do Porto occupam a attenção geral da imprensa de todas as parcialidades. A opposição quer que o governo demitta o commissario geral, porque abusou das suas attribuições. O governo persiste em conserval-o, no que anda perfeitamente. Se tal fizesse, era dar força moral a meia duzia de discolos, sempre promptos a insultar a auctoridade, quando ella cumpre os seus deveres. Conheço o actual commissario geral de policia, o sr. Adriano José de Carvalho e Mello. E' um cavalheiro de caracter recto, e escravo dos seus deveres, que não consente o insulto, parta elle d'onde partir.

Se a policia exorbitou, lá está s. ex.ª para corrigir as demasias d'ella. Mas não se peça a demissão do cavalheiro, que tem dado provas do quanto é recto e justiceiro no cumprimentos dos seus deveres.

O caso é, meu amigo, que este acontecimento, foi uma fonte inexgotavel para certos jornaes, que iam morrendo á mingua... por falta de assumpto. Já se accusa o governo... não sei porque! Já se faz politica com o successo... levando o successo para a politica. Isto denota falta de assumpto de mais palpitante interesse, com que a opposição se entretenha.

—Toca a rebate (?) nas filas republicanas. Appareceu hontem um jornal, orgão do partido republicano federal nesta cidade.

O partido que diz representar, quer a abolição da monarchia e o estabelecimento de uma republica democratica e federal portugueza de estados autonomos, sendo Lisboa e Porto alternadamente em peridos biennaes, capitaes da federação;—parochias e municipios livres na gerencia dos seus interesses, direitos de pensar, fallar, imprimir, reunir e associar, instrucção, trabalho, credito e propriedade;—suffragio universal dos dois sexos;—inviolabilidade de domicilio e correspondencia. O casamento como contracto simples entre o homem e a mulher, intervindo a lei unicamente para obrigar os contrahentes a cumprirem as obrigações que combinarem;—direito de resistencia ás auctoridades que abusarem;—direito egual aos cargos publicos, com excepção dos que as leis exigirem capacidade scientifica especial;—abolição de prisão preventiva;—eleição directa de todos os cargos;—camara federal soberana, biennal, de eleição directa—ella elegerá o governo central;—justiça gratuita;—jury eleito pelo povo;—camara e governo especial para cada estado;—mandato imperativo;—direito de contra votação aos funccionarios electivos;—não haverá presidente do governo, nem da camara;—um imposto unico sobre a renda;—separação da egreja e do estado;—abolição do exercito permanente, do corpo diplomatico, das jubilações, terços, reformas, aposentações, pensões e subsidios;—desaccumulação dos cargos;—instrucção official gratuita em todos os ramos; etc.

O meu amigo hade concordar que estas utopias são bellas na apparencia; porem, que jámais podem ser levadas á pratica.

—E visto que esta correspondencia é escripta em Belem, deixe-me pedir á camara respectiva que olhe mais attentamente pela calçada d'Ajuda. Ha certas aldeolas ao norte e ao sul do reino, onde se attende mais á hygiene publica. Já não fallo na illuminação, que é pessima.

—Por ultimo, dizem-me que o sr. commendador Thomaz Quintino Antunes, proprietario da typographia universal, está proximo a casar-se, em segundas nupcias, com uma sobrinha da abbadessa do convento da Encarnação. Que sejam felizes.

P. J. Conceição.

NOTICIARIO

Atala, pelo visconde de Chateaubriand.— A arte typographica tem feito progressos admiraveis. Guttemberg, o inventor da impressão por typos moveis, ficaria hoje assombrado se podesse ver até onde tem chegado a sua maravilhosa descoberta.

A par das edições economicas e ao alcance de todos, apparecem as impressões luxuosas, que deslumbram pela belleza dos typos, pela perfeição das gravuras, com que se illustra e para assim dizer se dá vida ao discurso, e pela nitidez da impressão, feita sobre papel superior.

Deste ultimo genero, uma das melhores edições que temos visto entre nós, é sem duvida aquella que se está publicando no Porto, a—ATALA—obra prima do visconde de Chateaubriand.

Da imprensa nacional tem saido impressões magnificas, e que honram aquelle estabelecimento industrial; mas era natural que assim acontecesse, pois que a sua zelosa e intelligente direcção, pode ajuntar a protecção muito efficaz e valiosa do estado, o que falta a qualquer empreza particular.

E' por isso que admira que os srs. Podestá e José Antonio Castanheira, se animassem a levar a effeito uma impressão tão primorosa, e para a qual é necessario arriscar um importante capital. Só quem tem muito amor pela arte é que se pode atrever a tanto.

Entre as numerosas edições da ATALA, que se tem feito em França desde 1801, sobresae a todas a da casa Hachette, pelas primorosissimas gravuras, devidas ao desenho de Gustavo Doré.

Os srs. Podestá e Castanheira, desejando apresentar na lingua portugueza uma edição identica, incumbiram a traducção á habil penna do sr. Guilherme Braga, e obtiveram em França, por avultado preço, os *cliches* das mesmas gravuras que tinham servido na edição Hachette.

Podiam ainda assim possuir as gravuras, e comtudo a edição não sair nitida; pois que é geralmente sabido, que é de muito grande difficuldade a boa impressão das gravuras. Ainda que o desenhista e o gravador sejam perfeitos; tudo ficará perdido, sem um perito impressor.

Todas essas difficuldades souberam vencer os editores da ATALA, coadjuvados por habilissimos artistas.

A impressão é feita em excellente cartão, de folio magno; o typo foi mandado vir expressamente para esta edição, e produz um lindo effeito; e a estampagem das gravuras é de uma nitidez irreprehensivel; tendo merecido os elogios dos artistas, que neste genero ha mais competentes em Portugal.

As gravuras são maravilhosas. Parece que estamos nas mattas virgens da America, a gozar a natureza primitiva.

Não sabemos a qual dellas devemos dar a preferencia; mas confessamos que não nos saciamos de contemplar uma daquellas que acompanham a 8.ª caderneta, e que mostra um grupo de arvores elevadissimas, quasi a egual distancia uma das outras, e que parecem representar as columnas que sustentam as naves de uma cathedral gothica! E' admiravel.

A obra impressa em portuguez, que se poderá comparar a esta, é a celebre edição dos LUSIADAS, feita em Paris pelo morgado de Matheus, D. José Maria de Sousa Botelho.

Este illustre portuguez, apaixonadissimo pelo nosso grande epico, quiz-lhe levantar um monumento, fazendo uma riquissima edição do seu immortal poema. Para realisar este seu louvavel intento e patriotico desejo, tinha uma avultada fortuna de que podia dispor; mas os editores da ATALA, não têem os grandes recursos que possuia D. José Maria de Sousa Botelho, e apezar disso animaram-se a apresentar em portuguez uma edição da obra de Chateaubriand, com o mesmo luxo que em França.

Não admira que haja quem naquelle paiz faça custosas edições, porque o francez é uma lingua quasi universal, e por tanto a grande extracção suppre todas as despezas, por mais avultadas que sejam. Mas em portuguez, nesta lingua, que fora de Portugal e Brasil, poucos sabem; é na verdade necessario grande força de vontade para nella realisar semelhantes edições.

Cumprimos, por isso, o nosso dever, louvando os editores da ATALA pela sua arrojada empreza, e a typographia Luso Britannica pelo bello desempenho da parte material da edição.

Muito estimaremos que recebam do publico a protecção que merecem, para se animarem a outras emprezas tão brilhantes como esta.

As grandes invenções antigas e modernas.—No logar competente deste jornal vae publicado o prospecto de uma obra muito interessante, editada pelo sr. Ernesto Chardron, do Porto.

Consta das—*Grandes invenções antigas e modernas nas sciencias, industria e artes*, por Luiz Figuier.

Deste muito curioso livro já ha em França 5 edições.

E' traduzido em portuguez pelo sr. Antonio Placido da Costa, ex alumno da Academia Polytechnica do Porto; e adornado com 238 gravuras magnificas.

O sr. Chardron não se poupa a diligencias para editar boas obras. Bastaria, entre muitas outras, o excellente *Diccionario universal de educação e ensino*, de que já está concluido o primeiro volume, para lhe dar os creditos de intelligente editor.

O bazar da associação do sexo feminino.—Em confirmação do que dissemos no numero anterior,—que o sr. Joaquim Martins da Cunha se prevalecêra de suas muitas relações para obter prendas para aquelle bazar, noticiamos hoje que já chegaram do Porto muitas prendas, algumas d'ellas valiosas, entre as quaes figura um primoroso quadro allegorico, offerecido por um distincto cavalheiro d'aquella cidade.

Em poucos dias ordenava Valdés em Bribiesca, que todas as divisões da Navarra marchassem sobre Miranda do Ebro, passando este rio. Mina, sabendo no dia 15 por Aldama estas disposições, mandou a Gurrea que, com os seis batalhões da sua brigada, marchasse pelo Valle de Ollo e posto de Lizarraga a pôr-se em communicação por aquella parte com Valdés; e ao brigadeiro Mendez Vigo o fez passar de Aóiz aos Berrios, para estar mais á mão de acudir ao Baztan e de cooperar em qualquer combinação.

Estes movimentos se executaram no dia 16; e no seguinte remetteu Mina a sua ultima parte diaria ao governo, dizendo-lhe que Oráa lhe participava a chegada de Zumalacarregui a Vergara, onde aproximara no dia 13 nove peças de artilheria, que romperam o fogo contra a fortificação e o povo no dia 14.

O novo general em chefe D. Jeronymo Valdés começou as suas operações atacando a Zumalacarregui, no dia 22 de Abril, em Artaza. O combate foi muito renhido. O mesmo terreno foi varias vezes perdido e conquistado. Sendo já proximo da noute, as forças liberaes, com os animos um tanto decaidos pelas fadigas do dia, rebellaram-se contra a disciplina; e mais preoccupado o soldado pelo temor que pela obediencia, deu em fugir de si mesmo por aquelles campos, pretendendo buscar em Estella a segurança que nas fileiras não encontrava.

Assim debandados alguns batalhões, menos desordenados alguns, e em boa ordem e concerto os restantes, entraram todos em Estrella (a) a horas bem avançadas da noute.

Se na guerra se comprehendessem todas as circumstancias criticas, e Zumalacarregui tivesse sabido aproveitar melhor a posição em que se acharam os liberaes, teria sido a sua victoria de grande importancia, produzindo uma terrivel crise nos seus inimigos.

Por outra parte, quanto mais Valdés ia cheio de confiança, tanto mais caiu no extremo opposto, por ver perdidas as suas illusões. Na manhã do dia 23 estava verdadeiramente consternado, até ao ponto de que não quiz pôr-se á frente do exercito, que saiu a proteger a incorporação da brigada que se ia refugiar em Abarzuza.

Na villa de Oñate, residencia então de D. Carlos, se cantou um solemne *Te-Deum* pela acção do dia 22 de Abril em Artaza, acima mencionada, e pela acção do 1.º de Maio em Guernica, onde Iriarte soffreu uma espantosa derrota, de que adiante fallaremos.

(a) Esta praça de Estella, para onde, como acima viram os nossos leitores, fugiram em 22 de Abril de 1835, os soldados do exercito liberal de D. Jeronymo Valdés; e a mesma praça onde acabam de se refugiar no dia 22 de Junho, as forças do general Nouvilas, depois de haver sido completamente destroçada a columna do coronel Castañon pelo general carlista Elio.

Na continuação da historia da guerra civil em Hespanha, de 1833 a 1840, que estamos publicando, verão os nossos leitores, que os actuaes successos daquelle paiz, são a fiel reproducção da guerra dos 7 annos.

Os horrores que se praticavam nesta guerra, tinham feito levantar altas queixas contra elles, não só em Hespanha, mas nas nações estrangeiras. Por fim o governo inglez resolveu-se a intervir para moderar os flagellos da guerra.

No quartel general de D. Carlos apresentou-se o commissionado inglez Elliot, e poude pelas suas diligencias fazer com que fosse approvado pelos chefes de ambos os partidos, um convenio para a troca de prisioneiros, que deveria servir de regra aos generaes em chefe dos exercitos beligerantes, nas provincias de Guipuscoa, Alava e Biscaia, e no reino de Navarra.

Este convenio foi assignado em Logronho, em 27 de Abril de 1835, por D. Jeronymo Valdés; e em Eulate, no dia 28, por Zumalacarregui e Elliot.

Quando se concluiu o tratado, reuniu Zumalacarregui os prisioneiros procedentes de Artaza, e os apresentou a Elliot, annunciando-lhes que em obsequio a este personagem, lhes outorgava a vida e a liberdade.

Estes infelizes se apresentaram extenuados de fome e nus, em deshonra dos seus guardadores.

Vamos agora occupar-nos do terrivel desastre, acontecido ás forças liberaes de Iriarte, em Guernica, a que já nos referimos.

Nos fins de Abril de 1835, se encarrega o general carlista, D. João Manoel Sarasa, em Villaro, da commandancia geral interina da divisão biscainha, e offerece aos seus soldados procurar-lhes dias de gloria. Sabe dentro em pouco que Iriarte, com a sua columna, havia saido em direcção aos portos e pernoutara em Bermeo e Mendata, tomando depois a direcção de Guernica, onde calculou Sarasa se deteria aquella noute para sair no dia immediato para Lequeitio.

Confiado Sarasa na superioridade das suas forças, pois não chegavam a 3:000 homens os que conduzia Iriarte, resolveu marchar ao seu encontro; e sabedor que em Oñate se achavam quatro batalhões sem objecto particular, quiz que se incorporassem em Mendata e Albiz, onde os esperaria.

Á hora competente para occultar o seu movimento e chegar de noute, rompeu a marcha em Arrotia para Zornoza no dia 30, com cinco batalhões, as companhias de chefes e officiaes excedentes, e a primeira e segunda de guias com 50 lanceiros. Iriarte tinha continuado a sua marcha para Lequeitio, com um pequeno descanço em Guernica; e ao mesmo tempo que o carlista Sarasa recebeu esta noticia, soube tambem que Gomez se lhe reunira, com dois batalhões guipuscoanos.

Vendo deste modo satisfeitos os seus desejos e lisonjeadas as suas esperanças, temia, não obstante, que Iriarte se embarcasse, e por isso se decidiu a sair de Zornosa ao raiar do dia 1.º de Maio, dirigindo-se ás calçadas de Astuaqui, indicando a Gomez os povos de

gorico, offerecido por um distincto cavalheiro d'aquella cidade.

Aquellas prendas são offerecidas pelas exm.as sr.as D. Eugenia Augusta Forbes Magalhães, D. Maria do Carmo Forbes Magalhães, D. Josepha Maria Forbes Magalhães, D. Maria Henriqueta Pinto Bessa, D. Amelia de Moura, D. Carolina Augusta Rangel, D. Rita Adelaide Bastos, e as filhas do sr. Manoel Antonio Fernandes.

Não póde haver maior incitamento para o bom exito do bazar: as senhoras de Coimbra não deixarão de auxiliar as suas conterraneas, imitando as generosas senhoras do Porto; ás associadas corre-lhes agora mais rigoroso o dever de cooperarem activamente para que o bazar da sua associação lhes deva tambem algum esforço.

Trabalho de esmero.—Na officina de carruagens do sr. Soares, na rua da Sophia desta cidade, está concluida uma bonita carruagem (americana), em que foram satisfeitas todas as exigencias da arte: elegancia, solidez, luxo, commodidade, e alem de tudo isto um preço tão modico, que se nos affigura que seria mais um terço do seu custo em qualquer outra officina. O sr. Soares tem elevado á maior perfeição os artefactos da sua industria, e que tão vantajosamente figuraram na exposição districtal de Coimbra, onde obtiveram condigna classificação.

Doença.—Tem estado gravemente doente o sr. Dr. Luiz Albano de Andrade Moraes, digno lente da Faculdade de Mathematica. Felizmente está livre de perigo.

Romaria.—Foi muito concorrida a romaria de S. Pedro Dias, a 7 kilometros ao sul desta cidade.

Tempo.—Abrandou o calor com a trovoada e chuva do dia e noite de 28. Choveu, porem, pouco, e os campos estão sequiosos.

O mez de Julho. — Deriva o seu nome de Julio Cesar, que nasceu a 14 de Julho. O seu signo é o de *Leo;* e é de crer que os Egypcios adoptassem este signo, porque o grande calor, proprio da estação e d'aquelle clima, e a sede, obrigavam os leões da Lybia a fugir dos desertos, indo procurar as margens do Nilo.

Este mez estava debaixo da protecção de Jupiter, e representava-se na figura d'um homem nu, queimado pelo sol, com os cabellos ruivos, coroado de espigas, e com um cestinho de amoras na mão. Os seus attributos eram o signo correspondente a este mez; uma especie de chapeu de sol, e uma cigarra. Tem 31 dias, que vão diminuindo 27 minutos de manhã e 27 minutos de tarde.

Este mez é fecundo em acontecimentos notaveis, tanto na ordem moral como na ordem physica. Os factos mais notaveis da historia de Portugal succedidos em Julho são os seguintes: primeira victoria naval portugueza em 29 de 1180; victoria do Campo de Ourique, por D. Affonso Henriques, a 25 de 1139; descobrimento da ilha da Madeira a 1 de 1420; partida de Vasco da Gama para o descobrimento da India a 8 de 1497; nascimento de Camões a 17 de 1524; conquista da cidade de Malaca por Affonso de Albuquerque a 24 de 1511; victoria de Castello Rodrigo a 7 de 1664; desembarque do Mindello a 8 de 1832; e entrada da divisão do duque da Terceira em Lisboa a 24 de 1833.

Em Julho celebravam os gregos as festas de Apollo e de Adonis, e os romanos as festas de Neptuno, as circenses, as mercuriaes, os sacrificios a Ceres e á Canicula, etc.

Sobre os destinos dos homens e mulheres que nascem neste mez, fazem os astrologos vaticinios curiosos. Os homens serão bravos, altivos, magnanimos, eloquentes, piedosos, e susceptiveis de grandes paixões amorosas. Os seus filhos farão a sua consolação e felicidade. Serão venturosos nos seus negocios, mas sujeitos a grandes perigos. As mulheres serão espertas, falladoras, formosas, colericas, vingativas e rancorosas. Serão pouco fecundas, muito caritativas, e muito amantes de honras e grandezas.

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

João Albino da Silva Neves, filho de Domingos José da Silva Neves e de Delphina Rosa Soares, natural de Guimarães, de 19 annos, fallecido no dia 21 de Junho.

D. Antonia Ludovina Gusmão Teixeira de Brito, filha de Francisco Alvares da Costa Zuzarte Brito e de D. Helena José de Brito Gusmão, natural da quinta de S. Sebastião de Sinde, de 75 annos, fallecida no dia 24.

José, filho de Manoel Luiz e de Maria Magdalena, natural de Coimbra, de 2 mezes e meio, fallecido no dia 26.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5:018.

Mercado de Coimbra no dia 30—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 490 a 500—Dito branco 440 a 450—Dito Celorico meudo 650—Dito grando 550—Milho branco 285 a 290—Dito amarello 285—Feijão vermelho 450—Dito branco da marinha 440—Dito da terra 420—Dito rajado 400—Dito frade 380—Favas novas 300—Tremoços 250—Centeio 450—Cevada 250—Batatas 200 a 220—Grão de bico 460—Chicharos 250—Vinho da Beira 750—Dito da Bairrada 850—Azeite 1$100.

Instituto. — Recebemos e agradecemos o n.º 1 da segunda serie deste jornal.

Contém:—Advertencia preliminar—O elemento arabe no direito civil portuguez, por Julio de Vilhena—Integração das equações differenciaes parciaes, não lineares, de primeira ordem, entre tres variaveis, por L. C. Almeida—Cambiantes (poesia), por Candido de Figueiredo—Tres mundos do sr. D. Antonio da Costa, por Luiz Garrido—A India antiga, por Candido de Figueiredo.

A quem interessar—De Bemfica nos communicam o seguinte:

«Falleceu repentinamente no logar da Porcalhota, d'esta freguezia de Bemfica, concelho de Belem, no dia 28 de Junho do corrente anno, pelas 6 horas da tarde, Maria da Conceição, viuva de Guilherme Rodrigues, natural dessa cidade de Coimbra (segundo me informam). Não fez testamento, e não deixou filhos; tinha alguma cousa de seu, e não tendo aqui herdeiros, me lembra, que talvez os tenha ahi; por isso lhe faço esta participação, a fim de v. fazer publicar no seu jornal um annuncio neste sentido, para utilidade das pessoas a quem interessar, o que intendo ser uma obra de caridade.»

Communicado. — Pedem-nos a publicação do seguinte:

«Amigo e sr. redactor. — Nunca peguei na penna, para vasar no papel as ideias que me refervem na cabeça, impellido por um sentimento tão doloroso como hoje.

E' necessario mecher n'uma baixeza indecorosissima; e quem se preza, quem é nobre d'essa nobreza que Deus dá, quem não olvida os dictames de uma honradez severa, quando constrangido á bulir em infamias vilissimas, enoja-se sempre, enche-se de asco e repugnancia, porque não está acostumado a atmospheras viciadas, onde só ha sordidez e miseria.

Mas é mister vencer o repugnante, e o miseravel dos factos, e proseguir.

Disse-se aqui, em Soure, e deante de muitas pessoas, onde felizmente se contavam alguns cavalheiros, que me retribuem a estima e dedicação desinteressada que lhes consagro, que eu contribuira com pedidos e não sei que mais, para que um condiscipulo meu e meu patricio levasse um R no quarto anno de Direito. Isto é simplesmente estupido, vil, baixo, indecente e infame! E deixa ver bem claramente, que quem assim pensa era muito capaz de praticar aquillo mesmo; que tem o stulto atrevimento de suppôr que haja alguem, que pratique. Contribuir como? Pedir uma cousa d'estas a quem?......Ah imbecis! O vosso idiotismo chega até o desvairamento completo, até á annullação total do senso commum.

Pois a vossa má fé é tão desbragadamente ousada, que se atreva a calumniar a illibada reputação dos sabios professores do quarto anno de Direito, suppondo-os capazes de attender a um pedido, que tenha por fim fazer ficar mal um estudante? E não são só os professores do quarto anno de Direito, são todos os professores da Universidade incapazes de deitar um R n'um estudante, por semelhante motivo. Fazemos-lhe essa merecida justiça.

Se, por ventura, a justiça, na Universidade, soffre alguma quebra, é sempre para favorecer o estudante, nunca para lhe fazer mal. E não é em Soure que ha menos testemunhos d'isso.

Agora pretender desculpar a incapacidade pessoal com uma invenção calumniosa e infame, como esta, isso é só de quem á falta de critica junta uma vileza preversissima.

Não se attendeu a que se offendia com estes dislates insolentemente ousados aos professores da Universidade. Não eram esses as victimas escolhidas. O alvo da aleivosia infame era eu! *Era eu com quem se diz*, i. é, se concorda, *frente a frente, e a quem se calumnia vergonhosa e covardemente pelas costas*. Era a mim que se dirigia a detestavel e baixissima affronta. Era a mim, que tenho apenas vinte annos, que fui escrupulosamente educado por meus paes, que não sabem poupar-se a sacrificios, quando se trata do filho, a mim que me prezo de ter sentimentos puros, que sou incapaz de desejar o mal de alguem, era a mim que se pretendia desconceituar com uma linguagem indigna, miseravel, torpissima.

Querem ferir-me na minha honra? Ah desgraçados! Sois bem infelizes! A infamia é toda vossa, ha de cahir toda sobre vós. Porque vos emprazo, calumniadores atrevidos, (a quem a carapuça servir, que a ponha na cabeça) a demonstrar o que estupidamente affirmaes. Vêde, se sois capazes de apresentar-me um unico testemunho em vosso abono. Venham as provas do que avançaes, inventores sem critica, sem pundonor, sem brio nem cousa que o valha. E, estae certos, que não falto á verdade. Sustento sempre o que digo, e não é facil faltarem-me os documentos.

Feliz ou infelizmente sou já conhecido aqui e fóra d'aqui. Appello, pois, para todos os meus patricios, que se prezam de homens de bem; para os meus professores, para os meus condiscipulos, para todos os que me conhecem, e não para os meus amigos intimos, porque não quero em meu abono testemunhos suspeitos; appello para todos, e que digam

---

Munditivar e Guerricáiz para cobril-os desde Mallaria.

Executados estes movimentos, ao chegarem as forças de Sarasa á esplanada immediata á intitulada da Fome, no monte de Andracas, cobriu-se este ponto de uma densa nevoa, acompanhada de uma abundante chuva, que por espaço de duas horas e meia em que se mantiveram formadas as columnas no campo, por não ter edificios onde se recolhessem, poz a tropa em um estado deploravel, por lhe ser impossivel caminhar como queria entre a lama e a chuva.

Iriarte pernoutou em Miliste, a meia hora do sitio que occupavam os carlistas, tomou a direcção de Lequeitio, e contramarchando, se dirigiu a Guernica. Conhecido o seu intento por Sarasa, correu a antecipar-se-lhe, e occupou a villa, distando ainda Iriarte mais de uma hora. Participou Sarasa a Gomez a sua posição, e esperou ao chefe inimigo, tomando as medidas opportunas para batel-o mais completamente e escolhendo posições.

Apresenta-se Iriarte e rompe-se o fogo por ambas as partes, accommettendo com tal brio as tropas da rainha, que repellem os postos avançados dos carlistas, apoderam-se de suas primeiras posições, e os derrotam na sua passagem, marchando sobre cadaveres. Este valor, porem, se inutilisa ao penetrar nas ruas da povoação, onde acham nas massas uma resistencia invencivel, tendo que retirar-se e fazer jogar a artilheria, que das hortas de Renteria disparou contra a villa e outros pontos.

Chegam nesse momento os batalhões guipuscoanos pela altura de Burgoa, e accommettem impetuosamente a esquerda liberal, obrigando a Iriarte a destacar uma grande parte de suas forças contra aquelles novos e molestos inimigos. Mas não lhe davam estes tanto cuidado como os possuidores de Guernica, na qual se decidiu a pernoutar.

Estava já proxima a noute, e era necessario um esforço, porem extremo. Conhece Iriarte o difficil da sua posição; vê insultado o seu orgulho pelo seu arrogante inimigo, e desconhecendo o medo, reune a sua gente, arenga-lhe e enthusiasma-a, promette galardoar o seu valor, e posto á sua frente, arroja-se brioso a conquistar o povo, e accommettendo pela ultima vez a ponte, penetra na villa e chega á praça, deixando o solo cheio de mortos.

Alli, porem, accommettidos á bayoneta com intrepidez pelos valentes biscainhos carlistas, protegidos pelos lanceiros, e cançados os liberaes de pelejar contra forças superiores, e não menos arrojadas, vão cedendo o terreno ganhado, declarando-se por fim a victoria pelos carlistas.

A derrota foi terrivel e desastrosa para Iriarte. Sómente no pequeno recinto desde a venda de Tabias, veigas de Renteria, e ruas de Guernica até Ereño, se recolheram e sepultaram 453 cadaveres de chefes, officiaes, e tropa, sem contar com os que se afogaram, por se haver voltado na passagem dos primeiros a escada que servia de ponte, e na sua carreira se atiravam á agua; nem aquelles que desde Ereño mataram as partidas de observação e companhias de bloqueio de Lequeitio, que excederam a 100. Alem disso, entre passados e prisioneiros ficaram em poder dos carlistas 201 individuos, toda a numerosa brigada, duas peças de artilheria de montanha, com seu trem e munições, caixas de guerra, armamentos e outros effeitos.

Os carlistas, em represalia de dois prisioneiros, assassinados pela mesma columna liberal na ultima acção de Arratia, fuzilaram o coronel commandante de Gerona; outro coronel do principe, D. Francisco Antonio Cronet; o tenente coronel de Cordova, D. Fernando Balboa; os capitães D. Felix Quiros, do principe; D. Filippe Maldonado, de Cordova; o tenente D. Antonio Castro, do principe; os alferes D. Marianno Herrero, D. Braulio del Sar, D. Ramon Avesantile, de Gerona, Almansa e 3.º de linha.

Entretanto, 200 homens das forças de Iriarte, que tinham ficado cortados, resolveram em seu abandono, defender-se até á morte no convento de freiras de Renteria, sepultando-se, se tanto fosse preciso, nas suas ruinas.

Acode Sarasa a sitial-os, e lhes intima que se rendam; mas não respondem. Convida-os a deixar sair as religiosas, e egualmente não dão resposta. Intenta então o ataque e incendio do convento, de que não obteve fructo algum, pois ainda que queimava as portas, se achavam detraz dellas fortissimas paredes de guarda-fogos, que tinham improvisado os sitiados.

Vendo a inutilidade deste meio, collocaram os sitiadores uma peça detraz do altar mór, com o fim de abrir no coro, em cuja parede se abrigavam os valentes defensores do convento, uma brecha capaz de por ella entrar o fumo dos combustiveis; porem egualmente não conseguiram o seu fim.

Espartero, que em Villareal de Alava soubera do desastre de Iriarte, acudira com a sua columna, e chegou a tempo, no dia 3 de Maio, de salvar os defensores do convento, o qual se achava já em chammas. Os carlistas tiveram de fugir.

O chefe daquelles valentes, o tenente Calvo, do batalhão de Gerona, conquistou naquella occasião um grande nome no exercito.

Zumalacarregui, continuava nas suas costumadas emprezas. Poz cerco ao castello de Irurzum; mas Oráa o obrigou a desistir do seu intento. (b)

Foi, porem, Zumalacarregui buscar em Treviño o que não podera conseguir em Irurzum. Atacou aquelle forte com tanta bravura, que se apoderou delle, saindo prisioneira a guarnição, composta de 9 officiaes, incluso o governador, 260 homens de tropa, e 180 urbanos. Com o forte cairam em poder dos carlistas quatro cargas de munições, 500 espingardas, e outros effeitos de importancia.

(Continuar-se-ha.)

Joaquim Martins de Carvalho.

(b) O que Zumalacarregui não poude conseguir em 1835, obtiveram-no ha poucos dias as forças carlistas. O forte de Irurzum foi por elles agora tomado; e em seguida o incendiaram.

rasgadamente se crêem na torpe calumnia, que se me lança ao rosto, e que eu repillo com a ponta do pé.

Creiam mais os mesquinhos calumniadores, que nunca os pouparei, e pensem seriamente em que a honra e o pundonor individual não são cousas com que se brinque, e que se prestem a invenções torpissimas e miseraveis.

Desde já o affianço, hei de esmagar sempre e quanto possa os ousados grosseirões, os imbecis e tacanhos falsarios, que se pozerem no meu caminho.

Hei de com os bicos da minha penna, que é de ferro, picar a lingua venenosa e viperina dos asquerosos reptis, que por ahi se rojam servilmente na lama; e as miserias do corrilho hão de ser justamente verberadas por mim, que não temo a maledicencia infamissima dos villões ruins, porque os meus actos me dão todo o direito de collocar-me muito acima d'elles.

Por hoje basta.

Soure 23 de Junho de 1873.

Evaristo Maria das Neves Ferreira de Carvalho, bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra.»

A derrota de Nouvilas. — Lê-se no *Diario Popular* o seguinte:

«Encontramos no *Imparcial* a noticia, que nos communicou a agencia Havas, de que os carlistas do norte, depois de batidos pela columna do coronel Portilla, cahiram sobre a columna do coronel Castañon, destroçando-a completamente, apesar da heroica e valorosa defeza dos soldados da republica. Esta noticia primeiramente desmentida, acha-se plenamente confirmada.

Segundo a versão do *Imparcial*, aos tiros de artilheria feitos pela columna Castañon acudiu o general em chefe, o qual não poude sem embargo resistir ao impeto das facções reunidas sob o commando de Elio, que levava ás suas ordens os principaes cabecilhas carlistas, vendo-se obrigado a effectuar uma retirada de cinco leguas, á qual se fazem os maiores elogios, até se metter em Estella.

Os carlistas pagaram cara a sua victoria, a julgar pelas perdas que tiveram. A divisão Radica, composta de dois batalhões navarros, foi completamente destroçada, morrendo o seu chefe Garcia Radica, um dos cabecilhas mais importantes e de maior valia para a causa de D. Carlos.

Disse um despacho da agencia Havas que o coronel Castañon, que o *Imparcial* dava como morto e dá agora como gravemente ferido, retomou o forte de Irurzum aos carlistas. Mas segundo um telegramma do governador de Pamplona, publicado na *Gaceta de Madrid*, este forte fôra incendiado pelos carlistas, depois de o tomarem.

A guarnição cahira prisioneira, á excepção do commandante, que se apresentou em Pamplona, sendo mandado prender na cidadela.»

Ultimas noticias de Hespanha. — A situação da Hespanha aggrava-se cada vez mais.

Hontem, 30 de Junho, foi tempestuosa a sessão das côrtes em Madrid. Pi y Margal pediu medidas extraordinarias para restabelecer a ordem na peninsula. Depois de grande discussão foi-lhe concedida a suspensão das garantias.

Ha grande excitação, e o governo toma precauções a favor da ordem, que está em perigo de ser alterada.

Receberam-se más noticias das provincias.

ANNUNCIOS

Festas da Rainha Santa em Coimbra

1 A CASA PARTICULAR, situada na Couraça de Lisboa, n.º 17, defronte da ponte, e de Santa Clara, recebe hospedes por preços commodos. Na mesma casa se indica uma outra, situada n'uma das principaes ruas da baixa, que tambem recebe hospedes por preços commodos.

2 VENDE-SE uma propriedade de 1229, 43 ares, ou 18 geiras, que se compõe de bons pinhaes, matos, terra lavradia, e um grande olival, no sitio do Val d'Oliveiras, limite da Granja de Ançã, proximo á estrada que vae desta villa a Coimbra. Quem a pretender póde dirigir-se a D. Maria Candida Lopes de Sampaio Bacellar, da dita villa d'Ançã.

3 VINHOS DA BAIRRADA da lavra do Dr. Antonino José Rodrigues Vidal — engarrafado branco e tinto. — Vende-se na Calçada, n.º 85 a 91 — a 120 reis sem garrafa.

4 PEDE-SE ao douto e eximio correspondente de Coimbra, para o *Trinta mil diabos*, o obsequio de não tornar mais a usar da assignatura — *Ariosa* — nos seus escriptos.

ATTENÇÃO

5 O MESTRE FERRADOR Antonio Pêssa, ás Ameias, está encarregado de vender uma egua muito bem feita, de mais da marca, e mestra ao trem, só ou parelha.

DOCTOR IN ABSENTIA

6 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a *Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra)*, o qual lhes dará gratuitamente todas e quaesquer informações sobre a Universidade.

7 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Coimbra, faz publico, que da data do presente annuncio até 31 do mez de Julho proximo futuro, se acha aberto o seu cofre para a arrecadação do imposto braçal, relativo ao anno economico corrente, de todos os contribuintes das freguezias de Santa Cruz, S. Bartholomeu, Sé Nova, Sé Velha, Santa Clara, S. Martinho do Bispo e Eiras, que não satisfazem em serviço; pelo que convida os mesmos contribuintes a pagarem a sua collecta até aquelle dia, afim de evitarem qualquer procedimento ulterior.

E para constar se passou este e outros.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 28 de Junho de 1873.

O escrivão da camara,

Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

8 ALBINO JUSTINIANO DE CARVALHO, de Condeixa a Nova, faz publico, que proposto acção em juizo, por sessenta e tantos mil reis, e juros, que lhe ficou devendo José Duarte Barrocas, de Condeixa a Velha, como consta de conciliação, previne que ninguem contracte sobre os bens da herança, pena de nullidade, e desde já protesta contra quem lhos compre, em virtude do artigo 1033 do codigo civil.

Condeixa, 27 de Junho de 1873.

Albino Justiniano de Carvalho.

9 FABRICA ITALIANA de cordas de tripa, armonicas, para relojoarias e chapellarias; primeira em Portugal, de Justino de Bartholomeu, em Coimbra, no Rocio de Santa Clara.

ANNUNCIO IMPORTANTE

10 ANTONIO MARIA DE SENNA e sua mulher D. Isabel Maria Carneiro de Moraes, tendo conhecimento de que tem sido vendidos materiaes do convento de S. Marcos, e que para maior escandalo alguns foram vendidos durante a menoridade da annunciante, por quem devia respeitar o que seus paes lhe legaram, fazem publico que o convento e egreja de S. Marcos lhes pertencem, bem como a maior parte da quinta, e que declaram nullas as vendas já effectuadas, bem como as que porventura se façam desta data em diante.

Coimbra 30 de Junho de 1873.

PIANO VERTICAL

11 VENDE-SE um em muito bom uso. Tambem se vende UMA MACHINA DE COSTURA DE DOUS PESPONTOS — munida de todas as peças que lhe pertencem.

Nesta redacção se diz.

Aguas alcalinas gazosas das Pedras Salgadas (Villa Pouca de Aguiar.)

12 ESTAS AGUAS medicinaes, são empregadas nos mesmos casos das de Vichy e Vidago; são mais ricas na sua composição chimica, e dos melhores effeitos therapeuticos.

Vende-se em Coimbra — Pharmacia Ferraz, Largo do Castello; e na Figueira, botica de Luiz Maria da Costa, e nas principaes pharmacias do reino.

Banhos do mar na praia de Espinho

13 O PROPRIETARIO do novo hotel Central de Espinho, situado em frente da linha ferrea, continua a receber pessoas e familias, tanto nacionaes, como estrangeiras, offerecendo-lhes todas as commodidades possiveis, com aceio e limpeza, por preços rasoaveis.

Este hotel acha-se montado com bilhar, café, e restaurante. O seu proprietario, já bastante conhecido de muitas pessoas que se tem dignado preferir o seu estabelecimento, a nada se poupa para continuar a merecer a estima de todos.

Attenção

Farinha de trigo da acreditada Fabrica do Beato Antonio de Lisboa

AGENCIA, RUA DA REBOLEIRA, 27

PORTO

14 NESTA AGENCIA se encontra farinha de toda a qualidade, desde a mais fina até semea, e ensacada em muito boa sacaria.

Estas farinhas concorrem vantajosamente com a americana e hespanhola, tanto em preço como em qualidade.

Cumprem-se ordens das provincias.

AS GRANDES INVENÇÕES

ANTIGAS E MODERNAS

NAS SCIENCIAS, INDUSTRIA E ARTES

POR

LUIZ FIGUIER

Para uso da mocidade,

TRADUZIDA POR

Antonio Placido da Costa,

Ex-alumno da Academia Polytechnica do Porto.

Obra adornada com 238 gravuras magnificas, e traduzida da quinta edição original franceza.

O merecimento deste livro, já approvado pela grande aceitação que tem tido em França as suas cinco edições esgotadas em breve tempo, está sobretudo em expor de um modo singelo, claro e substancioso a historia e essencia dos grandes descobrimentos scientificos e industriaes, removido não sómente o embargo da terminologia classica, mas escolhidas as explicações de fórma que fiquem ao alcance de toda qualquer pessoa que souber ler.

Imprensa, polvora, papel, machinas a vapor, telegraphos electricos, caminhos de ferro e muitos mais, são objectos que as applicações actuaes das sciencias physicas constantemente pozeram ante os olhos de todos; mas, a não serem os que estudaram especialmente a materia, mui poucas pessoas sabem explicar como são construidos aquelles objectos e qual a razão dos seus assombrosos effeitos.

Ora como hoje em dia a sociedade não ha por bem que sejam ignoradas cousas tão necessarias de quem quer que se prezar de haver recebido certa educação, e menos ainda dos industriaes ou artistas que profissionalmente com ellas praticam, é incontestavelmente vantajosa a leitura desta obra, d'onde lhes resultarão, sem digressões nem aridas ou laboriosas profundidades, todas as explicações essenciaes.

Tambem as pessoas que cursaram sciencias physicas, se percorrerem este livro de Mr. Figuier, não darão o tempo por perdido, hão-de encontrar desenvolvimentos, principalmente historicos, nunca lidos nos compendios d'aula, mas muito proprios para aclarar ou concatenar o que já sabem.

O editor da traducção portugueza não hesitou em fazer a dispendiosissima acquisição dos *clichés* das 238 magnificas gravuras que adornam a edição franceza, nem se furtou a despeza alguma para que o traslado não desmereça do original.

Titulo dos capitulos. — A imprensa — A gravura — A lithographia — A polvora — A bussola — O papel — Os relogios — A porcelana e louçaria — O vidro — Os oculos de ver ao longe — O telescopio — O microscopio — O barometro — O thermometro — O vapor — A electricidade — Applicações da electricidade statica — Applicações da electricidade dynamica — Os diversos systemas de illuminação — Os areostatos — Poços artesianos — Pontes pensis — O tear á Jacquard — A photographia — O stereoscopo — A drenagem.

Condições da assignatura. — A obra constará de 10 cadernetas, contendo cada uma 3 folhas de impressão, no papel, formato, e typo deste prospecto, formando um bello volume de 480 paginas.

O preço de cada caderneta será de 250 reis, pagos no acto da entrega.

A obra ficará concluida nos fins deste anno (1873)

Quem agenciar 10 assignaturas receberá uma gratis.

Assigna-se em todas as livrarias do reino, em casa de todos os correspondentes do *Diccionario de educação e ensino* e do *Thesouro da lingua portugueza* de fr. Domingos Vieira, e no Porto e em Braga, na **Livraria Internacional de Ernesto Chardron — Editor.**

NUMERO 2707 — SABBADO 5 DE JULHO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL — JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios — Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O governo acaba de dirigir ao sr. governador civil do Porto, duas portarias, nas quaes mostra o desejo mui louvavel de indagar a verdade das occorrencias, que tiveram logar no dia 22 naquella cidade, para resolver a pendencia, com a imparcialidade e justiça que convem á ordem publica e ao credito das instituições liberaes.

Aquelles documentos provam a resolução em que o governo está de manter a ordem e a moralidade publica, sem se deixar arrastar pelas declamações apaixonadas dos grupos partidarios.

Os governos, a quem são commettidos a guarda e a defeza de todas as garantias individuaes e sociaes, não podem deixar de proceder com a imparcialidade, que demanda a communidade de interesses.

Indagar por todos os modos, se nos acontecimentos do Porto, houve excessos de attribuições, por parte da auctoridade, no emprego da força publica; e se effectivamente alguem pretende occultamente e á sombra das leis vigentes, tramar contra as instituições do regimen liberal que nos rege, era um dever do governo, para desaggravo da justiça e do credito do poder.

Satisfazendo á justa curiosidade dos nossos leitores, transcrevemos em seguida da folha official as portarias a que nos referimos; e para depois reservamos outras considerações, que aqui podiamos fazer, mas que a falta de espaço nos obriga a reservar para outra occasião.

A Sua Magestade El-Rei foi presente o officio do governador civil do Porto, dando conta do conflicto occorrido no dia 22 de Junho ultimo, entre a força publica e varios individuos, que por occasião da sahida do reverendo prelado da sé cathedral, onde acabava de celebrar um *Te-Deum* pelo anniversario da exaltação de Pio IX ao solio pontificio, fizeram manifestações, que á auctoridade policial pareceram offensivas da liberdade de opinião e sentimentos religiosos dos fieis, que no dito templo assistiram aquella solemnidade religiosa.

E o mesmo augusto senhor, tendo em vista as participações das auctoridades, que intervieram no mencionado conflicto, nas quaes se expõem os motivos que, no seu entender, justificaram o procedimento havido para com os suppostos delinquentes; e sendo ao mesmo tempo informado de que estes se queixam de violencias para com elles empregadas pelos agentes da auctoridade, julgando que nas alludidas manifestações não fizeram mais do que usar de um direito, sem offensa das opiniões alheias, e sem faltar ao respeito pelos actos religiosos que acabavam de celebrar-se:

Determina que o governador civil do Porto commetta a investigação dos factos, de que se trata, a um magistrado administrativo, que dê as maiores garantias de acerto e imparcialidade no seu procedimento, e que n'essa investigação se procure apurar a mais rigorosa exactidão das occorrencias, que motivaram o conflicto; a fim de que ao poder judicial se forneçam os necessarios elementos de prova ácerca de qualquer crime que porventura se haja praticado, e se habilite o governo a tomar as providencias convenientes nos limites das suas attribuições.

O que assim se participa ao referido governador civil e se lhe ha por muito recommendado.

Paço, em 2 de Julho de 1873. — *Antonio Rodrigues Sampaio.*

Tendo havido na cidade do Porto, dois annos consecutivos, por occasião de se celebrar o anniversario da exaltação de Sua Santidade Pio IX ao solio pontificio, manifestações hostis á associação catholica, as quaes têem chegado a perturbar a ordem publica e a boa harmonia entre os cidadãos, attribuindo-se taes manifestações ás doutrinas perigosas introduzidas por aquella associação no seio das familias, pervertendo as consciencias, offendendo os costumes, e pondo em risco as instituições liberaes, que nos regem; e tendo-se recommendado aos governadores civis em portaria de 21 de Julho de 1871 a maior vigilancia sobre este assumpto: ha Sua Magestade El-Rei por bem ordenar que ao governador civil do Porto se declare o seguinte:

1.º Que proceda a um minucioso inquerito sobre a execução, que tem tido os estatutos da associação catholica approvados por alvará de 10 de Janeiro de 1872, especificando que publicações tem ella fundado ou propagado, que escolas tem creado, quaes os gabinetes de leitura que tem estabelecido, que conferencias religiosas tem promovido, e qual é o caracter das missões que tenha organisado;

2.º Se nas suas sessões, ou por outro qualquer modo, se tem intromettido em assumptos alheios a sua instituição;

3.º Que neste inquerito discrimine o que são factos do que são suspeitas e inducções, a fim de que se possa conhecer o que importa offensa de lei e quebra das instituições, e o que significa divergencia de opinião e exercicio da liberdade.

E Sua Magestade quer que o mesmo governador civil á vista do resultado das suas indagações, que remetterá á secretaria d'estado dos negocios do reino, informe, se no estado das circumstancias em que nos achamos, convirá tomar qualquer providencia, não só a respeito da associação, de que se trata, mas de quaesquer outras que possam, pela propagação de suas doutrinas, pôr em risco a liberdade e a ordem publica.

O que se participa ao referido magistrado para sua intelligencia e devidos effeitos.

Paço, em 2 de Julho de 1873. — *Antonio Rodrigues Sampaio.*

Extraimos do *Diario do Governo*, para conhecimento dos nossos leitores, a seguinte organisação do curso preparatorio das armas especiaes e do corpo de estado maior, para ser frequentado na academia polytechnica do Porto, conforme o disposto no decreto de 2 de Junho de 1873.

1.º ANNO	LIÇÕES POR SEMANA
1.ª cadeira (algebra superior e geometria analytica)	3
2.ª cadeira (geometria discriptiva — 1.ª parte)	2
7.ª cadeira (physica)	3
Desenho	4
Exercicios de geometria descriptiva	1
Exercicios mathematicos	3
Physica pratica	1
Gymnastica	1
	18

2.º ANNO

3.ª cadeira (calculo differencial e integral)	3

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXXIV

D. CARLOS

XXIV

Tratava D. Carlos por este tempo de premiar os serviços de Zumalacarregui, e uma das pessoas de mais influencia, encarregou a um intimo amigo deste lhe dissesse, que achando-se D. Carlos disposto a eleval-o ao titulo de Castella, só esperava saber que denominação preferia. Ao ouvil-o, respondeu Zumalacarregui com sobranceria: — «Depois de entrarmos triumphantes em Cadiz, pensaremos nisso: por agora não estamos seguros, nem ainda nos Pyrineus; e um titulo qualquer não seria hoje senão um passo para o ridiculo.»

Isto o dizia elle no dia immediato á tomada de Treviño, e quando era mais extensa a dominação das armas carlistas no norte de Hespanha.

No dia 15 de Maio de 1835 entrava Zumalacarregui em Estella, abandonada pelos liberaes, estabelecendo ahi o seu quartel general.

A isto se segue o ver-se Orãa obrigado a abandonar as importantes posições do Baztan; e ser derrotado o mesmo Orãa em Larrainzar, no dia 29 de Maio, perdendo um capitão, um alferes, 60 soldados mortos e feridos; e tres chefes, 24 officiaes e 380 soldados prisioneiros.

A entrada do resto das forças liberaes em Pamplona, infundiu ahi um grande panico.

Muito incommodou a Valdés o desastre de Larrainzar, e deixando-se levar das primeiras impressões, quiz fazer exemplares castigos; increpou aos chefes e officiaes por aquella perda, e expediu no dia 1 de Junho uma ordem geral, em que estabelecia severas penas, que exautoraram os corpos que tinham entrado na acção.

Esta ordem, que, como brigadeiro chefe de estado maior, assignava D. Evaristo S. Miguel, e cujos effeitos se suspenderam em breve, irritou a Orãa e aos seus officiaes e soldados.

A causa carlista achava-se em um dos seus periodos mais brilhantes. Zumalacarregui, que tanto duvidava pouco antes dos resultados, agora tudo julgava possivel.

Não era illusoria tal crença: os successos que deixamos narrados eram bastantes para fazer sorrir a Zumalacarregui com a perspectiva de um exito seguro e glorioso. Sem receio, pois, marchou o caudilho carlista a atacar Villafranca de Guipuscoa, em quanto Valdés continuava sobre a direita do Ebro.

É verdade que Villafranca não promettia a resistencia que outros pontos da Navarra; porem de qualquer modo, quasi era temerario avistal-a, por estar situada em outra provincia.

Era nos ultimos dias de Maio quando se apresentaram os carlistas deante do povo, collocando duas peças de artilheria, cujos tiros faziam mais ruido do que damno.

Os sitiados defendiam-se valentes, e contavam quatro dias de resistencia, quando cançado o chefe sitiador da inutilidade dos seus esforços, enviou ao Baztan o seu activo e zeloso capellão D. Miguel Antonio Legarra, para que dispozesse a conducção de um morteiro, o qual chegou a Villafranca, vencendo os que, para muitos, teriam sido obstaculos insuperaveis. N'esta operação acompanhou-o o official de artilheria, Reina, o qual substituira a Montenegro, ferido dias antes.

Prolongava-se o sitio, com desdouro do exercito liberal, e Valdés resolveu fazel-o levantar, marchando de Pamplona, assim como Jáuregui o fizera de S. Sebastião, e Espartero de Victoria.

Sabedor Zumalacarregui do movimento de Jáuregui, que se situou em Tolosa, enviou a Gomez para observal-o, e não se atreveu a saír por então do cerco da praça.

Espartero marchava pelo lado opposto. Com elle iam o barão de Solar de Espinosa, o conde de Mirasol, e o coronel Ulibarri, commandando o primeiro a divisão de Alava, o segundo a de Biscaia, e o terceiro a brigada auxiliar de Navarra.

Sem as noticias de Valdés, que esperava em Mondragon, passou Espartero por Vergara, e foi pernoutar em 2 de Junho no alto de Descarga, eminencia respeitavel, no caminho de França, cheia de barrancos, sinuosidades, e onde os soldados, depois de uma marcha por um terreno aspero e difficil, debaixo de uma atmosphera glacial, longe de encontrarem allivio, nem tinham meios de acoutar-se contra a chuva, nem podiam manejar as armas, nem accender as fogueiras necessarias para seccar-se.

Cheio de anciedade, esperava Espartero que apparecessem as forças de Valdés, e julgou que o eram as que avançaram para Descarga, depois de apagado o fogo sobre Villa-

8.ª cadeira (chimica inorganica	3
2.ª cadeira (geometria discriptiva— 2.ª parte)	2
10.ª cadeira (economia politica)	2
Desenho	4
Exercicios de geometria discriptiva	2
Dita applicada á architectura e machinas	1
Gymnastica	1
	18

3.º ANNO

7.ª cadeira (mechanica)	3
9.ª cadeira (analyse chimica)	2
6.ª cadeira (mineralogia e geologia	2
5.ª cadeira (astronomia e geodesia)	3
Desenho	3
Geometria descriptiva applicada á architectura e machinas	1
Mineralogia pratica	1
Chimica pratica	2
Gymnastica	1
	18

Ha 3 aulas em cada dia, comprehendida a quinta feira.

A frequencia em cada anno é obrigatoria para todas as disciplinas.

O alumno que der um numero de faltas geraes, egual á quinta parte do numero de dias d'aula, perde o anno.

Os preparatorios de instrucção secundaria são os mesmos já fixados nos regulamentos em vigor.

As lições duram hora e meia.

Os alumnos não são obrigados a expor a lição na aula. Depois de um certo numero de lições, não menos de seis, haverá recordações, oraes ou por escripto.

Poderá haver memorias e dissertações escriptas sobre assumptos escolhidos pelos lentes.

As recordações, memorias e dissertações, não prejudicarão o numero de lições.

Haverá dois exames de frequencia durante o anno em cada aula, sendo um oral e outro escripto.

Todos os exercicios escolares são avaliados por numeros, que entram na avaliação no fim do anno. A classificação no fim do curso depende dos valores obtidos no fim de cada anno.

NOTICIARIO

A ponte da Portella.—Está designado o dia 12 do corrente, ás cinco horas da manhã, para a inauguração d'aquella ponte. Sem nos intromettermos nas razões, que possa haver, para que a solemnidade seja aquella hora,—parece-nos que muita conveniencia haveria em transferi-a para o dia 11, ás seis horas da tarde.

Não deve passar desapercebido um acontecimento de tal importancia, e para isso deve o digno director das obras publicas do districto vencer a sua reconhecida modestia...E' indispensavel que s. ex.ª tome nisto toda a iniciativa, no que não deixará de ser secundado pelas auctoridades civis e militares, pela camara municipal, associações e sociedades philarmonicas, e por todas as pessoas que souberem avaliar quanto interesse usufruem os povos com a realisação de obras de tal magnitude.

A illustrada vereação municipal dizem-nos que já deliberou que nos paços do concelho haja demonstrações de apreço por aquelle facto; mas é preciso mais : é preciso que a vereação tome uma parte principal na solemnidade, e não só a camara municipal de Coimbra, como as dos concelhos limitrophes, aos povos dos quaes tanto deve aproveitar aquelle melhoramento; e para isto era de certo indispensavel a mudança do dia e da hora.

A associação commercial de Coimbra, a mais interessada, collectiva e individualmente com o desenvolvimento da viação, não póde eximir-se de tomar parte naquella solemnidade. A dos artistas sabemos nós que nomeou no dia 3 uma grande commissão, que alli deve concorrer : cumprem assim os seus membros um dever como cidadãos, e poderão apresentar ao digno director das obras publicas, e seu mui prestante socio honorario, as suas felicitações pela conclusão d'uma obra, que tanto augmenta o já bem merecido conceito d'aquelle zeloso funccionario.

No dia da inauguração será a sala illuminada interior e exteriormente.

Muito seria para louvar, que todos os habitantes de Coimbra, para manifestar a sua satisfação por um tão grande melhoramento, illuminassem as suas habitações.

As sociedades philarmonicas, ou por convite official, ou por deliberação expontanea, não podem deixar de concorrer a abrilhantar a solemnidade da inauguração.

Se se deixasse passar desapercebido um facto, que n'outra localidade seria ensejo para imponentes demonstrações de regosijo, não seria muito lisonjeira a apreciação que depois se fizesse desta terra e de seus habitantes.

Mesarios da Misericordia.—Na quinta feira foi eleita a mesa da Santa Casa da Misericordia, que ficou assim composta :

Provedor

Dr. Luiz da Costa e Almeida

Escrivão

Padre Gaspar Alves de Frias d'Eça Ribeiro

Mesarios

José Simões Vaz
Alexandre de Azevedo Araujo e Gama
José Francisco d'Oliveira Reis
Luiz Adelino Lopes da Cruz
Antonio Gomes Severo
Luiz José Maria d'Oliveira
Domingos dos Reis
Miguel Dias Barata
Francisco Borja dos Santos
Francisco Rodrigues d'Almeida
Emygdio Ferraz de Carvalho.

Theatro de D. Luiz—Haverá espectaculo neste theatro, nos dias 11 e 13, em què tomarão parte os insignes actores Taborda, e Isidoro, já bem conhecidos do publico de Coimbra ; e os distinctos actores Carlos de Almeida e D. Luiza Candida.

Atala, pelo visconde de Chateaubriand.— Precisamos de fazer duas rectificações á noticia que publicamos no numero passado deste jornal, relativa á edição que se está fazendo no Porto da ATALA de Chateaubriand.

A empreza editora é a typographia Luso-Britannica, de que é gerente o sr. José Antonio Castanheira. O sr. Podestá nada tem com esta empreza.

E os *clichés* das gravuras são do mesmo formento e eguaes aos que serviram á casa Hachette, de Paris; mas são inteiramente novos, e não os mesmos que serviram aquella casa, como dissemos.

Isto ainda realça mais o valor do serviço prestado pela empreza editora.

Condes de Podentes—No dia 2 chegaram a Condeixa, vindos da Gollegã, os exm.os srs. conde e condessa de Podentes, sua filha a exm.ª sr.ª D. Maria d'Assumpção, e o sr. Antonio Dias d'Azevedo.

Á estação do caminho de ferro de Soure foram de Condeixa alguns amigos de ss. ex.as, a fim de esperar e acompanhar tão illustre familia até á sua casa em Condeixa.

A primeira communhão dos meninos em S. Martinho do Bispo. — No dia 29 de Junho teve logar na egreja parochial de S. Martinho do Bispo, deste concelho, a funcção da primeira communhão dos meninos. Foram 62 os que receberam pela primeira vez o corpo, sangue, e divindade de Jesus sacramentado, tendo sido previamente doutrinados, e espiritualmente preparados pelo seu zeloso parocho, o sr. padre Dionisio Garcia Ribeiro, para dignamente receberem aquelle augustissimo sacramento.

A missa foi cantada pelo proprio parocho, coadjuvado pelos ecclesiasticos da freguezia, e teve acompanhamento a orgão. Foi orador o sr. padre Manoel Joaquim dos Santos Neves, que desempenhou, como costuma, dignamente a sua missão.

Muito concorreu para abrilhantar esta funcção o magnifico templo, que sendo já um dos melhores das freguezias ruraes, hoje talvez não tenha egual, porque a custo de grandes sacrificios, pois são limitadissimos os rendimentos da parochia, conseguiu o presidente da junta fazer pintar os tectos denegridos e retocar algumas pinturas, que os annos ou tinham de todo apagado, ou tornado indecentissimas.

Foi portanto de grande regosijo para a freguezia de S. Martinho do Bispo o dia de S. Pedro de 1873, não só pela funcção que se celebrou, e em que tomaram parte muitas familias, mas tambem por ser a primeira que se fez na egreja depois de pintada.

Formatura—No dia 23 de Junho formou-se na faculdade de Direito o nosso amigo o sr. Eduardo Augusto Pereira de Magalhães, filho do sr. Dr. Joaquim Pereira de Campos Cordeiro, do Pedrogão Grande.

No mesmo dia da sua formatura, por iniciativa de alguns de seus amigos, foi á sua porta tocar a philarmonica *Conimbricense*.

Felicitamos o sr. Magalhães por haver terminado os seus trabalhos litterarios.

Medalha de prata.—Demos ha tempo noticia dos objectos expostos, pelo nosso estimavel patricio o sr. João dos Santos Couceiro, na exposição do Rio de Janeiro. Temos agora a satisfação de annunciar, que ao sr. João dos Santos foi concedida a medalha de prata, 2.ª classe, pela rabeca por elle feita.

Damos-lhe, por isso, sinceros parabens.

Mercado de Condeixa a Nova no dia 4—Regularam os generos pelos seguintes preços :

Trigo branco novo 440—Dito tremez velho 480—Dito mourisco velho 460—Milho branco 310—Dito amarello 300—Feijão vermelho 400—Dito branco 400—Dito rajado 320—Dito frade 360—Cevada 200—Favas

260—Tremoços 280—Batatas novas 160—Vinho 900—Azeite 15[illegible]0.

Distincções na Universidade. —Por carta regia de 24 de Janeiro de 1791 foi despachado 4.º lente da faculdade de Philosophia, Felix de Avelar Brotero, o qual não só não era doutor, mas nem bacharel. Depois de ser nomeado lente, é que tomou o grau de doutor a 13 de Março do referido anno.

Pela mesma carta regia de 24 de Janeiro de 1791, foi nomeado demonstrador de chimica e mettallurgia na faculdade de Philosophia, Vicente Coelho da Silva Seabra. Era apenas bacharel, e recebeu gratuitamente o grau de doutor em 13 de Março desse anno.

Por carta regia de 15 de Abril de 1801 foi despachado 5.º lente da faculdade de Philosophia, com exercicio na cadeira de metallurgia, José Bonifacio de Andrada e Silva, ordenando que se lhe conferisse gratuitamente o grau de doutor (pois que era apenas bacharel), o qual recebeu a 20 de Junho de 1802.

Disposições academicas.— Pela carta regia de 5 de Maio de 1792 se determinou, que fossem descontados na terça parte dos seus ordenados, os lentes da Universidade, que no tempo das lições e dos actos deixassem de residir, ainda que fosse com licença regia.

Por edital de 9 de Julho de 1792 foi prohibido o escrever nas aulas as explicações dos lentes.

E em portaria de 10 de Outubro do mesmo anno, se ordenou, que os bedeis, logo depois de apontarem nas aulas, declarassem em voz alta os que faltavam.

Cães damnados.—Da Carapinheira, concelho de Monte Mór o Velho, nos communicam o seguinte:

«Este anno têem-se damnado muitos cães nesta freguezia, e supponho que brevemente teremos de lamentar uma scena mais que horrivel !! No dia 23 do mez proximo passado, foi gravemente mordido de um cão damnado um menino, que conta de 9 a 10 annos de edade, e só passado 7 dias é que lhe foram sarjadas as feridas. O pequeno, segundo me consta, já se acha fechado n'um quarto á espera do que lhe poderá succeder. Deus tenha compaixão do innocentinho.

Nesta terra, pobre e rico, tudo tem seu cão, e ainda que lhes sejam mordidos, contentam-se com o mandal-os ao mar; prendel-os, isso ninguem o faz. Nesta terra, anda tudo assim; um desleixo completo para tudo que possa recahir em beneficio dos povos.

Tenho muito medo dos cães damnados, aprecio devidamente as consequencias que d'elles pódem resultar, e é por isso que venho á imprensa pedir as providencias necessarias.

Carapinheira, 3 de Julho de 1873. — *L. C. Pessoa.*»

A festa de S. Pedro em Sandomil. — Communicam-nos de Sandomil o seguinte:

«A festividade de S. Pedro Apostolo, orago desta freguezia, sepultada no esquecimento, haverá cerca de 52 annos, celebrou-se este anno com muita pompa.

A noute da vespera da festa começou com muita alegria. Muitos ranchos de povo percorreram, dançando e cantando, as ruas principaes, que se achavam illuminadas por 300 lanternas, collocadas em symetria. A philarmonica de S. Gião tocava bellas peças no terreiro, proximo ao templo, cuja frontaria estava com optima illuminação: no ar estalavam numerosos foguetes, e era numerosissimo o concurso de povo das cercanias. Mas tanta alegria brevemente desappareceu, por causa da chuva copiosa, que começou a cair seriam 10 horas. As ruas ficaram desertas, mas illuminadas; sentia-se um não sei que de saudade em tão repentino silencio.

Seguiu-se o dia da festa da egreja. Pelas 10 horas saiu uma edificativa procissão acompanhada pela philarmonica, e dirigindo-se á capella de S. Sebastião, d'alli conduziu para o templo a imagem de S. Pedro, cujo andor estava enfeitado com muito gosto e concerto.

A missa foi a musica vocal e instrumental; o orador agradou muito. O templo estava decentemente ornado, sobresaindo um lustre, obra de bellissimo aspecto, trabalho e delicadeza, feito pelos dignos irmãos do parocho : o throno para a exposição do sacramento apresentava perspectiva encantadora.

De tarde saiu a procissão em boa ordem e muito apparatosa; percorreu as compridas ruas desta villa, todas as quaes se encontravam muito arcadas de diverso gosto. Em ambos os lados das ruas estavam postos com symetria 320 pinheiros (entre maiores, menores e mais pequenos), alguns pintados, outros enfeitados e todos com bandeirolas. De um a outro passava um fio, coberto de ramagem e flores, o que fazia bello effeito: as janellas estavam decoradas com vistosas colchas.

Acabada a procissão houve sermão e vesperas a instrumental. A' noute houve arraial, muito fogo preso e do ar; a philarmonica estava harmoniosa; cantou-se e dançou-se até ás 2 horas. Foi na verdade uma noute de verdadeira satisfação e alegria.

Muito satisfeitos estão os habitantes desta freguezia com o seu novo parocho e arcipreste, o sr. Prudencio Quintino Garcia, a cujo zelo, actividade, e até despezas se deve o ter renascido das cinzas do esquecimento tão solemne festividade; por cujo motivo se vai aqui reanimando cada vez mais, o espirito religioso.

Louvores pois, lhe sejam dados. Seu nome hade aqui ser sempre caro pelos melhoramentos, que, por sua iniciativa, se têem operado na egreja parochial e nas demais capellas desta freguezia, principalmente na ermida de S. Cosme, que estava prestes a desabar : não esquecendo o cemiterio, que se achava em estado tal, que o silvado lhe cobria parte das paredes: achando-se presentemente caiado e reparado.

Concluiremos, sr. redactor, estas fracas linhas com o seguinte: — Em quanto os parochos anteriores recebiam as offertas que os devotos davam aos santos, que se veneram nas capellas e ermidas desta freguezia, o actual as vae entregar no cofre da junta de parochia, dizendo que as offertas aos santos devem ser applicadas no culto dos mesmos !! Parochos, assim, são dignos de se tornarem publicas suas virtudes.

Confessando-me devedor a v. de muitos obsequios, espero, sr. redactor, mais o de mandar inserir no seu amigo e muito lido jornal estas toscas linhas.

De v. att.º vr.º e mt.º obgd.º

Sandomil, 2 de Julho de 1873,

João Antonio Marques.

Communicado. — De Lavarrabos nos pedem a publicação do seguinte:

Resposta a um communicado contra o parocho de Lavarrabos, inserto no n.º 17 do Jornal de Coimbra.

Quando o escriptor publico vem á imprensa stygmatisar os actos praticados por qualquer individuo no exercicio das suas funcções, é justo e muito justo que primeiro se informe com pessoas imparciaes, para que não succeda vir calumniar injustamente um homem, recto no cumprimento dos seus deveres, e de uma conducta exemplar, a todos os respeitos; como agora succedeu ao informador daquelle jornal, com referencia ao reverendo parocho desta freguezia.

Não tratarei aqui de refutar as calumnias que naquelle jornal se tem publicado contra o reverendo parocho desta freguezia, porque essas desprezamol-as por serem ridiculas e indignas de resposta; só direi que em quanto ao roubo do badalo do sino, o povo da Cioga nada tem com isso, mas só sim a junta de parochia; a qual logo que teve conhecimento do facto, obrou segundo a lei, não lhe servindo de regra os muitos badalos de mau som que ainda existem na Cioga.

Lavarrabos, 30 de Junho de 1873.—*João Pedro da Silva Cortesão.*»

Noticias de Hespanha.—As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid, 2, ás 4 horas e 50 minutos da tarde.— O projecto da constituição estabelece que o presidente seja eleito por 4 annos e não reeleito. Os deputados não podem ser ministros. Os poderes são divididos em judicial, legislativo, executivo e de relações. O municipio é autonomo e administrativo. Grandes bases civis para a unidade legislativa, penal e mercantil. O exercito, marinha, telegrapho, alfandegas, pautas, divida publica e fazenda, dependem do poder central. Estabelece a milicia nacional forçada e obrigatoria. As camaras terão duas sessões annuaes, uma no inverno e outra na primavera. Os deputados receberão indemnisação. Parece que parte da commissão não está de accordo. Censura-se que a constituição seja muito dispendiosa. Cuba, Porto-Rico, Philippinas e Fernando Pó, são apenas considerados como territorios.

Madrid, 3 ás 2 horas e 25 minutos da tarde.—A minoria intransigente retirou-se da camara. Todas as gestões praticadas para evitar este passo foram baldadas. Prevê-se conflicto proximo. Alguns deputados dos que abandonaram os seus postos nas côrtes sairam de Madrid e diz-se que foram agitar as provincias. O governo tomou todas as precauções militares que reclamam as circumstancias, e celebrou de hontem para hoje dois conselhos de ministros. Robledo fallara na sessão de hoje. As facções augmentam.

Madrid, 3 ás 5 horas e 35 minutos da tarde.—Affirmava-se hoje em todos os circulos politicos desta capital, que o cura Santa Cruz morreu assassinado pelos seus proprios. O ministro da fazenda recebeu importantissimas propostas para o arrendamento dos tabacos das Philippinas, sufficientes, no entender de pessoas auctorisadas, para fazer frente ás difficuldades mais urgentes do thesouro.

Madrid, 3, ás 5 horas 30 minutos da tarde.—No projecto da constituição marca-se a edade de 35 annos para o presidente e a de 40 para os senadores. Os deputados serão eleitos por suffragio universal de eleitores de 21 annos. O poder central póde suspender as garantias, e gere os impostos. Haverá cantões. As colonias serão consideradas cantões. Alguns intransigentes assistiam á sessão, em que se discutia a interpellação de Robledo.

Madrid, 4, ás 11 horas e 15 minutos da manhã.—A «Gaceta» publica as nomeações de

---

franca ; porem conheceu dentro em pouco que eram as sitiadoras, que se desenvolviam sobre Villarreal e Zumarraga, para se defenderem, sem duvida, do temporal que ameaçava, e que principiou furioso ao começar a noute, a qual foi tão escura, que nem a dois passos de distancia se distinguiam os objectos.

Esta circumstancia e o desejo de esperar por mais tempo o concurso das outras forças isabelinas, inclinaram o animo de Espartero a permanecer toda a noute na eminencia de Descarga ; porem quando já tinha adoptado esta resolução, soube por um espia de sua confiança, que Oráa havia sido derrotado na serra de Larrainzar, e que não se tinha noticia alguma do general Valdés, o que auctorisava a crer que este chefe se achava ainda a consideravel distancia.

Perto do chefe geral de Biscaia, acampava o commandante geral carlista da mesma provincia, D. Francisco Benito Eraso; e do alto de Descarga até Villarreal de Zumarraga se conta muito curta distancia. Sem os rodeios que fazia o caminho, e sem as deseguald[ad]es do terreno, se teriam avistado ; porem nem Eraso ignorava a chegada do seu contrario, nem este deixaria de saber a proximidade daquelle.

Avisou Eraso a Zumalacarregui da situação de Espartero, e recebeu ordem de permanecer quieto em quanto se não movesse o liberal, deixando-lhe livre a passagem para Villafranca, se avançasse ; e ordenado que fosse mais alem de Villarreal, o atacasse sem perda de tempo pela retaguarda. Desta maneira conseguiria Zumalacarregui o seu intento, que não era outro que o de attrahir para si a Espartero, e encerral-o entre dois fogos, para cujo fim fez jogar a artilheria sem intervallo para Villafranca.

Tal era o plano de Zumalacarregui ; porem uma circumstancia casual, lamentavel para as tropas da rainha, deu aos seus inimigos uma victoria de importancia.

Espartero, vendo o deploravel estado da sua gente e comprehendendo a probabilidade de que Zumalacarregui se arrojasse nas gargantas de Salinas, ou Elgueta, cortando-lhe a retirada sobre Victoria, ou Bilbau, e considerando que a sua permanencia em Descarga só podia acarretar-lhe um desastre, apressou-se a prevenil-o, e deu ordem para descampar e fazer movimento retrogrado.

As tropas isabelinas receberam esta ordem ás 7 da tarde ; as alas deviam confluir seguindo os raios mais curtos sobre a estrada, a fim de continuar a marcha iniciada pelo centro, que composto da divisão de Alava, e commandada pelo barão de Solar, chegou a Vergara ás 10 e meia da noute, sem ser incommodado pelos inimigos.

O temporal era cada vez mais adverso, e multiplicava os obstaculos desta triste expedição : o ceu encoberto e sombrio despedia uma chuva fina e abundante, que impellida por fortes rajadas de vento, dava de cara aos soldados. A debil luz das moribundas fogueiras lançava os seus ultimos fulgores, extinguindo-se debaixo dos golpes da agua, e fazendo-se mais sensivel o escuro da noute. Favoreciam singularmente estas circumstancias qualquer surpreza por parte do inimigo.

Com o unico objecto de reconhecer o caminho real até ao alto de Descarga, destacou Eraso alguns lanceiros de Biscaia, com o batalhão de guias de Alava, ao mando de D. Martin Bengoechea, e mandou formar no entanto a dois batalhões na estrada.

Caminhando os exploradores com celeridade, se vêem impensadamente no meio do campo inimigo. Ao *quem vive?* da sentinella, respondem —*Isabel II*—Desarmaram-na, e se lançam impetuosamente sobre as avançadas de Navarra. As tropas desta, acostumadas a desafiar a morte em cem combates, desordenam-se, sem se poderem formar, com um precipicio á esquerda, e uma altura occupada pelo inimigo á direita ; envolvem na fuga aos seus chefes e officiaes, e introduzem a confusão e o desalento na divisão da retaguarda.

Espartero, posto á frente de 40 cavallos, deu repetidas cargas, misturando-se varias vezes entre os inimigos, e batendo-se desesperado corpo a corpo com elles.

Naquella noute desastrosa perdeu o exercito liberal 2:000 homens, os quaes se viam no dia seguinte amontoados nos porticos da egreja de Zumarraga : e se antes tivessem acudido os biscainhos, maior teria sido o numero dos prisioneiros, porque não se teriam escapado muitissimos, como o conde de Mirasol, de entre as suas mãos.

Espartero e os restos da sua força, entraram em Vergara em deploravel estado.

A surpreza de Descarga decidiu da sorte de Villafranca.

Suspende Zumalacarregui o fogo, e envia um parlamentario a notificar a sua fortuna. Não a acreditavam os sitiados, e por isso se lhes permittiu que passassem alguns a Zumarraga para que vissem os prisioneiros. Convencidos, por fim, de tão triste realidade, era temeraria a resistencia, e por isso capitularam.

Ao mesmo tempo abandonava Jauregui a Tolosa, sendo levada a guarnição a S. Sebastião, e deixando encravadas algumas peças, e as munições e viveres que não poude transportar.

Alguns partidarios de D. Carlos se armaram no mesmo momento em Tolosa, e pediram a Zumalacarregui a guarnecesse. Gomez a occupou com os batalhões primeiro e terceiro de Guipuscoa, e transportou a Segura, e daqui a Amezcoa, os effeitos deixados por Jauregui.

Senhor já Zumalacarregui de Tolosa e Villafranca, passou a Segura, onde se achava D. Carlos, rodeado de uma côrte, na qual já pullulavam as más paixões e intrigas miseraveis, empregadas em desvirtuar tão assignaladas vantagens.

Se, porem, a côrte não dava áquelle a quem devia a sua existencia e tranquillidade, toda a consideração que por seus feitos merecia, no acampamento eram apreciados os seus serviços e talentos : tudo nelle era enthusiasmo ; todos acclamavam a Zumalacarregui ; todos lhe offereciam cegamente a sua vontade e a sua vida ; todos queriam seguil-o a toda a parte, e lhe obedeciam com fé, o amavam com paixão, e o admiravam com delirio.

Fundado era o prestigio de Zumalacarregui ; justa e merecida aquella especie de apotheose que lhe rendia o povo, que lhe tributavam os seus soldados.

Não faltou ao que lhes promettera ; deu-lhes triumphos, e com elles recursos e gloria. Tudo esperavam delle : a victoria da causa carlista não era para elles problematica : já não julgavam necessario mais que avançar para o conseguir.

Zumalacarregui saiu, porem, desgostoso da côrte de D. Carlos, em Segura, e marchou a sitiar Vergara, intimando a rendição antes de começar o fogo.

O governador e os 1:000 homens que guarneciam a villa, capitularam sem fazer a menor resistencia. Os carlistas acharam-se assim possuidores de um rico despojo de armas e munições.

Tambem grande despojo recolheram em Eibar, de que egualmente se apoderaram, ficando prisioneira de guerra a sua guarnição.

Durango da mesma forma caiu em poder do carlista Eraso, depois de a abandonarem os seus defensores, deixando 114 enfermos nos hospitaes; varias peças de artilheria, espingardas, munições e effeitos. Os encarregados da defeza de Durango, foram depois submettidos em Bilbau a um conselho de guerra, que os condemnou á ultima pena ; mas não foram fuzilados por faltar a approvação de Espartero.

E em fim, a guarnição de Ochandiano, de que era commandante o marquez de S. Gil, tambem capitulou.

Já dissemos que Zumalacarregui saiu desgostoso de Segura. Tanto o affectaram as intrigas da côrte e as suas más paixões, que marchou decidido a apresentar a demissão.

E impossivel que deixe de reinar a inveja, aonde tem o seu imperio a vaidade e a ambição. Estes vicios, que abundam nos circulos que se formam em roda dos poderosos, principiavam a ter seguro assento no que rodeava a D. Carlos.

Offereceremos um exemplo.

No sitio de Villafranca, orgulhoso justamente Zumalacarregui com a victoria de Descarga, ficou satisfeito com a rendição dos seus defensores, e julgando-se auctorisado como chefe do exercito, capitulou com elles. Pois este acto foi considerado pelos cortesãos de D. Carlos como uma abrogação do poder real, como um desacato á magestade, a qual Zumalacarregui tratava de humilhar, diziam, chegando elles, por isso, a dar-lhe o titulo de *Thomaz I.*

De tal forma se manejava a intriga, e taes proporções adquiriu, que D. Carlos, com tão pouca prudencia como tacto, auctorisou uma real ordem, censurando a sua generosidade com os urbanos de Villafranca !

Zumalacarregui recebeu em Vergara essa ordem tão inqualificavel, que o irritou, não tanto pelo que continha, como por ver nella as armas de que se valiam os seus inimigos. Comprehendeu que não era D. Carlos o auctor de uma disposição, que bem longe estava de esperar, e que tão pouco favor fazia ao seu rei; mas sim o ministro Villemur, ou antes um official do ministerio, com quem não estava de accordo.

Nestes e outros factos poude comprehender Zumalacarregui a guerra que lhe faziam os seus encobertos inimigos, oppondo-se aos seus desejos e provocando o seu enfado. Sem sua noticia, sequer, tiraram de entre os prisioneiros, duzentos ou trezentos homens, com que reforçaram o batalhão de Alava, que dava a guarda a D. Carlos. Havia, por outra parte, em Zumalacarregui, uma mal entendida rivalidade de provincialismo, e o incommodavam as vantagens que obtinham os alavezes ; e por isso que se julgou duplicadamente offendido, quando soube que isto havia sido obra de Uranga.

Queria Zumalacarregui, e assim o manifestou a D. Carlos, que afastasse a Cruz Mayor, unico ministro de todos os negocios, excepto os da guerra, e que o substituisse Alcadia, ou outra pessoa, que em sua opinião soubesse, buscasse e achasse os auxilios que necessitava e pedia diariamente com descontentamento dos cortesãos, os quaes suppondo que em cada povo que Zumalacarregui tomava, achava recursos bastantes para manter o exercito, o accusavam de ambicioso, forjando contra elle mil calumnias, e apresentando-o de continuo a D. Carlos como uma calamidade para a sua causa.

Estes e outros foram os principaes motivos que impelliram Zumalacarregui a apresentar a sua demissão, passados dois ou tres dias depois da sua entrada em Vergara, pretextando, segundo o costume, e por deferencia ao throno, a sua falta de saude.

A tomada de Vergara lisonjeou extraordinariamente a D. Carlos, e quiz estabelecer nella o seu quartel general, levando-o a isso muitas e ponderosas razões.

Ás 12 e meia do dia 10 de Junho de 1835, fez a sua entrada na villa com todas as honras soberanas: formaram-se as tropas para o seu recebimento ; repicaram os sinos ; uniu o seu estrondo a artilheria, e Zumalacarregui, com todo o seu estado maior, o escoltou até ao seu alojamento.

Os carlistas celebravam com verdadeiro enthusiasmo este successo ; e os que haviam anteriormente intentado penetrar pela força em Vergara, e agora o faziam com as portas franqueadas e com tal apparato, não podiam deixar de lisonjear-se, considerando o que havia melhorado a sua causa.

D. Carlos estava tambem satisfeito, e visitou de tarde as freiras da Soledade, assistindo á *salve rainha* que cantaram, e examinando tudo no convento.

Á noute dispoz a municipalidade uma illuminação geral.

Uma entrevista entre D. Carlos e Zumalacarregui aquietou a este ; e não se voltou a fallar mais da demissão.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Ylarraza para secretario de guerra e Loldau para as colonias. Castelar responderá hoje a Robledo. A Tertulia Progressista resolveu suspender as sessões por estarem suspensas as garantias. O conselho de ministros decidiu hontem licenciar os soldados que tiverem concluido o tempo de serviço, e offerecer dois reales por dia aos que sentarem praça de novo.

Se esta providencia não der resultados, appellará para o patriotismo do paiz, para organisar voluntarios com o fim de combaterem os carlistas. Publicará um manifesto expondo com franqueza energica a situação e os meios de salvar o paiz.

O Cultivador. —Publica-se mensalmente com este titulo, na ilha de S. Miguel, um jornal de agricultura, do qual é proprietario e principal redactor o sr. Guilherme Read Cabral, director da alfandega daquella cidade, e já muito conhecido como excellente empregado publico e distincto homem de letras. Este interessante periodico merece o favor do publico pela variedade e importancia dos assumptos que trata e pela maneira por que é redigido. Collaboram n'elle quasi todos os cavalheiros de Ponta Delgada, mais conhecidos pela sua capacidade. Desejamos prospera existencia a tão importante jornal.

Suspensão. —Pelo ministerio do reino foi mandado suspender o sr. commissario geral da policia do Porto, emquanto durar a syndicancia a que se mandou proceder.

Festividade.—Tem logar ámanhã na real capella da Misericordia desta cidade, a festividade da Visitação de Santa Isabel, com missa a musica, Senhor exposto, sermão e *Te-Deum* no fim. E' orador o capellão da casa, o reverendo padre Manoel Joaquim dos Santos Neves.

N'esta occasião darão entrada no collegio os 12 orphãos ultimamente admittidos.

A festividade começa ás 10 horas da manhã.

ANNUNCIOS

1 RICARDO ANTUNES DE MACEDO, largo de Samsão, acaba de receber o seu costumado sortimento de presuntos de Lamego, que vende por preços razoaveis.

EDITAL

2 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Coimbra, faz publico, que é prorogado até 31 do corrente mez de Julho o prazo para o afilamento de instrumentos de pesar e medir, designado no edital de 31 de Maio ultimo.

E para constar se passou este e outros.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 3 de Julho de 1873.

O presidente,
Lourenço d'Almeida Azevedo.

ATTENÇÃO

3 O MESTRE FERRADOR Antonio Pessa, ás Ameias, esta encarregado de vender uma egua muito bem feita, de mais da marca, e mestra ao trem, só ou parelha.

Attenção

4 LUIZ SOARES DE CAMPOS, com loja de mercearia na rua do Visconde da Luz, n.os 96 a 100, continua a vênder:

Vinhos do Porto
» da Madeira
» Moscatel de Setubal
Licores nacionaes
Genebra hollandeza
Cerveja ingleza de Bass & F.ª
» » de Tennent's.
Tudo a preços reduzidos.

5 NO DIA 29 do corrente mez de Julho, por 9 horas da manhã, no tribunal judicial em Santa Cruz, e perante o exm.º sr. dr. juiz de direito desta comarca, se hãode arrematar os bens penhorados na execução que José Lopes Guimarães, negociante desta cidade, move a Domingos Barreiras e mulher, de Valle de Colmeias, julgado de Miranda do Corvo, de que é escrivão Severo Sabino dos Santos.

6 VENDE-SE uma propriedade de 1229. 43 ares, ou 18 geiras, que se compõe de bons pinhaes, matos, terra lavradia, e um grande olival, no sitio do Val d'Oliveiras, limite da Granja de Ançã, proximo á estrada que vae desta villa a Coimbra. Quem a pretender póde dirigir-se a D. Maria Candida Lopes de Sampaio Bacellar, da dita villa d'Ançã.

7 AUGUSTO LUIZ CESAR DOS SANTOS tendo de se retirar para a ilha de S. Miguel, no paquete de 15 do corrente, para dar começo á doka fluctuante— declara que ficam saldas todas as suas contas com as pessoas com quem teve transacções com compras de madeiras, etc., para a mencionada doka.

Figueira da Foz, 3 de Julho de 1873.

DESPEDIDA

8 JOAQUIM NOBRE SOARES, tendo-se ausentado desta cidade para a villa de Almada, a fim de alli exercer o logar de escrivão de direito, e não podendo despedir-se pessoalmente dos seus amigos; vem fazel-o por este meio, offerecendo-lhes naquella terra o seu limitado prestimo.

9 POR ESTE JUIZO DE DIREITO correm editos de 10 dias, pelos quaes o exm.º sr. Alberto Ferreira Pinto Bastos, da sua quinta do Rol, cita e chama a todos os credores incertos do menor impubere Manoel, representado por sua mãe natural, e como tutora legal Maria Leonarda, do logar de Antuzede, que tiverem direito á quantia de 183$538 rs., que se acham mutuados no poder de Francisco Antonio Mendes, de Tentugal, cuja quantia foi penhorada a requerimento do exm.º annunciante, e por este annuncio ficam citados todos os credores incertos do dito menor, que se julgarem com direito, o venham deduzir dentro do referido prazo de 10 dias, com pena de lançamento, cujos 10 dias lhe foram assignados em audiencia de 3 do corrente mez, e corre esta execução pelo cartorio do escrivão o sr. Severo Sabino dos Santos.

Coimbra 4 de Julho de 1873.

10 SÃO CONVOCADOS os credores certos e incertos á massa fallida de Victorino Ferreira Martins, negociante que foi no logar de Mogofores, concelho de Anadia, para comparecerem por si, ou procurador seu á reunião que deve ter logar no dia 12 do corrente, ás 10 horas da manhã, em Agueda, no tribunal commercial, no edificio judicial, para os effeitos do artigo 1185 do Codigo Commercial.

Coimbra 3 de Julho de 1873.

O curador fiscal provisorio,
José Jacintho da Silva.

AGRADECIMENTO

11 JOSE' ANTONIO SOARES PINTO MASCARENHAS, sua mulher, filha e genro, summamente penhorados pelos cuidados e attenções que lhes dispensaram as pessoas das suas relações nesta cidade, durante a enfermidade, e na morte de suas netas e filhas, agradecem por este modo, em quanto o não podem fazer pessoalmente.

DOCTOR IN ABSENTIA

12 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a *Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra),* o qual lhes dará gratuitamente todas e quaesquer informações sobre a Universidade.

13 LUIZ GOMES RIBEIRO, e Antonio Maria de Mello, agradecem por esta forma em quanto o não podem fazer pessoalmente, a todas as pessoas que tomaram parte na profunda dor de que se acham possuidos, pelo fallecimento da sua virtuosa e sempre chorada esposa e filha D. Maria Augusta de Mello Gomes Ribeiro, bem como a todos os amigos que a acompanharam á sua ultima morada.

14 FABRICA ITALIANA de cordas de tripa, armonicas, para relojoarias e chapellarias: primeira em Portugal, de Justino de Bartholomeu, em Coimbra, no Rocio de Santa Clara.

VENDA

15 VENDEM-SE ou trocam-se a inscripções dois predios rusticos no logar de Ceira, proximo a Coimbra, e á estrada da Beira, compostos de bons terrenos de semeadura, pomares, olivaes, casas nobres de residencia, agua de rega, etc. Tracta-se em Coimbra, largo da Feira, n.º 53, com José da Silva Porto.

DENTISTA

CEREGHETTI DOMINIQUE

CIRURGIÃO DENTISTA SUISSO

16 FAZ SABER ao respeitavel publico conimbricense, de quem ha recebido tantas provas de consideração, que tenciona demorar-se nesta cidade, por espaço de algum tempo.

O mesmo annuncia a todas as pessoas que, alem de fazer dentaduras completas, pôr dentes, extrahir estes e as raizes, e limpar os dentes com a maior perfeição, sem deteriorar o esmalte dos mesmos, tambem empasta e concerta os que estiverem cariados, com pasta não conhecida até hoje, e tira callos, sem que a pessoa operada sinta o menor incommodo; podendo desde logo usar de calçado apertado, e andar com todo o desembaraço como se nunca tivera tido callos.

Quem precisar do seu prestimo dirija-se ao largo de Samsão, ao fundo da rua das Figueirinhas, n.º 52.

17 A CONTA DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalesciere,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas; vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alcuto, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

E ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economias 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris; Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kilo 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Bahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Batelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Albino Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2708 — TERÇA FEIRA 8 DE JULHO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA		ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200	Por anno	3$720
Por semestre	1$600	Por semestre	1$860
Por trimestre	800	Por trimestre	930
Correspondencia por linha	30	Avulso	40

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

COIMBRA

A' falta de assumpto com que possam entreter a avida curiosidade dos leitores, os jornaes da opposição encontraram nos successos do Porto, aos quaes parece estarem dando os foros de alta questão politica, ensejo palpitante para voltar, de animo aggressivo, á arena do debate violento contra o governo, que demonstrou pelas portarias que fez expedir ao sr. governador civil daquella cidade, quanto deseja fazer justiça recta e imparcial.

Este mau sestro de deslocar as questões do seu verdadeiro ponto, para fazer politica de partido, é, ainda que velho, prejudicial e inconveniente em toda a ordem de ideias.

O governo, cujos sentimentos liberaes ninguem contesta, não póde deixar de indagar escrupulosamente de todas as circumstancias que occorreram na questão do Porto, para resolver com imparcialidade um conflicto que é exclusivamente de policia.

Inquerir se os agentes policiaes exorbitaram no emprego da força, se realmente existiram factos condemnaveis pela lei e pelas conveniencias publicas, é, de certo, todo o empenho dos ministros da corôa, e sel-o-hia de todos os governos justos, qualquer que fosse a sua cor politica.

Os que hoje aggridem o governo, por espirito de opposição, fariam necessariamente o mesmo, que elle está fazendo, porque, somos justos, haveriam de averiguar toda a verdade dos acontecimentos, para decidir, com inteira imparcialidade, uma pendencia em que as queixas se encontram de um e de outro lado. Sómente a pratica do dever e da justiça caracterisa os homens e mormente os governos.

Por nós que nos prezamos de sinceros liberaes, ficaremos satisfeitos com o procedimento do governo, se elle decidir esta questão com justiça e imparcialidade.

Assim como reprovamos com toda a energia e vigor os erros e abusos do antigo regimen; da mesma forma, não podemos deixar de estygmatisar os excessos da liberdade, ou para melhor dizer, os factos injustos que em nome della se possam praticar.

Não é melhor o systema liberal que seguimos e defendemos, simplesmente porque é nosso; mas porque elle tem o seu fundamento nos attributos da natureza humana, na justiça e nos direitos do homem e da humanidade.

Todos os excessos são maus, quer partam da reacção, quer partam da liberdade. Quando elles apparecem, é indispensavel que a justiça social, que está sempre acima dos interesses partidarios, decida com rectidão as questões, que o capricho, as paixões e o odio de alguns homens costumam levantar.

Não nos parece que no conflicto do Porto fosse atacado, como dizem, o partido liberal; é, segundo cremos, uma questão de conflictos pessoaes a que alli se travou, e que agora cumpre decidir á face da lei e da justiça. Nem tão pouco a sua decisão é para nós questão politica.

O CONDE DE LIPPE

O sr. general Augusto Xavier Palmeirim, um dos nossos mais illustrados militares, teve a bondade de nos offerecer um exemplar da sua recente publicação—*Alguns factos militares portuguezes no seculo XVIII.*

O sr. Palmeirim, entre alguns manuscriptos que adquiriu na occasião de ser vendida em hasta publica a livraria do duque de Lafões, por fallecimento do ultimo duque, encontrou um com o titulo—*Reflexões militares sobre o regulamento para o exercito e disciplina dos regimentos de infanteria de 18 de Fevereiro de* 1763.

Este manuscripto não tinha a designação de quem era o seu auctor; mas o sr. Palmeirim attribue-o com todo o fundamento a Simão Frazer, official escossez ao serviço de Portugal.

Nas *Reflexões* de Frazer se analysa e em muitas partes critica o regulamento do conde de Lippe, dando-se ao mesmo tempo noticias interessantes acerca das nossas cousas militares no seculo passado.

O sr. Palmeirim publicou agora essas *Reflexões*, as quaes acompanha de muitas notas, que mais interessantes as tornam; e alem disso precede a publicação de curiosos apontamentos biographicos do conde de Lippe.

Segundo diz o sr. Palmeirim, o marechal general conde de Schaumbourg Lippe, nasceu em Londres a 24 de Janeiro de 1724. Tinha, portanto, 38 annos de edade, quando em posto tão subido commandou em chefe, em 1762, o exercito portuguez, e conjuntamente o corpo inglez, seu auxiliar.

No referido anno, a pedido do rei de Inglaterra, encarregou-se o conde de Lippe do commando do nosso exercito contra os hespanhoes e francezes, em consequencia do pacto de familia; para o que recebeu a patente de general feld-marechal hannoveriano, e a de marechal general portuguez.

Em Portugal tratou de reorganisar e disciplinar o exercito; e a elle se deve a con-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXXV

D. CARLOS

XXV.

Os carlistas não tinham em volta de si inimigos que combater. Estavam no seu maior apogeu.

A causa carlista achava-se nestes momentos em uma dessas crises que decidem do futuro. Um acertado movimento, uma ideia feliz, podia ser como a espada de Breno.

Perdidas para os liberaes umas atraz das outras tantas povoações de importancia, mandada retirar a guarnição de muitas, abandonadas outras a pequenas forças, e retirado o exercito para Miranda do Ebro, depois de haver soffrido fortes desastres que infundiram temor e sobresalto, achavam-se quasi todas as provincias Vascongadas á mercê dos carlistas, que se assenhoreavam dellas, augmentando proselitos, recolhendo recursos, e acrescentando o seu prestigio moral de uma maneira prodigiosa; ao mesmo tempo que decaia grandemente o dos povos, onde nem espias se encontravam.

Em situação tão favoravel para D. Carlos, ia o primeiro movimento de Zumalacarregui influir poderosamente na sua sorte. Se era acertado, podia pôr o liberal em perigo. Propoz-se a effectual-o, porem contrapozeram-se a ambição e a intriga, e venceram estas.

Resolveu Zumalacarregui pôr o cerco a Bilbau, a esta praça, que tão famosa havia de ser pelos differentes cercos que inutilmente lhe pozeram os carlistas e pela bravura heroica dos seus defensores.

Encarregado o conde de Mirasol, a 6 de Junho de 1835, do commando da provincia de Biscaia, determinou Espartero, de accordo com uma junta de brigadeiros, que o conde permanecesse na capital para assegurar a sua defeza. Marchou Espartero a 8, e desde aquella manhã, ficou Mirasol responsavel da defeza de Bilbau.

As fortificações não estavam concluidas; faltava artilheria de grosso calibre para responder á dos carlistas, e para dominar os importantes pontos do Morro e Begoña, principaes sitios do ataque, não occupados por falta de recursos, e da força que necessitavam. O convento de Santo Agostinho, que offerecia um ponto accessivel do ataque e defendia uma parte consideravel do rio, só estava resguardado com um tambor para fuzilaria.

A polvora para as peças, a farinha e o dinheiro escasseavam, e o deposito geral de munições se achava no convento de S. Francisco, da parte d'alem do ponto culminante, enfiado e dominado pelos alturas que podiam e deviam occupar os carlistas no sitio.

O conde de Mirasol tratou de augmentar as fortificações, e tomou todas as providencias que lhe foi possivel, mandando a *Rainha Governadora*, vapor de guerra, a S. Sebastião, em busca de artilheria, depois de haver trazido de Portugalete uma peça de 24.

No dia 10 de Junho se apresentou Zumalacarregui deante da praça, occupou dois dias em bloqueal-a, sem conseguir cerrar de todo o rio Nervion, na margem direita do qual está situada Bilbau, a duas leguas do mar da Biscaia. Os liberaes eram coadjuvados pelos vapores de guerra francez e inglez, surtos no rio.

Reconhecida a praça por Zumalacarregui, levantou a pouca distancia, em frente do elevado santuario de Nossa Senhora de Begoña, tres baterias de obuzes e peças de artilheria; e disposto tudo para o ataque, intimou a rendição da praça.

Não respondeu o conde de Mirasol, e por isso rompeu o fogo pelos carlistas ao raiar da aurora do dia 13 de Junho.

Os habitantes de Bilbau estavam possuidos de um verdadeiro enthusiasmo, e resolvidos antes a sepultar-se debaixo das ruinas da praça do que a render-se.

Continuaram nos dias 14 e 15 os carlistas com a artilheria e fuzilaria a atacar a praça; mas apesar de destruirem muitas das fortificações, defendiam-se com heroica bravura os sitiados.

Na madrugada deste dia 15 teve logar um acontecimento, que pelas suas consequencias foi um dos golpes mais fataes que podiam soffrer os carlistas.

Querendo Zumalacarregui examinar por si mesmo os reparos feitos pelos sitiados durante a noute, subiu ao andar principal de uma casa situada perto do santuario de Begoña, e de uma janella aberta se poz a observar, sem sair á parte exterior, a linha inimiga; e nesse mesmo instante uma bala de espingarda o feriu no terço superior da perna direita, a duas pollegadas do joelho. Foi retirado d'alli, e trasladado em uma cama para o seu alojamento em Bolueta.

Feita a primeira cura não quiz ahi permanecer, e mandou o conduzissem a Cegama pelo caminho de Durango, cuja triste honra coube a 40 granadeiros.

A ausencia de Zumalacarregui, cuja desgraça encheu os seus de pena, não impediu se continuasse o sitio; e o que succedeu no dia 16, prova quão differentes aos de outros eram os sentimentos que manifestara Zumalacarregui, oppondo-se a bombardear a villa. Ao mesmo tempo cessaram os tiros contra os reparos das baterias, enfiando-se o morteiro e os obuzes á povoação, o que causou destroços consideraveis.

Este novo alarde de terror, não atemorisou os bilbainos; encheu-os sim de indignação, porque deixavam os inimigos de atacar as baterias que os hostilisavam, e destruiam as casas, albergue inoffensivo das mulheres e meninos.

Uma constante actividade e o enthusiasmo pela rainha e a liberdade, mantinham o animado espirito dos sitiados.

Foi continuando sem cessar a luta, até que no dia 26 apresentou-se o proprio D. Carlos no sitio de Bilbau; e como se a sua presença fosse um estimulo para os sitiadores, redobraram os seus esforços, e todas as peças vomitavam de continuo a destruição e a morte. As differentes baterias da praça responderam, e ainda que soffreram grande damno, conseguiram apagar os fogos inimigos.

strucção do importante forte de Lippe, junto a Elvas.

Dispostos pelo conde de Lippe os meios da regeneração militar, regressou á patria, elevado por el-rei D. José á dignidade de principe do sangue, com o tratamento de alteza, e brindado com valiosos presentes.

Nunca recebeu soldo algum, ou qualquer remuneração pecuniaria, nem mesmo para os seus officiaes. Os presentes que lhe deu el-rei D. José na sua saida do reino, consistiram em seis canhões de ouro, pesando cada um 32 libras, montados em reparos de ebano, chapeados de prata; e um botão e presilha de brilhantes. Não recebeu nenhuma condecoração portugueza, por serem todas de ordens religiosas, que se não conferiam a protestantes.

Da sua patria continuou o conde a influir sobre a instrucção e a disciplina do nosso exercito, ao qual voltou em 1767 por pouco tempo, a fim de observar o resultado das suas ordens, e prover em outras cousas, sendo geralmente festejado. No anno seguinte, achando-se já no seu condado, lhe offereceu o nosso governo uma pensão vitalicia de tres mil libras (13:500$000 rs.) que não quiz aceitar.

Em 1776 mandou para o nosso exercito 16 officiaes da sua escola de artilheria e engenharia de Bukbourg, os quaes se retiraram por fallecimento de el-rei D. José. Ainda no reinado seguinte, receando-se novas complicações com a Hespanha, foi convidado o conde de Lippe a retomar a direcção do nosso exercito, mas escusou-se, pretextando pouca saude.

Tendo o conde de Lippe perdido uma filha unica, a qual prezava em extremo, bem como um seu intimo amigo, renunciando a sua costumada actividade, entregou-se á dor e melancolia, e abreviando com isto seus dias, se lhe escapou a vida nos 10 de Setembro de 1777, na edade de 53 annos, no mesmo anno do fallecimento de el-rei D. José, a quem prestara relevantes serviços.

O esclarecido escriptor, o sr. conselheiro Simão José da Luz Soriano, no 2.º tomo da sua *Historia da guerra civil em Portugal*, diz que no anno de 1796, vendo a condessa viuva do conde de Lippe, que os papeis e planos de seu fallecido marido, relativos á defeza de Portugal, poderiam aproveitar na occasião em que de novo este reino ia entrar em guerra com a Hespanha, dirigiu ao nosso ministro em Londres uma carta, em 25 de Outubro do mencionado anno, offerecendo-lhe os referidos papeis, mediante a gratificação em que se conviesse.

O nosso ministro em Londres, D. João de Almeida, não se achando auctorisado para aceitar esta proposta, officiou sobre ella para Lisboa em 19 de Novembro; mandando-lhe o governo em resposta, que negociasse effectivamente a acquisição dos referidos escriptos, sendo 52 a sua totalidade. A somma que por elles se offereceu e deu, foi a de 24:000 cruzados (9:600$000 rs.), offerecendo-se tambem ao conde de Gibon, secretario que fôra do conde de Lippe, um presente no valor de 50 moedas (240$000 rs.), por occasião da entrega dos mencionados escriptos.

E', porem, para lamentar que estes trabalhos, que deviam ser muito importantes, e que foram adquiridos por bom preço, tenham desapparecido dos nossos archivos.

AS GRANDES INVENÇÕES

Ha dias annunciamos a proxima publicação do livro de Luiz Figuier—*As grandes invenções antigas e modernas nas sciencias, industria e artes*, traduzido pelo sr. Antonio Placido da Costa, ex-alumno da Academia Polytechnica do Porto, e editado pelo sr. Ernesto Chardron, acreditado livreiro do Porto.

Temos hoje a dizer, que já recebemos a primeira caderneta desta interessantissima publicação.

Já haviamos lido em francez o livro de Luiz Figuier, e sentiamos que não o houvesse traduzido em portuguez, para estar mais ao alcance de todos os leitores; e felizmente vemos agora supprida essa falta.

As numerosissimas e bellas gravuras que *illustram* o texto, tornam este livro muito apreciavel; ao que acresce o bom papel e boa impressão.

O livro de Luiz Figuier é daquelles que deve andar na mão de todos, porque ha alli muito que aprender. Nelle se reune o util com o agradavel.

O sr. Chardron e muito digno de louvores, pela acertada escolha que faz das publicações de que é editor.

MACHINISMO AGRICOLA

O sr. Antonio de la Roque, representante no Porto da casa de Ransomes Sims & Head, mandou-nos um livro do mais alto interesse, contendo a *Descripção do machinismo agricola*, fabricado por aquella casa ingleza.

Nesse livro se vêem em gravuras uma numerosissima collecção de instrumentos agricolas, desde a mais modesta lavoura até aquella em que se applica o vapor.

E' tal a variedade de instrumentos, com applicação a todas as necessidades da agricultura, que difficilmente poderiamos aqui dar noticia delles, por mais resumidos que quizessemos ser.

Todos os instrumentos vem acompanhados de uma minuciosa descripção da sua construcção, uso e vantagens.

O sr. Antonio de la Roque, na rua de S. Bento da Victoria, n.º 10, tem não só deposito de instrumentos agricolas, mas tambem industriaes.

Sobretudo os nossos agricultores que quizerem sair da antiga rotina no seu trafego, acharão naquella casa tudo o que desejarem, por mais exigentes que sejam.

SERMÕES

Recebemos da Livraria Catholica de Lisboa o *Sermão celebrando o faustissimo dia* XVII *anniversario da coroação do providencial pontifice Pio IX, pregado em Lisboa, na parochial egreja de Nossa Senhora da Encarnação, pelo thesoureiro mór da santa sé metropolitana de Evora, actual presidente daquelle cabido, Manoel Joaquim Barradas.*

Este sermão faz parte dos sermões avulsos, que está publicando a Livraria Catholica. Alem deste tem já publicado os seguintes sermões:—Adoração da Cruz—S. Sebastião—Sacramento—Paixão — Resurreição — Senhora Apparecida—Consagração do Mez de Maria—Espirito Santo—Santo Antonio.

LEITURAS POPULARES

A mesma Livraria Catholica de Lisboa, obsequiou-nos com um exemplar do livrinho—*Duas viuvas (traducção), terceiro mandamento do decalogo.*

E' o n.º VIII da bibliotheca do jornal *Leituras Populares*, e vende-se pela modica quantia de 40 rs.

NOTICIARIO

Associação commercial—Quando fallámos ultimamente das demonstrações de regosijo que deviam dar certas e determinadas corporações no dia da inauguração da ponte da Portella, e nos referimos á Associação Commercial de Coimbra, não sabiamos que a sua direcção já tratava de levar a effeito uma demonstração, que, se se realisar segundo o plano apresentado, ficará muito alem d'aquillo que esperavâmos. Ainda bem, e honra lhe seja.

É ao commercio mais que a ninguem que importa a obra já concluida e que vae ser aberta á circulação, e a elle lhe cumpre dar solemnes provas de regosijo.

Das informações que podemos colher, consta-nos que se projecta levantar uma fachada na parte lateral do edificio da Associação Commercial, fronteira á rua da Calçada. Esta fachada será no estylo toscano e pintada sobre tela, illuminada pela parte interior, correndo-lhe na cimeira o nome da Associação, illuminado exteriormente por um cordão de luzes a gaz. O portico será fechado por um transparente, no qual se veja representado na parte inferior a ponte da Portella, com a data da sua inauguração; no segundo plano os attributos do commercio, circumdados dos da industria e da agricultura, sem as quaes aquelle não pode florescer; no terceiro e ultimo plano, uma estrella encimada de nuvens, com os disticos das cinco partes do mundo.

Crêmos que alem disto se projectam outras demonstrações, que se levarão a effeito se o tempo não escacear.

Os directores resolveram não comparecer na solemnidade da inauguração senão como simples particulares, por lhes constar não haver convites especiaes ás diversas corporações, e tencionam nesse dia illuminar a frontaria das suas casas.

Esquecia-nos dizer que ao sr. Gonçalves é

O dia 27 foi terrivel para os liberaes. Os tiros que os carlistas davam em honra de D. Carlos, arrojaram 57 bombas e 128 granadas na praça que, com o fumo e poeira que produziam, augmentavam o seu horror.

Na tarde deste dia praticou a camara municipal (ayuntamiento) um acto, que deverá ficar perpetuado.

Reunidos os camaristas, decidiram por unanimidade, que não se prestariam a capitulação de nenhuma especie, e que antes estavam resolvidos a derramar até á ultima gota de sangue.

Separados para não chamar a attenção do publico, foram os camaristas a casa do conde de Mirasol, o qual lhes entregou um officio que nesse momento acabava de receber do general carlista Eraso, intimando-o novamente para que se rendesse. Leu-se o officio, e desejando Mirasol saber a opinião da camara, a emittiu o alcaide D. João Ramon de Arana, dizendo:

—*Perecer nas ruinas da villa antes que capitular.*

Outro camarista acrescentou:

—*Hoje arruinaram-me tres casas; ámanhã me destruirão as que me restam; porem em quanto circular sangue por minhas veias, eu não capitulo. Saberei, se sobrevier a este sitio, manter-me entre as ruinas da minha propriedade; porem não viver com os que destroçam a minha patria.*

Mirasol mostrou-se altamente penhorado por esta dedicação.

Algumas horas depois se apresentaram os parlamentarios carlistas, Zaratiegui e Arjona.

A conferencia com Mirasol foi curta. Os parlamentarios pediam a rendição da praça, á qual concediam as honras da capitulação, advertindo que os sitiados não deviam esperar soccorro algum. A resposta foi negativa.

No dia 28 torna o general Eraso a intimar novamente a praça, ameaçando de continuar as hostilidades contra ella.

A resposta foi espartana:—*Pode romper o fogo quando quizer.*

Dahi a pouco Mirasol, á voz de viva a rainha, percorre a linha, e ás 4 horas da tarde um canhoneio das baterias de Bilbau annuncia o signal de haver cessado a tregua. Rompem-se de novo as hostilidades, e voltam todos ás suas linhas.

Até as 7 horas cairam na praça 26 bombas e 58 granadas, continuando com um nutrido fogo de fuzilaria, a que poz termo a noute.

No dia 29 continuou o fogo, e no dia 30 fizeram os carlistas poucos tiros de peça e de espingarda.

Era o termo do sitio. Parecia a agonia de quem esgotadas as forças, empregava um resto dellas em fazer um ultimo e debil esforço, e assim era. Nada podia fazer já o carlista para vencer a indomavel altivez dos bilbainos, d'aquelle povo de heroes.

O dia 1 de Julho foi o ultimo do sitio. Os carlistas começaram a retirar-se: as forças auxiliadoras estavam perto. O sitio podia considerar-se já levantado. Nem as posições dos carlistas, nem a decisão de Maroto, nem a chegada de Moreno, poude conter o exercito da rainha, o qual vindo em soccorro dos sitiados, entrou em Bilbau na força de 17 batalhões, ás 2 horas e meia da tarde, e egual ou maior numero foi chegando ás suas immediações.

A praça de Bilbau estava já salva: a camara municipal deu os agradecimentos aos bilbainos; e na ordem geral do dia 2, assignada por D. Evaristo S. Miguel, se deu a todos os parabens pelo seu heroico comportamento.

No dia 4 se apresentou o general Cordova a tomar o commando do exercito, e nesse mesmo dia se cantou um solemne *Te-Deum* em acção de graças.

Os carlistas lançaram na praça 1580 projectis. As perdas de pessoas por varios modos foram 200.

Os prejuizos nas propriedades foram grandes; os sacrificios dos bilbainos heroicos; até os anciãos se distinguiram de uma maneira notavel, já pelos serviços que prestaram, já pelo seu enthusiasmo ou resolução, pois chegou até ao ponto de pretenderem sair para arrebatar aos carlistas, por um atrevido golpe de mão, os seus morteiros e obuzes.

Em consequencia do ferimento de Zumalacarregui, nomeou D. Carlos para commandante do seu exercito a D. Vicente Gonzalez Moreno, homem de mau caracter e peores amigos.

Com esta nomeação se julgavam desconsiderados os generaes carlistas, Maroto e Eraso. D'ahi data o desgosto de Maroto; e é esse o germen da intriga de que veiu a resultar em Agosto de 1839 o celebre convenio de Vergara, profundo golpe dado no partido carlista.

Zumalacarregui tinha sido levado ferido para Cegama. Ahi se procedeu na manhã do dia 24 de Junho á extracção da bala, de que se seguiu um destroço consideravel na perna.

A bala collocada em um prato, corria de casa em casa como uma reliquia, e até se pensou em a levar a Durango, onde se achava D. Carlos. Porem á alegria que produziu o julgar-se já curado a Zumalacarregui, succedeu a consternação. Assaltou ao ferido um grande tremor, e conhecendo o seu proximo fim se dispoz a esperal-o. Dentro em pouco expirou, tendo de edade 46 annos.

A unica clausula do seu testamento foi a seguinte:—*Deixo a minha mulher e meus filhos, unicos bens que possuo. Nada mais tenho que poder deixar.*

Zumalacarregui baixou ao tumulo no periodo mais critico que até então tivera a causa carlista. Esta perdeu nelle um bom servidor, um caudilho que havia de ser chorado ainda pelos mesmos, que nesta occasião creram triumphar com a sua morte. Tal é a obcecação dos partidos.

Os carlistas sensatos lamentaram a morte de Zumalacarregui como uma immensa desgraça. O general Gomez disse em presença de varios chefes e officiaes, que a causa de D. Carlos havia soffrido um golpe mais terrivel, que se o inimigo contasse com 25:000 homens mais.

Os soldados, e o povo carlista, que como todas as massas, sabem sentir e chorar, derramaram sinceras lagrimas pela morte do seu caudilho. Esta mesma opinião fez com que se honrasse a sua memoria, concedendo-se-lhe titulos e honras.

D. Carlos, por decreto datado de Durango em 25 de Junho de 1835, concedeu á viuva de Zumalacarregui, D. Pancracia Ollo, o soldo inteiro que a elle pertencia pelo posto de tenente general, e mais a pensão de 2:000 reales annuaes a cada uma de suas tres filhas.

Ainda posteriormente, em decreto assignado por D. Carlos em Villafranca, a 24 de Maio de 1836, para perpetuar a memoria do fallecido, concedeu a Zumalacarregui a grandeza de Hespanha de primeira classe, com os titulos de duque de Victoria e conde de Zumalacarregui, para si, seus filhos e descendentes legitimos, devendo o herdeiro destas grandezas usar sempre por primeiro appellido o de Zumalacarregui. Promettia logo que acabasse a guerra, destinar quaes as propriedades que haviam de formar o vinculo annexo á mesma grandeza. Mandava collocar as suas cinzas em um mausoleu em Ormaiztegui; determinava que se lhe erigisse um monumento; e concedia grandes honras e interesses a suas filhas.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

---

que foi incumbida a pintura, e cremos que se desempenhará com acerto da sua missão.

Ponte da Portella.— A construcção desta ponte foi determinada pelo sr. visconde de Chancelleiros, quando ministro das obras publicas.

Foi mandada pôr em praça pelo sr. marquez de Avila e de Bolama.

O orçamento da despeza na construcção foi de 100:000$000 rs.; porem a despeza realisada regula por 90:000$000 rs.

Este resultado é a demonstração mais positiva da pericia com que foram dirigidos os trabalhos pelo digno funccionario, a cargo de quem neste districto estão as obras publicas.

Chegou hoje a commissão technica, encarregada de verificar a construcção da ponte: já começaram os trabalhos das provas. A ponte estará carregada durante tres dias, pouco mais ou menos; depois do que a commissão fará constar ao governo o resultado de suas observações, que é de esperar seja satisfatorio.

A inauguração da ponte será na sexta feira á tarde, se para isso tiver chegado ordem do governo, ou no dia immediato tambem á tarde.

Pedimos aos srs. governador civil e director das obras publicas deste districto, que, de commum accordo, deliberem sobre a forma de fazer os convites ás demais auctoridades, corporações e funccionarios, para que o acto da inauguração da ponte, seja condigno daquella importante obra.

Festejos da Rainha Santa.—Desde a entrada da cidade até ao mosteiro de Santa Cruz podem dizer-se continuadas as decorações e illuminações, que de certo produzirão optimo effeito. No largo de Samsão, Calçada, e rua do Visconde da Luz tambem é augmentada a illuminação.

Nas ruas do Corvo e Sapateiros as decorações serão deslumbrantes.

A entrada da imagem da Rainha Santa em Santa Cruz, serão recebidas esmolas para distribuir pelos presos da cadeia d'esta cidade.

O novo provedor da Misericordia—Estamos informados de que o sr. Dr. Luiz da Costa e Almeida, novo provedor da Santa Casa da Misericordia, projecta estabelecer, alem das escolas, casas de trabalho e aprendizagem para os orphãos de ambos os sexos; e a par d'este melhoramento que nos parece de alto interesse e de reconhecida vantagem, outros de não menos merecimento deseja alli introduzir o novo provedor.

O sr. Dr. Luiz da Costa, vae, segundo nos affirmam, com o sr. Dr. Ignacio Rodrigues da Costa Duarte, muito habil facultativo da casa, partir para Lisboa, a fim de estudar os meios de estabelecer aquelles melhoramentos.

Muito folgamos com o engrandecimento d'aquelle sympathico estabelecimento, e por isso desejamos que se realisem os projectos do sr. Dr. Luiz da Costa e Almeida.

Caixa filial do banco de Vianna—Foi approvado pela respectiva assembleia geral o regulamento da caixa filial do banco de Vianna em Coimbra. Logo que terminem as obras na casa destinada para este estabelecimento, começarão as transacções, o que terá logar dentro em poucos dias.

O capital da caixa é de 100:000$000 rs., que poderá ser augmentado, se o incremento das transacções assim o exigir.

Instituto.—A classe de litteratura do Instituto reuniu-se hontem para proceder á eleição das suas secções, que deixaram de se fazer na epocha competente. O resultado da eleição foi o seguinte:

Secção de litteratura:—Abilio Augusto da Fonseca Pinto— Luiz Guedes Coutinho Garrido—Dr. Fernando Augusto d'Andrade Pimentel e Mello — Dr. Augusto Filippe Simões — Augusto Mendes Simões de Castro.

Secção de litteratura dramatica: — Dr. Luiz Jardim—Candido de Figueiredo —Antonio Candido Gonçalves Crespo — José Frederico Laranjo — Manoel Marques de Lima de Figueiredo.

Secção de bellas artes — Visconde de Villa Mendo—Dr. Augusto Filippe Simões— Miguel Osorio Cabral de Castro — Conselheiro João José de Mendonça Cortez—Augusto Mendes Simões de Castro.

Festividade religiosa—Na egreja de Ceira, povoação proxima a esta cidade, celebrou-se no domingo proximo passado a festividade do Santissimo, com uma pompa e esplendor, excedendo ás melhores que alli se tem feito.

Era festeiro o nosso amigo, o sr. Jeronymo Rodrigues de Paiva, cavalheiro d'aquella localidade, e geralmente estimado pelas qualidades que o distinguem.

Em obsequio ao sr. Rodrigues de Paiva e a seu bom filho o sr. padre Antonio Rodrigues de Paiva, foram desta cidade cantar a missa da festa o sr. conego José Ferreira Fresco, e o sr. padre Antonio Garcia dos Santos, dignissimo reitor da sé cathedral; acompanhando-os tambem naquelle acto o sr. padre Marques dos Santos, prior de Tamengos.

Esta festividade, apesar das muitas difficuldades e embaraços com que o sr. Rodrigues de Paiva teve de lutar, pela falta de recursos d'aquella pequena povoação, foi edificante no explendor e reverencia com que se praticaram todos os actos religiosos, tanto na egreja como na procissão, que de tarde percorreu as principaes ruas de Ceira.

A musica do coro, vozes e instrumental, correspondeu cabalmente ao excellente desempenho que tiveram todos os actos desta pomposa festividade.

Foram oradores, de manhã o sr. padre Antonio de Almeida Pedroso, vigario de Almalaguez, que no seu excellente sermão provou mais uma vez o relevante merecimento de que é dotado, o qual é já bastante apreciado em Coimbra, onde o sr. vigario tem grangeado a merecida reputação de distincto orador sagrado.

De tarde orou o sr. padre João André Dias, ex-prior daquella freguezia e actualmente parocho de Ilhavo, que d'alli veiu, attrahido pelas saudades que deixou em Ceira, como exemplar pastor, e optimo amigo, exhortar o seu antigo rebanho á pratica das virtudes christãs.

E para em tudo se tornar magestosa e attrahente esta festividade, não faltou uma ceremonia edificante, a que o culto da religião, dá, com justo motivo, o mais subido apreço.

Precedendo uma homilia, repassada de sentimento evangelico, foi ministrada a sagrada communhão a 29 creanças de ambos os sexos, sendo este acto edificante praticado com o apparato proprio de tão augusta solemnidade. Esta cerimonia religiosa, que foi tambem objecto de verdadeiro regosijo para muitas familias, veiu realçar o brilho daquella festividade.

A philarmonica *Boa-União*, de que é muito habil mestre o sr. José Joaquim Silva, acompanhou a procissão e tocou differentes peças de musica em frente da casa do sr. Jeronymo Rodrigues de Paiva.

Este honrado cavalheiro e sua respeitavel familia, dispensaram, em sua casa, os obsequios de uma franca e generosa hospitalidade a um grande numero de amigos, que d'esta cidade alli tinham ido a convite seu.

De tarde muita gente desta cidade concorreu á festa de Ceira.

Socio correspondente—Recebeu de Lisboa o diploma de socio correspondente da real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, o nosso amigo o sr. Augusto Mendes Simões de Castro, redactor do *Panorama Photographico de Portugal.*

Lembrança.— Uma familia, que habitualmente frequenta a egreja de Santa Cruz, nos pede para lembrarmos a extrema necessidade que ha de se mandarem lavar os estrados daquella egreja; acrescentando, que se até agora era isso necessario, com a festividade que alli vae ter logar, se torna da maior urgencia.

Cemiterio da Conchada.— Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Maria Augusta, filha de José Antonio Ribeiro Paulo e Umbelina de Jesus, natural de Coimbra, de 3 mezes, fallecida no dia 28 de Junho.

D. Beatriz, filha de Francisco Gouvea Bandeira de Figueiredo e D. Maria José Pinto Mascarenhas Gouveia, natural de Coimbra, de 5 annos, fallecida no dia 28.

D. Maria Augusta de Mello Gomes Ribeiro, filha de Antonio Maria de Mello Gouveia e D. Angela Rufina Cabral Arnaut, natural de Coimbra, de 33 annos, fallecida no dia 1 de Julho.

Recemnascido, filho de Manoel Antonio e Joaquina da Piedade, natural do Senhor dos Afflictos, de 7 dias, fallecido no dia 2.

Maria Rita da Fonseca, filha de Antonio da Fonseca e Joanna Maria, natural de Lorvão, de 65 annos, fallecida no dia 4.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada— 5028.

Mercado de Coimbra no dia 7. — Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez velho 500 — Dito novo 480 —Dito branco velho 440—Dito novo 400 — Dito Celorico mendo 680 — Dito graudo 560 —Milho branco 300 — Dito amarello 290 — Feijão vermelho 480 — Dito branco da marinha 450— Dito da terra 430 — Dito rajado 400 — Dito frade 320— Grão de bico 460 — Chicharos 260—Batatas novas 220 — Favas novas 300—Centeio novo 400—Cevada nova 250—Tremoços 240—Vinho da Beira 750 — Dito da Bairrada 900—Azeite 1$140.

Novas cadeiras.—Foi mandada crear uma cadeira de instrucção primaria para o sexo feminino na villa de Verride, concelho de Monte Mór o Velho; e outra para o sexo masculino, na freguezia das Means, do mesmo concelho.

Antigo methodo da cobrança da decima.— Os corregedores eram antigamente os superintendentes geraes da decima. Na cabeça da comarca existia o cofre, sendo clavicularios o corregedor, o escrivão, que era o da camara municipal, e o thesoureiro, que era nomeado e afiançado pela mesma camara.

Os juizes de fóra faziam executar os lançamentos e a arrecadação da decima nos seus respectivos concelhos, por meio de um recebedor, nomeado e afiançado pela camara, com prazo certo para se fazer a cobrança á boca do cofre.

Concluidos os lançamentos, extraiam-se pelo escrivão da camara relações por freguezias; e se procedia finalmente á cobrança pelos juizes de vintena, ou outras pessoas abonadas, de nomeação da camara, as quaes só tinham 5 por cento do que cobravam até reis 4$000, á custa do contribuinte, e nada recebiam do que excedia esta quantia. Davam as suas contas ao recebedor do concelho.

Se assim mesmo os cobradores de freguezia não podiam haver de alguns contribuintes as quantias em que tinham sido collectados, eram ellas relaxadas para o contencioso, por meio do recebedor do concelho, sendo as execuções feitas pelos juizes de fora nos seus concelhos, e pelos corregedores na cabeça da respectiva comarca.

Havendo falhas, mandava o corregedor na cabeça da comarca, e os juizes de fóra nos seus concelhos, convocar a junta de lançamento, para se conhecer d'ellas, e se fazerem as notas á margem no livro respectivo, dando parte ao thesouro da sua total importancia, para a final ser levada em conta.

Despendia o thesouro em toda esta cobrança: 1 $\frac{1}{2}$ por cento que dava aos recebedores do concelho, $\frac{1}{2}$ por cento aos escrivães, e $\frac{1}{2}$ por cento aos tres clavicularios do cofre geral da comarca, por occasião do ajustamento de contas de cada anno; sendo toda a despeza da arrecadação 2 $\frac{1}{2}$ por cento.

As camaras municipaes davam aos seus escrivães os livros e mais papel necessario para esta escripturação, ou a quantia respectiva em dinheiro.

Os corregedores e juizes de fóra, no fim de cada triennio, deviam mostrar uma certidão de ter dado suas contas, para que no desembargo do paço podessem seguir os logares da magistratura.

Chá portuguez.— Um nosso amigo nos communica o seguinte:

«O chá de folhas de pirliteiro foi, ha muito, recommendado para substituir o chá da China. Vem agora o de morangueiro disputar-lhe a preferencia; e não ficamos por aqui.

O meu barbeiro anda com a mania de experimentar o chá da maior parte das plantas que elle conhece, e não são poucas. Trouxe-me uma relação daquellas em que em mais fé para este effeito. Nomearei somente as primeiras para evitar maçada. Pirliteiro, *crataegus oxiacanta*, Linneu; freixo, *fraxinus excelsior;* olaia, *cercius siliquastrum;* herva cidreira, *melissa officinalis;* marroio, *marrubium vulgare;* poêjo, *mentha pulegium;* borragem, *borrago officinalis;* etc., etc.

Elle não só conhece as plantas, mas até as virtudes de cada uma; e diz que se o chá, de umas certas, lhe sahir bom, tenciona dedical-o ao sexo amavel, a quem deve ser muito proveitoso.

Faz extraordinarios elogios ao mentastro, que tem virtudes admiraveis, segundo elle diz, até lhe chama a sua ortelã; cujo nome vulgar é ortelã de burro.

Por o que diz respeito á classificação, não se contenta com o Linneu; falla muito em Plinio, em Dioscorides, e em Laguna.

Perguntei-lhe onde adquiriu tantos conhecimentos praticos? Disse que andára na companhia de um botanico, homem sabio, e colleccionava plantas para um herbario; que este botanico o estimava tanto, que até o encarregava da pasta dos negocios das hervas; dentro da qual as levava para casa.

Este mestre é jovial, e alegre, quasi sempre; mas de tempo a tempo, tem a sua monomania; quando assim anda, e entra em minha casa, repete sempre a mesma coisa. Por que não ha de aquelle homem publicar as suas excellentes receitas particulares, com as quaes cura quasi todas as doenças? Não prestava, assim, um grande beneficio á humanidade? Tenho-lhe pedido que diga o nome do tal homem; porém a nada se move.—*O chazista portuguez.*»

A primeira communhão de meninos em Lavarrabos.—Communicam-nos o seguinte:

«No dia 24 do corrente mez de Junho, celebrou-se pela primeira vez na nova egreja de Lavarrabos, a communhão solemne de 25 meninos e meninas, tendo tambem logar no mesmo dia, a benção da egreja, e a festa de S. João Baptista, orago da freguezia; cujos actos os mais edificantes e patheticos, serão de saudosas recordações para todos os que os presencearam.

Pelas 9 horas do dia, teve logar a benção da egreja; e acabada esta ceremonia, á qual assistiu numeroso concurso de povo, se reuniram os meninos e meninas; estas de vestidos e veus brancos, e aquelles de fatos pretos e vestes brancas.

Em acto continuo fez-se a exposição do Santissimo Sacramento, estando o throno vistosamente illuminado, e ornado com vasos de muitas e variadas flores, que pela symetria e boa ordem em que estavam, produziam um effeito surprehendente.

Houve em seguida missa cantada, e ao evangelho subiu ao pulpito o muito digno sr. reverendo prior arcipreste de Barcouço, que no discurso que pronunciou, de tal modo analysou e exaltou cada um dos factos de que alli se tratava, que mais uma vez mostrou os vastos conhecimentos oratorios de que dispõe, collocando-se acima dos maiores elogios.

Em occasião opportuna, o mesmo reverendo sr. dirigiu-se com os meninos e meninas á pia baptismal, ensinando-os a fazer nova profissão de fé, e renegar as pompas de satanaz; fazendo-lhes ver a grandeza do acto que iam praticar, recebendo pela primeira vez a Jesus Christo Sacramentado.

A este acto seguiu-se outro, que para o descrever, ser-me-hiam necessarios os conhecimentos dos maiores sabios e a linguagem dos anjos, pois que na minha humilde frase não encontro expressões com que possa dar uma ideia ainda a mais succinta do que alli se passou.

Oh! quanto são admiraveis os augustos mysterios da nossa santa religião! Ver os meninos e as meninas disseminados pela egreja, cada um buscando seus paes no meio da innumeravel multidão, prostrarem-se a seus pés, pedir-lhes perdão de todas as faltas! Ver as lagrimas dos filhos, confundirem-se com as dos paes, e estes confundidos com tanta humildade, suffocarem as vozes do perdão com os soluços! Ver depois os mesmos meninos abraçados uns aos outros, perdoando-se reciprocamente! Tudo isto são actos que só se avaliam presenciando-se e que tal effeito produziram, que as lagrimas correram copiosas dos olhos de todos os circumstantes, sem excepção.

Seguiu-se a communhão, sendo os meninos conduzidos dois a dois á mesa eucharistica por dois anjos; outros dois seguravam a toalha; e dois lhes ministravam o lavatorio, coroando-os em seguida e lançando-lhes flores sobre a cabeça. Houve em seguida procissão, que

percorreu as ruas principaes do logar, tendo o povo o cuidado de as ter decentemente varridas e enfeitadas com alguns arcos cobertos de murta e flores, assim como as janellas dos principaes proprietarios se achavam ornadas com cobertores de damasco.

Debaixo do pallio ia o Santissimo Sacramento, precedido dos meninos e meninas, e de seis anjos, formando duas alas, indo adiante a irmandade do Santissimo Sacramento em numero de perto de setenta irmãos, correndo tudo com a melhor ordem e decencia que se póde esperar de uma aldeia, terminando a funcção de manhã com a benção do Santissimo Sacramento.

De tarde houve ladainha e sermão a Nossa Senhora, pregado pelo mesmo sr. muito reverendo prior arcipreste, que tambem muito agradou, recolhendo depois o povo a suas casas, saudoso d'um dia passado com tanto jubilo.

Lavarrabos, 29 de Junho de 1873.

J. P. S. C.

Doença.—Tem estado gravemente incommodado com um forte e demorado ataque de asthma, o nosso amigo e collaborador da *Correspondencia de Coimbra*, o sr. Joaquim Gualberto Soares, ao qual desejamos prompto restabelecimento, para satisfação dos seus amigos, em attender e obsequiar os quaes é incançavel.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

1 LUIZ ALBANO, extremamente penhorado pelas provas d'interesse e amisade, que lhe acabam de dar todas as pessoas de sua relação por occasião da perigosa molestia, de que se acha ainda apenas em começo de convalescença; vem por este meio significar a todos o seu profundo agradecimento. E logo que suas forças lh'o permittam, irá pessoalmente renovar este protesto d'eterna gratidão.

2 PELA ADMINISTRAÇÃO DOS HOSPITAES se faz publico, que nos mesmos hospitaes se compram fios de panno de linho, até ao preço de seiscentos reis por kilogramma. Secretaria da administração dos hospitaes da Universidade, em 8 de Julho de 1873.

Santa Barbara,
Secretario.

3 RICARDO ANTUNES DE MACEDO, largo de Samsão, acaba de receber o seu costumado sortimento de presuntos de Lamego, que vende por preços razoaveis.

4 HA NA RUA DA CALÇADA, n.° 140, uma casa de 2 andares, com bons commodos, para qualquer familia que se queira hospedar. Preços muito commodos.

ATTENÇÃO

5 O MESTRE FERRADOR Antonio Pêssa, ás Ameias, está encarregado de vender uma egua muito bem feita, de mais da marca, e mestra ao trem, só ou parelha.

Chapeus para cabeça

6 ANTONIO HENRIQUES DE CARVALHO, com estabelecimento na praça de S. Bartholomeu, acaba de receber um lindo e variado sortimento de chapeus de seda e palha, para senhora. São os mais modernos gostos, e tanto para visita como para campo.

Preços commodos.

7 O MANHOLA, ao arco de S. Thiago, tem no seu armazem vinho muito bom, que vende por preços muito commodos ao quartão; sendo tinto a 280 e 320, e mais especial 360; e branco bom a 360, e muito especial a 440. Tambem vende aos almudes e ás pipas.

Attenção

8 LUIZ SOARES DE CAMPOS, com loja de mercearia na rua do Visconde da Luz, n.os 96 a 100, continua a vender:

Vinhos do Porto
» da Madeira
» Moscatel de Setubal
Licores nacionaes
Genebra hollandeza
Cerveja ingleza de Bass & F.°
» » de Tennent's.
Tudo a preços reduzidos.

ANNUNCIO D'EDITOS

9 EM AUDIENCIA de 7 do corrente mez de Julho, no tribunal judicial deste juizo de direito, presidida por o exm.° dr. João Telles Trigueiros, juiz de direito nesta comarca, foram assignados 30 dias, pelo cartorio do escrivão Pimentel, a chamar todas as pessoas incertas, para que dentro dos mesmos venham deduzir o direito que tiverem á quantia de reis 236$100, consignada em deposito, producto da arrematação que Antonio José Alves Borges, desta cidade, fez de um pinhal no sitio do Moinho de Vento, limite e freguezia de Castello Viegas, que parte do norte com herdeiros de José dos Santos Monteiro, sul com Lourenço Ferreira, nascente com Manoel Rodrigues, e poente com Antonio de Mattos, todos de Castello Viegas, e penhorado na execução que o reverendissimo cabido da sé cathedral desta cidade, move a Joaquim José Ferreira de Castro, e sua mulher Pulcheria Camilla d'Oliveira e Castro, tambem desta cidade, pelo cartorio do escrivão Santos, onde tem de deduzir o seu direito, em conformidade com o disposto no artigo 237 do Regimento de 28 d'Abril de 1870, com a pena de lançamento, e da propriedade arrematada ficar livre e expurgada de qualquer hypotheca a que esteja onerada.

Coimbra 8 de Julho de 1873.

10 VENDE-SE uma propriedade de 1229, 43 ares, ou 18 geiras, que se compõe de bons pinhaes, matos, terra lavradia, e um grande olival, no sitio do Val d'Oliveiras, limite da Granja de Ançã, proximo á estrada que vae desta villa a Coimbra. Quem a pretender póde dirigir-se a D. Maria Candida Lopes de Sampaio Bacellar, da dita villa d'Ançã.

ATTENÇÃO

11 EXTRAORDINARIO SORTIMENTO DE CHAPEUS para creanças, de preços de 1$200 a 2$000 rs; ditos em palha, setim e tules, para senhoras, de preços de 3$000 a 4$000 rs.: botinhas para meninas e senhoras, de 1$000, 1$200 a 2$000; sombrinhas a 600 rs.; espartilhos a 1$800 rs.; e outros muitos objectos anteriormente mencionados, vende a modista de Lisboa, rua de S. Pedro, n.° 17.

12 A COMMISSÃO nomeada para levar á realisação o bazar da Associação Conimbricense do sexo feminino, por occasião das festividades da Rainha Santa Isabel, declara que em vista de razões dignas de toda a consideração, transfere para o mez d'Outubro do corrente anno, o bazar que nesta epocha devia ser feito.

Coimbra 7 de Julho de 1873.

Joaquim Martins da Cunha
João Pereira de Miranda
Francisco de Paula e Silva
João Antonio da Cunha
Justino da Silva Taveira.

Festas da Rainha Santa em Coimbra

13 A CASA PARTICULAR, situada na Couraça de Lisboa, n.° 17, defronte da ponte, e de Santa Clara, recebe hospedes por preços commodos. Na mesma casa se indica uma outra, situada n'uma das principaes ruas da baixa, que tambem recebe hospedes por preços commodos.

CERVEJA INGLEZA

de Bass & F.°

14 ESTA acreditada cerveja continua a vender-se na loja de Manoel da Silva Gonzaga.—Sophia—51-55.

DOCTOR IN ABSENTIA

15 O PROFESSOR em artes, letras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a *Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra)*, o qual lhes dará gratuitamente todas e quaesquer informações sobre a Universidade.

Banhos do mar na praia de Espinho

16 O PROPRIETARIO do novo hotel Central de Espinho, situado em frente da linha ferrea, continua a receber pessoas e familias, tanto nacionaes, como estrangeiras, offerecendo-lhes todas as commodidades possiveis, com aceio e limpeza, por preços rasoaveis.

Este hotel acha-se montado com bilhar, café, e restaurante. O seu proprietario, já bastante conhecido de muitas pessoas que se tem dignado preferir o seu estabelecimento, a nada se poupa para continuar a merecer a estima de todos.

Vinhos de mesa superior

17 VENDEM-SE na padaria de José Fernandes, rua das Solas, n.° 28, a 200 reis, sem garrafa; dito branco com todos os elogios a 80 rs. a garrafa; dito tinto de Torres Novas a 80 rs. a garrafa. Tambem vende por quartão, reduzido ao mesmo preço acima indicado.

Aguas alcalinas gazosas das Pedras Salgadas (Villa Pouca de Aguiar.)

18 ESTAS AGUAS medicinaes, são empregadas nos mesmos casos das de Vichy e Vidago; são mais ricas na sua composição chimica, e dos melhores effeitos therapeuticos.

Vende-se em Coimbra—Pharmacia Ferraz, Largo do Castello; e na Figueira, botica de Luiz Maria da Costa, e nas principaes pharmacias do reino.

Legitima cerveja ingleza de Bass & F.°

19 POR meia garrafa 100 rs., sem garrafa. Copo 80 rs. Calçada, n.° 85-91.

Attenção

Farinha de trigo da acreditada Fabrica do Beato Antonio de Lisboa

AGENCIA, RUA DA REBOLEIRA, 27

PORTO

20 NESTA AGENCIA se encontra farinha de toda a qualidade, desde a mais fina até semea, e ensacada em muito boa sacaria.

Estas farinhas concorrem vantajosamente com a americana e hespanhola, tanto em preço como em qualidade.

Cumprem-se ordens das provincias.

AO PUBLICO

21 O CASTELLA previne todas as pessoas a quem deve o favor de procurar o seu hotel em Luso, que se acham fóra da plataforma na estação do caminho de ferro da Mealhada, carros ao serviço do seu hotel, e os seus preços para Luso é de cada pessoa 200 reis.

Faz esta declaração para todas as pessoas saberem, que os carros ao serviço do seu hotel trazem gente que sabem tratar com delicadeza os passageiros.

Tambem previne que ha na mesma estação uma companhia de *cocheiros*, que tratam de retirar todas as familias da sua casa, e que estes têem a honra de entrarem dentro da gare do caminho de ferro.

Castella.

DENTISTA

CEREGHETTI DOMINIQUE

CIRURGIÃO DENTISTA SUISSO

22 FAZ SABER ao respeitavel publico conimbricense, de quem ha recebido tantas provas de consideração, que tenciona demorar-se nesta cidade, por espaço de algum tempo.

O mesmo annuncia a todas as pessoas que, alem de fazer dentaduras completas, pôr dentes, extrahir estes e as raizes, e limpar os dentes com a maior perfeição, sem deteriorar o esmalte dos mesmos, tambem empasta e concerta os que estiverem cariados, com pasta não conhecida até hoje, e tira callos, sem que a pessoa operada sinta o menor incommodo; podendo desde logo usar de calçado apertado, e andar com todo o desembaraço como se nunca tivera tido callos.

Quem precisar do seu prestimo dirija-se ao largo de Samsão, ao fundo da rua das Figueirinhas, n.° 52.

TABACOS DA NOVA FABRICA

Fidelidade Portuense

Praça de S. Bartholomeu, n.os 12-13

23 JOSÉ MARIA FERREIRA DA ROCHA, participa aos seus amigos e freguezes, que acaba de receber um variado sortimento de tabacos da nova fabrica Fidelidade Portuense, de muito boa qualidade, e que tem tido muito boa acceitação.

Alem destes novos tabacos, tem bom fornecimento de muitos outros, tanto das fabricas nacionaes, como estrangeiras.

NUMERO 2709 — SABBADO 12 DE JULHO DE 1873 — ANNO XXVI



O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

E' para nós summamente agradavel ter de mencionar neste jornal a acquisição de mais um importante melhoramento publico, instantemente reclamado pelas conveniencias desta cidade e de todo este districto.

Ha muitos annos que Coimbra pede com justo encarecimento, uma obra de reconhecida utilidade para esta povoação, que, como todas as outras, tem de se desenvolver e aperfeiçoar á custa de um certo numero de concessões, que aos governos cumpre fazer, no intuito de auxiliar e proteger o commercio, a industria e a commodidade publica.

Queremos fallar do alteamento e reconstrucção da ponte sobre o Mondego, junto a esta cidade.

Esta obra, auctorisada pelos poderes publicos, tem sido constantemente adiada pelos governos, não obstante as instantes reclamações de uma cidade inteira, que, pugnando, como lhe cumpre, pelos seus mais vitaes interesses, tem mostrado por muitas vezes a necessidade urgente de similhante emprehendimento.

Ao actual governo, porem, e especialmente ao esclarecido e muito digno ministro dos obras publicas, o sr. Antonio Cardoso Avelino, que tantas provas tem dado do seu desejo de bem servir a causa publica, e de satisfazer ao justo interesse dos povos, deve a cidade de Coimbra a resolução definitiva desta, a todos os respeitos, importantissima obra.

Ha tempo que s. ex.ª prometteu mandar proceder á reconstrucção da ponte de Coimbra, logo que terminassem os trabalhos da da Portella; e o nobre ministro não olvidou a sua palavra. E' o dia de hoje destinado á abertura desta ao transito publico, e já o sr. Cardoso Avelino ordenou que os trabalhos para a reconstrucção da ponte de Coimbra fossem encetados na proxima segunda feira.

Em nome das conveniencias geraes do paiz, e dos interesses de Coimbra, aqui significamos ao nobre ministro a satisfação unanime com que esta noticia foi recebida na cidade, que, digamos a verdade, está pouco costumada aos favores dos outros governos.

A' justiça com que o sr. Antonio Cardoso Avelino distribue os melhoramentos publicos, e á sua dedicada benevolencia pelos interesses desta cidade, deve Coimbra duas obras, que eram de certo as primeiras na ordem dos seus mais importantes melhoramentos materiaes.

E' assim que os governos e os ministros, acudindo ás necessidades dos povos, auxiliando e promovendo os seus legitimos interesses, grangeam a estima publica e a geral confiança a que têem incontestavel direito.

Quando a justiça e a moralidade governam, as instituições, acreditam-se e prosperam, o povo confia nos depositarios do poder, e este é o unico apoio seguro que os governos podem ter.

São dignas da mais alta consideração publica todas as pessoas que directa ou indirectamente trabalharam para o conseguimento das obras a que nos referimos, e que para esta cidade sobrelevam em vantagens a todas que, de ha muitos annos, aqui se tem emprehendido.

E' por isso tambem credora do reconhecimento publico a illustre vereação municipal desta cidade, e outros cavalheiros que, com a maior dedicação se empenharam no conseguimento de tão importante objecto.

A pedido do illustre presidente desta municipalidade, o sr. Dr. Lourenço de Almeida e Azevedo, foi que o sr. ministro das obras publicas, resolveu que os trabalhos da reconstrucção da ponte de Coimbra fossem principiados na proxima segunda feira.

Sentimos muita satisfação em aqui prestar sincera homenagem ao caracter de todos; reconhecendo o importante serviço que prestaram á causa publica e aos legitimos interesses dos seus concidadãos.

NOTICIARIO

A festa da Rainha Santa.—Na quinta feira foi conduzida a imagem da Protectora de Coimbra, do mosteiro de Santa Clara para a egreja de Santa Cruz.

A' frente da procissão vinha uma força de cavallaria. A imagem da Rainha Santa era acompanhada pela sua irmandade, a que se seguia a philarmonica *Boa-União*, com uma força de infanteria e outra de cavallaria.

A' entrada da rua Nova da Rainha achavam-se duas altas columnas, donde principiavam festões de buxo e flores, suspensos em postes com escudos e galhardetes, os quaes seguiam pela dita rua e a do Sargento Mór; o que tudo se tornava muito alegre com balões venezianos.

Na rua do Sargento Mór via-se um bonito arco, com a estatua da Fé.

No adro de Cima, atraz de S. Bartholomeu, achava-se um bem ornado pavilhão, no qual alguns anjos e meninas vestidas com o habito das freiras de Santa Clara, distribuiam esmolas aos pobres.

Durante este piedoso acto esteve parada a procissão e tocava a philarmonica.

Ao cimo da praça de S. Bartholomeu achava-se um grandioso arco. Em toda a extensão da praça viam-se numerosissimos balões venezianos, algumas illuminações a gaz, e bandeiras.

No meio desta praça tocava em um coreto a philarmonica *Conimbricense*.

Ao fundo da mesma praça achava-se outro arco.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXXVI

D. CARLOS

XXVI

Na Catalunha apresentava-se a guerra no mesmo aspecto no principio do anno de 1835, como a das provincias Vascongadas em 1833.

Reunem-se grandes grupos, correm á debandada, são batidos, dispersam-se, annullam-se; porem como se passassem de um sobresalto, voltam a reunir-se individualmente, crescem os grupos, formam-se partidas, engrossam, aggregam-se á do mais ousado, ou de mais prestigio, e tomam a offensiva, para triumphar umas vezes, e serem outros derrotados.

O ministro da guerra Llauder, depois de uma existencia borrascosa no ministerio, e lutando até com os seus mesmos companheiros, foi derribado pela opinião publica, e voltou á Catalunha, ainda que sem o preceder aquelle grande prestigio com que d'alli saira; pois os acontecimentos de que havia sido theatro Madrid, em Janeiro, a respeito dos quaes adeante fallaremos, e mais que tudo o incremento que tomavam os carlistas em todas as partes, contribuiam a desprestigiar o ministro da guerra.

Entrando Llauder em Barcelona, assombrou-o o estado em que achou o animo dos liberaes, a ousadia que viu nos carlistas e em seus agentes, que minavam o espirito publico.

Um dos que mais se distinguiam, por contar com a impunidade que lhe dava o seu caracter diplomatico, era o consul de Sardenha, ao qual mandou preso para a cidadella, pois o seu procedimento lhe tirava o direito ás considerações que até então se haviam guardado á sua dignidade. Porem nem estas prisões, nem ainda os maiores castigos impunham aos carlistas. Se os combatia por um lado, elles triumphavam pelo outro, e a guerra eternisava-se.

A fortuna estava então decididamente da parte dos partidarios de D. Carlos em toda a Hespanha.

O estado dos carlistas no Maestrazgo, ao começar deste anno de 1835, era mais triste do que os da Catalunha; ainda assim alli praticavam feitos como por exemplo o de Forcadell, que no dia 25 de Fevereiro collocando-se em emboscada no barranco de Villabona, apprehendeu um comboio que conduzia 90 soldados, dos quaes matou 50, á custa de um só dos carlistas.

Cabrera, que voltava da Navarra, de fallar com D. Carlos, procura o chefe carlista Carnicer, encontra-o a 7 de Março em Ledriñan, e lhe entrega as ordens de D. Carlos, que eram para elle Carnicer entregar o commando ao chefe de mais graduação, e em seguida se apresentar na Navarra a receber as suas determinações.

Em consequencia disso, foi Cabrera elevado ao posto de chefe interino de todas as forças que operavam no baixo Aragão e confins de Valencia e Catalunha.

Carnicer marchou disfarçado em arrieiro; mas sendo conhecido na ponte de Miranda do Ebro, foi aprisionado pelas forças liberaes, seguindo-se o ser fuzilado a 6 de Abril. Os seus amigos choraram a sua perda; porque entre todos os partidarios do Maestrazgo, se distinguia pelo seu cavalheirismo, sendo dos poucos que não eram crueis, ensanguentando-se com os vencidos.

Cabrera foi accusado por muitos de ser elle quem occultamente promovera a morte de Carnicer, para o substituir no commando; porem esta accusação parece não ser verdadeira.

Com o exclusivo commando de Cabrera ia mudar totalmente o aspecto da guerra no oriente da Hespanha. Para os carlistas começava uma epocha de prosperidade e ventura; para os liberaes de exterminio. Combates, crueldades, horrores, iam encher as paginas da historia, e fazer della um livro sanguinolento.

Cabrera chamou os differentes chefes de partidas, e todos se mostraram promptos a obedecer-lhe, menos Quilez, o qual levava a mal ver-se mandado por quem não era tão militar, nem tão antigo como elle.

Todos, porem, reconheceram por chefe a Cabrera, e por isso Quilez teve de devorar em silencio o seu pezar e a sua inveja. Enviou-o logo Cabrera a percorrer as margens do Guadalope, para adquirir dinheiro, calçado e rações, e com o mesmo fim marchou o chefe para Mirabete.

Quilez, depois de um encontro no qual se bateu a sua gente com extraordinaria valentia, fazendo uso da bayoneta, terminou a sua expedição, unindo-se a Cabrera em Enjulbe, aonde manifestou que necessiva descanço para restabelecer a sua saude. Foi-lhe concedida a licença, e os seus soldados se aggregaram aos de Cabrera, o qual por Alloza marchou a Chivilleu.

No dia 23 de Abril, achando-se Cabrera outra vez em Alloza, se avistou com o general da rainha, Nogueras, que ia em sua procura, e o poz na necessidade de ter que bater-se.

A luta foi renhida, e de ambas as partes se batiam com uma valentia admiravel; porem os carlistas não poderam resistir á impe-

Em quanto ás ruas dos Sapateiros e do Corvo faltam-nos expressões para descrever o que alli se via. E' necessario presenciar-se para avaliar o encanto que causam tantos e tão numerosos ornatos; o bem disposto de todos elles; a abundantissima illuminação que tornava aquellas ruas quasi como se fosse de dia.

Os habitantes das ruas dos Sapateiros e do Corvo tem um gosto especialissimo para festejar a passagem da Rainha Santa; e podem afoitamente gabar-se de que não tem competidores.

A' porta da egreja de Santa Cruz estava um lindo portico, abundantemente illuminado a gaz.

Por todas as ruas e praças por onde a procissão passou, achavam-se as janellas muito bem illuminadas.

Depois da Rainha Santa entrar na egreja de Santa Cruz foi cantado um *Te Deum*.

Pelas ruas do transito era em grande numero o povo a presencear estas festas.

Visitas notaveis ao tumulo da Rainha Santa.— D. Catharina, filha de D. João IV, e viuva de Carlos II de Inglaterra, regressando a Portugal, oito annos depois da morte de seu marido, passou por Coimbra, onde foi brilhantemente recebida, entrando nesta cidade a 8 de Janeiro de 1693. Quando se retirou, no dia 11, visitou em Santa Clara o corpo da Rainha Santa Isabel, para o que el-rei D. Pedro II tinha mandado ao bispo de Coimbra D. João de Mello, as chaves do cofre em que se acha o referido corpo. O bispo hospedou á sua custa no seu paço episcopal a rainha nos tres dias que ella esteve nesta cidade.

—No anno de 1704 passou por Coimbra D. Pedro II, dirigindo-se para a fronteira da Beira, quando protegia o archiduque, com o titulo de Carlos III, na sua pretensão ao throno de Hespanha. Entrou na cidade a 8 de Agosto de 1704, e foi hospedar-se nas casas do reitor da Universidade D. Nuno Alvares Pereira de Mello. Demorou-se em Coimbra até ao dia 23, em que continuou sua jornada. N'um dos dias em que aqui esteve, visitou no convento de Santa Clara o corpo da Rainha Santa Isabel.

—Poucos dias depois, no dia 27, entrou em Coimbra, dirigindo-se tambem para a fronteira da Beira, o archiduque Carlos, que egualmente se hospedou no paço da Universidade. No dia 29 foi o archiduque ouvir missa ao mosteiro de Santa Clara, e alli o receberam com pallio e *Te-Deum Laudamus*, sem oração alguma, por ser esta ceremonia devida somente ao rei natural. Passou o archiduque da egreja á tribana a adorar o corpo da Santa Rainha, para cujo effeito se mandou entregar ao reitor da Universidade a chave, que tocava a sua magestade portugueza, e as outras tinham os mesmos a quem pertenciam. Subiu o archiduque á tribuna com o almirante de Castella, o principe de Lichtenstein, e outros seus criados, a quem el-rei encarregou o servissem naquella funcção: aberto o caixão pelas pessoas, a quem tocavam as chaves, reverenciou com grande piedade aquella veneravel reliquia, e permittiu, que a sua familia subisse á tribuna a adoral-a.

—No dia 21 de Outubro de 1832 foi D. Miguel, com as infantas D. Isabel Maria e D. Maria d'Assumpção, visitar o convento de Santa Clara. Esperava-os alli o bispo conde e o cabido, e foram recebidos debaixo do pallio. Depois do *Te-Deum* foi aberto o tumulo da Rainha Santa Isabel, para poder ser examinado pelos visitantes.

—No dia 25 de Abril de 1852 foi a rainha D. Maria II, el-rei D. Fernando, e os infantes D. Pedro e D. Luiz, ver a Santa Clara o tumulo da Rainha Santa Isabel. Foram recebidos á porta da egreja debaixo do pallio pelo cabido.

—No dia 29 de Novembro de 1860, el-rei D. Pedro V, depois de ir ao Porto assistir á exposição agricola, e haver em Coimbra distribuido na sala dos capellos da Universidade os premios aos estudantes; ao regressar para Lisboa, subiu com os infantes D. Luiz e D. João ao convento de Santa Clara, e alli visitou o tumulo da Rainha Santa Isabel.

—No dia 9 de Dezembro de 1863, tendo voltado el-rei D. Luiz I de distribuir os premios na exposição agricola de Braga, e haver em Coimbra distribuido egualmente os premios aos estudantes da Universidade; ao voltar para a capital, visitou com a rainha D. Maria Pia, no convento de Santa Clara, o tumulo da Rainha Santa Isabel.

—No dia 4 de Julho de 1868, tendo o infante D. Augusto vindo a Coimbra assistir ás festas da Santa Padroeira de Coimbra, visitou no convento de Santa Clara o seu tumulo, sendo esperado sua alteza no convento pelo governador do bispado e por dois conegos da sé desta cidade.

—No dia 4 de Março de 1872, o imperador do Brasil, D. Pedro II, e sua esposa, visitaram o convento de Santa Clara, e nelle examinaram o tumulo da Santa Rainha. Nesse acto foram suas magestades acompanhados pelo prelado da diocese e pela communidade das religiosas.

—No dia 14 de Maio de 1873, tendo vindo el-rei D. Fernando visitar Coimbra, com sua esposa a condessa d'Edla; foi visitar o tumulo da Rainha Santa Isabel.

Festas da Universidade pela canonisação da Rainha Santa. —A canonisação da Rainha Santa Isabel effectuou-se em Roma, sendo pontifice Urbano VIII, no dia 25 de Maio de 1625. O agente em Roma, Dr. Miguel Soares Pereira, que tinha sido lente de Canones, e collegial de S. Pedro, escreveu á Universidade de Coimbra uma carta participando-lhe a canonisação. Foi lida esta carta no claustro de 14 de Julho de 1625. Assentou-se em claustro:

1.º Que na sala da Universidade recitasse uma oração latina o Dr. Fr. Bento da Cruz, abbade de S. Bento;

2.º Que se ordenasse um prestito da capella da Universidade ao mosteiro de Santa Clara, onde estava o corpo da Santa, e que prégasse Fr. Antonio da Resurreição, lente de prima de Theologia;

3.º Que se consignassem premios para os que apresentassem versos em varias linguas, o que ficaria a arbitrio do reitor e da mesa da fazenda.

Deliberou o reitor e a mesa da fazenda que se destinassem para as composições poeticas 92$000 rs., e que os versos fossem feitos na lingua portugueza, castelhana, italiana, latina, grega e hebraica.

O prestito effectuou-se a 22 de Outubro, e no dia seguinte a festa.

O sermão, a oração latina e as poesias, e bem assim outro sermão, que por ordem do bispo de Coimbra, D. João Manoel, pregou o Dr. Fr. Jorge Pinheiro, da Ordem de S. Domingos, e outra oração feita pelo padre Bartholomeu Pereira, foi tudo impresso n'um livro intitulado: — *Sanctissimæ Reginæ Elisabethæ Poeticum Certamen dedicat, et consecrat Academia Conimbricensis. Iusse illustrissimi D. Francisci de Britto de Menezes á Consilijs Catholicæ Maiestatis, et eiusdem Academiæ Rectoris. Conimbricæ. Superiorum permisso. Typis et Expensis Didaci Gomez de Loureyro Academicæ Typographi. Anno Domini.* 1626.

As poesias são todas anonymas, e apparecem de todas as linguas acima indicadas, menos a hebraica.

Por esta occasião, além das festas por parte da Universidade, houve festejos brilhantissimos, feitos pelo bispo conde D. João Manoel.

O corpo da Rainha Santa Isabel.—Para a canonisação da Rainha Santa Isabel teve de se proceder a varias inquirições. Uma d'ellas foi o exame da sua sepultura, a qual para isso se abriu no dia 26 de Março de 1612, estando presente o bispo conde D. Affonso de Castello Branco, o bispo de Leiria D. Martim Affonso Mexia, o padre mestre Francisco Soares, lente de prima na Universidade, e outras pessoas distinctas.

Fr. Manoel da Esperança, na sua *Historia Seraphica*, faz a seguinte descripção do que se achou no tumulo: — «Appareceu um caixão, cuja madeira, por ser cofre de tão honrado thesouro, nem estava comida do caruncho, nem tinha outra lesão. Realçou-se esta grande maravilha á vista da corrupção do couro, e alcatifa, em que o tinham envolto, porque não havia mais, que do couro uns cabellos: e pedaços da alcatifa. Sobre isto se acharam muito sans todas as suas insignias de romeira a Sant'Iago de Galliza, as quaes eram uma bolsa, e bordão, da primeira romaria; e uns alforges de linho, da segunda ....

«Achou se o santo corpo cosido n'um encerado de linho e este era tão forte, que com muito trabalho se rasgou. Depois d'elle se viu uma colcha branca com a mesma côr e graça da sua primeira hora; e logo desenvolvendo-a, appareceu claramente a veneravel rainha, vestida de estamanha parda escura, com um cordão pela cinta, e com as pregas do habito concertadas e compostas, sem d'ellas se ter quebrado no menos uma linha. Na cabeça, a qual se achou coberta com alguns pannos de linho, por cima d'elles estava um veo de seda, e desfazendo-se todo este envoltorio manifestaram o rosto, que parecia dormir com muita serenidade, representando ainda a brandura, e amor, com que tratou os vassallos.

---

tuosidade dos liberaes, e por isso emprehenderam ordenadamente a sua retirada a apoderar-se da serra d'Arcos, onde tornaram a ser atacados, apesar do horroroso fogo que por todas as partes faziam aos soldados da rainha. Os carlistas foram-se retirando de posição em posição, até a chegada da noute, que poz termo a uma acção tão obstinada, e em que não sabemos que celebrar mais, se a bisarria dos que accommetteram, ou a intrepidez dos que resistiam, sendo em menor numero.

Nogueras, apesar de vencer, ficou sabendo que tinha a tratar com um inimigo forte e temivel, que ia aprendendo a ser militar nos combates, e mandava uma tropa subordinada e brava.

Os carlistas lisonjearam-se com o seu poder: conheceram que eram fortes; que sendo inferiores a seus inimigos, não eram vencidos, e que quando tão bem resistiam, venceriam alguma vez.

No dia seguinte, e nos immediatos, sustentou Cabrera outros encontros com mais, ou menos fortuna. De todas as partes acudiam forças contra elle, até ao ponto de o hostilisarem de tal modo, que se viu precisado a fazer marchar um rebanho de ovelhas atraz das suas tropas, para confundir as pegadas, e desorientar assim aos seus perseguidores, que careciam de espias, e não eram tão activos e exactos como os dos carlistas.

Descenda Cabrera pela parte de Maella e Favara, projectou surprehender Caspe, assentada nas immediações do Ebro e Guadalope, a 14 leguas de Saragoça, com 7:500 almas, invejavel riqueza, fama historica, e nessa epocha decididamente liberal.

Cae sobre ella ao amanhecer de 23 de Maio, e surprehende um posto avançado; porem accommettem-no os liberaes, e depois de uma valente escaramuça, se apodera Cabrera de algumas ruas do povo, cujas casas são saqueadas, e fuzila a quatro ou cinco nacionaes que fez prisioneiros.

A noticia da chegada de Nogueras, terrivel sombra de Cabrera, o fez retirar-se e dirigir-se para os postos de Beceite.

A audacia de Cabrera em tentar tomar Caspe, produziu grande alarme em Saragoça. O capitão general, para aquietar o publico, publicou um bando, em que convidava a um geral armamento para marchar contra os rebeldes.

Em quanto nas differentes provincias de Hespanha continuava com varias alternativas a guerra, em Madrid tinham logar graves acontecimentos.

Ao findar o anno de 1834 não existia no ministerio a unidade que necessitava para a sua força. O ministro da guerra Llauder era objecto das rivalidades de seus proprios companheiros. Distinguindo-o a rainha governadora, a qual lhe dispensava favores de que não participavam os demais membros do gabinete, era olhado com prevenção; e aggregando-se a esta falta de confiança a tendencia do secretario da guerra a um systema mais oppressor do que aquelle que regia, chegaram a temer por elles e pelo paiz.

D'ahi se originou uma intriga, promovida por muitos partidarios da maioria dos ministros, e dos seus trabalhos se utilisaram em seguida os liberaes exaltados, para fazerem uma revolução contra todo o ministerio.

Depois de muitas combinações e projectos, rompeu a revolução no dia 17 de Janeiro de 1835, tomando nella a parte principal, D. Caetano Cardero, official do 2.º ligeiro. A's 6 horas da manhã estava com 750 praças revoltado na casa dos Correios.

O capitão general Canterac dirigiu-se ahi; quiz persuadir os revoltosos a ceder do seu intento; e por fim, impondo a sua auctoridade, desarmou o official Cardero. Desse conflicto resultou o darem os soldados uma descarga em Canterac, que foi morto por uma bala.

Morto o capitão general, já não era possivel retroceder: havia que sustentar a revolução, vencendo, ou morrendo. Assim pensaram os soldados dos Correios, e assim julgaram que pensariam a milicia e o povo; porem estes se assustaram da sua mesma obra. Pygmeus revolucionarios, lhes impoz, como a meninos, a vista de um cadaver, e retrocederam espantados.

O ministro da guerra Llauder, assim que soube que havia rompido a revolução, e a morte de Canterac, acudiu ao palacio, e reunido com os mais ministros, recebeu as ordens da rainha. Montou a cavallo, e coadjuvado pelo general Bellido, poz-se á frente da guarnição de Madrid, e foi atacar os revoltados, que se defenderam valentemente.

O general Solá, desejando evitar o derramamento de sangue, conseguiu fallar com Cardero, a fim de o levar a ceder. Appareceu tambem o duque de S. Carlos, offerecendo egualmente a sua mediação para com a rainha governadora, a qual lhe mandara que fosse fallar com o chefe dos conjurados.

Assim se estabeleceram relações com os ministros, de que resultou a rainha indultar quantos estavam dentro da casa dos Correios.

Publicada a capitulação, sairam os soldados, com tambor batente e tocando o hymno de Riego, e marchando á sua frente Cardero, acompanhado pelo general Solá. No seu transito pela Porta do Sol, rua de Montera e Fuencarral, foram saudados pela multidão com enthusiasticas acclamações.

O governo foi o vencido. Isolado na sua impopularidade, inutilisou-se todo o seu poder nas paredes de um edificio, defendido só por um batalhão escasso, que, se assim como foi só, houvesse sido secundado por outro, veria Madrid variar em um momento as instituições.

Fóra já de Madrid, fez alto a força, e embainhando Cardero a espada, disse ao general Solá, que se collocaria no seu posto subalterno, pois unido já ás outras forças do regimento, devia tomar o commando o coronel. Solá lhe mandou que fosse ao seu lado e obedeceu.

A's 10 da noute chegou o batalhão a Alcobendas, cheio de chuva e lama, e em extremo cançado pelo trabalho daquelle dia, ao que acrescia a falta de rancho. Continuou no dia seguinte a sua viagem, e em Burgos foi separado Cardero e enviado ás ilhas Baleares.

Nas côrtes soffreram os ministros rudes ataques, de que resultou ter Llauder de pedir a sua demissão, a qual lhe foi aceita, sendo encarregado de novo do governo da Catalunha, como já tivemos occasião de dizer.

Houve tambem substituições de ministros, sendo para a pasta da guerra nomeado D. Jeronymo Valdés.

Apezar dessas mudanças pessoaes, a situação continuava má. A opposição não dava treguas nas côrtes aos ministros, e no dia 11 de Maio houve grave tumulto nas proprias gallerias da camara. Martinez de la Rosa, ao sair da camara foi recebido pela populaça com os gritos de *Morra o traidor!* ameaçando-o com armas.

Nestas circumstancias encerrou a rainha a legislatura em 29 de Maio. Por grande crise ia passar a Hespanha.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

«Estava todo o corpo envolto na sua carne muito massiça, e fresca: a cor d'ella como a de cera fina, que tira a transparente: sem n'ella se enxergar um signal de corrupção. E para mais apurarem esta grande maravilha, lhe rasgaram até o peito o habito, onde os medicos viram a carne do mesmo modo. Assi tambem a acharam nas mãos, e nos braços, que apertaram, e estenderam com força, puxando pelos nervos, e apalpando os ossos; com o que ficaram certos, que tudo estava são. Tinha a bocca cerrada, e por isso não se lhe viram os dentes. O olho direito estava tambem fechado: mas o esquerdo, aberto, e pregado em o ceo, pelo qual se conheceu, como ambos eram verdes. O rosto era comprido: a testa larga, e não mostrava ter rugas: pestanas, e sobrancelhas, povoadas de cabellos. Os da cabeça se viram por baixo dos mesmos pannos, que não lhe foram tirados, por ficar assi composta, e sem se ver uma branca, todos pareciam louros, e tão curtos, como os trazem as freiras. Por essa mesma razão não lhe descobriram mais, que as pontas das orelhas, porém estavam inteiras. No nariz, o qual era afilado, lhe tocaram n'uma veaia ao cortar dos ditos pannos com a ponta da tesoura, com o que houve logar para ver a cartilagem, que não se tinha mudado da alvura natural. Nos braços se enchergava n'as veias cheias de sangue, e negras: as unhas, em parte brancas, em outra parte vermelhas: as mãos compridas: o seu corpo bem formado, e de grande estatura: e tudo assi mostrava que, se fôra em sua vida formosa, ainda depois de morta parecia estar viva.»

O padre Bento de Sequeira— A 3 de Julho de 1649, dia em que se havia de lançar a primeira pedra em o novo convento de Santa Clara, para depois ser para alli trasladado o corpo da Rainha Santa Isabel, pregou na egreja do antigo convento, o padre Bento de Sequeira. Este sermão saiu impresso em Coimbra, na officina de Paulo Craesbeeck, com o titulo de—*Sermam que o padre Bento de Siqueira, Reytor do Collegio da Companhia de IESV, & do das Artes da Vniversidade de Coimbra, prégou em S. Clara á primeyra pedra do Templo, & Conuento Real, que a Real Magestade del Rei DOM JOAM o IV. leuanta a Rainha Santa Isabel sua Auoo no monte da Esperança, & tresladaçam de suas reliquias, & mudança das Religiosas pera o templo, & Conuento nouamente leuantado.*

O padre Bento de Sequeira tomou por thema do seu sermão o psalmo 44, versiculos 15 e 16—*Adducentur Regi Virgines post eam, proximae ejus afferentur tibi, afferentur in laetitia, & exultatioηes adducentur in templum Regis*—Serão apresentadas ao rei virgens após ella: as tuas companheiras te serão conduzidas. Serão conduzidas com alegria e com regosijo: conduzil-as-hão ao templo do rei.

Depois do exordio dizia o padre Bento de Sequeira:

«Successos desesperados pedem soccorro á rasão; muda-se a Rainha Santa do logar, que fabricou para retiro da vida e jazigo depois da morte. Quem o havia de crer?

«Saem com ella dos claustros as virgens, que voluntarias condemnam a liberdade á clausura necessaria; quem tal cuidou de ouvir, nem imaginou de ver? E comtudo assim parece que o anteviu David, e testemunha de vista seu espirito prophetico: *Adducentur Regi Virgines post eam;* assim nol-o persuade a devoção singular, e real magnificencia, com que suas magestades ordenam, que se levante o soberbo edificio, de que já vemos principio na pedra fundamental, que hoje se lançará. Assim nol-o dão já por feito os que assistem á obra com prospero principio e pontual diligencia, que cresce a olhos vistos; assim o affirmaes todos neste applauso geral, com que vos fazeis presente a esta celebridade, assim o confirma por sem duvida o real consentimento da Santissima Rainha, companhia de virgens e sequito virginal, com que sae acompanhada: *Adducentur Virgines post eam.*»

Neste sermão seguiu o padre Bento de Sequeira a moda da epocha, de se tornar notavel pelos conceitos.

Estranha muito que o Mondego não houvesse respeitado o convento onde estava o corpo da Rainha Santa; quando o mar Vermelho se tinha afastado para dar passagem ao povo de Deus, conduzido por Moisés; e quando o Jordão egualmente se afastara para dar passagem ao mesmo povo. Depois de explanar largamente esses factos, continua o padre Bento de Sequeira:

«Mas para que me detenho em accumular exemplos estrangeiros e alheios; successos, que andam de praça n'um e noutro Testamento, quando a Rainha Santa me dá um, que por de casa e proprio de sua mão, monta muito mais que todos, e avulta entre outros, na magestade real e gloria da circumstancia, com vantagem conhecida.

«Jaz entre as areias d'ouro, e correntes de crystal do nosso famoso Tejo, o angelico sepulchro e corpo celestial da Virgem Santa Iria, a quem a Rainha Santa quiz uma vez visitar e lograr por devoção o deposito sagrado. Chegou á beira do rio, e achando que não dava o pégo franca passagem para o ver e venerar, fixou os joelhos em terra, e os olhos em o ceu, que combatia com lagrimas e suspiros maviosos de conseguir seu desejo; escassamente se ouviram os suspiros nas estrellas, e viu o Tejo as lagrimas, que desciam saudosas pelo semblante real, quando já se offerecia aberto de par em par para mostrar a estima, que fazia da pessoa, que nelle punha os pés.

«Chegou Santa Isabel, e fez termo da passagem na paragem do desejo: viu e venerou o corpo: gastou o dia inteiro nos agrados de o ver, e gosto de o lograr; e deu logar ao rio, e costumada corrente, voltando já sol tresposto ao logar, que deixara, seguindo-a sempre atraz, com uma cortez lisonja, e um doce murmurar, as ondas como queixosas das saudosas ausencias da Santa que as deixava, e mais que agradecidas da presença que lograram.»

Restava, portanto, ao padre Bento de Sequeira, mostrar a razão por que tendo sido assim estes successos, agora o Mondego invadia sem respeito o convento de Santa Clara. Eis aqui a sua explicação:

«Pois se a um signal escasso e aceno de desejo da Santa Rainha viva, obedeciam os rios e sustinham pontuaes a caudalosa corrente, para lhe darem logar no berço em que jaziam, como agora se atrevem entrar no que possuiu em vida, e tem por morte? Ou como assim lho larga, como se o não estimasse, e podesse defender?

«Foi esta ordem do ceu, sentimento mais que humano; e disposição divina consentirem tantas partes, tão poderosas vontades, arbitrios tão senhoris, no accordo da mudança, em credito do poder, e graça particular da filial piedade que el-rei nosso senhor, e nosso reparador, devia a Santa Isabel sua avó, e a seu corpo.

«Não soffreu Deus, nem o ceu, que quem fôra escolhido por ordem tão soberana para reparar um reino, e libertar do diluvio, em que o via alagado, não livrasse por seu credito e de sua piedade uma santa sua avó do particular diluvio, que com ella visinhava.»

Fallando do realce que se dava em ser trasladado para o alto de um monte *o corpo e sepultura de quem vivendo reinou com perfeição são sublime*, dizia o padre Bento de Sequeira:

«Vejo que solicitaes a razão de se dever á Rainha por ser santa, esta logar eminente, e dizer mais com seu corpo e sepultura real, por ser monte levantado; digo que diz mais com ella por se desviar da terra; e muito mais se lhe devem por visinhar ao ceu.»

Acerca das festas que nesse dia se celebravam para a fundação do novo convento de Santa Clara, dizia o padre Bento de Sequeira:

«Não diz mais el-rei David do seu acompanhamento, *afferentur in laetitia, et exultatione*, nem nos dá menos que ver este venturoso dia nas alvoradas alegres com que rompeu a manhã, no magestoso apparato, solemnidade da missa, musica em tudo angelica, do agradavel aceio e concerto dos altares, dos lumes e dos perfumes com que se fizeram soes, e contrafizeram ceus; o concurso apparatoso, e numeroso auditorio e [illegible] assistencia, com que presenciaes a [illegible] e realçaes por presentes as primicias da [illegible] e primasias do dia, *in laetitia.*

«Este applauso matutino é percursor do da tarde; quando se fará em um corpo o senado, a cidade e a Universidade, o clero e as religiões em suas communidades; e tudo se desfará em demonstrações de gosto, em custos de devoção e gastos de piedade; e campeará sobre tudo universal alegria nos apparatos de pompa e procissão triumphal, que depois de alegrar com seu agrado a cidade, sairá deste convento ao monte da Esperança, para no mais alto delle solemnisar com alardos de geral contentamento e cordeal devoção a pedra fundamental, que hoje alli se lança, por principio do convento e templo que se levanta, entre os vivas que se dão á magestade real, que com tal magnificencia funda estabilidades, estabelece presentes felicidades passadas, e renova esperanças das que lhe restam futuras: *Afferentur in laetitia, et exultatione.*»

Quasi ao terminar o sermão, trata o padre Bento de Sequeira de comparar a epocha de paz em que foi construido o templo de Salomão, com o estado de guerra em que então vivia Portugal contra os castelhanos, para d'ahi tirar argumento a favor do novo mosteiro de Santa Clara.

«O templo de Salomão levantou-se em bella paz, na confiança de amigos, contribuição de vassallos e applausos dos naturaes, antes nos de todo o mundo: *exultatione universae terrae.* Este no estrondo das armas, sobresalto de inimigos, carrancas de furor bellico e tragos da mesma morte; claro está que a razão nos vem a pedir por boca e corre sem violencia no nosso templo, novissimo na edade, e novidade, porem na gloria primeiro a respeito dos primeiros; porque estes se levantaram com os pandeiros na mão, ao som de instrumentos e argumentos de paz; aquelle se levanta com as espadas na mão, jogando bocas de fogo e a toque dos tambores, entre o estrondo dos botes e horrenda artilheria: *Magna erit gloria domus istius novissimae plusquam primae:* digo que já hoje tem estas mesmas primasias, que o propheta prometteu ao de Jerusalem, depois de se acabar; porque o dou já por feito, e julgo por levantado.

«Vede agora, portuguezes, a differença que vae deste rei que Deus vos deu aos das outras nações. Quando todos elles tratam de empobrecer vassallos, por se fazerem mais ricos, quando de os esfolar e deixarem na espinha para mais se engrossarem e viverem regalados; el-rei D. João o IV, por ser em tudo o primeiro e unico sobre todos, dispende magnificencias, e diz que não se repare em demasias de custo e gastos trasordinarios de sua real fazenda, para dar melhor logar á rainha sua avó, e tresladar as reliquias de seu santissimo corpo, com apparato real, e lavrar-lhe por sepulchro um templo, que por magnifico se chame templo do rei.

«Não faz sua magestade estimação de ouro e prata; desestima seus thesouros as reliquias sagradas; tem por maior haver os ossos de uma santa, que Deus lhe deu por avó, aquelle corpo defunto, que foi corpo florescente de sua casa real; e vemos resuscitado em a real magestade o generoso espirito e singular piedade, que respeitou em Moisés aquella primeira edade na saida do Egypto, e agora renovada com vantagem conhecida nesta nossa derradeira.

«Os judeus, como meninos, empregaram seu cuidado em ajuntar ouro e prata, mas o heroico animo de Moisés, grande varão, saiu mais que satisfeito com os ossos de José; nelles fez o seu emprego. Quanto vae de um Moisés á bagagem de um povo, tanto vae da magestade de el-rei D. João o IV, a todos os reis do mundo, a um mundo inteiro de reis; tanto de sua inteireza e animo varonil, aos que o seu respeito se podem haver por meninos, e descontar por creanças.»

Fr. João Turriano—O traçado do novo convento de Santa Clara, onde actualmente está o corpo da Rainha Santa Isabel, foi feito por Fr. João Turriano. Acerca deste celebre engenheiro diz D. Fr. Francisco de S. Luiz, na *Lista de alguns artistas portuguezes*, o seguinte:

«Foi filho de Leonardo Turriano, homem mui intelligente em obras de fortificação, e que n'isso trabalhou neste reino, e de sua mulher D. Maria Manoel, pessoas nobres.

Aos 18 para 19 annos tomou o habito de S. Bento no mosteiro de Lisboa, a 29 de Novembro de 1629. Sempre occupado nos estudos do desenho, e no risco de obras de architectura, a que o inclinavam os papeis de seu pae, saiu insigne nestas artes. Seguiu os estudos da congregação benedictina com louvor, e mereceu ser nomeado *passante*.

Foi lente de Mathematica na Universidade de Coimbra, e el-rei D. João IV o nomeou *engenheiro mór do reino*, logar que seu pae tinha occupado.—Serviu a este monarcha 13 annos, e foi o que delineou as capellas móres das sés de Vizeu e Leiria, alem das obras do mosteiro de Alcobaça, e das fortificações do reino, em que foi empregado.

Fez a fortaleza de *Cabeça Secca*, e outras; traçou o mosteiro novo de Santa Clara de Coimbra; o dormitorio novo e hospedarias do mosteiro das religiosas benedictinas de Semide; o dormitorio novo de Alcobaça; o das Inglezinhas de Lisboa; o novo de Odivellas; o benedictino da Estrella; o de Travanca, e a egreja nova de Santo Thirso; e desenhou o mosteiro de Lisboa, etc., etc.

Por morte do P. M. Fr. Pedro de Menezes, tambem benedictino, e lente de Mathematica na Universidade de Coimbra, occupou Turriano aquella cadeira por votos dos estudantes, em renhida opposição com o Dr. Gaspar de Mery, e a leu por varios annos.—Falleceu em Lisboa, e jaz na capella mór do templo de S. Bento da Saude, aonde tem sepultura, com este epitaphio:

Sepultura do M. R. P. M. Fr. João Turriano, lente de Mathematica, que foi, na Universidade de Coimbra. Falleceu a 9 de Fevereiro de 1679.»

A ponte de Coimbra. — Vae na segunda feira proxima, 14 de Julho, dar-se principio á reconstrucção da ponte de Coimbra sobre o Mondego, a qual foi sempre considerada como uma das primeiras, senão a primeira de todo o reino.

Por effeito da representação dos vereadores e mesteres de Coimbra, participou D. Filippe I, em provisão datada de Lisboa a 17 de Janeiro de 1583 ao provedor de Miranda, a finta de 17:000 cruzados, que para a obra da ponte de Coimbra, que estava em grande ruina, mandava lançar pelas comarcas da Beira, Traz-os-Montes, Entre Douro e Minho e Estremadura, do Tejo até á Galliza, e da raia de Castella até ao mar; devendo o dito provedor communicar ás camaras da sua comarca que, para se formar a numeração de todas as fazendas e rendimentos collectaveis na mencionada finta, em que entrariam os privilegiados, procedesse á eleição de tres pessoas, nobres e de sã consciencia, sendo os autos destas diligencias remettidos ao escrivão da real camara, Pedro da Costa, para os mandar ver e nelles prover.

Segundo a dita provisão, allegavam na sua representação os vereadores e mesteres de Coimbra—«que o ryo Mondego com as forças das cheas dos invernos passados arruynara por algumas partes a *ponte noua* da parte do moesteiro de santa Clara, e fizera muito dano na Igreja e offecinas delle, rompéra a cerca do muro de São Francisco, e aballára alguns talhamares da *ponte uelha*, com que ficarão de maneira que se tem receo que, se uierem outras cheas semelhantes, cahyrão de todo. E que da parte do *caes* da dita cidade entrárão tanto as aguas das ditas cheas pellos arrabaldes della, que chegárão o anno de 82 ao terreiro de Santa Cruz, alagando muitas casas, em que os moradores dellas receberão muito dano, e que este trabalho passavão quasy todos os annos por estar o canal do dito ryo muito *entulhado* e os areaes por essa causa quasy *iguaes* dos ditos arrabaldes, e que se entendia que se a *ponte uelha* não fosse repairada e a *noua* feita de arcos pella mesma traça, chegando com ella até o olival, que está detrás do dito moesteiro de santa Clara, como ja pello sr. Rey Dom Sebastião fora mandada traçar, que as ditas pontes e moesteiros não poderião esperar outras cheas como as passadas.»

Esta obra fora orçada em 20:000 cruzados, sendo 17:000 lançados ás mencionadas comarcas do reino, e contribuindo a fazenda real com 3:000. Posteriormente foi elevado o subsidio da fazenda real a 5:000 cruzados.

Apezar de tudo, ainda em 1608 se não achavam concluidos os concertos da ponte; e por isso foi necessario o alvará de 21 de Maio desse anno lançar uma nova finta de 8:000 cruzados, devendo para ella concorrer a co-

marca de Coimbra com 100$000 rs., é com as suas respectivas quotas o clero desta diocese e outras comarcas.

Passados mais 10 annos, foi creada por alvará de 27 de Julho de 1618, a receita permanente da *imposição da ponte* para esta e outras obras da cidade, acabando-se com as antigas fintas, attendendo—«aos muitos annos que ha se corre com as obras da ponte da cidade de Coimbra sem atee guora serem acabadas, auendosse fintado muita copia de dinheiro pellas comarquas deste reino, afora outra de que eu fiz mercê de minha fazenda para esse efeito, que todo nellas se tem guastado, e pellos pouos estarem de prezente *cansados*, e a dita ponte ser a *mais frequentada* estrada de todas as partes deste reino e o rio *larguo e muito* impetuoso, e de nouo se alarguar a dita cidade por auer caido hum arquo da *ponte noua* e os mais estarem abertos e abaltados.»

Ponte da Portella. — E' hoje a inauguração desta ponte: não podendo demorar a impressão do nosso jornal, por isso descreveremos no numero seguinte a solemnidade.

Para festejar este acontecimento tem a Associação Commercial o seguinte:

HYMNO DO COMMERCIO

Ergue a fronte Coimbra formosa,
Do Mondego princeza gentil;
A alvorada sorri jubilosa
A saudar-te nos canticos mil.

O commercio palpita em teu seio,
Novo alento e mais força te dá;
E da industria e das artes em meio
Firme throno d'amor te erguerá.

CÔRO

Porque a vida que as artes eleva,
A riqueza que firma o poder,
Que a conquista da gloria nos leva
No commercio de novo has de ter.

Tens nas letras padrão respeitado,
Justa á fama teu nome aprendeu;
Tens orgulho d'haver inspirado
Mil poemas cantando o teu ceu.

Novas pontes teu rio cortando,
Como abraços de paz e d'amor,
Hão de em breve as provincias juntando,
Dar-te um sceptro fulgente e maior.

CÔRO

Porque a vida que as artes eleva,
A riqueza que firma o poder,
Que a conquista da gloria nos leva,
No commercio de novo has de ter.

A letra do hymno é da exm.ª sr.ª D. Amelia Janny—a musica e do sr. Abel Ferreira das Neves Elyseu. A banda vae tocar á porta da exm.ª sr.ª D. Amelia Janny e do sr. Heitor, e queimar-se-hão numerosas girandolas de foguetes.

Theatro de D. Luiz.—Abriu hontem as suas portas ao publico conimbricense e aos visitantes desta cidade, que alli concorreram numerosos, attrahidos pela justa fama de que gosam os actores que tomavam parte no espectaculo annunciado. E nem podia deixar de ser assim, quando esses actores são Isidoro, Taborda, e Carlos d'Almeida.

Foi variado o espectaculo, bem escolhido para a occasião, e por isso o publico sahiu satisfeito, tendo victoriado aquelles actores em todas as comedias, que se representaram, entre as quaes sobresahiu o *Ditoso fado*, chistosa composição, que se torna notavel pelo desempenho que lhe dão o actor Taborda e a actriz D. Luiza. A *Criada ama* tambem muito agradou, tanto por parte dos actores que fallam, como até do que não falla.

Amanhã ha outra vez espectaculo, tanto ou mais convidativo do que o de hontem, e que por isso não deixará de ter concorrencia.

Constará do *Amor Londrino*, por Taborda; *Ditoso fado*, por Taborda e D. Luiza; *Amanhã vou pedil-a*, por Carlos d'Almeida; *O velho de bom gosto*, por Isidoro; *Por um triz*, por Isidoro, Taborda, e Carlos de Almeida.

Visitantes.—Tem chegado numerosas familias para assistir ás festas da Rainha Santa.

Fogo preso.—Hoje á noute haverá fogo preso na ponte do Mondego. Tocará a philarmonica *Boa União*.

Destacamento.—Na quarta feira chegou a esta cidade um destacamento de infanteria 14. Conservou-se no entanto o que aqui estava do mesmo corpo, para amanhã acompanhar toda a força a procissão da Rainha Santa.

Approvação.—Pelo ministerio do reino foram approvadas as condições do emprestimo de 40 contos de reis, que vae contrair a camara de Coimbra, com a companhia do credito predial, para obras municipaes.

Util publicação. — Enviou-nos de Poiares o sr. João Ferreira de Carvalho um exemplar da *Tabella* que elaborara, e foi impressa em Coimbra na typographia do sr. Manoel Caetano da Silva, pela qual se facilita o lançamento do juro de 6 por cento sobre as dividas á fazenda nacional, acompanhada de breves explicações; adequada a 12 mezes; e podendo servir egualmente para o commercio.

Esta publicação é o resultado de um immenso trabalho, e com ella prestou o seu intelligente e laborioso auctor o sr. João Ferreira de Carvalho um valioso serviço.

Pela insignificante quantia de 300 reis, acharão nesta *Tabella*, as muitas pessoas que della precisam de fazer uso, facilitado muito trabalho.

Recrutamento.—O conselho de estado julgou favoravelmente os seguintes recursos, a fim de que os respectivos mancebos fiquem isentos do serviço do exercito.

CONCELHO DE CANTANHEDE

Freguezia da Porcariça—Bernardo Pereira Botão, por seu filho José.

CONCELHO DE GOES

Freguezia de Goes—Francisco, filho de Antonio Bandeira.

Carlos Relvas—No dia 10 chegou o sr. Carlos Relvas e sua exm.ª familia a casa do sr. conde de Podentes em Condeixa.

A noute foi a philarmonica *Condeixense* tocar a porta do sr. conde de Podentes, em demonstração de regosijo pela chegada do sr. Carlos Relvas, e por se acharem alli reunidas tão distinctas familias.

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

1 O CONSELHEIRO José Ernesto de Carvalho e Rego, penhoradissimo pelos distinctos obsequios que acaba de receber de todas as pessoas, que se dignaram mandar saber da sua saude, durante a gravissima doença que tem soffrido, vem por este meio agradecer tantas provas de interesse e amisade; reservando-se para mais tarde renovar estes mesmos agradecimentos, pessoalmente, se chegar a adquirir forças para isso.

ATTENÇÃO

2 ALLUGAM-SE janellas na rua de Visconde da Luz, para ver a procissão da Rainha Santa.

Na rua da Sophia, n.º 51-55, se diz com quem se tracta.

DOCTOR IN ABSENTIA

3 O PROFESSOR em artes, letras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a *Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra)*, o qual lhes dará gratuitamente todas e quaesquer informações sobre a Universidade.

BANCO COMMERCIAL DE VIANNA

CAIXA FILIAL EM COIMBRA

Sede provisoria, na rua da Calçada, 40, 1.º

COMEÇA A FUNCCIONAR NO DIA 14 DO CORRENTE

Desconta letras da terra; empresta sobre penhores de ouro, prata, e brilhantes; saca e toma letras sobre Vianna, Porto, Lisboa, e outras praças do reino.

Salame de Italia

5 ESTABELECIMENTO de José Tavares da Costa, rua da Calçada, proximo á Portagem.

Chapeus para cabeça

6 ANTONIO HENRIQUES DE CARVALHO, com estabelecimento na praça de S. Bartholomeu, acaba de receber um lindo e variado sortimento de chapeus de seda e palha, para senhora. São os mais modernos gostos, e tanto para visita como para campo.

Preços commodos.

CERVEJA INGLEZA

de Bass & F.ª

7 ESTA acreditada cerveja continua a vender-se na loja de Manoel da Silva Gonzaga.—Sophia—51-55.

8 NO DIA 17 do corrente mez, pelo meio dia, nos paços do concelho, hão de dar-se de arrematação as obras de terraplenagem e o fornecimento de pedra britada para o lanço d'estrada municipal, comprehendido entre Sernache e Villa Pouca.

As condições serão presentes no acto da praça.

Coimbra, secretaria da camara municipal, 10 de Julho de 1873.

O escrivão da camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

TABACOS DA NOVA FABRICA

Fidelidade Portuense

Praça de S. Bartholomeu, n.os 12-13

9 JOSÉ MARIA FERREIRA DA ROCHA, participa aos seus amigos e freguezes, que acaba de receber um variado sortimento de tabacos da nova fabrica Fidelidade Portuense, de muito boa qualidade, e que tem tido muito boa aceitação.

Alem destes novos tabacos, tem bom fornecimento de muitos outros, tanto das fabricas nacionaes, como estrangeiras.

Attenção

10 LUIZ SOARES DE CAMPOS, com loja de mercearia na rua do Visconde da Luz, n.os 96 a 100, continua a vender:

Vinhos do Porto
» da Madeira
» Moscatel de Setubal
Licores nacionaes
Genebra hollandeza
Cerveja ingleza de Bass & F.ª
» » de Tennent's.
Tudo a preços reduzidos.

PROTESTO

11 O RESTO DO CURSO do 4.º anno, que actualmente se acha em Coimbra, respondendo a um appello feito pelo bacharel Evaristo Maria das Neves, em um communicado inserto no n.º 2706 do jornal o *Conimbricense*, vem declarar que se enchem de magua e de prazer por semelhante leitura.

Este protesto que irrompe expontaneo do coração de seus condiscipulos, tem por fim repellir todos os ultrages dirigidos nesse jornal ao illustre condiscipulo offendido.

Francisco Xavier d'Athayde Oliveira
Manoel d'Almeida e Silva
Vicente Gregorio Godinho
Domingos Antonio Torres
Manoel Paes de Figueiredo Moraes
João Ribeiro de Andrade.

12 O MANHOLA, ao arco de S. Thiago, tem no seu armazem vinho muito bom, que vende por preços muito commodos ao quartão; sendo tinto a 280 e 320, e mais especial 360; e branco bom a 360, e muito especial a 440. Tambem vende aos almudes e ás pipas.

Legitima cerveja ingleza de Bass & F.ª

13 POR meia garrafa 100 rs., sem garrafa. Copo 80 rs. Calçada, n.º 85-91.

14 A MESA do hospital de Monte Mór o Velho põe em praça no dia 20 do corrente, ás 5 horas da tarde, e na casa do cabido do mesmo hospital, os seus celleiros, para se arrendarem a quem mais der. E do mesmo modo a casa da botica e a dos passageiros, e o sortimento de gallinhas e pão para os doentes do mesmo hospital.

Monte Mór o Velho, 10 de Julho de 1873.

O presidente, *Augusto P. Cardote.*

Banhos do mar na praia de Espinho

15 O PROPRIETARIO do novo hotel Central de Espinho, situado em frente da linha ferrea, continua a receber pessoas e familias, tanto nacionaes, como estrangeiras, offerecendo-lhes todas as commodidades possiveis, com aceio e limpeza, por preços rasoaveis.

Este hotel acha-se montado com bilhar, café, e restaurante. O seu proprietario, já bastante conhecido de muitas pessoas que se tem dignado preferir o seu estabelecimento, a nada se poupa para continuar a merecer a estima de todos.

61 RICARDO ANTUNES DE MACEDO, largo de Samsão, acaba de receber o seu costumado sortimento de presuntos de Lamego, que vende por preços razoaveis.

NUMERO 2710 — TERÇA FEIRA 15 DE JULHO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Entregue a ininterrompidas expansões de jubilo tem estado esta cidade durante os ultimos dias.

Com as demonstrações de devota homenagem, em que este bom povo costuma exalçar as virtudes relevantes da santa esposa de D. Diniz, coincidiram dois acontecimentos, os quaes, pela grande influencia que hão de exercer na vida economica desta cidade, têem despertado em todos os seus habitantes o mais vivo enthusiasmo.

E' um bom simptoma este, que manifesta o povo conimbricense nos acontecimentos que directamente prendem com os interesses geraes do trabalho, do commercio e da industria; porque destas fontes de prosperidade publica, dimana a actividade e a riqueza.

A abertura da ponte da Portella cremos que hade marcar uma epocha memoravel para o commercio desta cidade, e de toda a Beira.

As mais importantes povoações desta riquissima provincia, ficam assim ligadas por uma das melhores vias de communicação com a cidade de Coimbra, que é o centro de Portugal, e que está em contacto, pelas vias acceleradas, com os principaes pontos de actividade commercial deste paiz.

Com a abertura desta estrada ao transito publico, Coimbra, pela sua situação, está naturalmente destinada a ser o deposito de todos os productos desta extensa e productiva provincia; o grande mercado da Beira, onde os commerciantes de maior tracto hão de vir realisar as transacções, para evitar longas jornadas e avultadas despezas pelo centro da provincia, na incerteza de effeituar as suas operações.

Os mais abastados industriaes da Beira não podem deixar de ter em Coimbra os seus depositos, para facilitar a procura e a mais prompta venda dos seus productos.

Com isto lucra muito o commercio da Beira: e Coimbra tirará deste facto as vantagens a que estão sujeitos todos os centros commerciaes.

A reconstrucção da ponte de Coimbra ainda influe poderosamente nesta reciprocidade de interesses.

Os transportes pelas vias fluviaes são inquestionavelmente os mais economicos, e nestas circumstancias, podendo a navegação estabelecer-se pelo rio Mondego, sem o grande obstaculo, que lhe oppõe esta antiga ponte, conseguir-se-ha mais um melhoramento de alto interesse para o commercio da provincia.

Alem disso a ponte de Coimbra, nas occasiões de enchentes do Mondego, era invadida pelas aguas, impossibilitando o transito da estrada real de Lisboa ao Porto, e interceptando a communicação do populoso e importante bairro de Santa Clara com a cidade, do que resultavam graves incommodos e muitos prejuizos para os seus habitantes.

Eis em poucas palavras a razão por que Coimbra e toda a provincia festeja este melhoramento, verdadeiramente util a toda a ordem de interesses.

NOTICIARIO

As festas da Rainha Santa.—No sabbado á noute houve muitos e variados folguedos pela cidade. Quasi todas as ruas do bairro baixo se viam brilhantemente illuminadas. Era numerosissimo o povo que percorria todas as ruas e praças.

Ao cimo da rua do Visconde da Luz, na frente da casa da Associação Commercial, se via o transparente e illuminação que já ha dias descrevemos. Ahi esteve tocando por muito tempo a philarmonica *Conimbricense*, subindo ao mesmo tempo ao ar fogo em grande quantidade.

Na mesma rua do Visconde da Luz alguns mancebos tornaram notavel os folguedos, lançando um lindo balão, e deitando muito fogo.

Tanto a philarmonica *Boa União*, como a *Conimbricense*, percorreram em demonstração de regosijo as principaes ruas da cidade.

Na ponte do Mondego houve o fogo preso, a que assistiu muito povo, tanto no areal do rio, como no caes e Portagem. Tocou a philarmonica *Boa União*.

No domingo de manhã houve a festa em Santa Cruz. A egreja estava primorosamente ornada.

Assistiu o exm.º sr. Bispo Conde. Celebrou a missa, a convite do reverendo prior da freguezia, o sr. conego Antonio Xavier de Sousa Monteiro; e serviram de diaconos os srs. padre Antonio Garcia dos Santos, reitor da sé cathedral, e padre José de Mattos de Carvalho, prior do Louriçal.

Pegou na mitra o sr. bacharel José Maria dos Santos, secretario do exm.º prelado da diocese; e no baculo o nosso patricio o sr. bacharel José Alves de Mariz, professor no seminario de Aveiro.

Serviram de mestres de ceremonias os srs. padres Antonio Simões de Noronha e Ignacio de Carvalho e Freitas Junior.

Assistiram ao solio os srs thesoureiro mór da sé, Dr. Francisco da Fonseca Correa Torres, conego Mattos, e arcediago Antonio José

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXXVII

D. CARLOS

XXVII

Aggravando-se cada vez mais o estado da guerra, resolveu-se o governo, em conformidade do tratado da quadrupla alliança de 22 de Abril de 1834, a pedir o auxilio estrangeiro.

A Inglaterra recusou-se, allegando que ainda não tinha chegado o *casus foederis*. Apesar de sua recusa, insistiu o ministro Toreno no seu pedido.

A imprensa de Paris começou a occupar-se deste assumpto, e quando se soube em Madrid que os ministros estavam pedindo o soccorro extrangeiro, exaltaram-se os animos, por se ver ferido com tal desaire o decoro nacional, e a opinião publica pronunciou-se fortemente contra o ministerio, e romperam desordens graves em muitos pontos do reino, principalmente em Saragoça.

A noticia das occorrencias de Saragoça, augmentou a agitação dos animos dos catalães: a efervescencia era já grande, e o menor successo seria a centelha que incendiaria os preparados combustiveis. Este successo chegou.

Soube-se em Reus, povoação das mais industriosas e importantes da Catalunha, que um destacamento de urbanos, ou tropa, que regressava de Arnes, havia sido surprehendido pelos carlistas, e assassinado barbaramente o official Monserrate, e 6 soldados, a um dos quaes, urbano e pae de 8 filhos, se disse que o crucificaram e lhe tiraram os olhos por mandado de um dos frades que ia com os carlistas.

Em consequencia de um facto tão horrivel rompeu o povo o dique á obediencia; e a 22 de Julho de 1835, em vez de se armarem todos e irem exterminar aos auctores do attentado que lamentavam, empregaram o seu odio contra inoffensivos edificios. A inesperada chegada do governador civil da provincia, com alguma força do exercito, conteve a desordem; porem só foi por algumas horas, pois á meia noute foram invadidos alguns conventos, assassinados varios religiosos e incendiados os templos de S. Francisco e S. João.

Em vão para evitar estas desordens que se previam, o alcaide mór de Reus, D. José Maria Montemayor, se dirigiu ao governador militar, solicitando 100 soldados do exercito; em vão o commandante Llorens e D. Antonio Satorras, governador civil da provincia, se esforçavam em contel-os; não tinham forças, e tudo era inutil; pois as poucas que lhes obedeciam seriam esterilmente assassinadas.

Em breve se soube em Barcelona os acontecimentos de Reus. Então se fez circular pelos descontentes a noticia de se haver achado em um dos conventos, armas e outros effeitos para os carlistas; e como alguns dos chefes de partidas eram ecclesiasticos, deu-se credito a esta voz, e começou a agitação contra os frades.

Annunciou-se uma corrida de touros, para celebrar o anniversario da rainha governadora, e por ser festivo o dia 25 de Julho, se dispoz para este dia. Era a setima corrida das que se davam em Barcelona, e assim como nas anteriores havia sido bravissimo o gado, deixando não só satisfeitos, senão exigentes os espectadores, nesta foi cobarde, o que exasperou o publico a tal ponto, que destroçou e arrojou á praça os assentos e ainda algumas columnas. O publico atou o ultimo touro, e o arrastou em horrivel gritaria pelas ruas da cidade.

Alguns grupos se dirigem ao convento dos Agostinhos descalços e apedrejam as janellas, e outros vão em tropel ao dos Franciscanos. A guarda do forte de Atarazanas, que esta perto, cerrou o postigo e se poz sobre as armas.

Em pouco se foram formando grupos, que engrossavam na praça do Theatro e na de Boqueria. A força armada os separava; porem se se dispersavam em uma parte, se reuniam noutra.

As auctoridades misturavam-se entre a multidão para a apasiguar, distinguindo-se por seu zelo o tenente-rei, Ayerve, que no momento em que começou o tumulto, desceu á praça, estando ainda o touro nella, empregando depois os mais inauditos esforços para conter aquella desordenada multidão, que obstruia a passagem para todas as partes. Porem esta attitude das auctoridades se converteu brevemente em apathia.

Sem freio os alvorotadores, o convento dos Carmelitas descalços foi o primeiro entregue ás chammas, a cuja obra impia e destruidora ajudaram algumas mulheres immundas. O dos Carmelitas calçados soffreu dentro em pouco a mesma sorte; e como se a electricidade communicasse o fogo, ardem ao mesmo tempo as portas de outros conventos, e fogem os seus moradores espavoridos em differentes direcções, encontrando alguns a morte onde julgavam achar a sua salvação.

Os religiosos que occupavam o grande e novo convento do Seminario fizeram frente aos incendiarios, que retrocederam, não sem deixar alguns feridos na valente defeza dos atacados.

Iam aquelles sicarios lançar fogo ao convento de Capuchinhos e Trinitarios calçados, quando o temor de que se propagasse o fogo ás casas visinhas fez com que desistissem. Tambem se salvou o de Servitas, por correr a voz de que o corpo de artilheria tinha muito perto o seu armazem de munições.

Foram queimados seis conventos de frades. Os de freiras foram respeitados.

Avançada a noute, cessou cançada a anarchia, e em a manhã seguinte se viam passar pelas ruas os piquetes de tropa e milicia, que a auctoridade enviava a recolher os frades que se tinham escondido em algumas casas, ou estavam em seus conventos, levando-os para sua segurança pessoal aos fortes da praça.

Passado o perigo, mostraram-se fortes as auctoridades; e quasi com os mesmos elementos que antes, trataram de impor aos alvorotadores, e publicaram um bando inopportuno, porque devia precedel-o o castigo dos incendiarios.

da Silva, vice reitor do seminario desta cidade.

Nos logares respectivos viam-se os srs. conegos, Dr. Francisco dos Santos Donato, Manoel Joaquim Pereira Ribeiro da Rocha, e José Ferreira Fresco.

Assistiram os srs. governador civil e secretario geral, e outras muitas pessoas consideradas.

Pregou o reverendo vigario de Almalaguez o sr. padre Antonio de Almeida Pedroso.

A musica foi habilmente regida pelo sr. José Joaquim da Silva, mestre da philarmonica *Boa União*.

Todo o acto religioso correu com a maior regularidade.

De tarde houve a procissão, que foi grandiosa em todo o sentido.

As ruas achavam-se vistosamente ornadas de muitas bandeiras e de cobertores em todas as janellas do transito. A' entrada da rua do Visconde da Luz, e no meio da Calçada haviam sido levantados dois magestosos arcos, que produziam um lindo effeito.

Adeante da procissão marchava um piquete de cavallaria.

A's borlas do pendão pegavam os srs. Dr. Francisco da Fonseca Correa Torres, thesoureiro mór da sé; conegos Dr. Francisco dos Santos Donato e Manoel Joaquim Pereira Ribeiro da Rocha, e padre Gaspar Alves de Frias Eça Ribeiro, professor do Lyceu.

Seguiam-se os meninos orphãos, as irmandades da Senhora da Piedade de Cellas, Senhora da Conceição da Ponte, e Rainha Santa, com o andor da Santa Padroeira de Coimbra.

A Rainha Santa levava o rico vestido, donativo da senhora condessa d'Edla.

Adeante do andor iam algumas meninas, vestidas com o habito de freiras de Santa Clara; e atraz iam muitas senhoras, em cumprimento de promessas.

Seguiam-se as irmandades do Senhor Jesus de Santa Justa, Sacramento de S. Bartholomeu, Sé Velha e Santa Cruz, e a Ordem Terceira da Penitencia.

Tomavam depois logar os alumnos do seminario episcopal, e muitos clerigos.

O santo lenho era levado pelo sr. conego Antonio Xavier de Sousa Monteiro, servindo de diaconos os srs. padre Antonio Garcia dos Santos e José de Mattos de Carvalho.

A's varas do pallio pegavam irmãos da Ordem Terceira da Penitencia.

Detraz do pallio seguiam-se os srs. governador civil e secretario geral, camara municipal com a sua bandeira, administrador do concelho, governador militar, juiz de direito, delegado do procurador regio, contador do juizo, e respectivos escrivães.

Fazia a guarda de honra toda a força de infanteria 14 aqui estacionada, levando á sua frente a philarmonica *Boa-União*.

Por entre as alas da procissão se viam mais de 180 anjos, o que tornava este acto religioso muito brilhante.

Pelas ruas do transito era grande a multidão do povo, e nas janellas viam-se numerosissimas senhoras, com elegantes adornos.

Depois de entrar a procissão no mosteiro de Santa Clara, deu a força de infanteria as descargas do costume.

Agora que esta festividade vae ser interrompida por tres annos, que tantos se calcula que levará a reconstrucção da ponte de Coimbra, é occasião de prestar aqui o devido tributo de louvor aos quatro dignos mesarios da irmandade da Rainha Santa.

Desde o anno de 1832 não tinha havido esta festa, até que em 1852 se deu novamente começo a ella. A contar desse anno até agora, no decurso de 21 annos, tem sempre sido mesarios os srs Dr. Antonio José de Freitas Honorato, juiz; Manoel Abilio Simões de Carvalho, escrivão; José Julio Cesar, procurador; e Domingos Antonio de Freitas, thesoureiro.

Durante tantos annos, e no meio de immensas contrariedades, nunca esfriou o zelo destes dignos mesarios. A elles se deve pela maior parte a permanencia desta festividade.

Na procissão de domingo ultimo, em razão de se achar em Lisboa, a exercer o cargo de vigario geral do patriarchado, o sr. Dr. Antonio José de Freitas Honorado, ia a fazer as suas vezes o reverendo prior de Santa Cruz o sr. padre Manoel Cardoso de Figueiredo Nogueira; e por motivo de estar doente o sr. Manoel Abilio Simões de Carvalho, ia a substituil-o seu filho o sr. Ernesto Simões de Carvalho.

Tambem nos cumpre louvar os cavalheiros que, com a maior dedicação, se prestaram a promover as ornamentações pelas ruas do transito; a todos os cidadãos que para ellas subscreveram; e finalmente a todos os que concorreram para aformosear as suas respectivas ruas e casas, tornando assim brilhantissima esta festa, e digna da Santa Padroeira de Coimbra e da terceira cidade do reino.

Inauguração da ponte da Portella.—Pelas seis horas da tarde de 12 do corrente, foi aberto ao publico o transito daquella ponte, que da communicação para a estrada da Beira.

No dia 9 haviam chegado a Coimbra os engenheiros os srs. José Victorino Damasio e Figueiredo, assim como os 28 alumnos da aula de engenheria da escola do exercito. Aquelles dous engenheiros, com o sr. Adolpho Loureiro, constituiam a commissão inspectora da obra de construcção da ponte.

Começaram logo as experiencias, que duraram tres dias: o resultado foi o mais satisfatorio e o mais honroso para o digno director das obras publicas deste districto. Na experiencia dinamica a extremidade norte da ponte desceu apenas tres millimetros e meio; na experiencia estatica as oscillações haviam apenas chegado a marcar tres millimetros. E' a maxima perfeição em trabalhos de tal ordem.

Aquelles trabalhos haviam chamado á ponte uma grande concorrencia de espectadores; e findas as experiencias, passou logo sobre a ponte um pesado locomovel, e muitos char-à-bancs correndo a trote, e levando alguns doze pessoas. Era expressiva a alegria em todas as pessoas que presenceavam este lisonjeiro successo, levantando-se muitos vivas ao sr. director das obras publicas de Coimbra.

A ponte está solidamente construida, e é feita de cantaria, ferro e madeira: o systema é de um engenheiro allemão, e já pelo mesmo systema foi construida a ponte sobre o Douro na Regoa. No leito do rio foram lançados tres pilares e em cada uma das margens um encontro, tudo de cantaria: sobre estas cinco bases assentam quatro vergas de ferro e quatro arcos do mesmo metal, os quaes sustentam o taboleiro da ponte, que é de ferro e de madeira.

A ponte, se não apresenta um aspecto elegante, porque o systema de sua construcção não se prestava a isso, é segurissima, e deve ser mui duradoura.

Como acima dissemos, no dia 12 do corrente, ás seis horas, compareceram no lado norte da ponte os srs. governador civil e secretario geral, camara municipal, administrador do concelho e escrivão, os engenheiros acima ditos, conselheiro Mamede, deputado pelo circulo de Coimbra, deputações das associações commercial e dos artistas, e muitas outras pessoas, que para isso haviam recebido convite. Toda a força militar aqui destacada, formou em linha, tendo a cavallaria a direita. A philarmonica *Conimbricense* tomou a frente da infanteria. O sr. director das obras publicas leu então o telegramma do respectivo ministro, auctorisando a abertura da ponte.

Immediatamente subiram ao ar muitas girandolas de foguetes, e logo passaram por sobre a ponte todas as pessoas que ficam enumeradas, seguindo a cavallaria, e apos esta a philarmonica e a infanteria. Chegados ao fim da ponte retrocederam, seguindo-os logo a immensa multidão, a qual d'aquelle lado esperava a abertura da ponte, que ficou completamente cheia de povo, o que foi uma segunda prova.

Era maravilhoso o effeito produzido pela ponte, toda embandeirada, e pela multidão que de todas as immediações alli se dirigia. Os carros fizeram muitas viagens, e todos os barcos chegaram cheios de gente, contando-se por muitos milhares os espectadores.

Inauguração dos trabalhos da ponte de Coimbra.—Hontem, pelas 6 horas da tarde, foram inaugurados os trabalhos de reconstrucção d'aquella ponte na parte sul da mesma.

Compareceram no local as duas philarmonicas *Conimbricense e Boa União*; e tendo chegado as auctoridades, corporações, funccionarios publicos, e muitas outras pessoas, o sr. director das obras publicas mandou que começassem os trabalhos, consistindo a ceremonia em deslocar duas das pedras que guarnecem os dous lados da ponte. O sr. governador civil fez menção de deslocar a do lado direito, o sr. presidente da camara a do lado esquerdo, ficando ambas sobrepostas sobre as bordas da ponte, o que foi annunciado por muitas girandolas de foguetes.

O sr. presidente da camara subiu então ao bordo da ponte, e levantou os vivas a sua magestade el-rei o senhor D. Luiz, á familia real, á carta constitucional, e ao ministerio, os quaes foram devidamente correspondidos. Dentre os espectadores sairam tambem vivas ao sr. director das obras publicas e ao sr. presidente da camara, que do mesmo modo foram cortezmente correspondidos.

A concorrencia de povo era immensa pela ponte, caes e areal do rio.

A' noite saiu a philarmonica *Boa União*, percorrendo as ruas mais transitaveis, e indo tocar á porta do edificio do governo civil, do sr. presidente da camara, do sr. conselheiro Mamede, deputado por este circulo, e do sr. director das obras publicas.

E' geral a satisfação por estar em começo a reconstrucção da ponte de Coimbra e pela abertura da ponte da Portella.

São duas obras de maxima importancia para Coimbra, e que demonstram o muito apreço que os poderes publicos dedicam a esta cidade, que não póde deixar de ser tida em consideração pelas circumstancias especiaes, que a seu respeito se dão.

Exames no lyceu de Coimbra—O numero de exames a que se vae proceder no lyceu desta cidade, tanto de alumnos internos, como externos, é o seguinte:

Portuguez 162—Francez 150—Inglez 15—Allemão 1—Latim 128—Desenho 150—Mathematica 225—Historia 200—Philosophia 118—Introducção 181—Total dos exames a fazer 1:330—O numero dos examinandos contados individualmente é de 747.

Grande attentado.—Pela uma hora da noute, de sabbado para domingo ultimo, entraram 6 estudantes no hotel do *Caminho de ferro*, na rua do Visconde da Luz, pretendendo fallar com tres senhoras, que diziam se achavam alli.

O dono do hotel, o sr. José Gomes Ribeiro, desconfiado dos seus sinistros intentos, negou-lhes primeiro a existencia alli das referidas senhoras; mas perante a tenaz insistencia e positiva affirmação dos estudantes, confessou-lhes que effectivamente se achavam umas senhoras em sua casa, mas que aquella não era hora de lhes fallar.

Os estudantes, desconhecendo a auctoridade do dono da casa, arrombaram a porta de um quarto, onde suppunham que estavam as ditas senhoras; e como o sr. Gomes quizesse obstar a esse attentado, um dos estudantes, armado de um *box*, instrumento de ferro, que reveste a mão, e por onde se enfiam os dedos, bateu-lhe com elle uma forte pancada na testa por cima do olho direito; e outro estudante bateu-lhe no peito, com identico instrumento, outra pancada, que o lançou ao chão.

Um criado que se achava ao pé do sr. Gomes tambem foi ferido em um braço.

A esposa do sr. Gomes, acudiu ao conflicto; e um dos estudantes, pondo de parte as considerações que se devem ter para com todas as pessoas, mas especialmente para com uma senhora; lançou mão de uma das facas que estavam sobre uma mesa, para a ferir. Felizmente, em razão da faca ser de ponta redonda, e se annullar o esforço na roupa do peito, não a feriu.

Em seguida o mesmo estudante, agarra por um braço na referida senhora, e desprezando o seu melindrosissimo estado, de 7 para 8 mezes de gravidez, arremessa-a por uma escada abaixo, ficando ella em um patim sem sentidos! Sendo depois conduzida em braços para a sua cama, só voltou a si passada uma hora.

Um dos estudantes levou a faca, e ao mesmo tempo deixou uma capa, que se acha no hotel.

Estes factos inauditos, verdadeiramente attentatorios das garantias individuaes e sociaes, causaram geral indignação em todos os habitantes da cidade.

Será para praticar attentados tão graves, que as familias destes estudantes os mandaram para Coimbra?

Que póde esperar a nação da mancebos, que principiam a sua carreira pela estrada da anarchia, da devassidão, e do crime?

Pois hão de estar as familias pacificas á mercê de discolos, que a toda a hora perturbam o socego publico com as suas orgias; e que não se contentando de praticar toda a qualidade de excessos pelas ruas publicas, invadem já as casas particulares, como se não houvesse lei, nem governo, nem auctoridades?

E ficará impune este crime, auctorisando-se assim a repetição de outros identicos?

Esperamos que não, e que todos saberão cumprir com os seus deveres, dando-se uma justa e severissima lição; porque do contrario teriam os cidadãos de se armar, e fazer justiça por si mesmo.

Este estado é que não póde continuar assim.

Apreciação da mocidade portugueza em 1837.—Em uma grande collecção de cartas originaes, que possuimos, do sabio D. Fr. Francisco de S. Luiz, bispo resignatario de Coimbra, e ultimamente cardeal patriarcha, escriptas em differentes epochas a um seu intimo amigo desta cidade, lemos o seguinte, em carta datada de Lisboa, a 12 de Junho de 1837:

«Fico pasmado do que v.s.ª me diz a respeito do M., filho, e vejo a razão porque foram buscar um tamanho rodeio para obter cartas minhas a favor d'elle! Como se as minhas cartas podessem vencer cousas invenciveis, e como se eu mesmo não desistisse de qualquer genero de protecção, logo que me constasse a indignidade do protegido! Deixal-os, já que assim o querem.

«As reflexões que v. s.ª faz são justissimas, e por infelicidade nossa verificadas e experimentadas todos os dias.

«A dissolução e devassidão de costumes não póde chegar a mais alto ponto em todas as classes da sociedade, e em todos os objectos em que podem ser offendidas as leis e o decoro.

«Não se vê facilmente em que ha de vir a parar uma tamanha falta de moralidade; nem se entende como paes, mestres, directores, e todos os que têem a seu cargo a mocidade, se esquecem tanto de suas obrigações, e de um futuro que a elles mesmos os ameaça.

«E' uma especie de torrente, que leva tudo de rodilha, sem ninguem attentar por si e pelas suas cousas: é um delirio universal, que perturba o entendimento, a memoria, a vontade, as faculdades todas. E como não ha auctoridades que reprimam o mal, nem governo que as sustente, nem exemplos senão de devassidão, de rapina, de desprezo da decencia, e de tudo, o mal vae de foz em fóra, e tudo innunda.

Lamento, com especialidade, a mocidade estudiosa, e ainda mais a de Coimbra, d'essa Universidade a quem sempre tive, e tenho amor. Lamento o futuro, que a Universidade mal póde evitar, e que ha de arrastal-a na perdição geral.

«Sempre fui de opinião que as leis de policia academica deviam executar-se á risca; porque as prisões, v. g., e castigos de estudantes, não se governam pelas leis criminaes do paiz. Isto entra pelos olhos a todos.

«Quem é que applica as leis criminaes a um *grande collegio* de mocidade, que é o que é verdadeiramente a Universidade? Mas no presente, ainda dado que se mandassem pôr em vigor as particulares leis, ou antes regulamentos de policia da Universidade, quem é que os ha de executar?

«Romperam-se todos os fios da subordinação e da obediencia: admittiram-se queixas dos estudantes contra seus mestres: quizeram até fazer os estudantes juizes e superiores de seus mestres: admittiram-se arbitrios de estudantes sobre methodos litterarios de ensino, etc., etc. Quem é que ha de tornar a metter no caminho da ordem tantas cousas desordenadas?

«A ignorancia mais pasmosa domina por toda a parte, e é uma das grandes causas dos nossos males; e não só a ignorancia, mas a ignorancia presumpçosa e orgulhosa, que é peor que tudo.

«Os estudos estão perfeitamente abandonados; nem ha tempo para elles. Daqui a poucos annos seremos uma nação de tolos presumidos, dando por paus e por pedras.

Desculpe-me v. s.ª as minhas tontices; eu fallo com mui pouca gente, e estou entregue ás minhas tristissimas e funestissimas cogitações. Hei de errar muito; mas o meu coração não erra o seu alvo, que é o amor do bem, e desta *patria*, a quem já muitos fogem de dar esse nome!»

Despacho—Foi ultimamente collocado na effectividade de guarda-salas da bibliotheca publica do Porto o nosso particular amigo e patricio o sr. Julio Alves Barbosa e Silva, que ha tempos exercia interinamente aquelle logar. O conhecimento que temos das excellentes qualidades do agraciado, leva-nos a felicitar a exm.ª camara do Porto pela acquisição que fez de tão bom empregado.

Ao sr. Julio Barbosa e sua exm.ª familia enviamos tambem os nossos sinceros e cordeaes parabens.

Mercado de Condeixa a Nova no dia 11.—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez novo 460—Dito tremez velho 480—Dito mourisco novo 440—Dito mourisco velho 460—Dito branco novo 460—Milho branco 310—Dito amarello 300—Feijão vermelho 500—Dito branco 480—Dito rajado 360—Dito frade 360—Cevada 200—Favas 260—Tremoços 260—Batatas 160—Vinho 809—Azeite 1$100.

Errata—No protesto de alguns dos estudantes do 4.º anno de Direito, que publicamos em o numero passado, onde se lê—se encheram de magoa e *prazer*, deve ler-se—*desprazer*.

Á ULTIMA HORA

Sob a presidencia do sr. conselheiro Francisco de Castro Freire, reuniram-se hoje nesta cidade os examinadores nomeados pelo governo para a segunda circumscripção.

Resolveram dividir desde já em duas turmas os examinadores, uma para o lyceu de Coimbra, e outra para o de Vizeu. Ficaram assim organisadas as mesas:

Lyceu de Coimbra

Portuguez—Dr. Antonio Bernardino de Menezes—Clemente Pereira de Carvalho—Padre Antonio José da Silva.

Latim—Dr. José Joaquim Fernandes Vaz—Padre Manoel Simões Dias Cardoso—Manoel Emygdio Dantas.

Francez—Dr. Francisco Antonio Diniz—Francisco Guilherme José Faure—Albino Dias Ladeira da Costa.

Inglez e Allemão—Luiz Antonio Pinto de Aguiar—Eduardo Von Hafe—Augusto Epiphanio da Silva Dias.

Historia—Dr. Manoel Emygdio Garcia—Dr. João Antonio de Sousa Doria—Vicente Pedro Dias.

Philosophia—Dr. Manoel Eduardo da Motta Veiga—Dr. Antonio João de França Bettencourt—Joaquim Alves de Sousa.

Mathematica—1.ª mesa—Dr. João José Dantas do Souto Rodrigues—Henrique de Macedo—Antonio Teixeira Barbosa.

Mathematica—2.ª mesa—Dr. Luiz Albano de Andrade, e no seu impedimento, Dr. Abilio Affonso da Silva Monteiro—Dr. Luiz da Costa e Almeida—Dr. José Joaquim Manso Preto.

Introducção—1.ª mesa—Dr. Raymundo da Silva Motta—Firmino Augusto de Magalhães—Francisco Antonio Marques de Moura.

Introducção—2.ª mesa—Dr. Filippe do Quental—Dr. Francisco Augusto Correa Barata—Dr. Augusto Filippe Simões.

Lyceu de Vizeu

Portuguez e Latim—Padre Gaspar Alves Frias d'Eça Ribeiro—José Joaquim Touraes—Augusto Epiphanio da Silva Dias.

Inglez e Allemão—Luiz Antonio Pinto de Aguiar—Eduardo Von Hafe—Augusto Epiphanio da Silva Dias.

Grego—Luiz Antonio Pinto de Aguiar—Joaquim Guilherme Gusmão de Almeida—Augusto Epiphanio da Silva Dias.

Introducção—Joaquim de Azevedo Vieira da Silva Albuquerque—Joaquim de Oliveira Rino Jordão—Alexandre de Sousa Figueiredo.

Mathematica.—Dr. José Joaquim Pereira Falcão—Antonio Correa de Sousa Montenegro—João Mendes Magalhães.

Advertencia

Não se poderam ainda hoje organisar as mesas para *Desenho*, tanto para o lyceu de Coimbra, como para o de Vizeu.

Este bando, e a chegada de Llauder a Barcelona, causaram o effeito contrario do que se propunham seus auctores. Os excessos da insurreição do dia 25 estavam impunes, e Llauder não era já querido dos catalães.

Não bastava a ruina dos conventos de Barcelona e a perda das riquezas artisticas; era preciso que o seculo XIX contemplasse horrorisado em outras partes tanto estrago e desolação.

Os incendiarios da capital do principado tiveram em breve imitadores, e estendeu-se o exterminio aos conventos de Recoletos em Riudoms, ao mosteiro de Benedictinos em S. Cucufat de Vallés, ao de Jeronymos de Murtra, ao de Capuchinhos de Mataró, Arenis e Igualada, ao de *Scala Dei*, o mais rico de Cartuxos de Hespanha, ao de Montealegre e a outros, destruindo assim aquelles templos, orgulho de Hespanha, pelas preciosidades que até em suas paredes enthesouravam alguns.

Llauder, que tinha saido de Barcelona para Mataró, dalli expulsou os sediciosos.

Resolvido a mostrar-se forte, enviou a Barcelona com instrucções, o general D. Pedro Nolasco Bassa, para que o substituisse no commando.

As paixões, porem, tinham-se exaltado cada vez mais em Barcelona, e a chegada do general Bassa, a quem attribuiam o encargo de fazer processar e castigar os revoltosos, foi causa de um tumulto formidavel.

Atacado o general Bassa na casa da sua residencia, por uma multidão de furiosos, é morto com um tiro, e depois o lançam pela janella!

Aquelles malvados arrastam o corpo do infeliz Bassa pelas ruas de Barcelona, e por fim o queimam em uma fogueira! *(a)*

Os assassinos, os queimadores de Bassa, se debandam pela cidade, como um elemento destructor, assaltam as officinas dos commissarios de policia, lançam pelas janellas todos os moveis e os queimam.

Os papeis do tribunal de rendas e os que havia na casa *Procura* do mosteiro de Monserrate, foram egualmente preza das chammas.

Entretanto derribavam alguns a colossal estatua de bronze de Fernando VII, e a substituiam pelo retrato da rainha.

Estas scenas e outras não menos lugubres, eram acompanhadas dos canticos descompostos de grupos ferozes que passeavam as ruas, mostrando o seu regosijo, e sustentando a agitação. Ainda, porem, não eram bastantes os excessos commettidos; eram necessarios mais horrores. A fabrica de Bonoplata, salva no primeiro incendio, cedeu agora ao irresistivel impulso da canalha.

Assim acabou aquelle monumento erigido á industria hespanhola pelo illustrado Ballesteros. Assim se destruiu aquelle estabelecimento, modelo da fabricação do algodão, devido aos entendidos Bonoplata e Vilaregut no anno de 1827. *(b)*

Na defeza desta fabrica pereceram 15 ou mais urbanos, e entre elles alguns que haviam capitaneado nos dias anteriores os grupos que incendiaram os conventos!

Aquella turba necessitava de pilhagem, e por isso na manhã do dia 6 de Agosto correu á alfandega, deposito das mercadorias do commercio, e trataram de cevar-se em tão rico despojo. Noutro extremo da cidade se queimavam todas os effeitos d'uma casa, a pretexto de que seu dono celebrava os assassinatos do conde de Hespanha, e não occupava na sua fabrica senão aquelles que reputava por carlistas.

Nestas circumstancias, a rogos da camara municipal, se encarregou o general Pastors do governo da cidade; e dirigindo-se á alfandega com um batalhão da milicia e um esquadrão de lanceiros, fez acutilar as turbas, que fugiram espavoridas. *(c)*

Barcelona se salvou de continuar a ser devastada. A auctoridade recobrou alguma força, e os habitantes pacificos começaram a tranquillisar-se.

O furioso motim se converteu na revolução pacifica, que supplicava á rainha se dignasse enviar a reger a provincia uma pessoa identificada com os principios politicos consignados no estatuto real; que sua magestade se pozesse á frente das reformas civis e ecclesiasticas, que tão imperiosa e instantemente reclamavam as necessidades publicas e o voto geral da nação, etc. Para dirigir o movimento se organisou uma junta.

A imitação de Barcelona houve motins e excessos em Saragoça, Tarragona, Valencia, Murcia, Mallen, Monzon, e Tarazona. *(d)*

Por toda a parte se queimavam os conventos, e eram mortos muitos presos carlistas.

Na propria cidade de Madrid houve nos dias 15 e 16 de Agosto uma revolução, *(e)* promovida pelo celebre Eugenio Aviraneta, mesmo dentro da cadeia, onde estava preso pelo projecto de revolução em 23 de Julho de 1834, de que já demos noticia.

Reuniram-se na Praça Maior os batalhões 1.º, 3.º e 4.º da milicia urbana; porem a energia do general Latre, que acabava de tomar o commando da provincia, fez com que a revolução não progredisse.

Aviraneta tinha sido solto pelos revoltosos. O conde de Toreno, presidente do conselho de ministros, offereceu 200 onças de ouro e um emprego a quem o descobrisse; e a policia fez os maiores esforços para o encontrar. Aviraneta occultou-se, e passados quatro dias, saiu ao meio dia pela porta de Alcalá para Saragoça.

Terminada a insurreição de Agosto, aquelle ministerio, temeroso antes, mostrou-se agora forte, e os conselheiros da corôa residentes no real sitio da Granja, os quaes já tomavam medidas para se trasladarem a Burgos, no caso de que triumphassem os urbanos de Madrid; pozeram a capital em estado de sitio; crearam uma commissão militar para julgar breve e sumariamente aos que se apprehendessem com armas e formassem grupos e reuniões; fizeram dissolver os batalhões de milicia pronunciados, procedendo-se á sua nova organisação; supprimiram o *Eco del Comercio*, jornal do maior influxo então na opinião publica; e pozeram infinidade de obstaculos aos mais periodicos.

Os procuradores Alcalá Galiano e Chacon foram presos, assim como os urbanos que tinham ido á Granja apresentar uma exposição. A policia procurou inutilmente o conde de las Navas, Isturiz e Caballero, complicados, segundo se dizia, na insurreição.

Reduzidas a Madrid estas providencias, eram estereis para a dominação do governo na peninsula. Estava ferido de morte, e tinha que succumbir, como effectivamente succumbiu. *(f)* (*Continuar-se-ha.*)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

(a) Estes horrores praticados em 1835 pelos anarchistas de Barcelona, são agora fielmente reproduzidos em Alcoy, onde o alcaide foi assassinado e arrastado pelas ruas; assassinado tambem o recebedor das contribuições; e um homem queimado vivo em um banho de petroleo!

(b) Exactamente o mesmo acaba ha dias de acontecer em Alcoy, onde os anarchistas queimaram 5 fabricas, e entre ellas a de algodão de Perez Ruiz!

(c) Agora entrou o general Velarde em Alcoy para reprimir os anarchistas.

(d) E actualmente propaga-se a revolução por Malaga, Sevilha, Carthagena, Murcia, e outras muitas terras; em quanto os carlistas derrotam os exercitos da republica no norte!

(e) É o que agora falta para ver.

(f) Acontecerá agora o mesmo?

A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha, sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alcuto, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os muscuos e consolidando as carnes.

Economias 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid—Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kilo 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; da appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rahir rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

Idealismos e sentimentos.—Com este titulo acaba o nosso amigo o sr. Antonio Florencio Ferreira de dar á luz um livro de poesias.

O sr. Florencio Ferreira já é vantajosamente conhecido pelo seu primeiro volume de poesias—*Arpejos de Alma*, e outras producções de bastante merecimento; e por isso temos fundada esperança de que a sua nova publicação será bem recebida pelo publico.

No logar competente vae o respectivo annuncio.

Sermão.—Recebemos de Vizeu e agradecemos, o—*Sermão de Santo Antonio de Lisboa*, pelo sr. A. Henriques da Silva.

Noticias de Hespanha.—As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid, 11 ás 4 horas e 48 minutos da tarde.

O alcaide de Alcoy foi assassinado pelos internacionalistas, e arrastado pelas ruas. Era republicano conhecido, e tinha gasto a sua fortuna pela causa da republica. O recebedor das contribuições foi tambem assassinado.

A fabrica de algodões de Perez Ruiz, e quatro outras, foram incendiadas.

Velarde chegará hoje a Alcoy, com tropas.

E' desmentida a crise ministerial. O ministerio está unido, e resolveu affrontar a situação.

O governo telegraphou a Bragua, instando para que vá tomar o commando do exercito do norte.

O governador de Malaga foi demittido telegraphicamente.

Madrid, 12, ás 5 horas e 15 minutos da tarde.

Está confirmada officialmente a morte do brigadeiro Cabrinetty; foi-lhe tomada toda a artilheria e bagagens, e feita prisioneira a força que commandava. Muitos mortos e feridos de parte a parte.

Em Alcoy foi proclamada a *Communa*, com incendios e fuzilamentos.

Diz-se affirmativamente que se sublevou a esquadra de Cartagena. Ha difficuldade para communicar telegraphicamente; seguirei activando telegrammas do que me constar.

Madrid, 12 de Julho ás 9 horas e 45 minutos da tarde.

Ainda não se confirmou officialmente a sublevação da esquadra. Hontem, muitas desordens em varias provincias. Em Alcoy horrores, incendios com petroleo, e assassinatos.

O governo offereceu nas côrtes castigar exemplarmente os culpados, declarando a camara que recebia com indignação as noticias de Alcoy e de Malaga.

Romero e Robledo disse que se o governo não salva a ordem e o paiz, D. Carlos chegará a triumphar na Hespanha. Os fundos baixaram na bolsa.

Madrid 12, ás 6 horas da tarde—Os pormenores ácerca dos successos de Alcoy são horriveis. Foi mettido em um banho de petroleo e queimado vivo um republicano conhecido.

Aura, deputado por Alcoy, perguntou nas côrtes ao governo se tinha conhecimento dos excessos praticados em Alcoy; disse que estão á frente dos insurgentes estrangeiros desconhecidos em Alcoy. Reclama castigo exemplar.

O ministro dos negocios estrangeiros disse que os insurgentes começaram por assassinar o alcaide e outras pessoas, e por incendiar diversos edificios, incluindo a municipalidade.

Renuncia a pintar os horriveis excessos praticados em Alcoy; mas em presença de factos similhantes, declara que o governo será inexoravel.

Sublevou-se em Cartagena um batalhão de francos.

Velarde ha de atacar hoje Alcoy.

Madrid 12, ás 6 horas e 57 minutos da tarde—As côrtes tomaram em consideração por 157 votos, sem opposição, uma proposta declarando que a camara ouvira indignada a narrativa feita pelo ministro dos negocios estrangeiros ácerca dos acontecimentos de Alcoy, e que pede ao governo que proceda com energia. Está-se discutindo.

Madrid 12, ás 10 horas e 50 minutos da tarde—A proposta relativa aos acontecimentos de Alcoy é approvada por unanimidade.

O ministro da fazenda diz que a approvação da proposta obriga o governo a applicar a pena de morte, mas que o governo attenuará os rigores da lei.

Desmente-se a noticia dos assassinios em Toro.

Os insurgentes de Alcoy não deixam sair da cidade senão as mulheres e as creanças. Estão presos todos os padres.

A fabrica de papel de Villagordo foi incendiada.

Madrid 13, ás 8 horas e 25 minutos da tarde—Velarde entrou em Alcoy. Foi desarmada a policia. Os principaes chefes da insurreição evadiram-se.

Os insurgentes de Cartagena, capitaneados por Galves, nomearam uma junta de salvação publica.

O destacamento de Puenta la Reina capitulou, entregando-se aos carlistas com as armas e duas peças.

Com o chefe carlista Elio andam oito officiaes allemaes.

Rippoll marcha sobre Malaga.

Madrid 14, ás 12 horas e 30 minutos da tarde—Os foragidos de Alcoy abandonaram a povoação, na maior desordem, diante das tropas de Velarde.

As fabricas e demais edificios incendiados continuam ardendo. O espectaculo que offerece Alcoy é commovedor, e pelos campos e aldeias immediatas não se vêem mais que familias desamparadas, fugindo aos horrores dos internacionalistas.

O general Contreras commanda os sublevados de Cartagena. Na esquadra occorreram symptomas de sublevação; mas foram dominados.

Em outros varios pontos da nação coincidiram mais incendios e desordens com os de Alcoy.

A facção do Norte tem augmentando.

Espera-se modificação ministerial.

Madrid 14, ás 2 horas e 2 minutos da tarde—O general Contreras tomou o commando dos insurgentes de Cartagena, que estão senhores da cidade toda. Teme-se que venham apoderar-se do arsenal e dos navios. O ministro da guerra partiu para Cartagena, mas não poude passar da estação de Palma.

ANNUNCIOS

1 QUEM QUIZER COMPRAR uma porção de pipas de varios tamanhos, dirija-se á rua da Sophia, n.º 66—Manoel José Pereira.

2 PELA SECRETARIA dos hospitaes da Universidade se faz publico, que, na casa da rouparia dos mesmos hospitaes, se comprarão pannos de linho, todas as terças feiras, ás 10 horas da manhã.

Secretaria dos hospitaes da Universidade em 14 de Julho de 1873.

Herculano Santa Barbara, secretario.

DENTISTA

CEREGHETTI DOMINIQUE

CIRURGIÃO DENTISTA SUISSO

3 FAZ SABER ao respeitavel publico conimbricense, de quem ha recebido tantas provas de consideração, que tenciona demorar-se nesta cidade, por espaço de algum tempo.

O mesmo annuncia a todas as pessoas que, alem de fazer dentaduras completas, pôr dentes, extrahir estes e as raizes, e limpar os dentes com a maior perfeição, sem deteriorar o esmalte dos mesmos, tambem empasta e concerta os que estiverem cariados, com pasta não conhecida até hoje, e tira callos, sem que a pessoa operada sinta o menor incommodo; podendo desde logo usar de calçado apertado, e andar com todo o desembaraço como se nunca tivera tido callos.

Quem precisar do seu prestimo dirija-se ao largo de Samsão, ao fundo da rua das Figueirinhas, n.º 52.

CAIXA FILIAL DO

BANCO COMMERCIAL DE VIANNA

EM COIMBRA

Rua da Calçada, 40, 1.º andar (provisoriamente.)

Faz as seguintes operações:—Desconta letras da terra e de cambio, e titulos commerciaes a ordem; toma e fornece letras e cartas de credito sobre qualquer praça do paiz, ou estrangeira em que tenha agencias. Empresta sobre ouro, prata, pedras preciosas, titulos de divida publica e acções proprias, ou d'outros bancos e companhias. Recebe dinheiro em conta corrente e a prazo fixo. Encarrega-se da compra e venda d'inscripções e outros titulos do estado, acções de bancos, companhias ou outros quaesquer estabelecimentos.

CORRIDAS DE TOUROS

5 NOS DIAS 25, 26 e 27 do corrente, havera na villa de Cantanhede corridas de 21 bravissimos touros, por occasião dos festejos de S. Thiago. São do muito acreditado lavrador, J. N. Vaz. O ultimo touro de cada tarde será para os curiosos.

Attenção

Farinha de trigo da acreditada Fabrica do Beato Antonio de Lisboa

AGENCIA, RUA DA REBOLEIRA, 27

PORTO

6 NESTA AGENCIA se encontra farinha de toda a qualidade, desde a mais fina até semea, e ensacada em muito boa sacaria.

Estas farinhas concorrem vantajosamente com a americana e hespanhola, tanto em preço como em qualidade.

Cumprem-se ordens das provincias.

7 PELA ADMINISTRAÇÃO DOS HOSPITAES se faz publico, que nos mesmos hospitaes se compram fios de panno de linho, até ao preço de seiscentos reis por kilogramma. Secretaria da administração dos hospitaes da Universidade, em 8 de Julho de 1873.

Santa Barbara,
Secretario.

Chapeus para cabeça

8 ANTONIO HENRIQUES DE CARVALHO, com estabelecimento na praça de S. Bartholomeu, acaba de receber um lindo e variado sortimento de chapeus de seda e palha, para senhora. São os mais modernos gostos, e tanto para visita como para campo.

Preços commodos.

9 CORTIÇAS de Fôja e Ceiça. Arrendam-se por 8 annos, em praça, no dia 17 de Julho, em Monte Mór o Velho, na administração do concelho. Condições ahi patentes.

O engenheiro chefe de divisão.

B. Barros Gomes.

IDEALISMO E SENTIMENTOS

10 POESIAS pelo auctor dos Arpejos d'Alma, A. Florencio Ferreira.

Este 2.º livro do sr. Antonio Florencio Ferreira, em que se encontra a maior variedade de poesias, muitas dellas proprias para recitar ao piano, vende-se nas lojas do costume e envia-se para as provincias a quem mandar em estampilhas o seu importe, 400 reis, á typographia da *Mocidade*, rua da Cruz dos Poyares, n.ºs 86 e 88, Lisboa, em carta subscriptada ao auctor.

11 PELA SECRETARIA dos hospitaes da Universidade, se faz publico, que domingo, 20 de Julho, pelas 10 horas da manhã, na secretaria dos mesmos hospitaes, se hade proceder á arrematação da vacca—leite de vacca, de cabra e de burra—rapé e cigarros—azeite—lenha e carvão de cepa; cujo fornecimento terá principio no 1.º d'Agosto proximo, e ha-de findar em 30 de Junho de 1874.—Para a arrematação da lenha e carvão se dão os seguintes esclarecimentos.

Fornecimento aproximado para o anno economico de 1873-1874:

CARVÃO DE CEPA

Alqueires 3:504.
Peso total 14:251 kilog.
Peso medio de cada alqueire 4 kilog.
Importancia total 227$425.
Peso medio de cada alqueire 64,9 rs.
Preço medio de cada kilog. 15,9 rs.

LENHA

Carradas do mercado

Numero de carradas 228.
Peso total 136:800 kilog.
Peso medio de cada carrada 600 kilog.
Importancia total 342$000 rs.
Preço medio de cada carrada 1$500 rs.
Preço medio de cada 10 kilog. 25 rs.

Carradas do ultimo fornecedor

Numero de carradas 137
Peso total 137:000 kilog.
Peso medio de cada carrada 1:000 kilog.
Importancia total 316$100 rs.
Preço medio de cada carrada 2$300 rs.
Preço medio de cada 10 kilog. 23 rs.

Secretaria da administração dos hospitaes da Universidade, em 14 de Julho de 1873.

Herculano Santa Barbara, secretario.

DOCTOR IN ABSENTIA

12 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a *Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra)*, o qual lhes dará gratuitamente todas e quaesquer informações sobre a Universidade.

13 O MANHOLA, ao arco de S. Thiago, tem no seu armazem vinho muito bom, que vende por preços muito commodos ao quartão; sendo tinto a 280 e 320, e mais especial 360; e branco bom a 360, e muito especial a 440. Tambem vende aos almudes e ás pipas.

NUMERO 2711 — SABBADO 19 DE JULHO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Uma epocha de transformação social, parece ameaçar nas principaes nacionalidades da Europa as instituições, derrocando tudo o que o tempo, a experiencia e a razão publica tinham levantado e conservado em nome dos interesses da communidade.

A imaginação escandecida de muitos espiritos, desvairados pelas falsas ideias de uma rapida e inconsiderada mudança nas organisações governativas, e nas condições da vida social, tem incutido nos animos mais exaltados, e desconhecedores dos deveres sociaes e humanitarios, que devem prender todos os interesses, todos os individuos e todas as nacionalidades do mundo civilisado, ideias verdadeiramente subversivas, e de todo o ponto anarchicas.

Não ha ainda muito tempo que a capital da França mostrou nas scenas horrorosas da *communa*, até onde podem levar essas ideias exaggeradas e subversivas dos propugnadores do socialismo; e já a infeliz Hespanha está passando por uma crise temerosa, em tudo semelhante á de Paris, nos intuitos e nos excessos que se estão praticando.

Os acontecimentos sanguinarios de Alcoy são devidos, segundo affirmam os jornaes do visinho reino, á propaganda socialista da sociedade *Internacional*, que aproveita todas as desintelligencias entre os cidadãos, para proclamar as suas falsas doutrinas, e para pôr em execução o seu plano de horrores. E dizem os propugnadores destas ideias, que o seu systema tem por base a egualdade e a justiça!

Mas não, a razão humana não concebe, que em nome do principio santo da justiça e da egualdade, se pratiquem o roubo, o assassinio, o incendio, e todos os excessos e desvairamentos, por meio dos quaes esses espiritos obsecados, pretendem implantar as suas doutrinas. Nem as reformas sociaes, que tem por fundamento a justiça e a fraternidade, que são a verdade e o amor, se podem jámais conseguir por meios torpes e degradantes.

Sómente pela illustração dos espiritos, pela instrucção derramada em todas as classes sociaes, pela razão recta e esclarecida, é que os povos hãode alcançar as reformas mais uteis no regimen publico.

Nesta epocha de revoltosa agitação em que vivemos, ha necessidade de a imprensa jornalistica tomar a attitude grave, que lhe compete, como um dos mais poderosos elementos de civilisação para combater este estado de cousas, ensinando e propagando as sãs doutrinas da justiça, da razão, da liberdade e do progresso, no remanso da paz e da ordem; porque são estas as condições indispensaveis para se operarem as reformas de maior interesse publico, e de mais immediata conveniencia social.

E' necessario que todos pensem na responsabilidade, que contrahem aquelles que, sobre qualquer pretexto, tentarem perturbar a ordem.

Não cremos que em Portugal as doutrinas demagogicas tenham obtido muitos adeptos; nem a boa indole deste povo aceita taes ideias. A grande maioria do povo portuguez, amigo da ordem e da tranquillidade, e respeitador da justiça e do dever, repelle todos os excessos, quer elles sejam praticados em nome da reacção, quer em nome dos partidos exaltados.

A folha official trouxe-nos hontem uma agradavel noticia, que prova o estado de prosperidade da nossa fazenda publica, e a confiança que geralmente se deposita na actual situação politica.

Pelo ministerio da fazenda se annuncia, que o juro dos emprestimos ao thesouro, com o vencimento do dia 17 do corrente mez inclusivè, ficará reduzido até nova resolução, a 6 por cento, entendendo-se que serão embolçados os mutuantes, aos quaes aquella disposição não convier.

Por esta forma, a diminuição de ½ por cento em uma divida tão avultada como a *fluctuante*, é de uma extraordinaria vantagem para o thesouro, e revela a plena confiança que os capitalistas tem na actual gerencia governativa.

Para isso concorre muito o socego publico e a boa direcção que tem levado os negocios do estado.

Este facto é altamente lisonjeiro e muito significativo, embora a opposição se esforce por annullar o seu effeito.

Diz um correspondente da capital, filiado nos partidos da opposição, que o

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXXVIII

D. CARLOS

XXVIII

Propagou-se pelo interior o movimento das capitaes já mencionadas, prendendo na pacifica Castella a Velha o fogo da insurreição. Em Valladolid foi obrigado Castañon, não obstante contar com 3:000 homens de tropa, a mandar que se evacuassem e cerrassem os conventos a 18 de Agosto de 1835.

Nesse mesmo dia teve o general Jalon de fazer o mesmo em Salamanca; assim como em Malaga o governador Santa Cruz.

No dia 19 a população de Cadix invadiu os conventos, seguindo outras cidades tão pernicioso exemplo.

Só em Burgos e em Palencia poderam as energicas exhortações da auctoridade evitar eguaes tropelias.

Em resultado desta perseguição ficaram os frades supprimidos de facto em Hespanha; como o foram em breve por um decreto.

Não era, porem, a sua extincção o principal objecto do movimento revolucionario; outro era o intento. Aragão lançou a luva, e Malaga se levantou tambem no dia 23, proclamando a constituição, e nomeando uma junta directora do governo.

Seguiram-se logo revolucionando-se, e nomeando juntas, Cadix, Sevilha, Granada, Almeria, Jaen, Cordova, Valencia, Alicante, Murcia, e outras muitas cidades.

Em quanto em todas as provincias se formavam juntas revolucionarias, o governo, impotente contra ellas, se entretinha em combatel-as, publicando na *Gazeta* artigos doutrinaes, discutindo debaixo de todos os aspectos os desejos dos pronunciados. Dura e forte a sua linguagem quando esperava vencel-os, recommendava a união e a tolerancia agora que os temia.

Quando enviava tropas a reduzir alguma povoação, a defecção dellas era a immediata consequencia, como succedeu com a columna, que sob o commando de Latre, dirigiu contra a Andaluzia.

O gabinete cada vez mais offuscado e temerario, chegou em seu excessivo amor proprio até ao extremo de comprometter o throno, envolvendo-o na sua ruina. Só com a assignatura da rainha governadora, publicou em 2 de Setembro um ameaçador manifesto a nação.

Este imprudente manifesto, que só podia ter aconselhado com conhecimento de causa o maior inimigo da rainha governadora, prova a torpeza dos ministros, e dá logar a bem amarga censura. Viu-se, com effeito, o impolitico e inopportuno do manifesto, nas manifestações que contra elle produziram a maior parte das juntas.

A medida que tinham logar estas publicações, ia-se robustecendo o poder revolucionario, constituindo-se em Barcelona uma junta governativa, decidida a oppor-se ao que o governo resolvera, por tender á dissolução do estado; e em Cadix se declarou unanimemente o conde de Toreno, reu de alta traição.

Ao mesmo tempo via-se o governo abandonado de todos, e já era uma temeridade desafiar a tormenta que ameaçava inundar a Hespanha de calamidades. O exercito do norte era o unico que restava ao governo; porem a causa da rainha perigava, e se batia aos seus companheiros, iam contar-se duas guerras civis na peninsula.

Em tão terrivel situação, volta Toreno os olhos para os estranhos, e insta pela intervenção estrangeira, para destinar alguma parte do exercito das provincias a suffocar a insurreição.

O governo francez, porem, recusa-se, pelo seu *memorandum* de 8 de Setembro de 1835, com o fundamento de que a França não era obrigada a soccorrer a Hespanha, para o fim que pretendia o seu governo.

Esta negativa foi um golpe de morte para o ministerio, que tambem era combatido pelo governo inglez, o qual fez apressar a ida para Hespanha de Mendizabal, o Messias dos liberaes.

Antes, porem, de proseguirmos na noticia desta revolução, precisamos de voltar a factos anteriores.

O general D. Luiz Fernandes de Cordova, tinha sido nomeado commandante do exercito do norte, e apresentando-se no dia 2 de Julho em Bilbau, preparou o seu plano de campanha. (a)

Sabedor o general em chefe carlista, D. Vicente Gonzalez Moreno, do desgosto que no seu proprio partido causara a sua nomeação, por fallecimento de Zumalacarregui, e de quanto o contrariavam, procurou fazer-se digno do commando que D. Carlos lhe confiara; e já que não podera impedir a marcha do exercito de Cordova, pela Peña de Orduña, decidiu-se a sitiar a Puente la Reina, destacando para esse effeito o general Eraso.

Este chefe reconheceu e circumvallou a povoação, e a 13 de Julho de 1835 já tinha collocadas as baterias. Os atiradores, estreitando-se cada vez mais, sustentavam um vivo fogo a meio tiro de espingarda, que foi respondido pela infanteria e artilheria do forte. Saint Just, que o commandava, não esperava prompto soccorro, e cheio de energia, fez uma sortida tão arrebatada, com 150 homens, divididos em dois pelotões, que deu em resultado a morte de 12 artilheiros, os quaes guarneciam a trincheira, e a occupação desta e das peças e munições.

Tres batalhões que enviou nesse momento Eraso, que dirigia o sitio, não deram tempo para conduzir ao forte as quatro peças, duas das quaes foram encravadas, nem o total dos effeitos apprehendidos.

Os 150 bravos liberaes fizeram frente a tão superiores forças, retirando-se quando foi prudente. Depois desistiram os carlistas do

(a) Este mesmo general Cordova, que em 1835 fora nomeado commandante do exercito liberal do norte, e acceitando esse posto, se foi bater com os carlistas; acaba agora de recusar o convite que lhe fez o governo republicano de Madrid, para ir exercer egual commando.

capital *teima* em se offerecer ao estado. Boa *teima* é esta, a qual se não via quando a opposição geria os negocios publicos; porque então o capital *teimava* em se não offerecer.

Notavel differença!

Por interessar a muitas familias, transcrevemos em seguida do *Diario do Governo* uma portaria e um decreto, relativos ao recrutamento militar.

«Tendo o governador civil de Leiria suscitado duvidas, no seu officio de 8 do corrente mez, sobre a legalidade da admissão, como substitutos, dos mancebos que, excedendo hoje a edade exigida na lei do recrutamento para serem recenseados, não o foram por dolo, ou omissão, quando tinham a edade de 20 a 21 annos; e dispondo o artigo 10.º da lei de 4 de Junho de 1859, que nenhum mancebo poderá ser admittido como substituto sem que mostre ter já directamente satisfeito as obrigações que lhe impõe a lei do recrutamento, e que possue os requisitos exigidos para os voluntarios no artigo 9.º da lei de 27 de Julho de 1855:

Manda Sua Magestade El-Rei declarar ao mesmo magistrado, que, em vista deste preceito, não estão no caso de ser recebidos, na qualidade de substitutos, os mancebos que por qualquer circumstancia deixaram de ser recenseados quando tinham a edade legal.

Paço, em 11 de Junho de 1873.—*Antonio Rodrigues Sampaio.*»

«Tendo em vista o disposto no § 2.º do artigo 55.º da lei de 27 de Julho de 1855: hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º E' fixado na quantia de 120$ reis o preço das substituições dos recrutas do anno de 1872, para todos os effeitos das leis do recrutamento, não prejudicando pelo disposto na carta de lei de 17 de Abril proximo findo.

Art. 2.º O preço das substituições para os refractarios será de 320$000 reis ou oito terças partes daquelle acima fixado, correspondente aos oito annos de serviço effectivo a que estão sujeitos os recrutas refractarios, nos termos do artigo 4.º da lei de 9 de Setembro de 1868.

O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario de estado dos negocios da guerra, e o ministro e secretario de estado dos negocios do reino, assim o tenham entendido e façam executar. Paço, em 18 de Junho de 1873.=REI. = *Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello* = *Antonio Rodrigues Sampaio.*»

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PREMIOS

Faculdade de Direito

1.º ANNO

1.º *accessit*—Antonio Augusto Gomes de Almendra, filho de Manoel Carlos Gomes de Almendra, de Vinhaes, districto de Bragança.

2.º *accessit*— Constantino Ferreira de Almeida, filho de Manoel Antonio Ferreira, de Braga.

Distinctos

Bernardo Joaquim Cardoso Botelho, filho de Bernardo Joaquim Cardoso, de Formillo, districto de Vizeu.

Domingos de Sousa Moreira e Freire, filho de Antonio Mancellos e Sousa, de Bisarães, districto do Porto.

Antonio Julio Pimentel Martins, filho de José Antonio Martins, de Bragança.

Gil de Oliveira Pontes, filho de Manoel José de Oliveira Pontes, de Grijó, districto do Porto.

Albano Augusto de Abranches Calheiros, filho de Joaquim Augusto de Abranches, de Vallezim, districto da Guarda.

José Osorio da Cunha Mesquita Oliveira Homem, filho de Alexandre José Nunes da Cunha, da Aldeia de Santo Antonio, districto da Guarda.

2.º ANNO

Premio—Antonio Candido Ribeiro da Costa, filho de pae incognito, de Candemil, districto do Porto.

1.º *accessit*—João Jacintho Tavares de Medeiros, filho de Manoel Medeiros Tavares, da villa do Nordeste, ilha de S. Miguel.

2.º *accessit*—José Braz da Costa, filho de Joaquim Braz da Costa, de Tonda, districto de Vizeu.

Distinctos

João Domingues Ferreira Cardoso, filho de Domingos José Francisco, do Porto.

Gonçalo Joaquim Fernandes Vaz, filho de José Joaquim Fernandes Vaz, de Darque, districto de Vianna do Castello.

Domingos Pinto Coelho, filho de Carlos Zepherino Pinto Coelho, de Lisboa.

José Cabral Teixeira Coelho, filho de Manoel Teixeira Cabral, de Sarnadello, districto de Villa Real.

José Maria Pereira de Lima, filho de Domingos Maria Pereira, de Coimbra.

Roberto Alves de Sousa Ferreira, filho de José Alves de Sousa Ferreira, da villa da Feira, districto de Aveiro.

José Eduardo Simões Baião, filho de José Simões Baião, dos Cabaços, districto de Coimbra.

Casimiro Arthur Pereira Lopo, filho de João Baptista Hypolito Lopo, de Estevaes, districto de Bragança.

Francisco Bento da Silva Carvalho, filho de José Bento da Silva, de Gouvea.

Pedro Nicolau de Freitas Esmeraldo, filho de Estevão de Freitas Esmeraldo, do Funchal.

João Joaquim Isidro dos Reis, filho de Joaquim Isidro dos Reis, da Chamusca, districto de Santarem.

3.º ANNO

Premio—Antonio Lopes Guimarães Pedrosa, filho de Antonio Lopes Guimarães, de Lavos, districto de Coimbra.

Os lentes do 3.º anno sentiram que o sr. José Frederico Laranjo não estivesse habilitado para classificação, por não ter entregue o seu exercicio na aula de finanças.

1.º *accessit*—Julio Pereira de Carvalho e Costa, filho de José Pereira de Carvalho e Silva, de Aveiro.

2.º *accessit*— João Alexandrino de Sousa Queiroga, filho de José Augusto de Sousa Queiroga, de Santarem.

3.º *accessit*—Arthur Alberto de Campos Henriques, filho de José Antonio de Campos, do Porto.

4.º *accessit*—José Frederico Emauz do Casal Ribeiro, filho do conde do Casal Ribeiro, de Lisboa.

Distinctos

1.º Antonio dos Santos Rocha, filho de Manoel dos Santos Rocha, da Figueira, districto de Coimbra.

2.º Annibal Augusto de Mello, filho de Jeronymo José de Mello, de Coimbra.

3.º Francisco Lopes de Guimarães Pedrosa, filho de Antonio Lopes Guimarães, de Lavos, districto do Coimbra.

4.º Luciano Affonso da Silva Monteiro, filho de Abilio Affonso da Silva Monteiro, de Coimbra.

5.º José da Silva Fernandes, filho de José Fernandes, de Tavira.

6.º José Augusto Alves de Magalhães, filho de Augusto Cesar de Magalhães, de Paredes, districto do Porto.

7.º José Henriques Palma de Almeida, filho de José Henriques de Almeida, da Lourinhã, districto de Lisboa.

4.º ANNO

Accessit—Antonio de Assis Teixeira de Magalhães, filho de Francisco de Assis Teixeira, de Feigueiras, districto do Porto.

Distinctos

1.º Nuno Ferreira Jardim, filho de Miguel Ferreira Jardim, do Funchal.

2.º Antonio Candido de Figueiredo, filho de Francisco de Figueiredo, de Lobão, districto de Vizeu.

3.º Antonio Guedes de Carvalho e Menezes, filho de pae incognito, de Penafiel.

4.º Joaquim Bernardo da Rocha Saraiva, filho de Simão Bernardo da Rocha Saraiva, de Trancoso.

5.º ANNO

1.º *accessit*—João da Cruz Matheus, filho de José Nunes da Cruz, de Tortuzendo, districto da Guarda.

2.º *accessit*—José Lapa Fernandes Manoel, filho de João Fernandes Manoel, de Estombar, districto de Faro.

---

seu intento, ao aproximar-se o general Cordova. *(b)*

Os sitiados perderam pouco mais de uma duzia de homens, entre mortos e feridos, e alguns mais os sitiadores.

Cordova permanecia em Victoria abastecendo-a, e ao saber a apresentação dos carlistas em Puente la Reina, marchou rapidamente por Peñacerrada e Logronho, para onde foi a terceira divisão da guarda; e por Lerin a Sesma a vanguarda e divisão de cavallaria. A primeira divisão saiu de Elciego a Oyon; e a segunda de Samaniego e Paganos a Viana, salvando segunda vez um ponto tão interessante.

Conseguindo o seu objecto, pernoutou a 14 de Julho em Larraga.

Instruido Moreno de seus movimentos, propoz-se a observal-o de perto, para o bater com opportunidade, e na mesma noute descançou em Mañeru e suas immediações.

No dia seguinte passou o Arga, e se apoderou das brilhantes posições que dominam a Mendigorria.

Moreno havia collocado o seu quartel general em Mendigorria, onde se alojou D. Carlos com o quartel real, e as suas tropas nas posições immediatas, que occupavam toda a extensão desde a esquerda do Arga, pelo caminho baixo de Larraga e cerro da Corôa, até perto da confluencia do caminho de Obanos, com a estrada de Puente la Reina. Á direita do rio estava a divisão alaveza, a fim de observar e proteger, em caso de necessidade, a retirada das demais forças.

A linha de batalha tinha defendida a sua direita pelo rio Arga. A esquerda estava defendida pela propria escabrosidade do terreno.

Cordova, tendo debaixo das suas ordens a Espartero, Gurrea, e outros generaes, atacou valentemente, no dia 16 de Julho, os carlistas. Depois de uma forte luta é occupada Mendigorria pelas tropas da rainha. Intentaram estas varias vezes forçar a ponte sobre o Arga, defendida com bizarria pelo general carlista Villarreal, até que tiveram de retirar-se por se lhes haver acabado as munições.

Foi então que Espartero á frente de um batalhão, accommette á baioneta aos bravos defensores daquella communicação, e os derrota e persegue meia legua até Cirauqui, recebendo o seu cavallo duas balas, por cujo acto de bravura foi depois condecorado com a grão-cruz de Isabel a Catholica.

O centro da linha acclamava ao mesmo tempo a Isabel II nas ruas de Mendigorria; e Gurrea fez mais completa com a sua ala direita a dispersão dos carlistas, obrigando a muitos a lançar-se ao Arga.

Ardendo em ira Moreno, e correndo de um lado para o outro, procura refazer suas dispersas tropas, e voltar o rosto ao abrigo da reserva. Occupa com ellas as elevadas posições de Cirauqui, Mañeru e Lorca; porem são forçadas sem deter-se pelos liberaes, e de novo estes triumpham, desordenando completamente aos carlistas, perseguidos sem descanço.

O barão de Meer, Tello, Bernuy, Rivero, Mendez Vigo, Correa, ajudante de Tello, Montenegro, Buerens, Oráa, Barreiros e outros, foram mencionados por Cordova na sua parte ao governo, alem dos chefes de brigadas e divisões, da maneira mais honrosa.

Os carlistas tiveram perto de 2:000 baixas, entre mortos, feridos, prisioneiros e passados; e custou uns 1:000 ao exercito liberal o vencimento.

Por parte do exercito liberal não se soube tirar todo o resultado possivel desta victoria, perseguindo o inimigo; mas tambem se não fosse o general carlista Villarreal, o exercito de D. Carlos teria soffrido muito maior desastre.

O general em chefe Moreno chegou a ter a indiscrição de alojar D. Carlos em Mendigorria, quando nada tinha disposto para a sua defeza, e quando em caso de uma derrota, não tinha outra retirada senão uma ponte, que naturalmente se obstruiria com os fugitivos, se não fosse antes occupada pelo inimigo para impedir este unico meio de salvação. Se não fosse Villarreal, D. Carlos ficava prisioneiro dos liberaes.

Moreno correu a Estella occultar a sua derrota; e Cordova foi para Pamplona ostentar o seu triumpho, que lhe valeu o posto de tenente general. *(c)*

Se o partido de D. Carlos tinha generaes como Zumalacarregui, Cabrera, Zaratiegui, Gomez, Villarreal, Eraso, Eguia, Elio, e outros de egual merito; havia no partido liberal para se lhes contrapor, generaes como Cordova, Espartero, Oráa, Narvaez, Meer, Leon, O'Donnell, Alaix, Zabala, Concha, Van-Hallen, Ribero, e outros muitos.

Actualmente estão em Hespanha dissolvidos todos os vinculos sociaes; quasi que não ha exercito; e os generaes que se cobriram de louros a favor da causa da liberdade, na guerra de 1833 a 1840, não querem commandar soldados, mais insubordinados do que guerrilhas.

E no meio de todo isto, os carlistas acham-se á vontade, D. Carlos entra em Hespanha, os sinceros liberaes cruzam os braços á vista das atrocidades praticadas pela mais vil escoria da sociedade; e tudo se prepara para vermos em breve repetidas as expedições dos carlistas, do norte para o sul da Hespanha, como foram as dos generaes Gomez, Zaratiegui, Balmaceda, Garcia, conde de Negri, e do proprio D. Carlos, o qual chegou a tocar com a espada ás portas de Madrid.

Acontecerá agora o mesmo, que a essas expedições, nenhuma das quaes triumphou: ou veremos o neto de D. Carlos entrar em Madrid, e conseguir o que não obteve seu avô em 1837?

Em breve se verá!

Do que succeder de fatal para a liberdade, tremenda responsabilidade recahirá sobre os taes chamados republicanos, que estão impellindo a Hespanha para um abysmo de desgraças.

Ao que está a succeder no paiz visinho, se pode com justiça applicar o celebre dito de Madame Roland, ao subir ao cadafalso em 1793:— *Oh liberdade, que crimes se commettem em teu nome!*

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

(b) Como acabam de ver os nossos leitores, os carlistas pozeram cerco a *Puenta la Reina* em 13 de *Julho* de 1835; mas tiveram de desistir do seu intento, pela valentia da guarnição e pela aproximação do exercito liberal do general Cordova.

Tambem os nossos leitores viram em o numero passado do *Conimbricense*, uma parte telegraphica, datada de Madrid, no dia 13 de *Julho* ultimo, annunciando que—«o destacamento de *Puente la Reina* capitulara, entregando-se aos carlistas com as armas e duas peças.»

Assim, passados 38 annos, contados *dia a dia*, obtiveram os carlistas, o que não poderam conseguir em 13 de Julho de 1835.

A differença é que, em 1835, o general carlista Eraso teve contra si a bravura da guarnição e a aproximação de um exercito liberal; e agora o general carlista Elio, teve a seu favor o entregar-se-lhe a guarnição sem resistencia, e não ser impedido por nenhum exercito republicano.

(c) Na guerra dos 7 annos, a par de muitos factos horrorosos, praticados pelos anarchistas, havia ao menos exercitos liberaes aguerridos, e enthusiastas pela causa da liberdade, que se umas vezes eram derrotados, noutras venciam com grande heroismo os carlistas.

3.º *accessit*—José de Vasconcellos Mascarenhas Pedroso, filho de Jesuino Maximo Pedroso, da Chamusca, districto de Santarem.

4.º *accessit*—Alberto Antonio de Moraes Carvalho Junior, filho de Alberto Antonio de Moraes Carvalho, de Lisboa.

INFORMAÇÕES

José de Vasconcellos Mascarenhas Pedroso—M. B., com 16 valores.

Alberto Antonio de Moraes Carvalho Junior —M. B. 16.

Arthur Torres da Silva Fevereiro, filho de Agostinho Nunes da Silva Fevereiro, de Castello Branco—M. B., 16.

João da Cruz Matheus—M. B., 16.

José Lapa Fernandes Manoel — M. B., 16.

Augusto Neves dos Santos Carneiro, filho de Domingos dos Santos Carneiro, de Varzea de Goes, districto de Coimbra—B., 15.

José Joaquim Borges de Azevedo Ennes, filho de José Joaquim Borges da Silveira, de S. Jorge—B. 15.

Fernando Pereira Palha, filho de Estevão José Pereira Palha, de Lisboa—B. 15.

Luiz Guedes Coutinho Garrido, filho de Elysio Guedes Coutinho Garrido, da Figueira da Foz—B. 15.

Francisco Maria Veiga, filho de José Caetano Veiga, de Almeuara, districto da Guarda —B. 15.

José Joaquim de Castro Feijó, filho de José Agostinho de Castro Feijó, de Ponte do Lima —B. 15.

José Joaquim de Oliveira, filho de Joaquim José de Oliveira, de Azinhoso, districto de Bragança.—B. 15.

José Diniz da Fonseca, filho de Antonio Diniz, da Cerdeira, districto da Guarda—B. 15.

José Maria Gonçalves Pavão, filho de João Baptista Gonçalves Pavão, de Villarinho de Tanha, districto de Villa Real—B. 15.

Antonio Moreira da Camara Coutinho de Gusmão, filho de Thomé Ignacio Moreira da Camara, da ilha de S. Miguel.—B. 14.

Antonio Antão da Silva Rosa, filho de Joaquim José da Silva, de Gavião, districto de Portalegre—B. 14.

Arsenio Augusto Torres de Mascarenhas, filho de José Jacob de Carvalho, da Covilhã —B. 14.

Augusto Alves de Almeida Araujo, filho de Antonio Alves d'Almeida Araujo, de S. Martinho de Penafiel, districto do Porto—B. 14.

Narciso Maximiliano Alvares de Carvalho, filho de Antonio José Alvares, de Mondim de Basto, districto de Villa Real—B. 14.

José Jorge de Gouvea Osorio, filho de Antonio Jorge de Gouvea Osorio, de Tendaes, districto de Vizeu—B. 14.

Antonio Maria de Carvalho, filho de pae incognito, da Louzã—B. 14.

Alfredo Teixeira Pinto Leão, filho de Joaquim Teixeira Pinto, de Sinfães, districto de Vizeu—B. 13.

Alberto de Sousa Larcher, filho de José de Sousa Larcher, de Portalegre—B. 13.

Alfredo Carlos Passanha, filho de Carlos José da Fonseca Passanha, de Moura, districto de Beja—B. 13.

(Concluiremos as Informações no numero seguinte.)

NOTICIARIO

Estatistica. — Sabemos que o actual lente do 1.º anno mathematico, vae publicar o mappa do movimento dos estudantes do 1.º anno de Faculdade de Mathematica, desde 1840 até 1873 inclusivè; para desta maneira destruir os preconceitos relativamente ao seu pretendido rigor.

Por essa occasião faremos as reflexões que a justiça realmente pede.

Capellos.—Tomam amanhã capello na Faculdade de Mathematica os srs. Manso Preto e Ramos. São os unicos doutoramentos, que tem logar no presente anno lectivo.

Noticias agricolas.—Tem augmentado muito a molestia das vinhas, esperando-se colheita mediana. A producção do milho deve ser abundante, e já se tem colhido algumas porções deste cereal. E' escaça a funda dos cereaes de pragana, mas esta falta não é geral. As eiras estão agora em plena actividade, e o tempo ventoso corre favoravel para os trabalhos de debulha. Ha abundancia de fructa, principalmente peras e maçãs. As hortas apresentam bom aspecto, e o estado sanitario dos gados é regular, abundando os alimentos, especialmente o milho verde.

Suicidio—Uma criada de servir nesta cidade, chamada Ludovina, e natural de Torre de Villela, envenenou-se hontem. Foi hoje conduzida para a egreja de Santa Cruz, e se hade proceder á autopsia do cadaver.

Festividade.—Amanhã celebra-se em Santo Antonio dos Olivaes a festa de Nossa Senhora das Dores. E' uma funcção religiosa que attrae grande concorrencia e que inspira muita devoção.

Mesa de desenho. — Ficou organisada a mesa de desenho no lyceu desta cidade, dos srs. Henrique de Macedo, Dr. João José de Mendonça Cortez, e Theodoro da Motta.

Fallecimento.—O nosso prezado amigo o sr. Adelino Augusto Pereira de Carvalho, digno escrivão do juizo de direito desta comarca, acaba de passar por uma dura provação, fallecendo-lhe hontem de parto a sua querida esposa.

Associamo-nos do coração á profunda dor, que opprime o nosso amigo.

Banhos.—Luso está muito concorrido, e as praias do mar principiam a povoar-se. Na Figueira da Foz espera-se grande concorrencia de banhistas, e já é difficil encontrar casas boas para alugar. Muitas familias tencionam passar alli os dous mezes de Agosto e Setembro. Tambem são esperadas algumas familias hespanholas.

Festas de S. Thiago.—A villa de Cantanhede prepara-se com enthusiasmo para as proximas festas de S. Thiago. Haverá tres corridas de touros. O passeio é agradavel em diligencia, porque a estrada é excellente. E' força confessar, que nestes ultimos annos muito tem progredido o districto de Coimbra em melhoramentos materiaes.

Os carlistas em Estella. — Annuncia o telegrapho, que o general carlista Elio tomára Estella.

Em 16 de Novembro de 1835 entrou tambem o general carlista Eguia em Estella, tendo na vespera sahido da mesma cidade o general Cordova.

No folhetim do numero seguinte d'este jornal, seguindo a ordem chronologica dos factos, narraremos esse acontecimento.

Na mesma cidade de Estella, em o dia 18 de Fevereiro de 1839, por causa das grandes intrigas que lavravam entre os chefes carlistas, mandou o general D. Rafael Maroto fuzilar os generaes Garcia, Sanz, Guergué, e Carmona, o intendente Uriz, e D. Luiz Antonio Ibañez.

A seu tempo descreveremos estes fastos extraordinarios, percursores do convénio de Vergara em Agosto do mesmo anno.

Os carlistas em Puigcerdá. — Tambem o telegrapho participa a tomada de Puigcerda, praça forte na fronteira franceza, pelo carlista Saballs.

Em 25 de Novembro de 1837 poz o famoso guerrilheiro carlista Tristany o cerco á praça de Puigcerda. N'esse mesmo dia dispararam os carlistas contra os muros da praça 90 tiros de peça, sem grande exito. O que obtinham os sitiados era mais favoravel, por ser mais certeiro o seu fogo de fuzilaria.

A's 10 horas da noute deram os carlistas signal de assalto, que effectuaram entre espantosa gritaria; porém não poderam vencer a tenaz resistencia dos sitiados, e depois de um quarto de hora de porfiada e inutil luta, voltaram os carlistas ás suas linhas, contando 100 homens de menos.

No dia 26 proseguiu o fogo sem melhor resultado que o do dia anterior; e em a noute de 27 se retiraram os sitiadores para Bagá, por Molina e Coll de Pall.

Os defensores de Puigcerdá, que tinham arvorado uma bandeira negra com uma caveira, cumpriram como bravos, ajudando-os as mulheres e meninos.

Tristany, ao saber que o general liberal Carbó se dirigia ao seu encontro, pretendeu fazer-lhe frente; porem tomou tão más medidas, que o chefe liberal só teve que vencer a debil resistencia que lhe apresentaram dois batalhões mandados por Boquica, e entrou em Puigcerdá com grande contentamento de seus habitantes.

Assim o que os carlistas não poderam obter em Novembro de 1837, conseguiram-no agora em Julho de 1873.

D. Carlos em Hespanha — O actual pretendente, com o titulo de Carlos VII, entrou em Hespanha pela fronteira franceza, no dia 15 de *Julho* de 1873.

O avô delle, com o titulo de Carlos V, entrou em Hespanha, pela mesma fronteira franceza, no dia 10 de *Julho* de 1834.

Telegraphos electricos.— Todos terão ouvido no silencio da noite os sons mais ou menos intensos, que o vento produz nos fios telegraphicos. Este phenomeno faz lembrar o das harpas eolias, e é trivial na ponte do Mondego, junto a Coimbra. Estes sons imitam o zumbido dos insectos, as vibrações de cordas sonoras, o rufar do tambor ao longe, etc.

Muita gente acredita, que os fios telegraphicos só produzem sons durante a passagem de correntes electricas. Esta supposição é um erro, porque as linhas metallicas que servem para a transmissão das noticias, apresentam sons distinctos, independentemente da passagem da corrente electrica.

A causa dos sons está nas vibrações que o vento produz nos fios, especialmente proximo dos postes, em que as linhas offerecem maior tensão. Muitas causas concorrem para variar a intensidade do som, sendo as principaes as seguintes: a direcção do vento; se é prependicular ao fio telegraphico, o som é maior; a força da corrente aeria, a altura dos postes, a sua posição elevada, a distancia que os separa; o som augmenta sempre na rasão directa de todos estes elementos; a natureza da madeira do poste e do terreno em que está firme, tambem influem na intensidade do som. Aproximando o ouvido ao poste telegraphico, e tocando-o com os dedos, sentem-se mais distinctamente os sons e as vibrações.

Riqueza publica.—Para avaliar o grande desenvolvimento commercial, que tem havido em Portugal ha 30 annos, são eloquentes os dados estatisticos publicados em documentos officiaes sobre o movimento de valores de importação e exportação.

Em 1842 exportámos valores na importancia de 6:142:227$637. Nos annos seguintes tem crescido sempre este ramo de commercio, subindo em 1870 a 20:349:262$000 rs.

No mez de Junho ultimo só pela barra do Porto exportaram-se vinhos no valor de reis 493:703$400, e gado vaccum no valor de 254:920$000 rs.

Rendimento da bulla.— Em 30 annos, desde 1842 a 1872 foram distribuidos dos rendimentos da bulla da santa cruzada aos seminarios 484:616$038 reis, e as egrejas pobres 139:006$400 rs.

Propagação da fé.— Affirmam alguns jornaes, que a associação de propagação da fé, protegida na Grã-Bretanha por Pio IX, tem em cofre 900 contos de reis. Esta grande riqueza procede de donativos, colhidos principalmente na França, Allemanha, Belgica Hespanha, Portugal, e tambem na propria Inglaterra.

Emigração.— Tem chegado a Lisboa e a outros pontos do paiz muitas familias hespanholas, que vem fugindo aos horrores que assolam a sua patria.

Velocidade da luz.—Está calculado, que a luz solar percorre o espaço com uma velocidade de 320:000 kilometros por segundo. Uma balla de artilheria impellida com um movimento de 1:000 metros por segundo, conservando sempre esta velocidade, gastaria 5 annos para percorrer o espaço que a luz percorre do sol á terra em 8 minutos e 13 segundos.

Ferraduras.—O systema geralmente empregado para ferrar os cavallos, tem muitos inconvenientes. Usa-se muito nos Estados Unidos da America um processo mais simples, mais economico, mais suave e menos perigoso para o animal. Consiste no seguinte:

A ferradura tem um rebordo saliente que abrange todo o casco. Este rebordo é de aço elastico, e aperta-se por meio de um parafuso, dispensando-se os cravos. Alem das vantagens já indicadas, tiram-se facilmente estas ferraduras quando o cavallo está em descanço, o que allivia muito o animal, e alem disto evitam-se os ferimentos, que tão frequentemente os cravos produzem.

Exame.—Consta-nos que na quinta feira se procedera a exame de corpo de delicto de facto transeunte; sendo accusado o regedor de Almalaguez, deste concelho, de ter, em uma das noutes do mez de Abril, entrado com cabos de policia em uma casa do logar da Tremoa, em que estavam varios mancebos a dançar, fechado a porta, pedindo depois licença á dona da casa para prender um refractario que alli estava, prender effectivamente um mancebo, e depois soltal-o no caminho.

Jubilação.—Foi jubilado o sr. Dr José Teixeira de Queiroz, lente da Faculdade de Mathematica.

Despacho.—Foi nomeado director geral de instrucção publica o sr. Jayme Moniz.

Cemiterio da Conchada.— Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Adelino, filho de João Pereira e Maria Josepha, natural de Coimbra, de 30 mezes, fallecido no dia 8 de Julho.

Recem-nascido, filho de Manoel Antonio e Joaquina da Piedade, natural de S. Francisco, de 12 dias, fallecido no dia 8.

José Correa, filho de Francisco Fernandes Correa e Maria da Conceição, natural de Coimbra, de 2 annos e 9 mezes, fallecido no dia 8.

Maria Isabel d'Assumpção, filha de Manoel Contente Pinto e Julia Adelaide dos Santos, natural de Coimbra, de 3 annos, fallecido no dia 11.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5036.

Noticias de Hespanha.—As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid, 16 de Julho, ás 11 horas da manhã.—Corre o boato de que começaram a manifestar-se hontem symptomas de dissidencia entre os chefes insurgentes de Carthagena. Ha profunda desmoralisação entre os soldados rebeldes que percorrem a cidade em estado de embriaguez, e commettendo excessos. Velarde com as suas tropas chegou ás immediações de Murcia.

Corre o boato de que Estella cahiu em poder de Elio, e Puigcerdá em poder de Saballs. A crise continua.

O resultado das eleições municipaes são em geral favoraveis aos federaes.

Madrid, 16, ás 12 horas e 15 minutos da manhã.—Velarde prepara-se para atacar Murcia, onde Contreras e Pozas continuam adoptando medidas de resistencia.

Affirma-se que Elio está de posse da cidade de Estella, e que Saballs se apoderou de Puigcerdá, praça forte de importancia na fronteira franceza.

Annuncia-se graves symptomas de indisciplina no exercito do Norte, e diz-se que alguns generaes conservadores se preparam para entrar em Hespanha e fazer um supremo esforço em favor da ordem e da liberdade, com os restos ainda existentes do contingente militar.

Não ha noticias de Carthagena nem de Barcelona.

Em Madrid muita agitação e nenhuma solução de crise.

Madrid, 16, ás 5 horas e 50 minutos da tarde.—Ámanhã, leitura do projecto de constituição.

A tomada de Estella pelos carlistas foi confirmada.

Julga-se a formação do ministerio da direita.

O centro declara que, em questões de integridade patria e defeza, será sempre unido com a direita.

Velarde está em Villena, caminho de Murcia.

Os insurgentes de Carthagena estão desunidos e desanimados: 10:000 mineiros entraram na cidade, pedindo salario, em consequencia de estar fechado o porto, e suspenso o trabalho.

Contreras impoz em Carthagena a contribuição de 400 mil escudos.

Assegura-se que fortes bandos carlistas se dirigem a Logroño. Foram enviadas tropas a atacal-os.

As côrtes decidiram por 83 votos contra 55, não durar a sessão, para ter logar a reunião da commissão de constituição.

A Internacional de Barcelona dissolvida; os tecelões, e muitos outros industriaes, separados completamente da sociedade, declaram-se dispostos a apoiar a auctoridade.

Os insurgentes de Murcia têem destruido o tunnel do caminho de ferro.

Madrid 17, ás 10 horas e 15 minutos da manhã—Bayonna 16—D. Carlos entrou em Hespanha na noute passada. Publicou uma proclamação aos voluntarios carlistas, invocando o Deus dos exercitos. Diz que escutando a voz da Hespanha agonisante vem combater por Deus e pela patria. Grande enthusiasmo em Zugarramundi, onde D. Carlos está actualmente com Valdespina e Lizarraga.

Madrid, 17, á 1 hora e 20 minutos da tarde.—A crise continua e os intransigentes exigem o poder. Pi y Margall é objecto de terriveis ataques, não sendo acreditavel que forme ministerio.

Augmentam perigos graves de desordem em Madrid. Sahem muitas familias e tomam-se precauções militares.

Barcelona segue ameaçada pelos internacionalistas e alli tambem se receiam acontecimentos graves.

Affirma-se que os carlistas ameaçam a cidade de Lerida.

Cabrera toma o commando das forças de D. Carlos.

Não ha noticias do estrangeiro.

Madrid, 17, ás 6 horas e 30 minutos da tarde.—Affirma-se que Salmeron e Castelar formaram ministerio.

Corre hoje o boato de que D. Carlos entrou em Hespanha pela fronteira de Bayona e que a França e a Inglaterra reconhecem como belligerantes os carlistas.

Contreras publicou em Carthagena uma proclamação, na qual diz que não sabendo ou não querendo o governo fazer guerra aos inimigos da liberdade, elle e os seus a faziam por sua conta. Tem-se incorpprado a este general muitos fugitivos de Alcoy.

As demais noticias das provincias são más.

Bayona, 17.—O *Correio de Bayona* publica a ordem de D. Carlos de 15 de Julho, communicada por Lizarraga, ordenando ao commandante geral da Guipuscoa, que trate como rebelde a Santa Cruz, se reapparecer á frente de qualquer partida.

Diz que tendo-se esgotado todos os meios de persuasão, para trazer á obediencia a Santa Cruz, quantos servirem ás suas ordens ou o admittirem nas suas fileiras, serão julgados como reus de leza-magestade. Uma carta de D. Carlos ordena a Lizarraga, que restabeleça a disciplina e castigue a minima infracção.

Recrutamento.—O conselho de estado julgou isentos do serviço do exercito a Manoel, filho de João de Oliveira, e de Maria Pereira, da freguezia de Ferreira, concelho de Monte Mór o Velho; e a José, filho de Manoel Carvalho, da freguezia de Alcaçova, do mesmo concelho.

Mercado de Condeixa a Nova no dia 18.—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez novo 460 — Dito mourisco novo 440—Dito branco novo 440— Dito tremez velho 500— Dito mourisco velho 460— Milho branco 320—Dito amarello 310—Feijão vermelho 480— Dito branco 480— Dito rajado 360—Dito frade 360— Cevada 240— Favas 280—Tremoços 260— Batatas 160— Vinho 900—Azeite 1$120.

Ultimas noticias de Hespanha—Está confirmada a entrada de D. Carlos em Hespanha, victoriado pelos seus, e a vinda de Cabrera a tomar o commando das forças realistas.

10:000 carlistas, commandados por D. Carlos marcham sobre Bilbau.

Na guerra dos 7 annos, por tres vezes sitiaram os carlistas a Bilbau; e em nenhuma d'ellas poderam entrar nesta praça.

Conseguil-o-hão hoje?

As côrtes acceitaram a demissão de Pi, votando-lhe unanimes agradecimentos, á excepção de Rios Rosas. A proposta de nomear um deputado para substituir Pi com as mesmas faculdades, em escrutinio secreto, foi tomada em consideração por 111 votos contra 101. A minoria tomou de novo parte no voto com applausos da esquerda. O centro votou contra.

Os internacionalistas continuam agitando varias provincias, com especialidade as de Valencia e Barcelona, e affirma-se que Portugal póde soffrer tambem as consequencias desta propaganda, se a Hespanha não dominar a demagogia. Acrescenta-se que os planos dos internacionalistas se faziam extensivos á Italia e Portugal.

Em Madrid tem sido surprehendidos alguns depositos de petroleo. Castelar não entrará no futuro ministerio. Ignora-se quem substituirá Pi y Margall. Continua a agitação.

ANNUNCIOS

1 QUEM QUIZER comprar uma boa parelha de mulas já ensinadas, dirija-se ao mestre ferrador, Antonio Pessa, no largo da Sota.

2 VENDE-SE uma machina de coser, tanto para sapateiro, como alfaiate, do auctor Singer. Quem a pretender póde dirigir-se á praça nova, barraca n.º 16.

ALVIÇARAS

3 NO DOMINGO, 13 do corrente, ao terminar a procissão, na egreja de Santa Clara, desde a sacristia até ao patim da egreja, perdeu-se um gorro de lila, assim como uns oculos, os quaes fazem muita falta a seu dono. Nesta redacção se dirá quem é. Dará alviçaras a quem os entregar.

4 PELA SECRETARIA dos hospitaes da Universidade se faz publico, que, na casa da rouparia dos mesmos hospitaes, se comprarão pannos de linho, todas as terças feiras, ás 10 horas da manhã.

Secretaria dos hospitaes da Universidade em 14 de Julho de 1873.

Herculano Santa Barbara, secretario.

FOGÃO

5 QUEM PRETENDER comprar um em muito bom uso, falle com A. de Campos, rua das Covas, 9.

CORRIDAS DE TOUROS

6 NOS DIAS 25, 26 e 27 do corrente, haverá na villa de Cantanhede corridas de 21 bravissimos touros, por occasião dos festejos de S. Thiago. São do muito acreditado lavrador, J. N. Vaz. O ultimo touro de cada tarde será para os curiosos.

7 O ABAIXO ASSIGNADO, constando-lhe que José Fortunato Raposo e mulher, de Monte Mór o Velho, andam a contratar com a exm.ª camara desta cidade, sobre a expropriação de uma morada de casas, que aquelle possue ao fundo da rua da Calçada, desta mesma cidade, e junto ao arco da Portagem—faz publico, que elle annunciante tem pendente neste juizo uma acção por foros, impostos em uma d'aquellas moradas de casas, das quaes o mesmo annunciante é senhorio directo, e por isso que qualquer contracto feito com o referido Raposo, e sem audiencia delle annunciante, é nullo e de nanhum effeito, nos termos das leis, que regulam este negocio; e para que se não allegue ignorancia de futuro, se faz o presente annuncio para todos os effeitos legaes.

Coimbra 19 de Julho de 1873.

Antonio Vicente do Amaral Monteiro.

CAIXA FILIAL DO

BANCO COMMERCIAL DE VIANNA

EM COIMBRA

Rua da Calçada, 40, 1.º andar (provisoriamente.)

Faz as seguintes operações:—Desconta letras da terra e de cambio, e titulos commerciaes a ordem; toma e fornece letras e cartas de credito sobre qualquer praça do paiz, ou estrangeira em que tenha agencias. Empresta sobre ouro, prata, pedras preciosas, titulos de divida publica e acções proprias, ou d'outros bancos e companhias. Recebe dinheiro em conta corrente e a prazo fixo. Encarrega-se da compra e venda d'inscripções e outros titulos do estado, acções de bancos, companhias ou outros quaesquer estabelecimentos.

9 NÃO convindo o preço de 776$000 rs. offerecido hoje em praça, pela adjudicação das obras de terraplenagem e fornecimento de pedra britada para o lanço da estrada municipal, comprehendido entre Sernache e Villa Pouca, manda annunciar a camara municipal desta cidade, que até ao dia 26 do corrente mez aceita propostas em carta fechada, inferior áquella quantia para a referida adjudicação.

As condições acham-se patentes nesta secretaria desde as 9 horas da manhã até ás 3 da tarde.

Coimbra, secretaria da camara municipal 17 de Julho de 1873.

O escrivão da camara,

Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

PEDIDO

10 **JOSÉ LINHAÇA, pede á pessoa que na terça feira 15 do corrente, levou da sua loja oito pares de botas de duraque, as mande restituir quanto antes.**

11 PELA SECRETARIA dos hospitaes da Universidade, se faz publico, que domingo, 20 de Julho, pelas 10 horas da manhã, na secretaria dos mesmos hospitaes, se hade proceder á arrematação da vacca—leite de vacca, de cabra e de burra—rapé e cigarros—azeite—lenha e carvão de cepa; cujo fornecimento terá principio no 1.º d'Agosto proximo, e ha-de findar em 30 de Junho de 1874.—Para a arrematação da lenha e carvão se dão os seguintes esclarecimentos.

Fornecimento aproximado para o anno economico de 1873-1874:

CARVÃO DE CEPA

Alqueires 3:504.
Peso total 14:251 kilog.
Peso medio de cada alqueire 4 kilog.
Importancia total 227$425.
Peso medio de cada alqueire 64,9 rs.
Preço medio de cada kilog. 15,9 rs.

LENHA

Carradas do mercado

Numero de carradas 228.
Peso total 136:800 kilog.
Peso medio de cada carrada 600 kilog.
Importancia total 342$000 rs.
Preço medio de cada carrada 1$500 rs.
Preço medio de cada 10 kilog. 25 rs.

Carradas do ultimo fornecedor

Numero de carradas 137
Peso total 137:000 kilog.
Peso medio de cada carrada 1:000 kilog.
Importancia total 316$100 rs.
Preço medio de cada carrada 2$300 rs.
Preço medio de cada 10 kilog. 23 rs.

Secretaria da administração dos hospitaes da Universidade, em 14 de Julho de 1873.

Herculano Santa Barbara, secretario.

12 ARRENDAM-SE OS PREDIOS SEGUINTES: quinta do Senhor da Salvação, junto ás Vendas da Cruz dos Morouços—dita denominada do Barreiro, no logar de Antanhol—cerrado, no mesmo logar, que foi de José Rodrigues Sequeira.

Todos os tres predios tem casas para viver qualquer familia decente.

Quem pretender, dirija-se a José Joaquim da Silva Mattos, parocho da freguezia de Antanhol.

Banhos do mar na praia de Espinho

13 O PROPRIETARIO do novo hotel Central de Espinho, situado em frente da linha ferrea, continua a receber pessoas e familias, tanto nacionaes, como estrangeiras, offerecendo-lhes todas as commodidades possiveis, com aceio e limpeza, por preços rasoaveis.

Este hotel acha-se montado com bilhar, café, e restaurante. O seu proprietario, já bastante conhecido de muitas pessoas que se tem dignado preferir o seu estabelecimento, a nada se poupa para continuar a merecer a estima de todos.

Leccionista de Pharmacia

14 JOAQUIM ANTONIO J. PEREIRA, pharmaceutico de 1.ª classe pela Universidade, lecciona aspirantes de pharmacia. Travessa da rua dos Militares.

BARBEIRO

15 NA FIGUEIRA DA FOZ precisa-se d'um, para trabalhar nos mezes de Agosto, Setembro e Outubro. A quem convier, dirija-se ao sr. Joaquim Maria de Sá, rua dos Loyos, n.º 2, Coimbra; ou em carta a Joaquim Nunes Marques, na Figueira da Foz, para se tratar do ajuste.

VENDA

16 VENDEM-SE ou trocam-se a inscripções dois predios rusticos no logar de *Ceira*, proximo a Coimbra, e á estrada da Beira, compostos de bons terrenos de semeadura, pomares, olivaes, casas nobres de residencia, agua de rega, etc. Tracta-se em Coimbra, largo da Feira, n.º 53, com José da Silva Porto.

DOCTOR IN ABSENTIA

17 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a *Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra)*, o qual lhes dará gratuitamente todas e quaesquer informações sobre a Universidade.

NUMERO 2712 — TERÇA FEIRA 22 DE JULHO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Patta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Deu-se ha dias, na capital, um facto que, sem ser na apparencia inteiramente destituido de gravidade, por isso que parecia attentatorio da inviolabilidade de uma corporação, no desempenho das suas funcções, e no exercicio das suas prerogativas, deu margem a reiteradas controversias por parte da imprensa opposicionista.

O facto de terem sido mandados para o edificio da camara alguns soldados, quando a municipalidade de Lisboa se achava funccionando, deu causa a reparos e a indagações, para saber por que motivos havia sido para alli mandada força armada.

A opposição jornalistica, sempre desejosa de assumpto, que possa servir de thema ás suas atrabiliarias discussões contra o governo, lançou mão de mais este incidente para entreter a paciencia dos seus leitores. O vulto que ella deu áquelle acontecimento, no qual ninguem rasoavelmente podia ver intenção hostil, ou menos respeitosa para com os actos da auctoridade municipal, é puramente politico, sem gravidade nem consequencias, que se não dissipem com a simples explicação dos factos.

Depois de todo esse prurito, adrede levantado para produzir effeito nos espiritos mais meticulosos, parece estarem dadas explicações, por parte do sr. commandante da guarda municipal, segundo refere o nosso estimavel collega do *Diario de Noticias*.

Esta esclarecida folha da capital narra o facto da maneira seguinte:— «Diz o sr. barão do Rio Zezere que, tendo recebido uma carta anonyma, que nos fez mostrar, na qual o avisavam de que se tentava uma manifestação ruidosa no paço municipal, onde deviam dirigir-se diversos grupos, alguns dos quaes armados; a pesar de não dar credito á participação, por ser anonyma, fôra todavia á camara, acompanhado por tres soldados e um cabo, depois de haver tomado outras precauções para prevenir alguma eventualidade que podesse occorrer, e que não tinha outro intuito este seu proceder, se não o de manter a ordem e a segurança da corporação municipal e dos cidadãos que perante ella podessem ir no uso das suas regalias constitucionaes. Parece que explicações identicas, serão dadas opportunamente.»

Eis ahi, pois, como um acontecimento, que podendo ser effectivamente uma affronta á dignidade de uma corporação por muitos titulos respeitavel, não era senão uma garantia de segurança e ordem para essa corporação e para os cidadãos, que, á sombra da lei e das prerogativas que esta lhes concede, reclamam perante os poderes competentes pelos seus direitos e pelas suas regalias.

Com aquellas explicações cremos que acabará essa pendencia, que o azedume da paixão partidaria ia fazendo degenerar em polemica desagradavel.

INFORMAÇÕES EM DIREITO

(CONCLUSÃO)

Alvaro Adelpho Avelino Henriques, filho de Albino José Avelino, da ilha do Fogo, em Cabo Verde—B. 13.

Bernardo Madeira da Costa Abreu, filho de Antonio Madeira da Costa, de Alvoco de Varzeas, districto de Coimbra—B. 13.

João de Paiva, filho de Francisco Antonio de Paiva, de Lamego—B. 13.

Joaquim Maria de Mello e Freitas, filho de João de Mello e Freitas, de Aveiro—13

José Antonio Diniz Ferreira, filho de José Ferreira de Araujo, de Tellões, districto de Villa Real—B. 13.

Matheus Teixeira de Azevedo, filho de Luiz Flaminio Teixeira d'Azevedo, de Alijó, districto de Villa Real—B. 13.

Alvaro de Mendonça Machado e Araujo, filho de José Maria de Mendonça Machado e Araujo, de Abreiro, districto de Bragança—B. 13.

Antonio Cardoso Pinto de Vasconcellos, filho de João Cardoso Caldeira, de Sinfães, districto de Vizeu—B. 13.

José Joaquim de Sousa Cavalheiro, filho de Luiz Joaquim Cavalheiro, de Villa Nova de Foscoa, districto da Guarda—B. 13.

Manoel Pereira Pinto da Nobrega, filho de João Pinto da Nobrega, de S. Braz do Castanheiro, districto de Bragança—B. 13.

Abilio Guerra Junqueiro, filho de José Antonio Junqueiro, de Freixo de Espada á Cinta, districto de Bragança—B. 12.

Abilio Martinho Camões, filho de Martinho da Rocha Guimarães Camões, de Frazão, districto do Porto—B. 12.

Aloysio Augusto de Pinho, filho de João Ferreira Rodrigues Pinho, de Coimbra—B. 12.

Antonino Augusto Freire Ribeiro de Campos, filho de Antonio Joaquim Ribeiro de Campos, de Arganil, districto de Coimbra—B. 12.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXXIX

D. CARLOS

XXIX

Os carlistas trataram de recuperar o perdido em Mendigorria e aproveitar-se da scisão dos liberaes, que consagrados a fazer-se fortes contra o governo, e desorganisando com a independencia das suas juntas a administração publica, abandonavam o principal objecto, esquecendo a guerra, o commum inimigo. Se, porem, esta era a situação dos liberaes, a dos carlistas não era muito melhor. Entre elles começavam a lavrar fortes intrigas.

D. Rafael Maroto, cançado de andar no quartel general de D. Carlos, onde tudo era influenciado pelos intrigantes, a que se dava já por desprezo o titulo de *ojalateros*; pediu ser empregado no exercito, e foi nomeado commandante geral das forças e senhorio de Biscaia, cujo emprego se achava vago pela prisão de Valde-espina e Zabala, e separação de La Torre, que ultimamente o desempenhara.

Maroto avançou com as suas forças contra Bilbau, caiu sobre a ria, cortou a communicação por uma ponte de madeira, construida em muito poucas horas, e procurou impedir as da praça pela parte de terra, fazendo para esse effeito cortaduras e trincheiras.

Desembarcavam ao mesmo tempo em Portugalete as primeiras forças inglezas, enviadas em apoio da rainha e dos direitos da nação, e se estacionavam á vista do 7.º batalhão biscainho, que commandava Andechaga (a), com o qual sustentaram serias escaramuças durante o sitio.

O bloqueio de Bilbau ia-se já fazendo um sitio formal, chegando a ver-se cortadas as communicações dos consules inglez e francez com os navios da ria e os que cruzavam pela costa.

Maroto abrigava esperanças de tomar Bilbau, e para isso pediu a D. Carlos artilheria e 4 batalhões mais, que se achavam onde julgava não fariam falta.

O general em chefe Moreno, que era inimigo de Maroto, torceu o animo de D. Carlos, e em vez de augmentar as forças do chefe da Biscaia, dispoz que se diminuissem, mandando um batalhão para a linha de S. Sebastião, e isto por uma ordem assignada por Moreno em Piedramillera, em 4 de Setembro de 1835, e na qual tratava asperamente a Maroto.

No dia 10 procurou Espartero regressar a Bilbau em auxilio da praça, e em Arrigorriaga, á vista de Bilbau, se bateu heroicamente com as forças de Maroto, conseguindo por fim o seu intento, mas á custa de ser ferido o proprio Espartero. Não obstante os liberaes terem entrado em Bilbau, os carlistas tornaram a apoderar-se das suas posições.

Continuava, porem, a intriga entre Moreno e Maroto, e deixando-se D. Carlos dominar por aquelle, não approvou o plano de operações que Maroto propunha.

Hostilisavam-se quanto podiam os dois chefes rivaes, formando Moreno uma liga com o general Uranga, o cura Echevarria e o gentil homem Villavicencio, para persuadir a D. Carlos, que Maroto se quizera sublevar com a divisão biscainha.

Em consequencia destas intrigas, pediu Maroto a demissão; e depois de entregar o commando a Sarasa, pediu permissão para sair para o estrangeiro, o que lhe foi negado. Insistiu inutilmente, e teve de permanecer em Tolosa.

Moreno, no entretanto, ia cada vez mais perdendo a confiança do exercito carlista, e por isso tornava-se impossivel a sua continuação no commando. Decidida em fim a sua separação, vacilou-se em lhe dar successor, e por ultimo, no dia 21 de Outubro, se nomeou general em chefe, o tenente general, conde de Casa-Eguia.

O novo caudilho carlista desejava medir as suas armas com o seu contrario, e em breve se lhe deparou a occasião que apetecia.

Cordova dirigiu-se no dia 27 de Outubro a Salvatierra, onde tinha os seus hospitaes e armazens; e chegou ás 9 da manhã á venda de Echavarri.

Ahi se avistaram os carlistas e liberaes. O choque estava imminente, e ambos os chefes o desejavam.

O caudilho de D. Carlos desfilou, contramarchando em direcção parallela ao flanco esquerdo do exercito liberal, e occupou as asperas cordilheiras, que serviam de base ao castello de Guevara. Cordova moveu tambem as suas tropas, e deu frente ao inimigo.

A vanguarda liberal marchou denodada a occupar o povo de Salvatierra, ao mesmo tempo que outras forças avançavam por ambos os lados do castello a atacar os carlistas. Sobre o flanco esquerdo destes moveu-se tambem com rapidez a brigada de Mendez Vigo; e a marcha decidida das mais tropas que formaram na alta cordilheira, que domina o caminho real de Salvatierra, fixou a acção.

A boa ordem e bravura deste ataque surprehendeu aos carlistas, que permittiram se apoderasse de Salvatierra a vanguarda de Cordova; mas saindo do seu torpor, ao verem-se cortados, correram ao castello, donde foram carregados briosamente á baioneta por um batalhão de caçadores da guarda. Mendez Vigo occupa ao mesmo tempo as posições da esquerda, e precipita aos carlistas no profundo valle de Barandia, onde se achavam as suas massas.

Em outro terreno a acção podia dar-se por terminada; semelhante retirada teria sido decisiva. Esta, porem, estava muito longe de o ser.

Das oppostas margens do Zadorra, que atravessava o valle, se sustentou um fogo acertado e vivissimo, e tiveram logar varios ataques sem outro resultado que muitas perdas. Mas depois de algumas horas, principiaram a retirar-se os carlistas para o centro das suas forças, e Cordova julgou assegurado o seu triumpho se entrasse em Salvatierra.

Reconcentra para este fim as suas tropas, e Eguia então, que tinha de reserva a maior parte das suas, destaca uma nuvem de atiradores, encommenda a Villarreal o ataque pela retaguarda de Cordova, e marchando vigorosamente com as columnas, occupa os pontos que deixam desguarnecidos os contrarios, e

(a) É o mesmo Castor Andechaga, que actualmente anda na Biscaia a favor de D. Carlos.

Antonino Martins dos Santos Correa, filho de Sebastião Ferreira de Mattos, de S. Miguel de Poiares, districto de Coimbra—B. 12.

Antonio Augusto de Mattos Mascarenhas de Mancellos Pina e Aragão, filho de Francisco Maria de Mascarenhas de Mancellos, natural do Sebal Grande, districto de Coimbra—B. 12.

Antonio da Costa Cabral das Neves, filho de Francisco Caetano das Neves e Castro Carvalho, de Fornos de Algodres, districto da Guarda—B. 12.

Antonio Maria Pina de Azevedo Castel-Branco, filho de outro, de Lagos—B. 12.

Eduardo Augusto Pereira de Magalhães Mello e Campos, filho de Joaquim Pereira de Campos Cordeiro, de Pedrogão Grande, districto de Leiria—B. 12.

Gonçalo Pereira da Silva de Sousa de Menezes, filho do conde de Bertiandos, do Porto—B. 12.

Henrique Tavares Ribeiro da Silva, filho de João Tavares Ribeiro da Silva, de Quintella, districto de Vizeu—B. 12.

Horacio Antonio Lopes Antunes, filho de João Antonio Lopes Cardoso, de Moncorvo, districto de Bragança—B. 12.

João Miguel de Azeredo Pinto e Vasconcelhos, filho de Francisco de Azeredo Pinto e Vasconcellos, de Lisboa—B. 12.

Joaquim Manoel Ruella, filho de Pedro José Ruella, de Bunheiro, districto de Aveiro—B. 12.

José Antonio Correa da Silva, filho de José Antonio, de S. Pedro Fins, districto do Porto—B. 12.

José Pereira Monteiro Junior, filho de José Pereira Monteiro, de Villa Fernando, districto da Guarda—B. 12.

Sebastião Antonio de Seixas, filho de Flaviano Antonio de Seixas, de Bragança—B. 12.

Bento Manoel da Costa Vaz, filho de Bento José Vaz, de Villa Flor, districto de Bragança—B. 12.

Annibal Correa Taborda, filho de João Correa Junior, de Freixo de Espada á Cinta, districto de Bragança—B. 12.

José Narciso Marques Coelho, filho de José Marques Coelho, de Burgães, districto do Porto—B. 12.

José Joaquim Pinto, filho de Ignacio Joaquim Pinto, de Rezende, districto de Vizeu—B. 12.

José Guilherme Pereira Barreiros, filho de Joaquim Guilherme Pereira Barreiros, dos Arcos de Val de Vez—B. 12.

Pedro Guimarães Barroso, filho de Antonio José Barroso Alves da Cunha, de Lisboa—B. 11.

Antonio Augusto Canaes de Campos, filho de Antonio Canaes de Campos, de Taveiro, districto de Coimbra—B. 11.

Antonio Joaquim Monteiro da Costa Lobo, filho de Manoel Joaquim Rodrigues Monteiro, da Ponte da Barca—B. 11.

Augusto Cesar Coelho da Motta e Moura, filho de Francisco Coelho da Motta e Moura, de Celorico de Bastos—B. 11.

Camillo de Araujo Fonseca, filho de Manoel de Araujo Fonseca, de Cabeçudos, districto de Braga—B. 11.

Francisco Antonio Soares de Vilhena, filho de Felisberto Soares Carrapatoso, de Escalhão, districto da Guarda—B. 11.

Francisco Augusto de Napoles Figueiredo e Veiga, filho de José Maria de Figueiredo e Veiga, de Goes, districto de Coimbra—B. 11.

José Manoel Felgueiras, filho de João Baptista Felgueiras, de S. Martinho do Pezo, districto de Bragança—B. 11.

Manoel José da Silva Tojeiro Guimarães Junior, filho de Manoel da Silva Tojeiro Guimarães, de Lamego—B. 11.

Manoel José Alves de Moraes, filho de Alvaro Lano de Moraes, de Coelhoso, districto de Bragança—B. 11.

Francisco de Sá Coutinho, filho de José de Sá Coutinho, de Ponte do Lima—B. 11.

Manoel Carlos Pereira Baeta e Vasconcellos, filho de Sebastião Henriques Pereira Baeta, de Figueiró dos Vinhos, districto de Leiria—B. 11.

José Cupertino de Oliveira Pires, filho de outro, do Rio de Janeiro—B. 11.

João Taborda de Magalhães, filho de Joaquim Maria Esteves Taborda, de Freixo de Espada á Cinta, districto de Bragança—B. 11.

NOTICIARIO

Hospedes illustres—Tem estado nesta cidade os srs. barão e baroneza de Trovisqueira e seu filho, barão de Joanne, e Evaristo Pinto, que vieram assistir ao acto de formatura em Philosophia do sr. Bernardino Luiz Machado Guimarães, filho do sr. barão de Joanne, e que hontem teve logar. A sr.ª baroneza d'este titulo não poude vir assistir á formatura do filho que tanto extrema, e não foi por isso testemunha dos triumphos obtidos pelo sympathico mancebo, tão festejado pelos condiscipulos, e tão galardoado pelos mestres.

Foi explendido o acto do sr. Bernardino Machado, e não podia ser maior a expansão de seu bom pae e de seus amigos e a satisfação dos dignos lentes que compunham a mesa—os srs. Drs. Manoel Marques de Figueiredo, visconde de Monte-São, e Joaquim Augusto Simões de Carvalho, que, prestando homenagem ao talento do discipulo, se exaltaram a si proprios pelo modo, verdadeiramente benevolo e generoso, como o tractaram no decurso dos argumentos.

O sr. Machado Guimarães tem estado em casa do sr. commendador Olympio Nicolau Ray Fernandes desde que veiu cursar os estudos universitarios, sendo intima a amisade, que ligam o sr. Olympio á familia do sr. Machado.

Hoje partem todos aquelles cavalheiros, e juntamente o sr. Olympio, para Villa Nova de Famalicão, onde os amigos do sr. barão de Joanne e do sr. barão de Trovisqueira pretendem fazer uma brilhante recepção ao sr. Machado, segundo lemos n'uma correspondencia d'aquella localidade para o *Progresso Commercial* de domingo ultimo.

Damos os nossos parabens ao sr. Machado e a seus respeitaveis paes e amigos.

Mais—No sabbado chegou a esta cidade o sr. marquez de Sousa e Holstein, vindo da fabrica de Buarcos. S. ex.ª partiu hoje para a capital.

Tambem estão nesta cidade o sr. bispo eleito do Algarve, e o sr. Dr. Casimiro de Castro Neves, que acompanhou dous filhos que vieram fazer exames no lyceu. O sr. Dr. Castro Neves doutorou-se na faculdade de Direito em 1842.

Offerecimento.—A camara municipal resolveu offerecer á botica da Misericordia, a flor das tilhas existentes no cerco da roda, e a alfazema que se cortar no cemiterio da Conchada. A mesa da Misericordia agradeceu já este offerecimento da camara.

Aula do sexo feminino.—Foi combinado o arrendamento do segundo andar das casas da Calçada, denominadas do Trony, pelo preço de 50$000 reis, e pelo tempo de 6 annos, para a aula de instrucção primaria do sexo feminino do bairro baixo desta cidade. Falta a auctorisação do conselho de districto.

Expropriação.—A camara municipal contractou com o sr. José Correia de Lemos, desta cidade, a expropriação amigavel de parte de umas casas no terreiro do Mendonça, para alargamento do dito terreiro e rua do Poço, pelo preço de 125$000 reis.

Engenheiro municipal.—Foi nomeado engenheiro deste municipio de Coimbra, o sr. Antonio José da Silva, engenheiro subalterno do districto de Evora.

Caminho de ferro americano—Tendo requerido os concessionarios do caminho de ferro americano desta cidade, que lhes fosse aforado a longo prazo, ou posto em praça, o terreno que confina ao sul com a insua do sr. Francisco de Sousa Araujo, e ao poente com a estrada da Beira, a fim de nelle construirem a estação do dito caminho americano; a camara municipal resolveu por unanimidade, responder ao officio do governo civil, em que era consultada sobre essa petição, que julga altamente inconveniente a collocação da estação naquelle ponto.

Os motivos desse parecer são, porque ia destruir a alameda contigua ao principio da estrada da Beira, a qual aformozea este local, actualmente tão concorrido, e que desta fórma se tornaria muito acanhado; porque parte do terreno pertence ao estado, por haver comprado o barracão n'elle existente e que era foreiro á camara, sendo o restante propriedade municipal, e não tendo a camara ali

---

carregam intrepidos os carlistas sobre a estreita ponte do Zadorra.

Prolonga-se o combate até á noute, tendo Cordova entrado em Salvatierra; porem a firmeza dos carlistas obriga Cordova a retirar-se com o exercito no dia 28, conduzindo para Victoria um comboio de 130 feridos.

Eguia, na sua parte datada do campo de Guevara, apresentava esta batalha como um triumpho para as armas de D. Carlos; e ao mesmo tempo que Cordova se jactava de haver entrado em Salvatierra, Eguia se vangloriava de ter batido o seu contrario, e de estar nas mesmas posições e disposto a batel-o no dia seguinte.

No entanto, a repetidas instancias de Cordova, pedia o governo de Madrid o auxilio das potencias estrangeiras, signatarias do tratado da quadrupla alliança. O governo inglez, ainda que se não prestasse a dar um soccorro official, consentiu e até promoveu o alistamento de uma legião, que iria a soldo da Hespanha, e por sua conta e risco.

Formou-se a legião, que foi para Hespanha, onde tiveram que aprender o exercicio antes de bater-se, por serem quasi todos estranhos á milicia.

Mais efficaz foi o auxilio do governo francez, por ter subido ao poder Mr. Thiers, partidario da cooperação armada. A legião franceza se compunha, não de recrutas bisonhos, mas de soldados argelinos já aguerridos, que principiaram a ser uteis logo que desembarcaram na Catalunha.

De Portugal foi uma divisão, forte de mais de 6:000 homens, commandada pelo bravo barão das Antas (Francisco Xavier Pereira).

Cordova permaneceu tres dias em Victoria, e no dia 31 de Outubro tornou a sair para continuar as operações.

Na Navarra estava o maior perigo, e para ahi se dirigiu o chefe liberal. A fim de chamar á attenção dos seus contrarios, caiu sobre Estella, e apesar da resistencia que fizeram os seus defensores, a tomou á viva força no dia 15 de Novembro.

Eguia sentiu este golpe. Devendo pernoutar no mesmo dia em Murieta e suas cercanias a segunda divisão carlista, passou Eguia a Arveiza, a meia legua de Estella, e dispondo alli a reunião das suas forças, se dirigiu na manhã do dia 16 sobre Estella, para a atacar por todas as partes.

Cordova não encontrara na cidade habitantes, nem recursos, e a occupação deste ponto era por certo pouco invejavel para o exercito liberal.

Na manhã do mesmo dia 16 saiu Cordova de Estella; e Eguia, que já tinha disposto atacar a cidade, atacou aos que a abandonavam, e carregando bruscamente sobre a retaguarda, provocou uma acção, que se fez em breve geral.

No elevado e escabrosissimo Montejurra começou a acção, que foi muito disputada.

Os carlistas defenderam-se por fim em um bosque, e chegando os liberaes a Allo, mandou Cordova formar as suas columnas do outro lado do povo, e apresentou novamente a batalha em um plano, onde podia obrar desembaraçadamente a cavallaria.

Eguia contentou-se em recobrar a Estella, e ver que o seu contrario se retirava para Lerin.

Deste ponto participou a D. Carlos, como um triumpho, a acção de Montejurra, e como uma conquista a posse de Estella; pelo contrario, Cordova, na sua proclamação ao exercito, datada de 17 de Novembro, apresentou como um grande feito o ter entrado ainda que momentaneamente em Estella, côrte do carlismo.

Em Guipuscoa tinham logar ao mesmo tempo feitos parciaes, que não careciam de importancia, pois a tinha o empenho dos carlistas em se apoderarem de S. Sebastião, não sendo menor a dos liberaes em afastar da praça tão incommodos hospedes.

Um acontecimento ruidoso houve por este tempo, que devemos mencionar.

Achava-se Espartero no dia 11 de Novembro de 1835 em Miranda, e sabedores os carlistas de que ia passar pelos postos onde se achavam para Peñacerrada, trataram de se lhe oppôr, e não crendo acertado o chefe liberal forçar aquelle passo, retrocedeu pelo caminho real das Conchas, forçou com bravura esta formidavel posição e se dirigiu á villa de Haro pela de Labastida, em cujo povo, no de Briñas e outros, se entregaram alguns dos voluntarios de Guipuscoa, chamados Chapelgorris—*gorras encarnadas*—aos mais reprovaveis excessos, profanando as egrejas, roubando objectos sagrados e atacando pessoas respeitaveis pelo seu caracter e auctoridade.

Participou o bispo de Calahorra a Espartero os attentados commettidos, e por isso mandou o general formar o summario, e em vista delle foram presos dois officiaes e um sargento. Em vez, porem, de conter esta medida aquelle batalhão indisciplinado, se entregam alguns de seus membros a novos e horriveis attentados, crimes e sacrilegios, em Subijana de Alava e Ulibarri.

Indignado Espartero, por ver a lentidão e ineficacia do processo, que a honra do exercito estava manchada, e temendo pela disciplina, se decidiu a executar um castigo terrivel.

Formou a sua tropa no dia 13 de Dezembro entre o povo de Gomecha e a venda de Paracuatro; mandou ao batalhão de Chapelgorris que saisse á frente da divisão, e collocado Espartero ao seu lado, disse em alta voz:

«Este batalhão é a deshonra de toda a divisão, de todo o exercito e da nação inteira. Antes de hontem roubaram a egreja do povo de Ulibarri e succedeu o mesmo em Labastida; porem tudo se hade descubrir aqui, e senão, eu asseguro que darei fim de toda esta pandilha de ladrões.»

A esta dura linguagem seguiu se um minucioso reconhecimento, no qual se não encontrou mais que um rosario de prata, um jaleco de seda e um candieiro de metal. Espartero, não obstante, ordenou em seguida ao chefe de estado maior, que fosse dizimado o batalhão, e quintado o decimo, sendo fuzilados immediatamente os individuos a quem tocasse a sorte. Os desgraçados a quem coube, foram conduzidos com piquetes de outros corpos á retaguarda da divisão, e fuzilados, depois dos soccorros espirituaes.

Neste castigo aconteceu o serem envolvidos culpados com innocentes, e entre estes o desventurado Alzate, decidido liberal desde anteriores epochas, pae de 5 filhos, alcaide de um povo, e modelo de honradez, o qual se havia voluntariamente apresentado a Jauregui, por ver na guerra um campo mais dilatado ao seu patriotismo.

O conde das Navas e D. Joaquim Maria Ferrer levantaram nas côrtes a voz acrimoniosa, com energica indignação, pedindo que respondesse á vindicta publica o auctor de semelhante attentado, e pedindo o exame do caso em conselho de guerra, averiguando-se a conducta de todos; e se se mostrassem innocentes as 10 victimas sacrificadas no campo de Gomecha, sem forma de processo, se indemnisassem as suas familias, alem do castigo que merecesse o seu auctor.

Remetteram-se ao general Cordova as accusações, que em seguida foram enviadas a Espartero. Este respondeu, referindo detalhadamente os excessos commettidos, e criminando ainda mais de que o havia feito, o comportamento dos voluntarios de Guipuscoa.

Todo este negocio terminou, sendo dissolvido o batalhão, e disseminada a sua força.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

consentido construcções; e finalmente, porque proximo ao local que os emprezarios indicam, existem muitos terrenos que pódem servir sem prejuizo algum do publico, para a construcção que pretendem, como são, por exemplo, os quintaes que se acham ao longo do caes.

Amanuense.—Por proposta do vereador o sr. Almeida Cabral, resolveu a camara que o amanuense da secretaria que se tratava de nomear, fosse temporario. Foi, por isso nomeado por tres mezes o sr. Antonio Maria Simões, com o voto de todos os vereadores, exceptuando o do vereador o sr. Oliveira Reis, que votou no sr. Antonio Maria da Costa.

Estrada municipal.—Foi mandado proceder ao estudo de uma variante da estrada de Sernache á Villa Pouca desde a sua origem até 16,20 metros, áquem do perfil n.º 50.

Representação—A estas horas deve ter sido apresentada ao governo, a representação que lhe dirigiu a camara municipal do concelho de Penacova, para que mande quebrar os bicos das pedras que estão no leito do rio Mondego, um pouco abaixo da Foz do Dão, do que por vezes se tem fallado neste jornal, em quanto as aguas dão logar.

Fazemos votos para que seja attendida, por interessar muito á navegação, e evitar os prejuizos que constantemente alli estão acontecendo; sendo ao mesmo tempo de muito pequena despeza.

D. Francisco Alexandre Lobo.—Quando em 1846 se tratou de imprimir as obras do sabio bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo, diziam os entendedores, que os manuscriptos, e o que já havia impresso, podia dar 10 a 12 volumes em 8.º.

Imprimiram-se por conta do seminario de Vizeu, a quem o auctor deixou as obras manuscriptas, o 1.º e 2.º volume, em 1848 e 1849, na typographia de J. B. Morando em Lisboa.

No principio do 1.º volume vem uma relação das obras do auctor, que se haviam colligido; e ainda assim, é relação incompleta.

Em 1853 imprimiu-se o 3.º volume, que consta de pastoraes e mais escriptos, relativos ao governo do bispado de Vizeu. Foi mandada fazer a impressão deste volume pelo reitor do seminario, Pereira Monteiro.

Os dois primeiros volumes foram impressos em Lisboa, debaixo da inspecção do desembargador Francisco Eleutherio de Faria e Mello; e a impressão do 3.º, como tinha morrido Francisco Eleutherio, foi dirigida pelo Dr. Manoel José Fernandes Cicouro.

É muito para sentir que a impressão das obras de D. Francisco Alexandre Lobo, não continuasse. Pode haver quem não tenha as mesmas ideias politicas e dynasticas; mas o que ninguem pode, sem grave injustiça, é negar que foi um dos homens de mais instrucção que teve Portugal na primeira metade deste seculo. As obras do bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre Lobo, assim como as do bispo de Coimbra D. Fr. Francisco de S. Luiz, são dignas de serem consultadas, com muito proveito, por todos os que desejem adquirir solida instrucção.

Alem dos tres volumes das obras impressas de D. Francisco Alexandre Lobo, existem manuscriptas uma grande collecção de cartas, que poderiam dar de 4 a 6 volumes. Talvez esta parte das suas obras fosse uma das de maior importancia, pela linguagem e pelas materias de que nella se trata.

As cartas dirigidas por D. Francisco Alexandre Lobo, em 1828, ao vice-reitor Antonio Pinheiro de Azevedo e Silva, acerca da reforma da Universidade, são de muito merecimento.

Repetimos a manifestação de sentimento por se não continuar a impressão das obras de D. Francisco Alexandre Lobo; e mais será para lamentar, que os seus preciosos manuscriptos se tenham extraviado do seminario de Vizeu, aonde existem, ou existiam.

D. Fr. Francisco de S. Luiz.—Em carta de 20 de Abril de 1838, dizia D. Fr. Francisco de S. Luiz a um seu particular amigo de Coimbra, o seguinte:

«Parece-me que posso advinhar a origem do boato que ahi correu a meu respeito. Um dos ministros, em conversação que teve com dois lentes, perguntou-lhes quem seria conveniente nomear reitor da Universidade. Elles lembraram o nome do sr. Trigoso e o meu. Até aqui é certo: e d'aqui supponho eu passaria a noticia a Coimbra, dando-se por certa e já verificada, como ordinariamente se costumam dar outras semelhantes.

«Quando fallei, na minha antecedente carta, do cargo de reitor da Universidade, não me referia a nenhum membro individual e actual dessa corporação: referia-me aos procedimentos publicos que tiveram comigo, e que não podiam ter outra origem senão a opinião da minha indignidade.

«Já não quero fallar do que se escreveo nas gazetas do tempo, em que se disse que nos *Clubs dos Pedreiros livres se decidiam os negocios da Universidade:* não quero fallar das buscas e exames que se fizeram nas casas contiguas aos paços da Universidade, para verificar aquella calumnia, etc., etc.: mas foi sem duvida facto proprio da Universidade, negar ao seu reitor a paga do seu ordenado, que só muito tarde arrecadei, com perda de mais de 30 por cento.

«Foi sem duvida facto proprio da Universidade, surprehender a auctoridade real para me obrigar a pagar á Universidade um conto de reis annual, annuindo com a maior leveza e imprudencia as ignorancias e mentiras do famoso H., e isto havendo uma junta de fazenda (em que eu tinha feito alguns serviços) que devia ser consultada sobre um ponto de tanta importancia, e de alguma melindre, e que se o foi, houve-se tão injustamente como o Dr. H., e tão inconsideradamente como o sr. B.

«Accrescentarei mais que foi facto proprio da Universidade excluir o meu retrato do numero dos senhores reitores, e querer emendar a mão, quando as cousas voltaram a outra face. E nesta occasião estará v. s.ª lembrado que já eu me queixei de que a junta de fazenda me negasse os ordenados que me devia de rigorosa justiça, e tivesse então a bondade de me querer pagar o retrato, sustentando uma injustiça manifesta, e para mim humiliante, e facilitando-se a uma despeza intempestiva, porque assim o pediam as circumstancias.

«Isto é em summa, e muito em summa o que me occorre da parte da Universidade, omittindo mil circumstancias particulares, que me levariam muito tempo e muita escripta.

«A Universidade deve-me muito amor e respeito; deveu-me muito zelo e cuidado pelos seus interesses verdadeiros: administrei-a com justiça, e até com paixão, quanto abrangiam as minhas forças e capacidade. Não queria eu que me levantasse estatuas, que bem sei a influencia dos tempos e das cousas; mas queria que me não fizesse hostilidades, que se portasse com dignidade e sem baixeza, e que não annuisse aos planos dos meus declarados e violentos inimigos.

«Mas este não é o caso, ou não é todo o caso. Como posso, ou poderia eu apresentar-me airosamente n'uma cidade em que fui bispo, e de que fui lançado pela cabala então dominante? V. s.ª sabe que tenho passado duas vezes por Coimbra, sem entrar na cidade—hade parecer isto um resultado de despeito, talvez de orgulho... de tudo o que quizerem; mas a verdade é que eu teria pejo e vergonha de me apresentar n'uma cidade a que nunca fiz mal, e de cuja vivenda sempre gostei, mas que me pagou tão mal, que fez requerimentos para eu ser expulso de bispo... etc.

«O' meu Deus—não me quero lembrar de tudo.... accrescentarei só que em um periodico se fallou nesse tempo em 700 lençoes que tinha o sr. Lemos, e que eu mandei vender pelas portas para guardar o dinheiro—que o meu successor se queixou de que eu tinha decepado a pequena mata do Mondego para vender a madeira....etc., etc.

«Basta disto. V. s.ª desculpe-me por quem é. Eu não formo queixa alguma da Universidade, nem dos seus individuos; porque o que digo a um amigo não são queixas—mas poderá alguem exigir que eu seja insensivel? que eu perca a memoria de tantas injurias nunca (digo afoutamente) nunca de mim merecidas?

«V. s.ª é extremosamente apaixonado pela Universidade. V. s.ª é tambem meu amigo, e creio que tambem apaixonado, pois me suppõe com talentos e capacidades que eu não tenho. Não extranho pois as persuasões de v. s.ª, antes as louvo e agradeço; mas confio que v. s.ª considerando bem este objecto, e pondo-se acima das inspirações do seu coração, tambem não hade extranhar a minha repugnancia (se o projecto viesse a ter realidade) antes a approvará, e talvez a louvará.

«Seria aqui logar de mostrar agora as impossibilidades que eu considero de melhorar a Universidade em cousa alguma; mas eu não contei fazer uma carta tão extensa, e ella cresceria de mais, se eu entrasse neste ponto.

«A desorganisação geral do reino não póde deixar de ter reflectido na Universidade. Como ha pois esta de melhorar-se, sem que aquella se emende e se regularise? Que ha de fazer um reitor zeloso, quem quer que elle seja, sem poder, sem força, sem dinheiro, sobre uma mocidade dividida em partidos, convertida em corpo militar, sem respeito a mestres, avaliando-os pelas opiniões politicas, e talvez usando contra elles do *direito de petição*, e pretendendo por esse modo regular os methodos dos estudos, etc., etc.?

«Pergunta-me v. s.ª a quem daria eu o meu voto para o cargo de reitor? Não sei. Trigoso certamente não quer. Silvestre Pinheiro, ainda menos, nem julgo que elle volte mais a Portugal, alem da sua edade e molestias lhe não permittirem já muito a assiduidade e trabalhos do emprego, que é tambem outro motivo que milita em meu favor, porque estou muito avançado em annos e com a saude progressivamente decadente. Outras *notabilidades* litterarias, que certamente haverá, não as conheço, e muito menos homens de um certo caracter, prudencia, suavidade, e ao mesmo tempo firmeza, qual se requer para o governo dessa corporação. Os ministros tem, como supponho, rectas intenções, e devem conhecer os homens mais habeis. Deixemos-lhes a elles a escolha.

«Em quanto á minha *preconisação* para arcebispo de Lisboa, é verdade que isso tem lembrado e se tem fallado; mas da minha parte ha os mesmos motivos, se não maiores, de repugnancia como para reitor da Universidade. De mais: essa lembrança é principalmente filha de um erro. Creio que alguns dos ministros tem pensado que pondo um bispo confirmado já, e sagrado, em Lisboa, fica tudo feito e aplanado.

«Eu ja fiz ver a um delles, que com isso em nada melhorava a situação das cousas ecclesiasticas, nem na egreja de Lisboa, nem em nenhuma outra. E' necessario, e indispensavelmente necessario aproximarmo-nos de Roma. Assim o tenho dito, repetido, e demonstrado ha quatro annos. Ninguem nesse ponto se tem empenhado mais do que eu, sem isso me competir, e só pelo interesse publico.

«E certamente não é para ser bispo de Lisboa, pois tambem já disse por escripto que se não renuncia o bispado de Coimbra, para aceitar outro qualquer que seja, e que posto que a minha renuncia foi em certo modo forçada, comtudo eu a fiz muito voluntariamente, e assim o disse no titulo authentico da minha renuncia, sendo-me consequentemente impossivel aceitar agora qualquer bispado por mais graduado que seja.»

—Em carta de 7 de Janeiro de 1840 dizia D. Fr. Francisco de S. Luiz, o seguinte:

«Ja no correio de sabbado quiz escrever a v. s.ª; mas não me foi possivel. V. s.ª avaliará pelo que logo vou dizer-lhe os importantes cuidados, que então occupavam o meu espirito. Tractava-se nada menos que de me nomearem patriarcha arcebispo de Lisboa, pela morte de s. em.ª.

«Seria necessario escrever muito para dizer a v. s.ª a lucta, em que me vi, e em que a final fui vencido.—Disse á rainha, que sua magestade queria abreviar-me a vida com honra, e conclui que estava prompto para o *altar e para a charrua*, isto é, para o sacrificio e para o trabalho.

«Em fim estou eleito patriarcha de Lisboa. V. s.ª saberá por outras vias algumas mais particulares circumstancias, que eu não tenho tempo para referir; saberá muitas cousas, que me são honrosas, lisonjeiras, e tudo quanto quizerem; mas que são totalmente oppostas ao meu genio, improprias da minha edade, alheias dos meus habitos, e que perturbam toda a economia e arranjo da minha vida, ainda sem fallar dos espinhos, que tenho de encontrar no desempenho dos meus deveres.»

Cemiterio da Conchada.—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Rosa Pessoa, filha de Manoel Ferreira Pessoa e Fortunata Pessoa, natural de Coimbra, de 30 annos, fallecida no dia 17.

D. Maria Emilia Augusta Morim, filha de José Gonçalves Morim, natural de Sandelgas, de 33 annos, fallecida no dia 18.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5040.

Mercado de Coimbra no dia 21.—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 440—Dito branco 420—Dito Celorico mendo 650—Dito grando 580—Milho branco 310—Dito amarello 300 a 305—Feijão vermelho 480—Dito branco da marinha 440—Dito da terra 400—Dito rajado 360—Dito frade 320—Cevada 200—Tremoços 240—Favas 280 a 300—Batatas 250 a 260—Azeite 1$120 a 1$130—Vinho da Beira 720—Dito da Bairrada 820.

Nova publicação—Fomos brindados com um exemplar do *Relatorio ácerca da sexta reunião do congresso de anthropologia e de archeologia prehistorica, verificada na cidade de Bruxellas no mez de Agosto de 1872, elaborado por Carlos Ribeiro, chefe da secção dos trabalhos geologicos de Portugal.*

Agradecemos a offerta deste *Relatorio*, que vamos ler com o interesse que nos inspira tudo que é escripto pelo seu illustrado auctor.

Aos srs. professores d'ensino primario d'este districto—Communicam-nos o seguinte:

«De todos os trabalhos do homem são incontestavelmente de maior preço os que têem por fim o desenvolvimento intellectual da infancia. E por isso estaremos sempre promptos para tornar bem publico o esforço d'aquelles que trabalham do coração nessa immensa obra da instrucção publica. E quando apparece um trabalho destinado a esse fim, e que pelo seu merecimento é digno do bom acolhimento publico, levantemos a nossa voz para o aconselhar aquelles na mão dos quaes está o generalisarem-no.

Aconselhamos por isso aos srs. professores d'ensino primario d'este districto o compendio de systema metrico, arithmetica e geometria elementar, que foi agora publicado por A. Simões Lopes, professor official d'ensino primario no Cartaxo. É um livro digno de louvor, não só pelo seu merecimento, mas egualmente pela modicidade de preço sem egual. Custa 80 reis!

Vende-se nesta cidade nas principaes livrarias, e no Cartaxo em casa do auctor, donde se remettem franco de porte pelo indicado preço, ao qual os srs. professores se poderão dirigir directamente.»

Noticias de Hespanha.—As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid, 19, ás 12 da manhã.—As côrtes elegeram Salmeron presidente do poder executivo por 119 votos contra 93 dados a Pi. Rejeitaram a proposta da esquerda, pedindo que a camara se declare em sessão permanente.

Causou alarme um petardo que foi atirado para a porta do congresso durante a discussão.

Madrid, 19, ás 2 horas e 49 m. da manhã.—Ministerio da direita: Salmeron, presidente sem pasta; Fernando Gonzalez, ministro dos negocios estrangeiros; Carvajal, da fazenda; Gil Berges, da justiça; Maisonnave, do interior; o general Gonzalez, da guerra; o almirante Oreiro, da marinha; Moreno Rodriguez, das obras publicas; Palanca, das colonias.

Madrid, 19, ás 11 horas e 20 minutos.—Designa-se Castelar para presidente da assembléa. O novo ministerio instalou-se sem difficuldade. A noite passou-se sem nenhuma desordem.

Madrid, 19, ás 6 horas da tarde.—O candidato do governo para a presidencia das côrtes é Gil Berges.

Sevilha e Cadix proclamaram a autonomia do cantão andaluz.

Apresentou-se nas côrtes o novo ministerio. A pasta dos negocios estrangeiros foi dada a Soler, e não a Fernando Gonzalez; este ficou com a pasta das obras publicas; com a da justiça ficou Moreno Rodriguez.

Salmeron expoz o programma do governo,

declarando-se republicano federal. Disse que não representa reacção relativamente ao governo anterior. Demonstrou a necessidade de restaurar o imperio da lei e de combater a demagogia, deplorando a insurreição dos cantões que não aguardaram a decisão das côrtes. O governo deve castigar os carlistas e os demagogos egualmente.

Madrid, 19, ás 8 horas e 25 m. da tarde.—Reaberta a sessão publica, depois de encerrada a secreta, Sarda declarou que Rubaux confessara que tinha procedido mal e dissera que respeitava a auctoridade do presidente.

Terminado este incidente, o ministro da governação leu um telegramma annunciando que Valencia se constituiu em cantão federal, a despeito dos esforços em contrario feitos pelas auctoridades.

A milicia de Sevilha resolveu declarar o cantão andaluz independente.

De Carthagena querem mandar alguns navios de guerra a Alicante sublevar esta provincia.

O ministro participou egualmente á camara que em Estella um voluntario republicano fechou-se no paiol, preferindo largar-lhe o fogo a entregar o forte aos carlistas. A camara applaudiu muito este acto.

Rios Rosas nega que o partido conservador se abstivesse de acudir ás urnas. Diz que elle não poude lutar em liberdade.

Madrid 20, a 1 hora e 55 minutos da tarde—As musicas da guarnição de Madrid deram hontem uma serenata ao ministro da guerra.

Commissões de officiaes da guarnição, deputados, e generaes foram felicital-o. Affirma-se que o conselho de ministros hontem á noute decidiu elevar a 40 mil homens a guarda civil, enviar para as provincias delegados especiaes, e telegraphar ás auctoridades das provincias, dando-lhes instrucções inergicas.

O conselho tratará hoje da questão dos governadores civis. Corre o boato de que o capitão general interino de Sevilha está prisioneiro dos insurgentes.

Pavia foi nomeado capitão general da Andaluzia e Estremadura.

Corre o boato de que Barcellona se proclamou hontem cantão independente. Affirma-se que os deputados radicaes farão nas côrtes declarações favoraveis á politica republicana de ordem.

O governo recebeu das diversas provincias telegrammas de felicitação offerecendo-lhe apoio.

D. Carlos está em Irurita perto de Elizondo.

Madrid, 21, ás 10 horas e 10 minutos da manhã.—O conselho de ministros de hontem á noite decidiu adoptar medidas energicas, entre as quaes avultam: a demissão do capitão general de Valencia, e do governador de Murcia; o julgamento em conselho de guerra do commandante general de Carthagena; a formação de dois batalhões compostos de todos os officiaes em disponibilidade, commandados por generaes; o mandar-se todas as forças da Catalunha para o Aragão afim de as organisar e disciplinar; reunir em Madrid todas as forças dos depositos dos batalhões sublevados para organisar divisões; a formação de uma divisão de 10:000 homens em Andaluzia para pacificar a provincia a todo o transe; expulsão de Pierrad e Contreras do quadro do estado maior.

Egualmente se decidiu em conselho que se declarassem piratas todos os navios que fizeram causa commum com a insurreição. Assegura-se a dissolução do regimento da Iberia e do batalhão de Mendigorria. Serão submettidos a conselho de guerra os officiaes e soldados sublevados. A reorganisação dos corpos terá por base os officiaes e soldados que permaneceram fieis. A atitude do governo é muito para applaudir-se.

Madrid 21, ás 11 horas e 35 minutos.—A *Gaceta* publica importantes decretos do governo, encaminhados a restabelecer a ordem publica.

Renasce um pouco a confiança em Madrid.

Foram expulsos do exercito os generaes Contreras e Pierrad e dissolvidos os seus batalhões; e diz a *Gaceta* que serão considerados como piratas os navios que estão em poder dos revoltosos.

Foram feitas muitas nomeações de homens de ordem para postos civis e militares.

Hoje o aspecto da bolsa apresenta-se mais satisfatorio.

Ultimas noticias de Hespanha.—Alicante declarou-se cantão independente.

As côrtes rejeitaram por 110 votos contra 90 a proposta da minoria para ser annullado o decreto declarando piratas os navios rebeldes.

ANNUNCIOS

PEDIDO

1 PEDE-SE ao sr. bacharel Adrinno Baptista Ferreira, da villa da Mealhada, o favor de responder ás repetidas e attenciosas cartas, que de Coimbra lhe tem sido dirigidas.

Attenção

2 BOM VINHO para mesa a 300 rs. o quartão. Calçada, n.º 85 a 91.

VINHO DO DÃO

3 HA PARA VENDER o vinho da ultima novidade (tinto e branco) na adega dos padres Monteiros Machados, junto á egreja de Beijós, concelho do Carregal.

4 QUEM QUIZER comprar uma boa parelha de mulas já ensinadas, dirija-se ao mestre ferrador, Antonio Pêssa, no largo da Sota.

5 A CAMARA MUNICIPAL DE COIMBRA faz saber, que em execução do alvará do exm.º governador civil deste districto, de 19 do corrente mez, expedido em virtude de representação de alguns moradores do becco das Bruxas, desta cidade, fica d'ora em diante esta denominação substituida pela de—*becco da Boa Vista.*

Coimbra, Secretaria da Camara Municipal, 22 de Julho de 1873.

O escrivão da Camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

6 JOAQUIM GUEDES COELHO, desta cidade, convida todos os credores de seu fallecido filho, João Guedes Coelho da Silva, a apresentar as contas de suas dividas activas ou passivas á viuva do mesmo fallecido, no prazo de oito dias; declarando o annunciante que renuncia á herança, e não quer ser o herdeiro, mas só apresentar-se como credor.

7 JOSE' DE LEMOS DE NAPOLES e sua mulher D. Maria Feliciana Rebello e Napoles, tendo de retirar-se precipitadamente de Coimbra, despedem-se por este meio das pessoas das suas relações, pedindo desculpa.

9 O CONSELHEIRO AYRES GARRIDO, mudou em Lisboa para a rua do Oiro, 235, 1.º andar, aonde recebe as ordens dos seus amigos do districto de Coimbra, e principalmente do concelho de Penella, seu concelho natal.

10 VENDE-SE uma machina de coser, tanto para sapateiro, como alfaiate, do auctor Singer. Quem a pretender póde dirigir-se á praça nova, barraca n.º 16.

CORRIDAS DE TOUROS

11 NOS DIAS 25, 26 e 27 do corrente, havera na villa de Cantanhede corridas de 21 bravissimos touros, por occasião dos festejos de S. Thiago. São do muito acreditado lavrador, J. N. Vaz. O ultimo touro de cada tarde será para os curiosos.

Attenção

Farinha de trigo da acreditada Fabrica do Beato Antonio de Lisboa

AGENCIA, RUA DA REBOLEIRA, 27

PORTO

12 NESTA AGENCIA se encontra farinha de toda a qualidade, desde a mais fina até semea, e ensacada em muito boa sacaria.

Estas farinhas concorrem vantajosamente com a americana e hespanhola, tanto em preço como em qualidade.

Cumprem-se ordens das provincias.

Agradecimento

13 FRANCISCO AUGUSTO DE NAPOLES FIGUEIREDO E VEIGA, de Goes, grato e extremamente reconhecido aos muitos e distinctos obsequios que acaba de receber de todos os cavalheiros e senhoras desta terra, por occasião de uma *soirée* que deu em casa de seus paes no dia 13 do corrente, com o fim de solemnisar a sua formatura, faltaria ao seu dever, se não viesse a este logar dar-lhes um publico testemunho do seu muito reconhecimento, pela distincta honra que acabam de dispensar-lhe; não podendo deixar de especialisar o exm.º sr. Dr. Antonio Paredes e sua exm.ª consorte, os exm.os srs. Antonio Maria de Mello e Napoles, e sua interessante sobrinha, e o exm.º Dr. Francisco Ferraz Tavares de Pontes, administrador em Miranda, que de proposito vieram aqui abrilhantar com a sua presença a dita reunião: a todos pois protesta uma indelevel gratidão, offerecendo-lhes o seu limitado prestimo aqui ou em qualquer parte aonde o destino o levar.

Goes, 17 de Julho de 1873.

14 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha somente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalesciére,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alcuto, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

E' ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid—Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kilo 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rabir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

CAIXA FILIAL DO

BANCO COMMERCIAL DE VIANNA

EM COIMBRA

Rua da Calçada, 40, 1.º andar (provisoriamente.)

Faz as seguintes operações:—Desconta letras da terra e de cambio, e titulos commerciaes a ordem; toma e fornece letras e cartas de credito sobre qualquer praça do paiz, ou estrangeira em que tenha agencias. Empresta sobre ouro, prata, pedras preciosas, titulos de divida publica e acções proprias, ou d'outros bancos e companhias. Recebe dinheiro em conta corrente e a prazo fixo. Encarrega-se da compra e venda d'inscripções e outros titulos do estado, acções de bancos, companhias ou outros quaesquer estabelecimentos.

NUMERO 2713 — SABBADO 26 DE JULHO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiár.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

E' completa a escassez de noticias politicas.

Terminou, como já suspeitavamos, a questão levantada pela camara municipal de Lisboa, a proposito da entrada de alguns agentes de policia no edificio dos paços do concelho; questão que, sem ter valor algum intrinseco, a imprensa opposicionista quiz protrahir, para fazer alarma nos arraiaes da politica.

O paiz, porem, sensato e justo, que pela experiencia ininterrompida dos factos, não dá felizmente importancia a estes manejos, dictados unicamente pela paixão partidaria, assiste já perfeitamente impassivel a taes intemperies.

O povo confia na administração, que rege os destinos publicos; lança os olhos em volta de si, e vê os factos a confirmarem o estado de prosperidade, por que de ha muito almeja, o bem estar geral que lhe tranquillisa o espirito sensato, a paz e a lealdade nos actos da publica governação, elementos verdadeiramente indispensaveis para todos os commettimentos uteis.

Em quanto lá fóra ruge a tempestade ameaçadora das discordias intestinas, Portugal no remanso da mais invejavel tranquillidade, está dando lição eloquente da sua cordura e da sua capacidade governativa, como nação livre e independente.

Tem o governo empenhado todos os seus esforços para organisar a fazenda publica, e manter ao mesmo tempo a paz e a tranquillidade, que é esta a suprema missão dos governos dedicados aos interesses do seu paiz.

Não é, porem, isempta a sua administração das contrariedades que os espiritos ambiciosos costumam levantar ás administrações, e tanto mais quanto ellas se tornam pelos seus esforços patrioticos, dignas da confiança publica.

No meio das boas disposições em que este paiz se encontra, ainda ha infelizmente quem manifeste as suas repugnantes tendencias para envolver os povos na anarchia. E é realmente para sentir, que a par dos mais dedicados obreiros, appareçam ainda alguns espiritos ruins e destruidores, que pensam sómente em aniquilar o que a sociedade tem de melhor e mais indispensavel á sua organisação e aos interesses da communidade.

Em nome das convicções puras deste bom povo portuguez, e da sua prosperidade futura, é indispensavel combater energicamente os inimigos do socego e da ordem, da felicidade e do trabalho.

Deseja o povo portuguez manter as suas instituições e a actual forma de governo, porque a ellas tem ligadas todas as mais gloriosas tradições. Nem as suas aspirações consentem tentativas temerarias e perigosas, nem as circumstancias, relativamente propicias do paiz, carecem de outra organisação.

As festas com que a capital celebrou o anniversario da entrada do exercito libertador, commandado pelo nobre duque da Terceira, no dia 24 de Julho de 1833; foram, segundo as descripções que temos lido nos jornaes, pomposas e enthusiasticas.

No dia 23 celebrou-se a missa solemne, por alma de todos os portuguezes que pereceram nas lutas fratricidas, em defeza das suas convicções.

Não ha entre o grande partido liberal, odios ou rancores politicos contra os adversarios; nem é com o intuito de excitar paixões, que os liberaes recordam as epochas gloriosas em que a luz da liberdade começou a raiar em terras portuguezas.

Ha simplesmente nestas expansões de jubilo, uma recordação sinceramente patriotica, a memoria de um grandioso facto, que abrindo para esta nossa patria uma epocha de civilisação e de progresso; era tambem a apotheose do dever, da justiça e da moralidade christã.

Felicitamos a cidade de Lisboa, e congratulamo-nos com os nossos collegas da imprensa, pela solemne demonstração que deram de seus sentimentos patrioticos.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PREMIOS

Faculdade de Theologia

1.º ANNO

Premio—Joaquim Alves da Hora, filho de Antonio Alves da Hora, de Leça de Palmeira, districto do Porto.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXXX

D. CARLOS

XXX

Como uma consequencia dos progressos que iam fazendo os carlistas nas provincias Vascongadas, se apresentou a origem das expedições, que, partindo daquelle foco da guerra, iam leval-a por todo o resto da Hespanha.

A primeira expedição foi dirigida por D. João Antonio Guergué.

Saiu no dia 8 de Agosto de 1835 de Estella, com 2:464 praças de infanteria, 126 cavallos, e duas peças de artilheria.

Penetrou no Aragão por Verdun; passou por Huesca e Barbastro, e marchando do poente para o oriente, pela montanha do principado até ao Mediterraneo, visitou o campo de Tarragona até Valls; dirigiu-se serpenteando até perto de Barcelona; avançou ao cabo Creus; aproximou-se aos Pyrineus por la Junquera e por mais alem de Escalo; e voltou por fim á Navarra, sem ter colhido o fructo de tantas marchas e fadigas, sem ter sabido aproveitar tantos elementos como foi reunindo na passagem.

O general Mina, que se achava em França a tratar da sua saude, recebeu pelo meado de Setembro de 1835 instantes convites do Aragão e Catalunha, e até de Madrid, para que sem perda de tempo voltasse á Hespanha.

A mudança saudavel que operara no espirito publico do paiz a subida de Mendizabal ao poder (de que brevemente fallaremos), levou Mina ao commando da Catalunha, e Palafox ao de Aragão.

Chegando Mina a Barcelona, dissolveu a junta que alli se tinha creado, e depois de algumas providencias se decidiu a sair a campo, encommendando á força cidadã a guarda dos fortes e a tranquillidade dos povos, serviço penoso em muitos pontos.

Antes de deixar a cidade publicou um bando, com data de 29 de Novembro de 1835, pondo em estado de sitio todo o districto e principado da Catalunha, e estabelecendo penas terriveis contra os carlistas e os que os protegessem.

O ascendente que Cabrera tinha adquirido sobre todos os seus companheiros, ascendente legitimo, porque era devido ao seu arrojo e intelligencia, á sua perseverança e zelo, fez que os demais chefes de partidas, mais ou menos numerosas, reconhecessem a sua superioridade, e accordes, emprehendessem movimentos e dessem acções de importancia, em que não levaram a peor parte. Estes successos lhes deram novos partidarios e maior ousadia, sendo ao mesmo tempo menos efficaz a perseguição, pela multidão de causas que embaraçavam a acção das tropas da rainha. Este abandono em que estiveram, lhes deu tempo para instruir recrutas e organisal-as; e quando tinham necessidade de se bater, o faziam já com menos temor.

No dia 23 de Junho de 1835 se bateram Cabrera e Forcadell bravamente e com felicidade contra Azpiroz em Prat de Conte.

Zurita, guarnecido por 8 nacionaes e 25 mobilisados de Valencia, se viu accommettido por Cabrera, Forcadell e outros, capitulando depois de um curto tiroteio seus escassos defensores, com a condição de entregar as armas, e marchar livremente a suas casas. Cumpriu-se o pactuado com os mobilisados de Valencia, *mas não com os nacionaes de Zurita*, dos quaes foram fuzilados 4 no dia 11 de Julho em Codoñera.

Dois destes desgraçados, Francisco Dauden e Pelegrin Gil, eram anciãos que apenas podiam andar, e os outros dois, filhos de D. Rafael Fuster, eram de 16 a 18 annos de edade. Ás supplicas que se fizeram a Cabrera em favor destes mancebos, respondeu elle deshumanamente, que seu pae podia livral-os, apresentando-se a ser fuzilado! Ao ouvir a mãe uma condição tão horrivel, caiu desmaiada, e ao seu lado, morto como de um raio, o terceiro filho que levava aos seus peitos.

Em seguida derrota Cabrera em Yesa a columna composta de 500 infantes de corpos francos e nacionaes, 20 cavallos do regimento d'el-rei, e 10 milicianos de Benaguacil, dirigidos pelo commandante de cavallaria D. Adriano Jacome.

Prosperamente concluiu para os carlistas o mez de Julho, e a 3 de Agosto chegou Cabrera a Puebla de Benifasá, levando um rico despojo, bem mal adquirido, e á custa do incendio de alguns povos, como Cortes de Arenosa, entregue ás chammas por Quilez e Miralles (o *Serrador*).

Os outros partidarios, que com mais ou menos fortuna faziam correrias pelo paiz, devastavam tudo egualmente.

A boa estrella que guiava os carlistas, os fez crer que nada deteria já a sua victoriosa marcha, e animados com estas vantagens, se dirigiram, commandados por Quilez, a Albocacer no dia 6.

Guarneciam este povo 28 soldados, sob o commando de Lasantas, e de accordo com os poucos nacionaes que mandava o juiz Palomera, se propõem defender o povo, e a isso se preparam com resolução.

Recebem a tiros os carlistas, sem atemorisar-se pelo seu numero; e feridos estes em seu orgulho, ao ver que uns poucos os provocam, respondem com ardor.

Atacados ao mesmo tempo por differentes pontos aquelle punhado de valentes, e não podendo defendel-os todos ao mesmo tempo, retiram-se á egreja, que era dominada por outros edificios, e das janellas e telhados destes lhes fizeram os carlistas, fogo mortifero. Longe de desanimar, apesar de não terem esperança de salvação, sustentam-se os liberaes sem nenhum ceder, e suspende a noute o porfiado assedio.

Intimada durante ella a rendição, foi desprezada, não obstante exigir-se-lhes apenas a entrega das armas e munições. Tal era a sua coragem e patriotismo.

Exasperou aos sitiadores esta negativa, e redobrando o seu empenho, tratam de conseguir pelo incendio, o que não julgavam tão facil pelas armas. Arrimam porção de combustiveis ás portas da egreja, e em quanto ardem as portas, procuram outros furar as paredes.

Nem assim desistem os sitiados, os quaes

Accessit—Agostinho de Almeida Azevedo, filho de Antonio de Almeida Azevedo, de Santa Marinha, districto da Guarda.

Distinctos

Custodio Maria Veloso, filho de Luiz José de Freitas Veloso Junior, de Villa do Conde.

Manoel de Albuquerque, filho de outro, da Covilhã.

2.° ANNO

Distinctos

Bernardo Joaquim Cardoso Botelho, filho de Bernardo Joaquim Cardoso, de Formillo, districto de Vizeu.

Carlos Brun da Silveira, filho de José Filippe Brun da Silveira, da ilha Terceira.

3.° ANNO

Accessit—Joaquim Luiz da Assumpção, filho de Antonio de Sousa Assumpção, de S. Mamede de Coronado, districto do Porto.

4.° ANNO

Distincto—José Antonio Correa da Silva, filho de José Antonio, de S. Pedro Fins, districto do Porto.

5.° ANNO

Distinctos

José Maria Gonçalves Pavão, filho de João Baptista Gonçalves Pavão, de Villarinho de Tanha, districto de Villa Real.

José Joaquim Borges de Azevedo Eunes, filho de José Joaquim Borges de Azevedo e Silveira, da ilha de S. Jorge.

INFORMAÇÕES

José Maria Gonçalves Pavão—B. 15.

José Joaquim Borges de Azevedo Eunes—B. 14.

Antonio de Meirelles Pereira Leite, filho de Antonio Maria de Meirelles Pereira Leite, de Celorico de Basto, districto de Braga—B. 13.

José Casaleiro Pratas, filho de Bernardo Casaleiro Pratas, da Ccujeira, districto de Coimbra—B. 12.

Henrique Tavares Ribeiro da Silva, filho de João Tavares Ribeiro da Silva, de Quintella, districto de Vizeu—B. 11.

João Antonio Correia de Ceiça, filho de Manoel Correia de Ceiça, de S. Silvestre, districto de Coimbra—B. 11.

Faculdade de Philosophia

1.° ANNO

Premio—Antonio Joaquim Ferreira da Silva, filho de outro, do Couto de Cucujães, districto de Aveiro.

Accessit

Theophilo José da Trindade, filho de outro, da Lagôa, districto de Faro.

Antonio Eduardo Villaça, filho de Bento José Ferreira Villaça, de Braga.

Augusto Xavier Teixeira, filho de Manoel Joaquim Xavier Teixeira, do Eiro, districto de Villa Real.

Distinctos

Licinio Pinto Leite, filho de Joaquim Pinto Leite, do Porto.

Jayme Adolpho Mauperrin Santos, filho de Antonio Florencio dos Santos, de Lisboa.

2.° ANNO

2.ª CADEIRA

Accessit pela ordem da matricula

Francisco da Graça Miguens, filho de Braz Miguens Beato, de Niza.

Alberto Pessoa, filho de José Joaquim Pessoa, de Coimbra.

José Gonçalves Pereira dos Santos, filho de João Gonçalves Curado, dos Carvalhaes, districto de Coimbra.

Antonio Luiz Gomes Branco de Moraes Sarmento, filho de Manoel Gomes de Moraes Sarmento, de Villa Verde, districto de Villa Real.

Distinctos

Antonio Dias de Gouvea, filho de Antonio José Lourenço de Gouvea, de Sameice, districto da Guarda.

Antonio Varella Duarte, filho de José Duarte, de Villa Pouca de S. Joanninho, districto de Vizeu.

Antonio Maria de Freitas Motta, filho de José de Almeida Motta, de Coimbra.

3.° ANNO

3.ª E 4.ª CADEIRAS

Accessit—Luiz Pereira da Costa, filho de outro, de Monte Redondo, districto de Leiria.

Distinctos

Antonio de Meirelles Guedes Pereira Coutinho Garrido, filho de Pompeu de Meirelles Guedes Coutinho Garrido, da Quinta dos Albergarias, districto de Coimbra.

Abilio de Albuquerque Fonseca e Sousa, filho de José da Fonseca Dias, de Oliveira do Bairro, districto de Aveiro.

Antonio Varella Duarte.

Eduardo Augusto Xavier da Cunha, filho de Maximino Xavier da Cunha, de Trancoso.

João Henriques Tierno, filho de D. Simeão Tierno, de Elvas.

Francisco Esteves de Oliveira, filho de outro, de Teixoso, districto de Castello Branco.

N. B.—Foram propostos para *premios* e *accessit*, mais os seguintes alumnos; mas ficaram esperados até concluir o curso do 3.° anno, na forma da lei.

1.° *Premio*—Roberto Rodrigues Mendes, filho de João Rodrigues Mendes, de Vianna do Castello.

2.° *Premio*—Manoel da Terra Pereira Vianna, filho de Manoel Joaquim Pereira Vianna, de Campos, imperio do Brasil.

Accessit

José Joaquim Simões de Carvalho, filho de Antonio Joaquim Simões de Carvalho, da Amoreira, districto da Guarda.

Francisco da Graça Miguens.

Antonio Dias de Gouvea.

4.ª CADEIRA

Distinctos

Antonio José Gonçalves Guimarães, filho de Gonçalo José de Lagos, de Tavira.

Luiz Augusto Teixeira Lobato, filho de Luiz Baptista Pinto Lobato, de Villa Real.

Antonio Dias de Sousa e Silva, filho de Luiz Dias de Sousa, de Muxagata, districto da Guarda.

Joaquim Augusto de Sousa Refoios, filho de pae incognito, de Miranda do Corvo, districto de Coimbra.

4.° ANNO

5.ª E 6.ª CADEIRAS

Partidos

Antonio Dias de Sousa e Silva.

Antonio José Gonçalves Guimarães.

Premios

Leopoldo Teixeira Alves Martins, filho de Manoel Teixeira Alves de Magalhães, da Granja de Alijó, districto de Villa Real.

Luiz Augusto Teixeira Lobato.

Accessit

Joaquim Augusto de Sousa Refoios.

Basilio Alberto de Sousa Pinto, filho de Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto, de Coimbra.

—*N. B.*—Ficou esperado até completar o curso do 4.° anno.

6.ª CADEIRA

Distinctos

José Agostinho Ribeiro Guimarães, filho de Agostinho José Ribeiro Guimarães, natural de Laranjeiras, imperio do Brasil.

Julio Augusto de Oliveira Baptista, filho de Luciano Maria Pereira Baptista, de Ançã, districto de Coimbra.

João Forjaz, filho de Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, de Coimbra.

Joaquim de Mariz Junior, filho de Joaquim de Mariz, de Coimbra.

5.° ANNO

7.ª E 8.ª CADEIRAS

Accessit

1.° Mauricio Augusto de Sequeira, filho de João Francisco de Sequeira, da ilha da Madeira.

2.° Bernardino Luiz Machado Guimarães, filho do barão de Joanne, do Rio de Janeiro, imperio do Brasil.

3.° Antonio Zeferino Candido da Piedade, filho de Justino Candido da Piedade, de Serpins, districto de Coimbra.

4.° D. Affonso de Serpa Leitão Freire Pimentel, filho do visconde de Gouvea, de Coimbra.

INFORMAÇÕES

Mauricio Augusto de Sequeira—M. B. 16 valores.

D. Affonso de Serpa Leitão Freire Pimentel—B. 15.

Antonio Zeferino Candido da Piedade—B. 15.

Bernardino Luiz Machado Guimarães—B. 15.

Francisco de Salles Costa Lobo, filho de Agostinho José da Costa, de Villa Real—B. 14.

NOTICIARIO

Documentos para a historia contemporanea.—Publicamos hoje duas cartas ineditas, escriptas ambas em Março de 1833.

---

regulando a sua defeza á medida que iam exigindo as circumstancias, e vendo-se perdidos na egreja, retiram-se á torre, cortam a escada, e se preparam a vender caras as vidas.

Senhores do templo os carlistas, novamente lhes intimam a rendição, fazendo-lhes ver o temerario da sua resistencia, e o decididos que estavam a fazel-os perecer por qualquer modo. —Que sabiam morrer, mas não render-se, foi a resposta sublime d'aquelles heroes.

Já não restava outro recurso ao prestigio dos carlistas, que vencer, e sem reparar nos meios, queimam palha para asfixiar os liberaes com o fumo. Nem assim conseguem o seu objecto, e os intitulados defensores do altar, pegam fogo á egreja, e sitiados e sitiadores a vêem convertida em cinzas, augmentando ellas o heroismo dos primeiros, e o despeito dos segundos.

Ás 8 da seguinte manhã lhes fazem outra vez proposições; porem têem o mesmo exito das anteriores.

Envergonhados os carlistas por se verem desprezados por tão reduzido numero de valentes, fiam a força da polvora o vencimento, e preferem ficar sem um cartucho, e entregues as possiveis e arriscadas consequencias a que a falta de munições os deixaria expostos, a ter que retirar-se, sem haver conseguido o seu intento.

Era um meio horrivel voar a torre; porem não o recusava a guerra; e o teriam posto por obra, a não saberem que Nogueras se aproximava. Não se atrevendo a esperal-o, retiram-se para Benasal as forças carlistas, offendidas, mais que pela importancia dos seus esforços, pelo pouco em que as tiveram os benemeritos defensores de Albocacer, cujo digno exemplo devia alentar a outras guarnições.

Da resistencia que achou Quilez em Albocacer se indemnisou no dia 11, apoderando-se do forte de Horcajo, com os 30 homens que o guarneciam, assim como de bom numero de espingardas.

No dia 12 se renderam Ortells, Villores e Palanques, e a 13 capitularam os 142 homens que formavam o destacamento de Beceite; e sem faltar Quilez ao estipulado, se contentou com as 200 espingardas e 5 cavallos que poude assim alcançar. Regressou a Belmonte e Castellote, cujo forte se entregou, e o *Serrador* se dirigiu á parte de Valencia. Satisfeitos ambos com as vantagens obtidas, se retiraram aos portos a dar descanço, e organisar a sua gente.

Aliviados os carlistas do rico despojo que tinham feito, emprehenderam outras excursões.

Entre outras mencionaremos a entrada que fez Cabrera, coadjuvado por Forcadell, no dia 18, na cidade de Segorbe.

Na cidade recebeu parte do que pediu, fez com que lhe entregassem os cavallos uteis, ordenou a apresentação das armas, munições e mais effeitos de guerra, e prescreveu tolerancia com todas as opiniões.

Esteve Cabrera em sessão com a camara municipal, visitou o bispo, com quem conversou sobre o estado da guerra, e em vista da aproximação de Nogueras, deu as ordens que julgou convenientes.

Aos primeiros tiros, correu, não obstante, a Navajas, em retirada, pois não lhe pareceu poder fazer frente a Nogueras, que entrou em Segorbe.

Cabrera, com a sua entrada em Segorbe, acrescentou o seu ascendente; Nogueras, salvando a cidade e fazendo retirar o invasor, inaugurou felizmente o commando do baixo Aragão, que acabava de lhe ser confiado.

No dia 26, Cabrera e o *Serrador* batem em Jana, e causam grande perda, a uma columna dos liberaes, por quem tinham sido atacados na sua marcha de Cerera a Jana.

No dia 10 de Setembro ataca Cabrera a importante e rica villa de Rubielos, porque a sua posse tinha a vantagem de tirar um obstaculo ás suas correrias no interior do paiz.

Defendem-se os nacionaes e soldados; e por fim são forçados a limitarem-se ao convento da villa. Incendiado o convento, vêem-se os liberaes obrigados a render-se. Arvoram um panno branco em signal de capitulação, e *firmam Cabrera e Forcadell* a condição aceitada de *conservar-lhes a vida.*

Fiados neste pacto, entregam-se, *mas são em seguida fuzilados muitos daquelles prisioneiros, ao pé da mesma torre que tinham defendido bisarramente!*

Conduzidos os restantes ao campo de la Dehesa, termo de Noguerelas, mandou Cabrera fazer alto, e comeram todos o rancho. Concluida esta operação, formou um cerco de infantes e cavallos, fez despir os prisioneiros, que ficaram completamente nus, e os convidou a que se salvassem, correndo.

Em boa fé assim o praticaram, *mas* (cousa horrivel!) *são lanceados e mortos aquelles infelizes, achando se depois algum cadaver com 26 feridas!!!*

A humanidade estremeceu, e Cabrera adquiriu um titulo sanguinolento.

Passados dias, a camara municipal de Noguerelas recolheu e deu sepultura ás *sessenta e cinco* victimas alli encontradas, até que em 1841, os nacionaes de Rubielos e outros, as auctoridades locaes e a superior da provincia, D. Francisco Santa Cruz, de accordo com a auctoridade ecclesiastica, trasladaram os seus restos a Rubielos, celebrando um anniversario solemne e pomposo.

Os anteriores successos e a falta de forças do exercito para proteger os povos, produziu um desalento inexplicavel, que facilitou novos triumphos a Cabrera. Não é de estranhar, portanto, que os nacionaes vendo-se abandonados, deixassem umas armas que só serviam para compromettel-os, e as entregassem na capital, refugiando-se nella os mais compromettidos.

Por esta forma se foi Cabrera apoderando de Alcalá de la Selva, Sarrion, Manzanera, Torrijas, e Utiel. Em Requena, porem, achou Cabrera um valor tão heroico, que o impedia de tomar a povoação.

No dia 24 de Setembro se encontraram nas alturas de Orta as forças carlistas, commandadas por Quilez, Miralles e Torner com as liberaes, commandadas por Nogueras. Os carlistas perderam a acção, mas não soffreram uma completa derrota.

Nogueras perseguia a Quilez, decidido ainda a internar-se nos portos, e a fim de que se não unisse com o *Serrador*; porem não foi possivel impedil-o.

Juntos em Alloza, marcharam a Alcorisa, até que tomaram as posições formidaveis do salto da Cabra. Rompeu-se o fogo, e não seguiu adiante, por se retirarem os carlistas para a parte de Muniesa.

Em seus campos lhes deu alcance Nogueras no 1.° de Outubro, e sem esperar as tres companhias de infanteria, que seguiam de perto os 140 cavallos que commandava, com mais arrojo que prudencia, avançou contra a cavallaria de Quilez, que achou inesperadamente apoiada pela infanteria do *Serrador*.

Nogueras esteve em grande aperto, e para fazer mais critica a posição dos liberaes, o proprio Nogueras caiu ferido do seu cavallo.

A chegada da infanteria fez com que não fosse derrotado e ficasse senhor do campo.

O frade Garzon, chefe da cavallaria carlista, seguiu a sua correria para Montalvan e Campo de Cariñena, desarmando aos nacionaes d'aquelles povos, alistando a uns 400 homens, e recolhendo á força viveres, calçado e dinheiro, deixando em todas as partes memoria das suas excursões.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

A primeira é escripta por um official miguelista no cerco do Porto, participando o desastre que teve o exercito de D. Miguel no celebre ataque do dia 4 de Março; e a segunda, datada de Villa Real no dia 10 do mesmo mez, é dirigida ao arcebispo d'Evora, Fr. Fortunato de S. Boaventura, enviando-lhe a carta antecedente.

«Meu José—Hoje pelas 6 para as 7 horas da manhã atacamos a casa Amarella, e a da Nora, no monte do Pasteleiro, em que por vezes te tenho fallado, e que fica por cima do Oiro.

Este ataque foi feito em duas columnas, sendo a minha brigada a da esquerda, e na direita a primeira brigada, que foi reforçada com o novo regimento de Lisboa e voluntarios de Monsaras, sendo ao todo na minha brigada o regimento de infanteria de Elvas e Abrantes, voluntarios de Villa Flor, Mirandella e Braga, e milicias dos Arcos e Villa Real, e a primeira composta de infanteria de Bragança e o novo de Lisboa, caçadores da Beira Baixa, voluntarios de Monsarás e de Mangualde, e milicias de Vizeu e Trancoso.

O fogo foi vivissimo, de parte a parte, e durou até ao meio dia, *sem que podessemos entulhar os fossos com as fachinas de que iamos preparados, nem tão pouco escalar as trincheiras, ou paliçadas, que formavam a sua linha de defeza, em consequencia do que tivemos de retirar por volta da uma da tarde a occuparmos as mesmas posições ou acampamentos.*

A nossa perda sempre seria de mais alguma consideração, por isso que nos batemos a peito descoberto; porem ao certo ainda o não sei, porque logo que cheguei fui a Bouças, donde voltei ao escurecer, e ainda não estive depois com o major de brigada, que o deve saber pelos mappas que logo recebeu dos corpos.

Do meu regimento morreram somente 3, entre os quaes pertenceu ao sargento Claudino; tive 8 feridos e outros tantos extraviados, que presumo seriam mortos.

Os responsos da mulher de certo me valeriam neste dia, porque nunca estive debaixo d'uma chuva tão espessa e encruzada, e até o meu cavallo ia experimentando os seus effeitos, porque lhe passou uma bala de artilheria entre o bico e a taboa, que não só o não offendeu, mas nem as redeas por cima das quaes passou, tomando de então para cá juizo, porque em as vendo fungar, logo sobre os pés se volta para a rectaguarda.

Mortos da brigada, da classe dos officiaes o major do 2.°, e um de Villa Flor— feridos gravemente, major de Braga e Mirandella — levemente seis ou oito officiaes.

Na primeira brigada não sei por ora de ninguem mais do que do tenente coronel do 24, e Pedro da Silveira, que lhe entrou uma bala de fuzil pelo dedo pollegar do pé, e saiu ao calcanhar.

O meu cirurgião agora acaba de me dizer, que chegarão talvez o numero dos feridos, que curou com os seus collegas, a 200 homens.

Este ataque é a meu ver o que lançou por terra Santa Martha, por ser talvez de opinião contraria, e não querer annuir a elle debaixo da sua direcção; porem, isto é sómente suspeita em mim.

O fogo tornou-se geral em toda a linha, e para Rio-tinto dizem que avançando os nossos lhe queimaram algumas casas.

Recommendações á senhora comadre e para Goiv.ᵃˢ (?), e tu acredita que sou teu primo e amigo—*J. Guedes*. Novo A., 4 de Março, pelas 8 da noite.»

«Exm.° e revdm.° sr.— Ainda que a esta hora deve estar já impressa a participação official deste *mallogrado ataque*; sempre quero mandar a v. ex.ª esta carta, escripta por quem assistiu, e que de mais a mais, nem é tolo, nem mente.

Eu estava ancioso por este ataque, que sendo bem succedido, devia pôr os rebeldes em verdadeiro e rigoroso sitio; mas Deus não o quiz assim, *e os homens da sua parte fizeram quanto poderam para deitar tudo a perder.*

Os rebeldes já de vespera estavam preparados para elle, e segundo agora consta, tinham 10:000 bem fortificados, e que valiam a 20:000 mais; e o nosso ataque foi feito com 14 corpos, como verá desta carta, os quaes ao todo não chegavam a 6:000, porque todos estão pequenos: as milicias daqui não tem 300 homens!

Mas para que, ou porque se fará isto assim? Não entendo.

Esta carta vai enxovalhada, porque correu muitas mãos, pois aqui só se acreditam as noticias que vem por este canal, e eu vejo-me obrigado ás vezes a condescender contra vontade.

Consta agora que os rebeldes na sua *Chronica* escandalosa confessam que perderam 300 homens, mas fazem subir a nossa perda a 7:000!!!... Ao menos temos a certeza que a delles foi mais consideravel do que era de esperar, visto que estavam cobertos.

Escrevi-a a 10 de Março de 1833, em Villa Real.

Nota bene. O estado sanitario por ora aqui é excellente, menos o meu.—*J. C. M. Sampaio.*»

Nesta ultima carta de 10 de Março, se diz que—«consta agora que os rebeldes na *Chronica* escandalosa confessam que perderam 300 homens, mas fazem subir a nossa perda a 7:000!!!»

Como, porem, temos presente a collecção completa da *Chronica Constitucional do Porto*, ahi podemos verificar que é falso o que dizia aquella carta. Em o n.° 55 de 5 de Março de 1833, ha apenas um artigo felicitando o partido liberal pelo triumpho obtido na vespera; mas não se enumeram os mortos, ou feridos que houve. Em o n.° 57 de 7 de Março é que vem a noticia official do ataque dos miguelistas no dia 4. Relativamente a mortos e feridos lê-se ahi o seguinte:

«O exercito libertador perdeu dois officiaes: o coronel Pacheco, ferido desde o principio da acção, não quiz desamparar o seu posto; mais 10 officiaes foram feridos levemente: tivemos 13 soldados mortos e 84 feridos: assim os officiaes, como os soldados, todos rivalisaram de coragem e bravura neste glorioso combate.

«A perda do inimigo deve ter sido consideravel: 300 cadaveres deixados em roda das nossas posições, o numero dos que vimos que o inimigo levou, a quantidade ainda maior de feridos que elle poude retirar, faz crer que teve mais de 1:500 homens fora do combate.»

Compare-se agora o que se lê na *Chronica Constitucional*, com o que na mencionada carta se participava que ella dizia!

Depois de termos acima publicado as duas cartas, vem a proposito o publicar a parte official do conde de S. Lourenço, commandante do exercito de D. Miguel, dando conta do resultado do ataque de 4 de Março de 1833. O desastre que soffreu o exercito de D. Miguel, confessado naquellas cartas particulares, é assim desfigurado pelo conde de S. Lourenço:

«Illm.° e exm.° sr.— Tenho a honra de participar a v. ex.ª, que hoje realisei sobre a direita dos rebeldes um movimento em força, com o fim de reconhecer as suas posições, a natureza das obras alli feitas, e a força com que apoiam a referida direita. Combinei esta operação com um tiroteio geral de piquetes na 3.ª e 4.ª divisão, bem como na columna movel, a fim de chamar a attenção dos rebeldes; e mesmo mandei lançar algumas bombas contra o convento da Serra.

Consegui o fim, que me havia proposto, e mandei que as tropas voltassem aos seus abarracamentos, não tendo o fogo excedido a tres horas. A artilheria assestada á extrema da nossa linha fortificada, protegeu toda esta operação:

«Deus guarde a v. ex.ª Quartel general em Aguas Santas, 4 de Março de 1833.—Illm.° e exm.° sr. visconde de Santarem.—*Conde de S. Lourenço*, commandante em chefe do exercito de operações.»

Para tornarmos esta noticia mais completa, vamos publicar alguns periodos de uma carta do duque de Saldanha, datada de 22 de Outubro de 1866, acerca do mesmo ataque do dia 4 de Março:

«No dia 2 de Março desertou do inimigo um cabo do regimento 24. No dia 3 tive parte de que o cabo que se tinha apresentado, havia tornado para o inimigo: vi logo que elle viera como espião, e que iria dizer que no reducto formado no pinhal, e que depois foi conhecido pelo nome de *Reducto do Saldanha*, ainda a artilheria não estava montada, o que daria causa a eu ser atacado na manhã seguinte.

Trabalhamos pois de modo que antes do amanhecer, uma peça e um obuz estavam em bateria. Dei ordem para que no reducto se não desse um tiro senão á minha voz. Effectivamente assim que raiou o dia appareceu o regimento 24, e o batalhão de caçadores 8, que marchavam direitos ao Reducto, e quando se aproximaram rompeu o fogo de metralha e de fuzilaria a poucos passos, e o inimigo que não esperava ser recebido por tal forma, fugiu na maior confusão com grande perda.

A acção durou todo o dia: o inimigo chegou a entrar na povoação da Foz, d'onde foi lançado fóra a bayoneta, e assim 600 homens resistiram aos 10:000 com que Telles Jordão atacou naquelle dia.—E o cabo do regimento 24 foi fuzilado como traidor, por ter informado que não havia artilheria no Reducto.

O dia 4 de Março ficará para sempre memoravel nas paginas da historia constitucional da nossa patria, ainda que tenha desapparecido da memoria dos contemporaneos. Se não houvessemos occupado aquella posição, e á força dos mais arrojados actos de valor dos meus 600 soldados, não tivessemos resistido ao numero tão superior que nos atacou, perdida estaria a causa da Senhora D. Maria II, e com ella a causa da liberdade.»

Os assassinos de Alcoy e os matadores dos presos de Paris.—Entre as atrocidades ultimamente praticadas em Alcoy, foi uma a de muitos malvados arremessarem das janellas da casa da camara varios individuos, consultando primeiro o povo, se queria que lh'os lançasse mortos, ou vivos. Estes preversos aprenderam decerto nos horrores da primeira republica franceza.

Temos á vista o n.° 248 da *Gazette Nationale, ou Le Moniteur Universel*, de 4 de Setembro de 1792. N'esse numero vem publicado o boletim da assembleia nacional de domingo, 2 de Setembro, ás 6 horas da tarde.

Ahi temos o seguinte:

«*Mr. Guiraud, commissario.* Fui a Bicêtre com 7 peças de artilheria. O povo exercendo a sua vingança, *fazia assim a sua justiça (!)*; no Châtelet, muitos presos foram soltos no meio dos gritos de *viva a nação* e ao tenir das armas. As prisões do Palacio estão absolutamente vasias, *e muito poucos presos escaparam á morte.*

Esquecia-me um facto importante, *para honra do povo.* O povo tinha organisado nas prisões um *tribunal*, composto de 12 pessoas. A' vista do livro do carcereiro, e depois de diversas perguntas feitas ao preso, os *juizes (!)* punham as mãos na cabeça, e diziam: —«Julgaes que em nossa consciencia possamos *soltar* este senhor?»—Esta palavra *soltar* era a sua condemnação. Quando se dizia *sim*, o accusado era arremessado, e ia-se precipitar sobre os piques. Se era julgado innocente, os gritos de *viva a nação* se faziam ouvir, e se dava a liberdade ao accusado.»

Esta narração de Mr. Guiraud, era assim feita com todo o sangue frio, poucas horas depois de terem sido atrozmente assassinados muitos milhares de presos, nas differentes prisões de Paris.

Universidade.—Terminaram os trabalhos da Faculdade de Philosophia no presente anno lectivo. O numero total dos actos foi de 242, sendo approvados nemine discrepante 175, simpliciter 41, e reprovados 26. Convem observar, que muitos alumnos não fizeram acto, uns por estarem licenciados, outros por não comparecerem a tirar ponto, e outros por terem perdido o anno na ultima congregação de faltas.

Todo este serviço foi desempenhado por 7 professores effectivos, auxiliados por 2 lentes jubilados. Foi um trabalho penoso e violento.

O attentado da rua do Visconde da Luz.—Ainda continua a ser motivo de geral indignação o crime praticado por alguns preversos no hotel do *Caminho de ferro*, na rua do Visconde da Luz.

Esperamos que os criminosos sejam devidamente punidos, para exemplo, e para que se não diga que factos desta ordem ficam habitualmente impunes em Coimbra.

Confiamos em que o poder judicial saberá cumprir com os seus deveres, dando a devida actividade ao processo; porque, sem a segurança do cidadão, não ha garantias sociaes.

Coimbra não póde, nem deve estar á mercê de malfeitores.

Anarchia. — Em a noute passada, á meia noute, foram despertados os habitantes da rua de Mathematica, com uma grande algazarra de estudantes, que soltavam as palavras as mais obscenas, e insultavam as familias que alli residem.

A audacia e o desaforo dos estudantes, que andavam armados de grandes paus, chegou a ponto de ameaçarem despedaçar as janellas das casas, onde apparecesse alguem!

A este estado chegou Coimbra!

Aqui não ha ordem nenhuma; aqui todos tremem pela sua segurança; aqui ficam os crimes impunes, e por isso os anarchistas praticam o que se está vendo.

Coimbra voltou á epocha de 1839 a 1841. Mas haverá agora as mesmas consequencias de então? O tempo o dirá.

E entretanto, que fazem todas as auctoridades no meio deste estado de cousas? Querem pela sua inacção, tomar a responsabilidade do que acontecer?

A tempo as avisamos.

Ponte do Mondego. — Continua com actividade a demolição da ponte desta cidade. Vê-se que ha verdadeiro empenho em que esta importante obra se faça com a brevidade possivel. O sr. director das obras publicas é incançavel em promover os interesses deste districto, e por isso confiamos que a obra da ponte ha de ter todo o desenvolvimento, compativel com a estação.

Demolição.—Começaram os trabalhos da demolição das casas pertencentes aos srs. Abreus, á Portagem, que a camara expropriara para alargamento e aformoseamento daquelle local. Consta-nos que o digno presidente da camara emprega todos os seus esforços e a sua reconhecida actividade e zelo, para concluir este melhoramento, tratando de contratar com outros proprietarios daquelle sitio, a expropriação das restantes casas que alli existem.

E' digno de todo o louvor o interesse com que o sr. Dr. Lourenço deseja levar a effeito esta e outras obras de reconhecida utilidade publica.

Toda a cidade toma interesse nestes melhoramentos, que o progresso e a civilisação desta terra estão instantemente pedindo, e manifesta os mais ardentes desejos de os ver brevemente concluidos.

Esperamos que a camara, a troco de qualquer sacrificio, faça aformosear aquelle local, de modo que não seja objecto de vergonha, como outros de egual natureza, que ahi permanecerão por muitos annos, para attestar a falta de gosto, ou desleixo de outras vereações.

Illuminação. — Os candieiros da illuminação da ponte, vão ser collocados na estrada da Beira. Esta deliberação da camara é muito acertada, e póde concorrer para que aquelle sitio seja mais frequentado durante as noutes do estio.

Valla dos Lazaros.—Chegou á direcção das obras do Mondego a auctorisação para a abertura da valla dos Lazaros, obra de ha muito reclamada pela hygiene publica. Folgamos com esta resolução do governo, que é debaixo de todos os pontos de vista, de grande utilidade.

Fallecimento.—Falleceu hontem, em resultado de um mau parto, a exm.ª sr.ª D. Amelia Augusta Simões de Carvalho e Pinho, esposa do nosso patricio e amigo o sr. bacharel Aloysio Augusto de Pinho, e filha do sr. Luciano Simões de Carvalho, tambem nosso patricio, e ha muitos annos residente no Porto.

Tanto ao sr. Aloysio, como a toda a sua familia, damos os sentimentos por este infausto acontecimento.

Mercado de Condeixa a Nova no dia 25.—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 480—Dito mourisco 440—Dito branco 440—Milho branco 330—Dito amarello 310 a 320—Feijão vermelho 500—

Dito branco 480—Dito rajado 360—Dito frade 360—Cevada 220—Tremoços 240— Favas 260—Batatas 200—Vinho 900— Azeite 1$140.

Passaros cantores.—Diz-nos o sr. José Maria Rosa de Carvalho, o seguinte:

«O nosso pintaroxo *(fringilla cannabina, Lin.)* é, sem duvida, o melhor cantor dos passaros deste genero; e torna-se estimavel não só por esta qualidade, como tambem por a sua docilidade no estado de domestico. Se conservasse sempre a côr vermelha no peito, não deixava de ser agradavel á vista; mas é só na primavera que elle veste estes trajos nupciaes, qualidade commum a muitas aves do sexo masculino.

Ao pavão *(paco cristatus)* é só na primavera que nasce a cauda; e não tem este ornato na estação invernosa.

A abetarda *(otis tarda)* e o combatente *(tringa pugnax)* adornam os seus pescoços de longas e lindissimas pennas n'esta bella estação; as quaes perdem no outono.

A côr preta do pescoço da nossa arvella *(motacilla alba)* augmenta consideravelmente na primavera.

Um cartaxo das rochas *(motacilla stapasina)* cuja côr é amarellada nas outras estações, veste camisa lavada na primavera; torna-se-lhe branco todo o corpo, conservando a côr preta das azas.

São muitas mais as aves que na estação das flores vestem os trajos de noivado; parece que o fazem de proposito para assim agradarem ás suas consortes e darem principio aos doces trabalhos da reproducção. Assim como outras aves, perde o nosso pintaroxo o seu ornato; e torna-se quasi tão feio como o pardal.

O chamariz ou milheira *(fringilla serinus)* é um cantor de grande força; quer no ar, quer pousado, elle canta sempre, e sempre o vemos em movimento. Os curiosos de passaros de gaiola não devem dispensar o nosso chamariz.

Outro cantor é o lindo pintasilgo *(fringilla carduelis)*, sempre egualmente lindo em todas as estações: Este passaro é geralmente estimado; mais por a sua belleza, do que por o canto. E' transportado para o Brasil, onde tem muitos apaixonados; porém, vive lá pouco tempo.

O tentilhão *(fringilla cœlebs)* tambem gosa das honras de bom cantor. Dizem que o canto d'elle varia segundo as localidades. Em algumas aldeias de França dá-se grande estimação aos que cantam melhor. Se consta que a 30 leguas de distancia canta um que excede os outros, correm lá os curiosos para o apanharem com visco. E' alli coisa muito trivial o dar uma vacca por um tentilhão. «Um tentilhão vale uma vacca»; dizem elles. Muitos curiosos, que são pobres, sustentam-se muitos dias a pão e agua, com o fim de juntarem dinheiro, para comprarem um bom tentilhão.

Ha desafios entre os possuidores destas aves, sobre qual dos seus tentilhões é capaz de cantar o maior numero de vezes n'uma hora. Em um destes desafios cantaram 3 tentilhões 1:118 vezes. Um 420; outro 368; e o ultimo 330. Tudo isto é verdade; eu o li em letra redonda.

Não quero concluir esta noticia sem tributar respeito ao canario *(fringilla canaria)*, por ser um grande cantor. Eu o teria collocado no principio desta lista, se elle fosse portuguez. Não o fiz por elle ser originario das ilhas Canarias, d'onde foi exportado para a Europa no seculo decimo sexto.—Continua.»

Noticias de Hespanha.—Os carlistas, em força de 4:000 homens, commandados por Saballs, tomaram Igualada, depois de um fogo de 36 horas. Apoderaram-se de todo o batalhão de Navarra e de 1:500 espingardas. Contam-se muitas atrocidades praticadas pelos carlistas em Igualada.

Desembarcaram em Lequeitio, na costa da Biscaia. 2:600 armas para os carlistas.

Desertou para os carlistas o coronel Freijas, com uma força de guardas civis.

A fragata prussiana *Frederico Carlos*, tomou aos insurgentes, nas aguas de Carthagena, o vapor *Vigilante*, que ia para Almeria tentar fazer proclamar a independencia cantonal. Dentro do *Vigilante* ia o deputado Galvez, chefe dos insurgentes de Carthagena, e 30:000 duros que os insurgentes roubaram em Torre Vieja.

Os carlistas operam movimento de concentração cerca de Bilbau e em Berga.

ANNUNCIOS

Festividade

1 NO DIA 3 de Agosto terá logar a festividade do Senhor Jesus do Arnado, havendo na vespera illuminação, balão, musica, e fogo de vistas; no dia seguinte terá logar missa cantada, de tarde vesperas e sermão, sendo orador o sr. padre Neves; terminando a festividade com a arrematação das fogaças, tocando no arraial a philarmonica *Boa-União*.

AVISO

2 A MESA da Associação dos Artistas de Coimbra avisa aos socios da mesma Associação, que não pode ter logar no proximo domingo, 27 do corrente, a reunião da assemblea geral para a verificação das contas da gerencia da direcção, com referencia ao primeiro semestre proximo findo: opportunamente será annunciado o dia da reunião para aquelle fim.

Coimbra, 25 de Julho de 1873.

O secretario,
Luiz Adelino Lopes da Cruz.

DECLARAÇÃO

3 DANIEL GUEDES COELHO, declara que o estabelecimento que até aqui fora de João Guedes Coelho, se acha de novo aberto, debaixo da firma acima declarada, onde espera encontrar em todos a mesma protecção e amisade, que dispensavam a seu fallecido irmão.

AGRADECIMENTO

4 FRANCISCO JOSE' DE MOURA BASTOS e seus filhos, summamente penhorados pelos muitos favores que seus parentes e amigos lhes prodigalisaram, não só durante a prolongada doença, mas tambem pelo fallecimento da sua prezada esposa e mãe, Rosa da Conceição de Moura Bastos Bisarro; vêem por este meio agradecer ás pessoas indicadas, em quanto não podem pessoalmente provar o seu reconhecimento.

Coimbra 25 de Julho de 1873.

AVISO

5 O GOVERNO da irmandade do Santissimo, erecta na freguezia principal do concelho de Poiares, faz publico, que a sua bem conhecida festa a Senhora das Necessidades, hade ter logar no segundo domingo do proximo Agosto, continuando a ser em egual dia nos annos subsequentes.

Esta solemnidade hade verificar-se com explendor que não desmerecerá o das anteriores, havendo, segundo o costume, fogo d'arraial na vespera e musica.

Poiares, 23 de Julho de 1873.

O juiz da irmandade,
Joaquim de Carvalho.

Arrendamento

6 ARRENDA-SE o 2.º andar d'uma casa da rua dos Coutinhos, que tem muitos e excellentes commodos para uma familia; tem pateo e cavallariça. Quem a pretender falle com João Francisco da Silva, no largo dos Olarias, desta cidade.

PEDIDO

7 PEDE-SE ao sr. bacharel Adriano Baptista Ferreira, da villa da Mealhada, o favor de responder ás repetidas e attenciosas cartas, que de Coimbra lhe tem sido dirigidas.

8 A MESA da Veneravel Ordem Terceira da villa da Figueira da Foz, faz publico, que por virtude das disposições das leis de desamortisação, se hade vender no dia dois do proximo Agosto, ao meio dia, no ministerio da fazenda (Lisboa), uma morada de casas, que se compõe de sobrado e lojas, sitas na rua da Oliveira, com frente para esta rua, e para a Praça do Commercio, desta villa da Figueira, e que confrontam do norte com o bacharel José Joaquim Borges, e do sul com os herdeiros de Antonio de Padua e Oliveira. E' foreira á camara municipal de 240 reis, pelo S. Miguel de cada anno, e laudemio de quarentena, pelo qual fica obrigado o comprador, e está avaliada em 1:492$920 rs.

9 BERNARDO JOAQUIM CARDOSO BOTELHO continua, durante as ferias, a leccionar Latinidade e Philosophia para madureza e lyceu.

Rua da Mathematica, n.º 16.

AGRADECIMENTO

10 ADELINO AUGUSTO PEREIRA DE CARVALHO, profundamente confundido com os serviços que lhe prestaram as pessoas da sua relação e amisade, pela occasião do fatal golpe que soffreu com o fallecimento de sua saudosa esposa; vem já por este meio agradecer, em quanto o seu estado não permittir que o faça pessoalmente, protestando a todas a mais viva gratidão.

Banhos do mar na praia de Espinho

11 O PROPRIETARIO do novo hotel Central de Espinho, situado em frente da inha ferrea, continua a receber pessoas e familias, tanto nacionaes, como estrangeiras, offerecendo-lhes todas as commodidades possiveis, com aceio e limpeza, por preços rasoaveis.

Este hotel acha-se montado com bilhar, café, e restaurante. O seu proprietario, já bastante conhecido de muitas pessoas que se tem dignado preferir o seu estabelecimento, a nada se poupa para continuar a merecer a estima de topos.

12 VENDE SE a casa da Ordem de Poiares. E' uma optima vivenda com muito boas terras de rega, e de sequeiro, junto á egreja de Santa Maria d'Arrifana. Tem muitas arvores de mimo, excellentes olivaes, pinheiros, castanheiros, e tojeiras, e uma terra de lodo em Louredo, junto ao Mondego, e algumas sortes de oliveiras, mattos, e pinheiros dispersos. Esta casa tem muito boas communicações, pois se acha proxima do Mondego, e da estrada da Beira. Quem a pretender comprar dirija-se a José Felix Catana, d'Arrifana de Poiares, que tem uma relação das propriedades, e prestará todos os mais esclarecimentos necessarios.

13 VENDE-SE uma machina de coser, tanto para sapateiro, como alfaiate, do auctor Singer. Quem a pretender póde dirigir-se á praça nova, barraca n.º 16.

DILIGENCIAS

14 VIUVA NATIVIDADE & FILHOS fazem publico, que no dia 30 inclusivé, do corrente mez, vão pôr diariamente a sua diligencia até Nespreira; sahindo de Coimbra ás 5 horas da tarde, e de Nespreira ás 3 horas da tarde.

Tambem têem duas diligencias diariamente para a Figueira; uma que sae ás 4 3/4 horas da manhã, e outra ás 3 horas da tarde, gastando ambas 5 horas na viagem; e da Figueira sae uma ás 4 1/2 horas da manhã, e outra ás 2 horas da tarde. Toma-se conta de qualquer encommenda que se possa conduzir nas diligencias.

Têem em Coimbra bons caleches e char-à-bancs, que se alugam por preços commodos, para toda a parte, onde haja estradas macadamisadas.

O escriptorio da diligencia da Beira e das da Figueira, é em Coimbra, em casa dos annunciantes, rua da Sophia, n.ºs 39-41; e na Figueira em casa do sr. Carlos da Costa Guia, na Praça Nova, n.º 1-A.

Em Nespreira tambem ha um carro para alugar.

Coimbra, 24 de Julho de 1873.
Viuva Natividade & Filhos.

15 O SENHOR—comedia em um acto, por Cesar de Sá; representada pela primeira vez em 12 de Março de 1873 no theatro de D. Luiz 1.º em Coimbra.

Vende-se em Coimbra na loja do editor, rua do Visconde da Luz, n.ºs 104 e 106, e nas principaes livrarias do Porto e Lisboa.—Preço 120 reis.

16 QUEM QUIZER comprar uma boa parelha de mulas já ensinadas, dirija-se ao mestre ferrador, Antonio Pêssa, no largo da Sota.

COMPANHIA GERAL DO Credito Predial Portuguez

17 A COMPANHIA GERAL de Credito Predial Portuguez aceita propostas para emprestimos a longo prazo, por meio de obrigações de juro de 5 % e commissão de 1/5 %.

A abundancia dos capitaes que ha felizmente no reino, o melhoramento do credito, e a reducção do juro, que são consequencias d'ella, fazem esperar que as referidas obrigações serão tão bem acolhidas do publico, como o têem sido as obrigações prediaes de juro de 6 %, as quaes estão hoje muito acima do par e com tendencia para melhor preço.

Da subida no valor das obrigações de 5 % hade resultar uma grande vantagem para o mutuario, que com a mesma annuidade poderá obter nos emprestimos que effectue por meio d'aquelles titulos, um maior capital do que o obtem nos emprestimos feitos por meio de obrigações de 6 %.

O governo da companhia apressa-se pois a informar o publico desta resolução, para que as pessoas que prefiram effectuar os seus emprestimos nas obrigações de 5 %, possam preparar as suas propostas nessa conformidade.

Lisboa e casa da companhia, aos 22 de Julho de 1873.

O governador,
Marquez de Avila e de Bolama.

NUMERO 2714 — TERÇA FEIRA 29 DE JULHO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 10 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O nosso esclarecido collega do *Diario de Noticias* refere-se no seu numero de domingo, a um facto lamentavel, que está succedendo na ilha das Flores, possessão deste reino.

Parece que a lei votada na ultima legislatura, extinguindo as remissões a dinheiro, encontrou alli tão grande repugnancia entre os povos, que deu em resultado um augmento consideravel na emigração para a America.

Em uma carta, que aquella folha transcreve, diz-se que quasi todos os mancebos recenseados, antes da mencionada lei, se remiam a dinheiro, e que foi tal o desgosto por ella produzido, que os povos pelo receio que tem á vida militar, vão em debandada para a America.

Por differentes occasiões temos escripto neste jornal ácerca dos resultados a que têem chegado muitas povoações de Portugal com a emigração para os paizes estrangeiros, e dos inconvenientes a que estão sujeitos os compatriotas nossos, que deixam a sua terra natal, o lar domestico e a familia, em demanda de uma fortuna, que rarissimamente encontram em paizes inhospitos pelo clima e pelo tratamento. E não ha muito que, escrevendo sobre o assumpto da nova lei que aboliu as remissões a dinheiro, referindo-nos a este paiz, mostramos os seus inconvenientes, e o desgosto com que os povos têem recebido esta inovação.

Agora pela exposição que faz o correspondente do *Diario de Noticias*, vemos que, naquella ilha, e quiçá em todas as nossas povoações, tem maiores difficuldades a obrigação pessoal ao serviço militar, que outra coisa não é o systema actualmente em vigor.

Diz o informador do nosso illustrado collega da capital, que— «Todos os homens validos até 30 annos têem emigrado e estão emigrando, legal ou clandestinamente, e arrastando comsigo suas familias, desfazendo-se dos seus bens e abandonando definitivamente a terra natal, que até aqui só deixavam para irem procurar fortuna, regressando muitos, abastados, ao seio d'ella. Agora vão-se os braços e os capitaes, e a ruina d'essa ilha é infallivel se não se prover de prompto e acertado remedio aos males de tão desgraçada situação. Já este anno partiram 114 individuos. Clandestinamente suppõe-se que embarcaram mais 50 a 60, e estavam para partir perto de 100. Poucas são as familias que não estejam dispostas a deixar os seus filhos fugir á lei do recrutamento.»

Póde ser que a necessidade de augmentar o numero de praças, justifique o systema adoptado; principalmente o governo é o competente para avaliar das necessidades publicas e das conveniencias dos serviços, e neste ponto termina a questão. Porem, em quanto não virmos demonstrada essa necessidade, estamos ao lado dos povos, que, por emquanto, não acceitam bem a nova legislação.

E' um facto que não ha braços sufficientes para o serviço dos campos e obras publicas, e este facto é tambem, aqui no continente, devido ao serviço militar e principalmente á emigração, que rouba ao trabalho um grande numero de individuos robustos.

Já em tempo, aqui neste jornal, e ácerca deste mesmo objecto, expendemos a nossa opinião, que se não conforma com o actual systema de organisação do exercito; não obstante termos de reconhecer a impossibilidade, talvez, de, nestes tempos de agitações, deixarem as nações de possuir exercitos permanentes.

Para epochas de maior civilisação está, cremos, reservada a realisação desse problema de verdadeiro interesse social e economico.

Por emquanto, tendo de nos conformar com a suprema lei da necessidade, não impugnamos o principio, mas pedimos que, ao menos, se estude para lhe cercear os defeitos mais salientes.

NECROLOGIO

«Que nos resta, já agora, alma innocente?
Em quanto a egreja, a soluçar descanta,
Deixa, qu'eu dobre o joelho, reverente,
Deante da tua sombra, imagem santa.»

Tristemente impressionados, vimos, aqui, noticiar, que a freguezia de Sandomil está de luto; porque a bondosa e digna mãe do seu benemerito parocho, a exm.ª sr.ª D. Jacintha Carlota Garcia Quental, já não vive!..

Torturada por longos, e acerbos soffrimentos, padeceu duas vezes, por si, e por sua extremosissima familia, que, nem um só momento, deixavam de rodeal-a com o mais vigilante, e carinhoso cuidado. Fazia dó ver o nobre esforço de tão bons filhos, sem poderem dar allivio a tão virtuosa mãe: recebeu ella com firmesa, e resignação de verdadeira christã, os ultimos sacramentos, e no dia seguinte, teve logar a scena mais tocante, que neste mundo pode presencear-se!! Era o ultimo adeus... era o adeus reciproco d'eterna despedida, que retalhando o coração de mãe, escaldava com lagrimas ardentes os rostos de cinco respeitosos filhos, que, prostrados de mãos postas, junto do leito mortuario, entre pungentes soluços, que lhes embargavam a voz, recebiam a ultima benção maternal, acompanhada ainda, com o sorriso mais angelico, e cordeal!!! Era um quadro sublime, e soberanamente edificante.....

Somos espartano na deferencia e respeito para com os velhos; mas a illustre septuagenaria captivou-nos, mesmo, porque era um modelo de mãe de familia, adornada, e prendada com todos os attributos da melhor educação, que, ahi, fica legada a filhos tão exemplares.

Resta-nos verdadeira saudade, que aqui vimos modestamente juntar, á dolorosa desconsolação de tão respeitavel familia.

«Pagou emfim á morte o seu tributo,
A que sujeito é todo o que nasce;
Seriam nossas lagrimas de fructo,
Se ella, com chorar resuscitasse.
Mas... se a lei que o manda,
Nem com pedir, nem com chorar se abranda!

Sandomil, 26 de Julho de 1873.

G. C.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXXXI

D. CARLOS

XXXI

No dia 17 de Outubro de 1835, foram Cabrera, Forcadell e Arevalo, com dois batalhões e cavallaria atacar a povoação de Alcanar. Defendeu-se valentemente a guarnição.

Quando os carlistas estavam cercando a povoação, aproximava-se uma columna liberal em soccorro dos sitiados, vindo de Vinaroz. Saem-lhe ao encontro os carlistas, derrotam completamente os liberaes, e não dão quartel a nenhum.

Os defensores de Alcanar presenceando este desastre tiveram de se entregar; e foi com admiração que se viu que Cabrera os não mandou fuzilar.

Duas tentativas fizeram em seguida os carlistas em que foram infelizes.

D. José Miralles, conhecido por *Serrador*, com Torner, foram atacar a povoação de Lucena. Teriam tomado a povoação, se esta não fosse promptamente soccorrida por uma columna de liberaes, vindo de Buil, e que chegou a marchas forçadas.

Os sitiados fazem ao mesmo tempo uma saida opportuna, e investem com valentia aos sitiadores, que não podendo resistir a uns e outros, cedem, e as tropas de Buil entram em Lucena, orgulhosas do seu triumpho e no meio dos applausos dos habitantes.

Cabrera pela sua parte vae atacar Alcaniz. Nogueras viu-se então obrigado a fazer um esforço de patriotismo. Ainda muito ferido, marchou deitado em uma cama n'uma carroagem, pela esquerda do Ebro, e por Caspe se dirigiu a Alcaniz.

A chegada de Nogueras animou os liberaes, e Cabrera teve de levantar o cerco. Se este caudilho houvesse tomado Alcaniz, teria adquirido um prestigio immenso; e tanto o reconhecia Cabrera, que para essa empreza reuniu todas as suas forças e até as partidas mais insignificantes.

A guerra do oriente da peninsula começou a chamar a attenção da côrte de D. Carlos, que não duvidando que se devia a Cabrera a importancia que já tinha, o nomeou, em premio da sua acreditada lealdade, serviços e conhecimentos, commandante geral interino do baixo Aragão, por decreto datado em Durango a 11 de Novembro de 1835, e referendado por Villemur.

Esta nomeação não podia deixar de lisonjear a Cabrera, e quando a recebeu a 23 do referido mez, nomeou a Arevalo chefe de estado maior, e a Ojeda seu ajudante.

No dia seguinte dirigiu uma circular ao exercito, e outra aos povos do Aragão, animando-os a proseguir a guerra. Tambem publicou uma allocução aos soldados liberaes para que abandonassem as suas fileiras pelas dos carlistas.

Dirigiu-se depois Cabrera para as partes de Tortosa, a fim de surprehender a Alcaniz, como já vimos, e ao cabo de 5 dias que perdeu nesta esperança, seguiu para Villalba, onde achou a Torner, que o não quiz reconhecer por chefe, allegando que a sua divisão era dependente da Catalunha, e que tinha nomeado uma junta para entender-se com o quartel general do principado, a quem unicamente obedecia. Torner conduzia então dois batalhões e trinta cavallos.

Continuou Cabrera a sua marcha, evitando prudentemente um conflicto entre companheiros, e se occupou em dar uma completa organisação a todos os ramos necessarios ao seu pequeno exercito, pois assim poderia chamar-lhe em breve. Organisou egualmente as tropas, completou batalhões, deu-lhes chefes, encarregou a outros o cuidado de formar ou augmentar as suas tropas, nomeou uma commissão militar para quando fosse mister, e contando 3:416 infantes e 218 cavallos, saiu dos portos para o Maestrazgo a avistar-se com Miralles, que não se mostrava mais disposto que Torner a submetter-se á auctoridade de Cabrera, que, a seu juizo, não tinha mais titulos que elle para o commando superior.

Não se chegou a levar a effeito esta entrevista, e o novo commandante geral, que já pensava em grandes emprezas, comprehendeu que necessitava de mais cavallaria; e para a augmentar, se dirigiu para a Castella, onde acharia tambem maior abundancia de recursos.

Retirou-se despeitado, sem pensar por então em outros golpes de mão, e marchou por Aliaga, Rubielos del Campo, Pancrudo, Riberas del Jiloca e Fuentes, aproximando-se no dia 13 de Dezembro ao povo de Terrer, immediato a Calatayud.

Não longe iam ao mesmo tempo, vindo de Madrid, um batalhão de Soria e umas companhias de sapadores. Avisados a tempo da proximidade dos carlistas, e aconselhados se apro-

COMMUNICADO

Amigo redactor.—Ainda hontem, por acaso, me veiu á mão o n.º 71 do *Commercio do Minho*, e por infelicidade deparei n'uma das suas columnas, com uma correspondencia de Soure, assignada por um dos meus condiscipulos, Evaristo Maria das Neves Ferreira de Carvalho.

Desgostosissimo fiquei, não só por ver o rancor que lhe ia na alma, quando escreveu a sua nada modesta correspondencia, mas tambem por nella deprimir tão vil e calumniosamente um nosso condiscipulo, seu patricio, e de quem se dizia amigo.

As expressões rancorosas, odientas e vingativas, que na sua correspondencia emprega, são dignas de censura, sendo como diz, e se inculca, um fervoroso proselyto das doutrinas do Divino Mestre, que nos ensina a ser mansos, pacientes e soffredores; não são ellas, porem, que me estimulam a vir pela primeira vez ao elevado tribunal da imprensa, mas sim o amor da verdade e para satisfação d'um desejo que tem o sr. Evaristo, cedendo ao papel que faz para os seus condiscipulos.

As phrases de que usa na sua correspondencia desculpo-as, porque, como no seu primeiro periodo confessa, a cabeça refervia-lhe; o que não desculpo, porem, é o modo como deprime o nosso condiscipulo e seu patricio.

Não sei quem foi o individuo que disse que o sr. Evaristo contribuiu para que o seu patricio levasse um R (injustamente) no 4.º anno de direito, porque tem toda a reserva em o não declarar, podendo e devendo-o fazer, pois que, como diz, muitas pessoas ouviram; mas o que sei é que não foi o nosso condiscipulo e seu patricio, nem pessoa alguma da sua familia, porque já ha muito que conheço as eximias qualidades e nobres sentimentos de que é dotada, pelos quaes se torna digna da estima e amisade de todos, que tem a felicidade de a conhecer.

Não sendo pessoa alguma desta illustrada familia, que proferiu o que tanto o encolerisou, qual a razão por que invectiva contra o seu patricio, que sempre o tractou como amigo?

Desejava que fosse franco, como o foi em declarar o juizo que tomou da intelligencia do seu patricio.

Sinto, e sinto muito, que o meu condiscipulo Evaristo viesse á imprensa desaffrontar-se d'uma calumnia, deprimisse e deslustrasse o seu patricio chamando-lhe incapaz.

Parece incrivel!!!

Será este procedimento filho dos seus puros sentimentos, como na sua correspondencia se preza de ter?

Eu não quero proceder do mesmo modo, e por isso não venho para a imprensa avaliar as intelligencias dos meus condiscipulos, que estimo e prezo, e de quem não tenho o menor resentimento, porque é uma cousa repugnante e baixa, mas sempre direi que não são apenas os titulos dados pela Universidade que patenteiam e mostram a intelligencia.

Quem nunca frequentou a Universidade, dissesse o que o sr. Evaristo diz, não me admirava; mas o sr. Evaristo sabe que um individuo, alli infeliz nos seus estudos, póde depois mostrar-se cidadão prestante e intelligente.

Não são minhas intenções com o que deixo dito, deslustrar a reputação e os elevados sentimentos que ornam os professores da Universidade, e as suas boas intenções; todavia como o erro é proprio do homem, até podia acontecer que se praticasse uma injustiça, embora involuntariamente.

Motivos ponderosos me obrigam a não ser mais explicito, como desejava; e, como esta já vae longa, termino, declarando ao meu condiscipulo Evaristo, que um profundo sentimento me enluta a alma, por ver o procedimento tão pouco cavalheiroso, e o juizo tão errado que faz do seu patricio, que por tantos titulos merece a consideração, estima e amisade de todos. A elle digo que soffra com paciencia as injurias que lhe foram dirigidas, que, longe de deprimir e conspurcar o seu nobre caracter, o exaltam, rebaixando até á lama quem as escreveu.

Pela insergão destas linhas no seu acreditado jornal, lhe ficará extremamente grato.

Este seu admirador,

Guimarães, 4 de Julho de 1873.

Caetano Mendes Ribeiro.

NOTICIARIO

Continua a anarchia.—Já depois dos factos que mencionamos em o numero passado, houve na rua da Trindade tão grande assuada e tumulto de estudantes, que terminou por se dispararem dois tiros de rewolver.

A uma desgraçada rapariga, que foi por elles levada para as proximidades do Jardim Botanico, terminaram por lhe queimar o fato!

No sabbado foram insultados alguns examinadores de instrucção secundaria.

Em a noute do mesmo dia para domingo parecia Coimbra uma terra tomada de assalto pelo inimigo. Grupos de estudantes, que percorriam varias ruas, batiam ás portas de muitos cidadãos, e os insultavam e ás suas familias com palavras as mais obscenas.

A rua do Visconde da Luz foi um dos principaes theatros dos seus desaforos. Ahi se dirigiam as maiores torpezas contra um dos examinadores, que reside no hotel do *Caminho de ferro*; ahi se fazia uma gritaria infernal, que punha em sobresalto a todas as familias.

E não era isto em algum becco, ou rua mais afastada da cidade; era proximo a um corpo de guarda; e um dos sitios mais publicos de Coimbra.

Arrancam-se as aldravas das portas, apagam-se candieiros, e pratica-se tudo quanto permitte a mais desenfreada anarchia.

E' este o estado em que se acha Coimbra; é esta a segurança e tranquillidade que aqui gozam os cidadãos pacificos.

Cumprimos um dos nossos mais rigorosos deveres estygmatisando o procedimento altamente indigno dos discolos, que alli andam praticando escandalos e desatinos os mais reprehensiveis.

Não desistiremos deste proposito: havemos de pugnar pelos direitos e garantias dos nossos concidadãos, em quanto a auctoridade superior ou o governo se não resolverem a olhar sériamente para a policia de Coimbra, e não fizerem cessar, como lhes cumpre, a serie de atrocidades e crimes que de noite e até de dia ahi estamos vendo praticar.

E' indispensavel que cada um cumpra o seu dever; por nós não faltaremos a elle, pedindo segurança publica e rigor para os auctores dos attentados vergonhosos, que ahi se estão praticando com inaudito desaforo.

Sabemos que as auctoridades judiciaes têem cumprido rigorosamente, tanto quanto lhes permittem as leis, o seu dever, promovendo o andamento do processo, contra os malvados do hotel do *Caminho de ferro*. Estamos plenamente ao facto das diligencias que se têem empregado por parte dos dignos magistrados judiciaes desta comarca.

O sr. juiz de direito e delegado do procurador regio, de cuja rectidão, no desempenho das suas funcções, não é licito duvidar, têem feito e estamos certos que farão, tudo quanto as leis lhes permittem para perseguir os criminosos. E folgamos de declarar aqui, que o seu procedimento tem sido o mais rigoroso e energico para indagar todos os factos, e impor toda acção da justiça aos auctores dos crimes praticados no hotel do *Caminho de ferro*.

Cremos tambem que as auctoridades administrativas têem todo o desejo de fazer terminar este estado de coisas; faltam-lhes, porém, os meios de o conseguir.

A policia de Coimbra é feita pelo sr. administrador do concelho e seu secretario, com dois officiaes de diligencias. Estes officiaes de diligencias andam quasi sempre em serviço de expediente da secretaria, ficando a policia por isso reduzida a duas pessoas! E tem acontecido por muitas vezes de dia, para se não fechar a secretaria da administração do concelho, ter de ficar nesta repartição o sr. secretario, vendo-se o sr. administrador do concelho pessoalmente obrigado a fazer todo o serviço de policia, ou, o que tem necessariamente de acontecer, deixar praticar os excessos que todos estamos presenceando!! Neste estado está Coimbra, a terceira cidade do reino, a respeito de policia!!!

O sr. governador civil precisa de expor ao governo este estado de coisas, e instar para que lhe dê remedio; em quanto o não fizer, estaremos á mercê dos malvados, ou ver-nos-hemos obrigados a fazer justiça por nossas mãos.

O largo da Portagem—Tem-se ha annos progressivamente demolido os edificios, que deturpavam a entrada da cidade, pelo lado da Portagem; e parece estarmos finalmente chegados á occasião de vermos alli um bello e amplo largo, digno de uma cidade como Coimbra. A camara que fizer esta obra, com a regularidade e grandeza que todos os habitantes desejam, terá adquirido um merecido titulo ao louvor publico.

O primeiro passo para o alargamento da Portagem, foi dado pela camara de 1835 a 1836. Foi por essa camara demolido o pelourinho, que estava no meio do largo; assim como a capella que se achava á borda do caes, para os presos ouvirem missa.

A camara de 1852 concorreu tambem para o alargamento, fazendo abrir a rua, chamada agora—Nova da Rainha—partindo do sitio á entrada da ponte, em direcção á rua do Sargento Mór. Foram para isso demolidos dois arcos que alli havia, e um dos dois muros. O outro muro ainda lá existe, e deve egualmente desapparecer d'aquelle local.

A camara de 1859 contribuiu pela sua parte para o mesmo fim, fazendo demolir no dia 10 de Janeiro d'aquelle anno o arco da Portagem, que communicava as casas dos srs. Abreus, e isto por occasião do incendio que houve em um dos lados das referidas casas.

A mesma camara fez demolir a cadeia da Portagem, em resultado da lei de 16 de Abril de 1859, que concedera á camara o edificio da cadeia, a fim de ser demolido, ficando os materiaes para o municipio.

Assim se tem ido tornando mais desaffrontado aquelle largo.

Agora, com o levantamento da ponte, é occasião de tornar aquella obra grandiosa e

---

ximassem a Calatayud, deixando a estrada e tomando o caminho de Moros desde Ateca, emprehenderam este movimento; quando novos avisos os fizeram sem duvida variar este proposito e seguir o seu anterior caminho, até que perto de Terrer soube esta columna se achavam perto os carlistas, e se decidiu a retroceder para Ateca.

Não lhe deram, porem, tempo os seus inimigos, que, guiados por Quilez, a carregaram impetuosamente, desordenando a uns soldados, que desobedientes á voz dos seus chefes, os abandonaram. Um capitão de sapadores, vendo-se só, atravessou-se com a sua espada, preferindo a morte a vergonha de commandar aquelles cobardes.

A excepção de uns 30 cavallos, toda a columna se perdeu, ficando uns no campo, e 900 prisioneiros.

Este successo encheu de pavor aos liberaes; e Cabrera, com o despojo de um triumpho não disputado, seguiu a internar-se em Castella, satisfeito de haver inaugurado tão felizmente o seu commando.

Apenas restabelecido das feridas, voltou Nogueras, como desejava, a tomar uma parte activa na campanha; e de accordo com o capitão general, D. João Palarea, concertou as operações que melhor resultado promettiam.

Palarea, conhecendo sem duvida o intento do inimigo, moveu-se de Segorbe, e em largas marchas chegou a Calatayud. Seguiu adeante, e perto de Molina avistou no dia 15 de Dezembro os carlistas.

Combinou então os seus movimentos com as forças de Oribe e de Espinosa, para não arriscar o exito da acção; e Cabrera, a quem já não parecia decoroso esquivar-se ao encontro, fez frente, dizendo aos seus:—«De cobardes é morrer pelas costas: a vossa divisa seja, rei e valor»—e lhes mandou tomar posições na serra das Tejeras, distribuindo convenientemente as forças de Quilez e do Organista de Teruel, que se uniram por então, com o que poude contar uma divisão respeitavel em numero.

Quilez mandava a cavallaria collocada no terreno a proposito, Cabrera o centro, Forcadell a ala direita e o Organista a esquerda.

Palarea dividiu a sua gente em cinco columnas. Romperam o fogo as guerrilhas, e dentro em pouco mandou Palarea atacar á baioneta, atacando ao mesmo tempo a cavallaria sobre o centro.

O combate era mortifero; em ambos os lados se lutava, com valor e decisão; porem cede Cabrera, e se bate em retirada.

Nas alturas e castello que dominam a Molina, volta a fazer frente a Palarea, e se trava de novo a batalha: obstinavam-se os carlistas em recuperar o perdido: batiam-se como leões, e parmaneceu algum tempo indecisa a victoria; porem inclinou-se aos liberaes, e em vão fez Cabrera heroicos esforços com seus batalhões de Tortosa. Abandonados pela cavallaria, da qual se apoderou o terror panico, escapando-se vergonhosamente por um barranco; os bisarros esquadrões do exercito liberal os desfizeram bravamente, desprezando o seu nutrido fogo, e foi completa a derrota.

A salvação da cavallaria, graças á sua fuga, a attribuem uns á ordem do mesmo Cabrera, que quiz assim livral-a da sorte que a ameaçava pela sua inferioridade; outros pretendem que o dispoz Quilez com o mesmo fim, e não tem faltado quem culpe a subalternos do medo que se apoderou della.

Esta brilhante batalha de Molina, custou aos carlistas mais de 300 mortos, e maior numero de feridos e prisioneiros, resgatando-se os que o tinham sido na acção de Terrer, os quaes contribuiram para a victoria dos seus companheiros. Perderam alem disto mais de 1:500 espingardas e importante despojo, e viram dispersada uma grande parte da sua gente. A perda liberal foi muito inferior, chegando escassamente a 80 homens entre mortos, feridos e contusos.

Cabrera marchou para a serra de Albarracin, e d'alli para o quartel general dos portos, chegando no dia 21 a Rosell, donde participou este revez a D. Carlos, e deu 15 dias de licença á sua gente, *para mudar de camisa*, como os vancongados.

Quilez ficou nas cercanias de Cella.

A acção de Molina parecia o preludio de outra não menos desgraçada para os carlistas. Dentro em pouco, a 19 de Dezembro, deram nas immediações de Aldamuz com a columna de Espinosa, que lhes causou consideraveis baixas, dispersando-os pelos montes contiguos a Moya; e no mesmo dia, o marquez del Palacio e o coronel Casanova bateram o *Serrador* e Torner em Prat de Conte.

Desgraças maiores esperavam os carlistas, que amorteceram o enthusiasmo de muitos, serviram a Cabrera e outros chefes de lições, que os fizeram conhecer que ainda se não achavam em disposição de fazer frente em batalha formal as tropas contrarias, mais disciplinadas e instruidas, e que deviam limitar-se á guerra de montanha e brigadagem, a que não podiam accommodar-se os seus inimigos.

Assim, mais cauteloso, dispoz Cabrera algumas correrias e surprezas, que ainda foram penosas pelo frio e chuvoso da estação, e que mais do que a obter vantagem sobre os seus inimigos, se limitaram a prover-se d'armas e viveres, que eram a necessidade constante dos carlistas, principalmente depois dos ultimos encontros em que tinham perdido tantas.

Para este effeito passou a Añon com 800 infantes e 250 cavallos da divisão de Quilez, e depois a Escatron, em cujo povo surprehendeu no dia 27 aos nacionaes, que á sua chegada se encerraram no forte; exigiu 6:000 reales, e foi a Zaida e a 28 a Quinto, onde cobrou egual somma e saqueou algumas casas, continuando a Codos e Belchite onde foi augmentando o seu despojo.

Voltemos agora a tratar da situação politica em Madrid.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

---

completa, fazendo uma entrada na cidade, direita da ponte a Calçada.

Será uma obra muito do agrado dos habitantes de Coimbra.

Ainda o largo da Portagem—Em uma carta dirigida ao *Academico*, jornal de Coimbra, e publicada no seu numero 19 de 15 de Março de 1836, entre muitos alvitres para melhoramentos de que instantemente carecia Coimbra, se indicavam os seguintes:

«A rua da Calçada, que pelo arranjo do cano subterraneo, que se fez, e pelos passeios dos lados, em se acabando fica uma bella rua, na sua entrada á Portagem, é pessima.

«A camara deve fazer demolir o arco chamado da Portagem, á entrada da ponte, para fazer alli um largo mais espaçoso, tirando egualmente d'alli a cadeia, porque é ridiculo, e até desairoso para esta cidade, que logo á sua entrada se apresente aquelle espectaculo, ouvindo-se a lamuria e peditorio dos presos.

«Desembaraçado assim aquelle largo, ou praça, deve fazer uma nova communicação para a rua do Caes, que pode conduzir para a cidade, sem que se passe pelo seu interior, ou para a praça e estalagens, que existem na cidade baixa.»

Destes melhoramentos pedidos em 1836 á camara de Coimbra, já está effectuada a mudança da cadeia; a demolição do arco á entrada da ponte; e não só feita a nova communicação para a rua do Caes, mas um caes amplo e extenso, que então não existia.

O que agora se necessita, é tornar bastante espaçoso o largo da Portagem. E isso de que está tratando a camara municipal, esperando nós que desta vez se prosiga nessa obra até a sua conclusão.

O passado e o presente.—E' inegavel que tem nestes ultimos annos melhorado muito esta cidade e seu districto. O que ha 30 a 40 annos era apenas uma vaga aspiração, acha-se actualmente realisado.

Daremos um exemplo, e teremos occasião de indicar mais.

No orçamento apresentado pelo presidente da camara de Coimbra ao conselho municipal, no dia 27 de Março de 1836, lemos entre muitas reflexões e propostas interessantes, a seguinte:

«A estrada que sae de Coimbra para a Beira, desde a Portella da Cobiça á ponte da Murcella, só a necessidade dos pontos obriga os viandantes a transital-a. Esta interessante estrada pode do alto dos Palheiros trazer-se pelas Carvalhosas á barca da Portella, e aqui construir-se uma ponte no Mondego, que dê commoda passagem aos viandantes desta, a outras, que reune de povos do nosso concelho, do couto de Semide, julgado da Louzã, concelho de Miranda do Corvo, Pedrogão e outros; devendo chamar-se estes municipios a uma coadjuvação relativa.

«Esta obra é digna de mui seria attenção do nosso municipio, e de todos os mais interessados; por quanto augmenta valor aos fructos de producção e de industria da Beira-Alta e dos povos delles; dá commoda passagem pessoal; augmenta valor de 20 por 100 a Coimbra e Figueira na extracção daquelles generos, com os quaes actualmente seus donos tomam outras remotas veredas, em razão do mau caminho.»

O que o presidente da camara de Coimbra reclamava em 1836, acha-se felizmente realisado em 1873.

Ainda o passado e o presente.—Na carta publicada no *Academico*, de 15 de Março de 1836, a que já acima nos referimos, lê-se mais o seguinte:

«Pelo que diz respeito á rua do Coruche nós esperamos, que levando a effeito o plano da nova estrada de Lisboa ao Porto, para correrem por ella as carruagens de posta, esta rua se alargará como está a Calçada, deitando-se abaixo os edificios do lado direito para se alinharem com o frontespicio da egreja de Santa Cruz, continuando por ella os passeios lageados até no fim da Sophia.

«A camara deve mudar-se para o convento de Santa Cruz, e lá deve fazer egualmente a cadeia publica, pois tem espaço bastante, e até local apropriado, assim como alli deve estabelecer-se o tribunal da primeira instancia com o jurado»

Tudo se acha realisado no anno de 1873. Construiu-se a estrada de Lisboa ao Porto, por onde transitou a mala-posta, até se fazer o caminho de ferro; alargou-se a rua do Coruche; e mudaram-se para o convento de Santa Cruz, a camara, a cadeia, e o tribunal judicial.

Festividade.—No domingo houve na egreja do convento de Santa Anna, desta cidade, a costumada festa de Santa Anna. Pregou de tarde o já acreditado orador, o sr. padre Antonio de Almeida Pedroso, vigario de Almalaguez.

Saude publica.—Alguns moradores da rua Direita se nos queixam da immundicie que constantemente se vê em um boqueirão, ao cimo da mesma rua, d'onde se exhala um fetido insupportavel. Chamamos para este objecto a attenção da camara municipal.

Attentados.—Em uma das noutes da semana passada, na villa de Arganil, junto á casa da escola do Conde de Ferreira, passeio do Paço, foram cortadas e inutilisadas varias arvores, sendo o prejuizo avaliado em 100$ reis; e cortaram outras arvores em uma propriedade da exm.ª sr.ª D. Maria do Nascimento, irmã do presidente da camara.

Em a noute immediata foram quebradas as vidraças da referida casa da escola.

Até agora ainda se não poude saber quem foram os auctores destes maleficios, apesar da camara ter offerecido o premio do 30$000 rs. a quem os descobrir.

Roubo.—Em a noute em que se fez o corte das arvores em Arganil, roubaram algumas cabeças de gado a exm.ª sr.ª viscondessa de Sarzedo, em uma sua propriedade.

Bazar.—Promove-se actualmente em Arganil um bazar, para o seu producto ser applicado á fundação de um hospital. O bazar hade ter logar por occasião da proxima feira de Monte Alto.

O mez de Agosto.—Parece que o nome deste mez deriva de *Augustus*, a quem foi dedicado pelo senado romano, da mesma forma, que o mez de Julho fôra consagrado a Julio Cesar. O seu signo é a *virgem*, que se representa sob a figura de uma mulher seminua, com uma espiga de trigo na mão, annunciando o tempo da colheita.

Ceres era a divindade tutelar deste mez. Tambem se symbolisa o Agosto na figura de um homem nu, com uma fouce em uma das mãos e um punhado de espigas de trigo na outra. Tem 31 dias, que vão diminuindo 32 minutos de manhã e 32 de tarde. O dia maior é o primeiro, que tem 14 horas.

E' o mez mais quente do anno, ainda que os antigos diziam, primeiro de Agosto primeiro de inverno, porque o sol vai descendo muito, e de ordinario é neste mez que começam as chuvas, chamadas pelos homens do campo, as primeiras aguas. Como nesta epocha do anno é muito activo o trabalho das colheitas, e abundam muito os fructos, para todas as classes de povo este mez é de festas e de prazer, e sae *a gosto*, como o nome indica.

Os gregos e romanos celebravam em Agosto grandes festas. Os jogos nemeos, instituidos por Hercules, eram muito populares na Grecia. Em Roma faziam-se com grande pompa as festas de Marte, de Ceres, do sol, dos escravos, dos caçadores e muitas outras.

O curioso phenomeno das estrellas cadentes é muito frequente neste mez. Tambem succederam em Agosto alguns factos memoraveis da historia portugueza, sendo os mais notaveis os seguintes: infeliz batalha de Alcacer-kibir a 4 de 1578; heroica victoria da villa da Praia, na ilha Terceira, a 11 de 1829; gloriosa batalha de Aljubarrota a 14 de 1385; conquista de Ceuta a 21 de 1415; batalha do Vimeiro a 21 de 1808; revolução liberal no Porto a 24 de 1820; victoria do duque de Alva sobre o Prior do Crato a 25 de 1580.

Dizem os astrologos, que os homens nascidos neste mez são sinceros, honrados, generosos e amigos de honras e riquezas, de bom genio e boas inclinações, e sempre solicitos em servir os seus amigos. As mulheres serão castas e honestas, timidas, previdentes, espirituosas e caritativas. Casam-se cedo, e serão boas mães e excellentes esposas. Expostas a grandes perigos, saberão preveł-os e frustral-os.

Caetano Borso di Carminati.—Na continuação dos folhetins da guerra civil em Hespanha, que estamos publicando, teremos occasião de muitas vezes fallar do bravo commandante dos caçadores do Porto, Caetano Borso di Carminati.

A'cerca deste militar, que tantos serviços prestou á causa da liberdade em Portugal, e depois em Hespanha, encontramos os seguintes apontamentos biographicos em o n.º 272 do *Nacional* de Lisboa, de 15 de Fevereiro de 1836:

«Caetano Borso di Carminati, que proscripto de Italia, sua patria, pelo seu amor á liberdade, se achava em França, reuniu-se aos defensores da carta e rainha dos portuguezes em Março de 1832.

«Em 29 de Setembro, na defeza do Porto, sendo capitão do batalhão de atiradores portuguezes, recebeu duas feridas, das quaes uma foi quasi mortal. Em Janeiro de 1833 foi despachado major para o 2.º regimento de infanteria ligeira da rainha, do qual pouco tempo depois tomou o commando.

«Defendeu com valor incrivel o reducto da quinta do Wanzeller, nos dias 5 e 25 de Julho de 1833, sendo neste ultimo dia atacado por uma força de quasi 6:000 homens, quando a do seu commando mal chegava a 450 baionetas.

«No dia 10 de Outubro tomou (á frente do seu regimento) á baioneta, a forte posição inimiga, da quinta de D. Fernando em Palma de Cima, e foi contuso na cabeça.

«Na batalha da Asseiceira fez prodigios de valor, e segundo o detalhe da acção dada pelo general commandante d'ella, *muito cooperou para a gloria daquelle dia*.

«Foi honrado com a particular estima do sempre chorado duque de Bragança, D. Pedro, que o condecorou com as commendas da Torre Espada e de Christo; e elevou ao posto de coronel pelos seus serviços; e lhe concedeu carta de naturalisação de cidadão portuguez, por elle a ter pedido, honrando assim a familia de que elle era chefe, com a adopção de tão digno filho.

«E' este o homem que o governo de Isabel II encarregou da organisação de uma força auxiliar; é este o homem que recordando-se do theatro de sua gloria, deu á denominação de—Caçadores do Porto—á falange que vae commandar; e é o seu antigo regimento, augmentado por grande numero de portuguezes que se lhe uniram, que com elle á frente vão fazer recordar na Hespanha as proezas do Porto, Lisboa e Asseiceira.

«Uma parte dos caçadores do Porto já partiram para a Corunha, e o resto com o seu commandante partirá por estes dois dias; e nós nos congratulamos pelo presente que da nossa terra vae enriquecer as fileiras da liberdade hespanhola.»

Mal diria o redactor do *Nacional* de Lisboa, quando assim estava em 15 de Fevereiro de 1836 a exaltar os serviços prestados por Caetano Borso di Carminati em Portugal, e aquelles que iria prestar á Hespanha, que este bravo militar havia, passados 5 annos e meio, ser naquelle paiz fuzilado, não pelos carlistas, contra quem tão valentemente combatera, mas pelos proprios liberaes, cuja causa tinha ido briosamente defender! Tristes consequencias das discordias civis!

Em Setembro de 1841, sendo regente de Hespanha D. Baldomero Espartero, muitos generaes e officiaes do exercito conspiravam para o derrubar do poder, e restabelecer na regencia a rainha D. Maria Christina. Em Pamplona revoltou-se no dia 1 de Outubro o general O'Donnell; e no dia 4 fizeram o mesmo em Victoria o general Piquero e D. Manoel Montes de Oca.

Em a noute do dia 7, o general Concha, á frente do regimento da princeza, atacou em Madrid o palacio onde se achava a joven rainha Isabel II; mas a guarda dos alabardeiros, defendendo valentemente as camaras interiores do palacio, deu tempo a que o governo fizesse acudir forças para restabelecer a ordem.

Havendo assim falhado a revolução, evadiram-se os generaes Concha, Leon, e muitos officiaes.

Foram, porém, presos, o general Leon, os brigadeiros Quirogas, Frias e Requena, o coronel Norzagaray, o official D. Manoel Boria, os irmãos Fulgosios, e outros officiaes.

Poderam salvar-se o general Concha, os brigadeiros S. Carlos e Pezuela, os tenentes coroneis Garcia Quintana, e Nouvilas (aquelle mesmo que ultimamente esteve a commandar o exercito republicano contra os carlistas), os commandantes Marquesi, Ravenot e Lersundi, os capitães Fontes e Ortega, e o gentil homem D. Rafael Sanchez Torres.

D. Diogo Leon, o bravo, o heroico conde de Belascoain, foi fuzilado por ordem de Espartero, do mesmo conde de Luchana e duque de Victoria, seu antigo companheiro nas campanhas a favor da causa liberal! Ainda nos recordamos, como se fosse hoje mesmo, do sentimento de horror que este facto causou em Portugal!

No dia 15 de Outubro, foi o infeliz Leon levado fóra da porta de Toledo, e fuzilado na edade de 31 annos, em todo o explendor da sua galharda juventude, cheio de gloria, de porvir, de vida....

No dia 4 de Novembro foram mais fuzilados o coronel D. Damasio Folgosio, o tenente D. Manoel Boria e o alferes D. José Gobernado.

Norzagaray, Requena, Alcázar e D. José Fulgosio, depois de condemnados á morte, deveram a vida ao ministro Gonzalez, que pela sahida de Espartero para Saragoça, ficara fazendo as suas vezes em Madrid. Foram em seguida deportados.

Caetano Borso di Carminati, que se achava em Saragoça, já no posto de general, e estava de accordo com O'Donnell, sahiu em a noute de 5 para 6 de Outubro com o segundo regimento da guarda real, na direcção de Pamplona. Constando isto ao general Averve, governador de Saragoça, sahiu á frente de alguma tropa e da milicia nacional, em perseguição de Borso. Alcançou-o logo, e manifestando aos soldados que iam enganados, abandonaram estes aos seus officiaes, pondo-se ás ordens do general. Effectuou-se uma especie de capitulação, e deu Averve passaportes para França a uns 50 officiaes.

Abandonado o fugitivo Borso, cahiu em Mallen em poder de uns carabineiros, que o entregaram aos nacionaes de Borja e Gallur. Foi submettido em Saragoça a um conselho de guerra, sentenceado á morte e fuzilado.

Tal foi o triste fim do valente commandante dos caçadores do Porto, Caetano Borso di Carminati.

Atala, pelo visconde de Chateaubriand.—Recebemos do Porto a 9.ª caderneta da primorosa edição da *Atala*, de Chateaubriand, traduzida pelo sr. Guilherme Braga.

As gravuras desta caderneta, continuam a ser, como as anteriores, magnificas.

Tem sido tão bem acolhida esta publicação da *Atala*, que o seu illustrado editor vae emprehender uma segunda edição. E' este o seu maior elogio.

Em obra tão despendiosa como esta, é facto digno de se registar.

Horas romanticas.—Recebemos e agradecemos o 1.º e 2.º volume dos *Mascaras vermelhas*, romance editado pela empreza das *Horas romanticas*.

Esta empreza é muito digna da protecção do publico, pela boa escolha que sabe fazer dos romances de que é editora.

Cemiterio da Conchada.—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

João Guedes Coelho da Silva, filho de Joaquim Guedes, natural de Coimbra, de 40 annos, fallecido no dia 20 de Julho.

Francisco Antonio Paiva, filho de Antonio Paiva e Maria José, natural de Coimbra, de 36 annos, fallecido no dia 20.

José, filho de Antonio Maria Sequeira e Rosa da Conceição, natural de S. Francisco, de 1 anno, fallecido no dia 20.

Rosa da Conceição Moura Bastos Bisarro, filha de Francisco Antonio Bisarro e Maria da Conceição Vigaria, natural de Coimbra, de 55 annos, fallecida no dia 24.

Francisco Lourenço d'Almeida, filho de Manoel Lourenço d'Almeida e Marianna Marques, natural d'Alcarraques, de 62 annos, fallecido no dia 24.

Maria, filha de Antonio Gonçalves de Campos e D. Virginia do Carmo Lopes da Cruz, natural de S. Francisco, de 13 mezes, fallecida no dia 25.

Maria Augusta da Piedade, filha de Antonio Ramos e Marianna da Piedade, natural de Coimbra, de 17 mezes, fallecida no dia 26.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada 5052.

Primeiro anno mathematico —Matricularam-se no 1.º anno da Faculdade de Mathematica 88 alumnos—fizeram acto 45—approvados *nemine* 12, e *simpliciter* 23—reprovados 10.

Suffragio. — A direcção do Asylo da Infancia, desta cidade, mandou suffragar a alma da exm.ª sr.ª D. Maria Augusta Morim, esposa do sr. Adelino Augusto Pereira de Carvalho, dizendo-se uma missa na capella do mesmo edificio.

Despacho.—O sr. bacharel José Maria de Moura Matoso, foi nomeado administrador do concelho de Cantanhede.

Transferencia.— O sr. José Bento da Encarnação, professor em Castello Viegas, deste concelho, foi transferido por troca com o respectivo professor, para a cadeira da freguezia de Eiras.

Apresentação.—O presbytero Antonio Maria de Mello e Napoles foi apresentado na egreja parochial de Nossa Senhora das Neves de Cadafaz, no concelho de Goes, bispado de Coimbra.

Nova publicação.—Recebemos hoje do Porto a—*Sciencia e probidade, a proposito das pasquinadas do sr. José Gomes Monteiro & Companhia, por F. Adolpho Coelho.*

Muito agradecemos o exemplar com que fomos brindados.

Noticias de Hespanha.—Os carlistas conseguiram tomar o forte de Lizarraga e o de Ibero, depois da heroica defeza nas guarnições, apoderando-se em cada um delles de uma peça que levaram.

Continuam em Bilbau os preparativos de defeza.

Os carlistas continuam nas immediações de Bilbau; aproximam-se a Logronho e occuparam Solsona.

Partiram para Valencia forças de infanteria, artilheria e 700 guardas civis. O governo trata de reunir alli promptos para o ataque 6:000 homens, 16 peças de campanha e 8 de sitio.

Os sublevados de Sevilha tem levantado barricadas e contam com alguma artilheria. Tambem devia ser hontem occupada pelas forças do governo esta capital.

Em Carthagena commetteram-se excessos pela parte da soldadesca descontente, que até ameaçam os proprios chefes, vigiando-os de perto.

Temem-se graves desordens socialistas.

Reina a anarchia em Cadix. Tem d'alli embarcado muitas familias para Portugal, a fugirem aos intransigentes.

O estado de Hespanha é deploravel.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PREMIOS

Faculdade de Mathematica

1.º ANNO

Distinctos por ordem da matricula

Jayme Adolpho Mauperrin dos Santos, filho de Antonio Florencio dos Santos, de Lisboa.

José Freire de Sousa Pinto, filho de Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto, de Coimbra.

José Jeronymo Rodrigues Monteiro, filho de José Rodrigues Monteiro, de Campo Maior.

Antonio Luiz Gomes Branco Moraes Sarmento, filho de Manoel Gomes de Moraes Sarmento, de Villa Verde, districto de Villa Real.

2.º ANNO

1.º *Premio*—Manoel da Terra Pereira Vianna, filho de Manoel Joaquim Pereira Vianna, de Campos, imperio do Brasil.

2.º *Premio*—Roberto Rodrigues Mendes, filho de João Rodrigues Mendes, de Vianna do Castello.

1.º *Accessit*—Leonardo de Castro Freire, filho de Francisco de Castro Freire, de Coimbra.

2.º *Accessit*— Antonio de Meirelles Guedes Pereira Coutinho Garrido, filho de Pompeu de Meyrelles Guedes Coutinho Garrido, da Quinta dos Albergarias, districto de Coimbra.

Distinctos pela ordem da matricula

Antonio Varella Duarte, filho de José Duarte, de Villa Pouca de S. Joanninho, districto de Vizeu.

Luiz Augusto Teixeira Lobato, filho de Luiz Baptista Pinto Lobato, de Villa Real.

José Gonçalves Pereira dos Santos, filho de João Gonçalves Curado, dos Carvalhaes, districto de Coimbra.

3.º ANNO

1.º *Accessit* — Antonio Sarmento da Fonseca, filho de Jacome Luiz Sarmento, de Coimbra.

2.º *Accessit*—Fernando Eduardo de Serpa Pimentel, filho de Eduardo de Serpa Pimentel, de Coimbra.

Distincto em ambas as cadeiras—Bernardo Pinheiro Correia de Mello, filho do visconde de Pindella, de Guimarães.

CLASSIFICAÇÃO NUMERICA

1.ª *classe*

Antonio Sarmento da Fonseca — 17 valores.

Fernando Eduardo de Serpa Pimentel — 17.

Bernardo Pinheiro Correia de Mello— 16.

2.ª *classe*

Antonio Rodrigues Ribeiro, filho de Simão Rodrigues Ribeiro, de Castello Branco—11.

Luiz Lopes de Mello, filho de Antonio Lopes de Mello, d'Alvega, districto de Santarem—10.

3.ª *Classe*

Francisco de Lucena e Faro, filho de Henrique de Azevedo Faro, de Mões, districto de Vizeu—9.

4.º ANNO

Premio—Francisco Gomes Teixeira, filho de Manoel Gomes Teixeira, de S. Cosmado, districto de Vizeu.

Accessit—D. Affonso de Serpa Leitão Freire Pimentel, filho do visconde de Gouvea, de Coimbra.

Distinctos em ambas as cadeiras

Antonio Candido Cerdeira de Almeida Soeiro de Gamboa, filho de Antonio Candido Cerdeira, de Lamego.

Josino Augusto Pereira do Valle, filho de Domingos Antonio Pereira do Valle, de Valença do Minho.

5.º ANNO

Accessit —Antonio Zeferino Candido da Piedade, filho de Justino Candido da Piedade, de Serpins, districto de Coimbra.

INFORMAÇÕES

DOUTORES

Francisco Adolpho Manso Preto, filho de José Joaquim Manso Preto, de Coimbra—M. B. 16.

João Francisco Ramos, filho de Joaquim José Ramos, de Extremoz—M. B. 16.

BACHAREL FORMADO

Antonio Zeferino Candido da Piedade—M. B. 16.

ANNUNCIOS

1 QUEM QUIZER comprar a quinta dos Malheiros, que tem alguma terra de rega, falle com José dos Santos Caria, que habita na mesma quinta.

2 VENDE-SE uma carrada de palha de cevada, na eira de José Ferreira de Sousa, em Marrocos.

3 A CAMARA MUNICIPAL D'ALVAIAZERE, faz publico, que no dia 17 do proximo futuro mez d'Agosto, pelas 10 horas da manhã, hade ter logar nos paços deste concelho, a arrematação em hasta publica, da construcção do lanço de estrada municipal de 2.ª classe, d'Alvaiazere a Villa Nova de Pussos, na extensão de 2081,m91; adjudicando-se a obra a quem por menos preço a fizer, e com melhores garantias: cujo projecto e condições se acham já patentes na secretaria desta camara.

Alvaiazere, 25 de Julho de 1873.

O presidente da camara,

José Barata de Vasconcellos e Silva.

PEDIDO

1 PEDE-SE ao sr. bacharel Adriano Baptista Ferreira, da villa da Mealhada, o favor de responder ás repetidas e attenciosas cartas, que de Coimbra lhe tem sido dirigidas.

Arrendamento

5 ARRENDA-SE o 2.º andar d'uma casa da rua dos Coutinhos, que tem muitos e excellentes commodos para uma familia; tem pateo e cavalhariça. Quem a pretender falle com João Francisco da Silva, no largo dos Olarias, desta cidade.

Venda de Quinta

6 VENDE SE a quinta chamada do Sebal, que fica proxima ao logar do Outeiro de Bera, na estrada publica, que conduz a Almalaguez, a qual é quasi toda murada, e se compõe de casa d'habitação e uma outra por acabar, reservada para adega e celleiro, lagar d'azeite com duas varas, dois moinhos de fazer farinha, um d'elles de rodizio, com agua nativa na mesma quinta, em grande abundancia, com a qual laboram o lagar e moinhos, e se pode regar a pé mais de metade da quinta; tambem tem eira com seu alpendre, oliveiras, vinha e arvores de fructo.

Recebe-se em dinheiro parte do preço da venda, que se ajustar, e o resto ficará na mão do comprador, querendo, pagando o juro de cinco ou seis por cento, e ficando a mesma quinta hypothecada até total pagamento.

Quem quizer comprar póde em carta fechada dirigir as suas propostas ao bacharel Francisco Ferreira Camões, advogado, residente na rua do Visconde da Luz, n.º 24, que está auctorisado para a vender.

DILIGENCIAS

7 VIUVA NATIVIDADE & FILHOS fazem publico, que no dia 30 inclusivè, do corrente mez, vão pôr diariamente a sua diligencia até Nespreira; sahindo de Coimbra ás 5 horas da tarde, e de Nespreira ás 3 horas da tarde.

Tambem têem duas diligencias diariamente para a Figueira: uma que sae ás 4 3/4 horas da manhã, e outra ás 3 horas da tarde, gastando ambas 5 horas na viagem; e da Figueira sae uma ás 4 3/4 horas da manhã, e outra ás 2 horas da tarde. Toma-se conta de qualquer encommenda que se possa conduzir nas diligencias.

Têem em Coimbra bons caleches e char-à-bancs, que se alugam por preços commodos, para toda a parte, onde haja estradas macadamisadas.

O escriptorio da diligencia da Beira e das da Figueira, é em Coimbra; em casa dos annunciantes, rua da Sophia, n.os 39-41; e na Figueira em casa do sr. Carlos da Costa Guia, na Praça Nova, n.º 1-A.

Em Nespreira tambem ha um carro para alugar.

Coimbra, 24 de Julho de 1873.

Viuva Natividade & Filhos.

8 IGNEZ DE CASTRO, episodio extrahido do Canto III do poema epico dos *Lusiadas* de Luiz de Camões. Edição em 14 linguas.

Vende-se em Coimbra em casa de José Augusto Orcel, preço 500 reis.

9 BERNARDO JOAQUIM CARDOSO BOTELHO continua, durante as ferias, a leccionar Latinidade e Philosophia para madureza e lyceu.

Rua da Mathematica, n.º 16.

10 VENDE-SE uma propriedade, no sitio das Lages, suburbios desta cidade, que consta de duas casas e quintal, com arvores de fructo de muitas qualidades, e com agua. Quem pretender póde dirigir-se a seu dono, Joaquim Correa, na mesma propriedade.

11 VENDE SE a casa da Ordem de Poiares. E' uma optima vivenda com muito boas terras de rega, e de sequeiro, junto á egreja de Santa Maria d'Arrifana. Tem muitas arvores de mimo, excellentes olivaes, pinheiros, castanheiros, e tojeiras, e uma terra de lodo em Louredo, junto ao Mondego, e algumas sortes de oliveiras; mattos, e pinheiros dispersos. Esta casa tem muito boas communicações, pois se acha proxima do Mondego, e da estrada da Beira. Quem a pretender comprar dirija-se a José Felix Catana, d'Arrifana de Poiares, que tem uma relação das propriedades, e prestará todos os mais esclarecimentos necessarios.

12 JOSÉ DE PAULA, natural de Moimenta da Serra, concelho de Gouvea, annuncia a todos os seus freguezes, e mais pessoas que o quizerem ser, que tem dois carros de conducção, entre Gouvea e Coimbra, duas vezes por semana. Promptifica-se a levar de Gouvea fazendas das fabricas nacionaes; assim como trazer de Coimbra todas as fazendas commerciaes, transportando-as e despachando-as. Do mesmo modo conduzirá malas e passageiros. Tambem se presta a promover em Coimbra licenças para casamentos, certidões, livros parochiaes, roes de confessados, impressos para camaras, administrações, etc.

Em Gouvea pode ser procurado todas as segundas e quintas feiras, na loja do sr. Rebello Pires; e em Coimbra, nas quartas e sabbados, em casa do sr. Valentim José Rodrigues, na praça de S. Bartholomeu.

DEPOSITO

De Cerveja de Bass & C.ª

100 *Praça de S. Bartholomeu* 102

Agua-raz fina a 320 rs. o kil.

100 *Praça de S. Bartholomeu* 102

Alvaiade moido a 250 rs. o kil.

100 *Praça de S. Bartholomeu* 102

Sabonetes d'alambre a 50 rs.

100 *Praça de S. Bartholomeu* 102

Molduras douradas e envernizadas, para caixilhos

100 *Praça de S. Bartholomeu* 102

Louça amarella (variado sortimento de pratos para forno)

100 *Praça de S. Bartholomeu* 102

Vidraça cortada a 120 rs. o kil

100 *Praça de S. Bartholomeu* 102

DOCTOR IN ABSENTIA

14 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a *Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra),* o qual lhes dará gratuitamente todas e quaesquer informações sobre a Universidade.

NUMERO 2715 — SABBADO 2 DE AGOSTO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Em presença do aspecto assustador que de principio tomaram os acontecimentos do visinho reino, o governo portuguez, no intuito de velar pela integridade das nossas instituições, como nação livre e independente, obteve das camaras legislativas auctorisação, a fim de manter a força publica indispensavel, em pé de paz, para fazer respeitar os nossos direitos, caso qualquer incidente viesse perturbar a neutralidade que este paiz julgou dever guardar.

O numero de 30:000 homens é o estabelecido em pé de paz, e que ao governo pareceu sufficiente para fazer manter as nossas regalias publicas.

E' certo, porem, que na epocha em que o governo chamou a reserva, era consideravelmente avultada a divida do contingente militar dos recrutas, o que produzira a grande falta no exercito.

Eis aqui os motivos para que foi chamada a reserva; porque era realmente o meio mais prompto de completar o numero legal de praças, que o governo julgou preciso, na presença das circumstancias, que tanto preoccupavam o espirito patriotico de todos os portuguezes, e os amigos da ordem e da tranquillidade publica.

Vogando por essa occasião umas ideias, não sabemos ainda, se bem ou mal fundadas, de tentativas contra a nossa autonomia e independencia; a prudencia e a razão aconselhavam esta medida, que nada tinha de extraordinaria, mas que a politica opposicionista, aproveitou, simplesmente para atacar o governo.

Agora, porem, que os contingentes de recrutas tem sido sido satisfeitos, e um grande numero de praças em divida tem affluido ao serviço do exercito, o governo resolveu, que—á proporção que o numero de praças de pret do exercito exceder, com a entrada dos recrutas do contingente de 1872, o estabelecido para o effectivo de pé de paz, seja licenceado novamente o numero de praças da reserva, correspondente a este excesso, devendo o licenceamento ser regulado na ordem das datas em que as mesmas praças houverem de completar o tempo de serviço a que estiverem obrigadas.

E assim foram auctorisados os commandantes dos corpos— a conceder do 1.º de Agosto em deante, licenças ás praças de pret, que ás desejarem, até ao numero correspondente á metade das praças da reserva, que fazem parte dos quadros dos corpos dos seus respectivos commandos; sem embargo e independentemente do licenceamento para a reserva; devendo as licenças ser concedidas por ordem, quando o numero de pedidos fôr superior ao que é permittido, e de preferencia aos que tiverem mais tempo de serviço.

De todo este procedimento do governo, que tem merecido louvores da parte dos homens mais eminentes e peritos na sciencia de governar, tira a opposição as mais extravagantes illações.

Porque não houve, felizmente, tentativa contra a nossa independencia, nem o socego foi alterado dentro do nosso territorio, applaude-se a opposição, por ter combatido o chamamento da reserva.

Quer a opposição tambem tirar argumento do facto de o governo licencear as praças da reserva.

O governo, com a ordem que acaba de dar, não fez mais que respeitar a lei e a auctorisação que recebeu das camaras. Entendeu elle, e em quanto a nós muito bem, que precisa de manter ainda em pé de paz o numero de praças para que tem auctorisação, e não mais; e visto que os contingentes em divida, podem exceder aquelle numero, e naturalmente excederão, deu ordem para que sejam licenceadas as praças da reserva, no passo que entrem as recrutas em divida.

Haverá neste procedimento algum motivo de censura?

A opposição quer desauctorisar-se.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

PREMIOS

Faculdade de Medicina

1.º ANNO

1.º *Premio*—Nuno Silvestre Teixeira, filho de Feliciano João Teixeira, da ilha da Madeira.

2.º *Premio*—Antonio de Jesus Lopes, filho de Manoel de Jesus Lopes, de Coimbra.

1.º *Accessit*—João Felicio Nunes Paes Coelho do Amaral, filho de João Felicio da Costa Nunes de Figueiredo, de Canas de Senhorim, districto de Vizeu.

2.º *Accessit*—Luiz Augusto Lopes da Costa, filho de Francisco Lopes da Costa, de Moimenta da Serra, districto da Guarda.

2.º ANNO

1.º *Accessit*— Ayres d'Ornellas Cysneiros de Brito, filho de Mendo d'Ornellas Cysneiros, de Lisboa.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXXXII

D. CARLOS

XXXII

A situação da causa liberal cada vez se tinha tornado mais critica, pelo desenvolvimento das forças carlistas. O governo do conde de Toreno achava-se sem amigos, sem dinheiro e sem credito.

Para fortuna da causa liberal, um hespanhol, que então estava longe da sua patria, era o destinado a salval-a. Este hespanhol era o celebre D. João Alvarez e Mendizabal, ha muitos annos emigrado em Inglaterra, onde havia feito importantissimos serviços á causa da liberdade portugueza e do throno da rainha D. Maria II.

A opinião publica exaltou o patriotismo de Mendizabal, e a imprensa liberal de Hespanha, que via que a de Londres, Paris e Lisboa o saudavam como o regenerador da sua patria, bateu palmas e o victoriou tambem. O conde de Toreno, julgando que a popularidade de Mendizabal o podia salvar, fez com que elle fosse chamado a fazer parte do ministerio.

Comprehendia Mendizabal, ainda que longe da sua patria, as mais instantes necessidades que tinha que remediar; e sendo elle mesmo o agente de seus desejos, poz toda a sua efficacia e actividade em accelerar o alistamento, equipamento e organisação da legião auxiliar ingleza.

Conseguido este objecto, tratou de adquirir recursos pecuniarios; e lisonjeando-se de obtel-os mais tarde, correu a Paris nos primeiros dias de Agosto de 1835, onde entabolou negociações financeiras com o banqueiro Ardoain, e seguiu a Lisboa, conferenciando na sua arribada a Santander sobre operações militares com os generaes Alava e Evans, e de politica, na sua passagem por Vigo, com um personagem amigo de Toreno.

Detido na côrte de Portugal o tempo necessario aos seus negocios, apressou a sua chegada á Hespanha, cuja situação faziam cada vez mais criticas as juntas revolucionarias; e no dia 1.º de Setembro o recebia a junta de Badajoz e varias pessoas principaes da provincia, e o exhortavam a desfazer-se de Toreno, logo que chegasse a Madrid.

Alli teve Mendizabal de inteirar-se do verdadeiro estado do paiz; e quando depois de quatro dias chegou á Granja, apresentou-se no mesmo instante á rainha governadora, esquivando-se a todo o compromisso, até se inteirar completamente em Madrid do estado da opinião publica.

Chega no dia 7 a Madrid, conferenceia com os seus antigos amigos, que pertenciam ao partido liberal avançado, e sem estar completamente de accordo com elles, vê o embaixador inglez, Mr. Villiers, e se affirma no juizo que havia formado da necessidade de sacrificar a Toreno, se não queria sacrificar-se a si mesmo, associando-se á sua impopularidade.

Este ministro, apesar de se ver isolado e combatido de todos, pois se a imprensa de Madrid o respeitava, não era por affecto, se não por temor, não parecia decidido a deixar o posto; porem ouvindo dizer a Quesada, capitão general de Madrid, que no caso de se alterar a tranquillidade publica, não respondia pela segurança da sua pessoa, resignou-o.

A rainha governadora, desenganada pelo ministro inglez, da impossibilidade de continuar a conservar o governo, chamou a Mendizabal, e este lhe prometteu sustentar o *estatuto real*, e não permittir se menoscabassem na menor parte as prerogativas do throno. Era isto a 14 de Setembro, e nessa noute foi chamado Toreno ao Pardo para lavrar os decretos.

O ministerio de Toreno caiu com jubilo dos liberaes, que saudavam com applauso o de Mendizabal. No mesmo dia publicou Mendizabal um manifesto, eminentemente liberal e patriotico.

Constituido o novo gabinete, tomou Mendizabel varias providencias; levantou o estado de sitio de Madrid, e promoveu que se dissolvessem as juntas, que eram um verdadeiro poder, o qual frente a frente do governo o desprestigiava, tirando-lhe toda a força.

As nomeações de Mina, Quiroga, Espinosa, Palafox, O'Daly, Sancho, Infante, Lopez Baños, Grases, Lopez Pinto, e outros, para o commando em varias provincias, foram um penhor seguro de que se desejava cumprir o que se offerecia.

De prompto conseguiu Mendizabal um grande resultado. Renasceu a confiança, o espirito publico liberal se dispoz a tudo, e Mendizabal foi considerado como o regenerador da peninsula.

Foram em seguida convocadas as côrtes, segundo um systema eleitoral que representasse os interesses nacionaes com mais amplitude do que até então regia. Estas côrtes, acrescentava o decreto, reveriam o *estatuto real* para assegurar de uma maneira estavel o inteiro cumprimento das antigas leis fundamentaes da monarchia; desenvolvendo os principios do governo contidos na exposição de 14 de Setembro, e constituindo definitivamente a grande sociedade hespanhola.

Uma das questões então palpitantes, que o novo ministerio se encarregou de resolver, sem duvida porque já o estava de facto pelas juntas, foi a extincção do clero regular.

O terem servido no principio da guerra alguns conventos para a fabricação de munições e de asylo aos carlistas; o terem promovido tão directa e efficazmente como o de Capuchinhos de Bilbau e outros, a luta civil, e os auxilios que muitos prestaram aos carlistas, preveniram contra elles o partido liberal, a quem eram evidentemente desaffectos. Via o paiz que um grande numero de frades tinham, mais que noutro tempo, abandonado aquelles asylos de paz pelo acampamento, e trocado o habito de religioso pelo uniforme, a cruz pela espingarda, e espalhado por toda a parte em nome de um Deus de paz e de amor a quem offendiam, a desolação e o espanto.

Já o ministerio de Toreno tinha começado a exclaustração do clero regular, decretando a suppressão dos conventos que não contassem 12 religiosos, em cuja determinação obrou conforme ás constituições pontificias, que pres-

2.º *Accessit*— José Antonio de Sousa Nazareth, filho de Pedro José Pereira de Sousa, de Coimbra.

3.º *Accessit*—Domingos Botelho de Queiroz, filho de Henrique Manoel Ferreira Botelho, de Villa Pouca d'Aguiar, districto de Villa Real.

4.º *Accessit*— Joaquim José Malheiro da Silva, filho de Paulo Antonio Malheiro, de Braga.

Distincto—Francisco Augusto da Costa Falcão, filho de Francisco da Costa d'Oliveira Falcão, de Constancia, districto de Santarem.

3.º ANNO

Partido.—Antonio Maria de Senna, filho d'outro, de Ceia, districto da Guarda.

1.º *Premio*—Vicente Urbino de Freitas, filho de João Antonio de Freitas Junior, do Porto.

2.º *Premio*— Augusto Antonio da Rocha, filho de Mathias Rocha, de Coimbra.

1.º *Accessit*— Fernando Mattoso dos Santos, filho d'Antonio Maria Rodrigues dos Santos, de Campo Maior, districto de Portalegre.

2.º *Accessit*—Francisco Joaquim Teixeira de Queiroz, filho de José Maria Teixeira de Queiroz, d'Arcos de Val de Vez, districto de Vianna do Castello.

Distinctos

1.º—Daniel Ferreira da Mattos, filho de Joaquim Ferreira de Mattos, de Poiares, districto de Coimbra.

2.º—Joaquim Antonio da Silva Sereno, filho de José Antonio da Silva, de Saugalhos, districto d'Aveiro.

3.º—Luiz Ferreira de Figueiredo, filho de José Ferreira de Figueiredo, de Vizeu.

4.º—Antonio Ferreira Cardoso d'Oliveira, filho de Manuel Rodrigues d'Oliveira, de Boialvo, districto d'Aveiro.

4.º ANNO

Partido—João Augusto Teixeira, filho de Feliciano João Teixeira, da ilha da Madeira.

1.º *Accessit*—Augusto José da Silva, filho de Antonio José da Silva, d'Ancião, districto de Leiria.

2.º *Accessit*—Mauricio Augusto de Sequeira, filho de João Francisco de Sequeira, da ilha da Madeira, districto do Funchal.

Distincto—Abilio de Almeida Simões da Costa, filho de José Baeta, das Murarias, districto de Coimbra.

5.º ANNO

Premio—Adriano Xavier Lopes Vieira, filho de José Lopes Vieira da Fonseca, das Côrtes, districto de Leiria.

INFORMAÇÕES

Adriano Xavier Lopes Vieira—MB. 16.

Bento Fialho Prego, filho de Manoel Fialho Prego, de Reguengos, districto d'Evora—B. 15.

Joaquim José d'Andrade Sequeira, filho de Antonio José d'Andrade Sequeira, d'Alpalhão, districto de Portalegre—B. 14.

Antonio Lucio Proença Saraiva, filho de João José Proença Saraiva, dos Escalos de Baixo, districto de Castello Branco—B. 14.

Francisco Xavier de Menezes, filho de Constantino Feliciano de Menezes, de Beja—B. 14.

Joaquim de Jesus Lopes, filho de Manoel de Jesus Lopes, de Coimbra—B. 14.

João Antunes Pereira das Neves, filho de José Antunes Gabriel, do Tojal, districto de Leiria.—B. 13.

Annibal Augusto Pereira Brandão, filho de Eduardo Augusto Pereira Brandão, do Rabaçal, districto de Coimbra—B. 13.

João Paes da Cunha Mamede, filho d'outro, de Midões, districto de Coimbra—B. 13.

José Paes dos Santos Graça, filho de Cypriano dos Santos José da Graça, de Vagos, districto de Aveiro—B. 12.

NOTICIARIO

Policia de Coimbra.— Quando o presidente da camara desta cidade, apresentou o orçamento municipal perante a assemblea dos maiores proprietarios do concelho, no dia 27 de Março de 1836, foi nomeada uma commissão, para dar a esse respeito o seu parecer.

A commissão ficou composta dos srs. Alberto Carlos Cerqueira de Faria, presidente; Jeronymo José Baptista Lopes Parente, Custodio Manoel Teixeira, Antonio Rodrigues Manito, José Antonio Rodrigues Trovão, Joaquim de Castro Henriques, e Manoel de Jesus Rodrigues Manique, secretario. Desta commissão já hoje não é vivo senão o sr. Alberto Carlos Cerqueira de Faria.

Apresentou a commissão o seu parecer, largamente desenvolvido, no dia 9 de Maio; e nelle se oppunha terminantemente a quasi todas as reformas e melhoramentos propostos pelo presidente da camara, sendo um dos principaes motivos o não querer que se aggravassem os povos com mais tributos. As poucas propostas que a commissão approvara eram por ella muito diminuidas. Fazia assim um completo contraste, o arrojo das propostas do presidente da camara, com o retrahimento da commissão.

Ora essa mesma commissão tão acanhada e economica em tudo, é a mesma que vem apresentar no seu relatorio, a proposta para uma despeza, de que não tratara o presidente da camara. Propunha a creação de uma guarda municipal, para o que estabelecia o orçamento da despeza que com ella se devia fazer.

Eis ahi o que dizia a commissão:

«Parece entretanto á commissão, que alem dos estabelecimentos lembrados pela camara, ha um de reconhecida urgencia, especialmente depois de admittida a illuminação da cidade, e vem a ser uma tal, ou qual guarda municipal.

«Os roubos que ha poucos tempos, e ainda hoje se tem praticado dentro das ruas da cidade, com o mais descarado escandalo, a continuada vigilancia de que se precisa para a manutenção da ordem publica e execução das posturas municipaes; e finalmente o mesmo resguardo e cuidado dos candieiros, tudo isto faz patente sua necessidade e interesse.

«Por conseguinte a commissão fazendo o calculo que lhe parece razoavel, segundo vae especificado no mappa n.º 1.º, e contando que o armamento da guarda será fornecido pelo governo, arbitra para o estabelecimento da illuminação 1:358$667; e da guarda, 1:875$ reis, lembrando-se que é necessario começar em algum dia, e que o zelo da camara conseguirá organisar uma companhia de 24 homens, que vigiem em noutes alternadas, ás ordens de um official superior que os governe, e segundo as instrucções que receber, podendo interinamente servir o regulamento da guarda municipal de Lisboa, naquillo em que fôr applicavel.»

A despeza da illuminação e guarda municipal votada pela commissão, era assim subdividida:

Illuminação

Compra de 40 candieiros, a 12$ cada um	480$000
Azeite para sustentação dos mesmos em dois terços do anno, orçando-se para cada um em cada noute um quartilho, a 80 rs.	778$667
Para 4 serventes d'accender e limpar, a 25$000 rs. por anno	100$000
	1:358$667

Guarda municipal

Soldo a 160 por dia a 24 homens	1:401$600
Vestuario a cada um, 9$600 por anno	230$400
Official superior a 400 rs. diarios	146$000
Sua gratificação para ajuda do fardamento	14$000
Official inferior a 200 rs. diarios	73$000
Para vestuario do mesmo por anno	10$000
	1:875$000

Este alvitre da commissão, para se crear em Coimbra uma guarda municipal, e que por

creviam esse numero para formar communidade e cumprirem os seus membros com a observancia da disciplina religiosa.

A importancia desta reforma parcial comprehende-se dizendo, que chegavam a 900 as casas religiosas que em virtude della se fechavam.

As juntas deram logo zeloso cumprimento a esta disposição, alargando os seus limites, pois que tambem supprimiram outras casas, cuja existencia não tinha impedimento legal. Desta forma, quando subiu Mendizabal ao poder, achou que já era um facto a exclaustração em geral do clero regular; e considerando que completar esta medida era uma necessidade politica, a sanccionou revolucionariamente, pois que sem a intervenção e cooperação do poder ecclesiastico, em conformidade dos canones da egreja, apoiando-se na vontade e conveniencia nacional, deu maior amplitude ao decreto de Toreno; e no de 11 de Outubro se declararam extinctas as communidades religiosas, e se mandou que dos conventos que, segundo o decreto, deviam subsistir, não podesse haver mais que um de uma mesma ordem em cada povo.

A causa liberal necessitava com urgencia soldados e dinheiro, e assaltou a mente de Mendizabal um pensamento grande e simples, tão proprio de uma intelligencia elevada, como de um homem de administração e de politica.

Não tinha occultado o seu pensamento, e até o insinuou francamente nos artigos doutrinaes da *Gazeta*. Ainda assim, leu-se com assombro o preambulo do decreto, chamando ás armas a todos os hespanhoes de 18 a 40 annos, para aprontar desde logo 100:000 homens.

Para equipar o novo exercito, e pol-o em pé de guerra, necessitava Mendizabal muito dinheiro, e o procurou, fixando em 4:000 reales o resgate do serviço, ou em 1:000 reales e um cavallo apto para o serviço; e este meio deu um resultado de 25.000:000 de reales e 700 cavallos.

Esta quinta não produziu, portanto, os 100:000 homens, não só por aquelle motivo, mas por faltar a parte das provincias isentas, e o irem muitos mancebos augmentar as fileiras carlistas. Por todas estas causas não chegou a 50:000 o effectivo da quinta extraordinaria; mas ainda assim não eram poucos os soldados que improvisou Mendizabal; e senão para já, iam a ser mais adeante um grande allivio para o exercito, não obstante o desdem com que os recebeu Cordova, porque não lhos mandaram já formados, e disso se queixou amargamente.

A *Revista Española*, periodico que se distinguia por suas ideias avançadas, apresentava-se como o orgão das principaes sociedades secretas, exhortando o povo a que tomasse as armas e apoiasse o governo: choveram os donativos patrioticos, e o paiz se prestou geralmente, até com enthusiasmo, aos immensos sacrificios que a sua salvação exigia.

Apesar de tudo, a situação do thesouro era critica, e os gastos eram enormes. Uns 8 milhões de reales importavam mensalmente as legiões auxiliares; o orçamento annual do exercito hespanhol passava de 400 milhões de reales, e o extraordinario de corpos francos, nacionaes mobilisados e outras forças, subia a perto de [illegible] verbas, com outras indispensaveis [illegible] guerra, tornavam necessarios uns 600 milhões de reales.

Esta penuria fazia preciso um emprestimo que facilitasse a desamortisação ecclesiastica, destinando os bens das communidades á extincção da divida; cujos juros subiam a 230 milhões de reales.

Os donativos patrioticos correspondiam, é verdade, ás esperanças do governo; porem, de que serviam naquellas circumstancias uns 21 milhões de reales, e multidão de objectos, quando se consumiam aquelles em dez dias, e as prendas em poucos mezes?

O governo foi, no entanto, vivendo com a escacez dos recursos até á abertura das côrtes, em cujo apoio confiava.

A 16 de Novembro de 1835 se abriu em Madrid a segunda legislatura das côrtes, convocadas em conformidade do *estatuto real*. Mendizabal poz na boca da rainha governadora um discurso que satisfez, como era de absoluta necessidade, as exigencias da opinião dominante. Offereceu tudo o que era prudente, e o que o não era, se occultava.

No dia 21 de Dezembro pediu Mendizabal um voto de confiança, a fim de que ao expirar o anno se podessem receber legalmente as contribuições publicas, sem entorpecimento das graves attenções do serviço pessoal, e tomando em consideração que as circumstancias extraordinarias em que se achava o paiz, não tinham permittido ao governo a formação devida do orçamento da receita e despeza, nem occupar-se dos regulamentos convenientes á administração da fazenda publica, para propor ás côrtes os meios de cubrir todos os gastos ordinarios e extraordinarios do estado.

A commissão a quem foi remettida a proposta, deu um parecer favoravel; e apezar de alguns procuradores, e entre elles o conde de Toreno, o conde de las Navas e Martinez de la Rosa, terem fallado contra, a proposta foi approvada quasi por unanimidade.

Passando para o estamento dos proceres, ahi foi tambem approvada, com a unica excepção do voto do marquez de S. Martin de Onitreiro.

Em seguida foram submettidos pela sua urgencia e opportunidade ao exame dos representes do paiz, os projectos de lei eleitoral, de reforma da guarda nacional, de repressão do trafico de negros, de liberdade de imprensa e de responsabilidade ministerial.

O projecto de lei eleitoral é que foi escolhido pelos partidos conservador e progressista, para mostrarem as suas forças.

A commissão da camara deu um parecer em sentido francamente liberal; mas o governo, na discussão mostrou-se irresoluto, não querendo comprometter-se, e prevendo uma derrota que não podia, ou não sabia evitar, abandonou o projecto á sua sorte.

Na votação do artigo 4 ficou a commissão derrotada por 97 votos contra 42. A maior effervescencia reinou então na camara; quasi todos os procuradores pediram a palavra; e os progressistas clamavam contra um ministerio que, depois de haver sido defendido por elles com enthusiasmo, se divorciava nisto da sua opinião.

Naquella noute mediaram algumas explicações entre o ministerio e a commissão, justamente resentida; e na sessão seguinte deu Mendizabal completas satisfações, manifestando que aceitava os artigos restantes.

Satisfeita com isto a commissão, os procuradores progressistas marcharam mais accordes, conseguindo que se approvasse o artigo 5.º, que estabelecia a base de maiores contribuintes, em contraposição da quota fixa que defendiam os moderados.

O artigo 6.º, que tratava das capacidades, foi habilmente combatido por Toreno, e a camara desapprovou por 79 votos contra 63 o projecto da commissão; porem adoptou um meio termo, e approvou por 82 votos contra 36 o voto particular da minoria, que exigia para ser eleito, o pagamento tambem de alguma quota, junto a um titulo litterario.

Reservava-se a grande batalha para o artigo 17, e por isso foram discutidos os outros sem grande interesse. Tratava-se da eleição por provincias; e como era esta uma verdadeira questão de partido, porque os moderados consideravam mais seguro o seu triumpho nos districtos, no mesmo tempo que os progressistas suppunham o seu nas capitaes, reuniram todas as suas forças, e os brilhantes e magnificos discursos de Arguelles, Galiano, Lopez e Caballero, não poderam destruir o effeito causado pelos de Martinez de la Rosa e Toreno. A commissão e o governo foram derrotados por 5 votos, havendo-se abstido de votar 15 procuradores.

O ministerio colheu assim o fructo do seu systema em abandonar os seus amigos e defensores na votação do artigo 4, alentando por essa forma a opposição, e preparando-lhe o caminho para um triumpho como o que conseguiu na memoravel sessão do dia 24.

A esta votação respondeu o ministerio dissolvendo as côrtes. As eleições teriam logar no dia 27 de Fevereiro de 1836, e a reunião a 22 de Março.

Mendizabal respirou, e poude continuar a entregar-se com a sua costumada actividade a dotar o paiz com as reformas que reclamava.

(*Continuar-se-ha.*)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

então não passou de projecto, veiu a ser realisado passados dois annos, não pela camara, mas pelo governo, creando-se nesta cidade um corpo de segurança publica, em virtude da lei de 22 de Fevereiro de 1838, e decreto da sua organisação de 6 de Agosto desse anno.

Constava o corpo de segurança de 40 praças de pret de infanteria, 17 de cavallaria, um commandante, e dois officiaes subalternos; sendo o total 60.

Este corpo de segurança conservou-se em Coimbra até ao fim do anno de 1841.

Os estudantes discolos, a quem não convinha que houvesse força para os reprimir nos seus excessos, procuravam todos os meios de provocar os soldados do corpo de segurança. Essas constantes provocações vieram a ter o seu desfecho no domingo, 26 de Dezembro de 1841, primeira oitava do Natal.

Em a noute desse dia, andando algumas patrulhas a rondar na praça de S. Bartholomeu, foram ahi insultadas por muitos estudantes; chegando um a praticar o attentado de cravar um punhal nas costas de um dos soldados. Os seus camaradas deram em seguida uma descarga contra os academicos, de que resultou ficar mortalmente ferido o estudante do 3.º anno de Direito, José Carlos Lobo.

No dia 28 outro grupo de estudantes perseguiu e quiz assassinar, mesmo de dia, no largo de Sansão, a um soldado de cavallaria, quando estava manso e pacifico a dar agua ao cavallo no chafariz. Os seus companheiros indignados com este attentado, sairam logo armados, do quartel do Carmo para Sansão; ahi, porem, poderam felizmente ser detidos pelas reflexões que lhes fez, o popular cidadão Manoel José Teixeira Guimarães.

Como medida de fraqueza, ou se se quizer, de prudencia, mandou o governo sair passados alguns dias, aquella força militar para Aveiro.

Assim terminou em Coimbra o corpo de segurança publica.

Grande desgraça.— Communicam-nos de Villarinho da Louzã, que no dia 31 de Julho findo, andando quatro pobres jornaleiros a trabalhar n'uma mina do sr. padre Caetano de Mattos, do logar de Fiscal, foram instantaneamente sepultados debaixo de uma barreira, que sobre elles desabou. Mais de 4 horas de assiduo trabalho foram precisas para desenterrar os cadaveres.

Eram quatro infelizes, que amassando o pão com o suor do seu rosto, para sustentar suas familias, assim perderam a existencia, e as deixaram no mais doloroso desamparo!

Era facil calcular o perigo em que andavam os infelizes, porque a mina era de valla aberta, profunda, e o terreno solto; e comtudo não havia uma escora!

Houve imprudencia e desleixo, principalmente da parte dos infelizes. E' o que lastimamos.

Ainda ha pouco no mesmo concelho da Louzã houve uma desgraça egual á que agora se reproduziu, e por isso recommendamos toda a prudencia e cautella a esses desgraçados, que se occupam no serviço de minas, e aos seus mandantes, a quem mais facilmente chegam estes avisos.

O episodio de Ignez de Castro e a Imprensa Nacional. — Fomos obsequiados com um exemplar do episodio de Ignez de Castro, extrahido do canto III dos *Lusiadas*, e impresso na imprensa Nacional de Lisboa em 14 idiomas; sendo precedido de um retrato de Luiz de Camões, perfeitamente gravado pelo sr. J. P. de Sousa.

E' este um trabalho primoroso, que vem ainda mais confirmar os merecidos creditos de que ha muito gosa este estabelecimento, graças á intelligente administração do sr. conselheiro Firmo Augusto Pereira Marecos, e á pericia consummada dos artistas que alli trabalham.

Não sabemos o que mais havemos de admirar, se o apuro da impressão deste episodio, se a belleza e variedade dos typos que possue a imprensa Nacional, e que a tornam uma das primeiras typographias da Europa.

Além do portuguez, em que originalmente foi escripto o episodio de Ignez de Castro, pelo nosso insigne poeta Luiz de Camões; vem publicado o episodio mais nos seguintes idiomas:—latim—hespanhol—italiano—francez—inglez—allemão—hollandez—sueco—dinamarquez—hungaro—bohemio—polaco—russo.

São todos os idiomas em que consta ter sido traduzido este formoso episodio do nosso immortal poeta.

Em 1865 imprimiu a imprensa Nacional o episodio de Ignez de Castro, nos dois idiomas portuguez e francez; agora para a exposição de Vienna de Austria fez a impressão em 14 idiomas!

Assim mostra os seus progressos o primeiro estabelecimento typographico de Portugal.

Emblemas da Imprensa Nacional. — Fomos tambem obsequiados com um exemplar da — *Fundição de typos da imprensa Nacional de Lisboa — Emblemas diversos—Lisboa*, 1873.

Consta das amostras impressas dos numerosos emblemas e ornatos de fundição da imprensa Nacional, com a tabella dos preços por que actualmente se vendem.

Este valiosissimo estabelecimento possue já nada menos de 639 emblemas differentes e 36 ornatos. A perfeição do desenho e da impressão é admiravel. Merecem muitos louvores todos os habeis artistas, que têem concorrido para tão bello resultado.

Cumpre-nos agradecer o exemplar que recebemos, e que se vem juntar ás muitas distincções que temos recebido da imprensa Nacional de Lisboa, com o que summamente nos tem penhorado.

Nova publicação. — Recebemos de Evora e agradecemos — *A imparcialidade do sr.º Joaquim de Vasconcellos, avaliada por Joaquim Antonio de Sousa Telles de Mattos.*

Posse.—O sr. Dr. Luiz da Costa e Almeida tomou posse de lente cathedratico da Faculdade de Mathematica.

Recrutamento.—O conselho de estado julgou favoravelmente os recursos de José da Graça Saro, por seu filho Manoel, da freguezia de Ceira; Victorino Antunes, por seu filho Manoel — ambos do concelho de Coimbra. E José Rodrigues, filho de Vicente Rodrigues e Maria da Piedade, da freguezia e concelho de Miranda do Corvo.

Honra merecida.— Acaba de ser agraciado com o habito de Christo, o nosso patricio o sr. Nuno da Silva Machado, negociante residente em Lisboa. São bem cabidas as honras, quando como esta, recahem em pessoas tão dignas como o sr. Machado.

Receba pois as nossas felicitações.

Mercado de Condeixa a Nova no dia 4.— Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 480—Dito branco 440—Dito mourisco 440 — Milho branco 320— Dito amarello 310— Feijão vermelho 440— Dito branco 440—Dito rajado 340—Dito frade 280—Cevada 220—Favas 260— Tremoços 260 Batatas 180—Vinho 1$000—Azeite 1$150.

Regresso.—Da Figueira da Foz nos dizem ter chegado a esta villa no dia 30 do mez ultimo, vindo de tractar negocios de sua casa em Verride, o sympathico moço o sr. Joaquim Augusto Villas Boas Rebello.

Corveta Infante D. Henrique —Chegou a Cadix a corveta *Infante D. Henrique*, que o governo para alli mandou para proteger os portuguezes, residentes naquella cidade, visto a anarchia que alli reina.

Dois navios a pique—Ante hontem, perto da meia noute, a 30 milhas ao mar do Cabo da Roca, abalroaram o bergantim-goleta francez *Marius Pavillon de Monaco*, com a escuna ingleza *Wild Hunter*. O bergantim vinha de Marselha para Rouen; e a escuna tinha saido de Lisboa para Halifax. O choque foi tão forte, que ambos os navios foram a pique. Felizmente poude salvar-se a tripulação de ambas as embarcações.

Alcoy.— Diz a *Revolução de Setembro*, que conta um jornal da localidade, que quando começou a insurreição em Alcoy estava funccionando a escola de meninas de que é directora D. Dolores Ramirez, n'um dos pavimentos da casa da camara. Foram inuteis todos os esforços feitos nos primeiros momentos para salvar aquellas creanças. Os internacionalistas começaram a queimar o edificio e, vendo a fugida impossivel, todas as meninas reunidas em volta da mestra começaram a rezar.

N'uma tão angustiosa posição se passou quasi toda a noite, e ao romper do dia, agarrou a mestra ao côlo uma das creanças e apresentando-a ao infeliz Albors, disse-lhe:

—Deixe-me o senhor sahir; é preciso que as minhas meninas saiam d'aqui; quero salval-as e hei de salval-as.

—A senhora e ellas correm a uma morte certa e eu declino toda a responsabilidade se sahem para a rua, respondeu-lhe Albors.

— E eu aceito para mim toda a responsabilidade— replicou— porque levo por guia a Mãe dos Desamparados.

Abriu-se a porta e atraz d'ella collocaram-se quatro municipes com as armas carregadas: um d'elles quiz fugir, e levantando uma menina nos braços disse:

—Esta é a bandeira que nos ha de salvar.

N'aquelle supremo momento D. Dolores tira-lhe a creança, colloca-se á frente e cobrindo-as a todas com o seu corpo, exclama:

—Se dispararem e eu cahir não saiaes; se eu ficar de pé, segui-me.

Sahiu!.... e atraz d'ella as meninas, agitando todas os seus lenços...

Alto!... Alto!... Era a voz que corria como faisca electrica de barricada em barricada, e aquella matutina procissão de anjos atravessou a praça de Santo Agostinho, respeitada pelo mais profundo silencio e ganhou os campos pela rua da Casa Branca.

Santo poder da innocencia que até ante elle se prostam os assassinos e incendiarios de Alcoy!

Noticias de Hespanha. — Lê-se no *Commercio do Porto* o seguinte:

«Sevilha, Cadix, S. Fernando, Valencia e Carthagena são os pontos da republica hespanhola onde a esta hora mais intensamente se fazem sentir os effeitos da torrente socialista e federal.

Esperava-se que em Valencia fossem escutados os conselhos da prudencia; porém todos os esforços empregados para evitar o conflicto tinham sido inuteis e de um momento para o outro Valencia devia ser atacada, sem poder prognosticar-se o resultado, na triste situação em que se acham alguns corpos do exercito.

Uma carta de Cordova, publicada pela «Correspondencia», confirma o desarmamento dos voluntarios d'aquella cidade, para evitar que adherissem ao movimento. O general Pavia achava-se resolvido a proceder energicamente para restabelecer a ordem em Sevilha, diante da qual, segundo nos noticiou o telegrapho, tinha tomado posições, disposto a atacal-a. Esperava-se, porém, que os insurgentes oppozessem fraca resistencia.

De Cadix e S. Fernando não ha noticias exactas, porém suppõe-se que a primeira cidade está soffrendo os rigores do bombardeamento por um navio da esquadra.

As tropas de marinha encerradas no arsenal de S. Fernando têem-se portado heroicamente. O arsenal tinha soffrido tres dias de bombardeamento, porem este não tinha entibiado o ardor das tropas fieis ao governo, as quaes se batiam valorosamente ás ordens do tenente-coronel Castelani.

Puerto-Real está em poder das forças sujeitas ao governo.

Em Malaga restabeleceu-se o socego.

Em Valencia a lucta promette ser porfiada. Os deputados tractaram de apresentar-se alli; porém não o fizeram, em vista da tenacidade com que o governo se negou de todo o ponto a transigir com os soldados insurgentes que se acham dispostos a resistir, acceitando só intelligencia com os voluntarios e sujeitando aquelles a um conselho de guerra. Os deputados queriam que se tornasse extensiva a todos a clemencia.

Em Carthagena lavrava o panico e o desgosto, augmentando os receios de um proximo conflicto entre as forças sublevadas. Os soldados que existem em Carthagena acham-se no estado da mais completa indisciplina. O general Contreras e o deputado Galvez percorriam, á frente de algumas forças de voluntarios, as povoações da provincia de Murcia, com o fim de recrutar gente que defenda a independencia dos cantões onde sejam necessarios os seus esforços.

Chegaram a Carthagena dois novos navios allemães de guerra e uma fragata blindada ingleza de duas torres.

Diz egualmente o «Imparcial» que para a referida cidade sahiu o consul da Russia, que tinha vindo a Madrid dar conta dos acontecimentos do vapor «Vigilante» que esperou as instrucções pedidas para Berlim para o commandante da «Frederico Carlos». Com effeito no domingo de tarde, segundo noticia a «Epoca», recebeu-se da côrte allemã o seguinte telegramma, que o mencionado consul foi encarregado de entregar ao commandante prussiano:

«Recebida a communicação dando conta do apresamento do «Vigilante». Telegraphiem continuamente, dando conta do que se passar sobre este objecto. Proceda o commandante como lhe aconselhar o seu criterio e melhor convenha aos interesses da Allemanha. Está-se em negociações a este respeito com os gabinetes de Vienna e S. Petersburgo.»

Se grave é a situação de muitas provincias, como se deprehende da precedente resenha, pelo incremento que tem tomado o desvairamento federalista, não vemos que sejam melhores as noticias relativas á outra guerra civil sustentada pelo carlismo.

Segundo a «Gazeta» Lizarraga chegou no domingo a Ataun com 2:400 homens e 2 canhões, depois de deixar o pretendente nas immediações de Estella. O brigadeiro Loma saliu para Villa Franca e a columna Valcarcel para Vergara.

Diz tambem o diario official, que a guerrilha do pretendente passou no domingo com direcção a Labraza, e que os voluntarios das povoações de la Rioja se tinham concentrado em ponto seguro.

Logroño está ameaçado pelas guerrilhas reunidas de Navarra.

Uma carta de Victoria, publicada pela «Correspondencia», concede ao pretendente 5:000 homens, com 6 peças de montanha; porem Dorregaray, com outras forças, marcha de combinação, de maneira que n'um momento dado os carlistas podem apresentar uma divisão de mais de 8:000 combatentes.

Confirma-se a perda de 2 peças que levava a columna Costa, assim como da que havia no tunnel de Lizarraga, que era do systema Krapp.

Os mancebos recrutados pelos carlistas em Biscaya reunem-se em Orduña, onde se organisam.

A guerrilha alaveza, commandada por Balbuerca e que vagueia pelos arredores de Victoria, vai-se apoderando de alguns mancebos e vive á custa dos povos do valle, onde pernouta quasi todos os dias, fugindo á chegada das columnas que a miudo sahem da capital a perseguil-a.

O general Burgos continuava trabalhando no restabelecimento da disciplina.

Em Aragão e na Estremadura ha pequenas guerrilhas.»

Ultimas noticias de Hespanha —O general Pavia conseguiu entrar em Sevilha, depois de grande luta contra os intransigentes. Estes lançaram o fogo a muitos edificios com petroleo. A junta revolucionaria fugiu. Ha muitos presos, e procuram-se alguns chefes que se julgam occultos dentro da cidade, e entre elles o general Pierrad.

O general Contreras tinha saido de Carthagena com as fragatas revolucionadas para Almeria, a fim de obrigar a adherir esta cidade ao seu partido. Os insurgentes, porem, foram repellidos na segunda tentativa de desembarque. Soffreram muitos edificios com o bombardeamento. Os projectis dos insurgentes demoliram a casa do consul prussiano, apesar de estar arvorado o pavilhão.

A esquadra partiu depois em direcção desconhecida. Julga-se que iria para Malaga.

Em Alicante preparavam-se para repellir o ataque das fragatas dos insurgentes, se o tentassem.

Em Valencia sustenta-se o fogo desde 30 ao meio dia.

A povoação de Orihuela foi surprehendida por 800 sublevados de Carthagena, e alli commetteram excessos.

O arsenal de Cadix continua a resistir aos insurgentes. A fragata *Navas de Tolosa* bombardeia as posições dos insurgentes em S. Fernando.

As côrtes de Madrid, depois de tempestuosa discussão, approvaram por 161 votos contra 14, a proposta felicitando Almeria pela sua resistencia aos navios insurgentes.

Assegura-se que o governo prussiano dera ordem para que o *Vigilante* fosse entregue ao consul hespanhol em Gibraltar.

ANNUNCIOS

1 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Coimbra manda annunciar, que deliberou em sua sessão de hontem, abrir concurso pelo tempo de 15 dias, a contar da data deste annuncio; para os concorrentes que pretenderem contratar com a mesma camara um emprestimo de 40:000$000 rs., destinado á construcção das estradas municipaes de 1.ª e 2.ª classe, apresentarem na sua secretaria propostas em carta fechada.

Servirão de garantia ao dito emprestimo os rendimentos que, nos termos dos n.os 3, 4 e 5 do artigo 16 da lei de 6 de Junho de 1864, formam a dotação das estradas de 3.ª ordem, na conformidade do decreto de 28 de Julho de 1869 (*Diario do Governo*, n.º 172, de 3 de Agosto).

No 1.º dia em que a camara se reunir em vereação ordinaria, depois d'aquelle em que findar o concurso, abrir-se-hão todas as propostas, e depois de lidas publicamente, a camara resolverá qual merece preferencia.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 2 de Agosto de 1873.

O escrivão da camara,

Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

2 A CAMARA MUNICIPAL D'ALVAIAZERE, faz publico, que no dia 17 do proximo futuro mez d'Agosto, pelas 10 horas da manhã, hade ter logar nos paços deste concelho, a arrematação em hasta publica, da construcção do lanço de estrada municipal de 2.ª classe, d'Alvaiazere a Villa Nova de Pussos, na extensão de 2081,m91; adjudicando-se a obra a quem por menos preço a fizer, e com melhores garantias: cujo projecto e condições se acham já patentes na secretaria desta camara.

Alvaiazere, 25 de Julho de 1873.

O presidente da camara,

José Barata de Vasconcellos e Silva.

AGRADECIMENTO

3 ALOYSIO AUGUSTO DE PINHO, Antonio José Alves Borges, e sua senhora, João Ferreira Rodrigues Pinho, e sua senhora, summamente penhorados por tantas provas d'amisade e consideração, recebidas durante a doença, e pelo fallecimento de sua nunca esquecida mulher, sobrinha, e nora, não podendo como deviam e desejavam agradecer pessoalmente a todas as pessoas a sua gratidão, fazem-no por esta forma, de que pedem desculpa.

DEPOSITO

De Cerveja de Bass & C.ª

100 *Praça de S. Bartholomeu* 102

Agua-raz fina a 320 rs. o kil.

Alvaiade moido a 250 rs. o kil.

Sabonetes d'alambre a 50 rs.

Molduras douradas e envernizadas, para caixilhos

Louça amarella (variado sortimento de pratos para forno)

Vidraça cortada a 120 rs. o kil.

100 *Praça de S. Bartholomeu* 102

5 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia de Santa Cruz, no dia 10 do corrente mez de Agosto, ás 11 horas da manhã, dá de arrematação uma obra de carpinteiro, e a fundição de um sino para a egreja de Santa Justa. Os apontamentos são presentes no acto da praça.

ARREMATAÇÃO

6 NO DIA 17 de Agosto, pelas duas horas da tarde, se ha de arrematar a obra de madeira (o tecto) da egreja de S. Joanninho, concelho de Santa Combadão; cujos apontamentos e condições serão presentes n'esse acto. S. Joanninho, 29 de Julho de 1873.

O presidente da junta de parochia,

Manoel de Mattos Viegas.

AGRADECIMENTO

7 JOSÉ ANTONIO BISARRO agradece profundamente reconhecido, a todos os seus amigos, que por occasião do fallecimento de sua prezada irmã Rosa da Conceição Moura Bastos Bisarro, lhe deram as maiores provas de estima, tomando parte nos seus desgostos por tão infausto acontecimento.

A todos protesta a sua gratidão.

8 IGNEZ DE CASTRO, episodio extrahido do Canto III do poema epico dos *Lusiadas* de Luiz de Camões. Edição em 14 linguas.

Vende-se em Coimbra em casa de José Augusto Orcel, preço 500 reis.

AOS SRS. MARCENEIROS

9 NA CALÇADA, n.º 85 a 91, se diz quem vende uma porção de madeira de cerejeira.

Arrematação

10 NO DIA 7 de Agosto, pelo meio dia, na alameda do Jardim Botanico, se hade arrematar uma obra de pedreiro, carpinteiro e lavrante. Quem pretender arrematar a dita obra poderá ver os apontamentos, os quaes se acham na mesma direcção desde o 1.º de Agosto em diante.

Venda de Quinta

11 VENDE SE a quinta chamada do Sebal, que fica proxima ao logar do Outeiro de Bera, na estrada publica, que conduz a Almalaguez, a qual é quasi toda murada, e se compõe de casa d'habitação e uma outra por acabar, reservada para adega e celleiro, lagar d'azeite com duas varas, dois moinhos de fazer farinha, um d'elles de rodizio, com agua nativa na mesma quinta, em grande abundancia, com a qual laboram o lagar e moinhos, e se pode regar a pé mais de metade da quinta; tambem tem eira com seu alpendre, oliveiras, vinha e arvores de fructo.

Recebe-se em dinheiro parte do preço da venda, que se ajustar, e o resto ficará na mão do comprador, querendo, pagando o juro de cinco ou seis por cento, e ficando a mesma quinta hypothecada até total pagamento.

Quem quizer comprar póde em carta fechada dirigir as suas propostas ao bacharel Francisco Ferreira Camões, advogado, residente na rua do Visconde da Luz, n.º 24, que está auctorisado para a vender.

12 ARRENDA-SE ou dá-se por administração uma pharmacia situada fóra desta cidade. O pharmaceutico que a pretender, dirija-se a esta redacção.

LOJA DE MERCEARIA

DE

José Maria Duarte

Praça de S. Bartholomeu, 9-10

13 PARTICIPA aos seus amigos e freguezes, que tem um bom sortimento de vinhos engarrafados; e de chá de 900 a 1$500 reis cada 0,459 kilo.

PEDIDO

14 PEDE-SE ao sr. bacharel Adriano Baptista Ferreira, da villa da Mealhada, o favor de responder ás repetidas e attenciosas cartas, que de Coimbra lhe tem sido dirigidas.

DOCTOR IN ABSENTIA

15 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a *Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra)*, o qual lhes dará gratuitamente todas e quaesquer informações sobre a Universidade.

Attenção

16 PARELHA de excellentes eguas portuguezas ensinadas. O mestre ferrador A. Peça, ás Ameias, está encarregado da venda.

17 VINHO DA BAIRRADA da lavra do Dr. Antonino José Rodrigues Vidal—engarrafado branco e tinto.—Vende-se na Calçada, n.º 85 a 91—a 120 rs. sem garrafa.

ANTONIO MARIA CARDOSO

42—Calçada—44

BOM E BARATO

18 CHITAS, lãs, lenços de seda, tapetes, coletes de espartilho, peitilhos bordados e lizos, colares e punhos para senhora, sombrinhas, lenços de linho, chales, esguiões de 120, 130 e 140 o metro, etc.

Para liquidar

Franjas de lã a 5 reis o metro, ditas de seda 50, 60, 70, 80, 90, 100 rs., e rendas pretas de seda.

19 VENDE-SE uma propriedade, no sitio das Lages, suburbios desta cidade, que consta de duas casas e quintal, com arvores de fructo de muitas qualidades, e com agua. Quem pretender póde dirigir-se a seu dono, Joaquim Correa, na mesma propriedade.

20 VENDE SE a casa da Ordem de Poiares. E' uma optima vivenda com muito boas terras de rega, e de sequeiro, junto á egreja de Santa Maria d'Arrifana. Tem muitas arvores de mimo, excellentes olivaes, pinheiros, castanheiros, e tojeiras, e uma terra de lodo em Lourêdo, junto ao Mondego, e algumas sortes de oliveiras, mattos, e pinheiros dispersos. Esta casa tem muito boas communicações, pois se acha proxima do Mondego, e da estrada da Beira. Quem a pretender comprar dirija-se a José Felix Catana, d'Arrifana de Poiares, que tem uma relação das propriedades, e prestará todos os mais esclarecimentos necessarios.

21 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalesciere,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

E ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os muscuos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid.—Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rabir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2716 • TERÇA FEIRA 5 DE AGOSTO DE 1873 • ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Continua a escassez de novidades politicas, e o mais perfeito socego em todo o paiz.

Este estado, verdadeiramente auspicioso para toda a ordem de interesses nacionaes, porque a tranquillidade e o respeito ás leis são a primeira condição de prosperidade publica e a prova mais evidente da elevação moral de um paiz, contrasta admiravelmente com as perturbações do reino visinho, as quaes de dia para dia nos vêem confirmar quanto é apreciavel a paz que aqui gozamos, garantida pelo desenvolvimento do progresso e da liberdade.

E não são sómente os homens mais dedicados ás instituições e aos progressos desta nação, mais zelosos pelo bom nome desta terra, ou os espiritos dotados de mais sincero patriotismo, que se regosijam com este estado; é tambem a imprensa estrangeira que, com merecido louvor, menciona este facto, por certo honrosissimo para a nação portugueza.

Portugal está dando uma prova eloquente do seu bom senso, dos direitos que tem á sua independencia, e de que sabe manter e respeitar todas as conveniencias sociaes, o que é uma prova dos bons instinctos já tradiccionaes do povo portuguez.

Nem se diga que esta serenidade de que felizmente estamos gozando, é filha da indifferença, ou do adormecimento das faculdades e virtudes civicas.

Aqui não ha paixões politicas tão violentas que, em presença dos interesses mais elevados da nação, e nas circumstancias mais perigosas, não cedam, ou se não convertam em generosa coadjuvação do principio auctoritario, do poder que rege os destinos publicos deste brioso povo.

Aqui os partidos militantes apenas divergem em ideias muito tenues de administração, que é facil harmonisar, quando o interesse social o aconselha e a ordem publica o exige.

O amor pela patria e pela liberdade é o sentimento que une em sociedade politica todos os portuguezes. As crenças e as tradições deste povo não permittem, podemos dizel-o afoitamente, alteração em o nosso systema politico, e forma de governo; nem a demagogia, que perde os espiritos desvairados, aqui tem proselytos.

Com estes elementos Portugal hade caminhar na senda do progresso, e não póde deixar de ser respeitado entre as nações da Europa.

A imprensa tem discutido uma questão grave, levantada pelo governador civil de Leiria contra a camara municipal da mesma cidade.

Alguns actos praticados pela vereação, e que pareceram involver algumas irregularidades, foram denunciados ao governo pelo magistrado superior d'aquelle districto; e o nobre ministro do reino ordenou então uma syndicancia, a que se está procedendo actualmente, para se conhecer a verdade ou a falsidade das accusações.

Até aqui perfeitamente. É tudo dentro da orbita legal. Desde que ha a suspeita, cumpre á auctoridade examinar; para que se illibe a reputação dos accusados, ou estes soffram as consequencias, o justo castigo das suas faltas.

Mas houve na occasião de principiar a syndicancia um facto singular, e que ha muito não estavamos acostumados a ver no paiz. Por seu moto proprio o governador civil, o sr. Joaquim Peito de Carvalho, deportou o escrivão da camara, que fôra suspenso, de Leiria para as Caldas da Rainha; e pretendeu obrigar a vereação a não assistir ao inquerito administrativo!

Fieis aos principios liberaes da nossa eschola, não podemos deixar de stygmatisar o facto da deportação, que felizmente o sr. Antonio Rodrigues Sampaio fez logo cessar, apenas chegou ao seu conhecimento; bem como a pretensão despotica, de afastar a camara dos paços do concelho, em quanto durasse a syndicancia.

Sentimos que um empregado de confiança do governo, em vez de servir a causa deste com intelligencia, tornando-se no districto o interprete das ideias do gabinete, seja o primeiro a crear-lhe difficuldades, a indispol-o com os municipios, e a pôr em conflicto o poder central com os corpos electivos, a quem os povos commetteram a administração das localidades.

Não é por similhante modo, que se adquirem adeptos para a situação.

Temos a satisfação de poder annunciar que por noticias de Roma consta, que no dia 25 de Julho foi preconisado por Sua Santidade, arcebispo de Mytilene, *in partibus infidelium*, o nosso prezado amigo e patricio, o sr. Dr. Antonio José de Freitas Honorato, vigario geral do patriarchado.

Esta noticia de certo será recebida com todo o jubilo pelos numerosissimos amigos do sr. Dr. Freitas Honorato, por verem assim elevado a tão alta dignidade, um varão tão virtuoso e respeitavel.

Tambem nos consta que a sagração de s. ex.ª terá logar por todo este mez.

NOTICIARIO

Audiencias geraes.—No dia 29 de Julho foi julgado Francisco Lopes Paranhos, accusado do crime de roubo com arrombamento, praticado em casa do sr. Manoel da Silva Baptista, no largo de Sansão, desta cidade. Foi condemnado em 10 annos de degredo para a Africa.

Este preso já em 27 de Fevereiro de 1872 tinha sido julgado e condemnado na mesma pena de 10 annos de degredo para a Africa; mas foi annullado o processo na relação do Porto.

No mesmo dia foi julgada Rosaria Ayres

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXXXIII

D. CARLOS

XXXIII

Apurado o governo pelas repetidas e angustiosas partes de Cordova, quiz avaliar por si mesmo o estado do exercito e da luta difficil do norte. Assim marchou para o exercito o ministro da guerra, conde de Almodovar, levando em sua companhia o general Alava, nomeado ultimamente embaixador de Hespanha em Paris.

No dia 12 de Dezembro de 1835 chegou a Burgos, onde foi esperal-o Cordova, que se reuniu com Lacy Evans e Zarco del Valle. Juntos marcharam ás provincias Vascongadas, reconheceram o campo de operações, revistaram as tropas, informou-se o ministro da opinião dos generaes e das auctoridades, procurou quantos dados podiam illustral-o, e approvando a conducta do general em chefe, adoptou como seu o plano, e se identificou, segundo parece, de tal forma com Cordova, que protestou não continuar no ministerio, se elle deixasse o commando.

Não era menos angustiosa a situação economica e administrativa do campo carlista.

Varios commissionados e agentes diplomaticos junto das côrtes estrangeiras, ao mesmo tempo que procuravam que se reconhecesse a D. Carlos, diligenciavam prover de recursos aos seus defensores.

Calomarde, segundo se vê da sua correspondencia com aquelle principe, e com outros personagens do campo carlista, obrava de accordo com o representante de D. Miguel de Bragança em Paris, de D. Valentim Varastegui e outros.

Em Londres, o turbulento bispo de Leão, D. Joaquim Abarca, mostrava-se infatigavel com o mesmo enthusiasmo e energia que tinha mostrado na sua diocese; e é notavel a sua correspondencia reservada sobre o emprestimo que contratou com Franchelin, Dolarel e Psordigni, e especialmente o seu desejo de que se imprimisse á politica interior uma marcha mais pronunciada.

Na Hollanda representava a D. Carlos, D. João Rocaberti de Damato; em Vienna o conde de Alcudia, em Berlim o marquez de Monasterio, e em S. Petersburgo o marquez de Villafranca, a quem se deram extensas instrucções, e todas com o mesmo objecto de obter cooperação e recursos.

O activo e zeloso Alvarez de Toledo, que estava em Napoles, escrevia muitas e mui discretas cartas a D. Carlos sobre a politica interna e externa.

Ainda que os esforços de todos e os de D. Carlos não conseguiam um exito lisonjeiro, deve dizer-se em honra da verdade, e sua, que elle se mostrava demasiado escrupuloso em negociar emprestimos. Se o não tivesse sido tanto, haveria conseguido alguns milhões; porem não era dos que exclamam, *depois de mim, o diluvio*; e antes que arriscar interesses que considerava respeitaveis, antes que admittir um tratado oneroso, ou que vulnerasse o decoro nacional, preferia perdel-o todo.

No entretanto a administração carlista não melhorava; as queixas augmentavam-se, e estando ja D. Carlos em Vergara, e julgando-se, por isso, em uma situação prospera e segura, considerou chegado o caso de regular tão importante ramo, como o fez em 10 de Junho de 1835, tratando de providenciar na administração militar, civil e judicial, em que fez muitas reformas.

D. Carlos, na sua ardente fé, esperava tudo do ceu, e o invocava de continuo. Por isso no dia 1 de Agosto declarou generalissima do exercito a Maria Santissima, sob a invocação das Dores, mandando que se celebrasse no dia seguinte a benção do estandarte que levava a sua imagem.

Vamos agora cumprir a triste missão de narrar os assassinatos horrorosos de muitos carlistas, praticados nos primeiros dias de Janeiro de 1836 em Barcelona.

Os prisioneiros carlistas, e em especial o coronel D. João O'Donnell, que se achavam nos calabouços da cidadella, eram objecto das iras de alguns, que pensavam em os sacrificar como represalia e vingança dos fuzilamentos e assassinatos das facções.

Tão critica se foi fazendo a situação daquelles desgraçados, que o governador da cidadella, D. Pedro Maria de Pastors, desejoso de prevenir uma catastrophe, manifestou varias vezes ao segundo commandante, D. Antonio Maria Alvarez, que governava a capital na ausencia de Mina, o necessario e urgente que se fazia mudar o chefe carlista para outro

Pena, de Condeixa, accusada pelo crime de envenenamento. Foi absolvida.

Esta presa, que foi agora absolvida, tinha sido condemnada em 10 annos de degredo para Africa, em audiencia de 9 de Março de 1872. Appellando da sentença para a relação do Porto, foi alli modificada a pena em 8 annos de prisão no reino; e recorrendo de revista para o supremo tribunal de justiça, foi por este tribunal annullado o processo.

No dia 2 do corrente foram julgados Augusto Maria Lila, Alexandre Lopes Magno Ferreira, e Manoel Verissimo, accusados do crime de roubo com arrombamento, praticado em casa do sr. Dr. Damasio Jacintho Fragoso, desta cidade.

O primeiro reu foi condemnado em 6 annos de prisão maior cellular, seguida de 12 annos de degredo em uma das possessões de Africa, da primeira classe; e alternativamente, 15 annos de degredo em uma das possessões de Africa, tambem de primeira classe.

Os dois ultimos reus foram condemnados em 2 annos de prisão maior cellular, seguida de 3 annos de degredo em uma das possessões de Africa da primeira classe; e alternativamente, na de 4 annos de degredo em uma das possessões de Africa, de egual classe.

Engenheiro municipal. — Tomou posse no dia 30 do mez findo do logar d'engenheiro municipal desta cidade, e inspector dos incendios, o sr. Antonio José de Sá, que, por concurso a que a camara procedeu, foi preferido e nomeado em sessão de 3 de Julho.

Temos as melhores informações do sr. Sá, tanto das suas qualidades pessoaes, como dos serviços que prestou no districto d'Evora, onde serviu 4 annos; e fazemos por isso votos para que a illustrada camara de Coimbra o coadjuve nos desejos que o animam, de prestar os melhores serviços ao municipio, hoje com tantas obras de vulto em construcção e projecto.

Continua a anarchia — Esta Coimbra abandonada á sua sorte. Continuam os discolos a praticar os maiores desaforos nesta cidade, sem que sejam cohibidos.

Em a noute de domingo para segunda feira, foram quebradas algumas arvores á Estrella; e os candieiros do mesmo local e da Alegria foram tambem quebrados á pedrada.

Depois da meia noute, foram incommodados os habitantes da Calçada, com um barulho infernal, que alli faziam os desordeiros, batendo ás portas e praticando toda a qualidade de desatinos.

Destes factos não sabe senão quem os não quer saber.

Pouco nos importa o que por esse reino fora se dirá de Coimbra, com as nossas noticias. O que, porem, se não dirá é que nos calâmos perante este estado anarchico em que se acha a cidade.

Quem não teve medo nenhum dos Brandões, de grande numero de outros assassinos da provincia, dos moedeiros falsos, e dos caceteiros; tambem de certo agora não recearia os actuaes anarchistas.

Melhoras — O nosso bom amigo o sr. Dr. Joaquim Maria Rodrigues de Brito, lente do primeiro anno de Direito, está melhor do grande incommodo que soffreu na semana passada. Muito folgamos com este acontecimento, e o mesmo sentirão os muitos amigos do sr. Dr. Brito, e apreciadores do seu grande talento.

O excessivo trabalho litterario em que se acha envolvido este distincto professor, com a publicação do seu monumental livro — *Philosophia da historia*, foi o motivo do seu padecimento, e de que felizmente se acha melhor.

Doença — O sr. José Gomes Ribeiro, continua a soffrer os graves resultados do barbaro espancamento, que um bando de malvados lhe foram fazer no seu hotel do *Caminho de ferro*, em a noute de 12 para 13 de Julho.

Só hontem, pela primeira vez, e a instancias suas, lhe concedeu o facultativo licença para se levantar da cama; sendo necessario que dois criados o vestissem e levantassem.

A pancada do peito é de que lhe tem resultado maiores soffrimentos.

Festividade. — No domingo, 10 do corrente, haverá festa e procissão da Senhora da Boa Morte, na sé cathedral. São oradores os srs. padres José Maria dos Santos e Manoel José Erse, prior de Miranda. Tambem haverá na vespera fogo preso.

Representação attendida. — Logo que o governo recebeu a representação da camara municipal de Penacova, relativa ás pedras que estão no leito do rio Mondego, na linha divisoria dos concelhos de Penacoca e Mortagua, e dos districtos de Coimbra e Vizeu, pediu informações á direcção das obras do Mondego, nesta cidade. O digno director immediatamente mandou o mestre das obras ao local, e este verificou occuparem 400 metros de comprimento por 15 de largo, declarou a obra de grande necessidade, e fez o orçamento da despeza em 400$000 rs. Cremos que brevemente se realisará este importante melhoramento.

Despacho. — O sr. padre José Antonio Machado de Abreu Peixoto, foi provido na serventia vitalicia do officio de contador do juiso ecclesiastico do bispado de Coimbra.

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Antonio Simões Lucas, filho de José Antonio Simões e Maria da Luz, natural de Coimbra, de 21 annos, fallecido no dia 26 de Julho.

Constantino, filho de Maria Julia, natural do Porto, de 1 mez, fallecido no dia 27.

Theresa, filha de Manoel dos Reis e Theresa de Jesus, natural de S. Francisco, de 1 mez, fallecida no dia 30.

Rachel de Jesus, filha de João Francisco d'Alhandra e Theresa de Jesus, natural de Coimbra, de 18 mezes, fallecida no dia 31.

Maria Ferreira, filha de Manoel Ferreira e Josepha, natural de Campos, freguezia de Pombeiro, de 60 annos, fallecida no dia 31.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada — 5062.

Chegada. — Chegou a esta cidade, onde tenciona demorar-se alguns dias, o nosso patricio e amigo, o sr. padre Antonio Lopes de Figueiredo, conego da sé de Braga.

Recrutamento. — O conselho de estado julgou favoravelmente os recursos de Manoel Lopes, por seu filho Candido, da freguezia e concelho de Penacova; e de Francisco Correa e mulher Delfina Rita, por seu filho Bartholomeu, da freguezia de Alvoco, concelho de Oliveira do Hospital.

Grande hotel Foz do Mondego. — No logar competente se annuncia, que se acha aberto desde o 1.º do corrente, o grande hotel Foz do Mondego, na Figueira da Foz.

Sabemos que o seu proprietario se esmera no bom tratamento dos seus hospedes, e por isso é de esperar que seja coadjuvado pelo publico.

Echos celebres. — Um dos mais notaveis é o do parque de Woodstock na Inglaterra, que repete 17 syllabas. O de Simonneta, perto de Milão, repete 40 vezes o mesmo som. A tres leguas de Verdun ha um echo que repete 12 vezes a mesma palavra. É produzido por duas torres, distantes uma da outra 72 metros. Addisson affirma, que observou na Italia um echo, que repetia 56 vezes o estrondo do tiro de pistola.

O almirante Wrangel menciona nas suas obras um echo verdadeiramente extraordinario, que observou no norte da Siberia, em um local, em que o rio Léna corre com grande impetuosidade entre rochedos, tendo a altura de 170 metros. O som de um tiro de pistola repete-se neste local mais de 100 vezes. As detonações succedem-se como uma descarga de fuzilaria.

São tambem curiosos os echos devidos á forma e construcção de certos edificios. No Conservatorio das Artes e Officios em Paris ha um muito notavel. Quem se collocar em um dos angulos de uma grande sala quadrada, póde conversar em voz baixa com outra pessoa situada no angulo opposto, sem a conversação ser ouvida no resto da sala.

Vitruvio affirma, que em muitos logares da Grecia e Italia se dispunham com arte nos theatros vazos de bronze, para tornar mais clara e sonora a voz dos actores. Dionysio, tyranno de Syracusa, mandou construir junto do seu palacio vastos subterraneos, imitando o orgão da audição. Do seu quarto de dormir, o tyranno ouvia tudo o que diziam os desgraçados, que mandava encarcerar nos subterraneos. Os artistas que construiram tão vasto apparelho acustico, foram mortos, para não divulgarem o segredo da construcção.

O carvalho. — Nas florestas da Europa é o rei da vegetação. Não ha arvore que ostente tanto vigor e offereça aspecto tão magestoso. E' o emblema da força e da constancia. Póde crescer até 40 e 50 metros, e a sua duração excede ordinariamente 2 e 3 seculos.

Algumas especies dão fructos doces, como as castanhas, de que o homem se nutre, como succede na Grecia, na Hespanha, e em muitas regiões da Africa e Asia. A maior parte, porem dá bolota de sabor amargo, que só é propria para o gado suino e outros animaes.

Esta arvore preciosa, alem da sua magestosa corpulencia e grande longevidade, dá excellente madeira de construcção, muito empregada na carpintaria, marcenaria e esculptura. Nos lagares, moinhos, carros, e outros instrumentos agrarios é muito usada. A sua rama póde servir de pasto arboreo. A casca é de grande prestimo no cortimento dos couros, no aquecimento das estufas, e na preparação de muitos productos.

Esta arvore era consagrada a Jupiter. Os povos antigos prestavam-lhe grande veneração, consultando-a como oraculo, levantando altares no meio das suas florestas, e cantando os druidas á sua sombra hymnos sagrados.

Entre os gregos e romanos, um ramo de carvalho tecido em forma de corôa, foi sempre considerado como a mais bella recompensa que se podia offerecer á virtude e ao merecimento; e o cidadão que merecia esta distincção considerava-se mais nobre e honrado, do que os contemplados com os maiores favores dos reis.

Pesca do atum. — Esta pesca era conhecida na mais remota antiguidade. Em Bysancio e na Hespanha constituiu grande fonte de riquezas. A figura deste peixe apparece nas medalhas bysantinas, italianas e hespanholas. Os gregos consagraram-o a Diana, e a sua carne era muito estimada. Em Carthago era de uso nacional comer atum no dia de nupcias. O poema de Oppiano sobre a pesca deste peixe foi magnificamente recompensado pelo imperador Caracala.

A importancia desta industria diminuiu muito na edade media. No seculo 17.º porem recuperou grande actividade, e actualmente está em grande voga na Catalunha, na Provença e na Italia. Em Portugal, na provincia do Algarve ainda se pesca grande quantidade de atum; mas antigamente era muito mais valiosa esta industria. Ha quem affirme, que o fundo do mar se tem elevado no littoral do nosso paiz, principalmente desde o terremoto de 1755, que arrojou das costas de Africa para ás da Europa immensa quantidade de areias. Se isto é verdade, não admira, que o atum tenha fugido das costas de Portugal, porque não póde viver senão a 30 e 40 metros de profundidade. Talvez que esta mesma cousa tenha influido na diminuição de outras especies de pescaria. Antigamente havia muito mais abundancia de peixe nos mercados do nosso paiz, e os pescadores eram muito mais

---

ponto de maior segurança para o mesmo interessado. A isso se negou Alvarez, por se não julgar auctorisado para esta resolução.

Apparece no entanto nos periodicos de Barcelona uma parte de Mina, datada de S. Lourenço de Moruñys a 26 de Dezembro de 1835, communicando que os carlistas continuavam a defender-se no santuario de Nossa Senhora del Hort, estreitados pelas tropas liberaes quanto possivel; e que um prisioneiro, fugido em a noute anterior, havia declarado que os carlistas, atropellando todas as leis da guerra, haviam fuzilado a 33 companheiros que tinham em seu poder, incluindo neste numero a todos os officiaes. *Por conseguinte* (acrescentava Mina), *se isto é assim, as medidas successivas que estou resolvido a determinar os conterão daqui em deante.*

A verdade foi, por desgraça, que os sitiados advertiram a Mina que cada tiro de peça que lhes disparasse, custaria a vida a um prisioneiro, e principiaram tirando-a a Monfá e aos 5 ou 6 commandantes de nacionaes que tinham presos, precipitando-os pelas janellas.

Esta noticia causou, como era natural, profunda indignação nos barcelonezes, e della participou a escassa força do exercito que guarnecia a cidadella, pertencente ao regimento de Saboya, do qual, para maior infortunio, tinham prisioneiros os carlistas del Hort alguns officiaes.

Pastors, assustado novamente com este successo, voltou a insistir na mudança de O'Donnell para um navio; porem Alvarez a tudo se recusou.

Ao noroeste de Barcelona, e dentro della, está situada a cidadella, formando um pentagono regular, com cinto de baluartes e egual numero de revelins, contraguarda, fosso secco, caminho coberto sem estacada, e suas respectivas praças de armas, reintrantes e salientes.

Esta fortaleza, cuja guarnição necessaria, segundo o regulamento, deve ser de 3:000 homens, não contava na manhã de 4 de Janeiro de 1836, mais que um pequeno destacamento de Saboya, que não chegava a 150 homens, 8 artilheiros e 84 milicianos nacionaes. Era esta toda a força para a defeza de um ponto de tanta extensão, para a guarda do presidio, que encerrava 315 criminosos, a defeza dos tres armazens de polvora, que continham 3:041 quintaes, uma quantidade immensa de munições e petrechos de guerra, e 85 prisioneiros carlistas.

Como se dirigia contra estes o odio popular, reforçou-se a guarda ao meio dia de 4, com uns 74 soldados, unica força util de um meio batalhão do 20 de linha, sem armas a maior parte e de nova creação.

Já se notavam symptomas evidentes de uma commoção, e na praça do palacio se formavam grandes grupos, que engrossavam por momentos. Pastors, occultando-se, á vista do grande perigo que ameaçava os carlistas, em uma carruagem de aluguer, correu á cidadella, atravessando pela immensa populaça que já obstruia a passagem.

A multidão marchou para o mesmo ponto por frente do palacio, com tambores batentes, e dando vivas a Isabel II e á liberdade. A avançada principal da cidadella manifestou então a Pastors, a impossibilidade de conter aquella gente; mas não obstante fez elle levantar a ponte levadiça, distribuiu a pouca tropa disponivel nos baluartes mais expostos, e deixou uma curta reserva para attender ao mais necessario.

Os amotinados, em vista destas disposições para lhes impedir a entrada, saltaram ao fosso, e incendiaram a porta com infinitos archotes que de antemão levavam accesos.

Alvarez, o governador de Barcelona, permanecia entretanto muito tranquillo no seu palacio, como o general que dorme á vista do inimigo.

Desde as 4 da tarde até perto das 7, em cuja hora se realisou o escalamento da cidadella, esteve a milicia, e estiveram as auctoridades contemplando impassiveis aquella scena de horror, sem que neste intervallo apparecesse um soldado a secundar os esforços do seu governador, cada vez mais inuteis pelo progressivo augmento e exigencias dos sublevados.

Impacientes já estes, e fraternisando com elles a tropa que guardava a fortaleza, principiaram a escalar a muralha. Sabe-o Pastors pelo tenente coronel de Saboya, e trata de reforçar aquelle ponto e prevenir o attentado; porem dizem-lhe ao mesmo tempo que arde a porta principal, e corre a ella, fazendo antes responsaveis de todos os pontos a seus respectivos chefes.

Esta responsabilidade era, porem, completamente illusoria; porque não podiam fazer-se obedecer dos soldados, nem nisso mostravam, por infructuoso, muito empenho.

Os paizanos diziam aos soldados que iam vingar os seus chefes; a estes, que a seus companheiros; e o grito de represalias e *vingança a nossos companheiros, amigos e parentes assassinados*, aturdia o espaço e se confundia com as acclamações de todos a Isabel II, á liberdade e Saboya. Entre os mesmos amotinados se reclamava a ordem e a disci-

felizes na sua industria. Parece que o peixe vai escasseando nos mares de Portugal.

A videira. — Esta planta no estado silvestre adquire grandes proporções. Os escriptores antigos citam factos curiosos e extraordinarios. Strabão menciona a existencia de cepas de tal grossura, que 2 homens com difficuldade as podiam abraçar. Plinio diz, que esta planta era classificada entre as arvores, pelo grande volume que muitas vezes adquiria.

A sua madeira é muito dura, e susceptivel de grande polimento. Póde empregar-se em obras delicadas de marcenaria, e durar seculos. Citam-se alguns trabalhos de esculptura, e entre elles a estatua de Diana em Epheso, construida com um unico tronco de videira. Ha quem affirme, que as portas de Ravena são formadas desta madeira, empregando-se taboas de 3 metros de comprimento e 40 centimetros de largura. Entre os romanos o attributo dos centuriões era um bastão fabricado com a cepa da vinha.

As rosas. — Em todos os tempos e em todos os povos a rosa foi considerada a rainha das flores. Na Grecia era consagrada a Venus. Diz a fabula, que as primeiras rosas eram brancas, e que o sangue de Adonis, de Cupido e de Venus, produzido por um espinho, lhes transformou a côr.

No estado silvestre esta flor tem apenas 5 petalas; pelos trabalhos de cultura consegue-se porem augmentar prodigiosamente estas partes da corolla.

A rosa é o symbolo da belleza, da graça, da frescura e da ternura. A branca é o emblema da virgindade, e da innocencia; a vermelha, do amor; a de todo o anno, da belleza constante; e a de musgo, da voluptuosidade. Tambem é considerada como o symbolo dos prazeres ephemeros da vida.

Os antigos cultivavam esta flor com grande esmero, e preparavam com ella deliciosos aromas; teciam tambem lindas corôas de rosas, servindo-lhes egualmente para enfeitar os carros de triumpho, para adornar o leito nupcial, e para desfolhar sobre os tumulos e urnas funerarias.

No oriente ainda hoje se fabricam a mais genuina essencia de rosa, e um balsamo tão aromatico, que a ponta de um alfinete perfumado com uma tenuissima quantidade desta substancia, é sufficiente para aromatisar muitas pessoas durante um dia.

Trabalhos graphicos. — Os egypcios empregavam a pedra calcarea, o pergaminho, o linho, e o papyrus, para gravar caracteres graphicos. O ultimo era mais geralmente empregado. Os gregos escreviam sobre bronze e sobre pedra inscripções, que duravam tanto tempo, como os mais solidos monumentos.

Os povos da Assyria e Babylonia empregavam para os seus archivos publicos, seus calculos astronomicos, suas consagrações religiosas, seus annaes, e até para as communicações ordinarias da vida, laminas, cylindros e hexagonos de argilla cozida. E' a feliz idéa de empregar esta materia indestructivel na commemoração dos factos historicos, que se deve o conhecimento da historia da Assyria e Babylonia.

Insectos electricos. — Ha certos insectos na Africa, especialmente nas margens do rio Zambezia, que dão descargas electricas, como alguns peixes. A arma de que se servem é um aguilhão, com que ferem os seus inimigos. Quando atacam o homem, procuram feril-o junto dos olhos, e a victima experimenta alem da dor uma commoção semelhante á que resulta da descarga de uma garrafa de Leyde, ou de uma pequena bateria voltaica.

As rãs. — Em muitos paizes comem-se estes animaes sem repugnancia. Na França bebe-se o caldo e come-se de preferencia a parte posterior do corpo. Na Austria aproveita-se tudo, até as visceras e intestinos: o figado é a parte mais saborosa, e figura nos banquetes mais sumptuosos. A carne das rãs é mais delicada na primavera, e estio. Usa-se cozida, assada, frita, guisado, etc. Considera-se este alimento como salutar para os doentes de peito.

Santa Comba e a sua ermida. — Um nosso amigo nos diz o seguinte:

«Do *Flos Sanctorum* do padre Rosario, tiramos, em resumo, a historia de Santa Comba, que nunca foi pastora, como por ahi se diz, e se tem escripto:

«Em distancia de um quarto de legua da cidade de Coimbra, para a parte do norte, em um fresco e aprasivel valle, coberto e cercado de muitas quintas, pomares, e olivaes, quasi junto ao real mosteiro de Cellas, está uma ermida de grande devoção, e concurso de gente. Veneram n'ella a Santa Comba, virgem e martyr, com romarias e novenas, principalmente ás sextas feiras, em que mandam dizer muitas missas, e outras devoções.

«A tradição constante que o povo daquella cidade tem, é que Santa Comba foi de illustre geração, e prosapia, filha de um conde, ou regulo da Lusitania, ainda que estrangeiro, de nação Tudesco, e de mãe portugueza da antiga Coimbra; e que padecera martyrio de cruz pela guarda da fé e castidade, por mandado de um principe gentio, o qual a pedira ao pae para sua esposa.

«Um capitão allemão, dos que no tempo do imperador Gallieno entraram a roubar a Hespanha, apoderou-se da antiga Coimbra, e entre os despojos que d'ella tirou, foi um d'elles certa portugueza de illustre geração, e tão formosa, que de captiva a tomou por sua legitima mulher, naturalisando-se na terra cujo dominio teve alguns annos.

«D'este casamento nasceu Santa Comba; e sua mãe a deu a criar a uma mulher nobre e casada, que a creou e a teve alguns annos no seu poder; e como era christã a fez baptisar em segredo com o nome de Comba, e lhe ensinou a fé que professava. Cresceu n'esta menina tanto a graça com que o Espirito Santo a enriquecia, que ornada com os dons do ceu, se fez muito devota, gastando o tempo em continuas orações.

«Publicou-se n'esse tempo um edicto do imperador Aureliano contra os christãos; e o regulo, pae de Santa Comba, mandou publicar o edicto na sua cidade, e nas outras do seu dominio, ameaçando com a morte os que professassem a lei de Christo.

«O regulo sabendo que sua filha professava a lei de Deus, lhe disse que se ella queria que elle lhe chamasse filha, abandonasse a religião christã, e venerasse os deuses que os imperadores romanos adoravam. Ella respondeu que desejava condescender com a vontade de seu pae, e obedecer-lhe como filha; mas que não deixava de seguir a lei de Jesus Christo, a quem como verdadeiro Deus, e esposo d'ella, tinha sacrificado a sua vida; e que lhe pedia para elle abandonar os idolos, que eram estatuas de homens mortaes e peccadores.

«Indignado o pae com esta resposta, lhe jurou por Jupiter, que a faria morrer com tormentos, se não tomasse o seu parecer. Mas vendo-a receber com sorrisos taes ameaças, deu-lhe algum tempo para se resolver, crendo que, como era joven, mudaria deste proposito, e assim evitaria o mandal-a matar.

«Retirou-se da presença do pae; e lembrou-se de fugir para evitar que seu proprio pae fosse ministro do seu martyrio; o que levou a effeito: mas sendo alcançada por os que a seguiram, voltou de novo para a casa paterna.

«Neste tempo, veiu um mancebo, filho de um principe gentio, pedir para esposa a santa donzella; e vendo o pae as vantagens deste casamento, tratava de lh'a dar. Conheceu a santa o perigo que corria se se effectuasse este casamento, e inspirada por Deus, se poz a caminho; chegando ao logar onde hoje é a nova cidade de Coimbra, que naquelle tempo era todo mato bravo, escondeu-se alli por alguns mezes, esperando que abrandasse a furia dos que a buscavam.

«Achou neste sitio uma gruta, na qual entrou e habitou, e n'ella por milagre, se abriu uma fonte d'agua (é a fonte publica proxima ao Rego de Bem-fins). Uma pastorinha que apascentava ovelhas, lhe ministrava o sustento. Se a magua do pae foi grande com a fugida da filha, muito maior foi a indignação do principe que a pretendia para esposa.

«O pae de Santa Comba chamou o principe e lhe disse que se o amor que elle tinha á sua filha, se havia trocado em odio, tomasse elle a vingança que quizesse se a encontrassé. Com esta licença chamou o principe os seus criados, e ardendo em colera, partiu a procurar a santa; e penetrando os espessos matos, e encontrando indicios d'ella por alli se achar, mandou lançar o fogo. A labareda passou sobre a gruta onde ella estava em oração; e ainda que mal lhe não fez, comtudo foi o bastante para a descobrir e cahir em poder do principe.

«Antes d'elle a ver, ella tinha pedido a Deus que a tornasse bem feia para desagradar ao principe. Foi tal a raiva que d'elle se apoderou vendo-a assim, que a mandou açoutar cruelmente, e crucificar n'uma oliveira. Dizem que isto acontecera no dia 20 de Julho, não se sabe o anno, por falta de escriptores desse tempo.

«O corpo desta santa foi achado muitos annos depois, por um abbade e seus monges, que se chamavam de Santa Maria da Caridade, que habitavam os claustros da antiga egreja de Santa Justa; e o conduziram á sua egreja; e d'ahi a muito tempo foi trasladado para a actual egreja de Santa Justa, no tempo do bispo D. Miguel, no anno de 1170.

«Foram depois trasladados os ossos desta santa para Santa Cruz, quando el-rei D. Manoel mandou reedificar a egreja, pelos annos de 1510, onde ainda se conservam.»

No dia 20 de Julho tive occasião de observar o mau estado do estuque desta linda ermida; a qual vae seguindo a sorte de todas as outras capellas da freguezia de Santo Antonio dos Olivaes, que, como esta, pertencem ao cabido da Sé de Coimbra. A capella de S. Sebastião, proximo á cerca do parocho, está em tal estado de ruina, que o povo não póde alli fazer a festividade do costume.

A outra capella do Espirito Santo, onde os conegos costumavam ir em corporação, parece antes uma mina d'agua, do que capella; cujo alpendre já desabou.

E' de notar que estas capellas tem rendimento para o cabido, e a ermida de Santa Comba tem, segundo dizem, uma avultada doação para reparos.

Não sabemos a causa do desmazelo do cabido para com os templos a seu cargo, que como ecclesiasticos, deviam ser os primeiros a vigiar sobre a sua decencia e conservação.

Será isto devido á epocha de destruição por que estamos passando? Suppomos que sim; por vermos d'um lado os vandalos derribando os templos, do outro o cabido deixando-os cahir...

Pedimos ao exm.º sr. bispo de Coimbra providenceie como entender. — *Um conimbricense.*»

Festividade. — Communicam-nos de Castello Viegas o seguinte:

«No dia 10 do corrente haverá a festa do Santissimo Sacramento em Castello-Viegas. Constará de: primeira communhão de meni-

---

plina; porem era tal a gritaria e a confusão, que ninguem se entendia, e se deixavam levar uns e outros pelo mais ousado.

Pastors, no meio daquella multidão que o aturdia, esforçava-se inutilmente por fazer-se ouvir. Conseguia-o um momento; porem os que iam invadindo o baluarte, perturbavam aquelle instantaneo silencio com suas acclamações e ameaças e principiavam todos a pedir as chaves dos calabouços, lançando accusações contra o governador, e ameaçando-o e á sua familia. Nada, comtudo, o intimida, apezar de se ver so, pois á excepção do alcaide D. Matheus Brun, ninguem levanta uma voz em seu auxilio, ninguem o defende na sua resistencia ás exigencias dos amotinados com um valor temerario.

Que importava, porem, a estes que lhes não dessem as chaves das prisões, tendo espingardas? Correm, pois, a ellas, e destroem as fechaduras das portas a tiros.

Então, á sinistra luz dos archotes, naquelles calabouços, cujas paredes enegrecia ainda mais o fumo, se consummaram scenas tão sanguinolentas e deshumanas como as de 2 e 3 de Setembro de 1792 em Paris, e os alaridos das victimas se misturavam com o estrondo dos tiros, apresentando um quadro tão aterrador á vista como ao ouvido.

Alli foram todos immolados sem piedade; alli foi ocioso pedir justiça, inutil desejar morrer christãmente. A piedade havia fugido daquelles corações, substituida pelo furor politico. E deixando-se levar pela sua sede de vingança, avidos de novas victimas, crendo achar prisioneiros nos armazens da polvora, correram a elles com os archotes accesos.

Pastors, com uma energia digna de memoria eterna, se desprendeu de quantos o rodeavam, voou ao primeiro armazem ameaçado, e com o tenente rei e o sargento mór se poz em frente da porta, rogando aos invasores que antes de a forçarem, calcassem-se os seus cadaveres, evitando-lhes deste modo o serem expectadores de uma explosão, que sepultaria a todos debaixo das ruinas da cidadella, e de uma grande parte de Barcelona. O accento destas palavras lhes provou a sua verdade; aterrados se dirigiram dalli, para onde os ais de novas victimas chamavam uma frenetica attenção. Um daquelles desalmados, ao retirar-se, intentou assassinar traiçoeiramente ao que assim o salvava; porem felizmente desviou o seu punhal, apoderando-se delle, Pascoal Lopez, soldado de Saboya, unico que se decidiu a seguir a Pastors.

Em Atarazanas, Canaletas e o Santo Hospital, onde tambem havia prisioneiros carlistas, repetiram-se eguaes scenas horrorosas, sem opposição.

Entre as cento e tantas victimas immoladas em Barcelona ao furor das paixões politicas, contava-se como se póde inferir pelo que temos dito, D. João O'Donnell, o carlista denodado e cavalheiro, digno de outra morte. A sua nobre cabeça serviu de joguete á plebe, e o seu corpo foi arrastado pelas ruas!

A mesma sorte coube a outros, para vergonha de seus auctores, para infamia da auctoridade que consentiu em tão horriveis excessos, e que não os impedindo, se fez cumplice da sua perpetração, prejudicando gravemente em vez de servir a causa liberal.

Os cadaveres dos mortos na cidadella foram trasladados por ordem de Pastors ao cemiterio, ficando ainda pelas ruas alguns restos humanos, horror das almas sensiveis.

A noute concluiu pacifica; porem no dia seguinte teve a insurreição outras exigencias, e consideraveis grupos, sustentados pela força da milicia, acclamaram a constituição de 1812, e pozeram a lapide, guardada por duas sentinellas, no portico da Lonja.

Ao governador de Barcelona, Alvarez, chegou então a velleidade de se mostrar energico. Impellido pelas mais auctoridades, e apoiado por uma grande parte dos nacionaes, que não queriam saisse a constituição de um motim sanguinolento e deshumano, oppoz-se áquella manifestação, e foi suffocada, como sem duvida podia tel-o sido a anterior.

Fazendo Alvarez ostentoso alarde da sua auctoridade, percorreu as fileiras da tropa e da milicia, dirigiu-lhe uma torpe e indigna arenga, e se mostrou satisfeito de haver contido uma insurreição de ideias liberaes, depois de haver permittido a de actos sanguinarios. E ao passo que deixava impunes os auctores dos assassinatos do dia 4, castigava aos que suspeitava tinham alguma parte na manifestação da tarde de 5.

Assim apparecia cumplice n'uma, juiz na outra, e mostrava que se tivesse adoptado no dia 4 as medidas preventivas do dia 5, tendo, como tinha, com tanta antecipação, noticias certas de que se tratava de sacrificar os prisioneiros, não teria tido que envergonhar-se a capital da sorte que tiveram aquelles desgraçados.

O general Mina logo que soube dos acontecimentos de Barcelona, apresentou-se nesta cidade no dia 6.

Limitou-se, porem, a dirigir aos barcelonezes uma proclamação banal, sentindo os factos praticados e pedindo ordem. Depois desta proclamação não quiz fazer averiguações, por se não julgar com força para proceder contra os culpados. Assim ficaram impunes aquelles infames assassinos.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

nos, sermão e missa cantada com Senhor exposto de manhã; de tarde haverá procissão, assistindo a toda a festa a philarmonica de Miranda do Corvo. Esperam-se desta festa os melhores resultados, devidos ao muito habil e exemplarissimo parocho encommendado desta freguezia o sr. Antonio Rodrigues Gouveia.

E para sentir que para esta bem fadada terra não haja melhores vias de communicação, a fim de tornar a festa mais concorrida e se poder apreciar as fadigas de um parocho tão amante dos progressos como de todos os outros melhoramentos da parochia a seu cargo.»

Noticias de Hespanha.— Um telegramma do governo de Malaga diz que um vapor mercante trouxera a noticia de que os commandantes das fragatas franceza, ingleza e prussiana, tiveram deante do porto de Malaga uma conferencia com Contreras, que a bordo da *Almanza* ameaçava bombardear Malaga; significando-lhe que os navios sublevados deviam voltar para Carthagena e permanecer alli. Prenderam Contreras como refens da execução desta ordem. Pelas ultimas noticias constava que Contreras e o seu estado maior estavam a bordo da fragata *Frederico Carlos*.

O ataque de Valencia principiou no dia 2, ás 6 horas da manhã. Os insurgentes estão cercados na praça dos Touros.

Na vespera, em quanto o general Martinez Campos parlamentava com os insurgentes de Valencia, estes fizeram traiçoeiramente uma descarga, matando parte dos militares que o acompanhavam. Apesar d'isto, Campos respeitou o prazo concedido aos insurgentes para se entregarem.

No dia 3, as baterias que bombardeiam Valencia, foram collocadas mais proximo da cidade. Continuava o bombardeamento a fazer-se de tres differentes pontos.

Corria o boato de que fôra morto em frente de Valencia o coronel Escoda. Esperavam-se reforços do Aragão para se dar o assalto.

Os insurgentes evacuaram a ilha de S. Fernando, a qual foi occupada immediatamente pelas tropas que se preparavam para atacar Cadix.

A fragata *Villa de Madrid* está vigiada por uma fragata estrangeira, que lhe não permitte que ataque o arsenal de Carracas. Este arsenal recebeu reforços, e continuava a resistir animosamente.

Nas côrtes foi apresentado o projecto de separação da egreja e do estado, e outro para que se requisitem cavallos nas provincias vascas e no districto militar.

Partiu do Ferrol para operar contra os rebeldes a fragata *Carmen*.

Corre o boato de que os carlistas projectam introduzir munições e artilheria pela fronteira da Catalunha.

Os carlistas augmentam nas provincias vascas e na Navarra.

No dia 29 fora atacada por 3:000 carlistas a povoação de Caldas de Monbuy. Foi defendida por dois batalhões de voluntarios, até que chegaram o brigadeiro Vales com a sua columna e os voluntarios dos povos immediatos.

Em Vera levantaram-se 2:000 carlistas, que se armaram com 2:000 carabinas, introduzidas por Viriatu.

No dia 3, os intransigentes de Madrid, sob pretexto de *meeting*, contra os carlistas, quizeram fazer uma manifestação contra o governo; mas no momento em que se punham a caminho para o Prado, alguns individuos protestaram contra a bandeira vermelha, o que originou uma luta á paulada, sendo despedaçadas as bandeiras e dispersa a manifestação.

Bilbau volta a ser novamente cercada por grossas partidas carlistas.

Audiencias geraes.—Na audiencia geral de hoje, nesta cidade, foi julgada Rosa da Conceição, solteira, da Zouparria do Monte, freguezia de Souzellas, accusada do crime de infanticidio. O jury não deu por provado o infanticidio, mas sim o abandono; e por isso foi a ré condemnada em dois annos de prisão correccional.

Foi tambem hoje julgada Rosa Pereira, casada, da Gesteira, concelho de Soure; accusada do crime de abandono de uma creança. Foi absolvida.

ANNUNCIOS

Festa de Santo Antonio

1 NO DOMINGO, 10 do corrente, haverá na capella da Portella do Mondego, festa a Santo Antonio.

2 VENDEM-SE tres traves de choupo, uma de 14 metros, outra de 8, e outra mais pequena. Quem as pretender póde dirigir-se a José Joaquim Gomes Freire, na rua das Covas, n.º 2.

3 QUEM QUIZER comprar a quinta dos Malheiros, que tem alguma terra de rega, falle com José dos Santos Caria, que habita na mesma quinta.

4 ARRENDA-SE ou dá-se por administração uma pharmacia situada fóra desta cidade. O pharmaceutico que a pretender, dirija-se a esta redacção.

5 JOSÉ JOAQUIM DA SILVEIRA faz publico, que Manoel Caetano Repicio Magro, do logar de Lindos, de Valle de Todos, do concelho de Ancião, lhe é devedor de avultada quantia em dinheiro, por letra acceite, a qual vai pôr em juizo; e por isso de ora em deante ninguem contracte com elle, sujeitando-se no caso contrario a ficar nulla qualquer transacção.

PEDIDO

6 PEDE-SE ao sr. bacharel Adriano Baptista Ferreira, da villa da Mealhada, o favor de responder ás repetidas e attenciosas cartas, que de Coimbra lhe tem sido dirigidas.

DOCTOR IN ABSENTIA

7 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a *Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra)*, o qual lhes dará gratuitamente todas e quaesquer informações sobre a Universidade.

EDITAL

8 A CAMARA MUNICIPAL desta cidade faz publico, que a feira de S. Bartholomeu terá logar este anno no local do **Cáes Novo**, devendo começar no dia 20 e findar no dia 31 do corrente mez, sendo prohibido, com a pena do edital de 19 d'Agosto de 1854, abrir venda antes ou depois do prazo marcado.

Que na conformidade da Postura publicada em 6 d'Agosto de 1858, é prohibido aos feirantes de fóra da cidade vender em armazens ou casas particulares, sendo apenas permittido o fazel-o em barraca no local da feira: o mesmo tem applicação aos commerciantes da cidade, que não poderão vender fóra das suas lojas, não sendo em barraca no local designado para a feira, sob pena uns e outros do pagamento de 1$800 reis por cada um dia d'infracção.

Os que pretenderem ter logar nesta feira deverão fazer as competentes requisições até ao dia 16 do corrente.

E para constar se passou este e outros.

Coimbra, Secretaria da Camara Municipal, 1 de Agosto de 1873.

O presidente,

Lourenço d'Almeida e Azevedo.

9 CAROLINO D'OLIVEIRA GUIMARÃES, da villa de Pombal, arrematante do imposto municipal, denominado o *realião*, da villa de Soure, desde o 1.º de Julho de 1868 até ao 1.º de Julho de 1870, faz saber a todos os devedores daquella epocha, que lhe paguem o que lhe estão devendo, ficando de nenhum effeito a procuração que existe em poder de Sebastião Ignacio Brandão, da villa de Soure.

Attenção

10 PARELHA de excellentes eguas portuguezas ensinadas. O mestre ferrador A. Peça, ás Ameias, está encarregado da venda.

11 VENDE SE a casa da Ordem de Poiares. E' uma optima vivenda com muito boas terras de rega, e de sequeiro, junto á egreja de Santa Maria d'Arrifana. Tem muitas arvores de mimo, excellentes olivaes, pinheiros, castanheiros, e tojeiras, e uma terra de lodo em Lourido, junto ao Mondego, e algumas sortes de oliveiras, mattos, e pinheiros dispersos. Esta casa tem muito boas communicações, pois se acha proxima do Mondego, e da estrada da Beira. Quem a pretender comprar dirija-se a José Felix Catana, d'Arrifana de Poiares, que tem uma relação das propriedades, e prestará todos os mais esclarecimentos necessarios.

DEPOSITO

De Cerveja de Bass & C.ª

100 *Praça de S. Bartholomeu* 102

Agua-raz fina a 320 rs. o kil.

Alvaiade moido a 250 rs. o kil.

Sabonetes d'alambre a 50 rs.

Molduras douradas e envernizadas, para caixilhos

Louça amarella (variado sortimento de pratos para forno)

Vidraça cortada a 120 rs. o kil.

100 *Praça de S. Bartholomeu* 102

Venda de Quinta

13 VENDE SE a quinta chamada do Sebal, que fica proxima ao logar do Outeiro de Bera, na estrada publica, que conduz a Almalaguez; a qual é quasi toda murada, e se compõe de casa d'habitação e uma outra por acabar, reservada para adega e celleiro, lagar d'azeite com duas varas, dois moinhos de fazer farinha, um d'elles de rodizio, com agua nativa na mesma quinta, em grande abundancia, com a qual laboram o lagar e moinhos, e se póde regar a pé mais de metade da quinta; tambem tem eira com seu alpendre, oliveiras, vinha e arvores de fructo.

Recebe-se em dinheiro parte do preço da venda, que se ajustar, e o resto ficará na mão do comprador, querendo, pagando o juro de cinco ou seis por cento, e ficando a mesma quinta hypothecada até total pagamento.

Quem quizer comprar póde em carta fechada dirigir as suas propostas ao bacharel Francisco Ferreira Camões, advogado, residente na rua do Visconde da Luz, n.º 24, que está auctorisado para a vender.

14 JOSÉ MARIA LILA declara que no julgamento de seu filho Augusto Maria Lila, no dia 2 do corrente, a testemunha José Maria Fernandes Costa, empregado no Instituto desta cidade, não disse a verdade quando negou que tivesse recebido de alguem a quantia de 1$200 rs., importancia de uns livros tirados do gabinete do Instituto, e vendidos na loja de José Diogo Pires; acrescentando que esse dinheiro o tinha tirado do seu bolço; quando a verdade era, que esses reis 1$200, os tinha recebido em tempo competente do pae do reu.

Banhos do mar na praia de Espinho

15 O PROPRIETARIO do novo hotel Central de Espinho, situado em frente da linha ferrea, continua a receber pessoas e familias, tanto nacionaes, como estrangeiras, offerecendo-lhes todas as commodidades possiveis, com aceio e limpeza, por preços rasoaveis.

Este hotel acha-se montado com bilhar, café, e restaurante. O seu proprietario, já bastante conhecido de muitas pessoas que se tem dignado preferir o seu estabelecimento, a nada se poupa para continuar a merecer a estima de todos.

Aguas alcalinas gazosas das Pedras Salgadas (Villa Pouca de Aguiar.)

16 ESTAS AGUAS medicinaes, são empregadas nos mesmos casos das de Vichy e Vidago; são mais ricas na sua composição chimica; e dos melhores effeitos therapeuticos.

Vende-se em Coimbra—Pharmacia Ferraz, Largo do Castello; e na Figueira, botica de Luiz Maria da Costa, e nas principaes pharmacias do reino.

FIGUEIRA DA FOZ

Grande Hotel Foz do Mondego, proximo da praia de banhos

17 PREVINE-SE o respeitavel publico, que este estabelecimento, no qual se encontram todas as commodidades, como quartos e salas independentes, para familias, criadas para serviço de senhoras, etc., etc., se acha aberto desde o 1.º do corrente mez d'Agosto. Quem pretender informações sobre o mesmo, queira dirigir-se ao seu administrador, o antigo hospedeiro José Simões.

Attenção

Farinha de trigo da acreditada Fabrica do Beato Antonio de Lisboa

AGENCIA, RUA DA REBOLEIRA, 27

PORTO

18 NESTA AGENCIA se encontra farinha de toda a qualidade, desde a mais fina até semea, e ensacada em muito boa sacaria.

Estas farinhas concorrem vantajosamente com a americana e hespanhola, tanto em preço como em qualidade.

Cumprem-se ordens das provincias.

NUMERO 2717 — SABBADO 9 DE AGOSTO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis

Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.

A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**

Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.

Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

As graves irregularidades commettidas na repartição central dos correios de Lisboa, que tanto tem indignado o publico e provocado os justos clamores da imprensa periodica, tiveram a sua solução administrativamente.

O resultado da syndicancia a que o illustre ministro das obras publicas mandou proceder, para averiguar toda a verdade das accusações que pesavam sobre alguns empregados daquella repartição, é já conhecido, provando-se que effectivamente eram fundadas todas as suspeitas.

Logo que foi patente o resultado do inquerito, inteiramente desfavoravel a varios empregados, o esclarecido ministro demittiu uns, suspendeu outros e remetteu em seguida ao sr. procurador regio, junto da relação de Lisboa, o depoimento das testemunhas que tinham sido ouvidas, a fim de se applicar aos delinquentes toda a responsabilidade dos graves attentados que commetteram.

Alem disso o sr. Antonio Cardoso Avelino tenciona levar ás camaras, na sua proxima reunião, um projecto de reforma daquella repartição, de modo a organisal-a convenientemente por forma que dê ao publico mais e melhores garantias de bom serviço.

Foi digna a resolução deste negocio, como era de esperar do honrado ministro; porque, segundo as informações que temos, na indagação dos factos houve sempre a mais recta imparcialidade.

A syndicancia, ordenada em portaria de 6 de Abril do anno passado, foi bastante demorada; mas em um objecto realmente complicado e de summa gravidade, como era este, ninguem de boa fé poderá arguir de tumultuario o processo e de menos justa a decisão tomada.

Não obstante, não têem faltado erradas apreciações dos factos, e injustas arguições ácerca do modo de proceder neste grave objecto.

De tudo são capazes os espiritos malevolos, ou as paixões politicas, que não poupam os seus adversarios, ainda mesmo praticando actos da mais severa justiça.

Este negocio entregue agora a um outro poder, mais independente, o judicial, deve ser cabalmente resolvido, de modo que o publico possa depositar de futuro inteira confiança em uma repartição do estado, que ultimamente estava sendo um outro *pinhal da Azambuja*.

Que os empregados corruptos sejam severamente castigados, para exemplo de outros e desaggravo publico, e até mesmo para honra dos funccionarios, é o que desejamos e o paiz espera.

NOTICIARIO

A grande carestia de generos em 1836.—Depois da epocha da invasão franceza, em que o milho, trigo, azeite, vinho, e todos os mais generos de primeira necessidade se vendiam por um preço extraordinario, chegando por exemplo o alqueire de trigo a vender-se por 3$200 rs.; o anno em que as subsistencias subiram a maior preço em Coimbra foi o de 1836.

O milho chegou quasi a desapparecer completamente do mercado, porque os possuidores do pouco que havia, fecharam os seus celleiros, e o povo achava-se a braços com a fome. Algum raro alqueire de milho que vinha ao mercado vendia-se a 700 e 720 rs., o feijão frade a 1$200 rs., o feijão branco a 1$400 rs.; e assim os mais generos nesta proporção.

Em circumstancias tão aterradoras, no dia 11 de Maio, pelas 5 horas da tarde, mais de 100 cidadãos, por iniciativa do negociante o sr. Manoel José Teixeira Guimarães, dirigiram-se á casa da camara, onde se achavam os seus membros em sessão, a pedir providencias contra a falta e carestia de milho.

Em resultado desta representação, fez publicar logo no mesmo dia a camara um edital, promettendo tomar as providencias que coubessem nas suas attribuições; e convidando a todos os proprietarios e negociantes de milho a concorrerem com elle aos mercados do concelho.

Alem disso lavrou a camara um auto de todo o occorrido, que remetteu ao governador civil.

No sabbado, 14 de Maio, reuniram-se na casa da camara todas as auctoridades, os vereadores, e muitos outros cidadãos, para deliberarem sobre o melhor modo de se prover á escassez e excessivo preço dos generos de primeira necessidade.

Varias foram as opiniões que se enunciaram alli; querendo alguns renovar o odioso systema das taxas, e a antiga legislação contra os atravessadores; mas felizmente tomou-se o melhor partido. Formou-se alli mesmo uma commissão de varios negociantes, que offereceram alguns fundos para comprarem desde logo os cereaes aos proprietarios, e vendel-os pelo mesmo custo, em quanto o governador civil levava ao conhecimento do governo a urgente necessidade de fazer entrar immediatamente pelo porto da Figueira, 300:000 alqueires de milho, com o mesmo favor, que se con-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXXXIV

D. CARLOS

XXXIV

Voltâmos outra vez á guerra do norte.

Até á fronteira franceza dominavam os carlistas quasi toda a costa guipuscoana; e tinham posto um bloqueio á praça de S. Sebastião. No dia 5 de Janeiro de 1836 bombardearam os carlistas a praça.

Lamentava-se Cordova d'aquelle obstinado cerco; porem não podia ir levantal-o, e tomou para salvação da praça quantas medidas julgou opportunas.

Pondo limites ás provincias de Alava e Guipuscoa, se levantam vestidos de uma magnifica vegetação os cumes de Arlaban. Ahi tinham os carlistas a sua linha; e desde Mondragon até ao alto de Salinas estavam acantonadas a maior parte das suas forças. Alli era preciso ir buscal-os, e alli conduziu Cordova com resolução o exercito.

Formou-o em tres divisões, com encargo da se dirigir a primeira a Guevara pelo caminho real de Salvatierra; de acudir a segunda por differentes pontos a investir as alturas de Arlaban, e de se apoderar a terceira, commandada por Espartero, de Villarreal de Alava, e fortifical-a, porque situada esta povoação no caminho de Victoria a Durango, importava muito possuil-a.

O general em chefe carlista, Eguia, sabendo este plano, e quando se dispunha o seu inimigo a sair de Victoria, enviou forças ao seu encontro, preparando-se a fazer-lhe frente com decisão.

A 16 de Janeiro moveu Cordova o exercito. Commandava a direita, apoiada em Guevara, o general Lacy Evans com a sua legião ingleza e alguns batalhões hespanhoes; o centro em que marchava o general em chefe, ia ao commando especial de Bernelle, com a sua legião franceza, que chegara na antevespera a Victoria, e com elle os generaes Ribero e Cleonard, servindo a todos de base Arroyabe e Ulbarri-Gamboa; e a esquerda a conduzia Espartero.

Propunha-se Cordova atacar de frente com a segunda divisão, e que as duas alas subissem a serra e caissem por ambos os flancos sobre o inimigo. Todos os generaes approvaram o pensamento; e os soldados foram animosos ao combate.

As posições ameaçadas eram Guevara, Arlaban e Villarreal. Defendia a primeira o general carlista Villarreal com quatro batalhões alavezes e dois biscainhos, que commandava La Torre, e perto se achava alguma força de cavallaria. Sustentava a segunda o brigadeiro Goñi, com dois batalhões navarros e o segundo esquadrão provisional; e estavam de posse da terceira, quatro companhias castelhanas e outro esquadrão provisional.

No mesmo dia 16 de Janeiro ataca Cordova nas Vendas de Arlaban aos carlistas; defendem-se estes valentemente; e ao terminar o dia, todos pernoutaram nas posições que occupavam. Tiveram os liberaes de passar a noute fria, chuvosa, sem lume, nem agua potavel, vestidos de verão sobre as alturas de Arlaban, cançados de um mortifero combate e esperando outro não menos sanguinolento.

A posição das tropas de Cordova dava a conhecer a Eguia que não haviam terminado os combates, e pelos movimentos que observou e as partes que recebera, comprehendeu que ia Cordova reunir as suas forças sobre o centro á sua frente. Ao mesmo tempo conhecia Vilarreal que a intenção de Evans era entretel-o para que não podesse proteger a Eguia, que se achava em grande perigo, e se determinou a não fazer caso do inglez, tomando em a noute de 16 as disposições opportunas, e marchando antes de amanhecer do dia seguinte com os seus batalhões ás suas ordens. Ás 10 da manhã do dia 17 chegou ao alto de Salinas pelo porto de Elguea.

O combate foi renhido. As forças da rainha viam-se atacadas por differentes pontos, e em todos tinham que resistir com porfiado empenho, travando-se combates em que se esgotavam os esforços e as munições. A mesma nevoa que podia ser um obstaculo para o combate, o fazia mais mortifero: nevoa que favoreceu a Evans, o qual pela parte que lhe pertenceu investir, avançou occultando o seu movimento, pelo qual se apoderou de quatro pontos sobre a Zadorra, perto de Azua, situando os batalhões na altura da margem direita, estendendo-se até Marieta, e dominando assim aquella parte do valle de Barrundia.

Estas vantagens, porem, das tropas de Cordova, não eram decisivas, nem ainda de importancia. O inimigo estava na frente provocando, e se não avançava, tambem não retrocedia. Eguia esperava; o seu contrario estava indeciso, e nesta situação vem a noute pôr termo ás esperanças de um e á indecisão de outro. O primeiro retirou as suas forças ás anteriores posições, e o segundo decidiu retirar-se, contando este umas 600 baixas, e aquelle metade apenas.

Este resultado pessoal e o das operações, dá em boa logica, imparcialmente considerado, o triumpho aos carlistas.

Cordova ficou em Ulibarri-Gamboa; Eguia estabeleceu o seu quartel general em Escoriaza, e Villarreal pernoutou em Salinas, onde passou o dia 18.

Das operações de Cordova sobre Arlaban podemos dizer o mesmo que daquellas que no anno anterior levara a effeito sobre Guevara e Salvatierra. E ainda nestas se assenhoreou, com quanto momentaneamente, do ponto que dominavam os seus contrarios; porem nas de Arlaban se contentou com subir algumas costas dos portos, sem poder dominar nas suas alturas. Para um e outro ponto se dirigiu resoluto e cheio de enthusiasmo; pelejou em ambos valente, e voltou de ambos desenganado. Não parecia senão que o seu objecto era ter occupado o exercito.

Alucinado um momento o publico com as partes pomposas dos combates de Arlaban, em breve o desengano veiu substituir uma satisfação illusoria, e lamentou-se o que antes se applaudira.

O exercito voltou aos seus acantonamentos, e em vez de pensar em novos movimentos,

cedera aos cidadão do Porto, de pagarem só metade dos direitos.

A commissão mencionada ficou composta dos srs. Antonio Manoel Pereira, Fructuoso José da Silva, João José de Lemos, e Francisco Bernardes Saraiva, todos os quaes são já hoje fallecidos.

Os srs. Fructuoso José da Silva e Antonio Manoel Pereira, prometteram logo, o primeiro mandar expôr á venda 12 moios de milho que possuia, a 600 rs. o alqueire; e o segundo vender 30 moios a 640 rs.; em quanto que nesse mesmo dia se estava vendendo a 720 reis.

A camara participou á assemblea que havia já passado as suas ordens para promover uma subscripção nas juntas de parochia, a fim de se dar uma sopa economica aos pobres; e que ia mandar abrir um talho para se vender a carne pelo seu primeiro custo, a fim de obviar ao monopolio dos contratadores deste genero.

Logo no mesmo dia 14 de Maio, communicou a camara por um edital ao publico todas estas resoluções. O edital era assignado pelos srs. Joaquim Antonio da Silva, presidente; Antonio Manoel Pereira, João Antonio da Costa e Brito, Antonio Maria de Sousa Basto, Julio Maximo Pereira de Senna, e Joaquim dos Reis. O secretario da camara era o sr. Francisco Theophilo de Andrade Pereira da Rocha.

Todos são já fallecidos, com a unica excepção do sr. Antonio Maria de Sousa Basto.

Com o annuncio destas providencias se acalmou um pouco a agitação das classes pobres, que ameaçavam, levados pela fome, arrombar os celleiros onde presumiam que ainda havia alguns restos de milho.

O sr. Antonio Manoel Pereira tomou a seu cargo a gerencia do milho comprado em Lisboa, no que foi coadjuvado pelos srs. João José de Lemos e Fructuoso José da Silva.

Foram comprados em Lisboa, 296 moios e 15 alqueires de milho; sendo 190 moios a 400 rs. o alqueire, e 106 a 410 rs.

Estes algarismos são bem eloquentes para mostrar as vantagens dos caminhos de ferro. Em quanto em Coimbra se estava vendendo o milho a mais de 700 rs.; mandava-se comprar a Lisboa pelo preço de 400 a 410 rs.! Se fosse hoje não se podia dar semelhante facto; porque promptamente vinha, ou ia o milho pelo caminho de ferro, equilibrando-se desde logo os preços.

Todo o referido milho comprado em Lisboa, ficou posto em Coimbra pela somma total de 7:786$000 rs. Os navios que trouxeram o milho a Figueira, foram o brigue escuna *Amizade* e o hiate *União*.

Foi pela commissão exposto o milho á venda na casa que tinha servido de celleiro no convento de Santa Cruz, e que hoje já não existe, porque alli foi edificada a actual casa da repartição das obras publicas e da estação telegraphica.

Era vendido a 480 rs. o alqueire; e para acudir á necessidade do povo, que affluia em multidão a comprar o milho, tomou-se o expediente, com receio de se acabar rapidamente, de não vender a cada familia senão em proporção das pessoas de que ella constava, evitando assim o irem alli comprai-o para o tornar a vender.

Rendeu todo o milho 8:227$186 rs.; vindo ainda a lucrar o municipio a quantia de rs. 441$186.

Por esta forma se foi pouco a pouco diminuindo a carestia, até que os generos vieram para um preço regular e supportavel.

A ponte de Coimbra.—O segundo arco da ponte de Coimbra, que agora vae ser demolido, já em 1811 havia sido cortado e depois reconstruido. Serviu esse corte para impedir no dia 13 de Março daquelle anno, a passagem por esta cidade do exercito de Massena, na sua retirada das linhas de Torres Vedras.

A batalha do Bussaco.—Na batalha do Bussaco, dada em 27 de Setembro de 1810, tomaram parte os seguintes corpos do exercito portuguez:— Artilheria 1, 2 e 4. Cavallaria 1, 4, 7 e 10. Leal Legião Lusitana. Caçadores 1, 2, 3, 4, 5 e 6. Infanteria 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 21 e 23.

Os caçadores do Porto—Em o n.º 2714 deste jornal, de 29 de Julho ultimo, publicamos uma noticia biographica do valente Caetano Borso di Carminati, que depois de ter prestado relevantes serviços á causa da liberdade portugueza, foi em 1836 para Hespanha, combater contra D. Carlos, commandando o regimento de *caçadores do Porto*, que elle havia organisado.

Em Coimbra ainda existem quatro individuos que pertenceram aos *caçadores do Porto*. São os srs. Manoel Francisco dos Santos, morador detraz do Cano da Feira; José Ignacio, na Couraça de Lisboa; Luiz Antonio da Veiga, na rua da Sophia; e Antonio Maria Martins, empregado na repartição das obras publicas e regedor da freguezia da sé cathedral.

A praça de Morella.—Por noticia telegraphica de Madrid do dia 6, consta que fora descuberta em Morella uma conspiração para entregar a praça, e que se fizeram por isso muitas prisões.

A importante praça de Morella tornou-se famosa durante a guerra civil dos 7 annos, de 1833 a 1840.

As fortificações são verdadeiramente inexpugnaveis por sua posição topographica, que a faz inaccessivel. A solida e elegante muralha que a defende, não é hoje tão util como quando foi feita em 1358, antes do uso da polvora. Porem á quasi invencivel natureza do terreno, se accrescentaram muralhas, parapeitos e reductos, com cujos fogos póde hostilisar-se o inimigo e defender-se a praça por muito tempo, especialmente o castello, assentado na eminencia de uma escarpada rocha.

Em Dezembro de 1834, o governador de Morella, D. Carlos Victoria, traidor ao partido liberal, fez sair da praça a parte da guarnição que entendeu se não prestaria aos seus desejos, e proclamou a D. Carlos, cedendo em seguida o commando ao barão de Hervés, por ser de mais cathegoria e prestigio no paiz.

Constando ao governador de Tortosa, D. Manoel Breton, este acto traiçoeiro, poz-se logo á frente de uma columna liberal, a qual derrotou os carlistas que sairam ao seu encontro.

Sitiou depois a praça, e o barão de Hervés, não julgando prudente o continuar a defendel-a, a evacuou, favorecido pela escuridade da noute.

Em consequencia disso entrou no dia 10 de Dezembro em Morella, D. Manoel Breton, arvorando sobre as ameias do castello o pendão de Isabel II.

Conservou-se a praça de Morella em poder dos liberaes, até que em a noute de 23 para 24 de Janeiro de 1838, D. Paulo Alió, apenas de edade de 28 annos, com um pequeno numero de voluntarios carlistas escolhidos, teve a incrivel audacia de surprehender Morella, subindo as muralhas por umas escadas que levavam preparadas. O governador de Morella que se deixou surprehender, era D. Bruno Portillo.

Cabrera sabendo deste facto audacioso, apressou-se logo a ir tomar o commando de Morella, tratando de lhe augmentar os meios de defeza.

Em Hespanha causou um immenso espanto este acontecimento, que enthusiasmou os carlistas, e causou triste impressão no partido liberal.

Para se apoderar da praça, marchou o general D. Marcelino Orâa, em Julho do mesmo anno, com uma forte divisão.

Defendeu Cabrera tão valentemente a Morella, que não só não poderam os liberaes entrar na praça; mas depois de lutas sanguinolentas, teve a divisão liberal de se retirar em a noute de 17 de Agosto, e só á custa de esforços inauditos é que Orâa conseguiu salvar o resto da sua divisão.

As perdas que sitiados e sitiadores experimentaram neste sitio subiu a 3:000 homens entre mortos e feridos; perdendo alem disto o exercito liberal o prestigio que ganhou o carlista.

D. Carlos para recompensar Cabrera pelo seu feito heroico, nomeou-o por decreto de 31 de Agosto, tenente general, concedendo-lhe a graça do titulo de conde de Morella para si, seus filhos, successores e descendentes.

Permaneceu Morella em poder dos carlistas, até muito depois do convenio de Vergara.

Em 23 de Maio de 1840 poz Espartero, com o exercito liberal, cerco á praça.

Apezar da desmoralisação que por aquella epocha tinha entrado nas fileiras carlistas, ainda assim a defeza da praça foi admiravel. No dia 29 já tinham caido dentro da praça 7:000 projectis, e ainda não tinha diminuido a coragem dos seus defensores.

Nesse dia os sitiadores redobraram os seus fogos, derribaram dois torreões do castello, desmoronaram parte dos muros, caiu uma bomba sobre o deposito de munições, voou o edificio, e uma grande quantidade de granadas e bombas inflamadas reproduziu a destruição, a morte e o exterminio. Muitas casas ficaram convertidas em ruinas por este golpe fatal, que arrebatou a vida a mais de 100 pessoas, entre as quaes se contava o coronel Soler, varios frades de S. Francisco e o seu prelado.

Continuaram os carlistas a soffrer grandes desastres; de modo que no dia 30 tiveram de propor a capitulação.

---

seguiu fortificando a Villalba de Losa, para dominar aquelle valle; proseguiu-se no estabelecimento da linha em toda aquella ala, muito debil e descuberta; e se tratou de ligar as operações do exercito com as tropas estacionadas na esquerda, e assegurar a passagem da Peña de Orduña, a mais importante para as operações da Biscaia, em soccorro de Bilbau e do valle de Mena.

A dureza do inverno e a escassez de vestuario e de recursos produziam enfermidades que dizimavam as fileiras do soffredor exercito liberal, difficultando a cura dos enfermos, por falta de sitio onde albergal-os.

Apezar disto, Cordova, sempre activo, não podia permanecer por mais tempo em Victoria. Os movimentos e os planos do inimigo o obrigavam a esperar. Eguia, que tinha nessa epocha o seu quartel general em Durango, o mudou em 3 de Fevereiro para Zornosa, onde reparada a sua gente, a dispoz para novas fadigas; sendo a primeira atacar a Valmaceda, aonde enviou a artilheria, tomando posição no caminho real da villa.

Cordova tratava no entretanto de cerrar o passo á expedição, que lhe haviam participado se destinava ao Aragão, e marchava a Pamplona, aonde chegou no dia 4, impaciente pelo atrazo, por causa das chuvas, das tropas que o seguiam.

Consequente com o seu plano de linhas, fortifica a Peñacerrada e Treviño, e a Villalba e Herradura, vendo em breve concluidas umas e adeantadas outras, graças aos seus esforços.

Trata de adquirir recursos; envia 3:000 espingardas, petrechos e munições aos valles; sae de Pamplona a 9 com duas divisões, que se escalonam nos portos do Arga, estabelecendo o quartel general em Zubiri; adeanta-se reconhecendo o terreno até a visinha fronteira; entra em França a conferenciar com o general conde de Arispe, sobre o reconhecimento da communicação do trafico das alfandegas entre ambos os paizes, occupação do Baztan e interceptação dos carlistas no territorio francez; porem retarda-se esta conferencia, e a noticia da rendição de Valmaceda apressa o regresso de Cordova.

Com effeito, o general Eguia, depois de um cerco de poucos dias, tomara por capitulação no dia 9 de Fevereiro, esta villa, situada em uma colina, a 5 leguas de Bilbau.

Ficaram prisioneiros uns 400 homens do regimento provincial de Tuy, que guardava aquelle ponto, cuja posse custou aos carlistas apenas uns 40 homens, entre mortos e feridos.

Os carlistas estavam rodeados a poucas leguas de forças liberaes, que se se tivessem combinado, teriam impedido a perda de Valmaceda, e se teriam apoderado de Sodupe e Berron, pondo em grande aperto os carlistas.

Em seguida tomaram os carlistas o immediato povo de Mercadillo; e demolidas as fortificações de ambos os pontos, a artilheria carlista voltou a Durango, acompanhando-a Eguia e o seu estado maior a pé.

Os triumphos que alcançavam as armas carlistas e o estado de prosperidade da causa, decidiram D. Carlos a dirigir a voz aos hespanhoes em um manifesto, datado de Durango em 20 de Fevereiro de 1836. Sem o abandonar um momento a fé que tinha no bom exito da sua causa; demonstrava no seu manifesto a confiança de que estava possuido, confiança que não era em verdade então illusoria, porque a divisão dos seus contrarios lhe proporcionava victorias, que haveriam sido para D. Carlos de mais preço, se tivesse sabido aproveital-as.

No dia 25 de Fevereiro, depois de um cerco de dois dias, se apoderou o general Eguia, por capitulação, da villa de Plencia, assentada na costa Cantabrica, a tres leguas de Bilbau.

É Plencia um commodo e seguro porto para navios até 130 tonelladas, e estava defendida esta povoação, que contava uns 1:000 habitantes, por differentes fortes que, unidos por uma linha de entrincheiramentos, fazia calcular que a sua defeza duraria pelo menos 8 dias, ainda investida com recursos muito superiores áquelles que os carlistas apresentavam.

A guarnição rendeu-se prisioneira de guerra, apoderando-se mais os carlistas de 13 peças de artilheria e bom numero de armas e effeitos de boca e de guerra.

Os prisioneiros subiram a 800, incluindo os nacionaes. A classe de tropa pediu servir no exercito carlista e lhe foi concedido, e os officiaes e sargentos passaram ao deposito dos prisioneiros.

A moral do exercito carlista augmentou-se extraordinariamente com este triumpho, porque eram evidentes as vantagens que ganhava, pelos cuidados que havia para cubrir a costa e senhorio de Biscaia.

Ao começar o mez de Março tinha Espartero o seu quartel general em Berberana. Dahi se dirigiu a praticar um reconhecimento sobre Orduña, propondo-se a escarmentar o inimigo se o achasse.

Assim aconteceu, porque no dia 5 atacou Espartero os carlistas, mesmo dentro de Orduña, donde os desalojou obrigando-os a retirar-se espavoridos pela porta de Bilbau.

O triumpho foi completo, devido principalmente aos hussards, que ostentaram então no seu estandarte a condecoração de S. Fernando.

Sem descançar em Orduña regressaram as tropas aos seus acantonamentos, e dentro em pouco, vencedores e vencidos occupavam as mesmas posições.

Os carlistas perderam uns 200 homens e seis caixas de guerra. A companhia de caçadores do batalhão destinado a conter em Orduña os liberaes, passou-se para estes; devendo-se a esta circumstancia o desalento que se introduziu no batalhão e esquadrão, que ao mando de Arroyo, cobriam a Orduña.

Entre as perdas que experimentou Espartero, foi a mais sentida a do coronel D. Pedro Regalado Elio, assassinado por um prisioneiro, que ainda conservava a sua espingarda.

Tanto o deplorou Cordova, que para perpetuar o seu merito, honrar a sua memoria, e dar á sua familia uma prova do apreço em que o tinham os seus companheiros, ordenou a Espartero, que dispozesse que a sua divisão usasse luto por tres dias; e que em quanto durasse a campanha, o regimento de hussards da princeza, a cuja frente morrera, não passasse jamais revista de commissario, sem que fosse Elio chamado pelo seu grau, nome e appellido, para que o primeiro hussard que formasse, respondesse em alta voz:—*Morto no campo da honra pela causa da patria; porem depois de cubrir de gloria as armas deste regimento e ao exercito do norte em que servia como voluntario.*

Ao mesmo tempo determinava Cordova, que no dia que Espartero destinasse, se lhe fizessem as exequias funebres como a brigadeiro, costeadas por subscripção voluntaria do estado maior da arma de cavallaria do exercito, e se pozesse uma lapide sobre o seu tumulo, com a inscripção que os officiaes de hussards accordassem entre si para honra do seu nome.

(*Continuar-se-ha.*)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

O governador de Morella D. Pedro Beltran, poude evadir-se da praça com alguns officiaes, e 500 voluntarios. Foram, porem, todos feitos prisioneiros nos montes por onde se tinham disseminado.

A capitulação foi proposta pelo tenente rei da praça, D. Leandro Castilla; mas Espartero não quiz aceitar a capitulação, e só admittiu que se entregasse a guarnição prisioneira.

Concedeu, porem, em attenção á valentia dos defensores da praça, que saissem armados, e que depozessem as armas debaixo dos victoriosos pendões de Isabel II.

O exercito liberal, com a posse de Morella, fez prisioneiros 1:731 carlistas; e adquiriu 15 peças de artilheria, 18 morteiros, 2:226 balas de peça, 595 bombas, 154 cartuchos de metralha, 677 cartuchos de polvora de artilheria, 18:000 de espingarda, 30 quintaes de polvora, e abundante provisão de viveres.

Ao titulo de duque da Victoria, acrescentou a rainha o de Morella ao seu conquistador, e lhe conferiu pelo mesmo decreto o Tosão de Ouro.

Damos aqui esta ligeira noticia, para que se veja de que importancia seria para os carlistas a posse de Morella, que agora tratavam de alcançar por meio da conspiração que se descobriu.

Principios de finanças.— Saiu ultimamente dos prelos da imprensa da Universidade, a 2.ª edição, melhorada, do livro: —*Principios de finanças, segundo as prelecções feitas no anno lectivo de 1868 a 1869, pelo lente da Faculdade de Direito, Antonio dos Santos Pereira Jardim.*

Recebemos um exemplar desta valiosa publicação, que nos foi offerecido pelo seu muito illustrado auctor e nosso estimavel amigo e patricio.

Os *Principios de finanças* do sr. Dr. Jardim, tiveram a melhor aceitação do publico, pois que sendo a primeira edição em Março de 1870, já em Março de 1873 estava extincta, o que não é vulgar em obras scientificas.

Muito folgamos que se fizesse justiça ao incontestavel merecimento deste livro, e que o sr. Dr. Jardim visse assim galardoados os seus assiduos e conscienciosos estudos.

Philosophia da historia do christianismo.—O sr. Dr. Joaquim Maria Rodrigues de Brito, muito digno Lente da Faculdade de Direito, fez-nos a distincta fineza de nos offerecer as primeiras folhas da sua magnifica obra—*Philosophia da historia do christianismo*.

Não podemos resistir ao desejo de aqui agradecer ao nosso amigo e distincto professor, este brinde, que temos em subida conta.

Já estão impressas 19 folhas do primeiro volume, o qual se espera que fique terminado em Outubro.

Temos lido com a maxima attenção as folhas impressas, e cada vez nos convencemos mais de que esta obra ficará notavel nos annaes da sciencia.

E' pena que a lingua portugueza seja tão pouco conhecida na Europa. A obra do sr. Dr. Brito se fosse escripta em francez, ou em qualquer outra lingua geralmente sabida, teria de prompto uma grande vulgarisação.

Assim mesmo, estamos bem certos de que á *Philosophia da historia do christianismo* está reservado um bello futuro.

Partida. — Na quarta feira regressou a Lisboa o sr. Dr. Antonio José Teixeira.

O nosso amigo, durante os dias em que se demorou nesta cidade, tomou parte nos actos da Faculdade de Mathematica, e tambem nos consta, que fizera as diligencias para cessarem as desintelligencias que tem havido entre alguns membros da sua Faculdade.

Concurso.— Foi mandada pôr a concurso pelo espaço de 30 dias, a contar de 6 do corrente, o provimento da egreja parochial de S. Mamede de Quiaios, do concelho da Figueira da Foz, diocese de Coimbra.

População do globo. — Um professor allemão, da universidade de Berlim, calcula que o numero de habitantes que actualmente povoam a terra é o seguinte:

Europa, 272 milhões. Asia, 750. Africa, 200. America, 69. Australia, 2.

A população da Europa tem duplicado ha 100 annos. Em 1787, por um trabalho mandado fazer por Luiz XVI, esta parte do globo não tinha mais de 150 milhões de habitantes. Em 1805, um novo recenseamento deu 200 milhões, e actualmente 272 milhões. Nesta proporção, é provavel, que no fim do seculo actual haja mais de 300 milhões de habitantes na Europa.

Os maiores rios.—O Nilo, suppondo a sua origem nas montanhas Kénia, ao sul do equador, tem 5:800 kilometros. O Amazonas, 5:400 kil. O rio Amarello na China, e o Missouri na America do Norte, 3:500 kil., cada um. O rio Amor na Asia septemtrional, 3:450 kil. O Niger na Africa, considerando a sua origem no monte Kong, percorre 3:400 kil. O S. Lourenço na America do Norte, 3:300 kil. O Mississipe na America do Norte, o Volga na Russia, e o Lena na Siberia, 3:000 kil. cada um. O rio da Prata na America do Sul, e o Danubio na Europa, 2:800 kil. O Euphrates e Ganges na Asia, 2:500 kil. O Orenoco na America do Sul, e o rio Vermelho na America do Norte, 2:400 kil.

Antiguidade do ferro. — Parece averiguado, que o ouro, a prata, o cobre e o estanho foram os primeiros metaes empregados para a construcção de objectos de luxo e de utensilios e machinas industriaes e guerreiras. Hesiodo affirma em termos muito explicitos, que em eras remotas se empregava o cobre para lavrar a terra e explorar as minas, não sendo ainda conhecido o ferro; e esta opinião é confirmada pela descoberta de instrumentos de cobre nas minas da Siberia e da Nubia, abandonados ha milhares de annos.

Quando os portuguezes descobriram o Brasil, os indigenas ainda se serviam de foucinhos e anzoes de ouro, e o mesmo succedeu em S. Domingos e no Mexico, quando os hespanhoes conquistaram estes paizes. As armas de todos estes povos eram formadas de uma liga de cobre e de estanho.

Na Dinamarca tem-se encontrado em muitos mausoleus scandinavos facas, espadas, punhaes, machados, martellos, e outros instrumentos de cobre. Tambem se tem achado alguns utensilios de ouro, tendo apenas uma pequena porção de ferro na ponta ou no gume. Tão pequena quantidade de ferro a par de tanto ouro e cobre demonstra evidentemente, que os ultimos metaes já eram conhecidos e empregados muito tempo antes da descoberta do primeiro.

A colonia Nova-Louzã—Recebemos hoje da villa da Louzã o—*Opusculo sobre a colonia Nova-Louzã, fundada por João Elisario de Carvalho Monte-Negro em 1867.*

Agradecemos o exemplar com que fomos obsequiados.

Já ha tempo haviamos recebido outro exemplar, directamente do Brasil, do qual demos o devido conhecimento.

Quitação—Foi julgado quite para com a fazenda nacional o sr. Antonio Maria Seabra d'Albuquerque, na qualidade de thesoureiro interino do cofre da imprensa da Universidade, desde o 1.º de Setembro de 1871 a 30 de Junho de 1872.

Suffragios—A direcção do Asylo de Mendicidade mandou celebrar uma missa na egreja de Santa Cruz, para suffragar a alma da exm.ª sr.ª D. Maria Emilia Augusta Morim, esposa do sr. Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

Mercado de Condeixa a Nova no dia 8—Regularam os generos pelos seguintes preços;

Trigo tremez 480—Dito mourisco 440—Dito branco 460—Milho branco 310—Dito amarello 300—Feijão vermelho 440—Dito branco 440—Dito rajado 360—Dito frade 280—Cevada 220—Favas 320—Tremoços 280—Batatas 180—Vinho 1$000—Azeite 1$100.

Festa de Nossa Senhora dos Anjos em Maiorca.— A pedido publicamos o seguinte:

«E' sempre com a mais obsequiosa promptidão que esta folha publica e descreve as noticias de actos religiosos, que lhe são dirigidas de differentes localidades, tendentes ao progresso da nossa civilisação e religião; e n'essa hypothese que eu lhe envio estas linhas, fundado ao mesmo tempo no bom acolhimento do seu digno redactor, a quem desde já agradeço, para tambem patentear uma festividade, que teve logar em Maiorca no dia 2 do corrente mez d'Agosto.

Esta festividade, que ha alguns annos tem logar neste determinado dia, é feita a expensas da exm.ª sr.ª viscondessa de Maiorca: e, recommendada por tão respeitavel nome, desnecessario é seguir a praxe dos jornaes, empregando palavras superfluas para mostrar a sua solemnidade e grandeza.

Que o attestem, pois que apesar de terem sido partes constituintes da festividade, são todavia pessoas indifferentes á terra, os senhores ecclesiasticos assistentes, arcipreste de Monte Mór, prior da Figueira, vigario das Alhadas, Leite, Neves, Martins, Gonçalves, etc. Que mais o atteste o sr. padre Julio da Silva Carvalho, chamado para orar neste acto religioso, cujo panegyrico não enfraqueceu a sua já confirmada reputação de bom orador.

E' pois esta festividade exclusivamente da sr.ª viscondessa, que pertencendo como irmã, a uma confraria ou congregação que se acha estabelecida em Pouvourville, diocese de Tolosa em França, e que tem por sua protectora a Nossa Senhora dos Anjos, lhe faz annualmente com toda a devoção esta festividade.

A congregação ou confraria ramifica-se por algumas partes do orbe catholico, estendendo-se por influencia da sr.ª viscondessa, e seu reconhecido amor pela religião, até esta nossa quasi desconhecida aldeia, onde a mesma senhora formou uma irmandade, filiada naquella de, talvez, duzentos irmãos.

Faz-se esta festividade no dia 2 de todos os mezes de Agosto, como já disse, em que os irmãos, cumprindo um preceito que lhes recommenda um pequeno compromisso impresso, que tem cada um d'elles, offerecido pela mesma senhora, se confessam e commungam antes de missa, á imitação da principal e illustre confrade, que com a sua familia dá o exemplo do mais profundo christianismo.

Por estes actos de puro sentimento religioso, e pela sua bem manifesta caridade para com a pobreza, ainda mesmo não supplicante, é a sr.ª viscondessa de Maiorca a admiração dos que a conhecem pessoal e tradiccionalmente. Maiorca, 4 d'Agosto de 1873 —*S.*»

Noticias de Hespanha.— Arias, defensor do arsenal de Carraca, foi promovido ao posto de vice almirante pelo governo hespanhol.

O consul prussiano de Almeria reclama 60:000 duros como indemnisação dos prejuizos que causou em sua casa o bombardeamento.

Galvez, com 300 insurgentes de Murcia, passou a noute de 5 para 6 do corrente em Hellin, e marchava sobre Chincilla. As forças de Albacete preparavam-se para resistir.

As côrtes approvaram o projecto de lei, auctorisando o governo a mandar deputados em delegação ás provincias.

O batalhão que assassinou o commandante em Sagunto foi desarmado, e presos os auctores do assassinato.

Foram desarmados os caçadores de Madrid, e vão ser castigados os assassinos do coronel Martinez.

Em Carthagena tem-se reproduzido desordens entre os sublevados.

Falla-se muito na futura solução politica de Hespanha, que segundo a opinião de uns parece encaminhar-se a novas gestões para a eleição de um principe prussiano, e segundo outros para a proclamação da republica unitaria.

Os carlistas têm augmentado em numero e armamento. No dia 5 atacaram Oyarzum.

O armisticio de Valencia terminava no dia 7. Os insurgentes pedem amnistia pelos crimes politicos. Crê-se que o governo a concederá.

As côrtes discutem a suppressão do direito de perdão.

Galvez dirige-se de Carthagena a Valencia para auxiliar os insurgentes com uma forte divisão, e Pavia recebeu ordem de ir tambem sobre esta cidade, afim de submettel-a á obediencia do governo e das côrtes.

Por estes dias será julgada a junta revolucionaria de Cadiz, que na sua maior parte está entregue aos conselhos de guerra.

A imprensa europea ataca severamente a demagogia hespanhola e os seus actos vandalicos de pirateria.

Em Madrid desappareceram as precauções militares.

As fragatas *Almansa* e *Victoria* já estão em poder do governo.

Não ha noticias importantes dos carlistas, contra os quaes vae começar em breve uma campanha decisiva e energica.

O apresamento da Almansa e da Victoria.—Segundo o *Correo de Andalucia*, do dia 2, eis como se effectuou o apresamento das duas fragatas insurgentes.

No dia 1 ao amanhecer appareceram ellas á vista de Malaga. Levavam bandeira hespanhola, os mastareos arreados e as vergas cruzadas em attitude de guerra. Eram indecisas as suas manobras, e finalmente, em vez de entrarem no porto de Malaga, foram desapparecendo a pouco e pouco. Eis a razão disto.

Os navios estrangeiros que andavam á caça d'ellas, apenas avistaram a *Almansa*, intimaram-a para que se rendesse, mas como recusasse fazêl-o, a fragata ingleza *Triumph* virou de bordo, collocando-se á sua popa, ao passo que a *Frederico Carlos* fazia o mesmo pela parte de prôa.

Nesta attitude dos dois navios, os commandantes chamaram á falla o capitão da fragata rebelde, e o da *Frederico Carlos* foi a seu bordo, conferenciando hora e meia com Contreras, que passou logo com o seu estado maior e o commandante prussiano para a fragata ingleza, onde novamente o intimaram para que se rendesse, advertindo-o de que ficava preso como refens até chegar a Carthagena com os seus navios, pois não podiam consentir que elle levasse o desassocego e o terror aos portos do Mediterraneo. Parece que o general Contreras disse nesta occasião que se tivesse alli a fragata *Victoria*, não lhe succederia aquillo.

A *Victoria* effectivamente tinha desapparecido no nevoeiro; mas passado algum tempo appareceu, empregando com ella os navios estrangeiros os mesmos meios postos em pratica para apresar a *Almansa*, e apresando-a egualmente. Mettidas no centro dos barcos inglez e prussiano, foram ambas as fragatas insurgentes conduzidas ao porto de Carthagena.

O monumento do Bussaco.— Diz o *Diario Popular* que o dia 27 de Setembro é destinado para a inauguração do monumento do Bussaco, commemorativo das victorias alcançadas pelo exercito anglo-luso. Ha idea de solemnisar esse acontecimento com as devidas cerimonias religiosas, benção da capella onde foi o hospital de sangue, sob a invocação de Nossa Senhora da Victoria e Almas, missa resada suffragando as almas dos que pereceram n'aquella ingente lucta, e *Te-Deum* gratulatorio pelas victorias alcançadas. Na cerimonia da inauguração hade ser representado o nosso exercito; para dar maior realce e luzimento áquella festividade, e para instrucção das armas combinadas, falla-se em que se pretende fazer executar um simulacro de um dos ataques que houve na batalha do Bussaco.

Para este fim marchariam para aquella posição duas brigadas compostas de caçadores, infanteria, cavallaria, artilheria de montanha e de campanha, na força necessaria para a execução do pequeno simulacro; estabelecendo-se um acampamento para abrigar a tropa nas alturas da serra, procedendo-se ao reconhecimento dos pontos defensivos, e sendo incumbidos aos officiaes do corpo de estado maior e aos commandantes das forças os relatorios acerca das marchas, do serviço no campo, dos diversos movimentos, e dos inconvenientes que se notassem no material de guerra e no equipamento.

Este emprehendimento sendo discreta e modestamente realisado, sem ostentações inuteis, nem custosos exaggeros, poderia ser de uma grande utilidade para a instrucção dos officiaes do estado maior, e para exercicio das differentes armas.

No caso de se realisar far-se-hia o possivel para que figurassem no simulacro corpos, cujo numero é egual ao de alguns que tomaram parte na acção do Bussaco.

A Misericordia e os expostos—Lê-se no *Jornal do Commercio*, de Lisboa, que deram entrada nas cadeias do Aljube e a chamada Central (vulgo Limoeiro), Constança Perpetua de Mello Lopes, parteira, e Joaquim Antonio Ernesto d'Almeida, sapateiro, condemnados por terem abandonado na rua do Car-

valho uma creança, tendo aliás recebido reis 27$000 para levarem o infeliz recem-nascido ao hospicio dos expostos.

Esta decisão do jury é honrosa, porque tem o alcance de pôr um freio a essa corretagem infame, que ha tempo a esta parte entende que o meio mais *honesto* para ganhar a vida era expor os infelizes innocentes nas encruzilhadas, nas ruas escuras e nas portas da rua; triste e lastimoso espectaculo, muito menos triste do que ver mortos esses embriões, que so tem lagrimas e vagidos, e cujo destino futuro é facil de prever. Quasi que se sente allivio ao vel-os sem vida. Não são dignos de lastima, e pensando na sorte que os esperava —fizeram bem parar logo no começo da carreira e não ir mais longe.

Honra seja feita ao digno provedor o exm.º sr. conde de Rio Maior, que pelo seu ultimo relatorio mostra bem que tem a peito o futuro do estabelecimento, que está a seu cargo; honra lhe seja feita, porque promoveu este processo, coroado por um resultado tão moral, quão salutar.

Não afrouxe, e sobretudo trate de remediar o mal; imponha-se na legislação a esses paes deshumanos effectiva responsabilidade, para que não sejam so victimas as pobres mães, e os filhos que elles engeitam indignamente, e que na enxurrada d'uma devassidão brutal são arrastados até ao limiar do asylo hospitalar, quando não apparecem d'esses e doutros correctores indignos, que para se forrarem ao trabalho atiram com os innocentes para o primeiro monturo!

Audiencias geraes.—No dia 8 do corrente foi julgado Augusto Pereira, paliteiro, de Lorvão, concelho de Penacova, accusado do crime de ferimentos. Foi condemnado em um anno de prisão.

No mesmo dia foi julgado Manoel Ignacio, pastor de gado, da freguezia de Sernache, deste concelho, accusado do crime de ferimentos praticados ha 10 annos. Foi condemnado em 3 mezes de prisão.

Hoje foi julgado José Correa de Almeida, desta cidade, accusado de abrir maior numero de cautellas, do que aquellas que correspondiam aos respectivos numeros dos bilhetes da loteria. Não se provou o crime de falsificação, mas sim o facto da venda de cautellas hespanholas. Foi por isso condemnado nas custas e sellos do processo, e em 15 dias de multa a 1$000 rs. por dia.

ANNUNCIOS

1 FRANCISCO MARTINS RAMOS lecciona em Introducção durante as ferias.—Becco das Flores, 40.

CURSO DE MADUREZA

2 O DR. J.M.R. DE BRITO, Manoel Francisco de Medeiros Botelho, e J. de d'Almeida da Cunha, abrem no dia 16 do corrente o seu curso para exames de madureza para sciencias positivas. A leccionação é paga no acto da matricula, que terá logar no collegio da rua do Norte.

3 PELA ADMINISTRAÇÃO dos hospitaes da Universidade, se faz publico, que no dia 24 do corrente, pelas 10 horas da manhã, no edificio dos mesmos hospitaes, se hade proceder á compra de cento cincoenta peças (150) ou 4:050 metros de panno cru para camisas e lençoes; bem como de mil e quinhentos metros (1:500) de panno de linho. Os concurrentes podem fazer as suas propostas por meio d'amostras da fazenda.

Administração dos hospitaes da Universidade, em 9 d'Agosto de 1873.

O administrador,

Dr. Antonio Augusto da Costa Simões.

EDITAL

4 SENDO de reconhecida inconveniencia a falta de limpeza nas chaminés, a camara municipal de Coimbra solicita de todos os moradores desta cidade o cumprimento do n.º 2 do art. 15 do novo regimento de policia, que lhes impõe a obrigação de terem as chaminés limpas de foligem, sob pena de 1$000 a 5$000 rs., e no caso que ella se incendeie o triplo da multa, nunca inferior ao meio termo entre o maximo e o minimo da pena.

E para que chegue ao conhecimento de todos se mandou passar este e outros d'egual theor.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 9 de Agosto de 1873.

O presidente,

Lourenço de Almeida Azevedo.

5 O ILLUSTRISSIMO CABIDO da sé cathedral desta cidade, vendo no *Conimbricense*, n.º 2715, annunciada a venda de uma quinta no monte de Bera, freguezia d'Almalaguez, sem que se declare o onus que paga, declara o supplicanto que a referida quinta é foreira ao mesmo cabido em 30 rs. annuaes e o laudemio de 6 um, na forma do emprazamento, e por isso previne por este meio os interessados na sua compra, para que de futuro não haja ignorancia.

6 NO DIA 17 do corrente mez d'Agosto, hade ter logar a venda em praça particular, dos bens situados no concelho de Candeixa, pertencentes ao illm.º sr. José Simões de Paiva, d'Aveiro; que constam de olival de rega no sitio das Alagadas; um pinhal no sitio dos Grillos; uma terra de rega, com suas oliveiras, no sitio do Varatojo; e um pinhal no sitio das Pedreiras.

Naquelle dia se achará o procurador em casa do sr. José Maria de Jesus Preces, para o referido fim, devendo começar a praça pelas 9 horas da manhã.

7 EM RESPOSTA ao annuncio do sr. José Maria Lila, declara José Maria Fernandes Costa, que disse a verdade quando depoz no julgamento de Augusto Maria Lila, affirmando que tinha *tirado do seu bolso* a quantia de 1$200 rs. para pagamento de uns livros tirados do Instituto pelo reu, e vendidos na loja do sr. José Diogo Pires. Muito tempo *depois* de ter feito o pagamento referido, recebeu do annunciante a mesma quantia sem nunca a solicitar, e antes escusando se por muito tempo de a receber. Por isso sendo-lhe perguntado em audiencia, de quem era o dinheiro que entregou ao livreiro Pires, respondeu que era seu. Se lhe perguntassem se depois de ter remido os livros, foi embolçado pelo annunciante, responderia que sim, o que nada provaria a favor do reu, antes vinha confirmar o furto dos livros. Se o annunciante contestar estes factos, será delles convencido pelos meios judiciaes.

8 JOSÉ JOAQUIM DA SILVEIRA faz publico, que Manoel Caetano Respicio Magro, do logar de Lindos, de Valle de Todos, do concelho de Ancião, lhe é devedor de avultada quantia em dinheiro, por letra acceite, a qual vai pôr em juizo; e por isso de ora em deante ninguem contracte com elle, sujeitando-se no caso contrario a ficar nulla qualquer transacção.

PORTUGAL
ANTIGO E MODERNO

9 DICCIONARIO Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal, e de grande numero de aldeias, se estas são notaveis, por serem patria de homens celebres, por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiveram logar, por serem solares de familias nobres, ou por monumentos de qualquer natureza, alli existentes.

Noticia de muitas cidades e outras povoações da Lusitania, de que apenas restam vestigios ou somente a tradicção.

Nas cidades, villas e muitas aldeias, se declara os nomes antigos que tiveram e sua etymologia—as cousas notaveis que tem (naturaes ou artificiaes)—quando e por quem foram fundadas—seus foraes—brasões d'armas e sua origem e explicação—seus antigos fóros, liberdades, isenções e privilegios—quaes as que tinham assento em côrtes, e seus logares—quaes as que foram MUNICIPIO DO ANTIGO DIREITO LATINO—as que foram colonias romanas—batalhas, reunião de côrtes e todos os factos notaveis n'ellas occorridos—quem as povoou e quaes foram os seus donatarios—fidalgos que alli tinham seus solares, e suas armas—homens e mulheres illustres, pelas lettras, pelas armas ou pelas virtudes, que n'ellas nasceram ou falleceram—as que tem ou tiveram castellos, torres ou fortalezas, quem as fundou e quando—os seus mais notaveis edificios, antigos e modernos—conventos que alli ha ou foram supprimidos, por quem e quando fundados e quando deixaram de existir, ou por se demolirem, ou por mudarem de destino—finalmente, QUANTO HOUVER DIGNO DE MENÇÃO.

Por Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal.

Esta obra é seguida de—**setenta interessantissimos artigos,** todos extrahidos dos mais acreditados e conscienciosos archeologos e historiadores, e, em grande parte, vistos e cuidadosamente examinados pelo auctor.

Este diccionario não só é completo, mas **o unico,** no seu genero, até hoje publicado em Portugal, (nem ha noticia de outro semelhante em toda a Europa), e que tem custado ao seu auctor **trinta e tres annos** de contrariedades, decepções, sacrificios, trabalho e fadigas.

Advertimos o publico, não só que o auctor compre religiosamente TUDO quanto promette no prospecto, como que os originaes desta importantissima obra **estão já no escriptorio da empreza.**

Aqui não ha um titulo pomposo, para illudir o publico e angariar assignantes: ha lealdade e boa fé, e o resultado do insano trabalho de um portuguez, que sacrificou a maior e melhor parte da sua vida á difficilima construcção desta obra, VERDADEIRO MONUMENTO NACIONAL.

Tambem declaramos que o primeiro volume vae JÁ ENTRAR NO PRELO, qualquer que seja o numero de assignantes.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Esta obra será dividida em fasciculos de TRINTA E DUAS paginas, ou SESSENTA E QUATRO columnas, 4.º grande, typo miudo e completamente novo.

Preço de cada fasciculo.... 100 rs.

Publica-se um cada semana.

A assignatura em LISBOA e PORTO, é paga no acto da entrega; nas outras terras do reino é feita por qualquer numero de fasciculos, sendo o pagamento ADEANTADO e a importancia remettida a Mattos Moreira & C.ª, praça de D. Pedro, 68, LISBOA.

O porte do correio é a expensas da empreza.

SUCCURSAES

Porto—Eduardo da Costa Santos, rua do Captivo, 58.

Coimbra—Pedro Rocha, *Imprensa Litteraria.*

Pará—Tavares Cardoso & C.ª.

Recebem-se assignaturas nestes estabelecimentos e na maioria das livrarias do reino.

10 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalesciére,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE
DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os muscuos e consolidando as carnes.

Economias 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, o que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO. Desiré Rabir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA. Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho. —FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2718 — TERÇA FEIRA 12 DE AGOSTO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Tem sido objecto de censura e de indisciplina o ultimo regulamento para os exames nos lyceus nacionaes.

As providencias decretadas durante estes ultimos annos, ácerca da instrucção secundaria, não produziram, em boa verdade, os effeitos que tanto era para desejar, antes contribuiram para a anarchia que lamentamos neste importante serviço; e o regulamento de 31 de Março proximo passado, não dará, ao que parece, melhores resultados, pelo que respeita especialmente ao systema adoptado para os exames dos cursos dos lyceus.

Neste ponto são geraes as queixas, tanto por parte dos examinadores, como dos alumnos, e ainda daquelles que, como nós, desejam a ordem e o aproveitamento em todas as instituições publicas.

Este estado tem dado origem a desagradaveis conflictos e ao relaxamento disciplinar, que muito contribue para alimentar o cahos em que de ha muito precipitaram a instrucção secundaria.

E', para a pessoa que concebeu e que architectou aquelle trabalho, extremamente louvavel a ideia de garantir e uniformisar o justo riger, que não póde deixar de existir nas provas finaes a que os alumnos são obrigados.

Sendo este o desejo do legislador, que outro pensamento não revela o citado decreto, parece-nos que não seria indispensavel uma medida que, envolvendo todas as reputações, sobrecarrega o thesouro com uma verba muito avultada, no intuito sómente de conseguir o que é de restricta obrigação de qualquer professor.

A justiça e a rectidão no desempenho dos seus deveres, são qualidades indispensaveis a todo o funccionario publico.

E simplecissima a questão neste campo.

Ou o governo confia na honestidade dos professores, a quem o estado paga para instruir com a sua sciencia e moralisar com os seus costumes e exemplos a mocidade estudiosa, ou não; se confia, não se torna necessaria a mudança, que serve unicamente de incommodo para os professores, e de onus para o estado: se não confia, pede a decencia, a moralidade e o credito do funccionalismo, que o governo faça demittir, sem contemplação, os professores que não sabem ou não querem cumprir com os deveres da sua profissão, para manter o decoro nas instituições; seja o governo energico e providente neste ponto, porque é este um dos attributos mais importantes da magistratura politica.

Pois será moral e justo que os professores menos probos (se os ha) continuem zombando, porque o novo regulamento não regenera a consciencia do individuo, dos legitimos interesses sociaes; e que o estado despenda mais uma somma consideravel para lhes subsidiar um serviço, que tinham restricta obrigação de desempenhar escrupulosa e honestamente, sem outra remuneração mais do que aquella que a lei lhes concedeu, por todo o serviço dependente do encargo que mui livremente tomaram?

As instituições, as garantias publicas e os interesses legitimos de um paiz, e de cada cidadão, acreditam-se e consolidam-se, quando o funccionalismo, delegado do poder e da soberania nacional, sabe cumprir todas as obrigações do seu cargo, com rectidão e justiça.

Os vicios das administrações provêem, em grande parte, dos maus empregados; por isso corre aos governos o dever de serem escrupulosos na sua escolha.

Um governo moral e justo deve ter a coragem de despedir os funccionarios que servem mal o estado; d'outro modo torna-se impossivel a administração da justiça e a execução das leis.

Se pois, no exercicio do magisterio ha quem desconheça os deveres do professorado, seja o governo inexoravel para com elles; não lance suspeitas sobre uma classe inteira, nem tão pouco obrigue o paiz a despezas avultadas, que de certo não produzirão o resultado que deseja.

Em outros artigos desenvolveremos com mais largura este assumpto.

CARTA DE VICTOR HUGO

Appareceu ha pouco tempo no mundo scientifico um livro notavel, que já noticiámos na nossa folha, devido á primorosa penna do joven doutor pela Faculdade de Direito o sr. Julio de Vilhe-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXXXV

D. CARLOS

XXXV

Espartero acantonou as suas tropas em Berberena e Espejo, por causa de impedir o temporal novos movimentos.

Ao amanhecer de 19 de Março de 1836, Mendez Vigo marchou a encorporar-se ao general Espeleta em Valmaceda, e Espartero tomou o caminho de Orduña com todas as precauções que exigia a visinhança do inimigo. Ainda bem não tinham chegado as avançadas a Orduña, abandonada por seus habitantes, desobedecendo a Espartero, quando se apresentaram os carlistas coroando o alto cume da Peña, senhoreando-se outras forças ao mesmo tempo das alturas que dão frente á de Unzá, onde se achava a vanguarda que commandava Ribero, o qual depois de haver observado a marcha de Espartero, e que os carlistas saiam detraz delle, fez frente ao inimigo.

Propunham-se os carlistas empenhar a Espartero em um movimento sobre a esquerda de Orduña, em quanto o grosso das suas forças batia a Ribero. Espartero, que comprehendeu este plano, tratou de unir-se com a divisão de Unzá, e para esse effeito sairam as suas tropas de Orduña, avançando em columnas parallelas a apoderar-se da eminencia de Antomaña. Os carlistas, que deviam conhecer esta intenção, esforçaram-se em cerrar o desfiladeiro deste ultimo ponto; porem situou Espartero na planicie o batalhão de Gerona, commandado por O'Donnell, e á frente de tres esquadrões procurou flanquear á ponta da baioneta a garganta de Antomaña, e o conseguiu bisarramente.

Não estavam, comtudo, vencidos os carlistas, que se apresentavam com attitude imponente. Julgou Espartero que o seu inimigo aspirava a dominar a altura pela parte de Urquiano; e sendo este ponto importante, se apressou a ganhal-o, cobrindo com as suas tropas uma linha de mais de uma legua, operação tão acertada como bem executada.

Ribero, entretanto, ao ver que os movimentos dos carlistas se encaminhavam a fazer-se senhores de Urquiano, marchou a impedil-o, e o conseguiu quando já haviam posto o pé no mais empinado daquellas cristas.

Este era o ponto que interessava a ambos os combatentes: a elle levava Eguia tropas de refresco; os mais ousados subiam ás duas terças partes d'aquella eminencia; porem tambem subiam os soldados da rainha e faziam um fogo mortifero. Mas não cediam, por isso, os carlistas: a corpo descoberto uns, e defendidos outros nas quebraduras do terreno, se defendem e pelejam com denodo: a montanha se torna vermelha com o sangue que alli se derrama, e augmenta o estrago uma bateria de quatro peças que Espartero manda collocar em uma elevação conveniente, acompanhando a seus estampidos o ruido das bandas e os hymnos patrioticos das musicas.

Tres horas durava o combate, e o empenho crescia sem enfraquecer o animo: as fileiras se viam dizimadas; porem augmentado o alento dos que sobreviam. Espartero impacienta-se, quer decidir a acção, e prepara um golpe atrevido; percorre a galope a sua linha, excita o enthusiasmo de todos com a sua presença e suas palavras de fogo, e ao ouvir que os soldados pedem uma carga decisiva, toda a linha se move rapida e simultaneamente, e desprendendo-se das elevações se precipita como uma torrente desoladora sobre as posições carlistas. Não é já o chumbo que fere; são as baionetas; com ellas se peleja esforçadamente, com ellas são repellidos os carlistas sobre Orduña, adeantando se a maior parte até Amurrio.

Espartero reune as tropas em Unzá para regressar a Victoria, fazendo assim infructifero tanto heroismo, tanto sangue derramado. Porem faltavam munições, tinham interrompida a communicação com o general em chefe, e os carlistas não se consideravam vencidos. Espartero não podia seguir mais adeante, não podia permanecer em Unzá: aquella noute pernoutou em Subijana de Morillas, e a 20 foi a Nanclares, entrando a 21 em Victoria com o prestigio do vencedor.

Eguia jactava-se de haver impedido a passagem a Espartero, e este de haver feito retirar ao seu contrario das posições escolhidas em que o havia esperado.

Mil homens custou a uns e outros ganhar e abandonar umas posições. A isto se reduzia aquella guerra.

A 12 de Abril tomou Eguia a villa de Lequeitio, na Biscaia, muito importante para os carlistas por ser porto de mar.

Os montes Lumancha e Otoño, ao perder as suas faldas no borrascoso mar de Cantabria, formam uma pequena abertura, em cujo seio está situada a alegre villa de Lequeitio, quasi a egual distancia maritima de S. Sebastião e de Bilbau, e separada desta ultima, por terra, nove leguas.

A guarnição teve de capitular, e as tropas de D. Carlos se apoderaram de tudo e de 800 homens.

A acquisição de Lequeitio coroou a serie de conquistas que para sua reputação e gloria do exercito conseguiu Eguia, seu chefe. Guetaria, Valmaceda, Mercadillo, Plencia, e Lequeitio, eram tantas acquisições de importancia, não só por si mesmas, senão pelas armas, munições e viveres que continham; e os soldados que deram ás fileiras de D. Carlos, diminuiram as da rainha.

Ao terminar o mez de Abril, a situação do exercito liberal do norte não era mais lisonjeira que nos anteriores. O lastimoso abandono em que o deixavam, produzia graves consequencias, que iam em progressivo augmento e ameaçavam fataes resultados. A deserção tinha tomado grandes proporções.

O tempo não melhorava, e a inacção do exercito era cada vez mais angustiosa. Porem não podia prolongar-se mais, e era preciso operar de qualquer modo. Não obstante, tudo se oppunha a isso.

Cordova indisposto, regressa a Victoria a 3 de Maio, occupando Mendez Vigo ao mesmo tempo a Villalba de Loza.

Na capital vê com dor as accusações de que é objecto por sua inacção, e que o governo não se constitue em defensor official, pelo que pede no dia 4 se lhe forme causa, e ser

na—*Raças historicas da peninsula Iberica e sua influencia no direito portuguez.*

Este livro interessantissimo pelo assumpto, e pela proficiencia com que está escripto, tem sido muito apreciado no nosso paiz, e já se tornou conhecido no estrangeiro de um modo assaz honroso para seu auctor.

A nossa imprensa tem dedicado a esta obra notaveis artigos de critica; e dos mais conspicuos litteratos do paiz visinho, de França e de outras nações, tem o sr. Dr. Julio de Vilhena recebido os mais justos encomios pelo seu importante trabalho.

Ultimamente recebeu o sr. Dr. Vilhena uma carta honrosissima de Victor Hugo, da qual se vê que o grande escriptor encara tambem, como o auctor do livro, a questão das raças como uma questão politica.

Podemos alcançar do sr. Dr. Vilhena, não sem grande lucta com a sua inexcedivel modestia, permissão de copiarmos no nosso jornal aquella carta, que sendo honrosissima para o auctor do livro, não o é menos para o paiz, pouco acostumado a estas considerações dos estrangeiros.

Eil-a:

Hauteville house, 29 Juillet 1873.

Monsieur. Vous avez fait une oeuvre noble, utile et vraie. Votre travail sur la *race latine* est excellent. Au moment où le nord cherche à terrasser le midi, il faut que le midi se souleve avec toutes ses forces; les hommes comme vous sont des combaitants aujourd'hui et seront des vainqueurs demain.

Croyez à toute ma cordialité.

VICTOR HUGO.

NOTICIARIO

Festividade.—No domingo houve na Sé Cathedral desta cidade, com a pompa costumada, a festa de Nossa Senhora da Boa Morte. Na vespera tinha havido fogo preso.

No domingo de manhã pregou o sr. padre José Maria dos Santos, e de tarde o sr. padre Manoel José Erse.

Seguiu-se a procissão, que se compunha dos meninos orphãos, irmandades da Senhora da Piedade de Cellas, e Senhora da Boa Morte, com o tumulo da Senhora, irmandades do Santissimo de S. Bartholomeu, Sé Velha e Sé Cathedral, Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, e clero. Levava o Sacramento o sr. Dr. Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo, e pegava na umbella o sr. governador civil. Fazia a guarda de honra uma força do destacamento aqui estacionado, levando a sua frente a philarmonica *Boa-União*.

A irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte teve começo em Roma, havendo na egreja professa da Companhia de Jesus, todas as sextas feiras, o exercicio da Senhora da Boa Morte, com assistencia de muito povo.

De Roma se propagou esta devoção para outras nações; e em Lisboa se instituiu uma identica irmandade em 1664.

Passados annos, por iniciativa dos Jesuitas, fundou-se em Coimbra a irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte; sendo no dia 15 de Agosto de 1723 a primeira vez que a imagem de Nossa Senhora da Boa Morte appareceu exposta em um magnifico e apparatoso tumulo na referida egreja; e nos segundos domingos de cada mez, de manhã, havia jubileu para os irmãos da irmandade.

Outra festividade. — Na proxima sexta feira, 15 do corrente, haverá na real capella da Misericordia, solemne festividade a S. Caetano, padroeiro dos collegios d'orphãos, constando de *tertia*, depois missa, tudo por musica vocal e instrumental, sermão e Senhor exposto. Esta solemnidade será feita com a decencia e pompa costumada n'aquella real capella. Principiará ás 10 horas.

Cemiterio da Conchada.— Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Rosa Emilia do Espirito Santo, filha de Joaquim da Silva e Joanna da Silva, natural da Pedreira de Villarinho, de 56 annos, fallecida no dia 3 de Agosto.

João, filho de Manoel dos Reis e Theresa de Jesus, natural de S. Francisco, de 20 mezes, fallecido no dia 4.

Damião Antonio Mendes, fallecido no dia 5.

Josepha de Jesus d'Oliveira, filha de Theophilo de Oliveira e Anna de Jesus, natural de Ovoa, de 90 annos, fallecida no dia 7.

Francisco Antonio Alves, filho de Francisco Alves e Maria Joaquina, natural da Coimbra, de 46 annos, fallecido no dia 8.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5073.

Um veterano da batalha do Bussaco.— Na correspondencia de Lisboa para o *Primeiro de Janeiro*, de domingo ultimo, se lê o seguinte:

«Parece que dos veteranos da guerra peninsular ha apenas dois que assistiram á batalha do Bussaco; são o duque de Saldanha e José de Almeida Saraiva. Este é natural da Covilhã.»

Não ha só estes. Pelo menos podemos desde já indicar ao correspondente, o sr. general Bernardo José de Abreu, que aqui reside em Coimbra, o qual assentou praça em 1809 e assistiu á batalha do Bussaco de 27 de Setembro de 1810.

O sr. general Abreu tomou egualmente parte na batalha de Fuentes de Oñoro, em 5 de Maio de 1812, onde foi ferido; sendo pelo seu valor nomeado alferes por distincção.

Entrou depois na batalha de Salamanca, assim como na de Victoria, de que teve a competente medalha, e em todas as mais que se deram já dentro do territorio francez.

Por esta occasião em que se vae solemnemente commemorar a batalha do Bussaco; entendemos que não deviamos deixar em esquecimento, que tendo decorrido o longo periodo de 60 annos, ainda vive em Coimbra um illustre portuguez, que alli ajudou a sustentar nobremente a honra desta nação.

Sentimos que o sr. general Abreu tenha ultimamente perdido quasi de todo a vista, e que por isso se ache impossibilitado de ver as festas que se vão celebrar no Bussaco, em 27 de Setembro proximo, pela elevação do monumento commemorativo daquella batalha.

Em todo o caso, muito estimariamos que o sr. general Abreu fosse assim mesmo assistir áquella festa, onde de certo teria um logar distinctissimo, tanto pelas suas excellentes qualidades pessoaes, como pela sua elevada patente, para ter direito á qual começou a pelejar no proprio sitio, que agora tão festejado vae ser.

Ainda a batalha do Bussaco.—O marechal Guilherme Carr Beresford, na sua ordem do dia de 28 de Setembro de 1810, apreciava pela seguinte forma o procedimento dos portuguezes na batalha do Bussaco:

«O sr. marechal commandante em chefe do exercito portuguez, tem que cumprir o agradavel dever para com as tropas de sua alteza real, que estiveram na batalha do Bussaco, de lhes assegurar a sua plena satisfação pela brilhante maneira com que se houveram, a qual lhes adquiriu a estima, a admiração e a confiança dos seus companheiros de armas do exercito inglez. S. ex.ª viu factos no combate, e uma conducta nas tropas portuguezas, de fazer honra ás tropas mais aguerridas, e não faltará a dar a saber a sua alteza real, o merecimento distincto das suas tropas, e em particular o dos corpos e individuos que mais se assignalaram; e não tem que limitar-se senão a respeito daquelles, que tiveram a fortuna de combater o inimigo; todos estes cumpriram como deviam, e o inimigo o póde melhor dizer pelo que experimentou.»

O marechal Beresford especialisava na mesma ordem do dia os regimentos de infanteria portugueza, n.ºs 7, 8, 9, 19 e 21; os batalhões de caçadores n.ºs 1, 2, 3, 4 e 6; as brigadas de artilheria de calibre 3, 6 e 9 e a de montanha; e elogiava particularmente os officiaes portuguezes, José Joaquim Champalimaud, Luiz Ignacio Xavier Palmeirim José Cardoso de Menezes Sotto Maior, José Maria

---

julgado em conselho de guerra, provendo-se a sua substituição com urgencia.

Os carlistas commandados por Sagastibelza, apertavam cada vez mais o cerco da praça de S. Sebastião.

Os sitiados pediram com viva instancia soccorro a Cordova, o qual lhes enviou a divisão ingleza, commandada por Lacy Evans.

Na madrugada de 5 de Maio saiu Evans de S. Sebastião, atacou valentemente os carlistas, nos quaes fez um grande destroço, obrigando-os a afastarem-se da praça, tomando posição a meia legua de distancia, em Oriamendi, onde se consideraram seguros. Os vencedores apoderaram-se das suas linhas e artilheria, e se adeantaram a provocar os vencidos.

As linhas ficaram destruidas, e a praça que se vira durante quatro mezes sitiada, respirou finalmente, e teria celebrado com dobrado enthusiasmo o seu triumpho, a não ser adquirido com tanto custo, pois que da parte dos liberaes ainda morreram mais do que dos carlistas, que se defenderam valentemente nas suas linhas em quanto poderam.

Mau effeito causou no quartel de D. Carlos a derrota soffrida na linha de S. Sebastião, e principiou a murmurar-se contra Eguia, o qual para fazer diminuir essa desagradavel impressão, correu a Hernani a vingar nos mesmos campos aos seus companheiros.

Pela sua parte Cordova, coadjuvado por Espartero, atacou os carlistas, commandados por Eguia e Villarreal, nos portos de Arlaban, desde 21 a 26 de Maio. No dia 27 tinha Cordova regressado a Victoria, onde dirigiu aos soldados uma allocução, na qual relacionando os factos mais notaveis das operações que acabavam de ter logar, enumerava a parte que cada divisão havia tido nos combates, fazendo dellas os devidos elogios e dos seus chefes, Espartero, Escalera, O'Donnell, Ribero, Vigo, e outros.

Os carlistas vangloriavam-se ao mesmo tempo destas operações, e se jactavam de ter frustrado a promessa que havia feito Cordova de penetrar na côrte de D. Carlos em Oñate.

As operações de Arlaban foram um novo desengano para Cordova. Não podia emprehender outras, porque as tropas tinham ficado estropiadas depois de tantas privações e fadigas, assim como o material do exercito, e escasseavam as subsistencias. O descanço era pelo menos necessario.

Assim o dispoz Cordova, que recebeu neste tempo uma carta de Madrid, pintando-lhe o estado critico das cousas, o exaltamento dos animos, a luta dos partidos, cujos chefes haviam chegado a bater-se em duelo, o imminente perigo que corria a causa liberal, e dizendo-lhe que, já que uma rara e feliz combinação de circumstancias o fazia ser naquelle momento o unico homem capaz de evitar os males publicos, que deviam temer-se, e de moderar a irritação dos animos, facilitando com o seu apoio ou medeação os accommodamentos que tão urgentissimamente reclamava o perigo, instava quem lhe escrevia, em nome do bem publico, que partisse sem demora, sem reparar em difficuldades, inferiores a tão grande objecto.

Esta carta decidiu uma viagem já projectada, para o que contava com o accordo e auctorisação de Mendizabal. Deixando em seu logar a Espartero, partiu para Madrid no dia 28 de Maio.

Apresentando-se Cordova ao ministro Isturiz, declarou fazendo a sua profissão de fé, que não era, nem queria ser mais que um soldado, obediente ao governo, estranho a toda a questão politica, e completamente livre de empenhos e partidos. O novo ministro lhe pediu a sua cooperação para conseguir de D. Antonio Seoane, que aceitasse o ministerio da guerra; mas sendo inuteis as suas instancias, indicou o general Vigo, que foi muito bem aceite.

Em um conselho de ministros, a que Cordova assistiu, pediram-lhe que designasse para o Aragão um bom chefe de brigada, e indicou a Narvaez. Outra vez lhe pediram a sua opinião sobre uma consulta do capitão general de Aragão, se se fuzilaria, ou não, a Torres e aos chefes que com elle tinham caido prisioneiros, em represalia dos officiaes prisioneiros da columna de Valdés, fuzilados por Cabrera; e foi de parecer que a justiça e a necessidade exigiam o sacrificio daquelles desgraçados.

Não havia, porem, Cordova, feito para isto a sua viagem. Desejava ser ouvido em um solemne conselho extraordinario, e chamado por fim para elle, deixou a cama, onde o retinham as suas doenças, e correu ao Pardo, onde se havia de celebrar debaixo da presidencia da rainha governadora, e com assistencia de ambos os conselhos.

Alli fez uma especie de revista retrospectiva das causas que tinham levado a guerra ao estado em que se achava, da situação do exercito e do seu chefe; e occupando-se da parte moral e politica da guerra, disse com respeito á cooperação da França que, se era e tinha sido sempre partidario desta grande medida, não lhe sendo possivel duvidar de um prompto, seguro e completo effeito para a pacificação do reino; que a tinha, não obstante, por inexequivel naquellas circumstancias; e pedia ao governo renunciasse a suscital-a até adquirir a mais infallivel segurança de a conseguir; porque a negativa affligia muito aos povos affectos, não fazia bem ao exercito, e alentava extraordinariamente aos rebeldes, com grande prejuizo da causa nacional.

Expostas com extensão estas questões, apresentou em seguida uma serie de propostas de reformas, de planos, e de auxilios para o exercito, para se poder com proveito continuar a campanha.

O conselho approvou completamente tudo quanto propoz Cordova, e por isso este general ficou muito satisfeito do bom resultado da sua missão, e voltou a Victoria tomar de novo o commando.

Reconhecido D. Carlos aos serviços que prestou Eguia nas acções de Arlaban, o nomeou por decreto de 28 de Maio, em Villafranca, cavalleiro grã-cruz da real e distincta ordem hespanhola de Carlos III, eximindo-o de todo o pagamento.

Satisfez a Eguia esta honorifica recompensa, apesar de pouco dado que era a ostentações, tendo-se distinguido sempre por sua singeleza, o que se revelava no seu tracto franco e natural. Porem não o obrigou bastante a continuar á frente do exercito, alvo, como era já, das murmurações dos cortesãos, e especialmente pelos que trabalhavam pelas saidas das expedições, ao que Eguia se oppunha obstinadamente.

Quando Cordova regressou a Victoria, foi admittida a demissão em que insistiu Eguia, que desejava por momentos declinar um commando que tanto o mortificava, não tanto pelos cuidados e fadigas inherentes ao mesmo, como pelas intrigas de que era objecto por parte dos que nunca se expunham ao perigo.

O commando de Eguia não deixou, como o de Moreno, funestos resultados; e se ao tomal-o contava o exercito carlista com uns 25:000 homens, segundo o estado das forças do vencido em Mendigorria, á conclusão do commando de Eguia subia a 33:919 infantes, 1:098 cavallos de força effectiva, e um respeitavel trem de artilheria.

A necessidade de tomar banhos era o pretexto que allegava Eguia, e D. Carlos não poude deixar de admittir a demissão do seu antigo e leal servidor, cuja saude havia soffrido muito visivelmente, porque, como elle dizia, aquella guerra não era senão para mancebos. Com animo e necessidade de descançar durante algum tempo, passou a Durango.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Bacellar, Jorge de Avillez, Luiz do Rego Barreto, e Sebastião Pinto de Araujo Correa.

Ainda na mesma ordem do dia dizia o general Beresford:

«S. ex.ª deseja que os srs. brigadeiros, e commandantes dos sobreditos corpos, dêem aos officiaes e soldados a sua plena approvação e agradecimentos pela sua conducta, da qual elle mesmo foi testemunha, e os srs. commandantes enviarão ao ajudante general os nomes daquelles officiaes, officiaes inferiores e soldados que se distinguiram, a fim de que sua alteza real os recompense como elles merecem. — Jámais com um exercito de soldados taes como os inglezes e portuguezes, elle — o inimigo — poderá preencher as suas vistas contra a liberdade e felicidade do paiz, e quanto mais avançar, tanto mais caro pagará a sua temeridade, a sua cobiça, e sua injusta ambição.»

Da mesma forma o marechal general Lord Wellington, commandante em chefe do exercito anglo-luso, expressava-se na sua ordem do dia, do seguinte modo:

«O commandante em chefe agradece aos generaes e mais officiaes e soldados do exercito, a sua boa conducta durante todo o tempo que occuparam a posição do Bussaco, e durante a acção que tiveram contra o inimigo no dia 27 do corrente. Foi elle mesmo testemunha de algumas provas de intrepidez dos officiaes e das tropas; e os officiaes generaes lhe fizeram saber outras, a respeito das quaes não deixará de dar a sua opinião a sua magestade, e ao governo de sua alteza real o principe regente de Portugal.

«Todo o amigo da sua patria e da liberdade do mundo, e todo exercito britannico, deverá ter observado com o maior gosto, o valor e firmeza da tropa portugueza durante estes dias, que egualmente com os seus camaradas de armas ao serviço de sua magestade, mereceram e alcançaram a approvação do marechal Beresford, e do commandante em chefe.»

Uma sentença por motivos politicos em 1829—Publicamos hoje uma sentença proferida pela relação de Lisboa em 30 de Maio de 1829.

De entre os reus alli julgados diremos, que José Joaquim de Moura, vem a ser o actual arcebispo de Braga; Antonio Joaquim da Silva e Sousa, foi deão da sé d'Evora; José Antonio da Matta, veiu a ser arcebispo de Evora; e Joaquim Placido Galvão Palma, foi parocho de Monsaraz, deputado ás côrtes em 1826, depois deputado ás côrtes de 1834, e por muito tempo governador do arcebispado d'Evora. Os mais reus são menos conhecidos.

Com a imparcialidade que nos caracterisa devemos dizer, que esta sentença faz manifesto contraste com muitas outras d'aquella epocha, pois que de todos os reus apenas foi deportado por quatro annos para o Bussaco, Galvão Palma.

Em relação ao reu José Joaquim de Moura diz-se na sentença, que examinados os depoimentos das testemunhas, não lhe resulta delles a certeza juridica de factos, que o constituam realmente delinquente; referindo-se umas á notoriedade publica; outras declarando o reu aferrado ao systema constitucional, sem darem a razão da sua asserção, comprovada com factos, imputando-lhe um protesto, assignado por elle no tempo, em que cursava a Universidade de Coimbra; porem apenas contado de ouvida pelas testemunhas, que o referem.

Nesta parte seja dito em abono da verdade, não mostraram os juizes desejo de perseguir; porque não quizeram fazer obra pelos simples ditos das testemunhas.

O protesto a que as testemunhas se referiam, havia effectivamente existido.

Temos em as nossas collecções um exemplar do mencionado protesto, assignado em 6 de Março de 1823, por 41 estudantes transmontanos. A segunda assignatura é de José Joaquim de Moura, deão d'Evora, e estudante do 5.º anno de Canones. Foi impresso na typographia da rua dos Coutinhos, no mesmo anno de 1823; e talvez o exemplar que possuimos seja o unico que hoje existe. Pelo menos nunca vimos outro.

Como curiosidade aqui o publicamos:

SENHOR.—Os ESTUDANTES da Universidade de Coimbra, naturaes da Provincia de Traz os Montes, intimamente magoados dos funestos, e ignominiosos acontecimentos, que um tresloucado, e indigno *Conde d'Amarante*, á frente d'outros degenerados Portuguezes acabam de praticar, protestam firmes, e cheios do mais ardente fogo, e amor da Liberdade, seus constantes votos á SAGRADA CAUSA NACIONAL, unico, e só Imperio, a que cordealmente immolarão seus dias na paz, e na guerra, segundo a urgencia das circumstancias; pois que só á PATRIA devem a vida, a segurança, a liberdade, cujo amor eleva o Cidadão á mais sublime Jerarchia, que existe entre os Humanos, e sem o que seria nivelado ao irracional.

SENHOR, a PATRIA, a liberdade, e todos os mais laços, que unem nossos corações irresistivelmente nos demandam o novo protesto, que á face de DEOS, e do Universo gravaremos com nosso proprio sangue, quando a mesma PATRIA, e liberdade o exigirem: receba, pois VOSSA MAGESTADE os sinceros votos d'adhesão á CAUSA CONSTITUCIONAL, que agora, e sempre reinará entre os Portuguezes em quanto o sol afugentar as trevas; ficando certo no inviolavel juramento, com que sellamos o odio, e perseguição eterna a esses vermes abjectos roedores da augusta, e cara liberdade, que injusta, e despoticamente querem usurpar ao valeroso Povo Transmontano, e á Nação inteira.

Coimbra, 6 de Março de 1823.

O Doutor *Antonio Alvares de Carvalho*, Oppositor em Canones.

José Joaquim de Moura, Deão d'Evora, e Estudante do 5.º de Canones.

Seguem-se depois as mais assignaturas.

Eis alli agora a sentença a que nos temos referido.

Accordão em relação, etc. Vistos estes autos, que pelo accordão a fol. 17 se fizeram summarios aos reus— José Joaquim de Moura—Antonio Joaquim da Silva e Sousa—José Antonio da Matta—Antonio Felix Moniz Cardoso—Fernando Antonio Limpo Pimentel—Francisco de Paula Vellez—Caetano José de Sá—Manoel Severiano da Motta—Cypriano Pereira Alho—José Joaquim das Dores—Fr. José Jourdan—Joaquim José Varella—e Joaquim Placido Galvão Palma.

Mostra-se, que auctorisado o vigario geral do arcebispado d'Evora, pelo regio aviso, fol. 67, do appenso 1.º, procedera a inquerir testemunhas summariamente, para indagação das pessoas ecclesiasticas da dita cidade, e arcebispado, que por seus ditos, acções, e procedimentos eram aferradas ao systema desorganisador, e revoltoso, contrarias ao mesmo senhor; e em consequencia dos depoimentos das testemunhas que perguntou, pronunciára os reus como consta a fol. 62 v.º do dito appenso.

Quanto ao reu José Joaquim de Moura, fazem-lhe culpa as testemunhas fol. 3 v.º— 6 v.º—9—19 v.º—22—38—e 50:—examinados porem seus depoimentos, não lhe resulta delles a certeza juridica de factos que o constituam realmente delinquente, referindo-se umas á notoriedade publica; outras declarando o reu aferrado ao systema constitucional, sem darem a razão da sua asserção, comprovada com factos, imputando-lhe um protesto assignado por elle no tempo em que cursava a Universidade de Coimbra; porem, apenas contado de ouvida pelas testemunhas, que o referem.

Quanto ao reu Antonio Joaquim da Silva e Sousa, depoem contra elle as testemunhas, a fol. 4—6 v.º—19—29—39—e 51 v.º; estas testemunhas laboram nos mesmos defeitos, que ficam declarados, e sendo o facto principal, que algumas relatam para sustentarem a opinião, em que têem o reu de constitucional exaltado, ter mandado calar o orgão, que no dia 27 de Fevereiro do anno proximo passado, tocava o hymno realista, querendo que se tocasse o constitucional, alem de não explicarem se estiveram presentes nessa occasião, para serem acreditadas, não affirmam possuidas de evidencia, que esse procedimento fosse positivamente praticado em menoscabo do legitimo governo, que ia estabelecer-se, ou por effeito de medida de providencia que fosse precisa adoptar-se por força de circumstancias; sendo de notar que para prova deste facto não se tivesse inquerido o organista e o porteiro do côro, que eram as testemunhas que melhor podiam depor sobre elle; mas não é só esta a irregularidade que se observa no dito summario.

Quanto ao reu José Antonio da Matta, são as testemunhas fol. 4 v.º—6 v.º— 10 v.º— 20—30—40—e 51, as que lhe fazem culpa; nenhuma, porem, jura pessoalmente de factos praticados pelo reu, nem dão razão conveniente de seus ditos, de sorte que decisivamente se possa julgar criminoso; porem a difficuldade que algumas das ditas testemunhas fallam que tivera em mandar repicar os sinos, no dia em que na sobredita cidade se celebrava a acclamação do mesmo senhor, não asseveram qual fosse o verdadeiro motivo dessa difficuldade, o qual se torna absolutamente duvidoso, reflectindo-se que dizendo as testemunhas que o reu fôra instado por varios ecclesiasticos, para vencer a referida difficuldade, não apparece nenhum delles, depondo a esse respeito; o que era indispensavel para inteiro descobrimento da verdade.

Quanto ao reu Antonio Felix Moniz Cardoso, nada concluem as testemunhas, fol. 7—37 v.º—48 v.º—e 58 v.º—porque a primeira é referindo-se á de fol. 61; esta nega o referimento, e por consequencia nenhuma attenção merece, assim como as outras, por deporem unicamente de notoriedade, e ouvida vaga.

Quanto ao reu Fernando Antonio Limpo Pimentel, são egualmente inhabeis para fazer prova as testemunhas, a fol. 7—13—21—23 v.º—30 v.º—43—e 55, contra o reu: porquanto a primeira testemunha jurando, que conhece o mesmo reu por constitucional, não declara em que consiste esse conhecimento, de que dependia a força da prova, que podia fazer o seu depoimento. As mais testemunhas referem a ouvida vaga, e indeterminada; pelo que se tornam de nenhum momento os seus juramentos.

Quanto ao reu Francisco de Paula Vellez, tambem as testemunhas a fol. 4—6—11—20 v.º—30 v.º—40—e 53,—não depõem em termos, que se lhe verifique a comminação do delicto; porque não juram cumpridamente de facto algum criminoso, praticado pelo reu, nem declaram quaes fossem os objectos que se tratavam nos conventiculos, em que dizem se ajuntavam; o que era necessario para se qualificar o delicto.

Quanto ao reu Caetano José de Sá, as testemunhas a fol. 5—6 v.º—12—21 v.º—31—41 v.º—e 54—que juram contra elle, todas deixam de declarar a razão de seus dictos, e como sabiam o que depunham, omittindo as circumstancias, que por direito se requerem, para prova plena de qualquer facto ou delicto.

Quanto ao reu Manoel Severiano da Motta não fazem prova as sobreditas testemunhas, para se julgar o reu delinquente, pelas mesmas razões expendidas; e porque a maior parte dellas depõem de ouvida indeterminada: incapazes por isso de estabelecer prova juridica contra elle.

Quanto ao reu Cypriano Pereira Alho, observam-se os mesmos defeitos nas testemunhas que lhe fazem culpa, e accrescentando as mesmas testemunhas, ser publico que o reu traduzira e publicara um livro, em que se involviam principios hereticos, nem este crime era para se conhecer delle nesta commissão, nem ao menos se indica qual seja o livro, para se poder ajuizar das materias que tractasse.

Quanto ao reu José Joaquim das Dores, as testemunhas que lhe fazem carga, umas juram de publicidade vaga; outras omittem circumstancias necessarias para se verificar o crime, como se vê da testemunha a fol. 15,—que diz que ouvira ao reu argumentar em favor da constituição, mas não declara em que consistiu o argumento, nem quando isso succedesse; e se mostra das outras, que fallam das reuniões, a que o reu se associava, sem explicarem o que era, o que se tratava nas ditas reuniões, de cuja explicação dependia a classificação do delicto.

Quanto ao reu Fr. José Jourdan, todas as testemunhas que juram a respeito delle, são inconcludentes, por deporem meramente de ouvida, e notoriedade, e sem referencia a factos, que determinem o seu crime.

Quanto ao reu Joaquim José Varella, verifica-se o mesmo defeito nas testemunhas que depõem contra elle, algumas das quaes lhe attribuem a composição de um livro, que atacava o clero Eborense; porem, ainda que isso se verificasse a vista da dita obra, e contivesse crime imputavel ao reu, não era competente julgar-se nesta commissão.

Quanto ao reu Joaquim Placido Galvão Palma, prova-se tanto do summario do appenso 1.º, como do appenso 16, a desaffeição do mesmo reu para com a augusta pessoa do mesmo senhor, e a sua opposição á forma do actual governo legitimo, que o faz digno de castigo, muito principalmente considerando-se, que pela sua qualidade de parocho, era mais fortemente obrigado a fazer guardar com a sua doutrina, e exemplos, as leis fundamentaes desta monarchia.

Portanto, e o mais dos autos, absolvem os sobreditos reus, e mandam que sejam soltos, se por al não estiverem presos, á excepção do reu Joaquim Placido Galvão Palma, a quem condemnam em quatro annos de reclusão no convento do Bussaco, recommendando-se ao respectivo prelado a vigilancia sobre a conducta do mesmo reu: e paguem as custas. Lisboa 30 de Maio de 1829.—Garcia Nogueira—Ornellas—Macedo—Sá Lopes—Carneiro— Castro Henriques.

Voz dos peixes. — Acredita-se geralmente, que os peixes não tem voz, e até ha um rifão na lingua portugueza que diz — *mudo como o peixe*. Não é porém assim.

Muitos naturalistas, desde Aristoteles, tem estudado os sons particulares que produzem estes animaes. Em algumas especies a anatomia tem descoberto, principalmente no macho, um apparelho especial, munido de ossos e musculos, que funcciona como orgão da voz. Muitos peixes produzem sons stridentes, que se ouvem a grande distancia.

O padre Antonio Vieira falla de uns peixinhos da costa do Brasil, muito pequenos, a que deu o nome de *roncadores*. Valenciennes comparou a voz de alguns peixes ao grasnar desharmonioso dos patos. Os atuns e cavallas dão uma especie de vagidos, semelhantes aos das creanças. Nos mares equatoriaes ha uns peixes brancos, malhados de azul, que cantam em côro. Alguns viajantes comparam as vozes harmoniosas d'estes animaes aos sons dos orgãos, ouvidos a certa distancia. Começam a cantar ao pôr do sol e continuam durante a noite. São conhecidos estes peixes pelos habitantes do paiz pelo nome de *sereias* e peixes *musicos*.

Emigração dos ratos.— Não são só as aves e os peixes que realisam todos os annos viagens periodicas. Muitos mammiferos fazem o mesmo, e na ordem dos roedores os ratos offerecem um exemplo notavel.

Nos paizes do norte estes animaes reunem-se na primavera em legiões immensas, dirigindo-se para oeste até á borda do mar, onde permanecem até regressarem em Outubro. A epocha do seu regresso em Kamtschatka é celebrada com grandes festas pelos habitantes, porque em seguimento dos ratos vêem muitos animaes carnivoros, aos quaes se faz uma guerra de exterminio, para aproveitar as pelles preciosas, que são objecto de grande commercio.

Na Noruega verificam-se tambem estas emigrações, seguindo os ratos uma direcção rectilinea, descendo dos montes, e vencendo os maiores obstaculos até chegarem á borda do mar. Durante estas longas viagens, os ratos não abandonam os filhos, que vão tendo pelo caminho, transportando-os ás costas.

O general Pierrad.— Diz o *Jornal da Noite*, que o general Pierrad e tres ou quatro officiaes intransigentes foram presos no Algarve a bordo de um hiate portuguez que os havia recolhido. O commandante da fiscalisação maritima na costa, o sr. Diniz, indo a bordo do hiate e encontrando aquelles homens fóra da matricula do navio, e sem papeis para abonar a sua qualidade de viajantes, prendeu-os e deu parte ao governo. O mestre do hiate disse que os encontrara em um pequeno barco no alto mar, e que os recebera a bordo por dever de humanidade.

Ouvimos dizer que o governo resolvera mandar que viessem para Lisboa, d'onde poderão seguir viagem para os portos da Europa, que se saiba estejam dispostos a recebel-os, ou para qualquer outra parte do mundo.

Audiencia geral. — Foi hoje julgado Joaquim Maria Antunes Cardoso, da Figueira da Foz, estudante do 4.º anno de pharmacia, accusado de ter morto com uma pedrada o estudante do 2.º anno de Direito, Antonio de Barros Coelho de Campos.

Foi defensor do reu o sr. Dr. Julio de Vilhena, que com um brilhante e eloquentissimo discurso commoveu vivamente o auditorio.

O jury deu o crime por não provado por unanimidade, e em resultado disso foi o reu absolvido.

Caes e motta do Mondego. Progridem com grande actividade as obras do cães e da motta em continuação.

Muitas das pedras da ponte, que se está demolindo, tem sido empregadas nesta obra, sendo especialmente applicadas ao cano de esgoto, que é construido com toda a solidez.

Rectificação. — Na recente publicação do sr. Francisco Adolpho Coelho — *Sciencia e probidade* — se diz inexactamente, que o celebre prestidigitador Mr. Hermann fôra nomeado socio do Instituto de Coimbra.

O sr. Coelho confundiu a Sociedade Philantropico-Academica com o Instituto.

Suicidio — O sr. João Climaco de Carvalho, governador de S. Thomé, suicidou-se com um tiro de rewolver.

Chegada — Chegou a Lisboa a corveta *D. Henrique*, transportando o general Pierrad, Lopez Borreguero, o coronel Linacero e o advogado Castro, chefes da insurreição de Sevilha. De Lisboa partem para Inglaterra.

Conselho de guerra — Principiou em Lisboa o julgamento dos reus militares implicados na tentativa de revolta.

Noticias de Hespanha. — A cidade de Valencia submetteu-se ao governo de Hespanha. 800 insurgentes, que sairam da mesma cidade, foram destroçados pela columna do general Salcedo.

Dos insurgentes de Orense, na Galliza, entraram 800 armados em Portugal, pelas Carvalhas; mas voltaram logo para o territorio hespanhol.

O governo prussiano demittiu o commandante da *Frederico Carlos*, e desapprovou a sua conducta nas questões internas de Hespanha.

Em Barcelona tem-se manifestado symptomas desfavoraveis á ordem publica, e em Madrid adoptaram-se precauções militares.

Confirma-se a noticia da entrega de Granada.

As côrtes deram permissão para serem processados os nove deputados insurgentes de Cartagena.

Dissolveu-se em Despeñaperros a guerrilha de Peco.

Os carlistas entraram em Mondragon.

Os membros mais exaltados da junta de Cadiz tinham conseguido fugir.

Os insurgentes de Cartagena tentaram retomar as fragatas *Victoria* e *Almansa* aos prussianos, a bordo da *Mendez Nunez*; mas a inexperiencia da tripulação fez com que a fragata encalhasse na areia, onde ainda está. Esperam poder salval-a.

Os intransigentes prenderam 30 membros do Casino republicano benevolo, e guardam-os como refens.

Segundo telegrammas lidos pelo governo nas côrtes, houve na Extremadura algumas tentativas de desordem sem importancia.

Em Grao embarcaram muitos insurgentes fugidos de Valencia.

As côrtes approvaram um projecto auctorisando o governo a sujeitar a nova inspecção medica os mancebos da reserva e os militares reformados, e a exigir responsabilidade pessoal aos alcaides e medicos.

ANNUNCIOS

Arrematação

1 No proximo sabbado, 16 do corrente, pelo meio dia, na casa das obras da Universidade, hade ser arrematada uma obra de carpinteiro. Os pretendentes podem desde já examinar os respectivos apontamentos e condições que se acham patentes no mesmo local.

2 Um ecclesiastico pretende habitar em companhia de familia decente. A quem convier dirija-se a Candido Augusto Nazareth, relojoeiro na Calçada, que dará as explicações precisas.

Attenção

3 Parelha de excellentes eguas portuguezas ensinadas. O mestre ferrador A. Peça, ás Ameias, está encarregado da venda.

ESTRELLA DO NORTE

4 Polka mazurca para piano. Por D. Julia C. Cavalleiro Bastos. Preço 300 rs.

Livraria Academica — 183, rua da Calçada, 185 — Coimbra.

Livraria de J. Pereira — Praça Nova — Figueira da Foz.

5 Francisco Martins Ramos lecciona em Introducção durante as ferias. — Becco das Flores, 40.

6 José Joaquim da Silveira faz publico, que Manoel Caetano Respicio Magro, do logar de Lindos, de Valle de Todos, do concelho de Ancião, lhe é devedor de avultada quantia em dinheiro, por letra acceite, a qual vai pôr em juizo; e por isso de ora em deante ninguem contracte com elle, sujeitando-se no caso contrario a ficar nulla qualquer transacção.

7 Pela administração dos hospitaes da Universidade, se faz publico, que no dia 17 do corrente, pelas 10 horas da manhã, no edificio dos mesmos hospitaes, se hade proceder á arrematação das casas do plano baixo do Collegio das Artes, para o anno que hade começar no proximo S. Miguel.

Administração dos hospitaes da Universidade, 12 de Agosto de 1873.

O administrador — *Costa Simões.*

FIGUEIRA DA FOZ

Grande Hotel Foz do Mondego, proximo da praia de banhos

8 Previne-se o respeitavel publico, que este estabelecimento, no qual se encontram todas as commodidades, como quartos e salas independentes, para familias, criadas para serviço de senhoras, etc., etc., se acha aberto desde o 1.º do corrente mez d'Agosto. Quem pretender informações sobre o mesmo, queira dirigir-se ao seu administrador, o antigo hospedeiro José Simões.

Banhos do mar na praia de Espinho

9 O proprietario do novo hotel Central de Espinho, situado em frente da linha ferrea, continua a receber pessoas e familias, tanto nacionaes, como estrangeiras, offerecendo-lhes todas as commodidades possiveis, com aceio e limpeza, por preços rasoaveis.

Este hotel acha-se montado com bilhar, café, e restaurante. O seu proprietario, já bastante conhecido de muitas pessoas que se tem dignado preferir o seu estabelecimento, a nada se poupa para continuar a merecer a estima de todos.

10 No dia 31 do corrente, ás 9 horas da manhã, no tribunal judicial desta cidade, no edificio de Santa Cruz, perante o sr juiz de direito desta comarca, se hade vender em hasta publica o quintal e casa, aos Oleiros, nesta cidade, pertencente ao Dr. José Adolpho Trony; e mais uma propriedade em Santo Varão no sitio de Pencete, pertencente á exm.ª sr.ª Viscondessa de Santo Varão; ambas por execução movida por José Jacintho da Silva, desta cidade. Escrivão Almeida.

11 Vende se a casa da Ordem de Poiares. E' uma optima vivenda com muito boas terras de rega, e de sequeiro, junto á egreja de Santa Maria d'Arrifana. Tem muitas arvores de mimo, excellentes olivaes, pinheiros, castanheiros, e tojeiras, e uma terra de lodo em Louredo, junto ao Mondego, e algumas sortes de oliveiras, mattos, e pinheiros dispersos. Esta casa tem muito boas communicações, pois se acha proxima do Mondego, e da estrada da Beira. Quem a pretender comprar dirija-se a José Felix Catana, d'Arrifana de Poiares, que tem uma relação das propriedades, e prestará todos os mais esclarecimentos necessarios.

DOCTOR IN ABSENTIA

12 O professor em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a *Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra)*, o qual lhes dará gratuitamente todas e quaesquer informações sobre a Universidade.

EDITAL

A junta de parochia da freguezia de Santa Maria Maior da villa de Taboa

Faz saber que, pelas 9 horas da manhã, do dia 17 do mez corrente, no largo da egreja do Senhor dos Milagres, da mesma villa, hade arrematar, a quem por menos o fizer, todo o trabalho de quebrar a pedra necessaria para a construcção da nova egreja matriz que vae erigir.

Todas as demais condições do contracto estarão patentes na occasião da praça.

E, para geral conhecimento, mandou publicar o presente.

Residencia parochial de Taboa, 10 de Agosto de 1873.

O presidente,
Luiz Alves Gomes Freire.

CURSO DE MADUREZA

14 O Dr. J.M.R. de Brito, Manoel Francisco de Medeiros Botelho, e J. d'Almeida da Cunha, abrem no dia 16 do corrente o seu curso para exames de madureza para sciencias positivas. A leccionação é paga no acto da matricula, que terá logar no collegio da rua do Norte.

15 Pela administração dos hospitaes da Universidade, se faz publico, que no dia 24 do corrente, pelas 10 horas da manhã, no edificio dos mesmos hospitaes, se hade proceder á compra de cento cincoenta peças (150) ou 4:050 metros de panno cru para camisas e lenções; bem como de mil e quinhentos metros (1:500) de panno de linho. Os concurrentes podem fazer as suas propostas por meio d'amostras da fazenda.

Administração dos hospitaes da Universidade, em 9 d'Agosto de 1873.

O administrador,
Costa Simões.

16 Declaro que em quanto ao que diz o sr. José Maria Fernandes Costa, de ter deixado passar tempo sem que me desse parte que os livros faltavam e sem que eu lhe desse 1$200 rs., é falso, pois logo que o sr. Dr. Meirelles avisou o sr. Fernandes Costa, este senhor os foi buscar e logo no dia seguinte me deu parte que meu filho os tinha ido vender á loja do sr. Pires. Eu sem que averiguasse se era verdade, meu filho tel-os tirado, immediatamente fui a minha casa buscar os 1$200 rs. e os dei ao sr. Fernandes Costa, o que este senhor recusou, mas convencido com as razões que lhe propuz, acceitou. Porem se este senhor fosse cavalheiro, devia declarar em audiencia o ter recebido a quantia, quando o sr. Hermano, defensor do reu, lho perguntou. Declaro mais que não torno a responder a este senhor; o publico avaliará qual de nós dois tem a razão, e jámais quem for pae.

José Maria Lila.

17 No dia 17 do corrente mez d'Agosto, hade ter logar a venda em praça particular, dos bens situados no concelho de Condeixa, pertencentes ao illm.º sr. José Simões de Paiva, d'Aveiro; que constam de olival de rega no sitio das Alagadas; um pinhal no sitio dos Grillos; uma terra de rega, com suas oliveiras, no sitio do Varatojo; e um pinhal no sitio das Pedreiras.

Naquelle dia se achará o procurador em casa do sr. José Maria de Jesus Preces, para o referido fim, devendo começar a praça pelas 9 horas da manhã.

ATTENÇÃO

18 Joaquim Gonçalves Pereira, mestre de obras, tendo de se ausentar por cinco mezes desta cidade, a fim de construir duas obras que tem em Lisboa; convida a qualquer individuo, a quem por acaso possa ser devedor de alguma quantia, queira apresentar a sua conta na obra do exm.º sr. Francisco Cabral Metello Pacheco de Napoles, rua da Mathematica, no espaço de 8 dias.

Durante os cinco mezes que tenciona estar ausente de Coimbra, se alguma pessoa quizer utilisar-se do seu prestimo nesta cidade, póde dirigir-se á sua casa no Castello, n.º 2, onde fica residindo a sua familia.

Coimbra 12 de Agosto de 1873.

Joaquim Gonçalves Pereira.

Aguas alcalinas gazosas das Pedras Salgadas (Villa Pouca de Aguiar.)

19 Estas aguas medicinaes, são empregadas nos mesmos casos das de Vichy e Vidago; são mais ricas na sua composição chimica, e dos melhores effeitos therapeuticos.

Vende-se em Coimbra — Pharmacia Ferraz, Largo do Castello; e na Figueira, botica de Luiz Maria da Costa, e nas principaes pharmacias do reino.

Attençao

Farinha de trigo da acreditada Fabrica do Beato Antonio de Lisboa

Agencia, rua da Reboleira, 27

PORTO

20 Nesta agencia se encontra farinha de toda a qualidade, desde a mais fina até semea, e ensacada em muito boa sacaria.

Estas farinhas concorrem vantajosamente com a americana e hespanhola, tanto em preço como em qualidade.

Cumprem-se ordens das provincias.

NUMERO 2719 — SABBADO 16 DE AGOSTO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL — JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA			ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200	**Annuncios** — Por cada linha 40 reis	Por anno	3$720
Por semestre	1$600	Assigna-se e vende-se nesta Impresna, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.	Por semestre	1$860
Por trimestre	800	A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**	Por trimestre	930
Correspondencia por linha	30	Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde. Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.	Avulso	40

COIMBRA

São bastante graves as noticias, ultimamente recebidas de algumas das nossas possessões ultramarinas.

A imprensa periodica tem referido factos, que revelam o estado anarchico daquellas regiões, proveniente ao que parece, da pusillanimidade de alguns governadores, que, dominados pelas influencias locaes, tem sido levados a praticar actos altamente reprehensiveis, e verdadeiramente attentatorios da ordem e do decoro devido á lei e ás instituições.

Em Cabo Verde, S. Thomé e Loanda, é onde ultimamente os excessos de auctoridade tem provocado a animadversão publica, pelo despotismo, ou pela fraqueza das suas resoluções.

Por muitas vezes nos temos referido ao mau regimen administrativo das nossos possessões do ultramar, a proposito de outros egualmente lamentaveis incidentes, a que em differentes partes, tem dado origem, a imprudencia do pessoal governativo, ou da sua inhabilidade para exercer tão importantes cargos.

O regimen das nossas colonias, requer actualmente a mais seria attenção dos poderes publicos.

Não póde attribuir-se em boa consciencia este estado, a incuria do governo, por falta de providencias; porque tem realmente decretado algumas medidas energicas e muito salutares para o estado excepcional daquellas possessões.

São principalmente devidos os conflictos e excessos alli praticados, á incompetencia das auctoridades, que abusando do poder para commetter despotismos e arbitrariedades, ou deixando-se arrastar inconsideradamente pelas opiniões apaixonadas e suspeitas; mal podem administrar justiça e prover ás necessidades geraes, como a lei, o dever e as conveniencias sociaes aconselham e recommendam.

Alem das occorrencias, que eram do dominio publico, das noticias já conhecidas, que trouxe o vapor da carreira da Africa, refere o nosso illustrado collega do *Jornal de Lisboa*, em uma correspondencia que publica, datada da cidade da Praia, acontecimentos tão degradantes para as auctoridades que naquellas paragens estão representando o governo do estado, que mal podem antever-se os seus resultados, se inergicas providencias por parte do governo da metropole, não lhes pozerem immediatamente cobro.

A' fraqueza da auctoridade superior, mais do que a qualquer outro motivo, se deve attribuir a serie de despropositos que alli se vão successivamente praticando.

Não são menos para lamentar os factos que deram origem ao desgraçado expediente do sr. João Climaco de Carvalho, governador da ilha de S. Thomé.

Todos estes acontecimentos, em fim, chamam a solicita attenção do esclarecido ministro da marinha e do governo; que, tendo dado pelos seus actos anteriores, inequivocas provas do seu inexcedivel zelo pelas cousas do ultramar; estamos certos que empregará todos os esforços da sua reconhecida inergia e do seu provado patriotismo, para obviar á continuação de tal estado.

A verdade é, repetimos, que estes acontecimentos provêem da fraqueza das auctoridades, encarregadas do governo daquellas provincias, e não da falta de disposições legaes, indispensaveis para manter alli o imperio da lei. Nem mesmo é facil encontrar funccionarios habilitados para desempenhar tão importantes funcções; a experiencia o tem ultimamente mostrado.

No entretanto confiamos plenamente no governo, para esperar que estes gravissimos acontecimentos terão a mais prompta solução possivel.

Quando os males são desta natureza, não é facil o remedio prompto e efficaz que se lhe possa oppor; cumpre-nos, porem, empregar todos os esforços para o conseguir.

NOTICIARIO

Cartas politicas. — Vamos hoje publicar duas cartas do ministro da fazenda, José da Silva Carvalho, escriptas a um seu amigo de Coimbra, nos primeiros dias de Novembro de 1835; e egualmente publicamos a resposta á primeira daquellas cartas.

O ministerio constava então do marquez de Saldanha, presidente do conselho e ministro da guerra; Rodrigo da Fonseca Magalhães, ministro do reino; João de Sousa Pinto de Magalhães, ministro das justiças; José da Silva Carvalho, ministro da fazenda; Antonio Aluisio Jervis de Athouguia, ministro da marinha e ultramar; e duque de Palmella, ministro dos estrangeiros.

Para melhor se entender a resposta á carta do sr. José da Silva Carvalho diremos, que naquella epocha havia em Coimbra uma grande indisposição contra o ministerio, e em especial contra o ministro do reino, Rodrigo da Fonseca Magalhães, pelas reformas em que era altamente prejudicada a Universidade. Contra essas reformas representou o claustro da Universidade e a camara municipal.

O facto é, que sendo as cartas que vamos publicar do principio de Novembro de 1835, em resultado das mencionadas reformas, o ministerio veiu a cair passados poucos dias, a 18 desse mesmo mez.

Eis as cartas:

Amigo do coração. — Lisboa 2 de Novembro de 1835. — Ha muito que não sei novas suas directamente. Agora quero-as, e tambem

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXXXVI

D. CARLOS

XXXVI

O estado em que se achava o exercito liberal era deploravel. Sem fardamento e sem dinheiro, o resultado era a indisciplina. Estas circumstancias tinham obrigado Cordova a dirigir-se a Pamplona no dia 30 de Maio de 1836, enviando d'alli ao ministro da guerra uma exposição da terrivel situação do exercito, e insistindo pela sua substituição.

E não era só Cordova; quasi todos os chefes apresentaram a sua demissão pelas mesmas causas, porque não queriam ver perecer de fome aquelle que derramava o seu sangue pela patria.

Chegou o caso de dar Cordova em Pamplona uma ordem geral, recordando aos soldados os seus deveres com a patria, e o seu proprio credito; appellando para o seu enthusiasmo, as suas virtudes e soffrimento para vencer os males que os assaltavam. Convocou a deputação do reino para prover ás tropas, e em quanto trabalhosamente conseguia alguns recursos com que sustentar apenas a subordinação, e a causa do throno liberal, os carlistas, tomando a offensiva, atacaram de novo a linha de Zubir pela margem de Iñigo.

O novo general em chefe carlista, D. Bruno Villarreal, alem de outros planos, se propoz enviar uma expedição de cinco batalhões de 200 cavallos á Galliza, cujo projecto enviou a D. Carlos, pedindo-lhe segredo, a fim de que os liberaes o ignorassem. Sendo approvado, chamou Villarreal ao seu quartel general a D. Miguel Gomez, e lhe perguntou se queria ir voluntariamente commandar a expedição. Annuiu de boa vontade, e se dispoz á sua saida, como veremos quando tratarmos desta famosa expedição.

Villarreal no entretanto se preparava a obrar contra o inimigo.

Ao mesmo tempo que as forças expedicionarias de Gomez saiam de Amurrio, dirigia-se Espartero de Victoria para Arlaban, e sabendo-o Villarreal, que tinha o seu quartel general em Salinas, mandou sair alguns batalhões e se collocou em frente do caudilho liberal, rompendo o fogo as guerrilhas de uma e outra parte, antes de chegar a Villarreal de Alava.

Nesta povoação soube Espartero a saida da expedição de Gomez e correu a perseguil-o.

Não escapou isto a Villarreal, e mandou de prompto preparar umas peças de artilheria no castello de Guevara para atacar a Peñacerrada, no caso de que saissem tropas de Victoria, perseguindo a Gomez.

Espartero saiu com effeito no dia 27 de Junho de Victoria, pelo caminho de Castella; e Villarreal para deter a sua marcha, dirigiu-se a atacar Peñacerrada. Em a noute de 28 fizeram-se as baterias, depois de algumas escaramuças, e ao amanhecer de 30 principiou o ataque contra aquella praça, que commandava o cura de Dallo (D. Isidoro Antonio de Eguilaz), e guarnecia o provincial de Ciudad Rodrigo, com alguns cavallos. O chefe carlista levava a esta operação quatro batalhões.

Logo que se soube em Victoria este successo, o barão das Antas (Francisco Xavier Pereira) com a brigada portugueza e uma brigada de tropas hespanholas de cavallaria e infanteria, com os *pesteros*, commandados por Zurbano, acudiu a soccorrer os sitiados, e suppondo que os carlistas se apoderariam das alturas que dominam o caminho real, que de Victoria conduz a Peñacerrada, se dirigiu pelo caminho velho de Treviño.

A marcha foi penosa, pelo calor da estação e o interesse que havia em chegar de prompto, para que não fosse inutil o auxilio; e pouco acostumados os portuguezes a tão insoffrivel fadiga, debaixo da influencia de um sol abrazador, ficavam atrazados uns, succumbiam outros, e morriam não poucos, apesar dos remedios que o corpo de saude lhes prestava.

A ultima marcha foi ainda mais terrivel. Tinham que subir as tropas a uns montes elevadissimos e asperos, e percebendo o barão das Antas o fogo incessante que a artilheria e fuzilaria fazia contra Peñacerrada, mandou redobrar mais o passo, e os soldados correndo por aquelle caminho, ardendo os seus labios de sede, sem que fosse permittido refrescal-os nas limpidas aguas dos arroios que encontravam na sua passagem, soffrendo assim o verdadeiro supplicio de Tantalo, caiam exanimes, e pereceram por esta forma horrivelmente cem heroes de cem combates.

Ao apresentar-se o barão das Antas em frente de Peñacerrada, mandou Villarreal retirar a sua artilheria, e esperou ao seu contrario em posição a certa distancia da praça.

Os liberaes descançaram nas posições de que se haviam apoderado, e marcharam depois com direcção a Treviño.

Peñacerrada salvou-se pelo valor denodado de seus defensores e o auxilio da divisão que a soccorreu; e como se esta tivesse ido a lutar com os elementos e não com os homens, como se houvesse tido por inimigo ao sol, que asfixiou a tantos homens na ida, descarregou na volta uma tempestade, que afogou a não poucos.

A tormenta e a noute achou as tropas no caminho. A pavorosa escuridão era só inter-

como é occasião de intrigas, quero prevenil-o para não avaliar os actos que nos censuram, sem nos ouvir.

Se esses amigos tivessem estado na roda de navalhas em que nos temos visto, talvez não dessem tanto á lingua. A tormenta tem sido grande; mas posso dizer-lhe que temos vencido, á força de paciencia e sagacidade.

Conto que v. s.ª continuará a ser amigo como sempre foi do seu constante e inalteravel amigo—*Carvalho.*

Exm.º sr.—Faltaria ao dever mais sagrado da sincera e cordeal amizade, que ha annos consagro a v. ex.ª, por conhecer a sua bondade e virtudes, se, recebendo a carta de v. ex.ª de 2 do corrente, não respondesse com a franqueza e sinceridade de um cidadão e de um amigo, que deveras ama a reputação de v. ex.ª, e sobretudo o bem da sua patria.

Quando v. ex.ª saiu do ministerio, todos os seus amigos, e aquelles que não o sendo, confiavam na sua administração, ficaram vivamente sentidos e desanimados: e sustentando por *todos os modos* os creditos e reputação de v. ex.ª, esperavam anciosos a sua restituição. Mas qual foi o espanto e amargura de todos, quando viram que v. ex.ª elevava ao ministerio o homem, que, tendo aliás conceito como deputado (de que os bons gostavam), não tinha nenhuma opinião para tão delicado emprego, pelos infames e miseraveis conselheiros que o rodeavam!

O mesmo homem era considerado já como o motor do descredito de v. ex.ª no ministerio da justiça. Por isso v. ex.ª observaria o silencio de muitos dos seus verdadeiros e desinteressados amigos, em occasião tão plausivel.

Não tardaram muito os effeitos daquella impolitica e desgraçada escolha! Decretos illegaes; providencias estrepitosas, sem necessidade, sem utilidade, nem realidade; projectos de obras custosas, com que a nação, individada e pobre, não póde, e que ja consomem grandes cabedaes, nas ajudas de custo aos afilhados, que se empregam em commissão; titulos, honras, accumulação de empregos em muitos, que ha pouco eram seus figadaes inimigos, e cujo merito é o terem sido audazes declamadores na tribuna da camara dos deputados, ou nas praças, ruas, botequins, e nos periodicos, etc., etc.: ao mesmo tempo que os sinceros amigos do ministerio, que o haviam sustentado nas maiores crises, com fidelidade e firmeza, eram desattendidos, ou tratados com insultante indifferença!!

Eis o quadro do ministerio de tres mezes, que tem feito mais descontentes em todas as classes da nação, do que o ministro mais despotico no reinado do absolutismo!

Os seus desorganisadores conselheiros a ninguem tem poupado; até os respeitaveis membros da muito digna commissão da reforma dos estudos foram tratados no seu periodico, por homens de *reputações apocryphas!!!* (a).

E quem eram esses homens? Tres dignos pares, tres respeitaveis deputados, e outros individuos, que não merecem ser desprezados. E por quem foram substituidos? Pelo...... e companhia (b).

E então não podia v. ex.ª evitar que estas *rodas de navalhas* não apurassem as criticas circumstancias em que se tem visto?

Ora acrescente a todos estes desatinos, o desprezo em que tem estado o pagamento dos parochos, a parte mais influente dos povos, que em 18 mezes receberam apenas o correspondente a um quartel da congrua modicamente arbitrada!

Os empregados da Universidade, que com pequenas excepções, foram victimas da barbara perseguição do usurpador, só tem recebido pelo thesouro um quartel! e este no ministerio de Francisco Antonio de Campos; quando, sem favor, se lhes deviam ter pago os quarteis desde o 1.º de Agosto de 1833, como está determinado por lei, e segundo se ha praticado com todos os outros empregados publicos, que já receberam o de Julho a Setembro de 1835!

Mas apezar de todos os meios que se procuram, e empregam para *atraiçoadamente* acabar com o unico estabelecimento litterario da nação, conhecido e considerado nos paizes estrangeiros, os seus membros tem tido a honra de o sustentar, havendo um que teve a patriotica resolução de ir abrir, e continuar a reger 3 cadeiras (c), em quanto os favoritos do ministro passeiam as ruas da capital, e são agraciados com empregos, incompativeis, até pela distancia das localidades!

Toda esta exposição de queixas, terá v. ex.ª visto nas differentes cartas escriptas ao amigo J. J. de Mello, que muito de proposito fazia, ainda que com menos franqueza, para v. ex.ª saber o estado da opinião, não de facção, ou partido, mas sim aquella que o homem de estado deve respeitar.

Tenho sido demasiadamente extenso nesta carta, e talvez indiscreto em roubar a v. ex.ª o tempo com cousas desagradaveis; e por isso vou por-lhe termo, restringindo-me ao principal objecto da sua carta.

Os principios politicos, que professava o anno passado, quando os meus peccados me levaram ao Porto, como eleitor, são os mesmos, que professo hoje, e ainda com maior firmeza, pela experiencia da sessão passada.

Aborreço os homens turbulentos, que consumiram 8 mezes em disputas e escandalosas personalidades, n'uma continua opposição, sem principios, e sem verdadeiro amor do bem publico; e que parte delles mostraram por fim, que o alvo das suas diatribes era, os empregos, as honras e as condecorações. Desprezo os servis, que mudam com facilidade de opinião, só para agradar ao poder.

Em consequencia, a minha limitada influencia será empregada em lembrar os homens de quem eu tiver cabal conhecimento do seu amor da patria, virtuosos e moderados, e que tenham que perder. Mas com estes principios, quem poderá vencer as desordenadas ambições dos dois extremos?!

Todos os meus esforços se empregarão em formar um centro, que sustente a Carta, o legitimo governo da Rainha, as reformas justas, graduaes, e proporcionadas á urgencia e necessidade da nação, e que a melhorem sem a destruir.

Se o ministerio quizer auxiliar estas boas intenções, em que me acompanham pessoas sisudas, e desinteressadas, como eu (que nenhuma pretenção tenho), apresente candidatos cuja reputação não esteja manchada pelos excessos de sua ambição, e falta de caracter; e não alguns desses miseraveis, que já por ahi se assoalham, e que têem augmentado a indignação, provocando assim o partido exaltado da esquerda, para melhor recrutar no outro.

Confie v. ex.ª na sinceridade com que lhe falla um amigo velho, que não tem pretenções, que nas differentes epochas em que v. ex.ª e outros amigos se tem achado revestidos de poder, nada lhes pedia para si, nem para seu augmento de fortuna, ou d'honras; e despreze vis e ambiciosos lisonjeiros: dê as cousas o peso que ellas merecem, e não se deixe arrastar de theorias vans, suggeridas por quem pode ganhar, e nada perder.

Sou com toda a consideração de v. ex.ª amigo e attento venerador.

Coimbra 6 de Novembro de 1835.

* * * *

Amigo do coração.— Recebi a sua carta, que muito estimei, por trazer novas de um amigo, que tanto prezo.

Com a mesma franqueza com que me falla devo dizer-lhe, que eu tambem não desejo na camara senão homens sisudos e desinteressados; mas sisudos e desinteressados com juizo, com sabedoria e amor do trabalho, que é justamente o que nos tem faltado na camara geralmente fallando; e v. ex.ª bem o conhece.

Agora quanto ao homem em que me falla devo dizer-lhe, que se eu concorri para elle ser ministro, ainda me não arrependo, porque apresentei no ministerio uma das maiores capacidades de Portugal; e eu dou muito pelos homens de talento, não são elles tão bastos no nosso paiz.

(a) O periodico a que se referia o auctor desta carta, era a *Revista*, jornal ministerial, de que era um dos redactores o proprio sr. Rodrigo da Fonseca Magalhães.

(b) Como esclarecimento a este ponto da carta diremos o seguinte.

Por decreto de 13 de Maio de 1835, sendo ministro do reino, Agostinho José Freire, tinha sido nomeada uma commissão, de que faziam parte os srs. Trigoso, D. Fr. Francisco de S. Luiz, e outros, para propor um plano de estudos provisorios e de immediata execução, e um systema geral de educação e instrucção religiosa, civil e litteraria.

Estava esta commissão em exercicio, quando o novo ministerio, que subiu ao poder em 15 de Julho immediato, suspendeu em portaria de 3 de Agosto, os seus trabalhos, e encarregou o sr. Antonio Luiz de Seabra, hoje visconde de Seabra, do plano da escola normal.

Outras reformas se fizeram subsequentemente, sem a mesma commissão ser ouvida.

(c) E' este membro da Universidade a quem se refere o auctor da carta, foi o sr. Dr. Agostinho José Pinto de Almeida, lente de Mathematica.

Em difficil conjunctura se abriu a Universidade em Outubro de 1835. De todos os lentes de Mathematica, occupados uns em varias commissões, de que o governo os não quizera dispensar, e tendo outros abandonado a Universidade, o sr. Dr. Agostinho José Pinto de Almeida era o unico, que se achava em Coimbra para a regencia de *cinco cadeiras.*

Fechadas ellas, estava de facto extincta a Faculdade de Mathematica, e por consequencia as de Medicina e Philosophia.

Foi nestas circumstancias, que o illustre decano tomou espontaneamente sobre si a regencia simultanea da cadeira de geometria, com as duas de astronomia theorica e pratica, que desempenhou com tanto primor e assiduidade, como se professara uma d'ellas sómente. E por tão extraordinario serviço, sem exemplo nos annaes academicos, prestado pelo espaço de um anno inteiro, o sr. Dr. Agostinho nem pediu, nem recebeu gratificação alguma.

Assim, pela mais feliz coincidencia, coube ao ultimo discipulo, que então restava na Universidade, do illustre Monteiro da Rocha, a gloria de salvar a escola, creada sob os auspicios do grande Pombal, pelo genio sublime daquelle sabio.

Sera um monumento que recordará sempre a memoria do sr. Dr. Agostinho José Pinto de Almeida.

---

rompida pelo fulgor dos relampagos, que extraviavam aos soldados, os quaes marchavam á ventura, caiam nas torrentes, pouco antes faceis arroios, e achavam nellas o seu tumulo. Alguns, enfermos do calor do dia anterior, foram por precisão abandonados á morte, e a divisão toda se dispersou, chegando parte a Treviño, e parte ficando nas casas e aldeias immediatas.

Se o barão das Antas não tivesse chegado com tanta rapidez em auxilio de Peñacerrada, seria esta entregue a Villarreal pelo seu commandante, o traidor cura de Dallo, que estava em transacção para facilitar a entrada dos carlistas. O cura de Dallo, largou a praça, e foi-se apresentar no quartel general carlista, dizendo que tinham suspeitado delle, e se vira obrigado a fugir, saltando pela muralha.

A fim de cubrir a ribeira do Ebro, estabeleceu Cordova o seu quartel general em Miranda, escalonando as suas curtas forças até Victoria, em cujos arredores se achava a segunda divisão e a brigada portugueza. Outra enviou a Briones, com objecto de cubrir aquelles vaus e impedir a passagem de uma nova expedição carlista, que julgava marchava por alli.

Era o destinado a commandal-a o brigadeiro D. Basilio Antonio Garcia, e ia como segundo chefe o coronel D. João Manoel de Balmaceda. Apesar dos preparativos de Cordova não se variou de resolução no quartel general de D. Carlos, e emprehendeu aquella expedição a marcha no dia 11 de Julho, desde Piedramillera com dois batalhões e 100 cavallos, passando no dia 13 o Ebro por Agoncillo, em cujo ponto fez 9 nacionaes prisioneiros.

A brigada de Briones não impediu a sua passagem, como era o seu objecto; e ainda é mais inexplicavel, que achando-se em Lodosa a divisão de cavallaria de Ribero, no mesmo dia da passagem da expedição, nem ainda tratasse de oppor-se, quando quasi podia tel-a á vista.

Não esperavam tão mysterioso e punivel descuido D. Basilio, e andou vacilando nos seus movimentos; porem em fim propoz-se seguir adeante, e seguiu, podendo rir-se dos seus adversarios.

Invadem os carlistas com outras expedições a Rioja, para chamar a attenção dos seus contrarios sobre aquelle ponto, e Cordova envia algumas forças a reforçar as encarregadas de perseguir as expedicionarias, e 500 homens para guarnecer a Burgos, sobre cuja cidade tinham planos nada desacertados os carlistas, contando nella com poderosos amigos, especialmente do clero.

Augmentavam os carlistas a desfavoravel predisposição politica de uma grande parte do exercito liberal, espalhando proclamações, com as quaes estimulavam ao mesmo tempo a deserção, e incitavam por todos os meios possiveis o descontentamento e a insubordinação.

Estes manejos eram involuntariamente ajudados pelos mesmos liberaes, que em hostilidade com o ministerio Isturiz, preparavam uma revolução para derribal-o.

Conspirava-se em muitas partes, e no dia 21 de Julho, de que nos estamos occupando, descubriu-se em Logroño uma conspiração militar como todas, para proclamar a constituição, encravar toda a artilheria, e abandonar a cidade, marchando ao Aragão a defender a liberdade.

Frustrou-se de prompto este objecto, e chamando a attenção das tropas os resultados da marcha do general em chefe carlista, Villarreal, para o centro da linha, correu Cordova pela sua direita a Miranda, com a pequena força de que podia dispor, limitando-se precisamente a uma diffi il defensiva, escalonando os seus cinco batalhões até Victoria, onde se achava Meer com seis. Dias antes, a 19, havia pedido pela ultima vez a sua demissão; e em quanto esperava que lhe fosse aceite, procurava cobrir o seu posto.

Não esteve ocioso o exercito da rainha nestes dias; porem tantas marchas e contramarchas, tantas e tão inuteis fadigas, pois nunca conseguiram bater aos carlistas, acabaram de desgostal-o, e vieram a ser estes inuteis movimentos materia de sobejo disposta para a insurreição.

Cordova, resolvido a deixar o commando, seguia nelle por condescendencia. Moralmente havia cessado. Assim o devia considerar, e assim se considerava por todos.

Esperava com impaciencia a sua exoneração, porque a sua posição era de dia em dia mais critica e a fez mais apurada a insurreição da cavallaria de Ribero, que proclamou a constituição de 1812.

Não podendo, nem se atrevendo prudentemente Cordova a suffocar aquelle incendio de tão grandes consequencias; enviou ao seu ajudante de campo, o marquez de Casa Sola, o qual se deteve em Logroño, por se proclamar tambem nesta cidade o mencionado codigo politico pela guarda nacional. Sendo inutil a missão que levava o marquez, regressou ao quartel general, e em poucos dias recebeu Cordova a noticia dos graves successos da Granja, de que teremos de fallar. Com elles julgou terminada a sua missão, e não esperou mais para deixar o commando e o paiz.

Resolvido a não jurar a constituição, antes de se ver em grave compromettimento, tomou o caminho de França, acompanhado de alguns ajudantes de campo, de uma companhia de cavallaria e outra de guias, dos generaes, chefes e officiaes do estado maior general, que acompanhando-o voluntariamente, se honraram a si proprios, honrando ao que já não era seu chefe.

No dia 26 entrou em França por Valcárlos, depois de despedir-se terna e patheticamente de seus leaes e valentes camaradas, a quem recommendou submissão ao governo e á lei.

As lagrimas de Cordova regaram o solo francez.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Falla-se delle; mas eu quando não vejo factos especiaes e provados, não julgo do homem: declamações para mim não valem nada; deixo isso para o vulgo. Póde v. s.ª estar certa que elle hade defender bem as suas medidas na camara, e que as razões que elle apresentar, não serão vencidas.

Agora quanto ao pagamento da Universidade, a culpa não vae de cá, vae das circumstancias e das folhas não virem bem processadas. Assim a respeito dos parochos, o thesouro deu-lhes já uma quantia, e se lhes não deu mais, foi porque as folhas são processadas em differente secretaria, na da justiça, e esta necessita de esclarecimentos, que devem vir dos bispados. E como vieram elles? Querendo roubar o thesouro!

Agora já esse negocio está regulado; falta fazer as devidas deducções, que não dependem do governo.

E' necessario ver as circumstancias em que nos achamos, e em que temos estado. Donde nos vem os recursos? Do interior do reino? Não, porque o reino ficou pobre. Das alfandegas? Essas renderam muito; mas chega isso para pagar aos estrangeiros que nos ajudaram para sustentar o exercito, a marinha, os reformados pensionistas? Não.

Meu amigo, acredite-me, que se eu não estivesse no ministerio (olhe que não sou vaidoso), ha muito grande desordem teria havido, causada pela fome e falta que não é facil de supprir.

Assim, façam o que quizerem, tragam quem quizerem, que o menos prejudicado nisso sou eu, que desejo do coração não só sair do ministerio, mas até do reino, porque me não agrada nada com tal gente.

Perdoe este desabafo, que eu devia ter com v. s.ª, de quem sou deveras, amigo e criado—*José da Silva Carvalho.*

Mais um veterano da batalha do Bussaco.— No ultimo numero do *Conimbricense*, rectificando o que dissera o correspondente em Lisboa do *Primeiro de Janeiro*, apontamos como um dos veteranos, ainda existentes, que assistiram á batalha do Bussaco, o sr. general Bernardo José d'Abreu.

Temos hoje a lembrar mais um dos benemeritos, que no Bussaco mostraram ás armas napoleonicas, quanto valem peitos portuguezes, animados pelo santo amor da patria. É o actual sr. visconde da Ponte da Barca, Jeronymo Pereira de Vasconcellos, ministro de estado honorario, marechal de campo reformado, e n'aquella epocha tenente de caçadores da Leal Legião Lusitana, que se achava de piquete no proprio dia da batalha, e que, recolhendo ao grosso do exercito anglo-luso, entrou em seguida n'ella.

Este illustre militar, que até aqui residia na sua magnifica vivenda de Verride, assiste desde o ultimo anno na Figueira, e agora teve a satisfação de encontrar alli o seu antigo amigo e companheiro d'armas, o sr. general Abreu, podendo ambos recordar-se do Bussaco, de Fuentes de Oñoro, e Salamanca.

Muitas vezes são vistos os dois veteranos passeando no caminho do forte de Santa Catharina: alquebrado um pelos achaques, oriundos d'uma vida militar laboriosissima, passada no velho e novo mundo; e o outro com a luz dos olhos quasi totalmente apagada, mas apresentando ainda o aspecto garboso dos que por mais de uma vez têem affrontado o fogo nos combates.

É proverbial a affabilidade e extrema bondade do valente militar, que mereceu ao marechal Beresford a tão pomposa distincção de ser por elle elogiado á frente do seu regimento; assim como são reconhecidas as mesmas qualidades na exm.ª viscondessa e suas filhas.

Temos por isso o gosto de enumerar neste jornal mais este cidadão prestante; devendo todos mostrar que sabemos honrar e venerar os homens que não trepidaram em defender, com risco da sua vida, o torrão querido onde vivemos. Honrando-os, honramo-nos a nós mesmos.

Audiencias geraes.—No dia 13 do corrente foram julgadas Adelaide dos Prazeres e Maria do Nascimento, accusadas do crime de abandono. Foram absolvidas.

Terminaram neste dia as audiencias.

Collegio de Nossa Senhora da Conceição.—O sr. Francisco Mendes Pinheiro, digno director do collegio de Nossa Senhora da Conceição de Coimbra, organisou e fez imprimir o regulamento do seu collegio, de que recebemos um exemplar.

Este collegio foi principiado em 1867, e desde então tem sempre augmentado os seus creditos, sendo hoje muito frequentado.

Para lhe dar todo o desenvolvimento necessario, conseguiu o sr. Pinheiro arrendar o importante predio, que fôra *collegio* (e não convento, como no regulamento se diz) de S. Pedro da Terceira Ordem da Penitencia, na Sophia.

Muito estimaremos que o collegio do sr. Pinheiro continue a prosperar como até aqui.

Conventos e collegios em Coimbra.—E' frequente, e até por ahi temos visto em alguns jornaes, dar-se o nome de conventos aos collegios de Coimbra, como se fosse uma e a mesma cousa.

Na cidade e arcos existiam os seguintes conventos, por occasião da extincção das ordens religiosas em 1834.

Convento de Santa Cruz, da ordem dos Conegos regulares de Santo Agostinho. Acham-se nelle estabelecidas actualmente a camara municipal, o correio, a administração do concelho, e outras repartições publicas.

Convento de S. Domingos, da ordem dos Pregadores; tendo apenas principiada a reconstruir a egreja, na rua da Sophia. Pertence agora aos srs. Pintos Bastos.

Convento de S. Francisco da Ponte, da ordem dos frades menores observantes de S. Francisco. E' hoje este edificio do sr. Luiz de Mello Tocho Soares de Albergaria, de Soure.

Convento de Santo Antonio dos Olivaes, da ordem de S. Francisco, da provincia da Soledade, e anteriormente da provincia da Piedade. Foi destruido por um incendio em a noute de 10 para 11 de Novembro de 1851. Existe só a egreja, que hoje é parochia de Santo Antonio dos Olivaes; e foi reedificada a capellinha, no sitio da cella onde viveu Santo Antonio.

Todas as mais casas das ordens religiosas nesta cidade, eram collegios, e todas foram edificadas depois que D. João III trasladou para Coimbra em 1537 a Universidade, para as differentes corporações religiosas aqui poderem ter collegiaes a frequentar os estudos.

Os collegios que subsistiam em 1834 eram os seguintes.

Collegio de S. Thomaz, da ordem dos Pregadores, na Sophia; hoje pertencente aos srs. Pintos Bastos.

Collegio de S. Pedro da Terceira Ordem da Penitencia, vulgarmente chamado dos Borras, na mesma rua; o qual actualmente pertence ao sr. João Victorino de Moraes Duarte e Silva.

Collegio da Graça, dos Eremitas calçados de Santo Agostinho, na mesma rua; servindo hoje de quartel militar.

Collegio de Nossa Senhora do Carmo, da ordem dos Carmelitas calçados; pertencente agora á Veneravel Ordem Terceira da Penitencia.

Collegio do Espirito Santo, mais conhecido por collegio de S. Bernardo, da ordem de Cister, na mesma rua. Pertence hoje ao sr. commendador Francisco da Silva Oliveira.

Collegio de S. Boaventura, da ordem de S. Francisco, e provincia do Alemtejo, conhecidos os collegiaes pelo nome dos Pimentas, na mesma rua. É agora propriedade do sr. Manoel José Ferreira Leitão.

Collegio da Sapiencia, ou de Santo Agostinho, vulgarmente chamado Collegio Novo, da ordem dos Conegos regulares de Santo Agostinho. Estão nelle estabelecidos os collegios dos meninos orphãos e mais repartições da Misericordia.

Collegio de Santo Antonio da Estrella, de capuchos da ordem de S. Francisco, da provincia da Immaculada Conceição da Beira e Minho, na rua das Fangas. Pertence ao sr. Luiz de Mello Tocho Soares de Albergaria, de Soure.

Collegio de Santa Rita, vulgarmente conhecido por collegio dos Grillos, da ordem dos Eremitas descalços de Santo Agostinho. Pertence ao sr. conselheiro Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

Collegio de Santo Antonio da Pedreira, de religiosos capuchos da provincia de Portugal; onde actualmente se acha estabelecido o Asylo da Infancia desvalida.

Collegio da Santissima Trindade, da ordem da Redempção dos Captivos, na rua da Trindade. Pertence ao sr. padre Manoel Simões Dias Cardoso.

Collegio dos Militares, das ordens militares de S. Bento de Avis e S. Thiago da Espada, na rua dos Militares. Está occupado com o hospital de doentes de molestias cutaneas.

Collegio de S. Jeronymo, pertencente á ordem do mesmo nome, na rua de S. Jeronymo. Faz actualmente parte dos hospitaes da Universidade.

Real Collegio das Artes, da Companhia de Jesus. Pertence tambem agora aos hospitaes.

Collegio de S. Paulo, da ordem de S. Paulo, primeiro eremita, ou dos eremitas da serra d'Ossa, mais conhecido pelo collegio dos Paulistas, ao cimo da rua Larga. Acha-se nelle estabelecido o Instituto de Coimbra e o seu principiado museu de archeologia.

Collegio de S. João Evangelista, vulgarmente chamado dos Loios, da ordem dos Conegos seculares de S. João Evangelista, na mesma rua. Estão nelle estabelecidas as repartições do governo civil e fazenda.

Collegio de S. Boaventura, mais conhecido por collegio dos Venturas, da ordem de S. Francisco da provincia de Portugal, na mesma rua. Serve actualmente de casa de retenção academica, e de escola de ensino primario.

Collegio real de S. Paulo, para doutores e oppositores ecclesiasticos e seculares, ao fundo da rua Larga. Foi nelle construido o actual theatro academico.

Collegio pontificio e real de S. Pedro, annexo á Universidade. Serve para habitação do reitor e para outras repartições academicas.

Collegio de S. Bento, da ordem benedictina. Estão hoje alli o Lyceu e varias repartições do Jardim Botanico.

Collegio de S. José dos Mariannos, da ordem dos Carmelitas descalços. Acha-se nelle estabelecido o collegio das Ursulinas.

Collegio de Thomar, da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo. Pertence ao sr. commendador José Leite Ribeiro Freire.

De religiosas existiam em 1834, e ainda existem, os conventos de Santa Clara, da ordem de S. Francisco; —de Sant'Anna, de Eremitas descalças de Santo Agostinho; —de Santa Theresa, de Carmelitas descalças; —e de Santa Maria de Cellas, da ordem de Cister.

O jornalismo em Coimbra.—Temos ahi visto publicado um mappa dos jornaes impressos em Coimbra, e entrados na administração central do correio, nos annos economicos de 1871 a 1872 e 1872 a 1873.

Cumpre-nos dizer que o tal mappa não merece credito nenhum.

Diz-se nelle que no anno economico de 1871 a 1872 entraram no correio 55:056 exemplares do *Conimbricense*, e que no anno economico immediato, entraram 51:118 exemplares.

Ora no ultimo anno economico a tiragem do *Conimbricense* não só não foi menor do que no anterior; mas antes foi maior.

Como, pois, se explica a tal contagem no correio?

Ave singular.—Muitas aves da Africa não são curiosas e interessantes tão sómente pelo mimo do canto e brilho das côres. O macho de algumas especies conserva a femea em rigorosa prisão durante o trabalho da incubação.

Para esse fim, escolhe o tronco de uma arvore para construir o ninho, reveste a entrada com barro amassado, como fazem as andorinhas, deixando apenas um pequeno orificio para introduzir os alimentos. Apenas os filhos têem força para voar, toda a familia trabalha na demolição da barricada e vae gozar a liberdade dos campos, provendo á sua subsistencia.

Vinhos dos romanos.— Nos primeiros tempos da republica o vinho era tão raro em Roma, que as libações se faziam com leite. A's mulheres era prohibido o uso desta bebida, impondo-se-lhes as penas mais severas. Com o augmento do luxo e das riquezas progrediu muito a plantação dos vinhedos, e a arte da vinificação adquiriu grande incremento.

Os principaes vinhos usados pelos romanos eram os seguintes:

Vinho *albanum*, colhido nos arredores de Cumes, cidade da Campania, e ao qual Plinio attribuia qualidades preciosas para excitar o systema nervoso.

Vinho *arvisium*, de excellente qualidade, que era produzido no monte Arvisium.

Vinho *coecubum*, do territorio de Cécuba, e que era considerado um dos melhores.

Vinho *honorarium*, que as cidades offereciam aos consules, governadores, e altos funccionarios.

Vinho *lesbium*, de Lesbos, já muito conhecido e apreciado pelos gregos.

Vinho *massicum*, de aroma delicado e de muita fama.

Vinho *naxium*, de Naxos, tão delicioso, que o comparavam ao verdadeiro nectar.

Vinho *rheticum*, que Plinio elogiava muito.

Vinho *sabinum*, o mais vulgar e mediocre.

Vinho *setinum*, colhido nas collinas de Sétia, distante 5 milhas das florestas de Terracina.

Vinho *spurcum*, de inferior qualidade, que nem era empregado nos sacrificios.

Vinho *surrentinum*, que só se bebia no fim de 25 annos. Tiberio chamava-lhe *generoso*, e Caligula, *nobre*.

Vinho *trifolium*, que só se tornava bom depois de 3 annos.

Electricidade humana.— Citam-se factos muito curiosos do desenvolvimento da electricidade na especie humana. Um dos phenomenos mais interessantes foi observado em New-York. No inverno e em tempo secco, as pessoas que habitam em casas atapetadas e resguardadas do frio, depois de passeiarem sobre os tapetes, accumulam tanta electricidade, que desenvolvem faiscas pelo contacto de um corpo conductor.

Attribue-se o phenomeno ao attrito das solas do calçado sobre a lã dos tapetes, e tem-se verificado, que as mulheres se electrisam mais facilmente que os homens.

Flor de cacto.—Ha uma especie de cacto, *cactus grandiflora*, que só floresce de 7 em 7 annos. O que é ainda mais extraordinario, a flor só dura o curto espaço de uma noite, principiando á tardinha, desabrochando completamente á meia noite, e murchando de madrugada. A flor é lindissima, branca e amarella.

Parece-nos, que na estufa do Jardim Botanico de Coimbra ha um exemplar desta planta curiosa e extraordinaria.

Receita util.—Os habitantes de Luxemburgo, usam ha seculos benzer todos os annos no dia 15 de Agosto, dia da Assumpção de Nossa Senhora, algumas plantas aromaticas, conservando-as em casa para serem empregadas em fumigações e tisanas em muitas molestias, tanto do homem como dos gados.

Para evitar o cheiro activo destas plantas no interior das casas de habitação, guardam-se nos celleiros, onde se vão buscar quando é preciso. Tem mostrado a experiencia, que nas casas impregnadas por estes aromas, não apparecem o gorgulho, o caruncho e outros insectos, destruidores dos cereaes, dos tecidos de lã, das pelles e de outros objectos.

As plantas geralmente empregadas para este fim são as seguintes: o absinthio vulgar, artemisia vulgar, salva, arruda, flor de sabugueiro, macella gallega ordinaria, e outras. Em França muitos cultivadores têem ensaiado com bom exito este processo. Alguns ramos ainda verdes de absinthio, pendurados nos celleiros e espalhados sobre os montes de cereaes, são sufficientes para afugentar ao cabo de algumas horas aquelles parasitas tão damninhos.

Nas aldeias de Portugal tambem os camponezes costumam guardar nas arcas e gavetas diversas plantas aromaticas, com o fim de combater a traça e outros insectos ruins.

Rectificação.—Em o numero passado, fallando acerca do sr. general Bernardo José de Abreu, passou-nos na revisão um erro de data.

O combate e a batalha de Fuentes de Oñoro foram nos dias 3 e 5 de Maio de 1811, e não de 1812, como saiu impresso.

Correspondencia.—Recebemos de Castello Branco uma carta, relativa á bibliotheca publica daquella cidade, a qual não publicamos por vir em termos muito acerbos.

Em todo o caso diremos, que ahi se accusa o empregado da bibliotheca daquella cidade de tratar com incivilidade os visitantes; alem de outras queixas, como a de não have

regulamento na casa, do estado cahotico do catalogo e livros, etc.

E' de esperar que o sr. reitor do Lycea daquella cidade attenda a estas queixas, fazendo cessar os motivos que lhe dão causa.

Fallecimento — Falleceu em Eaux-Bonnes, nos Pyrineus, o sr. marquez de Niza.

Nova publicação. — Recebemos e agradecemos um exemplar de uma nova publicação do festejado escriptor o sr. Julio Cesar Machado, intitulada — *Manhãs e noutes.*

Panorama Photographico de Portugal. — Publicou-se o n.º 7. Traz uma photographia, representando o frontespicio da egreja de Santa Cruz de Coimbra.

Vem neste numero os seguintes artigos:

Egreja de Santa Cruz de Coimbra, por A. M. Simões de Castro.

Anhelos, (soneto), por Candido de Figueiredo.

Breve noticia historica da villa de Goes, por A. F. Barata.

Bibliographia.

Barbaridade — Do concelho do Carregal nos communicam o seguinte facto revoltante, para o qual chamamos toda a attenção das auctoridades locaes:

«Sr. redactor—Concelho do Carregal, 15 de Agosto de 1873—Mais uma barbaridade no concelho do Carregal. Antes d'hontem, 13 do corrente, um tal Sousa, com seu filho e genro, agarraram um innocente menor, despiram-no, prenderam-no a uma arvore perto do rio, que corre entre Beijos e Sangemil, deste concelho, pegaram em varas e deram-lhe tantas varadas, que o innocente se considera em perigo de vida, ou de ficar com a saude arruinada, se escapar... Tal barbaridade tem em alarme os habitadores destes povos.

Dizem agora que se trabalha para abafar este crime! Ficara elle impune?! Veremos.—Tenho alguma confiança na auctoridade administrativa, e ainda em algumas das outras, e é de esperar, que farão o seu dever. Taes factos é que não podem tolerar-se.»

Monumento do Bussaco. — O nosso amigo, o sr. coronel Joaquim da Costa Cascaes, diz o *Jornal do Commercio* já apresentou o programma para a solemnidade da inauguração do monumento do Bussaco, cujo pensamento inicial, e direcção, são exclusivamente seus.

A inauguração deve verificar-se no dia 27 de Setembro, 63.º anniversario d'aquella memoravel batalha.

O nosso amigo fôra encarregado pelo ministerio da guerra de formular o programma; boa ideia, para que tudo alli seja devido ao seu desvelado e intelligente trabalho.

Teve em vista o sr. Cascaes no programma conciliar a magnificencia da festa com a instrucção das tropas e rasoavel despeza. Tratando-se de uma solemnidade nacional, e particularmente de gloria nacional, o exercito devera ter n'ella uma parte importante, elle que é sempre chamado a figurar em actos publicos, ainda mesmo relativamente insignificantes, como procissões, cirios e outros.

Faz parte do monumento a capella, que servio de hospital de sangue no dia da batalha, sendo por isso indispensavel que a solemnidade seja acompanhada de algum acto religioso, por isso benzer-se-ha a capella n'aquelle dia, rezar-se-ha uma missa por alma de todos, sejam portuguezes ou estrangeiros, que falleceram nas acções da guerra peninsular.

Haverá um simulacro militar do ataque dirigido pelo 6.º corpo d'exercito francez, commandado pelo marechal Ney.

Cantar-se-ha um *Te-Deum*, em que officiará o reverendissimo bispo de Coimbra, sendo tambem este prelado quem benze a capella.

O campo será ornado de grandes tendas de campanha, com mastros embandeirados.

A capella será accrescentada, toldando-se o adro, sendo alem disso, levantados arcos de loiro na estrada que liga o monumento com a capella.

As tropas deverão acampar com antecedencia, para se exercitarem nas diversas manobras, e no simulacro da batalha.

Os generaes darão depois relatorios de tudo.

Será convidado o exercito inglez a tomar parte no festejo, assim como os bravos que militaram na guerra peninsular, residentes em Portugal, ou sejam portuguezes, ou inglezes.

Parece que o programma reune uma ostentação decente e em harmonia com a dignidade e com os recursos da nação. Cremos que por todos será applaudido, e produzira o devido effeito, se fôr bem executado.

Cerimonias, simulacro, tudo bem combinado, e a tempo, eis o que é indispensavel.

O nosso amigo conscienciosamente formulou o programma, acompanhado de uma planta da batalha, com as posições occupadas pelas forças combatentes, e indicação dos corpos portuguezes, que estiveram nas do lado do exercito anglo-luso.

A festa de 27 de Setembro é verdadeiramente nacional, e por isso todos desejarão que se realise por um modo decoroso para o paiz.

As forças que forem destinadas a executar o simulacro da batalha, capricharão em mostrar a sua disciplina, e a facilidade com que se habituam ás grandes manobras.

Esperemos, pois, que a festa de 27 de Setembro será digna do paiz.

Noticias de Hespanha. — Diz o *Diario de Noticias*, que as guerrilhas Lizarraga e Velasco marcharam sobre Mondragon, cuja guarnição era pequena, e atacaram-a. Apesar da resistencia heroica da tropa, os carlistas alcançaram a rendição dos sitiados, pelo effeito das bombas e do petroleo. A columna Loma, quando veiu para auxiliar Mondragon, já a povoação estava em poder dos carlistas.

Dizia-se que o commandante d'aquella guerrilha se suicidára. As melhores casas de Mondragon foram saqueadas. O general Loma teve que retirar para Vergara.

Lizarraga e Velasco dirigiram-se depois a Vergára, mas foram repellidos. O general Sanchez Bregua ia para Tolosa.

Todos os aprestos do grosso da facção carlista indicavam que estava proximo um ataque contra Bilbau. Nesta praça fôra desoccupada a egreja de S. Nicolau para se transformar em quartel de artilheria.

O governador de Corunha confirmou, no dia 11, que naquella madrugada se haviam internado em Portugal alguns dos sublevados galaicos, entregando armas ás auctoridades de Pinheiro; que do porto do Ferrol sairam a fragata *Carmen* e o vapor *Goditano*; e que os carlistas, sabendo a perseguição que se movia aos batalhões galaicos indisciplinadas, se animavam em Lugo.

Constava mais que, na fronteira portugueza, entre Orense e Pontevedra, tinham sido apprehendidas 18 cavalgaduras com 12:000 duros, que levavam os insurgentes galaicos. Estes, porem, perseguidos pela tropa, iam entregando as armas sem resistencia.

O vapor inglez tomado pelo vapor de guerra hespanhol, levava 1:700 armas Berdan, e tinha a bordo o coronel escocez *Stewart*, encarregado das collectas catholicas inglezas para os carlistas.

ANNUNCIOS

1 ARRENDAM-SE as casas da rua d'Alegria, n.ºs 63 e 65, para familia numerosa. Arrenda-se com ellas um quintal independente com chave especial; tem vinho, fructas de varias qualidades, terreno para hortaliças, legumes, etc., e logar proprio para todo o despejo. Emprestam-se vasilhas para o vinho.

AINDA VIVE

O inimigo do monopolio em Coimbra.

2 CONTINUA a vender por atacado petroleo refinado pelo preço de Lisboa. O preço actualmente é de **130** rs. o kilo. Da algum prazo, abona qualquer falta que haja nos barris na occasião da venda, e recebe os mesmos vazios a **800** reis cada um.

O encarregado da venda **José Tavares da Costa**, rua da Calçada, proximo á Portagem.

COMPANHIA REAL

DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

Fornecimento de balastro

3 NÃO TÊNDO convindo á direcção as propostas recebidas para o fornecimento de balastro do rio Mondego, kilometro 218, abre-se de novo concurso até ao dia 20 do corrente inclusivè.

O caderno de encargos está patente na estação de Coimbra.

As propostas devem ser dirigidas á direcção da companhia em Lisboa.

Pombal 14 de Agosto de 1873.

O chefe da 2.ª secção,

Gil de Almeida Sousa e Sá.

4 PELA ADMINISTRAÇÃO dos hospitaes da Universidade, se faz publico, que no dia 17 do corrente, pelas 10 horas da manhã, no edificio dos mesmos hospitaes, se hade proceder á arrematação das casas do plano baixo do Collegio das Artes, para o anno que hade começar no proximo S. Miguel.

Administração dos hospitaes da Universidade, 12 de Agosto de 1873.

O administrador — *Costa Simões.*

Estabelecimento d'horticultura

De A. M. S. Castro — Rua do Visconde da Luz, 11. — Deposito rua da Sophia, 176.

5 PLANTAS para estufas, arbustos para jardins, arvores d'ornamento e florestaes—sementes novas d'hortalices.

6 VENDE SE a casa da Ordem de Poiares. E' uma optima vivenda com muito boas terras de rega, e de sequeiro, junto a egreja de Santa Maria d'Arrifana. Tem muitas arvores de mimo, excellentes olivares, pinheiras, castanheiros, e tojeiras, e uma terra de lodo em Louredo, junto ao Mondego, e algumas sortes de oliveiras, mattos, e pinheiros dispersos. Esta casa tem muito boas communicações, pois se acha proxima do Mondego, e da estrada da Beira. Quem a pretender comprar dirija-se a José Felix Catana, d'Arrifana de Poiares, que tem uma relação das propriedades, e prestara todos os mais esclarecimentos necessarios.

CURSO DE MADUREZA

7 O DR. J.M.R. DE BRITO, Manoel Francisco de Medeiros Botelho, e J. de d'Almeida da Cunha, abrem no dia 16 do corrente o seu curso para exames de madureza para sciencias positivas. A leccionação é paga no acto da matricula, que terá logar no collegio da rua do Norte.

8 PELA ADMINISTRAÇÃO dos hospitaes da Universidade, se faz publico, que no dia 24 do corrente, pelas 10 horas da manhã, no edificio dos mesmos hospitaes, se hade proceder á compra de cento cincoenta peças (150) ou 4:050 metros de panno cru para camisas e lençoes; bem como de mil e quinhentos metros (1:500) de panno de linho. Os concurrentes podem fazer as suas propostas por meio d'amostras da fazenda.

Administração dos hospitaes da Universidade, em 9 d'Agosto de 1873.

O administrador,

Costa Simões.

9 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastara cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchaqueca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os muscuos e consolidando as carnes.

Economias 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid.—Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Bahir rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2720 — TERÇA FEIRA 19 DE AGOSTO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

E' mais auspiciosa a situação do paiz visinho. Depois das infelicidades por que tem passado aquella desditosa nação, parece que os partidos vão reconhecendo, que a ordem e o respeito ás leis, são a primeira condição de vida social e de interesse publico.

As scenas degradantes, promovidas pelos agentes da internacional, de que aquella nação estava sendo theatro, tem felizmente sido debelladas, conseguindo-se restabelecer já em alguns pontos a ordem e o imperio da lei.

Esta attitude do governo hespanhol, contra os numerosos attentados de Alcoy, Sevilha, e outras cidades, está sendo mui lisonjeiramente commentada pela imprensa estrangeira.

Pelas fronteiras do norte, tem entrado grande numero de intransigentes hespanhoes, que depois de commetterem inauditas atrocidades no seu territorio, e de serem perseguidos pelas forças do governo, vem refugiar-se em Portugal.

A sensatez e a cordura, que nobilitam o caracter do brioso povo portuguez, e a hombridade que o governo actual tem mostrado em presença das circumstancias excepcionaes, quando alguns discolos tentaram promover a desordem, são para nós garantias de, que neste paiz não farão echo as ideias demagogicas, que tem feito passar a infeliz Hespanha por uma das mais dolorosas e violentas crises, que a historia dos tempos refere.

Nesta occasião em que apparece entre nós esse bando de malfeitores, que outra cousa não são os refugiados que nestes ultimos dias tem procurado o abrigo da nossa bandeira, acossados pelas forças hespanholas, é necessario que sejam competentemente vigiados, para que não possam por qualquer forma abusar da hospitalidade que lhes damos.

Consta que bastantes intransigentes occupam já o nosso territorio, e espera-se que muito mais crescido venha ainda a ser o numero delles. A confiança que depositamos no governo, não permitte duvidar dos meios que necessariamente empregará, para evitar qualquer abuso, ou desacato ás leis portuguezas.

Vigilantes devem ser as auctoridades locaes, para informar o governo, se por ventura os emigrados não respeitarem como devem a nação briosa que os recebe.

As povoações da fronteira têem-se sobresaltado bastante com a repetida entrada dos desordeiros hespanhoes; por isso, e para que possam ser vigiados convenientemente, o governo tem feito guarnecer os pontos mais importantes daquellas localidades.

Noticias que temos revelam alguns receios. Confiem, porem, os povos, que o governo manterá o respeito devido ás nossas leis.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 17 de Agosto de 1873.

Não estranhe o meu silencio. Escrevo-lhe quando é preciso. Para que heide eu, pois, com puerilidades, occupar-lhe logar, que póde ser preenchido mais interessantemente, como interessante e historico vem sempre o *Conimbricense*?

O meu amigo vê como se acha asphyxiada a politica interna. Paz geral. Credito ascendente, dentro e fóra do paiz. Emprezas que se organisam, levando a pratica importantes melhoramentos materiaes, não só em Lisboa, como nas mais povoações do reino. Trabalho geral, quer industrial, quer agricola, escanceando os braços. Bem estar relativo em todas as classes....e que mais? Isto cá dentro...E é um quadro lisonjeiro, apesar da reserva ser chamada a cumprir com os seus deveres!

A opposição esfalfou-se. Era intempestivo o chamamento da reserva, por desnecessario, e porque—fatal argumento!—roubava braços á industria e á agricultura, e os salarios augmentavam. Hoje, reconhece-se a razão de ser da medida, e o tino e sensatez com que andou o ministro da guerra.

Os desgraçados acontecimentos de Hespanha—acontecimentos previstos—desmentiram as asserções da opposição. A partida de 200 homens entrada por Traz-os-Montes, devia ter na fronteira quem lhe contivesse os impetos e a desarmasse. Aquelles pontos desguarnecidos, favoreceriam os planos dos carlistas, e collocariam aquellas povoações n'uma situação penosa. Lá percorrem a fronteira, em columnas volantes, os regimentos de infanteria 13, cavallaria 6 e 7 e o batalhão da caçadores 7. Na torre de S. Julião ha alojamento para 500 homens.

—Vão muito adiantados os trabalhos do caminho de ferro americano, e dentro em pouco Lisboa terá mais um melhoramento, accessivel a todas as bolsas. Trabalha-se com actividade, e não vem longe o dia da sua inauguração, pelo menos de Santa Apolonia ao largo do Conde Barão.

O caminho Larmanjàt continua na sua exploração activa e diaria. Consta-me que vão

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXXXVII

D. CARLOS

XXXVII

Com a emigração de Cordova para França em Julho de 1836, e os successos politicos que tiveram logar por então, ficou como paralisada a acção do exercito liberal, que em vez de procurar o combate, parecia evital-o.

D. Carlos, que escolhera nos fins de 1835 a Oñate para sua residencia, permaneceu nesta povoação até 12 de Fevereiro de 1836, em cujo dia saiu para Durango. Em meados de Março se trasladou a Elorrio, d'aqui em 11 de Maio a Villarreal de Guipuscoa, e depois a Villafranca, onde permaneceu até 29 de Julho, em que por Goiaz, foi a Azpeitia. Em 10 de Setembro marchou para Toloza, e a 12 saiu a percorrer a linha de S. Sebastião e do Bidassoa, acompanhado do infante D. Sebastião.

O general Oráa, que por ausencia de Cordova, tomara o commando interino do exercito, marchou para a Navarra em 14 de Setembro, e em Arroniz atacou e bateu os carlistas.

A guerra continuava desorganisada na Catalunha. Aquelle enchame de partidas carlistas, se algumas mereciam este nome, occupadas unicamente em commetter puniveis excessos, desconheciam toda a classe de subordinação e dependencia, e queriam obrar sem sujeição alguma para entregar-se assim com mais liberdade á pilhagem.

A saude de Mina resentiu-se notavelmente com as operações do sitio de Hort e os successos de Barcelona, não lhe permittindo, não obstante o critico das circumstancias, dedicar-se ao descanso de que tanto necessitava.

Todos os feitos d'armas na Catalunha eram sanguinolentos; quasi nunca se dava quartel; e era tal o furor com que se batiam, que as propriedades eram tambem alli objecto da vingança de uns e outros, e se incendiavam casas e povos.

Apezar da distancia que separava Oñate da Catalunha, sabia-se na côrte carlista o pouco que adeantava a guerra naquelle paiz; e por isso foi nomeado Maroto para a ir dirigir.

Em fins de Agosto de 1836 chegou Maroto á Catalunha, atravez de mil riscos, entrando por um dos portos das montanhas de Nuria.

O principio das operações de Maroto foi infeliz. Indo pôr no dia 6 de Setembro cerco a Prats de Llusanés, teve de levantar o campo no dia 9, por ser atacado pelas forças liberaes commandadas por Ayerbe, que com 3:000 infantes e 300 cavallos correra em soccorro da praça.

Consideravel foi a perda dos carlistas, sendo a maior de todas o descredito de Maroto, cujo commando se fez desde então, senão de todo o ponto impossivel, pelo menos muito difficil, porque perdera a força moral tão necessaria na guerra.

Ayerbe atacou em seguida ao barão de Ortafá, que era commandante em segundo ás ordens de Maroto; derrotou as forças carlistas, ficando morto no campo o mesmo Ortafá, e perecendo tambem o seu filho. Este acontecimento desacoroçoou de todo a Maroto. Vendo-se este ameaçado pela retaguarda, dirigiu-se por Sora a Mombreu, onde cumpriu o seu proposito de deixar o commando.

Acompanhado dos seus ajudantes e de uma companhia de infanteria, foi pernoitar a Campelles, mandando ao mesmo tempo que os dispersos se dirigissem a Castellá de Nuc.

No dia 5 de Outubro, passando pelas immediações de Rivas, deixou o seu acompanhamento no santuario de Nuria, e adeantou-se só a Llina, aonde, sendo reconhecido, foi preso pelos gendarmes francezes, e logo o intendente Labandero e seus ajudantes, que chegaram depois ao mesmo ponto.

Conduzido de carcere em carcere até Perpinhão, encerraram-no em um calabouço, até que o internaram em Tours. Decorrido tempo poude subtrair-se á vigilancia dos seus guardas e chegar a Bourdeus, em cuja cidade escreveu a D. Carlos, o qual nella lhe mandou esperar ordens, e o resultado do expediente instruido em averiguação do seu comportamento no commando da Catalunha.

Muito duramente se tem julgado pelos inimigos de Maroto o seu governo da Catalunha, e ainda que indubitavelmente poderia ter feito mais do que fez, é certo que esta empreza era para outro caracter que o de Maroto, ainda que forte.

No estado em que se achavam os carlistas no principado, era necessario um conde de Hespanha, capaz de organisal-os, ou um homem que levasse um exercito para dominal-os e abundancia de dinheiro para os satisfazer. Nem uma, nem outra cousa levava o chefe, e foi mal recebido, como era de esperar.

A guerra da Catalunha estava, pois, condemnada a seguir por algum tempo mais em um estado tão deploravel para o paiz; pesando sobre a provincia todos os males inseparaveis da desordem, e a falta de unidade das partidas que a percorriam.

Desde que regressou Mina a Barcelona, das suas excursões ao principado, não lhe permittiu a sua saude voltar a sair a campo, tendo-o substituido interinamente no commando D. Francisco Serrano, que se deu a conhecer a 6 de Outubro com uma allocução enthusiasta, na qual mostrava a sua confiança no valor e disciplina das tropas, para limpar o principado de carlistas.

Aquelle homem cujo physico se assemelhava a sua vontade de ferro, que marchando á frente da sua tropa sobre uma mula, por não poder resistir aos movimentos impetuosos do cavallo, dava as ordens contra o inimigo, acompanhadas das queixas que as suas dores lhe produziam, sucumbia á gravidade de seus males, adquiridos no serviço da sua patria.

A claridade de seus brilhantes olhos se amortecia; a cor de seu rosto impallidecia; a valentia da sua voz se apagava, e só o fogo do enthusiasmo ardia naquelle coração esforçado, palpitando sempre pela patria.

Assim foi a morte de Mina, occorrida a 24 de Dezembro de 1836, na edade apenas de 53 annos e alguns mezes.

Ainda, porem, em vida de Mina, se haviam passado acontecimentos gravissimos, de que nos vamos occupar.

Cabrera via má a sua situação, e julgando tudo perdido, alarmou-se. Em posição tão critica julgou dever redobrar a violencia e a do-

ser reduzidos os preços de transporte. São elevados, e o meu amigo sabe que o motor da concorrencia é a baixa no preço.

—A questão do correio geral vae produzindo as suas consequencias, não sei se naturaes, se arbitrarias. Vejo no *Diario do Governo* o decreto demittindo Antonio de Macedo Mengo de praticante do referido correio. Mas eu não sei se estes eram os tramites legaes a seguir. Demitte-se o accusador, entretanto que se não sabe o resultado da syndicancia, e estando ainda pendente uma outra syndicancia a um primeiro official, accusado pelo sr. Mengo! Quanto a mim, devia esperar-se pela conclusão de todo este negocio, convencer o empregado de calumniador convicto, e soffrer as consequencias da sua leviandade e da sua má fé.

Dizem-me que as accusações feitas pelo sr. Mengo, não são de todo o ponto infundadas. E tanto que o sr. ministro das obras publicas não hesitou em fazer algumas demissões. Não sei porem, em que pára este negocio, mas heide informar-me. Não quero que se abuse do direito da força, calcando consciencias rectas. Eu, no logar do sr. Mengo, se todas as asserções avançadas, partissem de uma convicção intima, iria mais longe. Não conheço o empregado de que se trata. Insuspeito sou, por isso, nas apreciações que faço a respeito deste negocio.

—Vae o meu amigo ter uma festa esplendida no dia 27 do proximo mez, nas cercanias d'essa cidade. Refiro-me á inauguração do monumento do Bussaco, que será feita com toda a solemnidade. As tropas deverão acampar com antecedencia, a fim de se exercitarem nas diversas manobras e no simulacro da batalha. Diz-se que será convidado o exercito inglez, como tambem os bravos que fizeram a guerra peninsular, residentes em Portugal, ou sejam portuguezes ou inglezes. O campo deve ser ornado de tendas de campanha, com mastros embandeirados.

—Acerca da proposta do sr. barão de Rueda, para o acabamento do aterro, diz-se que alguns vereadores opinam para que se não ceda o acabamento do terreno á companhia particular. Que pertence a camara fazer essa obra, revertendo em favor do municipio os lucros que por ventura poderiam auferir as emprezas particulares. Deve haver uma larga rua arborisada e ajardinada em diversos pontos, construindo-se no sitio de Alcantara um grande mercado de tojo e de porcos, bem como um matadouro de porcos e outros mercados. Não sei se a camara ainda bem n'este negocio, rejeitando a proposta do sr. barão, e fazendo a obra por sua conta. Póde fazel-a, mas ha de ser mais morosa e lutar com difficuldades financeiras, porque o municipio de Lisboa, apesar do seu rendimento, tem numerosos encargos a satisfazer, e a obra projectada demanda de grande capital, de que a camara não póde dispor.

—Tivemos ante-hontem aqui nada menos de seis incendios... cinco devidos ao acaso, e um que se desconfia foi posto. Este ultimo, diz o *Diario de Noticias*, foi na travessa da Palha, no 2.º andar do predio n.º 92, n'um escriptorio de negocios ecclesiasticos, e onde mora o sr. vigario geral de Goa, que se queixa da falta de objectos de roupa, joias e pratas, no valor de 2:000$000 rs. Já foram apprehendidos em casa de um individuo, a que se passou busca, alguns dos objectos roubados. *Ha todos os indicios de que foi lançado, pois se encontrou o sobrado impregnado de petroleo.* Accrescenta o *Diario* que este é o facto, como se conta no publico, e como o averiguou a policia, e o observaram as pessoas que acudiram ao sinistro. *Insistimos nesta circumstancia, porque a politica já entrou com os fogos, e nós não queremos entrar com ella. Faça-a quem quizer politica á sua vontade, que nós fazemos noticias.*»

Anda aqui a internacional. Mas, peço perdão ao redactor do *Diario*. Ao jornalista não lhe corre unicamente o dever de fazer noticias. Cumpre-lhe tambem stygmatisar o procedimento dos desvairados, e pedir o castigo para os culpados, quando elles sejam descobertos. Proceder d'esta forma, não é fazer politica. É ser atalaia vigilante do bem estar de todos, e esta missão, a todos cumpre desempenhar.

Vê-se por isto que o petroleo quer inaugurar o seu reinado. Esteja pois, a policia de sobre-aviso.

Segue viagem para a Allemanha a esposa e filha do distincto escriptor e proprietario e redactor do *Jornal da Noite*, o sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos.

Continua um calor suffocante.

P. J. Conceição.

NOTICIARIO

O recolhimento do Paço do Conde de Coimbra.—O recolhimento das convertidas do Paço do Conde, estabelecido na rua das Solas desta cidade, foi fundado pelo bispo de Coimbra, D. João de Mello, que governou o bispado desde 1684 até 1704. Era para nelle se recolherem não só aquellas mulheres moças, que estivessem em imminente perigo de sua honestidade, se não tambem aquellas que quizessem apagar com sincera penitencia as suas desenvolturas e peccados.

No tempo da fundação aceitou o bispo D. João de Mello 23 recolhidas, que sustentou das suas rendas, e este numero se conservou em quanto o edificio não teve accommodações mais amplas; depois do que os bispos de Coimbra admittiam aquellas que bem lhes parecia. Em Novembro de 1787 existiam 38.

Habitam hoje no edificio que foi dos condes de Cantanhede e marquezes de Marialva, na rua das Solas. Antes deste se comprar estiveram em casas arrendadas.

Não teve esta casa na sua origem dotação e rendas proprias; mas só as esmolas dos bispos; até que D. Filippa Theresa de Noronha lhe deixou no seu testamento o juro de sete mil cruzados, para com este rendimento se sustentar um capellão no recolhimento das convertidas do Paço do Conde, tendo a obrigação de dizer missa todos os dias por sua alma, exceptas duas em cada semana, que deixou livres e á hora que conviesse ás recolhidas.

Por sua disposição ficou a eleição do capellão aos seus testamenteiros, que foram os membros da mesa da congregação de Nossa Senhora da Doutrina, erecta na casa professa de S. Roque de Lisboa, pertencente á Companhia de Jesus. Em resultado da extincção da Companhia, foram a administração e rendas das extinctas confrarias da casa professa de S. Roque mandadas passar para o hospital de S. José, pelo aviso de 19 de Janeiro de 1782, com obrigação de satisfazer aquelles encargos, de cuja falta se seguisse prejuizo de terceiro.

Assim o padre Dionisio Alexandre da Costa, ultimo provido pela confraria, tendo sido suspenso, foi mandado continuar por provisão da mesa da administração do hospital de 23 de Dezembro de 1785, assignada por Pedro da Cunha Mendonça, conego da Basilica, e thesoureiro executor da fazenda do dito hospital, e pelo escrivão da mesma fazenda; tendo o ordenado de 140$000 rs. annuaes.

Alem da mencionada capella, deixou mais a dita D. Filippa Theresa de Noronha ao recolhimento do Paço do Conde, quarenta mil cruzados, para que pondo-os a juro, tivessem de renda as recolhidas para a sua sustentação, dois mil cruzados, com obrigação de darem guizamento para a capella.

Com este dinheiro compraram um grande prazo da mitra no couto de Villa Verde, que era de Filippe Saraiva de Sampaio e Mello, constando de terras, marinhas, foros e rações, por trinta e um mil cruzados e 360$ rs., isto é, 12:760$000 rs. Compraram mais dois cerrados, uma insua, e uma casa de sobrado, pertencentes ao dito prazo, por 500$000 rs.

Deixou-lhes mais em testamento o padre Bento da Cunha, uma casa e terras de campo

---

reza, afim de conter a sua ruina já imminente. Nas medidas severas que adoptou para conter a deserção, o ajudou o seu inseparavel amigo Forcadell, e não perdoaram ambos esforço algum para reunir todas as partidas soltas, fazendo assim difficil o abandono das fileiras.

Esperava Cabrera que passasse Palarea por Peñaroya, e o esperou, situando-se em uma altura immediata a este ponto, e Quilez em Monroyo. Alguns confidentes enviados para averiguar a situação de Palarea, caem em poder deste, e sabedor por estes do plano dos carlistas, marcha rapido a Monroyo para atacar a Quilez, que se vê accommettido quando ainda esperava o regresso dos espias. Rodeado por todas as partes de inimigos, abandona o povo e abre passo por entre as bayonetas liberaes, marchando em desordem a Beceite com bastante perda.

Não foi só o desastre de Monroyo o que teve a lamentar Cabrera. O Serrador e Torner foram batidos no mesmo dia pelos coroneis Villapadierna e Montero, o primeiro em Chert e o segundo em Pauls.

Estes e outros revezes, golpes tão grandes, foram causa de uma nova subdivisão das forças carlistas, a fim de burlar a perseguição, distrahindo a attenção do inimigo a cem pontos ao mesmo tempo.

Cabrera recommendou aos chefes daquellas pequenas partidas, que não compromettessem nenhuma acção, e conservassem a todo o custo a gente, pagando-lhe bem, sem reparar nos meios; que procurassem não ser surprehendidos, sendo em caso contrario castigados, até com a morte.

Adoptou outras providencias, e com dois ajudantes e seis cavallos marchou a Cardona, termo de Vallibona, onde entabolou relações com o fim de se apoderar de Peniscola.

Assim descuidados os carlistas, as columnas liberaes operavam sem encontrar inimigos que combater, e annunciaram a sua desapparição. A consequencia deste fatal erro, foi dirigir algumas forças á Navarra e Catalunha. Em breve se notou a sua falta, porque voltaram a reunir-se os inimigos, e já não foram sufficientes as forças restantes para se opporem aos que impunemente se tinham organisado, prevalecendo-se de tão crédula confiança.

Falhou o plano de Cabrera sobre Peniscola, e correu a Cenia, em cujo ponto convocou a todas as partidas, e á frente de uns 1:000 infantes e muitos poucos cavallos, marchou a Galera, a cujas cercanias chegou ao amanhecer do dia 23, com animo de surprehender a uma columna liberal que se alojava no povo. O chefe carlista recommendou um completo silencio aos seus, e lhes deu aguardente. A força liberal saiu no entanto do povo em direcção opposta para Tortosa. Cabrera, então, disse aos seus caçadores:

«Rapazes, aqui comigo; os demais que sigam o nosso exemplo; na intelligencia, que se observo cobardia em qualquer, official, ou soldado, será immediatamente passado pelas armas: armar baioneta, e adeante.» E seguiu como formando a retaguarda de seus inimigos, que ignoravam tão perigosa visinhança.

Na ponte do Alcance, a uma hora de Tortosa, se encontraram os carlistas com as bagagens e se apoderaram dellas. Alarmou-se então a columna; porem antes que tivessem tempo de se preparar, lança-se Cabrera com o pau na mão á frente dos seus caçadores, infunde o panico nos contrarios, não podem ordenal-os os chefes e se declaram vencidos sem pelejar. Fugitivos, entraram dispersos em Tortosa, cuja artilheria disparou alguns tiros, e de cuja praça saiu uma columna a proteger a retirada dos seus companheiros.

Este acontecimento valeu muito a Cabrera, e officiaes e soldados, todos queriam seguil-o e não se separar delle, ainda que morressem ao seu lado.

Depois de pernoutar em Santa Barbara, marchou no dia seguinte a Cenia, onde disseminou a sua gente, dando-lhe a ordem de se reunir a 2 de Fevereiro nos portos de Beceite. Seguiam, porem, a Valjunquera, ao mesmo tempo que uma columna liberal pernoutava em Torrecilla. Sabedor Cabrera da sua aproximação, avança a este povo, occupa as suas avenidas, officia a Añon para que o ajude, e ainda que este não chega, cae sobre os seus contrarios ao vel-os marchar para Castelseras, e os desordena a surpreza, correndo a refugiar-se neste ponto e Calanda.

Vamos agora começar o prologo de um drama sanguinolento, de uma tragedia horrivel.

Acabamos de dizer que Cabrera officiou a Añon para que o ajudasse a surprehender e bater a columna de Torrecilla. Este officio caindo em poder do alcaide de Valdeagorfa, foi por este aberto, enviando o original a Alcañiz e uma copia a Calaceite. O primeiro foi interceptado por uma partida carlista, que o fez chegar ás mãos de Cabrera, o qual nelle leu o seguinte:

«Os facciosos acham-se em Valjunquera, e provavelmente, segundo o manifesta o papel junto, cairão ao amanhecer sobre a columna que está em Torrecilla. Apresse-se a salvar aquella força; porque se a não auxilia, e de prompto, será destroçada.»

Não necessitou mais Cabrera, e ainda que triumphou no dia 5 em Torrecilla, batendo a columna do marquez del Palacio, prendeu ao alcaide de Valdealgorfa, e o fuzilou no dia 6 na Fresneda.

O alcaide de Torrecilla, foi tambem preso e fuzilado, assim como o das Parras. O seu delicto era o terem obedecido ás ordens do governo.

Estes fuzilamentos foram um assassinato, como o foram os castigos impostos a alguns confidentes.

Tão cruentas execuções encheram de consternação ao paiz, e para a augmentar, para diffundir o maior terror, para fazer sem duvida tremer ao simples nome de Cabrera, publicou este um novo bando, que fez circular, e cujo terrorismo obrigou a maior parte dos alcaides e camaras municipaes dos povos a abandonal-os e refugiar-se nas povoações guarnecidas.

Por denuncias soube-se que os carlistas preparavam uma conspiração em Tortosa; e por ordem de Mendizabal, datada de 18 de Janeiro de 1836, marchou Nogueras a Tortosa, para proceder contra os criminosos.

Antes mesmo de chegar a Tortosa, sabe Nogueras o fuzilamento dos tres alcaides, mandado fazer por Cabrera, assim como o fuzilamento de muitos prisioneiros liberaes, apezar de se lhe terem entregue sob palavra.

Nestas circumstancias dirigiu Nogueras, de Calaceite, em 8 de Fevereiro, ao capitão general da Catalunha e ao governador de Tortosa um officio, verdadeiramente infame, o qual pela sua alta gravidade, e terriveis consequencias que teve, entendemos dever aqui transcrevel-o na integra:

«O sanguinario Cabrera fuzilou antes de hontem na Fresneda aos alcaides de Torrecilla e Valdealgorfa por terem cumprido com o seu dever. O barbaro Torner deu pancadas de morte a um paizano que conduzia um officio, cujos horriveis attentados tem amedrontado as justiças, em termos que as nossas tropas carecerão de avisos e de soccorros se se não põe termo a estas demasias; e por isso rogo a v. s.ª, *pelo bem que hade resultar ao serviço da rainha nossa senhora*, **mande fuzilar a mãe do rebelde Cabrera,** dando-lhe publicidade em todo o districto, prendendo alem disto a *todos os seus irmãos e irmãs*, **para que soffram egual sorte,** se elle continuar assassinando innocentes.

«Rogo a v. s.ª egualmente que mande prender, para que sirvam de refens, a todas as familias dos cabecilhas e intitulados officiaes que existam nesse districto. O que tenho a honra de manifestar a v. s.ª, rogando-lhe se digne mandar ao governador de Tortosa, **que leve a effeito a morte da mãe do sanguinario Cabrera, no caso que o não tenha verificado.**

«O que communico a v. s.ª, para que o faça saber a todos os povos do districto, **devendo v. s.ª mandar fuzilar as mulheres, paes, ou mães dos cabecilhas do Aragão,** que commettam eguaes attentados que o feroz Cabrera.

«Deus guarde a v. s.ª muitos annos. Calaceite 8 de Fevereiro de 1836.—*Agostinho Nogueras.*»

(Continuar-se-ha.)

Joaquim Martins de Carvalho.

a monte no sitio da Pedrulha, deste concelho de Coimbra, no valor de 1:000$000 rs. Em 1787 rendiam dois moios e 20 alqueires de milho, e 20 alqueires de feijão.

O conego Nuno Pereira da Cunha instituiu mais dois logares de convertidas, para o que lhes doou 2:000$000 rs., alem de outras quantias para do seu rendimento se darem rs. 24$000 a cada uma; sendo os sobejos accumulados até que com elles se podessem crear mais logares. Com effeito foram creados outros dois por provisão do bispo D. Francisco de Lemos, de 28 de Fevereiro de 1795; tempo em que o dito fundo accumulado tinha chegado a oito mil e quinhentos cruzados. E por provisão do mesmo bispo D. Francisco de Lemos, de 24 de Outubro de 1797, foi creado 5.º logar.

Em 1806, por informação do confessor padre João Ribeiro da Rocha, consta que o fundo era então de 5:700$000 rs., e estavam creados 5 logares, que faziam de despeza um anno por outro, 158 a 160 mil reis.

O prazo de Villa Verde andava arrendado em 1808 por um conto de reis; e nesse anno eram 29 as convertidas.

Ácerca deste prazo correu dilatado litigio. O recolhimento foi demandado por D. Mathilde Joanna Saraiva, e seu marido Miguel Diogo da Gama Lobo, que pretenderam reivindicar o prazo, com o fundamento de que elle se achava comprehendido no vinculo do morgado, que em seu testamento instituira o deão Luiz Pereira de Mello.

Por breve de 14 de Julho de 1790 foi concedido ao recolhimento do Paço do Conde o ter o Santissimo Sacramento na sua capella interior, em quanto se concertava a publica.

Os estatutos deste recolhimento foram redigidos em 1753 pelo padre confessor Luiz Antonio Ferreira, e approvados pelo bispo D. Miguel da Annunciação em portaria de 15 de Junho de 1754.

O padre confessor é nomeado pelo prelado da diocese, e o padre capellão é apresentado pelo enfermeiro mór do hospital de S. José de Lisboa, na forma da instituição da capella de D. Filippa Theresa de Noronha, da mesma cidade.

Esta casa tendo sido primitivamente instituida e fundada principalmente para mulheres convertidas da vida do mundo, debaixo da invocação de Santa Maria Magdalena, o bispo D. Joaquim da Nazareth julgou conveniente mudar-lhe o instituto, fazendo della recolhimento de meninas pobres, pelo que lhe deu a nova invocação, que agora tem, de Nossa Senhora das Necessidades do Paço do Conde.

Neste intuito foram feitos novos estatutos, approvados pelo referido prelado, e mandados executar em 3 de Maio de 1827. Foram escriptos pelo seu secretario o padre José Lopes da Cruz, que então era confessor do recolhimento, e depois foi conego da Sé Cathedral.

Actualmente é regente do recolhimento do Paço do Conde, a sr.ª D. Maria Candida da Cruz; capellão é o sr. padre Antonio Joaquim de Sá Mendonça, e confessor e administrador é o sr. padre Ignacio de Carvalho e Freitas Junior.

Como se vê pelo que acima dissemos, a primitiva instituição deste recolhimento era principalmente para mulheres, que arrependendo-se da sua vida se queriam afastar do mundo; agora, porem, segundo a reforma do bispo D. Joaquim da Nazareth, em 1827, só se admittem pessoas de bom comportamento.

São alli recebidas de tres classes— recolhidas, a quem seus paes, ou parentes querem acautelar de algum perigo; meninas educandas; e senhoras que expontaneamente para alli queiram ir viver.

Na actualidade estão no recolhimento do Paço do Conde 33, e ha sempre muitas meninas a pretenderem entrar para o recolhimento.

As rendas dos bens doados ao recolhimento, de que já fizemos a descripção, tem pelas vicissitudes do tempo decaido muito, de forma que aquelle estabelecimento luta com muitas difficuldades: e só deve a sua existencia a uma zelosissima administração e á protecção de pessoas bemfazejas.

Para a admissão tem de se dar de piso 20$000 rs., alem do competente enxoval; e por mez 4$800 reis.

Ultimamente, porêm, tem-se pedido 6$000 reis, porque em razão do elevado preço dos generos, se tem reconhecido a quasi impossibilidade de se sustentarem por menor quantia.

Devemos advertir que 9 das actuaes recolhidas, pela sua extrema pobreza, são soccorridas por pessoas caridosas e com aquillo que a casa, com os seus fracos meios, lhes póde dispensar.

Tem medico da casa, que é o sr. Dr. João Antonio de Sousa Doria; mas como a sua gratificação é muito limitada, attentas as pequenas posses do recolhimento, se a doença offerece gravidade, tem as familias das recolhidas de pagar a um medico á sua custa.

Bem merecedora é esta respeitavel casa, de ser protegida pelas almas bemfazejas, em razão da muita utilidade que presta ao publico.

Dentro do recolhimento ha uma bonita capellinha. Em razão, porem, da sua pequenez quizeram as recolhidas em 1820 ligar com um arco, por cima do beco das Canivetas, o seu recolhimento, com as casas da esquina daquelle beco e da rua das Solas, onde tem a sua loja de barbeiro o sr. José dos Santos, as quaes pertencem ás recolhidas; e fazer alli uma capella mais ampla.

Não poderam, porem, realisar esse intuito; porque a isso se oppoz o celebre juiz do povo, José Pedro de Jesus, que morava na rua das Solas.

A proposito do juiz do povo José Pedro de Jesus.—Ahi vae uma allocução delle em 1809:

O JUIZ DO POVO DE COIMBRA
AO POVO DA MESMA CIDADE

A confiança que em mim tendes posto, amados patricios, junta ao dever do meu cargo, me põe na necessidade de vos prevenir contra a impressão, que em vossos animos possa fazer a perpetua alternativa de novidades exaggeradas, já ao ponto de vos fazer entregar a um socego perigoso pelo agradavel dellas, já ao extremo de vos aterrar, e, se fosse possivel, fazer perder o animo que sempre tendes mostrado.

Sim, povo fiel e honrado, povo de Coimbra, nesta cidade grassam todos os dias noticias, que se fazem suspeitar pelas exaggerações absurdas com que são contadas; e quem duvida que isto seja obra daquelles que desejam favorecer o partido dos nossos inimigos, ou seja aterrando, ou adormecendo a nação?

Por tanto tenhamo-nos firmes em o meio termo. O nosso inimigo não é senhor da Hespanha, nem o será com a ajuda de Deus; esta nação briosa derramará todo o seu sangue primeiro do que consinta declarar-se escrava do maior dos tyrannos; mas se acaso o delirio em que Napoleão se acha, causado pelo transtorno de seus ambiciosos e malignos planos, o conduzir até o ponto de arrojar ás nossas fronteiras alguma porção desses infelizes, que com facilidade sacrifica a seus vãos caprichos, corramos a arrostal-os. Povos livres nunca temeram exercitos de escravos. E de os temermos que se nos seguiria? A morte! E ainda peor, para os que vivessem, a escravidão a mais vergonhosa, a mais terrivel!

Pois bem, concidadãos fieis e honrados, povo valeroso, temos lançado mão das armas, não as larguemos, sem vencer; e se fôr necessario morrer, a morte é preferivel á vil escravidão: cada francez, vós o sabeis, se considerou entre nós um senhor despotico, que exigia das pessoas mais respeitaveis, officios os mais servis.

E' justa a causa que defendemos; e qual de nós duvidará sacrificar-se pela justiça? Eu não creio, que haja um só, que queira poupar-se; mas se elle existe, fuja e trema de nós, o seu nome odioso será riscado da lista dos portuguezes.

Portanto, amigos fieis, unamo-nos firmes debaixo das ordens sempre respeitaveis do nosso excellentissimo commandante, que pela sua sabedoria, virtudes, e valor, tão conhecido se nos fez, quando para sacudir o terrivel jugo *francez* tomou conta do governo desta cidade, então ameaçada de mais perto, sem armas, e sem outros meios de defeza mais que o valor de seus habitantes. Armas, valor, tudo vence.

Coimbra 23 de Janeiro de 1809—O juiz do povo, *José Pedro de Jesus.*»

A derrota do exercito inglez na Corunha, e morte do seu general John Moore, tinha incutido graves receios de que o marechal Soult invadisse, como effectivamente veiu a invadir, Portugal. Era debaixo dessa impressão, que o juiz do povo de Coimbra, José Pedro de Jesus, fez a allocução que deixamos publicada.

Não contente, porém, com isso, teve o atrevimento de se dirigir ao coronel Nicolau Trant, commandante nessa epocha de Coimbra, querendo dar-lhe regras sobre as operações militares, e pedindo ser informado de tudo o que se passava.

O coronel Trant deu parte deste facto ao marechal Beresford, que se achava em Thomar. Irritado com isso o marechal, dirige daquella terra, em data de 9 de Abril de 1809, ao juiz do povo de Coimbra, uma carta, contendo uma severissima reprehensão, e terminando por lhe dizer o seguinte: — «Ordeno que v. m. immediatamente venha a este quartel general, informar-me do estado de cousas em Coimbra, para que eu possa por elle governar os meus movimentos, e para que v. m. responda do seu procedimento, em ser atrevido em dictar aos officiaes militares sobre o que diz respeito ao serviço.»

A quinta do Cidral—Esta aprasivel quinta, nos suburbios desta cidade, a qual faz parte dos bens que possuia o sr. conselheiro José Maria de Abreu, e que este generoso bemfeitor destinou para que por morte de sua esposa fossem entregues aos asylos da infancia e de mendicidade, e hospital da Ordem Terceira; era até á extincção das ordens religiosas, do collegio dos conegos seculares de S. João Evangelista, ou dos Loios, desta cidade.

Foi o padre Antonio de S. Pantaleão, que comprou esta quinta, quando em 1639 veiu ser reitor do collegio dos Loios; e nella costumavam os religiosos do collegio ir passar as ferias dos seus estudos.

Triste agouro.—Quando pela reacção de Villa Franca, de 1823, caiu a constituição de 1822, ausentaram-se logo para Inglaterra alguns dos homens mais compromettidos, que receiavam as perseguições do governo absoluto.

Em Londres formaram um gremio, para empregar os meios que estavam ao seu alcance, a fim de restabelecerem outra vez o systema liberal neste reino.

A esse gremio pertenciam José da Silva Carvalho, João Bernardo da Rocha, Francisco Simões Margiochi, o general hespanhol Francisco Espoz e Mina, e outros.

Um dos agentes que tinham no Porto, era o advogado Manoel Luiz Nogueira; e quando um dos do gremio, para ajustar com elle a cifra da correspondencia, abriu ao acaso o livro das Ordenações, que estava sobre uma mesa, saiu á sorte o livro 5.º, e o titulo que tinha, como se fosse em letras de sangue, os crimes e penas de lesa magestade!

Estranharam todos o ruim agouro, que esconjuraram, e mudaram a cifra para outro livro e titulo innocentes. Debalde, porem, porque o honrado Nogueira veiu a ser enforcado no dia 7 de Maio de 1829, na Praça Nova do Porto, por ter aceitado da junta provisoria do governo supremo do reino o cargo de juiz de fora!

Os doces das freiras de Cellas e de Santa Clara—São muito afamados os doces de varias qualidades, feitos pelas religiosas dos conventos de Cellas e Santa Clara desta cidade. O que, porem, não é geralmente sabido, é que estes doces são pelas religiosas fabricados desde antiga data.

Possuimos uma visitação que no dia 3 de Agosto de 1652 fizeram os padres Luiz das Chagas e Antonio da Madre de Deus, da congregação dos conegos seculares de S. João Evangelista, ao hospital das Caldas da Rainha, sendo provedor do mesmo hospital o padre Pedro da Annunciação. Achava-se nessa occasião el-rei D. João IV a curar-se no referido hospital de um *estupor* no braço direito.

Dessa curiosa visitação, que um dia havemos de publicar na integra, extractamos o seguinte, que vem para o nosso intento:

«Louvámos tambem ao padre provedor e almoxarife a obediencia com que nestes dias, que assistimos a sua magestade, se houveram acudindo a tudo o que se lhes ordenava, com grande humildade, e extremada paciencia, com tanta diversidade de gente, não reparando em assistir a todos com muito bom tratamento, e ao nosso secretario com dois companheiros, posto que tambem o alliviámos de vir acompanhando a sua magestade de Lisboa até este hospital, como tinha de obrigação; e não só tomámos este trabalho por nossa conta, mas tambem o presente, que ao dia seguinte, que chegou, lhe devia mandar; o que nós fizemos com meia duzia de caixas grandes de varios doces, convem a saber: pecegos cobertos de Cellas de Coimbra, e ameixas de Santa Clara cobertas; alcorsa de Arouca, confeitos de rosa do Porto, marmellada fina e cidrão de Cellas: e pela estimação que fez dellas, mandando-as á rainha a Cintra, se vê o quanto convem não faltar nesta obrigação e reconhecimento.

«E ainda em os mais dias de assistencia o mostrámos com particulares mimos de alguns consideração, que a terra e circumstancias davam de si, no que mostrava muita estimação e agradecimento, principalmente dos lacticinios que lhe mandavamos vir da nossa quinta da Ventosa, fazendo outrosim muitos presentes de peixe a todos os senhores da côrte, o qual mandavamos vir de Peniche, por via do nosso caro Domingos Vianna, e tambem frutas da quinta do Oratorio.»

Pombos viajantes.—E' verdadeiramente prodigiosa a quantidade destas aves nas florestas da America. São tão grandes as legiões dos pombos nas suas viagens aerias, que chegam a interceptar a luz do sol e a lançar sobre a terra uma chuva copiosa de fezes semi-liquidas.

E' tal a força das suas azas, que podem em breve tempo percorrer e explorar, voando sempre, immensa extensão de campos. Para se avaliar a rapidez do seu vôo, basta referir o seguinte facto. Tem-se encontrado os papos destas aves, mortas nos arrebaldes de New-York cheios de arroz, que só podiam ter comido nos campos da Georgia e da Carolina. Digerindo os pombos selvagens os alimentos completamente em 12 horas, conjectura-se que atravessam em 6 horas uma extensão de 300 a 400 milhas, ou uma milha por minuto. Segundo estes calculos, os pombos viajantes podiam visitar a Europa, fazendo a viagem em menos de 3 dias.

Muitos naturalistas tem observado columnas destes volateis, com uma milha de largura, voando durante muitas horas sem interrupção, e calcularam que tão numeroso exercito devia constar de muitos milhões de individuos. Quando voam proximo da terra, o estridor das azas aturde os ouvidos, e imita o ribombo do trovão ao longe. São admiraveis as evoluções, que estas columnas compactas executam, especialmente quando o falcão e outras aves de rapina as accommettem.

Os habitantes fazem a estas aves uma guerra de exterminio. Na Pensylvania é trivial um só homem apanhar mais de 200 pombos em uma redada por uma só vez, e durante um dia colher mais de 6:000. Quando um d'esses grandes exercitos descança em uma extensa floresta, o povo corre de grandes distancias, e a caçada faz-se principalmente de noute. E' uma verdadeira carnificina. Os ramos das arvores chegam a vergar e a quebrar-se com o peso das aves. Espingardas, varas compridas, archotes, panellas cheias de enxofre, e outros petrechos, tudo é empregado para matar os pombos, e a terra fica alastrada de cadaveres. Durante muitos dias dura o banquete, e milhares de pessoas trabalham incessantemente em depennar, preparar e salgar carne de pombo, para ser exportada para muito longe. E' tal o exterminio, que os habitantes trazem grandes manadas de porcos, que se cevam em pouco tempo, e animaes carnivoros, tanto aves de rapina como mammiferos, acodem de toda a parte para devorar os restos da carnificina.

Saraiva.—Este meteoro, conhecido vulgarmente pelo nome de chuva de pedra, é um dos maiores flagellos da agricultura, pelas grandes devastações que produz nos fructos e vegetação.

Na provincia de Traz-os-Montes tem havido nos primeiros dias deste mez grandes trovoadas, caindo muita saraiva. Era frequente colherem-se fragmentos como o volume de ovos de pomba. Não deve admirar este facto, confrontado com os seguintes, que vem consignados nos tratados de meteorologia.

Halley affirma, que a 9 de Abril de 1697 caiu em Flistshire saraiva tão grossa, que muitos fragmentos pesavam 5 onças. Robert Taylor mediu a 4 de Maio de 1692 grãos de saraiva com 4 pollegadas de diametro.

Parent viu a 15 de Maio de 1703 em Hiers cair chuva de pedra da grandeza de punhos. Montignat colheu a 11 de Julho de 1753 em Toul fragmentos de gelo com 3 pollegadas de diametro.

Volta presenciou na noute de 19 para 20 de Agosto de 1787 uma tremenda saraivada, que assolou a cidade de Côme e seus arrabaldes, na Italia, e verificou que alguns fragmentos pesavam 9 onças. Tessier, dando noticia de uma espantosa tempestade que atravessou a França a 13 de Julho de 1788, encontrou globos de saraiva com peso de 8 onças. Noggerath, na saraivada que caiu em Bonn a 7 de Maio de 1822, reconheceu em alguns fragmentos o peso de 12 onças.

Em 1831 houve em Constantinopla uma chuva de pedras, caindo muitos fragmentos com o peso de 500 grammas. Em Tolosa, a 8 de Julho da 1834, houve um facto similhante. A 15 de Junho de 1829, em Caserta na Hespanha, uma saraivada destruiu os telhados das casas, havendo pedaços com o peso de 2 kilogrammas.

A romaria da Nazareth da Ribeira.—Não obstante o excessivo calor que se sentiu no dia 15 do corrente, foi muito concorrida aquella romaria. Alem das pessoas que o caminho de ferro transportou, muitas outras alli foram em carros e a pé. A bandeira regressou á tarde, indo ao mosteiro de Santa Clara, e ficando depois depositada na egreja do Carmo, d'onde havia saido de manhã. Na vespera houve illuminação na gradaria daquella egreja, estando tocando no local a philarmonica *Conimbricense*, e subindo ao ar muito fogo durante o tempo que a philarmonica se conservou alli.

Mais romarias.— No domingo ultimo houve diversas romarias nos suburbios desta cidade, e entre ellas a do Chão do Bispo. Não consta que a ordem fosse transtornada em qualquer d'aquelles ajuntamentos.

A festividade do Santissimo Sacramento em S. Martinho do Bispo.—Teve logar no domingo ultimo aquella solemnidade religiosa, com a costumada pompa. De manhã houve missa cantada e exposição do Santissimo Sacramento, com musica instrumental, executada pelas pessoas que desta cidade alli foram com este fim; foi orador o sr. vigario de Almalaguez, Antonio de Almeida Pedroso, que proferiu um eloquentissimo discurso, como pedia a excellencia do assumpto. De tarde pregou o mesmo orador, depois do que sahiu a procissão, com a maior decencia, levando 100 anjos, todos bem vestidos, e alguns com muita elegancia e com ricos adornos.

Era muito numerosa a concorrencia de pessoas, tanto desta cidade, como das circumvisinhanças; o socego publico foi completo.

E' para notar que n'uma freguezia tão importante como a de S. Martinho, e onde residem tantas pessoas opulentas e illustradas, se não tenha até hoje conseguido organisar alli uma confraria, que nos seus estatutos alliasse a ideia religiosa com a da caridade ou do soccorro mutuo.

Chegada.—Acha-se nesta cidade, onde chegou hontem, o sr. D. Manoel Ruiz Zorrilla, ex-ministro do rei Amadeu, em Hespanha.

Falta de sellos. — Tem-se-nos queixado de que em Coimbra não ha á venda sellos para cima de 2$000 rs., quando elles são exigidos em muitos contratos.

Effectivamente, estabelecendo a lei varios preços para os sellos, devia-os haver de todos esses preços.

Chamamos para este objecto a attenção da repartição competente, a fim de que se providenceie, e cessem assim os justos motivos de queixa.

Grande hotel Foz do Mondego —Consta-nos que o grande hotel *Foz do Mondego*, na Figueira da Foz, tem já 15 hospedes. Tem egualmente muitos quartos tomados para breve, inclusive 10 quartos para o sr. marquez de Pombal, que alli vae estar desde 20 do corrente até ao fim do proximo Setembro.

Cemiterio da Conchada—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Antonio Rosa, filho de Albino Pinto Moreira, de Coimbra, de 18 dias, fallecido no dia 10 d'Agosto.

D. Maria Michelina Roxanes, filha de Domingos de Carvalho e de Josefa Carvalho, natural de Coimbra, de 70 annos, fallecida no dia 13.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5:080.

Mercado de Coimbra no dia 18.—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 460 — Dito branco 440 — Dito Celorico meudo 580 — Dito graudo 480 —Milho branco 300 a 310 Dito amarello 280 a 290—Feijão vermelho 480—Dito branco da marinha 440—Dito da terra 420—Dito rajado 400—Dito frade 360—Centeio 450 —Cevada 240—Favas 300 — Tremoços 240 — Grão de bico 450—Chicharos 240— Batatas 200 — Azeite 1$160 — Vinho da Beira 1$000—Dito da Bairrada 1$200.

Nova publicação. - Recebemos hoje, e agradecemos, um volume de poesias, do sr. A. Cardoso Borges de Figueiredo Junior, intitulado—*Paulo*.

Noticias de Hespanha.—Os carlistas augmentam as suas forças em volta de Bilbau.

Corre o boato de que Sanchez Bregua, general em chefe do exercito republicano do norte, pedira a demissão.

O general Martinez Campos repelliu a sortida dos insurgentes de Carthagena, fazendo-lhes 300 prisioneiros.

ANNUNCIOS

1 NA NOITE de 14 do corrente perdeu-se na estrada da Beira, uma manta de lã, branca. Quem a achasse e a queira restituir receberá alviçaras. Nesta redacção se dirá a quem pertence.

2 ANTONIO BELLO DA SILVA BRAZÃO continua a leccionar instrucção primaria, portuguez, francez e desenhos, na rua da Trindade, n.º 17, admittindo alguns estudantes em sua casa por preços commodos.

DANTAS GUIMARÃES

24—Rua do V. da Luz—30

3 ACABA de receber este estabelecimento, uma porção de pannos esguiões abretanhados, bons e largos, para camisas e saccos, que vende a 120 rs. o metro! Um saldo de lindas chitas largas a 150 rs. o metro; lãs modernas para vestidos a 200 e 240 rs. o metro; linhos para vestido a 160 rs.

FIGUEIRA DA FOZ

Grande Hotel Foz do Mondego, proximo da praia de banhos

4 PREVINE-SE o respeitavel publico, que este estabelecimento, no qual se encontram todas as commodidades, como quartos e salas independentes, para familias, criadas para serviço de senhoras, etc., etc., se acha aberto desde o 1.º do corrente mez d'Agosto. Quem pretender informações sobre o mesmo, queira dirigir-se ao seu administrador, o antigo hospedeiro José Simões.

No mesmo estabelecimento se encarregam de dar banhos quentes aos hospedes, doces ou salgados, mediante ajuste convencionado. Tambem no mesmo hotel se falla inglez e francez.

NOVA DILIGENCIA

ENTRE COIMBRA E A FIGUEIRA DA FOZ

DE

João Adelino de Sousa

Com abatimento de 25 por cento dos preços das outras.

Parte de Coimbra e da Figueira ás 4 horas da manhã.

Ida—De Coimbra a Lavarrabos, 180 rs —a S. Martinho, 255—a Tentugal, 300—a Carapinheira, 420 — a Monte Mór, 495 — a Maiorca, 600—á Figueira, 750—toda a carreira fóra, 600.

Volta—Da Figueira a Maiorca, 150 rs. —a Monte Mór, 255 —á Carapinheira, 330 a Tentugal, 450—a S. Martinho, 495 — a Lavarrabos, 540—a Coimbra, 750 — toda a carreira, fóra, 600.

Venda de bilhetes — Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.º 105—Tentugal, na loja do sr. Nuno Augusto—Monte Mór, na loja do sr. João Novaes—Maiorca, na loja do sr. Fernando da Costa — Figueira, na loja do sr. José da Silva Fonseca, Praça do Commercio, n.º 52.

Bagagens —E' concedido a cada passageiro 15 kilos de bagagem, e o excesso paga 10 reis cada kilo.

OBSERVAÇÕES

1.ª As bagagens recebem-se até 5 minutos antes da hora da partida.

2.ª Os passageiros que se não apresentarem até á hora indicada da partida, perdem o direito ao uso do bilhete, os quaes, nos pontos principaes da partida, poderão ser comprados na vespera, e nos intermedios só á chegada da diligencia.

3.ª Todos os annuncios e cartazes, com relação a esta diligencia, com data anterior a esta, ficam de nenhum effeito.

Aviso—Do dia 1 de Setembro em diante esta diligencia será diaria; e até então sáe um dia sim, outro não

Coimbra, 18 de Agosto de 1873.

COMPANHIA REAL

DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

Fornecimento de balastro

6 NÃO TENDO convindo á direcção as propostas recebidas para o fornecimento de balastro do rio Mondego, kilometro 218, abre-se de novo concurso até ao dia 20 do corrente inclusivé.

O caderno de encargos está patente na estação de Coimbra.

As propostas devem ser dirigidas á direcção da companhia em Lisboa.

Pombal 14 de Agosto de 1873.

O chefe da 2.ª secção,

Gil de Almeida Sousa e Sá.

7 CONSTANDO ao illm.º cabido desta cathedral, que se acha annunciada a venda da quinta de Revelles, que fóra do illm.º João da Cunha de Sequeira Brandão, de Revelles, faz publico, para conhecimento de quem comprar, que a referida quinta pertence ao 1.º casal do prazo de Revelles, de que o mesmo é senhorio directo, e que paga de foro annual tres alqueires menos uma maquia de trigo—dois ditos e onze maquias de milho e 834 rs. em dinheiro— com ração de 5.º no campo, de 6.º no monte —de vinho e azeite—de 8.º e laudemio na forma da partilha. Faz-se este aviso para que se não allegue ignorancia, e se não repute allodial o que é foreiro.

VINHO DA BAIRRADA

8 A. A. DE CAMPOS E CASTRO, vende no Travasso, a 2 kilometros da Mealhada, 4 pipas de bom vinho tinto.

AGRADECIMENTO

9 POMPEU DE MEYRELLES GARRIDO, saindo de Coimbra mal convalescido, e não podendo por este motivo agradecer a todas as pessoas, que se interessaram em sua saude, durante a longa enfermidade que padeceu, o faz desta maneira, até que possa fazel-o de outra.

VENDA DE CASA

10 VENDE-SE a casa da rua do Carmo, n.º 28, com dois andares; contem loja de entrada, de amassaria, forno da pota, poço com agua, páteo e armazem para lenhas.

Quem quizer comprar dirija-se a sua dona Maria da Conceição Arreiola, com loja de cereaes, na rua da Sophia.

VINHO DA BAIRRADA

11 LUIZ RUIVO DE FIGUEIREDO vende 24 pipas de vinho branco (e algumas pipas d'elle tinto, especial), que tem na sua adega no logar da Antes, ao poente da estação do caminho de ferro da Mealhada, distante kilometro e meio. Mostra-o Antonio Gonçalves Pereira, d'alli, e ajusta-se com o annunciante.

12 A CAMARA MUNICIPAL desta cidade de Coimbra, manda annunciar, que deu as competentes ordens aos empregados de policia para que dessem caça nos cães vagabundos que infestam a cidade; e por isso convida a todas as pessoas que tenham cães d'estimação, a marcal-os com colleira na conformidade do art.º 16, n.º 8, do N. R. de Policia, e a prendel-os ou açaimal-os em todas as noites até 24 do corrente.

E para constar se passou o presente.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 18 d'Agosto de 1873.

O escrivão da Camara,

Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

AVISO

13 CLEMENTE ELIAS GOMES DE MATTOS e sua mulher, do logar de S. Silvestre, constando-lhes que Maria Theresa, hoje residente no Zambujal, tracta de vender os bens deixados por José Cassiano Rodrigues da Silva, do logar de S. Silvestre; previnem o publico para que não façam contracto algum sobre taes bens, porque se vai propor a competente acção para os haver na maior parte; e para que se não allegue ignorancia se faz este aviso.

Attenção

Farinha de trigo da acreditada Fabrica do Beato Antonio de Lisboa

AGENCIA, RUA DA REBOLEIRA, 27

PORTO

14 NESTA AGENCIA se encontra farinha de toda a qualidade, desde a mais fina até semea, e ensacada em muito boa sacaria.

Estas farinhas concorrem vantajosamente com a americana e hespanhola, tanto em preço como em qualidade.

Cumprem-se ordens das provincias.

NUMERO 2721 — SABBADO 23 DE AGOSTO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

JOAQUIM ANTONIO D'AGUIAR

24 de Agosto de 1792

Clarorum virorum facta moresque posteris tradere antiquitus usitatum, ne nostris quidem temporibus, quamquam incuriosa suorum, aetas omisit, quoties magna aliqua ac nobilis virtus vicit ac supergressa est vitium parvis magnisque civitatibus commune, ignorantiam recti et invidiam.

Tacito, *Vit. Agric.* pr.

«Costume tem sido em todos os tempos transmittir á posteridade as acções e o caracter dos homens illustres. Ainda mesmo em nosso seculo, apezar de toda a indifferença para com seus contemporaneos, não se tem faltado a esta obrigação, todas as vezes que nobres e grandes virtudes tem feito calar a ignorancia e a inveja, vicio commum tanto aos grandes como aos pequenos estados.»

Estas palavras sentenciosas do profundo e severo historiador latino podem e devem preceder este pequeno artigo, com que commemoramos o anniversario natalicio do excellentissimo senhor conselheiro JOAQUIM ANTONIO D'AGUIAR. Ellas são exactas na sua applicação, e ainda melhor applicadas a este conimbricense illustre do que foram ao cidadão romano, cujo elogio nos legou o seu parente Tacito. O romano deve a sua immortalidade ás letras, que perpetuaram a sua memoria: o portuguez, posto que lhe falleça panegyrico condigno, tem nas suas obras o melhor e mais solido fundamento da sua fama. O nome de Agricola é conhecido apenas pela sua biographia; o do nosso conterraneo está vinculado ás mais notaveis reformas do governo constitucional portuguez. A gloria do primeiro é uma divida de parentesco, não passa da literatura; a do segundo irradia das paginas da revolução que regenerou a sua patria.

JOAQUIM ANTONIO D'AGUIAR nasceu nesta cidade de Coimbra a 24 de Agosto de 1792, sendo seus paes o cirurgião Xavier Antonio d'Aguiar e D. Theresa Angelica d'Aguiar. Foi seu berço, e é ainda hoje casa sua a que tem o numero 78, na antiga rua de S. Christovão, vulgarmente chamada do Correio velho. Completa por conseguinte no dia de ámanhã 81 annos. E neste largo periodo de vida o seu talento e singulares virtudes o elevaram e mantiveram sempre nas mais altas regiões da sociedade, a sua nobre modestia e discreto conselho lhe conciliaram invariavelmente profunda sympathia da parte dos seus amigos, insuspeita admiração de adversarios, respeito sincero e veneração espontanea de todos os seus concidadãos. E pode dizer-se isto d'elle, que é a verdade; e escassos seriam todos os encomios que honrassem tão veneranda existencia, farta de serviços á patria e esplendida de eminentes qualidades, tanto civis como domesticas, que caracterisam varão tão benemerito.

O sr. AGUIAR é doutor na faculdade de Leis e foi lente da Universidade, é digno par do reino, do conselho d'El Rei e do d'Estado, ministro d'estado honorario, tendo sido effectivo e por vezes presidente do conselho de ministros, na regencia do duque de Bragança e nos reinados constitucionaes da Senhora D. Maria II e de seus augustos filhos, os senhores reis D. Pedro V e D. Luiz I; é juiz aposentado do Supremo Tribunal de Justiça, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, grão-cruz da de Torre e Espada do valor, lealdade e merito, e da de Nosso Senhor Jesus Christo, assim como da ordem hespanhola de Carlos III e da italiana de S. Mauricio e S. Lazaro. E ha poucos annos rejeitou o titulo de marquez d'Aguiar, com que o honrara a munificencia real, por não querer alterar, ainda que no auge das grandezas, o seu modesto nome de baptismo, que as suas acções e não o favor tinham já altamente nobilitado.

* * *

Nos principios d'este seculo cursou o sr. AGUIAR os estudos superiores na Universidade de Coimbra, adquirindo todos os annos os premios conferidos ao talento e applicação, e recebendo o grau de bacharel em 1814 e o de doutor em 1815. Com estas distincções encetou a sua carreira publica, sendo ellas que lhe prepararam o caminho das honras politicas. As primeiras valeram-lhe mais do que as segundas, porque foram a fieira estreitissima por onde se avaliou a sua elevada capacidade.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXXXVIII

D. CARLOS

XXXVIII

Passados poucos dias recebeu Nogueras, de D. Antonio Gaspar Blanco, governador militar e politico de Tortosa e seu districto, a seguinte communicação:

«Governo militar e politico de Tortosa e seu districto.—Immediatamente que recebi o officio de v. s.ª de 8 do corrente, o enviei ao exm.º sr. capitão general deste exercito e reino, *porque não me julguei auctorisado para fazer expiar á mãe do cabecilha Cabrera, as atrocidades commettidas por seu filho*; porem agora que são 6 da noute, recebo o correio da Catalunha, com um officio fechado de s. ex.ª para v. s.ª, que incluo, e outro para mim, no qual se serve dizer-me, que se cumpram os desejos de v. s.ª. Em sua conformidade ámanhã, ás 10 della, **será fuzilada a mãe do cruel Cabrera**, *e prezas as tres irmãs esta noute*, **não obstante serem duas casadas com guardas nacionaes desta;** assegurando a v. s.ª, *que capturarei os parentes mais immediatos dos outros cabecilhas e intitulados officiaes*, a fim de enfrear aos barbaros, pondo termo ás suas demasias. *A execução será no fosso da barbacã, como sitio publico*, **no qual se fuzilam a todos os que o merecem,** e o participarei aos povos deste districto para conhecimento de seus habitantes e terror de quantos malvados attentem contra as vidas dos leaes.

«Deus guarde a v. s.ª muitos annos. Tortosa 15 de Fevereiro de 1836—*Antonio Gaspar Blanco.*»

Ao fazer D. Agostinho Nogueras circular este officio, que havia recebido, acrescentou o seguinte:

«O que faço saber ás justiças, para que o publiquem nos termos costumados, a fim de que fiquem inteirados todos os habitantes deste paiz, de que o barbaro Cabrera foi a causa da morte de sua mãe, *como egualmente de todas as mulheres, paes e mães dos cabecilhas, que por sua desgraça estão ás suas ordens, e que tenho presos e continuarei prendendo para mandar fuzilar*, **cinco**, *por cada* **um** *que elle assassine.*—Calaceite, 20 de Fevereiro de 1836—*Agostinho Nogueras.*»

A estes inqualificaveis documentos, juntaremos o seguinte miseravel officio do general D. Francisco Espoz e Mina, em que elle confirma a iniqua ordem de Nogueras para ser fuzilada a mãe de Cabrera:

«Capitania general do exercito e principado da Catalunha—Estado maior—Secção 3.ª—O escripto duplicado de v. s.ª de 8 do corrente, que acabo de receber, me inteira dos attentados commettidos pelo sanguinario Cabrera: e desejando que um justo systema de represalias refreie os seus excessos, previno nesta data ao governador de Tortosa o conveniente para que cumpra e satisfaça **os seus justos desejos:** ao mesmo tempo que me parece opportuno indicar a v. s.ª, que são de mais exemplo e transcendencia os castigos effectuados no mesmo ponto em que se realisaram os excessos, e em quanto fumegam as victimas immoladas, para que o sangue das que se seguirem applaque os manes dos que pereceram com honra, sendo martyres da patria.—Barcelona, 13 de Fevereiro de 1836—*F. Espoz e Mina.*—Ao sr. brigadeiro Agostinho Nogueras.»

A mãe de Cabrera, Maria Griñó, tinha nascido em Tortosa em 22 de Novembro de 1782. Boa filha, boa esposa, e boa mãe, era de piedosos costumes e de virtude exemplar. Cabrera não lhe tinha uma cega obediencia, nem attendera aos seus conselhos para se apartar de luta tão fratricida, empregando o dinheiro que reuniu para passar ao estrangeiro, em adquirir proselitos e meios para seguir adeante na sua empreza.

Para atemorisar a seu filho, que se não cançava de assassinar, foi presa em 9 de Julho de 1834. Esteril foi esta medida, porque não conteve a crueldade do filho, o perigo de sua carinhosa mãe. Na prisão se conservou, até que ás 7 horas da manhã de 16 de Fevereiro de 1836 recebeu aviso de que ia ser fuzilada dentro em quatro horas.

Avalia-se facilmente as justas queixas desta mulher, ao saber que a iam fuzilar pelos crimes de seu filho, de que ella não tinha culpa alguma!!!

Os ferozes executores das ordens de Nogueras e de Mina, trataram barbaramente a Maria Griñó. Quando se confessou tinha *ferros nos pés!* Negaram-lhe um escrivão para fazer o seu testamento; negaram-lhe o ver seus filhos e netos; e até lhe negaram o levar a cabeça coberta com uma mantilha, quando fosse para o supplicio!!!

Aproximando-se a hora de marchar para o patibulo, Maria Griñó encarregou o seu confessor José Maria Trench, de procurar um sacerdote que celebrasse missa da agonia; e com as lagrimas nos olhos saiu elle da capella.

Substituiu a este sacerdote o presbytero D. Joaquim Curto, que foi acompanhando a Maria Griño até ao logar do supplicio. Vestia ella o trage do costume, de jabão e saia, e por seu passo e com resignação christã, saiu da capella, apertando contra o peito a effigie d'Aquelle que morreu por nós.

Formava a escolta um piquete do regimento de Bailen, e esta funebre comitiva se dirigiu á barbacã do forte. Ao passar pelas immediações de sua casa, levantou Maria Griño a cabeça, e exclamou:—*Adeus, minhas filhas.... Adeus para sempre!*

Chegando á barbacã, logar do supplicio, *e sem lhe darem logar a principiar o Credo*, soou de improviso a descarga, e caiu a infeliz sem vida, quasi ao lado do seu confessor!!!

No mesmo dia 16 de Fevereiro, o governador de Tortosa, D. Antonio Gaspar Blanco, participou em uma circular, como se fosse *um grande serviço*, este seu infamissimo acto!

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

As palmas mais gloriosas são, como já se disse algures, as que se ceifam nos certames litterarios, as condecorações mais eminentes as que se recebem nas academias. As variadissimas distincções sociaes podem ser umas filhas do acaso, outras obras da fortuna; e o acaso é caprichoso, a fortuna cega. Podem estas proceder da illusão, aquellas do favor; e a illusão é mentira, o favor parcialidade. Mas as que se ganham no longo estadio das sciencias, fructo de improbas fadigas, são entre todas valiosas, porque se conquistam com as armas da intelligencia, e se alcançam com os suores nobilissimos do espirito. E foi com o seu espirito e rara perspicacia do seu engenho que o sr. Aguiar no verdor dos annos se illustrou singularmente na Academia Conimbricense; onde o seu nome é ainda hoje tradicionalmente respeitado.

No seu tirocinio escholar sobreveiu a invasão franceza, que agitou a nação inteira. As aguias do primeiro imperio pairaram sobre a peninsula sustentando nas garras o raio das victorias. O simples nome de Napoleão acovardou os timoratos e impelliu a nossa côrte para alem dos mares. Comtudo Portugal não era a côrte, e reagiu com energia. Os exercitos da França, commandados pelos seus melhores generaes, quasi que alagaram o reino, mas no cabo de poucos annos nem um só francez armado pisava o nosso territorio. Nesta medonha conflagração politica o joven alumno de Minerva, interrompendo os seus estudos, trocou os livros pelas armas e alistou-se nas fileiras de Marte em defesa da independencia nacional. Preparava-se nas aulas para servir a patria com a luz da intelligencia, não duvidou sustental-a no campo com o vigor do braço, provando quér com a penna quer com o ferro o extremo affecto com que a idolatrava.

* * *

Correu o tempo, e alvorecia a aurora da liberdade. Chegou o anno de 1820, e no dia 24 de agosto, natalicio do sr. Aguiar, o Porto esmagou a influencia estrangeira, que avassallava o reino, e a monarchia absoluta, que não soubera defendel-o. Cahiu o regimen velho, e nova vida rejuvenesceu o paiz, que podia dizer-se moribundo. O absolutismo estendera-lhe os membros no leito de Procusto, e vampiro sequioso sugara-lhe com o sangue quasi que os ultimos alentos. Resuscitou-o a liberdade, e desde este dia immortal a regeneração tem-se consummado, vagarosa mas progressiva, cortada de difficuldades, luctando com constancia e desfazendo com as rodas do seu carro os attritos que lhe estorvavam o caminho.

O sr. Aguiar seguiu o impulso patriotico que salvou a nação, e foi-lhe sempre fiel. E mais tarde foi até um dos mais audazes reformadores da eschola constitucional. Nestes primeiros tempos pelas suas ideias politicas e notavel independencia do seu caracter attrahiu sobre si odios solapados e intrigas pequeninas, que chegaram a prival-o da admissão a que tinha direito n'uma das collegiaturas dos collegios de S. Pedro e S. Paulo. Este caso echoou no Congresso Nacional, e na sessão de 7 de Abril de 1821 a reputação do injuriado, ainda mais do que a grandeza da injustiça, promoveu completa reparação para o seu aggravo. Neste acto vozes auctorisadas, como as de Borges Carneiro, Fr. Vicente da Soledade, Trigoso, Camello Fortes e Ferreira Borges, prestaram testemunho solemne do seu relevante merecimento e eminentes qualidades.

* * *

Todos conhecem a nossa historia politica depois de 1820. Acabara a lucta com o extrangeiro e começavam os symptomas da guerra civil. Intrigas de côrte e odios de partidos não eram elementos de felicidade publica. A arvore da liberdade lançara raizes e cobrira-se de folhas, mas era ainda cedo para colher-lhe os fructos. O soberano congresso tornara-se uma academia, a tribuna um pulpito; sobrava a erudição indigesta, fallecia o bom senso politico. Assim não podia sustentar-se, e era inevitavel a queda. Por outro lado o absolutismo dissolvia-se mas estrebuxando, e não queria ceder o passo sem combate. Neste centro de desordem havia comtudo uma força que mantinha o equilibrio, e era o rei. D. João VI era absolutista de indole, mas não aborrecia os liberaes; supprimira a constituição promettendo uma carta, e assim morreu. Este monarcha faz-nos lembrar o pilriteiro de Bruto prenhe de oiro; a sua proverbial ingenuidade encobria certa sagacidade vulpina, que algumas vezes aproveitou ao paiz nas suas crises revolucionarias. Todavia os seus ultimos annos não foram felizes; a liberdade nascente e debil, o absolutismo caduco, o rei fraco e moribundo formavam uma tristissima e deploravel trindade, que prenunciava um futuro pavoroso.

O sceptro passou interino para as mãos d'uma illustre princeza, que proclamou rei o herdeiro do throno, o senhor D. Pedro IV. Este abdicou a coroa em sua filha, a senhora D. Maria da Gloria, e resgatou a palavra de seu pae outorgando a Carta Constitucional da Monarchia. Foi nesta epocha que o sr. Aguiar, já lente da Universidade, alcançou o seu primeiro diploma de deputado ás côrtes constitucionaes, representando a provincia da Beira Alta. Estas côrtes foram dissolvidas em 13 de Maio de 1828 pelo infante D. Miguel, regente do reino na menoridade da Rainha, a senhora D. Maria II.

* * *

Alagados de sangue e pesados de lutos decorreram os seis annos de 1828 a 1834. Foi um periodo infausto, cyclo fatal, inscripto na nossa historia pela mão do despotismo. O azorrague das furias açoutou a pobre nação retalhando-lhe as carnes. A expatriação, o carcere, a morte affrontosa do patibulo, todos os tormentos e agonias do inferno foram o cadinho onde se afinou a paciencia do partido liberal. O martyrio preparou e segurou o triumpho.

Houve um principe que atraiçoou a confiança com que lhe commetteram a regencia do reino. Vassallo infiel, quebrou o preito que jurara á sua rainha; cidadão parricida, cravou no seio da patria o ferro da discordia civil. Equilibrou-se ephemero no throno, regado de sangue e seguro sobre cabeças do povo. A sua queda foi a liberdade de todos; e as povoações, livres do seu funesto influxo, levantavam ao ceu os braços ainda roxeados pelas algemas, exprimindo a alegria nos rostos macerados pelo antigo desespero.

Foi então que se distinguiu o sr. Joaquim Antonio d'Aguiar. Soldado valente no campo, reformador audaz no gabinete, com a penna e com a espada inscreveu o seu nome na famosa Iliada da liberdade. Nas agruras do exilio, onde acompanhou o duque de Saldanha nos mais perigosos lances, nas apertadas angustias do cerco do Porto, onde militou com o numero 70 no batalhão de voluntarios academicos, desenvolveu a favor da sua causa todos os amplos recursos do seu valor e da sua intelligencia.

Quando em Março de 1833 foi intimada aos soldados academicos a opção entre os empregos civis e o serviço militar, o sr. Aguiar dirigiu ao commandante do seu corpo, João Pedro Soares Luna, as seguintes memoraveis palavras: «... V. s.ª não ignora que venci obstaculos para fazer parte da expedição preparada nos Açores contra o usurpador, não como empregado, ou como espectador da luta... mas como soldado....; sabe que nunca me eximi a qualquer serviço arriscado; e finalmente sabe que ainda depois que S. M. I. houve por bem nomear-me para um emprego civil (sem comtudo me desligar d'aquelle corpo) em mais d'uma occasião de fogo nas linhas me tenho apresentado a v. s.ª Quem assim obra é incapaz de se deshonrar, preferindo ao serviço militar (nas actuaes circumstancias) qualquer outro, quando se lhe commetta escolha.»

O sr. Aguiar tinha sido nomeado juiz do tribunal de guerra e de justiça, procurador geral da corôa, e membro d'uma commissão de projecto dos codigos penal e commercial, e nestes variados exercicios, em que empregou notavel actividade, não lhe escasseava tempo para o rude mister do soldado! As balas do inimigo, que estreitava a cidade n'um circulo de fogo, dizimavam as fileiras, a peste enchia os hospitaes, a fome martyrisava a população, e nesta lucta atrocissima o sr. Aguiar alliava o denodo e energia militares com a serenidade indispensavel para as suas funcções civis. Eram d'esta tempera os heroes do cerco!

Levantado este, o sr. Aguiar passou para Lisboa, onde foi nomeado juiz do Supremo Tribunal de Justiça, e entrou nos conselhos da coroa com a pasta do reino em 1833 e com a da justiça em 1834 até ao fallecimento do Duque de Bragança. Nesta famosa dictadura o energico ministro assignou algumas reformas memoraveis, e entre ellas a da extincção das ordens religiosas.

Foi assim que se firmou e segurou o systema liberal. Junto com a espada do soldado ia a penna do legislador, uma era a força, outro o direito. D. Pedro IV teve a felicidade de enfeixar no sceptro de sua filha os louros da victoria e as coroas civicas da reforma. Na America fundou uma sociedade nova, na Europa regenerou a antiga. E as duas sociedades ahi estão ambas prosperando á sombra das instituições com que as dotou, e que firmou com seu braço, e a que sacrificou sua vida. Quando a obra do homem enraiza vigorosa, e a benção de Deus a desata em flores de agrado, e congloba em fructos de proveito, a gratidão popular rebenta espontanea e se transforma em culto.

* * *

De todas as reformas do sr. Joaquim Antonio d'Aguiar como ministro de D. Pedro foi a da extincção das ordens religiosas a que tornou o seu nome mais conhecido. E assim devia ser, porque era um golpe profundo na velha organisação social, offendia muitos interesses arreigados, e extirpava radicalmente as influencias mais nocivas á liberdade.

O monachismo não tinha degenerado como dizem uns, não inspirava diminuta confiança aos christãos pela sua tibieza e mundanidade como escrevem outros; arrastou-o a onda da revolução, porque era um dique que se lhe oppunha.

Não é necessario o descredito do frade para justificar a sua suppressão. Quando ao cabo de tantos annos os vemos ainda por ahi veneraveis pelas suas virtudes e grandes pelo seu talento, estes honrando as escholas, aquelles o baculo, e até alguns nos conselhos da coroa e sobraçando as pastas de ministros, não podemos chamar aos claustros repositorios damnosos de velhas escholasticas, nem aos cenobitas instrumentos inuteis para a sociedade. Se houve abusos deploraveis, não foram esses abusos que contaminaram a instituição. Os abusos de hoje eram tambem abusos de hontem, porque derivavam uns da essencia da cousa, outros da fraqueza do homem. E neste ultimo caso nenhuma outra instituição humana, fosse ella qual fosse, lhe poderia lançar a primeira pedra.

Nos primeiros tempos da egreja nem todos os ascetas foram Hilarios e Pacomios, e aos santos mais notaveis e virtuosos custou-lhes muitas vezes regenerar os seus institutos. É que o convento era vicioso na sua origem. Sem ser creado pelo divino Mestre, desconhecido dos apostolos, sem collaborar para a primeira propagação do evangelho e estabelecimento da egreja, tornou-se naturalmente a tenda do ocio em vez de ser a officina do trabalho, foi o descredito da familia pelo celibato, o entorpecimento das industrias pela absorpção dos capitaes. O que a fé, o talento e a dedicação individual poude fazer fez-se, e o monachismo distinguiu-se frequentemente por espiritos extraordinarios, que faziam esquecer a carcoma que se lhe abrigava na medulla.

No seculo actual era elle um antogonismo perante as ideias progressistas, e tinha de cahir. Era uma lei inevitavel, e executou-se a lei. O sr. Aguiar, supprimindo as ordens religiosas, prestou um relevante serviço como reformador, e immortalisou o seu nome tornando-se benemerito não só da patria como da civilisação.

* * *

Depois da morte de D. Pedro seguiu-se o reinado constitucional da senhora D. Maria II, reinado fertil de commoções politicas, nas quaes teve o sr. Aguiar parte muito importante. Ora como deputado, ora como senador, ministro e presidente do conselho de ministros, hoje governo e depois opposição conforme as mutações da politica, o sr. Aguiar esforçou-se por continuar no serviço da rainha e do paiz com a mesma hombridade e inteireza com que servira no tempo da regencia.

Quando o sceptro da soberana cahiu nas mãos do senhor D. Pedro V, o sr. Aguiar foi tambem ministro do rei *muito amado*, e neste periodo dourado de paz, em que a purpura real, na phrase de alguem, fora sem sangue e os arminhos sem nodoa, o governo do nosso conterraneo foi muito proficuo.

No reinado actual do senhor D. Luiz I tambem já foi ministro e presidente do conselho, e sel-o-ia hoje se os seus acerbos padecimentos o não estorvassem de continuar a servir o seu paiz nestes altos cargos do estado.

Está ainda por escrever a historia dos ultimos tres reinados constitucionaes. A occasião é prematura, porque a historia contemporanea nunca pode ser bem feita por causa da parcialidade que divide os partidos e das paixões que podem guiar a penna. Não avaliaremos por tanto os ultimos actos politicos do sr. Aguiar. Todos os conhecem, todos sabem que foram inspirados sempre pelo mais acrysolado amor da patria, e esta crença geral concentra em torno de Joaquim Antonio d'Aguiar a respeitosa estima d'El-Rei e a sympathia e consideração de todos os portuguezes.

E esta opinião transpira no estrangeiro, e já em França se escreveram d'elle as seguintes palavras: «... *comme citoyen, il a défendu sa patrie non-seulement à la tribune, mais aussi avec la plume et l'épée; dans la carrière des lettres, il a brillé au premier rang à l'Université de Coïmbre; comme magistrat, il s'est fait remarquer par sa probité et sa intégrité sévères; comme ministre et comme homme d'Etat, il a prouvé son mérite dès la régence de l'immortel Duc de Bragance.*»

A. A. F. P.

Cedemos hoje as columnas desta folha ao primoroso trabalho biographico, que o sr. Abilio Augusto da Fonseca Pinto dedica ao valle respeitabilissimo do sr. conselheiro Joaquim Antonio d'Aguiar, na vespera do seu anniversario natalicio.

A preferencia que o distincto escriptor, e nosso particular amigo, dá ao *Conimbricense*, fallando de tão insigne varão, e notavel homem politico, por quem sempre tivemos a mais respeitosa dedicação, é facto que muito nos penhora, e que sinceramente agradecemos.

Tambem nós d'aqui felicitamos o sr. Joaquim Antonio de Aguiar, e com o sr. Fonseca Pinto lhe dirigimos hoje as nossas homenagens de sincera estima.

A Redacção.

NOTICIARIO

A fabrica da rua de João Cabreira.—Nos ultimos annos do seculo passado creou-se uma importante fabrica de damascos, sedas e algodões, na rua de João Cabreira, desta cidade. A origem desta fabrica foi a seguinte.

Na casa da esquina, ao fundo da rua de Coruche, hoje do Visconde da Luz, onde actualmente está a loja de ferragens do sr. Antonio José Lopes Guimarães, achava-se estabelecido o negociante de pannos, Manoel Fernandes Guimarães.

Um compadre d'elle, João Duarte Ribeiro, vestimenteiro, morador na rua do Correio, pediu-lhe para lhe mandar vir de Lisboa um bilhete da loteria da Misericordia.

Manoel Fernandes Guimarães mandou-lhe effectivamente vir o bilhete; e quando elle chegou, recebeu-o João Duarte Ribeiro, e se dirigiu a sua casa, para trazer os 10$000 reis que tinha custado, e satisfazer assim ao seu compadre o adiantamento que havia feito.

A mulher de João Duarte Ribeiro, logo que o marido lhe disse ao que ia a casa, fez tão grande barulho, por gastar tal dinheiro em um bilhete da loteria, que elle se viu obrigado a vir a casa de Manoel Fernandes Guimarães, e contar-lhe o que lhe havia acontecido com a mulher. Fernandes Guimarães disse-lhe que se não affligi-se, pois que elle ficava com o bilhete; e assim foi o vestimenteiro mais descançado para sua casa.

Passados dias, anda a roda em Lisboa, e ao celebre bilhete rejeitado, sahem nada menos de 40:000 cruzados!!!

E' facil de avaliar a decepção de João Duarte Ribeiro, ao saber que por causa dos ralhos de sua mulher perdera uma tão valiosa quantia.

Com esses 40:000 cruzados resolveu-se Manoel Fernandes Guimarães a estabelecer uma fabrica de tecidos.

Para director da fabrica chamou o habilissimo machinista de Thomar, Bernardo Ferreira de Brito, que havia aprendido na fabrica de tecidos daquella terra.

Em Coimbra foi sempre conhecido pelo nome de Bernardo da Fabrica, e uma sua filha casou com o actual negociante de pannos na rua da Calçada, o sr. Paulo José da Silva Neves.

Estabelecida em Coimbra a fabrica na rua de João Cabreira, tornou-se ella dentro em pouco afamada pela perfeição das suas manufacturas.

Bastará dizer, que alguns dos melhores damascos das vestimentas que ainda existem na egreja de Santa Cruz, foram feitos na referida fabrica.

Passados annos principiou a decair a fabrica da sua importancia, até que por fim se fechou de todo.

Manoel Fernandes Guimarães, confiando em um seu caixeiro, entregou-lhe uma grande quantidade de fazendas da sua fabrica, no valor de muitos contos de reis; incumbiu-o de se dirigir com ellas ao Brasil, alli as vender, e trazer em troca algodões e outros objectos.

O caixeiro infiel levou as fazendas, foi vendel-as á America do norte, e ficou com a sua importancia, sem nunca mais voltar a Coimbra.

D'esse roubo data a declinação da fabrica.

A loja de pannos ao fundo da rua do Coruche ainda por alguns annos continuou a existir, mesmo depois de Manoel Fernandes Guimarães se ausentar para o Alemtejo; porque este havia admittido para socio no negocio da loja, ao seu caixeiro Manoel Fernandes Costa, thio do actual lente jubilado da Faculdade de Medicina, o sr. Dr. Francisco Fernandes Costa.

Na mesma loja esteve depois estabelecido, com fazendas de mercearia, o sr. Antonio José Teixeira de Araujo, pae do actual deputado o sr. Dr. Antonio José Teixeira. Em razão dos seus sentimentos, pronunciadamente liberaes, foi o sr. Teixeira de Araujo, em 1829, preso na sua quinta de Banhos Seccos, onde se achava refugiado; e de Coimbra foi conduzido para as prisões de Almeida, onde falleceu.

Origem de plantas uteis. — A ruiva dos tintureiros veiu do Oriente. O castanheiro, da Italia. A cebola, do Egypto. O tabaco, da Virginia. O limoeiro, da Assyria e Persia. O nabo e betterrava, do littoral do Mediterraneo. O rabão e rabanete, da China. O trigo vegeta expontaneo no centro do Thibet. O arroz procede da Africa meridional, d'onde foi levado para a India, e d'aqui passou para a America e Europa.

A aveia cresce expontanea na Africa septentrional. O centeio veiu da Siberia. A aveleira, da Persia. A salsa foi primitivamente conhecida na Italia. A pereira e macieira são plantas da Europa. Os espinafres vieram da Arabia. O girasol veiu do Perú. A abobora é com toda a probabilidade uma planta originaria dos paizes orientaes. A amoreira e pecegueiro, da Persia. Já disse Camões nos *Lusiadas*, descrevendo a ilha dos Amores:

Os dões, que dá Pomona, alli natura
Produze differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ella se dão muito melhores:
As cerejas purpureas na pintura;
As amoras, que o nome tem de amores;
O pomo, que da patria Persia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.

O pepino veiu das Indias orientaes. O marmelleiro, da ilha de Creta. A ervilha, o agrião, e a pimpinella ou herva doce, presume-se com bom fundamento, que provieram do Egypto. O coentro vegeta expontaneo nas costas do Mediterraneo. O lirio dos tintureiros no sul da Allemanha. O topinambour é um producto do Brasil. O canamo é originario da India e Persia. A pastinaga proveiu da Arabia. A batata veiu do Perú e Mexico.

As groselheiras são originarias do sul da Europa. A couve e colza vegetam no estado selvagem na Italia, especialmente nos arredores de Napoles. O trigo serraceno veiu da Siberia e Tartaria. O milho painço foi primitivamente descoberto na India e Abyssinia. A cevada vegeta no estado sylvestre nas montanhas do Hymalaia. O lupulo e o cuminho são originarios da Germania. A cerejeira, ameixieira, oliveira, figueira, damasqueiro, e amendoeira vieram da Asia menor.

A mostarda veiu da China. O alho é originario da Sicilia. A beringella, da America meridional e da China. Os tomates, da America. A fava, da Persia. A melancia, da Africa e India. O melão, da Asia. O anil, da India. A laranjeira, da India e China. A alfarrobeira e romeira, da Africa. A videira, da Asia.

Ha ainda divergencias a respeito da patria primitiva de algumas destas plantas; mas a opinião mais geralmente seguida é a que adoptamos na relação acima mencionada.

A' companhia dos caminhos de ferro.—De ha tempos que os comboios descendentes do caminho de ferro deixaram de parar na estação de Taveiro. Não sabemos os motivos que para isso houve, mas é certo que esta medida, provavelmente de interesse naquelle tempo para a companhia, não póde deixar de ser revogada logo que as aguas do Mondego tomem maior vulto.

A obra da reconstrucção da ponte, impossibilita a communicação das povoações ao sul do rio, as quaes abastecem diariamente esta cidade de todos os productos de agricultura. Soffre esta cidade, porque necessariamente ha de sentir escassez nos mercados dos generos de consumo diario, e soffrem aquellas povoações, que os não podem vender por falta de communicação com o mercado onde encontram procura certa.

Pedimos ao intelligente director da companhia de caminhos de ferro, o sr. Manoel Affonso Espergueira, que haja de attender a este objecto, que sendo de conveniencia para o publico, tambem o é para a companhia.

Fallecimento.— Falleceu no dia 19 o sr. Joaquim Maria Soares de Paula, digno e zeloso empregado da imprensa da Universidade. Era um homem affavel e de tracto extremamente delicado, bemquisto e por todos estimado. Toda a gente o conhecia e apreciava as suas bellas qualidades e excellente caracter.

Pelos seus sentimentos liberaes soffreu uma longa prisão durante o governo de D. Miguel.

Morreu de edade avançada, e ha annos que estava entrevado. O seu nome será sempre lembrado com saudade pelos seus amigos, e a sua memoria servirá de exemplo a todos os homens de bem.

O largo da Portagem.—A camara municipal resolveu pedir a auctorisação para contrair um emprestimo de 5:000$000 rs. para ir continuando a proceder ás expropriações necessarias, a fim de se ampliar o largo da Portagem.

Desastre.—Hontem um dos carros que fazem o trajecto entre esta cidade e a estação do caminho de ferro, derrubou uma mulher, e passou-lhe por cima do corpo, de que resultou fracturar-lhe um braço. A mulher foi conduzida em uma maca para o hospital.

Louvores.— Em portaria do ministerio do reino de 18 do corrente foi louvado o sr. governador civil de Coimbra, pela sua illustrada iniciativa na importante reforma da creação do hospicio que substituiu a roda dos expostos, de que resultou no ultimo anno economico uma grande diminuição no numero de creanças expostas; sendo evidente que este facto, que desde já representa um melhoramento sensivel, terá de futuro por consequencia alliviar o districto de encargos superiores ás suas forças, e attender mais justamente aos verdadeiros interesses das classes desvalidas, soccorrendo por meio de subsidios mensaes as mães que se tornarem dignas d'esse auxilio, e impedindo as exposições condemnadas pelos mais nobres sentimentos da natureza.

Tambem foi encarregado o sr. governador civil de transmittir eguaes louvores á junta geral do districto, pela efficaz cooperação que lhe prestou nesta reforma.

Classificação.— Dentre os candidatos, que se habilitaram na primeira epocha do corrente anno, para o provimento das cadeiras de ensino primario, ficou classificada *distincta* a sr.ª Maria Ricardina Pimentel Baptista; e *bons* os srs. Bartholomeu de Moraes Bingre professor em Mira; Francisco Cabral de Brito Freire, professor em Meruge, concelho de Oliveira do Hospital; José Maria Fernandes Duarte, professor na Ereira, concelho de Monte Mor o Velho; e a sr.ª Josefina Maxima de Carvalho, professora na cadeira de Santo Varão, concelho da Monte Mor o Velho.

Correio de Lisboa.—O sr. bacharel Augusto Cesar de Sousa, administrador do correio desta cidade, foi para Lisboa, por ordem do sr. ministro das obras publicas, a fim de se encarregar interinamente da administração do correio daquella cidade.

Musica. — A'manhã, domingo, 24 do corrente, dia de S. Bartholomeu, irá a philarmonica *Boa-União* tocar para o Caes, das 6 horas da tarde em diante.

Partida. — O sr. Visconde de Monte-São partiu hoje para Lisboa, aonde vai assistir ao 81.º anniversario do nosso patricio, o sr. conselheiro Joaquim Antonio de Aguiar.

Exame das viagens do doutor Livingstone.—O sr. D. José de Lacerda, satisfez de uma maneira tão delicada o nosso desejo de possuirmos a sua magnifica obra—*Exame das viagens do doutor Livingstone*—que não podemos deixar de aqui vir publicamente agradecer ao illustre escriptor o seu obsequio, tanto mais valioso, quanto esta obra se acha de todo esgotada.

Já principiamos a ler este importantissimo trabalho do sr. D. José de Lacerda, e esperamos a seu tempo poder dizer a impressão que nos causou a sua leitura.

Os Jesuitas. — Recebemos hoje de Lisboa um lindo volume, com o titulo — *Os Jesuitas, romance historico do seculo XVIII, por A. de Oliveira Pires.* Agradecemos o exemplar com que fomos brindados.

Ainda não tivemos tempo de ler esta recente publicação; e só diremos desde já, que a temos visto muito elogiada em alguns jornaes da capital.

Fallecimento.—Falleceu hontem em Lisboa, na avançada edade de 93 annos, o sr. Francisco Antonio de Campos, 1.º barão de Villa Nova de Foscoa, par do reino, e ministro de estado honorario.

Depois da morte do sr. Francisco Antonio de Campos, o unico membro das côrtes liberaes de 1821 a 1823, que actualmente fica existindo, é o sr. visconde de S. Jeronymo, Basilio Alberto de Sousa Pinto.

Peixes de fundura.— O sr. José Maria Rosa de Carvalho diz-nos o seguinte:

«Era coisa assentada entre os zoologistas, que os peixes do mar não podiam viver a mais de 400 braças de profundidade. Isto por duas razões; a primeira por causa do grande peso da agua; o segundo por falta de luz.

Em 1864 ou 1865 provou-se que elles vivem a muito maior profundidade do que se suppunha.

Eis o facto. Os pescadores de Setubal dividem os peixes em duas classes; peixes do alto, e de fundura. Quando tem logar a pesca dos da segunda classe, succede virem nas redes alguns *zoophytos* (animaes plantas), que os pescadores despedaçam, não só porque não têm venda no mercado, como principalmente, por os reputarem de mau agouro para a pesca!

O nosso amigo o sr. Dr. Bocage, pediu ao sr. Gamitto, director da alfandega de Setubal, para obter dos pescadores, exemplares de zoophytos. No anno de 1863 foi-lhe enviado um, pertencente á familia *Hialochaetides* e ao genero *Hyalonema*; não sendo até então conhecidos mais do que dois exemplares, provenientes dos mares do Japão, e existentes n'um dos museus da Europa. Perguntados os pescadores acerca da profundidade em que o haviam pescado, fallaram n'um tão extraordinario numero de braças, que não foi possivel dar-se-lhes credito.

O sr. Bocage comparando este *zoophyto* com a descripção dos dois exemplares japonezes, conheceu que o nosso, era uma outra especie, e deu-lhe o nome de *Hyalonema lusitanica*. Descreveu-a, e mandou a descripção para Inglaterra.

Passado tempo, enviou-lhe o sr. Gamitto um outro exemplar deste *zoophyto*; dizendo que havia sido pescado a 20 leguas de distancia da costa, e entre 600 a 700 braças de profundidade.

A descoberta de tão interessante especie, instigou os inglezes, a virem pescar á costa de Setubal; o que levaram a effeito não sei em que mez.

Como se não tivessem lembrado, e talvez se não devessem lembrar, de que em Portugal não havia barcos proprios para este genero de pesca, foi esta a razão da tentativa não produzir effeito por falta de barcos. Recordome de ouvir dizer que apenas tiraram um exemplar em mau estado.

Regressaram á Inglaterra; e como não são homens que facilmente desistam das emprezas, e não se prendem em teas d'aranha, voltaram passado tempo, munidos de barcos, e mais aprestes indispensaveis para aquella exploração; que deu o resultado, apanharem muitas *Hyalonemas*, muitos peixes raros, esponjas, e coraes, tudo de grande valor scientifico. Mediram com exactidão, a profundidade, donde pescaram os peixes; e desde então se ficou sabendo, que ella é muito maior do que até então se suppunha.»

Noticias de Hespanha.—Noticias telegraphicas de Madrid, do dia 21, dizem que os carlistas foram batidos junto de Berga, perdendo 90 mortos e 300 feridos. Os chefes carlistas Saballs e Tristany ficaram feridos. Foi levantado o cerco de Berga.

Dizia-se que hoje seria Castellar eleito presidente das côrtes. Immediatamente depois do voto da suspensão das garantias, as côrtes suspenderiam as sessões.

O cerco de Bilbau continua, sendo os carlistas reforçados por novas partidas procedentes de Navarra e outras provincias.

ANNUNCIOS

ATTENÇÃO.

1 EXTRAORDINARIO SORTIMENTO de chapeus para senhoras e creanças, de preços de 1$200 rs. até 4$000 rs. Continua a vender a modista de Lisboa, rua de S. Pedro, n.º 17.

EDITOS DE 60 DIAS

2 PELO JUIZO DE DIREITO da comarca de Coimbra, e cartorio do escrivão Adelino Augusto Pereira de Carvalho, correm editos de 60 dias, a contar da data d'este, pelos quaes são citadas, chamadas e requeridas todas as pessoas incertas, que se julgarem com direito a opporem-se á justificação e habilitação requerida por João Correia d'Almeida Carvalhaes, viuvo, residente nesta cidade de Coimbra, e seu filho o Dr. Lourenço d'Almeida e Azevedo, casado, lente cathedratico da Faculdade de Medicina, da Universidade de Coimbra e residente na mesma cidade, e em que estes se habilitam como herdeiros unicos, e legitimos representantes de seu filho e irmão José Bernardo de Azevedo, casado que foi com D. Vicencia Alexandrina de Azevedo, fallecido na cidade da Bahia, imperio do Brasil, em 11 de Julho deste corrente anno; para que o venham deduzir dentro do referido prazo, sob pena de lançamento, e de se proseguir nos termos da justificação com o curador que se lhes nomear; e serem a final julgados habilitados os habilitantes, partes legitimas para haverem a herança de seu dito filho e irmão, na forma do testamento com que este falleceu. O que se faz publico para que chegue ao conhecimento de todos.

Coimbra, 21 de Agosto de 1873.

BARRIS PARA AZEITE

6 HA PARA VENDER 60 barris de 5.°, novos, bem construidos, proprios para azeite. Nesta redacção se diz com quem se pode tractar.

CASAS

7 ALUGAM-SE DUAS, adiante do jardim botanico, proprias para familias, sendo uma toda a estuque. O local é o melhor desta cidade, pelas vistas e excellentes ares. Trata-se com o senhorio, na Ladeira, n.° 20.

VENDA DUM ORGÃO EM COIMBRA

8 NA RUA DA CALÇADA, n.° 85 a 91 se diz quem vende um orgão novo, com 18 rejistos, muito bem construido, que serve para uma grande egreja.

Banhos do mar na praia de Espinho

9 O PROPRIETARIO do novo hotel Central de Espinho, situado em frente da linha ferrea, continua a receber pessoas e familias, tanto nacionaes, como estrangeiras, offerecendo-lhes todas as commodidades possiveis, com aceio e limpeza, por preços rasoaveis.

Este hotel acha-se montado com bilhar, café, e restaurante. O seu proprietario, já bastante conhecido de muitas pessoas que se tem dignado preferir o seu estabelecimento, a nada se poupa para continuar a merecer a estima de todos.

10 ARRENDAM-SE as casas da rua da Alegria, n.os 63 e 65, para familia numerosa. Arrenda-se com ellas um quintal independente com chave especial; tem vinho, fructas de varias qualidades, terreno para hortaliças, legumes, etc., e logar proprio para todo o despejo. Emprestam-se vasilhas para o vinho.

DOCTOR IN ABSENTIA

11 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a *Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra)*, o qual lhes dará gratuitamente todas e quaesquer informações sobre a Universidade.

VINHO DA BAIRRADA

12 LUIZ RUIVO DE FIGUEIREDO vende 24 pipas de vinho branco (e algumas pipas d'elle tinto, especial), que tem na sua adega no logar da Antes, ao poente da estação do caminho de ferro da Mealhada, distante kilometro e meio. Mostra-o Antonio Gonçalves Pereira, d'alli, e ajusta-se com o annunciante.

13 VENDE-SE a casa da Ordem de Poiares. E' uma optima vivenda com muito boas terras de rega, e de sequeiro, junto á egreja de Santa Maria d'Arrifana. Tem muitas arvores de mimo, excellentes olivaes, pinheiros, castanheiros, e tojeiras, e uma terra de lodo em Louredo, junto ao Mondego, e algumas sortes de oiveiras, mattos, e pinheiros dispersos. Esta casa tem muito boas communicações, pois se acha proxima do Mondego, e da estrada da Beira. Quem a pretender comprar dirija-se a José Felix Catana, d'Arrifana de Poiares, que tem uma relação das propriedades, e prestará todos os mais esclarecimentos necessarios.

EDITAL

JULIO MAXIMO D'OLIVEIRA PIMENTEL, visconde de Villa Maior, par do reino, lente jubilado da eschola polytechnica de Lisboa, socio effectivo da Academia Real das Sciencias; commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçoso, official da de Torre e Espada do valor, lealdade e merito, e da Legião d'Honra, reitor da Universidade e do lyceu nacional de Coimbra, etc.

FAÇO saber que:

1.° As matriculas para a admissão no lyceu nacional de Coimbra, no proximo anno lectivo de 1873 para 1874, hão de começar no dia 10 e terminar no dia 25 de Setembro (artigo 12.° do actual regulamento dos lyceus);

2.° O primeiro dia util de Outubro é destinado para a abertura solemne das aulas (artigo 13.°);

3.° Para se effectuarem as matriculas não é necessario requerer ao reitor do lyceu, devendo porem guardar-se as seguintes disposições:

Artigo 7.°—Os alumnos que pretenderem ser admittidos á matricula do primeiro anno dos cursos dos lyceus na classe de ordinarios, devem apresentar-se ao secretario com os seguintes documentos:

1.° certidão por onde mostrem ter dez annos completos de edade;

2.° Certidão de terem sido approvados no exame de admissão;

3.° Senha que prove haverem pago a respectiva propina;

4.° (Se forem militares) licença do commandante do corpo a que pertencerem.

§ 1.° Os mesmos documentos, excepto o do n.° 3.°, são exigidos aos alumnos que desejarem matricular-se na classe de voluntarios no primeiro anno de qualquer disciplina.

Artigo 8.°—Para a matricula, como ordinario, no segundo anno e seguintes dos cursos do lyceu, o alumno deve ter sido approvado nas materias do anno anterior da mesma disciplina.

§ 1.° Para a matricula, como voluntario, no segundo anno e seguintes de qualquer disciplina, o alumno deve ter sido approvado nas materias do anno anterior da mesma disciplina.

§ 2.° Os alumnos ordinarios e voluntarios que se matricularem no segundo anno e seguintes de qualquer curso ou disciplina, são dispensados de apresentar certidão dos exames anteriores de passagem, excepto se vierem de outro lyceu, onde tenham feito estes exames.

Artigo 9.°—Os alumnos ordinarios pagam pela abertura da matricula em cada anno lectivo a propina de 960 reis e os addicionaes estabelecidos pelas leis em vigor.

§ unico. Os voluntarios, na abertura da matricula, não são obrigados a pagar propina.

E para que chegue ao conhecimento de todos mandei afixar e publicar o presente.

Paço das Escolas 18 de Agosto de 1873—Eu José Joaquim Manso Preto, secretario do lyceu, o escrevi.—*Reitor*.

BOM VINHO VERDE!

DIVERSAS QUALIDADES PARA MESA

Rua das Solas, n.° 28

VENDA DE QUINTA

16 VENDE-SE A QUINTA denominada—das Lamas—que pertenceu a Joaquim José Gonçalves Morim, sita á entrada da Figueira, defronte do estaleiro, toda ou dividida em duas partes, ao que ella se presta; bem como se vende uma sorte na quinta da Varzea, que pertenceu a Antonio Gonçalves Amaro, e hoje arrendada a Antonio Fernandes Chamusco. Quem pretender qualquer destas propriedades queira dirigir as suas licitações em carta fechada a Francisco Maria Martins, rua do Visconde da Luz, n.os 97 e 99, Coimbra.

FIGUEIRA DA FOZ

DENTISTA

17 CEREGHETTI DOMINIQUE, cirurgião dentista suisso, faz saber aos seus amigos e freguezes, que vae á Figueira da Foz estar 30 dias, a exercer a sua profissão, que é extrair dentes e raizes, empastar os dentes, com as pastas mais efficazes e de melhores qualidades não conhecidas até hoje. O mesmo limpa os dentes, sem lhes deteriorar os esmaltes; põe dentes soltos e dentaduras completas, para poder mastigar com elles; faz curativos de escorbuto, por mais chronico que seja; e tem o *prompto allivio* dos dentes.

Alem disso extirpa os calos dos pés, em meio quarto de hora, sem que o operado soffra dor alguma; podendo calçar e andar com desembaraço, como se nunca tivesse tido calos.

NOVA DILIGENCIA

ENTRE COIMBRA E A FIGUEIRA DA FOZ

DE

João Adelino de Sousa

Com abatimento de 25 por cento dos preços das outras.

Parte de Coimbra e da Figueira ás 4 horas da manhã.

Ida—De Coimbra a Lavarrabos, 180 rs. —a S. Martinho, 255—a Tentugal, 300—á Carapinheira, 420 — a Monte Mór, 495 — a Maiorca, 600—á Figueira, 750—toda a carreira fóra, 600.

Volta—Da Figueira a Maiorca, 150 rs. —a Monte Mór, 255 — á Carapinheira, 330 — a Tentugal, 450—a S. Martinho, 495 — a Lavarrabos, 540—a Coimbra, 750 — toda a carreira, fóra, 600.

Venda de bilhetes — Coimbra, na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz, n.° 105—Tentugal, na loja do sr. Nuno Augusto—Monte Mór, na loja do sr. João Novaes—Maiorca, na loja do sr. Fernando da Costa — Figueira, na loja do sr. José da Silva Fonseca, Praça do Commercio, n.° 52.

Bagagens —E' concedido a cada passageiro 15 kilos de bagagem, e o excesso paga 10 reis cada kilo.

OBSERVAÇÕES

1.ª As bagagens recebem-se até 5 minutos antes da hora da partida.

2.ª Os passageiros que se não apresentarem até á hora indicada da partida, perdem o direito ao uso do bilhete, os quaes, nos pontos principaes da partida, poderão ser comprados na vespera, e nos intermedios só á chegada da diligencia.

3.ª Todos os annuncios e cartazes, com relação a esta diligencia, com data anterior a esta, ficam de nenhum effeito.

Aviso—Do dia 1 de Setembro em diante esta diligencia será diaria; e até então sae um dia sim, outro não.

Coimbra, 18 de Agosto de 1873.

19 ANTONIO BELLO DA SILVA BRAZÃO continua a leccionar instrucção primaria, portuguez, francez e desenhos, na rua da Trindade, n.° 17, admittindo alguns estudantes em sua casa por preços commodos.

VENDA DE CASA

20 VENDE-SE a casa da rua do Carmo, n.° 28, com dois andares; contem loja de entrada, de amassaria, forno de poia, poço com agua, pateo e armazem para lenhas.

Quem quizer comprar dirija-se a sua dona Maria da Conceição Arreiola, com loja de cereaes, na rua da Sophia.

MONTE-PIO CONIMBRICENSE

21 POR ORDEM do exm.° sr. presidente da assemblea geral, são convocados os socios a reunirem nos paços do concelho, no proximo domingo, 24 do corrente, pelas 10 horas da manhã, para lhes ser apresentado o relatorio e contas relativo ao semestre findo, e nomear-se a commissão que deve apresentar sobre o mesmo o seu parecer, como dispõe o § 2.° do artigo 2.° do regimento interno.

O secretario da mesa,
Antonio Ferraz.

22 NA RUA LARGA em Coimbra, casa n.° 56, aonde estará presente o herdeiro de Joaquim Baptista de Bastos, no domingo 31 de Agosto, ás 10 horas da manhã, se ha de effectuar a venda das casas sitas na rua do Corpo de Deus, com os n.os 31 e 33, conjunctamente a parte da frontaria em principio de edificação na rua do Visconde da Luz, tudo pertencente aos mesmos herdeiros.

Coimbra 22 de Agosto de 1873.

MUITA ATTENÇÃO

23 A LUVEIRA D. MARIA JOSÉ HARTMANN, que ha tres annos tem aberto barraca na feira de S. Bartholomeu, com luvas, participa ás exm.as senhoras suas freguezas, que tambem lá está este anno, vendendo por preços muito rasoaveis. Egualmente vende chapeus.

Tem a sua barraca junto ás de fazendas brancas de Guimarães.

CALÇADO

24 MANOEL PEREIRA NUNES DELGADO, premiado na exposição internacional do Porto de 1865, tem á venda na sua barraca, em cima do caes das Ameias, calçado fino, do Porto, para homem e senhora.

ARREMATAÇÃO

25 PERANTE O GOVERNO CIVIL DE COIMBRA voltam á praça no dia 25 do corrente mez d'Agosto: tres aguilhadas, ou 1620 metros de terra no sitio das Covas, no campo de Maiorca, pertencentes á Misericordia de Lisboa, no valor de 64$800 rs., sendo esta quantia liquida de duas quintas partes da avaliação que era de 108$000 rs., conforme a lista 973 publicada no *Diario do Governo* de 15 de Julho do presente anno.

Contadoria da Misericordia de Lisboa em 19 d'Agosto de 1873.

O official maior,
Henrique Gregorio Maia.

26 VENDE-SE um grande olival no sitio do Ingote, que foi do fallecido Joaquim de Figueiredo, da rua Direita. Quem o pretender comprar dirija-se a Manoel de Jesus Cardoso, que está auctorisado para o vender.

Estabelecimento d'horticultura

De A. M. S. Castro.—Rua do Visconde da Luz, 11.—Deposito rua da Sophia, 176.

27 PLANTAS para estufas, arbustos para jardins, arvores d'ornamento e florestaes—sementes novas d'hortalices.

28 EXPOSITION UNIVERSELLE DE VIENNE, journal illustré. Á venda os numeros publicados. Preço de cada um 120 rs.

Livraria Academica—Rua da Calçada, n.° 183 a 185.

29 TINTA PARA MARCAR ROUPA.

Preço de cada frasco 180 rs.

» da caixa contendo colla e tinta 360.

» da caixa contendo dois frascos de *Jettoline*, tinta ingleza de superior qualidade, 500.

Livraria Academica.—Rua da Calçada, n.° 183 a 185.

NUMERO 2722 — TERÇA FEIRA 26 DE AGOSTO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Alguns factos dispersos, occorridos na capital e nas provincias do norte, tem promovido nestes ultimos dias uma certa excitação, entre a gente sensata de todas as classes sociaes, contra os perturbadores da ordem, que segundo inculcam esses desagradaveis e inesperados successos, não perdem occasião de patentear toda a torpeza dos seus sentimentos.

A extravagante ideia, que alguns individuos, apostolos da propaganda socialista, conceberam de prelecionar ao povo do Minho, no intuito de infundir as ideias da internacional; e os repetidos incendios em Lisboa, os quaes se attribuem áquella seita exterminadora, tem indignado o paiz contra os auctores de taes attentados.

Mas se estes factos, não tem entre nós tal gravidade, que ponham em sobresalto o paiz, por isso que os amotinadores não encontram proselitos entre o povo portuguez; antes é o mesmo povo, que os repelle, pelo modo mais significativo e eloquente; é comtudo indispensavel, que a auctoridade publica procure os auctores destes attentados, para lhes impor o devido castigo.

Estes acontecimentos, todavia, são a prova de que tambem entre nós existem agentes dessa pavorosa sociedade, que só propaga a desordem e a destruição.

Quando o nobre e intelligente ministro da guerra e presidente do conselho, pediu auctorisação ás camaras, para augmentar a força publica, pelo chamamento da reserva, até ao numero de praças, designado pela lei, em pé de paz, e indispensavel em presença de certos acontecimentos, para manter a ordem e a segurança; a opposição, sempre acintosa e injusta, não houve improperio que não escrevesse, injuria que não arremessasse contra o governo, que reconhecia, acima de todos os seus deveres, o de manter a ordem, que é a primeira de todas as condições sociaes. E comtudo via ella a necessidade dessa providencia, porque era indispensavel estar o governo preparado, nesta epocha de agitações, com a força publica sufficiente, para qualquer eventualidade; não só em relação á segurança interna, mas ainda para evitar alguma occorrencia desagradavel, praticada pelos revolucionarios da nação visinha em territorio portuguez.

O paiz reconhece, bem que isso custe á opposição, a necessidade que havia de organisar convenientemente o exercito, para que em pé de paz podesse garantir a inviolabilidade das instituições e o imperio das leis.

Não era a ostentação vaidosa pelas cousas militares, como a opposição pretendeu insinuar no espirito publico, que fez propor aquellas medidas; era a suprema razão das necessidades e conveniencias publicas, que então reclamavam e hoje justificam semelhante proposta.

O sr. Fontes Pereira de Mello, como ministro da guerra, e como presidente de um gabinete, que deseja caminhar na estrada do progresso e da civilisação, tem provado as suas relevantes qualidades de homem de estado. A par de um vasto cabedal de intelligencia, que ninguem lhe póde contestar, possue o tacto politico de um consummado estadista.

O ministerio, apesar dos desfavores da opposição, tem prestado os incontestaveis serviços, que o paiz já reconhece, e os factos estão ahi attestando em todos os ramos da publica administração.

COMMUNICADO

Sr. Redactor.

Ouve-se aqui o estrondo da guerra que ahi para os lados de Valle Passos se move contra o juiz de direito d'aquella comarca, José Guilherme da Costa Lyra.

Contra elle se levantam os criminosos de coroa e roupeta, que, hasteando o estandarte da calumnia, avançam impavidos por o campo da politica despeitada, e cumprindo os mandatos de seus generaes—bradam incessantemente—morte ao Catão.

Sentem-se aqui os tiros disparados por a calumnia, o troar dos canhões que vomitam a injuria descortez, odio rancoroso, espirito de vingança desesperado contra aquelle magistrado; e não nos espanta tão crua guerra, porque:

O juiz de Valle Passos é mais duro que o bronze!! E quem podera soffrer aquelle juiz que se não amacia nem abranda, nos actos da justiça, nem pelas blandicias e afagos e nem por os empenhos?!

O juiz de Valle Passos é tambem intractavel!! Quem poderá soffrer um juiz de tal quilate, que vira as costas aos mandões influentes para lhes não dar ouvidos ás suas mal cabidas pretensões, seguindo só caminho traçado por a lei e dever?!

Um tal juiz é uma verdadeira calamidade, que não serve para coisa alguma n'um paiz da empenhoca e patronato.

O juiz de Valle Passos é um misanthropo!!

E quem poderá supportar um juiz que foge a tomar relações, entaipando-se em casa, e recusando abrir as portas aos contrabandistas da justiça, vendedores de fumo, e aos que pretendem privar com a auctoridade para, á custa do seu bom nome e credito, conseguirem seus fins? Este juiz, que em todos os dias e a qualquer hora, recebe as partes, as escuta, despacha, attende suas pretensões, julga e decide seus pleitos judiciaes com uma promptidão e rapidez admiravel, não serve nem convem; é mister por isso seja lançado ás feras.

O juiz de Valle Passos é austero, mas de uma austeridade insupportavel.

Quem hade soffrer um juiz, que tem a audacia e arrojo revoltante de pronunciar um sacerdote que viu vergado sob as provas indiciarias de um processo, quando devia não tornar-se superior a quesquer considerações politicas, e mostrar, mesmo na administração da justiça, que sabia distinguir e respeitar a qualidade, posição e importancia das pessoas. Aquelle juiz quer, suppomos, ser Catão, sujeitando tudo e todos á lei: pois soffra, e já, as consequencias da sua rigorosa egualdade, da sua fria, firme e inabalavel imparcialidade!!

Está-lhe pendente sobre a cabeça o martello, e afigura-se-nos que o pobre juiz de Valle Passos não pode desta vez escapar ao fogo que o ameaça.

O juiz de Valle Passos é de uma imparcialidade que tem revoltado contra si todos os politicos!!

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCLXXXIX

D. CARLOS

XXXIX

Em breve souberam os carlistas a execução da mãe de Cabrera, e o mesmo mysterio com que começou a circular esta noticia, por se não atrever ninguem a communical-a ao interessado, avultou as proporções, já por si colossaes deste acontecimento, e infundiu o assombro e o espanto em todos os que rodeavam a Cabrera, revestido desde então com o dobrado interesse que inspira a victima, porque victima pode considerar-se o filho de uma mãe sacrificada.

Cabrera não poude deixar de suspeitar que se passava alguma cousa de extraordinario que lhe occultavam; porem não presumia o que era, e em vão interrogava aos seus officiaes, temerosos todos de ser os nuncios de tão terrivel nova. Incommodava-o esta reserva, e o incommodou mais o não receber confidentes, nem communicações da parte de Tortosa, evitada uma e outra cousa cuidadosamente por D. João Pertegaz, commandante do primeiro batalhão que tinha o nome d'aquella praça, e antigo militar, a quem Cabrera professava uma amisade predilecta. A sua solicitude impedia que algum indiscreto revelasse a Cabrera a sua desgraça, e tomava ao mesmo tempo as medidas para ir preparando ao seu chefe a receber a terrivel noticia, como a soube no dia 20 de Fevereiro em Valderrobles.

Ás 8 horas da manhã deste dia, achando-se Cabrera só na sua habitação escrevendo algumas cartas, percebeu o cheiro de bebida anti-spasmodica. Chamou um seu ajudante, e perguntou-lhe:

—Ha algum enfermo nesta casa?

—Não senhor.

—Pois esse cheiro de ether?

Neste momento entrou D. João Pertegaz, e o ajudante saiu para a ante sala. Cabrera levantou-se, e deu tres ou quatro passos pela habitação sem dizer uma palavra. Pertegaz collocou-se ao seu lado, e continuando o passeio, entabolou-se entre ambos o seguinte dialogo:

—D. Ramon, recebeu algum aviso da parte de Tortosa?

—Nenhum, respondeu Cabrera. Eu lhe asseguro que hão de abordar.

—Pois então não será certo o que se diz.

—Que se diz?

—Uns que desterraram a sua senhora mãe de Tortosa, outros que a enviam ao presidio, e outros que a querem matar.

—Isso, matal-a! Não se armaria má funcção!

—Quem o impediria? Não a tem presa, e podem fazer o que quizerem?

—E não se conterão, sabendo que eu faria o mesmo com a coronela Fontiveros e com as mais, e que não me contentaria com estas victimas, senão que degolaria as mulheres dos christinos que caissem em meu poder? Não o creio, Pertegaz. Que culpa tem minha pobre mãe?

—Nenhuma; porem se se empenham em fuzilal-a, o farão. Desengane-se, sr. D. Ramon; o ter a senhora de Fontiveros e a outras não basta.

—Vamos, vamos, não diga desatinos; vossê delira.

—Oxalá! Queira Deus me equivoque. Porem, quantas victimas innocentes precedem nesta revolução á sua senhora mãe!

—Com que vossê a dá por morta?

—Nas mãos dos inimigos, mais a tenho por morta do que por viva.

—Não me falle vossê disto, que me irrito, me queimo vivo; parece que se compraz em suffocar-me. Vá jogar e deixe-me em paz.

—Por Deus, sr. D. Ramon, ouça-me sem irritar-se.

—Que ha? disse Cabrera com voz terrivel, parando no meio do aposento. Não venha vossê com mysterios, nem reticencias. Que motivos tem para crer que se tenha commettido uma tropellia com minha mãe?

—Permitta-me que lhe recorde alguns factos dos inimigos, e conhecerá que não parece isso tão difficil.

—Não vejo outros mais horriveis do que os assassinatos dos religiosos dentro do templo; o incendio e o saque dos conventos; a crueldade executada com alguns de nossos prisioneiros, fuzilando-os á porta de sua propria casa, fazendo presenciar este acto aos paes, filhos, esposas, e parentes mais proximos; a inaudita ferocidade que acaba de ter logar em Barcelona, onde foi assaltada a cidadella e assassinados os prisioneiros que alli havia, entre elles o coronel O'Donnell, cujo cadaver foi arrastado e queimado na Rambla, e até os enfermos carlistas que havia no hospital do

Quem poderá soffrer um juiz que no meio da encapellada politica, e quando os partidos cruzavam uns contra os outros querellas e processos crimes, vendo nestes envolvidos o administrador do concelho e um grande numero dos seus amigos politicos, e ainda os chefes da opposição, se conduziu de forma e maneira, que uns e outros confessavam que era um juiz inteiramente estranho á politica!!

Quem poderá soffrer um juiz destes, que não protege e auxilia—a troco da lei e da justiça—a politica *do martello*, as suas denuncias e vinganças, mostrando que como juiz tem uma cabeça para pensar e castigar o crime em conformidade com a lei, mas como homem tem um coração para sentir, que lhe não deixa pôr á disposição da politica vingativa a lei e a justiça?! Soffra pois—embora não queira, da sua rude e desattenciosa imparcialidade já que não sabe, ou não quer transigir com as denuncias e vinganças d'aquella politica.

O juiz de Valle Passos entende que administra justiça nas regiões aerias. Quer ter, e tem a louca e pueril vaidade de ver se consegue que se diga—Não acabamos com a nação, porque o poder judicial salva-nos pela justiça e moralisação!!

Coitado, que pouca experiencia tem de juiz, que miope que é!! Não vê, não conhece a sociedade em que vive!

Ignora que este mundo é todo positivo, e que a tranquillidade e socego da sua consciencia de nada valem!!

Anda na região da lua, mas sem amigos e afeiçoados, pensando talvez, que só lhe cumpre administrar justiça, sem contemporisar com as importancias e notabilidades locaes, e dar impulso ás machinas de fazer deputados!

O juiz de Valle Passos é uma actividade e zelo pelo serviço, que põe em sobresalto e desassocego as familias!!

Mettia-se-lhe talvez na cabeça de pôr e trazer em dia os negocios judiciaes e forenses da comarca, o que cremos conseguiu, fazendo para isso trabalhar e trabalhar muito os empregados, cujas fadigas as caras mulheres e carinhosos filhos choravam em face dos risos e contentamento das partes litigantes—da ordem, e regularidade da boa administração da justiça; mas um juiz assim, surdo a lagrimas e choros, bem pode dizer-se não ter coração que saiba sentir; é um juiz de bronze, de marmore; é finalmente um juiz impossivel.

O juiz de Valle Passos é tambem um chapado ignorante, que prejudica a justiça e direitos das partes. Poz-se ahi a dar sentenças aos centos, engendrando-as a seu modo, e as partes, como que magnetisadas, com ellas se contentaram, salvas poucas excepções, que recorreram—mas sem obterem resultado.

Um juiz que forja sentenças a vapor, mas que não regula a justiça e direitos das partes pelas cartas de recommendação que tem sobre a mesa, é um juiz ignorante, que deve quanto antes desapparecer da comarca.

Tendes razão senhores de Valle Passos, ávante com a crua guerra ao vosso juiz, na qual tendes por vós os maus, criminosos, influentes despeitados—a corrupção e a devassidão; mas permitti que nós, alheios a vossas paixões e despeitos, bemdigamos o vosso juiz pelo seu nobre procedimento, como juiz intelligente e recto, activo e justiceiro, honra e ornamento da magistratura portugueza.

Traz os Montes 18 de Agosto de 1873.

Um imparcial vigilante.

NOTICIARIO

O vento e a poeira. — Durante a estação calmosa é frequente a formação de densas nuvens de poeira, que o vento póde transportar a grandes distancias. Observa-se este phenomeno nas grandes estradas em dias seccos e ventosos.

Muitas vezes produz-se uma verdadeira chuva de pó e areia, que cobre grandes extensões de terreno, esterilisando os campos, e destruindo os limites das estradas e propriedades. No Egypto, e nas grandes planicies da America do Sul, conhecidas pelo nome de *pampas*, succedem estes casos com frequencia. Em 25 de Agosto de 1842 levantou-se em Heidelberg, na Allemanha, tão vasta nuvem de poeira, que esterilisou mais de 500 kilometros quadrados de terrenos.

As cinzas volcanicas são tambem transportadas pelos ventos a grandes distancias. As do Vesuvio tem chegado a Veneza e á Grecia, a 500 e 700 kilometros. As areias finas dos desertos de Africa são tambem levadas da mesma forma a distancias immensas. No oceano atlantico, a 1:000 kilometros a oeste da Africa e do deserto de Sahara, tem acontecido a alguns navios serem cobertos por uma areia avermelhada, transportada pelo vento.

Nos desertos de Asia e Africa levantam-se massas enormes de areia, que produzem immensas devastações nos campos, nas povoações e nas caravanas que atravessam aquellas regiões. Os cadaveres dos homens e camellos, em grande quantidade, attestam ao viajante aquelles dolorosos estragos. Exercitos inteiros tem sido assim sepultados. Tal foi o destino de 50:000 homens, que Cambyses enviara com o fim de saquear e destruir o famoso templo de Jupiter Ammon.

O movimento das *dunas* nas regiões littoraes é um phenomeno da mesma natureza. No Egypto, na zona limitrophe do deserto da Lybia, tem as areias invadido grande numero de povoações, e sepultado muitos edificios, ficando a descoberto apenas os minaretes das mesquitas musulmanas. Monumentos muito notaveis foram assim solterrados, que se tem encontrado em perfeito estado de conservação.

Em alguns departamentos de França a destruição produzida pelas *dunas* tem sido consideravel. Aldeias populosas, ainda habitadas ha 50 annos, estão hoje cobertas por um mar de areia de muitos pés de altura, conservando-se ainda a descoberto as torres das egrejas, as chammés e a parte superior de alguns edificios mais elevados. No departamento das Landes, as *dunas* vão todos os annos sepultando campos viçosos e aldeias populosas e risonhas. Uma antiga e magnifica calçada romana, que de Bordeus se dirigia a Bayonna, e que ha 60 annos ainda estava descoberta, desappareceu completamente sepultada pelas areias.

Phenomenos similhantes succedem na Hollanda e outros paizes. Em Portugal tambem as *dunas* vão invadindo e assolando as regiões do littoral, e fazendo retroceder as aguas correntes, não permittindo a sua vasão no oceano. O meio mais seguro de combater este flagello é a arborisação do littoral, porque só uma verdadeira couraça vegetal póde conter o movimento das areias. O famoso pinhal de Leiria é um exemplo frisante para demonstrar esta verdade.

Ninhos de peixes—Já Aristoteles e Plinio citavam exemplos curiosos de *nidificação* dos peixes. Os naturalistas modernos confirmam estes factos. Um dos exemplos mais notaveis é o dos carapáus. Estes pequenos peixes estabelecem o seu domicilio no meio de plantas aquaticas, e fabricam com fibras de hervas e fragmentos de vegetaes, verdadeiros ninhos, similhantes aos das aves, onde as femeas depositam os ovos, que os machos depois fecundam.

Alem destes exemplos, ha outros não menos curiosos de ninhos de molluscos e crustaceos artisticamente construidos. As redes dos pescadores trazem muitas vezes destes ninhos, que pertencem a certas especies de mexilhões e de lagostas.

Peixes voadores—A natação dos peixes é similhante ao vôo das aves. Nestas as azas funccionam como remos, que fendem o fluido aerio, e naquelles as barbatanas, fendem a agua e executam movimentos variados. Os peixes voadores têem as barbatanas peitoraes muito fortes e desenvolvidas, e por meio dellas saltam para fóra da agua, e conservam-se no ar por algum tempo, voando como as aves. Parece que os peixes dotados desta extraordinaria faculdade, recorrem ao vôo, quando são perseguidos na agua por inimigos poderosos que pretendem devoral-os. Fogem porem de um perigo, para cair noutro; sendo ordinariamente victimas das aves do mar que os perseguem com grande voracidade.

Definição de mulher—Pedindo-se a Fontenelle a definição de mulher bella:—uma mulher formosa, respondeu elle, é o paraizo dos olhos, o inferno da alma, e o purgatorio da bolça.

Legado curioso—Um advogado celebre legou em seu testamento uma somma valiosa a um hospital de doidos, declarando que tendo ganho esta fortuna com os que passam a vida em demandas, entendia em sua consciencia, que devia fazer uma restituição.

Juizo critico—Conversando alguns amigos a respeito de um deputado, que nunca tinha fallado na camara, disse um delles:—F... nunca abriu a bocca no parlamento.—Engana-se, disse outro:—Muitas vezes a abriu, ouvindo certos discursos que lá se recitam.

Mãe previdente—Houve em Coimbra um estudante muito prodigo e muito cabula. A mãe era uma viuva rica, que dava ao filho uma boa mesada, alem de muitas quantias extraordinarias. Não havia porem dinheiro que chegasse para satisfazer as prodigalidades e loucuras do rapaz.

A mãe já enfadada com tantas despezas, sabendo que o filho não abria os livros e os conservava todo o anno intactos como os recebia no acto da matricula, lembrou-se de esconder algumas quantias entre as folhas dos compendios, que neste esconderijo seguro escapavam á voracidade do *cabide de batina*.

Resposta acertada—Dizendo-se a Zenon, que o amor era improprio dos sabios, respondeu o philosopho:—se isso fosse verdade, triste sorte seria a das mulheres, porque não seriam amadas senão pelos parvos e ignorantes.

Votos de um deputado.—Em dia de sessão tempestuosa em uma assembleia legislativa, queixava-se um deputado, dizendo:—Que desordem! Ninguem se entende na sala; não se ouve nada; tenho já votado tres vezes sem saber sobre quê.

João Duarte Ribeiro.—Ahi vão mais duas anedoctas relativas ao vestimenteiro João Duarte Ribeiro.

Era elle thesoureiro da Misericordia; e quando o exercito francez de Massena entrou em Coimbra no dia 1 de Outubro de 1810, levou Duarte Ribeiro o dinheiro da thesouraria e foi enterral-o em uma quinta que tinha para

baixo do Almegue. Nessa occasião enterrou na mesma quinta, mas em sitio separado, o dinheiro que pessoalmente lhe pertencia.

Decorridos alguns dias, voltou á quinta para verificar se lá existia o dinheiro. Abriu a cova do dinheiro delle, e como o achou, não procurou o dinheiro da Misericordia na outra cova.

Quando João Duarte Ribeiro estava a verificar a existencia do seu dinheiro, foi observado por um individuo, que logo que elle se ausentou, lho foi roubar. Felizmente salvou-se o dinheiro da Misericordia, pela circumstancia de Duarte Ribeiro não ter aberto a cova onde elle estava; aliás tinha a mesma sorte do seu.

O ladrão foi preso, seguiu-se o processo em que foi condemnado; mas como não tinha meios de pagar, ficou sem o seu dinheiro João Duarte Ribeiro. Este, porem, entregou fielmente á Misericordia o dinheiro que a esta repartição pertencia.

Agora narraremos outro facto que com elle aconteceu.

Um individuo que observou que João Duarte Ribeiro tinha uma porção de dinheiro em cima do mostrador da sua loja, na rua do Correio, entrou dentro della; e disse-lhe que tinha a incumbencia de uma vestimenta para um padre da sua aldeia, o qual era exactamente da altura do vestimenteiro. Pediu-lhe, por isso, que enfiasse uma vestimenta, porque se ella lhe estivesse boa na altura, de certo ficaria bem ao padre que lh'a encommendara.

Com effeito João Duarte Ribeiro tratou de experimentar uma vestimenta; e o cavalheiro de industria, que andava em volta delle, como a observar se estava bem a vestimenta, ia ao mesmo tempo pregando varios alfinetes a segural-a ao fato do vestimenteiro; e da mesma forma lhe tirava surrateiramente o dinheiro de cima do mostrador, e o mettia no bolço.

Logo que se achou com o dinheiro, saiu o larapio da loja, e caminhou pela rua fóra. João Duarte Ribeiro dando pela falta do dinheiro, corre pela rua do Correio a gritar pelo ladrão, mas querendo tirar a vestimenta, não podia, por estar presa com os alfinetes.

O ladrão ia no entretanto caminhando muito socegado, dizendo para quem encontrava: coitado, que endoudeceu! E assim se salvou com o dinheiro.

Prisão em Coimbra das justiças de Poiares em 1750. — Extracto de uma acta do senado da camara desta cidade:

«Havendo annos que os moradores dos concelhos das sete varas de Poiares, que são Arrifana de Poiares, Algaça, Friumes, Hombres, Mucella, Villa-Chã de Poiares, e Canedo, os seus officiaes de juiz, escrivão e procurador se tinham levantado, negando em parte a obediencia a este senado, não querendo cumprir as ordens por esta camara expedidas, para virem á correição do termo, e alguns ameaçando os caminheiros que lh'as levavam; e alem da injuria que a camara recebia desta obstinação e rebeldia, se seguia damno ao bem publico, pois não afilavam pesos, medidas, nem tiravam as licenças para exercer os seus officios, tratos e contratos; e necessitando-se de remedio violento, antes que chegasse a ser mortal esta ferida, passou o senado uma ordem por elle assignada, para que o alcaide, ou outro qualquer official de justiça, prendesse os officiaes dos ditos concelhos, que se tinham feito mais obstinados; sem embargo de ter sido inserto um capitulo do corregedor da comarca, que os contrangia á obediencia, que tambem não aceitaram, não lhes fazendo pendor a pena de dez mil reis a cada um, que o mesmo corregedor lhes comminou, caso não obedecessem.

«Em occasião de trazerem as pautas para as novas justiças do anno que vem, foram presos o procurador de Algaça, os juizes do Canedo e de Hombres; e depois de presos, quatro e cinco dias, em cujo tempo fizeram varios requerimentos para sua soltura, resolveu o senado mandal-os vir á sua presença, e depois de inquiridos, *e confessada palliadamente a sua malicia, disseram que estavam promptos, elles, e em nome do seu povo, a serem de hoje em diante obedientes ao senado e ás suas ordens, e que imploravam a sua clemencia*; e como a mente do mesmo senado não é struir os seus subordinados, mas reduzil-os ao conhecimento do seu dever, resolveram que logo eu escrivão da camara passasse uma ordem para os ditos concelhos, de quem são os presos, para que no dia de quarta feira de tarde, que se hão contar vinte e tres do corrente mez, os dois procuradores, os tres escrivães, e juiz, que se acham soltos, venham á casa da camara, com o rol das pessoas mechanicas, que ha nos taes concelhos, e certidão de suas notificações, cumprindo em tudo a ordem que lá tem, para se lhes fazer a correição; e para que viessem sem temor, lhes passasse um salvo conducto para não serem presos, nem molestados; e que cumprindo este mandado, se renderiam capazes de receberem a piedade, que imploravam deste senado.

«Tambem mandaram soltar da prisão em que se achava o juiz do concelho de Hombres, por ter satisfeito e cumprido a ordem sobre a correição dos officiaes mechanicos; e reconhecida a obediencia e submissão que deve a este senado, *confessando que tinha incorrido em tantos absurdos por rusticidade e ignorancia*, lhe diminuiram a pena pecuniaria em que tinha incorrido de seis mil reis, comutando-lha em dez tostões, que satisfez.»

Fallecimento. — No domingo falleceu o antigo e honrado negociante de mercearia, desta cidade, o sr. Francisco das Neves Carneiro. Era natural do concelho de Goes, onde supponos que ainda vive o pae delle, em muito avançada edade.

Classificações. — Tambem teve a classificação de *distincto*, nos ultimos exames para o magisterio primario, a sr.ª Ludovina do Carmo Pereira Neves; e tiveram a classificação de *bom* os srs. Antonio Carvalho da Silva, Antonio da Silva e Cunha Junior, Emygdio Cardoso Ayres Pinheiro, José Alexandrino da Silva Beja, José Maria da Costa Duarte, José Maria Rocha da Fonseca José Monteiro de Campos e Figueiredo, Lino Candido Teixeira de Oliveira, e Carolina dos Prazeres Xavier.

Concurso — Foram mandadas pôr a concurso pelo espaço de 20 dias, a começar no dia 25 do corrente, as cadeiras de instrucção primaria do sexo masculino, da Tocha, no concelho de Cantanhede; de Souzellas, no concelho de Coimbra; do Cabeço de Portomar, e de Mira, no concelho de Mira; e da Ereira, freguezia de Verride, no concelho de Monte Mór o Velho.

E do sexo feminino, de S. Miguel de Coja, no concelho de Arganil; e de Santo Varão, no concelho de Monte Mór o Velho.

Gabinete portuguez de leitura. — Fomos obsequiados com um exemplar do *Relatorio da directoria do Gabinete portuguez de leitura no Rio de Janeiro em* 1872.

Temo-nos por varias vezes referido a este importantissimo estabelecimento, creado e sustentado pelos nossos compatriotas na capital do Brazil; e por isso hoje pouco mais temos a acrescentar.

Diremos, porem, que no anno de 1872, fez o Gabinete portuguez de leitura a acquisição de mais 702 obras, em 988 volumes.

No ultimo dia do referido anno ficou possuindo o Gabinete 240 estampas, 67 mappas, 1 medalha, 92 quadros, e 20,371 obras, em 44,917 volumes.

Durante o mesmo anno sairam do Gabinete para serem lidos pelos accionistas e subscriptores, 38,826 livros.

E foi o Gabinete frequentado por 3,022 leitores, alem de 148 visitantes.

Foram propostos: para presidente honorario do Gabinete, o sr. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello; para socios honorarios os srs. João de Andrade Corvo, Antonio de Serpa Pimentel, Antonio Cardoso Avelino e Augusto Cesar Barjona de Freitas; e para socio benemerito, o digno socio correspondente em Lisboa, o sr. Antonio Maria Pereira, a quem a directoria se compraz enviar sinceros agradecimentos, pelos seus bons officios ao Gabinete.

Monte pio official—O nosso respeitavel e prezado amigo, o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, obsequiou-nos com a offerta de uma collecção completa dos relatorios do monte-pio official, desde o anno economico de 1867 a 1868 até ao anno economico de 1872 a 1873. Agradecemos a s. ex.ª mais esta prova de muita estima.

Durante todos os referidos annos esteve o monte-pio official sob a esclarecida direcção do sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro. Agora, porem, achando-se s. ex.ª já fatigado com um tão longo e penoso trabalho, pediu a exoneração daquelle cargo, a qual lhe foi concedida nos termos mais honrosos.

Eis ahi o decreto da sua exoneração:

«Attendendo ao que me representou o conselheiro d'estado extraordinario, ministro e secretario d'estado honorario, José Silvestre Ribeiro: hei por bem conceder-lhe a exoneração que pediu, do cargo de presidente da direcção do monte-pio official, *em cujo exercicio deu constantes provas da sua dedicação e zelo pela prosperidade do referido monte-pio; em consideração do que me praz dar-lhe um publico testemunho da minha satisfação pelos seus bons serviços*.

O ministro secretario d'estado dos negocios da fazenda assim o tenha entendido e faça executar Paço em 12 de Agosto de 1873. —REI—*Antonio de Serpa Pimentel*.»

Queixas justificadas.—A camara municipal mandou matar os cães vadios, que por ahi infestam a cidade. Era essa uma providencia muito necessaria.

Na maneira, porem, de executar esta medida, é que se está procedendo de uma forma que repugna. Matam-se os cães de dia, obrigando assim os habitantes a presencear o espectaculo afflictivo da agonia dos cães moribundos!

Ainda hontem recebemos uma carta, motivada por um facto destes, acontecido na rua do Corvo, onde um cão, pelas 9 para as 10 horas da manhã, morreu á porta dos negociantes os srs. Antonio Diniz Carvalho & C.ª

Não sabemos se a camara deu ordem aos empregados para matarem os cães mesmo de

---

Junqueras foram arrancados dos seus leitos e fuzilados.

—Pois bem, replicou Pertegaz, se tudo isso tem succedido, que extranho será que sendo o sr. D. Ramon o primeiro chefe carlista destes reinos, e tanta a raiva que lhe têem...

—Já vejo, já vejo, disse Cabrera com acento muito triste, e cravando os olhos no chão

—Ah, D. Ramon! quasi deveria estar convencido de que já não tem mãe, e se não a fuzilam hoje, a fuzilarão amanhã. A religião, a humanidade e o dever, me obrigam a rogar-lhe que se resigne a soffrer esta desgraça

—Que é o que diz vossê? respondeu Cabrera dando uma forte pancada em cima da mesa. Que sabe de minha mãe? De prompto, de prompto, falle.

—Não quizera saber tanto, disse Pertegaz comovido, e agarrando na mão direita de Cabrera; sinto na alma ser eu o mensageiro de tão fatal nova.

—Porventura se haverão atrevido a assassinar-ma?

—Sim, D. Ramon, fuzilaram-na; cumpra-se a vontade de Deus.

Os olhos de Cabrera scintilavam, e saiam de sua orbita.

—É certo? perguntou.

—Certo! disse Pertegaz soluçando.

Cabrera levantou os olhos ao ceu, exclamando:

—Oh innocente minha mãe! Oh inaudita crueldade! A mim devieis buscar-me, cobardes. Se querieis a minha cabeça, eu vol-a houvera entregado em troca da de minha mãe. Deixe-me, Pertegaz, quero morrer.... Não, quero viver, viver para vingar a minha mãe. Porem, eu ardo, dê-me agua; não quero agua.... sangue, sangue é o que quero. Tremerá o mundo. Desgraçado do que me falle de piedade e de compaixão! Mas quem lhe deu esta noticia?

—Senhor, disseram-no uns arrieiros.... e alem disso....

—Que venham já esses arrieiros; neste momento, neste momento.

—Ignoramos onde estão, e como se chamam; é summamente difficil encontral-os.

—Não importa, eu o mando, que venham á minha presença.

—Tambem tenho documentos.

—Venham esses documentos.

Pertegaz lhe entregou dois ou tres officios, e Cabrera, convulso e agitado, os leu, ficando immovel alguns instantes. Dirigiu-se á mesa, sem que Pertegaz lhe soltasse a mão; sentou-se, e inclinando a cabeça, ficou pensativo.

—Deixe-me, quero estar só.

Pertegaz não se atreveu a perdel-o de vista, porque a sua espada e pistola estavam em cima da mesa. Não obstante, levantou-se um momento para trazer a bebida anti-spasmodica, que chegou aos labios de seu consternado chefe. Depois de um gemido penetrante, poz Cabrera a mão direita no punho da espada, e dando duas ou tres pancadas com os dedos, exclamou:

—Has de fazer tremer o orbe.

Levantou-se de repente, e saindo á janella, julgou Pertegaz que ia precipitar-se. Agarrou-lhe ambas as mãos para o conter, e Cabrera o observou, dizendo:

—Nada, nada; chegue, contemple quão elevadas são essas montanhas, e como as aguas do rio—o Matarraña—correm ahi. Ouve, Pertegaz?

—Sim, senhor.

—Pois bem, apoiando a mão direita no hombro de seu solicito consolador; eu farei que o sangue corra até passar por cima dessas montanhas. O sepulchro de minha mãe hade nadar em sangue; eu verei impassivel a desolação universal, e o mundo convertido em um lago de sangue, ainda que me afogue depois nesse lago.

Retirando-se da janella, principiou a dar rapidos passeios pela sala. Arrancava os cabellos, e seus chamejantes olhos despediam vistas aterradoras. Com voz inteira e firme disse a Pertegaz:

—Pegue na penna, e escreva o que lhe vou ditar.—«*Ordem geral*: Immediatamente formará toda a divisão. Distribuir-se-hão companhias por todos os povos destas immediações. Em acto continuo, passarão a degolar todas as familias dos christinos, até á quarta geração. Quarenta dias de degolamento. Pena de vida áquelle que não cumprir esta ordem.»

Pertegaz, que observava o estado de Cabrera, e conhecia o seu caracter, longe de contrarial-o, pois desgraçado d'aquelle que então se tivesse atrevido a fazel-o, apoiava estas ideias, dizendo:

—Bem, D. Ramon, muito bem. Cem dias de degolamento, em vez de quarenta.

—Sim, tem razão, cem dias, mil; sem termo, sempre matando.

—Assassinaram a sua mãe, só por ser sua mãe.

—Esteve vossê em posição de vingar esta morte?

—Não.

—Pois então, não sabe o que é dor, o que é vingança. Isto só o posso saber eu: eu só, desde que ha mundo. Serão passados pelas armas....

Conhecendo Pertegaz que era já tempo de desviar estes crueis sentimentos, disse:

—Permitta-me, sr. D. Ramon, que o interrompa.

—Que ha? respondeu Cabrera, parando no meio da sala.

—O sr. D. Ramon, ainda que joven e fogoso, não se nega á razão. Bem vejo que o seu estado é agora o mais atroz do mundo; porem desejaria que ouvisse o que me contaram alguns individuos que presencearam a morte da senhora sua mãe. Ainda que todas as cousas occorridas em taes occasiões são tristes, algumas não deixam de ser satisfactorias e consoladoras.

—Pois que houve? Falle.

—Que sua mãe, ajoelhada, ouviu a notificação da sua morte. Durante o tempo que esteve na capella, edificou o confessor e a quantos a rodeavam: desde o carcere até o supplicio marchou com pé firme, indicando que todo o seu coração estava fixo em Deus. Os habitantes de Tortosa choravam, e até as pedras se condoiam.

Antes de concluir Pertegaz esta narração, Cabrera se recostou na cama, derramando copiosas lagrimas. Pediu que o deixassem só, e Pertegaz, tirando-lhe a espada e pistolas, saiu para a ante-sala, entrando depois a miudo, com algum ajudante, para observar a Cabrera, que passou duas horas chorando e suspirando.

A ante-sala estava cheia de officiaes e chefes carlistas. Uns queriam matar, incendiar e diffundir por todo o paiz o seu odio exterminador. Outros, e eram os menos, reprovavam as ideias de terror e exterminio, e procuravam acalmar os animos, aconselhando um systema de benignidade e de cordura.

Cabrera levantou-se da cama, e deu licença para que entrassem a vel-o. Pertegaz advertiu a todos que fallassem de cousas indifferentes, fugindo das conversações que podessem exacerbar o sentimento de seu chefe. Este guardava silencio, e havendo-lhe sido apresentado um pouco de caldo, bebeu metade, depois de mil instancias.

Nada disse já de fuzilamentos, e nem sequer se recordou das quatro prisioneiras, cuja morte havia jurado se chegasse este caso. Porem não faltaram alguns chefes e officiaes que, esquecendo as prevenções do humano Pertegaz, suscitaram imprudentemente uma conversação, que renovou o pesar de Cabrera, e lhe trouxe á memoria o seu voto terrivel. Houve disputas acaloradissimas.

—Nossos paes e esposas estão no carcere, porque seguimos as bandeiras carlistas—diziam uns. Se não adoptamos medidas sanguinolentas, terão a mesma sorte que a mãe do nosso commandante geral. Castigos exemplares e promptos se precisam, sr. D. Ramon.

—Não—responderam alguns poucos;—não nos pareçamos com os inimigos; defendemos outra causa; a religião nos manda perdoar. O nosso rei é humano e compassivo.

—Tudo isto está bem; porem convem tratar aos christinos como elles tratam aos carlistas. Quem é o provocador? Alem disso dirão que nos intimidaram.

—Vingar-se em innocentes e indefezos é de cobardes.

—E se fuzilam a meu pae?

—E se matam a minha esposa?

—E se se cumprem as circulares de Nogueras e de outros chefes christinos?

—É verdade, exclamou Cabrera com voz ameaçadora. Eu não tenho querido tomar parte nesta empenhada discussão, porque via os animos muito agitados. Agora já sei o que me toca fazer. Deixem-me só com o meu secretario, e esperem as ordens.

Meia hora depois, imprimia-se o seguinte:

«O barbaro e sanguinario D. Agostinho Nogueras, intitulando-se commandante geral do baixo Aragão, acaba de publicar, como heroicidade, o assassinato que a seus rogos se verificou em Tortosa em minha innocente e desgraçada mãe, sendo fuzilada deshumanamente na manhã de 16 do corrente, no sitio da barbacã, e atropelladas e presas minhas tres irmãs, apezar de serem duas dellas esposas de dois nacionaes d'aquella praça.

«Horrorisado, e cheio, não obstante, de serenidade e valor por tão triste como cobarde e vil acção, propria de homens que a justiça da causa que abraçaram a querem fazer triumphar com feitos infames de terror, submergindo a patria e familias em pranto e luto geral, supondo todavia que a sua illustração e conducta será capaz de assegurar a usurpação criminosa, que tantas victimas tem occasionado; usando das faculdades que o direito e a justiça concedem ao meu caracter de commandante geral desta provincia, nomeado por el-rei e legitimo soberano nosso, o senhor D. Carlos V, tenho determinado, conforme as suas reaes instrucções, o seguinte:

«1.º Declaram-se traidores o intitulado brigadeiro D. Agostinho Nogueras, e quantos individuos continuem a servir no exercito, empregados pelo governo da chamada rainha governadora.

«2.º Serão fuzilados, em consequencia da anterior declaração, todos os individuos que forem apprehendidos.

«3.º Fuzilar-se-ha immediatamente, em justo desaggravo de minha mãe, a senhora do coronel D. Manoel Fontiveros, commandante de armas que foi de Chelva, reino de Valencia, que se achava detida para conter a ira dos revolucionarios; e tambem tres mais, que são: Jacinta Fos, Marianna Guardia e Francisca Urquizu, e até o numero de trinta, que determino para expiar o infame castigo que soffreu a mais digna e melhor das mães.

«4.º Enternecido o meu coração, e cheio de copiosas lagrimas os meus olhos ao ditar esta terrivel providencia, não posso deixar de annunciar com dor, que não só desprezo altamente as atrocidades que enchem de luto e afflicção, senão que a sua sede sanguinolenta será vingada irremissivelmente por cada victima, com vinte das familias dos assassinos que as continuarem.—Valdertobles 20 de Fevereiro de 1836—*Ramon Cabrera*.»

Ainda que esta ordem foi expedida por Cabrera no dia 20 de Fevereiro, a execução das quatro infelizes mulheres só foi effectuada no dia 27.

Ora, no momento de receber a infausta nova da morte de sua mãe, comprehende-se bem o exterminio de tudo quanto rodeasse a Cabrera, dando menos ouvidos á religião do que á vingança; porem, dando logar á reflexão, a morte dessas desventuradas não tem outro aspecto do que o de uma vingança; e foi mais que vingança, crueldade, deshumanidade horrivel.

Nada tem, portanto, de extranho que Cabrera, que hoje vive em Inglaterra, recordando não ha muito tempo ainda este successo, exclamasse com amargura:

—*Até ao tumulo me atormentarão estas recordações!*

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

dia; ou se será abuso delles. Seja como fôr, é indispensavel que os empregados recebam ordem terminante, para cessarem de prompto com esse abuso.

Qualquer medida de policia, que em si é boa e de utilidade; póde, sendo mal executada, fazer levantar justos clamores.

Esta está nesse caso.

Gremios industriaes—O sr. escrivão de fazenda deste concelho pede-nos para fazermos constar ás differentes classes industriaes, que a reunião dos gremios respectivos hade ter logar durante os dias 29, 30, e 31 d'Agosto corrente, e 1, 2 e 3 de Setembro proximo no local do costume e ás horas que forem designadas nos avisos que previa e individualmente hão de ser feitos.

Cemiterio da Conchada.— Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Maria José, filha de Bernardo dos Santos e Maria Rosa, natural de Coimbra, de 5 annos, fallecida no dia 16.

Emilia Rosa, filha de Jeremias dos Santos Pinto e Clementina Lobo, natural de Coimbra, de 31 dias, fallecida no dia 18.

José Simões, filho de Antonio Simões e Theresa de Jesus, natural de Santa Clara, de 19 mezes, fallecido no dia 18.

Francisco Rodrigues Pereira, filho de Joaquim Pereira e Maria Barbara, natural de Coimbra, de 27 annos, fallecido no dia 19.

Joaquim Maria Soares de Paula, filho de Francisco Paula Soares da Cunha e Francisca Victoria de Figueiredo, natural de Coimbra, de 90 annos, fallecido no dia 19.

Maria Rosa, filha de Balthasar Ferreira e Maria de Jesus, natural do Casal de Santo Amaro, de 65 annos, fallecida no dia 20.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada=5089.

Mercado de Condeixa a Nova no dia 22—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 490—Dito branco 450—Dito mourisco 450—Milho branco 290—Dito amarello 260—Feijão vermelho 440—Dito branco 400—Dito rajado 340—Dito frade 260—Cevada 220—Favas 300—Tremoços 220—Batatas 200—Vinho 1$000—Azeite 1$130.

Bussaco.—Diz o *Jornal da Noite* que no sabbado á noite partiu para o Bussaco o sr. presidente do conselho e ministro da guerra, em companhia do sr. general Caula, e de varios officiaes, sendo um d'elles o sr. tenente coronel Cascaes, a cuja patriotica persistencia se deve o monumento commemorativo da batalha.

O sr. ministro da guerra quiz examinar pessoalmente as condições em que poderá realisar-se, decorosa e economicamente, a inauguração do monumento e o simulacro da batalha no dia 27 do proximo mez de Setembro.

Noticias de Hespanha.— As noticias dos carlistas são bastante graves.

Os sitiadores de Bilbau estabelecem já baterias de posição com peças de grosso calibre, e o cabecilha Velasco foi reforçar o sitio com 3:000 homens. A povoação está ameaçada de perder todas as suas communicações e ficar sem as aguas de fornecimento publico, que ameaçam cortar os carlistas.

O governo mandou forças em auxilio de Estella, cujas fortalezas resistem heroicamente.

Corre o boato de que a equipagem da fragata *Carmen* tentára sublevar-se, mas que os officiaes suffocaram a tentativa e fizeram desembarcar os quarenta principaes instigadores.

Chegou a Madrid o general Caballero de Rodas.

ANNUNCIOS

Augmento de congrua

1 OS HABITANTES da freguezia de Oliveira de Cunhedo, elevaram a congrua do seu parocho, de 60$000 rs. que era, a 100$000 rs. Todo aquelle que para esta egreja for despachado, póde contar com este augmento.

Companhia real ingleza

PAQUETES A VAPOR

Para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos-Ayres.

LINHA QUINZENAL

PAQUETES A SAHIR DE LISBOA

EBRO	30 de Agosto
BOYNE	13 de Setembro
TIBER	29 de Setembro
DOURO	13 de Outubro.
LIFFEY	29 »
NEVA	14 de Novembro

Os paquetes Liffey, Ebro e Tiber não tocam em Pernambuco e Bahia.

PREÇOS REDUZIDOS

Esta companhia resolveu ter a bordo de todos os seus vapores COZINHEIROS PORTUGUEZES **para cozinhar para os passageiros de** TODAS AS CLASSES.

Nos preços das passagens está incluida a passagem para Lisboa, vinho, assistencia medica, propinas a criados e outras despezas.

N. B.— Os vapores desta linha *(a mais antiga na carreira do Brazil)* são conhecidos pela *regularidade, ordem a bordo, segurança, velocidade e melhoramentos mais modernos.*

Recebe de S. M. britannica, um *importante subsidio* pela conducção das malas.

Tiveram a insigne honra de serem *preferidos por SS. MM. II. do Brazil* nas suas recentes viagens.

Ha mais de vinte annos que estes vapores têem feito a carreira entre Lisboa e os portos do Brasil e Rio da Prata, e esta companhia *nunca perdeu nesta carreira um unico vapor,* nem houve sinistro de gravidade a lamentar.

Para Southampton.—Na volta do paquete, duas vezes por mez, ha passagens de primeira classe por 8 libras, incluindo caminho de ferro até Lisboa.

Para *carga e passageiros* na agencia, rua dos Sapateiros, n.º 25 a 29, Coimbra —O agente **Joaquim Martins da Cunha,** e nas mais terras onde a companhia tem agentes.

BARRIS PARA AZEITE

3 HA PARA VENDER 60 barris de 5.º, novos, bem construidos, proprios para azeite. Nesta redacção se diz com quem se póde tractar.

CASAS

4 ALUGAM-SE DUAS, adiante do jardim botanico, proprias para familias, sendo uma toda a estuque. O local é o melhor desta cidade, pelas vistas e excellentes ares. Trata-se com o senhorio, na Ladeira, n.º 20.

CALÇADO

5 MANOEL PEREIRA NUNES DELGADO, premiado na exposição internacional do Porto de 1865, tem á venda na sua barraca, em cima do caes das Ameias, calçado fino, do Porto, para homem e senhora.

MUITA ATTENÇÃO

6 A LUVEIRA D. MARIA JOSÉ HARTMANN, que ha tres annos tem aberto barraca na feira de S. Bartholomeu, com luvas, participa ás exm.as senhoras suas freguezas, que tambem lá está este anno, vendendo por preços muito rasoaveis. Egualmente vende chapeus.

Tem a sua barraca junto ás de fazendas brancas de Guimarães.

7 NESTA REDACÇÃO se diz a pessoa que empresta dinheiro, garantido por ouro ou prata, hypotheca ou lettras.

MONTE-PIO CONIMBRICENSE

8 A MESA da assemblea geral, convida os socios a reunirem-se no proximo domingo, 31 do corrente, pelas 11 horas prefixas da manhã, na sala da Associação dos Artistas.

Ordem do dia

Discussão e votação do parecer da commissão sobre o relatorio e contas apresentadas pela direcção, relativas ao 1.º semestre findo.

Segundo o disposto no § 6.º do art. 3.º do regimento interno, os livros e mais documentos apresentados pela direcção, estão francos em casa do secretario, a qualquer socio que os queira examinar.

O secretario da mesa,
Antonio Ferraz.

DANTAS GUIMARÃES

24—Rua do V. da Luz—30

9 ACABA de receber este estabelecimento, uma porção de pannos esguiões abretanhados, bons e largos, para camisas e saccos, que vende a 120 rs. o metro! Um saldo de lindas chitas largas a 150 rs. o metro; lãs modernas para vestidos a 200 e 240 rs. o metro; linhos para vestido a 160 rs.

VINHO DA BAIRRADA

10 A. A. DE CAMPOS E CASTRO, vende no Travasso, a 2 kilometros da Mealhada, 4 pipas de bom vinho tinto.

VENDA DE QUINTA

11 VENDE-SE A QUINTA denominada—das Lamas—que pertenceu a Joaquim José Gonçalves Morim, sita á entrada da Figueira, defronte do estaleiro, toda ou dividida em duas partes, ao que ella se presta; bem como se vende uma sorte na quinta da Varzea, que pertenceu a Antonio Gonçalves Amaro, e hoje arrendada a Antonio Fernandes Chamusco. Quem pretender qualquer destas propriedades queira dirigir as suas licitações em carta fechada a Francisco Maria Martins, rua do Visconde da Luz, n.os 97 e 99, Coimbra.

BOM VINHO VERDE!

DIVERSAS QUALIDADES PARA MESA

Rua das Solas, n.º 28

13 ANTONIO BELLO DA SILVA BRAZÃO continua a leccionar instrucção primaria, portuguez, francez e desenhos, na rua da Trindade, n.º 17, admittindo alguns estudantes em sua casa por preços commodos.

Estabelecimento d'horticultura

De A. M. S. Castro.—Rua do Visconde da Luz, 11.—*Deposito rua da Sophia,* 176.

14 PLANTAS para estufas, arbustos para jardins, arvores d'ornamento e florestaes—sementes novas d'hortalices.

15 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economias 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris; Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desire Rabir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2723 — SABBADO 30 DE AGOSTO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$726
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Temos escripto por differentes vezes neste logar ácerca da questão da emigração, mostrando aos povos os gravissimos inconvenientes de se deixarem seduzir pelas fabulosas promessas dos engajadores, que ahi têem lançado na desgraça e na miseria um grande numero de individuos e de familias.

O resultado das promessas com que os agentes das differentes companhias de emigração pretendem illudir a simplicidade das povoações ruraes, vai infelizmente apparecendo para desengano de todos, e para attestar a verdade com que a imprensa periodica fallou no intuito de prevenir os povos contra o trafico deshumano dos especuladores estrangeiros.

São agora os documentos officiaes que vêem provar que nos não enganavamos nas considerações que fizemos, com o fim de prevenir as classes trabalhadoras dos perigos que as cercavam.

A nenhuma confiança que mereciam os angariadores assalariados, os contratos com que elles illudiam a credulidade dos incautos, e ainda o clima inhospito a que se expunham os emigrantes, foram os motivos das nossas reflexões e de uma grande parte da imprensa, que neste humanitario assumpto se levantou unisona a aconselhar os povos.

O documento que abaixo segue, e que textualmente transcrevemos da folha official, é uma prova de que a imprensa fallava aos povos a linguagem da verdade. Sirvam ao menos estes factos de lição para aquelles a quem a ambição possa de futuro tentar. Convem por isso dar-lhe toda a publicidade.

Para conhecimento de quem possa interessar, publica-se o seguinte extracto de um officio do encarregado do consulado geral de Portugal em Nova York, datado de 12 de Julho ultimo:

«Neste consulado geral apresentaram-se os subditos portuguezes João Maria da Cruz e sua mulher, ambos em estado de completa miseria, vindo de Nova Orleans, para onde tinham sido engajados por Charles Nathan. Da plantação onde trabalhavam foram despedidos, dando-se-lhes um pequeno papel, cuja traducção é a seguinte:

Plantação Leighlad, 26 de Maio de 1872. —Certifico pelo presente que exonero de todo o contracto e obrigação a João Maria da Cruz.—(Assignado) *John William* por *R. L. Pugh.*»

«Estes individuos chegaram aqui soccorridos pelo vice-consul em Nova Orleans, e por algumas pessoas caridosas; e achando-se sem meios, e com pouca saude, pediram-me que os enviasse para Lisboa, sua terra natal. A' vista das circumstancias expostas annui a este pedido, tanto mais que estes infelizes poderão dar informações ácerca do tratamento que recebem os engajados portuguezes em Nova Orleans.

«Sobre este assumpto informou-me o vice consul, n'aquelle porto, que a maior parte dos engajados abandonaram seus contractos, tendo achado trabalho mais lucrativo em outros logares.»

Direcção dos consulados e dos negocios commerciaes, em 22 de Agosto de 1873.—O sub-director, *Jesuino Ezequiel Martins.*

São as exposições o meio mais efficaz que a civilisação tem descoberto para aquilatar o desenvolvimento dos povos em todos os ramos da sua actividade.

Nestes nobres certames da intelligencia humana, nestes concursos civilisadores da sciencia e da industria, nestas lutas grandiosas do progresso e da civilisação, destinadas ao engrandecimento e glorificação do trabalho, do merito scientifico e artistico, é que as nações adquirem o renome que mais as nobilita e eleva no conceito geral do mundo civilisado.

Por isso o governo actual, auxiliando a remessa dos productos nacionaes para a exposição universal de Vienna, e nomeando um commissario regio para alli zelar os interesses e os direitos deste paiz, praticou um bom serviço ás nossas industrias e honrou o nome portuguez.

Foram alli bem apreciados os productos desta nação, principalmente no que respeita á agricultura.

Consta que foram conferidos aos expositores portuguezes alem de um grande diploma de honra, 192 medalhas de premio e 195 diplomas de merito. Mais tarde serão publicados os seus nomes.

Com verdadeiro prazer archivamos nas columnas do *Conimbricense* a portaria que o nobre ministro o sr. Antonio Cardoso Avelino acaba de dirigir ao muito digno director das obras publicas deste districto, pela excellente direcção, zelo e economia com que o intelligente engenheiro se desempenhou no arduo trabalho da construcção da ponte da Portella.

São muito bem cabidos os louvores que o illustrado ministro dirige ao sr. Mathias Cypriano Heitor de Macedo. A' intelligencia e mais qualidades que distinguem o habil funccionario publico, era devido este testemunho de alta consideração.

Eis a portaria.

Sua Magestade El-Rei ha por bem ordenar que, em seu real nome, seja louvado o capitão de infanteria, Mathias Cypriano Pereira Heitor de Macedo, director das obras publicas do districto de Coimbra, pelo zelo, intelligencia e bom acerto com que superintendeu e fiscalisou os importantes trabalhos da construcção da ponte da Portella sobre o Mondego, na estrada real de Coimbra á Foz de Arouce. E assim o manda communicar ao mesmo director para sua satisfação.

Paço, em 18 de Julho de 1873.—*Antonio Cardoso Avelino.*

Para o director das obras publicas do districto de Coimbra.

NOTICIARIO

O chafariz da praça de S. Bartholomeu e o pelourinho da Portagem.—O actual chafariz ao cimo da praça de S. Bartholomeu, foi feito durante a gerencia da camara municipal, presidida pelo sr. conde da Quinta das Canas, de 1864 a 1865.

Na praça já tem estado chafarizes em tres differentes logares.

No sitio em que actualmente se acham edificadas as grandes casas do sr. João Matheus dos Santos, com frente para a rua da Calçada, estando d'esse lado a loja de fazendas brancas do sr. Antonio Maria Cardoso; e com frente para a praça de S. Bartholomeu, onde está a agencia do banco de Vianna; havia um passadiço, com um arco por cima, dando communicação da Calçada para a praça. Proximo ao passadiço, do lado da praça, estava um chafariz.

Em 10 de Dezembro de 1611, Maior Soeira, requereu á camara, que ella tinha e possuia umas casas em que vivia, que entestavam por uma das partes, *na serventia e vão do arco que ia da Calçada para a praça,* tendo para o vão desse arco portas abertas.

Acrescentava Maior Soeira, que tinham as suas casas os baixos na praça, e serventia defronte, e pegado *aonde estava o pelourinho,* os quaes baixos alugava a Maria Eira, em preço de 16$000 reis por anno, e agora com *este chafariz que se faz, e está feito,*

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXC

D. CARLOS

XL

O coronel Fontiveros, ao saber a execução de sua innocente esposa, dirigiu uma sentidissima exposição á rainha, em que fulminava aos generaes Mina e Nogueras, accusando-os de terem sido pelo seu atroz procedimento para com a mãe de Cabrera, a causa da morte de sua esposa em represalias. Esta exposição causou profunda impressão no paiz, e Mina, vendo-a publicada, demittiu-se de capitão general da Catalunha. Nogueras foi exonerado do commando da provincia de Teruel, e mandado partir para Valencia, a fim de receber ordens ulteriores, e depois para Alicante, mandando-se alem disso instaurar processo ácerca do fuzilamento da infeliz Maria Griño, que tanto alarmou toda a Hespanha.

Immoladas por Cabrera aquellas victimas, continuou nas suas excursões, tornando-se a guerra cada vez mais cruel.

Pertegaz, entrou no dia 29 de Fevereiro de 1836 em Liria, a quatro horas de Valencia; saqueou aquella opulenta povoação, matou 7 nacionaes nas ruas, 9 no campo, e levou 25 prisioneiros; e sendo conduzidos estes desgraçados a Chiva, ahi foram **todos fuzilados!**

Logo que constou a Palearea estes successos, acudiu com a sua columna, e em Chiva, depois de um renhido combate, bateu os carlistas.

Os serviços de Cabrera a D. Carlos, fizeram com que por despacho dado em Elorrio, a 11 de Abril, fosse nomeado brigadeiro.

Sabe Cabrera que no pequeno povo de Alcotas havia uma partida do regimento de Ceuta; corre em sua busca, e chega no dia 18 de Abril, quando já havia saido a força liberal. Alcança-a, surprehende-a, e a cerca em uma altura, onde a força liberal se tratou de fazer forte, procurando reparar o seu descuido com a sua bisarria: porem esgotadas as munições, capitularam verbalmente e se renderam aquelles desgraçados, fiando-se, por seu mal, na palavra de Cabrera.

Traidor a ella, e pretextando que haviam feito o seu enterro e profanado as imagens da egreja do povo, os mandou fuzilar, permittindo só a confissão aos officiaes, que tiveram de a fazer com o fanatico padre Escoribuela, auctor, como tantos outros maus sacerdotes, de puniveis excessos.

Cento e quarenta e cinco homens foram as victimas desta deshumanidade de Cabrera!

D. Francisco Valdés, sabendo em Daroca, destas e doutras depredações de Cabrera, Langostera, o Serrador, e Quilez, reuniu 1:100 infantes e 115 cavallos, e marchou a atacar a Quilez. Dá-se o combate em 30 de Maio, em Bañon, e são completamente desbaratadas as tropas liberaes. Ficaram prisioneiros dos carlistas 800 soldados, sendo fuzilados **30 e tantos officiaes!** E não só contou de menos o exercito liberal esta força, mas augmentaram com ella os carlistas, pois que quasi todos os soldados aceitaram o serviço de D. Carlos.

A cavallaria e uns 100 infantes entraram a occultar a sua vergonha em Daroca, outros correram a Teruel e outros a Calatayud.

Quilez orgulhoso do seu não esperado tri-

onde estava o pelourinho, se tapou e impedia o passadiço que vae da Calçada, no que ella supplicante recebia muito grande perda; pelo que pedia ao juiz e vereadores houvessem respeito a essa perda, como tambem á serventia que as suas casas tinham pelo dito arco, *e lhes dessem o ar d'elle, em compensação*.

Dizia mais, que o passadiço que ia da Calçada sahir á praça e entestava *onde esteve o pelourinho e onde novamente está o chafariz, e que ia por debaixo de umas casas de Villam Paes, estava tapado pela banda da praça, com a pedraria do mesmo chafariz.*

A camara, attendendo a que o passadiço apenas estava servindo de despejo de immundicies, lançadas alli pelos moradores da Calçada, deferiu ao requerimento de Maior Soeira, e aforou-lhe o passadiço por 300 rs. por cada anno.

O chafariz foi mudada para o cimo da praça, quasi a egual distancia de ambos os lados. Neste chafariz, que tinha um elevado obelisco no centro, se fez em 8 de Julho de 1835, uma vistosa illuminação, para commemorar o desembarque do exercito libertador nas praias do Mindello. Foi esse o segundo chafariz que houve na praça de S. Bartholomeu.

O terceiro chafariz é o actual, terminado em 1865, no local de umas casas, que alli havia, e pegadas ás do sr. José Simões Vaz, onde tem a sua loja de mercearia o sr. João Matheus dos Santos. Estas casas do sr. Simões Vaz foram edificadas no terreno de umas que alli desabaram em 1836. Neste desabamento, que foi para o lado da praça, onde então havia o mercado diario, houve de notavel a felicidade de ninguem morrer, nem ficar ferido. Até um jumento, que estava preso a uma das portas, logo que sentiu cair as primeiras pedras, puchou com tal força pela corda, que se desprendeu, e fugiu.

O pelourinho que estava na praça de S. Bartholomeu, sendo dalli tirado para no local delle se fazer o segundo chafariz, foi mudado para o largo da Portagem, onde se conservou, até ser mandado demolir pela camara municipal em 1836.

O primeiro chafariz, que já em 1611 se achava demolido e feito o segundo, estivera no vão de uma casa, proximo ao passadiço do lado da praça. Por quasi dois seculos se conservou esse espaço de terreno sem applicação, até que em 1805 foi aforado por Domingos José Gonçalves Machado, administrador dos tabacos e saboarias nesta cidade.

Requereu elle á camara, que junto ás casas da sua habitação, do lado da praça, se achava devoluto um pequeno espaço de terreno, que em outro tempo servira para o uso de um chafariz, antes de se mudar para o largo ao cimo da praça. Allegava que esse terreno transtornava o prospecto de uma das principaes ruas da cidade, servindo só para nelle se fazerem despejos de immundicies; e pedia por isso, a camara para que lhe aforasse esse terreno.

A camara annuiu. Foi medido o terreno, que tinha 11 palmos de largo pela parte da praça, e 47 palmos e meio de comprimento da praça para a Calçada; e attendendo ás muitas despezas que o requerente alli tinha de fazer, lhe arbitraram de foro 400 rs.

Este Domingos José Gonçalves Machado era pae do padre Anselmo José Gonçalves Machado, que foi a primeira pessoa que em Coimbra falleceu da cholera morbus no anno de 1855. Morreu em a noute de 14 para 15 de Outubro, na rua do Almoxarife. O padre Anselmo foi a ultima pessoa que se enterrou nas egrejas de Coimbra.

O sr. marquez de Sá da Bandeira—A este illustre militar, e não menos illustre escriptor, devemos o especial obsequio da valiosa collecção das suas differentes publicações. São as seguintes:

—*O trafico da escravatura, e o bill de Lord Palmerston, pelo visconde de Sá da Bandeira, ex-secretario de estado dos negocios estrangeiros.*—Lisboa, 1840.

É uma noticia historica de tudo quanto tinha occorrido entre Portugal e a Inglaterra acerca da extincção do trafico da escravatura; em que o distincto escriptor faz notar as violencias praticadas contra nós, e que tanto mais injustas se tornavam, quanto era a nação portugueza aquella que mais e da melhor vontade se havia prestado a extinguir aquelle odioso trafico.

—*The slave trade and Lord Palmerston's bill: by the viscount de Sá da Bandeira, ex secretary of State for Foreing Affairs.*—1840.

É a traducção para o inglez da memoria antecedente, á qual o seu auctor fez algumas correcções.

—*Carta do visconde de Sá da Bandeira ao conde de Santa Maria sobre a liberdade do voto dos officiaes militares.*—Lisboa, 1845.

Em 18 de Julho de 1845 havia o sr. marquez de Sá da Bandeira publicado pela imprensa o escripto intitulado:—*Reflexões sobre a pratica do direito eleitoral, dirigidas a s. ex.ª o sr. marechal, ministro da guerra, e aos srs. generaes e officiaes do exercito.*

Em 30 do mesmo mez publicou o *Diario do Governo* um papel datado em 27, assignado pelo sr. conde de Santa Maria e por outros officiaes, no qual se lia que os signatarios—«em quanto extensamente não analysam o dito folheto (As reflexões) rejeitam tudo quanto elle contem como attentatorio da disciplina militar e opposto ás doutrinas que professam.»

É, por tanto, a referida carta do sr. marquez de Sá da Bandeira a resposta ao sr. conde de Santa Maria e aos outros officiaes.

—*Carta segunda do visconde de Sá da Bandeira ao conde de Santa Maria. Contem o exame das accusações que com auctorisação de s. ex.ª lhe foram dirigidas.*—Lisboa, 1845.

É a resposta a uma analyse que appareceu no *Diario do Governo*, da primeira carta do sr. marquez de Sá da Bandeira.

—*Correspondencia entre o visconde de Sá da Bandeira e os ministros plenipotenciarios e outros agentes das potencias signatarias do protocollo de 21 de Maio de 1847, acompanhado de uma carta a S. M. a Rainha e d'outros documentos, seguida de um appendice.*—Lisboa, 1848.

Por occasião da guerra civil de 1846 a 1847, saiu o sr. marquez de Sá da Bandeira, do Porto para o Algarve, na qualidade de logar tenente da junta provisoria do governo supremo de Portugal, nas provincia do sul do reino, e desembarcou em Lagos no dia 31 de Março de 1847.

Do Algarve dirigiu-se s. ex.ª com a força expedicionaria para Setubal, e d'ahi é datada quasi toda a correspondencia inserida na mencionada publicação.

—*Faits et considerations relatives aux droits du Portugal sur les territoires de Molembo, de Cabinde, et d'Ambriz et autres lieux de la côte occidentale d'Afrique, situés entre le 5 degré 12 minutes et le 8 degré de la latitude australe, par le vicomte de Sá da Bandeira.*—Lisbonne, 1855.

A leitura da memoria publicada pelo sr. visconde de Santarem, ácerca dos direitos da corôa de Portugal sobre os territorios de Molembo, de Cabinda e d'Ambriz, decidiu o sr. marquez de Sá da Bandeira a redigir a sua memoria relativa ao mesmo assumpto, na qual se acham muitas noticias que podem reunir-se ás provas apresentadas pelo sr. visconde de Santarem, assim como outras de factos que modernamente haviam acontecido, com respeito aos mesmos direitos e aos mesmos territorios.

No fim desta memoria acham-se as seguintes cartas e planos:—1.º *Carte de la côte de Angola.*—2.º *Plan du fort de Cabinde, par le lieutenent colonel engenieur Pinheiro Furtado*, 1784.—3.º *Carte des pays de Mossulo et de Bombe, conquis par les portuguis en 1790 et 1791. Levée par le capitain Pinheiro de Lacerda en* 1791.—4.º *Plan du fort de Nazareth et St. Jean da Loge; e vue du même, prise du coté du sud. Fait par le capitain Pinheiro de Lacerda*, 1791.

—*Lettre adressée au comte Goblet d'Alviella, par le marquis de Sá da Bandeira, sur l'ouvrage—L'etablissement des Cobourg en Portugal—accompagnée d'une notice sur les évenements que ont eu lieu dans ce pays depuis 1836 jusqu'à* 1839.—Lisbonne, 1870.

O illustre escriptor desta memoria, pela parte muito importante que tomou nos acontecimentos politicos de que na mesma se occupa, está habilitado como poucos a fallar com conhecimento de causa, de factos até aqui geralmente mal apreciados.

O sr. marquez de Sá rectifica e esclarece muitos pontos tratados na memoria do conde Goblet de Alviella, que foi ministro da Belgica em Lisboa, de 1837 a 1838.

—*Carta dirigida ao exm.º sr. José Maria Latino Coelho sobre a reforma da Carta Constitucional, pelo marquez de Sá da Bandeira.*—Lisboa, 1872.

Expõe nesta publicação o sr. marquez de Sá da Bandeira a sua opinião ácerca da necessidade de se reformarem varios artigos da Carta.

—*Zambezia e Sofala. Mappa coordenado sobre numerosos documentos antigos e modernos, portuguezes e estrangeiros, pelo visconde de Sá da Bandeira.*—1861.

Deste mappa geographico, que teve a bondade de nos mandar o sr. marquez de Sá da Bandeira, já s. ex.ª fez segunda edição, muito melhorada e augmentada, a qual se vê no fim da primorosa obra—*Exame das viagens do Dr. Livingstone*, pelo sr. D. José de Lacerda. Ahi tem o referido mappa o seguinte titulo—*Zambezia e paizes adjacentes. Mappa coordenado sobre numerosos documentos, em que se comprehendem as viagens do Dr. Lacerda; Monteiro e Gamitto; Montanha e Teixeira; Green, Chapman e outros; e muito especialmente as do illustre Dr. Livingstone. Pelo marquez de Sá da Bandeira.*—2.ª edição.—Lisboa, 1867.

—*Angola. Mappa coordenado pelo marquez de Sá da Bandeira e Fernando da Costa Leal* —3.ª edição.—Lisboa, 1870.

Tanto este magnifico mappa, como o antecedente, são acompanhados de numerosas notas illustrativas, que os tornam do mais alto interesse.

As fabricas da rua de João Cabreira.—Acabamos de receber do sr. bacharel Francisco Edmundo Fernandes de Meira, filho do sr. Dr. Francisco Fernandes da Costa, lente jubilado da faculdade de Medicina, a seguinte carta:

«Sr. Martins de Carvalho—Tendo por varias vezes ouvido fallar a meu pae a respeito da fundação e desenvolvimento das duas fabricas, que no seculo passado se estabeleceram nas casas que actualmente habito, e vendo no noticiario do seu interessante jornal, numero 2721, uma local sobre o mesmo assumpto, lembrou-me offerecer-lhe mais esses apontamentos para rectificar alguns pontos e para mais alguns esclarecimentos, de que v. fará o uso que bem lhe aprouver.

Espero que v. desculpará este seu—att.º vr.º e cr.º—Sua casa 29 de Agosto de 1873 —*F. E. Fernandes de Meira.*»

Acompanha esta carta uma interessante noticia ácerca da fabrica, ou fabricas da rua de João Cabreira, que vem lançar muita luz sobre este objecto.

Sentimos que pela sua extensão a não possamos publicar já hoje; mas irá em o numero seguinte.

Por esta forma se irão lançando os fundamentos para uma historia da industria em Coimbra.

Já escrevemos a historia da arte typographica nesta cidade; tambem neste jornal temos publicado muitas noticias ácerca da fabricação da louça, e muito mais se poderá ainda publicar; o sr. bacharel João Correia Ayres de Campos, incançavel indagador das nossas antiguidades, tem colligido elementos com que podia escrever uma extensissima noticia da fabricação do linho canhamo nesta cidade, com applicação aos navios do estado, de que ainda existe a casa da Feitoria, no Rocio de Santa Clara, e de que é uma reminiscencia a industria dos cordoeiros, assim como do cultivo obrigado do linho nos campos do Mondego. Da mesma forma que a respeito destas industrias, se podia escrever a historia de muitas outras, que houve nesta cidade, e que já hoje não existem.

Em fim vamos pouco a pouco archivando estes apontamentos, e no futuro virá quem faça obra completa.

O mez de Setembro.—Este mez tem por signo a balança, talvez porque os dias são eguaes ás noites. Representa-se na figura de um homem quasi nú, e apenas coberto com uma especie de manto agitado pelo vento, com a cabeça ornada de pampanos, e tendo ao lado dois cestos para vindima.

Tem 30 dias, que vão diminuindo 38 minutos de manhã e 38 de tarde. Neste mez principiam os campos a despir-se de verdura, começa a colheita dos fructos do outono, e faz-se a maior parte das vindimas.

Os gregos celebravam nesta epocha do anno as festas de Jupiter, e os egypcios as de Mercurio. Os romanos commemoravam a festa do Capitolio no dia 13, e no dia 15 começavam os celebres jogos circenses que duravam 8 dias. A 23 já o summo sacerdote de Bacho bebia vinho novo pela primeira vez.

Os factos mais notaveis da historia portugueza succedidos em Setembro são os seguintes:

A 1 de 1503 entrada em Lisboa do primeiro tributo do oriente. A 3 de 1513, conquista das cidades de Azamor, Tite e Almedina. A 3 de 1758, tentativa de morte contra el-rei D. José. A 3 de 1759, expulsão dos jesuitas. A 8 de 1566, synodo bracharense. A 15 de 1820, revolução liberal em Lisboa. A 20 de 1382, primeira acção militar de D. Nuno Alvares Pereira. A 21 de 1506, conquista da cidade de Zafim. A 27 de 1810, batalha do Bussaco. A 28 de 1509, descoberta de Malaca por Diogo Lopes de Sequeira. A 29 de 1832, mallogrado ataque do exercito de D. Miguel ás linhas do Porto. A 30 de 1518, entrada de Lopo Soares de Albergaria em Ceylão.

Aos homens que nascem neste mez vaticinam os astrologos grande propensão para os prazeres e aventuras amorosas, ricas heranças, muita fortuna no commercio, e um caracter activo e fogoso.

Já um poeta cantou:

Quem nasce neste bom signo
Honras merece e alcança:
E' varão constante e recto,
Probo, de siso e temp'rança.

As mulheres serão amaveis, alegres e felizes, ainda que de caracter aspero e desconfiado.

Fallecimento.—Falleceu hontem nesta cidade o sr. Victor Mauricio de Carvalho, na avançada edade de 85 annos.

Foi empregado do commissariado, e nessa qualidade acompanhou o exercito anglo-luso em todo o tempo da guerra peninsular.

Durante o governo de D. Miguel, em razão dos seus sentimentos liberaes, afastou-se de Lisboa para Rio Maior.

Apresentou-se depois á divisão do duque da Terceira, o qual acompanhou até ao fim da campanha em Evora Monte.

Em 1836 foi egualmente como empregado do commissariado na divisão auxiliar, que debaixo do commando do barão das Antas, foi a Hespanha.

Em 1847, apezar de já se achar reformado, foi chamado ao serviço do exercito do duque de Saldanha.

Foi sempre homem de bem, e deixa mulher e duas filhas, com quem vivia, e dois filhos, sendo um d'elles o sr. Dr. José Mauricio de Carvalho, conego da sé de Evora.

Recebia 16$500 rs. mensaes de seu soldo de reforma, de que unicamente subsistia, e por isso ficam em más circumstancias a sua mulher e filhas.

Largo da Portagem—Consta-nos que o sr. Sá, engenheiro municipal, já elaborara o projecto para o alargamento e regularisação do largo da Portagem, que, por ser o ponto onde desemboca a estrada da Beira e a nova ponte, é uma entrada importantissima da cidade, merecendo porisso toda a attenção do corpo municipal.

E de esperar que a illustrada vereação dê o seu voto d'approvação ao plano do sr. engenheiro municipal, e cremos que desta vez não teremos a lamentar a fatalidade que tem acompanhado as obras mais importantes do municipio, quasi todas, ou todas irregulares e acanhadas.

Se lançamos os olhos para o cemiterio, para a sua capella, para o caes, para a rua do Visconde da Luz, tudo obras importantissimas, que custaram grandes sommas, e era de esperar que ficassem perfeitas, vemol-as vergonhosas, e objecto de escarneo e sarcasmo dirigidos pelos visitantes á terceira cidade do reino.

Aproveite-se, pois, a camara das lições do passado, dos bons desejos e competencia do sr. engenheiro, e da opinião publica, que reclama que a principal entrada da cidade fique uma obra que não nos envergonhe, que se harmonise com a sua importancia, e corresponda á magnifica ponte com que o governo vae dotar esta cidade.

Ouvimos dizer que se pretende brevemente dar principio a uma construcção, que já vae de encontro ao plano do sr. engenheiro. Se isto é verdade, chamamos desde já a attenção da camara municipal para ponto de tamanha gravidade.

Visita.—Tem estado em Coimbra o sr. conselheiro Antonio José Duarte Nazareth. E' sempre bem vindo á sua terra natal este digno filho de Coimbra, e todos os seus patricios lhe prestam a mais sincera homenagem de respeito e amisade. São bem notorios os serviços deste cavalheiro ao Asylo de Mendicidade, quando esteve consul de Portugal no Rio de Janeiro.

Donativo.—Visitando um destes dias o Asylo de Mendicidade de Coimbra o sr. commendador João Manoel Fernandes Feitosa, teve este cavalheiro a generosa lembrança de entregar como esmola para este estabelecimento de caridade, 2 inscripções do valor nominal de 100$000 rs. cada uma.

Registando este facto altamente honroso e meritorio, não podemos deixar de declarar, que o sr. commendador Feitosa é amigo particular do sr. conselheiro Antonio José Duarte Nazareth, o maior bemfeitor do Asylo, como é sabido em toda esta cidade.

Viajantes.—Chegou a Coimbra o grupo de mancebos de Lisboa, que projectou fazer uma viagem a pé pelas provincias, e de que os jornaes tem dado noticia. Os viajantes armaram a sua elegante barraca no Rocio de Santa Clara, onde descançavam e residiam, e depois de visitarem o que ha de mais notavel na cidade, continuaram a sua digressão para o Porto e Minho.

Desejamos aos illustres mancebos a mais feliz viagem e as maiores venturas.

Saude publica.—O estado sanitario da Coimbra tem sido excellente, attendendo á quadra do anno, que não costuma ser sadia. A temperatura agradavel do outono já nos vae annunciando, que passou a epocha dos maiores calores.

Jardim botanico.—Está quasi concluida a nova estufa para os fetos, e anda em construcção uma aula em amphitheatro no pavimento terreo de S. Bento para o curso de botanica. Estas obras devem ficar promptas em Outubro. No proximo inverno vai proceder-se em ponto grande á plantação das melhores e mais escolhidas variedades de arvores fructiferas na cerca de S. Bento.

Correio.—Na ausencia do sr. Augusto de Sousa, que foi chamado a Lisboa, ficou dirigindo a repartição do correio desta cidade o sr. bacharel Adelino Coelho da Silva, empregado mais antigo do quadro, e geralmente estimado pelos seus collegas.

Luso e Bussaco.—Tem continuado a haver grande concorrencia a estes aprasiveis logares. Muitas familias de Lisboa e Porto, e de outras partes do paiz alli vão residir alguns dias. O serviço dos hoteis é bom, e os preços rasoaveis.

Os ministros os srs. Fontes e Corvo hospedaram-se no hotel Castella, e visitaram o monumento do Bussaco. Informam-nos, que se desiste de apparatos e festas militares na commemoração do dia 27 de Setembro.

Melhoramentos.—Progridem com grande actividade as obras da ponte e do caes. Ás classes operarias não tem faltado trabalho neste verão, e grandes sommas de dinheiro são distribuidas todas as semanas pelo povo.

Abundancia.—Informam-nos, que ha este anno muita abundancia de nozes, castanhas, maçãs e figos.

Sementeiras.—Depois das ultimas chuvas, principiou a sementeira de nabos, e a plantação de hortaliças; mas estas culturas soffrem grande risco, se não houver mais agua.

Banhos.—Durante esta semana tem partido muitas familias para a Figueira da Foz. O rio ainda se presta á navegação, e algumas tem preferido este meio de transporte, mais economico e agradavel, embora mais moroso.

Despacho—O sr. Dr. Manoel Bernardo de Sousa Ennes foi promovido a lente cathedratico da Faculdade de Theologia. S. ex.ª já hoje tomou posse.

Pedras na Foz do Dão—Com toda a satisfação damos conhecimento aos nossos leitores de que pelo ministerio das obras publicas, baixou ordem á repartição das do Mondego e barra da Figueira, em 23 do corrente, para o quebramento das pedras que estão no leito do rio, entre Almassa e a Foz do Dão, de que por vezes nos temos occupado neste jornal. Com este importante melhoramento muito lucra o commercio de toda a provincia da Beira.

Recrutamento.—O conselho de estado decidiu favoravelmente os recursos de Maria Francisca, viuva, da freguezia de Pomares, concelho de Arganil, por seu filho Antonio; e de Manoel Francisco Camarão, da freguezia de Lavos, concelho da Figueira da Foz, por seu filho Manoel.

Publicação.—A muito acreditada empreza da *Bibliotheca universal* enviou-nos um exemplar do interessante romance historico—*O juramento da duqueza*, original do festejado escriptor o sr. Pinheiro Chagas.

A mesma empreza vae desde já publicar—*O annel mysterioso*, romance historico original portuguez, cuja acção se passa no tempo da invasão franceza. E' escripto pelo apreciado escriptor o sr. Alberto Pimentel.

Ainda este anno espera a empreza da *Bibliotheca universal* poder publicar o romance original do sr. Camillo Castello Branco—*Os amores de uma rainha portugueza.*

Todas as publicações desta empreza tem tido a melhor aceitação do publico, de que são testemunho as tres edições dos *Guerrilheiras da morte*, a edição quasi esgotada da *Vingança do sargento*, e as duas edições da *Mascara vermelha*, de que o *Juramento da duqueza* é a continuação.

Associação conimbricense do sexo feminino.—O movimento no mez de Julho foi o seguinte:

Saldo que passou do 1.º semestre	5:278$285
Receita no mez de Julho ultimo	79$080
	5:357$365
Despeza no dito mez	26$395
Saldo para o mez de Agosto	5:330$970

Noticias de Hespanha.—Confirma-se a tomada do forte de Estella pelos carlistas.

Os insurgentes de Cartagena continuam a resistir ás forças do governo.

Reina a anarchia nas principaes cidades da Andaluzia. São numerosos e importantissimos os incendios que tem apparecido nas propriedades ruraes. Em Valencia continuam os internacionalistas a apresentar-se mais ousados do que nunca.

Os fabricantes de Alcoy continuam emigrando. Os incendiarios e assassinos passeiam impunemente.

E' gravissimo o estado de Barcelona, receando-se que alli se altere o socego.

---

umpho, recebeu as felicitações de Cabrera, e cresceu a sua gente em audacia e valentia.

Prescindiremos de mencionar um numero infinito de execuções, ataques e atrocidades praticadas pelas differentes partidas carlistas. Não podemos, porem, deixar de narrar o seguinte horroroso facto, para que se veja o que estava sendo a guerra civil em Hespanha.

O Royo de Noguerudas e Peinado, operavam juntos por este tempo, e em uma das suas excursões pela provincia de Teruel, surprehenderam a guarnição dos Arcos, perto de Ademuz, a qual se compunha de 77 homens da Estremadura. Ao verem-se tão de perto e impensadamente accommettidos, acolheram-se á egreja, onde foram feitos prisioneiros.

Respeitada a vida dos prisioneiros, chegaram a Alventosa, e o **cura** de Alarva, **D. José Lorente,** que pertencia a uma das partidas carlistas, formou decidido empenho em fuzilal-os. Oppunham-se o Royo e Peinado, defendendo-os este ultimo até ao ponto de pelejar, ou estar proximo a fazel-o com o cura, e em presença da camara municipal e habitantes do povo.

Ficou assim a questão por aquelle dia, e marchando os carlistas ao amanhecer de 20 de Outubro, pararam em uma altura proxima ao povo, pediram aguardente á camara, e avisou Lorente ao cura de Alventosa para que subisse a confessar aos prisioneiros.

Acudiram o parocho e o sacerdote D. Santiago Aparicio, e de joelhos e com lagrimas, supplicaram ao seu indigno companheiro, o perdão de umas victimas immoladas só ao capricho de um ministro de paz. Sendo baldados os seus rogos, negam-se a cumprir tão terrivel dever, com a esperança de que cederia Lorente; porem foi inutil a sua resistencia, pois que os obrigou este monstro, e subiram, juntamente com a camara e habitantes do povo, interessados na salvação dos rendidos.

Peinado defendeu outra vez aos prisioneiros, e esteve a ponto de castigar com a espada a maldade do cura; mas estava já da parte desde o Royo, e foi inutil o seu generoso proposito.

Repartida a aguardente, e posta em um pau uma inscripção obscena e insultante, foram postos **nus, 22 prisioneiros, e fuzilados no meio do caminho.** Os sacerdotes do povo, a camara, e todos os habitantes, fizeram novamente ferverosas supplicas pela vida dos que restavam, chegando a offerecer quanto dinheiro houvesse no povo, e pedissem emprestado nos immediatos.

Recusadas todas essas offertas, **e completamente despidos os 55 restantes, foram tambem fuzilados!**

Entre os officiaes se achava um, D. Domingos Silrú, que levava comsigo um filho de 11 annos. O desgraçado pae, resignado já a morrer, pediu que ao menos não matassem a seu filho. Outra vez os sacerdotes, a camara e os habitantes, offereceram quanto tinham, pela vida daquelle anjo; porem não conseguiram mais que atormentar ao seu desconsolado pae.

Os ferozes cabecilhas, opprobio do nome hespanhol, excederam em crueldade e barbarie a todos os que até então haviam deshonrado a humanidade, offendendo impios a Providencia. Mandaram retirar as armas apontadas ao grupo, tiraram o menino, **e o fuzilaram primeiro, arrastando-o depois para o monte dos cadaveres, assassinando em seguida ao pae e aos demais!**

Não era, porem, bastante a estes dignos defensores da religião tão *honrosa* façanha, e exigiram ao povo as sommas que tinham offerecido pelo resgate.

Manchados com tanto sangue, seguiram aquelles malvados, levando como não haveriam feito os mais ferozes bandoleiros, o fructo do seu iniquo latrocinio; e os **setenta e sete cadaveres** estiveram sobre a estrada, até que a camara, arrostando a responsabilidade com que a haviam ameaçado, não pôde resistir a tão horrivel espectaculo, e abrindo um fojo, enterrou aquelles restos.

O Royo e Peinado morreram já; porem o infamissimo **cura** de Alarva, **D. José Lorente,** ainda vive; ou pelo menos, ainda vivia ha pouco tempo.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

2 PELA ADMINISTRAÇÃO DOS HOSPITAES da Universidade, se annuncia, que no domingo, 31 de Agosto de 1873, pelas 10 horas da manhã, se ha de arrematar o fornecimento da carne de vacca para consumo nos mesmos hospitaes. Abre-se a praça com o preço de 200 rs. por kilogramma, em virtude d'uma proposta de Joaquim Antunes Barreira.

Hospitaes da Universidade, em 28 de Agosto de 1873.

O administrador,
Costa Simões.

ARRENDA-SE

3 PELO S. MIGUEL os altos de uma casa em Cellas, com os seguintes commodos: uma boa sala, dois quartos, cozinha e casa de mesa, aguas furtadas, e um quintal. Quem pretender dirija-se a seu dono Leonardo Antonio Veiga, rua da Louça, n.º 77.

Venda de toneis e balceiros

4 SÃO 3 TONEIS de 12 pipas cada um, 2 de 4 pipas cada um, e 2 balceiros grandes, tudo de muito boas madeiras.

Quem os pretender, falle com José Antonio d'Amil, da rua de João Cabreira.

5 NESTA REDACÇÃO se diz quem precisa de um caixeiro ou marçano, com pratica de mercearia ou miudezas.

LOJA DE MANOEL DA SILVA GONZAGA

6 STEARINA a 140 cada pacote de 4, 5 e 6 velas.

31—Sophia—55

7 VENDE-SE a casa da Ordem de Poiares. E' uma optima vivenda com muito boas terras de rega, e de sequeiro, junto a egreja de Santa Maria d'Arrifana. Tem muitas arvores de mimo, excellentes olivaes, pinheiros, castanheiros, e tojeiras, e uma terra de lodo em Louredo, junto ao Mondego, e algumas sortes de oliveiras, mattos, e pinheiros dispersos. Esta casa tem muito boas communicações, pois se acha proxima do Mondego, e da estrada da Beira. Quem a pretender comprar dirija-se a José Felix Catana, d'Arrifana de Poiares, que tem uma relação das propriedades, e prestará todos os mais esclarecimentos necessarios.

FIGUEIRA DA FOZ

DENTISTA

8 CEREGHETTI DOMINIQUE, cirurgião dentista suisso, faz saber aos seus amigos e freguezes, que vae á Figueira da Foz estar 30 dias, a exercer a sua profissão, que é extrair dentes e raizes, empastar os dentes, com as pastas mais efficazes e de melhores qualidades não conhecidas até hoje. O mesmo limpa os dentes, sem lhes deteriorar os esmaltes; põe dentes soltos e dentaduras completas, para poder mastigar com elles; faz curativos de escorbuto, por mais chronico que seja; e tem o *prompto allivio* dos dentes.

Alem disso extirpa os calos dos pés, em meio quarto de hora, sem que o operado soffra dor alguma; podendo calçar e andar com desembaraço, como se nunca tivesse tido calos.

ANNUNCIOS

1 FERNANDO DE GAMBOA VASCONCELLOS AYLLA, residente em Taboa, arrenda a sua quinta com casas, adega, lagar de vinho, cavallariça, casas para animaes, menos a casa nobre. Quem a pretender, pode dirigir-se ao annunciante, em carta, ou fallar com Bernabé de Mattos, em Santo Antonio dos Olivaes, isto do dia de S. Miguel do corrente anno de 1873.

DILIGENCIA

10 VIUVA NATIVIDADE & FILHOS fazem publico, que no dia 6 inclusivè de Setembro, vão mudar para trabalhar de dia, a sua diligencia, que têem entre Coimbra e Nespreira, sendo esta diaria, e a sair de Coimbra ás 5 horas da manhã, e de Nespreira ás 2 horas da noute, chegando a Coimbra ás 3 horas da tarde, podendo os passageiros que vão para o Porto sair no comboio das 3 ³/₄ da tarde, e os que vão para Lisboa, no que sae ás 8 ³/₄ da noute.

As diligencias têem meia hora de demora na ponte da Mucella para os passageiros almoçarem.

Os bilhetes em Coimbra vendem-se na rua da Sophia, n.os 39-41, em casa dos annunciantes.

Tambem tem bons caleches e char-à-bancs, que se alugam por preços commodos.

Viuva Natividade & Filhos, de Coimbra, e Albano Custodio, da Figueira, tambem têem duas diligencias diarias entre Coimbra e Figueira, uma que sae de manhã e outra de tarde.

Recebem-se encommendas que se possam conduzir nas diligencias.

Tambem ha um carro em Nespreira para alugar.

Coimbra 29 d'Agosto de 1873.

Viuva Natividade & Filhos.

FIGUEIRA DA FOZ

Grande Hotel Foz do Mondego, proximo da praia de banhos

11 PREVINE-SE o respeitavel publico, que este estabelecimento, no qual se encontram todas as commodidades, como quartos e salas independentes, para familias, criadas para serviço de senhoras, etc., etc., se acha aberto desde o 1.º do corrente mez d'Agosto. Quem pretender informações sobre o mesmo, queira dirigir-se ao seu administrador, o antigo hospedeiro José Simões.

No mesmo estabelecimento se encarregam de dar banhos quentes aos hospedes, doces ou salgados, mediante ajuste convencionado. Tambem no mesmo hotel se falla inglez e francez.

Attenção

Farinha de trigo da acreditada Fabrica do Beato Antonio de Lisboa

AGENCIA, RUA DA REBOLEIRA, 27

PORTO

12 NESTA AGENCIA se encontra farinha de toda a qualidade, desde a mais fina até semea, e ensacada em muito boa sacaria.

Estas farinhas concorrem vantajosamente com a americana e hespanhola, tanto em preço como em qualidade.

Cumprem-se ordens das provincias.

13 ARRENDAM-SE as casas da rua da Alegria, n.os 63 e 65, para familia numerosa. Arrenda-se com ellas um quintal independente com chave especial; tem vinho, fructas de varias qualidades, terreno para hortaliças, legumes, etc., e logar proprio para todo o despejo. Emprestam-se vasilhas para o vinho.

EDITAL

Julio Maximo de Oliveira Pimentel, visconde de Villa Maior, par do reino, lente jubilado da eschola polytechnica de Lisboa, socio effectivo da Academia Real das Sciencias, commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, official da Torre e Espada do valor, lealdade e merito, e da Legião de Honra, Reitor da Universidade de Coimbra, etc.

Faço saber, que o jury do concurso da faculdade de Theologia, composto dos doutores José Gomes Achilles, D. Victorino da Conceição Teixeira Neves Rebello, Antonio Bernardino de Menezes, Damasio Jacintho Fragoso, Manoel Eduardo da Motta Veiga, Francisco dos Santos Donato e Manoel Bernardo de Sousa Ennes, sendo sete vogaes, mais dos dois terços dos lentes cathedraticos e substitutos que se achavam em effectivo serviço ao tempo da abertura do concurso, resolveu o seguinte:

1.º Que, para execução do § 2.º do art.º 3.º do decreto de 22 d'Agosto de 1865 fizesse parte do jury na qualidade de supplente, o lente de prima jubilado da mesma faculdade, o Dr. Francisco Antonio Rodrigues de Azevedo.

2.º Que as lições ordenadas no art. 11.º do referido decreto começassem pela defeza das dissertações, e tivessem logar no dia 17 de Outubro proximo futuro, para os candidatos os doutores Antonio João de França Bettencourt e Luiz Maria da Silva Ramos; e no dia 18 para o candidato o doutor Bernardo Augusto Madureira: e que a primeira lição oral do primeiro e segundo candidatos, fosse no dia 20, e para o terceiro no dia 21: e a segunda no dia 24, para o 1.º e segundo candidato, e para o terceiro no dia 25.

3.º Que para o objecto das dissertações do primeiro e segundo candidatos, argumentassem os doutores José Gomes Achilles e D. Victorino da Conceição Teixeira Neves Rebello; e sobre a do terceiro candidato, argumentassem os doutores Antonio Bernardino de Menezes e Damasio Jacintho Fragoso: na primeira lição oral do primeiro e segundo candidato, argumentassem os doutores Manoel Eduardo da Motta Veiga e Francisco dos Santos Donato, e do terceiro candidato os doutores Manoel Bernardo de Sousa Ennes e José Gomes Achilles: na segunda lição oral fossem arguentes do primeiro e segundo candidatos os doutores D. Victorino da Conceição Teixeira Neves Rebello e Antonio Bernardino de Menezes, e do terceiro candidato os doutores Damasio Jacintho Fragoso e Manoel Eduardo da Motta Veiga.

4.º Que as lições começassem ás 10 horas da manhã, e que aos pontos, tirados á mesma hora, assistissem tres vogaes do jury, por turno, começando pelo lente de prima.

E para constar mandei afixar o presente. Paço das escholas em 26 de Agosto de 1873. Eu Eugenio Antonio Galhão, official maior servindo de secretario, o subscrevi.— Visconde Villa Maior, *Reitor*.

Arrematação

15 NO DIA 7 de Outubro proximo futuro, pelas 10 horas da manhã, á porta da sala do tribunal judicial desta comarca, e perante o exm.º sr. juiz de direito, se hão de vender e arrematar para pagamento de dividas passivas do casal do interdicto Adriano Luiz Ligeiro, de S. Martinho do Bispo, os predios seguintes:

Um predio no sitio das Chãs, que se compõe de olival e terra de semeadura, que parte do norte, com olival da confraria do Santissimo de S. Martinho do Bispo, e com a viuva do Dr. Jeronymo José de Mello; do sul, com herdeiros do Dr. Paes; do nascente, com o padre José Vieira, do dito S. Martinho; e do poente, com Antonio Rodrigues Pinto, de Coimbra, e outros.

Uma casa e cerrado no sitio de Monte-São, limite de S. Martinho do Bispo, a partir do nascente, e norte, com José Leite Ribeiro, de Monte-São; poente, com Manoel Campos Barata, da Sugeira; e do sul, com estrada publica.

Os quaes bens supra declarados se hão de vender e arrematar no dia, hora, e local acima mencionados, pelo preço que ao curador e administrador do interdicto, de accordo com o juizo orphanologico, parecer rasoavel, e que o ramo se entregará nas condições do preço que aos mesmos parecer de vantagem, com declaração porém, de que se um dos predios for bastante, pelo preço que der em praça, para pagamento de todos os encargos, será retirado da praça o outro predio, ou serão ambos vendidos como melhor entenderem os ditos curador e administrador, e juizo orphanologico. Dos autos de prodigalidade, e por onde se faz esta venda, é escrivão, Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

Companhia real ingleza

PAQUETES A VAPOR

Para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos-Ayres.

LINHA QUINZENAL

PAQUETES A SAHIR DE LISBOA

BOYNE	13 de Setembro.
TIBER	29 de Setembro.
DOURO	13 de Outubro.
LIFFEY	29 »
NEVA	14 de Novembro

Os paquetes Liffey, e Tiber não tocam em Pernambuco e Bahia.

PREÇOS REDUZIDOS

Esta companhia resolveu ter a bordo de todos os seus vapores COZINHEIROS PORTUGUEZES **para cozinhar para os passageiros de** TODAS AS CLASSES.

Nos preços das passagens está incluida a passagem para Lisboa, vinho, assistencia medica, propinas a criados e outras despezas.

N. B. — Os vapores desta linha *(a mais antiga na carreira do Brazil)* são conhecidos pela *regularidade, ordem a bordo, segurança, velocidade e melhoramentos mais modernos.*

Recebe de S. M. britannica, um *importante subsidio* pela conducção das malas.

Tiveram a insigne honra de serem *preferidos por SS. MM. II. do Brazil* nas suas recentes viagens.

Ha mais de vinte annos que estes vapores têem feito a carreira entre Lisboa e os portos do Brasil e Rio da Prata, e esta companhia *nunca perdeu nesta carreira um unico vapor*, nem houve sinistro de gravidade a lamentar.

Para Southampton. — Na volta do paquete, duas vezes por mez, ha passagens de primeira classe por 8 libras, incluindo caminho de ferro até Lisboa.

Para *carga e passageiros* — na agencia, rua dos Sapateiros, n.º 25 a 29, Coimbra.—O agente, **Joaquim Martins da Cunha**, e nas mais terras onde a companhia tem agentes.

Banhos do mar na praia de Espinho

17 O PROPRIETARIO do novo hotel Central de Espinho, situado em frente da linha ferrez, continua a receber pessoas e familias, tanto nacionaes, como estrangeiras, offerecendo-lhes todas as commodidades possiveis, com aceio e limpeza, por preços rasoaveis.

Este hotel acha-se montado com bilhar, café, e restaurante. O seu proprietario, já bastante conhecido de muitas pessoas que se tem dignado preferir o seu estabelecimento, a nada se poupa apra continuar a merecer a estima de todos.

EDITAL

Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, Visconde de Villa Maior, par do reino, lente jubilado da eschola polytechnica de Lisboa, socio effectivo da Academia Real das Sciencias, commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, official da Torre e Espada do Valor, lealdade e merito, e da legião de honra, reitor da Universidade de Coimbra etc.

Faço saber, que a segunda epocha dos exames de habilitação para a primeira matricula nas faculdades academicas é a primeira quinzena do mez de Outubro proximo futuro, devendo os referidos exames ter logar nos dias que forem designados nas respectivas pautas.

Os alumnos que pretenderem ser admittidos aos referidos exames, deverão entregar na secretaria da Universidade até ao dia 25 de Setembro, os seus requerimentos despachados e instruidos com os documentos designados na portaria do ministerio dos negocios do reino de 12 de Novembro de 1872, a qual por copia, assignada pelo secretario da Universidade, faz parte do presente edital.

Os requerimentos devem ser assignados pelos proprios requerentes e assignatura reconhecida por tabellião. Os documentos egualmente devem ser reconhecidos, e o signal publico, sendo d'outra comarca, deve ser confirmado por tabellião de Coimbra. Não terão seguimento os processos a que faltar algum documento, ou algum dos requisitos indicados.

Os examinandos serão chamados a exame pela ordem em que se acharem inscriptos e marcados; os que faltarem no acto da chamada serão substituidos pelos immediatos na ordem da mesma pauta, e sómente poderão ser admittidos depois dos que até esse dia se acharem inscriptos, justificando previamente a falta perante o respectivo presidente: exceptuam-se, porem, aquelles alumnos que no acto da chamada em uma mesa, estiverem fazendo exame em outra, porque serão novamente chamados no dia seguinte.

Os requerimentos com os seus respectivos documentos serão archivados, não podendo por isso ser entregues, quer fiquem os alumnos admittidos, quer adiados.

E para que chegue á noticia de todos mandei afixar o presente.

Paço das escholas, 21 de Agosto de 1873. —E eu Manoel Joaquim Fernandes Thomaz, secretario, o subscrevi— Visconde de Villa Maior, *Reitor*.

VENDA DE QUINTA

19 VENDE-SE A QUINTA denominada—das Lamas—que pertenceu a Joaquim José Gonçalves Morim, sita á entrada da Figueira, defronte do estaleiro, toda ou dividida em duas partes, ao que ella se presta; bem como se vende uma sorte na quinta da Varzea, que pertenceu a Antonio Gonçalves Amaro, e hoje arrendada a Antonio Fernandes Chamusco. Quem pretender qualquer destas propriedades queira dirigir as suas licitações em carta fechada a Francisco Maria Martins, rua do Visconde da Luz, n.os 97 e 99, Coimbra.

CASA PARA ARRENDAR

20 NO BAIRRO DE MONTARROIO: trata-se com João Maia, alli visinho.

BARRIS PARA AZEITE

21 HA PARA VENDER 60 barris de 5.ª, novos, bem construidos, proprios para azeite. Nesta redacção se diz com quem se pode tractar.

CASAS

22 ALUGAM-SE DUAS, adiante do jardim botanico, proprias para familias, sendo uma toda a estuque. O local é o melhor desta cidade, pelas vistas e excellentes ares. Trata-se com o senhorio, na Ladeira, n.º 20.

NUMERO 2724 — TERÇA FEIRA 2 DE SETEMBRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis

Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.

A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**

Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.

Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O *Diario* de 29 do mez findo publica duas portarias, referendadas pelo sr. ministro do reino, nas quaes se esclarece um ponto de direito administrativo bastante controvertido até hoje, e que agora foi resolvido em harmonia com os bons principios de direito e com as conveniencias publicas, que aconselham a necessidade de dar ás municipalidades mais garantias e prerogativas dentro da esphera da sua actividade.

Não vamos analysar a doutrina das referidas portarias, em relação ao ponto de direito administrativo que alli se ventila, porque concordamos plenamente com a sua decisão; o principio fundamental de doutrina, do qual dimana aquella resolução, é o que nos chamou a attenção para as ideias que aqui succintamente expendemos.

Os corpos municipaes, que representam os interesses da vida local, precisam inquestionavelmente de ser dotados de umas certas attribuições e regalias que os habilitem a tomar uma iniciativa larga, energica e profunda, naquella ordem de interesses publicos que mais directamente prendem os povos ás conveniencias e ás necessidades que os cercam.

Nós que sempre temos defendido estas ideias, por isso que desejamos ver dar ao municipio, sob o aspecto liberal das nossas instituições, força e prestigio, folgamos com a doutrina estabelecida, porque é uma garantia por ventura de outros maiores commettimentos de que a administração tanto carece.

Se não queremos conceder á acção do governo municipal tantas e tão amplas regalias como nos antigos regimens se lhes concedia, de onde provinha a desharmonia das leis e a contradicção dos principios, desejamos, todavia, nesta epocha de prosperidade e de instinctos animosos, menos concentração de forças, para que os povos subordinados á sua iniciativa e ás saudaveis prescripções das leis geraes, vivam mais de acção propria e robusteçam o instincto da independencia.

E quantas vezes são completamente desconhecidas nas altas regiões do poder as necessidades locaes? Quantas vezes a verdade que todos vêem e conhecem na localidade chega desfigurada ao governo?

A familia, os habitos, as affeições, prendem os homens ao municipio e fazem com que primeiro o consideremos que ao districto e ao paiz; estes laços são virtudes sociaes que muito convem estreitar.

A bem intendida descentralisação administrativa é, para a epocha presente, uma necessidade á qual cumpre ir satisfazendo.

O governo actual, a cujo systema de administração o paiz deve inquestionavelmente grandes beneficios, porque tem feito reanimar os primeiros elementos de prosperidade publica, o credito e a ordem, professa estas ideias, e parece disposto a realisar por factos os principios, as theorias professadas pelas escholas mais adiantadas.

Abaixo publicamos uma carta que nos dirigiu o sr. Dr. Antonio dos Santos Pereira Jardim. Escusado será dizer, que concordamos plenamente no que diz o sr. Dr. Jardim, pois que differentes vezes, tratando-se neste jornal da reforma da roda dos expostos, se tem feito menção, com o merecido louvor, do sr. Dr. Manoel Emygdio Garcia, como sendo elle a quem se deve a iniciativa daquella importante reforma.

Sr. redactor.—O improbo trabalho, que v. tem tido para publicar na sua folha factos curiosos e historicos, e em corrigir erros de narrações feitas em alguns jornaes, tem dado ao *Conimbricense* merecida consideração. E por este motivo que eu chamo a sua attenção para uma noticia, que vem no n.º 2721, sob a epigraphe *Louvores*.

Quem decorridos alguns annos fallar da reforma da roda dos expostos de Coimbra, dirá, tendo em consideração a portaria de 18 do corrente, e a referida noticia, que tal reforma foi devida á iniciativa do governador civil, e se alguem contestasse, responder-lhe-hiam, que era inadmissivel a contestação, pois que, se não fossem verdadeiros os fundamentos da portaria, o auctor da noticia, logo assim o declarava, como era seu costume, e tanto mais que se tratava de factos occorridos na sua presença. Não deixava de ser plausivel tal argumento; mas a verdade é que não ha Homero que não dormite.

A reforma da roda não é devida á iniciativa do sr. governador civil; é devida sómente á junta geral, que a votou e á iniciativa do seu vogal o exm.º sr. Dr. Manoel Emygdio Garcia, que a propoz e muito trabalhou para a fazer adoptar.

Quem presenceou as discussões da junta, viu que todos os vogaes consideravam a reforma como da iniciativa d'aquelle sr.; é publico e notorio que foi elle quem fez a proposta da extincção da roda; quem luctou com

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXCI

D. CARLOS

XLI

O general D. Evaristo S. Miguel, tratou de tomar a importante praça de Cantavieja, que estava em poder dos carlistas. Dirigindo-se pelo territorio de Valencia, saiu em 14 de Outubro de 1836 de Teruel com a força de infanteria e artilheria de que constava a primeira brigada; ao mesmo tempo que a terceira se movia de Sarrion a Segorbe, e foi cercar a praça, a qual tomou, entrando nella no dia 30. (a)

A perda de Cantavieja foi dolorosa para os carlistas, que debalde trataram de a soccorrer. Perdida Cantavieja, as praças de Beceite e Valderrobles tinham de soffrer a mesma sorte; e por isso os carlistas as abandonaram, incendiando-as primeiro.

A mais importante das expedições carlistas, a não ser a que dirigiu D. Carlos em pessoa, foi a de D. Miguel Gomez, tanto pela sua força, como pelas suas vicissitudes, resultados, estado politico, e finalmente, por sua larga e atrevida carreira.

Esta expedição, que não contava 3:000 homens, sae de Amurrio em 26 de Junho de 1836; abre o passo pelejando; occupa Oviedo, Santiago e Leão, apesar do inimigo, que a segue. É batida por Espartero em Escaro em 9 de Agosto; mas isso não obsta a sua marcha.

Depois de excitar o principado das Asturias e a Galliza; depois de alarmar a Castella a Velha, accendendo em toda a parte, ou atiçando o fogo da rebellião; engrossa as suas fileiras e augmenta os seus recursos; detem-se em Palencia, vem a Jadraque, e bate e aprisiona em Maalilla toda a brigada liberal de Lopez.

Percorre á sua vontade a Alcarria, descança em Utiel, e entra em Albacete.

Reunida a expedição de Gomez com Cabrera, Quilez e Miralles, ousa ameaçar Madrid. Foram, porem, frustrados os planos do seu chefe, pela derrota que soffreu no dia 19 de Setembro em Villarrobledo, onde o general Alaix derrotou os carlistas, tomando-lhes 1:274 prisioneiros, entre elles 53 officiaes, 2:000 espingardas, e muitas munições.

Apezar disso, occupa a expedição em seguida Ubeda, Baeza, Bailen e Audujar, e a cidade, assento outrora do califado hespanhol.

Senhora dos campos de Alcaudete, segue aproveitando-se dos recursos que lhe offerecem as grandes povoações da provincia de Cordova, Cabra, Lucena, Montilla e outras.

Nos confins da provincia de Andaluzia, muda rapidamente de direcção, apresenta-se em Almaden, importantissima pelas suas ricas minas, e quasi a vista dos generaes Rodil e Alaix, a sitia e rende com os seus numerosos defensores.

Dispersa Gomez os seus adversarios em Guadalupe, e penetra na Estremadura, occupando Caceres e Trujillo, sempre perto do inimigo. Por graves desintelligencias com Cabrera, obriga este a separar-se da expedição; e invade a serrania de Ronda, em S. Roque e Aljeciras, achando-se assim, na extremidade sul da Hespanha, em frente do mar e ante os muros de Gibraltar.

É derrotada a expedição carlista nos Arcos, por Narvaez, e em Alcaudete por Alaix; e acossada por numerosas tropas da rainha, tem por fim de regressar ao paiz donde saira, chegando ahi no dia 19 de Dezembro do mesmo anno, depois de ter percorrido 825 leguas, desde as costas da Cantabria ás columnas do Estreito, e quasi com o mesmo numero de soldados com que saira.

Uma expedição como a de Gomez, que durante meio anno leva a guerra por muitas provincias, que atravessa de um ponto a outro a peninsula, que bate e derrota varias vezes os generaes inimigos, que toma cidades e pontos importantes, que passea não poucas vezes tranquilla, e se assenhorea de meia Hespanha e occupa varias capitaes, creando á causa opposta tantos conflictos e embaraços; uma expedição, repetimos, que faz tudo isto, se não correspondeu completamente ao seu proposito, que havia sido outro, fez muito. Apezar de tudo, o procedimento do chefe da expedição foi severamente desapprovado.

Gomez havia-se separado completamente das instrucções que recebera ao sair de Amurrio, as quaes se limitavam a que se dirigisse ás Asturias e Galliza, para estender para essa provincia a guerra. Por esse motivo, e pela multidão de queixas que apresentaram a D. Carlos varios chefes subalternos da expedição e outras pessoas distinctas, que tinham ido aggregadas á mesma; foi Gomez preso por ordem de D. Carlos, e mettido em processo, sendo o general Maxarrasa o fiscal encarregado da accusação; e Gomez teria tido má sorte, se não sobreviesse o convenio de Vergara.

Neste processo que se fez muito ruidoso entre os carlistas, não só se fizeram accusações a Gomez de haver desobedecido absolutamente ás ordens que se lhe haviam dado, obrando á sua vontade, e mandando de uma maneira soberana, se não que se estenderam ao manejo de dinheiro, alfaias e effeitos, de que se apoderou em Cordova principalmente; e a haver prescindido de D. Carlos, concedendo por si empregos e graus superiores aos de segundo commandante, para que só estava auctorisado.

Seja como fôr, o que é certo é que o processo formado contra Gomez, causou nas côrtes estrangeiras que se interessavam por D. Carlos, uma impressão muito desfavoravel contra este principe.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

(a) Como acima dizemos, os liberaes, commandados por D. Evaristo S. Miguel, tomaram aos carlistas a praça de Cantavieja, em 30 de Outubro de 1836. Ao contrario, agora, pelas noticias telegraphicas de Madrid, de 30 de Agosto findo, consta que os carlistas haviam tomado Cantavieja.

a maioria da junta para a fazer adoptar o seu pensamento; quem insistiu contra os obstaculos levantados pelas repartições; é mais publico e notorio que o regulamento do novo hospicio é principalmente devido áquelle sr. Corre impresso um notavel relatorio, apresentado por elle á junta, e que demonstra quanto o sr. Dr. Garcia trabalhou para conseguir a reforma da roda.

Mas que diz a portaria? Vejamos:—«Tendo-se reconhecido que as providencias propostas pelo governador civil de Coimbra á junta geral d'aquelle districto e por ella adoptadas para melhorar as condições do serviço dos expostos deram em resultado.... ha por bem sua magestade el-rei mandar communicar ao governador civil de Coimbra, que tanto a sua illustrada iniciativa em reforma tão importante, como a efficaz *cooperação* que lhe prestou a junta geral do districto, se tornam dignas de especiaes louvores.»

É pois elogiado o sr. governador civil pela sua iniciativa na reforma—e a junta pela cooperação, que lhe prestou. Parece-nos que não se diz a verdade: a reforma é devida á junta e á sua iniciativa ao sr. Dr. Garcia: o sr. governador civil adoptou as bases do regulamento, modificou algumas das suas prescripções, e deu-o á execução: isto basta para elle ser elogiado.

Desde ha muito que os governadores civis e as juntas geraes trabalham por melhorar as condições dos expostos; mas a verdade é que ninguem se empenhou tanto neste melhoramento como o sr. Dr. Garcia.

A reforma foi importante, considerada moral e economicamente, foi primeiro que tudo de grandes effeitos para a familia; a ella está pois vinculado o nome do sr. Dr. Garcia; a justiça e a gratidão pediam que em documento algum official se fallasse de tal reforma, sem se fazer menção d'aquelle nome. É verdade que não é pratica elogiar-se um vogal de uma corporação pelas medidas adoptadas por ella; mas elogie-se a corporação, e não se attribua ao sr. governador civil a iniciativa da reforma, que não lhe pertence.

Desejo que triumphe a verdade e por isso peço-lhe, sr. redactor, que use dos meios ao seu alcance para a descobrir, se é que não está patente. Se a iniciativa da reforma é na verdade devida ao sr. governador civil diga-o, e demonstre-o, para que o publico se desengane, e não a attribua ao sr. Dr. Garcia, e para que eu confesse em publico o erro em que estava.

Desculpe, e ajude-me a fazer justiça, pois nada mais quero.

Coimbra, 29 d'Agosto de 1873.

Antonio dos Santos Pereira Jardim.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR.

Lisboa, 31 de Agosto de 1873.

E' custoso e difficil escrever uma correspondencia, quando absolutamente não ha nada que se diga. A politica, como lhe disse na minha ultima, morreu, ou... *a falta de espaço* obriga os jornaes da opposição a omittirem aquelle boletim importante. E assim, vivemos n'uma paz podre, sem cousa alguma que noticiar, resvalando dia a dia para o abysmo da desgraça, onde a nação,—muito principalmente quando a regeneração empunha as redeas do governo,—se despenha, sem ter quem a soccorra, e quem de frente ponha peito a sustel-a no abysmo.

A' falta de politica, feriu-se uma discussão—que não sei se está extincta—a fim de saber em que carruagem do caminho de ferro foram os srs ministros ao Bussaco.

—Já se procedeu á louvação do terreno nas terras do Seabra, á Campolide, para edificação da prisão cellular. O terreno pertence á casa Bahia, e vae ser expropriado brevemente. Tambem na direcção geral dos negocios de justiça entregou o sr. engenheiro Lecocq o projecto de orçamento do palacio de justiça. São estas duas obras grandiosas, e urgentemente reclamadas, ás quaes ficará vinculado o nome do joven ministro da justiça, o sr. Barjona de Freitas.

—Diz-se que mais de 200 emigrados hespanhoes, actualmente na torre de S. Julião, vão trabalhar na estrada de ferro de Macahé (Brazil), sendo o transporte por conta do governo portuguez, e dando os contratadores a cada um 1$000 reis diarios. O general Palrad e mais 20 emigrados que se achavam a bordo das corvetas *Bartholomeu Dias* e *Infante D. Henrique*, seguiram hontem viagem para Inglaterra. *Que Dios la depare buena.*

—Abre-se á circulação na proxima sexta feira o caminho de ferro americano. Hontem foram despachadas 46 caixas de material para o mesmo caminho.

—No *Jornal da Noite* escreveu um lisboeta (?) a undecima carta acerca de negocios municipaes. Nas anteriores tem apontado alvitres muito rasoaveis e aceitaveis, mas nesta ultima, publicada hontem, trata de um assumpto importante, que devia merecer toda a solicitude da camara desta cidade. Refere-se o esclarecido correspondente á creação de uma bibliotheca popular, que estivesse franca desde o sol posto até á meia noite, e na qual os operarios, furtando-se ao jogo, á vadiagem e á taberna, encontrassem alli a instrucção elementar, conveniente e precisa, que os illustraria e tornaria uteis a si e ao paiz.

E' boa, e optima a ideia, e já foi debatida ha annos, tanto na imprensa, como nas associações de operarios. Infelizmente nada se conseguiu, não sei se por falta de auxilio da parte de quem póde e deve dar-lh'o, se por negligencia dos individuos que iniciaram a ideia. O caso triste, real e verdadeiro, é que o homem que trabalha, que tem as horas do dia captivas no seu lavor não póde frequentar as bibliothecas, ou, quando o faz, cerceia os seus interesses. Assim, uma bibliotheca, como indica o illustrado lisboeta, e de todo o ponto util, e seria —como s. s.ª diz— *duvidar do são entendimento dos vereadores e do publico encarecer-lhe mais as vantagens.* Continue, pois, o esclarecido correspondente a advogar esta causa.

—Acha-se nas Caldas da Rainha, onde foi procurar allivio aos seus dolorosos padecimentos, o sr. Pedro Pinto de Moraes Sarmento, digno amanuense da contadoria da imprensa nacional de Lisboa. Desejamos-lhe promptas melhoras.

—Os incendios continuam. Dois por dia, e raro é aquelle dia em que as torres não annunciam á população lisbonense—que se acha sobresaltada—que, *por acaso*, ou *por descuido*, se incendiou este ou aquelle predio.

Não ha policia em Lisboa, ou ... ha pouca policia na capital do reino. Isto não é paradoxo, porque se póde provar. E é preciso que estas verdades reflictam lá fóra, nas provincias, onde se faz uma ideia de que isto aqui é um eden. O meu amigo vem a Lisboa, passeia as ruas do bairro alto, e, por acaso, encontra um policia....por acaso, tambem. Ha certas ruas de uma immundicie pavorosa. Ha dias queixava-se o *Jornal da Noite*, de que na rua da Paz, onde aquella illustrada folha tem a sua typographia e escriptorio, esteve em exposição por espaço de tres dias uma gallinha, com a qual o rapazio se divertia. Alem disso o lixo agglomerado, como indicando que não ha as carroças nem o pessoal preciso para fazer a limpeza.

Na travessa do Pombal, esteve um gato morto mais de uma semana, e, quando não ha gatos mortos, ha sempre o lixo que os moradores vasam á rua, porque o transito por aquella ingreme calçada é defeso á celebre carroça. Em compensação, temos algumas ruas... demasiado limpas. A rua de S. Bento, por exemplo, que é varrida, como outras muitas, de noite, mas na qual, de dia, e todos os dias, se emprega um homem da limpeza, varrendo os residuos que apparecem, que são deitados a um pequeno carro de mão. Isto incommoda, porque levanta uma poeira insupportavel, que o transeunte não póde soffrer...mas que soffre.

O corpo de policia civil é nimiamente escasso para policiar convenientemente uma cidade immensa e populosa como é Lisboa. Nem só os moradores da baixa, nem algumas ruas do bairro alto, têem direito a serem policiadas convenientemente. Todos contribuimos, conforme os haveres de cada um, para pagar á policia, e é bem que a tenhamos digna e em numero que possa occorrer a todas as suas obrigações. No corpo de policia ha vagaturas de guardas, que não têem sido providas por falta de concorrentes. O que denota isto? Que o serviço é immensamente pesado e mal retribuido. Pois retribua-se melhor e augmente-se o corpo de policia, para que os moradores não lancem ás ruas toda a qualidade de residuos, e os petroleiros não lancem fogo aos predios.

E' este um assumpto importante, para o qual chamamos a iniciativa esclarecida do sr. ministro do reino. Isto são assumptos locaes que nada interessam ao leitor do seu jornal. Mas sempre é bom saber-se estes defeitos lá fóra.

—Esteve em Lisboa, o sr. Antonio Francisco Barata, seu patricio, e escriptor e poeta vantajosamente conhecido. Vae a Barcellos.

P. J. CONCEIÇÃO.

NOTICIARIO

As fabricas da rua de João Cabreira.—Eis ahi as interessantes informações que nos dá o sr. bacharel Francisco Edmundo Fernandes de Meira, acerca das fabricas da rua de João Cabreira:

«A fabrica de tecidos foi fundada não só por Manoel Fernandes Guimarães, mas por tres caixeiros, que foram de Antonio José Affonso, com loja de pannos na rua da Calçada, á esquina, a subir para o arco d'Almedina, e hoje do negociante Vieira. Estes tres caixeiros eram Manoel Fernandes Guimarães, Manoel Fernandes da Costa e Antonio Machado Pinto, os quaes se associaram, e estabeleceram loja de pannos ao fundo da rua do Coruche, hoje dicta do Visconde da Luz, como diz a local. O mais velho e mais auctorisado destes tres, era Manoel Fernandes Guimarães, de genio energico e emprehendedor.

Já prosperava o seu negocio, quando aconteceu o caso do bilhete da loteria, como está referido na local, porem o premio foi de 20 mil cruzados.

Foi d'entre os socios, por muita confiança e mais intelligencia practica para escolha de fazendas, encarregado M. Fernandes da Costa de ir a Lisboa receber o premio e empregar a maior parte d'elle, senão todo, em fazendas escolhidas para a loja.

Os grandes lucros assim realisados foram estimulo ao genio emprehendedor dos associados e principalmente de M. Fernandes Guimarães. E fundaram uma fabrica de tecidos ao fundo da rua de João Cabreira, tecidos de muitas variedades, entre os quaes se tornavam notaveis os damascos, tanto pelos lavores de gosto, como pelo ouro que entrava em muitos. Esta foi a primeira que estabeleceram, e se fosse a unica, não lhe correria, talvez, avessa sorte, porque o capital empregado era incomparavelmente menos avultado, do que o da segunda fabrica.

Esta segunda fabrica foi a de fiação d'algodão; sua construcção custou cerca de 100 contos de reis, tanto em mão d'obra, que era primorosa, como em materiaes, que todos eram de bronze, aço e madeiras do Brasil. O fio d'algodão empregado na primeira fabrica era só fornecido pela fabrica de Thomar, a unica que havia no reino, e porque a entrada do estrangeiro era absolutamente prohibida.

A falta de pontualidade quer no prazo, quer na quantidade e mesmo qualidade das encommendas feitas na fabrica de Thomar, foram o motivo justificado, pundonoroso até, porque os associados arrostaram as grandes difficuldades bem claras nesta tentativa. E venceram as primeiras e as maiores, fazendo sair da fabrica de Thomar não um machinista distincto, mas dois, os quaes foram Bernardo Ferreira de Brito, e um chamado Pedro, por alcunha o Espingardeiro. Desta importante acquisição datou o exito da empreza, sendo Bernardo Ferreira de Brito o que mais se distinguiu por sua habilidade, intelligencia e zelo, vivendo na mesma fabrica até á sua completa ruina.

Construiram-se 12 bancadas cada uma com 100 fusos, as quaes trabalharam annos, e já estava muito adiantada a construcção de mais 12 com o mesmo numero de fusos. Os productos d'aquellas 12 bancadas eram perfeitos, não obstante o motor ser de sangue, e por isso sem a regularidade precisa, mas tudo venceu a habilidade do machinista. O emprego do vapor como motor não era conhecido, e levada d'agua, ainda que a houvesse no local, não podia ser empregada, porque a fabrica de Thomar tinha privilegio.

A rica carregação de fazendas fabricadas nas duas fabricas foi enviada ao Brasil sob a direcção e confiança de um irmão do socio Machado Pinto, que não era caixeiro. Não foi esta perda, ou antes roubo, que affectou o estado das duas fabricas: foi-o só e unicamente a invasão franceza e com esta o desgraçado tractado de 1810 com a Inglaterra, em que se permittiu a entrada de fazendas inglezas, com cujos preços as nacionaes não podiam competir, e as fabricas fecharam-se.

O negocio da loja ao fundo da rua do Visconde da Luz continuou cada vez mais frouxo. O socio Machado Pinto tendo fallecido, a viuva casou com o caixeiro João Antonio, por alcunha o Bonito, tio do actual negociante o sr. Antonio José Alves Borges, e distractou a sociedade. Este negocio cada vez mais decadente ainda, foi sustentado por M. Fernandes da Costa até 1815, porque o outro socio M. Fernandes Guimarães ficou profundamente affectado pela decadencia da casa, até que a abandonou e sua mulher e quatro filhas e um filho, e desappareceu sem declarar nem tenção, nem destino.

Dos muitos emissarios enviados logo, e em differentes direcções, foi Bernardo Ferreira de Brito, que ao cabo de semanas o encontrou já a entrar na praça d'Almeida. A muito custo voltou a sua casa; e passado coisa de um anno, tornou a desapparecer, sem mais se poder saber d'elle até 1821.

Neste meio tempo falleceu sua mulher, e M. Fernandes da Costa, como poude, ficou amparando os cinco filhos; fez a entrega da casa aos credores, solicitou que a fallencia fosse julgada, e o foi como boa, pela junta da fazenda, unico tribunal então em taes casos; conseguiu que as quatro filhas entrassem no collegio das Ursulinas (então em Pereira) em 1817, com uma mesada valiosa por elle obtida de todos os credores, tanto da cidade como do Porto e Lisboa, e continuou quanto poude, e em quanto viveu a sua protecção ao irmão d'ellas, que se chamava Leonel Estelita Fernandes, e que se formou em Medicina em 1827, e estando no partido de Medicina em Azeitão, foi perseguido pelos miguelistas e preso na torre de S. Julião, d'onde saiu desterrado para Cabo Verde, e d'ahi poude evadir-se para Inglaterra; passando depois á ilha Terceira, onde morreu de uma phtysica.

Em 1821 recebeu M. Fernandes da Costa uma carta de Lisboa, do Dr. José Carlos Barreto, Physico-Mor do reino, em que lhe dava noticia de ter recolhido em sua casa M. Fernandes Guimarães, que podera encontrar e reconhecer ao entrar para o templo de S. Domingos em trajos de mendigo; que com muito custo o fez ir para sua casa, onde o estava tractando como amigo verdadeiro. M. Fernandes da Costa partiu logo, mas não poude resolvel-o a voltar a Coimbra. E assim se lá ficou, tractado como verdadeiro amigo, até que poude illudir a vigilancia que sobre elle fazia exercer o Dr. Carlos Barreto, e nunca mais se soube d'elle com certeza; só se disse passados tempos que morrera no hospital de Lisboa.

Contara ao Dr. Carlos Barreto que nesta segunda saida era seu proposito ir até aos Logares Santos, mas que de cançado de tão longa peregrinação, sempre a pé e mendigando, e sem nunca durante ella lhe acontecer algum mau encontro nem doença, se sentira compellido de voltar ao seu paiz e sempre sob o incognito.

M. Fernandes da Costa pouco tempo sobreviveu aquella triste entrevista; falleceu em 1822 na casa ao fundo da rua do Visconde da Luz, do lado da rua das Figueirinhas, com a estima e consideração e excellentes qualidades, unica riqueza que lhe não faltou até á hora da morte.

Era tio do sr. Dr. Francisco Fernandes da Costa, ao qual desde a edade de 10 annos serviu mais do que de pae. Em quanto a Bernardo Ferreira de Brito foi habil machinista, de instrucção muito superior á do seu tempo entre artistas, cidadão bemquisto pelo seu tracto e honradez. Morreu nas casas da mesma fabrica, onde viveu desde que saiu de Thomar.»

O sr. conselheiro Antonio Roberto de Oliveira Lopes Branco—Estamos em divida de agradecer ao sr. conselheiro Lopes Branco o especial favor de nos enviar exemplares de algumas das suas publicações.

Já possuiamos a seguinte:

—*Memoria dos principaes trabalhos do ministro e secretario d'estado dos negocios da fazenda, A. R. O. Lopes Branco, durante o tempo da sua administração*—Lisboa, 1851.

Nesta memoria expõe o seu illustrado auctor o lamentavel estado em que encontrou a fazenda publica, quando aceitou o cargo de ministro da fazenda em 29 de Janeiro de 1848; os laboriosissimos trabalhos a que se entregou, para acudir aos mais indispensaveis pagamentos; e os preseverantes esforços que empregou para cortar immensos abusos praticados por muitos empregados, especialmente nas alfandegas. É muito interessante esta memoria, e os factos ahi narrados honram muito ao sr. conselheiro Lopes Branco.

Já depois de 1851 fez s. ex.ª segunda edição desta memoria, mais ampliada com dois appendices, sendo um delles o seu relatorio daquella epocha, com as propostas que apresentou ao parlamento.

Tambem já possuiamos, e agora recebemos outro exemplar da:

—*Memoria dos projectos de lei mais importantes, que o conselheiro A. R. O. Lopes Branco propoz á camara dos deputados nas seis legislaturas em que foi membro della.*—Lisboa, 1865.

Contem esta memoria 19 projectos de lei, fructo de longas fadigas e estudos do sr. conselheiro Lopes Branco; e tratando—1.º da administração civil—2.º da reforma e organisação judicial—3.º da administração da fazenda publica—4.º da administração das provincias ultramarinas—5.º da construcção e conservação dos caminhos de districto, visinhaes e ruraes—6.º provendo á carestia das subsistencias—7.º para se prover a edificação de casas—8.º para a creação de povoações nas margens das estradas—9.º para a plantação de arvores tambem nas bordas das estradas—10.º sobre a conservação e policia das estradas—11.º para a reforma das misericordias—12.º providenciando sobre a canalisação do rio Mondego, e as obras de que carecem os campos de Coimbra, em beneficio da agricultura—13.º outro provendo especialmente ás obras de que carecem os campos de Coimbra—14.º para ser construido um porto artificial ao norte do rio Douro, no sitio de Leixões—15.º propondo a reducção dos direitos de consumo no Porto, do vinho, aguardente e geropiga—16.º outro projecto apresentado na discussão da questão do commercio dos vinhos em 30 de Junho de 1860—17.º para se regular a execução do decreto de 13 de Agosto de 1832 sobre foraes—18.º outro projecto providenciando sobre o commercio dos vinhos—19.º finalmente, providenciando sobre a sorte dos officiaes da convenção de Evora Monte.

Enviou-nos o sr. conselheiro Lopes Branco, tres dos cinco relatorios que publicara, durante os cinco annos que administrou, na qualidade de provedor, a Santa Casa da Misericordia do Porto.

S. ex.ª começou a exercer o cargo de provedor no anno de 1854 a 1855, continuou nos annos de 1855 a 1856, 1856 a 1857, 1857 a 1858, e terminou no anno de 1858 a 1859. São da gerencia dos tres ultimos annos, os relatorios com que nos obsequiou o sr. conselheiro Lopes Branco.

Todos elles manifestam um zelo por aquelle estabelecimento de caridade, que poderá ser egualado, mas não excedido.

Recebemos mais o—*Regulamento do hospital real de Santo Antonio da cidade do Porto, ordenado e mandado pôr em execução pelas mesas da Santa Casa da Misericordia que serviram nos annos de* 1856-1857, *e* 1857-1858, *depois de competentemente approvado, na parte em que dependia de o ser. Levando em appendice o Regulamento das enfermarias da clinica da Eschola medico-cirurgica da mesma cidade.*—Porto, 1858.

E finalmente recebemos o *Relatorio da presidencia da relação de Lisboa do anno de* 1871.—Lisboa, 1872.

O sr. conselheiro Lopes Branco, na qualidade de presidente da relação de Lisboa, e em cumprimento do decreto de 21 de Setembro de 1841, escreveu este importante relatorio.

Não se limitou o sr. conselheiro Lopes Branco a fazer um relatorio banal, para illudir o cumprimento do preceito daquelle decreto, neste relatorio vem largamente expostos todos os melhoramentos e reformas, que s. ex.ª entende necessarios nos variadissimos ramos da administração da justiça.

Consta-nos egualmente que s. ex.ª se occupa na redacção de uma *memoria*, que já tem adiantada, sobre o estado da administração do paiz; e que tambem está escrevendo o relatorio da presidencia da relação de Lisboa pertencente ao corrente anno.

É com muito prazer que neste jornal registamos estes importantes serviços, prestados pelo sr. conselheiro Lopes Branco em beneficio do paiz.

Bairro novo de Santa Catharina.—Progridem de anno para anno as construcções no *bairro novo de Santa Catharina da Figueira da Foz*, segundo d'alli nos informam, por effeito do zelo e actividade dos dignos directores da *Companhia Edificadora Figueirense*; e, á proporção que augmenta o numero das casas naquelle bairro, correm os banhistas, como que á porfia, a procural-as de preferencia a quaesquer outras.

Todas ellas se acham effectivamente occupadas, ainda mesmo aquellas, cuja construcção terminou em Junho ultimo.

As que foram edificadas no primeiro anno são habitadas pelos srs. visconde de Prime, visconde de Moreira de Rei, Dr. Filippe do Quental, bacharel Miguel Antonio de Sousa Horta, e José de Moura.

Nas construidas no segundo anno habitam actualmente os srs. bacharel José Leite Ribeiro Freire, Dr. José de Queiroz, Dr. Paes da Silva Junior, Dr. Diniz, bacharel Francisco Amado, e a exm.ª viuva Joyce; sendo propria a que occupa o sr. José Leite; porque a comprou no anno passado á Companhia.

Nas que acabam de ser edificadas no corrente anno habitam os srs. Diogo Forjaz, Francisco José Gonçalves de Lemos, Taborda e a familia do sr. Almeida.

Tambem reside actualmente no bairro novo o sr. conselheiro Adrião Forjaz, n'uma grande e elegante casa propria, que encommendou á Companhia no anno passado, e que já este anno poude habitar com a sua numerosa familia; tal é a actividade dos trabalhos de construcção naquella villa.

Varios outros cavalheiros alli moram em casas proprias, que mandaram construir em terrenos comprados á Companhia, ou que esta mandou construir por encommenda d'elles; sendo do numero dos ultimos os srs. directores da *Empreza das Minas do Cabo Mondego*.

O sr. Paes, tio e sogro do sr. Dr. Paes da Silva Junior, terminou ha dias o ajuste de uma vasta casa em terreno comprado á Companhia na rua da Boa Vista, a qual ficará com lojas para commercio, com a condição de poder já habital-a na seguinte quadra de banhos.

O sr. Dr. Raymundo Venancio Rodrigues foi ver ha dias, e comprou a casa, que a Companhia edificou este anno, contigua á dos srs. directores da *Empreza das Minas do Cabo Mondego*; e falla-se em encommendas de outras casas á Companhia, havendo até já alguns terrenos comprados para esse fim.

A solidez, elegancia e barateza das casas construidas pela Companhia nos dois ultimos annos, vão resolvendo muitas familias, que costumam frequentar regularmente a praia da Figueira, a adquirir no novo bairro casa propria com as commodidades de que carecem; e a rapidez com que a Companhia satisfaz ás encommendas, não é pequeno estimulo para essa resolução.

Tambem convida os encommendantes a vantagem de poderem pagar o preço das casas em prestações mensaes durante 10 annos: e mais que tudo os anima a excellente posição daquelle lindo bairro; que é na verdade o mais conveniente, a todos os respeitos, para os banhistas.

Não se acredita facilmente que predios, como os construidos nos dois ultimos annos, com commodos para uma familia regular, bem acabadas, estucadas, pintadas, com grandes depositos de agua potavel, com quintaes murados, etc., tenham custado á Companhia uns a 637$815 rs., cada um; outros a 751$429 rs.; outros a 919$905 rs.; sendo o mais caro de todos o que habita na *rua do Melhoramento* o sr. Dr. Queiroz, o qual comtudo não excedeu a 1:299$000 reis.

Pois é o que consta das contas da Companhia, que acabam de ser distribuidas, impressas, pelos seus accionistas; e é o que sabe toda a gente na Figueira.

Se as primeiras construcções, aliás elegantissimas, da *Companhia Edificadora Figueirense*, tivessem sido dirigidas com a pericia, zelo e fiscalisação com o que tem sido as posteriores, estaria a estas horas todo o bairro povoado; mas o preço daquellas assustou e fez parar a torrente do enthusiasmo dos banhistas. Ainda bem que o das ultimas o vae fazendo reapparecer.

As actuaes construcções da Companhia são com effeito, no dizer de todos, commodas, elegantes, solidas e baratissimas.

Assemblea Recreativa no bairro novo de Santa Catharina. Os emprezarios do *Grande Hotel Foz do Mondego*, situado *no bairro novo de Santa Catharina na Figueira da Foz*, arrendaram á *Companhia Edificadora Figueirense* o salão da *Assemblea Recreativa* para toda a epocha dos banhos.

Vae pois brevemente abrir-se um vasto e elegante salão, com todas as suas dependencias, bilhar, gabinete de leitura, botequim, etc.

Os emprezarios entregam o governo da casa a uma direcção composta de cavalheiros banhistas, e alguns da Figueira.

Haverá pois para as familias que frequentarem o salão todas as garantias de boa ordem e regularidade nas reuniões que alli tiverem logar.

Para todos quantos gozaram no anno passado os concorridos e animados bailes e concertos da *Assemblea Recreativa*, será certamente agradavel a noticia que lhes damos.

Ponte da Portella—Continua a ser muito frequentada a ponte da Portella, não só por passageiros, mas por visitantes.

Em geral o publico, reconhecido a tão importante melhoramento, presta-se da melhor vontade a satisfazer a pequena verba da passagem.

Ouvimos dizer que pela repartição de fazenda se pretende dar desde já de arrematação o rendimento da ponte. Parece-nos ainda cedo para isso. Só se poderá bem avaliar o seu rendimento depois de decorrido um verão e um inverno. No verão, como o rio leva muito pouca agua, é facil a muitas pessoas do povo o passal-o sem atravessar a ponte, o que não acontecerá no inverno, em que todos terão de passar por ella.

Depois dessa quadra é que se ficará habilitado a saber qual o rendimento da passagem.

Fallecimento—Falleceu em Semide o sr. bacharel em medicina, José dos Santos Carvalho.

Era do numero dos presos politicos, que em 19 de Fevereiro de 1847 foram desta cidade para a Figueira e Buarcos, e d'alli a bordo do vapor de guerra *Terceira* para Lisboa.

Nos 26 annos, que tem decorrido desde então, tem morrido quasi todos os referidos presos politicos.

Em Coimbra já não vivem senão os srs. Dr. Francisco Fernandes da Costa, Dr. Raymundo Venancio Rodrigues, João Ignacio de Sousa, Domingos Antonio da Costa, e Joaquim Martins de Carvalho.

Louvores.—Em portaria do ministerio do reino de 29 de Agosto foram consideradas dignas de especial louvor as providencias empregadas pelo sr. governador civil de Coimbra, para regular e melhorar a gerencia financeira, tendo sido em grande parte effectuada a cobrança das derramas lançadas pela junta geral do districto relativas ao anno economico de 1872—73, realisando-se tambem a das quotas dos concelhos em divida na importancia de 8:038$275 reis.

Classificação distincta.—Obteve classificação *distincta* nos exames para professoras de instrucção primaria a exm.ª sr.ª D. Ludovina do Carmo Pereira Neves, irmã do nosso amigo o sr. Cassiano Pereira Pinto Neves, estudante do 4.º anno de Direito, natural de Lamego.

Alcançou esta senhora a classificação de que era muito digna pela sua intelligencia, ao que se póde juntar as suas virtudes e excellentes qualidades.

Cemiterio da Conchada—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Francisco das Neves Carneiro, filho de José das Neves Carneiro, de Goes, de 60 annos, fallecido no dia 24 d'Agosto.

Raul, filho de Amelia Augusta, de Coimbra, de 16 annos, fallecido no dia 24.

Ruth Zuleima d'Amaral Guerreiro, filho de Lopo Cesar d'Oliveira Guerreiro e de D. Cecilia Paes d'Amaral Guerreiro, de Coimbra, de 10 mezes e meio, fallecido no dia 27.

Victor Mauricio de Carvalho, filho de Manoel Simões de Carvalho, e de D. Angelica Clara Mauricio de Carvalho, de Coimbra, de 83 annos, fallecido no dia 28.

Maria, filha de Joaquim d'Almeida e de Maria Delfina, de Coimbra, de 83 annos, fallecida no dia 29.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5:104.

Pedido justo.—Rogamos aos nossos collegas da imprensa periodica, o favor de mencionarem o nosso jornal, quando d'elle transcreverem as noticias.

Alguns jornaes assim procedem; mas outros publicam as noticias, ás vezes até uma e duas columnas inteiras, sem indicarem donde as transcrevem.

Esperamos ser attendidos.

Passaro trombeta.—E' conhecido por este nome vulgar, e tambem pelo de trombeteiro, uma ave muito curiosa, natural da Guyana, do tamanho de uma gallinha corpulenta, e que pertence á ordem das *pernaltas*, tribu dos grous. E' o *agami*, que mereceu aquelle nome, porque a sua voz singular e estridente se parece com o som de uma trombeta.

Esta ave domestica-se facilmente, e presta grandes serviços ao homem. Pela sua grande intelligencia e admiravel instincto exerce com muito zelo as funcções de pastor na guarda de um bando de patos e de um rebanho de carneiros. Faz as vezes de um cão de gado. Adquire tanta amisade pelo dono, que o segue com familiaridade e alegria para toda a parte, solicita com avidez as suas caricias, recebe com humildade os castigos, e obedece-lhe com verdadeira fidelidade. A sua vigilancia e dedicação são de tal ordem, que até mesmo ás portas de casa está sempre alerta como sentinella fiel e cuidadosa.

Nos jardins e hortas expulsa os pombos e gallinhas, evitando os estragos que estas aves tão frequentemente fazem. Nos campos dirige com intelligencia e mantem na mais rigorosa policia o pascigo dos animaes que são confiados á sua guarda. Os carneiros obedecem-lhe como a um cão de pastor.

No Brasil e Paraguay existe outra ave da mesma ordem das *pernaltas*, pertencente ao genero *palamodea*, que não é menos util que o trombeteiro. E' da grandeza de um perú, e tem as pernas armadas de um esporão corneo, comprido e ponteagudo, de que se serve com vantagem para combater os seus inimigos.

E' verdadeiramente admiravel a solicitude com que protege os grandes bandos de gallinhas, patos e gansos, que o homem confia á sua vigilancia. Se alguma ave de rapina vem accommetter os pacificos animaes, a *chavaria* acode immediatamente; com uma das azas protege a victima, e com a outra dirige golpes certeiros ao aggressor, faz-lhe profundas feridas com o esporão no pescoço e peito, e vasa-lhe os olhos com o bico agudo. A ave de rapina, se não morre no combate, foge humilhada e vencida, voando para as altas regiões da atmosphera, se as suas feridas lhe permittem esta retirada vergonhosa.

O *agami* e *chavaria* são aves dignas de ser acclimadas na Europa.

Commercio das ameixas.—A ameixieira é uma arvore fructifera de grande rendimento, e que prospera perfeitamente em todos os terrenos. Aos 6 annos já dá fructo, e continua a produzir cada vez mais até á edade de 30 e 40 annos. A principal applicação da ameixa é o fabrico da aguardente, e a producção de passas e doce, alem do grande consumo que lhe dão os animaes.

De uma noticia publicada pelo jardineiro em chefe do jardim botanico de Strasburgo,

resulta que no cantão de Lauterbourg o valor da colheita annual das ameixas regula por 45:000 francos; no cantão de Benfeld por 24:000; no de Marckolsheim por 14:000; e no de Hochfelden por 140:000. Estes factos são eloquentes.

Corredores arabes.—Nas tribus nomades que vivem no sul da Algeria, existem individuos que exercem a profissão de correios para levar muito longe qualquer noticia verbal ou escripta através do deserto.

Estes homens nas suas viagens levam um pau atravessado sobre o pescoço, ás extremidades do qual prendem as mãos, para desta forma conservarem a caixa thoraxica perfeitamente livre e ampla. As suas provisões são apenas algumas tamaras, e caminham vestidos com uns calções ligeiros, servindo-se de calçado sómente nas horas em que a areia abrasada pelo calor causa grandes dores nos pés.

Estes corredores, durante a viagem, dormem apenas 2 ou 3 horas por dia, e descançam de vez em quando, tomando folego e respirando á vontade 60 vezes. Estes mensageiros do deserto, para resistir ao somno, prendem aos pés quando se deitam, uma corda a que lançam o fogo. A corda vae ardendo lentamente, e quando está consumida, a sensação nos pés acorda-os, continuando o seu trajecto. Este officio exige aptidões especiaes, sendo uma dellas uma vista penetrante, que lhes permitte distinguir um vulto perfeitamente a 3 leguas de distancia.

Noticias de Hespanha.—Os carlistas entraram em Cantavieja e parece ameaçarem Caspe.

As cidades de Castellon e Logroño estão tambem por elles ameaçadas. Santa Pau espera reforços em Lodosa e as forças carlistas situadas em Estella continuam fortificando-se consideravelmente.

Salmeron negou nas côrtes toda a ideia de amnistia, afirmando que o governo seguirá o seu programma de ordem até ao ultimo transe.

Espera-se que por toda esta semana se entregue Cartagena. Tem, porem, corrido o boato muito grave, de que naquella praça se tem discutido se ella deve ser entregue aos carlistas.

Consta que a provincia de Victoria está completamente dominada pelos carlistas.

Nas costas da Biscaia não cessam os desembarques de armas.

ANNUNCIOS

1 A COMPANHIA DE VIAÇÃO BEIRENSE, faz publico, que no dia 6 do corrente mez de Setembro em diante a diligencia diaria que tem entre Coimbra e Villa Cortez, não passará de S. Thiago de Ceia, saindo de Coimbra ás 4 ½ horas da manhã e de S. Thiago de Ceia ás 2 ½ da manhã.

—As diligencias têem ¾ de hora de demora, para os passageiros poderem almoçar em Mocelão.

—Os bilhetes vendem-se em Coimbra em Sansão, na casa do sr. Ariosa; e em S. Thiago na hospedaria do sr. Garcia.

—Annuncia tambem que tem duas carreiras diarias entre Coimbra e Figueira da Foz, saindo da Figueira, uma ás 5 ½ da manhã, e a outra ás 2 ½ da tarde; e de Coimbra uma ás 5 da manhã, e a outra ás 2 ½ da tarde.

—Na diligencia que sae de Coimbra ás 5 da manhã e da Figueira ás 2 ½ da tarde, e que é a que conduz o correio, o preço fica sendo de 700 rs. dentro e rs. 600 fóra.

—Os bilhetes na Figueira vendem-se na Praça Nova, em casa do gerente da companhia, A. B. Branco.

2 ARRENDAM-SE as vastas casas do Dr. Gama na rua do Correio. Quem as pretender falle com o Dr. Casal.

Companhia real ingleza

PAQUETES A VAPOR

Para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos-Ayres

LINHA QUINZENAL

PAQUETES A SAHIR DE LISBOA

BOYNE	13 de Setembro
TIBER	29 de Setembro
DOURO	13 de Outubro.
LIFFEY	29 »
NEVA	14 de Novembro

Os paquetes Liffey, e Tiber não tocam em Pernambuco e Bahia.

PREÇOS REDUZIDOS

Esta companhia resolveu ter a bordo de todos os seus vapores COZINHEIROS PORTUGUEZES para cozinhar para os passageiros de TODAS AS CLASSES.

Nos preços das passagens está incluida a passagem para Lisboa, vinho, assistencia medica, propinas a criados e outras despezas.

N. B.— Os vapores desta linha *(a mais antiga na carreira do Brazil)* são conhecidos pela *regularidade, ordem a bordo, segurança, celeridade e melhoramentos mais modernos.*

Recebe de S. M. britannica, um *importante subsidio* pela conducção das malas.

Tiveram a insigne honra de serem *preferidos por SS. MM. II. do Brazil* nas suas recentes viagens.

Ha mais de vinte annos que estes vapores têem feito a carreira entre Lisboa e os portos do Brasil e Rio da Prata, e esta companhia *nunca perdeu nesta carreira um unico vapor*, nem houve sinistro de gravidade a lamentar.

Para Southampton.—Na volta do paquete, duas vezes por mez, ha passagens de primeira classe por 8 libras, incluindo caminho de ferro até Lisboa.

Para *carga e passageiros* na agencia, rua dos Sapateiros, n.º 25 a 29, Coimbra —O agente, **Joaquim Martins da Cunha**, e nas mais terras onde a companhia tem agentes.

4 NOS DIAS 4 e 5 do corrente Setembro, das 7 ás 9 horas da manhã, hão de celebrar-se missas por alma do exm.º barão de Santa Combadão, nas quatro freguezias e na capella da Misericordia desta cidade.

5 ARRENDA-SE uma quinta no sitio dos Fornos, pertencente a D. Joaquina de Sousa, de Souzellas. Esta quinta tem todas as commodidades, tanto para lavoura, como para casa de habitação. Tem nora d'agua para consumo da casa, e agua de rega gratuita para toda a quinta. Quem a pretender póde dirigir-se a sua dona, no actual collegio de Nossa Senhora da Conceição, segundo andar, na Sophia.

6 ANTONIO BELLO DA SILVA BRAZÃO continua a leccionar instrucção primaria, portuguez, francez e desenhos, na rua da Trindade, n.º 17, admittindo alguns estudantes em sua casa por preços commodos.

CASAS

7 ALUGAM-SE DUAS, adiante do jardim botanico, proprias para familias, sendo uma toda a estuque. O local é o melhor desta cidade, pelas vistas e excellentes ares. Trata-se com o senhorio, na Ladeira, n.º 20.

DILIGENCIA

8 VIUVA NATIVIDADE & FILHOS fazem publico, que no dia 6 inclusivè de Setembro, vão mudar para trabalhar de dia, a sua diligencia, que têem entre Coimbra e Nespreira, sendo esta diaria, e a sair de Coimbra ás 5 horas da manhã, e de Nespreira ás 2 horas da noute, chegando a Coimbra ás 3 horas da tarde, podendo os passageiros que vão para o Porto sair no comboio das 3 ¾ da tarde, e os que vão para Lisboa, no que sae ás 8 ¾ da noute.

As diligencias têem meia hora de demora na ponte da Murcella para os passageiros almoçarem.

Os bilhetes em Coimbra vendem-se na rua da Sophia, n.º 39-41, em casa dos annunciantes.

Tambem tem bons caleches e char-à-bancs, que se alugam por preços commodos.

Viuva Natividade & Filhos, de Coimbra, e Albano Custodio, da Figueira, tambem têem duas diligencias diarias entre Coimbra e Figueira: uma que sae de manhã e outra de tarde.

Recebem-se encommendas que se possam conduzir nas diligencias.

Tambem ha um carro em Nespreira para alugar.

Coimbra 29 d'Agosto de 1873.

Viuva Natividade & Filhos.

DILIGENCIA

de João Adelino de Sousa

Viagens diarias de recreio para a Figueira, e vice versa.

Dentro 750 rs.—fóra 600 rs.

Parte de Coimbra e Figueira ás 4 horas da manhã.

Os bilhetes continuam á venda na loja do sr. João Gomes de Sousa, rua do Visconde da Luz; e na Figueira na loja do sr. José da Silva Fonseca, na praça do Commercio, 52.

10 D. LUIZA DA CONCEIÇÃO NEVES e seus filhos, agradecem por este meio, em quanto o não podem fazer especialmente, a todas as pessoas que se interessaram pelas melhoras do seu fallecido e sempre chorado esposo e pae o sr. Francisco das Neves Carneiro, e que acompanharam o cadaver á sua ultima morada.

11 VENDE-SE a casa da Ordem de Poiares. E' uma optima vivenda com muito boas terras de rega, e de sequeiro, junto a egreja de Santa Maria d'Arrifana. Tem muitas arvores de mimo, excellentes olivaes, pinheiros, castanheiros, e tojeiras, e uma terra de lodo em Louredo, junto ao Mondego, e algumas sortes de oliveiras, mattos, e pinheiros dispersos. Esta casa tem muito boas communicações, pois se acha proxima do Mondego, e da estrada da Beira. Quem a pretender comprar dirija-se a José Felix Catana, d'Arrifana de Poiares, que tem uma relação das propriedades, e prestará todos os mais esclarecimentos necessarios.

Venda de toneis e balceiros

12 SÃO 3 TONEIS de 12 pipas cada um, 2 de 4 pipas cada um, e 2 balceiros grandes, tudo de muito boas madeiras.

Quem os pretender, falle com José Antonio d'Amil, da rua de João Cabreira.

13 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière**, aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIÈRE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dyspepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchaqueca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

E ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris; Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid.—Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalescière chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 reis; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc. das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Merzedello & C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 123.—PORTO, Desire Rabir rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abdio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2725 — SABBADO 6 DE SETEMBRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A imprensa periodica tem-se referido nestes ultimos dias a um facto importante, que muito deve concorrer para melhorar o estado já bastante prospero das nossas finanças.

Pensou o governo em consolidar a divida fluctuante interna, e tendo estudado as bases do contracto, para levar a effeito esta operação financeira, consta que os estabelecimentos de credito nacionaes, resolveram por accordo commum, aceitar a proposta, tal como lhe foi enviada pelo sr. ministro da fazenda.

Por cerca de 16:000 contos orça a nossa divida fluctuante interna. Melhorou consideravelmente, durante a administração actual, o estado da fazenda publica: nem o governo se arreceia de novas crises, pelas condições favoraveis do paiz, e pela abundancia de dinheiro nos cofres publicos; não obstante é de grande alcance esta nova operação, porque nos põe a salvo das difficuldades mais graves, que por muitas vezes inesperadamente se levantam ás operações do thesouro.

E' de grande importancia a consolidação desta avultada divida, tomada pelos bancos do paiz; sendo como se afirma, muito favoraveis as condições em que ella deve basear-se.

Está, pois, em boa via de realisação uma das operações financeiras, que pelas conveniencias geraes que a determinam, e andam sempre ligadas á confiança que podem inspirar as operações realisadas sob taes auspicios, mais deve influir em o nosso credito, e na futura estabilidade de toda a ordem de interesses economicos e commerciaes.

Em fazer prosperar o nosso estado financeiro, tem o actual governo empregado acertados esforços. O cuidado que elle tem posto em tão importante objecto, e o feliz resultado, que tem colhido de tão difficultosa tarefa, reconhece-o e aprecia-o já o paiz, que vê na elevação do credito publico, no fomento das industrias, e no desenvolvimento do commercio, uma solida garantia, um symptoma propicio para o futuro engrandecimento desta nação.

A par deste grande serviço feito em proveito do bom nome deste paiz, e de toda a ordem de interesses nacionaes, vae o gabinete fazendo uso de muitas das suas attribuições mais restrictas, uma das quaes é a de manter a paz e a tranquillidade publica, que é tambem uma condição, sem a qual impossivel seria conseguir os resultados, altamente lisonjeiros, que vae felizmente obtendo.

E nestes dois polos, sobre os quaes gira a machina governativa, que hade dar impulso a todos os progressos sociaes, e em cuja conservação, estão empenhados os nossos direitos de nacionalidade livre e independente, tem o governo empregado toda a sua illustrada iniciativa.

Embora os detractores encartados, tentem illudir a opinião; os factos fallam tão eloquentemente em favor da actual administração, que não ha argumentos que os possam destruir.

Fortificam-se por estes meios todas as instituições e regalias; assegura-se um futuro auspicioso, que hade determinar uma das epochas mais notaveis para os governos deste paiz.

Nem a opposição, mau grado seu, poderá por mais que se esforce, negar estes factos. Todos hoje reconhecem os bons serviços que o governo tem prestado e está prestando á causa publica, mantendo inabalaveis os elementos de ordem social e de progresso financeiro.

OS PORTUGUEZES, O SR. D. JOSÉ DE LACERDA E O DR. LIVINGSTONE

I.

A tomada de Ceuta em 1415 por D. João I, abriu a série de feitos heroicos, praticados pelos portuguezes nas differentes partes do mundo.

O infante D. Henrique, depois de estabelecer em Sagres uma famosa academia, para promover os estudos cosmographicos, faz que alguns criados seus, e em navios a sua custa preparados, procedam á descoberta dos paizes ao longo da costa d'Africa.

Por sua diligencia se descobrem as ilhas do Porto Santo, Madeira e Deserta; Gil Eannes dobra o cabo Bojador; Gonçalo Velho Cabral descobre as ilhas de Santa Maria e S. Miguel, e são em seguida descobertas as ilhas de Cabo Verde, e as outras dos Açores.

D. Affonso V conquista Arzilla e Tanger, e faz proseguir nas descobertas encetadas pelo infante D. Henrique. No reinado de D. João II, descobrem Diogo Cam o rio Zaire, o reino do Congo, e o cabo Negro; João Affonso de Aveiro o reino e terras de Benin; e Bartholomeu Dias o cabo das Tormentas, ou da Boa Esperança.

Vasco da Gama, sob o venturoso reinado de D. Manoel, dobra o cabo da Boa Esperança, visita a costa oriental da Africa; e chega á India:

Por mares nunca de antes navegados.

Parecia já ser pouco o mundo para os portuguezes. Assenhoream-se de uma grande parte da India: tomam Ormuz, Ceilão e Malaca, e vão fundar Macau ás portas da China. Atravessando o Atlantico, descobre Pedro Alvares Cabral as terras de Santa Cruz, e lança ali os fundamentos para um vasto imperio.

Os filhos de Portugal, desta pequena nação situada no extremo occidente da Europa, por toda a parte sulcam os mares, fazendo respeitar o nome portuguez nas mais longinquas paragens. Os missionarios entram nos mais inhospitos sertões, e ahi pregam a palavra de Christo aos gentios, levando a civilisação aos povos mais barbaros e ignorantes até da existencia do Ente Supremo.

Os resultados obtidos por tantas diligencias e fadigas:

Mais do que promettia a força humana,

foram logo invejados por outras nações. A ac-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXCII

D. CARLOS

XLII

Voltemos á parte politica do partido liberal.

Dissemos já em logar competente, que o ministerio Mendizabal havia dissolvido as côrtes em 27 de Janeiro de 1836. No dia 22 de Março abriu-se a nova legislatura.

Na camara dos proceres era a opposição muito numerosa; e por isso alguns dos mais exaltados na camara dos procuradores, exigiram que se augmentasse o numero dos proceres, a fim de que o ministerio nomeasse aquelles que julgasse necessarios para lhe dar maioria. Pediam, alem disto, que se depozesse a Quesada e a S. Roman, um do commando da infanteria, e o outro das milicias provinciaes da guarda real; conferindo estes cargos a chefes de confiança do partido. Que se separasse o conde de Espeleta da inspecção de infanteria, para dar entrada nos regimentos aos officiaes que estavam separados das fileiras; que fossem demittidos Latre, Manso, Isidro e outros chefes militares em que se não confiava, e a Cordova, na primeira occasião; e que se enviasse ás provincias toda a guarnição de Madrid, ficando alli só a guarda nacional.

Accedeu Mendizabal a estas propostas, que haviam de apresentar-se á rainha governadora, e parece que pactuou com os seus auctores que, no caso de ter que abandonar o ministerio, se fosse desconsiderado, o auxiliariam para que voltasse a elle, apresentando a sua volta como uma verdadeira necessidade publica.

A camara dos procuradores queria por este modo neutralisar a petição approvada pelos proceres em 6 de Maio, por 45 votos contra 15, solicitando se suspendesse a execução dos decretos de 19 de Fevereiro e 1 de Março sobre bens nacionaes, ainda que respeitando os effeitos produzidos até á data da petição.

Apresentando o governo á rainha estas demissões obrava legalmente, porque se eram um obstaculo para a sua marcha, o throno devia contribuir a desembaraçar o caminho dos que tinham obtido a sua confiança, e fazer expedita a marcha dos que, uma vez nomeados para governar o paiz, não devem ter obstaculos; porem a rainha governadora pensou de outra maneira, por sua desgraça, e se oppoz aos seus ministros responsaveis.

No dia 10 de Maio foi ao real sitio do Pardo o ministro da guerra, e propoz conferir ao general inglez Evans a grã cruz de S. Fernando, pela sua victoria das linhas de S. Sebastião. Por isto, e algumas expressões de Rodil, julgou a rainha que se attentava contra Cordova; porem não se occupando muito disso o ministro, manifestou a necessidade de demittir os inspectores da guarda e da infanteria, mas não accedeu a governadora, e ao sabel-o Mendizabal, correu ao Pardo, e não conseguiu mais que Rodil. Haviam já informado a rainha da procedencia daquella proposição, e a recusou com mais energia. Em vão insistiu Almodovar no dia 11, e outra vez Mendizabal acompanhado de Heros no dia 12, fazendo observar á rainha o estado da opinião publica, que reclamava, diziam, taes demissões.

O assumpto era já delicado para o ministerio: reuniu-se, e resolveu demittir-se. Em consequencia foram ao Pardo na tarde de 13, Mendizabal, Rodil e Almodovar, insistiram na questão, e manifestaram que se demittiriam se não accedesse ao seu desejo: a rainha continuou negando. Pela noute apresentou-se em palacio todo o gabinete, teve uma larga conferencia com a rainha; porem tudo foi inutil, e por isso, demittiram-se.

Não assustou á rainha este passo; mas não lhe agradou, ainda que o esperava e lhe havia dado logar, e encarregou aos seus ministros que reflexionassem bem o que faziam; que não queria admittir as renuncias, nem assignar os decretos de demissão que exigiam. Deixou passar um dia, e quando no dia 15 voltou Almodovar a receber ordens, soube da rainha que já tinha successor; e perguntando quem era?—Isturiz, lhe respondeu a rainha. O conde referendou então os decretos, admittindo a demissão de seus companheiros.

Tal foi o fim do ministerio Mendizabal, deste homem que inaugurou o seu governo salvando o paiz, porque não pode dizer-se outra cousa do que achando a Hespanha fraccionada, dividida, sem auctoridade verdadeira, porque só mandavam as juntas, e estas eram em muitas partes instrumento do povo armado, fez escutar a sua voz, e as juntas, representantes da soberania popular, abdicaram o seu poder nas mãos do novo ministro, que proclamava a união de todos os liberaes.

O novo ministerio ficou assim composto: D. Francisco Xavier Isturiz, ministro de estado e presidente do conselho; duque de Rivas, secretario da governação; D. Antonio Alcalá Galiano, da marinha; D. José Ventura Aguirre Solarte, da fazenda; D. Antonio Seoane, da guerra; e D. Manoel Barrio Ayuso, da graça e justiça.

A opinião publica era opposta ao ministerio; e na camara dos procuradores foi logo hostilisado.

No dia 21 de Maio foi francamente apre-

tividade que não tinham empregado em fazer as descobertas, e fundar os estabelecimentos, por nós realisados, quizeram os hollandezes, os francezes, os inglezes, e outros povos, empregar em nol-os arrebatar umas vezes pela astucia, outras pela violencia.

Nicolau Durand de Villegaignon, com o pretexto de ir propagar as doutrinas de Calvino, organisa em França, sob os auspicios do almirante Gaspar de Coligny, uma expedição, que chega á bahia do Rio de Janeiro a 13 de Novembro de 1555; construe o forte de *Coligny* sobre a ilha agora conhecida pelo nome de *Villegaignon*, e dá ao paiz, que julga já conquistado, o nome de *França Antartica*.

A sujeição de Portugal á Hespanha faz animar os nossos inimigos.

O capitão inglez Carlos Cocke, sob as ordens de Thomaz Cavendish, invade a povoação de Santos, no Brasil.

Os hollandezes, com uma esquadra de 26 navios, atacam e tomam em 9 de Maio de 1624 a Bahia de Todos os Santos; e com outra armada de 64 navios, levando a seu bordo 8:000 homens, tomam Pernambuco em 1 de Março de 1630.

Só em 1654, depois de 30 annos de porfiada guerra, e pelos heroicos actos de patriotismo e bravura dos portuguezes, commandados por João Fernandes Vieira, André Vidal de Negreiros, e outros, é que se poude levar a effeito a expulsão dos hollandezes do Brazil.

Egualmente os hollandezes, com uma armada de 20 navios, tomam em 24 de Agosto de 1641, a cidade de Loanda, capital do nosso reino de Angola, na Africa; donde só poderam ser expulsos em 1648, pelo governador Salvador Correa de Sá.

As nossas possessões da India tambem tiveram a soffrer da guerra dos hollandezes. Ormuz, Cailão, Malaca, e outros pontos importantes, cairam em seu poder. E com mais ou menos alternativas, sempre tem continuado as diligencias de varias nações para usurpar o que nos pertence.

Para nada faltar, até alguns escriptores francezes do seculo XVII, querendo diminuir a gloria que ganharam os portuguezes com os descobrimentos que fizeram no seculo XV, na costa occidental da Africa, descobrimentos que levaram Christovão Colombo ás praias do novo mundo, e abriram á Europa as portas do oriente, procuraram negar a Portugal a prioridade desses descobrimentos, sustentando que um seculo antes dos portuguezes terem dobrado o cabo Bojador, alguns maritimos de Dieppe tinham dobrado o mesmo cabo, e feito estabelecimentos na costa da Guiné.

Semelhante opinião foi desde logo refutada pelos escriptores portuguezes; e ultimamente, o sr. visconde de Santarem, destruiu sem replica essas falsas asserções, na sua *Memoria sobre a prioridade dos descobrimentos portuguezes na costa de Africa occidental para servir de illustração á «Chronica da conquista da Guiné» por Azurara* — impressa em Paris em 1841.

Da mesma forma o sr. visconde de Santarem teve de publicar, para destruir outras falsas allegações, a sua *Demonstração dos direitos que tem a corôa de Portugal sobre os territorios situados na costa occidental d'Africa, entre o 5.º grau e 12 minutos e o 8.º de latitude meridional*, impressa em Lisboa em 1855; a que se seguiu logo em 1856 o sr. marquez de Sá da Bandeira com a sua valiosa memoria — *Faits et considerations relatives aux droits du Portugal sur les territoires de Molembo, de Cabinde et d'Ambriz et autres lieux de la côte occidentale d'Afrique, situés entre le 5.º degré 12 minutes et le 8.º degré de latitude australe.*

Os inglezes, não se esquecendo de empregar todos os meios para lançar mão das nossas possessões, como ainda nos primeiros annos deste seculo praticaram com a ilha da Madeira e a cidade de Goa; tem ha longos annos feito numerosas tentativas para nos tirarem o dominio da ilha de Bolama, servindo-se para isso muitas vezes do direito da força. A injustiça, porem, era tão evidente, que sendo por fim entregue a decisão desta pendencia á arbitragem do presidente dos Estados Unidos, Ulysses S. Grant; este, em sentença de 21 de Abril de 1870, decidiu a questão a favor de Portugal.

(Continuar-se-ha)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

Regresso. — Regressou da Allemanha o sr. Joaquim dos Santos e Silva, guarda do laboratorio chimico da Universidade.

Este habil empregado demorou-se no estrangeiro 2 annos, estudando chimica pratica nos laboratorios chimicos de Goettingue, de Bonn e de Heidelberg. Seguiu com muita assiduidade e aproveitamento os cursos dos respectivos directores, e vem muito habilitado em analyse e mais parte experimental de chimica.

O sr. Silva visitou algumas cidades importantes da Allemanha, como Berlim, Leipsig, Cologne, Francfort, etc. Tambem percorreu parte da Belgica, e demorou-se algum tempo em França. Traz bons attestados dos seus estudos, e vem dirigir os trabalhos praticos do laboratorio chimico da Universidade, onde deve prestar muito bom serviço, auxiliando os respectivos professores e doutrinando os alumnos.

Viagem. — O sr. visconde de Villa Maior, reitor da Universidade, saiu para a provincia de Traz-os-Montes, terra de sua naturalidade, onde pouco tempo se demora.

Oração de sapiencia. — Este discurso inaugural da abertura da Universidade e da distribuição dos premios pertence por turno no proximo anno lectivo ao decano da Faculdade de Philosophia, o sr. visconde de Monte-São.

Colheitas. — Está muito adiantado o recolhimento do milho e de outros generos nas terras altas. Em alguns pontos já principiou a vindima da uva doente, que se destina ao fabrico da aguardente. As vindimas para o vinho devem começar mais tarde, porque a uva não está sazonada, e é um erro anticipar esta operação, porque só produz vinhos mediocres.

Banhos. — Sahiram para a praia de Mira as familias dos srs. Drs. Cesario Augusto de Azevedo Pereira e Nuno José da Cruz, e alli passam o mez de Setembro. Foram tambem os srs. padre Manoel Simões Dias Cardoso, Herculano Santa Barbara e José de Andrade Corvo. Esta praia de banhos é linda; é muito abundante em pescarias; e offerece muito socego, independencia e commodidade ás familias. Sahiu tambem para Buarcos o sr. Dr. Ignacio Rodrigues da Costa Duarte.

Laranja. — Já se tem vendido muita laranja de pomares dos arredores de Coimbra. E' comprada por commissarios, que se encarregam deste negocio para Inglaterra. Não ha este anno muita abundancia deste fructo.

Cortiça. — Tem affluido á estação do caminho de ferro grande quantidade de cortiça vinda da Beira. Este producto tem cada vez maior consumo, e a cultura dos sobreiros é hoje um ramo de industria agricola que offerece grandes vantagens.

Passagem. — O nosso amigo o sr. Antonio Maria Rosado Lopes de Carvalho, da Varzea de Goes, passou ha dias por esta cidade em direcção á villa da Figueira da Foz, onde nos mezes de Setembro e Outubro vae tomar banhos, que lhe são muito recommendados pela medicina.

Companhia Edificadora Figueirense. — Consta-nos que no segundo domingo do corrente mez de Setembro, ha de ter logar a reunião da assembleia geral daquella companhia, para o exame do relatorio e contas da direcção, com respeito ao anno social terminado a 30 de Junho ultimo; e para a discussão de varias propostas da mesma direcção, em relação ao futuro andamento dos negocios da companhia.

A direcção, na circular de convite que envia aos accionistas para aquella reunião, insta para que todos compareçam n'ella, ou se façam legalmente representar, por ter de tratar-se alli da reforma de alguns artigos dos respectivos estatutos, e de outros objectos da maxima importancia, a que se referem as alludidas propostas, que se acham transcriptas na circular citada.

Como muitos dos nossos assignantes são accionistas da *Companhia Edificadora Figueirense*, e nem todos poderão ir á reunião da assembleia geral, daremos noticia no nosso jornal do que nella se passar, que mais possa interessal-os.

Concurso. — Foi mandado abrir concurso por provas publicas, perante o reverendo bispo de Coimbra, para o provimento da egreja parochial de Nossa Senhora da Conceição do Zambujal, no concelho de Condeixa a Nova.

Recrutamento. — O conselho de estado julgou isento do serviço de exercito, a Manoel, filho de Manoel Fernandes e sua mulher Maria Joaquina, da freguezia de Pombeiro, concelho de Arganil.

A vinha. — A viticultura tem progredido muito no seculo actual, e contam-se já hoje centenares de variedades de videira. Catão, agronomo romano, mencionava apenas 8 especies, e Virgilio já enumerava 15. Mais tarde, Columella dá noticia de 58, e Plinio faz menção de 83.

Na edade media, um senador de Bolonha, auctor de uma obra latina sobre as vinhas, já descreve 40 especies proprias de Italia. No seculo 17, Cuponi publicou uma relação de 48 variedades collecionadas e cultivadas em um jardim da Sicilia. Olivier de Serres em

---

sentada por 78 procuradores o seguinte voto de censura: — «Pedimos á camara declare que os individuos que compõem actualmente o ministerio, não merecem a confiança da nação.»

A esta proposta respondeu o governo dissolvendo as côrtes no dia 22.

Logo que chegou a Malaga o decreto dissolvendo as côrtes, rompeu alli a revolução. Seguiram-se immediatamente Granada e Cartagena, Cadix, Sevilha, e Cordova.

Em Saragoça proclamou-se a constituição no dia 1 de Agosto, pondo-se á frente da revolução o general D. Evaristo S. Miguel.

No dia 3 de Agosto houve em Madrid um motim, que não teve maior desenvolvimento, pela indecisão dos amotinadores, e não terem a sua frente um homem verdadeiramente revolucionario e de talento.

Ainda assim, os auctores deste frustrado movimento não desistiram. Continuaram conspirando, e se minou a conspiração de algumas tropas. Os projectos se dirigiram principalmente á Granja, residencia das pessoas reaes.

No dia 4 dirigiu a rainha governadora um manifesto á nação, datado de Santo Ildefonso. Tudo, porem, foi inutil; o plano estava formado, e um manifesto, qualquer que fosse, não podia impedir a sua execução.

Assim succedeu, e com mais ou menos ordem se foram pronunciando quasi todas as capitaes da Hespanha.

Badajoz o fez no dia 3, e a imitou toda a Estremadura: Valencia seguiu a 8, Jaen a 9, Alicante, Murcia e Castellon a 11, e pelos mesmos dias foi estendendo-se o incendio por Castella.

Em Barcelona teve o proprio general Mina de adherir á revolução; e reunidas as auctoridades se resolveu representar á rainha governadora, rogando-lhe que adoptasse de prompto uma providencia que acabasse a inquietação geral.

Vamos agora dar noticia da celebre revolução da Granja. A sua alta importancia, nos fará ser minuciosos nessa narração.

A côrte, como de costume, passava o verão nos frescos jardins da Granja, nessa regia mansão que erigiu Filippe V, para que competisse com a opulenta Versalhes.

Alli foram tambem os planos revolucionarios; porem em vez de ser o povo o instrumento da insurreição, o foi a tropa.

Constituiam a guarnição da Granja oito companhias da guarda real de infanteria e provincial, dois esquadrões de guardas de corpo, duas de granadeiros e uma partida de salvaguardas. Os sargentos da maior parte destas forças reuniam-se no café do Theatro, onde se liam e commentavam os periodicos, dominando em todos o espirito liberal, arreigado como o estava em muitos que voltavam da campanha, e ainda excitado pela apresentação naquellas immediações das forças carlistas de Balmaseda, que introduziu o panico entre os cortesãos.

No dia 12 de Agosto chegou um nacional de Madrid á Granja, e pintou aos sargentos a situação da cidade no mais alarmante estado pelo desarmamento da milicia; e indignados os sargentos se exaltaram mais ao dar-se ao meio dia a ordem geral, que prohibia se cantassem, nem tocassem, canções patrioticas. Acostumados a ellas os soldados nos acampamentos e a bater-se ao seu ecco, as entoaram pela tarde, desobedecendo á prohibição, e um grupo de sargentos convidou o tambor mór da guarda provincial, para que tocasse o hymno de Riego.

Não se atreveu a isso, e mandou tocar a marcha granadeira ao rompel-a o batalhão; porem os pifanos tocaram o hymno desejado. Assim que o ouviu, mandou o commandante fazer alto e calar a banda, a qual prendeu e ao tambor mór; dobrou a guarda de prevenção, e ordenou que os officiaes ficassem nas suas companhias e não saisse do quartel nenhum sargento.

Estava annunciada para aquella noute a comedia intitulada: — *Ás 10 da noute, ou os symptomas de uma conspiração*, e escolheram esta hora para se pronunciar. Ao ouvir o toque de silencio, e á voz de *ás armas!* dada na companhia de atiradores, agarraram nas espingardas, e sem resistencia de ninguem, sairam com ordem as companhias do quartel de Pajaron, formaram em frente os officiaes, nos seus respectivos postos, e apresentaram a bandeira com as honras da ordenança, victoriando a constituição e a rainha constitucional.

Dirigem-se á povoação, e desenvolve-se em guerrilha a companhia de caçadores para tomar a porta de Ferro, a qual fora cerrada aos primeiros symptomas e enviadas as chaves ao palacio. Abriram-na com as bayonetas os guardas, que aquartelados dentro se pronunciaram tambem. Fraternisaram todos, desattendendo as admoestações do conde de S. Roman, que se apresentou a contel-os, e se dirigiram ao palacio.

Ao passar pelo quartel da guarda do corpo, lhes bradou a sentinella o — *quem vive?* e disparou um tiro, correndo o postigo da porta principal. Dirigiu-se em seguida uma companhia e tomou as janellas baixas do quartel em ar hostil; porem appareceram os guardas nas janellas altas, manifestando que queriam o mesmo que os pronunciados e acclamaram a constituição. Foram em seguida com os insurreccionados, e entoa então a sua musica, como todas, o hymno de Riego. Os granadeiros de cavallaria, a quem se enviaram uns sargentos, adheriram tambem, assim como os salvaguardas, os nacionaes e alguns paisanos.

Reunidos na praça da Cacharreria, contigua ao palacio, subiram a ver a rainha os chefes d'aquella força, e desceram dentro em pouco os dois commandantes de provinciaes e guardas, com o encargo de que subisse uma commissão de sargentos a expor á governadora os motivos da insurreição. Designados os sargentos D. Alexandre Gomez e D. João Lucas, entraram no palacio com um soldado, e recebidos na escada pelo conde de S. Roman e o duque de Alagon, lhes manifestaram estes que iam ver a pessoa de mais respeito e consideração de Hespanha, e que se os mandassem retirar aos seus quarteis deviam obedecer.

Gomez respondeu que se não podiam expor a causa d'aquella revolução, era escusado entrar. Fizeram-no, acompanhados dos referidos conde e duque, e chegados á presença da rainha lhe beijaram a mão. Achava-se rodeada a rainha do ministro Barrio Ayuso, conde de Cerralvo, Arteaga, Isaga, commandante de toda a guarnição, marqueza de Santa Cruz e outras senhoras.

Em o numero seguinte narraremos a famosa conferencia entre os sargentos e a rainha Christina.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

França, no seu *theatro da agricultura*, tambem enumera mais de 10 qualidades de videiras francezas.

No principio do seculo 18, já se contavam 50 especies na ilha da Madeira, e um ampelographo hespanhol D. Simon descreveu minuciosamente 120 variedades cultivadas na Andaluzia. Muitos annos depois, os auctores allemães enumeravam 150 a 200 especies. No seculo actual, Chaptal e Bosc, contavam muito maior numero nas collecções francezas, e o ampelographo Odart menciona mais de 1:000.

As tartarugas. — O grande naturalista Lacepede, fallando destes animaes, dizia que eram uma das mais preciosas dadivas que a natureza tinha feito aos povos das regiões equatoriaes, e uma das mais uteis producções dos mares.

Desde a mais remota antiguidade que estes reptis serviram de alimento ao homem. Diodoro da Sicilia chamava povos *chelonophagos*, consumidores de tartarugas, os habitantes de muitas ilhas, que tinham em tanto apreço este alimento, que consideravam a tartaruga como um animal sagrado, um maná celeste que o mar arrojava ás praias, chamando-lhe *peixe de Deus*.

Entre os povos modernos, os inglezes são gastronomos apaixonados da sopa e carne da tartaruga. Já assim não succede em França; e no tempo de Luiz 18, apenas este monarcha e algumas pessoas da côrte faziam uso deste alimento. Não ha razão que justifique esta repugnancia; porque muitos crustaceos e molluscos, como são os camarões, lagostas, caranguejos, e mexilhões, animaes pela maior parte essencialmente carnivoros, não deviam ser menos repugnantes, e comtudo são alimento saboroso e geralmente apetecido e estimado.

Os ovos da tartaruga tambem tem grande consumo, e não são inferiores aos de gallinha. A industria aproveita, como é geralmente sabido, para muitas applicações importantes, as escamas da concha deste reptil.

O mel. — Já outra vez publicámos neste jornal uma noticia a respeito desta substancia. Accrescentaremos agora outras informações.

A sciencia antiga considerava o mel como um remedio poderoso e universal, e os velhos attribuiam ao uso deste alimento o segredo da longa vida. Democrito d'Abdere viveu 109 annos; Anacreonte, 115; e Pollio Romulus tambem excedeu um seculo. Hippocrates, um dos mais celebres medicos da antiguidade, aconselhava com muita instancia o uso do mel para prolongar a vida, e tambem foi um exemplo de grande longevidade.

Na Grecia antiga era uso adoçar com mel os vinhos, e preparava-se por este meio uma bebida verdadeiramente popular e nacional, chamada *mulsum*. Os athletas e gladiadores da Grecia e Roma nunca desciam á arena sem ter comido uma porção de mel. Pithagoras e Democrito usavam muito do pão amassado com mel, estando plenamente convencidos que este systema era infallivel para prolongar a vida por muito tempo, e para conservar o espirito sadio e vigoroso.

Os narcoticos. — Um chimico inglez publicou os seguintes dados estatisticos sobre o uso dos narcoticos entre os differentes povos:

A Siberia usa os *fungos*. A Turquia, India e China, o opio. A Persia, a India, Turquia, toda a Africa desde Marrocos até o Cabo da Boa Esperança, e os indios do Brasil, o canamo e o *hachisch*. Nas Indias orientaes, as folhas de *betel*, especie de pimenta, são geralmente empregadas, ou mascando esta substancia para perfumar o halito, ou trazendo-a nas mãos e nos bolsos. Os habitantes das ilhas da Polynesia e do mar do Sul preparam com a raiz de uma especie de pimenta, *ava*, uma bebida fermentada, que possue grande força narcotica. Tambem usam esta substancia, mascando a raiz da planta. No Perú e Bolivia mascam as folhas da *coca*. Em Nova Granada e cordilheiras do Himalaya o narcotico geralmente usado é o *estramonio*. Os indios da Florida e Carolina bebem a infusão de uma especie de *azevinho*, que é emetico em doses maiores. Os inglezes e allemães usam o lupulo na cerveja; e os francezes, os preparados com alface. Em toda a parte do globo, o tabaco.

O mesmo auctor calcula, que 800 milhões de homens usam o tabaco; 400 milhões, o opio; 300 milhões o canamo e *hachisch*; 100 milhões a pimenta *betel*; e 10 milhões as folhas da *coca*.

Phenomeno curioso. — A physiologia experimental tem verificado por meio de um instrumento, chamado dynamoscopio uma crepitação e um sussurro particular nas extremidades dos dedos, a que se dá o nome de som *rotatorio*, murmurio de contracção muscular. Uns attribuem o phenomeno ao movimento de vibração dos musculos, e outros exclusivamente á acção propria dos nervos. Na mulher é mais rapido e mais harmonioso. Varia ainda o som, conforme a edade, o temperamento, e muitas outras circumstancias. Durante o somno este murmurio dos dedos é mais pequeno, mais agradavel e mais harmonioso. Os animaes tambem apresentam o mesmo phenomeno, e o cão é o que o apresenta mais semelhante ao do homem.

Horas romanticas. — Desta acreditada empreza recebemos o 3.º volume do *Diabo na côrte*; assim como — *Da parte d'el-rei*, interessante romance historico do seculo XIV, pelo sr. A. M. da Cunha e Sá.

A empreza das *Horas romanticas* offerece como brinde este romance aos seus correspondentes e assignantes, e a todas as pessoas que tem contribuido para a prosperidade da mesma empreza.

Já estão publicados — *Os cavalleiros da noute — Os herdeiros falsos — Amores de Luiz XV — O rei maldito — Os sete morcegos — Odio de Bourbons — Os guerrilheiros de Juarez* — e *Os mascaras vermelhas*, de que já ha dois volumes, estando no prelo o terceiro.

Alem disso a mesma empreza está publicando *A gravura de madeira em Portugal*, album de 25 gravuras (formato grande) e impresso em Londres, sendo o preço de cada serie de 5 gravuras, 400 rs.

Os romances publicados por esta empreza são embellezados com muitas gravuras.

Segunda edição da Atala, obra prima de Chateaubriand — Os creditos que tem adquirido a magnifica edição da *Atala*, feita no Porto na typographia Luso-Britannica, vêem-se plenamente confirmados pela seguinte noticia:

«A primeira edição desta mimosa creação do auctor do *Genio do Christianismo*, traduzida em portuguez pelo poeta portuense o sr. Guilherme Braga e adornada com gravuras eguaes ás da melhor edição franceza publicada pela casa Hachette, de Paris, está completamente esgotada; e tendo bastantes dos nossos correspondentes obtido um numero de assignaturas muito superior á primeira tiragem, resolvemos publicar segunda edição em egual papel, no mesmo typo, e com as mesmas gravuras, em 12 cadernetas a 500 reis cada uma em Portugal, e 1$300 reis fracos no Brasil.

Para esta edição continua aberta a assignatura na *typographia Luso-Britannica*, rua da Victoria, n.º 166, Porto; no Rio de Janeiro, no consulado portuguez; em Pernambuco, na livraria do sr. Manoel José Antunes Guimarães, e em identicos estabelecimentos nas cidades principaes do Brasil.

O excellente acolhimento da primeira edição e os louvores que a empreza recebeu da imprensa periodica tanto de Portugal como do Brasil, e bem assim das academias de Bellas-Artes de Lisboa e Porto, e das nossas primeiras notabilidades litterarias os srs. Alexandre Herculano e Visconde de Castilho, animaram-nos a fazer a segunda que, por estar prompto o original da traducção, se publicará com muita mais rapidez do que a primeira.

Procuraremos melhoral-a quanto em nós couber se pode melhorar-se uma obra a que a imprensa chamou a primeira neste genero no paiz, monumental quanto á traducção, impressão das gravuras e a todo o trabalho typographico.

E tão esplendida esta obra, e tão dispendiosa, que muitos não crêram que chegassemos a publical-a. Porem não só a concluimos, mas ainda temos necessidade de reproduzil-a.

E que os nossos compromissos e o nosso amor a esta brilhantissima peça litteraria do mavioso cantor do christianismo não hesitam diante dos obstaculos.

E que as grandes obras, quando não é enganada a fé e a confiança publica e os seus editores merecem essa fé e confiança, não auctorisam a que se diga que Portugal é terreno em que não medram as letras.

Nesta obra, altamente philosophica, Chateaubriand procura alliar a liberdade com o christianismo, chamando á reflexão e serenidade os exaltados que degradavam a razão, fazendo-a individualmente despotica, e os fanaticos que materialisavam a fé e a philosophia christã, querendo dominar a razão e retrail-a nos vôos com que se eleva á mais grandiosa das creações de Deus.

Chateaubriand condemna o padre pouco instruido e intolerante que fecha os olhos á luz do progresso; e eleva e investe d'uma aureola divina o apostolo que abraça todos os homens e desprendido de todos os bens da terra se sacrifica para guiar o seu rebanho pelo caminho do ceu.

Levados ao desterro pela pavorosa explosão franceza de 93, a que se reduziu o testamen liberal de 89, os sacerdotes recolheram á sua patria e deram de novo ingresso no templo abandonado, pelo caminho que Chateaubriand lhes abriu com esta excellente producção do seu elevado engenho. Com a santa philosophia christã, limpa dos nevoeiros que haviam condensado em volta della, poude amainar a violencia das tempestades sociaes.

Encarnando a liberdade, colloca-a n'uma das mais grandiosas e surprehendentes regiões da natureza, nas florestas virgens das Floridas, nesse bello paiz da America a que os francezes pozeram o nome de Luisiana, deixa-a entregue a si mesmo, ora deleitando-se nas brandas doçuras e deleites daquelle éden, ora agitada e convulsiva, sob uma atmosphera de fogo em dias de tempestade, entre essas paixões que abrazam o coração e tresloucam a cabeça, para, no momento em que a dor ia despedaçal-a, a deter e desviar do abysmo com a suavidade da philosophia christã, a ancora mais segura e, por assim dizer, o doce jugo, que não deixa que a civilisação humana se adeante a ponto de cair na velocidade da carreira, deixando o seu logar d'honra ao estacionamento moral dos povos.

Estes panoramas do éden da America, e estas lutas do coração humano, estão esplendidamente desenhadas pelo finissimo lapis de Gustavo Doré e pelo delicado buril dos primeiros gravadores francezes.»

Exames em Outubro — Por decreto de 3 do corrente se determina, que serão admittidos a exame nos lyceus de Lisboa, Porto e Coimbra, desde o dia 2 até ao dia 10 de Outubro, os alumnos aos quaes, alem do desenho, faltar sómente um exame final para completarem os preparatorios exigidos para a matricula nos differentes estabelecimentos de instrucção superior dependentes do ministerio do reino.

Os requerimentos dos examinandos, acompanhados de certidões que provem todos os exames que os requerentes houverem feito, serão apresentados ao reitor do lyceu onde estes pretenderem ser examinados, desde o dia 8 até ao dia 15 de Setembro corrente.

Os alumnos que se propozerem a exame nesta epocha são obrigados ao pagamento das propinas correspondentes.

Os reitores dos lyceus de Lisboa, Coimbra e Porto enviarão ao ministerio do reino, pela direcção geral de instrucção publica, até ao dia 20 do corrente, as relações dos habilitados para exame, nos termos do artigo 62 do decreto regulamentar de 31 de Março de 1873.

Na organisação do jury e no processo dos exames quanto ás provas e seu julgamento seguir-se-ha o que está estabelecido na legislação em vigor.

Exames de habilitação — No *Diario do Governo* de hoje lê-se o seguinte:

«Considerando que os exames de habilitação não têem correspondido ás vantagens que d'elles se esperavam;

Considerando que o numero das disciplinas em que devem ser feitos estes exames, successivamente reduzido, se acha mui limitado, solicitando-se ainda maior reducção;

Considerando que o processo de julgamento dos examinandos nas disciplinas da instrucção secundaria, tendendo a tornar-se cada vez mais rigoroso, já hoje offerece bastante segurança na apreciação das provas dos alumnos;

Considerando que é de conveniencia não sobrecarregar com trabalho desnecessario o serviço escolar superior, e de justiça não obrigar os alumnos á repetição de provas que já foram bem avaliadas;

Conformando-me com o voto da junta consultiva de instrucção publica; e

Usando da faculdade que me concede o artigo 165.º do decreto com sancção legislativa de 20 de Setembro de 1844:

Hei por bem decretar o seguinte:

Artigo 1.º Ficam abolidos os exames de habilitação actualmente exigidos para a primeira matricula nos estabelecimentos de instrucção superior dependentes do ministerio do reino, e que foram regulados pelos decretos de 12 de Agosto de 1854, 22 de Maio de 1862 e 30 d'Abril de 1863.

Artigo 2.º Ao reitor da Universidade de Coimbra, aos directores da escola polytechnica de Lisboa, da academia polytechnica do Porto e das escolas medico-cirurgicas destas cidades cumprirá verificar se os alumnos que requererem ser admittidos á primeira matricula apresentam as certidões de approvação nos cursos dos lyceus, mencionados na portaria do ministerio do reino de 12 de Novembro de 1872.

Artigo 3.º Ficam revogadas as disposições em contrario.

O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço da Ajuda, aos 4 de Setembro de 1873. = REI = *Antonio Rodrigues Sampaio*.»

Noticias de Hespanha — Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

«A questão momentosa de que se occupam em primeiro logar as folhas de Madrid, é a do conflicto occorrido entre os officiaes em disponibilidade e o general Hidalgo, capitão general da Castella-a-Nova. Resumiremos os pormenores desta questão.

A capitania geral ordenára a muitos officiaes, cujo numero se calcula em 80 a 90, que se apresentassem no gabinete do sr. Hidalgo para conferenciar ácerca do duplo quadro do batalhão de caçadores de Bejar, insurreccionado na Catalunha, e os que não se apresentassem seriam mandados para as prisões militares de S. Francisco. Esta ordem distribuiu-se no fim do mez ultimo.

No 1.º do corrente, alguns dos officiaes citados apresentaram-se ao general Hidalgo, o qual lhe disse que o governo carecia dos seus serviços na Catalunha, para onde marchariam, afim de se restabelecer a disciplina. Quando o general acabou de fallar, um dos officiaes presentes disse, com prévia licença, que chegára havia pouco da Catalunha depois de sublevar-se contra os seus chefes, o corpo a que pertencia, e que portanto não lhe convinha apresentar-se sem ter a certeza de que a ordenança militar seria executada em todos os seus artigos.

O general Hidalgo em seguida disse, ao que fallára, que se recolhesse ás prisões de S. Francisco; e despediu os demais officiaes, affirmando-lhes que n'aquella noite marchariam para a Catalunha.

Saindo do gabinete do capitão general, os officiaes reuniram-se em uma sala proxima e discutiram se deviam partir para a Catalunha, mas a grande maioria não se negava, com tanto que se respeitassem as leis militares. E com este intuito voltaram novamente ao gabinete do sr. Hidalgo em dois grupos, um dos quaes marchava sem condições, e o outro que exigia a applicação integral da ordenança.

O general teve conhecimento desta divergencia e dizem os periodicos que então tratou a officialidade com desabrimento, ou antes grosseria extrema, ao ponto de que muitos se consideram offendidos na sua dignidade pessoal, e o demonstraram. D'ahi resultou que o sr. Hidalgo deu ordem de prisão a mais dois officiaes.

Para restabelecer a paz veiu o ministro da guerra; mas este conheceu logo, ao que parece, as inconveniencias do sr. Hidalgo; e posto não pudesse dar razão aos officiaes, assegurou-lhes que ficaria adiada a sua ida para a Catalunha. No dia seguinte, todos os officiaes lavraram um protesto. Os presos foram os tenentes Villamazares, Ayla e Talavera.

Madrid 3, ás 10 h. e 25 m. da manhã. — O general Hidalgo foi demittido. Esta resolução acalmou o descontentamento em que se achava a officialidade de Madrid. Continuam

a prevalecer os boatos de crise ministerial; mas espera-se que se resolva depois de accordada a applicação da pena de morte nos delictos graves, conforme descreve a ordenação militar. Nisto ha grande divergencia entre os ministros. Faltam correios e telegrammas de Paris.

Madrid, 3, ás 6 h da tarde.—Assistiram á reunião de hoje 1:500 officiaes. Orense, filho, pronunciou um discurso energico promettendo apoio para o restabelecimento da disciplina. Na reunião foi nomeada uma commissão, presidida pelo general Bassols, encarregada de pedir a applicação integral da disciplina. Navarrete apresentou nas côrtes uma emenda pedindo a suppressão da pena de morte na ordenança militar. E' provavel que, no caso de ser approvada a proposta, pedindo a applicação da pena de morte aos delictos militares, sem se consultar as côrtes, Salmeron pedirá a demissão e a assemblea encarregará Castelar de formar ministerio.

Madrid, 4, ás 10 h. e 35 m da manhã.—Castelar acceitou a missão de formar o ministerio. E' provavel que façam parte d'elle: Cervera, para o ultramar; Pedregal, obras publicas e Gil Borges, justiça. As fragatas *Almansa* e *Victoria* chegaram hontem a Gibraltar, escoltadas por duas fragatas blindadas inglezas. Por causa das avarias do vapor *Correio Vareina*, a correspondencia das Canarias chegou a Gibraltar pelo vapor inglez *Aventure*.

Reprehensivel desleixo. — No *Diario de Noticias* lê-se o seguinte:

«Informam-nos que estão com vista ao ministerio publico, desde 15 de Maio deste anno, e ainda sem resposta sua, os autos de queixa que o sr. Pedro Rocha apresentou em juizo contra os que o offenderam na occorrencia de 31 de Outubro passado, de que aqui démos larga noticia.»

ANNUNCIOS

DILIGENCIA

1 VIUVA NATIVIDADE & FILHOS fazem publico, que no dia 6 inclusivè do mez corrente, vão mudar para trabalhar de dia, a sua diligencia, que têem entre Coimbra e Nespreira, sendo esta diaria, e a sair de Coimbra ás 5 horas da manhã, e de Nespreira á meia noute. Passa em S. Thiago ás 2 horas da manhã, em Gallizes ás 4 da manhã, e chega a Coimbra á 1 da tarde, podendo os passageiros seguir para a Figueira, na diligencia das 2 da tarde, assim como sahirem no comboio da tarde para o Porto, e no da noite para Lisboa.

Os bilhetes em S. Thiago vendem-se na estação da diligencia.

Coimbra 4 de Setembro de 1873.

Viuva Natividade & Filhos.

FIGUEIRA DA FOZ

DENTISTA

2 CEREGHETTI DOMINIQUE, cirurgião dentista suisso, faz saber aos seus amigos e freguezes, que vae á Figueira da Foz estar 30 dias, a exercer a sua profissão, que é extrair dentes e raizes, empastar os dentes, com as pastas mais efficazes e de melhores qualidades não conhecidas até hoje. O mesmo limpa os dentes, sem lhes deteriorar os esmaltes; põe dentes soltos e dentaduras completas, para poder mastigar com elles; faz curativos de escorbuto, por mais chronico que seja; e tem o *prompto allivio* dos dentes.

Alem disso extirpa os calos dos pés, em meio quarto de hora, sem que o operado soffra dor alguma; podendo calçar e andar com desembaraço, como se nunca tivesse tido calos.

3 NO DIA 18 do corrente mez, pelo meio dia, perante a Repartição de Fazenda deste districto, se abrirá praça, para serem arrematados pelo maior lanço que fôr offerecido, os direitos de portagem que se hão de cobrar por tempo de um anno, na ponte acabada de construir sobre o rio Mondego, no sitio da Portella, segundo as condições que no acto da praça estarão patentes, e que desde já podem ser examinadas nesta mesma repartição, desde as 7 horas da manhã até ás 2 da tarde, em todos os dias não santificados; ficando, porem, a arrematação dependente da approvação do ministerio da fazenda.

Repartição de Fazenda do districto de Coimbra, 3 de Setembro de 1873.

O Delegado do Thesouro,

Jorge Nunes Penteado.

4 A COMPANHIA DE VIAÇÃO BEIRENSE, faz publico, que no dia 6 do corrente mez de Setembro em diante a diligencia diaria que tem entre Coimbra e Villa Cortez, não passará de S. Thiago de Ceia, saindo de Coimbra ás 4 ½ horas da manhã e de S. Thiago de Ceia ás 2 ½ da manhã.

—As diligencias têem ¾ de hora de demora, para os passageiros poderem almoçar em Mocelão.

—Os bilhetes vendem-se em Coimbra em Samsão, na casa do sr. Ariosa; e em S. Thiago na hospedaria do sr. Garcia.

—Annuncia tambem que tem duas carreiras diarias entre Coimbra e Figueira da Foz, saindo da Figueira, uma ás 5 ½ da manhã, e a outra ás 2 ½ da tarde; e de Coimbra uma ás 5 da manhã, e a outra ás 2 ½ da tarde.

—Na diligencia que sae de Coimbra ás 5 da manhã e da Figueira ás 2 ½ da tarde, e que é a que conduz o correio, o preço fica sendo de 700 rs. dentro e rs. 600 fóra.

—Os bilhetes na Figueira vendem-se na Praça Nova, em casa do gerente da companhia, A. B. Branco.

FIGUEIRA DA FOZ

Grande Hotel Foz do Mondego, proximo da praia de banhos

5 PREVINE-SE o respeitavel publico, que este estabelecimento, no qual se encontram todas as commodidades, como quartos e salas independentes, para familias, criadas para serviço de senhoras, etc., etc., se acha aberto desde o 1.º do corrente mez d'Agosto. Quem pretender informações sobre o mesmo, queira dirigir-se ao seu administrador, o antigo hospedeiro José Simões.

No mesmo estabelecimento se encarregam de dar banhos quentes aos hospedes, doces ou salgados, mediante ajuste convencionado. Tambem no mesmo hotel se falla inglez e francez.

DOCTOR IN ABSENTIA

6 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a *Medicus, rua do Rei*, 46, *em Jersey (Inglaterra)*, o qual lhes dará gratuitamente todas e quaesquer informações sobre a Universidade.

AVISO

AFINADOR DE PIANOS

7 D. LUCIO DIAZ, dá parte por este meio a todos os seus amigos e freguezes aonde elle vai afinar pianos, annualmente, nas Beiras alta e baixa, que este anno não vai por impossibilidade (infelizmente) de falta de vista, pelo que se acha na praia da Figueira a tratar-se.

Figueira da Foz, 2 de Setembro de 1873.

8 ANTONIO BELLO DA SILVA BRAZÃO continua a leccionar instrucção primaria, portuguez, francez e desenhos, na rua da Trindade, n.º 17, admittindo alguns estudantes em sua casa por preços commodos.

Attenção

Farinha de trigo da acreditada Fabrica do Beato Antonio de Lisboa

AGENCIA, RUA DA REBOLEIRA, 27

PORTO

9 NESTA AGENCIA se encontra farinha de toda a qualidade, desde a mais fina até semea, e ensacada em muito boa sacaria.

Estas farinhas concorrem vantajosamente com a americana e hespanhola, tanto em preço como em qualidade.

Cumprem-se ordens das provincias.

EDITAL

10 A CAMARA MUNICIPAL deste concelho, faz saber que, em conformidade do artigo 168 do regulamento da contribuição industrial de 28 de Agosto de 1872, poderão ser examinadas na sua secretaria, durante cinco dias, a contar da data do presente edital, as collectas que foram repartidas em sua sessão de 6 do corrente mez, pelos individuos que compõem os seguintes gremios:—Medicos ou cirurgiões, carniceiros ou cortadores, capellistas, funileiros, mercadores de azeite por miudo, botequineiros, ferragens novas, administradores de bens, advogados, boticarios, açougues por miudo, typographias, livreiros, professores de instrucção secundaria, vendedores de carvão, typographos e impressores, pintores, hospedarias e estalagens, vendilhões ambulantes, caixeiros, gremios estes de terras de terceira ordem; barbeiros, tendeiros, pedreiros (officiaes), tamanqueiros, taberneiros, ferreiros, sapateiros, carpinteiros (officiaes), tabacos por miudo, alfaiates (officiaes), barcos, serradores, cordoeiros, calceteiros, gremios estes de terras de sexta ordem; solicitadores de causas, escreventes de cartorio, agencia indeterminada, tanoeiros (officiaes), especuladores de cereaes, barcas de passagem, custureiras, esparteiros, surradores, canastreiros (officiaes), mercadores de linho por miudo, photographias, mercadores de sabão, negociantes por grosso, cerieiros, collegios de instrucção, boticarios, ferradores, cereaes por miudo, louça de barro ordinario (fabricantes), medicos, estalagens para guardar animaes, fornos de cozer pão, gremios estes da cidade e freguezias ruraes.

E para constar se passou o presente e outros de egual theor.

Coimbra, secretaria da municipalidade, 6 de Setembro de 1873.

Lourenço d'Almeida e Azevedo.

11 ARRENDAM-SE as vastas casas do Dr. Gama na rua do Correio. Quem as pretender falle com o Dr. Casal.

12 O PADRE JOÃO DO AMARAL LEITÃO continua a leccionar Latim e Francez, na rua dos Grillos, n.º 20.

LOUZÃ

13 VENDE-SE uma propriedade de producção de milho, parte de serra e parte de rega, com arvores de fruta, casas de habitação, palheiros e pateo; tudo proximo á villa da Louzã.

Quem pretender dirija-se a João Ribeiro, da villa da Louzã.

REFRIGERANTES ECONOMICOS

14 ACABA de chegar nova remessa de essencia concentrada de limão e de laranja á livraria Academica—Calçada 183-185. Cada frasco dá para 40 limonadas ou laranjadas.—Preço 240 rs.

Tambem se vendem na livraria de Gonçalves Pereira—Praça Nova, Figueira da Foz.

CASAS

15 ALUGAM-SE DUAS, adiante do jardim botanico, proprias para familias, sendo uma toda a estuque. O local é o melhor desta cidade, pelas vistas e excellentes ares. Trata-se com o senhorio, na Ladeira, n.º 20.

FESTIVIDADE

16 NO DOMINGO, 14 do corrente, hade haver no logar do Arieiro, a festa a Nossa Senhora dos Remedios, com arraial, em que se costuma juntar muito povo.

Na vespera á noute será lançado um brilhante fogo de artificio.

CASA PARA ARRENDAR

17 NO BAIRRO DE MONTARROIO: trata-se com João Maia, alli visinho.

LOJA DE MANOEL DA SILVA GONZAGA

18 STEARINA a 140 cada pacote de 4, 5 e 6 velas.

81—Sophia—83

MARÇANO

19 PRECISA-SE um com pratica de tabacos. Resposta a esta redacção.

20 RECEBI dos srs. Severo & Irmão, um relogio d'ouro (sabonete), brinde offerecido pela empreza dos *Mysterios do grande mundo* aos seus assignantes, e que me tocou em sorteio.

Coimbra 1 de Setembro de 1873.

Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.

21 APONTAMENTOS sobre os processos de inventario, incidentes, emancipação e contas, acompanhados de varias disposições legaes relativas, por **Joaquim Augusto da Silva Carvalho**.

A' venda na livraria do editor José Correia d'Almeida Junior, e nas principaes livrarias do Porto e Lisboa.

Preço 240 reis.

22 FERNANDO DE GAMBOA VASCONCELLOS AYLLA, residente em Taboa, arrenda a sua quinta com casas, adega, lagar de vinho, cavallariça, casas para animaes, menos a casa nobre. Quem a pretender, pode dirigir-se ao annunciante, em carta, ou fallar com Bernabe de Mattos, em Santo Antonio dos Olivaes, isto do dia de S. Miguel do corrente anno de 1873.

NUMERO 2726 — TERÇA FEIRA 9 DE SETEMBRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 10 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Foi bem recebido em Coimbra, e cremos que em todo o paiz, o decreto pelo qual o governo aboliu os exames de habilitação, para a primeira matricula dos estabelecimentos de instrucção superior.

De ha muito que os factos tinham demonstrado os inconvenientes destes exames, que difficultavam os estudos, sem que os alumnos obtivessem as vantagens correspondentes á perda de tempo, e aos sacrificios a que os obrigavam os chamados exames de madureza.

Estes exames, longe de serem uma prova segura de aproveitamento dos alumnos, em todas as disciplinas professadas nos lyceus, que fazem o objecto do plano geral de instrucção secundaria, davam origem a um certo relaxamento, ou menos rigor nos exames especiaes dos lyceus, em cujas localidades não ha estabelecimentos de instrucção superior.

Tal inconveniente, que a experiencia tem confirmado durante alguns annos, ao qual suppomos que o governo quiz dar remedio, com as providencias adoptadas no regulamento de 31 de Março ultimo, ordenando a mudança dos professores, de uns para os outros lyceus, por si, quando outros motivos poderosos não houvesse, justificaria a suppressão daquelle exame. Alem de que, difficil era para os professores conscienciosos, explorar o alumno, em provas tão vastas; e não menos para o alumno satisfazer cabalmente ao programma disciplinar que se lhe exige.

Não podemos, porem, deixar de confessar, que era esta a garantia unica, ainda que insufficiente, que tinham os estabelecimentos de instrucção superior, de poder avaliar, nas disciplinas preparatorias, os alumnos, que se dispunham a frequental-os.

Escusado é demonstrar os graves inconvenientes, que resultariam para o ensino superior, se os alumnos que a elle se destinam, não fossem devidamente habilitados com os estudos preparatorios, indispensaveis á sciencia que vão professar.

No estado actual de cousas, julgamos difficil, senão impossivel, fazer manter por egual nos lyceus, fora da séde dos estabelecimentos de instrucção superior, o rigor que é indispensavel no estudo dos preparatorios. Em quanto existir, na pequena area deste paiz, ja hoje cortada de boas vias de communicação, todo esse luxo de instrucção secundaria, symbolisada em tantos lyceus, não acreditamos que possa haver o rigor indispensavel a garantir o aproveitamento dos alumnos nos cursos superiores.

E comtudo, é absolutamente preciso, que em todo o caso se organise o serviço de exames, por modo que satisfaça cabalmente a esta grande necessidade de instrucção publica.

Mas a utilidade da suppressão dos exames de madureza, será negativa, em quanto uma serie de medidas, tendentes a segurar a proficiencia dos alumnos, não vier satisfazer ás exigencias do ensino publico, e ao credito dos estabelecimentos de instrucção superior.

Manifestando o nosso agrado pela suppressão dos exames de habilitação, fazemol-o pela convicção que temos de que o governo não se demorará em propor novas e proficuas providencias, a fim de levantar a instrucção secundaria do cahos em que tem sido consecutivamente lançada, apresentando as medidas indispensaveis, para garantir o aproveitamento dos alumnos, pelo justo rigor dos professores.

Se não é pelo exame de habilitação, como nos parece, que se pode garantir á instrucção superior, as habilitações dos alumnos, que pretendem abrir a primeira matricula nesses estabelecimentos, é comtudo indispensavel estudar o meio de o fazer. Disso cremos, que se não descuidará o governo, e o esclarecido director geral de instrucção publica, de cuja competencia temos muito a esperar.

E' forçoso confessar, que a instrucção secundaria, precisa de uma reforma radical e profunda, para poder corresponder ás necessidades do ensino publico, e as avultadas despezas que o paiz com ella está fazendo.

OS PORTUGUEZES, O SR. D. JOSÉ DE LACERDA E O DR. LIVINGSTONE

II

O celebre viajante David Livingstone foi um dos que mais diligenciaram nos ultimos annos deprimir os portuguezes.

Tendo recebido a mais decidida protecção das nossas auctoridades no continente africano, durante as suas longas excursões por aquelles paizes; recompensou esses serviços e esse bom tratamento, procurando amesquinhar por todas as formas e maneiras tudo o que tinha relação directa ou indirecta com Portugal.

E esses auxilios que recebeu não se podem pôr em duvida, porque foram reconhecidos officialmente pelo ministro de Inglaterra em Lisboa, pela sociedade real de geographia de Londres, e até pelo proprio Livingstone em carta por elle dirigida ao sr. Figanière, em 11 de Abril de 1857.

O Dr. Livingstone apresentou em Bath, á Associação britannica para o adiantamento das sciencias, um *Relatorio*, em que elle se attribuia de um modo o mais exclusivo as suas descobertas na Africa, as quaes alias desde muitos annos estavam feitas geralmente pelos portuguezes.

Este *Relatorio* do Dr. Livingstone saiu publicado no *Times* de Londres, em o seu numero de 20 de Setembro de 1864.

Immediatamente o distincto escriptor o sr. D. José de Lacerda, a pedido do ministro da marinha o sr. Mendes Leal, saiu a campo em desaffronta do nome portuguez, publicando uma serie de artigos em os numeros do *Diario de Lisboa* de 15, 17 e 19 de Dezembro do mesmo anno de 1864.

Estes artigos sairam depois á luz em Londres, no anno de 1865, com o titulo de *Portuguese African Territories.—Reply to Dr. Livingstone's accusations and misrepresentations*. By D. José de Lacerda.

Pela sua parte o Dr. Livingstone publicou mais a narração das suas viagens, sob o titulo de *Missionary travels and researches in south Africa*.

E ainda posteriormente publicou outro livro com o titulo de — *Narrative of an Expedition to the Zambesi*, no qual Livingstone pretendia responder aos artigos do sr. D. José

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXCIII

D. CARLOS

XLIII

Perguntou a rainha D. Maria Christina aos sargentos revoltados, o que queriam; e vacilando ambos os sargentos qual havia de responder, o fez D. Alexandre Gomez, dizendo:—«que era pelo que se haviam estado batendo tres annos nas provincias Vasconçadas, perecendo a maior parte de seus companheiros.»

Estranheza e desgosto causou esta resposta; e ao acrescentar a rainha, que pelos legitimos direitos de sua filha, proseguiu Gomez, que effectivamente; porem que criam o haviam feito pela liberdade.

—Sim, meus filhos, exclamou a rainha, pela liberdade, pela liberdade.

Gomez perguntou então qual era a liberdade que tinham, pois que não a comprehendiam.

—Não sabes tu o que é liberdade? replicou a rainha.

Liberdade, acrescentou a rainha é que tenham força as leis, que se respeite e obedeça ás auctoridades constituidas.

—Então, senhora, não será liberdade o oppor-se á vontade nacional, expressada em quasi todas as provincias, para que se publique a constituição; não será liberdade o desarmamento da milicia nacional em todos os pontos onde não estão pronunciados; não será liberdade o desterro e perseguição de muitos liberaes, em todas as provincias, como está succedendo hoje mesmo em Madrid; e não será liberdade o querer fazer uma composição com os facciosos, para voltar aos tempos em que tanto se perseguia aos que depois tem sido o maior apoio de vossa magestade.

Esta senhora lhes manifestou que não era liberdade quanto diziam; e que ignorava fosse o estado do paiz qual o apresentavam. Então Gomez enumerou as provincias pronunciadas, acrescentando que lhe occultavam a verdade (o que produziu nos circumstantes profunda admiração) e que para volver a tranquillidade á nação e evitar effusão de sangue, se fazia indispensavel que sua magestade mandasse publicar a constituição de 1812, que era o motivo da insurreição.

Com surpresa perguntou a rainha a Gomez, se tinha lido aquelle codigo; ao que este respondeu, que aprendera com elle a ler. Mandou trazel-o, e tomando-o Barrio Ayuso, procurou o artigo 192, que leu; e como determina que hão de ser cinco os regentes, exclamou a rainha:

—Então sois vós os que quereis trazer a D. Carlos ao throno, pois por esta constituição não posso ser eu a regente do reino e tutora de minhas filhas, e isto por vós, que tantas provas me haveis dado de adhesão.

Fallaram então os espectadores desta scena, tratando de confundir aos sargentos, e especialmente Izaga, alcaide mór do real sitio, que teve a lembrança de perguntar ao soldado, mudo ate então, porque queria a constituição; ao que este respondeu, que por ser a melhor; e instando para que explicasse a melhoria, respondeu que na Corunha, no anno de 1822, estavam o tabaco e o sal livres. Produziu esta resposta a hilaridade de todos e a vergonha do soldado, que se unira por curiosidade á commissão.

Gomez interrompeu esta scena, manifestando que podia cortar-se a difficuldade da regencia, mandando publicar a constituição, excepto o artigo de que se tratava. Os presentes objectaram que para lavrar o decreto devia estar reunido o ministerio, apoiando-se em outras razões, que ainda que conhecidas pelos commissionados, não podiam convencer com ellas aos que os esperavam na praça.

Em tal conflicto se resolveu passar uma real ordem ao general S. Roman, manifestando a rainha que na proxima reunião das côrtes apresentaria o governo um projecto de constituição. Accederam, expondo a duvida de que satisfizesse aos seus companheiros, despedindo-se da rainha, á qual beijaram outra vez a mão respeitosamente, e sairam com S. Roman, depois de tres horas de conferencia.

Rodeiam-nos os officiaes e sargentos pronunciados, excitam-se quando ouvem que não estava assignado o decreto proclamando a constituição; e quando S. Roman, depois de victoriar a rainha, á guarnição e aos vencedores de Mendigorria, começou a ler a ordem, um grito geral de *fora*, com alguns tiros para o

de Lacerda, inseridos no *Diario de Lisboa* e reimpressos em Londres.

Vendo o sr. D. José de Lacerda a insistencia com que o Dr. Livingstone tratava de fazer diminuir o credito dos portuguezes, levado pelo seu amor das cousas nacionaes, resolveu-se a publicar a sua obra magistral — *Exame das viagens do doutor Livingstone, por D. José de Lacerda, socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa* — Lisboa, 1867.

E' um grosso volume de 635 paginas, tendo no fim, primorosamente lithographados na imprensa Nacional, os seguintes interessantes mappas geographicos:

1.º — *Detailed map of the Rev. Dr. Livingstone's route Africa, constructed from his Astronomical Observations bearings, estimated distances, sketches, &. &. By J. Arrowsmith* — 1857.

2.º — *Zambezia e paizes adjacentes. Mappa coordenado sobre numerosos documentos, em que se comprehendem as viagens do dr. Lacerda; Monteiro e Gramitto; Montanha e Teixeira; Green, Chapman e outros; e muito especialmente as do illustre Dr. Livingstone, pelo marquez de Sá da Bandeira.* — 2.ª edição — Lisboa, 1867.

3.º Mappa — *Extrahido do — Insularium illustratum Henrici Martelli Germani — manuscripto do XV seculo, existente no Museu Britannico — publicado pelo conde de Lavradio em 1863.*

4.º — *Fac simile — Africa — extrahido do Atlas manuscripto, feito por Diogo Homem em 1558, existente no Museu Britannico. — Publicado pelo conde de Lavradio em 1860.* — Representa a Africa oriental.

5.º — E' outro *fac simile* do mesmo mappa de Diogo Homem, representando a Africa occidental.

6.º — *Fac simile — Continente Africano, &. Extrahido de um mappa mundi existente no Museu Britannico, por ordem do conde de Lavradio em 1860.* — No mappa está incluido o seguinte nome e data — *Antonio Sances Afesano* — 1623.

7.º E finalmente um mappa, publicado sob informações dadas pelo Dr. Livingstone, e datado de Outubro de 1864 em Shupanga. Representa o territorio da Africa oriental, ao norte do rio Zambeze, desde Senna até aos lagos Nyassa e Shirkwa.

O livro do sr. D. José de Lacerda é um repositorio abundantissimo de noticias relativas ás nossas possessões de Africa, e que terá de ser consultado por todas as pessoas que desejem instruir-se acerca de tão importantes territorios.

O sr. D. José de Lacerda faz notar a grande differença que ha entre os trabalhos dos missionarios catholicos e dos protestantes, a que pertencia o Dr. Livingstone.

Mostra quaes as condições dos missionarios catholicos e a importancia das missões; occupa-se dos serviços prestados pelos missionarios jesuitas, capuchinhos, dominicos e carmelitas, e dos bons fructos que produziram as missões em uma e outra Africa.

O sr. D. José de Lacerda entende que por terem degenerado as missões não deviam ser extinctas, mas sim reformadas; e que a extincção das missões foi perda irreparavel para as nossas possessões africanas, pois que só as ordens religiosas podem subministrar bons missionarios.

A esse respeito diz o sr. D. José de Lacerda:

«E' immenso o quadro dos trabalhos dos missionarios, que por espirito de religião, e dil-o-hei tambem, porque digo a verdade, por sabia previsão dos governos de Portugal, foram enviados ás nossas possessões africanas desde os fins do seculo XVI, durando todo o seculo XVII, e ainda na primeira metade do seculo XVIII. Perde-se a imaginação ao contemplal-os, e sombria e pesada nuvem opprime o coração do homem esclarecido, que, feita comparação do passado com o presente, observa o lastimoso desamparo daquelles povos infelizes, cuja christianisação, policia e culto, com tanta inconsideração foram atalhadas e prevertidas, quando reflecte de quão poderosos auxiliares nos privámos, sem nenhuma compensação, nem sorte alguma de vantagem para a causa da humanidade em geral ou em particular da nossa terra e da nossa gente.

«Rasão sobeja ha sem duvida para que o homem pensador, quer aprecie os factos debaixo das relações meramente religiosas, quer debaixo das relações meramente politicas, ou debaixo de umas e outras conjuntamente, se contriste e amargure, e quasi desereia do nosso futuro ao ver que, não podendo deixar de ser conhecida dos homens, a quem por tantos annos ha incumbido reger os destinos de Portugal, a necessidade de nos voltarmos para as nossas possessões ultramarinas; e de modo muito especial n'uma e n'outra Africa, e não podendo occultar-se-lhes que o restabelecimento das missões por via das ordens religiosas é o meio não só mais facil, senão o mais curto e efficaz de conseguir alli grandes resultados, se tenham deixado tomar não sei de que vãs contemplações e pueris receios, e prender não sei de quaes razões pequenas; e tendo adoptado varias providencias, porem inevitavelmente acanhadas e de effeito incerto, não hajam lançado mão da que, só de per si, vale por muitas, sem que fique fundamento nem para minima hesitação com respeito ás vantagens a esperar do seu futuro.»

E já que citámos a opinião do sr. D. José de Lacerda acerca das missões, exposta no seu livro — *Exame das viagens do Doutor Livingstone;* não deixaremos de indicar aqui, qual o parecer, relativamente ao mesmo assumpto de uma das nossas maiores capacidades litterarias, o sr. Luiz Augusto Rebello da Silva, manifestado no tomo V da sua *Historia de Portugal*, publicada posteriormente ao livro do sr. D. José de Lacerda:

«A ideia dos descobrimentos não foi só politica e mercantil, como observámos. O infante D. Henrique, devassando os mares, propunha-se egualmente dilatar a fé, e estender a sua luz ás regiões afogadas nas trevas da idolatria, ou do islamismo. O seu fim era unir a propagação mais extensa da lei de Christo com o engrandecimento da monarchia. Affonso V e D. João II obedeceram ao mesmo principio, e, dobrado o cabo da Boa Esperança, patenteado o novo caminho do oriente, D. Manoel e seus successores sempre tinham procurado conciliar no imperio, fundado a tão grande distancia da patria, o zelo da divulgação das verdades religiosas com os interesses mundanos e commerciaes.

«Entre os episodios gloriosos da conquista, a palavra de Deus, especialmente nos sertões africanos e nas florestas virgens da America, abrira pelo menos tantas vezes a estrada, como a lança e o arcabuz. Ao lado, e com frequencia adeante dos capitães e dos soldados, que a ferro e fogo iam levantando os padrões da occupação, e erguendo as muralhas dos presidios, caminhavam os arroteadores da civilisação, os nuncios do futuro, os missionarios, armados unicamente da eloquencia do exemplo e da persuasão, e, quando mais tarde os dias de prosperidade se trocaram pelos dias de infortunio, só a cruz alçada por suas mãos ficou de pé para suster em muitas partes a dominação vacillante, ou para conservar em outras pela firmeza das crenças de longos annos a memoria dos que a sorte da guerra arrojara para longe, não sobrevivendo daquelle poder soberbo e arrogante senão a tradição do valor dos que o haviam sustentado, os vestigios nunca apagados da lingua fallada por elles, e a saudade dos sacerdotes, que primeiro haviam aberto os olhos da alma a tantas populações soltas de todos os vinculos da religião e da moral até á vinda delles.

«A acção combinada da doutrina e das armas, aplanando as difficuldades debaixo dos passos dos descobridores, assegurou o estabelecimento da nossa influencia, consolidando-a melhor, do que a força só por si lograria fazel-o. A obediencia, tornada mais facil e prompta pela suavidade dos costumes, e a confiança ainda mais efficaz, do que a violencia, approximaram os vencidos dos vencedores, e a pouco e pouco applacaram as relutancias. Intentando avivar alguns dos traços capitaes deste quadro, mais instructivo e fecundo, do que a pintura epica dos cercos e batalhas, não encobriremos as sombras, que o macularam em diversos logares; mas justos e imparciaes com o passado, não cederemos tambem a paixões momentaneas, negando os serviços prestados pelas corporações religiosas, e, mais que todas, pela companhia de Jesus.

«A semente lançada por ella foi tão prolifica, que resistiu aos seculos, porque a fé ainda hoje floresce em muitas partes transformadas pelos seus trabalhos. Desabaram os imperios, succederam-se os invasores, mudaram as instituições, caiu a poderosa sociedade fulminada pelo Vaticano e pelos reis, mas os sulcos profundos lavrados por ella e regados com o sangue dos seus martyres, não se arrasaram, mas o nome de Christo e a lei de amor e fraternidade, ensinada pelos padres, vivem hoje, como viviam ha quatro seculos, no coração de milhares de crentes, e são a esperança e a consolação de outros obreiros.

«Abafada entre espinhos e açoutada pelo sopro das perseguições, a vinha do Senhor, plantada no seculo XVI pelos novos apostolos no meio do orgulho de seitas hostis e do odio implacavel das idolatrias intolerantes, existe ainda, e cobre-se de folhas e de fructos!»

O proprio David Livingstone, apezar de ser missionario protestante, não só se viu forçado a reconhecer os serviços prestados pelos missionarios catholicos; mas o que é mais, teve de confessar a inferioridade relativa, das actuaes missões protestantes!

Não temos a edição ingleza das viagens do Dr. Livingstone, de que se serviu o sr. D. José de Lacerda; possuimos, porem, a traducção franceza, impressa em Paris em 1869, com o titulo de — *David & Charles Livingstone — Explorations dans l'Afrique Australe et dans le bassin du Zambèse, depuis 1840 jusqu'a 1864.*

Na sua primeira viagem, saiu o Dr. Livingstone da cidade ingleza do Cabo, ao sul da Africa, em direcção ao norte. Chegando á cidade de Courman, diz o missionario protestante a respeito della, entre outras cousas, o seguinte:

«Courman não foi fundada com o dinheiro inglez, mas pelas proprias mãos de homens corajosos, os filhos dos quaes não tem sobre a terra lar que lhes pertença. A sociedade póde transferir a séde das suas operações, ir estabelecer-se mais ao norte e a missão de Courman se tornará a residencia de um *boër*, que se servirá da egreja para ahi metter os seus animaes. Ella é hoje o que os mosteiros foram na sua origem.

«Os frades não se desprezavam de se servir da charrua: á instrucção religiosa que derramavam em volta de si, juntavam a cultura das arvores de fructo, a dos legumes e das flores, de que introduziram as sementes no paiz.

«Os seus conventos assemelhavam-se ás nossas estações de missionarios: os doentes achavam nelles, como entre nós, cuidados e medicamentos; os pobres, esmolas; e os meninos, escolas. Não veremos na sua historia

---

ar. o fizeram suspender a leitura e correr ao palacio, onde desde então tudo foi confusão e espanto.

Sobe novamente a commissão chamada pela rainha; expõem-lhe que não tinham força bastante para convencer a guarnição, e se lavra este decreto:

«Como rainha governadora de Hespanha, ordeno e mando que se publique a constituição politica de 1812, em quanto que, reunida a nação em côrtes, manifeste expressamente a sua vontade, ou dê outra constituição conforme ás necessidades da mesma. — Em Santo Ildefonso a 13 de Agosto de 1836 — *Eu a rainha governadora.*»

Propoz-se a Gomez escrever este decreto; recusou-se, considerando-o uma irreverencia; escreveu-o Izaga, e a rainha com entonação grave, manifestou a todos que o assignava, não pela violencia, mas pela persuasão, e seu desejo do bem, pois que de outra maneira não o faria, e assignou o decreto. Ao vel-o os revolucionados, ainda duvidavam da sua authenticidade, até que o sargento Higinio Garcia, escrevente do conde de S. Roman, se approximou e manifestou que aquella era effectivamente a assignatura da rainha.

Tranquillisaram-se todos, e retiraram-se as tropas aos seus quarteis. Ás 6 da tarde formou toda a guarnição de grande gala, e se proclamou solemnemente a constituição com a maior ordem.

Na manhã do dia 13 chegou a Madrid um expresso, mandado da Granja, o qual entregou ao presidente do conselho um officio do ministro da graça e justiça, que dizia o seguinte: — «*São 10 da noute; os batalhões desta guarnição sublevaram-se e proclamaram a constituição; venham forças, de prompto, de prompto*».

Isturiz chamou então a Quesada, e se achava com elle dispondo ir a Granja, levando a guarnição de Madrid, excepto a artilheria que ficaria no Prado, quando se apresentou o ministro da guerra, Mendez Vigo, e dentro em pouco um official do estado maior da guarda provincial, despachado pela posta por S. Roman, o qual deu conta de tudo o occurrido naquella noute no real sitio até ás 3 da madrugada.

Convocou-se no mesmo acto o conselho de ministros, e se convocou tambem o capitão general e o marquez de Miraflores, como presidente da camara dos proceres, para se accordar no que se devia fazer naquellas criticas circumstancias.

Reunem-se; dá-se conta do succedido, e todos convieram em considerar a rainha em estado de coacção. Quesada, consequente com o que havia tratado com Isturiz, propoz marchar a auxiliar a rainha, e o duque de Ahumada insinuou que para conseguir este objecto sem compromettêr a segurança da capital pela saida da guarnição, que se compunha só de 3:000 homens disponiveis, bastaria marchasse á Granja, Mendez Vigo, que por ter commandado na Navarra aos sublevados, se suppunha com ascendente sobre elles, e que os reduziria.

Miraflores e Isturiz opinaram por marchar a castigar a sublevação, fundando-se em que sobejavam tropas para restabelecer a ordem. Divididos assim, se poz á votação, e appareceram em desaccordo os ministros e os conselheiros do governo. Debilitava isto a resolução que se tomasse, a qual Ahumada queria que fosse unanime, e por isso ponderou este os inconvenientes de tal dissidencia; secundaram-no Galiano e o duque de Rivas, e em segunda votação prevaleceu a opinião de Ahumada.

Em um novo conselho, celebrado poucas horas depois, manifestou Garelly que achando-se presa a rainha, se devia desobedecer ás suas ordens e encarregar momentaneamente a regencia ao conselho de governo, segundo prevenia em taes casos o testamento do rei. Apoiou Miraflores esta ideia; combate-a Ahumada, e prevaleceu a opinião deste ultimo. E com effeito, que se havia de fazer contra quasi toda a Hespanha sublevada?

Marchou Mendez Vigo a Granja, onde chegou ás 5 da manhã do dia 14, achando tudo tranquillo. Informado pelos commandantes do occorrido, chamou o sargento Gomez, recordou-se ao apresentar-se-lhe da sua physionomia, por conhecel-o da guerra; recebeu-o da maneira mais affectuosa, ouviu attento a narração de todos os acontecimentos, e insistiu o ministro em saber quem eram os auctores, considerando um delles o embaixador inglez. Gomez, porem, lhe manifestou que o haviam feito sem suggestão de ninguem; e em quanto a lord Clarendon, lhe disse que nem de vista o conhecia.

Recusou o sargento as offertas de protecção de Vigo, e o dinheiro, que lhe mandou tomar quanto quizesse, pois que era para elle e seus companheiros, de tres taleigas de ouro, que lhe indicou abertas, para que no mesmo acto fizessem a contra-revolução, pois os haviam enganado; e se despediu Gomez do ministro, indo informar os seus companheiros de tudo o que se tinha passado.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

se não os vicios que assignalaram a sua decadencia, e não poderemos tirar do seu exemplo um ensino fecundo?

Qual a razão porque os primeiros mosteiros, estas missões da edade media, eram florescentes, *entre tanto que as nossas missões modernas são incapazes de satisfazer aos seus fins?*

«Os religiosos d'outrora *foram os propagadores da civilisação: colhemos hoje o fructo de seus trabalhos e de seus esforços, e nossos estabelecimentos nem ao menos têem a permanencia que permitte tratar alguma cousa de duravel.*»

Tanto pode a força da verdade, que obriga a dizer isto até a um missionario protestante!

(Continuar-se-ha)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

BREVES REPAROS

Na *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal*, tom. I, pag. 40, foram expostos os serviços, que ás sciencias prestou o infante D. Pedro, duque de Coimbra, regente do reino durante a menoridade d'el-rei D. Affonso V, no periodo que decorre de 1438 a 1446.

Cabia mencionar neste logar um successo importante, sobremaneira honroso para a memoria d'aquelle principe como protector das lettras.

Achava-se a Universidade em Lisboa, era mais custosa a sua frequencia pela distancia, em que se achava do centro do reino, e pelas grandes despezas, que se requeriam, para nella se manterem os estudantes.

Propoz-se o duque regente remediar estes males, fundando em Coimbra outra Universidade. E como não podia só com as suas rendas lograr o empenho, escreveu ás corporações ecclesiasticas e bispos do reino, para nelle o auxiliarem.

Era nesse tempo (1446) bispo de Coimbra D. Luiz Coutinho, amigo intimo do principe. Promoveu com todo o desvello a realisação de tão illustrado projecto.

Cedeu o cabido da sé cathedral de Coimbra com a collegiada de S. Pedro d'Almedina, padroeiros da egreja de Almelaguez, do padroado e rendas d'esta egreja, a fim de se pagar com ellas os salarios dos lentes, com a condição porem de se ensinar direito canonico e civil, e a Universidade permanecer em Coimbra; porque, faltando aquella condição, ou mudando-se a Universidade, ficaria sem nenhum effeito o contracto, que nesta conformidade confirmou o bispo D. Luiz Coutinho.

Conservam-se no cartorio do cabido da sé de Coimbra os diplomas comprovativos desta narrativa.

Tem a data de 24 de Maio, era do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1446 annos a carta de doação á Universidade; e da mesma data é a approvação e confirmação do bispo D. Luiz Coutinho. Ambas foram publicadas pelo Dr. Miguel Ribeiro de Vasconcellos, conego cartorario que muitos annos foi do cabido, no *Instituto, Jornal Scientifico e Litterario, terceiro volume, pag* 317 *e* 318.

Por estes diplomas se rectifica e explica o que affirma Fr. Francisco Brandão na *Monarchia Lusitana, liv. XVI, cap. LXXIII, pag. 166 mih.*, e que transcreveu a *Historia dos estabelecimentos scientificos* &., a pag. 46:

«El-Rey Dom Affonso Quinto mandou, estando em Sintra, no anno mil e quinhentos e sincoenta, que em Coimbra se levantassem outros estudos, &.ª»

Pelos mesmos diplomas se attinge e confirma a verdade, com que o mesmo Fr. Francisco Braddão disse:

«Assi desejou El-Rey ampliar as sciencias e boas letras; porem *isto herdou de seu tutor o Infante D. Pedro, que como Principe sabio tinha introduzido o amor das letras neste Reyno.*»

Suum cuique.

II

Lê-se a pag. 229 da mesma obra o seguinte:

«Santo Antonio de Lisboa, se não foi mui versado na lingua grega, teve comtudo algumas luzes d'aquella erudição (1).»

(1) «Veja-se nos *Cuidados Litterarios* as provas que se adduzem a tal respeito.»

Seguindo a indicação da nota, e procurando nos *Cuidados Litterarios do Prelado de Beja em graça do seu Bispado* a passagem respectiva, achamos a pag. 59 d'esta excellente obra o seguinte:

«Santo Antonio de Lisboa algumas palavras gregas aponta em suas obras quando as interpreta por outras latinas.»

E' mais explicito o grande Cenaculo a pag. 79, em que pretende vindicar os creditos litterarios do Santo, que o papa Gregorio IX denominou *Arca do Testamento*, impugnados por Casimiro Oudin, que não entendia como fosse recommendado com tal antonomasia, *quando lidos seus sermões em verdade são de estilo ordinario.*

Provariam estas passagens o asserto precatado do illustre auctor da *Historia dos estabelecimentos scientificos* &., se fossem do Santo os sermões, a que se refere o inclito bispo de Beja.

Demonstrou, porem, que eram apocriphos o erudito academico Fr. Fortunato de S. Boaventura, na sua *Dissertação sobre os Estudos e Escriptos de S. Antonio.*

Diz este insigne escriptor:

«O caso é, que o tantas vezes por mim louvado, e sempre mais abaixo do que foi, venho a dizer o proprio Cenaculo, que confessou tinha recebido a *Vita del Taumaturgo Portughese Sant'Antonio de Padova...dal Sacerdote Emmanuele de Azevedo* &., não tinha lido a sabia Dissertação, com que este famoso Jesuita fechou esta obra; e se a lêsse, ter-se-hia poupado ao trabalho de cavar nos sermões apocriphos do Santo as erudições gregas e hebraicas, que tomou a peito honrar com este alumno portuguez.»

E continua o esclarecido academico o seu importante trabalho, mostrando que são effectivamente apocriphos os sermões analysados por aquelle sabio prelado, concluindo o assumpto por este modo:

«Praza ao Santo que eu chegue a ver os seus sermões genuinos impressos, e que eu tenha logar de pôr em linguagem, assim como puz a primeira vida tão felizmente achada nos codices de Alcobaça! Entre estes ha não poucos onde vem excellentes sermões, e conheci nos melhores pela disposição de certas frases, e por alguns barbarismos e lusitanismos, que eram obra de um natural deste reino»

São geraes e bem fundadas as queixas da imprensa da capital contra a policia, que segundo os factos têem demonstrado, serve mais para vexar os cidadãos honestos e honrados, que para manter a ordem publica e a segurança individual.

Os factos altamente indignos, succedidos ha tempo com o sr. Pedro Rocha e sua familia, justificam todas asserções da imprensa; depois de um similhante attentado a policia de Lisboa está julgada.

A proposito lemos no jornal o *Paiz* o pequeno artigo que em seguida transcrevemos, no qual com razão se censura o poder judicial pela demora injustificavel no andamento do processo intentado por aquelle cavalheiro contra os salteadores da sua honra.

Eis o artigo:

Questão Rocha — O processo intentado pelo sr. Pedro Rocha contra a policia e os individuos que o diffamaram, tem o corpo de delicto encerrado desde 19 de Dezembro de 1872. Seguiu-se uma promoção do ministerio publico em 20, a qual foi em parte satisfeita seis dias depois, e outra parte em 15 de Maio do corrente anno. Os quatro mezes que decorreram foram de pura perda para acção da justiça, que nada descobriu. Mas uma vez satisfeita aquella promoção, que o ministerio publico não deu de certo sem intenção de se esclarecer para proseguir o andamento do processo, este foi-lhe com vista, a qual, com pequenos intervallos, motivados na apresentação de requerimentos do sr. Rocha, se tem continuado ha tres mezes e meio. A circumstancia de haver nos autos queixa de crimes publicos em que ao ministerio publico cumpre tomar a iniciativa, tem tambem determinado até hoje o offendido a abster-se de procedimento mais positivo, e a esperar primeiro pela promoção do sr. delegado. Registamos por emquanto o facto, esperando ainda que aquelle magistrado possa justificar dignamente o seu silencio.

NOTICIARIO

Incendio. — Em a noute passada esteve esta cidade para presencear um incendio pavoroso.

Pela meia hora, depois da meia noute, alguns individuos que andavam na rua da Calçada, notaram que saia muito fumo da loja das casas que pertencem ao sr. Joaquim Antonio da Silva Tenreiro, de Oliveira de Cunhedo, concelho de Penacova, e aonde têem o seu grande estabelecimento de pannos os filhos do sr. Pedro José Pereira de Sousa.

O sr. Tinoco, empregado da policia da camara municipal, bateu á porta, e fez acordar a familia da casa. O fumo, porem, era já suffocador e não se podia entrar na loja.

A casa tem tres andares e loja para o lado da Calçada, e cinco andares e loja para o lado da praça de S. Bartholomeu.

O fogo havia pegado em um enchamel, junto á escada, que dá communicação da loja da Calçada para os andares inferiores.

Ignora-se como o fogo pegou alli; pois que ninguem tinha ido á loja desde a uma hora da tarde anterior. Desconfia-se apenas que seria algum rato que levasse algum fosforo. Custara a crer, que sendo todo o predio de uma apparencia tão grandiosa, o referido enchamel esteja todo cheio de carqueja e raspas de taboa, e só com uma leve camada exterior de cal!

Acudiram as bombas dos incendios, e depois de muitas diligencias, conseguiu-se apagar o fogo que andava no tecto do andar inferior, por cima do qual está a importante loja de pannos.

Mais algum tempo de demora que houvesse, e já não seria possivel dominar o incendio em toda aquella grande casa. No andar em que pegou o fogo havia potes de lata cheios de azeite, que espalhando-se, daria pasto immediato ao incendio.

Alem disso a casa é separada do predio, aonde tem o seu estabelecimento o sr. José Joaquim da Silveira, apenas por enchamel; e por isso era consequencia inevitavel o arder tambem este.

Felizmente nenhuns pannos se queimaram e só alguns foram molhados. Egualmente não ficaram prejudicados os livros muito valiosos da escripturação.

Esta casa foi queimada pelos soldados de Massena, que em Coimbra entraram no dia 1 de Outubro de 1810; e passados 63 annos, esteve para ter outra vez egual sorte.

O brazão da cidade de Coimbra. — Mau fado persegue sempre o brazão desta cidade, em qualquer parte que elle tenha de se levantar: vemol-o errado nas fontes, candieiros das ruas, na capella do cemiterio, e até no proprio sello da camara!

E como remate de todos estes erros, tambem está errado na fachada da nova escola, no largo da Feira; porém este ainda com mais escandalo do que nenhum outro.

Pedimos á illustrada vereação que mande apear aquella pedra e em seu logar se colloque o verdadeiro brazão desta cidade, cuja descripção aqui lhe offerecemos.

Em campo vermelho calix de ouro; dentro em meio corpo donzella de mãos postas, de vestes de prata, coroada de corôa ducal; á direita serpe de verde, á esquerda leão de ouro, batalhantes; timbre uma corôa ducal.

Exposição de Vienna de Austria. — Publicamos hoje os nomes dos expositores do districto de Coimbra, que foram premiados na exposição de Vienna d'Austria. Devemos advertir que as distincções são na seguinte ordem: — 1.º Diploma de honra — 2.º Medalha de progresso — 3.º Medalha de merito. — 4.º Diploma de merito. — Ha além d'isso uma distincção especial, com o nome de — Medalha de cooperação.

MEDALHA DE PROGRESSO

Antonio Dias Themido, de Coimbra.

MEDALHA DE MERITO

Fernando Affonso de Almeida Coutinho, de Cantanhede. Assim vem na relação, mas é de Sepins, do referido concelho.

Francisco Thiago de Magalhães, de Taboa. Aliás Sinde, concelho de Taboa.

D. Maria Susana de Napoles Figueiredo da Veiga, de Goes.

José Antonio de Azevedo Galvão, de Soure.

DIPLOMA DE MERITO

Antonio Augusto da Paixão Junior, alfaiate, de Coimbra.

Antonio Correa Lemos, alfaiate, de Coimbra.

Manoel José Vieira Braga, serigueiro, de Coimbra.

D. Maria José Napoles da Veiga, de Goes.

D. Maria Ernestina Pinto de Almeida, de Taboa.

D. Modesta Flaminia de Vasconcellos, de Taboa.

Empreza das Minas do Cabo Mondego.

Direcção dos trabalhos das obras do Mondego.

Pedro José de Mesquita, de Taboa. Suppomos que reside em Sinde, concelho de Taboa.

José de Freitas Almeida, de Condeixa.

Luiz Antonio Dias, de Miranda do Corvo.

João Gonçalves de Lemos, de Coimbra. Assim vem na relação, mas é da Louzã.

Daniel da Veiga Saraiva, de Coimbra. Reside, porém, na sua quinta da Barroca, freguezia de Sernache, concelho de Coimbra.

Joaquim da Silva, de Coimbra. Com este nome não conhecemos ninguem nesta cidade. E' provavelmente de outra terra. Na relação dos premiados costuma-se dar como residencia a capital do concelho, ainda que seja de outra localidade.

Furacões. — Nas campinas da America do sul, conhecidas pelos nomes de *pampas* e *savanas*, repete-se com frequencia um espectaculo admiravel e terrivel, do qual todos os viajantes fazem menção especial. E' o furacão, ou *pampero*, que produz nos desertos do novo mundo as mesmas devastações que o *simoun* nos sertões da Africa.

Os signaes que annunciam a tempestade são os seguintes: Ao principio a atmosphera está immovel; profundo silencio reina na solidão, e uma pequena nuvem branca apparece ao longe, na direcção de sudoeste. Pouco depois, vão-se accumulando nuvens espessas, o vento sopra com violencia, turbilhões de poeira suspensos entre o céu e a terra correm impellidos por uma força irresistivel e envolvem tudo em manto escuro e tenebroso: rajadas de ar quente atravessam o espaço, e em seguida desce das cordilheiras dos Andes uma tempestade furiosa, que assola tudo que encontra em sua passagem.

Massas enormes de areia levantadas pelo furacão escurecem a atmosphera, e os estampidos da trovoada e o clarão do raio confundem-se com o sibillar sinistro da tempestade. Milhares de animaes são victimas desta catastrophe, e as ossadas resequidas dos seus esqueletos attestam depois ao viajante do deserto, que por alli passou o *pampero*, vendaval terrivel e devastador.

Os taralhões ou papa-moscas. — Diz-nos o sr. José Maria Rosa de Carvalho o seguinte:

«Estamos na epocha de apanhar os taralhões. Os mezes de Setembro e Outubro são os proprios para caçar estes gordos e saborosos passaros. As armadilhas que usam para este fim são, as costellas com rede ou sem ella, as loizas, e alçapões; e para os attrahirem servem-se das formigas com azas a que chamam agudes.

Nas localidades em que estas aves abundam ha um enthusiasmo quasi geral por este decente divertimento, cujo resultado é sempre proveitoso para os curiosos, pela facilidade com que as apanham. Não são os rapazes os unicos que se divertem com esta caça; tambem pessoas aliás qualificadas, se dão a este util entretenimento; por isso não é raro o ver um commendador de Castella, um conselheiro, apanhando agudes, e um barão, d'alçapão.

Entre nós não ha abundancia de taralhões. São duas as especies que nos visitam: o tara

tão ordinario *muscicapa luctuosa*, que apparece em Setembro e parte no fim de Outubro para a Inglaterra, para o norte d'Africa, etc. E' notavel este passaro por a mudança de côr na primavera. Apparece entre nós com a cauda quasi toda preta, e o resto da plumagem semelhante na côr á do tentilhão femea. Na primavera vem vestir-se de preto, conservando algumas manchas brancas; e é por isso que lhe deram o nome de *luctuosa*.

O outro taralhão é o mosqueiro; *muscicapa grisola* de Linneu: apparece aqui na primavera, e parte tambem no fim de Outubro. E' singular esta ave pela falta de cautela que mostra na escolha de logar para criar. Os sitios mais frequentados são os que prefere para a construcção do ninho.

Costuma criar nas casas de habitação em qualquer buraco, na parte exterior da parede; nos troncos grossos das arvores dos passeios publicos, e vi um que todos os annos fazia ninho dentro da corôa d'uma santa em um nicho de uma fonte. Em Inglaterra criou um dentro de uma gaiola, que estava suspensa n'uma arvore com a porta meia aberta. Outro achou conveniente criar n'um candieiro de gaz n'uma rua de Londres; sem se embaraçar com o estrondo de quem passava, nem com a luz do candieiro. Outro fez ninho e criou os filhos sobre um wagon do caminho de ferro, que funccionava muitas vezes.

Isto basta para provar quanto esta especie tem de familiar.»

Communhão de meninos em Assafarge—Communicam-nos o seguinte:

«Assistimos no domingo ultimo d'Agosto a uma festa edificante, na egreja parochial d'Assafarge, deste concelho de Coimbra. O reverendo parocho, o sr. padre Manoel Correia Amado, querendo solemnisar este anno a communhão dos meninos da sua freguezia, que, pela primeira vez, subiam á mesa da Eucharistia, conseguiu mais uma vez realisar, a expensas suas, uma funcção com tal esplendor e ordem, que raras vezes se encontra em aldeias, e nem sempre se observa em terras de maiores recursos. Para a tornar mais pomposa, reuniu-a á festa do Santissimo Sacramento, que tambem se celebrou neste dia.

A egreja armada, por um armador d'esta cidade, estava com toda a grandeza e esmero da arte, e sem que se encontrasse um unico bocado de panninho na sua armação, sendo toda de damasco e seda. O throno offerecia a prespectiva agradavel d'uma pinha de flores, semeada de lumes.

O templo estava cheio de fieis. Os commungantes eram 42. Cinco meninas vestidas d'anjos, serviram duas para segurarem as pontas da toalha no acto da communhão, outras duas para segurarem os vasos d'agua, e a quinta para tirar as corôas da cabeça aos commungantes, e repor-lhas logo que acabavam de receber este santo sacramento da communhão.

As meninas que commungavam, vestiam de branco, com grinaldas de flores na cabeça; em todas ellas se conhecia grande satisfação e viva fé no santo sacramento, que acabavam de receber.

A festa constou de missa solemne cantada a musica, acompanhada de instrumental, e sermão; de tarde um outro sermão, vesperas e procissão acompanhada pela philarmonica *Boa-União*, tudo na melhor ordem e com especial gosto.

Cantou a missa o reverendo prior de Sernache, acolytado pelos reverendos cura da mesma freguezia e prior de Castello Viegas. De mestre de cerimonias serviu o reverendo parocho da referida freguezia d'Assafarge, o qual tambem pregou de manhã, tomando para thema allusivo a tão augusta solemnidade o versiculo 59 do capitulo 6.° de S. João, onde Christo diz aos seus discipulos: «O que comer deste pão, viverá eternamente.»

No decurso da oração, o reverendo orador, para que as creanças fizessem ante elle e o auditorio, confissão publica de arrependimento de seus peccados,—da sua viva crença em Deus e na religião catholica apostolica romana,—fez-lhes do pulpito diversas perguntas, a que ellas respondiam em côro.

Depois de demonstrar com palavras claras e apropriadas, o quanto é sublime este sacramento; empregou todos os meios de que se pode dispor para avivar e conservar nellas os sentimentos de gratidão a favor d'Aquelle que tantos beneficios lhes tinha prodigalisado.

Em seguida implorou, em nome das mesmas creanças, a seus paes para lhes perdoarem qualquer falta que ellas tivessem commettido para com elles, e recommendou-lhes, que ellas com sua candida alma rogassem ao Todo Poderoso pelo engrandecimento não só da religião catholica apostolica romana, mas tambem do prelado d'esta diocese.

Depois desta homilia, e provado que, no coração d'estas creanças, estavam bem arreigados os sentimentos da religião do Crucificado, foi-lhes ministrado o santo sacramento da Eucharistia, o qual receberam com o maior respeito e veneração.

No decurso desta oração, o reverendo vigario d'Assafarge mostrou mais uma vez que é um digno orador sagrado e um parocho exemplar.

De tarde pregou o reverendo padre Antonio Norberto da Silva Pinto, que agradou bastante, e bem patenteou os muitos conhecimentos theologicos que possue, e bem assim os seus dotes oratorios. Findo o sermão, seguiu-se a procissão, a qual ia numerosa, com muito aceio e boa ordem.

A magnificencia com que estava a egreja, é, sem duvida, devida ao reverendo parocho da mesma freguezia d'Assafarge, que tem empregado todos os meios ao seu alcance, para que ella tenha armações dignas e apropriadas ao esplendor d'uma festa como a que estamos a descrever; os paramentos acham-se hoje com todo o aceio, fazendo um completo contraste com os que existiam, quando para alli foi despachado o mesmo reverendo parocho.

A egreja, que se achava nessa epocha em um estado menos conveniente, vê-se hoje muito engrandecida; a capella do Santissimo retocada e pintada, e novas imagens collocadas em suas respectivas capellas.

É notavel o respeito e devoção, com que entram e se conservam no templo todos os seus parochianos, devido tambem isto aos cuidados com que o reverendo parocho os tem dirigido, dando-lhes os melhores exemplos de caridade e amor de Deus.

Não podemos deixar de mencionar aqui o carinho e desvelo com que o dito vigario trata seu pae, ancião de 80 annos, e duas irmãs solteiras, que tem em sua companhia, dando assim por esta forma um exemplo de bom filho e bom irmão.

Assistiram a esta festa algumas senhoras de Coimbra, que ficaram admiradas da maneira como toda ella correu.

São dignos de louvor os mordomos da festa do Santissimo, os srs. Abel Maria Pinto, Ventura Pinto, e João Rodrigues Lucas, que se não pouparam a despezas e diligencias para tornar esta solemnidade digna do seu elevado objecto.»

Grão de uva. — Em algumas regiões vinicolas, aproveita-se o grão da uva, que fica nos balseiros depois do fabrico do vinho, para extrair um oleo susceptivel de muitas applicações. E' um producto de cor amarellada, pouco espesso, de sabor e cheiro quasi insensiveis. Como tem a propriedade de seccar facilmente exposto ao ar, pode empregar-se com vantagem na pintura. E' tambem muito economico para a illuminação, porque arde lentamente.

Baptisado. — Teve hontem logar o baptismo do filho do sr. Dr. João de Vilhena, e neto dos srs. Viscondes de Monte-São. Fazemos votos, para que o filho herde os grandes talentos de seu pae.

Tempo. — A temperatura tem baixado a ponto de se sentir frio. Hontem choveu alguma cousa. Tem reinado fortissimas ventanias, que não só prejudicam os campos, mas difficultam a pesca e a navegação. Nos portos de mar tem entrado alguns navios arribados por causa da violencia do vento.

Festas e romarias. — Domingo e segunda feira quasi que se despovoou Coimbra, para ir assistir ás festas da Senhora da Piedade em Cellas, da Senhora da Graça na Cruz dos Morouços e da Senhora de Campos no convento de Santa Clara. A romaria da Senhora da Encarnação em Buarcos tambem attrahiu grande concorrencia. Na madrugada de domingo quasi todos os trens de praça, que ha em Coimbra, partiram cheios de passageiros para a Figueira da Foz.

Viajantes. — Tem sido grande o movimento de passageiros, que em viagem de recreio pela provincia, visitam Coimbra e seus pittorescos arrebaldes, nesta epoca do anno.

Cadeira de instrucção primaria — Foi creada uma cadeira de ensino primario do sexo feminino, na villa de Soure.

Ministerio hespanhol. — O ministerio ficou constituido assim:—Castelar presidente sem pasta; Carvajal negocios estrangeiros; Gil Borges, justiça; Pedregal, finanças; Cervera obras publicas; Sanchez Bregua guerra; Oreiro marinho; Soler Pla, ultramar; Maisonnave, interior.

Continua a teima. — Alguns jornaes insistem em transcrever as nossas noticias, sem dizerem d'onde são.

Prevenimol-os que estamos resolvidos, se continuarem a proceder assim, a suspender para elles a remessa do *Conimbricense*.

ANNUNCIOS

ARREMATAÇÃO

1 NO DIA 21 do corrente Setembro, pelas 9 horas da manhã, hade ter logar perante o juiz ordinario do julgado da Mealhada, a venda e arrematação da mobilia e bens de raiz, que cheguem para pagamento das dividas passivas que se descreveram no inventario a que se procede por morte do barão de Luso, e foram approvadas pelo conselho de familia e interessados.

Os bens de raiz mais importantes são:

Uma casa na Mealhada.....5:000$000
Outras casas em corrente com adega..... 600$000
Outras que servem de adega e celleiro.....1:200$000
Vinha chamada do Estrepal. 4:000$600
Outra chamada do Estrepal de fóra..... 450$000
Outra no sitio detraz da Matta 250$000
Outra no sitio das Mortelas. 2:500$000
Outra no sitio de Valle da Rata..... 600$000

2 O CASTELLA continua com o seu hotel aberto em Luso, até ao proximo mez de Outubro, e acha-se preparado para servir como restaurante 300 ou 400 pessoas por dia, na occasião da inauguração do monumento do Bussaco.

3 DECLARO que deixei de ser procurador do padre Damaso Antonio d'Oliveira Leitão—Coimbra 6 de Setembro de 1873.—*Antonio dos Santos Ferreira.*

DILIGENCIA

4 VIUVA NATIVIDADE & FILHOS fazem publico, que no dia 6 inclusive do mez corrente, vão mudar para trabalhar de dia, a sua diligencia, que têem entre Coimbra e Nespreira, sendo esta diaria, e a sair de Coimbra ás 5 horas da manhã, e de Nespreira á meia noute. Passa em S. Thiago ás 2 horas da manhã, em Gallizes ás 4 da manhã, e chega a Coimbra á 1 da tarde, podendo os passageiros seguir para a Figueira, na diligencia das 2 da tarde, assim como sahirem no comboio da tarde para o Porto, e no da noite para Lisboa.

Os bilhetes em S. Thiago vendem-se na estação da diligencia.

Coimbra 4 de Setembro de 1873.
Viuva Natividade & Filhos.

Educação feminina

5 RUA DAS SOLAS, 5, 2.° andar, se diz quem recebe meninas, internas, semi-internas, e externas.

LOUZÃ

6 VENDE-SE uma propriedade de producção de milho, parte de secca e parte de rega, com arvores de fruta, casas de habitação, palheiros e pateo; tudo proximo á villa da Louzã.

Quem pretender dirija-se a João Ribeiro, da villa da Louzã.

FESTIVIDADE

7 NO DOMINGO, 14 do corrente, hade haver no logar do Arieiro, a festa a Nossa Senhora dos Remedios, com arraial, em que se costuma juntar muito povo.

Na vespera á noute será lançado um brilhante fogo de artificio.

8 ANTONIO BELLO DA SILVA BRAZÃO continua a leccionar instrucção primaria, portuguez, francez e desenhos, na rua da Trindade, n.° 17, admittindo alguns estudantes em sua casa por preços commodos.

9 ARRENDAM-SE as vastas casas do Dr. Gama na rua do Correio. Quem as pretender falle com o Dr. Casal.

Mappa do movimento litterario dos alumnos internos, semi-internos e externos do collegio academico, estabelecido na rua do Norte, n.° 18, no anno lectivo findo de 1872 a 1873.

Disciplinas	Matriculados	Examinados	Approvados	Distinctos	Addiados
Instrucção primaria	5	3	3		
Portuguez	13	9	5		1
Francez	10	10	7	2	1
Mathematica	18	11	10		1
Desenho	18	12	9		3
Latim	30	5	3		2
Historia	25	25	21	4	
Introducção	19	13	13	2	
Total	138	90	71	8	11
Curso de madureza de positivas					
Latim	30	19	15		4
Logica	36	22	20		2
Historia	78	39	36		3
Total	144	80	71		9
Exames e actos da Universidade					
Desenho	1	1	1		
Direito	1	1	1		
Mathematica	3	2	2		
Philosophia	2	2	2		
Total	7	6	6		
Resumo					
Dos cursos dos lyc.	138	90	79		11
Dos cursos da Univ.	151	86	77		9
Total geral	289	176	156		20

Coimbra 1 de Setembro de 1873.

O secretario, Padre *João do Amaral Leitão*.
O director, *Antonio Zeferino Candido*.

NUMERO 2727 — SABBADO 13 DE SETEMBRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O pensamento de consolidar a divida fluctuante, que o governo pretende realisar dentro do paiz; operação altamente favoravel ao nosso estado financeiro, e ás futuras operações do thesouro; tem sido mui vantajosamente apreciado pela imprensa periodica.

Manifestando já as nossas ideias ácerca deste contracto, folgamos de registar aqui a approvação unanime, que elle mereceu a todos os espiritos dotados de sentimentos patrioticos e sinceramente devotados aos legitimos interesses da nação.

Bem faz o governo, que com as suas medidas financeiras, vae emancipando o paiz das grandes difficuldades que lhe legaram as ultimas administrações historico-reformistas, as quaes ahi estão guerreando acintosamente o partido regenerador, não obstante ter este, pela sua illustrada iniciativa, levantado de um modo evidente, o credito publico, e as instituições do estado.

Que notavel differença, se compararmos os actos do actual ministerio, com os tristes expedientes do governo episcopal, que pelo seu systema desorganisador, levou a desordem e o cahos a todos os ramos da administração publica!

A elevação que progressivamente vae tendo o nosso credito, a confiança que hoje merecem os titulos de divida publica, e as favoraveis condições que offerece o mercado monetario, são um facto tão manifesto, e ao mesmo tempo tão lisonjeiro para este paiz, pelas vantagens que de tal estado resultam a toda a ordem de interesses, que não póde haver sophisma que o desfigure.

Quando a pretexto de economias, se faziam avultadas deducções aos empregados publicos; quando, pelo mesmo motivo, se eliminavam do orçamento as verbas para estradas; quando os apuros do thesouro chegavam a um estado desesperado; quando as letras do governo portuguez, estavam a ser protestadas em Londres; quando se contractava o pagamento de multa, para annullar emprestimos effectuados; quando os agentes desappareciam com valores extraordinarios em *bonds*; quando para conseguir alguma pequena operação de urgencia, se offereciam valores extraordinarios em inscripções; quando, finalmente, um *deficit* enorme assombrava a nação; regia os destinos publicos a opposição actual, que, descontente por se encontrar fóra do poder, tudo presentemente censura.

Agora, porem, debaixo da influencia do governo regenerador, mudaram completamente as circumstancias.

Ninguem desconhece que progredimos sensivelmente. Equilibra-se a receita com a despeza; offerecem-se os capitaes, e congregam-se em volta do thesouro publico, com vantagens palpaveis para a nação; o governo baixa o juro das dividas ao estado, e ameaça os credores com o prompto pagamento; extingue-se a divida fluctuante externa, e affluem dentro do paiz capitaes de sobra, para consolidar a interna; sobem os fundos publicos nas praças extrangeiras; cresce o movimento de obras publicas; desenvolve-se progressivamente o commercio e a industria; e vão-se organisando os serviços. E nem assim descançam os obreiros do progresso, da tarefa que se impozeram de bem gerir os negocios publicos.

O paiz faz a devida apreciação destes factos, e sabe bem avaliar o que deve ao governo regenerador, e o que tem a esperar da actual opposição.

E' já de antigos tempos o desejo que tem a Inglaterra e outras nações de se apoderarem das nossas possessões de Africa. Actualmente apparece uma nova exigencia.

Segundo publica o jornal official do governo francez, suscitou-se um conflicto entre Portugal e a Inglaterra acerca da bahia de Lourenço Marques, possuida pelos portuguezes, e nas margens da qual a Inglaterra tem um estabelecimento, que o governo britannico pretende estender á propriedade absoluta da bahia, desapossando Portugal. A arbitragem desta questão foi confiada ao general Mac-Mahon, presidente da republica franceza.

O sr. visconde de Paiva Manso, encarregado deste negocio por parte de Portugal, e que ha pouco chegou a Paris, deve ter brevemente uma entrevista com o ministro dos negocios estrangeiros.

A bordo do paquete inglez *John Elden*, partiram de Lisboa para o Brasil 208 emigrados hespanhoes. Vão trabalhar nas provincias de Campos e Macahé. Iam todos penhoradissimos pela maneira como foram tratados pelo governo portuguez.

Tendo vindo da Galliza quasi todos sem vestuario e calçado, cada um delles recebeu tres camisas, tres pares de ceroulas, um chapeu desabado, um par de botes, dois pares de calças e um casaco de cotim; e alem disso tiveram a passagem paga para o Brasil.

O commandante dos emigrados, Francisco Roca, dirigiu da torre de S. Julião, uma carta ao sr. presidente do conselho de ministros, em que muito agradecia os obsequios que haviam recebido em Portugal.

Muito folgamos que o governo assim procedesse; porque não só se honrou a si, mas a nação que representa.

O nosso amigo o sr. conselheiro José Dias Ferreira acaba de passar pela mais dolorosa provação. Falleceu a sua virtuosa esposa, a exm.ª sr.ª D. Amelia Dias Ferreira Pinto Basto, filha do sr. Augusto Ferreira Pinto Basto, depois de uma prolongada e dolorosa doença.

A nada se poupou o sr. Dias Ferreira para lhe conservar a existencia. Nem a viagem á ilha da Madeira, nem os mais assiduos cuidados da medicina e da amizade, poderam evitar o golpe fatal.

Nesta triste occasião, só nos resta acompanhar o nosso amigo na profunda dor que tão justamente está soffrendo.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXCIV

D. CARLOS

XLIV

Quando d'ahi a pouco foi o ministro da guerra, Mendez Vigo, ao palacio da Granja, não cessou de repetir aos soldados que se lhes aproximavam, que estavam vendidos e enganados, e deviam castigar aos instigadores. Estas palavras ditas por um general, que tantas vezes os havia conduzido á victoria, causaram impressão, e teriam talvez produzido consequencias, sem a chegada do sargento Garcia, que disse ao general que quem queria perdel-os era elle, e que se não marchava immediatamente, poderia succeder o que até então não havia tido logar.

Dirigiu-se o ministro ao palacio; porem ficaram semeadas desconfianças, e para prevenil-as e seguir adiante, reuniram-se os sargentos; cerraram as portas da Granja, e se impediu o sairem dois carros do palacio com bagagens.

Mendez Vigo, em presença da rainha, ouviu da mesma todo o occorrido; achou-a tranquilla e afavel, e em seguida poz nas suas mãos a exposição dos conselhos reunidos, pela qual lhes supplicavam se trasladasse a Madrid o mais breve possivel, para que unida mais ao seu governo, podesse dictar as medidas que as circumstancias exigiam.

Chamou então a rainha a Barrio Ayuso e a S. Roman, e depois de conferenciar com os tres o meio de sair d'aquella posição, determinou a governadora, com desconfiança de que se cumprisse, se dessem as ordens convenientes a fim de marchar para Madrid, e que o ministro da guerra se dirigisse aos quarteis da tropa para prevenil-a da resolução da rainha. Ao saber, porem, da detenção dos dois carros, se conheceu que era impossivel a marcha, a que se oppozeram os sublevados.

Convocou a rainha para a sua camara, ás 4 horas da tarde, aos dois ministros, a S. Roman, ao marquez de Cerralvo e aos representantes de França e Inglaterra, que eram Bois-le-Comte e Williers. Estes manifestaram que, a ser senhora a governadora de escolher entre a sua submissão ás exigencias de uma soldadesca, ou á abdicação de sua filha, devia fazel-a baixar digna e decorosamente do throno; porem que tratando-se de optar entre a aceitação da constituição e a morte da rainha viuva e de suas filhas, a escolha não podia ser duvidosa; sobretudo quando nem o assassinato das tres princezas impediria o restabelecimento da constituição, adoptada como a bandeira do partido que se pronunciava.

Acrescentaram, que havendo já restabelecido a rainha a constituição, era forçoso que se resignasse a todas as consequencias d'aquelle primeiro acto, e sanccionasse tudo o que lhe exigissem indispensavel para completal-o; e finalmente, que uma resistencia mais ou menos energica da parte da governadora, provocaria dos sublevados desacatos de mais ou menos monta, que obrigariam aos governos de França e Inglaterra a retirar o seu apoio de Hespanha, augmentando assim a força dos carlistas e diminuindo as probabilidades do triumpho definitivo para a causa da rainha.

A governadora manifestou aos ministros o que antes que estes chegassem lhe haviam exposto os representantes das duas potencias alliadas, pelo que jurava a constituição, e mandava se fizesse jurar e publicar em toda a monarchia.

Mendez Vigo expoz então que pela sua parte jámais se teria atrevido a dar tal conselho; porem que salva por este meio a responsabilidade, celebrava o apoio que havia buscado a rainha nos dois alliados, em consequencia do que demittia a pasta. Da mesma forma o imitou o ministro da graça e justiça; e o conde de S. Roman resignou tambem o commando da guarda. Lamentou-se a rainha de que a abandonassem naquellas circumstancias, e lhes disse que não admittia a sua demissão; mas o ministro da guerra insistiu nella.

Convencida a rainha governadora de que tinha que conformar-se com a sua situação e aceitar as consequencias della, pediu que lhe

OS PORTUGUEZES, O SR. D. JOSÉ DE LACERDA E O DR. LIVINGSTONE

III

Os viajantes inglezes, querem quasi sempre attribuir a si a prioridade das descobertas na Africa. Fingem ignorar, que os pontos mais importantes daquelle vasto continente, tem sido percorridos pelos portuguezes.

Diz o Dr. Livingstone: — «Todo o inglez deve ter orgulho de saber que a descoberta da principal nascente do Nilo, foi realisada pelos nossos concidadãos *Spek* e *Grant*.»

O sr. D. José de Lacerda, oppõe a esta asserção o mappa geographico de Diogo Homem, em 1558, e o auctor do mappa mundi de 1498.

Egualmente cita a *Verdadeira informação das terras de Preste Joam, segundo vio e escreveu o padre Francisco Alvarez*, manuscripto existente na Academia Real das Sciencias de Lisboa. Este padre residiu por espaço de 6 annos nas terras do Preste, onde foi, na companhia de D. Rodrigo de Lima, no anno de 1520.

Extracta depois o que diz ácerca das nascentes do Nilo, Duarte Lobo, na *Relação do reino do Congo e regiões convisinhas*.

Segue, citando a auctoridade do padre Pedro Paes, jesuita portuguez, que segundo a opinião de alguns, foi o primeiro europeu que viu as duas nascentes do Nilo. E aqui citaremos o principio da descripção que faz o padre Pedro Paes, segundo se póde ver na *Dissertation sur le Nil*, por Mr. le Grand: Paris, 1728:

«A 21 de Abril do anno de 1618 achava-«me eu com o imperador da Ethiopia, que «estava com o seu exercito no reino da Gova-«na. O imperador acampava no territorio de «Sacala, nas terras dos Agaus, nas proximi-«dades de uma pequena serra, que se nos afi-«gura pouco elevada, porque o são muito as «demais que a rodeiam. Fui alli, e com os «meus olhos investiguei o mais attentamente «que pude tudo quanto era de redor de mim; «descobri duas nascentes de fórma redonda, «uma das quaes poderia ter quatro palmos de «diametro, e não sei explicar quanta foi a «minha alegria contemplando o que Cyro, «Cambises, Alexandre, Julio Cesar, com tan-«to ardor, mas debalde, tinham desejado co-«nhecer.»

A'cerca do mesmo assumpto escreve o padre Jeronymo Lobo na sua *Relação historica da Abyssinia*:

«O Nilo ao sahir da nascente conserva-se «occulto, e como que mettido debaixo do mat-«to; e corre para E., por espaço de um tiro «de mosquete, depois corta ao Norte, obra de «um quarto de legua, e em fim apparece pela «primeira vez deslisando-se por entre pedras. «Esta vista causa alegria, e ao mesmo tempo «move a espanto os que sabem quantas fabu-«las escreveram os antigos, e quantas vãs «conjecturas formaram ácerca das nascentes «deste rio, da natureza das suas aguas, das «cataratas, das inundações, *cousas que de «presente conhecemos*, e, por assim dizer, *«tocamos com o dedo, e vimos com os nossos «olhos*.»

O sr. D. José de Lacerda, depois de citar mais o que se lê acerca do Nilo na *Historia da Ethiopia a Alta, tirada da que mais largamente compoz na India o padre Manuel de Almeida, pelo padre Balthesar Telles, da Companhia de Jesus*: Coimbra, 1660;—assim como o que diz o padre João dos Santos na *Ethiopia Oriental*, acrescenta:

«As noticias que deixo colligidas põem a «manifesto que as informações que nos ulti-«mos tempos foram dadas pelos capitães in-«glezes *Speke* e *Grant*, ácerca das nascentes «do Nilo, as possuimos nos muito particulari-«sadas ha tres seculos approximadamente, ten-«do-nos sido dadas pelos nossos mesmos con-«terraneos; e que portanto não nos é permit-«tido fazer côro com os que, por ignorancia «antes que má fé, entoam hymnos a *Speke* e «*Grant*, como aos descobridores daquelle por «tantos tempos reputado arcano da natureza.»

Como o Dr. Livingstone quer attribuir a si a gloria de ser o primeiro que tratou de investigar o interior da Africa, o sr. D. José de Lacerda, enumera quaes os portuguezes que desde antiga data fizeram diligencias nesse sentido.

Esses audaciosos e preseverantes portuguezes foram Gregorio de Quadra em 1521, Gonçalo da Silveira em 1560, Francisco Barreto em 1573 e em seguida Vasco Fernandes; Balthasar Rebello de Aragão em 1606, D. Estevão de Athaide em 1608, o padre Manoel Godinho em 1663, Ayres de Saldanha em 1680, José Maria de Lacerda em 1787, Manoel Galvão e Antonio Gomes em 1783, José de Assumpção e Mello e Alexandre da Silva Teixeira em 1795, Dr. Francisco José de Lacerda e Almeida em 1798, o padre Francisco João Pinto em 1799, os propostos do tenente coronel Francisco Honorato da Costa, Pedro João Baptista e Anastacio José, em 1806, o major Monteiro em 1831, Joaquim Rodrigues Graça em 1843, e Antonio Francisco Ferreira da Silva Porto em 1852.

De todas as explorações destes viajantes portuguezes dá o sr. D. José de Lacerda interessantes noticias; depois do que conclue dizendo:

«Na presença deste quadro geral, a fim de que possa abrangel-o n'um simples relancear, será facil ao leitor sizudo e reflectido, formar de prompto cabal conceito da solicitude com que, desde os tempos immediatamente proximos ás primeiras descobertas e conquistas feitas na Africa, os reis de Portugal trataram de fazer investigar com o maior cuidado e diligencia o interior do continente africano, abrir communicação entre as costas oriental e occidental, tomar conhecimento dos usos e costumes dos varios povos, aluminal-os com a luz do evangelho, e, chamando-os a trato amigo, promover para vantagem commum todo o que persuade a razão esclarecida, e guiada, não por mero e odiento egoismo, mas sim pelo generoso sentimento de alargar os horisontes da civilisação, e fazer progredir a obra da humanidade.

«E que ficam valendo depois d'isto as arguições do Dr. Livingstone contra a supposta incuria do governo de Portugal, e dos portuguezes, a bem da melhor sorte dos povos africanos, e com respeito á mais certa e maior vantagem da sciencia, do commercio e do aperfeiçoamento social? Não podem ser tidas senão em conta de declamações vans, e só para desprezadas; assim como não pode deixar de ser apontada ao dedo, e severamente censurada a vaidade e audaz pretensão, que se escora no orgulho que a suggere e alenta, com que o famoso missionario para si reclama as honras de primeiro descobridor do que desde muito tempo antes, como ficou ja de sobejo manifesto, fora pelos portuguezes descoberto, conhecido e frequentado.»

(Concluir-se-ha)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

Caso notavel.—Vimos um destes dias em uma quinta dos arredores desta cidade, uma videira velha, carregada de magnificas uvas pretas, muito bem desenvolvidas e perfeitamente sãas Contamos mais de 60 cachos. Esta cepa pertence á uma parreira, onde não tem vindo os fructos, desde que reina o flagello das vinhas. Este anno porem, apparece esta videira tão rica de fructo, e as suas companheiras continuam no estado lastimoso dos mais annos. Não sabemos explicar esta excepção.

Ponte do Mondego—Proseguem com toda a actividade as obras da ponte do Mondego. Já se anda a construir um dos pegões, e prepara-se cantaria para outros.

O sr. Heitor emprega toda a diligencia para se collocarem as fieiras de cantaria, que sejam sufficientes para se poderem continuar os trabalhos no inverno.

Consumo de ovos.— O sr. conselheiro Rodrigo de Moraes Soares publicou ultimamente um importantissimo *Relatorio da direcção geral do commercio e industria, acerca dos serviços dependentes da repartição de agricultura desde a sua fundação em* 1870.

Este illustre funccionario, para organisar a estatistica das subsistencias no paiz, teve de lutar com as maiores difficuldades, pela deficiencia das nossas estatisticas; mas ainda assim pode ultimar um trabalho tão valioso, como não ha egual nas nações estrangeiras sobre identico assumpto.

Teremos de nos utilisar por differentes vezes do *Relatorio* do sr. Moraes Soares, com um exemplar do qual fomos por s. ex.ª obsequiados; mas daremos já hoje a estatistica dos ovos.

Em Lisboa consomem-se annualmente, segundo a estatistica da alfandega municipal, 11.864:640 ovos, com o peso de 735:607 kilogrammas, e o valor de 79:776$000 rs., do que se deduz a seguinte quota por habitante:

Em numero de ovos......72.45.
Em peso, kilogrammas.... 4,49.
Em valor, reis.........487.15.

Póde sem receio de grande erro, tornar-se extensiva esta quota a todo o paiz, com o fundamento de que o consumo de ovos não é menor fóra do que dentro de Lisboa.

Nesta razoavel supposto o consumo annual em todo o continente do reino será:

Em numero de ovos...277.294:550.
Em peso, kilogrammas. 17.184:990.
Em valor, reis....1.864:315$012.

Bussaco.—O sr. conselheiro Rodrigo de Moraes Soares já está no Bussaco, onde costuma demorar-se dois mezes. A residencia deste cavalheiro é sempre origem de algum melhoramento para este bello predio florestal.

Collegio academico.— Este acreditado estabelecimento litterario da rua do Norte, dirigido pelo sr. Antonio Zeferino Candido da Piedade, bacharel formado em Mathematica e Philosophia, mudou para a rua dos Coutinhos.

Mercado de Coimbra no dia 12.—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 480 — Dito branco 460 — Dito Celorico meudo 580—Dito graudo 500—Milho branco 300 a 310 —Dito amarello 290 a 300—Feijão vermelho 480 a 500— Dito branco da marinha 460—Dito da terra 440—Dito rajado 360—Dito frade 350 — Centeio 450—Cevada 280— Favas 310 — Tremoços 220—Chicharos 240— Batatas 240 — Azeite 1$250—Vinho da Beira 1$200 — Dito da Bairrada 1$300.

Azeite.—Nestes ultimos dias tem subido o preço do azeite. Estava a 1$160 rs., e passou para 1$250 rs.

Attribue-se a elevação do preço á procura que o azeite tem tido para embarque, e ao mau aspecto que tem tomado as oliveiras.

Excellente artista de pianos.—O sr. Julio Meissonnier esteve nesta cidade a concertar pianos. Alem de outros, concertou o piano e orgão do collegio de Nossa Senhora da Conceição, desta cidade, ficando ambos os instrumentos habilmente afinados.

O sr. Meissonnier partiu na quarta feira para a Figueira da Foz, e alli se demorará por algum tempo, voltando a Coimbra, onde tem muito que fazer na sua arte, que exerce com toda a aptidão, porque foi educado nas respectivas fabricas de Paris.

Fallecimento.—Falleceu em Lisboa o sr. Manoel Maria da Silva Bruschy, distincto advogado, e ornamento do partido legitimista.

Quando frequentou os estudos na Faculdade de Direito da Universidade, recebeu sempre os premios a que tinha incontestavel direito pelo seu elevado talento.

Grande malvadez—O nosso amigo o sr. Antonio Franco Dias Correia, nos escreve da S. Martinho da Cortiça, concelho de Arganil, narrando-nos o attentado que alguns malvados acabam de praticar, e em que ia perdendo o seu predio, e podiam ser victimas a sua unica filha e outras pessoas. O facto é gravissimo, e merece que os seus auctores recebam um castigo exemplar.

Se os criminosos ficarem impunes, o que não é de esperar do zelo das respectivas auctoridades, veremos eguaes attentados repetidos nesta provincia.

Chamamos, por isso, toda a attenção dos poderes publicos para a seguinte carta:

«Sr. Martins de Carvalho.—Não é só em Paris e Lisboa que ha communa e internacionalistas; em S. Martinho da Cortiça, aldeia pertencente ao concelho d'Arganil, tambem os ha! Na noite de sabbado para domingo ultimo, quando estava para a feira d'Arganil, pozeram fogo a um monte de lenha que d'antemão aproximaram ás porteiras do meu pateo, que devorou as ditas porteiras, um carro, a maior parte da abegoaria e apparelhos dos meus bois, algumas conceiras de pau de castanho e pinho, e teria reduzido a um montão de cinzas o resto de meu predio, minha unica filha, dois infelizes menores, criados e animaes, se não fosse o dedo da Providencia que velou pelas minhas cousas, e fez apparecer alli algumas pessoas que iam para a feira, as quaes chamaram a pouca gente que havia na povoação, e todos á porfia atalharam o maior perigo!

«Este plano d'incendio, sr. Martins, tinha-se ensaiado ha perto d'um anno, e teve os mesmos promenores que se deram no assassinato, e roubo do padre Portugal em Varzea de Candosa.

Permitta Deus, que o exemplo de moralidade e justiça que appareceu na comarca de Taboa por aquella occasião, devido á pericia e tino juridico dos exm.os juiz Leão e delegado Montenegro, se repita agora nesta comarca, e que tenhamos de louvar o zelo e assertadas medidas das auctoridades, para o descobrimento do *mandante* e *mandatorio*.

E v. que está no costume de fustigar os criminosos e malfeitores, por certo que não deixará de levantar um brado de indignação contra esses monstros, que ha muito tempo deviam ter povoado os inhospitos areaes africanos.

Com respeito e consideração me assigno de v. am.º att.º venerador e cr.º—S. Martinho da Cortiça, 8 de Setembro de 1873—*Antonio Franco Dias Correia*.»

Legados importantes.— Como é sabido o duque de Brunswick ha pouco fallecido, legou a sua principal fortuna, avaliada em mais de 16 mil contos de reis, á cidade de Genebra. A municipalidade vai empregar esta riqueza em grandes melhoramentos, fundando uma Universidade, um museu, uma bibliotheca nacional, um grande theatro e outros edificios importantes. A cidade de Edimburgo tambem recebeu ha pouco um legado de 50 milhões de *reales*, com destino a proteger o ensino do povo.

Em Portugal já tivemos o grandioso exemplo do conde de Ferreira, e agora em Lisboa vai ter execução o testamento do visconde de Loures, que legou aos asylos da capital mais de 40 contos de reis em inscripções.

Livros raros.—Muitas vezes não se acha facil explicação ao desapparecimento quasi total de livros impressos neste reino no seculo XVI. Indica-nos, porem, o motivo do desapparecimento de tres delles, o sabio D. Fr. Manoel do Cenaculo, nos seus *Cuidados litterarios*, a paginas 283. Fallando das nossas missões no reino do Congo, diz o erudito bispo de Beja:

«Pela *Biblia* fazia o rei do Congo e com elle os seus vassallos o estudo da religião. Era a *Vida de Christo* o outro exemplar de sua instrucção; nem parece de recusar a lembrança que o desapparecimento deste reino, quasi absoluto, da *Vida de Christo*, escripta por Ludolfo de Saxonia, e mandada traduzir pela rainha D. Leonor, mulher de el-rei D. João II, haja nascido do transporte della para o estabelecimento da religião nas conquistas, e do mesmo modo se fizessem invisiveis os *Cathecismos Maior* e o *Pequeno* do bispo D. Diogo Ortiz, sendo este segundo impresso em Lisboa em 1502.»

Velocidade—Um homem, caminhando noite e dia, na razão de 100 passos por minuto, ou 4 kilometros por hora, pode fazer uma viagem á toda do globo em um anno e 63 dias. Um comboio do caminho de ferro pode fazer o mesmo trajecto em 36 dias. Um som, se podesse propagar-se indefinidamente, em 32 horas e meia. Uma bala de artilharia, se fosse possivel conservar a velocidade inicial, em 22 horas. A electricidade e a luz percorrem esta distancia em um segundo.

Abyssinia—As mulheres na Abyssinia, antes de casar, sujeitam-se a uma longa e incommoda operação, para tingir a pelle com côr de café. Para este fim cobrem-se com um cobertor de lã, ficando apenas a cabeça descoberta, e recebem durante tres mezes, dia e noite, fumigações de plantas aromaticas. Durante este tempo o fumo abundante de contínuo produz o effeito desejado, tingindo a pelle e depositando sobre ella uma espessa camada de materia colorante. Depois desta transformação, a noiva fica habilitada para o novo estado conjugal.

Relogio na China—Os camponezes da China examinam o olho do gato, e por esta simples observação calculam a hora do dia. Como é sabido, a pupilla das raças felinas contrae-se na presença da luz, e dilata-se nas trevas. Desde a aurora até o crepusculo da tarde esta contracção opera-se com tanta regularidade, que se presta a servir de relogio. De manhã, a pupilla é oval; até ao meio dia vae-se contrahindo successivamente, convertendo-se a final em uma simples fenda; e de tarde até á noitinha vae recuperando novamente a forma oval.

Hortas de Londres—Uma grande parte dos legumes, hortaliças e fructos, que se consomem nos mercados de Londres, cultivam-se nos arrabaldes desta capital. Mais de 5:000 hectares de terrenos são destinados á cultura das hortas e pomares.

São admiraveis os trabalhos agricolas dos arredores de Londres. Ha hortas que produzem 5 e 6 colheitas por anno. Não se encontra nestes terrenos uma unica planta ruim. Os vegetaes cultivados com tanto esmero, são observados com lentes, para descobrir os parasitas microscopicos, e destruil-os promptamente. Os insectos e vermes, que infestam a terra e as plantas, são caçados e destruidos completamente por sapos que os hortelãos inglezes pagam por bom dinheiro. Tambem se consentem para o mesmo fim as gallinhas, munidas de uma especie de calçado para não esgaravatarem na terra.

Calcula-se em mais de 40:000 mil pessoas o numero de cultivadores que se empregam na horticultura nos arrebaldes de Londres. As linhas de caminhos de ferro, que de toda a parte affluem a esta grande cidade, trazem todos os annos mais de 100:000 toneladas de legumes e fructos.

Arvore preciosa—Na grande cordilheira de montanhas Atlas na Africa, existem mais de 200:000 hectares de terrenos povoados de magnificas florestas de *Thuyas*. Esta conifera já era conhecida pelos romanos, e empregada em obras de marcenaria, e exclusivamente em objectos de luxo, que se pagavam por preços fabulosos.

Affirma Plinio, que Cicero deu por uma mesa construida com a madeira desta arvore a quantia de um milhão de *sestercios*, que corresponde a 250:000 francos. A familia de Categus possuia uma, que tinha custado um milhão e 400 mil *sestercios*, ou 350:000 francos.

Fabrico de relogios. — A Suissa produz annualmente mais de 200:000 relogios, que não valem menos de 18 mil contos de reis. Outra industria importante é o fabrico das caixas de musica, que andam por 100:000 por anno.

Asserção provada. — O sr. José Maria Rosa de Carvalho communica-nos o seguinte:

«Demos ha tempo publicidade neste jornal o *Conimbricense*, a um facto extraordinario, que consiste em ter chegado vivo a Lisboa, um de dois peixes encarnados, que dentro de uma caixa, enviámos na mala-posta para o museu nacional. Consta-nos agora, que muitas pessoas negam a veracidade do facto, por supporem impossivel o viver um peixe muito tempo fóra d'agua.

Para prova do que escrevemos, publicamos em seguida um trecho de uma carta, que o nosso amigo o sr. Dr. Bocage então nos enviou, accusando a recepção dos taes peixes. E' de notar que as remessas mandadas por mim, não eram entregues logo que chegavam a Lisboa; mas sim retidas no estabelecimento da mala-posta; ou no correio onde as mandavam procurar. O trecho da carta é o seguinte:

«Antes da lontra recebi os dois peixes encarnados, e (coisa extraordinaria!) um d'elles chegou vivo e está vivissimo. Este facto prova bem qual o motivo porque morrem os peixes fóra d'agua: pela evaporação seccam-se as gueiras, e porisso o animal morre asphixiado.

«O seu peixe chegou vivo, apesar de estar dias e dias fóra d'agua, porque foi naturalmente mettido logo na caixa onde veiu, e por conseguinte viveu todo esse tempo n'uma atmosphera humida, e humidas se conservaram as gueiras. — Lisboa, 9 de Janeiro de 1863.»

Cuco indicador.— O sr. D. José de Lacerda, no seu excellente livro *Exame das viagens do Dr. Livingstone*, dá noticia do *cuco indicador*, preciosa ave, que parece ter sido posta pelo dedo da Providencia nas regiões africanas, para vir em soccorro e refrigerio do viajante, extenuado pelos ardores daquelle clima abrasador, ou pelas fadigas de trabalhosas jornadas.

Cita o que diz a respeito desta ave o Dr. Livingstone; mas em seguida da mais amplas noticias, transcrevendo o que dizem o padre Jeronymo Lobo na *Relação Historica d'Abyssinia*, o padre João dos Santos na *Ethiopia Oriental*, e modernamente o major Gamitto no *Muata-Cazembe*.

Transcrevemos aqui a curiosa narração do major Gamitto:

«Hoje vimos o *cuco indicador*, a que os cafres chamam *issai*; é do tamanho de um pardal, côr verde-claro, e as pennas da cauda raiadas de branco. Logo que percebe gente começa a piar com impaciencia, e parece dizer *chire-chire*; de forma que quem não tem pratica do sertão, nota á primeira vista, este costume fóra do commum das mais aves, porque se aproxima muito dos caminhantes, e parece mesmo chamal-os.

«Quem tem pratica responde-lhe assobiando; e o vae seguindo, e elle vae voando e pousando de arvore em arvore; se, porem, perde de vista o homem que o segue, volta logo a procural-o, até que o conduz á arvore ou logar onde estão as abelhas, e para mostrar-lhas, chega á abertura ou logar da entrada do enxame, e com muita bulha e impeto arremessa-se a elle, até que o homem se approxima. Então retira-se, indo pousar em logar donde observe, agitando sempre as azas, e fazendo muita bulha, até que feito o saque, vae aproveitar-se dos despojos que ficaram.

«Se o viajante não faz caso delle quando apparece, e vae seguindo um caminho opposto, ou que por ser muito longe deixa de continuar a ir atrás delle, parece mostrar então a impaciencia, pela força com que dobra os pios, e chega a tocar na pessoa que o abandona, não poupando diligencia para o excitar a aproveitar-se do thesouro que tem descoberto, mas de que não se póde utilisar sem auxilio.

«Todavia é preciso ter muita pratica e prudencia para seguir o *issai*, porque, mostrando ordinariamente os enxames de que tira proveito, comtudo guia da mesma forma ao logar onde se acha um leão, tigre, elephante, bufalo, etc. E' somente a pratica que ensina a conhecer, quando o *cuco* se vae approximando ao objecto que indica, se elle conduz a logar em que está um enxame de abelhas, ou a sitio em que existe algum animal feroz.

«O methodo seguido pelos cafres para tirarem o mel dos enxames das arvores é o seguinte: alargam o buraco que serve de passagem ás abelhas, com a machada, se é pequeno; depois com paveias de palha accesa lançam fogo ás abelhas, e quando estão já os favos desembaraçados dellas, que ficam queimadas no chão, vão comendo os favos com a mão, e por esta forma, tanto a cavidade da arvore como o solo ficam alastrados de abelhas, e bocados de favos, de que a ave se aproveita.»

Primeira communhão de meninos—Do Carregal nos communica um nosso amigo o seguinte:

«Meu caro redactor—Carregal, 9 de Setembro de 1873.—É hoje geralmente sentido, que só a egreja poderá salvar a sociedade dessa onda revolucionaria, que ameaça submergir o mundo inteiro. Ninguem de boa fé contestará á egreja sua poderosa influencia na formação das sociedades modernas.

É por meio de suas edificantes festas e constante predica dos sãos principios de moral e justiça, que ella adoçou os costumes dos povos, habilitando-os a receberem os eternos principios da verdadeira liberdade. Só os apostolos do erro se atrevem a negar tão palpaveis verdades; não cessam elles de fazer ver aos povos, que o catholicismo é o seu inimigo irreconciliavel, que elle tende a escravisal-os, como antagonista ferrenho de todos os direitos do homem e de toda a verdadeira liberdade.

Confrontemos de passagem os salutares principios do catholicismo, com essas deleterias maximas desses propagandistas da mentira. Encontraremos de um lado a egreja aconselhando a todos os seus membros submissão ás leis emanadas do governo constituido; recommendando-lhes incessantemente o sublime preceito da caridade, lembrando-lhes, que se amem, e auxiliem mutuamente, que todos são eguaes perante a lei; affrontando o orgulho do homem, mostrando-lhe que ha só um tronco commum a toda a humanidade.

De outro lado vemos uma phalange de materialistas, inculcando-se os unicos salvadores dos povos, segregando-os de toda a idéia religiosa; e como corolario de seus nefandos principios, temos o suicidio em larga escala, a fraude, o roubo, em fim o incendio; immensa nodoa do seculo XIX.

Vemos alfim raiar uma aurora de bonança para a egreja; o movimento catholico sente-se em todo o mundo; nos Estados-Unidos succedem-se as conversões; a França, terra classica da impiedade, trabalha afanosa para basear o edificio social nos principios indestructiveis do catholicismo. No nosso paiz tambem acordou o espirito catholico; nunca as festas religiosas se fizeram tão esplendidas, as aldeias mais insignificantes querem rivalisar com as cidades mais opulentas: e vemos com verdadeiro jubilo, que a imprensa séria de todas as cores politicas se veiu alistar nas cerradas hostes dos filhos da Cruz.

Tambem esta freguezia presenciou no dia 31 do passado Agosto uma dessas funcções, que pelo seu esplendor e decencia fazem o orgulho do christianismo. Foi nesse dia que teve logar na parochial egreja desta freguezia, pela primeira vez a solemne communhão dos meninos, devida á iniciativa do nosso dignissimo parocho o sr. José Bernardo dos Santos.

Eram 60 os meninos de ambos os sexos, que pela primeira vez recebiam o pão dos anjos; tendo sido devidamente cathequisados pelo reverendo parocho e pelos reverendos srs. padre Simões e Alexandre Soares

Seriam 8 horas da manhã, quando se deu principio á funcção; o concurso do povo era immenso, todas as classes da sociedade alli se achavam representadas. As creanças vinham vestidas com esmero, alliando a simplicidade á elegancia; trajavam as meninas veu e vestido branco e os meninos opas da mesma côr.

Ao entrarem na egreja uma commoção geral se apossou de todos; digâmos com o immortal Chateaubriand, tudo alli era sublime e grande: o som festival dos sinos, as harmonias da musica, a antiga alleluia de Abrahão e Jacob, que resoava nas naves da egreja, dava a todo este acto um aspecto imponente.

Ao chegarem os meninos ao altar mór, fez-lhes o reverendo parocho uma breve e sentida allocução allusiva ao acto, aconselhando-lhes pedissem perdão a seus paes, e dessem o abraço fraternal. Esta scena pathetica tocou o sublime, as lagrimas rebentaram espontaneas de todos os olhos, a commoção foi geral.

Em seguida á communhão foi a missa so-

---

designassem as pessoas de que podia valer-se para formar o novo gabinete; e os dois ministros que se achavam ao seu lado nomearam a D. José Maria Calatrava, Gil de la Cuadra, D. Domingos Torres, Ferrraz e Ulloa; a Seoane para capitão general de Madrid, e a Rodil para inspector de milicias. A todos acceitou a rainha, menos a Torres. Nomeou em seu logar a Ferrer; e de accordo com os demais, ordenou a Mendez Vigo passasse a Madrid, para a execução de todas estas disposições, prevenindo-o que descesse antes á praça, para satisfazer aos sublevados, que impediam sair toda a classe de pessoas e detinham os que chegavam.

Acompanhado de D. João Villalonga, commandante do 4.º de guardas, e de outros dois officiaes, rodeou-se dos grupos de soldados, aos quaes manifestou os desejos da rainha, e elles se mostraram satisfeitos, victoriando-o. Correu Vigo a dar conta á rainha do bom exito da sua commissão, e se dispoz para a que o levava a Madrid; mas quando ia effectual-a, lho impediu a tropa, aos gritos de *não se ausente o general*. Os insurreccionados lhe manifestaram então, que tendo apresentado á rainha uma petição, queriam que se publicassem os decretos, que se não fiavam de ninguem, e que não queriam se fizesse um pastel.

A petição era a seguinte:

«Supplicas que fazem os batalhões existentes neste sitio a sua magestade a rainha governadora:

1.ª Demissão dos seus empregos, aos srs. conde de S. Roman e marquez de Moncayo.

2.ª Real decreto para que se devolvam as armas aos nacionaes de Madrid, ou ao menos as duas terças partes dos desarmados.

3.ª Decreto circular ás provincias e exercitos para que as auctoridades principaes de umas e outras jurem e instalem a constituição do anno 12, conforme a jurou sua magestade a rainha na manhã do dia 13.

4.ª Nomeação de novo ministerio, á excepção dos srs. Mendez Vigo e Barrio Ayuso, por não merecerem a confiança da nação os que deixam de nomear-se.

5.ª Sua magestade disporá que em toda esta tarde, até ás 12 da noite, se expessam os decretos e ordens que acima se solicitam. A bondade de sua magestade, que tantas provas tem dado aos hespanhoes em proporcionar-lhes a felicidade que lhes usurpou o despotismo, olhará com efficacia que os seus subditos dêem o mais prompto cumprimento a quanto acima se menciona; e verificado que seja quanto se deixa indicado, terá a gloria esta guarnição de acompanhar a suas magestades até Madrid.

Santo Ildefonso, 11 de Agosto de 1836—*A guarnição*.»

Mendez Vigo, indignado, fez inutilmente os maiores esforços para convencer aos sublevados o deixassem marchar e confiassem no promettido, sem mais exigencias. Voltou ao palacio; encontrou nelle a commissão de sargentos que levavam as mencionadas supplicas; tomou-as o ministro: apresentou-as á rainha, a quem informou ao mesmo tempo do que acabava de succeder-lhe. Concordou-se em se lavrarem os decretos que se pediam, e a mesma governadora, para abreviar o curto prazo que davam á execução, dispoz se facilitassem mesas, papel e até mesmo a sua propria escrivaninha, e reunindo-se todos os officiaes e escreventes do ministerio, que estavam no palacio, se poude, em cinco horas de arduo trabalho, apresentar os decretos á assignatura da rainha.

Chamou-se para presencear tudo uma commissão dos insurreccionados, mais numerosa desta vez, pois se uniu Garcia, um cabo e um musico. Manifestou-lhes Mendez Vigo, que se tinham esquecido de pedir o levantamento de estado de sitio, e leu os decretos das demissões e nomeações.

Sendo interceptada naquella tarde a correspondencia que conduzia um correio de gabinete inglez, nella foi achada uma carta de Isturiz a Mendez Vigo, perguntando-lhe o que havia adeantado em suffocar aquella revolução; e foi-lhe apresentada essa carta pela commissão. Desculpou-se Mendez Vigo, e o musico fez em pedaços a carta para cortar a polemica.

Disse-lhes a rainha que não tivessem cuidado, e que ella iria a Madrid, deixando as suas filhas. Manifestaram-lhe que não permittiriam que fizesse o menor sacrificio. Mediaram mutuas explicações em familiar conversação, e sairam do palacio, contentes todos, marchando ás duas e meia para Madrid o ministro com um capitão de nacionaes, um guarda de corpo, um musico e Gomez, e ás seis horas se apeava no regio alcaçar aquella commissão, que punha o sêlo aos desejos dos pronunciados, e que por se compor de tão heterogeneas pessoas, excitou a curiosidade publica.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

lemne, que na parte musical muito bem desempenhada foi pela philarmonica Cabanense; o discurso do sr. abbade de Fataunços tambem agradou.

Terminou a festividade deste grande dia por uma vistosa procissão, que percorreu todas as ruas da freguezia.

Daqui damos os nossos parabens ao reverendo parocho por ver coroados felizmente os seus esforços e sacrificios.—*Um parochiano.*»

Monumento—Diz o *Diario de Noticias*, que na sessão do dia 6 da commissão central 1.º de Dezembro de 1640, sob proposta do sr. visconde de Sanches de Baena, foram eleitos por acclamação os seguintes cavalheiros, que efficazmente com elle cooperam para se realisar a subscripção patriotica destinada ao monumento dos restauradores de 1640. *Para socios honorarios:* marquez de Bomfim, conde da Estrella, commendador Antonio Augusto Teixeira, Antonio José Alves Coelho, Luiz Antonio Salgado Junior, Miguel Pinto da Costa Aguiar, José Maria Salgado, Francisco Luiz Salgado e Dr. José Rodrigues de Mattos. —*Socios correspondentes:* Antonio Augusto Coelho e Sousa, José Ferreira de Mattos, Vicente Alves do Soccorro, Dr. Joaquim Ribeiro de Aguiar e Bernardo Ribeiro da Cunha.

Noticias de Hespanha.—Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

«Na madrugada de 8 soubera-se em Madrid que o governador Hidalgo saira da capital, indo postar-se nos suburbios; com uma força grande da guarda civil. O governo adoptou logo as necessarias providencias; e o general Socias, acompanhado do brigadeiro Carmona, dirigiu-se á Porta de Segovia, onde encontrou um piquete avançado da guarda civil, e mais alem viu o resto da força em columna cerrada, dando a frente a Madrid.

Interrogado o commandante do piquete, balbuciou uma desculpa, dizendo que o sr. Hidalgo dera aquella ordem por saber que se preparavam guerrilhas carlistas nas visinhanças da capital. O general Socias dirigiu-se em seguida á columna, e conseguiu que regressasse aos quarteis sem a mais pequena resistencia.

A guarda civil reunida pelo sr. Hidalgo compunha-se de 1:100 homens de infanteria e 200 de cavallaria. O governo deu ordem para que fosse preso em sua casa o sr. Hidalgo.

Em Madrid inteira se commentava este caso. Ninguem suspeitava que houvesse guerrilhas proximo da capital, mas tambem não se sabia a rasão do procedimento do governador.

Madrid, 10, ás 5 h. e 48 m. da tarde.—Nas côrtes Salmeron, tomando posse da presidencia, pronunciou um discurso convidando a assembleia a apoiar o governo de Castellar para salvar a liberdade democratica e a patria. As côrtes tomaram em consideração a proposta de Moraita, admittindo em pagamento ²/₃ do emprestimo dos coupons emittidos nos semestres anteriores. Esta proposta destroe o effeito da proposta de Benitez, que arguia Carvajal, ministro da fazenda do anterior gabinete, de haver concorrido para o estado actual das finanças.

Madrid, 11, ás 5 h. e 15 m. da tarde.—O trem expresso do norte que vinha para Madrid descarrilou por causa d'um desabamento. Houve 6 mortos e 32 feridos. As cortes approvaram o artigo 1.º de auctorisações e discutem o 2.º

ANNUNCIOS

1 O PADRE JOÃO DO AMARAL LEITÃO continua a leccionar Latim e Francez, na rua dos Grillos, n.º 20.

2 QUEM QUIZER arrendar as casas e casal no sitio da Cumeada, que foram do padre Antonio dos Santos Caria, falle com Antonio José Alves Borges, negociante na rua do Visconde da Luz: tambem se arrenda a casa em separado, que tem commodos excellentes para uma boa familia.

CONCURSO

3 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Celorico da Beira, faz publico, que se acha aberto concurso por espaço de 30 dias, a contar da data da publicação do presente annuncio no *Diario*, para o provimento do partido de cirurgia desta villa, com o ordenado de 500$000 reis annuaes, e pulso captivo.

Os pretendentes, alem dos de mais documentos, deverão apresentar as suas cartas passadas pelas escholas medico-cirurgica de Lisboa, Porto ou Coimbra.

Celorico da Beira, 9 de Setembro de 1873.

O presidente da camara.
Antonio Rodrigues d'Almeida Ribeiro.

ARRENDAMENTO

4 NO DIA 28 do corrente mez, ao meio dia, perante a mesa do governo da Misericordia desta cidade, arrendam-se, a quem mais der, o antigo collegio dos orphãos, sito na rua dos Coutinhos, uma loja ao Arco d'Almedina, um casal ao Almegue, uma quinta na Torre de Bera, uma insua chamada a Larancha, no campo de Lavarrabos, oito aguilhadas de terra no campo do Ameal, e outras propriedades pertencentes a esta Santa Casa, que ainda não foram desamortisadas.

Secretaria da Misericordia de Coimbra, 12 de Setembro de 1873.

O cartorario—*Acacio Hyppolito Gomes da Fonseca.*

5 NA RUA DA ESPERANÇA, n.º 26, se diz quem recebe tres estudantes por preços convidativos, dando cama, mesa, roupa engommada e facultando tambem mobilia a quem não a possuir. Na mesma casa se dá comida para fóra.

Educação feminina

6 RUA DAS SOLAS, 5, 2.º andar, se diz quem recebe meninas, internas, semi-internas, e externas.

7 O TABELLIÃO M.J. de Sousa, na sua casa na rua da Calçada, arrenda o seu terreno chamado Ladeira da Forca, Fóra de Portas, e as suas casas sitas na rua da Esperança e Couraça dos Apostolos, que tem bons commodos e as melhores vistas da cidade e campo.

DOCTOR IN ABSENTIA

8 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a *Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra)*, o qual lhes dará gratuitamente todas e quaesquer informações sobre a Universidade.

9 ANTONIO BELLO DA SILVA BRAZÃO continua a leccionar instrucção primaria, portuguez, francez e desenhos, na rua da Trindade, n.º 17, admittindo alguns estudantes em sua casa por preços commodos.

10 ARRENDAM-SE as vastas casas do Dr. Gama na rua do Correio. Quem as pretender falle com o Dr. Casal.

11 DECLARO que deixei de ser procurador do padre Damaso Antonio d'Oliveira Leitão—Coimbra 6 de Setembro de 1873.—*Antonio dos Santos Ferreira.*

12 NO DIA 18 do corrente, pelas 12 horas da manhã, se dará de arrematação a quem pelo menor preço o fizer, a construcção da estrada municipal de 2.ª classe de Souzellas aos Fornos, e o fornecimento de algumas gaiolas para resguardo das arvores plantadas na cidade.

As condições e modelos estarão patentes n'esse dia na secretaria da camara, desde as 9 horas da manhã.

Coimbra, secretaria da municipalidade, 13 de Setembro de 1873.

O escrivão da camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

13 A COMMISSÃO PROMOTORA de um hospital de caridade, na villa de Arganil, agradece por este meio a todas as senhoras e cavalheiros, tanto deste concelho de Arganil, como de fóra d'elle, que se dignaram acceder ao seu convite, enviando-lhe prendas para o bazar que ha pouco teve logar nesta villa a favor do mesmo, e bem assim a todas as pessoas que lhe prestaram importantes serviços: e faz publico que com o rendimento do bazar, na importancia de 92$150 reis, e com alguns donativos já promettidos e outros que esperam de pessoas caridosas, vae dar principio ao estabelecimento do hospital em casa já escolhida para esse fim, do qual, em mui breve, annunciará a inauguração.

Arganil, 9 de Setembro de 1873.

A commissão:
Dr. Luiz Caetano Lobo
José da Costa Vasconcellos Delgado
Antonino de Campos
José Augusto de Carvalho
José Lourenço Nogueira.

14 PARTICIPA-SE a todos os visitantes de Luso e Bussaco, que tendo fallecido José Gomes Serra, digno proprietario do acreditado *hotel Serra*, em Luso, que o mesmo hotel continua a funccionar debaixo da direcção dos sobrinhos do mesmo Serra, e que ha muito faziam parte do seu pessoal, e farão por conservar o bom nome de seu fallecido thio, fazendo os mesmos preços e tratamento não inferior ao que sempre tem sido.

Manoel Gomes Serra.

COLLEGIO ACADEMICO

15 NESTE COLLEGIO, que se vae mudar da rua do Norte para a dos Coutinhos, n.º 22, onde esteve o de S. Bento, abrem-se as aulas para alumnos internos, semi-internos e externos no dia 1 de Outubro proximo futuro. As matriculas e admissão de alumnos internos começam desde já e até áquelle dia, ainda na rua do Norte, n.º 18. Os professores são os seguintes:

Instrucção primaria—Antonio José Gonçalves da Cunha, professor do magisterio primario.

Portuguez—Cassiano Pereira Pinto das Neves, bacharel em Direito.

Francez—Padre João do Amaral Leitão, thesoureiro e secretario do collegio.

Desenho—Francisco Adelino Pacheco, professor particular.

Mathematica—Antonio Zeferino Candido, bacharel formado em Mathematica e Philosophia e director do collegio.

Latim (1.ª parte)—Padre José Ribeiro de Liz Teixeira, prefeito do collegio.

Latim—(curso completo)—*Inglez e Allemão*—Joaquim d'Almeida e Cunha, bacharel formado em Direito.

Geographia e Historia—Manoel Francisco de Medeiros Botelho—professor particular.

Introducção—Francisco Augusto Correa Barata, Dr. em Philosophia e lente da mesma faculdade.

Philosophia racional e moral e principios de Direito Natural—Manoel Emygdio Garcia, Dr. em Direito e lente da mesma faculdade.

Podem pedir-se verbalmente ou por escripto quaesquer esclarecimentos, que serão promptamente dados.

O director,
Antonio Zeferino Candido.

16 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha somente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha e um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchaqueca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os muscuos e consolidando as carnes.

Economias 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 reis; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto; rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rabir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho. —FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2728 — TERÇA FEIRA 16 DE SETEMBRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Impresa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$730
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Dois annos têem já decorrido depois que o actual ministerio entrou na gerencia dos negocios publicos; e durante este periodo uma completa transformação se operou em toda a ordem de interesses sociaes.

Ninguem, em boa consciencia, póde deixar de reconhecer os grandes serviços que a actual situação politica tem prestado e está prestando ao paiz.

A simples confrontação dos factos durante este espaço de tempo, com o estado a que havia chegado a administração publica e os negocios financeiros na occasião de o actual governo aceitar o poder, comprovam o que havemos dito.

Contrastam tão notavelmente os successos em favor dos cavalheiros que actualmente dirigem os destinos publicos, que a sua prova dispensa todas as demonstrações.

Em o numero passado mostrámos de relance o que era e o que está sendo a nossa situação economica e financial.

E em boa verdade, que ninguem hoje nega o muito que o gabinete tem feito para conseguir tão notavel prosperidade, embora os partidos da opposição se esforcem constantemente por atenuar o effeito prodigioso das medidas que o governo tem adoptado para conseguir tão favoraveis resultados.

E pode prognosticar-se, sem perigo de errar, um futuro ainda mais auspicioso, se, como é de esperar, a paz e a tranquillidade publica continuam a ser inabalavelmente mantidas.

Este estado, verdadeiramente feliz da nação portugueza, é ainda mais apreciado quando o comparamos com o da visinha Hespanha. Nem as nuvens tempestuosas que se agglomeram naquelles horisontes politicos, percursoras de imminentes tempestades, tem felizmente para nós, transposto os limites daquelle paiz; graças ao bom juizo com que o governo portuguez tem feito manter os direitos e as relações officiaes entre estes dois povos.

E, sem ter em conta todas estas verdades, que todos os dias ahi se estão enunciando e attestando com factos, os jornaes da opposição, visto que d'outro modo não podem conseguir levar o animo aos seus arraiaes, escrevem falsidades e propalam erros tão palmares, quando tractam de avaliar a actual situação economica do paiz, que mal podem tomar-se a sério similhantes asserções.

Nós, e comnosco todos os homens dotados de sinceras convicções, deploramos similhante systema de fazer politica.

Quem, pelo simples facto de ver fugir-lhe o poder, desacata os principios e os verdadeiros interesses do seu paiz, não pode ter direito á consideração publica.

O nosso collega do *Jornal de Lisboa* noticia pela seguinte forma o funeral da chorada esposa do nosso prezado amigo o sr. conselheiro José Dias Ferreira.

«Realisou-se hontem, pelas 3 e meia horas da tarde, o funeral da exm.ª sr.ª D. Amelia Dias Ferreira Pinto Basto, virtuosa esposa do nosso illustre amigo o sr. conselheiro José Dias Ferreira, roubada na flor dos annos ao extremoso amor de seu marido e filhos.

No prestito iam incorporadas 130 carruagens.

No cemiterio estiveram para cima de 300 pessoas, entre as quaes nos recordamos de ter visto, o sr. presidente do conselho de ministros, e todo o ministerio, marquez d'Avila e de Bolama, condes de Paraty e de Louzã, visconde d'Alves de Sa, e seus filhos, visconde de Moreira de Rey, barão de Sabrosa, arcebispo de Mytelene por si e pelo eminentissimo patriarcha, José de Mello Gouveia, Ricardo de Mello Gouveia, Joaquim Thomaz Lobo d'Avila, D. Miguel Pereira Coutinho, Antonio Ennes, Carlos Bento da Silva, Francisco de Oliveira Chamiço, Dr. Antonio José Teixeira, José de Menezes Toste, Eduardo Tavares, José Manoel da Cunha Menezes, Eusebio Simões, Augusto de Faria, Balthazar Radich, conselheiro Santos Monteiro, Marçal José Ribeiro e Torres Pereira, Jayme Larcher, Henrique O'neill, Couto Monteiro, Pintos Bastos, Francisco Coelho, Antonio Augusto Pereira de Miranda, João José Machado, Veiga Barreira, Pedro Franco, prior de Santa Engracia, Nogueira Soares, Thomaz de Carvalho, conselheiro Sá Vargas, Dr. Queiroz, Luiz da Cunha Menezes, D. Diogo de Sousa, Francisco Wanzeller, Mexia Salema, João, Palha, Fernando Palha, Eduardo Lessa, Cardoso Klerc, Paiva Pereira, Mouta e Vasconcellos, Francisco Ribeiro da Cunha, vereador Rosa Araujo, ministro da Hespanha, Gonçalves de Freitas, Freitas Branco, Carrilho, Patricio Alvares, Ribeiro da Silva, conselheiro Freitas Oliveira, seu pae e irmãos, Anselmo José Braamcamp, Dr. Francisco Dias Ferreira, barão de S. Jorge, Oliveira Velho, J. M. Pereira Rodrigues, e muitos outros parentes, amigos e correligionarios do sr. Dias Ferreira, cujos nomes não nos lembram neste momento.

Pegaram ás borlas do caixão os srs. marquez d'Avila e Bolama, ministros do reino, justiça e obras publicas, Francisco Wanzeller, visconde de Moreira de Rey, Frederico Ferreira Pinto e conselheiro Sá Vargas.

A numerosa concorrencia de pessoas que acompanhou á sua ultima morada o corpo da illustre finada, bem demonstra quanto as suas virtudes eram apreciadas, e quanto todos compartilhavam da dôr que dilacera o coração do nosso illustre amigo.»

Falleceu hontem nesta cidade, depois de prolongados e dolorosos soffrimentos de uma phthysica pulmonar, o sr. José Galvão Peixoto Lobato. A sua morte é por todos muito sentida.

Tendo sido nesta cidade empregado da repartição telegraphica, foi depois exercer o cargo de director do correio das Caldas. A sua doença, que cada vez se ia aggravando mais, o obrigou a abandonar...

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXCV

D. CARLOS

XLV

Entretanto que na Granja havia os successos referidos, transtornava-se a ordem em Madrid, para secundar o mesmo movimento, reprimido no dia 3.

Não estava, porem, tão decidida a guarnição, e pelo contrario, obediente ás auctoridades, se mostrou disposta a sustentar a tranquillidade. Trocaram-se alguns tiros, houve dolorosas perdas que lamentar, e se em alguns sitios obtiveram os sublevados vantagens, como a conseguida no antigo convento dos Basilios; n'outras fugiram ante a resistencia decidida da tropa, que lhes fazia um fogo mortifero, e obrava com mais harmonia que os insurreccionados.

Isto resolveu a submetter-se aos que tratavam de fazer-se fortes em S. Basilio; e foi alli o capitão general com uma companhia e uma peça; cercou o convento e se renderam os seus defensores, que teriam sido fuzilados naquella noute, a não oppor-se a isso Isturiz.

«Satisfeito o governo com este triumpho, julgava que influiria na revolução da Granja; porem esta tinha ido demasiado adeante, e ainda que no resto da Hespanha não tivesse havido tantas insurreições, e todas triumphantes, os decretos que se enviavam aos exercitos e ás provincias, transtornavam tudo e eram a morte de um governo que tinha sido julgado antes de ser conhecido.

Mendez Vigo chegou a Madrid ás 8 e meia; convocou para o palacio os seus companheiros de gabinete, e a Quesada, Calatrava, Gil de la Cuadra, Ulloa, Rodil e Seoane. O primeiro que se apresentou foi Isturiz, o qual recebeu uma carta autographa da rainha, para que désse cumprimento aos decretos expedidos, e prevenisse Gil de la Cuadra e Calatrava, para se apresentarem immediatamente no real sitio.

Vicente de Quesada tardava. Enviaram em sua procura a Villalonga, e voltou este, dizendo que o general lhe havia dito que ia marchar de Madrid, e desejava se lhe expedisse o seu quartel para Habana.

Volte de prompto, disse Mendez Vigo a Villalonga, e diga a Quesada da minha parte, que se não se determina a vir ao palacio, procure subtrair-se, occultando-se em casa de algum amigo.

Villalonga foi, mas já o não achou em casa.

A noticia da chegada e missão de Mendez Vigo voou por Madrid, e os animos, comprimidos até então, desataram-se. Numerosos grupos começaram a invadir e atroar os principaes sitios da capital. Alguns nacionaes apresentaram-se aos novos ministros, pedindo a prisão de Quesada e Isturiz; mas Calatrava negou essa pretensão com firmeza. Isturiz estava no entretanto na habitação immediata, por não lhe ter sido permittido retirar-se a sua casa, como queria, pelo que resignou o mando.

A Quesada, como já referimos, se preveniu do perigo que corria; e não foi só Mendez Vigo o que o avisou; o duque de Veraguas correu tambem a sua casa, e lhe disse:

—General, está vendido. Levante-se, e faça-me o obsequio de acompanhar-me a casa. Sua magestade jurou ante hontem a constituição.

Sereno aquelle valente militar, que já sabia arrostar os perigos, respondeu-lhe:

—Duque, isso não é certo, e tem-no enganado seguramente. Hontem á noute mesmo recebi carta em que se me dizia que me sustentasse, que alli—na Granja—tudo estava tranquillo e sem novidade.

—Não obstante, replicou o duque, quem está enganado é o general; venha comigo, e em minha casa verá o que me dizem.

Quesada presistiu em sua funesta negativa. Estava obcecado. Temia, alem disto, parecer debil, e este temor pueril o perdeu.

Dentro em pouco chega o recado de Mendez Vigo; vê a verdade, conhece então a sua posição, e exclama com amargura estas memoraveis palavras:—*Está visto; não pode qualquer ser homem de bem neste paiz ingrato.*

Mandou chamar em seguida a sua esposa, que voltava da egreja, segundo seu costume diario, e lhe disse abraçando-a:—*Salva-te e salva aos meus filhos, e não tenhas cuidado por mim.*

Chama logo a seu filho Genaro, e este, e D. Francisco Rodrigues, dispõem a sua fuga, e se dirigem para fora de Madrid.—Imprudente determinação!

Nem o ser observado pelos carabineiros da porta de Bilbau, que o detiveram, nem o considerar o facil que seria achar-se fora da povoação, o fez variar de proposito. Seguiu, por sua má estrella, e na Fuente Castellana entrou em uma casa que tinha arrendada o seu amigo D. Pedro Broca. D'aqui saiu este a sua casa a levar-lhe um cavallo, para afastar-

donar aquelle emprego e regressar a Coimbra.

Como presidente da associação dos artistas desta cidade, foi sempre muito zeloso pela boa administração da sociedade, merecendo que pelos seus relevantes serviços fosse mandado collocar o seu retrato na grande sala da associação.

E' já o segundo presidente da associação dos artistas que fallece. O primeiro foi o sr. bacharel Faustino Herculano Pereira Sarmento.

OS PORTUGUEZES, O SR. D. JOSÉ DE LACERDA E O DR. LIVINGSTONE

IV

(CONCLUSÃO)

O Dr. Livingstone diligenciou fazer acreditar, que os portuguezes nada tem trabalhado, nem na Africa occidental, nem na Africa oriental, a bem da humanidade, nem no proveito commum dos povos civilisados. Vae mais longe, pois que nos representa como descurando inteiramente a agricultura, a industria, as artes e as sciencias, e como que poderia até dizer-se a religião, a justiça e a honestidade, e só cuidadosos de fazer rapidamente grandes e avultados lucros, mediante quasi exclusivamente o abominoso trafico da escravatura.

A estas accusações acode o sr. D. José de Lacerda, em defeza do bom nome de Portugal. Depois de refutar o que diz o viajante inglez, acrescenta o illustre escriptor portuguez o seguinte:

«Não negarei eu por certo, absolutamente «fallando, que mais podesse ter feito, no de«curso dos tempos o governo de Portugal, em «proveito e maior vantagem dos povos africa«nos e da metropole; porem tambem não oc«cultarei que, tendo feito muito anteriormente «o dominio castelhano, talvez nenhuma ou«tra nação fizesse ao depois mais, ou melhor, «tendo-se em conta as repetidas e difficeis vi«cissitudes por que havemos passado. Só profun«da ignorancia das cousas das nossas posses«sões em uma e outra Africa pode affirmar «o contrario.

«Se de perto se averiguar, hade achar-se «necessariamente que nos são conhecidos to«dos os productos naturaes de maior valia, «que nos seus vastos e variados territorios en«cerram as differentes regiões em uma e ou«tra Africa; nem Livingstone, ou algum dos «derradeiros viajantes, com quanto destinan«do-se quasi exclusivamente a investigar as «riquezas d'aquelle opulento solo nos seus di«versos ramos, ha feito descobertas que, nes«te ponto, sejam para ter em maior conta do «que as dos portuguezes.»

Escrevia isto em 1867 o sr. D. José de Lacerda. Se fosse hoje, que valioso argumento não poderia acrescentar, com o *diploma de honra* (a maxima recompensa) concedido na exposição de Vienna d'Austria, ao ministerio da marinha de Portugal, pela magnifica collecção dos productos das nossas colonias!

Em quanto á accusação de fomentadores do trafico da escravatura, feita pelo Dr. Livingstone aos portuguezes; ninguem com menos justiça o podia fazer do que elle na qualidade de inglez.

O sr. marquez de Sá da Bandeira, na sua publicação feita em 1840 — *O trafico da escravatura e o bill de lord Palmerston*, diz: — «Portugal foi a *primeira potencia* que se li«gou com a Grã-Bretanha para promover a sup«pressão do trafico dos escravos negros. As «primeiras estipulações datam do anno de «1810.»

E é a uma nação que assim procede, que o Dr. Livingstone dirige as suas envenenadas accusações!

O viajante inglez, para fins bem conhecidos, traça um quadro burlesco e calumnioso das nossas possessões na Africa oriental. O sr. D. José de Lacerda, desaffrontou, porem, completamente a nação portugueza. A minuciosissima descripção que fez de todos os nossos estabelecimentos naquelle lado da Africa, é do mais incontestavel merecimento. Quando o seu livro nada mais contivesse, só por isso teria um elevado valor para todos os amigos das cousas portuguezas.

Depois de se acabar de ler a descripção feita pelo sr. D. José de Lacerda, e se confronta com o que havia dito o Dr. Livingstone, chega o missionario inglez a causar lastima, pelo ridiculo a que se expoz! A lição é severissima, mas bem merecida.

O Dr. Livingstone havia dado uma noticia muito deficiente ácerca das minas em as nossas possessões; e por isso aproveita a occasião o sr. D. José de Lacerda para publicar uma nota muito interessante, com a indicação das minas que ha na Africa oriental.

Por essa nota, que é official, se vê que no commando militar de Senna, ha muitas minas de *ouro, cobre e ferro*; no commando militar de Tete ha tambem muitas minas de *ouro e ferro*, e não menos valiosas jazidas de *carvão de pedra*; e egualmente ha muitas minas de *carvão de pedra* em Chidima, a poucas leguas do rio Zambeze.

Acerca das minas de *carvão de pedra* no districto de Tete se diz alli:

«As primeiras minas de *carvão* foram des«cobertas por um curioso em 1836, sendo go«vernador de Rios de Senna, Isidro Manoel «de Carrazedo, que mandou amostras á se«cretaria da marinha e ultramar. Sob o gover«no do general Marinho foram experimentadas «novas amostras a bordo do vapor inglez *Ne«mesis*, e combinadas com outro carvão, for«neceram optimo combustivel.

«O governo de Bombaim comprava carvão «de Tete a 24 rupias a tonelada (10$000 rs. «proximamente) mas a falta de vias de com«municação na Zambezia, fez com que não «progredisse a mineração, porque vinha muito «caro ao littoral.»

A esta indicação segue-se a analyse feita ao *carvão* das minas de Tete, em 1844, pelo sr. Julio Maximo de Oliveira Pimentel, então lente de chimica na escola polytechnica de Lisboa, e hoje visconde de Villa Maior e reitor da Universidade.

Todas as diligencias do Dr. Livingstone tendiam a facilitar que o governo inglez se apoderasse de parte, ou talvez de todas as nossas possessões na Africa oriental. A esse respeito diz o sr. D. José de Lacerda:

«O Dr. Livingstone infere, e sustenta que, pois que não exerce o governador geral de Moçambique jurisdicção effectiva sobre toda a cafraria existente ao longo da costa, é permittido a qualquer nação apoderar-se dos pontos onde essa jurisdicção, seja qual fôr o motivo, não estiver em exercicio de facto permanente e actual, invadir o territorio, e subjugar os habitantes, e tirar delles as vantagens com que possam concorrer para mais proveitoso trafego da nação invasora.

«A theoria do missionario inglez é sem duvida admiravel! Conforme á ella os tratados nada valem, os protocollos mais explicitos e solemnes são materia de riso e de jogo, a conveniencia é justiça, e a força direito. O Dr. Livingstone não quer saber das estipulações do tratado de 3 de Julho de 1842, nem do que foi accordado nos protocollos de 1844, e posteriormente, nem do direito alli consignado e reconhecido, nem da justiça manifesta que nos assiste, e ella o condemna; quer que seja só tido por valioso o que tem imaginado poder ser-lhe e aos seus de maior vantagem, e que, por conseguinte, a força consumma a usurpação. E carecerá de ser com seriedade refutada a doutrina de Livingstone? Tenho para mim, e não me engano, que basta ser conhecida, para ficar desde logo condignamente avaliada.

«O governo inglez, ao qual Livingstone se endereça, teve como é proprio da sua esclarecida providencia, e dos principios definidos de justiça e honestidade, unicos sobre que repousa firme a prosperidade dos estados, na devida conta as doutrinas inqualificaveis de Livingstone, e o seu zelo de sobejo suspeito por excessivo, ensurdecendo aos seus destoados clamores, e condemnando-os com o desprezo mais formal, pela pratica em contrario do que pretende e proclama o despeitado missionario.

«E ousa o Dr. Livingstone invocar o precedente do *Charles et George*! Lastimamos que um homem, como Livingstone, a tal ponto se esqueça do que deve a si mesmo; e Napoleão III, a quem por tal motivo tece encomios, de certo lhos rejeita com indignação merecida. Embora tarde, a razão consegue sempre ser ouvida; e, quando escutada, o homem que se apresenta a dar louvores pelo que foi por ella condemnado, longe de obter serviços, só alcança a reprovação que se deve a quem nos encarece os actos, que não quizeramos por nós, nem com a nossa annuencia praticados.»

Apezar do pouco espaço de que dispomos, não podemos deixar de transcrever mais as seguintes eloquentes e patrioticas palavras do sr. D. José de Lacerda:

«Em quanto por uma parte o Dr. Livingstone levanta a voz e brada em Londres e em Bombaim, e em todo o logar, aonde o levam seus intuitos aventurosos, que o trafico da escravatura, esse terrivel inimigo da transformação moral dos povos africanos, é ainda favorecido pelos portuguezes, e, não contente de o apregoar, o escreve dessassombradamente; pela outra, falseando a historia, e alterando os factos, esforça-se para amesquinhar a importancia das nossas possessões da Africa oriental, e dos meios de que dispomos, para nos fazermos respeitar e obedecer, e para darmos efficaz impulso ao movimento religioso, humanitario, commercial e civilisador, a cuja só acção é concedido realisar a regeneração social d'aquelles tão vastos territorios, e dos seus tão desamparados habitantes.

«Por este modo, enfraquecido, senão de todo o ponto abalado, o nosso credito como nação, pretendem, Livingstone e os de quem elle é arauto e cooperador, malquistar-nos com as populações entre as quaes temos exercido influxo e preponderancia, crear-nos toda a sorte de difficuldades no interior, e com os povos, cuja frequencia amiga, industriosa e commerciante muito deve concorrer para o progressivo melhorar da situação actual; e pretendem não menos, postas em pratica, a occultas ou com despejada ousadia, traças des-

---

se com maior celeridade, e nelle se dirigiu á horta do Quinto, immediata ao povo de Hortaleza.

No caminho encontrou-se com D. Lourenço Iborte, empregado em uma tenda da rua de Fuencarral, esquina da dos Infantes; este conheceu-o, e voltou a traz a dar parte á justiça de Hortaleza. E seja dito de passagem, que o premio que este individuo teve da sua vil delação, foi depois uma banda de official para o regimento de provinciaes!

O alcaide de Hortaleza enviou alguns nacionaes em busca do general; alcançaram-no, e conduziram-no preso, dando-lhe por carcere uma casa situada á direita do caminho, entrando de Madrid, e lhe pozeram uma guarda de carabineiros, e depois outra de nacionaes do povo.

Quesada mostrava-se digno, grande, em sua terrivel situação. Não fez um movimento que desmentisse a sua serenidade, nem pronunciaram os seus labios uma queixa.

O seu tragico fim aproximava-se. Uma turba de constitucionaes; não dizemos bem, de infames assassinos, corria ebria de furor e sedenta de sangue, a derramar o do vencido indefezo. Ao senti-os, levantou-se da cadeira e deitou a mão ao sitio em que costumava encontrar a espada, e com tão altivo porte, que a mesma sentinella confessou depois que teve medo. Vê, porem, que não pode vender cara a sua vida; volta a sentar-se, e assim espera os seus assassinos, que atropellando a guarda e impondo á sentinella com um par de pistolas que lhe pozeram ao peito, se precipitaram na casa, e assassinaram barbaramente aquelle que lhes dizia estava indefezo, e que havia sido o apoio da liberdade hespanhola!

Nada ouvia a canalha, e como se não fora bastante o seu crime, se satisfizeram em mutilar o cadaver, para fazer deshumana ostentação daquelles restos, sobre as mesas do Café Novo!

Assim acabou Vicente de Quesada, marquez de Moncayo, aquelle homem que, se defendera em tempo o absolutismo, fôra comtudo o primeiro que com as suas celebres exposições de 20 de Março de 1833 e 8 de Janeiro de 1834, fez frente ao poder, e se mostrou inimigo dos ministerios Cruz e Zea Bermudez, porque queria mais liberdade; e porque desejava a reunião das côrtes.

E por incidente diremos aqui, que quasi todas as principaes revoluções que neste seculo tem havido em Portugal, foram precedidas por identicas revoluções em Hespanha.

No dia 18 de Junho de 1808 ha no Porto a revolução contra os francezes, pertencentes ao exercito de Junot; a que se segue a revolução em Traz os Montes e em todo o reino. — No dia 2 de Maio do mesmo anno, tinha havido em Madrid a revolução contra os francezes, pertencentes ao exercito de Murat, a que se seguiu a insurreição em toda a Hespanha.

O general Gomes Freire de Andrade, descontente da marcha que o governo portuguez seguia, depois da expulsão dos francezes, conspira para estabelecer uma nova forma de governo; mas sendo descoberta a conspiração, é preso e enforcado com outros companheiros de infortunio, no dia 18 de Outubro de 1817. — No dia 3 de Outubro de 1815, tinha sido enforcado na Corunha o general hespanhol João Diez Porlier, o *Marquesito*, que se havia revoltado contra o governo absoluto de Fernando VII.

No dia 24 de Agosto de 1820 ha no Porto a revolução liberal, a que se segue no dia 15 de Setembro a revolução em Lisboa; e no dia 11 de Novembro immediato, em resultado de um movimento militar, se decide que a constituição que as côrtes fizessem fosse tanto, ou ainda mais liberal, que a constituição hespanhola de Cadiz de 1812. — No dia 1 de Janeiro do mesmo anno de 1820, o exercito hespanhol, que estava para embarcar para a America, em reforço ao general Morillo, revolta-se nas Cabeças de S. João, e proclama a constituição de Cadiz de 1812.

No dia 23 de Fevereiro de 1823, o conde de Amarante, Manoel da Silveira Pinto da Fonseca, proclama em Villa Real o rei absoluto, e no dia 27 de Maio faz egual proclamação o infante D. Miguel em Villa Franca de Xira. — No dia 15 de Agosto de 1822, havia a celebre regencia de Urgel proclamado o governo absoluto em Hespanha, a que se seguiu a entrada naquelle paiz do famoso guerrilheiro o cura Merino, a defecção dos generaes Labisbal, Morillo e Ballesteros, e a entrada do exercito francez, commandado pelo duque de Angouleme, para restabelecer o governo absoluto de Fernando VII.

Em 9 de Setembro de 1836, por occasião de desembarcarem em Lisboa os deputados da opposição, que iam do Porto, rompe a revolução, e proclama-se a constituição de 1822. — Em 13 de Agosto do mesmo anno de 1836, tinha-se proclamado no real sitio da Granja, em Hespanha, a constituição de Cadiz de 1812.

No dia 4 de Novembro de 1836, é assassinado o ex-ministro da guerra, Agostinho José Freire, no sitio da Pampulha, quando se dirigia para Belem, onde a rainha D. Maria II havia dado principio á contra-revolução; e por escarneo pozeram sobre o cadaver do assassinado uma tijella, para receber esmolas para o seu enterro! — No dia 15 de Agosto do mesmo anno, o general Vicente de Quesada, marquez de Moncayo, ex-capitão general de Madrid, tinha sido assassinado quando se evadia da capital; levando os assassinos, para Madrid, como ostentação da sua infamia, varias partes do cadaver, que haviam mutilado, e que expozeram como em triumpho sobre as mesas do Café Novo!

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

leaes e ardis perigosos, levar a cabo, sem que nos fique meio de oppor-lhes resistencia valiosa, e até sem podermos fundamentar justificado queixume, a usurpação desde ha tanto tempo intentada de um dos mais bellos florões da corôa de Portugal, preço do sangue dos nossos martyres, e dos feitos gloriosos dos nossos maiores.

«Não o conseguirão, que não o consentem a dignidade, nem a honra, nem os bem entendidos interesses dos portuguezes. O inimigo é conhecido, o seu plano e estratagema estão aventados, cumpre portanto ao governo precaver-se, e prover de remedio. O governo sabe o que lhe cumpre, e não póde carecer dos meios de cumprir o que sabe. Confiamos no governo.»

Terminamos aqui, porque muito longe nos levaria uma descripção circumstanciada do livro do sr. D. José de Lacerda. Quizemos apenas indicar um, ou outro assumpto nelle tratado, para se fazer alguma ideia do muito merecimento que tem a publicação levada a effeito por este illustre escriptor.

Ainda bem que ha entre nós quem de prompto saia a campo, esgrimindo as armas da intelligencia, logo que algum estrangeiro intenta deprimir o bom nome desta nação. Assim dá Portugal provas de vitalidade.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

O assassinato de Agostinho José Freire. — Em o folhetim deste numero, por occasião de fazermos o parallelo entre as principaes revoluções deste seculo, em Portugal e Hespanha; mencionámos o assassinato de Agostinho José Freire em 4 de Novembro de 1836. Ampliaremos aqui a narração desse facto.

Quando Agostinho José Freire chegou á Pampulha, dirigindo-se para Belem, onde se achava a rainha, que tinha nomeado um novo ministerio do partido cartista, presidido pelo marquez de Valença; em opposição ao ministerio setembrista de Lisboa, presidido pelo conde de Lumiares; foi assassinado por um soldado do 15.º batalhão da guarda nacional, composto dos mais exaltados demagogos, e commandado pelo celebre Moraes Mantas.

Deu-se nessa occasião um facto, que parece ser o castigo da Providencia. Ao mesmo tempo apontaram dois soldados as espingardas contra a carruagem em que ia Agostinho José Freire. O soldado que estava mais na rectaguarda, desfechou primeiro, e a bala que foi matar o ex-ministro da guerra, levou ao mesmo tempo os olhos do outro soldado que estava tambem para disparar a espingarda! Este soldado viveu muitos annos cego.

Depois de assassinado Agostinho José Freire, principiaram por lhe furtar os galões de ouro da farda, depois os galões das calças, e por fim furtaram-lhe todo o fato, deixando-o só com a camiza e ceroulas! Acrescentaram ao assassinato e furto o escarneo, pondo em cima do cadaver uma tijella para receber as esmolas para o enterro!

Assim morreu o illustre presidente do congresso nacional de 1822, e que nessa qualidade assignara a constituição em 23 de Setembro daquelle anno; o ministro de D. Pedro na ilha da Terceira e no cerco do Porto, e que depois em Lisboa fizera parte de varios ministerios!

Semelhante crime não só ficou impune, mas até nem no *Diario do Governo* se fez a mais insignificante menção delle! Nisso ficou a folha official do governo portuguez, inferior ao *Moniteur*, jornal official da republica franceza, o qual, no meio dos horrores das matanças dos dias 2 e 3 de Setembro de 1792, nas prisões de Paris, deu conta, ainda que resumida, desses terriveis acontecimentos.

O sr. conselheiro Joaquim Antonio de Aguiar escapou milagrosamente de ter egual sorte.

Dirigia se tambem com Agostinho José Freire para Belem; mas no largo do Pelourinho disse-lhe, que era temeridade ir por terra, tendo de se encontrar no caminho com as forças da guarda nacional. Como Agostinho José Freire insistisse, o sr. conselheiro Joaquim Antonio de Aguiar separou-se delle, e foi embarcar ao Tejo, chegando assim a Belem. Se vae na carruagem com o ex-ministro da guerra, tinha infallivelmente o mesmo desgraçado fim.

Suffragios. — Os amigos do sr. conselheiro José Dias Ferreira, fizeram no dia 14 celebrar na parochial egreja de Penacova, uma missa applicada pelo descanço da alma da fallecida esposa deste cavalheiro, a exm.ª sr.ª D. Amelia Dias Ferreira Pinto Basto. Foi celebrante o revdm.º sr. Alves Mendes, conego da sé do Porto, o qual se acha actualmente naquella villa, de visita á sua familia.

Festa d'annos. — Para solemnisar os annos de sua esposa a exm.ª sr.ª D. Josephina Guedes, da casa dos srs. viscondes de Valmór, deu o sr. Francisco Lopes Gavicho Tavares de Carvalho, um jantar aos seus amigos na sua casa de Tentugal, no dia 12 do corrente.

Dizem-nos que tanto nos adornos da mesa, como no serviço, se divisava a opulencia das casas de provincia bem estabelecidas, e o mimo dictado por uma senhora, que foi educada na mais alta sociedade, e a quem estas festas são familiares. A mesa constava de 20 talheres.

Donativo. — A exm.ª sr.ª D. Rita Angelica de Carvalho, viuva do sr. Victor Mauricio de Carvalho, desta cidade, mandou entregar ao Asylo de Mendicidade a quantia de 8$400 reis, suffragando a alma do seu finado marido. E' muito para louvar este acto de caridade.

Azeviche. — Esta substancia tem a mesma origem que o carvão de pedra e a linhite, offerecendo um tecido mais liso e compacto, porem menos impregnado de materias bituminosas. E madeira fossil, negra e opaca, susceptivel de grande polimento, e muito empregada em obras delicadas de marceneria.

Encontra-se na visinhança dos depositos carboniferos, e serve para o fabrico de collares, braceletes e pequenos vasos, especialmente para objectos de luto. Alguns auctores attribuem-lhe a mesma origem que ao ambar, dando-lhe o nome de *ambar negro*.

O gesso. — Os antigos empregavam esta substancia nas suas construcções. Os romanos serviam-se d'ella para adornar as suas casas, e fabricavam tambem uma especie de estuque artificial, empregando o marmore pulverisado e a cal. Era conhecido este producto pelo nome de *opus albarium* ou *coronarium*. As paredes revestidas d'esta argamassa eram pintadas a fresco, e nas ruinas de Herculanum e Pompeia tem-se encontrado vestigios d'estas obras interiores das habitações perfeitamente conservadas.

Nova Caledonia. — Os habitantes da Nova Caledonia, nas proximidades da morte, apresentam-se com grande coragem e dispõem de tudo com a maior tranquillidade. Proximos a exhalarem o ultimo suspiro, chamam os parentes e amigos, e distribuem por todos com a maior placidez as suas armas, os seus tropheus de guerra, e tudo que constitue a sua riqueza. Feita a partilha, o moribundo despede-se da vida e da sua familia com a maior serenidade, e os herdeiros não revelam a mais pequena dôr, e continuam a tratar dos seus negocios sem a mais leve commoção.

Influencia dos perfumes. — As emanações odoriferas, que as flores vivas exhalam, ou que d'ellas se extrahem por processos chimicos, têem uma influencia decisiva sobre o organismo do homem. Esta acção é umas vezes saudavel, e outras vezes morbifica. A imaginação tambem influe muito nestes effeitos. Um medico conheceu uma senhora, que não podia supportar o cheiro e até a vista das rosas. Era tal a antypathia por estas flores, que apenas as via, logo desmaiava. O medico mostrou um dia um ramo de lindas rosas a esta senhora, e antes que ella fosse accommettida do deliquio do costume, tranquillisou-a completamente, affirmando-lhe, que eram flores artificiaes. E o artificio produziu um bello effeito.

Os hollandezes destruiram em uma das suas colonias todas as plantas do cravo da India. O resultado desta obra vandalica foi a ilha ser flagellada por uma serie de epidemias, até então desconhecidas. Tem-se observado em Londres e Paris, durante os maiores flagellos da cholera morbus, não haver um só caso entre os operarios que trabalham nas fabricas de perfumarias.

A mosca tse-tse. — O sr. D. José de Lacerda traduziu a descripção que o Dr. Livingstone fez nas suas viagens, da terrivel mosca tse-tse, que é uma das difficuldades para os viajantes no interior da Africa. A esta mosca pozeram os portuguezes o nome de *mosca do elephante*. O primeiro especimen della foi trazido á Inglaterra em 1848 pelo major Vardon, que a encontrou nas margens do Limpopo.

Eis o que diz o Dr. Livingstone:

«A tse-tse ou *glossina morsitans* não é muito maior do que a mosca domestica, e na côr bronzeada é muito semilhante á abelha commum. A parte posterior do corpo é atravessada por tres ou quatro linhas amarellas. As azas, estendem-se para fóra do corpo, e é notavel pela agilidade, evitando com muita presteza todas as tentativas, que se façam para apanhal-a á mão, durante a temperatura do dia, porque durante o frio das manhãs e das tardes é menos ligeira. O seu particular zumbido, chegando a ouvil-o, nunca mais pode esquecel-o o viajante, que se transporta em animaes domesticos, pois bem sabido é que a mordedura d'este insecto venenoso é morte certa para o boi, o cavallo e o cão. N'esta jornada, posto não advertissemos que pousassem a um tempo em grande numero sobre o gado, perdemos quarenta e tres excellentes bois, que foram mordidos. Nós vigiavamos os animaes cuidadosamente, e acreditavamos que talvez nem vinte moscas os terism atacado.

«É singular propriedade da mordedura da tse-tse o ser perfeitamente inoffensiva do homem e dos animaes silvestres, e bem assim dos novilhos em quanto as mães os amamentam. Nunca experimentámos pessoalmente a mais leve injuria, apesar de habitarmos por espaço de dois mezes a morada da tse-tse, morada neste caso, como em outros muitos, exactamente definida, porque a margem sul do Chobe era por ella infestada, e na margem norte, onde o nosso gado estava recolhido, a cincoenta jardas sómente de distancia, não se encontrava nem uma sequer. O mais maravilhoso é, como observámos frequentes vezes, que os indigenas levavam a miudo pedaços de carne cobertos da tse-tse para a margem opposta.

«O veneno parece não ser injectado pelo ferrão ou por ovas dispostas debaixo da pelle; porque, quando alguem deixa a tse-tse alimentar-se livremente na mão, vê-se introduzir com profundeza na pelle a especie de trado, que está no centro das tres porções em que se divide a tromba: depois retira-o algum tanto, e toma a côr carmesim logo que as mandibulas encetam com rapidez o natural exercicio. O abdomen da mosca, até então chato, começa a inchar, e, se a não afugentam, a mosca parte em socego, quando está saciada. Segue-se certa leve comichão, porem não mais forte do que a produzida pela mordedura de um mosquito. No boi a mordedura não produz o effeito mais depressa do que no homem, não o faz estremecer como a do tavão, mas poucos dias depois observam-se os seguintes symptomas. Os olhos e as ventas começam a lançar algum humor, a pelle arrepia-se, como se o animal sentisse frio; apparece certa inchação debaixo da queixada inferior, e ás vezes no embigo, e, com quanto o animal continue a pastar, principia a divisar-se a magreza, acompanhada de particular flacidez dos musculos, e assim progride seguidamente, até que mezes depois sobrevem a diarrhea, e o animal já capaz de pascer, morre exhausto completamente de forças. Os bois que estão gordos morrem, pouco depois de recebida a mordedura, com vertingens e cegueira, como se o veneno affectasse o cerebro. Repentinas mudanças de temperatura, produzidas pelas chuvas, parece que apressam o progresso do padecimento; porem, fallando geralmente, a magreza vae sem interrupção a mais durante alguns mezes; e faça-se o que se fizer, o pobre animal morre miseravelmente.

«Aberto o cadaver, o tecido cellular, na superficie do corpo por baixo da pelle, apparece injectado com ar, como se por elle estivessem derramadas bolhas de sabão, ou como se um carniceiro de má fé, e pouco destro, tivesse pretendido fingir gordura. Toma a do animal côr amarella esverdeada, e consistencia unctuosa. Os musculos tornam-se balofos, e quasi sempre tão brando o coração, que os dedos, apertando-o, penetram e vão tocar-se. Os pulmões e o figado tambem são feridos do mal. O estomago e os intestinos estão pallidos e vasios, e a vesicula do fel dilatada com a bilis.

«Estes symptomas parecem indicar (o que provavelmente é verdade) a acção da peçonha sobre o sangue, e que o germen daquella se introduz quando o ferrão penetra para o extrahir. O germen venenoso, contido n'uma glandula, situada na raiz do ferrão ou tromba, parece, posto que seja em muito diminuta quantidade, ter inergia para reproduzir-se; porque o sangue, depois da morte causada pela tse-tse, é pouquissimo, e tinge apenas as mãos de quem faz a dissecção.

«A mula, o jumento e a cabra gosam da mesma immunidade da tse-tse, que o homem e a venação montesinha. Tribus populosas das margens do Zambeze não podem crear animaes domesticos, á excepção da cabra, por causa deste flagello existente nos seus territorios. Os nossos filhos foram mordidos frequentemente, e comtudo não foram offendidos; e nós vimos de redor de nós, em grande numero, zebras, búfalos, porcos pequenos, e varias especies de antilopes, que pasciam tranquillamente no centro do domicilio da tse-tse, mas sem lhes serem prejudiciaes as mordeduras, como acontece aos bois logo que recebem o fatal veneno.

«A differença entre as naturezas do cavallo e da zebra, do búfalo e do boi, do carneiro e dos antilopes não é tal que baste a darnos explicação satisfactoria do phenomeno. Não é o homem tão domestico animal como o cão? O facto curioso de morrerem da mordedura os cães que não se alimentam ainda senão de leite, em quanto que os novilhos e vitellas escapam durante o tempo da amamentação, fez pensar que o mal seria produzido por alguma planta da localidade, e não pela tse-tse; porém o major Vardon, do exercito de Madrasta, acabou com a duvida, montando em um cavallo, e caminhando até um outeiro sem consentir ao cavallo que relvasse; e com quanto se detivesse tão somente o tempo necessario para tomar vista das terras, e apanhar alguns especimens da tse-tse; dentro em dez dias o cavallo morreu.

«A bem conhecida aversão da tse-tse aos excrementos dos animaes, como é facil de verificar quando uma aldeia está estabelecida dentro dos limites do domicilio da tse-tse, ha sido observada e aproveitada por alguns medicos indigenas: misturam estrume animal, leite de mulher, e alguns outros ingredientes, e esfregam os bois ou cavallos que tem de passar pelos districtos da tse-tse; porem, posto que este remedio sirva de preservativo por algum tempo, não tem effeito permanente. Ainda não ha modo de curar este mal.

«Um pastor desleixado, consentindo que o seu numeroso rebanho vagueasse n'um districto da tse-tse, perdeu todos os animaes á excepção das vitellas; e Sebituane perdeu n'uma occasião quasi todo o gado da tribu, muitas mil cabeças, tendo-as exposto imprudentemente áquella maligna influencia.

«Não assegura a vaccina a immunidade, porque os animaes que forem feridos levemente n'um anno, podem perecer por menor numero de mordeduras no anno seguinte; porem é provavel que, em consequencia do uso das armas de fogo, a venação haja de acabar, como aconteceu no sul, e a tse-tse, privada de alimento, haverá tambem de extinguir-se ao mesmo passo que os animaes corpulentos.»

Noticias de Hespanha. — Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

«São de 13 os jornaes hespanhoes.

Está-se mostrando benevola para com o actual governo a esquerda da camara, o que da logar a suppôr-se que se intenta uma approximação entre as diversas fracções republicanas.

Tambem se falla de fusão entre todos os elementos liberaes do paiz para fazer frente a um tempo ao carlismo e á demagogia.

Em conselho de ministros tem-se tomado diversas resoluções entre as quaes a da nomeação de Zavala, que se acha em Paris para general do exercito do Norte, indo já Moriones com um estado-maior de 72 officiaes e com o caracter de general em chefe interi-

nó, para activar as operações, em quanto não chega aquelle general, no caso de que aceite o commando.

Foi nomeado Turon, para commandar o exercito da Catalunha.

Vão-se mandar recursos de toda a especie a Martinez Campos, que reassumiu o commando do exercito em frente de Cartagena, por estar doente o general Salcedo. Tambem se tratou em conselho das demissões do governador de Madrid e do commandante da guarda civil, que, a verificarem-se parece que serão respectivamente substituidos pelo sr. Prefumo e pelo general Cevallos.

Alguns deputados catalães vão celebrar uma conferencia com o sr. Castellar para lhe fazer sentir a imperiosa necessidade de restabelecer a ordenança.

Madrid 13, ás 5 horas e 55 minutos da tarde.—Foi repellido um ataque de 3:000 carlistas contra Pamplona.

Maisonnave affirmou ás côrtes que os insurgentes de Cartagena serão castigados como os insurgentes carlistas.

Galvez regressou a Cartagena.

Madrid 14, ás 6 horas e 45 minutos da tarde.—Noticias confidenciaes dizem que Santa Pau e Loma com 10:000 homens e 14 peças atacaram em Marquina, perto de Tolosa, o grosso das guerrilhas commandadas por D. Carlos, compostas de 14:000 homens e 9 peças.

Os carlistas derrotados tiveram grandes perdas e deixaram uma bandaira.

Ainda não ha promenores.

FUNERAL

Acabamos de assistir ao enterro do sr. José Galvão Peixoto Lobato.

Os membros da Associação dos Artistas de Coimbra, e outros muitos amigos do fallecido, prestaram um solemne testemunho de quanto estimavam as suas excellentes qualidades e os relevantes serviços por elle prestados áquella sociedade.

Apezar de na epocha actual estarem muitas pessoas fóra de Coimbra, foi numerosissimo o concurso de individuos a acompanhar ao seu ultimo jazigo o sr. Galvão. Todos quizeram percorrer a pé a longa extensão desde a Sé Velha até ao cemiterio da Conchada.

Chegados ao cemiterio, e depois das orações religiosas, os srs. Augusto José Gonçalves Fino, Justino Taveira, e commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes, recitaram perante o cadaver do fallecido, sentidissimos discursos, que a todos profundamente comoveram, e fizeram derramar muitas lagrimas.

Quando voltavam para a cidade, o sr. Olympio, como presidente da Associação dos Artistas, no parque á saida do cemiterio, fez agrupar todo o grande numero de socios, e alli mesmo, depois de lhes expor a triste situação em que se achavam a viuva e filhos do socio o sr. José da Silva Bandeira, a quem a Associação devia importantes serviços; assim como o estado de pobreza em que ficavam a viuva e filhos do benemerito socio o sr. José Galvão Peixoto Lobato; propoz que entre todos os socios se promovesse uma subscripção, de modica quantia, entre os extremos de 500 e 100 rs., para do seu producto se dar metade á viuva do sr. Bandeira, para ajuda da educação dos seus filhos, e a outra metade ser entregue á viuva do sr. Galvão, para o luto de toda a familia.

A lembrança do sr. Olympio foi enthusiasticamente applaudida, e logo ficaram encarregados os presidentes dos gremios de aceitar as offertas.

Com estes actos se honram muito os artistas desta cidade, mostrando que são dotados de excellente coração.

Aqui lhes dirigimos os nossos sinceros louvores pelo seu nobre procedimento.

ANNUNCIOS

1 O PADRE JOÃO DO AMARAL LEITÃO continua a leccionar Latim e Francez, na rua dos Grillos, n.º 20.

Companhias Carris de Ferro do Porto

Fornecimento de madeiras

2 ACCEITAM-SE propostas em carta fechada até 25 do corrente, para o fornecimento de madeira de pinho da terra, dividido em quatro lotes eguaes: sendo cada um composto de

2:000 travessas rectangulares de 2m,00 de comprimento por 0,15 de largura e 0,10 altura;

500 longrinas rectangulares de 5m,45 de comprimento com a mesma largura e altura das travessas;

750 longrinas de 3m,70 de comprimento, idem, idem;

250 longrinas de 1m,95 de comprimento, idem, idem.

O primeiro lote será apresentado no dia 15 de Novembro, o segundo a 31 de Dezembro, o terceiro a 15 de Fevereiro e o quarto a 31 de Março.

As condições deste fornecimento acham-se patentes no escriptorio da Companhia Aurificia, á rua dos Bragas, nesta cidade; em Coimbra na rua da Calçada, n.º 46; em Lisboa, rua dos Capellistas, n.º 160, 2.º

As propostas devem ser remettidas á direcção da companhia *Carris de Ferro do Porto*, Porto, indicando-se n'ellas o nome do proponente e sua morada.

Porto, 13 de Setembro de 1873.

Os directores,

Antonio Joaquim de Lima.

Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro

Evaristo Nunes Pinto.

UMA SENHORA

3 RECEBE em sua casa estudantes, bom tratactamento e preço razoavel. Rua do Marco da Feira, n.º 22, Coimbra.

CONCURSO

4 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Celorico da Beira, faz publico, que se acha aberto concurso por espaço de 30 dias, a contar da data da publicação do presente annuncio no *Diario*, para o provimento do partido de cirurgia desta villa, com o ordenado de 500$000 reis annuaes, e pulso captivo.

Os pretendentes, alem dos de mais documentos, deverão apresentar as suas cartas passadas pelas escholas medico-cirurgica de Lisboa, Porto ou Coimbra.

Celorico da Beira, 9 de Setembro de 1873.

O presidente da camara.

Antonio Rodrigues d'Almeida Ribeiro.

AOS CHEFES DE FAMILIA

5 ACONSELHAMOS-LHES, que não é conveniente mandarem suas filhas ainda menores para as casas das mestras, que lhas ensinam, acompanhadas pelos caixeiros, criados ou garotos, pois que temos observado, que aquelles são incompetentes pelo modo por que se conduzem com as meninas, pelas ruas em que os temos visto passar, e demais, dão logar a que outros individuos se aproveitem de semelhante occasião, para irem conversando com aquellas.

Devem pois prevenir e a tempo para evitarem futuras consequencias, porque a epocha é pouco moralisadora.—*C. R. C.*

Fornecimento de madeira para o caminho de ferro americano de Coimbra.

6 ACCEITAM-se propostas em carta fechada, para o fornecimento de madeira de pinho da terra, das seguintes dimensões e quantidades:

2:000 travessas rectangulares, de comprimento 2m,0, largura 0,15 e altura 0,10;

500 longrinas rectangulares, de comprimento 5,45, largura 0,15 e altura 0,10;

750 idem, de comprimento 3,70, e mesmas largura e altura;

250 idem, de comprimento 1,95 e mesmas largura e altura.

Uma terça parte deste fornecimento será effectuada 45 dias depois de assignado o contracto, e a ultima tres mezes depois daquella data. As condições do fornecimento estão patentes: em Coimbra em casa do sr. Frederico Ferreira, Calçada, n.º 46; e no Porto, no Consultorio d'Engenharia, Batalha, n.º 19.

As propostas devem ser enviadas até o dia 30 do corrente ao Consultorio de Engenharia, no Porto, indicando o proponente a sua morada.

Porto 15 de Setembro de 1873.

Evaristo Nunes Pinto.

Camillo Mangeon.

7 PARTICIPA-SE a todos os visitantes de Luso e Bussaco, que tendo fallecido José Gomes Serra, digno proprietario do acreditado *hotel Serra*, em Luso, que o mesmo hotel continua a funccionar debaixo da direcção dos sobrinhos do mesmo Serra, e que ha muito faziam parte do seu pessoal, e farão por conservar o bom nome de seu fallecido thio, fazendo os mesmos preços e tratamento não inferior ao que sempre tem sido.

Manoel Gomes Serra.

Attenção

Farinha de trigo da acreditada Fabrica do Beato Antonio de Lisboa

AGENCIA, RUA DA REBOLEIRA, 27

PORTO

8 NESTA AGENCIA se encontra farinha de toda a qualidade, desde a mais fina até semea, e ensacada em muito boa sacaria.

Estas farinhas concorrem vantajosamente com a americana e hespanhola, tanto em preço como em qualidade.

Cumprem-se ordens das provincias.

EDITAL

A junta dos repartidores das contribuições predial, de renda de casas e sumptuaria do concelho de Coimbra, no anno civil de 1873.

Faz publico que, durante os dias 20 a 30 do corrente mez, estará patente aos contribuintes na casa d'administração do concelho, desde as 9 ás 3 horas da tarde, a matriz das contribuições de renda de casas e sumptuaria, respectiva ao corrente anno, a fim de por elles poder ser examinada e fazerem qualquer reclamação que a lei lhes faculta. Durante o referido prazo podem tambem os mesmos contribuintes solicitar do regedor nas suas freguezias as *notas* de que tracta o art. 30 do regulamento de 30 d'Agosto de 1872.

Coimbra, 15 de Setembro de 1873.

O presidente da junta,

Manoel Maria da Cunha.

10 A CAMARA MUNICIPAL desta cidade, manda annunciar, que não pode ter logar no dia 18 do corrente mez a arrematação da construcção da estrada municipal de 2.ª classe de Souzellas aos Fornos.

Coimbra, secretaria da municipalidade, 15 de Setembro de 1873.

O escrivão da camara,

Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

COLLEGIO ACADEMICO

11 NESTE COLLEGIO, que se vae mudar da rua do Norte para a dos Coutinhos, n.º 22, onde esteve o de S. Bento, abrem-se as aulas para alumnos internos, semi-internos e externos no dia 1 de Outubro proximo futuro. As matriculas e admissão de alumnos internos começam desde já e até áquelle dia, ainda na rua do Norte, n.º 18. Os professores são os seguintes:

Instrucção primaria—Antonio José Gonçalves da Cunha, professor do magisterio primario.

Portuguez—Cassiano Pereira Pinto das Neves, bacharel em Direito.

Francez—Padre João do Amaral Leitão, thesoureiro e secretario do collegio.

Desenho—Francisco Adelino Pacheco, professor particular.

Mathematica—Antonio Zeferino Candido, bacharel formado em Mathematica e Philosophia e director do collegio.

Latim (1.ª parte)—Padre José Ribeiro de Liz Teixeira, prefeito do collegio.

Latim—(curso completo)—*Inglez e Allemão*—Joaquim d'Almeida e Cunha, bacharel formado em Direito.

Geographia e Historia—Manoel Francisco de Medeiros Botelho—professor particular.

Introducção—Francisco Augusto Correa Barata, Dr. em Philosophia e lente da mesma faculdade.

Philosophia racional e moral e principios de Direito Natural—Manoel Emygdio Garcia, Dr. em Direito e lente da mesma faculdade.

Podem pedir-se verbalmente ou por escripto quaesquer esclarecimentos, que serão promptamente dados.

O director,

Antonio Zeferino Candido.

FIGUEIRA DA FOZ

DENTISTA

12 CEREGHETTI DOMINIQUE, cirurgião dentista suisso, faz saber aos seus amigos e freguezes, que vae á Figueira da Foz estar 30 dias, a exercer a sua profissão, que é extrair dentes e raizes, empastar os dentes, com as pastas mais efficazes e de melhores qualidades não conhecidas até hoje. O mesmo limpa os dentes, sem lhes deteriorar os esmaltes; põe dentes soltos e dentaduras completas, para poder mastigar com elles; faz curativos de escorbuto, por mais chronico que seja; e tem o *prompto allivio* dos dentes.

Alem disso extirpa os calos dos pés, em meio quarto de hora, sem que o operado soffra dor alguma; podendo calçar e andar com desembaraço, como se nunca tivesse tido calos.

13 QUEM QUIZER arrendar as casas e casal no sitio da Cumeada, que foram do padre Antonio dos Santos Caria, falle com Antonio José Alves Borges, negociante na rua do Visconde da Luz: tambem se arrenda a casa em separado, que tem commodos excellentes para uma boa familia.

14 O TABELLIÃO M.J. de Sousa, na sua casa na rua da Calçada, arrenda o seu terreno chamado Ladeira da Forca, Fora de Portas, e as suas casas sitas na rua da Esperança e Couraça dos Apostolos, que tem bons commodos e as melhores vistas da cidade e campo.

NUMERO 2729 — SABBADO 20 DE SETEMBRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$730
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

A proposito de abusos praticados na capital, por alguns vendedores de periodicos, vieram differentes folhas discutir a questão da liberdade de imprensa; assumpto a todos os respeitos grave, e que precisa de ser attenta e escrupulosamente analysado em todas as suas vantagens e inconvenientes.

A imprensa periodica, é inquestionavelmente um dos principaes agentes na conquista da civilisação moderna, porque ella tem operado uma completa reforma de ideias e de costumes nos povos de todos os paizes; tem collaborado vantajosamente na grande obra do progresso; é uma das mais fortes garantias da liberdade; é guarda e defensora dos direitos sociaes e individuaes; é o remedio mais efficaz contra os abusos do poder; é o flagello constante do vicio e da immoralidade.

Não ha, porem, instituição, ou preceito, por mais santo e justo que seja, de que os homens não abusem.

E o abuso da imprensa vae, é certo, produzindo males tão graves, que, não podendo calar a nossa indignação ao presencear factos, verdadeiramente attentatorios da dignidade deste nobre sacerdocio; aqui lavramos tambem contra elles o nosso protesto.

Condemnar o vicio e o abuso em toda a parte que elle appareça, é uma das missões mais importantes que a imprensa tem a desempenhar. Não devemos, por isso, deixar de fulminar com o anathema da nossa reprovação, a mercancia illicita que por ahi fazem certas folhas bem conhecidas, insinuando e propalando falsas e calumniosas noticias, escriptas adrede para, por meio do escandalo, attrahir a concorrencia de leitores; pois que desgraçadamente, quanto mais subido é o quilate da injuria, tanto maior a curiosidade dos occiosos na procura dessa mercadoria, avariada e corrupta.

Não ha para certa ordem de pamphletarios, reputação que não seja vilmente abocanhada; injuria que não levantem aos caracteres mais honestos e respeitaveis. Este veneno, que, por meio de processo facil, se inocula no corpo social, é um mal cujas consequencias, mais tarde, ou mais cedo hãode irremediavelmente apparecer: corrompem-se por esta forma os costumes, desprestigia-se a virtude, soltam-se em fim os diques á immoralidade e á devassidão.

E por esta maneira, entendida por tal forma a liberdade de imprensa, ella é o peor de todos os males, o corrosivo mais prejudicial, que se pode introduzir no centro da sociedade.

O problema não é, por tanto, de facil resolução; é preciso estudar a maneira de cersear os abusos do jornalismo, como mercadoria avariada, sem comtudo offender o principio salutar desta instituição.

Não nos permitte hoje o espaço, nem o tempo de que podemos dispor, mais largas considerações. N'outra occasião voltaremos ao assumpto.

Deve hoje ser publicado na folha official o decreto que proroga por mais 6 mezes, o prazo para a exigencia dos foros vendidos, de que trata o artigo 3.º n.º 2, da lei de 15 de Julho de 1871.

Era de absoluta necessidade esta medida do governo, visto que estava a extinguir-se aquelle prazo.

NECROLOGIA

Por mais que se aguardem certos acontecimentos, por menos que sejam de estranhar, causam-nos sempre no espirito uma dolorosa commoção.

Foi o que me succedeu ao constar-me aqui a noticia do fallecimento do sr. José Galvão Peixoto Lobato, victima do padecimento pulmonar que ha um anno o atormentava; e todavia, quando no fim de Agosto me despedi d'elle, presagiei fosse aquella a ultima vez que o visse.

Morreu um homem honrado; é este o seu melhor epitaphio, como é este tambem o seu melhor elogio.

Quem de perto o conheceu poude avaliar aquelle caracter limpido, que nunca uma sombra empanou; e para os que o não conheceram pode servir de testemunho o amigo que traça estas linhas, e que o viu sempre caminhar seguro pela vereda estreita da probidade.

E' trivial e commum fazer o panegyrico dos que morreram; mas perante a sepultura do homem cuja perda lastimo conservam a sua mais pura significação as palavras que o louvam. Taes palavras não são homenagem futil, porque são verdadeiras. Não precisava a morte de cobrir com o seu veu as fragilidades humanas, para que resplandecessem as virtudes sociaes e domesticas de José Galvão.

Das primeiras deu sobejas provas publicas quando exerceu o cargo de presidente da Associação dos Artistas de Coimbra, sabendo em circumstancias difficeis manter-se alli, graças á sua indole benevola e conciliadora, apesar de energica e firme; e sabindo sem deixar após de si odios nem rancores. As segundas, as virtudes domesticas, foram presenceadas por todos os seus amigos, que tiveram frequentes occasiões para observar o estremecido affecto com que idolatrava sua familia.

Ah! E isto me leva á penosa consideração dos derradeiros instantes daquelle desventurado! Como lhe seria cortada d'angustias a hora do passamento!

Morrer é pequena coisa; abandonar a vida, onde os sorrisos não compensam as lagrimas, é pouco: mas o que é muito, o que é supremamente afflictivo, é separarmo-nos dos entes que nos são caros, e que nos ficam no mundo, entregues aos seus vaivens e ás suas vicissitudes!

Eu creio na immortalidade da alma, porque tenho fé na justiça. O soffrimento seria uma irrisão do destino se não tivesse além do tumulo a recompensa. Os que sabem luctar nesta vida são vencedores na outra: e por isso tenho esperança de que José Galvão terá encontrado lá a felicidade que não teve aqui.

Seja este o lenitivo dos que o choram. Quanto a mim, deixo nestas poucas palavras o desafogo das minhas saudades pelo amigo, e o meu preito de veneração pela memoria do homem honrado.

Louzã, 17 de Setembro de 1873.

Luiz Carlos Simões Ferreira.

A' saudosa memoria de José Galvão Peixoto Lobato

Enlucta-se-me o coração e confrange-se-me o espirito nesta hora tristemente solemne, em que recebi a noticia de se ter fechado uma se-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXCVI

D. CARLOS

XLVI

O partido exaltado recebeu com applauso o novo ministerio. Calatrava o personificava, e os seus antecedentes não eram suspeitosos.

O primeiro cuidado do governo era a convocação das côrtes, que se decretou no dia 21 de Agosto de 1836, e se publicou no dia 22 com um manifesto da rainha governadora.

O ministerio começou devolvendo as armas aos nacionaes de Madrid, levantando o estado de sitio, demittindo empregados, substituindo-os com os que tinham sido demittidos pelo ministerio anterior, e adoptando disposições desta natureza. Questão de pessoas.

O codigo novamente acclamado, que se apresentava como bandeira de união, deixou de o ser no momento em que o governo se fez de partido, e occasionou, ou consentiu no ostracismo de uma multidão de hespanhoes, entre os quaes se contavam os duques de Osuna, Veraguas, Rivas e S. Carlos, o conde de Toreno, o marquez de Miraflores, Isturiz e outros, que tiveram de subtrair-se por temor dos vencedores. O governo começava já a crear terriveis inimigos, porque não haviam de estimar a quem os impedia de viver tranquillos em suas casas.

Se isto, porem, era desfavoravel ao novo poder, as questões que já se apresentavam e tinha que resolver, eram difficeis e perigosas.

Convocadas as côrtes, e justificada a revolução, porque todas as que triumpham se justificam, achou-se o governo com um codigo que infringia as leis vigentes, ou ellas o infringiam. Umas e outras eram incompativeis, e aquelle governo, filho da revolução, que não comprehendeu, foi debil; contemporisou com tudo o que existia, e fluctuando sempre em sua marcha, como fluctua o que não segue um caminho recto e sem saber onde parará, governou sem plano, nem concerto. Umas vezes desempoava antigas leis, outras as revogava e ia legislando conforme a necessidade o requeria.

Se desordenada estava a administração liberal, não podia apresentar-se como modelo a carlista; pois ainda que entre os carlistas não havia as sublevações como no campo dos seus contrarios, não era por falta de elementos, que sobravam, se não porque preoccupava mais a guerra, e porque havia um poderoso inimigo commum a quem interessava ántes que tudo combater, quando não fosse para ganhar terreno, ao menos para assegurar a posse do que se occupava.

A differença tambem do systema politico, não fazia tão faceis as sublevações, porque todos os homens que podiam manejar as armas, achavam-se na guerra. Mas se não eram ostensiveis as sublevações, estavam no animo de muitos, e existia a guerra de camarilhas e de intrigas, que destruia reputações, derribava generaes e ministerios e tambem assassinava.

O velho conde de Villemur, ministro da guerra de D. Carlos, foi em Abril de 1836 substituido por D. João Baptista Erro. Achando-se este em Inglaterra afastado da politica por desgostos, tres cartas que recebeu de D. Carlos, a quem olhava como rei legitimo, o fizeram considerar como um dever de honra e fidelidade o correr ao seu lado. Deixa Londres, atravessa a França, por entre numerosos perigos, e chega ás provincias Vascongadas.

D. João Baptista Erro ia desempenhar entre os carlistas o mesmo papel que D. João Alvarez e Mendizabal entre os liberaes. A ambos precedia a fama de seus conhecimentos financeiros; do prestigio com que contavam para alcançar recursos no estrangeiro, onde haviam vivido e tinham boas relações, e a ambos se considerava como os regeneradores da sua causa.

Mendizabal achou os liberaes em uma completa desordem, e Erro aos carlistas em uma divisão profunda; porem um e outro eram a esperança da côrte e dos partidos; o Messias da causa que cada um sustentava: por isto foi dado ao liberal o voto de confiança; e o carlista foi feito ministro universal.

Ambos os partidos se deitaram nos braços de seu respectivo chefe, e estes prometteram

pultura, sobre um homem que se finou no verdor dos annos.

Desditoso José Galvão! Choro-te porque fui teu verdadeiro amigo, e conheci as tuas nobilissimas qualidades.

Como devia ser demorada tua agonia! Ainda na primavera da vida, e veres murcharem-se as virentes flores que alastravam o caminho que tinhas a percorrer. Presentires a terminação da existencia, quando a felicidade te sorria no engrandecimento da tua posição social, nos affectos de uma bondosa esposa, nas caricias de interessantes filhos e na estima de sinceros amigos!

Morreste, meu desventurado amigo, mas o teu nome será sempre recordado com respeito e saudade por todos os que apreciaram a tua grande alma, e viram a infatigabilidade com que trabalhaste para o esplendor da notavel Associação dos Artistas de Coimbra, da qual foste presidente modello.

Cá do mundo, a cujos actos ruidosos ainda ha pouco assistias, exoro ao teu espirito, que, da patria dos bemaventurados, aonde de certo está cercado pela luz divina, vêle por mim em quanto não cair o derradeiro bago na ampulheta da minha vida.

Lisboa 18 de Setembro de 1873.

Guilherme Augusto Pereira de Miranda.

NOTICIARIO

Monte Pio da Imprensa da Universidade.—Publicou-se o *Relatorio e contas do Monte-Pio da imprensa da Universidade*, relativo ao anno de 1872-1873.

E' esta a sociedade de soccorros mutuos mais antiga, que ha em Coimbra. Começou no dia 8 de Setembro de 1849. Os primeiros 3 reis que teve de rendimento, estiveram por muito tempo, e não sabemos se ainda estão, embrulhados e guardados para memoria, no cofre do Monte Pio.

A sociedade de soccorros mutuos, que se seguiu a esta, foi a *Philantropico-Academica*, a qual teve origem em uma reunião de grande numero de academicos, no dia 23 de Dezembro do mesmo anno de 1849, solicitada pelo academico o sr. Feliciano Augusto de Brito Correa.

Fundou-se depois, pelo meado do anno de 1850, a sociedade *Philantropica-Conimbricense*, que deixou de existir em Outubro de 1854, em resultado de um conflicto entre a direcção da sociedade, e a auctoridade superior administrativa.

O *Monte-Pio-Conimbricense*, que hoje ahi se acha em muita prosperidade, tendo depois de satisfeitos todos os encargos, um capital de 8:239$749 reis, foi creado pela iniciativa do sr. Augusto Pinto Tavares, e de Joaquim Martins de Carvalho. Este ultimo, vendo, em Agosto de 1850, na *Revolução de Setembro*, um relatorio e contas da *Associação dos Artistas Lisbonenses*, assignado pelo sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes, na qualidade de secretario, dirigiu-se-lhe para Lisboa, pedindo-lhe os estatutos e regulamentos daquella sociedade, e todas as mais informações necessarias para em Coimbra fundar um Monte-Pio.

O sr. Olympio respondeu logo briosamente, enviando muito mais do que se lhe pedia. Depois de chegados a Coimbra esses documentos e informações, publicou-se no *Observador*, de 24 de Setembro de 1850, um extenso artigo, em que se incitavam os habitantes desta cidade, a fundar o *Monte-Pio Conimbricense*. Terminava o artigo com os seguintes periodos, que por terem já decorrido tantos annos, e como agradavel recordação, aqui gostosamente reproduzimos:

«Perguntarão os que de tudo duvidam, os que de tudo dizem mal, e os que só tem o riso, o desprezo e a ironia para as inovações, ainda as mais uteis e beneficas; como poderá fundar-se em Coimbra um Monte-Pio, n'uma terra pobre, pouco populosa, de pequena industria, e onde os operarios e artistas tem salarios tão diminutos?

«Como correrá o homem do povo a ir depositar no cofre da sociedade, as tenues economias do seu trabalho, essas pequenas sommas que elle destina quasi sempre, para as superfluidades, gosos e commodidades da vida?

«Rigorosamente, só a experiencia poderá responder; mas todas as probabilidades, todos os raciocinios, e todos os dados nos induzem a crer, que muitos socios concorrerão, logo que se convençam da utilidade da instituição.

«A esperança de melhorar de condição e de fortuna é um sentimento natural. Todas as vezes que o homem descobre o mais leve vislumbre de conseguir esse fim, sacrifica facilmente o goso d'apetites e de cousas superfluas, para correr a pos a esperança do futuro. Não vemos nós a ancia e o delirio phrenetico com que todos concorrem ás loterias? Não é Coimbra uma das terras mais contribuintes para este jogo fatal em que tanto se especula com a cubiça humana? Não ha por ahi tanto fanatico e tanta victima desta roda da fortuna?

«O Monte-Pio, ainda que não promette *mil por dez, á custa de tantas perdas dos dez em troca de tão poucos ganhos dos mil*; ainda que não dê uma fortuna independente ganha n'um momento d'acaso, offerece ao menos ao socio um capital productivo, certo, e com applicações as mais beneficas e religiosas. O Monte-Pio é um estimulo para a virtude, para o trabalho, e para os affectos domesticos; ensina o homem o menos abastado a remir-se na miseria, na doença, e na velhice; nobilita-o, moralisa-o, e civilisa-o: do prodigo, faz o poupado; do vicioso, o honrado; do indigente, o remediado; do pobre, o proprietario.

«O que se gasta em deleites ignobeis; no jogo, na embriaguez, na prostituição, e no luxo, virá para o cofre do Monte-Pio, e será o manancial da saude, a abastança da familia, a propriedade do pobre e a base da virtude, da moral e da religião.

«O Papa Gregorio 16, quando do alto da cadeira pontifical recommendou á christandade e a Roma a instituição das caixas economicas, disse:—O dia do Senhor será melhor santificado, porque se poupará o dinheiro que se gastaria a jogar e a beber, e os delictos diminuirão, porque a miseria e a fome conduzem necessariamente ao mal.—

«Oxalá que todos tenham presentes estas palavras, e que as nossas esperanças de ver prosperar e florescer o Monte-Pio Conimbricense se realisem brevemente.

«Os estatutos da sociedade estão incumbidos a pessoa zelosa, e cedo se imprimirão. Serão redigidos na conformidade dos que regulam semilhantes associações da capital, com as modificações exigidas pelas circumstancias de Coimbra.

«Receba o sr. Olympio Nicolau Ruy Fernandes os nossos agradecimentos, pela sua generosa remessa dos estatutos, e mais documentos d'algumas sociedades philantropicas de Lisboa.»

Com effeito, as esperanças que tinhamos em 24 de Setembro de 1850 de ver prosperar e florescer o *Monte-Pio Conimbricense*, ahi as vemos plenamente realisadas no decurso de 23 annos de existencia.

Recebem os socios nas suas doenças soccorros pecuniarios e remedios da botica, e tem medico e cirurgião; as viuvas, de que actualmente ha 23, recebem pensões mensaes; e os invalidos, de que presentemente ha 4, recebem tambem soccorros permanentes: e depois de tudo isto completamente satisfeito em 23 annos, existe de saldo, como já dissemos, 8:239$749 rs.! Bem realisadas esperanças!

Em quanto á *Associação dos Artistas de Coimbra* e á *Associação Conimbricense do sexo feminino*, foram creadas muitos annos depois.

Voltando agora ao *Monte-Pio da Imprensa da Universidade*, diremos que tendo atravessado muitas vicissitudes, ainda ahi existe, prestando muito bons serviços aos operarios e mais empregados daquelle estabelecimento.

Actualmente, consta este Monte-Pio de 53 socios. E' presidente nato o sr. commendador Olympio Nicolau Ruy Fernandes. A direcção finda foi composta dos srs. João Correa dos Santos, presidente; Manoel Ilydio dos Santos, secretario; Alvaro da Silva Teixeira, thesoureiro; e Antonio Maria Simões e Francisco Antonio Ribeiro, vogaes.

Havia de saldo, no principio da sua gerencia, a quantia de 1:059$430. Houve de receita durante o anno 338$430. A depeza foi de 314$435. Houve, por tanto, satisfeitos todos os encargos, o saldo de 23$995 rs.

Foram soccorridos 10 socios doentes e 4 invalidos. Destes falleceu um, o sr. Joaquim Maria Soares de Paula, o mais antigo empregado da imprensa da Universidade.

Passa para a gerencia seguinte o saldo da quantia de 1:083$425 rs.; sendo em inscripções, pelo custo, 222$855 rs., em titulo e valores 733$675 rs., e em dinheiro 126$875 rs.

Pirataria litteraria. — O nosso collega, o *Progresso Commercial*, do Porto, quando transcreve as noticias do *Conimbricense*, limita-se a dizer, que são de *uma folha de Coimbra*. Ora em Coimbra ha differentes folhas, e por isso fica-se sem se saber de qual d'ellas são as noticias.

Repetimos de novo a instancia, para que se mencione o nosso jornal, quando d'elle se fizerem transcripções.

Parece incrivel, que seja necessaria esta campanha, para obter que se pratique o que as mais simples regras de boa educação estão indicando.

O sr. Antonio Feliciano de Castilho já em tempo, na sua excellente *Revista Universal*

Lisbonense, teve de sustentar uma luta pertinaz contra a *pirataria litteraria* de que era victima. Agora estamos resolvidos a fazer o mesmo; e havemos de vencer, quer queiram, ou não; porque em ultimo recurso cortaremos o mal pela raiz.

A'quelles dos nossos collegas, que são escrupulosos em indicar o nosso jornal, e que fazem contraste com os *piratas litterarios*, aqui lhes agradecemos, assim como a attenção e apreço que dão aos nossos taes ou quaes trabalhos historicos e litterarios.

Já depois de estar composta esta noticia, recebemos de Lisboa o *Paiz*, onde vem transcriptas do *Conimbricense* as nossas noticias com o titulo de—*Influencia dos perfumes—Azeviche—O gesso*—e *Nova Caledonia*—sem se dizer de que jornal são copiadas. Isto é uma *pirataria* sem fim!

Missa nova.—A' manhã, na egreja de Santa Cruz, celebra missa nova o nosso patricio o sr. bacharel José Diniz de Carvalho Junior.

Damos cordeaes parabens ao pae do novo Levita e nosso amigo, o sr. José Diniz de Carvalho, por ver chegar seu filho a celebrar tão augusto sacramento, depois de ter sempre tido um comportamento irreprehensivel.

Mancebos como este, honram a sua terra natal.

Estrada do cemiterio.—Anda-se procedendo á macadamisação da estrada do cemiterio. Temos visto que grande parte da pedra britada para esta obra é calcarea, e de tal natureza, que pequeno attrito bastará para a esboroar e reduzir a poeira. Chamamos para isto a attenção da camara, que de certo não quererá ver desperdiçados os dinheiros do municipio. E' de todos sabido que a pedra propria para o macadam é a pedra roliça, calhau. As estradas em que se emprega o calcareo carecem de continuados reparos, tornam-se no verão um montão de poeira, e com as chuvas um lamaçal profundo. Aproveitemos as lições da experiencia.

Fonte da Magdalena.— Por traz da fonte da Magdalena, na praça nova em Santa Cruz, nasceu ha tempos uma figueira cujo raizame não póde deixar de se introduzir pelos muros e canos da fonte, e causar a sua ruina. Pedimos pois se dêem as providencias para que se evite este damno, arrancando-se a figueira, que já vae tomando corpulencia e grande desenvolvimento.

Transferencia.—Consta que o sr. Julio Rainho, escrivão de fazenda deste concelho, fôra transferido para Villa Nova de Famalicão.

Para Coimbra vem o sr. José Augusto Pereira Gonçalves, escrivão de fazenda do Fundão.

Ponte da Portella.— Na quinta feira devia proceder-se á arrematação do rendimento da ponte da Portella.

Foi, porem, suspensa por ordem do sr. ministro da fazenda.

Melhoras.— O nosso amigo o sr. bacharel Augusto das Neves Santos Carneiro, acha-se melhor da sua longa doença. De certo esta noticia será agradavel aos muitos amigos do sr. Carneiro.

Sociedade Philantropico-Academica.—O bazar a favor desta sociedade foi transferido para os principios de Novembro proximo.

Hospitaes da Universidade de Coimbra.— Já deu entrada na secretaria do governo civil deste districto a conta geral da receita e despeza dos hospitaes da Universidade, com referencia ao anno economico de 1872 a 1873, a fim de ser submettida á approvação do tribunal de contas. Fazem parte integrante da mesma differentes mappas auxiliares, e 2:067 documentos, sendo 311 de receita e 1:756 de despeza.

Este estabelecimento é sem duvida um dos primeiros a apresentar as contas da sua gerencia, facto que muito nobilita a conspicua administração do sr. Dr. Antonio Augusto da Costa Simões, e attesta o zelo e intelligencia do official da secretaria dos mesmos hospitaes, o sr. Antonio Lucio do Monte Pegado, que dignamente se acha desempenhando, mais uma vez, o cargo de secretario, e a quem está incumbido o arduo e importante ramo de serviço da contabilidade em geral.

Perigo de vida.—Dizem-nos da Figueira da Foz, que hontem de manhã, o sr. Antonio Gabriel, caixeiro do negociante desta cidade, o sr. Neves e Silva, estando a tomar banho, desviou-se da praia, apezar do repetido aviso dos banheiros, com tanta infelicidade, que, já sem forças para voltar a terra, sucumbiria de certo, se não fossem os promptos soccorros que lhe prestaram os srs. dr. Barreto, João Evangelista, Abel da Encarnação, e outros banheiros, que o trouxeram até á praia sem sentidos e quasi exanime. O sr. Gabriel ia sendo victima da sua temeridade, pois que, pouco pratico em natação, nunca deveria ter-se afoitado a distanciar-se da costa.

Companhia edificadora Figueirense—Teve logar no domingo ultimo, como previamente se annunciara, a reunião da assemblea geral d'esta companhia no salão da *Assembleia Recreativa* no bairro novo de Santa Catharina da *Figueira da Foz*.

Presidiu o sr. conselheiro Forjaz; e serviram de secretarios o sr. Antonio Vieira e o sr. padre Emygdio.

Depois de se ter verificado pela chamada que os accionistas presentes representavam mais de metade do capital social, declarou o sr. presidente aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

Em seguida poz o sr. presidente em discussão o parecer do conselho fiscal, que concluia pela approvação das contas da gerencia da direcção no anno social findo; tendo-se dispensado a leitura do relatorio e das alludidas contas, por haverem sido todos esses documentos distribuidos em tempo por todos os accionistas.

Um dos directores, o sr. Albano, deu algumas explicações em relação ás contas, em virtude de lapso sobre pontos insignificantes, que nellas se notavam.

O parecer da commissão fiscal foi approvado unanimemente, sem discussão, depois de ouvidas essas explicações; ficando assim approvadas as contas da gerencia da direcção.

O sr. Albano propoz, em nome da direcção, que se lançasse na acta um voto de louvor aos cavalheiros, que haviam composto a direcção da *Assembleia Recreativa* no anno passado, pelos relevantes serviços, que nessa qualidade tinham prestado á companhia.

Esta proposta foi muito applaudida e unanimemente approvada.

Foi em seguida lido e posto em discussão o parecer da commissão, que fôra nomeada em assemblea geral, no anno findo, para dar a sua opinião sobre a conveniencia da continuação da companhia, ou da sua liquidação.

O parecer da commissão era que, em vista do artigo 4.º dos estatutos, não havia por emquanto logar a tratar-se d'essa questão.

Este parecer foi approvado; e nem podia mesmo deixar de o ser. Aquella commissão havia sido nomeada partindo-se da ideia de que, findos os primeiros cinco annos depois da constituição da companhia, tinha necessariamente de resolver-se se ella devia continuar ou liquidar. Conhecendo-se, porem, agora, em vista da disposição do citado artigo, que os 5 annos de que fallamos estatutos só começam a correr depois de preenchido o capital social, claro e que a assembleia geral não podia deixar de conformar-se com o parecer da commissão.

Pelo que se passou nesta sessão por occasião de fallarem varios accionistas sobre o objecto do parecer, conheceu-se até á evidencia que, se podesse discutir-se em presença dos estatutos a questão da continuação ou liquidação da companhia, seria a idea da liquidação plenamente rejeitada, por ter a mesma companhia, hoje mais do que nunca, os necessarios elementos para viver, e até para prosperar; especialmente continuando á frente da sua direcção o benemerito e illustre director, o sr. Bernardo Augusto Lopes.

Seguiu-se a leitura e discussão das propostas da direcção, contidas no seu relatorio e na circular ultimamente dirigida aos accionistas.

1.ª Para que se peça aos poderes competentes que, a exemplo das concessões que se tem feito a outras companhias, seja a *Companhia Edificadora Figueirense* dispensada, por alguns annos da contribuição de registo na venda dos seus predios e terrenos, bem como das outras contribuições, como animação á utilissima empreza a que se propoz.

Esta proposta foi unanimemente approvada, tendo fallado sobre ella varios accionistas, e em especial o sr. conselheiro Antonio de Vasconcellos, Dr. Lucas e Dr. Diniz, o qual lembrou a conveniencia de se pedir á illustre camara municipal da Figueira que, por occasião da apresentação nas côrtes da respectiva proposta de lei, se digne de apoiar com uma representação a supplica da companhia. Esta lembrança foi approvada.

2.ª Para que sejam revistos os estatutos a fim de que se reformem alguns dos seus artigos, se assim parecer conveniente, e em especial aquelles que, em virtude de circumstancias que tem occorrido, não podem já hoje ser executados.

Foi approvada esta proposta; e nomeada uma commissão para esse fim, composta dos accionistas que compozeram a outra, de que acima se fallou, addiccionando-se-lhe o sr. conselheiro Forjaz, o sr. Dr. Filippe do Quental e o sr. Dr. Diniz.

3.ª Para que seja a nova direcção auctorisada para mandar proceder á avaliação dos predios, que tem sido construidos pela companhia, tendo em vista não o seu custo, mas tão sómente o seu valor venal na actualidade; regulando-se por essa avaliação as vendas dos mesmos predios.

Esta proposta foi approvada, depois de larga discussão.

4.ª Para que seja auctorisada a nova direcção a elevar, se assim o entender conveniente, a taxa dos preços dos terrenos da companhia.

Foi approvada.

Em seguida o sr. conselheiro Francisco Maria Pereira da Silva propoz que a commissão, que se nomeára para rever os estatutos, fosse tambem encarregada de estudar a questão da conveniencia ou inconveniencia da liquidação da companhia, antes do prazo marcado nos estatutos; alterando-se, no caso de ser julgada conveniente a liquidação desde já, o respectivo artigo dos mesmos estatutos.

Apesar de ser corrente na assemblea geral, como já se disse, a idea da inconveniencia da prompta liquidação, resolveu-se que a proposta do sr. Silva fosse á commissão, para não parecer que se desejava tolher a sua discussão.

Finalmente o sr. José Luiz Ferreira Freire propoz que a mesma commissão fosse encarregada de dar o seu parecer, sobre o seguinte ponto: se convirá que nas vendas dos predios que a companhia tenha construido, ou venha a construir, seja uma parte do preço pago em acções, ao par; e se convirá até que seja forçada essa forma de pagamento?

Resolveu-se que esta proposta fosse á dita commissão.

Achando-se muito adeantada a hora, propoz o sr. presidente que a eleição para os cargos da companhia fosse adiada, para se fazer no dia em que tivesse de reunir-se de novo a assemblea geral para a discussão do parecer da referida commissão.

Sendo approvada esta proposta, levantou o sr. presidente a sessão, sendo mais de 3 horas da tarde.

As Artes e Lettras.—Publicaram-se os n.os 4 e 5 do excellente jornal illustrado *Artes e Lettras*.

Alem dos muito instructivos e amenos artigos que contem, trazem as seguintes primorosas gravuras:

O n.º 4—A chavena quebrada—O bibliophilo—A cathedral de Lincoln—A leitura do evangelho—Christo no jardim de Gethesemani—Lettras illustradas e Cul-de-lampes.

O n.º 5—Faz-me a honra—Ariadna—Atelier no convento—O orphão—Portal da egreja de Santa Maria de Belem—Lettras illustradas e Cul-de-lampes.

Os ratos.— O sr. José Maria Rosa de Carvalho diz-nos o seguinte:

«Um dos males resultantes das nossas conquistas foi sem duvida a importação dos ratos. São tres as especies, antes raças, destes roedores, hoje muito vulgares, e desconhecidas dos nossos antigos.

O *mus decumanus*, chamado vulgarmente rato dos açougues, ou ratazana, é de todos o de maiores dimensões. Tem a cabeça alongada, olhos grandes, cauda comprida, e pouco povoada de cabellos. A côr é parda clara; tambem os ha malhados de branco, e brancos sem pintas; resultado de uma molestia de sangue chamada albinismo. E' o rato mais prejudicial aos nossos pombaes e ás capoeiras, assim como aos celleiros. Frequenta os saguões, e tambem se encontra nas margens dos rios e ribeiras. Originario da India e da Persia, appareceu na Russia em 1727, e na Inglaterra em 1730.

O *mus tectorum*, é um pouco menor do que o *decumanus*. Tem a cabeça menos alongada, e a cauda mais comprida: a côr do corpo é mais escura, e o ventre é branco. Vive nos tectos das casas, e muitos são victimas do *decumanus*. E' originario da Italia.

O *mus rattus*, é menor do que o *tectorum*; tem a côr preta, e o ventre cinzento. Apparece nas casas abandonadas; porém é pouco vulgar por a perseguição ou antes guerra cruel que os outros lhe fazem. Ha duvida acerca da procedencia deste rato. Diz alguem que elle é originario da Syria, e que viera para a Europa na volta da Palestina.

O ratinho caseiro, *mus musculus*, existiu sempre em Portugal e em toda a parte. Vejamos o que Buffon diz relativamente a elle:—«E' o commensal de todas as habitações do homem; vive á nossa custa e á nossa vista; sua multiplicação é extraordinaria, e seus estragos nas casas são espantosos. Este hospede incommodo tem seguido o homem nas cinco partes do mundo; come de tudo, mas prefere os grãos a toda a comida.»

Vamos dar noticia das raças do campo.

O nosso arganaz, *myoxus nitela*, o maior dos campestres conhecidos em Portugal, tem a côr parda acinzentada, com um risco preto desde o canto dos olhos, alargando-se muito atraz das orelhas. A cauda é longa, e ornada de pellos bastos e compridos; caracteristico mais proprio dos esquilos do que dos ratos. Faz grande estrago nas uvas, e nas laranjas. E' muito frequente na serra d'Ilhastro, ao norte de Coimbra.

Outro rato muito vulgar é o *mus sylvaticus*, de côr parda, com os flancos ruivos. Varia em côr e em tamanho. E' de grande fecundidade, e devora os da sua especie. Este rato é muito prejudicial ás searas, por fazer provisões para o inverno.

Os *arvicolas*, ou ratos *musgos* têem todos as orelhas, a cauda, e o nariz, excessivamente curtos, e os dentes molares são prismaticos.

São por ora conhecidas entre nós apenas duas especies; o *arvicola incertus*, e o *Rosianus*.

O primeiro, de côr russa acastanhada e com o ventre cinzento esbranquiçado, é muito frequente; e causa grandes estragos nas hortas, roendo a raiz da hortaliça, principalmente a das alcachofras.

Do segundo vimos apenas um exemplar, da côr ferruginosa e ventre esbranquiçado, que foi por nós apanhado proximo a Geria, no campo de Coimbra. O nosso amigo o sr. dr. Bocage descreveu esta nova especie, pondo-lhe o nome de *arvicola Rosianus*, por ter sido descoberta por nós.

Tambem dão o nome de *arvicola amphibius* ao nosso rato d'agua, que tem a cauda proporcionalmente mais longa do que as raças de que já fizemos menção. E' frequente nas vallas do campo, e faz estragos no milho, assim como nas arvores e arbustos proximos das aguas.

Temos fallado dos roedores, vamos aos insectivoros.

O musarenho *crocidura aranea*, a que tambem chamam rato, e rato toupeirinho, e pouco mais ou menos, da mesma côr dos *arvicolas*. Tem o nariz longo como o das toupeiras, e lança um cheiro forte ao almiscar; por isso os gatos matam-o e não o comem. Encontram-se nas fontes, bordas das ribeiras, etc.

Ainda não foram descobertas em Portugal outras especies; quando em França existem outras muitas.

Resta-nos fallar do *desman* dos Pyreneus, *mygale pyrenaica*. Vimos alguns exemplares vindos das ribeiras do Tamega, da provincia do Minho, e outros, do rio Sabor de Bragança. Este insectivoro é conhecido por o nome de rato almiscarado. E' aquatico; e notavel além de outras qualidades, por a enorme extensão do seu nariz.

Aqui mencionamos todas as especies dos nossos ratos, descobertas em Portugal; até que novas pesquizas descubram mais algumas.»

---

por sua vez terminar a guerra; Mendizabal, em seis mezes; e Erro, no mesmo prazo, com a entrada de D. Carlos em Madrid.

Colossaes offertas, que coincidiam tambem com a estatura colossal de ambos. Nas margens do Manzanares e do Arga, renasceu o enthusiasmo patrio; o coração de todos se abriu á mais lisonjeira esperança; ninguem se recordava do que tinha soffrido.

A nomeação de Erro foi feita por decreto de D. Carlos datado de 20 de Abril; e para o ajudar, foram nomeados secretarios geraes, do despacho da guerra, D. José de Morejon; da graça e justiça, D. José Arias Teijeiro; e para o de estado, a D. Wenceslau de Sierra.

Para a junta provisional consultiva do ministerio da guerra foi nomeado presidente o conde de Villemur, do conselho de estado e tenente general; e vogaes, o tenente general, conde de Casa-Eguia, sem que isto lhe servisse de prejuizo para continuar no commando em chefe do exercito, os tenentes generaes D. Vicente Gonzalez Moreno e D. Raphael Maroto, e os marechaes de campo D. José Mazarrasa, D. Luiz Gaston e D. Francisco Vivanco, e para secretario D. Antonio Serradilla.

Em conformidade do mesmo decreto, que creava um conselho geral dos negocios do reino, foram nomeados para o compor, o conselheiro de estado D. José Aznarez, presidente; e para ministros D. Miguel Ramon Model, D. Francisco Manzano, D. Raphael Maroto, D. José Llamas Pardo, D. José Rey Alda, intendente do exercito, encarregado interinamente da secretaria do mesmo conselho, e a outros individuos pelas juntas de Navarra, Alava, Guipuscoa e Biscaia.

D. João Baptista Erro assignalou a sua entrada na direcção dos negocios carlistas, com reformas numerosissimas em todos os ramos de serviço.

Por esta occasião não devemos omittir, por mais repugnante que seja, a indicação de alguns projectos que deshonravam aos seus auctores.

Um catalão, que em 1819 fora jesuita, e tinha sido expulso pelo seu mau comportamento, que serviu nas fileiras carlistas, das quaes desertara por se lhe frustrar a venda de uma companhia, saiu de Gerona no dia 16 de Abril de 1836, com o supposto nome de João Dias, para assassinar a D. Carlos; porem denunciado o intento com todos os seus promenores, se evitou o crime. Tambem se denunciaram outros projectos preparados em Paris e Bayona, valendo-se de desalmados carlistas; mas souberam-se todos os seus passos, e se evitou o seu depravado proposito.

Grandes eram os vicios de que adoecia a côrte carlista, onde, como em todas, se formava a opinião publica, os planos militares, e as fascinadoras illusões. Alli, longe do perigo, chegavam novos partidarios, ponderando o enthusiasmo que pela causa havia em toda a peninsula, para adquirirem por este meio o diploma de bons servidores della.

A idea de que bastava uma força qualquer, que se apresentasse no interior do reino, para levantar provincias inteiras ao pendão de D. Carlos, era propalada por chefes sem collocação, a quem enganava o seu bom desejo, e se mostravam bastante ousados, suppondo um prestigio e relações de que careciam, como se evidenciou.

Fazendo-lhes coro os cortesãos que, ou o criam, e nisso demonstravam a sua ignorancia, ou o que é mais provavel, se propunham adular, o certo é que publicavam em todas as partes a impotencia do exercito contrario, o enthusiasmo dos povos a favor do carlismo, a debilidade do governo de Isabel, e o temor de Christina que, acrescentavam, preparava a sua fuga, levando a sua riqueza e suas filhas, e que o partido liberal estava aterrado, não se concluindo a guerra porque se não queria.

D. Carlos, que prestava sem duvida mais credito a estes cortesãos que aos seus generaes, importunava estes, pedindo-lhes victorias; impunha-lhes combates e lhes recommendava expedições. Para burla enviou Eguia a de Batanero, dizendo que ia sitiar Madrid.

Não eram, porem, só estes clamores os que publicava a opinião; pronunciava-se tambem contra o ministro Cruz Mayor, cuja demissão fazia indispensavel o desgosto geral e a escassez do erario. Accusavam-no injustamente da morte de Zumalacarregui, occasionada antes, diziam, pelos desgostos que lhe causara, do que pelo resultado da ferida. A tal extremo conduz a paixão do partido!

D. Carlos tinha a desgraça de não ter á frente da administração publica um homem capaz de imprimir essa marcha salvadora, que requerem as circumstancias criticas. Cruz Mayor e Villemur estavam desconceituados, e para os substituir foi chamado Erro, a quem se confiou o ministerio universal, e se considerou o regenerador, o salvador da causa carlista. Cruz Mayor foi enviado ao estrangeiro com uma commissão, que, no dizer de alguns, o salvou de soffrer os effeitos da animosidade que contra elle havia.

Erro alardeou contratos de milhões, offereceu satisfazer as necessidades publicas, e se lamentava do estado em que achava todo o campo carlista.

Assim se communicou ao exercito, que adquiriu dentro em pouco a convicção de que era enganado. Tambem o foi D. Carlos por este ministro, que montou o seu governo com cabeça de gigante, pousado sobre base debil e falsa; que alimentou paixões desmedidas, desterrou do quartel real a seus primeiros empregados, prohibindo-lhes que se apresentassem sem licenças; que se rodeou de pessoas que pela maior parte acabavam de chegar de Madrid e de outros pontos não dominados; e em uma palavra, que formou um partido de homens cubiçosos dos destinos publicos, que lhe prodigavam elogios e adulações, em quanto que os aggravados e perseguidos eram desattendidos em suas reclamações e recursos.

Algumas destas queixas eram fundadas, por serem filhas dos factos, ou do descontentamento publico. O general Gomez dirigia então uma exposição a D. Carlos contra o chefe do exercito, que causou profunda sensação em todos os circulos, pelos factos que denunciava, e a linguagem com que o fazia.

A 16 de Setembro de 1836 foi Espartero nomeado com os termos mais honrosos, general em chefe do exercito de operações do norte, vice-rei da Navarra, e capitão general das provincias Vascongadas, por haver sido exonerado do primeiro destes cargos o marquez de Rodil.

Aproximava-se o terceiro e o mais famoso dos tres cercos, que os carlistas pozeram a Bilbau.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

ANNUNCIOS

EDITAL

1 A CAMARA MUNICIPAL desta cidade, faz saber, que estão patentes por espaço de cinco dias, a contar desta data, as listas da repartição de contribuição industrial, feita pela vereação em sessão de 18, com relação aos gremios de botequins, ferragens novas, hospedarias, negociantes por grosso, e ourives, por effeito de reclamação á repartição, feita em sessão de 6 do corrente; gremio de tabacos por grosso, repartição feita pela camara em sessão de hontem.

E para o devido conhecimento dos interessados se passou o presente e outros.

Coimbra, secretaria da municipalidade, 19 de Setembro de 1873.

O presidente,
Lourenço d'Almeida e Azevedo.

2 NA RUA DA ESPERANÇA, n.º 26, se diz quem recebe tres estudantes por preços convidativos, dando cama, mesa, roupa engommada e facultando tambem mobilia a quem não a possuir. Na mesma casa se dá comida para fóra.

3 O TABELLIÃO M.J. de Sousa, na sua casa na rua da Calçada, arrenda o seu terreno chamado Ladeira da Forca, Fóra de Portas, e as suas casas sitas na rua da Esperança e Couraça dos Apostolos, que tem bons commodos e as melhores vistas da cidade e campo.

CASAS

4 ALUGAM-SE DUAS adiante do jardim botanico, proprias para familias, sendo uma toda a estuque. O local é o melhor desta cidade, pelas vistas e excellentes ares. Trata-se com o senhorio, na Ladeira, n.º 20.

5 QUEM QUIZER arrendar as casas e casal no sitio da Cumeada, que foram do padre Antonio dos Santos Caria, falle com Antonio José Alves Borges, negociante na rua do Visconde da Luz; tambem se arrenda a casa em separado, que tem commodos excellentes para uma boa familia.

SUBSTITUTO MILITAR

6 PRECISA-SE um substituto militar. Quem estiver nas circumstancias, e quizer, póde dirigir-se a esta redacção, para se lhe dizer com quem hade contratar.

Venda de toneis e balceiros

7 SÃO 3 TONEIS de 12 pipas cada um, 2 de 4 pipas cada um, e 2 balceiros grandes, tudo de muito boas madeiras.

Quem os pretender, falle com José Antonio d'Amil, rua de João Cabreira.

Attenção

Farinha de trigo da acreditada Fabrica do Beato Antonio de Lisboa

AGENCIA, RUA DA REBOLEIRA, 27

PORTO

8 NESTA AGENCIA se encontra farinha de toda a qualidade, desde a mais fina até semea, e ensacada em muito boa sacaria.

Estas farinhas concorrem vantajosamente com a americana e hespanhola, tanto em preço como em qualidade.

Cumprem-se ordens das provincias.

9 QUEM QUIZER ARRENDAR a quinta do Rachado, pertencente aos herdeiros do fidalgo de Braga, João Borges Pacheco, nos limites das Ademias, que consta de uma casa grande de habitação, celleiro grande ao lado, casa de forno, pateo grande, com casas de abegoaria, cavallarice, etc.; compondo-se a quinta de terra lavradia, alta e baixa, vinho, e arvores de fructo, com um poço grande; e outra terra lavradia, alta e baixa, defronte da dita quinta do Olheiro, com um poço descoberto, com agua, eira, telheiro, e oliveiras, exceptuando-se o azeite; tendo demais de fóra, defronte da mesma casa e quinta, um pateo e um quintal de terra lavradia, dentro das paredes desmoronadas da antiga casa, que foi estalagem, e uma barraca de recolher gado suino; póde comparecer no dia 28 do corrente mez de Setembro de 1873, em casa de Manoel José Ferreira Leitão & Irmãos, na rua da Sophia, n.º 71, do meio dia á uma hora, e se entregará a quem maior lanço der, fazendo conta.

DOCTOR IN ABSENTIA

10 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a *Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra)*, o qual lhes dará gratuitamente todas e quaesquer informações sobre a Universidade.

11 ARRENDAM-SE as vastas casas do Dr. Gama na rua do Correio. Quem as pretender falle com o Dr. Casal.

REGULAMENTO DO IMPOSTO DE SELLO

12 ESTÁ NOS PRELOS da imprensa Commercial e Industrial, e sairá com a maior brevidade possivel, o decreto de 18 do corrente, que contem o regulamento do imposto do sello. No principio da semana proxima estará á venda na Livraria Popular, rua do Visconde da Luz, n.º 104 e 106. Satisfaz-se promptamente qualquer encommenda.

13 NA PRAÇA DE D. PEDRO V, n.º 1, vende-se uma cadella atravessada de raça ingleza, achando-se occupada pela primeira vez. E' propria para caçar ratos e boa para vigia.

14 ARRENDA-SE um celleiro no pateo da Inquisição, dentro no quintal. Sua dona a viuva Padua.

15 A MESA ADMINISTRATIVA da confraria do Santissimo Sacramento da freguezia do Espinhal, faz publico, que se acha a concurso o logar de capellão da mesma confraria, pelo tempo de trinta dias, a contar do dia 17 do corrente mez de Setembro, com o ordenado annual de 80$000 rs. Os srs. ecclesiasticos que quizerem ser providos no dito logar, deverão apresentar os seus requerimentos, dentro do referido prazo, instruidos com os documentos necessarios. As obrigações do capellão constam do compromisso da dita confraria, das quaes o abaixo assignado fará sciente aos individuos que quizerem requerer o dito logar.

Espinhal 17 de Setembro de 1873.

O juiz da confraria,
Caetano Maria do Rego.

16 NO DIA 28 do corrente Setembro, arrendam-se os fóros e rações, que o illm.º cabido desta cathedral tem em Condeixa e povoações annexas, bem como os fóros e rações do prazo d'Assadarça. Quem pretender este arrendamento compareça no cartorio do mesmo cabido, nesta cidade, no referido dia 28, pelas 10 horas da manhã. Ahi no acto do arrendamento se farão presentes as condições do mesmo.

17 PARTICIPA-SE a todos os visitantes de Luso e Bussaco, que tendo fallecido José Gomes Serra, digno proprietario do acreditado *hotel Serra*, em Luso, que o mesmo hotel continua a funccionar debaixo da direcção dos sobrinhos do mesmo Serra, e que ha muito faziam parte do seu pessoal, e farão por conservar o bom nome de seu fallecido thio, fazendo os mesmos preços e tratamento não inferior ao que sempre tem sido.

Manoel Gomes Serra.

AGUAS DE VIDAGO

18 VENDEM-SE na Praça de S. Bartholomeu, n.º 102.

Aguas alcalinas gazosas das Pedras Salgadas (Villa Pouca de Aguiar.)

19 ESTAS AGUAS medicinaes, são empregadas nos mesmos casos das de Vichy e Vidago; são mais ricas na sua composição chimica, e dos melhores effeitos therapeuticos.

Vende-se em Coimbra—Pharmacia Ferraz, Largo do Castello; e na Figueira, botica de Luiz Maria da Costa, e nas principaes pharmacias do reino.

Companhias Carris de Ferro do Porto

Fornecimento de madeiras

20 ACCEITAM-SE propostas em carta fechada até 25 do corrente, para o fornecimento de madeira de pinho da terra, dividido em quatro lotes eguaes: sendo cada um composto de

2:000 travessas rectangulares de 2m,00 de comprimento por 0,15 de largura e 0,10 altura;

500 longrinas rectangulares de 5m,45 de comprimento com a mesma largura e altura das travessas;

750 longrinas de 3m,70 de comprimento, idem, idem;

250 longrinas de 1m,95 de comprimento, idem, idem.

O primeiro lote será apresentado no dia 15 de Novembro, o segundo a 31 de Dezembro, o terceiro a 15 de Fevereiro e o quarto a 31 de Março.

As condições deste fornecimento acham-se patentes no escriptorio da Companhia Aurifícia, á rua dos Bragas, nesta cidade; em Coimbra na rua da Calçada, n.º 46; em Lisboa, rua dos Capellistas, n.º 160, 2.º

As propostas devem ser remettidas á direcção da companhia *Carris de Ferro do Porto*, Porto, indicando-se n'ellas o nome do proponente e sua morada.

Porto, 13 de Setembro de 1873.

Os directores,
Antonio Joaquim de Lima.
Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro
Evaristo Nunes Pinto.

PAPEL E SOBRESCRIPTOS

21 A LIVRARIA ACADEMICA, 183, rua da Calçada, 185, acaba de receber de Paris grande porção de papel para cartas e sobrescriptos de differentes qualidades e preços.

Faz-se abatimento aos revendões.

22 VIDA D'ELREI D. AFFONSO VI, escripta no anno de 1684, com um prefacio de Camillo C. Branco.—Preço 400 rs.

O DEGREDADO, romance de Mery.—Preço 500 rs.

Livraria Academica
183—Rua da Calçada—185.

CONCURSO

23 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Celorico da Beira, faz publico, que se acha aberto concurso por espaço de 30 dias, a contar da data da publicação do presente annuncio no *Diario*, para o provimento do partido de cirurgia desta villa, com o ordenado de 500$000 reis annuaes, e pulso captivo.

Os pretendentes, alem dos de mais documentos, deverão apresentar as suas cartas passadas pelas escholas medico-cirurgica de Lisboa, Porto ou Coimbra.

Celorico da Beira, 9 de Setembro de 1873.

O presidente da camara.
Antonio Rodrigues d'Almeida Ribeiro.

NOVIDADE INGLEZA

24 ANDASCRIPT— PARCELS-PEN, canetas com pennas de novo systema, para escrever rotulos, titulos de livros commerciaes, etc., etc.

Novidade parisiense

Pesa-papeis de cristal-scintillante, com reflexos metalicos.

Livraria Academica
183—Rua da Calçada—185.

Fornecimento de madeira para o caminho de ferro americano de Coimbra.

25 ACCEITAM-se propostas em carta fechada, para o fornecimento de madeira de pinho da terra, das seguintes dimensões e quantidades:

2:000 travessas rectangulares, de comprimento 2m,0, largura 0,15 e altura 0,10;

500 longrinas rectangulares, de comprimento 5,45, largura 0,15 e altura 0,10;

750 idem, de comprimento 3,70, e mesmas largura e altura;

250 idem, de comprimento 1,95 e mesmas largura e altura.

Uma terça parte deste fornecimento será effectuada 45 dias depois de assignado o contracto, e a ultima tres mezes depois daquella data. As condições do fornecimento estão patentes: em Coimbra em casa do sr. Frederico Ferreira, Calçada, n.º 46; e no Porto, no Consultorio d'Engenharia, Batalha, n.º 19.

As propostas devem ser enviadas até o dia 30 do corrente ao Consultorio de Engenharia, no Porto, indicando o proponente a sua morada.

Porto 15 de Setembro de 1873.

Evaristo Nunes Pinto.
Camillo Mangeon.

NUMERO 2730 — TERÇA FEIRA 29 DE SETEMBRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	8$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	940
Avulso	40

COIMBRA

Abriu-se hontem, e deve a esta hora estar encerrado, o grande emprestimo de 38.000:000$000 rs., de fundos consolidados de 3 por cento, com exclusiva applicação á consolidação da divida fluctuante interna.

Os bancos de Portugal, Lusitano, Ultramarino, Alliança, União, Commercial, Mercantil, do Porto, Portuguez, do Minho, Commercial de Braga, de Guimarães, Commercial de Vianna, a Nova Companhia Utilidade Publica, e as casas bancarias de Fonsecas Santos & Vianna e José Gonçalves Franco-Filhos, contractaram com o governo a negociação do referido emprestimo, com a garantia por elles tomada de 14.000:000$000 reis.

Os titulos representativos da divida fluctuante interna são aceites como dinheiro effectivo.

O preço da emissão é de 43 e um quarto por cento, ou 43$250 reis por titulo de 100$000 rs. nominaes, pagos em seis prestações, sendo a ultima em 31 de Março de 1874.

Fechada a subscripção, e depois de conhecida a sua total importancia, annunciará o banco de Portugal a parte que tocou em rateio aos subscriptores do emprestimo. A distribuição, no caso da subscripção exceder a totalidade do emprestimo, far-se-ha por modo que a nenhum subscriptor pertença menos de um titulo de 100$000 rs.

E' esta a maior operação financeira que se tem feito dentro de Portugal; e é um documento evidentissimo da nossa prosperidade, e da confiança que ha na gerencia do governo.

As vantagens deste emprestimo são da mais alta importancia. Ao mesmo tempo que as condições para os subscriptores são vantajosas; os resultados para a fazenda publica se tornam de immenso alcance, por se livrar o governo das exigencias dos possuidores da divida fluctuante, a que constantemente estava sujeito. Ficará assim o ministerio desaffrontado para definitivamente organisar a fazenda publica, e para promover cada vez mais os melhoramentos nacionaes.

As inscripções, que já estão pelo preço elevado de 45,30, quando ha dois annos estavam apenas a 36, subirão sem duvida, com o credito resultante da nova operação, a 49, ou 50.

Este estado de prosperidade manifesta-se em todos os ramos. O *Jornal do Commercio* faz notar, que tendo sido o rendimento das linhas ferreas de norte e leste, em 1862, de 141:232$361 reis, em 1872, isto é, dez annos depois, subiu a 1.372:551$139 rs.

E já nos primeiros sete mezes do corrente anno de 1873 se observou um acrescimo extraordinario de receita, comparada com eguaes mezes do anno de 1872. Nos sete mezes do anno passado, foi o rendimento do caminho de ferro, de 756:487$416 rs., e nos do corrente anno foi de 948:057$222 rs.; isto é, teve um augmento de 24, 98 por cento.

Os rendimentos das alfandegas vem em confirmação da situação lisonjeira em que se acha o paiz.

Nos oito primeiros mezes do anno de 1872, a alfandega de Lisboa, a alfandega municipal, e a alfandega do Porto, renderam 5.630:627$011 rs.; e em eguaes mezes do actual anno, renderam 6.646:436$230 rs. De modo que só em oito mezes, já neste anno ha o excesso de 1.015:809$219 rs., ou a media mensal de 126:976$152 reis; facto verdadeiramente assombroso!

Nestas circumstancias, se continuar como até agora a haver completa tranquillidade, e a fazenda publica tiver a mesma zelosa administração, extinguir-se-ha muito brevemente o *deficit*.

A grandiosa operação financeira que se está effectuando dentro do paiz, e que nas epochas anteriores nunca se imaginou possivel de se realisar; hade fazer com que Portugal adquira um grande e merecido credito perante as outras nações da Europa.

Já depois de escripto o artigo antecedente, soubemos pelo *Jornal da Noite*, que hontem, primeiro dia da subscripção, em que não costumam affluir os subscriptores das mais avultadas quantias, fôra em Lisboa extraordinaria a concorrencia de pessoas aos bancos e casas bancarias, para tomarem a garantia do emprestimo. Em todos os estabelecimentos interessados mal tem chegado os empregados destinados a esse serviço especial para attender ao respectivo expediente.

As noticias recebidas do Porto e Braga tambem são excellentes.

O sr. ministro da guerra tem applicado com muita efficacia as suas attenções para as necessidades do exercito. Fazia a nação uma avultadissima despeza com a força publica, e apezar disso não se poderia dispor de uma simples brigada, se a urgencia das circumstancias o exigisse.

Por falta de execução da lei do recrutamento, o que era devido ao patronato da maior parte das auctoridades, os quadros dos regimentos achavam-se deficientissimos; faltando até a força indispensavel para a policia. O material da guerra carecia de grande reforma, pois que estavamos em notavel atrazo dos melhoramentos que as outras nações tem introduzido nos differentes ramos do serviço e administração militar. E por fim a conservação na effectividade de grande numero de officiaes de patentes superiores, de avançada edade e sem a saude que se exige em tão pesado mister, fazia com que os commandos dos corpos estivessem em geral entregues a quem não podia já desempenhar esses postos, com a energia que é indispensavel.

A tudo tem tratado de providenciar o sr. ministro da guerra, pelo que é digno de muitos louvores. Visto a nação

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXCVII

D. CARLOS

XLVII

D. Carlos decidiu-se por fim a tratar formalmente sobre o sitio de Bilbau, e para esse effeito convocou em Durango uma junta de generaes, a que assistiram D. Carlos, que a presidia; o infante D. Sebastião, Erro, D. Vicente Gonzalez Moreno, Casa-Eguia, Uranga, La Torre, Villareal, D. Joaquim Montenegro, director geral da artilheria, D. Melchior Silvestre, commandante geral de engenheiros, e Urbiztondo, que como chefe interino de estado maior general, fazia de secretario.

Differentes foram os pareceres que alli se emittiram. La Torre opinou que se atacasse vigorosamente um ponto do Ebro, para que se não destacassem novas forças em perseguição de Gomez. Erro apresentou em uma memoria, como indispensavel, a posse da praça de Bilbau, sem o que não achava meios de continuar a guerra; que ella serviria de segura garantia para contratar emprestimos, e daria o triumpho a D. Carlos, porque considerava que desde Bilbau a Madrid era muito curta a distancia.

Houve opiniões em contrario, como a de Villarreal, não porque desconhecessem a importancia de serem senhores da praça, senão porque criam que se não contavam com elementos bastantes para conquistal-a á viva força. Outros opinavam para que se estabelecesse o sitio; porem com o unico objecto de attrahir aos arredores de Bilbau, aquelles terrenos escabrosos, as tropas liberaes, para as bater com commodidade.

Suppunham, e com razão, que não se abandonaria a opulenta e liberal villa de Bilbau; e em verdade que o objecto que estes se propunham não era desacertado, porque poderia escolher-se o terreno á vontade, e se se não vencia ao exercito liberal na primeira acção, poderia ser encerrado em Bilbau, ou ser-lhe impedida a retirada.

O parecer de Moreno pareceu ser o predilecto. Apoiava o de Erro, e se decidiu sitiar Bilbau.

Tomada essa resolução, apresentaram-se para o sitio todos os elementos necessarios.

A decisão da junta não era approvada por todos, pois muitos criticavam o empenho de accommetter a praça de Bilbau, que custara a vida a Zumalacarregui, e o querel-a possuir, dando-lhe assim uma importancia estrategica que em realidade não tinha, porque a chave da sua occupação, diziam, era Portugalete. Segundo estes, um simples bloqueio, bem entendido e estreito, era o que aconselhava a prudencia. Propalava-se que este sitio era uma empreza superior á força dos carlistas, e que se havia contado para elle mais do que com o immenso trem de guerra necessario em tantos sitios, com o valor pessoal e decisão dos soldados a quem se ia sacrificar.

Era, porem, já tarde para estas considerações. La Torre e Valde-Espina foram associados ao general em chefe, assim como o general de engenheiros e outros. Os irmãos Montenegro, que dirigiam com acerto o corpo de artilheria, trasladaram com rapidez e enthusiasmo o brilhante material do sitio, ajudando com decisão paisanos e soldados a conduzir peças e projectis, e trabalhar em quanto se lhes mandava. Assim em cinco dias, e como por encanto, se construiram as baterias e obras necessarias para o ataque, depois de acampadas as tropas da maneira mais conveniente.

O infante D. Sebastião passou tambem ao acampamento, a fim de estar á mira do que podesse sobrevir se a praça se tomasse, e impedir toda a desordem nella e no campo sitiador; tendo alem disso o desejo de contribuir com os seus conselhos e pessoa, sem se esquivar a perigos, ao objecto que todos se propunham.

Era nesse tempo commandante geral da Biscaia, D. Santos S. Miguel, e o encarregado da defeza da capital da provincia, guarnecida com os regimentos provinciaes de Compostella, Trujilo e Laredo, tres companhias de de Cuenca, outras tres de Alcazar de S. João, meia de artilheria, caçadores de Isabel II e o batalhão da guarda nacional. Total 4:300 homens.

Pouco depois de celebrada a junta carlista de Durango, se principiou a fallar do accordado nella, e a 22 de Outubro de 1836 se soube a aproximação das forças carlistas; mas esperava-se que fosse só um ameaço, e esta esperança se destruiu no dia seguinte, ao ver a artilheria carlista do outro lado do monte da Archanda, sobre o caminho de Bermeo.

Não ficando já duvida da intenção dos mi

estar sujeita a concorrer para a sustentação do exercito, tem direito a exigir que esses sacrificios sejam productivos.

Haja exercito á altura das necessidades do paiz, e não uma phantasmagoria militar, como tinhamos até agora.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 21 de Setembro de 1873.

A ordem do dia é o emprestimo nacional de 38.000:000$000 reis para a consolidação da divida fluctuante interna. Os jornaes de hoje annunciam a abertura da subscripção para amanhã e no dia 23.

Como sabe, a grande operação que se vae realisar, é com o fim de acabar com a divida fluctuante interna, pondo o thesouro publico a coberto de muitas e diversas phases por que passam os mercados monetarios, devidas quasi sempre a acontecimentos que não se podem prever.

A emissão é a 43 ½ por cento, sendo o pagamento realisado em 6 prestações. Os titulos vencem juro do 1.º semestre de 1874, inclusivè, o qual se encontra na penultima prestação em 15 de Fevereiro do proximo anno.

E' de immensa vantagem esta operação, porque, realisada ella, os capitaes que affluem ao paiz, podem destinar-se ao commercio, á lavoura, á industria, a todos os ramos, emfim, de prosperidade publica e particular.

E é ao presente em que se resume a politica interna.

—Teve hontem logar a experiencia definitiva do primeiro *tramway*, entre a linha de Santa Apolonia a Belem. Mais de 8:000 pessoas se acotovellavam desde a estação provisoria até Santo Amaro. O trem era puxado por tres muares. Percorreu o trajecto, desde a rampa de Santos até Santo Amaro, na extensão de 2:800 metros, em 35 minutos, gastando na ida e volta, quasi duas horas. A experiencia satisfez completamente; as carruagens são commodas e espaçosas. E' mais um melhoramento importante com que fica dotada esta bella cidade.

—Diz-se que não vão nenhuns operarios estudar a exposição de Vienna de Austria.

—Foi dada a demissão de ensaiador do theatro da Trindade, ao sr. Cunha Moniz, sendo substituido pelo sr. José Romano. Pequenas desintelligencias levaram a direcção daquelle theatro a invalidar os serviços do sr. Cunha Moniz, ensaiador esmerado e consciencioso. Acham-se desgostosos os actores com tal procedimento da parte da direcção. Pela nossa parte damos sinceros sentimentos aos actores em geral, e, em especial, á empreza.

—Um triste acontecimento teve hontem logar. Suicidou-se o sr. Seita Sá, escrivão de direito. Lançou-se de uma das janellas mais altas do tribunal da Boa Hora. A falta de meios impelliu-o a este desesperado passo.

—Diz-se que na proxima sessão legislativa o sr. Barjona de Freitas apresentará um projecto para a dotação do clero, e outro reduzindo os conventos de freiras a 21, um por cada districto, os quaes serão convertidos em recolhimentos de educação.

—Hontem de manhã falleceu o general Antonio Augusto de Sousa Pimentel. Estava reformado havia pouco.

—Hontem na bolsa effectuaram-se transacções sobre fundos de divida interna, a 45,25 e 45,30; ficando a 45,40 e 45,45. Os fundos portuguezes estão cotados em Londres a 43 ¼.

—Não tenho mais cousa alguma que lhe dizer. A ordem e tranquillidade é completa em todo o reino.

P. J. Conceição.

NOTICIARIO

A Misericordia de Coimbra — Desde que no anno de 1500 foi instituida em Coimbra a irmandade da Misericordia, lutou sempre esta respeitavel corporação com graves difficuldades por falta de casa.

Praticaram os irmãos os seus actos religiosos, primeiro na sé cathedral, hoje sé velha, e depois na egreja de S. Thiago.

Em 1546 começaram a construir uma egreja sobre as abobadas da de S. Thiago, contribuindo com larga esmola o bispo D. João Soares. Foi-lhes, porem, embargada a ampliação da obra, pelo prior e beneficiados d'esta egreja. Em junta de 11 de Novembro de 1571, resolveram mudar-se para outro local, sendo previamente consultado o bispo D. João Soares, protector da irmandade.

Tentaram construir a casa na praça de S. Bartholomeu, desde o canto do hospital real até ao Romal; mas não se levou a effeito essa obra.

Em 1587, de combinação com o bispo D. Affonso de Castello Branco, resolveu a irmandade fazer a casa ao fundo da rua do Corpo de Deus.

Por provisão regia de 4 de Abril do referido anno, foi concedido á Misericordia o poder expropriar 5 moradas de casas, com seus quintaes, ao fundo da rua do Corpo de Deus, defronte da egreja da Misericordia. As casas começavam nas que tinham sido de Gaspar Jorge, mercieiro, até ás de Antonio Rodrigues, tosador, com duas defronte, em que moravam dois barbeiros. Todas eram de differentes pessoas, que não viviam nellas, e as traziam de aluguer; e eram tão pequenas, que estavam taxadas em um conto de reis.

Feita a expropriação, começaram as obras, sendo necessario para crear terreno para a edificação, o cortar fundo na rocha, que é a base dos quintaes detraz das casas.

Quem actualmente entrar na loja de alfaiate do sr. Antonio Correia de Lemos, ao fundo da rua do Corpo de Deus, achará no mais interior d'ella, um grande espaço cortado na rocha, o que foi feito para esta projectada edificação, da qual se veiu a desistir, como diremos.

A primeira pedra para essa casa foi lançada pelo bispo D. Affonso de Castello Branco, no dia 29 de Maio de 1589.

Foi armado o portico da egreja da Misericordia, que ficava defronte; e na entrada, á porta principal, se levantou um altar para dizer missa, a que assistiu o bispo.

Collocou-se a sua cadeira e sedial ao lado do altar, encostado á casa do despacho, e em frente, no patim da egreja, se poz o pulpito, no canto das grades, do lado da rua da Calçada; estando tudo muito ornado e armado por cima. Esse patim, como é sabido, foi cortado em 1858, quando se procedeu ao alargamento da rua do Coruche.

Officiou-se missa nova, a qual celebrou o padre André Lopes, natural das Canarias, que residia em Coimbra, e na Misericordia costumava ajudar os officios divinos. Para este acto havia o bispo mandado vir a sua capella e charamellas.

Assistiu a mesa da irmandade e muito povo, tanto na egreja, como por toda a rua da Calçada e nas janellas, que todas estavam ornadas.

Pregou o padre Francisco Cardoso, da Companhia de Jesus, em louvor de Deus e Nossa Senhora, e da nova edificação da casa da Misericordia.

Acabada a missa, o bispo mandou vir o seu pontifical branco e os ministros d'elle, e foi posta no altar uma pedra branca, em que estavam esculpidas, pintadas e douradas as armas do novo bispo. Esta pedra emquanto se celebrava a missa esteve na mesa dos irmãos.

Com esta pedra, e com a cruz e bandeira levantadas, foram em procissão o bispo e ministros vestidos em pontifical, capella, irmãos e povo, ao fundo da rua do Corpo de Deus, ao alicerce que já estava aberto, para se benzer e lançar a pedra.

No remate do officio, o bispo tomou nas mãos a pedra com o provedor da Misericordia Luiz Pereira de Miranda, e a lançou no alicerce e fundamento do primeiro cunhal, e a compoz no seu jazigo, de maneira que ficou com a competente cal. Foi em seguida coberta com uma grande lage pelos officiaes da obra.

O bispo antes de sair do alicerce, assim vestido de pontifical, fez uma pratica ao povo, em louvor daquella obra, exhortando-o á devoção; e depois com a mesma pompa se recolheu ao altar e d'alli lançou a benção pontifical ao povo.

Tudo, porem, veiu a ficar inutil, por se reconhecer a impossibilidade de se effectuar esta obra, pela grande rocha que havia a cortar.

A mencionada pedra lançada com tanta solemnidade no dia 29 de Maio de 1589, deve existir nos fundamentos da casa da sr. Antonio Correa Lemos.

Missa nova — Como noticiamos em o numero passado, celebrou no domingo, no magestoso templo de Sancta Cruz, a sua primeira missa, o nosso patricio o sr. bacharel José Diniz de Carvalho Junior.

A este acto religioso assistiu um numeroso concurso de fieis, entre os quaes se viam muitos dos amigos do novo sacerdote e da sua familia.

Ao evangelho prégou o sr. padre Manoel Joaquim dos Santos Neves, que tomou por thema do seu sermão, a primeira epistola de S. Paulo aos Corinthios, capitulo IV, versiculo 1.º:—«Os homens devem-nos considerar como uns ministros de Christo; e como uns dispenseiros dos mysterios de Deus.»

O orador tractou de mostrar a importancia do sacerdocio, como instituição eminentemente social.

Disse que o principal elemento da felicidade publica, é a educação do povo, e que a verdadeira educação do povo é a religião. E exclamou, que importantes serviços não fazem para a sociedade aquelles que são depositarios e mestres das doutrinas religiosas!

Conduzidos aos nossos templos, disse o orador, em sua edade ainda innocente, os meninos ahi aprendem dos seus pastores essas verdades sagradas, que exercem sempre uma salutar influencia em corações ainda pueris. D'ahi essas primeiras impressões de piedade, essa delicadeza da consciencia, que repelle o mal, esses remorsos que acompanham o crime, e esse amor pela virtude, que se faz sentir, mesmo quando a abandonam.

O sr. padre Neves fez ver quão veneravel é o pastor, rodeado d'esses meninos, quando os acolhe com ternura, a exemplo de Jesus Christo; quando se abate até elles para lhes dar o leite da sã doutrina, até que possa distribuir-lhes um alimento mais solido.

Entretanto essas primeiras sementes crescem e desenvolvem-se com os annos; os cuidados que o pastor tem tido na infancia, são por elles continuados na edade mais adiantada. Assim, disse o sr. Neves, pelo ministerio sacerdotal forma-se o bom filho, o bom pae, o bom irmão, o amigo fiel, e o cidadão honrado; e as instrucções do pastor vem a ser d'este modo um beneficio immenso para a sociedade.

Mostrou o orador que o sacerdocio christão é como uma fonte publica, que leva por toda a parte a vida e a fecundidade.

Que o guerreiro se arme em defeza da patria, disse o sr. Neves; que o sabio se enriqueça com o fructo das suas vigilias e descobertas; que o magistrado mantenha as leis no seu vigor; são realmente cousas honrosas e saudaveis; mas apezar da força e das leis, que seria da ordem social sem a religião? E que seria da religião sem o sacerdocio, que perpetua o seu ensino, que inspira os seus sentimentos, e faz praticar as suas virtudes?

Bom é que o magistrado vigie pela manutenção das leis, que reprima os maus e proteja o innocente contra o oppressor; mas se o magistrado, pelo imperio que exercita sobre as acções, pune os crimes, o sacerdote, pela influencia que exerce sobre as consciencias, impede o mesmo crime. Se o primeiro termina as dissenções, o segundo abafa-as na sua origem.

Quem desconhecerá então, que o sacerdocio, sendo o sustentaculo da religião, está por isso ligado com os mais caros interesses da humanidade? Quem ousará com justiça contestar ao clero os seus direitos á estima e veneração publica, pela benefica influencia nos destinos sociaes?

O orador, depois de muitas outras sensatas e verdadeiras reflexões, dirigiu-se para o novo sacerdote, lembrando-lhe a sublime dignidade a que se achava elevado, e os importantissimos deveres que tinha a cumprir.

Disse, que a missão do padre é instruir, e para isso carece de dar-se ao estudo e contemplação das cousas divinas; porque só assim é que poderá dirigir sabiamente o espirito dos outros, e derramar em seu coração as consolações do ceu.

Que devia seguir sempre o caminho da virtude; porque a isso era obrigado como christão, e especialmente como sacerdote.

Que de nada aproveita edificar com a palavra, e ao mesmo tempo destruir com o exemplo.

Recommendou-lhe que fosse pacifico, humano e bemfazejo, animando sempre as suas acções o espirito da caridade.

E finalmente que rendesse infinitas graças a Deus, já que lhe aprouve escolhel-o para ministro do seu sanctuario.

Pela nossa parte diremos, que, se nas cousas humanas póde haver fundamento, estamos certos que o novo sacerdote, attento o seu exemplar procedimento até hoje, será em o seu novo estado, honra da sua classe; e assim satisfará aos salutares conselhos do orador sagrado, que prégou na sua primeira missa.

Depois da missa, foi cantado um solemne *Te-Deum*, e terminado elle, seguiu-se a commovente cerimonia dos assistentes beijarem a mão ao novo Levita.

Concluimos esta noticia repetindo ao nosso excellente patricio os mais sinceros parabens, assim como a seus paes e parentes.

Fallecimento. — No domingo falleceu nesta cidade o sr. Bernardo Antonio de Figueiredo, correio aposentado do ministerio dos negocios estrangeiros.

O fallecido prestou relevantes serviços á causa da liberdade, e com uma lealdade, zelo e intelligencia, que lhe fizeram merecer a particular estima das pessoas de posição a mais elevada em todo o partido liberal.

Na campanha contra os absolutistas, de 1826 a 1827, acompanhou como correio ao conde de Villa Flor, assistindo com elle e o general Antonio Claudino de Oliveira Pimentel, á importante batalha de Coruche, a 9 de Janeiro daquelle ultimo anno.

Andou sempre em serviço do exercito liberal, tanto no Minho como em Traz os Montes, até ao fim da campanha.

Quando em 1834, o mesmo conde de Villa Flor, já então duque da Terceira, saiu do Porto, em perseguição do exercito miguelista, o sr. Bernardo Antonio de Figueiredo acompanhou da mesma forma aquelle illustre general, em toda a expedição á Lixa, Lamego, Vizeu, Coimbra, Asseiceira até Evora Monte.

As commissões as mais arriscadas e que dependiam de maior zelo e intelligencia, eram sempre incumbidas ao correio Bernardo.

Serviu em seguida por muitos annos o emprego de conductor do correio entre Lisboa e Porto.

Alem da estima que lhe dedicavam o sr. duque da Terceira e o sr. duque de Saldanha, era seu intimo amigo o sr. duque de Loulé, e em geral era muito considerado por todas as pessoas que com elle tinham relações.

Por occasião da guerra civil de 1846 a 1847 andou com a maior dedicação ás ordens da junta do Porto.

De certo ninguem era mais conhecido em todo o reino, do que o correio Bernardo, porque rara será a terra desde Melgaço até ao cabo de S. Vicente, onde elle não fosse uma e muitas vezes.

Como amigos que eramos desde antigo tempo do sr. Bernardo Antonio de Figueiredo, aqui vimos pagar este tributo á sua honrada memoria; e egualmente damos os sentimentos ao seu filho e nosso patricio e amigo, o sr. padre Antonio Lopes de Figueiredo, conego da sé primaz de Braga.

Doença. — Tem estado gravemente doente com uma pneumonia, o sr. José Joaquim da Silva, mestre da philarmonica *Boa União*. O sr. Silva é muito estimado e considerado nesta cidade, e por isso todos fazem votos pelo seu restabelecimento.

Expropriação. — Foi declarada de utilidade publica e urgente, a expropriação de uma porção de terreno, na freguezia de S. Bartholomeu, desta cidade, pertencente ao sr. Francisco de Sousa Araujo, para se edificar a estação do caminho de ferro americano.

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Julia da Conceição, filha de Adelino Correia e de Julia Rocha, natural de Coimbra, de 17 mezes, fallecida no dia 13 de Setembro.

Vicencia Maria, filha de José João e de Anna Rosa, natural de Comaros, freguezia da Louzã, de 50 annos, fallecida no dia 14.

José Galvão Peixoto Lobato, filho de Bernardo Galvão Peixoto Lobato e de D. Fortunata Emilia Pinto Garcez, natural da Carapinheira, de 31 annos, fallecido no dia 15.

Virginia da Conceição, filha de Antonio Trindade e de Maria de Jesus, natural de Coimbra, de 33 annos, fallecida no dia 19.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada — 5:125.

Companhia Edificadora Figueirense. — Na noticia que demos no numero ultimo deste jornal sobre o que se passou na sessão da assembleia geral daquella companhia, omittimos, por lapso do nosso informador, uma das propostas da direcção. Supprimos hoje essa falta.

A proposta foi: para que a nova direcção fosse auctorisada a empregar todos os fundos disponiveis, até Junho proximo, em novas edificações por encommendas, ou por conta propria, se taes encommendas não existirem.

Esta proposta foi apenas impugnada pelo sr. conselheiro Silva, que pretendia que a direcção, em vez de empregar os seus capitaes em novas edificações, os emprestasse a juro a quem quizesse fazel-as por sua conta no novo bairro.

A ideia do sr. Silva foi combatida por varios accionistas, que demonstraram:

1.º que, adoptada ella, a companhia deixaria de ser — *edificadora* — transformando-se desde logo em *Banco*, o que contrariava os fins da sua instituição.

2.º que, mesmo olhando a questão sómente pelo lado dos lucros, ainda assim a substituição do sr. Silva não podia ser approvada; por quanto continuando a companhia a edificar, como queria a direcção, ou o havia de fazer por conta alheia, ou por conta propria: edificando por conta alheia, e embolçando-se do custo das casas edificadas em prestações mensaes durante 10 annos, na forma dos estatutos, lá ia receber dos encommendantes o juro de 6 % pela mora, e mais 5 % pela sua administração.

Edificando por conta propria, na falta de encommendas, percebia as rendas das casas que construisse em quanto as não vendia, o que equivalia a um bom juro, a julgar pelas rendas das casas ultimamente construidas; e, quando viesse a vendel-as, podia fazel-o por um preço superior ao custo, o que não é difficil de acreditar, attendendo a que a companhia edificando, como tem feito, grupos de casas contiguas, realisa economias, que tem todo o direito de fazer reverter em seu proveito e não no dos compradores das mesmas casas.

3.º que, approvada a proposta da direcção, e continuando esta a semear, pelas differentes ruas do bairro novo grupos de casas, como tem até agora feito, vae assim dar valor, cada vez mais subido, aos terrenos proximos a ellas, d'onde resulta incontestavel interesse á companhia.

4.º que, proseguindo as edificações, se vae por esse meio chamando cada vez mais a attenção dos banhistas para o bairro novo, augmentando assim a probabilidade de encommendas de novas casas, e da compra das existentes.

5.º que não é provavel que apparecesse quem quizesse edificar casas, apesar do fornecimento de fundos por parte da companhia, desde que a direcção, adoptada a ideia do sr. Silva, deixasse de administrar as obras; e isto em razão dos embaraços e difficuldades d'essa administração, principalmente para quem vive fora da Figueira. Por estas razões, alem de outras que se apresentaram, foi approvada a proposta da direcção.

Por esta occasião informaremos os nossos leitores que sabemos que o sr. Delphim Deodato Guedes, actualmente a banhos na Figueira com a sua familia, e residente no bairro novo, comprou á companhia terreno para uma casa, proxima á do sr. conselheiro Forjaz, que quer encommendar á mesma companhia. Alem d'esta compra, effectuaram-se mais duas para o mesmo fim; e consta-nos que ha outras propostas para compra, as quaes não se tornaram ainda effectivas, mas que é provavel que se verifiquem.

Sagração — Consta-nos que a sagração do nosso respeitavel amigo, o ex.[mo] sr. arcebispo de Mytilene, será no dia 5 d'Outubro, na egreja de S. Vicente de Fóra. O sagrante será o em.[mo] patriarcha de Lisboa, e assistentes os ex.[mos] srs. bispos de Coimbra e de Bragança.

Industria de pianos — O maior estabelecimento fabril de pianos, que hoje se conhece na Europa, é o do Broadwood e filhos em Londres. A sua fundação data de 1780, e foi fundador o avô dos actuaes proprietarios. Os livros de escripturação demonstram, que se tem fabricado nesta vasta officina 132:000 pianos.

Nos Estados Unidos da America esta industria tem feito immensos progressos, e só em New-York existem mais de 70 fabricas que produzem por semana 250 a 300 pianos. Em um relatorio apresentado á associação polytechnica americana, affirma-se, que todos os fabricantes d'este paiz construem por anno 35 a 40 mil pianos.

Museu britannico — As despezas d'este magnifico estabelecimento de Londres sobem annualmente a mais de 100:000 libras sterlinas. O quadro dos seus empregados subalternos é de 244 pessoas, além de 16 bibliothecarios. A sua vasta bibliotheca é frequentada todos os annos por mais de 100:000 leitores, e são lidos por dia, termo medio, mais de 4:000 volumes.

Commercio de livros na Allemanha — Ha um seculo havia apenas em Berlim 6 lojas de livreiros, e em Leipzig 31. Hoje contam-se na primeira cidade perto de 300, e na segunda 233, em Vienna 93, em Stuttgart 58, e em Francfort 53. Ha um seculo a famosa feira de Leipzig era apenas frequentada por 314 casas de commercio de livros, e hoje por mais de 3:000.

Em 1814 publicaram-se na Allemanha 2:529 obras; em 1830, 5:929; e em 1846, 11:086. Nos annos immediatos diminuiu este ramo de commercio; mas de 1865 por diante augmentou novamente, e tende a progredir cada vez mais.

Instrucção primaria na Austria — As escholas primarias d'este paiz são edificios solidamente construidos, espaçosos, bem ventilados e illuminados, e com todas as commodidades e conforto para alumnos e professores. A casa é cercada de jardins, hortas, pomares, prados, vinhas, e de todos os encantos da vida campestre.

No interior do edificio ha duas salas, uma para a aula, e outra para a gymnastica. A primeira tem 6 janellas, e a sua ventilação, aceio e mais condições hygienicas são irreprehensiveis. Os bancos estão dispostos em amphitheatro, e na frente a cadeira e mesa do professor. Por detraz d'esta ha uma estante, onde se guardam os instrumentos do ensino, e duas grandes taboas pintadas de preto, encostadas á parede, para os exercicios arithmeticos, e no centro um retrato em ponto grande do imperador.

A casa destinada aos exercicios gymnasticos é elegante, alegre e espaçosa. Das paredes pendem varios disticos e sentenças, allusivas á utilidade do trabalho physico e da sua influencia salutar sobre o vigor e robustez do corpo humano. Alli se encontram bem dispostos e solidamente construidos varios apparelhos, como trapesios, mastros, parallelas, balanças, etc.

Um vasto pateo rodeia o edificio escholar, onde se encontram animaes domesticos, estabulos, colmeias, e tudo o mais que faz respirar o ar puro e vivificante da natureza campestre. Tudo isto constitue o logradouro do mestre eschola.

Entra-se para o recinto da eschola por um vestibulo espaçoso e esteirado. O quarto e escriptorio do professor estão mobilados com simplicidade elegante, não faltando até o piano, para mostrar que os encarregados da cultura da infancia não devem ser extranhos ao exercicio das bellas artes. Encontra-se neste escriptorio uma abundante collecção de objectos empregados no ensino; livros, mappas geographicos, modelos anatomicos e de figuras geometricas, collecções de mineraes e de plantas, etc. Nas paredes vêem-se planos de jardins e modelos de casas de campo em differentes estylos.

A sala da aula é precedida d'uma casa de entrada, onde ha um lavatorio para os alumnos se lavarem. Contiguo a esta casa ha um gabinete, que serve para seccar no inverno o fato e calçado molhados das creanças.

A bibliotheca da eschola serve tambem para a instrucção pratica dos meninos em trabalhos manuaes. No centro ha uma mesa comprida cercada d'uma fileira de cadeiras. Um armario encostado á parede encerra instrumentos e machinas de physica. N'outro vêem-se esqueletos humanos e uma curiosa collecção zoologica. Em uma terceira estante encontram-se bellos livros de pedagogia, de litteratura e de philologia.

Vê-se por tanto, que nas escholas primarias austriacas se respira o maior aceio, commodidade, bom gosto e conforto. As escholas suissas, belgas e prussianas nada têem que invejar áquellas, e os seus modelos representados na actual exposição de Vienna d'Austria, têem sido admirados por todos os viajantes.

A' camara municipal. — Pedem-nos a publicação do seguinte:

«Rogamos á camara municipal com o maximo interesse, que se digne tomar na devida consideração o justo pedido que aqui lhe fazemos, que diz respeito a todo o municipio.

«O pedido consiste, em que a camara, do modo mais terminante, ordene aos seus empregados subalternos, e com especialidade ao fiscal e officiaes de policia, que tratem de cumprir com todo o rigor as disposições dos n.[os] 5 e 6 do artigo 30 do novo regimento de policia, que diz respeito ao pão mal cozido e sem o peso legal, pois temos observado, que no geral não tem o peso estipulado de 1:000, 500, e 250 grammas que deve ter, e aquelle mesmo que mais se aproxima do peso, é o mal cozido e assim preparado de proposito para evitarem as multas.

«E' o pão um dos principaes alimentos do rico e do pobre, do aristocrata e do plebeu, e por conseguinte sejam punidos os traficantes transgressores, que assim prejudicam todo o municipio.

«Tambem lhe pedimos com todo o empenho, que recommende aos mesmos empregados que tenham em vista e façam cumprir as disposições dos artigos 16, n.º 3 — 18, n.[os] 6, 7, 10 e 18 — 23, n.[os] 3 e 4 — 30, n.[os] 2, 3 e 4.

«Egualmente lhe rogamos que empregue todos os meios para obstar a que as chamadas regateiras, ou atravessadores vão comprar ás entradas desta cidade, e mesmo dentro della, quaesquer objectos, cereaes, legumes, fructa, peixe, etc., etc., etc., que os conductores e donos delles trazem para expor á venda para consumo do publico, pois que de semelhante proceder, o povo consumidor come sempre por muito maior preço, ficando assim gravemente prejudicado, lucrando apenas essas regateiras, ou atravessadores, que só tem em vista locupletar-se á custa do publico.

«A illustrada camara, que tanto tem demonstrado a sua actividade, zelo, energia e intelligencia, e que promove o bem estar de seus administrados, por certo não olvidará o nosso tão justo quão licito e legal pedido, e assim o esperamos — *C. R. C.*»

Obras municipaes. — A camara municipal deliberou que o engenheiro do municipio percorra as freguezias do concelho,

---

migos, que cada vez a iam evidenciando mais, se preparou a defeza com as poucas forças que havia para guarnecer um recinto tão dilatado.

No dia 23 começaram os carlistas o seu ataque, que proseguiram no dia 24. Sem previo aviso, começaram ao amanhecer do dia 25 a lançar bombas e granadas, com extraordinario furor sobre os edificios da villa, fazendo extraordinario damno nos fortes e casas, e não poucas victimas, sem que a chegada da noite interrompesse tantos horrores. Favorecidos pela escuridade principiaram os sitiados as obras da reparação nas baterias de Mallona e do Dente.

Sabedores os carlistas do destroço causado na linha, na qual abriram brecha, prepararam o assalto que effectuaram no dia 26. A acommettida foi impetuosa e os carlistas chegaram a alojar-se sobre os parapeitos; porem carregados com inaudito arrojo pelas tropas de linha desde o Circo até Mallona, e tomando as armas até os trabalhadores, foram arrojados sobre os fossos, onde ficaram bastantes mortos e feridos, pagando alguns bem cara a sua morte.

A guarda nacional contribuiu de accordo com a tropa para tão glorioso resultado, distinguindo-se em actos de heroismo que custaram a vida entre outros ao valente Mendibaru, que sendo o primeiro que viu os inimigo, exclamou:

—Aqui os temos já, amigos, viva Isabel II; chegou o momento desejado do meu coração; pereçamos todos em defeza da liberdade.

Ao pronunciar estas palavras se lançou com a espada na mão contra o primeiro carlista que encontra e o passa de uma estocada; vae a precipitar-se sobre os outros, e uma bala inimiga lhe dá uma morte honrosa. Então se generalisa a acção, e o estrondo dos tiros se confunde com os vivas á união e a Isabel II. Ao estrepito acudiram mais forças da praça, e se frustrou o assalto. Depois disto se passou a noite tranquilla. Bilbau acabava de ser salva em Mallona.

Desenganados os carlistas da impossibilidade de tomarem a praça, principiaram a retirar a artilheria ás 3 horas da tarde do dia 27.

Este fausto acontecimento foi annunciado por um repique dos sinos da torre de Santo Agostinho.

O facto não podia ser mais agradavel para os bilbainos, que se entregaram ao contentamento, e esquecendo a sua fadiga, pediram ao commandente geral permittisse uma saida para se apoderarem das peças. Verificaram-na as companhias de Trujillo e nacionaes, a quem se não permittiu avançar alem da praça de Quintana. Alguns soldados chegaram ás peças da bateria do Barrio; porem, tiveram que retirar-se, carregados por bastante infanteria carlista, o que originou aos liberaes 3 mortos e 17 feridos.

Tambem houve na praça dolorosas perdas, entre as quaes se contou a do primeiro ajudante de nacionaes D. Eustaquio Allende Salazar, que ao retirar-se de uma bateria foi morto por uma bala de espingarda. Os carlistas as tiveram egualmente irreparaveis.

Assim se interrompeu o cerco de Bilbau; porem dentro em poucos dias progrediu com muita mais violencia.

Para esse effeito expediu D. Carlos em Durango, uma ordem, datada de 4 de Novembro, para que o tenente general conde de Casa-Eguia, sitiasse a praça de Bilbau com a força de 12 batalhões até a render, por nisso estar empenhada a honra dos carlistas.

Villarreal, por ser mais expedito, á frente da força restante disponivel, cubriria esta operação e conteria o inimigo se tentasse impedil-a pela esquerda da ria, se desde Portugalete, Balmaseda, ou outro ponto immediato tratasse de oppor-se; devendo ficar ambos os generaes muito de accordo sobre os meios que mais conviessem em assumpto de tanto interesse.

Obediente Villarreal a tudo o que se lhe determinava, dispoz alem disso que desde Guernica se trasladassem a Mungua uma carronada de 24, duas de 16, e um obuz, com a dotação de 300 tiros cada peça, para bater o forte das Bandeiras; e que as companhias de sapadores que se achavam em Urquiola, passassem a Galdacano com os utensilios que tivessem e os saccos de terra que existissem naquelle forte.

Em todos os povos onde havia carlistas, e em todas as suas dependencias, se notava o movimento percursor de tão grande acontecimento. Já se não fallava mais que do sitio; não se trabalhava mais que para o sitio, que era ao mesmo tempo o objecto das murmurações de uns e das approvações de outros.

(Continuar-se-ha.)

Joaquim Martins de Carvalho.

para examinar as obras em construcção e informar alguns requerimentos para construcção de outras.

Mandou concluir a ponte de Botão, dar começo a de Ceira e estudar a de Coenços.

Egualmente mandou levantar a planta para o alargamento do largo da Portagem.

Foi adjudicada a Manoel Castella, de Sernache, a obra de terraplanagem e pedra britada, da estrada municipal de Sernache á Cegonheira, no lanço entre Sernache e Villa Pouca.

Resolveu mandar o mestre de obras a Monte Mór o Velho, com o fim de contractar com o sr. José Fortunato Goes de Mendanha a expropriação da sua casa á Portagem.

O mesmo sr. Mendanha, fez uma proposta á camara, em que declarava que cedia gratuitamente o terreno das suas casas a expropriar á Portagem, obrigando-se a camara a edificar-lhe umas casas nas condições das que alli possue.

O engenheiro municipal foi encarregado da compra de varios instrumentos para a repartição de obras.

Mandaram-se fazer varios concertos no cemiterio, regularisando o muro e completando a meia laranja.

Vistoria.— Foi mandado vistoriar pelo engenheiro o local onde ò sr. Augusto Antonio dos Santos, do Senhor dos Afflictos, tem um barreiro, para ver se cumpriu as obrigações que lhe foram impostas por termo que assignou na secretaria da camara.

Saude publica.— Mandaram-se substituir as sargetas de esgoto nas ruas por outras hydraulicas, procedendo-se á sua limpeza, e fiscalisando-se este serviço depois das 10 horas da manhã, sendo cheias d'agua.

Prevenção.— O sr. presidente da camara municipal officiou ao sr. administrador do concelho, pedindo a remoção dos depositos de petroleo e outras materias combustiveis das casas da cidade, segundo o que determina o n.º 1 do artigo 14 do regimento de policia.

Inspecção dos incendios.— Foi mandado concertar o material de incendios, sob a inspecção do engenheiro municipal.

Mandou-se pedir ao presidente da camara de Lisboa, que annuncie o dia em que o pessoal de incendios tenha exercicio, para que o inspector desta cidade vá assistir a elle.

Foi auctorisado o inspector de incendios a contractar qualquer pessoa competente que instrua o pessoal do corpo de bombeiros.

Carta corographica. — Mandou a camara municipal pedir á direcção dos trabalhos geodesicos, copia do mappa da grande carta corographica de Portugal, na parte que diz respeito a esta cidade e povos limitrophes, até á Figueira da Foz.

Noticias de Hespanha. — Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

«São pouco importantes as que nos trazem os jornaes de Madrid, hoje chegados, com data de 20.

Publicara a *Gaceta* o decreto mandando pôr em vigor a lei ultimamente votada para a reorganisação da milicia.

Nas suas disposições geraes, auctorisam-se os inspectores da provincia novas auctoridades de quem fique dependendo o desarmal-a.

Vae-se proceder immediatamente a esta reorganição, sendo tiradas as armas aquelles batalhões que se encontrem, como succede a maioria d'elles, em estado de completa desmoralisação, sem obediencia a nenhuma auctoridade, como se tem visto com os voluntarios de Malaga.

Correra o boato de que a milicia de Madrid não escaparia a ser tambem desarmada e pedindo explicações a este respeito, disse na camara o sr. Armentia, que a milicia republicana de Madrid era um elemento de ordem, e que não se acha por isso disposta a entregar as armas, o que só fará obrigada pela força.

Respondeu a este deputado o Sr. Maisonnave: que a maior parte do armamento concedido aos voluntarios estava em poder dos carlistas, e que o governo não podia consentir nisto; e estava disposto elle ministro a não permittir que existissem, no seu departamento, forças sem organisação nem obediencia a nenhum principio, e que todas as que estiverem nestas circumstancias serão desarmadas.

Chegaram a Valencia alguns individuos procedentes de Cartagena, diz-se que dispondo de dinheiro, destinado a preparar um novo movimento cantonal, e julga-se que eguaes emissarios foram mandados a Malaga e Barcelona.

Attribue-se a vinda de D. João de Bourbon a Hespanha, diz o *Imparcial*, ao proposito de servir de conciliador entre D. Carlos e Cabrera, com quem D. João tem conservado sempre grande intimidade.

O mesmo jornal diz que augmenta o movimento carlista no Baixo-Aragão.

Em Sevilha fizeram-se muitas visitas domiciliarias, achando as auctoridades armas e artigos de equipamento e papeis importantes. Foram presas varias pessoas e estão complicadas outras no projecto de levantamento de uma guerrilha carlista.

Diz um periodico que parece que já se deram algumas ordens prévias para a entrega dos regimentos de artilheria aos seus antigos officiaes.

Diz o *Imparcial* que na entrevista que houve entre os officiaes superiores desta arma e o ministro da guerra, este offereceu-lhes dar aos officiaes as collocações que elles proprios escolhessem.

Não ha outras novidades.»

ANNUNCIOS

Attenção

1 NA COURAÇA DE LISBOA, n.º 17, casa particular, recebem-se como hospedes, dois ou tres estudantes: presta-se-lhes casa, mesa e roupa engommada; e prestar-se-lhes-ha cama e mobilia se a não possuirem. Torna-se recommendada pelo tratamento e modico preço.

2 O TABELLIÃO M.J. de Sousa, na sua casa na rua da Calçada, arrenda o seu terreno chamado Ladeira da Forca, Fóra de Portas, e as suas casas sitas na rua da Esperança e Couraça dos Apostolos, que tem bons commodos e as melhores vistas da cidade e campo.

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS DE COIMBRA

3 POR PROPOSTA do exm.º sr. presidente da assembleia geral, no fim do funeral do nosso socio José Galvão Peixoto Lobato, se deliberou pedir a todos os socios, por intervenção dos respectivos presidentes dos gremios, para subscreverem com uma quantia nem mais de 500 reis, nem menos de 100 rs., para soccorrer á viuva e filhos do nosso socio, que tinha acabado de baixar á campa, e a do nosso socio ja ha muito fallecido, José da Silva Bandeira, por se acharem em precarias circumstancias, e não poderem por isso tratar da educação de seus filhos.

Por tanto peço aos socios que formam o gremio dos sapateiros, para depositarem qualquer quantia, com que hajam de sobrescrever no bairro alto, em casa do abaixo assignado, na rua do Infante D. Augusto, e no bairro baixo, em casa do nosso socio o sr. José Antonio Bizarro na rua dos Sapateiros.

Coimbra 22 de Setembro de 1873.

O presidente do gremio dos sapateiros,
Emygdio Ferraz de Carvalho.

AGUAS DE VIDAGO

4 VENDEM-SE na Praça de S. Bartholomeu, n.º 102.

DOCTOR IN ABSENTIA

5 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a *Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra)*, o qual lhes dará gratuitamente todas e quaesquer informações sobre a Universidade.

Seminario Episcopal de Coimbra

6 ABRE-SE no dia 1.º d'Outubro para a admissão dos alumnos internos, pelo mesmo modo que nos annos anteriores, e para as matriculas dos alumnos externos, as quaes serão de 7$000 reis por cada aula que frequentarem, pagos por uma só vez no acto da abertura da matricula. Exceptuam-se as dos alumnos deste bispado, que serão de 5$000, quando mostrarem por attestado do reverendo parocho respectivo, que se destinam á vida ecclesiastica, ou inteiramente gratuitas quando alem destas circumstancias se declarar no mesmo attestado que são pobres.

As aulas d'instrucção secundaria que devem ser frequentadas por todos com trage academico—capa e batina—principiam no dia 6, e as d'instrucção superior no dia 16.

Fica tambem aberto desde hoje até ao dia 15 d'Outubro o concurso para a admissão interna d'alumnos gratuitos ou semi-gratuitos deste bispado, e os concorrentes deverão entregar na secretaria do Seminario até áquelle dia os seus requerimentos com os documentos que provem a sua pobreza, o seu comportamento e vocação para o estado ecclesiastico, e os exames ou estudos que já tiverem.

Seminario Episcopal de Coimbra, 20 de Setembro de 1873.

O Vice-Reitor,
Antonio José da Silva.

Aguas alcalinas gazosas das Pedras Salgadas (Villa Pouca de Aguiar.)

7 ESTAS AGUAS medicinaes, são empregadas nos mesmos casos das de Vichy e Vidago; são mais ricas na sua composição chimica, e dos melhores effeitos therapeuticos.

Vende-se em Coimbra—Pharmacia Ferraz, Largo do Castello; e na Figueira, botica de Luiz Maria da Costa, e nas principaes pharmacias do reino.

8 NO DIA 28 do corrente Setembro, arrendam-se os foros e rações, que o illm.º cabido desta cathedral tem em Condeixa e povoações annexas, bem como os foros e rações do prazo d'Assadarça. Quem pretender este arrendamento compareça no cartorio do mesmo cabido, nesta cidade, no referido dia 28, pelas 10 horas da manhã. Ahi no acto do arrendamento se farão presentes as condições do mesmo.

9 A MESA ADMINISTRATIVA da confraria do Santissimo Sacramento da freguezia do Espinhal, faz publico, que se acha a concurso o logar de capellão da mesma confraria, pelo tempo de trinta dias, a contar do dia 17 do corrente mez de Setembro, com o ordenado annual de 80$000 rs. Os srs. ecclesiasticos que quizerem ser providos no dito logar, deverão apresentar os seus requerimentos, dentro do referido prazo, instruidos com os documentos necessarios. As obrigações do capellão constam do compromisso da dita confraria, das quaes o abaixo assignado fará sciente aos individuos que quizerem requerer o dito logar.

Espinhal 17 de Setembro de 1873.

O juiz da confraria,
Caetano Maria do Rego.

10 ARRENDAM-SE as vastas casas do Dr. Gama na rua do Correio. Quem as pretender falle com o Dr. Casal.

11 ARRENDA-SE um celleiro no pateo da Inquisição, dentro no quintal. Sua dona a viuva Padua.

CASAS

12 ALUGAM-SE DUAS adiante do jardim botanico, proprias para familias, sendo uma toda a estuque. O local é o melhor desta cidade, pelas vistas e excellentes ares. Trata-se com o senhorio, na Ladeira, n.º 29.

SUBSTITUTO MILITAR

13 PRECISA-SE um substituto militar. Quem estiver nas circumstancias, e quizer, pode dirigir-se a esta redacção, para se lhe dizer com quem hade contratar.

Venda de toneis e balceiros

14 SÃO 3 TONEIS de 12 pipas cada um, 2 de 4 pipas cada um, e 2 balceiros grandes, tudo de muito boas madeiras.

Quem os pretender, falle com José Antonio d'Anil, rua de João Cabreira.

Attenção

Farinha de trigo da acreditada Fabrica do Beato Antonio de Lisboa

AGENCIA, RUA DA REBOLEIRA, 27

PORTO

15 NESTA AGENCIA se encontra farinha de toda a qualidade, desde a mais fina até semea, e ensacada em muito boa sacaria.

Estas farinhas concorrem vantajosamente com a americana e hespanhola, tanto em preço como em qualidade.

Cumprem-se ordens das provincias.

16 QUEM QUIZER ARRENDAR a quinta do Rachado, pertencente aos herdeiros do fidalgo de Braga, João Borges Pacheco, nos limites das Ademias, que consta de uma casa grande de habitação, celleiro grande ao lado, casa de forno, pateo grande, com casas de abegoaria, cavalharice, etc.; compondo-se a quinta de terra lavradia, alta e baixa, vinho, e arvores de fructo, com um poço grande; e outra terra lavradia, alta e baixa, defronte da dita quinta do Olheiro, com um poço descoberto, com agoa, eira, telheiro, e oliveiras, exceptuando-se o azeite; tendo demais de fóra, defronte da mesma casa e quinta, um pateo e um quintal de terra lavradia, dentro das paredes desmoronadas da antiga casa, que foi estalagem, e uma barraca de recolher gado suino; póde comparecer no dia 28 do corrente mez de Setembro de 1873, em casa de Manoel José Ferreira Leitão & Irmãos, na rua da Sophia, n.º 71, do meio dia á uma hora, e se entregará a quem maior lanço der, fazendo conta.

PAPEL E SOBRESCRIPTOS

17 A LIVRARIA ACADEMICA, 183, rua da Calçada, 185, acaba de receber de Paris grande porção de papel para cartas e sobrescriptos de differentes qualidades e preços.

Faz-se abatimento aos revendões.

NUMERO 2731 — SABBADO 27 DE SETEMBRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Quando esboçámos ha pouco tempo os factos capitaes da vida publica do sr. Joaquim Antonio d'Aguiar, artigo publicado nos dois jornaes desta cidade, *Conimbricense* e *Tribuno Popular*, não cuidámos, e estavamos bem longe disso, que o nosso trabalho merecesse a honra de ser discutido.

O jornal intitulado *Nação* fez-nos a fineza de analysar dois paragraphos, os quaes julgou heterodoxos para a sua egreja politica, e nós agradeceriamos de boa mente a consideração que nos dispensou, a não ser a injustiça com que nos trata, reputando as nossas apreciações como *calumnias*, e dando a entender que «espesinhámos a memoria de «um illustre morto, despejando sobre «ella, como sobre os martyres do Colyseu as jaulas onde se guardam as feras «do rancor, do odio, da vingança brutal e implacavel!»

Pondo de parte a hyperbole e poetica exaggeração do articulista, ainda assim protestamos contra tão iniquas arguições.

Não houve calumnia, nem violámos a memoria de um defunto illustre. Apreciámos com exactidão, embora parecesse severidade, uma phase politica da nossa historia, e alludimos a um principe nos seus actos publicos, que são geralmente conhecidos. Não ha alli que armar aos *effeitos scenicos*, ha a verdade; e não temos culpa de que ella sangre de tal maneira. Os factos que desagradam á *Nação*, assim como desagradam a toda a gente, e que se attribuem a tão alto personagem, não são infelizmente historias do vulgo crendeiro, são confessados pelo seu auctor, authenticados por documentos, e reconhecidos pelo proprio artigo que impugna as nossas asserções.

O sr. infante D. Miguel jurou preito á rainha D. Maria II. E diz a *Nação* que *jurou* mas que não *trahiu* nem *quebrou* o seu juramento; fez (accrescenta) «o «que os liberaes, que o cercavam, lhe «impozeram, e reservou os seus possiveis direitos. Era um principe joven, «separado dos negocios, sem conselheiros fieis, e por isso era-lhe licito que «tivesse pelo menos duvidas acerca do «seu direito.»

O facto fica pois de pé; e se calumniámos, a *Nação* ajuda o brado da calumnia. Faz ainda mais, exacerba-a com os seus considerandos:

1.º D. Miguel estava cercado de liberaes em Vienna d'Austria, os quaes lhe impunham a sua vontade n'aquella côrte imperial e real apostolica.... 2.º Reservou os seus *possiveis direitos*, dos quaes lhe era pelo menos licito duvidar. 3.º Era um principe *joven* (quer dizer naturalmente *inexperiente*), e que apezar da sua juvenil edade já tinha figurado na revolta de Villa Franca em 1823 e na Abrilada em 1824. 4.º Não tinha a seu lado os *conselheiros fieis*, que eram os seus antigos camaradas de revoltas.

Ora quem não vê que nada disto invalida o facto do juramento que prestou, e não só em Vienna como tambem em Lisboa, no seio da representação nacional?... E mais ainda, todas estas considerações são contraproducentes e pueris, e são ellas que podem por ventura empanar a memoria d'aquelle principe. Imaginal-o um perfeito manequim e cataveuto nas mãos de liberaes, sem energia nem dignidade para se manter livre e independente, fallar de reserva de *direitos possiveis* para não fazer um juramento puro e simples, mas sim *reservado*, o que é requinte de deslealdade; imaginal-o joven, isto é, uma creança, e por isso um automato sem imputação nenhuma; vel-o privado de *conselheiros fieis*, os quaes sem duvida fariam tomar áquelle real pupillo o melhor caminho que lhes conviesse; isto, todo este acervo de inconveniencias, é que pode macular a memoria do principe proscripto.

Nunca tivemos azedume por D. Miguel, ainda que não sympathisassemos com o seu governo. Os principes em geral merecem antes lastima do que censura, e lastimamos, e muito, a cegueira deste infante, que não sondou o abysmo em que se precipitava, a si e ao reino, falseando o seu juramento.

Foi elle que *cravou no seio da patria o ferro da discordia civil*; e esta proposição tanto não é calumniosa, que é a unica, legitima e fatal consequencia dos seus actos.

O reino estava então dividido nas duas familias politicas de liberaes e absolutistas. Todos eram portuguezes, e a todos se deve a justiça de que imaginavam por meio dos seus principios salvar o paiz do abatimento e inercia a que o reduzira a invasão franceza, acompanhada de muitos outros males. O choque das ideias preparava naturalmente o choque das armas, mas o caracter bondoso, e a não previdencia politica de D. João VI, preveniu umas vezes, outra o attenuou, e algumas até inutilisou as tentativas de desordem.

Depois do fallecimento deste monarcha pareceu que se azedavam os odios, e a fera Erinnys brandiu o facho das discordias por todo o reino.

Foi proclamada e jurada a Carta Constitucional; e o infante, regente em nome de D. Pedro, a quem *jurara* vassallagem, e por quem fôra nomeado para dirigir o supremo governo durante a menoridade da rainha, era o homem que podia desvanecer a crise violenta por que passava o reino, e não quiz; podia levantar na sua terra natal a oliveira da paz, e preferiu os estragos da guerra. Esta responsabilidade tremenda carregou-lhe nos hombros e pesa-lhe na memoria; gravou-se na historia em letras de sangue, e não ha esponja que as apague, ainda mesmo ensopada nas lagrimas do exilio.

Quebrado o juramento do infante...

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXCVIII

D. CARLOS

XLVIII

Encarregado o general carlista, conde de Casa-Eguia do commando do sitio de Bilbau(a) dirigiu-se as 8 da noute de 5 de Novembro de 1836 a Galdácano, adoptou algumas providencias e se trasladou a Guernica, onde conferenciou com os generaes de artilheria e engenheiros, por causa de achar em deploravel estado a primeira arma, resultando da conferencia o enviar duas peças de bater e tres de campanha contra os fortes de Banderas e Capuchinhos, operação que considerava a base dos trabalhos que deviam completar a obra do sitio, e impedir a communicação pela ria.

Foram-se executando estas determinações, e na madrugada do dia 7 marchou o general de engenheiros, de Munguia para Sondica, a fim de regular alguns trabalhos e dar-lhes impulso, e passou logo com Olazcoaga a reconhecer o forte de Banderas e caminhos que a elle conduziam. Deu conta da sua commissão ao conde, accordaram nos trabalhos, e conferenciaram com o brigadeiro Bengoechea acerca dos meios necessarios para collocar uma ponte sobre a ria, e tomaram as disposições indispensaveis para quando se podesse emprehender esta operação.

Na manhã do dia 8 deram os carlistas impulso aos trabalhos, distribuiram as brigadas e se estabeleceu o parque junto ao moinho de vento, immediato a Banderas. Para atacar este forte projectaram-se duas baterias, que cruzassem os seus fogos em angulo recto sobre o ponto atacado.

De Durango se mandou passar ao quartel general de Eguia o intendente D. Antonio Garcia Diaz, em classe de chefe da fazenda, para que no caso de se tomar a praça, ficassem a seu cargo todos os interesses e effeitos que a ella pertencessem, sem intervenção de nenhuma outra auctoridade, ou corporação.

Antes que amanhecesse o dia 9 se achavam concluidos os trabalhos e collocadas as peças contra Banderas. A's 7 rompeu o fogo a bateria da esquerda; no mesmo instante seguiu a da direita, e aos 9 tiros se rendeu a guarnição, havendo intentado fugir alguma parte della. Ficou toda prisioneira de guerra, e quando occuparam os carlistas o forte, acharam uma peça de bronze de 8, com regular dotação, e 163 espingardas, 7:600 cartuchos para ellas, bastantes viveres e outros effeitos.

O ponto de Banderas interessava a Bilbau, por se achar nelle estabelecida a communicação telegraphica com Portugalete, assim como os signaes maritimos para conhecimento do commercio da praça. Porem os que a governavam, não comprehenderam sem duvida a importante utilidade deste ponto; fortificaram-no mal, e mais de uma vez se ouviram clamores ácerca do seu abandono.

Perdido o mal chamado forte de Banderas, os defensores do convento de Capuchinhos, debilmente guarnecido e sem artilheria, trataram, conforme as instrucções que tinham, de retirar-se para S. Mamés, na opposta margem esquerda do rio; porem cortaram-nos os carlistas, e tiveram por isso de se render, salvando-se unicamente 26, que a custa de mil trabalhos poderam alcançar aquelle forte. No convento dos Capuchinhos tambem se apoderaram os carlistas de armas, munições e viveres.

Na praça, comprehendia-se o seu perigoso estado; e ainda que era grande o enthusiasmo, não o eram os meios de o sustentar. Neste dia fizeram os seus fortes 30 tiros.

Os carlistas seguiam arrogantes, a tal ponto, que não duvidaram fazer fogo sobre um barco em que tremulava o pavilhão francez, e no qual iam alguns subditos desta nação, que fugiam aos perigos do sitio. Reclamou o consul, pedindo o passe para dois barcos, e não o conseguiu.

Em seguida atacaram os carlistas e tomaram o forte de S. Mamés. Esta perda foi deploravel para os liberaes, porque se apoderaram os seus inimigos de 8 peças, muitas armas, munições, viveres em abundancia, e outros effeitos, incluindo dois sinos; e porque a sua posse os fazia senhores da navegação da ria, e assegurava a communicação entre ambas as margens.

Podia considerar-se desde este dia estabelecido o sitio de Bilbau, em cuja praça se

(a) A descripção deste famoso cerco de Bilbau, tem na actualidade o interesse que dá o proximo cerco da mesma praça. Ficarão assim os nossos leitores mais habilitados a avaliar as phases e peripecias do cerco que se espera.

que preferiu ser o rei d'uma facção a chefe de todo um povo nobre e generoso, como podia e devia ser, por isso que tinha a sympathia declarada d'uns: a benevolencia d'outros, e o respeito e obediencia de todos, *a revolta do regimento 4, a insurreição de 28, e a expedição do Mindello* foram obra tambem do sr. D. Miguel. *Abyssus abyssum invocat:* quem semêa ventos colhe tempestades. E se o infante não tinha escrupulo em *quebrar o seu preito*, era impossivel que fossem todos do mesmo parecer, porque o juramento ao rei legitimo e á constituição do estado fôra prestado por quasi todos os portuguezes, e nem todos os juramentos podiam ser *reservados*. Podia o infante ser perjuro, mas o exemplo de tão illustre principe não auctorisava o perjurio dos que tinham tambem jurado, e a reacção era corollario consequente do seu comportamento.

Este exemplo da usurpação de D. Miguel não é novo nem unico, e na nossa historia abona-se com os actos de D. Affonso III e D. Pedro II. — O primeiro tirou o sceptro a seu irmão e rei legitimo, D. Sancho, auxiliado pelo clero e alguns nobres descontentes, que alcançaram do papa uma bulla de deposição! O segundo roubou a seu irmão, el-rei D. Affonso VI, a corôa, a mulher e a liberdade!

Estas usurpações fraternaes foram ambas atrevidas e felizes, *audentes fortuna juvat*, e a sua lição não passou inutil para os seus descendentes. Mas a de D. Miguel, que a principio correra propicia, foi supplantada depois de alguns annos de guerra sanguinolenta, porque não foi só questão de familia, foi tambem luta de principios, e estes preponderam mais no espirito dos povos.

Ora neste sentido é que nós defenderiamos o caracter do infante, e não o comprometteriamos com o seu *juramento*. Os seus defensores devem fugir deste ponto, que é a sua cabeça de Medusa, petrifica-lhes a penna. *Jurou*, mas não *quebrou* o preito é cousa que se não entende. *To be or no to be that is the question.* Juramento com reserva de *direitos*, e *direitos possiveis* (?) não consta que houvesse em Vienna nem em Lisboa, e que o houvesse, se não quizessem chamar-lhe *quebrado*, não poderiam negar que fôra *torcido*, o que faz naturalmente lembrar a famosa quintilha do nosso Sá de Miranda.

Agora, se nos mostrassem o illustre principe como paladino d'uma ideia politica, sustentada a todo o transe e coroada com um nobre exilio, se não tivessem pejo de o declarar francamente revolucionario, atropellando todas as conveniencias para conseguir o que elle reputava salvação da patria, eis o que seria dignissimo da sua memoria, e não se atolariam, como fazem, em pequeninas chicanas.

Para *defender a honra das memorias* o que diz a *Nação* não é bastante; pelo contrario compromette-as. Faça do seu rei um homem, um varão, e não um idolo. O idolo é uma cousa inerte e futil, e vale menos do que o homem. Conceda-lhe as grandes paixões, e até os grandes crimes; não enfeite o que póde ser aguia com as pennas da pomba. Fazer do infante um *joven separado dos negocios* quando jurou em Vienna é deshonroso para o principe e uma falsidade historica. Diga que D. Miguel, desterrado por seu pae, não desfitava os olhos do reino; diga que conspirava e trabalhava por todos os meios para conseguir o restabelecimento seguro do antigo regimen; confirme que foi esta a sua aspiração constante, que batalhou por ella, e que, embora vencido, não teve nunca outra ideia nas longas e afflictivas amarguras do seu exilio. Isto entende-se; é nobre e é digno, e não deshonra ninguem.

O infante sabia o que fazia em Vienna, e até o que havia de succeder depois em Lisboa. *Jurou* porque lhe fazia conta; mais tarde tambem Luiz Napoleão foi presidente da republica para atraiçoar a republica e sentar-se no throno imperial com o nome de Napoleão III.

Que innocente ignorancia a do principe quando pretendia voltar da Austria pelo caminho de Hespanha!.... Que stulta imprevidencia a sua, quando, chegado a Londres, instava pela completa evacuação das tropas inglezas que ainda restavam no reino!... Que louca demora a que teve em Plymouth!... Que santa ingenuidade quando jurava em 26 de Fevereiro de 1828 o que havia logo de desfazer em 13 de Março!...

Mas paremos... Estas questões estão já resolvidas em tribunal competente. Quando um homem desceu á sepultura, já não pertence a amigos nem a inimigos; os actos que praticou ficam registados na historia, e nem a affeição d'uns ou a inimizade dos outros podem desfigural-os. Apontámos os factos, e tenha a *Nação* paciencia, que nem o seu immenso amor e acrysolada lealdade podem extinguil-os. E creia que lhe dizemos isto com toda a sinceridade; nesta questão não ha *jaula de rancores*, e muito menos *martyres do Colyseu*.

Finalisamos.

A. A. F. P.

Publicámos ha tempo o artigo commemorativo do anniversario do sr. conselheiro Joaquim Antonio de Aguiar, escripto pelo sr. Abilio Augusto da Fonseca Pinto. Hoje publicamos a resposta que o nosso amigo e patricio dá ao que a respeito do seu artigo escreveu a *Nação*.

O emprestimo nacional concluiu-se, excedendo tudo o que se poderia esperar.

Produziu a somma total de 43.808:200$ reis, tendo por isso de haver um rateio de 13,25 por cento.

NOTICIARIO

Fallecimento. — No dia 8 do corrente falleceu em Paris, na edade de 78 annos, o sr. Dr. José da Gama e Castro de Mendonça, natural desta cidade de Coimbra, e filho do sr. Mauricio José de Castro e Sá, empregado na camara ecclesiastica.

Foi um decidido partidario de D. Miguel, e incansavel defensor das ideias absolutistas.

A *Nação*, fazendo a commemoração do seu fallecido correligionario, diz que o sr. Dr. Gama e Castro, depois de ser formado em Medicina, tomara nesta Faculdade o grau de doutor. O collega estava mal informado; e tambem por mal informado já tinha cahido no mesmo equivoco o sr. Innocencio Francisco da Silva, no seu muito valioso *Diccionario Bibliographico*.

O sr. Dr. Gama e Castro formou-se em Medicina em 1819, e doutorou-se, não na mesma Faculdade, mas na de Philosophia, em 5 de Novembro de 1820.

Tambem a *Nação* se engana quando diz que o sr. Dr. José da Gama e Castro fora nomeado lente substituto, pois que nunca exerceu tal cargo.

Este illustre filho de Coimbra foi de um talento extraordinario; e qualquer que fosse a differença de opiniões politicas que nos separasse, não sabemos faltar ao nosso dever, deixando de aqui registar estas palavras, em honrosa commemoração do nosso patricio.

O pae do sr. Dr. Gama e Castro era muito pobre; mas valeu-lhe para a educação de seus filhos a protecção do bispo conde D. Francisco de Lemos; o qual, não só foi padrinho do baptismo do sr. Dr. José da Gama e Castro de Mendonça, mas já tambem o tinha sido de seu irmão mais velho, o sr. Francisco de Assis Castro e Mendonça. Este ultimo nasceu em 24 de Dezembro de 1793, e foi baptisado na egreja de S. João de Almedina em 19 de Janeiro de 1794; e o sr. Dr. Gama e Castro nasceu em 7 de Outubro de 1795, e foi baptisado na mesma egreja no dia 21 desse mez.

Na epocha dos seus estudos no Collegio das Artes, viviam nas muito modestas casas do largo da Feira, que ha pouco tempo foram demolidas, para no seu local se fazer a escola de instrucção primaria, que anda em construcção.

O sr. Dr. Gama e Castro serviu o cargo de physico mór do exercito de D. Miguel, e com este principe passou pela ultima vez em Coimbra, quando em Agosto de 1833 vinha das linhas do Porto, para pôr o cerco a Lisboa.

Pouco tempo depois de estabelecido o governo liberal neste reino, emigrou o sr. Dr. Gama e Castro; e tendo percorrido varios paizes, foi para o Brasil, e ultimamente foi para França, onde veiu a fallecer.

Tanto no Rio de Janeiro, como posteriormente em Paris, fez differentes publicações, sendo além d'isso assiduo correspondente de varios jornaes.

Possuimos um exemplar da segunda edição da sua publicação mais notavel, feita anonyma no Rio de Janeiro em 1841 — *O novo principe, ou o espirito dos governos monarchicos: por * * **.

O irmão d'elle, o sr. Francisco de Assis Castro e Mendonça, foi o auctor do celebre livro, impresso em 1840 em Coimbra, na imprensa de Trovão & C.ª — *A Dynastia e a Revolução de Setembro, ou nova exposição da questão portugueza da successão: por C. V. e S. C.*

Tambem temos um exemplar deste livro, já hoje bem raro.

A celebridade deste livro, e a avidez com que era procurado, esgotando-se rapidamente a edição, foi devida á querella intentada pelo ministerio publico, pelas doutrinas dynasticas n'elle expostas. Negavam-se a D. Maria II os direitos ao throno por herança, e só se lhe concediam como dimanando da vontade popular, manifestada na revolução de 9 de Setembro de 1836.

O jury para o julgamento, reuniu-se no dia 28 de Abril de 1840, no Collegio Novo, onde hoje está a Misericordia.

Foi defendido o reu pelo sr. Alberto Carlos Cerqueira de Faria, que tratou de convencer o jury e o auditorio, de que no mencionado livro não havia abuso, e que tudo o que alli se dizia de D. Pedro era a mesma opinião de Silvestre Pinheiro, Trigoso, e outros.

Em quanto á severa analyse e asperas censuras pelas operações financeiras, effectuadas tanto no tempo da emigração liberal, como no cerco do Porto, e depois em Lisboa; procurou o sr. Alberto Carlos defendel-as, mostrando quanto tinham tido de ruinosas as administrações dos srs. Silva Carvalho e Florido.

O jury, que era composto quasi todo de pessoas de elevada posição social, absolveu o reu.

O sr. Innocencio Francisco da Silva, diz no seu *Diccionario Bibliographico*, que tanto o sr. Dr. José da Gama e Castro, como seu irmão o sr. Francisco de Assis Castro e Mendonça, foram collaboradores da *Aguia*, jornal *legitimista*, que se publicava em Lisboa em 1834.

Salvo o respeito que tributamos ao illustre auctor do *Diccionario*, diremos que ha n'isto equivoco.

Temos alguns numeros da *Aguia*, nos quaes não só se não defendem as ideias miguelistas, mas pelo contrario se fazem os mais exaltados elogios a D. Pedro, e se dirigem as maiores affrontas a D. Miguel.

Por exemplo, dizia-se em o numero da *Aguia* de 26 de Setembro de 1834, dois dias depois do fallecimento de D. Pedro:

---

começou a redobrar a vigilancia e a prestar-se todos a morrer por a salvar.

No dia 11 deram principio os carlistas á construcção de uma ponte sobre a ria, em frente de S. Mamés, e construiram uma bateria avançada deante de Banderas, com o fim de bater os barcos que se achavam na ponte de Luchana, contra os quaes collocaram a peça de 8, que havia em Banderas.

No dia 12 apoderaram-se os carlistas do forte de Burceña, onde tomaram 134 prisioneiros, duas peças com abundante dotação, 12:440 cartuchos de espingarda, outras munições, e não escasso deposito de viveres; e isto sem nenhum sacrificio da sua parte, como quem contava com a vontade dos defensores.

O forte de Luchana tambem foi atacado com empenho, e a guarnição, protegida pelos fogos dos barcos que cobriam os rios Galindo e Azua, e o forte anglo-hispano do Deserto, se defendeu com bravura, até que sendo já temeraria a resistencia, inutilisou a artilheria, e salvando o resto das munições, se retirou para o Deserto, a bordo dos barcos. Era o Deserto um ponto importante, que estava debaixo da protecção das forças maritimas inglezas.

No dia 14 effectuou Villareal alguns movimentos, occupando as formidaveis posições de Castrejana, sobre o rio Cadagua, e D. Sebastião chegou a Deusto; tudo o que souberam os bilbainos, divisando desde o forte avançado de Miravilla cinco vapores e um navio de guerra, sobre a enseada de Portugalete. Esta noticia, e a de que Espartero estava proximo de Balmaceda, lhes fizeram conceber lisonjeiras esperanças, que se trocaram em sentimento ao ver que os sitiadores iam descubrir alguns de seus trabalhos preparatorios contra Bilbau.

Os carlistas dirigiram em seguida os seus ataques contra o convento de Santo Agostinho, rompendo ao amanhecer do dia 17 o fogo das suas baterias.

Era tal a confiança que os carlistas tinham na tomada de Bilbau, que no quartel general de D. Carlos em Durango, se organisaram neste mesmo dia 17 umas instrucções, assignadas pelo ministro Erro, e dirigidas da maneira mais confidencial ao general Eguia, para se dirigir na occasião em que se apoderasse da praça.

Regulava-se alli o procedimento que deveria haver com os differentes habitantes de Bilbau. Mandava-se castigar o auctor do folheto intitulado — *Sitio e ataque de Bilbau*, e os auctores dos papeis publicos; assim como o official e soldados que cobriam o posto que fizera fogo ao official e parlamentario Sanz.

Os habitantes de Bilbau, conhecidos por desaffectos á causa de D. Carlos, deviam satisfazer em breve termo a contribuição de 12 milhões de reales de vellon; e alem disso todos os habitantes em geral, contribuiriam sem nenhuma distincção, com 10:000 capotes de panno, egual numero de calças, e outros tantos pares de sapatos para a tropa, assim como o correspondente panno para camisas e roupas para os hospitaes.

O odio que os carlistas tinham aos habitantes da praça de Bilbau era tal, que nas mencionadas instrucções confidenciaes se determinava o seguinte, que aqui transcrevemos textualmente:

«Artigo 14. Obtidos que sejam em toda a sua extensão os resultados das anteriores medidas, procederá o commissario regio a purificar o povo, expulsando de Hespanha a todos aquelles que sejam notoriamente conhecidos por sua exaltação, aversão á santa causa da religião e do rei nosso senhor, e adhesão á dos inimigos, disseminando aos menos perigosos pelos povos, com prohibição de passar a Bilbau, e debaixo da mais estreita vigilancia. Egualmente fará recolher em conventos e logares de correcção todas aquellas mulheres decentes, que por sua corrupção e desenfreio de costumes hajam escandalisado o povo.»

Felizmente para a causa liberal, os esforços dos carlistas para tomarem Bilbau, foram impotentes neste terceiro sitio que pozeram á praça, da mesma fórma que o tinham sido nos dois anteriores.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

«Que é do homem grande, o maior principe deste seculo; o destinado pela fortuna ao throno, mas enriquecido pela Providencia com todas as virtudes plebeias; nascido com alma Spartiata entre a raça degenerada e corrompida dos homens do dia; glorioso e escandalo dos despotas, seus contemporaneos, e enygma sympathico ante os olhos das nações opprimidas?

«Onde está aquelle que fez mais que fundar e illustrar imperios, porque nas suas proprias mãos duas vezes quebrou o sceptro da sua omnipotencia; aquelle que os ceus não debalde haviam feito nascer em a nossa Lusitania, bello nome que recorda tantas especies de glorias, para lhe dar a que ainda lhe faltava e a maior de todas, a da liberdade; aquelle, que depois de ter descido de um throno n'outro hemispherio, veiu atravez de duas mil leguas de oceano, restituir-lhe essa mesma liberdade com a espada na mão e firmar-lha sobre um altar erigido em cadaveres e coroado de palmas?

«Passou como a sombra! Esse homem extraordinario, que soube usar do ferro para vencer e da victoria para perdoar, do sceptro para libertar os seus semelhantes, e da penna para nos traçar o codigo da civilisação, e no qual todos os talentos foram virtudes e todas as virtudes felicidades publicas; esse a quem toda a medonha criminalidade de ministros tenebrosos e despotas, não poude nem marear o brilho, nem minguar o amor de seus povos; esse homem, talvez unico na historia, já em fim lhe pertence, porque cessou de existir! O ultimo grão de areia da sua ampulheta já cahiu no fundo dos nossos corações, e elles se comprimiram fechados á alegria, e quasi á esperança.»

Este primoroso artigo, que sentimos não ter espaço para transcrever todo, sabemos que foi escripto pelo sr. Antonio Feliciano de Castilho, um dos collaboradores da *Aguia*.

Agora ahi vae um exemplo como na *Aguia* era tratado D. Miguel:

«Por noticias directas de Genova de 20 de Agosto ultimo se sabe, que o *ex-usurpador* D. Miguel havia ido para Milão e Parma, levando em sua companhia o conde de Soure e uns caçadores genovezes. O *ex-tyranno* pretendeu entrar sem passaporte nos estados Austriacos, e foi repellido: dizia-se, porém, em Genova, que depois de vencer muitas difficuldades, o conde de Bombelles, ministro d'Austria em Turim, lhe havia concedido a permissão de poder ir caçar á Lombardia.»

E' claro, portanto, que a *Aguia* não era *legitimista*, mas sim decidida *liberal*; e que por isso, o sr. Dr. José da Gama e Castro, como intransigente miguelista que era, de certo não escreveria em um jornal, que usava linguagem tão diametralmente opposta aos seus sentimentos.

Como era possivel que escrevesse na *Aguia* o sr. Dr. José da Gama e Castro, o mais fanatico partidario de D. Miguel; conjuntamente com o sr. Antonio Feliciano de Castilho, o auctor da celebrada *Epistola ao usurpador ex-infante Miguel Maria do Patrocinio, na sua sahida de Portugal?* O irmão delle, o sr. Francisco de Assis Castro e Mendonça, é que póde ser que escrevesse na *Aguia*; porque este era liberal.

A *Aguia* foi percursora do celebre jornal progressista, o *Nacional*, pertencente a Vicente Gonçalves Rio Tinto. Ao *Nacional* seguiu-se o *Patriota*, e ultimamente o *Portuguez*, onde terminou esta serie de jornaes progressistas. Isto em Lisboa; pois que no Porto, o mesmo partido progressista foi representado primeiro pela *Vedeta da Liberdade*, depois pelo *Athleta*, em seguida pela *Coallisão*, e em fim pelo *Nacional*, egual em nome ao de Lisboa, o qual já havia deixado de se publicar alguns annos antes que apparecesse o do Porto no principio de 1846.

Manifestação devida. — O definitorio da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia desta cidade, resolveu na sua sessão de 19 do corrente, mandar a Lisboa uma commissão de irmãos da mesma Ordem, a comprimentar o exm.º sr. arcebispo de Mytilene, por occasião da sua sagração no dia 5 de Outubro proximo.

Com esta resolução praticou o definitorio um acto da mais elevada justiça, pois que ao sr. Dr. Antonio José de Freitas Honorato, deve a irmandade os mais relevantes serviços.

Foi este nosso respeitavel patricio, ministro da Veneravel Ordem Terceira em dois triennios; o primeiro de 1851 a 1854, e o segundo de 1854 a 1857.

Quando o sr. Dr. Freitas tomou posse do seu cargo em 1851, era bem precaria a situação da irmandade. O numero de irmãos era apenas de 277, entrando nestes 65 ausentes; e por suas incansaveis diligencias e merecida sympathia, conseguiu que logo no primeiro triennio entrassem de novo 195 irmãos, nos quaes se contavam muitas pessoas respeitaveis pela sua posição social.

Os capitaes de dinheiro a juro não excediam a importancia de 2:983$348 rs., incluindo alguns na forma da lei, estando depreciadissimo o papel moeda.

Por meio, porem, da mais severa economia, e sem faltar ao cumprimento das obrigações da Ordem, fazendo com o maior explendor as funcções religiosas, quasi gratuitamente, conseguiu logo na sua primeira administração, elevar os capitaes a 3:219$148 rs.

Fez abrir uma escada na egreja do Carmo; solemnisou com a maior pompa a festividade da semana santa, a 5 e 6 de Abril de 1855, concorrendo o definitorio com parte da despeza, sendo o resto de esmolas dos irmãos; e fez celebrar com o maior explendor na egreja do Carmo, nos dias 28 e 29 de Abril do mesmo anno, a festa do dogma da immaculada Conceição de Nossa Senhora.

O hospital da Ordem Terceira, que havia sido creado pelo sr. Dr. Manoel Martins Bandeira, foi recebido pelo sr. Dr. Freitas na sua primeira gerencia como pesadissimo encargo, pela absoluta falta de meios para o sustentar.

Apenas tinha o hospital 500$000 rs. de fundo, proveniente do legado que lhe deixara o sr. D. Francisco de Maria Santissima Cardoso e Castro, egresso da ordem dos conegos regrantes de Santo Agostinho, no mosteiro de Santa Cruz.

O sr. Dr. Freitas dirige-se ao seu amigo o bacharel formado em Direito, o sr. Sebastião José de Carvalho, natural e residente no Rio de Janeiro, a pedir-lhe uma esmola para o hospital da Veneravel Ordem Terceira; e passado pouco tempo, em Setembro de 1852, dá o sr. Dr. Freitas conta ao definitorio a que presidia, de ter recebido carta do seu amigo, em que offerecia a avultada esmola de reis 2:000$000 em moeda do Brasil, promettendo mais dar em dia de Natal de cada anno, podendo, 1:000$000 rs. na mesma moeda, alem de solicitar todas as mais esmolas que podesse obter.

Effectivamente se recebeu por mão do sr. Dr. Freitas, em Outubro immediato, a quantia de 1:003$374 rs. fortes; em Dezembro do mesmo anno 595$000 rs. fortes; e em Janeiro de 1854, 1:070$600 rs. fortes.

Deve-se a estes recursos extraordinarios, o ter o hospital da Veneravel Ordem Terceira, no fim do primeiro triennio da administração do sr. Dr. Freitas, o capital de 2:136$000 reis em escripturas de dinheiro a júro de 5 por cento.

O bemfeitor o sr. Sebastião José de Carvalho, do Rio de Janeiro, não podendo realisar a promessa que fizera da esmola de um conto de reis em cada anno, estabeleceu desde o primeiro de Janeiro de 1855 em deante a esmola mensal de 15$000 rs., que successivamente se recebeu por intervenção do sr. Dr. Freitas até ao mez de Outubro de 1862; vindo a importar todos os seus donativos na quantia de 3:488$900 rs. fortes.

Na administração do segundo triennio continuou o sr. Dr. Freitas, como ministro da Ordem, a prestar os mais importantes serviços á irmandade; ficando o seu nome venerado como um dos irmãos mais benemeritos que tem tido aquella respeitavel corporação.

E para continuar com os seus serviços á Veneravel Ordem Terceira, ainda mesmo depois dos 6 annos da sua gerencia; foi á sua influencia que se deve o annuir o sr. conselheiro José Maria de Abreu o ser ministro da Ordem no triennio de 1857 a 1860; e ao amor que este illustre conimbricense colheu aquella irmandade durante a sua zelosa administração, é que se deve o deixar no seu testamento o legado da quarta parte de seus bens ao hospital da Ordem Terceira.

Não terminariamos se quizessemos mencionar todos os serviços prestados pelo sr. Dr. Freitas áquella irmandade. O que fica dito é o sufficiente para se ver a justiça com que procedeu o definitorio, resolvendo que vá uma commissão a Lisboa, comprimentar o seu respeitabilissimo confrade e muito digno filho de Coimbra.

Missa nova. — A'manhã celebra a sua primeira missa, na real capella da Universidade, o nosso estimavel amigo e patricio o sr. Francisco Rodrigues dos Santos Nazareth, bacharel formado em Theologia, e filho do sr. Manoel Rodrigues do Nascimento, porteiro do Lyceu Nacional desta cidade.

Assim, apenas com o intervallo de uma semana, celebram a sua primeira missa dois filhos de Coimbra, ambos muito dignos e muito merecedores da estima, que todos lhes consagram.

Bazar. — No logar competente se verá que o bazar da Associação Conimbricense do sexo feminino, vae realisar-se no Jardim da Manga, nos dias 19 e 20 de Outubro proximo.

Com relação a este bazar, sabemos que, a um dos membros da commissão, incumbida de o levar a effeito, foram offertadas algumas prendas de muito merecimento, merecendo especial menção entre ellas, uma caixa com 24 ramos de finas flores francezas, da mais recente novidade, para chapeus de senhora.

Chamamos a attenção das socias para estes exemplos, a fim de concorrerem com suas prendas, em auxilio de um bazar, o producto do qual é todo em seu beneficio.

Azeite. — Está nesta cidade a 1$270 reis.

Prata dos jesuitas. — A prata do collegio da Companhia de Jesus em Coimbra, remettida para o erario regio, por occasião da extincção desta ordem em 1759, pesou 914 marcos, 3 onças e 3 oitavas.

Os espelhos. — Seriam inventados os espelhos por verdadeira utilidade, ou como objectos de luxo e phantasia? Antigamente as laminas de vidro eram forradas de folhas de chumbo fundido, para se converterem em espelhos: foi só no seculo 13 que se verificou esta industria, fazendo-se pela primeira vez menção de espelhos nos escriptos de um franciscano inglez, John Pekham, que ensinou philosophia natural em Oxford em 1280, e depois em Paris e Roma.

Os trabalhos dos alchimicos da mesma epocha tambem fallam dos espelhos de vidro em termos muito explicitos. Esta arte permaneceu estacionaria durante muito tempo, e só no seculo actual tem feito verdadeiros progressos.

Pharmacia na China. — As boticas chinezas são estabelecimentos elegantemente dispostos, como na Europa, e onde tudo está classificado com ordem e regularidade, em armarios, gavetas, vidros, vasos, etc. A camphora, rhuibarbo, e alcaçuz figuram em primeiro logar. E' porem notavel, diz o jornal francez, d'onde extrahimos esta noticia, que os saes purgantes, os calomelanos, tinturas e opio são excluidas da materia medica chineza.

Os medicos nos seus formularios receitam muitos medicamentos ao mesmo tempo, quasi sempre 9 e 10. Raras vezes são preparadas substancias liquidas; o mais usual é o emprego de pós medicinaes. Ha tambem na China uma especie de panacea universal, chamada *ginseng*, a que se presta verdadeiro culto, e que é de um preço muito elevado. Vende-se em pequenas caixas, muito bem construidas e hermeticamente fechadas, na dose de 1 gramma cada uma.

Ceremonia funebre. — Na tribu dos Chinouks na America do norte, quando morre algum homem casado, o cadaver é queimado sobre uma fogueira. A mulher é obrigada a conservar-se junto do marido, em quanto dura a acção do fogo. A desesperação da infeliz viuva é abafada por danças e cantos brutaes da tribu selvagem.

Consummada a obra da combustão, a viuva recolhe as cinzas do marido, em uma bolsa, que traz sempre comsigo durante tres annos. Em todo este tempo de luto, a pobre mulher fica escrava do mais proximo parente do finado; e para a tornar repugnante quanto fôr possivel, não se lhe concede lavar-se nem pentear-se.

Recrutamento. — O conselho de estado julgou favoravelmente as seguintes reclamações.

CONCELHO DE MONTE MÓR O VELHO

Freguezia de Arazede — Rosa da Conceição, por seu filho Joaquim — Joaquim Rodrigues Azenha, por seu filho Manoel.

Freguezia da Carapinheira — Francisco Fernandes, por seu neto José, filho de Antonio Barriga e de Theresa Ferreira.

Freguezia do Seixo — Joaquina Maria, viuva, por seu neto Joaquim, filho de Manoel Gonçalves Cardoso.

CONCELHO DE SOURE

Freguezia de Alfarellos — João Cardoso Ayres Pinheiro, filho de Apolinario Cardoso Pinheiro.

Nova publicação. — Recebemos e muito agradecemos a seguinte publicação: — *Portugal e a Hespanha. Carta do Dr. José Rodrigues de Mattos ao visconde de Sanches de Baena, e artigo do mesmo auctor, publicado no Jornal do Commercio do Rio de Janeiro de 10 de Janeiro de 1873, por occasião da subscripção promovida n'aquella cidade para se elevar em Lisboa o monumento commemorativo da restauração da independencia nacional em 1640.*

Correspondencia. — Recebemos da Figueira da Foz uma correspondencia do sr. conselheiro Francisco Maria Pereira da Silva, ácerca da *Companhia Edificadora Figueirense*. A falta de espaço impede-nos o publical-a hoje. Irá, porém, em o numero seguinte.

Suffragios. — Communicam-nos de Goes o seguinte:

«No dia 15 do corrente, o reverendo vigario da Varzea de Goes disse uma missa de *requiem*, pela alma de sua prezada sobrinha, esposa do sr. José Dias Ferreira, e no dia 22 fez-lhe officios solemnes, a que assistiram por obsequio a philarmonica de Goes, e os muito reverendos padres da Louzã, Correa, José Augusto, João Cabral, prior de Villarinho, Manoel Simões, Antonio Simões de Carvalho, sobrinho do prior de Serpins; de Poiares, Lucas, Mathias e Bernardo Pedroso; de Goes, vigario e Beato; vigario das Secarias, vigario de Celavisa, prior de Pombeiro, José Rodrigues Duarte, e Dias Henriques.

Assistiram ao officio os Drs. Sanches da Gama, João Ignacio, José Maria Veiga, Francisco Napoles, Augusto Cortez, Antonio Alberto e Guilherme Carneiro, Commendador Veiga, João Gonçalves de Lemos, Simões de Castro, Justino Candido, João Camillo, José Lopes Ferreira, José Fernando, Antonio Carvalho, Manoel Ignacio Dias, Adelino Simões, José Firmino, Cunha e Frias, Rodrigues dos Santos, Martins Nogueira, José Nogueira Ramos, Manoel Ramos, Antonio Ferreira Dias, Antonio Dias Ferreira, José Ferreira Secco, muitas outras pessoas de distincção e numeroso concurso de povo da freguezia da Varzea.

Ceremoniou o officio o prior de Pombeiro, officiou o vigario de Varzea, e fez as honras do funeral um filhinho do sr. José dos Santos Carneiro, afilhado da exm.ª finada.

Terminada a missa e encommendação, o sr. José dos Santos Carneiro, recitou uma sentida oração, revelando as virtudes da exm.ª finada, o desgosto de seu caro esposo e a nobreza verdadeiramente popular e democratica da exm.ª familia Ferreiras Pintos, de que é descendente.

Todos os altares e arcos da egreja estavam cobertos de luto, e no centro da egreja elevava-se uma eça imponente e mui bem decorada.»

Já depois de composta esta noticia recebemos do nosso amigo o sr. Francisco Augusto de Napoles Figueiredo e Veiga, a narração do mesmo acto religioso.

Só temos a acrescentar, que no fim da missa, por lembrança de alguem, se deram esmolas a todos os pobres, que em grande numero affluiram á egreja.

Noticias de Hespanha. — Por noticias de Madrid do dia 26 consta que o general Moriones por uma marcha habil entrou em Tolosa, que os carlistas haviam de novo cercado, atravessando, sem perdas nenhumas, por entre as forças do inimigo.

Estas abandonaram o campo, dispersando-se em varias direcções.

ANNUNCIOS

1 NA RUA DAS COVAS, n.º 8, recebem-se estudantes por preços commodos.

2 JOSÉ EDUARDO FERREIRA DE CARVALHO, estudante do 2.º anno do curso pharmaceutico, continua a habilitar alumnos para os exames de instrucção primaria, portuguez e francez, em sua casa rua das Covas, n.º 8. Tambem se promptifica a ir dar lições das mesmas disciplinas a casas particulares.

3 O TABELLIÃO M.J. de Sousa, na sua casa na rua da Calçada, arrenda o seu terreno chamado Ladeira da Forca, Fora de Portas, e as suas casas sitas na rua da Esperança e Couraça dos Apostolos, que tem bons commodos e as melhores vistas da cidade e campo.

Attenção

4 NO ARMAZEM DE VINHOS no pateo a Inquisição vende-se vinho de superior qualidade da Bairrada, a 1$800 rs. o almude, meio 900 rs., o quartão 450 rs., por quartilho a 40 rs. Tambem se vende a 1$600 rs. th almude.

Velasco.

AGUAS DE VIDAGO

5 VENDEM-SE na Praça de S. Bartholomeu, n.º 102.

TRESPASSE

6 TRESPASSA-SE uma loja de fazendas brancas na Praça de S. Bartholomeu, n.º 6 e 7. Quem a pretender dirija-se á mesma, onde se dirão as condições.

7 ARRENDA-SE um celleiro no pateo da Inquisição, dentro no quintal. Sua dona a viuva Padua.

8 VENDE-SE para pagamento de divida, a casa da rua do Loureiro, n.º 55 e 57; e trata-se na rua do Corvo, n.º 54.

DOCTOR IN ABSENTIA

9 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a *Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra)*, o qual lhes dará gratuitamente todas e quaesquer informações sobre a Universidade.

DECLARAÇÃO

10 OS ABAIXO ASSIGNADOS, commissão, incumbida para levar a effeito o bazar da Associação Conimbricense do Sexo Feminino, declaram ao publico e em particular ás socias, que deverá realisar-se no Jardim da Manga, nos dias 19 e 20 de Outubro proximo.

Coimbra, 25 de Setembro de 1873.

João Pereira de Miranda
Francisco de Paula e Silva
João Antonio da Cunha
Justino da Silva Taveira
Joaquim Martins da Cunha.

SUBSTITUTO MILITAR

11 PRECISA-SE um substituto militar. Quem estiver nas circumstancias, e quizer, pode dirigir-se a esta redacção, para se lhe dizer com quem hade contratar.

BEZERRA PERDIDA

12 PERDEU-SE uma bezerra na feira do dia 23 do corrente, no Rocio de Santa Clara, desta cidade. Era de 5 mezes, curta dos paus, e acastanhada. Pertencia a Joaquim Mauricio de Carvalho, da Nazareth da Ribeira.

Quem a achasse e a queira entregar á seu dono, receberá alviçaras.

CASAS

13 ALUGAM-SE DUAS adiante do jardim botanico, proprias para familias, sendo uma toda a estuque. O local é o melhor desta cidade, pelas vistas e excellentes ares. Trata-se com o senhorio, na Ladeira, n.º 20.

SÁ ALFAIATE

14 NA RUA DOS LOIOS, n.º 2, tem batinas novas, grandes e pequenas, para vender, por preços commodos.

Venda de toneis e balceiros

15 SÃO 3 TONEIS de 12 pipas cada um, 2 de 4 pipas cada um, e 2 balceiros grandes, tudo de muito boas madeiras.

Quem os pretender, falle com José Antonio d'Anil, rua de João Cabreira.

Regulamento do Imposto do Sello

16 NO QUAL se acha codificada toda á legislação vigente, seguido de um indice das materias.

Á venda na livraria de José de Mesquita. Rua das Covas—13.

CONTRA-ANNUNCIO

17 MARIA JOSÉ e Maria da Encarnação, declaram que tendo visto no *Jornal de Coimbra*, n.º 50, que seu irmão Antonio Ignacio Rodrigues declarara que só elle recebia rendas e fazia arrendamentos, dão por nullos os arrendamentos e recibos em que as annunciantes tambem não figurem; pois se não acham feitas as partilhas, e a 1.ª annunciante é mais velha, e se considera cabeça de casal.

NOVO REGULAMENTO DA LEI DO SELLO

Preço 60 rs.

18 VENDE-SE já nas livrarias.

Na imprensa da Universidade.

No deposito de sabão de Belem, Sophia, 59-61.

Na loja do sr. Vieira, ao Arco de Almedina.

Manda-se pelo correio a quem enviar 70 reis em estampilhas a Elisiario Casal.—Coimbra.

Attenção

Farinha de trigo da acreditada Fabrica do Beato Antonio de Lisboa

AGENCIA, RUA DA REBOLEIRA, 27

PORTO

19 NESTA AGENCIA se encontra farinha de toda a qualidade, desde a mais fina até semea, e ensacada em muito boa sacaria.

Estas farinhas concorrem vantajosamente com a americana e hespanhola, tanto em preço como em qualidade.

Cumprem-se ordens das provincias.

OBRAS PUBLICAS DO DISTRICTO DE COIMBRA

Estrada districtal n.º 57 de Miranda do Corvo a Santa Combadão.

Lanço da ponte do Sarzedo á Moita

20 FAZ-SE PUBLICO que no dia 2 do proximo futuro mez de Outubro, pelas 10 horas da manhã, na administração do concelho de Arganil, se ha de proceder á licitação verbal das tarefas de escavação e transporte de terras; comprehendidas entre os perfis b e 210, no volume de 12.839,97 m. c., e bem assim á do fornecimento de 20,0 m. c. de cal viva posta na obra.

O mappa da divisão de tarefas e condições para a sua execução, estão patentes na supradita administração do concelho, onde pódem ser examinadas, e tambem na secretaria da direcção das obras publicas deste districto.

Coimbra, 24 de Setembro de 1873.

João Lopes Xavier,
Conductor, chefe de secção.

21 ARRENDAM-SE as vastas casas do Dr. Gama na rua do Correio. Quem as pretender falle com o Dr. Casal.

Agradecimento

22 OS MESARIOS da irmandade de Nossa Senhora da Piedade de Cellas, vêem por este meio agradecer á irmandade da Rainha Santa Isabel, e em especial aos illm.os srs. José Julio Cesar e Domingos Antonio de Freitas, que lhes fizeram a honra de os ajudar na sua festa, tornando-a assim mais pomposa: e lhes pedem desculpa de alguma falta que houvesse da sua parte.

Aproveitam o ensejo de tambem agradecer a todas as pessoas que fizeram as suas esmolas para a festividade ser mais solemne; não esquecendo o reverendo prégador, o illm.º sr. padre Castro, secretario do exm.º sr. arcebispo de Goa, o qual tão brilhantemente desempenhou a sua missão.

O juiz da irmandade, *José Maria Monteiro de Figueiredo.*
O escrivão, *João Ferreira Covilhã.*
O procurador, *Antonio Barata.*
O thesoureiro, *Joaquim Leu.*

23 NA COURAÇA DE LISBOA, n.º 17, casa particular, recebem-se como hospedes, dois ou tres estudantes: presta-se-lhes casa, mesa e roupa engommada; e prestar-se-lhes-ha cama e mobilia se a não possuirem. Torna-se recommendada pelo tratamento e modico preço.

EDITAL

Dr. Lourenço d'Almeida Azevedo, Lente Cathedratico da Faculdade de Medicina na Universidade de Coimbra, presidente da camara municipal da mesma cidade

FAço saber que na casa da camara se acha patente por espaço de 10 dias, a contar da data do presente edital, o orçamento supplementar do geral da receita e despeza deste municipio para o anno economico de 1873-1874, destinado a custear as obras do alargamento do largo da Portagem, e conclusão das de defeza da cidade contra as inundações do Mondego.

São por isso convidados todos os cidadãos interessados a virem alli ver e examinar o mesmo orçamento, e apresentarem-me dentro do referido prazo quesquer reclamações que julgarem conveniente fazer, a fim de terem o destino competente.

E para constar se passou este e outros.

Secretaria da Camara Municipal de Coimbra, 24 de Setembro de 1873.

O presidente,
Lourenço d'Almeida Azevedo.

25 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE
DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do ligado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os muscuos e consolidando as carnes.

Economias 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A' Place Vendome, 26, Paris: Regent-Street, Londres; Calle de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda a Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rabir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N, B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2732 — TERÇA FEIRA 30 DE SETEMBRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O emprestimo nacional para a consolidação da divida fluctuante interna, e o felicissimo resultado da subscripção, é o assumpto que mais prende actualmente a attenção de todos os circulos politicos e da imprensa periodica, que acima dos debates de partido costumam collocar os interesses do paiz.

Nós que seguimos esta ideia e que em seu favor temos manifestado a nossa opinião, congratulamo-nos com a nação pelo excellente exito desta operação financeira.

E não são sómente as vantagens de facilitar os futuros encargos do thesouro e as transacções monetarias do governo, o que era já de subido interesse para as conveniencias do estado e para as administrações politicas que têem de succeder-se; é tambem muito para lisonjear a grande importancia de similhante acontecimento debaixo do ponto de vista patriotico e de interesse nacional.

Estes factos precisam de ser archivados nas columnas do jornalismo, para que chegue ao conhecimento das nações estrangeiras que Portugal, não obstante ser uma nação modesta, tem recursos, credito e mais que tudo patriotismo para manter as suas justas ambições de paiz livre e independente.

Todos os estabelecimentos bancarios, e os mais abastados capitalistas do reino subscreveram para o emprestimo publico que se elevou, alem dos 38 mil contos pedidos, em 5.808:200$000; atingindo a quantia subscripta a elevada somma de 43.808:200$000.

Os estabelecimentos de credito, e casas bancarias subscreveram com as seguintes quantias:

Banco do Minho	792:900$000
Banco Commercial de Braga	500:000$000
Banco de Vianna	1.517:300$000
Banco de Guimarães	864:300$000
Banco Portuguez	2.140:000$000
Banco União	1.732:300$000
Banco Commercial	1.513:800$000
Banco Alliança	1.400:000$000
Utilidade Publica	1.141:000$000
Banco do Porto	187:400$000
Banco Mercantil	184:700$000
Banco de Portugal	7.334:500$000
Banco Lusitano	4.500:000$000
Banco Ultramarino	3.450:000$000
José Gonçalves, Fonseca & Filhos	8.650:000$000
Fonseca Santos & Vianna	7.900:000$000
	43.808:200$000

Terá por tanto de proceder-se ao rateio de 13,25 p. c.

Este acontecimento é novo para este paiz. Não passava pela mente de ninguem, ainda ha dois annos, durante a ultima das administrações transactas, que tal operação podesse vir a realisar-se em tão boas condições e dentro em tão curto espaço de tempo.

Assim, aos esforços constantemente empregados pelo governo para chegar a este lisonjeiro resultado deve o paiz, que, diga-se a verdade, tem concorrido poderosamente com a sua natural cordura e proverbial sensatez para os melhoramentos financeiros que se têem effeituado, o notavel progresso que se vae desenvolvendo em o nosso movimento economico, e em toda a ordem de conveniencias publicas.

O interesse unanime e sincero com que todos os homens illustrados têem recebido o pensamento do governo para consolidar a divida fluctuante, honra-os sobremaneira, e ennobrece o nome portuguez.

A divida fluctuante, a qual vae finalmente desapparecer, era a difficuldade mais ameaçadora que se levantava em volta das administrações.

Com o maximo regosijo referimos estes factos.

A saude publica é um dos objectos que mais deve merecer a attenção das auctoridades. A falta de limpeza das povoações póde ser o germen de muitas doenças. E agora que o flagello da cholera morbus está assolando uma parte da Europa, precisa-se mais do que nunca de tomar as providencias necessarias para que o ar não esteja impuro.

Sabemos que a camara municipal está applicando todos os seus cuidados a este assumpto de maximo interesse.

Muitas vezes nos temos queixado por se consentir proximo ao arco da Traição um deposito de immundicies, que exhala um cheiro insupportavel, com grave prejuizo da saude dos habitantes daquellas proximidades. Nunca fomos attendidos nas nossas instancias; mas felizmente chegou a occasião de vermos extincto aquelle foco de infecção.

Vão terminar alli os despejos; sendo substituidos por depositos moveis ao cimo da cerca dos Jesuitas, proximo ao caminho que conduz da Couraça dos Apostolos para o largo do Museu. O sitio não podia ser mais bem escolhido, pelo isolamento em que está das habitações.

Outras providencias de identica natureza sabemos que a camara municipal vae tomar, com o que muito folgamos.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCXCIX

D. CARLOS

XLIX

Empregavam os carlistas todos os esforços para conseguir o seu intento, sendo o dia 27 de Novembro de 1836 terrivel para os habitantes de Bilbau, em que os sitiadores se apoderaram depois de uma luta sanguinolenta do convento de Santo Agostinho.

No dia 28 continuou o fogo contra a praça, dirigindo-se mais especialmente contra as baterias de Mallona, o Dente e a Morte.

A posição desesperada em que se achava Bilbau, chamava toda a attenção do general Espartero para soccorrer esta heroica praça.

Marchou para a soccorrer; mas os carlistas, commandados por Villareal, lhe disputaram valentemente o passo na ponte Castrejana.

Entretanto continuavam os carlistas o sitio de Bilbau, tornando-se cada vez mais assustadoras as circumstancias dos sitiados. No dia 1 de Dezembro annunciava-se telegraphicamente de Miravilla para Portugalete, que faltava balas, polvora e farinha; que a guarnição tinha muitas baixas, que a povoação soffria muito e necessitava prompto soccorro.

A resposta foi:—«Os nossos avançam, e sustente-se a praça, que de prompto será soccorrida.»

Miravilla avisa então que se fizesse uma saida de Portugalete pelo Deserto, Baracaldo e Burceña; e a resposta foi que Espartero estava em Azua e que Portugalete tinha 800 homens, e não se podia effectuar a ordem do signal, porque Castor estava com dois batalhões carlistas em Baracaldo e Burceña.

Dizem os sitiados, que faz grande falta o exercito do norte por Begoña; porem os tranquillisa ouvir fogo pela parte de Azua. Crêem chegada a hora da sua salvação, mas esta crença a destruiu o telegrapho, annunciando que o exercito liberal ia ser reforçado com mais 5:000 homens da reserva, e que continuasse defendendo-se a praça, porque o soccorro chegaria de prompto.

Para impedir umas obras e destruir outras fez Bilbau neste dia 87 tiros, e no dia seguinte 34, sem que occoresse nenhum facto notavel em ambos os acampamentos, se se exceptuam as escaramuças que havia quasi de continuo entre os dois exercitos nas immediações de Azua.

O exercito libertador estava já prestando muito importantes serviços a Bilbau, porque com a sua ameaça incessante entorpecia os ataques de sitio e annullava em grande parte os seus meios.

Em a noute do dia 13 de Dezembro, protegidos os carlistas pela escuridade, começaram uma mina por debaixo da calçada que conduz á porta de Urribari, para fazer voar o palacio da Quintana, no caso de que as baterias não fizessem a brecha praticavel.

O dia foi de terrivel temporal, e a praça só fez 46 tiros.

A situação dos bilbainos ia sendo já demasiado critica. Sabiam que o exercito libertador estava perto, á vista póde dizer-se; porem não o viam avançar, e diariamente ouviam o fogo das lutas que se empenhavam. Isto bastava para os penalisar, porque lhes fazia comprehender que se oppunham á passagem do exercito liberal obstaculos que se tornavam invenciveis; pois o ouvir o fogo, quasi presencear a luta e não ver levantado o sitio, lhes faziam considerar inuteis todos os esforços que para isso se empregavam.

O telegrapho tinha annunciado no dia 4, que já haviam decorrido 43 dias de sitio; que faltavam viveres e se desalentava a guarnição, porque não avançava o exercito do norte; e perguntava se havia chegado o da reserva. Responde-se que não, e que se ganhava Luchana.

Seguia annunciando angustias e respondendo com esperanças; e não podia dar-se outra cousa, porque sobre o difficillimo que eram os movimentos e as operações, os difficultava mais o temporal, que parecia desencadear-se.

Para augmentar a penuria dos soldados, começaram a carecer no dia 15 de noticias positivas, pois as transmittidas pelo telegrapho não eram bastantes a satisfazel-os: crescendo a anciedade publica, chegou-se até a desconfiar d'ellas. O quadro que apresentava Bilbau era fatal.

Nos dias 16 e 17 continuaram os reparos de obras e baterias novas na linha sitiadora, da qual se não disparou nenhum tiro, recebendo 38 no primeiro dia, e 6 no segundo.

Transmittido pelo telegrapho o estado critico de Bilbau, recebeu a resposta de que seria livre e premiada a sua constancia. Outras partes confirmaram a anterior e deram maiores esperanças de soccorro.

No dia 18, depois de alguns trabalhos preliminares, protegidos pela densidade da névoa, romperam o fogo os carlistas ás 11 da manhã, com as baterias de Urribari e Albia, e logo a da brecha contra o palacio de Quintana. O sol, que já brilhava, permittiu descobrir as novas baterias dos sitiadores, que se propunham surprehender sempre com ellas aos sitiados. Estes responderam com tão bom exito, que apagaram os fogos da ultima bateria, e destruiram os reparos do dia 16, havendo inutilisado antes a peça de 36. Ao anoitecer terminou o canhoneio, depois de haverem disparado 325 tiros as peças dos liberaes, e 213 as dos carlistas.

O telegrapho avisou aos bilbainos que Espartero passara revista ao exercito, o qual ju-

Tudo o que a illustrada vereação fizer em beneficio da salubridade da cidade, merecerá de certo a approvação e o louvor do publico.

O sr. ministro do reino expediu a seguinte portaria, com relação aos hospitaes da Universidade.

Constando por participações officiaes do director dos hospitaes da Universidade, que têem sido remettidas ao governador civil de Aveiro as contas das despezas feitas nos referidos hospitaes com os doentes pobres do mesmo districto, as quaes, nos termos do artigo 18.º do decreto com força de lei de 22 de Junho de 1870, têem de ser pagas pelas misericordias, ou pelas camaras; montando essas contas a 1:290$240 reis, com referencia aos annos de 1870 a 1871, 1871 a 1872, e que d'aquella somma não recebera ainda o cofre dos hospitaes quantia alguma: manda sua magestade El-Rei que o governador civil informe sem demora, que providencias tomou para fazer pagar pelas misericordias ou camaras devedoras o credito dos hospitaes, e que razões justificam tão extraordinaria demora na cobrança de um rendimento indispensavel para a manutenção d'elles.

Paço, em 25 de Setembro de 1873.—*Antonio Rodrigues de Sampaio.*

Identicas na mesma data aos governadores civis:

De Coimbra pela quantia de 35:092$160.
Da Guarda pela quantia de 445$200 rs.
De Leiria pela quantia de 2:233$440 rs.
De Vizeu pela quantia de 1:250$400 rs.

Publicamos em seguida a correspondencia do sr. conselheiro Francisco Maria Pereira da Silva.

COMPANHIA EDIFICADORA FIGUEIRENSE

Sr. redactor.—Quando li a noticia que v. publicou em o n.º 2729 do seu acreditado jornal, sob a mesma epigraphe desta correspondencia, com o extracto do que se passou na ultima sessão da assembleia geral da referida companhia, logo observei que haviam alli omissões mais ou menos importantes, por parte do seu informador, notando eu de passagem entre as que me diziam respeito: que não apresentou o meu nome entre aquelles dos accionistas que foram propostos e se addicionaram á commissão encarregada de rever os estatutos e de dar o seu parecer sobre a conveniencia ou inconveniencia da liquidação da companhia antes do prazo marcado nos estatutos; que não declarou que eu tinha pedido a escusa, que não me foi aceite; e tambem lhe esqueceu dizer, ter eu sido o primeiro que renovei a ideia e propuz, que para facilitar aos accionistas a acquisição das casas já construidas pela companhia, acreditar e dar valor no mercado ás suas acções, seria acertado que uma commissão estuda-se a conveniencia ou inconveniencia de admittir as acções em parte da importancia da venda de cada casa.

Não admira, porém, que houvessem algumas lacunas em um resumo d'esta natureza e onde não existiam tachigraphos. — Todavia o que eu não posso deixar de estranhar e de corrigir é o que vem publicado em o n.º immediato (2730) do mesmo jornal e com o mesmo titulo, acerca de um assumpto importante que se tratou naquella sessão, e que se tinha omittido no citado resumo. Versa elle sobre a 4.ª proposta da direcção, para que, a direcção novamente eleita seja auctorisada a empregar todos os fundos da companhia realisaveis até junho de 1874, em novas edificações por encommenda, ou por conta propria, se aquellas encommendas não existirem.

Em seguida diz o seu informador:

Esta proposta foi apenas impugnada pelo sr. conselheiro Silva, que pretendia que a direcção, em vez de empregar os seus capitaes em novas edificações, os emprestasse a juro a quem quizesse fazel-as por sua conta no novo bairro.

Neste enunciado ha apenas um dos lapsos do informador, que transtorna completamente o sentido do que eu disse, por não accrescentar adiante de —*edificações* — as palavras—*para si ou por sua conta.*

Eu não impugnei, nem podia impugnar que a companhia mandasse fazer edificações por encommenda, que é o caso mais vantajoso em que póde empregar os seus capitaes e a hypothese da sua prosperidade; o que eu disse foi: que era muito preferivel ao fazer casas para si, o empregar a companhia o capital que ainda lhe restava em emprestimos aos socios que quizessem mandar edificar por sua conta em o novo bairro. Por esta fórma continuariam as construcções no mesmo bairro, venderia a companhia os seus terrenos de prompto, teria uma hypotheca segura, juros certos e reproduziria este capital recebido em prestações todos os annos em novas construcções; não se dando estas vantagens nas casas que possue a companhia, as quaes apresentam um capital sem reproducção immediata e sujeito a muitos encargos, como seguro, decima predial, contribuição de registo e reparações, sendo o seu juro tão incerto como é a renda d'uma casa.

Por esta occasião mostrei á assembleia que ficando a companhia com todo o seu capital empregado em terrenos e em casas proprias para arrendar por sua conta, transformava-se em uma corporação de mão morta, o que era contra a sua instituição e até vedado pela lei, que os factos vinham reforçar o meio que eu lembrava; porquanto tendo-se vendido unicamente até agora uma casa das que a companhia mandou construir para si, apparecem hoje cinco casas novas nas melhores condições, ajustadas por particulares sem intervenção da companhia, e já se está principiando outra nestas circumstancias para o exm.º sr. dr. Paes.

Quanto á demonstração, que diz o seu informador, deram varios accionistas para combater esta minha ideia; principiando por declarar; que adoptada ella a companhia deixaria de ser *edificadora*, transformando-a desde logo em *Banco*, o que contrariava os fins da sua instituição—tem apenas contra si a ignorancia dos artigos 16 e 31 dos estatutos da companhia. O 1.º diz no fim o seguinte:

Os fundos da companhia serão applicados em emprestimos feitos aos socios sobre as suas acções ou propriedades, e bem assim á camara municipal da Figueira, contanto que estes emprestimos revertam em algum melhoramento ou utilidade para o novo bairro, e que a somma de todos não exceda a decima parte do capital social.

Ora a decima parte do capital social é superior a quatro contos de reis, quantia esta que a companhia póde ter sempre empregada em construcções por este meio, no caso de haver quem o prefira.

O artigo 31 confirma esta disposição, porque declara que a assembleia geral, pela 6.ª attribuição alli consignada, póde resolver todos os annos sobre os emprestimos que a companhia tem a conceder ou a contrahir.

São estas as declarações que muito á pressa posso fazer para restabelecer a verdade dos factos e preencher os lapsos do seu informador, guardando para occasião mais opportuna, alguns apontamentos que espero publicar para esclarecer a historia da Companhia Edificadora Figueirense.

De v. etc.

Francisco Maria Pereira da Silva.

NOTICIARIO

Missa nova. — No domingo celebrou a sua primeira missa na real capella da Universidade, o nosso patricio o sr. bacharel formado em Theologia, Francisco Rodrigues dos Santos Nazareth. Apezar de não ser costume facultar-se a capella da Universidade a actos estranhos á corporação academica, o sr. visconde de Villa Maior, concedeu da melhor vontade a licença pedida; e egualmente todos os empregados da secretaria da Universidade se prestaram a tudo o que foi necessario, desejando obsequiar ao joven sacerdote, que a todos merece as maiores sympathias.

A capella estava primorosamente ornada, fazendo um lindo effeito. O sr. João da Silva Espingarda e o sr. Antonio de Paula e Silva foram incançaveis neste serviço.

O orgão era tocado pelo excellente organista da real capella o sr. Francisco Lopes Lima de Macedo. A musica, que estava brilhante, foi regida pelo sr. padre Eduardo Gomes Freire.

Serviu de diacono o sr. bacharel José Diniz de Carvalho Junior, que no domingo anterior tinha celebrado a sua primeira missa na egreja de Santa Cruz; e de sub-diacono serviu o sr. bacharel Adrião Nogueira Soares, sobrinho do sr. conego José da Costa Moura Tavares, e que na quinta feira havia ido celebrar a sua primeira missa a Côja.

Mestre de ceremonias foi o sr. conego da Sé de Cabo Verde, padre Manoel Marques Pereira Ribeiro, que dirigiu todas as ceremonias religiosas com a perfeição que todos lhe reconhecem. O sr. padre Manoel Marques anda bastante doente; mas não obstante isso, e com prejuizo da sua saude, não se quiz esquivar a prestar este obsequio ao nosso patricio.

Padrinho foi o sr. dr. Francisco dos Santos Donato, lente cathedratico da faculdade de Theologia.

A musica da missa foi a do sr. conego Antonio Xavier de Sousa Monteiro; a do *Te Deum* foi uma reminiscencia da de Marcos Portugal; e a do *Tantum Ergo* foi do sr. Francisco Lopes Lima de Macedo.

Prégou o sr. bacharel José Maria dos Santos, notario apostolico, e secretario particular do exm.º Bispo Conde.

No seu eloquente sermão deu os parabens ao novo levita por haver chegado, depois de tantas provações, aquelle dia tão solemne, e de tanta satisfação para elle e para seus paes; mostrou-lhe os duros trabalhos por que têem de passar os sacerdotes que com o devido zelo querem desempenhar os deveres do seu sagrado ministerio; e animou-o a proseguir na carreira que tão dignamente havia encetado.

Todos os louvores que o orador dirigiu ao novo sacerdote foram da maior justiça.

O sr. bacharel Francisco Rodrigues dos Santos Nazareth foi afilhado do baptismo do nosso saudosissimo amigo o sr. dr. Francisco José Duarte Nazareth, lente cathedratico da faculdade de Direito, o qual lhe prestou sempre toda a protecção, e lhe deu os salutares conselhos que era de esperar d'um varão tão illustrado, tão respeitavel, e de tão larga experiencia do mundo, adquirida já como professor, como deputado, como vereador d'este municipio, e como provedor da Santa Casa da Misericordia.

Que esses conselhos produziram fructos de benção, se tem visto nas virtudes que ornam o novo sacerdote, de quem todos os que o conhecem são accordes em exaltar as excellentes qualidades.

O sr. bacharel Francisco Rodrigues dos Santos Nazareth, sendo filho de paes honrados, mas de pouca fortuna, soube cumprir o que devia a si, aos seus progenitores, ao seu respeitavel padrinho, e á sua exm.ª madrinha. Tendo escolhido o sacerdocio, principiou nesse sentido os seus estudos, formando-se em Theologia; e ultimamente, sem se desviar da carreira uma vez encetada, concluiu a sua missão, entrando na vida ecclesiastica, onde de certo ha de ser exemplar, porque disso nos é um penhor seguro o nobre procedimento de toda a sua vida.

Temos a mais viva satisfação quando, como neste caso, podemos aqui tornar bem publico os actos honrosos dos filhos de Coimbra. Estes exemplos servirão de incentivo a que os mais os imitem.

Oxalá que muitas vezes tivessemos occasião de repetir tão merecidos louvores.

Agora só nos resta dar os nossos mais cordeaes parabens ao novo sacerdote, dignissimo filho de Coimbra, e a seus bons paes.

Tem razão.—O nosso collega do *Bem Publico*, noticiando a missa celebrada na Sé Patriarchal de Lisboa, pelo anniversario da morte do duque de Bragança, diz o seguinte:

«Hontem (24) anniversario do passamento do sr. D. Pedro, duque de Bragança, que foi rei com o nome de IV, celebraram-se as exequias do costume, não já em S. Vicente onde as suas cinzas descançam, mas na Santa Sé Patriarchal. Só durante os officios é que as embarcações de guerra surtas no Tejo, torres e castello deram as salvas funebres do estylo. Uma economia, na apparencia mesquinha, mas que não deixa de ser salutar para as pessoas que moram perto do castello.

«Alguem que se achou presente aos officios no templo, veiu altamente escandalisado pela falta de respeito de *muitos* que alli foram, não se sabe se para insultar a Deus, se para tratarem de seus negocios. Durante toda a missa não viu senão conversações quasi geraes, e algumas até ruidosas. Seria melhor que alli não fossem dar a sua impiedade, ou má educação em espectaculo e funesto exemplo. Aos taes pedimos que para outra vez não passem do adro; podem ficar ao pé das queijadeiras, e ficam bem».

Tem muita razão o nosso collega. Sentimos uma verdadeira indignação, quando presenceamos a falta de decencia com que estão nos templos muitos individuos.

Praticam actos na *casa de Deus*, a que se não atreveriam em casa de qualquer familia, pelo risco de serem mandados pôr immediatamente no meio da rua.

Valeria mais que tal gente não entrasse nos templos, do que ir dar em publico testemunho da sua má educação, e escandalisar os fieis que alli vão cumprir os seus deveres religiosos.

Felizmente estes *philosophos* formam o menor numero. Em geral o nosso povo, principalmente nas povoações ruraes, é bom e dotado de ideias religiosas e de sentimentos de piedade.

Ainda no domingo, na real capella da Universidade, por occasião da missa nova alli celebrada, notamos com prazer o facto de quatro individuos, que pelos seus trages se via serem pobres e de occupação agricola, assistirem attentamente e com a maior devoção a todo o sacrificio da missa, apezar da sua grande demora por ser cantada; estando a maior parte do tempo a ler nos seus livros, contendo o manual da missa, e outras orações. A primeira cousa que nos impressionou, foi que todos os quatro trabalhadores soubessem ler; e a segunda foi o ver que applicavam o conhecimento da leitura a livros de boa doutrina, não se envergonhando, como acontece a bastantes pessoas, de manifestar publicamente as suas crenças religiosas; emquanto que qualquer *petimetre* só exclusivamente lê algum livro immoral, ou pelo menos futil

Tudo, porém, tem facil explicação. Naquelles trabalhadores revelava-se evidentemente o resultado da instrucção religiosa, dada pelos seus parochos, ou outros sacerdotes; ao mesmo tempo que o procedimento indigno que tem certas *creanças*, é a consequencia da indifferença com que muitos paes tratam da educação dos seus filhos, a quem muitas vezes dão pessimos exemplos; ao que acresce o ficarem muito satisfeitos de que os *meninos* tenham *instrucção*, embora não possuam *educação* alguma.

De semelhantes arvores, taes fructos.

Accusação injusta. — Temos presente quatro opusculos publicados pelo sr. Antonio Ribeiro Saraiva em Paris, nos primeiros mezes de 1828. São os seguintes:

A' nação portugueza, por occasião do dia anniversario (25 de Abril) do fausto nascimento de S. M. I. e R. a senhora D. Carlota Joaquina de Bourbon, imperatriz e rainha fidelissima; depois do regresso feliz a Portugal de seu augusto filho o senhor infante D. Miguel, successor legitimo na corôa do mesmo reino—Ode— (seguida de um breve commentario politico-moral), por Antonio Ribeiro Saraiva—Paris, anno de 1828.

Traduction d'une lettre d'un individu á son ami, sur les affaires actuelles du Portugal; publiée par un ami de la legitimité et de la justice.—Paris, 1828.

Moi, je ne suis pas un rebelle, ou la question du Portugal dans toute sa simplicité, offerte aux politiques impartiaux et aux gens de bonne foi; par Antonio Ribeiro Saraiva, emigré portugais.—Paris, 1828.

Injustice et mauvaise foi de la plupart des journaux de Londres et de Paris, au sujet de la question du Portugal, des droits de la nation portugaise et de ceux de Don Miguel; par Antonio Ribeiro Saraiva, emigré portugais.—Paris, 1828.

Neste ultimo opusculo, a paginas 64 e 65, o sr. Antonio Ribeiro Saraiva estigmatisa severamente, e com muita razão, o horroroso crime praticado por varios estudantes da Universidade, no dia 18 de Março de 1828, matando e ferindo alguns lentes e conegos, que iam a Lisboa comprimentar D. Miguel. Nesse ponto associamo-nos completamente ao sr. Antonio Ribeiro Saraiva.

Aonde, porem, este escriptor se torna injusto, é quando continua dizendo:

«Mas era isto que se devia esperar daquelles que, nas suas campanhas academicas, defendendo a usurpação de D. Pedro, tinham preludiado pelo roubo, a insolencia, a violação, a blasphemia e o sacrilegio.

«Mancharam-se destes crimes, como todo o Portugal o sabe, os estudantes da Universidade de Coimbra, que se armaram sob o nome de *corpo academico constitucional*, para se libertarem da sujeição das aulas, e vir, com o pretexto de defender a usurpação brasileira, passear as provincias do norte a sua libertinagem e a sua dissolução.»

O sr. Ribeiro Saraiva não fez mais do que tornar-se ecco das falsas accusações, que o partido absolutista tinha dirigido aos voluntarios academicos, que em Dezembro de 1826, sahiram de Coimbra para irem defender a causa liberal, contra a qual se haviam revoltado o marquez de Chaves, e outros muitos chefes miguelistas.

A injustiça, porém, do sr. Ribeiro Saraiva está em repetir essas accusações em 1828, sabendo de certo que em 1827 já se haviam publicado em Coimbra, as seguintes defezas documentadas, do procedimento daquelles voluntarios:

Apologia dirigida á nação portugueza, para plena justificação do corpo dos voluntarios academicos no anno de 1826, contra as falsas imputações forjadas ao mesmo corpo pelos inimigos do senhor D. Pedro IV e da Carta Constitucional.—Coimbra, na Imprensa de Trovão e Companhia, 1827.

Addição á apologia dos voluntarios academicos, ou pensamentos sobre a campanha do batalhão dos voluntarios academicos nos mezes de Dezembro de 1826, e Janeiro de 1827, por um soldado.—Coimbra, na imprensa de Trovão e Companhia, 1827.

Nestas apologias são tão cabalmente demonstrados, tanto os serviços prestados por aquelles voluntarios á causa da liberdade, como o seu bom comportamento, que só a paixão politica é que será capaz de tudo negar.

Aos numerosos documentos das respectivas auctoridades militares e dos mais respeitaveis cidadãos de Coimbra, Vizeu e outras localidades, que comprovam esse bom comportamento, e que vem juntos ás mencionadas apologias; accresceu o parecer da commissão de petições da camara dos deputados, que não duvidou dar aos mesmos academicos um testemunho de bem merecida justiça e gratidão.

Ainda mais se aggrava a injustiça do sr. Ribeiro Saraiva, quando diz que os voluntarios academicos se armaram só para se livrarem da sujeição das aulas! Quem ler os soffrimentos porque passaram os academicos por toda a provincia da Beira, durante a rigorosa estação do inverno de 1826 e 1827, é que poderá bem reconhecer, se quem se vae offerecer a taes inclemencias e arriscar a vida na luta contra os revoltosos, o faz para se livrar dos estudos.

Pois não era para todos mais commodo, ficarem em Coimbra no descanço de uma vida pacifica, do que irem-se entregar aos azares da guerra, e á dureza do tempo?

Segue-se que só a uma grande dedicação pela liberdade se deve a resolução espontanea dos voluntarios academicos, e que foi muito injusto para com elles o sr. Ribeiro Saraiva.

Emprestimos municipaes.—A camara municipal desta cidade, reconhecendo que a proposta da caixa filial do banco commercial de Vianna, para o emprestimo de 40 contos, era superior em vantagens á da companhia de credito predial portuguez, resolveu aceital-a, sendo o juro de 6 $^3/_4$ por $^0/_0$ ao anno, e devendo o emprestimo ser levantado por series, sem epoca nem quantia determinada, com o vencimento de juros desde o levantamento de cada serie.

Resolveu mais contractar com o referido banco e nas condições do emprestimo anterior, um outro de 6 contos de reis para o alargamento do largo da Portagem e conclusão das obras da defeza da cidade contra as inundações do Mondego, sendo este amortisavel em 12 annos.

O conselho municipal approvou as condições do contracto para o emprestimo dos 40 contos com a referida caixa filial; e egualmente approvou o emprestimo dos 6 contos. Tambem o conselho municipal approvou o orçamento supplementar para este ultimo emprestimo.

Desastre.—No domingo de manhã, o filho do sr. bacharel Manoel Antonio da Silva Rocha foi gravemente queimado em ambas as pernas, um dos braços, e alguns pontos do abdomen, com um bule de chá a ferver. Egualmente a sua esposa foi queimada em uma das mãos.

O estado do menino é muito grave, e nós fazemos votos sinceros pelo seu prompto restabelecimento.

Representação.—Resolveu a camara municipal representar perante o governo de sua magestade, para que a companhia dos caminhos de ferro do norte estabeleça uma estação provisoria na margem esquerda do Mondego, em um ponto qualquer proximo do Almegue; ou ao menos, para que todos os comboios parem na estação de Taveiro, com o fim de facilitar a communicação com os povos d'aquelle lado do rio, que hoje soffrem com a demolição da ponte de Coimbra.

Colheitas.—As vindimas estão concluidas, e a fermentação do mosto tem sido intensa. Espera-se que o vinho seja de muito boa qualidade. Houve mais vinho do que se presumia, attendendo á força com que o *oidium* atacou as vinhas. As colheitas do milho do campo estão muito adiantadas, mas a producção não é abundante. A falta de chuva está prejudicando muito as sementeiras proprias da estação.

Consulta.—A camara municipal deliberou consultar o seu advogado acerca do modo de dar á execução a sentença obtida contra o sr. Luiz de Mello Tocho Soares d'Alberguria, de Soure, e o sr. Joaquim Antonio Teixeira Barbosa, residente em Lisboa, para serem compellidos a edificar um muro que sustente o alicerce do collegio da Estrella.

Festa academica.—Dizem-nos que vem muitas familias de Lisboa, Porto, e outros pontos do paiz assistir no dia 16 á solemnidade da distribuição dos premios e oração de sapiencia da Universidade. E' a festa mais apparatosa da academia de Coimbra, e a que não podem ser indifferentes os parentes e amigos dos alumnos premiados.

Obras municipaes.—A camara municipal deliberou que o seu engenheiro destinasse os trabalhos dos empreiteiros da estrada de Sernache a Villa Pouca—concluisse a variante no começo da mesma—e desse começo á estrada dos Casaes.

Auctorisou a reconstrucção da estrada em Cellas, em continuação á rua do convento.

Mandou fazer a liquidação da pedra que foi dada de empreitada para a casa do guarda do cemiterio e coveiro; sendo encarregado deste trabalho o vereador Ferraz e o engenheiro.

Egual serviço foi commettido ao vereador Cabral e ao engenheiro, com relação ás obras de S. Francisco ao Almegue.

Concurso.—Principiam no dia 17 de Outubro os concursos da Faculdade de Theologia. São 3 os concorrentes, e foram postos a concurso apenas 2 logares.

Providencia acerca dos incendios.—A camara municipal resolveu pedir ao sr. governador civil, para que providenceie por fórma que uma força de cavallaria, do commando de um cabo, se apresente no local de qualquer incendio, logo que as torres dêem o competente signal.

Aviso.—Foi mandado avisar pela camara municipal o sr. João Ferreira Maia, desta cidade, para que reduza ás condições apontadas no artigo 2325 do codigo civil, as janellas que abriu em umas casas em Montarroio, que olham sobre outras do municipio.

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Josepha Rosa, filha de Theodosio de Proença e de Genoveva Joaquina, natural da Covilhã, de 56 annos, fallecida no dia 20 de Setembro

Bernardo Antonio de Figueiredo, filho de João Rodrigues de Figueiredo e de Luiza Maria, natural de Villela, freguezia de Lorosa, districto de Vizeu, de 75 annos, fallecido no dia 21.

Maria, filha de Adriano Augusto Pereira e de Maria da Piedade, natural de Coimbra, de 20 dias, fallecida no dia 22.

Luiza Margalha, filha de Francisco Jorge e de Maria Margalha, natural da Povoa, freguezia de S. Martinho do Bispo, de 22 annos, fallecida no dia 25.

Daniel dos Santos Figueiredo, filho de José dos Santos Figueiredo e de Joaquina de Oliveira, natural de Coimbra, de 9 mezes, fallecido no dia 26.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5:136.

O mez de Outubro.—O signo deste mez é o scorpião. Era o oitavo mez do anno de Romulo. E' symbolisado por uma figura coroada de folhas de carvalho, tendo na mão direita o signo competente, e na esquerda um cestinho, com os fructos proprios da estação.

Tem 31 dias, que vão diminuindo 30 minutos de manhã e 30 de tarde. Não costuma ser esta epocha do anno muito sadia, pelas rapidas e irregulares alternativas de calor e frio. Os campos perdem a sua belleza, porque as arvores despem-se das folhas, as flores e os fructos vão escasseando, e a triste nudez do inverno principia a annunciar o seu dominio sobre a superficie da terra.

Os gregos celebravam em Outubro festas

---

para morrer, ou entrar em Bilbau, e que no dia seguinte emprehenderia a marcha. Isto os alentou de novo; apezar de que responderam, que *precisavam de movimentos e não de noticias.*

No mesmo dia, D. Santos S. Miguel, já restabelecido de uma ferida que havia recebido, tornou a tomar o commando da praça.

Assim foram continuando as cousas até ao memoravel dia 24 de Dezembro, em que Espartero salvou Bilbau.

Neste dia, o exercito liberal bate-se heroicamente nos montes de Cabras, Banderas e S. Paulo; mas sobretudo a passagem da ponte de Luchana, por Espartero, debaixo de um terrivel furacão de vento e neve, e tendo de lutar com a bravura do exercito carlista, é um facto digno de eterna recordação para a causa da rainha Isabel e dos seus defensores. Os feitos deste dia não se podem narrar nos estreitos limites de um folhetim. Diremos só que Espartero se cobriu de gloria, e ganhou nesta occasião o bem merecido titulo de conde de Luchana. E para sermos justos devemos dizer, que muito deveu a causa liberal á efficaz coadjuvação do general Orãa.

Em quanto o exercito auxiliador estava disputando com os carlistas a sorte de Bilbau, os habitantes da praça que ouviam o incessante fogo da artilheria e fuzilaria, estavam em uma anciedade indescriptivel, augmentando-se á medida que avançava a noute e continuava a peleja sem ver o resultado; porque continuava coberta a linha do sitio e o fogo sempre se ouvia para o mesmo ponto. Isto era o que mais os inquietava; porque diziam e com razão—«se depois de tanto pelejar não vence Espartero, a nossa perda é segura; e que não vence, o evidenceia não ter atravessado a linha.»

A noute se passou na maior agitação e vigilancia.

Amanheceu finalmente o dia 25 de Dezembro, cujo dia esperavam todos com ancia, e distinguiam varios fogachos de fuzilaria desde o caminho de S. Bartholomeu para a baixa dos Capuchinhos; isto é, para Bilbau; e com se distinguisse dentro em pouco uma massa de homens formada em columna cerrada sobre o forte de Banderas, era de presumir que fossem as tropas liberaes.

Assim o creram alguns; porem entre os que não, se achava por desgraça a auctoridade, que perdeu a occasião mais propicia de augmentar consideravelmente a derrota dos carlistas. Tudo estava já perdido para estes, e mais de um batalhão permaneceu em Santo Agostinho até ás 8 da manhã, em cuja hora marchou sem que ninguem o molestasse, quando nada mais facil do que tel-o feito a todo prisioneiro.

Por Arbolancha, a colher as posições do monte Abril, ou Santa Maria, haveria outra saida opportuna, cortando a maior parte dos batalhões carlistas, que se viram desfilar por aquelle posto, em direcção de Galdácano. E tão grande foi o aturdimento e surpreza de alguns, que até a partida de lanceiros que se via formada sobre a herdade da casa de Zamarripa, a tomaram por carlista. Era Lemerich, que com alguns cavallos fez elle só uns 60 prisioneiros.

A' gloria que conquistaram no sitio os bilbainos, faltou-lhes a de haver contribuido para augmentar a da batalha na tarde e noute do dia 24, já fazendo durante ella uma saida, já effectuando-a ao amanhecer do dia 25.

Espartero depois de revistar o campo da batalha, correu a Bilbau.

Era domingo, 25 de Dezembro, e a grande festividade christã desse dia, parecia associar-se á dos heroicos habitantes da villa. As ruas estavam cobertas de neve como os campos; parecendo vestir-se de gala. *(a)* Os sinos começaram ás 9 da manhã a alvorotar a villa, annunciando a entrada do seu salvador.

Este atravessava a pé pela bateria da Morte o passeio do Arsenal, onde achou formada a milicia. A' vista das baterias meio destroçadas, das casas da Cendeja, ou as Cujas, destruidas pelos projectis inimigos, comoveu-se e comprehendeu o heroismo daquelle povo. Assim que, ao ver a milicia, avançou para ella, abraçou um por um aos seus chefes, e pronunciou com acento commovido algumas palavras, tributando a todos as graças em nome da patria, pelo seu denodo, constancia e valor, e mostrando-se emulo, invejoso da justa e merecida gloria que haviam adquirido.

Detendo-se depois ante as arruinadas trincheiras de Bilbau, testemunhas eloquentes da sua gloria, monumentos da sua grandeza, as saudou tambem.

Espartero, o exercito, os bilbainos, todos estavam enthusiasmados; era muito o que haviam soffrido, para que deixassem, não de alegrar-se, de enlouquecer, pela maneira com que terminaram as suas privações e padecimentos, pela claridade que já alumiava o sombrio horisonte que haviam tido á vista, pelo novo porvir que dilatava o seu coração.

Os habitantes de Bilbau secundaram admiravelmente aos seus defensores. Aos que sympathisavam com D. Carlos se levou a trabalhar nas baterias; mas eram poucos. O resto proporcionou quanto tinha a camara, que recebeu em grande quantidade a maior parte dos artigos necessarios.

E todos faziam falta, porque tudo chegou a escassear naquelle prolongado sitio, no qual se dispararam 6:580 projectis ocos, 10:378 balas rasas, e se fizeram 715 tiros de metralha.

Na guarnição e milicia nacional da praça experimentaram-se perdas sensiveis: 240 mortos, 887 feridos e contusos, e 99 prisioneiros, sem contar os dos fortes.

Os damnos soffridos nas propriedades, avaliaram-se proximamente em 26 milhões de reales de velon.

Em conclusão, tantas perdas e desgraças, não foram bastantes a dobrar a heroica altivez dos bilbainos, que se excederam em rasgos de valor.

Do enthusiasmo immenso que causou em toda a Hespanha a salvação de Bilbau, fallaremos em o numero seguinte.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

(a) O frio daquelles dias era tão extraordinario, que até em Coimbra, onde o clima é muito mais temperado do que em o norte da Hespanha, caiu em a noute deste dia 25 para 26 de Dezembro de 1836, uma camada de neve de uma altura espantosa, e como não havia memoria de cousa egual ter acontecido nesta cidade.

pomposas a Ceres, Apollo, Jupiter, Minerva, Theseu, e Vulcano. Os romanos festejavam os Deuses Manes, o Deus Baccho, e as fontes, e celebravam os jogos da Victoria, e as festas de Augusto.

Os factos mais notaveis da historia portugueza succedidos n'este mez são os seguintes:

Trasladação da Universidade de Coimbra a 1 de 1537. Entrada em Coimbra do exercito de Massena em 1 de 1810. 1.º cerco de Diu a 4 de 1538. Aprisionamento da guarnição franceza de Coimbra a 7 de 1810. Terremoto em Lisboa a 12 de 1724. Retirada do exercito miguelista das linhas de Lisboa para Santarem em 12 de 1833. Peste em Lisboa a 15 de 1598. Conquista de Alcacer-Ceguer por D. Aphonso 5.º a 20 de 1458. Conquista de Lisboa por D. Aphonso Henriques a 21 de 1147. Famosa victoria do Salado a 25 de 1340. Grande inundação em Lisboa a 31 de 1575.

Não são agradaveis os vaticinios dos astrologos para as pessoas que nascem neste mez. Os homens serão insolentes, dissimulados, rancorosos, calumniadores, amigos do vinho, e propensos a crimes. As mulheres serão astutas, inconstantes, zombateiras, e violentas. Será influencia do signo deste mez, animal nojento, e até venenoso na opinião de muitos?

Mercado de Condeixa a Nova no dia 26.—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 540—Dito mourisco 520—Milho branco 310—Dito amarello 300—Feijão vermelho 500—Dito branco 480—Dito rajado 380—Dito frade 320—Cevada 260—Favas 360—Tremoços 260—Grão de bico 400—Batatas 180—Vinho 1$000—Azeite 1$220.

Suffragios.—O nosso amigo o sr. Francisco Augusto de Napoles Figueiredo e Veiga, nos communica de Goes o seguinte:

«Agora mesmo acabamos de assistir a uma missa pelo eterno descanço da infeliz esposa do exm.º sr. conselheiro José Dias Ferreira, a exm.ª sr.ª D. Amelia Pinto Bastos Dias Ferreira, celebrada na egreja matriz desta villa de Goes, pelo nosso exemplar e virtuoso parocho o illm.º sr. Francisco da Silva Carvalho. Era numerosa a concorrencia dos amigos de s. ex.ª, entre os quaes viamos todas as auctoridades, tanto administrativas como judiciaes: no fim da missa, por lembrança de alguem, deram-se esmolas a todos os pobres, que em grande numero, affluiram á egreja.

Era notavel a consternação que se devisava no rosto de todos os que assistiram áquelle piedoso acto, os quaes eram, sem excepção, amigos dedicados do habil estadista e nosso amigo o exm.º conselheiro José Dias Ferreira, e outros tantos admiradores das eximias qualidades de sua virtuosissima esposa.

Oxalá que este e outros actos piedosos, celebrados em differentes partes, em memoria da desgraçada esposa do nosso amigo, e que são uma prova evidentissima dos altos dotes que a distinguiam, possam ao menos suavisar a profunda dôr que nesta hora dilacera o coração do infeliz viuvo, e estancar as lagrimas de seus innocentes filhinhos, que tão cedo experimentaram as agruras da orphandade.—Goes, 25 de Setembro de 1873.—*F. A. de N. F. e Veiga.*»

Noticias de Hespanha.—As ultimas noticias, são as seguinte:

Madrid, 27, á 1 h. e 40 m. da t.—Alicante, 26.—Os navios insurgentes romperam o bombardeamento contra um antigo castello arruinado, construido nas alturas vizinhas de Alicante. O desmoronamento das pedras causou algum damno no bairro situado na baixa do castello. Ao mesmo tempo o vapor *Fernando Catholico* desembarcou 1:500 homens em Villa joyosa, aldeia a tres leguas de Alicante.

Suppõe-se que Alicante tem meio de derrotar os insurgentes que desembarcaram. O general em chefe Ceballos está em Alicante dirigindo as operações militares. O povo está resolvido a resistir.

Madrid, 27, ás 4 h. e 8 m. da t.—Os insurgentes começaram ás 5 horas da manhã o bombardeamento formal de Alicante, empregando os seus maiores esforços contra o castello, cuja queda destruiria parte da cidade. As baterias do porto responderam com bom resultado. Uma bala destruiu o canudo da Mendez Nunez. Alguns projectis dos insurgentes cairam na cidade.

Um delles caiu sobre o governador civil. O ministro do interior percorria os pontos mais perigosos animando os defensores. A's onze horas e meia da manhã o fogo cessou e as fragatas começaram a retirada para o sudoeste.

Madrid, 27, ás 6 h. 25 m. da t.—Os insurgentes deixaram as aguas de Alicante á 1 hora da tarde. O bombardeamento causou 8 mortes em Alicante, havendo soffrido avaria a machina da *Mendez Nuñez* que foi rebocada pelo *Fernando Catholico* á saida.

ANNUNCIOS

1 FELICIANO CARDOSO, professor particular de Sanskrit e inglez, abre as suas aulas no 1.º de Outubro, na rua do Correio, n.º 108.

LECCIONISTA

2 F. COSTA PESSOA, bacharel em Mathematica e Philosophia, lecciona Mathematica Elementar e Introducção, na rua d'Alegria, 23.

3 ARRENDAM-SE as vastas casas do Dr. Gama na rua do Correio. Quem as pretender falle com o Dr. Casal.

4 JOSÉ EDUARDO FERREIRA DE CARVALHO, estudante do 2.º anno do curso pharmaceutico, continua a habilitar alumnos para os exames de instrucção primaria, portuguez e francez, em sua casa rua das Covas, n.º 9. Tambem se promptifica a ir dar lições das mesmas disciplinas a casas particulares.

INIMIGO DO MONOPOLIO

Em Coimbra

5 VENDE petroleo superior por atacado a 125 reis o kilo, preço de Lisboa; dá prazo e recebe os barris vazios a 700 reis cada um. Encarregado José Tavares da Costa. Rua da Calçada, proximo á Portagem.

Attenção

6 NO ARMAZEM DE VINHOS no pateo da Inquisição, vende-se vinho de superior qualidade da Bairrada, a 1$800 rs. o almude, meio 900 rs., o quartão 450 rs., por quartilho a 40 rs. Tambem se vende a 1$600 rs. o almude.

Velasco.

CASAS

7 ALUGAM-SE DUAS adiante do jardim botanico, proprias para familias, sendo uma toda a estuque. O local é o melhor desta cidade, pelas vistas e excellentes ares. Trata-se com o senhorio, na Ladeira, n.º 20.

DOCTOR IN ABSENTIA

8 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a *Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra)*, o qual lhes dará gratuitamente todas e quaesquer informações sobre a Universidade.

9 TRATADO ELEMENTAR D'ARITHMETICA de Motta Pegado. Vende-se em Coimbra na loja da Imprensa da Universidade.

LATIM (1.ª e 2.ª PARTE)
FRANCEZ

10 O PRESBYTERO José Maria Cardoso de Figueiredo abre as suas aulas de latim (1.ª e 2.ª parte), e a de francez no dia 15 de Outubro. Couraça dos Apostolos, n.º 49.

TRESPASSE

11 TRESPASSA-SE uma loja de fazendas brancas na Praça de S. Bartholomeu, n.º 6 e 7. Quem a pretender dirija-se á mesma, onde se dirão as condições.

Regulamento do Imposto do Sello

12 NO QUAL se acha codificada toda a legislação vigente, seguido de um indice das materias.

Á venda na livraria de José de Mesquita. Rua das Covas—13. Preço 60 rs.



ESTABELECIMENTO D'ALFAIATE

8 R. do Infante D. Augusto, 10

13 ANTONIO AUGUSTO DA PAIXÃO, premiado na exposição de Vienna d'Austria, e na districtal de Coimbra, com a medalha de prata, participa aos seus freguezes e amigos, que acaba de receber um bom e variado sortido de fazendas proprias da presente estação, as quaes vieram directamente de Paris, continuando a fazer toda a equidade nos preços; assim como tem pannos para batina, as quaes faz pelos preços mais commodos.

AGUAS DE VIDAGO

14 VENDEM-SE na Praça de S. Bartholomeu, n.º 102.

NOVO REGULAMENTO DA LEI DO SELLO

Preço 60 rs.

15 VENDE-SE já nas livrarias.

Na imprensa da Universidade.

No deposito de sabão de Belem, Sophia, 59-61.

Na loja do sr. Vieira, ao Arco de Almedina.

Manda-se pelo correio a quem enviar 70 reis em estampilhas a Elisiario Casal.—Coimbra.

SÁ ALFAIATE

16 NA RUA DOS LOIOS, n.º 2, tem batinas novas, grandes e pequenas, para vender, por preços commodos.

17 QUEM QUIZER arrendar as casas e casal no sitio da Cumeada, que foram do padre Antonio dos Santos Caria, falle com Antonio José Alves Borges, negociante na rua do Visconde da Luz; tambem se arrenda a casa em separado, que tem commodos excellentes para uma boa familia.

18 VENDE-SE para pagamento de divida, a casa da rua do Loureiro, n.º 55 e 57; e trata-se na rua do Corvo, n.º 54.

Associação dos Artistas de Coimbra

19 AS MATRICULAS dos alumnos das aulas nocturnas principiarão no dia 1.º Outubro, pelos 6 horas da tarde, e terminarão impreterivelmente no dia 15 do mesmo mez.

Os individuos que quizerem cursar alguma das aulas da Associação dos Artistas, apresentarão os seus requerimentos ao exm.º sr. presidente do conselho escholar, assignados pelo requerente, quando este, bem ou mal, souber escrever, e por um socio que se responsabilise pelo comportamento do requerente; sendo deferidos só os requerimentos com certidão d'approvação na cadeira, ou cadeiras de que depende aquella em que o requerente deseja matricular-se. Assim:

I Os requerimentos para a matricula de portuguez, desenho, (1.ª parte), musica e francez, serão instruidos com a certidão de instrucção primaria.

II Para arithmetica e geometria plana, com a certidão de francez e portuguez.

III Para inglez com as certidões de francez e portuguez.

IV Os de desenho (2.ª parte), com a certidão de 1.ª parte.

V Os de historia, geographia, e chronologia, com as certidões de portuguez, francez, arithmetica e geometria plana.

Os individuos que sem terem frequentado as aulas da associação, pretendam matricular-se em algumas das de cathegoria superior, poderão unicamente ser admittidos a fazer extemporaneamente os exames preparatorios da cadeira que desejarem cursar; podendo, porem, estes exames ser feitos só dentro do prazo concedido para as matriculas.

Serão admittidos ás aulas os socios, seus filhos e familiares, e bem assim os individuos, que por qualquer circumstancia não possam frequentar as aulas diurnas nas escholas de Coimbra.

Coimbra 30 de Setembro de 1873.

O secretario do conselho escholar,

Luiz Adelino Lopes da Cruz.

20 NA COURAÇA DE LISBOA, n.º 17, casa particular, recebem-se como hospedes, dois ou tres estudantes: presta-se-lhes casa, mesa e roupa engommada; e prestar-se-lhes-ha cama e mobilia se a não possuirem. Torna-se recommendada pelo tratamento e modico preço.

Venda de toneis e balceiros

21 SÃO 3 TONEIS de 12 pipas cada um, 2 de 4 pipas cada um, e 2 balceiros grandes, tudo de muito boas madeiras.

Quem os pretender, falle com José Antonio d'Amil, rua de João Cabreira.

NUMERO 2733 — SABBADO 4 DE OUTUBRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL.—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O *Diario do Governo* publica o regulamento para a execução da lei, que auctorisa as camaras municipaes a venderem em hasta publica e sem dependencia de licença ou auctorisação do governo, os foros, censos e direitos dominicaes, de que forem directos senhorios, quando o respectivo valor não exceder a quantia de 100$000 rs.

O governo determina, por este regulamento, que as camaras municipaes procedam com brevidade aos inventarios daquelles foros, censos, etc., com suas avaliações e descripções.

De ha muito que se fazia sentir a necessidade deste regulamento, para que as municipalidades podessem mais facilmente libertar-se de uma administração complicada e por muitos motivos inconveniente a taes corporações.

A camara municipal desta cidade, que tem já preparado o inventario a que o regulamento se refere, póde agora realisar a venda de grande numero de foros que possue; convertendo o seu producto em fundos publicos, no que effeituará uma receita assás importante.

Como á maior parte dos municipios, e a um grande numero de pessoas interessam as providencias estabelecidas no mencionado regulamento, aqui o transcrevemos na sua integra da folha official.

REGULAMENTO PARA EXECUÇÃO DA CARTA DE LEI DE 21 DE ABRIL DE 1873

Artigo 1.º As camaras municipaes que pretenderem vender em hasta publica, sem dependencia de licença ou auctorisação do governo, nos termos da lei de 21 de Abril ultimo, os fóros, censos, pensões e direitos dominicaes, de que forem directas senhorias, quando o respectivo valor, pelas louvações regularmente feitas, não exceder a quantia de 100$000 reis, deverão fazer proceder com a maior brevidade ao inventario dos ditos fóros, censos, pensões e direitos dominicaes, com a descripção destes e respectivos valores.

§ unico. Os inventarios de que trata este artigo terão termo de abertura e encerramento, e serão rubricados em todas as folhas pelos presidentes da camara e respectivos escrivães.

Art. 2.º Para a avaliação dos fóros, censos, pensões e direitos dominicaes, a que se refere o artigo antecedente, tomar-se-ha por base o valor com que estão inscriptos nas respectivas matrizes da contribuição predial os predios sujeitos aos ditos encargos, multiplicando-se por vinte o seu rendimento collectavel, abstendo do total vinte pensões, e calculando o laudemio sobre a parte que restar. A importancia do laudemio que deste modo se liquidar, addicionada á das vinte pensões dos mencionados fóros, constituirá o valor com que estes hão de ser postos em praça.

Art. 3.º Quando nas matrizes da contribuição predial não estiver inscripto algum predio sujeito aos mencionados fóros, censos, pensões e direitos dominicaes, deverá proceder-se á avaliação nos termos dos artigos 43.º e 53.º das instrucções approvadas por decreto de 25 de Novembro de 1869, ficando as despezas das avaliações a cargo das camaras municipaes, e devendo os respectivos autos juntar-se aos inventarios.

Art. 4.º Concluidos os inventarios, as camaras municipaes poderão deliberar sobre a venda dos fóros, censos e pensões inventariados em conformidade com o artigo 1.º da mencionada lei de 21 de Abril ultimo, e deverão sujeitar as suas deliberações á approvação dos respectivos conselhos de districto, aos quaes serão tambem remettidos os ditos inventarios, a fim de se julgar da regularidade das avaliações.

Art. 5.º Obtida a approvação dos conselhos de districto, deverão as camaras municipaes dar conhecimento da mesma approvação á direcção geral dos proprios nacionaes, para se fazerem nos inventarios os necessarios averbamentos e tomarem as competentes notas.

Art. 6.º Os conselhos de districto, quando approvarem as deliberações das camaras, providenciarão de modo que a venda se faça com a maior publicidade e que sejam devidamente assegurados os interesses municipaes.

Art.º 7.º No prazo de tres annos contados da data da approvação das deliberações das camaras municipaes, deverão estas proceder á venda dos ditos foros, censos, pensões e direitos dominicaes em hasta publica, com assistencia do respectivo agente do ministerio publico na localidade, para fiscalisar os actos de arrematação, fazer as convenientes reclamações e interpor os recursos competentes.

Art. 8.º Se, passado o prazo estabelecido no artigo antecedente, as camaras municipaes não tiverem realisado a venda dos mencionados fóros, censos, pensões e direitos dominicaes, poderão estes ser vendidos em conformidade das leis de desamortisação.

§ unico. Para se levar a effeito o que fica determinado neste artigo, as camaras municipaes, findos os tres annos, deverão enviar aos delegados do thesouro uma relação dos foros, censos e pensões não vendidos.

Art. 9.º O preço das arrematações será pago no prazo que fôr determinado pelos conselhos de districto nos termos do artigo 6.º deste regulamento, e recebido por deposito nas recebedorias dos respectivos concelhos, sendo para esse fim passadas guias pelas camaras municipaes aos arrematantes, que as apresentarão na repartição de fazenda dos mesmos concelhos para serem devidamente escripturados.

§ 1.º As guias, de que trata este artigo, deverão declarar, além do preço da arrematação, o modo de pagamento, os fóros, censos, pensões e direitos dominicaes que são comprados, e a camara municipal a que pertencer a importancia mencionada.

§ 2.º Em vista dos recibos da importancia do preço das arrematações, e dos documentos, que provem o pagamento da respectiva contribuição de registo, serão passados aos compradores pelas camaras municipaes os competentes titulos ou cartas de arrematação.

Art. 10.º As importancias recebidas por deposito nas recebedorias do concelho, onde se realisar a arrematação, serão logo transferidas para os cofres centraes dos districtos, a fim de serem convertidas em inscripções e averbadas ás respectivas camaras municipaes, em harmonia com o que se acha disposto nas instrucções approvadas por decreto de 25 de Novembro de 1869, para a conversão em titulos de divida publica fundada do preço das remissões de fóros, e venda de predios rusticos e urbanos, pertencentes ás corporações e estabelecimentos comprehendidos nas leis de desamortisação.

Paço, em 25 de Setembro de 1873. = *Antonio de Serpa Pimentel.*»

A'manhã haverá em Lisboa a solemne cerimonia da sagração do nosso muito digno patricio o exm.º sr. arcebispo

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCC

D. CARLOS

I

A noticia da salvação de Bilbau, causou em todos os liberaes um jubilo inexplicavel, annunciando-se em Madrid no dia 1 de Janeiro de 1837 em uma gazeta extraordinaria.

Tanto naquella cidade, como em quasi todas as povoações de Hespanha, celebrou-se esta victoria com luminarias, musicas, bailes, e espectaculos, sendo tal a alegria des individuos que enchiam um dos theatros de Madrid, que ao ler-se do palco a gazeta extraordinaria, preromperam em acclamações, e se lançaram para a rua, considerando estreito aquelle recinto para as grandes emoções que experimentavam.

No congresso antepoz-se este assumpto a todos os outros que o occupavam, e de tal maneira se excitou o enthusiasmo dos deputados, que antes de se saberem os promenores do successo, se declarou que *os defensores de Bilbau, e o general e as tropas hespanholas e inglezas que haviam feito levantar o sitio daquella praça, haviam merecido bem da patria.*

O governo, interprete nesta occasião da opinião publica liberal, aconselhou á rainha o premio que mereciam os defensores e salvadores de Bilbau; e no decretal-o, deu á villa o titulo de *Invicta*, á municipalidade o tratamento de *Excellencia*, concedeu condecorações, e fez a Espartero conde de Luchana e visconde de Banderas.

A milicia de Madrid uniu os seus applausos aos de todos os liberaes, e felicitou aos seus companheiros da invicta villa, os quaes responderam com patriotica gratidão por intermedio do inspector da arma, o general la Hera.

Outras corporações, cidades e villas de Hespanha e do estrangeiro felicitaram tambem aos bilbainos, e em todas as partes se abriram subscripções para soccorrer as viuvas, orphãos e feridos.

Tambem se associaram as côrtes ao enthusiasmo que em todos produziu um feito, que quanto mais se conhecia, mais assombrava, escrevendo a Bilbau, a Espartero, a lord John Hay, cartas cheias de agradecimentos.

Em fim, por algum tempo não se fallou de outra cousa senão de Bilbau, que excitou o estro dos poetas e o genio dos musicos.

O levantamento do sitio de Bilbau e os successos que o precederam, produziram no campo carlista uma sensação difficil de explicar. Tudo era confusão, tudo assombro. Os soldados corriam em desordem para o quartel general, e iam muitos debandados, buscando-se chefes, officiaes e soldados. Eguia voltou a Durango; Villareal demittiu-se de um commando que o assoberbava; os chefes dos corpos voluntarios trataram de recolher os seus parques e utensilios; e a infinidade de curiosos que tinham ido divertir-se, ou aproveitar-se do sitio, espalharam-se pelas provincias vascongadas, infundindo o terror e o espanto.

A causa carlista se viu em uma das situações mais terriveis que atravessava; porem soube sair della de uma maneira brilhante.

A primeira necessidade que havia a satisfazer era a nomeação de um general em chefe, que ao prestigio do nome unisse a auctoridade do merito; porque havia que animar aos povos, fazer que renascesse a moral no exercito, e inspirasse a todos a confiança, que é principio salvador de uma causa.

Difficil era a escolha, e mais naquelles momentos criticos em que o rancor das murmurações soava por toda a parte, em que se esqueciam serviços eminentes, em que se desconfiava de todos, e a todos se tratava com injustiça, como se fossem inimigos.

Esta situação se remediou no dia 29 de Dezembro de 1836, em cujo dia accedendo D. Carlos aos desejos que repetidamente lhe manifestara o seu sobrinho o infante D. Sebastião Gabriel, de participar das fadigas e das glorias do exercito, lhe conferia o commando em chefe, e nomeava para seu primeiro ajudante de campo a Villareal. Moreno foi elevado ao cargo de chefe de estado maior general; e Elio, o mesmo que actualmente anda na revolução carlista de Hespanha, foi nomeado secretario militar de D. Sebastião.

A nomeação do chefe de estado maior foi mal recebida. A prevenção era justa: os precedentes militares do derrotado em Mendigorria eram pessimos.

D. Sebastião tomou o commando do exercito a 30 de Dezembro, e nesse mesmo dia dirigiu de Galdácano uma allocução aos soldados.

Achando-se D. Sebastião á frente do exercito, collocou o seu quartel general em Zornosa, como o ponto mais eminente e a proposito para contrariar naquelles momentos as intenções de Espartero.

A sua reorganisação depois do desastre soffrido, era uma necessidade. Dedicou-se a

de Mytilene; e na absoluta impossibilidade de irmos assistir a este acto, como muito desejavamos, daqui mesmo felicitamos o sr. Dr. Antonio José de de Freitas Honorato, e de certo os habitantes de Coimbra se felicitam a si mesmos, por verem chegar um tão bom filho desta terra, á posição a que se acha elevado polos seus merecimentos e virtudes.

O sr. Dr. Freitas Honorato, tendo recebido o grau de doutor na faculdade de Theologia em 27 de Julho de 1845, foi em Janeiro de 1846 despachado prior encommendado, e em Julho do mesmo anno, effectivo, da freguezia de Santa Cruz. A alegria com que esta nomeação foi recebida por todos os seus parochianos, manifestou-se de um modo muito lisonjeiro para o sr. Dr. Freitas Honorato.

Quando constou o seu despacho, illuminaram-se expontaneamente todas as casas da freguezia de Santa Cruz, percorreram as ruas duas musicas de curiosos, indo uma dellas ao bairro alto, tocar á porta do novo prior, e em toda a noute circulou pelas ruas muito povo, dando todas as demonstrações do seu contentamento.

Conservou-se o sr. Dr. Freitas Honorato 9 annos na administração da referida parochia; mas em resultado do decreto de 22 de Novembro de 1854, que reduziu o numero de freguezias da cidade, e haver sido despachado lente proprietario da Faculdade de Theologia, sendo os dois cargos incompativeis, teve o sr. Dr. Freitas de cessar em Janeiro de 1855 a parochialidade da freguezia de Santa Cruz.

As sympathias que alli havia adquirido pelo seu procedimento exemplar, fizeram com que todos os habitantes da freguezia vissem com profundo pezar a ausencia do seu bom parocho.

Nesta occasião em que o sr. Dr. Freitas Honorato vae ser elevado a principe da egreja, achamos opportuno aqui publicar o honroso testemunho que os habitantes da freguezia de Santa Cruz lhe deram, quando viram que não podiam conseguir que elle continuasse a administrar a sua parochia.

«Os parochianos da freguezia de S. João de Santa Cruz, abaixo assignados, em vista da honrosa despedida que acabam de receber do seu nunca assaz chorado parocho, o illm.º e rdm.º sr. Dr. Antonio José de Freitas Honorato, faltariam ao seu mais rigoroso dever, se não dessem uma publica demonstração do profundo sentimento que os acompanha, por se verem privados de tão digno e virtuoso pastor.

«Elles jámais esquecerão que desde o momento em que tiveram a felicidade de serem pastoreados por s.s.ª encontraram sempre nelle um pae amoroso e caritativo, um pastor virtuoso e desinteressado, um director prudente e sabio, um amigo intimo e verdadeiro, que nunca praticou a minima violencia; antes pelo contrario zeloso pelo bem espiritual de seus freguezes, promoveu sempre e a maior parte das vezes á sua propria custa, que na sua egreja se celebrassem as funcções religiosas com a maior decencia e explendor possivel. Protector decidido dos mesmos, esteve sempre prompto a consolal-os na adversidade, e a soccorrel-os no infortunio.

«A unica consolação que resta aos abaixo assignados, é de que empregaram todos os meios legaes ao seu alcance, para se não verem privados de tão exemplarissimo parocho; se não foram attendidos os seus rogos; se não se deu consideração á vontade unanime d'uma freguezia inteira, ao menos não serão privados desta publica manifestação de seus sentimentos.

«Receba pois o illm.º e revm.º sr. Dr. Antonio José de Freitas Honorato os protestos de consideração, e verdadeira estima dos abaixo assignados; reconheça que em todos e cada um d'elles tem um amigo verdadeiro e sincero, e um pregoeiro constante das suas eminentes virtudes.

«Coimbra 16 de Janeiro de 1855».

Já ha dias narramos os relevantissimos serviços que o sr. Dr. Freitas Honorato prestou nos 6 annos que serviu de ministro da Ordem Terceira, desde 1851 a 1857, e que motivaram a deliberação do definitorio de se nomear uma commissão de irmãos da Ordem, para o irem comprimentar; e por isso não precisamos de renovar agora o que então dissemos.

Da estima que o sr. Dr. Freitas Honorato gosou sempre em toda a cidade, podem dar testemunho os habitantes de Coimbra.

E pela nossa parte, tendo merecido sempre a s. ex.ª a honra da sua particular amizade, aqui vimos publicamente renovar as nossas felicitações, e associarnos á satisfação que todos sentem pela elevação do nosso bom patricio a tão alto cargo na egreja.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

Ainda o sr. Dr. José da Gama e Castro. — Abaixo publicamos uma carta que nos dirigiu o nosso prezado amigo o sr. Innocencio Francisco da Silva. São sempre bem vindas as cartas do distincto escriptor, pois que todos temos a ganhar com ellas.

Se nos pareceu extranho o que dizia o sr. Innocencio, no seu *Diccionario Bibliographico*, relativamente a ter collaborado em 1834 o sr. Dr. José da Gama e Castro, no jornal de Lisboa a *Aguia;* fomos a isso levados por motivos da maior consideração.

Aquelle nosso patricio, era, para assim dizermos, mais miguelista do que o proprio D. Miguel. Como, pois, se deveria perante o bom senso suppôr, que elle tivesse escripto em um jornal, onde D. Pedro, duque de Bragança, era exaltado até quasi á divinisação, e D. Miguel coberto das maiores affrontas, e tratado constantemente de *tyranno* e *usurpador?*

A' confissão do sr. Dr. José da Gama e Castro, nada, com effeito, se póde oppor; mas hade-se-nos permittir o dizer, que muito bons fundamentos teriam todas as pessoas que julgassem quasi impossivel que tal facto se désse.

Se a *Aguia* se limitasse a fazer guerra ao ministerio daquella epocha, abstrahindo da questão dynastica, ainda se entendia que o sr. Dr. Gama e Castro colloborasse n'esse jornal; mas escrever elle de envolta com aquelles que dirigiam os maiores convicios ao principe, que elle reconhecera como seu rei, e de quem recebera a nomeação de um elevado cargo no exercito, é o que não tem facil explicação, nem justificação.

Seja, porém, como fôr, o facto deu-se, e nesse ponto nada mais temos que dizer.

Observa-nos o sr. Innocencio, que nos escapara de enumerar entre os periodicos da opposição, publicados por aquelles tempos, a *Guarda Avançada*, dos srs. Castilhos.

Não nos esqueceu esse jornal. Neste mesmo momento temos sobre a nossa mesa de trabalho o primeiro numero da *Guarda Avançada*, publicado em 6 de Fevereiro de 1835, tendo por epigraphe — *La Garde meurt; elle ne se rend pas* — e contendo o programma que o novo jornal da opposição tencionava seguir.

Se não mencionámos este jornal, foi porque o nosso fim não era indicar todos os jornaes da opposição progressista. Fallamos só daquelles que se foram substituindo uns aos outros, mudando de titulo, talvez mesmo de proprietarios e redactores; mas que se seguiam naturalmente e iam occupando uns o logar deixado vago pelos outros. E é isso o que succedeu em Lisboa á *Aguia*, *Nacional*, *Patriota* e *Portuguez;* e no Porto a *Veleta da Liberdade*, *Athleta*, *Coallisão* e *Nacional*.

A *Guarda Avançada*, dos srs. Castilhos, não estava nesse caso. A *Aguia*, acrescentado já o titulo para *Aguia do Occidente*, acabou n'uma sexta feira, 31 de Outubro de 1834, e logo em seguida se começou a publicar o *Nacional* no dia 3 de Novembro do mesmo anno, havendo apenas a interrupção dos dias 1 e 2, em que não se publicou jornal, por ser o primeiro, dia santo de guarda, e o dia 2, domingo. Do que claramente se mostra, que o *Nacional* foi o continuador da *Aguia;* o que se não dava com a *Guarda Avançada*, que, como ja dissemos, se começou a publicar no dia 6 de Fevereiro de 1835, ao mesmo tempo que se estava publicando o *Nacional;* não o tendo precedido, nem substituido; mas publicando-se a par com aquelle, embora fossem ambos da mesma politica da opposição progressista.

Os srs. Castilhos escreviam em 1835 na *Guarda Avançada* em declarada opposição ao governo; porém d'isso bem se arrependeram depois da revolução de 9 de Setembro de 1836, passando pela decepção de verem que os seus antigos correligionarios, subindo então ao poder, não cumpriam o que haviam promettido, quando opposição.

O nosso antigo amigo o sr. Antonio Feliciano de Castilho, hoje visconde de Castilho, teve a nobre franqueza de confessar esse arrependimento, no seu *Tributo portuguez á memoria do Libertador*, em artigo por elle escripto em 2 de Outubro de 1836. E em quanto a *Guarda Avançada* deixava de existir, sendo os seus redactores levados a mudar de politica, por se não poderem associar a factos que a sua consciencia reprovava; o *Nacional*, que tinha feito violenta opposição aos ministerios cartistas, antes da revolução de Setembro de 1836, acompanhava os seus correligionarios na prosperidade, como o tinha feito na adversidade, passando a ser arauto da nova situação politica, mais conhecida por setembrista.

Diz-nos o sr. Innocencio, que o sr. Dr. José da Gama e Castro fora nobilitado por D. Miguel com o titulo de visconde de Sernancelhe. Ora como nada se perde com todos os esclarecimentos, acrescentaremos pela nossa parte, que o sr. Dr. Gama e Castro era sim natural de Coimbra; mas o pae d'elle, o sr.

---

ella, e o fez com decisão, a fim de que correspondesse ás nobres esperanças que se formavam do novo caudilho.

O regresso das expedições de Sanz, Gomez e Garcia, haviam conduzido ás provincias vascongadas, desde o interior da Hespanha, cinco a seis mil homens de differentes origens, empregos, vestidos, usos e linguagens, que faziam entre si um contraste singular. Só tinham uma mesma religião e a mesma opinião politica, circumstancias não sufficientes para que podesse crer-se, no estado em que se encontravam, como pertencentes a corpos de exercito europeu do seculo XIX.

Uma ligeira ideia do seu estado adquiriu D. Carlos de Vargas, enviado como inspector a Ochandiano para organisar aos aragonezes e valencianos. Neste pequeno povo, cobertas as suas ruas com mais de um metro de neve, havia trez mil homens, que ha um mez não descançavam, nem quasi tinham comido, e estavam cheios de andrajos e miseria, extenuados de fadiga, cadavericos, hirtos de frio, de longas barbas e macilento aspecto. E não obstante, o seu enthusiasmo não tinha decaido, porque se lhe ouvia gritar, com o coração mais do que com a boca — *Viva el-rei, viva Carlos V!*

Estes desgraçados formaram dentro em muito poucos dias a brigada aragoneza-valenciana, que commandou logo Quilez; assim como Urbiztondo, commissionado para organisar aos castelhanos, seguiu commandando a estes.

Com estas forças, as de Navarra e as provincias vascongadas, ficou organisado o exercito carlista.

O exercito liberal se ia tambem reorganisando para proseguir a campanha, ou antes para emprehendel-a de novo, porque a crueza do tempo não permittia, segundo a opinião do chefe, executar as operações necessarias para aproveitar os resultados que devia seguir, produzindo o anterior triumpho.

Conhecidos do chefe carlista os planos do seu contrario, apressou-se a fazer-lhe frente, para o que teve tempo, e deu para esse effeito algumas ordens opportunas aos commandantes geraes.

Aproximando-se o dia da peleja, dispõe-se a revistar as differentes divisões do exercito e as provincias, a fim de animal-as aos combates, que era de suppor seriam largos, obstinados e sanguinolentos. A divisão biscainha e os que operavam nas proximidades do general em chefe, quasi todos os dias, desde os primeiros dias de Janeiro de 1837, haviam tido aquella honra, já geral, já particularmente.

A 22 de Fevereiro passou D. Sebastião a Guipuscoa, revistou os corpos da sua divisão e reconheceu detidamente as defezas e o terreno da linha de Hernani e das praças d'Irun e Fuenterrabia.

Ao atravessar de uma a outra destas ultimas, os francezes de Endaya, Behovia, e demais povos da margem do Bidassoa, observaram o formoso espectaculo que apresentava um descendente de S. Luiz e Henrique IV, rodeado de um bisarro acompanhanhamento, em que se não havia uniformes, nem ostentavam ouro, prata e plumagens, sobresaiam os feitos esclarecidos de homens dignos de ostentar com orgulho o nome de hespanhoes, e tratavam de resuscitar os tempos em que se derramava generosamente o sangue pela pessoa do seu rei.

No dia 25 de Fevereiro dirigiu-se á Navarra, pernoutando em Lecumberri, e passando ao valle de Huarte Araquil, seguiu até Merindad de Estella.

Os carlistas tinham então a seguinte força na Navarra e provincias vascongadas:

Na Navarra 17 batalhões e 10 esquadrões. Em Guispuscoa 12 batalhões. Em Alava 7 batalhões. E na Biscaia 10 batalhões. Total 46 batalhões e 10 esquadrões.

Estes batalhões, que eram o grosso do exercito, com algumas companhias soltas e os guardas de alfandega, subiam a uns 30:000 infantes, e 1:500 cavallos e 40 peças de artilheria.

Os constitucionaes tinham em operações:

Na direita 29:869 homens e 1:978 cavallos. Na esquerda 23:225 homens e 293 cavallos. E ás ordens do general Ribero 6:000 homens e 220 cavallos. — Total 59:094 homens e 2:491 cavallos.

Alem disso, as guarnições da Navarra, Rioja, Alava, Biscaia, e Guipuscoa constavam de 23:225 homens e 293 cavallos.

Nestas forças constitucionaes incluiam-se as tres divisões auxiliares ingleza, franceza e portugueza; e ainda que superiores em numero ás dos carlistas, tinham precisão de cobrir infinidade de pontos, que vinham a diminuir as destinadas ás operações.

A ordem que deu D. Carlos, obrigando a tomar as armas a todos os solteiros, casados e viuvos sem filhos, de 18 a 50 annos, cujo alistamento se executou com actividade, deu um grande reforço no exercito carlista, e o fez na verdade respeitavel. Alem disso, as posições que tomavam, as obras que nellas faziam para se defender, eram outros tantos motivos de confiança para elles; e ainda que viam bem os liberaes, que nem por isso elles eram invenciveis, deviam comprehender que podiam ser vencedores.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Mauricio José de Castro e Sá, era natural de Sernancelhe, e é essa a explicação do nome adoptado para o titulo de visconde, conferido por D. Miguel ao nosso patricio.

Eis ahi a carta do sr. Innocencio:

Amigo e sr. Joaquim Martins de Carvalho. — Acabo de ler com a attenção que sempre me merecem os seus escriptos, e não sem proveito meu, a interessante noticia que v. inseriu em o n.º 2731 do *Conimbricense* acerca do fallecido dr. José da Gama e Castro (nobilitado com o titulo de visconde de Sernancelhe, de que creio chegára a usar em Paris, e que lhe foi conferido pelo sr. D. Miguel, o qual durante o seu exilio na Allemanha se entretinha em remunerar com semelhantes mercês os serviços e dedicação dos seus fieis partidarios). Na alludida noticia aprouve a v. referir-se não menos de duas vezes, sempre com a provada benevolencia que comigo quer ter, ao *Diccionario Bibliographico*, mas por modo tal que em descargo de consciencia me considero obrigado a dar algumas explicações.

E' facto, e o confesso, ter havido equivocação da minha parte em attribuir no tomo IV ao dr. Gama e Castro a qualificação de doutor na faculdade de Medicina, quando elle só obteve essa graduação na de Philosophia, sendo na outra bacharel formado. Informações deficientes, e a impossibilidade de verifical-as n'este e em outros casos, occasionaram o *qui pro quo*, aliás desfeito desde muito e reservado para ser corrigido no tomo XI, se a vida e saude me consentirem levar ate lá a publicação, suspensa ainda agora no volume IX por motivos, que mais tarde manifestarei ao publico.

Não assim quanto ao outro equivoco, julgado tal por v., quando affirmei que o dr. Gama Castro e seu irmão haviam em 1834 tomado parte na redacção da *Aguia, jornal legitimista de curta duração* (tomo IV pag. 359 e tomo II pag. 348).

Que as minhas pesquizas e indagações nesta parte eram exactas, dil-o o proprio Gama Castro em uma auto-biographia que d'elle possuo, assás extensa, pois occupa doze quartos de papel, escripta sob o seu dictado, e que de Paris me foi remettida em 1866. D'ella terei de aproveitar-me no logar competente para outros additamentos. Por agora permitta-me o meu amigo que transcreva aqui textualmente o que faz ao nosso ponto, e que deve desvanecer, me parece, todas as incertezas e duvidas que possam levantar-se. Diz pois:

«Recusou o physico-mór adherir a esta convenção (a de Evora Monte), o que em tal epocha, como fins de 1834, já não era pequeno atrevimento; e não contente com este primeiro acto de opposição, desde logo com o concurso de seu irmão Francisco d'Assis e Castro se collocou á testa de um jornal politico quotidiano, denominado a *Aguia*, que tão alto voou, e de tão alto cahiu, transformandose depois de curta existencia em *Aguia do Occidente*, e obrigando o seu fundador a ir reunir-se ao soberano desthronado, que tinha fixado provisoriamente em Roma a sua residencia official. Acolheu-o o augusto principe com o favor devido a tão rara e tão constante fidelidade, etc., etc.»

Vê pois v. a razão que me assiste para insistir ainda nas minhas affirmativas.

A *Aguia* começou a sahir em 11 de Julho de 1834; e publicaram-se os numeros successivos desde essa data até 30 de Setembro seguinte. Por desintelligencias entre os collaboradores, retiraram-se uns, e outros continuaram a publicação do 1.º de Outubro em diante, mas com a nova denominação de *Aguia do Occidente*, proseguindo ainda assim a mesma numeração, e sendo o 1.º n.º desta o n.º 68 d'aquella. A *Aguia do Occidente* durou apenas, segundo o que pude averiguar, até 31 de Outubro: pelo menos tem essa data o ultimo numero que hei visto. Pouco depois deram os srs. Castilhos começo á *Guarda Avançada*, que a v. escapou de enumerar entre os periodicos da opposição publicados por aquelles tempos.

Chamando pois á *Aguia* jornal legitimista, julgo não haver errado, ainda sem a certeza que me trouxe a auto-biographia citada. Posto que mesclado com artigos liberaes (nem outra cousa seria tolerada nas circumstancias excepcionaes d'aquella epocha, mormente não existindo ainda em vigor a liberdade da imprensa) se v. correr attentamente os numeros da *Aguia* reconhecerá sem duvida que o seu espirito dissente muito das apparencias.

Quanto ao *liberalismo* do medico Francisco de Assis e Castro, seria isso assumpto para mais larga conversa. Ficará, se o quizer assim para outro ensejo, pois que esta ja vae talvez em demasia longa.

Dando-lhe publicidade em algum canto da sua folha, para não dizer-se que correu o caso á revelia, v. obrigará mais uma vez o que é com muita estima e consideração affectuosa

De v. am.º e servo obrig.mo

Lisboa, 29 de Setembro de 1873.

Innocencio Francisco da Silva.

Publicações financeiras. — No anno de 1844 publicaram-se anonymos em Lisboa os seguintes folhetos:

Breves considerações sobre o estado da fazenda publica em Julho de 1844; por um deputado.

Reflexões sobre o decreto de 30 de Junho proximo passado, em que se determina a arrematação do contracto do tabaco; por um deputado da maioria em Julho de 1844.

Apezar dos folhetos sairem anonymos, soube-se logo que eram escriptos pelo sr. Jeronymo Dias de Azevedo, hoje conde de Podentes.

O nosso respeitavel amigo era cartista e pertencia á maioria da camara dos deputados; mas com a imparcialidade e bom senso de que é dotado, entendia que a fazenda publica estava sendo mal administrada, e que se se não atalhassem os males existentes, aggravar-se-hiam de forma, que no futuro muito mais difficil seria o remedio.

O sr. Jeronymo Dias de Azevedo era adverso ao pronunciamento de Torres Novas. Entendia, porem, que vencido elle, era conveniente que o ministerio largasse o poder.

A imprensa ministerial, composta do *Correio*, *Restauração* e *Diario do Governo*, vendo o pessimo effeito que podia produzir a dissidencia, partindo de um dos deputados da maioria; tocou immediatamente a rebate, combatendo as apreciações economicas, financeiras e politicas dos dois folhetos.

D'ahi resultou que o sr. Jeronymo Dias de Azevedo saiu outra vez a campo, com as seguintes publicações:

Redarguição aos ataques da imprensa ministerial, contra as doutrinas dos folhetos publicados em 18 de Junho e 6 de Julho do corrente anno; por um deputado da maioria, auctor dos mesmos folhetos.

A arrematação do contracto do tabaco, mediante o emprestimo de quatro mil contos, e a fazenda publica; por um deputado da maioria. Lisboa 10 de Setembro de 1844.

Em todos os folhetos se mostra que o sr. Jeronymo Dias de Azevedo havia feito um estudo serio e consciencioso do orçamento e do estado da fazenda publica; pois que alli reduzia ás suas verdadeiras proporções os casteltos de cifras architectados pelo governo.

O sr. Jeronymo Dias de Azevedo foi um verdadeiro profeta do que viria a acontecer passados annos, continuando a marcha financeira daquella epocha. Ou antes, ainda o alcance da fazenda publica veiu a ser muito maior que annunciava o illustre deputado.

Não podemos eximir-nos a transcrever aqui, pelo que tem de conceituosos, tres periodos do folheto — *Redarguição aos ataques da imprensa ministerial.*

«Agora concluindo, temos que acceitando toda a cifra do ministerio, sem alteração alguma, ainda assim achamos no presente anno um *deficit*, pelo menos, de 200 contos, caducando por isso completamente o plano do governo de 30 de Junho; não podendo descer esse mesmo *deficit* de 300 contos no orçamento do proximo anno; subindo a 700 contos em 1849; a 1:100 contos em 1853, e figurando em 1863 na importancia de 1:500 contos pelo menos!

«Mas conforme a nossa demonstração a respeito dos proprios, da reducção e dos cinco por cento, e dos 111 contos que faltarão á junta do Credito Publico, alem dos 264 contos de que se faz menção no orçamento deste anno, será o *deficit* permanente de 1844-1845, de 700 contos, pelo menos — dos quaes teremos a deduzir a importancia dos fóros e bens nacionaes vendidos neste anno, a maior dos 57 contos em que computámos o seu producto na nossa demonstração; não podendo neste mesmo caso o *deficit* do actual anno economico descer de 400 contos, e devendo no proximo futuro anno subir pelo menos a 700; porisso que não póde continuar a verificar-se um producto de venda e remissão de foros superior ao que deixamos designado.

«E assim teremos um augmento progressivo nesse *deficit*, que, subirá a 1:900 ou a 2:000 contos, pelo menos, de 1863 em diante, se a tempo se não tomarem providencias que nos salvem, dado que possamos já salvarnos.»

Ao sr. Jeronymo Dias de Azevedo, hoje conde de Podentes, ja dava cuidado em 1844 o *deficit*, que segundo os seus calculos, seria no anno economico de 1844 a 1845 de 700 contos; e previa, que iria sempre subindo, de modo que no anno de 1863, teria chegado a 1:900, ou 2:000 contos!

E que diria então s. ex.ª se soubesse que o *deficit* havia de chegar entre nós, não só a 2:000, mas a 6:000 contos!

Em 8 de Fevereiro de 1867, dizia o ministro da fazenda no relatorio que aqui temos presente, que o *deficit* era de 5:670 contos; e em 23 de Maio de 1868, dizia outro ministro da fazenda, no relatorio que tambem temos á vista, que o *deficit* era aproximadamente de 6:000 contos!

Bem sabemos que para esse augmento muito concorreu a despeza extraordinaria com a viação accelerada e outros melhoramentos publicos; mas tambem é certo, que muito se gastou inutilmente com as nossas discordias civis, e com indesculpaveis desperdicios.

E' verdade que o *deficit* tende agora a extinguir-se; mas para isso, que sacrificios enormes não tem pesado sobre os contribuintes!

Quando cidadãos independentes e illustrados como o sr. conde de Podentes, dão o signal de alarme, ao verem a má direcção dos negocios publicos, são muitas vezes desprezados os seus pareceres, qual os de outra Cassandra. O tempo, porem, vem infelizmente mais que muito realisar as suas profecias.

A neve pelo cerco de Bilbau. — No folhetim do ultimo numero, descrevendo o terceiro cerco de Bilbau em Dezembro de 1836, dissemos que em a noute de 25 para 26 daquelle mez, immediata á noute em que o general Espartero fizera heroicamente levantar o cerco aos carlistas, cahira em Coimbra uma espantosa camada de neve.

Nessa noute representavam pela primeira vez alguns curiosos em um theatro no collegio de S. Boaventura, na rua da Sophia, pertencente actualmente ao sr. Manoel José Ferreira Leitão; levando á scena *D. João Tenorio*, e o entremez o *Esganarello*.

Os actores eram os srs. Francisco e Wladislau Bruno, Antonio Joaquim Vaz, Antonio Joaquim dos Santos, Manoel Moreno, e José Carvalho, todos artistas, já fallecidos; e os srs. Antonio Correa Lemos, Thomé da Silva Baptista, Maximiano de Figueiredo, e Francisco Pedro, tambem todos artistas, mas que ainda vivem. Fazia de *D. João Tenorio* o sr. Manoel Joaquim, alfaiate, que não sabemos se ainda é vivo.

Quando os espectadores sahiram do theatro, pela uma hora da noute, estava o tempo embruscado, mas ainda se não via nenhuma neve. Ao amânhecer, porém, com geral surpreza appareceram as ruas e telhados com uma camada de neve tão extraordinaria, sobretudo para um clima como o de Coimbra, que em muitas partes tinha mais de meio metro de altura!

Crime horroroso. — No sabbado, 27 de Setembro ultimo, Maria Jorge Carriça, solteira, de 30 annos, do logar da Gesteira, concelho de Soure, sahiu de casa pelo meio dia, levando uma enchada e uma cesta, e se dirigiu á matta de Cuvieiros, proximo ao logar da Gesteira. A's 9 horas da noute voltou com a mesma enchada e cesta; e perguntando-lhe a mãe d'onde vinha, pois tinha andado em procura d'ella, sem a achar, lhe respondeu que vinha do campo.

Na quarta feira desta semana, 1 do corrente, desconfiou uma visinha, por signaes que viu, que a referida Maria Jorge Carriça, tinha dado á luz um filho. Perguntou-lhe se era verdade, e ella negou; mas a visinha não se deixando illudir, deu parte ao regedor da freguezia, o sr. José Maria Cordeiro, a fim de proceder aos exames devidos.

Apertada nos interrogatorios, teve de confessar, que era verdade ter ido dar á luz na mencionada matta uma filha, a qual tinha enterrado.

Na quinta feira foi o regedor e o juiz eleito, acompanhados por alguns cabos, e levando comsigo a referida mulher, á matta, e por ella foi indicado o sitio onde tinha enterrado a creança. Desenterrado o cadaver, se viu que tinha o craneo partido, um braço quebrado, e o peito esmagado!

Esta mulher, peor do que as feras, confessou alli mesmo, muito satisfeita de si, este crime horroroso; dizendo que tinha morto a filha com a enchada e os pés, e que o mesmo teria feito ao pae, se lhe tivesse apparecido!

Esta mãe desnaturada, foi remettida para as cadeias de Soure; e desconfia-se que ha annos, já ella fizera o mesmo a outro filho!

As leoas, as hyenas, as femeas dos tigres, e outros animaes ferocissimos, defendem os seus filhos até á ultima extremidade; e só entre as mulheres se encontram mães, que matam seus proprios filhos! Que tristes reflexões isto suscita!

Furacão. — Hontem, pela uma hora da tarde, houve nesta cidade uma trovoada, precedida de um violento furacão, o maior que aqui temos sentido.

O vento vinha na direcção do sul para o norte, e na sua impetuosidade arrancava as telhas dos telhados e quebrava as vidraças.

São numerosas as arvores arrancadas e quebradas; e até a celebre arvore, que está no quintal das casas do sr. Antonio de Noronha Castello Branco Avilez, de Ois do Bairro, e onde habita o sr. Miguel Antonio de Sousa Horta e Vasconcellos, na rua do Loureiro, a qual tem um tronco da grossura de cinco metros e meio, foram derribadas varias arrancas, cada uma das quaes formaria só por si uma grande arvore.

Partida. — Na quinta feira sahiu desta cidade para Lisboa o exm.º sr. Bispo Conde, que vae assistir á sagração do exm.º sr. arcebispo de Mytilene.

Hydrophobia. — Na quarta e quinta feira, um cão muito grande, pertencente ao collegio das Ursulinas, e que se havia damnado, poz em alarme esta cidade e as povoações proximas.

Por muito tempo foram baldadas todas as diligencias para o matarem; e só poude ser morto na quinta feira de manhã, proximo do Seminario. Quando atravessou o mercado de D. Pedro V, todo o povo fugia espavorido; mas ahi não fez mal nenhum. Tinha mordido em varios cães, e em um homem no caminho de Santa Clara.

Companhia Edificadora Figueirense. — Teve logar no dia 30 de Setembro ultimo a segunda sessão da assemblea geral desta companhia.

Por falta de espaço não publicamos hoje a noticia minuciosa do que nella se passou. Fal-o-hemos proximamente.

Vindimas. — Desde o seculo 15 ate hoje tem variado a epocha das vindimas em França. Nos 100 annos que decorrem desde 1400 a 1500 só se vindimou 4 vezes em Agosto, 10 vezes em Outubro, e o resto em Setembro. No seculo 16, 5 vezes em Agosto, 15 vezes em Outubro, e os mais annos em Setembro. No seculo 17, nunca se vindimou em Agosto, 30 vezes em Outubro, e o mais em Setembro.

No seculo 18 só houve uma vindima em Agosto, 37 vezes em Outubro, e o resto em Setembro. No seculo actual não houve ainda vindimas em Agosto, já se contam 22 em Outubro, e o mais em Setembro. Estes dados, porem, não se referem a todas as regiões vinicolas de França. Está averiguado, que os melhores vinhos que se tem colhido no presente seculo, foram fabricados na segunda quinzena de Setembro.

Parece-nos curiosa esta noticia, que extraimos de um acreditado jornal francez, e deve servir de aviso aos viticultores, para não anteciparem as vindimas. O vinho é tanto melhor, quanto mais madura se colhe a uva. Infelizmente no nosso paiz ha grande tendencia para vindimar cedo e antes do tempo proprio.

Grande perigo.— Por noticias de Lisboa consta que sua magestade a rainha e suas altezas os principes estiveram em imminente perigo de morrerem afogados, arrastados por uma onda, proximo da *Boca do inferno*, a Cascaes. Foram felizmente salvos por um pharoleiro. Sua magestade el-rei mandou já condecorar o pharoleiro com a Torre e Espada.

Novas publicações. — Recebemos hoje, e muito agradecemos, as seguintes publicações:

Os tres primeiros fasciculos do — PORTUGAL ANTIGO E MODERNO. *Diccionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias, etc., etc., etc., por Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal*. Lisboa 1873.

ENSINO INTUITIVO. *Livro destinado ás mães e paes de familia e ás professoras e professores de instrucção primaria, por João José de Sousa Telles*. Lisboa 1873.

Ainda não podemos ler estas publicações, e só diremos que o ENSINO INTUITIVO se vende nas lojas de livros desta cidade, pelo preço de 300 reis.

Cães tigres.—Diz-nos o sr. José Maria Rosa de Carvalho o seguinte:

«Quando um tigre entra n'um rebanho de gado, não principia a comer, antes de matar todo o rebanho. E' o que fazem os cães de que vamos fallar, aos quaes por isso lhes chamamos tigres.

Em Traz-os-Montes, concelho de Ribeira de Pena, acostumaram-se muitos cães de quinta a matarem cabras. Os mais amestrados sobem aos outeiros, e uivando, reunem os companheiros, e principia a caçada. Seguem as cabras latindo-lhes no rasto, como os cães de caça seguem coelhos. Se pódem impunemente chegar ao rebanho, praticam a maior carnificina; e matando sempre mais do que pódem comer, deixam no monte muitas cabras mortas, que outros cães comem; costumam-se a ellas, e de pacificos que são, tornam-se tambem crueis.

Não se contentando em as perseguir do dia, invadem os curraes, entrando por os tectos que são de palha. Succede algumas vezes o entrarem, sem poderem depois sahir. Quando isto acontece, ninguem deseje o estar-lhes na pelle.

O remedio mais proveitoso de que os donos das cabras se servem para matarem alguns cães, é o envenenarem os restos da carne que elles de fartos deixam ficar.

Um nosso amigo trasmontano, que nos contou o que escrevemos, está apoquentado com a morte de um perdigueiro excellente, que foi victima do veneno destinado ao exterminio da feroz matilha.»

Suffragios.—De Arganil nos communicam o seguinte:

«O sr. Dr. Luiz Caetano Lobo, dignissimo reitor e arcypreste, desta villa, celebrou hoje (2 de Outubro) uma missa na egreja matriz, pelo eterno descanço da exm.ª sr.ª D. Amelia Dias Ferreira, esposa idolatrada do nosso exm.º patricio o sr. conselheiro José Dias Ferreira.

Assistiram a ella alguns dos amigos mais intimos de s. ex.ª, algumas senhoras, que vestiam de rigoroso luto e outras pessoas.

No trigesimo dia do passamento da que tantas saudades deixou aos que cá na terra foram testemunhas de suas excellentes qualidades, tencionam alguns amigos do inconsolavel esposo, que saudoso pranteia agora a esposa idolatrada que lá no ceu está por elle orando e por seus amados filhos, mandar fazer um officio em sua honra na mesma egreja matriz.»

ANNUNCIOS

Conveniencia

1 VENDE SE uma armação de loja, muito boa, e dois mostradores, tambem de loja. Quem pretender, falle na praça de S. Bartholomeu, n.º 57-58.

FESTIVIDADE

2 NO DOMINGO, 12 do corrente, haverá na egreja matriz de Santo Antonio dos Olivaes, festa a S. Romão, com sermão de tarde.

3 NA RUA DAS COVAS, n.º 9, recebem-se estudantes por preços commodos.

4 JOSE VELASCO, residente na Sophia, n.º 26 e 27, tem deposito de bacalhau, do novo, de 1.ª e 2.ª qualidade, que vende por junto e a retalho.

5 SE houver alguem que queira comer por 6$000 rs. mensaes, bom passadio, paga adiantada; dirija-se á rua de Sobre-ripas, n.º 21.

6 FELICIANO CARDOSO, professor particular de Sanskrit e inglez, abre as suas aulas no 1.º de Outubro, na rua do Correio, n.º 108.

LECCIONISTA

7 F. COSTA PESSOA, bacharel em Mathematica e Philosophia, lecciona Mathematica Elementar e Introducção, na rua d'Alegria, 23.

INTRODUCÇÃO

8 FRANCISCO EDMUNDO FERNANDES DE MEIRA, bacharel formado em Medicina, lecciona Introducção, rua de João Cabreira, n.º 50.

9 A CAMARA MUNICIPAL do concelho d'Arganil, faz publico, que no dia 9 do corrente mez d'Outubro, nos paços do concelho, e pelas 10 horas da manhã, se hade arrematar em hasta publica, a construcção do edificio para repartições publicas e o cemiterio publico nesta villa d'Arganil. As condições estarão patentes no acto da arrematação.

O escrivão da camara,
Francisco Garcia de Carvalho.

SÁ ALFAIATE

10 NA RUA DOS LOIOS, n.º 2, tem batinas novas, grandes e pequenas, para vender, por preços commodos.

11 VENDE-SE para pagamento de divida, a casa da rua do Loureiro, n.º 55 e 57; e trata-se na rua do Corvo, n.º 54.

12 TRATADO ELEMENTAR D'ARITHMETICA de Motta Pegado. Vende-se em Coimbra na loja da Imprensa da Universidade.

Attenção

13 A MODISTA DE LISBOA, tendo fixado a sua residencia ao cimo da rua das Covas, n.º 52; previne o publico de que tem para vender novo e lindo sortimento de chapeus para senhoras e creanças, em veludos pretos e de côres, a qual novidade póde justificar com o jornal francez *La Mode Illustrée*, de que é assignante.

Tem egualmente em palha brancos e pretos, do preço de 1$200, a 3$000. Vende tambem espartilhos especiaes a 1$500, botinhas a 1$500, ditas de meninos 1$000 rs., e outros muitos objectos, tudo pelos mais baixos preços, para liquidar.

Encarrega-se egualmente de toda a sorte de concertos em chapeus.

PROVIDENCIAS

14 MUITO APROVEITARIA a companhia do caminho de ferro, visto ter um relojoeiro contractado, que a troco de mais alguma coisa este regulasse o relogio, aos empregados da pequena velocidade, pois é uma infelicidade, de manhã atrazam, e de tarde adeantam-se.

Por aqui até breve.

—Coimbra—

Pharmaceutico

15 HA UM que deseja administrar uma pharmacia. Quem precisar dirija-se a V. L. de Moraes, rua de Quebra Costas, n.ºs 6 e 8.

16 A. R. ANDRADE abre a sua aula de latim (1.ª parte e curso completo) a 20 do corrente Outubro, travessa de S Christovão, 10. Promptifica-se, como de costume, a ir a casas particulares.

CASAS

17 ALUGAM-SE DUAS adiante do jardim botanico, proprias para familias, sendo uma toda a estuque. O local é o melhor desta cidade, pelas vistas e excellentes ares. Trata-se com o senhorio, na Ladeira, n.º 20.

LATIM (1.ª e 2.ª PARTE) FRANCEZ

18 O PRESBYTERO José Maria Cardoso de Figueiredo abre as suas aulas de latim (1.ª e 2.ª parte), e a de francez no dia 15 de Outubro. Couraça dos Apostolos, n.º 49.

19 MANOEL D'ARRIAGA abre no dia 15 do corrente os cursos das linguas franceza e ingleza. As pessoas que os quizerem frequentar podem procural-o em sua casa, na rua do Salvador, n.º 8.

AGRADECIMENTO

20 MANOEL RODRIGUES DO NASCIMENTO, e seu filho Francisco Rodrigues dos Santos Nazareth, summamente reconhecidos para com todas as pessoas que do melhor grado se dignaram obsequial-os por occasião da missa nova, que este celebrou na real capella da Universidade no domingo preterito, não podendo deixar de especialisar entre ellas o exm.º sr. visconde de Villa Maior, pela maior franqueza com que lhes facultou a real capella, bem como aquelles dos empregados da secretaria, que debellando muitas difficuldades que se suscitavam, os coadjuvaram na sua pretensão; receiando que haja alguma falta nos seus agradecimentos pessoaes, vêm desde já por este modo testemunhar a todos o seu mais profundo reconhecimento, protestando-lhes eterna gratidão.

21 JOSÉ EDUARDO FERREIRA DE CARVALHO, estudante do 2.º anno do curso pharmaceutico, continua a habilitar alumnos para os exames de instrucção primaria, portuguez e francez, em sua casa, rua das Covas, n.º 9. Tambem se promptifica a ir dar lições das mesmas disciplinas a casas particulares.

22 NO ARMAZEM DE VINHOS no pateo da Inquisição, vende-se vinho de superior qualidade da Bairrada, a 1$800 rs. o almude, meio 900 rs., o quartão 450 rs., por quartilho a 40 rs.; egualmente vende por quartilho na sua venda na Sophia, n.º 26 e 27. Tambem se vende a 1$600 rs. o almude.

Velasco.

23 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastara cozer a nossa farinha somente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE
DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do aleuto, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economias 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place e Vendom 26, Paris: Regent-Street, Londres; Cae de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO. Desire Rahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.— ELVAS, Sant'Anna.— COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.— SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2734 — TERÇA FEIRA 7 DE OUTUBRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Temos agora os *frades*. A *Nação* depois da questão politica passa á questão religiosa. Parece que o juramento de D. Miguel e a abolição dos frades são os dois polos do seu eixo de rotação, e analysa desta vez o trecho do nosso artigo que respeita á extincção das ordens religiosas. Analysa— não dizemos bem, annota, commenta, ensina e reprehende; é o varão, de quem falla Horacio; *vir bonus ac prudens reprehendet inertes, culpabit duros*...

«Olhe, diz-nos a *Nação*, olhe para aquella forte phrase de Montalembert: *os frades são como os carvalhos e resistentes como elles.*»

Acceitamos a phrase, e a lição que d'ella deriva; mas a comparação dos frades com os carvalhos não tem nada de evangelica. Faz lembrar os oraculos de Dodona na mythologia e a soberba do carvalho em parallelo com a humildade do canniço na fabula. Qual dos dois prefere?...

O symbolismo da Biblia quasi que desdenha o carvalho; na magnificencia das suas allegorias o testamento velho, e na sublimidade das suas parabolas o testamento novo mal o conhecem. Entretanto é o hieroglyphico da força, e de carvalho se fez a massa de Hercules. Se a phrase de Montalembert robora a doutrina da *Nação*, não temos duvida em dizer do frade o que o propheta Amos dizia de Amorrhêo— *fortis ipse quasi quercus*. E se *é resistente como elle*, exclamaremos com o lyrico latino—*impavidum ferient ruinae*.

Temos pois carvalhos os frades, visto que os querem assim. O reino achava-se d'antes povoado destes terrigenas; a *Nação* sabe que assim chamavam os carvalhos. Com elles tinha nascido e medrado, e d'elles recebera força, a força que na realidade tinham, força boa e força má, a força da verdade e a força da violencia, porque o frade era missionario e tinha o prestigio da palavra, era inquisidor e tinha o gladio do poder. Sahiu da sua cella, e influiu nas letras e ainda mais na politica; e este era principalmente o jesuita. Por fim arcou com a liberdade e cahiu.

E' a historia do carvalho da fabula, que é bem conhecida. Egual ao Caucaso, a arvore de Jupiter atalhava com a fronte os raios do sol e arrostava com a furia dos vendavaes; as nortadas eram os seus Zephiros.

Roçava os céus co' a fronte,
Co'os pés calcava o inferno.

Sobreveiu tempestade mais séria, e o raio lascou-lhe o tronco e o vento descarnou-lhe as raizes!

O frade foi carvalho em tudo. Era robusto e vigoroso, e sem vergar resistiu ás mais rijas refregas da politica e sobreviveu-lhes; mas a tormenta multiplicou os esforços, e, abalando o colosso, derrocou-o a final. No reinado de D. José quebraram os jesuitas, que eram ramos fortissimos; na revolução liberal primeiro aluiu a inquisição, que como a salamandra se alimentava com o lume das suas fogueiras, e por fim desarraigou-se a arvore toda. Escusados são os nomes dos ministros arboricidas.

Não é para espantos este ultimo desenlace. O frade tinha nessa epocha a humildade no burel, o orgulho no peito e a cegueira nos olhos. Devendo ser pelo seu instituto apostolo de Christo, converteu-se em apostolo de Cesar, de frade fez-se aulico. Eram clarissimos os consectarios; o Cesar arrastou comsigo na queda as parietarias que pretendiam sustental-o.

Se o frade tinha por tanto a força e resistencia do carvalho, quebrou tambem como elle, porque encontrou outra força mais poderosa, e esta não foi só a força da revolução, a que elle se oppunha como ariete, mas outra que lhe era fatal, a força dos seus desvarios.

Estamos pois de perfeito accordo com a forte phrase de Montalembert, que nos ensina a *Nação: os frades são como os carvalhos e resistentes como elles.*

Devemos advertir que a questão dos frades é mais politica do que religiosa, e essencialmente politica sendo tratada pela *Nação*, parcialissima no caso sujeito, e que faz d'elles não base da fé mas pedestal d'um throno. Nos frades o defeito capital era a ambição do poder; tudo o que não for encaral-os por este lado é trocar de falso. Podemos entender o frade como homem da egreja, mas nunca como politico, como profano, *procul a fano*. Foi a politica que matou o frade, e matou-o, porque elle abandonou o seu fôro e intrometteu-se em jurisdição alheia. No nosso reino a ingerencia do frade nos negocios publicos é antiga, como o diz a historia; e é por isso que nós já dissemos que os *seus abusos de hoje tambem eram abusos de hontem.*

A Cruz do Redemptor accommoda-se em toda a parte, porque pede o culto do coração mais que o da cabeça. Extranha ás modificações civis, abraça o homem e não olha o cidadão, e por isso póde elevar-se livre e independente tanto na monarchia como na democracia, entre os selvagens como entre os civilisados. Não o julgam assim os que pretendem tornal-a appendice da politica dos governos, e por isso cahem mais cedo ou mais tarde, julgando inconscientes que arrastam comsigo o penhor sagrado que reputavam sua salvaguarda; são os filhos de Heli arrastando para o campo a arca da alliança. Mas elles passam, e a Cruz permanece, porque a Cruz alliou-se com a alma para ungil-a com o balsamo da paz e não para mortifical-a com o fel das paixões terrenas. O frade não o entendeu assim, e na arena politica quiz inclinar a Cruz para um dos partidos; havia alli frade de menos e cidadão de mais, e este desequilibrio produziu a desordem.

A *Nação* diz-nos que «se somos catholicos, devemos obedecer á doutrina da egreja infallivel, a qual por seus concilios geraes, por sua constante doutrina, e por sua tradição approvou e recom-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCI

D. CARLOS

LII

No dia 10 de Março de 1837 saiu Lacy Evans da praça de S. Sebastião, e atacou os carlistas no alto de Antondegui. Todos se bateram valentemente, resultando da acção deste dia, terem os carlistas 492 mortos e feridos; e ser superior a perda dos liberaes, por pelejarem mais a descoberto.

No fim da batalha acamparam os liberaes na altura de Ametzagaña; e os carlistas em Choritoquieta, Antondegin e Cruzeiro de S. Marcos: o terreno disputado era destes. Todos estavam fatigados de tanto pelejar, e o ceu, como se quizesse negar-lhes o descanço, enviou desde as 8 da noute, um granizo que durou até amanhecer, sentindo-se um frio, como se não tinha experimentado em todo o inverno.

Nos dias immediatos se prepararam todos para nova batalha, a qual se deu em Oriamendi, no dia 16. Os carlistas eram commandados em chefe, pelo infante D. Sebastião.

O combate foi renhido e sanguinolento; cada posição era tomada a passo de carga, e os cadaveres inglezes marcavam os pontos que haviam defendido.

Cinco horas de um fogo horroroso e mortifero, brilhantes cargas á baioneta e assalto de varias casas, bem defendidas algumas pelos valentes de Oviedo, reduziram os liberaes ás alturas de Oriamendi, que foi a posição que quizeram defender a todo o custo. Porem aos gritos de *Aurrerac* e de viva Carlos V, se lançam os carlistas com impetuosidade sobre os seus inimigos; o ruido de uma forte explosão annuncia o abandono do reducto; e ao dissipar-se o fumo que causara, se vêem luzir as baionetas carlistas sobre os parapeitos de Oriamendi.

Os vencedores perseguiram encarniçadamente aos vencidos; porem deixaram a um lado aos hespanhoes, para correr atraz dos inglezes, aos quaes sacrificavam sem compaixão. Muitos carlistas ostentavam logo as casacas encarnadas dos que tinham sacrificado.

D. Sebastião mandou que se fizessem alguns prisioneiros. Mais se teriam feito e maiores desastres teriam experimentado os liberaes, sem a apresentação na estrada de um batalhão da marinha real ingleza, com baioneta armada e a artilheria preparada a troar. Ao ver os chefes carlistas aquella novidade, e uma muralha de ferro immovel, ordenaram o alto, e os fugitivos se acoutaram detraz daquella salvadora linha, que impunha.

O exercito liberal teve 400 mortos, 900 feridos e 137 prisioneiros, inclusos 8 officiaes e 90 soldados de Oviedo, aprisionados em umas casas; perdendo peças de artilheria, espingardas, cartuchos e outra porção de effeitos. Os carlistas tiveram 88 mortos, 669 feridos, e alguns prisioneiros, entre elles o coronel Mongut. Em um e outro campo morreram apreciabilissimos chefes.

Entre os chefes carlistas se distinguiram Villareal, Zabala, que ficou ferido, Sanz, Sopelana, o coronel Oliden, o commandante Guinea, que alcançou heroica morte, e outros.

O paiz experimentou egualmente grandes perdas; mais de 200 familias ficaram sem albergue pelo incendio das suas casas, situadas nas immediações de S. Sebastião, Lezo, Alza, Astigarraga e Hernani; e com quanto a maior parte tem sido reedificadas, ainda se vêem as ruinas de algumas.

Estes incendios, exigidos alguns pela terrivel necessidade da guerra, e occasionados outros pelo afan de destruir, exasperou aos moradores das casas abrazadas, e tomaram as armas contra os seus arruinadores; e os paes que não entraram nos batalhões, formaram partidas, tendo por chefe ao seu alcaide. A de Lezo compunha-se de 60 individuos, a de Alza de 50, e outra na calçada de S. Sebastião; prestando todos grandes serviços á causa carlista, como grandes praticos no paiz.

D. Carlos concedeu uma cruz de distincção, proposta e desenhada por D. Sebastião, para todos os que tiveram parte nesta batalha. Sobre o mesmo campo, e passados poucos dias, a collocou o mesmo D. Sebastião no peito de Villareal; os soldados a receberam de seus capitães, estes dos seus commandantes, e assim successivamente.

Em quanto a guerra no norte continuava com varias alternativas, batendo-se Espartero valentemente nas linhas de Hernani e outros pontos, resolve D. Carlos dirigir pessoalmente uma expedição sobre Madrid. Nisso era elle victima de um bando de ambiciosos e intriguistas que o rodeavam, e que foram uma

mendou sempre a instituição das ordens religiosas.» Ora a egreja póde julgar util a instituição do frade para o serviço da sua doutrina, que é a de Deus, e não para embaraçar o governo do estado, que é o de Cesar; e Jesus Christo fixou bem as raias destes dois poderes, para que os confundamos. Não é a egreja, que é o reino de Deus, que póde lembrar-se de juntar o que foi separado por Deus. Podemos aceitar o frade como columna e apoio do templo, se a egreja o entende necessario: como estribo do throno deixou de ser frade. Deixou a sombra da egreja que o protegia, e sujeitou-se ás vicissitudes do mundo politico, as quaes, se o podem elevar, tambem o esmagam.

O frade cahiu, e foi mau que cahisse; mas foi por culpa sua, ou dos que o compromettecam. Póde levantar-se ámanhã e sustentar-se; mas, se falsear o fim da sua missão, ha de cahir de novo. E isto sem prejudicar a religião catholica, que nasceu e se radicou sem elle, nem a egreja, de quem póde ser auxilio, mas nunca base.

Seriam ociosas mais considerações sobre este assumpto, o qual todavia é de per si vastissimo. Mas nem cabia em tão estreito espaço o desenvolvimento de toda a materia, nem o pedia o ponto de vista sob que a considerámos. Publicámos em Agosto um pequeno artigo biographico; e publicámol-o por considerações puramente particulares, sem que de leve presumissemos que viesse a ser objecto de discussão. A *Nação* impugnou-o, e impugnou-o com violencia, tornando o que era historico e politico meramente pessoal. Replicámos, não por espirito de polemica, mas para confirmar o que tinhamos dicto e não deixar correr o caso á revelia. A nossa replica não respira azedume, porque nenhum rancor nos inspira, nem a linguagem violenta da *Nação* nos impede de reconhecer a sua boa intelligencia; o que ella indica é a paixão que a domina, e que lhe ata as mãos para a imparcialidade. Não póde ver a consciencia dos actos alheios quem em si a não sente liberrima e desanuviada.

Temos concluido.

A. A. F. P.

SAGRAÇÃO

Realisou-se no domingo, em S. Vicente de Fóra, a solemnidade da sagração do nosso particular amigo e patricio o exm.º sr. D. Antonio José de Freitas Honorato, arcebispo de Mytilene. O sagrante foi o eminentissimo patriarcha, e assistentes os exm.os bispos de Coimbra e de Bragança.

Principiou a solemnidade ás 10 horas e meia da manhã. Depois de cantada a antifona *Ecce Sacerdos*, seguiu-se uma synfonia a grande instrumental. A parte cantante foi desempenhada ora a musica, ora a cantochão, terminando pelo *Te Deum* a grande instrumental.

Serviu de principe do solio patriarchal, o exm.º sr. marquez de Sousa Holstein.

A' primeira lavanda do sagrando foram os exm.os srs. ministro e secretario d'estado dos negocios ecclesiasticos e de justiça; conselheiro Freitas Branco, director geral dos negocios ecclesiasticos; e bispo eleito de Macau, Dr. Manoel Bernardo de Sousa Ennes. A' segunda lavanda foram os exm.os sr. Manoel Correa de Sá, veador da serenissima sr.ª infanta D. Isabel Maria, que se fez representar neste acto; conselheiro Joaquim Xavier Pinto da Silva, chefe da repartição politica do ministerio do reino; e Dr. Manoel Xavier Pinto Homem, presidente da commissão da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia desta cidade.

Assistiram Monsenhor D. Luiz Matera, encarregado dos negocios da Santa Sé; o exm.º deão e conegos da patriarchal; desembargadores da relação e curia patriarchal; parochos e clero da cidade; commissão da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia de Coimbra; mesas e irmandades erectas na egreja parochial de S. Vicente; e outros muitos cavalheiros, entre os quaes se viam amigos e patricios do sagrando, que de proposito foram assistir a este solemne acto; alem de muitas senhoras e povo, que concorreu ao templo, o qual se achava decorado com primor, especialmente a capella-mór.

No fim da solemnidade religiosa, o sagrado offereceu um *lunch* aos cavalheiros que honraram este acto com a sua presença, recebendo por essa occasião as felicitações da commissão da Veneravel Ordem Terceira, dos seus amigos e patricios, e mais pessoas de differentes classes.

NOTICIARIO

Companhia Edificadora Figueirense. — Teve logar no dia 30 do mez findo, como já dissemos no ultimo numero deste jornal, a segunda sessão da assembleia geral daquella companhia.

Presidiu o sr. conselheiro Forjaz, e serviu de secretario o sr. Antonio Vieira. Depois de se ter verificado pela chamada que se achava representado mais de metade do capital social, declarou o sr. presidente aberta a sessão.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente, depois de alguns reparos do sr. conselheiro Silva, que foram julgados improcedentes, em vista da segunda leitura, que o sr. presidente mandou fazer da acta, nos pontos a que esses reparos se referiam.

Em seguida o sr. presidente mandou proceder a leitura do parecer da commissão, que fôra nomeada na sessão antecedente para dar a sua opinião sobre varias propostas da direcção, e de alguns srs. accionistas.

Antes de transcrever esse parecer da commissão, diremos, como rectificação a noticia que demos do que se passou na sessão antecedente, que a essa commissão pertenceu tambem o sr. conselheiro Silva; e accrescentaremos agora que s. ex.ª assignou o parecer da mesma commissão sem declaração de *vencido* em qualquer das suas partes.

O parecer, de que podemos obter copia, é do theor seguinte:

«Senhores. — A commissão, por vós nomeada em sessão da assembleia geral de 14 do corrente mez de Setembro de 1873, para, sob proposta do exm.º conselheiro Francisco Maria Pereira da Silva, dar o seu parecer sobre a conveniencia da continuação da Companhia Edificadora Figueirense, ou da sua liquidação, tendo meditado e estudado maduramente esta questão, e considerando, que o estado economico da mesma companhia longe de se mostrar nebuloso na actualidade, offerece ao contrario um futuro esperançoso a seus socios, [redacted] poderá distribuir mais tarde interesses, que sem duvida seriam prejudicados, e até annullados, com a liquidação ou dissolução immediata da referida companhia, é de parecer que esta continue a subsistir, rejeitada a ideia da liquidação ou dissolução por *inconveniente e inopportuna*.

A mesma commissão, tambem por vós encarregada de examinar as propostas do dito exm.º conselheiro, é do exm.º bacharel José Luiz Ferreira Freire, tendentes ambas a admittir uma parte em acções no pagamento do preço dos predios, que forem comprados á companhia, é de parecer, que nas vendas, que de futuro se realisarem de qualquer predio urbano da mesma companhia, se admitta aos socios a faculdade de pagarem uma quinta parte do preço d'esses predios em acções, ao par.

Por ultimo foi ainda por vós encarregada a sobredita commissão de dar o seu parecer sobre a primeira das propostas, apresentadas pela direcção na referida sessão da assemblea geral de 14 do corrente, em relação á necessidade de serem revistos, a fim de que se reformem, alguns artigos dos estatutos, e designadamente o art. 46 e respectivo § unico, o art. 51, e o § 1.º do art. 52, e tendo a vossa commissão estudado e discutido detidamente esta questão, e attendendo a que a reforma geral ou parcial dos estatutos cria sempre embaraços, e occasiona dispendios á companhia, é de parecer, que só no caso de urgente necessidade se deverá proceder a tal reforma, adiando-se esta por consequencia para quando essa necessidade se fizer sentir.

Entende tambem a vossa commissão, que caducaram e deixaram de ter execução as disposições do § unico do art. 46, e do § 1.º do art. 52 dos estatutos; visto achar-se preenchido o capital social da companhia com o recebimento e arrecadação da importancia do capital representado pela emissão da 1.ª serie das acções, nada estar a ganhar do a disposição do art. 5.º dos referidos estatutos, que fixa em 90:000$000 reis o capital da mesma companhia; por quanto neste computo vae envolvido o capital da 2.ª serie, que nada tem de commum com o capital da 1.ª; e nem propriamente póde reputar-se capital aquella 2.ª serie em quanto a sua emissão não fôr auctorisada, e muito menos em quanto não fôr arrecadada e realisada a sua importancia.

Finalmente entende ainda a vossa commissão, que não é necessaria, nem conveniente, a reforma do art. 51 dos estatutos, em que se exige o numero de 5 acções para a elegibilidade de qualquer socio para director da companhia; porque havendo impossibilidade de se conseguir a eleição da direcção no presente anno de 1873 para 1874, por falta de socios, em numero sufficiente, residentes na Figueira, que possuam aquelle numero de acções, e não tendo os estatutos previsto uma tal impossibilidade, compete então á assembleia geral provêr de remedio e resolver sobre semelhante assumpto nos termos do n.º 7 do art. 31; e essa resolução não póde ser outra senão a de suspender a execução do citado art. 51 dos estatutos em quanto durar a alludida impossibilidade, admittindo por consequencia a elegibilidade de qualquer socio, residente na Figueira, para o cargo de director, seja qual fôr o numero de acções, que esse socio possua.

Figueira, sala das sessões da assemblea geral, 30 de Setembro de 1873.

Adrião Pereira Forjaz de Sampaio
Albano Augusto Marques Guimarães
Bernardo Augusto Lopes
Filippe do Quental
Francisco Antonio Diniz
Francisco Maria Pereira da Silva
Lucas Fernandes das Neves
Luciano Xavier da Silva.

Finda a leitura deste parecer, poz o sr. presidente em discussão cada uma das partes em que elle se divide. Todas ellas foram unanimemente approvadas, depois de fallarem sobre o objecto de cada uma d'ellas varios srs. accionistas e principalmente os vogaes da commissão.

Em seguida o sr. presidente convidou a direcção a dar conhecimento á assembleia geral do resultado da avaliação dos predios urbanos da companhia, que havia sido feita em execução da deliberação da mesma assembleia na sua ultima sessão, para base da sua venda.

Tomou a palavra o sr. director Bernardo

---

das principaes causas delle perder a sua causa.

Estella era o ponto de partida para a expedição que ia ás immediatas ordens de D. Sebastião, levando por chefe de estado maior a D. Vicente Gonzalez Moreno, cuja nomeação não foi bem recebida, e com razão, pelos antecedentes do eleito.

Póde calcular-se que as forças expedicionarias, subiriam á sua saída das provincias Vascongadas, a 12:000 baionetas e 1:600 lanças. Todos os corpos iam enthusiasmados e perfeitamente vestidos: a sua instrucção era completa, os chefes valentes, especialmente na cavallaria, e tudo promettia o triumpho nas operações que se emprehendessem.

Nos primeiros momentos seguiam na expedição algumas peças de batalha; porem ficaram abandonadas em Echauri ao passar o Arga, devendo-se á actividade do general Montenegro o recolhel-as antes que o inimigo se tivesse podido apoderar d'ellas. Seguiam na expedição os tiros com as suas correspondentes dotações.

O brigadeiro Elio foi deposto do cargo de secretario de D. Sebastião, substituindo-o o coronel D. Antonio Arjona. A sua nomeação como segundo; a demissão de Elio, o haver-se dado depois a reconhecer a Urbiztondo chefe do estado maior general, e de ajudante general do mesmo o coronel D. Fernando Cabañas, que deixou o commando do seu regimento, se tomou tudo como o resultado das suggestões feitas por Corpas no animo do general Moreno.

O governo de Madrid, que não ignorava os preparativos que se faziam para a saída da expedição, estava verdadeiramente assustado, e temia funestos resultados, não só na peninsula, mas fóra della; sendo um de seus temores, o de que os carlistas iam dar um golpe de mão nas ilhas Baleares, protegendo-os as potencias que lhe eram afeiçoadas e tinham portos no Mediterraneo. Por isso prescrevia o ministerio a maior vigilancia, exigia movimentos ás tropas, acções aos generaes, e triumphos á sua pericia e á sua fortuna.

Finalmente depois de algum tempo de demora, deu D. Carlos, no dia 15 de Maio de 1837 ordem de marcha á expedição, a qual se effectuou pela tarde a Salinas de Oro, onde pernoutaram, e a 16 em Echauri.

Os engenheiros tinham construido uma magnifica ponte fluctuante, que sendo curta para o Ebro, a lançaram sobre o Arga, passando por ella no dia 17 os expedicionarios, e n'uma barca D. Carlos, com o seu gentil homem de serviço o marquez de Villafranca, tocando as musicas, repicando os sinos, victoriando o povo, e enthusiasmadas as tropas com a brilhante esperança que os lisonjeava. O espectaculo foi magnifico. D. Carlos pernoutou em Muco. Os soldados tinham estado dois dias sem ração: apenas havia 2:000 reales disponiveis em caixa, e escasseavam as munições e calçado.

Não era, porem, isto só o mais triste. A direcção da força expedicionaria não estava ainda resolvida definitivamente. Repellido por D. Carlos o voto de seus generaes, na junta que tinham tido em Abarzuza, adoptou o que lhe deram o conego de Tortosa, Sanz, o cura Echevarria, e outros. O chefe de estado maior demittiu-se do commando, mas não lhe foi aceite.

A força expedicionaria dividiu-se em quatro divisões, e dada ordem geral ás tropas, communicando-lhes esta disposição, seguiu a marcha com indisivel enthusiasmo, depois de desfilar por deante de D. Carlos, em direcção a Gallipienzo, passando o rio Aragon.

Acamparam no dia 19 junto a Caseda, e aqui se alojou D. Carlos, que com os seus familiares se havia collocado na marcha entre a primeira e segunda divisão.

A guarnição de carabineiros liberaes que havia neste povo, se entregou e tomou as armas; porem algum delles, nas primeiras marchas, começaram a commetter excessos nas casas dos habitantes, e teriam sido por isso fuzilados, a não aconselharem alguns dos chefes carlistas, que não convinha tanta severidade com os apresentados.

Em Caseda assignou D. Carlos no dia 20 uma proclamação, dirigida aos habitantes de Navarra, Alava, e Biscaia, annunciando-lhes a marcha da expedição sobre Madrid.

Na mesma data dirigiu outra proclamação aos voluntarios, dizendo-lhes que marchava á sua frente, a terminar os males da patria, porque chegara o momento de arrancal-a da sua escravidão, do cahos de horrores e de ignominia, em que a usurpação a havia tido.

D. Sebastião devia tambem fallar, e no mesmo dia disse de Gallipienzo aos soldados, que um novo e extenso campo se tinha aberto á sua gloria; que D. Carlos marchava com elles a libertar a patria do jugo que a opprimia, e que aterrado o inimigo á sua vista, não havia ousado apresentar-se deante, tendo atravessado sem difficuldade dois rios caudalosos.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Augusto Lopes, para dar alguns esclarecimentos sobre essas avaliações; depois do que, entregou ao sr. secretario o auto d'ellas, assignado pelos peritos. Foi esse auto lido, e achou-se que se tinham observado em relação a este importante objecto todas as prescripções legaes.

E logo o sr. presidente convidou o sr. vice-presidente, Dr. Lucas, para occupar a cadeira da presidencia, por ter de apresentar á assembleia algumas propostas. Tomou o sr. Dr. Lucas a presidencia, e deu a palavra ao sr. conselheiro Forjaz, que leu as alludidas propostas, sustentando cada uma d'ellas com solidos argumentos.

As propostas, segundo a nossa recordação, foram as seguintes:

1.ª que não seja vendido o salão da companhia, denominado da *Assembleia Recreativa*, conservando-o a mesma companhia sempre na sua posse com exclusiva applicação á reunião de familias.

2.ª que seja definitivamente tapada de pedra e cal a porta que communica o salão com o *Grande Hotel Foz do Mondego*, logo que termine o arrendamento, que do mesmo salão fizeram neste anno á companhia os emprezarios do dito hotel.

3.ª que as janellas das casas, que a direcção haja no futuro de construir, tenham a sufficiente elevação acima do nivel das ruas, para que não possam as mesmas casas ser devassadas pelos transeuntes.

4.ª que se remetta a cada um dos accionistas da companhia uma nota da avaliação que se fez de cada um dos predios urbanos da companhia.

5.ª que, logo que se apresente alguma proposta para a compra de qualquer d'esses predios, a direcção abra praça publica para a sua venda; feitos com precedencia os devidos annuncios, a fim de se entregar o predio a quem mais dêr sobre o preço da avaliação.

6.ª que, em identidade de circumstancias, seja preferido o comprador, que se offerecer a pagar o predio á vista, ao que sómente quizer pagal-o a prazos.

Parece-nos que foram estas sómente as propostas do sr. conselheiro Forjaz, ou que foram estas pelo menos as principaes. Todas foram postas em discussão em separado, e unanimemente approvadas, depois de fallarem sobre ellas muitos accionistas.

Voltou de novo o sr. Forjaz a occupar a cadeira da presidencia, e disse que não havendo mais objectos a tratar, iam fazer-se as eleições para os cargos da companhia.

O sr. Dr. Diniz pediu a palavra nessa occasião e propoz que, antes de proceder-se ás eleições, se désse um voto de louvor á direcção, que naquelle dia terminava a sua gerencia, e muito especialmente ao dignissimo vogal da direcção, o sr. Bernardo Augusto Lopes, pelos importantissimos serviços prestados á companhia.

Para fundamentar a sua proposta, historiou minuciosamente esses serviços; mostrou o estado de abatimento e desconceito a que descera a companhia, pouco depois de ter principiado as suas operações, por causas de todos conhecidas, chegando até a duvidar da possibilidade da sua continuação; visto que fôra n'essa temerosa crise que, em virtude das excellentes informações que lhe deram em relação á intelligencia, probidade e patriotismo do sr. Bernardo Augusto Lopes, acreditado negociante, e proprietario da Figueira, se dirigira a este cavalheiro, pedindo-lhe instantemente que entrasse na companhia, e aceitasse um logar no governo d'ella, o qual todos os accionistas da melhor vontade lhe dariam, apreciando, como deviam, o nobre sacrificio que elle com isso faria em prol da companhia, e da sua terra, que a mesma companhia era destinada a beneficiar.

Disse que o sr. Lopes generosamente annuira a este pedido, e tomara 5 acções; declarando que queria logo pagar integralmente a sua importancia; que da entrada deste cavalheiro para a companhia, e da sua acceitação dos cargos d'ella, datára uma era feliz para a mesma companhia, que começara logo a ganhar credito em virtude das acertadas medidas do seu novo director; que esse credito fôra gradualmente subindo em vista da solidez e economia das construcções por elle ordenadas nos dois ultimos annos; que finalmente todos hoje tinham fé na companhia, e acreditavam nos lucros que ella de futuro poderia dar aos seus accionistas.

Pediu, em conclusão, á assembleia geral, que, visto não poderem pagar-se de outro modo tão relevantes serviços, lh'os pagasse com o tributo do seu profundo reconhecimento, proclamando o sr. Bernardo Augusto Lopes — *o salvador da Companhia Edificadora Figueirense*.

A proposta do sr. Dr. Diniz foi muito applaudida pela assembleia geral.

O sr. presidente disse que o enthusiasmo, com que a assembleia geral acolhera as palavras do sr. Dr. Diniz, dispensava a votação da sua proposta, que devia considerar-se approvada por acclamação; que portanto mandaria lançar na acta o voto de louvor pedido.

O sr. conselheiro Silva pediu a palavra, e disse que abundava nas ideias do sr. Dr. Diniz; mas que tinha a declarar que a gloria da acquisição do sr. Lopes para a companhia não lhe pertencia sómente a elle, senão tambem a s. ex.ª; por quanto tinha em tempo fallado ao sr. Lopes sobre as vantagens que promettia a companhia, e lhe tinha pedido que entrasse para ella.

A nenhum dos srs. accionistas pareceu conveniente discutir este ponto com o sr. conselheiro Silva. Não passou, todavia, sem reparo na assemblea geral o querer s. ex.ª partilhar a gloria de uma cousa que tentara, e não podera alcançar, e que outro depois veiu a conseguir.

Procedeu-se em seguida ás eleições que deram o seguinte resultado.

Mesa da assembleia geral

Presidente, Conselheiro Adrião Pereira Forjaz
Vice-presidente, Dr. Lucas Fernandes das Neves
1.º Secretario, Lino Alberto de Santa Clara
2.º Dito, José Marques de Mattos
1.º Supplente, Abilio Augusto Martins
2.º Dito, Emygdio Marques Ramos Pinto.

Conselho fiscal

Dr. Francisco Antonio Diniz
Dr. Filippe do Quental
Bernardo Teixeira d'Araujo da Silva Ferraz
1.º Supplente, Albano Augusto Marques Guimarães
2.º Dito, Dr. Luciano Xavier da Silva.

Direcção

Bernardo Augusto Lopes
Manoel Augusto Lopes
Manoel da Costa e Silva
1.º Supplente, José Augusto dos Santos Fera
2.º Dito, Carlos da Costa Guia.

Depois de proclamado o resultado da eleição, sob proposta do sr. Bernardo Lopes, resolveu a assembleia geral que, havendo propostas para compra de casas da companhia a prazos, podesse a direcção aceitar como garantia ou a hypotheca das casas compradas, sendo nesse caso o prazo do pagamento de 10 annos; ou lettras com boas firmas abonatorias, sendo nesta hypothese o prazo de 3 annos.

Em seguida levantou o sr. presidente a sessão.

Largo da Portagem — Começou hontem a demolição de tres moradas no largo da Portagem, pertencentes ao sr. bacharel Elias José de Moraes, de Cantanhede.

Trata-se tambem de expropriar as casas do sr. Goes Mendanha, de Monte Mór o Velho. Ouvimos, porem, dizer, que em logar de se expropriar todo o quintal, como as conveniencias publicas estão indicando, se expropriará apenas uma pequena parte delle.

Não nos cançaremos em pugnar para que no largo da Portagem se faça uma obra que não envergonhe Coimbra, como quasi todas as que por ahi se tem feito. Lembre-se a camara municipal como está a rua do Visconde da Luz.

Em Coimbra fazem-se as obras, gasta-se com ellas muito dinheiro, e em regra ficam acanhadas, tortas e cheias de defeitos.

Na Figueira da Foz, em uma villa da provincia, quasi todas as construcções são elegantes e de um lindo aspecto; e pelo contrario, em Coimbra, a capital do districto, tudo tem uma apparencia desgraçada. Se houver quem duvide disto, pode ver um exemplo bem moderno, na casa da escola que se está construindo no largo da Feira. E esta mesma, se não está peor do que se vê, é porque se lhe acudiu a tempo, desmanchando parte do que estava feito.

Não é só em antiga data que se toleravam construcções a obstruir e estreitar as ruas; esses abusos tem-se permittido mesmo durante a gerencia das camaras dos ultimos 20 annos. O que ahi se tem consentido causa indignação.

A cidade de Braga e outras terras de menos importancia, são embellezadas de amplos largos; e Coimbra, não só os não tem; mas não se aproveitam os ensejos que de tempos a tempos se offerecem para os ir creando.

Se se consentiu o escandalo da empreza do caminho de ferro estabelecer a estação muito longe da cidade, com grave incommodo e prejuizo do commercio e dos habitantes; se se tolerou o incrivel desatino da repartição das obras publicas fazer a entrada da cidade, a Fóra de Portas, tortuosa e acanhadissima; se se tem permittido, outras muitas obras, monumentos perennes do desleixo e incuria municipal; não ha de ser com o nosso silencio, que agora á Portagem se fará uma obra que não seja como as necessidades da cidade reclamam.

Escandalo. — A pedra da demolida ponte do Mondego, tem sido conduzida em barcos para a obra da continuação do caes.

Nessa conducção estão sendo praticados factos, que revoltam o animo mais fleugmatico. Os homens que vão dentro dos barcos, quando passam pelas mulheres que no rio estão lavando a roupa, proferem as maiores torpezas, praticam os actos os mais indecentes, e dirigem-lhes as palavras as mais obscenas!

Isto presenceia-se e tolera-se em Coimbra; isto vê-se e não se pune!

Pois se continuar este escandalo é muito provavel que algum marido, ou filho das pobres mulheres injuriadas, se desforce por suas mãos, e castigue merecidamente os devassos barqueiros e trabalhadores.

Abusos do caminho de ferro. — São geraes os clamores contra a empreza do caminho de ferro.

As chegadas dos comboios são irregularissimas, e as mercadorias tem um atrazo extraordinario. Pelos antigos almocreves vinham mais depressa!

De modo que, agora que a empreza está tendo mais lucros, é quando serve mais mal o publico.

Cousas nossas!

Novas publicações — Fomos obsequiados com as seguintes publicações, que muito agradecemos:

Preludios lyricos de Caetano Dias. — Lisboa, imprensa Nacional, 1873.

Relatorio apresentado á junta geral do districto de Faro na sessão ordinaria de 1873, pelo conselheiro governador civil José de Beires, com documentos e mappas illustrativos. — Coimbra, imprensa Litteraria, 1873.

Almanach da livraria Internacional para 1874. Primeiro anno. Porto, typographia de Antonio José da Silva Teixeira, 1873.

A livraria Internacional do Porto — No almanach que acima mencionamos, vem a relação das publicações feitas pela livraria Internacional do sr. Ernesto Chardron, desde o principio do seu estabelecimento em 1870 até ao corrente anno.

Nesta relação se vêem obras das mais interessantes e valiosas, nos differentes ramos da sciencia e da litteratura.

Só um genio emprehendedor como o sr. Chardron é que se animaria a publicar tantas obras, para algumas das quaes são precisos capitaes muito avultados.

O sr. Chardron tem feito escolha muito acertada das obras que edita, e por isso a sua casa se tem acreditado, e as suas publicações tem sido muito bem acolhidas pelo publico.

Bastaria para acreditar a livraria do sr. Chardron, a publicação que está fazendo do *Grande Diccionario Portuguez*, o *Diccionario Universal de Educação*, e *As grandes invenções antigas e modernas*.

A tiragem do mencionado almanach foi de 7:000 exemplares, para ser distribuido aos assignantes destas tres ultimas publicações.

O coral. — Infere-se de um relatorio dirigido ao governo italiano, que a pesca do coral emprega annualmente em toda a Italia 460 barcos, tripulados por mais de 4:000 marinheiros. Os instrumentos de pesca, os salarios, e o sustento das equipagens representa 6 milhões de francos annuaes.

Colhe-se em cada anno mais de 150:000 kilogrammas de coral, que valem perto de 10 milhões de francos. Mais de 6:000 operarios são empregados no fabrico de artefactos deste producto maritimo, cujo valor d'exportação annual é superior a 16 milhões. A Asia, America e Africa são os maiores consumidores do coral.

Os gregos consideravam esta substancia como uma planta marinha, durando esta crença muitos seculos. Foi sómente no meio do seculo passado que os naturalistas rectificaram o erro dos antigos, e reconheceram com toda a evidencia que o coral era uma producção animal. E' uma especie de polypeiro, que vive em certas regiões submarinas, no meio de rochedos escarpados, imitando florestas admiraveis pelo brilho e côr das suas ramificações.

Estes polypeiros e outros animaes marinhos são conhecidos pelo nome de *zoophytos*, animaes-plantas, tal é a sua similhança com as formas e organisação vegetaes. Apezar de ninguem hoje duvidar da animalidade dos polypos, estes animaes apresentam-se debaixo da forma de arbustos, com troncos, ramos, ramusculos, folhas e flores. As flores são constituidas por animalculos, cuja organisação, sensibilidade e movimentos o microscopio tem revelado, e o resto é formado de concreções calcareas, segregadas pelos polypos.

As formações dos polypeiros constituem terriveis escolhos para a navegação em muitos mares, especialmente no occeano Pacifico. Abundam tambem no Mediterraneo, mar Roxo, e Atlantico. Não é só nas costas maritimas da Italia que se pesca o coral; tambem se pesca no littoral da França e da Africa, e no archipelago de Cabo Verde. No museu de Coimbra ha alguns exemplares curiosos desta ultima procedencia, offerecidos pelo nobre marquez de Sá da Bandeira.

A côr vermelha do coral, muitas vezes mais viva e brilhante que a do proprio sangue, a sua dureza e bello polimento de que é susceptivel, tudo concorre para este producto rivalisar com algumas pedras preciosas, e ser empregado no fabrico de adereços, muito apreciados pelo capricho e elegancia da moda. Alem dos ornatos das damas, o coral serve para outros artefactos. As cidades mais celebres da Europa neste ramo de industria são: Napoles e Marselha. Na India preferem-se as joias de coral ás melhores perolas; e os negros d'Africa trocam os seus mais preciosos productos pelo mais singello adereço daquella substancia que os europeus lhes offerecem.

Antigamente a medicina empregava esta producção maritima em muitos preparados pharmaceuticos; mas hoje este uso está completamente abandonado. Alguns povos antigos tinham este producto em grande apreço. Os gaulezes serviam-se d'elle para adorno de capacetes, escudos e outros instrumentos bellicos. Os romanos usavam de amuletos de coral, que traziam comsigo, e tinham tal veneração por estes objectos e attribuiam-lhes tão grandes virtudes, que lançavam collares ao pescoço das creanças para as preservar de doenças contagiosas. Talvez que as *figas de coral*, que as mães ainda hoje penduram ao pescoço dos filhinhos, para os livrar do *quebranto* e *mau olhado*, seja imitação da crença dos romanos. Este prejuiso extravagante ainda vigora entre o nosso povo.

Rapidez de communicações. — Para apreciar o grande alcance das actuaes transmissões telegraphicas por terra e por mar, devem comparar-se com a morosidade das antigas communicações.

A batalha de Fontenoy, em que os inglezes foram vencidos por Luiz XV e o marechal de Saxe, foi pelejada a 11 de Maio de 1745. A noticia deste brilhante feito militar só foi sabido em Paris 4 dias depois. A memoravel batalha de Austerlitz teve logar a 2 de Dezembro de 1805, e a sua noticia só chegou a Paris 8 dias depois. A conquista de Argel realisou-se a 5 de Julho de 1830, e só no dia 13 se soube em Paris.

Em 1855 chegou á França em 13 horas a grande noticia da tomada de Sebastopol, e hoje sabe-se na Europa em muito menos tempo qualquer acontecimento do novo mundo, na distancia de 5:000 leguas!

Exposição—Da Bemfeita, concelho de Arganil, nos pedem a publicação da seguinte exposição, que foi dirigida ao sr. commissario dos estudos:

«Exm.º sr. dr. commissario dos estudos. —Os proprietarios, habitantes desta freguezia da Bemfeita, concelho d'Arganil, abaixo assignados, participamos a v. ex.ª, que o professor, que temos a felicidade de ter para perceptor de nossos filhos, se acha altamente vexado por uma conta, que acaba de dar Maria do Carmo, residente nesta mesma terra, para o que segundo nos consta não houve outro algum motivo mais que o dito professor dar dois pequenos bolos de palmatoria em uma sua alumna, ainda creança, porque assim o mereceu, a qual alumna é neta de Maria do Carmo; esta porem querendo depôr mais contra o professor, do que na realidade aconteceu, procurou testemunhas todas d'uma familia inteira de uma só casa, quando em uma freguezia como a nossa, que tem perto de 400 fogos, tambem ha pessoas capazes de dizerem a verdade e livres de indisposições; nós porem, que temos o desejo de desaffrontar o professor, que tão dignamente exerce o seu emprego, confiados na benignidade e rectidão de v. ex.ª, pedimos que logo que esta seja apresentada ás mãos de v. ex.ª nenhum effeito tenha a outra.

Deus guarde a v. ex.ª

Bemfeita, 28 de Setembro de 1873.

José Antunes Leitão, proprietario que esta fez.
Adjuto José Dias Pinto, proprietario, e vogal da junta de parochia.
José Correia da Costa, proprietario, e juiz eleito.
Manuel Gonçalves Relvas, proprietario, e pae d'um alumno que frequenta a escola.
José das Neves, proprietario, e pae d'um alumno que frequenta a escola.
Antonio João Antunes, proprietario.
Jacintho Quaresma, proprietario.
Antonio Fernandes dos Reis, proprietario.
Joaquim Nunes, proprietario.
Antonio de Moura, proprietario.
José Duarte, proprietario.
José Maria da Fonseca, proprietario.
Dionisio Antonio Correia, proprietario.
José Pereira Gonçalves, proprietario.
Antonio Correia d'Almeida, proprietario.
José João dos Santos Salvador.
José Dias Gonçalves, proprietario.
José d'Abreu, proprietario.
Albino Simões Dias Junior.
Manuel do Rosario, proprietario.
Joaquim Pereira Gonçalves.
Albino Fernandes, proprietario.
Manuel da Costa Paiva, negociante.
José do Rosario, proprietario e pae de tres alumnos que frequentam a escola.
Antonio Gonçalves, proprietario.
José Fernandes dos Reis.
José Quaresma das Neves, proprietario.
Antonio da Fonseca.
Luiz Antonio Xavier.
Antonio Xavier d'Almeida, proprietario, pae de dois alumnos que frequentam a escola.»

Noticias de Hespanha—As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid 5—Official—Os insurrectos sairam de Cartagena por mar, e andam á pilhagem pela costa, havendo sacado dinheiro em Cuevas, Vera, e outros povos do littoral.

Amanhã saem de Gibraltar as fragatas, para concluirem com estes ultimos restos da insurreição cantonal.

Segundo noticias particulares, dignas de credito, Moriones entrou em Estella, não tendo os carlistas aceitado combate, e abandonando a povoação. São concordes tambem em que se separam as forças carlistas, que estavam concentradas naquelle ponto, com o fim de defenderem Estella, antiga côrte do carlismo, e em que Moriones reunira as tropas do seu commando para atacar o inimigo.

ANNUNCIOS

1 JOSE VELASCO, residente na Sophia, n.º 26 e 27, tem deposito de bacalhau, do novo, de 1.ª e 2.ª qualidade, que vende por junto e a retalho.

2 PELO cartorio do escrivão do juizo de direito da comarca de Coimbra, João Herculano Sarmento, corre uma acção de expropriação para utilidade publica urgente, de uma porção de terreno, situado na mesma cidade, á entrada da estrada da Beira do lado esquerdo, com parte de muros para edificação, actualmente em ruina, pertencente a Francisco de Sousa Araujo e sua mulher, negociante em Coimbra, para no dito terreno ser construida a estação do caminho de ferro para transporte de passageiros e mercadorias, servido por cavallos (rail-road), entre a cidade de Coimbra e a estação do caminho de ferro do norte, junto a esta mesma cidade; e são os ditos Francisco de Sousa Araujo e sua mulher citados por editos de trinta dias, assignados na audiencia de seis do corrente mez, para virem a juizo dentro deste prazo declarar a natureza, encargos e mais circumstancias do terreno expropriado, e nomearem louvados para a avaliação do terreno, pena de revelia.

3 NA RUA DAS COVAS, n.º 9, recebem-se estudantes por preços commodos.

4 FELICIANO CARDOSO, professor particular de Sanskrit e inglez, abre as suas aulas no 1.º de Outubro, na rua do Correio, n.º 108.

UMA SENHORA

5 RECEBE em sua casa estudantes, bom tractamento e preço razoavel. Rua do Marco da Feira, n.º 22. Coimbra.

6 ARRENDA-SE a fabrica de destilação d'aguardente, situada no logar de Urzelhe, freguezia de Lamas, a qual fabrica está no centro do melhor vinho do Bairro, e é muito abundante d'agua, condição essencial para taes estabelecimentos. Quem a pretender póde apparecer até 20 do corrente Outubro de 1873, em casa de João Francisco da Silva, de Coimbra, largo das Olarias, aonde estão patentes as condições.

LECCIONISTA

7 F. COSTA PESSOA, bacharel em Mathematica e Philosophia, lecciona Mathematica Elementar e Introducção, na rua d'Alegria, 23.

DENTISTA

8 CEREGHETTI DOMINIQUE, cirurgião dentista suisso, faz saber ao respeitavel publico conimbricense, de que ha recebido tantas provas de consideração, que tenciona continuar a estar nesta cidade algum tempo. O mesmo annuncia a todas as pessoas, que alem de fazer dentaduras completas e pôr dentes soltos, extrae dentes e raizes das mais encobertas, sem se encontrar nenhuma difficuldade; empasta e ourifica os dentes que estiverem cariados, com todas as melhores pastas que póde haver neste genero; e limpa os dentes com a maior perfeição, sem deteriorar o esmalte.

Faz o curativo do escorbuto, em poucos dias, por mais chronico que elle seja. Extrae os calos dos pés, sem que o paciente soffra dor alguma, podendo calçar o calçado e andar com todo a desembaraço, como se nunca tivesse calos.

Largo de Samsão, ao fundo da rua das Figueirinhas, n.º 52.

9 A. R. ANDRADE abre a sua aula de latim (1.ª parte e curso completo) a 20 do corrente Outubro, travessa de S. Christovão, 10. Promptifica-se, como de costume, a ir a casas particulares.

MONTE-PIO CONIMBRICENSE

10 EM CONFORMIDADE de um officio do exm.º sr. governador civil, é convocada uma reunião extraordinaria da assembleia geral do Monte-Pio Conimbricense, a requerimento dos socios Jacintho Aniceto Ramires, Francisco José Paulo, Antonio dos Santos Ferreira, Padre Eduardo Augusto Gomes Freire, Joaquim Machado, João Marques Perdigão, Antonio Jacintho, Manoel de Jesus Carvalho, Joaquim Ferreira, Antonio Ignacio, e Francisco Marques de Jesus, para o dia 12 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na casa da Associação dos Artistas.

O secretario da assembleia geral,
Antonio Ferraz.



ESTABELECIMENTO D'ALFAIATE

8 R. do Infante D. Augusto, 10

11 ANTONIO AUGUSTO DA PAIXÃO, premiado na exposição de Vienna d'Austria, e na districtal de Coimbra, com a medalha de prata, participa aos seus freguezes e amigos, que acaba de receber um bom e variado sortido de fazendas proprias da presente estação, as quaes vieram directamente de Paris, continuando a fazer toda a equidade nos preços; assim como tem pannos para batina, as quaes faz pelos preços mais commodos.

Leccionista de Pharmacia

12 JOAQUIM ANTONIO J. PEREIRA, pharmaceutico de 1.ª classe pela Universidade, lecciona aspirantes de pharmacia. Travessa da rua dos Militares, n.º 26.

Gabinete de leitura da Livraria Academica

183 — Rua da Calçada — 185

13 ROMANCES de Mirecourt, E. Sue, F. Soulié, P. Feval, P. de Kock, A. Dumas, A. Ricard, O. Feré, E. Souvestre, P. du Terrail, Capendu, de Montepin, etc., etc.

Originaes de Camillo C. Branco, Garrett, Rebello da Silva, T. de Vasconcellos, A. Gama, Castilho, C. Belem, Cesar Machado, e de outros auctores conhecidos.

Por cada 24 horas de leitura, 20 rs.
Assignatura por mez, 400 rs.

INTRODUCÇÃO

14 FRANCISCO EDMUNDO FERNANDES DE MEIRA, bacharel formado em Medicina, lecciona Introducção, rua de João Cabreira, n.º 50.

15 JOSÉ EDUARDO FERREIRA DE CARVALHO, estudante do 2.º anno do curso pharmaceutico, continua a habilitar alumnos para os exames de instrucção primaria, portuguez e francez, em sua casa, rua das Covas, n.º 9. Tambem se promptifica a ir dar lições das mesmas disciplinas a casas particulares.

16 VENDE-SE para pagamento de divida, a casa da rua do Loureiro, n.º 55 e 57; e trata-se na rua do Corvo, n.º 54.

17 PRELUDIOS LYRICOS de Caetano Dias – Um volume, 500 reis.

Vende-se em todas as livrarias de Lisboa, Porto e Coimbra, e na Imprensa Nacional—armazem dos impressos.

Na loja do sr. Pereira, rua Augusta, n.º 52, se póde fazer acquisição de qualquer porção de exemplares, com abatimento, para tornar a vender.

AO PUBLICO

18 HA CINCO ANNOS que tenho um hotel em Luso, na casa do exm.º conde da Graciosa; aonde tenho tido a honra de receber as principaes familias, não só de Portugal, mas de outras nações.

Em todos os annos encontrei uns arrieiros indecentes, que ha na villa da Mealhada, que transportam passageiros para Luso e Bussaco, indecentes pelo seu modo de tratar, achando-se a maior parte das vezes alguns d'elles embriagados, a ponto de voltarem os carros, e ficarem os passageiros muito mal tratados e alguns de cama e talvez em perigo de vida.

Este arrieiros para pagarem certos favores que devem ao sr. Serra e sua familia, entendem que devem retirar do meu hotel todas as familias que podem, acabando por dizer aos passageiros, quando estes instam muito para que os levem para a minha casa, que eu já não estou em Luso, que já me retirei para Coimbra e outras muitas coisas.

Por isso previno o publico, que eu só fecho o meu hotel em Luso, no dia 20 ou 25 do corrente.

A empreza do caminho de ferro, dá entrada na plataforma da estação da Mealhada a estes arrieiros, e pertencia á mesma empreza reparar por isto; porque a minha vinda a Luso faz com que venham mais visitantes ao Bussaco, como se póde provar, e a empreza com isto tira melhor resultado do que eu com aquelles arrieiros; pois muitas vezes é tal o barulho que alli fazem, que parece uma praça de touros.

Luso, 4 de Outubro de 1873.
João Miranda Castella.

CASAS

19 ALUGAM-SE DUAS adiante do jardim botanico, proprias para familias, sendo uma toda a estuque. O local é o melhor desta cidade, pelas vistas e excellentes ares. Trata-se com o senhorio, na Ladeira, n.º 20.

LATIM (1.ª e 2.ª PARTE) FRANCEZ

20 O PRESBYTERO José Maria Cardoso de Figueiredo abre as suas aulas de latim (1.ª e 2.ª parte), e a de francez no dia 15 de Outubro. Couraça dos Apostolos, n.º 49.

21 MANOEL D'ARRIAGA abre no dia 15 do corrente os cursos das linguas franceza e ingleza. As pessoas que os quizerem frequentar podem procural-o em sua casa, na rua do Salvador, n.º 8.

22 NO ARMAZEM DE VINHOS no pateo da Inquisição, vende-se vinho de superior qualidade da Bairrada, a 1$800 rs. o almude, meio 900 rs., o quartão 450 rs., por quartilho a 40 rs.; egualmente vende por quartilho na sua venda na Sophia, n.º 26 e 27. Tambem se vende a 1$600 rs. o almude.

Velasco.

TRESPASSE

23 TRESPASSA-SE uma loja de fazendas brancas na Praça de S. Bartholomeu, n.º 6 e 7. Quem a pretender dirija-se á mesma, onde se dirão as condições.

NUMERO 2735 — SABBADO 11 DE OUTUBRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

As noticias recebidas do Pará são deploraveis, em relação ao tratamento que alli estão soffrendo os nossos compatriotas.

O estimavel collega do *Diario de Noticias* publica a esse respeito o seguinte:

«As folhas que recebemos do Pará evidenceiam que continua a tomar incremento a perseguição feita aos portuguezes estabelecidos n'aquella provincia, sob o pretexto de os excluir do exercicio do commercio a retalho, para, dizem os propagandistas, o *nacionalisar* e acabar a *escravisação* que essa liberdade de commercio, oriunda dos mais rudimentares principios do direito universal, elles dizem produz.

Proseguem as excitações e os insultos de toda a especie em duas folhas paraenses. O anniversario da independencia foi motivo de novas affrontas pela imprensa contra os portuguezes, e n'algumas classes menos illustradas essa propaganda de odios tem achado echo, e dado logar a alguns conflictos, que podem tomar mais largas proporções.

Um jornal que temos presente e que combate, em nome da civilisação e da fraternidade, essa guerra de canibaes, diz que os portuguezes n'alguns pontos da provincia correm risco.

Não sabemos que providencias terá tomado o governo de sua magestade em presença dos factos já sabidos, mas é necessario que não deixe ao abandono os legitimos interesses dos nossos concidadãos residentes n'aquella parte do imperio.»

Associamo-nos ao nosso collega no pedido que faz ao governo. E' mister não abandonar sem protecção aquelles portuguezes, que foram para o Brazil, fiados na segurança das leis.

Muito sentimos, que em uma nação tão briosa e illustrada como é a brasileira, ainda haja individuos que pelo seu proceder deshonrem o seu paiz.

Portugal tem tudo a ganhar nas boas relações com o Brasil, e de certo o governo portuguez saberá manter essa amizade; mas ao mesmo tempo não deixará de fazer garantir a segurança que é devida aos nossos compatriotas, que alli estão sendo victimas dos discolos, a quem causa inveja o que elles ganham com o seu trabalho.

Em seguida ás tres moradas de casas que se andam a demolir, no largo da Portagem, tem tambem de ser demolido o muro, onde se acha o celebre monumento erecto em memoria da reforma e acrescentamento com que el-rei D. Manoel engrandeceu a ponte de Coimbra em 1513.

Este monumento saiu já desenhado e descripto em o numero 1 do *Antiquario Conimbricense* de Julho de 1841.

Consta-nos que o sr. presidente da camara tenciona fazer apear com todo o cuidado, e guardar convenientemente aquella importante recordação. Muito folgamos com isso; e lembramos a utilidade de ser collocada no museu archeologico do Instituto.

E' para lamentar que não tivesse havido egual cuidado com outros monumentos de Coimbra, os quaes tem sido abandonados e destruidos, com desdouro nosso, e grave prejuizo para a historia patria.

Ao menos já que se não póde remediar o mal que está feito, haja agora quem vele pelas nossas antiguidades, para que não acabe de se destruir o que ainda existe.

Publicamos em seguida uma carta que nos dirigiu um nosso amigo, sobre objecto de muita importancia para os povos da Beira, visto tratar-se do melhor ou peor traçado da viação. O sr. ministro das obras publicas não deixará por certo de se mandar informar, a fim de proceder com conhecimento de causa, e como a justiça reclamar.

Sr. Redactor.

Seja-me permittido o levantar minha debil voz para sustentar uma causa que v. não duvidara defender, sendo, como é, accerrimo defensor da lei e da justiça.

Está decretada uma estrada, que já se acha começada na Cancella, cuja direcção foi antes traçada por influencias politicas, do que por engenheiros de probidade reconhecida.

A direcção que essas influencias lhe deram é tal, que ao maior extranho causa sensação a maneira por que ella vae sendo dirigida. Começando na Cancella vae a Taboa, Gallizes, e d'ahi á Ponte das Tres Entradas. Ora bem avaliada uma tal direcção, sem custo se vê, que é nada menos do que um parto informe de mesquinhas influencias.

Sem querermos fazer de Catões neste ponto, somos todavia forçados a dizer que uma tal direcção é um roubo ao estado, e um favor simplesmente concedido a um ou outro individuo, passando-se sobre a utilidade dos povos.

Vejamos:

Primeiramente é certo, que uma estrada assim traçada é dispendiosissima, porque tendo de descrever *zig-zagues* para se favorecer uma ou outra influencia politica, tem implicitamente, de ser muito e muito mais longa, e por tanto muito mais despendiosa para o estado. E que isto assim é, veja-se a direcção que ella vae tomando: de Taboa vae a Gallizes, de Gallizes á Ponte das Tres Entradas e d'aqui ás Pedras Lavradas, dando immensas voltas de difficil construcção, e com grandes obras de arte, sem utilidade alguma para os povos.

Se o governo tivesse os cofres cheios de ouro, seriamos talvez os primeiros a approvar uma tal estrada para vermos os nossos engenheiros sahirem-se bem das curvas; assim porem queremos a utilidade dos povos, que manifestamente se oppõe a uma tal estrada.

No nosso humilde parecer, que tem um fundamento plausivel e baseado na justiça, a direcção da estrada deve ser outra, que alem de favorecer o thesouro, é favoravel e proveitosa aos povos.

A estrada deve tomar a direcção de Taboa a Coja, Cruz de Anseriz, Corgas, Chão do Vallado, Casas de S. Pedro e Pedras Lavradas, sendo esta direcção muito menos despendiosa e mais curta.

Ora pela simples exposição deste traçado se vê que muitos povos aproveitam. Alem disso aproveita-se a antiga ponte de Coja, solidamente construida, evitando-se assim o ter de se fazer outra acima, pela actual direcção que a estrada leva.

Depois aproveita-se a exploração das minas, do minerio, do Monte Garcia e Chans d'Egua, que se acham paradas por falta de vias de communicação.

Poder-nos-hão dizer que as nossas considerações são extemporaneas, e que já vêem tarde; ora é certo que embora o traçado já esteja começado, este póde muito bem continuar vindo a Coja, Anseriz, Corgas, etc., sem haver nada a perder, antes tudo a ganhar. Evitam-se assim grandes despezas, pois que pela direcção que nós lhe damos não tem obra alguma d'arte, ao passo que pela actual direcção que ella leva, são incalculaveis; alem disto favorecem-se assim as necessidades dos povos, e póde-se augmentar a receita publica com a continuação da exploração das minas acima referidas; em quanto que levando a direcção decretada é um roubo á nação, e em grande parte quasi inutil a maior parte dos habitantes da Beira.

Por tanto chamamos a attenção do governo de Sua Magestade e principalmente do sr. ministro das obras publicas sobre este ponto, nomeando engenheiros habeis e conscienciosos para fazerem um reconhecimento do traçado que deixamos descripto, e este será mais um argumento a nosso favor.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCII

D. CARLOS

LII

No mesmo dia 20 de Maio de 1837, dirigiu-se D. Carlos ao acampamento de Gallipienzo, e regressou a pequena força que por diversão fora a incommodar a guarnição de Sanguesa, ostentado alguns tropheus. Emprehenderam ao meio dia o movimento, passando as vastas esplanadas de Bardena, e ás 12 da noute chegaram a Castiliscar. No dia 21 chegaram a Farasdués, e a 22 a Luna, onde foi bem recebido e obsequiado D. Carlos, que visitou o seu antigo e afamado castello.

A 23 passou o rio Gallego a cavallaria por um vau, a infanteria por uma ponte de carros, e D. Carlos pela barca de Marracos, acompanhando-o o conde de Cirat e Sacanell, que estava de serviço, os ministros Cabañas e Lavandero, o general La Torre e D. João Echevarria, pernoutando todos em Lupiñan, onde chegaram molestados pelo cansaço, o calor, e a falta de alimento. Houve bastantes atrazados, e não faltaram motivos de desgosto.

Iribarren havia sido o encarregado por Espartero de perseguir a expedição, e havendo-se dado a voz de alarme aos generáes Oráa e Meer, que commandavam no Aragão e Catalunha, prepararam-se a fazer frente aos invasores, apezar das poucas forças com que para resistir com bom exito contavam. Tiveram de appellar para o patriotismo dos aragoneses e catalães, ao que estes se não mostravam surdos, especialmente os milicianos nacionaes, dos quaes 12:000 se mobilisaram como por encanto.

O primeiro proposito de Iribarren foi impedir que passasse a expedição carlista o Ebro; porem ignorava o rumo certo da sua marcha, e não fazia mais que ir de traz em seu alcance; assim que, quando os carlistas pernoutavam em Faradués, fazia o mesmo o liberal em Tauste.

Ia marchar Iribarren no dia seguinte para Zera; porem sabe que os contrarios se preparavam a atacar a Sadaba e invadir a Egea, e suspende o seu movimento, pensando que executando-o, expunha os nacionaes de Sadaba e deixava descuberto o caminho de Tindela, porque ainda não podia ser esperado pela divisão de Buerens, que distava bastante.

Correu por fim Iribarren sobre Zuera, ao saber a direcção dos carlistas para o rio Gallego; e o coronel Mendivil, que se havia adeantado a reconhecer os vaus e habilitar á passagem das pontes, soube que se achava a vanguarda inimiga em Marracos, occupada em reunir carros e assegurar a barca para facilitar a passagem da expedição.

Effectuada a passagem, ficou surprehendido Iribarren, que julgava que retrocederiam os carlistas, e correu elle tambem a passar o rio, dispondo em seguida, que Arregui, com o esquadrão de Bourbon, se adeantasse sobre Gurrea a adquirir noticias.

O chefe liberal, com o resto da cavallaria, dirigiu-se a Alcalá, marchando a trote logo que soube que a expedição carlista se dirigia a Huesca. Chegando Iribarren a Alcalá, os 40 cavallos que a occupavam se retiraram sem resistencia.

Liberaes e carlistas se viam então proximos. Pelejar era inevitavel; e a isso se prepararam uns e outros.

Perto de Huesca, situada na margem direita do rio Iruela, se deu no dia 24 a batalha, que foi desastrosa para a causa liberal.

A perda desta curta, mas sanguinolenta batalha, foi de perto de 2:000 homens entre mortos, feridos e prisioneiros. Foi grande o rancor com que se pelejou. Chefes e soldados que haviam perdido os seus cavallos, carrega-

Ficamos hoje por aqui, sr. redactor; mas promettemos continuar, se as nossas considerações, que são as do povo, forem desattendidas pelo sr. ministro das obras publicas.

* * *

NOTICIARIO

A illuminação a gaz em Coimbra. — O contracto da camara municipal desta cidade com a empreza da illuminação a gaz, foi pelo espaço de 18 annos, a contar da conclusão da illuminação. A cidade principiou a illuminar-se no dia 1 de Outubro de 1856. Vae-se portanto aproximando o termo do contracto.

Segundo uma das condições, póde dar-se a circumstancia de se abrir novo concurso um anno antes; o que n'esse caso seria agora mesmo.

Em seguida publicamos as condições do contracto, que dizem respeito a este objecto.

«18.ª Logo que o emprezario concluir toda a illuminação, terá principio o tempo da duração do contracto, estipulado na condição 24.ª, e será obrigado, não só durante as obras, mas tambem depois, a tomar a seu cargo a illuminação a azeite aonde fôr necessario.

«24.ª A duração do contracto é pelo prazo de 18 annos, contados desde a epocha marcada na condição 18.ª.

«25.ª As fabricas, apparelhos, utensilios, e quaesquer outros materiaes, ou obras que a empreza adquirir, ou fizer para levar a effeito a illuminação a gaz, serão no fim do contracto cedidos á camara, e por ella pagos á mesma empreza, precedendo a avaliação por peritos.

«§ unico. O emprezario, ou companhia perderá as fabricas, apparelhos, utensilios, e quaesquer outros materiaes, ou obras que o emprezario adquirir, ou fizer para levar a effeito a illuminação a gaz, e ficarão sendo propriedade municipal se durante os 18 annos abandonar a illuminação, sem que elle possa exigir indemnisação alguma.

«26.ª Um anno antes de finalisar a duração do contracto, quando tenha de se abrir novo concurso, o emprezario, ou companhia que tiver existido, será preferido em egualdade de circumstancias.»

Abastecimento de aguas. — Em portaria do ministerio do reino foi declarado á camara municipal, que é da competencia das camaras legislativas a approvação do contracto para o abastecimento d'aguas desta cidade, celebrado em 10 de Agosto ultimo.

Suspensão. — Tendo requerido o sr. Francisco de Sousa Araujo, se mandasse suspender a execução do decreto de 16 de Setembro proximo passado, pelo qual foi declarada de utilidade publica e urgente, a favor dos concessionarios do caminho de ferro americano da estação de Coimbra á mesma cidade, a expropriação de um seu terreno, situado na freguezia de S. Bartholomeu; allegando o sr. Araujo não serem exactas as designações do terreno, nem da freguezia, sob as quaes foi requerida a expropriação e lavrado o respectivo decreto, e bem assim achar-se a sua propriedade fóra da linha do trajecto, que fôra marcado á empreza para o assentamento dos carris; foi ordenado por decreto de 7 do corrente, se suspenda a execução do decreto de 16 de Setembro do presente anno, e se proceda ás precisas averiguações, a fim de sobre o assumpto se resolver o que fôr justo e conveniente.

Louvados. — O sr. presidente da camara municipal officiou á mesa da Santa Casa da Misericordia desta cidade, pedindo a nomeação de dois louvados, que com outros, por parte da camara, procedam á medição da casa em que habita o sr. Francisco de Sousa Nazareth, na rua da Calçada, a fim de se reconhecer a parte que ás duas corporações toca nos fóros, que a referida casa são impostos, para o pagamento do laudemio da compra que o mesmo deseja fazer.

Orçamento. — Mandou a camara proceder ao orçamento das obras a fazer no matadouro, para a matança do gado suino.

Fallecimento. — Falleceu em Monte Mór o Velho o sr. bacharel Maximiano Mascarenhas de Freitas Leal, proprietario daquella localidade, e que alli serviu por vezes de membro da camara municipal, sendo tambem procurador á junta geral do districto.

Signal para os incendios. — O sr. presidente da camara municipal officiou ao sr. reitor da Universidade, pedindo-lhe licença para ser collocado na torre do edificio da mesma Universidade um apparelho, para dar signal de incendios.

Abundancia de sardinha. — A costa do Furadouro, da villa d'Ovar, tem este anno sido talvez a mais feliz em pescado que nenhuma das outras do nosso littoral.

Para se avaliar a abundancia de sardinha que alli se tem pescado, damos em seguida o rendimento d'ella no mez de Setembro proximo findo.

A companha de *S. Pedro* fez 5:356$580 reis; a companha de *Manoel Pinto*, 4:897$840; a do *Panella*, 4:880$110; *Senhora da Saude*, 3:614$530; *S. Lourenço*, 3:048$410; a do *Guerra*, 2:817$030; e os *Chincoras*, (pequenas artes que pescam ao caranguejo, lagunado, fanéca, raia, etc.) 400$000. Total 25:074$500 réis.

Só o imposto d'este pescado lançado na razão de 6 por °/o sobre os 2/3 do rendimento bruto, 2/5 de addicionaes e mais 2/5 para viação, importou para a fazenda nacional em 1:103$278 reis.

O rendimento das mesmas companhas desde o dia 1 até ao dia 8 do corrente, já excedia a 7:000$000 réis.

Quasi toda a sardinha que se pesca nesta costa é remettida para o Douro, e alguma para Agueda, etc.

Deus se compadeça dos infelizes pescadores, cuja sorte é bem digna de commiseração, e que nos ultimos tres annos tem lutado com a fome.

No dia 23 de Julho do corrente anno morreram 3 homens naufragados pertencentes á companha de *Manoel Pinto*, e agora no dia 7 deste mez esteve o barco da corda da mesma companha quasi submergido e em imminente risco de perecerem nas ondas 30 e tantos homens que nelle estavam.

Mercado de Coimbra no dia 9. — Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 520 — Dito branco 500 — Dito Celorico meudo 580 — Dito graudo 520 — Milho branco 310 — Dito amarello 300 — Feijão vermelho 500 — Dito branco da marinha 480 — Dito da terra 440 — Dito rajado 370 — Dito frade 350 — Centeio 450 — Cevada 280 — Grão de bico 440 — Tremoços 220 — Chicharos 250 — Favas 320 — Batatas 210 — Azeite 1$250 — Vinho da Beira velho 1$000 — Dito novo 600 — Dito da Bairrada velho 1$200 — Dito novo 700 — Agoardente de 18 graus 1$500 — Dita de 19 graus 1$600 — Dita de 20 graus 1$700.

Jugadas e rações — O sr. padre Manoel da Cruz Pereira Coutinho, prior da Sé Velha, desta cidade, no seu instructivo *Tratado sobre as quotas de fructos agrarios denominadas rações*, impresso em 1856, diz que a *jugada* era uma quota certa, egual ao numero de medidas semeadas, ou calculada pela extensão do terreno cultivado. Feita a sementeira, logo o *jugadeiro*, e a *corda* ou *donatario*, sabiam as medidas que tinham; estes, a receber, e aquelle a pagar.

Com o *raçoeiro* acontecia o contrario. Antes da colheita, nem este sabia o numero de medidas com que devia contribuir, nem o *senhorio directo* as que tinha a receber.

Pela base da *ração* o *senhorio* e o *foreiro* ambos entravam de parceria na fertilidade ou escacez da colheita; e pela da *jugada* só o *lavrador* soffria as eventualidades.

O sr. Pereira Coutinho reconhece que a *ração* de dois, tres e quatro — um, se era suave nos tempos em que as terras assim pensionadas começaram a sentir a acção do lavrador; depois de seculos, se tornou assás gravosa. Acrescenta, porem, que o odioso, se o ha, não existe no systema das rações, mas na quantidade quotisada.

Diz mais o sr. Pereira Coutinho, que se o systema das *rações* tivesse, desde tempos antigos, sido applicado aos olivaes, que em grande extensão circumdam a cidade de Coimbra, nem os proprietarios teriam motivo de se queixar do gravoso onus dos foros, que sobre elles pesa, depois que, por muitos annos, tem havido uma deploravel escacez de azeite; tendo os senhorios directos, em attenção á carestia, se vistom precisados por um justo accordo e equidade, a receber em dinheiro, por preço ás vezes ainda inferior á metade do corrente no mercado, os foros, que pelas condições dos contractos de aforamento deviam ser pagos em azeite.

Até aqui é a opinião do sr. Pereira Coutinho. O sr. bacharel João Correa Ayres de Campos, porem, nas suas valiosas *Questões forenses*, impressas de 1857 a 1859, mostra-se bem avesso ás *rações*.

Nota os abusos que as corporações religiosas e outros potentados faziam do seu poderio sobre o povo rustico e desvalido, impondo-lhe onus tão duros, que não raras vezes o excesso das pensões e serviços crescia a tal ponto, que os pobres colonos davam-se por mais felizes em fugir do casal, que lá ficava ermo e em ruinas por muitos annos.

Em uma acção intentada em 1856 pelo seminario desta cidade, em nome da collegiada da egreja de S. Thiago, contra B. da Rosa e sua mulher, do logar das Coalhadas, freguezia de S. Martinho do Bispo, apresentou o seminario certidão de varias escripturas de arrendamentos vitalicios, feitas em differentes epochas, pelos priores e collegiada de S. Thiago, para mostrar que os terrenos da questão tinham sido adquiridos pela collegiada por titulo oneroso — que eram patrimoniaes — e que os foros e rações haviam sido estabelecidos em contractos emphyteuticos, e não em foraes e titulos genericos.

O sr. Ayres de Campos, que foi advogado nesta causa por parte dos reus, tratou de mostrar nas suas reflexões juridicas, com essas mesmas escripturas, as expoliações feitas pela collegiada.

Diz o sr. Ayres de Campos:

«O que os arrendamentos vitalicios demonstram, porem, com toda a exactidão arithmetica, é a astuciosa especulação dos priores e raçoeiros de S. Thiago, para illudirem as leis da amortisação, e irem acrescentando pouco a pouco os seus rendimentos e pitanças.

«Na *era* de 1334 elles arrendavam as herdades da *Vargem* pela pensão certa e annual de 3 *quarteiros* de pão, que eram 42 ou 45 alqueires, a razão de 14 ou 15 por *quarteiro*, sem outra comedoria.

«Na *era* de 1355 a pensão certa transformava-se em quota incerta do 4.º *(ração)* na eira, com o contrapeso de um *sesteiro*, ou dois alqueires de pão, e dois capões.

Na de 1384 continuavam á mesma *ração* de 4.º e os capões, mas o *sesteiro* já ia trepando para *quarteiro*, por causa das requeiras.

«Em 1402, 1405 e 1420, lançavam aquelles bons padres um borrão no *sesteiro* — diga-se a verdade — mas iam mettendo no seu logar o *meio dizimo*, que valia bem mais, com o capão, dez ovos, e (1405) um *carneiro*, para variar o appetite.

---

ram a pé com espada e lança na mão, e fizeram prezas.

Entre os feridos o foi de gravidade o proprio Iribarren, que morreu no dia seguinte em Almudévar, com dor de todo o exercito, que admirava o seu heroismo; com sentimento da patria, que contava para sua salvação com o seu patriotismo.

Os carlistas, se bem que não deixaram sobre o campo de batalha nenhum chefe superior morto, contaram entre os seus feridos o general Sopelana, o brigadeiro D. Pascoal Real, o coronel D. Manoel Garcia Segovia, que morreu dias depois no hospital de Ager (Catalunha), para onde foi trasladado; o coronel Puértoles, que falleceu do resultado da amputação de um membro; o da mesma classe D. José Hermosilla, morto sem querer pelos seus mesmos soldados; os capitães Puente, Prada e Salazar, e não poucos estrangeiros.

Esta victoria foi annunciada por uma proclamação de D. Sebastião, datada de Huesca em 26 de Maio; e uma condecoração premiou os vencedores.

Tres dias permaneceram os carlistas em Huesca, descançando sobre os seus laureis, celebrando o triumpho com mascaradas e luminarias, e visitando D. Carlos os feridos, a quem soccorreu. Foram levados os feridos que poderam no dia 27, quando os carlistas se dirigiram a Barbastro, por Quincena, Siétamo e Alcamadre. Chegaram muito de noite, depois de uma marcha de 11 horas, ficando muitos atrazados; e carecendo estes de rações, se desmandaram, commettendo alguns excessos nos povos do transito, sendo o de Angués onde fizeram alto para comer.

A entrada dos carlistas em Barbastro, mais enthusiasta do que em Huesca, satisfel-os completamente. Colchas nas janellas, illuminação e acclamações até deixar D. Carlos no palacio do marquez de Artesona; e isto depois de lhe haver entregado as chaves da cidade ás portas della, a junta, á qual encommendaram a salvação as auctoridades e nacionaes, que abandonaram Barbastro, considerando inutil a resistencia.

A 28 se dirigiu D. Carlos com toda a sua côrte á cathedral, onde se celebrou missa cantada, e *Te-Deum*, com musica.

Ao meio dia, e quando todos vagueavam pela cidade, os tambores e cornetas introduzem o alarme; corre a gente, fecham-se as portas, formam-se as tropas, augmenta o barulho a recordação de Huesca, e no meio desta agitação se apresenta D. Carlos a cavallo, de uniforme, e rodeado de todos os seus ajudantes. Pergunta onde estava o inimigo, e dirige-se a elle; o que enthusiasma os soldados, que o victoreiam.

O alarme foi produzido por um reconhecimento que mandara praticar Orâa, e não teve ulteriores resultados. Os liberaes retiraram-se, e os carlistas voltaram aos seus alojamentos, restabelecendo-se o socego.

D. Carlos perdeu nesta cidade um tempo precioso, nos dias que nella permaneceu, com planos de campanha, e havendo acaloradas juntas, que introduziram desconfianças em uns, duvidas em outros, e temores em não poucos.

Orâa, que commandava o exercito do centro, recebeu em Teruel, no mesmo dia da batalha de Huesca, um officio em que lhe participava o governo a saida da expedição carlista, e o encargo dado a Iribarren e Buerens de lhe ir no alcance. Soube tambem, nesse mesmo dia, a direcção dos carlistas, e calculando que era imprudencia marchar sobre elles com a pouca força de que podia dispor, pensou que manobrando habilmente, entorpeceria o movimento progressivo da expedição, e impediria se reunissem os carlistas do norte e do centro, cerrando aos primeiros a valla natural do rio Cinca, apoiando-se nas praças de Monzon e Mequinenza, o que attrahiria para si algumas tropas liberaes do Aragão.

Com esta ideia chegou no dia 25 a Caspe, ordenou ás brigadas Villapadierna e Lebron, que se dirigissem immediatamente sobre este posto, e se collocassem debaixo dos fogos desta praça as barcas que havia no Ebro, inutilisando as que não podessem trasladar-se com facilidade, e que se inutilisassem do mesmo modo as do rio Cinca.

Estimulando aos soldados e chefes ao cumprimento do seu dever, dispoz-se a passar á esquerda do Ebro, para arrojar a Cabrera das cercanias de Gandesa, á qual tinha sitiado, como a Maella, o que soube Orâa em Montalvan.

O desastre de Huesca transtornou a combinação de Orâa, porque as brigadas Villapadierna e Lebron, em vez de se dirigirem sobre Caspe, tinham marchado a Villamayor no dia 25, para reforçar o exercito do norte; 500 carlistas se haviam apoderado da barca de Caspe, e apezar das terminantes ordens de Orâa, as barcas do Cinca sulcavam, não obstante, as suas aguas.

A situação era critica para o exercito liberal.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

«Em 1426 e 1448, como os pacificos inquilinos já pareciam estar resignados com o *meio dizimo*, ahi encontramos outra vez resuscitado, muito á surdina, o classico *sesteiro*, escoltado — para melhor segurança — pelos dois capões *bons e recebondos*, ficando todavia, por então, na bagagem dos esquecidos o animal cornigero de 1405.

«Até que, finalmente, em 1718, soltando de todo os diques á sua beatifica ambição, e aproveitando a condescendencia do illustre juiz do tombo, elles exigiram com uma voracidade — digna por certo dos mais valentes gastronomos antigos e modernos — foros certos de milho, *ração* de 4 de todas as novidades, *terradegos*, *meio dizimo*, paes, ovos, gallinhas, e carneiros, *posto o pão no celleiro da egreja, e as aves, carneiros, e ovos, aos beneficiados, a quem couberem por distribuição*.

«Ora se, felizmente, o progresso lento, mas incessante, das ideias liberaes, representado nas leis agrarias de 1822, 1832 e 1846, não tivesse posto um termo a tantos abusos, onde iriam parar os nossos santos padres de S. Thiago, na sua furiosa tendencia de espoliarem aquellas pobres victimas, *soit disant* emphyteuticas, das suas herdades do campo do Mondego?

«A'quelles conscienciosos reverêndos tudo lhes servia, viesse d'onde viesse. Aos judeus da Communa tentavam na *era* de 1395 tirar os ovos — pobres judeus — arrombando portas e arcas com cruz alçada e *agua benta*. Dos desvalidos lavradores christãos não fallamos nós — falle o tombo de 1718, e esses outros emprazamentos, que deixamos commentados.»

Relego — Diz o sr. Ayres de Campos nas suas *Questões forenses*, que o *relego* era o exclusivo, que tinham o rei ou senhores das terras, para elles sós, dentro de certo tempo, poderem vender os vinhos das suas lavras e rendas. Em Coimbra durava os tres mezes de Novembro a Fevereiro, excepto acabando-se o vinho dos *agraços* antes deste prazo, porque então tambem findava o monopolio real.

Para os vinhos dos moradores foi concedido o exclusivo da venda nos mezes de Maio, Junho, Julho e Agosto, por carta de D. João II, dada em Evora aos 16 de Junho de 1490, confirmada por outra de 28 de Março de 1563.

Trabalhos artisticos. — Vimos hontem, em casa do habil artista o sr. Possidonio da Silva Alves Brandão, as imagens de Santa Anna ensinando a ler a Nossa Senhora, de S. Joaquim, e de S. José e o menino Jesus, tendo sido as roupas douradas e pintadas pelo sr. Possidonio, imitando estofos do seculo XVI.

Está um trabalho primoroso, e que revela muita habilidade da parte de quem o executou.

Tambem vimos um grupo representando a Providencia, feito pelo mesmo artista, obra de muito merecimento.

Que doutrinas se espalham em Portugal! — Temos presente um folheto impresso no Porto, com o titulo de — *O communismo como devia sel-o, ou nova reforma social.*

Para se fazer uma ideia das doutrinas subversivas, e impias no ultimo grau, que nesse folheto se advogam, vamos extrair delle alguns periodos.

O direito ao capital é assim avaliado:

«Com petroleo se devia incendiar essas infernaes casas, aonde se cunha o capital; — sim o capital! — Esse monstro horrendo, que tantos prazeres ministra a meia duzia de individuos, para tantos soffrimentos causar á maior parte dos que se veem reduzidos a ser escravos d'aquelles seus similhantes a quem a felicidade sorriu de possuir numerario.

«O capital não deve existir!»

Em religião diz-se o seguinte:

«Ainda que se diga que sem religião, não póde haver moralidade nem boa educação; comtudo, é certo existirem na sociedade homens ou individuos de exemplarissimo comportamento, sem professarem religião alguma.

«A religião dá logar a que sejam alcunhados de impios, apostatas e hereges todos aquelles que não crêem ou descrêem d'ella, sendo o mais das vezes estes epithetos dirigidos a homens honrados, por outros, a quem o manto da religião encobre toda a malvadez e hypocrisia que se póde imaginar.

«A religião de qualquer natureza que seja deveria acabar.

«Quem sabe se ella será, assim como o capital, uma das causas que influe na existencia do proletariado!»

De Deus e da origem do homem falla-se do seguinte modo:

«O proprio atheismo, não era necessario tambem.

«Que importa, exista ou não um Deus? Se é corporeo ou incorporeo, se foi elle que creou o universo, e tudo quanto existe?

«Pois que mal nos póde fazer a existencia ou não existencia de Deus?

«Na verdade que tinhamos mais em que cuidar e pensar se trabalhassemos todos para acudirmos ás nossas necessidades da vida, e com attenção e applicação ao trabalho, não nos lembraria prohibir aos outros o investigar cousas d'onde se não póde tirar proveito algum.

«A imaginação do homem, não póde entrar verdadeiramente na apreciação das causas primitivas, que não só deram logar ao seu nascimento no mundo, como tambem ao apparecimento na terra dos nossos primeiros progenitores, e de todas as mais cousas creadas anteriores a elles.

«Quem sabe verdadeiramente d'onde tudo isto dimanou?

«O que se póde imaginar mais racionalmente é, — que os nossos primeiros paes, não nasceriam neste planeta, já robustos e descreados, com todo o descernimento que tem agora o melhor artista, ou o homem mais bem instruido; e por todos é sabido, que ninguem nasce ensinado.

«Achando-se, pois, elles no mundo sem descernimento nenhum, e em um estado bruto, é de presumir que por assim dizer, estavam com os olhos fechados; não viam nada em volta d'elles; e por conseguinte nada podiam transmittir ás gerações que lhes succederam, do que foi o mundo anterior e mesmo posterior a elles, por causa do estado bruto ou ignorancia em que nasceram, e por esta mesma razão, nem sombra de tradição a tal respeito poderá existir.»

Da alma e do fim do homem diz-se no folheto o seguinte:

«A immortalidade da alma humana é uma mentira absurda e ridicula.

«A nossa alma, é tudo quanto constitue a nossa vida; ella está até no mais pequenino orgão da nossa existencia; por tanto, finda esta, finda tambem aquella, pois não se póde admittir logicamente, que uma possa sobreviver á outra, isto é, não póde haver alma sem existencia, nem esta sem aquella.

«O que pode haver depois da morte (terrivel verdade), é um corpo inerte e cadaverico, que mais tarde se commutará terra e pó!

«O espirito que nos anima e vivifica, embora não seja materia, é comtudo produzido por ella; muito á semelhança d'uns folles, que produz o vento com a acção do movimento; e assim como estes se desconcertam e já não dão vento, ainda mesmo que os movam; assim o espirito tambem faz parte da alma do corpo; não nos póde reanimar e vivificar, pelo desarranjo que este mesmo teve ou soffreu.

«Os brutos animaes, tambem tem a mesma alma, isto é, o mesmo organismo que nós temos, apenas só ha excepção na fórma exterior, e serem irracionaes.

«Estas comparações que aqui fazemos da alma humana, com os folles e com os brutos, não ignoramos poderem ser taxadas de aviltamento. Mas dada essa hypothese: que aviltação póde haver em comparar objectos eguaes uns com os outros?

«Tudo quanto existe no mundo são «seres», e só unicamente a differença que ha é na sua fórma e apparencia, mas apezar disso, não deixa nem póde deixar de qualquer objecto ser um «ser», até mesmo podemos ser comparados com as proprias pedras, e nisto tambem não póde haver aviltação, porque as pedras são «seres» como nós; só em diverso sentido é que o não são. Só uns «seres» existem no mundo d'uma fórma, e outros existem d'outra; uns são animados, outros inanimados, etc., etc.

«E mais nada.

«Ahi está pois bem definido o que a alma humana, corporal ou espiritual é. Ai! se nós com os olhos abertos não vemos, que fará com elles fechados.»

A patria é assim avaliada:

«Os grandes e pequenos imperios, os pequenos e grandes reinos, deveriam acabar.

«A patria, podia só ser qualquer cantinho da terra aonde pela primeira vez o individuo visse a luz do dia; isto é, podia ser a patria, qualquer cidade, villa ou aldeia.

«O estado e as leis civis, deveriam egualmente acabar; excepto essa pequena sociedade a que se dá o nome de «familia».

«Só bastava e era sufficiente que cada um chefe, promulgasse leis com toda a liberdade, á sua pequena ou grande familia, cujas leis consistiriam jámais na educação dos filhos, com a qual lhes formariam até uma segunda natureza, se quizessem.

«O chefe d'uma familia, seria por direito natural, o individuo que reunisse mais força physica e moral, que provavelmente, nunca deixaria de recahir no varão mais velho.

«A força physica todos sabem qual é; pois não póde deixar de ser senão força bruta. A moral, essa póde variar, conforme a instrucção, educação e experiencia do homem.

«Póde sem duvida ensinar-se uma moral inteiramente desconhecida até hoje, e com principios mais verdadeiros.»

Para coroar a obra diz-se do casamento o que se segue:

«O casamento sem o qual não existiria a familia, havia de ser contrahido da mesma sorte que mesmo hoje se contrahem os casamentos morganaticos; e isto com mais razão, visto não existirem leis civis, nem religião nenhuma.

«Ainda assim se por causa da fragilidade humana, succede-se um raro caso d'um homem apetecer mais de que uma mulher, ou vice-versa; não se pintava isso tão immoral tão infame e tão deshonroso, como agora se pinta.

«Por esta fórma acabava por sua natureza a prostituição — sim a prostituição!»

E imprime-se isto em Portugal!!!!

Esclarecimentos. — Publicamos em seguida uma carta que nos dirigiu da Figueira o sr. conselheiro Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

«Sr. redactor. — Figueira, 8 de Outubro de 1873. — O seu informador não foi inteiramente exacto no que lhe escreveu, ha pouco, acerca da *Companhia Edificadora*.

Pela minha primeira proposta, approvada, o salão conservar-se-ha não só na propriedade da mesma, mas na immediata administração da direcção para os serviços de uma e outra sociedade, a edificadora e a recreativa. Não póde por tanto vender-se; nem mesmo ser entregue a uma qualquer empreza, independente daquella direcção, em quanto a assembleia geral não revogar a sua deliberação.

Não ha tambem a devida justiça no que se diz de um cavalheiro respeitavel, primeiro auctor do bairro novo, e centro dos fundadores da companhia; a quem a Figueira deve os mais importantes melhoramentos. Na conferencia da commissão, depois de longa conversação, achou-se que todos eramos accordes com s. ex.ª na conveniencia de ter estudado o ponto, e de fazer conhecer aos accionistas ausentes (a maxima parte) que não havia senão prejuizo e inopportunidade na dissolução da companhia, apesar dos nenhuns interesses que por emquanto d'ahi lhes provinham. S. ex.ª assignou por tanto sem declarações, como era de razão. Não tinha que assignar *vencido*, nem convencido. Se tivesse logar, poderia sim dizer — *finalmente comprehendido*; pois de certo não o fôra de principio.

Pelo que toca ao que disse s. ex.ª com relação á entrada do benemerito director, o sr. B. A. Lopes, creia-me v. que a assembleia não fez nem o mais leve *reparo*. S. ex.ª associava-se á geral approvação da indicação do sr. Diniz, congratulando-se de um resultado, para o qual se prezava de ter procurado contribuir, e sem reclamar uma qualquer parte da gloria que o outro cavalheiro quer exclusivamente para si.

Como o meu humilde nome anda envolto nestas noticias, pelo unico motivo do logar que occupo na assembleia geral; e desejo sempre escapar a qualquer nota immerecida, rogo a v. a fineza de lançar esta no seu, cada vez mais acreditado jornal. Prezo-me ser de v. am.º e obgd.º — *A. Forjaz.*»

O bribigão ratoeira. — Diz-nos o sr. José Maria Rosa de Carvalho o seguinte:

«No tempo de rapaz, em que deitavamos o pião, estavamos uma noite d'inverno sentados á lareira; pensando, talvez, nas armadilhas aos passaros, ou no modo mais facil de derribarmos sobre o lume uma chouriça do fumeiro. A voz d'um rato que n'um armario da cozinha chiava afflicto, veiu roubar-nos tão gratas cogitações! O pobre animal, passeiando incauto sobre uns bribigões, um delles fechou-se, segurando por uma das mãos, a sua victima. A mão ficou-lhe partida pela força do tenaz bivalvo.»

Noticias de Hespanha — O general Moriones, commandante em chefe do exercito do norte, participou que as forças carlistas da Navarra, fortes de 6:000 homens, intentaram defender no dia 7 as formidaveis posições de Santa Barbara, em frente de Ponte de la Reina; que começaram o ataque tres batalhões carlistas contra o batalhão de caçadores de Cidade Rodrigo e quatro companhias do de Alcolea; e que este ataque fora repellido victoriosamente com o auxilio de outros dois batalhões desalojando o inimigo e perseguindo-o duas leguas álem do local onde começou o combate.

ANNUNCIOS

1 ANTONIO MARIA DE SENNA abre as suas aulas de Mathematica elementar no dia 15 do corrente, na Couraça de Lisboa, n.º 22. Paga adiantada.

UMA SENHORA

2 RECEBE em sua casa estudantes, bom tractamento e preço razoavel. Rua do Marco da Feira, n.º 22. Coimbra.

3 NA RUA DA LOUÇA n.º 70, recebe-se um ou dois hospedes ou dois estudantes, sendo de bom comportamento.

INTRODUCÇÃO

4 FRANCISCO EDMUNDO FERNANDES DE MEIRA, bacharel formado em Medicina, lecciona Introducção, rua de João Cabreira, n.º 50.

5 NO DIA 28 do corrente mez de Outubro, pelas 10 horas, no tribunal judicial, no extincto convento de Santa Cruz, hãode ir á praça para serem arrematadas pelo maior lanço, umas casas sitas na rua do Corvo, desta cidade, com os n.os 40, 42 e 44, de tres andares, a partirem pelo nascente com Antonio Diniz de Carvalho, pelo poente com Joaquim dos Santos, e pelo sul com a rua dita, pertencentes a D. Maria Augusta de Nazareth Ferreira e seu marido Francisco Duarte Ferreira, e por effeito da execução hypothecaria, que lhes move Pulcheria Maxima de Jesus, pelo cartorio do escrivão interino Costa.

6 VENDE-SE para pagamento de divida, a casa da rua do Loureiro, n.º 55 e 57; e trata-se na rua do Corvo, n.º 54.

AVISO

7 TENDO o conselheiro Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco, annunciado a venda em praça particular, dos bens da casa da Bairrada, concelho da Mealhada, entre os quaes se comprehendem os que foram do casal materno, que lhe não pertencem, por não ter dado ainda partilha delles, e correr ainda o respectivo inventario pelo cartorio do escrivão Pimentel: assim se faz publico; e se protesta pelo direito dos co-herdeiros, contra a nulla alienação que se faça.

O INIMIGO DO MONOPOLIO

EM COIMBRA

8 CONTINUA a vender petroleo por atacado, pelo preço de Lisboa: da prazo, e recebe barris vazios a 800 rs.

Encarrega-se José Tavares da Costa. Rua da Calçada, proximo á Portagem.

9 NA RUA DAS COVAS, n.º 9, recebem-se estudantes por preços commodos.

10 JOSÉ MARIA DA SILVA TORRES, bacharel Agostinho Rodrigues d'Andrade, Bernardino M. Pinto e Antonio Augusto Gonçalves Neves, abrem no dia 3 de Novembro, os cursos de instrucção primaria, francez, portuguez (curso completo), latim (1.ª parte e curso completo), e desenho. Edificio da Estação Telegraphica.

11 A. R. ANDRADE abre a sua aula de latim (1.ª parte e curso completo) a 20 do corrente Outubro, travessa de S Christovão, 10. Promptifica-se, como de costume, a ir a casas particulares.

Official de barbeiro

12 NESTA REDACÇÃO se diz quem precisa um.

13 NESTA REDACÇÃO se diz quem tem para vender uma pipa de vinho velho bom.

TRESPASSE

14 TRESPASSA-SE uma loja de fazendas brancas na Praça de S. Bartholomeu, n.º 6 e 7. Quem a pretender dirija-se a mesma, onde se dirão as condições.

DESPEDIDA

15 DE TODAS as pessoas de suas relações nesta cidade se despedem por este meio, por lhes não ser outro possivel, Francisco Maria Correa de Lacerda e sua esposa.

Coimbra 1 de Outubro de 1873.

16 ARRENDAM-SE as vastas casas do Dr. Gama na rua do Correio. Quem as pretender falle com o Dr. Casal.

17 FERNANDO ANTONIO SOARES, do logar de Larçã, julgado de Coimbra, previne os seus visinhos para que não comprem a Antonio Henriques da Cunha, natural d'alli, e hoje residente em Cordinhã, os bens que este houve de sua avó, porque é devedor ao annunciante de quantias para cujo pagamento mal chegarão os ditos bens.

NOVIDADE

18 MANUAL DO CARPINTEIRO DE MOVEIS E EDIFICIOS. Tratado completo das artes de carpintaria e marcenaria, adornado com 211 estampas intercaladas no texto, que representam figuras geometricas, molduras, ferramentas, samblagens, portas, sobrados, tectos, moveis de sala, etc., etc.

Tudo conforme os ultimos adiantamentos que têem feito estas artes — Traduzido em portuguez por J. de Castro Freire de Macedo. 1873. 1 vol. cartonado, 1$200 rs.

Livraria Academica—183—Rua da Calçada—185.

19 NO ARMAZEM DE VINHOS no pateo da Inquisição, vende-se vinho de superior qualidade da Bairrada, a 1$800 rs. o almude, meio 900 rs., o quartão 450 rs., por quartilho a 40 rs.; egualmente vende por quartilho na sua venda na Sophia, n.º 26 e 27. Tambem se vende a 1$600 rs. o almude.

Velasco.

20 UMA FAMILIA do bairro-alto, dá quarto, cama e comida, a pessoa de boa conducta moral e religiosa. A quem isto convier, deixe seu nome e morada no escriptorio deste jornal.





ESTABELECIMENTO D'ALFAIATE

8 R. do Infante D. Augusto, 10

21 ANTONIO AUGUSTO DA PAIXÃO, premiado na exposição de Vienna d'Austria, e na districtal de Coimbra, com a medalha de prata, participa aos seus freguezes e amigos, que acaba de receber um bom e variado sortido de fazendas proprias da presente estação, as quaes vieram directamente de Paris, continuando a fazer toda a equidade nos preços; assim como tem pannos para batina, as quaes faz pelos preços mais commodos.

JOSÉ TAVARES DE COSTA

Rua da Calçada, proximo á Portagem

22 RECEBEU passas de Malaga, queijo americano, dito da ilha, de superior qualidade. Modernas bolaxas inglezas, dos bem conhecidos fabricantes HUNLTEY & PALMERS, e PEEK, FREAN & C.ª de Londres. Dita nacional, superior, de todas as qualidades.

DOCTOR IN ABSENTIA

23 O PROFESSOR em artes, lettras e sciencias, membros do clero e magistrados; todo o medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor, ou bacharel honorario, podem dirigir-se a *Medicus, rua do Rei, 46, em Jersey (Inglaterra)*, o qual lhes dará gratuitamente todas e quaesquer informações sobre a Universidade.

24 PRECISA-SE d'uma pessoa capaz para acompanhar meninas. Quem estiver no caso e quizer ajustar-se deixe o seu nome e morada no escriptorio deste jornal.

MODISTA DE LISBOA

25 FAZ E CONCERTA chapeus de seda e palha, com pratica das melhores casas francezas. Trabalha de cabelleireira em tranças, cuias e frizados. Tambem se incumbe de ir pentear senhoras a casa. Marco da Feira, n.º 22, 2.º andar, Coimbra.

Leccionista de Pharmacia

26 JOAQUIM ANTONIO J. PEREIRA, pharmaceutico de 1.ª classe pela Universidade, lecciona aspirantes de pharmacia. Travessa da rua dos Militares, n.º 26.

DENTISTA

27 CEREGHETTI DOMINIQUE, cirurgião dentista suisso, faz saber ao respeitavel publico conimbricense, de que ha recebido tantas provas de consideração, que tenciona continuar a estar nesta cidade algum tempo. O mesmo annuncia a todas as pessoas, que alem de fazer dentaduras completas e pôr dentes soltos, extrae dentes e raizes das mais encobertas, sem se encontrar nenhuma difficuldade; empasta e ourifica os dentes que estiverem cariados, com todas as melhores pastas que póde haver neste genero; e limpa os dentes com a maior perfeição, sem deteriorar o esmalte.

Faz o curativo do escorbuto, em poucos dias, por mais chronico que elle seja. Extrae os calos dos pés, sem que o paciente soffra dor alguma, podendo calçar o calçado e andar com todo a desembaraço, como se nunca tivesse calos.

Largo de Sansão, ao fundo da rua das Figueirinhas, n.º 52.

Grande e variado sortimento — preços baratissimos — ultima novidade.

28 CAPELLOS para meninas, mantas de malha para senhora, golas de pelle com bicho, laços de setim de cores, mantas para homem, meias de laia de todas as cores, punhos de cores, cintas de bom gosto, capas para senhora, lãs para vestidos, pannos esguião de 110, 120, 130 e 140 o metro, tapetes, sombrinhas para senhora, lenços de seda de bom gosto, alpacas pretas e merinos pretos e de cores, espartilhos, cache-nez de bom gosto, etc., etc; acabam de chegar á loja de Antonio Maria Cardoso, rua da Calçada, n.º 42—44.

Pharmaceutico

29 HA UM que deseja administrar uma pharmacia. Quem precisar dirija-se a V. L. de Moraes, rua de Quebra Costas, n.os 6 e 8.

Regulamento do Imposto do Sello

30 NO QUAL se acha codificada toda a legislação vigente, seguido de um indice das materias.

Á venda na livraria de José de Mesquita, Rua das Covas—13. Preço 60 rs.

31 JOSÉ EDUARDO FERREIRA DE CARVALHO, estudante do 2.º anno do curso pharmaceutico, continua a habilitar alumnos para os exames de instrucção primaria, portuguez e francez, em sua casa, rua das Covas, n.º 9. Tambem se promptifica a ir dar lições das mesmas disciplinas a casas particulares.

32 NO BECCO DA ANARDA, n.º 21, lecciona-se instrucção primaria, francez, inglez, latim, logica e historia, por preços commodos.

LECCIONISTA

33 C. A. SIMÕES, estudante de sciencias naturaes, continua a leccionar geometria plana e desenho (1.ª e 2.ª parte) em sua casa no Largo da Feira, n.º 24. Tambem se promptifica a leccionar em casas particulares.

34 MANOEL D'ARRIAGA abre no dia 15 do corrente os cursos das linguas franceza e ingleza. As pessoas que os quizerem frequentar podem procural-o em sua casa, na rua do Salvador, n.º 8.

Edital

35 A CAMARA MUNICIPAL DE COIMBRA, em desempenho das disposições do regimento de policia, e tendo em vista o bem dos povos deste concelho, convida todos os proprietarios de terrenos, confinantes com estradas e caminhos publicos, a fazerem decotar as silveiras dos seus predios e quaesquer ramos d'arvores e arbustos, que, pendendo sobre o leito dos mesmos, embaracem a viação.

Manda assim fazer publico por editaes esta resolução da camara, em todas as parochias do concelho, para a devida observancia do determinado no n.º 3 do art. 42 do citado regimento de policia.

Coimbra, Secretaria da Municipalidade, 8 de Outubro de 1873.

O presidente,
Lourenço d'Almeida Azevedo.

LECCIONISTA

36 F. COSTA PESSOA, bacharel em Mathematica e Philosophia, lecciona Mathematica Elementar e Introducção, na rua d'Alegria, 23.

37 ARRENDA-SE a fabrica de destilação d'aguardente, situada no logar de Urzelhe, freguezia de Lamas, a qual fabrica está no centro do melhor vinho do Bairro, e é muito abundante d'agua, condição essencial para taes estabelecimentos. Quem a pretender póde apparecer até 20 do corrente Outubro de 1873, em casa de João Francisco da Silva, de Coimbra, largo das Olarias, aonde estão patentes as condições.

LATIM (1.ª e 2.ª PARTE) FRANCEZ

38 O PRESBYTERO José Maria Cardoso de Figueiredo abre as suas aulas de latim (1.ª e 2.ª parte), e a de francez no dia 15 de Outubro. Couraça dos Apostolos, n.º 49.

MONTE-PIO CONIMBRICENSE

39 EM CONFORMIDADE de um officio do exm.º sr. governador civil, é convocada uma reunião extraordinaria da assembleia geral do Monte-Pio Conimbricense, a requerimento dos socios Jacintho Aniceto Ramires, Francisco José Paulo, Antonio dos Santos Ferreira, Padre Eduardo Augusto Gomes Freire, Joaquim Machado, João Marques Perdigão, Antonio Jacintho, Manoel de Jesus Carvalho, Joaquim Ferreira, Antonio Ignacio, e Francisco Marques de Jesus, para o dia 12 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na casa da Associação dos Artistas.

O secretario da assembleia geral,
Antonio Ferraz.

40 FELICIANO CARDOSO, professor particular de Sanskrit e inglez, abre as suas aulas no 1.º de Outubro, na rua do Correio, n.º 108.

NUMERO 2736 — TERÇA FEIRA 14 DE OUTUBRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O nosso estimavel collega do *Diario Illustrado* publicou no domingo um muito sensato artigo acerca do abuso que se está fazendo da liberdade de imprensa.

Em o numero passado deste jornal publicamos varios extractos de um folheto, impresso no Porto, em que se contem as doutrinas mais impias em religião, e mais subversivas da ordem publica.

Alguns jornaes, faltando á sua missão civilisadora, estão atacando o que ha de mais sagrado na sociedade, invadindo o santuario das familias.

Ninguem é mais amigo da liberdade de imprensa do que nós; mas a liberdade não é a licença que por ahi se vê. Tal liberdade é antes tyrannia.

Não se limitam a censurar o mau procedimento que alguns sacerdotes tem no exercicio das suas funcções; não atacam só os abusos, atacam o uso, o que é detestavel e criminoso.

Os absolutistas valem-se destes factos, para accusarem o partido liberal de connivente com elles. Ora a nós que nos prezamos de liberaes, cumpre-nos o rigoroso dever de protestar contra taes doutrinas e tal devassidão na imprensa, porque não queremos ser envolvidos no justo anathema lançado contra esses escandalos.

Os dogmas da religião catholica e a vida intima das familias não tem discussão. Mal vae á sociedade se continuar a tolerar-se o que se está presenceando neste paiz.

O nosso respeitavel amigo o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, depois de tantos serviços que tem prestado ás letras patrias; quer agora completal-os, estabelecendo na sua terra natal, a villa de Idanha a Nova, do districto de Castello Branco, uma bibliotheca publica. Já alli reuniu 400 a 500 volumes, e tenciona ir successivamente augmentando aquelle peculio bibliographico.

O governo reconhecendo o importante serviço do illustre fundador daquella bibliotheca, dirigiu-lhe uma portaria louvando-o pela resolução que havia tomado.

Sabemos que a inauguração será ámanhã, 15 do corrente.

Em quanto, porem, na villa de Idanha a Nova, por iniciativa de um seu digno filho, se dá começo a um instituto tão proveitoso; a cidade de Coimbra está presenceando um facto, que nos tem enchido da maior indignação; fazendo-nos desanimar no desejo vivissimo que sempre tivemos em fazer propagar a instrucção pelas classes populares.

No anno de 1870, sendo ministro da instrucção publica o sr. conselheiro D. Antonio da Costa Sousa de Macedo, lembrou-se este illustrado cavalheiro de mandar *expontaneamente* uma grande porção de livros, talvez perto de 500, entre os quaes se contavam obras de muito merecimento, para servirem de base á creação de uma bibliotheca na associação dos artistas de Coimbra.

Foram recebidos os livros, e em logar de se mandarem fazer as convenientes estantes para serem alli collocados e se proceder á sua classificação; deixaram-se ficar sepultados em uma escurissima casa.

Decorrido tempo, solicitou a associação dos artistas um beneficio no theatro academico, e para o tornar mais facil, pretextou-se que era para do seu producto se fazerem as estantes e se começar a bibliotheca. Deu-se a recita, e o seu producto, faltando-se ao mais sagrado dos compromissos, foi applicado para as despezas geraes da sociedade.

O sr. commendador Francisco Augusto Mendes Monteiro, deu tambem uma verba importante para a bibliotheca; outros cidadãos tem feito donativos expontaneos, tanto em dinheiro, como em livros; e ultimamente, pelas diligencias de um socio, mandou o sr. ministro das obras publicas, que do choupal do Mondego, fosse dada a madeira necessaria para as estantes.

Pois saiba-se que tudo isto não tem sido mais do que uma burla!

As diligencias e boa vontade de alguns socios, tem sido annulladas e ridiculisadas por muitos outros, que não querem que haja bibliotheca na associação dos artistas, chegando a dizer publicamente, que se hão de constantemente oppor a ella; porque a associação o que precisa unicamente é de soccorros para os socios nas doenças, e não de bibliothecas, nem aulas de ensino!

E o caso é que tem conseguido o seu intento; pois que alli jazem vergonhosamente amontoados os livros, ha TRES ANNOS; o dinheiro com destino á bibliotheca, desviado da sua legitima applicação; e a madeira no choupal, ainda por serrar, apezar de ter sido dada gratuitamente pelo governo!

Dizemos aqui tudo isto por descargo de consciencia, e como um resto do nosso genio e zelo por estas cousas; quebrando assim o protesto que ha muito tinhamos feito de não fallar mais em semelhante objecto.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCIII

D. CARLOS

LIII

Destinando Oráa as tropas que acompanhavam para onde julgeu mais conveniente, saiu de Andorra com a sua escolta ás 12 da noute de 27, e ao anoutecer do seguinte dia chegou a Saragoça, andando em 20 horas as 22 leguas que medeavam de um a outro ponto.

Ordenou a Buerens que atacasse a D. Carlos antes de atravessar o Cinca; porem já havia atravessado o rio este general, seduzido por um movimento equivoco de uma força carlista, e teve que repassal-o no dia 30, situando-se em Berbegal, onde chegou Orãa no dia 31.

Se Orãa se propunha atacar os carlistas em Barbastro, para vingar o desastre de Huesca, se tratava de interromper a expedição, D. Carlos, que não recusava o combate, se preparava para uma nova victoria, a fim de rodear a espedição deste novo prestigio.

O total das forças liberaes constava de 12:400 infantes organisados em tres divisões, dirigidas pelo general Buerens e os brigadeiros Conrad e Villapadierna e 1:400 cavallos, divididos em 11 esquadrões debaixo das imediatas ordens do brigadeiro D. Diogo Leon, depois conde de Belascoain, tendo alem disso duas baterias.

Quasi eguaes em numero, e organisadas em quatro divisões, eram nessa occasião as tropas expedicionarias, que dirigia D. Carlos. Quilez commandava a cavallaria carlista, composta de 14 esquadrões, carecendo este exercito de artilheria.

No dia 2 de Junho deu-se a batalha de Barbastro, que foi porfiada e sanguinolenta, pertencendo a victoria aos carlistas.

A noute separou os combatentes, e encobriu com suas sombras o campo de batalha, ensopado em sangue e semeado de cadaveres.

Neste campo desejava pernoutar Orãa; porem a falta d'agua, a escassez de munições, e a probabilidade de um ataque nocturno, eram poderosas causas para subordinal-as a uma razão de apparencia difficil de interpretar; velando pelos soldados, retirou-se aos seus acantonamentos.

D. Carlos concedeu ao seu exercito, por esta nova victoria, uma cruz de distincção, proposta e desenhada por D. Sebastião.

Não seguiremos adeante sem dizer que desde a batalha de Huesca se havia começado a notar no exercito carlista o poder malefico, que na direcção dos negocios militares exerciam os ecclesiasticos e pessoas extranhas á sciencia militar. Fizeram elles que se desprezasse a opinião do chefe de estado maior general, de perseguir a divisão batida, e marchar para o baixo Aragão, a fim de se reunir com Cabrera, pensamento em que insistiu ainda em Barbastro, julgando necessario o apoio de Cantavieja e as montanhas do Maestrazgo, para pôr em estado e ordem as forças expedicionarias. Esperava mais deste paiz do que do catalão, para onde havia que passar o Cinca, que não deixava de offerecer riscos evidentes.

Aconselhavam, porem, a D. Carlos os conegos D. Antonio Sanz, D. João Echevarria, o religioso Fr. Domingos, Arias Teijeiro e outros, que tinham interesse em ir ao principado; e oppondo-se Moreno, se instou, e se chamou o accessor Arizaga, para que lhe aconselhasse a adopção do plano que lhe repugnava. A isso resistiu Arizaga, demonstrando ao principe os males que iam a ser consequencia do plano tão pouco e mal calculado; porem prevaleceu a opinião clerical; e se as consequencias não foram tão desastrosas para os carlistas, como deviam ser, culpe-se á pouca intelligencia, ou descuido dos chefes liberaes, que não mereciam guiar tão valentes soldados, e que correspondiam tão mal á confiança que nelles depositava a nação.

A situação do principado catalão, que nada tinha de lisonjeira, começou a aggravar-se ao penetrar nelle a expedição carlista. O barão de Meer que alli commandava, havia-se aproximado do Cinca, operando em combinação com as tropas da outra parte, para cujo effeito saiu de Lérida a 28 de Maio, guiando duas brigadas de infanteria e alguns cavallos. Pernoutou em Fraga, sobre a esquerda do citado rio, e seguindo em seu proposito de pôr-se em communicação com Buerens, que se encontrava em Portusa e tinha o resto das suas tropas nas immediações de Barbastro, conseguiu communicar-se com elle e com Orãa, que substituiu a Buerens.

No dia 1 de Junho pernoutou Meer em Albalate (Aragão), immediato a Cinca, e recebeu um officio de Orãa, manifestando o seu desejo de conferenciar com elle; em virtude do que marchou a Monzon, onde chegou no dia 2, ás 8 meia da manhã, havendo passado o barão o rio com o seu quartel general e escolta, encaminhando-se ate ao ponto do fogo que se sustentava nos campos de Barbastro, de que foi testemunha.

Aqui poude convencer-se, se já o não estava, do intento da expedição, que não era outro do que o de passar o Cinca; e se se propoz Meer perder de vista o inimigo, isto o fez quando já estava em territorio do seu commando, pelo que tratou de o buscar no campo conveniente para cortar os seus progressos, que seriam maiores se dominasse na Catalunha.

Nos campos de Grá se deu no dia 12 de Junho a batalha, que descrevemos em o numero seguinte.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

DECLARAÇÃO

Para evitar falsas interpretações temos a declarar, que o annuncio com o titulo de *Aviso*, e debaixo do n.º 7, que publicámos em o numero passado, e de que por omissão não exigimos a assignatura, é escripto pela propria letra do sr. bacharel Francisco Henriques de Sousa Secco, e nos foi pessoalmente entregue para publicar pelo sr. Manoel de Jesus Cardoso, seu procurador nas causas judiciaes em que contende com seu irmão o sr. conselheiro Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

José Urbano de Carvalho.— Vamos publicar uma carta inedita, escripta do cerco do Porto em 11 de Fevereiro de 1833, e dirigida ao arcebispo d'Evora, Fr. Fortunato de S. Boaventura, por José Urbano de Carvalho, que era coronel, e ultimamente brigadeiro de cavallaria, no exercito de D. Miguel.

Antes, porem, de a publicar, entendemos ser conveniente dizer alguma cousa acerca do auctor della.

Temos em as nossos collecções dois papeis avulsos, impressos em 1837, contendo a *primeira* e a *segunda lista dos officiaes apresentados da primeira e segunda linha do exercito realista*. Ao nome do brigadeiro de cavallaria José Urbano de Carvalho está addicionada a seguinte nota:

«Tendo recebido de D. Miguel todos os beneficios que pretendia, retribuiu-lhos com a mais vil traição, apresentando-se ao duque da Terceira com a cavallaria que commandava, tendo-a illudido com o pretexto de um reconhecimento que era mandado fazer.»

No livro que tambem temos, impresso em Lisboa em 1836—*Campanhas de Portugal em 1833 e 1834: relação dos principaes acontecimentos e das operações militares desta guerra, pelo barão de St.-Pardoux*— depois de se dar conta da batalha da Asseiceira, perdida pelos miguelistas, acrescenta-se o seguinte:

«Os fugitivos trouxeram a Santarem a noticia deste desastre, que punha aquella villa na impossibilidade de ser conservada por mais tempo. O general Urbano, commandante da cavallaria, foi mandado para a Chamusca, afim de se oppor aos progressos do vencedor; mas chegando áquella villa, este infame homem, serviu-se da fidelidade dos soldados, e da maior parte dos officiaes, que elle tinha debaixo das suas ordens, para os entregar nas mãos do inimigo.

«Disse-lhes que sobre a margem opposta, junto á Gollegã, o seu bem amado soberano, escutando tão sómente a sua coragem, tinha marchado contra o inimigo, e se achava quasi envolvido por elle: que como verdadeiro portuguez, e realista do coração, pensava que todos seguiriam o seu exemplo, atravessando o Tejo para irem soccorrer o seu rei. De todas as fileiras sahiu um grito de enthusiasmo: *Corramos todos a salvar o nosso rei D. Miguel I*: gritaram os soldados, e atravessando logo o Tejo, formaram-se na outra margem, aonde 8 esquadrões de lanceiros, á frente dos quaes se achava o duque da Terceira, os involveram por todos os lados.

«O traidor Urbano, acompanhado do coronel de cavallaria de Chaves, Antonio Cardoso de Albuquerque, avançou para o general inimigo, e aos gritos de: viva a constituição: viva D. Maria II: foi lançar-se em seus braços, entregando-lhe sem defeza esta famosa cavallaria, tão indignamente atraiçoada.»

No livro que egualmente possuimos, impresso em Lisboa em 1833—*Historia contemporanea, ou D. Miguel em Portugal; motivo da sua exaltação, e a causa da sua decadencia*—descrevendo-se as consequencias da batalha da Asseiceira, se diz o que se segue:

«A cavallaria julgando-se cortada, correu em debandada, que não foi possivel reunir, e bem depressa levou a confusão e o terror ás fileiras dos seus camaradas, que tiveram de soffrer os golpes das espadas, e tiros á queima-roupa, das tropas liberaes.

«Depois José Urbano de Carvalho, que havia substituido ao general Galvão (demittido por suspeito de entregar Santarem ao inimigo), commandava a cavallaria de Chaves, e devendo ser este o melhor defensor, não só de uma causa que ha tantos annos defendia com excesso e como subdito fiel, e devendo ser agradecido a quem no dia antecedente o havia soccorrido com uma porção de dinheiro, que se lhe mandou entregar a titulo de precisões domesticas, que José Urbano com as lagrimas de *crocodilo* representou, foi este mesmo o traidor descarado que vendeu a sua cavallaria, com o pretexto de correrem a salvar o senhor D. Miguel, que se achava envolvido, e avançando á frente com um lenço na mão, soltou os vivas á *rainha*, e á carta constitucional! Os soldados como espantados deste successo olhavam em roda de si, e de repente estavam cercados pelas tropas constitucionaes.»

Tambem se faz referencia ao mesmo José Urbano de Carvalho, no livro que possuimos, impresso clandestinamente em 1838, com o titulo—*Manifesto dos realistas portuguezes*— e que é a publicação mais violenta contra o partido liberal, que temos visto.

Depois do que acabamos de dizer, é que se dará o verdadeiro apreço á seguinte carta do referido José Urbano de Carvalho, dirigida a Fr. Fortunato de S. Boaventura, a qual copiamos do proprio original, que aqui temos á vista:

«Exm.º e revdm.º sr.— Neste momento, 9 horas da noute, rompeu um fogo mui vivo sobre a nossa direita, tanto de fuzil, como de artilheria, e um quarto de hora depois calou-se tudo; agora estamos sobre as armas.

Destes alarmes devemos ter muitos; o inimigo está apurado, a nossa trincheira em frente de Nevogilde, e Passos, apresentou-lhe hontem e hoje mais um forte, a 100 passos das suas posições, e que talvez amanhã terá duas peças de artilheria.

Esperamos até ao domingo ter ligado a nossa trincheira á 3.ª por este lado, com o forte de Serralves, devendo ainda neste intervallo levantar-se mais um forte.

O inimigo trabalha em se fortificar na nossa frente. Elle bem sabe que deve ser atacado. Parece incrivel, que elle possa continuar a occupar aquellas posições, desde o Ouro até á Foz, estando nós a 1:000 passos pela margem direita do Douro e senhores absolutos da esquerda, aonde temos as nossas riquissimas baterias.

O sr. general Santa Martha foi hoje a Villa Nova fazer as suas observações e experiencias das nossas baterias para as posições do inimigo. ..chegam, chegam, sim senhor...

Hontem vieram alguns soldados do Porto, recrutas e caçadores; veiu um tenente e quatro soldados francezes, ou italianos; e hoje tem vindo alguns soldados, tres de n.º 18. Hontem á noute recebeu o general uma carta, que eu mesmo li, e com alguns bilhetinhos dentro, de soldados, que daqui fugiram, e pedem que se lhes perdoe para regressarem; o que lhes foi concedido.

Não se falla em Solignac. A *canalha* está dividida em tres divisões, e commandada por Stubbs, Villa Flor e Saldanha. Ha muito tempo, que estes tres *patifes* tem feito espalhar que nos vinham atacar, talvez para nos metter medo, e afastarem de si esta mancha, de que hoje se não lavam.

São 11 horas, e acaba de recolher uma patrulha, por quem mandei averiguar o motivo do fogo, e dá parte que foram os piquetes do forte novo de Passos, que sentiram movimentos de tropa na sua frente, etc., e que estava restituido tudo ao seu estado antigo.

A *canalha* está em uma completa anarchia. Tres são os partidos: republicanos, regente novo, e regente *velha*; insultam-se e odeiam-se com as intrigas as mais vis.

Estimo que v. ex.ª fizesse a sua jornada felizmente, e que esteja satisfeito na sua casa. Oxalá que eu seja tão feliz, que possa ir tambem gozar a ventura dos Eborenses. Acredite v. ex.ª que eu farei os maiores esforços de ir servir ao 5.º regimento, pelo desejo que tenho de possuir no meu socego a companhia de v. ex.ª, que espero me fará sempre esta honra, e de contar-me no numero dos seus verdadeiros amigos e criados.—11 de Fevereiro de 1833.—*José Urbano de Carvalho.*»

O patriarcha de Lisboa, D. Carlos da Cunha.—Havendo as côrtes mandado que fossem juradas as bases da constituição em 29 de Março de 1821; o cardeal patriarcha, D. Carlos da Cunha, recusou-se a prestar esse juramento, por não poder approvar os artigos 10 e 17 das mesmas bases.

A regencia do reino expediu logo uma portaria, pela qual mandava recolher o patriarcha ao convento de Bussaco, sendo acompanhado pelo desembargador Manoel de Macedo Pereira Coutinho; concedendo-lhe o levar em sua companhia as pessoas que escolhesse da sua familia, menos o seu secretario.

A mesma regencia expediu mais uma ordem para o referido desembargador ir conduzir o patriarcha;—um officio ao patriarcha, incluindo a copia da portaria, e determinando a jornada para o dia 2 de Abril;— uma ordem para o prior do convento do Bussaco receber o patriarcha, e para que o tratasse com a dignidade que era devida á sua pessoa e emprego;—um officio para o chanceller da relação, por motivo da falta que nella havia de fazer por algum tempo o desembargador Manoel de Macedo;— outro para o principal Silva, determinando que o collegio patriarchal continuasse na ausencia do patriarcha;—e finalmente outro officio para o desembargador Macedo, mandando-lhe apresentar um tenente de cavallaria n.º 6, com uma escolta de 20 homens para a sua segurança e dignidade de sua pessoa.

Nas sessões das côrtes de 31 de Março e 2 de Abril, onde o procedimento do patriarcha foi largamente discutido, se resolveu por 88 votos contra 1—que todo o portuguez que recusasse jurar simplesmente e sem restricção alguma a constituição e as bases d'ella, deixava de ser cidadão, e devia sahir immediatamente do territorio portuguez.

O patriarcha foi preso na sua residencia da quinta do Tojal, e conduzido para o Bussaco. Passado algum tempo saiu para fora do reino, donde voltou pela acclamação do governo absoluto em Junho de 1823, sendo para isso convidado por uma carta regia.

Um dos seus primeiros actos, depois da sua chegada, foi publicar uma pastoral, prohibindo com pena de excommunhão a leitura do celebre livro—*O cidadão Lusitano*, do abbade de Medrões, Innocencio Antonio de Miranda; assim como a leitura de outros livros de identica doutrina.

A cerca de Almedina em Coimbra—Diz o sr. Ayres de Campos, no *Indice chronologico dos pergaminhos e foraes existentes no archivo da camara municipal de Coimbra*, que *Almedina*, termo originado do arabe, expressava a ideia de um grande centro de população, *urbs magna*, titulo que com effeito bem quadrava á cidade de Coimbra, cabeça que era de um districto populoso, praça d'armas importante, e capital do reino até Affonso III.

A *cerca* era o bairro, ou parte da população, cingido de grossas muralhas, com suas portas e torres, e onde campeavam o castello, o paço real, a residencia episcopal, a casa do concelho, a cathedral, egrejas e collegiadas.

Privilegiados como eram os seus moradores desde o governo do conde D. Henrique, a fim de que *a pobra* fosse sempre *honrada* e *acrescentada*, não seria para estranhar que certo espirito de rivalidade se manifestasse entre elles e os do suburbio, a quem os mesmos favores não eram concedidos tão largamente. Que na verdade assim aconteceu vê-se de varios documentos, onde apparecem pleiteando renhidamente acerca dessas immunidades individuos do mesmo concelho, da mesma familia.

No archivo da camara existe em pergaminho a sentença dos sobrejuizes d'el-rei, na demanda entre os moradores da *cerca de Almedina* de Coimbra e o concelho da mesma cidade, em que, sendo confirmados e mandados cumprir todos os privilegios e liberdades, que aos ditos moradores haviam outorgado os reis D. Sancho, D. Affonso III, D. Diniz e D. Affonso IV, mais se determinou que ficasse guardada em *hũa arca na See*, de que um *homem boom da Almedina* teria a chave, a carta de D. Affonso III, dada em Coimbra aos 10 de Fevereiro da *era* de 1307 (anno 1269), onde os referidos privilegios estavam declarados.

Os privilegios desta *carta*, em latim, a que a sentença se refere, e de cuja guarda os da *cerca* se mostravam tão zelosos, consistiam na isenção de todo o serviço e trabalhos militares, e na garantia, muito apreciavel naquella epocha, de lhes não serem tomadas as casas para a aposentadoria, nem compellidos a cederem as suas roupas, palhas, lenhas e mais haveres, salvo por suas vontades, e pelos preços, que no proprio instrumento se taxavam.

A estes privilegios podem acrescentar-se a isenção de pagarem sizas, e a de não serem acontiados, nem collectados em fintas, talhas, peitas e pedidos, o que se contem nos tres seguintes pergaminhos, tambem existentes no archivo da camara.

1.º Auto da leitura e publicação nos paços do concelho da carta de el-rei D. Fernando, de 31 de Janeiro da *era* de 1412 (anno 1374), que aos moradores na *cerca de Almedina* isentou de pagarem siza das cousas, que dentro da dita *cerca* comprassem ou vendessem.

2.º Instrumento no mesmo anno, de aggravo, que o concelho de Coimbra interpoz da nova carta d'el-rei, em que eram mandados acontiar todos os que na cidade e termo tivessem armas e cavallos, por ser tal acontiamento contra os anteriores privilegios das *eras* de 1410 e 1411, que destes e outros encargos os isentaram em attenção aos serviços, que na guerra com D. Henrique de Castella haviam prestado, e para que a cidade fosse *bem probrada e honrrada e melhor guardada e defesa*. Foi feito dentro da *alraçova del rey*, achando-se nelle insertas as duas cartas de privilegios, dadas, uma em Buarcos aos 5 de Novembro da *era* de 1410, e a outra em Lisboa aos 3 de Agosto da *era* de 1411. Nesta ultima carta confirmavam-se os privilegios já mencionados e o de não pagarem as fintas, talhas, peitas e pedidos, que por mandado do rei fossem lançados. A razão destas concessões era ainda a necessidade de conservar a população da *cerca*, donde, apezar de tantas regalias, os moradores parece que desertavam frequentes vezes.

3.º Carta d'el rei D. Fernando, em que ao seu juiz em Coimbra, por não estar sempre presente o alcaide mór do castello, ordenou que não só fizesse guardar os privilegios outorgados por elle, e pelos reis passados, aos moradores na *Almedina*, mas que, para a dita *cerca* melhor se povoar, fizesse com que todas as viandas nella fossem vendidas, vindo ali morar os mercadores e outras pessoas certas.

Como já dissemos, a *cerca* comprehendia o espaço habitado, que ficava das muralhas a dentro. Ao que sobejava para fóra daquelle estreito recinto, chamava-se *suburbio* ou *arrabalde*.

As egrejas de S. Thiago, Santa Cruz, Santa Justa e S. Bartholomeu, estavam por tanto no *suburbio* da cidade.

No seculo XIV já a população externa tinha crescido consideravelmente. Em 1339 existia a rua da *Moeda*, o que se vê em um prazo dos conegos de S. Jorge, a João Lopes, alfaiate, citado na *Chronica dos conegos regrantes*, de D. Nicolau de Santa Maria, livro 8, capitulo 15. A rua do *Coruche*, hoje do Visconde da Luz, tambem já existia em 1396, como se vê em carta de D. Pedro I, confirmando certos privilegios, e existente no archivo municipal. Nessa carta era a referida rua chamada do *Coruchy*. Egualmente existia a rua da *Calçada* já em 1406, o que se pode ver do prazo de umas casas a João Alvares, no livro dos pergaminhos antigos, folha 22 verso, existente no archivo da camara.

Existiam fóra da *cerca* muitas outras ruas por aquellas epochas, de algumas das quaes nem os sitios são hoje conhecidos.

A isenção dos impostos directos e indirectos concedida aos moradores dentro da *cerca*, fazia com que esses impostos viessem recair nos habitantes de fóra, não privilegiados.

Acção de graças—Na quinta feira, 16 do corrente, ás 9 horas e meia da manhã, celebrar-se-ha missa no altar da Rainha Santa Isabel, por deliberação dos mesarios da irmandade, em acção de graças por sua magestade a rainha D. Maria Pia e os principes se verem livres do perigo do mar, junto a Cascaes.

Permutação de empregos.—O sr. Bernardo Rangel da Silva Mattoso, guarda mór da Universidade, e o sr. Antonio Gomes Severo, bedel da Faculdade de Mathematica, requereram a permutação dos seus empregos.

Transferencia.—O presbytero Antonio Baeta da Costa, parocho collado na egreja de Nossa Senhora de Revelles, do bispado de Coimbra, foi apresentado na egreja parochial de S. Martinho de Salreu, do concelho de Estarreja, na diocese de Aveiro.

Mais transferencias—A sr.ª Maria Luiza Nogueira da Silva, professora temporaria da escola de meninas da villa de Arganil, foi mudada, até terminar o seu provimento (26 de Dezembro de 1874), para a de Oliveira do Hospital.

A sr.ª Emilia Adelaide Ribeiro Pereira, professora temporaria da escola de meninas de Oliveira do Hospital, foi mudada para a de Arganil.

Mercado de Condeixa a Nova.—No mercado de sexta feira, 10, regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 540—Dito mourisco 520—Milho branco 220—Dito amarello 310—Feijão vermelho 500—Dito branco 460—Dito rajado 360—Dito frade 320—Favas 360—Tremoças 260—Grão de bico 440—Chicharos 280—Cevada 260—Batatas 200—Vinho 1$000—Azeite 1$220.

As abelhas e os fructos—Um jornal italiano affirma, que as abelhas não servem só para o fabrico da cera e mel, mas concorrem tambem para a fructificação das arvores. Os pomares situados nas proximidades das colmeias produzem sempre mais fructos. Os industriosos insectos, insinuando-se no interior das flores, para sugar os productos saccarinos, extraem tambem o pollen fecundante, que levam depois a outras flores, onde continuam a fazer as suas provisões. Por esta fórma opera-se uma fecundação artificial, que os meios naturaes muitas vezes não favorecem.

A lebre—Este animal foi objecto antigamente das mais ridiculas fabulas, e dos mais grosseiros erros e prejuisos.

As cinzas da lebre eram aconselhadas como remedio infallivel contra as queimaduras e *dor de pedra*. Os olhos serviam para facilitar o trabalho do parto. O sangue, para curar as sardas, borbulhas e outros defeitos da pelle. A massa do cerebro, empregada em fricção nas gengivas das creanças, facilitava a dentição. Os pellos suspendiam promptamente as hemorragias, etc., etc.

Alguns povos consideram a carne da lebre como alimento nocivo. Os musulmanos e judeus não a usam. Julio Cesar affirma, que os antigos bretões tambem a despresavam, reputando-a substancia malefica.

A mica—Este mineral é susceptivel de se dividir em laminas muito finas, flexiveis, elasticas, transparentes, e dotadas de brilho vitreo ou metallico. Conhecem-se muitas especies: a mica dourada, conhecida pelo nome vulgar de *ouro de gato*; a argentina, vulgarmente denominada *prata de gato*; a verde, vermelha, amarella, e negra.

Na Siberia empregam-se as laminas de mica em logar do vidro nas janellas. A marinha russa usa-os de preferencia nas vidraças dos navios. Tambem servem no fabrico das lanternas. As palhetas brilhantes de mica abundam nos areiaes, e no estado de areia fina servem para espalhar sobre o papel recentemente escripto. Para este uso preferem-se as especies de mica de cores mais vivas e brilhantes.

Amuletos.—Em o penultimo numero deste jornal, na noticia ácerca do *coral*, alludimos ao uso dos *amuletos* entre os romanos, e ás *figas de coral* ainda presentemente usadas em o nosso povo. Publicaremos hoje mais alguma cousa acerca dos *amuletos*.

O sr. D. José de Lacerda, na sua erudita traducção do *Tratado da situação, costumes e povos da Germania, por Caio Cornelio Tacito*, impressa em Lisboa em 1846, elucida o texto com muito instructivas notas.

Quando Tacito diz dos Germanos— *Trazem como symbolo religioso figuras*, addiciona o sr. D. José de Lacerda uma nota, de que extractamos o seguinte:

«É curioso observar como entre os Germanos ganhara a mesma superstição relativamente aos *amuletos*, que tanto tinha vogado na Grecia, e em Roma; e que não perdeu ainda hoje de todo o seu poder entre os povos modernos, apesar de esclarecidos pelo christianismo. O AMULETO, figura ou caracter a que se attribue virtude sobrenatural, traz origem dos Chaldeos e dos Egypcios, que traspassaram aos Gregos e aos Romanos, com muitas outras, tambem esta superstição. PLINIO a menciona por vezes. S. JERONYMO lamenta que os primeiros christãos não a evitassem, e que, no seu tempo, muitas mulheres trouxessem pendurados do pescoço pedaços de lenho da cruz, e outras reliquias, como verdadeiros amuletos. S. JOÃO CHRISOSTOMO condemna formalmente o costume reprovado por S. JERONYMO, e lhe chama idolatria; e o concilio de Laodicea, celebrado no 3.º seculo, prohibe aos ecclesiasticos usar *phylacteras*, ou AMULETOS, sob pena de serem degradados das ordens.

E não será fóra de proposito observar que a prohibição, feita aos ecclesiasticos em differentes concilios, de usar anneis, teve este mesmo fundamento, como o tinha tido até entre os pagãos, pois que tambem vedavam aos sacerdotes trazer anneis, excepto sendo tão singellos, que não podessem de nenhuma sorte conter AMULETOS. AUL. GELL. Lib. 10, c. 15.

Entretanto a superstição poude mais do que a auctoridade da razão e da religião. Na edade media o uso dos AMULETOS era geral entre os christãos, e entre os sectarios de Mahomed. Conforme ao que já disse, ainda hoje não ha povo aonde não tenha proselitos esta ridicula vaidade, como não duvida chamar-lhe o proprio *Plinio Senior*, aliás nada inimigo do maravilhoso. Mr. LE BRUN, na *Hist. Crit. des Superstitions, parte 3.ª, capitulo 2.º*, merece de certo ser lido sobre este objecto.»

Novas publicações—Fomos obsequiados com um exemplar de cada uma das seguintes publicações, o que agradecemos aos seus auctores:

Verdade e philosophia do mysterio da encarnação, por Antonio João da França Bettencourt, doutor em Theologia, e professor de hebraico no Lyceu Nacional de Coimbra. Imprensa Litteraria, 1873.

Um conto portuguez. Episodio da guerra civil—a Maria da Fonte. Por Miguel J. T. Mascarenhas. Porto, typographia Lusitana, 1873.

Almanach dedicado a Jaime José Ribeiro de Carvalho, o popular auctor dos differentes originaes opusculos de moral e hygiene. Ornado com o retrato do citado auctor—gravura de Pedroso, copia de uma photographia de Fonseca. Lisboa, typographia Lisbonense, 1873.

Boa acquisição.—Diz-nos o sr. José Maria Rosa de Carvalho o seguinte:

«Entre muitas preciosidades zoologicas que no tempo da invasão franceza foram levadas do gabinete da Ajuda para Paris, por ordem do general Junot, foi n'esse numero um sardão ou lagarto, especie distinctissima do nosso sardão grande, e a elle egual em tamanho. Porém o que lhe diminuia muito o valor scientifico, era a falta de declaração relativa ao seu *habitat*. Está hoje preenchida esta lacuna. O nosso amigo o sr. dr. Bocage recebeu ha pouco um bom exemplar deste sauriano, proveniente das ilhas de Cabo Verde.»

A fabrica de lanificios da Castanheira.—Communicam-nos do concelho de Figueiró dos Vinhos, ácerca da fabrica da Castanheira, e do seu digno proprietario, o seguinte:

«O sr. Antonio Alves Bebiano é dono de uma das mais importantes fabricas de lanificios que ha no paiz.

Se a importancia de um homem é communmente aferida pelo seu procedimento, é forçoso confessar com ingenuidade que o sr. Bebiano é inquestionavelmente um dos cavalheiros mais prestantes destes sitios. Possuidor de avultada fortuna, que no principio da virilidade fôra ganhar á custa de insano e arriscadissimo trabalho no paiz que Alvares Cabral descobriu, o sr. Bebiano, ao regressar á patria que o viu nascer, em vez de se estabelecer em alguns d'esses centros de civilisação, onde goza todas as commodidades, quem possue bens da fortuna, procura para sua residencia os lares paternos, que havia 10 annos deixara em demanda do trabalho, para viver honradamente.

Para logo edifica uma grandiosa fabrica, montando-a do mais perfeito e moderno machinismo, em que dispendeu algumas dezenas de contos de reis. Já depois d'isso, vendo o sr. Bebiano que lhe não era possivel satisfazer de prompto a todas as encommendas que de diversas partes lhe faziam, tal era a perfeição e bom gosto dos diversos artefactos preparados na sua fabrica, teve de construir outra para maior expediente, estando actualmente para montar um grande numero de teares mechanicos dos melhores systemas conhecidos, que espera darem-lhe um resultado de 300 metros de fazenda ultimados diariamente.

Deveras apaixonado pelo trabalho, o sr. Bebiano, emprega todos os dias centenares de pessoas em diversos trabalhos. E' para elle uma satisfação sem par, o ter de dispender ao sabbado, dia de pagamento aos seus operarios, uma grande quantia. D'est'arte o sr. Bebiano mata a fome a grande numero de familias, que passando até alli a vida na indolencia, por falta de quem as incitasse ao trabalho, agora ganham o sufficiente para a compra do pão quotidiano.

A caridade, essa corôa de todas as virtudes que ennobrecem o coração do homem, é por elle exercida em grande escala. A quantos indigentes que se extorciam nas agonias da fome não tem elle soccorrido! Quantos miseros que ha poucos annos passavam os rigores do inverno tiritando de frio constantemente, e agora bemdizem o nome de quem os vestiu! Que o proclamem os que têem sido encarregados pelo sr. Bebiano de distribuir pelos necessitados avultadas sommas, centenares de alqueires de milho, peças inteiras de saragoça, etc., etc. E' que o sr. Bebiano entende que não ha neste mundo nada que dê instantes de maior satisfação, como é a esmola—preciosa chave, com que se abrem as portas do ceu.

Eu tenho para mim que o sr. Antonio Alves Bebiano ha de ser sempre mui salientemente protegido por Deus, em premio da bondade de coração que tão nobremente o caracterisa.

Se não fosse, sr. redactor, o receio que tenho de occupar demasiado espaço no seu importantissimo jornal, havia de relatar mais minuciosamente os melhoramentos introduzidos na freguezia da Castanheira, e especialmente nesta ultima localidade—capital da freguezia, e que se devem principalmente á iniciativa e influencia de tão importante cavalheiro. A reconstrucção da egreja matriz, especialisando a famosa torre, que está quasi concluida, a construcção da calçada nas ruas principaes da povoação, são serviços para que muito contribuiu o sr. Bebiano, já incitando os seus patricios, já promovendo subscripções, em que elle se assignava com grossas quantias, fazendo até com que os seus patricios e amigos residentes no imperio do Brasil de lá mandassem alguns centos de mil reis para a reedificação da casa do Senhor.

E' bastante para lamentar que sendo a Castanheira uma terra altamente importante pelo commercio e industria que alli ha, pois que além das fabricas do sr. Bebiano, ha mais cinco, todas tambem importantes; as vias de communicação sejam pessimas, tornando-se difficil e altamente dispendiosa tanto a importação da materia prima e outros objectos indispensaveis, como a exportação dos artefactos para qualquer ponto do paiz.

A Castanheira está inquestionavelmente rivalisando em importancia com Gouveia, Covilhã, etc.; mas é tambem inquestionavelmente a terra, d'entre as importantes, a que mais tem sido desconsiderada pelo governo, em melhoramentos.

Dispendem-se n'essas cidades de primeira ordem contos de reis para aformosear um passeio, e outras cousas de mero luxo, e para uma terra como a Castanheira, nem um palmo de estrada!»

Louvores.—Pedem-nos a publicação do seguinte:

«Sr. redactor.— Louvar o merito e a virtude; perseguir e fustigar o crime e o vicio, eis o dever de todo o cidadão que deseja o bem da sociedade e da patria.

E' parocho da freguezia da Carapinha, do concelho de Taboa, o reverendissimo Antonio Lopes da Cruz.

Este digno pastor espiritual, não obstante os padecimentos physicos que soffre, não tem perdido um só momento em que possa ser util á freguezia a que honrosamente preside, promovendo com o maior zelo e intelligencia o seu progresso material e moral.

A elle se deve a construcção de uma muito rasoavel casa de residencia parochial.

A elle se devem os differentes e importantes ornamentos que a sua egreja actualmente possue, podendo dizer afoutamente que é uma das que naquelles sitios se acha mais bem mobilada, para o que bastante concorreu o auxilio e zelo do seu digno antecessor e actual prior de Sinde, o sr. Francisco Diniz de Abreu.

Os actos religiosos são celebrados naquella freguezia com a maior decencia e luzimento, aos quaes os seus freguezes como bons catholicos, assistem com a maior attenção e respeito, reconhecendo no seu pastor um digno e exemplar parocho.

E' pena, porém, que o seu estado de saude lhe não permitta promover o bem estar da sua freguezia, como elle tanto desejava e de que ella tanto carece.

Parochos como este honram a classe a que pertencem, e tornam-se dignos dos maiores louvores e encomios.

E' pois com a maior satisfação que peço a v., sr. redactor, um cantinho no seu liberrimo e illustrado jornal, para a publicação destas mal corregidas linhas, no que lhe ficará sobremaneira agradecido—*Um amante da classe ecclesiastica.*»

Noticias de Hespanha.—Lê-se no *Diario de Noticias* o seguinte:

«Das communicações telegraphicas trocadas entre o ministro da guerra, general Sanchez Bregua, e o general Moriones, em que se deram pormenores relativos á acção de Santa Barbara de Mañeru, resulta que entraram em combate 9:000 carlistas e 4:000 homens da tropa, e que aquelles tiveram 130 mortos e mais de 700 feridos. Não se diz o numero dos feridos e mortos do exercito, mas as suas perdas tambem haviam de ser grandes.

A facção de Santes, que se reorganisava em Chelva (Valencia), depois da derrota de Jativa, entrara em Pedralva com 1:500 homens. O cabecilha Clavo, com 200 homens e 12 cavallos entrara em Olmes e Castellon, queimando os registros civis.

A guarda civil dispersou a guerrilha de Feo-Carino nas alturas da Atalaya, castello de Salvaterra.

O correspondente de um periodico inglez, que anda no campo carlista, disse para Londres que havia profunda divergencia entre Ollo e Lizarraga, e que a retirada das forças do pretendente em frente de Tolosa destruira o prestigio já ganho nos combates de Estella, Dicastillo e Vianna. Havia falta de munições nas forças carlistas.

Madrid 11, ás 6 h. da tarde—Os insurgentes foram repellidos. Os navios tentaram sair, mas retrocederam precipitadamente. Chambord perde terreno.

Madrid, 12, ás 5 h. da manhã— O almirante Lobo bombardeou os navios insurgentes que retrocederam ameaçados de abordagem.

Madrid 13—A insurreição carlista decresce por momentos. As facções Valles e Segarra foram rechaçadas em Amposta no dia 9 com grandes perdas.

O brigadeiro Loma alcançou uma nova victoria no trajecto de Urgurbil a Oyarzun. Quebrantadas as forças dos insurgentes de Cartagena e vencidas as suas fragatas no combate naval do dia 11, a chegada da fragata Saragoça a Hespanha augmenta ainda as garantias de uma victoria immediata e decisiva.

Murcia 12 d'Outubro, ás 12 horas e 25 minutos da manhã—Referem as noticias do acampamento, que a esquadra commandada pelo contra-almirante Lobo continua em frente de Cartagena. Os navios dos insurgentes sairam do porto, mas reentraram immediatamente.

Os insurgentes foram repellidos na sortida que tentaram fazer por terra. Os fortes da praça calaram o fogo, o que faz suppor que pretendem parlamentar.

Os navios de guerra francez e italiano fundeados no porto, foram convidados, segundo se diz, para sahirem, afim de não prejudicarem as operações da esquadra contra a praça.

Queixa —Recebemos hoje a seguinte carta, que versa sobre factos de que já por varias vezes nos temos tambem queixado, mas inutilmente.

«Sr. Redactor.—Venho em nome da moralidade, em nome de nossos creditos, em nome da nossa civilisação, em nome de tudo o que possa haver de nobre e grande em nossa sensibilidade, pedir a v. para que pela imprensa proteste contra os escandalos e atrocidades que estamos vendo todos os dias. Cães a debaterem-se com a morte na extrema agonia, vomitando liquidos asquerosos, é um espectaculo repellente, medonho e immundo.

São 11 horas da manhã; e acabo de presencear uma scena destas na rua de Quebra-Costas, onde uma multidão de homens, mulheres e creanças cercava o animal, justamente indignados contra estes actos de crueza.

Isto é horrivel!

Hontem deparo com um cão estrebuchando na rua do Loureiro, atolado na lama negra e fetida que escorre d'uns canos que alli ha. Nestes ultimos dias tenho encontrado carros descobertos com dois e tres de bocca escancarada e dentes arreganhados, dando mostras da morte mais affrontosa. E' o requinte da barbaridade!

Ha venenos energicos que podem arrancar a vida a qualquer animal momentaneamente. Poupem-nos estes espectaculos de horror, a nós que somos sensiveis e generosos, e ás creanças, para que não embotem sentimentos magnanimos nestes exemplos publicos de ferocidade tantas vezes repetidos.

Affirmam-nos que algumas vezes tem sido necessario fazel-os morrer a tiro por essas ruas!

Nada ha mais vergonhoso e ignobil.

De v. att.° vr.° e obgd.°

Coimbra 14 d'Outubro de 1873.

A. Augusto Gonçalves.

ANNUNCIOS

EXPEDIENTE

ROGAMOS aos srs. assignantes do *Conimbricense*, que estão em debito das suas assignaturas, o especial obsequio de nos enviarem a sua importancia, o que desde já muito lhes agradecemos.

JUSTIFICAÇÃO

2 CONSTANDO-ME que houve quem falsamente dissesse a um vereador da actual camara, que eu não applicava para uso dos asylados o pão apprehendido por falta de peso, e outros comestiveis, entregues ao Asylo da infancia, venho por este meio declarar que tal arguição é injusta, por quanto toda a exm.ª direcção sabe que são para uso dos asylados, como mostro mensalmente pelo meu rol de despeza.

A regente do Asylo da infancia,
Maria Altina.

3 JOSE' MARIA DA SILVA TORRES, bacharel Agostinho Rodrigues d'Andrade, Bernardino M. Pinto e Antonio Augusto Gonçalves Neves, abrem no dia 3 de Novembro, os cursos de instrucção primaria, francez, portuguez (curso completo), latim (1.ª parte e curso completo), e desenho. Edificio da Estação Telegraphica.

4 A. R. ANDRADE abre a sua aula de latim (1.ª parte e curso completo) a 20 do corrente Outubro, travessa de S. Christovão, 10. Promptifica-se, como de costume, a ir a casas particulares.

Collegio Escholar Academico, de Antonio Zeferino Candido da Piedade, bacharel formado na Faculdade de Philosophia e de Mathematica, na rua dos Coutinhos.

5 VAE ABRIR-SE no referido collegio, no dia 17 do corrente mez, uma nova aula de Calligraphia (1.° e 2.° anno) em dois dias de cada semana do anno lectivo, a fim de se habilitarem alumnos para os exames no **Lyceu Nacional**, segundo as prescripções do decreto de 28 de Setembro de 1872.

O professor incumbido daquella disciplina é o sr. Luiz Adelino Lopes da Cruz, calligrapho da **Casa Real**, e *auctor do compendio de Calligraphia adoptado na aula de Desenho do Lyceu Nacional desta cidade, e em mais alguns do reino.*

Os individuos que se quizerem matricular, poderão fazel-o desde já, deixando seus nomes neste collegio.

6 ANTONIO MARIA DE SENNA abre as suas aulas de Mathematica elementar no dia 15 do corrente, na Couraça de Lisboa, n.° 22. Paga adiantada.

UMA SENHORA

7 RECEBE em sua casa estudantes, bom tractamento e preço razoavel. Rua do Marco da Feira, n.° 22. Coimbra.

8 NA RUA DAS COVAS, n.° 9, recebem-se estudantes por preços commodos.

9 ABILIO JOSE' GONÇALVES, tem a honra de rogar a todos os parentes e amigos do fallecido Dr. José dos Santos de Carvalho, que foi medico de Semide, se dignem comparecer no dia 15 do corrente, pelas 9 horas, na egreja de N. S. da Conceição, da freguezia d'Assafarge, para assistirem á celebração de uma missa de *requiem*, pelo eterno repouso da alma d'aquelle illustre e prestante compatriota, e das de seus virtuosos paes José Bernardo de Carvalho e D. Maria da Conceição Carvalho.

10 NESTA REDACÇÃO se diz quem tem para vender uma pipa de vinho velho bom.

11 ARRENDAM-SE as vastas casas do Dr. Gama na rua do Correio. Quem as pretender falle com o Dr. Casal.

LECCIONISTA

12 C. A. SIMÕES, estudante de sciencias naturaes continua a leccionar geometria plana e desenho (1.ª e 2.ª parte) em sua casa no Largo da Feira, n.° 14. Tambem se promptifica a leccionar em casas particulares.

COMMISSARIO NA FOZ-DÃO

13 COMO já annunciou em o n.° 2:585 deste jornal, Manoel José Pedro de Mesquita, continua recebendo commissões neste porto, com o maior desempenho desejavel. Alem de garantido por seu pae José Pedro (Velho), por sua pessoa e bens, offerece mais abonações se tanto forem precisas.

14 JOSÉ EDUARDO FERREIRA DE CARVALHO, estudante do 2.° anno do curso pharmaceutico, continua a habilitar alumnos para os exames de instrucção primaria, portuguez e francez, em sua casa rua das Covas, n.° 9. Tambem se promptifica a ir dar lições das mesmas disciplinas a casas particulares.

15 ARRENDA-SE a fabrica de destilação d'aguardente, situada no logar de Urzelhe, freguezia de Lamas, a qual fabrica está no centro do melhor vinho do Bairro, e é muito abundante d'agua, condição essencial para taes estabelecimentos. Quem a pretender póde apparecer até 20 do corrente Outubro de 1873, em casa de João Francisco da Silva, de Coimbra, largo das Olarias, aonde estão patentes as condições.

16 VENDE-SE para pagamento de divida, a casa da rua do Loureiro, n.° 55 e 57; e trata-se na rua do Corvo, n.° 54.

AO MERITO

EXPOSIÇÃO DISTRICTAL DE COIMBRA 1869

ESTABELECIMENTO D'ALFAIATE

8 R. do Infante D. Augusto, 10

17 ANTONIO AUGUSTO DA PAIXÃO, premiado na exposição de Vienna d'Austria, e na districtal de Coimbra, com a medalha de prata, participa aos seus freguezes e amigos, que acaba de receber um bom e variado sortido de fazendas proprias da presente estação, as quaes vieram directamente de Paris, continuando a fazer toda a equidade nos preços; assim como tem pannos para batina, as quaes faz pelos preços mais commodos.

MODISTA DE LISBOA

18 FAZ E CONCERTA chapeus de seda e palha, com pratica das melhores casas francezas. Trabalha de cabelleireira em tranças, cuias e frizados. Tambem se incumbe de ir pentear senhoras a casa. Marco da Feira, n.° 22, 2.° andar, Coimbra.

DENTISTA'

19 CEREGHETTI DOMINIQUE, cirurgião dentista suisso, faz saber ao respeitavel publico conimbricense, de que ha recebido tantas provas de consideração, que tenciona continuar a estar nesta cidade algum tempo. O mesmo annuncia a todas as pessoas, que alem de fazer dentaduras completas e pôr dentes soltos, extrae dentes e raizes das mais encobertas, sem se encontrar nenhuma difficuldade; empasta e ourifica os dentes que estiverem cariados, com todas as melhores pastas que póde haver neste genero; e limpa os dentes com a maior perfeição, sem deteriorar o esmalte.

Faz o curativo do escorbuto, em poucos dias, por mais chronico que elle seja. Extrae os calos dos pés, sem que o paciente soffra dor alguma, podendo calçar o calçado e andar com todo a desembaraço, como se nunca tivesse calos.

Largo de Samsão, ao fundo da rua das Figueirinhas, n.° 52.

20 FERNANDO ANTONIO SOARES, do logar de Larçã, julgado de Coimbra, previne os seus visinhos para que não comprem a Antonio Henriques da Cunha, natural d'alli, e hoje residente em Cordinhã, os bens que este houve de sua avó, porque é devedor ao annunciante de quantias para cujo pagamento mal chegarão os ditos bens.

21 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastara cozer a nossa farinha somente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière**, aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os muscuos e consolidando as carnes.

Economisa 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place e Vendom 26, Paris: Regent-Street, Londres; Cae de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

. Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desire Rabir rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2737 | SABBADO 18 DE OUTUBRO DE 1873 | ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Teve logar no dia 16 a solemnidade da distribuição dos premios, na sala dos capellos, recitando por essa occasião os competentes discursos os srs. visconde de Villa Maior, reitor da Universidade, e visconde de Monte-São, decano da Faculdade de Philosophia.

O primeiro deu sabios e prudentes conselhos á mocidade academica, e commemorou em termos honrosos a perda dolorosa que o corpo docente soffreu no anno lectivo passado, pelo fallecimento de tres distinctos professores, os srs. Drs. Francisco Antonio Alves, Antonio da Cunha Vieira de Meyrelles, e Antonio de Carvalho Coutinho e Vasconcellos, os dois primeiros da Faculdade de Medicina, e o ultimo da Faculdade de Philosophia.

O segundo discursou largamente na oração da *sapiencia*, fazendo a apologia de todas as sciencias, e do ensino confiado á Universidade. O erudito discurso do illustre cathedratico agradou geralmente a todo o auditorio, e ouvimos tecer os mais francos e expontaneos elogios a este trabalho litterario, tanto pela voz auctorisada dos professores, como pelas expansões enthusiasticas dos academicos.

O orador historiou os relevantes serviços prestados pelos mais benemeritos filhos da Universidade ao seu paiz, recordou as tradições gloriosas deste respeitavel estabelecimento scientifico, e proclamou com energia e eloquencia a necessidade imperiosa de ampliar e fecundar o ensino sempre em harmonia com as leis do progresso e tendencias da civilisação.

Um dos pontos em que mais insistiu o orador, com grande vehemencia e intima convicção, foi a alliança da sciencia com a moral e educação. Esta parte do discurso grangeou unanimes louvores, não só pela verdade e santidade da doutrina, mas tambem pelas bellezas oratorias que adornaram a exposição. As theorias perigosas e subversivas foram fulminadas com phrases eloquentes, e os methodos de ensino discutidos com uma critica sensata e judiciosa.

Produziu bellissimo effeito a palavra do orador, quando tractou da salutar influencia da mãe na educação dos filhos. Os exemplos da França e Allemanha foram frisantes, e os nomes das rainhas as senhoras D. Maria II e D. Maria Pia, prestaram côres mimosas e de grande realce a este quadro formosissimo, a primeira esmerando-se com tanto primor na educação da familia, e a segunda arriscando a vida com tanta heroicidade para salvar os innocentes filhos do abysmo do mar.

O sr. visconde de Monte-São terminou o seu discurso, appellando com enthusiasmo para os briosos sentimentos dos professores e academicos, convidando todos a uma santa cruzada de independencia nacional, de liberdade, e de verdadeiro progresso scientifico.

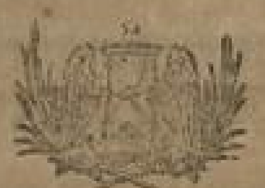
No dia 14 do corrente, pela uma hora da tarde, foi recebida por suas magestades e augustos principes, D. Carlos e D. Affonso, a commissão nomeada pela Universidade em conselho de decanos, e composta dos exm.os srs. arcebispo de Mitylene, e Drs. Augusto Cesar Barjona de Freitas, João Baptista da Silva Ferrão de Carvalho Martens, José Dias Ferreira e José Adolpho Trony; incumbida de felicitar suas magestades e altezas, pelo feliz salvamento da rainha e dos principes.

A recepção foi em Cascaes; e sua magestade el-rei, á felicitação que lhe dirigiu o exm.° sr. arcebispo de Mitylene, como presidente da commissão, em nome da Universidade, respondeu com palavras de muito affecto, mostrando-se por si e sua magestade a rainha, muito penhorado para com a Universidade de Coimbra.

Queixamo-nos amargamente em numero passado, da extraordinaria demora que tem havido em se organisar a bibliotheca da associção dos artistas desta cidade.

Informam-nos agora, que o sr. presidente da direcção, vae com toda a brevidade proceder á recepção da madeira, dada pelo ministerio das obras publicas, a fim de se fazer o devido orçamento, que tem de ser presente ao conselho da associação.

Veremos se desta vez se leva a effeito a factura das estantes, ou se teremos de esperar outros tres annos.



Falleceu hontem á noute nesta cidade, depois de uma breve, mas fatal doença, o nosso antigo e particular amigo, o sr. Manoel José Ferreira Leitão.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCIV

D. CARLOS

LIV

O chefe dos carlistas tinha ordenado á divisão de Navarra, apoiada pela de Castella e secundada pelos batalhões de catalães, que ao commando de Ros de Eroles se uniram ao passar o Cinca, provocasse o inimigo e procurasse chamal-o a terreno mais aberto, onde não tivesse as vantagens que offerecia o que occupava. Para uns era este plano o mais conveniente, e para outros era o mais deploravel.

Seguia no entretanto o tiroteio, e ninguem se movia. Indignado o coronel D. João Zabala, de tão vergonhosa situação, propoz-se carregar com a sua cavallaria, e tratou de induzir ao mesmo a Coba; porem este não se atreveu, apezar de conhecer a necessidade de o fazer; e abundando a cavallaria de Zabala nos desejos de seu valente chefe, marcha com ella, vê em lastimoso estado os caçadores do Porto, reune-os, carrega aos carlistas, cujo fogo horroroso dizimava as fileiras liberaes, e faz que seja uma verdadeira batalha o que antes era uma cousa incomprehensivel, por culpa dos chefes que dirigiam aquelle movimento.

Alguns generaes, apoiados pelo coronel de engenheiros, Gordillo, que mezes antes havia fortificado a Miranda contra os carlistas, influiram com D. Sebastião e transtornaram completamente o plano do seu chefe de estado maior. Aproveitando o cego valor do general navarro, D. Paulo Sanz, dispozeram que, deitando mão dos batalhões de Castella, atacasse o inimigo, como com effeito o verificou, batendo-se desesperadamente a maior parte do dia, sem conseguir outro resultado que a inutil effusão de sangue, que correu em abundancia.

Depois de se combater porfiadamente por ambas as partes, e quando já os batalhões carlistas se achavam fatigados e dizimados, havendo perecido quasi todo o batalhão de argelinos, se renovou o combate, não sem haver notado antes o liberal que o exito da acção balanceava no centro. Foi, porem, tão opportuna e valente a accommettida de Zabala e de Leon em toda a extensão da linha, que repelliram os carlistas e os arrojaram da sua primeira posição, apoderando-se ás 2 da tarde dos pontos de Morana e S. Martin.

O general Moreno tratou então, debalde, de tirar partido das circumstancias, e ordenou que, logo que as cabeças das columnas inimigas assomassem pelas ladeiras das posições carlistas, fossem atacadas á baioneta pelos batalhões navarros, decidindo por este meio a acção. Desgraçadamente para os carlistas, estes corpos longe de verificar o ataque com o impeto e a bravura que noutras occasiões o haviam feito, se dispersaram logo que acharam resistencia, e propagaram o terror nas fileiras.

Os corpos de Castella, que teriam servido de util reserva, e tão a proposito eram para empregal-os com preferencia em ataques supremos, achavam-se já dizimados, sem munições e rendidos de fadiga, sem que ficasse inteiro mais do que o primeiro delles, que guardava a extrema direita, e até então tinha evitado que o inimigo envolvesse por aquelle lado a linha de batalha.

O coronel de estado maior D. José Cabañas, apresentou-se a communicar a ordem de retirada, e os liberaes que viram abandonada tão importante posição, carregaram com a sua cavallaria aos carlistas, que se viram envolvidos e quasi todos prisioneiros por aquella parte; devendo a sua salvação á serenidade do chefe da divisão castelhana, que bramava de furor ao ver os seus batalhões assassinados, á previsão do brigadeiro Arroyo, que havia conduzido previamente dois esquadrões, e ao auxilio de um batalhão de Alava com que havia acudido o general Sopelana.

Não obstante tão repetidos esforços, a dispersão dos carlistas se fez geral; e é bem certo que se o barão de Meer tivesse sabido aproveitar o estado em que iam os carlistas, conseguiria aniquilal-os. A inacção de Meer neste caso foi indesculpavel, e se cumprisse com o seu dever, a expedição carlista teria alli terminado.

Os soldados carlistas gritavam *traição!*, e a voz de *morram os generaes que nos tem vendido*, se ouvia nas aterradas fileiras dos fugitivos. Difficilmente se deixava ouvir a voz dos officiaes, e ainda alguns que pretendiam ordenar a retirada, se viram ameaçados de morte pelos seus proprios soldados.

As admoestações e doçura poderam conseguir que marchassem algum tanto unidos, se bem que ao primeiro rumor tornavam a debandar-se. Por fim a noute reuniu a maior parte em Iborra e Vilchfret, onde prenoutaram, a cujo primeiro posto se tinha retirado D. Carlos naquelle dia, desde Sanguin de la Plana e Vilchfret, a esperar a consequencia da batalha.

Tal foi o resultado da batalha de Grá, produzido segundo manifestavam personagens do mesmo campo carlista, pela inveja, o amor proprio e a ambição.

A derrota em Grá custou a D. Carlos mais de 2:000 homens entre mortos, feridos, prisioneiros e apresentados. A dos liberaes foi de quasi metade.

Esta batalha foi um triumpho para a causa liberal; desconsertou ao menos a expedição; a cavallaria estava destruida, e a infanteria desordenada. A primeira arma que tanto cuidado exige, havia sido demasiado descuidada, fazendo-a soffrer em continuo bivac desde a sua saida da Navarra.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

A sua memoria vimos aqui prestar o tributo da nossa saudade.

Nascido em Coimbra, foi na sua mocidade exercer a vida commercial em Lisboa, sendo caixeiro na importante casa do sr. Antonio Ribeiro Pessoa.

Em toda a sua vida foi dotado de sentimentos liberaes, que não duvidava manifestar nas maiores crises e nas epochas mais perigosas.

Fazia parte de um dos balhões do commercio, quando em Maio de 1823 a cidade de Lisboa ficou entregue ao commando do general Jorge de Avilez, pela evasão de D. Miguel e D. João VI para Villa Franca de Xira.

De Lisboa veiu para Coimbra administrar a casa, que nesta cidade e em Monte Mór o Velho tinha o sr. Ribeiro Pessoa; e depois passou a ser administrador da valiosa casa dos srs. Pintos Bastos.

Pertenceu com a maior dedicação ao partido, que pela revolução de 9 de Setembro de 1836, se ficou chamando setembrista.

Pela organisação do batalhão da guarda nacional nesta cidade, mereceu ser eleito pelos seus camaradas, capitão da 1.ª companhia.

Quando em Maio de 1846, em seguida á revolução popular, se creou em Coimbra o celebre periodico, o *Grito Nacional*, de que primeiro foi redactor o sr. João de Lemos, e depois o sr. Dr. José Alexandre de Campos, foi o sr. Leitão que se incumbiu da administração do periodico, ficando á sua responsabilidade uma quantia importante que foi necessaria para a sua sustentação.

Tambem por aquella epocha exerceu o cargo de membro do conselho de districto, servindo até alguns dias de governador civil, na falta da respectiva auctoridade.

Em 1853 foi eleito membro da camara, logar que exerceu com o maior zelo e dedicação pelos interesses do municipio.

Quando no dia 16 de Setembro de 1855, por ser aquelle em que foi acclamado o sr. D. Pedro V, de saudosa memoria, se fundou em Coimbra o Asylo de Mendicidade, aceitou o sr. Manoel José Ferreira Leitão o cargo de membro da commissão encarregada de dirigir os negocios do nascente Asylo. Desde então até agora serviu constantemente de membro da direcção, tendo quasi sempre a seu cargo a thesouraria.

Os serviços relevantes, que prestou ao Asylo, e o zelo inexcedivel com que se interessava por tudo o que dizia respeito a este estabelecimento de caridade, ahi estão todos os membros, seus collegas, para o attestar. A memoria do sr. Leitão será de certo sempre grata aos pobres asylados.

Tendo-se fundado em 1852 a sociedade para o melhoramento dos banhos de Luso, foi sempre um dos mais apaixonados por esta sociedade, á qual prestou os maiores serviços, annuindo até nos ultimos annos a exercer o cargo de thesoureiro.

Nunca se negava a fazer parte de qualquer commissão, que se creasse para beneficio publico.

Sendo por muitos annos nesta cidade agente da companhia de seguros *Fidelidade*, era tal o desvelo com que tratava dos interesses della, que podemos afoitamente dizer que por muito feliz se deve dar a companhia se vier a achar agente com egual zelo. A companhia *Fidelidade* tem largas e evidentes provas disso.

Desde que em 1851, pela revolução iniciada pelo sr. duque de Saldanha, se organisou o partido chamado regenerador, pertenceu sempre o sr. Manoel José Ferreira Leitão a esse partido com a maior lealdade, prestando-lhe importantes e desinteressados serviços, sem nunca se desviar dos seus correligionarios politicos.

Ao nosso bom e velho amigo prestamos hoje esta homenagem de particular estima; e a seus irmãos e nossos amigos, os srs. Antonio José Ferreira Leitão e José Antonio Ferreira Manso, damos os maiores sentimentos por uma perda, que é tanto maior, quanto entre todos os irmãos houve sempre uma amisade inalteravel.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

COMMUNICADO

Sr. Redactor.

Tendo o esclarecido jornal de v. dado cabimento em o n.º 2735, de 11 do corrente, ao *Aviso* anonymo, que em o n.º seguinte v. declarou ser da propria letra do sr. Francisco Henriques de Sousa Secco, juiz de direito da comarca de Thomar, vou por isso dirigir-me a v. para esclarecer o publico, na qualidade de procurador judicial, que sou do sr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco, sobre a materia do referido *Aviso* de seu irmão.

Sem me demorar na analyse do irreflectido passo, que acaba de dar o adversario do meu constituinte, reproduzo fielmente nas seguintes palavras o contheúdo da publicação.

Diz pois o sr. Francisco Henriques, que o meu constituinte annunciara a venda em praça particular, dos bens da casa da Bairrada, *concelho da Mealhada (já foi, hoje e do da Anadia)*, entre os quaes se comprehendem os que *foram do casal materno, (diz bem: foram, já não são)*, que lhe não pertencem; *(logo se verá se falla verdade)* por não ter dado ainda partilha d'elles *(ninguem dá partilha do que é seu: doa-o se quer)* e correr ainda o respectivo inventario *(que aliás os não comprehende, nem comprehenderá, se ha justiça neste paiz)*, assim se faz publico e se protesta pelo direito dos *coherdeiros. (Tem procuração da coherdeira para o caso? Mostre-a.)*

Agora a narração exacta dos factos, na qual está implicita a resposta ao tal *Aviso*.

Pelo fallecimento da sr.ª D. Antonia Luiza de Sousa Reis e Maia, em 1862, ficaram seus herdeiros seus tres filhos: D. Maria José, Antonio e Francisco, que continuaram em sociedade tacita do casal commum, até 1865, em que fizeram entre si partilhas amigaveis por *titulo particular*, como a lei vigente ao tempo lhes permittia.

Nellas, porem, não comprehenderam nem uma porção de talhos de marinha, no concelho da Figueira da Foz; e nem os bens da freguezia de Tamengos, concelho da Anadia, pois que não os querendo nenhum dos tres coherdeiros, para o seu quinhão, concordaram em vendel-os de futuro e dividir o producto.

Foram os taes talhos, o que primeiramente alienaram, mas os predios de Tamengos, continuou Antonio a administral-os, como já fazia em vida de sua boa mãe, juntamente com a *sua metade*. Convem para clareza dizer, que os bens desta localidade foram pelo fallecimento do pae commum, o sr. José Henriques Secco de Albuquerque, em 1839, attribuidos por *quinhões eguaes*, em partilha de 1840, ao mesmo Antonio, e a seu irmão o sr. José Henriques Secco de Sousa e Albuquerque, e que foi pelo fallecimento deste em 1852, que a sua *metade* passou para a mãe commum.

Antonio, para evitar responsabilidades e contas annuaes, instou com seus irmãos para a venda que já se ia demorando, e concordando todos n'ella, assignaram para a praça o dia 13 de Abril de 1868, depois de terem feito avaliar os predios, favor que lhes prestou o illm.º sr. Joaquim Maria do Amaral Cardoso, do logar de Tamengos.

Mas neste tempo Antonio, que lá tinha a *sua metade*, resolveu não vender o *seu terço* na outra metade; e por isso propoz aos dois coherdeiros, ficar com certos bens, que eram confinantes com os que já tinha, e com a casa de pousada que lhe era indispensavel, se lá continuasse a ter cultura, e que até ahi era applicada, bem como a casa de adega e lagar, que era d'elle Antonio, ao serviço commum das duas *metades*.

Concordaram todos nisto, e ainda, tambem por proposta de Antonio, em que o regulador do preço dos bens separados, fosse o resultado das avaliações com as offertas da praça dos que eram vendidos.

Por incidente seja dito, que esta base foi prejudicial para este coherdeiro, porque subindo muito em leilão as glebas de milho, outrotanto não succedeu com as de vinha, e todavia foi em vinhas e na casa de pousada que elle foi inteirado do seu terço, pela base do preço de terras de milho e vinhas conjuntamente.

A resulta das vendas e dos valores, attribuidos aos predios, com que Antonio ficou, deu o total de 3:271$861 reis, isto é, de 1:090$620 reis, para cada um dos tres coherdeiros.

Eis como Francisco foi inteirado de seu terço, em parcellas successivas, porque o producto das vendas não foi realisado de um jacto; e houve mesmo necessidade de tres dias de praça para concluil-as.

No dia 13 de Abril, em que elle e Antonio *assistiram ambos* ás vendas, recebeu elle de *quatro signaes de que passou vales internos* .... 138$000

Mais pelo que mandou dar por Antonio ao sr. F..., que por ora não é necessario individuar, e assignou letra .... 400$000

Pelo que recebeu da propria mão de Antonio, *na casa* que foi *escriptorio dos paes* communs, em 22 de Outubro de 1868 .... 168$400

Pela divida do comprador F.. de Aguim, que sobre si tomou... 350$000

Pelo que recebeu da mesma mão de Antonio, e no local acima referido por occasião de saldarem as contas desta partilha singular, em 5 de Janeiro de 1869....... 34$220

Se nada sobra de.......... 1:090$620 nada falta tambem ao sr. Francisco Henriques de Sousa Secco, para estar completamente inteirado do que em taes bens lhe tocou; mas se acaso se sente minguado, venha a contas em local neutro, que lhe agrade, trazendo os seus livros de escripturação comsigo, pois sei que os tem e muito regulares, porque lá apparecerá o do meu constituinte, como tem sido escripturado nos seus devidos tempos.

Deve tambem declarar-se, que tendo o comprador F... de Aguim, faltado ao cumprimento do contracto, força foi vender o predio respectivo, em nova praça, já em 1869; e produzindo então a venda sómente 305$000 rs., houve um desfalque de 45$000 rs., nos quaes Antonio, apezar de não ser a isso obrigado, quiz tomar parte, entregando a Francisco por isso os 305$000 reis, (pois lhe fez tambem este serviço, o de se encarregar da nova venda do predio), mais 15$000 reis, (o terço do desfalque), e mais 5$090 rs., estes a 23 de de Outubro de 1869, que o comprador F.. de Aguim deu a titulo dos fructos que chegou a perceber.

E' isto tão verdade, que remettendo Francisco a Antonio, pela mão da irmã commum, em saldo de outras contas, a 23 de Janeiro de 1870, a quantia de 17$300 reis, pela mesma irmã lhe devolveu os taes 15$000 reis, recebidos. Antonio arrecadou o saldo, e recusou esta ultima quantia.

O meu constituinte foi como já disse, inteirado em bens de raiz, mas, porque excediam a sua quota hereditaria, teve de dar aos dois coherdeiros em tornas a quantia de reis 207$340, alem dos 15$000 rs. pelo desfalque referido; não fallando de despezas miudas, que faz quem sabe de casa, a tractar de qualquer cousa, e que de certo elle se dispensa de esmiuçar.

Parecia este um negocio de todo findo. Vamos ver como reviveu.

Entre os procedimentos a que Francisco tem recorrido contra Antonio, avulta o de o chamar á conciliação para dar á partilha addicional:

1.º—uma quinta em Valle de Figueiras;
2.º—a livraria dos paes communs;
3.º *Outros mais objectos de que Antonio se apossou*, dizia.

Ora a quinta concordaram os tres coherdeiros, em ser adjudicada a Antonio, e por isso excluida da partilha de 1865, como composta que é de prazos de nomeação. Os taes *outros objectos*, (de que Francisco geralmente só sabia, porque Antonio d'elles lhe deu escrupulosamente conhecimento, e que são tão importantes, que não chegam, de certo, para pagar ao sr. escrivão do inventario), e os livros, nunca recusou Antonio partil-os, e faria quanto a elles, como fez quanto aos cobertores de damasco, commettendo ao exm.º sr. Dias Vieira, digno juiz de direito em Villa do Conde, o trabalho, e pedindo-lhe o favor de os dividir com os dois coherdeiros, ao que s. ex.ª se prestou, e facilmente se executou.

Seja porem como for, segundo estas indicações, se lavrou o respectivo auto de conciliação, que Francisco depois deu á execução no juizo de direito desta cidade.

Causava todavia extranheza, que fallando Francisco em *outros objectos*, que não valem uma pitada de tabaco, fosse totalmente omisso, quanto aos bens moveis existentes na freguezia de Tamengos, na quasi totalidade vasilhas da adega, que orçam por 160$000 rs., e que por negligencia de todos ainda não estavam partilhados.

E d'ahi deduzia, que havia o proposito de que se não soubesse que a partilha dos de raiz, estava já feita; proposito que ficaria frustrado, se viesse a fallar-se dos moveis sómente, porque importava isso a confissão tacita, de estarem já divididos os demais bens.

Ora diga-se a verdade: Antonio, que teve a ingenuidade, de concluir com Francisco esta partilha, sem assignar titulo com os coherdeiros (titulo que a estes era desnecessario, porque foram inteirados em dinheiro, mas a elle se podia tornar indispensavel, se sobreviesse a necessidade de provar a origem por que possuia os de raiz, em que foi constituido o seu terço), resolveu remediar agora, a falta de outro tempo (falta que era tanto mais sensivel, quanto tinha assignado a maioria dos titulos de venda, por si, e como procurador dos dois coherdeiros, confessando recebido o preço respectivo, em que entravam, note-se bem, como dinheiro contado os proprios vales de Francisco), requerendo nos autos d'inventario:

1.º que se descrevessem n'elle os bens moveis, de que juntava uma nota.

2.º e que fosse julgada por sentença a partilha dos bens de raiz, de cujo montante tambem juntava outra nota.

Vae ver-se a resposta, que mandado ouvir pelo meritissimo juiz, elle deu por seu advogado—«Que a pretensão do A. *era impertinente*, pois se não tratava neste inventario senão de partilha addicional.»

Nova estranheza! pois não se tracta, senão do que ainda não foi partido, e todavia chama-se *impertinente* a pretensão de Antonio, de descrever os moveis de Tamengos, que ainda o não foram?

Replica Antonio; é de novo ouvido Francisco, e agora muda de tom, o seu aliás illustrado patrono. Quanto aos moveis, concorda já em que se descrevam; mas dos de *raiz*, *não tem instrucções* do seu constituinte; diz elle ingenuamente!

Para resumir: Antonio faz as diligencias possiveis, a fim de que Francisco confesse a recepção das quantias, atraz descriptas, e se promptifique a descrevel-as; e dado isso, promettia descrever o *seu terço* de bens: mas ainda prestava-se a ceder d'elles a Francisco, trocados assim os lotes, isto é, passando Antonio a ser inteirado em dinheiro e Francisco em predios.

Diligencias vans! *Sem confessar nem negar*, (solução a que tambem foi convidado), teimou e teima em que Antonio dê á partilha, não sómente os bens de raiz de que esta de posse, mas até o preço que recebeu das vendas!

Antonio, recusa-se no inventario a tal pretensão, (postas as cousas no ponto em que Francisco ahi as colloca), e lá da recusa assignou termo, o esclarecido advogado e lente nesta cidade o exm.º sr. Dr. Manoel d'Oliveira Chaves e Castro.

Não é logo verdade, que no inventario do que o sr. Pimentel é escrivão, se trate de taes bens, porque não estão descriptos, e nenhum juiz pode obrigar a descrevel-os ao coherdeiro, que allega pertencerem-lhe elles já, por virtude de partilha anteriormente feita.

Fica a Francisco o *atalho* da acção ordinaria, que elle deve preferir, pela vantagem que lhe dá de poder ahi pedir contra Antonio a pena de sonegados.

A este convem esse mesmo extremo de Francisco, porque hade provar que a partilha está feita; e para o caso em que assim se não julgue, por falta de titulo, devida ao excesso de boa fé, da parte de Antonio, tem este a acção de reconvenção para lhe provar, como promette, que Francisco recebeu em dinheiro o seu quinhão, e pedir seja condemnado a descrevel-o egualmente, e alem disso a restituir a Antonio, a metade das tornas que lhe deu. —Ora para tudo isto não é via azada o inventario.

Até esse tempo Antonio considerar-se-ha senhor e possuidor de boa fé, dos bens que lhe tocaram; e vendel-os-ha se lhe convier, por que tem, graças a Deus, por onde preste evicção aos compradores.

Um appello agora em nome de Antonio aos homens de bem! Decidam, se é cabal a resposta ao *aviso*.

Um conselho em meu nome ao exm.º sr. juiz de direito de Thomar! Troque a penna da imprensa, d'onde não póde nunca sahir-se bem (ainda quando não fossem sempre desagradaveis ao publico, os circos onde luctam os propinquos), pelos conselhos saudaveis, que alguem de sua familia lhe tem já dado, e devia e lhe convinha fielmente seguir, para andar mais *avisado* nos seus *avisos*.

Que s. ex.ª não lamente a perda de tempo que me causa com estas escriptas e a que causa a seu irmão amargurando-lhe os dias, vá! Mas, que nem de si mesmo s. ex.ª tenha dó, distraindo momentos precisos e preciosos, para o exame dos autos, a fim de administrar sua costumada justiça e de consagrar a parte restante d'elles a boa educação de suas extremosas filhas, é incomprehensivel!

Ponha marcos com os vizinhos, homem de Deus, e conseguirá tranquillidade, finalmente, para si e para elles.

Nisto que digo, mostro, creio eu, ser bom patricio e amigo dedicado de s. ex.ª.

Coimbra 16 de Outubro de 1873.

O procurador judicial, competentemente auctorisado,

Abel da Silva Linhaça.

NOTICIARIO

O combate da Cruz dos Morouços, e a retirada do exercito liberal. — As causas desgraçadas quasi sempre dão logar a queixas, em que cada um trata de afastar de si a responsabilidade que lhe possa caber. Se, porem, a sorte é feliz, todos querem attribuir-se a gloria da empreza.

Já Tacito, na *Vida de Cneo Julio Agricola*, segundo a elegante traducção do sr. D. José de Lacerda, dizia: — *E' esta a injustissima condição da guerra: todos a si se attribuem os successos prosperos: os adversos imputam-se a um sómente.*

Esta ultima parte realisou-se com a retirada de Coimbra das tropas liberaes, depois do combate da Cruz dos Morouços em 24 de Junho de 1828.

Entre o brigadeiro Francisco Saraiva da Costa Refoios, que falleceu sendo barão de Ruivos, e o coronel o sr. Jeronymo Pereira de Vasconcellos, actualmente visconde da Ponte da Barca, suscitou-se grande questão, querendo ambos livrar-se da responsabilidade da retirada das tropas liberaes. Os emigrados tambem se queixavam muito do sr. Jeronymo Pereira de Vasconcellos, por uma certa hesitação, que mostrou naquella contenda; tanto mais para extranhar, quanto fazia isso notavel contraste com a sua bravura na campanha de 1826 a 1827 contra as forças absolutistas revolucionadas.

Tendo sido o combate da Cruz dos Morouços, como já dissemos, dado no dia 24 de Junho de 1828, conservaram-se as tropas liberaes no campo no dia seguinte, 25; e em a noute deste ultimo dia é que houve em Coimbra a celebre reunião da delegação da junta do Porto, em que se decidiu a retirada.

O sr. coronel Pereira de Vasconcellos, que não quiz acompanhar o exercito liberal na sua retirada, não evitou com isso o deixar de ser, como foi, preso por ordem do governo de D. Miguel, soffrendo dura prisão em Coimbra, depois na torre de S. Julião da Barra, e ultimamente nas praças de Elvas e Marvão.

A indisposição nos emigrados liberaes contra o sr. Jeronymo Pereira de Vasconcellos era tão grande, que chegavam a ser com elle em parte injustos, e até alguns a publicarem calumnias, como a de que elle havia sido despachado por D. Miguel; e isto na mesma occasião em que o accusado jazia em ferros!

No jornal o *Portuguez emigrado, ou realista constitucional*, que sahia á luz em Plymouth em 1828, nas duas linguas portugueza e ingleza, e de que possuimos a collecção completa, se publicou em o n.º 2 de 14 de Outubro daquelle anno o seguinte:

«Diz-se que o coronel Jeronymo Pereira de Vasconcellos, que na luta contra os rebeldes ao sr. D. Pedro e á Carta em 1826, se cubrira de gloria, fôra o traidor que na cidade de Coimbra vendera a D. Miguel a junta do Porto, o exercito, e a causa do rei legitimo, bem como a liberdade da patria!

«E' certo, que o seu comportamento fôra illibado até ao dia 16 de Maio proximo passado, em que teve logar a sublevação do Porto contra o usurpador. E' egualmente certo, que Vasconcellos não voou aos gritos da realeza constitucional, que pretendia libertar-se; que se tornou indifferente, mesmo ao convite de seus superiores e irmãos d'armas, e que foi mister, que o brigadeiro Saraiva o mandasse buscar preso a Coimbra, ou escoltado por tropa, não querendo Vasconcellos vir alli d'outra maneira.

«Se este militar não vinha da sua quinta a Coimbra, com receio de ser assassinado no caminho por alguns guerrilhas, ou paizanos; se era para provar, que fôra trazido preso a Coimbra no caso de cair a causa da honra e da verdade, não poderia então conhecer-se bastantemente; mas ao menos um tal comportamento, que podia ser innocente, ou muito criminoso, devia abrir os olhos á junta, para lhe não dar a sua confiança, e ao brigadeiro Saraiva para afastar do conhecimento d'elle todos os negocios.

«Todavia Vasconcellos não acompanhou a divisão leal a seu rei, e se é verdade, que foi despachado por D. Miguel, e que passeia livremente em Lisboa, como nos asseguram, sem duvida é um traidor.»

De certo o redactor do *Portuguez emigrado* não publicaria isto em Plymouth no dia 14 de Outubro de 1828, se soubesse que o sr. Jeronymo Pereira de Vasconcellos, já desde o dia 8 de Setembro antecedente estava preso em Coimbra, onde se conservou até Janeiro de 1829, em que foi remettido para Lisboa, dando entrada na torre de S. Julião no dia 21 deste mez.

Depois de restabelecido o governo da rainha, publicou o sr. Pereira de Vasconcellos, com data de 1 de Fevereiro de 1835, a defeza dos seus actos na campanha de 1828, com o titulo de — *Apologia do coronel Jeronymo Pereira de Vasconcellos.*

O brigadeiro Francisco Saraiva da Costa Refoios sahiu logo em Abril do mesmo anno a responder-lhe, com os—*Esclarecimentos sobre alguns factos referidos na Apologia do coronel Jeronymo Pereira de Vasconcellos* — impressos em Lisboa, na typographia patriotica de Carlos José da Silva.

Esta resposta do brigadeiro Saraiva, é confirmada nos pontos essenciaes, por attestados passados pelos srs. Antonio José Joaquim de Miranda, Antonio Luiz de Seabra, Francisco da Gama Lobo, José Joaquim Gerardo de Sampaio, José Baptista da Silva Lopes, Joaquim José de Queiroz, Joaquim Antonio de Magalhães, e Visconde de Sá da Bandeira.

Por ser a carta do sr. Sá da Bandeira uma das mais interessantes, publicamol-a em seguida:

«Illm.º e exm.º sr. general Saraiva. — Lisboa 26 de Abril de 1835.— Recebi a carta que v. ex.ª me fez a honra de dirigir, pedindo que eu diga o que souber sobre alguns factos passados no mez de Junho de 1828 na divisão das tropas constitucionaes, que nesse tempo esteve nas margens do Mondego. A' carta de v. ex.ª responderei o seguinte.

No dia 20 do dito mez teve logar a surpreza da Ega, em que os rebeldes perderam mais de cem homens, e de 30 cavallos; o nosso destacamento, que fez esta excellente operação, era commandado pelo tenente coronel Schwalbak; eu fui na Ega levemente ferido.

Na madrugada de 24 uma parte da nossa força marchou até á proximidade de Condeixa para reconhecer a força inimiga que occupava esta villa. Quando regressavamos ás nossas primeiras posições, observou-se, que eramos seguidos pelo inimigo em grande força. Nas alturas dos Morouços esperamos e combate, que em breve teve logar. Primeira acção regular entre as tropas adversas; a victoria foi com valor disputada, durante dez horas; nós a conseguimos tendo repellido todos os ataques, e ficando senhores do campo, no qual o inimigo deixou muitos mortos e feridos, e em nosso poder consideravel numero de prisioneiros; todo o dia 25 occupamos o mesmo campo.

Durante o combate as nossas forças tinham tomado posições, que tornaram a nossa linha demasiadamente extensa; por isso v. ex.ª ordenou, que as alas se concentrassem sobre Coimbra, em cuja cidade, debaixo da minha direcção se haviam feito algumas fortificações.

Este movimento executava-se na noite de 25 para 26 quando fui chamado para assistir a um conselho, no qual encontrei a v. ex.ª, os membros da delegação da junta do governo, o chefe de estado maior, e o coronel Jeronymo Pereira de Vasconcellos. Alli se discutiram algumas hypotheses de operações, que as nossas forças poderiam executar, inclusive a de retirada sobre o Porto a reunir ás forças que lá se conservavam. Lembra-me que eu disse que apoiada a nossa divisão em Coimbra, já em parte fortificada, podiamos em segurança esperar as tropas que viessem do Porto e a guarnição de Almeida. Em quanto durava a discussão, entrou na sala meu irmão Narciso de Sá Nogueira, alferes de cavallaria, o qual por ordem do commandante do nosso flanco direito, o tenente coronel Schwalbak, participou a v. ex.ª, que um consideravel corpo de cavallaria inimiga acabava de passar para o norte do Mondego, atravessando o rio na proximidade de Pereira, a duas leguas ao poente de Coimbra. O conselho tomou por fim a deliberação de ordenar a retirada sobre o Douro; e as ordens necessarias, para que os movimentos dos differentes corpos se executassem com regularidade e harmonia, foram logo passadas aos respectivos commandantes.

O tenente coronel João Nepomuceno de Macedo e eu, fomos por differentes caminhos observar a força que o tenente coronel Schwalbak participara ter atravessado o rio; porém nada descobrimos; porque não tinha passado: e sómente passára o rio uma manada de gado, que as patrulhas tomaram ao longe por tropa.

Regressando á cidade, encontrei em retirada todas as bagagens, etc., etc.

A tropa marchou sobre a madrugada, ficando em Coimbra a brigada do tenente coronel Schwalbak até muito depois do dia claro; marchando esta, fiquei eu só com uma ordenança e demorei-me ainda perto de duas horas; em cujo tempo fiz marchar a unir á divisão 500 a 600 homens de milicias, voluntarios da cidade, feridos, assim como de vedetas e piquetes, que recolhiam; e com parte desta gente formei uma guarda de retaguarda.

O inimigo seguiu-nos lentamente, apesar da sua superioridade de forças; comtudo no dia 28 pretendeu forçar a ponte do Marnel e posições visinhas, que occupavamos perto do Vouga: em consequencia teve logar um mui violento combate, que durou nove horas, e que se decidiu com gloria para nós, repellindo todos os ataques, causando ao inimigo grande perda, e bivacando no campo da batalha.

Na madrugada do dia 29 continuámos a marcha para o Douro e n'esse dia reuniu-se á divisão o general Saldanha.

Seria inutil fallar no resto dos acontecimentos, que fizeram entrar em Hespanha as nossas tropas. Seu companheiro constante, posso asseverar que nunca Portugal teve tropas melhores do que aquellas, e que os horrores de seis annos de oppressão, que a nossa patria soffreu, não podem a ellas ser attribuidos.

Quanto ás perguntas, que ex.ª me faz relativamente ao coronel Jeronymo Pereira de Vasconcellos, direi que em Condeixa v. ex.ª me disse, que elle exigia ser mandado buscar por uma escolta á sua casa em Verride, a fim de parecer que era forçado a unir-se a nós; lembra-me que em Coimbra v. ex.ª me disse que elle exigia que antes de tomar o commando da brigada ligeira, para o qual a junta o havia nomeado, que a sua nomeação para este commando fosse publicada na ordem do dia, o que creio se fez: o coronel Vasconcellos nunca appareceu á testa desta brigada: não appareceu no combate de Morouços; foi no dia 25 ás nossas posições, donde voltou para a cidade. Encontrei-o á noute no conselho, aonde sustentou que era necessario retirar; e quando isto se fazia, viu-o pela ultima vez n'uma das ruas de Coimbra: elle não acompanhou a divisão.

Creio ter respondido com sufficiente detalhe á carta de v. ex.ª

Tenho a honra de ser de v. ex.ª venerador e amigo—*Visconde de Sá da Bandeira.*»

Aguas thermaes—Em o diccionario que se está publicando em Lisboa, com o titulo de *Portugal antigo e moderno*, queixa-se o seu auctor da pouca attenção que os governos de Portugal prestaram ás nossas aguas mineraes, até quasi ao fim do reinado de D. João VI.

Parece-nos, porem, que deveria com justiça ser mencionada no referido diccionario, uma publicação feita já em 1810, por ordem do principe regente. Queremos fallar das *Instrucções e cautelas praticas, sobre a natureza, differentes especies, virtudes em geral, e uso legitimo das aguas mineraes, principalmente de caldas; com a noticia d'aquellas, que são conhecidas em cada uma das provincias do reino de Portugal, e o methodo de preparar as aguas artificiaes.*

Este interessante livro, digno de ser mais conhecido do que é, foi escripto pelo Dr. Francisco Tavares, lente de Medicina, e medico da real camara; sendo por elle dedicado á rainha D. Maria I.

O Dr. Tavares dá noticia das aguas mineraes, simplesmente quentes nativas, gazosas, salinas, e sulfureas, existentes nas differentes provincias do continente do reino e ilha de S. Miguel.

Trata depois das aguas artificiaes. Passa em seguida a occupar-se da escolha da agua que deve servir aos usos da vida; das qualidades que hade ter para reputar-se saudavel; e dos meios de emendar os seus defeitos, para que possa empregar-se sem detrimento da saude. Explica as qualidades da melhor agua; dando noticia da agua da chuva, neve derretida, agua de cisternas, de fontes, de rios, de poços, de lagôas e de paues; e ensina a purificar as aguas.

De tudo dá noticias muito curiosas, acompanhadas de conselhos muito interessantes.

No prologo dizia o Dr. Francisco Tavares:

«Portugal é talvez o paiz da Europa, aonde proporcionalmente á extensão do seu territorio ha maior quantidade de *aguas mineraes*, particularmente de *caldas*, e aonde é mais universalmente ignorada a sua legitima applicação, assim como são muito pouco sabidos os mesmos logares aonde muitas dellas nascem.

«Apenas sobre esta materia temos annunciadas algumas origens na *Chorographia Portugueza*, e muitas mais no *Aquilegio Medicinal*, que o laborioso, erudito e feliz pratico Dr. Francisco da Fonseca Henriques, publicou no anno de 1726, ao qual se remettem, naquellas que mencionaram, o padre João Baptista de Castro no *Mappa de Portugal*, e Cardoso no *Diccionario Geographico*, que não passou da letra C.

«O bom carmelita descalço, *irmão* Fr. Christovão dos Reis, boticario do Carmo em Braga, nas *Reflexões experimentaes methodico-botanicas*, algumas acrescentou ao catalogo das já conhecidas *aguas mineraes* nas tres provincias do Minho, Traz os Montes e Beira: e é tudo isto a quanto se reduz a noticia *historica e medica* das *aguas mineraes* do reino.

«O tempo em que o benemerito auctor do *Aquilegio* emprehendeu aquelle tedioso trabalho, assaz desculpa as faltas, que nelle se encontram, e que não estava da sua parte obviar, entretanto que grande louvor se lhe deve por haver-se abalançado a uma empreza, para a qual então somente o amor dos progressos da *arte* e do bem da humanidade podia dar animo e forças.

«Não succede assim a respeito das *Reflexões*, que tanto tem de *botanicas*, como de *methodicas*; pois apezar de ser impressas no anno de 1779, tempo, em que tantas luzes scientificas se haviam derramado entre nós, nada menos tem do que os conhecimentos, que lhes poderiam conciliar tão pomposo titulo, e menos ainda o de *muito uteis e neces-*

sarios para os professores de medicina e enfermos.

«É comtudo responsavel a sociedade á boa memoria daquelle *irmão*, pelos bons desejos, com que quiz concorrer com seu tal qual talento para bem dos seus semelhantes, sem poupar-se a incriveis fadigas, incommodos, e trabalho, tanto mais consideraveis, quanto emprehendidos sem methodo, sem ordem, e sem necessarias provisões de conhecimentos preliminares, proprios para conduzil-o por veredas seguras.»

Acção de graças—Amanhã, domingo, depois do meio dia, haverá na egreja de S. Bartholomeu, desta cidade, um *Te-Deum*, a grande instrumental, em acção de graças por haverem felizmente escapado da morte sua magestade a rainha e os principes, proximo a Cascaes. Á noute tocará na praça de S. Bartholomeu a philarmonica *Boa-União*.

Esta solemnidade é á custa de varios negociantes e proprietarios da freguezia, os quaes para isso expontaneamente se quotisaram.

Mais acção de graças—Como tinhamos annunciado, celebrou-se na quinta feira, na egreja de Santa Clara, a missa em acção de graças por sua magestade a rainha e os principes.

Foi celebrante o sr. padre Antonio Augusto Coelho, havendo acompanhamento de orgão. Assistiram no coro as religiosas de Santa Clara, e na egreja os mesarios da Rainha Santa, a quem se deve a iniciativa deste acto religioso, e outras pessoas piedosas.

Approvação—O conselho de districto auctorisou a camara municipal desta cidade a contrair um emprestimo de 6:000$000 reis, com o fim de occorrer ás despezas do alargamento do largo da Portagem e á conclusão das obras de defeza da cidade, contra as inundações do Mondego.

Cadeia districtal—A camara municipal desta cidade foi consultada pelo ministerio das justiças sobre varios quesitos com referencia á construcção de um edificio para cadeja districtal.

A camara deu o seu parecer acerca d'aquelles que não dependiam do exame da planta do edificio, reservando-se informar com respeito aos outros, logo que aquella lhe for enviada.

Doença—O nosso prezado amigo o sr. padre Manoel Marques Pereira Ribeiro, conego da Sé de Cabo Verde, tem ultimamente padecido bastante dos seus incommodos. O sr. padre Manoel Marques é muito estimado pelas pessoas que o conhecem, e todos desejam vel-o promptamente livre dos seus padecimentos.

Outras—Egualmente tem estado bastante doentes os srs. Dr. Jacome Luiz Sarmento, Lente Cathedratico da Faculdade de Mathematica; e Dr. João de Sande Magalhães Mexia Salema, Lente de Prima da Faculdade de Direito.

São dois cavalheiros muito respeitaveis, e que merecem toda a consideração publica; pelo que é geral o interesse que ha pelo seu restabelecimento.

Melhoras—Demos ha tempo noticia de se achar muito doente com uma pneumonia, o sr. José Joaquim da Silva, digno mestre da philarmonica *Boa-União*. Podemos agora dizer, que se acha felizmente livre de perigo e em convalescença, com o que muito folgamos.

Bazar de prendas.—Tem logar ámanhã e segunda feira proxima, no Jardim da Manga, o bazar de prendas em beneficio da Associação do sexo feminino, desta cidade.

Para que produza a maxima receita, pedimos para elle toda a benevolencia do publico, a fim de que se dispense toda a protecção, a uma instituição, unica até hoje no seu genero, no nosso paiz.

Expropriação amigavel—O sr. presidente da camara recebeu auctorisação dos seus collegas, para tratar amigavelmente da expropriação da casa do sr. José Fortunato Goes Mendanha, visto que este cidadão manifestara desejos de chegar a um accordo com a vereação.

Despedida.—No logar competente publicamos a despedida que faz o sr. Julio Augusto Rainho, escrivão de fazenda nesta cidade, que foi transferido para Villa Nova de Famalicão. Temos a acrescentar que o sr. Rainho foi sempre muito estimado em Coimbra, em quanto aqui residiu.

Grande distincção SS. MM. os imperadores do Brasil dignaram-se servir de padrinhos ao primeiro filho do sr. conselheiro Mathias de Carvalho e Vasconcellos, representante de Portugal na côrte do Rio de Janeiro.

O afilhado recebeu no baptismo o nome de Pedro de Alcantara. O imperador tem sido solicito em mandar saber da saude da esposa do ministro portuguez, e a imperatriz, que não poude assistir á cerimonia religiosa, por não lho permittir o seu melindroso estado de saude, mandou um primoroso presente á sua comadre.

O baptisado teve logar na capella da quinta da Boa Vista, sendo celebrante o vigario geral do bispado. Foi uma honrosa distincção concedida á nação e governo portuguez, na pessoa do seu illustrado representante no Brasil.

Consulta—Foi mandado consultar o advogado da camara municipal, ácerca do processo a seguir, para que o sr. Augusto Antonio dos Santos, do Senhor dos Afflictos, seja compellido a dar serventia publica a volta das Calçadas, por dentro do seu olival, ao que se obrigou por termo na secretaria da camara.

Suicidio.—O correio de Lisboa acaba de nos trazer a mais lamentavel noticia. O sr. Affonso Mexia de Magalhães, filho do sr. Dr. João de Sande Magalhães Mexia Salema, suicidou-se na hospedaria da Bella Estrella, com uma navalha de barba!

Assim acabou um mancebo em quem seus infelizes paes depositavam tantas esperanças!

ANNUNCIOS

EXPEDIENTE

ROGAMOS aos srs. assignantes do *Conimbricense*, que estão em debito das suas assignaturas, o especial obsequio de nos enviarem a sua importancia, o que desde já muito lhes agradecemos.

1 A QUEDA DE UM ANJO, romance original, por Camillo Castello Branco.

Assigna-se na livraria de Severo & Irmão. Neste estabelecimento se vendem objectos para desenho, e escriptorio.

Lições de francez a 1$600 reis por mez. — Leitura e traducção.

2 NESTA REDACÇÃO se diz quem é o leccionista.

3 MANOEL D'ARRIAGA abriu no dia 15 do corrente os cursos das linguas franceza e ingleza. As pessoas que os quizerem frequentar podem procural-o em sua casa, na rua do Salvador, n.° 8.

BANCO COMMERCIAL DE VIANNA

4 TENDO DE SUBSTITUIR-SE em muito breve prazo os titulos provisorios das acções deste banco pelas acções definitivas, a direcção convida os srs. accionistas a declararem por escripto qual é o numero do titulo provisorio que possuem, quantas acções representa e em que nome querem lhes sejam passadas. Estas declarações devem ser dirigidas até o dia 31 do corrente impreterivelmente, á direcção do Banco de Vianna, ou á Caixa Filial de Coimbra, ou aos agentes do mesmo no Porto e Braga.

Vianna do Castello 16 d'Outubro de 1873.

Os directores,
Antonio Alberto da Rocha Paris.
José Antonio Loureiro.

DESPEDIDA

5 JULIO A. RAINHO, penhoradissimo pelos muitos obsequios que recebeu de todas as pessoas desta cidade e concelho, durante o pouco tempo que aqui residiu, não lhe sendo possivel agradecel-os pessoalmente, como desejava, fal-o por este meio, offerecendo o seu limitadissimo prestimo em Villa Nova de Famalicão, para onde foi transferido.

Coimbra, 18 d'outubro de 1873.



ANTONIO DIAS THEMIDO

56—Rua dos Sapateiros—60

COIMBRA

6 PREMIADO na exposição districtal, e na de Vienna de Austria com medalha de progresso, participa aos seus amigos e freguezes, que tem no seu estabelecimento de mercearia, licores de diversas qualidades, aguardente e genebra, cognac de primeira qualidade, que vende por preços commodos.

Tambem se encarrega de todas as encommendas que lhe sejam feitas de fóra para tornar a vender, dando percentagem na quantidade que lhe comprem.

7 NO BECCO DA ANARDA, n.° 21, lecciona-se instrucção primaria, francez, inglez, latim, logica e historia, por preços commodos.

AGRADECIMENTO

8 PADRE Miguel Antonio de Brito e seu irmão Francisco Maria de Brito, da Chamusca de Lagos da Beira, summamente penhorados a todas as pessoas que os acompanharam nos dolorosos sentimentos pela infausta noticia da morte de seu sempre chorado irmão, padre Albino de Brito Arraes, no imperio do Brasil, lhes agradecem desta forma em quanto o não fazem pessoalmente, e em especial ao mui reverendo clero que assistiu ao seu funeral, protestando a todos eterno reconhecimento.

CAIXEIRO

9 PRECISA-SE de um com pratica de tabacos, com ordenado e sem elle. Praça de S. Bartholomeu, 12-13.

10 EMYGDIO FERRAZ DE CARVALHO, com loja de calçado na rua do Infante D. Augusto, n.os 12 a 20, vende e faz toda a qualidade de calçado, tanto para homem, como para senhora. Tem couro inglez e da Russia frizado, e solas de guta-percha para calçado de inverno.

Tem uma prensa aonde friza toda a qualidade de cabedal, por maior que seja a sua grossura. Ponteia á machina toda a obra, e tudo por preços razoaveis.

Recebe officiaes a quem pagará bem o merecimento do seu trabalho.

11 QUEIJO FLAMENGO—passas de Malaga—rainha Claudia—passa de figo de superior qualidade e em caixas de differentes tamanhos, chegaram ao armazem de viveres de **Manoel da Silva Gonzaga**—51, Sophia, 56—casa de azulejo.

No mesmo armazem se continua a vender stearina de 4, 5, e 6 velas, a 140 rs. cada pacote—stearina para carruagem—mostarda franceza preparada em frascos—dita ingleza em pó—farinha maizene para pudins—sal refinado em pacotes—conserva ingleza—pacotes de sopa Juliana—sardinhas de Nantes—superior vinho Xerez—dito do Porto—dito moscatel Setubal—genebra hollandeza.

12 O DR. JULIO DE VILHENA tem o seu escriptorio de advogado na Couraça de Lisboa, n.° 9.

13 VENDE-SE um bilhar com todos os seus utensilios. Na Sé Velha, n.° 2, se diz.

CONVITE

14 CELEBRANDO-SE no domingo 19 do corrente, na egreja de S. Bartholomeu, um solemne *Te-Deum*, a expensas de alguns individuos da classe commercial da mesma freguezia, em acção de graças por se haverem salvo S.M. a rainha e os principes, do perigo a que estiveram expostos; e tendo-se resolvido não fazer convite algum especial para este acto; convidam-se por este meio todas as pessoas que a elle queiram assistir, a comparecerem na referida egreja no dia mencionado, pelo meio dia.

15 ANTONIO MARIA DE SENNA abre as suas aulas de Mathematica elementar no dia 15 do corrente, na Couraça de Lisboa, n.° 22. Paga adiantada.

16 VENDE-SE para pagamento de divida, a casa da rua do Loureiro, n.° 55 e 57; e trata-se na rua do Corvo, n.° 54.

17 NA RUA DAS COVAS, n.° 9, recebem-se estudantes por preços commodos.

LECCIONISTA

18 C. A. SIMÕES, estudante de sciencias naturaes, continua a leccionar geometria plana e desenho (1.ª e 2.ª parte) em sua casa no Largo da Feira, n.° 24. Tambem se promptifica a leccionar em casas particulares.

COMMISSARIO NA FOZ-DÃO

19 COMO já annunciou em o n.° 2:585 deste jornal, Manoel José Pedro de Mesquita, continua recebendo commissões neste porto, com o maior desempenho desejavel. Alem de garantido por seu pae José Pedro (Velho), por sua pessoa e bens, offerece mais abonações se tanto forem precisas.

20 JOSÉ EDUARDO FERREIRA DE CARVALHO, estudante do 2.° anno do curso pharmaceutico, continua a habilitar alumnos para os exames de instrucção primaria, portuguez e francez, em sua casa, rua das Covas, n.° 9. Tambem se promptifica a ir dar lições das mesmas disciplinas a casas particulares.

21 JOSÉ MARIA DA SILVA TORRES, bacharel Agostinho Rodrigues d'Andrade, Bernardino M. Pinto e Antonio Augusto Gonçalves Neves, abrem no dia 3 de Novembro, os cursos de instrucção primaria, francez, portuguez (curso completo), latim (1.ª parte e curso completo), e desenho. Edificio da Estação Telegraphica.

NUMERO 2738 — TERÇA FEIRA 21 DE OUTUBRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Já não é licito duvidar do excellente resultado, que o actual governo tem obtido com as suas medidas inteiramente favoraveis ao bom regimen governativo e aos interesses economicos da nação.

Pouco mais de dois annos são decorridos, depois que o governo regenerador subiu ao poder. Cercado de difficuldades e embaraços, que tolhiam toda a acção dos poderes publicos, e que os partidos opposicionistas não tinham podido debellar, operou elle uma completa mudança em toda a ordem de interesses, economicos e administrativos.

E tão palpavel é este estado de prosperidade publica, reconhecido pelos povos e patenteado pelo influxo do bem estar, transmittido a toda a machina social, pelo desejo de robustecer as forças da actividade fecundante na iniciativa publica, que a opposição, feroz e implacavel, como a principio se levantou aos actos do governo, jaz hoje ahi alquebrada, e exhausta de todas as forças, na peleja ingloria, se não ignobil das suas ambições.

Esteve o paiz por muitos annos entregue aos vendavaes da politica insubordinada dos corrilhos, e a nau do estado fluctuava sem rumo, nem pilotos, á mercê da sorte.

Tomando o actual governo a gerencia dos negocios publicos, mudaram completamente as circumstancias do paiz.

As finanças organisaram-se de modo a assegurar a todos os governos e a todos os partidos, uma administração livre das difficuldades que mais costumam embaraçar a acção dos poderes do estado. E os resultados dessa organisação, operada em curto periodo, tem correspondido cabalmente aos bons desejos do governo e aos interesses geraes da nação.

E não é sómente da iniciativa do governo, que ahi estamos vendo desenvolver-se vastos planos de melhoramentos, pelos quaes se revela não só a prosperidade em que se encontram as fontes de receita publica, mas ainda a confiança, que as medidas adoptadas pelo governo, estão inspirando á industria, ao commercio, e á agricultura.

Com as acertadas providencias do governo nas operações do thesouro, com a paz que felizmente desfructamos, com o respeito á lei e ás instituições que o gabinete tem feito manter, não póde duvidar-se que caminhamos para um periodo auspicioso.

E' evidente, que augmentando a riqueza particular, crescem e avultam os recursos do estado, que vão habilitando o governo a novos e mais audazes commettimentos, no interesse geral da nação.

Carece o paiz de grandes e profundas reformas nos serviços do estado, para que estes correspondam aos fins da sua verdadeira instituição.

E o governo actual reconhece estas grandes necessidades, e em realisal-as põe todo o seu empenho.

A reforma da instrucção publica, principalmente a primaria, precisa de um pessoal habilitado e dignamente remunerado. A segurança e a policia das povoações; a dotação do clero, a organisação dos tribunaes judiciaes, a viação, a salubridade publica, etc., taes são os assumptos que mais preoccupam o animo esclarecido dos cavalheiros que dignamente superintendem os negocios do estado.

O governo prepara os meios de dar impulso a estas e outras medidas, altamente reclamadas pelas necessidades publicas, e pela opinião illustrada do paiz; e é por isso que elle, como questão previa, tem posto todo o seu cuidado na organisação da fazenda, e no desenvolvimento da prosperidade commum.

Conseguiu o governo já bastante neste sentido, e grande serviço prestou ao paiz. Prosegue elle agora no seu mui louvavel desejo de attender a outras necessidades de incontestavel conveniencia.

O paiz reconhece isto. São estes os factos, e a opposição que os não póde destruir, estuda os meios de os desfigurar.

Muitos membros da classe commercial da freguezia de S. Bartholomeu, desta cidade, deram no domingo mais um documento solemne do seu acrisolado amor á actual dynastia.

A noticia do perigo que haviam corrido sua magestade a rainha a senhora D. Maria Pia, e os augustos principes seus filhos; commoveu a todos os cidadãos liberaes, que viam quanto podia ser fatal para o reino semelhante acontecimento.

Felizmente dignou-se a Providencia livrar Portugal dessa grande desgraça, e por isso quizeram os mencionados cidadãos, render as graças ao Todo Poderoso por tão assignalado beneficio.

Na egreja de S. Bartholomeu se cantou no domingo um solemne *Te-Deum* a grande instrumental. A musica era do sr. conego Antonio Xavier de Sousa Monteiro, e foi regida pelo sr. José Maria Casemiro.

Officiou o reverendo prior da freguezia o sr. padre Manoel Joaquim de Castro; e alem dos dois acolytos, faziam mais a assistencia seis sacerdotes.

Todo o acto religioso foi feito com muita pompa; e assistiu a elle um numeroso concurso de pessoas de todas as classes.

A' noute foi a philarmonica *Boa-União* tocar na praça de S. Bartholomeu, subindo nos intervallos ao ar uma quantidade extraordinaria de fogo.

Esta manifestação dada pela classe commercial da referida freguezia, tem o merecimento de ser expontanea, e só devida aos sentimentos liberaes e dynasticos que animam aquelles cidadãos.

A illustrada vereação municipal desta cidade, dirigiu a suas magestades uma felicitação, por haver a Providencia livrado sua magestade a rainha e seus augustos filhos, do grave risco que correram proximo de Cascaes.

A camara interpretou dignamente os sentimentos deste bom povo de Coimbra.

NOTICIARIO

Queixas de um miguelista em Londres.—Não foram só os liberaes que fizeram publicações durante a emigração; tambem muitos partidarios de D. Miguel sairam a publico no estrangeiro, defendendo a sua causa.

De uma destas publicações, temos a segun-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCV

D. CARLOS

LV

O quartel general carlista se alojou no dia 13 de Junho de 1837, suffocado do calor, em Biosca, e parte dos corpos acamparam em Castellfollit e seus prados.

Pernoutou D. Carlos no santuario do Milagro, e ouvida a missa na sua formosa egreja, marchou a Solsona, que era um eloquente testemunho dos horrores da guerra, com as duas terças partes das casas queimadas, e as de ruas inteiras fechadas por as terem abandonado os liberaes.

Em Solsona se apresentou D. Benito Tristany, a quem D. Carlos elevou a marechal de campo, deixando-o ao seu lado, durante a permanencia no principado, assim como o coronel Galceran, conhecedor do terreno.

Quilez, inimisado sempre com Cabrera, e que como dissemos, dirigia a cavallaria do exercito expedicionario, estava indignado do procedimento dos catalães; e por isso no dia 17, dirigiu de Pons uma proclamação aos seus concidadãos, os aragonezes, na qual, deixando-se levar de seus imprudentes arrebatamentos, e impellido mais pela paixão, que pela conveniencia, depois de recordar os serviços que havia prestado á causa de D. Carlos e os resultados que esperava obter pelo bisarro comportamento de seus companheiros e paizanos no tempo que estiveram ás suas ordens; dizia entre outras cousas:—«Estendei uma vista sobre o nosso paiz, e comparae o seu ruinoso estado com o florente que tinha antes de sujeitar-se ao capricho desse homem feroz, desse barbaro, deshonra dos carlistas, desse Cabrera, assassino tão cruel como com escravos, até privar-vos de chefes aragonezes, bisarros, instruidos, amantes da sua patria, e como nenhuns amigos do rei e da egreja...... Preciso é pois que o abandoneis, pedindo ao rei nosso senhor, que vos dê chefes mais dignos de mandar-vos, resolvidos a defender os seus soberanos direitos e com prestigio no Aragão. Para o conseguir contae com o meu apoio, persuadidos de que pelo perigo em que vos considero, e pelo amor que vos professo, vos dirigi esta manifestação demasiado interessante á vossa segurança, á vossa terra e para a felicidade da vossa provincia e victoria do throno e do altar.—No campo de Pons a 17 de Junho de 1837.—O marechal de campo, *Joaquim Quilez.*»

Depois de 5 dias crueis levantou-se o campo no dia 19, e o desfalecido e não muito ordenado exercito marchou por Azu a Suria, onde pernoutou, soffrendo grande escassez.

Por ordem do general Moreno foi o brigadeiro Perez de las Vaccas, com a divisão catalã do seu commando, sitiar o povo fortificado de S. Pedro. A bravura dos sitiados fez com que os carlistas, apesar dos maiores esforços, tivessem de levantar o cerco.

Foi marchando a expedição, até que, protegida por Cabrera, passou o Ebro, no dia 29, com grande enthusiasmo de todos os carlistas, sem que nem ao menos Borso di Carminati molestasse a retaguarda da expedição. Esta continuava embaraçada com a gente inutil que a seguia, o que fez dizer a Cabrera:

—Para cair sobre Madrid, é necessario aproveitar a inacção e aturdimento dos inimigos, e andar noute e dia. O que não poder seguir a marcha da expedição, poderá ficar em Cantavieja. Eu sei o estado da côrte, e tenho alli confidentes, que pela sua posição estão bem inteirados de quanto occorre, por mais reservado que seja; sei os elementos com que contam para resistir ao nosso accommettimento; sei que em Madrid se tem alarmado com a passagem do Ebro; porem tambem sei que não basta correr, senão que é preciso voar.

da edição, feita em Londres em 1832, com o titulo de—*Algumas palavras em resposta ao que certas pessoas tem dito e avançado acerca do governo portuguez, com algumas observações, tanto a respeito do estado actual de Portugal e da Europa como da extravagante e inesperada conducta do governo inglez para com Portugal.—Segunda edição, corrigida e augmentada de um apendice, que contem observações e factos relativos aos acontecimentos succedidos depois da primeira edição.*

O auctor desta publicação não se contentava de atacar violentamente o partido liberal; levava o seu zelo a ponto de se queixar dos erros commettidos pelo governo de D. Miguel, e que, segundo elle, tinham prejudicado a causa miguelista.

Transcrevemos aqui algumas dessas queixas, a que addicionaremos varias observações.

Diz elle:

«Deitando os olhos para os acontecimentos desde a chegada de el-rei a Portugal, ver-se-ha que uma mão occulta e traidora não tem cuidado senão em reduzir a nação á anarchia, ou submettel-a á facção de 1827.

«Primeiramente: em logar de se ter tirado da missão de Londres, Pedro de Sousa, conservaram-o, consentindo que elle com o dinheiro do estado estivesse atraiçoando o mesmo estado.»

O auctor deste folheto bem devia saber a razão, por que D. Miguel não demittiu, logo que chegou a Portugal em 22 de Fevereiro de 1828, o sr. D. Pedro de Sousa Holstein, marquez de Palmella, do cargo de ministro de Portugal em Londres. Isso daria muito na vista, e o seu intento era ir pouco a pouco preparando o terreno para se apoderar do throno.

Assim se explica o seu juramento á Carta e á rainha, por elle prestado perante as côrtes. Só quando julgou a occasião opportuna, é que se deliberou a proceder claramente.

E' por isso que conservou o sr. marquez de Palmella como ministro em Londres. Este diplomata, não esperou, porem, que D. Miguel o demittisse; foi elle o proprio que protestou em Londres contra a usurpação daquelle principe, logo que lhe constou, pelo celebre decreto de 3 de Maio de 1828, que elle convocara os chamados tres estados, para *reconhecerem a applicação de graves pontos de direito portuguez.*

O auctor do folheto inverteu a ordem dos factos. Queixa-se do governo de D. Miguel ter consentido que o sr. marquez de Palmella estivesse com o dinheiro do estado atraiçoando o mesmo estado.

Quando aquelle illustre diplomatico, a quem a causa da Carta e da dynastia liberal deve os mais relevantes serviços, lançou mão do dinheiro proveniente da divida do Brasil a Portugal, foi para com elle sustentar os emigrados liberaes, que victimas da sua lealdade ao throno legitimo, tiveram de sair do reino em Julho de 1828, para escaparem á infausta sorte a que se sujeitaram os liberaes que ficaram em Portugal.

Não estava, portanto, na mão do governo de D. Miguel, que o sr. marquez de Palmella, fizesse, ou deixasse de fazer servir esse dinheiro, em beneficio da causa liberal; porque já nessa epocha elle não reconhecia, nem obedecia aquelle intruso governo.

Prosegue o auctor do folheto:

«Segundo: tomando-se providencias na côrte acerca de pôr, e depôr chefes para os corpos de linha, se não fez isto nas provincias e no ultramar, o que se deveria ter feito ao mesmo tempo, com que se evitaria o que succedeu nas provincias, sublevarem-se os chefes, sublevarem-se os corpos, e no ultramar verificar-se o que se viu na Madeira e na Terceira.»

O motivo é o mesmo que já apontamos. D. Miguel principiou gradualmente a demittir os commandantes dos corpos em quem não tinha confiança. Receava declarar-se com franqueza de mais, se os demittisse a todos em um só dia; e mesmo porque temia que um acto tão franco, e irritante, fizesse rapidamente sublevar o exercito. Não o evitou, porem, nem de uma, nem de outra forma.

Continua mais o folheto:

«Terceiro: nomearam-se para as côrtes as mais preponderantes da Europa, pessoas senão incapazes, nullas; e isto só porque se queria empregar amigos e parentes! e na maior parte das outras côrtes agentes e creaturas de Pedro de Sousa, até mesmo o que lavrou os avisos e decretos a bordo da nau Windsor Castle, contra o sr. D. Miguel. Eis a razão de se terem passado tres annos e se não ter reconhecido el-rei; mas terem os taes agentes complicado as negociações ao ponto que se tem visto de nos virem aqui açoutar e roubar o mais impunemente.»

Os chefes do partido miguelista, que agradeçam o elogio ao auctor do folheto!

De modo que já não mereciam confiança os agentes de D. Miguel, como por exemplo o visconde d'Asseca e Antonio Ribeiro Saraiva em Londres, Joaquim Severino Gomes em Madrid, o conde de Oriola em Berlim, o marquez de Lavradio em Roma, o qual ainda vive, e outros agentes, decididos e infatigaveis partidarios daquelle principe, como por exemplo Rafael da Cruz Guerreiro, J. Basilio Rademaker, e o barão de Villa Secca.

Como haviam elles de conseguir, que os governos das differentes nações da Europa reconhecessem a D. Miguel, se todos, ou quasi todos haviam reconhecido em 1826 a D. Pedro IV, como legitimo herdeiro do throno portuguez?

Bem diligencias fizeram os agentes de D. Miguel para que esses governos se retratassem; mas nunca o poderam conseguir.

Prosegue mais o folheto:

«Quarto: na tomada da Madeira, assim como na expedição ao Porto, deixar-se sahir da Madeira e do Porto os chefes a são e salvo, até carregados com os roubos que fizeram.»

Esta não é má! Pois quem havia de impedir que os chefes liberaes sahissem do Porto, antes d'alli entrar o general Povoas com o exercito miguelista? Uns tinham sahido para Inglaterra a bordo do vapor *Belfast*, e outros, acompanhando as forças liberaes para a Galliza. Alguns poucos, que cahiram na imprudencia de ficar em Portugal, pagaram caro essa confiança; uns perdendo a vida na forca, e outros jazendo seis annos em horrorosas prisões, como aconteceu, por exemplo, ao sr. Jeronymo Pereira de Vasconcellos, então coronel, e hoje visconde da Ponte da Barca.

Diz mais o folheto:

«Quinto: nomear-se para commandar a expedição para a Terceira um coronel, só porque o quiz assim um *figurão*, que dizia outro tempo: *Carta e mais Carta*. Nomeando-se de mais a mais um outro tal conhecido por grande compadre do ex imperador.»

Ora esse coronel, era nada menos do que José Antonio de Azevedo e Lemos, aquelle mesmo que acompanhou como ultimo commandante do exercito, a D. Miguel até Evora, e em Evora Monte assignou a convenção de 26 de Maio de 1834. Tambem este não merecia confiança?

Confessem que a ilha Terceira foi salva, pela bravura inexcedivel do regimento dos Voluntarios da Rainha e mais forças liberaes, commandadas pelo nobre conde de Villa Flor.

Em 1829, publicou-se em Lisboa anonyma, mas que evidentemente é escripta pelo referido José Antonio de Azevedo e Lemos, a —*Relação das operações militares da expedição, que desairo do commando do chefe de esquadra da armada real, José Joaquim da Rosa Coelho, foi mandada aos Açores, para bater os rebeldes na ilha Terceira.*—Azevedo e Lemos, que ia encarregado da parte militar da expedição, trata nesta publicação de afastar de si a responsabilidade do desastre que ella soffreu, não deixando bem parados o chefe de esquadra Rosa Coelho, e o vice almirante Prego.

Continua o auctor do folheto dizendo:

«Sexto: entrar na Terceira, apezar de um bloqueio, todo o patife que queria entrar: assim succedeu ao ex-Palmella, ao ex-Villa Flor: em fim a toda a sucia! E será isto casualidade? E' muita casualidade; e plano arranjado! Se não tem dado já cabo este plano da nossa monarchia e d'el rei, é devido isto a meia duzia de chefes e á boa disposição da maioria da nação e da tropa, que não quer senão el-rei.»

Ao auctor do folheto já lhe parecia pouco, que o governo inglez tivesse mandado o commodoro Guilherme Walpole, impedir o desembarque do conde de Saldanha e de grande numero de emigrados, na ilha Terceira; attentado praticado no dia 16 de Janeiro de 1829, e que obrigou os emigrados a irem para França.

Aqui temos á vista o folheto impresso em Brest em 1829, com o titulo de—*Desembarque do conde de Saldanha na ilha Terceira, impedido pela marinha ingleza.* — Nessa publicação, devida a Rodrigo Pinto Pisarro, que depois foi barão da Ribeira de Sabrosa, e por elle datada de Brest em 31 de Janeiro do referido anno de 1829, narra elle todas as circumstancias daquella prepotencia do governo inglez e da sua marinha de guerra, para com os emigrados liberaes portuguezes.

Ahi vem os officios trocados entre o commodoro Walpole, a bordo do navio inglez *Ranger*, e o conde de Saldanha, a bordo do brigue inglez *Susana*; assim, como o protesto dos emigrados, feito a bordo do mesmo brigue *Susana*, no mencionado dia 16 de Janeiro. E se nos não enganamos, já hoje não são vivos, de todos os que no mar assignaram aquelle protesto, senão o sr. conde, hoje duque de Saldanha, o sr. conselheiro Joaquim Antonio de Aguiar, e o sr. D. Antonio José de Mello.

Diz mais o folheto:

«Setimo: acharem-se administrando cá por fora o dinheiro do estado, pessoas que o applicam para o que muito querem, recusando-o para commissões que sabem e conhecem serem do maior serviço a el-rei e ao estado.»

Esta agora é pesada! Um defensor de D. Miguel, a dizer que os agentes do mesmo principe no estrangeiro, applicavam o dinheiro para o que bem queriam, desviando-o do maior serviço do rei e do estado! Que grande elogio para os taes agentes do altar e do throno! Isto é lá com elles.

Vamos terminar, transcrevendo mais do folheto o seguinte:

«E em fim a maior prova que tudo está minado e solapado, é que até este opusculo, que não contem senão expressões e ideias em defeza d'el-rei e da nação, foi prohibido; isto é, fez-se a pantomima de o prohibirem, quando não havia já um só a vender.

«Quem deu esta ordem foi um certo intendente, que Deus haja? o qual, dizem, fora mandado por auctoridade superior. Não me quero persuadir que isto fosse ordem de sua magestade, mas sim de alguem que pretexou o que muito lhe pareceu, porque lhe doiam as mataduras.»

Queixa-se o auctor do folheto, de que as auctoridades de D. Miguel lhe prohibissem em Portugal a venda da primeira edição delle. Pois foi muito bem feito!

Já que era tão extrenuo defensor do governo absoluto, era para conhecer praticamente uma das suas bellezas.

D. Francisco de Lemos e Fr. Joaquim de Santa Clara—Sabendo o bispo de Coimbra, D. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, que o marquez de Pombal havia fallecido, no dia 8 de Maio de 1782, partiu logo para Pombal, levando comsigo os conegos e beneficiados da sé cathedral, a musica da sua capella, e os paramentos necessarios para ir fazer as exequias ao grande ministro.

Não lhe serviu de impedimento o ver que esse acto não podia ser agradavel á côrte de D. Maria I, pois que o illustre marquez havia incorrido no desagrado do novo governo, e tinha sido desterrado para 20 leguas a distancia de Lisboa. D. Francisco de Lemos lembrou-se só de que tudo quanto era e toda a sua elevada posição social a devia aquelle seu desvelado protector.

De Pombal escreveu D. Francisco de Lemos para Coimbra ao sabio benedictino Fr. Joaquim de Santa Clara, para que fosse pregar nas exequias do marquez; mas Fr. Joaquim de Santa Clara, aterrado pelo compromettimento em que ia ficar com semelhante acto, respondeu a D. Francisco de Lemos, manifestando-lhe o receio que tinha.

Immediatamente escreve outra vez D. Francisco de Lemos a Fr. Joaquim de Santa Clara, determinando-lhe que apezar de tudo, se dirigisse para aquella villa.

Chegando a Pombal, Fr. Joaquim de Santa Clara, e no acto de ajoelhar para beijar a mão ao prelado conimbricense, lhe perguntou este —porque tinha duvidado? Ao que Fr. Joaquim de Santa Clara lhe respondeu:—*Domine, salva nos, perimus.* E D. Francisco de Lemos, levantando-o, lhe replicou:—*Quid timidi estis, modacei fidei?*

Estas conceituosos palavras, são de Jesus Christo e dos seus discipulos, no bem conhecido logar do capitulo VIII de S. Matheus, versiculos 23 a 27:

«E entrando elle n'uma barca o seguiram seus discipulos:

«E eis que sobreveiu no mar uma grande tempestade, de modo que a barca se cobria das ondas, e entretanto elle dormia.

«Então se chegaram a elle seus discipulos, e o acordaram, dizendo: *Senhor, salva-nos, que perecemos.*

«E Jesus lhes disse: *Porque temeis, homens de pouca fé?* E levantando-se, poz preceito ao mar e aos ventos, e logo se seguiu uma grande bonança.

«E os homens se admiraram, dizendo: Quem é este, que os ventos e o mar lhe obedecem?»

Fr. Joaquim de Santa Clara pregou, com effeito, nas exequias do marquez de Pombal, o sermão, que já publicamos em os n.os 2540 e 2541 do *Conimbricense*, de 28 de Novembro e 2 de Dezembro de 1871.

Valeu esse sermão ao illustrado benedictino, as duvidas e embaraços que a curia romana poz á sua confirmação, quando no anno de 1816 foi eleito pelo governo portuguez, arcebispo d'Evora.

Como remate desta noticia aqui publicamos um interessante epitaphio, feito para ser posto no tumulo do marquez de Pombal.

Aqui jaz
Sebastião José de Carvalho e Mello,
Marquez de Pombal,
Ministro e Secretario de Estado
De D. José I,
Rei de Portugal;
O qual reedificou Lisboa,
Animou a Agricultura,
Estabeleceu as Fabricas,
Restaurou as Sciencias,
Estabeleceu as Leis,
Reprimiu o Vicio,
Recompensou a Virtude,
Desmascarou a Hypocrisia,
Desterrou o Fanatismo,
Regulou o Thesouro Real,
Fez respeitada a Soberana Authoridade:
Cheio de Gloria,
Coroado de Louros,
Opprimido pela calumnia,
Louvado pelas Nações Estrangeiras:
Como Richelieu
Sublime em projectos,
Egual a Sully na vida, e na morte:
Grande na prosperidade,
Superior na adversidade,
Como Philosopho,
Como Heroe,
Como Christão
Passou á eternidade
No anno de 1782,
Aos 83 da sua edade,
E no 27 da sua administração.

Satyras.—Quando os francezes do exercito de Junot entraram em Lisboa no dia 30 de Novembro de 1807, causou o seu aspecto uma grande decepção nos habitantes da cidade.

Esperavam que o exercito, pomposamente chamado da Gironda, fosse composto de tropas aguerridas, e de ar marcial; mas ficaram todos admirados em ver que eram pouco mais do que um bando de recrutas, pessimamente vestidos e quasi descalços, em consequencia das marchas forçadas que tinham feito atravez da Hespanha e Portugal.

Foi isso o que motivou o seguinte soneto, com o titulo de—*Retrato de um soldado francez:*

Um homem com cabeça de donato,
Tendo por barretina uma caneca,
Olhos gaseos, bocca de alforreca,
O pescoço estendido como gato;

Borjaca suja e rota por ornato;
Calça de brim, na perna nua e secca;
Espada que andou por seca e meca,
Os dedos quasi fóra do sapato;

Uma pelle de cabra sobre o lombo,
Cabacinha, panella e caçarola,
Espingarda que leva muito tombo:

Eis um guerreiro da franceza escola,
Agudo em manhas, em juizo rombo,
Que outro deus não tem que a passarola.

Depois da batalha da Roliça, espalharam-se em Lisboa as seguintes decimas, mettendo a ridiculo o general Junot.

1.ª

Que é isto meu general,
Em casa tão caladinho!
Levantada a Beira e Minho
Sem haver um edital!
Teu exercito imperial
Por ti chora e já tardas,
E tu aqui te alapardas,
Não vaes ter com os insurgidos!
Vê que os meninos perdidos
Te tem posto em calças pardas!

2.ª

Vi com os olhos magoados
Nestas francezas bisarmas,
De Camões um verso—as armas—
E os varões, assignalados.
De França vieram marcados:
Dois delles eram manetas;
Era calvo o das gazetas,
Delaborde, enfermo e pisco,
O Junot trazia um risco;
Faltou vir um com muletas.

Hymno patriotico.—A musica do *Hymno patriotico*, feito ao terminar a guerra peninsular, foi do celebre compositor portuguez, Marcos Portugal. Este *hymno* era muito popular, e felizmente era cantado em tempo em que a nação não estava dividida em partidos.

A letra do *hymno* era a seguinte:

Eis principe excelso
Os votos sagrados;
Os lusos honrados
Vem livres fazer.

Por vós, pela patria,
O sangue daremos;
Por gloria só temos,
Vencer ou morrer.

Ao mar vós destes
A bem dos vassallos,
Jurando livral-os
Do impio poder.

Por vós, pela patria,
O sangue daremos;
Por gloria só temos,
Vencer, ou morrer.

Eleições municipaes—O conselho de districto marcou o dia 16 de Novembro para a eleição das camaras municipaes deste districto.

Visita e regresso—Hontem regressou desta cidade a Lisboa o sr. conselheiro José Tavares de Macedo, que viera com a sua familia visitar Coimbra, e a famosa matta do Bussaco.

S. ex.ª, pela sua probidade e intelligencia, e não menos pela sua modestia, é um homem notavel e bem conhecido em Lisboa. Socio effectivo da Academia Real das Sciencias, tendo já sido deputado da nação varias vezes, occupa um alto logar na secretaria da marinha, sendo chefe da direcção dos negocios do ultramar.

Vae muito agradado da nossa bella cidade, e foi cumprimentado por muitas pessoas de distincção, notando-se entre ellas o exm.º sr. arcebispo de Gôa, que rarissimas vezes sae da sua residencia na quinta de Santa Monica, proxima a Cellas.

Consta-nos que o sr. Tavares de Macedo vira e admirara minuciosamente as coisas mais notaveis de Coimbra, e que em differentes livrarias procurara muitas curiosidades litterarias, que infelizmente em grande parte não podera encontrar.

Largo da Portagem.—A camara municipal já ajustou a compra das casas do sr. Goes Mendonha, para serem demolidas. Foi pelo preço de 1:800$000 rs.

Está, portanto, resolvida amigavelmente a questão, e facilitada a continuação do alargamento daquelle local.

Paço episcopal—O correspondente do *Commercio do Porto*, diz em o ultimo numero deste jornal que, segundo consta, vão brevemente começar as obras do novo paço episcopal, em Sant'Anna, desta cidade de Coimbra, cujas obras estão orçadas em 32:500$ reis.

Folgamos que tal ideia se realise. O actual paço é indecoroso pelo estado em que se encontra.

Deposito de modas—Visitamos o deposito de modas dos srs. Nuno Machado & C.ª, de Lisboa, na rua da Calçada, antiga casa do sr. Barbosa.

As nossas patricias já sabem qual o bom gosto e a mais apurada delicadeza em todos os objectos que vende. Hoje que esta casa de modas tem tido consideravel desenvolvimento, pois os seus *ateliers* são habilmente dirigidos:—o de chapeus por Madamoiselle Marie Mesloy, ex-directora da casa de Virot, 67, rua da Paz em Pariz, a principal em chapeus; e o de *confecções* por Madamoiselle Louise Pommier; aconselhamos a todas, que se vão surtir para a proxima estação. Os preços são os mais modicos.

A terra enriquecida pelo mar—É geralmente sabido, que o oceano todos os dias recebe com o tributo das aguas dos rios, riquissimos depositos de preciosos adubos. Está calculado, que um só rio de França, o *Durance*, transporta para o mar no espaço d'um anno 11 milhões de metros cubicos de lodo, que contem tanto azote assimilavel como 100 mil tonelladas de guano, e tanto carbonio, como o de uma floresta de 10 mil hectares d'extensão.

É por tanto muito conveniente aproveitar as plantas e animaes marinhos, para reparar as perdas enormes que os continentes todos os dias experimentam. No littoral de muitos paizes faz-se grande colheita de plantas da familia das *algas*, e com o emprego deste estrume vegetal augmenta extraordinariamente a fertilidade da terra. Em muitas regiões emprega-se exclusivamente este adubo, utilisando os estrumes do gado depois de seccos para combustiveis.

Em França, a parte da Bretanha mais proxima do mar, deve a este processo a grande riqueza dos seus terrenos, que faz um verdadeiro contraste com a pobreza de outras zonas mais interiores. No primeiro kilometro visinho do littoral, a terra produz 8 e 10 vezes mais que a 5 kilometros de distancia.

Em Portugal temos um exemplo interessante nos campos da ria de Aveiro. O *moliço* é um precioso adubo vegetal, formado por varias especies de *algas*, que nascem e vegetam abundantemente no fundo das aguas salgadas. Está calculado, que em cada anno se colhe na ria de Aveiro uma quantidade tal destes despojos vegetaes, que chega para carregar 200:000 barcos! Cada barco de *moliço* não vale menos de 1$000 a 1$500 reis. Vale por tanto 200 a 250 contos de reis o estrume tirado em cada anno do fundo da ria.

Por estes factos explica-se satisfatoriamente a grande fertilidade de que são dotados os terrenos areentos desta região, e que se traduz todos os annos por copiosa producção de cereaes, de legumes, de prados, de batatas, e outros productos.

Bibliotheca Universal—Recebemos um exemplar do—*O annel mysterioso*—interessante romance original, de scenas da guerra peninsular, devido á mimosa penna do sr. Alberto Pimentel.

E' o 7.º volume publicado pela acreditada empreza da *Bibliotheca Universal.*

Esta empreza vae principiar a publicação de outro romance, que de certo ha de merecer a geral acceitação do publico. Terá o titulo de—*A' porta do Paraiso*, chronica do reinado do sr. D. Pedro V. O auctor é o mesmo sr. Alberto Pimentel.

E finalmente, animada a empreza pela protecção que tem recebido dos seus numerosos subscriptores, vae começar uma serie de volumes baratissimos, sobre numerosos assumptos de muita instrucção e recreio, com o titulo de—*Educação popular encyclopedica instructiva e amena*, e que será dedicada á mocidade estudiosa de Portugal e Brasil. Terá a collaboração dos principaes homens de lettras, sendo director litterario o festejado escriptor o sr. Pinheiro Chagas.

A modicidade do preço, a variedade e interesse dos assumptos, o nome do sr. Pinheiro Chagas, e os creditos com justiça adquiridos pela empreza, asseguram um feliz exito ás novas publicações.

Dissertação—Recebemos a seguinte dissertação, que muito agradecemos ao seu auctor:

Dignidade da razão perante a fé. Dissertação academica apresentada ao conselho da faculdade de Theologia da Universidade de Coimbra, pelo candidato ao magisterio da mesma faculdade, Dr. Luiz da Silva Ramos, professor de theologia moral no seminario de Braga e examinador pro-synodal da relação ecclesiastica da mesma cidade.

Caminho de ferro da Beira—Diz o *Diario de Noticias* que chegou a Lisboa o sr. Fox, engenheiro inglez e commissionado pela companhia ingleza, que foi organisada pelos srs. Rumball e Simão Gattai para a construcção da linha ferrea da Beira, a que já nos temos referido nesta folha. O sr. Fox traz instrucções relativas ao estudo do traçado que deve partir de Coimbra.

O governo, segundo consta, facilitou os estudos que os engenheiros portuguezes fizeram nesta linha, os quaes estudos o sr. Fox vae examinar. O sr. Combells continuará entretanto, por conta do governo a estudar o traçado ao norte de Coimbra.

A carocha crepitante, carabus crepitans.—Diz-nos o sr. José Maria Rosa de Carvalho o seguinte:

«Escusada seria a creação de alguns animaes, se Deus, auctor da natureza, não tivesse dado a uns o instincto de não se aproximarem de seus inimigos, e a outros certas armas naturaes de que se servem, para se evadirem aos seus ataques. As aves de rapina, que tanto mal nos causam, seriam totalmente destruidas, se fossem tão familiares como os passaros, que muitas vezes vêem abrigar-se debaixo dos tectos das nossas habitações. Porém, de contrario, ellas são sempre esquivas e cautelosas.

A agilidade e a força, servem ao lobo para levar a presa, e salvar a si proprio. A raposa pratica mil astucias para se livrar da perseguição que lhe fazem; nem mesmo o amor maternal é bastante para a attrahir ás armadilhas. A corça e a lebre, evitam a morte com a ligeireza de sua carreira. O ouriço cacheiro dobra-se na occasião do perigo; e fica defendido por os duros e penetrantes espinhos de que é coberto. O zorilho, lindo animal da America, escapa a quem o persegue, lançando um humor fetido e que suffoca; obrigando assim o seu perseguidor a desistir da empreza, e afastar-se para longe.

Entre outros animaes que, como estes, têem recursos naturaes para defeza propria, a nossa pequena carocha crepitante, não sendo dotada de malicia como a raposa, de força e ligeireza como o lobo, de espinhos como o ouriço, etc; livra-se de seus muitos inimigos com descargas estrepitosas; acompanhadas de um vapor semelhante ao fumo; o qual os detem, e assim facilmente lhes pode escapar.»

Communicado—Pedem-nos a publicação do seguinte:

«*Os incendiarios do Indostão*—O sr. B. M. da Costa e Silva está acabando de escrever um romance, com o nome desta epigraphe.

Dizem-nos que é um lindo romance, o que

Apresentar-se na ponte d'Atocha no mesmo dia que saibam alli que temos saido de Cherta, isto deviamos fazer.

Se alguns apoiavam esta opinião, outros a combatiam, e em publico e em secreto, a inveja e a intriga, companheiras inseparaveis das côrtes, estavam em exercicio. D. Carlos, apezar disto, estimava a Cabrera, e lho demonstrou a 3 de Julho, demittindo da commandancia de Valencia a Miralles, indisposto com Cabrera, e reunindo-a com a de Murcia ao novo general, contra quem já se machinava. Porem estava então demasiado enthusiasmado o caudilho tortosino com os seus triumphos e a privança de D. Carlos, e attendia pouco ás intrigas que contra elle se cruzavam, para cuidar mais do commum inimigo.

Depois de descançar a expedição em Cherta, para se distribuirem rações, o que era uma novidade, e se fuzilar a um voluntario de guias de Alava, por tirar algumas libras de chocolate, se dirigiu no dia 2 de Julho a Galera, onde chegou bastante estropiada pelo calor e por um rodeio que occasionou a ignorancia de um guia.

Seguindo a marcha foram atacar Castellon de la Plana, a posse da qual interessava aos carlistas, por ser uma capital rica. Foram, porem, baldados os esforços dos expedicionarios, tendo de proseguir a sua marcha sem outro resultado que a perda de alguns homens.

Ao mesmo tempo, porem, que Cabrera atacava a Castellon, o fazia Sanz a Burriana, cujos nacionaes não podendo retirar-se á capital, se recolheram á egreja, defendendo-se heroicamente; porem eram só 23 e se renderam prisioneiros.

Estes desgraçados foram levados pelos carlistas para Cantavieja, onde soffreram horriveis tormentos, e passados tres mezes, a 4 de Outubro, foram tirados da prisão, *e barbaramente fuzilados por ordem de Cabrera!*

A expedição carlista foi marchando, e no dia 12 de Julho estavam proximos de Valencia. No dia 13 alojou-se a divisão navarra em Cheste, e em Chiva o resto da força, descançando a 14.

Sabida por Oráa a posição dos carlistas, foi em sua procura ao amanhecer do dia 15, saindo de Cuart e Manises.

Commandava a vanguarda o brigadeiro Borsó, o centro o general D. Fermin Iriarte, seguia-o o da mesma classe Nogueras, e cobria a extrema retaguarda o coronel Sanchez com um batalhão de Ceuta e um esquadrão del Rei, que guardava o comboio.

Nos campos de Chiva se deu a batalha, que foi ganha pelos liberaes. A perda de ambos os combatentes subiu a 1:400 homens, contando-se entre a dos carlistas uns 300 prisioneiros.

A batalha de Chiva foi um verdadeiro triumpho para os liberaes. Se não se tiraram della mais vantagens, não foi culpa nem dos chefes, nem dos soldados: estes estavam extenuados de cansaço: havia sido largo o pelejar, e na metade do dia 15 de Julho, nos sempre ardentes campos do Chiva. A perseguição depois do combate era impossivel.

Se a columna de Nogueras não houvesse tido precisão de tomar parte na batalha com tão brilhante exito, poderia ser empregada na perseguição; porem não havia tropas de refresco.

Aturdida a expedição pelo desastre de Chiva, apenas se decidia a uma marcha fixa; tudo eram planos, atrevidos uns, timidos outros: o cruzar-se as intrigas e ambições, dava aos movimentos esse caracter vacilante que os distingue.

Os exercitos liberaes que perseguiam a expedição de D. Carlos, porem, que até aqui tinham sido victoriosos, estavam em vespera de soffrer derrotas monumentaes, e que pozeram em risco imminente o throno de Isabel II.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

de esperar deste escriptor, avaliando s. ex.ª pelos seus mimosos escriptos. S. ex.ª está na Foz do Dão. Parabens ao romancista.»

Acaba de fallecer nesta cidade o sr. Dr. João de Sande Magalhães Mexia Salema, lente decano da Faculdade de Direito.

Perdeu a Universidade um professor distincto, a sua familia um chefe exemplarissimo, e a sociedade um perfeito homem de bem.

O fallecimento do sr. Mexia é por todos profundamente sentido.

ANNUNCIOS

EXPEDIENTE

ROGAMOS aos srs. assignantes do *Conimbricense*, que estão em debito das suas assignaturas, o especial obsequio de nos enviarem a sua importancia, o que desde já muito lhes agradecemos.

Leccionista de desenho

1 A. AUGUSTO GONÇALVES. Rua do Correio, 77.

ATTENÇÃO

2 PEDE-SE á sr.ª D. Maria Adelaide de Vasconcellos, que no dia 5 do corrente escreveu uma carta a João Miranda Castella, o obsequio de o fazer segunda vez, indicando-lhe a sua morada, para assim ser procurada.

Latim (1.ª e 2.ª parte) e francez

3 O PRESBYTERO José Maria Cardoso de Figueiredo abriu as suas aulas de latim (1.ª e 2.ª parte), e a de francez no dia 15 do corrente Outubro. Couraça dos Apostolos, n.º 49.

Leccionista de Francez, de geographia e historia

4 CANDIDO DE FIGUEIREDO, bacharel em Direito. Rua do Loureiro, 57.

5 FRANCISCO DOS SANTOS MELLO vende vinho novo da Bairrada almudado, a 1$100 rs., na rua de Tinjerodilhas, n.º 14.

6 VENDE-SE para pagamento de divida, a casa da rua do Loureiro, n.º 55 e 57; e trata-se na rua do Corvo, n.º 54.

LECCIONISTA

7 C. A. SIMÕES, estudante de sciencias naturaes, continua a leccionar geometria plana e desenho (1.ª e 2.ª parte) em sua casa no Largo da Feira, n.º 24. Tambem se promptifica a leccionar em casas particulares.

LECCIONISTAS

8 JOSÉ MARIA DA SILVA TORRES, bacharel Agostinho Rodrigues d'Andrade, José Victorino de Freitas, quartanista de Philosophia, Bernardino M. Pinto, estudante do 2.º anno de Direito, e Antonio Augusto Gonçalves Neves, abrem no dia 3 de Novembro, os cursos de instrucção primaria, francez, portuguez (curso completo), latim (1.ª parte e curso completo), introducção e desenho. Edificio da Estação Telegraphica.

9 VENDE-SE um bilhar com todos os seus utensilios. Na Sé Velha, n.º 2, se diz.

MODAS E CONFECÇÕES

NUNO MACHADO & C.ª

FORNECEDORES DE S. M. A RAINHA

Séde do estabelecimento em Lisboa, 65, rua Nova do Almada, 67—e 69, primeiro andar, 69.

Sucursal em Coimbra, rua da Calçada, n.ºs 204 a 212, antiga casa do Barbosa.

7 O REPRESENTANTE da firma acima designada, tem a honra de convidar os *chefes de familia*, e em especial as *damas* a visitarem o seu estabelecimento e a examinarem os sortimentos de todos os objectos de modas e vestuarios para a estação de inverno de que se acha provido. Alem das collecções de chapeus tanto de velludo e feltro como de tulle e turgois, e um magnifico sortimento de vestidos com guarnições de pelle, de velludo, etc., tem a mais alta novidade deste inverno, echarpes, capas, e chales de malha para senhora, cache-nez para homem, gravatas Sha da Persia, grande novidade para homem, gravatas Regates á Renaiscense para homem e senhora, gravatas Lavalieres para homem, crepe da China para senhora, capas de malha para creança, chales escocezes para senhora, cabeções e punhos e cabeções e mangas bordadas para senhora, lenços de seda, tornures, ligas, mantas e chalinhos de malha, regalos e pellarines, etc. etc.



ANTONIO DIAS THEMIDO

53—Rua dos Sapateiros—60

COIMBRA

11 PREMIADO na exposição districtal, e na de Vienna de Austria com medalha de progresso, participa aos seus amigos e freguezes, que tem no seu estabelecimento de mercearia, licores de diversas qualidades, aguardente e genebra, cognac de primeira qualidade, que vende por preços commodos.

Tambem se encarrega de todas as encommendas que lhe sejam feitas de fóra para tornar a vender, dando percentagem na quantidade que lhe comprem.

AVISO ÁS SENHORAS

12 PO' DE ARROZ superfino, da perfumaria Violet, de Paris.— Preço de cada pacote 160 rs.— Livraria Academica, 183, Rua da Calçada, 185.

13 EMYGDIO FERRAZ DE CARVALHO, com loja de calçado na rua do Infante D. Augusto, n.ºs 12 a 20, vende e faz toda a qualidade de calçado, tanto para homem, como para senhora. Tem couro inglez e da Russia frizado, e solas de guta-percha para calçado de inverno.

Tem uma prensa aonde friza toda a qualidade de cabedal, por maior que seja a sua grossura. Ponteia á machina toda a obra, e tudo por preços razoaveis.

Recebe officiaes a quem pagará bem o merecimento do seu trabalho.

1 MANOEL D'ARRIAGA abriu no dia 15 do corrente os cursos das linguas franceza e ingleza. As pessoas que os quizerem frequentar podem procural-o em sua casa, na rua do Salvador, n.º 8.

QUEIJO FLAMENGO

PASSA DE MALAGA

RAINHA CLAUDIA

PASSA DE FIGO

De superior qualidade e em caixas de differentes tamanhos, chegaram ao armazem de viveres de

Manoel da Silva Gonzaga

—51, Sophia, 55—

CASA DE AZULEJO

No mesmo armazem se continua a vender stearina de 4, 5, e 6 velas, a 140 rs. cada pacote — e stearina para carruagens.

Mostarda franceza preparada em frascos.
Dita ingleza em pó.
Farinha maizene para pudins.
Sal refinado em pacotes.
Conserva ingleza.
Pacotes de sopa Juliana.
Sardinhas de Nantes.
Superior vinho Xerez.
Dito do Porto.
Dito moscatel de Setubal.
Genebra hollandeza.

COMMISSARIO NA FOZ-DÃO

10 COMO já annunciou em o n.º 2:585 deste jornal, Manoel José Pedro de Mesquita, continua recebendo commissões neste porto, com o maior desempenho desejavel. Alem de garantido por seu pae José Pedro (Velho), por sua pessoa e bens, offerece mais abonações se tanto forem precisas.

17 A MESA do governo da Santa Casa da Misericordia desta cidade, manda annunciar, que o seu orçamento de receita e despeza para o anno economico de 1873 a 1874 se acha patente no cartorio da Santa Casa até ao dia 28 do corrente mez, desde as 8 horas da manhã até ás 2 da tarde, para poder ser examinado pelos membros da irmandade.

Contadoria da Santa Casa da Misericordia de Coimbra, 20 de Outubro de 1873.

O cartorario,

José Simões da Silva Junior.

18 ARRENDA-SE a fabrica de destilação d'aguardente, situada no logar de Urzelhe, freguezia de Lamas, a qual fabrica está no centro do melhor vinho do Bairro, e é muito abundante d'agua, condição essencial para taes estabelecimentos. Quem a pretender póde apparecer até 20 do corrente Outubro de 1873, em casa de João Francisco da Silva, de Coimbra, largo das Olarias, aonde estão patentes as condições.

19 NO JUIZO DE DIREITO desta comarca de Coimbra, escrivão Santos, correm editos de 30 dias, pelos quaes são chamadas todas as pessoas incertas, que tenham que oppôr á justificação requerida por D. Maria da Encarnação Roxanes, D. Albertina Elysia Roxanes de Carvalho, Antonio Roxanes de Carvalho e Joaquim Ignacio Roxanes, para na qualidade de unicos e universaes herdeiros de sua mãe D. Maria Michelina Roxanes Manique, lhes serem averbadas nos seus nomes as inscripções da Junta do Credito Publico, do valor nominal de cem mil reis, n.ºs 23:299, 38:763, 42:984, 42:985, e 56:126; de quinhentos mil reis, n.ºs 9:544, 28:148, 44:415, 58:400; de conto de reis, 40:867, 67:663, 91:626. E tendo que oppôr, o deverão deduzir na segunda audiencia depois de findos os 30 dias, a qual ha de ter logar no dia de segunda feira, 24 de Novembro, ás 10 horas da manhã, no tribunal de justiça no extincto convento de Santa Cruz.

Coimbra, 20 de Outubro de 1873.

DESPEDIDA E AGRADECIMENTO

20 PERMITTIU a Divina Providencia levar desta, para melhor vida, no curto espaço de 42 dias a meus dois bons e sempre chorados irmãos, que me serviam de companhia, e administravam minha casa: este fatal golpe collocou-me em tão tristes circumstancias, que continuando com a parochialidade desta minha egreja, Farinha Podre, perigava a minha saude, os serviços da mesma egreja, e administração da minha casa. Já que a minha infelicidade e pouca fortuna assim o quizeram, requeri e obtive do exm.º e meritissimo bispo conde desta diocese, termo da desistencia da dita egreja.

Agora resta-me cumprir com um dos mais sagrados e sociaes deveres, principiando por agradecer, pedir perdão, e desculpa ás exm.as auctoridades, assim ecclesiasticas como civis, pela benevolencia, liberdade, e delicadeza que se tem dignado prodigalisar-me, tolerando as minhas faltas, e auxiliando-me no cumprimento dos meus deveres, pelo que protesto e faço votos de gratidão.

Agradeço egualmente aos meus illustrados e bondosos collegas, e mais amigos, o amor, sympathia e considerações de sincera e verdadeira amisade, que se tem dignado prestar-me, ao que sempre grato corresponderei.

Agradeço finalmente a todos os meus ex-parochianos, pelo muito amor, respeito e considerações com que sempre, e de bom grado me tem tratado: a delicadeza e honrosos serviços que todos me prestaram, sentindo e chorando comigo os meus dolorosos desgostos e soffrimentos, reunindo-se todos a suffragar e acompanhar á ultima morada os restos de meus queridos paes e irmãos, existem gravados no meu coração, como penhor de eterna memoria.

Com bastante sentimento vos digo adeus como parocho, e muito mais pelo motivo que o faço: a todos peço perdão por qualquer offensa que commettesse, e se alguem me offendeu já me não lembro: fico fazendo parte do rebanho a que pertenceis: sobra-me o desejo de vos ser prestavel: continuo a recommendar-vos o bom e pontual cumprimento dos vossos deveres religiosos, e verdadeiro amor a Deus, mais que tudo a observancia das virtudes, fé, esperança e caridade, amor ao proximo, e respeito ás auctoridades civis e ecclesiasticas; e assim tereis dias felizes, e a salvação que Deus promette aos justos, o que cordealmente vos desejo.

Pela publicação destas mal traçadas regras lhe ficará summamente obrigado.

Farinha Podre, 14 de Outubro de 1873.

Francisco Cordeiro da Fonseca.

21 O DR. JULIO DE VILHENA tem o seu escriptorio de advogado na Couraça de Lisboa, n.º 9.

Lições de francez a 1$000 reis por mez. — Leitura e traducção.

22 NESTA REDACÇÃO se diz quem é o leccionista.

23 A MESA do governo da Santa Casa da Misericordia desta cidade, manda annunciar, que pretende contractar o fornecimento do milho, feijão e arroz necessarios para o consumo dos dois collegios dos orphãos.

As propostas recebem-se no cartorio da Santa Casa, até ao dia 26 do corrente.

Cartorio da Santa Casa da Misericordia, em 15 d'Outubro de 1873.

O cartorario,

José Simões da Silva Junior.

24 JOSÉ EDUARDO FERREIRA DE CARVALHO, estudante do 2.º anno do curso pharmaceutico, continua a habilitar alumnos para os exames de instrucção primaria, portuguez e francez, em sua casa, rua das Covas, n.º 9. Tambem se promptifica a ir dar lições das mesmas disciplinas a casas particulares.

NUMERO 2739 — SABBADO 25 DE OUTUBRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL.—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Não ha noticias politicas de interesse. Diz-se que em todos os ministerios se estudam importantes reformas nos serviços publicos, as quaes tem de ser apresentadas no parlamento, na sua proxima reunião.

No entretanto o governo não esquece os seus deveres, dando aos cidadãos todas as garantias, que em nome da lei fundamental e das conveniencias publicas, lhes devem ser concedidas.

Sentimos não poder transcrever na integra um documento, que o *Diario do Governo* nos trouxe, em cujas disposições se encontram estabelecidos os verdadeiros principios de justiça, devida a todos os cidadãos, que nas leis buscam a protecção a que tem incontestavel direito.

E' uma portaria, expedida a todos os governos civis, e regulando por um novo systema o processo das execuções administrativas, para a cobrança dos impostos em divida.

Estabelece a referida portaria:

«1.º Que os embargos, sob qualquer forma que se deduzam, oppostos nas execuções administrativas contra os devedores de impostos, foros ou de quaesquer outros rendimentos publicos, deverão ser logo remettidos ao poder judicial, por via do delegado ou sub-delegado do procurador regio;

2.º Que os administradores do concelho não deverão entrar na apreciação da defeza contida nos referidos embargos senão no caso especial de embargos de terceiro, com o unico fim de poderem fazer convolar a penhora para outros bens que os devedores tenham livres e desembaraçados, segundo o disposto no artigo 5.º, § 1.º das instrucções de 30 de Dezembro de 1845 e artigo 47.º, § 1.º do regulamento geral da administração da fazenda publica de 4 de Janeiro de 1870;

3.º Que os referidos magistrados, logo que se lhes apresentem embargos ás execuções administrativas, deverão suspender o andamento do processo, até que pelo respectivo agente do ministerio publico lhes sejam communicados os effeitos em que os mesmos embargos foram recebidos pelo jury competente;

4.º Que nos processos de que se trata deverão só ter logar os termos e actos executivos necessarios para pagamento da fazenda publica;

5.º Que depois de se mostrar effectuado o pagamento á fazenda por parte dos executados, deverão cessar todos os termos e actos do processo;

6.º Que as custas deverão ser contadas pela tabella dos salarios judiciaes, relativos aos funccionarios dos juizes eleitos, ordinarios e de direito, segundo as alçadas a que corresponderem as dividas á fazenda, na conformidade do que dispõe o artigo 55.º e tabella n.º 2 do citado regulamento, tendo muito em vista que a transgressão deste preceito está sujeita á acção penal, como crime de receber ou contar emolumentos não devidos.

Paço, em 17 de Outubro de 1873.—*Antonio de Serpa Pimentel.*»

E' sabido que a camara municipal desta cidade contratou um emprestimo de 40:000$000 rs., destinados exclusivamente á construcção de algumas estradas de mais reconhecida utilidade neste concelho; e entre estas mandou a actual vereação estudar a que deve ligar as principaes povoações da freguezia de Santo Antonio dos Olivaes com esta cidade.

Quando em tempo se organisou o plano geral de estradas municipaes, foi esta freguezia completamente esquecida na distribuição destes melhoramentos.

Não havia no referido plano uma unica estrada, que de futuro pozesse em commoda e facil communicação os povos da freguezia de Santo Antonio dos Olivaes com esta cidade. E por isso a illustrada vereação municipal, presidida pelo sr. Dr. Lourenço, fez incluir naquelle plano, conforme o processo estabelecido na lei de 6 de Julho de 1864, uma estrada, que partindo do largo do Jardim Botanico, ou das proximidades, ligasse as importantes povoações de Cellas, Santo Antonio, S. Sebastião, Dianteiro, etc.

Desnecessario será encarecermos aqui esta obra de maxima utilidade para aquellas povoações, esquecidas no plano de viação do concelho, e que como todas as outras, tem direito a ser contempladas em taes melhoramentos.

De incontestavel utilidade é effectivamente esta estrada, não só para os habitantes da freguezia e dos da serra, que muito lucram com semelhante obra, mas ainda para esta cidade, que, alem do beneficio geral que as boas vias de communicação trazem aos grandes centros, a referida estrada, convenientemente delineada, daria ensejo a novas edificações, por isso que aquelle sitio é para esse fim o mais apropriado.

E' este um dos pontos mais amenos e mais salubres, que esta cidade possue; sendo portanto, e pela falta que em Coimbra ha de locaes convenientes para novas edificações, de esperar, que dentro em pouco alli se desse principio a um novo bairro, que no futuro poderá chamar a attenção das vereações para a acquisição da quinta de Santa Cruz.

A camara actual, a cuja iniciativa se deve a ideia que hoje encarecemos, tendo porventura em vista as razões que deixamos apontadas, resolveu mui acertadamente, no interesse commum, a abertura daquelle caminho.

As excellentes condições do sitio, e ainda a falta que geralmente se nota de localidades apropriadas para novas edificações, levam a crer, que não é utopia o pensamento da camara.

Mau será, portanto, que a actual vereação não deixe principiado mais aquelle importante melhoramento. Está, porem, a tempo de o realisar. A' sua fecunda iniciativa, e zelosa administração, deve Coimbra outras obras de incontestavel utilidade, e que farão lembrados, por muito tempo, os nomes dos actuaes vereadores.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCVI

D. CARLOS

LVI

Seguindo logo Orâa aos carlistas, que não se apresentavam a provocar uma acção, teve que limitar-se a atacar ás forças que podesse, e cortal-as na direcção que lhe fosse permittido. Assim se propoz antes de que chegassem a Mirambel e Cantavieja: combinou a operação com Buerens, Iriarte, Borso e Nogueras; porem o tempo chuvoso por um lado, a escacez de viveres e a falta de roupa e calçado pelo outro, foram obstaculos que se interpozeram a que Orâa conseguisse os resultados que se promettia.

Não era, porem, este o maior inconveniente que destruia os planos do chefe liberal: era a incerta, vacilante e continua mobilidade dos carlistas fraccionados.

Havia-se entregado a Orâa a ordem pela qual se commettia a Espartero a perseguição do exercito carlista expedicionario, auctorisando-o para dispor sem distincção de todas as tropas que existissem nos districtos de Aragão, Valencia e ambas as Castellas, dirigir as suas operações, etc.; e resentiu-se Oraa por esta determinação, que era uma consequencia do poder conferido ao general em chefe, e escreveu ao governo que, pois havia perdido a regia confiança, renunciava um cargo rodeado de obstaculos e conflictos.

Buerens movendo-se segundo as ordens de Orâa, veiu a ficar isolado com só a terceira divisão do norte, que era a que havia ficado como auxiliar do exercito do centro, e á qual se uniu o primeiro batalhão do segundo regimento da guarda real de infanteria, que dirigia D. Marianno de Arias, e o provincial de Avila, ás ordens de D. Hermenegildo de Alcaraz.

Desde Cariñena, onde se achava acantonada a divisão, se dirigiu a pernoutar a Belchite, ao saber o chefe os movimentos do grosso das forças expedicionarias. Fez nesta pequena excursão alguns prisioneiros, e colheu as rações dispostas para os carlistas. Sabe Buerens novamente que intentava o seu inimigo passar por Campos Romanos, e para impedil-o corre a Azuaga.

A operação era compromettedora, e já lhe prescrevera Orâa que não effectuasse nenhum movimento excentrico, ou o fizeram necessario os que antes havia effectuado; pelo que se viu só e na precisão de combater. Não temia Buerens o combate; sobrava-lhe valor, e ancioso de achar ao seu contrario, saiu ao amanhecer de 24 de Agosto de 1837, sem ter permittido a necessaria detenção para matar as rezes que se haviam de dar de ração ás tropas, as quaes por isso se dividiram vivas, e marchou sobre Nogueras e Herrera.

É esta villa uma povoação pequena, a cuja frente e em forma de amphitheatro ha uma dilatada serie de montanhas, que se prolongam a muitas leguas para a parte de Eljabe e Villarluengo, até Cantavieja.

Occupavam os carlistas a Nogueras e Herrera, tendo D. Carlos nesta o seu quartel general, que levantou quando descobriu as tropas liberaes. Havia-se proposto Buerens alojar-se em Herrera, e esperar aqui que se lhe unisse Orâa, a quem officiou: porem foram interceptados os officios e fuzilados os seus conductores.

Era já bem entrada a noute quando soube Buerens esta contrariedade, e se bem o fazia isto mais cauto em apresentar a cara ao inimigo, avistou desde uma altura dominante, proxima a Herrera, a marcha dos carlistas para Nogueras e Villar de los Navarros. Considerou-a uma fugida; voltou a sua direcção sobre a esquerda para atacar aquellas forças, que julgou eram todas as de D. Carlos, e mandou a Colmenares, capitão de caçadores da guarda, forçasse o passo e reconhecesse a direcção do inimigo. Seguia o resto da divisão em massa por um terreno quebrado, no qual as columnas não podiam conservar a ordem da marcha; separavam-se umas das outras e se perdiam de vista.

Avançando Colmenares, excedeu-se na ordem, ou se deixou levar demasiado do seu arrojo, e rompeu indiscretamente o fogo, sem que os carlistas deixassem por isto de se reunir aos seus companheiros, que estavam em Nogueras. Vendo daqui quanto eram superiores aos seus perseguidores, fazem alto, tomam a offensiva, e para Colmenares com os seus caçadores; porem caem sobre elle consideraveis forças, e espantado, avisa o general, que lhe envie o provincial d'Avila, o qual entra no mesmo instante em fogo. Vê-se este tambem carregado e se retira ao amparo da cavallaria do regimento do Rei, commandada pelo coronel Coba, que cerrava a ala esquerda, e obrigou com a sua carga á infanteria carlista a retirar-se para as alturas immediatas, desde as quaes despedia um nutrido fogo sobre a cavallaria. Trata esta de o evitar, já que não podia vencer; mas desordenam-se, e é immediatamente carregada pelos ginetes carlistas, que avançando victoriosos, arrojam e envolvem o provincial de Avila, e fazem grande numero de prisioneiros a favor da desordem em que os põem.

Com o interesse, que tambem a nós nos merecem todos os emprehendimentos uteis, pedimos deste logar á illustre vereação municipal, a realisação deste seu projecto.

Estamos certos da boa vontade da camara em tão momentoso assumpto. Tem ella assás demonstrado inexcedivel desvelo pelos melhoramentos publicos do concelho.

Taes precedentes, dando-nos a medida da actividade e intelligencia da vereação actual, fazem-nos conceber esperanças de que ella empenhará todos os esforços para realisar, durante a sua administração, este projecto, que todas as conveniencias aconselham.

A folha official publicou a seguinte portaria, relativamente aos hospitaes da Universidade:

«Tendo chegado ao conhecimento do governo, que algumas camaras municipaes e misericordias se queixam de que nos hospitaes da Universidade têem sido recebidos como pobres individuos que estavam nas circumstancias de pagar as despezas do tratamento, as quaes vinham depois a recair sobre as referidas corporações; constando tambem que alguns doentes se dizem naturaes ou domiciliados em concelhos onde não têem nem naturalidade nem domicilio: e que por se lhes não exigir prova alguma das suas declarações se obrigam as misericordias e as camaras a pagar despezas a que não são obrigadas; e convindo evitar estas reclamações justificadas, a serem verdadeiros os factos em que ellas se fundam: manda sua magestade el-rei que d'ora em diante, na admissão dos doentes pobres que tiverem de ser recebidos nos hospitaes da Universidade, se observe o seguinte:

1.º Que não será admittido doente algum, salvo caso urgente devidamente comprovado e verificado, sem que apresente documento comprovativo passado pelas auctoridades locaes e reconhecido em forma regular, pelo qual se prove qual é o concelho da naturalidade ou domicilio do doente; que elle é pobre e está nas circumstancias de carecer dos soccorros da caridade publica;

2.º Que similhantemente não sejam admittidos nos hospitaes os socios dos monte pios de Coimbra, que pelos seus estatutos têem obrigação de dar aos associados em caso de molestia, facultativo, botica e subsidio pecuniario para dietas, sem que as respectivas direcções dêem aos doentes que tenham de ser admittidos guias, nas quaes se obriguem a responder pelas despezas do tratamento;

3.º Que as contas de despezas feitas, que se houverem de extrahir contra as misericordias ou camaras, nos termos do artigo 18.º do decreto de 22 de Junho de 1870, vão sempre acompanhadas de relações nominaes dos doentes socorridos nos hospitaes da Universidade, indicando-se nellas, em frente de cada nome, a natureza do documento ou documentos que justificaram a admissão, e a auctoridade ou funccionario que os passou, para que possa exigir-se de quem competir a responsabilidade se houver fundamento para a pedir;

4.º Que sendo os hospitaes da Universidade, não só estabelecimentos de instrucção, mas tambem estabelecimentos de beneficencia, e não havendo sido instituidos com o intuito de produzirem lucros para o estado, deverão as contas que se processarem na conformidade do artigo 18.º acima citado, comprehender sómente as despezas feitas com as dietas e medicamentos dos doentes, e não a de 240 reis por cada dia de tratamento, que excede a despeza effectiva;

5.º Finalmente, que esta disposição se observe com referencia ás contas do anno de 1873-1874.

O que se participa ao director dos hospitaes da Universidade para seu conhecimento e execução.

Paço, em 15 de Outubro de 1873—*Antonio Rodrigues Sampaio.*»

NOTICIARIO

Os primeiros pedreiros livres em Portugal. —O nosso collega do *Jornal do Commercio* de Lisboa, diz no seu numero de quarta feira, que foi no anno de 1744 que principiou em Portugal a perseguição contra os pedreiros livres; sendo no auto de fé celebrado na egreja do convento de S. Domingos de Lisboa, a 21 de Junho daquelle anno, que appareceram punidos os primeiros membros da mencionada sociedade secreta.

Acerca deste acontecimento, referido pelo nosso collega, possuimos um interessantissimo livro, com o seguinte titulo:

Procedures curieuses de l'inquisition de Portugal contre les francs-maçons, pour découvrir leur **secret**; *avec les interrogatoires & les réponses, les cruautés exercées par ce tribunal, la description de l'interieur du S. Office, son origine, & ses excés.*

Divisées en trois parties, par un frère maçon sorti de l'inquisition.

Revuës & publiées par L. T. V. I. L. R. D. M

Dans la vallée de Josaphat. L'an de la fondation du temple de Salomon. MM.DCCC. III.

Esta data é maçonica. O livro foi provavelmente publicado pouco depois do anno de 1750. Como se vê, não tem designação da terra em que foi impresso.

Todo o livro é escripto em francez; mas no fim da dedicatoria—*Aux tres venerables et honorables frères, repandus sur la surface de la terre*—tem em portuguez, a seguinte nota dos tres pedreiros livres, condemnados no auto de fé de 21 de Junho de 1744, extraida da respectiva lista:

«1. João Custon (Coustos), herege protestante, lapidario, natural do cantão de Basileia, e morador nesta cidade, por introduzir e praticar nesta côrte a seita dos pedreiros livres, condemnada pela sé apostolica—4 *annos para galés.*

«12. Alexandre Jacques Motton (Mouton), lapidario, natural da côrte de Paris, reino de França, e morador nesta cidade, pelas mesmas culpas.—5 *annos para fóra deste patriarchado.*

«13. João Thomaz Bruslé, lapidario, natural da côrte de Paris e morador nesta cidade, pelas mesmas culpas—5 *annos para fóra deste patriarchado.*»

O livro foi escripto, segundo se vê da narração, pelo primeiro dos acima mencionados, João Custon.

Declara ter nascido em Berne, na Suissa, sendo o pae cirurgião. Este, para se aperfeiçoar, foi para França, com toda a sua familia; mas a perseguição de Luiz XIV contra os protestantes, o fez sair para Inglaterra, estabelecendo-se em Londres.

Passados 22 annos consecutivos de residencia em Londres, voltou seu filho e auctor do livro, João Custon, a solicitação de um seu amigo, para Paris, a fim de trabalhar nas galerias do Louvre.

Formando designio de ir tentar fortuna ao Brasil, fez para isso a viagem a Lisboa, a fim de pedir permissão ao rei de Portugal. Essa licença, foi-lhe, porem, recusada.

Demorando-se em Lisboa, travou relações com muitos joalheiros e outras pessoas de credito; de que resultou estabelecer-se alli com o officio de lapidario.

A inquisição, que tinha desconfianças de que a maçonaria, prohibida pelo papa Clemente XII, na sua bulla de 18 de Abril de 1738, se introduzira em Portugal; procurou descobrir quem eram os membros da sociedade.

O lapidario João Custon, era com effeito o *veneravel* de uma *loja maçonica*, estabelecida em Lisboa. Era seu intimo amigo, Alexandre Jacques Mouton, catholico romano, e diamanteiro de profissão. Havia seis annos, que este se achava estabelecido em Lisboa.

Uma mulher chamada madame Le Rude, casada com um joalheiro, levada pela inveja da prosperidade daquelles artistas, fez o projecto de os expulsar de Portugal. Mancommunada com uma sua amiga, chamada D. Rosa, foram ambas denunciar como mações, os referidos artistas, á inquisição.

A esposa do *irmão* Mouton, foi pela sua indiscrição a causa involuntaria da desgraça de seu marido; pois que em conversa com madame Le Rude lhe disse que o marido della era mação.

No seu livro narra João Custon os meios insidiosos de que se serviu a inquisição para os prender. Depois de capturado Alexandre Jacques Mouton, foi lançado nos escuros calabouços da inquisição. João Custon foi preso por 9 officiaes da inquisição, no dia 14 de Março de 1743, pelas 10 horas da noite, quando vinha a sair de um café, em companhia de dois de seus amigos. Ainda, porem, poude dizer, a um destes amigos, chamado Ricardo, e que tambem era mação, que fosse logo prevenir os outros mações de que elle havia sido preso, e que saissem immediatamente de Portugal.

São curiosissimas as noticias que João Custon dá das differentes repartições da inquisição, e da maneira como alli eram tratados os presos.

Descreve minuciosamente todos os interrogatorios que lhe fizeram os inquisidores. Confessou nelles francamente que era mação, mas recusou-se a declarar os segredos da sociedade.

Quando lhe perguntaram se tinha recebido algum portuguez na maçonaria, durante o tempo em que tinha residido em Lisboa; respondeu-lhes que não.

Acrescentou, porem, que era bem verdade, que D. Manoel de Sousa, senhor de Calhariz, capitão da guarda real *(a)*, tendo ouvido dizer, que a pessoa que tinha recebido mação o duque de Villeroi, por ordem de Luiz XV, estava em Lisboa; rogara a Mr. de Chavigny, que era ainda ministro deste monarcha na côrte de Portugal, para que fizesse as pesquisas necessarias a fim de descobrir essa pessoa, o que elle assim effectuara. Esse individuo que se procurava, e que vinha a ser o mesmo João Custon, sabendo que o rei de Portugal não queria que nenhum dos seus vassallos pertencesse á maçonaria, rogou a dois *irmãos* para irem a casa de D. Manoel de Sousa, a fim de lhe darem parte dos seus receios, declarando-lhe que no caso que elle obtivesse uma auctorisação do rei, não havia duvida em o admittirem na sociedade.

D. Manoel de Sousa, instou para entrar na maçonaria; e ultimamente para o afastarem desse proposito, sabendo que elle era muito economico, lhe pediram 50 moedas de ouro para a recepção na sociedade, o que o fez esfriar na sua pretensão.

Como João Custon não dizia tudo o que os inquisidores, presididos pelo cardeal da Cunha, pretendiam saber, foi levado á casa dos tormentos. A narração das torturas por que alli o fizeram passar, é horrorosa.

Na absoluta falta de espaço para aqui publicarmos toda a narração, limitar-nos-hemos a alguns periodos.

Diz João Custon no seu livro:

«Primeiro os satellites prepararam todos os tormentos necessarios á tortura que eu ia soffrer. Depois despiram-me, ficando completamente nu, e me fizeram estender sobre um cavalete, deitado de costas, onde depois de me terem estendido e puchado com todas as suas forças, me ligaram com um laço no pescoço e um annel de ferro em cada pé.

«Uma tal extensão me causava muito sensiveis dores; mas ellas não eram senão percursoras dos tormentos horrorosos, que tinham resolvido de me fazer soffrer. Ligaram-me para esse effeito com oito pequenos cordeis, dois em cada coxa. Estes cordeis passavam por uns buracos que estavam no cavalete, e ao menor signal que os barbaros inquisidores davam, eram todos puxados e apertados ao mesmo tempo por quatro algozes, que se achavam por baixo, e faziam para isso uso de torniquetes.

«Para bem julgar dos soffrimentos que supportei neste fatal momento, basta attender que os cordeis, que eram de fio muito fino, entravam nas carnes até aos ossos, e faziam espirrar o sangue, por oito differentes logares, por onde apertavam os meus membros.

«Como eu presistia em não querer declarar outra cousa, mais do que aquillo que tinha dito nos meus interrogatorios, fui apertado desta maneira quatro differentes vezes.

«Em fim, da ultima vez que eu fui apertado, como estava extraordinariamente enfraquecido, tanto pela quantidade de sangue, que tinha derramado, como pelas dores mortaes que havia soffrido, perdi os sentidos, a ponto de me levarem para o meu calabouço, sem que o percebesse.»

Conta mais João Custon, que passadas seis semanas, mandaram os inquisidores applicar-lhe novos, e ainda mais barbaros tormentos! A narração que delles faz horrorisa! Com as torturas lançou muito sangue pela boca, e se lhe deslocaram os ossos dos braços, tendo depois de soffrer no calabouço novas dores, quando os cirurgiões tratavam de restituir os ossos ao seu logar.

Ainda, porem, não estavam satisfeitos os inquisidores. Passados mais dois mezes, fizeram applicar a João Custon novos tormentos. Deixaremos fallar o proprio torturado:

«Não havia senão dois mezes que eu tinha soffrido a segunda tortura, e começava apenas a restabelecer-me, quando fui conduzido ao miseravel salão, onde tinha sido cruelmente atormentado.

«Os executores ligaram-me primeiro a uma grossa cadeia de ferro, que fazendo duas vezes a volta do meu corpo e cruzando-se sobre o meu estomago, vinha terminar na extremidade de cada braço. Depois fizeram-me deitar sobre o ventre, n'um cadafalso, onde havia duas roldanas a oito pés de distancia uma da outra, e ambas cravadas em uma trave muito grossa.

«Nestas duas roldanas rolavam duas cordas, cada uma das quaes tinha um dos meus punhos apertado com uma das pontas da cadeia; e estas duas cordas iam ter a um torniquete, que estava debaixo do cadafalso, e me faziam estender os braços, apertando-me ao mesmo tempo o estomago, á proporção que as puchavam, o que fizeram com toda a crueldade imaginavel.

«Com effeito, os meus punhos, os meus cotovelos, e as minhas espaduas foram deslocados. Os cirurgiões, que estavam presentes, m'os restabeleceram logo, não sem me causarem terriveis dores; mas no entanto não tinham nada de comparavel com aquellas que eu acabava de soffrer.

«Depois disso, os barbaros inquisidores, não tendo ainda saciado o seu furor infernal, me fizeram applicar uma segunda vez este terrivel tormento. Senti dores, mil vezes maiores do que na primeira vez, e inteiramente incomprehensiveis; mas supportei-as com a mesma constancia.

«Depois me levaram ao mesmo calabouço, acompanhado dos medicos e cirurgiões, que me curaram; e alli fiquei até ao dia do auto de fé.»

João Custon dá noticia circumstanciada do auto de fé de 21 de Junho de 1744; e diz que quatro dias depois foi conduzido ás galés, onde lhe cortaram os cabellos, tendo de vestir o fato dos condemnados, e sendo empregado nos trabalhos penosos e ordinarios como os outros forçados.

Para ver se se livrava destes trabalhos, rogou João Custon ao *irmão* Nonnay, que era um dos seus amigos, para escrever a seu cunhado, dando-lhe parte da sua desgraçada sorte, e rogando-lhe para implorar em seu favor a protecção do duque de Harington, ao serviço do qual elle estava.

Com effeito o duque de Harington fallou logo ao duque de Newcastle, primeiro secretario de estado do rei de Inglaterra; e este conseguiu que o rei Jorge II ordenasse ao embaixador inglez em Lisboa, Lord Compton, para pedir ao rei de Portugal a liberdade de João Custon, a qual, finalmente, este depois de muitas contrariedades veiu a obter, no mez de Outubro do mesmo anno de 1744.

A pedido do ministro residente da Hollanda em Lisboa, permittiu o vice almirante hollandez, que João Custon embarcasse no seu navio o *Diamante*, que então estava ancorado no Tejo; e n'elle foi para Inglaterra. Desembarcou em Porstmouth, chegando a Londres no dia 14 de Dezembro.

João Custon mostra-se penhoradissimo para com o vice almirante hollandez, para com os duques de Harington e Newcastle, e para com o rei de Inglaterra, Jorge II.

Do seguinte periodo se deprehende que já em 1744 havia muitos pedreiros livres em Lisboa:

«Não poderia, sem ingratidão, calar as bondades de toda a especie que os *francs-maçons* de Lisboa, tiveram para mim e para os outros *irmãos*, que estavam presos, por terem sido membros da maçonaria.»

Paramos aqui, porque esta noticia já vae extensa. Não nos dispensamos, porem, de ainda um dia publicarmos em uma serie de folhetins um resumo deste curiosissimo livro, que consta de 264 paginas, em 8.º.

(a) O mencionado D. Manoel de Sousa, senhor de Calhariz e capitão da guarda real, era bisavô do nosso estimavel amigo o sr. marquez de Sousa Holstein.

Quando D. Manoel de Sousa quiz em 1743 entrar na maçonaria, recentemente introduzida em Lisboa, tinha 40 annos, pois havia nascido em 21 de Julho de 1703.

Foi porcionista do collegio real de S. Paulo de Coimbra, graduando-se na Universidade.

Casou em Vienna d'Austria, a 1 de Agosto de 1735, com a princeza Marianna Leopoldina de Holstein. D'esse casamento nasceu em 4 de Dezembro de 1751, D. Alexandre de Sousa Holstein, o qual casou em primeiro matrimonio, no dia 27 de Junho de 1779, com D. Isabel Juliana de Sousa Coutinho Monteiro Paim.

Proveiu d'esse casamento o sr. D. Pedro de Sousa Holstein, 1.º duque, 1.º marquez, e 1.º conde de Palmella; o qual casou a 4 de Junho de 1810, com a exm.ª sr.ª D. Eugenia Francisca de Assis Xavier Telles da Gama.

D'esse casamento nasceu o sr. D. Francisco de Sousa Holstein, actual marquez de Sousa Holstein.

Nesta respeitavel casa se conserva, ha longos annos, o emprego de capitão da guarda real. D. Filippe de Sousa, pae do alludido D. Manoel de Sousa, foi capitão da guarda de D. Pedro II e D. João V; e da mesma fórma, D. Francisco de Sousa, avô de D. Manoel de Sousa, já exercera o mesmo emprego, além do cargo de presidente do senado da camara de Lisboa, presidente da mesa da consciencia e ordens e do conselho de estado.

Modernamente, o sr. duque de Palmella foi capitão da guarda real dos archeiros, assim como o sr. marquez de Sousa Holstein.

Ainda os pedreiros livres. —Por uma coincidencia notavel, quando acabavamos de dar noticia do *primeiro* livro acerca dos pedreiros livres em Portugal, recebemos *o ultimo* livro impresso neste paiz acerca da mesma sociedade. Devemos o exemplar com que fomos obsequiados ao sr. Ernesto Chardron, acreditado e intelligente livreiro do Porto.

Tem o livro o seguinte titulo:

A franc-maçonaria e a revolução, pelo padre Francisco Xavier Gautrelet, da Companhia de Jesus, com approvação da auctoridade ecclesiastica.

Traduzido do original francez por Francisco d'Azeredo Teixeira de Aguilar, conde de Samodães, ministro e secretario de estado honorario.

Precedida d'um proemio do traductor a respeito da maçonaria portugueza.—Volume I—Porto, 1873.

Lemos já o proemio do sr. conde de Samodães, o qual achamos muito interessante. Do resto do livro apenas tivemos tempo de por todo elle lançar uma rapida vista, em quanto o não lemos com a merecida attenção; mas já podemos dizer, que a impressão que nos causou, foi de que este livro é um dos mais notaveis que neste genero se tem publicado entre nós.

O sr. Ernesto Chardron de certo será animado pelos leitores deste volume a publicar o 2.º e 3.º. Pelo menos até agora a protecção do publico não tem faltado a este incançavel e esclarecido editor.

Faculdade de Theologia—Terminaram hontem os concursos para os provimentos de duas substituições vagas na Faculdade de Theologia.

Foram concorrentes os srs. Drs. Antonio João de França Bettencourt e Luiz Maria da Silva Ramos, ambos os quaes ficaram approvados.

Offerta de livros.—O sr. Dr. Bernardino Antonio Gomes, lente jubilado da escola medico-cirurgica de Lisboa, medico e escriptor bem conhecido dentro e fóra do paiz, offereceu uma collecção completa de todas as suas obras á bibliotheca da Faculdade de Philosophia. E' digna de registar-se esta homenagem de tão distincto homem de letras prestada á Universidade de Coimbra.

Olivaes. —Estão com mau aspecto, e geralmente affectados de ferrugem, os olivedos dos arrebaldes de Coimbra. A colheita da azeitona é quasi nulla este anno.

Plantações.—A camara municipal já mandou abrir as covas para plantação de arvores. Fez muito bem, porque na epocha propria a terra está perfeitamente curtida pela influencia do inverno, e é mais segura a plantação. E' forçoso porém confessar, que no estio que ha pouco findou, muitas arvores morreram á sede. E' indispensavel, que a camara seja solicita em mandar regar, encarregando deste trabalho pessoas competentes e zelosas, fiscalisadas por um empregado de confiança. Se não houver este cuidado, as despezas da arborisação serão inuteis, e hão de repetir-se todos os annos com grande onus para o municipio.

Feira de gado.—Esteve muito concorrida a feira de Santa Clara no dia 23, não obstante o mau tempo e a difficuldade de atravessar o rio. Fizeram-se importantes transacções, principalmente em gado bovino e suino.

Fructa.—Tem sido grande a exportação de fructa para Lisboa e Porto, avultando principalmente a castanha, nozes, melões, e maçãs. Tem affluido a Coimbra muitas remessas de castanha da Beira.

Trabalhadores. —Tem sahido de differentes pontos do districto de Coimbra muitos trabalhadores, que vão empregar-se nas obras do caminho de ferro do Minho.

Funeral.—Foi muito concorrido o funeral do sr. Dr. Mexia, especialmente por parte do corpo cathedratico e da academia. A corporação da Faculdade de Direito acompanhou todo o prestito funebre até ao cemiterio, e tambem foram muitos lentes das outras Faculdades. Os officios funebres na egreja da Sé Velha, foram celebrados com muita pompa. O sr. Dr. Mexia morreu, sem saber do desastroso fim do seu filho, que se suicidou em Lisboa. As desgraças desta respeitavel familia tem causado a mais dolorosa impressão em toda a cidade. O finado era geralmente estimado e venerado por suas virtudes e illustração. Tinha 61 annos, e exercia o magisterio desde 1840. Foi deputado em varias legislaturas; era fidalgo cavalleiro, conselheiro, commendador, e de um caracter respeitabilissimo.

Promoção.—Pelo fallecimento do sr. Dr. Mexia pertence por direito de antiguidade o logar de lente de prima ao sr. Dr. Bernardo de Serpa Pimentel, irmão do actual ministro da fazenda. Fica lente de *vespera* o sr. conselheiro Henriques Secco, que é immediato no quadro actual da Faculdade de Direito.

Passagem—Chegou na quinta feira a esta cidade, vindo do Minho e de passagem para a Figueira da Foz, donde tenciona regressar a Coimbra, o sr. conselheiro D. Antonio da Costa Sousa de Macedo.

Este cavalheiro é muito considerado pela sua illustração e dedicado amor pela instrucção nacional. As publicações que s. ex.ª tem feito, são lidas com o interesse que inspiram tão mimosas producções.

A associação dos artistas de Coimbra deve a s. ex.ª a honra de a distinguir entre as mais do reino, mandando-lhe, quando foi ministro da instrucção publica em 1870, um valioso donativo de livros.

Outra. —Esteve ha dias nesta cidade, de passagem para Lisboa, o sr. conselheiro Ayres Guedes Coutinho Garrido. S. ex.ª depois de servir com bastante zêlo o cargo de governador civil em differentes districtos, acha-se agora na capital, retirado á vida particular.

Peixe.—Tem havido no mercado de Coimbra grande abundancia de peixe, principalmente de sardinha.

Theatro.—Dizem-nos, que brevemente vem para o theatro de D. Luiz uma companhia dramatica nacional.

Jury de exames.—O jury, que neste districto de Coimbra, hade na segunda epocha deste anno, assistir aos exames dos candidatos ás cadeiras de ensino primario de ambos os sexos, é assim composto:

Presidente, Dr. Francisco Antonio Diniz, commissario dos estudos.
Vice-presidente, Joaquim Alves de Sousa, professor no lyceu.
Bacharel Francisco de Paula Santa Clara.
José Miguel do Abreu, professor de desenho na Universidade.
Joaquim José Pessoa, professor de ensino primario em Coimbra.
Augusto Pereira de Moura, idem em Cellas.
Bento José de Oliveira, idem em Coimbra.
Perpetua Felicidade Candida Serra, professora de ensino primario em Coimbra.
D. Libania Firmina da Cunha Serrão, professora de ensino primario em S. Martinho do Bispo.
Dula Olympia Pereira Dias.

Corridas de cavallos.—Na proxima feira de S. Martinho, na Golegã, terá logar este divertimento equestre, promovido pe-

---

Buerens mandara ao mesmo tempo o brigadeiro Solano que, com os quatro batalhões da segunda brigada do seu commando, occupasse as alturas da direita, deixando em posição um batalhão da guarda e o segundo de Almansa. Solano, com dois do Principe, excepto as companhias de caçadores, e a primeira do primeiro, desenvolveu as suas forças em batalha, e rompeu um fogo que se sustentou ardentemente por uma e outra parte. Sendo insoffrivel o dos carlistas, mandou o brigadeiro a Nano, com a sua companhia de granadeiros, para que desalojasse alguns inimigos, o que effectuou a passo de carga.

No centro continuava entretanto o fogo com empenho.

Havia que reparar a rota esquerda liberal, e formando-se em columna de ataque os batalhões de Cordova e Navarra, ás ordens dos seus coroneis Urbina e Nogués, os dirigiu o mesmo Buerens até ás massas carlistas que os esperavam impavidos. Com egual serenidade se moveram os liberaes, apesar do horrivel fogo de metralha que os dizimava; porem ia ser inutil tanto valor: o que os guiava desconhecia o terreno, e com a arma no braço os levou á borda de um profundo barranco, que em vão tentaram atravessar. Era o tumulo a que os conduzia a imperícia do chefe: acharam-se alli cem valentes, ficando muitos feridos, e entre outros os tenentes coroneis de Cordova e Navarra. Manda Buerens a retirada sobre Herrera, e mal disposta, ou mal executada, se vêem nella os liberaes perseguidos e acossados.

Solano sustentava-se ainda na direita, e á sua frente e flancos acudiam os vencedores do centro e esquerda liberal. A sua posição ia-se tornando demasiada critica: estava ferido alem disto com tres balas e havia perdido dois cavallos: o coronel Alonso tambem estava ferido.

Não cede, e manda um ajudante a Buerens, expondo-lhe o grave e critico de sua situação, e pedindo-lhe ordens. Ao partir o ajudante se lhe apresentam pelo flanco esquerdo duas fortes columnas de cavallaria carlista, commandadas por Quilez e D. Manoel Lucus (o *Manolin*), ameaçando uma carga.

Solano, á frente de alguns cavallos do 5.º ligeiro, com o seu coronel Castilla e commandante Ansuategui, os rechassou com outra brilhante carga, que custou muito sangue, derramando-se o de quasi todos os chefes, incluso os dos tres citados.

Não ficou Solano em disposição de resistir a nova carga que preparavam os carlistas, pois que ainda que leves as feridas, eram muitas as baixas da sua gente, e ordenou a Castilla que se salvasse com os poucos batedores que lhe ficavam, protegendo o commandante Ansuategui e demais feridos que podessem ter-se a cavallo.

Carregava, porem, o inimigo, e iam a perecer todos e como recurso extremo e desesperado, ordenou Solano aos coroneis Alonso e Pujol a formação de quadrados. Ganhava-se assim tempo para que chegassem no entanto as ordens de general. Estas, porem, não chegavam: o official portador, que pertencia ao regimento de Cordova, faltou ao seu dever por cobardia, ou por descuido: de qualquer modo foi o responsavel d'aquelle desastre, em que se immolaram tantas victimas, cujos ais de agonia deveriam resoar em sua consciencia, e resoarão se ainda vive. A ordem de Buerens era que se retirassem sobre a ermida de Herrera.

Sete cargas soffreram os quadrados, acompanhadas por um mortifero fogo de metralha, e comtudo resistiam valentes e dizimados, os impetuosos ataques dos carlistas. Porem eram muitos e grandes os claros que estes faziam, sendo já louca e inutil a resistencia contra uma nova acommettida, que ás 9 da noite dão impetuosos os inimigos, com que desfazem inteiramente os quadrados.

A derrota era já completa para os liberaes, e era tambem completa a victoria para os carlistas. Aquelles perderam 92 officiaes, e perto de 2:000 homens, entre mortos, feridos e prisioneiros; sendo um destes o brigadeiro Solano, que depois de atravessado com uma bala o seu cavallo, ficou abandonado debaixo d'elle, até que ás 3 horas da manhã seguinte foi recolhido pelos vencedores com outros officiaes, que a não ser isso teriam perecido naquelles campos, pois quasi todos se achavam feridos.

O despojo não foi menos consideravel: 5:000 armas, 50 caixas de munições, a artilheria, as caixas dos corpos e equipagens, tudo ficou em poder do vencedor, que teve 800 baixas segundo uns, e 500 segundo outros. Entre os mortos dos carlistas se contaram o brigadeiro Quilez, o coronel Manolin e o commandante Oteiza. Era, porem, grande o triumpho obtido, e podiam resarcir a perda de tão decididos chefes.

Por este triumpho foi elevado Moreno a capitão general, e a marechaes de campo Delpau e D. Basilio Garcia; concedendo-se a grã-cruz de Isabel a Catholica a Sopelana e a Sanz.

Tambem foi creada por D. Carlos uma cruz, formada por uma espingarda e uma peça entrelaçadas com 8 lanças e 4 espadas: no centro uma pequena cruz, por se chamar ao campo da victoria *Cañada da Cruz*. No reverso um C e um V, e em redor *24 de Agosto*. Entre a corôa de louro que descançava sobre a bayoneta, havia esta inscripção: *Villar de los Navarros.*

No dia seguinte da desgraçadissima acção de Herrera, 25 de Agosto, foram conduzidos os prisioneiros a Muniesa, e entregues a Aznar, o *Coxo de Cariñena*, o qual os deixou dentro em poucos dias em Villarluengo, onde permaneceram até 31 de Agosto, em que foram trasladados a Cantavieja.

Os soffrimentos dos infelizes prisioneiros de Herrera foram de tal ordem, que nos falta o animo para os descrever.

Horrores temos referido nesta historia; porem o que soffreram os prisioneiros de Herrera, excede ainda ao que experimentaram as victimas da cidadella de Barcelona em 1828. Relativamente foi o conde de Hespanha então mais humano do que os barbaros agentes de Cabrera em Cantavieja; ao menos não os obrigou a ser antropophagos. Entre innumeraveis tyrannias que os carlistas fizeram soffrer em Cantavieja aos prisioneiros de Herrera, foi uma o de matarem uma grande parte á fome, vendo-se os infelizes que restavam obrigados a comer os cadaveres dos seus companheiros!

Os prisioneiros de Herrera foram verdadeiros martyres da liberdade. A sua memoria é bemdita, assim como a historia e a humanidade devem maldizer a de seus verdugos.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

lo sr. Carlos Relvas. As corridas de cavallos vão grangeando as sympathias publicas, e é provavel que façam esquecer o barbaro espectaculo das toiradas. As que houve ha pouco tempo em Cintra foram muito concorridas e mereceram grandes applausos.

Desgraça—Hoje de manhã, estando dois serradores a cortar um choupo, em uma insua, a pouca distancia da ponte de Agua de Maias, achava-se um homem a ver serrar a arvore. Foi avisado para se retirar, e com tanta infelicidade mudou de sitio, que foi exactamente para o ponto onde caiu o choupo, o qual batendo-lhe na cabeça, o deixou instantaneamente morto.

ANNUNCIOS

EXPEDIENTE

ROGAMOS aos srs. assignantes do *Conimbricense*, que estão em debito das suas assignaturas, o especial obsequio de nos enviarem a sua importancia, o que desde já muito lhes agradecemos.

Agradecimento

1 ANTONIO JOSÉ FERREIRA LEITÃO e José Antonio Ferreira Manso, agradecem cordealmente a todas as pessoas, que durante a curta doença de seu querido irmão Manoel José Ferreira Leitão, lhe prestaram dedicados serviços, e acompanharam seu corpo á egreja e no cemiterio; mencionando especialmente: o exm.º sr. Dr. Ignacio Rodrigues da Costa Duarte, que empregou todos os recursos da amisade e da sciencia para debelar a molestia que o finou; o illm.º sr. padre Antonio Simões de Noronha, amigo dedicado na doença, e confortos da religião; ao digno parocho de Santa Cruz, pela presteza com que lhe ministrou o Sagrado Viatico; e á imprensa periodica que delle tem feito honrosa menção, sobresaindo notavelmente o *Conimbricense*; conservando por todos que tomaram parte nos seus pezares, nesta perda irreparavel, eterna gratidão. Pedem desculpa d'algumas omissões nos convites para o enterro, devidas ao seu afflictivo estado.

ATTENÇÃO

2 PEDE-SE á sr.ª D. Maria Adelaide de Vasconcellos, que no dia 5 do corrente escreveu uma carta a João Miranda Castella, o obsequio de o fazer segunda vez, indicando-lhe a sua morada, para assim ser procurada.

3 FRANCISCO ANTUNES MARRECO, de Miranda do Corvo, testamenteiro de Maria Angelica, da mesma villa, convida os contra-sobrinhos da fallecida, a comparecerem em sua casa até ao fim de Janeiro do anno proximo, para receberem a quantia de 7$200 rs., que ella lhes deixou por sua morte; apresentando justificação legal.

4 NO DIA 11 do proximo mez de Novembro, por 10 horas da manhã, ás portas do tribunal de justiça, perante o exm.º juiz de direito desta comarca, se hade arrematar uma casa que serve de palheiro e com seu alpendre, na Lameira de S. Pedro, freguezia de Luso, penhorada por execução que os empregados deste juizo movem a João Dias, mulher e filho Abel Dias, do mesmo logar. Escrivão interino Costa.

RUA DA CALÇADA—N.º 41 A 45

5 FRANCISCO DE SOUSA ARAUJO, além do bom sortimento de ferragens nacionaes e estrangeiras, oleo, tintas, e quinquilherias, que sempre teve e tem, no seu estabelecimento, acaba de receber novo sortimento não só daquelles artigos, como tambem cimento hydraulico, gesso para estuques, armas de 1 e 2 canos para caça; rewolveres de 7, 9, e 12; pistolas de 1 e 2 canos para algibeira; relojos americanos para mesa, transparentes para janellas, guarda-chuvas de seda e orleã, apparelhos d'eletro-plate para chá, faqueiros, salvas, colheres, castiçaes e galheteiros, imitando perfeitamente a prata; faqueiros de cabo de marfim, aço e barba de baleia, estojos para desenho, para barba, e para limpar dentes; despertadores de cabeceira, fechaduras com campainha para gaveta e armario, espelhos, carteiras de madre perola, porte-monnaie, tesouras para aparar buxo, e para aparar arvores, para podar, e para flores; seringas irrigatorias; tubos elasticos, boxeres de latão e aço, cadeias de plaquet e aço para relogios, bussolas de diversos tamanhos, oculos de ver ao longe, binoculos para theatro, oleados para mesas; albuns para retratos, jarras para sala, fitas metalicas de 10, 15 e 20 metros, papel para plantas de tella, quadricular e imperial; jogos do loto, xadrez e dominó; sabonetes, e muitos outros artigos, que tudo vende por preços commodos.

6 MANOEL D'ARRIAGA abriu no dia 15 do corrente os cursos das linguas franceza e ingleza. As pessoas que os quizerem frequentar podem procural-o em sua casa, na rua do Salvador, n.º 8.

7 EMYGDIO FERRAZ DE CARVALHO, com loja de calçado na rua do Infante D. Augusto, n.ºs 12 a 20, vende e faz toda a qualidade de calçado, tanto para homem, como para senhora. Tem couro inglez e da Russia frizado, e solas de guta-percha para calçado de inverno.

Tem uma prensa aonde friza toda a qualidade de cabedal, por maior que seja a sua grossura. Ponteia á machina toda a obra, e tudo por preços razoaveis.

Recebe officiaes a quem pagará bem o merecimento do seu trabalho.

DEPOSITO DE TABACOS EM COIMBRA

Largo das Olarias, n.º 11, de Gavicho & C.ª

8 NESTE DEPOSITO se encontram as seguintes e acreditadas marcas de charutos, da fabrica nacional de tabacos em Xabregas, de Lisboa, que por suas boas qualidades se recommendam ao publico.

Charutos Havanos claros e escuros para 10 réis.
Charutos Flor-Flor de Londres e suissos para 15 reis.
Charutos Emeralda, Estrellas e Flores para 20 reis.
Charutos Gergorinos, Gran-parada e la Rosa de S. Thiago para 25.

Alem destas marcas ha outras para 30, 40, 45, 50, 60 e 80 reis.

Previne-se que havendo algumas marcas de charutos d'outras fabricas, com a mesma denominação das de Xabregas, se não devem confundir.

Recommendam-se os cigarros entre fortes á hespanhola (especiaes de 12 por 20 reis) que são muito cheios, de muito boa folha e não têem misturas.

Para os senhores vendedores de tabacos fazem-se descontos vantajosos, a prompto pagamento, e a prazos de 1, 2, 4 e 6 mezes.

Coimbra, 25 de Outubro de 1873.

Latim (1.ª e 2.ª parte) e francez

9 O PRESBYTERO José Maria Cardoso de Figueiredo abriu as suas aulas de latim (1.ª e 2.ª parte), e a de francez no dia 15 do corrente Outubro. Couraça dos Apostolos, n.º 49.

ALVAIAZERE

10 CONSTANDO ao abaixo assignado, que Francisco Dias Baptista, da Rominha, e actualmente residente em Figueiró dos Vinhos, pretende alienar bens de raiz em prejuizo do annunciante, que é seu credor: previne-se o publico, que não contracte com elle sobre compra de bens immobiliarios, sob pena de tal contracto ser considerado fraudulento.

Villa Nova de Passos, 20 d'Outubro de 1873.

José Maximiliano Peres de Sousa.

11 ARRENDA-SE a fabrica de destilação d'aguardente, situada no logar de Urzelhe, freguezia de Lamas, a qual fabrica está no centro do melhor vinho do Bairro, e é muito abundante d'agua, condição essencial para taes estabelecimentos. Quem a pretender póde apparecer até 20 do corrente Outubro de 1873, em casa de João Francisco da Silva, de Coimbra, largo das Olarias, aonde estão patentes as condições.

AVISO

12 O PRAZO para o pagamento das contribuições directas do corrente anno, começa no dia 2 de Novembro e acaba no dia 1 de Dezembro proximos. Os contribuintes, que não pagarem no referido prazo, pagarão mais 3 % de multa até ao fim de Dezembro, e depois mais 6 % de juros.

Coimbra 20 de Outubro de 1873.

O recebedor, *Jardim.*

13 ECHOS DO VALLE, por E. C. de Neves e Castro. Vende-se em casa dos srs. Melchiades, Mesquita e M. C. da Silva. Preço 500 reis.

QUEIJO FLAMENGO

PASSA DE MALAGA

RAINHA CLAUDIA

PASSA DE FIGO

De superior qualidade e em caixas de differentes tamanhos, chegaram ao armazem de viveres de

Manoel da Silva Gonzaga

—51, Sophia, 55—

CASA DE AZULEJO

No mesmo armazem se continua a vender stearina de 4, 5, e 6 velas, a 140 rs. cada pacote e stearina para carruagens.

Mostarda franceza preparada em frascos.
Dita ingleza em pó.
Farinha maizena para pudins.
Sal refinado em pacotes.
Conserva ingleza.
Pacotes de sopa Juliana.
Sardinhas de Nantes.
Superior vinho Xeerz.
Dito do Porto.
Dito moscatel de Setubal.
Genebra hollandeza.

LECCIONISTAS

15 JOSÉ MARIA DA SILVA TORRES, bacharel Agostinho Rodrigues d'Andrade, José Victorino de Freitas, quartanista de Philosophia, Bernardino M. Pinto, estudante do 2.º anno de Direito, e Antonio Augusto Gonçalves Neves, abrem no dia 3 de Novembro, os cursos de instrucção primaria, francez, portuguez (curso completo), latim (1.ª parte e curso completo), introducção e desenho. Edificio da Estação Telegraphica.

CASAS

16 VENDE-SE uma morada na rua do Carmo, n.º 3 e 5. Declara-se que é foreira a Antonio Roxanes, desta cidade, ao qual paga de fôro annual 7$000 rs., e outra no terreiro da Erva, com os n.ºs 51, 53, 55, e paga de fôro ao Seminario episcopal desta cidade 400 rs. Quem quizer alguma d'ellas, pode fallar com José dos Santos Donato, no largo das Olarias, n.º 88.

LECCIONISTA

17 C. A. SIMÕES, estudante de sciencias naturaes, continua a leccionar geometria plana e desenho (1.ª e 2.ª parte) em sua casa no Largo da Feira, n.º 24. Tambem se promptifica a leccionar em casas particulares.

ATTENÇÃO!

18 BONS VINHOS engarrafados. Diversas qualidades para mesa e pasto.

Bella pinga verde!

Rua das Solas, n.º 28.

Lições de francez a 1$600 reis por mez. — Leitura e traducção.

19 NESTA REDACÇÃO se diz quem é o leccionista.

EDITAL

20 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Coimbra, em execução do alvará do exm.º sr. secretario geral, servindo de governador civil deste districto, de 20 do corrente mez, faz publico, que a eleição da Camara Municipal deste concelho, que hade servir no biennio de 1874 e 1875, deverá verificar-se no dia 16 do proximo mez de Novembro, pelas 9 horas da manhã, nas assembleias abaixo designadas.

A Camara Municipal será composta de sete vereadores, devendo para isso as listas dos votantes conter sete nomes.

Ninguem poderá ser admittido a votar se o seu nome não estiver inscripto no recenseamento dos eleitores.

São nullos os votos que recairem em pessoas, cujo nome se não ache inscripto no recenseamento dos elegiveis.

No domingo seguinte ao da eleição, os escrutinadores de todas as mesas se apresentarão, pelas 10 horas da manhã, na casa da Camara Municipal, com as actas das suas respectivas assembleias, e alli procederá a mesa definitiva ao apuramento geral de votos.

1.ª assembleia—Igreja da Sé Nova—freguezias, Sé Nova, Sé Velha e Santo Antonio das Olivaes.

2.ª assembleia—Igreja de Santa Cruz—freguezias, Santa Cruz, S. Bartholomeu e Santa Clara.

3.ª assembleia—Igreja de Souzellas—freguezias, S. Paulo de Frades, Eiras, Brasfemes e Torre, Souzellas, Botão e Trouxemil.

4.ª assembleia—Igreja de S. Silvestre—freguezias, Vil de Mattos, Antuzede e S. Facundo, Cioga do Campo, S. Silvestre, Lamarosa e S. Martinho d'Arvore.

5.ª assembleia—Igreja de Taveiro—freguezias, Taveiro, Ribeira de Frades, Ameal, Arzilla, S. Martinho do Bispo e Antanhol.

6.ª assembleia—Igreja do Assafarge—freguezias, Assafarge, Sernache, Almalaguez, Castello Viegas e Ceira.

E para os devidos effeitos se mandou publicar este e outros de egual theor.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 23 de Outubro de 1873.

O presidente,

Lourenço d'Almeida Azevedo.

NUMERO 2740 — TERÇA FEIRA 28 DE OUTUBRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Impressa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Tem sido para alguns jornaes da opposição objecto de violenta censura a escolha que sua magestade el-rei fez, de aio e perceptor para seus augustos filhos.

A justificada confiança, que o monarcha depositou nos srs. conselheiros João Baptista da Silva Ferrão de Carvalho Martens e Henrique O'Neill, tem dado serios cuidados á opposição.

Tocou a rebate o orgão historico, e é de ver como um facto tão simples, qual o do escolha de dois caracteres respeitabilissimos pelos seus dotes e elevadas qualidades, comprovadas pelo longo tirocinio da vida publica, onde tem sempre gozado de uma reputação illibada, deu margem ás lamentações impertinentes da opposição, e, o que é mais para sentir, ás insinuações mentirosas com que ella costuma atacar os seus adversarios.

Discute actualmente uma parte da imprensa desaffecta á situação, a pessoa do sr. Martens Ferrão, calumniando o seu passado, ferindo a sua reputação de homem extremamente dedicado ás instituições liberaes; e a proposito das expressões honrosissimas que no decreto da sua nomeação, são dirigidas ao agraciado, fazem até severas arguições ao proprio chefe do estado.

Ou as palavras desattenciosas endereçadas pelos principaes orgãos da imprensa opposicionista, sejam dirigidas ao chefe da familia real, ou ao rei irresponsavel; é sempre impropria a frase pouco respeitosa, de que a opposição se está servindo.

De quem quer que partisse a lembrança da nomeação do sr. Martens Ferrão, para exercer nos paços dos nossos reis o elevado cargo de dirigir a educação dos principes, é certo que a escolha foi acertadissima, e ninguem de boa fé póde duvidar da competencia do agraciado.

O sr. Martens Ferrão é um caracter respeitabilissimo, e está muito longe de merecer os maus tratamentos com que o despeito da opposição, tão acintosamente o pretende aggredir. O bom senso publico indigna-se com semelhante procedimento.

A politica que lança mão de taes meios, nega os sentimentos de justiça, e mostra não possuir a dignidade indispensavel nas relações da vida publica.

O nosso respeitavel amigo, o sr. conselheiro D. Antonio da Costa de Sousa de Macedo não poude, como tencionava, ir á Figueira, e por isso partiu hontem para Lisboa.

Em razão do pouco tempo que nesta cidade se demorou, não viu tudo o que desejava, e como era natural a quem não voltou a esta terra ha mais de 20 annos.

Poucos momentos antes de sair para Lisboa, foi s. ex.ª ver a grande sala da associação dos artistas, que percorreu com toda a attenção. Passou, porem, aquelle illustrado cavalheiro, pela triste decepção de ver que os livros, que quando ministro da instrucção publica havia expontaneamente mandado para a associação dos artistas de Coimbra, pela considerar uma das primeiras do paiz, estavam ainda amontoados e intactos, como no proprio dia em que a esta cidade tinham chegado!

Expondo-lhe nós, por essa occasião, que o motivo que alguns socios allegavam como desculpa desta inacção da sociedade, era o convencimento em que estavam de que nenhum socio iria ler os livros á sala da associação; nos disse s. ex.ª, que a falta de tempo para os artistas não era desculpa justificada; porquanto no decreto de 2 de Agosto de 1870, que creou as bibliothecas populares, referendado por s. ex.ª, na qualidade de ministro da instrucção publica, lá estava obviado esse inconveniente, na permissão do emprestimo dos livros, com o que se iria levar a instrucção ao seio das familias.

Em fim, o que é facto indubitavel, é que as estantes ainda estão por fazer e os livros por classificar, depois de decorridos tres annos; o que na verdade é um grande desdoiro para a associação dos artistas.

Quem havia de dizer ao illustre ministro da instrucção publica de 1870, que passado tanto tempo, teria elle mesmo de presencear um semelhante facto!

Que vergonha!

NOTICIARIO

Os jesuitas.—De certo nunca houve instituto que fosse mais elogiado e vituperado, do que o dos jesuitas.

Para uns são os jesuitas os melhores educadores da mocidade, e ninguem os excede nos trabalhos a favor da religião, bastando para exemplo a sua infatigavel cathequisação dos povos selvagens. Segundo os dessa opinião, as sciencias são devedoras aos jesuitas dos maiores serviços, porque em todos os ramos eram eminentes, como o provam as numerosissimas obras por elles publicadas.

Para outros, os jesuitas eram uns monstros, não havendo genero de crime que não praticassem. Assassinos, regecidas, propagadores de doutrinas sediciosas, hereticos, avarentos, enredadores, ambiciosos de poder; em fim, possuiam todos os vicios imaginaveis.

Temos neste momento á vista uma das publicações mais violentas e apaixonadas, que se tem publicado contra os jesuitas. É uma collecção de 34 gravuras, contendo as mais terriveis satyras contra a companhia de Jesus.

Tem o seguinte frontespicio:

Recueil de figures historiques, symboliques & tragiques, pour servir a l'histoire du XVIII siecle.

A Amsterdam, MDCCLXII.

No mesmo frontespicio tem um emblema, que consta de uma peça de artilheria, aljava de setas, bandeira, facho incendiario, espada e taça de veneno, e por cima do emblema o seguinte:—*Per fas, et nefas.*

Todas as gravuras tem as palavras em francez e latim, com a unica excepção da primeira, que as tem em portuguez. Parece nos por isso, que são o resultado de uma aggregação de differentes gravuras, por algum curioso, porque umas são feitas em Lisboa, outras em Veneza, outras em Roma, etc; comquanto o desenho de quasi todas seja do mesmo individuo.

Daremos a descripção de algumas, para por ellas se avaliar das restantes.

A primeira tem o seguinte titulo—*O trabalho perdido.* A' direita acha-se uma grossa arvore, no cimo da qual se vê o Padre Eterno e o Espirito Santo. Nos differentes ramos da arvore estão os retratos de Santo Agostinho, S. Gregorio Magno, S. Gregorio Nazianzeno, Santo Hilario, S. Thomaz d'Aquino, S. Fulgencio, S. Prospero, S. Remigio, Santo Isidoro, S. Jeronymo, S. Bernardo, o Veneravel Beda, o cardeal Noris, o bispo Hincmar, e o Veneravel Palafox.

Junto á base do tronco vêem-se os jesuitas Sanches e Molina, de habitos arregaçados,

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCVII

D. CARLOS

LVII

Ao desalento do partido liberal pela derrota em Herrera, causada pela expedição de D. Carlos, se juntavam os receios provindos de outra expedição carlista, que saira das provincias do norte, commandada por Zaratiegui, a qual vinha pôr ainda em mais apuros as forças da rainha.

A expedição de Zaratiegui compunha-se do 1.º e 7.º batalhão, 4.º e 7.º de Guipuscoa, um de Valencia e o 5.º de Castella. Trazia alem disso um quadro de aragonezes, de 60 homens, com um numero maior que este de officiaes. A cavallaria compunha-se de dois esquadrões do regimento de lanceiros de Navarra, 2.º e 4.º, que teriam uma força de 230 cavallos, e de outro denominado quadro activo, só de officiaes, que se aproximavam a 50. O segundo commandante da expedição era o general D. Joaquim Elio, o mesmo que anda actualmente á frente dos carlistas em Hespanha.

Zaratiegui poz-se em marcha com a expedição a 20 de Julho de 1837, sendo um dos seus feitos mais importantes o apoderar-se da cidade de Segovia, onde entrou a 4 de Agosto.

Nos dias que os carlistas occuparam Segovia, cunharam alli moeda em nome de D. Carlos.

Mendez Vigo é quem commandava as forças liberaes, destinadas a perseguir Zaratiegui. Este teve, por isso, de sair de Segovia.

Nos 24 dias que tinham durado as operações entre Segovia e Madrid, foi muito sensivel aos carlistas, que as suas armas na serra, incommodadas por grossos destacamentos, não podessem executar cousa alguma, das differentes que Zaratiegui lhes encarregara nas suas instrucções; o que tambem dimanou da escassa harmonia entre o coronel Barradas e o commandante Navazo.

Na sua marcha tomou Zaratiegui a Salas dos Infantes, para o que concorreu a pouco honrosa defeza da guarnição.

No dia 28 de Agosto bateu-se com as forças de Mendez Vigo em Nebreda. Custou esta acção perto de 400 homens de ambos os bandos.

Mendez Vigo, a quem desde esta acção não faltaram desgostos com os seus collegas, trasladou-se no dia seguinte a Lerma, e daqui passou depois a Gumiel de Izan; e quando se dispunha a marchar sobre Aranda e Somosierra, sabedor de que Zaratiegui intentava unir-se com D. Carlos, recebeu uma real ordem, accedendo á demissão que havia pedido da capitania general do districto, e do commando do corpo de operações; auctorisando-o para que o entregasse ao chefe mais antigo, emquanto se não apresentava o successor. Deixou em consequencia disso o commando do corpo de operações, sendo substituido por Puig Samper, e se dirigiu á côrte, onde solicitou se submettesse a sua conducta ao exame de um conselho de guerra, o que desattendeu a rainha governadora, conformando-se com o parecer do tribunal supremo de guerra e marinha.

Entretanto apoderou-se Zaratiegui, por capitulação, de Burgo de Osma.

Tão faceis triumphos em tão poucos dias, fizeram a Zaratiegui aspirar ainda a maiores emprezas; sendo este o unico modo possivel de se sustentar em um paiz escasso de munições de guerra, porque as tomadas nas mencionadas guarnições, e as de Segovia anterior

puchando cada um de seu lado por uma grande serra, para cortar a arvore, a qual já está meia serrada.

A' esquerda está um grupo de jesuitas, puchando com toda a força por duas cordas, atadas ao cimo da arvore, para coadjuvarem o trabalho dos jesuitas Sanches e Molina. O padre geral anima no entretanto os jesuitas no seu serviço, estando o demonio com um chapeu de sol, a livrar das intemperies do tempo o padre geral, e a inspiral-o.

Por baixo da gravura lêem-se os seguintes versos:

Desta arvore divina, cujo antigo,
Eterno tronco, com cruel fereza,
Pretende derribar, braço inimigo,
A raiz, ó SENHOR, conserva illeza;
Que para confusão da turba impia
Renascerá com gloria tua, um dia.
Mas se ordenado está na eterna mente
(Que em seus abysmos os destinos cerra)
Que desta arvore, a copa florecente,
Com injuria quebrada caia em terra,
Debaixo de seu peso a turba infida,
Fique despedaçada, e confundida.

Outra gravura consta de um medalhão, no qual se vê Hercules representando o rei de Portugal, subjugando a hydra de Lerna, de sete cabeças, todas com barretes de jesuitas.

O semi-deus da fabula tem o animal em respeito com a sua massa; esmaga-lhe as costas, e calca aos pés todas as cabeças, para as pôr em estado de não prejudicar a ninguem.

A nação portugueza, figurada por uma mulher, beija humildemente a mão do seu libertador. Mais abaixo está o escudo de Portugal, sustentado por dois anjos tutelares.

Outra gravura representa um grande edificio, achando-se muitos operarios a demolil-o. Na parte inferior está uma prisão, onde se vê o jesuita Malagrida preso com cadeias.

Por baixo, entre as armas de Portugal se lê o seguinte em francez: —«Lei do rei de «Portugal, de 25 de Fevereiro, e publicada a «3 de Março de 1761, que condemna os je«suitas, por crime de lesa magestade, a se«rem banidos, expulsos, desnaturalisados, e pro«scriptos de todos os reinos e terras do do«minio portuguez, e seus bens confiscados «e reunidos aos bens da corôa. —Dedicado ao «rei pelo seu humilde servo Wasquarèz, em «Lisboa, em casa de Bonnardel.»

E termina com as seguintes palavras: — «Que! nos ferros, um profeta, um apostolo, um digno filho de Loyola! Bom Deus, porque não estão elles todos alli, para a sua salvação e para a nossa!»

Outra gravura é destinada a satyrisar os jesuitas, segundo as accusações que lhes faziam, de abusarem da sua posição para negociar. Vê-se o geral dos jesuitas sentado a uma mesa, a dirigir as transacções commerciaes. Estão espalhadas sobre a mesa e no chão, letras de cambio, pacotes de tabaco, café, diamantes, rubins e perolas. Em cima da mesa está uma balança, e ao lado direito do padre geral acham-se dois jesuitas, tendo um na mão um punhal, e o outro uma taça de veneno.

Tudo isto está dentro de um medalhão. Fóra delle vêem-se do lado direito, um papa, um cardeal e varios bispos; e do esquerdo, individuos de differentes paizes e religiões. Por baixo do medalhão lê-se um verso francez, que traduzido diz o seguinte: —*Filhos de Ignacio, com estes instrumentos, postos em vossas mãos, vencereis toda a alma indocil; ide prégar este evangelho a todos os humanos.*

Com effeito, na parte inferior da gravura, está um grande armazem de negocio, dirigido por jesuitas. No cimo acha-se o retrato de Santo Ignacio, tendo dos lados as seguintes palavras: *Armazem de todas as qualidades de mercadorias, por grosso e ao meudo.*

De um lado está um laboratorio chimico, em que manipula um jesuita; e do outro estão dois jesuitas a medir panno da Persia, e outros dois jesuitas sentados a uma mesa, fazendo operações de desconto de letras e transacções commerciaes de assucar e indigo.

Para não alongarmos muito esta narração, vamos terminar, descrevendo só mais outra gravura.

E' um medalhão, onde se vê o papa Clemente XI, assentado, tendo a seus pés um jesuita, e á esquerda um membro da congregação do Oratorio. O soberano pontifice cruza as mãos, apresenta ao jesuita o seu decreto contra os *ritos malabares*; e ao oratoriano a constituição *Unigenitus*.

As duas personagens tem a face voltada. O jesuita diz —*Roma é um mau animal*. O oratoriano diz —*Appello para o futuro concilio*.

Em volta do medalhão vêem-se as seguintes palavras, tiradas do livro 4.º, capitulo 3.º das obras do cardeal Belarmino —*Si ille erret, tota ecclesia errabit* (Se o papa cae no erro, toda a egreja caira com elle).

Archivo heraldico-genealogico. —O sr. Visconde de Sanches de Baena acaba de nos obsequiar com os dois magnificos volumes da seguinte obra:

Archivo heraldico-genealogico, contendo noticias historico-heraldicas, genealogicas, e duas mil quatrocentas e duas cartas de brazão d'armas, das familias que em Portugal as requereram e obtiveram, e a explicação das mesmas familias em um indice heraldico. Com um Appendice de cartas de brazão, passadas no Brazil depois do acto da independencia do imperio. Pelo Visconde de Sanches de Baena.

Lisboa: typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, impressor da Casa Real, rua dos Calafates, 110—1873.

E' esta obra o resultado de um trabalho immenso, a que se entregou o illustre escriptor, com a qual veiu preencher uma grande lacuna que havia entre nós sobre este assumpto.

Eram muito deficientes o *Nobiliario do conde D. Pedro*, e o *Theatro genealogico que contem as arvores de costados das familias*; e com quanto no seculo passado, o distincto academico D. Antonio Caetano de Sousa, publicasse as suas obras monumentaes — *Historia genealogica da casa real portugueza*, e as *Memorias historicas e genealogicas dos grandes de Portugal* — já hoje estão atrazadas de mais de um seculo.

Nem satisfazem os modernos trabalhos incompletos do genealogista João Carlos Feo Cardoso de Castello-Branco e Torres — *Resenha das familias titulares do reino de Portugal*, impressa em 1838; *Diccionario aristocratico: contendo os alvarás dos fóros de fidalgos da casa real*, &, de que se imprimiu só o tomo I em 1840; e *Resenha das casas titulares de Portugal*, obra grandiosa, mas que apenas foi principiada a imprimir, em consequencia do fallecimento do seu auctor.

Foi nestas circumstancias que o sr. Visconde de Sanches de Baena veiu publicar a sua obra.

Consta de dois volumes em folio, sendo muito nitida a impressão. O primeiro volume contem LII-686 paginas; e o segundo consta de CCXXX paginas.

Uma das difficuldades para esta empreza foi o resultado do fatal terremoto de 1 de Novembro de 1755, que alem de outros enormes prejuizos, fez com que fosse pasto das chammas o cartorio da nobreza, onde, alem de immensos documentos nelle existentes, que serviram de base á concessão dos brazões de armas desde longa data, se perderam com elles os treze valiosissimos livros *in-folio*, em que estavam registadas cerca de tres mil cartas de brazões de armas; das quaes apenas 150 foram salvas, por se acharem copiadas em um livro particular, que estava fóra do cartorio, e que pertencia ao reformador de então, Fr. Manoel de Santo Antonio.

Este livro continuou a servir depois, até ao anno de 1764, e foram nelle registadas, alem das 150 cartas já mencionadas, mais 109, até que em 1765 se começou nova escripturação de taes registos; e desde então até agora existem nove livros, designados de 1 a 9.

Em todo o caso o sr. Visconde de Sanches de Baena suppriu essa falta quanto foi possivel, com as suas perseverantes diligencias e improbo trabalho.

Queixa-se o illustre escriptor do immenso numero de pessoas, que na actualidade se pavoneiam com brazão de armas, na portinhola de suas carruagens, em anneis, e nos differentes logares em que elles se podem collocar, em flagrante contravenção de todas as leis antigas e modernas, e a despeito das penas nellas comminadas.

Do prodigioso numero de titulares que ha, apenas 26 tem tirado carta de brazão, usando-os todos os mais independentemente dessa indispensavel auctorisação, sendo aliás expresso na lei— «que os descendentes não poderão usar das ditas armas sem cada um delles haver diploma em que se lhes concedam.»

O sr. Visconde de Sanches de Baena publica no principio da sua obra muitos documentos acerca dos brazões, sendo o mais antigo a carta passada por el-rei D. Duarte em 1438, a Gil Simões, pela qual lhe foram dadas armas, e havido elle e os que d'elle descendessem por fidalgos.

Publica em seguida a serie dos reis d'armas Portugal, ou catalogo de todos os de que se apuraram noticias.

Da depois largas noticias heraldico-genealogicas, que chegam até paginas 595, segundo a ordem alphabetica.

E termina o primeiro volume com o *Supplemento em que vão trasladadas na integra as cartas de brazões d'armas, cujas copias ou registos existem entre os manuscriptos da bibliotheca Eborense.*

No segundo volume publica o sr. Visconde de Sanches de Baena o *indice heraldico*, indicando sempre as numerosas auctoridades, fontes de que se serviu para esse interessante trabalho.

Para se ver como o *indice heraldico* do segundo volume é formulado, daremos dois exemplos; um de familia moderna, e outro de familia antiga.

«BARTHOLOMEU DOS MARTYRES DIAS E SOUSA. M. N. de brazão d'armas, feita a Bartholomeu dos Martyres Dias e Sousa, e seus descendentes, por alvará de 2 de Julho de 1870: —Escudo em campo azul, tendo no centro uma cruz, sobre ella, uma banda, uma ancora, e sobre tudo, em contrabanda, uma palma, sendo de ouro todos estes emblemas; em volta do escudo uma orla em campo de prata, e nella a divisa —*Crede—Spera—Vinces*—em letras de côr preta; sobre o elmo por timbre um açôr; circumdando o escudo uma fita com a legenda —*Valor, Lealdade e Merito*.

«Significam as ditas armas assim ordenadas o seguinte: a cruz, a que corresponde a letra —*Crede*—na orla do escudo, symbolisa a crença firme do agraciado na justiça da causa que defendeu; a ancora, a que corresponde a letra —*Spera*—denota a esperança preservante e inalteravel de que essa causa justa e santa seria aceita de Deus e dos homens; e a palma, a que respeita a letra —*Vinces*—significa o premio da victoria, que a final coroou os esforços dos defensores da legitimidade constitucional; o açôr no timbre e alusivo ao nome do territorio em que se constituiu o primeiro baluarte para a defeza daquella mesma causa, o qual foi o archipelago dos Açores, começando na ilha Terceira, sua capital. —V. Archivo, n.º 391.»

«MEXIA. A familia deste appellido é antiga e illustre. Deduz a sua origem dos godos. Tem o seu solar em Galliza, junto á cidade de Corunha, em uma torre. O primeiro que teve este appellido foi Gonçalo Dias Mexia, que viveu pelos annos de 1110, e era filho de D. Gonçalo Ourequez, rico homem de el-rei, D. Fernando Rodrigues Mexia, por seguir as partes de el-rei D. Pedro o Cru de Castella, se passou a Portugal, e d'elle descenderam D. João de Aguilar Mexia, commendador da ordem de Christo, morador em Elvas, e outros fidalgos.

«São suas armas em campo de ouro tres faxas de azul; no timbre ha muita variedade de opiniões. O padre Peixoto, da Companhia, diz que é uma aguia de sua côr, estendida e armada de vermelho; assim o diz em uma certidão que vimos allegada. No livro dos reis de armas se diz que é meio leão de ouro, com as tres faxas do escudo. Monte-roio diz que é uma onça nascente de ouro, com as tres faxas de azul.»

O segundo volume termina com os extractos das cartas de brazão d'armas passadas no Brasil, antes e depois da independencia do imperio, segundo os respectivos registos actualmente existentes.

Sentimos que as dimensões do nosso jornal nos não permittam dar mais ampla noticia desta muito valiosa publicação do sr. Visconde de Sanches de Baena.

Não terminaremos, porem, sem agradecer a s. ex.ª o brinde que nos fez de tão importante obra, e que temos em subida conta.

---

a este, o soccorreram e tiraram do maior apuro, sem cujo auxilio não teria podido intentar cousa alguma, nem ainda permanecer em Castella.

As tropas liberaes no entretanto estavam pacificas em Aranda; e tratando o chefe carlista de aproveitar esta inacção, se decidiu exclusivamente a estabelecer para sempre naquella parte de Castella o pendão do seu rei.

As suas fileiras haviam-se augmentado, pois aos muitos jovens que estavam unidos a ellas, voluntarios uns e obrigados outros, acudiram mais, e se poude completar o 6.º batalhão de Castella, quando se havia já organisado o 1.º, 2.º e 3.º, denominados de Burgos; e ainda que o armamento das guarnições facilitara o armar uma parte consideravel desta força, todavia era muito curto aquelle, para o extraordinario de recrutas.

Então nomeou Zaratiegui a Goiri, commandante general da provincia de Burgos, e deixando-o em Lerma com todos os novos corpos, e o 4.º de Biscaia, dadas as opportunas instrucções relativas á organisação d'aquella força, se dispoz a tomar a offensiva com 9 batalhões e a bateria de campanha.

Dirige-se Zaratiegui para Valladolid, é á noticia da sua aproximação, o governador da cidade, Espinosa, saiu com a sua tropa, em direcção de Rio Frio; deixando apenas no forte de S. Bento uma força de 800 homens com 16 peças de artilheria, e boa quantidade de munições, especialmente de guerra.

Em consequencia disto entraram os carlistas em Valladolid sem resistencia.

Entre as differentes disposições tomadas immediatamente por Zaratiegui, foi uma a de mandar um forte destacamento de cavallaria a Tordesillas e Medina del Campo, para que percorrendo aquelle paiz, promovessem o levantamento e obrigassem aos povos a recolher e conduzir a Valladolid todas as armas, uniformes e outros effeitos pertencentes aos nacionaes, circulando ao mesmo tempo as ordens para a sua obediencia. A força referida levava tambem entre outros cargos, o de requisitar cavallos.

Expediu Zaratiegui um confidente para o quartel general de D. Carlos, noticiando a occupação de Valladolid, e outro a Navarra, a fim de prevenir o general Uranga deste acontecimento, para que advertidos dos movimentos e disposições dos liberaes nesta parte, podessem conhecer o objecto a que se encaminhava e emprehender com acerto as operações successivas.

Conhecia Zaratiegui quanto o prejudicava estarem os liberaes senhores do forte de S. Bento, o que o impedia de levar adeante os seus planos; e por isso empregou todos os meios para reduzir a guarnição; porem promessas e ameaças tudo foi inutil.

A dominação dos carlistas em Castella era em extremo perigosa para a causa da rainha, pelos muitos affectos que alli tinham, e houve por isso que destacar forças do exercito do norte em sua perseguição, commandadas pelo barão de Carondelet, que substituira o desgraçado Escalera.

Constando a Zaratiegui que estas forças haviam chegado a Burgos, desistiu do projecto que havia mandado executar de surprehender Palencia, cuja direcção confiava ao coronel Novoa; e aproximando-se os liberaes a Valladolid, sairam os carlistas da cidade, indo pernoitar a Tudela do Douro.

Dalli se dirigiu Zaratiegui a unir-se com a expedição de D. Carlos, no fim de Setembro, quando esta ia na sua retirada para as provincias Vascongadas, depois de successos notaveis que tinham tido logar, e que deixamos neste folhetim de narrar, para tratar da expedição de Zaratiegui.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

A casa Lallemant de Lisboa. —Em o numero passado fallamos com o devido elogio do intelligente editor do Porto, o sr. Ernesto Chardron; vimos hoje occupar-nos de dois activos e illustrados impressores e editores de Lisboa, que egualmente gozam de merecidos creditos.

Os irmãos Lallemant, não se têem poupado a esforços e sacrificios para elevar as suas impressões ao grau de perfeição que é bem conhecido, tanto em Portugal, como nos reinos estrangeiros; e além d'isso esmeram-se em que as obras de que são editores, se tornem dignas da boa aceitação do publico.

A casa Lallemant é depois da imprensa Nacional, uma das primeiras em que a arte typographica está entre nós mais desenvolvida e aperfeiçoada. As suas edições são primorosas, e tem feito adquirir a estes habeis artistas os mais justos creditos e honrosas distincções.

Não se limitando a imprimir as obras que lhes encommendam, tem-se tornado editores de livros populares e de muita instrucção, e de preço baratissimo, que tem obtido muita voga.

Além desses livros, emprehenderam a publicação de outros de recreação amena e de boa doutrina, sob o titulo de *Bibliotheca Rosa Illustrada*, os quaes deverão sem duvida exercer uma salutar influencia moral sobre o animo dos leitores.

Boa amostra nos dá a seguinte publicação, com que principiou a *Bibliotheca Rosa Illustrada*:

Que amor de creança! Pela exm.ª sr.ª condessa de Segur, obra ornada com 79 gravuras.

Lallemant Frères, editores — Lisboa — 1872.

Vende-se em Coimbra, na loja do sr. José de Mesquita, e nas outras lojas de livros, por 600 reis.

E' um volume de 332 paginas, nitidamente impresso, e contendo numerosas e bellissimas gravuras, para illustrar o texto.

A historia de *Gisella*, deste interessante livro, tem por fim mostrar o erro que commettem os paes, que dão extrema liberdade e toleram todos os caprichos dos filhos, em logar de lhes moderarem, como devem, as suas paixões.

A excellente aceitação que teve a mencionada producção da condessa de Segur, animou os editores a publicarem a *Casa do saltimbanco*, que já está no prelo, e que será illustrada com as mais interessantes gravuras francezas.

O preço avulso em brochura será de 600 reis, e para os assignantes 500 reis. Encadernado em percalina côr de rosa e dourado por folha, proprio para ser offerecido como presente, ou como premio nos collegios, será o preço avulso de 800 reis, e para os assignantes 700 reis.

Toda a correspondencia deverá ser remettida para Lisboa, ao deposito especial de livros, dirigido por madame François Lallemant, rua do Thesouro Velho, n.º 22, loja.

Ainda ultimamente os srs. Lallemant editaram o—*Resumo de grammatica ingleza, segundo o programma do lyceu, por J. L. Hartt Milner.*— Lisboa, Lallemant Frères — 1873.

O seu auctor teve em vista redigir um methodo grammatical, que reunisse a brevidade á clareza. Quiz imitar uma das grammaticas inglezas que se adoptam na Inglaterra, que pela pequenez do volume, clareza e ordem das materias, merecem verdadeiramente o titulo de compendio elementar e escolar, que as longas grammaticas luso-inglezas não podem merecer.

Vende-se esta grammatica em Coimbra, na loja de livros do sr. José de Mesquita, por 400 reis.

Problemas—O sr. Manoel José Correa Martha, intelligente professor de instrucção primaria de Portunhos, acaba de publicar uma collecção de *Problemas para uso das escholas de instrucção primaria*.

Os problemas são ao todo 418, e com elles pouparão os srs. professores o tempo que costumam gastar na sua redacção.

Com esta publicação fez o sr. Martha um bom serviço á instrucção publica, e tudo indica que os seus *Problemas* terão prompta extracção.

Não deixaremos de notar, que a composição e impressão foi feita pelo proprio professor, em uma pequena typographia que tem em Ançã.

Isto mesmo indica o genio activo e emprehendedor do digno professor de Portunhos.

Artes e letras—Publicou-se o n.º 6 do primoroso jornal illustrado—*Artes e letras*.

Traz a gravura—*Não tem concerto*, quadro de Rota—*Francisco Adolpho de Varnhagem*, por Severim—*Santo Antonio de Padua*, quadro de Murillo e gravura de A. H. Payne—*Preciosidades artisticas — Letras illustradas e cul-de-lampes*.

A figura do sapateiro, dizendo a uma pobre rapariga, que não tem concerto as botas que lhe apresentou para compor, exprime magistralmente o seu dizer. Egualmente é muito natural o sentimento manifestado pela rapariga, quando recebe o triste desengano.

Do quadro de Santo Antonio não temos mais que dizer, que é do celebre pintor hespanhol Murillo. A gravura é feita com o primor com que tem saido as outras das *Artes e letras*.

Todas as mais gravuras são muito perfeitas.

Na parte litteraria collaboraram para este numero, escriptores tão acreditados na republica das letras, como Julio Cesar Machado, Thomaz Ribeiro, Pinheiro Chagas, E. A. Vidal, G. Crespo, Rodrigues Cordeiro, e Rangel de Lima.

Basta indicar estes nomes para se avaliar que tal será o merecimento dos artigos publicados nas *Artes e letras*.

A empreza deste excellente jornal continua a ser digna de toda a protecção do publico.

O mez de Novembro.— O signo deste mez é o de Sagittario, ou frecheiro, que se representa pela figura de um centauro, disparando uma frecha, allegoria ao tempo da caça. Tambem se symbolisa este mez por uma figura vestida de roupas de côr de folhas seccas, coroada com um ramo de oliveira, encostando-se ao signo proprio, e deixando cair de uma cornucopia diversos fructos, ultimos presentes que a terra nos dá. A corôa do ramo da oliveira allude á colheita da azeitona.

Tem Novembro 30 dias, que vão diminuindo 27 minutos de manhã e 27 de tarde. Em geral é um mez triste, porque as arvores despem-se de verdura, e o tempo corre de ordinario sombrio e chuvoso. Ainda assim, no nosso bello clima, goza-se o verão de S. Martinho, que é uma epocha do anno agradavel, principalmente nos campos, pelos trabalhos ruraes, pelos magustos, pelo vinho novo, e pelo divertimento da caça.

Os gregos não celebravam festas em Novembro. Os romanos, porem, tinham neste mez as festas de Neptuno e de Jupiter, os jogos plebeus, as festas dos deuses do inverno, e os sacrificios mortuarios aos manes dos gregos e gallos que haviam sido enterrados vivos em Roma. Os egypcios celebravam por espaço de 4 dias uma funebre commemoração em honra da viuvez da deusa Isis. A egreja catholica consagra tambem este mez á solemne commemoração dos finados, e os templos e cemiterios são muito concorridos pelos fieis, que vão prestar um tributo de lagrimas e saudades á memoria dos seus parentes e amigos.

São dignos de menção os seguintes factos da historia portugueza. No dia 1 de 1525 foi descoberta a cidade da Bahia, e no mesmo dia de 1755 teve logar o terremoto de Lisboa, que tambem se sentiu em Coimbra e em quasi todo o reino. A 4 de 1157 morre D. Mafalda, esposa de D. Affonso Henriques. No dia 6 de 1550 entra em Coimbra D. João III, com a rainha D. Catharina. A 11 de 1154 nasce D. Sancho I, 2.º rei de Portugal. No mesmo dia de 1546, D. João de Castro, saindo de Diu, accommette os arraiaes dos inimigos, e desbarata-os, pondo termo ao memoravel cerco. No dia 16 de 1615, Francisco de Miranda Henriques, com 4 galeões e 18 navios de pequeno porte, defende o porto de Malaca contra uma armada do Achem de 500 velas. No mesmo dia de 1717 teve logar a fundação do convento de Mafra. A 18 de 1528 Nuno da Cunha toma e arraza a cidade de Mombaça. A 21 de 1569 D. Luiz de Athaide toma e arraza a cidade de Onor. Em 22 de 1497 dobra Vasco da Gama o cabo da Boa Esperança pela primeira vez, na viagem do descobrimento da India.

Os vaticinios dos astrologos são favoraveis para quem nasce em Novembro. Os homens serão livres, generosos, intrepidos, sociaveis, honestos, bons amigos, laboriosos, e em geral felizes nas suas emprezas, principalmente nas viagens maritimas. As mulheres possuem bom coração, espirito activo e piedoso, amam o trabalho e as viagens, e são em geral boas mães e excellentes donas de casa.

Suffragios—Hontem celebrou-se na Sé Velha uma missa, pela alma do sr. Dr. Francisco de Arantes, por ser o terceiro anniversario do seu fallecimento. Foi celebrante o sr. vigario d'Assafarja.

Assistiram a este acto religioso muitas pessoas, e entre ellas o seu testamenteiro o sr. Francisco Pedro da Silva e sua familia.

Hoje, celebrou-se outra missa em Santo Antonio dos Olivaes, com a mesma intenção; mandada dizer pelo sr. Francisco Pedro da Silva. Celebrou a missa o sr. prior d'aquella freguezia.

Assistiu a familia do testamenteiro, e muitas outras pessoas.

Melhoras.— Está quasi inteiramente restabelecido do prolongado padecimento que tem soffrido, o nosso amigo o sr. Dr. Joaquim Gonçalves Mamede, Lente de prima da Faculdade de Mathematica. S. ex.ª desde que saiu de Coimbra no principio d'Agosto, tem passado sempre incommodado; felizmente nos ultimos tempos tem encontrado sensiveis melhoras, que lhe permittirão em breve poder recolher a Coimbra.

S. ex.ª continua em tratamento no Porto, em casa de seu irmão o sr. Candido Gonçalves Mamede, na rua do Sol.

Jury commercial—Achando-se impedidos, por differentes motivos, 8 membros do actual jury commercial, para julgarem uma causa que corre em juizo, proveniente da fallencia do sr. José Vieira Concha, negociante que foi nesta cidade; procedeu-se no dia 26 a uma eleição supplementar, exclusivamente para esta causa. Sairam eleitos os srs.:

Francisco Pedro da Silva.
Antonio Joaquim Valente.
Ricardo Antunes de Macedo.
Leovegildo Antonio da Cunha.
Francisco de Sousa Araujo.
José Joaquim da Silveira.
Manoel José Vieira Braga.
Bernardo José da Silva.

Cadeia districtal de Coimbra —Na sessão da camara desta cidade de 20 do corrente, foram apresentados os seguintes quesitos, concernentes ao projecto da cadeia districtal:

1.º Se os alicerces podem ser construidos de modo que preservem o edificio de humidade?

2.º Se o chão do andar terreo pode ser mais alto do que o nivel do solo pelo menos 0,50m?

3.º Se os tectos podem ser abobadados ou pelo menos estucados?

4.º Se o edificio fica, quanto possa ser, isolado de qualquer outro?

5.º Se fica desviado de qualquer estabelecimento insalubre?

6.º Se fica em sitio secco e bem arejado?

7.º Se fica com boa ventilação, tanto por meio de janellas, como de ventiladores?

8.º Se fica nas melhores condições de segurança?

9.º Se tem as necessarias latrinas e canos de despejo?

10.º Se satisfaz ao exigido nos artigos 42 e seguintes da lei de 1 de Julho de 1867?

A camara deliberou informar favoravelmente os primeiros 7 quesitos; ao 8.º que ficaria, se as prisões d'homens fossem antes de cantaria, e as abobadas circulares em vez de plantibandas; e em todo o caso nota-se a falta de para-raios. Em quanto ao 9.º e ao 10.º informou tambem affirmativamente.

Imprensa nacional de Lisboa A proposito da nossa imprensa nacional lê-se no *Oesterreichische Buchdrucker Zeitung*, de Vienna, numero correspondente a 9 de Setembro findo, o seguinte artigo, que copiamos com a maior satisfação, e deve ser lido com interesse por todos os portuguezes:

«Portugal acha-se representado na exposição universal por duas typographias apenas, das quaes uma, a imprensa nacional de Lisboa, prende por justos motivos, a attenção dos entendedores. Tivemos occasião de nos certificarmos do que por varias vezes haviamos lido em jornaes technicos ácerca deste estabelecimento modelo, que prosegue com ardor em um caminho de constante progresso, encetado de ha muito; e aqui manifestamos o nosso pezar por não haver elle sido contemplado com o *diploma de honra*. Decerto merecia a imprensa nacional de Lisboa ser equiparada a imprensa imperial de S. Petersburgo, pois que, sujeitando os seus trabalhos á mais severa analyse, somos compellidos a confessar, que raras vezes temos visto coisa que eguale, e ainda mais raras vezes temos visto coisa que exceda a perfeição e variedade d'esses productos typographicos.

«Não só as obras communs e a musica impressas são executadas com uma clareza, nitidez e côr, que nada deixam a desejar, mas ainda conseguiu este estabelecimento, pela feliz escolha de tintas e maior gosto na composição de suas impressões, exceder o tão celebre Album de Derriey.

«Os seus papeis de credito occupam logar distincto entre os das demais nações da Europa. As chapas gravadas por meio de machinas de guillocher e relevo, os punções, sêllos, matrizes, trabalhos galvanoplasticos, clichés, fileíes e de mais material typographico, são dos melhores que se encontram em toda a exposição.»

Procedencia das aves domesticas —Diz-nos o sr. José Maria Rosa de Carvalho o seguinte:

«O gallo, *phasianus gallus*, é certamente a mais preciosa ave que o homem tem domesticado. Independentemente da utilidade que tiramos delle para comida, tanto no nosso estado de saude, como no de doença, elle torna-se estimavel por ser a ave mais arrogante e engraçada. Vigia pela segurança de sua familia; cede-lhe a comida que encontra; avisa-a na occasião do perigo para que o evite; e tambem serve de relogio ao lavrador. Este phaisão é originario da India, e a sua domestiqueza data de tempos fabulosos.

A gallinha d'Angola, *numida meleagris*, é originaria d'Africa; veiu para a Europa no anno de 1508. A sua carne é excellente quando a ave é nova; porem estando presa não produz, e solta, causa muitos estragos á agricultura.

O pavão, *pavo cristatus*. Esta soberba ave, que é hoje frequente entre nós, e serve antes de ornato, do que de utilidade, é originaria das Indias orientaes, e veiu para a Europa no tempo de Alexandre o Grande. O pavão branco é uma variedade do domestico.

O perú, *meleagris gallo-pavo*, veiu da America. Foram os missionarios da Companhia de Jesus que o trouxeram para a Europa. Os primeiros perús que appareceram em França no anno de 1570, serviram de iguaria na bôda de Carlos IX. Esta ave é o emblema da tolice orgulhosa.

A nossa pomba domestica descende d'uma especie brava, *columba livia*, que apparece no estado selvagem n'algumas ilhas do Mediterraneo; e é d'ella que provém todas as raças que adornam os nossos pombaes, e viveiros.

Fallaremos dos patos.»

Mercado de Condeixa a Nova no dia 24—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 520—Dito mourisco 500—Milho branco 320—Dito amarello 330—Feijão vermelho 449—Dito branco 460—Dito rajado 350—Dito frade 330—Cevada 260—Favas 340—Tremoços 260—Grão de bico 460—Centeio 440—Batatas 200—Vinho velho 15000—Dito novo 400—Azeite 15230.

Grande fecundidade. — Muitos jornaes portuguezes têem dado noticia da extraordinaria producção de algumas videiras na

colheita deste anno. O seguinte facto succedido em França tambem é digno de ser mencionado.

Nos arrabaldes de Colmar, uma só videira pertencente a uma parreira, produziu 690 cachos, todos tão bem creados, que o mais pequeno constava de 120 bagos. A producção do vinho foi de 70 litros.

ANNUNCIOS

MARÇANO

1 PRECISA-SE de um que tenha 13 ou 14 annos. Rua da Sophia, 65.

Agradecimento

2 O PADRE MANOEL MARQUES PEREIRA RIBEIRO, não podendo ainda agradecer a todas as pessoas, que fizeram o favor de ir e mandar á sua casa saber do seu estado de saude, usa deste meio em quanto o não faz pessoalmente.

ARCHIVO HERALDICO GENEALOGICO

PELO

Visconde de Sanches de Baena

3 VENDE-SE em Lisboa, nas livrarias de Pereira, Ferreira e Lisboa e Franco de Castro.

Preço dos 2 volumes—4$500.

CASAS

4 VENDE-SE uma morada na rua do Carmo, n.º 3 e 5. Declara-se que é foreira a Antonio Roxanes, desta cidade, ao qual paga de fôro annual 7$000 rs., e outra no terreiro da Erva, com os n.os 51, 53, 55, e paga de fôro ao Seminario episcopal desta cidade 400 rs. Quem quizer alguma d'ellas, póde fallar com José dos Santos Donato, no largo das Olarias, n.º 88.

SEMINARIO DE COIMBRA

Alumnos gratuitos e beneficiados, internos e externos, no anno lectivo de 1873 a 1874

Numeros	NOMES	Naturalidades	Quanto pagam por mez	Beneficio de cada alumno por mez
1	Francisco Antonio Diniz da Gama	Lagares	$	8$500
2	Alberto Ferreira Paulo da Silva	Poiares	$	8$500
3	Joaquim Mendes da Fonseca	Porcariça	$	8$500
4	João Laceiras de Deus	Oliv. do Hospital	$	8$500
5	Abilio Adolpho Guerra Osorio	Coimbra	$	8$500
6	Adriano dos Santos Pinto	Coimbra	$	8$500
7	Ildefonso Marques Mano	Eiras	$	8$500
8	Manoel Antonio Ramalho	Villa Secca	$	8$500
9	Augusto Freire de Carvalho Macedo	Coimbra	$	8$500
10	Manoel Paes d'Abrantes Mamede	Touraes	$	8$500
11	Abilio Antonio de Castro	Semide	$	8$500
12	Manoel Vaz Affonso Soares	Avô	$	8$500
13	Abilio Antonio da Fonseca	Vinhó	$	8$500
14	Domingos Lopes d'Abrantes	Pinhanços	$	8$500
15	Alfredo Moreira da Camara	Coimbra	$	8$500
16	Francisco Freire d'Oliveira Garcez	Percellada	$	8$500
17	Luiz Pinto da Rocha	Santa Eulalia	$	8$500
18	Antonio Simões de Faria	Avellar	$	8$500
19	Antonio Ferreira d'Almeida	V.ª N.ª de Tazem	$	8$500
20	Joaquim Mendes de Figueiredo	Cantanhede	$	8$500
21	José Joaquim Jorge Marçal	Seixo da Gatões	$	8$500
22	Luiz José Maria d'Almeida	Coimbra	$	8$500
23	José Maria de Carvalho	Tamengos	$	8$500
24	Joaquim dos Santos Gonçalves	Coimbra	1$500	7$000
25	Cesar Correia da Costa	Poiares	3$000	5$500
26	Adelino Gomes Arnaut	Penella	3$000	5$500
27	Antonio Ribeiro de S. Miguel	Quiaios	3$000	5$500
28	José Joaquim dos Santos	Alvoco da Serra	3$000	5$500
29	Henrique David das Neves	Pedrogão	3$000	5$500
30	Ricardo da Silva	Coimbra	3$500	5$000
31	João Lopes Teixeira	S. Simão	4$000	4$500
32	Joaquim Maria Mendes Laranjeiro	Means	4$500	4$000
33	José Maria dos Santos Neves	Tamengos	4$500	4$000
34	Antonio Rodrigues Maneira	Ancião	5$000	3$500
35	José Francisco Mendes Henriques	Ariques	5$000	3$500
36	Henrique Carlos Fragoso	Porcariça	5$500	3$000
37	Manoel Simões Rosa	Agueda	6$000	2$500
38	Adriano dos Santos e Mello	Serpins	6$000	2$500
39	Antonio Godinho dos Reis	Ancião	6$000	2$500
40	José Simões Dias	Coimbra	6$000	2$500
41	João dos Reis Pessoa	Cantanhede	6$500	2$000

Despeza mensal com alumnos internos.......... 269$500

Alem dos alumnos internos que o Seminario sustenta gratuitamente, tambem são beneficiados muitos alumnos externos que não tem meios e se destinam á vida ecclesiastica. Quatro destes tem jantar todos os dias no Seminario; e outros são admittidos, sem pagamento de matriculas, á frequencia das aulas.

O beneficio concedido a estes na dispensa das propinas de matricula, somma até hoje, em 233$000 rs.

E o beneficio de se matricularem gratuitamente nas aulas do Seminario, tambem o concede s. ex.ª o sr. Bispo Conde a todos aquelles que requereram e não poderam ser contemplados neste ultimo concurso para alumnos internos gratuitos.

Seminario Episcopal, 26 de Outubro de 1873.

O vice-reitor, *Antonio José da Silva.*

6 NO DIA 6 do proximo mez de Novembro, pelas 11 horas da manhã, nos paços do concelho, hão de arrendar-se pelo tempo que decorre deste dia até 31 de Outubro de 1874:

A carreira da Zouparria no campo de S. Silvestre, e a barca da passagem do porto de S. Martinho do Bispo.

E pelo tempo d'um anno, que decorre do dia 18 do mez de Novembro proximo até 17 de Novembro de 1874:

As barcas de passagem dos portos de Monte-São e Pé de Cão, dos Casaes e Ribeira de Frades.

As condições serão presentes no acto da praça.

E para constar se passou este e outros.

Coimbra, secretaria da Camara Municipal, 27 de Outubro de 1873.

O escrivão da camara,
Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

RUA DA CALÇADA—N.º 41 A 45

7 FRANCISCO DE SOUSA ARAUJO, além do bom sortimento de ferragens nacionaes e estrangeiras, oleo, tintas, e quinquilherias, que sempre teve e tem, no seu estabelecimento, acaba de receber novo sortimento não só daquelles artigos, como tambem cimento hydraulico, gesso para estuques, armas de 1 e 2 canos para caça; rewolveres de 7, 9, e 12; pistolas de 1 e 2 canos para algibeira; relojos americanos para mesa, transparentes para janellas, guarda-chuvas de seda e oleña, apparelhos d'eletro-plate para chá, faqueiros, salvas, colheres, castiçaes e galheteiros, imitando perfeitamente a prata; faqueiros de cabo de marfim; aço e barba de baleia, estojos para desenho, para barba, e para limpar dentes; despertadores de cabeceira, fechaduras com campainha para gaveta e armario, espelhos, carteiras de madre-perola, porte-monnaie, tesouras para aparar buxo, e para aparar arvores, para podar, e para flores; seringas irrigatorias; tubos elasticos, boxeres de latão e aço, cadeias de plaquet e aço para relogios, bussolas de diversos tamanhos, oculos de ver ao longe, binoculos para theatro, oleados para mesas; albuns para retratos, jarras para sala, fitas metalicas de 10, 15 e 20 metros, papel para plantas de tella, quadricular e imperial; jogos do loto, xadrez e dominó; sabonetes, e muitos outros artigos, que tudo vende por preços commodos.

8 OFFERECE-SE um praticante de pharmacia, com os preparatorios e um anno de pratica. Nesta redacção se diz quem é.

DEPOSITO DE TABACOS EM COIMBRA

de Gavicho & C.ª

Largo das Olarias, n.º 11.

9 NESTE DEPOSITO se encontram as seguintes e acreditadas marcas de charutos, da fabrica nacional de tabacos em Xabregas, de Lisboa, que por suas boas qualidades se recommendam ao publico.

Charutos Havanos claros e escuros para 10 reis.

Charutos Flor-Flor de Londres e suissos para 15 reis.

Charutos Emeralda, Estrellas e Flores para 20 reis.

Charutos Gergorinos, Gran-parada e la Rosa de S. Thiago para 25.

Alem destas marcas ha outras para 30, 40, 45, 50, 60 e 80 reis.

Previne-se que havendo algumas marcas de charutos d'outras fabricas, com a mesma denominação das de Xabregas, se não devem confundir.

Recommendam-se os cigarros entre fortes á hespanhola (especiaes de 12 por 20 reis) que são muito cheios, de muito boa folha e não têem misturas.

Para os senhores vendedores de tabacos fazem-se descontos vantajosos, a prompto pagamento, e a prazos de 1, 2, 4 e 6 mezes.

Coimbra, 25 de Outubro de 1873.

10 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha somente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a e consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados, ara as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalesciere,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do aleuto, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

E ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economias 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place e Vendom 26, Paris: Regent-Street, Londres; Cae de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Merzedelli e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rabir rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2741 — SEXTA FEIRA 31 DE OUTUBRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Os jornaes da capital continuam a censurar violentamente o mau serviço que a guarda municipal alli está fazendo: mostram a necessidade, que realmente ha de averiguar os factos occorridos, e organisar o corpo de policia, do modo mais conveniente e racional.

Os vexames contra os cidadãos inoffensivos e honrados; as provocações a desordens, e os espancamentos pela policia, são factos que tem indignado toda a gente sensata, fundamentando as queixas da imprensa, e provocando a animadversão publica contra o systema de policia adoptado em Lisboa.

Graves censuras recaem tambem sobre a auctoridade judicial, que não tem sido tão solicita, como era do seu dever, na averiguação dos crimes, praticados pelos agentes policiaes.

Os factos succedidos com o honrado cidadão o sr. Pedro Rocha e sua familia, que chegaram ao maior abuso, eram por si só a condemnação de tal systema de policia.

Aquelles excessos, que por essa occasião se praticaram com inaudito escandalo, ainda não foram punidos pela auctoridade judicial, a quem a lei incumbe deveres mui especiaes a tal respeito: nesta parte, o agente do poder judicial não tem sido tão zeloso, como lhe cumpria, força é dizel-o.

Desta impunidade, e da protecção que se dispensou a muitos empregados daquelle corpo de policia, nasceram os novos escandalos que ultimamente tem indignado a opinião publica, e para os quaes toda a imprensa periodica pede a attenção do governo e das auctoridades, a quem está incumbida a fiscalisação e a applicação das leis.

Consta que o governo já mandou proceder a uma rigorosa syndicancia, para conhecer dos factos ultimamente occorridos no quartel da guarda municipal, com o desgraçado ebrio, que segundo é voz publica, foi victima de pancadas que recebeu no calabouço.

Quizeramos que esta syndicancia abrangesse os factos anteriormente occorridos, desde o procedimento havido com o sr. Pedro Rocha, e d'ahi até ao brutal espancamento.

E' certo que o procedimento da policia para com este cavalheiro, e ainda os successos posteriores, têem indignado todos os cidadãos, e que semelhante estado de cousas não póde nem deve continuar. As leis e a moralidade publica, precisam de um solemne desaggravo, em quanto os poderes do estado não providenciarem por forma a garantir por outros meios a ordem publica e a segurança individual.

São bem conhecidos os principios sobre que assenta a politica do actual governo, para não duvidarmos dos seus sentimentos, ácerca da necessidade de organisar a policia, por modo que possa satisfazer ao seu verdadeiro fim, sem offender a liberdade dos cidadãos, nem deixar de respeitar os direitos e as garantias individuaes.

E' de esperar, por isso, que na proxima reunião do parlamento, este assumpto seja devidamente tratado.

O *Diario* publica uma portaria, resolvendo ácerca da duvida suscitada, se os conhecimentos de contribuições municipaes directas, e derramas parochiaes, estão ou não sujeitos a sellos.

Declara a mesma portaria, que as leis de 10 de Julho de 1843, 30 de Agosto de 1869, e 2 de Abril de 1873, explicitamente se referem aos conhecimentos de contribuição, ou impostos do thesouro publico; e por isso, que só com relação a estes se devem entender as tabellas do regulamento de 18 de Setembro ultimo.

O sr. conselheiro Francisco Maria Pereira da Silva, pede-nos a publicação do seguinte:

Apontamentos para a historia da Companhia Edificadora Figueirense.

Sr. Redactor. — Os esclarecimentos que apparecem em o n.º 2735 do seu illustrado jornal, dados pelo digno presidente da assemblea geral da Companhia Edificadora Figueirense, vieram corrigir e refutar, por uma forma insuspeita, as allusões, ou antes insinuações, que me fazia o seu informador na ultima noticia que deu a v., do que se passou na sessão de 30 de Setembro da assemblea geral d'aquella companhia; e dispensaram-me assim de remetter a v., a minha resposta que já estava concluida.— Ha comtudo um facto, que pertencendo á historia da referida companhia; eu deixaria de publicar entre aquelles apontamentos que prometti dar a v., em occasião opportuna, se não viesse agora acabar de esclarecer com toda a evidencia a ultima allusão bem desnecessaria que me fez o seu informador.

Nos primeiros dias de Setembro de 1869 era grande a concorrencia das pessoas que iam ver o elegante edificio da Assemblea Recreativa, que acabava de construir, no curto espaço de quatro mezes, a Companhia Edificadora Figueirense, no bairro novo de Santa Catharina.

Indo eu alli, encontrei entre os concorrentes o sr. Bernardo Augusto Lopes, a quem não fallava havia muito tempo, em consequencia da sua longa ausencia da Figueira: conversámos sobre diversos assumptos, e, como era natural n'aquelle logar, das vantagens que tirava a Figueira desta nova companhia, sendo uma das que saltava logo á vista, o empregar os artistas d'aquella villa e concelho que estavam então sem ter que fazer.

As nossas considerações foram concordes, e tive assim mais aquella occasião de reconhecer o verdadeiro interesse que sempre toma o sr. Lopes pelo engrandecimento da sua terra natal.

No dia seguinte teve logar em minha casa uma reunião dos socios fundadores da companhia, onde se fallou, entre as diversas providencias a dar, da necessidade de passar umas acções que tinham ficado a cargo da

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCVIII

D. CARLOS

LVIII

Para fallarmos de Zaratiegui deixámos a expedição de D. Carlos, por occasião da desastrosa derrota dos liberaes em Herrera.

Vamos agora continuar com a narração do que se seguiu, para ligarmos os acontecimentos.

Achava-se Espartero em Daroca nos primeiros dias de Agosto de 1837, quando recebeu a parte do governo em que lhe noticiava a entrada de Zaratiegui em Segovia, e a sua aproximação a Madrid, onde temia um ataque, a que seria difficil resistir, por não haver na sua guarnição e acantonamentos immediatos, mais de 1:500 infantes e 700 cavallos.

A invasão de Madrid era importante debaixo de todos os aspectos, e a impedil-a se dirigiam os esforços de todos, principalmente se como era de presumir, se dirigia tambem D. Carlos sobre a capital, em cujo caso não poderia Oraa oppor-se-lhe na sua marcha, pela vantagem que necessariamente havia de levar-lhe; nem Espartero chegar antes de que, incorporadas todas as forças carlistas, marchassem sobre a côrte, a pozessem em um conflicto, em difficeis compromettimentos o governo, e na mais critica situação aos seus habitantes.

Desejoso Espartero de evitar estes males, poz-se em marcha immediatamente, e pernoutou a 9 de Agosto em Maranchon, donde rogou ao governo lhe communicasse quantas noticias tivesse dos inimigos, e preparasse objectos de equipamento e dinheiro em Guadalajara.

No dia 10 chegou a Algora, recebendo noticias de Oraa, datadas de Villafranca, a 5, participando-lhe que ia em perseguição de Sanz, Forcadell, e Tallada, que se dirigiam para Chiva, e uma parte de Buerens do dia 8, de Daroca, manifestando-lhe que passava a Teruel, para estar mais em contacto com o general; porem prevendo Espartero que Quilez poderia muito bem dirigir-se para Rioja, pela ribeira do Ebro, ou pela provincia de Soria, preveniu a Buerens o perseguisse com as forças do seu commando.

Ás 7 da tarde do dia 11, chegou Espartero a Guadalajara, com a cavallaria e a vanguarda, entrando á meia noute o resto da força, que levava 11 leguas e meia de marcha, com escacez de rações. Neste mesmo dia lhe dizia o sub-secretario da guerra, D. Pedro Chacon, que sua magestade celebraria, attendido o estado critico das circumstancias, se adeantasse em pessoa á côrte, como o effectuou.

A côrte achava-se em uma situação apuradissima, rodeada de inimigos, de intrigas e planos, e sem prestigio o governo: só ao bom senso dos habitantes e á disciplina da milicia nacional, se deve a conservação da ordem publica.

Nem a situação topographica de Madrid, nem os seus elementos, convidavam a resistir a um exercito sitiador; não obstante procurou-se a sua defeza, e a milicia, cheia dos melhores desejos e enthusiasmo, acudiu solicita a cubrir os seus postos, a cumprir com o dever que tem todo o cidadão de defender a sua casa, e se preparou a combater, não faltando quem solicitasse sair ao encontro de Zaratiegui, com as tropas que se enviavam apressadamente ás Rosas.

A 6 de Agosto manifestou o governo que, achando-se sobre o confim septentrional de Castella a Nova um corpo de rebeldes, que podia, ainda que momentaneamente, pôr em risco a segurança de uma parte do districto, e desejando a rainha attender á sua defeza e á conservação da ordem publica, declarava em estado de guerra o districto, sem prejuizo de continuarem administrando a justiça os juizes e tribunaes, excepto naquelles delictos de espionagem, intelligencia, cumplicidade e cooperação com os inimigos, publicação e propagação de noticias, conspiração e demais parecidos, cujos delinquentes seriam submettidos a um conselho de guerra.

A camara municipal, a deputação provincial e o chefe politico, conde do Asalto, se dirigiram aos madrilenos, inspirando-lhes confiança, e avultando o ultimo em sua allocução de 7 as forças com que se contava para defender a côrte.

Entrando Espartero em Madrid, no dia 12, foi no mesmo instante ao palacio, onde encontrou muito abatida a rainha governadora; animou-a, e logo se considerou a côrte segura. Passados dois dias, a 14, o seguiu o exercito, que desfilou por deante do regio alcaçar, a cujas janellas estavam suas magestades e altezas.

Emprehendida a retirada de Zaratiegui, saiu Espartero de Madrid para Colmenar. Marcha a Torrelaguna, e d'alli a Daroca, onde chegou a 1 de Setembro. Ahi soube que D. Carlos se achava em Calamocha e povos immediatos, Oráa em Burbaguena, e Buerens continuava em Cariñena.

companhia, por não terem satisfeito as 3 primeiras quotas os respectivos subscriptores. Entre as pessoas que foram nomeadas para serem convidadas a ficar com estas acções, citei eu o sr. Bernardo Augusto Lopes, e declarei que pelas suas ideias de progresso e pelas boas disposições que tinha manifestado na vespera a favor d'aquella empreza, esperava que annuisse a ser accionista, e até reunia as qualidades para um bom director da companhia. O sr. Dr. Diniz, que estava presente, ouvindo estas minhas informações, concebeu logo a ideia de nos fazer uma surpreza agradavel e aliviar-me ao mesmo tempo do trabalho desta acquisição; e partindo d'alli com aquella agilidade natural, correu a procurar o sr. B. A. Lopes, e, apesar de não o conhecer pessoalmente n'aquella epocha, commetteu o arrojo de o convidar para accionista, já se vê fiado nas minhas boas informações, o que conseguiu, como era de esperar.

Foi por me lembrar deste acontecimento, quando o sr. Dr. Diniz fez a proposta de louvor ao sr. Lopes, declarando ter a gloria de fazer a acquisição deste socio para a companhia, que eu pedi a palavra para mostrar a satisfação que sentia, não só pelos bem merecidos louvores que se faziam a tão benemerito accionista; mas tambem por eu ter concorrido para a gloria do sr. Dr. Diniz.

Sendo esta a verdade dos factos, podem-se estes agora comparar com o que diz o seu informador, a saber:

«O conselheiro Silva pediu a palavra e disse que abundava nas ideias do sr. Dr. Diniz; mas que tinha a declarar que a gloria da acquisição do sr. Lopes para a companhia, não lhe pertencia sómente a elle, senão tambem a s. ex.ª; por quanto tinha em tempo fallado ao sr. Lopes sobre as vantagens que promettia a companhia, e lhe tinha pedido que entrasse para ella.

«A nenhum dos srs. accionistas pareceu conveniente discutir este ponto com o sr. conselheiro Silva. Não passou, todavia, sem reparo na assemblea geral, o querer s. ex.ª partilhar a gloria de uma coisa que tentara, e não podera alcançar, e que outro depois veiu a conseguir.»

Esta narração só por si se recommenda á vista dos 3 grandes absurdos que apresenta:

O 1.º— *é ter eu em tempo pedido ao sr. B. A. Lopes para entrar para a Companhia Edificadora Figueirense;* isto é quando andava pela Africa ou pelo Brasil, donde acabava de regressar.

O 2.º—*Os reparos que fez a assembléa geral* ás minhas sinceras e bem fundadas expressões, que só tendiam a augmentar o *enthusiasmo com que a assemblea geral acolhera as palavras do sr. Dr. Diniz.*

O 3.º—*Ter outro conseguido o que eu não podera alcançar.* Nesta parte o absurdo está na manifesta injustiça feita ao caracter atencioso do sr. B. A. Lopes, que por ser filho de um camarada meu da armada, companheiro na emigração, e que prestou muito boas serviços á causa da liberdade; e por me tratar então e ainda hoje com toda a deferencia, não era capaz de fazer-me a desfeita de recusar o meu convite para accionista em um dia, e acceital-o no immediato de outra pessoa com quem não tinha então relações algumas.

Em fim o seu informador ficou este anno inteiramente desconceituado como historiador da Companhia Edificadora Figueirense. Em quanto elle se contentava em fallar muitas vezes no sr. Dr. Diniz, e em fazer sobresair as suas propostas, aliás sempre muito valiosas para a companhia, sem com isto alterar o que se passava nas assembleas geraes, fazia um bom serviço aos accionistas, que deixam de comparecer, em grande escala, nestas reuniões; mas desde que, para me aggredir injustamente, se lembrou de transtornar as minhas palavras e os factos concernentes á companhia, engendrando com estes falsos elementos mal cabidas apreciações, parece-me que já não póde servir ao seu jornal, que tão bem estabelecido credito tem adquirido com a exacta descripção e rectificação de muitos factos historicos, e a v., que está sempre prompto a pugnar pela verdade, como espero o fará n'este caso a meu respeito, pelo que continuarei a considerar-me

De v. am.º mt.º vr.º e obrigado

Lisboa 25 de Outubro de 1873.

Francisco Maria Pereira da Silva.

NOTICIARIO

A inquisição de Lisboa. — Vamos hoje publicar a descripção que o lapidario João Custon, preso por *pedreiro livre* em 14 de Março de 1743, fez da inquisição de Lisboa, no seu livro — *Procedures curieuses de l'inquisition de Portugal contre les francs-maçons.* Tem muito merecimento esta narração, por ser de uma testemunha presencial. Como é sabido, a inquisição era onde hoje está edificado o theatro de D. Maria II.

Diz elle:

«A inquisição é um edificio muito vasto, e particularmente construido. Tem quatro vãos, ou pateos no interior, cada um de perto de 40 pés em quadrado. Em volta de cada pateo ha tres corredores, edificados uns sobre os outros, no fundo dos quaes estão os calabouços para os miseraveis presos.

«No corredor que está rente do chão, acham-se pequenos calabouços, de pedras de cantaria, abobadados e muito tenebrosos, para os mais culpados; os do corredor do primeiro andar tem mais alguma luz, e são destinados para aquelles, que não tem commettido senão faltas ligeiras, se por acaso as ha nos olhos dos inquisidores, que julgam que todo o homem merece a morte, logo que se tornou culpado de alguma das minucias, que são da alçada do seu tribunal, em quanto que elles deixam os maiores crimes impunes, taes como a violação, o homicidio e muitos outros.

«Em fim os calabouços dos corredores do segundo andar são destinados para as pessoas do sexo feminino, de que os inquisidores se sabem aproveitar, para satisfazer a sua paixão e a sua brutalidade.

«A entrada de cada um destes calabouços é fechada por dentro, com uma forte grade de ferro, mas muito pequena, e afastada dois pés e meio da parede, que faz o fundo do corredor. Nesta parede estão outras portas de madeira, com receio que os presos vejam os que passam no corredor; e acima destas portas se fizeram pequenas janellas, que se não podem ver dos calabouços, e que não communicam a luz senão por meio de reflexão.

«Não se póde ainda julgar quanto é grande a obscuridade, que reina continuamente nestes horrorosos calabouços, senão attendendo a que os proprios corredores são escuros e encobertos por um muro de 50 pés de altura, que não está afastado d'elles senão de 5 a 6 pés, e que corre em volta de cada pateo, o que faz que se não possa ver senão de um lado ao mesmo tempo.

«Esta prisão tanto para temer, tem muitas portas de communicação com o palacio do inquisidor geral, que é bello, e nelle se entra por uma porta cocheira, que conduz a um pateo muito espaçoso, em volta do qual se podem ver muito bellas salas. E' alli onde o rei e a sua côrte se collocam ordinariamente para ver desfilar os presos no dia do *auto de fé.*

«Estes infelizes, no seu calabouço, não têem por moveis senão um estrado de quatro pés em quadro, que elles põem em terra e sobre o qual fazem o seu leito, que é composto de uma enxerga, de um par de lençoes e de uma má coberta. Tem ainda um tejelão para se lavarem, e dois vasos, um para ter a agua limpa, e outro a agua suja; um prato para deitar o comer, e uma pequena amotolia para ter o azeite da candeia, que está quasi sempre accesa. Não é, porém, que elles passem o seu tempo a ler, pois que se lhes não consente nenhum livro, nem mesmo os de devoção; mas porque sem luz não pódem nada fazer nos seus tenebrosos calabouços, mesmo durante os mais bellos dias de verão.

«Para o sustento concede-se a cada um dos presos, um tostão por dia. O carcereiro no fim de cada mez, vae ver todos os presos, para lhes perguntar em que elles querem empregar o dinheiro que lhes é dado para viver no mez seguinte. Cada preso destina ordinariamente nove tostões para ter todos os dias um caldo e meio arratel de carne cozida; oito para pão, quatro para queijo, dois para fructa, quatro para aguardente, e o resto para laranjas, limões, assucar, e lavagem de roupa.

«Um dos ajudantes do carcereiro, que o segue, escreve exactamente tudo o que cada preso deseja ter durante o mez; e se lhe serve pontualmente, sob pena de ser castigado severamente aquelle que é encarregado deste serviço, se falta em alguma cousa ás ordens que o preso deu; advertindo que esta punição não lhe é infligida por causa do preso, mas por não ter obedecido ás ordens do Santo Officio.

«Aquelles que precisam muito alimento, ou que desejam ter vinho, o que acontece sobretudo aos estrangeiros, pedem audiencia para representar as suas necessidades, e obtêem ordinariamente o que querem, comtanto que os seus pedidos sejam justos, não contrarios á sua saude, e que não fiquem a cargo do Santo Officio. E' assim que os inquisidores obraram a meu respeito; mas não é senão neste caso, e no de doença, que elles dão algum signal de humanidade. Em qualquer outra occasião não se descobre nelles senão insensibilidade e crueldade; não sabem então o que é deixar-se commover.

«Logo que um preso está no calabouço, não sómente se lhe prohibe todo o commercio com a sua familia e os seus amigos, mas até se não consente que elle tenha a menor communicação com os outros presos, nem que faça o menor rumor. Gemer, suspirar, queixar-se, rogar a Deus em alta voz, cantar psalmos, ou canticos, são outras tantas faltas capitaes.

«Os guardas do Santo Officio, que estão constantemente de sentinella nos corredores, reprehendem da primeira vez com muita aspereza aquelle que tem a imprudencia ou a desgraça de commetter alguma dessas faltas; e se elle reincide, abrem o seu calabouço, e lhe dão numerosas vezes com um nervo de boi, não só para o punir, mas tambem para intimidar os outros presos, que pela proximidade dos calabouços á o profundo silencio que nelles reina, podem ouvir ao mesmo tempo os golpes destes deshumanos, e os gritos dos infelizes.

«Eis ahi um exemplo verificado por muitas pessoas dignas de fé. Um preso atacado de uma forte doença de peito, tossia frequentemente contra ventade; um guarda veiu advertil-o primeiro, todo incolerisado, para não fazer assim barulho; ao que elle respondeu com muita mansidão, que o seu incommodo era a causa disso, o que não podia evitar. Tendo-se augmentado o seu mal, redobrou a tosse: e então os scelerados o despiram completamente, e lhe deram tantas pancadas, que por fim elle morreu entre as suas mãos.

«Por este profundo silencio, que os inquisidores fazem observar, elles tiram até a menor consolação aos seus desgraçados presos, e os impedem de se reconhecer; o que poderia acontecer, se lhes fosse permittido fallar, ou cantar em alta voz.

«Tal é a prisão para onde eu fui conduzido pelos 9 familiares que me prenderam, e onde, desde que cheguei, me entregaram nas mãos de um dos primeiros officiaes deste pretendido santo logar.

«Fez-me logo conduzir por 4 guardas a um muito grande salão, onde fiquei esperando que elle tivesse ido prevenir o presidente, de que me tinham conduzido preso. Pouco tempo depois elle voltou, e ordenou que tirasse todo o ouro, prata, papeis, navalhas, tesouros, anneis, alfinetes, e geralmente tudo o que podia ter comigo, á excepção do meu lenço; depois do que me fez conduzir para um calabouço, prohibindo-me expressamente de fallar alto, ou de bater nas paredes, sob qualquer pretexto que fosse; advertindo-me ao mesmo tempo de mecher sómente um pouco o cadeado, que fechava a grade do calabouço, quando tivesse a necessidade de alguma cousa.

«Foi então que entregue aos horrores de um logar tão triste, e de que tinha ouvido fazer muitas vezes retratos horriveis, me deixei ir a tudo que a minha melancolia e as ideias de um futuro horroroso podiam inspirar-me de espantoso.

«Passei assim dois dias e duas noutes em sustos continuos, e em terrores tanto mais difficeis de pintar, quanto redobravam a cada instante, pelos gritos, as queixas e os gemidos surdos, que davam muitos presos visinhos, e que a tranquillidade da noute fazia chegar aos meus ouvidos.»

Caetano Borso di Carminati —Ha tempo publicamos algumas noticias biographicas do celebre *Caetano Borso di Carminati*, a quem a causa liberal portugueza muito deve; e que indo depois servir em Hespanha no exercito da rainha contra D. Carlos, se achou ultimamente envolvido na revolução contra o regente Espartero, pelo que foi infelizmente fuzilado em Outubro de 1841.

Publicamos hoje mais alguns curiosos apontamentos para a biographia do bravo *Carminati*, os quaes nos foram enviados pelo sr. Gonçalo Tello de Magalhães Collaço, que é muito competente para isso, pois que serviu com elle no corpo, que foi organisado em França para a expedição liberal.

«Amigo redactor. —Como dos n.ºs 2714 e 2717, do seu jornal, visse tanta dedicação, e merecida simpathia, pelo bravo *Caetano Borso di Carminati*, e empenhado em dar a sua biographia, muito me lisonjeio em poder dar-lhe mais alguns apontamentos.

Por aviso do duque de Bragança, de 8 de Janeiro de 1832, em Paris, foi encarregado João Freire d'Andrade Salazar d'Eça, então coronel ao serviço da França, da formação de um corpo de estrangeiros para a expedição do exercito libertador; e eu fui por este rogado para coadjuval-o nesta organisação, e especialmente, para a gerencia de todos os fundos daquelle corpo (de que tenho plena quitação de 18 de Janeiro de 1834), que teve a denominação, de *regiment des tirailleurs portugais*, vulgo—o *batalhão francez.*

Este regimento devia ter dois batalhões; e *Borso di Carminati* estava inscripto por capitão do 2.º batalhão; mas como escaceassem os fundos, *Borso* receioso de que o 2.º batalhão a que pertencia, não podesse partir, como aconteceu, dirigiu-se a mim, pedindo para passar ao 1.º batalhão, por ser o que tinha mais probabilidades de marchar; e consultado o commandante, respondeu este: *Que isso só podia ter logar, se na hora da partida faltasse algum dos capitães a receber a sua guia de marcha.*

Dada esta resposta a *Borso*, disse elle: *Accetto! ainda que não seja de capitão, e aproveitarei outra qualquer patente, porque* (acrescentou elle) *postos eu os ganharei; já tive o posto de coronel em Hespanha, que perdi com a entrada do duque de Angoulême, e agora tornarei a ganhal-os.*

Ajustado isto (fins de Março), e devendo o 1.º batalhão marchar de Paris, para Belle-Ile, por companhias, escusado é dizer, que o capitão *Borso*, nunca faltou á hora da partida de cada uma das companhias, com a sua mala ao pé, e em ordem de marcha. Partiu a 1.ª sem que ninguem faltasse, e assim seguidamente até á 5.ª companhia, sem faltar nenhum official; e sempre *Borso* se retirava triste, e desanimado. Chegou o dia da partida da 6.ª e ultima companhia, e o capitão respectivo não compareceu...; então o capitão *Borso* reclamou o cumprimento da promessa: entreguei-lhe a sua guia, e partiu logo!

E assim lá foi *Borso*, por capitão da 6.ª companhia, denominada *des voltigeurs* (flanqueadores).

Caetano Borso di Carminati, teria então cerca de 35 annos de edade. Sobre alto, branco, cabello louro, olhos azues e de fina educação, era muito interessante na conversação. Não era o chefe da familia *Carminati*, mas sim irmão do conde de *Carminati*.

Tão excellentes qualidades me fizeram desde logo ter por elle uma especial consideração, pelo que havendo de escolher uma companhia para a minha collocação de alferes, neste corpo, dei preferencia á companhia *des voltigeurs*, commandada pelo capitão *Borso*, (de que tenho minha patente de 7 de Março de 1832), em que servimos até ao dia da famosa batalha de 29 de Setembro de 1833, nas linhas do Porto, na qual foi ferido duas vezes, gravemente a primeira vez no pescoço, e a segunda n'um olho, de que ficou cego.

Este batalhão, que na sua primeira formatura contava 663 praças, nesse dia de S. Miguel foi reduzido a 104 praças; sendo todos os mais mortos, ou feridos gravemente, inclusivè o commandante, conde de *Saint Leger*, depois marquez da *Bemposta*, fallecido o anno passado.

Este batalhão nunca teve bandeira. Pedindo-a João Freire ao imperador, respondeu-lhe este *que a ganhassem!* Teve depois bandeira o regimento de *granadeiros da rainha*, que foi formado dos restos do *batalhão francez* e novos reforços de estrangeiros, de que *Borso di Carminati* foi commandante até á convenção d'Evora Monte, Maio de 1834.

Então foi offerecido o posto de brigadeiro a *Borso di Carminati*, pela rainha de Hespanha, aonde passou a commandar os *caçadores do Porto* e os *granadeiros do Porto*, que elle engajou em Lisboa nos vencidos, e vencedores das campanhas da liberdade. Pelo que não será de admirar, que entrando em Hespanha, reconhecesse a necessidade de licenciar uma grande parte d'esta gente.

Ao Algarve foram desembarcar 133 praças destes corpos, que sendo reenviados, por elle, para Lisboa, em uma embarcação hespanhola, se revoltaram no alto mar, e forçaram um desembarque sobre as praias de Tavira, onde eu então era juiz de direito, que os processei, pronunciando meia duzia como principaes cabeças, e despedindo para as suas naturalidades, ou destinos os mais implicados.

Depois ouvi, que *Caetano Borso di Carminat* desposara a filha de um titular de Hespanha; depois... como é sabido, *Borso di Carminati* teve a sorte do seu particular amigo o general Leon!...

Quinta de S. Domingos da Vinha da Rainha, 25 de Outubro de 1873.—*Gonçalo Tello de Magalhães Collaço.*»

Exame de licenciado.—Fez hontem exame de licenciado na Faculdade de Philosophia o sr. Manoel Marques de Lima e Figueiredo, e ficou approvado unanimemente. O acto foi precedido na fórma dos estatutos da Universidade, por uma missa na real capella, acompanhada a orgão, e terminou pela ceremonia do grau, dado pelo sr. reitor na mesma real capella. No fim de tudo deu o sr. visconde de Monte-São, decano da Faculdade, um almoço aos seus collegas.

Visita—A sr.ª D. Eduarda Augusta de Andrade veiu de Lisboa passar alguns dias em Coimbra na companhia de sua filha e genro o sr. Augusto Ferreira. Vieram tambem com aquella senhora a sua filha mais nova e seu genro o sr. Diogo de Freitas Brito, digno e activo empregado no arsenal da marinha.

Festa de familia—Faz hoje annos o sr. José Ribeiro da Cunha, rico capitalista de Lisboa, que actualmente reside em Coimbra, na companhia de sua esposa e filho. O sr. bispo de Vizeu chegou hoje no comboio das 11 da manhã, para acompanhar o seu intimo amigo em tão sympathica festa de familia.

Frio.—Sente-se já frio intenso, principalmente de noite. Tem havido fortissimas geadas. Na madrugada de hontem os campos appareceram cobertos de alvo tapete.

Troca d'empregos. — O governo não concedeu, por ser contra lei, a troca de empregos, requerida pelos srs. Matoso, guarda-mór da Universidade, e Severo, bedel da faculdade de Mathematica. Estes empregos são differentes na cathegoria e interesses, e nesta differença fundou o governo a sua recusa.

Vinho.—Em muitos pontos da Beira foi tão abundante a producção do vinho, que se encheram completamente as vazilhas das adegas, e foram aproveitadas as arcas e caixões, convenientemente calafetados, para receber o mosto. Foi uma producção extraordinaria.

Asylo de Mendicidade. — Por mão do sr. José Francisco de Oliveira Reis foi entregue ao sr. thesoureiro do Asylo de Mendicidade a quantia de 9$645 rs., que sobejaram das despezas com o *Te-Deum* na egreja de S. Bartholomeu, para o qual se havia promovido uma subscripção entre alguns negociantes daquella freguezia.

Producto do bazar.—O producto liquido do bazar, promovido nos dias 19, 20 e 21 do corrente mez de Outubro, em beneficio da *Associação conimbricense do sexo feminino*, foi, conforme a conta e recibo seguinte:

Receita nos 3 dias de bazar....	171$400
Despeza provada com documentos	48$330
	123$070

Apezar das circumstancias que se dão, a receita liquida foi muito lisonjeira para a associação beneficiada.

Eis a copia do recibo a que nos referimos, passado á commissão pela exm.ª thesoureira do mencionado corpo social.

«Recebi da illm.ª commissão, eleita para a realisação do bazar da *Associação conimbricense do sexo feminino*, segundo a guia n.º 14, passada pela exm.ª secretaria, a quantia de cento setenta e um mil e quatrocentos reis, que tanto foi o rendimento do mesmo, em os dias 19, 20 e 21 do corrente; a qual paguei, em conformidade com a ordem n.º 17, da mesma exm.ª secretaria, a quantia de quarenta e oito mil trezentos e trinta reis, importe das despezas com o mesmo feitas; ficando por tanto realisado um producto liquido, em beneficio do mesmo corpo social, da quantia de cento vinte e tres mil e setenta reis, os quaes ficam integralmente fazendo parte do capital da sobredita associação. Coimbra, 29 de Outubro de 1873.— A thesoureira, *Maria Guilhermina da Assumpção Bandeira.*»

Alem desse capital liquidado, entregou mais a commissão, á exm.ª sr.ª presidente do conselho director da mencionada associação, 65 prendas, que podem valer 12$000 rs.

Associação conimbricense do sexo feminino.— A receita e despeza desta associação nos mezes de Agosto e Setembro foi a seguinte:

Saldo que passou do mez anterior	5:330$970
Receita deste mez...............	101$700
	5:432$670
Despeza........................	49$490
Saldo que passa para o mez seguinte........................	5:383$180
Receita no mez de Setembro....	64$360
	5:447$540
Despeza neste mez..............	28$655
Saldo que passa para o mez seguinte........................	5:418$885

Feira em Tentugal É amanhã a feira annual, que costuma ser muito concorrida na villa de Tentugal, e na qual se fazem importantes transacções em gados e generos agricolas.

Despachos.—A sr.ª Josephina Maxima de Carvalho foi promovida á propriedade da escola de meninas de Santo Varão, concelho de Monte Mór o Velho; e a sr.ª Maria Adelaide da Conceição Tavares Nogueira, foi despachada professora temporaria da escola de meninas de S. Miguel de Coja, concelho de Arganil.

Mercado de Coimbra no dia 30.—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 520 — Dito branco 500 — Dito Cêmtico meudo 580 — Dito grando 550 Milho branco 310—Dito amarello 300 — Feijão vermelho 460 —Dito branco da marinha 440—Dito da terra 400 —Dito rajado 360 — Dito frade 300 a 310 —Cevada 240 — Favas 320 —Batatas 240 — Azeite 1$320 — Vinho novo da Beira 600 — Dito novo da Bairrada 700 a 750—Aguardente de 18 graus 1$600 —Dita de 19 graus 1$650 —Dita de 20 graus 1$700.

Commercio de marfim.—O consumo de marfim vae augmentando todos os annos com os progressos da industria e da civilisação.

A Inglaterra, no fim do seculo passado, consumia termo medio por anno 192:000 libras; em 1827 empregou 364:000; e actualmente exige mais de um milhão de libras de marfim em cada anno. Está calculado, que para obter esta quantidade, é indispensavel o sacrificio de mais de 8:000 elefantes; estando egualmente averiguado, que alguns milhares de pessoas morrem todos os annos nos desertos da Africa, victimas dos perigos da caça daquelles animaes, ou das privações e desastres de toda a ordem tão frequentes naquellas regiões inhospitas. E todas estas perdas, para satisfazer ás necessidades do fabrico de cabos de facas e de garfos, de pentes, de bolas de bilhar, e de muitos outros objectos, pela maior parte de luxo e de phantesia!

O peso e valor dos dentes de elefante varia muito. Cuvier publicou uma relação dos mais notaveis, conhecidos até á sua epocha, e o mais extraordinario desta lista foi vendido em Amsterdam, e pesava 350 libras. Os dentes que tem maior acceitação nos mercados de Londres pertencem a elefantes de Bombaim e Zanzibar. Os immediatos são os do Cabo da Boa Esperança e Natal, e os mais inferiores os de Angola.

O marfim mais caro é o que se emprega para fabricar as bolas de bilhar, por ser o mais duro, mais elastico e mais branco. Os dentes de hippopotamo tambem produzem marfim; mas este producto é de muito menos valor, que o dos elefantes.

Temperatura do homem.— No estado physiologico, a temperatura do corpo humano regula por 36 a 38 graus centigrados. E' o que revela um thermometro collocado debaixo da axilla ou dentro da boca. Demonstram muitas experiencias curiosas, que o ponto de mais elevada temperatura é na região do figado e no sangue das veias hepaticas. Esta temperatura normal e constante, observa-se tanto nos habitantes das regiões polares como nos dos paizes tropicaes. Em caso de doença varia muito o grau de calor, subindo a mais de 40 graus nas febres typhoides e outras molestias, e descendo a 20 na cholera morbus.

O homem é de todos os animaes, o mais capaz de supportar as maiores differenças de temperatura, soffrendo mais facilmente o frio que o calor. Muitos marinheiros, que affrontam os gelos dos mares polares, resistindo durante muitos mezes ao frio que congela o mercúrio, vão depois servir em navios que viajam debaixo da atmosphera ardente da zona torrida. Abundam os exemplos de pessoas que entram em fornos com uma temperatura superior a 130 graus, demorando-se alguns minutos no meio deste ambiente de fogo. Os jardineiros habituam-se a trabalhar e a residir por muito tempo dentro de estufas, com uma temperatura de 80 graus.

Transpiração cutanea—O corpo do homem experimenta grandes perdas pela exhalação da pelle. Podem obter-se mais de 2:000 grammas de suor de um individuo, col-

---

Estes chefes careciam de recursos, e as tropas achavam-se em um estado deploravel de nudez e descalças, pois a ultima remessa de sapatos era da mais detestavel qualidade e pequenos para os soldados da guarda. Isto interpecia as operações, e annunciava ao conde fataes consequencias, se se não remedeavam de prompto tão urgentes necessidades.

Saiu, com effeito, Espartero para Calamocha, precedendo-o Oráa com as tropas do seu commando. Os carlistas não esperaram o seu inimigo, nem ainda em Monreal, para onde se retiraram, e onde Oráa pernoutou com a vanguarda e Espartero em Calamocha.

Proseguiu este o seu movimento antes de que alumiasse o sol do dia 3, adeantando-se com a cavallaria, a fim de que unida com a de Oráa, podesse aproveitar na occasião de carregar aos carlistas. Porem tambem estes haviam madrugado, dirigindo-se pela serra a Pozondon, á qual foi Espartero desde Villafranca. Oráa, inclinando-se á direita, continuou sobre Orihuela.

Ás 9 da manhã do referido dia 3, concluiam os carlistas de entrar em Pozondon, e sairam ás 12, ao saber a aproximação de Espartero, cujas tropas chegaram de noute ao mesmo povo, preparando-se a deixal-o ao amanhecer, sem que, apesar das marchas forçadas e da escassez de toda a classe de recursos, se esfriasse o ardente desejo daquelles soldados para achar e bater ao inimigo.

Ás 3 da madrugada se dirigiu Espartero com a cavallaria, apparecendo-lhe a nova aurora á vista dos inimigos, em marcha pelo caminho de Orihuela a Bronchales. Seguindo a falda da cordilheira, fez avançar as tropas, precedendo a cavallaria, para ver se conseguia deter os expedicionarios, obrigando-os a bater-se; porem abandonaram estes o caminho, e pela altura da montanha, tomaram a mesma direcção, excepto o batalhão que cobria a retaguarda, que não marchou na melhor ordem.

A cavallaria liberal seguiu até ao pé da serra e ainda parte della trepou ás alturas; mas não era favoravel para ella o terreno, pois ainda umas companhias de caçadores, que poderam chegar á estrada, e dois batalhões da brigada da vanguarda, não conseguiram obter outro resultado alem de lhes causar 8 feridos, á custa de outros tantos, havendo-se passado 15 homens, manifestando que D. Carlos se dirigia a Albarracin para unir-se com Cabrera.

Os carlistas flanquearam depois a direita, e Espartero quando o soube, comprehendeu que se dirigiam a Cuenca para reunir maiores forças e cairem sobre Madrid. Em conformidade disso correu no dia 5 a Orihuela a interpor-se ao inimigo. Se o seguisse, nada adeantava: as subsistencias eram impossiveis atraz dos carlistas; a divisão Buerens não podia encorporar-se-lhe então, e marchando Espartero rapidamente a Beteta e Cañisares lhes ganhava o flanco direito, e estava em disposição de acudir a Cuenca, ou a Madrid, segundo o exigisse a necessidade.

Para isto dispoz se lhe incorporassem os quatro batalhões, que ao commando de Iriarte estavam com Oráa, a quem reforçou com o 6.º ligeiro; Buerens se uniu a 5 em Orihuela, em cuja noute pernoutava a divisão da vanguarda em Checa, para poder chegar no dia seguinte a Cañisares.

A conversão que fez Espartero, para interpor-se entre Madrid e os carlistas, pensando acertadamente que marchavam sobre Cuenca, quando a direcção parecia contraria, é um facto importantissimo, sobre o qual devemos dar alguns promenores. As consequencias foram grandes, e a ellas se deve a sua tão opportuna chegada á côrte, em momentos bem criticos.

Prescindindo do aperto em que Oráa poz o exercito no barranco de Albarracin, de cujo erro podiam ter-se aproveitado os carlistas, ao marchar estes pela sua direita, pensou o chefe do centro que iam para o Maeztrasgo. Porem o commandante em chefe dos exercitos reunidos, comprehendeu no mesmo instante o inopportuno de tal marcha: não a acreditava; porem ainda que fosse certa, não devia perseguir os carlistas naquellas montanhas, mas sim na sua saida, que era indispensavel.

Espartero, com militar penetração disse— *vão a Cuenca;* e a incredulidade de Oráa os indispoz a ambos. Não o quiz este seguir; prescindiu por isso Espartero da sua cooperação, deixou-lhe as tropas do seu districto, mais um batalhão, e preparou a sua marcha, não fazendo caso da que haviam tomado os carlistas, seguro de os encontrar, porque havia comprehendido o seu projecto, a não negar-lhes o senso commum.

Que iam, com effeito, ganhar os carlistas na serra do Maeztrasgo, faltos de recursos, fatigados, e esfomeados como iam? Era militar, era logico tal movimento? Perseguidos, como se viam, continuariam fugindo, fugindo e fugindo?

Ou careciam de toda a classe de planos, ou algum haviam de executar: o mais natural, o que foi sempre constante, era o de ir a Madrid, que, desguarnecida de tropas, e achando-se Espartero afastado, um movimento de flanco, aquelle que fizeram os carlistas, lhes promettia a sua posse, porque chegavam á côrte, antes que Espartero o podesse evitar. Os factos demonstraram o acerto de Espartero, a sua judiciosa previsão, e o erro em que caiu o encanecido militar Oráa.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

ocado dentro de uma estufa, aquecida pelo vapor aquoso, no espaço de 2 horas.

O suor não é identico em todas as partes do corpo. A sua reacção mais geral é acida, mas tambem é alcalina e neutra. No estado physiologico é incoloro; mas em certas molestias é amarello, como na ictericia e febre amarella, e outras vezes azul, verde, vermelho, etc. Os chamados suores de sangue são muitas vezes a consequencia de grandes revoluções moraes. O phenomeno é raro, e parece antes uma verdadeira hemorrhagia da pelle. Dizem os historiadores, que Carlos IX morreu saindo-lhe o sangue por todos os poros do corpo.

O cheiro do suor varia muito com o temperamento e estado de saude. A natureza dos alimentos influe de um modo directo sobre esta propriedade physica. O alho e a cebola, e certos medicamentos, como a assafetida, trasmittem ao suor o seu cheiro caracteristico.

Ha pessoas que pouco ou nada suam. É porem um privilegio raro. O clima, o exercicio, os alimentos e as fortes emoções moraes activam a transpiração cutanea. Ha alguns individuos que exhalam um suor fetido e insupportavel, e outros que tem esta secreção verdadeiramente agradavel e perfumada. É sempre perigoso supprimir esta funcção tão necessaria á vida, e muitas e graves molestias são produzidas por causas que suspendem a transpiração regular da pelle.

Orgão notavel.—Na egreja de Santa Clotilde, em Paris, existe um orgão, que possue 46 machinismos completos, 8 teclados, 1 pedal principal, 15 pedaes de combinação, e 1:796 tubos.

Suffragios. — Communicam-nos de Poiares o seguinte:

«O parocho da freguezia matriz deste concelho, reverendo José Maria Dias Ferreira, celebrou hoje, na sua egreja, uma missa por alma da nunca assás chorada esposa do exm.º conselheiro José Dias Ferreira, seu proximo parente.

«Foi escolhido este dia por ser o primeiro desimpedido depois do trigesimo da deposição.

«A um tal acto, puro e simplesmente religioso, assistiram muitos dos numerosos amigos que s. ex.ª possue nesta localidade; assistindo tambem varias senhoras e algumas familias, assim como a professora de instrucção publica, com as meninas da sua eschola.

«A não serem embaraços occorrentes, seria superior a concorrencia.— Poiares, 25 de Outubro de 1873.—*C.*»

Thomaz Ribeiro—Quando estava para entrar o nosso jornal no prelo, recebemos o livro do mimoso escriptor o sr. Thomaz Ribeiro, com o titulo de—**Jornadas**—*Primeira Parte*—**Do Tejo ao Mandovy**—editado pelo nosso amigo o sr. José Diogo Pires, proprietario da acreditada **Livraria Central**, d'esta cidade.

Não temos mais tempo do que fazer annunciar esta publicação no logar competente. Em se dizendo que o livro é de **Thomaz Ribeiro** está feita toda a sua recommendação.

Por já estarem recorridas as tres primeiras paginas deste jornal, quando recebemos a seguinte communicação do sr. Dr. Antonio Augusto da Costa Simões, digno administrador dos hospitaes da Universidade, a inserimos neste lolar, para não demorar a sua publicação.

Hospitaes da Universidade de Coimbra

Na portaria do ministerio do reino, de 15 do corrente, sou accusado por algumas camaras municipaes e misericordias, de não ter cumprido com os deveres do meu cargo na admissão dos doentes. Já protestei contra esta calumnia perante o governo; e repito aqui o mesmo protesto perante o publico. Condemnaram-me sem me terem ouvido!

Cumpri com rigorosa pontualidade as prescripções da portaria de 26 de Agosto de 1872; e, antes d'isso, tinha cumprido com egual escrupulo os preceitos que regulavam este serviço. Provoco os meus accusadores para que apontem um só exemplo em contrario.

Todas as vezes que tive suspeitas de que os attestados de pobreza não eram verdadeiros, procedi sempre a investigações particulares e officiaes, como fiz saber ao governo por um extracto da minha correspondencia com as auctoridades respectivas; solicitando os competentes processos para os pagamentos das despezas da parte dos doentes, e para a punição do crime de quem tivesse prevaricado com a falta de verdade nos documentos. Posso dizer afoitamente que, apezar de todas estas diligencias, nunca se descobriu um só destes attestados que désse fundamento a um processo crime.

Na minha correspondencia com os governos civis, encontram-se muitas considerações das camaras e misericordias para evitarem o pesado onus que lhes impõe o n.º 9 do artigo 4 do decreto de 22 de Junho de 1870; mas não se vê alli a nova accusação de terem sido admittidos como pobres, doentes que o não eram. Não será facil de encontrar uma conciliação rasoavel deste facto com os fundamentos da portaria de 15 do corrente.

Como quer que seja, assiste-me o direito de me desaffrontar publicamente da injustiça com que fui tratado n'um documento publico.

Coimbra, 31 d'Outubro de 1873.

Costa Simões.

ANNUNCIOS

A' VENDA HOJE

JORNADAS

POR

THOMAZ RIBEIRO

Do Tejo ao Mandovy

Dos prelos da imprensa da Universidade acaba de sair á luz esta nova producção do distincto escriptor Thomaz Ribeiro. São as impressões da sua viagem á India, descriptas com aquella naturalidade que todos conhecem no auctor do D. Jayme.

E' um lindo volume, nitidamente impresso, de 400 pag.—preço 600 rs.

Vende-se na livraria Central de *J. D. Pires*, editor—Coimbra.

Remette-se pelo correio a quem enviar 650 rs. em estampilhas.

2 ABEL DA SILVA LINHAÇA, sabe quem tem para emprestar 500$000 reis, sobre hypotheca; e egualmente sabe quem empresta mais quantias, com a mesma garantia ou por letras. Ao mesmo annunciante se podem dirigir, em Montarroio, n.º 22.

ATTENÇÃO!

3 BONS VINHOS engarrafados. Diversas qualidades para mesa e pasto.
Bella pinga verde!
Rua das Solas, n.º 28.

CASAS

4 VENDE-SE uma morada na rua do Carmo, n.º 3 e 5. Declara-se que é foreira a Antonio Roxanes, desta cidade, ao qual paga de fôro annual 7$000 rs., e outra no terreiro da Erva, com os n.ºs 51, 53, 55, e paga de fôro ao Seminario episcopal desta cidade 400 rs. Quem quizer alguma d'ellas, pode fallar com José dos Santos Donato, no largo das Olarias, n.º 88.

5 PERDEU-SE hontem, pelas 10 horas da manhã, quatro saccos vazios, mettidos uns dentro dos outros, desde os arcos de S. Sebastião até á praça nova de D. Pedro V. Pede-se a quem os tiver achado, o favor de os mandar entregar na loja do sr. Ariosa, em Sansão, que os mandará a seu dono Luiz Soares, de S. Silvestre.

6 NO LARGO DO CASTELLO, n.º 51, precisa-se de um official de barbeiro.

MARÇANO

7 PRECISA-SE de um que tenha 13 ou 14 annos. Rua da Sophia, 65.

8 VENDE-SE a casa n.º 21 e 22 na Couraça de Lisboa, onde morou o sr. Dr. Lourenço. Recebe propostas em carta fechada, até ao fim do proximo mez, seu dono em Obidos, Antonio Maria da Cruz.

Latim (1.ª e 2.ª parte) e francez

9 O PRESBYTERO José Maria Cardoso de Figueiredo abriu as suas aulas de latim (1.ª e 2.ª parte), e a de francez no dia 15 do corrente Outubro. Couraça dos Apostolos, n.º 49.

Agradecimento

10 O REVERENDO PADRE VENANCIO GOMES DA SILVA, parocho da freguezia da Varzea de Goes, não podendo pela sua avançada edade e pelos seus padecimentos, ir pessoalmente, como desejava, agradecer a todos os seus collegas sacerdotes, e ás muitas pessoas que de differentes logares se dignaram annuir ao seu convite, assistindo ás exequias por elle celebradas para suffragar a alma de sua muito prezada sobrinha, D. Amelia Dias Ferreira; a todos envia por este modo um cordeal aperto de mão, e a todos se confessa extremamente agradecido.

11 OFFERECE-SE um praticante de pharmacia, com os preparatorios e um anno de pratica. Nesta redacção se diz quem é.

12 ANNA DE JESUS, moradora nesta cidade, tentou neste juizo de direito acção de divorcio contra seu marido Manoel Teixeira, typographo, morador no beco d'Amoreira; o que se annuncia para todos os effeitos do art.º 1225 do Codigo Civil, cuja acção foi distribuida em 30 de Outubro corrente, ao escrivão interino deste juizo, José Lourenço da Costa.

AVISO ÁS SENHORAS

13 PO' DE ARROZ superfino, da perfumaria Violet, de Paris.— Preço de cada pacote 160 rs. *Tinta para marcar roupa*—caixas de 180 e 360 rs.—*Desenhos* para trabalhos de senhoras, a 50, 60, 80, 120 e 240 rs. cada caderno.

Livraria Academica
183 Rua da Calçada 185

AGRADECIMENTO

14 OS ABAIXO ASSIGNADOS, commissão incumbida de realisar o bazar de prendas, em beneficio da *Associação conimbricense do sexo feminino*, ao terminar essa espinhosa tarefa, faltaria a um dever de cortezia, se não viesse a este logar agradecer publicamente, a todas as pessoas que a auxiliaram, não só com offertas de prendas; mas ainda nos dias em que se verificou o referido bazar. A todas, e a cada uma de per si, aqui deixam prova manifesta do seu maior reconhecimento, não esquecendo com muita especialidade, o illm.º sr. Manoel Teixeira, ao qual, pelos bons e desinteressados serviços, que então da melhor vontade se dignou prestar-lhes, aqui lhe tributam um affectuoso e indelevel agradecimento,

Coimbra, 30 de Outubro de 1873.
João Pereira de Miranda.
Francisco de Paula e Silva.
Justino da Silva Taveira.
João Antonio da Cunha.
Joaquim Martins da Cunha.

LECCIONISTAS

15 JOSE' MARIA DA SILVA TORRES, bacharel Agostinho Rodrigues d'Andrade, José Victorino de Freitas, quartanista de Philosophia, Bernardino M. Pinto, estudante do 2.º anno de Direito, e Antonio Augusto Gonçalves Neves, abrem no dia 3 de Novembro, os cursos de instrucção primaria, francez, portuguez (curso completo); latim (1.ª parte e curso completo), introducção e desenho. Edificio da Estação Telegraphica.

ARCHIVO HERALDICO GENEALOGICO

PELO

Visconde de Sanches de Baena

16 VENDE-SE em Lisboa, nas livrarias de Pereira, Ferreira e Lisboa e Franco de Castro.
Preço dos 2 volumes—4$500.

RUA DA CALÇADA—N.º 41 A 45

17 FRANCISCO DE SOUSA ARAUJO, além do bom sortimento de ferragens nacionaes e estrangeiras, oleo, tintas, e quinquilherias, que sempre teve e tem, no seu estabelecimento, acaba de receber novo sortimento não só daquelles artigos, como tambem cimento hydraulico, gesso para estuques, armas de 1 e 2 canos para caça; rewolveres de 7, 9, e 12; pistolas de 1 e 2 canos para algibeira; relojos americanos para mesa, transparentes para janellas, guarda-chuvas de seda e orleãa, apparelhos d'eletro-plate para chá, faqueiros, salvas, colheres, castiçaes e galheteiros, imitando perfeitamente a prata; faqueiros de cabo de marfim, aço e barba de baleia, estojos para desenho, para barba, e para limpar dentes; despertadores de cabeceira, fechaduras com campainha para gaveta e armario, espelhos, carteiras de madre-perola, portemonnaie, tesouras para aparar buxo, e para aparar arvores, para podar, e para flores; seringas irrigatorias; tubos elasticos, boxeres de latão e aço, cadeias de plaquet e aço para relogios, bussolas de diversos tamanhos, oculos de ver ao longe, binoculos para theatro, oleados para mesas; albuns para retratos, jarras para sala, fitas metalicas de 10, 15 e 20 metros, papel para plantas de tella, quadricular e imperial; jogos do loto, xadrez e dominó; sabonetes, e muitos outros artigos, que tudo vende por preços commodos.

NUMERO 2742 — TERÇA FEIRA 4 DE NOVEMBRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Estamos em perfeita calmaria politica. Estuda o governo as questões de mais grave importancia para melhorar a organisação dos serviços publicos, sem que por emquanto se saibam as modificações que pretende introduzir em cada um dos ramos da publica administração.

O certo é, porem, que trabalha activamente em levantar ao nivel das necessidades e das conveniencias do paiz, todas as instituições, que a longa experiencia dos factos tem já demonstrado carecerem de reforma.

É realmente notavel o estado de desenvolvimento moral e material a que tem dado origem as acertadas e prudentes medidas, que o governo adoptou durante a sua gerencia.

Com a paz e com a ordem que elle tem sabido manter, consolida as instituições publicas, mantem o respeito á lei, e firma as sympathias que a nação portugueza, na sua grande maioria, manifesta á forma monarchica constitucional do nosso regimen politico, e á dynastia reinante, representada pelo rei essencialmente liberal, a quem o povo, por isso, presta o mais firme preito de lealdade.

E o governo tem feito por estreitar cada vez mais os laços de cordeal affeição, entre o povo e o rei.

As medidas por elle tomadas, e as ideias que constantemente tem manifestado em toda a ordem de interesses, tendem a restabelecer a mais efficaz harmonia entre os poderes do estado e os desejos populares.

Esta situação contrasta admiravelmente com o dominio das ambições ruidosas, que lá fora, em outros paizes de maior nome, rugem desenfreadas, sem respeito ao principio que tende a manter a ordem no meio das tempestades politicas.

Semelhante harmonia, entre os elementos de ordem, que são o progresso e a civilisação em todas as manifestações da vida social, está pois sendo garantida neste paiz pelos meios que o actual governo tem sabido empregar.

Vem d'ahi particularmente a prosperidade que todos notamos em os differentes ramos da administração e da actividade individual.

Os destinos das nações não podem estar jámais á mercê dos vaivens da politica ambiciosa, nem sujeitos á vontade infrene, caprichosa e indomavel dos espiritos, que se deixam arrastar mais pelas concepções theoricas de ideias irrealisaveis, do que pelas sãs doutrinas, fundadas nos principios da justiça universal, da razão illustrada, e modeladas pelas conveniencias sociaes, que são, em ultima analyse, a norma por onde tem de aferir-se todas as theorias da sciencia de governar.

O actual gabinete, empregando por todos os modos de que póde dispor a auctoridade livremente constituida, os meios de consolidar e averiguar as crenças publicas, e as instituições que nos regem, á sombra da liberdade e das garantias individuaes e sociaes, está prestando o maior de todos os serviços ao paiz.

E é evidente, que a direcção que têm levado as cousas publicas, no sentido de identificar os principios da nossa autonomia, com os interesses e com a vontade dos povos, vae influindo mui sensivelmente no bem estar geral, que se manifesta em todas as relações da actividade publica.

Harmonisando as conveniencias de ordem moral, com os interesses materiaes e de administração economica, o governo tem feito o maior dos beneficios á nação, cujos destinos lhe foram confiados.

CORRESPONDENCIA DE LISBOA

Lisboa, 2 de Novembro de 1873.

A falta de politica, discute-se na imprensa a nomeação do sr. Martens Ferrão, para aio dos principes, e não se deixa descançar um instante só o sr. barão do Zezere, commandante da guarda municipal. Ha outro assumpto, menos grave; é a guerra declarada á empreza do theatro de S. Carlos. Com estas tres questões, todavia, os fundos não tem descido, e as cousas correm regular e normalmente.

O meu amigo está ao facto das duas primeiras questões, que se debatem, e já sobre ella tem *o Conimbricense* dado auctorisada opinião. Quanto á segunda, como é local, só aos *dilettanti* pertence. Mas dizem-me que veiu de reforço á empreza a penna esclarecida de Jayme José Ribeiro de Carvalho, que hade dar para baixo nos inimigos da citada empreza. Eu nada intendo de musica, e por isso não estampo aqui a minha opinião, franca e sem ambages. Agora sinto eu o resultado do meu desleixo, para poder avaliar se a senhora Galleti tem ou deixa de ter merecimento.

Ensaia-se o *Fausto*, e diz um jornal que os ossos de Goethe já começam a remecher-se na campa, só com a possibilidade de realisar-se a noticia. E se se realisa?

—O desenvolvimento das obras publicas no paiz é espantoso. Avalie: foi auctorisado o director das obras publicas dos Açores a executar os trabalhos no reservatorio de agua da villa de Santa Cruz, na ilha Graciosa, podendo despender neste serviço 3:320$000 reis; mandando proceder á execução dos trabalhos no lanço da estrada real de Thomar a Castello Branco, despendendo-se neste serviço reis 15:227$908; concedendo á camara municipal de Penamacor o subsidio de 593$431 reis, para a construcção do lanço da estrada de Pedrogão a Idanha a Nova; concedendo á camara municipal de Arraiolos o subsidio de 483$007 reis para a construcção do lanço da estrada municipal do Vimieiro a Evora. Aqui tem o povo em que se gasta o dinheiro. Em melhoramentos uteis.

—Não ha hoje jornaes, e apenas se publicou o *Diario Illustrado*. No seu principal artigo, trata esta esclarecida folha das tentativas empregadas por algumas associações (?) para dar vida ás monstruosas doutrinas do communismo. Accrescenta que taes doutrinas vão encontrando apoio, ainda que lento, nos incautos que se deixam arrastar pelos exploradores da credulidade dos operarios.

Este fallar generico de associações que empregam esforços nas trevas para fazer occupar as doutrinas communistas, não se comprehende logo á primeira vista, e envolve-as a todas

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCIX

D. CARLOS

LIX

No dia 6 de Setembro de 1837 chegou Espartero a Beteta, depois de uma marcha penosissima pelo largo da distancia e o escabroso do terreno.

A direcção que levavam os expedicionarios, confirmou a sua previsão, e para evitar que se apoderassem de Cuenca, no caso de chegarem antes, avisou ao seu governador militar D. Francisco Valdés, que resistisse a todo o transe, na certeza de que elle chegaria em seu auxilio ás 2 horas, o mais, depois que se apresentassem os carlistas. Recebeu o governador de Cuenca, duas ou tres vezes esta parte, escripta em um papel de cigarro, sem logar de data, para o caso em que caissem em poder dos inimigos, e enviadas por bons portadores.

Resolvido estava Valdés a resistir, apesar de que muitos nacionaes de provincia o abandonaram, retirando-se para Madrid: e ao receber a communicação de Espartero, infundiu nova confiança em quantos o rodeavam.

Levava Espartero 21 batalhões, ainda que escassos de homens, e 800 cavallos. O seu enthusiasmo era decidido e suppria maior numero. As privações que soffriam, apezar do que se procurava remedial-as, não eram bastantes a desanimal-os.

A 8 chegou a Cuenca; salvou a esta capital, e estava em disposição de salvar tambem a Madrid, se se visse acommettida. Teve que deter-se para distribuir rações, calçar a tropa, e alcançar recursos, que era a questão diaria, e por isso os pediu, debaixo da garantia da sua casa.

Pediu ao governo cavallaria, por ser superior á do inimigo, e que tivesse disposta a artilheria que havia antes pedido, para quando a necessitasse, e se lhe enviassem cavalgaduras. Deu tambem ordens a Oráa, e avisou por ultimo, que a 10 saia de Cuenca, e faria todo o possivel para pernoutar em Villalba de Rei, a fim de passar o Tejo a 11, por Ponte Auñon, e interpor-se aos carlistas.

De todos os modos se propunha forçar as marchas, para que a vantagem que lhe levassem, fosse de poucas horas.—«A rainha, o governo, as côrtes e os habitantes de Madrid, dizia, devem descançar na segurança de que não perderei de vista aos rebeldes, e que se não consigo alcançal-os, bastará que por pouco tempo se defenda essa capital, para o conseguir.»

Não seguia o mesmo caminho que D. Carlos, porque facilmente poderiam impedir-lhe as suas forças, adeantadas, a passagem do Tejo, destruindo as barcas. A sua direcção foi a mais acertada.

Com 9 leguas de marcha chegou o exercito liberal a Villalba de Rei, apesar do quebrado do terreno e da chuva.

A passagem do Tejo era da maior importancia para os liberaes e carlistas. Espartero, forçando marchas se aproximou á Ponte de Auñon, temendo a occupassem os contrarios antes da sua chegada. Dirigindo-se aos soldados da vanguarda, arengou-lhes fogoso; e esquecendo aquelles valentes o seu cansaço, enthusiasmam-se com as palavras do seu chefe, e correm a ganhar a ponte.

Salvei a Madrid, poude então dizer Espartero. Ordena que siga a marcha o resto das tropas, e pernouta a 11 em Tendilla.

Tambem D. Carlos, que estava em Tarancon, passou o Tejo, e se dirigiu a Arganda.

Ás 7 e meia da noute chega Espartero a Alcalá de Henares com a vanguarda, e ás 9 a retaguarda, emprehendendo ao anoutecer do seguinte dia a sua marcha para Madrid, onde o esperavam com a maior anciedade, pois se uns viam em Espartero o que havia de livral-os dos inimigos que tinham ás portas, outros tratavam de captar a sua vontade para fazer que triumphassem as suas opiniões politicas.

Deixámos a espedição de D. Carlos celebrando o triumpho que obtivera nos campos de Herrera a 24 de Agosto. Percorreu no dia 25 o theatro do combate, contemplando os cadaveres que nelle jaziam; descançou a 26, e na tarde de 27 marchou a Villar de los Navarros, detendo-se para organisar-se e aggregar os prisioneiros que tomaram as armas pela causa que haviam combatido.

No dia 30 proseguiu a marcha por la Muela a Fuenbaena, e a 31 a Langueruela. Neste povo se alojou uma divisão sem ter que comer, e o resto das tropas acampou nos povos immediatos, que não eram melhores que o desventurado Langueruela.

No dia 1.º de Setembro marcharam os carlistas por Valverde e Lechago; e nos dias se-

mo desaire que resulta áquelles que trabalham para fazer vingar ideias de uma utopia parva, que deshonram e infamam.

No que concordamos com o *Diario* é quando diz que da ignorancia do nosso povo abusam os hypocritas. Não diremos só os hypocritas, os devassos tambem, e de mais a mais, os devassos com instrucção, aquelles que tinham por dever guiar e conduzir por caminho recto e seguro os mais analphabetos.

Este assumpto é largo e vasto e dá margem a graves e serias considerações, que se não podem tratar ao correr da penna. Fica para outra vez, com quanto tivessemos ha tempos feito tenções de não nos intromettermos em assumptos propriamente sociaes.

—Tem tido extracção o livro de Caetano Dias, intitulado *Preludios lyricos.* A imprensa honrou o livro e o poeta com phrases benevolas e de todo o ponto justas, e o sr. conselheiro Silvestre Ribeiro, bem como o sr. Eduardo Coelho, fizeram justiça ao merecimento e talentos do meu desditoso collega. Tem poesias de incontestavel merecimento, como *Mãe e Filha, a João Manoel de Freitas,* director da imprensa nacional, ancião veneravel e estimado por todos, *As joias de callar,* e muitas outras que seria longo enumerar. Entre ellas sobresae a traducção da poesia de Belmontel com o titulo *Les Petits orphelins,* a qual é de um primor que não pode ser excedido. Dizem-me que o sr. Pinheiro Chagas publicará em breve o seu juizo auctorisado a respeito do livro.

—Regressou a Lisboa o sr. conselheiro Mendes Leal, e sua esposa.

—Ponho ponto final, dizendo-lhe que amanheceu hoje um dia tempestuosamente horrivel. E o inverno, de aspecto carrancudo e medonho, que apresenta o seu bilhete de visita á pobre humanidade, que se espanejou até agora ao sol de um esplendido outono.

P. J. Conceição.

NOTICIARIO

As ordens religiosas em Portugal.—Quem ler as chronicas das ordens religiosas, só ahi encontrara proclamadas as virtudes dos frades, e os serviços por elles prestados á religião e ao estado. Apresentava-se assim unicamente a medalha por uma face, ficando a outra totalmente encoberta. Faltava-se por essa forma á imparcialidade historica; porque naquelles institutos havia bom e mau.

E' certo que muitos religiosos foram exemplares; e que as letras muito lhes devem; mas tambem é inegavel que a corrupção de costumes tinha entrado nestas corporações, que haviam degenerado completamente dos fins da sua creação. E tão reconhecido era este estado deploravel, que mesmo no governo absoluto se tentou por varias vezes dar remedio a esse mal, mas sempre inutilmente. O marquez de Pombal fez extinguir differentes conventos, e até D. Maria I projectou a reforma das ordens religiosas. Não fallamos do governo liberal de 1820 a 1823, porque esse seria dado de suspeito.

Os abusos foram sempre continuando e progredindo, até que a exaltação politica a que se entregaram as corporações religiosas, fez com que em 1834 se puzesse termo á sua existencia.

A differença de opiniões versa apenas sobre se as ordens religiosas podiam ter reforma; ou se deviam ser totalmente extinctas. Só nisto ha divergencia; pois que todos concordavam, até os mais decididos absolutistas, que ellas não podiam continuar na situação em que se achavam.

Como já dissemos, quem ler as chronicas das ordens religiosas, ficará persuadido que nos frades não havia senão santidade e procedimento exemplar. Os chronistas assim lhes convinha pintar os seus companheiros de claustro; occultando a grangrena moral que nelles lavrava.

Não se lembravam, que um dia havia de vir a Portugal a liberdade de imprensa, e que então se apresentaria ao publico aquillo que tanto se tratava de encobrir.

Vamos hoje citar documentos authenticos, que todos os curiosos, ou os que tiverem duvida acerca do que dissermos, poderão ver; para o que aqui lhes indicamos o local onde se encontram.

No cartorio da Universidade existe um volumoso processo original, composto de sete partes, mas que todas tem relação umas com outras. A mais antiga é de 1554.

Ahi, Fr. Francisco Quaresma, bispo eleito de Ceuta e Tanger, apparece a proceder á visitação no mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho, de Nossa Senhora de Carquere, no bispado de Lamego. Sob pena de excommunhão chamava a todas as pessoas daquella localidade, a virem depor do que soubessem ácerca do procedimento dos frades do referido mosteiro.

Seguem-se os depoimentos das testemunhas, principiando pelos proprios conegos regrantes. O que alli se diz, o que alli se relata, é necessario lel-o para o acreditar. Não ha torpeza, não ha devassidão, não ha escandalo que se possa imaginar, de que naquelles depoimentos não sejam os frades accusados de haverem praticado.

Vem primeiro o prior crasteiro, Belchior de Sequeira, e faz contra o bispo D. Ambrosio, dom prior do mosteiro, accusações de tal ordem, que não podemos, em homenagem á decencia publica, aqui narral-as. Seguem-se no mesmo sentido os conegos Gil Coelho, Diogo de Braga, Francisco Marques, Diogo Coelho, e Gaspar Coelho, assim como outras testemunhas seculares.

Acabam estas de testemunhar contra o dom prior, e segue-se logo a testemunha Luiz Annes, depondo contra o já mencionado prior crasteiro Belchior de Sequeira, alem de muitos actos da mais torpe devassidão, que elle prior tem no mosteiro um filho conego, o qual, *com favor de seu pae, é tão desassocegado e proterso, que não ha na freguezia quem possa com elle; e tanto que hontem, que foram 14 deste mez, viu elle testemunha bradar um João de Sá—aqui de el-rei—sobre elle, que o espancava; e não ousou queixar-se delle, por se temer d'outra peior.*

Vem depois o proprio dom prior do mosteiro, D. Ambrosio, contra o qual depozera o prior crasteiro; e por sua vez depõe D. Ambrosio contra elle os factos que sabe da sua vida devassa e publicamente escandalosa, e que aqui supprimimos, por se não poderem relatar; terminando por dizer—*que em cousa nenhuma lhe obedece, por os mais dos conegos serem seus sobrinhos e parentes, e com seu favor se saem fóra de noute e de dia, onde residem mais que no mosteiro.*

Pela sua parte o prior crasteiro Belchior Sequeira, não lhe havia ficado a dever nada no seu depoimento, pois que inclusivamente accusava o mencionado bispo D. Ambrosio, de ter emprazado a uma filha *um olival, que era da alampada de Nossa Senhora.*

Dizia por exemplo o conego Gil Coelho—*que se os conegos vivem mal e como não devem, é o dom prior do mosteiro a principal causa, assim como por dar mau exemplo de sua vida e pessoa, como por dessimular com os excessos dos conegos.* Mas o dom prior, D. Ambrosio, depondo contra o mesmo conego Gil Coelho, dizia que—*vive muito desnudadamente e torpemente, e tem infamado este mosteiro, assim com seu mau viver, como por muitos furtos que nelle e em outras partes tem feito, do que ha autos e devassas.*

Chega-se ao fim dos numerosos e extensos depoimentos de testemunhas de todas as classes, e acabando-se de ler a narração de crimes os mais abominaveis e tudo quanto se possa conceber de mais torpe; e vê-se o bispo visitador, Fr. Francisco Quaresma, por sua sentença datada de 5 de Janeiro de 1555, em lugar de castigar exemplarmente, como mereciam, aquelle bando de impenitentes devassos, limitar-se a uns conselhos banaes e ridiculos.

Os resultados desta impunidade fizeram-se sentir, como era de esperar.

Tendo fallecido em Janeiro de 1559 o mencionado dom prior do mosteiro de Nossa Senhora de Carquere, D. Ambrosio, foi legalmente provido no mesmo cargo o conego Antonio Nogueira. Os frades, porem, do mosteiro, revoltaram-se e fizeram uma eleição illegal e em pessoa incompetente.

Da devassa que sobre esse crime se tirou, deixaremos fallar uma das muitas testemunhas:

«Antonio de Almeida, conego no dito mosteiro, testemunha a que foi dado juramento dos santos evangelhos, e perguntado pelo conthendo na petição, disse elle testemunha, que era verdade que dia de Santo Amaro, que ora passou no mez de Janeiro passado, deste era presente de 1559 annos, se falleceu no dito mosteiro o bispo D. Ambrosio, dom prior que foi do dito mosteiro, em um domingo; e que logo nesse mesmo dia á noute, que foi aos 15 do mez de Janeiro, veiu ter a este dito mosteiro de Carquere, Ruy Telles, conthendo na petição, filho de Antonio Telles, e pediu ao prior crasteiro, que se chama Belchior de Sequeira, e a Diogo de Braga, e a elle testemunha, que o quizessem eleger por dom prior do dito mosteiro, de maneira que assentaram que sim.

«E logo no dia seguinte, que foi á segunda feira, o dito prior, e Diogo de Braga e elle testemunha, foram ter a casa do dito Antonio Telles, que será distancia deste mosteiro legua e meia pouco mais ou menos; e ahi em casa do dito Antonio Telles, o referido prior, e elle testemunha e Diogo de Braga, conegos, elegeram por dom prior do mosteiro ao dito Ruy Telles, que estava presente com Antonio Telles, seu pae, que tambem era presente. E fizeram disso uma eleição, que fez e escreveu um notario, que chamam Morales, que é capellão do dito Antonio Telles, e passaram disso seu instrumento ao dito Antonio Telles; de maneira que a eleição não se fez no mosteiro, senão em casa de Antonio Telles, como dito tem.

«E que é verdade, que d'antes que isto passa-se, já era tomada posse do mosteiro em favor do dito Antonio Nogueira, dom prior que é do mosteiro, por seus papeis que já então os conegos delle lhe tinham dado obediencia como a seu prelado; *e que o dito Ruy Telles não era conego no mosteiro, nem noviço, nem o foi nunca;* somente que ao tempo que lhe fizeram a dita eleição, em casa de Antonio Telles, *o dito prior e conegos lhe lançaram logo ahi ao tempo da dita eleição, em casa do dito Antonio Telles, o habito da ordem de Santo Agostinho,* por se requerer ahi no tal auto, e o mosteiro do sobredito ser daquella ordem.»

As mais testemunhas da devassa depõem no mesmo sentido.

O legitimo prior Antonio Nogueira, quiz no mez de Junho do mesmo anno de 1559, proceder á visitação do mosteiro de Nossa Senhora de Carquere; mas o que lhe aconteceu póde ver-se do seguinte requerimento, por elle mandado apresentar por seu procurador, ao licenciado Lourenço Marques, juiz do civel da cidade de Lisboa, em Fevereiro de 1561:

«Senhor. Antonio Nogueira, thesoureiro da capella de el-rei nosso senhor, dom prior do mosteiro de Nossa Senhora de Carquere, do bispado de Lamego, faço saber a vossa mercê, que eu fui visitar o dito mosteiro, e levei muita gente comigo, por me temer de um Antonio Telles de Menezes, que pousa perto do dito mosteiro, e assim do prior crasteiro e conegos d'elle, por se ajustarem com o dito Antonio Telles, e fizeram uma eleição em que elegeram por dom prior do dito mosteiro, a um filho do dito Antonio Telles, estando nelle Antonio Nogueira, em posse, como dom prior que é nelle.

«Começando a visitar e tirar devassa da dita eleição, que achou ser falsa, o dito prior e conegos se ausentaram, e andando armados me acolhi com irmãos e parentes, por me temer que me matassem, e por vezes os mandei chamar e rogar que quizessem estar á obediencia; e o não quizeram, nem querem fazer, e me querem grande mal e andam fóra do dito mosteiro armados com béstas e outras armas, como soldados, com homens armados de assuada, dizendo que me hão de matar; que a renda posso comer; mas não ousei de ir lá, porque custava a vida.

«São muito poderosos e manhosos, e tem irmãos e parentes poderosos, que vivem deredor do dito mosteiro; e o prior crasteiro tem um filho e sobrinho, conegos do dito mosteiro.

«El-rei, nosso senhor, mandou vir ao dito mosteiro as justiças de Lamego, para os prender, e não os poderam prender, porque em Lamego tem muitos parentes poderosos; como é Alvaro Coelho, Domingos Soares Homem, Manoel da Horta Homem, e outros.

«Sendo D. Diogo Ortiz de Vilhegas, bispo de S. Thomé, e adaião d'el-rei, que está em gloria, commendatario do dito mosteiro, foi visitar a estes proprios conegos, levando comsigo 17 homens de cavallo e outra gente de pé; e estando para fazer a dita visitação, o quizeram matar, se se não acolhera.

«E assim, sendo D. Ambrosio, commendatario, estando no dito mosteiro Francisco Marques, conego, o houvera de matar com uma chuça, se se não acolhera; e lhe dera peçonha, com que houvera de morrer; e veiu pedir a el-rei, que está em gloria, que os mandasse visitar, porque não podia; ao que mandou o bispo, que agora é de Tanger.

«São homens muito prejudiciaes, e na terra fazem muitos insultos; e o dito Antonio Telles os ajuda e favorece, pela eleição que fizeram a seu filho, o qual foi a Roma sobre isso, e fez gastos, sem poder haver effeito.

«Por todas as razões lhe tem odio, e andam accumulados todos, e dizem que o hão de matar e a seus parentes e criados, que por seu mandado foram ao dito mosteiro; e elle supplicante, Antonio Nogueira, tem necessidade de mandar concertar uma torre e casas no dito mosteiro, que cairam; e ha de ir um parente com criados, e lhes é necessario irem armados, e para pedir a el-rei, como senhor, que lhes conceda que tragam armas.

«Pede a vossa mercê, que lhe mande perguntar as testemunhas que lhe apresentar, pelo conthendo nesta petição; e com seus ditos lhe mande passar um instrumento, em maneira que faça fé, no que receberá justiça e mercê»

Despacho do juiz—«Perguntem as testemunhas que apresentar; e com seus ditos e testemunhos, lhe seja dado o instrumento que pede. Lancem sigillo.»

Paramos hoje aqui, para não sermos muito extensos. Ainda, porem, em outra occasião havemos de dar mais noticias do procedimento destes *bons* frades.

Agora leia-se a *Chronica dos conegos regrantes,* de D. Nicolau de Santa Maria, e veja-se se d'ella se deprehendem estes factos. Apenas diz que os bens do mosteiro de Nossa Senhora de Carquere foram annexados á companhia de Jesus. Do torpissimo proceder dos frades daquelle mosteiro, nem uma unica palavra! Isso não lhe fazia conta.

Fr. Agostinho de Santa Maria, no seu *Santuario Mariano,* narra circumstanciadamente o milagre de Nossa Senhora de Carquere, para com D. Affonso Henriques, que nascera com as pernas agarradas ao tronco do corpo; menciona tambem a reunião dos bens do referido mosteiro aos dos jesuitas de Coimbra; mas egualmente nada diz do procedimento dos frades.

Os outros chronistas seguem o mesmo caminho. Silencio completo.

Por esta e identicas provas se avaliará o credito que em geral podem merecer as chronicas das ordens religiosas; já devido ao interesse que havia em pintar com as mais lindas côres a vida dos frades, já em resultado da censura previa, que era applicada á impressão dos livros.

O que, porem, não suppunham os taes chronistas, é que, passados centos de annos, haveria quem descubrisse e publicasse estas proezas.

A verdade, tarde ou cedo se vem a saber.

Pharmaceuticos illustres. — O nosso patricio e amigo o sr. José Libertador Magalhães Ferraz, muito acreditado e intelligente pharmaceutico desta cidade, terminou a publicação do primeiro volume dos *Pharmaceuticos illustres de Hespanha na epocha presente.*—Imprensa Litteraria, 1872 a 1873.

Nesse volume vem as biographias dos srs. Dr. D. Fructuoso Plans y Pujol, lente cathedratico de materia pharmaceutica animal e mineral na faculdade de pharmacia da universidade de Barcelona; Dr. D. Vicente Munner y Valls, lente cathedratico de pratica de operações pharmaceuticas na mesma faculdade e universidade; e Dr. D. Antonio Sanches Commendador, lente cathedratico de materia pharmaceutica do reino vegetal, e decano da referida faculdade na mesma universidade de Barcelona.

Em uma bem elaborada introducção lamenta o sr. Ferraz, que os estudos pharmaceuticos tão pouca protecção tenham merecido dos governos em Portugal, dando assim logar a que na Hespanha se hajam adeantado muito mais do que entre nós, pelo cuidado que lhes tem applicado os differentes governos daquelle paiz.

Ainda assim, muito folgamos de ver que o sr. Ferraz, ao mesmo tempo que descreve detidamente os serviços prestados ás sciencias por varios sabios hespanhoes, se não descuidasse de mencionar com o merecido louvor aquelles illustres portuguezes, que têem gasto a sua vida em ser uteis á sua patria e á humanidade, contribuindo para o progresso das sciencias chimicas e outras analogas.

Por occasião de fallar dos trabalhos de analyses de aguas mineraes, feitos pelo sr. D. Vicente Munner, apresenta o sr. Ferraz a relação de todas as publicações de que tem noticia, ácerca das aguas thermaes e outras em Portugal.

São pelo sr. Ferraz mencionados os trabalhos importantes dos srs. Antonio Pires da Silva, Francisco da Fonseca Henriques, Antonio Martins M. Belleza, Antonio Francisco da Silva, Candido Antonio de Oliveira e Silva, Jacob de Castro Sarmento, Joaquim Ignacio Seixas Brandão, Dr. Francisco Tavares, Antonio de Almeida, José Martins da Cunha Pessoa, D. Francisco de Almeida Beja e Noronha, Antonio José de Sousa Pinto, Vicente Sedano Bento de Mello, José Diogo Mascarenhas Netto, Francisco Xavier de Almeida Pimenta, José Pinto Rebello de Carvalho, Julio Maximo de Oliveira Pimentel, José Joaquim da Silva Pereira Caldas, Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão, Dr. Antonio Augusto da Costa Simões, Bernardino Antonio Gomes, A. P. Cardoso, Francisco Antonio Barral, S. J. Fernandes, A. M. Ribeiro, J. Correia, A. A. de Oliveira Soares, Dr. Miguel Leite Ferreira Leão, Dr. Francisco Antonio Alves, Dr. Lourenço de Almeida e Azevedo, José Julio Rodrigues, Dr. Agostinho Vicente Lourenço, Alexandre Bayer, Manoel Nicolau de Bettencourt, José Dionysio Correia, e outros.

E ainda que não fosse escripta com caracter puramente scientifico, poderia ser addicionada ás publicações mencionadas pelo sr. Ferraz, mais a que fez em 1871 o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro—*As aguas de Cabeço de Vide, esboço historico administrativo;*—assim como a—*Tentativa analytica sobre as aguas thermaes de Monchique,* por Dimas Thadeu de Almeida Ramos, em 1789.

Tambem o sr. Ferraz, descrevendo os valiosos trabalhos zoologicos do sr. Dr. D. Antonio Sanches Commendador, dá conta dos serviços prestados a este ramo das sciencias humanas, pelos distinctos portuguezes os srs. José Vicente Barbosa du Bocage, Felix de Brito Capello, Dr. Manoel Paulino de Oliveira, Augusto Lino da Silva, e J. A. de Sousa.

Mencionando o sr. Ferraz a memoria do referido sr. D. Antonio Sanches, em que historia as principaes descobertas que tendem a provar a existencia do homem durante o periodo quaternario antigo; não deixa passar em silencio as valiosas publicações dos srs. J. F. N. Delgado, Andrade Corvo, Simões de Castro, Dr. Julio Augusto Henriques, e sobre tudo o sabio geologo portuguez o sr. F. A. Pereira da Costa.

Já hoje o sr. Ferraz poderia addicionar uma outra publicação muito importante. Quando o seu livro se estava a imprimir, saia á luz o:—*Relatorio acerca da sexta reunião do congresso de anthropologia e de archeologia prehistorica, verificada na cidade de Bruxellas, no mez de Agosto de 1872, elaborado por Carlos Ribeiro, chefe da secção dos trabalhos geologicos de Portugal*—Lisboa, imprensa Nacional, 1873.

O sr. Ferraz não se limita nas suas biographias, a simples indicações de datas; desenvolve os pontos tratados nas differentes publicações dos biographados, tornando assim de muito interesse o seu estudo.

Folgaremos que o nosso patricio prosiga na publicação tão auspiciosamente encetada.

O primeiro volume dos *Pharmaceuticos illustres* acha-se á venda nas lojas de livros do sr. José Diogo Pires, á Sé Velha; e Manoel de Almeida Cabral, na Calçada.

Mafra e Cintra. — Recebemos hoje uma recente publicação editada pelo sr. Francisco Lallemant, impressor em Lisboa. E' uma descripção circumstanciada dos monumentos de Mafra e Cintra, feita pelo sr. Joaquim C. Gomes, empregado no edificio de Mafra.

No logar competente vae o annuncio desta interessante publicação.

Arte veterinaria —Tambem hoje recebemos a—*Arte veterinaria, ou tratado dos animaes domesticos, sua creação, propagação, e conservação, traduzida dos melhores auctores estrangeiros. Obra util e necessaria para os proprietarios, lavradores, alveitares, ferradores, e em geral para todos os que têem debaixo de sua inspecção animaes de trabalho.* Por M. L.—Tomo I—Lisboa, typographia Sousa & Filho, 1873.

É um grosso volume de 510 paginas, nitidamente impresso.

A utilidade e necessidade deste livro são tão reconhecidas, que de certo será bem acolhido pelo publico; com o que se animará o seu traductor a publicar o segundo volume.

Trabalhos agricolas.— Tem passado por esta cidade centenares de trabalhadores, que se dirigem alegres para a estação do caminho de ferro, seguindo depois para o Alemtejo. Estes homens pertencem aos dois districtos de Vizeu e Coimbra, e são contractados para ir trabalhar nas vastas propriedades do sr. José Maria dos Santos naquella provincia. São braços robustos da Beira, que vão fecundar o solo da patria, preferindo o Alemtejo ás regiões inhospitas da America.

O sr. José Maria dos Santos é um portuguez benemerito, que tem prestado relevantes serviços a agricultura nacional. Se todos os proprietarios abastados imitassem tão nobre exemplo, dentro de poucos annos não havia em Portugal um hectar por cultivar, e teriamos descoberto o remedio mais seguro contra a emigração. Que riquezas immensas temos desprezado, que thesouros inesgotaveis deixamos jazer por ahi inertes, que roubos sacrilegos temos feito ao torrão abençoado do nosso paiz? Os homens que possuem grandes fortunas, e que dispõem de avultadissimos capitaes, deviam unir-se em santa cruzada nas grandes emprezas da regeneração agricola, e esta obra meritoria seria a base mais solida da felicidade e civilisação de Portugal.

Passagem.—Esteve em Coimbra o sr. Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, mas demorou-se tão pouco tempo, que dos seus muitos amigos e admiradores, poucos tiveram a fortuna de o ver e abraçar. O illustre escriptor e mimoso poeta ainda consagra a esta cidade os mesmos affectos, que sempre lhe dedicou durante a sua vida academica. Coimbra e a Universidade exultaram, por ver novamente um dos antigos redactores do *Trovador* e *Revista Academica;* e o *Conimbricense* recorda com viva saudade a valiosa collaboração, que nos primeiros tempos da sua vida jornalistica recebeu do joven e esperançoso escriptor que então frequentava a Universidade. Formosos tempos foram esses, e grata será sempre para a Universidade e para a historia litteraria do nosso paiz a memoria d'essa epocha brilhante.

Visita.— Tem estado em Coimbra, onde veiu passar alguns dias no seio da sua familia, o sr. Antonio Augusto Pereira de Miranda, digno filho desta cidade, e actual deputado por um dos circulos da capital. Damos as boas vindas a este nosso illustre patricio, que tanto tem honrado a terra que lhe deu o ser, e tão digno se torna das sympathias e respeito publico.

Despachos. — Foram promovidos na Faculdade de Direito a lente de prima e decano o sr. Dr. Bernardo de Serpa Pimentel, e a proprietario o substituto mais antigo o sr. Dr. José Joaquim Fernandes Vaz. Na Faculdade de Theologia foram nomeados lentes substitutos os srs. Drs. Antonio João de França Bettencourt e Luiz Maria da Silva Ramos, approvados no ultimo concurso a que se procedeu no mez passado. Nesta Faculdade estão vagos novos logares, e brevemente se procede ao respectivo concurso.

Commemoração.— No dia 11 deste mez faz 22 annos, que foi destruido por um pavoroso incendio o convento de Santo Antonio dos Olivaes. A familia do sr. Dr. Antonino José Rodrigues Vidal, que então habitava o edificio, escapou milagrosamente, perdendo quasi tudo. No dia 19 de Novembro de 1852 teve logar uma grande cheia do Mondego, a maior, que até esta data tinha havido no presente seculo. Foram immensos os desastres produzidos por esta terrivel inundação.

Cemiterio da Conchada.— Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Sotero, filho de Manoel d'Abrantes e Adriana da Conceição, natural de Coimbra, de 6 mezes, fallecido no dia 29 de Outubro.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—3174.

Mercado de Condeixa a Nova no dia 31.—Regularam os generos pelos seguintes preços.

Trigo tremez 520—Dito mourisco—500—Milho branco 300—Dito amarello 290—Feijão vermelho 500—Dito branco 440—Dito rajado 360—Dito frade 300—Cevada 240—Tremoços 260—Favas 300—Batatas 200—Vinho novo 530—Azeite 1$260.

Exportação.— O commercio do Algarve vai progredindo de um modo esperançoso. De Janeiro a Setembro do corrente anno, exportaram-se valores pela alfandega de Faro na importancia de 2.161:516$980 rs.

Só no mez de Setembro a exportação importou em 245:838$580 rs., sendo os artigos de mais valor os seguintes: minerio de cobre, 117:627$000 rs.; figos seccos, reis 60:883$000; sardinha, 36:082$240 rs.; cortiça, 7:513$180 rs.; ovos, 3:666$240 rs.

Industria franceza.— Na França contam-se hoje mais de 150:000 fabricas e officinas, e mais de 1:500:000 operarios empregados nestes estabelecimentos. Mais de 5:000:000 de homens e mulheres trabalham diariamente na pequena industria e nas lides do commercio. A força das suas machinas de vapor, calculada em 500:000 cavallos, representa o trabalho de 10 milhões de homens.

Estes factos são eloquentes, e demonstram com a maior clareza o progresso industrial e incessante incremento da civilisação da França.

...guintes seguiram a Orihuela; metteram-se pela serra de Abarracin; passaram e repassaram no dia 5 o rio Gabriel, e entraram na Castella a Velha.

Passando por Alcalá del Campo e Villar-del Humo, pernoutam a 6 em Cabañero; são fuzilados dois soldados prisioneiros, e saem ás 3 da tarde, andando por aquellas asperas serras, a Campillo de Alto Buey.

Reanimou-se o valor do soldado carlista ao ver-se em uma terra tão boa, cujos habitantes lhes eram bastantes addictos, e cujo clero recebia com pallio a D. Carlos, e a camara municipal com toda a ceremonia. Por Gabaldon, Valverdejo e Olmedilla, foram no 8 a Buenache de Alarcon, onde se apresentou Cabrera.

Este que havia estado organisando em Cantavieja as forças que deviam incorporar-se na expedição, e adoptando outras providencias com os demais chefes, ou subordinados, e a junta superior, se reuniu a 29 de Agosto em Osma, com a cavallaria de Tortosa e 8 batalhões; passou no dia 30 a Alcudia de Veo, a 31 a Alcubas, no dia 1.º de Setembro a Chelva, e com dois batalhões mais e um regimento de lanceiros, chegou a 2 a Utiel, combinando logo os seus movimentos a fim de unir-se com D. Carlos.

De Alarcon marchou toda a expedição para Ondillas e Almarcha; passando o Jucar por uma ponte, e por Hinojosa de Cuenca a Villar de Cañas, onde chegou bem molhada. No dia 10 seguiram por Montalvo a Saelices, cujas mulheres receberam a D. Carlos com panderetas e o acompanharam até Villarubio; passaram o Rianzares, e foram a Tarancon, alojando-se D. Carlos na casa do pae daquelle que depois veiu a ser nomeado duque de Rianzares e casado com D. Maria Christina.

No dia 11 tomaram o caminho de Belinchon, indo por este povo a passar o Tejo; e deparando-lhe a sorte uma porção de pinheiros, que pelo rio levavam 10 valencianos, formaram com estes uma bôa ponte, pela qual passou todo o exercito em um instante.

Recebidos pelo clero, camara municipal e uma musica militar, foram a Fuenteduena; houve *Te-Deum,* continuou a marcha ás 4 da tarde, e por Villarejo de Salvanês, passaram a Tajuña pela ponte, e pernoutaram em Perales do mesmo nome. Pelo caminho real seguiram a Arganda; e ao descobrirem os expedicionarios carlistas as torres de Madrid, um grito de enthusiastica alegria interrompeu o silencio da marcha, bastante penosa pelo calor que fazia. O nome de Madrid resoou pelo espaço, repetindo-o todas as bocas, e dirigindo-se para a cidade todos os olhos.

A entrada em Arganda não deixou descontentes os carlistas. *Te-Deum,* cobertores nas janellas, commandeiramento na praça para correr touros, e gente immensa por todas as partes.

D. Carlos já estava á frente de Madrid.

Interessando aos carlistas reunir o maior numero de força possivel ante a côrte, foi officiado de Tarancon no dia 10, a Palillos, Orejita, Jara e Tercero, para que immediatamente se trasladassem com todo o grosso da sua força aonde se achasse o quartel real, para o que se haviam de dirigir a Aranjuez, e informados aqui da direcção de D. Carlos, seguissem sem deter-se; porem foi interceptado este aviso pelo commandante das armas de Quitanar de la Ordem, D. Manoel de Villapadierna, e não teve effeito o que nelle mandava D. Carlos.

A milicia nacional de Madrid, que pode dizer-se era a unica força que a guarnecia, apressou-se a resistir aos seus inimigos, e o fez com expontaneo enthusiasmo. Quasi todas as pessoas uteis para tomar as armas, as tinham: os que pela sua edade não podiam empregar-se em um serviço activo, rondavam as ruas, velando pela ordem.

O aspecto de Madrid era imponente. Estavam fechadas as lojas, o commercio paralisado, e escacissima a gente que transitava pelas ruas. As trincheiras que rodeavam a côrte, eram coroadas pelos nacionaes, que contemplavam dellas os carlistas e desejavam tel-os a tiro.

Umas companhias de caçadores *rainha governadora,* as quaes voluntariamente se uniram bastantes nacionaes, sairam até o Arroyo Abroñigal, e se tirotearam com as guerrilhas de Cabrera. Duas peças, e alguma cavallaria de granadeiros da guarda real os apoiavam.

O infante D. Francisco, percorreu a cavallo pela manhã toda a linha; e pela tarde fez o mesmo a rainha governadora, infundindo um ardente enthusiasmo nos nacionaes.

O congresso celebrou a sua sessão, que foi languida. Ao concluir-se, tiraram os deputados as armas que tinham dispostas, para o caso de ser necessario a sua cooperação, e prestaram serviço activo em rondas, etc.

D. Sebastião, com todo o seu estado maior, se trasladou de Arganda a Ballecas, a presencear a pequena escaramuça que sustentaram alguns ginetes de Cabrera contra os liberaes, que se viram obrigados a encerrar-se em Madrid, deixando alguns feridos e prisioneiros, e podendo apenas retirar as duas peças. Acudiu pela tarde bastante cavallaria, que se ia reconcentrando na ronda, e ao anoitecer pronunciaram os carlistas a sua retirada, para evitar o encontro de Espartero.

As tropas expedicionarias carlistas desejavam vivamente se lhes desse a ordem de atacar a Madrid; mas viam pas ar o tempo e murmuravam. Não obstante, a presença de alguns personagens da côrte os fez crer que se andava em negociações; mas quando viram que se dava a ordem de retirar-se a Arganda, o descontentamento foi geral e evidente. Nenhum o dessimulou.

As habeis manobras de Espartero haviam salvado Madrid.

(Continuar-se-ha.)

Joaquim Martins de Carvalho.

Felicitação a el-rei—Eis aqui a copia da felicitação, que a direcção da associação commercial desta cidade dirigiu a sua magestade:

«Senhor:—O perigo imminente, que poz em risco os preciosos dias de S. M. a rainha, e dos augustos principes, caros penhores dos affectos de V. M., sobresaltou o coração de todos os portuguezes, que se prezam de acatar o throno, com aquelle amor e respeito que sempre lhes inspiraram as virtudes constitucionaes do monarcha, neto do sempre excelso dador de um codigo invejado das proprias nações livres.

Não poderia ficar indifferente, nem deixar de ser tomada de egual sobresalto, a associação commercial de Coimbra, que, representada pelos seus directores, vem hoje aos pés de V. M., congratular-se, por ter permittido a Providencia, que fossem preservados de tão grande perigo os mais seguros esteios da dynastia, que continuará a reger, felizmente, os destinos desta nação.

A mesma Providencia se encarregue de velar sempre pelos preciosos dias de V. M. e de toda a familia real portugueza.

Coimbra, 30 de Outubro de 1873.—Os directores: *Presidente*, Manoel dos Santos Junior—*Secretario*, J. Melchiades Ferreira Santos—*Thesoureiro*, João Antonio Cardoso—*Vogal*, Joaquim José Rodrigues de Sousa—*Vogal*, Joaquim Eduardo Ferreira Barbosa Junior.»

Subsidio—Foram concedidos á camara municipal de Penella, districto de Coimbra, o subsidio de 1:716$687 reis para a construcção da estrada municipal de Alfafar a Podentes, e mais o de 897$122 reis para o lanço da estrada do Atalho a Ancião, entre Marcos da Forca e Cabecinho.

Procedencia das aves domesticas. — Diz-nos o sr. José Maria Rosa de Carvalho o seguinte:

«O cysne branco, *cygnus olor*, o qual nós criamos em domesticidade, e faz o ornamento dos nossos tanques, onde elle se multiplica; habita, no estado de liberdade, os mares do norte, e apparece no inverno na França meridional.

O ganso domestico provém do ganso bravo, *anas ancer*, que no inverno nos visita, e se conserva até á primavera; para depois ir criar ao norte, ou á parte oriental da Europa.

O ganso de Guiné, *anas cygnoides*, tem como os cysnes um tuberculo sobre o bico, junto á cabeça. E' menor do que o ganso; porem o pescoço do macho é muito mais extenso do que o d'este. Cria-se em domestiqueza; não é tão frequente como o ganso; e a sua carne é mais saborosa.

O pato mudo ou de coral, *anas moschata*, é originario do Brasil. Exhala um cheiro forte ao almiscar; e para que a carne não tenha este mau gosto, é preciso, logo que se mate, cortar-lhe aquella parte onde adherem as pennas da cauda, chamada uropygio, ou rabadilha. E' sobre esta que o almiscar está depositado.

Resta-nos fallar do nosso pato marrêco, proveniente da especie brava, *anas boschas*, chamada pato-real. Elle é sedentario entre nós no estado selvagem; e cria nos pantanos da Europa. Temos visto muitos novos, na primavera, no paúl de S. Facundo. E' a ave mais saborosa de todas as palmipedes domesticadas.»

Noticias estrangeiras. —As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid, 30 d'Outubro ás 4 horas da tarde.

Corre o rumor de que o sr. Pedregal deixa a pasta da fazenda. Accrescenta-se que o substituirá o banqueiro sevilhano D. Thomaz de la Calzada.

Assegurava-se que hontem de manhã se estava batendo diante de Cartagena a esquadra leal com a insurgente.

Noticias particulares recebidas hoje, fazem esperar que não passarão muitos dias sem que se realise a rendição de Cartagena.

Esta noite saiu de Cadix, para seguir no paquete de Cuba, o ministro do ultramar. Acompanham-o um correspondente especial da agencia, que nos trará informados do que occorrer na ilha de Cuba.

Paris, 30 de Outubro ás 6 horas e 45 minutos da tarde.

Foi demittido das suas funcções o general de Bellemare, por causa de uma carta que escreveu ao ministro da guerra, em que declarava não reconhecer a soberania da assembléa.

Na ordem do dia, Mac-Mahon censura este acto d'indisciplina, e diz que contava com o espirito de dedicação, união e disciplina do exercito, para garantia da tranquillidade e independencia do paiz.

O jornal da tarde *Union*, publica uma carta do conde de Chambord, mantendo a bandeira branca e recusando admittir que lhe peçam condições e garantias.

Esta carta causou profunda sensação. A direita reuniu-se para deliberar.

Madrid 30, ás 8 da tarde.—La Palma, 29.—Hontem chegou o regimento de la Lealtad, composto de dois mil homens da reserva.

Hoje chegou um parque de sitio. Conforme dizem as noticias do interior de Cartagena, confirma-se a prisão de Nicolas del Balzo.

Parece que ao encarregar-se da presidencia da junta, pediu esclarecimentos acerca da entrada e inversão de fundos, o que foi causa da sua desgraça.

Hontem o castello de S. Julião disparou differentes tiros na direcção do mar, mas não se sabe porque motivo.

Ha dois dias que chove.

Paris, 29, á noite.— O marechal Mac-Mahon assignou um decreto, dissolvendo o conselho municipal de Lyon.

Crê-se que o incendio do grande theatro da opera, foi causado por uma explosão de gaz.

Londres 31 ás 4 h. e 45 minutos da tarde.—Muitos bancos de Rhode Island suspenderam o pagamento. Corre o boato de que o ministerio Broglie será substituido por um ministerio do centro esquerdo.

Londres 1, ás 4 h. e 55 m. da tarde.—O banco de Inglaterra elevou a taxa do desconto a 8. A Bolsa fechou.

Houve tremor de terra na Sicilia e na Russia, em Smolensk.

Os pedidos da Austria relativos á questão da Bosnia estão em bom caminho de accordo.

Paris, 31, ás 10 horas e 35 minutos da tarde.— Confirma-se a carta do conde de Chambord.

O centro direito parece vivamente contrariado.

Os jornaes orleanistas dizem que os principes de Orleans se conservam fieis á sua declaração de não serem pretendentes á corôa.

Os jornaes republicanos dizem que acabou a realeza.

Versailles, 31.— Depois da carta do conde de Chambord abortou qualquer ideia de proclamar a monarchia.

Affirma-se que as fracções conservadoras são unanimes em se opporem á prorogação dos poderes de Mac-Mahon.

ANNUNCIOS

Hospitaes da Universidade de Coimbra

1 PELA Administração destes hospitaes se faz publico, que no dia 9 do corrente mez, por 10 horas da manhã, hade ser posto em praça, na secretaria da mesma Administração, o arrendamento das terras que os hospitaes possuem nos campos d'Ourique, Borralha e Ancos, pelo tempo que decorre desde o referido dia até 31 de Outubro de 1874.

Administração dos hospitaes da Universidade, 3 de Novembro de 1873.

O administrador,

Costa Simões.

2 VENDE-SE a casa n.º 21 e 22 na Couraça de Lisboa, onde morou o sr. Dr. Lourenço. Recebe propostas em carta fechada, até ao fim do proximo mez, seu dono em Obidos, Antonio Maria da Cruz.

MONTE-PIO CONIMBRICENSE

3 POR ORDEM do exm.º sr. presidente da mesa da assembleia geral são convidados todos os socios do mesmo Monte-Pio a comparecerem no domingo proximo, 9 do corrente, pelas 10 horas e meia da manhã, na sala da Associação dos Artistas.

O secretario da mesa da assembleia geral, *Antonio Ferraz.*

4 NO LARGO DO CASTELLO, n.º 51, precisa-se de um official de barbeiro.

MARÇANO

5 PRECISA-SE de um que tenha 13 ou 14 annos. Rua da Sophia, 65.

Album photographico das ruinas de Paris

6 COLLECÇÃO de todos os monumentos e edificios incendiados e destruidos pela communa de Paris. Acompanhada de noticias historicas e descriptivas sobre cada assumpto. Encadernado e dourado por folhas. Preço: em vez de 5$600 rs.--2$250 rs.

Quem assignar por 1 anno o jornal *L'Univers Illustré*, receberá este album por 500 rs.

7 OFFERECE-SE um praticante de pharmacia, com os preparatorios e um anno de pratica. Nesta redacção se diz quem é.

LECCIONISTAS

8 A. BELLO DA SILVA BRAZÃO e F. A. Leite Galvão, ensinam, na rua da Trindade, n.º 17, instrucção primaria, desenho, portuguez, francez, latim e latinidade, e habilitam para o magisterio primario.

9 NO DOMINGO 9 do corrente, tem logar a festividade do Senhor Jesus dos Oleiros, que se venera na egreja de Santa Justa. Constará de festa de manhã e de tarde, sermão pelo sr. padre Neves, e arrematação de bolos.

10 PORTUGAL--MAFRA E CINTRA, ou description détaillée de leus monuments, guide indispensable à tous les visiteurs étrangers, par Joaquim C. Gomes, employé à l'édifice de Mafre et membre correspondant de la société royale des architectes civils et des archéologues portugais. Éditeur, François Lallemant, 1873.

En vente: au Dépot spécial de livres, rue do Thesouro Velho, 22, et chez tous les libraires de Lisbonne, et des provinces, Prix: 400 reis.

ATTENÇÃO!

11 BONS VINHOS engarrafados. Diversas qualidades para mesa e pasto.

Bella pinga verde!

Rua das Solas, n.º 28.

12 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criadas, ara as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalesciére,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economiza 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place e Vendom 26, Paris: Regent-Street, Londres; Cae de Valverde, 1. Madrid.—Preços fixos da venda por miudo em toda Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 1$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 6$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; da appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 reis; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rabir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2743 — SABBADO 8 DE NOVEMBRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Por differentes occasiões temos exposto neste jornal o perigo a que se sujeitam as pessoas que, abandonando a patria e o lar domestico, se deixam illudir pelos agentes assalariados de commerciantes estrangeiros, os quaes ainda presentemente continuam nesta provincia e cremos que em todo o paiz, a seduzir os povos com promessas fabulosas de grandes interesses pecuniarios, mas que os factos desmentem desde o momento em que os angareados ficam ao serviço desses deshumanos especuladores.

Temos mostrado minuciosamente os inconvenientes de semilhantes engajamentos, não só pela inhospitalidade do clima de Nova Orleans e outros pontos da America do Norte, para onde tem sido arrastados grande numero de infelizes, mas ainda pelo mau tratamento que alli recebem dos negociadores pouco escrupulosos.

Fallando, neste sentido, ao povo a linguagem palpitante da verdade, e comprovando as nossas asserções com alguns escriptos, que differentes emigrados têem enviado para este paiz, em confirmação das nossas palavras, chamámos a attenção das pessoas influentes das localidades e especialmente dos reverendos parochos, para exporem conscienciosamente ás familias toda a realidade dos factos, e o triste resultado que espera os desgraçados, que por ignorancia, imbuidos de promessas fallazes, se deixem arrastar imprudentemente ao abysmo que a ambição lhes proporciona.

São sempre aterradoras, mas infelizmente verdadeiras, as noticias que por qualquer via, tem chegado ao nosso conhecimento, e não são ellas muito frequentes, porque os *senhores*, como alli lhes chamam, á similhança dos negociadores negreiros, evitam, por todos os modos, a remessa de correspondencia, a fim de que não sejam conhecidas as circumstancias verdadeiramente aterradoras em que se encontram a maior parte dos infelizes emigrantes.

Ao *Diario de Noticias* foi recentemente enviada uma carta de um emigrante portuguez em Nova Orleans, que este nosso esclarecido collega transcreve em o seu numero 2:789, e na qual ainda mais uma vez se tornam bem frisantes os soffrimentos a que se expõe os infelizes a quem a sorte arremessou para aquelles paizes inhospitos.

Não nos cançaremos de expor estes tristissimos desenganos. Mas estamos convencidos de que sómente os bons conselhos das pessoas instruidas e dotadas de puros sentimentos humanitarios, poderão convencer as pessoas do campo de suas erradas apprehensões.

Não basta que a imprensa erga a sua voz, e patenteie os documentos que attestam a verdade reconhecida; as povoações ruraes pouco aproveitam com este meio de publicidade, porque a ignorancia desta classe desvalida não lhes permitte a leitura dos jornaes.

Este estado é tanto mais para contristar, quanto é certo que não escaceia no paiz trabalho em abundancia e bem remunerado para as classes necessitadas. Antes se nota uma falta consideravel de braços.

Afora o progressivo desenvolvimento da agricultura em Portugal, é grande, presentemente, o movimento de obras publicas, em todos os districtos do reino, onde os operarios podem ganhar sem nenhum inconveniente, um bom salario.

Attentem as pessoas intelligentes, ás quaes não podem ser indifferentes os soffrimentos de tantos de nossos irmãos, para desilludirem os povos desta tendencia inexplicavel que os esta dominando, com grave prejuizo seu e da patria.

NOTICIARIO

Graves desordens entre os conegos seculares de S. João Evangelista.—Para que se não possa allegar como desculpa, que os factos que narramos em o numero passado, relativos ao mosteiro de Nossa Senhora de Carquere, e que ainda promettemos ampliar, foram singulares nas ordens religiosas; vamos hoje noticiar mais desordens praticadas em outra corporação.

Possuimos um livro, manuscripto e inedito, com o titulo de—*Catalogo dos reitores deste collegio dos conegos seculares da congregação de S. João Evangelista, desta cidade de Coimbra, feito sendo reytor o M. R. Padre Mestre Dr. Manoel de Santo Eusebio Salgado: anno de 1768. Ordenado e escripto pelo M. R. Padre Joaquim de Sant'Anna, conego da mesma congregação, assistente e morador no convento de S. João Evangelista de Xabregas da cidade de Lisboa.*

D'esse livro extrairemos a parte que diz respeito a umas famosas contendas, por occasião da eleição do geral da congregação de S. João Evangelista em 1642. Ahi se verá que as desordens eleitoraes não são exclusivas dos governos representativos. Esse mal já se via nas ordens religiosas; e ahi tanto mais de notar, quanto eram esses actos anarchicos praticados por quem devia dar o exemplo de mansidão e espirito religioso.

Vamos transcrever o que diz o padre mestre Joaquim de Sant'Anna; devendo advertir, que como elle pertencia á mesma ordem religiosa, e era provavel que o seu escripto fosse feito com a tenção de se imprimir, teve elle o cuidado de occultar as particularidades da desordem. Porem pelo que elle diz se póde facilmente conjecturar o resto.

Devemos fazer notar a circumstancia que relata o padre Joaquim de Sant'Anna, de que os originaes daquellas famosas contendas, foram queimados por ordem do capitulo em 1650. Os conegos de S. João Evangelista tiveram mais cautella do que os frades do mosteiro de Nossa Senhora de Carquere. Se estes tambem queimassem o escandaloso processo, que esta no cartorio da Universidade, já hoje, passados mais de tres seculos, se não saberia dos seus altos feitos.

«Em 24 de Maio de 1621 se celebrou capitulo em S. João de Xabregas, e foi eleito reitor deste collegio o padre mestre Gaspar dos Anjos. Nasceu em Lisboa, e foi filho legitimo do Dr. Sebastião Antunes Soto Maior e de D. Maria de Mariz, e diz o livro dos obitos do Porto: que era homem fidalgo. Entrou na congregação em 21 de Junho de 1602.

O padre mestre Jorge de S. Paulo diz, que era formado, e bacharel na sagrada theologia; porem não declara se o foi antes, ou depois de já estar na congregação. O certo é que pelo seu merecimento lhe deram patente de mestre, e o fizeram lente daquella sagrada faculdade, que ensinou alguns annos neste collegio, e dos primeiros, que delle presidiram conclusões publicas e impressas.

Depois foi eleito reitor deste mesmo collegio no anno de 1621, e por uma substatoria, que houve no capitulo (do qual não sei a causa) continuou até Novembro de 1629.

Em 1631 o fizeram vigario reitor de Villar, por fallecimento do reitor actual da dita casa, e nella governou dois annos. No fim delles successivamente foi elevado ao genera-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCX

D. CARLOS

LX

Antes de se retirar, D. Sebastião manifestou desejos de cair repentinamente sobre o flanco das tropas que conduzia Espartero, o que julgava facil desde as posições que o carlista occupava, e cuja operação, com algumas differenças, veiu a ser executada em 1843 por Narvaez em Torrejon de Ardoz; porém houve outros projectos, e se seguiram. Desde então pode dizer-se que apenas havia plano e concerto no que se executava.

Ás 2 da madrugada de 13 de Setembro de 1837, saiu D. Carlos de Arganda em direcção de Alcalá de Henares; porem indo passar o Tajuña, deixou a Alcalá á esquerda, e por Carabaña e Orusco foi a Mondéjar; excepto a divisão de Cabrera, que se havia retirado a Pastrana.

Passaram de 1:000 os mancebos que se apresentaram aos carlistas, fazendo-o alguns com armas e uniforme de nacionaes. Eram guiados por curas, officiaes retirados e visinhos influentes. Revistaram-se todas as forças, e descançados com os dois dias de permanencia em Mondéjar, passaram o Tajuña por Orauca, seguiram pela sua margem a Aranzueque e Valderache, e pernoitaram em Chiloeches no dia 16, acampando o exercito. No dia seguinte foi de grande gala, por se celebrar a festividade da generalissima, a Virgem das Dores.

Estava-se executando a funcção de egreja, quando chegou aviso dos movimentos de Espartero, que alarmaram os carlistas e o povo. Continuou, não obstante, a cerimonia religiosa, e concluida e sem se precipitarem, subiram todos a uma altura dominante, onde distinguiram ao longe a poeira que levantava a marcha do exercito liberal, o qual estiveram contemplando toda a tarde. Pernoitaram no mesmo ponto, e no dia 18 contramarcharam a Aranzueque.

Achando-se os expedicionarios nessa povoação, julgavam que permutariam ahi; porém ás 9 horas da noute se tocou a marcha, tomaram o mesmo caminho de Valderache, torceram logo á esquerda para Madrid, o que alegrou os soldados, pensando que voltavam á anhelada cidade, e por Pozo de Guadalajara e Santorcaz foram a Alcalá de Henares, a cuja immediação chegaram ao amanhecer e fizeram alto.

O objecto de D. Carlos era de surprehender Espartero; mas não escapou á penetração deste o projecto, e o soube em seguida, pois parece que até lhe foi remettida nota da ordem de marcha, que levavam os corpos carlistas, segundo o revelaram dois soldados desertores, que se apresentaram quando aquelles se achavam proximos a dar o golpe.

O general do estado maior de D. Carlos, vendo que estava desvanecido o seu intento, propoz esperar os liberaes nos cerros que dominam aquella povoação, e apresentar-lhes batalha alli, onde não podiam valer-se da superioridade do numero de sua cavallaria; porem esta ideia foi contrariada pela opinião dos conselheiros, que intimidaram a D. Carlos, dizendo-lhe que ia correr sangue em abundancia.

Em troca aconselharam a contramarcha, que se emprehendeu pelo Pozo de Santorcaz até os olivaes de Villalvilla e Anchuelo, onde chegaram os corpos ao amanhecer do dia 19.

O silencio e contentamento que reinou na marcha até Alcalá, tornou-se em desgosto quando começou o movimento retrogrado; murmuravam todos, perguntavam uns aos outros a causa daquella repentina variação, não justificada segundo o seu parecer; e as vozes de inaptidão e de traição circulavam entre as fileiras. Pareciam ter todos o triste presentimento do desastre que os ameaçava.

Espartero havia estabelecido o seu quartel general em Carabanchel de Arriba, donde saiu

lato no anno de 1633, dignidade que gozou um triennio. No capitulo de 1639 saiu eleito reitor da casa de Santo Eloy de Lisboa, a qual regeu outro triennio, e concluindo-se este, succedeu o que vou a escrever.

O padre mestre João da Resurreição, que principiou a ser geral no anno de 1639, se achava preso pelas alterações do reino, depois da acclamação, pela infidelidade do marquez de Villa Real, e dos mais socios.

Chegado o anno de 1642, em que se havia de celebrar capitulo geral, como não havia cabeça, ou prelado maior, se dividiram os animos, e uma parte dos nossos conegos procedeu a capitulo na casa de Santo Eloy de Lisboa, e elegeram em geral ao padre mestre Gaspar dos Anjos, de quem vou tratando neste titulo, e que acabava de ser reitor na dita casa, e fizeram os reitores que lhes pareceram.

A outra parte, congregada em S. João de Xabregas, acclamaram por prelado ao mesmo geral João da Resurreição, que estava preso, e para as casas nomearam os reitores da sua devoção. Conforme a pluridade de votos de cada um dos partidos, que havia nas casas, assim se aceitaram nellas os prelados locaes.

Dividida nesta forma a congregação se seguiram grandes litigios, dissensões e absurdos, que não refiro por modestia; nem se podem já saber, porque alguns documentos e relações destes excessos e disturbios, se queimaram em Santo Eloy de Lisboa no primeiro de Novembro de 1755, e os originaes já se tinham queimado por determinação do capitulo de 1650, quando se reduziu á tranquillidade. Só ha um papel em Villar de Frades, que eu tambem vi e li, o qual dá alguma noticia dos insolentes factos, que succederam, por causa da grande ambição que reinava naquelle tempo, e é indisivel o que resultou desta nunca vista discordia.

Agora basta que se saiba (para servir de exemplo e emenda para o futuro), que litigando-se em Roma sobre a validade destes capitulos, o procurador de uma das parcialidades, apresentou um memorial tão injurioso contra os conegos do partido adverso, que lido na presença dos juizes da causa, exclamou o cardeal Chiesi, dizendo:—*Extinguatur, extinguatur: ad quid enim prodest talis, congregatio in ecclesia Dei!*

Porem valeu muito á congregação o cardeal João Baptista Paloto, como refere o reverendissimo chronista na chronica, a folhas 331, ainda que não relata as palavras, que acima escrevo, as quaes traz o padre mestre Jorge de S. Paulo, no seu epitome tratando deste caso.

No tempo que isto succedia em Roma (no que se gastaram alguns 7 annos, com excessivas despezas da congregação), o vice collei- tor, que então havia em Portugal, se declarou a favor da parte dos que celebraram o capitulo em S. João de Xabregas, e procedeu contra os prelados, que foram eleitos pela outra parte, e estando alguns de posse das reitorias foram tirados, e o geral, que elegeu a parte dos conegos, que celebrou capitulo em Santo Eloy de Lisboa, que era o padre mestre Gaspar dos Anjos, de que vou tratando, foi preso no carcere do convento de Jesus da dita cidade.

Por este tempo tinha saido da prisão o padre mestre João da Resurreição, que era o geral que havia de acabar em 1642, e que fora eleito pelo partido, que fez capitulo em Xabregas; e como o collettor o favorecia, foi reduzindo todos os prelados á sua obediencia; e tirando alguns reitores, que estavam governando pelo partido adverso, poz outros da sua facção, executando-se juntamente diversos castigos com muito rigor.

Havendo ainda estes disturbios, e livre do carcere o padre mestre Gaspar dos Anjos, o tornaram a eleger geral em 1648, e o foi sómente dois annos, e acabando em 1650, neste foi eleito segunda vez reitor da casa de Santo Eloy de Lisboa, que governou outros tres annos. Depois foi presidente de um capitulo, e ultimamente terceira vez o elegeram geral no triennio que principiou em 1662.»

Depois do que dá a entender o auctor deste manuscripto, e do muito mais que se veria dos documentos mandados queimar em 1650, se elles não fossem cauteiosamente destruidos, transcreveremos o que a esse respeito diz o padre Francisco de Santa Maria, no—*Ceo aberto na terra. Historia das sagradas congregações dos conegos seculares de S. Jorge de Alga de Veneza & de S. João Evangelista em Portugal*—impresso em Lisboa em 1697.

Conhecerão os nossos leitores a justiça do que já dissemos relativamente á parcialidade das chronicas das ordens religiosas. De tantas desordens naquella congregação, e que duraram nada menos de 7 annos, apenas diz o padre Francisco de Santa Maria o seguinte, por occasião de enumerar as tribulações que por varias vezes padecera a congregação dos conegos seculares de S. João Evangelista:

«A quinta finalmente foi pouco tempo depois da felice acclamação do reino, porque se praticou em Roma na congregação dos regulares, que se extinguisse esta congregação: movia estas aguas um conego nosso, que mal satisfeito de um capitulo geral, que se celebrou por aquelle tempo; recorreu a Roma, e vendo lá o seu negocio mal parado, intentou com ingratidão viperina e diabolica destruir a mesma mãe, que o gerara; mas acudiu Deus por ella, na pessoa do eminentissimo cardeal João Baptista Paloto, que havia sido collector deste reino, com poderes de nuncio, o qual disse estas formaes palavras, que repetiu no anno de 1650 ao doutor Gregorio dos Anjos, assistindo na curia sobre o negocio da beatificação do veneravel P. Antonio da Conceição; acrescentando que o movera puramente o zelo da verdade, não lhe havendo fallado pessoa alguma naquella materia. Disse pois:—*Vossas eminencias não tem as individuaes e oculares noticias, que eu tenho acerca desta religião: o certo é, que ella, em auctoridade, gravidade, virtude, e bom exemplo, de nenhuma maneira cede ás que mais perfeitas são naquelle reino; e as incidencias de pleitos sobre capitulos, é cousa tão ordinaria em todas as religiões, que se por tal causa se houvesse de extinguir esta, egualmente se deviam extinguir as outras todas.* Foram estas palavras o Iris celeste, que serenou aquella tempestade, ficando a nossa congregação mais gloriosa, quando mais combatida.»

E a isto se reduz o que a tal respeito diz o padre Francisco de Santa Maria. Como se hãode avaliar e julgar os acontecimentos por taes narrações?

Da prisão do geral, o padre João da Resurreição, por occasião da conspiração contra a vida de el-rei D. João IV, em 1641, nada diz o chronista.

Ha, porem, no trecho que transcrevemos, uma confissão preciosa. O cardeal Paloto dizia em Roma:—«*Que as incidencias de pleitos sobre capitulos,* **é cousa tão ordinaria em todas as religiões**, *que se por tal causa se houvesse de extinguir esta,* **egualmente se deviam extinguir as outras todas.**»

Ora veja-se o que eram as ordens religiosas, julgadas por pessoa tão insuspeita. Em **todas**, diz o cardeal Paloto, havia pleitos nas eleições! Que mansidão evangelica!

E vem a proposito o que outro escriptor insuspeito diz acerca das eleições entre os frades.

D. Nicolau de Santa Maria, na sua *Chronica dos conegos regrantes* diz a esse respeito o seguinte:

«As mais das perturbações, e inquietações das religiões nascem ordinariamente das eleições; e é certo que, quando os prelados eram perpetuos, e as eleições eram uma vez na vida, havia mais quietação, maior paz e amor fraternal, e mais santos em todas as ordens.

«Aqui vem bem o que se conta de um dos Santos Padres do Ermo, que, vendo estar o demonio em figura humana muito descançado com uma mão sobre a outra, lhe perguntou a causa d'aquella postura, e elle lhe respondeu: *Eu sou o espirito tentador dos religiosos, e descanço agora em quanto é tempo de eleições que são para elles as maiores tentações.* E assim é, e o vemos por experiencia, porque triumphando os religiosos dos mais vicios, vem de ordinario a ser vencidos da ambição.»

No primeiro volume da *Historia de Portugal Restaurado*, por D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira, edição em folio, feita em Lisboa em 1679, se dá conta da prisão do padre João da Resurreição, por se presumir ter entrado na conspiração contra a vida de D. João IV; mas como se não mencionasse no mesmo volume o resultado daquella prisão, houve o cuidado da parte dos editores do segundo volume da mesma obra, impresso em 1698, já depois da morte do seu auctor o conde da Ericeira, de se prevenir nas advertencias que precedem a esse volume, que se devia declarar que o referido padre havia saido solto sem culpa.

Com effeito, na segunda edição do primeiro volume, que se effectuou em 1710, lá vem attendida a advertencia, dizendo-se a paginas 286—*Tambem foi solto o geral dos Loyos por se lhe não achar culpa.*

A santa casa da misericordia—A actual sociedade tem passado por uma grande transformação, relativamente ao que era antes de estabelecido o governo liberal. Em Coimbra, por exemplo, predominavam os conventos e collegios, sendo, para assim dizermos, a vida toda fradesca e ascetica.

Esses institutos, porém, foram substituidos por sociedades de soccorros mutuos, por novos asylos da infancia e da velhice, e por um notavel desenvolvimento no hospital e misericordia, que já existiam.

Ha hoje de novo o asylo de mendicidade, o asylo de infancia desvalida, a sociedade de beneficencia da imprensa da Universidade, o monte-pio Conimbricense, a sociedade philantropico-academica, a associação dos artistas de Coimbra, o monte-pio da sociedade Boa-União, a associação Conimbricense do sexo feminino, o hospital da Ordem Terceira, e a sociedade consoladora dos afflictos. Nada disto existia no tempo dos frades.

Ainda que não sejam estabelecimentos de caridade, não se devem deixar de mencionar, pelo que representam no progresso social, a associação commercial de Coimbra, o Instituto, a sociedade Terpsichore Conimbricense, o club Conimbricense, o club Academico, o theatro Academico e o theatro de D. Luiz. Todos estes institutos são da epocha liberal.

Como casa de educação havia o seminario episcopal; porem esse não só não tem peorado, mas tem progredido e melhorado a tal ponto, que não pode soffrer parallelo com o que era na epocha do absolutismo.

Os unicos institutos de caridade que então havia, eram o hospital da Universidade e a misericordia; mas quanto estão agora melhorados com relação ao que eram!

O hospital, de uma casa ridicula e acanhada, onde poucos doentes eram admittidos, e donde todos fugiam com horror pelo mau tratamento que alli recebiam; está hoje transformado no que todos ahi vêem. Bellissima casa, apropriado alimento e desvelado curativo; em fim tudo quanto se pode desejar em semelhantes estabelecimentos.

A misericordia, tem as suas miseraveis casas para orphãs na rua do Coruche, e para orphãos na rua dos Coutinhos, substituidas pelo grandioso edificio do collegio da Sapiencia, onde ha espaço para se desenvolverem todas as repartições daquelle estabelecimento de caridade.

Os poucos orphãos e orphãs que havia, e esses pessimamente tratados; estão elevados actualmente ao numero de 45 orphãos e 33 orphãs, havendo da parte das differentes mesas o maior zelo pela sua educação moral e physica.

Já a mesa anterior havia cuidado em preparar uma casa para banhos, que tão recommendados são para a boa hygiene das creanças, entregues aos cuidados da santa casa. A actual mesa, presidida pelo seu digno provedor, o sr. Dr. Luiz da Costa e Almeida, não só tem tratado de levar á sua conclusão este melhoramento, mas está effectuando obras da maior importancia e utilidade para os orphãos de ambos os sexos.

A antiga casa da livraria dos frades, tinha sido já applicada para uma camarata para os orphãos; ainda, porém, não era sufficiente; pelo que a actual mesa mandou fazer outra casa ampla e bem ventilada, para nova camarata.

A casa da aula dos orphãos era acanhada e escura. Vae ser aproveitada para casa de rouparia, em que cada orphão tenha a sua roupa devidamente separada em gavetas, o que até aqui não havia; sendo a aula mudada para uma casa ampla e com bastante luz, a qual se anda a fazer.

A má construcção das latrinas dava logar a sentir-se em alguns pontos do edificio mau cheiro. Está-se, por isso, a fazer nellas uma reforma completa.

Em fim procede-se a muitos outros melhoramentos, que tornarão aquella casa digna dos salutares e utilissimos fins a que se destina.

Os orphãos tem um alimento abundante, variado e substancial; e a sua educação está sendo muito esmerada.

Já durante a actual mesa foi um orphão para a quinta regional de Cintra, outro para o jardim botanico, e outros para officios mechanicos.

O digno provedor mostra-se incansavel pelo seu bem estar, não poupando diligencias e fadigas para isso.

Muitos louvores merecem todas as pessoas que concorrerem para o progresso de um estabelecimento, tão digno a todos os respeitos da protecção publica.

---

no dia 17 com o exercito, e a 18 de Alcalá de Henares, chegando á vista de Guadalajara, onde acabava de entrar o segundo batalhão de Tortosa, que commandava Cabrera, tendo que encerrar-se nos fortes da guarnição, que não se rendeu.

Celebrando estavam os carlistas o facil triumpho que alcançaram na antiga Caracense, quando receberam a noticia da aproximação de Espartero. Evacuaram-na, e foram por-se em combinação com as forças que commandava D. Carlos.

Ao chegar Espartero perto de Guadalajara, suspeitou pela posição das forças carlistas que tinha á sua frente, que não haviam desistido da sua intenção de atacar Madrid, e para evitar que se lhe adeantassem um dia, não entrou na cidade, e contramarchou immediatamente, acampando as suas tropas nas alamedas immediatas á povoação, como se fossem a entrar nella; e já de noute, fez vanguarda da retaguarda, e amanheceu em Alcalá, surprehendendo os inimigos.

Este calculo, que foi tambem de Ribero, tinha sido exacto, como o viu comprovado, e ao avisar Espartero o commandante de Guadalajara, como antes avisara o de Cuenca, que se sustentasse, porque não tardaria a chegar, demonstrou essa militar previsão que honra o que a possue.

No dia 19 marchou desde Alcalá sobre o inimigo; avistou-o ao chegar a Anchueló, e calculando que de esperar a infanteria, não poderia conseguir dar-lhe alcance, se adeantou a cavallaria e uma companhia do batalhão de guias. É carregada a retaguarda carlista, introduz-se nella o espanto e a desordem, e muito especialmente em um esquadrão de valencianos; e o que devia ter sido uma acção, se converteu em uma dispersão espantosa, no meio de uma poeira horrivel.

Os voluntarios que acabavam de incorporar-se, ao ver aquella confusão a augmentaram com o seu temor, e correram todos até Aranzueque, ficando feridos uns, prisioneiros outros, e apresentando-se não poucos.

Alli experimentaram os carlistas os effeitos da má direcção; e os liberaes teriam conseguido maiores resultados, se um chefe de cavallaria, em vez de se deixar levar pelo seu patriotico desejo, tivesse seguido o caminho que se lhe assignalara e não o que emprehendeu, ao redor de uma costa, detraz da qual julgou achar os carlistas, para cair de improviso sobre elles; porem encontrou-se com barrancos, que não podia atravessar, e passou pelo desgosto de ver que a sua lança não poude cair quando quiz sobre os seus fugitivos contrarios.

Os liberaes seguiram até ao povo e já estavam entrando nelle, quando voltou a montar D. Carlos, e correm a unir-se com as forças que haviam tomado posições para defender a passagem do rio, marchando depois a Ontova, onde julgavam descançar; porem avançava o inimigo, e á meia noute voltaram a emprehender o caminho de Hueva.

Terrivel foi o dia 19 de Setembro para os carlistas; á perda material, uns 200 prisioneiros e dobrado numero de apresentados, se acrescentava a moral, de mais consideração. Todos se creram perdidos: frustrado o seu principal objecto, que era o entrar em Madrid, no que tinham confiado, temiam não poder chegar ás provincias Vascongadas, que era já todo o seu desejo.

A recordação do soffrido anteriormente os desanimava, e se unimos a isto a intenção que tinham da inaptidão com que eram dirigidos, da impericia de alguns de seus chefes, e do que se attendia ás intrigas, á inveja, e a todas as miseraveis paixões, que se haviam apoderado do quartel de D. Carlos, se poderá ter aproximadamente uma ideia da situação daquelle corpo de exercito, um dia tão brilhante e enthusiasta.

Entre as perdas que experimentaram se contou a do brigadeiro de cavallaria Miranda, que ficou prisioneiro e gravemente ferido, o conde de Castillo, Lozano e outros officiaes.

Temerosos e em deploravel estado, continuaram os carlistas no dia 20 a sua retirada, e por Moratilla e Tendilla, foram a Valfermoso. Propunham-se descançar neste povo; porem a aproximação do inimigo os obrigou a continuar marchando, vendo então a falta de gente que experimentavam, no que não haviam reparado em a noute antecedente, pela escuridade.

Em Ontova, onde descançaram, lhes ficou abandonada, a dormir, muita força, assim como em Hueva se lhes dispersaram bastantes voluntarios, perdendo-se não poucos. E não eram só os soldados: Zabala e Sanz, com a sua divisão, os brigadeiros Martinez, Castelar, o coronel Creinwinkel, o ajudante Bessiers e outros se separaram, sem o saber alguns, da expedição.

No dia 20 pernoutou esta em Brihuega; descançou a 21, e aquelle exercito que contava pouco antes com 12:000 infantes e 1:300 cavallos, apenas revistava agora a 4:000 homens, e estes desalentados. Saem precipitadamente ás 7 da tarde, adandonando as rações; é morto equivocadamente por uma sentinella o ajudante Biguri, e amanhece aos expedicionarios em Cifuentes. Dá-se á tropa descanço e rações, e no fim de 3 horas, sobem a Torrecuadrado, comem e descançam novamente, e proseguem a Renales, acampando o exercito apesar da chuva.

(Continuar-se-ha.)

Joaquim Martins de Carvalho.

Catalogo da livraria de musica d'el-rei D. João IV. — O nosso estimavel amigo o sr. Joaquim de Vasconcellos, acaba de nos brindar com um exemplar do 3.º fasciculo da *Archeologia artistica*. Tanto mais temos a agradecer ao sr. Vasconcellos, quanto lhe devemos a fineza de nos incluir em o numero das rarissimas pessoas, a quem em Portugal distingue com o offerecimento das suas publicações.

Este fasciculo serve como de preparatorio para a reimpressão, que o sr. Vasconcellos vae fazer do famoso *Catalogo da livraria de musica d'el rey D. João IV.*

Poucas pessoas conhecem a D. João IV mais do que por ser o duque de Bragança, que aceitou a corôa, por occasião da restauração de 1 de Dezembro de 1640. O que é muito menos sabido, é que este monarcha foi um apaixonado amador da musica, chegando a reunir a maior collecção de musicas de que ha noticia. As musicas de todos os generos e nacionalidades, por elle coleccionadas no seu palacio, enchiam nada menos de 42 caixões!

Tudo, porém, fez desapparecer o fatal terremoto de 1 de Novembro de 1755. Irreparavel perda foi esta para a arte!

E não era D. João IV só colleccionador; mas tambem escriptor.

O sr. Joaquim de Vasconcellos, no primeiro volume dos seus *Musicos Portuguezes*, menciona as seguintes publicações anonymas, escriptas por D. João IV:

Defensa de la Musica moderna contra la errada opinion del Obispo Cyrillo Franco. Al señor Juan Loreço Rabelo, Portugues de nacion, Fidalgo de la casa del Serenissimo Rey D. Juan el Quarto de Portugal, Commendador de la encomienda de S. Bartholomé de Rabal, de la Orden de N. J. Jesu Christo, y assistente en el servicio del mismo Señor.—Lisboa, 1649, in 4.º de 56 paginas.—Este João Lourenço Rebello, a quem D. João IV dedicou o referido livro, foi o seu primeiro mestre de musica.

Repuestas á las dudas que se pusieron á la missa: Panis quem ego dabo, *de Palestrina, impressa en el libro quinto de sus Missas.*—Lisboa, 25 de Setiembre de 1654, in 4.º de II-29 paginas.

Escreveu mais D. João IV, e ficou em manuscripto, o seguinte:

Concordancia da Musica e passos desta, collegida dos maiores professores desta Arte.

Principios de Musica, quem foram os seus autores e os progressos que teve.

E não se contentou este monarcha de escrever só sobre theorias de musica; mas compol-a. São d'elle as seguintes musicas: — Dous *moteles*.—*Magnificat*, a 4 vozes.— *Dixit Dominus, Domino meo*, a 8 vozes.—*Laudate Dominum omnes gentes*, a 8 vozes. — Concertado sobre o cantochão do hymno—*Ave Maris Stella*. — Paixões de Domingo de Ramos, a 4 vozes. — Paixões de Sexta Feira Santa, a 4 vozes.—*Crux fidelis inter omnes, motete*, a 4 vozes, soprano, contralto, tenor e baixo.

Das numerosissimas musicas que possuia D. João IV, mandou elle imprimir o seguinte *catalogo:*

Primeira parte do Index da Livraria de Musica, do muito alto e poderoso Rey Dom João o IV. Por ordem de sua Mag. por Paulo Craesbeck. Anno de 1649.—In 4.º de xix-525 paginas.

A *segunda parte* nunca se chegou a imprimir.

Em quanto ás musicas que possuia D. João IV, sabe-se que foram destruidas no terremoto; mas como se explica, que não haja actualmente em Portugal nem um unico exemplar daquelle interessantissimo *catalogo?*

Quando, porém, já se julgavam perdidas as esperanças de se descobrir este *catalogo*, o sr. Joaquim de Vasconcellos poude saber em 1871, que existia um exemplar na *bibliothèque nationale* de Paris. Com o seu inexcedivel zelo e diligencia, dirigiu-se logo alli, e deuse ao improbo trabalho de o copiar todo, com a maior exactidão possivel.

Vae agora o sr. Vasconcellos publicar esse *catalogo*, o que é um serviço relevantissimo que presta á arte de musica, e em especial a este reino, fazendo reviver uma publicação que se julgava perdida.

Diz o sr. Vasconcellos que o *catalogo*, apreciado como monumento litterario, tem um valor consideravel.

Em primeiro logar, pelo lado *biographico* fornece noticias interessantes, a maior parte ineditas; e outras que servem de correcções a pontos, datas e factos ainda hoje em controversia. Todos, ou quasi todos os artistas tem, ou a designação da nacionalidade, ou a indicação do logar onde nasceram, e muitas vezes ambas as cousas.

Pelo lado *bibliographico* temos a indicação dos titulos de uma quantidade enorme de composições de todos os generos, em musica vocal e instrumental; uma indicação mui valiosa da maior parte das obras theoricas, e até das mais raras, desde o começo da imprensa até á primeira metade do seculo XVII, não fallando em muitos tratados, manuscriptos e impressos, completamente ignorados, e que em nenhuma parte se acham citados.

O lado *historico* não é de menos interesse, porque nos proporciona a filiação artistica das *escolas de musica*, que mais influenciaram sobre a arte, particularmente na peninsula, assumpto este que ainda está em branco, e que é da mais alta importancia, pelos nomes que alli figuram. Graças a estas indicações do *catalogo*, facil será ligar a historia da arte musical em Portugal e Hespanha, de forma que se conheça a sua relação com as escolas flamenga e italiana (Veneza e Roma).

As observações *criticas* do auctor do *catalogo* tambem offerecem interesse, ainda que sejam poucas e breves; mas a competencia do escriptor, que era conhecedor da arte (o que se revela a cada instante), dão ainda assim bastante realce ao já de si precioso volume.

Algumas noticias *archeologicas*, dos editores das collecções musicaes, do dominio da typographia musical, etc., augmentam o material já consideravel que se pode extrair da obra.

A nova edição do *catalogo*, que vae realisar o sr. Joaquim de Vasconcellos, constará apenas de 260 exemplares numerados, dos quaes só 250 serão expostos á venda. O papel será portuguez e de linho, como o da *Archeologia artistica*, porém muito superior, fabricado expressamente e n'um formato maior, augmentando dois centimetros na altura e largura, a fim de se poder fazer a reproducção, pagina a pagina, conforme está no exemplar impresso.

O typo escolhido é o mesmo da *Archeologia*, elzeveriano, corpo 10, 8 e 6, sendo as letras iniciaes com que começa a designação dos differentes caixões, floreadas no mesmo estylo elzeveriano. A impressão fica a cargo da já muito acreditada *Imprensa portugueza* do Porto.

O *catalogo* será alem disso enriquecido com um bello retrato de D. João IV, que o sr. Vasconcellos achou n'um dos riquissimos mappas do *cabinet des estampes* da *bibliothèque nationale*; e que segundo todas as indicações, é o que parece ser o mais fiel de todos os que se tem visto.

O desenho da copia em rigoroso *fac-simile*, foi pelo sr. Vasconcellos encarregado a Mr. Edouard Garnier, desenhador do museu de Sevres, e a gravura, ao distincto gravador de Paris Mr. Trichon. Os *clichés* já se acham em poder do sr. Vasconcellos.

Alem deste retrato, que é ornato da nova edição, será reproduzido em *fac-simile* o frontespicio gravado, que figura na primeira edição do *catalogo*, e que, executado pelos mesmos artistas, já se acha tambem prompto.

O preço, attendendo a todas estas circumstancias, poderá variar entre 5 a 6$000 reis, incluindo o *catalogo* e o volume supplementar de notas. Avulso, custará o duplo, como todas as publicações da *Archeologia artistica*.

Que mais precisamos de dizer em abono da grandiosa publicação que vae effectuar o sr. Joaquim de Vasconcellos? Será necessario mais alguma cousa, para que as pessoas amantes da arte e da gloria deste reino, se apressem a subscrever para esta obra monumental?

Esperamos que não, para que o sr. Vasconcellos não fique descrendo do nosso bom gosto. Já que este escriptor se tem entregue a tantas fadigas, com muito sacrificio da sua fortuna, para realisar as suas publicações, não mostre a nação portugueza que é ingrata aos seus louvaveis esforços.

Culto mortuario. — Em todos os tempos, e em todos os povos, o homem tributou sempre o maior respeito e veneração aos restos mortaes dos seus semelhantes. Ninguem entra com indifferença em um cemiterio; ninguem contempla o tumulo que encerra as cinzas dos seus maiores, sem derramar lagrimas de saudade, sem ajoelhar commovido sobre a campa, e sem desprender do intimo da alma fervorosas preces pelo eterno descanço dos finados. O amor que consagramos durante a vida, ainda se exalta mais depois da morte; e a recordação dos beneficios recebidos é para os corações bem formados um verdadeiro culto e uma adoração eterna e infinita.

Deste sentimento natural deriva a veneração que todas as crenças religiosas prestam aos mortos. Todos os processos funerarios têem por fim conservar pelo maior espaço de tempo possivel os restos dos finados. A inhumação, a incineração, e o embalsamamento são os meios que tem sido empregados. O primeiro é hoje o mais usado. As mumias do Egypto tem conservado durante seculos perfeitamente intactos os cadaveres humanos. Entre os romanos, a antiguidade e nobreza das familias eram representadas pelo numero das urnas funerarias. Na epocha actual, os cemiterios são os verdadeiros monumentos da morte, desde a sepultura rasa e o symbolo eloquente da cruz, até aos mais sumptuosos mausoleus, louca ostentação da vaidade humana.

Arvore venenosa.—Desde a mais remota antiguidade, que se attribuem ao teixo propriedades maleficas e venenosas. As suas folhas são alimento mortal para os cavallos, o que se tem verificado em França por experiencias decisivas.

O *teixo*, *taxus*, é uma arvore resinosa da familia das coniferas. Antigamente era muita apreciada como planta ornamental, e a sua madeira muito dura, incorruptivel, e susceptivel de bello polimento, com frequencia empregada na marcenaria. Considera-se como incommoda a visinhança e sombra desta arvore, pelas exhalações nauseabundas e narcoticas que sahem das suas folhas, e que produzem effeitos lethargicos em quem as respira.

O succo do teixo servia aos antigos povos gaulezes, para envenenar as frechas. Virgilio affirma, que as emanações desta arvore na epocha da florescencia são fataes ás abelhas. Pretendem alguns auctores, que a palavra veneno, em grego *toxicon*, deriva do vocabulo latino *taxus*, teixo. Tem-se feito ensaios com o extracto aquoso das folhas e casca, administrado em pequenas doses, e apparecem sempre incommodos graves, como vertigens, vomitos, etc.

As rolhas.—Parece averiguado para alguns escriptores, que o uso das rolhas não era conhecido em França antes de 1553, e que a cortiça antes de ser empregada para este fim, servia ha muito tempo para o fabrico das solas de calçado. Antes desta epocha, as garrafas eram tapadas com rolhas de pau, de metal, de cera, ou de vidro. Os pharmaceuticos da Allemanha só principiaram a usar as rolhas de cortiça no fim do seculo 17.

Leite de mulher.— Affirmam viajantes e missionarios, que tem percorrido muitas provincias da China, que é costume vender pelas ruas leite de mulher, não só para alimento de creanças, mas tambem de velhos octogenarios.

Suffragios—Na segunda, terça e quarta feira da semana proxima, se hão de celebrar tres missas, ás 7 horas e meia da manhã, na egreja da Sé Velha, por alma dos srs. Dr. Antonio de Carvalho Coutinho e Vasconcellos, Joaquim Wladislau Bruno e D. Maria Mauricia; mandadas dizer em signal de religiosa gratidão e respeito por um nosso amigo, que se acha ausente de Coimbra.

Mercado de Coimbra no dia 7—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 530—Dito branco 500—Dito Celorico meudo 600—Dito graudo 560—Milho branco 310—Dito amarello 300—Feijão vermelho 480—Dito branco da marinha 440—Dito da terra 400—Dito rajado 380—Dito frade 340—Centeio 450—Cevada 280—Tremoços 230—Favas 360—Chicharos 240—Grão de bico 480—Batatas 200—Azeite 1$350—Vinho da Beira 600—Dito da Bairrada 700—Dito do Bairro 800—Aguardente de 18 graus 1$450—Dita de 19 graus 1$500—Dita de 20 graus 1$600.

Oração academica—Fomos obsequiados com um exemplar da—*Oração academica, recitada na sala grande dos actos da Universidade pelo visconde de Monte-São, no dia 16 de Outubro de 1873.*

Do merecimento desta oração já fallamos na occasião competente. Resta-nos só agradecer o exemplar que recebemos.

Diccionario universal de educação e ensino.—Recebemos as cadernetas 41.ª e 42.ª deste diccionario, que continua a merecer a boa aceitação do publico. O seu editor, o sr. Chardron, tem sido pontualissimo no cumprimento do que prometteu no prospecto desta interessante obra.

Providencias—Pedem-nos a publicação do seguinte:

«Chamamos a attenção de quem compete, sobre o modo como o escrivão da administração do concelho de Cantanhede conta os emolumentos das verbas relaxadas na sua repartição.»

Noticias estrangeiras.— As ultimas noticias são as seguintes:

Paris 5 á tarde.—Assembleia nacional.—É declarada urgente uma proposta de Changarnier prorogando por 10 annos os poderes de Mac-Mahon. Dufaure não combate a urgencia, mas pede que sejam enviados á commissão os projectos constitucionnes. O governo pede que sejam remettidos á commissão especial. A proposta Dufaure é rejeitada por 362 votos contra 358.

Largo da Portagem—Em sessão de 4 do corrente, o sr. presidente da camara desta cidade disse, que tendo fallado em Lisboa com o sr. Joaquim Antonio Teixeira Barbosa ácerca da expropriação que se projecta fazer nas suas casas á Portagem, para o alargamento do largo do mesmo nome, elle lhe participára que o ultimo preço por que as cedia era o de 5:000$000 rs., e que nesta conformidade propunha que fossem mandadas avaliar por peritos, para no caso de darem um laudo egual ou aproximado áquelle preço, se fizesse a expropriação amigavel, e no caso de fazer differença sensivel, se seguissem os tramites necessarios para expropriação judicial. A camara approvou esta proposta.

ANNUNCIOS

1 TENDO CHEGADO a esta cidade, José da Cruz, vindo da provincia de S. Thomé e Principe, e trazendo correspondencia para o sr. Antonio Maria de Carvalho Chancelleiros, residente com cartorio de advogado em Lisboa, e não sabendo a sua morada, lhe pede para lh'a mandar dizer.

O annunciante reside em Coimbra, em casa do sr. João Alves de Aveiro.

2 A COMPANHIA GERAL de credito predial portuguez, convida os possuidores das obrigações prediaes, e de obrigações ao portador, que queiram receber os juros em Coimbra, a irem a casa do sr. Antonio José Alves Borges, na rua do Visconde da Luz, entregar no dia 1 de Dezembro proximo as relações e coupons.

3 JOAQUIM SERRA, com casa de pasto, na rua do Infante D. Augusto, roga aos seus freguezes, aquelles que lhe estão em debito, de mandar satisfazer as suas quantias, dentro do prazo de 30 dias, sob pena de não pagando no referido prazo, mandar publicar os seus nomes nos jornaes da localidade e em outros.

4 VENDE-SE a casa n.º 21 e 22 na Couraça de Lisboa, onde morou o sr. Dr. Lourenço. Recebe propostas em carta fechada, até ao fim do proximo mez, seu dono em Obidos, Antonio Maria da Cruz.

5 AYRES AUGUSTO QUARESMA D'ALMEIDA faz publico, que a sua diligencia entre o Espinhal e Coimbra, fica do dia 10 do corrente em deante fazendo o serviço da seguinte fórma: —Sahe do Espinhal todas as segundas, quartas e sextas feiras ás 6 horas da manhã, e sahe de Coimbra nas terças, quintas e sabbados ás 11 horas da manhã.

Esta deliberação é tomada para melhor regular o serviço, e commodidade do publico, pelas demoras que de futuro póde haver na passagem do rio.

6 ARTE VETERINARIA, ou tratado dos animaes domesticos: sua creação, propagação e conservação: traduzido dos melhores auctores estrangeiros. Obra util e necessaria aos proprietarios, lavradores, alveitares, e ferradores, e em geral para todos os que têem debaixo de sua inspecção, animaes de trabalho.

Publicou-se o 1.º volume, contendo 510 paginas em 8.º francez: preço 1$000 rs.

Acha-se á venda em Coimbra na livraria do sr. José Melchiades Ferreira dos Santos; no Porto, na de Ernesto Chardron; e em Lisboa, nas principaes livrarias.

Satisfazem-se quaesquer requisições das provincias, enviando-se a importancia do volume, e mais 55 reis para o porte—em estampilhas, ou vale do correio—em carta fechada a José Ignacio Rufino Arsejas, livreiro, na rua Augusta, n.º 231, em Lisboa.

N. B. O 2.º e ultimo volume, já começou a imprimir-se.

7 PAUTAS CALLIGRAPHICAS, do calligrapho Luiz Adelino Lopes da Cruz, professor de Calligraphia do Collegio Academico, approvadas pela junta consultiva de instrucção publica, e adoptadas em todos os collegios de Coimbra, nas aulas de instrucção primaria de alguns districtos e nas de desenho de alguns lyceus nacionaes—4.ª edição muito melhorada.

Estas pautas, que tão recommendadas têem sido pelo dignissimo commissario dos estudos deste districto, acham-se á venda em todas as livrarias de Coimbra, estabelecimentos dos srs. José Antonio Vieira da Fonseca, n.º 72 a 76; João Matheus dos Santos; em casa do auctor rua de Quebra-Costas, n.º 49, e nas das terras principaes do reino, desempenhadas em papel muito superior ao das tres edições anteriores, e com uma nova pauta para o ensino de letra gothica.

Nas referidas livrarias se acham tambem á venda, e do mesmo calligrapho:

«Nova arte calligraphica theorica e pratica, approvada pelo conselho geral de instrucção publica.»

«Nova collecção de modelos calligraphicos, coordenada em harmonia com o programma official para o ensino desta disciplina nos lyceus nacionaes.»

«Resumo d'orthographia portugueza para uso das escholas de instrucção primaria.»

Hospitaes da Universidade de Coimbra

8 PELA Administração destes hospitaes se faz publico, que no dia 9 do corrente mez, por 10 horas da manhã, hade ser posto em praça, na secretaria da mesma Administração, o arrendamento das terras que os hospitaes possuem nos campos d'Ourique, Borralha e Ancos, pelo tempo que decorre desde o referido dia até 31 de Outubro de 1874.

Administração dos hospitaes da Universidade, 3 de Novembro de 1873.

O administrador,

Costa Simões.

EDITAL

9 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Coimbra, em execução do alvará do exm.º secretario geral, servindo de governador civil deste districto, de 20 de Outubro ultimo, faz publico, que no dia 23 do corrente mez de Novembro, pelas 9 horas da manhã, se ha de proceder á eleição das juntas de parochia e juizes eleitos das freguezias do mesmo concelho, que hão de servir no biennio de 1874 e 1875.

E para conhecimento de todos se mandou publicar este e outros de egual theor.

Coimbra, secretaria da camara municipal, 5 de Novembro de 1873.

O presidente,

Lourenço d'Almeida e Azevedo.

PHOTOGRAPHIA E PINTURA

MORÉ E COMP.ª

135 Rua da Sophia 135

10 NESTE estabelecimento tiram-se retratos com todo o esmero, pintam-se quadros a oleo, retratos e toda a classe de decorações; tambem se dão lições de desenho e pintura. Preços razoaveis.

ATTENÇÃO!

11 BONS VINHOS engarrafados. Diversas qualidades para mesa e pasto.

Bella pinga verde!

Rua das Solas, n.º 98

12 OFFERECE-SE um praticante de pharmacia, com os preparatorios e um anno de pratica. Nesta redacção se diz quem é.

LECCIONISTAS

13 A. BELLO DA SILVA BRAZÃO e F. A. Leite Galvão, ensinam, na rua da Trindade, n.º 17, instrucção primaria, desenho, portuguez, francez, latim e latinidade, e habilitam para o magisterio primario.

AGRADECIMENTO

14 JOSÉ D'ALMEIDA MOTTA agradece por esta forma, em quanto o não póde fazer pessoalmente, ás numerosas pessoas que o honraram com a sua visita, durante o seu grave incommodo, e áquellas que interessando-se pelas suas melhoras o mandaram cumprimentar. A todos protesta um eterno reconhecimento.

15 NO LARGO DO CASTELLO, n.º 54, precisa-se de um official de barbeiro.

CASAS PARA VENDER NA FIGUEIRA DA FOZ

A Companhia Edificadora Figueirense tem para vender, pelos preços e com as condições abaixo designadas, as seguintes casas todas situadas no *Bairro de Santa Catharina*, desta villa, proximo da praia de banhos.

N.os	Nomes por que são conhecidas	Situação	Preços
2	Casa—Ruy	Rua do Melhoramento	3:375$000
3	» Raymundo	Idem	2:000$000
4	» Almeida	Idem	2:500$000
5	» Santos	Idem	1:290$000
6	» Ramos	Idem	1:550$000
7	» no grupo da	Idem	1:125$000
9			850$000
10	» no grupo da	Rua da Inauguração	900$000
11			950$000
12			800$000
13	» no grupo da	Travessa Nova	850$000
14			900$000
15		Travessa de S. Braz	1:100$000

Estes preços são os da avaliação, feita em 23 de Setembro proximo passado, por quatro peritos, mestres d'obras d'esta villa.

Todas as casas são livres de fôro, ou de outro qualquer onus, para o comprador.

Na compra de qualquer casa acceitam-se, até á quinta parte do preço, acções desta Companhia, pelo seu valor nominal de 90$000 rs.

O pagamento póde ser feito ou á vista, ou metade em dinheiro e o restante em prestações até 10 annos de prazo; ou sómente em prestações.

O que pagar em prestações fica sujeito ao juro da mora, na razão de 6 por cento ao anno, e a entrar com 20 por cento da importancia da casa no acto da escriptura, garantindo o capital restante e respectivos juros, com a hypotheca especial sobre a mesma casa.

As prestações serão sempre eguaes; para o que se procederá á contagem dos juros, descontando as amortisações, e se dividirá a final o capital e os juros pelo prazo do contracto.

As vendas serão feitas em praça publica, a quem maior lanço offereça sobre a avaliação.

Logo que a direcção da Companhia tenha propostas para a compra d'alguma casa, designará immediatamente o dia e hora em que deverá ter logar a arrematação, e avisará antecipadamente todos os interessados.

Em identidade de circumstancias é preferido o licitante que queira pagar de prompto a casa, ou o que pagar metade do valor d'ella, áquelle que só a queira pagar em prestações, a 10 annos de prazo.

EXEMPLO

Para um contracto do capital de 100$000 rs. ao prazo de 10 annos, a prestação para a amortisação do capital e dos juros, será:

Annual......... de 13$300 rs.
Semestral...... de 6$650 rs.
Trimestral..... de 3$325 rs.
Mensal......... de 1$108,3 rs.

Figueira da Foz 1 de Novembro de 1873.

Os directores:

Bernardo Augusto Lopes
Manoel Augusto Lopes
[illegible] Costa e Silva.

NUMERO 2744 — TERÇA FEIRA 11 DE NOVEMBRO DE 1873 — ANNO XXVI

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$726
Por semestre	1$800
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Aproxima-se o dia das eleições camararias.

Não sabemos se alguns trabalhos se tem emprehendido para assegurar a este municipio uma vereação na altura da sua importancia; capaz de continuar as obras encetadas, de promover outros melhoramentos publicos de que esta cidade carece, e que tanto se recommendam em todas as manifestações do progresso moral e material.

É indispensavel que nesta occasião os nossos concidadãos comprehendam o interesse, que têem na assertada escolha dos seus representantes, nos quaes vão delegar os poderes de reger a administração economica do municipio, e de promover os progressos que a civilisação impõe, e o bom nome desta terra imperiosamente exige.

Não são para desprezar as indicações da opinião publica, a respeito de um determinado numero de uteis emprehendimentos, qual a qual de maior alcance, para esta cidade e concelho.

Precisa a nossa organisação municipal de um impulso energico e vigoroso, para sair do marasmo a que por injustificados caprichos, esteve condemnada, durante algumas gerencias transactas.

É por isso de summa gravidade o acto que os cidadãos deste concelho são chamados a desempenhar. Da escolha que fizerem, dependem os seus verdadeiros interesses, e a elles estão ligadas as suas mais nobres aspirações.

Ha no municipio, na individualidade moral, uma verdeira escola de ideias, de principios, de sentimentos nobres e elevados. Precisam as administrações camararias de conhecer todas as necessidades dos povos e de velar pelos seus interesses: carecem de cortar os embaraços da vida positiva e de proporcionar aos cidadãos os gozos da vida intellectual, de annullar as dissidencias perigosas, em toda a ordem de conveniencias e de sentimentos.

A moralidade, o patriotismo, os bons instinctos de convivencia, a intimidade nos habitos e nos costumes, que são condições para o bom regimen social, geram-se e aperfeiçoam-se com as commodidades da vida local, que prendem os homens ás affeições do seu domicilio.

E a civilisação, que corrige e aperfeiçoa os costumes, exige tambem um certo numero de aperfeiçoamentos materiaes para o seu mais rapido desenvolvimento.

As administrações municipaes, não podem hoje limitar-se ao expediente economico e rotineiro d'outras epochas. As grandes povoações precisam que se lhes proporcionem os gozos e as commodidades no viver domestico e nas relações publicas: a isto devem indispensavelmente attender as municipalidades, para que satisfaçam ás exigencias do progresso.

Com os aformoseamentos e com as commodidades da vida local, cresce a população, desenvolve-se a actividade, e proporcionam-se aos povos os meios de lhes tornar menos penosa a existencia. Por isso a civilisação torna cada vez mais difficil o logar de vereador.

A cidade de Coimbra precisa de uma vereação, que possa dar impulso a muitos melhoramentos, para satisfazer ás justas aspirações dos seus habitantes, e ás necessidades publicas.

A administração camararia, que dentro em poucos dias vamos eleger, carece indispensavelmente de acompanhar e secundar os fecundos esforços da actual.

A' illustrada iniciativa da vereação que vae cessar, presidida pelo sr. Dr. Lourenço de Almeida e Azevedo; á sua intelligente energia, deve Coimbra obras de reconhecida utilidade, cujos beneficios mais tarde os factos hão de demonstrar.

Esta camara, emprehendendo com energia e vigor os melhoramentos que directamente dependiam da sua iniciativa, e promovendo com inexcedivel zelo, perante os poderes publicos, os que careciam da resolução destes, é, sem duvida alguma, a que mais e melhores serviços tem prestado ao municipio.

Defrontou sempre as difficuldades e obstaculos, que costumam oppor-se á realisação de muitos emprehendimentos uteis; e desta forma conseguiu dotar a cidade de melhoramentos que, parecendo para muitos de impossivel execução durante um biennio, ahi ficam estabelecidos com geral applauso, para attestar os bons serviços dos seus benemeritos iniciadores, e para servir de incentivo ás futuras vereação.

Póde muito a força de vontade, impellida pelo desejo de ser util á causa publica.

Nas actuaes circumstancias carece a nova vereação de homens intelligentes, de caracteres austeros e dotados de muita energia para não afrouxarem de esforços. Que os novos vereadores sejam apaixonados pelo progresso.

Com taes predicados, e dispostos a pôr todo o seu valimento ao serviço da causa publica, bem vindos sejam, quem quer que elles forem.

CORRESPONDENCIA DE LISBOA

Lisboa, 9 de Novembro de 1873.

Não ha politica interna. Os jornaes entretem-se com diversos assumptos estranhos á politica militante. Já é!

O inquerito a que se procedeu a respeito da morte de Antonio de Andrade, a qual alguns jornaes disseram que foi devida aos maus tratos dados pelos soldados da guarda municipal, veiu demonstrar que esses jornaes se enganaram completamente, e mais uma vez restabeleceu o bom nome da mesma guarda.

—O *Diario* publicava hontem o decreto, reformando o sr. capitão de mar e guerra Cunha.

—Foi encarregado pelo governo de examinar o caminho de ferro americano de Santa Apolonia até á rampa de Santos, o sr. D. Antonio de Almeida.

—Completa hoje 71 annos de edade o sr. conselheiro Firmo Augusto Pereira Marécos, administrador geral da imprensa nacional, e cavalheiro distinctissimo pela sua illustração, e maneiras affaveis para com todas as pessoas que com s. ex.ª tratam. O *Diario Illustrado* de hoje traz o retrato deste funccionario benemerito, acompanhado de um primoroso folhetim, no qual se descrevem as principaes phases da vida de s. ex.ª, como administrador geral do primeiro estabelecimento typographico de Portugal, a cuja illustrada iniciativa muito deve a arte typographica. Seja-me permittido, apesar de ser o mais obscuro operario do estabelecimento que s. ex.ª tão acertadamente dirige, enviar-lhe d'aqui os meus respeitosos comprimentos.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXI

D. CARLOS

LXI

Temendo os carlistas ser alcançados por Espartero, emprehenderam de novo a sua retirada, rodeando para tomar o caminho de Côrtes: chegaram a Alcolea del Pinar, apoderaram-se de uma diligencia, permittindo que seguissem a sua jornada até Madrid 3 inglezes, e foram a Bujarrabal, passando aqui toda a noute de 23 de Setembro em armas.

Por Orna seguiram a Albereca, Valdealmendros, Salomillas, e Imon de Salinas a Atienza, e sem poder descançar aqui, a Cañamares. Era admiravel considerar como resistiam aquelles desgraçados a tanta fadiga, sempre correndo e famintos, soffrendo o supplicio de Tantalo, pois se repetiu muitas vezes estar recebendo as rações e tel-as que abandonar!

Proseguem no dia 25; fica Sopelana com a segunda divisão nas vantajosas posições de Somolinos, para proteger a marcha de D. Carlos, que foi comer a Campisabalos. Descançou 3 horas o exercito; depois segue a Cañicera, e ás 7 da tarde a Caracena. Os defensores de Somolinos foram envolvidos pelos liberaes que flanquearam a passagem.

Em Caracena tambem estiveram sobre as armas, e a falta de munições causou os excessos que commetteram.

Ás 3 e meia da manhã de 26 marcharam por Carmona de Abajo a Fresno; passaram o Douro pela ponte de Gormaz, foi D. Carlos a Berzosa, e D. Sebastião ficou em Burgo de Osma. Por Villabaro, Zayas e Cuzcurrita foram pernoitar em Peñaranda a 27; e no dia seguinte por Quemada a Aranda, onde se uniram com Zaratiegui, que estava defendendo a passagem da ponte, havendo-se-lhe unido os batidos em Somolinos. Tambem D. Sebastião ao notar a acção que tinha empenhado Zaratiegui, acudiu a auxilial-o; porem não esperaram os liberaes.

Satisfeitos sem duvida de haver-se unido uns e outros expedicionarios, não cuidaram de perseguir a Lorenzo, pelo que opinavam muitos, e especialmente Balmaseda, e marchou a expedição de D. Carlos a Gumiel de Izan, e a de Zaratiegui a Silos.

Foram proseguindo a marcha os carlistas, até que em 4 de Outubro fizeram alto em Retuerta, e ahi atacaram os carlistas valentemente os liberaes. Durou o combate 4 horas, estando por muitas vezes indeciso o resultado. Por fim os carlistas pronunciaram a sua retirada.

Póde calcular-se em 700 homens a perda em ambos os campos, entre mortos, feridos e prisioneiros. Os liberaes enviaram a Burgos 300 feridos. Dos carlistas foram feridos o conde da Madeira, D. Thomaz Reina, Bart e outros chefes distinctos. Tambem os houve entre os seus contrarios.

D'ahi em diante a expedição de D. Carlos retirou-se com rapidez para as provincias Vascongadas, donde tinha saido, chegando no dia 26 de Outubro de 1837 a Arceniega.

A expedição de D. Carlos havia assim terminado, e Espartero, commandante em chefe dos exercitos reunidos, o annunciou por esta forma aos seus soldados:

«A campanha das provincias, onde teve a audacia de penetrar o principe rebelde, terminou com gloria. Vós haveis excedido os meus desejos em valor, constancia e resignação para bater o inimigo, arrostar as fadigas e soffrer as privações. Tantas virtudes não podiam deixar de proporcionar um premio digno de taes soldados, qual é o triumpho sobre as hordas do pretendente, desse caudilho do homem que tem manchado com mil crimes o solo que intentaram subjugar.»

E terminava Espartero dizendo:

«Companheiros: eu vos dou graças por vosso heroico comportamento; a nação vos admira pelo que haveis feito e espera que executareis, e o governo de sua magestade pre-

—Cresce o luxo e augmenta a miseria publica. É um problema que a sciencia não poude ainda definir cabalmente. Na alfandega de Lisboa trabalham ha dois mezes 10 verificadores, classificando objectos de modas, e é impossivel tirar-se d'alli um volume com promptidão.

—Trata-se com afan das eleições municipaes. Alguns dos vereadores actuaes tentam ser reeleitos. É de justiça, porque são todos cavalheiros que tem prestado importantes serviços ao municipio. O sr. José Maria da Silva Leal, cujo nome era indigitado n'uma lista, d'entre as muitas que por ahi correm, rejeita a honra que os habitantes de Lisboa lhe desejavam conferir, e lembra o nome do Dr. Bernardino Antonio Gomes. O *Jornal da Noite*, escrevendo sobre este assumpto —*á falta de outros*—diz «que os cidadãos de Lisboa devem ponderar bem que a capital está necessitada de grandes melhoramentos, e que se a eleição tem por fim escolher pessoas aptas para realisal-os, importa eleger *quem possa, queira e saiba tratar desses assumptos.*» E acrescenta: «Independencia, seriedade, instrucção, energia e tempo livre, são condições indispensaveis.» Mais nada.

Pelo que se deprehende, que, quem possuir aquelles predicados, apesar do municipio lisbonense estar em condições financeiras pouco agradaveis, pode satisfazer aos melhoramentos que a capital está reclamando. *Bene.*

—Verificou-se hontem no Gymnasio o beneficio em favor do Gremio Popular. Taborda abrilhantou o espectaculo, desempenhando a scena comica: *O cantor cosmopolita*, na qual recebeu applausos freneticos. É que o popular actor é sempre bem recebido, e o fim benefico e philantropico do espectaculo convidava aos applausos e á concorrencia. É digno de protecção o Gremio. Educa e instrue, e cobre a nudez a muitos rapazes, que, sem aquelle providencial valimento, se lançariam nos braços do vicio, conduzindo-os a funestos resultados. E tudo isto devido á iniciativa de José Maria da Silva e Albuquerque, seu fundador, que ama o Gremio como a uma sua filha dilecta. Tem razão.

—Na minha ultima carta fallei-lhe a respeito de associações que tratavam de propalar —segundo a affirmativa de um jornal—as perniciosas doutrinas do communismo, e disse-lhe que o governo sabia quaes ellas eram. Não me consta, porém, que a associação typographica, a associação de soccorros mutuos o *Pelicano*, o monte-pio da imprensa Nacional, a *associação dos melhoramentos das classes laboriosas* e muitas outras, e todas as associações de classe, tenham propalado doutrinas communistas. Algumas classes, parcialmente, tem feito *grèves*,—horrendo Adamastor em que nem se falla já—mas impellidas pela *Fraternidade operaria*, em cuja associação ha homens de merecimento provado, de illustração até, e que eu lastimo que tão mal empreguem o seu tempo, advogando doutrinas —deixe-me dizer-lho —oppostas ás suas naturaes convicções e tendencias.

Eu não me arreceio do communismo, porque não pertence a este o maior numero de classes operarias. A associação morigerou-as, tem-lhes dado alguma illustração, e desde 1851 a esta parte, em que cessaram as convulsões politicas por que até ahi passámos, os homens que trabalham, tem-se sabido manter nos limites de uma bem entendida prudencia —prudencia que lhes tem redundado em prosperidade, —e numa perfeita dignidade de si proprios que os aponta aos olhos de todos, como os mais morigerados operarios da Europa.

Ha discolos. Ha desordeiros. Ha homens de ambições desmedidas, impellidos por uma fatalidade que os arrasta a apostolarem doutrinas subversivas da ordem, e oppostas ao bem estar do operario, a quem dizem servir. Nem isto é de estranhar. Sem meritos reaes para se fazerem conhecidos, desviam-se da senda recta e justa, e collocam-se isolados, com meia duzia de adeptos, em parte onde sejam vistos, aos quaes tratam de convencer. Não sei se os convencem, se os desvanecem. Creio que attingem á ultima hypothese. E ainda bem para elles, e para a auctoridade, que teria de lhe reprimir os impetos. Á força de os quererem cathequisar, as doutrinas prégadas vão sendo discutidas, e depois de madura reflexão, os evangelisadores olham-se... e vêem-se sós.

Não é prégando doutrinas communistas, nem phantasiando *El-Dorados* impossiveis, que o operario hade chegar a um grau de bem estar relativo. Não lhe fallo da sua emancipação—termo que não comprehendo, com relação á classe operaria —porque isso seria abusar da boa fé dos pobres operarios, em cujo numero me inscrevi ha trinta annos. Pelos principios que vejo querer adoptar-se é impossivel: pelos principios que tenta pôr em pratica a *Associação dos melhoramentos das classes laboriosas*, talvez se consiga um resultado proficuo, morigerando costumes, e combatendo vicios.

Soccorrer os operarios de ambos os sexos, que não tenham temporariamente trabalho, é um principio, justo, equitativo, e, deixe-me dizer-lhe, santo, apesar de eu não acreditar em santidades.

Organisar uma bibliotheca e gabinetes de leitura, que mais interessem ás classes laboriosas, é um serviço estupendissimo, é dar-lhe o pão do espirito, de que tanto ellas carecem.

Estabelecer conferencias, prelecções, e leituras de assumptos, para instruir nos principios economicos e sociaes as pessoas que não possam dispor dos meios para adquiril-os a expensas proprias, é um bom serviço prestado ás classes operarias, serviço que ellas nunca poderiam alcançar parcialmente, mas só em collectividade, isto é, associando-se.

Auxiliar por todos os meios legaes e moraes a solução pacifica das questões do trabalho é uma questão de ordem que deve interessar ás classes trabalhadoras, sem ser preciso recorrer ás *grèves*, de tão ominosa memoria.

Eis aqui as quatro columnas sobre as quaes se ergue o edificio que a *Associação dos melhoramentos das classes laboriosas*, tenta construir. *Tenta construir*, não disse bem... que já construiu. Dentro delle já se vêem operarios distinctos nas lides trabalhadoras, taes como Francisco Gonçalves Lopes, João Manoel Gonçalves, José Maria Chaves, Antonio Joaquim de Oliveira, José Antonio Dias, e muitos, e muitos obreiros da civilisação, pelo trabalho, ás classes operarias. Não ha neste programma fallazes promessas, impossiveis de realisar, nem utopias e paradoxos, que o mais consummado socialista rejeitaria com desprezo. Ha a boa fé, ha a lealdade da promessa, ha a convicção profunda de se chegar a um resultado, resultado que não pode ser baldo de bons fructos ao iniciador desta prestante associação, o distincto industrial, o sr. João Manoel Gonçalves.

Faço ponto, porque nada mais ha; mas não me despeço sem lhe dizer que um correspondente daqui para um jornal do Porto inventou uma conspiração iberica em Lisboa. Ninguem deu por tal. Entrará nella o sr. Latino Coelho, secretario perpetuo da academia real das sciencias, com o ordenado annual de 300$000 reis? Dirigi-a-ha o sr. Latino Coelho, major de engenheiros, com o ordenado annual de 618$000 rs.? Será seu chefe o sr. Latino Coelho, lente da escola polytechnica, com o ordenado annual de 360$000 rs.? Será promovida pelo sr. Latino Coelho, que está escrevendo uma *historia* da guerra peninsular ha muitos annos, com o ordenado annual de 720$000 rs., sem que ainda visse a luz publica uma unica folha? Veremos. Entretanto não esqueça o meu amigo este Messias, como lhe chama o *Diario Illustrado*, que prega á custa do orçamento, —recebendo por anno a somma de 2:028$000 rs.—*economia severa nas despezas publicas!*

Os taes!

P. J. Conceição.

NOTICIARIO

Ainda o catalogo da livraria de musica d'el-rei D. João IV.— Achamos tão interessantes as noticias e judiciosas as observações publicadas na *Archeologia artistica*, pelo sr. Joaquim de Vasconcellos, com relação á famosa *livraria de musica* de el-rei D. João IV, que não nos podemos dispensar de ainda hoje publicar mais alguma cousa a esse respeito.

Enumerando o sr. Vasconcellos as infatigaveis diligencias que el-rei D. João IV empregara, para reunir na sua livraria, todas as musicas, por mais raras que fossem, continua dizendo:

«Estes exemplos bastam. Casos havia porem, em que não bastava o dinheiro, largo e generosamente dispendido, nem o zelo dos artistas encarregados das compras; neste caso recorria aos seus embaixadores no extrangeiro.

«Um destes, o celebre escriptor Antonio de Sousa de Macedo, o diz positivamente:— «...cõ despeza consideravel, & diligencias par«ticulares (*em muitas o servi*) ajuntou hũa «numerosa livraria das obras musicas melho«res, & mais esquisitas.....»

«Sousa de Macedo figurou como secretario do embaixador D. Antão de Almada, mandado por D. João IV a Inglaterra, para fazer valer os seus direitos á successão da corôa; depois, em 1651, esteve em Hollanda como embaixador d'el-rei, para o mesmo fim; foi de certo nestas viagens que prestou a seu amo as muitas diligencias em que falla.

«Em outro logar dá-nos Sousa de Macedo a preciosa e ao mesmo tempo triste noticia da existencia do manuscripto original do *Micrologus* de Guido d'Arrezzo, que se achava na bibliotheca da rainha da Suecia, e que D. João IV alcançou como presente—«depois de gran«dissimas diligencias que por toda a Europa «fez por seus embaixadores, & outros ministros «de q̃ sou testimunha, porque fiz muitas.»

«A alta importancia desta noticia, que nos vem, após seculos de investigações, (Guido viveu no principio do seculo XI), revelar o paradouro do preciosissimo manuscripto original, tão discutido pelos mais eminentes musicographos, leva-nos a transcrever por inteiro a citação a que nos referimos:

«O papa S. Gregorio Magno, no anno de «Christo seiscentos, pouco mais ou menos, fez «um canto cham para as Igrejas, que se go«vernava pellas seis, ou sete letras primeiras «do A, B, C, & no anno de seiscentos, & oi«tenta, & dous, ou oitenta, & tres, o papa S. «Leão II o reformou, mas ainda sẽ regra cer«ta; até que Guido Aretino, monge da ordem «de S. Bento, abbade de S. Laufredo, ou do «ermo de Santa Cruz de Avellana, que viveu «pelos annos de mil, & trinta, no põtificado «de João XVIII, instituhio arte cõ o artificio «das seis vozes postas na mão cõ muita cla«reza; as quaes, por meio de jejuns, & ora«ções, achou nos principios dos primeiros ver«sos do hymno: *Ut queant laxis, Resonare fibris* (a), & que tinha composto Paulo Diaco«no, mõge do monte Cassino da mesma or«dem de S. Bento, em louvor do grande Ba«ptista; tendo alto misterio achar as voses pa«ra louvar a Deos no canto cõposto em lou«vor do sãto que se chamou *Voz do Verbo* «Encarnado. Este livro de Guido (parece que «se não imprimiu) descobrio nosso Rey Dom

(a) E' o verso geralmente conhecido:

Ut queant laxis
*Re*sonare fibris
*Mi*ra gestorum,
*Fa*muli tuorum,
*Sol*ve poluti
*La*bii reatum
Sancte Joannes.

miará com mão franca aos que mais occasião hão tido de distinguir-se.

«Soldados: sempre velará pelo vosso bem, e por apresentar-vos occasião de novas glorias, o vosso general —*Espartero.*»

A expedição de D. Carlos durou 160 dias, desde que da Navarra invadiu o Aragão, Catalunha, Valencia, a Alcarria e Alava, andando 538 leguas, e passando por 353 povoações, e entre ellas 4 cidades, 152 villas e 197 logares.

Desde a chegada de D. Carlos a Arceniega, depois do seu regresso da expedição, fez-se esta villa o centro das machinações, das rivalidades, dos odios do partido carlista. O seu chefe, que não soube fazer-se superior aquella insubordinação de seus partidarios; que lhe faltou prudencia para dirigir a uns e valor para conter a outros; em vez de pôr ao menos um dique áquelle trasbordamento das paixões, as precipitou mais. A sua conducta foi a chamma que incendiou os preparados combustiveis, começando então a arder a fogueira, que abrazou a causa carlista e a devorou depois. Se até esta epocha não haviam existido naquelle campo nada mais que rivalidades de partido, d'alli em deante contava com inimigos da causa, que abrigava em seu seio viboras ingratas que a mataram.

A chegada da expedição sobresaltou aos provincianos, apoderando-se delles um estupor difficil de explicar, do qual, porem, foi causa a desordem, em que a viam; as vozes que corriam entre os expedicionarios, de intrigas e de traições; os desejos de vingança não dessimulados que agitavam a tantos; os pensamentos de exterminio e de sangue contra os que militavam debaixo de uma mesma bandeira, e em fim, a anarchia, o cahos de alto a baixo.

A vida de alguns chefes perigava, e se solicitou de D. Carlos o seu fuzilamento, não sendo extranho a este incidente a commissão que parece levara a Saltzburgo, um D. Diogo Miguel Garcia, empregado no ministerio, para interessar a princeza da Beira no fuzilamento de alguns generaes.

O bom coração desta senhora e a boa intenção das pessoas que a rodeavam, até estorvaram que o commissionado se apresentasse a desempenhar a sua pouco digna missão.

D. Carlos, que egualmente se não encontrava disposto a derramar o sangue dos seus servidores, resolveu a formação de um processo, e publicou em Arceniega a 29 de Outubro de 1837, a famosa allocução, que foi o ponto de partida de sucessivas desgraças. Com pouca premeditação e falta de prudencia, se deixou levar D. Carlos de apaixonados conselhos, e se fez instrumento de partido, o que deveria permanecer superior a todos. Semeou ventos e não podia deixar de colher tempestades.

Dizia D. Carlos aos soldados;—«*Causas que vos são estranhas, causas conhecidas, causas que vão desapparecer para sempre*, tem dilatado por pouco tempo mais os males da patria. Porem o ensaio está feito; viu-se a quanto se pode aspirar, e as medidas que vou adoptar encherão vossos desejos, e a esperança de todos os bons hespanhoes.»

E terminava D. Carlos dizendo:—«Voluntarios: testemunha do vosso heroico denodo, companheiro de vossos sacrificios e fadigas, admirador de vossa resignação e virtudes, quero antes de tudo dar-vos a mostra do meu real apreço. Desde hoje me ponho á vossa frente, e vos conduzirei por mim mesmo á victoria; preparae-vos a colher novos louros, sede dignos de vós mesmos, e contando com a protecção da vossa generalissima, confiae em que vosso general e o vosso rei—*Carlos.*»

A esta allocução se seguiram recompensas e graças aos chefes e soldados expedicionarios, que acompanharam a D. Carlos, para captar a sua vontade.

O effeito que produziu a mencionada allocução só pode comparar-se com o do regresso da expedição. Se assombrou no principio, indignou logo que se viu que era a arma de um partido que se valia de taes meios para enthronisar-se. Assim se elevaram sobre a intriga, homens nullos e de nenhum valor, que, com seu fanatismo e ignorancia levavam a um abysmo a causa carlista.

Alarmada a deputação biscainha do aspecto que apresentava o espirito publico, resolveu em junta e publicou immediatamente uma circular para tranquillisal-a.

Era este o estado da causa carlista nas provincias do norte, no fim de Outubro de 1837.

(Continuar-se-ha.)

Joaquim Martins de Carvalho.

«IV (*sic*) na livraria da rainha da Suecia, di«zem que original, depois de grandissimas «diligencias que por toda a Europa fez por «seus embaixadores, & outros ministros, de «q̃ sou testimunha porque fiz muitas; a ray«nha lho enviou de presente, & sua magesta«de o poz na sua insigne livraria.»

«Sousa de Macedo nota a respeito do celebre manuscripto:— «disem que original»— mas quasi que se póde affirmar que era o autographo, aliás não se explicam as— «grandissimas diligencias que por toda a Europa fez—; aliás não se explica o afan dos ministros e embaixadores; demais, facil era a D. João IV alcançar de Italia, Allemanha ou Hollanda uma copia, sem pôr o mundo diplomatico em caçada a traz do exemplar escondido na Suecia; alem disso, como não se conhece hoje o autographo, é de crer que foi o exemplar que estava em poder de D. João IV.

«A livraria de musica d'el-rei D. João IV póde considerar-se como a mais rica que existiu, e seria ainda hoje, apezar das preciosidades musicaes das bibliothecas de Paris, de Londres, de Munich, de Berlin, de Vienna, do Vaticano—ainda a mais opulenta, calculando unicamente pela *primeira parte do catalogo*, unica impressa; e note-se ainda, que as preciosidades das capitaes citadas não foram colleccionadas por um só individuo, em quanto é possivel que a *livraria de musica* fosse reunida na sua maior e melhor parte por el-rei D. João IV.»

O sr. Vasconcellos mencionando as mais famosas collecções de musica, desde a de Dandelen no meado do seculo XVI, até á de Fetis em 1872, para se ver quanto era superior a de D. João IV; depois de ter indicado como sendo a maior, a do illustre Santini, prosegue dizendo:

«Se D. João IV tinha á sua disposição meios superiores, encontrava tambem grande concorrencia de compradores, e colleccionava no meado do seculo XVII, quando Santini tinha todo esse periodo decorrido e o producto da actividade de mais dous seculos, os mais fecundos na arte. D. João IV teve talvez apenas uns 17 annos uteis para se dedicar deveras á sua collecção, porque de 1640 até á sua morte (1656), occupavam os cuidados de um governo, ainda difficil e vacilante, a maior parte da sua attenção, embora o seu enthusiasmo pela arte não diminuisse, antes crescesse. Posto isto, diremos que o catalogo de Santini conta para cima de 700 nomes italianos, afóra os allemães, inglezes e francezes. O *catalogo* menciona na sua *primeira parte* para cima de 1:000!

«Fizemos estas breves reflexões para pôr em toda a luz o verdadeiro valor do celebre *catalogo*, e collocar D. João IV definitivamente no logar que lhe compete entre esses homens benemeritos; e ahi cabe-lhe indubitavelmente o primeiro logar, e é de justiça conceder-lho. A prova da realisação dos grandes projectos do illustre principe, está patente no *catalogo da livraria de musica*; o terremoto poude sepultar os thesouros, mas não poude extinguir a memoria de um facto glorioso e de um merecimento illustre.

«O procedimento para com os artistas compositores mais celebres da sua epocha, será sempre um dos maiores titulos de gloria para D. João IV; pensões, commendas, titulos, e o que valia mais do que tudo isto: uma consideração e homenagem prestada em publico, já visitando-os, ja consultando-os officialmente em questões artisticas, eis como o principe entendia a sua missão. Todas estas manifestações collocavam o cultor da arte entre nós n'uma posição social invejavel; e nestas distincções não havia preferencias, nem propositos mesquinhos, pois tanto valia para el-rei o artista de Coimbra, como o de Evora, o de Lisboa, como o de Villa Viçosa.»

Transcreve o sr. Vasconcellos da *Historia genealogica da casa real portugueza* os trechos do testamento de D. João IV, em que este monarcha se refere á sua livraria. São os seguintes:

«Juntei com muita curiosidade, e em muitos annos a minha livraria de musica, e faço della muita estimação; e porque desejo, e he justo se conserve, a vinculo em morgado, a aproprio á minha capella, para que esteja sempre na casa do paço em que hoje está, limpa e bem tratada, e se pedirá bulla a Sua Santidade para não poder sahir della livro algum, nem se poder tresladar, sob pena de excommunhão reservada.

«Para se conservar a minha livraria de musica, de que acima tenho disposto, com limpeza, e perfeição, que convem, lhe deixo, e applico para fabrica, quarenta mil reis de renda perpetua em cada um anno, e porque fio de Antonio Barbosa e de seu irmão Domingos do Valle, terão o cuidado, lha encarrego com titulo a Antonio Barbosa de bibliothecario, e seu irmão de ajudante, e continuará, e acabará Antonio Barbosa o index que tenho ordenado, e se darão por este trabalho a Antonio Barbosa sessenta mil reis cada anno e a Domingos do Valle quarenta; esta mesma pensão se continuará para sempre a duas pessoas, depois dos dias dos sobreditos, com os titulos apontados, e os cento e quarenta mil reis, que a despeza deste capitulo importa cada anno, fará a raynha assentar em parte, em que se faça com pagamento, não sendo nas rendas da capella a que a vinculei, porque será estorvar os ministros que a servem.»

Da pessoa de el-rei D. João IV faz D. Antonio Caetano de Sousa, na *Historia genealogica*, a seguinte pintura caracterisca:

«Foi el-rey de meãa estatura, muy gentil«homem antes das bexigas, que alguma cou«sa lhe diminuirão este dote, o cabello era «louro, os olhos azues, alegres e agradaveis, «a barba mais clara que o cabello, o corpo «grosso, e tão robusto, que se não tivera des«ordem no alimento, parece seria mayor a «sua duração.

«Não fez caso da pompa no vestir, antes «applicou grande diligencia, por que se não «alterassem os trages, e que todo o alimen«to sustentava, e todo o panno cobria. Na «conversação foy discreto, agudo, e prompto «nas respostas; e não sendo as palavras as «mais polidas, usava dellas com tal arte, e «galantaria, que ainda hoje se applaudem em «muitos despachos, que se vem da sua pro«pria mão.»

Vamos terminar, transcrevendo mais a seguinte apreciação do sr. Vasconcellos:

«Não deixa de ser interessante investigarmos a historia da celebre *livraria de musica*, depois da morte de D. João IV, ainda que pouco se possa affirmar com fundamento. Vimos já atraz que uma das ordens de el-rei para a impressão da sua obra, que ficara em manuscripto, não fora cumprida. Sel-o-hia a outra, que mandava applicar *quarenta mil reis para a conservação, limpeza e perfeição*, e provavelmente augmento da livraria? Sel-o-hia finalmente a ordem para a continuação e conclusão do *index*, de que appareceu só a primeira parte?

«Tudo leva a crer que a nada se attendeu, e se por ventura o manuscripto do resto do *index* foi concluido por Antonio Barbosa e Domingos do Valle, nomeados por D. João IV para esse fim, é provavel que ficasse esperando em algum armario da celebre livraria.

«O reinado seguinte de D. Affonso VI foi funesto, material e moralmente fallando; as guerras a favor da independencia, as desordens interiores com o infante D. Pedro (depois D. Pedro II), não adiantaram e prejudicaram mesmo o movimento intellectual; o culto elevado da arte, a severa e sabia eschola de compositores sacros, foi-se despovoando gradualmente depois da morte de el-rei D. João IV, e uma desorganisação progressiva vem ajudar o triumpho de uma nova corrente artistica, a musica dramatica.

«O desgraçado casamento de el-rei D. Affonso VI com a princeza D. Maria Francisca de Saboya, veiu introduzir na nossa corte costumes e tendencias francezas, que acharam um deploravel desenlace no escandaloso e repugnante processo da separação.

«Os modestos habitos, a franca alegria, a vida sobria e aliás tão fecunda em resultados artisticos de D. João IV, tudo teve de ceder perante o brilhante ouropel estrangeiro; e pode-se dizer, que desde a chegada daquella leviana dama franceza, acabaram os modestos costumes portuguezes, tão bem representados em D. João IV, e começou essa desgraçada influencia franceza, que chegou ao seu auge, com as loucuras de Mafra e da Patriarchal, com as infamias no harem de Odivellas, e com os outros crimes de el-rei D. João V— o magnanimo.—O marquez de Pombal tentou em vão pôr um dique a essa influencia, que com pequenos intervallos ainda hoje faz da côrte de Lisboa um arremedo provinciano das Tuilerias—em ruinas.»

Quanto pode a ignorancia.— O nosso antigo e respeitavel amigo o sr. visconde de Castilho, inventor do utilissimo methodo portuguez de leitura, veiu a Coimbra em 1854 abrir um curso do seu methodo, o qual principiou no dia 18 de Outubro.

Este novo modo de ensinar foi combatido por muitos individuos, amigos do *ram-rão*, como acontece sempre a todas as reformas; pelo que o sr. Castilho teve em reunião publica, no salão do theatro academico, de analysar tudo quanto se dizia contra o seu methodo, deixando com a sua cerrada argumentação, desfeitas todas as criticas, umas filhas da ignorancia, e outras da má fé.

A conferencia para a refutação das criticas ao methodo portuguez, foi no dia 1 de Novembro. As accusações, ou criticas que se haviam feito ao methodo eram ao todo 48. Uma d'ellas era por causa da brevidade com que as creanças aprendiam por elle. *Se aprenderem depressa*, dizia-se, *como se hão depois as familias livrar das creanças, que até agora se mandavam para as escholas?*

Como resposta a este estulto argumento, referiu um facto, posto que inverosimil, realmente acontecido nesta mesma cidade de Coimbra.

Meu pae, disse o sr. Castilho, *lente de prima* de Medicina na nossa Universidade, foi um dos mais zelosos propagadores, de certo, o mais zeloso, e o mais efficaz, do grande beneficio da vaccina em Portugal. Depois de exhaustos mil outros meios, tentados com mais ou menos utilidade, para induzir o povo ignaro a aproveitar-se daquelle gratuito e tão momentoso beneficio, conseguiu do governo uma ordem terminante, que forçava as familias a trazerem os filhos á vaccinação.

Apparece um dia, entre outras, uma camponeza da Bairrada com uma creança ao collo, sã, forte, que ria para ella como seu filho. Ella é que não ria; trazia o semblante carregado; e despeitosa. Pergunta-lhe meu pae, a causa do seu desgosto.—*Pois vê-se maior tyrannia, do que esta?* Responde a boa da mulher. *Até agora, nós, que somos uns pobres de Christo, estavamos á espera das bexigas para nos livrarmos das creanças. Agora, com estas novidades, que se lembraram de cá trazerem, hão de viver, e nós havemos de atural-as!...*

Aulas da associação dos artistas.— Estão ja a funccionar as aulas da associação dos artistas desta cidade. Matricularam-se 152 alumnos, distribuidos pela seguinte fórma:

Instrucção primaria 69 — professor, o sr. José Maria da Silva Torres.

Calligraphia 42—professores, os srs. Luiz Adelino Lopes da Cruz e Antonio Augusto Monteiro de Figueiredo.

Portuguez 7—professores os mesmos.

Desenho 12 — professores, os srs. Luiz Augusto Pereira Bastos e Antonio Augusto Gonçalves Neves.

Francez 10—professores, os srs. José Nicolau da Costa Bonança, bacharel Joaquim de Almeida e Cunha e José Maria da Silva Torres.

Musica 3— professores, os srs. Francisco Lopes Lima de Macedo e Eduardo de Oliveira Lopes de Macedo.

Arithmetica e geometria plana 6—professores, os srs. bacharel Manoel Marques de Lima e Figueiredo, Fernando Mattoso dos Santos e bacharel Antonio Maria de Senna.

Inglez 3—professor, o sr. Sebastião de Magalhães Lima.

Sentimos que neste anno a matricula fosse menor do que no anno passado. Quando se abrem as portas da associação para o ensino gratuito dos filhos do povo, nada desculpa que se não aproveitem de um tão grande beneficio, todos os que d'elle necessitam.

Lembrem-se, que nem só do pão vive o homem.

Commissão central portugueza de soccorros.— Fomos obsequiados com um exemplar do *Relatorio da commissão central portugueza de soccorros, creada para auxilio dos desvalidos durante a epidemia da febre amarella.*

Se ja ha muito não estivesse amplamente demonstrado o animo caridoso dos nossos compatriotas residentes no imperio do Brasil; viria proval-o indubitavelmente a enumeração que neste *relatorio* se faz, dos relevantissimos serviços por elles prestados na capital daquelle imperio, por occasião da epidemia, que flagellou a mesma cidade durante muitos mezes no corrente anno.

Lemos com toda a attenção o *relatorio* que nos foi obsequiosamente enviado, e enchemo-nos de toda a satisfação por vermos que tão honrosamente mantem os nossos concidadãos o bom nome portuguez, a tão grande distancia da sua terra natal.

A febre amarella assolava o Rio de Janeiro, e para acudir a tantos enfermos e desvalidos, reunem-se no dia 22 de Janeiro do corrente anno, no edificio do Banco Commercial daquella cidade, a directoria da Caixa de Soccorros de D. Pedro V, a da Sociedade Portugueza de Beneficencia, e mais os srs. Albino de Freitas Castro, Joaquim Bernardino Pinto Machado, Antonio Calasans Raythe, José Joaquim Ferreira da Costa Braga, Reinaldo Carlos Montoro, Boaventura Gonçalves Roque, Joaquim José Duarte, Antonio Joaquim Coelho da Silveira, Joaquim da Costa Ramalho Ortigão, Domingos José Ferreira Braga, Manoel Antonio Gonçalves Roque, Joaquim Pinto de Carvalho Ramos e Manoel Salgado Zenha; e deliberaram nomear logo uma commissão central, outra dos hospitaes, e outra dos emigrantes; e alli mesmo subscreveram os cavalheiros reunidos com a quantia de 6:300$ reis.

Por iniciativa da commissão central crearam-se varias enfermarias, onde foram admittidos e tratados grande numero de atacados da molestia. É na impossibilidade de relatar os numerosissimos actos de caridade praticados pelos nossos compatriotas, limitar-nos-hemos a indicar um d'elles. O sr. Antonio Vieira de Miranda Evora, offereceu expontaneamente o seu palacete da Chichorra, para nelle se estabelecer uma das enfermarias.

Com razão diz a commissão central no seu relatorio, que este acto generoso de si, avulta se se comparar com o egoismo de proprietarios que nem pelas maiores quantias se prestaram a alugar suas casas. Mas se se considerar que o sr. Evora offerecia a sua propria e luxuosa habitação, que se privava de seus commodos e confortos, entregando-os a miseraveis enfermos, o procedimento do sr. Evora assume proporções mais largas, e prende de envolta com a publica gratidão, o respeito e admiração de todos.

Os donativos offerecidos, e a subscripção promovida no Rio de Janeiro, e em varios logares do interior, elevou-se a 114:266$434 reis. Além d'isso os donativos em generos foram tambem muito importantes.

O relatorio é assignado pela commissão central, composta dos srs. Visconde de S. Salvador de Mathosinhos (João José dos Reis), presidente; Boaventura Gonçalves Roque, vice-presidente; Albino de Freitas Castro e J. C. Ramalho Ortigão, secretarios; e A. de C. Raythe, thesoureiro.

Depois do relatorio geral segue-se uma honrosa commemoração ao fallecido sr. Dr. João Antonio Machado Reis, o constante e dedicado amigo dos infelizes, o medico dos pobres da Caixa de Soccorros e da Beneficencia Portugueza, o propugnador de todos os grandes principios da caridade e do amor do proximo, o honrado mancebo, typo das mais excellentes virtudes.

Vem depois publicada a oração proferida pelo sr. José Ayres da Silveira Mascarenhas, doutor em Theologia pela Universidade de Coimbra, e chantre da Sé de Loanda, no *Te-Deum* em acção de graças pela extincção da febre amarella.

Publica-se em seguida, por extenso, a relação das subscripções e donativos, tanto em dinheiro, como em generos.

Lêem-se mais, os desenvolvidos relatorios parciaes, dos directores das differentes enfermarias mantidas pela commissão central, e que foram a do hospital da veneravel Ordem

Terceira de S. Francisco da Penitencia, as cinco do convento de Santo Antonio, a homoepathica, as da Chichorra, o relatorio do encarregado da casa da convalescença, e o das commissões encarregadas de visitas domiciliarias.

A estatistica geral dos doentes tratados em todas estas casas, e em differentes casas de saude, foi a seguinte:—Entraram 2:021—curaram-se 1:468—falleceram 551—existiam 2. A mortalidade geral foi de 27 por cento.

As classes mais numerosas foram a do trabalhadores, de que entraram 564, a dos caixeiros 561, a dos carpinteiros 117, a dos alfaiates 82, e d'ahi para baixo nas outras profissões.

Por falta de espaço limitamos aqui este resumo; e terminamos por dar os bem merecidos louvores a todos aquelles cidadãos benemeritos, que tanto contribuiram para alliviar os males dos desditosos enfermos.

Industria nacional—Em um dos ultimos numeros do *Conimbricense* demos uma noticia acerca do desenvolvimento industrial da França, e hoje cabe-nos tambem dizer, e com satisfação, que a industria portugueza, de ha tempos a esta parte, tem-se desenvolvido de uma maneira tão admiravel, que os seus beneficos effeitos já se não ignoram, porque se vêem á luz da evidencia.

Quizessemos nós os portuguezes accelerar a marcha na estrada infinita do progresso, que amanhã hombreariamos com as nações mais adeantadas da Europa, e que apesar de o serem, não deixam de admirar Portugal como um povo que em liberdade pode ser exemplo e lição.

Um dos meios para ainda sermos ricos é a industria. Abençoados sejam, pois, os esforços que no sentido de a augmentar façam todos—o homem, a associação e o governo.

Porque se não hão de fundar novas fabricas, se as que existem apresentam resultados tão lisonjeiros? Haverá quem disto duvide? Pois bem, damos um exemplo dos muitos que ahi pullulam.

Ha annos fundou-se em Lisboa a *companhia de fiação e tecidos*, e sendo de 40 contos de reis o capital social, elevou-se depois a 1:000, estando já emittidos 500, em acções de 100$000 reis cada uma.

As fabricas que a companhia possue são trez: duas que estão situadas em Santo Amaro, ao Calvario, applicam-se á fiação e tecelagem, sendo uma dellas, a maior, toda construida de pedra e ferro; e a terceira, que é destinada á fiação, está em Olho de Boi, onde ha uma tinturaria para branquear e tingir fiação para o tecido de côr.

O consumo annual de algodão anda por 400:000 kilos.

São empregadas ordinariamente 800 pessoas, sendo 160 homens, 400 mulheres e 240 menores. Os salarios regulam de 260 a 800 reis para os homens, 120 a 240 reis para as mulheres, e 80 a 160 para os menores.

Trabalham: 4 machinas, 1 de alta pressão e 3 de baixa—354 teares de ferro e 20 de pau—5 engenhos de encarretar com 820 fusos, e 14 de liar com 6888 fusos; alem de aspas mechanicas e de mão, cardas, engenhos de encher casulos, etc., etc.

Todos os productos são muito apreciados, e nas exposições nacionaes e estrangeiras, em que até hoje têem apparecido, foram premiados com 8 medalhas.

A companhia paga de contribuição industrial approximadamente 5 contos de reis, e no ultimo anno o dividendo que deu aos accionistas foi de 9 por cento.

Bibliothecas populares—Em 15 de Janeiro de 1869, por iniciativa do illustrado ministro o sr. D. Manoel Ruiz Zorilla, deliberou o governo da nação visinha crear bibliothecas populares nas escolas de instrucção primaria, bem como dar auxilio ás outras escolas, e ás associações e municipios que quizessem estabelecer bibliothecas d'aquella ordem.

Semelhante procedimento do governo, em tomar a iniciativa e auxiliar quanto possivel a formação destes centros de instrucção, dos quaes havia a esperar grandes resultados, teve o mais enthusiastico acolhimento em toda a Hespanha.

Não tardou muito que fossem franqueadas ao povo algumas bibliothecas, e poucos mezes depois já se contavam 93, para as quaes o governo concorrera com 14:610 obras, comprehendendo 15:864 volumes.

E era tão grande a prosperidade que iam alcançando as bibliothecas populares, que levou o sr. Dr. Felipe Picatoste a dizer, no relatorio que apresentou ao ministro competente, que estava eloquentemente demonstrado que os pensamentos uteis e generosos são sempre bem recebidos pelos hespanhoes.

Por decreto de 2 de Junho de 1870 foi creado em Portugal o ministerio de instrucção publica, cujos actos até então eram tratados (e pouco depois o tornaram a ser) no ministerio do reino. A pasta do novo ministerio foi acertadamente confiada ao exm.º sr. D. Antonio da Costa de Sousa de Macedo.

Era fundamentada a esperança de que a gerencia deste cavalheiro marcaria uma epocha notavel na instrucção popular, visto que dependia agora de s. ex.ª converter em realidade, os bellissimos projectos que ha tanto tempo e com tanto primor escrevia. E effectivamente um dos primeiros actos de s. ex.ª foi determinar a creação de bibliothecas populares.

Mas por infelicidade aconteceu ser breve a estada do esclarecido auctor da *Instrucção Nacional* nos conselhos da corôa, de modo que os tão elogiados projectos de s. ex.ª não chegaram a produzir o desejado effeito.

Se algumas bibliothecas populares ha no nosso reino, são em tão insignificante numero, que nos furtamos a indicar qual elle é. Havemos, porem, dizer de outra vez, o que neste sentido têem feito outras nações europeas, para vermos se os exemplos promovem o estimulo.

Operação.—Teve logar no sabbado, 8 do corrente, nos hospitaes da Universidade, a amputação do braço direito de uma enferma, que alli se recolhera, em virtude de uma queimadura. A operação foi praticada pelos alumnos do quarto anno de Medicina.

Foi operador o sr. Augusto Rocha. Ministrou o chloroformio o sr. Fernando Mattoso. Ministrou os instrumentos o sr. Francisco Teixeira de Queiroz. Segurou o braço o sr. Adriano Monte-Negro. Levantou as carnes o sr. Antonio Maria de Senna. Comprimiu as arterias o sr. Daniel de Mattos. Laqueou-as o sr. João Augusto de Carvalho. Presidiu aos trabalhos o digno lente da cadeira de clinica cirurgica o sr. Dr. Lourenço de Almeida e Azevedo.

A operação correu com a maior regularidade, e a operada acha-se nas melhores condições.

Incendio.—No dia 8 do corrente, seriam 11 horas e meia da noite, acordaram sobresaltados os habitantes d'Ançã aos gritos de —*Quem acóde ao fogo!* Com effeito, um grande incendio devorava uma ala de casas de que estava de posse o sr. Antonio Maria da Silva, e punha em imminente risco os predios que lhe eram contiguos.

Este predio, que hoje se vê em ruina, continha na parte alta duas carradas de palha, uma de trigo e outra de milho, e na parte baixa encerrava uma porção de madeira, uma grande pia cheia de azeite e um cavallo. Poude salvar-se o cavallo, e bem assim o azeite por estar proximo da porta de entrada, e pela muita quantidade d'agua que continuamente lhe deitavam por cima da tampa.

Do lado norte ficavam mais moradas de casas, sendo a mais proxima aquella em que o sr. Antonio Maria da Silva tem a sua adega, e do sul a das sr.as Leites e a casa de habitação do mesmo sr. Silva.

E' devido á energia do povo d'Ançã, conseguir-se dominar o fogo que já começava a devorar a casa das sr.as Leites. A não ter-se dado isto, seria impossivel apagar tão terrivel incendio, porque a casa de habitação do sr. Silva acha-se pintada recentemente.

Ignora-se o que deu causa a tal incendio. Quando deram pelo fogo, ainda as sr.as Leites estavam de pé seroando; o sr. Silva já se achava deitado.

Repartição de obras publicas. Segundo o mappa das quotas, que foram distribuidas ás camaras municipaes deste districto, para a despeza a fazer no anno de 1873 a 1874, com a repartição districtal de obras publicas, cabe á camara de Coimbra a quantia de 323$000 rs.

Largo da Portagem.—Começou hontem a demolição das casas do sr. Goes Mendanha. E' na verdade notavel a actividade desenvolvida pela camara nesta obra.

Espera-se que brevemente se realise a compra das casas do sr. Joaquim Antonio Teixeira Barbosa, e que até ao fim de Dezembro sejam demolidas.

Doença.—Tem estado doente o nosso amigo o sr. Dr. Joaquim Maria Rodrigues de Brito. Todos fazem votos pelo prompto restabelecimento deste distincto lente da Universidade.

ANNUNCIOS

PIANO

1 VENDE-SE um vertical, novo, de pau preto, e de 7 oitavas: para ver e tractar, na Couraça de Lisboa, n.º 17.

---

2 JOAQUIM SERRA, com casa de pasto, na rua do Infante D. Augusto, roga aos seus freguezes, aquelles que lhe estão em debito, de mandar satisfazer as suas quantias, dentro do prazo de 30 dias, sob pena de não pagando no referido prazo, mandar publicar os seus nomes nos jornaes da localidade e em outros.

---

3 A CAMARA MUNICIPAL do concelho d'Arganil, districto de Coimbra, faz publico, que se acha a concurso por espaço de trinta dias, desde a data deste, e com o ordenado de 300$000 rs., o partido de medico-cirurgico, com residencia nesta villa d'Arganil, e bem assim o partido de medicina, com o ordenado de 250$000 rs., e com a sede na villa de Coja, sendo ambos os partidos sujeitos á tabella camararia, e mais condições patentes na secretaria da mesma.

Arganil 6 de Novembro de 1873.

O escrivão da camara,

Francisco Garcia de Carvalho.

Estrada municipal

4 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Nellas, faz publico, que no dia 23 de Novembro do corrente anno, ás 10 horas da manhã, e na sala das suas sessões, se hade proceder á licitação de duas tarefas, comprehendendo terraplanagens e obras d'arte a construir, uma entre os perfis 1 e 46, outra entre os 66 e 94, da estrada municipal de Santar a Cannas de Senhorim, no lanço entre Santar e a Teixugueira. As condições para a arrematação estão patentes na secretaria da camara, aonde podem ser examinadas todos os dias não santificados, desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde.

Nellas 9 de Novembro de 1873.

O presidente da camara,

Antonio Pires da Silva Azevedo Loureiro.

PHOTOGRAPHIA E PINTURA

MORÉ E COMP.ª

135 Rua da Sophia 135

5 NESTE estabelecimento tiram-se retratos com todo o esmero, pintam-se quadros a oleo, retratos e toda a classe de decorações; tambem se dão lições de desenho e pintura. Preços razoaveis.

---

6 NO LARGO DO CASTELLO, n.º 51, precisa-se de um official de barbeiro.

---

7 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

E ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economias 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place e Vendom 26, Paris: Regent-Street, Londres; Cae de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 6$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 1$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho. —FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2745 — SABBADO 15 DE NOVEMBRO DE 1873 — ANNO XXVI



O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

E' amanhã o dia em que os cidadãos deste concelho tem de exercer um dos seus mais importantes direitos.

Consta-nos que a auctoridade superior do districto, deixara inteiramente livre, como é conveniente, á iniciativa dos eleitores, a escolha dos cidadãos, que devem reger e administrar os negocios do municipio, durante o futuro biennio.

O governo, recommendando aos seus delegados, completa abstenção nas eleições a que vae proceder-se, praticou um acto inteiramente conforme ás boas praticas constitucionaes, e em harmonia com as conveniencias locaes, a cuja prosperidade está ligada a prosperidade do paiz.

E' preciso que á confiança, que os poderes publicos depositam nos eleitores, corresponda da parte destes o mais decidido empenho em se mostrarem dignos da confiança da auctoridade, dos deveres que tem a desempenhar, e dos direitos que as leis lhes garantem. Mostrem elles que não são indifferentes ás prerogativas que a constituição politica lhes dá, e que sabem fazer bom uso da liberdade individual, pelo que respeita aos seus mais legitimos interesses.

Em o ultimo numero desta folha mostramos a importancia deste encargo, que, principalmente na occasião presente, demanda muita energia e força de vontade. E, por isso grande a responsabilidade que sobre si tomam os novos representantes deste municipio, para corresponderem ao que delles temos direito de exigir.

Suppõe-se que a futura vereação não terá caracter politico, porque até á hora em que escrevemos, não consta que os partidos politicos travem luta.

Devemos, por tanto, esperar que a eleição da camara municipal de Coimbra recaia em pessoas capazes de representar dignamente o terceiro municipio do reino, e que saibam bem comprehender as suas necessidades e as exigencias do progresso.

São estes os nossos desejos.

AUDIENCIA

Na quarta feira, 12 do corrente, houve nesta cidade uma audiencia correccional, a requerimento do sr. Antonio Eduardo de Sousa Godinho, de S. Miguel de Poiares, por ter sido injuriado em uma correspondencia datada de Poiares e publicada no *Jornal de Coimbra*, n.º 49.

O queixoso foi representado pelo distincto advogado o sr. Dr. Simão Maria d'Almeida, apparecendo como reu um tal Antonio Vieira Tristão, que por ahi se emprega em serviço de typographias e que acceitou com o maior cynismo a responsabilidade legal da correspondencia, sem nunca ter ido a Poiares, e mesmo sem conhecer os cavalheiros injuriados!!!

Isto deu logar a que o advogado do queixoso, em poucas, mas frisantes palavras, descrevesse o que são algumas correspondencias que apparecem escriptas de Poiares, e a figura repugnante que o reu alli vinha representar.

Disse tambem o illustre advogado, que queria e quer liberdade de imprensa, mas queria ver nesta coragem, franqueza e lealdade; desejando ha muito ver banidas as iniciaes e estrellinhas. Que ficassem essas para os artigos politicos; porem quando se tratasse da honra do cidadão e do empregado publico, não queria ver cobardia e traição; queria ver assignados os artigos e correspondencias injuriosas, para haver uma verdadeira e real responsabilidade, e o publico poder aferir o valor de taes injurias, que a maior parte das vezes importam factos criminosos.

Disse mais que depois da calumnia ter queimado, apparecendo um homem que, por um preço ignobil, vinha subtrahir o verdadeiro culpado á pena que merece, se lhe afigurava junctar-se á injuria a irrisão e o escarneo. Que se alli viesse o auctor da correspondencia e désse a satisfação que se deve aos cavalheiros injuriados, elle advogado desistiria da accusação, mas com o reu não o podia fazer, porque era criminoso em grau superior; pedia, por isso, que se lhe désse um castigo severo, mesmo para exemplo alheio, porque em beneficio da sociedade não queria que entrasse em moda este genero de industria.

O digno e integerrimo juiz mandou fazer conclusos os autos, publicando depois a sentença em que condemnou o reu a 90 dias de cadeia, multa correspondente, a razão de 100 reis por dia, custas e sellos dos autos. Bem haja.

NOTICIARIO

Preciosidade artistica e historica.—O ornato, que temos presente, da capa do livro, sobre o qual se prestavam os juramentos no tribunal da inquisição de Coimbra, é não só uma preciosidade pelo lado historico, em razão da applicação que tinha; mas sobretudo como documento para a historia da arte do esmalte e da gravura em Portugal.

O livro é de pergaminho, em letra manuscripta gothica, e contem a paixão de Jesus Christo, segundo S. Matheus. Sobre a capa de madeira, que já não existe, estavam collocadas de ambas as faces, laminas de cobre, esmaltadas de azul e ouro. Segundo o que podemos julgar com sufficiente segurança, este trabalho artistico é da epoca de D. João I, seculo XIV a XV.

Uma das laminas tem em relevo o Salvador do Mundo, com a mão direita abençoando e com a esquerda segurando um livro. Esta figura não faz parte da lamina, mas está a ella segura por dois pequenos pregos. Na lamina, na altura da cabeça do Salvador, vêem-se em esmalte, a primeira e a ultima letra, em maiusculo, do alphabeto grego—A—*Alpha*, e—Ω—*Omega*.

E a proposito diremos, que em tres differentes partes do *Apocalipse*, é Deus comparado áquellas duas letras do alphabeto grego.

No capitulo I, versiculo 8:

«Eu sou o Alpha, e o Omega, o principio, «e o fim, diz o Senhor Deus: que é, e que «era, e que hade vir, o Todo Poderoso.»

No capitulo XXI, versiculos 5 e 6:

«Então o que estava sentado no throno me «disse: Eis ahi faço eu novas todas as cou«sas. E elle me disse: escreve, porque estas «palavras são muito fieis, e verdadeiras.

«Tambem me disse: Tudo está cumprido: «eu sou o Alpha, e o Omega: o principio, e o «fim. Eu darei gratuitamente a beber da fon«te da agua da vida ao que tiver sede.»

E no capitulo XXII, versiculo 13:

«Eu sou o Alpha, e o Omega, o primeiro, «e o ultimo, o principio, e o fim.»

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXII

D. CARLOS

LXII

Na Catalunha tinham as guerrilhas carlistas continuado a fazer as suas costumadas correrias.

As forças de Tristany estiveram quasi a assenhorear-se de Solsona, se não fosse a bravura do barão de Meer, que saindo de Barcelona foi salvar a guarnição liberal, da parte fortificada, no dia 2 de Maio de 1837, depois de um cerco de 12 dias, em que soffreram horriveis tormentos. Os cercados estiveram sem viveres, nem agua; tiveram que beber as suas evaquações liquidas, de que um boticario que estava com elles, extraia a parte salitrosa, e se podiam digerir ao menos. Ainda assim era um regalo e se distribuiam cuidadosamente as rações em um pequeno copo.

Os liberaes pareciam estar entregues á mercê dos seus inimigos. Como se não bastassem os desastres que experimentavam no campo, os preparavam com pasmosa frequencia nas cidades.

Aos satyricos folhetins do *Vapor*, contra o barão de Meer, succederam as manifestações de força. Quando acabava aquelle chefe de expor a sua vida e salvar a Solsona e a causa liberal na Catalunha, se conspirava contra elle; quando se necessitava mais união para se indemnisar do terrivel desastre da divisão commandada por Ninhó, que fora quasi toda destruida por Tristany, se atiçava o facho da discordia, e se lançavam combustiveis na fogueira das paixões que ardia, e não se consumia.

Pouco previsoras algumas auctoridades de Barcelona, e menos prudentes muitos subordinados, começaram a agitar-se no dia 3 de Maio, e ao amanhecer do dia 4 apresentaram-se grupos na praça de S. Jaime, os quaes se apoderaram da guarda da camara, e em breve se viu coroada de gente armada aquella praça, construidas barricadas em suas avenidas, e occupadas as casas immediatas, apresentando-se inexpugnavel aquelle ponto ás 8 da manhã. As auctoridades e quantas forças as auxiliavam, acudiram ao forte de Atarazanas. A bastantes nacionaes que acudiam a este sitio, os desarmavam os sublevados.

Estes, que já se criam poderosos, apressaram-se a marchar com tambor batente e bandeiras despregadas a bater as forças do governo, levando por commandante a D. Ramon Xaudaró, que se acabava de pôr á frente da insurreição.

As auctoridades mandaram forças contra os sublevados, que foram batidos. Xaudaró, sendo feito prisioneiro, foi fuzilado, e outros chefes foram mandados para o castello de Belver em Malhorca.

Urbiztondo tinha sido encarregado por D. Carlos do commando das forças da Catalunha, e alli lutou por muito tempo com os liberaes. Um dos seus principaes feitos foi a tomada dos fortes de Ripoll e Berga.

Não se compadecia, porem, a indole de Urbiztondo com a ferocidade dos outros chefes carlistas na Catalunha, e as suas reclamações contra as barbaridades por elles praticadas, tinham produzido uma intriga, que deu em resultado o ser exonerado por D. Carlos no fim do anno de 1837.

O motivo que decidiu de prompto a sua exoneração, foi o apoderarem-se os liberaes de uma inergica exposição, que Urbiztondo fazia a D. Carlos, a qual em seguida publicaram nos jornaes de Barcelona.

Cabrera apenas alliviado das suas feridas, torna a apparecer na Catalunha, o que deu grande animo aos carlistas.

Depois de attender Cabrera á situação do exercito, mandou dar tres dias de paga aos soldados, meia paga aos subalternos, e um terço aos capitães e chefes; fez algumas promoções, examinou a fazenda militar encommendada a Artalejo, encarregando-o de redigir uma memoria sobre as reformas que deviam introduzir-se; nomeou commissario de guerra a D. Francisco Gaeta; e achando-se em tão uteis tarefas, lhas interrompeu a noticia da aproximação até Santo Agostinho de forças liberaes. Propoz-se surprehendel-as por meio de um estratagema; porem não o deixaram executar os seus inimigos, que marcharam a Segorbe, e teve por isso que dividir as suas forças, para cair em differentes direcções sobre Valencia.

O conego de Tortosa, D. Vicente Pereiba, recebeu ordem de ir com a sua divisão de Turia a sitiar Chelva, em quanto Cabrera, aproveitando o descuido dos liberaes, invadia a Horta de Valencia. Defendia o povo sitiado

Na parte superior da lamina, nos dois lados, estão gravados em baixo relevo um anjo e uma aguia; e na parte inferior,um boi e um leão; allegoria dos quatro evangelistas. As cabeças destas figuras são em relevo, e estão adherentes á lamina.

Lê-se no propheta Ezequiel,capitulo 1,versiculos 4 a 10:

«E vi, e eis que vinha da banda do Aquilão um vento de torvelinho: e uma grande nuvem, e um fogo que se envolvia, e á roda della um resplendor: e do meio delle, isto é, do meio do fogo, apparecia um como especie de electro:

«E no meio deste mesmo fogo se via a semelhança de quatro animaes: e este era o seu aspecto, havia nelles a semelhança de um homem.

«Cada um tinha quatro rostos, e cada um quatro azas.

«Os seus pés eram pés direitos, e a planta do pé delles era como a planta do pé de um novilho, e delles saiam umas faiscas, de que resultava uma como representação de cobre abronzeado.

«E tinham mãos de homem debaixo das suas azas aos quatro lados: e tambem tinham rostos, e azas pelos quatro lados.

«E quanto a estas suas azas estavam as de um juntas a outro: não se voltavam quando iam caminhando: mas cada qual andava deante da sua face.

«E a semelhança delles era: rosto de homem, e rosto de leão á direita dos mesmos quatro: e rosto de boi á esquerda dos mesmos quatro: e rosto de aguia no alto dos mesmos quatro.»

Na lamina do outro lado do livro, está um crucifixo, seguro á lamina por quatro cravos, dois nos pés, e dois nas mãos. E neste crucifixo, tão antigo, acharão mais um exemplo os que argumentam, que com toda a probabilidade, Jesus Christo foi crucificado com quatro cravos, dois nos pés e dois nas mãos; e não como se vê nos modernos crucifixos, dois nas mãos, e um segurando ambos os pés.

Em os dois lados do crucifixo acham-se gravadas na lamina, as figuras de Nossa Senhora e do evangelista S. João.

No alto está uma mão, apontando para baixo, com o dedo indicador, para as letras—IHS.—que se vêem por cima da cabeça de Jesus Christo.

As referidas letras são a abreviatura do nome de *JESUS*. A' primeira vista parece causar duvida que taes letras representem aquelle nome, por não ter nelle logar a letra H. Mas esta duvida, que é bem fundada na figura das letras; não o é na intelligencia dellas; porque as taes letras foram tiradas dos caracteres, com que os gregos escreviam *JESUS* em breve, que eram um I, um E, e um S, deste modo *IES*. E como o *Eta*,ou E longo maiusculo dos gregos, tem quasi a mesma figura do H, ficou o nosso H servindo de E grego, nesta abreviatura *IHS*, que é o mesmo que *IES*.

Na mencionada lamina, vêem-se na extremidade superior, e dos lados da referida mão, dois anjos gravados em baixo relevo, e com as cabeças em alto relevo, assentes sobre a lamina.

As gravuras são todas muito toscas, mostrando bem que foram feitas na infancia da arte em Portugal.

Tanto pelo esmalte, como pelas gravuras, e egualmente pelas circumstancias historicas, é este um objecto digno de estimação.

Parallelo historico.— Os jornaes absolutistas portuguezes tem apreciado com o maior louvor a ultima carta, escripta pelo conde de Chambord. Com effeito, não só os jornaes absolutistas, mas os liberaes, tem prestado honroso testemunho a este acto daquelle principe, que preferiu perder a corôa, a manchar-se com falsas promessas, que depois no throno não poderia cumprir.

O que, porem, os jornaes absolutistas não tem reparado,e que esses seus elogios ao conde de Chambord, são a mais pungente satyra ao seu fallecido chefe, D. Miguel.

O conde de Chambord teve a abnegação de se negar ás condições que lhe propunham, e sem as quaes não podia obter a corôa; e D. Miguel tudo prometteu, com a resolução tomada de faltar a todos esses solemnes compromissos.

Na sua carta, datada de Salzburgo em 27 de Outubro ultimo, dizia o conde de Chambord:

«Pedem-me hoje o sacrificio da minha honra; que heide responder a isto? Nenhuma outra cousa, senão que não retrato nada, que mantenho as minhas anteriores declarações. O que hoje se pretende de mim, dá-me a medida do que se exigiria amanhã, e eu não posso consentir em inaugurar com um acto de fraqueza um reinado reparador e forte.»

Compare-se a linguagem desta carta, independente, franca e nobre, com a usada por D. Miguel, na carta por elle dirigida de Vienna d'Austria em 19 de Outubro de 1827, a seu irmão o imperador do Brasil:

«Recebi o decreto, que vossa magestade imperial e real fidelissima houve por bem dirigir-me em data de 3 de Julho, pela qual vossa magestade se dignou nomear-me seu logar tenente, e regente dos reinos de Portugal e Algarves e seus dominios. E conformando-me com as determinações soberanas de vossa magestade, occupei-me desde logo das disposições necessarias para marchar a Lisboa, a fim de preencher as sabias e paternaes vistas de vossa magestade, governando e regendo o dito reino *em conformidade da Carta Constitucional por vossa magestade outorgada á nação portugueza.*»

O conde de Chambord recusou-se a ceder da bandeira branca, representante das suas ideias e dos seus direitos ao throno; e dizia na sua carta, fallando dos filhos da França:

«Temos que fazer juntos uma grande obra; obra que eu estou prompto, promptissimo a inaugurar amanhã, esta tarde,agora mesmo. Por isso quero continuar sendo o que sou. Ame-quinhado hoje, seria fraco amanhã.»

D. Miguel, pela sua parte, não teve duvida de rasgar,com os seus juramentos em Vienna d'Austria e em Lisboa, a sua bandeira branca, e os seus precedentes de 27 de Maio de 1823 e 30 de Abril de 1824, só para poder illudir todos os soberanos e povos da Europa, e assim conseguir apoderar-se do throno.

Se o conde de Chambord quizesse ter um egual procedimento, fazendo protestos hypocritas e fementidos, não estaria a esta hora rei de França?

Por consequencia, os jornaes absolutistas, exaltando a carta do conde de Chambord, estão indirectamente fulminando o procedimento de D. Miguel

Sendo os actos delles diametralmente oppostos, segue-se que o louvor a um, é a satyra ao outro.

Despachos. — Por proposta da Faculdade de Philosophia, foram nomeados pelo governo para os logares de guardas do Jardim Botanico e Laboratorio Chimico, os srs. Adolpho Frederico Moller e Joaquim dos Santos e Silva.

São dois empregados habeis, que devem prestar importantes serviços aos respectivos estabelecimentos. O primeiro estudou silvicultura na Allemanha, tem largo tyrocinio pratico na administração geral das matas do reino e nas obras do Mondego, e tem publicado importantes trabalhos e estudos botanicos sobre a flora do paiz, principalmente florestal. A sua competencia está provada por documentos e factos notorios nos progressivos melhoramentos de plantações e viveiros do choupal do Mondego.

O segundo, depois de longos estudos no laboratorio chimico da Universidade, onde exercia o logar de ajudante do guarda, foi aperfeiçoar-se nos trabalhos de chimica pratica e analytica nos mais acreditados laboratorios da Allemanha, onde se demorou 2 annos com grande applicação e notavel aproveitamento. Está por tanto muito habilitado, para dirigir o ensino pratico dos alumnos, e para auxiliar as respectivas demonstrações dos professores de chimica.

Confiamos plenamente na competencia e bons serviços destes dois novos empregados da Universidade.

Herbario. — O sr. Carlos Machado, que por muitos annos colligiu por conta do governo o herbario da flora nacional, vae mandar para o Jardim Botanico de Coimbra uma collecção completa dos seus importantes trabalhos, alguns dos quaes já foram publicados. E' uma acquisição de grande valor scientifico, porque adianta muito os antigos trabalhos do Dr. Brotero, pelo estudo de especies novas, e por mais amplas e minuciosas noticias das especies já estudadas.

Nomeação. — O sr. Carlos Machado, que era professor substituto de mathematica e introducção no lyceu de Coimbra, foi agora despachado professor de portuguez e francez no lyceu de Ponta Delgada. O sr. Carlos Machado estava ausente de Coimbra ha alguns annos, e residia na ilha de S. Miguel, terra de sua naturalidade, aonde tem continuado os seus estudos predilectos de botanica, os magnificos jardins e estufas do sr. Borges da Camara. Está por tanto vago um logar no quadro do professorado do lyceu de Coimbra, que é urgente preencher, para regularidade do serviço.

Abuso. — Temos ouvido algumas queixas, pela invasão dos rebanhos do gado lanigero nos campos de Coimbra. Nem a lei tolera semelhante abuso, nem o bom senso e os interesses dos proprietarios e lavradores devem consentir o pernicioso systema do compascuo, que têm sido uma causa da ruina para as terras do campo. Pedimos providencias energicas ás auctoridades.

Exercicios equestres. — O mau tempo não tem permittido os trabalhos da companhia que actualmente reside em Coimbra. Dizem-nos que ha alguns artistas habeis nesta companhia.

Escola de tiro.—O sr. Dr. Mendonça Cortez, que está em Lisboa, solicitou pessoalmente do sr. ministro da guerra alguns auxilios para a escola de tiro estabelecida em Coimbra, pedindo especialmente a nomeação de um official do exercito, para dirigir o ensino pratico da referida escola.

Bibliotheca da Universidade. —Consta-nos que o sr. visconde de Villa Maior resolvera, que a bibliotheca da Universidade esteja aberta desde as 8 horas da manhã até ás 5 horas da tarde.

Esta medida era ha muito reclamada pelas necessidades da instrucção; mas é de toda a justiça o dizermos, que o pessoal daquelle estabelecimento é muito diminuto para tão grande trabalho; aggravado pela insignificancia dos ordenados.

D. Venancio Iturreria, e se valente foi o ataque, não o foi menos a resistencia, pelo que teve de retirar-se o sitiador, fugindo alem disso da brigada de Grases, que acudia em auxilio de Chelva. Uns e outros tiveram alguma perda, e alguns nacionaes que tão valentes se mostraram nos 5 dias do sitio, se entregaram logo a vinganças pessoaes e excessos que eclipsaram a sua gloria.

Na correria que effectuava no entanto Cabrera, sorprehendeu na venda de Pla de Pou, um destacamento de 7 nacionaes, e os fuzilou. Entrou logo em Foyos, Albalat, Meliana, Benimamet, Bonrepós, Bonferri, Campanar e Burjasot, a tres quartos de legua de Valencia, e se communicava com Llangostera, que invadia ao mesmo tempo os povos da direita do caminho de Valencia a Murviedro. Levavam os ginetes da sua vanguarda, capacetes eguaes aos da cavallaria liberal, e trocando-os quando era necessario pelas carapuças *(boinas)* surprehendiam facilmente aos seus inimigos.

Por Chiva, Villar do Arcebispo e Alcublas marchou a Onda, tendo andado em dois dias 40 horas de caminho, cruzando uma fertil e deliciosa campina, da qual tirou grande despojo de armas, cavallos, viveres e dinheiro.

De Onda correu a la Plana, passando entre Castellon e o mar, e saindo daquella capital algumas forças do exercito e de nacionaes, se travou uma escaramuça com o flanco esquerdo carlista, que ia em debandada, commettendo não poucos excessos. Houve algumas perdas de ambos os combatentes, e fuzilaram uns e outros varios prisioneiros.

Cabrera seguia para Benicarlo e Oropesa, e Borso di Carminati, que não ignorava a situação dos carlistas, se dispunha a atacal-os: não o recusando elles, se encontraram nas alturas de Torreblanca no dia 20 de Janeiro de 1837, e alli se emprehendeu uma acção que não deixou de ser porfiada, pelejando-se tambem com a baioneta. Cabrera foi ferido na luta, e tiveram os seus companheiros de o conduzir em uma maca.

A situação de algumas columnas liberaes, que não era muito lisonjeira, peorou com a insurreição dos caçadores do Porto, nos arrebaldes de S. Roque—Castellon—negando-se a marchar até que lhes pagassem o que lhes deviam. Houve victimas deploraveis, e por fim se restabeleceu a ordem, graças á milicia, auctoridades e alguma tropa.

No entanto não se descuidavam os carlistas. Mestre e Serrador percorriam o districto de Tortosa e baixo Aragão: sustentou o primeiro uma escaramuça nas cercanias de Gandesa, e o segundo surprehendeu a um destacamento que saia de Cantavieja com o governador para Mirambel, e lhe causou alguns mortos e prisioneiros. Os restantes prepararam-se neste povo a fazer frente aos carlistas: bateram-se no dia 25; lançaram fogo os sitiadores á egreja e edificios occupados pelos liberaes, e depois de haver perecido alguns asfixiados, ou abrazados, se renderam, excepto o governador, que preferiu morrer entre as ruinas da egreja a entregar-se. 7 soldados e um official poderam fugir: os 119 restantes foram feitos prisioneiros, e fuzilados 2 tenentes.

Estes resultados tão tristes para os liberaes, como lisonjeiros para os carlistas, contribuiam a avivar cada vez mais o desejo de Cabrera de sair á campanha.

Cabrera, disposto já a combater, dirigiu-se para Valencia, e pernoitou em 23 de Março em Chiva. A 24, foram Llangostera e Tallada invadir a Alcudia, Carlet, Algamesi e outros povos da horta do Guadalaviar e ribeira do Jucar, donde tiraram grande despojo.

Em Cuarte teve logar um encontro, em que liberaes e carlistas se viram confundidos, e uns e outros abandonaram em desordem a povoação. A surpreza que mutuamente se causaram e a escuridade, produziu algumas desgraças e a consequente confusão. Os liberaes deixaram algumas armas no povo, recolhidas no dia seguinte por uma partida que mandou Cabrera. A 28 pernoitou Cabañero nas ruas de Hijar, batendo-se a sua gente com a de Baquer, que a rechassou.

Haviam-se reunido em Liria os restos da divisão de Crehuet, salvados em Jativa e Alcira, e para os preservar de uma accommettida, se lhes mandou retirar-se a Valencia. Sairam a 29 de Março, e por motivos incomprehensiveis, ou pela fatalidade, pararam a metade do caminho, na esplanada, chamada o Pla de Pou. Dirigiram-se os carlistas desde Chiva ao caminho de Valencia, seguindo a pista a seus inimigos, e ao saber a sua detenção em tão perigoso ponto, accelerou Cabrera a marcha.

Os 1:200 infantes e um esquadrão de lanceiros aragonezes de Isabel II, ensarilharam as armas uns, apearam-se outros, e se entregaram todos ao descanço. Em vão os muitos liberaes de Liria que iam ao seu abrigo, expunham o perigo que alli corriam; em vão lho demonstraram tambem outros; e ás 3 horas de descanço, vendo o socego com que nelle continuava a tropa, os nacionaes e paizanos marcharam para Valencia, temendo o que dentro em pouco succedeu.

Apresenta-se Cabrera, carrega inopinadamente á cavallaria liberal, mandada pelo coronel D. Mariano de los Cobos; pretende esta resistir, foge o 7.º ligeiro, introduz o panico no resto da cavallaria, arrasta comsigo a infanteria que se apinha, e em vez de vender caras as suas vidas, se entrega sem gloria. Alguns morreram, e outros, mercê aos seus cavallos, poderam refugiar-se em Valencia.

A derrota foi tão completa como terrivel. Para completar o horrivel deste desastre, Cabrera mandou barbaramente fuzilar **todos os officiaes e sargentos prisioneiros**, no povo de Burjasot!

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Doença.—Tem estado gravemente doente com uma pneumonia o nosso amigo o sr. Dr. Damasio Jacintho Fragoso, lente cathedratico da Faculdade de Theologia. Fazemos sinceros votos pelo seu restabelecimento.

Prisão.— Na terça feira foi presa Joaquina Victoria, do bairro de Montarroio, desta cidade, por lançar ao abandono uma creança recemnascida, que lhe fora entregue por Maria Senhorinha, de Valle Mião, freguezia de Santo Antonio dos Olivaes.

Despachos. — O sr. Bartholomeu de Moraes Bingre foi promovido á propriedade da cadeira de ensino primario de Mira; e o sr. José Maria Fernandes Duarte foi promovido á propriedade da cadeira de ensino primario da Ereira, freguezia de Verride, concelho de Monte Mór o Velho.

Foram nomeados professores temporarios por tres annos: — o sr. Antonio Carvalho da Silva, da cadeira das Meãs, concelho de Monte Mór o Velho; o sr. Emygdio Cardoso Ayres Pinheiro, da cadeira da Tocha, concelho de Cantanhede; o sr. José Maria Rocha da Fonseca, da cadeira de Souzellas, concelho de Coimbra; e o sr. Luiz de Oliveira Miranda Rocha, da cadeira de Cabeço de Portomar, concelho de Mira.

O exm.º sr. arcebispo de Mitylene e a Veneravel Ordem Terceira.—Noticiamos ha tempo, que o definitorio da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia desta cidade, nomeara uma commissão, encarregada de ir a Lisboa felicitar o exm.º sr. arcebispo de Mitylene, no dia da sua solemne sagração. Vamos hoje publicar a felicitação dirigida a s. ex.ª pelo digno presidente da commissão, o sr. Dr. Manoel Xavier Pinto Homem; a resposta do exm.º sr. arcebispo de Mitylene; e egualmente o officio que ultimamente s. ex.ª dirigiu ao definitorio da Veneravel Ordem Terceira.

«Exm.º e Revd.º sr. arcebispo de Mitylene—O illustre definitorio da Veneravel Ordem Terceira do nosso Padre S. Francisco,em Coimbra, conhecedor dos muitos e importantissimos serviços espirituaes e temporaes, que v. ex.ª, na qualidade de ministro, por tantos annos prestou aquella nossa Veneravel Ordem, não podia faltar ao dever de gratidão e amisade para com v. ex.ª, felicitando-o neste dia tão solemne, e tão feliz, em que v. ex.ª é elevado á sublime dignidade de successor dos apostolos.

«No cumprimento deste dever, aquelle illustre definitorio nomeou d'entre seus irmãos uma commissão, que aqui o representasse neste dia; e eu, ainda que o mais indigno de todos elles, e ausente de Coimbra, tambem recebi essa honra.

E' pois no desempenho da missão que nos foi encarregada, que eu e os meus collegas, aqui vimos, em nome do illustre definitorio da nossa Veneravel Ordem, em nome de todos os nossos irmãos.....e que digo, exm.º sr.? em nome de todos os filhos de Coimbra, porque todos neste momento aqui desejariam estar presentes (o coração de v. ex.ª assim lho está segredando!), e na impossibilidade de realisarem esses seus justos desejos, mutuamente se estão dando os parabens neste dia tão solemne, para um seu patricio, um seu amigo, que tão rapidamente viram crescer em virtude e sciencia, até subir á sublime dignidade de principe da egreja!

E' portanto, em nome do illustrado definitorio da nossa Veneravel Ordem e de todos os nossos irmãos, e de todos os conimbricenses, que eu e os meus collegas felicitamos a v. ex.ª revm.ª neste dia, desejando-lhe largos annos de vida, e pedindo-lhe a graça de lhe beixar o seu sagrado annel.»

«Senhores—O testemunho de estima e consideração, que me é dado pelo respeitavel definitorio da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco de Coimbra, representado pela illustre commissão, que fez assistir ao solemne acto de minha sagração, e me acaba de felicitar pela minha elevação na hierarchia ecclesiastica, é para mim de tão subido valor e commove tanto o meu coração, que me faltam os termos para exprimir bem os sentimentos de gratidão e reconhecimento de que estou possuido.

«Sendo tão pequenos os serviços, que prestei a Veneravel Ordem Terceira de Coimbra, o illustre definitorio considerou-os tão benevolamente, que quiz galardoal-os com a maior generosidade, concedendo-me honra tão distincta.

Digne-se, pois, a muito insigne commissão agradecer da minha parte tão obsequiosa demonstração de affecto, que jámais esquecerei no decurso da minha vida, ao benemerito definitorio que representa; e assegurar-lhe que faço ardentes votos pela prosperidade da nossa Veneravel Ordem Terceira e do esclarecido e zeloso definitorio, que tão dignamente o dirige, e dos conimbricenses, meus patricios, cujos sentimentos de jubilo a illustre commissão não se dispensou de patentear, fazendo crescer a minha gratidão.»

«Illm.º e exm.º sr.—O testemunho de consideração e estima, que recebi do respeitavel definitorio e da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco de Coimbra, á qual me honro de pertencer, nomeando uma commissão, que veiu assistir á minha sagração, e felicitar-me por haver subido á dignidade archiepiscopal, e dando por este motivo outras publicas demonstrações do seu regosijo, encheu-me por tal forma de reconhecimento e gratidão, que não encontro em mim palavras que possam bem exprimir estes sentimentos, podendo todavia affirmar que são obsequios estes, que jámais esquecerei no decurso de minha vida, e que são ardentes os votos, que faço, pela prosperidade da Veneravel Ordem Terceira de Coimbra, e sinceros os desejos, que nutro, de lhe ser prestavel, e ao illustre definitorio, que tão dignamente a representa e dirige.

Rogo pois a v. ex.ª se digne tornar bem patente estes meus sentimentos em sessão do definitorio, e acceitar os protestos da minha mais alta estima e consideração.

Deus guarde a v. ex.ª, Lisboa, S. Vicente de Fora 27 d'Outubro de 1873.—Illm.º e exm.º sr. ministro da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco de Coimbra—*Antonio, Arcebispo de Mitylene.*»

Fabricas de cerveja.—Contam-se em Londres muitas fabricas de cerveja verdadeiramente colossaes. Um destes estabelecimentos mais notaveis,fundado ha mais de um seculo, occupa um espaço tão vasto como a abbadia de Westminster, e consome annualmente 700 tonelladas de carvão. Os reservatorios onde o liquido fermenta e arrefece, são immensos e prestam-se depois de cheios á navegação. O estabelecimento possue 70:000 vazilhas para temperar a cerveja, e 200 cavallos para o serviço de transporte. Os estabelecimentos de Truman e de Barclay não tem menor importancia. Cada uma destas fabricas produz diariamente 50:000 *gallões* de cerveja.

A cultura do lupulo—Como é sabido,o lupulo emprega-se no fabrico da cerveja. Contam-se na Inglaterra mais de 60 mil *acres* destinados a este ramo de producção. O condado de Kent é o mais rico. Neste condado ha propriedades, em que se cultiva quasi exclusivamente esta planta, que valem mais de 60 mil libras, e que na epocha da colheita empregam mais de 3:000 operarios.

Suicidios—Conheceu-se pelas ultimas estatisticas, que o numero de suicidios tem sido na Belgica de 57 por um milhão de individuos, de 67 na Suecia, 84 na Inglaterra (a patria do *spleen!*), 100 na França, 108 na Prussia, 267 em Genova, e 288 na Dinamarca.

Lugubre estatistica—Ascendem a 2.229:000 as pessoas que morreram em algumas das ultimas guerras, como se vê do seguinte resumido mappa:

1854-55	guerra da Criméa......	784:000
1859	» da Italia........	45:000
1861-65	» dos Estados Unidos	800:000
1866	» da Austria e da Prussia.......	400:000
1870	» da França e da Allemanha.......	200:000

Recrutamento.— O Conselho de Estado julgou favoravelmente os seguintes recursos, a fim de que os respectivos mancebos fiquem isentos do serviço do exercito:

CONCELHO DE GOES

Freguezia de Alvares—Antonio, filho de Fortunata Lima, viuva.—José, filho de Antonio Martins e Joaquina Maria.—Manoel, filho de Joaquim de Almeida e de Maria Luiza.

Freguezia de Goes—Antonio, filho de Maria Baeta, solteira.—Luiz,filho de Maria Joanna, viuva de José Alves.

CONCELHO DE ARGANIL

Freguezia da Bemfeita—Manoel Gomes e mulher Isabel Martins, por seu filho Manoel.

Freguezia da Cerdeira—José Alves da Eufemia, por seu filho José.

Freguezia de Pombeiro—Joaquim, filho de Joaquim Fernandes e de Maria da Cunha.

CONCELHO DE MONTE MÓR O VELHO

Freguezia de Liceia—Joaquim Marques de Oliveira, por seu filho José.

CONCELHO DA PAMPILHOSA

Freguezia de Fajão — Magdalena Maria, viuva, por seu filho José.

Mercado de Condeixa ao dia 7—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 520 — Dito mourisco 480 — Milho branco 320 —Dito amarello 310 — Feijão vermelho 500 — Dito branco 480 -- Dito rajado 360 —Dito frade 330—Cevada 260 — Favas 260 —Tremoços 260 — Batatas 200 — Vinho novo 550 —Azeite 1$300.

Mercado de Coimbra no dia 14.—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 520 — Dito branco 480 a 490 —Dito Celorico miudo 580 — Dito graudo 540—Milho branco 310 — Dito amarello 300 —Feijão vermelho 480 a 490 —Dito branco da marinha 460 a 480—Dito da terra 400—Dito rajado 380 —Dito frade 320—Favas 320—Centeio 450 —Cevada 260 — Chicharos 260 —Grão de bico 450— Tremoços 240 —Aveia 380 —Batatas 240— Azeite 1$400— Vinho novo da Beira 600— Dito do Bairro 500— Dito da Bairrada 750 a 800— Aguardente de 18 graus 1$400 rs.—Dita de 19 graus reis 1$450—Dita de 20 graus 1$600 rs.

Almanach illustrado.—A empreza das *Horas romanticas* enviou-nos dois exemplares do seu excellente almanach, o primeiro que publica.

E' muito variado, com interessantes artigos, e embellezado com muitas gravuras.

Agradecemos os exemplares com que nos obsequiou.

Instituto. — Recebemos e agradecemos o n.º 4, da segunda serie. Contém:

Estudos financeiros — por Antonio Lopes Guimarães Pedrosa.

A India antiga— por Candido de Figueiredo.

Apontamentos para a historia da gravura em Portugal — por José de Saldanha Oliveira e Sousa.

Tres mundos (additamento ao artigo publicado a paginas 30)—por Luiz Garrido.

Uma questão de facto — por D. Antonio da Costa.

Bibliographia — por F. A. Rodrigues de Gusmão.

Jornadas do sr. Thomaz Ribeiro — por Luiz Garrido.

Procedencia dos mammiferos domesticos—Diz-nos o sr. José Maria Rosa de Carvalho, o seguinte:

«O cavallo, *equus caballus*, é o mais preciso, o mais lucrativo, o mais nobre, finalmente, o rei de todos os animaes domesticos. Não se sabe a sua procedencia. Os que ainda hoje vivem selvagens na Asia e na America, tiveram origem de raça domestica, descendendo d'alguns, ou fugidos aos donos, ou abandonados por elles. No estado de liberdade vivem reunidos; e tem por guia, um dos mais ageis, mais velhos, e mais fortes de todos elles. Não é facil o domal-os, ainda mesmo de tenra edade.

O burro, *equus asinus*, é originario dos grandes desertos da Asia, onde vive em rebanhos numerosos, e com os mesmos costumes do cavallo. É animal desconfiado, e quando o perigo o ameaça, foge por os desertos com a rapidez do raio. Conserva no estado selvagem a sua côr primitiva, que é cinzenta, com um risco preto longitudinal sobre o dorso e transversal sobre as espadoas.

Buffon elogia o burro; e com fundamento diz o seguinte: «Outro animal não ha que,-relativamente ao seu volume, possa transportar maior peso; outra besta, quer de cavallaria, quer de trem, não custa menos a sustentar; elle tropeça pouco, e é mais firme nos caminhos estreitos e escorregadios, do que são os machos e mulas.»

M. de Laubaume accrescenta: «Todo o pasto lhe convém; para elle a palha é uma festa; cada dia, á volta do trabalho, o conductor dá ao seu servo frugal o pasto que apanha por o caminho; e a sexta parte do valor do seu serviço é bastante para cobrir a despeza do seu sustento».

Felizmente abunda em Portugal a raça asinina. Em muitas terras são tantos os burros, quantos os habitantes; e quando alli nasce um rapaz, é certo nascer um burro.

A fortuna de alguns homens pobres consiste em possuirem um jumento; e é elle o seu ganha-pão. Se alguma vez o animal se enterra com a carga n'um atoleiro, um ou outro dono tem por costume dizer neste caso aos caminhantes—«ajudem-me a salvar o pão dos meus filhos».

No que escrevemos não ha epigramma. Continuaremos.»

Noticias de Hespanha.— Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

«Lemos no *Imparcial* uma carta escripta dos Arcos por um official do exercito acerca da batalha de Monte-Jurra: carta que aquelle jornal declara confirmar todos os promenores já conhecidos sobre aquella batalha.

O que nós vemos é que foi um movimento abortado, ou um inutil derramamento de sangue, ordenado com conhecimento da sua inutilidade, ou então, e é o mais que lhe podemos conceder, um reconhecimento offensivo feito em larga escala e necessario talvez.

Foi uma victoria tactica, é possivel; estrategica, permitta-se-nos a expressão, é que não foi.

A carta narra a batalha nos termos em que pouco mais ou menos aqui o fizemos. Os carlistas parece que estavam commandados superiormente pelo general Elio.

«Mais tarde, diz a carta, continuou o tiroteio até á noite; e ante-hontem (8), em que permanecemos alli todo o dia,se continuou fazendo fogo, ainda que pouco nutrido e sem importancia.

«Para hontem muito de madrugada se preparou a retirada para este ponto, que começamos a executar ás seis da manhã,porque.... por falta de recursos, emfim.»

Mas depois da victoria obtida n'aquelle combate, porque não continuaram avançando, porque não foram até Estella?

Aqui está a resposta que a carta nos dá a esta pergunta:

«Se nisso *tiveramos tido empenho*, não ponho duvida alguma em que o teriamos conseguido; porem as nossas perdas duplicariam, e como não tinhamos forças para deixar alli 2 ou 3:000 homens de guarnição, que convenientemente fortificados impedissem os carlistas de tomar de novo aquella praça, teriamos de sair no dia seguinte,soffrendo tambem muitas baixas sem se conseguir vantagem alguma.»

De maneira que os generaes do governo desdenharam proseguir na victoria, perseguir os carlistas até Estella, tomar esta praça,conquistar a immensa força moral que d'ahi lhe resultaria, para não perder 10; e não tiveram duvida em perder 5, para terem a satisfação de dormirem duas noites nas posições da primeira linha dos carlistas, e, obrigados ou não, pelo insignificante tiroteio destes a retirarem para Arcos.

Será crivel que só para este fim se derramasse tanto sangue? Só para ferir uma batalha sem nenhum resultado estrategico, nem resultado moral? Não.

Portanto ou foi um movimento abortado e Moriones encontrou a tal segunda e terceira linha de fortes posições, a que hontem aqui nos referimos, e que não julgou facil tomar; ou foi um reconhecimento offensivo para conhecer as forças dos carlistas, achar o seu lado fraco e conhecer com que forças poderia mais tarde chegar a Estella, unico objectivo immediato, sede da organisação regular das hostes carlistas e base das suas futuras operações.

Não nos digam porem que, Moriones, se tivesse querido, tomaria Estella, e que ficou, por sua vontade, a meio caminho de uma immensa victoria.»

ANNUNCIOS

SANGUESUGAS FRANCEZAS

1 ANTONIO DE ALMEIDA, com deposito na praça de S. Bartholomeu, n.º 44.

Companhia conimbricense de illuminação a gaz

2 DO DIA 17 do corrente em diante custará cada 14 kilos de coke, 200 reis.

O delegado da companhia, *Antonio Doria.*

Dinheiro a juro

3 A ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS DE COIMBRA, tem para emprestar sobre hypotheca, 150$000 reis, ao juro de 6 por cento ao anno.

4 NO DIA 20 do corrente mez de Novembro, pelas 11 horas da manhã, nos paços deste concelho, hão de arrematar-se 93.m²45 do largo da Rigueira, proximo ás moradas de José Diniz Mendes, da Espadaneira, freguezia de S. Martinho do Bispo, e o extincto curral do concelho de Almalaguez.

Coimbra, secretaria da camara municipal, 15 de Novembro de 1873.

O escrivão da camara,

Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

5 JOSÉ SIMÕES ROLLO tem deposito de sanguesugas francezas baratas, rua da Solas, n.º 12-14.

EDITAL

6 TENDO a camara municipal de Coimbra deliberado, que fosse demolida a casa pertencente ao espolio do padre Bento Lopes da Silva Rocha, sita na rua das Sete Fontes, no logar de Celias, por se achar ameaçando ruina; são por este intimadas as pessoas a quem actualmente pertence a referida casa, a demolirem-a no prazo de 30 dias, a contar da data do presente, na conformidade do art. 3.º, da lei de 16 de Julho de 1863, e art. 1 da de 18 de Junho de 1866.

E para constar se passou este e outros de egual theor.

Coimbra, secretaria da camara municipal, 10 de Novembro de 1873.

O presidente,

Lourenço d'Almeida e Azevedo.

7 MARIA MAXIMA TAVARES e seu filho Christiano Marques de Oliveira, para que ninguem possa allegar ignorancia, previne o publico de que no *Diario*, n.º 252, se acha annunciada a venda de duas propriedades, sitas em Coja, uma ao Paço, e outra á Coelheira, como pertencentes á mitra de Coimbra, achando-se aquelles predios descriptos no mesmo *Diario*, de forma que comprehendem dous predios, que os annunciantes alli possuem, por si, e seus antepassados ha mais de 40 annos.

EDITAL

8 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Coimbra faz publico que, nos termos do § 3.º do artigo 2.º da lei de 6 de Junho de 1864, se acha aberto um inquerito por espaço de 30 dias, a contar da data do presente edital, sobre o plano de classificação provisoria de uma estrada municipal de 2.ª classe, de Souzellas a Botão: pelo que convida por este meio todos os visinhos do concelho a examinarem na sua secretaria o referido plano, e a apresentar quaesquer observações.

E para constar se passou este e outros.

Coimbra, secretaria da camara municipal, 14 de Novembro de 1873.

O presidente,

Lourenço d'Almeida e Azevedo.

Agradecimento

9 ADRIANO PINTO, socio n.º 391 da Associação dos Artistas de Coimbra, assistente no Cidral, freguezia de Santo Antonio dos Olivaes; vem por este modo agradecer aos dignos medico e cirurgião da mesma sociedade, os illm.os srs. Dr. João Augusto de Almeida Araujo Pinto, e Luiz José Candido, o cuidado e a paciencia com que o trataram na perigosa doença por que acaba de passar.

10 NO DIA 20 do corrente mez de Novembro, pelas 11 horas da manhã, nos paços deste concelho, ha de arrendar-se pelo tempo de um anno, a carreira da Zouparria, no campo de S. Silvestre; bem como ha de dar-se de arrematação a empreitada da terraplenagem e pedra britada da estrada municipal de Souzellas aos Fornos. As condições estão patentes nesta secretaria.

Coimbra, secretaria da camara municipal, 15 de Novembro de 1873.

O escrivão da camara,

Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

PIANO

11 VENDE-SE um vertical, novo, de pau preto, e de 7 oitavas: para ver e tractar, na Couraça de Lisboa, n.º 17.

AGRADECIMENTO

12 LUZIA DIAS BASTOS DOS SANTOS, José Maria dos Santos, e João Fernandes Thomaz, não podendo agradecer pessoalmente a todas as pessoas da Figueira da Foz que tiveram a bondade de acompanhar á sua ultima morada, sua fallecida irmã, cunhada, e prima D. Anna Emilia Dias Bastos; vêem por este meio agradecer e protestar o seu eterno reconhecimento, offerecendo a todos o seu limitado prestimo em Coimbra.

Estrada municipal

13 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Nellas, faz publico, que no dia 23 de Novembro do corrente anno, ás 10 horas da manhã, e na sala das suas sessões, se hade proceder á licitação de duas tarefas, comprehendendo terraplanagens e obras d'arte a construir, uma entre os perfis 1 e 46, outra entre os 66 e 94, da estrada municipal de Santar a Cannas de Senhorim, no lanço entre Santar e a Teixugueira. As condições para a arrematação estão patentes na secretaria da camara, aonde podem ser examinadas todos os dias não santificados, desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde.

Nellas 9 de Novembro de 1873.

O presidente da camara,

Antonio Pires da Silva Azevedo Loureiro.

14 PERANTE a administração dos hospitaes da Universidade de Coimbra, se abre concurso por 30 dias, a contar da publicação deste no *Diario do Governo*, para o provimento do logar de ajudante de pharmacia nos mesmos hospitaes, com o vencimento annual de reis 160$000, e casa d'habitação.

Administração dos Hospitaes da Universidade de Coimbra, 15 de Novembro de 1873.

O administrador, *Costa Simões.*

15 AYRES AUGUSTO QUARESMA DE ALMEIDA, faz publico, que vende a sua diligencia que tem entre o Espinhal e Coimbra, incluindo as parelhas, e o faz a prazo, com as devidas seguranças. Promptifica-se a fornecer palha, tanto no Espinhal, como em Condeixa, pois tem deposito d'ella, assim como a arrendar cocheira no Espinhal: por tanto, a quem convier dirija-se a casa do annunciante até ao dia 30.



LEIRIA

JOÃO ANTONIO DE OLIVEIRA

(Vulgo, o João Rei)

16 RECONHECENDO o grave transtorno que causa a muitas pessoas a falta de uma carreira diaria de diligencia, entre esta cidade e a villa de Pombal, deliberou estabelecel-a, a começar do 1.º de Dezembro do actual anno, saindo a diligencia desta cidade ás 9 horas da manhã, e de Pombal logo que chegue o comboio ascendente.

O preço pelo transporte de cada passageiro será de 800 rs. dentro, e 600 rs. fóra: a cada passageiro só é permittido 15 kilos de bagagem: a que fôr a mais sera contada a 10 rs. por cada kilo.

O annunciante tem tambem por sua conta a diligencia diaria entre Leiria e Chão de Maçãs, donde parte á 1 hora da noite, e desta cidade ás 6 horas da tarde, e possue uma variada collecção de carroagens, que alluga por preços commodos, para todos os pontos, onde houver estradas macadamisadas.

O hotel pertencente ao annunciante acha-se de novo reformado, e alli encontrarão os viajantes, a par do mais esmerado serviço, preços muito razoaveis, tendo ás suas ordens diligencias para todos os comboios.

AGRADECIMENTO

17 OS FESTEIROS do Senhor Jesus dos Oleiros, agradecem por esta fórma, a todas as pessoas que concorreram para aquella festividade, que teve logar no dia 9.

18 JOAQUIM SERRA, com casa de pasto, na rua do Infante D. Augusto, roga aos seus freguezes, aquelles que lhe estão em debito, de mandar satisfazer as suas quantias, dentro do prazo de 30 dias, sob pena de não pagando no referido prazo, mandar publicar os seus nomes nos jornaes da localidade e em outros.

AGRADECIMENTO

19 LIVRE E CONVALESCENTE hoje de uma perigosa pneumonia, de que esteve a ser victima; o abaixo assignado vem por este meio expressar o seu reconhecimento aos ex.mos srs. drs. Jacintho Pereira de Carvalho e João Augusto de Almeida Araujo Pinto, pelo interesse e assiduidade com que o trataram comb medicos do Monte-pio Conimbricense e Associação dos Artistas: e ao exm.º sr. dr. Fernando Augusto de Andrade Pimentel e Mello, sobre tudo, que mais o tratou como amigo, que como medico na ausencia do exm.º sr. dr. Jacintho: ao sr. Antonio dos Santos Ferreira, que como amigo lhe prestou todos os seus serviços; e a todas as pessoas que tiveram a bondade de lhe ir a casa saber o estado de sua saude, a todos protesta sua eterna gratidão.

José Maria Moreira.

PHOTOGRAPHIA E PINTURA

MORÉ E COMP.ª

135 Rua da Sophia 135

20 NESTE estabelecimento tiram-se retratos com todo o esmero, pintam-se quadros a oleo, retratos e toda a classe de decorações; tambem se dão lições de desenho e pintura. Preços razoaveis.

21 PELO JUIZO DE DIREITO de Coimbra e cartorio do escrivão Adelino, correm editos de 30 dias, que foram assignados em audiencia de 10 do corrente mez de Novembro, a requerimento de D. Clara Candida Leite Ribeiro, viuva de Fructuoso José da Silva, da mesma cidade, a chamar todas as pessoas que se julguem com direito aos bens, infra declarados e confrontados, para que dentro dos mesmos 30 dias, o venham deduzir, com a pena de lançamento; sendo tambem citados o dr. delegado do procurador regio do juizo de direito de Mafra, e o escrivão de fazenda do mesmo concelho de Mafra, e José Ferreira Ramos e mulher D. Maria José Freire de Macedo, residentes na villa do Seixal, e seu filho e enteado, Augusto Freire de Macedo, residente tambem em Coimbra, para dentro de 10 dias, que lhes hão de ser assignados na segunda audiencia do dito juizo de direito, depois de citados, deduzirem da mesma maneira qualquer direito que tenham aos mesmos bens, com a pena de revelia, e de lançamento não o fazendo, e os bens são os seguintes:

BENS

1.º

Uma casa terrea, que serve de adega, com seu quintal, sita na rua da Fonte, da villa da Ericeira.

2.º

Uma propriedade rustica, que consta de pinhal e vinha, em Valle de Janeiro.

3.º

Uma terra, ou chão, que foi vinha, sita ao porto da Carvoeira, freguezia da Senhora do Ó.

4.º

Um predio rustico, que foi vinha, no sitio da Carvoeira, freguezia da Senhora do Ó.

5.º

O dominio directo de 18$000 rs. annuaes, imposto em uma terra e vinha, com arvores de fructo, no sitio da Ribeira dos Casaes, freguezia de Santo Izidoro.

6.º

Uma quinta chamada o Valle grande, na freguezia de S. Pedro da Ericeira.

7.º

Uma morada de casas nobres, que constam de lojas e primeiro andar, sitas na rua do Correio, da villa da Ericeira.

8.º

Outra morada de casas na mesma rua, que se compõem de cavalhariça, pateo, celleiro e primeiro andar.

9.º

O dominio directo de um fôro de 1$000 rs., imposto em umas casas na dita rua do Correio, de que é enphyteuta Maria Caetana da Silva Barros, viuva, da Ericeira.

NUMERO 2746 — TERÇA FEIRA 18 DE NOVEMBRO DE 1873 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$726
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Fez-se no domingo a eleição dos cidadãos, que hão de administrar este municipio, durante o proximo futuro biennio.

Parece que os eleitores não deram a este acto a importancia que elle realmente tem. Mui pouca attenção mereceu nesta cidade objecto de tão subido alcance.

Não obstante foram eleitos vereadores os cidadãos votados por alguns amigos da situação.

Acreditamos, porem, que a diminuta concorrencia ás assembleas eleitoraes da cidade, não exprime desprezo pelo nobre direito que a todos nos assiste de escolher os nossos representantes; mas a falta de não serem ouvidos os muitos cidadãos influentes e os que tem prestado e podem prestar aquelles serviços, que a sua lealdade não costuma recusar.

Dão-se estes resultados, quando não ha as aproximações necessarias para auxiliar interesses e combinar esforços.

As reuniões preparatorias para decidir ácerca de assumptos, que a todos interessam, tem incalculaveis vantagens. Os vereadores assim eleitos, representariam uma vontade quasi unanime, e mereceriam a confiança dos eleitores, o que de certo não deixaria de ser util a quem precisa de vencer as agruras da vida publica.

Por outra forma, o abandono da urna, se não significa propriamente indifferença, póde concorrer para o descredito das boas praticas constitucionaes.

Nós, quer na qualidade de cidadãos, quer na de jornalistas, desconheciamos a lista em que os amigos da situação deviam votar.

Ainda que o facto não seja para extranhar aqui, onde não costuma haver para com a imprensa as considerações que lhe são devidas, é elle comtudo digno de referir-se, para provar o mau systema de exercer o direito eleitoral.

Os merecimentos pessoaes devem apoiar-se na confiança geral, para que produzam todas as vantagens na administração publica.

Os cidadãos eleitos foram os seguintes:

Dr. Fernando Augusto de Andrade Pimentel e Mello.
Bacharel José Maria Pereira Coutinho.
Augusto Cesar dos Santos.
Francisco Maria de Quadros.
Francisco Maria de Sousa Nazareth.
Basilio Augusto Xavier de Andrade.
Joaquim Alfredo Pessoa.

A camara municipal de Penacova ficou composta dos seguintes srs.:

Bacharel Alberto Leitão, proprietario.

Antonio José de Oliveira, proprietario.

Antonio da Silva e Cunha, cirurgião e proprietario.

Dr. Joaquim Correa de Almeida, proprietario.

José Antonio de Almeida, proprietario.

José da Costa Santos, proprietario.

José Firmino Neves e Cunha, proprietario.

O 4.º e 5.º foram reeleitos.

Da Pampilhosa nos communicam que foram eleitos naquelle concelho, sem opposição, os srs. bacharel Antonio Bernardo da Costa Cabral de Castro Carvalho das Neves, João Dias Barata, José Joaquim Antunes da Veiga, José Antonio da Silva e Antonio Francisco Mendes.

Em Condeixa foi a eleição disputadissima; mas ainda até esta hora não sabemos o resultado.

De Soure nos pede o sr. Francisco Martins Rodrigues Pereira para publicarmos o seguinte:

MANIFESTAÇÃO

Sr. redactor.—Queira fazer o obsequio de publicar no primeiro numero do seu muito lido jornal a seguinte manifestação:

Acabo de ser votado para vereador da camara municipal deste concelho no proximo biennio de 1874 a 1875.

Cumpre-me desde já agradecer a um amigo meu o ter indigitado o meu nome, assim como egualmente me cumpre declarar a todas as pessoas das minhas relações de qualquer classe a que pertençam, que muito embora eu vá occupar uma das cadeiras da camara, não é esta ainda a occasião de levar a effeito os meus desejos.

Egualmente declaro que por em quanto me abstenho de politica local, em quanto se não formar um partido de individuos, que tenham em consideração os interesses deste malfadado concelho.

Não sei a attitude que tomarei na camara, e só peço aos meus amigos, a quem desde já agradeço o terem votado o meu nome, que aguardem os meus actos.

Soure, 17 de Novembro de 1873—De v. att.º venerador am.º obg.º,—*Francisco Martins Rodrigues Pereira.*

CORRESPONDENCIA DE LISBOA

Lisboa, 16 de Novembro de 1873.

Meu amigo.—Por mais alto que subamos na historia do passado, encontrâmos sempre ao nosso lado o socialismo, que ameaça a sociedade, que lhe embarga o passo, e que, usurpando-lhe o seu nome e as suas attribuições, se empenha em destruil-a.

Desejaria que um socialista me dissesse o que entende por sociedade. Sem esperança de resposta,—porque quasi todos os socialistas pertencem á eschola do *verba volant*—direi ao meu amigo—que já o sabe ha muito—que a sociedade é o estado natural do homem, o mais conforme á sua natureza, o que lhe permitte usar das suas faculdades moraes e intel-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXIII

D. CARLOS

LXIII

Aos triumphos que obtinha Cabrera, se acrescentaram os de Forcadell, que enviou uns 1:400 homens a uma expedição á terra de Murcia, onde trocariam o seu pessimo equipamento e armamento pelo excellente que obteriam naquelle paiz.

Era arriscada a empreza e grande a distancia que tinham que percorrer, sem ter quem os auxiliasse na terra que iam invadir; porém pensando mais na fortuna que nos perigos, o astuto e valente Forcadell se dirigiu por Alpera, Almansa, Pino e Abanilla, e chegou a Orihuela sem ser preseguido: occupando esta cidade a 27 de Março de 1837.

Os nacionaes dos povos do transito foram os unicos inimigos que encontraram os carlistas nos campos de Albanilla, e deixando-se levar mais do seu nobre patriotismo que de sua pericia, fizeram frente a Forcadell, que os derrotou, assassinando alguns atrozmente, sem que podessem impedir este luxo de rigor os esforços de seus parentes e amigos.

Durante a permanencia de Forcadell em Orihuela, augmentou a sua gente com bastantes alistados, chegando a 500 os que o foram na cidade, com os quaes formou um batalhão que commandou o advogado D. Nicolau Pastor.

Proveram-se os carlistas de todo o necessario, e levando uns 3:000 duros da contribuição que impozeram, se retiraram a 31 pelo mesmo caminho que haviam trazido.

Forcadell seguia a marchas forçadas, e pouco depois de chegar a Villena, soube a existencia em Almansa de um comboio de pannos. Correu em sua busca, achou-o a uma legua desta ultima povoação, e depois de um ligeiro combate com o esquadrão de francos que o acompanhava, cederam ao mesmo, e se apoderaram os carlistas daquelle estimado comboio, com o qual entraram em Alpera.

Aquella marcha, até então triumphante, principiava a ser perigosa. Alvarez, Nogueras e Hidalgo, estavam perto; os dois primeiros em Requena, e todos em disposição de cortar a retirada aos carlistas.

O imminente do perigo não intimidou a Forcadell: senhor de si mesmo, tomou o caminho de Utiel, e sendo avisado a 2 horas de marcha, que, continuando nessa direcção, a sua derrota era inevitavel, contramarchou para Pedroches, atravessando sem comer, nem descançar terrenos escabrosissimos, até que se collocou á vanguarda dos liberaes, e entrou em Sete Aguas a 4 de Abril.

Um aguaceiro, que durou mais de 3 horas, impediu aos liberaes sair de Requena, e as fogueiras que em direcções oppostas e nos sitios que abandonava, fez Forcadell que accendessem os seus confidentes, e chegar duas horas mais tarde o chefe a quem mandou Nogueras occupar umas vendas, no caminho de Sete Aguas, foram as principaes causas que contribuiram para a sua salvação.

A aproximação do inimigo não lhe permittiu descançar em Sete Aguas, e pouco depois de entrar emprehendeu a sua marcha, formando a vanguarda os recrutas com o despojo. Ás 2 horas os estava atacando e acutilando a vanguarda de Nogueras, que levava grande empenho de os bater.

Até Chulilla foi disputando o terreno Forcadell, e retirando-se por escalões de posição em posição. Estavam cortando os carlistas uma ponte, para deter os seus perseguidores; porém é occupada pelo arrojo do coronel Sanchez, penetra em Chulilla e saem precipitadamente os carlistas, podendo apenas salvar uma quarta parte do despojo, ainda que á custa de homens e cavalgaduras, que ficaram em poder de Nogueras, e porção de recrutas.

Satisfeito o chefe liberal do seu triumpho, esperou tres dias em Chulilla ao capitão general, marchando no fim delles para Losa do Arcebispo.

Forcadell uniu-se neste ponto com Cabrera, o qual depois de dois dias de permanencia em Nules, tinha contramarchado para Valencia, para proteger a retirada dos expedicionarios, a cujo encontro se dirigiu, vista a inutilidade de atacar o forte de Liria, cuja guarnição de uns 300 homens resistiu tres dias. Cabrera propunha-se chamar sobre si a attenção dos liberaes, para que deixassem a Forcadell.

Acamparam ambos os chefes em Losa, e os liberaes em Muela de Chulilla, á vista. Atacada a gente de Forcadell e a de Cabrera com a *grippe*, retiraram-se a Andilla, e d'alli a Ro-ell.

O resultado da expedição não havia sido infructifero aos carlistas: pelo contrario. Homens, cavallos, armas, dinheiro, effeitos, quanto podia ser-lhes util, colheram nella. A invasão de Orihuela lhes deu prestigio; os novos apresentados, força; o despojo melhorou o seu estado e condição, e ainda que muito perderam em Chulilla, salvaram bastante. Os soldados desejavam estas correrias.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

lectuaes, e o que lhe assegurar, sob determinadas e certas condições, o goso dos bens que o homem creou ou adquiriu pela sua actividade e intelligencia. Quem tiver o senso commum, pois, define que a sociedade é o estado natural do homem, por lhe consentir e assegurar a liberdade, attributo caracteristico e essencial do nosso *eu* relativo.

É o socialismo, pelo contrario, um estado violento á nossa natureza, ao qual nos querem obrigar a descer pela força,e,de mais a mais, no interesse de quem dispõe d'ella, ou em nome de um systema amoldado a servir principios o mais das vezes chimericos.

Eu descreria das leis que nos impõe a sociedade e a razão, se ellas não fossem eguaes para todos aquelles que se acham collocados sob a sua egide. A sociedade foi creada para garantir a cada um dos seus membros em particular, e a todos em geral, a maxima liberdade e segurança. Aqui os *direitos* da sociedade para com os individuos. E como compensação tem estes os *deveres* de fazer todos os sacrificios indispensaveis, sem os quaes ella não pode preencher os seus fins. Chamamos a isto egualdade civil, inseparavel da liberdade, e que podemos definir: «*Direito egual para todos, exercendo cada um de per si as suas faculdades desiguaes.*»

Entende-se por lei de progresso, que no campo da liberdade, egual ao da justiça e do direito, ha sempre conquistas a fazer, erros a reparar, preconceitos a combater. Os homens que se persuadem que nada têem a aprender ou a reformar, e que, invejados por todos os outros, julgam poder descançar no seio da sua gloria, condemnam-se ao mais aviltante ostracismo.

O socialismo fundou-se no principio contrario. Condemna e asphixia a liberdade. É um despotismo individual e collectivo, porque toma as duas formas. E é por isso que a sociedade, desde a sua origem, de mãos dadas com a liberdade, lutaram sempre contra elle. Assim, longe de ser progresso, paralysa todas as faculdades da natureza humana e reprime-as quando já têem chegado a certo grau de desenvolvimento.

Que é o feudalismo senão o regimen socialista? Seguindo a opinião de Troplong, no seu livro: «*De la propriété d'après le code civil*», veremos que a tendencia d'elle é para substituir a existencia das castas ou das corporações, e a propriedade do individuo, pela propriedade impessoal, immutavel e alienavel do senhor feudal, identificado com as suas funcções militares ou ecclesiasticas. O direito feudal não reconhece outra propriedade. Sobre as ruinas do feudalismo levantou-se em França a monarchia absoluta, brilhando em toda a sua magestade e poder no reinado de Luiz XIV. Os successos posteriores sabe-os o meu amigo. As artes brilharam explendorosas, e a sciencia e a philosophia foram cultivadas com esmero. Mas nesse foco brilhante de explendores estava em embrião um flagello, contra o qual a França havia de lutar mais tarde, defendendo-se... defendendo-se sempre, até ha tres annos. Era... o socialismo!

E eu ia-me alongando nestas observações, sem reparar que lhe escrevo uma correspondencia de Lisboa, e não uma dissertação acerca de socialismo.

—Deveria ter-lhe fallado da eleição municipal, que os eleitores, parece-me, deixam correr á revelia. Pois não é porque os pretendentes sejam em pequeno numero, e todos elles de uma abnegação, que espanta. Ninguem quer o cargo de vereador, porém consentem que as listas corram de mão em mão, com os nomes dos proprios que dizem recusar. E a abnegação vae tão longe, que um jornal de hoje diz, com aquella ingenuidade, franqueza e abnegação que lhe são proprias:

«Apenas nos cumpre dizer que nessas listas, procedentes de diversas origens, figuram nomes de cavalheiros conhecidos do partido reformista. Em relação a todos podemos dizer, sem temor de desmentido, que nem um só desejava a eleição. Se nelles recairem os votos dos seus concidadãos, acceitarão como sacrificio o que a maioria dos actuaes vereadores implora como mercê. Nem um só trabalhou ou deu um passo para conseguir votos.»

E que lhe parece? Destes sacrificios á patria só heroes de antigas eras os faziam!

—Até que emfim tem amanhã logar a inauguração do caminho de ferro americano desde Santa Apolonia até Alcantara. Serão postas em movimento e gratuitamente, ao publico, todas as carruagens da companhia, á excepção de tres, destinadas para os convidados, aos quaes será servido um *lunch* fornecido pelo Ferrari, que constará de 200 talheres. A exploração começa na terça feira, e Lisboa contará mais este melhoramento pelo qual anceava ha muito.

—Hontem saiu a esquadra ingleza, composta de cinco fragatas a vapor. Volta ao nosso porto nos principios do proximo mez.

—Foi promovido por dois annos no logar de guarda do gabinete de physica e chimica do lyceu nacional de Evora o sr. Antonio Francisco Barata, escriptor e poeta conimbricense de provado merecimento.

—O *Jornal da Noite* publicava hontem uma carta do seu correspondente de *Valle de Nenhures*. O illustre correspondente trata nella da decadencia dos theatros, e, com muito atilada critica, faz ajustadas reflexões sobre o assumpto.

Diz elle, entre outras cousas:

«Temos dispendido muitos esforços, e ainda mais dinheiro, e depois de trinta e seis annos de diligencias, d'ensaios, e de estudos; não temos theatro de musica, não temos theatro de declamação, não temos eschola... E o peior de tudo é, havemos já attingido o ponto de desprezo de todas estas cousas, que apenas olhamos como mero recreio, similhante ao do circo Price, ou das barracas dos irmãos Dallots.

«Refiro-me ao estado *official* da questão. Pois qual é o grande argumento, a razão suprema, empregada geralmente para sustentar o subsidio ao theatro italiano de canto? Acreditae vindouros! Diz-se: «Aquelle subsidio deve dar-se, para manter em exercicio o theatro de S. Carlos, porque uma capital que é visitada por estrangeiros, seria vergonhoso não ter alguma diversão para os distrahir. «Apoiado! Mas se esses estrangeiros, ou a maxima parte d'elles, preferissem a S. Carlos uma *Alhambra* de Londres, ou um *Mabille* de Paris, deveria a nação subsidiar em Lisboa estabelecimentos dessa natureza para recreio dos forasteiros?»

Isso que ahi fica é de uma verdade atroz. Theatro nacional, unicamente o possuimos no nome, entretanto que despendemos com o theatro lyrico grossas sommas, do qual o burguez mediano não se aproveita. Estimulo para auctores nacionaes escreverem, não o ha, e aquelles dois celebres premios que se deram para o melhor drama e comedia que se escrevessem, foram supprimidos. É por isso que as traducções rançosas são exhibidas desfaçadamente no primeiro theatro nacional de Portugal, entretanto que as pennas de bons dramaturgos, como a de Mendes Leal, de Cascaes, de Teixeira de Vasconcellos, e de muitos outros, se conservam inertes.

P. J. Conceição.

CORRESPONDENCIA

Sr. redactor do *Conimbricense*.

No numero 2737 do seu jornal de 18 do passado Outubro, publicou v. um *communicado*, com a assignatura por *emprestimo* de Abel da Silva Linhaça, na qualidade de procurador judicial, e competentemente auctorisado, que se diz, do sr. Dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco, meu irmão; com o fim, acrescenta o figurado signatario, d'esclarecer o publico sobre a materia do *aviso*, publicado no n.º 2735 do seu mesmo jornal, que v. no numero seguinte declarara (em *obsequio* de certo, ao verdadeiro auctor do communicado, e para lhe dar thema) ser esse *aviso* da minha propria letra.

Conhecidos bem ao certo, os fins de tal *communicado*, se me continua uma *propaganda perseguidora*, de que tenho sido victima, tambem me toca a minha vez de esclarecer o publico sobre a materia desse mesmo *aviso*, mas com a verdade dos factos que o *communicado* abertamente falseia.

Já se vê pois, que independentemente daquella sua *declaração* em *obsequio*, sr. redactor; eu não receei vir com o meu nome descuberto, lealmente, e sem recorrer a assignaturas emprestadas; como não receei, prestes que fui em enviar-lhe desde logo por intermedio de pessoa a quem solicitou, a formal declaração escripta, de que era meu aquelle *aviso* e delle tomava toda a responsabilidade, para assim o pôr a cuberto, da ameaça que figurou, lhe fora feita, de ser chamado aos tribunaes, pela publicação desse mesmo *aviso* em que se não acha uma só palavra que importe responsabilidade criminal.

Confirmo pois, que foi meu esse *aviso*; e que fiz publicar, levado tanto do proprio interesse, como do dever de consciencia pelo interesse dos outros, para os acautelar contra a nulla venda dos bens do casal materno na Bairrada, annunciada por meu irmão, sem o poder fazer; porque não tem a *propriedade exclusiva* delles, que lhe fosse *conferida por partilha legalmente feita*, Codigo Civil, art.º 2158, quando não tem, nem póde apresentar titulo legal della—*inventario, escriptura publica*, ou *auto publico*, Codigo Civil, 2012 e 2013—sem o qual não ha partilha que valida seja, se partilha houvera, e não houve; o que affirmarei mil vezes,sem receio de que os factos me contradigam.

A verdade é uma só: sempre ella hade apparecer ao lado dos factos que a comprovam, por muito que pese, ou se queira obscurecel-a, ou falseal-a. Vamos aos factos.

Aberta que foi, com o sempre lembrado fallecimento de minha virtuosa mãe em 15 de Junho de 1862, a herança que nos deixou, apressou-se desde logo meu irmão o sr. Dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco, quando a terra não teria ainda acabado de cubrir talvez os seus restos mortaes; em nos impor, a mim e a minha irmã, a sua sempre predominante vontade, para que á medida dos seus interesses, a herança se conservasse indivisa, sob frivolos pretextos d'imaginadas vantagens; sem embargo de reconhecer e *declarar* logo, quanto a mim (talvez para não encontrar objecção da minha parte), *que eu era nisto o unico prejudicado,por andar fóra de casa nos meus logares da magistratura; ter de correr por egual com as despezas* (não eram pequenas) *da administração commum, e não poder assim aproveitar egualmente com os mais coherdeiros na casa, dos lucros della; mas que tudo tinha sua conta para ser indemnisado.*

Contava-se já á custa das velhas posses de predominio na familia, com as nossas condescendencias em adherir a tão extraordinaria pretensão: conviemos, porque tambem a occasião funebre, não era para entrar desde já em partilhas; mas não tardou muito que nossa irmã em primeiro, e depois eu por muitas e repetidas vezes as pedissemos,achando sempre a repugnancia e má vontade da parte de meu irmão, que se não prestava ás nossas legitimas e justas solicitações: e tanto é que só ao cabo de tres annos e alguns mezes (em Outubro de 1865), é que se conseguiu feita a primeira serie da partilha: porque é necessario saber-se, tem sido por series, e são decorridos já perto de 12 annos,e ella ainda não está totalmente concluida.

Os bens da casa na Bairrada, não se partilharam: a meu irmão fazia conta *continuar* a administração delles, á mistura dos seus proprios, que já lá tinha da herança paterna; e della se havia exclusivamente arrogado,ainda em vida de nossa virtuosa mãe.

Contrasta com tudo isto o meu proceder, permitta-se-me dizel-o: depois que se me offereceu *conta d'indemnisação* pelos lucros que, ausente,não podia perceber por egual da casa, estivemos em commum administração sem partilha, por mais de tres annos; é só agora, e eu *unicamente* o que fallo nisso; mas com o fim sómente de fazer conhecido o facto, e patentes as intenções que sempre mantive e mantenho de dar de saldada essa *conta*.Appello para o testemunho de meu irmão; e não poderá dizer, que uma só vez,nem sequer por occasião de partilhas, ou em contas dellas, lhe tocasse em tal. E, elle, diga-se o que é certo, dizia a verdade, quando affirmava que eu era prejudicado na utilidade dos lucros da casa, estando fóra della; mas nunca me queixei, nem jámais o farei.

Mas, voltando aos bens da Bairrada,é bem facil saber, que se a communhão convinha a meu irmão, não aproveitava a mim e a minha irmã, conservarmos lá a pequena porção do terço dos bens a que cada um tinha direito e tocava por partilha. Tomámos pois o expediente da venda, que eu indiquei; minha irmã adoptou, e a que meu irmão acceeu; sem a melhor vontade, ainda assim.

Concordámos então todos na venda *total* dos bens da herança materna na Bairrada,para ser partilhado por egual entre todos o producto obtido da venda; e annunciou-se praça particular no Espinhal de Tamengos.

No dia da praça, antes della aberta, sou surprehendido com a proposta feita por meu irmão, sem que minha irmã estivesse e accordasse,de serem postos de parte certos bens que indicou para si, em contrario do accordo entre todos na venda *total* e partilha do preço!!!

Se nisso estavam as suas particulares conveniencias, embora contra o accordo entre todos, manifestadas intempestivamente, na ausencia de um dos interessados, e á propria hora da praça annunciada para a *totalidade*; era mui justo, e a lealdade pedia, que ou de antemão se tivesse feito partilha dos bens, e cada qual vendesse ou deixasse de vender os que lhe tocassem, e arrecadasse os preços da praça; ou que não se tendo feito assim, os bens excluidos e reservados, entrassem na praça, e fossem tomados em conta pelo preço que nella obtivessem, mormente que tinham uma avaliação imperfeita e de *favor*; porque de *favor*,e sem a assistencia dos interessados, e só para servir de base á praça, tinha sido dado valor aos bens, por pessoa que nem eu nem minha irmã rogamos, contra o que falsamente se affirmou no *communicado*. Appello em abono desta verdade para o testemunho do sr. Joaquim Maria do Amaral Cardoso,que em desmentido ao *communicado*, poderá affirmar que nem eu, nem minha irmã, lhe commettemos a avaliação dos bens, se é que a fez.

Mas em fim, fez-se a praça: todos os bens entrados nella foram vendidos, com excepção de tres ou quatro predios, que por circumstancias especiaes não tiveram comprador,por preços muito superiores aos das bases para as licitações, a mais d'um terço alguns delles. Fizeram-se depois os respectivos titulos das vendas em que meu irmão figurou de vendedor tambem, por si, e como procurador meu e de minha irmã; como tal, recebeu as pagas dos preços das vendas; e deu desses dinheiros differentes parcellas por vezes a mim e á mesma minha irmã. Já isto está declarado authenticamente no inventario, e ainda se me faz a torpe insinuação de *negar que recebi!!!* sem que tenha sido poupado ao epitheto infamante de *ladrão!!!* por muitas vezes em publico mesmo. Appello para o testemunho de tantos que o tem ouvido.

Quanto aos mais bens separados, que meu irmão retirou á hora da praça; de todos elles se apropriou elle, bem como d'aquelles outros que não tiveram comprador; do mesmo modo que já antes, illudindo a boa fé dos mais irmãos, se apropriou de uns poucos de predios que está possuindo e desfructando (pertencentes tambem á herança materna) no supposto de terem a natureza de *prazo de vidas*; quando muito bem sabe que são *allodiaes*, a falta de titulos competentes que lhes comprovem aquella natureza.

São estes os factos, positivos, incontroversos, e até mesmo authenticos.Fizeram-se vendas, em nome de todos os tres *unicos* herdeiros, de certos bens da herança materna: d'outros que foram retirados da annunciada venda comprehendendo-os todos,e d'alguns mais que não tiveram comprador, apropriou-se delles um desses mesmos tres herdeiros que os retirou da praça; e affirma-se depois disto, que a partilha de todos esses bens, *vendidos e apropriados* está feita,por terem *dois* dos mesmos co-herdeiros, os seus quinhões preenchidos com o dinheiro recebido das vendas; e o terceiro delles, estar inteirado do seu, pelos bens de que se apropriou. Mas onde está ou consta do auto desta imaginosa partilha que a comprove e mostre assim?!! Qual é ao certo a importancia de cada lote hereditario?! Quanto receberam aquelles *dois*, inteirados, que se diz,pelo producto das vendas, á justa, de mais, ou de menos? Como foram calculados os lotes destes? sobre a total importancia dos valores dados *arbitrariamente* aos bens todos,para base das licitações na praça, com exclusão dos grandes *acrescimos* que nella tiveram sobre esses valores; ou incluidos esses *acrescimos* tambem,mettendo,ou não em conta o *acrescimo* em proporção ao menos

que competiria aos bens retirados da praça se nella fossem entrados; ou em fim reverteu esse acrescimo, bastante valioso, em beneficio exclusivamente do *terceiro* co-herdeiro,que se apropria dos bens retirados por elle da praça?!!

E quanto a este *terceiro* co-herdeiro: em que valores tomou os bens de que se apossou, quanto por cada predio?! Pelos preços da arbitraria avaliação feita para o fim somente de dar base ás licitações na praça, onde não foram, ou por justos preços d'accordo com os mais coherdeiros, em proporção dos valores acrescidos na praça sobre os bens entrados e nella vendidos?

Donde consta como tudo isto se fez?!! Do *communicado* não; que, para não ser explicito, é contradictorio: ora diz *que concordaram todos* os co-herdeiros, *em vender todos os bens, e dividir o producto*; ora *que o regulador do preço dos bens separados* e apropriados por Antonio, *fosse o resultado das avaliações com as offertas da praça dos que eram vendidos* (não é comprehensivel): ora *que Antonio ficou* com *todos* os predios *no total de* 3:271$861 rs., dos quaes, 1:090$620 reis *para cada um dos tres herdeiros.*

Do acto da partilha, tambem nada consta, porque não existe, por qualquer forma que seja feita, e o proprio communicado confirma, declarando que não ha titulo della, e sem titulo legal não ha partilha. *Codigo civil, artigos* 2012 e 2013.

Como se póde pois affirmar que se fez partilha, quando nada ha que mostre o como, e a comprove?!!!

Devia ficar aqui; mas como o *communicado* falla tambem da *partilha* amigavel, feita em 1865 por *titulo particular*, como a lei vigente ao tempo permittia; embora em juizo, differentemente daqui, se appellide para certos fins esse *titulo*, *d'auto de partilhas*; e accrescente que *concordaram todos os tres herdeiros*, em a quinta de Valle Figueiras, ser adjudicada a Antonio, e por isso excluida dessa partilha em 1865, como composta que é de prazos de nomeação; seja-me licito dizer que uma semelhante asserção, é simplesmente falsa. Venha esse *titulo particular*, ou *auto de partilhas*, como melhor se queira; e mostre-se nelle essa inventada *concordancia dos tres co-herdeiros*. Affirmo que nem lá, nem em parte alguma outra, nem sequer se fallou em tal quinta, nem consta de tal *concordancia*.

Fico por aqui por agora, sr. redactor, e rogo-lhe em nome da lei, queira dar publicidade a este meu escripto, para meu desaggravo das insinuações menos honrosas que, como novo meio de *propaganda* contra mim, me faz o auctor do *communicado*, ao mesmo tempo que procura continuar-me e levar mais avante a perseguição injusta que me faz e promove, passando para querel-a mover criminalmente, a pretexto de eu impedir-lhe novo e repetido *espolio*, que, pelos seus mandatarios, assaltando as minhas propriedades, se quiz fazer com violação dos meus incontestaveis direitos. Bastará dizer que não me foi preciso usar do direito que a lei me confere, de repellir a força pela força violentamente (Codigo civil 486, 2364 e 2367); usei dos meios brandos para impedir a expoliação e fazer sair da minha propriedade os mandatarios expoliadores, e tanto bastou para me desforçar: e é agora que d'um acto licito, auctorisado pela lei, isempto, por isso de criminalidade (Codigo Penal, artigo 14, n.º 5) se procura fazer nascer um crime!!

Ponho remate, transcrevendo o penultimo § do *communicado*, que diz—*Ponha marcos com os visinhos, homem de Deus, e conseguirá tranquillidade, finalmente, para si e para elles.*

Não ha nada mais claro, nem é preciso para levar á evidencia, que sou perseguido,roubando-se-me a *tranquillidade*, por não *pôr marcos*; não com os visinhos, que me não perseguem e nem tal exigencia me fazem; mas com meu irmão, que solta essa insinuação para pretextar a sua perseguição; mas sem razão, porque nunca me recusei a pôr esses marcos com elle: ponha-os elle por onde melhor quizer, não lhos estorvo, mas deixe de fóra a estrada, que é entre mim e elle, e outros visinhos, e de *commum servidão* de todos, que sempre tem sido e continua a ser para não poder ser, do exclusivo d'um só.

Thomar, 9 de Novembro de 1873.

Francisco Henriques de Sousa Secco.

NOTICIARIO

ANNIVERSARIO

Entra hoje este jornal no 27.º anno da sua publicação.

Se nas proprias nações estranhas, onde, ha muito mais tempo do que em Portugal,está introduzida a liberdade de imprensa, não é vulgar um tão prolongado viver;—em o nosso paiz, caso é rarissimo e digno de se registar e ser commemorado.

Só quem se tem dado á vida jornalistica, e sabe as fadigas que custam, e as vicissitudes por que passam semelhantes emprezas; é que bem poderá avaliar que perseverança e força de vontade terão sido necessarias, para fazer com que este jornal chegasse a entrar no seu 27.º anno!

Singrando por estes mares revoltos das incertezas humanas, aqui vae pois o *Conimbricense* encetar mais outro anno da sua vida.

O que representa este jornal; os poucos, ou muitos serviços que elle tem prestado á segurança publica, á civilisação, á instrucção popular, e á causa da liberdade; o que elle tem contribuido para fazer surgir á luz da historia tantos e tão numerosos factos e documentos, uns de todo ignorados, e outros bem pouco sabidos; não o diremos nós— ao publico é a quem compete avalial-o.

Nesta solemne occasião cumpre-nos cordealmente agradecer a todos os cavalheiros, que nos tem obsequiado com a sua valiosa collaboração, ou nos tem auxiliado com os seus illustrados conselhos; aos nossos bons assignantes, sem os quaes o *Conimbricense* não poderia durar tanto tempo; e finalmente aos nossos prezados collegas da imprensa periodica, a quem temos devido attenções,superiores ao nosso merecimento.

Preces em Coimbra em 1833 —Em os n.os do *Conimbricense* de 14 de Agosto a 3 de Outubro de 1868, publicámos a historia da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia de Coimbra, á qual se acham ligados muitos dos mais importantes acontecimentos, que houve nesta cidade nos dois ultimos seculos.

A esta corporação pertenciam a generalidade dos habitantes de Coimbra, de ambos os sexos; e como para a ella ser admittido era necessario provar por meio de uma justificação, que o requerente era de sangue limpo, e não de geração judaica, ou de qualquer outra seita; ficava-se implicitamente entendendo, que quem não pertencia á Ordem Terceira, era de geração impura.Não é por isso de extranhar, que no seculo passado chegasse esta irmandade a ter perto de 1:300 irmãos.

Na historia que publicámos desta corporação, demos minuciosa conta das preces que houve na capella da Ordem Terceira, junto á egreja de S. Francisco da Ponte, nos dias 23 a 30 de Maio de 1832; assim como da notavel procissão de penitencia, que no dia 31 (quinta feira de Ascensão), fez esta irmandade, pela ponte, rua dos Gatos, Praça de S. Bartholomeu, ruas dos Sapateiros e do Corvo, largo de Samsão, ruas do Coruche e Calçada, regressando outra vez á sua capella;depois de terem sido pregados tres sermões, um na Praça, outro em Samsão, e outro na Calçada.

A cholera morbus tinha apparecido em Paris, e era o terror do espantoso flagello, que motivara em Coimbra estes actos de penitencia.

Deixámos, porem, de noticiar umas outras preces, que houve no anno immediato.

O que tanto se receava, a invasão da cholera, havia-se infelizmente realisado; e em Junho de 1833 era Coimbra devastada por esta terrivel epidemia. Familias inteiras eram atacadas; sendo frequente ver-se no mesmo enterro serem levados para a sepultura o marido e a mulher, o pae e o filho. Os ataques fulminantes eram numerosos; e quasi já não havia sãos sufficientes para tratar dos enfermos.

E' nestas circumstancias que a Ordem Terceira deliberou fazer novamente preces, vindo a irmandade em procissão para a Sé Velha, no dia 7 de Julho, e voltando no dia 15 para a sua capella de S. Francisco.

Publicamos hoje a circular relativa a estas preces, e dirigida pelo secretario do definitorio, Bernardo Joaquim Seabra, a todos os irmãos. D'ella temos um exemplar impresso, assignado em manuscripto pelo referido secretario.

N'aquella epocha era o nome de D. Miguel mettido em tudo. Até não escapou nesta circular para umas preces por causa da cholera morbus!

«Ao N. C. Irmão.—Se em todos os tempos devemos recorrer ao ALTISSIMO, com muito maior razão o devemos fazer nos de calamidade e tribulação. Já não é ao longe que vemos desembainhada a espada da divina justiça; sim é no nosso reino, e na nossa cidade. Ah! quantos dos nossos irmãos, quantos dos nossos amigos, quantos dos nossos parentes não tem já perdido a cara existencia! E tão rapidamente, que bem se deixa ver a colera de um DEUS irritado. Applaquemos pois, applaquemos a divindade, que sempre se mostrou compassiva para os que do coração a imploram. E com que? Se não com a oração, com a penitencia, com o jejum e com a esmola?

Este pois o motivo, por que o irmão reverendo padre commissario visitador, e o irmão ministro, com o definitorio desta Veneravel *Ordem Terceira da Penitencia*, exhorta a todos os nossos carissimos irmãos e irmãs, para que com mais fervor, devoção e fé viva, do que n'outros tempos, offereçam a DEUS, Nosso Senhor, os jejuns, abstinencias e mortificações, orando ao mesmo Senhor com espirito de humildade, e com o coração contricto, afaste de nós e do nosso reino a terrivel peste, que nos afflige, pondo os seus divinos olhos de misericordia no nosso adorado monarcha, o muito alto e poderoso rei o senhor D. MIGUEL I, e em toda a familia real.

Por tanto tem determinado o definitorio, que se celebrem preces por nove dias continuos de tarde, em que haverá sermão. E para que todos mais facilmente se juntem e concorram a este acto de tanta religião e piedade, roga a vossa caridade, que no dia 7 do corrente Julho, pelas 4 horas da tarde, se ache na nossa capella de S. Francisco da Ponte, para se conduzirem em procissão para o templo da Sé Velha as nossas sagradas imagens, e ahi serem depositadas pelos dias 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, e no dia 15 de manhã visitarem-se os irmãos pobres e necessitados com a esmola, que as circumstancias permittirem, para o que deveremos sahir da dita egreja pelas 7 horas da manhã em communidade,indo todos com o coração em DEUS, e um verdadeiro arrependimento das nossas iniquidades. E n'esse mesmo dia de tarde, pelas 6 horas, serão conduzidas outra vez em procissão as nossas sagradas imagens para a nossa capella.

O definitorio roga, pede e insta a todos os seus carissimos irmãos e irmãs, queiram nestes nove dias jejuar, orar e usar de caridade para com os pobres, por serem estas tres virtudes bem capazes de applacar a ira de DEUS, e suspender o raio da sua divina justiça. Mas para obtermos de DEUS a graça, que pedimos, e indispensavel chegarmos ao santo tribunal da penitencia, e ahi, confessadas nossas culpas, e perdoadas que sejam, e com o coração contricto e arrependido, chegarmos á mesa da sagrada communhão. Por tanto vamos todos juntos dar um testemunho publico da nossa fé, juntando-nos nos dias destinados naquelle templo, para implorarmos a clemencia do DEUS de infinita misericordia.

As chagas do Nosso Seraphico Patriarcha *S. Francisco* derramem sobre o coração de vossa caridade desejos efficazes de fazer uma verdadeira penitencia. Em mesa do 1.º de Julho de 1833.—O secretario da ordem, *Bernardo Joaquim Seabra.*»

A Revolução de Setembro.—O jornal politico mais antigo,que actualmente se publica no continente do reino, é a *Revolução de Setembro*.

Aqui temos á vista o numero 1.º deste jornal, publicado na segunda feira, 22 de Junho de 1840. Era em muito pequeno formato; ainda menos de metade do que é actualmente.

O programma deste primeiro numero, terminava pela seguinte forma:

«O livro de que havemos tirar todas as nossas exhortações,nossos textos, nossas doutrinas, é o *mestre* da nossa vida politica= a Revolução de Setembro= grande codigo de liberdade e gloria,que tomamos por timbre da nossa folha.

«Sim: é essa revolução, com que quebraremos sempre os olhos de nossos adversarios; é essa revolução, de cuja sorte lhes havemos de pedir estrictas contas; é essa revolução, por que bradaremos, mesmo quando a sua memoria fôr já um crime;é essa revolução finalmente,que hoje escrevemos em rotulo fatidico sobre os arcos de seu desgraçado triumpho.

«Todas as nossas vontades, todo o nosso pensamento se cifra na nossa invocação; e a sorte dos nossos adversarios ahi está marcada.

«Queremos uma constituição popular; um rei sem arbitrio; uma representação extensa; uma familia social; nacionalidade segura; administração sem opprimir; auctoridade com confiança; centralisação com foros; justiça com independencia; fazenda regulada; despezas com economia; tratados com industria; reciprocidade sem perdição; ordem sem enthusiasmo; e liberdade sem sophismas.

«Tudo isto nos deu a revolução de Setembro: tudo conquistámos com armas e com leis: e é essa conquista que defendemos: o fim é justo, meios são os legaes; e o paiz hade ouvir-nos, e Deus ajudar-nos.»

Iniciação.—O celebre estadista Rodrigo da Fonseca Magalhães, foi na sua mocidade iniciado na maçonaria, por João Baptista Gemoux, livreiro e impressor, natural do Piemonte, que no seculo passado veiu estabelecer-se ao arco de Almedina, desta cidade de Coimbra, e que tambem teve casa na Barreira, do concelho de Condeixa.

Conferencias no Instituto.—No sabbado 8 do corrente, fez o sr. Dr. Julio de Vilhena uma brilhante conferencia no Instituto, a que não podémos assistir. Os nossos leitores certamente terão já conhecimento por outras folhas da conferencia do sr. Vilhena, a qual não noticiamos devidamente por não nos chegarem informações em occasião opportuna.

No sabbado, 15, fez outra conferencia o digno par do reino o sr. Miguel Osorio Cabral de Castro. O assumpto que escolhera foi—*Jacintho Freire d'Andrade e suas obras.*

Traçou o sr. Miguel Osorio a biographia de Jacintho Freire de Andrade,de uma maneira que a todos agradou; e fez com toda a proficiencia, e revelando profundos conhecimentos da nossa litteratura,a critica das obras de tão notavel escriptor.

Considerou de pouca importancia todas as producções de Jacintho Freire, além da *Vida de D. João de Castro*; mas a esta attribuiu os foros de monumento litterario, que ha de ser sempre estimado em quanto se fallar a lingua portugueza.

O sr. Miguel Osorio apresentou um manuscripto antigo, do qual parece evidente se servira Jacintho Freire para a *Vida de D. João de Castro*, e disse que aquelle manuscripto é uma preciosidade não só pelas curiosas noticias que n'elle se encontram, mas tambem pela sua boa linguagem.

Prometteu apresentar á Classe de Litteratura do Instituto o resultado de varias averiguações a que tem procedido acerca deste manuscripto, que é hoje propriedade do sr. José Melchiades Ferreira Santos.

No decurso da biographia de Jacinto Freire fez o sr. Miguel Osorio algumas digressões sobre pontos curiosos, cuja exposição foi cheia de interesse. Historiou e criticou a escola gongorica; descreveu com vivas côres o caracter de Filippe II de Hespanha (o Demonio do Meio Dia), fallou dos horrores da inquisição hespanhola; da restauração da independencia portugueza em 1640; das ideias que houve de se estabelecer então a republica no nosso paiz; do procedimento da côrte de Roma n'essa epocha com o nosso governo, etc.

A conferencia do sr. Miguel Osorio deixou boas impressões nas pessoas que o ouviram, pertencentes quasi todas ao corpo docente da Universidade e á academia.

Largo da Portagem.—Consta-nos que a camara municipal desta cidade realisára a compra das casas do sr. Joaquim Antonio Teixeira Barbosa, pela quantia de reis 5:000$000.

Hospede distincto—Esteve nestes ultimos dias em Coimbra, vindo do Porto, e para onde voltou, o illustrado romancista o sr. Camillo Castello Branco.

Nomeação—O nosso estimavel patricio e amigo o sr. bacharel José Diniz de Carvalho Junior, obteve a boa collocação de secretario do seminario de Santarem; e parte já amanhã para aquella cidade.

O sr. Diniz de Carvalho é muito digno do cargo que vae desempenhar.

Doença—O nosso amigo o sr. Dr. Luiz Albano de Andrade, digno lente cathedratico da Faculdade de Mathematica, tem ha tempo estado doente. Muito folgaremos que s. ex.ª obtenha promptas melhoras.

Cemiterio da Conchada.—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Joaquina de Jesus, natural da Cruz dos Mouroços, de 80 annos, fallecida no dia 9 de Novembro.

Cesar Augusto Tavares, filho de paes incognitos, natural de Coimbra, de 18 annos, fallecido no dia 11.

José Maria Pereira, filho de Felix Pereira e Thomazia, natural de Aveiro, de 64 annos, fallecido no dia 11.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5196.

Panorama Photographico de Portugal.—Recebemos o n.º 9.º, correspondente ao mez de Setembro, deste interessante jornal photographico-litterario. A photographia deste numero representa o lindo claustro do Silencio do mosteiro de Santa Cruz desta cidade. Traz os seguintes artigos:—*O Claustro do Silencio*, por A. M. Simões de Castro—*Na Cruz Alta do Bussaco*, soneto por Luiz Carlos—*Segundo Conto*, por Silva Rocha.—*Bibliographia*. Na bibliographia tratase das *Raças Historicas da Peninsula Iberica*, obra do sr. Dr. Julio de Vilhena, e dos *Contemporaneos Celebres de Hespanha e Portugal*, traducção do italiano pelo sr. Pereira Rodrigues.

Casa de modas—Chamamos a attenção para o annuncio de modas. São lindos, mui variados e de apurado gosto, os chapeus de senhora para a presente estação, feitos no bem acreditado estabelecimento do nosso patricio o sr. Nuno Machado, em Lisboa.

Pelo pouco tempo que o agente desta casa tem em Coimbra, pois se retira por estes dias, convidamos as nossas elegantes a que procurem prover-se dos objectos necessarios. Os preços são reduzissimos.

Nova publicação—No logar competente vae annunciada a publicação de um interessante romance historico—*A corte do rei bandido*—de D. Antonio de San Martin, traduzido pelo sr. Cunha Lima, e editado pelo sr. Raphael Basques Onça. Agradecemos o exemplar que nos foi enviado.

Grande incendio—Da Cumieira, concelho de Penella, nos communicam o seguinte:

«Em a noute de 10 para 11 do corrente, foi reduzida a cinzas a antiga casa de habitação, e solar do vinculo do exm.º sr. D. José Casimiro de Mascarenhas Sarmento, na sua quinta de S. Bernardo, no logar de Azenha, desta freguezia da Cumieira.

Achava-se o dito sr. D. José em casa de sua irmã, na quinta da Venda das Figueiras, nessa occasião, em que os criados depois de cearem se foram deitar, ficando lume pegado á ferrugem da cozinha, d'onde com a ventania que estava, se foi pegando ás madeiras do telhado. E se não fossem as povoações visinhas, onde ainda estava gente levantada, que viu o clarão do fogo e veiu gritar e arrombar as portas, tirando os que estavam no primeiro somno, tudo seria presa das chammas.

João Pedro, de 76 annos de edade, foi encontrado quasi sem sentidos, engasgalhado n'uns tirantes.

Muito povo dirigido por pedreiros, e dois carpinteiros, que tem visto incendios no Brazil e Lisboa, trabalharam toda a noute; mas com pouco resultado, por causa do grande vento.

Esta familia está inconsolavel.»

A' ultima hora.—Acabam de informar-nos, que tendo entrado na urna em Condeixa 1:032 listas, vencera a lista da camara protegida pela auctoridade, por 3 votos. Ha porem protestos contra a eleição.

ANNUNCIOS

1 PELO JUIZO DE DIREITO desta cidade, correm editos de trinta dias, que hão de findar no dia 7 de Dezembro proximo futuro, a chamar todos os credores incertos, que se julgarem com direito ao producto da arrematação d'uma propriedade, que foi vendida em hasta publica, em execução que o cabido da Sé Cathedral, desta cidade, move a Joaquim José Ferreira de Castro e mulher, tambem desta cidade. Escrivão Santos.

EDITAL

2 A CAMARA MUNICIPAL DE COIMBRA faz saber; que a feira que costuma ter logar no dia 23 de todos os mezes, no Rocio de Santa Clara, desta cidade, será permittida, em quanto durarem as obras da reconstrucção da ponte, no caes do Cerieiro e caes das Ameias.

E para constar se passou este e outros.

Coimbra, secretaria da camara municipal, 18 de Novembro de 1873.

O presidente,
Lourenço d'Almeida Azevedo.

SANGUESUGAS FRANCEZAS

3 ANTONIO DE ALMEIDA, com deposito na praça de S. Bartholomeu, n.º 44.

4 JOSE' DINIZ DE CARVALHO JUNIOR, tendo de retirar-se para Santarem, e não podendo despedir-se pessoalmente de todos os seus amigos, pede desculpa desta falta involuntaria, e a todos offerece o seu prestimo naquella cidade.

5 MARIA MAXIMA TAVARES e seu filho Christiano Marques de Oliveira para que ninguem possa allegar ignorancia, previne o publico de que no *Diario*, n.º 252, se acha annunciada a venda de duas propriedades, sitas em Coja, uma ao Paço, e outra á Coelheira, como pertencentes á mitra de Coimbra, achando-se aquelles predios descriptos no mesmo *Diario*, de forma que comprehendem dous predios, que os annunciantes alli possuem, por si, e seus antepassados ha mais de 40 annos.

Objecto achado

6 A QUEM perdeu um objecto d'ouro, será entregue, dando signaes certos, no becco dos Militares, n.º 4.

Estrada municipal

7 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Nellas, faz publico, que no dia 23 de Novembro do corrente anno, ás 10 horas da manhã, e na sala das suas sessões, se hade proceder á licitação de duas tarefas, comprehendendo terraplanagens e obras d'arte a construir, uma entre os perfis 1 e 46, outra entre os 66 e 94, da estrada municipal de Santar a Cannas de Senhorim, no lanço entre Santar e a Teixugueira. As condições para a arrematação estão patentes na secretaria da camara, aonde podem ser examinadas todos os dias não santificados, desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde.

Nellas 9 de Novembro de 1873.

O presidente da camara,
Antonio Pires da Silva Azevedo Loureiro.

JULIO MAXIMO DE OLIVEIRA PIMENTEL, visconde de Villa Maior, par do reino, lente jubilado da eschola polytechnica de Lisboa, socio effectivo da Academia Real das Sciencias, commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, official da de Torre e Espada, do valor lealdade e merito e da de Legião de Honra, reitor da Universidade de Coimbra, etc.

FAÇO saber que o jury do concurso da Faculdade de Mathematica, composto dos lentes cathedraticos e substitutos da mesma Faculdade, os Drs Raymundo Venancio Rodrigues—Florencio Mago Barreto Feio—Luiz Albano de Andrade Moraes e Almeida—Francisco Pereira de Torres Coelho—Luiz da Costa e Almeida—José Joaquim Pereira Falcão e João José d'Antas do Souto Rodrigues, para execução do art. 10.º, do decreto de 22 de Agosto de 1865, resolveu:

1.º Que os lentes de prima jubilados da mesma Faculdade, os Drs Francisco de Castro Freire e Rodrigo Ribeiro de Sousa Pinto, façam parte do jury, na qualidade de supplentes, para cumprimento do que se acha prescripto no § 1.º do art. 3.º do citado decreto.

2.º Que as provas designadas no art. 11.º a que tem de satisfazer o Dr. Gonçalo Xavier d'Almeida Garrett, unico candidato ao provimento da substituição que se acha vaga e a concurso, comecem pela defeza da dissertação, que terá logar no dia 8 de Janeiro de 1874, sendo nos dias 13 e 19, as lições oraes, e os trabalhos praticos no dia 21 do referido mez de Janeiro.

3.º Que todos os mencionados actos fossem ás 10 horas da manhã, bem como a extracção dos pontos, a cujo serviço assistirão tres vogaes do jury por turno, guardada a ordem de antiguidade.

E para constar mandei afixar o presente. Paço das escholas, em 14 de Novembro de 1873. Eu Manoel Joaquim Fernandes Thomaz, secretario o subscrevi.—Visconde de Villa Maior, reitor.

9 PERANTE a administração dos hospitaes da Universidade de Coimbra, se abre concurso por 30 dias, a contar da publicação deste no *Diario do Governo*, para o provimento do logar de ajudante de pharmacia nos mesmos hospitaes, com o vencimento annual de reis 160$000, e casa d'habitação.

Administração dos Hospitaes da Universidade de Coimbra, 15 de Novembro de 1873.

O administrador, *Costa Simões.*

10 PEDE-SE ao sr. Luiz Candido Tavares Nogueira, escrivão de direito na comarca de Taboa, o obsequio de responder ás cartas que lhe foram dirigidas em Outubro, e no corrente mez. Não respondendo, por este jornal se declarará o conteudo dellas.—*Antonio José da Silva.*

11 A CORTE DO REI BANDIDO, romance historico de D. Antonio de San Martin; traduzido pelo sr. Cunha Lima, e editado pelo sr. Raphael Basques Onça.

Vende-se na loja do sr. José de Mesquita, na rua das Covas. Preço 400 rs.

MODAS E CONFECÇÕES

12 NUNO MACHADO & C.ª, fornecedor de S. M. a Rainha.

Sède do estabelecimento em Lisboa, 65, rua Nova do Almada, 67,—e 69, primeiro andar, 69.—Sucursal em Coimbra, rua da Calçada, n.os 204 a 212, antiga casa do Barbosa.

O representante da firma acima designada, tendo de retirar-se, tem a honra de convidar os *chefes de familia* e em especial as *damas* a visitarem o seu estabelecimento, e a examinarem os sortimentos de todos os objectos de modas e vestuarios para a estação do inverno de que se acha provido. Os preços tem grande abatimento.

13 AYRES AUGUSTO QUARESMA DE ALMEIDA, faz publico, que vende a sua diligencia que tem entre o Espinhal e Coimbra, incluindo as parelhas, e o faz a prazo, com as devidas seguranças. Promptifica-se a fornecer palha, tanto no Espinhal, como em Condeixa, pois tem deposito d'ella, assim como a arrendar cocheira no Espinhal: por tanto, a quem convier dirija-se a casa do annunciante até ao dia 30.

PIANO

14 VENDE-SE um vertical, novo, de pau preto, e de 7 oitavas: para ver e tractar, na Couraça de Lisboa, n.º 17.

LECCIONISTAS

15 A. BELLO DA SILVA BRAZÃO e F. A. Leite Galvão, ensinam, na rua da Trindade, n.º 17, instrucção primaria, desenho, portuguez, francez, latim e latinidade, e habilitam para o magisterio primario.

16 JOSÉ SIMÕES ROLLO tem deposito de sanguesugas francezas baratas, rua da Solas, n.º 12-14.

EDITAL

17 A CAMARA MUNICIPAL do concelho de Coimbra, em execução do alvará do exm.º secretario geral, servindo de governador civil deste districto, de 20 de Outubro ultimo, faz publico, que no dia 30 do corrente mez de Novembro, pelas 9 horas da manhã, nas parochias abaixo designadas, que fazem centro da reunião eleitoral, se hade proceder á eleição dos juizes de paz, que hãode servir no biennio de 1874 a 1875, cujos districtos se compõem de mais de uma freguezia.

Todos os votantes devem ir munidos de listas, com os nomes de tres pessoas, em que votem, tendo em vista que, votando no actual juiz de paz, as listas devem conter quatro nomes, como determina a Nov. Ref. Jud. art. 121.

1.ª assembleia—Sé Nova—freguezias, Sé Nova, Sé Velha, Ceira, e Santo Antonio dos Olivaes.

2.ª assembleia—Santa Cruz—freguezias, Santa Cruz, S. Bartholomeu, Santa Clara, S. Martinho do Bispo, S. Martinho d'Arvore, S. Silvestre, e Lamarosa.

3.ª assembleia—Souzellas—freguezias, Souzellas, Botão, Brasfemes e Torre, Eiras, Vil de Mattos, Antuzede e S. Facundo, S. Paulo de Frades, Cioga do Campo, e Trouxemil.

4.ª assembleia—Almalaguez—freguezias, Almalaguez, Antanhol, Assafarge, Sernache, e Castello Viegas.

5.ª assembleia—Taveiro—freguezias, Taveiro, Ribeira de Frades, Ameal, e Arzilla.

E para conhecimento de todos se mandou publicar este e outros d'egual theor.

Coimbra, secretaria da camara municipal, 12 de Novembro de 1873.

O presidente,
Lourenço d'Almeida Azevedo.

NUMERO 2747 — SABBADO 22 DE NOVEMBRO DE 1873 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis.
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**.
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$726
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Estão feitas em quasi todos os districtos as eleições municipaes.

Este acto, a que os povos não estão ainda, entre nós, habituados a desempenhar com a independencia e hombridade propria de cidadãos doutrinados nos principios da escola liberal, praticou-se, na maior parte dos concelhos, e em alguns dos mais importantes, com reprehensivel frieza e condemnavel desleixo.

Ainda não comprehenderam bem, que no systema por que se regem as nossas instituições, a actividade politica é uma condição indispensavel, em todas as manifestações do progresso social; porque ella tende a aperfeiçoar successivamente as formulas constitucionaes e a corregir todas as instituições publicas.

E' tanto mais notavel esta falta de vida politica, esta indolencia dos povos para os actos que mais directamente influem no seu pronunciado instincto de liberdade, de independencia e de patriotismo, quanto é evidente que em todas as povoações do paiz se manifesta um mui louvavel desejo de aperfeiçoar as condições moraes e materiaes das populações, e de desenvolver os elementos que o progresso e a civilisação instituiu por seus principaes agentes.

Tal contradicção de ideias não é compativel com a dignidade dos cidadãos e com os sentimentos de elevação moral a que aspiramos.

O desprezo pelos direitos individuaes e pelas garantias publicas, que são os principios em que assenta o systema liberal da nossa constituição politica, sobre ser a negação dos nossos instinctos por muitas occasiões manifestados, é um mal, cujas consequencias hãode reflectir-se nos interesses da organisação geral e nas conveniencias da vida local.

Tem o povo a sua importancia politica: tambem elle collabora nos destinos publicos; mas se elle prescinde das suas garantias; se renuncia aos seus direitos, não pode depois queixar-se, quando as cousas publicas tomem rumo menos conveniente aos seus desejos.

E' preciso que a imprensa periodica não assista impassivel ao estiolamento dos povos; é preciso que ella diga claramente estas verdades, e que, como orgão da opinião illustrada, manifeste o seu pensar e tome parte em todas as discussões que têm por objecto a collectividade de interesses.

NOTICIARIO

O conde de Chambord, D. Miguel e a Nação.—Logo nos pareceu que a *Nação* se havia de mortificar com o nosso *parallelo historico*. Não era facil livrarem-se os jornaes absolutistas da nota de contraditorios, que lhes pozemos. Os elogios por elles feitos ao procedimento do conde de Chambord, são e hão de ser sempre a mais pungente censura a D. Miguel.

Diz-nos a *Nação*:

«A situação dos dois reis não é identica. Henrique V teve sempre um direito indubitavel; o de rei de Portugal á morte do senhor D. João VI não estava declarado pelo tribunal competente, quando a situação era não só extraordinaria, senão *unica*.

«Assim que o senhor D. Miguel em Vienna, cercado de influencias *liberaes*, informado do que se lhe representava acquiescencia nacional ao que fora architectado governo em Lisboa, *ponde* **duvidar** *e mesmo* **ignorar** *o seu direito.*»

Que grande *innocente* era D. Miguel! Aquella *creança*, *apenas* então de 25 annos de edade, ainda *duvidava* e mesmo *ignorava*, se tinha, ou não direito ao throno portuguez. Por isso dos simples é o reino dos ceus!

Em Vienna d'Austria fazia D. Miguel todas as promessas, porque sabia que quasi todas as nações tinham reconhecido os direitos de seu irmão D. Pedro. Era necessario enganar todos os governos, com essas promessas fementidas; porque logo que se achasse em Portugal, elle saberia desprezar todos os juramentos.

Esta é que era a tal *ignorancia* que elle tinha dos seus direitos!

Em quanto, porem, D. Miguel vivia n'essas *ignorancias* e *duvidas*; tinha sua irmã D. Maria Theresa, amplo conhecimento dos direitos delle. A sciencia que um tinha de menos, tinha a outra de mais! O motivo é claro: D. Maria Theresa não precisava de empregar os mesmos fingimentos que seu irmão.

Quando os emigrados miguelistas se achavam em Hespanha, em Villa Nova de la Serena, commandados por Antonio Tavares Magessi de Carvalho, prestou este e fez prestar a toda a sua divisão, no dia 22 de Setembro de 1826, o juramento de defender os direitos *da legitimidade do senhor rei de Portugal e dos Algarves, D. Miguel Primeiro*; e se elle fallecesse, á princeza da Beira D. Maria Theresa; e ainda por morte desta, a seu filho D. Sebastião.

D. Maria Theresa, que estava no Escurial, reconhecendo os inconvenientes que havia na parte do juramento dos miguelistas, que se referia a ella e a seu filho D. Sebastião; escreveu logo ao visconde de Montalegre uma carta, em que tratava de o dissuadir e aos seus companheiros de fazerem uso de semelhante pensamento, e terminava a sua carta dando-lhe os seguintes conselhos:

«Meu querido irmão Miguel, e regente durante sua ausencia a rainha minha-mãe (e ninguem mais senão ella), deve ser objecto dos seus desejos; e de outro modo debilitar-se-hão as razões da sua decisão a favor da *legitimi-*

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXIV

D. CARLOS

LXIV

O governo de Madrid remediou por fim a necessidade instante que experimentava o exercito do centro, e conferiu a sua direcção em 4 de Março de 1837 a D. Marcelino Oráa, com o commando das capitanias generaes de Aragão, Valencia e Murcia, substituindo a Nogueras, que desempenhou interinamente a capitania general de Aragão.

Em quanto Oráa pretendia aproveitar o seu commando, procurava Cabrera augmentar os conflictos de seu inimigo e inutilisar os seus planos.

Tratava Cabrera de reconquistar a praça de Cantavieja, e de accordo com Miñana, Buch, Herrero e outros, que se acoutaram atraz da parede de uma casa contigua ao muro, na tempestuosa noute de 25 de Abril, Cabañero e Azmar, á frente de uns 500 homens, surprehenderam a praça, apoderaram-se della e das peças, armas e munições que tinha, ficando prisioneiros os 250 homens que compunham a sua guarnição, encommendada a um joven official, a quem se accusou de descuidado e inexperiente. Os prisioneiros que fez Cabañero **foram fusilados** mais adeante por Cabrera.

Ao saber Oráa esta perda, conheceu a sua importancia e se dispoz a recobrar a praça, reunindo o trem necessario; porém o sitio de S. Matheus por Cabrera e Forcadell, e o de Benicarló pelo Serrador, contra cujos pontos se assestava a artilheria tomada em Cantavieja, impediu aquelle auxilio; e marchou a salvar S. Matheus.

Avisou ao seu commandante, que se sustentasse; mas foi interceptada a communicação. Esse facto, e a defecção de Cordero, tenente de Ceuta, com alguns soldados do seu corpo, apressou a rendição da praça e a sua guarnição. Demoliram os carlistas as fortificações e a abandonaram.

Os nacionaes, que eram uns 78, foram os unicos que cumpriram os seus deveres naquelle desgraçado sitio. Depois de se haverem defendido até á temeridade e ensanguentar as ruas da povoação, capitularam; e em Cenia os mandaram preparar para morrer. **Foram assassinados a baionetada;** e aquelles martyres acclamavam em sua agonia a rainha e a liberdade!

Inutil já o movimento de Oráa a S. Matheus, desde as Cuevas de Vinromá, se dirigiu á frente de 4:500 infantes e 300 cavallos sobre Benicarló, cujos defensores fizeram tão heroica resistencia aos carlistas, que tiveram de levantar o sitio, retirando-se para as vertentes nordeste do Maestrazgo. Premiou Oráa aos valentes de Benicarló, e ao saber que Forcadell e o Serrador occupavam a Rosell, e Cabrera a Cenia, correu de Vinaroz em sua busca ao amanhecer de 4 de Maio.

A uma legua e meia donde estava Cabrera cortou as communicações deste com Serrador, e quando ia a atacal-os, illudiu o chefe carlista o combate: retirou-se a umas alturas e só se travaram alguns choques parciaes. Uma columna liberal repelliu a outra carlista e penetrou em Rosell; mas não tendo objecto o movimento progressivo, se mandou retroceder, e se viu então atacada bruscamente a primeira columna e desordenadas as suas guerrilhas pelas forças que destacou Cabrera.

Oráa retrocedeu a Vinaroz, precavendo-se contra a maioria dos carlistas, que tão boas posições occupavam; apoderaram-se logo de Cenia, e no dia 6 chegou Oráa áquella praça, examinando a de Peniscola e cuidando da sua conservação.

Lamentando a perda de S. Matheus, que impossibilitava as suas operações contra Cantavieja, teve de variar de plano, reuniu todas as forças possiveis, marchou a 9 com um comboio a pernoutar a S. Matheus, para seguir a Morella, deixando á direita o barranco de Vallibona, e tomou o caminho de Cati.

Cabrera, que soube antecipadamente o movimento que devia emprehender Oráa a 9, adeantou-se na vespera a tomar posições nas montanhas de Cher e de Cati. Parallelos ao seu inimigo, principiaram a tirotear até este ultimo ponto, e chegou a formalisar-se em algum ponto uma empenhada acção; porem foram rechassados os carlistas, e Oráa continuou a sua marcha, sem que as accommettidas dos seus contrarios o impedissem de pernoutar no dia 11 em Ares, e dirigir-se no dia seguinte a Morella pelo bosque e ponto da Torre de Segura, em cujas immediações esperou a incorporação da retaguarda.

Esta detenção deu logar a que chegassem numerosas forças carlistas, que atacaram com denodo, causaram alguma confusão nos liberaes, a qual foi reparada por uma brilhante carga de cavallaria, e fez esta ceder a infanteria, obrigando-a a abandonar a planice.

Seguiu a divisão liberal a sua marcha, apoiando-se e sustentando-se mutuamente por escalões, até chegar á borda do barranco immediato a Morella. Alterados por duas companhias de Saboya os ultimos escalões, aproveitou este descuido o carlista; porém não impediu que Oráa chegasse a Morella com o comboio de viveres e munições inteiro, que não deixou de estar exposto.

Oráa poude convencer-se então que tinha de tratar com um inimigo agil, para o qual era preciso empregar uma mobilidade continua, se pretendia obter algumas vantagens.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

dade; e daria motivos aos nossos inimigos para o desacreditarem, e um poderoso motivo a alguns gabinetes, *para retardar a vinda do mano Miguel*, e proteger com isto, as vistas do governo revolucionario.

«O amor que professo a meu querido irmão Miguel, e aos heroicos defensores do altar e do *throno*, me encaminham a dar este passo, hoje em dia da maior transcendencia — **Viva el-rei D. Miguel absoluto.**

«Escurial 1 de Outubro de 1826. — *Maria Theresa.*»

A irmã de D. Miguel não estava com ceremonias. Acclamava a seu irmão, *rei absoluto de Portugal*, sem esperar que os tres estados assim o decidissem!

D. Miguel precisava, porem, de proceder de outro modo. Reconhecia a dynastia de seu irmão D Pedro, reconhecia a Carta, e se tanto fosse preciso reconheceria o Alcorão de Mafoma; salvo o proposito antecipado de atraiçoar tudo e a todos, logo que chegasse a Portugal.

Diz-nos mais a *Nação*:

«Os precedentes de 27 de Maio de 1823 e de 30 de Abril de 1824 não vem nada para o caso. O senhor D. Miguel então infante, procedeu em tudo como **subdito fiel**, e que, **de intelligencia com el-rei seu pae**, o queria livrar das mãos da maçonaria.»

Pois bem. Vamos chamar a depôr neste processo o proprio rei D. João VI. Em primeiro logar, acerca da fuga de seu filho D. Miguel para Villa Franca, e sua proclamação do absolutismo em 27 de Maio de 1823, depora D. João VI o seguinte:

«*Portuguezes*. Meu filho, o infante D. Miguel, **fugiu** de meus reaes paços, e uniu-se ao regimento n.º 23 — **Eu já o abandonei como pae, e saberei punil-o como rei.**

«Pouco a pouco algumas das tropas da guarnição desta cidade, mandada por seus officiaes, se tem escapado, e me tem desobedecido. Aquelles que ainda ha pouco ratificaram o juramento de guardar e fazer guardar a constituição politica da monarchia portugueza, que representantes seus, e por elles escolhidos fizeram, acabam de perjurar!

«Fiel ao meu juramento, fiel á religião de nossos paes, eu saberei manter aquella constituição, que mui livremente aceitei. E eu ainda não faltei uma só vez á minha palavra. Se quereis ser livres, e continuar a merecer o nome, que por tantos seculos conservastes, sêde fieis a vosso juramento. Ninguem tolhe, nem tolheu até hoje a minha liberdade. Ninguem desacatou ainda a minha auctoridade real. Não deis ouvidos aos aleives com que pretendem alhear-vos de vossos deveres, e da vossa fidelidade. Quem vos attrahe ao perjurio, deseja lançar-vos ferros. Confiae nas côrtes: descançae sobre o meu governo: obedecei á lei: só assim fareis a minha e a vossa felicidade. — Palacio da Bemposta em 30 de Maio de 1823. — EL-REI — com guarda.»

Venha agora D. João VI depor acêrca da rebellião de D. Miguel no dia 30 de Abril de 1824. Na sua proclamação, datada da nau *Windsor Castle* em 9 de Maio daquelle anno, depora este monarcha o seguinte:

«Ao amanhecer do dia 30 de Abril appareceram todas as tropas da capital em armas, e viu-se **meu filho** saindo dos meus paços para se pôr á testa dellas, ordenar, **sem conhecimento meu**, a prisão arbitraria de um immenso numero de individuos de todas as classes, revestidos dos primeiros empregos do estado, e entre os quaes se contavam os meus proprios ministros, e alguns dos meus camaristas. Viu-se o paço, em que eu habito, cercado de gente armada, ou antes transformado em prisão; e o accesso á minha real pessoa vedado por espaço de algumas horas; viram-se, finalmente, procedimentos tão violentos; que quasi tocaram a ultima meta de uma **declarada rebellião**, ao ponto de se julgarem obrigados todos os representantes dos soberanos da Europa a protestarem formalmente contra a **violação da minha regia auctoridade.**»

Eis ahi a resposta que vem dar D. João VI ao que a *Nação* diz dos actos de D. Miguel como **subdito fiel**, assim como da **intelligencia** que elle tinha com seu pae nos dois referidos acontecimentos.

Desenganem-se. O procedimento de D. Miguel difficilmente terá egual na historia. É por isso que dissemos e dizemos, que os elogios feitos ao conde de Chambord, pelas suas declarações nobres e francas, muito embora baseadas em principios absolutistas; são a maior satyra que se pode fazer a D. Miguel, que só por meios tortuosos é que poude chegar a occupar o throno.

A *Nação* chama ao conde de Chambord, Henrique o *Franco*. Ora tendo sido o procedimento de D. Miguel a mais completa antithese de *franqueza*; é com toda a razão que a historia já ha muito lhe poz o significativo nome de — *Usurpador.*

Sua magestade el-rei o sr. D. Miguel II. — Um muito habil artista desta cidade, está fazendo, por encommenda o molde em barro, de um medalhão, para se fundir outro em bronze.

Representa sua magestade el-rei de Portugal, o senhor **D. Miguel II**, no throno, ornado com o manto regio, e apoiando a mão direita sobre o sceptro e a corôa.

Feliz o tempo em que semelhante facto, apenas provoca a vontade de rir!

Se ainda occupasse o throno o **pae do menino**, que aconteceria a quem mandasse fazer, ou tivesse um retrato de D. Maria II, como rainha de Portugal? Ainda não dizemos bem; que aconteceria a quem apenas tivesse uma flor de perpetua, um annel de passaba, um simples lenço com algumas pintas azues e brancas?

Dar-se-hia por muito feliz, se podesse chegar á cadeia com a cabeça inteira!

Ora pois, bom é que assim com os seus actos venham provar a differença extraordinaria que ha entre ambas as epochas. São os proprios miguelistas, que apezar seu o estão demonstrando!

Leonel Estellita Fernandes. — Em os numeros do *Conimbricense* de 26 de Agosto e 2 de Setembro do corrente anno, demos larga noticia das importantes fabricas de seda e algodão, que nos fins do seculo passado, e primeiros annos do actual, foram fundadas na rua de João Cabreira desta cidade, por tres socios, sendo o principal Manoel Fernandes Guimarães. Havendo-se este ausentado de Coimbra, em razão da sua fallencia, deixou nesta cidade um filho e quatro filhas, tendo por unico amparo o negociante de pannos Manoel Fernandes Costa, estabelecido ao fundo da rua do Coruche. O filho chamava-se Leonel Estellita Fernandes; e delle faz menção José Liberato Freire de Carvalho, nas suas *Memorias* impressas em 1855.

José Liberato, tratando da prisão que soffreu nos annos de 1811 a 1813, no convento de Santa Cruz desta cidade, pelos seus sentimentos liberaes, falla das suas occupações no convento, das diligencias que empregou para levar a effeito a difficil traducção dos *Annaes* de Tacito; e depois continua dizendo:

«Com estes auxilios puz mãos á obra, que completei no espaço de dois annos até ao meado de 1813, que me conservei preso em Santa Cruz. Em quanto alli estive, tambem tive outras occupações domesticas. Como se me guardavam os meus privilegios de professor das escolas de S. Vicente, e não tinha as obrigações ordinarias do côro, me pediu o geral, prelado da casa, que quizesse fazer o officio de hospedeiro, porque como fallava francez, era necessario que alguem, ao menos, soubesse esta lingua, para receber os inglezes, e outros estrangeiros que todos os dias vinham ou iam para o exercito, e lá se vinham hospedar. Com effeito o convento de Santa Cruz nunca estava sem ter hospedes naquella epocha; porque ou fossem estrangeiros, ou portuguezes, todos queriam aquelle quartel, onde sempre havia boas camas, e excellente e abundante comida. Aceitei o emprego, para tambem obsequiar estes meus collegas, que sempre me tratavam com todo o respeito e carinho. Nelle fiz conhecimento com muitos inglezes e allemães, que pelo seu trato faziam com que a minha sorte me parecesse menos pesada.

Tambem tive outra distracção com que variava os meus continuos trabalhos litterarios. Alguem me pediu que désse algumas lições, fosse do que fosse, a um rapazinho, que muito desejava instruir-se, e que se achava naquelle tempo muito falto de meios para ter quem o dirigisse nos seus estudos. Este bom rapazinho, era Leonel Estellita Fernandes, filho de um pae que fôra rico, mas perdera toda a sua riqueza, ou pelos revezes do commercio, ou pela sua má cabeça. Sem lhe dar lições regulares, dei-lhas, á proporção que mas pedia, sobre os primeiros elementos de geographia, e das linguas franceza, italiana, e ingleza, a qual ja eu soffrivelmente traduzia e conhecia.

Este rapazinho, auxiliado pelos amigos de seu pae, formou-se depois em medicina, e sendo cruelmente perseguido pela tyrannia de D. Miguel, esteve preso, e apoz da prisão foi mandado em desterro para as ilhas de Cabo Verde, donde se poude escapar, e me appareceu em Londres quando eu alli estava emigrado.

Chegando muito falto de tudo, fiz com que o meu incomparavel amigo, Custodio Pereira de Carvalho, o auxiliasse com dinheiro para se vestir e comer. Depois de estar algum tempo em Londres, começou a adoecer; e vendo-o em muito mau estado, para lhe acudir, e particularmente pelo bom agasalho e sincero interesse que por elle havia tomado Luiz de Vasconcellos, pae do actual conde das Alcaçovas conseguimos que fosse para a ilha Terceira, já em nosso poder. Chegou á ilha, parecendo estar restabelecido, mas não tardou muito que não tornasse a adoecer, e pouco tempo depois alli morreu.

Outro moço já de mais edade, que em Coimbra tratei, e pelo qual tambem me interessei, foi João Eloy Nunes Cardoso, a quem havia muito conhecia, porque tinha sido estudante nas escolas de S. Vicente, e passara depois para noviço em Santa Cruz de Coimbra, modo de vida, que felizmente largou para frequentar a Universidade. Formou-se em medicina, e acha-se hoje em Monte Mor o Novo, ou nas suas visinhanças, reputado como excellente medico, e alem disto sendo um erudito, e muito sabedor das nossas cousas portuguezas. Delle já eu fiz menção na segunda edição do meu *Ensaio Historico-Politico* em uma nota da pagina 58. Tanto elle como o Leonel recommendei eu a meu irmão Francisco, quando me fizeram sair de Coimbra. Meu irmão estava então já no seu collegio da Graça, e como um dos professores, ou mestres daquelle collegio.»

Refere-se José Liberato Freire de Carvalho, como se acaba de ver, ao seu particular amigo, Custodio Pereira de Carvalho, rico negociante estabelecido em Londres.

Como ideias associadas nos lembra de dizer, que Custodio Pereira de Carvalho era tio do actual par do reino o sr. Custodio Rebello de Carvalho, o qual, quando em 26 de Junho de 1828 teve de emigrar de Coimbra, onde estava frequentando o 5.º anno de Leis na Universidade, morava na rua do Coruche, nas casas então pertencentes ao sr. bacharel Euzebio Rodrigues Manique, e hoje ao sr. Antonio José Alves Borges. São as que tem a frente toda de cantaria, á esquerda, quando se caminha para a Calçada.

Do sr. Custodio Rebello de Carvalho temos as seguintes publicações, por elle feitas em Londres, durante a sua emigração:

Bases de todo o governo representativo, ou condições essenciaes para que a Carta Constitucional da monarchia portugueza seja uma realidade. Por Custodio Rebello de Carvalho. — Londres: impresso por Richard Taylor, Red Lion Court, Fleet street — 1832.

Das eleições em Inglaterra, segundo o novo acto da reforma, comparadas com as eleições feitas em Portugal, segundo a lei de 1826; e acompanhadas de algumas observações sobre o poder eleitoral e modo de o exercer nos dous paizes. Por Custodio Rebello de Carvalho. — Londres: impresso por Richard Taylor, Red Lion Court, Fleet street. — 1833.

Os emigrados liberaes em Plymouth. — O tenente general Thomaz Guilherme Stubbs, a cargo de quem estava o deposito dos emigrados liberaes, determinou o seguinte:

«Ordem do dia — N.º 182 — Plymouth 3 de Março de 1829 — Desejo que todos os emigrados portuguezes deste deposito, de qualquer classe que sejam, reconheçam que no dia 4 do corrente começa o tempo da quaresma, segundo a santa religião que professamos; e a par deste reconhecimento se convençam dos deveres que a mesma religião lhes impõe para a satisfazerem, como cumpre a portuguezes e subditos de sua magestade fidelissima a rainha a senhora D. Maria II; e espero que todos quantos existirem no deposito, assistam nos domingos á missa, que hade celebrar-se na capella catholica em Stonhouse, bem como aos sermões que nos mesmos ahi se pregarão ás 4 horas da tarde, pelo muito reverendo prior, Marcos Pinto Soares Vaz Preto, a quem por serviço de sua magestade fidelissima os incumbi: elle se desempenhará como é de esperar. E outrosim cumpre que todos os emigrados, de qualquer classe, entreguem aos chefes das respectivas secções os bilhetes ecclesiasticos, por onde conste terem satisfeito aos preceitos quadragesimaes, e estes mos apresentarão. Alem de que o reverendo abbade de Castro Daire descreverá em um livro os que se desobrigarem, segundo os usos e leis ecclesiasticas, firmados pelas leis portuguezas. — *Thomaz Guilherme Stubbs*, tenente general.»

Passagem. — O nosso prezado amigo o sr. Dr. Antonio José Teixeira, digno deputado pelo circulo de Pombal, chegou na segunda feira á noute á estação do caminho de ferro desta cidade, regressando da praia de Espinho para a capital.

O sr. Dr. Teixeira era esperado na estação por muitos dos seus amigos e apreciadores da sua elevada intelligencia e excellentes qualidades.

Infanticidio. — Na quinta feira da tarde, Maria da Luz, natural de Gallizes, criada de servir na casa da rua do Cosme, n.º 1, desta cidade; deu á luz um menino, o qual depois dos exames e buscas a que a auctoridade procedeu, foi encontrado morto dentro de uma arca.

A criminosa foi conduzida para o hospital.

Hospitaes da Universidade. — Para o sr. administrador dos hospitaes da Universidade dar á execução o determinado na portaria do ministerio do reino de 5 do corrente, que prohibe a admissão como pobres, de todos os doentes filiados em qualquer das associações de beneficencia estabelecidas nesta cidade; foram solicitadas pela administração do concelho, relações nominaes dos socios, que fazem parte da associação Conimbricense do sexo feminino, associação philarmonica Conimbricense, monte-pio Boa-União, associação dos Artistas de Coimbra, monte-pio Conimbricense, e monte-pio da imprensa da Universidade.

Attestados. — Em cumprimento da referida portaria do ministerio do reino, exige-se, para a admissão dos doentes pobres, nos hospitaes da Universidade, que os seus documentos de pobreza, passados pelos reverendos parochos, pelas auctoridades administrativas, pelas camaras municipaes, ou pelas misericordias, vão auctorisados com o reconhecimento legal. Esta exigencia começará a ter execução no primeiro de Dezembro proximo.

Obras municipaes. — A camara municipal, em vista de uma planta topographica de parte da cidade, comprehendida entre o Jardim Botanico e parte do caminho actual para Cellas, apresentada pelo engenheiro municipal, na qual elle indicou uma directriz para a estrada de Coimbra a Santo Antonio dos Olivaes, a passar pelo norte do collegio de Thomar; approvou o ante projecto do mesmo engenheiro, e ordenou-lhe que estudasse o projecto definitivo.

Foi presente pelo mesmo engenheiro á camara o orçamento supplementar do lanço de S. Francisco ao Alfregue, e mandou a camara que fosse submettido á approvação da commissão de viação districtal.

Deliberou tambem a camara officiar á mesa da Santa Casa da Misericordia, para saber se aceita a expropriação amigavel d'uma porção de terreno ao fundo da quinta do Pio, proximo á quinta do sr. Antonio Rodrigues Pinto; assim como á exm.ª sr.ª D Marianna Emilia, sobre a expropriação do olival, junto ás Alpenduradas, para o estabelecimento de monitureiras.

E finalmente, foram pela camara mandadas fazer as condições das arrematações da estrada da Zombaria ao Sargento Mor, de Coimbra a Miranda (da quinta do Cardoso) e o lanço da Arzilla á Ponte do Paço.

Advogado. — Foi nomeado advogado da camara municipal desta cidade, o sr. bacharel Manoel Cesar de Seabra.

Recrutamento. — O conselho de estado julgou favoravelmente os recursos de José, filho de Rosaria Fernandes, viuva, da freguezia do Ervedal, concelho de Oliveira do Hospital; e de Luiz Vaz Abrantes, por seu filho Antonio, da freguezia de Travanca, do mesmo concelho.

Mercado de Coimbra no dia 21 — Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 540 — Dito branco 500 — Dito Celorico meudo 600 — Dito graudo 540 — Milho branco e amarello 315 a 320 — Feijão vermelho 500 — Dito branco da marinha 460 — Dito da terra 400 — Dito rajado 380 — Dito frade 330 — Centeio 450 — Cevada 260 — Tremoços 240 — Chicharos 260 — Grão de bico 460 — Favas 320 — Batatas 220 — Azeite 1$350 — Vinho da Beira 720 — Dito do Bairro 500 — Dito da Bairrada 800 — Aguardente de 18 graus 1$300 — Dita de 19 graus 1$500 Dito de 20 graus 1$600.

O azeite desceu 50 reis em alqueire, em consequencia do muito que affluiu ao mercado.

A vida humana — Um philosopho allemão faz os seguintes calculos a respeito do util emprego da razão humana:

Supponde que o homem pode viver 70 annos, os primeiros 20 são consumidos nos folguedos da mocidade, em que a razão é dominada pelas paixões. Dos 50 restantes, os primeiros 5 ainda são destinados á continuação de divertimentos e futilidades. Dos 45 que ficam, deve diminuir-se o terço, porque durante as 24 horas, a maior parte das pessoas dormem 8. Faltam 30 annos, dos quaes empregamos a sexta parte para satisfazer as necessidades impreteriveis da vida. Por consequencia, o periodo de 70 annos reduz-se a 25, em que o homem faz mais util emprego da sua razão. Se descontarmos ainda o tempo das doenças e o da velhice, em que não temos prestimo algum, pouco espaço fica para uma vida verdadeiramente util.

Parece-nos um quadro exaggeradamente sombrio, em que domina o estado morbifico de uma exaltada imaginação germanica.

Os carneiros merinos — Um membro da sociedade zoologica d'acclimação da França, encontrou nos manuscriptos de um frade de Sarmento a seguinte noticia a respeito da introducção dos merinos em Hespanha:

Os primeiros individuos desta importante raça lanigera vieram de Inglaterra para Hespanha, e por causa da sua origem foram primeiramente conhecidos pelo nome de carneiros *marinos*, e não *merinos*, como actualmente são designados. Estes primeiros exemplares foram creados nas montanhas de Segovia, e daqui se propagaram para as outras provincias castelhanas.

Duração das laranjeiras — Ha alguns factos que demonstram a grande longevidade, de que são susceptiveis estas arvores fructiferas.

No palacio de Versailles, em França, existe uma laranjeira magnifica, que é conhecida pelo nome de *Grande Condestavel, Grande Bourbon* e *Francisco I*. Conta este exemplar mais de 400 annos, e é o fructo de algumas sementes semeadas em um vaso, no principio do seculo XV, por Leonor de Castella, mulher de Carlos III, rei de Navarra. As laranjas que nasceram desta sementeira foram conservadas como plantas raras e preciosas, e pertenceram depois ao condestavel de Bourbon, que as cultivou com muito esmero.

Depois do sequestro dos bens deste condestavel em 1522, a collecção de laranjeiras foi adornar o palacio de Fontainebleau, que Francisco I restaurou com grande sumptuosidade. Quando Luiz XIV acabou a construcção do magnifico palacio de Versailles, e mandou preparar a admiravel *orangerie*, que é uma das suas principaes belezas, mandou recolher a este local todas as laranjeiras que povoavam as residencias reaes. Foi nesta epocha, em 1684, mais de dois seculos e meio depois da sementeira, que foram transferidas para os jardins deste palacio as laranjeiras de Leonor de Castella. Destas antiquissimas plantas, a mais formosa e soberba é a que ainda hoje todos admiram com o nome de *Francisco I*.

Peso do cerebro — O cerebro humano augmenta de peso com a edade até aos 40 annos. Dos 40 aos 50 permanece estacionario, e no resto da vida diminue de peso. O cerebro da mulher é em geral mais leve que o do homem. Estes e outros factos são deduzidos de mais de 350 observações.

O maior cerebro que se tem conhecido, foi o de Byron, que pesava 2:238 grammas. A massa encephalica de Cromwell pesava 2:231 grammas, e a de Jorge Cuvier, 1:860 grammas. Está averiguado, que o grau de intelligencia nem sempre corresponde ao maior peso do cerebro, mas depende principalmente do numero e desenvolvimento das circumvoluções cerebraes. Parece tambem certo, que a composição chimica desta parte central do systema nervoso, e especialmente a sua riqueza em phosphoro, é uma circumstancia, que não influe menos na actividade de suas funcções, que a sua organisação e estructura anatomica.

Medicina das plantas — A pathologia e therapeutica vegetaes são hoje muito estudadas, e não faltam Esculapios para curar as molestias e epidemias, que devastam os pomares, os arvoredos, e todas as plantações. É forçoso porém confessar, que a medicina vegetal é muito mais incerta que a do homem e dos outros animaes.

Os jornaes estrangeiros annunciam muitas vezes a residencia, os serviços e auctoridade scientifica destes novos doutores, que se promptificam a exercer a sua profissão, visitando as plantas doentes, e promettendo o mais efficaz curativo.

Lagos notaveis — Na Europa, um dos maiores lagos é o de Lucerna, situado a uma altura de 1:406 pés acima do nivel do mar. Os maiores lagos que se conhecem, existem na America. Muitos tem uma profundidade de mais de 150 braças, e uma extensão de 200 milhas e mais. Numerosos barcos de vapor circulam nas suas aguas, e a capacidade de alguns destes lagos é de tal ordem, que prestavam seguro e amplo ancoradouro a todos os navios que povoam as aguas do mar.

Aviso util — O rapé humido, conservado e envolvido em laminas de chumbo, pode tornar-se perigoso; porque este metal converte-se facilmente pelo contacto do rapé, em acetato, carbonato, sulfato e chlorureto de chumbo, compostos nocivos, e alguns até verdadeiros venenos.

Serviços dos reptis — Um agricultor francez possuia um jardim, que era devastado pelos caracoes, lesmas, lagartas e outras pragas. Para combater estes terriveis inimigos, empregou debalde differentes meios, até que se resolveu trazer para o jardim quantas cobras, sardões, sapos, e ouriços cacheiros poude caçar. O resultado foi magnifico. As pragas desappareceram completamente perante a voracidade carnivora dos novos hospedes, e as flores, as folhas e os fructos tudo prosperou com o melhor exito dahi em diante.

Os eucalyptus. — Diz o *Archivo Rural*, que os vaticinios que se haviam feito ao *eucalyptus globulus* sob o ponto de vista hygienico vão-se confirmando. Dizia-se que uma arvore cujo crescimento é extremamente rapido, que absorve da terra em 24 horas, 10 vezes o seu peso de agua, e que espalha na atmosphera effluvios camphoricos e antisepticos, não podia deixar de enxugar os solos pantanosos, e de purificar o ar das emanações paludosas.

Sabe-se por informações recentes que muitas partes, onde se plantaram *eucalyptus*, e que eram insalubres, estão agora sensivelmente beneficiadas, e muitas d'ellas livres completamente das febres intermittentes que as infestavam. Citam-se entre outras a colonia ingleza do Cabo, que em dois ou tres annos melhorou notavelmente em salubridade. Na Argelia franceza apontam-se as herdades de Poudouk em que as sezões cessaram pouco depois da plantação de 13:000 pés de *eucalyptus*, cuja altura não se avantajava comtudo a 3m. Na herdade de Ben-Machydlin, coberta de pantanos, 14:000 pés daquella arvore beberam a humidade das terras e destruiram o miasma das febres. Na herdade do Gue de Constantino e na da Maison-Carée eguaes successos tiveram estas plantações. De anno para anno diminuem em Cuba as febres paludicas em todos os pontos em que se plantam *eucalyptus*. Na Australia onde prospera esta planta a terra é saudavel. Havia junto á ponte do caminho de ferro sobre o Var uma casa de guarda que era o tumulo ou pelo menos o enguiço de quantos n'ella habitavam. O engenheiro mandou plantar 40 *eucalyptus* em roda da casa, ha dois annos, e desde então as febres desappareceram, sendo agora aquelle posto um dos mais sadios do sitio.

Na nossa linha ferrea do norte é rara a estação que não tem a um dos lados, ás vezes em volta um pequeno macisso de *eucalyptus*. Feliz lembrança foi, porque muitas das estações acham-se em sitios bastante sesonaticos. Não se perderia nada se augmentassem nestas taes estações o numero de pés dos *eucalyptus*.

Procedencia dos mammiferos domesticos. — Diz-nos o sr. José Maria Rosa de Carvalho o seguinte:

«O macho e a mula, ou nascem do burro e da egua, e neste caso têem o nome scientifico, *equus mulus*, ou do cavallo e da burra, e então chamam-se, *equus hinnus*.

Posto que o macho não tenha a elegancia, a agilidade, e flexibilidade do cavallo, e por isso não seja tão apto para a equitação, não deixa comtudo de lhe ser superior em certas qualidades; como em ser mais forçoso, transportar maior carga, ser mais saudavel e de mais facil sustento, não exigir tantos cuidados, etc.

O macho e a mula são animaes *hybridos*, nome que se dá aos filhos de paes pertencentes a differentes especies; como o cavallo com a burra, a lebre com o coelho, o lobo com a cadella, etc., que são de especies differentes, e cruzando-se produzem filhos. Muitos naturalistas são concordes em affirmar, que os *hybridos* não têem filhos, por serem n'elles os orgãos da geração atrophiados; e que do ajuntamento de animaes de differentes generos tambem não se pode obter successão. Porém a experiencia mostra-nos o contrario.

Ha exemplos de mulas terem filhos. Os filhos da lebre com o coelho são fecundos; assim como o são os filhos do raposo com a cadella, etc. Os animaes de differentes generos tambem geram filhos; senão vejamos: a canaria pertence ao genero *fringilla* de Linneu; o verdilhão ao *loxia*; as cias e cioxos ao *emberiza*; e do ajuntamento destes passaros com as canarias, tem-se obtido filhos; sendo muito conhecidos por melhores cantores os que nascem da canaria com o verdelhão.

Devemos porisso concluir que: ou é erronea a opinião destes sabios, alias muito respeitaveis; ou então que os generos e especies não estão ainda bem determinados.»

Noticias de Arganil — De Arganil nos communicam o seguinte:

«No dia 16 do corrente, teve logar neste concelho a eleição da camara municipal para o biennio de 1874 a 1875, sahindo eleita, sem opposição alguma, a lista apresentada pelos amigos do sr. conselheiro Dias Ferreira, composta dos seguintes srs:

Bacharel Antonino Ribeiro de Campos, advogado.

Bacharel Luiz José Dias Ferreira, proprietario.

José Augusto de Carvalho, negociante e proprietario.

José Francisco da Costa, proprietario dos 40 maiores contribuintes.

João Travasso, negociante e proprietario.

José Henriques Franco, proprietario dos 40 maiores contribuintes.

Antonio Duarte Lopes Lobo, proprietario.

Diz-se que a commissão promotora do hospital de caridade, nesta villa, já tem confeccionado os estatutos pelos quaes se hade governar aquelle pio estabelecimento, e que em breve serão mandados á approvação regia; e bem assim que tenciona dirigir uma circular a todas as pessoas das suas relações, e ás corporações religiosas e de beneficencia, deste concelho, para que lhe dêem o apoio de que precisa para levar a effeito obra tão humanitaria e que de certo lhe não será negado.

Como ainda nenhum jornal mencionou a patria do valente pharoleiro, que salvou sua magestade a rainha e os principes, direi que elle é filho desta villa, onde tem familia. *F.*»

Noticias estrangeiras — As ultimas noticias são as seguintes:

Versalhes 19 ás 8 horas e 44 minutos da tarde — A Assembleia rejeitou por 499 votos contra 88 a proposta de plebiscito apresentada pelo sr. Rouher. Depois approvou por 383 votos contra 317 o artigo 1.º do projecto da minoria da commissão, prorogando por 7 annos os poderes do marechal Mac-Mahon.

Londres 20, ás 4 horas e 35 minutos da manhã — O *Times* favorece a occupação estrangeira na Havana, em Matanzas e S. Thiago, e a independencia republicana de Cuba, sob um protectorado, se não for obtida reparação pelas execuções em S. Thiago de Cuba. O «Virginius» chegou á Havana.

Washington — O gabinete discute o pedido da Hespanha para a prolongação do prazo para a reparação. Os ministros são unanimes em que a urgencia da situação não permitte demora alguma.

Roma — A *Opinião* diz que os insurgentes de Cartagena soltaram o vice-consul da Allemanha em consequencia dos bons officios do almirante italiano.

ANNUNCIOS

1 JULIA AUGUSTA HENRIQUES D'ALMEIDA, professora vitalicia de instrucção primaria na villa de Penacova, faz publico, que recebe em sua casa meninas de cinco annos para cima, e se incumbe da sua educação, pelo preço de 6$500 rs. mensaes. A quem convier póde dirigir-se á annunciante para Penacova, que prestará mais esclarecimentos.

2 D. LIBANA CANDIDA D'ALMEIDA, filha do capitão Calhabé, previne o publico, que ninguem contracte sobre a compra de um olival, sito em Marrocos, que parte do nascente com o exm.º visconde de S. Jeronymo, e do poente com o padre Antonio Ferreira, cujo olival lhe pertence por herança de seus paes.

MODAS E CONFECÇÕES

3 NUNO MACHADO & C.ª, fornecedor de S. M. a Rainha.

Séde do estabelecimento em Lisboa, 65, rua Nova do Almada, 67, — e 69, primeiro andar, 69. — Sucursal em Coimbra, rua da Calçada, n.os 204 a 212, antiga casa do Barbosa.

O representante da firma acima designada, tendo de retirar-se, tem a honra de convidar os *chefes de familia* e em especial as *damas* a visitarem o seu estabelecimento, e a examinarem os sortimentos de todos os objectos de modas e vestuarios para a estação do inverno de que se acha provido. Os preços tem grande abatimento.

PRATICA DA LINGUA FRANCEZA

4 UM INDIVIDUO, que foi educado em um collegio francez, e que escreve e falla correctamente esta lingua, hoje indispensavel á mais succinta educação, abriu um curso pratico da lingua franceza, cujas lições têem logar todos os dias não santificados.

Passadas as primeiras lições far-se-ha quanto possivel para que toda a conversação seja sempre em francez, methodo efficaz de desenvolver os alumnos, facilitando-lhes grande somma de significados e fazendo-lhes por este unico meio adquirir a pronuncia franceza.

N'esta redacção se indica a pessoa que deve ser procurada para este fim.

5 JOSÉ SIMÕES ROLLO tem deposito de sanguesugas francezas baratas, rua da Sofia, n.º 12-14.

6 SAHIRAM do prelo, *em 8.ª edição*, as —**Instituições Elementares de Rhetorica;**—e, *em 5.ª*, a —**Synopse do bosquejo-historico da litteratura-classica, grega, latina e portugueza:** —por A. C. Borges de Figueiredo.

DOCTOR IN ABSENTIA

7 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

PIANO

8 NESTA REDACÇÃO se diz quem vende um piano inglez em bom uso.

9 ANTONIO GOMES, alfaiate, na rua do Borralho, n.º 35, participa aos seus freguezes e collegas, que lhe chegou um bom sortimento de fazendas proprias para a estação. Preços muito razoaveis.

MARÇANO

10 NESTA REDACÇÃO se diz quem precisa d'um para mercearia, preferindo-se com alguma pratica.

EDITAL

A Junta de Repartidores da contribuição predial do concelho de Coimbra

Faz publico, que nos dias 1 a 5 do mez proximo de Dezembro, estará patente na administração deste concelho, desde as 9 horas da manhã até ás 3 da tarde, o mappa de repartição da contribuição predial do corrente anno, com as respectivas matrizes, a fim dos contribuintes poderem reclamar:= 1.º sobre erro de calculo na fixação da verba total da contribuição predial; 2.º sobre qualquer erro de calculo ou transferencia de inscripção das pessoas, dos predios ou do rendimento collectavel das matrizes para o mappa de repartição; e 3.º sobre a annullação da contribuição respectiva aos rendimentos dos predios urbanos, ou a algumas de suas divisões durante os mezes que tiverem estado devoluto.

E para constar se passou o presente e outros de egual theor, que serão lidos á missa conventual, afixados no logar do costume e publicados nas folhas periodicas desta cidade.

Coimbra, 22 de Novembro de 1873.

O presidente da junta,

Manoel Maria da Cunha.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navios a sahir

Para o **Rio de Janeiro:**

Barca CLAUDINA, em 7 de Dezembro.
Galera EUROPA, em 3 de Janeiro de 1874.

Para o **Maranhão**, com escala pelo **Ceará:**

Barca MARIA CAROLINA, em 24 de Novbr.

Para **Pernambuco:**

Barca VENCEDORA, em 18 de Dezembro.

Recebem passageiros e carga. Trata-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto, e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

Bixas boas

13 VIUVA Veiga e Filhos, com estabelecimento de chapeus de chuva, na rua das Solas, n.º 11-13, participam aos seus freguezes, que acaba de chegar-lhes um sortimento de BIXAS hespanholas e francezas.

ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS DE COIMBRA

14 SÃO PREVENIDOS todos os membros desta Associação, que não pódem solicitar a sua admissão *como pobres* nos hospitaes da Universidade, conforme a portaria de 5 do corrente, a copia da qual está patente no gabinete da Associação. Nesta data foi superiormente enviada a relação dos socios. O que se annuncia para os devidos effeitos, e para declinar da Associação dos Artistas qualquer responsabilidade, que de futuro lhe podesse ser imputada.

Coimbra 17 de Novembro de 1873.

O presidente,

Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

15 PERANTE a administração dos hospitaes da Universidade de Coimbra, se abre concurso por 30 dias, a contar da publicação deste no *Diario do Governo*, para o provimento do logar de ajudante de pharmacia nos mesmos hospitaes, com o vencimento annual de reis 160$000, e casa d'habitação.

Administração dos Hospitaes da Universidade de Coimbra, 15 de Novembro de 1873.

O administrador, *Costa Simões.*

ALTA NOVIDADE

16 LINDISSIMO sortimento de chapeus proprios da presente estação; vende a modista de Lisboa, rua das Covas, n.º 52. A mesma se encarrega de toda a sorte de concertos de chapeus.

17 EDIÇÃO 2.ª de fogões de fogo circular e de rewolver hydraulico, mais correcta e augmentada, por Antonio Bernardes Gallinha. Officina de serralheria —23, rua de Quebra-Costas, 28.

18 IETOLINE. A melhor tinta ingleza para marcar roupa. Preço da caixa, 500 reis.

A 1$600 *reis!*—Relogios de parede chegados de Genova.

Calendario aperfeiçoado para 1874.—Preços 320 a 400 reis.

Pó anti-asthmatico da Abissinia.—Preparado segundo as formulas e indicações de *Trousseau*. Preço da caixa, 1$200 rs.

Abotoaduras completas de madreperola, a 1$200, 1$100 e 800 rs.

Estojos de desenho, desde 720 reis até 6$750.

Tinteiros de crystal, vidro, madeira, porcelana e zinco.

Objectos de desenho e de escriptorio, como pastas de oleado com cantos de metal, canetas de prata com cabo de marfim, lampa-pennas, lapis Faber, n.ºs 1 a 4, colla perfumada, fixativo para lapis e carvão, borrachas Faber para tirar tinta e lapis, pennas d'aço inglezas, elasticos perfumados, fel para o colorido, tinta de escrever, areia de côr, carvão Faber, reguas e esquadros graduados, pinceis, papel para cartas, sobrescriptos, pesa-papeis de crystal e de vidro, tinta da China em pedra e liquida, lapiseiras de osso, marfim e madeira, papel de desenho, etc., etc., etc.

Livraria Academica

183—Rua da Calçada—185

19 A CAMARA MUNICIPAL de Coimbra, tendo de mandar proceder á renovação dos covatos nos 4 leirões do norte do cemiterio, na forma do art. 16 do respectivo regulamento, avisa todos os que queiram remover para sepultura propria os restos mortaes alli depositados ha mais de 5 annos, a fim de apresentarem nesta secretaria seus requerimentos dentro do prazo de 15 dias, a contar da data do presente, findos os quaes não serão admittidas reclamações algumas, e se dará cumprimento ao art. 17 do dito regulamento.

Coimbra, secretaria da camara municipal, 20 de Novembro de 1873.

O escrivão da camara,

Augusto Cesar Rodrigues Sarmento.

20 MARIA MAXIMA TAVARES e seu filho Christiano Marques de Oliveira, para que ninguem possa allegar ignorancia, previne o publico de que no *Diario*, n.º 252, se acha annunciada a venda de duas propriedades, sitas em Coja, uma ao Paço, e outra á Coelheira, como pertencentes á mitra de Coimbra, achando-se aquelles predios descriptos no mesmo *Diario*, de fórma que comprehendem dous predios, que os annunciantes alli possuem, por si, e seus antepassados ha mais de 40 annos.

21 O SR. MANOEL DE OLIVEIRA, ferreiro, de Villa Nova de Outil, encommendou a Miguel Augusto Pinheiro, fogueteiro de Coimbra, 25 duzias de foguetes, e mandou levar de fóra parte mais 3 duzias, dizendo que lhas pagava; e quando foi ao fazer das contas, não lhe quiz pagar as ditas 3 duzias de fogo, que foram a maior. Isto não é pelo valor de 900 rs. que elle lhe ficou a dever; mas é só para se saber o bom porte do ferreiro de Villa Nova do Outil. O que manda annunciar isto, é o mesmo fogueteiro—*Miguel Augusto Pinheiro.*

OCULISTA

22 MR. BOLSSON acaba de abrir o seu estabelecimento na rua da Calçada, n.ºs 86 a 90, no qual se encontra um grande e variado sortimento de oculos e lunetas de ouro, prata, tartaruga, bufalo e aço; assim como barometros, thermometros, microscopios, conta-fios, lentes de grande força, e binoculos para campo e marinha.

Acertam-se vidros e vendem-se avulso pelos preços mais limitados.

EDITAL

Dr. Lourenço d'Almeida Azevedo, lente cathedratico da faculdade de Medicina na Universidade de Coimbra, presidente da camara municipal da dita cidade

Faço saber, que na casa da camara se acham patentes por espaço de 10 dias, a contar da data do presente edital, as contas da receita e despeza deste municipio, relativas ao anno economico de 1872 a 1873; pelo que convido a todos os cidadãos interessados a virem alli ver e examinar as ditas contas, e a apresentarem-me dentro do referido prazo quaesquer reclamações que julgarem conveniente fazer, a fim de terem o destino competente.

E para constar se passou o presente e outros d'egual theor.

Coimbra, secretaria da camara municipal, 20 de Novembro de 1873.

Lourenço d'Almeida Azevedo.

17 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha somente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. Para as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière**, aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

E ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os musculos e consolidando as carnes.

Economias 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place e-Vendom 26, Paris: Regent-Street, Londres; Cae de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 6$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 1$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rabir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2748 — TERÇA FEIRA 25 DE NOVEMBRO DE 1873 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno .... 3$200
Por semestre .... 1$600
Por trimestre 800
Correspondencia por linha 30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno .... 3$720
Por semestre .... 1$860
Por trimestre 930
Avulso 40

COIMBRA

São sempre bem vindas para nós as medidas governativas, tendentes a promover e a auxiliar o commercio e as industrias nacionaes.

Repetidas vezes temos demonstrado neste logar, a necessidade de proteger estas fontes de riqueza, para mais facil e rapidamente poderem prosperar e desenvolver-se.

Ha como é sabido, entre as industrias deste paiz, uma que a todas sobreleva em vantagens, e que por isso tem merecido nestes ultimos annos, por parte do governo, algumas providencias, que sendo zelosamente cumpridas, não podem deixar de melhorar o estado decadente em que tem permanecido até hoje, sendo como é, uma das maiores riquezas a esperar deste abençoado torrão.

Fallamos da industria agricola e particularmente da producção vinicula.

Dotado como nenhum outro o solo portuguez, das condições naturaes, e apropriadas á vinicultura; rico, e apto em extremo para desenvolver esta industria, reconhecidamente vantajosa, e medindo a superficie continental, 9.126:510 hectares, tem apenas 189:407 hectares plantados de vinha.

A nenhuma outra circumstancia mais, que á falta de protecção dos poderes do estado, deve em verdade attribuir-se este resultado; sendo, como realmente são, immensamente apreciadas nos principaes mercados estrangeiros, as variedades de vinhos portuguezes.

Reconhecendo a necessidade de empregar os meios tendentes a promover a exportação dos nossos vinhos, e de os tornar conhecidos, o actual governo, tem já feito, e esperamos que continuará a fazer, os serviços que requer objecto de tão palpitante interesse.

Fez em tempo sentir perante o gabinete inglez, a necessidade de favorecer a escala alcoolica, em relação aos vinhos portuguezes, sem o que, por força de circumstancias, teriamos de ver fechar-se para nós aquelle grande e importantissimo mercado. Promoveu e auxiliou a remessa deste producto para a exposição de Vienna, onde obteve honroso acolhimento; e tratou de remover algumas difficuldades em relação á projectada exposição permanente de vinhos portuguezes no Rio de Janeiro.

Estes factos provam o cuidado que ao governo merece este assumpto, ao qual estão ligados interesses de muito elevado alcance.

E não podemos deixar de notar a boa impressão que nos causou a circular do dia 17, que o *Diario do Governo* nos trouxe, a qual é um appello aos vinicultores do paiz, no intuito de desenvolver em mais larga escala a exportação dos nossos vinhos de pasto.

Tal pensamento deve ser benevolamente acolhido e favoravelmente coadjuvado por todos os agricultores, cujos interesses o governo deseja promover.

Esta circular dirigida aos governadores civis, não póde deixar de merecer da parte destes a mais escrupulosa attenção, para auxiliarem o pensamento do governo no seu patriotico empenho.

Da maior ou menor solicitude destes funccionarios, depende o resultado da empreza.

Pelo que respeita especialmente a este districto, esperamos que a auctoridade superior empregará todos os esforços em coadjuvar o governo no util emprehendimento a que se propõe.

HYGIENE DA ALMA

Recebemos um exemplar do livro—*Hygiene da alma, pelo barão de Finchtersleben, professor da faculdade de medicina de Vienna e antigo ministro da instrucção publica na Austria. Versão portugueza de Ramalho Ortigão.*

E' o primeiro livro de uma serie, que com o titulo de BIBLIOTHECA DE LIVROS UTEIS, tenciona publicar o intelligente e acreditado livreiro de Lisboa, o sr. Antonio Maria Pereira.

Como introducção a este livro diz o sr. Ramalho Ortigão, estas breves, mas conceituosas palavras:

«Traduzo este livro porque o considero, entre quantos tenho lido, como o mais efficaz para dar ao homem a força e a felicidade.»

Com effeito, logo que o recebemos, lemol-o quasi sem interrupção; e confessamos que não achamos em nada exaggerada esta apreciação. O auctor da HYGIENE DA ALMA mostra conhecer profundamente os segredos do coração humano, assim como os meios de dominar, e bem dirigir as paixões.

Transcreveremos dois trechos do livro, para amostra aos nossos leitores.

No capitulo em que se occupa do poder da imaginação, diz entre outras cousas o seguinte:

«Apresentar ao mundo o lado sensivel do nosso ser é descobrir o peito á espada do inimigo; oppôr á acção das causas exteriores a imaginação activa, é armarmo-nos e defendermo-nos. Aqui portanto como em tudo mais a alegria e a dôr derivam da mesma origem. Todos conhecem por narrações ou por exemplos o poder salutar ou terrivel da imaginação em certos estados morbidos. É forçoso concluir que uma força capaz de curar as doenças póde egualmente evital-as, assim como a mesma causa que tem o poder de as aggravar e tornar mortaes poderia egualmente produzil-as. Vede como são profundos e perigosos os padecimentos d'esses desgraçados que se entregam á idéia fixa de um mal imaginario de que se julgam ameaçados ou invadidos!

A causa physiologica de semelhante phenomeno é uma tensão nervosa continua sobre um mesmo orgão, o qual acaba por ser atacado na sua esphere vegetativa. Sabe-se de um alumno de Boerhaave, no qual se manifestavam successivamente todos os estados morbidos descriptos pelo professor: as febres e as inflamações durante o semestre do inverno e as nevroses durante o semestre do verão, de sorte que o estudante foi obrigado a abandonar um estudo que punha em perigo a sua vida. Um criado inglez, por ter lido a narração de uma morte horrivel causada pela mordedura de um cão damnado, achou-se immediatamente atacado de hydrophobia, e só o poderam salvar por meio de um tratamento apropriado aos verdadeiros hydrophobos. (*Britannia, April, 1725*).

Os infelizes que têem o remorso das de-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXV

D. CARLOS

LXV

Cabrera que tinha descançado em S. Matheus, sitiou pela quarta vez a Gandeza; porem os seus heroicos defensores arvoraram uma bandeira negra, quando se lhes intimou a rendição, escrevendo em um panno branco: —*Viva a constituição: por Isabel II, liberdade, ou morte.*

Das baterias construidas pelos carlistas se fazia um fogo horroroso contra o povo; mas não arredou aos sitiados: oppozeram tambem as suas, procuraram impedir os estragos dos projectis que recebiam, e quando as 5 da manhã de 26 viram praticavel a brecha, que na porta da Horta tinham aberto 127 tiros de peça, acudiram denodados a cerral-a, e salvaram aquelle ponto.

Pela noute começou o inimigo a construir um caminho coberto, desde a falda do Calvario até á porta da Horta, preparando tambem outros meios de ataque, que não podiam deixar de produzir-lhe favoraveis resultados. Promettiam-lhos a especie de trincheira que a tiro de espingarda da povoação, levantaram com cargas de ramagem, e aproximaram ao Portal da Horta antes de anoutecer do dia 28.

Conhecendo a urgencia de obstruir este trabalho, e aproveitando o enthusiasmo que inspirou a noticia de se aproximar Nogueras, dispoz o commandante de nacionaes, e juiz de primeira instancia d'aquelle partido, que saíssem 6 homens a incendiar a trincheira, e o executaram, não podendo 300 carlistas apagar o incendio.

No dia seguinte se retiraram os sitiadores, queimando as casas de campo e edificios extramuros, talando os olivaes e destruindo quanto encontravam na sua passagem. A povoação soffreu tambem de uma maneira espantosa com 347 tiros de peça.

Nogueras havia reunido a todos os chefes da sua divisão, demonstrando-lhes o heroismo dos defensores de Gandeza e a necessidade de salval-os; leu-lhes as instrucções que lhe havia dado o general em chefe, e ainda que por ellas podia considerar concluida a sua commissão, o seu patriotismo o impellia a combater o inimigo, e sem attender ás desvantagens que lhe davam o numero dos combatentes e as suas posições, corre em busca do seu mortal contrario.

Cabrera, que ao saber da sua aproximação, retirou a sua artilheria a Morella, escreveu-lhe uma carta de desafio, e esperou.

Ordenadas as forças de Nogueras, avançou em columna de ataque, sustentado pela cavallaria. Cabrera avançava tambem até ao centro e flancos do liberal, e como este carecia de forças para acudir a todas as partes, carregou sobre o centro com todas as que lhe foi possivel, entretendo os flancos com guerrilhas, ao mesmo tempo que a sua escassa artilheria de montanha, collocada em uma eminencia, disparava por cima das columnas de ataque aos carlistas.

Em meio destas rebentaram acertadamente as primeiras granadas, e o seu decidido movimento de avance se trocou em alguma desordem, que aproveitou Nogueras, mandando que carregasse a cavallaria, que envolveu a Cabrera no meio da confusão da sua gente. Sem a poder conter se declarou em desordem o centro, propagando-se aos flancos, que imitaram o mau exemplo.

Durante a acção, alguns carlistas se viram accommettidos de violentas colicas, morrendo no mesmo acto; espalhando-se a voz de estarem envenenados, uns diziam que eram as rações, e Cabrera que era o vinho que vendeu um lavrador, suspeitado pelos seus parentescos, ao qual mandou fuzilar; porem a verdade foi, que abrazados de sede naquelle dia calmoso, se abalançaram imprudentes a beber aguas pantanosas, amargas e damninhas, que produziram mortaes colicas e não poucas victimas.

Liberaes e carlistas experimentaram notaveis perdas; porem foram maiores as dos segundos.

A entrada de Nogueras em Gandeza foi uma ovação; e Cabrera, adoentado, passou á direita de Bot.

Em quanto Forcadell regressava ao Maez-

vassidões da mocidade e que temem as consequencias dos seus passados excessos, gravam-se de tal modo no espirito a imagem das desgraças de que se julgam ameaçados, que esses temores incessantes acabam por produzir um estado caracterisado por Weikard com o nome de *phtisica imaginaria*, triste combinação de terrores moraes e de doenças physicas que os terrores produzem.

Todos os clinicos encontram, principalmente na nossa epocha de civilisação requintada, frequentes occasiões de observarem em si mesmos, ou em numerosos individuos, phenomenos analogos. Quando se estudam as doenças de olhos acontece muitas vezes que o receio de amaurose fere de tal modo a imaginação, que a vista perturba-se realmente e enfraquece. Nos nossos dias, durante o cholera morbus, observou-se mais de uma vez que pessoas que passavam bem, de repente, no meio de uma conversação, sobre os estragos da epidemia, accusavam uma subita indisposição de ventre, e em seguida a receios imaginarios, manifestavam os symptomas reaes do morbo. Cito expressamente exemplos conhecidos; os livros e os periodicos fornecer-me-hiam muitos.

E a imaginação que póde attrahir ao homem tantos perigos e tantas dôres, porque não ha de tambem ter o poder de o tornar feliz? Se por me julgar doente eu realmente adoeço, por que não hei de egualmente conservar a saude por meio de uma firme persuasão de que passo bem?

Abundam as provas que abonam esta opinião. Sem fallarmos já dos effeitos maravilhosos que produzem na cura das doenças a confiança, a esperança, os sonhos, as sympathias, a musica, faremos apenas uma observação, e é: que o que tem a virtude de curar os orgãos doentes deve ter necessariamente uma efficacia muito maior para conservar os orgãos sãos. Todos esses meios de cura são do dominio da imaginação, e nessa mesma classe virão agrupar-se pelos progressos do tempo e da sciencia muitos outros remedios, que nós attribuimos hoje a outros principios.

Certo doente pede um dia umas pilulas que o medico lhe recusa: o doente insiste, o medico finge ceder e administra-lhe as pilulas de miolo de pão doiradas. No dia seguinte, alegrias, congratulações, agradecimentos do enfermo; as pilulas tinham produzido o effeito desejado e tinham alem disso provocado vomitos extremamente salutares. Seria menos real esse effeito por ter sido a imaginação que o produziu? Um medico inglez tratava um homem atacado desde muito tempo de uma paralysia da lingua, rebelde a todo o tratamento. Quiz experimentar no enfermo um instrumento que inventara e de que esperava excellentes resultados. Antes de proceder á operação, introduz na bocca do doente um pequeno thermometro de algibeira. O doente imagina que é o instrumento salvador e ao cabo de alguns segundos exclama cheio de alegria, que póde mover livremente a lingua. (*Sobernheim, «Gesundheitslehre»* 1835).

Em outro capitulo trata de mostrar, que os melhores remedios, e por conseguinte os melhores preservativos contra os males a que esta sujeito o genero humano, são a *verdade* e a *natureza*. Termina as reflexões que faz a esse respeito, pelo seguinte modo:

«Feliz quem tem comsigo por toda a parte e sempre a sua fortuna e a sua riqueza! Nós temos na nossa alma thesouros de imaginação e de sentimento: não os deixemos perdidos e estereis

Mas qual será o nosso abrigo contra a pressão que exerce em nós uma sociedade fundada na mentira? Será o estudo e o gozo da natureza. Quando esta planta delicada, que se chama o espirito, ameaça seccar e morrer na estufa da sociedade, transportemol-a, para a salvar, para os logares solitarios em que breve ella voltará á vida. Casanova, o epicurista mais amigo do prazer que tem havido no mundo, chegou a declarar que os prazeres mais vivos são os que não alteram a pacificação da alma. E quaes são esses prazeres? Não ha senão dois: a meditação e a contemplação da natureza! Facto admiravel e de uma profundidade mysteriosa! a belleza e a grandeza da natureza não póde desenvolver-se aos nossos olhos sem que ao mesmo tempo o nosso espirito conjunctamente se alargue e se eleve.

Digam o que quizerem em favor da sociedade, ella ensina ao homem os seus deveres e isso basta para a elogiar; mas a felicidade só a solidão é que a dá. O olhar que se perde no infinito azul do ceu, ou que se espraia no grande quadro variado e rico da terra, não attenta nas miserias que atormentam a vida no turbilhão do mundo. A natureza não tem senão pensamentos sublimes; meditando-a o homem eleva-se ao seu nivel. O atomo aprende a conhecer a sua fraqueza, e ao mesmo tempo se regosija na sua existencia porque se sente viver na harmonia eterna. A natureza com as suas leis immutaveis, ensina a justiça e é benefica ainda quando aniquila. É no seio d'ella que se acha a verdade, o repouso e a saude. «A vida ao ar livre, diz Rahel, tem para mim o que quer que seja de magico; parece-me que estou então mais perto dos que amo, mais longe dos que me importunam.»

Os sabios hão de proferir sempre com respeito a palavra natureza, assim como os sacerdotes se inclinam nos templos perante o nome do Ente supremo. Entre os sabios são principalmente os naturalistas que têem a velhice mais longa e mais serena. A natureza que, para se revelar, exige que a interroguem com um coração de creança, remoça por seu lado os que se lhe consagram com a candura da mocidade. No fundo, a saude da alma é o sentimento da harmonia; e a harmonia é a propria natureza.

Antes é a imagem do homem; a terra, quando nos cingimos com amor ao seu seio maternal, fortifica-nos e anima-nos até nos tornar invenciveis. A natureza actua em todos os nossos orgãos; enche a imaginação de nobres e puras imagens; traça á vontade limites invenciveis, dá-lhe firmeza e vigor; o seu magestoso silencio eleva a alma; os seus aspectos, grandiosos, mas sempre regulares e simples, acordam na intelligencia vivos e fecundos pensamentos; o caracter immutavel das suas leis mantem em nós um equilibrio salutar; os thesouros de belleza que a natureza semeia prodigamente, o encanto das flores, o brilho das estrellas, todos os diamantes que ella esparge sem conta por todos os caminhos nas regiões dos mundos animados, formam um espectaculo magnifico, cuja vista varre da nossa fronte os vincos dos cuidados e das tristezas, e cuja grandeza nos transporta acima de nós mesmos até as regiões divinas em que a lei suprema se manifesta com soberana auctoridade á nossa intelligencia e ao nosso amor. Eis os beneficios da natureza. Façamos pois mal em invocal-a como o melhor e o mais poderoso medico da alma?»

Paramos aqui, porque seria necessario transcrever integralmente o livro, se quizessemos indicar todas as suas bellezas. Parece-nos, porem, que o que temos dito é o sufficiente para convidar o publico a lel-o, com o que de certo ninguem perderá o seu tempo.

NOTICIARIO

O correio em Portugal. — Repetem-se com frequencia as queixas acerca de extravios no correio. As numerosas queixas que apparecem, indicam que ha grave defeito neste ramo do serviço publico, que carece de uma profunda reforma.

Vamos tambem hoje apresentar a nossa queixa, para a qual chamamos toda a attenção do sr. conselheiro Eduardo Lessa.

No domingo, 16 do corrente, achando-se o nosso amigo o sr. Camillo Castello Branco nesta cidade, nos prometteu este distincto escriptor, de nos mandar, logo que regressasse ao Porto, um importante documento original e inedito que possuia. Era um officio do intendente geral da policia, Diogo Ignacio de Pina Manique, acerca de uma notavel pendencia com os lentes de Medicina, Navarros.

Com effeito, voltando o sr. Camillo Castello Branco para o Porto, logo na terça feira nos escreveu, dizendo-nos — «Envio hoje o manuscripto a respeito dos Navarros.»

Ficámos, porém, bem contrariados por ver, que recebendo esta carta, não recebêramos o manuscripto.

Escrevemos logo no mesmo dia ao sr. Camillo Castello Branco, participando-lhe o occorrido, a ver se por acaso o manuscripto ficaria retido na administração do correio do Porto, por deficiencia no pagamento do porte.

S. ex.ª respondeu-nos dizendo — «Mandei ao correio d'aqui saber se o manuscripto ficou impedido por diminuto em estampilha. Não estava lá; por conseguinte deve estar ahi. Resta saber em que mão foi dar. Se se perdeu, lamento, porque fiquei sem copia. Serei mais cauto nas remessas que fizer de outros papeis. O que enviei era folha e meia de papel almaço.»

Vê-se, portanto, que na administração do correio do Porto não existe o manuscripto. Na factura do correio do Porto para Coimbra, na terça feira da semana passada, verifica-se pessoalmente, que effectivamente veiu um manuscripto, porque lá está marcado um de porte de 20 reis, que é equivalente á folha e meia de papel almaço que nos enviou o sr. Camillo Castello Branco.

O facto, porém, é que não recebemos o manuscripto; e assim desappareceu um documento importante, ficando sem elle o sr. Camillo Castello Branco, e nós sem podermos dar publicidade á occorrencia de que nelle se tratava, e que era interessante a muitos respeitos.

Desta fórma, quem ha de, sem nenhumas garantias, continuar a confiar cartas, ou quaesquer outros documentos ao correio? Uma tal improbidade, ou pelo menos relaxação do serviço, faz com que todos com fundamento receiem da sorte que terão os objectos que entreguem áquella repartição.

Bem sabemos que ficámos irremediavelmente sem o referido documento, pois que nos dizem que não ha meio de verificar com certeza o caminho que elle levou; mas ao menos cumprimos o nosso dever, acautelando o publico, para que se não arrisque a que lhe aconteça o mesmo que a nós. Saibam todos, que entregando as suas cartas ou documentos ao correio, ficam á mercê do primeiro empregado infiel, ou relaxado, que se lembrar de os furtar, ou de lhe dar um destino indevido.

Isto assim não vae bem.

Bibliothecas populares. — Continuando hoje a occupar-nos de tão agradavel assumpto, diremos o que têem feito outras nações da Europa, no sentido de ser disseminada a instrucção pelo povo.

Na Allemanha, com quanto muitas bibliothecas hajam sido creadas pela iniciativa do governo, a maior parte dellas, porem, foram instituidas e são sustentadas por associações artisticas. Só em Berlim existem mais de 20 associações, todas numerosissimas, cujo fim

---

trasgo, o fazia Cabrera ao interior de Aragão. A 8 de Junho chegou a Hijar, e d'alli destinou algumas partidas a recolher viveres na comarca, e respondendo a camara de Samper ao pedido de rações que fazia Cabrera, que passasse a buscal-as, o exasperou de tal modo, que dictou medidas para convencer aos povos fortificados, que deviam contribuir como os demais ás suas exigencias.

Adeantou algumas forças para prender os membros da camara; não sendo possivel executal-o, incendiaram 16 casas que lhes pertenciam e ao cura. Cabrera moveu-se a protegel-as para marchar depois contra Caspe.

Uma dessas aterradoras tempestades, que parecem conjuradas contra a nossa existencia, descarregou com tão violenta furia, que surprehendendo aos carlistas no campo, os obrigou a acoutar-se em algumas paragens. Naquella em que estava Cabrera caiu um raio, que matou seu secretario Caire, ao seu cavallo e ao do seu ajudante Andreu, e o de Cabrera, espantado despediu ao galope.

Acodem em seu soccorro, crêem morto o chefe, que se achava falto de movimento e de calor vital; porém palpita em breve o seu coração, lança sangue pela boca, ouvidos e nariz; prodigalisam-lhe os soccorros da sciencia, e ainda que recobra os sentidos, se crê imminente a perda da sua razão. A força da sua natureza e os cuidados que lhe dispensaram, ainda em meio das marchas, lhe pozeram em bom estado a saude.

Em sua convalescença teve um sentimento, que lhe fez variar todos os seus planos. Foi-lhe causado por D. Pantaleão Boné, apaixonado carlista, ao qual mandou formar conselho por algumas faltas de cumprimento ás suas ordens, pelo que Boné se passou aos liberaes. Lamentava-se de o não haver fuzilado.

Em substituição de Cabrera foi Llangostera sitiar Caspe: occupou o primeiro recinto, e concentrada a guarnição no segundo, se defendeu bem; o que, e a chegada de Orãa, obrigou os carlistas a levantar o sitio com alguma perda na luta que travaram. A povoação soffreu grandes estragos.

Por Maella se dirigiram a Calaceite, a unir-se com Cabrera, o qual submetteu a um conselho de guerra, e fuzilou no dia 9, a um soldado pelos seus roubos em Caspe.

A noticia da saida da expedição de D. Carlos, e os projectos desta, occuparam desde então a Cabrera, que tratou de distrair aos seus inimigos, e reunir os maiores recursos possiveis para receber dignamente as tropas que o seu rei guiava.

Acompanhou depois Cabrera a D. Carlos na sua expedição, da qual já fallámos.

Como se não bastassem aos liberaes as difficuldades da luta com as forças carlistas; ainda se aggravava a sua situação com motins sanguinolentos, que mostravam o estado de indisciplina das tropas.

A 21 de Abril, os mobilisados de Castellon, pretendiam em Benicarló que se lhes entregasse um companheiro, preso por ordem de um official do regimento de Lorca, e triumpharam depois de morrer 5 ou 6 homens, e ficarem feridos uns 20; o que não merecia a mais ou menos prompta liberdade de um.

A 3 de Maio amotinou-se em Larraga o primeiro batalhão do 6.º de ligeiros; porém foi desarmado.

A 5 os imitaram os soldados de Decref, e ainda que se lhes deu o dinheiro que reclamavam, não se apasiguaram, nem se impediu que roubassem o logar e a egreja de Puebla de Valverde, ao trasladar-se no dia seguinte a Mora, onde os seus excessos obrigaram a detel-os.

Em Cordova sublevou-se no dia 15 o batalhão de voluntarios de Andaluzia; accommodou-se com dinheiro, e se despachou para Cadiz.

Em Leon, sublevou-se no 1.º de Junho, uma das companhias de segurança de Asturias, e só a favor de um extratagema se conseguiu desarmal-a.

Orãa teve que mandar no dia 5, que ao entrar um corpo em combate, se situassem soldados á retaguarda para fuzilar a todo o que se retirasse sem auctorisação, ou sem estar ferido, o que prova a indisciplina de algumas tropas; vendo-se o mesmo chefe precisado a dissolver uma companhia do provincial de Burgos, pelos excessos que commetteu em Calanda.

Os flanqueadores que estavam em Pamplona, sairam em a noute de 21 do seu quartel, e accommetteram a cutiladas a quantos passavam pelas ruas, consternando a cidade, que presenceou mais adeante horriveis assassinatos.

Em Cadiz houve que desarmar no dia 21 duas companhias de voluntarios de Andaluzia, que se negavam a prestar serviço.

Em Logronho foi a insubordinação das tropas muito mais graves, e della daremos noticia em o numero seguinte.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

---

principal é a creação de bibliothecas populares.

Em Inglaterra são tambem abundantes as associações, competindo de certo o primeiro logar á dos operarios de Rochedale, que possue uma bibliotheca perfeitamente organisada, com um elevado numero de alumnos. Muitas outras bibliothecas devem a sua fundação a alguns cidadãos benemeritos.

Na Belgica tem o governo intervindo mais ou menos directamente na creação das bibliothecas populares, e são raros os municipios que as não possuem.

Na Suissa ha-as por toda a parte.

A França, se muito tem caminhado na fundação de bibliothecas desta ordem, tambem bastantes difficuldades tem precisado vencer; e para o demonstrarmos bastará contar, que o municipio de Chatillon-sur-Loing, se recusou a estabelecer uma bibliotheca (a despeito do auxilio que o governo lhe prestava) por motivos os mais futeis, taes como — a despeza que seria necessario fazer com a manutenção da bibliotheca, as contestações que se levantariam, quando alguma creança perdesse ou inutilisasse um livro, que lhe houvesse sido emprestado, e o pae se recusasse a pagal-o, etc.!

Apesar destes embaraços, e de outros egualmente mesquinhos, as bibliothecas populares attingiram um numero fabuloso. Só a sociedade Franklin fundou em um anno 124.

Se a maioria das bibliothecas são devidas aos municipios, associações e particulares, aos governos cabe a iniciativa na fundação de muitas, e a gloria de terem animado e protegido todos aquelles que intentavam organisar algumas.

Em Portugal é insignificante o numero de bibliothecas populares; e bem poucas ou nenhumas das que existem devem a sua fundação ao governo.

Desejavamos que o governo declarasse, como estimulo á iniciativa livre, que, mal surgisse em individuos ou em associações a ideia de uma bibliotheca popular, tivesse logo essa associação ou esse individuo a certeza de que era immediatamente protegido com auxilio financeiro para a realisação de tão util empreza.

Quizeramos que o governo favorecesse com ardor as publicações de instrucção popular, e que desde já decretasse em cada uma das cidades do reino, que possuem bibliothecas publicas, uma ou mais secções especiaes de bibliothecas populares.

A primeira bibliotheca com destino ao povo, que sob o titulo de *Instituto promotor da instrucção popular*, se fundou no nosso paiz, é devida ao sr. commendador João Elisario de Carvalho Monte-Negro, nosso distincto e prestante compatriota, natural da Louzã, para quem todos os elogios são poucos, pela sua solicitude em beneficiar por todos os modos a terra que lhe foi berço, não lhe servindo de obstaculo para satisfazer as nobres acções da sua grande alma, as duas mil leguas que o separam da patria.

Devemos tambem registar o nome de um outro benemerito cidadão, geralmente respeitado pelo seu saber e honradez, o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro. Os serviços que s. ex.ª tem prestado á instrucção em geral, são muitos e bem conhecidos; e como que para lhes servir de florão, fez ha pouco um importante donativo de livros, a fim de ser organisada uma bibliotheca em Idanha a Nova, terra da sua naturalidade.

Em Coimbra ha só uma bibliotheca popular, que foi fundada pela sociedade *Terpsichore Conimbricense*. A Associação dos Artistas, apesar do importante donativo de livros, mandados ha mais de tres annos pelo sr. D. Antonio da Costa, assim como da determinação de uma das disposições de sua lei organica, até hoje nada seriamente fez no proposito de fundar a bibliotheca.

Não dizemos bem. Já alguma cousa tem feito. Como o maximo dos esforços realisou-se, finalmente, ha dias a entrada de algumas taboas no claustro da Manga, para se fazerem as estantes da bibliotheca. Se, porem, continuarem, como é de esperar, todos os mais trabalhos com esta actividade, estarão as estantes feitas, e os livros catalogados, no anno 2000.

A arca de Noé levou de certo muito menos tempo a fazer do que as celebradas estantes para a bibliotheca da Associação dos Artistas de Coimbra.

Theatro Academico. — Realisou-se no sabbado passado neste theatro a primeira recita, dada pela companhia do theatro da Trindade do Porto, vindo assim tirar da apathia burgueza em que tem vivido os habitantes desta boa terra. Levou á scena o drama em 3 actos — *Honra por honra*, imitação de Borges d'Avellar; e a comedia em 1 acto — *Quem porfia*....

Não foi a companhia feliz na escolha do drama, para inaugurar as recitas que tem de dar neste theatro, pois que sem ter grande merito litterario, ha n'elle algumas scenas que deixam os espectadores muito desagradavelmente impressionados, o que talvez concorresse para que os artistas não fossem melhor avaliados e mais justamente applaudidos.

Todavia os actores em geral desempenharam bem os seus papeis, tornando-se notavel n'um dialogo do 2.º acto e na comedia final o sympathico actor Dias, já bem conhecido em Coimbra pelo talento humoristico de que é dotado.

A orchestra, habilmente regida pelo intelligente academico o sr. Guimarães Pedroza, executou magistralmente bellos trechos de differentes operas, sendo para os apreciadores de boa musica a melhor parte do serão alli passado.

A concorrencia foi mais que regular; e a plateia encheu-se literalmente.

Pedido justo. — Alguns moradores do largo da Sé Velha, vendo que a illustrada vereação municipal trata de melhorar o transito naquelle local; e que, por effeito das obras a effectuar, terá de ser removido o candieiro, que está defronte do chafariz, — lembram a conveniencia de collocar a columna do mesmo sobre o adro da Sé Velha; ou, sendo em braço, na esquina do adro, que o candeeiro fique superior a cortina, como tanto convém á policia de um local, bem digno de melhor recato.

Recommenda-se por si o objecto do pedido; e por isso póde julgar-se deferido, como tem sido tantos outros, a que a benemerita camara municipal tem dispensado a sua solicitude.

Caminho de ferro americano — O sr. Evaristo Pinto já comprou os rails na Belgica, e está em Inglaterra a comprar as carruagens para o caminho de ferro americano de Coimbra.

Manoel Fernandes Thomaz. — No dia 19 do corrente fez 51 annos, que morreu o celebre regenerador Manoel Fernandes Thomaz, pae do actual secretario da Universidade, o sr. commendador Manoel Joaquim Fernandes Thomaz.

A morte daquelle insigne patriota foi considerada como uma calamidade publica; porque a elle, mais do que a ninguem, se devia a revolução eminentemente nacional de 24 de Agosto de 1820.

Apesar de tantos serviços prestados á causa liberal, Manoel Fernandes Thomaz não tinha na sua doença com que comprar uma gallinha! Quem o soccorria era Roque Ribeiro de Abranches, depois visconde de Midões.

Constando as deploraveis circumstancias daquelle cidadão benemerito, reuniram-se os contratadores do tabaco, que então eram Francisco Antonio de Campos, ha pouco fallecido com o titulo de barão de Villa Nova de Foscoa, e José Antonio da Fonseca, com mais algumas pessoas notaveis, e promoveram entre si, e pelos seus amigos, uma subscripção.

Aqui em Coimbra tambem o administrador dos tabacos, Manoel Joaquim Valente, promoveu uma subscripção, para o que fez imprimir um convite publico, em um papel avulso.

As economias do governo absoluto. — As classes privilegiadas, declararam uma guerra de exterminio ao systema politico, inaugurado pela revolução de 24 de Agosto de 1820. Razão tinham ellas para isso; porque todos os rendimentos publicos eram poucos para ellas; e esses proventos e os escandalosos privilegios que gozavam, haviam necessariamente de terminar, ou pelo menos diminuir muito com a existencia do systema liberal.

Vamos dar duas amostras da accumulação de ordenados, que havia antes daquella revolução liberal.

O conselheiro Antonio José Guião, um dos mais façanhudos absolutistas, e que depois veiu a ser um dos mais exaltados partidarios de D. Miguel, recebia os seguintes ordenados:

De conselheiro da fazenda.....	2:000$000
De procurador da fazenda......	2:400$000
De desembargador da supplicação	1:100$000
Da mesa da consciencia........	120$000
De juiz geral das ordens.......	66$000
	5:686$000

João Antonio Salter de Mendonça, visconde de Azurara, recebia o seguinte:

Pela folha da casa da supplicação, como procurador que fôra da corôa................	2:400$000
De chanceller da casa da supplicação....................	1:300$000
De desembargador do paço.....	1:200$000
Pela folha do mesmo tribunal, como procurador que fôra da corôa....................	300$000
Pela folha do ultramar, como procurador que fora da corôa...	300$000
De deputado da casa de Bragança....................	350$000
De chanceller da mesma casa...	48$000
De guarda mór da torre do tombo......................	430$000
De deputado da junta do tabaco.	60$000
	6:388$000

Além d'isso tinha ainda a propriedade do officio da carga e descarga das naus da India e armadas.

E assim como estas eram as mais sanguesugas do estado!

Como haviam, pois, estes privilegiados deixar de minar por todos os modos o systema liberal?

Alguns episodios da emigração liberal — Interessa sempre tudo o que diz respeito aos valiosissimos serviços prestados pelos liberaes na sua emigração. Por isso sem duvida serão bem recebidos os seguintes apontamentos, que nos communica o sr. Gonçalo Tello de Magalhães Collaço:

«O imperador partiu de Belle-Isle para a ilha Terceira no dia 2 de Fevereiro de 1832; no dia 20 do mesmo mez partiram dalli os emigrados de França; — e na enseada d'aquella ilha esperavam pelo batalhão francez dois bellos navios, — o *Beau-Manoor*, francez, e o *Manlius*, inglez, da companhia das Indias, tendo a seu bordo todo o equipamento, para o regimento dos *Tirailleurs Portugais*, armas e munições competentes para as praças de pret.

Faltando porém os uniformes dos officiaes, de que o coronel João Freire me encarregou, e não me julgando competente para a escolha do melhor panno pelo menos preço, convidei o capitão Caetano Borso di Carminati, a acompanhar-me por esses estabelecimentos, e de alfaiates tambem. Ao cabo nos achamos tão embaraçados, que por sua lembrança eu fui propor a João Freire, que se désse a cada um dos officiaes 100 francos para compra dos seus uniformes, e ajuda de custo para a partida; o que ao mesmo João Freire, que nada tinha de prodigo, pareceu pouco; mas Borso se encarregou de fallar aos officiaes, para que acceitassem, e com effeito, nem um só recusou. (Não ha ninguem de melhor contento, que o soldado francez!)

E nisto houve para a caixa do batalhão a economia de algumas centenas de francos, e menos responsabilidade e trabalho para mim, devido tudo á iniciativa e efficacia de Borso.

Marchara por terra, e a pé o batalhão até Nantes, e dalli rio Loire abaixo, em barcos abertos, como as faluas do Tejo, ou barcos da pescada em Buarcos, até Belle-Isle; ficando eu em Paris para receber de Mendizabal a ordem de dinheiro necessario para o pagamento, a bordo, do premio do engajamento das praças de pret; o que se verificou em o dia 18 de Março de 1832.

Não havia tempo a perder! Parti de Paris, pela posta até Nantes aonde apresentei a ordem de Mendizabal ao seu banqueiro nesta cidade, que me deu outra para Belle-Isle, e naquella casa encontrei por guarda livros um respeitavel portuguez o sr. Nascimento, que depois alli foi nosso consul, por cujo fallecimento succedeu o actual consul portuguez em Nantes.

Segui viagem pelo rio Loire, em barco, como os ditos acima, sem resguardo para dia e noute, até Belle-Isle, e recebido o dinheiro, passei a bordo dos transportes, que estavam á ancora na enseada, a alguns kilometros da terra; e ali, por companhias fiz entrega aos respectivos capitães da totalidade dos premios, segundo o seu pessoal, com troca de um recibo de cada capitão.

Então Borso di Carminati, formando a sua companhia, e com o saco do dinheiro na mão, lhes fez uma breve allocução, lembrando-lhes quanto mais glorioso era, desistindo desse premio, servir a nobre causa da liberdade como voluntarios, em toda a extensão da palavra, e que os que quizessem receber, dessem um passo para a frente, para receberem, e assignarem a relação.

Quasi metade annuiram a isso, recebendo logo todos os outros o seu premio (creio 100 francos). E as outras companhias em vista disto, seguiram o exemplo; dando, assim para a caixa do corpo, uma importante economia de muitos centos de francos, devido sem duvida a Borso; e dos que não quizeram receber se fez outra relação, que com grande admiração minha, quasi todos assignaram com o seu nome, as quaes se archivaram na caixa; e foi neste dia que elle me revelou sua tenção de naturalisar-se portuguez, como verificou depois.

Agora um episodio, que nem a todos desagradará.

Feito o pagamento, passei á distribuição dos uniformes, que mandei tirar das caixas, e a cada recruta se deu 1 camisa, 1 par de sapatos, 1 par de calças, 1 fardeta, 1 bonnet, 1 capote e 1 mochila. Em acto seguido Borso di Carminati mandou cortar a todos o cabello á escovinha, despir e lavar todo o corpo, desde os pés até á cabeça, e vestir tudo logo; fazendo lançar ao mar toda a roupa despida.

No dia seguinte, uma deputação das auctoridades de Belle-Isle, veiu a bordo pedir por prevenção hygienica, que ou não deitassem alli ao mar as roupas velhas, ou as mettessem ao fundo, para que a população da ilha não podesse apropriar-se daquillo. Já era tarde.

Para a formação de cada uma das companhias, escolheu primeiro o capitão de granadeiros os mais altos; e depois Borso para a sua companhia de *flanqueadores* escolheu os rapazes mais novos, quasi todos imberbes e poucos veteranos, que logo formou por cathegorias, do mais alto para o mais baixo, nomeando, e formando uma relação pelos seus nomes e numero.

E perguntando-lhe eu porque escolhia dos mais novos, respondeu: que os velhos *eram manhosos, e mal serviam para metter os cães á moita, em quanto os rapazes não conhecendo ainda os perigos, se aventuravam mais;* acrescentando... *e lá verá! de quantos aqui vão, será raro o que torne a ver a França.* E assim aconteceu, pois de toda a companhia de Borso, *(des voltigeurs)* não sei que exista senão um, por nome *Godlaine*, ultimamente criado do bravo marquez da Bemposta, e depois casado perto de Villa Franca de Xira, aonde ha dois annos ainda vivia. Era um excellente soldado.

E lá vae largar este contingente da expedição, cujos destinos se encerram na profecia de um homem tão grande como Lafayette, e por isso aqui a registaremos.

Na ante-vespora da minha partida de Paris, fui despedir-me, e apresentar meus derradeiros respeitos ao marquez de Lafayette; pedindo-lhe que se dignasse escrever algumas palavras no meu album. Do melhor grado a isso se prestou, escrevendo do seu proprio punho o seguinte *(fielmente)*:

je suis très reconnaissent du prix que Monsieur Gonzalo Tello veu bien mettre à quelques mots de moi ce je le prie d'agreer mes vœux très sinceres

Lafayette.

E perguntando-lhe o seu juizo sobre a sorte da expedição, sem hesitar respondeu:

Mon fils, le coup est très hardi! mais il n'est pas moin glorieux.

Les portugais ont une belle etoile, et ils en sont dignes. Le moment est propice, profitez vous en! Du corage, et bonne reussite!

Dito isto me abraçou carinhoso, offerecendo-me a face, que beijei, e elle beijou a minha.»

Conferencia. — No dia 29 faz uma conferencia no Instituto, pelas 7 horas da noute, o sr. Candido de Figueiredo. O ponto escolhido é — *A penalidade na India segundo o codigo de Manu.*

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Recemnascido, filho de Francisco Pereira Serrano e Felismina de Jesus Serrana, natural de Coimbra, fallecido no dia 16 de Novembro.

Emilia, filha de Joaquim Ferreira e Virginia da Costa, natural de Coimbra, de 15 mezes, fallecida no dia 17.

Theresa Milheira, filha de José Milheiro e Anna Milheira, natural de Monte Mór o Velho, de 50 annos, fallecida no dia 17.

Anna da Conceição filha de Liberio Theotonio Ferreira e Maria Theresa, natural de Coimbra, de 44 annos, fallecida no dia 19.

D. Maria Amalia de Magalhães Araujo Costa Haupt, filha do Dr. Francisco Diogo de Magalhães Araujo Costa e D. Rita de Cassia Bello do Reis, natural de Lisboa, de 47 annos, fallecida no dia 21.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5206.

Recrutamento —O conselho de estado julgou isento do serviço do exercito a Manoel, filho de José Fernandes, viuvo, da freguezia e concelho de Goes;—e a Joaquim, filho de Manoel Fernandes, da freguezia de Santo André, concelho de Poiares.

Bibliotheca universal. — O excellente romance—*A porta do Paraiso*—que está publicando a acreditada empreza da *Bibliotheca universal*, mereceu que o distincto romancista o sr. Camillo Castello Branco, escrevesse ao seu auctor, o sr. Alberto Pimentel, a seguinte lisonjeira carta:

«Meu querido amigo.— As paginas publicadas do romance *A porta do Paraiso*, dão como vencida a difficuldade, a meu vêr, grande, de inquadrar dignamente na moldura de uma novella um personagem como D. Pedro V, rei cuja historia ha de ser escripta sob os resplendores da aureola santa que lhe cinge o busto. Este livro do meu amigo, quizera eu vel-o todo historia, todo chronica, por que, se me não engano, a sua aptidão de narrador de factos veridicos ha de sobrepol-o ao engenho da fantasiador de peripecias. Conhece-se que v. está possuido de mui nobre timidez quando lhe cumpre bosquejar na tela a imagem grande de D. Pedro V. Não obstante, a pouca extensão do retabulo ha de ser compensada pelo brilho das côres. Quem tem a sua linguagem, enche de flores os barrancos, e passa por cima d'ellas. Se o que li me permitte entrever o restante do seu mavioso romance, dou-lhe um abraço de sincero admirador, sem o lisonjear pela carreira que adoptou. Se algum bom estipendio cabe aos fabricadores de taes livros, é a gloria que v. vae grangeando, n'isto de enfeixar um ramo de perpetuas para depôr no tumulo de um rei tão bom, tão cedo perdido, e tão para sempre chorado. — De v. etc.—*Camillo Castello Branco.*»

Noticias de Alvaiazere —Communicam-nos do concelho de Alvaiazere o seguinte:

«Sr. redactor—A leitura do *Conimbricense* de 18 do corrente, que v. tão habilmente redige, suscitou-me a curiosidade de tambem dizer alguma cousa com relação ás eleições municipaes deste concelho de Alvaiazere para o biennio futuro, rogando a v. o favor de para isso me dispensar um canto do seu jornal.

A eleição das pessoas que hão de administrar este concelho no biennio proximo futuro, fez-se no dia 9 do corrente, sem a mais pequena opposição; e, ao que parece, foi dirigida, alem da auctoridade administrativa, por mais dois ou tres individuos, que se julgam interpretes da vontade dos habitantes deste municipio!

Respeitamos muito as pessoas agora votadas para administrar este concelho no futuro biennio, e até as consideramos verdadeiros cavalheiros e dotados dos melhores desejos; mas por ora não cremos que elles se sujeitem a estudar as necessidades do concelho, nem talvez emprehenderem as obras de que tanto se carece.

O tempo nos desenganará, e oxalá que nós estejamos enganados e que pelo menos vejamos continuadas as obras principiadas, e que a futura camara não dê logar a dizer-se que é camara desses tres ou quatro que a promoveram.

Oxalá que a futura camara imite a que vae substituir, que é presidida pelo sr. Dr. José Barata de Vasconcellos e Silva, pois que esta, diga-se em abono da verdade, tem sido sempre uma verdadeira camara municipal, tendo-o olhado para as necessidades do concelho, e estranha a todos os partidos, eram para ella todos da mesma côr, quando se tratava de administrar justiça. É a ella que este concelho deve a conservação da sua autonomia, pela bella casa que mandou construir para todas as repartições, alem de outras obras que a todos são patentes.

Uma camara, como aquella que está a acabar o seu biennio, era, sem duvida, credora de algumas attenções: mas nenhuma recebeu, nem sequer recebeu a paga da mais sagrada divida, que é a gratidão. Nenhum dos seus vogaes mereceu as honras da votação, nem sequer de ser ouvido sobre as pessoas que a iam substituir.

Por esta eleição bem se conhece ainda a continuação d'esses corrilhos de embirra: era tempo que acabassem e que só se olhasse para o merito dos individuos. Era tempo que acabassem esses regosijos em desfavor do concelho, como aconteceu quando tomou posse de sub-delegado deste julgado, esse que para ahi esta, indo substituir o sr. Joaquim Dias dos Santos, que era um empregado intelligente e que dava bem conta de si e por si; mas porque senão amoldava a caprichos, nem era automato que se sentava no seu logar, foi recebido a foguetes o sr. Manoel Delgado da Silva, que ahi esta com o nome de sub delegado...

Ficaremos hoje por aqui; mas breve nos occuparemos de outra repartição deste concelho, aonde nos não falta que dizer. Justo é que o municipio remunere os seus empregados, mas é mister que a remuneração se harmonise com os serviços prestados e que estes se prestem com prompta regularidade, egualdade e justiça.

Assigno-me com a maior consideração, — De v. att.° vr.° cr.° obgdm.°— Villa Nova de Pussos, 24 de Novembro de 1873—*Francisco Caetano Ribeiro.*»

ANNUNCIOS

HYGIENE DA ALMA

VERSÃO PORTUGUEZA DE

Ramalho Ortigão

1 vol., preço 400 rs.

1 À VENDA na Livraria Pereira, em Lisboa, e nas principaes livrarias do Porto e Coimbra.

Collegio Academico

2 ALEM das aulas de instrucção primaria e secundaria, acham-se abertas para alumnos internos e externos as aulas de conversação franceza, e ingleza, de calligraphia e de escripturação commercial, theorica e pratica.

O Director,
Antonio Zeferino Candido.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navios a sahir

Para o **Rio de Janeiro:**

Barca CLAUDINA, em 7 de Dezembro.
Galera EUROPA, em 3 de Janeiro de 1874.

Para **Pernambuco:**

Barca VENCEDORA, em 18 de Dezembro.

Recebem passageiros e carga. Trata-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto n.° 132, Porto, e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

4 A MESA do governo da Santa Casa da Misericordia desta cidade, manda annunciar, que se acha aberto o concurso por 15 dias, para o provimento de tres logares de capellães.

Os concorrentes a estes logares deverão apresentar seus requerimentos, acompanhados das cartas de presbytero e confessor, approvado neste bispado, dentro do referido prazo, na secretaria da mesma Santa Casa, onde lhes serão presentes as obrigações inherentes aquelles logares.

Secretaria da Misericordia de Coimbra, 25 de Novembro de 1873.

O cartorario,
Accacio Hipolyto Gomes da Fonseca.

DOCTOR IN ABSENTIA

5 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

6 ANTONIO GOMES, alfaiate, na rua do Borralho, n.° 35, participa aos seus freguezes e collegas, que lhe chegou um bom sortimento de fazendas proprias para a estação. Preços muito razoaveis.

EXPOSIÇÃO DISTRICTAL DE COIMBRA 1869 — AO MERITO

ESTABELECIMENTO D'ALFAIATE

8. R do Infante D. Augusto, 10

7 ANTONIO AUGUSTO DA PAIXÃO JUNIOR, premiado na exposição de Vienna de Austria, e na districtal de Coimbra, com a medalha de prata, participa aos seus freguezes e amigos, que acaba de receber um bom e variado sortido de fazendas proprias da presente estação, continuando a fazer toda a equidade nos preços.

8 EDIÇÃO 2.ª de fogões de fogo circular e de rewolver hydraulico, mais correcta e augmentada, por Antonio Bernardes Gallinha. Officina de serralheria —23, rua de Quebra-Costas, 28.

OCULISTA

9 MR. BOLSSON acaba de abrir o seu estabelecimento na rua da Calçada, n.°s 86 a 90, no qual se encontra um grande e variado sortimento de oculos e lunetas de ouro, prata, tartaruga, bafalo e aço; assim como barometros, thermometros, microscopios, conta-fios, lentes de grande força, e binoculos para campo e marinha.

Acertam-se vidros e vendem-se avulso pelos preços mais limitados.

10 A JUNTA DE PAROCHIA de S. Silvestre faz publico, que no dia 30 do corrente, hade dar de arrematação as obras da egreja matriz da mesma freguezia, que consta de solhar toda a egreja, fazer um pulpito novo, grades para a capella do baptismo, cupula para pia baptismal, estucar o tecto inferior do coro, e pintar os arcos das capellas lateraes as grades do corpo da egreja, e o guarda-vento; e outras obras. Os apontamentos podem ver-se a qualquer hora na residencia parochial.

11 JULIA AUGUSTA HENRIQUES D'ALMEIDA, professora vitalicia de instrucção primaria na villa de Penacova, faz publico, que recebe em sua casa meninas de cinco annos para cima, e se incumbe da sua educação, pelo preço de 6$500 rs. mensaes. A qeum convier póde dirigir-se á annunciante para Penacova, que prestará mais esclarecimentos.

ARREMATAÇÃO

12 NO DIA 16 de Dezembro proximo, pelas 10 horas da manhã, perante o exm.° sr. Dr. juiz de direito desta comarca, e á porta da sala do tribunal judicial da mesma, se hão de vender e arrematar em hasta publica, 3240 metros quadrados (ou seis aguilhadas) de terra de semeadura, no sitio da Carreira de Santo Varão, que partem do norte com estrada publica de Formozelha para Monte Mór o Velho; do sul e poente, com Francisco Amado de Mello Ramalho, de Formozelha; e do nascente, com D. Emilia Candida Alves Ribeiro, de Santo Varão, avaliadas em 162$000 rs., e isto para pagamento de divida que os executados Luiz Ramos, sua mulher e seus filhos, de Formozelha, e outros, devem ao commendador José Antonio Leite Ribeiro e sua mulher, e outros, desta cidade, cuja propriedade foi penhorada aos ditos executados, na execução que corre neste juizo contra elles, promovida por aquelles exequentes; e se entregará a quem por ella maior preço offerecer sobre o valor supra declarado. Da mencionada execução é escrivão Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

LEIRIA

JOÃO ANTONIO DE OLIVEIRA

(Vulgo, o João Rei)

13 RECONHECENDO o grave transtorno que causa a muitas pessoas a falta de uma carreira diaria de diligencia, entre esta cidade e a villa de Pombal, deliberou estabelecel-a, a começar do 1.° de Dezembro do actual anno, saindo a diligencia desta cidade ás 9 horas da manhã, e de Pombal logo que chegue o comboio ascendente.

O preço pelo transporte de cada passageiro será de 800 rs. dentro, e 600 rs. fóra: a cada passageiro só é permittido 15 kilos de bagagem: a que fôr a mais sera contada a 10 rs. por cada kilo.

O annunciante tem tambem por sua conta a diligencia diaria entre Leiria e Chão de Maçãs, donde parte á 1 hora da noite, e desta cidade ás 6 horas da tarde, e possue uma variada collecção de carroagens, que alluga por preços commodos, para todos os pontos, onde houver estradas macadamisadas.

O hotel pertencente ao annunciante acha-se de novo reformado, e alli encontrarão os viajantes, a par do mais esmerado serviço, preços muito razoaveis, tendo ás suas ordens diligencias para todos os comboios.

NUMERO 2749 — SABBADO 29 DE NOVEMBRO DE 1873 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Altamente escandalosos foram os factos praticados pela opposição no districto de Aveiro, na occasião das eleições municipaes.

As noticias que a imprensa tem publicado acerca deste objecto, as quaes nos são confirmadas por pessoas daquelle districto, dignas de todo o credito; affirmam que os agentes da opposição, e entre elles alguns empregados publicos, praticaram em differentes concelhos os maiores attentados, contra a liberdade dos cidadãos, e contra os direitos eleitoraes.

Mais uma vez a opposição historica do districto de Aveiro quiz lutar com os amigos do governo e do sr. conselheiro José Dias Ferreira; porem apezar dos expedientes menos dignos que empregou, não foram felizes os resultados dos seus esforços.

E' muito para censurar, não obstante o respeito que o governo mantem pelas garantias dos cidadãos, a maneira como alguns empregados publicos, sacrificando a sua propria dignidade e os deveres do seu cargo, satisfizeram aos seus interesses politicos.

Quando os sentimentos, proprios de todo o homem dotado de bons instinctos, não fossem sufficientes para conter a paixão partidaria; deveriam ao menos os empregados publicos comprehender a necessidade, ou a conveniencia que ha de não contrariarem a vontade e as determinações da auctoridade superior, a cujo cargo foram confiadas obrigações muito importantes, e que não podem ser desempenhadas, sem que entre todos os agentes publicos haja unidade no pensamento e harmonia na execução.

Quando no systema constitucional, os actos da administração publica, confiados aos agentes subalternos do poder executivo, não representam o pensamento governativo deste poder; hade manifestar-se necessariamente desequilibrio, que não póde deixar de dar origem aos males, que ahi lamentamos na vida politica.

A harmonia, portanto, entre a escala dos empregados da administração do estado, é indispensavel ao bom regimen social.

Os que de sciencia propria contrariam a vontade do governo; que sophismam por todos os modos as suas ordens; que seduzem os povos contra o principio da auctoridade, a cargo de quem está a governação do estado; não são bons empregados; não cumprem bem o preceito imposto pela sua consciencia; nem satisfazem aos deveres a que estão obrigados pela constituição politica.

Particularmente o sr. José Luciano de Castro, director dos proprios nacionaes, para tratar da sua politica nas eleições camararias do districto de Aveiro, esteve por muito tempo ausente do seu emprego, e praticou alli, segundo é publico, toda a sorte de violencia contra os eleitores, que não professam as suas ideias politicas.

Para este funccionario, que parece ter em mais conta os seus interesses e os da politica a que pertence, do que os serviços que deve ao publico, em virtude do seu emprego; não ha considerações de moralidade politica, ante as quaes deva reprimir as suas paixões.

O sr. director dos proprios nacionaes, que já por outras occasiões, e com eguaes motivos, tem sido justamente censurado pela imprensa; regressou finalmente a Lisboa, a tomar conta do cargo que exerce, depois das eleições camararias, tendo demonstrado mais uma vez as poucas sympathias que a sua pessoa ou a sua politica merecem aos povos.

Os amigos do sr. conselheiro José Dias Ferreira, mostraram ao sr. José Luciano de Castro, que nem a sua presença, nem as suas prepotencias fazem afrouxar a dedicação pelo nobre caracter daquelle illustre estadista.

As eleições no districto de Aveiro podem considerar-se mais uma derrota para o sr. José Luciano de Castro.

NOTICIARIO

Outra vez o conde de Chambord, D. Miguel e a Nação.—O nosso collega da *Nação* occupa-se em um extenso artigo de fundo, do que temos escripto ácerca da contradicção em que caem os jornaes absolutistas, que elogiam o proceder do conde de Chambord. A *Nação*, apezar de empregar toda a sua mais fina dialectica, deixa tudo como estava. As causas más não tem defeza.

D. Miguel teve a habilidade de illudir em Vienna d'Austria os mais espertos diplomaticos. O proprio principe de Metternich, um dos diplomaticos mais habeis deste seculo, foi enganado por D. Miguel!

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXVI

D. CARLOS

LXVI

Em Logronho, na tarde de 24 de Junho, depois de varios choques havidos desde o dia anterior, entre os paizanos e o segundo batalhão de Castella, sublevou-se a guarnição e as partidas soltas que havia na cidade.

Pelas 2 horas recebeu Alaix um officio do chefe politico, e com elle a visita de uma pessoa influente na povoação, e por um e outro se lhe rogava que se pozesse á frente da praça, tomando o commando militar, e submettendo os sublevados, evitasse um dia de luto. Alaix estava então processado, e posto debaixo da jurisdicção fiscal e impedido de tomar sobre si nenhum cargo; e nem as pessoas que o brindavam com aquelle commando eram competentes, nem lho offereciam senão para que se apoderasse delle á viva força: tudo isso expoz Alaix, quando se negou a acceder a taes solicitações.

Como, porém, ameaçasse a tempestade, crescesse o perigo e acertassem passar pela rua, naquelle momento, alguns pelotões de soldados, gritando furiosamente, e entregando-se á pilhagem e a outros excessos; Alaix que o viu desde a janella, e incitado outra vez por aquella pessoa a que tomasse medidas salvadoras, deixou a um lado toda a consideração menos importante que a de livrar a Logronho de um dia tragico e memoravel; e sem insignias, nem armas, nem mais escolta que um assistente, saiu á rua, percorrêu o povo, mettendo-se por onde havia grupos, detendo aos que encontrava na passagem, e dirigindo-se a quantos tomavam parte no motim, os foi mandando á camara e ao quartel.

Obedecido por fortuna, viu encerrada a tropa para onde a tinha mandado, e cheia a casa da camara de cabos e sargentos como elle ordenara. Neste sitio lhes dirigiu uma breve arenga, bastando ella para que estes ultimos extraviados militares voltassem ao dever e á disciplina, promettendo todos ao general deixar e fazer que deixassem os soldados as perfidas suggestões que os perdiam e á causa liberal.

Marchou o general então a sua casa, e os sargentos e cabos aos quarteis; porém antes de amanhecer, apresentou-se a Alaix um official, que havia pertencido á terceira divisão, e em prova de affecto o avisou, de que havendo sido instigada novamente a tropa aquella noute para sublevar-se, temia por sua vida e pela tranquillidade de Logronho. Concorreram com estes outros varios avisos de que effectivamente se ouvia alvoroto nos quarteis, e Alaix se dirigiu alli, onde era mais imminente o perigo, e mandou baixar a quinta companhia do batalhão de Castella, que era a que mais se distinguia, a fez deitar armas ao hombro, e na disposição em que baixou, a mandou saír immediatamente de Logronho, enviando-a ao commandante geral que fora do povo.

Seguidamente, e quando já pelo tempo decorrido, julgou que esta o havia verificado, mandou baixar a quarta, e da mesma maneira a destinou a outro ponto. Logo foi chamando uma a uma as demais, e antes de duas horas, a guarnição e partidas soltas de Logronho haviam desapparecido, mandadas por um só homem, que se bem era general do exercito, nenhum emprego, nem destino tinha immediatos a ellas.

Em acto continuo dispoz Alaix que se reunisse a milicia nacional, se fechassem as portas da povoação, e que das muralhas guarnecidas, se fizesse fogo sobre qualquer força em numero e classe que se aproximasse.

A deputação provincial e a camara do povo deram os mais expressivos agradecimentos ao general Alaix pelo seu comportamento, sendo de notar, particularmente, a representação da ultima.

Em quasi todas as provincias tinham logar actos de insubordinação, em prejuizo da causa liberal e beneficio da carlista.

Não deixavam de aproveitar-se os carlistas dos disturbios dos liberaes, e procuravam manter esse espirito de insubordinação que os aniquilava; e sendo então o theatro principal da guerra no norte as linhas de Hernani, alli se introduziu a discordia e se viram os seus resultados.

Commandava a divisão liberal o conde de Mirasol, e já nos primeiros dias de Junho soube o espirito agitador que reinava entre alguns soldados, que se negavam a trabalhar nas obras de fortificação, e ainda tomaram as armas para evitar o castigo que os seus chefes lhes impunham.

A 3 de Junho saiu Mirasol de Hernani para S. Sebastião, a preparar o embarque do 3.° de ligeiros, que segundo ordens devia saír para Santander, ficando aquella noute na cidade, pelas repetidas e desagradaveis occorrencias com os legionarios, dos quaes se não cumpria o seu contracto; e na tarde de 4 foi a Hernani, onde já reinava a insurreição.

Antes, para preparar Mirasol o regimento de Gerona para o embarque, dispoz que na madrugada do dia 3, a parte meio organisada da legião auxiliar britannica, que se achava em Lezo e Renteria, passasse a Astigarraga em substituição de um batalhão de voluntarios de Aragão, que marchando as avenidas de Lasarte, substituisse o batalhão de Gerona, o qual devia ficar prompto para se embarcar naquella manhã.

O regimento ligeiro inglez que estava no cantão de Lezo, marchou a Astigarraga; porém o de escocezes se sublevou, pedindo o importe de suas gratificações, ou os certificados que por ellas se lhes devia entregar; e não só não verificou a marcha, deixando em descoberto o posto de Astigarraga, que foi preciso reforçar com infanteria hespanhola, senão que ameaçou passar mais adeante, e teve que dispor Mirasol que se lhes negassem de prompto as rações, sem proceder a outra ameaça até que tivesse conferenciado com o coronel Whylde, para cujo effeito marchou immediatamente a S. Sebastião.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

Em despacho de 18 de Outubro de 1827, dirigido por elle ao principe de Esterhazy, dando-lhe conta de uma conferencia que tivera com o infante D. Miguel, diz o seguinte:

«O modo pelo qual o infante se explicou comigo nesta circumstancia, **não me permitte duvidar**, que elle está nas melhores disposições, e que se acha não sómente na firme resolução de **manter a Carta**, mas que até conhece a sua **importancia e necessidade.**»

Em breve, porem, chegou a todos o desengano.

Logo que D. Miguel desembarcou em Lisboa, e alli principiou a rasgar a Carta Constitucional (á qual havia prestado juramento, **puro e simples**, em Vienna d'Austria, em 4 de Outubro de 1826), conheceram os differentes governos, que tinham sido vergonhosamente enganados e estavam sendo escarnecidos por aquelle infante. O arrependimento era, porem, já tardio.

Lord Dudley, ministro dos negocios estrangeiros da Inglaterra, no seu despacho dirigido ao marquez de Palmella em 24 de Abril de 1828, narrando os attentados contra a Carta, que em Lisboa estava praticando D. Miguel, dizia:

«Sua magestade, pois, tanto mais lamenta que hajam occorrido circumstancias, depois da chegada de sua alteza real a Portugal, as quaes tenham feito acreditar **(no que sua magestade não pode deixar de participar)** que sua alteza real **entretinha a firme tenção de pôr a Carta de parte.**»

Eis ahi está demonstrada a má fé de D. Miguel. Em Vienna d'Austria illude o principe de Metternich, a ponto de lhe **não permittir duvidar** da sua resolução de **manter a Carta**. Chegando a Lisboa, convencem-se todos, incluindo o proprio rei da Inglaterra, de que elle **entretinha** (note-se bem) **a firme tenção de pôr a Carta de parte:**

Que mais é necessario para mostrar a duplicidade de D. Miguel? Que mais se necessita para provar que o seu procedimento é diametralmente opposto ao do conde de Chambord?

Ainda os chamados *tres estados* não estavam reunidos; ainda elles não haviam decidido dos direitos ao throno a favor de D. Miguel, e já este infante se julgava auctorisado a calcar aos pés a mesma Carta, segundo a qual tinha vindo como regente do reino!

Em quanto a D. Pedro, se elle mantivesse o governo absoluto; se não outorgasse uma Carta Constitucional; se conservasse todos os escandalosos privilegios das altas classes da sociedade; era reconhecido como rei legitimo de Portugal pelos proprios absolutistas. Para estes só perdeu o direito, desde que concedeu a Carta.

Isto não são banalidades; são os factos que o provam.

Desde que falleceu D. João VI em 10 de Março de 1826, até chegar a Portugal a noticia de que D. Pedro outorgara a Carta, não houve a mais leve manifestação contra os seus direitos ao throno.

A primeira revolução dos miguelistas foi em a noite de 26 para 27 de Julho de 1826, quatro dias antes daquelle que estava destinado para se jurar a Carta.

Porque é, que só então se lembraram os miguelistas de se revoltar contra a dynastia de D. Pedro; e haviam ficado silenciosos, quando o ministro do reino José Joaquim de Almeida e Araujo Correa de Lacerda, tinha em nome da regencia, em 20 de Março antecedente, mandado que todas as leis, cartas patentes, etc., fossem expedidas em nome do soberano—D. Pedro, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, etc.?

E' porque lhes convinha esta dynastia, se fosse com o systema absoluto; e deixara de ser legitima desde que se declarara liberal.

E não temos só esta prova indirecta; temol-a directa.

Logo que falleceu D. João VI, mandou o governo de Lisboa ao Rio de Janeiro, uma deputação, a felicitar D. Pedro, prestando-lhe em nome da nação portugueza homenagem como a seu legitimo rei. Esta deputação era composta dos *ultra-absolutistas*—duque de Lafões, arcebispo de Lacedemonia e Francisco Eleutherio de Faria e Mello.

No Rio de Janeiro, diziam estes declarados absolutistas a D. Pedro—«Não merecia esta leal e briosa nação, que tão bem fundadas esperanças ficassem baldadas; e se não conseguiu, como sobretudo desejava, que *vossa magestade* a fosse pessoalmente governar, alcança grande bem de que *vossa magestade* lhe mande para **rainha** a primogenita de suas filhas a senhora D. Maria II, **em que se vae continuar a excelsa dynastia da serenissima casa de Bragança.**»

Os membros desta deputação, não precisaram, da mesma forma que D. Miguel em Vienna d'Austria, que os tres estados decidissem do direito ao throno. Reconheceram desde logo a dynastia de D. Pedro; esperando, porem, as circumstancias para o atraiçoarem, como depois fizeram nos tres estados em Junho e Julho de 1828.

Em tudo má fé; em tudo traição!

A *Nação*, para desculpar D. Miguel da aspera censura que lhe dirigiu D. João VI, pela sua *fuga* para Villa Franca em 27 de Maio de 1823, diz que o *Conimbricense* se esquecera de fallar daquella medalha, que D. João VI, já restituido aos seus direitos, mandou cunhar com a legenda—*Fidelidade ao rei e á patria*.

Nada, não nos esqueceu, nem podia esquecer. Pois pode escapar da lembrança de ninguem, a **medalha da poeira**, creada para recompensar os *fidalgos*, que transformados em *cavallos*, entraram em Lisboa, no celebre dia 5 de Julho, depois da *campanha* de Villa Franca, **puchando a carruagem de D. João VI?!**

Isto não esquece, nem deve esquecer, para memoria eterna da degradação a que descem os lisonjeiros e os absolutistas!

Pois a *Nação* não sabe o motivo por que D. João VI, tendo censurado a seu filho em 30 de Maio, se foi pouco depois reunir com elle em Villa Franca? Não sabe que o monarcha, para isso foi aconselhado pelos seus mais particulares amigos, a fim de evitar que D. Miguel, de combinação com D. Carlota Joaquina, lhe tirasse o poder?

D'onde proveiu o grande odio, que D. Miguel sempre conservou contra o marquez de Loulé, conde de Palmella, conde de Subserra, e outros amigos de D. João VI? E' porque estes, se não eram partidarios das côrtes, tambem não queriam uma situação perseguidora. O que D. Miguel pretendia era o seu predominio, o de sua mãe, o do conde de Amarante, e outros que taes energumenos; mas como D. João VI em Villa Franca promettera dar uma *constituição*; como as forças não trabalhavam contra os liberaes; insurreccionou-se em 30 de Abril de 1824, prendendo o conde de Palmella, e centenares de outras pessoas respeitaveis, mesmo daquellas que nunca haviam passado por partidarias da constituição de 1822.

O conde de Subserra escapou-se milagrosamente de cahir n'esse dia nas mãos de D. Miguel; mas não se livrou depois em 1828 de soffrer o duro captiveiro da torre de S. Julião, indo miseravelmente fallecer a Elvas em 1832.

Emquanto ao marquez de Loulé, não era necessario prendel-o. Esse já havia sido assassinado em Salvaterra em a noute de 28 para 29 de Fevereiro.

Para elle fôra o processo summarissimo!

A antiga folhinha e os modernos almanachs.—No governo absoluto eram quasi todas as industrias prejudicadas pelo monopolio e pelos privilegios. Quem hoje vê a multidão de almanachs que por ahi livremente se publicam; mal cuidará, que antigamente apenas era permittida a *folhinha*, feita pelos padres da Congregação do Oratorio. Durante a epocha liberal de 1820 a 1823 cessou o tal privilegio; mas logo que voltou o absolutismo, tornou a ser concedido á mesma corporação.

Temos uma publicação feita em Londres, nos annos de 1825 a 1826, com o titulo de—*Correio interceptado*—constando de 63 cartas acerca de negocios de Portugal. A carta 33 é a seguinte:

«Coimbra 7 de Março de 1826—Meu reverendo amigo—Acabo de saber pelo bedel da faculdade, que hontem se fez congregação na de Mathematica, com toda a solemnidade, etiqueta e segredo do estylo; e sobre proposta do lente de prima se venceu que se fizesse a el-rei-*imperador*, uma saudação muito *pathetica* e demonstrativa, por occasião do seu novo titulo, e que aproveitando a opportunidade se lhe appensasse um requerimento em nome da faculdade, em termos muito *exacto* e *curtos*, pedindo LUA NOVA.

Se a resolução fôr favoravel, bom dinheiro hão de ganhar os padres da Congregação do Oratorio n'uma segunda impressão da *folhinha* deste anno, pelo *privilegio exclusivo* que tem para imprimil-a.

«Estou tão persuadido da bondade deste privilegio, e razão da sua concessão, que não posso deixar de lhe copiar as palavras da provisão do Desembargo do Paço, que em 3 de Outubro de 1823 subscreveram os desembargadores *Guião* e *Pedro Alvares Diniz*, e diz assim:

«E não havendo motivo algum que justifique a suspensão da mesma graça, decretada por uma *facção, que atropellando, a pretexto d'uma mal entendida egualdade, os mais sagrados direitos, acarretou a este reino males sem numero*, se torna evidente, que desapparecendo como desappareceu essa facção, é de toda a justiça a restituição ou reintegração dos supplicantes (Padres do Oratorio) no uso, e posse dessa graça: sem que obste o ser um privilegio exclusivo, por não lhe serem applicaveis os argumentos, com que se impugnam similhantes privilegios, *não admittindo as folhinhas maior perfeição que a que tem.*»

«E sem duvida as nossas *folhinhas* são o *non-plus-ultra* das *folhinhas*, e podemos com razão chamal-as *as folhinhas das folhinhas*.

«Eu bem sei que dizem, que os romanos tiveram *folhinhas*, que chamaram *Fasti Kalendares*, que *Festo Pompeio* disse que eram livros que continham a descripção de todo o anno, isto é ephemerides, ou diarios, distinguindo as diversas castas de dias *festi*, *profesti*, *fasti*, *nefasti* &c., cujo auctor foi Numa, e que durou esse costume até o anno 450, quando C. Flavio expoz no *Forum* uma lista que suppria o tal livrinho. Tambem sei que as taes *folhinhas*, umas eram *Fasti urbani*, outras *rustici*, e que Ovidio intentou illustrar estes Fastos urbanos nos seus *Libri Fastorum*. E sei egualmente que *Regiomontano* foi o primeiro que reduziu na Europa as *folhinhas* á *presente* forma em 1474, cousa *modernissima*, ou para assim dizer passada nos nossos dias.

Entretanto nenhuma dessas *folhinhas* traz quando assiste o *senado da camara* ás vesperas ou á missa, que é uma das bellezas da nossa *folhinha exclusiva*, alem de mil outras singularissimas, como o principio das *advertencias*, aonde diz—«Dias de guarda são todos os domingos.» E a pag. 9, depois das Estações, nas palavras—«Por *manhã* se entende o tempo que vai da meia noite até ao meio dia: e por *tarde* o que vai do meio dia até á meia noite.» E a epigraphe a pag. 192 diz assim: «Dias em que partem, e chegam os correios geraes deste reino, e do estrangeiro», e dahi esquece-se de fallar *do* estrangeiro etc.

«Quanto aos motivos da provisão, deve vm. convir comigo de que fazem honra á magistratura do primeiro tribunal do nosso imperio, imperial e real. Olhe com que vigor se arrazou a *facção atropelladora*, que atropellou a melhor das *folhinhas*, e o mais justo dos exclusivos! Daqui não se passa, nem eu me arredo de ser de vm.—LUNARIO PERPETUO.

Ao sr. Padre Antonio Pereira.—Braga.»

A' caveira do Bussaco.—Todos os visitantes, que antigamente iam ao Bussaco, de certo se lembram de uma caveira que havia á entrada, junto da qual se liam os seguintes versos:

O' tu mortal que me vez,
Reflecte bem como estou;
Eu ja fui o que tu és,
E tu serás o que eu sou.

No anno de 1834, por occasião da extincção das ordens religiosas, o sr. José Bernardino Monteiro, desta cidade, que á habilidade como pintor, reunia uma erudição superior ao que se póde rasoavelmente esperar de um artista, fez umas decimas áquella quadra. Este artista era pae do sr. Fructuoso Amadeu Monteiro, que assim como elle, é pintor; e que egualmente em conhecimentos de bellas artes e em litteratura, é um dos primeiros artistas de Coimbra.

Eis ahi as mencionadas decimas:

I

Foram quaes purpureas rosas
Do jardim na cor mescladas,
De louras tranças ornadas
As minhas faces mimosas.
Tive maneiras airosas,
O que póde ser não crês;
Ao ver a hediondez
Desta minha catadura,
O que somos conjectura,
O' tu mortal que me vez.

II

Terrivel realidade
Dissipou a illusão,
Os abusos da rasão
Vingou eterna verdade.
O tempo sem piedade
Meus dias abreviou;
A hora fatal soou,
Implacavel a morte
Decidiu a minha sorte,
Reflecte bem como estou.

III

Aqui solitaria eu?!...
N'um deserto abandonada...
E talvez invectivada
Por frenetico atheu!...
Se á terra reverteu
Consumida a fragil tez,
O fragmento que vez,
Inerme e sem apparato,
Eis teu futuro retrato,
Eu já fui o que tu és.

IV

Meu corpo, solta poeira,
Lá jaz do nada tropheu,
Até retinir no ceu
A trombeta derradeira.
A carcomida caveira,
Que pia mão reservou,
Se tantos sensibilisou,
Neste recinto opaco,
Vae deixar em fim Bussaco,
E tu serás o que eu sou.

O mez de Dezembro—É o mez de mais pequenos dias, em que a terra se despe de todas as suas galas, e os campos offerecem um aspecto triste e melancolico. Representa-se por uma figura vestida de negro, sem grinaldas, nem folhas, nem flores. Nesta epocha do anno começam os rigores do frio, das neves e geadas, e tudo se prepara nos campos e cidades, para resistir ás intemperies do inverno e effeitos desastrosos das tempestades e inundações. Muitas vezes, porém, no bello clima de Portugal, gosam-se neste mez lindos dias de sol brilhante e atmosphera bonançosa.

Em Dezembro celebravam os gregos as festas de Neptuno; e os romanos as *saturnaes*, as *sigillarias*, as *juvenaes*, e muitas outras, sendo raro o dia em que não houvesse alguma solemnidade mais ou menos pomposa.

A historia nacional conta neste mez factos bem memoraveis, sendo os mais notaveis os seguintes:

1 de 1640, restauração de Portugal e acclamação d'el-rei D. João IV—4 de 1631, Nuno Alvares Botelho derrota junto a *Malaca* a armada do *Achem* que sitiava a cidade—7 de 1547, os portuguezes alcançam uma grande victoria naval, de que resultou o rei de *Parlés* declarar-se tributario do nosso paiz—12 de 1580, D. Philippe II, de Castella, toma posse de Portugal—14 de 1547, D. João de Castro arraza a cidade de *Dabul*, o maior emporio do *Idalcão*—18 de 1616, batalha memoravel na ilha de *Ceylão*, em que um pequeno troço de portuguezes derrotou o exercito de *Nicapete*, composto de 24:000 homens—21 de 1548, D. João de Castro derrota o

numeroso exercito do *Idalcão*, que infestava as cercanias de Goa—22 de 1551, 4:000 portuguezes, commandados pelo vice-rei D. Affonso de Noronha, derrota o principe de *Chembe* e o seu exercito de 30:000 homens—25 de 1497, descobre Vasco da Gama a terra *Natal*—26 de 1606, D. Jorge de Castello Branco derrota com 1:000 portuguezes um grande exercito do rei de *Travancor*—30 de 1504, Lopo Soares de Albergaria obriga a render-se uma armada *Malabar* de 17 náus.

São tambem dignas de menção as seguintes ephemerides historicas de Coimbra:

1 de 1838, grande inundação do Mondego, que cobriu o largo de Samsão—6 de 1185, morre em Coimbra D. Affonso Henriques, fundador da monarchia—8 de 1830, fundação da utilissima sociedade Philantropica—8 de 1855, benção do cemiterio da Conchada—9 de 1853, quebra dos escudos em Coimbra pela infausta morte da senhora D. Maria II—15 de 1480, professa no antigo convento de Santa Clara, D. Joanna, princeza de Leão e Castella—24 de 1821, grande enchente do Mondego—27 de 1855 e de 1860 outras grandes cheias.

Não são muito agradaveis os vaticinios dos astrologos a respeito do destino dos que nascem neste mez. Os homens serão colericos, desconfiados, demandistas, e mal dizentes, mas activos e amigos do trabalho, animosos, propensos para a guerra, e para a vida maritima. As mulheres costumam em geral ser levianas e inconstantes, falladoras, atrevidas, pouco inclinadas ao trabalho, e excessivamente apaixonados pelas viagens.

Leva de presos—Hoje, no comboio da madrugada, foram removidos da cadeia de Santa Cruz, desta cidade, para a da relação do Porto, a fim de irem dalli para o ultramar, os seguintes presos:

Joaquim Rodrigues, da Portella do Casal, freguezia d'Almalaguez, condemnado a trabalhos publicos perpetuos, por crime de homicidio.

José das Neves Rocha, de Santa Combadão, condemnado a 15 annos de degredo, por crime de ferimentos.

Antonio da Fonseca Sergudo, de Taboa, condemnado a oito annos de degredo, por crime de roubo.

Manoel Marques Redondo, tambem de Taboa, condemnado na mesma pena e pelo mesmo crime.

Manoel Lourenço, de Cantanhede, condemnado a 5 annos de degredo, por furto.

Theresa Rodrigues, residente que foi nesta cidade, condemnada a 5 annos de degredo, pelo crime de furto.

Margarida Martha, irmã da antecedente, condemnada na mesma pena, pelo mesmo crime.

Estes 7 presos foram escoltados por 8 soldados, e acompanhados pelo official do juizo, Antonio da Cruz.

Justiça devida.—Quando deixamos de receber o manuscripto, a que nos referimos em o numero passado; a ideia que logo tivemos foi de que haveria ficado retido na administração do correio do Porto, por deficiencia de estampilha; e é por isso que em logar de nos dirigirmos á administração do correio de Coimbra, escrevemos ao sr. Camillo Castello Branco, pedindo-lhe para que visse se o manuscripto ficaria retido naquella administração.

S. ex.ª respondeu-nos, como já dissemos, que mandara ao correio do Porto saber se o manuscripto ficaria impedido por diminuto em estampilha; mas que não estava lá, devendo por conseguinte ter vindo para o correio de Coimbra. Foi depois d'isto que fizemos a queixa que publicamos.

E para ver se se podia chegar ao completo conhecimento da verdade, enviámos um exemplar do jornal ao sr. administrador do correio do Porto. S. ex.ª promptamente nos escreveu a seguinte obsequiosa carta:

«..... Sr.—Porto 26 de Novembro de 1873.—Penso que é a v. que devo agradecer a remessa do numero 2748 do jornal o *Conimbricense*, no qual se argue o extravio de um manuscripto, pelo sr. Camillo Castello Branco dirigido a v. Agradeço essa distincção por todas as considerações, e designadamente por se me proporcionar occasião de constatar; que nem sempre é por culpa das respectivas repartições que o serviço postal não é tão regular como cumpre.

«O manuscripto alludido estava aqui retido, porque continha apenas um sello de 5 reis, quando o devia ter de 20 reis.

«O expedidor, a quem tributo antiga amisade e a admiração que se deve ao seu talento, quero acreditar que mandou aqui saber se o manuscripto aqui estava pelo alludido motivo; mas não sei como a pessoa por elle encarregada, fez o que lhe cumpria.

«O que é certo é que hoje mesmo envio officialmente, devidamente sellado, o manuscripto de que se trata, á administração do correio d'essa cidade, com a recommendação de o fazer entregar, com a possivel brevidade, a v.

«Reiterando os meus agradecimentos, felicito-me por ter esta occasião de pôr á disposição de v. ex.ª os meus officios, tanto como mero particular, como na qualidade de administrador central do correio desta cidade.—Sou com muita consideração—De v. mt.º att.º verd.º—*Agostinho da Rocha e Castro.*»

Tendo, portanto, nós feito a queixa em uma hypothese, que segundo o que se acaba de ver não se dera; tanto mais gostosamente vimos fazer a publicação desta carta, quanto folgamos antes de achar motivos para louvar, do que para censurar.

Por ultimo cumpre-nos agradecer a maneira attenciosa como fomos tratados pelo digno administrador do correio do Porto, com o que s. ex.ª sobremaneira nos penhorou.

A irmandade dos Passos e a egreja da Graça—A actual mesa da irmandade dos Passos desta cidade, tem procedido na egreja da Graça a importantes melhoramentos, com o que na verdade tem prestado louvaveis serviços. Foi, porem, menos acertada a deliberação de mandar caiar o frontespicio da egreja, que é de cantaria, o que justamente tem sido extranhado.

Caminho de ferro—Cada vez mais augmentam os clamores do publico contra o serviço do caminho de ferro. Os negociantes, e em geral todas as pessoas que recebem mercadorias, ou encommendas pelo caminho de ferro, estão soffrendo graves transtornos pela extraordinaria demora com que chegam a esta cidade os objectos expedidos de Lisboa.

Em regra ninguem recebe encommendas com menos de 6 dias de atrazo; e não é raro ser a demora de 8 dias! É peor do que o meio de transporte pelos antigos almocreves Magros.

As queixas são geraes; mas tudo é inutil. A direcção da companhia faz, como se costuma dizer, ouvidos de mercador.

Gema quem gemer, com tanto que a companhia faça o que quizer, sem ninguem lhe ir á mão.

Depois de uma grande luta acabou o monopolio do tabaco. Era um estado no estado de que nos livramos; mas foi substituido perfeitamente pela companhia do caminho de ferro.

Reimpressão—Na sessão da camara municipal desta cidade, de 20 do corrente, por proposta do vereador o sr. Oliveira Reis, foi deliberado por unanimidade, que se mande reimprimir o *Indice chronologico dos pergaminhos e foraes*, existentes no archivo da mesma camara; visto achar-se esgotada a primeira edição de 1863; sendo convidado o seu auctor, o sr. bacharel João Correa Ayres de Campos, para se encarregar de dirigir esta segunda edição, como fez na edição antecedente.

Quinta regional de Cintra—Fomos obsequiados com um exemplar da—*Breve descripção da quinta regional de Cintra e seus annexos, por Alfredo Ferreira dos Anjos, estudante do primeiro anno do curso de regentes agricolas no mesmo estabelecimento.*

Lemos com muito interesse esta curiosissima publicação, que alem do seu real merecimento, nos faz ter uma instinctiva sympathia pelo seu joven auctor, que apenas conta 13 annos de edade! Feliz começo de vida leva, quem tão cedo applica assim o seu tempo. Não podemos, por isso, deixar de felicitar a seu pae o sr. Antonio Lopes Ferreira dos Anjos.

Esta publicação consta de uma minuciosa descripção das differentes repartições da quinta regional de Cintra; acompanhada de uma planta topographica da mesma quinta.

Muito agradecemos o exemplar com que fomos brindados.

Almanach.—Recebemos o *Almanach da agencia primitiva de annuncios de Luiz Maria Pereira de Braga Peixoto, para 1874.*

E' já o 4.º anno da publicação deste acreditado e interessante almanach. Nos annos anteriores temos fallado com o merecido louvor desta publicação, e só temos a dizer que neste anno vem ainda muito mais curiosa do que nas anteriores.

Só a extraordinaria extracção dos 8:000 exemplares de que consta a edição, é que se pode conseguir que um almanach de 560 paginas, contendo tantos e tão variados assumptos, se possa vender por 200 reis.

No logar competente vae o respectivo annuncio.

Nova publicação.—Recebemos e muito agradecemos um exemplar da recente publicação feita nesta cidade—*A instrucção secundaria em Portugal e o decreto regulamentar de 31 de Março de 1873. Juizo imparcial dos acontecimentos que tiveram logar nas tres circumscripções de Lisboa, Coimbra e Porto, por occasião dos exames feitos perante as commissões creadas pelos artigos 65, 66 e 67 do referido decreto. Por um velho, amante da patria e da instrucção publica.*

Despacho—O sr. Francisco Cabral de Brito Freire, professor da cadeira de instrucção primaria de Meruge, concelho de Oliveira do Hospital; foi promovido á propriedade da mesma cadeira.

O hospital de Arganil.—Publicamos em seguida uma carta, que acabamos de receber do sr. barão de Louredo, pela qual se verá que este cavalheiro vem expontaneamente em auxilio do hospital, que alguns benemeritos cidadãos tratam de fundar em Arganil. O louvavel procedimento do sr. barão de Louredo de certo terá bastantes imitadores, attendendo á justissima applicação dos donativos.

«Sr. Joaquim Martins de Carvalho—Barbacena 30 de Outubro de 1873—Amigo e sr.—Lendo no *Conimbricense*, n.º 2727, que uma commissão de cavalheiros trata de estabelecer um hospital de caridade em Arganil, capital da comarca da minha naturalidade; e desejando eu concorrer para tão humanitario estabelecimento; nesta data recommendo ao sr. Antonio José Alves Borges, para entregar á alludida commissão 20$000 rs., para serem applicados convenientemente no referido estabelecimento—De v. amigo e criado—*Barão de Louredo.*»

Plantas aromaticas.—São bem conhecidas e geralmente apreciadas muitas plantas odoriferas, de que a arte de perfumeria extrae productos de grande consumo no commercio. O aroma das flores e fructos é quasi sempre muito fugaz; e ainda que se conserve por mais tempo em dissolução no alcohol, mesmo neste estado volatilisa-se e desapparece facilmente.

A madeira de certas arvores resinosas conserva durante muitos annos o seu cheiro caracteristico. O cedro, cypreste, sandalo, e muitas outras são exemplos frisantes. A flora da Australia, que em tudo offerece casos tão extraordinarios e excepcionaes, tambem neste ponto é eminentemente curiosa. Mencionemos apenas tres factos.

O *pau rosa* é uma madeira de grande belleza e muita duração, e impregnada de um oleo essencial extremamente agradavel. Os leitos fabricados com esta madeira nunca dão asylo a insectos. Outra arvore, conhecida pelo nome de *myall*, exhala um perfume tão agradavel e tão activo como o das violetas, e a sua madeira conserva este aroma por muito tempo. Outras arvores abundam em resinas balsamicas, tão agradaveis como os mais aromaticos junquilhos.

Commercio de pelles.—Em muitas regiões da America do sul é tal a abundancia de gado bovino, que se matam todos os annos milhares e milhares de bois, só para vender os coiros. Em alguns annos, só pela alfandega de Bolivar são exportados mais de 400 mil coiros de bois e outros tantos de veados, com destino para a Europa e Estados Unidos. A enorme quantidade de ossos, que resulta desta carnificina, é aproveitada principalmente pelos inglezes, para ser empregada como adubo phosphatico na agricultura.

Viagem—No dia 27 partiu a familia real para Villa Viçosa.

Com suas magestades o sr. D. Luiz e a sr.ª D. Maria Pia foram o sr. D. Fernando e a sr.ª condessa de Edla, assim como o sr. presidente do conselho. Foram convidadas 30 pessoas para a caçada, entrando nesse numero todos os membros do corpo diplomatico.

Procedencia dos mammiferos domesticos—Diz-nos o sr. José Maria Rosa de Carvalho o seguinte:

«O nosso boi é, segundo Buffon, originario da India e da Africa; proveniente da especie brava, *bos urus*. Todos sabemos os serviços que o boi nos presta durante a sua vida, e o uso que fazemos dos seus despojos. Vive até 15 annos, e a vacca anda gravida 9 mezes.

Da ovelha, *ovis aries*, não se sabe a procedencia. Ella é o mais fraco e melindroso de todos os animaes ruminantes; sendo perseguida por as feras, não tem força para lhes resistir, nem agilidade para lhes escapar. O calor e as jornadas a fatigam; e o frio intenso a mata. Seria destruida inteiramente, se o homem lhe retirasse a sua protecção. Apesar da creação da ovelha demandar cuidados, trabalhos, e despezas, dá-nos, comtudo, muitas commodidades. Ella vive até 14 annos, e anda gravida 23 semanas.

A cabra é originaria da Asia e provem da *capra aegagrus*. Prefere os montes aos prados, ama as penedias, onde se segura admiravelmente. É menor o numero das que não têem cornos e rarissimas são as que têem 4. É animal desconfiado, petulante, bellicoso, e lascivo. Anda gravida 5 mezes, pare ordinariamente um ou dois filhos, raras vezes 3 ou 4, e vive 12 annos. Um auctor, cujo nome não nos lembra, fallando da cabra, diz que não conhece animal mais damninho do que ella, a não ser o cabreiro.

Continuaremos.»

Noticias estrangeiras.—As ultimas noticias são as seguintes:

Londres 26 ás 5 h. e 15 m. da tarde.—Noticias de Havana annunciam que continuam os preparativos defensivos. A população da Havana oppõe-se ás concessões aos Estados-Unidos.

Madrid 27 ás 11 h. e 15 m. da manhã.—O bombardeamento de Cartagena começou ás 6 horas e 3 quartos da manhã, e continuava ás 3 horas da tarde com resultados favoraveis. A fragata «Numancia» sahiu ao mar ás 2 horas da tarde.

A «Correspondencia» julga que se Sickles sahir de Madrid, será em virtude da licença, mas não por causa de aggravamento da questão «Virginius».

O «Tempo» julga que a viagem de Sickles está indefinidamente adiada.

Paris 25—Fournier, ministro de França em Roma, pediu a demissão. Corre o boato de que Goulard será o seu successor.

Biron voltou para Berlim e Le Flô para S. Petersburgo.

Vienna 26—A camara dos deputados adoptou o imposto de 80 milhões para remediar a crise. Ha numerosos processos de imprensa por offensas para com o imperador.

Roma 24—A camara dos deputados adoptou unanimemente a proposta do deputado Mancini para a arbitragem internacional. Visconti Venosta, presidente do conselho, declarou que o governo está animado de sentimentos amigaveis para com a Hespanha, e que na questão do reconhecimento desta republica manterá a attitude das outras potencias.

Madrid 27—A «Gazeta» publica um decreto augmentando com quatro o numero dos conselheiros de estado.

O bombardeamento de Cartagena, que diminuiu um pouco a noite passada, tornou a adquirir hoje grande vigor. O fogo dos sitiados cessou completamente ás duas horas da tarde. A fragata insurgente «Numancia» tornou a entrar precipitadamente no porto, em consequencia da attitude da esquadra do almirante Chicarro.

A «Discussão» espera que logo depois da submissão de Cartagena todos os governos europeus reconhecerão officialmente a republica hespanhola.

Continua estacionaria a questão «Virginius». Augmentam as esperanças de um arranjo.

Acção cerebral.—M. Helmholtz, celebre professor allemão, fez numerosas experiencias sobre a velocidade da acção nervosa, e d'ellas concluiu o seguinte:

As sensações recebidas pela extremidade dos nervos, são transmittidas ao cerebro do homem com uma velocidade de 180 pés por segundo; por consequencia 5 vezes mais lentamente que o som.

O cerebro precisa pelo menos de 1 decimo de segundo para transmittir suas ordens aos nervos, que presidem aos movimentos voluntarios. Este resultado, porém, póde variar muito conforme diversas circumstancias individuaes e disposições do momento. Em geral, a velocidade é tanto maior, quanto mais firme e concentrada é a attenção.

Os nervos motores gastam para transmittir aos musculos as ordens cerebraes, o mesmo tempo que os nervos sensitivos para a transmissão das sensações.

ANNUNCIOS

ANTONIO MARIA CARDOSO

CALÇADA

1 ACABA de receber um lindo sortimento de fazendas para vestido—pannos pelles de côres—chales—lenços de seda—cache-nez—sapatos de malha—sapatos de ourelo—sapatos de trança—guarda chuvas para homem e para senhora—e outras fazendas.

Fazendas que vende com grande abatimento

Pannos patentes finos a 130, 120, 110, e 90 rs. o metro—chitas largas de 165, e 150 o metro—peitilhos para camisa a 50—cache-nez a 320—camisolas de algodão a 400 e 360—casemiras que vende, fato completo, a 5$400 a 4$950—e outras fazendas.

2 NO DIA 30 do corrente, se hade dar de empreitada, a quem por menos o fizer, se o preço convier, a seguinte obra:—apparelho de solho e pregamento do mesmo, caixas, caixilhos, janellas, portas interiores e portas de rua. Quem pretender tomar conta desta obra, póde comparecer naquella dia, na eira da insua do exm.º sr. Francisco da Silva Oliveira, das 10 horas da manhã até ás 11.

3 ALMANACH da Agencia Primitiva de Annuncios, de Luiz Maria Pereira de Braun Peixoto, para 1874. Quarto anno da sua publicação.

Está á venda em Coimbra, rua da Calçada, 72, este bem conhecido, utilissimo e interessante almanach, contendo em 560 paginas de impressão, tudo quanto é necessario saber aos ramos do commercio e da industria, e a todos os individuos em geral. Preço 200 reis.

4 ANTONIO GOMES, alfaiate, na rua do Borralho, n.º 35, participa aos seus freguezes e collegas, que lhe chegou um bom sortimento de fazendas proprias para a estação. Preços muito razoaveis.

OCULISTA

5 MR. BOLSSON acaba de abrir o seu estabelecimento na rua da Calçada, n.os 86 a 90, no qual se encontra um grande e variado sortimento de oculos e lunetas de ouro, prata, tartaruga, bufalo e aço; assim como barometros, thermometros, microscopios, conta-fios, lentes de grande força, e binoculos para campo e marinha.

Acertam-se vidros e vendem-se avulso pelos preços mais limitados.

EDITAL

6 A CAMARA MUNICIPAL DE COIMBRA faz saber, que em conformidade do n.º 5 do art. 13 do Novo Regimento de Policia, e em additamento ao edital de 25 de Julho de 1872, o entulho extrahido d'obras, que costuma ser lançado no largo do porto dos Oleiros, deverá de hoje em deante ser depositado no sitio do Senhor do Arnado.

E para constar se passou o presente e outros d'egual theor.

Coimbra, Secretaria da Camara Municipal, 28 de Novembro de 1873.

O presidente,

Lourenço d'Almeida Azevedo.



LEIRIA

JOÃO ANTONIO DE OLIVEIRA

(Vulgo, o João Rei)

7 RECONHECENDO o grave transtorno que causa a muitas pessoas a falta de uma carreira diaria de diligencia, entre esta cidade e a villa de Pombal, deliberou estabelecel-a, a começar do 1.º de Dezembro do actual anno, saindo a diligencia desta cidade ás 9 horas da manhã, e de Pombal logo que chegue o comboio ascendente.

O preço pelo transporte de cada passageiro será de 800 rs. dentro, e 600 rs. fóra: a cada passageiro só é permittido 15 kilos de bagagem: a que fôr a mais sera contada a 10 rs. por cada kilo.

O annunciante tem tambem por sua conta a diligencia diaria entre Leiria e Chão de Maçãs, donde parte á 1 hora da noite, e desta cidade ás 6 horas da tarde, e possue uma variada collecção de carroagens, que alluga por preços commodos, para todos os pontos, onde houver estradas macadamisadas.

O hotel pertencente ao annunciante acha-se de novo reformado, e alli encontrarão os viajantes, a par do mais esmerado serviço, preços muito razoaveis, tendo ás suas ordens diligencias para todos os comboios.

8 NO DIA 16 do proximo mez de Dezembro, pelas 10 horas da manhã, vão á praça, perante o juiz de direito desta comarca de Coimbra, para se venderem, os bens penhorados na execução hypothecaria que Antonio da Costa Gaito, do logar de Valle de Matroco, comarca d'Arganil, move a Maria de Jesus, viuva de Antonio dos Santos Novo, do logar do Oveiro, comarca de Santa Combadão, e Antonio Joaquim dos Santos e mulher, do logar de Hombres, e David Ferreira dos Santos e mulher, de Laborins, julgado de Penacova, pelo cartorio do escrivão Santos.

9 EDIÇÃO 2.ª de fogões de fogo circular e de rewolver hydraulico, mais correcta e augmentada, por Antonio Bernardes Gallinha. Officina de serralheria—23, rua de Quebra-Costas, 28.

DOCTOR IN ABSENTIA

10 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

ARREMATAÇÃO

11 NO DIA 16 de Dezembro proximo, pelas 10 horas da manhã, perante o exm.º sr. Dr. juiz de direito desta comarca, e á porta da sala do tribunal judicial da mesma, se hão de vender e arrematar em hasta publica, uma morada de casas na rua das Padeiras, com o numero 44, que partem do nascente, com Antonio Simões Ferreira; do poente, com Joaquim José Duarte; do norte com João Alves; e do sul, com rua publica, avaliadas em 350$000 rs.—uma terra no sitio do Pateiro, freguezia de S. Martinho do Bispo, que parte do nascente, com José Dias, das Casas Novas; do poente, com D. Isabel Rita Ferraz, da Corujeira; do norte, com herdeiros do Vidraças de Cellas; e do sul, com herdeiros de Victor Madail de Abreu, avaliada em 300$000 rs.—e isto para pagamento de dividas no inventario a que se procede por obito de Manoel Antonio d'Amil Beato, casado que era e morador que foi na freguezia de Santa Cruz, desta cidade, e por deliberação do conselho de familia; e se entregarão a quem por elles maior preço offerecer sobre os valores supra declarados. Do inventario é escrivão Adelino Augusto Pereira de Carvalho.

EXPOSIÇÃO DISTRICTAL DE COIMBRA 1869 — AO MERITO

ESTABELECIMENTO D'ALFAIATE

8. R do Infante D. Augusto, 10

12 ANTONIO AUGUSTO DA PAIXÃO JUNIOR, premiado na exposição de Vienna de Austria, e na districtal de Coimbra, com a medalha de prata, participa aos seus freguezes e amigos, que acaba de receber um bom e variado sortido de fazendas proprias da presente estação, continuando a fazer toda a equidade nos preços.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navios a sahir

Para o **Rio de Janeiro:**

Barca CLAUDINA, em 7 de Dezembro.
Galera EUROPA, em 3 de Janeiro de 1874.

Para **Pernambuco:**

Barca VENCEDORA, em 18 de Dezembro.

Recebem passageiros e carga. Trata-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

14 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabôr, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. ara as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alcuto, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

E ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os muscuos e consolidando as carnes.

Economias 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place e Vendom 26, Paris: Regent-Street, Londres; Cae de Valverde, 1, Madrid.—Preços fixos da venda por miudo em toda Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 6$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 1$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2750 | TERÇA FEIRA 2 DE DEZEMBRO DE 1873 | ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Escaceiam os assumptos de palpitante interesse em materia de politica. Em todas as secretarias de estado se trabalha em organisar differentes projectos, que tem de ser dentro em pouco entregues á apreciação do parlamento.

No entretanto a opposição esmerilha de entre as cousas triviaes e insignificantes, as que mais o são, para que nos seus arraiaes, de todo em todo se não esgote a vida, insuflada pelos orgãos da sua imprensa; como quem, á falta de sentimentos nobres, e para não desdizer dos seus instinctos, tém por habito vibrar a arma da intriga.

O conflicto entre a escola medico-cirurgica de Lisboa e o governo, que permittiu a matricula de um alumno, no terceiro anno da mesma escola, não obstante faltar-lhe o exame de botanica, continua a ser, para a opposição, o alvo das suas censuras.

A opposição, se a boa fé dirigisse as suas discussões, devia limitar-se a pedir a revogação do decreto de 20 de Setembro de 1844, na parte applicavel ao assumpto; isto convem que se faça, para se evitar as desigualdades da lei.

No entretanto o governo, ou o sr. ministro do reino; não foi alem das suas attribuições, usando de uma faculdade, que a lei lhe concede, pelo que não póde ser arguido; tendo de mais a mais a bem entendida cautela de ouvir previamente a junta consultiva de instrucção publica, á qual pertence um dos mais esclarecidos lentes da escola medico-cirurgica, sendo esta de parecer favoravel á pretensão do alumno.

Alem disto, os precedentes deste facto foram estabelecidos nas portarias de 18 de Outubro de 1868, e de 26 de Setembro de 1870, pelos chefes dos partidos, que actualmente combatem o governo; e não consta que elles tivessem, nem sequer ouvido a junta consultiva de instrucção publica, como agora se fez.

Este conflicto, a que a opposição deu os foros de alta questão politica, e que o conselho da escola medico-cirurgica, só *agora* se lembrou de levantar, não tem portanto gravidade.

Se foi simplesmente o zelo pelo ensino, e a egualdade perante a lei, que moveu o animo do illustre conselho da escola medico-cirurgica; não seria mais curial, representar ao governo, para que propozesse os meios de cercear de futuro esta faculdade, que tem os governos, revogando as disposições que a permittem? Não o fez, quiz antes levantar um conflicto, que sómente revela indisposição partidaria contra o governo.

E' util que todos sejamos fiscaes da lei, para não deixar commetter abusos e arbitrariedades; mas não é de certo conveniente, que as corporações se insubordinem contra as determinações legaes do poder executivo, simplesmente para satisfazerem as suas paixões partidarias.

Este incidente, ou fosse combinado entre alguns adversarios politicos do governo; ou de boa fé levantado por amor da sciencia e dos principios, não póde ter as consequencias, que a opposição deseja.

Não houve arbitrariedade da parte do governo, usando este de uma faculdade que a lei lhe permitte.

Afóra este objecto, que tanto tem exacerbado a bilis irritada da opposição, nada mais ha de interesse politico, que deva mencionar-se.

O nosso estimavel correspondente de Lisboa refere-se hoje a um folhetim, que publicou o nosso prezado e esclarecido collega do *Jornal da Noite*, em o seu numero de domingo ultimo.

Com effeito, associando-nos á extranheza que manifesta o nosso correspondente; podemos dizer, que não encontrámos nem uma unica pessoa em Coimbra, que se não mostrasse altamente surprehendida ao ver uma tão desgraçada publicação, e sobretudo por ser em um jornal tão auctorisado e tão justamente bem aceito pelo publico.

O nosso patricio e amigo o sr. José Libertador de Magalhães Ferraz, publicando o seu livro—*Os pharmaceuticos illustres de Hespanha*—sujeitou-se a que

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXVII

D. CARLOS

LXVII

Passando as circumstancias que o rodeavam, e a noticia das exigencias, posto que o contrato devia cumprir-se para evitar os resultados que teve, conveio o coronel Whylde em que continuasse a medida que havia tomado o conde de Mirasol, em quanto elle passava no cantão para lhes fallar, e que o brigadeiro O'Connell reuniria os certificados com o fim de os apresentar aos sublevados, e reduzil-os com elles na mão a cumprir o seu dever, sob pena de que seriam queimados, e perderiam o seu direito.

Esta medida produziu os seus effeitos; o regimento marchou, porém ficaram 60 homens pertinazes, commandados por um sargento, encerrados em uma casa, á qual se cortaram as communicações; com o que, e a aproximação de uma canhoneira, se renderam depois á discrição, e passaram a incorporar-se ao seu regimento.

A tarde, uma massa numerosa dos inglezes, que deviam embarcar-se, se esforçou para atacar as sentinellas da porta de terra, e como um delles ousou levantar a mão para o official da guarda, lhe deu este uma cutilada. Multiplicou-se a massa ingleza, e enfurecidos quizeram atacar tudo: porém appareceu o coronel Whylde, e os apasiguou.

O governador fez substituir o official, e Mirasol acudiu aos corpos da guarda para dar os conselhos que a occasião exigia, e evitar maiores males.

Tudo ficou tranquillo; porém temendo as impressões que os successos referidos teriam podido fazer nos animos, permaneceu Mirasol aquella noute nesta praça, reuniu a deputação, a camara e varias pessoas ricas, para os convidar a um desembolço, que podesse tiral-o da situação tão critica, a que o ia reduzindo a falta de recursos, para cumprir os contratos e para pagar as obrigações correntes.

A junta conveio em que na manhã seguinte se lhe dirigisse um officio, convidando a uma cotisação, pelos habitantes, e se lhes facilitou pelo publico todo o necessario para o embarque de quantos individuos ficavam da antiga legião auxiliar britannica.

No meio dos apuros que offereciam as circumstancias expostas, não esqueciam as necessidades das tropas hespanholas, nem a influencia que podia ter sobre os seus animos, ver achar tanto dinheiro para satisfazer as exigencias dos estrangeiros; e a fim de prevenir este mal, se despachou uma canhoneira a Bayona para o consul, manifestando-lhe a necessidade de acudir com um prompto remedio.

Pela tarde marchou o conde a Hernani, como dissemos, onde já havia começado a insurreição. Era perto do anoutecer, encontrou os batalhões formados na praça, e passou por meio delles, ainda que extranhando a sua formatura, sem notar nenhuma novidade.

Apenas apeado do seu cavallo, soube que as companhias de granadeiros e caçadores da Princeza se tinham sublevado, pedindo que se lhes pagasse, e que o general Rendon estava tratando deste negocio. Mandou-o chamar, e inteirado de que não tinham querido marchar ao exercicio, que haviam apedrejado ao ajudante do seu regimento e commettido outras desordens, saiu de sua casa para cumprir com os seus deveres, pondo remedio a tantos males.

A segunda companhia da Princeza, que acabava de fazer uma marcha com elle a Irun, a qual tinha sido gratificada no caminho, e cuja conducta lhe havia dado boa idea de sua disciplina, estava formada só, detraz de um batalhão do Infante. Dirigiu-se a ella, saudou-a, mandou-lhe armar bayoneta e ensarilhar armas; porem disse um caçador, *não queremos*, e destando-lhe o conde a mão, o da primeira fileira separou o chefe com uma coronhada; foram para fazer fogo sobre Mirasol, e havendo-se interposto o seu primeiro ajudante D. Francisco Crook Ebsworth, caiu este morto; foi ferido o general Rendon, um ajudante, o capitão Telleria, do corpo de artilheria, e alguns soldados do Infante.

A desordem foi então espantosa, e sem força moral que oppor, ardendo a praça em fogo, e gritos de viva Isabel II, viva a liberdade, morram os chefes traidores, se dirigiu á artilheria ingleza, para ver se lhe obedecia.

Nem um momento titubeou; collocaram-se duas peças nas bocas das ruas, e estava o conde de Mirasol no meio dellas, quando chegou O'Donnell. Manifestou-lhe este o imprudente de fazer uso da força, e guiado pelo seu valor, ao ver que Mirasol carecia do necessario prestigio para ser obedecido pelos insurreccionados, se offereceu a ir a elles, sem que o detivessem as reflexões do conde, nem o fogo que faziam os que ja haviam morto alguns chefes.—«É o meu dever, disse, e a vida não é um obstaculo para o cumprir.»—E deixando assombrado o conde, correu á praça.

Ahi, passando pela multidão a sua bella figura, e oppondo á turbulencia dos apaixonados insurgidos a impassibilidade irlandeza, retratada no seu branco semblante, conseguiu que se calassem, que silenciosos o ouvissem, e ouvindo, que lhe obedecessem. O valor e o genio dominam: são como o bom piloto, que guia o seu navio por entre as espumantes ondas, que bramam em volta, querendo em vão submergil-o.

O'Donnell restabeleceu a tranquillidade, e fez que pedissem perdão os insurgidos.

Empenhado Mirasol em que devia abandonar o commando, se resolveu a fazel-o na mesma noute do dia 4; porem teve de o convencer O'Donnell, manifestando-lhe o inopportuno de que saisse como fugitivo, e que devia esperar que fosse dia para marchar, e fazel-o com a devida dignidade. Cedeu, retirou-se O'Donnell, e em poucos momentos o avisá um ajudante, que o conde marchava em seguida. Sendo inuteis os seus esforços, não quiz deixal-o só, e o acompanhou.

Marchou Mirasol a S. Sebastião, d'aqui a Bayona, donde escreveu um manifesto, e voltou passados poucos dias a Santander, soffrendo algumas vicissitudes.

No mesmo dia que tinham logar os escandalosos successos de Hernani, se nega em Bilbau a fazer o serviço o regimento de Trujillo; arrasta a quasi toda a guarnição, e turva deste modo o jubilo com que se rodeava o juramento que devia prestar-se á constituição naquelle dia. Em Portugalete e Castrourdiales manifestou-se tambem, por sua visinhança, o contagio da insurreição.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

o seu trabalho fosse por uns apreciado favoravelmente, assim como refutado por outros, nos pontos e doutrinas em que não concordassem.

Mas ridiculisar o auctor, ridiculisar o livro; não é criticar a doutrina publicada. A critica é cousa muito differente.

Não é assim que se animam as pessoas estudiosas. Se ha erros, apontem-se e indiquem-se; porque quem é sensato nunca deixa de aceitar essas advertencias, quando são razoaveis. Mas metter a ridiculo, isso não.

CORRESPONDENCIA DE LISBOA

Lisboa, 30 de Novembro de 1873.

Assumptos politicos não ha nenhuns. Os jornaes, na secção destinada a questões politicas internas, dizem que não ha assumpto importante que mereça mencionar-se. Digo-lhe eu o mesmo. Todavia, se não ha assumptos politicos..., ha assumptos de natureza diversa, que devem ser mencionados aqui.

—Publicou hontem o *Jornal da Noite*, dando-lhe, talvez impensadamente, as honras de folhetim, um artigo firmado por *um socio prendado de varias philarmonicas*, que enoja e revolta. Dissemos impensadamente, mas é impossivel, porque no mesmo jornal se lê:

«Publicamos hoje em folhetim a CRITICA «do livro publicado pelo sr. Libertador de Ma«galhães Ferraz. Nós já demos a nossa opi«nião, mas não atalhamos o passo á CRITICA. «Por ella se apura a verdade.»

Não atalhamos o passo á critica! Pois chama-se critica ao insulto soez e desbragado; á facecia nojenta, que nausea; ao espirito de tarimba, que revolta; á censura indelicada, que dá a medida dos conhecimentos e da educação do critico? Pois chama-se critica a isto?

O critico nem ao menos tem originalidade na assignatura com que fecha aquella parvoiçada insonsa. Aquella assignatura é propriedade de um dos nossos primeiros romancistas, que se encontra n'um folheto de versos que fez as delicias dos rapazes de ha vinte annos. Foi plagiario o critico, sem o saber, talvez.

E' cousa para lastimar que o *Jornal da Noite* désse guarida áquelle apontoado de tolices, com que o *socio prendado* pretendeu rebaixar o sr Magalhães Ferraz. A critica aceita-se quando dignamente se lhe póde dar este nome. A critica não insulta. A critica ensina. Contrapõe ao erro a observação delicada, aconselhando e guiando. A isto chama-se critica, e agradece-se. A' critica, como a escreveu o *socio prendado*, faz-se o que dizia Dante: «...*olha e passa.*» Assim deve fazer o sr. Magalhães Ferraz.

—Deve ser examinado na proxima semana o prolongamento do caminho de ferro de Estremoz. Por occasião da inauguração do mesmo caminho, preparam a camara e os proprietarios d'alli grandes festejos.

—A ordem do dia, á falta de outro assumpto mais palpitante, é a companhia lyrica, ou, melhor, a empreza do theatro de S. Carlos. Hoje vae de novo o *Trovador*, que foi pateado estrondosamente na sexta feira, sem que mesmo lhe podesse valer a sr.ª Bulli-Paoli, que se apresentava pela primeira vez ao publico frequentador de S. Carlos. Hoje espera-se grande tempestade, se effectivamente a opera for cantada.

—É ámanhã o 1.º de Dezembro, e preparam-se grandes festejos. A sociedade cooperativa da rua dos Poyaes, dará um bodo aos pobres, e á noite terá logar a sua sessão solemne, illuminando-se a fachada da casa. Durante o bodo, que terá logar ás 8 e meia da manhã, bem como á noite, tocará a excellente banda dos bombeiros, em obsequio á sociedade. Alguns cabos da freguezia dos Anjos tambem abriram uma subscripção, para com o seu producto darem um bodo a 40 pobres. A academia lisbonense dá recita ámanhã, solemnisando o mesmo dia. A commissão permanente 1.º de Dezembro, em Alcantara, tambem festeja o anniversario da independencia, mandando resar uma missa na capella de Nossa Senhora do Livramento, e distribuindo um bodo a grande numero de pobres.

—Desde Janeiro deste anno até 24 do corrente, emigraram de Braga para o Brazil 1:069 pessoas! E' para lastimar este desapego á patria, onde tantos terrenos ha a arrotear, e na qual se poderiam, com mais vantagem, e sem sacrificios, empregar esses braços robustos. Não ha desenganos possiveis para essa pobre gente, que julga encontrar o seu *El-Dourado* nas regiões insalubres da America do sul. Aos parochos incumbia desilludir os incredulos. Façam-o.

Até á seguinte.

P. J. Conceição.

NOTICIARIO

Conferencia—No sabbado fez o distincto academico e notavel poeta, o sr. Candido de Figueiredo, uma brilhante conferencia no Instituto. Propoz-se fallar da penalidade na India, segundo o codigo de Manú.

Disse que deveria talvez começar por fazer sentir a importancia do estudo das origens indianas, e accentuar a influencia da velha civilisação aryana sobre as instituições da raça latina; mas que, á mingua de tempo, só lembraria os factos demonstrados, a este proposito, pela archeologia prehistorica, pela philologia comparada, pela sciencia das religiões, etc.

Dando por demonstrada a influencia dos aryas nas instituições dos povos indo-europeus, disse que tomava nas mãos um dos monumentos da velha civilisação aryana,—o codigo de Manú,—e, já que não podia fazer de todo elle uma exposição completa, mostral-o-ia apenas por um dos seus lados, pelo lado do direito penal.

Disse que era necessario e difficil fazer a historia da penalidade indiana; necessario, porque até hoje não se têem occupado seriamente della os historiadores do direito penal; difficil, porque não ha commentadores, e é preciso separar no codigo o que é puro direito penal d'aquillo que é religioso, social, civil e politico.

Mostrou que o mais antigo monumento legislativo que se conhece na historia da humanidade, é o codigo de Manú. Fallou sobre Manú, e sobre o conteudo e as divisões do codigo, indicando que as disposições penaes se acham especialmente nos livros VIII e IX e ainda no XI, se bem que este quasi exclusivamente se occupa de penitencias e expiações religiosas.

Começando a analysar a organisação judiciaria indiana, mostrou que o rei é alli o principal julgador, e talvez executor em alguns casos. Adduziu alguns textos para comprovar este ultimo asserto, e fallou dos tribunaes collectivos e da auctoridade que lhes confere a lei de Manú.

Ácerca dos elementos que constituiam estes tribunaes, expoz o systema das castas indianas, fallando das attribuições dos *brahmanes*, dos *kchatrias*, dos *vaysias* e dos *çudras*.

Occupou-se das appellações e dos recursos no processo indiano; e, entre as provas judiciarias, especialisou o depoimento das testemunhas, o juramento, e a prova do *fogo*.

Fallou das condições que a lei indiana requer n'uma testemunha idonea; expoz as formulas do juramento, e dissertou largamente sobre a prova do fogo.

Mostrou que a prova do fogo deixando vestigios no Japão e na Africa occidental, apparecia nas leis dos barbaros, nas *Capitulares* de Carlos Magno, e noutras legislações. Disse como na edade media se legitimavam e regulavam os *juisos de Deus*, e reproduziu uma das formulas da collecção de Balluze.

Provou, depois, que este symbolo juridico, a prova do fogo, e todas as provas que constituem os chamados *juisos de Deus*, derivavam da India, pelo caracter anthromorphico e pantheista das sociedades infantis.

Citou um dos episodios finaes do celebrado poema epico o *Ramayana*, para mostrar que naquelle poema, anterior alguns seculos ao codigo de Manú, já se faz menção da prova do *fogo*.

Citou egualmente os textos em que a lei de Manú consigna a mesma prova, e passou a occupar-se dos delictos e das penas consignadas no respectivo codigo.

Expoz os quatro crimes que são reputados principaes na lei indiana, fez menção dos delictos secundarios; e, depois de referir as penas comminadas aos differentes delictos, observou, e provou com varios exemplos, que as penas não eram tão graduadas pelos delictos como pela classe dos delinquentes, e que essa deseguatdade estava subordinada aos privilegios das castas e ás linhas que as separam.

Apesar d'esta desegualdade, enunciou alguns principios de alta moralidade e profunda philosophia, consignados no codigo de Manú. Fez o confronto da barbaridade da pena indiana, com a barbaridade da pena no codigo wisigothico e noutras legislações europeias, e notou que o systema penal indiano, é em alguns pontos, mais plausivel que a penalidade da Europa em epochas menos antigas.

Accrescentou que não achava no codigo de Manú a ideia de *vingança*, em quanto que a palavra *vindicta* se havia consubstanciado com a penalidade europeia até aos fins do seculo passado, e fallou dos esforços de Montesquieu, de Beccaria e Filangieri, citando por fim os artigos 6, 7 e 8 da *Declaração dos direitos do homem*, a proposito dos estados geraes de 1789.

E concluiu, fallando dos progressos realisados e dos progressos possiveis na sciencia penal.

A assemblea applaudiu o orador, saindo com as melhores impressões.

Outra conferencia—Ouvimos que a proxima conferencia no Instituto será no dia 13, e feita pelo sr. Dr. Avelino Augusto Cesar Maria Calixto.

O 1.º de Dezembro.—Foi hontem o anniversario da feliz restauração de Portugal do poder dos hespanhoes, em egual dia de 1640.

Todos os portuguezes, ainda depois de decorridos tantos annos, estão firmes no inabalavel amor da independencia nacional. Tem havido e ha neste reino divergencias politicas; mas neste ponto, todos são conformes, sem haver divergencias.

O dia 1.º de Dezembro está sempre na lembrança de todos, como aquelle em que os nossos antepassados sacudiram heroicamente o jugo estrangeiro.

Como demonstração patriotica, foi hontem á noute a philarmonica *Boa-União* tocar em frente do edificio do governo civil e da camara municipal, percorrendo as principaes ruas da cidade.

As economias do governo absoluto.—O nosso collega da *Nação* diz o seguinte:

«O *Conimbricense* apresenta a nota dos grandes ordenados, que no antigo regimen recebiam alguns altos empregados pela accumulação de funcções publicas, concluindo que assim eram todos os que chama *sanguesugas do Estado*, provenientes das *classes privilegiadas*.

Com effeito 5 e 6 contos, que alguns ganhavam, não era pouco; mas o resultado de longas carreiras nos serviços publicos, habilmente desempenhados; situação a que podiam chegar todos os homens de qualquer classe social e que portanto não era exclusivo das *classes privilegiadas*.

Mas o que era isso em comparação de accumulações de empregos, que têem produzido mais de 12 contos annuaes e dos donativos de 100 contos, e dos supprimentos extraordinarios ou adiantamentos ao corpo diplomatico?

Qual foi o liberal que empenhou a sua casa em 50 contos de reis no serviço do Estado, como fez o visconde d'Asseca e outros anteriores, cujas dividas ainda oneram os seus descendentes?

Nós não somos contrarios ao bom pagamento de bons serviços, e por isso não encontramos, que censurar n'essas accumulações do passado, se essas correspondiam a esses bons serviços. Cremos mesmo que a perspectiva de um consideravel rendimento nos tempos adiantados das carreiras publicas, póde ser um grande incentivo para todos os desejos de se elevar pelo prestimo e pelo trabalho.

O que reprovamos é que esse rendimento se consiga pelas traficancias, pela corrupção ou pela prepotencia das grandes situações politicas.»

Quando publicámos os dois exemplos de accumulações de ordenados durante o governo absoluto; não quizemos com isso dizer, que durante o governo liberal não tenha algumas vezes havido a esse respeito motivos de justas censuras. A *Nação*, porém, atacando sem distincção todas as situações politicas, e quasi todos os actos dos ministerios liberaes, quer fazer ver que a melhor fórma de governo, em todo o sentido, era a que antigamente havia em Portugal.

Na sua opinião, tudo então era santidade, tudo economia, tudo boa administração.

Cumpre-nos, por isso, mostrar que se agora ha defeitos, se ha erros, se ha mesmo abusos, como sem duvida tem havido; não ha de ser pela norma dos governos absolutos que elles se hão de evitar. Pelo contrario, em nenhuma fórma de governo elles se poderiam praticar com mais facilidade. Bastava a falta da liberdade de imprensa.

Para se saber o que era a epocha do absolutismo, em seguida publicamos uma interessante nota, que se lê na *Historia da guerra civil e do estabelecimento do governo parlamentar em Portugal*, pelo sr. conselheiro Simão José da Luz Soriano:

«O n.º 15 do *Astro da Lusitania*, jornal politico da epocha liberal de 1820, apresentou ao publico um mappa das commendas concedidas a varios fidalgos, entre os quaes se contou tambem o marquez de Olhão, que a titulo de pagamento de dividas que a sua casa tinha, houve a mercê de onze commendas, cujos rendimentos nos vinte e oito annos em que as teve até áquella epocha, sommavam 300:327$972 reis! Quem á vista d'isto deixaria de contrahir dividas, uma vez que o estado lh'as pagava? O marquez, escrevendo ao redactor do *Astro*, confessou que as taes onze commendas lhe tinham sido dadas, não para pagar as suas proprias dividas, mas as de um tio que tinha fallecido sem as pagar, nem deixar com que, pois elle sobrinho apenas herdára d'elle os vinculos, que não estavam obrigados a dividas, porque passavam livres ao successor. Vê-se pois que as dividas do tal tio subiam a mais de 300:000$ reis.

«Parece-nos incrivel que houvesse credores que tanto lhe fiassem, sem nada embolsarem de tal somma até á morte do homem, que todavia se finou tranquillo, porque talvez já esperasse que o estado lh'a pagaria por elle. Que serviços faria este senhor á nação para d'ella receber tal recompensa? Provavelmente os mesmos que fez o conde de Villa Verde, a quem depois da sua morte o principe regente mandou tambem pagar as suas dividas. Pena foi que o marquez não communicasse ao redactor do *Astro* qual a somma das dividas que tinha já satisfeito pelo tio, ou a relação dos credores a quem havia já pago os seus debitos, e a dos que ainda se achavam por embolsar. Eis aqui pois uma das razões por que a maior parte dos nossos fidalgos se declararam pelo absolutismo, e como taes, sectarios fieis da usurpação de D. Miguel.»

Tambem muitas vezes se tem notado de excessivas as despezas que faz actualmente a casa real. Vamos, porém, mostrar, quaes eram as despezas da casa real durante o antigo regimen. Não é necessario mais do que indicar o que se gastava com a *ucharia*. Por ahi se avaliará a que somma enorme subiriam todas as mais despezas.

No *Correio interceptado*, impresso em Londres, em 1825 e 1826, e a que já nos referimos em o numero antecedente, se commenta com graça a despeza da *ucharia* da casa real.

Eis ahi a carta 9.ª daquella publicação:

«*Rilhafolles, 5 de Dezembro de 1825—Meu amigo e senhor*—Acabo de receber as tres tabellas da despeza da *ucharia real*, dos annos de 1803, 1804 e 1805, que diz v. m. que regulam pouco mais ou menos pela despeza actual. Ora meu amigo, perdoe-me, que lhe diga, que nem acredito o de então, nem o de hoje. 352:502$551 no primeiro anno! 368:743$272 no 2.º; e em 1805 407:410$468 reis!!! Quem ha ahi de goelas tão escancaradas, que engula semelhante *ucharia*? Nem as ucharias de Pantagruel, e do nobilissimo Garguantua comiam tanto. Sabe v. m. que as duas primeiras sommas andam perto, e a ultima excede a um milhão de cruzados?

«Eu bem vejo uma addição de 3,000 arrobas e 27 arrateis de presuntos; 2,782 arrobas de toucinho; 292 arrobas de manteiga de porco; 2,667 cantaros d'azeite; 22,477 saccas de carvão; e 5,624 arrobas de neve, comedorias dos criados e ordenados dos officiaes das reaes cozinhas e pensões; entretanto que homem póde haver que approve contas que taes? Sabe el-rei disso? Mas em fim, saiba que não saiba, se isso é verdade, deve ir para as galés cada pessoa das cozinhas e dos compradores, por cada mendigo, que peça esmola na circunferencia de doze leguas em redondo do palacio de Queluz, a quem só os sobejos dos desperdicios deveriam de fartar.

«Diz mais v. m., que a *despeza das reaes cavalharices* andava em 197:397$976 reis; o ordenado dos *picadores* em 9:500$000 rs., e a *musica* em 6:400$000 rs. *Musica de cavalharices* dezeseis mil cruzados! Orneios tão caros nunca ninguem pagou.

«Parece que na sua ultima carta estava v. m. apostado a fazer, e a remetter-me uma lista de carapetões, com muito desenfado. Se quer que o creia, desça do excessivo, e execute o *nequid nimis*, que é preceito velho. E se porém falla verdade, cá dei com isso n'uma das rasões, porque se acabaram as côrtes; e foi sem duvida pelo que diz a este respeito *Antonio Abati*, nos seus *Frascheries*, pag. 201:

Spende tutta in magnar la sua monnetta;
E in vivande ingegnose ha gran misterio,
Un pranso non daria per un Imperio,
Per che sa, ch'un Imperio ha la DIETA.

«E quanto á *musica das cavalharices* não lhe mexamos; deixe-a lá ficar, porque serve no beijamão e no paço, e porque uma tal singularidade de mansão de musica deve de algum dia ter cabimento nos museus harmonicos, e immortalisar o auctor que encaixou a banda na tal repartição com seus fardalhões agaloados. Deus o livre a v. m. das indigestões, e do estrugido dos relinchos, que a *ucharia* e a *musica* tem de causar a muita gente.

«Acerca dos *picadores* não digo palavra; porque pelo ordenado acho poucos para tanta besta, que S. M. sustenta, e o bom povo paga. Adeus. Não se esqueça do dinheiro da estopa; não sejamos todos tolos, que bem o é quem se mata.

Sou *seu do coração*— Cosme dos Cosmes.

Ao sr. Victor Victorio—Cintra.

Era este o espirito de economia, que predominava no governo absoluto.

Privilegios concedidos aos menores. — Na tarde de 31 de Março de 1816 foi assassinado Custodio dos Reis, sapateiro, desta cidade de Coimbra, por Thiago Antonio Xavier de Azevedo, natural de Guiães, comarca de Villa Real, e estudante do primeiro anno Juridico.

Aquelle dia era domingo de Lazaro. De manhã, o referido Custodio dos Reis, que era filho de José dos Reis, tambem sapateiro, e moradores ambos na rua do Corpo de Deus, tinha ido á Sé Velha, ouvir o sermão a uns missionarios, que alli pregavam. Levava em sua companhia duas irmãs; e como o dito estudante, entendesse com uma dellas, Custodio dos Reis deu-lhe uma bofetada.

De tarde houve na forma do costume, grande concorrencia de povo ao hospital dos Lazaros, que então era fóra de portas da cidade.

Tambem alli foi o sapateiro Custodio dos Reis, com as irmãs; e na volta para a cidade, quando vinha já para cá do arco, que havia na extremidade da Sophia, pegado ao muro do quintal do collegio de S. Pedro da Terceira Ordem, vulgo dos Borras, travou-se uma questão entre o sapateiro e o estudante, e este matou-o com um tiro de pistola.

Este crime, commettido em sitio tão publico, e em occasião de tanta concorrencia de povo, causou uma grande sensação e alarme na cidade.

Foi em seguida o mencionado sapateiro Custodio dos Reis, conduzido para sua casa na rua do Corpo de Deus, e d'alli levado a enterrar na egreja de S. Thiago.

Como o estudante era de menor edade, o vice conservador nomeou para lhe assistir como curador, ao bacharel Antonio Joaquim Coelho de Sousa e Azevedo, advogado nos auditorios desta cidade.

Querendo o referido curador, antes das perguntas, fallar com o dito menor, para informar-se do facto, e dirigil-o como lhe era permittido pela lei e direito do reino; foi-lhe vedado esse dever, não obstante mostrar alli naquelle acto, que devia ouvil-o, para o dirigir; protestando fazer ver ao vice conservador o direito em que se fundava.

Foi isso o que motivou a—*Memoria sobre os privilegios concedidos aos menores*—que veiu a ser impressa na imprensa da Universidade em 1821.

O auctor da *Memoria*, termina-a da seguinte maneira:

«Sabido pois que o menor está debaixo dos paternaes cuidados do soberano: que este quer, e manda, que aquelle não possa estar em juizo sem curador, que assista ao mesmo menor, e que o defenda: que todos os actos, em que lhe não assistir aquelle, são nullos, e as sentenças nenhumas; que estas providencias tiveram em vista soccorrer a pessoa do mesmo menor, attenta a sua insufficiencia, que a mesma lei suppõe:

«Não devendo contra isto nada hesitar-se; quanto não deve chamar-se dura e contraria aos solidos principios estabelecidos, aquella pratica, que em alguns juizos se segue, de não deixar fallar o curador com os menores antes das perguntas, ou dirigil-os no acto dellas, e requerer o que for a bem de sua justiça?

«Se o curador não ha de desempenhar o seu officio, requerendo o que for a bem da justiça dos menores; se esquecido do que mandam as lei, e solidas doutrinas a este respeito, dirigindo-os, e mostrando-lhes as coarctadas, que o direito lhes permitte, para que não succumba a desvalida e miseravel menoridade, muitas vezes ao peso da calumnia, e da invenção de crimes, que aquella não commetteu; e se um tal curador hade emmudecer, tendo na sua frente tantas providencias, como são as que os menores tem a seu favor; então é desnecessaria a sua assistencia: e se não vão áquelle sério acto fazer outra cousa mais do que o officio de estatuas, seria melhor constituir-lhas de materia inanimada, para que desta forma fossem menos os queixumes da humanidade, que, animados das providencias dadas pelo soberano a este respeito, gritam, sem cessar, contra a falta do verdadeiro dever.

«As leis não são ociosas; ellas devem preencher os justos fins, para que foram estabelecidas; ellas mandam no presente caso soccorrer o menor, e dirigil-o. Logo quem não deixa preencher este fim, ataca indirectamente a lei, e zomba da desvalida menoridade.»

Pascoal José de Mello Freire.—A suspeitosa censura previa, impediu em Portugal a impressão da memoria — *Discurso sobre delictos e penas, e qual foi a sua proporção nas differentes epocas da nossa jurisprudencia; principalmente nos tres seculos primeiros da monarchia portugueza.* O auctor desta memoria era o licenciado Francisco Freire de Mello, sobrinho do sabio jurisconsulto Pascoal José de Mello Freire.

Como se não poude imprimir em Portugal, foi impressa em Londres no anno de 1816.

Fallando ahi do Compendio de Jurisprudencia Criminal, de Pascoal José de Mello Freire, pela primeira vez impresso em 1794, acrescenta Francisco Freire de Mello a seguinte curiosa nota:

«Foi reimpressa a mesma obra em vida do auctor na officina da Academia Real das *Sciencias de Lisboa* no anno de 1795 e 1796, pondo-se nestas duas edições ultimas o anno da primeira. De todas as edições, que se fizeram, recebeu o auctor metade da edição de todas as suas obras, segundo o costume da dita academia, menos das duas ultimas edições do direito criminal, que se imprimiu duas vezes, cada uma edição de dois mil exemplares, com a data da primeira.—Veja-se a edição de Coimbra do anno de 1815, feita por ordem de S. A. R. para uso dos mestres e estudantes, edição mais correcta, e augmentada, e em typos mais miudos.

«A Universidade de Coimbra me consultou sobre a nova edição; eu lhe remetti seis livros do meu uso, em que tinha muitas notas minhas, que ella imprimiu todas: mas não me quiz restituir os exemplares que lhe mandei, e que param na mão de Joaquim Ignacio de Freitas, professor de Bellas Artes. Imprimiu mais e juntou á obra o *Panegyrico Historico*, que vem no principio do I tomo da Historia. E imprimiu mais a taboa das ordenações concordantes, que se acha no fim do mesmo tomo.

«Eu lhe doei a estampa do retrato de meu tio, e lhe doei mais o direito da reimpressão das minhas obras, comprando-me a dita Universidade os exemplares do meu laborioso indice, de que me pagou só o papel e a despeza do prelo. A edição do compendio da *Historia Jur. Civ. Lis.* foi feita segundo a edição de 1800, em que emendei muitos erros, tendo sempre contra mim nas ditas emendas a presupposta Academia Real das *Sciencias de Lisboa*. Veja-se o que se diz no meu *Panegyr. Histor.* § 16. Not. Ed. Conimbr.»

Bibliotheca da Universidade—Publicamos em seguida a nota dos leitores da bibliotheca da Universidade, durante o mez de Novembro findo:

	LEITORES	OBRAS PEDIDAS
Litteratura ...	175	205
Theologia ...	167	201
Direito	872	1021
Medicina: ...	177	233
Mathematica.	318	413
Philosophia. .	211	293
	1920	2366

A falta de instrucção—Não se avalia facilmente o numero de individuos a quem faltam os mais simples rudimentos da instrucção primaria.

Ora que isso acontecesse nas aldeias, algumas das quaes ficam a longa distancia da residencia dos professores, poderia ter alguma explicação; mas o que é não só para estranhar, mas para severamente se stygmatisar, é que em Coimbra, uma das principaes terras do reino, haja tantos artistas que não sabem ler, nem escrever.

Ahi vae um bem triste exemplo.

Ha poucos dias, assistiam a um casamento, n'uma das egrejas parochiaes desta cidade, muitas pessoas das relações dos noivos. Alem de muitas mulheres, estavam alli 12 artistas. Quando porém, ao fazer o assento no livro competente, foram necessarias as assignaturas das respectivas testemunhas, achou-se que de todos os 12 artistas, só 2 é que sabiam assignar o seu nome!!!

Repetimos: isto não é em qualquer aldeia; é em Coimbra!

Semelhante facto, não carece de commentarios.

Cemiterio da Conchada.— Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Manoel Francisco Verissimo, filho de Antonio Francisco Verissimo e Maria Marques, natural da Pedrulha, de 75 annos, fallecido no dia 22 de Novembro.

José Tavares, filho de Maria Ferreira, natural do Pindello, concelho d'Oliveira de Azemeis, de 18 annos, fallecido no dia 24.

Joaquina da Conceição Loba, filha de José da Costa Barbosa e Maria da Conceição Loba, natural de Coimbra, de 52 annos, fallecida na dia 25.

Antonio Coelho, filho de Manoel Coelho e Theresa de Jesus, natural de Miranda do Corvo, de 30 annos, fallecido no dia 26.

Joaquim Ferraz de Carvalho, filho de Antonio Ferraz de Carvalho e Maria d'Oliveira, natural das Means, de 73 annos, fallecido no dia 26.

Joaquina da Piedade, filha de Antonio da Cruz e Adelaide da Piedade, natural da Cruz dos Morouços, de 34 annos, fallecida no dia 28.

Maria das Dores, filha de Brigida da Conceição, natural de Coimbra, de 15 dias, fallecida no dia 29.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5221.

O linho.— Segundo a Ordenação, não era permittido levar linho para fóra do reino.

No anno de 1625 foi estabelecida em Coimbra uma feitoria para o linho canhamo, e em 15 de Março de 1659 publicou-se um regimento para a mesma feitoria.

Tambem el-rei D. João IV deu um regimento em 2 de Dezembro de 1653 para uma feitoria do linho canhamo da villa de Santarem, e outro em 4 de Junho de 1656 para a da villa de Moncorvo.

El-rei D. José, pelo alvará de 25 de Fevereiro de 1771, deu por extinctas todas as feitorias do linho canhamo, e todos os empregados respectivos.

As arvores. — Aos corregedores incumbia mandarem plantar arvores de fructo, e fazer nellas enxertos: e aos vereadores fazerem crear pinhaes nos montes e baldios defendendo-os de forma que se podessem bem crear; e não sendo a terra apta para pinhaes, fazerem plantar nella outras arvores, que melhor as dessem.

Os senhores das terras das margens do Tejo, eram obrigados a pôr nellas as arvores de certa qualidade.

Se alguem cortasse arvore de fructo, tinha pena de açoutes, de degredo, e pagava o tresdobro da estimação ao dono; e era este caso de querella. Aquelle que pozesse fogo a arvores de fructo, pães, vinhas, olivaes, novidades, colmeas, coutadas de matos, soveraes, arvoredos e pascigos, pagava pelos seus bens o damno e era degredado dois annos para Africa, com baraço e pregão pela villa, sendo peão; e sendo escudeiro, era degredado por dois annos para Africa, com pregão na audiencia, e pagava o damno a seu dono.

Quem cortava as arvores que produzem baunilha no Brasil, incorria na pena pecuniaria e de prisão.

Nas capitanias de Pernambuco e do Rio de Janeiro, não se podiam cortar as arvores de mangues, antes de serem descacadas.

As madeiras creadas no Brasil, e transportadas para este reino em navios portuguezes, não pagavam direitos de entrada e saida; e as que eram creadas neste reino, e no mesmo transportadas de uma para outra parte, tambem não pagavam direitos de entrada e saida.

Os tanoeiros não podiam receber madeiras, sem ficarem assentadas na mesa do Paço da Madeira.

O pau brasil não se podia embarcar para fóra do reino, e era este caso de devassa.

Segundo o alvará de 30 de Agosto de 1757 ninguem podia crear sabugueiros nas demarcações do Douro, e cinco leguas de distancia dellas.

Pela lei de 20 de Fevereiro de 1752 ordenou el-rei D. José a plantação das amoreiras, e concedeu isempções e privilegios a este respeito.

Riqueza florestal.— Para se avaliar a riqueza do Canadá em madeiras de construcção, basta dizer que um estabelecimento de serração, fundado em Peterborough, vende em poucos mezes a madeira de 70:000 arvores. Uma casa de commercio, Egan e companhia, empregava ainda ha poucos annos 3:800 homens em cortar arvores e derrotar florestas, 1:700 cavallos e 200 bois no transporte de madeira, e 400 carros na conducção de viveres e forragens.

Territorio da França.—A superficie total da França, é constituida por 52 milhões de hectares. 3 milhões representam as estradas publicas e dominios improductivos; 7 milhões constam de charnecas, baldios e terrenos incultos; 25 milhões são terras araveis; 5 milhões de prados; 2 milhões de vinhas; 600:000 de pomares e hortas; mais de 7 milhões de matas, e o resto é representado por diversas culturas e por construcções de edificios.

Exames de candidatos ao magisterio primario.—Reuniu-se hontem no Lyceu Nacional desta cidade, sob a presidencia do sr. commissario dos estudos, o jury que hade examinar os candidatos ás cadeiras de ensino primario, que se apresentaram nesta circumscripção.

O jury em conformidade com a lei, occupou-se do exame dos documentos com que os alludidos candidatos instruiram os seus requerimentos; habilitou os que os apresentaram em devida forma; e deu o prazo de 10 dias

aos que se acharam no caso contrario, para remediarem as faltas commettidas.

Nomeou para exercer as funcções de secretario o sr. Augusto Pereira Moura, professor de Cellas.

Fr. Amador Arraes. — Diz este nosso escriptor nos seus *Dialogos*, a paginas 16:

«Sempre o interesse baralhou o mundo: mal é velho, e commum a todos, que poz de venda os florentes imperios, misturou o sagrado com o profano; e fez almoeda da vergonha, e consciencia.»

Aula de direito ecclesiastico. — O sr. Dr. Pina Abranches, que tem regido a cadeira de direito ecclesiastico do 5.º anno, fez hoje as suas despedidas aos seus discipulos; porque na proxima sexta feira, começará o sr. bispo eleito do Algarve a reger a mesma cadeira.

Egreja da Graça. — Em o numero passado deste jornal, tivemos occasião de dizer, que a actual mesa da irmandade do Senhor dos Passos desta cidade, tem procedido na egreja da Graça a importantes melhoramentos. Com effeito, desde 1834 é esta uma das mesas mais zelosas que tem tido aquella irmandade.

O templo estava como que abandonado, e improprio não só do seu elevado destino, mas até de uma terra como Coimbra. Com bastantes sacrificios tem a mesa actual feito alli obras e reformas, que tornam a egreja da Graça muito agradavel.

No patim da egreja trata a mesa de fazer uma importante reforma. Aquelle local estava sendo um deposito de imundicies. Agora, alem de se fazer alli um commodo passeio, ficando todo nivelado, será o patim fechado com uma grade.

Repetimos, por isso, os nossos louvores á benemerita mesa, na confiança de que não afrouxará no seu zelo.

Philarmonica Boa-União — No domingo proximo, dará a companhia de gymnastica um beneficio a favor da sociedade philarmonica *Boa-União*. As sympathias que esta sociedade gosa do publico, e as difficuldades com que luta para a sua sustentação, fazem-nos esperar grande concorrencia ao espectaculo.

Melodia sacra. — Recebemos um exemplar da *Ave Maria!* melodia sacra para canto e piano, pelo exm.º sr. Roberto Guilherme Woodhouse.

Consta-nos que o seu auctor e nosso respeitavel amigo, tenciona beneficiar com o producto da venda desta melodia, depois de deduzidas as despezas, a sociedade Philantropico-Academica.

Agradecemos a s. ex.ª o exemplar com que nos obsequiou.

Associação Conimbricense do Sexo Feminino — Publicamos em seguida o balancete apresentado em sessão do conselho director no 1.º de Dezembro de 1873.

Saldo de 1872	5:059$065
Receita até 31 d'Outubro de 1873	1:621$170
	6:680$235
Despeza até 31 d'Outubro de 1873	1:089$200
Saldo para 1 de Novembro de 1873	5:591$035
Sendo:	
7 letras, devidamente abonadas.	497$900
4 penhores d'ouro e prata	88$500
1 escriptura com hypotheca ...	59$680
4 acções do Banco União do Porto	400$000
11 inscripções (3 de 1:000$, 1 de 500$000, 7 de 100$).	4:200$000
Dinheiro em cofre	345$855
	5:591$035

Grande desgraça — Por noticia telegraphica, dirigida ao *Diario de Noticias*, consta que em S. João de Areias desabou o solho da casa da camara, estando alli 140 eleitores da freguezia do Pinheiro, havendo muitas victimas.

Errata — Em o numero passado, 2.ª pagina, 2.ª columna, onde se lê, que D. João VI entrou em Lisboa, vindo de Villa Franca, no dia 3 de *Julho*; deve lêr-se 5 de *Junho*.

Noticias de Hespanha — Continua o bombardeamento de Cartagena.

Os carlistas tem no Aragão 8 a 10 mil homens em armas.

Em Bayona foram embarcadas 6 mil espingardas, um milhão de cartuchos e muitos outros petrechos de guerra, com destino aos carlistas.

O general Moriones regressou a Tafalla, e mais as duas brigadas com que d'alli saira.

ANNUNCIOS

1 AVE MARIA! melodia sacra para piano e canto, por R. G. Woodhouse. Offerecida á exm.ª sr.ª D. Maria Emilia de Sá Brandão O'Neill.

Vende-se na loja de livros do sr. José de Mesquita, na rua das Côvas. Preço 300 rs.

Associação dos Artistas de Coimbra

2 DOMINGO, 7 do corrente, pelas 10 horas da manhã, na sala da mesma associação, hade licitar-se a construcção das estantes para a sua bibliotheca, mediante as condições que desde já estão patentes.

Coimbra, 1 de Dezembro de 1873.

O presidente,

Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

EDITAL

O Dr. Francisco Antonio Diniz, commendador da Ordem de Christo, commissario dos estudos do districto de Coimbra, presidente do jury para os exames dos candidatos ás cadeiras de ensino primario, nesta circumscripção na 2.ª epocha do corrente anno de 1873, etc.

Faço saber que em resultado do exame a que, em conformidade com o disposto no § 1.º do art. 5.º do Regulamento de 30 de Outubro de 1869, procedeu o respectivo jury sobre os documentos dos candidatos ás cadeiras de ensino primario, que requereram para serem examinados nesta circumscripção na 2.ª epocha do corrente anno, se mandam publicar as seguintes listas.

Candidatos habilitados

Joaquim da Cruz Picanço
Manoel Gomes Neto
Dalla Olympia

Candidatos não habilitados

João Rodrigues dos Santos
Julio Maria de Andrade
José Augusto Candido da Piedade
Antonio Pereira da Silva
José Madeira da Fonseca Machado
Antonio da Cruz Nunes
José Maria das Neves
Joaquim de Almeida
João Pereira da Silva Cardote
Antonio Avelino
Manoel Joaquim da Silva
José Pereira Madura
Roque Pinto da Silva Ferrão
Antonio Gonçalves Curado.

Maria Augusta da Conceição
Maria Amelia Marques
Maria Barbara Pena
Amelia Pereira S. Thiago
Maria de Nazareth Sousa Sampaio.

Os candidatos comprehendidos na segunda lista, devem, na forma do § 2.º do art. 5.º do citado Regulamento, legalisar os seus documentos no prazo de 10 dias a contar da data deste edital, sob pena de se entender, que desistem do concurso.

Coimbra 2 de Dezembro de 1873.

Francisco Antonio Diniz.

4 EDIÇÃO 2.ª de fogões de fogo circular e de rewolver hydraulico, mais correcta e augmentada, por Antonio Bernardes Gallinha. Officina de serralheria — 23, rua de Quebra-Costas, 28.

MARÇANO

5 NESTA REDACÇÃO se diz quem precisa d'um para mercearia, preferindo-se com alguma pratica.

AGRADECIMENTO

6 AUGUSTO ADELINO FERRAZ, José Maria Ferraz e sua familia, summamente penhorados para com todos os seus amigos que, durante a grave enfermidade a que succumbiu seu extremoso pai Joaquim Ferraz, lhes deram exuberantes provas de verdadeira amisade e dedicação; agradecem cordealmente não só os affectos que receberam em tão penosas circumstancias, mas os serviços prestados no funeral e acompanhamento até ao cemiterio, protestando-lhes inteiro reconhecimento.

Não poude a sciencia conseguir salvar uma vida que tão cara lhes era, mas os esforços empregados, o zelo e carinho com que seu chorado pae foi tratado pelo digno facultativo o exm.º sr. dr. João Augusto d'Almeida Araujo Pinto, obriga a fazer menção especial, e por isso lhe tributam eterna gratidão.

OCULISTA

7 MR. BOLSSON acaba de abrir o seu estabelecimento na rua da Calçada, n.ºs 86 a 90, no qual se encontra um grande e variado sortimento de oculos e lunetas de ouro, prata, tartaruga, bufalo e aço; assim como barometros, thermometros, microscopios, conta-fios, lentes de grande força, e binoculos para campo e marinha.

Acertam-se vidros e vendem-se avulso pelos preços mais limitados.

DOCTOR IN ABSENTIA

8 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

ANTONIO MARIA CARDOSO

CALÇADA

9 ACABA de receber um lindo sortimento de fazendas para vestido — pannos pelles de côres — chales — lenços de seda — cache-nez — sapatos de malha — sapatos de ourelo — sapatos de trança — guarda chuvas para homem e para senhora — e outras fazendas.

Fazendas que vende com grande abatimento

Pannos patentes finos a 130, 120, 110, e 90 rs. o metro — chitas largas de 165, e 150 o metro — peitilhos para camisa a 50 — cache-nez a 320 — camisolas de algodão a 400 e 360 — casemiras que vende, fato completo, a 5$100 a 4$950 e outras fazendas.

As socias da Associação Conimbricense do sexo feminino

10 A PORTARIA do ministerio do reino, datada de 5 do mez proximo findo, prohibe a admissão das socias nos hospitaes da Universidade como pobres; para se cumprir a qual foi pelo exm.º governador civil pedida a relação das socias, que se enviou em 2 do dito mez.

O conselho director publica este aviso, a fim de desviar qualquer responsabilidade, que de futuro se pretenda impôr-lhe.

A presidente,

Maria José de Campos Ferreira.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navios a sahir

Para o **Rio de Janeiro:**

Barca CLAUDINA, em 7 de Dezembro.
Galera EUROPA, em 3 de Janeiro de 1874.

Para **Pernambuco:**

Barca VENCEDORA, em 18 de Dezembro.

Recebem passageiros e carga. Trata-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.



LEIRIA

JOÃO ANTONIO DE OLIVEIRA

(Vulgo, o João Rei)

12 RECONHECENDO o grave transtorno que causa a muitas pessoas a falta de uma carreira diaria de diligencia, entre esta cidade e a villa de Pombal, deliberou estabelecel-a, a começar do 1.º de Dezembro do actual anno, saindo a diligencia desta cidade ás 9 horas da manhã, e de Pombal logo que chegue o comboio ascendente.

O preço pelo transporte de cada passageiro será de 800 rs. dentro, e 600 rs. fóra: a cada passageiro só é permittido 15 kilos de bagagem: a que fôr a mais sera contada a 10 rs. por cada kilo.

O annunciante tem tambem por sua conta a diligencia diaria entre Leiria e Chão de Maçãs, donde parte á 1 hora da noite, e desta cidade ás 6 horas da tarde, e possue uma variada collecção de carroagens, que alluga por preços commodos, para todos os pontos, onde houver estradas macadamisadas.

O hotel pertencente ao annunciante acha-se de novo reformado, e alli encontrarão os viajantes, a par do mais esmerado serviço, preços muito razoaveis, tando ás suas ordens diligencias para todos os comboios.

13 SAHIRAM do prelo, *em 8.ª edição*, as — **Instituições Elementares de Rhetorica:** — e, *em 5.ª*, a — **Synopse do bosquejo-historico da litteratura-classica, grega, latina e portugueza:** — por A. C. Borges de Figueiredo.

NUMERO 2751 SABBADO 6 DE DEZEMBRO DE 1873 ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL — JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios — Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

O nosso estimavel collega do *Progressista*, insere no seu ultimo numero um estirado artigo de *lavra historico-reformista*, no qual se pretende refutar as ideias que expendemos em um dos numeros do *Conimbricense* do mez preterito, sem, comtudo (segundo diz), responder a este jornal.

O artigo a que nos referimos, veiu de encommenda; e o seu auctor denuncia-se da primeira á ultima linha, não só pelo despeito e paixão que o artigo transsuda por todos os poros; mas pela linguagem pouco delicada de que usa, e que em consciencia não deve attribuir-se á illustrada redacção daquella esclarecida folha.

Salvas pois as intenções que o articulista teve, de não responder ao nosso artigo; declaramos-lhe, que não nos surprehendeu o seu desgosto: é natural que todos nós lamentemos a desgraça, quando o desfortunio nos bate á porta.

Já previamos tambem, que o articulista não concordaria com as ideias que expendemos em geral, com relação á fidelidade que deve haver dos empregados publicos para com o governo central, mesmo em questões politicas; mas note o auctor do artigo, que, apezar de *conservadores*, como, por gracejo de certo, nos chama, as nossas ideias são aceites por toda a gente, que tem dignidade partidaria. Se hoje as não approva, é porque isso lhe não convem.

Pois o articulista extranha, que nós censuremos o sr. director dos proprios nacionaes, por se ausentar do seu cargo, para vir tratar das eleições no districto de Aveiro; e não se lembra do acto despotico, praticado pelo seu proprio chefe, o sr. marquez de Loulé, demittindo por decreto de 25 de Abril de 1861, o sr. conselheiro José Maria de Abreu, pelo simples facto de, na qualidade de deputado da nação, ter votado no parlamento, *para que a discussão do orçamento, precedesse a qualquer outra?*

Um partido que pratica actos de tamanha intolerancia politica, pode porventura vir fallar em independencia dos empregados publicos?

Estas theorias é que são verdadeiramente *anachronicas e absurdas, illogicas e execrandas para os verdadeiros liberaes.*

Ao menos agora praticam elles todos os factos de que temos fallado, sem soffrerem o menor incommodo.

E' essa a differença, e bem notavel, que ha entre o partido historico e a actual situação politica.

Tenha o articulista paciencia, e soffra mais o dissabor de não retirarmos, nem uma das palavras que escrevemos, e com as quaes tanto se magoou; nem mesmo aquellas que se referem aos actos attentatorios da liberdade eleitoral, praticados por uns certos empregados publicos, contra a fidelidade que devem ao governo.

A respeito dos factos a que nos referimos, tinhamos ainda muito que acrescentar ao que já escrevemos; fica, porem, isso para quando o articulista estiver mais a sangue frio para discutir (se quizer) em termos sérios e delicados: por em quanto não é facil, porque está ainda muito impressionado com os seus desgostos politicos.

De uma vez para sempre fique o mesmo articulista na certeza, de que havemos de apreciar como entendermos os actos dos funccionarios publicos. Hade permittir, por tanto, que tenhamos a franqueza de lhe repetir, que não gostámos de ver o sr. director dos proprios nacionaes, ausente de sua repartição, com prejuizo do expediente dos negocios que alli ha a tratar; dando preferencia á politica partidaria e pessoal. Isto com relação a todos os empregados publicos.

Que o sr. Luciano de Castro saiu com licença sabiamos nós. Era o que faltava que assim não fosse.

Se o articulista pode colleccionar provas para abonar os serviços do sr. José Luciano de Castro, tambem nós o podiamos fazer com muitos documentos, e allegariamos muitas provas, *se não fossem bem publicas e notorias.*

Tambem nós podiamos colleccionar avultadissimo numero de documentos (o articulista bem o sabe), para provar que o sr. José Luciano de Castro, praticou tudo quanto o seu desmedido facciosismo politico lhe suggeriu contra o governo, contra os amigos do sr. José Dias Ferreira, contra o direito eleitoral, e contra a li-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXVIII

D. CARLOS

LXVIII

Se, porém, nas insurreições que temos referido, eram em geral seus auctores os soldados; as que vamos narrar tinham origem mais elevada, e davam o triste espectaculo de insubordinação, os mesmos que deviam ser modelo de disciplina.

Havia no estado maior de Espartero uma maioria de officiaes hostis á revolução de 1836, e como o general lhe importava mais vencer aos carlistas que aos governos, tolerava-os, e isto animou aos conspiradores de Madrid, suppondo que não se opporia, e trabalhavam com decisão.

Partiram emissarios ao quartel general sobre Cella, entre Teruel e Daroca, encarregados de preparar os animos; acharam ecco entre os officiaes de estado maior e a guarda, e logo se notou que seus manejos produziam effeito, semeando-se o descontentamento. O que primeiro fizeram, como que se dirigiam á tropa que havia soffrido incommodos e privações sem conto com heroica abnegação, foi persuadir-lhes que quanto haviam padecido, a falta de paga, e de vestuario, era pela má vontade do governo, e que mudando o ministerio, tudo se remediaria como por encanto, sendo ministros que não fossem progressistas.

Tratou-se perfidamente de tirar partido de umas palavras não muito prudentes de Mendizabal, que disse na tribuna, como ministro, ao fallar das miserias do exercito, que cada official *tinha um cinto de oiro;* e por mais que se esmerasse em explicar o sentido das suas frases, aquelles a quem convinha outra cousa se esforçavam em apresental-as como um insulto feito ao exercito.

Espartero, ao saber das intrigas dos emissarios recemchegados ao quartel general, fel-os sair no mesmo momento; mas já haviam deitado a semente, deixando aos seus amigos o cuidado de seguir a obra principiada, e isto o fizeram tão maravilhosamente, que já tinham ganhado a cooperação da maior parte dos officiaes da guarda real de infanteria e os de estado maior.

Obediente ás ordens do governo, corria Espartero a salvar Madrid, e adeantando-se com a sua escolta, lhe saiu ao encontro o general Seoane, a legua e meia da côrte. Era o seu objecto demonstrar-lhe os temores que tinha o gabinete de uma insurreição das tropas á sua entrada na capital, e lhe insinuou a conveniencia de evital-a. Procurou tranquillisal-o Espartero com a confiança de que se não alteraria a ordem; e com respeito ao passar as tropas por Madrid, ou fazel-as dar a volta pelo flanco direito, lhe fez a prudente reflexão de que no caso de serem fundados os temores, seria muito mais exposto o rodeio que se queria dar.

De todo isto tiraram partido os emissarios moderados, que acudiram em tropel ao exercito, dizendo que os ministros desconfiavam deste, e não queriam que entrasse em Madrid; e ao chegar a ordem de entrar, se disse que os ministros haviam variado de proposito a rogos de Espartero. Este para evitar conflictos possiveis, prohibiu ás suas tropas que respondessem ás acclamações que em um, ou outro sentido ouvissem dos habitantes, e que só ao desfilar deante da rainha dessem os vivas da ordenança.

A divisão entrou em Madrid na maior ordem e disciplina, e se acantonou nos povos de Pozuelo de Aravaca e o Pardo. O quartel general e Espartero permaneceram em Madrid, onde desenvolveram os conspiradores todo o seu saber para ganhar a vontade do general em chefe, que teve varias e largas conferencias com a governadora.

Quantos meios se pozeram em jogo para conseguir de Espartero que fizesse traição aos seus sentimentos, foram vãos; e não podendo arrancar-lhe um assentimento, que tudo teria facilitado, se deitou mão dos meios já concertados de sublevar a tropa, a troco de entregar a capital a D. Carlos.

O governo parecia ter a convicção da sua impopularidade e seu desprestigio entre o exercito, pelas privações que lhe fizera soffrer, e receiava que resentido o precipitasse do poder. Tal parecia ser a intenção de uma grande parte de seus officiaes, dispostos a fazer alto na praça do Palacio e permanecer alli até á queda do ministerio e a dissolução das côrtes; porém deram-lhes seguranças de que se trabalhava na formação de um novo gabinete, e seguiram, já de noite, ao seu destino, sem demonstrar o mais leve pensamento de insurreição.

Nos dias 14, 15 e 16 de Agosto ataram-se todos os fios da conspiração. Sabedor Espartero do que se tratava e de que se insinuava á tropa, que uma rebellião teria a sua approvação, deu no mesmo momento as ordens mais terminantes para atalhar o mal.

O brigadeiro D. Antonio Van-Halen, coronel do segundo regimento da guarda, commandava uma brigada estacionada em Pozuelo de Aravaca, e quando descançava no seio de sua familia em Madrid, inteiraram-no dos tramas urdidos para sublevar a sua tropa. Van-Halen á frente da sua brigada, não notando symptoma alguma de indisciplina, encarrega a varios officiaes de indagar o animo da tropa: a primeira parte que lhe deram foi conforme ao que á primeira vista tinha notado Van-Halen; mas d'alli a pouco veiu o commandante Roncali com a noticia de que se advertia na tropa uma especie de descontentamento e o desejo de permanecer em Madrid, para descançar das passadas fadigas.

Quiz Van-Halen conhecer a verdade, e posto que as queixas tinham por origem a fadiga, julgou com muita opportunidade que mandar largas e repetidas manobras seria occasião para os descontentes manifestarem o seu espirito discolo. As tropas manobraram, sem que se ouvisse uma queixa, nem uma murmuração.

Cançado Espartero com as intrigas em que pretenderam envolvel-o em Madrid, e desejando cair sobre os carlistas, mandou alistar a artilheria que pediu ao governo, deu ordens de marchar antes que as peças estivessem promptas, e saiu para o cantão de Aravaca, sem as levar.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

berdade dos cidadãos, ameaçando os eleitores que não partilham das suas ideias.

Estamos no nosso direito de não gostar de violencias, e de stygmatisar este procedimento nas pessoas que devem dar melhores exemplos.

Por falta de sentimentos e bons instinctos politicos, se desmoralisam os povos e se desacreditam as instituições.

Aos governos podem tolerar-se umas certas insinuações, ou conselhos, quando isso fôr conveniente ás instituições, ou uma necessidade para o bom regimen politico dos povos; no sentido de encaminhar a politica geral, de cuja direcção estão encarregados. A ninguem póde, porem, ser permittido descer á violencia, ou á ameaça; e muito menos aos empregados do estado, contra a ordem e vontade expressa dos governantes.

A's expressões menos convenientes do articulista não respondemos. Já acima indicámos os motivos.

CORRESPONDENCIA DE LISBOA

Lisboa, 4 de Dezembro de 1873.

Dizia hontem o *Jornal da Noite*:

«Parece que a algumas pessoas de Coimbra «desagradou o folhetim ácerca do livro do sr. «pharmaceutico Ferraz, tendo aliás merecido «a sua approvação o que nós escrevemos a «esse respeito. Nem havia motivo para agra«decer o louvor, nem para estranhar a censu«ra. *A critica deve-se liberdade, e não se póde «julgar aggressiva por ser ironica.* No folhe«tim não havia offensa ao caracter ou ás qua«lidades do sr. Ferraz; havia critica ao livro, «e quem escreve para o publico sujeita-se ás «apreciações dos leitores. *Noli me tangere* é «má divisa, e de todo impropria dos que cul«tivam as letras.»

O italico é meu. Diz o *Jornal da Noite* que se deve liberdade á critica, e que se não póde julgar aggressiva, apesar de ser ironica. Custa a comprehender. O que diria o *Jornal da Noite* se analysassem os livros de s. ex.ª com a chamada critica com que foi analysado o livro do sr. Magalhães Ferraz, e que tanto apraz a s. ex.ª?

Pois será critica dizer que o sr. Fulano de tal é socio correspondente desta ou daquella sociedade, socio correspondente d'est'outra, etc., etc., etc., mas com a ironia parva, que denuncia o despeito do critico? Pois será critica denunciar os erros de grammatica,—se por ventura os ha na obra alludida—que podem facilmente escapar na revisão das provas?

Diz o *Jornal da Noite*, que, quem escreve para o publico sujeita-se ás apreciações dos leitores. Não é assim em absoluto. Pois eu que escrevo uma obra scientifica ou litteraria, posso dar de barato que um analphabeto me critique o livro publicado, sem sciencia ou conhecimento de causa? O que é a critica? Parece impossivel que se defendam parvoiçadas como as que o *socio prendado* publicou no *Jornal da Noite*, jornal dirigido por uma capacidade litteraria e jornalistica, e que respeito, como devo.

—Os funccionarios que soffriam deducção de 5 por cento nos seus vencimentos vão ficar libertos deste onus; os que pagavam 10 por cento ficarão pagando 8, e os que pagavam 15 pagarão 10.

Não sei o que dirão a isto os reformistas, e muito principalmente o sr. bispo de Vizeu, o qual, se se conserva no poder mais algum tempo, com certeza fazia a felicidade do paiz... menos a de sua reverendissima.

—Temos a policia... em desordem com a policia. Ante-hontem um cabo de segurança prendeu duas notabilidades policiaes. Imagine o meu amigo. Nada mais, nada menos do que os policias Antunes, e Ferreira. Como é de crer, virou-se o feitiço contra o feiticeiro, e o cabo de segurança foi por fim preso, e remettido... não sei para onde. Isto é bonito, e por aqui se póde avaliar a anarchia que reina neste ramo de administração, que pede quanto antes reforma urgente.

—Ha luta renhida na freguezia de Santa Isabel para as eleições da junta de parochia e de juiz de paz. As eleições têem logar no domingo proximo, e todos querem ser juiz eleito. Não lhes gabo o gosto.

—Fallar-lhe dos festejos da independencia no 1.º de Dezembro, é ocioso. Pelos jornaes ha de ter visto a descripção. Nos annos anteriores houve mais enthusiasmo... de luzes; que do *enthusiasmo*, propriamente dito, na baixa plebe, esse sempre o ha, e muito principalmente pelas ruas, e muito mais nestas noites frigidissimas de Dezembro. Comprehende-me.

—Com relação á companhia lyrica vae de mal a peior. Diz-se que o sr. governador civil propozera a suspensão dos espectaculos, a fim de a companhia se reorganisar, e accrescenta-se que não mais se dará o *Trovador*. A empreza rescindiu as escripturas do tenor Sani e de Bulli-Paoli, negando aquelle os salarios vencidos. Diz-se mais que tem ideia de escripturar os conjuges Tiberini (dama e tenor) actualmente em Veneza. Deus lhe ponha a virtude. O que é certo é que o theatro lyrico não póde continuar nas circumstancias em que se acha, e que o governo, a futuras emprezas, não deve conceder subsidio, por pequeno ou grande que seja. Temos ahi um theatro nacional rachitico e enfezado, que é uma vergonha. É uma barraca de feira, onde os espectaculos são um contrasenso á moral e aos bons costumes, transportados do francez, numa linguagem que dizem ser portugueza. Não se acredita isto lá fóra. Subsidia-se um theatro para representar uma companhia estrangeira, cujos emprezarios armam, mais ou menos, á especulação, e deita-se á margem o theatro nacional, e desprotegem-se os escriptores de merito, que, por falta de estimulo, não escrevem um acto, ao menos, para o primeiro theatro portuguez. Isto não póde assim continuar. Vae abrir-se o parlamento, e ao sr. ministro do reino cumpre olhar de veras por estas cousas. Apresente s. ex.ª ás côrtes uma proposta, dotando o theatro nacional com a verba necessaria para que possa representar a arte dramatica em toda a sua plenitude. Estabeleçam-se premios aos auctores que melhores peças apresentarem. Mas não haja o apadrinhamento, a afilhadagem, as *boas graças inconvenientes*—para não apresentar outro termo mais frisante—conferindo-se sempre os premios a certos e determinados individuos. Haja um jury illustrado, imparcial, recto, consciencioso, e intelligente, que analyse das composições, e que, como nos concursos, tenham as peças dos auctores a sua classificação, ficando esperados, rejeitando-as, ou approvando-as. Assim percebe-se: desta forma póde ainda haver theatro nacional propriamente dito, e actores conscienciosos que estudem e que se dediquem á nobre arte de Talma, entre nós tão desprotegida.

—Estreia-se hoje a companhia do Price.

P. J. Conceição.

NOTICIARIO

Notavel acontecimento na inquisição de Coimbra.—No dia 9 de Março de 1795 succedeu na inquisição desta cidade um facto extraordinario.

Achava-se na inquisição o padre Manoel Martins Figueira Diniz; o qual havia sido preso em virtude da seguinte ordem, expedida por aquelle tribunal, no dia 31 de Maio de 1780:

«Nesta mesa ha informação que o padre Manoel Martins Figueira Diniz, natural e morador da freguezia de Canas de Sabugosa, bispado de Vizeu, não tendo mais que a ordem de subdiacono, anda vagando por várias terras deste reino, usando de varios nomes suppostos, diz missa, confessa, e tem perpetrado alguns roubos, fingindo-se para esse fim commissario do santo officio, que matou uma pessoa que com outras o intentava prender, ameaçou depois com a morte a todos aquelles que suspeitava tinham ordem para a sua captura. E porque é conveniente ao serviço de Deus, utilidade do bem publico, e satisfação da justiça, que este monstro de iniquidade seja em qualquer logar e occasião em que se achar, ainda que seja ao altar celebrando, ou no confissionario ouvindo confissões, preso, e remettido a esta inquisição; recommendamos a V. m., que da nossa parte o requeira em segredo a todos os ministros de Sua Magestade, familiares do santo officio, justiças ecclesiasticas, abbades, reitores, vigarios, e curas, que lhe não ficarem muito distantes: advertindo que elle é destemido, come e bebe em tabernas, vive nos montes separado da communicação das gentes, representa a edade de 30 annos, e tem os seguintes signaes:—Estatura ordinaria, magro, mas não com excesso, cara e nariz comprido, olhos pequenos, mau semblante, usou de casaca, e reguingote azues, com bandas de belbute; e preso que seja em cadeia bem segura, com guardas á vista, se nos fará aviso por proprio, a quem mandaremos pagar pelo thesoureiro desta inquisição.—Deus Nosso Senhor guarde a V. m.—Coimbra no santo officio em mesa, 31 de Maio de 1780.»

Preso o referido padre, e depois de estar nos carceres da inquisição por longos annos, foi no já mencionado dia 9 de Março de 1795, chamado a umas perguntas á sala do tribunal. Esta sala deitava para a rua da Sophia, e tinha duas janellas; e junto a essa sala havia uma capella, que tinha outra janella para a mencionada rua da Sophia. Todas as tres janellas ainda lá se vêem, como na epocha da inquisição.

Depois das perguntas, pediu o padre licença para o deixarem entrar na proxima capella, a fim de alli rezar. Havendo entrado nella, cerrou a porta, a qual segurou no ferrolho com um osso, de que ia prevenido.

Immediatamente se dirige á janella, e começa em altos brados a queixar-se para o povo, de que se achava ha muitos annos preso na inquisição, onde era barbaramente tratado; e que appellava para o papa e para el-rei.

Ao mesmo tempo ia lançando da janella para a rua da Sophia varios papeis, que constavam de folhas arrancadas de uma folhinha e de um breviario. Nessas folhas havia o padre escripto com barro dissolvido, em logar de tinta.

Imagine-se o assombro, que um facto tão inaudito para aquelle tribunal, causaria nos inquisidores e nos guardas.

Arrombaram de prompto a porta da capella, e se apoderaram á força do padre, que se achava fortemente agarrado á grade da janella.

Foram logo alguns guardas á Sophia, procurar cuidadosamente os papeis que o padre arremessara á rua; ameaçando com penas severas qualquer pessoa, que não entregasse os papeis que tivesse em seu poder.

Apezar dessas diligencias e ameaças, em nome do terrivel tribunal, ainda escapou um desses interessantes papeis, do qual aqui podemos dar hoje no *Conimbricense* a copia:

«Anda em 14 annos, que estou atarracado em ferros, sem causa, nem sombra de razão, com os joelhos e pés já tolhidos de gota, padeço fomes, e frios intoleraveis, sem calções, e sem camizas, quasi cego com a escuridade do carcere, sem ouvir missa. Intimidaram, e prohibiram os meus procuradores para não me defenderem; não me deixam acabar de expor a minha defeza, nem aceitam a exposta.

«Desta sorte é tratado o padre Manoel Martins Figueira, christão penitente, membro da egreja, e vassallo de S. M. Grande descredito é para a natureza ser o homem flagello e verdugo do mesmo homem! e muito necessario é á inquisição o segredo para não se saberem os seus procedimentos.

«Manoel Simões foi expulsado do seu officio de guarda, por malquerença e vingança; prohibem-me que eu descubra a innocencia do pobre homem: digam-lhe que se queixe elle a S. M., que o padre Manoel Martins Figueira descubrirá o sem numero de maldades, que contra elle se praticaram em uma devassa inquerida, escripta e jurada por seus mortaes inimigos.

«Todo o povo clame a S. M., que acuda á inquisição de Coimbra, se não brevemente vira a ser o throno do despotismo, um asylo de iniquidades, um covil de raposas.

«Não pretendo infamar a probidade dos innocentes, mas sim descobrir a abominação, e horrorosas iniquidades, novas e antigas, praticadas no logar santo.

«Se faltasse o segredo á inquisição, que seria della?»

A copia deste notavel papel, mostra ter sido feita na propria epocha do acontecimento. E para se não descobrir quem fora o copista, com receio da inquisição, está escripta em letra imitando a de imprensa.

Por baixo destas queixas do padre Manoel Martins Figueira Diniz, está uma exposição do copista, tambem escripta na mesma letra disfarçada, e que parece ser dirigida a alguma pessoa influente de Lisboa, para do seu conteudo poder fazer uso para com o principe regente. E' a seguinte:

«Eu vos considero admirado ao ler este papel. D'um lado a vossa razão, e a vossa sensibilidade vos excitará uma colera santa contra os algozes, que fazem gemer a humanidade com taes atrocidades; d'outro lado a religião vos ordena uma cega obediencia ao respeitavel tribunal; talvez vacileis sobre qual deveis escutar: eu vos digo que ambas. Ouvir a voz da razão, e respeitar a religião, despida de toda a superstição e fanatismo: a moderação, a docilidade, e tolerancia que reluz em toda a doutrina e vida de J. Christo....

«Mas eu me allucino, ninguem melhor do que vós sabe, que a instituição deste tribunal é inteiramente opposta ao verdadeiro espirito do evangelho e da egreja; que pelos meios de que elle se serve, ainda se não tirou d'entre os christãos nenhum dos erros, que castiga; e que se tem dado a Deus milhares de victimas humanas em sacrificio contra as suas expressas prohibições; privando juntamente a sociedade d'outros tantos membros uteis, o que é uma perda irreparavel.

«Qual é pois o fim deste papel? continuareis vós. Eu vol-o exponho.

«1.º Attestar-vos a verdade das queixas deste desgraçado, pela narração do modo por que foi trado á vista de todo o povo, quando lançou os papeis, bradando ao povo que lhe acudisse; chegaram-se a elle os satelites do tribunal, e o arrancaram das grades tão violentamente, que lhe esfolaram as mãos e os braços, deixando as grades cobertas de sangue. Um lhe tapou logo a bocca, e outros desceram a apanhar os papeis. Que maior prova póde haver da iniquidade da inquisição, do que o grande cuidado que tomaram em occultar as queixas do miseravel? Para que tanto segredo, se o seu procedimento fosse conforme á justiça, a qual ordena a publicidade dos processos para bem do reu, cuja causa sempre favorece?

«2.º Lembrar-vos, que se elle é um salteador, um matador, ou por outro modo tem perturbado civilmente a sociedade, deve soffrer o castigo que as leis lhe impõem, e ser julgado no tribunal competente; e se o castigo lhe é applicado por erro do entendimento, não sendo nunca um crime, que a sociedade possa castigar, é por conseguinte illegal todo o procedimento do tribunal a seu respeito; e ainda supposto um crime, deve por ventura ser de peor condição que os primeiros?

«3.º Pedir-vos em nome da humanidade, que exponhaes com estas e outras razões, que as vossas luzes, o vosso zelo, e o vosso amor da patria e dos homens vos inspirarem, ao principe nosso senhor, alem da atrocidade deste facto, os males que nos provem do santo officio, e a sua illegalidade; a fim de que elle mande, primeiro que tudo, admittir á defeza o infeliz supplicante; e depois examinar por pessoas zelosas do bem publico e da religião, a natureza de semelhantes tribunaes, e os mande reformar, ou inteiramente abolir, como póde, e deve, por serem prejudiciaes á religião e ao estado; o que tem conhecido por uma triste experiencia todas as nações cultas, que tiveram a imprudencia de os tolerar algum tempo—*Escripta por um zeloso portuguez*.»

Já em 1795 se queixava o padre Manoel Martins Figueira Diniz de que estava preso havia 14 annos. Ainda, porem, em 1807 se achava nos carceres da inquisição, por ter sido condemnado a prisão perpetua.

Neste ultimo anno, illudindo a vigilancia do guarda Antonio Pereira de Miranda, mas protegido por outro guarda, Pedro Theotonio de Carvalho, poude evadir-se, trepando ao telhado, e saltando para a cerca do collegio de S. Bernardo. Foi, porem, novamente preso, e outra vez mettido nos carceres da inquisição, sendo-lhe para maior segurança postos ferros aos pés. O guarda Pedro Theotonio de Carvalho evadiu-se para a Beira; e conseguiu sempre zombar das mais activas diligencias, que fazia a inquisição para o prender; vindo porem, residir de novo em Coimbra, depois de ser extincto aquelle tribunal em 1821.

Quando o exercito francez de Massena entrou em Coimbra em 1 de Outubro de 1810, poude o mencionado padre novamente sair da inquisição; mas como ia trajado celebremente, e apresentava maneiras de desconfiança, foi suspeitado de espião dos francezes, e por isso o povo o assassinou, proximo a Eiras.

Tal foi o triste fim do padre Manoel Martins Figueira Diniz, depois de uma prisão de 30 annos nos carceres da inquisição de Coimbra!

Sobrescriptos da inquisição de Coimbra—Como curiosidade, e por ser hoje já totalmente ignorado, publicamos em seguida o formulario dos sobrescriptos das cartas expedidas pela inquisição de Coimbra. Extraimol-os dos proprios formularios manuscriptos do uso da inquisição, os quaes possuimos.

Sendo carta da mesa, assignada pelos inquisidores, tinha o seguinte sobrescripto:

«*Do serviço de Sua Magestade, pelo Santo Officio—A F., commissario do Santo Officio e abbade de tal, ou notario do Santo Officio em tal—Da inquisição de Coimbra—O secretario F.*—(Aqui a direcção da carta).

Esta carta levava guita em duas voltas. O sello pela parte de traz em cima da obreia e do nó da guita.

Não sendo commissario, notario, familiar, ou alguem da mesa, então dizia-se—*Ao M. R. fulano*; isto é sendo padre. Sendo ministro levava—*Sr.*

Os sobrescriptos para a inquisição de Lisboa ou Evora, eram assim:

«*Ao Santo Officio da inquisição de Lisboa, ou Evora—Da inquisição de Coimbra*—(Aqui a direcção).

Estas cartas, e por tanto os sobrescriptos eram de marca grande, e não tinham guita. Só levavam o sello simples, sem chançola.

O sobrescripto das cartas da mesa aqui para a cidade, eram desta forma:

«*Do serviço do Santo Officio—A F., commissario, ou notario, &—Da inquisição.*»

Estas cartas eram ao comprido, e não levavam guita, nem chançola, e só o sello na obreia ao comprido. A obreia ficava para a direita.

O sobrescripto para a bolça era este:

«*Do serviço de Sua Magestade—Ao conselho geral do Santo Officio—Da inquisição de Coimbra—O secretario F.—Lisboa*».

Sobrescripto de carta particular de algum secretario a alguem:

«*Do serviço de Sua Magestade, pelo Santo Officio da inquisição de Coimbra—Ao Re.mo sr. F., notario, &.—O secretario F.*—(Aqui a direcção).»

Não tinha guita, mas tinha sello.

As cartas que a mesa escrevia para o conselho geral, tinham o seguinte sobrescripto, feito por algum dos membros da mesa:

«*A El-rei nosso senhor—Pelo conselho geral do Santo Officio—Em mão do secretario delle F.—Da mesa da inquisição de Coimbra.*»

Sobrescripto para algum membro do conselho geral:

«*Ao ill.mo sr. F., muito meu senhor—Do conselho de Sua Magestade e do geral do Santo Officio—Lisboa.*»

Sobrescripto para o secretario do conselho:

«*Ao Revd.º sr. F., meu amigo e sr.—Escrivão da camara de Sua Magestade e do conselho geral do Santo Officio—Lisboa.*»

Para uma inquisição de Hespanha:

«*Ao Santo Officio da inquisição de S. Thiago de Galliza—Da inquisição de Coimbra—S. Thiago de Galliza.*»

Carta da mesa para algum membro do conselho geral:

«*Ao ill.mo sr. F., do conselho de Sua Magestade, e do geral do Santo Officio—Da mesa da inquisição de Coimbra—Lisboa.*»

Da mesa para o inquisidor geral:

«*Ao ex.mo e Revd.º sr. bispo inquisidor geral, do conselho de Sua Magestade—Da mesa da inquisição de Coimbra.*»

Pedreiros livres em Coimbra—Nos ultimos annos do seculo passado foram processados na inquisição de Coimbra quatro individuos por pedreiros livres.

O primeiro foi em 1792, o padre José de S. Bernardino Botelho. Este fez primeiro a apresentação por escripto, e depois pessoalmente na mesa.

O segundo processo foi em 1794 contra João Pedro Avena.

O terceiro foi em 1795, contra João Antonio Reideinger. O seu processo continha a sua apresentação por escripto e pessoal.

O quarto foi no mesmo anno, contra André Ricardo. Continha o processo varios treslados de culpas contra elle.

Litteratura da India.—Recebemos um exemplar, nitidamente impresso a cores na imprensa da Universidade, da—*Morte de Yaginadatta: episodio do poema epico o—Râmâyana.—Versos portuguezes de Candido de Figueiredo.*

Como introducção diz o distincto poeta:

«Não conhecemos na litteratura indiana, nem talvez em litteratura alguma, episodio mais sentido e mais sublime do aquell'outro do *Râmâyana*—a *Morte de Yaginadatta.*

«Priamo aos pés de Achilles, na *Illiada* de Homero, é admiravel de dor e de sentimento; arrebata-nos a lastimosa Dido nos cantos do cisne mantuano; Ignez deante de Affonso, no poema de Camões, abala-nos a alma e obriga-nos a lagrimas: não teme porèm confronto com Priamo, Dido e Ignez, o cego sublime de Valmiki deante do assassino de seu filho.

«Asserções fundadas, mas que pódem passar por temerarias, reclamam prova efficaz. Não nos esquivamos a ellas.....; tomâmo-nos até de ufania com sermos o primeiro que apresenta em linguagem nossa um dos eternos monumentos da verdadeira poesia indiana.

«Não é o luxuriante e o garrido da fórma o que nos prende ao episodio de *Yaginadatta*: difficilimente se aprecia a forma em toda a sua pureza, quando a lima dos commentarios e a crueldade, talvez, das traducções, entibiou naturalmente o colorido que brotou espontaneo da palheta do artista. Mas aquillo que é sempre bello, aquillo que a mão dos seculos não consegue carcomer, nem afeiar, aquillo que o genio deixa insculpido com caracteres indeleveis — torna immortaes e queridos os admiraveis *çlokas* da *Morte de Yaginadatta.*

«Reproduziremos o episodio em decasillabos portuguezes. Descorado embora na traducção modesta, entrever-se-ha n'elle ao menos a magestosa simplicidade da narração, e conjuntamente se descortinará o ponto mais elevado a que podem sublimar-se os sentimentos do coração humano.»

Com effeito, não é exaggerado o sr. Candido de Figueiredo. E' inexcedivel o sentimento que se sente ao ler o episodio da *Morte de Yaginadatta.*

E que diremos da traducção? Que expressão, e que suavidade!

Se o sr. Candido de Figueiredo já não fosse conhecido por um dos nossos bons poetas da actualidade, esta sua publicação era sufficiente para lhe crear uma bem merecida fama.

Resta-nos só dar os parabens ao mimoso poeta pelo seu excellente trabalho, e agradecer-lhe o exemplar com que nos brindou.

Falta de instrucção.—Em o numero passado mencionamos um facto para mostrar, quanto é notavel a falta que ha em muitas pessoas, dos mais simples rudimentos de instrucção primaria. Ahi apresentamos hoje outro exemplo.

Em o domingo ultimo, não foram recebidas 5 propostas para outros tantos artistas serem admittidos na Associação dos Artistas desta cidade, por não saberem ler, nem escrever!

Se se não tomasse este expediente, passado tempo constaria a Associação dos Artistas, na sua maioria, de analphabetos, não havendo quem podesse exercer os cargos da sociedade.

Companhia Edificadora Figueirense.—Segundo noticias que temos da Figueira, edifica aquella companhia por sua conta, no anno que vae começar, seis casas no *bairro novo de Santa Catharina.*

Tres d'ellas serão construidas em frente do salão da *Assemblea Recreativa*, fechando os dois quarteirões da *rua da Inauguração* e da *travessa Nova*. Com esta edificação fica encoberta a vista dos quintaes das casas daquellas duas ruas, e alindada por esta forma a frente do salão.

Este grupo foi arrematado por 1:940$000 reis.

As outras tres casas serão construidas em seguida ao salão, caminhando para o sul, com a frente principal para o lado do mar.

Hão de ficar recolhidas da linha da rua tres metros, a fim de não serem devassadas pelos transeuntes.

Este ultimo grupo foi arrematado por reis 1:847$000.

Terão todas as seis casas reservatorios de agua, quintaes murados e as outras commodidades, que tem as que foram construidas nos annos anteriores.

Todas hão de estar promptas no ultimo dia de Julho, á excepção da pintura, que não se faz logo para não incommodar quem quizer habital-as na proxima quadra de banhos.

Sabemos que a direcção vendeu ao sr. André Ferrão Castello Branco, por 1:400$000 reis, a casa da *rua do Melhoramento*, que foi habitada na ultima quadra de banhos pelo sr. Dr. Queiroz: e consta-nos que vendeu ao sr. Dr. Raymundo Venancio Rodrigues, por reis 1:100$000, a casa que foi ultimamente habitada pelo sr. Taborda.

Ambos os compradores entraram com a quinta parte do preço em acções da companhia, pelo seu valor nominal, como lhes era permittido, em harmonia com as ultimas deliberações da assembleia geral.

Informam-nos de que a direcção construirá tambem uma casa para o sr. Delphim Deodato Guedes, por encommenda deste accionista, no terreno por elle comprado á companhia em Setembro ultimo.

Veremos pois em Agosto proximo mais 7 casas no *bairro novo* construidas pela companhia, alem da que lá manda construir por sua conta o thio do sr. Dr. Paes Junior.

Bibliotheca Rosa Illustrada—Recebemos a *Casa do Saltimbanco*, por Madame de Stolt, pertencente á collecção denominada—*Bibliotheca Rosa Illustrada.*

Em o *Conimbricense* de 28 de Outubro já recommendámos esta interessante publicação, devida ás diligencias dos intelligentes artistas de Lisboa, os srs. Lallemants.

Este lindo livro, ornado de muitas gravuras, é não só apreciavel pela sua leitura, mas é proprio para brindes.

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o annuncio, que ácerca desta publicação vae no logar competente.

Já é.—Do livro do sr. Thomaz Ribeiro—*Jornadas*—exposto á venda no principio de Outubro, vendeu o editor 1:000 exemplares dentro de um mez!

Os pharmaceuticos.—Temos presente *La farmacia española*, revista de Madrid; e *El restaurador farmaceutico*, periodico de Barcelona; em ambos os quaes é muito bem apreciado o livro do sr. José Libertador de Magalhães Ferraz—*Os pharmaceuticos illustres de Hespanha.*

Recrutamento.—O conselho de estado julgou isento do serviço do exercito a Joaquim, filho de Joaquim Pinto Ferreira, da freguezia de Anseriz, concelho de Arganil.

Tambem o conselho de estado julgou favoravelmente as seguintes reclamações, todas do concelho de Coimbra:

Joaquina Malva, viuva de Antonio de Oliveira, por seu filho José, da freguezia do Ameal.

Duarte Gomes, por seu filho natural Antonio, da freguezia de Botão.

Antonio Ferreira Borralheiro e mulher Joaquina do Valle, por seu filho Manoel, da freguezia da Ribeira de Frades.

Antonio Sequeira, por seu filho Manoel, da freguezia de S. Martinho do Bispo.

Procedencia dos mammiferos domesticos.—Diz-nos o sr. José Maria Rosa de Carvalho o seguinte:

«O nosso porco descende do javali, ou porco montez, *sus scrofa*. Vejamos o que d'elle diz Buffon:

«De todos os quadrupedes, o porco parece ser o animal mais bruto: as imperfeições da figura parecem influir sobre o natural: todos os seus habitos são grosseiros; todos os seus gostos são immundos; todas as suas sensações reduzem-se quasi a uma gulodice brutal, que lhe faz devorar indistinctamente tudo o que se lhe apresenta, até os proprios filhos, no momento em que acabam de nascer. A sua voracidade depende apparentemente da necessidade continua que elle tem de encher a grande capacidade do seu estomago, e a grosseria de seus apetites depende daquellas dos sentidos do gosto e do tacto. A aspereza dos cabellos, a dureza da pelle, a espessura do toucinho, tornam estes animaes pouco sensiveis aos golpes. Têem sido vistos ratinhos caseiros estabelecerem a sua morada sobre as costas do porco, roerem-lhe o toucinho e a pelle, sem que elle dê signal de sensação. O tacto é n'elle pouco sensivel, e o gosto tão grosseiro como o tacto. Tem todos os outros sentidos bem apurados, etc.»

Crespon diz sómente o seguinte:

«Bem poucos animaes offerecem uma carne mais excellente; ella tem demais a propriedade de se conservar dentro do sal. O seu sustento demanda pouco cuidado, e a sua fecundidade excede muito a dos outros animaes do seu corpo: a porca produz até 14 filhos, anda gravida 4 mezes, e 2 vezes por anno.»

A carne de porco é para os mahometanos uma coisa tão nojenta, e repugnante, que não ousam tocar-lhe, e menos o comel-a. Não sei por isto o fundamento que ha para se repetir tantas vezes o nosso adagio antigo: — «Não ha panella sem toucinho» — a não ser que os mahometanos não usem de panella; o que não é provavel.»

Escola publica d'instrucção primaria da freguezia do Alvorge.—Pedem-nos a publicação do seguinte:

«A illustre junta de parochia desta freguezia deu-me a quantia de 2$400 reis para se comprarem os livros necessarios aos alumnos desta escola que, por pobreza os não podessem comprar, a fim de a poderem frequentar.

Eu reconhecendo a grande falta d'estimulo nos meus escolares, expuz que se comprassem todos os livros necessarios a José Gomes, alumno da escola, e o resto do dinheiro fosse applicado na compra de livros que, como premios, fossem dados áquelles alumnos que melhor os merecessem; promptificando-me eu a comprar todos os livros e demais objectos aos meus alumnos pobres, actuaes e futuros, que frequentarem a minha escola no actual anno lectivo.

A minha proposta foi aceita.

A distribuição dos premios, pois, teve logar nos dias 11 d'Outubro e 28 de Novembro do presente anno.

No primeiro dia compunham o jury o illm.º e revm.º sr. Luiz Mendes Lima, dignissimo vigario e presidente da junta de parochia desta freguezia, o illm.º sr. dr. medico, Adriano Augusto Lopes Vieira, dignissimo membro da mesma junta e eu.

Adriano José Grillo, alumno de 1.ª classe, recebeu em premio da sua dedicação e aproveitamento, uma *Arithmetica*, do auctor Miguel Archanjo Marques Lobo.

O alumno de 1.ª classe, Antonio Mendes Namora, que em saber se aproximava ao referido Grillo, recebeu dos dignissimos membros do jury, o illm.º e revm.º sr. Luiz Mendes Lima e illm.º sr. dr. Adriano Augusto Lopes Vieira, uma caneta e algum papel que estes srs. lhe deram á sua custa, mas não como premio.

No segundo dia era composto o jury do mesmo illm.º sr. dr. Adriano Augusto Lopes Vieira, do illm.º sr. João Luiz dos Anjos, dignissimo regedor e membro da junta de parochia desta freguezia e de mim.

João Baptista, alumno de 2.ª classe, recebeu em recompensa do seu trabalho e aproveitamento um *Manual Encyclopedico*, do auctor Monteverde: Alberto Antonio Lopes, alumno de 3.ª classe, recebeu um *Catecismo*; e outro *Catecismo* foi dado á sorte entre João

Mendes Patricas, José Lopes Ferreira e Francisco Antonio Botelho, caindo a sorte a este ultimo.

Eu, em nome da minha escola, summamente agradeço á illustre junta de parochia a consideração em que tem a eschola que rejo, e o grande beneficio prestado, não só aos actuaes alumnos d'ella, mas a toda a freguezia, o que para o futuro se verá.

Alvarge 29 de Novembro de 1873.— O professor, *Antonio Simões de Carvalho.*»

Hospital de Arganil —O nosso amigo o sr. bacharel Antonino Ribeiro de Campos nos communica o seguinte:

«Arganil, 4 de Dezembro de 1873 —Sr. redactor—Tendo conhecimento por um dos ultimos numeros do seu mui lido jornal, e bem assim por uma carta que o exm.º sr. barão de Louredo se dignou dirigir á commissão fundadora do hospital nesta villa, de que s. ex.ª se dignava offerecer para o mesmo o donativo de 20$000 rs., que desde já punha á disposição da mencionada commissão nas mãos do acreditado negociante dessa cidade o sr. Antonio José Alves Borges; entendi do meu dever como filho desta terra e um dos promotores do humanitario estabelecimento, lançar mão da penna para tornar bem patente, ainda que resumidamente, este e outros feitos do prestante cidadão, que longe da patria, ainda assim quando se lhe proporciona occasião, não deixa de mostrar o seu amor para com ella por actos philantropicos e caritativos.

Que fallem delles pois, por mim, entre outras, as povoações dos concelhos de Góes e Pampilhosa, desta comarca d'Arganil, onde sua ex.ª com mão liberal tem dispendido grandes summas de dinheiro em esmolas, construcções d'egrejas, escolas de instrucção primaria, fontes publicas, etc., etc.

Que falle, agora, a minha patria, para onde sua ex.ª mandou expontaneamente o donativo de 20$000 rs. para o humanitario estabelecimento d'um hospital ainda na infancia.

É assim que deviam praticar todos aquelles que a Divina Providencia dotou com meios de fortuna, cumprindo desse modo com os preceitos evangelicos e de verdadeiros christãos, bem comprehendidos pelo exm.º barão, cujo nome aquelles povos bemdizem, e que de certo passará entre elles de geração em geração, como o prototypo de caridade e philantropia.

Queira Deus, pois, que estas poucas linhas, traçadas ao correr da penna, vão tocar nos corações d'aquelles que estiverem nessas circumstancias, para que seguindo o exemplo do illustre e prestante cavalheiro, o exm.º sr. barão de Louredo, concorram com seus donativos para o piedoso estabelecimento; e a v., sr. redactor, agradecendo a publicação desta n'um dos proximos numeros do *Conimbricense*, e as expressões d'incentivo que sempre se tem dignado dirigir, quando falla do hospital desta villa, aos seus numerosos leitores, para que auxiliem com seus donativos e esmolas este humanitario estabelecimento, me assigno com toda a consideração

De v. am.º vr.º e mt.º obgd.º—*Antonino Ribeiro de Campos.*»

Mercado de Condeixa a Nova no dia 5. — Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 540=Dito mourisco 500=Milho branco 320=Dito amarello 310=Feijão vermelho 460=Dito branco 480=Dito rajado 360=Dito frade 290=Cevada 260=Favas 320=Tremoços 250=Batatas 200=Vinho 600=Azeite 1$350.

Musica. —Na segunda feira, 8 do corrente, irá a sociedade philarmonica *Boa-União* tocar para a entrada da estrada da Beira, das 11 horas da manhã em deante.

ANNUNCIOS

EXPEDIENTE

Em consequencia de ser dia santo de guarda na segunda feira, publicar-se-ha o *Conimbricense* na *quarta feira* immediata.

JORNADAS

Por Thomaz Ribeiro

DO TEJO AO MANDOVY

Um lindo volume de mais de 400 paginas: preço 600 rs.

A' venda na livraria Central de J. D. Pires, editor.

Remette-se pelo correio a quem enviar 650 reis em estampilhas.

ARREMATAÇÃO

3 NO PROXIMO sabbado, 13 de Dezembro, pelo meio dia, na casa das obras da Universidade, hãode ser arrematadas varias obras de carpinteiro, pedreiro, lavrante e estucador, que devem ser feitas no edificio do extincto collegio de S. Jeronymo, na parte destinada para o novo Dispensatorio Pharmaceutico.

As condições e respectivos apontamentos estão patentes no local onde ha-de ser feita a arrematação, para serem examinadas pelos pretendentes.

4 NO DIA 23 do corrente, pelas 10 horas da manhã, no tribunal judicial no edificio de Santa Cruz, perante o exm.º Dr. juiz de direito desta comarca, se hade arrematar um predio urbano, com seu quintal, contiguo, no sitio do Senhor dos Oleiros, desta cidade; penhorado na execução que move José Jacintho da Silva ao dr. José Adolpho Troni e sua mulher. Escrivão Santos.

MARÇANO

5 NESTA REDACÇÃO se diz quem precisa d'um para mercearia, preferindo-se com alguma pratica.

Á PORTAGEM

O inimigo do monopolio

EM COIMBRA

6 CONTINUA a vender petroleo refinado, por atacado, cingindo-se sempre ao menor preço de Lisboa: dá prazo e recebe barris vazios a 800 rs. cada um.—O encarregado da venda

JOSE' TAVARES DA COSTA

Rua da Calçada, proximo á Portagem.

Minas, pedreiras, florestas, industrias agricolas

7 AS pessoas que quizerem dar mais impulso aos productos de minas já em exploração, ou possuindo nas suas propriedades minas, pedreiras, florestas ou terrenos que possam ser explorados, podem, querendo, dirigir-se por carta franqueada ao sr. Thieffine, poste restante, Lisboa, com quem poderão tratar.

OCULISTA

8 MR. BOLSSON acaba de abrir o seu estabelecimento na rua da Calçada, n.os 86 a 90, no qual se encontra um grande e variado sortimento de oculos e lunetas de ouro, prata, tartaruga, bufalo e aço; assim como barometros, thermometros, microscopios, conta-fios, lentes de grande força, e binoculos para campo e marinha.

Acertam-se vidros e vendem-se avulso pelos preços mais limitados.

DECLARAÇÃO

9 CONSTANDO á sociedade philarmonica **Boa-União**, que alguns individuos tem feito espalhar o boato de que o beneficio que deve ter logar amanhã, 7 do corrente, na praça dos touros, não é em seu beneficio, mas sim em favor do sr. José Joaquim da Silva, seu digno mestre; declara que é inteiramente falso tal boato. O sr. Silva, apesar da sua grave doença que teve, não está felizmente em circumstancias de precisar de taes beneficios, visto ficar em estado de poder trabalhar.

Coimbra 6 de Dezembro de 1873.

O presidente. *Domingos A. de Freitas.*

10 POR SENTENÇA de 29 de Novembro ultimo, proferida pelo exm.º dr. juiz de direito desta comarca, foi homologada a deliberação do conselho de familia, que declarou, que era absolutamente necessaria a separação dos conjuges, Anna de Jesus, e Manoel Teixeira, typographo, desta cidade, em vista das circumstancias que se davam, e ser por isso impossivel a união conjugal; o que se faz faz publico, nos termos do artigo 1225 do Codigo Civil.

11 EMYGDIO A. JORGE FREIRE, de Ancião, tendo estado gravemente doente no hospital de Coimbra; vem por este modo agradecer a todas as pessoas da sua amisade, que o foram visitar durante os seus padecimentos; e pede desculpa de o não ter feito pessoalmente, por o seu estado de saude o não haver permittido.

BIBLIOTHECA ROSA ILLUSTRADA

A' venda em todas as livrarias

12 ACABA de publicar-se, traduzida em portuguez, a interessante obra franceza, intitulada A CASA DO SALTIMBANCO, devida á habil penna de *Madame de Stolz*. Este livro pertence á collecção denominada BIBLIOTHECA ROSA ILLUSTRADA, e tanto este como os outros que a compõem, todos ornados de primorosas gravuras, são escriptos com o intuito de estimular o amor da familia e da sociedade, a obediencia, e o pundonor, e, portanto, dignos da attenção dos directores de collegios de ambos os sexos, e dos paes de familia, por conterem doutrinas de uma influencia verdadeiramente salutar no lar domestico.

Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria Pia dignou-se mandar incluir o seu nome na lista dos assignantes permanentes.

Acha-se tambem á venda, em todas as livrarias do reino, a linda obra QUE AMOR DE CRIANÇA! pela *Condessa de Ségur*, illustrada de magnificas gravuras mandadas vir de Paris.

Estas interessantes obras illustradas são proprias para ser offerecidas como presente, ou como premios nos collegios.

Previnem-se os assignantes de que não é possivel publicar mais que um volume desta bibliotheca em cada anno, e de que a distribuição destes livros é feita depois de estarem completos, e o seu importe sómente pago no acto da entrega.

Preço avulso: um volume brochado em papel lustrado côr de rosa, 600 reis; encadernado em percalina côr de rosa e dourado por folha, 800 reis. Para os assignantes permanentes: um volume em brochura, 500 reis; encadernado, 700 reis.

Para as provincias remette-se franco de porte a quem enviar a sua importancia a Madame Marie François Lallemant, Deposito Especial de Livros, rua do Thesouro Velho, 22, Loja, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia.

13 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. ara as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière**, aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os muscuos e consolidando as carnes.

Economias 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY DU BARRY E C.ª

A Place e Vendom 26, Paris: Regent-Street, Londres; Cae de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 6$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 1$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos; o estomago e as carnes, e que renova o sangue; da appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rabir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2752 — QUARTA FEIRA 10 DE DEZEMBRO DE 1873 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA

Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA

Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Parece que não tem infelizmente melhorado as circumstancias em que se encontram os portuguezes, residentes no Pará, em quanto á injusta perseguição, que contra elles se manifestou ha tempo; antes continua ainda a exercer-se por parte de muitos subditos brasileiros, toda a sorte de vingança, conseguindo levar o terror e o desanimo ás familias dos nossos compatriotas alli estabelecidos.

A propaganda que naquella cidade se levantou, contra os cidadãos, e contra o nome portuguez, tem imprensa sua, que defende esta injusta causa; não obstante haver tambem entre os jornaes brasileiros alguns que censuram abertamente tal procedimento, chegando a extranhar que o governo portuguez, não tenha tomado as providencias, que pede um tão extraordinario procedimento.

Já por outras occasiões alludimos a estes factos, que pela sua maxima gravidade não póde deixar de merecer a mais seria attenção do illustre ministro dos negocios extrangeiros.

Sabiamos que algumas providencias se haviam tomado ácerca deste assumpto, as quaes não foram de todo improductivas; se bem que não tenham produzido os effeitos que era para desejar.

O nosso esclarecido e bem informado collega do *Diario de Noticias*, tratando deste objecto em um dos seus ultimos numeros, dá mais circumstanciados promenores a este respeito, e mostra que o governo tem sido solicito em procurar os meios de minorar a sorte dos nossos compatriotas, buscando por differentes vias obter informações exactas, e reclamando perante o governo brasileiro o direito dos subditos portuguezes.

Sem duvidarmos dos bons desejos do nobre ministro dos negocios extrangeiros acerca de uma questão a todos os respeitos bastante grave; nem dos meios acertados que elle deverá ter empregado, a fim de acabar com aquelle estado perigoso, para a dignidade desta nação, e para milhares de compatriotas nossos, que estão sendo victimas de toda a sorte de vindicta; não podemos deixar de instar para que com urgencia o governo dê as providencias que semelhante caso reclama.

A maneira como o gabinete tem resolvido outros conflictos de gravidade, leva-nos a crer que elle ultimará honrosamente esta momentosa questão.

Terminou o conflicto, que a escola medico cirurgica de Lisboa levantou contra a portaria, que mandou admittir um estudante á matricula da mesma escola, faltando-lhe um exame preparatorio.

Era de esperar este resultado, desde que o conselho se convencesse, pensando mais maduramente, que não havia illegalidade no facto, antes a lei e os precedentes o auctorisavam.

Acertadamente resolveu a maioria do conselho da escola, propor ás camaras legislativas o meio de determinar para o futuro, a interpretação que deve dar-se ao decreto de 20 de Setembro de 1844.

Era, como já em anteriores artigos dissemos, mais conveniente e mais digno, que desde logo a escola tivesse este procedimento, para cortar os conflictos, sempre desagradaveis entre as corporações e o estado, prejudiciaes ao ensino, e á dignidade do magisterio.

JOGO EM COIMBRA

O detestavel vicio do jogo está sendo a ruina de muitos individuos nesta cidade. Abandonam o trabalho, largam tudo, só para passarem os dias e as noutes a jogar.

Os artistas vão perder a essas casas malditas em que se dá jogo, tudo o que lhes era indispensavel para si, e para as suas familias. Os filhos de familia alli vão entregar o que podem subtrair a seus paes, ou ás pessoas de quem estão dependentes.

Estes factos devem merecer a vigilancia da auctoridade administrativa; pois que é um dos principaes dos seus deveres, o olhar pelas casas onde se dá jogo.

Chamamos hoje em especial a sua attenção para uma casa á entrada da rua dos Sapateiros. Indague a auctoridade o que ahi se passa.

Não levantaremos mão deste objecto, pois que nelle vae o interesse de toda a cidade.

CORRESPONDENCIA DE LISBOA

Lisboa, 7 de Dezembro de 1873.

Está proxima a epocha da abertura do parlamento, e a vida constitucional activa vae fazer-se sentir nos diversos grupos politicos, mais ou menos ambiciosos pelas redeas da governação publica.

Ha quem affirme que será trabalhosa a proxima sessão legislativa. Fecunda de iniciativa por parte do governo deve ella ser. Abundante de intrigas mesquinhas por parte da opposição, antolha-se-nos que tambem será. Ella, que, vae em tres annos, se tem alimentado na imprensa de contradicções, combatendo os actos mais sensatos e geralmente bem aceites pelo paiz, não deixará de, no parlamento, jogar a calumnia villã, e a atrevida facecia contra o ministerio, e contra os que o apoiam. É o seu officio... nobre officio de fazer opposição, quando é sensato, mas que deslustra e desaira, quando é systematicamente feita.

Negar iniciativa em commettimentos uteis ao actual ministerio, é negar que o sol vivifica e aquece. O desenvolvimento nas obras publicas é patente e manifesto; a instrucção

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXVIX

D. CARLOS

LXVIX

Desconcertados com esta repentina saida os conspiradores, acudiram ao unico meio que lhes ficava, o de sublevar a tropa, começando pela brigada Van-Halen. Acudiu a este Roncali, com a noticia de que, todos os officiaes da brigada estavam resolvidos a não marchar em quanto não se mudasse o ministerio. A resposta de Van-Halen a Roncali foi que dissesse aos officiaes que tal incumbencia lhe tinham dado, que pozessem por escripto a sua resolução, porque pela sua parte tomaria as providencias em conformidade da ordenança. Veiu o escripto assignado por todos os officiaes da brigada, acrescentando-lhe estes que naquelle momento faziam o mesmo os demais batalhões com annuencia de Espartero.

Em acto continuo deu parte Van-Halen do occorrido ao chefe, pedindo-lhe o castigo exemplar dos officiaes signatarios. Inteirado Espartero, despachou o coronel de estado maior La Valette, com a desapprovação mais severa da conducta daquelles officiaes, e ao ouvir a linguagem do mensageiro ficaram atonitos, pois tinham, com razão, ou sem ella, o coronel La Valette por um dos principaes promovedores do plano que tinham começado. Principiaram a recear e a considerar-se victimas de uma infame intriga; mas alentados com as noticias que recebiam de Madrid, cobraram espirito e se aferraram na sua insubordinação.

Sabedor disso Espartero, ordenou a Ribero, commandante geral da divisão da guarda, que marchasse sem demora a suffocar na sua origem aquelle funesto acontecimento.

Trasladou-se no mesmo instante este zeloso chefe aos cantões de Pozuelo e Aravaca, e voltou cheio de satisfação a pôr em conhecimento de Espartero as seguranças que lhes haviam dado os chefes dos corpos, com quem havia conferenciado. Porém ainda que lisonjeira esta resposta, não revogou o projecto de Espartero, formado antes da chegada de Ribero, de marchar em pessoa para inteirar-se do occorrido, e evitar que se alterasse a disciplina militar.

Montou, pois, a cavallo, e trasladou-se naquella noute a Aravaca. Observando que tudo estava em silencio, e não permittindo o avançado na hora fazer averiguações, nem praticar diligencias de nenhum genero, retirou-se ao seu alojamento. Na madrugada, os officiaes chamados por elle lhe manifestaram, *que estavam resolvidos a não seguir a divisão se não se mudava o ministerio Calatrava.* Isto o disseram deante de D. Pedro Chacon, que era subsecretario da guerra.

Tão inesperada manifestação deixou admirado o general Espartero; porem moderou-se, e lhes disse que a sua missão não era outra senão a de bater o inimigo, a quem tinham tão perto; que o exercito não devia occupar-se de politica, ainda que tivesse razão, e que sendo em todo o tempo inopportuna tal manifestação, era punivel então que a patria exigia a sua cooperação e até o sacrificio de sua vida para a salvar. Não obstante, acrescentou, eu sei bater aos inimigos, ainda que não me acompanhem os officiaes; e ainda que v. se separam das fileiras, vão a Alcovendas esperar as ordens do governo, a quem dou conta de tudo, e alli lhes dará os seus passaportes para onde julgar conveniente darlhos.

Ao saber os officiaes da guarda civil, que commandava o general May, o praticado pelos seus companheiros, apresentaram-se a Espartero, pedindo-lhe por elles; mas não lhes era possivel acceder o general em chefe; e manifestando então o desejo de seguir a sorte d'aquelles, dizendo-o a Espartero com o maior comedimento, lhes respondeu este da mesma maneira, desvanecendo os seus escrupulos; pelo que continuaram nas fileiras.

Regressando La Valette da sua commissão e dando conta do seu resultado ao general em chefe, achava-se presente o general Ribero, o qual indignado á vista de tal escandalo, e crendo que como commandante geral da guarda lhe correspondia fazer entrar na ordem aos seus subordinados, pediu licença para partir immediatamente a fazer que se cumprissem suas disposições. Sendo-lhe concedida, deu-lhe Espartero instrucções, e marchou a Pozuelo, decidido a fazer-se respeitar a todo o custo.

Assim que chegou, fez reunir no alojamento do chefe da brigada, D. Antonio Van-Halen, a todos os chefes e officiaes da mesma, aos quaes manifestou, que como general daquella divisão ia cumprir os seus deveres, fazendo cumprir as ordens do general em chefe; que os militares não podiam, nem deviam intrometter-se em assumptos politicos, e que aquelle que não quizesse fazer abnegação da sua vontade, e pelo contrario quizesse obrar livremente como particular, só tinha um caminho honroso, que era separar-se das fileiras e não dar mau exemplo com o seu comportamento.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

no exercito, que vegetava, restricto ás guardas, tem-se tornado de uma realidade palpavel; o credito sempre crescente, dentro e fóra do paiz, não é velado nem ficticio para pessoa alguma; o rendimento, sempre em elevação, das alfandegas, attesta o movimento commercial, e a paz de que disfructamos. Em que gerencia, pois, de ministerios anteriores, se deram estes symptomas de prosperidade e de contentamento no povo? No ministerio historico? No ominoso ministerio reformista, presidido pelo sr. marquez de Sá, mas do qual era cabeça o sr. bispo de Vizeu, economista illustre, *assaltante* de capilhas? No ministerio do sr. duque de Saldanha, *irrision de homme politique*, como lhe chamou Garnier de Cassagnac, que nem os cofres da imprensa nacional respeitou?

O parallelo é facil, mas dolorosamente caustico para os partidos que tem estado no poder. Desmontaram as rodas da machina governativa, crearam nichos para empregar a afilhadagem, cercearam aos funccionarios do estado uns magros ceitis, com os quaes alimentaram outras despezas superfluas, e, sem terem subido ás altas regiões, onde poderiam fazer córtes immensos, sem que a posição dos taes periclitasse, rastrearam, andorinhas que se diziam aguias, pelo tugurio do pobre, e sugaram-lhe o necessario á vida! Audazes creaturas! E a historia contemporanea não póde negar estes factos. São de hontem.

—Não correm ao sabor da nossa dignidade nacional as cousas do Pará, com relação aos nossos patricios alli estabelecidos. Tem a imprensa por vezes denunciado estes factos. O infamante papel que alli se publica, intitulado a *Tribuna*, que me dizem ser redigido pelos folliculários mais vis e abjectos, accende diariamente os odios da gente desvairada contra os portuguezes alli residentes. Diz-se que o governo tem tomado providencias a tal respeito, porém não são as urgentemente reclamadas, para pôr cobro a um tal estado anormal e anarchico, que põe em risco as vidas dos nossos irmãos. Não deixe pois ao acaso o governo este negocio, e mantenha, por todos os modos, a segurança individual dos portuguezes alli estabelecidos, e, mais ainda, a dignidade portugueza, que tem sido naquella provincia do imperio brasileiro grave e escandalosamente ultrajada.

—Não lhe fallo da guerra movida ao commandante das guardas municipaes, a proposito da prisão do sr. Santos Nazareth, que alguns jornaes desaffectos ao governo, têem stygmatisado. A proposito d'isto, *a que chamam uma arbitrariedade*, dizem-me que um deputado reformista hade pedir no parlamento severas contas ao sr. ministro do reino, pronunciando um discurso, que hade levar oito dias a recitar... porque o discurso já está escripto, e não sei mesmo se será impresso depois á parte para o distribuir pelos numerosos amigos do illustrado deputado. São questões de *lana caprina*, com que a opposição se promette dar em pabulo á curiosidade dos espectadores da camara dos deputados. Havemos de vêr, e... ouvir.

—O *Jornal da Noite* de quinta feira, a proposito da critica ao livro do sr. Magalhães Ferraz, diz que nós—eu e o *Conimbricense*—não admittimos senão a critica de calção e meia de seda. Quanto a mim, é a melhor. Critica a 1$500 reis, feita em ceroulas e pingas, é uma critica detestavel e indigna. Aquillo não é critica de Juvenal, o satyrico, e muito menos do velho e austero Horacio. Eu, no logar do sr. Magalhães Ferraz, seguia o conselho de um escriptor francez: «*Si un ignorant, ou folliculaire se mêle de critiquer à tort et à travers, vous pouvez le confondre; mais nommez-le rarement, de peur de souiller vos écrits. Vous attaque-t-on sur le stylle, ne repondez jamais; c'est à votre ouvrage seul de repondre.*» Ora, o tal *socio prendado* é um folliculario, e um ignorante, e, com o folhetim escripto no *Jornal da Noite*, deu a medida da sua critica e da sua educação... confundindo-se a si proprio.

Mais nada.

P. J. Conceição.

CORRESPONDENCIA

Sr. Redactor

Motivo superveniente nos faz retirar a resposta, que tinhamos escripta, á correspondencia do exm.º sr. Dr. Francisco Henriques de Sousa Secco, dignissimo juiz de direito da comarca de Thomar, para substituir por esta outra, mais breve e diversa no estylo!

Começa o sr. juiz por asseverar que pelo fallecimento da mãe commum, que Deus haja, Antonio lhe propoz que conservassem indivisa a herança de todos, sob frivolos pretextos de imaginarias vantagens.

A verdade. Antonio propoz-lhe sim, o *continuarem a viver em commum, pela razão de que assim parecia bem*. A indivisibilidade da herança era pois *consequencia* e não *motivo* da proposta. De resto ainda agora é incomprehensivel, que vantagens especiaes Antonio podesse offerecer ao sr. juiz, para o convencer a'um ponto que era nessa epocha aspiração commum dos tres co-herdeiros.

Diz em seguida, que Antonio lhe promettera indemnisação, visto que pela sua ausencia da casa commum, o sr. juiz não podia quinhoar por egual dos lucros do casal.

Não é verdadeira a promessa e nem ella tinha razão de ser, visto que ausente da casa com economia separada em Coimbra, tambem Antonio se achava, com quanto habitando aqui um predio commum na propriedade e no *usofructo*. Se ia alguns dias a Antuzede o sr. juiz, vinha lá gozar ferias e licenças. E maior fundamento tinha Antonio para indemnisação, porque concorria para o casal tambem, com redditos de bens proprios (prazos de nomeação) e não usofruia *exclusivamente* nenhuns bens communs, como o sr. juiz, que aproveitava os alqueves da quinta em Antuzede.

Acrescenta ainda que Antonio mostrou sempre má vontade em partilhar, e que por isso a partilha tendo sido feita por partidas, não está ainda hoje concluida.

Não é exacto, nem crivel, que o referido coherdeiro fizesse nunca a menor opposição á divisão do casal; e tambem o não é que essa divisão se operasse em partidas, quanto aos bens de raiz, porque se fez de uma vez sómente, e por um unico titulo, com excepção dos bens separados para venda. O que se tem feito em parcellas, é sómente a divisão de moveis do casal no geral, alias insignificantes, no que ou ha culpa de todos, ou a não ha de nenhum.

Feitas estas breves correcções, vamos ao facto principal: *existencia e legalidade* da partilha dos bens da Bairrada.

Legal, escusa o sr. juiz de se esfalfar na prova de que o não é; o coherdeiro Antonio é o proprio a reconhecer que foi apenas um *negocio de boa fé*, que se não póde garantir-lhe os bens, com que ficou, não dá em caso nenhum, ao sr. juiz, direito algum para fazer seus os dinheiros que recebeu por virtude d'ella.

Mas que *existiu* é fóra de toda a duvida, tanto que por ella se affirma uma outra vez que o sr. juiz recebeu:

1.º Dos compradores no acto da praça	138$000
2.º Pelo que mandou entregar a F.	400$000
3.º De Antonio em propria mão	168$100
4.º Do mesmo na occasião de saldarem contas (como mostra até o fraccionamento da verba)	34$220
5.º Pela divida do comprador F...que tomou sobre si (pela forma que já foi expecificado pelo sr. Abel da Silva Linhaça)	350$000
	1:090$620

Se s. ex.ª não recebeu estas verbas diga-o.

Se recebeu, não todas, mas parte, ou mesmo outras diversas, explique-se.

Se ignora o que recebeu confesse-o.

Mas se recebeu as proprias, que duvida tem em dizel-o? Falle e far-se-lhe-ha a vontade depois sobre o que rasoavelmente pretender.

Mas se a partilha não está feita de *facto*, (visto que as questiona em *direito*), digne-se s. ex.ª dar explicação aos seguintes factos.

1.º Deixando Antonio de prestar contas dos redditos dos bens respectivos desde 1868, porque deixou s. ex.ª de pedir-lhas?

2.º Por que se *esqueceu* agora mesmo de pedir-lh'as no inventario, pois sómente pede a descripção dos bens? Notavel, mas significativo *esquecimento*!

3.º Cita Antonio para um ridiculo inventario judicial, e tanto na petição para o juizo de paz, como na petição ao juizo contencioso, nem uma palavra de referencia ha a taes bens!

4.º Quando Antonio requer nesse inventario que o sr. juiz declare se está ou não pela validade de tal partilha, para ou se julgar por sentença, ou elle descrever os bens, e o sr. juiz o dinheiro recebido pelo seu advogado dá successivamente as seguintes coarctadas, que a pretensão de Antonio é *impertinente*, *e que não tem instrucções do seu constituinte!*

5.º Citado depois para responder directamente, veiu declarar em juizo, que nesse inventario se não tracta senão na *partilha addicional*, e não por isso dos bens já partidos!

6.º Quando recebe de Antonio o producto da venda do predio, cujo preço tinha tomado sobre si, com a sua quota de indemnisação *voluntaria* de 15$000 reis, devolve-lh'os pela irmã commum e sómente os recebe depois da recusa de acceitação de Antonio! Se a partilha não estivera feita, teria este facto razão de ser?

7.º Em acto de publica vistoria o exm.º sr. Dr. João Telles Trigueiros, dignissimo juiz de direito desta comarca, no intuito de trazer os dois a accordo, e para vencer as difficuldades que Antonio oppunha, *depois de conferir com o sr. juiz de Thomar, juntamente com o seu patrono o illm.º sr. Dr. F. R. da Silva Pereira*, declara alto e bom som deante de todos que o ouviram, *que o seu collega iria declarar no inventario que esta partilha estava feita, e por isso nada pediria de Antonio a titulo della*: e alem disso que *s. ex.ª ficava por fiador do seu collega!* O sr. Dr. Silva Pereira confirmava as palavras do sr. Dr. Telles Trigueiros, e ambos na presença do sr. juiz de Thomar, que alias nem torcia, nem amolava.

8.º De outro respeitavel julgador, sabemos, ter dito já, que o sr. juiz nada queria da tal partilha, e sómente a punha em duvida por desforço, contra seu irmão, ou cousa que o valha; depoimento crivel, pela muita intimidade entre os dois.

A verdade, é uma sómente. Antonio levou este negocio ao inventario, porque queria titulo de partilha. Por accinte lh'o pretende o sr. juiz negar, recusando que no inventario se tomasse conhecimento d'ella, *ut* fl. 70: e marchando d'accinte em accinte, depois exige que Antonio descreva os taes bens, depois que tambem descreva o dinheiro das vendas, que ha muito tinha entrado já na algibeira do sr. juiz depois faz o tal *aviso* ao publico (não contando com o *contra aviso* do sr. Abel da Silva Linhaça), depois escreve a correspondencia para o mesmo publico, de que nunca devera ter-se lembrado!

Por accinte ainda tem duvidado confessar o dinheiro recebido, recusando ao irmão a partilha n'aquella mesma *consciencia* que affecta pelo interesse dos estranhos futuros, compradores dos bens!

Agora a correcção ás insinuações e asserções inexactas do sr. juiz.

1.º A allegação da *surpreza* que Antonio lhe fizera com a proposta de retirar da praça no dia d'ella, e *antes della aberta*, certos bens com que pretendia ficar, é pura invenção, por que tal proposta era muito anterior a esse acto.

Em todo o caso, como quer que fosse, se o sr. juiz se cria por isso lesado, teve já um meio de reparar o damno, na outra proposta, que Antonio chegou a fazer-lha nos autos, de lhe ceder dos bens com que ficou, recebendo o dinheiro que o sr. juiz embolsou.

2.º A insinuação que lança sobre a avaliação dos bens, feita pelo illm.º sr. Joaquim Maria do Amaral Cardoso, chamando-a de *favor e imperfeita*, é tão mal cabida, quanto ella ascende a 2:472$000 rs., havendo sido a *judicial anterior* sómente de 2:318$400 rs.

3.º Quando diz que nada rogou ao mesmo cavalheiro, sobre essa avaliação de favor, *se é que elle a fez (!)* Diz meia verdade, e occulta a outra meia, qual a de ter auctorisado particularmente Antonio, a pedir por todos.

Podera rogar! *O que val ter um irmão dominador, que peça e acceite favores para o dominado!* Livra este em todo o caso dos deveres do agradecimento.

4.º Dos bens postos em praça não ficaram por vender tres ou quatro, como diz o sr. juiz, mas apenas um que era um pinhal semeado de pouco tempo, teve simplesmente a offerta de trinta ou quarenta mil reis, e que Antonio para acabar por uma vez com esta partilha, adjudicou no tal valor de *favor* 80$000 rs., com mais 21$189 rs., que couberam pelo *acrescimo* dos valores da praça, ou seja 101$189 reis! Todos os mais que o sr. juiz assevera enigmaticamente haverem tido comprador *por circumstancias especiaes* se venderam em segunda praça, e que se fizeram cessar essas taes circumstancias, pela resolução dos coherdeiros em os dar pelo *maior preço*, ainda assim em *dois delles inferior* ao do inventario judicial, que é o que ao sr. juiz lhe não fazia conta declarar. Logo falta o sr. juiz á verdade, dizendo que Antonio se apossou desses bens que ficaram por vender, tendo entrado em praça.

5.º Tambem não é exacto o que o sr. juiz affirma de terem alguns bens sido vendidos *por um terço a mais das taes avaliações de favor*, que assim se confessa que existiram. Nem um unico predio ascendeu a tal preço!

6.º Carece egualmente de verdade a outra affirmativa complexa, de que Antonio assignou os respectivos titulos de venda, recebendo os preços, e *dando desses dinheiros differentes parcellas por vezes ao sr. juiz e á irmã commum*.

Antonio sómente assignou por si e como procurador as *escripturas*, mas os *titulos particulares* assignaram-os todos tres.

Antonio não recebeu todos os dinheiros, porque o sr. juiz tambem recebeu por si no acto da praça 138$000 rs., ainda que isto não consta das escripturas respectivas que rezam de *dinheiro contado*, e como tal acceitou Antonio os vales de s. ex.ª, e como tal tambem lh'os metteu em conta depois.

Mas a parte da affirmativa que merece, principalmente correcção, é a que toca a dar Antonio *desses dinheiros differentes parcellas por vezes*.

A' irmã commum, deu por meio de successivos depositos no cofre central do districto, para compra de inscripções, como póde attestar o illm.º sr. Antonio José de Oliveira, 1:096$250 rs., isto é, mais do que lhe competia 5$636 rs., que ella depois lhe restituiu (e hoje nada lhe pede, pois está inteirada), e ao sr. juiz deu as verbas, que já ficam referidas.

Pelo que a verdade é que Antonio não deu *desses dinheiros* differentes parcellas, mas deu *todos esses dinheiros* por differentes parcellas, e *alem desses dinheiros mais as tornas* de trezentos e tantos mil reis, já expecificados.

7.º Tambem não é exacto que o sr. juiz confesse, como diz *confessar*, nos autos, os dinheiros que recebeu; e tanto isto é verdade, que nem ainda agora, na sua correspondencia, se digna declarar de *quantas verbas* e de *quanto cada uma* está embolçado! Ao contrario com a sua frase *desses dinheiros*, parece quer dar a intender que não recebeu tudo que lhe pertencia!

8.º Quanto á insinuação dos *interesses* que Antonio tinha em *continuar na administração* dos bens da Bairrada, está abaixo da dignidade deste, o occupar-se d'ella. Não! Por consideração com o publico, diz-se que fará patente a *minuciosa* escripturação respectiva, a quem a desejar ver. Não! Não é necessario! o *oidium* que coincide com todo o tempo dessa administração, decide só por si da procedencia da *toleima* da *insinuação*.

9.º E para concluir neste ponto, Antonio se promptifica a dar ao sr. juiz todos os esclarecimentos (que affecta precisar) sobre os *valores* dos bens vendidos, *preços* da praça, *valor* dos que lhe foram adjudicados, *accrescimos* delles mesmos por virtude da proporção das licitações, *totes* dos coherdeiros, e tudo o mais até á saciedade (visto que já se não recorda das operações feitas por occasião de ultimarem este negocio em 1869), como consta do seu livro de escripturação, cuja *contraprova* poderá fazer pelo *inventario judicial* no cartorio do sr. João Herculano, nesta cidade, pelo *livro de notas* do sr. Duarte Pega, na Mealhada, e pelo *caderno das sisas*, no concelho da Anadia, e até pelos livros de escripturação de s. ex.ª mesmo, que se espera franqueie com egual boa vontade.

Mas o sr. juiz acarreta para a sua correspondencia dois outros assumptos.

Está um em que Antonio *illudindo a boa fé dos mais irmãos, se apropriasse de uns poucos de predios, que está possuindo e disfructando, pertencentes tambem á herança materna, no supposto de terem a natureza de prazos de vida, quando muito bem sabe que são allodiaes*.

Esses predios são *quatro*, *dois* da herança materna, e *dois* da paterna (o que o sr. juiz bem sabe, mas occulta) com quanto possuidos todos durante a sua vida pela virtuosa mãe commum.

Todos são prazos de nomeação e como taes até dois figuraram já em inventario mais antigo, e melhor se prova pelos titulos de investidura, existentes nos archivos do seminario episcopal e das religiosas de Lorvão, onde s. ex.ª de certo não foi *desilludir-se*.

Está o outro assumpto na imputação que faz a Antonio, de que este o pretende perseguir criminalmente.

São justos os receios do sr. juiz, porque bem sabe que não devia fazer o que fez, mas tranquilise-se por agora que não será perseguido, mesmo pela esperança de que para outra vez se conterá nos termos legaes.

Agora ao publico. Faz semelhante imputação aquelle que já requereu contra Antonio, ou contra gente do seu serviço (como melhor o futuro esclarecerá), *tres* ou *quatro* exames de corpo de delicto, *redigidos por s. ex.ª em sua propria casa*, que todavia ainda se não atreveu a apresentar em juizo, porque não ignora que um simples requerimento os lançaria a todos por terra! Antonio ainda está para requerer o primeiro!

Basta! E nem tanto devera ter sido necessario, se s. ex.ª não viera á imprensa! E melhor lhe fora não ter vindo mesmo a juizo, como em publica audiencia já, com justa razão e sem replica lhe exprobou um seu alias respeitavel collega!

Coimbra, 4 de Dezembro de 1873.

Miguel Marques Pralas, gestor de negocios.

NOTICIARIO

Festa de Nossa Senhora da Conceição.—Na segunda feira houve na egreja de Santa Cruz, com a costumada pompa, a festa de Nossa Senhora da Conceição. Foi grande a concorrencia de fieis, e assistiu de tarde o exm.º sr. Bispo Conde.

Pregou de manhã o sr. padre Manoel Joaquim dos Santos Neves, e de tarde o sr. padre Manoel José Erse, prior de Miranda do Corvo.

E' muito antigo o costume de se celebrar na egreja de Santa Cruz a festa de Nossa Senhora da Conceição.

Fr. Agostinho de Santa Maria, diz no seu *Santuario Mariano*, que indo a Roma, pelos annos de 1550, os dous conegos de Santa Cruz de Coimbra, D. Filippe e D. Clemente, sendo prior geral D. Lourenço Leitão, trouxeram daquella curia um breve, não só para poderem rezar perpetuamente da festa de Nossa Senhora da Conceição; mas para se renovar a antiga confraria e religiosa irmandade da mesma Senhora.

Diz mais Fr. Agostinho de Santa Maria:

«Estabelecida a irmandade em todos aquelles padres professos, com a obrigação de se dizer em todos os sabbados uma missa da festa da Conceição, e em todos os terceiros sabbados de cada mez, cantada pelo convento dos conegos em o côro; para se dar principio aquella irmandade se mandou fazer logo a Lisboa uma imagem nova da Senhora da Conceição, e se lhe fez um retabulo novo para o altar em que se havia de collocar. Signal de que ainda parece não tinham imagem propria deste mysterio.

«O altar é o collateral da parte da epistola; e em correspondencia deste se mandou fazer outro semelhante retabulo para o outro altar collateral, que é dedicado a S. João Baptista, e aonde está assentada a indulgencia e privilegio das almas. Esta imagem do Precursor João se mandou fazer no mesmo tempo, que é de excellentissima esculptura.

«Sabendo da nova instituição, ou renovação da confraria da Senhora da Conceição, a serenissima e muito devota infanta D. Maria, filha de el-rei D. Manoel, quiz que corresse a fabrica da santa imagem pela sua conta, e assim ella foi a que a mandou fazer, para ter tambem parte nos espirituaes interesses da irmandade.

«Depois, no anno de 1566, em o capitulo geral, que se celebrou em o mesmo convento de Santa Cruz, se mandou rezar em todos os sabbados, não impedidos, da Conceição da Senhora, o que acceitou o convento. Deu-se-lhe principio no seguinte anno de 1567, com o referido breve de Roma.

«El-rei D. Affonso Henriques foi um devoto deste mysterio; e póde bem ser que esta devoção a tomasse de Santo Anselmo, e dos inglezes (que daquelle tempo eram verdadeiros catholicos) e elles a publicariam em Portugal, porque vinham daquelles reinos varões santissimos; e daqui nasceu sem duvida, dizerem os nossos auctores portuguezes, que o mesmo rei D. Affonso dera em Alcobaça este mesmo titulo da purissima Conceição á imagem da Mãe de Deus, que se venera na sua primeira parochia; porque esta se fundou (querem os auctores cistersienses) pelos annos de 1142, ou no de 1152, como querem outros; e sem duvida, que a esta dedicação deve alludir, o que refere o arcebispo D. Rodrigo da Cunha, de que já pelos annos de 1149 se festejava neste reino a purissima Conceição de Maria.

«E' formado o corpo desta sagrada imagem de madeira incorruptivel, e vestem-na com ricas telas; mas o seu rosto é de tanta belleza e formosura, que rouba os corações, e tem uma modestia tão magestosa e grave, que infunde não só grande respeito, mas alegria em todos os que contemplam o seu divinisado rosto. Parece estar despedindo resplandores, e communicando a gloria que possue.

«Estando em uma occasião naquella egreja o padre D. Fernando da Cruz, religioso do mesmo convento, e muito bem conhecido pelas suas grandes virtudes, entrou n'ella um peregrino estrangeiro, que pondo os olhos na sagrada imagem, admirado da sua grande formosura e singular belleza, disse por encarecimento, e dando vozes: Esta Senhora *habet aliquid divinitatis*.

«Todos os sabbados do anno (nos tempos presentes) se lhe canta missa com muitas luzes, e grande solemnidade, e com as alegres vozes do orgão e instrumentos. Em todos os domingos e dias santos de tarde se lhe canta o terço, a que acode muita gente da cidade e Universidade, que assiste com grande devoção.

«Fazem-lhe duas novenas; a primeira antes da festa do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo; e a segunda antes da festa do Espirito seu Divino Esposo, com oração, e com ladainhas, com muita solemnidade e devoção. Não só é buscada esta Senhora dos moradores daquella cidade, mas ainda da gente de fóra de todas aquellas terras circumvisinhas, pelos favores que a todos reparte.

«Refere-se, que fallára a Mãe de Deus por aquella santissima imagem a um religioso conego daquella casa, encommendando-lhe muito os exercicios de humildade; obra muitos milagres e maravilhas, e está com grande veneração. A sua estatura são cinco para seis palmos; e a sua festividade é a 8 de Dezembro.»

Ainda presentemente se faz na egreja de Santa Cruz, com muita pompa, a festa annual a Nossa Senhora da Conceição. Tambem ha a missa todos os sabbados, de que falla Fr. Agostinho de Santa Maria; mas é só rezada, e acompanhada a orgão. Em logar das duas novenas, que elle menciona, ha só a do mez de Dezembro.

Em quanto ao terço, nas tardes dos domingos e dias santos, terminou, haverá 8 annos, depois de existir essa pratica durante dois seculos.

Outra festividade.—Na segunda feira houve na egreja das religiosas de Santa Anna a festa de Nossa Senhora da Conceição. Pregou de manhã o acreditado orador o sr. padre Antonio de Almeida Pedroso, parocho de Almalaguez.

Processos na inquisição de Coimbra—Em o numero passado mencionamos alguns processos da inquisição desta cidade, nos ultimos annos do seculo passado, contra quatro pedreiros livres. Hoje indicaremos mais alguns processos ácerca de outros crimes.

Instaurou a inquisição processos, pelo crime de confessar e celebrar, sem ter ordens, aos seguintes individuos:

Fr. Manoel de S. Domingos, em 1789.

Fr. Manoel de S. José Carvalho, em 1790.

Manoel Filgueira de Carvalho, em 1793.

Fr. Manoel de Lamego, da provincia da Soledade, em 1794.

Fr. Antonio da Virgem Maria, em 1797 e 1803.

Fr. Pedro de Nossa Senhora, franciscano, em 1802.

José de Mattos Ferrão, em 1810. Este apresentou-se. O processo não tem denuncias, mas tem libello.

Por solicitantes das suas confessadas, foram processados os seguintes padres:

Fr. Ignacio de S. Caetano, em 1800.

Fr. Antonio da Expectação, em 1803. Este apresentou-se. O processo tem diligencia feita na mesa sobre a opinião do delato; diligencia na mesma em que se fez judicial uma solicitada; e egualmente diligencia na mesma sobre o credito de testemunhas.

Fr. João de Santa Clara, em 1805.

Padre Bernardo Teixeira. Apresentou-se em 19 de Abril de 1806. No processo vê-se a sua apresentação por se ter elle apresentado por escripto; sendo depois mandado comparecer; mas não tem denuncias.

Fr. João de Santa Cecilia. Apresentou-se por escripto em 31 de Janeiro de 1807. Contem o processo requerimento do promotor, tres denuncias, a apresentação por escripto, commissão, apresentação pessoal, confissão, genealogia, exame *in genere*, exame *in especie*, admoestação antes do libello, libello, juramento do procurador, etc.

Fr. João de Fonte Arcada. Apresentou-se em 1807, mas depois foi preso. O processo tem duas commissões de solicitante, e uma de opinião.

Foram processados pelo crime de bigamia, os seguintes individuos:

José Ferreira, em 1781. Tem o processo uma commissão em que se pergunta pelo primeiro e segundo matrimonio, e sobrevivencia da primeira mulher, sentença e instrucção.

João Guilherme, em 1782. Tem o processo testemunhas tiradas na mesa, commissão para o segundo matrimonio, lista mandada para a inquisição de Lisboa para vir uma certidão, e sentença.

Maria Josefa Dantas. Apresentou-se em 15 de Abril de 1795. Contem o processo duas commissões e a sua apresentação na mesa.

Manoel José da Silva, em 1802. Contem o processo uma devassa remettida de fóra, cartas que foram para informação e a pedir os assentos, commissão em que se pergunta só pela primeira mulher, e carta para embargar na cadeia.

João Antonio, em 1813. Tem o processo um mandado de prisão, em que foi um official da inquisição conduzil-o, por se achar embargado; uma commissão em que se indaga sobre o primeiro e segundo matrimonio. Foi instruido pelo prior.

Alem destes foram processados mais os seguintes:

João Baptista Caneva, escrivão, nesta cidade, processado em 1805, por irreverencia ao Santissimo Sacramento. Contem o processo o summario de testemunhas, remettido pelo ordinario; conclusão á mesa do mesmo; e diligencia na mesa de rectificação de testemunhas e sobre o credito dellas.

Fernando Vicente Martini, processado em 1805, por irreverencia ás sagradas imagens. Tem devassa tirada na mesa, e carta de remessa da sentença.

D. Anna Leocadia do Carmo, apresentada perante commissario em 1789. Era heretica.

D. Anna Margarida de Sampaio Noronha. Apresentou-se em 1789. Heretica.

D. Maria Cecilia de Noronha Sampaio. Apresentou-se em 1797. Heretica.

Antonio Joaquim de Sousa Moreira. Apresentou-se em 1810. Heretico.

Antonio Justiniano de Amorim. Apresentou-se em 1801. Lia livros prohibidos. Tem o processo termo de curador, por ser de menor edade.

Januario Wenceslau, estudante, apresentou-se em 1801. Duvidava da Eucharistia.

Padre Joaquim Maximino Paes, pelo crime de proposicionario. Apresentou-se em 1806. Tem o processo denuncias, que se lhe fizeram judiciaes; ha commissão primaria, e commissão de credito.

Diniz José Soares, apresentou-se em 1812. Lia livros prohibidos.

O celebre cosmographo Pedro Nunes e um estupido e barbaro abbade de S. Bento de Coimbra.—No anno de 1819 foi impresso em Paris o—*Ensaio historico sobre a origem e progresso das mathematicas em Portugal*, por Francisco Borja Garção Stockler, commendador da ordem de Christo, fidalgo da casa real, tenente general dos exercitos de sua magestade, socio da academia real das sciencias de Lisboa, e da sociedade philosophica de Philadelphia, etc.

Nesse precioso *Ensaio* occupa-se o sabio Stockler, com muita especialidade, do famoso cosmographo portuguez, Pedro Nunes.

A'cerca do tratado dos *crepusculos*, publicado por Pedro Nunes em 1542, diz Stockler, que elle escrevera esta obra original por occasião de algumas conversações que tivera sobre pontos de astronomia com o cardeal infante D. Henrique, seu discipulo.

E' nesta obra que o nosso geometra deu pela primeira vez a ideia de uma elegantissima divisão, ou graduação do astrolabio, por meio da qual se podem graduar as alturas e distancias dos astros até minutos e segundos, ainda que no limbo do instrumento se não achem mais que os graus: divisão que admitte uma simplificação assás obvia, e com a qual ainda se usa nas alidadas de todos os instrumentos astronomicos, que servem para medir distancias angulares.

Se o auctor desta simplificação foi o mesmo Pedro Nunes, ou Pedro Vernier, que pela primeira vez a publicou por escripto em 1631, é questão que admitte argumentos, por uma e outra parte: o que porem de nenhuma sorte se póde contestar é que até, ha bem poucos annos, não havia um só livro de astronomia, nem um só instrumento astronomico, em que esta divisão tivesse outro nome senão o de *Nonius*, derivado do appellido Nunes do nosso geometra: e que ainda quando Vernier fosse sem duvida o inventor da simplificação mencionada, não havia razão bastante, para alguns astronomos modernos pretenderem mudar-lhe o nome de *Nonius* em o de *Vernier*; quando a primeira ideia de avaliar as partes menores das marcadas na graduação dos instrumentos é indubitavelmente devida a Pedro Nunes, e mil vezes mais engenhosa do que a segunda que daquella se deriva com extrema facilidade.

A este respeito publica Stockler a seguinte nota, para a qual chamamos a attenção dos nossos leitores:

«Persuado-me que M. de Lalande foi o primeiro que julgou a proposito reclamar o supposto direito de Vernier, e que o seu nome fosse dado a esta divisão; sem reflectir que, supposto que a ideia d'ella não apparecesse por escripto em obra alguma publicada antes do opusculo que Pedro Vernier imprimiu em Bruxellas, em o anno de 1631 (com o titulo de: *La construction, l'usage et les propriétés du Cadran nouveau*), nenhuma probabilidade havia de que o primeiro artista, que executou a indicada divisão, a denominasse *Nonius*, sendo-lhe a ideia d'ella fornecida por Vernier, mas de cincoenta annos depois da morte de Pedro Nunes; e que Vernier visse tranquillo durante a sua vida, roubarem-lhe todos os artistas a gloria que lhe era divida, sem fazer a minima reclamação a este respeito. Se M. de Lalande fosse ainda vivo, poderia pedir-se-lhe a explicação deste facto.....

«Talvez que todas as duvidas sobre este artigo se desvanecessem, se ainda existissem os instrumentos de que Pedro Nunes se servia, e que elle havia em grande parte feito construir; porem quiz a desgraça que todo este precioso deposito, indo parar ao poder dos religiosos Benedictinos do collegio que esta ordem monastica tem em Coimbra, o abbade que governava aquelle collegio, quando se fizeram as grades do adro da sua egreja, sendo informado de que se precisava de uma porção de metal amarello para se fundirem

umas carrancas, ou peças metalicas, que ainda actualmente adornam as sobreditas grades; entendendo que aquelles instrumentos astronomicos, de que os seus frades não faziam uso algum, eram trastes absolutamente inuteis, os deu para se converterem nos indicados ornatos. Assim acabaram, victimas de uma ignorante economia, monumentos scientificos, preciosos pela sua antiguidade, e respeitaveis em consideração do homem de genio que havia inventado uns, aperfeiçoado outros, e manejado todos com singular habilidade.

«Esta anedocta era corrente em Coimbra, quando eu passei a formar-me naquella Universidade; e foi-me transmittida por pessoa muito curiosa, sisuda, e veridica.»

A este acto de estupido vandalismo, se póde applicar o conhecido dito, com referencia a uns frades italianos: — *O que não fizeram os barbaros, fizeram-no os barbarinos.*

Finalmente? — No domingo arrematou-se a factura das celebres estantes para a bibliotheca da Associação dos Artistas.

Terá por acaso chegado a occasião daquella sociedade se livrar de uma grande vergonha, que sobre ella pesa ha tres annos e meio?

Só acreditaremos, depois de o ver.

Se se tratasse aqui em Coimbra de estabelecer mais uma casa de jogo, para juntar ás CENTENARES dellas, que para deshonra desta terra ahi se vêem por toda a parte, não haveria duvidas nenhumas a resolver. Como, porém, era para proporcionar o pão do espirito áquelles, ainda que, infelizmente, rarissimos nesta cidade, que o desejam adquirir; tem sido necessario uma verdadeira campanha de tres annos e meio!

Até não se tem poupado contra nós os maiores vituperios, por termos commettido o *horroroso attentado* de forçar moralmente a Associação dos Artistas a cumprir com o seu rigoroso dever!

Acontecem cousas aqui em Coimbra, que se no futuro houver algum curioso que as queira narrar, ninguem o acreditará!

Navegação — O estio que está havendo tem feito diminuir consideravelmente as aguas do Mondego. D'ahi resulta que as barcas trazem muito menos carreto do que até agora; dando isso occasião a haver-se accumulado na praia e nos armazens da Foz Dão, mais de 800 pipas de vinho e aguardente; acontecendo o mesmo proporcionalmente no porto da Raiva.

Está isto causando grande transtorno ao commercio.

Instituto. — O ponto da conferencia do sr. Dr. Calisto no proximo sabbado é — *A liberdade e a instrucção obrigatoria.*

Julgamento. — Foi hontem sentenciado em Cantanhede, Manoel Cordeiro, do logar da Gandara de Ançã, como auctor do assassinato na pessoa de Innocencio Pereira Sá, natural de Luso, e criado que era do sr. Alberto Ferreira Pinto Basto, da quinta do Rol.

O assassinato foi commettido na noite de 22 para 23 de Junho do corrente anno, quando Innocencio Pereira Sá recolhia da Gandara para casa de seu amo, como em tempo noticiamos no *Conimbricense.*

O jury deu por provado o crime, em virtude do que o juiz condemnou o reu a 15 annos de degredo para Africa, ou na alternativa 8 annos de prisão maior cellular.

Beneficio. — No domingo proximo dará a companhia gymnastica um beneficio a favor da philarmonica *Conimbricense.* E' de esperar, não só pelas sympathias que merece esta philarmonica, mas pelo credito que tem adquirido a referida companhia, que o publico concorra a este espectaculo.

Cemiterio da Conchada. — Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres.

Recemnascida, filha do Dr. Francisco Antonio Diniz, natural de Coimbra, fallecida no dia 3 de Dezembro.

Maria Candida, filha de João Dias e Maria do Rosario, natural de Mortagua, de 54 annos, fallecida no dia 3.

José Fernandes, filho de José Fernandes e Anna Amaral, natural de Sandomil, de 45 annos, fallecida no dia 3.

Maria de Jesus, filha de Bento Marques e Rosa Emilia, natural de Semide, de 72 annos, fallecida no dia 4.

Augusto Rodrigues, filho de José Rodrigues de Almeida e Virginia Emilia, natural de Coimbra, de 1 anno, fallecida no dia 5.

Recemnascido, filho de Antonio Coelho e Maria d'Assumpção, natural de Coimbra, fallecido no dia 6.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada — 5234.

Album poetico-musical. — Recebemos o 1.º numero desta interessante publicação, o qual contém a poesia do sr. Antonio Florencio Ferreira, intitulada *Meu anjo*, e a valsa com que ella se deve recitar ao piano, devida ao sr. J. de F. Ramalhoso, de Loanda.

Toda a imprensa de Lisboa tem dado noticia do *Album poetico-musical* de uma maneira, que muito honra os cavalheiros cujos nomes acima indicamos.

A valsa é singela, mas de optimo effeito, e harmonisa perfeitamente com a poesia.

O preço de cada numero é modicissimo (200 reis); a correspondencia deve ser dirigida ao sr. C. F. Ferreira, rua de Pedro Dias, 31, 1.º, Lisboa, fazendo-se abatimento para revender.

Agradecemos o exemplar com que fomos brindados e desejamos que a publicação receba do publico o favor que merece.

Mercado de Coimbra no dia 9 — Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 540 — Dito branco 500 — Dito Celorico meudo 600 — Dito graudo 540 — Milho branco 310 — Dito amarello 300 — Feijão vermelho 480 — Dito branco da marinha 460 — Dito da terra 420 — Dito rajado 380 — Dito frade 340 — Centeio 460 — Cevada 270 — Tremoços 230 — Favas 320 — Grão de bico 450 — Chicharos 240 — Batatas 220 — Azeite 1$370 — Vinho da Beira 700 — Dito do Bairro 500 — Dito da Bairrada 900 — Aguardente da Beira de 16 graus 1$000 — Dita de 17 graus 1$200 — Dita de 18 graus 1$300 — Dita do Bairro de 19 graus 1$500 — Dita de 20 graus 1$600.

Fallecimento. — Falleceu em Lisboa, victima de um grave padecimento, a exm.ª sr.ª D. Umbelina Penteado, esposa do nosso amigo o exm.º sr. Jorge Nunes Penteado, dignissimo delegado do thesouro deste districto.

Era uma senhora de distinctas qualidades, e muitas virtudes. Este successo deixou consternados todos os que tiveram a felicidade de a conhecer.

Damos os nossos pezames ao seu consternado esposo.

* * *

Abuso. — Communicam-nos o seguinte:

«No dia 8 do corrente, na forma do costume, fomos dar o nosso passeio até Condeixa, por estar um dia bellissimo. Ao sair de Sernache, com bastante magoa nossa vimos o adro da capella, que costuma servir de fiel á egreja parochial, occupado com pedras, cal, barro e outros objectos, inteiramente improprios d'aquelle logar. Tambem é voz publica, que as paredes da mesma capella, pela parte do sul, estão cheias de buracos, e ninhos de pombas, sem que o auctor de taes abusos se lembre que as paredes dos templos são bentas, e ninguem as deve profanar.

Abusos desta ordem não se devem consentir, e por isso pedimos a quem compete, que obste á continuação de taes abusos, para evitar que a nossa voz chegue com acrimonia á auctoridade superior, tanto civil, como ecclesiastica, o que desejamos não se torne preciso.»

ANNUNCIOS

AGRADECIMENTO

1 A SOCIEDADE Philarmonica — *Boa-União*, vem por este modo agradecer aos briosos academicos, e bem assim aos seus patricios e patricias, os obsequios que mais uma vez lhe dispensaram, concorrendo ao seu beneficio no dia 7 do corrente, que teve logar na praça dos touros. A sociedade sempre reconhecida, fará por continuar a merecer as sympathias e obsequios que de todos sempre tem recebido.

Coimbra 10 de Dezembro de 1873.

O presidente,

Domingos Antonio de Freitas.

ARREMATAÇÃO

2 NO PROXIMO sabbado, 13 do presente mez, pelo meio dia, na casa das obras da Universidade, hade arrematar-se a factura de oito bancas para serviço dos trabalhos praticos do Laboratorio Chimico, servindo de modelo os que existem no mesmo estabelecimento.

As condições podem ser examinadas pelos pretendentes no local aonde hade ser feita a arrematação.

DOCTOR IN ABSENTIA

3 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

MARÇANO

4 NESTA REDACÇÃO se diz quem precisa d'um para mercearia, preferindo-se com alguma pratica.

Associação dos Artistas de Coimbra

5 NO COFRE desta Associação existem depositados os subsidios de Julho a Novembro ultimo, a razão de 120 reis diarios, pertencentes ao socio n.º 25, Antonio José Pereira, que, pelo seu estado physico so acha impossibilitado de administrar sua pessoa e bens. Os corpos gerentes da Associação rogam ás pessoas ou auctoridades, a quem legalmente deva competir a protecção e tutela, d'aquelle desditoso artista, se sirvam levantar do cofre a quantia depositada, a fim de lhe minorarem os soffrimentos e a deploravel situação em que vive.

Coimbra, 10 de Dezembro de 1873.

O presidente,

Olympio Nicolau Ruy Fernandes.

OCULISTA

6 MR. BOLSSON acaba de abrir o seu estabelecimento na rua da Calçada, n.os 86 a 90, no qual se encontra um grande e variado sortimento de oculos e lunetas de ouro, prata, tartaruga, bufalo e aço; assim como barometros, thermometros, microscopios, conta-fios, lentes de grande força, e binoculos para campo e marinha.

Acertam-se vidros e vendem-se avulso pelos preços mais limitados.

Minas, pedreiras, florestas, industrias agricolas

7 AS pessoas que quizerem dar mais impulso aos productos de minas já em exploração, ou possuindo nas suas propriedades minas, pedreiras, florestas ou terrenos que possam ser explorados, podem, querendo, dirigir-se por carta franqueada ao sr. Thieffine, poste restante, Lisboa, com quem poderão tratar.

ARREMATAÇÃO DE SANGUESUGAS

8 NO DIA 16 do corrente mez, pelas 11 horas da manhã, e no Dispensatorio Pharmaceutico dos hospitaes da Universidade, largo do Museu, n.º 67, se hade proceder á arrematação do fornecimento das sanguesugas que se gastarem nos referidos hospitaes, em todo o semestre do futuro anno, do 1.º de Janeiro a 30 de Junho.

As condições estão patentes a qualquer hora do dia, no sobredito Dispensatorio.

JORNADAS

Por Thomaz Ribeiro

DO TEJO AO MANDOVY

Um lindo volume de mais de 400 paginas: preço 600 rs.

A' venda na livraria Central de J. D. Pires, editor.

Remette-se pelo correio a quem enviar 650 reis em estampilhas.

Á PORTAGEM

O inimigo do monopolio

EM COIMBRA

10 CONTINUA a vender petroleo refinado, por atacado, cingindo-se sempre ao menor preço de Lisboa: dá prazo e recebe barris vazios a 800 rs. cada um. — O encarregado da venda

JOSE' TAVARES DA COSTA

Rua da Calçada, proximo á Portagem.

PROCURADOR AGENTE

11 FRANCISCO FILIPPE COELHO, procurador agente na comarca de Coimbra, legitimamente habilitado, faz publico, que se encarrega de solicitar qualquer acção ou pendencia, perante qualquer tribunal judicial, administrativo, ou ecclesiastico; e bem assim os registos e seus cancellamentos nas respectivas conservatorias, e mais misteres do seu cargo. Qualquer pessoa que precise dos serviços acima indicados, póde dirigir-se em pessoa ou carta em fechada ao annunciante, rua da Louça, n.º 44 a 46, Coimbra.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navios a sahir

Para o **Rio de Janeiro:**

Barca CLAUDINA, em 7 de Dezembro.
Galera EUROPA, em 3 de Janeiro de 1874.

Para **Pernambuco:**

Barca VENCEDORA, em 18 de Dezembro.

Recebem passageiros e carga. Trata-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

NUMERO 2753 — SABBADO 13 DE DEZEMBRO DE 1873 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL — JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios — Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Alguns jornaes da capital, que costumam andar bem informados ácerca do rumo que vão levando os negocios publicos, dão por aplanadas algumas das difficuldades, que até hoje se tem levantado á importante medida da dotação do clero.

As duvidas, que de accordo com a santa sé, era preciso remover, no que respeita principalmente á limitação dos conventos, e outros pontos capitaes desta questão, tem sido, segundo agora se vê, assumpto a que o sr. Barjona de Freitas se tem applicado, em proveito de tão util causa.

A resolução final desta antiga e momentosa questão, deve ser de grande conveniencia para o estado. A independencia do clero parochial, para com os povos, a qual estabelece esta medida; não póde deixar de produzir notaveis beneficios no regimen ecclesiastico, e na moralisação publica.

O nobre ministro da justiça, que tem o seu nome ligado a importantes reformas da nossa legislação, fará mais um assignalado serviço á egreja e ao estado, emprehendendo tão notavel reforma.

Falta-nos hoje o espaço e o tempo, para entrar mais profundamente na apreciação das vantagens da dotação do clero.

Para outra occasião, e quando obtivermos informações mais circumstanciadas, trataremos detidamente deste objecto.

O nosso collega do *Progressista*, refere-se muito succintamente no seu ultimo numero, ao que em resposta lhe dissemos no *Conimbricense*, relativamente ao procedimento eleitoral do sr. José Luciano, no districto de Aveiro.

A maneira por que o faz, obriga-nos tambem a ser resumidos, porque as razões estão expostas, e o publico, para quem escrevemos, poderá facilmente ser juiz nesta causa.

O motivo que o collega adduz, de estar filiado em uma escola politica, para o obrigar a defender os seus correligionarios, não o desconheciamos. Ficamos, porem, sabendo que sómente para atenuar a posição pouco edificante, do seu correligionario politico, o collega veiu á imprensa. Ha causas, todavia, de que não é facil a defeza, quando os factos são patentes.

O sr. José Luciano de Castro, em relação a este objecto, não fica em melhor posição, depois da defeza do articulista. Releve-nos o collega esta nossa franqueza.

Em quanto ao que diz ácerca do decreto da demissão do sr. conselheiro José Maria de Abreu, parece-nos ainda, que não pode ser mais frisante o parallelo que estabelecemos, entre a politica do sr. duque de Loulé, e a do actual governo.

Estamos perfeitamente ao facto da legislação que regulava a organisação da secretaria do ministerio do reino, quando aquelle cavalheiro foi demittido.

O decreto de 8 de Setembro de 1859, é claro e explicito a respeito das garantias dos empregados daquella repartição; e é pela doutrina do mesmo decreto, que mais se aggrava a questão que o articulista se propoz defender.

A illegalidade da demissão do sr. conselheiro José Maria de Abreu, e tão manifesta pela doutrina do decreto a que o articulista se soccorre, que, permittanos o dizer-lhe, parece ser-lhe desconhecido, apezar de o citar.

A opinião que sustentamos, já em tempo competente foi demonstrada até á evidencia. O proprio sr. duque de Loule, reconheceu em 1869 a grave injustiça de haver demittido aquelle benemerito empregado, unicamente por motivos politicos, pelo facto de o nomear novamente, não só para o mesmo emprego de director geral; mas para o outro mais elevado, de secretario geral do ministerio do reino. Se outro motivo, que não a intolerancia politica, o tivesse levado a demittil-o, sem duvida o não reintegrava.

Medite o collega na respectiva legislação, e estamos certos que hade mudar de parecer.

O governo actual não demittia o sr. José Luciano de Castro, ainda que o podesse fazer, porque as suas ideias de tolerancia, a isso se oppunham. Nisto está unicamente a differença das duas escolas politicas.

Convença-se o articulista de que não ha *falsidade* no que dissemos.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXVX

D. CARLOS

LXVX

A esta sentida falla responderam os officiaes, que todos estavam resolvidos a separar-se.

Pois bem, replicou Ribero, a todos se concede a sua licença; e dirigindo-se a um ajudante lhe deu ordem para que mandasse tocar á chamada e formasse as tropas, só com os sargentos. Para que os officiaes não podessem abusar da influencia que tinham sobre os soldados, percorreu o general a cavallo as ruas da povoação, e depois que teve reunidos os batalhões se poz em marcha á frente delles, dando parte de todo o occorrido ao general em chefe, e dirigiu-se a Aravaca em conformidade das suas ordens.

Parecia que depois de separados das fileiras os officiaes, em virtude da energica resposta do general Ribero, não teria ulteriores resultados aquelle desagradavel acontecimento; porém voltaram a apresentar-se ao general Espartero, com quanto de ordem sua, levando á frente o coronel Roncali, chefe que no dia anterior havia dado as maiores seguranças de que não se alteraria a ordem, nem se quebrantariam as rigidas leis da disciplina militar. Pela segunda vez foram tambem desattendidos por Espartero, e sairam sós de Aravaca, como haviam saido de Pozuelo, a esperar os seus passaportes.

A brigada com Ribero e Van-Halen chegou aonde estava o general em chefe: formou em columna cerrada á entrada do povo, e o conde apresentou-se deante della, acompanhado do subsecretario da guerra, e lhes manifestou a escandalosa conducta dos seus officiaes, a providencia que com elles havia tomado, e lhes acrescentou que elle não necessitava dos officiaes para bater o inimigo, que tinha confiança nos soldados, e que todos saberiam cumprir com o seu dever. — Não é verdade, rapazes? — lhes perguntou.

— Sim, meu general — responderam com o maior enthusiasmo: até morrer: iremos com valor e com a maior ordem.

Promoveu nesse mesmo acto em nome da rainha a alferes os sargentos primeiros, e a este posto os segundos; pedindo alem disso ao governo 16 cruzes de Isabel II para cada um dos quatro batalhões da brigada, a fim de distribuil-as entre os soldados em justo premio da obediencia e decisão de marchar ao inimigo, ainda sem officiaes, como o verificaram.

A noticia de haverem abandonado os carlistas a Segovia, dirigindo-se a Peñaranda, recebida naquelles instantes, obrigou Espartero a variar de rumo e marchar sobre Torrelaguna.

O arrependimento que mostraram os officiaes na exposição que dirigiram á rainha, os fez voltar ás fileiras, excepto a La Valette e Herrera Davila, que se haviam mostrado os promovedores daquella insubordinação, em que não tomaram parte um sobrinho de Landero e outro official.

As côrtes, a imprensa, o publico todo, estiveram alguns dias preoccupados com estes acontecimentos, chamando especialmente a attenção o violento discurso do general Seoane na sessão do dia 18 de Agosto; discurso que produziu uma energica resposta dos officiaes da guarda, offendidos nelle, e depois um duello com o official Manzano, que feriu o general.

A variação ministerial não contentou os conspiradores; insistiram no seu proposito de insurreccionar a tropa, attrahil-a a Madrid, e levar ao cabo a desejada contra-revolução. Achava-se Espartero em Torrelaguna, e não faltou quem chegasse a propor-lhe que marchasse a Madrid, e acabasse com as côrtes e a liberdade de imprensa, proposição feita em presença do general Van-Halen, que deixou atonitos aos que a ouviam. Repelliu-a com indignação o general Espartero, e logo despediu do seu estado maior o coronel Mazarredo, e aos officiaes Campuzano, La Valette e Herrera Davila. Van-Halen foi nomeado chefe de estado maior.

O estado de insubordinação manifestava-se em outros pontos de Hespanha.

Tinha estabelecido Escalera o seu quartel general em Miranda do Ebro, por ser mais perto dos movimentos dos carlistas, já que o reduzido das forças que commandava não lhe permittia emprehender as operações a que o seu patriotismo e valor o impelliam. Para contar com mais alguma força, tinha mandado que se incorporasse o provincial de Segovia, que acabava de demonstrar em Santander a sua indisciplina, commettendo puniveis excessos.

Chegou a 15 de Agosto ás immediações de Miranda, acantonou-se em Susana, onde se insurreccionou de novo, e a 16 formaram as suas companhias de preferencia na praça de Miranda, determinando Escalera que se prendessem os individuos designados como auctores das precedentes desordens.

Executou-se a ordem; porém ao anoutecer alvorotam-se os cumplices dos presos, sublevam a todo o regimento, e saem pelas ruas gritando: — *morram os traidores que nos roubam o que é nosso: fora os presos.* — Correm á prisão, tiram-nos della, passeam-nos em triumpho, vão em tropel ao alojamento do general, forçam as portas, e em vez de salvar-se Escalera, como podia fazel-o, prefere morrer; trata de fallar-lhes, e o ferro e o chumbo terminam a vida, que haviam respeitado cem vezes as bayonetas e balas inimigas!

Saqueiam logo a casa do general, buscam o thesouro que consideravam causa da escassez dos soldados, e só encontram 16 duros. Percorre depois as ruas aquella soldadesca assassina, ostentando na ponta de suas armas alguns exemplares de periodicos de Madrid, em que se asseguravam grandes remessas de dinheiro para pagar á tropa, e tratam de justificar com elles o seu crime.

Atemorisados os officiaes não se atrevem a sair de suas casas, permittindo assim com a sua inacção; o escandalo daquellas turbas e a morte do seu chefe, de tudo o que eram alguns responsaveis. Porém não tendo já os insurreccionados em quem cevar o seu odio, e não faltando logo quem procurasse restabelecer a ordem e a disciplina; tomou o commando o barão de Carondelet, e á frente daquellas tropas marchou no dia 17 a Puebla, ficando impunes os crimes que commetteram, cujo castigo executou Espartero, como veremos mais adeante.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.



Natural é ao homem mudar a pousada, e nenhuma cousa vemos permanecer no mesmo logar em que foi gerada.

D. Fr. Amador Arraes—*Dialogos*. (Dialogo 4.º, parte 2.ª)

A memoria do justo será acompanhada de louvores.

Proverbios—c.x, v. 7.

Deixou hontem de existir, depois de uma breve e fatal doença, um varão respeitavel, o sr. Diogo Barata de Lima e Tovar.

Perdeu a sociedade um cidadão virtuoso e estimavel pelas excellentes qualidades de que era dotado; sendo por isso muito sentido o seu fallecimento.

Foi filho do desembargador da relação do Porto, e juiz dos tombos em Coimbra, o sr. Manoel Barata de Lima Henriques da Fonseca Arnaud; e nasceu na sua quinta de Nossa Senhora da Memoria dos Padrões, antigo concelho de Alvares, no dia 9 de Maio de 1808.

A mãe do illustre fallecido, a exm.ª sr.ª D. Josefa Margarida de Tovar Albuquerque Mello e Menezes, natural da quinta de Mollelos, pertencia a uma das familias das mais distinctas deste reino. Entre outros irmãos della, bastará indicar o sr. visconde de Mollelos, que seguiu a carreira militar; e o sr. Diogo Vieira de Tovar e Albuquerque, que foi conselheiro da fazenda, provedor das capellas de el rei D. Affonso IV, conselheiro de embaixada em Madrid, e governador dos estados da India; o qual deixou um seguro penhor do seu amor pelo estudo, na interessante *Memoria sobre o plano da collecção dos tratados politicos de Portugal, desde o principio da monarchia*, impressa em Paris no anno de 1819, no tomo IV dos *Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras*.

O sr. Diogo Barata de Lima, como era de esperar de quem descendia de taes progenitores, frequentou na sua mocidade os estudos na Universidade de Coimbra, formando-se em 1830 na faculdade de Leis.

No anno de 1832 foi despachado corregedor de Villa Franca de Xira; sendo-lhe concedido esse logar, sem precedencia de outros menores, como era costume, em attenção aos serviços de seu thio, o sr. Diogo Vieira de Tovar e Albuquerque. Nesse cargo se lhe proporcionou occasião de prestar relevantes serviços á humanidade, e mostrar o seu animo bemfazejo.

Pelo meado de 1833, a terrivel epidemia da cholera morbus, depois de ter invadido a capital, espalhara-se pelas terras proximas; sendo uma das mais fortemente atacadas, Villa Franca de Xira. Não sossobrou o sr. Diogo Barata perante uma tal calamidade publica; antes foi incansavel em dar todas as providencias, e prestar todos os auxilios, que estavam ao seu alcance, aos doentes e desvalidos. Foram relevantes os serviços prestados pelo digno corregedor em Villa Franca de Xira.

Acabada a guerra civil, e havendo saido de Portugal o principe a quem lealmente servira, estava naturalmente terminada para o sr. Diogo Barata a carreira publica, e por isso se retirou para a casa de seu pae, na quinta da Boa Vista, suburbios desta cidade.

Passado tempo, e desejando viajar para mais aperfeiçoar e ampliar os seus conhecimentos, saiu do reino, e se dirigiu a França, por onde fez uma larga digressão; e depois á Italia. A cidade de Napoles foi aquella em que por mais tempo residiu.

Havendo alli recebido a infausta nova de ter fallecido seu pae, regressou logo a Portugal o sr. Diogo Barata, a fim de administrar a sua grande casa, uma das maiores deste districto.

Casou com a exm.ª sr.ª D. Emilia Adelaide Pereira Coutinho de Vilhena e Menezes, senhora dotada das maiores virtudes, e pertencente a uma respeitavel e illustre casa de Lamego.

O sr. Diogo Barata de Lima e Tovar, sendo não só por si, mas por todos os seus parentes, dedicado cordealmente ao partido realista, de que era um distincto ornamento, tinha a qualidade apreciabilissima de manter as melhores relações com as pessoas de todos os partidos politicos.

A sua casa estava sempre franca Para alli ser admittido não era necessario mostrar a proveniencia politica; o que unicamente exigia o sr. Diogo Barata, a quem quizesse entrar na sua convivencia, é que fosse homem de bem.

Ao sr. Diogo Barata devemos a fineza, que nunca esqueceremos, não só de nos honrar com a sua particular amizade; mas de nem uma só vez se mostrar contrariado pela nossa divergencia em opiniões politicas.

Como tributo á sua honrada memoria, como um acto de justiça, e como um dever de gratidão, aqui deixamos estas singelas palavras.

A' sua illustre familia damos os mais sinceros pezames, pela grande perda que acaba de soffrer.

Joaquim Martins de Carvalho

A saudade é a mortalha do coração humano, aonde se estampa, eternamente, a imagem do amigo, que se finou.

Mais uma mortalha se desdobrou..., mais o nome do amigo, cuja memoria nunca esqueceremos, vimos, aqui, inscrever, no livro negro da morte!..

Antonio Gomes da Costa, de S. Thiago, já não existe!... O raiar do dia 6 do corrente, apontou, no relogio da eternidade, o termo final da sua vida!...

Antonio Gomes da Costa, tinha nobres qualidades de verdadeiro homem de bem; sempre franco, e leal, nas suas apreciações, era generoso, e obsequiador, na ultima expressão.

O estado de alienação mental de seu desditoso irmão, era para elle uma sombra negra, que lhe anuviava constantemente o coração; e que elle, nas conversações mais intimas, e familiares, nunca sabia occultar..... e, afinal, alli fica o alienado levita, muito mais infeliz ainda, acompanhando, na triste orphandade, tres desventuradas creanças, que, hoje, só têem os carinhos de suas extremosas mãe e thia, para as quaes tambem se poz eternamente o sol da sua alegria.....

Faz dó e afflicção a cruel soledade a que fica reduzida uma estimavel familia, que perdeu a protecção, e affectos sublimes de tão bom chefe, e tão dedicado amigo!... Antonio Gomes da Costa, era homem de boa instrucção, e muita dignidade; liberal sem ostentação, fez sempre muito boa figura, e a sua opinião era escutada com attenção respeitosa: e tanto como camarista do concelho de Cea, como na qualidade de substituto de juiz de direito, houve-se sempre na altura do seu dever.

Sabia, como poucos, a historia contemporanea da sua provincia, em que dava correcções e novidades; e foi rigido e austero contra a hypocrisia, com que nunca transigiu; porque repugnava á sua franqueza, e lealdade de homem livre, dentro dos justos limites da lei divina e humana.

Fazia gosto conversar com o homem, que era portuguez, com todos os quilates que tem o ouro de lei.

Emfim, perdemos um optimo amigo, e bom visinho, resta-nos a sentidissima saudade, que tributaremos sempre á sua memoria, em testemunho de cordeal gratidão.

S. D., 7 de Dezembro de 1873.

F. M.

NOTICIARIO

El-rei D. João II e o jogo.—No anno de 1828 publicou em Lisboa o sr. visconde de Santarem, um livro, contendo—*Alguns documentos para servirem de provas á parte 2.ª das Memorias e historia das côrtes geraes, que em Portugal se celebraram pelos tres estados do reino.*

Ahi se vê que nas côrtes que se celebraram em Evora, nos annos de 1481 a 1482, pediram os povos a el-rei D. João II, castigos severos contra os jogadores. Um dos capitulos dessas côrtes é textualmente o seguinte:

Capitollo dos arenegadores e tafuces.

«Item Senhor huum mall gramde se faz e comsemte que se por vos nom he emmemdado nom lhe acham Remedio vosos pouoos Saluo deus acodir por sy e por sua madre que tam a meude pellos maaos christaaos nos Jogos dos dados e tauolleiro tam fora de boom conhecimento Renegam do filho e da madre e dos seus Samctos per tam desonestos moodos que he de maraulhar como a terra os em si sofre. Se de vosa alteza se disese alguuma bresfamia serya penado como maao o que de seu Rey e Senhor dissese cousa nom deuida pois que se deue fazer por aquelle summo bem dos bees que he deus e sua madre e seus samctos e pois vos elle fez christianissimo e vos deu seu oficio acuda por elle vosa alteza tiramdo e euitamdo os tauoleiros publicos omde quer que os ouuer e com penas grandes dace a execuçam huum tam gramde mall quem quer que jogar dados ou jogo de tauolleiro direito que passe de vinho e fruita atee dous jogos *que se perca a casa omde se tall jogo jogar*. E cada Jogador page a pena comtheuda na ordenaçom e far-lhes hees em ello merçee e asy qualquer outro Jogo posto que seja de cartas.

Resposta

«Respomde elRey que mamda a suas Justiças que mui estreitamente exequtem as ordenaçoees nouas e velhas sobre este caso fectas e por se mais euitarem as taes cousas quer e manda *que a casa em que pubricamante se Jugar e teuer continoamente tauolleiro de Jogos que se perca a saber ametade pera elRei e ametade pera quem os acusar.*»

E não só não ficou em palavras a promessa de el-rei D. João II, de mandar sequestrar as casas onde se desse jogo; mas foi ainda mais severo, querendo dar um exemplo tão publico e terrivel, que servisse de escarmento aos jogadores.

Na *Chronica dos valerosos, e insignes feitos del rey Dom Ioam II, de gloriosa memoria*, por Garcia de Resende, se lê o seguinte:

Da noua Iustiça que el Rey mandou fazer.

«Neste anno de mil e quatrocentos e nouenta, estando el Rey em Euora antes da vinda da Princesa lhe foy dito, que em Lisboa em casa de um caualleiro que se chamaua Diogo Pirez do Pe, e viuia junto da praça da palha, se jugauão dados, e cartas, e outros jogos, com que Deos era desseruido, e seu santo nome renegado, e o de nossa Senhora, e dos Sanctos blasfemados. E como el Rey era muy catholico, deuoto, e amigo de Deos, por atalhar, e euitar tamanho mal, e por castigo do que nas ditas casas se fazia, pollo mesmo caso na metade do dia com pregão de justiça *as mandou queimar no primeiro dia de Iunho do dito anno* De que na cidade foy grande espanto, e alguns homens, que em suas casas tinham jogos, e tauolagens, com muyto grande receo se tirarão logo disso.»

Heytor Pinto.—Do excellente livro—*Imagem da vida christã*—por Fr. Heytor Pinto, transcrevemos ao acaso os seguintes exemplos:

—Assim como o ouro quanto mais martellam n'elle, tanto mais se estende sem quebrar: assim os varões justos que levam a razão por guia, quanto mais batidos são com o martello das tribulações, tanto mais se dilatam na virtude, sem quebrarem sua caridade, por mais adversidades que lhes venham: antes ha muitos que folgam com ellas.

—Assim como dous sacos de terra, roçando-se um com o outro, lançam de si muito pó; assim a amisade de dous amigos de muita familiaridade e pouca virtude, por tempo descobrem muitos defeitos, e mostram o pó de sua cobiça e deslealdade. Promettem muito e fazem pouco; alargam as redeas ás palavras e espraiam-se em comprimentos, e quando vem o tempo das obras, mettem-se por dentro mais encolhidos, que um caracol na concha.

—Assim como os astrologos mal destros, sempre fallam o porvir, e nunca vem o que elles promettem, nem acertam o que dizem; assim os amigos fingidos dispendem muitas palavras e promessas de cousas futuras, mas não satisfazem nenhuma d'ellas. Suas promessas não passam de promessas: dizem e não fazem: tudo são enganos e apparencias.

—Assim como o que trata com o fino ambar, e almiscar, e pastilhas, e outros perfumes, cheira a elles, porque sempre se lhe pega alguma cousa de seu cheiro: assim o que conversa com pessoas justas e de bom juizo e discurso, pela maior parte se lhe pega alguma cousa de virtude e doutrina. E pelo contrario, assim como o que trata com enxofre, e piornos, e outras cousas, que cheiram mal, não cheira bem: assim quem tem estreita familiaridade com gente sensual e viciosa, sepultada no profundo somno do descuido de sua consciencia, pela maior parte se lhe pega alguma cousa de mau cheiro dos seus vicios, com que perde muito na consciencia para com Deus, e no credito e valor para com os homens.

—Assim como no arco, quanto mais a corda tira para traz, tanto mais a frecha vae adeante: assim na vida, quanto mais o homem fica a traz por humildade, tanto mais vae adeante por virtude. E quanto mais conhece a baixeza do corpo, que é de terra, tanto mais se levanta ao conhecimento da alma, que é a imagem de Deus.

—Faz um ourives em uma grande pasta muita obra; não é muito, pois ha corpo para tudo: mas debuxar e obrar todo o mundo em uma pequena medalha, não vem senão de alto engenho e de querer mostrar seu alto artificio. Digo isto porque parece, que quiz o alto Deus mostrar uma grande sapiencia na fabrica e composição do homem, que sendo tão pequeno, fez nelle tão maravilhosa obra, que se chama outro mundo.

—Assim como os alamos sobem muito para cima, mas não dão fruto; assim as palavras dos vangloriosos, sobem em seus louvores, sem aproveitar em seus costumes.

—Assim como a nau, passando as duvidosas ondas do mar não deixa atraz de si vestigio, por que se possa conhecer a via que levou, como o vemos com os nossos olhos, e o diz o livro da Sapiencia no quinto capitulo: assim ha homens, que depois que deixam de viver, não deixam signal de vida. Taes são os que fazem seus olhos correios de suas vaidades, os encarniçados no mal, os golosos do mundo, os ensopados em seus falsos contentamentos: os quaes tal modo tem de viver, que se pode dizer que não vivem. Mas os justos, os que pretendem abalisar-se na virtude, os que trabalham por não misturar com o amor divino, liga do amor mundano; estes fazem obras dignas de memoria, com que entregam seu nome á posteridade.

D. Fr. Amador Arraes—Acabamos de ouvir um dos nossos bons escriptores. Ouçamos agora outro de não menor merecimento. Diz D. Fr. Amador Arraes nos seus primorosos *Dialogos*:

—É o mundo tão avaro e tenaz de suas cousas, e são ellas de tão pouco ser, e substancia, que promettendo-nos tudo, e provocando-nos a que o sirvamos, e delle nos fiemos, apenas dá a dois de nós o que desejamos: e o peor é, que não menos mente quando nos concede o que havia promettido, que quando o nega: d'ambos os modos nos engana. Promette a nosso animo paz, quietação, e que ficará contente e satisfeito, se alcançar o que pretende; e depois de o ter alcançado, nada nelle menos achamos, que o que mais esperavamos. Tal é a natureza e condição dos bens terrenos, que em quanto se não possuem, são desejados, e depois de possuidos, menosprezados.

—Formosamente nos compara Prudencio com bando de pombas, que desce sobre um campo cheio de armadilhas, laços, e redes; das quaes, as que comem seguras, ficam presas, e enredadas; mas as que tem o pasto por suspeito, voam ás alturas livres, e salvas: as almas, que entendem, debaixo da doçura dos bens apparentes, jazer viscosa peçonha, não se enviscam nelles, nem caem em seus laços, por mais aprasiveis que sejam; e ainda que muito formosas pareçam: mas as pessoas, que se não guardam das occasiões perigosas, não cuidem, que estão fora do mundo, ainda que estem dentro do mosteiro.

—Quanto a taboa, que o pintor pinta, é mais grossa e nodosa, menos desbastada e cepilhada; e quanto o papel em que se escreve, é mais grosseiro e aspero; tanto a pintura conveniente, e a boa letra, que nestes sujeitos se fazem, são dignas de mor louvor e admiração. E' portanto, houve Deus por bem, que o principio material do homem fosse tão vil e baixo, para que na creação e feitura della, mostrasse mais o seu saber e poder: e pelo mesmo caso o obrigasse a admirar e engrandecer o lavor e artificio das obras de sua mão.

—Assim como o nosso corpo debilitado do trabalho corporal, perde muitas vezes o gosto e vontade ao comer e folgar; e não pede mais, que uma cama para descançar: assim nosso coração vexado e acoçado de más andanças e desaventurados successos, que sobrevem em a terra, não lhe lembra outra cousa, senão clamar por Deus, nem tem outras soidades senão do ceu, e da companhia dos seus moradores.

Da influencia dos parochos nos povos.—Na *Exhortação concionatoria ao clero, por Fr. José da Assumpção, missionario apostolico nestes reinos*, e impressa em 1831 na imprensa da Universidade, lemos um periodo tão conceituoso, que não podemos eximir-nos a transcrevel-o para aqui. E' o seguinte:

«Cornelio á Lapide, citando o mesmo S. doutor (S. Paulo), diz: «Queres saber, que tal é o povo de algum logar, se é bom, e bem morigerado, devoto, temente a Deus e bom christão? Olha que tal é o pastor. Pois que se o vires bom, pio, sabio, zeloso, de vida e costumes illibados, conclue, que assim é o povo, que tem e goza a grandissima felicidade de ser conduzido e pastoreado por tal pastor.» E em prova traz o dito festivo, e muitas vezes repetido pelo imperador Carlos V., que por tres *P. P. P.* costumava conhecer o estado de qualquer cidade, villa ou povoação; e eram: *Qualis esset Pastor; qualis Praeceptor, et qualis Praetor*, qual o pastor, qual o mestre, e qual o magistrado, ou administrador da justiça. Mas nós fazemos, ou devemos fazer, as vezes dos dous primeiros, de pastores e mestres. E se é grande dita, grande bem, grande felicidade para um povo, um rebanho, uma grei do Senhor, ter um bom pastor e mestre; que desdita, que desgraça não é ter pastores, ministros descuidados de suas obrigações, sem sciencia, sem zelo, e talvez em logar do bom exemplo e vida virtuosa, feitos pedras de escandalo?»

D. Francisco Alexandre Lobo—Pode haver divergencia no modo de apreciar as opiniões politicas do bispo de Vizeu, D. Francisco Alexandre Lobo; o que todavia, ninguem póde negar, é que este prelado foi eruditissimo, e um dos melhores escriptores deste seculo entre nós. Sendo, por isso, muito apreciavel tudo, o que sahiu da sua penna; vamos aqui archivar uma carta, cuja original possuimos, a qual elle escreveu de Vizeu a um seu amigo de Coimbra, em 1821.

«Meu amigo, visinho e senhor. A carta de v. s.ª veiu enternecer-me de modo mui particular. Não pelos argumentos de boa amisade, que ha muito tenho por certa, e que sei avaliar e agradecer; mas pela recordação de logares e successos, que se me não representam á memoria senão com a saudade mais viva. Com elles fugiu a minha felicidade! Mas tal é a natureza da humana, que não é em caso algum acabada, nem é longa.

«Eu fui, quanto se pode ser, sensivel á honra que me acabam de fazer as côrtes e el-rei. Mas não pude deixar de expor o meu verdadeiro estado, que é bem triste, a sua magestade, e de lhe pedir a grande mercê de me escusar. El-rei é tão benigno, eu pela minha condição mereço tanto a sua benignidade, que tenho toda a confiança de que elle seja para comigo tão favoravel como foram as côrtes.

«Não avalio porem em menos os espiritos dos meus bons amigos, entre os quaes v. s.ª teve sempre distincto logar. Ha muito que conheço a seu respeito a minha grande divida, e que a pago com verdadeiro agradecimento. Como não ha coração enganado, cuido que v. s.ª não tem disto a menor duvida.

«Aqui fico á sua disposição com toda a boa vontade: em tudo mostrarei que sou com agradecido affecto—De v. s.ª venerador, amigo e obrigadissimo criado.—Vizeu, 19 de Julho de 1821—*Francisco*, bispo de Vizeu.»

A egreja da Conceição Velha de Lisboa—O nosso prezado e esclarecido amigo o sr. Antonio Maria Seabra de Albuquerque, communica-nos o seguinte:

«Amigo e sr. Martins. Na minha sahida de Coimbra prometti-lhe dizer alguma cousa ácerca da festividade na Conceição Velha, desta cidade de Lisboa. Vou-me desempenhar desta missão, muito ao correr da penna.

No sitio onde os judeus tinham a synagoga, levantou o senhor D. Manoel um templo, com a invocação de Nossa Senhora da Conceição. Foram os pedidos e repetidas instancias do confessor da rainha D. Leonor, o veneravel Fr. Miguel de Contreiras, religioso trino, que muita influencia tiveram para que se levantasse este templo catholico.

Desde logo se creou a egreja em freguezia, com jurisdição á ordem de Christo, fazendo-se nella as profissões dos cavalheiros da mesma ordem; porém renhidas contendas sobre materia de jurisdicção, que a ordem teve com o arcebispo D. Luiz de Sousa, motivaram a mudança da freguezia para a Senhora da Victoria.

Já vê, meu amigo, que o templo feito pelo venturoso monarcha, tem o cunho que elle soube imprimir em todas as edificações grandiosas que nos legou. Isto, porém, é na parte externa; porque na interna nenhum cunho de antiguidade apparece, a não ser em esculpturas.

Duas confrarias, do Santissimo e da Conceição, erectas nesta egreja, tem, com muito zelo, apesar dos seus escassos meios, feito grandes melhoramentos. Louvores a esses benemeritos, que não seguiram as pisadas do seculo actual, em que se destroe e desmorona tudo quanto em outras eras foi magestoso e grande.

O templo estava elegantemente ornado. Junto ao altar mor, ao lado da epistola, collocaram o faldistorio, onde se achava em vestes de pontifical o nosso prezado amigo o exm.º sr. D. Antonio José de Freitas Honorato, arcebispo de Mytilene. Não fomos sós a quem os olhos se banharam de lagrimas ao ver um filho de Coimbra, elevado á alta dignidade do episcopado: alguem havia no templo, companheiro d'infancia e intimo entre os mais intimos, a quem succedeu o mesmo.

Foi brilhante a festividade, como ha muito não vimos melhor, acabando o pontifical pela uma hora da tarde.

Em seguida foi convidado o senhor arcebispo a subir á sala; e egual convite recebeu a sua familia, o sr. Moraes Calado e sua esposa, o sr. Rodrigues de Gusmão, medico hoje em Portalegre, e que não vimos ha muitos annos, e a mesma honra recebemos nós.

Nesta sala foi servida uma refeição, que muito primou em delicadeza e summa elegancia. Entre muitos brindes que se fizeram, o sr. arcebispo levantou um á sua cidade de Coimbra, e aos seus patricios e amigos, tanto presentes, como ausentes, sentindo não gozar do prazer de os ter junto a si nesta festividade. Depois seguiram-se o sr. Moraes Calado, Rodrigues de Gusmão, e eu, não só brindando o sr. arcebispo, mas a illustrada mesa das duas confrarias, de quem todos receberam provas da maior consideração.

Um dos srs. ecclesiasticos quiz que a nossa satisfação fosse completa, e mandou que nos trouxessem as pratas da egreja. O primeiro objecto que vimos, foi a capsula que serve pelas endoenças: é de ramagens em relevo, com os martyrios do Senhor, tendo na frente tres cravos: sobre a coberta tem o livro dos sete sellos, e sobre elle o cordeiro paschal. É uma belleza artistica, muito para se admirar.

Veio o calix com que officiou o sr. arcebispo. O seu gosto é todo emmanuelino, brilhantemente executado por artistas portuguezes. Em volta da copa é ornado de pequenas campainhas, e junto ao bordo tem uma inscripção latina em letra gothica: a patena tem na garfilla uma inscripção tambem em letra gothica, mas differente da do calix; e no meio está a cruz; tudo em alto relevo. Vieram mais objectos de muito valor artistico.

Voltamos á egreja, e o sr. arcebispo, depois de visitar todos os altares, fazendo oração ao Santissimo, que estava exposto, foi acompanhado á sua carruagem pela mesa e irmãos das duas confrarias, que muito agradeceram a honra que s. ex.ª lhes concedeu, escolhendo a sua egreja para a celebração do seu primeiro pontifical.

Nós os visitantes despedimo-nos de tão distinctos como delicados cavalheiros, e muito do coração lhes agradecemos os obsequios que nos dispensaram—Lisboa 8 de Dezembro de 1873—*A. M. Seabra d'Albuquerque.*»

Obras de arte.—Nas obras em construcção, annexas ao seminario episcopal desta cidade, acham-se quasi fechadas as abobadas do pavimento terreo da magnifica fachada, as quaes comportam 9 naves, todas de cantaria, das pedreiras de Bordalo, perfeitamente apparelhadas. O' architecto e mestre é o sr. Luiz Velhar, artista francez.

As cantarias no assento estão muito bem fechadas, assim como as divisões de seus detalhes. Vimos a planta desenhada pelo sr. Velhar; e tanto quanto podemos avaliar, achamol-a conforme todos os conhecimentos de architectura civil.

Arrematação.—No dia 13 do corrente hão de arrematar-se perante o governador civil deste districto, os seguintes bens pertencentes á mitra episcopal de Coimbra:

Concelho de Coimbra

Freguezia de S. Martinho do Bispo

Um olival no sitio da Torrinha, pegado ao muro da quinta da mitra: confronta do nascente com Bernardo Antonio de Oliveira, de Coimbra, e com estrada publica que vae de S. Martinho para Coimbra, sul com a dita estrada, poente com o muro da quinta, e norte com D. Maria José da Gloria e D. Libania Rita de Jesus. No olival não se comprehende uma pedreira que fica separada pela estrada—300$000.

Concelho de Arganil

Uma propriedade denominada a Coelheira, no limite de Coja, que parte com o caminho publico e rio Alva, sendo uma parte de producção de horta, e a outra que se compõe de um bocado de horta e terreno inculto e rocha—545$000.

Uma propriedade denominada do Paço, que parte com o caminho publico e se compõe de terra de semeadura, oliveiras e arvores de fructo—2235$560.

Approvação.—Foi pelo governo approvado o contrato, que celebrou a camara municipal desta cidade, com o banco commercial de Vianna do Castello, para o emprestimo de 40 contos de reis.

Procedencia dos mammiferos domesticos—Diz-nos o sr. José Maria Rosa de Carvalho o seguinte:

«Não se sabe a procedencia do cão, *canis familiaris*. Querem uns auctores que elle provenha do lobo, *canis lupus*; outros do chakal da Asia, *canis aureus*: o que se sabe com certeza é, o haver cães no estado livre, que se suppõe, provirem d'outros abandonados por os donos.

Buffon fallando do cão diz:

«Um natural ardente, colerico, mesmo feroz e sanguinario, torna o cão selvagem, temivel a todos os animaes, e cede no cão domestico aos sentimentos os mais doces, ao prazer de se unir ao homem, ao desejo de lhe agradar; elle vem de rastos depositar aos pés do seu dono a sua coragem, sua força, e seus talentos; escuta as suas ordens para as executar; consulta-o, interroga-o, supplica-lhe; um modo de olhar basta, elle entende os signaes da sua vontade; sem ter como o homem a luz do pensamento, tem o calor do sentimento; tem mais que elle, a fidelidade, a constancia de suas affeições; nenhuma ambição, nenhum interesse, nenhum desejo de vingança, nenhum receio que não seja o de desagradar-lhe; é todo zelo, todo ardor, e todo obediencia; mais sensivel á lembrança dos bens, que lhe fazem, do que aos ultrajes, não se desgosta por os maus tractamentos, soffre-os, esquece-os, ou não se lembra delles, senão para mais se dedicar ao seu dono; longe de se irritar ou de fugir, expõe-se a novos castigos; lambe a mão instrumento de dor, que acaba de o espancar; não oppõe ao castigo senão o choro, e o desarma em fim por a paciencia, submissão, etc.»

Vejamos algumas das coisas que Linneu diz sobre o assumpto:

«Come carnes, cadaveres, e plantas farinaceas; digere os ossos; purga-se com plantas gramineas; obra sobre as pedras; bebe lambendo; ourina ao lado; cheira a parte posterior um ao outro; corre obliquamente; caminha sobre os dedos; sua pouco; quando tem calma, abre a boca, e estende a lingua; ouve mais, em quanto dorme; sonha; é cruel para os seus rivaes; a cadella gosta muito de cães e morde n'elles; *cohæret copula junctus, quando se ajuntam quebram os copos*; anda gravida 63 dias; dá á luz ordinariamente 4 a 8 filhos; os machos parecidos ao pae, e as femeas á mãe. E' o mais fiel de todos os animaes; late á chegada do dono; é docil, procura as coisas perdidas, vigia de noite, dá signal de quem chega, guarda as mercadorias, defende o gado das feras, detem os leões, traz a caça ao caçador; mendiga á mesa, come invejoso, é inimigo dos pobres mendigos, uiva ao som da musica, morde a pedra que se lhe atira, padece da *tænia*, propaga a *hydrophobia*; é expulso por os mahometanos, e victima dos anatomicos, etc.»

Crespon diz:

«Os cães, são, sem contradicção, os mais doceis, e mais intelligentes, de todos os carniceiros; independentemente das provas de fidelidade e de affeição que o cão domestico nos dá, é a conquista a mais completa e singular, e a mais util, que o homem ha feito; toda a raça se torna propriedade nossa; cada individuo é todo dedicado a seu dono, toma os seus costumes, conhece e defende a sua propriedade, e vive com elle até á morte, etc.»

Não achamos exaggerado o que estes naturalistas disseram do cão; todavia, vê-se claramente, que elles até ao tempo em que escreveram, não tinham sido mordidos por cão damnado.

Continuaremos.»

Condemnação á morte do marechal Bazaine.—Por noticia telegraphica consta o seguinte:

«Trianon, 10.—Bazaine declarado culpado da capitulação de Metz e do exercito, sem ter feito tudo quanto lhe preserviam o dever e a honra, foi por unanimidade condemnado á degradação militar e á morte. Em seguida ao julgamento todos os membros do conselho de guerra assignaram petição pedindo graça para o condemnado. O duque de Aumale partiu immediatamente para apresentar a petição a Mac-Mahon. Bazaine ouviu a leitura da sentença com a maior agitação.»

Noticias estrangeiras.—As ultimas noticias são as seguintes:

La Palma, 8.—Confirma-se o fallecimento e enterro do presidente que foi da junta de Cartagena, Delbalso. Não é verdade ter fugido da praça o ex-presidente Gutierrez, pois viram-n'o pessoas que acabam de sahir da praça. Hontem foram aqui conduzidos muitos presos.

Os insurgentes levaram canhões Armstrong para o castello de Galeras, que agora dirige os seus fogos para o acampamento. Tambem estabeleceram uma bateria no Monte Calvario, perto do castello de S. Julião, pois parece que receiam um ataque sobre o dito castello. Diz-se que o general em chefe partirá hoje para Madrid, mas parece mais provavel que espere a chegada do general que deve substituil-o.

Londres 10, ás 5 h. e 55 m. da tarde—Mills, candidato conservador, foi eleito deputado por Exeter por grande maioria.

Madrid, 11, ás 2 h. da manhã—Appareceram algumas guerrilhas pequenas na provincia de Toledo. Julga-se que são restos da facção Infante.

Noticias de S. Sebastião annunciam que o padre Santa Cruz reappareceu em Austeara onde fez prisioneiro o cabecilha carlista Iturbe, dirigindo-se depois para Aza. Ouvia-se viva fuzilaria para esse lado. Julga-se que se teria empenhado lucta entre Santa Cruz e Lizarraga. Os partidarios de Lizarraga fugiram das aldeias de Zaraus, Astesara, Ono e outras.

Moriones telegraphou que as communicações estão restabelecidas com Victoria, depois de quatro horas de combate contra os carlistas, que queriam impedir a passagem das tropas. O general Lopez Dominguez acceitou o commando do exercito que sitia Cartagena; partirá provavelmente ámanhã para tomar posse. Castellar recebeu hoje em audiencia solemne o enviado de Venezuela. O ministro dos estrangeiros assistiu á recepção.

Madrid, 11, ás 3 horas e 55 minutos da tarde.— A *Gazeta* publica o decreto nomeando o general Lopez Dominguez, chefe do exercito de operações em frente de Cartagena. O enviado de Venezuela na recepção official de hontem, declarou trazer instrucções para terminar dessidencias entre a Hespanha e Venezuela. Os sitiantes de Cartagena continuaram hontem o bombardeamento do forte Atalaya. Praça e fortes respondem frouxamente. Foram derrotados os carlistas que quizeram impedir a passagem de tropas de Moriones na direcção de Tolosa, confirmando o restabelecimento de communicações com esta cidade.

Madrid, 11.— O general em chefe do exercito do norte participa que as facções Navarras e Guipuscoanas trataram hontem de oppôr-se á passagem das tropas para Tolosa, que estava sitiada. Depois de quatro horas de combate, foram desalojadas as ditas facções de todas as suas posições, a maior parte entrincheiradas, ficando um reducto em poder da tropa. As communicações com Tolosa ficaram restabelecidas e sem receio algum de que tornem a ser interrompidas. Continuou hontem pelas tropas sitiadoras de Cartagena o fogo sobre o castello da Atalaya.

Madrid, 12, ás 12 h. e 15 min. da manhã. — Assegura-se que o *Virginus* será entregue no dia 16 a um navio americano no porto da Bahia Honda, d'onde sahirá para Santiago de Cuba, recolhendo ahi os prisioneiros. Affirma-se que foram adiadas as eleições para deputados ás côrtes. O jornal *Justicia Popular* foi autoado pelos tribunaes por ter publicado o manifesto da junta insurgente de Carthagena.

Chegada. — Chegou hontem a esta cidade, vindo de Bragança de passagem para Lisboa, o nosso amigo o sr. bacharel Emygdio Navarro. Chegaram egualmente sua esposa e filhos, que ficam nesta cidade, em casa de sua familia.

Precisam-se providencias. — Hoje de manhã ia havendo uma grande desgraça n'uma loja da rua da Sophia. Incendiou-se uma porção de carqueja que alli havia, e se os visinhos não acodem tão depressa, seguir-se-hia a terrivel explosão de um barril de petroleo, que estava proximo.

Os depositos de petroleo, que ha em muitas partes da cidade, devem merecer a attenção das auctoridades, para não termos de presencear alguma lamentavel desgraça.

Approvação —O conselho de districto, em sua sessão de hontem, approvou as eleições municipaes dos concelhos de Coimbra e Condeixa, rejeitando por isso os protestos que contra ellas haviam sido apresentados.

ANNUNCIOS

BAZAR

1 NO DOMINGO, 14 do corrente, terá logar no Jardim Botanico, o bazar a favor da Sociedade Philantropico-Academica.

CHEGOU
Queijo Flamengo
CASCA ENCARNADA

2 ARMAZEM de viveres de Manoel da Silva Gonzaga.

51 Sophia 55

CASA D'ASULEJO

ABRIU-SE

3 JOSE' ROCHA acaba de expôr á venda vinho do mais superior da Bairrada, que vende por quartão a 300 rs.

74 Sophia 74

DOCTOR IN ABSENTIA

4 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, podem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

5 NESTA REDACÇÃO se diz quem tem para vender grande porção de esguião de linho, sem mistura de algodão e da melhor qualidade. Por grosso faz-se grande abatimento.

OCULISTA

6 MR. BOLSSON acaba de abrir o seu estabelecimento na rua da Calçada, n.os 86 a 90, no qual se encontra um grande e variado sortimento de oculos e lunetas de ouro, prata, tartaruga, bufalo e aço; assim como barometros, thermometros, microscopios, conta-fios, lentes de grande força, e binoculos para campo e marinha.

Acertam-se vidros e vendem-se avulso pelos preços mais limitados.

7 NO DIA 23 do corrente, por 10 horas da manhã, no tribunal judicial no edificio de Santa Cruz, e perante o exm.º sr. Dr. juiz de direito desta cidade, se hade arrematar uma propriedade de terra de semeadura, no sitio do Juncal, limite de Larçã, que parte pelo nascente com herdeiros de José da Silva, do dito logar; do poente e sul com estradas publicas; pelo poente com José Rodrigues de Faria, da villa de Botão; na execução que Victorina da Conceição, viuva, desta cidade, move a Antonio Simões Novo, do logar de Botão; de que é escrivão Severo Sabino dos Santos.

JORNADAS

Por Thomaz Ribeiro

DO TEJO AO MANDOVY

Um lindo volume de mais de 400 paginas: preço 600 rs.

A' venda na livraria Central de J. D. Pires, editor.

Remette-se pelo correio a quem enviar 650 reis em estampilhas.

Á PORTAGEM

O inimigo do monopolio

EM COIMBRA

9 CONTINUA a vender petroleo refinado, por atacado, cingindo-se sempre ao menor preço de Lisboa: dá prazo e recebe barris vazios a 800 rs. cada um.—O encarregado da venda

JOSE' TAVARES DA COSTA

Rua da Calçada, proximo á Portagem.

EDITAL

O Dr. Francisco Antonio Diniz, commendador da Ordem de Christo, commissario dos estudos do districto de Coimbra, presidente do jury para os exames dos candidatos ás cadeiras de ensino primario, nesta circumscripção na 2.ª epocha do corrente anno de 1873, etc.

Faço saber que, tendo expirado o prazo que o respectivo jury concedeu aos candidatos ás cadeiras de ensino primario, que não habilitou para exame, a fim de legalisarem os documentos com que haviam instruido os seus requerimentos, se reuniu hoje o mesmo jury para verificar se elles tinham, ou não, remediado as faltas commettidas; e achou que todos satisfizeram ás prescripções legaes, estando por isso no caso de serem admittidos a exame.

Resolveu o jury que as provas escriptas de todos os candidatos tenham logar na proxima segunda feira, 15 do corrente mez, pelas 9 horas da manhã; seguindo-se, nos dias 16, 17, 19 e 20, as provas oraes d'aquelles, que forem approvados nas provas escriptas.

Depois da votação sobre estas provas, a qual será publicada no lyceu, se designarão os dias e horas do exame para cada um dos candidatos nellas approvadas.

Coimbra, 13 de Dezembro de 1873.

Francisco Antonio Diniz.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navios a sahir

Para o **Rio de Janeiro:**

Barca VICTORIA em 18 de Dezembro.
Galera EUROPA, em 3 de Janeiro de 1874.

Para **Pernambuco:**

Barca VENCEDORA, em 18 de Dezembro.

Recebem passageiros e carga. Trata-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

Lecionista de Pharmacia

12 JOAQUIM ANTONIO J. PEREIRA, pharmaceutico de 1.ª classe pela Universidade, lecciona aspirantes de pharmacia. Travessa da rua dos Militares, n.º 26.

DANTAS GUIMARÃES

24—Rua do Visconde da Luz—30

Grande reducção de preços

13 EFFECTUOU uma compra de colares para homem a 60 rs.—boas chitas largas a 150 rs.—excellente esguião a 120—muito bom patente a 100 rs. o metro— chales' mantas para homem a 4$500 rs.—capas para senhora a 4$500 —mantas de lã para senhora a 200 rs. etc., ect.

41 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. ara as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière,** aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE

DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, enchequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alento, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza do sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os muscuos e consolidando as carnes.

Economias 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY U BARRY E C.ª

A Place e Vendom 26, Paris: Regent-Street, Londres; Cae de Valverde, 1, Madrid. —Preços fixos da venda por miudo em toda Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 6$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 1$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas; 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rabir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes. — ELVAS, Sant'Anna. — COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho. —FIGUEIRA, Vieira.— AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca. — SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2754 — TERÇA FEIRA 16 DE DEZEMBRO DE 1873 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

E' consideravel a mudança que se tem operado em a nossa organisação economica, e no progresso das industrias nacionaes.

Estes beneficios, que são devidos sem duvida á esclarecida direcção que tem levado os negocios publicos, á paz e á tranquillidade que temos felizmente gozado, durante este periodo calamitoso para outras nações visinhas; vão-se fazendo beneficamente sentir em toda a ordem de interesses publicos e particulares.

Repetidas vezes temos mostrado a necessidade e o dever que corre aos governos de proteger e auxiliar o commercio e as industrias, pelos muitos meios que a seu talante podem dispor; porque sempre estivemos convencidos, que do desenvolvimento dellas, depende todo o progresso nas condições materiaes do paiz, tanto pelo que respeita aos interesses da communidade, como dos individuos.

Todos reconhecem que o solo e o clima de Portugal, por differentes circumstancias e pelas condições especiaes de que a natureza o dotou, e extremamente apropriado á agricultura; e aventuramo-nos a calcular, que este paiz, em epochas mais, ou menos remotas, hade vir a adquirir, pelos progressos da agricultura, grande importancia e renome, entre as mais nações.

O desenvolvimento que tem tido a viação accelerada e a ordinaria, não pode deixar de concorrer para esse estado de prosperidade, que antevemos; porque é este um poderoso meio de animar e proteger a agricultura, e de abrir novos e mais brilhantes horisontes.

Sem boas estradas não ha, nem póde haver movimento commercial, sempre indispensavel á vida e á prosperidade da agricultura.

E' digno de elogios o actual governo, porque tem posto todo o seu cuidado em diffundir pelo paiz este grande elemento de progresso.

Não ha muito ainda, que um ministro da corôa, a proposito de economias, e em nome das reformas, fazia eliminar do orçamento do estado, a verba destinada para as vias de communicação! Não percebia elle, que a economia está sómente em saber gastar.

Outros principios, outra escola, outra sciencia, professam os homens da actual situação.

Alem de applicarem sommas bastante consideraveis á construcção de estradas de viação ordinaria, e de promover notavelmente o desenvolvimento da accelerada, pensam, como se diz, em recorrer ao credito, se as receitas ordinarias não forem sufficientes, para concluir no mais breve espaço de tempo possivel, a rede de estradas de primeira ordem.

E' este o verdadeiro principio, que a sciencia economica recommenda e aconselha.

Outro meio poderoso, que a moderna civilisação adoptou, para promover a industria e o commercio, são as exposições, meio que o governo não tem descurado, antes promoveu e promove, no interesse geral da nação.

E a estes auxilios, que apenas começaram a receber impulso, se devem já notaveis beneficios, que mais tarde hão de resolver-se, em fontes de riqueza publica.

Não cessaremos de advogar os interesses do commercio e da agricultura, pela razão que demos; desejando que o governo promova por todos os modos o seu progresso, propondo ao parlamento algumas medidas, tendentes a cortar os embaraços, que ainda existem, ao livre commercio: com as alfandegas, com a reforma das pautas, prende tambem esta palpitante questão.

Proteja, pois, o governo desta forma a agricultura e o commercio, fontes principaes da nossa riqueza, que o paiz bemdirá a sua iniciativa.

O nosso antigo e respeitavel amigo e patricio, o sr. conselheiro Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, vem hoje associar-se ás palavras de sentimento, que publicamos em o numero passado, pelo fallecimento do sr. Diogo Barata de Lima e Tovar.

Muito estimamos que as nossas apreciações mereçam a approvação de um cavalheiro tão auctorisado, como é o sr. conselheiro Adrião Forjaz.

Sr. Joaquim Martins de Carvalho.

Consinta-me v. que eu lhe signifique, por esta forma, a viva satisfação que me causou

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXXI

D. CARLOS

LXXI

Victoria, essa perola alaveza, á qual tanto deve a causa liberal, permanecia fazendo frente aos carlistas, que a tinham em continuo bloqueio, até ao ponto de não poderem sair os seus habitantes a passear fora da cidade.

No dia seguinte ao dos assassinatos em Miranda do Ebro, apresentou-se em Victoria um arrieiro, horrorisado do que acabava de presencear na anterior povoação, e participando-o a um conselheiro municipal, se tomaram algumas precauções, com quanto não fossem todas as necessarias, porque nunca se podia crer que na pacifica e liberal Victoria, se commettessem os excessos de que veiu a ser theatro. De modo que não poude deixar de assombrar a todos, quando pela noute se viu a alguns soldados, acompanhados de indignos alavezes, declarar-se em rebellião premeditada, espalhando com satanica gritaria e com tiros a consternação em toda a cidade.

Achava-se governador militar della, D. Liborio Gonzalez, e ainda que não procedeu com a opportuna actividade devida, quiz, não obstante, precaver o designio dos insurreccionados e dos maus patriotas, que obedeciam melhor ás inquisitoriaes ordens do chefe de um club, que aos eccos do dever e da consciencia, que resoam no coração de todo o homem honrado; porem ás providencias do governador, responderam alguns chefes militares, que não podiam responder pelas suas tropas, e se limitou então a estabelecer patrulhas.

Não impediu isso, que perto da meia noute grupos de soldados, principalmente dos batalhões de Zurbano e de Almansa, percorressem a povoação gritando —*morram os traidores, e viva Zurbano, Alaix, Isabel II e a Constituição*.

Conhecendo Gonzalez o perigo em que estava a sua vida, procurou salval-a, refugiando-se em casa de Zurbano; mas nem essa era sagrada para os sicarios. A ella foram em busca do governador; e julgando que o era um de seus ajudantes, cumplice, por certo, na insurreição, o qual ia levar ordens, o assassinaram, sem que isto evitasse em seguida a morte do governador, a quem acharam quando o procuravam, de conhecer os assassinos o erro em que haviam caido, e que custara a vida a um dos seus.

Não eram, porêm, só estes os que haviam de ser immolados em holocausto do seu furor. Estava meditado o plano e escolhidas as victimas. Havia sido formada uma lista, e ainda hoje se recordam com horror os habitantes de Victoria daquella terrivel noute em que, á macilenta luz da lua, que dava aos assassinos essa cor sinistra que faz mais horrivel o seu aspecto, os viam lendo no sujo e ensanguentado papel, os nomes dos que estavam sentenciados a morrer como traidores, quando não tinham outro delicto, que serem liberaes e honrados, havendo alguns que toda a sua vida fora um continuo martyrio pela liberdade!

O chefe de estado maior, Lopez, com esse nobre afan que todo o homem tem para guardar a vida do punhal do assassino, disfarçou-se de soldado e se introduziu na guarda principal, sem se recordar, que o mesmo facto não preservara no anno antecedente ao desgraçado Donadio em Malaga, como egualmente não preservou a elle, que sendo conhecido, foi assassinado entre os seus novos companheiros, seus subordinados sempre, que consentiram cobardes em tão nefando crime!

O deputado Cano, constante liberal, ancião honradissimo, foi outro dos escolhidos, sendo a sua morte horrivel. Quando iam em sua busca, procurou elle fugir pelas trapeiras das casas: seguiram-no, e ao distinguil-o á claridade da lua, o alcançaram, feriram-no, e vivo ainda o arrojaram do telhado á rua! Outros para lhe roubarem um annel, cortaram-lhe um dedo!

Ao digno presidente da deputação, Arandia, o chamaram para a junta, e fora de sua casa o fuzilaram. O mesmo fizeram com Aldama, illustrado redactor do *Boletim official*. O fiscal Hernandez e outros dois mais foram egualmente immolados por aquelles assassinos. E teria proseguido a sua vandalica obra, se os mesmos que promoveram aquella *razzia*, não temessem ver saqueadas as suas casas, como o foram as das victimas.

Em quanto se executavam os horriveis assassinatos que acabamos de referir, foram abandonadas as portas da praça e se aproximaram os carlistas a accomettel-a. E chamavam-se liberaes os assassinos! E assassinavam em nome da liberdade!

No dia seguinte, para premiar sem duvida aquelles monstros, foram impostos á cidade 40:000 duros, que se receberam na mesma occasião de serem impostos. O temor de perder a vida proporcionou dinheiro ao que o não tinha, e quasi todos o entregaram molhado com lagrimas.

Temeu-se na noute proxima a repetição daquella deshumana bachanal, e se concordou na saida das tropas de Zurbano e do batalhão de Almansa, a pretexto de soccorrer a Peñacerrada.

Havia-se formado uma junta de salvação, que se instalou na casa da camara; mas não se cuidou de vingar as victimas, e de volver á justiça a sua dignidade offendida. Só um soldado pagou proprias e alheias culpas, por faltar aos seus chefes. Convocada a municipalidade, cujos membros foram alheios aquelles escandalos, procurou devolver a tranquillidade aos animos, e saiu responsavel dos 40:000 duros, que passados quatro mezes foram satisfeitos com 6 por cento de interesse. Louvor a tão nobre comportamento.

Carondelet, sem castigar o assassinato de Escalera, nem os de Victoria, marchou a Peñacerrada.

Vingança pedia o innocente sangue derramado e ninguem o vingou. Era uma perda, uma nodoa para a causa liberal, que lhe occasionaram os seus inimigos; porque não eram liberaes, não mereciam tal nome, os que assassinavam aos defensores da liberdade, os que abriam as portas aos carlistas, a quem serviam, de quem eram instrumentos.

(*Continuar-se-ha.*)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

a leitura do seu necrologio do meu condiscipulo, antigo e constante amigo, e sempre saudoso visinho, Diogo Barata de Lima.

V., na sua muito louvavel imparcialidade, fez-lhe a mais plena justiça. Hontem no sahimento funebre, junto á eça aonde repousava o cadaver, e á borda da sepultura aonde descia, viam-se cavalheiros de todas as hierarchias e de todas as politicas, com a magoa profunda estampada nos rostos, e em muitos com os olhos arrasados de lagrimas. O illustre finado, herdeiro das virtudes de seus paes e thios, prezava-se d'imital-os, recolhendo no intimo do seio tudo quanto poderia offender, ainda de leve, quaesquer susceptibilidades d'extranho pensar, para attrahir a si e obsequiar a todos.

Ninguem diria, ao vel-o e tratal-o, que na mudança de regimen, havia descido da mais brilhante carreira, na continuação da qual tinha a certeza de receber as maiores honras; —nem uma palavra, nem sequer uma allusão! E ao mesmo tempo, quando a lei o chamava ao cumprimento dos deveres de cidadão e proprietario; todos o sabem, sempre prompto, era exemplar na obediencia ás leis e decretos d'um governo, ao qual tradicções e o proprio sentir naturalmente o teriam adverso.

A sua casa era aos domingos, um ponto de reunião da mais escolhida sociedade. Quando todos se entretinham, facilmente se observava que o bondoso dono tinha com isso alcançado todo o seu desejo. Nem elle tomava ahi outra parte senão a de promover as distracções e commodos dos seus hospedes, a que ficava extranho, salvo o caso de ser para aquelle fim indispensavel a sua propria participação.

O tributo que hontem lhe foi prestado, era divida rigorosa.

Qual fôra na familia aquelle que sempre havia sido bom filho, bom irmão, bom sobrinho, bom parente e bom amigo, quem ha que o ignore? São inconsolaveis a esposa, os filhos, as irmãs, e toda a sua familia; que por multiplicadas razões, e em multiplices respeitos, experimentam já, e em maior grau talvez, sentirão ao diante, na sua falta, um vazio immenso, insusceptivel de preencher-se.

Vaidade das cousas humanas! Quem nos diria, ha apenas quinze dias, na sua ultima reunião, que o exemplar cavalheiro, apenas um pouco constipado, estaria hoje riscado, para sempre, do numero dos viventes?...

Ainda bem que o fim coroou a obra!

Morreu, qual havia sido, bom christão; compareceu a sua alma no tremendo juizo lavada com o sangue do Redemptor, cheia de fé, esperança e caridade: não foi mister acordal-o do lethargo, foi inteiramente escusado recorrer a qualquer astucia piedosa (como infelizmente algumas vezes se faz preciso), para que recebesse os sacramentes. Pedin-os elle proprio; e com pleno conhecimento de causa, e com a celeste doçura, sobrenatural, de ter feito uma boa confissão, descançou no Senhor...

A nossa pobre natureza não é assaz forte para que possa uma tamanha consolação estancar as lagrimas da saudade. Tambem Christo chorou junto á sepultura de Lazaro.

Mas, para o christão, o unico lenitivo é este; e a familia do nosso amigo, graças á Providencia, póde saboreal-o inteiramente. O tempo arrastará na sua marcha a intensidade do soffrimento destes primeiros dias horrorosos; virão outros placidos, alegres até; é felizmente a ordem do mundo.

Mas em todos, e nestes mesmos, a imagem cara será presente; porque a saudade não póde morrer no coração d'uma boa esposa, de bons filhos, irmãos, parentes, e tambem dos amigos.

Ainda uma palavra...caso singular, e para nós inteiramente inesperado! O corpo de Diogo Barata foi descançar até ao dia final, n'um pequeno cemiterio, contiguo á egreja de Santo Antonio dos Olivaes, quasi ao pé do jazigo de José Maria Pereira Forjaz de Sampaio e de seu neto do mesmo nome, e não longe do de Antonio Maria Osorio Cabral!

Ninguem ha ahi, que tendo-os conhecido na vida, possa com sinceridade taxar-nos de exaggerados, asseverando que difficilmente se poderão associar tres nomes mais honrados e respeitaveis.

V., sempre solicito em servir e obsequiar os seus amigos, e patricios — na vida e na morte—faça-me agora mais uma fineza, addindo ao seu necrologio estas linhas, pura e sincera expansão de respeito, estima e saudade.

A. Forjaz.

CORRESPONDENCIA DE LISBOA

Lisboa, 14 de Dezembro de 1873.

Publicou hontem a folha official o regulamento para a cobrança e fiscalisação do imposto do real d'agua. O imposto é applicavel a todo o continente, exceptuando Lisboa. Os generos sujeitos ao imposto são:

Carnes, 10 reis por kilo; arroz descascado, 10 reis por kilo; vinho e vinagre, 7 reis por litro; bebidas alcoolicas, 50 reis por litro; bebidas fermentadas, 10 reis por litro; azeite de oliveira, 10 reis por litro. Na cidade do Porto e em Villa Nova de Gaya, o vinho paga 10 reis e o vinagre não paga nada.

O regulamento foi limitado ás instrucções indispensaveis, a fim de assegurar a boa fiscalisação do imposto, sem que os contribuintes soffressem vexame.

—Diz hoje um jornal, mettendo a foice em seara alheia, que o governo tem promptos muitos projectos financeiros, mas que os apresentará na sessão legislativa de 1875. Vejam o alcance do absurdo. O governo a trabalhar ha sete mezes para apresentar o resultado dos seus trabalhos na reunião do parlamento em 1875! São de um alcance politico estes homens, que espanta!

—A empreza de S. Carlos recomeçou os seus espectaculos. Não acho coherente a resolução do governo, revogando no dia seguinte a portaria promulgada na vespera. Se a companhia podia funccionar dando a *Favorita* e a *Sapho*, para que se fez tanto alarde, suspendendo o governo os espectaculos, a fim de se organisar a companhia com melhores cantores? São mysterios que nem os *dilletanti* comprehendem. O que é certo é que os jornaes applaudem, e saboream com agrado, o que hontem os nauseava. Mysterios, ainda!

—Foi hontem o beneficio do Taborda. Casa cheia. Versos, palmas, enthusiasmo, delirio; não faltou cousa alguma. E deve dizer-se que de tudo é digno e merecedor o sympathico artista. Hoje repete-se com pequena variante o mesmo espectaculo, e é de crer que a enchente seja completa.

—Nas regiões operarias falla-se de que brevemente seria submettido á approvação do governo um projecto de estatutos para a organisação de uma associação geral de resistencia de operarios em todo o paiz. A associação denomina-se *Associação dos trabalhadores na região portugueza*. Diz-se que o seu systema de organisação é egual ao das associações que no estrangeiro se constituiram sob a influencia da Internacional, cujas ideas adopta, e cujas doutrinas segue, pretendendo-se por esta forma dar existencia legal á *Fraternidade operaria*.

Isto é irrisorio, e de uma innocencia de maldade atrozes. Pois quer pedir-se ao governo que approve um plano geral e vasto de guerra do capital, por meio das *grèves*, organisadas systematicamente em todo o paiz? Aonde fica o senso destes homens, operarios distinctos, *trabalhadores indefessos* ao bem estar dos seus irmãos? Pois nem ao menos sabem sustentar a mascara, que afivelaram uma vez, e deixam-a cair em occasiões solemnes como esta, ficando a descoberto, esqualidas e nojentos nas suas doutrinas? Até aonde vae a illusão destes *amigos dos operarios*, que julgam haver um governo sinceramente liberal, que tem consentido todos os devaneios da *Fraternidade*, para pedirem ao governo que lhes approve os estatutos de uma associação, que tem por fim pôr em guarda o trabalho contra o capital?

Pois isto é possivel? Pois ha sinceridade nisto? Pois póde haver adeptos que perfilhem estas doutrinas? Pois pode haver homens de tão obsecado entendimento, e tão curtas ideias, que se tornem cumplices destes anachronismos, destes contrasensos, destes absurdos, que—já não digo que arrojam—causam lastima? Pois os factos não estão bem patentes, as doutrinas da Internacional não são assás conhecidas?

E depois, no seu proprio seio, conspiram uns contra os outros. O supremo mando transtorna o accordo systematico que deveria existir entre aquelles apostolos, dignos de advogar melhores ideias. Não ha muito ainda que se descobriu numa secção da Internacional em Lyon, uma revolta socialista. Os chefes foram presos, e um delles pertencera á communa de Paris. Avalie-se por aqui a discordancia de opiniões, os systemas oppostos, que os chamados *amigos dos operarios* defendem.

Acerca do livro do sr. Magalhães Ferraz, os *Pharmaceuticos illustres de Hespanha*, escrevem os srs. D. Van de Valle e A. T. de Meyer, no folheto intitulado *La pharmacie en Espagne*:

«Não nos seria possivel consignar aqui todos os nomes dignos de menção, que neste momento nos occorrem, nem dar noticia dos trabalhos que nestes ultimos tempos têem visto a luz publica. Todavia, não podemos deixar de mencionar os nomes dos sr. Quintin Chiarlone e Carlos Malania, auctores da *historia de pharmacia*. Este livro notavel, teve, na epocha da sua apparição, um successo immenso.

«Quasi todos os paizes da Europa, têem dedicado algumas paginas á memoria dos homens que têem concorrido para a illustração da nossa classe. Ainda ultimamente appareceu um livro do sr. J. Libertador Magalhães Ferraz, intitulado:—*Os pharmaceuticos illustres de Hespanha*.

«Por certo que esta obra ha de adquirir um exito brilhante, porque é um trabalho de grande merito. Descreve a historia de um ramo importante da medicina, e, por esta razão, consideramol-a um monumento erguido á sciencia. Tambem nos congratulamos sinceramente com o nosso collega pelo testemunho de consideração que o governo do rei Amadeu lhe conferiu, dispensando-lhe as insignias de cavalleiro da ordem de Isabel a catholica.»

Com o titulo «*Elogio merecido*» escreve a *Farmacia Española*, de 27 do passado:

«Tres jornaes portuguezes, o *Conimbricense*, a *Correspondencia de Coimbra*, e o *Tribuno Popular*, têem-se occupado da obra que, com o titulo de «*Pharmaceuticos illustres de Hespanha na epocha presente*», está publicando com merecida acceitação o nosso illustrado collega portuguez o sr. José Libertador Magalhães Ferraz. O sr. Magalhães Ferraz é enthusiasta pela pharmacia hespanhola, e pede continuamente ao governo portuguez que colloque a classe pharmaceutica da visinha nação no mesmo pé em que se encontra em Hespanha. Nós agradecemos os elogios que tributa aos nossos collegas, e desejamos sinceramente que consiga para a classe pharmaceutica do seu paiz o que deseja.»

O *Restaurador Pharmaceutico* tambem lhe dispensa elogios merecidos.

—No trimestre que findou em 30 de Setembro, foram construidos por conta do estado 39:388,7 metros de estradas, ficando em construcção 307:269,4 metros. E dizem que não ha vida, nem movimento nas obras publicas.

—Alguns moços portuguezes no Pará offereceram uma penna de oiro com brilhantes ao distincto escriptor o sr. Pinheiro Chagas. E' bem merecida.

—Corre um tempo lindissimo.

Até á seguinte.

P. J. Conceição.

NOTICIARIO

As loterias.— Com o titulo de— *Alguns fructos da leitura e da experiencia, offerecidos á mocidade portugueza*, publicou o sr. conselheiro José Silvestre Ribeiro, nos annos de 1857 e 1858, dois volumes, que pela sã e utilissima doutrina que contem, são dignos de andar nas mãos de todos.

O funesto jogo das loterias, é alli descripto pelo illustre escriptor, do modo verdadeiro e persuasivo que se vae ver.

«Eu li nos escriptos de um publicista celebre, e grande orador na tribuna franceza, as seguintes palavras:

—«Se existisse, senhores, nas praças publicas, ou nas profundezas de um antro escuro, um jogo que infallivelmente houvesse de arrastar os jogadores a ruina: se o director daquella illicita e traiçoeira empreza nos confessasse que o seu jogo vae de encontro ás leis da probidade mais trivial, e que, para assegurar o bom exito da sua desleal especulação, arma laços á classe mais facil de ser embaida; se vos dissesse que aperta com um circulo de seducções o pobre, impelle o innocente ao crime, recorre á impostura e á mentira, para deslumbrar a preza; se vos dissesse que as suas mentiras e imposturas são apregoadas á luz do dia por todas essas ruas; se vos dissesse que as suas promessas absurdas e illusorias retinem á orelha dos credulos e dos ignorantes; se vos dissesse que traçou um plano de clandestinidade e de trevas, a fim de que as victimas se precipitassem no golphão, sem que, nem a razão podesse illustral-as, nem o receio da censura detel-as, nem os gritos dos parentos preserval-as da tentação;— se esse tal director acrescentasse que, para acudirem aos seus perfidos convites, incessantemente renovados, o criado rouba o amo, o marido despoja a mulher, o pae os filhos; em quanto que elle, tranquillamente recostado na privilegiada caverna, instigador, encubridor e cumplice ao mesmo tempo, estende a mão para recolher o fructo do roubo, e os miseraveis ceitis que arranca á subsistencia das familias;—se, finalmente, reconhecesseis que todos os annos as desordens por elle provocadas arrastam victimas, da miseria ao crime, do crime ás galés, ao suicidio, ou ao cadafalso... ¿que, sentimentos experimentarieis vós?— Senhores, eis-aqui o que é a *Loteria*, com todas as suas combinações, artificios, calculos e resultados. Tudo quanto vos dizem em seu abono, não altera em cousa alguma o fundo e a essencia das cousas. A *Loteria* existe para operar a expoliação e o roubo, alimenta-se com embustes, e vai terminar nos estragos, no suicidio, ou nos supplicios.»—

Esta eloquente pagina de Benjamin Constant fez-me, é verdade, a mais profunda impressão, logo na primeira vez que a encontrei na collecção dos seus *Discursos*; mas confesso que, depois de alguma reflexão, concebi algum receio de que houvesse nesta sevéra apreciação critica, um tanto de exaggeração. Talvez, dizia eu comigo, talvez que o famoso orador opposicionista, arrebatado pelo fogo da improvisação na tribuna, ou por alguma demasia de contrariedade aos ministros daquella epocha, se deixasse arrastar pela imaginação, e criasse um ente phantastico, tornando mais negro, carregado e sombrio o quadro, que aliás desenhara com admiravel habilidade...

Hoje, porem, e depois de tantos annos de observação, veiu a experiencia trazer-me a firme convicção de que as palavras de Benjamin Constant encerram uma verdade, tão solida e segura, quanto triste e deploravel.

Podéra eu referir centenares de casos para comprovar a justeza das observações de Benjamin Constant em diversos pontos: limitar-me-hei, porem, a referir o que ha pouco tempo me contava um velho, sizudo e grave:

—«Tive um criado, que por largo espaço se conservou na minha casa, ganhando sempre uma boa soldada, que em verdade merecia, por muito honrado e pontual. Era elle muito ordenado nas suas cousas, e summamente economico, de sorte que ao cabo de alguns annos tinha já um peculio de algum vulto, maiormente para um criado de servir. O peculio era as delicias do seu possuidor, e objecto das suas gostosas e amiudadas visitas nas horas caladas da noute, quando terminava o bulicio da minha casa. Não se creia que fosse o meu criado litteralmente um avarento, não...mas aquelle thesouro estava destinado na sua mente, para proporcionar-lhe os meios de passar em folgado ocio o ultimo quartel da vida, na aldeia em que nascera.

«Infelizmente, porem, o demonio da ambição empolgou a alma do meu servo, inflamou-lhe a imaginação, e o triste só cuidava de phantasiar expedientes, que lhe augmentassem os cabedaes, e o habilitassem a comprar uma quinta, de que muitas vezes me fallara com enthusiasmo.

«A *Loteria* era o expediente mais comesinho, e foi justamente aquelle jogo tentador o alvitre de que o mal avisado lançou mão, por lhe parecer o mais efficaz, o mais seguro, o mais certo. Desde que se fixou nesta ideia, desde que abraçou sofrego este plano, começou a comprar um sem numero de *cautellas* em todas as séries de loteria, e muitas vezes até *bilhetes*, que jámais queria *abrir*, como na phrase technica se diz.— A sorte, que é cega, e que, pouco delicada, e descortez, zomba dos nossos projectos, não foi nunca favoravel ao meu criado; mas nem a crueldade da *Fortuna*, nem os desenganos tristissimos que ella dava, tinham força para curar a monomania do infeliz, antes pelo contrario exacerbavam mais e mais a sua paixão. Era raro o ouvil-o discorrer sobre outro assumpto, que não fosse o de *cautellas*, *bilhetes*, *roda*: era raro deter-se a conversar com pessoa que não pertencesse á numerosa familia dos *cautelleiros*, todos já muito seus conhecidos e freguezes.

«Foi correndo o tempo, e o peculio foi diminuindo consideravelmente, até que de todo se evaporou...

«Facil me foi conjecturar que ao meu criado succedera algum desastre, pois que principiei a notar que o seu temperamento soffrera alguma mudança. De jovial que era, tornou-se de repente melancolico; de mui affavel e respeitoso, tornou-se rude e aspero no trato. E como eu soubesse da sua desatinada paixão, resolvi prestes o problema da sua metamorphose. Chamei-o um dia á minha camara, e perguntei-lhe com um tom sevéro, qual era a causa da differença que nelle descobria.—Não poude reprimir as lagrimas, e disse-me soluçando:—Senhor! Sou um desgraçado! Desbaratei na Loteria o fructo das minhas economias, do suor do meu rosto, e o resultado de tantos annos de trabalho na sua casa e na de outros amos. Contava com aquelle dinheirinho para descançar em paz nos meus ultimos annos, e agora estou tão pobre, como no primeiro dia em que comecei a servir. Quiz ser rico em pouco tempo; tentou-me o peccado, e consumi em breves annos o que me custara a ganhar em trinta!

«Disse-lhe algumas palavras de consolação, dei-lhe algum dinheiro, e recommendei-lhe que nunca mais tornasse a *jogar na loteria*, mas sim fosse poupado, que talvez podesse ainda juntar algum peculio.

«Mas, desgraçadamente, a ferida era muito funda. Aquella alma fraca deixou-se abater pela adversidade; e desde o dia da nossa entrevista viu-o definhar a passos precipitados, até que finalmente a dor o foi consumindo, e a morte veiu empolgar aquella victima das diabolicas seducções da Loteria.

Fr. Luiz de Sousa—O mais mimoso escriptor portuguez é sem contestação Fr. Luiz de Sousa; e uma das mais primorosas das suas obras é a *Historia de S. Domingos, particular do reino e conquistas de Portugal*.

No primeiro volume, impresso no convento de S. Domingos de Bemfica, por Giraldo de Vinha em 1623, e que temos presente, descreve Fr. Luiz de Sousa a egreja da Batalha de uma maneira que encanta.

Para aquelles de nossos leitores, que nunca vissem a *Historia de S. Domingos*, transcreveremos alguns periodos do capitulo XVI, em que o insigne escriptor descreve a referida egreja pela parte de fora. Intencionalmente escolhemos estes periodos, porque, como por occasião da semana santa do corrente anno, censuramos o mau gosto que houve em algumas egrejas de Coimbra, em as tornarem demasiado escuras; folgamos de nos acharmos auctorisados em essa nossa opinião, com o parecer de varão tão respeitavel e competente a todos os respeitos, como é Fr. Luiz de Sousa.

Deixemos fallar o distinctissimo escriptor:

«Da parte de fóra da Igreja ha duas entradas, humã que faz a porta principal, & outra a travessa, que tóma o topo do cruzeiro frõteiro ao altar de Iesu, como fica dito. O portal & frõtespicio da principal merecia só hum liuro pela calidade da obra, se ouueramos de particularizar tudo o que nella ha de colunas, de figuras, de lauores, & variedade de feitios, desde a primeira pedra que descobre sobre a terra, até o remate, que leuanta grande altura sobre a mayor abobada. Porq̃ cada palmo tem tanto que ver de delicadeza, & artificio, de trabalho, & magestade, que cõsiderado cõ attenção impossibilita o engenho, & embota a pena, pera o declararmos, e se entender com todas suas partes.

Só hum espelho que se abre no alto, em meio do frontispicio pera dar luz dentro, parece que se não podia obrar com mais sutileza & cuydado em trancinhas de agulha, ou em lauor de cera, ou no espelho de huma viola. E quadralhe bem esta vltima comparação pola forma circular & redonda, e pela representação & miudeza do feitio.

Os vãos que na viola ficão abertos para darem lugar ás vozes que forma no interior, ficarão cà serrados de vidraças, como as que temos dito atràz, debuxadas todas de cores finas & pinturas varias de armas & diuisas do Reyno, de tenções & empresas del Rey. E como saõ muytos os vãos, porque o circulo he muy dilatado, cõmunica dentro muyta claridade, & paga com a graça das cores o que ellas lhe diminuem na pureza da luz. Mas faz pasmar a firmeza com que se mantem obra tão miuda tantos annos ha em lugar tão alto.

Não espanta menos a firmeza, numero, & grandeza de outras vidraças, que dão luz à Igreja & cruzeiro. Sò no corpo da Igreja abrem trinta frestas, todas tão rasgadas de alto abaixo, & ao respeito & proporção tão largas, que em noite clara, sendo a casa tão descompassada de grande, como temos dito, & a luz das vidraças em parte embotada com a pintura & cores, que atràs dissemos: podese estar nella não só sem pauor, mas como em meyo de huma praça.

Não será desagradauel declararmos a medida de algumas que fizemos tomar pera credito do que dizemos, per mão de Architecto. No alto da naue do meyo ha dezeseis frestas, a oito por banda, que sobem dezoito palmos atè os capiteis, & tem de largura noue, diuidida, cada huma com dous pilares, de grossura de um palmo cada pilar, pera firmeza das vidraças. Assi ficão em cada fresta sete palmos de vidro & luz, que multiplicados polos dezoito da altura, fazem cento e vinte e seis.

As duas naues tem ambas doze frestas. Quatro a do Sul, em que fica encostada a Capella do fundador: & oito a contraria: Cada fresta vinte & dous palmos de alto, & sete & meyo de largo. E porque tambem são diuididas a dous pilares, de grossura de palmo, como as da naue do meyo, ficão com cinco palmos & meyo de vidro & vem a ter cada fresta por esta conta cento & vinte & hum palmos de abertura & luz: e outros tantos de vidraça.

Da mesma altura & largura destas ha outras duas frestas que acõpanhão a porta principal, huma de cada lado, & fazem o numero que dissemos de trinta. E vem a ser huma tamanha cantidade de vidraças, que por cousa prodigiosa se pode ter entre as que mais espantão desta casa.

Ajudão a claridade outras tres no cruzeiro, das quais só huma, que fica sobre a porta trauessa sobe quarenta & dous palmos, & tem de largo quatorze, laurada toda de huma artificiosa rede de pedraria, & os vãos tomados de suas vidraças. Estas com as da Capella mór, & collaterais: a fora o espelho do frõtispicio da porta principal, que allumia por muitas, fazem a casa por extremo alegre, & muito clara & bem assombrada. O que me faz cuydar, q̃ sendo assi, que nesta mesma conjunção teue tambem principio o famoso templo da Sè de Milão (chamãolhe là *il Domo*) o qual se começou a fabricar em vida do Pontifice Vrbano Sexto, que presidio na Igreja de Deos onze annos atè o de 1389, & ficou com tacha de escuro & maleuconico: deuião esmerarse os Architectos deste nosso, em o fazer por contraposição em todo estremo claro & bem assombrado.

Defendem os Milaneses a seus artifices, attribuindo a conselho & bom juizo, o que foy defeito e culpa: & dizem que como geralmente he auido por mais graue, & de mais pessoa o homem carregado & feyo: assi faz mais deuoção a Igreja sombria & escura. Mas não me conuencem, porque dado que o argumento seja verdadeyro quanto aos homens: nos templos que são retrato do Ceo, & assento da luz eterna, não parece razão auer nenhum commercio com o horror das treuas. E tornando à historia, estão estas vidraças todas tão fortes no assento, tão cristalinas na vista, & tão viuas nas cores, que passando jà de duzentos annos que seruem, parecem na representação obra moderna.»

O sambenito. — No anno de 1681 imprimiu-se em Lisboa a — *Centinella contra Judeos, posta em a Torre da Igreja de Deos, offerecida á Virgem S. N., com o trabalho do padre Fr. Francisco de Torregonsilho, Pregador Jubilado da Santa Provincia de S. Gabriel dos Descalços da Regular Observancia de Nosso Serafico Padre S. Francisco. Traduzida em Portuguez, por Pedro Lobo Correa, Escrivão da Contadoria Geral de Guerra, & Reyno.*

N'esse livro se dá a paginas 111 a explicação do *sambenito*, trage com que iam aos autos de fé, os condemnados pela inquisição. Diz-se alli:

«De ordinario em pena de seus delictos costuma a santa inquisição assignalar a estes taes com uma divisa, que chamam, sambenito: e poderá alguem preguntar, que razão ha para que lh'o ponham naquella fórma, e com insignia da aspa de Santo André? Digo, que aquella é uma vestimenta, que lhe põem, que é como um sacco, e como a benzem primeiro, se chama, *Sacus benedictus*; de d'onde se lhe veiu chamar-se corruptamente, sambenito.

«O porque é feito em fórma de aspa de Santo André, digo, que quando os apostolos fizeram o Credo, lhe tocou a Santo André o artigo, que diz: *Et in Jesum Christum Filium ejus*: e como elles o que negam é a vinda de Jesus Christo Nosso Senhor ao mundo, com razão lhes põem as insignias daquelle que confessou esta verdade.

«Porém, tambem poderão perguntar, porque os sambenitos, que lhes põem, são de duas côres, vermelha e amarella? A mim me parece, que nestas duas côres significaram, e deram a entender tudo o que se pode desejar saber de mysterio neste particular: porque como o amarello significa claridade, que este é o logar, que os que bem sabem dão ao ouro, tratando de armeria, ou de armas, e o córado e vermelho é symbolo de justiça, com grande congruencia, e circumspecção, os que inventaram este castigo, quizeram que os sambentos fossem só destas duas côres, para que assim considerada a justiça em a côr vermelha, com que são castigados os que delinquem em nossa santa fé, se presupponha, que da nova luz com que parece se tornam a ella, significada em o amarello, veiu a misericordia, que se usou com elles naquella penitencia, symbolo da piedade, que se usa com os que conhecidas suas estranhas culpas, a merecem, e a procuram.»

Esta explicação do *sambenito*, é quasi pelas mesmas palavras d'outro livro, não menos violento contra os judeus, e que fôra impresso em Lisboa em 1625, com o titulo de— *Honras christãs nas afrontas de Iesu Christo*, por Vicente da Costa Mattos.

O que neste ultimo livro ha a mais do que no primeiro que já mencionamos, é que a proposito de fallar dos *sambenitos* se lamenta o seu sanguinario auctor, de serem *brandos* os castigos applicados pela inquisição!

Gomes de Abreu.— O *Correio do Porto*, que em 1833 se imprimia em Coimbra, publicou em o seu numero de 7 de Maio desse anno uma carta, assignada por um homem, que passados poucos annos veiu a ser bem conhecido pela sua fidelidade a D. Miguel, recusando-se a prestar o juramento á dynastia liberal, preferindo antes perder o logar de lente de Medicina da Universidade; e indo com a maior dedicação para a Allemanha, servir de mestre dos filhos daquelle principe. Queremos fallar do sr. Antonio Joaquim Ribeiro Gomes de Abreu, que pela sua inteireza de caracter mereceu sempre o respeito até dos seus proprios adversarios politicos.

Como curiosidade aqui publicamos a referida carta.

«Illm.º sr. redactor—Tendo annunciado a *Gazeta de Lisboa*, que na *Allemanha* se inventara o motu continuo, o abaixo assignado, para não ser accusado de plagiario, previne o publico de que já tem ideado uma machina de motu continuo. Espera portanto, que a unidade de sentimentos politicos, e o desejo da honra da patria, e do heroico reinado do Nosso Anjo Tutelar sejam motivos, que inclinem v. s.ª a fazer este annuncio no seu acreditado periodico. Assim lho supplica o seu apaixonado *Antonio Joaquim Ribeiro Gomes de Abreu*, professor de latim. *S. Gens de Monte-Longo*, 27 de Abril de 1833.»

Destacamento.—O destacamento de infanteria 9 que estava nesta cidade, foi rendido por outro de caçadores 6.

Tambem o destacamento de infanteria 14, que estava em Aveiro, foi rendido por outro de infanteria 18.

Causou estranheza o serem rendidos estes destacamentos por forças de corpos, que até aqui não davam destacamentos para Coimbra e Aveiro.

Cemiterio da Conchada—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Manoel Ventura, filho de Francisco Ventura e de Rosa da Conceição, de Coimbra, de 73 annos, fallecido no dia 6 de Dezembro.

Maria do Salvador Soares Lino, filha de Joaquim Soares Pinto e de Maria da Piedade, de Coimbra, de 12 annos, fallecida no dia 7.

Rita Dias, filha de Manoel Dias e de Joaquina Maria Clara, das Means, de 33 annos, fallecida no dia 7.

Christovão Peixoto d'Azevedo Quaresma, filho de Innocencio Peixoto Quaresma e de D. Felismina da Conceição Azevedo Peixoto, de Coimbra, de 8 mezes e meio, fallecido no dia 8.

Jacintho Saraiva, filho de Thomaz Saraiva e de Eufrasia Jacintho, de Treixedo, concelho de Pinhel, de 44 annos, fallecido no dia 12.

Maria da Conceição, filha de Custodia Maria, de Coimbra, de 3 annos, fallecida no dia 12.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5248.

Recrutamento. —O conselho de estado julgou isento do serviço do exercito a Luiz, filho de Silvestre Duarte e de Brigida dos Santos, da freguezia de Buarcos, concelho da Figueira.

Nova publicação.— Por mão do nosso amigo o sr. Antonio Francisco Barata, recebemos de Evora um exemplar de — *Alguns preliminares para a caçada de pombos bravos, por J. P. de Mira.*

E' a primeira publicação que ha ácerca deste assumpto.

Agradecemos o exemplar com que fomos obsequiados.

Rectificação. — Por mal informados dissemos em o numero passado, que o conselho de districto approvara na sexta feira as eleições municipaes de Coimbra e Condeixa.

A verdade é que n'essa sessão approvou o conselho de districto a eleição de Coimbra, e resolveu mandar ouvir as partes em relação á de Condeixa.

Ramalhete do christão.—Recebemos o n.º 5 do 3.º volume deste interessante jornal illustrado.

Neste numero vem o retrato do actual patriarcha de Lisboa, Moraes Cardoso.

General Bazaine.— Paris, 12. — O jornal official publica a decisão de Mac-Mahon commutando a pena de morte a Bazaine em vinte annos de prisão, e dispensando as formalidades mas não os effeitos da degradação militar.

Noticias de Hespanha.— Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

Alcançam a 13 os jornaes hespanhoes.

Os ministeriaes dizem que os srs. Castellar e Salmeron estão completamente de accordo.

O sr. Castellar tem tido varias conferencias com deputados da maioria, e diz-se que o sr. Figueras declara que apoia o actual governo e que nesse sentido fará declarações na camara.

Os intransigentes continuam a agitar-se, preparando-se para algum movimento á viva força, mas a imprensa ministerial assegura que o governo está alerta e que procederá com energia contra os agitadores.

A *Iberia* publica uma lista dos membros do futuro gabinete presidido por Pi y Margall, que se assegura terem sido os escolhidos: São Cala, Diniz Quintero, Benot, Perez Costales, Aurica, e para a guerra o celebre Hidalgo. A este ultimo escusado será dizer que se lhe exige uma nova desorganisação do corpo d'artilheria.

Do norte poucas novidades ha, a não ser alguns promenores sobre o combate travado com os carlistas cerca de Tolosa.

Estes estavam postados nas alturas de Velabieta, achando-se quatro batalhões navarros

ao abrigo de um forte reducto e commandados pelo cabecilha Radica; outras forças commandava-as Lizarraga.

A divisão Loma atacou as posições pela direita, a divisão Catalan pela esquerda, e depois de sanguinolento combate conseguiram desalojar os carlistas e occupar as posições.

As perdas dos carlistas foram grandes; a do exercito do governo de 300 homens fóra do combate, ficando ferido o brigadeiro Padial.

A brigada Loma entrou em Tolosa, que se está abastecendo de viveres. Os carlistas contavam fazer capitular esta praça pela fome. Lizarraga ainda intentou um novo ataque contra a brigada Loma, sendo repellido.

As forças de Moriones eram de uns 12 mil homens com 20 peças Krupp.

Aquelles combates ninguem os considera como definitivos, e julga-se que serão precursores de outro mais decisivo que se deve ferir em breve tempo.

O fogo em Cartagena tem diminuido de intensidade.

Madrid, 14.—Os carlistas desmentem que reentrasse em Hespanha o cura Santa Cruz. Diz-se que o ministro das finanças rejeitou as propostas da casa Matheson, de Londres, para a negociação de papeis de credito de Rio Tinto.

O general Hidalgo teve hoje uma conferencia com o ministro da guerra.

O conselho de ministros occupou-se hoje principalmente do exame das medidas apresentadas pelo ministro da guerra para activar o cerco de Carthagena.

As noticias officiaes asseguram que os viveres começam a faltar no interior da praça.

Madrid 14—A *Gazeta* diz que o bombardeamento de Carthagena continua, dirigindo-se principalmente contra as muralhas e fortes. O governo não recebeu telegramma de Moriones desde o datado de Andoain de 10, promettendo promenores sobre a sua victoria nos arredores de Tolosa.

Uma ordem do ministro do interior approva a convenção feita entre Valade e a municipalidade de Llivia, para o estabelecimento de banhos hydrotherapeuticos, hoteis, cafés, etc.

Um telegramma de Porto Rico datado de hontem annuncia que o capitão general Primo de Rivera ordenara a remessa de 15:000 espingardas para armar a milicia formada de gente de côr.

Accrescenta que esta medida foi tomada contra a opinião das auctoridades civis e militares de S. João.

Segundo o *Imparcial*, o governo hespanhol enviou instrucções a Polo, representante de Hespanha em Washington, para reclamar a respeito das expedições contra Cuba, que se preparam nos Estados Unidos.

Madrid, 15, (á noite).—A *Gazeta* diz que o exercito sitiante de Carthagena avançou esta manhã e abrira fogo contra a porta de Madrid e fortes de Moros, Despeñaperros e S. José.

Crê-se que o comboio de mantimentos deve ter chegado a Berga, porém não ha noticias officiaes por haver difficuldade nas communicações.

Noticia-se que Moriones perdeu um pouco a segurança das communicações e que está obrigado a enviar despachos, por via de Irun, ou dirigil-os pelas telegraphias de França.

As difficuldades augmentam e o exercito começou os seus movimentos sobre Guipuzcoa.

Ante-hontem á tarde quarenta homens armados tentaram amotinar Barcelona no grito de: Viva a republica federal e social. A tropa interveiu e dispersou os desordeiros sem haver resistencia.

A tranquillidade ficou completamente restabelecida.

O *Imparcial* censura os Estados-Unidos por haver permittido a expedição do *Virginius* e por permittir ainda actualmente reuniões em Nova Orleans com o fim de prepararem novas expedições contra Cuba.

ANNUNCIOS

INTERESSE PUBLICO

1 ANNUNCIA-SE que de hoje em deante, até nova resolução, no talho da camara municipal, na praça de D. Pedro V, se vende a vacca a 250 rs. o kilogramma; sendo por tanto a menos 10 reis do que até agora.

2 EDICÇÃO 2.ª de fogões de fogo circular e do rewolver hydraulico, mais correcta e augmentada, por Antonio Bernardes Gallinha. Officina de serralheria —23, rua de Quebra-Costas, 28.

OCULISTA

3 MR. BOLSSON acaba de abrir o seu estabelecimento na rua da Calçada, n.os 86 a 90, no qua se encontra um grande e variado sortimento de oculos e lunetas de ouro, prata, tartaruga, bufalo e aço; assim como barometros, thermometros, microscopios, conta-fios, lentes de grande força, e binoculos para campo e marinha.

Acertam-se vidros e vendem-se avulso pelos peços mais limitados.

STBSTITUIÇÕES MILITARES

4 F. DE M. ALVIM, com escriptorio em Lisboa, rua do Arco do Bandeira, 219—1.º, trata, não só de substituições militares, tanto no exercito como na armada, em qualquer terra do reino ou ilhas, mas tambem de negocios nas differentes repartições ou tribunaes civis, militares, e ecclesiasticos.

DOCTOR IN ABSENTIA

5 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

6 PELA ADMINISTRAÇÃO dos hospitaes da Universidade se annuncia que, no dia 21 do corrente, pelas 10 horas da manhã, se hade arrematar na secretaria dos mesmos hospitaes, o fornecimento de louças ordinarias, segundo os modelos, que serão presentes no acto da praça, e que se acham desde já patentes a quem os queira examinar; comprehendendo as peças seguintes:— bacias de mãos, baldes de lavatorios, boiões (grandes, menores, medios e pequenos), bules para caldo, canecas com tampa, cinzeiros, comadres (redondas e de cunha), escarradores (grandes e pequenos), jarros, ourinoes (para homem, e para mulher), bacios de cama, pratos, tijelas, tigelões, e terrinas para cataplasmas.

Administração dos hospitaes da Universidade, 15 de Dezembro de 1873.

O administrador,

Costa Simões.

9 DECLARO que as lições para o 1.º anno Mathematico, que forem em meu nome publicadas por J. Victorino de Freitas, como copia d'umas que fiz no anno de 71 a 72, sel-o-hão sem auctorisação minha; bem assim declaro que mesmo as que estão ja publicadas, não foram redigidas debaixo de minha direcção.

Coimbra, 16 de Dezembro de 1873.

Joaquim Augusto de Sousa Refoios.

CHEGOU
Queijo Flamengo
CASCA ENCARNADA

10 ARMAZEM de viveres de Manoel da Silva Gonzaga.

51 Sophia 55

CASA D'ASULEJO

ABRIU-SE

11 JOSE' ROCHA acaba de expôr á venda vinho do mais superior da Bairrada, que vende por quartão a 300 rs.

74 Sophia 74

EDITAL

Domingos Fernandes de Carvalho, vice-presidente da Camara Municipal do concelho da Louzã.

Faz publico, que no dia 24 do corrente, pelas 10 horas da manhã, nos paços deste concelho, hade ir á praça a arrematação da obra da canalisação da agua da Ribeira do Salgueiral, para a praça desta villa, e construcção alli d'um chafariz e um tanque para deposito dos sobejos da agua que a povoação consumir, tudo conforme os apontamentos que nesse acto serão presentes.

Quem pretender tomar de empreitada esta obra pelo interesse dos referidos sobejos, applicados á industria, compareça para se tractar com aquelle que fizer propostas mais vantajosas para os interesses municipaes. E para constar mandei passar o presente e identicos.

Louzã, secretaria da municipalidade, 13 de Dezembro de 1873.

O vice-presidente,

Domingos Fernandes de Carvalho.

EDITAL

Dr. Lourenço d'Almeida Azevedo, lente cathedratico da Faculdade de Medicina na Universidade de Coimbra, presidente da Camara Municipal da mesma cidade.

Faço saber que na casa da camara se acha patente por espaço de 10 dias, a contar da data do presente edital, o orçamento supplementar ao geral da receita e despeza deste concelho para o anno economico de 1873-1874; pelo que convido todos os cidadãos interessados a virem ahi ver e examinar o mesmo orçamento, e a apresentarem-me dentro do referido prazo quaesquer reclamações que julgarem conveniente fazer, a fim de terem o destino competente.

E para constar se passou este e outros.

Coimbra, Secretaria da Camara Municipal, 15 de Dezembro de 1873.

Lourenço d'Almeida Azevedo.

Attenção

14 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia da Sé Cathedral, faz publico, que no dia 25 do corrente mez, pelas 11 horas da manhã, na casa das suas sessões, hade arrendar por um ou dois annos, a contar do 1.º de Janeiro de 1874, um quintal junto á egreja de S. Pedro, uma casa junto á egreja de S. Salvador, um quintal e casarão juntos á mesma egreja, tudo nesta freguezia. As condições estarão patentes no acto do arrendamento.

JORNADAS

Por Thomaz Ribeiro

DO TEJO AO MANDOVY

Um lindo volume de mais de 400 paginas: preço 600 rs.

A' venda na livraria Central de J. D. Pires, editor.

Remette-se pelo correio a quem enviar 650 reis em estampilhas.

Á PORTAGEM

O inimigo do monopolio

EM COIMBRA

16 CONTINUA a vender petroleo refinado, por atacado, cingindo-se sempre ao menor preço de Lisboa: dá prazo e recebe barris vazios a 800 rs. cada um.—O encarregado da venda

JOSE' TAVARES DA COSTA

Rua da Calçada, proximo á Portagem.

Lecionista de Pharmacia

17 JOAQUIM ANTONIO J. PEREIRA, pharmaceutico de 1.ª classe pela Universidade, lecciona aspirantes de pharmacia. Travessa da rua dos Militares, n.º 26.

DANTAS GUIMARÃES

24—Rua do Visconde da Luz—30

Grande reducção de preços

18 EFFECTUOU uma compra de colares para homem a 60 rs.—boas chitas largas a 150 rs.—excellente esguião a 120—muito bom patente a 100 rs. o metro—chales mantas para homem a 4$500 rs.—capas para senhora a 4$500—mantas de lã para senhora a 200 rs. etc., ect.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navios a sahir

Para o **Rio de Janeiro:**

Barca VICTORIA em 18 de Dezembro.
Galera EUROPA, em 3 de Janeiro de 1874.

Para **Pernambuco:**

Barca VENCEDORA, em 18 de Dezembro.

Recebem passageiros e carga. Trata-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

NUMERO 2755 — SABBADO 20 DE DEZEMBRO DE 1873 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$726
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Diz uma auctorisada folha da capital, que o sr. ministro do reino estuda o modo de organisar convenientemente a policia, e de definir claramente as suas attribuições.

A policia, que em todos os paizes tem merecido a mais seria attenção dos poderes publicos, porque é realmente um dos ramos mais complicados e difficeis da administração geral, está entre nós, ou completamente abandonada, porque não existe em muitas terras importantes do paiz, ou serve unicamente para vexar os cidadãos inoffensivos e honrados, como ultimamente tem acontecido em Lisboa.

As garantias publicas e individuaes, que a constituição politica do estado, assegura a todos os cidadãos, em harmonia com as liberdades da natureza humana, não podem estar ahi á mercê dos vexames policiaes, nem os bons instinctos do povo portuguez justificam os attentados por parte da policia, que servem só para desmoralisar e corromper os costumes.

A policia tem attribuições muito restrictas e limitadas, que é indispensavel definir de uma vez, para evitar a serie de atrocidades, que ella tem praticado, com grave escandalo publico, e com manifesta violação das leis e dos principios sobre que assentam as regalias individuaes e a divisão dos poderes.

E' preciso, agora que o sr. ministro do reino estuda este objecto, o qual não deixará tambem de merecer a attenção das camaras collegislativas, satisfazer á necessidade e ao direito que tem egualmente as principaes terras da provincia, as povoações de maior importancia como esta cidade, a fim de organisar convenientemente este serviço, um dos mais importantes para a ordem, individual e social.

A pendencia extremamente grave, como são todas as que se referem á probidade, ao credito e á dignidade pessoal, em que se achava envolvido o nosso honrado amigo e patricio, o sr. Pedro Augusto Martins da Rocha, a proposito dos abusos contra elle praticados pela policia de Lisboa; teve no dia 12 do corrente mez o seu desenlace.

Provou-se em audiencia publica do segundo districto criminal, pelo modo mais decisivo e terminante, toda a falsidade das suspeitas que se tentaram lançar, para fins desconhecidos, áquelle cavalheiro, o qual nunca teve no decorrer da sua vida, em todos os actos publicos e particulares, um só facto, que deslustrasse ou manchasse, nem levemente, o conceito em que é tido pelos seus amigos, e por todos os que mais de perto conhecem as suas apreciaveis qualidades.

Esta questão, que sublevou a imprensa do paiz, contra o systema de policia em Lisboa, e que indignou todos os que prezam as garantias individuaes, a honra dos cidadãos, a inviolabilidade do lar domestico, e a santidade da familia, tinha a sua origem em uma falsa e calumniosa denuncia.

Do procedimento do sr. Rocha para com os agentes da policia, está o publico informado pela leitura dos jornaes, que minuciosamente narraram todas as peripecias deste singular conflicto, e ainda pela exposição dos factos, que ahi corre impressa.

Não soffreu o caracter do sr. Pedro Rocha, que uma questão em que tão indignamente sobresaia o seu honrado nome, ficasse involvida nas sombras negras e mysteriosas da policia. O sr. Rocha chamou aos tribunaes os auctores dos attentados contra elle commettidos; e no dia 12, como dissemos, foi julgado Thomaz José Rodrigues, pelo crime de diffamação, e condemnado, não obstante ter já dado pela imprensa, dois dias antes do julgamento, as mais terminantes satisfações ao sr. Pedro Rocha; as quaes repetiu ainda mais circumstanciadamente na occasião da discussão da causa; mas que o sr. Rocha não aceitou, para

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXXII

D. CARLOS

LXXII

As insurreições são contagiosas como o mau exemplo, e os horrores de Victoria se propagaram a Pamplona.

A monomania misantropica que dominava ao general Sarsfield, e cujos effeitos se conheciam em certas disposições que executou, tendo o commando da provincia, predipoz contra elle especialmente os corpos francos de Navarra, que imputavam alem disto á sua má direcção como general, que mandava em pessoa a retirada de Ulzama, as perdas crescidas que taes corpos tiveram naquella batalha, em que morreram muitos de seus individuos.

Achava-se enfermo o general Sarsfield, e habitava em uma casa da Taconera, em frente da cidadella. O cargo de capitão general da provincia o desempenhava D. Martin José Iriarte, ausente em operações, e era governador da praça, o coronel da artilheria D. Luiz Garcia Piña.

Os corpos francos, que consistiam em dois batalhões de atiradores e um esquadrão de flanqueadores, estavam destacados nos dois povos de Cizur Maior e Menor. Dizia-se havia dias, que queriam entrar em Pamplona, por se acharem desgostosos de que debaixo de pretextos frivolos, ou sem motivo justo, segundo o seu parecer, não se lhes permittia a entrada na cidade. Com effeito nunca penetravam nella, e se acantonavam nos povos de Villaba; Iluarte e outras immediatas á capital.

A 26 de Agosto receberam ordem de trasladar-se a Villaba: dispostos na manhã do mesmo dia para emprehender a sua marcha, dando o grito de *Vamos a Pamplona*. Em acto continuo separam a officialidade de seus postos e a collocam á retaguarda; e pondo-se os sargentos á frente das suas companhias, seguem o seu caminho dirigindo-se a Cuesta de la Reina, continuando a passar por junto da Porta Nova, entre as duas pontes, ou portas de chamada; estrada a mais breve para Villaba, desde o ponto de partida.

Ao chegar a força de batedores á frente da dita porta, cuja guarda havia saido ao exterior sem armas, para ver passar a esses corpos, precipitando-se estes de repente por ella, surprehendem e se apoderam do armeiro em que estavam as espingardas, mudam a guarda, mandam piquetes para o interior das muralhas da praça, mudando as que existiam da guarnição; verificam-no sem resistencia, collocam ás 9 da manhã uma guarda em casa de Sarsfield, e assenhoreados já da cidade sem o menor obstaculo, enviam uma commissão de sargentos com uma guarda numerosa á casa da camara e se instalam nella.

Esta commissão manda convocar os membros da camara, parte da deputação, e alguns commerciantes e banqueiros; e a essa reunião, a que tambem fizeram assistir o coronel encarregado do estado maior, D. Anastasio Mendivil, foi aonde mandaram os sargentos que comparecesse o desgraçado Sarsfield.

Conduzido alli, e aberta a sessão, expozeram os sargentos o abandono e a aversão com que se tratava aos corpos francos, a falta de pagamento em que os tinham, e concluiram com uma argumentação propria da sua conducta, dizendo que era preciso dar-lhes as pagas vencidas, assegurando-lhes as futuras, ficarem elles de guarnição, mandarem e intervirem nos negocios publicos, e outras pretenções semelhantes, fazendo-se desde logo uma derrama de dinheiro, que deveriam apromptar as pessoas abastadas.

A situação do dia, o apparato turbulento que por toda a parte rodeava a sessão, pois a casa da camara, praça e ruas immediatas estavam cobertas por uma soldadesca desenfreada e feroz, sellaram os labios dos concorrentes a esse acto, e só Mendivil lhes respondeu com energia e dignidade, increpando-lhes o seu proceder, nada militar, nem decoroso.

Limitada, porém, a isto a sessão, dissolveu-se ás duas e meia da tarde, e se procedeu a repartir o que cada pessoa abastada podia pagar.

A milicia nacional havia-se formado no entanto, situando-se na praça da Constituição: destacava algumas patrulhas para manter a ordem quanto possivel, e uma destas de muito curto numero de individuos, debaixo do commando de um official, marchou em direcção da Taconera, viu a Sarsfield, que fugia acossado por uma turba, que fustigando o cavallo intencionalmente, o seguiam logo, gritando que queria escapar-se Sarsfield.

A patrulha de nacionaes o acolheu, procurou conter os francos, e á força de riscos, vencidos pelo bom tacto do official que a commandava, conseguiu leval-o até á praça, onde julgava achar meios de o salvar.

Ao ver esse grupo e seus perseguidores, que já disparavam alguns tiros, o batalhão da milicia foi a tomar as armas que tinha ensarilhadas; e o já citado valente official de nacionaes, se metteu com o seu protegido Sarsfield na casa que habitava D. Domingos Iturralde, deixando á porta a sua pequena força, para impedir a entrada dos atiradores. Estes, apesar da resistencia que se lhes oppoz, repelliram aquella, resultando ficarem contusos alguns nacionaes pelas coronhadas que no barulho e confusão se deram. Os dois, ou tres atiradores que conseguiram entrar na casa, seguiram a Sarsfield até ao quarto andar, disparando alguns tiros, até que, alcançando-o, o crivaram de bayonetadas.

O official de nacionaes salvou-se pelos telhados, e ainda lhe dispararam varios tiros da praça.

Em acto continuo baixaram os seus aggressores, arrastando pela escada o cadaver do general, o atiraram para o centro da praça, e uma turba feroz, entre a qual figuravam algumas immundas mulheres, o despojaram até o deixarem sem camisa, ficando completamente nú, exposto aos ultrages os mais impudicos, por mais de duas horas, até que foi recolhido e levado ao hospital em uma escada de mão. Nem ainda o seu cavallo se salvou do furor daquelles sicarios, matando-o com um tiro de pistola, a poucos passos do seu dono.

Estas e outras turbas foram a casa do coronel Mendivil, que soffreu egual morte, atiraram com o seu cadaver á rua, arrojaram a ella com damnada intenção quantos papeis de summarios, contas e documentos havia em sua casa, e até os moveis correram a mesma sorte.

A casa de Sarsfield foi saqueada, e segundo a voz publica foi muito o dinheiro roubado nella.

Naquella mesma tarde, e pela noute, foram tambem assassinados varios particulares da povoação, ficando esta desde então quasi á mercê dos corpos francos, que continuaram em tal estado mais de um mez, até que chegou Espartero.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

que o facto fosse julgado, segundo as provas alli adduzidas.

Terminada por esta forma a questão; sendo dadas ao sr. Rocha, todas as satisfações devidas á sua honestidade e honradez, e confessada a calumnia; este cavalheiro apresentou em juizo a sua desistencia de querella contra o commissario de policia, e contra todos os crimes publicos de que se queixou: e concluirá pela publicação de um protesto, dirigido ao procurador regio sobre este assumpto.

Em desaggravo da innocencia ultrajada, e como testemunho do subido apreço em que temos as qualidades do nosso estimavel amigo o sr. Pedro Augusto Martins da Rocha, vamos em seguida transcrever a sentença a que alludimos e a satisfação que pelo reu lhe foi dada.

SENTENÇA

Foram chamados a este juizo de policia correccional pelo auctor Pedro Augusto Martins da Rocha os reus Thomaz José Rodrigues e Fortunato Emygdio Duarte Pinheiro, pelo crime de diffamação, havendo-o apresentado ao publico como auctor de um roubo que se disse feito a Antonio Emygdio Duarte Pinheiro, desta cidade. Effectivamente provou-se que em mais de um sitio, e perante varias pessoas, o primeiro reu affirmára ter sido o dito roubo commettido pelo auctor; e assim acha-se o dito reu incurso na sancção do artigo 407 do Codigo Penal, que impõe para isto a pena de 6 dias a 6 mezes de prisão e multa correspondente.

Attendendo porém a que o reu deu aqui na audiencia todas as satisfações ao auctor, e já as tinha dado pelos jornaes, mostrando-se arrependido de haver proferido quaesquer expressões offensivas do credito e consideração do auctor, confessando que o não conhecia e que reconhece hoje neste um homem de toda a honra e de toda a probidade; attendendo a que não se descobrindo facilmente qualquer motivo que o reu podesse ter para desacreditar uma pessoa que elle não conhecia, e contra quem nada tinha, não ha razão para attribuir-lhe a intenção determinada de desacreditar essa pessoa, e antes é mais de presumir que tudo quanto o reu disse e quanto fez fosse filho da sua irreflexão e pouco tino, e peccasse mais pela falta de juizo do que por mal intencionado; por isso tomando em consideração estas circumstancias que a discussão da causa poz mais em relevo, e fazendo applicação ao caso da disposição do artigo 83, n.º 3.º, § unico do referido codigo:

Condemno o mencionado reu Thomaz José Rodrigues em trinta dias de multa a quinhentos reis por dia e nas custas e sellos dos autos. Quanto ao segundo reu Fortunato Emygdio Duarte Pinheiro, tendo o auctor desistido da accusação contra elle, pode ir em paz. Lisboa 12 de Dezembro de 1873—*Antonio Carlos da Maia.*

SATISFAÇÃO

Tendo de responder em audiencia de policia correccional no dia 12 do corrente, no juizo de direito do 2.º districto criminal, a requerimento do illm.º sr. Pedro Augusto Martins da Rocha, em processo de injuria, devo tornar bem publico que não só não tinha conhecimento deste cavalheiro, e por essa razão nada podia dizer em seu desabono, como tambem se algum excesso houve da minha parte, foi porque a isso fui levado movido por um sentimento de familia, e com a cabeça completamente perdida por vêr meu cunhado Antonio Emygdio Duarte Pinheiro, chorando e lamentando sua sorte e de minha familia, pois se queixava de lhe haverem roubado 3 contos de reis e joias, o que irremediavelmente o perderia para sempre.

Assim neste estado de exaltação não hesitei, confesso, em me dirigir a casa do illm.º sr. Rocha, pessoa como já disse que não conhecia; e mal informado a seu respeito, é possivel que lhe dirigisse alguma expressão menos agradavel, por isso e por estar bem informado com respeito á honra e probidade, e reconhecida honestidade do illm.º sr. Rocha, aqui lhe dou a mais ampla satisfação, retirando qualquer expressão offensiva que no meu estado de exaltação lhe dirigisse, confessando tambem que não foi minha intenção atacar a honra de tal senhor. Lisboa, 9 de Dezembro de 1873.—*Thomaz José Rodrigues.*—(Segue-se o reconhecimento).

Sempre nos quiz parecer, que o *Progressista* estava contrafeito no seu segundo artigo, quando vinha com assomos de urbanidade, entrar na questão que temos ventilado.

Deixemos passar em claro algumas das suas mal cabidas expressões, de que vem pulverisado o seu ultimo artigo.

Nós nunca dissemos que o sr. José Luciano se tinha ausentado sem licença; antes dissemos inteiramente o contrario, como se vê do nosso segundo artigo. A inexactidão, portanto, não é nossa.

Em quanto á demissão do sr. conselheiro José Maria de Abreu, para nos convencermos que foi meramente politica, basta-nos o procedimento do proprio sr. duque de Loulé, reintegrando aquelle funccionario.

E relativamente ao facto de não haverem os ministros regeneradores reintegrado este cavalheiro, não é, como diz o collega, por terem reconhecido a *legalidade da sua demissão*; mas sim porque achando o logar preenchido, não queriam praticar um acto de intolerancia politica, egual ao do sr. duque de Loulé. Esta é que é a verdade.

E temos conversado.



Todos imos embarcados na mesma nau, que é a vida, e todos navegamos com o mesmo vento, que é o tempo.

PADRE ANTONIO VIEIRA—*Sermão da primeira dominga do advento.*

A divina escriptura põe em tamanho grau o bom e fiel amigo, que parece que não acha palavras para o encarecer. Porque lhe chama fortissimo amparo da vida; thesouro, a que nada se póde comparar; mesinha da vida immortal; e não acaba de encarecer quanto se ha de estimar.

FR. THOMÉ DE JESUS—*Trabalhos de Jesus*, segunda parte, trabalho XXVII.

Nada mais natural ao coração, que o sentimento que nos eleva, quando honramos os que ennobreceram a nossa patria.

PADRE FRANCISCO RAFAEL DA SILVEIRA MALHÃO—*Sermões.*

Triste missão é a nossa! Quasi não levantamos a penna de sobre o papel, para annunciar a morte de algum amigo! Parece estarmos em uma batalha, em que vemos constantemente cair ao nosso lado os companheiros de trabalhos!

Ainda ha dias commemoramos o fallecimento de um distincto cidadão, e já hoje vimos annunciar, que em a noite de quarta feira deixou de viver o nosso intimo amigo o sr. Dr. Joaquim Maria Rodrigues de Brito, lente cathedratico da faculdade de Direito.

Daquella vastissima intelligencia, daquelle professor, ornamento da corporação a que pertencia, já não existem senão os restos mortaes. Nisto acabam todas as cousas humanas!

Foi o sr. Dr. Brito, filho do lente cathedratico da faculdade de Leis, o sr. Dr. Joaquim José Rodrigues de Brito; e da exm.ª sr.ª D. Josefa Benedicta Freire Ventura de Brito.

Havendo nascido nesta cidade, no dia 27 de Junho de 1822, foi baptisado na freguezia de S. Christovão, no dia 23 de Julho immediato; sendo padrinho seu tio o desembargador João Rodrigues de Brito.

Chegando á edade propria, frequentou com regularidade os estudos, até se doutorar na faculdade de Direito no dia 25 de Julho de 1845.

Foi despachado ajudante do revisor da imprensa da Universidade, em portaria do sr. duque de Saldanha, de 8 de Janeiro de 1847, confirmada por decreto de 18 de Fevereiro de 1848. Por outro decreto de 26 de Abril de 1854, foi promovido a revisor; sendo exonerado em 17 de Março de 1855, por ter tomado posse do logar de substituto extraordinario da faculdade de Direito.

O sr. Dr. Joaquim Maria Rodrigues de Brito, podemos dizei-o sem hesitar, foi um verdadeiro martyr da sciencia.

No principio da sua carreira soffreu muito com a falsa apreciação que alguns individuos faziam dos seus conhecimentos. Essa injustiça amargurava-o extremamente, e levou-o, como em desaffronta, a um estudo profundo da philosophia, em que chegou a ser eminente.

Fructo dos seus laboriosissimos estudos foi o livro por elle publicado em 1869, com o titulo de—*Philosophia do Direito*. E como o sr. Dr. Vicente Ferrer Neto Paiva dissentisse de alguns pontos de doutrina desse livro, em uma serie de artigos publicados no *Jornal do Commercio* de Lisboa; saiu logo a campo o sr. Dr. Brito, publicando no mesmo anno a—*Resposta ás breves reflexões do exm.º Dr. Vicente Ferrer Neto Paiva sobre a Philosophia do Direito.*

O livro do sr. Dr. Brito recebeu o melhor acolhimento dos homens competentes de Portugal. E da Hespanha, França e Brasil, obteve o seu illustre auctor documentos os mais honrosos e animadores que é possivel, de muitos dos sabios daquellas nações, tanto em cartas particulares que lhe dirigiram, como em artigos inseridos em revistas scientificas.

Não era, porem, o sr. Dr. Brito homem que dormisse sobre os louros que havia colhido. Certo de que a sciencia progride sempre, proseguiu nos seus estudos; do que resultou dar á luz no anno de 1871 uma nova edição do seu livro, que ficou muito melhorado e ampliado, pois que constando a primeira edição de 211 paginas, a segunda chegou a 402.

Alem da approvação altamente lisonjeira, que estes trabalhos scientificos mereceram de muitos professores de differentes universidades estrangeiras, recebeu o sr. Dr. Brito um justo galardão nos diplomas de socio honorario que expontaneamente lhe enviaram varias sociedades; agraciando-o alem disso o rei Amadeu com a commenda de Isabel a Catholica.

E acima de tudo isto, se apresenta como prova honrosissima da alta valia da obra do sr. Dr. Brito, o ter sido traduzida em Allemanha, para ser adoptada em algumas das suas escolas; e estar egualmente adoptada no Brasil.

A obra, porem, que de certo elevaria ao maior auge os creditos do sr. Dr. Brito, era a—*Philosophia da historia do Christianismo*—se a morte não viesse infelizmente impedir a conclusão de um trabalho tão monumental!

O nosso estimavel amigo, por uma particularissima distincção, ia-nos enviando as folhas do primeiro dos dois volumes de que devia constar esta obra, á proporção que se imprimiam. Foram impressas 22 folhas, constando de 352 paginas; e ahi parou uma das obras mais importantes, que neste seculo tem saido dos prelos da imprensa da Universidade.

A *Philosophia da historia do Christianismo* e como que o testamento scientifico e religioso do sr. Dr. Brito.

O estudo immenso, e superior ás suas forças physicas, que para esta obra empregou seu illustre auctor, minou-lhe a existencia. Muitas vezes instamos com o sr. Dr. Brito, que não levasse os seus trabalhos scientificos a tamanho excesso, pois que assim abreviava os dias da vida, e não poderia concluir a sua obra querida. Tudo, porem, era inutil!

A *Philosophia da historia do Christianismo* fica desgraçamente como inedita. Ahi, o seu auctor, a par da severidade propria da sua independencia de caracter, com que estigmatisava os abusos commettidos em nome da religião; affirmava francamente as suas profundas crenças no Christianismo.

Nesta hora solemne, em que o philosopho já não existe; e em que só ha logar para a apreciação imparcial dos seus actos, não nos será levado a mal que transcrevamos um periodo da obra começada, e que servirá para se aferir qual a ideia fundamental deste trabalho.

«A doutrina de Jesus Christo é verdadeira: demonstra-o a psychologia á luz dos principios da religião, e verifica-o a historia nos factos que regista. O Christianismo teria de sossobrar mais tarde ou mais cedo deante das tempestades do mundo, se contrariasse nas suas doutrinas as aspirações da consciencia humana; e as inducções da consciencia comprova-as exuberantemente a philosophia da historia, porque as leis da consciencia são as da historia, e esta é sempre o reflexo da consciencia humana. O ceu e a terra passarão, mas não a minha palavra, disse Jesus Christo; e effectivamente até á consummação dos seculos será o Christianismo a verdadeira religião da humanidade, porque entre as religiões do mundo, só elle exprime a aspiração pura da consciencia humana, e satisfaz a todas as necessidades da vida.»

A sociedade nem sempre é injusta. O que na quinta feira se presenceou por occasião do enterro do sr. Dr. Joaquim Maria Rodrigues de Brito, ennobreceu a mocidade academica, e os mais cidadãos que quizeram dar uma demonstração solemne de quanto sentiam a morte do distincto lente de Direito, e do insigne escriptor.

Alem da irmandade da Misericordia, de que o sr. Dr. Brito fora em tempo escrivão da mesa, acompanharam-no de sua casa na rua das Fangas até á Sé Velha, um concurso numerosissimo de academicos, os quaes não contentes com isso, foram esperar o cadaver ao cemiterio.

Ahi se passou uma scena enternecedora. Quando o sr. José Frederico Laranjo, illustrado estudante do quarto anno de Direito, fez em um eloquente discurso o merecido elogio do fallecido, as lagrimas e os soluços de todos os academicos, testemunhavam que a apreciação do sr. Laranjo era o transumpto do pensar de todos.

Os academicos honrando assim o que era, ou fôra seu mestre, honraram-se a si mesmos.

A' memoria do nosso estimavel amigo aqui vimos trazer estas palavras em tributo de saudade; acompanhando ao mesmo tempo a sua inconsolavel familia na justa dor que a opprime.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NOTICIARIO

O celebre botanico Link e a Universidade de Coimbra.—O conde de Hoffmansegg, amador distincto e instruido na historia natural, querendo fazer, em 1797 e 1798, uma viagem a Portugal, e desejando ser acompanhado de um homem de letras, versado na botanica e na mineralogia, escolheu para esse fim a Mr. Link.

Embarcaram ambos em Hamburgo, no verão de 1797, e chegando a Calais, atravessaram em seguida a França e a Hespanha, até entrarem em Portugal.

Percorreram este reino durante o anno de 1798, a fim de fazerem collecções para uma *Flora* do paiz; e tendo Mr. Link de deixar Portugal, em razão das suas funcções academicas na universidade de Rostock, embarcou em 1799 para Falmouth e Londres, regressando em seguida a Hamburgo. O conde de Hoffmansegg, ainda permaneceu mais algum tempo em Portugal.

Chegando Mr. Link ao seu paiz, ahi publicou em allemão, as impressões da sua viagem; as quaes no anno de 1803 foram traduzidas em francez e impressas em Paris, com o titulo de—*Voyage en Portugal, depuis 1797 jusqu'en 1799. Par Mr. Link, membre de plusieurs societés savantes. Suivi d'un essai sur le commerce du Portugal.*

Um dos capitulos do primeiro volume tem por titulo—*Coimbre: son université.*

Ahi dá noticia da cidade e dos estudos d'ella; e como acontece a quasi todos os estrangeiros, que escrevem ácerca de Portugal, a par de muitas apreciações verdadeiras, faz algumas outras inexactas.

Teremos occasião de fazer varios extractos do que diz Mr. Link. Hoje, porém, limitamo-nos a transcrever o que elle diz ácerca de alguns estabelecimentos da Universidade, assim como a apreciação que faz de alguns lentes.

«Ha no extincto collegio dos jesuitas, que Pombal tinha dado á Universidade, muitos estabelecimentos publicos. Este collegio está situado na parte superior, como todos aquelles que fazem parte da Universidade.

«O seu gabinete de historia natural é pouco consideravel, e não contém senão muito poucas cousas notaveis. Foi classificado pelo anterior director Vandelli, segundo o systema de Linneu. Mas a collecção de instrumentos de physica é preciosa: ha muitos feitos em Inglaterra. Aquelles que foram construidos em Portugal são, pela maior parte, feitos de madeira do Brasil, e dourados. Esta collecção é em geral uma das mais brilhantes; e o gabinete é precioso por tudo o que pertence á mechanica; mas é muito pobre em machinas electricas.

«O laboratorio de chimica é egualmente bom, vasto e bem alumiado. Alem de tudo o que pertence a um laboratorio, existem tambem ahi instrumentos pneumaticos e uma collecção de apparelhos chimicos, segundo a nova nomenclatura antiphlogistica; assim como uma collecção de instrumentos de cirurgia.

«A bibliotheca publica está estabelecida em uma egreja, que, no interior, teve poucas mudanças. Não julgamos bem de uma bibliotheca, quando não podemos percorrer o seu catalogo. O numero dos volumes é consideravel, e julgando pelo que diz o professor de botanica, Brotero, ha n'ella muitos livros novos, de que os estudantes fazem um grande uso.

«O observatorio é bem construido e bem situado na parte superior da cidade; é commodo e bem distribuido, mas faltam-lhe muitos instrumentos.

«O jardim das plantas não é muito vasto, e as estufas são pequenas; mas pelos cuidados do director do jardim o Dr. Felix de Avelar Brotero, professor de botanica, este estabelecimento foi superiormente bem arranjado. Este jardim é mais interessante do que o jardim do rei em Lisboa.

«Acha-se em cada planta uma etiqueta, sobre a qual está designado o nome, distribuição semelhante á do jardim das plantas de Paris, do qual, á primeira vista, se julga reconhecer uma parte. Alem de muitas plantas exoticas, acha-se alli uma collecção notavel das de Portugal, as quaes o digno director observou com muito cuidado, e que descreveu. E' certo que nenhum amador de historia natural visitará este jardim sem fructo e sem prazer.

«Seja como for, os estatutos da Universidade de Coimbra não são para desprezar. Seguindo a opinião de juizes competentes ella é preferivel a todas as universidades de Hespanha, sem mesmo exceptuar a de Salamanca. Ha na Allemanha muitas universidades, que relativamente aos estatutos, não valem esta, que ordinariamente é desprezada.

«Tomei conhecimento com muitos professores; mas não me pertence julgar do merito daquelles que cultivam sciencias differentes daquellas a que me dedico. Achei entre elles espiritos prespicazes e vivos, que a polidez portugueza tornava ainda mais amaveis. Conhecem a litteratura franceza e ingleza. Pretender que elles conheçam a nossa, seria exigir muito, mesmo de um inglez ou de um francez.

«Não se acha na bibliotheca de Fr. Joaquim de Santa Clara, benedictino e professor de theologia, homem cheio de espirito e de erudição, senão a litteratura allemã, continuada até 1730.

«Teria desejado possuir todas as sciencias, para poder bem apreciar o merito destes sabios. Seu amigo do Dr. Felix de Avellar Brotero, professor de botanica. Os seus conhecimentos nesta sciencia são preciosos: nas suas viagens em Portugal, tem-se applicado particularmente a estudar as plantas deste reino, e a augmentar consideravelmente as do jardim das plantas. Tem quasi sempre respondido ás minhas perguntas de uma maneira satisfatoria.

«Posso com razão collocal-o entre os melhores botanicos de todos os paizes que tenho percorrido; e, o que é mais admiravel, elle tem melhor estudado a botanica, que muitos outros sabios mais conhecidos, e que obtem as suas luzes em grossos *in-folios*; ou que não conhecem senão o genero e a especie das plantas de que fazem menção nas suas obras.

«A introducção á obra botanica de Brotero, escripta em portuguez (a), prova que elle tem tantos conhecimentos, e muito mais facilidade em comprehender as novas descobertas, que todos os sabios da Allemanha que tratam a mesma materia.

Brotero conhece as obras dos botanicos allemães. Para cultivar a sciencia, residiu oito annos em Paris. Não aprendeu em Coimbra; e é por esta razão que os seus collegas lhe causam mil desgostos. E' minado pela tristeza e a melancolia.

«Vandelli afastou-o de Lisboa, por ter muitos conhecimentos, e achou meios de alcançar para o Dr. Alexandre, homem sem erudição, um logar que era devido ao merito de Brotero.

«Lembro-me com satisfação dos nossos passeios botanicos em Coimbra. Apenas se tinha entretido comnosco meia hora, e vira a nossa collecção, que seguro dos seus conhecimentos, nos propoz immediatamente um passeio. Era um espectaculo encantador, ver e sentir augmentar todos os dias, a estima que nos ligava mutuamente.

«Sei que este digno amigo foi chamado a Lisboa, e que o conde de Caparica estimulou a sua actividade, e reanimou a sua coragem.

«O Dr. Constantino Botelho de Lacerda Lobo, professor de physica, não vale Brotero. Falla muito, é superficial; mesmo os seus conhecimentos em physica são mediocres, mas em troca é muito laborioso, e cultiva com fructo as sciencias economicas.

«A economia e outras sciencias, que fazem esperar um fructo immediato e prompto, são muito cultivadas neste momento em Portugal, mas as Musas repelem estas occupações venaes e mercenarias.

«O Dr. Thomé Rodrigues Sobral, professor de chimica, é um homem muito habil. Conhece os processos actuaes dos francezes nesta sciencia; ensina a chimica segundo os novos principios antiphlogisticos; traduziu até a sua nomenclatura em portuguez, e se occupa agora em publicar um manual de chimica, que falta em Portugal. Não duvido por modo nenhum do seu bom exito.

«N'uma palavra, Portugal possue homens que conhecem o estado actual da litteratura. Ha ahi muito excellentes cabeças, mas é difficil achar neste paiz sabios profundos, que cultivam as sciencias unicamente por amor d'ellas.

«A razão por que esta Universidade é, em geral, tão pouco util, não é difficil de adivinhar.

«N'um paiz onde são obrigados a fazer imprimir os seus escriptos sem retribuição, e á sua custa, ou, com muita difficuldade, á do rei, os auctores devem ser bem raros. Mas donde vem esta indolencia pelas sciencias? E porque a venda dos livros não compensa jamais as despezas da impressão?

(a) *Compendio de botanica, ou noções elementares desta sciencia, segundo os melhores escriptores modernos, expostas na lingua portugueza. Por Felix Avellar Brotero.* Paris, 1787, 2 tomos, in 8.º. O primeiro contém 471 paginas; o segundo 411. O auctor estava em Paris quando compoz esta obra.

«Uma censura severa, um tribunal da inquisição, sempre temivel para os escriptores, bastam para extinguir todo o ardor pelo estudo. Todas as sciencias são irmãs; umas tem a sorte das outras. Se se não tivesse conservado as inscripções gravadas sobre antigos monumentos, não se procuraria hoje ahi o mais go; e Black não teria jamais descoberto o acido oxigenio, se não se tivesse duvidado das cathegorias do Stagirita.»

Missa do gallo.—Na noite de 24 para 25, haverá na Sé Cathedral, para celebrar o augusto mysterio do nascimento do Menino Deus, officio solemne e missa de pontifical.

Informam-nos de que esta edificante festividade correrá com maior explendor ainda do que no anno anterior, tanto pelo que pertence á illuminação da egreja, como pelo que respeita á execução musical.

Dizem-nos egualmente que s. ex.ª o sr. Bispo Conde tem tomado as mais acertadas medidas para que a policia se faça com a maior facilidade naquelle vastissimo templo; a fim de que, não obstante a grande concorrencia de fieis que se espera, haja durante a funcção a mesma ordem e regularidade, que n'ella se observaram no anno passado.

As festas do Natal na Misericordia.—Celebram-se este anno com grande apparato estas festas na real capella da Misericordia desta cidade.

Na vespera do Natal cantar-se-hão, á noute, matinas e laudes por musica a grande instrumental, composição do insigne musico o sr. conego Monteiro, a qual nunca foi ouvida nesta cidade. Tem sido executada na capital, com grande effeito. Aqui não o tem sido por falta de vozes agudas, para que ella foi especialmente organisada. Pode, porem, executar-se agora naquella capella, onde ha os bellos tiples do collegio dos orphãos.

A musica é elegantemente ornada de varios coros, em que tomam parte principal sopranos, alguns contraltos e baritonos.

Todas as vozes, em grande numero foram escolhidas entre as melhores da cidade. Deve agradar muito e agouramos-lhe grande concorrencia.

No dia de Natal haverá missa a grande instrumental, composição do sr. Dr. Ignacio Rodrigues, a qual nos dizem ser de muito bom gosto.

Distincção merecida—O sr. Dr. Julio de Vilhena, auctor das *Raças historicas da peninsula iberica*, dos *Problemas do direito moderno*, e de outros notaveis trabalhos que tem tornado o seu nome tão vantajosamente conhecido no mundo litterario e scientifico, acaba de receber uma prova de distincção e apreço por parte da *Academia de legislação e jurisprudencia* de *Madrid*, que lhe conferiu o diploma de socio correspondente.

Felicitamos o nosso amigo pelo honroso testemunho de apreço com que o nobilitou aquella respeitavel associação scientifica, o qual em certo modo se reflecte tambem na Universidade de Coimbra.

Publicação importante—A proposito dos *Problemas do direito moderno*, a que nos referimos na noticia antecedente, e dos quaes possuimos por obsequio do auctor, os dois primeiros fasciculos, folgamos de noticiar que o sr. Dr. Julio de Vilhena continua trabalhando na publicação do fasciculo 3.º, em que concluirá a materia de *Alimentos e apanagios*, e que em seguida a este publicará outros fasciculos relativos a importantissimas materias de jurisprudencia.

Fallecimento—No dia 16 do corrente falleceu nesta cidade o sr. Adolpho Pinto Ferreira de Abreu Borges e Castro, filho do sr. Antonio Pinto Ferreira de Abreu.

O fallecido era um moço de distinctas qualidades, e deixou inconsolaveis seus paes, a quem damos os sentimentos pela irreparavel perda que acabam de soffrer.

Associação dos melhoramentos das classes laboriosas—Com o titulo desta nossa noticia, fundou-se ha pouco em Lisboa uma sociedade altamente notavel pelos fins a que se propõe, os quaes se encontram com clareza estatuidos na sua lei organica.

Sabemos, e ninguem o contestará, que a nova sociedade se vê a braços com as muitas difficuldades, que quasi sempre no principio cercam as empresas desta ordem; por isso se os seus esclarecidos fundadores não trabalharem com denodo, oppondo uma forte vontade e immensa energia aos obstaculos que já se levantam, e aos que ainda apparecerem, a sua obra, que pode ser grande e proveitosa, não chegará ao menos a dar um resultado, dos muitos e bons que se devem esperar.

Mas não se cuide, pelo que levamos dito, que só é condição essencial para a vida e progressos da sociedade, o constante trabalhar dos seus funccionarios; é necessario haver o mais vigilante cuidado em a não desviar do seu verdadeiro caminho, porque levando-a a servir uma ou outra parcialidade politica, a sociedade em vez de alcançar, como imaginam, mais larguesa na esphera da sua florescencia, só prepara a sua morte, que em taes casos não se faz esperar.

E se fosse necessario provarmos o que avançamos, bastaria que apontassemos um exemplo bem frisante e recente: é o *Centro promotor*.

Não sabemos de associação que tão admiravelmente satisfizesse o seu elevado programma, alcançando por isso resultados que jámais esquecerão. Mas um dia quiz a fatalidade que o calor da politica fosse alterar a atmosphera que se respirava nas salas daquella sociedade, de modo que pouco depois o centro retrogradava com mais celeridade, do que aquelle com que em dias felizes avançara. E hoje vive (?) sómente das recordações de um passado glorioso.

Que tão conveniente lição não esqueça aos socios da associação dos melhoramentos, e principalmente aos prestantes membros dos corpos gerentes, aos quaes incitamos a que façam convergir os seus esforços para um só ponto, o engrandecimento da associação, a fim de que esta possa conquistar um dos primeiros logares na ordem das sociedades, que, com os mesmos intuitos, mais se procuram distinguir em Portugal.

O jornalismo nos Estados Unidos—A folha mais antiga, que ainda se publica em New-Hamphire, é a *Gazeta de Portsmouth*, dada á luz em 1756.

O segundo logar na ordem da antiguidade pertence ao *Mercurio de New-Port*, que começou a publicar-se em 1758. Mas os dois mais antigos jornaes da America parece terem sido aquelles que tomaram por titulo—*A flor de maio*—e *Occorrencias publicas de Harris*: o primeiro impresso em Cambridge em 1673, e o segundo em Boston em 1690.

Em 1704 appareceu a *Carta de noticias de Boston*, e em 1715 a *Gazeta de Boston*.

Seis annos depois, isto é, em 1721 a familia Franklin creou as *Noticias correntes da Nova Inglaterra*. O celebre Benjamin Franklin empregava-se na impressão do jornal, e em o distribuir por casa dos assignantes. Mais tarde fundou elle só a *Gazeta de Pensylvania*, a qual dirigiu durante 35 annos com o maior ardor.

Estatistica do casamento—O doutor Bartillon escreveu em um relatorio que apresentou á academia de medicina de Paris, que o numero de individuos que se casam annualmente, é na Hungria de 72 por 1000, em Inglaterra 64, na Dinamarca 59, em França 57, nos Paizes Baixos 52, na Belgica 43, na Noruega 36.

A propriedade territorial na America.—Para se formar uma ideia da immensidade dos terrenos cultivados que ha na America, bastará dizer o que pertence a um simples particular.

O dr. Gleen possue junto das margens do Sacramento, no condado de Calusa, um terreno que mede 19 leguas d'extensão e 5 de largura. Um só dos seus rendeiros, chamado Hogg, cultiva dez mil geiras de terra, outras dez mil são confiadas aos irmãos Gupplon, e quinze mil são distribuidas por um certo numero de pequenos rendeiros.

Nos bons annos uma geira produz 35 alqueires de trigo. A producção da cevada é maior.

A gallinhola scolopax rusticola—O sr. José Maria Rosa de Carvalho diz-nos o seguinte:

«Esta ave, assim como todas as deste genero *scolopax*, têem o bico muito longo, como inchado na ponta, cheio de rugas em toda a sua extensão; a mandibula superior excedendo a inferior, e formando um pequeno gancho na ponta; os pés são de mediana grandeza. Quanto á côr: tem 4 bandas pretas so-

bre a parte superior da cabeça, em traço escuro entre o bico e os olhos; as partes superiores variadas de ruivo, amarello, e cinzento, e marcadas de grandes pintas pretas; partes inferiores d'um ruivo amarellado e acinzentado, com linhas escuras em zigzag; olhos grandes, e collocados acima do ordinario; comprimento do corpo 35 centimetros. Quanto aos seus costumes: ella vôa mais de noite do que de dia, está occulta dentro das matas sombrias, nos pinheiraes novos e escuros, etc., e á noite desce dos montes ás ribeiras e vallas, a procurar sustento, que consiste em vermes e insectos molles, e pequenos moluscos aquaticos.

É ave d'arribação; apparece aqui em Novembro, e parte em Fevereiro.

Têem sido este anno tão abundante as gallinholas nas margens do Mondego, que no dia 14 do corrente, 3 caçadores nossos conhecidos, mataram 13 desde as 9 horas da manhã até ás 3 da tarde; e viram mais de 40.

Esta abundancia, não se deve attribuir tanto, a ellas terem arribado em maior numero, como ao tempo secco que tem estado e verem-se na precisão de descerem dos montes, e reunirem-se nos terrenos onde a agua abunda.

A gallinhola é a ave mais estimada por os apaixonados dos bons *petiscos*. Dizem que ella deve ser comida com a tripa, que lhe dá o maior gosto, depois de bem *limada* por dentro e fóra.

Se ainda estivessemos no nosso tempo de rapaz, não gritavamos agora aos caçadores: a ellas rapazes... a ellas.»

Desgraça.—Mais uma victima filha da pouca cautela com o fogo.

Em Portunhos, concelho de Cantanhede, falleceu na quinta feira uma innocente e formosa menina, de perto de 3 annos de edade, no meio da mais cruciante afflicção, qual é o morrer queimada! Chamava-se Maria José, e era filha de Antonio Mendes e Constancia das Almas, daquelle logar.

A innocente, e mais duas creanças accenderam fogo e fizeram fogueira para se aquentar: foi então que os vestidos da victima se incendiaram.

A mulher de Manoel André (o Alfaiate), que acudiu aos gritos da creança e diligenciou salval-a, acha-se gravemente doente das mãos, e receiando-se que fique aleijada.

Ha a notar uma circumstancia. No dia anterior já havia pegado fogo a uma saia da innocente e quasi se lhe queimou toda. Era a triste sorte que a perseguia.

Sirva tão terrivel exemplo de lição ás mães de familia, para terem mais vigilancia sobre seus filhos.

Ha poucos annos para cá é esta a terceira victima que ha naquella freguezia.

Donativo.—O sr. Antonio dos Santos Ferreira fez ao Asylo de Mendicidade o donativo de 4$500 reis.

Correspondencia. — Recebemos uma carta do sr. bacharel Francisco Henriques de Sousa Secco, a qual não publicamos hoje por falta de espaço. Irá, porém, em o numero seguinte.

NECROLOGIO

Que fôra o mundo se n'elle
não houvera lagrimas?

A. HERCULANO.

Depois de um prolongado e angustioso soffrimento, mitigado apenas pelos carinhos de uma extremos familia, e por um disvelo sem egual, pois que de ha muito se haviam perdido as esperanças de salval-a, finou-se no dia 15 do corrente, em Goes, e na esperançosa edade de 22 annos, a exm.ª sr.ª D. Maria da Conceição Jovita Simões.

Mal diriamos nós, quando ainda ha pouco admiravamos esta sympathica e interessante donzella, na qual a par de uma regularidade e perfeição na forma, realçava um espirito culto e não vulgar, que dentro em tão curto espaço de tempo, nos veriamos na espinhosa mas ingente necessidade, de á falta de melhor artifice, lhe virmos prestar esta ultima homenagem á sua memoria.

Quem, como nós, teve occasião de admirar as brilhantes virtudes, que lhe adornavam a alma, a sua sempre interessante e instructiva conversação, a par de um trato excessivamente delicado, não póde hoje, sem sacrificio, fallar no passamento da infeliz e sempre lembrada nympha das formosas margens do Ceira.

Morte! ingrata e cruel inimiga da humanidade, que sendo, como és, na maior parte das vezes indiscreta e traiçoeira, tanto arrastas em teu desregrado impeto o desprezivel surgaço, como a mais candida e branca açucena. Mas..., perdão senhores! esquecera-me que vos estava fallando d'um anjo, para só me vir referir a essa sempre desgraçada humanidade: os anjos como a exm.ª sr.ª D. Jovita, não morrem; esses vivem e viverão sempre no ceu, e na grata lembrança de todos nós.

E' de certo profundo e justissimo o sentimento, que nesta hora dilacera o coração da infeliz mãe e do extremoso irmão e nosso prezado amigo; mas, se ha dores que não tem allivio (e esta é uma d'ellas), ao menos que sirva de conforto a extremosa familia a satisfação de que, aquella que na terra foi modelo dos filhos e dos irmãos, está hoje occupando o logar que de ha muito lhe estava predestinado, e no goso d'uma ventura sem egual.

O nosso sentido pezame á inconsolavel familia, e uma saudade sobre a campa da infeliz.

Goes, 16 de Dezembro de 1873.

N. Veiga.

ANNUNCIOS

1 QUEM QUIZER comprar o foro de vinte alqueires de trigo, imposto em uma terra no sitio das Bucêtas, freguezia de Sernache, de que é emphiteuta Joaquim dos Santos, do logar da Telhadella, dirija-se a Francisco José Gonçalves de Lemos, desta cidade, ou a João José de Lemos, do sitio da Cêrca, que estão auctorisados para a sua venda.

2 EDICÇÃO 2.ª de fogões de fogo circular e do rewolver hydraulico, mais correcta e augmentada, por Antonio Bernardes Gallinha. Officina de serralheria—23, rua de Quebra-Costas, 28.

SUBSTITUIÇÕES MILITARES

3 F. DE M. ALVIM, com escriptorio em Lisboa, rua do Arco do Bandeira, 219—1.º, trata, não só de substituições militares, tanto no exercito como na armada, em qualquer terra do reino ou ilhas, mas tambem de negocios nas differentes repartições ou tribunaes civis, militares, e ecclesiasticos.

DOCTOR IN ABSENTIA

4 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

Attenção

5 A JUNTA DE PAROCHIA da freguezia da Sé Cathedral, faz publico, que no dia 25 do corrente mez, pelas 11 horas da manhã, na casa das suas sessões, hade arrendar por um ou dois annos, a contar do 1.º de Janeiro de 1874, um quintal junto á egreja de S. Pedro, uma casa junto á egreja de S. Salvador, um quintal e casarão juntos á mesma egreja, tudo nesta freguezia. As condições estarão patentes no acto do arrendamento.

AGRADECIMENTO

6 ANTONIO FERREIRA D'ABREU PINTO e D. Carlota Borges de Castro Soares de Albergaria, immensamente penhorados pelas manifestações recebidas das pessoas de sua amisade, durante a molestia e apoz o fallecimento de seu prezado filho; apressam-se a exprimir-lhes o mais profundo reconhecimento. Obrigados por intensa dôr a sair precipitadamente de Coimbra, agradecem por esta forma; mais tarde o farão pessoalmente.

CHEGOU
Queijo Flamengo
CASCA ENCARNADA

7 ARMAZEM de viveres de Manoel da Silva Gonzaga.

51 Sophia 55

CASA D'ASULEJO

ABRIU-SE

8 JOSE' ROCHA acaba de expôr á venda vinho do mais superior da Bairrada, que vende por quartão a 300 rs.

74 Sophia 74

JORNADAS
Por Thomaz Ribeiro
DO TEJO AO MANDOVY

Um lindo volume de mais de 400 paginas: preço 600 rs.

A' venda na livraria Central de J. D. Pires, editor.

Remette-se pelo correio a quem enviar 650 reis em estampilhas.

Á PORTAGEM
O inimigo do monopolio
EM COIMBRA

16 CONTINUA a vender petroleo refinado, por atacado, cingindo-se sempre ao menor preço de Lisboa: dá prazo e recebe barris vazios a 800 rs. cada um.—O encarregado da venda

JOSE' TAVARES DA COSTA

Rua da Calçada, proximo á Portagem.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navios a sahir

Para o **Rio de Janeiro:**

Galera EUROPA, em 3 de Janeiro de 1874.

Recebem passageiros e carga. Trata-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

12 A CONTAR DA DATA DE HOJE bastará cozer a nossa farinha sómente por um minuto, quando seja acompanhada de instrucções estampadas em tinta vermelha, já que por meio de uma invenção privilegiada temos podido cozel-a no forno antes de embalal-a. Consequentemente a farinha é um pouco mais escura, porem tambem muito melhorada no seu sabor, e tem mais a vantagem addicional de economisar tempo e trabalho aos criados. ara as pessoas, em viagem ou que não tem cozinha, temos preparado os **Biscoitos de Revalescière**, aos mesmos preços.

SAUDE A TODOS—75.000 CURAS EFFECTUADAS

Pela deliciosa farinha hygienica chamada

REVALESCIERE
DU BARRY DE LONDRES

Cura radicalmente as más digestões (dispepsias) gastrites, gastralgias, estremecimentos habituaes, flatos, ventos, palpitações, diarrhea, inchações, accidentes, pituitas, cachequeca, nauseas, vomitos depois de comer e durante a gravidez, dores, azedumes, caimbras, espasmos e inflammações do estomago, dos rins, do coração, das costas, todas as alterações do figado, dos nervos, da garganta, dos bronchios, do alcuto, da membrana mucosa, bexiga e bilis, insomnias, tosses, oppressões, asthmas, catharro, hernias, erupções, diabeticas, constipações, febre, irritação dos nervos, nevralgias, vicio e pobreza de sangue, suppressões e catharro epidemico.

É ella tambem a melhor fortificante para as creanças fracas, como para as pessoas de toda a edade, fortalecendo os muscuos e consolidando as carnes.

Economias 50 vezes o seu preço em outros remedios, e nutre mais do que a carne, proporcionando pois dupla economia.

BARRY U BARRY E C.ª

A Place e Vendom 26, Paris: Regent-Street, Londres; Cae de Valverde, 1, Madrid.—Preços fixos da venda por miudo em toda Peninsula: Em caixas de folha de alta de 1/4 kil. 500 reis; 1/2 kil. 800 reis; 1 kil. 6$400 reis; 2 1/2 kil. 3$200 reis; 6 kil. 1$400 reis e de 12 kil. 12$000 reis. Vendido a preços inferiores é uma falsificação.

A revalesciere chocolatada

Alimento finissimo, eminentemente nutritivo, que fortifica os nervos, o estomago e as carnes, e que renova o sangue; dá appetite, digestão com somno tranquillo, força aos nervos, aos pulmões, e ao systema muscular.

Em pó, em caixas de folha de alta de 12 chavenas, 500 reis; de 24 chavenas, 800 rs.; de 48 chavenas, 1$400 reis; de 120 chavenas, 3$200 reis ou 25 reis por chavena.

Os boticarios, droguistas, merceeiros, etc., das provincias, devem dirigir os seus pedidos ao Deposito Central: Srs. **Serzedello e C.ª**, Largo do Corpo Santo, 16, Lisboa.

LISBOA, Carlos Barreto, rua do Loreto, 28; Barral Irmão, rua Aurea, 128.—PORTO, Desiré Rahir, rua de Cedofeita; J. de Sousa Ferreira & Irmãos; de Sequeira; J. Pinto.—EVORA, Duarte; Murteira.—ESTREMOZ, Fernandes.—ELVAS, Sant'Anna.—COIMBRA, Botelho de Vasconcellos; J. L. de Magalhães Ferraz, e Manoel Abilio Simões de Carvalho.—FIGUEIRA, Vieira.—AVEIRO, Luz e Costa.—ABRANTES, Salgueiro.—BELEM, Franco.—BEJA, Duarte e Vaz, Fonseca.—SANTAREM, J. Maria de Castro.—MADRID, Calle de Valverde.

E geralmente em casa de todos os melhores droguistas e boticarios de Lisboa e demais provincias de Portugal.

N. B. Cada caixa é acompanhada de instrucções em portuguez.

NUMERO 2756 — TERÇA FEIRA 23 DE DEZEMBRO DE 1873 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Não descura o governo o valioso serviço, de promover a exposição dos vinhos portuguezes, que em Abril do proximo futuro anno deve effectuar-se em Londres, com o fim de tornar bem conhecidos e melhor apreciados, os differentes typos das nossas regiões viniculas.

E' de tão grande importancia este objecto para a riqueza do paiz, e para a prosperidade da nossa agricultura, que justificados são todos os esforços que o governo e as auctoridades administrativas, suas subordinadas, possam empregar, no sentido de tornar effectivo este grande motor do nosso progresso agricola.

Nesta occasião, em que o governo se empenha em realisar uma ideia, verdadeiramente util a todos os interesses, e pretendendo abrir, novos e mais importantes mercados ao consumo deste genero, cremos que não será necessario appellar para o patriotismo dos productores, a fim de que os esforços e os desejos da auctoridade, não sejam infructiferos; sendo que este importante objecto, está intimamente ligado aos interesses da agricultura.

Se os chefes dos districtos empregarem os meios, que o zelo pelo serviço publico costuma suggerir, podemos contar com o bom exito de semelhante emprehendimento.

O governo acaba de dirigir a estes funccionarios novas circulares, ordenando algumas providencias, que muito podem contribuir para este resultado.

Acertadamente deseja o governo estabelecer grupos, para tornar mais facil a apreciação dos nossos vinhos, pela classificação dos differentes typos, sujeitando-se os vinicultores á analyse official, a que deverá proceder-se.

E' neste paiz enorme a variedade de vinhos, que diversificam pela natureza geologica dos terrenos e do clima local; e é por isso conveniente, como ordena o governo, formar uma classificação de typos, para melhor poderem ser apreciados na exposição, onde vão estabelecer competencia, com os de muitos outros paizes, mais adeantados neste ramo de industria.

Já hoje ninguem ousa duvidar das vantagens, que as exposições prestam ás industrias; e, com relação a um producto agricola de tamanha importancia, talvez o unico capaz, só por si, de fazer a riqueza de uma nação, é de esperar que todos auxiliem o governo, no mui louvavel desejo de engrandecer o paiz, pelos progressos da agricultura e do commercio.

Por nós não esqueceremos este assumpto.

A CALUMNIA SEMPRE

Com este titulo publicou o *Campeão das Provincias*, a proposito do que temos dito do sr. José Luciano de Castro, em reforço ao nosso collega do *Progressista*, um artigo, em que diz que *o facto de deturpar a verdade, e de calumniar sempre, o maravilha.*

Isto em defeza do sr. José Luciano, será remorso, expiação, ou castigo?

Em materia de calumnia, curvamo-nos deante do *Campeão das Provincias*; e para que a nossa admiração não seja tida na conta de suspeita, invocamos o testemunho do sr. José Luciano de Castro, e os registos criminaes de Aveiro, em cujo tribunal foi condemnado o *Campeão das Provincias*, como calumniador convicto do proprio sr. José Luciano, hoje seu correligionario e chefe politico.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 21 de Dezembro de 1873.

Tem corrido boatos de *modificação* ministerial. Não sei o que seja *modificar* um ministerio qualquer. A opposição lá o entende, e... bem o entende. O que lhe digo é que é pura balela, e que o ministerio se apresentará em Janeiro ás côrtes, tal qual se acha constituido ao presente.

Todavia, não me admirava que qualquer membro do gabinete saisse, sem comtudo alterar por forma alguma a actual situação politica. O meu amigo sabe que não ha cavalheiros mais independentes, e com mais desamor ás pastas, do que os que actualmente se acham á frente dos negocios publicos. Lance os olhos para 1868, em que os rôtos de Belem e de Alcantara levantaram a cabeça. Não tinha o ministerio immunidades a respeitar; antes, pelo contrario, deveria permanecer no exercicio das suas funcções; mas, com uma lealdade e abnegação, como não ha exemplo nos factos dos governos constitucionaes, retirou-se do poder, deixou os turbulentos, e os ambiciosos subiram pela escada das suas aspirações, e foram inutilisar o que haviam encontrado de bom e de optimo.

Que neguem os adversarios estes factos. Podem fazel-o como sempre, com a deslealdade que lhes é peculiar. O publico sensato, porem, avalia e desmente-os.

—Veiu hontem no *Diario do Governo* o decreto da demissão do sr. Antonio Rangel, commissario da 1.ª divisão policial desta cidade. O decreto é concebido nos seguintes termos, os quaes não abonam a cordura nem o bom methodo de proceder do sr. commissario, no exercicio das suas funcções. É bom que fique aqui registado na sua integra:

«Não podendo em nenhuma hypothese os commissarios de policia mandar soltar quaesquer presos, porque lhes não compete a apreciação e julgamento dos delictos; e chegando ao meu conhecimento que o commissario da 1.ª divisão policial de Lisboa, Antonio Paulo Rangel, na noute de 10 do corrente, não sómente soltara um individuo preso no circo Price pela guarda municipal, mas proclamara por essa occasião que alli só elle ordenava, como inspector da praça, e que o commandante geral das guardas municipaes só era um espectador como outro qualquer, indo depois ao encontro delle repetir na sua presença e na do publico, que assistia ao espectaculo, as mesmas expressões inconvenientes em qualquer pessoa, mas muito mais n'um agente da policia, que em vez de prevenir pela sua prudencia os conflictos, provocou este com escandalo publico, quebra da disciplina e detrimento da auctoridade que devia fazer respeitar, o com desprezo da lei que devia cumprir; por estas razões e tendo em vista a participação do mesmo commissario, o auto de investigação a que se procedeu e a informação do commissario geral de policia: hei por bem demittir o mencionado Antonio Paulo Rangel, do cargo de commissario de policia, para que foi nomeado por decreto de 15 de Outubro de 1868. O ministro e secretario de estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço da Ajuda, em 18 de De-

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXXIII

D. CARLOS

LXXIII

Em a noute de 19 de Setembro sublevou-se em Gayangos o primeiro batalhão do regimento de Malhorca contra os seus chefes e officiaes, assassinando a um, ferindo a outro, e attentando contra a vida dos demais, chegando ao alojamento do seu mesmo coronel, que viu assestadas ao peito as bayonetas daquella soldadesca desenfreada, cujo furor não respeitou portas, nem janellas, que foram crivadas de ballas. Os soldados que tinham permanecido apathicos, ouviram a voz de seus chefes, e voltaram ao cumprimento dos seus deveres.

A moral publica insultada, as leis militares escandalosamente atropelladas, e a sociedade offendida, reclamavam imperiosamente o justo desaggravo de taes offensas.

Dois sargentos, tres cabos e vinte soldados, foram-os entregados pelo primeiro batalhão de Malhorca á justiça, como auctores e perpetradores dos horrorosos attentados da noute de 19.

Os cinco primeiros, pela razão dos seus empregos, deviam ser passados pelas armas sem entrar em sorte, e os vinte ultimos quintados para soffrer a mesma pena, em conformidade das leis. Assim se fez; e os sargentos, cabos e soldados, a quem tocou a triste sorte, foram fuzilados, e os restantes condemnados a 10 annos de presidio com retenção.

Instavam continuamente a Espartero os capitães generaes de muitos districtos, para que fosse a elles conter com a sua presença as desordens da tropa, confessando-se assim impotentes no cumprimento do mais sagrado de seus deveres: cousa que indignava Espartero, o qual não podia acudir ao mesmo tempo a tantas partes como desejava, principalmente indo em perseguição de D. Carlos.

Resolvido estava, não obstante, a devolver á disciplina o justo imperio que nunca devia perder, e começou, de accordo com o seu antigo campanheiro e amigo, o auditor de guerra, expedindo um rigoroso bando, em que até pelo roubo de um ovo se impunha a ultima pena, que soffriam diariamente dois ou tres soldados, antes de sairem do povo onde descançava.

Depois de obrigar a D. Carlos a entrar nas provincias Vascongadas, dirigiu-se a Miranda do Ebro, mandando que se lhe incorporasse o provincial de Segovia, que achou na passagem. Revolvia já na sua mente o modo de fazer um exemplar castigo, e dar ao paiz uma prova do seu amor á subordinação, do seu respeito á justiça, e da superioridade que exercia sobre o exercito; e concebeu e amadureceu só o seu plano.

Para o executar mandou no dia 30 de Outubro formar as tropas em quadrado, á saida de Miranda do Ebro. Ninguem sabia o objecto; e unicamente o chefe de estado maior, Van-Halen, o da cavallaria, D. João de Zabala, e o da artilheria, Ponte, foram iniciados nelle, poucos momentos antes. Formou a cavallaria detraz da infanteria, com resolução de a carregar quando notasse o menor symptoma de insurreição, e as peças opportunamente preparadas, foram carregadas de metralha.

Completa a formação, apresentou-se Espartero no meio do quadrado, onde deteve o rapido galopar do seu ardente lasão, e mandou que se retirassem todos os seus ajudantes.

O silencio era sepulcral, e ainda que ignoravam todos o que havia de succeder, pareciam prevel-o, pelo recolhimento em que estavam: até a respiração era afogada, como se temessem que ella interrompesse aquella imprevista calma.

Só Espartero, no meio de todos destacava a sua figura magestosamente: o pensamento que o dominava o exaltava; os seus olhos scintillavam, como quando estava no meio dos combates. A sua empreza era grande, a sua situação critica: era Eolo que ia sujeitar os desencadeados ventos que produziram tantas tempestades e occasionaram a ruina da nau do estado: ia a salvar a patria, ou a perecer com ella; e resolvido exclamou, com a espada na mão, e com a voz estentoria que o distingue, e a acção producto da sua eloquencia pura-

zembro de 1873.—Rei.—Antonio Rodrigues Sampaio.»

Nestas questões, que são de todos, não nos prendem considerações partidarias. O sr. Rangel exorbitou das suas attribuições por um modo insolito e indigno, desconsiderando uma auctoridade em pleno publico. Tivesse razão, embora. Não devia provocar tal escandalo, desprezando a lei, que era seu dever manter e respeitar.

São, pois, do tomo desta e de outras, todas as accusações que se têem feito ao actual commandante das guardas municipaes.

—Teve logar uma recita no theatro do Principe Real em beneficio do *Rebate*, periodico que se acha querellado. Appareceu no palco, empunhada por uma creança, de bonnet phrygio na cabeça, a bandeira vermelha, tocando-se por essa occasião o hymno da marselhesa. Aqui tem o meu amigo a prova da liberdade que disfructamos, e os sentimentos deste governo, ao qual accusam de intolerante. Os factos, sempre os factos, a desmentil-os. Porém é talvez de crer que digam que tal representação não devia ser consentida. Deixem... nutrir aspirações, das quaes mal algum resulta. Antes isto do que a repressão que abafa, que violenta, e que mais tarde ou mais cedo, dá logar a explosões terriveis. Manifestações dentro da ordem faça-as quem quizer. Se avançarem alem, se quizerem transpor balisas que lhe são vedadas... o governo sabe o seu dever.

—Continua o processo da tentativa de revolta, e prosegue ainda o inquerito das testemunhas de defeza do reu barão de Pomarinho.

—Cartagena continua resistindo com uma heroicidade digna de melhor causa. No dia 20, porém, houve na praça uma grande explosão. A junta cantonal abandonou-a.

—A *associação dos melhoramentos das classes laboriosas* trata de inaugurar a sua escola de instrucção primaria, bem como o gabinete de leitura para os socios que o quizerem frequentar. Vão ser expedidas circulares ás redacções dos diversos jornaes do paiz, a fim de lhes facilitarem gratuitamente para a sua bibliotheca. É de crer que todas as redacções auxiliem este importante pensamento civilisador.

—Estamos chegados ao Natal. Lisboa, a aristocratica, é invadida por numerosas manadas de perús, e as suas ruas transformam-se em permanentes mercados. Ainda a camara municipal não deu por isto. Organisem um mercado especial para a venda destas aves, e acabem por uma vez estas exhibições, proprias de uma aldeia.

—Os premios de maior vulto que se extrahem no dia 23 na loteria de Madrid são os seguintes:

	PESETAS
1 de............	1:500:000
1 de............	500:000
1 de............	250:000
2 de............	125:000
10 de............	50:000
20 de............	10:000

Ha mais 3:165 premio, com approximações reintegras e premios sorteados. Talvez algum dos seus leitores se queira habilitar, e é bom por isso pôl-o ao corrente destas cousas.

Antecipo-lhe as boas festas.

P. J. Conceição.

CORRESPONDENCIA

Sr. Redactor do *Conimbricense*.

Devo ao favor de um bom amigo, poder fazer a leitura no n.º 2752 do seu jornal, de uma *correspondencia* da assignatura (não da lavra) d'um tal Miguel Marques Pratas, como *gestor de negocios*, que n'ella figura, tendo por thema a continuação do mesmo objecto, de que já se occupou o *communicado* publicado no n.º 2737, sob a firma de Abel da Silva Linhaça, como *procurador auctorisado* (sem procuração) do sr. Dr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco, bem conhecido irmão meu.

Ambas estas publicações, differençando-se só pelos nomes diversos dos figurados signatarios, tocam pela mesma alinação, como obra do mesmo auctor; os mesmos sophismas para fugir á verdade dos factos e falseal-a; as mesmas insinuações perfidas e malignas; as mesmas mistificações em tudo, por tudo e para tudo.

Tardou assim mesmo; porque foi preciso longo tempo e sério estudo, no intuito de se conseguir, debalde, atalhar ao legitimo effeito dos esclarecimentos firmados em factos de verdades incontestaveis, que a respeito d'aquelle *communicado*, foi publicado no n.º 2746, deste mesmo jornal.

Assim havia de ser, de necessario que se decidiu em *conselho*, acudir com a *correspondencia*, embora deslealmente sob nome d'emprestimo, para que já não serviu o primeiro, de Linhaça. Improficua, que foi de primeiro, essa *cataplasma*, para curar chaga pustulenta, esforçou-se o empirismo na tentativa, egualmente inutil, e frustrada, de lhe applicar novo elixir, bem enfrascado pelo engenhoso sophisma de fazer abafar a voz da verdade dos factos, do legitimo e justo, pela do astucioso embuste.

Estranho absolutamente que é, o figurado —*gestor de negocios*— a tudo quanto faz objecto daquella *correspondencia*, na qual nada mais tem do que a propriedade do seu nome sobre a obra *prateada* (como já succedeu com aquelle *communicado* Linhaça), e tão estranho, que só agora posso conhecer pelo *prateado* sobre o seu nome; julgo-me inteiramente desligado, para não descer a responder-lhe. Rebaixar-me-hia.

Quero sim, repellir nobre e vigorosamente, como tanto posso e devo, o arrojo das perfidas insinuações, e responder; fique-se sabendo que não declino; mas, responder, ao verdadeiro auctor da correspondencia, que procura nomes em que menos nobre, e cobardemente, esconde o seu, para fugir á responsabilidade do que manda publicar em nomes alheios.

Venha o verdadeiro auctor; não fuja, que é isso ignobil; não se entrincheire por detraz desses nomes que se lhe prestam (com que ajuste, saber-se-ha), para traiçoeiramente ferir a victima da sua injusta perseguição, que é um seu irmão.

Lealdade, por lealdade se paga; e eu que a tive, e terei sempre para vir desaffrontadamente com o meu nome a descuberto, tomar a responsabilidade do que escrevi e escrevo, de todos os meus actos mesmo; tenho por isso direito, pelos deveres d'honra ao menos, de ser correspondido com egual lealdade da parte do homem, que ennobrecido pelos seus elevados sentimentos e feitos, é generoso e cavalheiro de bondade; que sendo doutor em Direito, e lente da Universidade, na cadeira de direito penal, tem rasão de saber das leis civis, e muito mais de materia de delictos e penas; que é conselheiro honorario, ex-deputado por vezes ás côrtes da nação; e que primeiro e mais que tudo isto, é legitimo irmão, pelo sangue de paes communs, da sua victima perseguida.

O homem ennobrecido por tantos titulos e honras, se tem a legitima consciencia de si, e da verdade por si, não póde faltar ao que o dever lhe impõe, para se não deixar degradar vilmente: não se occulta detraz de ninguem: não manda; vem á imprensa (para onde provoca o seu adversario) em pessoa com o seu proprio nome, contra quem quer que seja, para não deixar de vir do mesmo modo contra o irmão, a que não cessa de fazer amargurados os dias da vida, por todos os meios de perseguição, injusta e sem egual, levada tambem agora para a imprensa, para que nem aqui elle possa escapar a essa perseguição, manejada, por meio tambem d'uma desleal e ignobil *propaganda*, na mira de desconceituar por meio da intriga e da calumnia, o perseguido seu irmão.

Venha pois meu irmão: assigne de proprio punho os seus escriptos, em vez de serem assignados por *procurador*— sem procuração; e por um *gestor de negocios* — sem ratificação sua; e achará cumpridos os seus desejos. Responderei então a todos os quesitos formulados na *correspondencia*. Fique certo disso; bem como de que a minha resposta, hade ser franca e leal, e um desmentido peremptorio pela aclaração dos factos, e da verdade firmada por documentos authenticos, e outros não menos valiosos, do seu proprio punho e assignatura; contra as suas asserções meramente gratuitas e insinuações perfidas e malcabidas, mormente d'irmão para irmão.

Não deve ignorar, meu irmão, que tenho todos esses documentos. Em começo para amostra, e prova ao mesmo tempo do que lhe tenho soffrido pacientemente (para não quebrar a boa harmonia de familia) desde remotos tempos já, sob o influxo do predominio de que se arrogara sobre a mesma familia, limito-me por agora a transcrever o periodo reprehensivo e dominador ao mesmo tempo, daquella carta, de 3 de Setembro de 1855, em que sem fundamento nem motivo que a determinasse, e menos pela auctoridade de que se arrogou, principia assim:—*Mano Francisco. O teu comportamento para comigo, está abaixo de todo o desavergonhamento.*

Fico por aqui até que venha meu irmão, firmar com o seu nome os seus escriptos perseguidores, publicados em nome de extranhos sem responsabilidade. O proprio decoro, exige que venha, e não se occulte detraz delles. Esperarei.

Thomar, 14 de Dezembro de 1873.

Francisco Henriques de Sousa Secco.

NOTICIARIO

Aonde foi morto Herodes?—Ha varias terras com baldas, que fazem perder a paciencia aos seus moradores quando lhes fallam n'ellas.

Por exemplo, no logar da Mourisca, a pouca distancia de Agueda, o qual é quasi todo composto de ferreiros, desgraçado do passageiro que lhes perguntar—*Que officio tinha o diabo?*

Tambem não tem boa sorte quem perguntar em Lagos, pelo *Maio*; em Olhão, pelos *santos orgãos*; em Vallongo, pela *cadeira do padre Verissimo*; no logar da Azoia, pela *Carlota*; aos paliteiros de Lorvão, pelo *ninho do melro*; aos carvoeiros da serra, se *já deu meio dia em S. Paulo e tres quartos na Ladroeira*; se se disser aos barqueiros serranos —*ó Josésito, ferra a unha*; e se se perguntar na Redinha pela *sepultura de Herodes*.

Não admiram estes ditos, que são proprios de rapazes; o que, porém, parece incrivel, é que tenha havido escriptores, que discutam com seriedade, se Herodes foi morto na Redinha, ou em Villa Velha de Rodão!

Na *Chronica da antiquissima provincia de Portugal da ordem dos eremitas de S. Agostinho, bispo de Hipponia, e principal doutor da egreja*, por Fr. Antonio da Purificação; se lê a paginas 12 da parte primeira, impressa em Lisboa em 1642, o seguinte:

«Andando Herodes desterrado em Hespanha, o colheram os portuguezes no logar de Rodio (que hoje se chama a Redinha, no bispado de Coimbra, ou segundo outros, é Villa Velha de Rodam, no bispado da Guarda), e o mataram, vingando n'elle a injusta morte, que deu ao grande Baptista.»

Não era, porém, Fr. Antonio da Purificação, o primeiro escriptor portuguez que se occupava desta *importantissima* investigação.

---

mente militar, rude e energica como a profissão:

«Soldados. Reuni-vos neste sitio para vos fallar de um successo inaudito, de um feito escandaloso que, manchando a honra do exercito hespanhol, eclipsa suas glorias, excita a minha indignação e atormenta a minha alma de uma maneira inexplicavel. Companheiro vosso nos infortunios, nas privações, e sempre o primeiro nos combates, prefiro mil generos de morte antes do que consentir que a vossa honra se manche, porque a vossa honra é a minha, assim como o meu sangue é o sangue vosso; sangue precioso tantas vezes prodigado nos campos de batalha. Vós me servireis de egide, de couraça, não é verdade?

—Sim, responderam aquelles soldados enthusiasmados com as palavras do seu chefe.

«Pois bem, proseguiu, unidos todos seremos invenciveis, e de tão intima união entre o caudilho e os seus valentes soldados, é feliz resultado as victorias que acabaes de conseguir. Porém a doce recordação de tantos infortunios, de acções tão heroicas, tem desapparecido ao contemplar um crime digno do maior castigo, um delicto... que não tem egual nos fastos da milicia. Escutae:

«Era a noute: um funebre sonho occupava os meus sentidos; a feroz discordia, que pinta serpentes por cabellos, se agita em redor de quanto via, produzindo por toda a parte o terror e a desolação... No meio de tão triste quadro, apresentou-se-me uma sombra ensanguentada, hirto o rosto e despedaçado o corpo. Cri ouvir então uma voz que me dizia: vê como me deixastes... observa como me vês... repara o meu aggravo, salva a patria... Prometti fazel-o.

«E sabeis quem era? O meu querido amigo, o general Escalera, aquelle valente, terror dos inimigos da nossa santa liberdade, aquelle honradissimo hespanhol, aquelle decidido patriota, aquelle heroe incansavel, que tanto trabalhou por conduzir-nos á victoria na terrivel noute de Luchana... Recordai-vos?

«Pois bem... (com acento commovido), já não existe.... Alli.... (apontando para Miranda com a espada), alli alguns assassinos, pagos pelos agentes de D. Carlos, cravaram o aleivoso punhal no coração de um filho predilecto da patria; alli a mais sagrada das causas perdeu um dos seus melhores defensores; alli o throno da nossa innocente Isabel se commoveu ao faltar-lhe uma de suas mais fortes columnas; alli vos arrebataram um amigo, digno de o ser vosso, porque o era meu; alli o principe rebelde conseguiu uma brilhante victoria com a terrivel morte de um poderoso inimigo; e alli, por ultimo, os manes fumegantes da illustre victima clamam vingança....

«Sombra querida do meu recommendavel amigo!... A espada da lei, sustentada pelas invenciveis bayonetas de meus camaradas, vae cair como um raio sobre as culpaveis cabeças de teus cobardes assassinos.

«Sim, soldados: entre vós se acham os perpetradores de tão atroz delicto: o ar que respiramos está infectado por seu pestifero alento; ides conhecel-os, ides presenciar a sua morte.. Occulta-os este regimento—dirigindo-se ao de Segovia.—Sim, nestas fileiras se occultam os abominaveis assassinos, que deram a morte ao seu general; que os delatem immediatamente os seus mesmos companheiros; e se por este meio se não consegue descubrir aos criminosos... o regimento provincial de Segovia, que seja dizimado neste mesmo acto.

«General, chefe de estado maior, disponde que se leve a effeito o que acabo de determinar.»

Imoveis, aterrados ficaram todos ao ouvir estas palavras; e como impellidos por uma força magnetica, alli mesmo delataram os innocentes aos dez assassinos, que depois dos auxilios espirituaes foram passados pelas armas, depois de fazer marchar as tropas para as collocar em columnas parallelas, a fim de presencearem a execução.

Não foi dizimado o regimento inteiro, como determina a ordenança, pelo valor com que se conduzira na acção de Valladolid; porém não sendo julgado digno de figurar no exercito hespanhol, foi dissolvido em acto continuo, distribuindo a sua força como soldados pelos demais corpos: 36 foram para o presidio, e o chefe, officiaes e sargentos mandou Espartero para Valladolid, a fim de que seguissem para suas casas com licença absoluta, por não haverem sabido morrer antes do que tolerar taes crimes.

De tudo isto deu Espartero conta ao exercito na ordem geral de 30 de Outubro de 1837.

Recebida com o maior enthusiasmo, todos acclamaram a rainha, a liberdade, a constituição, a disciplina e o general em chefe.

(Continuar-se-ha.)

Joaquim Martins de Carvalho.

Já Fr. Bernardo de Brito, na *Monarchia Lusitana*, impressa em Lisboa em 1609, havia dito a esse respeito, no livro V, capitulo III, depois de narrar a vinda de S. Thiago a Hespanha, o seguinte:

«De Saragoça se partiu S. Thiago para Judea, onde foi preso por ordem de Abiatar, que tinha as apparencias do summo sacerdocio, e por o satisfazer a elle, e aos mais da synagoga, e ganhar as vontades dos grandes do povo, o mandou degolar Herodes Agrippa, filho de Aristobolo, e irmão da incestuosa Herodias, netos ambos de Herodes o grande, e da formosa Marianna; e para remediar sua pobreza, e ver se podia haver algum despacho, se foi a Roma em tempo de Tiberio, onde tomou tanta amizade com Caligula, moço naquelle tempo, e não mui favorecido, que por desejar a morte ao imperador, para o ver no imperio, e chegar a mostrar essa vontade onde fosse ouvido, esteve em termos de perder a cabeça, e em quanto viveu Tiberio, o tiveram carregado de ferros no carcere publico: d'onde foi tirado com muito applauso, e coroado por mão de Cayo Caligula, por rei das terras que foram de seu tio Philippo, e de algumas outras que lhe accrescentou de novo.

«A prosperidade deste moço com que a fortuna usou de tantas variedades, foi causa de Herodias e seu marido pagarem o sacrilegio da morte do grande Baptista, e o peccado publico de que elle os reprehendia, porque não soffrendo ver o irmão com apparato e nome de rei, senhor de maiores terras que o marido, e cuidando que em Roma seria facil de negociar outro tanto, acabou com elle que se partissem pela Italia, em cujo alcance Agrippa mandou um seu criado, por nome Fortunato, e instruindo-o no modo de negociar com Caligula, como quem lhe conhecia o animo, da conversação de muito tempo, taes cousas escreveu da irmã e cunhado, que em logar dos novos reinos que iam buscar, os privou dos que já tinham, e segundo Josepho nas antiguidades, o mandou desterrado a Leão de França, ainda que nos livros de bello Judaico, affirma que Herodes e a mulher, por cujo conselho chegara a perder o que possuia, se vieram fugindo para Hespanha, onde passaram a vida.

«O mesmo sentem Nicephoro, Addo Viennense, Vasco, Angelo pacense, Garivay, Morales, Vilhegas, e Laymundo, que com sua costumada brevidade diz que *profugus a facie Dei vixit in Taracone & Emerita, & fide occiditur in Rhodio Lusytaniæ oppido*, quasi dizendo que andou como fugitivo da face de Deus, sem ter quietação em logar certo, umas vezes vivendo em Tarragona, outras em Merida, e ao fim o mataram torpe e miseravelmente em um logar da Lusitania, chamado Rodio.

«Desejei saber em que parte cairia esta terra, cujos moradores foram os que matando este tyranno, com a ignominia que as palavras mostram, satisfizeram a morte do grande Baptista, e depois de revolver alguns livros, e fazer as diligencias possiveis, vim a descobrir dentro na Lusitania dous logares com os nomes mui semelhantes, um dos quaes me mostraram pouco distante da villa que chamam Redinha, entre Pombal e Condeixa, no sitio em que antigamente esteve uma povoação, onde se acham pedras lavradas ao romano, e talhões de grossura consideravel, e para uma parte do campo se descubriu um pedaço de terra de alguns vinte pés em quadro, pouco mais ou menos, lavrado de curioso mosaico, e me disseram os moradores da terra, que estivera alli uma cidade chamada Rodão, ou Rodio, e hoje em dia se chama aquelle sitio em que esteve, a Roda, acrescentando que a villa da Redinha era diminutivo de Rodium, que em latim se diz Rodiolum, e em portuguez Rodinho, ou Rodinha, como agora se chama.

«Os vestigios da cidade, na forma que digo, e a tradição do nome, são infalliveis: ser este o Rodio em que mataram Herodes, é conjectura minha, deduzida da grande semelhança do nome: posto que no bispado da Guarda, junto ao rio Tejo, está hoje outra povoação chamada Villa Velha de Rodão, em que a inteireza do nome dá claros signaes de poder ser esta a em que falla Laymundo, e quanto a mim, eu o tenho por mais provavel, tanto pela grande semelhança do nome que conserva, como pelas apparencias do sitio, e outras particularidades que se offerecem a quem o considera com a vista: supposto que o certo é difficil de averiguar em tanta antiguidade.

«A causa desta vinda de Herodes a Hespanha, foi porque como viviam n'ella muitos judeus, e tinham suas synagogas nas cidades principaes, creio que por ser da casa real da Judea, e sua mulher da geração Asonomea, o ajudariam a passar seu desterro com menos miseria do que padeceria em qualquer outra parte, onde não houvera este commodo.»

E', com effeito, caso gravissimo, o decidir se Herodes foi morto na Redinha, ou em Villa Velha de Rodão!

Já vimos o que dizem a esse respeito Fr. Antonio da Purificação e Fr. Bernardo de Brito. Vamos ver o que diz outro auctor.

Manoel de Faria e Sousa, na sua *Historia del reyno de Portugal*, de que temos á vista a edição de Anvers de 1730, diz na parte II, capitulo I, o seguinte:

«Por aquelles annos foi deposto da sua corôa e desterrado da sua patria o sacrilego Herodes, que tinha morto o grande Baptista; veiu á Hespanha, levado de lhe parecer que como viviam n'ella muitos judeus e tinham suas synagogas nas cidades principaes, e elle era da casa real judaica, e sua mulher da familia Asonomea, os acharia affectos para passar o seu desterro mais alliviado: porém, em vão, porque miseravelmente foi morto em um logar de Portugal chamado Rodio.

«Dos deste nome permanecem: o primeiro junto á villa da Redinha, entre Pombal e Condeixa, onde se acham pedras de lavor romano, e a uma parte do sitio, outro de forma quadrangular, lavrado de curioso mosaico, que tudo na memoria dos homens, por virtude de tradições, foi uma cidade chamada Rodon, ou Rodio. O segundo no bispado da Guarda, junto ao rio Tejo. Se em algum destes não quizerem os escrupulosos que morresse Herodes, pouco perdem elles por certo na reliquia.»

E depois de tudo isto ainda ficamos na duvida se Herodes foi morto na Redinha, ou em Villa Velha de Rodão! E' pena, na verdade!

Ainda o fallecimento do sr. Dr. Brito.—Publicamos em seguida o discurso recitado pelo academico o sr. José Frederico Laranjo, no cemiterio da Conchada, perante o cadaver do sr. Dr. Joaquim Maria Rodrigues de Brito:

«Eis-te perto do tumulo, homem de talento e de estudo, coração ardente e enthusiasta por uma ideia que te sorria como utilissima para a humanidade. Homem de familia e homem de sciencia, repartiste por ambas o teu coração e a tua vida; e a tua familia fica moribunda com a tua morte; e a cidade da sciencia deplora-a como das mais fataes entre as que tem visto ha muitos annos.

Choramos a tua morte: tu tinhas uma grande qualidade — tinhas o enthusiasmo por uma ideia; e essa ideia correspondia a uma necessidade da epocha, e é o elogio do teu coração.

Pelo modo por que o intendiam, o antigo principio do Direito era proprio para gerar a liberdade individual, mas não a fraternidade social; reforçava a sciencia que se chama —economia politica—mas mostrava-se rebelde e hostil ao movimento social do seculo; o teu principio correspondeu a este movimento, prendia-se a linha mais formosa do triangulo da revolução—a fraternidade.

Adeus. Aquelles que durante a tua vida, cheios d'uma convicção contraria, te combateram as tuas, vem fazer o teu elogio ao pé do teu atahude; porque tu tinhas dignidade litteraria, estendias a mão da amizade áquelles que com ideias repelliam as que tu amavas.

Quando a campa cahir sobre o teu corpo não restará de ti sómente um— aqui jaz— ; não, para alem da campa, se, como acreditavas, ha uma essencia em que se reune a verdade, o bello e o bem, tu, enthusiasta da verdade, do bello e do bem irás reunir-te com ella; para cá do tumulo fica o teu livro, e a falta que tu fazes mostrará o que tu valias.

Adeus, adeus; é um adeus de todos os teus discipulos, é o ultimo ao pé do teu corpo, não é o ultimo do nosso coração.»

Tambem recebemos a seguinte carta, que gostosamente publicamos:

«Adherindo aos sentimentos de v. a respeito do infausto fallecimento do sr. Dr. Joaquim Maria Rodrigues de Brito, lente de Direito, não podemos deixar de respeitosamente observar a v., que o *Conimbricense* não fez menção da trasladação dos restos do finado, que, no dia 19 do corrente, teve logar da capella, em que foram depositados no dia 18, para o sarcophago do sr. padre Manoel Marques Pereira Ribeiro, capellão do cemiterio; a cuja trasladação assistiu grande numero de academicos e entre elles o sr. Manoel Ludgero Gomes Alvares de Sá Ramires, do 1.º anno juridico, que recitou uma breve oração muito pathetica e não inferior á do sr. Frederico Laranjo.

A academia deseja que seja registado no seu illustrado jornal este facto, para saber-se o quanto foi sentida a morte do sr. Dr. Brito.

Pela publicação do que se pretende, se confessa summamente grato o que é

De v. att.º vr., etc., etc.

Coimbra, 21 de Dezembro de 1873.

Um alumno do 1.º anno juridico.»

Cemiterio da Conchada—Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Joanna Clara, filha de Anna Clara e Francisco Anão, natural d'Aveiro, de 52 annos, fallecida no dia 13 de Dezembro.

Maria Theresa de Jesus Bahia, filha de José Pereira da Silva Reis e Joanna Joaquina de S. José, natural de Coimbra, de 58 annos, fallecida no dia 13.

Adolpho Pinto Ferreira Borges, filho de Antonio Ferreira d'Abreu Pinto e D. Carlota Borges, natural de Pomares, de 14 annos, fallecido no dia 15.

Maria Pereira, filha de Luiz Pereira, e Olalia Pereira, natural de Ovoa, de 40 annos, fallecida no dia 16.

Jeronyma da Cunha, filha de Francisco da Cunha e Constancia da Conceição, natural de Coimbra, de 45 annos, fallecida no dia 17.

Joaquim Maria Rodrigues de Brito, filho de Joaquim José Rodrigues de Brito e D. Josepha Benedicta Freire Ventura de Brito, natural de Coimbra, de 51 annos, fallecido no dia 17.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—3262.

Maravilhas da industria—Affirma um jornal francez os seguintes factos: a casa Mieg de Mulhouse, vende annualmente 10 milhões de metros de tecidos de superior qualidade; a fabrica de Saltaire, perto de Bradford, produz todos os annos estofos de lã e algodão, que representam o valor de 500 milhões de francos; das fabricas de Weldoz e Weil saem todos os dias um milhão e 200 mil botões; e das fabricas de Manchester saem annualmente tecidos em tal quantidade, que podiam cobrir uma superficie egual á circumferencia do globo terrestre.

Annuario da Universidade.—Recebemos o *Annuario da Universidade de Coimbra* para 1873 a 1874.

Continua esta publicação a ser muito interessante. Traz este anno a gravura do Observatorio meteorologico e magnetico da Universidade, com a descripção deste estabelecimento; os discursos recitados pelos srs. reitor, e visconde de Montesão no dia 16 de Outubro; *Apontamentos para o contracto de venda dos Paços de Coimbra*; assim como muitas noticias acerca da origem e fundação da Universidade, extrahidas das *Memorias* de Francisco Carneiro de Figueiroa.

O digno secretario da Universidade o sr. commendador Manoel Joaquim Fernandes Thomaz, não se tem poupado a diligencias, a fim que o *Annuario* se torne muito curioso.

Os *Annuarios* organisados sob a direcção do sr. Fernandes Thomaz, formam já uma collecção muito apreciavel.

Nova publicação.—Recebemos e agradecemos a—*Manifestação que aos seus conterraneos e amigos dirige Cesar Augusto de Faria Videira, bacharel em Direito.*

Rectificação.—O donativo que ao Asylo de Mendicidade fez o sr. Antonio dos Santos Ferreira, foi de 4$800 rs., e não de 4$500 rs., como foi publicado em o numero anterior deste jornal.

Outra.—Em o necrologio do sr. Dr. Joaquim Maria Rodrigues de Brito, que publicamos em o numero passado, onde se lê que elle se doutorou em Direito, no dia 25 de Julho de 1845; deve ler-se—de 1843.

Procedencia dos mammiferos domesticos.—Diz-nos o sr. José Maria Rosa de Carvalho o seguinte:

«O nosso gato domestico, descende do gato-bravo, *felix catus* de Linneu, especie frequente no Alemtejo, e tambem se deixa ver n'algumas terras da Beira. Temos tres raças de gatos domesticos: 1.º o gato hespanhol, cuja femea é de tres côres; preta, amarella, e branca; e o macho é de côr amarella: 2.º o dos cartuxos, ou maltez: 3.º finalmente, o d'Angora, na Syria, de pellos muito compridos, muito melindroso, e pouco caçador.

Pedimos ás pessoas que gostam de criar os gatos só por divertimento, que soffram com paciencia, o que de si, e d'elles, vão ouvir. Diz Buffon:

«O gato é um domestico infiel, que não se cria senão por necessidade, para oppôr a um outro inimigo domestico mais incommodo, e que não se póde apanhar; porque nós não contamos no numero de gente, quem, tendo gosto por todos os animaes, não cria os gatos senão por divertimento; no primeiro caso é uso, no segundo é abuso; e posto que estes animaes, sobre tudo quando são novos, tenham lindeza, têem ao mesmo tempo uma maldade natural, um caracter falso, um natural preverso, que a edade augmenta, e a educação não faz senão disfarçar.

«Elles só se tornam ladrões decididos, quando são adultos; são humildes e lisonjeiros como os ladrões; têem a mesma astucia, a mesma subtileza, o mesmo gosto por fazer mal, a mesma inclinação para furtar; como elles sabem dissimular seu desejo, espreitar a occasião de levar a preza, fugir ao castigo, e esconder-se por muito tempo, etc.»

Linneu fallando do gato, narra apenas os seus costumes, que são geralmente sabidos; para exemplo basta o seguinte: — «*clamando risandoque misere amat*», *sabe gritar, arranhar, e não tem amor a ninguem.* A gata anda gravida 63 dias, e dá á luz de 3 a 6 filhos; os quaes abrem os olhos aos 9 dias depois de nascidos.

Continuaremos.»

Audiencia em Soure.—Publicamos hoje uma carta de Soure, em que se dá noticia da feliz estreia que como advogado teve naquella villa, o nosso amigo o sr. Evaristo Maria das Neves Ferreira de Carvalho.

Muito folgamos que tão bem encetasse a carreira da advogacia o nosso amigo.

Soure 4 de Dezembro

Verificou-se hoje no tribunal das audiencias desta villa a estreia explendente d'um joven jurisconsulto, filho predilecto desta terra, correspondendo á geral e lisonjeira expectativa que todos justamente, com relação a elle conservaram, pelos magnificos fructos do seu elevado talento já nimiamente conhecidos.

Soure dá-se hoje os jubilosos parabens por este successo venturoso, que andava no espirito ancioso de todos.

O sr. dr. Evaristo de Carvalho tem recursos superiores para a vida do fôro. A sua iniciação como orador foi, sem favores e com inteira justiça, uma das mais brilhantes que se tem verificado no tribunal, e póde ser invejada por quantos se dedicam ao nobre mister da advocacia.

S. ex.ª defendeu um reu accusado de tres crimes accumulados: espancamento, fuga, e resistencia á auctoridade. O mau caracter e os precedentes do reu, eram outras tantas circumstancias aggravantes comprovadas, conjuntamente com os factos incriminados, por todas as testemunhas da accusação e da defeza.

Por aqui se póde avaliar a má situação da defeza, e por tanto a sua difficuldade.

Mas o joven advogado defensor, encontrou na sua superior aptidão os recursos precisos para demonstrar exuberantemente e com toda a evidencia, que os factos praticados pelo reu não podiam ser classificados na ordem dos

crimes, antes foram o uso legitimo do direito marital, affrontado despoticamente por quem entendeu que tinha auctoridade discriccionaria para prender a capricho, e sem attenção alguma á inviolabilidade do lar domestico e da personalidade humana. O reu foi elevado ás honras d'um verdadeiro heroe, luctando com a arbitrariedade cega e vingativa.

O illustre defensor manifestou raro talento oratorio, attrahente no exordio, exacto em a narração, brilhante em a descripção, logico nas apreciações, fluente, eloquentissimo, persuasivo, emfim primoroso no estylo, elegante e magestoso na attitude dignissima que sempre conservou na mesma elevação.

No auditorio, que regorgitava de espectadores, divisava-se verdadeira satisfação no correr da oração de defeza, e notava-se até enthusiasmo na occasião da replica felicissima e eloquente, com que o joven defensor retorquiu as observações que á defeza se fizeram por parte da accusação.

Afinal, o jury deu os crimes por não provados, e o reu foi absolvido, como era de justiça.

Agouramos, pois, um explendido futuro ao sr. dr. Evaristo Maria das Neves Ferreira de Carvalho, cuja estreia todos apreciaram com justo louvor, e todos manifestam a sua satisfação por esta gloria de um selecto filho de Soure, de que é tambem gloria.

O meritissimo juiz de direito o sr. dr. José Ildefonso Pereira de Carvalho houve-se com a imparcialidade e illustração congruentes com a magestade da justiça, dirigindo a discussão e debates com a dignidade propria do tribunal; não sendo menos digno de encomios o sr. dr. José Francisco Rodrigues, que desempenhou as funcções de M. P. no impedimento do respectivo delegado, sendo preciso e energico na accusação, sem manifestar odio ou rancor algum contra o reu, zelando sómente os interesses da justiça social que representava.

Quando uma comarca tem magistrados desta ordem, deve ufanar-se de os possuir, e desejar que a sua permanencia seja interminavel — *V.* »

Conferencias no Instituto. — A ultima conferencia no Instituto foi feita, como previamente noticiamos, pelo sr. Dr. Avelino Cesar Maria Callisto, que escolheu o ponto — *A liberdade e a instrucção obrigatoria.* Este importante ponto foi desenvolvido com a proficiencia que era de esperar do illustrado conferente.

Depois das ferias do Natal fará uma conferencia o distincto academico do 4.º anno de Direito, o sr. José Frederico Laranjo.

Donativo. — O sr. Antonio dos Santos Ferreira, além do donativo de 45$800 rs. ao Asylo de Mendicidade, fez outro donativo de egual quantia ao Asylo da Infancia.

Noticias estrangeiras. — As ultimas noticias são as seguintes:

Madrid, 22, á 1 h. e 15 min. da tarde. — Diz a *Gaceta* que abriu uma nova bateria o fogo contra o forte de Atalaya. As tropas apoderaram-se hontem n'um reconhecimento, de viveres, destinados aos insurgentes. Os voluntarios de Secuita, na Catalunha, repelliram o ataque de 500 carlistas da facção de Mora.

O brigadeiro Salamanca persegue-a. O batalhão de Ceutá bateu esta mesma facção perto de Casteilvall. Os defensores de Olot obrigaram as facções Savallś e Huguet a retirarem-se depois de quatro dias de resistencia. A facção de Navarrette, forte de 700 homens, foi alcançada e dispersa proximo de Ojeda, na provincia de Burgos. As facções que ameaçavam Villarcayo e Medina, em força de 1:100 homens, repellidas por 90 guardas civis dirigem-se para Orduña.

Madrid, 20, ás 8 horas da manhã. — O governo recebeu hoje um telegramma annunciando que o congresso dos Estados Unidos declarou que o «Virginius» não tinha o direito de arvorar a bandeira dos Estados Unidos.

Diz-se que o conselho de ministros resolveu hoje reclamar a restituição do «Virginius» e da tripulação, e que o ministro dos estrangeiros já enviou uma nota neste sentido ao ministro americano em Madrid.

Affirma-se que esta manhã começaram as novas operações.

Corre o boato de ter havido uma grande explosão dentro de Carthagena, e que a junta cantonal abandonou a praça. A esquadra foi a Alicante tomar carvão.

Reuniu-se hoje a minoria federal, mas não tomou resolução alguma.

O ministro de Inglaterra visitou hontem Castellar.

Londres, 20 de Dezembro, ás 5 horas e 20 minutos da tarde.

O vapor *Santiago* desembarcou uma expedição de flibusteiros na Cuba. Os insurgentes cubanos surprehenderam 500 hespanhoes e mataram 200 d'elles.

ANNUNCIOS

1 ACHA-SE á venda o novo regulamento do real de agua, publicado no *Diario do Governo*, em 13 de Dezembro de 1873.

Na livraria Popular, rua do Visconde da Luz, n.º 104 a 106: preço 60 rs.

Remette-se franco de porte pelo correio, a quem enviar 65 rs. em estampilhas.

2 REGULAMENTO do real d'agua, approvado por decreto de 11 de Dezembro de 1873. — Vende-se na Imprensa da Universidade. — Preço 30 rs.

3 QUEM QUIZER comprar o foro de vinte alqueires de trigo, imposto em uma terra no sitio das Bucêtas, freguezia de Sernache, de que é emphiteuta Joaquim dos Santos, do logar da Telhadella, dirija-se a Francisco José Gonçalves de Lemos, desta cidade, ou a João José de Lemos, do sitio da Cêrca, que estão auctorisados para a sua venda.

4 JULIANA PARA SOUPA. — Cada pacote de 125 grammas, 80 reis. A' venda na rua da Calçada, 183-185.

1874

5 CALENDARIO PRIVILEGIADO. — A' venda na **Livraria Academica**. — 183 Rua da Calçada, 185.

6 EDICÇÃO 2.ª de fogões de fogo circular e do rewolver hydraulico, mais correcta e augmentada, por Antonio Bernardes Gallinha. Officina de serralheria — 23, rua de Quebra-Costas, 28.

7 NO TRIBUNAL JUDICIAL da comarca desta cidade de Coimbra, pelas 10 horas da manhã do dia 1.º de Fevereiro de 1874, perante o respectivo juiz de direito, se hade arrematar em hasta publica, por virtude da execução que o governador da Companhia Geral do Credito Predial Portuguez, move ao Dr. José Adolpho Trony, e sua mulher D. Candida Alves Ribeiro Trony, uma propriedade que consta d'umas casas de dois andares, e lojas com poço d'agua, e outra morada de casas contiguas com seu quintal pegado, nesta cidade, no sitio dos Oleiros, que parte do nascente, norte e sul com estradas publicas, e do poente com o rio Mondego. Foi avaliada na quantia de 3:999$940 rs.; mas não havendo quem cubra este preço, será posta novamente em acto seguido em praça, na valor do quatro quintas partes, e será vendida a quem mais der sobre este valor, em conformidade com a disposição do art.º 218 do Regulamento do Registo Predial.

8 NO TRIBUNAL JUDICIAL da comarca da Figueira da Foz, pelas 11 horas da manhã do dia 1.º de Fevereiro de 1874, perante o respectivo juiz de direito, se hade arrematar em hasta publica, por virtude da execução que o governador da Companhia Geral do Credito Predial Portuguez move ao Dr. José Adolpho Trony e sua mulher D. Candida Alves Ribeiro Trony; uma quinta no sitio de Ceiça, freguezia do Paião, da referida comarca; composta do antigo mosteiro da ordem de S. Bernardo, terras de semeadura, pomar, pinhal, mattos e tres moinhos d'agua; e com as confrontações que constam do respectivo edital. Foi avaliada em 5:000$000 rs.; mas não havendo quem cubra este preço, será posta novamente e em acto seguido em praça, no valor de quatro quintas partes, e será vendida a quem mais der sobre este valor, em conformidade com a disposição do art.º 218 do Regulamento do Registo Predial.

SUBSTITUIÇÕES MILITARES

9 F. DE M. ALVIM, com escriptorio em Lisboa, rua do Arco do Bandeira, 219—1.º, trata, não só de substituições militares, tanto no exercito como na armada, em qualquer terra do reino ou ilhas, mas tambem de negocios nas differentes repartições ou tribunaes civis, militares, e ecclesiasticos.

CHEGOU
Queijo Londrino
QUEIJO PINHA
Estabelecimento de
JOSE' TAVARES DA COSTA
Á PORTAGEM

DOCTOR IN ABSENTIA

11 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 46, em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

Aviso aos srs. Ecclesiasticos

12 NA ANTIGA LOJA da viuva do Bento da Esquina, já estão á venda os Almanaks Ecclesiasticos, para o anno de 1874.

Attenção
CONSERVARIA ALTURAS
97—Praça de S. Bartholomeu—98

13 NESTE ESTABELECIMENTO, alem da variedade de doce, pasteis e arrufadas que costuma haver, fabrica-se mais, por esta occasião, broinhas e doce proprio do Natal, e pasteis de lombo. Tambem ha pasteis de Tentugal.

14 FRANCISCO MARQUES PERDIGÃO, na rua dos Estudos, n.º 45, habilita para o exame d'instrucção primaria. Egualmente se encarrega de lições por casas particulares.

15 MARIA DE JESUS, viuva de José Lopes, do Cardal, protesta contra a venda de seus bens, feita por José Antunes Salazar, do mesmo logar; contra quem vai tentar a acção judicial e criminal. Mealhada 22 de Dezembro de 1873. — A rogo da sobredita — Joaquim Francisco Coudel.

JORNADAS
Por Thomaz Ribeiro
DO TEJO AO MANDOVY

Um lindo volume de mais de 400 paginas: preço 600 rs.

A' venda na livraria Central de J. D. Pires, editor.

Remette-se pelo correio a quem enviar 650 reis em estampilhas.

BANHOS DE LUSO

17 A DIRECÇÃO da sociedade para o melhoramento dos Banhos de Luso, convida os srs. accionistas a comparecerem no dia 1.º de Janeiro proximo, pelas 11 horas da manhã, no paço episcopal desta cidade, para a prestação de contas, e eleição de nova direcção.

Mealhada, 22 de Dezembro de 1873.
Manoel Correa Mello.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE
Navios a sahir
Para o **Rio de Janeiro:**

Galera EUROPA, em 3 de Janeiro de 1874.

Recebem passageiros e carga. Trata-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

19 JOAQUIM FRANCISCO COUDEL, do logar de Casal Comba, bem conhecido nesta cidade, tendo de mudar a sua residencia para a sua casa e quinta do Padrão, aros desta cidade; declara que nada deve a pessoa alguma, casa commercial, ou corporação; e empraza qualquer pessoa, para dentro em 10 dias dizer o contrario neste jornal. — Joaquim Francisco Coudel.

ABRIU-SE

20 JOSE' ROCHA acaba de expôr á venda vinho do mais superior da Bairrada, que vende por quartão a 300 rs.

74 Sophia 74

Lecionista de Pharmacia

21 JOAQUIM ANTONIO J. PEREIRA, pharmaceutico de 1.ª classe pela Universidade, lecciona aspirantes de pharmacia. Travessa da rua dos Militares, n.º 26.

NUMERO 2757 — SABBADO 27 DE DEZEMBRO DE 1873 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$720
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Tem feito geral e mui desagradavel impressão no publico, a maneira como alguns jornaes da opposição têem atacado, injusta e deslealmente, a pessoa de el-rei, a quem a constituição do estado e as conveniencias sociaes collocaram acima das discussões politicas e fóra da responsabilidade dos actos do poder executivo.

Semelhante facto, a todos os respeitos indecoroso para a opposição, que assim mostra a fraqueza das suas ideias, a pouca nobreza dos seus intuitos, a intolerancia das suas opiniões e o excesso da paixão que a domina, merece a reprovação de todos, que prezam a honra e a dignidade politica dos partidos.

A ambição do poder cega a opposição; degrada-a no conceito publico, e desvia-a do caminho racional que lhe está designado pela constituição politica das nossas instituições.

Os meios que emprega para obter o poder, são indignos, porque maculam as tradicionaes convicções do povo portuguez, que em dedicação e fidelidade á monarchia deu sempre as mais terminantes provas.

Mas os partidos opposicionistas vêem que a opinião lhes foge, que lhes falta o apoio de todos os espiritos sinceramente patrioticos e illustrados, que as suas ideias não recebem a sancção do consenso publico; e por isso empregam os meios mais audazes, para ver se por tal forma conseguem intimidar os que têem sobejas provas da sua incapacidade governativa,

Convençam-se, porem, elles que não são já os expedientes ruidosos que hão de conquistar o consulado, que tão avidamente disputam. Enganam-se, se ainda pensam que as suas nigromancias politicas fazem peso no animo de alguem.

Ás insolitas diatribes da opposição, contra os seus adversarios politicos, contra o governo e contra o chefe da nação, responde a sensatez publica com a moderação em todos os actos e com o respeito que deve ás leis, ás instituições e ao rei.

Desautoraram-se as opposições quando provocam a resistencia aos poderes constituidos, embora o paiz lhes contraponha a confiança e a tranquillidade.

Deslustram-se quando pretendem amesquinhar o credito que se levanta a melhorar as condições economicas do paiz.

As opposições assim, são um elemento de discordia, um meio inventado pela cobiça dos ambiciosos, para embaraçar a acção dos governos e o progresso moral de um povo. Ellas perdem, desta forma, de dia para dia, as adhesões, que deviam conquistar por meio da prudencia, e da honestidade, da cordura e da imparcialidade.

Felizmente que o paiz conhece isto, para se não deixar impressionar com falsas apprehensões. Tem o instincto sufficiente para conhecer que a ambição não póde cohesistir com a moderação indispensavel aos altos negocios do estado.

Comprehende já o povo que a prosperidade publica está muito acima das conveniencias particulares deste ou daquelle grupo politico.

Á falta de sinceridade na argumentação é um vicio que prejudica sempre a causa que se pretende defender.

Assim o *Progressista* não foi tão leal como devêra ser, desculpe-nos o illustrado collega a nossa franqueza, no ultimo artigo que nos dedica.

Valha-nos Deus com o collega. Pois então um empregado publico, que saiu de Lisboa, ou de qualquer outra parte, *por ter saido com licença*, não se *ausentou?*

Isto veiu de envolta com muitas palavras, completamente desnecessarias para o caso; mas que servem para justificar o aphorismo popular. — *quem não póde trapaceia.*

Olhe collega, o auctor do seu artigo é que estava *confuso* (sem calemburgo), que não ha interpretal-o de outra maneira. O collega é capaz de o explicar de outra forma?

Mas deixemos isto.

Então o sr. duque de Loulé não *reintegrou* o sr. conselheiro José Maria de Abreu, *mas nomeou-o novamente*, foi *um novo despacho que estava no seu direito de fazer.*

E não diz mais nada. Tem graça tal subtileza.

Queira o illustrado collega explicar melhor a sua theoria, para que se possa entender. Aqui foi o collega *succinto* de mais.

Em quanto ao terceiro ponto, de que tracta o artigo do *Progressista*, diremos com a imparcialidade de que nos prezamos, que da parte dos ministros regeneradores houve excessivo melindre em não reintegrarem no seu logar o sr. José Maria de Abreu. Tinha sido successivamente provido o emprego em individuos seus adversarios politicos; e recearam que demittindo aquelle que acharam, fossem accusados de praticar esse acto só em beneficio de um seu antigo *correligionario*. Peccaram por excesso de tolerancia politica; assim como o sr. duque de Loulé havia peccado por excesso de intolerancia.

Esta é que é a verdade, dita desaffrontadamente.

O *Progressista* termina o seu artigo dizendo que *suppõe enfadar-nos* com os seus artigos. Asseveramos ao collega que nos não enfada absolutamente nada; é inteiramente o contrario: esteja á sua vontade.

Pelo caso em que se faz a pergunta, por esse se dá a resposta.

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXXIV

D. CARLOS

LXXIV

O batalhão de Gerona, auctor dos excessos de Hernani, estava acantonado na Puebla de Arganzon. No dia seguinte mandou Espartero chamar a Escudero, seu commandante graduado em coronel, e ao apresentar-se, lhe disse:

—Ámanhã, pelas 9 horas, trazer-me-ha amarrados os auctores dos crimes commettidos em Hernani e Santander.

O commandante manifestou-lhe que não tinha mais força que o batalhão: pelo que, indignado o general, lhe disse:

—Comprehendo, sr. commandante... ámanhã, ás 9 horas, me trará v. s.ª amarrados com a sua correspondente escolta aos auctores dos crimes commettidos em Hernani e Santander; e se a essa hora não tiverem chegado, vou ás 11 fuzilal-os, e a v. s.ª.

Despediu-se Escudero, e á hora indicada estava em Miranda com os presos amarrados, os quaes foram enviados a presidio.

E indubitavel que a inergia de um chefe se communica a seus subordinados, assim como o seu valor no combate electrisa a quantos o rodeam, despertando a honra, a emulação, e fazendo-se heroes pelo exemplo. Por isto dizia Henrique IV a seus soldados, que, á falta de bandeira, seguissem o seu penacho.

De muitos corpos e pontos recebeu Espartero enthusiasticas felicitações.

Decidido a continuar a obra commeçada em Miranda, dirigiu-se Espartero a Pamplona; reuniu um conselho de guerra de officiaes generaes, presidido por elle mesmo, em consideração sem duvida á cathegoria dos accusados e ao objecto da conspiração, e condemnou a ser passado pelas armas ao coronel D. Leon Iriarte, ao commandante D. Pablo Barricart e a 8 sargentos. Foi imposta a mesma pena aos sargentos ausentes, ou que haviam desertado; sendo dizimados os demais dos corpos francos, e soffrendo varias condemnações.

Foram executadas as penas, e dellas deu conta na ordem do dia 16 de Novembro de 1837, datada de Pamplona.

Triste, na verdade, era o estado que apresentava a Hespanha ao começar o anno de 1837, de que nos temos occupado, sem que houvera bastado a melhoral-o o triumpho em Luchana e Banderas. Infundiu, sim, alguma confiança de melhoramento; fez ver que podia terminar a guerra com tão valentes tropas; porém viam-se esterilisar os seus triumphos, e que o governo sem comprehender as circumstancias que o rodeavam, nem se punha á sua altura, nem acertava a fazer frente aos conflictos que o assaltavam; e qual inepto piloto, deixava que a nau do estado vogasse sem rumo fixo, sendo joguete das paixões.

Sem dinheiro e sem credito, em vão se esforçava Mendizabal em adquirir recursos, em fazer completamente effectivo o emprestimo dos 200.000:000, repartido sem equidade e arbitrariamente, em muitos pontos. O descontentamento era geral, as queixas frequentes, e o governo estava gemendo debaixo do peso da inaptidão.

As côrtes, nem o salvavam, nem ao paiz. Abundando mais nellas a paixão do que o patriotismo não pareciam ser os representantes do bem publico, senão das miserias individuaes. Assim perdiam lastimosamente um tempo tão precioso, no exame de solicitações de estudantes, de quintos, de viuvas e orphãos que pediam pensões, de questões sobre eleições municipaes e de officiaes da milicia nacional, de infracções da constituição, que elles mesmos não observavam, e se entretinham alem disto em exhumar inopportunos decretos, em fazer intempestivas reformas ecclesiasticas e em outras disposições, que em nada alliviavam a triste e deploravel situação do paiz.

Declararam-se excluidos do direito á corôa de Hespanha aos infantes D. Carlos, D. Sebastião, D. Miguel e D. Maria Theresa de Bragança; deu-se outro voto de confiança a Mendizabal para uniformisar a organisação economica das provincias com a administrativa; conferiu-se ao tribunal de côrtes, erigido pela constituição de Cadiz, o conhecimento das causas dos deputados eleitos; favoreceu-se ao governo, restringindo a imprensa, que punha em evidencia a sua inaptidão; concedeu-se a requisição de 5:000 cavallos, medida que foi opportuna, ainda que vexatoria; e attendendo á principal questão, que era pôr fim á guerra, se approvou a proposta de Charco, para que uma commissão indicasse meios para terminal-a; porém offendidos os seus membros de que se desprezassem algumas medidas que propozeram, declararam não ter outras que propor, e satisfazendo as côrtes tão pueril manifestação, nada se fez no que mais importava.

Quizeram mais adeante as côrtes parodiar a convenção franceza e enviar ao exercito os deputados Lujan e Valle; e crendo o deputado Abargues que o meio mais a proposito para

Foi hontem assignada a escriptura do emprestimo de 40 contos de reis, feito pelo banco commercial de Vianna á camara municipal desta cidade, com applicação a estradas ruraes.

Egualmente se acha comprada a cerca e edificio de Thomar, pela quantia de 6 contos de reis, a fim de pela mesma cerca se fazer a estrada, que hade seguir até ao Dianteiro; vendendo a camara os terrenos restantes, para ahi se fazerem edificações.

Sabemos de grande numero de proprietarios, que pretendem mandar construir casas naquelle local, havendo, portanto, bem fundadas esperanças de alli em breve se formar um novo bairro.

Coimbra precisa muito de casas, e por isso muito util é o contracto effectuado pela camara municipal.

Falleceu ha dias na sua casa do Ervedal, um respeitavel cavalheiro, o sr. José Maria de Albuquerque Pinto Tavares Castello Branco, nosso prezado amigo, como já o havia sido seu irmão mais velho o sr. Sebastião de Albuquerque Pinto Tavares Castello Branco.

Tinha já a avançada edade de perto de 85 annos, pois havia nascido na villa de Midões, antiga comarca de Arganil, no dia 10 de Fevereiro de 1789; sendo filho do sr. Sebastião Tavares de Albuquerque Pinto Freire Castello Branco e da exm.ª sr.ª D. Bernarda Umbelina Freire Cardoso da Cunha e Sousa.

Veiu para Coimbra no anno de 1805 frequentar a aula de philosophia racional e moral, no real Collegio das Artes. No anno immediato matriculou-se na Universidade, no primeiro anno Juridico; e formou-se em 1812 na faculdade de Canones.

Durante o antigo regimen serviu o cargo de juiz de fóra; até que em 1834, os seus sentimentos de dedicação ao partido realista, o fizeram abandonar a vida publica.

Dotado de excellentes qualidades pessoaes, era respeitado pelas pessoas de todos os partidos, e com o seu fallecimento perdeu a sociedade um perfeito cavalheiro, digno de geral estima.

A toda a sua illustre familia damos os nossos sinceros pezames por este infausto acontecimento.

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

CORRESPONDENCIA PARTICULAR

Lisboa, 25 de Dezembro de 1873.

Escrevo-lhe em dia de Natal, dia solemne, no qual nasceu o Messias promettido pelos santos prophetas. Foi no anno do mundo de 4004, que este acontecimento teve logar, 31.º do reinado do imperador Augusto, n'um humilde presepio, aberto na falda de um monte, na cidade de Bethlem, na Syria, a duas leguas ao sul de Jerusalem. E d'aqui até á morte deste HOMEM extraordinario, que drama immenso, de peripecias sem fim!

Crescera a creança, augmentando em sciencia. A sabedoria divina das suas palavras fez eccoar o seu nome por toda a Judea, e Jesus tornou-se o tribuno do povo, apostolando doutrinas sinceramente democraticas.

E as multidões corriam presurosas e de longe, a ouvir as verdades eternas, convertendo-se á nova doutrina.

E os principes da Judea perseguiram o glorioso apostolo; que atacava de frente os vicios e a corrupção do seculo; que se rebellava contra o orgulho dos poderosos, contra a devassidão e a avareza dos sacerdotes!

E o HOMEM-DEUS foi condemnado por ferozes scribas e phariseus, humilhado e pregado n'uma cruz, como infame e vil criminoso!

E do nascimento deste HOMEM extraordinario, até á sua morte, que drama immenso de peripecias sem fim!

. . . .

Não sei se lhe deva fallar de politica neste dia de commemoração solemne. Va. O *statu quo*, politico, continua. Falta pouco para se abrirem as camaras e ver a attitude dos partidos....dos ambiciosos, quer dizer. O governo não fará questão ministerial da concessão das dokas e outras obras importantes na margem direita do Tejo, e aqui tem o meu amigo mais um desapontamento por que passa a opposição. Era este o desaccordo que se dizia existir no seio do gabinete, e já uns *doutores da lei* davam o ministerio *modificado*, outros reconstruido, e os mais exigentes demittido até. Ainda desta vez não vêem realisadas as suas aspirações.

Entre as propostas que serão apresentadas ao parlamento, hade figurar a que reorganisa a junta central dos melhoramentos sanitarios. O orçamento que hade ser apresentado ás côrtes na sua proxima reunião, será acompanhado de uma proposta que tem por fim modificar o decreto que estabeleceu as deducções nos ordenados dos servidores do estado. Eu já lhe disse as deducções que seriam effectuadas, mas repito-lho de novo. A deducção é de 2,5 por cento nos ordenados de 200$000 a 400$ reis; de 5 por cento nos de 400$000 até 600$000 reis, e 10 por cento nos que excederem esta importancia. Nos ordenados até 200$000 reis não haverá deducção. Que dirão os *intransigentes oppozicionistas* de cá, com relação a esta medida do governo regenerador, *que*—na phrase delles,—*esbanja os dinheiros publicos, e augmenta o deficit de dia a dia?* É de crer que nada digam.

Diz-se que a proxima sessão legislativa será inquieta, mas que o gabinete se conservará sem modificação. Assim o creio, porque não ha motivo para mudanças no ministerio. O accordo é unanime.

—Diz-se que o sr. barão de Zezere dará a sua demissão de commandante das guardas municipaes de Lisboa e Porto, sendo substituido pelo sr. coronel Schwalbach, de caçadores.

—No primeiro trimestre do anno que está a findar, despenderam-se 358:949$818 reis com estradas, e o desenvolvimento total da despeza desde o principio das estradas é de reis 20.191:675$559. É uma verba importantissima, mas utilmente applicada, que redunda em beneficio dos povos e em utilidade da nação em geral.

—Tivemos em Lisboa uma sociedade de *olho vivo*, temos actualmente uma da *confidencia mutua*, e, não descreio, ha uma outra organisada systematicamente, sem titulo, mas que faz proezas a seu talante, sem que os Antunes e Ferreiras tenham dado por tal. É uma sociedade de ratoneiros, que escolheu para campo das suas operações os theatros. No domingo passado em D. Maria, alguns espectadores, queixaram-se da falta de alguns objectos, e já no domingo anterior um *dilettanti* de S. Carlos, que se achava nas varandas, se viu despojado de um lenço que havia deixado em penhor do seu logar. Veja o meu amigo como a industria medra.

—Tivemos hontem missa do gallo na Sé, nos Martyres, nos Inglezinhos, em S. Vicente, no Menino Deus, na Magdalena, S. Christovão, S. Nicolau, Jesus, Santa Justa, S. Julião, Sacramento, Santos o Velho, Paulistas, S. Mamede, S. Miguel, e no recolhimento de S. Pedro de Alcantara.

—Terminou ante-hontem o julgamento da causa de divorcio intentada pela sr.ª viscondessa do Freixo, contra seu marido o visconde do mesmo titulo. Determinou-se que houvesse separação de conjuges e bens como requerera a sr.ª viscondessa. O conselho, por unanimidade, concordou que se désse á requerente 250$000 reis mensaes para alimentos até terminar o inventario, que vae começar brevemente, a fim da sr.ª viscondessa tomar conta de metade do casal que por direito lhe pertence. Esta acção de divorcio tem sido commentada, e não passou desapercebida tanto pela posição dos conjuges, como pelas razões pró e contra que de ambas as partes se tem apresentado em diversos folhetos, que são do dominio publico.

—Comecei esta carta por assumptos religiosos, e permitta-me que a feche com o mesmo assumpto.

No dia 8 do corrente celebrou-se na egreja parochial de Collos, concelho de Odemira, um solemne *Te-Deum*, em acção de graças por serem salvos do perigo que correram no Mexilhoeiro, em Cascaes, S. M. a rainha e os principes. A festividade foi promovida pelo reverendo padre Manoel Ribeiro Carneiro e Mello, prior da mesma freguezia.

O *Te-Deum* foi executado a vozes e orgão pelo parocho e mais cantores. Officiou o reverendo prior de Santa Luzia, João Thiago Moreira de Bragança, e orou o reverendo prior de Passoias, José Antonio Figueira, que recitou um bellissimo discurso. A festividade assistiram os reverendos priores de Garvão e Reliquias, auctoridades civis e ecclesiasticas, as irmandades do SS. Sacramento, Santo Menino e Nossa Senhora do Rosario e Almas.

O templo achava-se decorado com magnificencia, e a concorrencia de povo foi numerosissima, repicando os sinos durante o *Te-Deum*, e subindo ao ar innumeras girandolas de foguetes.

A fachada da egreja e torre, estavam adornadas com as bandeiras portugueza e italiana.

Não conhecemos o prior da freguezia de Nossa Senhora da Conceição de Collos, o reverendo Manoel Ribeiro Carneiro e Mello, mas sentimos ser liberal sincero e religioso, amante da dynastia reinante, que se torna, por suas virtudes, digno de que a nação exulte por que successo tão fatal não tivesse consequencias funestas.

—Nada mais tenho que mencionar. Só que corre um tempo em extremo secco, e frio, como dizem que ha na Siberia... aonde nunca fui.

Até á seguinte.

P. J. CONCEIÇÃO.

---

terminar a guerra, era o conhecimento da constituição, propoz formalmente enviar ás provincias grande copia de exemplares do projecto que acabava de distribuir-se! Ao mesmo tempo propõe Garcia Blanco que se baptisasse no inverno com agua tepida; importante disposição, se não fosse sinodal, e se recommendasse por si mesma, ainda que não fosse senão em obsequio da humanidade.

Manifestamos isto para que se veja que as côrtes, sem contribuir a tirar o paiz da terrivel situação em que estava, se intromettiam na acção do governo, a entorpeciam, a impossibilitavam muitas vezes, e observavam a maxima que proclamava um periodico, de que era melhor governo o que menos governava.

O gabinete, pela sua parte, falto da iniciativa que dá vigor ao poder, e fluctuando entre as encontradas opiniões dos bandos das camaras, parecia desejar mais o mando, do que governar o paiz; e ainda que tinham demonstrado alguma vez os ministros o seu desinteresse e patriotismo, punham agora em evidencia que, se eram bons patricios, eram maus governantes.

A grande obra das côrtes foi a formação do codigo politico, cujo projecto apresentou a commissão a 24 de Fevereiro de 1837, se acabou de discutir a 27 de Abril, para dar maior realce ao anniversario natalicio da rainha governadora, e decretado e sanccionado pelas côrtes, o aceitou a corôa a 18 de Junho, jurando-o e publicando-o solemnemente a 28 do mesmo mez.

As côrtes fizeram os seus regulamentos e approvaram a 5 de Junho a totalidade do projecto de lei eleitoral.

Demonstrando algumas vezes a sua solicitude pelo bem publico, e como podiam conter o desgosto com que muitos olhavam aos representantes do paiz, por ser opinião admittida e quasi unanime, de que havia deputados mercenarios; pelo menos assim o declararam publicamente alguns dos mesmos deputados.

O governo seguia no entanto, desacertado em sua marcha, e até chegou a abdicar o seu poder nos chefes politicos e deputações, como se viu na famosa circular de 3 de Julho.

O ministerio Calatrava não poude resistir mais aos repetidos ataques que lhe dirigiam de todas as partes, e a 18 de Agosto, Acuña, Landero, Mendizabal, e Gil de la Cuadra, que desempenhavam os despachos, da governação, graça e justiça, fazenda e marinha, foram substituidos pelos deputados D. José Manoel Vadillo, D. Ramon Salvato, D. Pio Pita Pizarro, pouco antes separado da governação, e D. Evaristo S. Miguel, interinamente. O ministerio da guerra e a presidencia do conselho conferiu-se a Espartero, encarregando tambem interinamente o seu despacho ao sub-secretario D. Pedro Chacon.

A nomeação de Espartero era nominal: não ambicionava tal posto, nem havia entrado jámais em seu animo trocar por elle a aventurosa vida que passava em campanha. Bardaji e Azara ficou encarregado da secretaria de estado.

Elementos tão heterogeneos como os que compunham este gabinete, não lhe promettiam muita existencia, e assim se viu aos quatro dias ser substituido Vadillo por D. Diogo Gonzalez Alonso; a 30 encarregaram a S. Miguel o despacho da guerra em propriedade, nomeando para o substituir no 1.º de Outubro a D. Ignacio Balanzat; para a graça e justiça a D. João Antonio Castejon; para a marinha a D. Francisco Xavier Ulloa e para a governação a D. Rafael Perez. Castejon e Balanzat não aceitaram, e em vão se publicou a sua nomeação na *Gazeta* e se fizeram diligencias para que acceitassem um cargo que recusavam devidamente, e de que ha poucos exemplos.

Em seu logar se nomeou em 4 de Outubro para graça e justiça a D. Paulo Mata Vigil, e para guerra a D. Francisco Ramonet: a 7 entrou na fazenda D. Antonio Maria Seijas, e a 8 de Dezembro o barão del Solar de Espinosa na guerra.

A opposição e as circumstancias derribaram o ministerio de 18 de Agosto, porque nenhum de seus membros era superior a ellas.

O de Outubro apresentou-se no dia 6 ás côrtes, e pelo orgão de Mata Vigil fez a costumada profissão de fé politica; promettendo diminuir os males da guerra civil e esforçar-se por terminal-a; conservar a ordem publica no interior e a segurança no exterior; defender as prerogativas da corôa, e melhorar progressivamente todos os ramos da administração.

Fatal era o estado do paiz; porém não tanto, na verdade, como alguns dias antes, em que estava D. Carlos ás portas de Madrid e tudo parecia conjurar-se contra aquelles pobres ministros.

As côrtes, no entanto, tinham seguido as suas eternas discussões, das quaes não tirava a nação grandes utilidades; pois na maior parte dos discursos não se liam mais que diatribes contra determinadas classes, ou pessoas, e dictadas pela paixão de partido, mais do que pelo louvavel interesse da conveniencia.

A penuria do thesouro obrigou a utilisar das alfaias das egrejas, e a sua venda a approvaram as côrtes a 15 de Setembro, por 83 votos contra 45.

Algum recurso era isto; porém houve a desgraça de que se commettessem puniveis abusos nos moveis dos conventos, que sendo patrimonio da nação, o foi dos particulares, já apropriando-se delles uns, já vendendo-os outros; e teve o governo que prohibir a escandalosa extracção que se fazia para o estrangeiro de riquissimos quadros, roubados e vendidos a vil preço.

Todos pareciam inimigos daquella nação, tudo conspirava para a sua ruina; e ao mesmo tempo que desde Fevereiro até Setembro havia perdido o exercito liberal uns 2:400 cavallos, viam as provincias destruida a sua riqueza, e ainda pagavam sommas exorbitantes. Na Catalunha, segundo manifestou Madoz, havia provincia que gastava nove milhões, e suas rendas eram de quatro. Não podia ser na verdade mais apurada a sua situação.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.

NECROLOGIO

Breves dies hominis sunt
Curta é a vida humana.
Jon, 17.

Contava ainda viver mais!.. mas talvez quando menos o esperava, morreu.... O mundo é assim!.. ninguem conte com o dia de amanhã. E depois!! mais um nome riscado do livro dos vivos... mais um logar provido no imperio dos mortos... mais uma familia debruçada sobre a urna funeraria, finando-se de pungente saudade pela perda do primeiro elo de sua existencia, de um pae!! mais uma vez o calix da desventura, entornado na nossa existencia, nos obriga a prantear um amigo!!

O anjo do exterminio abrindo suas negras azas, levantou seu vôo sobre Cêa, e poisando sobre a morada do exm.º sr. Dr. Manoel Eduardo da Motta Veiga, deixou cahir sua espada lethal, fazendo mais uma victima, ceifando mais uma existencia.

No dia 19 de Dezembro, o exm.º sr. Jacintho da Motta Veiga succumbiu, vencido por uma molestia escrophulosa, prepotente de mais para ser debellada pelos esforços da medicina; deixou esta patria de peregrinação para ir comparecer na presença do juiz dos vivos e dos mortos, prestar contas da sua vida. Foi bom christão, bom cidadão, e sobre tudo bom pae: basta isto para definir as suas virtudes.

Apoiado pois nestes factos, que são meus bem conhecidos e de todos os patricios, convenço-me que o espirito do illustre finado, depurado de leves faltas, que affectam ainda o mais justo, pela paciencia evangelica com que supportou os incommodos de tão terrivel como morosa enfermidade, fruirá já face a face a visão do Senhor.

Esta ideia, e o desvelo esmerado com que foi tratado por seus bons e dedicados filhos, lhes servirá de lenitivo a tão excruciante dôr, como sentida magua.

Na historia desta familia fica consignado um exemplo pratico da caridade: bom pae, e bons filhos... Possam as gerações actuaes e futuras aproveitar com o exemplo e seguir as pisadas de tão insignes como virtuosos modelos. Acceite pois o exm.º sr. Dr. Manoel Eduardo da Motta Veiga e sua exm.ª familia, como penhor de amisade e gratidão, este pobre mas sincero tributo de pranto, fiel expressão do sentimento que me assiste.

Seminario de Coimbra, 22 de Dezembro de 1873.

A. F. de Pina.

NOTICIARIO

Missa do gallo. — Foi explendida a funcção da noite do Natal na Sé Cathedral desta cidade.

Estava aquelle magestoso templo decorado com preciosos damascos, ricos tapetes e elegantes vasos de mimosas flores. Era brilhantissima a illuminação; porque, além das muitas velas de cera que ardiam nos altares, e dos dois grandes candelabros de gaz, que já se viam no corpo da egreja no anno passado, foi agora collocado na capella mór um magnifico lustre de finissimo crystal com muitas luzes de gaz; e appareciam n'outros pontos serpentinas, e varios lumes, tambem de gaz, produzindo tudo um lindissimo effeito.

Era numeroso o coro; porque, além dos reverendos conegos, arcediagos, beneficiados e capellães da casa, formavam parte delle algumas parochos, e outros clerigos, e os alumnos do estado ecclesiastico do seminario episcopal.

Começaram as matinas solemnes ás 9 horas, e prolongaram-se até pouco depois da meia noute.

A musica dos responsorios, producção do insigne compositor, José Mauricio, foi magistralmente executada debaixo da direcção do sr. conego Monteiro.

Depois das matinas, teve logar a missa de pontifical, que terminou perto das 2 horas da madrugada.

Foi immensa a concorrencia de fieis; e tornou-se notavel a attenção e respeito com que todos assistiram a esta augusta solemnidade.

Festas do Natal na Misericordia.—Na real capella da Santa Casa da Misericordia foram neste anno explendidas as festas do Natal.

Em a noute de quarta feira foram cantadas as matinas e laudes, composição do distincto musico o sr. conego Antonio Xavier de Sousa Monteiro, e que muito agradaram. Se a composição era de muito bom gosto, a execução tambem foi o melhor que se podia esperar em uma terra com os recursos musicaes de Coimbra.

No dia de Natal foi cantada a missa, a grande instrumental, composição do sr. Dr. Ignacio Rodrigues da Costa Duarte. É o nosso amigo um apaixonado amador da musica, e com esta sua composição fez realçar muito o seu ja reconhecido merito.

O sr. Dr. Ignacio Rodrigues foi incançavel para que fosse bom o desempenho da musica, tanto em a noute de quarta feira, como na manhã de quinta.

No collegio dos meninos orphãos tem havido a acertada deliberação de se aproveitar a boa disposição que alguns orphãos mostram para a musica; e já alli ha vozes muito apreciaveis.

A actual mesa da Santa Casa da Misericordia, efficazmente coadjuvada pelos empregados deste piedoso e caritativo estabelecimento, mostra-se muito desejosa de manter com o possivel explendor, acompanhado de rigorosa economia, o culto divino. Não faltando aos seus deveres de caridade, tambem não esquece o culto religioso; reunindo assim o pão do corpo ao pão do espirito.

Approvação—Hontem o conselho de districto approvou a eleição municipal do concelho de Condeixa.

Estiveram presentes ao conselho os srs. Dr. Luiz Albano de Andrade, Dr. Fernando Augusto de Andrade Pimentel e Mello, bacharel José Maria Coutinho, Dr. José Joaquim Fernandes Vaz, Dr. Antonio José Teixeira, e Dr. Miguel Leite Ferreira Leão. O sr. Dr. Luiz Albano foi o relator.

Foi a eleição approvada por 5 dos 6 membros, de que se compunha o conselho; abstendo-se de votar o sr. Dr. Fernandes Vaz.

Melhoras.—O nosso amigo o sr. Dr. Joaquim Gonçalves Mamedo tem alcançado ultimamente notaveis melhoras, esperando achar-se em breves dias inteiramente restabelecido do incommodo, que lhe sobreveiu depois da sua chegada a Coimbra. — Estimamos.

Promoção.—O sr. Dr. José Augusto Sanches da Gama foi promovido a lente cathedratico da faculdade de Direito.

Outra—O sr. José Miguel de Abreu foi promovido á propriedade da cadeira de desenho, annexa á faculdade de Mathematica da Universidade.

Despacho.—O presbytero Luiz Alves Gomes Freire foi apresentado, precedendo concurso por provas publicas, na egreja parochial de S. Mamede do Bolho, no concelho de Cantanhede, do bispado de Coimbra.

Concurso.—Não tendo havido concorrentes idoneos no concurso aberto para provimento da egreja parochial de Nossa Senhora da Conceição das Febres, no concelho de Cantanhede, bispado de Coimbra; foi mandado abrir novo concurso por provas publicas para provimento da dita egreja.

O monstro americano. — Acaba de chegar da America a Pariz um verdadeiro phenomeno; trata-se, nada mais, nada menos do que d'uma mulher com duas cabeças, dois bustos, quatro braços, quatro pernas, e um só pelvis—Millia e Christina, ou como a designa o cartaz, *the two headed nightingale*.

Millia tem voz de soprano e Christina voz de contralto: as duas vozes casam-se admiravelmente, e o seu canto, não só pela harmonia como pela rara precisão, faz lembrar as irmãs Marchisio. Não cantam só, tambem dançam, e é um espectaculo que não deixa de ser divertido ver aquelles quatro pésinhos valsando com uma tal harmonia e com um compasso tão egual, que mais parecem dirigidos por uma mola automatica, do que por vontade humana. E o melhor é que os dois pares de pernas são independentes; o movimento de cada uma dellas recebe o impulso do cerebro a que corresponde; mas se se tocar n'um dos membros inferiores, os dois cerebros percebem ao mesmo tempo o contacto: explique isto quem poder.

Acima da região lombar tem cada uma das duas irmãs a sua existencia propria; uma dellas pode estar acordada, em quanto a outra dorme, jejuar em quanto a outra comer; esta póde soffrer do estomago, ter uma enxaqueca ou uma bronchite, sem que aquella sinta a menor indisposição: succedeu pois que, durante a viagem da America para França, Christina enjoou e Millia não. A unica ordem de doença commum ás duas irmãs, é, como se póde comprehender, aquella que interessa o intestino.

O ponto em que começa a juncção dos dois corpos é a vertebra superior da região lombar; estão ligadas costas com costas em situação parallela, á excepção de uma leve obliquidade n'uma das irmãs para a direita e outra para a esquerda. Os rostos parecem-se como é natural nos gemeos, mas com differenças notaveis, sobre tudo na expressão, mais risonho n'uma; mais sério n'outra. Tem feições de mulatas e apresentam todos os signaes distinctivos da raça preta, testa de *lavadouro*, labios grossos e cabellos encarapinhados.

Christina e Millia têem 22 annos; e nasceram d'uma mulher de côr, natural da Carolina do Norte; sua mãe tinha então 32 annos.

Não sei se, no correr desta noticia, diz o chronista do *Univers illustré*, donde extrahimos esta noticia, tenho umas vezes fallado no singular e outras no plural; mas é que na realidade ha alli duas existencias distinctas, e porque não diremos tambem duas almas, duas intelligencias, duas consciencias separadas.

Em rigor, portanto, não devia admirar que uma fosse catholica e outra protestante; que as inclinações d'uma fossem os prazeres e os espectaculos, em quanto que a outra aspirasse a viver na solidão. E se entrarmos neste terreno hypothetico, a imaginação póde ir muito alem, e neste caso que origem de conflictos, que inferno, ou para ser rigorosamente mais exacto, que galé!

Felizmente que a harmonia mais completa parece existir entre as duas irmãs: Deus permitta que ella não seja nunca perturbada, e que unidas necessariamente na morte, que não póde ferir uma sem ferir a outra, ellas assim permaneçam durante a vida!

L'Univers illustré.—Fallámos por incidente deste jornal, na descripção do phenomeno a *mulher monstro*; diremos agora a respeito desta publicação, que ella melhora consideravelmente de dia para dia, adquirindo ó favor publico, já pelo interesse das materias, já pelas bellissimas e numerosas gravuras com que é illustrado cada um dos seus numeros.

Sendo a mais barata de todas as publicações do seu genero, é tambem a de maior formato, contendo cada numero 48 columnas de impressão, e sahindo regularmente todas as semanas.

Remettem-se pelo correio *specimens* do jornal a quem enviar uma estampilha de 10 reis á *Livraria Academica*, nesta cidade, sendo agente da empreza o sr. Melchiades, proprietario da mesma livraria.

Caminhos de ferro.—Não ha paiz, onde os viajantes encontrem maiores regalos e commodidades nos caminhos de ferro, do que os Estados-Unidos da America. O comboio é para o transporte de passageiros um verdadeiro palacio; ou um sumptuoso paquete, onde não se soffre o terrivel incommodo de enjôo. Salões, moveis estofados, varandas e terraços para passeiar, leitos commodos e macios, cafés, restaurantes, jornaes, musica, nada falta ao viajante. N'este paiz viaja-se muito por mero prazer, e para gosar a vista dos campos, transitando durante algumas horas atravez de magnificos panoramas, formados pelas montanhas, pelos rios, pelas planicies, pelas pontes, pelos prados, pelas povoações e pelas paisagens mais pittorescas.

A colher e o garfo.— Diz um jornal francez, que estes utensilios hoje tão geralmente empregados, não são tão antigos, como se acredita.

Na Grecia e Roma a sopa não figurava nas refeições, e por isso se dispensava colher. Em França só no seculo 14 principiou a servir este utensilio. Pela mesma epocha começou o uso do garfo, reduzido á sua maior simplicidade, munido apenas de 2 dentes. O rei Carlos V, empregava o garfo, para comer queijo e fructa, alimentos para que hoje se empreza de preferencia a faca. No seculo 16, o garfo era ainda considerado na Europa como objecto de luxo, e na Inglaterra só principiou a usar-se definitivamente no seculo 17.

O que é fóra de duvida, é que os dedos das mãos foram os primeiros instrumentos de que o homem se serviu: e que auxiliados com os dentes suppriram durante muitos seculos o uso dos garfos, colheres e facas. Ainda hoje aquelle talher natural tem grande prestimo entre milhões de homens.

Affeição nos animaes. — Citam-se exemplos de vaccas amamentarem poldros e gatas criarem cães, testemunhando as amas extremoso carinho no trabalho da lactação. Os arabes, quando falta o leite ás eguas poldreiras, aproveitam as camellas para supprir essa falta.

Mercado de Coimbra no dia 23.—Regularam os generos pelos seguintes preços:

Trigo tremez 520 — Dito branco 500 — Dito Celorico meudo 600 — Dito graudo 540 —Milho branco 300 — Dito amarello 300 — Feijão vermelho 490 — Dito branco da marinha 470 — Dito da terra 440 — Dito rajado 380—Dito frade 350—Centeio 500 —Cevada 280—Favas 320—Grão de bico 480 — Chicharo 260—Batatas 220 — Azeite 1$360 — Vinho da Beira 700 — Dito da Bairrada 800 —Dito do Bairro 500

Errata.—Na pagina primeira, columna terceira, linha segunda, do numero anterior deste jornal, onde se lê — *o maravilha*, deve lêr-se *o não maravilha*.

Obras parochiaes projectadas. — Communicam-nos de Oliveira do Cunhado, concelho de Penacova, o seguinte:

«Sr. redactor. — Tendo visto que v. dá justa consideração e bom acolhimento no seu esclarecido jornal a todas as noticias de interesse publico, especialmente no que diz respeito ao engrandecimento da religião, vou tambem communicar-lhe que a illustre junta de parochia desta freguezia, por iniciativa do seu digno presidente, o sr. padre Antonio Henriques Coimbra, do Lavradio, de accordo com a auctoridade local e principaes pessoas da freguezia, vae proceder á factura de um cemiterio e reedificação da capella de Nossa Senhora da Piedade, em uma elevação ao fundo do povo, a pequena distancia do Mondego.

E' realmente de absoluta necessidade não só a construcção de um cemiterio espaçoso e em logar apropriado, mas tambem reedificar a capella da Senhora da Piedade, uma das melhores imagens que aqui se venera; porém apesar dos bons desejos do intelligente parocho, e da boa vontade que alguns têem de o auxiliar, duvido que possam levar a cabo tão util obra, porque são mui pequenos os rendimentos, de que a illustre junta póde dispôr para esse fim.

Já em 20 de Abril do anno passado, esta dirigiu um officio ao exm.º barão de Louredo, solicitando da caridade christã de s. ex.ª um donativo pecuniario, para dar principio á mencionada capella no mesmo local do cemiterio; mas, ou por extravio no correio, ou por qualquer outra circumstancia imprevista, foi mallograda esta sua petição. Deus queira, pois, que o illustre parocho, principal auctor deste melhoramento, não desanime, e consiga o fim que tem em vista, e todos desejamos.»

Noticias de Hespanha.—Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

Os jornaes alcançam a 24.

A ordem do dia é a imminencia do rompimento entre os srs. Castellar e Salmeron.

Apezar das diligencias feitas junto deste ultimo por alguns dos principaes homens politicos, parece que não tem sido possivel vencer a sua resistencia á solução de certas questões politicas do momento.

Os mais intimos amigos dos dois estadistas não crêem na possibilidade do rompimento, sobre tudo nas actuaes circumstancias.

Ainda assim diz o *Imparcial* que lhe haviam assegurado varios deputados, que uma commissão do centro das cortes ia visitar o

sr. Salmeron, para lhe assegurar novamente o seu apoio se o julgasse necessario; e isto não é seguramente o melhor modo de o fazer ceder dos seus projectos, se o seu patriotismo lhe não inspirar quanto seria perigosa uma crise e sobre tudo uma crise parlamentar no actual estado da Hespanha.

Dos carlistas poucas novidades ha.

De Moriones não havia noticias. O fim com que este general se dirigira a Azpeitia era o de destruir a fabrica d'armas que os carlistas alli têem estabelecida.

No oriente de Hespanha continuava a sua marcha a facção Santes. Ultimamente foi alcançada pela brigada Weyler em Bocairente, sendo obrigados os carlistas a sair d'alli em desordem.

Mas esta desordem é passageira. Santes ora fracciona as suas forças, ora as concentra, caminhando umas vezes pela planicie, outras pelas montanhas, mas sempre; sem se demorar em parte alguma, mas conseguindo o seu intento, que é augmentar o numero dos seus soldados e alcançar recursos.

O que é facto, diz o *Imparcial*, é que nunca nestas provincias de Hespanha conseguiram os carlistas durante a guerra dos sete annos reunir as forças que hoje alli têem.

Em Galliza temem-se proximos movimentos carlistas. Tambem as auctoridades de Alcoy receberam denuncia de que os carlistas de mãos dadas com os communistas daquella povoação conspiravam para se apoderarem d'ella. Tomaram-se providencias.

O correspondente de Carthagena para o *Imparcial* diz que os insurgentes começam a murmurar da junta, por esta lhes não pagar, promettendo-lhes porém que de 2 de Janeiro em diante serão regularmente gratificados.

A vigilancia por parte dos sitiados é pouca, e apesar de terem nas muralhas toda a artilheria da praça, e muita dos navios, faltalhes gente para servil-a e guardal-a.

Na porta de Madrid ha sempre uma guarda composta de mulheres, entre as quaes figura a viuva de Moya e mais duas que de rewolver á cinta são encarregadas de visar os passes da junta, que permittem a sahida do recinto da praça.

Entraram dous nóvos vapores no porto, o que augmentou a excitação que no acampamento reina contra a esquadra.

Chegou esta manhã a columna Molto, de 2400 homens, ficando desta fórma constituida a ala direita com duas meias brigadas de infanteria, commandadas por Molto e Gilli, o centro commandado pelo brigadeiro Callejon, e a ala esquerda por Lopez Pinto, com a outra parte das meias brigadas debaixo das ordens dos coroneis Cassola e Garindo.

As forças de cavallaria da ala direita são commandadas por Sanchez Muc, e as da esquerda por Martini Lopez, ambos coroneis.

O quartel general está situado no centro, e as forças de artilheria da campanha, estão aggregadas ás differentes brigadas da linha.

Em Bilbau morreu no hospital, levado alli pela fome e miseria, um pobre alferes reformado, veterano da guerra peninsular, a quem ha seis mezes não pagavam a miseravel pensão.

Assim o diz o *Irurac-bat* d'aquella cidade.

ANNUNCIOS

SEMINARIO DE COIMBRA

1 QUERIA o Seminario enviar aos paes ou tutores dos alumnos externos, informações de seu aproveitamento litterario n'esta primeira epocha; mas na difficuldade de saber a quem as deva dirigir e a direcção do correio, sendo que nem a todos os alumnos agrada dar estes esclarecimentos; o Seminario convida por este meio ás pessoas a quem interessa receber as ditas informações, a que as solicitem, indicando para quem e por onde hão de ser dirigidas, para lhes serem promptamente enviadas.

Seminario Episcopal 24 de Dezembro de 1873.

O Vice-reitor, *Antonio José da Silva*.

2 PRECISA-SE d'um marçano, com pratica bastante de tabacos, a quem se dará ordenado muito breve. Nesta redacção se diz quem pretende.

3 PRECISA-SE de um substituto militar. Nesta redacção se dirá quem é o pretendente.

4 QUEM QUIZER comprar o foro de vinte alqueires de trigo, imposto em uma terra no sitio das Bucêtas, freguezia de Sernache, de que é empliteuta Joaquim dos Santos, do logar da Telhadella, dirija-se a Francisco José Gonçalves de Lemos, desta cidade, ou a João José de Lemos, do sitio da Cêrca, que estão auctorisados para a sua venda.

5 EDICÇÃO 2.ª de fogões de fogo circular e do rewolver hydraulico, mais correcta e augmentada, por Antonio Bernardes Galfinha. Officina de serralheria —23, rua de Quebra-Costas, 28.

6 POR ESPAÇO DE 10 DIAS, a contar de 2 do proximo mez de Janeiro, desde as 10 horas da manhã até ás 3 da tarde, estão em reclamações na repartição de fazenda deste concelho, as matrizes prediaes, para os contribuintes as poderem examinar e requerer sobre transferencia de predios, no todo ou em parte, para outros possuidores e sobre duplicação na inscripção de qualquer predio.

Na mesma repartição se recebem desde o mesmo dia 2 até 17 de Janeiro, as declarações escriptas que os proprietarios, usufructuarios ou possuidores, por qualquer titulo, dos predios urbanos, bem como os chefes de familia, são *obrigados* a apresentar, para os effeitos de *contribuição de renda de casas e sumptuaria;* bem como as que os respectivos contribuintes quizerem apresentar *voluntariamente* para os effeitos da *contribuição industrial;* tudo relativo ao anno de 1874.

Coimbra 27 de Dezembro de 1873.

O escrivão de fazenda,
José Augusto P. Gonçalves.

7 NO TRIBUNAL JUDICIAL da comarca desta cidade de Coimbra, pelas 10 horas da manhã do dia 1.º de Fevereiro de 1874, perante o respectivo juiz de direito, se hade arrematar em hasta publica, por virtude da execução que o governador da Companhia Geral do Credito Predial Portuguez, move ao Dr. José Adolpho Trony, e sua mulher D. Candida Alves Ribeiro Trony, uma propriedade que consta d'umas casas de dois andares, e lojas com poço d'agua, e outra morada de casas contiguas com seu quintal pegado, nesta cidade, no sitio dos Oleiros, que parte do nascente, norte e sul com estradas publicas, e do poente com o rio Mondego. Foi avaliada na quantia de 6:560$940 rs.; mas não havendo quem cubra este preço, será posta novamente em acto seguido em praça, na valor do quatro quintas partes, e será vendida a quem mais der sobre este valor, em conformidade com a disposição do art.º 218 do Regulamento do Registo Predial.

Attenção

8 MARIA DA CONCEIÇÃO PESSOA, moradora na rua da Moeda, n.º 81, previne os srs. negociantes desta cidade, para que não dêem objecto algum dos seus estabelecimentos, sem previa auctorisação da annunciante, pois foi ultimamente lograda em 6$250 reis, que alguem malevolamente foi buscar em seu nome ao estabelecimento do sr. Antonio Henriques de Carvalho, que ella pagou com a maior pontualidade.

Musicas baratissimas

9 OPERAS, Melodias, Sonatas, Aberturas dos melhores compositores, taes como Haydn, Beethoven, Gluck, Bellini, Weber, Mozart, Schubert, etc., magnificamente arranjadas para piano, a 360, 400 e 480 rs. cada uma. Edição allemã, bem impressa em magnifico papel, e superior ás edições ingleza e franceza.

Na Livraria Academica, Calçada, 183, 185.

10 NO TRIBUNAL JUDICIAL da comarca da Figueira da Foz, pelas 11 horas da manhã do dia 1.º de Fevereiro de 1874, perante o respectivo juiz de direito, se hade arrematar em hasta publica, por virtude da execução que o governador da Companhia Geral do Credito Predial Portuguez move ao Dr. José Adolpho Trony e sua mulher D. Candida Alves Ribeiro Trony; uma quinta no sitio de Ceiça, freguezia do Paião, da referida comarca; composta do antigo mosteiro da ordem de S. Bernardo, terras de semeadura, pomar, pinhal, mattos e tres moinhos d'agua; e com as confrontações que constam do respectivo edital. Foi avaliada em 5:000$000 rs.; mas não havendo quem cubra este preço, será posta novamente e em acto seguido em praça, no valor de quatro quintas partes, e será vendida a quem mais der sobre este valor, em conformidade com a disposição do art.º 218 do Regulamento do Registo Predial.

DOCTOR IN ABSENTIA

11 O PROFESSOR EM ARTES, letras e sciencias, clero e magistrados; medico, cirurgião, dentista e artista, que desejem obter o titulo e diploma de doutor ou bacharel honorario, pódem dirigir-se a MEDICUS, *rua do Rei, 16, em Jersey* (Inglaterra), o qual dará gratuitamente todas as informações sobre a universidade.

Aviso aos srs. Ecclesiasticos

12 NA ANTIGA LOJA da viuva do Bento da Esquina, já estão á venda os Almanaks Ecclesiasticos, para o anno de 1874.

JORNADAS

Por Thomaz Ribeiro

DO TEJO AO MANDOVY

Um lindo volume de mais de 400 paginas: preço 600 rs.

A' venda na livraria Central de J. D. Pires, editor.

Remette-se pelo correio a quem enviar 650 reis em estampilhas.

COMPANHIA ALLIANÇA MARITIMA PORTUENSE

Navios a sahir

Para o **Rio de Janeiro:**

Galera EUROPA, em 3 de Janeiro de 1874.

Recebem passageiros e carga. Trata-se no escriptorio da companhia, praça de Carlos Alberto, n.º 132, Porto; e em Coimbra, com o sr. Innocencio Peixoto Quaresma, na praça de S. Bartholomeu.

A ACTUALIDADE

A publicação mais economica e util do paiz

15 JORNAL DIARIO no formato do *Diario de Noticias* de Lisboa, e do *Primeiro de Janeiro* do Porto, por 250 reis cada mez, dando todos os mezes aos seus assignantes um volume bem impresso de 200 paginas, pouco mais ou menos, começando pelas obras completas do primeiro vulto da nossa litteratura,

Luiz de Camões

De modo que o assignante, tendo dispendido, em 8 mezes com o jornal 2$000 rs. vem a receber gratuitamente uma obra que na edição mais barata custa 12$000 rs.

Os volumes que hão de formar o premio mensal serão entre outros os seguintes:

1.º Reproducções de classicos portuguezes, taes como obras completas de Camões, obras completas de Bocage, *Cancioneiro geral* de Garcia de Rezende, algumas obras ineditas de quinhentistas.

2.º Traducções dos melhores romances estrangeiros, tanto francezes, como inglezes e allemães.

3.º Viagens celebres dos maiores descobridores.

4.º Collecções de cartas, com as de lord Bekford, religiosa portugueza, etc.

A ACTUALIDADE offerece alem dos artigos sobre politica, sciencias, litteratura, artes, ensino publico, commercio, agricultura, industrias, etc., um minucioso noticiario estrangeiro, apresentando no fim de cada semana um juizo sobre os factos que tiver reunido; e uma correspondencia de Lisboa, senão com as revelações de secretaria, ao menos sem as frivolidades do *high-life*.

Para mais solida garantia do que promettemos, o primeiro volume, de 220 paginas, comprehendendo os sonetos do grande poeta, já se acha nos logares abaixo designados, e é entregue ás pessoas que assignarem o jornal, não se exigindo pagamento adiantado sendo para a cidade.

A ACTUALIDADE começará a publicar-se no 1.º de Fevereiro.

Assignatura por 3 mezes, no Porto, 750. —Provincias, 1$200 reis (adiantados).

Annuncios, 40 rs. por linha, pela primeira vez, e as repetições, 20 rs.

A assignatura faz-se na Imprensa Portugueza, Bomjardim, 181, Porto: e em Coimbra na livraria do sr. Manoel d'Almeida Cabral.

CHEGOU
Queijo Suisso
Queijo Londrino

QUEIJO FLAMENGO, CASCA VERMELHA, SUPERIOR

Estabelecimento de

JOSE' TAVARES DA COSTA

Á PORTAGEM

17 JULIANA PARA SOUPA. — Cada pacote de 125 grammas, 80 reis. A' venda na rua da Calçada, 183-185.

BANHOS DE LUSO

18 A DIRECÇÃO da sociedade para o melhoramento dos Banhos de Luso, convida os srs. accionistas a comparecerem no dia 1.º de Janeiro proximo, pelas 11 horas da manhã, no paço episcopal desta cidade, para a prestação de contas, e eleição da nova direcção.

Mealhada, 22 de Dezembro de 1873.

Manoel Correa Mello.

NUMERO 2758 — TERÇA FEIRA 30 DE DEZEMBRO DE 1873 — ANNO XXVII

O CONIMBRICENSE

RESPONSAVEL—JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO

ASSIGNATURAS SEM ESTAMPILHA	
Por anno	3$200
Por semestre	1$600
Por trimestre	800
Correspondencia por linha	30

Annuncios—Por cada linha 40 reis
Assigna-se e vende-se nesta Imprensa, e na rua do Cego, na loja do Sr. Joaquim Pitta d'Eça Aguiar.
A correspondencia deve vir dirigida franca ao redactor do **Conimbricense**
Publica-se ás terças feiras e sabbados de tarde.
Os artigos mandados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

ASSIGNATURAS COM ESTAMPILHA	
Por anno	3$726
Por semestre	1$860
Por trimestre	930
Avulso	40

COIMBRA

Por decreto de 23 do corrente mez ordenou o esclarecido ministro das justiças a suppressão de alguns julgados, que não haviam satisfeito ás exigencias impostas pelo decreto de 28 de Dezembro de 1869.

Que a antiga instituição dos juizes ordinarios carece de reformada, por modo que satisfaça ás conveniencias sociaes e ás garantias da justiça, é um facto, reconhecido por todos os ministros, que durante estes ultimos annos tem gerido a pasta da justiça.

Vacilaram, porem, alguns governos, perante as reclamações das influencias locaes, limitando-se a exigir dos julgados que quizessem subsistir edificio proprio para tribunal e cadeia, assim como outras avultadas despezas, a que os povos não poderam satisfazer.

Este meio indirecto para a extincção de muitos julgados, não foi conforme, pelo que nos parece, ás boas praticas governativas, antes um modo de sair de embaraços, que a politica de campanario costuma levantar: foi um expediente de occasião, que só revela fraqueza da parte do governo que o decretou.

A condição de dinheiro, que outra cousa não era a exigencia do governo, imposta aos povos, pelo decreto de 28 de Dezembro de 1869, para manterem uma instituição, que, por não satisfazer cabalmente aos deveres da justiça, como a experiencia tem constantemente confirmado, não devia existir, foi uma medida injustificada e pouco digna.

A má administração da justiça, pelo que respeita á maior parte dos juizes, e aos agentes do ministerio publico nos julgados, e a falta de habilitações scientificas, foram sempre a origem da indisposição geral contra os juizes ordinarios; e as condições impostas aos povos para a sustentação de taes entidades juridicas, não removiam esses inconvenientes.

Aquellas providencias não vinham, portanto, obstar ao mal que se tratava de remover.

No excellente relatorio, que precede o decreto a que nos estamos referindo, indica o sr. Barjona de Freitas, com a proficiencia que lhe é propria, os motivos que o levaram a propor a extincção de alguns julgados; dando ao mesmo tempo informações muito importantes ácerca do estado em que se encontram as cadeias e os tribunaes, assim como a administração nos differentes julgados do paiz.

Acabar com os juizes ordinarios, creando novas comarcas nas localidades onde a população e as conveniencias dos povos o exigirem, é o unico meio de resolver esta antiga e urgente questão.

A suppressão dos julgados a que se refere o decreto de 23 deste mez, é consequencia legal do decreto de 28 de Dezembro de 1869, ao qual o nobre ministro das justiças não podia deixar de dar execução.

Torna-se, porem, indispensavel, que uma medida mais radical venha dispor convenientemente tão importante ramo do serviço.

O illustrado ministro o sr. Barjona de Freitas, com a sua muita competencia e reconhecida moderação para assumptos desta natureza, resolverá de certo esta questão pela forma mais justa e mais em harmonia com as conveniencias dos povos.

COMMUNICADO

Ainda o processo crime do filho do sr. visconde de Pindella

Foi finalmente proferido no dia 14 de Novembro o respeitavel accordão do supremo tribunal de justiça, não *tomando conhecimento do recurso de revista, por incompetente.*

Era de esperar este resultado, em vista da inconcussa integridade de caracter dos conselheiros do supremo tribunal, e da manifesta injustiça do recorrente, como até á saciedade tinha já demonstrado o juridico e bem elaborado accordão proferido pela relação do Porto em 28 de Março deste anno, e publicado em varios jornaes.

Mas como o fim era ganhar tempo, conseguiu-se.

Agora, porém, que se acham esgotados todos os recursos, permittidos pela lei, para os tribunaes superiores, terá o processo de seguir os seus termos, e só para a consciencia dos jurados se poderá já agora appellar: mas como vivemos em um paiz civilisado, é de esperar que esta se manterá tão incorruptivel e justiceira como se manteve a dos dignissimos juizes dos alludidos tribunaes superiores.

O publico continuará a ser informado de todos os tramites deste notavel processo, até á sua conclusão.

A *historia* do monstruoso crime que lhe serve de objecto continua a venda nas principaes livrarias do reino, por 40 reis, em beneficio do Asylo de S. José de Braga.

Pela inserção destas linhas no seu acreditado jornal se confessará muito obrigado o seu constante leitor.

Braga, 5 de Dezembro de 1873.

M. Pinheiro d'Almeida e Azevedo.

CORRESPONDENCIA

Sr. Redactor.

Devo ao favor de um bom amigo, poder fazer a leitura, no n.º 2:756 do seu jornal, de uma correspondencia da assignatura (e tambem da lavra) do exm.º sr. Dr. Francisco Henriques de Sousa Secco.

Depois da *bulha* do discreto aviso e do ingenuo embroglio, impressos em dois numeros anteriores do jornal de v., sobrevem a *caramunha* do sr. juiz de direito da comarca de Thomar, em o ultimo numero do *Conimbricense* de 23 do corrente.

Ainda não é liquido o que s. ex.ª pretende com esta terceira publicação.

Esclarecer o primeiro assumpto, que trouxe á discussão, a *partilha dos bens na Bairrada*, de certo que não, por que nem palavra diz a tal respeito; e nem com ella póde de certo tocar a promessa, que faz, da apresentação de documentos, porque já confessou, e é certo infelizmente, que se não lavrou titulo d'ella.

Esclarecer o outro assumpto, que depois envolveu no primeiro, *a successão dos prazos de nomeação*, egualmente o não póde ser, porque, do mesmo modo, nem uma syllaba profere, que se lhe possa referir; e além d'isso talvez já fosse *desilludir-se* aos cartorios, para onde o remetteu o sr. M. M Pratas, se é que ainda o precisa, depois de ter, juntamente com o meu constituinte, feito contas em Agosto de

FOLHETIM

MISCELLANEA

DCCXXV

D. CARLOS

LXXV

Envergonhados de estarem ainda reunidos os deputados das côrtes constituintes, pediram a sua dissolução, o que era uma necessidade, porque já estavam eleitos os representantes das ordinarias; e a 4 de Novembro de 1837 se decretou o encerramento da legislatura, elogiando a rainha governadora no decreto aos deputados que cessavam, e dos quaes haviam sido reeleitos escasso numero.

O partido moderado tratou então de se dar nova organisação; porêm bastante encarnado em muitos de seus membros esse funesto nepotismo, que aloga no peito mais generoso os eccos do dever e do patriotismo, fizeram em suas listas, indevidas exclusões e inclusões pouco dignas.

Formadas as hostes, elegeram para contenda o campo eleitoral; nenhum mais digno; porém nas eleições de Setembro não se mediram as fôrças dos partidos moderado e progressista, porque alguns individuos deste praticaram taes excessos, que desgostaram as pessoas sensatas do mesmo partido, e não acudiram ás urnas, para se não fazerem cumplices dos crimes que se chegaram a commetter em nome de um principio. Invadiram-se salões eleitoraes, atropellaram-se auctoridades, rasgaram-se urnas, espancaram-se eleitores, e até se assassinou a algum. Estas mesmas desordens, deram em muitas provincias o triumpho aos moderados, que obtiveram maioria naquellas côrtes.

A 19 de Novembro se solemnisaram os dias da rainha, abrindo-se a nova legislatura. A rainha governadora leu em presença dos representantes do paiz o discurso do costume, no qual se occultavam com o risonho das illusões o triste dos desenganos, e se fazia um desalinhado quadro da situação do reino.

Tinham nomeado os deputados, seis dias antes, em junta preparatoria, ao moderado marquez de Someruelos para seu presidente, e a corôa deu a mesma investidura para o senado ao ex-ministro D. José Moscoso, e nomeou vice-presidente ao marquez de Guadalcazar e ao bispo eleito de Zamora, Tarancon; todos da mesma facção moderada.

O projecto de resposta apresentou-se a 24 de Novembro e se approvou a 12 de Dezembro. A sua redacção era melhor do que a do discurso. Alguns dos paragraphos do discurso foram paraphraseados na resposta, na qual se alimentaram illusas esperanças.

Na sua discussão combateram-se as falsidades do discurso da abertura; e Martinez de la Rosa apresentou o seu programma naquellas alucinadoras palavras de *paz, ordem e justiça*, que occuparam por algum tempo a tribuna. Foram acolhidas como symbolicas do partido moderado; porém não as recusava o partido progressista: sim, manifestava com verdade, que aquellas palavras era o sentimento de todos os hespanhoes; mas nada significavam se não se expunham os meios de conseguir a paz, de assegurar a ordem, e restabelecer o imperio da justiça. Isto tratou de averiguar tambem D. Evaristo S. Miguel, em um folheto que publicou, e no qual commentou aquellas famosas palavras.

Como era pequena a maioria dos moderados, a opposição era numerosa, e nas fileiras de uns e outros havia pessoas de capacidade e intelligencia. O combate era porfiado e sem tregua; e na discussão da resposta, que offerece sempre dilatado campo a todos os assumptos, se pintou com exactas cores a triste situação do paiz. Tão rudes foram os ataques dirigidos ao gabinete, que este não poude deixar de succumbir, depois de ter ouvido declarar a muitos deputados, *que não havia governo.*

Com effeito, era nullo o que existia, composto na sua maior parte de medianias humildes, que deviam ao acaso a sua elevação.

Antes de cair, no dia da dissolução das constituintes, fez Mata Vigil que a governadora negasse a sua sancção á reforma do clero, ainda que havia approvado a extincção de todos os mosteiros, conventos; etc.

Bardaji approvou o projecto de levantar nas provincias Vascongadas a bandeira de paz e foros, para cujo effeito passou o ex-conselheiro Arnao a Bayona, proporcionando-se-lhe depois fundos, que necessitava com mais utilidade o exercito; e quasi ao mesmo tempo que se gastavam não insignificantes sommas nestes planos, deixavam-se enganar o velho Seijas e seu septuagenario collega, e a pretexto de obter um emprestimo nos Estados-Unidos, foram ao novo mundo gastar o dinhei-

1864 dos fóros em divida ao Seminario Episcopal, aos representantes d'este, o sr. João das Neves Carvalho, e sr. Almeida e Vasconcellos, por virtude das quaes se lhe deram 400 e tantos mil reis; facto peremptorio para provar a sinceridade do sr. juiz, (quando nega que os bens sejam foreiros), que ao dito sr. Pratas esqueceu, mas a mim agora me lembra.

Qual foi então o intento do sr. juiz?

Parece ser o desafio ao meu constituinte, para se dignar de vir descretear em publico com s. ex.ª, sobre mil ridicularias e inconveniencias, em que se compraz de gastar a sua tinta e papel.

Mas n'essa não cahe elle, em quanto tomar os meus conselhos de verdadeiro amigo.

Em que se edifica o publico, se no cabo da polemica, poder decidir se entre os dois havia egualdade de condições, ou dominado e dominador?

E por incidente seja dito que o trecho da carta, que o sr. juiz não duvidou publicar, não prova predominio, como s. ex.ª pretende, mas sómente que n'uma dada occasião houve discordia entre os dois (cousa trivial no seio das familias e onde o juizo está então em a não deixar transpirar fóra), e dando de barato que a reproducção seja fiel, e que toda a razão esteja da parte de s. ex.ª (o que todavia se não póde conhecer, sem exame das circumstancias que antecederam, e do contexto todo da carta) era cousa que nunca devera apparecer em publico, porque pelas leis da sociedade esta veda a si mesma o lar de cada familia, e só guarda para si o direito de ahi penetrar pelos seus mandatarios, para administrar justiça.

Com effeito manda a religião perdoar as faltas, faz a lei prescrever o crime decorrido certo periodo; mas ao *amor de familia* do sr. juiz é licito *reservar* um papel d'esses (dirigido em todo o caso na confiança de irmão para irmão) durante 18 annos, 14 dos quaes passados em convivencia, para do cabo d'elles o entregar ao prelo!

Mas emfim, como quer que seja, supponho que lhe é grato, que o tal predominio tenha cessado, ou melhor que hajam findado os soffrimentos, que diz ter supportado com paciencia, d'aqui dirijo a s. ex.ª as minhas felicitações por tal motivo.

Agora para o publico tambem um momento de attenção.

Suppõe o sr. juiz que póde abafar a iniquidade do seu procedimento *com* (diremos apenas) *o descobrimento da sua phrase*.

Assim allega que a minha anterior correspondencia, e a do sr. Pratas só contém *sophismas e insinuações perfidas e malignas* contra s. ex.ª.

Ora essas correspondencias sómente firmavam, e muito moderadamente certos factos, decisorios para os pontos que o sr. juiz trouxe á imprensa.

E' pois convidado para indicar as palavras d'ellas, onde se encontram os taes sophismas e insinuações.

Depois allega tambem que o meu constituinte lhe move *perseguição injusta e sem egual!*

E do mesmo modo convidado a indicar um unico facto que o prove. *Res non verba.*

Chega com effeito o mesmo sr. a exhaurir de todo a mais jobiana resignação! Tudo transtorna e desfigura para se attribuir a rasão que lhe falta! Até agora se dá por *provocado* a vir á imprensa, quando toda a gente (toda a que tem tido a paciencia de ler a sua inconveniente escripta) sabe que foi elle o *provocador* com o tal aviso impensado, em que se arrogava direitos sobre bens, que lhe não pertencem, ou se pertencem, não é seu o dinheiro embolsado a titulo delles. Escolha!

A proposito, quando se resolve s. ex.ª a confessar, (ou mesmo a negar) a verdade do caso? D'aqui talvez a 18 annos bem compridos? E se lhe não bastarem, peça mora que lh'a concedo benevolo, se ainda quizer Deus que eu viva então.

Pois olhe sr. juiz, é ahi que está o *cardo rei*. Tudo o mais é farelorio.

Magoa-me de veras, que s. ex.ª se não digne *rebaixar-se* até vir disputar comigo, mas sempre desejava dever-lhe a extrema mercê da publicação dos taes documentos com que blasona e ameaça, acompanhada já se deixa ver da venia, para lhe fazer os meus commentarios.

Conto com as duas graças meu sr.?

Coimbra, 27 de Dezembro de 1873.

Abel da Silva Linhaça.

P. S. Acaba de chegar o sr. juiz a esta comarca, e como bilhete de boas festas a seu irmão, requer logo *quarto* ou *quinto* exame de corpo de delicto contra elle! Incommodou desta vez o meritissimo juiz de direito desta comarca; pelo que se agora lhe não coube a redacção do auto, desforrou-se em indicar aos senhores peritos extremas que não são as verdadeiras, como o provam as balizas postas.

É incrivel este exm.º sr.! Luta contra a justiça, vae já para quatro annos, para não ter marcos, entre o predio delle e o do meu constituinte; mas quer agora que a mesma justiça veja esses marcos e decida que foram ultrapassados!

NOTICIARIO

O conde da Carnota e o marquez de Pombal.—Em o anno de 1408 principiou a fundação do convento da Carnota, sitio que el-rei D. João I comprou ás freiras de Odivellas, a meia legua da villa de Alenquer, na ladeira de um monte, que desde aquelle tempo se chama *Carnota*.

Narra a tradição, que, por serem muitas as aguas, que corriam no inverno, *descarnaram* o monte, e d'ahi viera o nome de *Carnota*.

Houve neste uma ermidinha de Santa Catharina, virgem martyr, cercada de um bosque, servindo-lhe de muro e resguardo. Esta ermidinha, por solitaria, e apartada do trato das gentes, habitou o piedoso fr. Diogo Arias, e com o tempo se veiu a alargar; porque no anno de 1546, Pedro Sobrinho de Mesquita, e sua mulher Francisca Perestrella, lhe fizeram parte da cerca da banda do norte; e da do sul João Gonçalves, e sua mulher Maria Gomes, por certos encargos.

Com estes beneficios dilatou-se mais a cerca, e pelo decurso do tempo fez-se um dos mais lindos bosques do reino.

Em 1531 destruiu este edificio um formidavel terremoto; acudiu á sua reconstrucção fr. Vasco Correa, filho de Ayres Correa, e de sua mulher D. Brites de Almada, com a sua agencia, e coadjuvação e despeza de seu irmão Antonio Correa Baharem, commendador de Santa Maria de Ulme, na ordem de Christo.

Foi este valente fidalgo, a quem a ilha de Baharem deu o appellido, quando n'ella desbaratou e matou o seu rei; pelo que lhe concedeu el-rei D. João III juntar ás suas armas a cabeça do rei mouro, como diz a *Monarchia Lusitana, Parte 3, Liv. 8, pag. 57.*

Por este modo se aperfeiçoou aquelle edificio, e ficou sendo Baharem seu pradroeiro, e á conta de tal preeminencia fôra sepultado na capella mór *(Agiologio Lusitano. Tom. IV, pag. 307).*

Cahiu em ruinas o convento pela extincção das ordens religiosas. Convertera-se em um montão de pedras informes e caliça a casa que fôra outr'hora o enlevo e complacencia dos reis e princezas, que a haviam engrandecido com preciosos donativos.

Por dois contos de reis comprou estas ruinas em 1845 o ministro da Suecia, Adolpho Kantzow; por dois contos de reis, entenda-se, na forma da lei; e por um conto e vinte cinco mil reis em metal o vendeu ao actual proprietario, o sr. John Smith, agraciado depois com o titulo de *conde da Carnota*.

Desappareceram as ruinas; o que antes fôra convento e cerca transformou-se em uma formosissima propriedade, que nem remotamente póde recordar que succedera a um monumento monastico.

Sob o titulo de quinta da Carnota é, geralmente, considerada esta propriedade como a residencia mais amena, saudavel e recreativa do concelho de Alenquer.

Fôra o sr. conde da Carnota secretario particular do marechal duque de Saldanha, filho do conde de Rio Maior, e da filha mais nova do marquez de Pombal, Sebastião José de Carvalho, o grande ministro d'el-rei D. José.

Publicou em Londres, quando era simplesmente o sr. John Smith, a seguinte obra:

Memoirs of the Marquis of Pombal; with extracts from his writings, and from despatchy in the state papers office, never before published.

By John Smith, Esq. Private Secretary to the Marshal Marquis de Saldanha. Londres: 1843. 8.º gr., 2 t. com retrato.

Esta obra foi traduzida em portuguez, e publicada em 1872 com o titulo seguinte:

Memorias do Marquez de Pombal, contendo extractos dos seus escriptos e da correspondencia diplomatica inedita existente em differentes secretarias d'estado. Por John Smith, Secretario privado do marechal marquez de Saldanha (actual duque do mesmo titulo), traduzidas por J. M. da Fonseca e Castro. 1872.

E' ornada esta obra com o retrato do marquez lithographado, e a minuta de uma das suas peças officiaes em *fac-simile*.

E' um formoso volume, e foi editado pelo sr. Antonio Maria Pereira, de Lisboa.

Nobres e plebeus.—Em as côrtes celebradas em Evora, nos annos de 1481 a 1482, achamos um curioso pedido feito a el-rei D. João II, no capitulo— *Que os mesteres nom stem nas camaras.*

Ahi se vê o desprezo em que no regimen absoluto era tida a classe popular. E não era o rei que assim fallava, eram as proprias côr-

tes, que declaravam que os mesteres, ou officiaes mecanicos, eram indignos de fazer parte das camaras, pois que nem sabiam o que era *honra!*

Tambem é para notar o pedido das mesmas côrtes, para que os membros das camaras, que não fizessem o que cumpria ao regimento das terras, fossem mandados *esfolar para exemplo!*

Se este requerimento fosse attendido, e ainda hoje estivesse em execução, que grande numero de vereadores das camaras não veriamos *esfolados* por todo esse reino fóra!

Ahi vae o pedido das côrtes, a que apenas fizemos alguma modificação na orthographia, para mais facil leitura:

«Quanto é mais reprovado entre os virtuosos por maior erro o seguimento da cegueira afeiçoada, tanto é em virtudes maior bem o temperado virtuoso e honesto viver, e por quanto é notorio que algum modo de viver não póde ser chamado virtuoso, sem sabedoria e discrição, a qual consiste em os grandes mais geralmente e o bom regimento e governança commum em elles reluze, nobre deve ser chamado todo o principado que é regido e governado e aproveitado segundo sabedoria e prudencia e discrição, e por ello diz Aristoteles, no primeiro das Politicas, que os grandes devem ser prepostos aos meãos, e elles aos baixos, e assim que os maiores da republica devem reger e governar, e os meãos ajudar e obedecer, e os mais baixos trabalhar e servir, ca *(porque)* segundo esta ordem deve ser regida toda a cidade politica, Aristoteles no terceiro das Politicas.

«E inda entre as alimarias se guarda esta ordem, que as azemolas e asnos servem e trabalham, e os cavallos se mantem dos trabalhos dellas; e a terra que não tem sentimento guarda e conserva esta mesma ordem, que os campos são lavrados e trabalhados e as serras são sem rompimento algum; e ainda geralmente as fortalezas que ennobrecem os reinos e os amparam e defendem, nas alturas são postas; e no proprio caso diz Bartolo do regimento das cidades, que os homens plebeus e de baixa mão, não devem ser regedores, onde ha nobres e sabedores, aos quaes o regimento dellas deve ser commettido, e não aos de baixa mão, dos quaes os nobres hão por injuria serem regidos e mandados, e por ello lhes não querem obedecer e se gera grande escandalo, que é contra natureza o inferior mandar o maior.

«E assim, muito alto senhor, consirando tal ordem, qual razão pode consentir, que os plebeus e populares sejam em as cidades e villas de vossos reinos propostos a seus maiores, e que os que não sabem, nem governar si mesmos, sejam postos para reger e governar o bem commum e politico; ca é conhecida cousa, que os populares não conhecem que cousa é policia, nem sabem que cousa é honra, nem quando a honra deve preceder o proveito, nem podem distinguir entre as virtudes moraes; sómente como homens atonitos, com tumultos e vozes vãs, dão clamores, de ora escolherem, ou eugeitaram, e segundo que ás vezes andam, assim andam.

«E pois vossa real senhoria reconhece todo bem commum e todo virtuoso viver, e bom reger e governar de vossos reinos, cidades e villas delles, com qual justiça, com qual egualeza, com qual razão pode consentir, que os bons antigos cidadãos, e aquelles que grandemente conhecem e conservam vosso serviço, hajam de padecer sob a fraqueza e mingua e penuria e pobreza do entender dos plebeus dos mesteres.

«Seja vossa mercê remediar tão grande damno e com tão grande mal notorio que se segue de tal gente, que por serem mesteres e as cousas de seus officios serem em seu poder, para os pôr em taes preços, porque tiram todo o regimento e ordenança por que as cidades e villas eram regidas e governadas, e cousa que se por os bons se queira remediar, a proveito e bom regimento da terra, não o consentem, nem outorgam, por os interesses e proveitos que de seus mesteres recebem; e assim vossa alteza deve restituir os nobres e bons a fazerem seus regimentos, nos logares onde vivem, segundo antigamente fizeram e farão suas ordenações, porque seus bons regimentos se dêem á execução, mandando que não estem os mesteres em camaras das cidades e villas, e quando os bons e nobres não fizerem o que cumpre a regimento da terra, vossa senhoria os mande *esfolar* para exemplo, e em esto fareis justiça e mercê aos nobres que suas fazendas e vidas despendem por vosso serviço e defensão de vossos reinos.»

Necessidade e vantagens do plantio de arvores.— No interessante livro: —*Do sitio de Lisboa. Dialogo de Luys Mendez de Vasconcelos*—impresso em Lisboa em 1608, na officina de *Luys Estupiñan*; se lê a paginas 177 a 179 o seguinte:

«Das madeiras necessarias para madeirar casas e fazer navios, temos bastante copia, e de boa qualidade, como se vê no pinhal de Leiria, que occupa cinco leguas, dando bastantemente madeira para navios, e uso commum de todo o reino: ha tambem abundancia de carvalho e castanho, que vem da Beira e Galliza, e por todo o reino temos muito sobro, azinho, alamo, faia, olmo, pinho e freixo.

«O carvalho (como diz Vitruvio) é de perpetua estabilidade nas fabricas, e o alamo, de que não fazemos caso, é delle muito gabado, principalmente para os fundamentos das fabricas que se fazem em logares humidos. E poderamos ter muitas mais, e melhores madeiras, se em nos houvesse curiosidade, ou as leis do reino se guardaram; porque plantaramos as arvores de que ellas se tiram, como as nossas leis mandam aos senhores de propriedades. E tendo para nos incitar o exemplo d'el-rei D. Sancho, que plantou o pinhal de Leiria, tão proveitoso a este reino, é muito maior a culpa do descuido que nisto ha, e tambem a acrescenta muito a grande commodidade que temos para crear madeiras de toda a sorte, no grande recinto que abraça a charneca, aonde ha muitos rios, e os mais delles caudalosos, nos quaes nascem grandes arvores, crescendo com a agua com que elles as regam, e assim, ao longo delles, poderamos ter muitos alamos, faias, choupos, olmos, abetos de Vitruvio tão estimados, carvalhos e castanheiros, e dentro da terra muitos cyprestes, que os antigos tanto estimavam, e pinheiros em grande abundancia; mas nós deixando tudo á disposição da natureza, gastando o que ella produz, se a não ajudarmos com o nosso artificio e diligencia, virá a faltar por culpa nossa a abundancia que da sua providencia estava certa.»

Obras publicas.—Continuam os trabalhos e melhoramentos no bairro de Santa Clara, estando já muito adiantado o aterro da rua das Parreiras e de outras azinhagas, que eram pantanos perigosos, que tornavam aquelle local pouco sadio. Tambem tem progredido a obra de canalisação e alteamento da estrada do Arnado. Estes trabalhos, e a construcção da ponte e do caes do Mondego occupam centenares de braços, e contribuem para o aformoseamento da cidade e melhoramento de suas condições sanitarias.

Quem não tiver visitado Coimbra nestes ultimos annos, e aqui vier no fim de 1874, ha de ficar surprehendido com as grandes transformações, por que vae passando esta cidade.

Estradas municipaes.— Vae ter grande desenvolvimento a construcção destas estradas, sendo exclusivamente applicada para estas obras a verba de 10 contos, que o banco commercial de Vianna emprestou á camara municipal de Coimbra.

Caminho de ferro americano—Brevemente vae principiar a construcção desta obra. Sabemos que já estão promptas as carruagens, construidas em Liverpool, sendo todas adornadas com um elegante brazão, representando as armas de Coimbra. Estas carruagens são em tudo eguaes ás dos caminhos de ferro do Porto.

Arborisação.—Dos viveiros do Choupal do Mondego e Valle de Cannas tem-se vendido immensa quantidade de arvores florestaes, para differentes portos do paiz. O governo tambem fez ultimamente uma avultada requisição de plantas para o novo jardim botanico, que a Escola Polytechnica de Lisboa vae fundar.

Laranja.—Tem-se feito em grande escala a exportação de laranja pelo caminho de ferro. Todos os annos progride este ramo de producção agricola. Nos arredores de Coimbra tem sido grande nestes ultimos tempos a plantação de laranjeiras, e sabemos de muitos proprietarios, que vão augmentando sempre a cultura d'esta arvore verdadeiramente preciosa.

Tempo.—Alguma chuva veiu reanimar os campos resequidos. Foi porém pouca, porque a terra carece de uma abundante rega. Os gados estão soffrendo fome por falta de pastos, as searas e hortas definhadas, e as sementeiras de inverno paralysadas.

O frio tem sido tão intenso, que dentro de casa o thermometro tem marcado em alguns dias 4 e 5 graus acima de zero, e nas madrugadas tem descido a 3 e 2 graus. As serras estão cobertas de neve; e se vierem chuvas tepidas, póde haver grandes e desastrosas inundações.

Continuando o tempo secco e frigidissimo que tem havido, todos receiam gravissimos males para a agricultura, e saude publica.

Bibliotheca da Universidade.—No anno lectivo de 1872-1873 foi este estabelecimento frequentado por 19:044 pessoas, sendo 15:912 leitores e 3:132 visitantes. Os mezes de maior concorrencia foram Março, Abril e Maio.

Foram pedidas para leitura 58:930 obras. Os livros mais consultados foram os das sciencias juridicas, e logo em seguida os da Faculdade de Philosophia.

Imprensa da Universidade.—A receita deste estabelecimento no anno economico de 1872-1873 foi de 10:104$120 reis, e a despeza de 9:744$100 reis. No referido prazo foram compostas 639 folhas de diversos formatos, além de outras impressões miudas em numero de 480. As obras começadas e concluidas foram 51. Das obras começadas ficaram 10 por concluir.

Estatistica.— Os alumnos que frequentaram a Universidade no anno lectivo de 1872-1873, segundo as suas naturalidades, foram os seguintes: —Districto de Coimbra, 141. De Vizeu, 74. Do Porto, 62. Da Guarda, 47. De Lisboa, 42. De Aveiro, 42. De Braga, 39. De Villa Real, 36. De Castello Branco, 34. De Vianna do Castello, 28. De Bragança, 27. De Portalegre, 28. De Faro, 23. De Leiria, 19. De Santarem, 16. De Evora, 7. De Beja, 6. De Ponta Delgada, 11. Do Funchal, 8. De Angra do Heroismo, 3. Da Horta, 2. De Cabo Verde, 4. Dos Estados da India, 3. Do imperio do Brasil, 20. Da Hespanha, 1.

Total geral, contados individualmente, 723; sendo 671 do continente, repartidos pelas seguintes provincias. Douro, 245. Beiras, 155. Extremadura, 77. Minho, 67. Traz-os-Montes, 63. Alemtejo, 41. Algarve, 23.

Despacho.—Um filho do sr. Visconde de Monte-São, o sr. Antonio Leite Pereira Jardim, que ha annos exercia o logar de delegado de procurador da corôa em Loanda, acaba de ser despachado juiz de direito da comarca de Barlavento, de Cabo Verde.

Receba a familia do agraciado as nossas sinceras felicitações.

Falta de sellos.—O publico está soffrendo um grande vexame. Quem precisa de sellos, não acha aonde os comprar, porque as pessoas que até aqui os vendiam, já os não tem á venda, com o fundamento de que não obtem nenhum interesse do seu trabalho.

Resta apenas a casa do recebedor da comarca, onde se póde ir comprar os sellos; mas como a casa delle está constantemente cheia de povo para pagar as contribuições, gastam-se muitas horas para se poder alcançar um sello. De fórma que, alem do imposto creado pela lei, acresce agora a perda de tempo, que em muitos casos ainda é de maior valor.

Os clamores são geraes, e por isso é mister que a respectiva auctoridade dê a este respeito promptas providencias.

Progresso.—Tivemos ultimamente occasião de entrar no estabelecimento de mercearia do sr. Antonio Dias Themido, na rua dos Sapateiros, n.º 60, e de ahi ver as muitas qualidades de licores que tem á venda como são *creme de rosa*— *creme de laranja* —*absintho de Bordeus*—*cognac*—e outros.

O sr. Themido não se tem poupado a diligencias para que estes productos imitem os melhores do estrangeiro; e tem visto que os seus trabalhos são devidamente avaliados por pessoas competentes.

Pelos seus excellentes licores foi premiado na exposição districtal desta cidade em 1869; e egualmente obteve este anno, na exposição de Vianna d'Austria, a importante medalha de *progresso*.

Folgamos que em Coimbra haja quem pelos seus esforços seja digno de taes recompensas.

Cemiterio da Conchada.— Na semana finda enterraram-se os seguintes cadaveres:

Maximiano Henriques, filho de Antonio Henriques e de Maria Antonia, natural de Penacova, de 33 annos, fallecido no dia 20 de Dezembro.

Joaquim Maria Rodrigues Monteiro, filho de José Rodrigues Monteiro e de Isabel da Conceição Xara, natural de Campo Maior, de 16 annos, fallecido no dia 20.

Emilia Julia, filha de Antonio do Espirito Santo e de Theresa de Jesus, natural de Santo Antonio dos Olivaes, de 10 mezes, fallecida no dia 23.

Maria da Conceição, filha de Maria Isabel, natural de Coimbra, de 8 mezes, fallecida no dia 23.

Laura, filha do Dr. Francisco Antonio Alves e de D. Adelaide Alves, natural de Coimbra, de 4 annos, fallecida no dia 26.

Maria da Piedade, filha de Francisco dos Santos e de Maria da Conceição Ladeira, natural de Bordallo, de 10 annos, fallecida no dia 26.

Total dos cadaveres enterrados no cemiterio da Conchada—5:275.

O rabijunco.— Diz-nos o sr. José Maria Rosa de Carvalho o seguinte:

«Os caracteres proprios ás aves deste genero, são os seguintes: bico alongado, robusto, comprimido dos lados, convexo, e ligeiramente arqueado, ou quasi direito, mandibulas eguaes, pontudas, inclinadas; com bordos denteados. Narizes concavos, estreitos, cobertos por uma membrana. Azas longas, sobre-agudas, a 1.ª e 2.ª penna as mais longas. Cauda curta de 12 pennas arredondadas, e as duas do meio muito longas, e muito delgadas, semelhantes a dois juncos ou duas grandes palhas. Tarsos curtos, reticulados; pollegar pequeno interno, e anterior, preso á membrana natatoria.

Fallaremos sómente da maior especie deste genero, a qual não excede em tamanho ao nosso pato marreco. Linneu deu-lhe o nome *phœton œtereus*; é de côr branca, com riscos escuros, cruzando-se sobre o dorso; um traço preto em fórma de ferradura atravessa o olho por o angulo anterior; as duas pennas do meio da cauda, têem mais de dois pés de comprimento; o bico é de côr vermelha.

Estas aves chamadas dos tropicos, porisso que raras vezes se afastam para longe d'elles, annunciam sempre aos navegantes a entrada na zona-torrida, seja por o lado do norte, ou por o sul; ellas vôam quasi constantemente durante o dia; o seu vôo extensissimo, abrange muitas vezes o espaço de mais de cem legoas, descançando umas vezes sobre o mar, ajudadas por os seus pés que são palmados, outras sobre as arvores, e até sobre os mastros dos navios. A corteza das pernas, e a grande extensão das azas, fazem com que pousando em terra plana, lhes custe muito a voar; e neste caso é muito facil o apanhal-as.

O sr. Antonio Maria Montenegro, de Coimbra, deu para o museu de Lisboa uma destas aves, proveniente de Cabo Verde; este donativo é muito valioso, por faltar ainda lá esta especie, desta procedencia. O nome do sr. Montenegro ha de ser inscripto na etiqueta pertencente á ave, como é costume naquelle museu.»

Noticias de Hespanha.— Lê-se no *Jornal da Noite* o seguinte:

Os jornaes hespanhoes alcançam até 27.

Continuavam os conselhos de ministros por causa do conflicto entre Castellar e Salmeron e as conferencias entre estes sem que podessem chegar a accordo.

Apesar das negações de alguns jornaes ministeriaes, a crise existe e com resultado que lhes seja favoravel contam os intransigentes.

Os de Cartagena continuam resistindo e resistirão pelo menos até á abertura das côrtes em 2 de Janeiro. Se até então não se fizer a mudança politica que esperam, fugirão nas fragatas; mas estas ha quem diga que já não tem bago de carvão e que para simularem que têem as fornalhas accesas fazem sair das chaminés fumo de palha.

Tambem têem falta de projectis os insurgentes. O carteiro Saez, governador do forte

---

ro que receberam do pobre erario, os dois pretendidos negociadores.

Martinez de la Rosa e Toreno capitaneavam aos moderados, e pela influencia do segundo se formou o novo gabinete, que pretendia fosse de transicção, no entanto que se venciam os obstaculos e os apuros do thesouro, para logo formar um á sua vontade.

Toreno designou a Ofalia para constituir o novo ministerio, e ainda que se oppoz, o decidiu a rainha governadora a aceitar a presidencia do conselho com a secretaria de estado, para a qual foi nomeado a 16 de Dezembro, dando-lhe no mesmo dia por companheiros na guerra a Espartero; na graça e justiça a D. Francisco Castro e Orozco, joven advogado de Granada, cuja provincia representava nas côrtes; na fazenda a D. Alexandre Mon, creatura de Toreno; na governação a Someruelos, e na marinha a D. Manoel Cañas, que não havia tido dinheiro para comprar o distinctivo de chefe da armada, com que fora premiado por seus heroicos serviços em Luchana.

A nomeação de Espartero era um pretexto para o separar indirectamente do commando das tropas; era logo mais facil variar um ministro do que um general em chefe. Porem não ambicionava Espartero a cadeira ministerial; e não tendo nunca querido deixar o acampamento pelo gabinete, muito menos então para se associar a um ministerio, que não foi acolhido com muitos applausos pela opinião publica liberal, ainda quando se tivessem esperanças em alguns jovens que subiam impensadamente a tão elevado posto, e algum por casualidade.

Escreveram varios ministros a Espartero, enviaram o general Carratala para manifestar os desejos e intenções do novo gabinete; porém Espartero manteve-se firme na sua resolução, e ao renunciar tão elevada honra, se negou ao mesmo tempo a indicar quem havia de o substituir, pois qualquer que reunisse as qualidades, que então mais que nunca eram tão necessarias naquelle posto, seria do seu agrado.

Não deixou de manifestar, comtudo, que a marcha do ministerio da guerra não estava em harmonia com os seus principios de equidade e justiça, porque as promoções feitas ultimamente, sem ter com elle nenhuma attenção, já que se considerava ministro proprietario d'aquelle ramo, eram immerecidas e injustas.

No dia 18 se apresentaram nas côrtes os ministros que havia em Madrid, apresentando cada um o programma relativo ás suas respectivas repartições.

A imprensa progressista começou a combater o gabinete; manifestou que o seu presidente havia sido antigo collega de Calomarde; Castro, lançado em quatro annos dos bancos da aula aos da junta revolucionaria, destes aos do congresso e d'aqui á direcção suprema da justiça; e que Mon principiara quatro annos antes a sua carreira pela secretaria de uma subalterna subdelegação do fomento.

Mau começo era este para o novo gabinete, que achava demais o paiz em estado deploravel, elevando as deputações, as camaras municipaes, as corporações todas de todos os povos, as queixas mais tristes e dolorosas ás côrtes e á rainha, sem que umas e outras podessem attender ao mesmo tempo a todos, nem remediar males cuja origem estava encarnada na deploravel marcha que tinham seguido os anteriores ministerios, na pouca ajuda que lhes dera a representação nacional, e no fatalismo que parecia presidir áquella desgraçada nação.

O anno de 1837 havia sido funesto para liberaes e carlistas, porque nenhum dos partidos soube aproveitar as debilidades do seu contrario; pois, se o carlista poude reorganisar as suas forças derrotadas á frente de Bilbau, durante os tres primeiros mezes do anno, e augmentar o seu poder moral e materal na batalha de Oriamendi, as intrigas que se cruzaram em seu campo, esterilisaram aquelles triumphos, e os mais projectos attrahiram derrotas e desastres que foram calamitosos.

As expedições fizeram tanto damno aos liberaes, como os carlistas: aquelles perdiam, e estes não ganhavam: se cruzavam victoriosos o rio Cinca, eram derrotados em Grá: se passavam o Ebro, o eram em Chiva; se o Tejo, aproximando-se á côrte, o eram em Aranzueque: assim perdiam hoje o que hontem tinham ganhado, e ao regressar a expedição ás provincias Vascongadas, estava a causa carlista em peor estado do que quando saira dellas.

Não estava, porém, melhor a causa liberal, ainda que tinha um novo codigo politico, que se annunciara como a regeneração do paiz. A divisão dos liberaes produziu turbulencias e desordens; o abandono do exercito insurreições e assassinatos, e á falta de homens de governo, a anarchia e o caos. O conde de Luchana vê-se obrigado a demittir-se do commando do exercito, porque não pode leval-o ao combate, nu e esfomeado; porque não pode exercer sobre elle influencia, se não attende a tão instantes e justas necessidades, que o eram maiores quando se viam alguns corpos insubordinar-se.

E dia desgraçado aquelle em que se propagasse a insurreição! E ia crescendo; tinha já invadido toda a Hespanha: só permaneciam subordinadas as tropas do immediato commando de Espartero, apesar de que os chefes de uma brigada, se lhe haviam separado; porém teve valor e genio para atalhar o mal, e em Miranda e Pamplona enterra com os criminosos a indisciplina das tropas, as alimenta com a sua propria fortuna e salva o paiz.

Já ha exercito, se pode dizer; porém não que havia governo. Se se houvera procedido com os discolos politicos, assim como com os militares, teria havido governo; porque tanto, ou maior damno fazia o que abusava da sua intelligencia, como o que abusava da sua arma.

Sendo triste para todos o presente, a esperança, que é o sonho perenne do homem desperto, consolou; e ao ver terminar o anno de 1837, sem haver visto mais que infortunios, e, entremeados com lagrimas amargas os doces contentamentos de algum triumpho, se saudou o novo anno, como sauda o marinheiro o brilhante sol de um novo dia, depois de uma noute tormentosa.

(Continuar-se-ha.)

JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.